



OS ARTIFÍCIOS DAS TREVAS

EDIÇÃO DE COLECIONADOR



Galera

Da autora de *Os Instrumentos Mortais*

OS ARTIFÍCIOS DAS TREVAS

Dama da Meia-Noite

CASSANDRA CLARE

Obras da autora publicadas pela editora Record:

Série Os Instrumentos Mortais

Cidade dos ossos
Cidade das cinzas
Cidade de vidro
Cidade dos anjos caídos
Cidade das almas perdidas
Cidade do fogo celestial

Série As Peças Infernais

Anjo mecânico
Príncipe mecânico
Princesa mecânica

Série Os Artíficos das Trevas

Dama da meia-noite
Senhor das sombras
Rainha do ar e da escuridão

Série As Maldições Ancestrais (com Wesley Chu)

Os pergaminhos vermelhos da magia
O livro branco perdido

Série As Últimas Horas

Corrente de ouro
Corrente de ferro

O Códex dos Caçadores de Sombras
com Joshua Lewis

As Crônicas de Bane
com Sarah Rees Brennan e Maureen Johnson

Uma história de notáveis Caçadores de Sombras e seres do Submundo: Contada na linguagem das flores

Contos da Academia dos Caçadores de Sombras
com Sarah Rees Brennan, Maureen Johnson
e Robin Wasserman

Fantasmas do Mercado das Sombras
com Sarah Rees Brennan, Maureen Johnson, Kelly Link e Robin Wasserman

CASSANDRA CLARE

OS ARTIFÍCIOS DAS TREVAS

Dama da Meia-Noite

Tradução de
RITA SUSSEKIND

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2022

EDITORIA-EXECUTIVA

Rafaella Machado

COORDENADORA EDITORIAL

Stella Carneiro

EQUIPE EDITORIAL

Juliana de Oliveira

Isabel Rodrigues

Lígia Almeida

Manoela Alves

PREPARAÇÃO

Fernanda Lizardo

REVISÃO

Claudia Cristina Pessanha

DIAGRAMAÇÃO

Ricardo Pinto

IMAGEM DE CAPA

Lucas Werneck

TÍTULO ORIGINAL*The Dark Artifices: Lady Midnight*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Clare, Cassandra

C541r

A dama da meia noite [recurso eletrônico] / Cassandra Clare ; tradução Rita Sussekind, Ana Resende. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2019.

recurso digital (Os artifícios nas trevas ; 1)

Tradução de: Queen of air and darkness

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10153-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Sussekind, Rita. II. Resende, Ana. III. Título. IV.

Série.

19-55137

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

Copyright © 2016 by Cassandra Clare, LLC

Publicado mediante acordo com a autora a/c BAROR INTERNATIONAL, INC.,
Armonk, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10153-2

ISBN 978-85-01-10153-2

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para Holly
Élfico, ele era

Sumário

Prólogo

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20

21

22

23

24

25

26

27

Epílogo

Agradecimentos

Notas do autor

Uma longa conversa

Cena original de Julian e Emma na praia

Estrelas Flamejantes Tradução de Manoela Alves

Prólogo

Los Angeles, 2012

As noites no Mercado das Sombras eram as preferidas de Kit.

Eram as noites em que ele podia sair de casa e ajudar o pai no estande. Frequentava o Mercado das Sombras desde os 7 anos. Oito anos mais tarde, ele ainda tinha a mesma sensação de choque e encanto quando caminhava pelo Beco Kendall, na parte antiga de Pasadena, em direção a uma parede de tijolos — e a atravessava para um mundo explosivo de luz e cor.

A apenas alguns quarteirões, havia lojas da Apple vendendo engenhocas e laptops, grandes restaurantes e mercados de alimentos orgânicos, lojas multimarcas e butikues da moda. Mas aqui o beco desembocava em uma praça imensa, protegida por todos os lados para impedir que os descuidados vagassem para o Mercado das Sombras.

O Mercado das Sombras de Los Angeles surgia nas noites quentes, e, ao mesmo tempo, existia e não existia. Kit sabia que quando passava pelas fileiras de estandes coloridos e decorados, estava caminhando por um lugar que desapareceria quando o sol nascesse.

Mas quando estava lá, ele gostava. Uma coisa era ter o Dom quando ninguém ao seu redor o tinha. O Dom era como seu pai chamava, apesar de Kit não considerar muito um dom. Hyacinth, a adivinha de pele azul do estande na beira do mercado, chamava de Visão.

Esse nome fazia mais sentido para Kit. Afinal de contas, a única coisa que o separava das crianças normais era o fato de que ele podia *ver* coisas que os outros não viam. Às vezes, eram coisas inofensivas: duendes elevando-se da grama seca nas calçadas rachadas, os rostos pálidos de vampiros em postos de gasolina tarde da noite, um homem estalando os dedos em uma bancada de lanchonete; quando Kit olhava outra vez, via que os dedos eram garras de

lobisomem. Isso acontecia desde que ele era criança, e também acontecia com seu pai. A Visão era hereditária.

Combater o impulso de reagir era o mais difícil. Uma tarde, voltando da escola, ele viu um bando de lobisomens brigando por território, se destruindo em um parquinho deserto. Ele ficou parado na rua e gritou até a polícia aparecer, mas eles não viram nada. Depois disso seu pai passou a mantê-lo em casa, deixando que ele estudasse sozinho com livros antigos. Kit jogava videogame no porão e raramente saía, durante o dia, ou quando o Mercado das Sombras estava ativo.

No Mercado, ele não tinha que se preocupar com nenhuma reação. O lugar era colorido e bizarro até para os próprios habitantes. Havia ifrits mantendo gênios performáticos em coleiras, e belas garotas fadas dançando diante de estandes que vendiam pós brilhantes e perigosos. Uma banshee cuidava de uma tenda que prometia revelar quando você morreria, apesar de Kit não conseguir imaginar por que alguém gostaria de saber isso. Um cluricaun se oferecia para encontrar coisas perdidas, e uma bruxa jovem e bonita com cabelos curtos, verde néon, vendia pulseiras encantadas e pingentes para atrair romance. Quando Kit lhe encarou, ela sorriu.

— Ei, Romeu. — O pai o cutucou nas costelas. — Eu não te trouxe aqui para flertar. Me ajude com a placa.

Ele chutou o banquinho de metal para Kit e lhe entregou uma placa de madeira, na qual tinha talhado o nome do estande: JOHNNY ROOK.

Não é o título mais criativo, mas o pai de Kit nunca teve muita imaginação. O que era estranho, Kit pensou, enquanto escalava para pendurar a placa, para alguém cuja clientela incluía feiticeiros, lobisomens, vampiros, duendes, criaturas, espíritos e, uma vez, uma sereia (se encontraram secretamente no Sea World).

Mesmo assim, talvez uma placa simples fosse a melhor opção. O pai de Kit vendia poções e pós — e até, por baixo dos panos, algumas armas de legalidade duvidosa —, mas não era nada disso que atraía as pessoas para a barraca. O fato é que Johnny Rook era um cara que sabia das coisas. Não acontecia nada no Submundo de Los Angeles que ele não ficasse sabendo, não havia ninguém tão poderoso de quem ele não soubesse algum segredo, ou uma maneira de entrar em contato. Ele era um cara que tinha informações, e, se você tivesse dinheiro, Johnny contava.

Kit pulou do banquinho, e o pai lhe deu duas notas de cinquenta.

— Arrume uns trocados com alguém — falou, sem olhar para o menino. Ele tinha pegado o livro vermelho de registros e o estava analisando, provavelmente tentando descobrir quem lhe devia dinheiro. — Não tenho notas menores.

Kit fez que sim com a cabeça e saiu da barraca, satisfeito por se retirar. Qualquer tarefa era uma desculpa para andar por aí. Ele passou por um estande cheio de flores brancas que exalavam um aroma sombrio, doce e venenoso, e outro, onde um grupo de pessoas com roupas caras distribuía panfletos na frente de uma placa que dizia PARTE SOBRENATURAL? VOCÊ NÃO É O ÚNICO. OS SEGUIDORES DO GUARDIÃO QUEREM QUE VOCÊ SE INSCREVA NA LOTERIA DO FAVOR! DEIXE QUE A SORTE ENTRE EM SUA VIDA!

Uma mulher de lábios vermelhos e cabelos escuros tentou colocar um panfleto na mão dele. Quando Kit não o pegou, ela lançou um olhar sensual por cima dele, em direção a Johnny, que sorriu. Kit revirou os olhos — havia milhões de pequenos cultos que surgiam e adoravam algum demônio ou anjo menor. Nada parecia resultar deles.

Kit procurou uma de suas barracas favoritas e comprou um copo de raspadinha gelada vermelha, com gosto de maracujá, framboesa e creme, tudo misturado. Ele tentava ter cuidado quanto a de quem comprar — havia balas e bebidas no Mercado que poderiam arruinar a sua vida —, mas ninguém correria riscos com o filho de Johnny Rook. Johnny Rook sabia de coisas sobre todo mundo. Quem o irritasse poderia descobrir que seu segredo não era mais secreto.

Kit voltou para a bruxa com as joias encantadas. Ela não tinha uma barraca; estava, como sempre, sentada sobre um sarongue estampado, do tipo de tecido barato e colorido que se podia comprar em Venice Beach. E levantou o olhar quando ele se aproximou.

— Oi, Wren — falou ele. Duvidava de que esse fosse o seu nome verdadeiro, mas era como todos no Mercado a chamavam.

— Oi, bonito. — Ela chegou para o lado e abriu caminho para ele, as pulseiras e tornozeleiras balançando. — O que o traz às minhas humildes instalações?

Ele sentou ao lado dela no chão. Seu jeans era velho, com buracos nos joelhos. Ele gostaria de poder guardar o dinheiro do pai para comprar roupas novas.

— Meu pai precisa de troco para duas notas de cinquenta.

— Shh. — Ela acenou para ele. — Tem pessoas aqui que cortariam sua garganta por duas notas de cinquenta e venderiam seu sangue como fogo de dragão.

— Não comigo — afirmou Kit, confiante. — Ninguém tocaria um dedo em mim. — Ele se inclinou para trás. — A não ser que eu queira.

— E eu aqui achando que já gastara todos os meus encantamentos de flerte desavergonhado.

— Eu *sou* seu encantamento de flerte desavergonhado. — Ele sorriu para

duas pessoas que estavam passando: um menino alto e bonito, com uma mecha branca no cabelo escuro, e uma menina de pele marrom cujos olhos estavam cobertos por óculos escuros.

Eles o ignoraram. Mas Wren se levantou ao ver os dois frequentadores do Mercado que vinham logo atrás: um homem corpulento e uma mulher de cabelos castanhos que desciam pelas costas num rabo de cavalo torcido.

— Amuletos de proteção? — perguntou Wren, num tom encantador. — Proteção garantida. Também tenho ouro e bronze, além de prata.

A mulher comprou um anel com uma pedra lunar e seguiu seu caminho, conversando com o companheiro.

— Como você sabia que eles eram lobos? — perguntou Kit.

— O olhar dela — disse Wren. — Licantropes são compradores impulsivos. E os olhares deles evitam qualquer coisa de prata. — Ela suspirou. — Tenho trabalhado muito com amuletos de proteção desde que aqueles assassinatos começaram.

— Que assassinatos?

Wren fez uma careta.

— Algum tipo de magia proibida. Cadáveres aparecendo cobertos por símbolos demoníacos. Queimados, afogados, mãos decepadas; todo tipo de boatos. Como você *não* ouviu falar? Não presta atenção em fofocas?

— Não — respondeu Kit. — Na verdade, não. — Ele observava o casal de lobisomens caminhando para a extremidade norte do Mercado, onde os licantropes costumavam se reunir para comprar o que quer que precisassem; talheres de madeira e ferro, ervas, calças rasgadas (ele torcia).

Apesar de o Mercado ser, supostamente, um lugar onde seres do Submundo interagem, eles tendiam a se agrupar por espécie. Havia a área na qual os vampiros se reuniam para comprar sangue com sabor ou procurar novos subjugados entre aqueles que tinham perdido seus mestres. Havia os pavilhões de vinhas e flores onde as fadas se encontravam, vendendo encantos e sussurrando feitiços. Elas se mantinham afastadas do resto, proibidas de negociar como os outros. Feiticeiros, raros e temidos, ocupavam barracas no final do Mercado. Cada feiticeiro exibia uma marca proclamando sua herança demoníaca: alguns tinham caudas ou chifres curvados. Uma vez Kit viu uma feiticeira de pele inteiramente azul, como um peixe.

E finalmente havia aqueles com Visão, como Kit e seu pai, pessoas comuns com o dom de enxergar o Mundo das Sombras, de ultrapassar a barreira dos feitiços. Wren era uma dessas pessoas: uma bruxa autodidata, que pagou um feiticeiro para lhe treinar em feitiços básicos, mas ela era discreta. Humanos não podiam praticar magia, mas havia um mercado crescente no ensino dessas artes.

Dava para ganhar um bom dinheiro, desde que você não fosse pego pelos...

— Caçadores de Sombras — disse Wren.

— Como sabe que eu estava pensando neles?

— Porque eles estão bem ali. Dois deles. — Ela apontou com o queixo para a direita, seus olhos brilhando, alarmados.

Aliás, o Mercado inteiro estava tenso, pessoas casualmente ocultando suas garrafas e caixas de venenos e amuletos de cabeças de mortos. Gênios acorrentados se esconderam atrás dos respectivos mestres. As meninas fadas pararam de dançar e ficaram olhando para os Caçadores de Sombras, suas faces belas agora frias e rijas.

Eram dois, um menino e uma menina, provavelmente de 17 ou 18 anos de idade. O menino era ruivo, alto e de aparência atlética; Kit não conseguiu ver o rosto da menina, só o volume de fios louros descendo até a cintura. Ela carregava uma espada dourada presa às costas e caminhava com o tipo de confiança que não podia ser forjada.

Ambos estavam de uniforme, a roupa preta e resistente que os marcava como Nephilim: parte humanos, parte anjos, os líderes incontestáveis de todas as criaturas sobrenaturais da Terra. Eles tinham Institutos — semelhantes a imensas delegacias — em quase todas as grandes cidades do planeta, do Rio a Bagdá, de Lahore a Los Angeles. A maioria dos Caçadores de Sombras nascia assim, mas eles também podiam transformar humanos em Caçadores de Sombras se assim desejassem. Estavam desesperados para repopular seus exércitos, desde que tantos foram perdidos na Guerra Maligna. Dizia-se que eles sequestravam qualquer um com menos de 18 anos que apresentasse algum sinal de que poderia ser um Caçador de Sombras.

Em outras palavras, qualquer um com o dom da Visão.

— Estão indo para a barraca do seu pai — sussurrou Wren.

Ela tinha razão. Kit ficou tenso ao vê-los virando para a fileira de barracas e caminhando para a que mostrava a placa com os dizeres JOHNNY ROOK.

— Levante-se. — Wren estava de pé, mandando Kit fazer o mesmo. Ela se abaixou para enrolar a mercadoria dentro do pano em que estavam sentados. Kit notou um estranho desenho no dorso da mão dela, um símbolo como linhas de água correndo sob uma chama. Talvez ela tivesse desenhado em si mesma. — Tenho que ir.

— Por causa dos Caçadores de Sombras? — perguntou ele surpreso, levantando para que ela pudesse guardar as coisas.

— Shh — sibilou ela, e se apressou para longe, os cabelos coloridos balançando.

— Estranho — murmurou Kit, e voltou para a barraca do pai.

Ele se aproximou pela lateral, com a cabeça baixa, as mãos nos bolsos. Tinha certeza de que seu pai gritaria com ele caso se apresentasse na frente dos Caçadores de Sombras, principalmente ao levar em conta o boato de que eles estavam obrigando todos os mundanos menores de idade com Visão a se alistar, mas não conseguia conter a vontade de xeretar a conversa.

A menina loura estava inclinada para a frente, com os cotovelos sobre o balcão de madeira.

— É um prazer vê-lo, Rook — falou com um sorriso atraente.

Ela era bonita, Kit pensou. Mais velha do que ele, e o menino que a acompanhava era muito mais alto do que ele. E ela era uma Caçadora de Sombras. Por isso era inalcançavelmente bonita, mas bonita ainda assim. Seus braços estavam descobertos, e uma cicatriz longa e pálida que corria do cotovelo ao pulso. Tatuagens pretas em formato de símbolos estranhos se entrelaçavam pelos braços, estampando sua pele. Uma delas aparecia sob o V da gola da camisa. Eram símbolos, as Marcas mágicas que davam poder aos Caçadores de Sombras. Só eles podiam usá-las. Se você as desenhasse na pele de uma pessoa normal ou na de um ser do Submundo, eles enlouqueceriam.

— E quem é esse? — perguntou Johnny Rook, apontando com o queixo para o menino Caçador de Sombras. — O famoso *parabatai*?

Kit olhou para a dupla com interesse renovado. Todo mundo que sabia sobre os Nephilim, sabia o que eram os *parabatai*. Dois Caçadores de Sombras que juravam lealdade eterna e platônica um ao outro, e para sempre lutariam lado a lado. Viveriam e morreriam um pelo outro. Jace Herondale e Clary Fairchild, os Caçadores de Sombras mais famosos do mundo, ambos tinham *parabatai*. Até Kit sabia disso.

— Não — entou a menina, pegando um vidro com um líquido esverdeado perto do caixa. Era para ser uma poção do amor, apesar de Kit saber que muitos dos vidros continham água tingida com corante. — Esse aqui não é o tipo de lugar que Julian frequenta. — Seu olhar percorreu o Mercado.

— Sou Cameron Ashdown. — O menino ruivo Caçador de Sombras estendeu a mão, e Johnny, parecendo assombrado, a apertou. Kit aproveitou a oportunidade para se mover para trás do balcão. — Sou *namorado* de Emma.

A menina loura — Emma — estremeceu, quase imperceptivelmente. Cameron Ashdown podia ser seu namorado agora, Kit pensou, mas ele não apostaria na continuação do relacionamento.

— Hum — disse Johnny, tirando o vidro da mão de Emma. — Então eu presumo que você esteja aqui para buscar o que deixou. — Ele pescou o que pareceu um pedaço de tecido vermelho do bolso. Kit ficou olhando. O que poderia haver de interessante em um quadrado de algodão?

Emma se esticou. Agora ela parecia ansiosa.

— Descobriu alguma coisa?

— Se você o colocasse na máquina de lavar com suas roupas brancas, definitivamente deixaria suas meias cor-de-rosa.

Emma pegou de volta o pano com uma careta.

— Estou falando sério. Você não imagina quantas pessoas tive que subornar para conseguir isso. Estava no Labirinto Espiral. É um pedaço da camisa que minha mãe vestia quando foi assassinada.

Johnny levantou a mão.

— Eu sei. Só estava...

— Não seja sarcástico. Ser sarcástica e espertinha é *minha* função. Sua função é ser sacudido até liberar informações.

— Ou pago — disse Cameron Ashdown. — Também pode ser pago para dar informações.

— Vejam, não posso ajudar — disse o pai de Kit. — Não tem magia aqui. É só um pedaço de algodão. Rasgado e cheio de água do mar, mas... algodão.

O ar de decepção que passou pelo rosto da garota foi vívido e inconfundível. Ela nem sequer tentou disfarçar, só guardou o tecido no bolso. Kit não pode deixar de sentir pena dela, o que o surpreendeu; ele nunca achou que fosse sentir pena de uma Caçadora de Sombras.

Emma olhou para ele, quase como se ele tivesse falado.

— Então — falou, e de repente tinha um brilho nos olhos. — Você tem Visão, certo, como seu pai? Quantos anos você tem?

Kit congelou. O pai foi para a frente dele rapidamente, bloqueando-o da vista de Emma.

— E cá estava eu achando que você fosse me perguntar sobre os assassinatos que andam acontecendo. Atrasada nas informações, Carstairs?

Aparentemente Wren tinha razão, Kit pensou; todo mundo *realmente* sabia sobre esses assassinatos. Deu para perceber pelo tom de alerta na voz do pai que deveria sumir, mas Kit estava preso atrás do balcão sem rota de fuga.

— Ouvi alguns boatos sobre mundanos mortos — disse Emma. A maioria dos Caçadores de Sombras utilizava esse termo com grande desprezo para se referir a seres humanos normais. Emma pareceu apenas cansada. — Não investigamos assassinatos entre mundanos. Isso é assunto para a polícia.

— Mataram fadas — disse Johnny. — Vários dos corpos eram de fadas.

— Nós *não podemos* investigar isso — falou Cameron. — Você sabe. A Paz Fria proíbe.

Kit ouviu um murmúrio fraco nas barracas próximas: um barulho que denunciou que ele não era o único de ouvido atento na conversa alheia.

A Paz Fria era a Lei dos Caçadores de Sombras. Fora instituída há quase cinco anos. Ele mal se lembrava de um tempo anterior a ela. Eles a chamavam de Lei, pelo menos. Na verdade, era uma punição.

Quando Kit tinha 10 anos, uma guerra abalou o mundo dos seres do Submundo e dos Caçadores de Sombras. Um Caçador de Sombras, Sebastian Morgenstern, se voltou contra a própria espécie: foi de Instituto em Instituto, destruindo os ocupantes, controlando seus corpos e forçando-os a lutar por ele como um exército de escravos mudos e submissos. A maioria dos Caçadores de Sombras do Instituto de Los Angeles foi levada ou morta.

Kit tinha pesadelos algumas vezes, envolvendo sangue correndo por corredores que ele jamais vira, corredores pintados com símbolos dos Nephilim.

Sebastian teve ajuda do Povo das Fadas em sua tentativa de destruir os Caçadores de Sombras. Kit tinha aprendido sobre fadas na escola: criaturinhas fofas que viviam em árvores e usavam chapéus de flores. O Povo das Fadas não era nada disso. Eram sereias, duendes, kelpies, com dentes de tubarões, e fadas nobres, aquelas que tinham alta patente nas cortes das fadas. Fadas nobres eram altas, lindas e aterrorizantes. Dividiam-se em duas cortes: a Corte Seelie, um lugar perigoso, governado por uma rainha que ninguém via há anos, e a Corte Unseelie, um local sombrio, de traição e magia das trevas, cujo rei era como um monstro mitológico.

Como as fadas eram do Submundo e juraram aliança e lealdade aos Caçadores de Sombras, a traição foi um crime imperdoável. Os Caçadores de Sombras as puniram pesadamente com uma ação decisiva que passou a ser conhecida como Paz Fria: forçaram-nas a pagar indenizações altíssimas para reconstruir os edifícios dos Caçadores de Sombras que foram destruídos, despojando-as de seus exércitos, e instruindo outros seres do Submundo a jamais as auxiliarem. O castigo por ajudar uma fada era severo.

Fadas eram um povo antigo, mágico e orgulhoso, ou, pelo menos, era o que diziam. Kit jamais os tinha conhecido de outro jeito que não fosse aquele, alquebrado. A maioria dos outros seres do Submundo e outros demônios do espaço sombrio entre o mundo mundano e o dos Caçadores de Sombras não desgostava das fadas nem lhes guardava mágoa. Mas nenhum deles se dispunha a enfrentar os Caçadores de Sombras. Vampiros, lobisomens e feiticeiros ficavam longe das fadas, exceto em lugares como o Mercado das Sombras, onde o dinheiro valia mais que as leis.

— Sério? — perguntou Johnny. — E se eu dissesse que os corpos encontrados estavam cobertos de letras?

Emma levantou a cabeça. Ela tinha olhos castanho-escuros, quase pretos, surpreendentes contra o cabelo claro.

— O que você disse?

— Você ouviu.

— Que tipo de escrita? A mesma língua encontrada nos corpos dos meus pais?

— Não sei — respondeu Johnny. — Foi o que ouvi. Mesmo assim, parece suspeito, não?

— Emma — disse Cameron em tom de alerta. — A Clave não vai gostar.

A Clave era o governo dos Caçadores de Sombras. Pela experiência de Kit, eles não gostavam de nada.

— Não me importo — retrucou a menina. Era evidente que ela já havia se esquecido de Kit; encarava o pai dele, com os olhos ardendo. — Diga-me o que se sabe. Pago duzentos.

— Tudo bem, mas não sei muita coisa — disse Johnny. — Alguém é levado e, algumas noites depois, aparece morto.

— E quando foi a última vez que alguém “foi levado”? — perguntou Cameron.

— Duas noites atrás — respondeu Johnny, e era evidente que ele achava que merecia seu pagamento. — Provavelmente vão desovar o corpo amanhã à noite. Basta aparecerem e pegarem quem o estiver descartando.

— Então por que não nos diz como fazer isso? — perguntou Emma.

Johnny bufou.

— Dizem por aí que a próxima desova será em West Hollywood. No Bar Sepulcro.

Emma bateu palmas, animada. O namorado chamou o nome dela outra vez, em tom de alerta, mas Kit poderia ter dito a ele que era perda de tempo. Ele nunca tinha visto uma adolescente tão animada assim com nada — nem com atores famosos, nem com boy bands, nem joias. Essa menina estava praticamente vibrando com a ideia de um cadáver.

— Por que você não vai atrás se está tão perturbado com essas mortes? — Cameron perguntou a Johnny.

Ele tinha belos olhos verdes, Kit pensou. Formavam um casal ridiculamente atraente. Era quase irritante. Ficou imaginando como seria o misterioso Julian. Se ele tinha jurado ser o melhor amigo platônico desta menina pelo resto da vida, provavelmente era o cão chupando manga.

— Porque não quero — disse Johnny. — Parece perigoso. Mas vocês adoram o perigo. Não é mesmo, Emma?

Emma sorriu. Ocorreu a Kit que Johnny conhecia Emma muito bem. Ela já devia ter vindo aqui antes para fazer perguntas — era estranho que fosse a primeira vez que a via, mas ele não vinha ao Mercado todos os dias. Enquanto

ela enfiava a mão no bolso, pegava um rolo de notas e o entregava a seu pai, ele ficou imaginando se Emma já teria estado em sua casa. Sempre que clientes iam à sua casa, o pai o mandava para o porão e ordenava que ficasse lá sem emitir qualquer ruído.

“O tipo de gente com quem lido não é o tipo de gente que você deve conhecer”, ele sempre dizia.

Uma vez Kit subiu acidentalmente enquanto o pai se reunia com um grupo de monstros vestidos com túnicas e capuzes. Pelo menos, Kit achou que pareciam monstros: os olhos e lábios eram costurados, as cabeças carecas e brilhantes. Seu pai lhe disse que eles eram Gregori, Irmãos do Silêncio: Caçadores de Sombras que foram cicatrizados e torturados por magia até se tornarem algo mais que humanos; falavam telepaticamente e conseguiam ler as mentes de outras pessoas. Kit nunca mais subiu durante as “reuniões” de seu pai.

O menino sabia que o pai era um criminoso. Sabia que ele vivia de contar segredos, mas não mentiras: Johnny se orgulhava de ter boas informações. Kit sabia que a própria vida provavelmente seguiria o mesmo caminho. Era difícil ter uma vida normal quando você constantemente fingia não enxergar o que se passava diante dos seus olhos.

— Bem, obrigada pela informação — disse Emma, começando a dar as costas para a barraca. O cabo dourado da espada brilhou à luz do sol. Kit ficou imaginando como seria a vida de um Nephilim. Viver entre pessoas que enxergavam as mesmas coisas que você: jamais temer o que espreitava pelas sombras. — Nos vemos por aí, Johnny.

Ela deu uma piscadela — para Kit. Johnny se virou e encarou o menino enquanto ela desaparecia pela multidão com o namorado.

— Disse alguma coisa para ela? — Quis saber Johnny. — Por que ela olhou desse jeito para você?

Kit levantou as mãos defensivamente.

— Eu não disse nada — protestou. — Acho que ela percebeu que eu estava ouvindo.

Johnny suspirou.

— Tente ser menos notado.

O Mercado estava se agitando outra vez agora que os Caçadores de Sombras tinham se retirado. Kit pôde ouvir a música e um burburinho de vozes se elevando.

— Quão bem você conhece essa Caçadora de Sombras?

— Emma Carstairs? Ela me procura há anos para obter coisas. Não parece se importar muito em violar as regras dos Nephilim. Gosto dela, até onde é possível gostar de um deles.

— Ela queria que você descobrisse quem matou os pais dela.

Johnny abriu uma gaveta.

— Não sei quem matou os pais dela, Kit. Provavelmente fadas. Foi durante a Guerra Maligna. — Ele soou arrogante. — Então eu quis ajudá-la. E daí? Dinheiro de Caçadores de Sombras vale tanto quanto qualquer outro.

— E você quer que os Caçadores de Sombras prestem atenção em algo além de você — disse Kit. Era um palpite, mas ele supunha que fosse um bom palpite. — Está fazendo alguma coisa?

Johnny fechou a gaveta.

— Talvez.

— Para alguém que vende segredos, você certamente guarda muitos — falou Kit, enfiando as mãos nos bolsos.

O pai colocou um braço em volta dele, um raro gesto de afeição.

— Meu maior segredo — declarou — é você.

1

Um Sepulcro Neste Reino

— Simplesmente não está dando certo — disse Emma. — Essa relação, quero dizer.

Ruídos desconsolados vieram do outro lado da linha. Emma quase não conseguia decifrá-los; o sinal não era particularmente bom no telhado do Bar Sepulcro. Ela caminhou pela borda do telhado, espiando pelo jardim central. Árvores de jacarandá eram iluminadas por luzes elétricas. Mesas e cadeiras ultramodernas e refinadas se espalhavam pelo espaço do jardim. Homens e mulheres jovens, igualmente refinados e ultramodernos lotavam o lugar, taças de vinho brilhando em suas mãos como bolhas límpidas, em vermelho, branco e rosa. Alguém tinha alugado o espaço para uma festa particular: uma faixa de lantejoulas de aniversário estava pendurada entre duas árvores, e garçons atravessavam a multidão com bandejas de aperitivos.

Algo naquela cena glamourosa despertava em Emma a vontade de interromper a festa, chutando algumas telhas ou saltando no meio da multidão. Mas a Clave prenderia por um bom tempo quem tivesse esse tipo de comportamento. Mundanos *nunca* deveriam enxergar Caçadores de Sombras. Mesmo que Emma *de fato* pulasse no pátio, nenhum dos mundanos a veria. Ela estava coberta por símbolos de disfarce, aplicados por Cristina, que a deixavam invisível a qualquer um que não tivesse Visão.

A menina suspirou e levou o telefone de volta ao ouvido.

— Tudo bem, *nossa* relação — corrigiu. — *Nossa* relação não está dando certo.

— *Emma!* — Cristina sibilou alto atrás dela. A menina se virou, suas botas equilibradas na beira do telhado. Cristina estava sentada na telha inclinada atrás dela, polindo uma faca de arremesso com um tecido azul-claro. O tecido

combinava com os elásticos que prendiam seus cabelos escuros, evitando que caíssem no rosto. Tudo em Cristina era organizado e arrumado, ela conseguia ficar bonita e profissional com seu uniforme preto, do mesmo jeito que outras pessoas ficariam em um terninho. O medalhão dourado de boa sorte brilhava no pescoço, e o anel de família, com estampa de rosas, de Rosales, luzia em sua mão enquanto ela pousava a faca, envolvida pelo tecido, ao seu lado. — Emma, lembre-se. Utilize a primeira pessoa.

Cameron continuava tagarelando do outro lado da linha qualquer coisa sobre se encontrarem para conversar, mas Emma sabia que não adiantaria nada. Ela estava concentrada na cena abaixo — aquilo era uma sombra passando pela multidão ou ela estava imaginando coisas? Talvez fosse o seu desejo. Johnny Rook costumava ser confiável e parecia *muito* seguro em relação àquela noite, mas Emma detestava se arrumar inteira e se concentrar para descobrir que não haveria luta para gastar toda a energia.

— O problema sou *eu*, e não *você* — disse ela ao telefone. Cristina fez sinal positivo com o polegar para encorajá-la. — *Eu* enjoei de *você*. — Ela sorriu alegremente quando Cristina escondeu o rosto nas mãos. — Então, de repente, será que podemos voltar a ser amigos?

Fez-se um clique quando Cameron desligou. Emma guardou o telefone no cinto e examinou a multidão outra vez. Nada. Irritada, ela escalou o telhado para sentar ao lado de Cristina.

— Bem, dava para ter sido melhor — argumentou.

— Você acha? — Cristina tirou as mãos do rosto. — O que aconteceu?

— Não sei. — Emma suspirou e alcançou a estela, o delicado instrumento de *adamas* que os Caçadores de Sombras utilizavam para marcar símbolos de proteção na pele. Tinha um cabo esculpido feito de osso de demônio e foi um presente de Jace Herondale, a primeira paixonite de Emma. A maioria dos Caçadores de Sombras gastava estelas como humanos gastavam lápis, mas essa era especial para Emma e ela a guardava tão cuidadosamente intacta quanto sua espada. — Sempre acontece. Tudo estava bem, e aí acordei um dia e o simples som da voz dele me enjoou. — Ela encarou Cristina com expressão culpada. — *Eu tentei* — acrescentou. — Esperei semanas! Torci para melhorar. Mas não melhorou.

Cristina a afagou no braço.

— *Eu sei, cuata* — falou. — Você só não é muito boa em ter...

— Tato? — sugeriu Emma. O inglês de Cristina quase não tinha sotaque, e Emma frequentemente se esquecia de que não era sua língua nativa. Por outro lado, Cristina falava sete línguas além do espanhol, sua língua materna. Emma falava inglês e um pouco de espanhol, grego e latim, sabia ler três línguas

demoníacas e falar palavrão em cinco.

— Eu ia dizer relacionamentos — respondeu Cristina. Seus olhos castanho-escuros brilharam. — Só estou aqui há dois meses e você se esqueceu de três encontros com Cameron, faltou no aniversário dele e agora o dispensou porque a patrulha noturna está lenta.

— Ele só queria jogar videogame — retrucou Emma. — Detesto videogame.

— Ninguém é perfeito, Emma.

— Mas algumas pessoas são perfeitas umas para as outras. Não acha que isso tem que ser verdade?

Um olhar estranho atravessou o rosto de Cristina e desapareceu tão depressa que Emma teve certeza de que o tinha imaginado. Às vezes, Emma se lembrava de que, por mais próxima que se sentisse de Cristina, ela não a conhecia; não a *conhecia* como conhecia Jules, do jeito que se conhece alguém com quem você compartilhou todos os seus momentos desde a infância. O que aconteceu com Cristina no México — o que quer que a tenha feito correr para Los Angeles, para longe da família e dos amigos — foi algo a respeito do qual ela jamais falou com Emma.

— Bem — disse Cristina —, pelo menos você foi sábia o suficiente ao me trazer junto como apoio moral e para ajudá-la a superar esse momento difícil.

Emma cutucou Cristina com a estela.

— Eu não estava *planejando* dispensar Cameron. Estávamos aqui, e ele ligou, o rosto dele apareceu no meu telefone, bem, na verdade uma lhama apareceu no meu telefone, porque eu não tinha foto dele, então usei a de uma lhama, e a lhama me irritou tanto que não pude evitar.

— Que época ruim para ser uma lhama.

— E alguma época é boa? — Emma girou a estela e começou a desenhar um símbolo de Equilíbrio no braço. Tinha orgulho em ter ótimo equilíbrio sem precisar de Marcas, mas no alto de um telhado, provavelmente era uma boa ideia se manter segura.

Ela pensou em Julian, longe, na Inglaterra, com uma pontada no peito. Ele teria ficado feliz em ver que ela estava tomando cuidado. Ele teria dito algo engraçado, carinhoso e autodepreciativo a respeito. Ela sentia muito a falta dele, mas supunha que fosse assim que as coisas funcionassem com *parabatai*, ligados por magia, assim como por amizade.

Ela sentia falta de todos os Blackthorn. Tinha crescido entre Julian e os irmãos, viveu com eles desde os 12 anos — quando perdeu os pais, e Julian, cuja mãe já tinha morrido, perdeu o pai. De filha única, ela foi jogada em uma família grande, barulhenta e cheia de amor. Nem tudo foi fácil, mas ela os adorava, desde a tímida Drusilla a Tiberius, que adorava histórias de detetive. Eles

partiram no início do verão para visitar a tia-avó em Sussex — a família Blackthorn era originalmente britânica. Marjorie, Julian explicou, tinha quase cem anos de idade e poderia morrer a qualquer instante: *tinham* que visitá-la. Era uma obrigação moral.

E lá se foram por dois meses, todos exceto o tio, o diretor do Instituto. O choque no sistema de Emma foi severo. O Instituto passou de barulhento a quieto. E, pior de tudo, quando Julian partiu, ela *sentiu*, como um nervoso constante, uma dor fraca no peito.

Namorar Cameron não mudou *nada*, mas a chegada de Cristina ajudou incomensuravelmente. Era comum que Caçadores de Sombras que completassem 18 anos visitassem Institutos estrangeiros para aprender sobre diferentes costumes. Cristina veio da Cidade do México para Los Angeles — não havia nada de incomum nisso, mas ela sempre teve ares de quem fugia de alguma coisa. Emma, enquanto isso, fugia da solidão. Ela e Emma se esbarraram e se tornaram melhores amigas mais depressa do que Emma acreditaria ser possível.

— Diana ficará feliz por você dispensar Cameron, pelo menos — disse Cristina. — Acho que ela não gostava dele.

Diana Wrayburn era a tutora da família Blackthorn. Era extremamente inteligente, extremamente severa e estava extremamente cansada de ver Emma caindo no sono no meio da aula porque tinha saído na noite anterior.

— Diana só acha que todos os relacionamentos são distrações que atrapalham os estudos — retrucou Emma. — Por que namorar alguém quando você pode aprender mais uma língua demoníaca? Quero dizer, quem não gostaria de saber falar “você vem sempre aqui?” em purgatês?

Cristina riu.

— Você parece Jaime. Ele detestava estudar. — Emma aguçou os ouvidos: Cristina raramente falava sobre os amigos ou a família na Cidade do México. Ela sabia que o tio de Cristina dirigia o Instituto da Cidade do México até ter sido morto na Guerra Maligna, e a mãe dela assumir. Ela (Emma) sabia que o pai de Cristina tinha morrido quando a amiga era criança. Mas não muito mais que isso. — Mas não Diego. Ele adorava. Fazia trabalho extra só por diversão.

— Diego? O cara perfeito? O que sua mãe ama? — Emma começou a passar a estela sobre a pele, o símbolo de Visão de Longo Alcance tomando forma em seu antebraço. As mangas do uniforme iam até o cotovelo, a pele abaixo inteiramente marcada por cicatrizes pálidas de símbolos havia muito gastos.

Cristina esticou o braço e pegou a estela de Emma.

— Aqui. Deixe que eu faço isso. — Ela continuou com o desenho do símbolo de Visão de Longo Alcance. Cristina tinha uma boa mão para símbolos,

cuidadosa e precisa. — Não quero falar sobre o Diego Perfeito — avisou. — Minha mãe já fala sobre ele o bastante. Posso perguntar sobre outra coisa?

Emma assentiu. A pressão da estela em sua pele era familiar, quase agradável.

— Sei que você quis vir aqui porque Johnny Rook disse que foram encontrados corpos com marcas, e ele acha que vai aparecer mais um hoje.

— Certo.

— E você torce para que as marcas sejam as mesmas encontradas nos corpos dos seus pais.

Emma ficou tensa. Não podia evitar. Qualquer menção ao assassinato dos pais doía como se tivesse sido na véspera. Mesmo quando a pessoa perguntando fosse tão gentil quanto Cristina.

— Sim.

— A Clave diz que Sebastian Morgenstern assassinou seus pais — continuou Cristina. — Foi o que Diana me disse. É nisso que eles acreditam. Mas você não.

A Clave. Emma olhou para a noite de Los Angeles, para a explosão brilhante de eletricidade que era a paisagem urbana, para as fileiras intermináveis de outdoors que ladeavam o Sunset Boulevard. Era uma palavra inofensiva, “Clave”, quando ela a ouviu pela primeira vez. A Clave era simplesmente o governo dos Nephilim, composto por todos os Caçadores de Sombras ativos acima dos 18 anos.

Teoricamente todos os Caçadores de Sombras tinham direito a voto e uma voz igual. Inclusive, alguns Caçadores de Sombras eram mais influentes que outros: como qualquer partido político, a Clave sofria de corrupção e preconceitos. Para os Nephilim isso significava um código rígido de honra e regras que todos os Caçadores de Sombras deveriam seguir ou enfrentariam severas consequências.

A Clave tinha um lema: *a Lei é dura, mas é a Lei*. Todos os Caçadores de Sombras sabiam o que isso significava. As regras da Lei da Clave tinham que ser obedecidas, por mais duras ou dolorosas que fossem. A Lei se sobrepunha a todo o restante — necessidades pessoais, dor, perda, injustiça, deslealdade. Era a Lei. Quando a Clave disse a Emma que ela precisava aceitar o fato de que seus pais tinham sido mortos como parte da Guerra Maligna, ela tinha a obrigação de aceitar.

Ela não aceitou.

— Não — concordou Emma lentamente. — Eu não acredito.

Cristina sentou com a estela parada na mão, o símbolo não concluído. O *adamaz* brilhava ao luar.

— Poderia me dizer por quê?

— Sebastian Morgenstern estava formando um exército — disse Emma, ainda olhando para o mar de luzes. — Ele pegou Caçadores de Sombras e os transformou em monstros que lhe serviam. Ele não os marcou com linguagem demoníaca no corpo e depois os jogou no mar. Quando os Nephilim tentaram mover os corpos dos meus pais, eles se dissolveram. Isso não aconteceu com nenhuma das vítimas de Sebastian. — Ela passou o dedo por uma telha. — E... tenho uma sensação. Não é passageiro. É algo em que sempre acreditei. E acredito cada dia mais. Acredito que a morte dos meus pais foi diferente. E colocá-los na conta de Sebastian significa... — Ela se interrompeu com um suspiro. — Desculpe. Estou tagarelando. Olha, isso provavelmente não dará em nada. Você não deve se preocupar.

— Eu me preocupo com você — disse Cristina, mas ela colocou a estela de volta na pele de Emma e terminou o desenho sem dizer mais nada. Era algo que Emma gostava em Cristina desde que a conheceu; ela não a apertava ou pressionava.

Emma olhou para baixo, apreciando enquanto Cristina se recostou, após o trabalho. O símbolo de Visão de Longo Alcance brilhou claro e limpo no braço de Emma.

— A única pessoa que conheço que desenha símbolos melhor que você é Julian — disse ela. — Mas ele é um artista...

— Julian, Julian, Julian — ecoou Cristina, com a voz provocadora. — Julian é pintor, Julian é um gênio, Julian saberia como resolver isso, Julian saberia construir aquilo. Sabe, ao longo das últimas sete semanas ouvi tantas maravilhas a respeito de Julian que estou começando a temer que vá me apaixonar por ele instantaneamente quando o conhecer.

Emma esfregou as mãos sujas cuidadosamente nas pernas. Estava se sentindo rija, inquieta e tensa. Tanta preparação para a batalha e não lutar, ela disse a si mesma. Não era à toa que não queria ficar na própria pele.

— Acho que ele não faz o seu tipo — rebateu. — Mas ele é meu *parabatai*, então não sou imparcial.

Cristina devolveu a estela a Emma.

— Sempre quis um *parabatai* — falou melancolicamente. — Alguém que jurasse me proteger e me acompanhar. Um melhor amigo para sempre, por toda a vida.

Um melhor amigo para sempre, por toda a vida. Quando os pais de Emma morreram, ela lutou para ficar com os Blackthorn. Em parte, porque tinha perdido tudo que tinha de familiar e não podia suportar a ideia de recomeçar, e, em parte, porque queria ficar em Los Angeles para poder investigar as mortes deles.

Poderia ter sido desconfortável; ela poderia ter se sentido deslocada, na condição de única Carstairs na família Blackthorn. Mas nunca foi assim, por causa de Jules. *Parabatai* era mais que amizade, mais que família; era um laço que prendia os dois, ferozmente, de um jeito que todo Caçador de Sombras respeitava e reconhecia, do mesmo jeito que se respeitava um laço entre duas pessoas casadas.

Ninguém separaria *parabatai*. Ninguém ousaria tentar: *parabatai* eram mais fortes unidos. Lutavam juntos como se pudessem ler as mentes um do outro. Um único símbolo aplicado em você por seu *parabatai* lhe dava mais força do que dez símbolos aplicados por qualquer outra pessoa. Frequentemente *parabatai* tinham as cinzas enterradas no mesmo túmulo para que não fossem separados nem após a morte.

Nem todos tinham um *parabatai*; na verdade, eles eram raros. Era um compromisso vitalício. Você jurava permanecer ao lado da outra pessoa, jurava protegê-la sempre, ir aonde ela fosse, considerar a família dela como sua. As palavras do juramento vinham da Bíblia: *onde fores, irei; os seus serão os meus; onde morreres, morrerei, e lá serei enterrado*.

Se houvesse um termo em linguagem mundana, Emma achava, seria “alma gêmea”. Alma gêmea platônica. Você não podia ter envolvimento romântico com seu *parabatai*. Como tantas coisas, era contra a Lei. Emma nunca soube o motivo — não fazia o menor sentido —, mas boa parte da Lei não fazia. Não fazia o menor sentido que a Clave exilasse os meios-irmãos de Julian, Helen e Mark, simplesmente porque a mãe deles era fada, mas também fizeram isso quando selaram a Paz Fria.

Emma se levantou, deslizando a estela para o cinto de armas.

— Bem, os Blackthorn chegam depois de amanhã. Você vai conhecer Jules.
— Ela se moveu para a beira do telhado; desta vez ouviu as botas arranhando o tijolo e informando que Cristina estava atrás dela.

— Está vendo alguma coisa?

— Talvez não esteja acontecendo nada. — Cristina deu de ombros. — Talvez seja só uma festa.

— Johnny Rook falou com tanta certeza — murmurou Emma.

— Diana não a proibiu especificamente de vê-lo?

— Ela talvez tenha me dito para parar de encontrá-lo — reconheceu Emma.
— Talvez até tenha dito que ele é “um criminoso que comete crimes”, o que devo dizer que achei excessivo, mas ela não me proibiu de ir ao Mercado das Sombras.

— Porque todo mundo sabe que Caçadores de Sombras não devem ir ao Mercado das Sombras.

Emma ignorou.

— E se eu encontrei por acaso com Rook, digamos, no Mercado, e ele passou informações enquanto conversávamos, e eu, acidentalmente, deixei cair algumas notas? Quem pode chamar isso de “comprar informações”? Apenas dois amigos, um, descuidado com fofocas, e a outra, descuidada com finanças...

— Não é esse o espírito da Lei, Emma. Lembra? *A Lei é dura, mas é a Lei.*

— Pensei que fosse “a Lei é irritante, mas também é flexível”.

— Esse não é o lema. E Diana vai matá-la.

— Não se resolvermos os assassinatos. O fim justifica os meios. E se nada acontecer, ela nunca terá que saber. Certo?

Cristina não disse nada.

— Certo...? — Emma repetiu.

Cristina respirou fundo.

— Está vendo? — perguntou ela, apontando.

Emma viu. Um homem alto, bonito e com cabelos bem cuidados, pele clara e roupas feitas sob medida, se movendo entre a multidão. Enquanto seguia caminho, homens e mulheres viraram para olhá-lo, com rostos petrificados e fascinados.

— Tem um feitiço de disfarce nele — disse Cristina. Emma ergueu uma sobrancelha. O disfarce era uma magia de ilusão, frequentemente utilizada por seres do Submundo para se esconder dos olhares mundanos. Caçadores de Sombras também tinham acesso a Marcas que produziam o mesmo efeito, apesar de os Nephilim não considerarem isso magia. Magia era assunto de feiticeiros; símbolos eram um presente do Anjo. — A questão é: vampiro ou fada?

Emma hesitou. O homem se aproximava de uma jovem com saltos muito altos e uma taça de champanhe na mão. O rosto dela ficou relaxado e inexpressivo quando ele falou com ela. Ela fez que sim com a cabeça, esticou a mão e soltou o colar espesso de ouro que estava usando. Colocou-o na mão dele, com um sorriso no rosto enquanto ele guardava a joia no bolso.

— Fada — concluiu Emma, alcançando o cinto de armas. Fadas complicavam tudo. De acordo com a Lei da Paz Fria, um Caçador de Sombras menor de idade não deveria ter qualquer relação com fadas. As fadas estavam fora do alcance; eram a ramificação maldita e proibida entre os do Submundo desde a Paz Fria, que havia tomado seus direitos, seus exércitos e suas posses. As terras ancestrais das fadas não eram mais consideradas como suas e outros membros do Submundo brigavam entre si para reivindicá-las. Tentar apaziguar essas batalhas era grande parte do trabalho do Instituto de Los Angeles, mas era coisa de adulto. Caçadores de Sombras da idade de Emma não deveriam lidar diretamente com fadas.

Na teoria.

A *Lei é irritante, mas é flexível*. Emma pegou um saquinho de tecido, amarrado em cima, de uma bolsa presa ao cinto. Começou a abri-lo enquanto a fada ia da mulher sorridente para um homem esguio de paletó preto, que lhe entregou espontaneamente as abotoaduras brilhantes. A fada agora estava quase diretamente abaixo de Emma e Cristina.

— Vampiros não ligam para ouro, mas o Povo das Fadas paga tributo ao Rei e à Rainha em ouro, pedras preciosas e outros tesouros.

— Ouvi dizer que a Corte Unseelie paga em sangue humano — observou Cristina sombriamente.

— Hoje não — disse Emma, dando um peteleco na bolsa que estava segurando e despejando o conteúdo na cabeça da fada.

Cristina ficou horrorizada quando a fada abaixo delas soltou um grito rouco, o feitiço de disfarce desaparecendo como uma cobra trocando de pele.

Um coro de gritos emergiu da multidão quando a verdadeira aparência da fada foi revelada. Havia galhos que cresciam como chifres curvos de sua cabeça, e a pele era verde-escura como lodo, inteiramente rachada como um tronco. As mãos eram garras espatuladas, com três dedos.

— Emma — alertou Cristina. — Temos que conter isso agora... chame os Irmãos do Silêncio...

Mas Emma já tinha pulado.

Por um momento, ela pareceu uma pluma, caindo pelo ar. Então atingiu o chão, com os joelhos dobrados, como tinham lhe ensinado. Como ela se lembrava daqueles primeiros saltos de grandes alturas, os estalos, as quedas desajeitadas, os dias que tinha que esperar até se curar para poder tentar outra vez.

Não mais. Emma se levantou, encarando a fada através da multidão. Brilhando no rosto envelhecido e parecido com um tronco, os olhos eram amarelos como os de um gato.

— *Caçadora de Sombras* — sibilou o cavaleiro fada.

Os convidados da festa continuaram fugindo do pátio pelos portões que levavam ao estacionamento. Nenhum deles viu Emma, apesar de o instinto de cada um ter funcionado, fazendo com que passassem em torno dela como água em volta dos pilares de uma ponte.

Emma dobrou o braço por cima do ombro e fechou a mão em volta do cabo da espada. Cortana. A lâmina causou um borrão dourado no ar quando ela a sacou e apontou a ponta para a fada.

— Não — zombou a garota. — Sou uma jujuba. Essa é minha fantasia.

O ladrão fada pareceu confuso.

Emma suspirou.

— É tão difícil fazer piada com o Povo das Fadas. Vocês nunca entendem.

— Somos famosos por nossas brincadeiras, artimanhas e canções — disse o cavaleiro fada, claramente ofendido. — Algumas de nossas canções duram semanas.

— Não tenho esse tempo todo — respondeu Emma. — Sou Caçadora de Sombras. Responda rápido, morra jovem. — Ela balançou a ponta de Cortana impientemente. — Agora revire os bolsos.

— Não fiz nada para violar a Paz Fria — disse ele.

— *Tecnicamente* é verdade, mas condenamos roubos a mundanos — disse Emma. — Vire os bolsos ou vou arrancar um de seus chifres e enfiá-lo onde o sol não bate.

O cavaleiro fada pareceu confuso.

— Onde o sol não bate? É um enigma?

Emma soltou um suspiro martirizado e ergueu Cortana.

— Vire os bolsos ou vou começar a descascar seu tronco. Acabei de terminar com meu namorado, e meu humor não está dos melhores.

O ladrão começou a esvaziar lentamente os bolsos, encarando Emma durante todo o processo.

— Então você é solteira — disse ele. — Eu nunca imaginaria.

Um engasgo soou do alto.

— Isso é grosseria — disse Cristina, inclinando-se sobre a beira do telhado.

— Obrigada, Cristina — disse Emma. — Golpe baixo. E, para sua informação, garoto fada, eu terminei com ele.

A criatura deu de ombros. Foi um gesto bastante expressivo, que conseguia transmitir diversas formas de não dar a mínima ao mesmo tempo.

— Apesar de eu não saber por quê — disse Cristina. — Ele era muito legal.

Emma revirou os olhos. O ladrão fada continuava descarregando o que roubou — brincos, carteiras caras de couro, anéis de diamante caíam no chão em uma cacofonia brilhante. Emma se preparou. Ela não se importava com as joias ou com o roubo. Estava procurando por armas, livros de feitiços, qualquer sinal de magia das trevas que associasse às marcas nos pais.

— Os Ashdown e os Carstairs não se entendem — disse ela. — É um fato conhecido.

Com isso o cavaleiro fada pareceu congelar onde estava.

— Carstairs. — Ele cuspiu, os olhos amarelos fixos em Emma. — Você é Emma Carstairs?

Emma piscou os olhos, espantada. Ela olhou para cima; Cristina tinha desaparecido da beira do telhado.

— Eu realmente duvido que já nos conheçamos. Eu me lembraria de uma árvore falante.

— Lembraria? — Mãos espatuladas tremeram na lateral do corpo da fada. — Eu esperaria um tratamento mais cortês. Ou você e seus amigos do Instituto se esqueceram de Mark Blackthorn tão rápido assim?

— *Mark?* — Emma congelou, sem conseguir controlar a própria reação.

Naquele momento, algo brilhante veio em direção ao seu rosto. O ladrão tinha atirado um colar de diamantes nela. Ela desviou, mas a ponta do cordão a atingiu na bochecha. Ela sentiu uma dor ardida e o calor do sangue.

Emma se esticou, mas a criatura tinha desaparecido. Ela xingou, limpando o sangue do rosto.

— Emma! — gritou Cristina, que tinha descido do telhado e estava perto de um portão no muro. Uma saída de emergência. — Ele foi por aqui!

Emma correu naquela direção, e juntas elas arrombaram a porta e dispararam para um beco atrás do bar. Estava surpreendentemente escuro; alguém tinha quebrado as luzes próximas. Lixo jogado contra o muro fedia a comida estragada e álcool. Emma sentiu o símbolo de Visão de Longo Alcance arder; no final do beco viu o homem virar para a esquerda.

Ela partiu atrás dele, com Cristina ao seu lado. Tinha passado tanto tempo da vida correndo com Julian, que tinha dificuldades em ajustar seu ritmo ao de outra pessoa; seguiu em frente, correndo. Fadas eram velozes, eram conhecidas por isso. Ela e Cristina dobraram a esquina seguinte, onde o beco estreitava. A fada em fuga tinha juntado duas latas de lixo para bloquear a passagem. Emma pulou por cima, utilizando as lixeiras para tomar impulso, as botas batendo no metal.

Ela caiu para a frente e aterrissou em algo macio. Tecido rasgou sob suas unhas. Roupas. Roupas em um corpo humano. Roupas molhadas. O cheiro de água do mar e podridão estava por todos os lados. Ela estava olhando para um rosto inchado e morto.

Emma conteve um berro. Um instante mais tarde ela ouviu uma nova batida, e Cristina caiu ao seu lado. Emma ouviu a amiga soltar uma exclamação de espanto em espanhol. Em seguida, os braços de Cristina a envolveram, afastando-a do corpo. Ela aterrissou no asfalto, desconfortável, sem conseguir parar de olhar.

O corpo era inegavelmente humano. Um homem de meia-idade, ombros arredondados, os cabelos grisalhos volumosos como uma juba de leão. Partes da pele estavam queimadas, em preto e vermelho, bolhas se erguiam nos pontos onde as queimaduras eram piores, tal qual espuma em uma barra de sabão.

A camisa cinza estava rasgada; no peito e nos braços havia linhas de

símbolos pretos, não marcas de Caçadores de Sombras, mas uma letra demoníaca contorcida. Eram símbolos que Emma conhecia tão bem quanto conhecia as cicatrizes nas próprias mãos. Ela encarou obsessivamente fotos daquelas marcas durante cinco anos. Eram as marcas que a Clave encontrou nos corpos de seus pais quando foram assassinados.

— Você está bem? — perguntou Cristina.

Emma estava apoiada em uma parede de tijolos no beco — que tinha um cheiro muito questionável e estava coberta de spray —, encarando o cadáver do mundano e os Irmãos do Silêncio que o cercavam.

A primeira coisa que Emma fez assim que conseguiu pensar com clareza foi chamar os Irmãos e Diana. Agora ela questionava a própria decisão. Os Irmãos do Silêncio chegaram imediatamente e se espalharam em torno do corpo; às vezes, se viravam para falar uns com os outros com suas vozes silenciosas enquanto investigavam, analisavam e faziam anotações. Tinham levantado barreiras de proteção mágica para terem tempo de trabalhar antes da chegada da polícia mundana, mas — com educação e firmeza, usando apenas um pouquinho de força telepática — eles impediram Emma de se aproximar do corpo.

— Estou *furiosa* — disse ela. — Tenho que ver essas marcas. Tenho que tirar fotos delas. Foram *meus* pais que eles mataram. Não que os Irmãos do Silêncio se importem. Só conheci um Irmão do Silêncio decente, e ele deixou de ser um deles.

Os olhos de Cristina se arregalaram. De algum jeito, ela havia conseguido manter seu uniforme limpo durante toda a confusão; parecia animada, e suas bochechas estavam rosadas. Emma ficou imaginando que ela própria, com cabelos arrepiados e cheia de sujeira do beco nas roupas, lembrava uma alma penada.

— Não achei que fosse algo que a pessoa pudesse deixar de ser.

Os Irmãos do Silêncio eram Caçadores de Sombras que tinham escolhido se isolar do mundo, como monges, e dedicar suas vidas a estudar e curar. Eles ocupavam a Cidade do Silêncio, as grandes cavernas subterrâneas em que quase todos os Caçadores de Sombras eram enterrados quando morriam. As terríveis cicatrizes eram o resultado de símbolos fortes demais para a maioria das peles humanas, mesmo as de Caçadores de Sombras, mas eram também os símbolos que os faziam praticamente imortais. Eles atuavam como conselheiros, arquivistas e curandeiros — e também podiam brandir o poder da Espada Mortal.

Foram eles que realizaram a cerimônia *parabatai* de Emma e Julian.

Compareciam aos casamentos, aos nascimentos de crianças Nephilim e à morte delas também. Todo evento importante da vida de um Caçador de Sombras era marcado pela aparição de um Irmão do Silêncio.

Emma pensou no único Irmão do Silêncio de quem já havia gostado. Ela ainda sentia a falta dele, às vezes.

De repente, o beco se acendeu como a luz do dia. Piscando, Emma virou para ver uma picape familiar que encostou na entrada do beco, parando com os faróis ainda acesos; Diana Wrayburn saltou do banco do motorista.

Quando Diana teve que vir trabalhar como tutora das crianças do Instituto de Los Angeles há cinco anos, Emma achou que ela fosse a mulher mais linda que já vira. Era alta, magra e elegante, com a tatuagem prateada de uma carpa se destacando contra a pele escura de uma maçã do rosto curvilínea. Tinha olhos castanhos respingados de verde, que no momento brilhavam como chamas em fúria. Ela estava com um vestido preto na altura do tornozelo, que caía pelo seu corpo em dobras elegantes. Se parecia com a deusa romana da caça, em homenagem à qual foi batizada.

— Emma! Cristina! — Diana correu em direção a elas. — O que aconteceu? Vocês estão bem?

Por um instante, Emma parou de encarar e se permitiu aproveitar o abraço apertado. Diana sempre foi nova demais para Emma pensar nela como mãe, mas uma irmã mais velha, talvez. Uma pessoa protetora. Diana a soltou e abraçou Cristina também, que pareceu ficar assustada. Emma desconfiava que na casa de Cristina não eram muito chegados a abraçar.

— O que aconteceu? Por que você está tentando abrir um buraco no Irmão Enoch com o seu olhar?

— Estávamos patrulhando... — começou Emma.

— Vimos um homem fada roubando de humanos — acrescentou Cristina rapidamente.

— Sim, e eu o contive e mandei que esvaziasse os bolsos...

— Uma fada? — Um ar de inquietação passou pelo rosto de Diana. — Emma, você sabe que não deve confrontar nenhum integrante do Povo das Fadas, mesmo quando Cristina estiver com você...

— Já os combati antes — retrucou Emma.

E era verdade. Tanto ela quanto Diana tinham lutado em Alicante quando o exército de Crepusculares de Sebastian atacou. As ruas estavam cheias de guerreiros fada. Os adultos levaram as crianças e as prenderam no Salão dos Acordos, onde deveriam permanecer seguras. Mas as fadas violaram as trancas...

Diana esteve lá, atacando para a esquerda e para a direita com sua espada mortal, salvando dezenas de crianças. Emma foi uma das que foram salvas.

Desde então ela amava Diana.

— Eu tive uma sensação — continuou Emma —, de que algo maior e pior estava acontecendo. Segui a criatura quando ela correu. Sei que não devia ter feito isso, mas... encontrei esse corpo. E está coberto com as mesmas marcas pretas nos corpos dos meus pais. *As mesmas marcas*, Diana.

Diana voltou-se para Cristina.

— Pode nos dar um momento a sós por favor, Tina?

Cristina hesitou. Mas como hóspede do Instituto de Los Angeles, uma jovem Caçadora de Sombras de Licença, ela tinha que obedecer ao que os mais velhos do Instituto pediam. Com um olhar para Emma, ela se afastou, indo até onde o corpo se encontrava. Ele estava cercado por um círculo de Irmãos do Silêncio, como um bando de pássaros claros em suas túnicas. Eles jogavam uma espécie de pó brilhante sobre as marcações, ou, pelo menos, era o que parecia. Emma gostaria de poder chegar mais perto para ver.

Diana exalou.

— Emma, tem *certeza*?

Emma se segurou para não responder com irritação. Ela entendia por que Diana estava perguntando. Ao longo dos anos foram tantas pistas falsas; tantas ocasiões em que a menina achou que tivesse encontrado uma pista ou uma tradução para as marcas, ou uma história em um jornal mundano — e em todas as vezes ela se enganou.

— Só não quero que você cultive falsas esperanças — disse Diana.

— Eu sei — respondeu a menina. — Mas não devo ignorar. Não posso ignorar. Você acredita em mim. Sempre *acreditou* em mim, certo?

— Que Sebastian Morgenstern não matou seus pais? Ah, querida, você sabe que sim. — Diana afagou gentilmente o ombro de Emma. — Só não quero que se machuque, e sem Julian aqui...

Emma esperou que ela continuasse.

— Bem, sem Julian aqui, você sofre mais facilmente. *Parabatai* amortecem as coisas um para o outro. Sei que é forte, você é, mas isso é uma coisa que a feriu muito profundamente quando era apenas uma criança. É a Emma de 12 anos que reage a qualquer coisa que se relacione aos seus pais, e não a Emma quase adulta. — Diana estremeceu e a tocou no lado da cabeça. — O Irmão Enoch está me chamando — avisou. Irmãos do Silêncio conseguiam se comunicar com Caçadores de Sombras de forma telepática, de um jeito que só eles pudessem ouvir, apesar de eles também serem capazes de falar a grupos caso necessário. — Você pode voltar para o Instituto?

— Sim, mas se eu pudesse ver o corpo outra vez...

— Os Irmãos do Silêncio não permitem — respondeu Diana com firmeza. —

Vou descobrir o que for possível e conto para você? Combinado?

Emma assentiu, relutante.

— Combinado.

Diana foi para perto dos Irmãos do Silêncio, parando a fim de falar rapidamente com Cristina. Quando Emma alcançou o carro que estacionara, Cristina já tinha chegado junto dela, e ambas entraram no veículo em silêncio.

Emma ficou imóvel por um instante, esgotada, com as chaves do carro penduradas na mão. No espelho retrovisor, pôde ver o beco atrás delas, aceso como um estádio de beisebol pelos faróis poderosos da picape. Diana se movia entre os Irmãos do Silêncio vestidos com suas túnicas cor de pergaminho. O pó no chão parecia branco com a luz.

— Você está bem? — perguntou Cristina.

Emma virou para ela.

— Você tem que me falar o que viu — implorou. — Você chegou perto do corpo. Ouviu Diana falar alguma coisa para os Irmãos? São de fato as mesmas marcas?

— Não preciso responder isso — disse Cristina.

— Eu... — Emma se interrompeu. Sentia-se esgotada. Tinha estragado todo o plano da noite, perdeu o homem fada criminoso, perdeu a chance de examinar o corpo e provavelmente feriu os sentimentos de Cristina. — Sei que não. Sinto muito, Cristina. Não tive a intenção de metê-la em encrenca. É que...

— Eu não disse isso. — Cristina procurou no bolso do uniforme. — Eu disse que não precisava responder porque posso *mostrar*. Aqui. Olhe só. — Ela estendeu o telefone, e o coração de Emma acelerou: Cristina estava passando fotos que havia tirado do corpo, dos Irmãos, do beco, do sangue. Tudo.

— Cristina, eu te amo — disse Emma. — Eu me caso com você. *Caso com você*.

Cristina riu.

— Minha mãe já escolheu quem vai se casar comigo, lembra? Imagine o que ela diria se eu levasse você para casa.

— Não acha que ela gostaria mais de mim do que do Diego Perfeito?

— Acho que daria para ouvir os gritos de Idris.

Idris era a terra Natal dos Caçadores de Sombras, onde tinham sido criados pela primeira vez e onde a Clave se reunia. Ficava na interseção da França com a Alemanha e a Suíça, escondida dos mundanos por feitiços. A Guerra Maligna havia devastado sua capital, Alicante, que ainda estava sendo reconstruída.

Emma riu. Alívio corria por seu corpo. Tinham alguma coisa, afinal. Uma pista, como Tiberius diria, com a cabeça grudada em um romance policial.

De repente, sentindo saudade de Ty, ela esticou o braço para ligar o carro.

— Você realmente disse para aquele homem fada que terminou com Cameron, e não o contrário? — comentou Cristina.

— Por favor, não toque nesse assunto — retrucou Emma. — Não me orgulho disso.

Cristina riu com desdém. Não foi nada delicado.

— Pode ir para o meu quarto quando chegarmos? — perguntou Emma, piscando os faróis. — Quero mostrar uma coisa.

Cristina franziu o rosto.

— Não é uma estranha marca de nascimento ou uma verruga, é? Minha *abuela* uma vez disse que queria mostrar alguma coisa, e acabou sendo uma verruga na...

— Não é uma verruga! — Enquanto Emma saía com o carro e se juntava ao trânsito, ela sentiu ansiedade correndo pelas veias. Normalmente ficava exausta após uma luta, quando a adrenalina escoava.

Mas agora ela estava prestes a mostrar para Cristina algo que ninguém, além de Julian, jamais tinha visto. Algo de que ela própria não se orgulhava. Não podia deixar de imaginar como Cristina reagiria.

2

Nem os Anjos no Céu

— Julian diz que isto é meu Mural da Loucura — disse Emma.

Ela e Cristina estavam na frente do armário no quarto de Emma, cuja porta estava aberta.

O armário não continha roupas. O guarda-roupa de Emma, basicamente vestidos vintage e jeans comprados em brechós em Silver Lake e Santa Monica, ficava pendurado no outro roupeiro ou dobrado na cômoda. As paredes internas desse armário em seu quarto azul — o mural na parede, com andorinhas voando sobre as torres de um castelo, tinha sido feito por Julian quando ela se mudou, uma referência ao símbolo da família Carstairs — eram cobertas por fotos, recortes de jornal e anotações com a letra de Emma.

— Tudo é organizado por cor — explicou, apontado para as anotações. — Histórias de jornais mundanos, pesquisas sobre feitiços, pesquisas sobre línguas demoníacas, coisas que consegui extrair de Diana ao longo dos anos... Tudo que já encontrei que, de alguma forma, se relacione às mortes dos meus pais.

Cristina se aproximou para examinar as paredes, em seguida, girou de súbito e encarou Emma.

— Algumas dessas coisas parecem arquivos oficiais da Clave.

— E são — disse Emma. — Eu roubei o arquivo da sala da Consulesa em Idris quando tinha 12 anos.

— Você roubou isso de Jia Penhallow? — Cristina pareceu horrorizada. Emma não podia culpá-la. A Consulesa era a oficial mais alta eleita pela Clave: só o Inquisidor chegava perto em termos de poder e influência.

— Onde mais eu conseguiria fotos dos corpos de meus pais? — perguntou Emma, tirando o casaco e o colocando na cama. Ela usava uma camiseta por baixo, a brisa esfriando seus braços.

— Então, as fotos que tirei hoje, onde elas se encaixam?

Cristina as entregou para Emma. Ainda estavam úmidas — a primeira coisa que fizeram ao chegar ao Instituto foi imprimir as duas fotos mais nítidas dos corpos no beco. Emma se inclinou e as prendeu cuidadosamente ao lado das fotos da Clave dos corpos de seus pais, agora desbotadas pelo tempo e se curvando nas bordas.

Ela se inclinou para trás e olhou uma a uma. As marcas eram feias, espetadas, e era difícil se concentrar nelas. Pareciam se proteger contra a visão de alguém. Não era uma língua demoníaca identificada por ninguém, mas parecia que nenhuma mente humana teria sido capaz de concebê-la.

— E agora? — perguntou Cristina. — Quero dizer, qual é o seu plano para o próximo passo?

— Vou ver o que Diana me diz amanhã — respondeu Emma. — Ver se ela descobriu alguma coisa. Será que os Irmãos do Silêncio já sabem sobre os assassinatos de que Rook falou? Se não souberem, voltarei ao Mercado das Sombras. Vou catar qualquer dinheiro que eu tenha ou ficarei devendo um favor a Johnny Rook, não me importo. Se alguém está matando pessoas e cobrindo os corpos com essas marcas, então isso significa que... significa que Sebastian Morgenstern não matou meus pais há cinco anos. Significa que tenho razão e as mortes deles foram outra coisa.

— Pode não significar exatamente isso, Emma. — A voz de Cristina era gentil.

— Sou uma das poucas pessoas vivas que viu Sebastian Morgenstern atacar um Instituto — disse Emma. Era ao mesmo tempo uma de suas lembranças mais claras e um borrão: se lembrava de ter pegado o bebê Tavvy com Dru atrás dela, de carregá-lo pelo Instituto enquanto os Crepusculares de Sebastian uivavam; se lembrava da visão do próprio Sebastian, com cabelos brancos e olhos pretos, mortos e demoníacos; se lembrava do sangue e de Mark; se lembrava de Julian esperando por ela. — Eu o vi. Vi o rosto dele, os olhos, quando me encarou. Não é que eu não ache que ele poderia matar meus pais. Ele teria matado qualquer um que se colocasse em seu caminho. É que acho que ele não teria perdido tempo com isso. — Seus olhos arderam. — Só preciso de mais provas. Tenho que convencer a Clave. Porque, enquanto isso estiver nas costas de Sebastian, o verdadeiro assassino, a pessoa responsável, não será punida. E não acho que sou capaz de suportar isso.

— Emma. — Cristina tocou levemente o braço da menina. — Sabe que acho que o Anjo tem planos para nós. Para você, e o que eu puder fazer para ajudá-la, farei.

Emma sabia disso. Para muitos Caçadores de Sombras, o Anjo que criou a

raça dos Nephilim era uma figura distante. Para Cristina, Raziel era uma presença viva. No pescoço, ela usava uma medalha consagrada ao Anjo. Raziel era esculpido na frente, e havia palavras escritas em latim atrás: *Abençoado seja o Anjo, minha força, que guia minhas mãos na guerra e meus dedos na luta.*

Cristina frequentemente tocava a medalha: para pedir força, antes das provas, antes das batalhas. De muitas formas, Emma invejava Cristina pela fé que possuía. Às vezes, ela achava que as únicas coisas em que tinha fé eram na vingança e em Julian.

Emma encostou no mural, papel e anotações ásperos contra o ombro nu.

— Mesmo que isso signifique violar regras? Sei que você detesta isso.

— Não sou tão monótona quanto você parece achar. — Cristina bateu levemente no ombro de Emma, fingindo estar ofendida. — Enfim, não podemos fazer mais nada por hoje. O que ajudaria a distrair sua mente? Filmes ruins? Sorvete?

— Apresentá-la aos Blackthorn — respondeu Emma, se afastando da parede do armário.

— Mas eles não estão aqui. — Cristina olhou para Emma como se estivesse preocupada com a possibilidade de ela ter batido a cabeça.

— Não estão e estão. — Emma estendeu a mão. — Venha comigo.

Cristina se permitiu ser guiada pelo corredor. Era todo de madeira e vidro, as janelas tinham vista para o mar, para a areia e o deserto. Quando Emma se mudou para o Instituto, achou que eventualmente a vista fosse desbotar de sua consciência, que ela não fosse acordar toda manhã ainda impressionada com o azul do oceano e do céu. Isso não aconteceu. O mar ainda a fascinava, com sua superfície que mudava constantemente, e o deserto, com suas sombras e flores.

Ela agora podia ver o brilho da lua no mar através das janelas noturnas: prata e preto.

Emma e Cristina atravessaram o corredor. Emma parou no topo de uma grande escadaria que descia para a entrada do Instituto. Ficava exatamente no meio do Instituto, bifurcando para as alas norte e sul. Emma tinha escolhido deliberadamente um quarto, há anos, que ficava no lado oposto dos Blackthorn. Era uma forma silenciosa de declarar que ainda era uma Carstairs.

Ela se apoiou no corrimão e olhou para baixo, com Cristina ao seu lado. Institutos eram feitos para impressionar: eram locais de reuniões de Caçadores de Sombras, o coração dos Conclaves — comunidades de Nephilim locais. A entrada imponente, uma sala quadrada cujo ponto de foco era a enorme escadaria que levava aos outros andares, o chão de mármore preto e branco, decorado com móveis de aparência desconfortável, nos quais ninguém se sentava. Parecia a entrada de um museu.

Do patamar, dava para ver que os mármore brancos e pretos que estampavam o chão formavam o Anjo Raziel, que se erguia das águas do Lago Lyn, em Idris, e segurava dois dos Instrumentos Mortais — uma espada brilhante e um cálice de ouro.

Era uma imagem que toda criança Caçadora de Sombras conhecia. Há mil anos o Anjo Raziel foi invocado por Jonathan Caçador de Sombras, o pai de todos os Nephilim, para exterminar a praga dos demônios. Raziel presenteou Jonathan com os Instrumentos Mortais e o *Livro Gray*, no qual se encontravam todos os símbolos. Ele também misturou seu sangue a sangue humano e deu para que Jonathan e seus seguidores bebessem, permitindo que suas peles suportassem os símbolos e que os primeiros Nephilim fossem criados. A imagem de Raziel emergindo da água era sagrada para os Nephilim: chamava-se Tríptico e era vista nos lugares onde Caçadores de Sombras se encontravam ou onde morriam.

A imagem no chão da entrada do Instituto era um memorial. Quando Sebastian Morgenstern e seu exército de fadas invadiram o Instituto, o chão era todo de mármore liso. Após a Guerra Maligna, as crianças Blackthorn voltaram para o Instituto e viram que o cômodo onde tantos morreram estava sendo derrubado. As pedras onde Caçadores de Sombras sangraram foram substituídas, e o mural foi colocado para recordar os que morreram.

Toda vez que Emma passava por ali, se lembrava de seus pais e do pai de Julian. Ela não se incomodava; não queria esquecer.

— Quando você disse que estão e não estão, estava falando sobre Arthur estar aqui? — perguntou Cristina. Ela fitava o Anjo pensativamente.

— Definitivamente não. — Arthur Blackthorn era o diretor do Instituto de Los Angeles. Pelo menos, esse era o seu título. Ele era uma classicista, obcecado por mitologia grega e romana, constantemente trancado no sótão com fragmentos de cerâmica antiga, livros mofados, ensaios intermináveis e monografias. Emma achava que nunca o vira demonstrar qualquer interesse pela causa dos Caçadores de Sombras. Ela podia contar nos dedos as vezes em que Cristina o viu desde sua chegada ao Instituto. — Apesar de me impressionar o fato de você saber onde ele mora.

Cristina revirou os olhos.

— Não revire os olhos. Enfraquece meu momento dramático. Quero meu momento dramático intacto.

— Que momento dramático? — perguntou Cristina. — Por que me arrastou para cá quando eu quero tomar banho e trocar de roupa? Além disso, preciso de café.

— Você sempre precisa de café — disse Emma, voltando pelo corredor para

a outra ala da casa. — É um vício debilitante.

Cristina disse alguma coisa ofensiva baixinho em espanhol, mas seguiu Emma, a curiosidade claramente vencendo. Emma girou para poder andar de costas, como se fosse uma guia turística.

— Tudo bem, a maioria da família está na ala sul — explicou. — Primeira parada, quarto de Tavvy. — A porta do quarto de Octavian Blackthorn já estava aberta. Ele não ligava muito para privacidade por ter apenas 7 anos. Emma se inclinou para dentro, e Cristina, parecendo confusa, se inclinou ao lado dela.

O quarto continha uma pequena cama com uma colcha listrada colorida, uma casa de brinquedos quase da altura de Emma e uma tenda cheia de livros e brinquedos.

— Tavvy tem pesadelos — disse Emma. — Às vezes, Julian vem e dorme na tenda com ele.

Cristina sorriu.

— Di... minha mãe fazia isso comigo quando eu era pequena.

O quarto seguinte foi o de Drusilla. Dru tinha 13 anos e era obcecada por filmes de terror. Livros sobre filmes sangrentos e assassinos em série lotavam o chão. As paredes eram pretas, e pôsteres antigos de terror estavam colados sobre as janelas.

— Dru ama filmes de terror — disse Emma. — Qualquer coisa com “sangue”, “horror” ou “formatura”. Por que chamam de formatura, me pergunto...

— Tem a ver com “término de curso” — disse Cristina.

— Por que você fala a minha língua tão melhor do que eu?

— Não é sua língua — observou Cristina, enquanto Emma avançava pelo corredor. — Vem de *formatum*. É latim.

— Os gêmeos têm quartos um de frente para o outro. — Emma gesticulou para as duas portas fechadas. — Esse é o de Livvy. — Ela abriu a porta, revelando um quarto lindo, limpo e decorado. Alguém havia coberto caprichosamente a cabeceira da cama com um tecido estampado com xícaras de chá. Bijuterias brilhantes pendiam de telas pregadas nas paredes. Havia livros sobre computadores e linguagens de programação empilhados em fileiras cuidadosas perto da cama.

— Linguagens de programação! — exclamou Cristina. — Ela gosta de computadores?

— Ela e Ty — respondeu Emma. — Ty gosta de computadores. Ele gosta da forma como organizam padrões para que possa analisá-los, mas na verdade ele não é muito bom em matemática. Livvy cuida dessa parte, e eles trabalham em equipe.

O quarto seguinte era de Ty.

— Tiberius Nero Blackthorn — anunciou Emma. — Acho que os pais dele exageraram um pouco no nome. É como chamar alguém de Desgraçado Magnífico.

Cristina riu. O quarto de Ty era organizado, com livros alinhados por cores, e não em ordem alfabética. Cores que Ty mais gostava, como azul, dourado e verde, ficavam na frente do quarto e perto da cama. Cores das quais não gostava — laranja e roxo — eram relegadas a cantos e espaços perto da janela. Poderia parecer casual para outra pessoa, mas Emma sabia que Ty tinha consciência da localização de cada volume.

Na cabeceira ficavam seus livros preferidos: histórias de Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle. Ao lado deles, havia uma coleção de pequenos brinquedos. Julian os fez para Ty há anos, quando descobriu que ter alguma coisa nas mãos acalmava o irmão e o ajudava a se concentrar. Havia uma bola de panos limpadores de cachimbo e um cubo preto de plástico feito por peças que clicavam e podiam ser giradas para diferentes desenhos.

Cristina olhou para a expressão carinhosa de Emma e disse:

— Você já falou sobre Tiberius antes. É ele que adora animais.

Emma fez que sim com a cabeça.

— Ele vive lá fora, perturbando lagartos e esquilos. — Ela acenou o braço para indicar o deserto que se espalhava atrás do Instituto; terra virgem, sem casas ou ocupação humana, que se estendia até as encostas das montanhas que separavam a praia do Vale. — Espero que ele esteja se divertindo na Inglaterra, colecionando girinos, sapos e “sapos no buraco”*...

— Isso é um tipo de comida!

— Não pode ser — disse Emma, seguindo pelo corredor.

— É uma massa! — protestou Cristina, enquanto Emma ia até a porta seguinte e a abria. O interior do quarto era pintado quase com a mesma cor de azul que o mar e o céu lá fora. Durante o dia parecia parte deles, um azul eterno e flutuante. Murais cobriam as paredes com estampas elaboradas e, ao longo de uma parede de frente para o deserto, com o contorno de um castelo envolvido por um muro alto de espinhos. Um príncipe cavalgava em direção a ele, com a cabeça abaixada e a espada quebrada.

— *La Bella Durmiente* — disse Cristina. — *A Bela Adormecida*. Mas eu não me lembrava de que era tão triste ou de que o príncipe era tão derrotado. — Ela olhou para Emma. — Ele é um menino triste, Julian?

— Não — respondeu Emma, sem prestar muita atenção. Ela não entrava no quarto de Julian desde que ele viajara. Parecia que ele não o tinha arrumado antes de sair, e havia roupas no chão, desenhos incompletos sobre a mesa e até

uma xícara na cabeceira, que provavelmente continha café mofado. — Não é depressivo nem nada disso.

— Depressivo não é o mesmo que triste — observou Cristina.

Mas Emma não queria pensar em Julian triste, não agora, não quando ele estava tão perto de voltar para casa. Agora que já passava de meia-noite, ele tecnicamente voltava no dia seguinte. Ela sentiu uma onda de alegria e alívio.

— Vamos. — Ela saiu do quarto e atravessou o corredor, com Cristina atrás. Emma colocou a mão em uma porta fechada. Era de madeira, igual às outras, a superfície esfarrapada como se ninguém a limpasse ou lixasse há muito tempo.

— Esse era o quarto de Mark — explicou.

Todo Caçador de Sombras conhecia o nome de Mark Blackthorn. O menino meio fada, meio Nephilim que foi levado durante a guerra e integrado à Caçada Selvagem, as piores fadas. As que cavalgavam pelo céu uma vez por mês, atacando humanos, visitando campos de batalha, se alimentando de medo e morte, como falcões assassinos.

Mark sempre foi bondoso. Emma ficou imaginando se ainda era.

— Mark Blackthorn foi parte do motivo pelo qual vim para cá — disse Cristina, um pouco tímida. — Sempre tive a esperança de um dia conseguir um tratado melhor do que a Paz Fria. Algo mais justo com os seres do Submundo e com os Caçadores de Sombras que os amam.

Emma sentiu os olhos arregalarem.

— Eu não sabia. Você nunca me contou isso.

Cristina gesticulou ao redor.

— Você dividiu uma coisa comigo — falou a garota. — Dividiu os Blackthorn. Achei que eu devia compartilhar algo com você.

— Estou muito feliz que tenha vindo para cá — confessou Emma impulsivamente, e Cristina ruborizou. — Mesmo que tenha sido em parte por Mark. E mesmo que não me diga mais nada a respeito dos seus motivos.

Cristina deu de ombros.

— Eu gosto de Los Angeles. — Ela deu a Emma um sorriso tímido, de lado. — Tem certeza de que não quer filmes ruins e sorvete?

Emma respirou fundo. Ela se lembrou de uma vez em que Julian lhe disse que, quando as coisas se tornavam complicadas demais, ele se imaginava trancando certas situações e emoções em uma caixa. *Tranque longe, ele disse, e não vão incomodar. Elas desaparecem.*

Ela imaginou, agora, que estava pegando suas lembranças do corpo no beco, de Sebastian Morgenstern e da Clave, o término do namoro com Cameron, sua necessidade de respostas, sua raiva do mundo pela morte dos pais, e a ansiedade em ver Julian e trancando em uma caixa. Imaginou-se colocando a caixa em

algum lugar de fácil acesso, algum lugar onde poderia encontrá-la e reabrir.

— Emma? — chamou Cristina ansiosa. — Tudo bem? Você está com cara de quem vai vomitar.

A caixa fez um *clique* e se trancou. Em sua mente, Emma a deixou de lado; de volta ao mundo, sorriu para Cristina.

— Sorvete e filmes ruins parecem uma ótima ideia — respondeu. — Vamos.

O céu estava manchado de rosa no alto pelo pôr do sol. Emma desacelerou a corrida, puxando o ar com o coração acelerado no peito.

Normalmente Emma treinava à tarde e à noite, e corria pela manhã, mas ela havia acordado tarde depois de ter passado a noite quase toda acordada com Cristina. Passou o dia reorganizando suas provas de forma febril, ligando para Johnny Rook para tentar arrancar dele mais detalhes sobre os assassinatos, escrevendo anotações para o Mural da Loucura e esperando impacientemente que Diana aparecesse.

Ao contrário de muitos tutores, Diana não morava no Instituto com os Blackthorn: tinha a própria casa em Santa Monica. Tecnicamente, Diana não precisava ir ao Instituto aquele dia, mas Emma já tinha mandado pelo menos seis mensagens. Talvez sete. Cristina a impediu de mandar uma oitava, sugerindo que ela fosse correr para descarregar a ansiedade.

Ela se inclinou para a frente, com as mãos nos joelhos dobrados, tentando recuperar o fôlego. A praia estava praticamente deserta, exceto por alguns casais mundanos encerrando suas caminhadas românticas ao pôr do sol, voltando para os carros que deixaram estacionados na rodovia.

Ela ficou imaginando quantos quilômetros teria corrido por essa orla durante os anos em que morava no Instituto. Oito quilômetros por dia, todos os dias. E isso depois de pelos menos três horas na sala de treinamento. Metade das cicatrizes de Emma foram causadas por ela mesma, aprendendo a cair das vigas mais altas, se acostumando a enfrentar a dor ao treinar descalça... sobre vidro quebrado.

A pior de suas cicatrizes era no antebraço e também tinha sido feita por ela mesma, de certa forma. Veio de Cortana, no dia em que seus pais morreram. Julian tinha colocado a lâmina nos braços dela, e ela a segurou apesar do sangue e da dor, chorando enquanto cortava a pele. Tinha deixado uma longa linha branca em seu braço, uma que, às vezes, a deixava tímida em relação a usar mangas curtas ou vestidos sem manga. Ela se perguntava se outros Caçadores de Sombras viam a cicatriz e imaginavam de onde teria vindo.

Mas Julian nunca olhava.

Ela se esticou. Da orla, dava para ver o Instituto, todo de pedras e vidro, na colina sobre a praia. Ela podia ver o ressaltado do sótão de Arthur e até mesmo a janela escura do próprio quarto. Ela dormira inquieta à noite, sonhando com o mundano morto, as marcas em seu corpo, as marcas em seus pais. Tinha tentado conjurar uma visão do que faria quando descobrisse quem havia matado os dois. Como se qualquer dor física que ela pudesse impor ao responsável pudesse começar a compensar o que ela perdeu.

Julian também passou pelo sonho. Ela não sabia exatamente o que tinha sonhado, mas acordou com sua imagem clara na mente — Jules, alto e esguio, com seus cachos castanhos e os olhos azul-esverdeados hipnotizantes. Os cílios escuros e a pele pálida, a forma como ele roía as unhas quando estava nervoso, seu manejo confiante de armas, e o manejo ainda mais confiante de pincéis e tintas.

Julian, que chegaria no outro dia. Julian, que entenderia exatamente o que ela estava sentindo — quanto tempo ela esperou por uma pista sobre seus pais. Como ela agora tinha encontrado uma, o mundo de repente parecia cheio de possibilidades terrivelmente iminentes. Ela se lembrava do que Jem, o ex-Irmão do Silêncio que ajudou a presidir sua cerimônia *parabatai*, disse a respeito do que Julian era para ela: havia uma expressão em sua língua chinesa nativa, *zhi yin*. “Aquele que entende sua música.”

Emma não sabia tocar nenhuma nota em nenhum instrumento, mas Julian entendia sua música. Até a música da vingança.

Nuvens escuras vinham do oceano. Estava prestes a chover. Tentando tirar Jules da cabeça, Emma voltou a correr, subindo pela estrada de terra para o Instituto. Ao se aproximar da construção, ela engoliu em seco e observou. Havia um homem descendo pelos degraus. Ele era alto e esguio, e trajava um comprido casaco escuro. O cabelo era quase todo grisalho. Ele normalmente usava preto; ela desconfiava que fosse essa a origem de seu sobrenome. Ele não era um feiticeiro, Johnny Rook, mesmo que tivesse um nome apropriado para um. Ele era outra coisa.

Ele a viu, e seus olhos cor de âmbar se arregalaram. Ela acelerou, impedindo-o antes que ele pudesse virar e circular a casa para longe dela.

Ela parou na frente dele, bloqueando a passagem.

— O que você está fazendo aqui?

Os olhos dele vagaram, procurando uma rota de fuga.

— Nada. Só dando uma passada.

— Você falou alguma coisa sobre eu ter ido ao Mercado das Sombras para Diana? Porque se falou...

Ele se recompôs. Havia algo de estranho em seu rosto, assim como nos olhos;

tinha uma expressão quase afobada, como se algo terrível tivesse acontecido com ele quando era jovem, algo que abriu linhas como cicatrizes de faca em sua pele.

— Você não é diretora do Instituto, Emma Carstairs — disse ele. — A informação que lhe dei era boa.

— Você disse que ia ficar quieto!

— Emma. — O nome dela, dito com firmeza e precisão. Emma se virou lentamente e viu Diana, que a observava do alto da escada, o vento noturno soprando seus cabelos cacheados. Ela usava um vestido longo e elegante que a deixava alta e imponente. E também parecia absolutamente furiosa.

— Imagino que tenha recebido minhas mensagens — disse Emma. Diana não reagiu.

— Deixe o Sr. Rook em paz. Precisamos conversar. Quero vê-la em meu escritório em exatos dez minutos.

Diana virou e voltou para o Instituto. Emma lançou um olhar venenoso a Rook.

— Negócios com você deveriam ser secretos — falou, batendo com força o dedo no peito dele. — Talvez não tenha prometido que manteria a boca fechada, mas nós dois sabemos que é isso que as pessoas querem de você. É o que esperam.

Um pequeno sorriso se formou nos lábios dele.

— Você não me assusta, Emma Carstairs.

— Talvez devesse.

— Isso é que é engraçado em vocês, Nephilim — disse Rook. — Vocês sabem sobre o Submundo, mas não vivem nele. — Ele colocou os lábios no ouvido de Emma, desconfortavelmente perto. Seu hálito arrepiou os pelos da nuca de Emma ao falar. — Existem coisas muito mais assustadoras nesse mundo, Emma Carstairs.

Emma se afastou dele, virou e correu pela escada do Instituto.

Dez minutos depois, Emma estava diante da mesa de Diana, os cabelos, ainda molhados do banho, pingando no chão de mármore.

Apesar de Diana não morar no Instituto, ela tinha um escritório lá, uma sala confortável de canto, com vista para as montanhas. Emma podia vê-las se erguendo contra o crepúsculo, uma sombra azul e vegetação costeira. Começou a chover, escorrendo pelas janelas.

O escritório era escassamente decorado. Sobre a mesa havia uma foto de um homem alto com o braço em volta de uma garotinha que parecia Diana, apesar

de tão jovem. Estavam na frente de uma loja chamada FLECHA DE DIANA.

Havia flores no parapeito, que Diana colocara para alegrar o ambiente. Ela cruzou os braços sobre a mesa e olhou para Emma no mesmo nível.

— Você mentiu para mim ontem à noite — falou.

— Não menti — disse Emma. — Não exatamente. Eu...

— Não diga que omitiu, Emma — disse Diana. — Você sabe muito bem que não deve fazer isso.

— O que Johnny Rook disse? — perguntou Emma, e imediatamente se arrependeu. A expressão de Diana se fechou.

— Por que não me diz? — insistiu. — Aliás, diga o que fez e qual deveria ser o seu castigo. Isso parece justo?

Emma cruzou os braços desafiadoramente. Ela detestava ser pega, e Diana era ótima em fazê-lo. Diana era inteligente, o que normalmente era o máximo, mas não quando estava irritada.

Emma poderia contar para Diana o que achava que a estava irritando, e, talvez, assim, revelar mais do que Diana já sabia, ou podia ficar em silêncio, e talvez irritar Diana ainda mais. Após um momento de ponderação, ela disse:

— Eu deveria ter que cuidar de uma caixa de filhotinhos de gato. Você sabe o quanto gatinhos são cruéis, com as garras pequeninas e aquele comportamento horrível.

— Por falar em comportamento horrível — repetiu Diana. Ela estava brincando ociosamente com um lápis. — Você foi ao Mercado das Sombras, contrariando regras específicas. Você falou com Johnny Rook. Ele deu a dica de que haveria a desova de um corpo no Sepulcro, que poderia ter alguma relação com as mortes dos seus pais. Você não estava lá por acaso. Não estava patrulhando.

— Eu paguei a Rook para não dizer nada — murmurou a menina. — Confie nele!

Diana derrubou o lápis.

— Emma, o cara é conhecido como Rook, o Trapaceiro. Inclusive, ele não é apenas um trapaceiro: está na lista de observação da Clave porque trabalha com fadas sem permissão. Qualquer ser do Submundo ou mundano que trabalhe em segredo com fadas é excluído pelos Caçadores de Sombras e abre mão de sua proteção, você sabe disso.

Emma jogou as mãos para o alto.

— Mas essas são algumas das pessoas mais úteis que existem! Cortá-los não ajuda a Clave, mas pune os Caçadores de Sombras.

Diana balançou a cabeça.

— As regras são regras por um motivo. Ser Caçador de Sombras, um bom

Caçador de Sombras, é mais do que treinar catorze horas por dia e conhecer sessenta e cinco maneiras de matar um homem com pinças para saladas.

— Sessenta e sete — respondeu Emma automaticamente. — Diana, sinto muito. Sinto mesmo, principalmente por ter arrastado Cristina para essa história. Não é culpa dela.

— Ah, eu sei disso. — Diana continuava com uma carranca no rosto.

Emma seguiu falando:

— Ontem à noite, você disse que acreditava em mim. Quanto a Sebastian não ter matado meus pais. Quanto à história ser mais do que isso. As mortes deles não foram simplesmente... simplesmente Sebastian acabando com o Conclave. Alguém os queria mortos. As mortes deles significaram alguma coisa...

— A morte de todo mundo significa alguma coisa. — O tom de Diana era cortante, ela passou a mão nos olhos. — Conversei com os Irmãos do Silêncio ontem à noite. Descobri o que eles sabem. E, meu Deus, passei o dia dizendo a mim mesma que deveria mentir para você, passei o dia sofrendo com isso...

— Por favor — sussurrou Emma. — Por favor, não minta.

— Mas não posso. Lembro de quando cheguei aqui. Você era uma garotinha, tinha 12 anos de idade e estava destruída. Tinha perdido tudo. Só o que a segurava era Julian e sua necessidade de vingança. Que Sebastian não fosse a razão pela qual seus pais morreram, porque, se fosse, como você poderia puni-lo? — Ela respirou fundo. — Sei que Johnny Rook disse que ocorreram vários assassinatos. Ele tem razão. Doze, no total, contando o da noite passada. Nenhum rastro do assassino foi deixado. Todas as vítimas permanecem não identificadas. Dentes quebrados, carteiras desaparecidas, impressões digitais raspadas.

— E os Irmãos do Silêncio não sabiam disso? A Clave, o Conselho...?

— Sabiam. E é desta parte que você não vai gostar. — Diana bateu o vidro da mesa com as unhas dos dedos. — Vários dos mortos eram do Povo das Fadas. Isso faz do assunto uma questão para a Scholomance, os Centuriões e os Irmãos do Silêncio. Não para os Institutos. Os Irmãos do Silêncio sabiam. A Clave sabia. Eles não nos contaram, deliberadamente, porque não nos querem envolvidos.

— *Scholomance*?

A Scholomance era um pedaço vivo da história dos Caçadores de Sombras. Um castelo frio de torres e corredores esculpidos na lateral de uma montanha nos Cárpatos, existiu durante séculos como um lugar onde a maior parte da elite dos Caçadores de Sombras era treinada para lidar com as ameaças duplas de demônios e seres do Submundo. Foi fechada com a assinatura dos primeiros Acordos: uma demonstração de fé de que seres do Submundo e Caçadores de

Sombras não estavam mais em guerra.

Agora, com o advento da Paz Fria, tinha sido reaberta e estava funcionando outra vez. Era preciso passar por uma série muito difícil de testes para ser admitido, e o que se aprendia na escola não podia ser compartilhado com outros. Aqueles que se formavam se chamavam Centuriões, acadêmicos e guerreiros lendários; Emma jamais havia conhecido algum pessoalmente.

— Pode não ser justo, mas é verdade.

— Mas as marcas. Admitiram que eram as mesmas que viram nos corpos dos meus pais?

— Não admitiram nada — retrucou Diana. — Disseram que cuidariam do assunto. Disseram para não nos envolvermos, que a ordem tinha vindo do próprio Conselho.

— Os corpos? — disse Emma. — Os corpos se dissolveram quando tentaram movê-los, como os dos meus pais?

— Emma! — Diana se levantou. Seus cabelos formavam uma adorável nuvem escura ao redor do rosto. — Não interferimos com o que acontece com as fadas, não mais. É isso que a Paz Fria significa. A Clave não sugeriu, simplesmente, que não façamos isso. É proibido interferir em assuntos de fadas. Se você se envolver, pode haver consequências não só para você, mas para Julian.

Foi como se Diana tivesse pegado um dos pesos de papel da mesa e jogado no peito de Emma.

— Julian?

— O que ele faz todo ano? No aniversário da Paz Fria?

Emma pensou em Julian, sentado ali, naquele escritório. Ano após ano, desde que tinha 12 anos e cotovelos ralados e jeans rasgados. Ele se sentava pacientemente com caneta e tinta, escrevendo sua carta para a Clave, pedindo que sua irmã Helen voltasse da Ilha Wrangel.

A Ilha Wrangel era o local de todas as barreiras de proteção do mundo, um conjunto de feitiços mágicos que tinha sido levantado para proteger a Terra contra certos demônios há mil anos. Era também um bloquinho de gelo a milhares de quilômetros no Oceano Ártico. Quando a Paz Fria foi declarada, Helen foi mandada para lá; a Clave disse que era para que ela estudasse as barreiras, mas ninguém acreditava que fosse alguma coisa além de exílio.

Ela havia sido autorizada a fazer algumas viagens para casa desde então, inclusive a viagem para Idris quando se casou com Aline Penhallow, a filha da Consulesa. Mas nem essa forte relação pessoal podia libertá-la. Todo ano Julian escrevia. E todo ano lhe negavam.

Diana falou com voz mais suave.

— Todo ano a Clave nega, porque Helen pode ser leal ao Povo das Fadas. O que eles vão pensar se acharem que estamos investigando mortes de fadas contra as ordens deles? Como isso afetaria a chance de libertarem Helen?

— Julian ia querer que eu... — Emma começou.

— Julian cortaria a própria mão se você pedisse. Isso não significa que você deva pedir. — Diana esfregou as têmporas como se estivessem doendo. — Vingança não é família, Emma. Não é uma amiga e é uma amante fria. — Ela abaixou a mão e foi para perto da janela, olhando por cima do ombro para a menina. — Sabe por que aceitei esse trabalho, aqui no Instituto? Nada de respostas sarcásticas.

Emma olhou para o chão. Era feito de ladrilhos alternados em azul e branco; nos brancos havia desenhos: uma rosa, um castelo, um pináculo de igreja, um bando de pássaros, cada um diferente.

— Porque você estava em Alicante durante a Guerra Maligna — disse Emma, a voz estrangulada. — Você esteve presente quando Julian teve que... que conter o pai. Você nos viu lutar, achou que fôssemos corajosos e quis ajudar. Isso é o que você sempre disse.

— Eu tive alguém quando eu era mais nova, que me ajudou a me tornar quem realmente sou — falou Diana. Emma prestou atenção. Diana raramente falava sobre sua vida. Os Wrayburn foram uma família de Caçadores de Sombras bastante conhecida por muitas gerações, mas Diana era a última. Ela nunca falava sobre sua infância, sua família. Era como se sua vida tivesse começado quando ela assumiu a loja do pai em Alicante. — Eu queria ajudá-la a se tornar quem você realmente é.

— E quem eu sou?

— A melhor Caçadora de Sombras da sua geração — respondeu Diana. — Você treina e luta como ninguém. E é exatamente por isso que não quero vê-la desperdiçar seu potencial na busca de algo que não vai curar suas feridas.

Desperdiçar meu potencial? Diana não sabia, ela não entendia. Ninguém da família dela morreu na Guerra Maligna. E os pais de Emma não morreram lutando; foram assassinados, torturados e mutilados. Gritando por ela, talvez, naqueles momentos, curtos, longos ou intermináveis, entre a vida e a morte.

Ouviu-se uma batida forte na porta. Ela se abriu para revelar Cristina. Ela estava de calça jeans, um casaco e com as bochechas rosadas, como se estivesse constrangida por interromper.

— Os Blackthorn — avisou. — Eles chegaram.

Emma se esqueceu completamente do que estava prestes a falar para Diana e correu para a porta.

— Quê? Só era para chegarem amanhã!

Cristina deu de ombros sem saber o que dizer.

— Pode ser que seja outra família imensa que chegou de Portal.

Emma colocou a mão no peito. Cristina estava certa. Ela podia sentir: a dorzinha que permanecia atrás de suas costelas desde que Julian se foi, de repente, melhorou e piorou — menos dor, mais como uma borboleta voando desesperadamente sob seu coração.

Ela saiu correndo, os pés descalços batendo forte contra o chão polido do corredor. Chegou à escadaria e desceu dois degraus de cada vez, girando nos patamares. E agora também podia ouvir as vozes. Pensou ter ouvido a voz aguda e suave de Dru elevada em uma pergunta, e Livvy respondendo.

E então estava lá, na galeria do segundo andar que dava para a sala de estar. O espaço estava iluminado como se fosse dia, cheio de cores em redemoinho, restos de um Portal desbotando. No centro do recinto, estavam os Blackthorn: Julian se erguendo acima dos gêmeos de 15 anos, Livvy e Ty. Ao lado deles, Drusilla, segurando a mão do caçula, Tavvy, que parecia dormir em pé, a cabeça cacheada apoiada no braço de Dru, os olhos fechados.

— Vocês voltaram! — gritou a menina.

Todos olharam para ela. Os Blackthorn sempre foram uma família com muitas semelhanças físicas: tinham os mesmos cabelos cacheados e castanho-escuros, cor de chocolate amargo, e os mesmos olhos azul-esverdeados. Mas Ty, com seus olhos cinzentos, porte magro e cabelos pretos desalinhados parecia vir de outro ramo da família.

Dru e Livvy estavam sorrindo, e havia receptividade no aceno de cabeça de Ty, mas foi Julian que Emma viu. Ela sentiu o símbolo de *parabatai* no braço latejar quando ele a encarou.

Emma correu pelas escadas. Julian estava abaixando para falar alguma coisa para Dru. Em seguida, ele se virou e deu vários passos largos na direção de Emma. Ele preencheu a visão dela; era tudo que ela conseguia enxergar. Não só Julian como estava agora, caminhando até ela no chão com o desenho do Anjo, mas Julian lhe entregando as lâminas serafim às quais dera um nome, Julian sempre lhe dando um cobertor quando ela sentia frio no carro, Julian diante dela na Cidade do Silêncio, com fogo branco e dourado se elevando entre eles enquanto recitavam seus votos de *parabatai*.

Eles colidiram no meio da sala, e ela jogou os braços em volta dele.

— Jules — falou, mas o som foi abafado pelo ombro dele enquanto ele retribuía o abraço. Ela pôde ouvir os votos de *parabatai* no fundo da mente enquanto respirava o cheiro familiar dele: cravo, sabão e sal.

Onde fores, irei.

Por um momento, os braços dele ficaram tão apertados em volta dela que

Emma mal conseguiu respirar. Então ele a soltou e deu um passo para trás.

Emma quase se desequilibrou. Ela não esperava um abraço tão apertado nem um empurrão tão rápido.

Ele também parecia diferente. A mente dela não conseguiu assimilar.

— Pensei que viessem amanhã de manhã — comentou Emma. Ela tentou capturar o olhar de Julian, fazê-lo retribuir seu sorriso receptivo. Em vez disso, ele estava olhando para os irmãos como se estivesse contando para ter certeza de que estavam todos ali.

— Malcolm apareceu mais cedo — explicou a ela, por cima do próprio ombro. — Apareceu de repente na cozinha da tia Marjorie, de pijama. Disse que se esqueceu do fuso horário. Ela gritou descontroladamente.

Emma sentiu a tensão no peito passando. Malcolm Fade, o líder dos feiticeiros de Los Angeles, era amigo da família, e a excentricidade dele era uma piada antiga entre ela e Jules.

— Aí ele acidentalmente nos transportou para Londres, em vez de nos mandar para cá! — anunciou Livvy, avançando para abraçar Emma. — E tivemos que catar alguém para abrir outro Portal... Diana!

Livvy largou Emma e correu para cumprimentar a tutora. Por alguns instantes, tudo se tornou um burburinho: perguntas, cumprimentos e abraços. Tavvy tinha acordado e estava vagando com sono, puxando as mangas das pessoas. Emma afagou o cabelo dele.

Os seus serão os meus. A família de Julian se tornou a família de Emma quando eles se tornaram *parabatai*. Era quase como um casamento nesse ponto.

Emma olhou para Julian. Ele observava a família, com expressão concentrada. Como se tivesse se esquecido de que ela estava ali. E naquele momento sua mente pareceu acordar repentinamente e lhe apresentar um catálogo dos modos pelos quais ele parecia diferente.

Ele sempre teve cabelos curtos e práticos, mas deve ter se esquecido de cortá-los na Inglaterra: tinham crescido em cachos espessos e belos, típicos de um Blackthorn. As pontas estavam abaixo das orelhas. Ele estava bronzeado, e não é que ela não soubesse a cor dos olhos dele, mas agora pareciam, ao mesmo tempo, mais brilhantes e escuros, o intenso azul-esverdeado de um oceano a um quilômetro e meio da superfície. O formato do rosto também tinha mudado, moldando linhas mais adultas, perdendo a suavidade da infância, revelando a mandíbula que destacava seu queixo ligeiramente pontudo, um eco do padrão de asa de sua clavícula, visível logo abaixo do colarinho da camiseta.

Ela desviou o olhar. Para sua surpresa, o coração batia acelerado, como se ela estivesse nervosa. Afobada, Emma se abaixou para abraçar Tavvy.

— Você está banguela — constatou quando ele sorriu para ela. — Foi muito

descuidado.

— Dru me disse que fadas roubam seus dentes enquanto você dorme — revelou Tavvy.

— É porque eu contei isso a ela — falou Emma, se levantando. Sentiu um leve toque no ombro.

Era Julian. Com o dedo começou a traçar palavras na pele dela — era algo que sempre fizeram, desde que perceberam que precisavam de uma maneira para se comunicar silenciosamente durante sessões monótonas de estudo ou conversas com adultos. *V-O-C-Ê-E-S-T-Á-B-E-M?*

Ela acenou com a cabeça para ele. Julian olhava para ela com uma ligeira preocupação, o que foi um alívio. Pareceu familiar. Será que ele realmente estava tão diferente? Estava menos magro, mais musculoso, apesar de ser um músculo meio magro. Ele parecia um dos nadadores que ela admirava pela beleza. E continuava usando as mesmas pulseiras de couro, vidros do mar e conchas nos pulsos. As mãos continuavam com marcas de tinta. Ele continuava sendo Julian.

— Vocês estão todos bronzeados — comentava Diana. — Como estão tão bronzeados? Pensei que chovesse o tempo todo na Inglaterra!

— Eu não estou bronzeado — retrucou Tiberius, seguro. Era verdade, não estava. Ty detestava sol. Quando todos iam para a praia, ele normalmente ficava embaixo de um guarda-sol assustadoramente grande, lendo alguma história de detetive.

— Tia Marjorie nos fazia treinar ao ar livre o dia todo — explicou Livvy. — Bem, menos Tavvy. Ela deixava que ele ficasse lá dentro e lhe dava geleia de amora preta.

— Tiberius se escondia — disse Drusilla. — No celeiro.

— Não era esconderijo — argumentou Ty. — Era um retiro estratégico.

— Era esconderijo — teimou Dru, com uma careta se espalhando em seu rosto. As tranças saltavam de ambos os lados da cabeça, como as de Pippi Meialonga. Emma puxou uma delas afetuosamente.

— Não discuta com seu irmão — disse Julian, e olhou para Ty. — Não discuta com sua irmã. Vocês dois estão cansados.

— O que o cansaço tem a ver com não discutir? — perguntou Ty.

— Julian está querendo dizer que vocês todos deveriam ir dormir — disse Diana.

— São só oito horas! — protestou Emma. — Eles acabaram de chegar!

Diana apontou. Tavvy tinha se encolhido no chão e estava dormindo sob o feixe de luz de uma lâmpada, exatamente como um gato.

— Na Inglaterra, é muito mais tarde.

Livvy deu um passo para a frente e pegou Tavvy gentilmente. A cabeça dele se aconchegou no pescoço dela.

— Eu o coloco na cama.

Os olhos de Julian encontraram brevemente os de Diana.

— Obrigado, Livvy — falou ele. — Vou avisar ao tio Arthur que chegamos bem. — Ele olhou em volta e suspirou. — Podemos cuidar das malas amanhã cedo. Pessoal, para a cama.

Livvy resmungou alguma coisa; Emma não ouviu. Ficou confusa; mais do que confusa. Apesar de Julian ter respondido suas mensagens e ligações com respostas curtas e neutras, ela não estava preparada para um Julian de aparência diferente, e que parecia diferente. Ela queria que ele estivesse como sempre foi, com o sorriso que parecia reservado às interações deles.

Diana dava boa-noite, pegando as chaves e a bolsa. Aproveitando-se da distração, Emma esticou o braço para escrever suavemente com o dedo na pele de Julian.

P-R-E-C-I-S-O-C-O-N-V-E-R-S-A-R-C-O-M-V-O-C-Ê, ela escreveu.

Sem olhar para ela, Julian abaixou a própria mão e escreveu no braço dela. *S-O-B-R-E-O-Q-U-Ê-?*

A porta da entrada se abriu e fechou atrás de Diana, abrindo passagem para uma lufada fria de vento e chuva. Caiu água na bochecha de Emma quando ela virou para Julian.

— É importante — falou ela. Ficou imaginando se teria soado incrédula. Emma nunca tinha precisado dizer a ele que alguma coisa era importante. Se ela dizia que precisava falar com ele, ele sabia que era sério. — Só... — Ela diminuiu a voz. — Vá até o meu quarto depois que falar com Arthur.

Ele hesitou, só por um instante; as conchas e vidros do mar tilintaram quando ele tirou o cabelo do rosto. Livvy já estava subindo com Tavvy, e os outros iam atrás. Emma sentiu sua irritação imediatamente se transformar em culpa. Jules estava exausto, obviamente. Era só isso.

— A não ser que você esteja cansado demais — emendou.

Ele balançou a cabeça, com o rosto ilegível. E Emma sempre soube lhe interpretar o rosto.

— Eu vou — disse ele, e, em seguida, colocou a mão no ombro dela. Levemente, um gesto casual. Como se não tivessem passado dois meses separados. — É muito bom ver você outra vez — falou, e se virou para subir atrás de Livvy.

Era de se esperar que ele fosse falar com Arthur, Emma pensou. Alguém tinha que avisar ao excêntrico guardião que os Blackthorn estavam em casa. E era óbvio que ele estava cansado. E ele certamente parecia diferente: isso

aconteciam com as pessoas quando você ficava um tempo sem vê-las. Talvez um dia ou dois para voltarem ao que eram antes: íntimos. Inseparáveis. Seguros.

Ela colocou a mão no peito dele. Apesar de a dor que ela sentiu durante a estadia de Julian na Inglaterra ter passado (uma sensação de elástico esticado que ela detestava), Emma agora sentia uma nova e estranha dor perto do coração.

* *N da T: toads in the hole*, literalmente “sapos no buraco”, é um prato tradicional britânico feito de massa e salsicha.

3

A Lua Nunca Brilha sem me Fazer Sonhar

O sótão do Instituto estava mal iluminado. Havia duas claraboias no teto, mas tio Arthur as cobriu com papel pardo quando trouxe os livros e papéis para essa sala, dizendo que temia que a luz do sol danificasse seus delicados instrumentos de estudo.

Arthur e o irmão, Andrew, pai de Julian, foram criados por pais obcecados pelo período clássico: com grego antigo e latim, com contos de heróis, mitologia e história de Roma e da Grécia.

Julian cresceu ouvindo as histórias da *Ilíada* e da *Odisseia*, dos Argonautas e de *Eneida*, de homens e monstros, deuses e heróis. Mas enquanto Andrew tinha apenas apreciação pelos clássicos (uma apreciação que, sabidamente, o levou a dar aos filhos nomes em homenagem a imperadores e rainhas — Julian ainda era grato à mãe pelo fato de ser Julian, e não Julius, como seu pai queria), Arthur era obcecado por eles.

Ele trouxe centenas de livros da Inglaterra, e todos os anos desde que viera para cá, tinha enchido a sala com outras centenas mais. Eram organizados segundo um sistema que só Arthur entendia — *Antígona*, de Sófocles, sobre a *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, várias monografias e livros de capa vermelha, as páginas individuais espalhadas cuidadosamente sobre várias superfícies. Havia provavelmente seis mesas na sala: quando uma ficava cheia demais de papéis, pedaços de cerâmica e estátuas, o tio Arthur simplesmente comprava outra.

Ele estava sentado a uma das que ficavam no lado oeste da sala. Através de um rasgo no papel pardo que cobria a janela próxima, Julian viu um pedacinho do oceano azul. As mangas do velho casaco de Arthur estavam arregaçadas. Sob as bainhas esfarrapadas das calças, seus pés calçavam pantufas velhas. A

bengala, que ele raramente usava, fora apoiada contra uma parede.

— Aquiles tinha uma fórmix — murmurava ele —, com uma barra de prata; Hércules aprendeu a tocar cítara. Ambos os instrumentos foram traduzidos como “lira”, mas será que são a mesma coisa? Se são, por que duas palavras diferentes para os descrever?

— Olá, tio — disse Julian. Ele levantou a bandeja que carregava, na qual tinha colocado um jantar preparado apressadamente. — Estamos de volta.

Arthur virou lentamente, como um cachorro velho inclinando a cabeça cuidadosamente ao ouvir um grito.

— Andrew, que bom vê-lo — falou. — Estava pensando sobre os ideais gregos de amor. *Ágape*, é, óbvio, o mais elevado amor, o amor que os deuses sentem. E *Eros*, o amor romântico; *Philía*, o amor entre amigos, e *Storgé*, o amor dos familiares. O que você diria que nossos *parabatai* sentem? É mais próximo de *Philia* ou *Ágape*, considerando que *Eros*, obviamente, é proibido? E se for, somos agraciados com algo, na condição de Nephilim, que mundanos jamais podem entender, então como os gregos sabiam? Um paradoxo, Andrew...

Julian suspirou. A última coisa que ele queria fazer era conversar sobre o tipo de amor que *parabatai* sentiam um pelo outro. E ele não queria ser chamado pelo nome do pai morto. Desejou estar em outro lugar, em qualquer lugar, mas entrou assim mesmo e foi para onde a luz estava mais forte, onde o tio poderia ver seu rosto.

— É Julian. Eu disse que voltamos. Todos nós. Tavvy, Dru, os gêmeos...

Arthur o encarou com olhos azul-esverdeados confusos, e Julian lutou contra a sensação de coração apertado. Ele nem queria ter vindo ali; queria ter ido com Emma. Mas ele notou pela última mensagem de Diana que uma visita ao sótão seria necessária assim que chegasse.

Sempre foi obrigação dele. Sempre seria.

Ele colocou a bandeja na mesa, com cuidado, para evitar as pilhas de papel. Havia uma pilha de cartas a serem enviadas e anotações sobre patrulhas ao lado do cotovelo de Arthur. Não era enorme, mas não tão pequena quanto Julian gostaria que fosse.

— Eu trouxe o jantar para você.

Arthur olhou para a bandeja de comida como se fosse um objeto distante, mal discernível através de névoa, e franziu o cenho. Era uma tigela de sopa, rapidamente esquentada na cozinha, agora esfriando no ar frio do sótão. Julian tinha arrumado os talheres cuidadosamente em um guardanapo e colocou uma cesta de pães na bandeja, apesar de saber que, quando voltasse pela manhã para recolher a bandeja, a comida estaria praticamente intocada.

— Acha que é uma pista? — perguntou o tio Arthur.

— Se eu acho que é uma pista?

— A cítara e a fórmix. Elas se encaixam em um padrão, mas é um padrão tão amplo... — Tio Arthur se inclinou para trás com um suspiro, encarando a parede diante dele, onde centenas de papéis cobertos por anotações estavam grudados ou pregados. — A vida é curta, e a sabedoria é longa demais para ser aprendida — sussurrou.

— A vida não é tão curta assim — retrucou Julian. — Ou, pelo menos, não precisa ser. — Tinha sido para seus pais, ele supunha. Frequentemente o era para Caçadores de Sombras. Mas o que poderia ferir Arthur, escondido naquele sótão lotado de coisas? Ele provavelmente viveria mais que todos eles.

Pensou em Emma, nos riscos que ela corria, nas cicatrizes que ele via em seu corpo quando iam nadar ou treinavam. Ela tinha essa característica, o sangue de Caçadores de Sombras que arriscavam suas vidas por várias gerações, que viviam do oxigênio da adrenalina e da luta. Mas afastou o pensamento dela morrendo como aconteceu com seus pais; não era um pensamento que ele fosse capaz de suportar.

— Nenhum homem sob o céu vive duas vezes — murmurou Arthur, provavelmente citando alguma coisa. Normalmente citava. Ele estava olhando para a mesa outra vez, e parecia perdido em pensamentos. Julian se lembrou de anos antes e do chão do sótão coberto por impressões em sangue das mãos de Arthur. Foi na noite em que chamou Malcolm Fade pela primeira vez.

— Se já tem tudo o que precisa, tio — disse Julian, começando a se afastar.

Arthur levantou a cabeça. Por um instante, seu olhar estava tranquilo e focado.

— Você é um bom menino. — Ele disse a Julian. — Mas isso não vai ajudá-lo no final.

Julian congelou.

— Quê?

Mas Arthur já tinha voltado para os papéis.

Julian virou e desceu pelos degraus do sótão. Eles rangeram de forma familiar sob seus pés. O Instituto de Los Angeles não era particularmente antigo, certamente não tanto quanto os outros Institutos, mas alguma coisa no sótão parecia velha, empoeirada e destoava do restante do lugar.

Ele chegou à porta na base da escada. Por um instante, apoiou-se contra a parede, no escuro e no silêncio.

Silêncio era algo que ele raramente obtinha, a não ser que estivesse indo dormir. Normalmente estava cercado pelo constante barulho dos irmãos. Eles sempre estavam em volta, querendo atenção, precisando de ajuda.

Também pensou na casa na Inglaterra, no zumbido quieto das abelhas no

jardim, no silêncio sob as árvores. Tudo verde e azul, tão diferente do deserto, com aquele marrom seco e dourado murcho. Ele não queria ter deixado Emma, mas ao mesmo tempo achou que isso pudesse ajudar. Como um viciado se afastando do vício.

Chega. Não adiantava pensar em certas coisas. No escuro e nas sombras onde moravam os segredos, era ali que Julian sobrevivia. Foi como conseguiu durante anos.

Respirando fundo, ele voltou para o corredor.

Emma estava na praia. Não havia mais ninguém ali; estava completamente deserta. Vastos terrenos de areia se espalhavam por todos os lados, brilhando com pontos de mica sob o sol coberto por nuvens.

O mar estava diante dela. Era tão lindo e mortal quanto as criaturas que o habitavam: os grandes tubarões brancos, com suas laterais espessas e claras; as orcas pretas e brancas, que pareciam uma espreguiçadeira do período eduardiano. Emma olhou para o oceano e sentiu o que sempre sentia: uma mistura de desejo e pavor, uma vontade de se jogar no frio verde, semelhante ao desejo de dirigir muito rápido, pular muito alto, lutar sem armas.

Tânato, Arthur diria. O desejo do coração pela morte.

O mar soltou um grande grito, como o grito de um animal, e começou a recuar. Afastou-se dela, deixando peixes moribundos se debatendo atrás, montes de alga, ruínas de navios naufragados, detritos do fundo do mar. Emma sabia que deveria correr, mas ficou paralisada enquanto a água se acumulava em uma torre, uma parede imensa com laterais claras — ela pôde ver golfinhos enormes e tubarões se debatendo, presos nas laterais ferventes. Ela gritou e caiu de joelhos ao ver os corpos dos pais, presos na água que se elevava, como se eles estivessem presos em um enorme caixão de vidro; sua mãe, com o corpo molenga se contorcendo, a mão de seu pai se esticando para ela através da espuma e das bolhas das ondas...

Emma sentou-se assustada, alcançando Cortana, que estava na cabeceira. Sua mão escorregou, no entanto, e a espada caiu no chão. Ela se inclinou para o abajur e o acendeu.

Uma luz amarela calorosa preencheu o quarto. Ela olhou em volta, piscando. Tinha caído no sono de pijama, por cima da coberta.

Jogou as pernas para a beirada da cama, esfregando os olhos. Emma tinha se deitado para esperar por Jules, com a porta do armário aberta, e a luz acesa.

Ela queria mostrar as novas fotos para Julian. Queria contar tudo para ele, ouvir a voz dele: calma, familiar, carinhosa. Ouvi-lo ajudá-la a descobrir o que

fazer em seguida.

Mas Julian não apareceu.

Ela se levantou, pegando um casaco na parte de trás de uma cadeira. Uma rápida olhada para o relógio na cabeceira a informou de que eram quase três da manhã. Ela fez uma careta e saiu para o corredor.

Estava escuro e silencioso. Nenhuma listra de luz sob as portas indicava alguém acordado. Ela caminhou pelo corredor para o quarto de Julian, abriu a porta e entrou.

Quase esperava que ele não estivesse ali. Achou que talvez tivesse ido para o estúdio — certamente tinha sentido saudade de pintar enquanto esteve fora —, mas ele estava espalhado na cama, dormindo.

O quarto estava mais iluminado do que o corredor lá fora. A janela tinha vista para a lua, que se pendurava sobre as montanhas, e a luminosidade branca emoldurava em prata tudo no quarto. Os cabelos pretos e cacheados de Julian estavam espalhados sobre o travesseiro, os cílios escuros completamente pretos. Sombreavam as maçãs do rosto, finos e suaves como fuligem.

Ele esticara o braço por trás da cabeça e, com isso, a camisa estava levantada. Ela desviou o olhar da pele exposta sob a bainha e foi até a cama, estendendo o braço para tocá-lo no ombro.

— Julian — chamou suavemente. — Jules.

Ele se mexeu, abrindo os olhos lentamente. Ao luar eles pareciam cinza-prateados, como os de Ty.

— Emma — falou ele, a voz rouca de sono.

Pensei que você fosse até o meu quarto, ela queria dizer, mas não conseguiu: ele parecia tão cansado que derreteu seu coração. Ela esticou a mão para tirar o cabelo dos olhos dele, parou, e, em vez disso, o tocou no ombro. Ele rolou para o lado; ela reconheceu a camiseta desbotada e a calça de moletom que ele vestia.

Os olhos dele estavam começando a fechar outra vez.

— Jules — falou impulsivamente. — Posso ficar aqui?

Era o código deles, a versão abreviada de um pedido mais longo: *fique e me faça esquecer os pesadelos. Fique e durma ao meu lado. Fique e espante os sonhos ruins, as lembranças de sangue, de pais mortos, de guerreiros Crepusculares com olhos como carvões mortos.*

Era um pedido que ambos já tinham feito, mais de uma vez. Desde que eram pequenos, deitavam na cama um do outro para dormir. Emma uma vez imaginou os sonhos se misturando enquanto adormeciam juntos, compartilhando pedacinhos dos mundos adormecidos um do outro. Era uma das coisas sobre *parabatai* que transformavam isso na magia que ela tanto desejou: de certa forma, significava que a pessoa nunca estaria sozinha. Acordada e dormindo, na

batalha e fora dela, sempre teria alguém ao seu lado, ligada a sua vida, suas esperanças e felicidade, um apoio quase perfeito.

Ele se afastou para o lado, com os olhos semiabertos, a voz abafada.

— Fique.

Ela entrou embaixo das cobertas ao lado dele. Julian abriu espaço para ela, o corpo comprido dobrando e desdobrando. Na parte afundada que o corpo dele deixou, os lençóis estavam mornos e com cheiro de cravo e sabão.

Ela continuava tremendo. Aproximou-se mais dele, sentindo o calor irradiando. Ele dormia de costas, com um braço dobrado atrás da cabeça, a outra mão esticada sobre a barriga. As pulseiras brilhavam à luz da lua. Ele a encarou — Emma sabia que ele a tinha visto chegando mais para perto —, e então os olhos dele brilharam antes de ele os fechar deliberadamente, os cílios escuros caindo sobre as maçãs do rosto.

A respiração de Julian começou a se acalmar quase imediatamente. Ele estava dormindo, mas Emma ficou acordada, olhando para ele, para o peito subindo e descendo, um metrônomo firme.

Eles não se tocaram. Raramente o faziam quando dormiam na mesma cama. Quando crianças, brigavam pelas cobertas, às vezes, empilhavam livros entre eles para resolver discussões a respeito de quem estava invadindo o espaço de quem. Agora já tinham aprendido a dormir no mesmo lugar, mas mantinham a distância dos livros entre si, uma lembrança compartilhada.

Ela podia ouvir o mar batendo ao longe; podia ver a parede verde de água do sonho subindo atrás de suas pálpebras. Mas tudo parecia distante, a batida aterrorizante das ondas afogada pela respiração suave de seu *parabatai*.

Um dia ela e Julian estariam casados, com outras pessoas. Não poderiam mais pular para a cama um do outro. Não trocariam mais segredos à meia-noite. A intimidade não deixaria de existir, mas tomaria uma nova forma. Ela teria que aprender a conviver com isso.

Um dia. Mas não ainda.

Quando Emma acordou, Julian não estava mais lá.

Ela se sentou meio grogue. A manhã já estava na metade, mais tarde do que ela costumava se levantar, e o quarto, iluminado por um tom de rosa e dourado. Os lençóis azuis de Julian e o cobertor se embolavam ao pé da cama. Quando Emma colocou a mão no travesseiro, ainda estava morno — ele provavelmente tinha acabado de sair.

Ela afastou os sentimentos de inquietação por ele ter saído sem dizer nada. Provavelmente não quis acordá-la; Julian sempre teve sono agitado, e o fuso

horário certamente não ajudava. Dizendo a si mesma que não tinha nada de mais, ela voltou para o quarto, vestiu uma leggings e uma camiseta, e calçou os chinelos.

Normalmente ela iria primeiro ao estúdio de Julian, mas deu para ver com um olhar através da janela que era um dia ensolarado e esplendoroso de verão. O céu estava cheio de pinceladas leves de nuvens brancas. O mar brilhava, a superfície dançando com manchas douradas. Ao longe Emma notou pontinhos pretos que eram os surfistas boiando na superfície.

Ela sabia que ele sentia falta do mar — soube pelas breves e escassas mensagens de texto que ele mandou da Inglaterra. Ela cruzou o Instituto e percorreu a trilha que levava à estrada, depois a atravessou, evitando vans de surfistas e conversíveis luxuosos a caminho do Nobu.

Ele estava exatamente onde ela pensou que estaria ao chegar na praia: olhando a água e o sol, o ar salgado levantando seus cabelos e soprando a camiseta. Emma ficou imaginando há quanto tempo ele estaria ali, com as mãos nos bolsos da calça.

Ela deu um passo hesitante na areia úmida.

— Jules?

Ele se virou para olhar para ela. Por um instante pareceu confuso, como se estivesse olhando para o sol, apesar de estar acima deles — Emma podia sentir seu calor, vibrante e quente nas costas.

Ele sorriu. Uma onda de alívio passou por ela. Era o sorriso familiar de Julian, aquele que iluminava o seu rosto. Ela correu para a beira da água: a maré estava vindo, deslizando pela praia até as pontas dos sapatos do rapaz.

— Você acordou cedo — disse Emma, pisando nas poças na direção dele. A água formou pequenos caminhos prateados na areia.

— É quase meio-dia — falou ele. A voz soou normal, mas ele continuava parecendo diferente, estranhamente diferente: o formato do rosto, os ombros sob a camiseta. — Sobre o que você queria conversar comigo?

— Quê? — Emma foi pega de surpresa, tanto pela diferença nele, quanto pela súbita pergunta.

— Ontem à noite — explicou ele. — Você disse que queria conversar comigo. Que tal agora?

— Tudo bem. — Emma olhou para as gaivotas voando pelo alto. — Vamos sentar. Não quero me encharcar quando a maré subir.

Eles se sentaram mais afastados do mar, onde a areia estava aquecida pela luz do sol. Emma tirou os sapatos e enterrou os dedos do pé, deliciando-se com a sensação granulosa. Julian riu.

Ela o olhou de lado.

— Que foi?

— Você e a praia — disse ele. — Você ama a areia, mas detesta a água.

— Eu sei — retrucou Emma, arregalando os olhos para ele. — Não é irônico?

— Não é irônico. Ironia é o resultado inesperado de uma situação esperada.

Essa é só uma das suas manias.

— Você me choca — disse Emma, pegando o telefone. — Estou chocada.

— Sarcasmo devidamente notado — rebateu ele, virando o telefone em sua mão direita.

As fotos de Cristina da noite anterior já tinham carregado. Enquanto ele passava os olhos por elas, Emma explicou que seguiu uma dica de Johnny Rook até o Sepulcro, a maneira como encontrou o corpo e a bronca de Diana após a visita de Rook ao Instituto. Enquanto falava, relaxou, e suas novas percepções estranhas sobre Julian desapareceram. Isso era normal, eram eles como sempre foram: conversando, ouvindo, agindo como *parabatai*.

— Sei que são as mesmas marcas. — Ela concluiu. — Eu não perdi o juízo, perdi?

Julian olhou para ela.

— Não — disse ele. — Mas Diana acha que, se você investigar isso, vai comprometer a boa vontade da Clave em permitir que Helen volte?

— É. — Emma hesitou, em seguida, esticou o braço e pegou a mão dele. A pulseira de vidro marinho no pulso esquerdo tilintou musicalmente. Ela sentiu os calos dele em seus dedos, tão familiares quanto um mapa do próprio quarto. — Eu jamais faria nada para machucar Helen, Mark ou você — emendou ela. — Se você achar que Diana tem razão, não farei nada. — Ela engoliu em seco. — Vou deixar quieto.

Julian olhou para os dedos entrelaçados dos dois. Ele estava parado, mas a pulsação tinha acelerado na base da garganta; ela a pôde ver batendo, forte. Deve ter sido a menção à irmã dele.

— Já se passaram cinco anos — disse ele, e puxou a mão de volta. Julian não a arrancou da mão dela, nem nada parecido, apenas a retraiu ao se virar para a água. Um movimento completamente natural, mas que ainda assim a deixou inquieta. — A Clave não cedeu nem um pouco em relação a permitir o retorno de Helen. Não cedeu quanto a procurar Mark. E também não cedeu em relação a cogitar que Sebastian não tenha matado seus pais. Me parece errado sacrificar a possibilidade de descobrir o que aconteceu com seus pais por uma esperança vã.

— Não diga que é vã, Jules...

— Há também uma outra forma de se pensar nisso — disse ele, e ela praticamente viu as peças girando no cérebro veloz de Julian. — Se você resolver essa questão, se nós resolvermos, a Clave ficaria em dívida conosco.

Concordo com você que não importa quem tenha matado seus pais, não foi Sebastian Morgenstern. Estamos procurando um demônio ou alguma outra força que tem o poder de assassinar Caçadores de Sombras e escapar ileso. Se derrotarmos algo assim...

A cabeça de Emma estava começando a doer. O elástico apertava seu rabo de cavalo; ela levantou a mão para soltá-lo.

— Aí nos concederiam privilégios, você quer dizer? Porque todos estariam vendo?

— Teriam que fazer isso — respondeu Julian. — Se todos soubessem o que fizemos. E poderíamos nos certificar de que todos soubessem. — Ele hesitou. — Nós temos contatos.

— Não está falando de Jem, está? — perguntou Emma. — Porque não sei como entrar em contato com ele.

— Não estou falando de Jem e Tessa.

— Então Jace e Clary — emendou a menina.

Jace Herondale e Clary Fairchild controlavam o Instituto de Nova York. Eram os Caçadores de Sombras mais jovens a deterem uma posição tão importante. Emma era amiga de Clary desde os 12 anos de idade, quando Clary a seguiu para fora do Salão do Conselho em Idris, a única pessoa em toda Clave, ao que parecia, que se importava com o fato de que ela havia perdido os pais.

Jace provavelmente era um dos melhores Caçadores de Sombras que já viveram, apenas por suas proezas em combate. Clary nasceu com um talento diferente: ela conseguia criar símbolos. Era algo que nenhum Caçador de Sombras jamais conseguiu fazer. Uma vez ela explicou a Emma que não conseguia forçar os símbolos a saírem dela; eles saíam ou não. Ao longo dos anos ela acrescentou diversos símbolos úteis ao *Livro Gray*: um para respirar embaixo d'água, outro para correr longas distâncias e um bastante controverso para fins anticoncepcionais que, apesar de tudo, se tornou um dos mais utilizados do dicionário de símbolos.

Todos conheciam Jace e Clary. Era assim que funcionava quando você salvava o mundo. Para a maioria das pessoas, eles eram heróis — para Emma, eram pessoas que lhe estenderam a mão na pior fase de sua vida.

— É. — Julian esticou o braço e coçou a própria nuca. Ele parecia cansado. Havia um leve brilho na pele sob seus olhos, como se estivesse esticada por exaustão. Ele mordeu os lábios de nervoso, como sempre fazia quando estava ansioso ou inquieto. — Quero dizer, eles são dois dos diretores de Instituto mais jovens de todos os tempos. E veja o que a Clave fez por Simon, e por Magnus e Alec. Quando você é um herói, fazem muito por você. — Julian se levantou, e Emma se ergueu com ele, tirando o elástico do rabo de cavalo. O cabelo se

soltou, caindo em ondas pelos ombros e pelas costas. Julian olhou rapidamente para ela, em seguida desviou o olhar.

— Jules. — Ela começou.

Mas ele já tinha virado as costas, voltando pela estrada.

Ela enfiou os pés nos sapatos e o alcançou onde a areia subia para o pavimento.

— Está tudo bem?

— Está, sim. Tome, desculpa, esqueci de devolver. — Ele entregou o telefone a Emma. — Olha, a Clave faz as próprias regras. E vive pelas regras. Mas isso não significa que, com a pressão correta, a regra não mude.

— Você está sendo enigmático.

Ele sorriu, os cantos dos olhos enrugando.

— Eles não gostam de deixar Caçadores de Sombras jovens como nós se envolverem com questões sérias. Jamais gostaram. Mas Jace, Clary, Alec e Isabelle salvaram o mundo quando tinham a nossa idade. Foram honrados por isso. Resultado: é isso que faz com que mudem de ideia.

Tinham chegado à estrada. Emma levantou o olhar para as colinas. O Instituto empoleirava-se sobre uma falésia baixa na estrada da costa.

— Julian Blackthorn — anunciou Emma enquanto atravessavam a rua. — Seu revolucionário.

— Então vamos investigar, mas discretamente — disse Julian. — Primeiro passo: comparar as fotos do corpo que você encontrou com as fotos dos corpos dos seus pais. Todo mundo vai querer ajudar. Não se preocupe.

Estavam na metade do caminho para a estrada do Instituto. Mesmo àquela hora havia trânsito, mundanos indo para o centro trabalhar. O sol brilhava em seus para-brisas.

— E se descobirmos que as marcas não passam de bobagens? E se for só algum lunático aleatório em uma onda de assassinatos?

— Não pode ser uma onda. Ondas acontecem de uma vez, mas em lugares diferentes. Tipo, se você vai de um lugar para o outro atirando em pessoas, isso é uma onda.

— Então o que é isso? Assassinato em massa?

— Assassinatos em massa também acontecem ao mesmo tempo, mas no mesmo lugar. — Julian respondeu com segurança, com o mesmo tom que utilizava para dizer a Tavvy que ele não podia comer cereal com açúcar no café da manhã. — Definitivamente é um assassino em série. Isso acontece quando os assassinatos são espaçados ao longo do tempo.

— É perturbador que você saiba disso — comentou Emma.

Na frente do Instituto, na beira da falésia, havia um trecho de gramado seco

pelo sol, cercado por grama marinha e vegetação. A família passava pouco tempo lá: muito perto da estrada, sem sombra e cheio de plantas que espetavam.

— Dru está com mania de crimes agora — falou Jules. Tinham chegado à escadaria do Instituto. — Você não acreditaria o quanto ela me falou sobre ocultar um cadáver.

Emma o ultrapassou, parou três degraus acima de Julian e se virou para olhar para ele.

— Estou mais alta do que você — anunciou.

Era uma brincadeira que faziam quando pequenos, Emma sempre jurando que estava mais alta do que ele, até finalmente desistir quando ele fez 14 anos e espichou 12 centímetros.

Julian olhou para ela. O sol brilhava diretamente nos olhos dele, cobrindo o azul-esverdeado com dourado, deixando-os parecidos com a pátina que brilhava no vidro romano que Arthur colecionava.

— Em — falou ele. — Por mais que a gente brinque, você sabe que levo isso a sério. São seus pais. Você *merece* saber o que aconteceu.

Ela sentiu um nó súbito na garganta.

— Estou com uma sensação diferente — sussurrou ela. — Sei quantas vezes pensei que tinha achado alguma coisa e acabou não sendo nada, ou segui uma pista falsa, mas isso parece diferente, Jules. Parece real.

O telefone dela tocou. Emma desviou o olhar de Jules e o tirou do bolso. Quando viu o nome na tela, fez uma careta e guardou o aparelho de volta. Jules ergueu uma sobrancelha, mas a expressão era neutra.

— Cameron Ashdown? — disse ele. — Por que você não atendeu?

— Não estou a fim. — As palavras saíram e quase a surpreenderam. Ela se perguntou por que não contava para ele. *Eu e Cameron terminamos.*

A porta da frente abriu com uma batida.

— Emma! Jules!

Eram Drusilla e Tavvy, ambos ainda de pijama. Tavvy trazia um pirulito em uma mão e o lambia. Ao ver Emma, seus olhos brilharam e ele correu para ela.

— Emma! — falou por cima do doce.

Ela o puxou para perto e o abraçou, apertando até ele rir.

— Tavvy! — gritou Julian. — Não corra com o pirulito na boca. Você pode se engasgar.

Tavvy tirou o pirulito e ficou olhando como alguém olharia para uma arma carregada.

— E morrer?

— Terrivelmente — respondeu Julian. — Fatalmente, fatalmente morreria.

— Ele olhou para Drusilla, que estava com as mãos nos quadris. O pijama preto

era decorado por desenhos de serras elétricas e esqueletos. — E aí, Dru?

— Hoje é sexta-feira — disse Drusilla. — Dia de panqueca. Você se lembra? Você prometeu.

— Ah, certo, prometi. — Julian puxou afetuosamente uma das tranças da irmã. — Pode acordar Livvy e Ty, e eu...

— Eles já estão acordados — declarou a menina. — Estão na cozinha. Esperando. — Ela olhou fixamente para ele.

Julian sorriu.

— Muito bem, já estou indo. — Ele pegou Tavvy e o colocou na entrada. — Vocês dois vão para a cozinha tranquilizar os gêmeos antes que eles se desesperem e resolvam cozinhar sozinhos.

Eles saíram correndo, rindo. Julian olhou para Emma com um suspiro.

— Fui pirulitado — falou, apontando para onde Tavvy tinha conseguido deixar uma marca azul açucarada no colarinho da camisa.

— Distintivo de honra. — Emma riu. — A gente se vê na cozinha. Preciso de um banho. — Ela correu pela escada, parando na porta aberta a fim de olhar para ele. Emoldurados pelo céu e pelo mar, os olhos de Julian pareciam parte da paisagem. — Jules... você queria me perguntar alguma coisa?

Ele desviou o olhar, balançando a cabeça.

— Não. Nada.

Alguém estava sacudindo Cristina pelo ombro. Ela acordou lentamente, piscando. Estava sonhando com sua casa, com o calor do verão, a sombra dos jardins de inverno do Instituto, as rosas que a mãe cultivava em um clima nem sempre favorável a flores delicadas. Rosas amarelas eram as favoritas, por serem a flor favorita de seu escritor favorito, mas rosas de qualquer cor eram necessárias para iluminar o orgulhoso nome de Rosales.

Cristina estava caminhando em um jardim, prestes a dobrar uma esquina, quando ouviu o murmúrio de vozes familiares. Ela acelerou, com um sorriso se espalhando no rosto. Jaime e Diego... o amigo mais antigo e o primeiro amor. Certamente ficariam felizes em vê-la.

Dobrou a esquina e ficou observando. Não havia ninguém. Só o eco de vozes, o som distante de risadas zombeteiras carregadas pelo vento.

A sombra e as pétalas desapareceram, e Cristina viu Emma inclinada sobre ela, usando um de seus vestidos floridos. Os cabelos caíam sobre os ombros em fios úmidos depois do banho.

— *¡Deja de molestarme, estoy despierta!* — protestou Cristina, empurrando as mãos de Emma. — Emma! Pare! Estou acordada! — Ela se sentou e colocou

as mãos na cabeça. Orgulhava-se em jamais misturar a língua materna com a local enquanto estava ali, mas, às vezes, quando estava cansada ou meio sonolenta, algo escapava.

— O café da manhã já está pronto. — Emma adulou. — Ou talvez seja brunch. Já é quase meio-dia. Tanto faz, quero apresentá-la a todos. Quero que conheça Julian...

— Eu o vi ontem à noite do alto da escada — respondeu Cristina com um bocejo. — Ele tem mãos bonitas.

— Ótimo, você pode dizer isso a ele pessoalmente.

— Não, obrigada.

— Levante-se — ordenou Emma. — Ou vou sentar em cima de você.

Cristina jogou um travesseiro nela.

— Espere lá fora.

Alguns minutos mais tarde, Cristina — após vestir rapidamente um suéter rosa-claro e uma saia lápis — se viu sendo conduzida pelo corredor. Ouviu vozes altas, que vinham da cozinha. Ela tocou a medalha no pescoço, como sempre fazia quando precisava de uma dose extra de coragem.

Ela ouvira tanto sobre os Blackthorn, principalmente Julian, desde sua chegada ao Instituto, que eles tinham atingido um estado quase mítico em sua mente. Cristina estava apavorada com a perspectiva de encontrá-los — não só eram as pessoas mais importantes da vida de Emma, mas também as que poderiam tornar o resto de sua estadia agradável ou pavorosa.

A cozinha era um cômodo amplo, com paredes pintadas e janelas abrindo para o oceano azul-esverdeado ao longe. Uma imensa mesa de madeira dominava o espaço, cercada por bancos e cadeiras. As bancadas e a mesa tinham azulejos que pareciam espanhóis, mas, se você olhasse de perto, compunham cenas da literatura clássica: Jasão e os Argonautas, Aquiles e Pátroclo, Ulisses e as Sereias. Alguém, um dia, decorou esse espaço com amor — alguém selecionou os utensílios de cozinha em bronze, as pias duplas de porcelana, o exato tom de amarelo das paredes.

Julian estava na frente do fogão, descalço, com um pano de prato pendurado sobre o ombro largo. Os Blackthorn mais novos estavam agrupados em torno da mesa. Emma entrou, puxando Cristina atrás de si.

— Pessoal, esta é Cristina — apresentou. — Ela salvou a minha vida umas dezesseis vezes durante o verão, então, sejam legais com ela. Cristina, esse é Julian...

Julian olhou para ela e sorriu. O sorriso o fazia parecer um raio de sol personificado. Não atrapalhava em nada o fato de que o pano de prato no ombro tinha gatinhos na estampa, e de que em suas mãos calejadas havia massa de

panqueca.

— Obrigado por não permitir que Emma morresse — falou. — Ao contrário do que possa ter dito, precisamos dela aqui.

— Eu sou Livvy. — A menina bonita que compunha uma metade dos gêmeos deu um passo à frente para apertar a mão de Cristina. — E esse é Ty. — Ela apontou para um menino de cabelos pretos que estava encolhido no banco, lendo *Os Arquivos de Sherlock Holmes*. — Dru é a de tranças, e Tavvy o que está com o pirulito.

— Não corra com pirulito, Cristina — disse Tavvy. Ele parecia ter mais ou menos 7 anos, com um rosto fino e sério.

— Eu... não correrei!? — garantiu Cristina, confusa.

— Tavvy — resmungou Julian. Ele estava despejando massa de uma jarra branca de cerâmica na frigideira que se encontrava no forno. O recinto foi tomado pelo aroma de manteiga e panquecas. — Levantem-se e ponham a mesa, seus parasitas inúteis; você não, Cristina — acrescentou ele, parecendo constrangido. — Você é visita.

— Vou passar um ano aqui. Não sou exatamente uma visita — retrucou Cristina, e foi com os demais pegar talheres e pratos.

Havia um agito agradável de atividade, e Cristina se sentiu relaxando. Se tivesse que admitir, ela estava morrendo de medo da chegada dos Blackthorn, e de que eles interrompessem o ritmo agradável de sua vida com Emma e Diana. Agora que a família estava aqui, presente e real, ela se sentiu culpada pela apreensão.

— As primeiras panquecas estão prontas — anunciou Julian.

Ty pousou o livro e pegou um prato. Cristina, buscando mais manteiga na geladeira, ouviu quando ele falou para Julian:

— Achei que tivesse se esquecido do dia da panqueca. — Havia um tom de acusação em sua voz e mais alguma coisa; uma pontinha de nervoso? Ela se lembrou de Emma comentando que Ty se chateava quando sua rotina era interrompida.

— Não me esqueci, Ty — disse Julian gentilmente. — Me distraí. Mas não me esqueci.

Ty pareceu relaxar.

— Tudo bem.

Ele voltou para a mesa, e Tavvy foi atrás. Os Blackthorn eram organizados do jeito inconsciente que só uma família poderia ser: sabiam quem ganhava as primeiras panquecas (Ty), quem queria manteiga e calda (Dru), quem só queria calda (Livvy), e quem só queria açúcar (Emma).

Cristina comeu as dela puras. Estavam amanteigadas e não muito doces,

crocantes nas bordas.

— Estão muito boas — falou para Julian, que finalmente tinha se sentado no banco ao lado de Emma. De perto, dava para ver as linhas de cansaço ao redor de seus olhos, linhas que pareciam fora do lugar no rosto de um menino tão novo.

— Prática. — Ele sorriu para ela. — Faço panquecas desde os 12 anos.

Livvy deu um pulinho no assento. Ela estava com um vestido preto de alcinha que lembrava as meninas mundanas estilosas da Cidade do México, andando confiantes pelos bairros de Condesa e Roma, com seus vestidos justos e delicadas sandálias de salto. Os cabelos castanhos tinham mechas douradas aleatórias de sol.

— É tão bom estar de volta — falou, lambendo calda do dedo. — Não era a mesma coisa na casa da tia-avó Marjorie sem vocês dois cuidando da gente. — Ela apontou para Emma e Julian. — Dá para ver por que dizem que não se pode separar *parabatai*, vocês simplesmente combinam, como...

— Sherlock Holmes e Watson — disse Ty, que tinha voltado a ler.

— Chocolate e manteiga de amendoim — acrescentou Tavvy.

— Capitão Ahab e a baleia — sugeriu Dru, que fazia desenhos distraída com a calda no prato vazio.

Emma engasgou com o suco.

— Dru, a baleia e o Capitão Ahab eram inimigos.

— É verdade — concordou Julian. — A baleia sem Ahab é só uma baleia. Uma baleia sem problema. Uma baleia sem estresse.

Dru parecia irritada.

— Eu ouvi vocês dois conversando — disse ela a Emma e Julian. — Eu estava na grama antes de voltar para buscar Tavvy. Sobre Emma encontrar um corpo?

Ty imediatamente levantou os olhos.

— Emma encontrou um corpo?

Emma olhou um pouco preocupada para Tavvy, mas ele parecia absorvido pela própria comida. Ela disse:

— Bem, enquanto vocês estavam foram, aconteceu uma série de assassinatos...

— Assassinatos? Por que não contou nada para Julian, nem para nós? — Ty estava sentado ereto agora, com o livro pendurado na mão. — Você podia ter mandado um e-mail, uma mensagem ou um cartão-postal...

— Um cartão-postal sobre assassinato? — disse Livvy, franzindo o nariz.

— Só descobri anteontem — respondeu Emma, e explicou rapidamente o que tinha acontecido no Sepulcro. — O corpo estava coberto por símbolos —

concluiu. — O mesmo tipo de marca que havia nos corpos dos meus pais quando foram encontrados.

— Ninguém nunca conseguiu traduzir, certo? — perguntou Livvy.

— Ninguém. — Emma balançou a cabeça. — Todo mundo tentou decodificar. Malcolm, Diana, até o Labirinto Espiral. — Ela acrescentou, citando a central subterrânea dos feiticeiros do mundo, onde muito conhecimento arcaico era escondido.

— Antes, eles eram únicos, até onde sabíamos — disse Ty. Seus olhos realmente tinham um tom impressionante de cinza, como a parte de trás de uma colher de prata. Estava com um fone pendurado no pescoço, o fio para dentro da camisa. — Agora existe mais um exemplo. Se compararmos, pode ser que a gente descubra alguma coisa.

— Fiz uma lista de tudo que sei sobre o corpo — contou Emma, pegando um pedaço de papel e colocando sobre a mesa. Ty o pegou imediatamente. — Algumas coisas eu vi, outras ouvi de Johnny Rook e Diana. As pontas dos dedos estavam raspadas, os dentes, quebrados, e não tinha carteira.

— Alguém está tentando ocultar a identidade da vítima — constatou Ty.

— Provavelmente não é tão incomum — falou Emma. — Mas também tem o fato de que o corpo estava ensopado de água do mar, apresentava sinais de queimadura e repousava em um círculo de giz com símbolos. E estava coberto por marcas. Isso parece incomum.

— O tipo de coisa que você poderia pesquisar em arquivos de jornais mundanos — disse Ty. Seus olhos cinzentos brilhavam de empolgação. — Eu cuidei disso.

— Obrigada — agradeceu Emma. — Mas... — Ela olhou para Julian, e depois para os outros, seus olhos castanhos muito sérios. — Diana não pode ficar sabendo, tudo bem?

— Por que não? — perguntou Dru, franzindo o rosto. Tavvy não estava prestando atenção alguma; tinha sentado no chão e brincava com caminhõezinhos embaixo da mesa.

Emma suspirou.

— Vários dos corpos eram de fadas. E isso deixa a situação totalmente fora do nosso campo de atuação. — Ela olhou para Cristina. — Se não quiserem nada com isso, tudo bem. Assuntos de fadas são complicados, e Diana não nos quer envolvidos.

— Sabem como me sinto em relação à Paz Fria — disse Cristina. — É obvio que ajudarei. — Ouviu-se um murmúrio de concordância.

— Eu disse para não se preocupar — falou Julian, tocando levemente o ombro de Emma antes de se levantar para começar a tirar a louça do café. Algo

naquele toque, por mais leve e casual que fosse, causou uma reação em Cristina. — Hoje não tem aula, Diana foi para Ojai, então agora é um bom momento para cuidarmos disso. Principalmente por termos teste da Clave no fim de semana.

Houve um resmungo coletivo. O teste da Clave era um evento que ocorria duas vezes por ano, e os alunos eram avaliados para checar se suas habilidades estavam no nível necessário, ou se precisariam ser mandados para a Academia em Idris.

Mas Ty ignorou o anúncio de Julian. Ele estava olhando o papel de Emma.

— Quantos morreram, exatamente? Pessoas e fadas?

— Doze — respondeu Emma. — Doze corpos.

Tavvy saiu de debaixo da mesa.

— Estavam todos correndo com pirulitos?

Ty pareceu espantado, Emma, culpada, e Tavvy, ligeiramente trêmulo.

— Talvez já seja o suficiente — declarou Julian, pegando o irmão mais novo no colo. — Vamos ver o que descobrem, Tiberius, Livia?

Ty murmurou em concordância, levantando. Emma falou:

— Eu e Cristina estávamos indo para o treino, mas podemos...

— Não! Não cancelem! — Livvy se levantou. — Preciso treinar! Com outra menina. Que não esteja lendo — falou, lançando um olhar para Dru. — Ou assistindo a filmes de terror. — Ela olhou para seu irmão gêmeo. — Vou ajudar Ty por meia hora. Depois vou treinar.

Ele fez que sim com a cabeça e colocou os fones de ouvido, indo para a porta. Livvy foi com ele, comentando que sentia falta de treinar e de seu sabre, e que a tia-avó achava que um celeiro cheio de aranhas era uma sala de treinamento.

Cristina olhou para trás ao sair da cozinha. O cômodo estava cheio de luz e projetava um estranho brilho sobre Emma e Julian, borrando suas feições. Julian segurava Tavvy, e, quando Emma se inclinou para perto, eles formaram um retrato estranho de uma família.

— Não precisa fazer isso por mim — dizia Emma, baixinho, mas seriamente, com uma voz que Cristina jamais a ouvira usar.

— Acho que preciso — respondeu Julian. — Acho que me lembro de ter feito um juramento quanto a isso.

— Onde fores, irei, qualquer coisa estúpida que você faça, eu também farei? — recitou Emma. — Foi esse o juramento?

Julian riu. Se falaram mais alguma coisa, Cristina não ouviu. Ela permitiu que a porta se fechasse sem olhar para trás. Um dia ela achou que teria um *parabatai*. Apesar de ser um sonho que há muito descartara, era doloroso testemunhar aquele tipo de intimidade.

4

E Este Foi o Motivo

Emma caiu com violência no tatame, rolando rapidamente, de modo que Cortana, ainda presa às suas costas, não fosse danificada — ou a machucasse. Nos primeiros anos de treinamento, ela havia se ferido muito mais vezes com Cortana do que com qualquer outro tipo de exercício, graças à sua teimosia em retirá-la.

Cortana era dela, do pai, e do pai de seu pai. Ela e Cortana eram o que restava da família Carstairs. Ela jamais deixava a espada para trás quando saía para a luta, mesmo que planejasse usar adagas, água benta ou fogo. Por isso precisava aprender a lutar com a espada presa nas costas em qualquer circunstância.

— Você está bem? — Cristina caiu mais levemente ao lado dela no tatame; não estava armada e vestia apenas suas roupas de treinamento. Cristina tinha juízo, Emma pensou, enquanto sentava e esfregava o ombro dolorido.

— Tudo bem. — Emma se levantou, sacudindo os nós dos músculos. — Mais uma vez.

A medalha no pescoço de Cristina brilhou de forma decorosa enquanto ela esticava a cabeça para trás, observando as costas brilhantes de Emma subirem pela escada de corda. A luz dourada do sol entrava pelas janelas — era fim de tarde. Estavam treinando há horas e antes disso estiveram ocupadas trazendo o conteúdo do Mural de Evidências (Cristina se recusava a chamá-la de Mural da Loucura) para a sala do computador a fim de que Livvy e Ty pudessem escanear tudo. Livvy continuava prometendo treinar com eles, apesar de claramente ter sido absorvida por uma pesquisa de provas na internet.

— Pode parar aí — disse Cristina quando Emma estava no meio do caminho, mas Emma ignorou e continuou subindo, até a cabeça quase bater no teto.

Emma olhou para baixo. Cristina balançava a cabeça, conseguindo parecer ao

mesmo tempo calma e reprovadora.

— Você não pode pular dessa altura! Emma...

Emma saltou e caiu como uma pedra. Ela atingiu o tatame, rolou e se agachou, alcançando Cortana sobre o ombro.

Sua mão se fechou sobre o nada. Ela se levantou e viu que Cristina estava com sua lâmina. Ela a tirara da bainha de Emma enquanto se levantava.

— A batalha é mais do que saltar das maiores alturas e cair mais longe — falou Cristina, estendendo Cortana para ela.

Emma se levantou e pegou a espada com um sorriso irritado.

— Você está parecendo Jules.

— Talvez ele tenha razão — retrucou Cristina. — Você sempre foi relapsa assim com a própria segurança?

— Mais desde a Guerra Maligna. — Emma embainhou Cortana, então sacou os estiletos das botas e entregou um a Cristina antes de virar para o alvo pintado na parede oposta.

Cristina foi para o lado de Emma e ergueu a lâmina, mirando com a linha do braço. Emma nunca tinha arremessado facas com Cristina antes, mas não se surpreendeu ao ver que sua postura e a empunhadura na faca — o polegar paralelo à lâmina — eram perfeitas.

— Às vezes, lamento saber pouco sobre a guerra. Eu estava escondida no México. Meu tio, Tomás, parecia convencido de que Idris não seria um lugar seguro.

Emma pensou em Idris ardendo em chamas, no sangue nas ruas, nos corpos espalhados como gravetos no Salão dos Acordos.

— Seu tio tinha razão.

— Ele morreu na guerra, então acho que tinha. — Cristina soltou a lâmina; ela voou pelo ar e acertou o círculo no centro do alvo.

— Minha mãe tinha uma casa em San Miguel de Allende. Fomos para lá porque o Instituto não era seguro. Sempre me sinto covarde quando penso nisso.

— Você era criança — falou Emma. — Eles estavam certos de mandá-la para um lugar seguro.

— Talvez — retrucou Cristina, olhando para baixo.

— Sério. Não estou apenas dizendo por dizer — insistiu Emma. — E o que o Diego Perfeito pensa sobre o assunto? Ele se sente um covarde?

Cristina fez uma careta.

— Duvido.

— Lógico que não. Ele é esclarecido em relação a tudo. Todos nós deveríamos ser mais como o Diego Perfeito.

— Olá! — Uma saudação soou pela sala. Era Livvy, com uniforme de

treinamento, se aproximando.

Ela pausou para afagar o sabre, pendurado em uma parede perto da porta com outras espadas. Livvy tinha escolhido o sabre como arma quando tinha mais ou menos 12 anos, e desde então treinava vorazmente. Ela sabia discursar sobre diferentes tipos de sabre, cabos de madeira versus cabos de borracha ou couro, espigas e pomos, e era melhor nem puxar assunto sobre cabos de pistola.

Emma admirava sua lealdade. Ela nunca sentia a necessidade de pegar uma arma: a dela era sempre Cortana. Mas gostava de ser ao menos competente em tudo, então ela já havia lutado com Livvy mais de uma vez.

— Senti saudades — disse Livvy para o sabre. — Eu te amo tanto.

— Isso foi emocionante — comentou Emma. — Se tivesse dito isso para mim quando voltou, eu teria chorado.

Livvy abandonou o sabre e correu para elas. Ela se apoderou de um tatame e começou a se alongar. A menina conseguia se curvar facilmente, colocando os dedos das mãos sob os dos pés.

— Eu senti sua falta, de verdade — confessou ela, com a voz abafada. — Estava chato na Inglaterra e não tinha nenhum menino bonito.

— Julian disse que não havia humanos por quilômetros e quilômetros — disse Emma. — Enfim, não é como se você tivesse perdido alguma coisa por aqui.

— Bem, exceto os assassinatos em série — respondeu Livvy, atravessando a sala para pegar mais duas facas de arremesso. Emma e Cristina saíram do caminho enquanto ela se colocava na linha do alvo. — E aposto que você saiu de novo com Cameron Ashdown e depois deu um pé na bunda dele.

— Isso mesmo — respondeu Cristina, e Emma a olhou de um jeito que dizia *traidora*.

— Rá! — A faca de Livvy passou longe do alvo. Ela se virou, com a trança quicando no ombro. — Emma sai com ele, tipo, a cada quatro meses, depois dá um pé na bunda.

— Hein? — Cristina lançou um olhar para Emma. — Por que ele foi selecionado para essa tortura especial?

— Ah, pelo amor de Deus — disse Emma. — Não era nada sério.

— Não para você — disse Livvy. — Aposto que para ele era. — Ela entregou a segunda faca para Cristina. — Quer tentar?

Cristina pegou a faca e tomou a posição de Livvy.

— Quem é Diego Perfeito? — perguntou Livvy.

Cristina estava franzindo o rosto para a faca; então virou e olhou para Livvy.

— Eu ouvi — emendou Livvy alegremente. — Antes de entrar. Quem é ele? Por que é tão perfeito? Por que tem um menino perfeito no mundo e ninguém me

contou?

— Diego é o menino com quem a mãe de Cristina quer que ela se case — contou Emma a Livvy. Agora foi a vez de Cristina parecer traída. — Não é um casamento arranjado, isso seria nojento; é que a mãe dela o adora, a mãe dele tinha o nome Rosales...

— Ele é seu parente? — Livvy perguntou a Cristina. — Isso não é um problema? Quero dizer, sei que Clary Fairchild e Jace Herondale são uma história de amor muito famosa, mas eles não eram irmãos de verdade. Do contrário seria um...

— Uma história de amor menos famosa — completou Emma, com um sorriso.

Cristina lançou a faca. Acertou perto do centro.

— O nome completo dele é Diego Rocio Rosales; Rocio é o sobrenome do pai, e Rosales o da mãe, assim como o sobrenome da minha mãe é Rosales. Mas isso não significa que sejamos sequer primos. A família Rosales é uma família enorme de Caçadores de Sombras. Minha mãe só acha que ele é perfeito, tão lindo, tão inteligente, tão Caçador de Sombras, perfeito, perfeito, perfeito...

— E agora você sabe de onde vem o apelido — disse Emma, indo até a parede buscar as facas.

— E ele é perfeito? — perguntou Livvy.

— Não — respondeu Cristina. Quando Cristina se chateava, ela não ficava furiosa; ela apenas parava de falar. Era isso que ela estava fazendo agora, encarando o alvo pintado na parede. Emma girou as facas que tinha recuperado.

— Nós vamos protegê-la de Diego Perfeito — disse Emma. — Se ele vier até aqui, vou empalá-lo. — E foi andando na direção da linha de arremesso.

— Emma é mestre na arte de empalar — explicou Livvy.

— Seria melhor empalar minha mãe — murmurou Cristina. — Muito bem, *flaquita*, pode me impressionar. Vamos ver como se sai arremessando duas de uma vez.

Com uma faca em cada mão, Emma recuou um passo da linha de arremesso. Ela aprendeu a atirar duas facas ao mesmo tempo ao longo de um ano, lançando e lançando, o ruído de lâmina atingindo madeira era como um unguento contra nervos destruídos. Ela era canhota, então normalmente teria dado um passo para trás e para a direita, mas ela se forçou a se tornar praticamente ambidestra. Seu recuo era reto, e não diagonal. Os braços foram para trás, depois para a frente; ela abriu as mãos, e as facas voaram como falcões cujas peias foram cortadas. Voaram em direção ao alvo e bateram em sequência bem no centro.

Cristina assobiou.

— Dá para entender por que Cameron Ashdown está sempre voltando. Ele

tem medo de não voltar. — Ela recuperou as facas, incluindo a própria. — Agora vou tentar de novo. Vejo que estou muito atrasada em relação ao que deveria estar.

Emma riu.

— Não, eu roubei. Passei anos treinando essa jogada.

— Mesmo assim — disse Cristina —, se você algum dia mudar de ideia e decidir que não gosta de mim, é melhor que eu consiga me defender.

— Bom arremesso — comentou Livvy com um sussurro, aparecendo atrás de Emma e Cristina, a vários passos de distância, inquieta atrás da linha de arremesso.

— Obrigada — sussurrou Emma de volta. Apoiando-se em uma prateleira de luvas e uniformes de proteção, ela olhou para o rosto alegre de Livvy. — Conseguiu alguma coisa com Ty? E a história de *parabatai*? — perguntou, quase temendo a resposta.

O rosto de Livvy se contraiu.

— Ele continua dizendo não. É a única discordância que já tivemos na vida.

— Sinto muito. — Emma sabia o quanto Livvy queria ser *parabatai* do irmão gêmeo. Irmãos se tornarem *parabatai* era algo incomum, mas não sem precedentes. Mas a recusa firme de Ty era surpreendente. Ele raramente dizia não para Livvy, mas estava muito determinado nesse caso.

A primeira lâmina de Cristina foi no alvo, na borda do círculo central. Emma vibrou.

— Gostei dela — comentou Livvy, ainda sussurrando.

— Que bom — falou Emma. — Eu também gosto.

— E acho que o Diego Perfeito deve ter partido o coração dela.

— Ele fez alguma coisa — respondeu Emma, discreta. — Até aí eu concluí.

— Então acho que devíamos armar para ela sair com Julian.

Emma quase derrubou a prateleira.

— Quê?

Livvy deu de ombros.

— Ela é bonita, parece muito legal e vai morar com a gente. E Jules nunca teve uma namorada... você sabe por quê. — Emma apenas a encarou. Sua cabeça parecia cheia de ruído sem sentido. — Quero dizer, a culpa é nossa, minha, de Ty, Dru e Tavvy. Quem cria quatro crianças não tem muito tempo para namorar. Então, como tiramos dele a possibilidade de ter uma namorada...

— Você quer armar um encontro para ele — completou Emma sem expressão. — Só que não é assim que funciona, Livvy. Eles teriam que se gostar...

— Acho que podem se gostar — respondeu Livvy. — Se déssemos uma

chance a eles. O que você acha?

Seus olhos azul-esverdeados, tão parecidos com os de Julian, brilhavam cheios de travessura afetuosa. Emma abriu a boca para dizer alguma coisa, ela não sabia o quê, quando Cristina arremessou a segunda faca. Bateu na parede com tanta força que a madeira pareceu rachar.

Livvy bateu as mãos.

— Demais! — Ela lançou um olhar triunfante a Emma, como se dissesse, *viu só, ela é perfeita*. Olhou para o relógio. — Tudo bem, tenho que ajudar Ty mais um pouco. Grite se alguma coisa muito incrível acontecer.

Emma fez que sim com a cabeça, um pouco espantada, enquanto Livvy saiu dançando para pendurar as armas e ir à biblioteca. Ela quase teve um troço quando uma voz falou por cima do ombro dela; Cristina tinha chegado por trás e parecia preocupada:

— Sobre o que estavam conversando? — perguntou. — Parece que você viu um fantasma.

Emma abriu a boca para dizer alguma coisa, mas acabou não encontrando as palavras, porque naquele instante ouviu-se uma comoção no andar de baixo. Ela ouviu alguém batendo na porta, e, em seguida, pés correndo.

Pegando Cortana, Emma saiu pela porta como um flash.

A batida na porta do Instituto ecoou por toda a construção.

— Só um momento! — gritou Julian, fechando o zíper do casaco ao mesmo tempo em que corria para atender.

Ele ficou quase feliz por alguém ter aparecido. Ty e Livvy o expulsaram da sala do computador com o comunicado de que o irmão estava atrapalhando a concentração dos dois, andando de um lado para o outro, e Julian estava entediado o suficiente para cogitar a hipótese de ver como Arthur estava, o que ele tinha quase certeza de que o deixaria de mau humor pelo resto do dia.

Julian abriu a porta. Um homem alto e de cabelos claros estava do outro lado, com calça preta justa e uma camisa desabotoada até a metade do peito. Trazia um casaco xadrez pendurado no ombro.

— Você parece alguém que veio anunciar um show de strip-tease — disse Julian a Malcolm Fade, o Alto Feiticeiro de Los Angeles.

Houve um tempo em que Julian era tão impressionado pelo fato de Malcolm ser um Alto Feiticeiro — o feiticeiro ao qual todos os outros respondiam, pelo menos no sul da Califórnia — que ficava nervoso na presença dele. Isso passou depois da Guerra Maligna, quando as visitas de Malcolm se tornaram comuns. Malcolm, na verdade, era o que todos pensavam que Arthur fosse: um professor

distraído. Ele se esquecia de coisas importantes havia quase duzentos anos.

Todos os feiticeiros, como frutos de humanos e demônios, eram imortais. Paravam de envelhecer em diferentes pontos da vida, dependendo dos pais demônios. Malcolm parecia ter parado de envelhecer com mais ou menos 27 anos, mas (ele alegava) tinha nascido em 1850.

Considerando que todos os demônios que Julian já havia conhecido eram nojentos, ele não gostava de pensar em como os pais de Malcolm tinham se conhecido. E Malcolm também não parecia muito inclinado a compartilhar. Julian sabia que ele nascera na Inglaterra, e ainda tinha indicações disso no sotaque.

— Dá para mandar um stripper para alguém? — Malcolm pareceu intrigado e, em seguida, olhou para si mesmo. — Desculpe, esqueci de abotoar a camisa antes de sair de casa.

Ele deu um passo para dentro do Instituto e imediatamente caiu, se espatifando no chão. Julian chegou para o lado, e Malcolm rolou de costas, parecendo desapontado. Ele olhou para o longo corpo.

— Pelo visto, amarrei os cadarços um no outro.

Às vezes, era difícil não se sentir amargo, Julian refletiu; todos os seus aliados eram pessoas para quem precisava mentir. Ou eram pessoas ridículas. Ou as duas coisas.

Emma desceu correndo as escadas, com Cortana na mão. Vestia jeans e camiseta; os cabelos úmidos foram presos em um elástico. A camiseta estava grudada na pele, coisa que Julian gostaria de não ter notado. Ela desacelerou ao se aproximar, relaxando.

— Oi, Malcolm. Por que está no chão?

— Amarrei um cadarço no outro — explicou ele.

Emma tinha chegado perto dele. Ela abaixou Cortana, partindo os cadarços de Malcolm e libertando seus pés.

— Pronto — falou.

Malcolm olhou cautelosamente para ela.

— Ela pode ser perigosa — disse ele a Julian. — Mas, pensando bem, todas as mulheres são.

— Todas as pessoas são perigosas — argumentou Julian. — Por que está aqui, Malcolm? Não que eu não esteja feliz em vê-lo.

Malcolm se levantou cambaleando, abotoando a camisa.

— Trouxe o remédio de Arthur.

O coração de Julian bateu tão forte que ele teve certeza de que pôde ouvi-lo. Emma franziu o rosto.

— Arthur não está se sentindo bem? — perguntou ela.

Malcolm, que mexia no bolso, congelou. Julian viu no rosto do outro que ele percebera ter revelado algo que não devia, e silenciosamente xingou Malcolm mil vezes por ser tão distraído.

— Arthur me disse ontem à noite que não estava se sentindo muito bem — falou Julian. — O de sempre. É crônico. Enfim, ele estava sem energia.

— Eu teria procurado alguma coisa para ele no Mercado das Sombras se soubesse — comentou Emma, sentando no degrau mais baixo e esticando as pernas.

— Pimenta de caiena e sangue de dragão — disse Malcolm, pegando um frasco do bolso e entregando a Julian. — Vai acordá-lo rapidinho.

— Isso acordaria um defunto — observou Emma.

— Necromancia é ilegal, Emma Carstairs — repreendeu Malcolm.

— Ela só estava brincando. — Julian guardou o frasco, mantendo o olhar fixo em Malcolm, implorando silenciosamente para que ele não dissesse nada.

— Quando você avisou a Malcolm que seu tio não estava bem, Jules? A gente se encontrou ontem à noite, e você não falou nada — disse Emma.

Julian ficou grato por não estar olhando para Emma; tinha certeza de que estava pálido.

— Pizza vampira — falou Malcolm.

— Quê? — perguntou Emma.

— Nightshade abriu um restaurante italiano em Cross Creek Road — explicou Malcolm. — É a melhor pizza da área, e eles entregam em domicílio.

— Não tem medo do que possa ter no molho? — perguntou Emma, claramente distraída. — Ah! — Levou a mão à boca. — Isso me lembra, Malcolm. Queria saber se poderia dar uma olhada em uma coisa.

— É uma verruga? — Malcolm quis saber. — Posso curar, mas não de graça.

— Por que todo mundo acha que é verruga? — Emma pegou o telefone e em poucos segundos mostrava as fotos do corpo que encontrou no Bar Sepulcro. — Tinham essas marcas brancas, aqui e aqui — falou, apontando. — Parecem pichação, não tinta, mas giz ou algo parecido...

— Em primeiro lugar, que nojo — disse Malcolm. — Por favor, não me mostre fotos de cadáveres sem aviso. — Ele olhou mais de perto. — Em segundo lugar, parecem restos de um círculo cerimonial. Alguém desenhou um anel de proteção no chão. Talvez para se proteger enquanto realizava qualquer que fosse o feitiço horroroso que matou esse cara.

— Ele foi queimado — falou Emma. — E afogado, eu acho. Pelo menos, as roupas estavam molhadas e ele cheirava a água salgada.

Ela estava com o rosto franzido, os olhos sombrios. Podia ser a lembrança do corpo, ou apenas a menção ao oceano. Era um oceano diante do qual ela vivia,

ao lado do qual corria todos os dias, mas Julian sabia o quanto a assustava. Ela podia se forçar a entrar, nauseada e tremendo, mas ele detestava vê-la fazendo isso, detestava ver sua Emma forte reduzida a cacos de pavor ou algo tão primitivo e sem nome que ela não conseguia explicar nem para si mesma.

Fazia com que ele quisesse matar, destruir coisas para mantê-la segura. Apesar de ela conseguir fazer isso sozinha. Apesar de ela ser a pessoa mais corajosa que ele conhecia.

Julian voltou para o presente.

— Me mande as fotos — dizia Malcolm. — Olho mais de perto e aviso.

— Oi! — Livvy apareceu no alto da escada, após ter trocado de roupa. — Ty achou uma coisa. Sobre os assassinatos.

Malcolm pareceu confuso.

— No computador — explicou a menina. — Vocês sabem, o computador que a gente não pode ter. Ah, oi, Malcolm. — Ela acenou vigorosamente. — É melhor subirem.

— Pode ficar, Malcolm? — perguntou Emma, inquieta. — Sua ajuda seria muito útil.

— Depende — respondeu Malcolm. — O computador passa filmes?

— Pode passar. — Julian respondeu cautelosamente.

Malcolm pareceu satisfeito.

— Podemos ver *Um lugar chamado Notting Hill*?

— Podemos ver qualquer coisa se você ajudar — declarou Emma. Ela olhou para Jules. — E podemos descobrir o que Ty achou. Você vem, certo?

Silenciosamente, Julian xingou o gosto de Malcolm por filmes românticos. Queria ir ao estúdio pintar. Mas não podia evitar Ty ou abandonar o Alto Feiticeiro.

— Posso pegar guloseimas na cozinha — disse Emma, soando esperançosa. Afinal de contas, durante anos eles cultivaram o hábito de assistir a filmes velhos na TV que funcionava à base de energia mágica, comendo pipoca perto da luz oscilante.

Julian balançou a cabeça.

— Não estou com fome.

Ele quase achou que tivesse ouvido Emma suspirar. Um instante mais tarde ela desapareceu atrás de Livvy, escada acima. Julian fez como se fosse segui-los, mas Malcolm o conteve colocando a mão em seu ombro.

— Piorou, não foi? — falou.

— O tio Arthur? — Jules foi pego de surpresa. — Acho que não. Quero dizer, não é bom que eu não tenha estado aqui, mas, se ficássemos recusando ir para a Inglaterra, alguém podia desconfiar.

— Não Arthur — respondeu Malcolm. — Você. Ela sabe sobre você?

— Quem sabe o quê?

— Não seja burro — retrucou. — Emma. Ela sabe?

Julian sentiu o coração torcer no peito. Não tinha palavras para descrever a perturbação que as palavras de Malcolm causaram. Foi como levar um caldo no mar, a firmeza no chão se perdendo em um deslize de areia.

— Para com isso.

— Não paro — falou Malcolm. — Eu gosto de finais felizes.

Julian falou entre dentes cerrados.

— Malcolm, *isso não é uma história de amor*.

— Toda história é uma história de amor.

Julian se afastou e foi para a escada. Ele raramente se irritava de fato com Malcolm, mas nesse momento o coração estava acelerado. Ele chegou ao andar de cima antes de Malcolm chamá-lo; ele se virou, sabendo que não devia, e viu o feiticeiro olhando para ele.

— Leis não significam nada, menino — disse Malcolm, com uma voz baixa que mesmo assim ressoou. — Não há nada mais importante do que o amor. E nenhuma lei superior.

Tecnicamente não poderia haver computadores no Instituto.

A Clave resistia ao advento da modernidade, mas, sobretudo, a qualquer engajamento com a cultura mundana. Mas isso nunca conteve Tiberius. Ele começou a pedir um computador aos 10 anos, para poder se manter atualizado em relação a crimes violentos entre mundanos, e, quando voltaram de Idris, após a Guerra Maligna, Julian lhe deu um.

Ty perdeu os pais, o irmão e a irmã mais velha, Jules disse na época, sentado no chão entre um emaranhado de fios, tentando entender como ligar o computador em uma das poucas tomadas que tinham; quase tudo no Instituto funcionava com luz enfeitiçada. Se ele pudesse dar isso a Ty, ao menos, já seria alguma coisa.

E, de fato, Ty amou o computador. Ele o chamou de Watson e passou horas aprendendo a usá-lo, considerando que ninguém tinha ideia. Julian orientou que ele não fizesse nada de ilegal; Arthur, trancado no estúdio, nem percebeu.

Livvy, sempre dedicada ao irmão, também decidiu aprender, com a ajuda de Ty, uma vez que se familiarizou com o funcionamento. Juntos, formavam uma bela equipe.

Ao que parecia Ty, Dru, Livvy e até Tavvy andaram ocupados. Dru tinha espalhado mapas pelo chão. Tavvy estava perto de um quadro branco com um

pilot azul, fazendo anotações que pudessem ser úteis se alguém conseguisse traduzir o que escrevia um menino de 7 anos.

Ty ocupava a cadeira giratória na frente do computador, os dedos se movendo com agilidade pelo teclado. Livvy estava apoiada na mesa, como frequentemente acontecia; Ty trabalhava em volta dela, completamente ciente de sua localização ao mesmo tempo em que se concentrava na tarefa.

— Então, achou alguma coisa? — perguntou Julian ao entrar.

— Achei. Só um segundo. — Ty levantou a mão imperiosamente. — Podem conversar entre si se quiserem.

Julian sorriu.

— É muita gentileza sua.

Cristina entrou apressada, prendendo os cabelos escuros e molhados. Era evidente que ela havia tomado banho e trocado de roupa, estava de jeans e uma blusa florida.

— Livvy me falou...

— Shhh. — Emma colocou o dedo nos lábios e apontou para Ty, encarando a tela azul do computador. Suas delicadas feições iluminadas. Ela adorava os momentos em que Ty brincava de detetive; ele representava o papel tão bem: o sonho de ser Sherlock Holmes, que sempre tinha todas as respostas.

Cristina fez que sim com a cabeça e sentou no assento duplo macio ao lado de Drusilla. Dru era quase da mesma altura que ela, apesar de ter apenas 13 anos. Ela era uma dessas meninas que havia se desenvolvido cedo: tinha seios, quadris e curvas bem definidas. Isso já tinha causado algumas situações com meninos que achavam que ela tinha 17 ou 18 anos, e algumas situações em que Emma teve que segurar Julian para não matar adolescentes mundanos.

Malcolm se sentara em uma poltrona.

— Bem, se estamos esperando — falou, e começou a digitar no telefone.

— O que está fazendo? — perguntou Emma.

— Pedindo pizza do Nightshade — respondeu ele. — Tem um aplicativo.

— Um o quê? — perguntou Dru.

— Nightshade? — Livvy se virou. — O vampiro?

— Ele tem uma pizzeria. O molho é divino — disse Malcolm, beijando os dedos.

— Não tem medo do que tenha nele? — perguntou Livvy.

— Vocês, Nephilim, são tão paranoicos — respondeu Malcolm, guardando o telefone.

Ty limpou a garganta, girando na cadeira para olhar para a sala. Todos estavam ajeitados em sofás ou cadeiras, exceto por Tavvy, sentado no chão embaixo do quadro branco.

— Descobri algumas coisas — falou o menino. — Definitivamente acharam corpos que se encaixam na descrição de Emma. Digitais raspadas, encharcados de água do mar, pele queimada. — Ele abriu a primeira página de um jornal na tela. — Os mundanos acham que é atividade de algum culto satânico, por causa das marcas de giz encontradas em volta dos corpos.

— Mundanos acham que tudo é atividade de culto satânico — disse Malcolm. — A maioria dos cultos, na verdade, serve a demônios completamente diferentes de Lúcifer. Ele é muito famoso e difícil de ser alcançado. Raramente concede favores a quem quer que seja. Não é um demônio que valha a pena cultivar.

Emma e Julian trocaram olhares entretidos. Ty clicou no mouse, e fotos foram aparecendo na tela. Rostos — diferentes idades, etnias e gêneros. Todos mortos.

— Só alguns assassinatos se encaixam no perfil — disse Ty. Ele parecia satisfeito em usar a palavra “perfil”. — Teve um assassinato a cada mês ao longo do último ano. Doze, contando com o que Emma descobriu, como ela disse.

Emma perguntou:

— Mas nada antes disso?

Ty balançou a cabeça.

— Então teve um intervalo de quatro anos entre a morte dos meus pais e essa série. Quem quer que tenha sido, se foi a mesma pessoa, parou e recomeçou.

— Existe alguma coisa que ligue essas pessoas? — perguntou Julian. — Diana disse que alguns dos corpos eram de fadas.

— Bem, essas notícias são todas mundanas — respondeu Livvy. — Eles não saberiam dizer, não é mesmo? Achariam que os corpos eram humanos se fossem fadas nobres. A respeito de ligações entre eles, nenhum deles foi identificado.

— Que estranho — disse Dru. — E sangue? Nos filmes, eles identificam as pessoas através de sangue e DTR.

— DNA — corrigiu Ty. — Bem, de acordo com os jornais, nenhum dos corpos foi identificado. Pode ser que o feitiço utilizado tenha alterado o sangue. Ou podem ter se decomposto rápido, como os pais de Emma. Isso limitaria as descobertas dos médicos legistas.

— Mas tem outra coisa — acrescentou Livvy. — Todas as matérias relataram os locais onde os corpos foram encontrados, e mapeamos tudo. Eles têm uma coisa em comum.

Ty havia tirado um de seus brinquedos manuais do bolso, uma massa de limpadores de cachimbo, e os estava desenrolando. Ele tinha uma das mentes mais velozes que Emma conhecia, e o acalmava ter uma forma de usar as mãos

para descarregar um pouco essa velocidade e intensidade.

— Todos os corpos foram desovados em Linhas Ley. Todos eles — falou, e Emma pôde perceber a empolgação em sua voz.

— Linhas Ley? — Dru franziu o cenho.

— Tem uma rede, que cerca o mundo, de antigas trilhas mágicas — explicou Malcolm. — Elas potencializam a magia, então, durante séculos, seres do Submundo as utilizaram para criar entradas para o Reino das Fadas, esse tipo de coisa. Alicante é construída sobre uma convergência de Linhas Ley. São invisíveis, mas algumas pessoas conseguem se treinar para senti-las. — Ele franziu o rosto, fixando o olhar na tela do computador, onde uma das imagens do cadáver, feita por Cristina, estava exposta. — Pode fazer aquela coisa? — indagou. — Você sabe, de aumentar a imagem?

— Dar zoom? — disse Ty.

Antes que Malcolm pudesse responder, a campainha do Instituto tocou. Não era uma campainha normal, aguda. Parecia um sino ecoando pelo prédio, fazendo tremer o vidro, a pedra e o gesso.

Emma se levantou em um segundo.

— Eu atendo — falou, e correu para baixo, mesmo enquanto Julian se levantava para segui-la.

Mas ela queria ficar sozinha, só por um segundo. Queria processar o fato de que esses assassinatos datavam do ano em que seus pais morreram. Foi quando começaram. O pai e a mãe foram os primeiros.

As mortes estavam conectadas. Ela conseguia enxergar os fios se ligando, formando um padrão que ela só estava começando a enxergar, mas que sabia que era real. Alguém tinha feito essas coisas. Alguém torturou e matou seus pais, marcou símbolos do mal na pele de cada um e os despejou no oceano para apodrecerem. Alguém roubou a infância de Emma, derrubou os telhados e as paredes de sua vida, deixando-a com frio e exposta.

E esse alguém ia pagar por isso. *A vingança é uma amante fria*, Diana havia dito, mas Emma não acreditava nisso. A vingança devolveria o ar aos seus pulmões. A vingança permitiria que ela pensasse nos pais sem um nó frio no estômago. Ela conseguiria sonhar sem ver os rostos afogados e sem ouvir as vozes gritando por socorro.

Emma chegou à porta de entrada do Instituto e a abriu. O sol tinha acabado de se pôr. Um vampiro sorumbático se encontrava na entrada, carregando diversas caixas empilhadas. Ele parecia um adolescente, com cabelos castanhos e curtos, e sardas, mas isso não queria dizer muita coisa.

— Entrega da pizza — falou, com um tom que sugeria que a maioria de seus parentes próximos tinha acabado de morrer.

— Sério? — perguntou Emma. — Malcolm não estava simplesmente inventando aquilo? Você realmente entrega pizza?

Ele a olhou confuso.

— Por que eu não entregaria pizza?

Emma remexeu a mesa ao lado da porta para catar o dinheiro que normalmente deixavam ali.

— Sei lá. Você é um vampiro. Achei que tivesse mais o que fazer com sua vida. Sua não vida. O que quer que seja.

O vampiro pareceu ofendido.

— Sabe como é difícil arrumar um emprego quando sua identidade diz que você tem 150 anos de idade e só pode sair à noite?

— Não — admitiu Emma, pegando as caixas. — Não tinha pensado nisso.

— Os Nephilim nunca pensam.

Enquanto ele guardava uma nota de cinquenta no bolso da calça, Emma notou que ele estava com uma camiseta cinza com as letras IM na frente.

— *Instant Message*? — perguntou ela.

Ele sorriu.

— Instrumentos Mortais. É uma banda. Do Brooklyn. Já ouviu falar?

Emma conhecia. O melhor amigo e *parabatai* de Clary, Simon, tinha sido da banda em seus tempos de mundano. Foi assim que foram batizados com o nome dos três objetos mais sagrados do mundo dos Caçadores de Sombras. Agora Simon também era um Caçador de Sombras. Ela ficou imaginando como ele se sentia em relação ao fato de a banda ter continuado sem ele. Em relação a tudo que estava acontecendo sem ele.

Ela subiu as escadas, com a mente em Clary e nos outros no Instituto de Nova York. Clary descobriu que era Caçadora de Sombras aos 15 anos. Houve um tempo em que ela achava que viveria uma vida mundana. Ela já tinha falado sobre isso antes, na presença de Emma, do jeito que uma pessoa falaria de uma opção não escolhida. Ela levou muito consigo para a vida de Caçadora de Sombras, inclusive o melhor amigo, Simon. Mas ela poderia ter feito outra escolha. Ela poderia ter sido mundana.

Emma quis falar com ela, de repente, sobre o que isso poderia ter representado. Simon foi o melhor amigo de Clary por toda a sua vida, assim como Jules foi o de Emma. Depois se tornaram *parabatai*, uma vez que Simon virou Caçador de Sombras. O que mudou? Emma se perguntou. Como foi a transição de melhor amigo para *parabatai* sem sempre ter sabido que esse seria o destino; qual era a diferença nesse caso?

E por que ela própria não sabia a resposta a essa pergunta?

Quando ela chegou de volta à sala do computador, Malcolm estava perto da

mesa, com os olhos violeta ligados.

— Está vendo, não é um círculo de proteção. — Ele estava dizendo e, então, se interrompeu quando Emma entrou. — É a pizza!

— Não pode ser pizza — disse Ty, olhando para a tela, perplexo. Seus dedos longos tinham quase desembaralhado os limpadores de cachimbo; quando terminasse, embaralharia outra vez e começaria de novo.

— Tudo bem, chega — disse Jules. — Vamos dar um tempo dos assassinatos e dos perfis para jantarmos. — Ele pegou as caixas de Emma, lançando a ela um olhar de gratidão, e as pousou sobre a mesa de centro. — Não me importa o assunto que queiram discutir, só não pode ser sobre assassinato ou sangue. Nenhum tipo de sangue.

— Mas é pizza vampira — observou Livvy.

— Irrelevante — argumentou Julian. — Sofá. Agora.

— Podemos ver um filme? — perguntou Malcolm, falando de modo muito parecido com Tavvy.

— Podemos ver um filme — respondeu Julian. — Agora, Malcolm, não ligo se você é o Alto Feiticeiro de Los Angeles, sente sua bunda no sofá.

A pizza vampira era surpreendentemente boa. Emma decidiu rapidamente que não se importava com os ingredientes do molho. Cabeças de rato, partes humanas cozidas, o que fosse. Era uma delícia. Tinha uma casquinha crocante e a quantidade certa de muçarela fresca. Ela lambeu o queijo dos dedos e fez caras e bocas para Jules, que tinha muita etiqueta à mesa.

O filme foi muito confuso. Parecia ser sobre um homem que tinha uma livraria e se apaixonava por uma mulher famosa, mas Emma não reconhecia nenhum dos dois, e não sabia ao certo se deveria. Cristina assistiu com espanto e olhos arregalados, Ty colocou os fones de ouvido e fechou os olhos, e Dru e Livvy sentaram a cada lado de Malcolm, afagando-o gentilmente enquanto ele chorava.

— O amor é lindo — disse ele, enquanto o homem na tela corria pelo trânsito.

— Isso não é amor — retrucou Julian, se inclinando no sofá. A luz piscando da tela acendia sua pele deixando-a estranha, pontos escuros formavam-se nos lugares claros e lisos, e sombras surgiam sob suas maçãs do rosto e na parte oca da garganta. — Isso é um filme.

— Eu vim para Los Angeles para trazer de volta o amor — disse Malcolm, os olhos violeta lúgubres. — Todos os grandes filmes são sobre amor. Amor perdido, amor encontrado, destruído, recuperado, comprado, vendido, morrendo

e nascendo. Adoro filmes, mas eles se esqueceram do que são. Explosões, efeitos, não era essa a ideia quando vim para cá. A ideia era iluminar fumaça de cigarro para que parecesse fogo celestial, e iluminar mulheres para que parecessem anjos. — Malcolm suspirou. — Eu vim aqui para ressuscitar o amor verdadeiro.

— Ah, Malcolm! — exclamou Drusilla, e começou a chorar. Livvy entregou a ela um guardanapo da pizzeria. — Por que você não tem um namorado?

— Sou hétero — disse Malcolm, parecendo surpreso.

— Ah, tudo bem, então, uma namorada. Você deveria encontrar uma garota legal do Submundo, talvez uma vampira, já que ela também viverá para sempre.

— Deixe a vida amorosa de Malcolm em paz, Dru — disse Livvy.

— O amor verdadeiro é difícil de ser encontrado — declarou Malcolm, apontando para as pessoas se beijando na tela.

— Amor de cinema é difícil de ser encontrado — retrucou Julian. — Porque não existe.

— Como assim? — perguntou Cristina. — Está dizendo que não existe amor verdadeiro? Não acredito nisso.

— O amor não é seguir alguém no aeroporto — respondeu Julian. Ele se inclinou para a frente, e Emma pôde ver a ponta da Marca de *parabatai* na clavícula dele, aparecendo acima do colarinho da camiseta. — O amor significa que você enxerga alguém. Só isso.

— Você enxerga? — Ty repetiu, parecendo desconfiado. Ele tinha diminuído o som do aparelho de música, mas continuava com os fones no ouvido, os cabelos pretos ao redor.

Julian pegou o controle. O filme tinha acabado; os créditos em branco subiam pela tela.

— Quando você ama alguém, a pessoa se torna parte de quem você é. Está presente em tudo que você faz. Ela é o ar que você respira, a água que você bebe e o sangue que corre em suas veias. O toque dela fica na sua pele, a voz permanece nos seus ouvidos, e, os pensamentos, na sua cabeça. Você conhece os sonhos da pessoa, porque os pesadelos agriem seu coração, e os sonhos bons também são os seus. E você não acha que a pessoa é perfeita, mas conhece os defeitos dela, sua verdade profunda e as sombras de todos os segredos que ela carrega, e esses segredos não te assustam; na verdade, fazem com que você ame ainda mais, porque você não quer perfeição. Você quer a pessoa. Você quer...

Ele então se interrompeu, como se percebesse que todos o olhavam.

— Você quer o quê? — perguntou Dru, com olhos arregalados.

— Nada — respondeu Julian. — Só estou falando. — Ele desligou a TV e pegou as caixas de pizza. — Vou jogar isso fora — comentou, e saiu.

— Quando ele se apaixonar — disse Dru, olhando atrás dele —, vai ser tipo... uau!

— É óbvio que quando isso acontecer provavelmente nunca mais vamos vê-lo — disse Livvy. — Será uma garota de sorte, quem quer que seja.

Ty franziu as sobrancelhas.

— Estão brincando, né? — falou. — Não é sério que nunca mais vamos vê-lo, é?

— Definitivamente não — disse Emma.

Quando Ty era bem mais novo, ele ficava confuso quando as pessoas exageravam com as palavras para passar uma ideia. Frases como “chovendo canivetes” o irritavam e às vezes o faziam se sentir enganado, considerando que ele gostava muito mais de canivetes que de chuva.

Em algum momento Julian começou a fazer uns desenhos bobos para ele, para ilustrar a diferença entre o sentido literal e figurado das frases. Ty riu com os desenhos de canivetes caindo céu e com pessoas pegas de calças curtas, assim como com os quadrinhos de animais e pessoas explicando o que ditados populares e metáforas significavam. Depois disso ele passou a ser frequentemente encontrado na biblioteca, procurando expressões e significados, memorizando-os. Ty não se importava em ter as coisas explicadas e nunca se esquecia de nada que aprendia, mas ele preferia aprender sozinho.

Às vezes, ainda gostava de ser tranquilizado quanto a uma hipérbole ser uma hipérbole, mesmo que tivesse noventa por cento de certeza de que era isso. Livvy, que sabia melhor do que ninguém a ansiedade que a imprecisão linguística causava no irmão, se levantou e foi até ele. Colocou os braços em volta dele e apoiou o queixo em seu ombro. Ty se apoiou nela, com os olhos quase fechados. Ty gostava de afeto físico quando estava com humor para isso, contanto que não fosse muito intenso — ele gostava que o afagassem no cabelo, ou fizessem carinho nas costas. Às vezes, ele lembrava a Emma do gato, Church, quando Church queria carinho na orelha.

Uma luz brilhou. Cristina tinha se levantado e acendido a luz enfeitada. A claridade se espalhou, preenchendo o recinto ao mesmo tempo que Julian voltava e olhava em volta; toda a compostura que tinha perdido fora recuperada.

— Está tarde — falou. — Hora de dormir. Principalmente para você, Tavvy.

— Odeio a hora de dormir — disse Tavvy, que estava no colo de Malcolm, mexendo em um brinquedo que o feiticeiro havia lhe dado. Era quadrado e roxo, e emitia faíscas brilhantes.

— Esse é o espírito da revolução — disse Jules. — Malcolm, obrigado. Tenho certeza de que precisaremos da sua ajuda outra vez.

Malcolm colocou Tavvy de lado gentilmente e se levantou, esfregando os

farelos de pizza da roupa. Pegou o casaco jogado e foi para o corredor, com Emma e Julian atrás.

— Bem, vocês sabem onde me encontrar — falou, fechando o casaco. — Eu ia conversar com Diana amanhã sobre...

— Diana não pode saber — declarou Emma.

Malcolm pareceu confuso.

— Não pode saber o quê?

— Que estamos investigando isso — emendou Julian, interrompendo Emma.

— Ela não quer que a gente se envolva. Diz que é perigoso.

Malcolm pareceu desapontado.

— Poderiam ter dito isso antes — falou. — Não gosto de esconder nada dela.

— Sinto muito — disse Julian. A expressão dele era suave, ligeiramente apologética. Como sempre, Emma ficou ao mesmo tempo impressionada e um pouco assustada com sua capacidade de mentir. Julian era um mentiroso profissional quando queria ser; não demonstrava em sua expressão nada do que queria esconder. — Não podemos avançar tanto assim nessa história sem ajuda da Clave e dos Irmãos do Silêncio, de qualquer jeito.

— Tudo bem. — Malcolm olhou de perto para os dois; Emma fez o melhor que pôde para imitar a expressão sonsa de Julian. — Contanto que falem sobre isso com Diana amanhã. — Ele enfiou as mãos nos bolsos, a luz refletindo em seu cabelo sem cor. — Tem uma coisa que não consegui contar a vocês. Aquelas marcas em volta do corpo que Emma encontrou, não eram para um feitiço de proteção.

— Mas você disse... — começou Emma.

— Mudei de ideia quando olhei de perto — respondeu Malcolm. — Não são símbolos de proteção. São símbolos de invocação. Alguém está usando a energia dos cadáveres para invocar.

— Invocar o quê? — perguntou Jules.

Malcolm balançou a cabeça.

— Alguma coisa para esse mundo. Um demônio, um anjo, não sei. Vou olhar melhor as fotos, perguntarei discretamente no Labirinto Espiral.

— Então, se for um feitiço de invocação — disse Emma —, deu ou não deu certo?

— Um feitiço assim? — retrucou Malcolm. — Se tivesse dado certo, pode acreditar, você saberia.

Emma acordou com um miado lamurioso.

Ela abriu os olhos e encontrou um gato persa em seu peito. Era um persa

azul, para ser exato, muito redondo, com orelhas encolhidas e grandes olhos amarelos.

Com um grito, Emma se levantou em um pulo. O gato voou. Os momentos que se seguiram foram de caos enquanto ela tropeçava na cabeceira e o gato chiava. Finalmente ela conseguiu encontrar o gato sentado perto da porta do quarto, parecendo convencido e cheio de si.

— Church — gemeu ela. — *Sério?* Você não tem nenhum lugar melhor para ir?

Ficou evidente, pela expressão de Church, que não. Church era um gato que às vezes pertencia ao Instituto. Ele tinha aparecido na entrada há quatro anos, deixado em uma caixa no degrau com um bilhete endereçado a Emma, que dizia: *Por favor, cuide do meu gato. Irmão Zachariah.*

Na época, Emma não conseguiu entender por que um Irmão do Silêncio, mesmo um ex-Irmão do Silêncio, queria que ela cuidasse do seu gato. Ela ligou para Clary, que disse que o gato tinha morado no Instituto de Nova York, mas, na verdade, pertencia ao Irmão Zachariah, e, se Emma e Julian quisessem o gato, deveriam ficar com ele.

O nome dele era Church, ela disse.

Church se provou o tipo de gato que não ficava onde o deixavam. Ele vivia escapando por janelas abertas e desaparecendo por dias, ou até mesmo semanas. No começo, Emma se desesperava cada vez que ele sumia, mas ele sempre voltava parecendo mais elegante e satisfeito do que nunca. Quando Emma completou 14 anos, o gato começou a voltar com presentes amarrados na coleira: conchas e pedaços de vidro marinho. Emma colocou as conchas no parapeito de sua janela. O vidro marinho virou a pulseira da sorte de Julian.

Aquela altura, Emma sabia que os presentes vinham de Jem, mas ela não tinha como entrar em contato com ele para agradecer. Então ela fazia o melhor que podia para cuidar de Church. Sempre tinha ração de gato fresca na entrada e água limpa para ele tomar. Ficavam felizes em vê-lo quando ele aparecia, e não se preocupavam quando sumia.

Church miou e arranhou a porta. Emma estava acostumada a isso: significava que ele queria que ela o seguisse. Com um suspiro, ela vestiu um casaco sobre a camiseta e calçou um chinelo.

— Espero que seja alguma coisa boa — disse a Church, pegando a estela. — Ou vou transformá-lo em uma raquete de tênis.

Church não pareceu preocupado. Ele conduziu Emma pelo corredor, pelas escadas até a porta da frente. A lua estava alta e brilhante, refletindo na água ao longe. Formava uma trilha pela qual Emma seguiu, confusa, enquanto Church continuava andando. Ela o pegou no colo quando foram atravessar a rua, e o

colocou no chão quando chegaram na praia do outro lado.

— Bem, estamos aqui — falou a garota. — Na maior caixa de areia do mundo.

Church lançou um olhar que sugeria que não tinha se impressionado com a piada, e seguiu para perto da água. Caminharam juntos por ali. A noite estava tranquila, a maré, baixa e rasa, mais silenciosa que o vento. Ocasionalmente Church corria para pegar um siri, mas sempre voltava, andando à frente de Emma, em direção às constelações do norte. Ela estava começando a se perguntar se o gato realmente a estava levando a algum lugar quando se deu conta de que tinham circulado a curva de pedras que escondia sua praia secreta com Julian, e viu que a praia não estava vazia.

Ela desacelerou. A areia estava iluminada pelo luar; Julian estava ali no meio, longe da beira. Ela foi em direção a ele, com os pés silenciosos na areia. Ele não levantou o olhar.

Ela raramente tinha a chance de olhar para Julian sem que ele notasse. Era estranho e um pouco enervante. A lua brilhava o suficiente para que ela pudesse ver a cor da camisa, vermelha, e ele estava com um jeans velho, os pés descalços. A pulseira de vidro marinho parecia brilhar. Ela nunca desejara saber desenhar, mas nesse momento era o que queria, só para poder desenhar a linha perfeita que ele era, do ângulo da perna dobrada à curva da coluna inclinada para a frente.

A poucos centímetros dele, Emma parou.

— Jules?

Ele levantou o olhar. Não pareceu nem um pouco espantado.

— Aquele é Church?

Emma olhou em volta. Levou um instante para localizar o gato, que estava empoleirado no topo de uma pedra e lambia a pata.

— Ele voltou — disse Emma, sentando na areia ao lado de Jules. — Você sabe, só para visitar.

— Eu vi que estava vindo na curva das pedras. — Ele deu um meio sorriso. — Pensei que estivesse sonhando.

— Não conseguiu dormir?

Ele esfregou os olhos com o dorso das mãos. Os nós dos dedos estavam sujos de tinta.

— Pode-se dizer que sim. — Ele balançou a cabeça. — Pesadelos estranhos. Demônios, fadas...

— Coisas básicas de Caçadores de Sombras — observou Emma. — Quero dizer, parece uma terça-feira qualquer.

— Ajudou muito, Emma. — Ele se jogou sobre a areia, com o cabelo

parecendo uma auréola preta em volta da cabeça.

— Sempre ajudo. — Ela se deitou ao lado dele, olhando para o céu. A poluição luminosa de Los Angeles também se espalhava para a praia, e as estrelas estavam desbotadas, mas ainda visíveis. A lua era coberta e descoberta por nuvens. Uma estranha sensação de paz recaiu sobre Emma, uma sensação de estar onde pertencia. Ela não sentia isso desde que Julian e os outros partiram para a Inglaterra.

— Estava pensando no que você disse mais cedo — falou ele. — Sobre aqueles caminhos inúteis. Todas as vezes que achamos que tínhamos encontrado alguma coisa que levava ao que aconteceu com seus pais, mas acabava não sendo nada.

Ela olhou para ele. O luar deixava seu perfil mais marcado.

— Eu estava pensando que talvez isso signifique alguma coisa — continuou. — Que talvez tivéssemos que esperar até agora para descobrir o culpado. Até você estar pronta para isso. Eu vi seus treinamentos, observei enquanto melhorava. Cada vez mais. Quem quer que seja, o que quer que seja, você está pronta agora. Pode encarar. Pode vencer.

Alguma coisa bateu sob as costelas de Emma. Familiaridade, ela pensou. Aquele era Jules, o Jules que ela conhecia, que tinha mais fé nela do que ela mesma.

— Gosto de acreditar que as coisas têm uma razão de ser — disse ela baixinho.

— Elas têm. — Ele pausou por um instante, com os olhos no céu. — Eu conto estrelas. Às vezes, acho que se propor uma tarefa sem sentido ajuda.

— Lembra que, quando éramos mais novos, conversávamos sobre fugir? Sobre navegar pela Estrela Polar? — perguntou Emma. — Antes da guerra.

Ele cruzou os braços atrás da cabeça. A luz da lua entornava nele, iluminando seus cílios.

— Isso mesmo. Eu ia fugir e me juntar à Legião Estrangeira francesa. E mudar meu nome para Julien.

— Porque ninguém nunca ia desvendar *esse* código. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Jules, o que houve? Sei que alguma coisa está te incomodando.

Ele estava em silêncio. Emma podia ver o peito subindo e descendo lentamente. O som de sua respiração, abafado pelo barulho da água.

Ela esticou o braço e colocou a mão no braço dele, com o dedo traçando lentamente sobre a pele: *O-Q-U-E-F-O-I?*

Ele virou o rosto; ela o viu tremer, como se estivesse com calafrios.

— Mark.

Julian continuava não olhando para ela; ela só conseguia ver a curva da

garganta e do queixo.

— Mark?

— Tenho pensado nele — disse Julian. — Mais do que o normal. Quero dizer, Helen sempre me atende ao telefone se eu preciso, mesmo estando na Ilha Wrangel. Mas é como se Mark estivesse morto.

Emma se sentou reta.

— Não diga isso. Ele não está morto.

— Eu sei. Sabe *como* eu sei? — perguntou Jules, com voz rouca. — Eu procurava a Caçada Selvagem todos os dias. Estatisticamente eles deveriam ter passado por aqui pelo menos uma vez nos últimos cinco anos. Mas jamais vieram. Acho que Mark não deixa.

— Por que não? — Emma o encarava agora. Jules quase nunca falava assim. Não com esse amargor na voz.

— Porque ele não quer nos ver. Não quer nenhum sinal da gente.

— Porque ele ama vocês?

— Ou porque nos odeia. Não sei. — Julian cavou incessantemente a areia. — Eu odiaria. Eu o odeio, às vezes.

Emma engoliu em seco.

— Eu também odeio meus pais por terem morrido. Às vezes. Não é... não significa nada, Jules.

Ele virou o rosto para olhar para ela. Estava com os olhos enormes, com anéis pretos em volta das íris azul-esverdeadas.

— Não é desse tipo de ódio que estou falando. — A voz saía baixa. — Se ele estivesse aqui, meu Deus, tudo seria diferente. Teria sido diferente. Eu não precisaria estar em casa agora, caso Tavvy acorde. Nem seria uma atitude imoral caminhar até a praia porque preciso de um tempo. Tavvy, Dru, Livvy, Ty... eles teriam alguém para criá-los. Mark tinha 16 anos. Eu tinha 12.

— Nenhum de vocês escolheu...

— Não, não escolhemos. — Julian sentou. O colarinho da camisa estava frouxo, e havia areia em sua pele e cabelo. — Não escolhemos. Porque se eu tivesse tido a chance de escolher, teria tomado decisões muito diferentes.

Emma sabia que não deveria perguntar. Não quando ele estava assim. Mas ela não tinha experiência com esse Julian; ela não sabia como reagir a ele, como *se comportar*.

— O que você teria feito diferente? — sussurrou ela.

— Não sei se ia querer um *parabatai*. — As palavras soaram claras, precisas e brutais.

Emma se encolheu. Foi como estar com água até o joelho e ser atingida por um tapa na cara e, inesperadamente, por uma onda.

— Está falando sério? — perguntou. — Você não queria? Isso, comigo?

Ele se levantou. A lua tinha saído totalmente de trás das nuvens, e brilhava clara, esplendorosa o suficiente para que ela conseguisse enxergar a cor da tinta nas mãos dele. As sardas claras nas maçãs do rosto. A rigidez da pele em torno da boca e das têmporas. A cor visceral dos olhos.

— Eu não devia querer — disse ele. — Absolutamente não devia.

— *Jules* — falou Emma, espantada, magoada e furiosa, mas ele já estava indo embora pela beirada da praia. Quando ela se levantou, ele já tinha chegado às pedras. Era uma sombra longa e esguia, subindo sobre elas. E então sumiu.

Ela poderia tê-lo alcançado se quisesse, sabia disso. Mas não queria. Pela primeira vez na vida, não queria falar com Julian.

Alguma coisa a tocou nos tornozelos. Ao olhar para baixo, ela viu Church. Seus olhos amarelos pareciam solidários, então, ela o pegou e o abraçou, ouvindo seu ronronar enquanto a maré se aproximava.

Idris, 2007, A Guerra Maligna

Quando Julian Blackthorn tinha 12 anos, ele matou o próprio pai.

Evidentemente foi uma situação extrema. Seu pai não era mais seu pai, não de fato. Era mais um monstro com o rosto do pai. Mas, quando os pesadelos vinham, na madrugada, isso não tinha importância. Julian via o rosto de Andrew Blackthorn e a própria mão segurando a lâmina, então a lâmina penetrando em seu pai, e ele sabia.

Ele era amaldiçoado.

Era isso que acontecia quando você matava o próprio pai. Os deuses o amaldiçoavam. Seu tio havia lhe dito, e o tio sabia de muitas coisas, principalmente coisas que tinham a ver com as maldições de deuses e o preço pelo derramamento de sangue.

Julian sabia muito sobre sangue derramado, mais que qualquer menino de 12 anos deveria saber. Era culpa de Sebastian Morgenstern. Ele foi o Caçador de Sombras que iniciou a Guerra Maligna, que utilizou feitiços e truques para transformar Caçadores de Sombras comuns em máquinas de morte estúpidas. Um exército ao seu dispor. Um exército feito para destruir todos os Nephilim que não se juntassem a ele.

Julian, seus irmãos e irmãs, e Emma estavam escondidos no Salão dos Acordos. O maior salão de Idris deveria ser capaz de protegê-los contra qualquer monstro. Mas não conseguia conter Caçadores de Sombras, mesmo aqueles que tinham perdido suas almas.

As enormes portas duplas tinham se aberto, e os Caçadores de Sombras malignos, os Crepusculares, invadiram o recinto; como um veneno, liberado no ar, aonde eles iam, a morte seguia. Eles feriram os guardas e as crianças que estavam sendo protegidas. Não se importavam. Não tinham consciência.

Avançavam pelo Salão. Julian tinha tentado agrupar as crianças: Ty e Livvy, os gêmeos solenes; Dru, que tinha apenas 8 anos; e Tavvy, o bebê. Ele ficou na frente deles com os braços esticados como se pudesse protegê-los, como se pudesse criar uma parede com o corpo para conter a morte.

E então a morte surgiu na frente dele. Um Caçador de Sombras maligno, com símbolos demoníacos ardendo em sua pele, cabelos castanhos emaranhados e olhos azul-esverdeados, do mesmo tom dos de Julian.

O pai de Julian.

O menino olhou em volta, atrás de Emma, mas ela lutava contra uma fada, voraz como fogo; a espada, Cortana, brilhando em suas mãos. Julian queria ir até ela, desesperadamente, mas não podia deixar as crianças. Alguém tinha que protegê-las. Sua irmã mais velha estava lá fora; o irmão mais velho fora levado pela Caçada Selvagem. Teria que ser ele.

Foi então que Andrew Blackthorn os alcançou. Cortes sangrentos marcavam seu rosto. A pele estava sem vida e cinza, mas a pegada na espada era firme, e os olhos estavam fixos nos filhos.

— Ty — chamou, com a voz baixa e rouca. Ele olhou para Tiberius, seu filho, com uma fome predatória nos olhos. — Tiberius. Meu Ty. Venha cá.

Os olhos cinzentos de Tiberius se arregalaram. A gêmea dele, Livia, o agarrou, mas ele foi para a frente, em direção ao pai.

— Pai? — falou ele.

O rosto de Andrew Blackthorn pareceu se dividir com um sorriso, e Julian pensou enxergar através da abertura, viu o mal e as sombras ali dentro, o núcleo pestilento de pavor e caos que era o que animava o corpo que um dia pertenceu a seu pai. A voz do pai se elevou a um canto.

— Venha cá, meu menino, meu Tiberius...

Ty deu mais um passo à frente, e Julian puxou a lâmina do cinto e arremessou.

Ele tinha 12 anos. Não era particularmente forte nem particularmente habilidoso. Mas os deuses que em breve o odiariam devem ter sorrido com aquele arremesso, porque a lâmina voou como uma flecha, como uma bala, e afundou no peito de Andrew Blackthorn, derrubando-o no chão. Ele morreu antes de atingir o mármore do piso, o sangue se espalhando ao seu redor em uma piscina vermelho-escura.

— Eu te odeio! — Ty se jogou para cima de Julian, que abraçou o irmão, agradecendo infinitamente ao Anjo por Ty estar bem, estar respirando, se debatendo e socando seu peito, olhando para ele com os olhos cheios de lágrimas e furiosos. — Você matou meu pai, eu te odeio, eu te odeio...

Livvy estava com as mãos nas costas de Ty, tentando puxá-lo. Julian sentiu o sangue correndo acelerado pelas veias de Ty, a subida e a descida do peito; sentiu a força do ódio do irmão e sabia que isso significava que Ty estava vivo. Estavam todos vivos. Livvy com suas palavras suaves e mãos macias, Dru com seus olhos enormes e apavorados, e Tavvy com suas lágrimas de

incompreensão.

E Emma. Sua Emma.

Ele tinha cometido o pior e mais antigo dos pecados: matou o próprio pai, a pessoa que lhe deu a vida.

E teria feito tudo outra vez.

Que espécie de pessoa ele era?

5

Parentes Nobres

— E quando foram assinados os primeiros Acordos? — perguntou Diana. — E qual era o objetivo deles?

Era um dia desconcertantemente iluminado. A luz do sol entrava pelas janelas altas, iluminando o quadro diante do qual Diana caminhava de um lado para o outro, batendo com uma estela na palma da mão esquerda. Seu plano de aula estava rabiscado no quadro com uma letra quase ilegível: Emma conseguia identificar as palavras *Acordos*, *Paz Fria* e *evolução da Lei*.

Ela olhou de lado para Jules, mas ele estava com a cabeça curvada sobre alguns papéis. Ainda não tinham se falado direito, exceto pela cordialidade no café da manhã. Ela havia acordado com o estômago oco e as mãos doendo de ter ficado agarrando as roupas de cama.

E Church também a abandonou em algum momento da noite. Gato idiota.

— Foram assinados em 1872 — respondeu Cristina. — Foram uma série de acordos entre as espécies do Mundo das Sombras e os Nephilim, que pretendia manter a paz entre eles e estabelecer algumas regras comuns para que todos as seguissem.

— E também protegem os seres do Submundo — disse Julian. — Antes dos Acordos, se os membros do Submundo se ferissem entre si, Caçadores de Sombras não podiam nem se dispunham a interferir. Os Acordos garantiram nossa proteção aos membros do Submundo. — Ele fez uma pausa. — Pelo menos até a Paz Fria.

Emma se lembrou da primeira vez em que ouviu falar na Paz Fria. Ela e Julian estavam no Salão dos Acordos quando foi proposta: a punição às fadas pela participação na Guerra Maligna de Sebastian Morgenstern. Ela se lembrava da confusão dos seus sentimentos. Os pais morreram por causa dessa guerra, mas

por que Mark e Helen, a quem ela amava, mereciam carregar esse fardo simplesmente por terem sangue de fada nas veias?

— E onde foram assinados os papéis da Paz Fria? — perguntou Diana.

— Em Idris — respondeu Livvy. — No Salão dos Acordos. Todos que normalmente compareciam aos Acordos estavam lá, mas a Rainha Seelie e o Rei Unseelie não apareceram para assinar o tratado, então este foi alterado e assinado sem eles.

— E o que a Paz Fria significa para as fadas? — O olhar de Diana estava fixo em Emma, que ficou encarando a própria mesa.

— As fadas não são mais protegidas pelos Acordos — respondeu Ty. — É proibido ajudá-las, e elas são proibidas de entrar em contato com Caçadores de Sombras. Só a Scholomance e os Centuriões podem lidar com fadas, além da Consulesa e do Inquisidor.

— Uma fada que carrega uma arma pode ser punida com a morte — emendou Jules. Ele parecia exausto. Havia círculos escuros sob seus olhos.

Emma queria que ele a olhasse. Ela e Julian não brigavam. Eles *nunca* brigavam. Ela ficou se perguntando se ele estava tão perplexo quanto ela. Emma não parava de ouvir o que ele tinha dito: que não queria um *parabatai*. Será que não queria nenhum *parabatai*, ou não a queria, especificamente?

— E o que é a Clave, Tavvy? — Era uma pergunta elementar demais para qualquer um dos outros, mas Tavvy pareceu feliz por poder responder alguma coisa.

— O governo dos Caçadores de Sombras — recitou ele. — Todos os Caçadores de Sombras ativos são da Clave. Os que tomam decisões são do Conselho. Existem três membros do Submundo no Conselho, cada um representando uma espécie do Submundo. Feiticeiros, licantropes e vampiros. As fadas não têm um representante desde a Guerra Maligna.

— Muito bem — disse Diana, e Tavvy se alegrou. — Mais alguém pode me dizer que outras mudanças foram lavradas pelo Conselho desde o fim da guerra?

— Bem, a Academia dos Caçadores de Sombras foi reaberta — disse Emma. Este era um território familiar para ela; tinha sido convidada pela Consulesa para ser uma das primeiras alunas. Mas escolheu ficar com os Blackthorn. — Muitos Caçadores de Sombras são treinados lá agora, e eles obviamente convidam muitos aspirantes a Ascendentes: mundanos que querem se tornar Nephilim.

— A Scholomance foi reestabelecida — disse Julian. Seus cachos, escuros e brilhantes, caíram contra as bochechas enquanto ele levantava a cabeça. — Ela existia antes dos primeiros Acordos serem assinados, e, quando o Conselho foi traído pelas fadas, seus membros insistiram em reabri-la. A Scholomance faz pesquisas, treina Centuriões...

— Pense em como deve ter sido na Scholomance durante todos aqueles anos em que ficou fechada — disse Dru, seus olhos brilhando com um deleite estilo filme de terror. — Lá nas montanhas, totalmente abandonada e escura, cheia de aranhas, fantasmas e sombras...

— Se quer pensar em um lugar assustador, pense na Cidade dos Ossos — disse Livvy. A Cidade dos Ossos era onde os Irmãos do Silêncio viviam: um local subterrâneo, de túneis interligados, construído com as cinzas de Caçadores de Sombras mortos.

— Eu queria ir para a Scholomance — interrompeu Ty.

— Eu não — disse Livvy. — Centuriões não podem ter *parabatai*.

— Ainda assim eu gostaria de ir — disse Ty. — Você também pode ir se quiser.

— Não quero ir para a Scholomance — respondeu Livvy. — É no meio das montanhas dos Cárpatos. É um gelo lá, e tem ursos.

O rosto de Ty se alegrou com a menção a animais.

— Tem ursos?

— Chega de bate-papo — disse Diana. — Quando a Scholomance foi reaberta?

Cristina, que estava no assentou mais perto da janela, levantou a mão para interromper.

— Tem alguém vindo na trilha para a casa — falou a garota. — Muitos alguéns, na verdade.

Emma olhou novamente para Jules. Raramente alguém visitava o Instituto de surpresa. Poucas pessoas fariam isso, e mesmo a maioria dos membros do Conclave marcaria um horário com Arthur. Mas, pensando bem, talvez alguém tivesse hora marcada com Arthur. No entanto, pela expressão no olhar de Julian, se esse fosse o caso, ele não sabia de nada.

Cristina, que tinha se levantado, respirou fundo.

— Por favor — pediu. — Venham ver.

Todos correram para uma janela comprida que percorria a parede principal da sala. A janela em si tinha vista para a frente do Instituto e para a trilha sinuosa que levava das portas à rodovia que os separava da praia e do mar. O céu acima deles era azul e sem nuvens. A luz do sol se refletia nas rédeas prateadas de três cavalos, cada qual com um cavaleiro silencioso sentado nas costas nuas.

— *Hadas* — disse Cristina, a palavra soando em uma batida *staccato* de espanto. — Fadas.

Era inegavelmente esse o caso. O primeiro cavalo era preto, e o cavaleiro que o montava usava uma armadura escura que parecia de folhas queimadas. O segundo cavalo também era preto, e o cavaleiro vestia uma túnica de cor marfim.

O terceiro cavalo era marrom, e a pessoa que o montava estava totalmente coberta por uma túnica com capuz cor de terra. Emma não sabia se era homem ou mulher, criança ou adulto.

— Então, primeiro, deixe passarem os cavalos pretos, e depois deixe passar o marrom — murmurou Jules, citando um velho poema de fadas. — Um de preto, um de marrom, um de branco... — continuou. — É uma delegação oficial. Das Cortes. — Julian olhou para o outro lado da sala, para Diana. — Eu não sabia que Arthur tinha uma reunião com uma delegação do Reino das Fadas. Acha que ele avisou à Clave?

Ela balançou a cabeça, claramente intrigada.

— Não sei. Ele não contou nada para mim.

O corpo de Julian estava tenso como a corda de um arco; Emma podia sentir a tensão irradiando dele. Uma delegação do Reino das Fadas era uma coisa rara e séria. Era preciso uma permissão da Clave antes que qualquer reunião pudesse ser marcada. Mesmo para um chefe de Instituto.

— Diana, tenho que ir — disse ele.

Franzindo o rosto, Diana batucou com a estela em uma mão, em seguida, fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem. Pode ir.

— Eu vou com você. — Emma deslizou do assento na janela.

Julian, que já estava se dirigindo à porta, parou e virou.

— Não — falou. — Tudo bem. Eu cuido disso.

Ele saiu da sala. Por um instante, Emma não se mexeu.

Normalmente se Julian dizia que não precisava dela ou que tinha que fazer alguma coisa sozinho, ela nem pensava no assunto. Às vezes, eventos necessitavam de separação.

Mas a noite anterior tinha solidificado a sensação de desconforto nela. Emma não sabia o que estava acontecendo com Jules. Não sabia se ele não a queria com ele, ou se queria, mas estava com raiva dela, ou de si mesmo, ou de ambos.

Ela só sabia que o Povo das Fadas era perigoso, e que Julian não iria encará-lo sozinho de jeito nenhum.

— Eu vou — insistiu ela, e foi para a porta. Parou e pegou Cortana, que estava ali pendurada.

— Emma — disse Diana, com a voz tensa. — Cuidado.

Na última vez em que fadas estiveram no Instituto, ajudaram Sebastian Morgenstern a arrancar a alma do corpo do pai de Julian. Tinham levado Mark.

Emma levava Tavvy e Dru para um local seguro. Ajudou a salvar as vidas dos irmãos mais novos de Julian. Eles escaparam por pouco.

Mas naquele momento Emma não tinha anos de treinamento. Não tinha

matado um único demônio por conta própria, não aos 12 anos. Não tinha passado anos treinando para lutar, matar e defender.

Não ficaria para trás agora... de jeito nenhum.

Fadas.

Julian correu pelo corredor até o quarto, com a mente girando.

Fadas na entrada do Instituto. Três cavalos: dois pretos, um marrom. Uma delegação de uma Corte de Fadas, apesar de Julian não saber se era Seelie ou Unseelie. Não pareciam trazer qualquer bandeira.

Iam querer conversar. Se tinha uma coisa em que as fadas eram boas, essa coisa era ludibriar humanos. Até mesmo Caçadores de Sombras. Eles conseguiam fazer a verdade emergir de uma mentira, e enxergar a mentira no coração de uma verdade.

Ele pegou o casaco que tinha usado no dia anterior. Ali estava, no bolso interno. O frasco que Malcolm havia lhe dado. Não imaginou que fosse precisar dele tão cedo. Torcia para que...

Bem, o que ele torcia não importava. Pensou em Emma, brevemente, e no caos de esperanças estilhaçadas que ela representava. Mas agora não era hora de pensar nisso. Agarrando o frasco, Julian saiu correndo outra vez. Ele chegou ao fim do corredor e abriu a porta do sótão. Subiu os degraus e irrompeu no escritório do tio.

Tio Arthur estava sentado à mesa, vestindo uma camiseta ligeiramente esfarrapada, jeans e sapatos. Os cabelos castanhos e grisalhos batiam quase no ombro. Ele estava comparando dois livros enormes, murmurando e fazendo anotações.

— Tio Arthur. — Julian se aproximou da mesa. — Tio Arthur!

Tio Arthur fez um gesto para que Julian se calasse.

— Estou no meio de uma coisa importante. Uma coisa muito importante, Andrew.

— Sou Julian — respondeu o menino automaticamente. Chegou por trás do tio e fechou os dois livros. Arthur o olhou surpreso, os desbotados olhos azul-esverdeados se arregalaram. — Tem uma delegação aqui. Das Fadas. Você sabia que estavam vindo?

Arthur pareceu se encolher.

— Sim — respondeu. — Mandaram mensagens, tantas mensagens. — Ele balançou a cabeça. — Mas por quê? É proibido. Fadas, elas... elas não podem falar conosco agora.

Julian rezou silenciosamente por paciência.

— As mensagens, onde estão as mensagens?

— Foram escritas em folhas — respondeu Arthur. — Esmigalharam. Como tudo que as fadas tocam esmigalha, seca e morre.

— Mas o que as mensagens *diziam*?

— Insistiram. Em marcar uma reunião.

Julian respirou fundo.

— Você sabe *sobre* o que é a reunião, tio Arthur?

— Com certeza disseram nas cartas... — respondeu tio Arthur, nervoso. — Mas não lembro. — E olhou para Julian. — Talvez Nerissa saiba.

Julian ficou tenso. Nerissa era a mãe de Mark e Helen. Julian sabia pouco sobre ela; uma princesa da nobreza, ela era linda, segundo as histórias de Helen, e implacável. Já tinha morrido há muitos anos, e, em seus dias bons, Arthur sabia disso.

Ele tinha dias variados: alguns quietos, em que sentava em silêncio, sem responder a perguntas, e os dias sombrios, em que ficava irritado, deprimido, e frequentemente cruel. Falar sobre os mortos não significava um dia sombrio ou quieto, mas do pior tipo, um dia caótico, um dia em que Arthur não faria nada do que Julian esperava — quando podia explodir de raiva ou se encolher chorando. Um dia que trazia o gosto amargo do pânico ao fundo da garganta de Julian.

O tio de Julian nem sempre foi assim. Julian se lembrava dele como um homem quieto, quase silencioso, uma figura de sombras raramente presente em eventos de família. Foi uma presença suficientemente articulada no Salão dos Acordos quando se pronunciou para comunicar que aceitaria dirigir o Instituto. Ninguém que não o conhecia muito, muito bem saberia que havia algo de errado.

Julian sabia que seu pai e Arthur tinham sido prisioneiros no Reino das Fadas. E que Andrew tinha se apaixonado por Lady Nerissa e tido dois filhos com ela: Mark e Helen. Mas o que aconteceu com Arthur ao longo daqueles anos era um mistério. Sua loucura, como a Clave chamaria, na opinião de Julian, tinha sido causada pelas fadas. Se não destruíram sua sanidade, plantaram a semente da destruição. Fizeram da sua mente um castelo frágil, de modo que anos mais tarde, quando o Instituto de Londres foi atacado e Arthur ferido, a mente estilhaçou como vidro.

Julian colocou a mão sobre a de Arthur. A mão de seu tio era magra e ossuda; parecia a mão de um homem muito mais velho.

— Queria que você não tivesse que ir à reunião. Mas vão desconfiar se você não aparecer.

Arthur tirou os óculos da face e esfregou a ponte do nariz.

— Minha monografia...

— Eu sei — disse Julian. — É importante. Mas isso também é importante.

Não só para a Paz Fria, mas para nós. Para Helen. Para Mark.

— Você se lembra de Mark? — perguntou Arthur. Tinha olhos mais brilhantes sem os óculos. — Faz tanto tempo.

— Nem tanto, tio — retrucou Julian. — Me lembro perfeitamente dele.

— Realmente parece que foi ontem. — Arthur estremeceu. — Eu me lembro dos guerreiros do Povo das Fadas. Entraram no Instituto de Londres com as armaduras cobertas de sangue. Tanto sangue, como se estivessem vindo das linhas de Acádia quando Zeus fez chover sangue. — Sua mão, que segurava os óculos, tremeu. — Não aguento vê-los.

— Tem que ir — disse Julian. Pensou em tudo que não estava sendo dito: que ele próprio era apenas uma criança durante a Guerra Maligna, que tinha visto fadas chacinando crianças, ouviu os gritos da Caçada Selvagem. Mas não falou nada. — Tio, você tem que ir.

— Se eu tivesse minha medicação... — falou Arthur com voz fraca. — Mas acabou enquanto você esteve fora.

— Eu tenho. — Julian tirou o frasco do bolso. — Você devia ter pedido mais a Malcolm.

— Não me lembrei. — Arthur deslizou os óculos de volta para o nariz, observando enquanto Julian despejava o conteúdo do frasco no copo de água sobre a mesa. — Como encontrá-lo... em quem confiar.

— Pode confiar em mim — disse Julian, quase engasgando com as palavras ao estender o copo para o tio. — Aqui. Você sabe como são as fadas. Elas se alimentam do desconforto humano e tiram vantagem disso. Isso vai ajudar a mantê-lo calmo, mesmo que tentem os truques delas.

— Sim. — Arthur olhou para o copo, meio faminto e meio temeroso.

O conteúdo o afetaria por uma hora, talvez menos. Depois, ele teria uma dor de cabeça violentíssima, que talvez o deixasse de cama por dias. Era por isso que Julian ministrava raras doses: os efeitos colaterais quase nunca valiam a pena, mas valeria agora. Era preciso.

Tio Arthur hesitou. Lentamente levantou o copo até a boca, entornou a água e engoliu devagar.

O efeito foi instantâneo. De repente, tudo em Arthur pareceu aguçar, se tornar mais afiado, nítido, preciso, como um esboço que cuidadosamente evoluiu para um desenho. Levantou-se e alcançou o casaco pendurado em um cabide perto da mesa.

— Me ajude a encontrar roupas para trocar, Julian — pediu. — Temos que estar apresentáveis no Santuário.

Todo Instituto tinha um Santuário.

Sempre foi assim. O Instituto era uma mistura de prefeitura com residência, um lugar ao qual Caçadores de Sombras e membros do Submundo iam para se encontrar com o responsável pelo Instituto. O líder era o representante local da Clave. Em todo o sul da Califórnia, não havia Caçador de Sombras mais importante que o diretor do Instituto de Los Angeles. E o local mais seguro para encontrá-lo era o Santuário, onde vampiros não precisavam temer o território santificado e todos do Submundo estavam protegidos por juramentos.

O Santuário tinha dois pares de portas. Um levava ao lado de fora e podia ser ultrapassado por qualquer um, que, em seguida, estaria dentro de uma enorme sala de pedra. O outro ligava o interior do Instituto ao Santuário. Só podia ser utilizado por Caçadores de Sombras. Como as portas da frente do Instituto, as do lado de dentro do Santuário só se abriam para os que tinham sangue de Caçador de Sombras.

Emma tinha parado à base da escada para olhar pela janela, para a delegação do Povo das Fadas. Viu os cavalos, sem ninguém montando, esperando perto da escada. Se aquela comitiva tinha experiência com Caçadores de Sombras, o que era bem provável, então já estavam dentro do Santuário.

As portas internas do Santuário ficavam no fim de um corredor que começava na entrada principal do Instituto. Eram feitas de metal cúprico, que há muito tinha ficado verde com azinhavre; símbolos de proteção e de boas-vindas se entrelaçavam ao redor da moldura das portas, como videiras.

Emma podia ouvir as vozes do outro lado: vozes desconhecidas, uma clara feito água, outra afiada feito um galho estalando sob seu pé. Ela apertou a mão em torno de Cortana e empurrou as portas.

O Santuário era construído em formato de lua crescente, diante das montanhas — os desfiladeiros com sombras, as pinceladas verdes e prateadas pela paisagem. As montanhas bloqueavam o sol, mas o recinto estava iluminado, graças ao lustre pendurado no teto. Luz batia nos vitrais e iluminava o piso xadrez, alternando quadrados de madeira mais escura e mais clara. Quem subisse no lustre e olhasse para baixo, veria a forma do símbolo de Poder Angelical.

Não que Emma fosse admitir que já tinha feito isso. Apesar de que era possível ter uma excelente visão da enorme cadeira de pedra do diretor do Instituto por esse ângulo.

No centro do recinto, encontravam-se as fadas. Eram apenas duas: o cavaleiro fada de traje branco e o de armadura preta. O cavaleiro marrom não estava em lugar algum. Nenhuma das faces era visível. Ela conseguia ver as pontas dos dedos de mãos longas e pálidas se estendendo além das mangas, mas não sabia se eram mãos femininas ou masculinas.

Emma conseguia sentir um poder selvagem e inflexível irradiando deles, aquela coisa meio vaporosa do outro mundo. Uma sensação como a umidade fria da terra molhada tocou sua pele, trazendo o aroma de raízes, folhas e flores de jacarandá.

A fada de preto riu e tirou o próprio capuz. Emma levou um susto. Pele da cor de folhas verde-escuras, garras nas mãos e olhos amarelos de coruja. O cavaleiro fada usava uma capa, bordada com uma estampa de sorva.

Foi ele que Emma tinha visto no Sepulcro na noite anterior.

— Encontramo-nos novamente, minha bela — disse ele, e sua boca, que parecia um corte no tronco de uma árvore, sorriu. — Sou Iarlath, da Corte Unseelie. Meu companheiro de branco é Kieran, da Caçada. Kieran, tire o capuz.

O cavaleiro fada de branco ergueu as mãos esguias, cada qual com unhas quase transparentes e quadradas. Pegou as pontas do capuz e o retirou com um gesto imperioso, quase rebelde.

Emma suprimiu um engasgo. Ele era lindo. Não como Julian era lindo ou Cristina — de um jeito humano —, mas como a ponta dura e afiada de Cortana. Ele parecia tão jovem, não mais que 16 ou 17 anos, apesar de ela imaginar que ele fosse mais velho que isso. Cabelo escuro, com um leve brilho azul, emoldurava um rosto esculpido. A túnica clara e as calças estavam desbotadas e gastas; outrora foram elegantes, mas agora as mangas e bainhas eram um pouco curtas para aquele corpo ágil e gracioso. Os olhos espaçados eram bicolores: o esquerdo era preto, e o direito, prateado. Ele usava gastas manoplas brancas que o proclamavam um príncipe das Fadas, mas seus olhos — os olhos diziam que era parte da Caçada Selvagem.

— Isso é por causa da outra noite? — disse Emma, olhando de Iarlath para Kieran. — No Sepulcro?

— Em parte — anuiu Iarlath. Sua voz soava como galhos estalando ao vento. Como as profundezas escuras das florestas de contos de fada, onde apenas monstros viviam. Emma ficou pensando por que não tinha notado aquilo no bar.

— Esta é a garota? — A voz de Kieran era muito diferente: soava como ondas batendo na costa. Como água morna sob a luz clara. Era sedutora, com uma pitada de frieza. Ele olhava para Emma como se a garota fosse uma nova espécie de flor, que ele não tinha certeza se gostava. — Ela é bonita — falou. — Não achei que ela fosse ser bonita. Você não mencionou isso.

Iarlath deu de ombros.

— Você sempre teve uma queda por loiras — observou.

— Tá, sério? — Emma estalou os dedos. — Eu estou *bem aqui*. E não sabia que fui convidada para um jogo de “Quem É Mais Gato”?

— Eu não sabia que tinha sido convidada para nada — disse Kieran. Sua fala

tinha um tom casual, como se ele estivesse acostumado a conversar com humanos.

— Grosso — respondeu Emma. — Esta é a minha casa. E o que vocês estão fazendo aqui, aliás? Vieram dizer que ele — apontou para Iarlath — não é responsável pelo assassinato no Sepulcro? Porque isso me parece um esforço grande demais só para dizer que não foi.

— Certamente não fui eu. — Iarlath se irritou. — Não seja ridícula.

Em qualquer outro contexto Emma teria desconsiderado o comentário. Mas fadas não podiam mentir. Não fadas de puro sangue, pelo menos. Quem era metade fada, como Mark e Helen, podia falar inverdades, mas fadas de linhagem mista eram raras.

Emma cruzou os braços.

— Repita comigo: eu não matei a vítima da qual você está falando, Emma Carstairs — disse ela. — Para eu saber que é verdade.

Os olhos amarelos de Iarlath se fixaram em Emma com desgosto.

— Eu não matei a vítima da qual você está falando, Emma Carstairs.

— Então o que estão fazendo aqui? — Emma quis saber. — Ah, isso é uma daquelas conexões perdidas? Nos conhecemos naquela noite, você sentiu alguma coisa? Desculpe, mas não namoro árvores.

— Não sou uma árvore. — Iarlath parecia irritado, seu tronco descascando de leve.

— Emma — disse uma voz em tom de alerta na entrada.

Para enorme surpresa de Emma, era Arthur Blackthorn. Ele estava na entrada do Santuário, trajando um terno escuro sombrio, os cabelos cuidadosamente penteados para trás. A visão a espantou; fazia tempo que ela não o via vestindo outra coisa além de um robe maltrapilho sobre jeans manchados de café.

Ao seu lado estava Julian, os cabelos castanhos emaranhados. Ela examinou o rosto dele atrás de sinais de raiva, mas não captou nada; ele parecia alguém que tinha acabado de correr uma maratona, na verdade, e estava se segurando para não sucumbir ao cansaço e ao alívio.

— Peço desculpas pelo comportamento de minha tutelada — disse Arthur, entrando no salão. — Apesar de não ser proibido querelar no Santuário, é contra o espírito do local. — Ele se sentou na enorme cadeira de pedra. — Sou Arthur Blackthorn. Este é meu sobrinho, Julian Blackthorn. — Julian, que se colocara ao lado do assento de Arthur, inclinou a cabeça quando Iarlath e Kieran se apresentaram. — Agora, digam-nos o que fazem aqui.

As fadas trocaram olhares.

— Como assim? — disse Kieran — Não vai falar nada sobre a Paz Fria ou sobre essa visita transgredir a sua Lei?

— Meu tio não administra a Paz Fria — respondeu Julian. — E não é isso que desejamos discutir. Vocês conhecem as regras tão bem quanto nós; se escolheram violá-las, deve haver uma razão importante. Se não quiserem compartilhar a informação, meu tio vai pedir que se retirem.

Kieran tinha um ar arrogante.

— Muito bem — falou. — Viemos pedir um favor.

— Um *favor*? — respondeu Emma espantada.

O texto da Paz Fria era categórico: Caçadores de Sombras não deveriam prestar assistência às Cortes Seelie e Unseelie. Os representantes das Cortes não apareceram para assinar o tratado dos Nephilim; fizeram pouco-caso, e esse era o castigo.

— Talvez vocês tenham se confundido — respondeu Arthur friamente. — Podem ter ouvido falar sobre minha sobrinha e meu sobrinho; podem achar que, como nossos parentes Mark e Helen têm sangue de fada, encontrarão mais boa vontade aqui do que encontrariam em outro Instituto. Mas minha sobrinha foi mandada para longe por causa da Paz Fria e meu sobrinho, roubado de nós.

O lábio de Kieran se curvou no canto.

— O exílio de sua sobrinha foi um decreto Nephilim, e não das fadas — falou o cavaleiro fada. — Quanto ao seu sobrinho...

Arthur respirou fundo, trêmulo. Estava agarrando os braços da cadeira com as mãos.

— A Consulesa foi forçada a isso, por conta da traição da Rainha Seelie. Guerreiros Unseelie lutaram ao lado dela. Todas as mãos de fadas estão sujas de sangue. Não somos muito receptivos a fadas aqui.

— Não foi a Paz Fria que tirou Mark de nós — argumentou Julian, com as bochechas ardendo em cor. — Foram vocês. A Caçada Selvagem. Está nos seus olhos que você cavalga com Gwyn, não negue.

— Ah — disse Kieran com um singelo sorriso nos lábios —, eu não negaria isso.

Emma ficou imaginando se mais alguém teria escutado Julian respirar fundo.

— Então você conhece meu irmão.

O sorriso não deixou os lábios de Kieran.

— Eu certamente o conheço.

Julian parecia estar se segurando com toda força.

— *O que você sabe sobre Mark?*

— Que falsa surpresa é essa? — perguntou Iarlath. — É tolice. Falamos sobre Mark da Caçada na carta que enviamos.

Emma viu o olhar no rosto de Julian, uma ponta de choque. Ela deu um passo à frente rapidamente, não querendo que ele tivesse que ser o encarregado de

perguntar.

— Que carta? — quis saber.

— Estava escrita em uma folha — respondeu Arthur. — Uma folha que se desfez. — Ele estava suando; pegou o lenço do bolso do peito e enxugou a testa. — Continha palavras sobre matanças. Sobre Mark. Não acreditei que fosse real. Eu...

Julian se adiantou um passo, praticamente bloqueando o tio de vista.

— Matanças?

Kieran olhou para Julian, e seus olhos bicolores escureceram. Emma sentiu a incômoda sensação de que Kieran achava que sabia alguma coisa sobre seu *parabatai*, algo que ela própria não sabia.

— Você sabe sobre os assassinatos — anunciou Kieran. — Emma Carstairs encontrou um dos corpos na outra noite. Sabemos que vocês sabem que houve outros.

— Por que se importa? — perguntou Julian. — Fadas não costumam se envolver no derramamento de sangue do mundo humano.

— Costumamos se o sangue derramado for de fada — respondeu Kieran. Ele olhou em volta para as expressões surpresas dos outros. — Quem quer que seja o assassino, também está matando e mutilando fadas. Por isso Iarlath estava no Sepulcro na outra noite. Por isso Emma Carstairs o encontrou. Vocês estavam caçando o mesmo assassino.

Iarlath alcançou a própria capa e sacou um punhado de mica brilhante. Jogou para o ar, onde as partículas pairaram e se separaram, amalgamando-se em imagens em três dimensões. Imagens de corpos, corpos de fadas — alguns de aparência muito humana, todos mortos. Todos exibiam a pele talhada com as marcas pontudas que adornavam o corpo que Emma e Cristina encontraram no beco.

Emma se flagrou inclinando-se para a frente inconscientemente, tentando enxergar melhor a ilusão.

— O que são essas coisas? Fotos mágicas?

— Lembranças, preservadas com magia — explicou Iarlath.

— Ilusões — disse Julian. — Ilusões podem mentir.

Iarlath virou a mão para o lado, e as imagens mudaram. De repente, Emma estava olhando para o morto que encontrou no beco há três noites. Era uma imagem exata, incluindo até a expressão contorcida de horror na face dele.

— É mentira?

Emma olhou fixamente para Iarlath

— Você o viu — disse Emma. — Você o encontrou antes de mim. Supus que sim.

Iarlath fechou a mão, e os pedaços brilhantes de mica caíram no chão como gotas de chuva; a ilusão desapareceu.

— Vi. Ele já estava morto. Eu não poderia ter feito nada. Deixei-o para que você o encontrasse.

Emma não disse nada. Pela imagem, era evidente que Iarlath falava a verdade.

E fadas não mentiam.

— Caçadores de Sombras também foram mortos, nós sabemos — emendou Kieran.

— Caçadores de Sombras são mortos com frequência — disse o tio Arthur. — Não existe lugar seguro.

— Não — retrucou Kieran. — Há proteção onde há protetores.

— Meus pais — disse Emma, ignorando Julian, que estava balançando a cabeça atrás dela, como se quisesse dizer, *não diga a eles, não compartilhe, não dê nada a eles*. Ela sabia que ele provavelmente estava certo; era da natureza das fadas pegar seus segredos e usá-los contra você. Mas, se houvesse a chance, a menor das chances, de que soubessem de alguma coisa... — Os corpos deles foram encontrados com as mesmas marcas, há cinco anos. Quando os Caçadores de Sombras tentaram levá-los, eles se desfizeram em cinzas. Só sabemos das marcas porque os Nephilim fotografaram antes.

Kieran a observou com olhos brilhantes. Nenhum dos dois parecia humano: o preto era escuro demais, o prateado, muito metálico. Mesmo assim, o efeito geral era assombroso, desumanamente lindo.

— Sabemos sobre seus pais — falou ele. — Sabemos sobre a morte deles. Sabemos sobre a língua demoníaca com a qual os corpos foram marcados.

— Mutilados — disse Emma, com a respiração falhando, e sentiu o olhar de Julian, um lembrete de que ele estava lá, um apoio silencioso. — Desfigurados. E não *marcados*.

A expressão de Kieran não mudou.

— Também sabemos que você passou anos tentando traduzir ou entender as marcas nos corpos, sem sucesso. Podemos ajudá-la a mudar isso.

— O que está dizendo, exatamente? — perguntou Julian. Seus olhos estavam resguardados; toda a postura dele estava. A tensão no corpo de Julian impediu que Emma disparasse perguntas.

— Os acadêmicos da Corte Unseelie estudaram as marcas — explicou Iarlath. — Parece uma língua de um tempo antigo do Reino das Fadas. Um tempo que em muito precede sua memória humana. Antes de existirem os Nephilim.

— Quando as fadas eram mais próximas de seus ancestrais demoníacos —

completou Arthur, rouco.

Os lábios de Kieran se curvaram como se Arthur tivesse dito alguma coisa de mau gosto.

— Nossos acadêmicos começaram a traduzir — revelou Kieran.

Puxou do bolso da capa uma folha de papel fina como um pergaminho. Nele Emma reconheceu as marcas com as quais estava tão familiarizada. As que os corpos sem vida de seus pais traziam. Abaixo das marcas havia palavras escritas com uma letra elegante.

O coração de Emma acelerou.

— Traduziram a primeira linha — explicou ele. — Parece ser parte de um feitiço. Aí o nosso conhecimento é falho, o Povo das Fadas não lida com feitiços; isso é território dos feiticeiros...

— Traduziram a primeira linha? — Emma disparou. — O que diz?

— Vamos contar — disse Iarlath. — E lhe daremos o trabalho que nossos acadêmicos realizaram até o momento se concordarem com nossos termos.

Julian os encarou com olhos cerrados.

— Por que traduziriam apenas a primeira linha? — perguntou o garoto. — Por que não fizeram tudo?

— Mal os acadêmicos concluíram o significado da primeira linha, e o Rei Unseelie os proibiu de continuar — disse Kieran. — A magia deste feitiço é sombria, de origem demoníaca. Ele não queria que fosse despertado no Reino das Fadas.

— Você podia ter continuado com o trabalho — argumentou Emma.

— Todas as fadas são proibidas pelo Rei de tocarem essas palavras. — Iarlath se irritou. — Mas isso não quer dizer que nosso envolvimento acabe. Acreditamos que este texto, estas marcas, podem ajudar a levá-los ao assassino, uma vez que sejam compreendidos.

— E você quer que a gente traduza o restante das marcas? — perguntou Julian. — Utilizando a linha que conseguiram como chave?

— Mais do que isso — disse Iarlath. — A tradução é apenas o primeiro passo. Ela os levará ao assassino. Uma vez que encontrem essa pessoa, vocês a entregarão ao Rei Unseelie para que seja julgada pelo assassinato das fadas, e para que receba a justiça.

— Quer que a gente conduza uma investigação em seu nome? — Julian se revoltou. — Somos *Caçadores de Sombras*. Somos jurados pela Paz Fria, assim como vocês. Somos proibidos de ajudar as fadas, proibidos até mesmo de recebê-las aqui. Sabe o que estaríamos arriscando. Como ousam pedir?

Havia raiva na voz de Julian — uma raiva desproporcional à sugestão, mas Emma não podia culpá-lo. Ela sabia o que ele enxergava quando olhava para

fadas, principalmente fadas com os olhos quebrados da Caçada Selvagem. Ele via os restos frios da Ilha Wrangel. Ele via o quarto vazio no Instituto onde Mark não dormia mais.

— Não é uma investigação só deles — falou Emma em voz baixa. — Também é minha. Isso tem a ver com meus pais.

— Eu sei — retrucou Julian, e a raiva desapareceu. Em vez disso tinha dor na voz. — Mas não assim, Emma...

— Por que vir até aqui? — interrompeu Arthur, parecendo sentir dor, com o rosto cinza. — Por que não procuraram um feiticeiro?

O belo rosto de Kieran se contorceu.

— Não podemos consultar um feiticeiro — explicou. — Nenhum dos filhos de Lillith fala conosco. A Paz Fria nos isolou do resto dos membros do Submundo. Mas vocês podem visitar o Alto Feiticeiro Malcolm Fade, ou o próprio Magnus Bane, e pedir que tirem suas dúvidas. Nós estamos presos, mas vocês... — disse a palavra com desdém. — Vocês são livres.

— Esta foi a família errada a procurar — disse Arthur. — Estão pedindo que violemos a Lei por vocês, como se tivéssemos alguma estima especial pelo Povo das Fadas. Mas os Blackthorn não se esqueceram do que tiraram deles.

— Não — disse Emma. — Precisamos desse papel, precisamos...

— Emma. — A expressão de Arthur era afiada. — Basta.

Emma abaixou o olhar, mas seu sangue chiava pelas veias, uma melodia de rebeldia determinada. Se as fadas saíssem e levassem consigo o papel, ela acharia um jeito de encontrá-los para obter a informação, para descobrir o que precisava descobrir. De algum jeito. Mesmo que o Instituto não pudesse se arriscar, ela podia.

Iarlath olhou para Arthur.

— Eu não acredito que queira tomar uma decisão tão precipitada.

A mandíbula de Arthur enrijeceu.

— Por que me questiona, vizinho?

Os Bons Vizinhos. Um termo antigo, muito antigo para as fadas. Foi Kieran quem respondeu:

— Por que temos uma coisa que desejam acima de tudo. E, se nos ajudarem, estamos dispostos a lhes dar o que querem.

Julian empalideceu. Emma, encarando-o, por um instante se prendeu demais à reação dele para perceber o que estavam implicando. Ao perceber, seu coração bateu descompassado no peito.

— O quê? — sussurrou Julian. — O que vocês têm que nós queremos?

— Ora, pois — disse Kieran. — O que acha?

A porta do Santuário, a que levava ao lado de fora do Instituto, se abriu e o

cavaleiro fada marrom entrou. Ele se movia com graça e silêncio, sem hesitação ou trepidação — sem qualquer característica humana em seus movimentos. Ao chegar ao desenho do símbolo angelical no chão, parou. O recinto estava em total silêncio quando ele ergueu as mãos para o capuz e, pela primeira vez, hesitou.

Suas mãos eram humanas, com dedos compridos e pele marrom clara.

Familiares.

Emma não estava respirando. Não conseguia respirar. Julian parecia estar em um sonho. O rosto de Arthur estava pálido, confuso.

— Tire o capuz, menino — disse Iarlath. — Mostre seu rosto.

As mãos familiares fecharam em torno do capuz e o puxaram. Primeiro, puxaram, depois, arrancaram dos ombros, como se o material fosse desagradável. Emma viu o lampejo de um corpo comprido e ágil, cabelos claros, mãos finas, enquanto a capa era arrancada e caía no chão em uma poça escura.

Um menino se encontrava no centro do símbolo, arfando. Um menino que parecia ter cerca de 17 anos, com cabelos claros que se curvavam como videiras de acantos, emaranhados em gravetos, na altura dos ombros. Seus olhos traziam a dualidade da Caçada Selvagem: duas cores — dourado e azul dos Blackthorn. Os pés estavam descalços, pretos de sujeira, as roupas rasgadas e maltrapilhas.

Uma onda de tontura atravessou Emma, com uma terrível mistura de horror, alívio e assombro. Julian estava rijo, como se tivesse recebido um choque elétrico. Ela viu o leve endurecer da boca, a contração no músculo da bochecha. Ele não abriu a boca; foi Arthur quem falou, levantando-se um pouco da cadeira, com a voz falha e incerta:

— *Mark?*

Os olhos de Mark se arregalaram em confusão. Ele abriu a boca para responder. Iarlath girou para ele:

— Mark Blackthorn da Caçada Selvagem — disparou. — Não fale até receber permissão para falar.

Os lábios de Mark se fecharam. O rosto ficou imóvel.

— E, você — disse Kieran, levantando a mão quando Julian começou a avançar. — Fique onde está.

— O que fizeram com ele? — Os olhos de Julian brilharam. — *O que fizeram com o meu irmão?*

— Mark pertence à Caçada Selvagem — disse Iarlath. — Se escolhermos libertá-lo, será sob nossa fiança.

Arthur se sentou novamente na cadeira. Piscava os olhos como uma coruja, e

olhava de Mark para o anfitrião das fadas e para Mark outra vez. A cor cinza tinha voltado ao seu rosto.

— Os mortos se levantam, e os perdidos retornam — declarou Arthur. — Deveríamos erguer bandeiras azuis do alto das torres.

Kieran pareceu friamente confuso.

— Por que ele diz isso?

Julian olhou de Arthur para Mark e para as outras duas fadas.

— Ele está em choque — disse o garoto. — Com a saúde frágil desde a guerra.

— É de um antigo poema dos Caçadores de Sombras — explicou Emma. — Fico surpresa por você não conhecer.

— Poemas contêm muita verdade — disse Iarlath, e havia humor em sua voz, mas um humor amargo. Emma ficou imaginando se ele estaria rindo deles ou de si mesmo.

Julian encarava Mark, com um olhar de absoluto choque e saudade.

— Mark? — chamou.

Mark não levantou o olhar.

Julian parecia ter sido perfurado por parafusos de elfos, as flechas astutas que penetravam a pele e soltavam um veneno mortal. Qualquer raiva que Emma tivesse sentido dele por conta da noite anterior evaporou. O olhar em seu rosto era como lâminas de faca em seu coração.

— Mark — repetiu, e, depois, a meia voz —, por quê? Por que ele não pode falar comigo?

— Ele foi proibido por Gwyn de falar até nosso acordo ser selado — disse Kieran. Ele encarou Mark, e havia algo frio em sua expressão. Ódio? Inveja? Ele odiava Mark por ser meio humano? Será que todos eles o odiavam? Como teriam demonstrado seu ódio por todos aqueles anos, quando Mark estava à mercê deles?

Emma podia sentir a força com que Julian estava se segurando para não correr para o irmão. Ela falou por ele.

— Então Mark é sua moeda de troca.

Ódio passou pelo rosto de Kieran, súbito e intenso.

— Por que precisa verbalizar o óbvio? Por que todos os humanos precisam fazer isso? Menina tola...

Julian mudou; sua atenção se desviou de Mark, a espinha estreitando e a voz enrijecendo. Ele soou calmo, mas Emma, que o conhecia tão bem, podia ouvir a frieza em sua voz.

— Emma é minha *parabatai* — falou Julian. — Se voltar a falar com ela deste jeito, haverá sangue no chão do Santuário, e eu não me importo se me

condenarem à morte por isso.

Os olhos lindos e estranhos de Kieran brilharam.

— Vocês, Nephilim, são leais a seus parceiros de escolha, reconheço isso. — Acenou com um gesto de indiferença. — Suponho que Mark seja nossa moeda de troca, como colocou, mas não se esqueçam de que é culpa dos Nephilim o fato de precisarmos de uma. Houve um tempo em que os Caçadores de Sombras teriam investigado as mortes dos nossos por acreditarem em sua missão de proteger, mais do que no ódio que sentiam.

— Houve um tempo em que o Povo das Fadas teria devolvido livremente um dos nossos — disse Arthur. — A dor da perda é uma via de mão dupla, assim como a perda de confiança.

— Bem, terão que confiar em nós — disse Kieran. — Vocês não têm mais ninguém. Têm?

Fez-se um longo silêncio. O olhar de Julian voltou para o irmão, e naquele momento Emma odiou as fadas, pois ao deterem Mark, detinham também o coração humano e frágil de Julian.

— Então você quer que a gente descubra quem é o responsável por essas mortes? — insistiu ela. — Quer conter os assassinatos de fadas e humanos? E em troca nos dará Mark se formos bem-sucedidos?

— A Corte está preparada para ser muito mais generosa — disse Kieran. — Daremos Mark agora. Ele vai ajudá-los na investigação. E, quando a investigação acabar, ele pode escolher se fica com vocês ou se volta para a Caçada.

— Ele vai nos escolher — disse Julian friamente. — Somos a família dele.

Os olhos de Kieran brilharam.

— Eu não teria tanta certeza, jovem Caçador de Sombras. Os integrantes da Caçada são leais à Caçada.

— Ele não é da Caçada — disse Emma. — Ele é um Blackthorn.

— A mãe dele, Lady Nerissa, era fada — retrucou Kieran. — E ele cavalgou conosco, ceifou os mortos conosco, dominou o uso do arco elfo e da flecha. Ele é um guerreiro formidável para as fadas, mas não é como vocês. Não vai lutar como vocês. Ele não é Nephilim.

— É sim — garantiu Julian. — O sangue de Caçador das Sombras tem poder. A pele dele sustenta Marcas. Você conhece as leis.

Kieran não respondeu, apenas olhou para Arthur.

— Só o chefe do Instituto pode decidir isso. Deve permitir que seu tio fale livremente.

Emma olhou para Arthur; todos o fizeram. Arthur ficou mexendo nervoso, inquieto, no braço da cadeira.

— Vocês querem o jovem fada aqui para que ele possa transmitir informações sobre nós — disse, afinal, com a voz trêmula. — Ele será seu espião.

Jovem fada. E não Mark. Emma olhou para Mark, mas, se uma pontinha de dor passou por seu rosto duro, foi invisível.

— Se quiséssemos espioná-los, há maneiras mais fáceis — disse Kieran, em um tom frio de reprovação. — Não precisaríamos abrir mão de Mark, ele é um dos melhores guerreiros da Caçada. Gwyn sentirá muito a sua falta. Ele não será um espião.

Julian se afastou de Emma e se ajoelhou perto da cadeira do tio. Se inclinou e sussurrou para Arthur. Emma se esforçou para ouvir o que ele estava dizendo, mas só conseguiu identificar poucas palavras: “irmão”, “investigação”, “assassinato”, “remédio” e “Clave”.

Arthur ergueu uma mão trêmula, como se quisesse silenciar o sobrinho, e voltou-se para as fadas.

— Aceitaremos sua oferta — decidiu. — Com a condição de que não sejam traiçoeiros. Ao fim de nossa investigação, quando o assassino for capturado, Mark terá a livre escolha de ir ou ficar.

— Certamente — disse Iarlath. — Contanto que o assassino seja claramente identificado. Queremos quem tem sangue nas mãos, não basta nos dizerem que “foi este ou aquele”, ou “foram os vampiros”. O assassino ou assassinos serão postos sob custódia da Corte. Nós faremos a nossa justiça.

Não se eu achar o assassino primeiro, Emma pensou. *Entregarei o cadáver a vocês, e é bom que isso seja o suficiente.*

— Primeiro vocês devem jurar — disse Julian, os olhos azul-esverdeados brilhantes e severos. — Digam “eu juro que, quando os termos do acordo forem cumpridos, Mark Blackthorn terá livre escolha quanto a querer fazer parte da Caçada ou voltar à vida de Nephilim”.

A boca de Kieran enrijeceu.

— Eu juro que, quando os termos do acordo forem cumpridos, Mark Blackthorn terá livre escolha quanto a querer fazer parte da Caçada ou voltar à vida de Nephilim.

Mark estava sem expressão, sem se mexer, como esteve o tempo todo, como se não estivessem falando sobre ele, mas sobre outra pessoa. Ele parecia olhar através das paredes do Santuário, enxergando, talvez, os oceanos distantes, ou um lugar ainda mais longínquo.

— Então creio que temos um acordo — declarou Julian.

As duas fadas se entreolharam, e Kieran foi até Mark. Colocou suas mãos brancas sobre os ombros do garoto e lhe disse algo em uma língua gutural que

Emma não entendeu — não era nada que Diana tivesse ensinado, não era a língua aguda e musical da Corte das fadas nem outro discurso mágico. Mark não se mexeu, e Kieran se afastou, sem demonstrar surpresa.

— Ele é seu, por enquanto — avisou, olhando para Arthur. — Vamos deixar o cavalo para ele. Eles se tornaram... ligados.

— Ele não poderá usar um cavalo — disse Julian, com a voz tensa. — Não em Los Angeles.

O sorriso de Kieran estava cheio de desdém.

— Acho que descobrirá que ele pode usar esse.

— Meu Deus! — Foi Arthur quem falou, gritando. Avançou, com as mãos na cabeça. — Está doendo...

Julian foi para perto do tio, esticando-se para agarrar o braço dele, mas Arthur o afastou, se levantando, com a respiração irregular.

— Tenho que me retirar — explicou. — Minha dor de cabeça. É insuportável.

Ele parecia terrivelmente mal, era verdade. A pele estava da cor de giz sujo, o colarinho, grudado na garganta pelo suor.

Nem Kieran nem Iarlath disseram nada. Nem Mark, que continuava balançando cegamente sobre os pés. As fadas observaram Arthur com uma curiosidade ávida nos olhos. Emma podia ler seus pensamentos. *O líder do Instituto de Los Angeles. É fraco, doente...*

As portas internas balançaram, e Diana entrou. Ela parecia calma e tranquila como sempre. Seu olhar sombrio assimilou a cena diante de si; seu olhar passou por Emma uma vez; havia raiva fria ali.

— Arthur — chamou. — Precisam de você lá em cima. Vá. Eu acompanho o grupo para discutir o acordo.

Há quanto tempo ela estava ouvindo a conversa? Emma ficou imaginando enquanto Arthur, parecendo desesperadamente grato, passou mancando por Diana em direção à porta. Diana era quieta feito um felino quando queria.

— Ele está morrendo? — perguntou Iarlath com alguma curiosidade, seu olhar acompanhando Arthur enquanto ele deixava o Santuário.

— Somos mortais — disse Emma. — Ficamos doentes, envelhecemos. Não somos como vocês. Mas isso não deveria ser nenhuma surpresa.

— Basta! — exclamou Diana. — Eu os acompanharei para fora do Santuário, mas antes, a tradução. — Ela estendeu uma mão esguia e escura.

Kieran entregou o papel quase transparente com um olhar torto. Diana o examinou.

— O que diz a primeira linha? — perguntou Emma, sem conseguir se conter. Diana franziu o rosto.

— *Fogo para água* — falou ela. — O que isso significa?

Iarlath lançou-lhe um único olhar frio e se aproximou.

— É o trabalho de vocês descobrir.

Fogo para água? Emma pensou nos corpos dos pais, afogados e depois se desfazendo como cinzas. No corpo do homem no beco, queimado e depois molhado com a água do mar. Ela olhou para Julian, imaginando se a mente dele estava seguindo os mesmos caminhos; mas não, ele encarava o irmão, imóvel, como se estivesse congelado no lugar.

Ela estava se coçando para colocar as mãos no papel, mas ele estava dobrado no casaco de Diana, e esta guiava as duas fadas para a saída do Santuário.

— Vocês entendem que faremos esta investigação sem o conhecimento da Clave — disse ela, enquanto Iarlath a acompanhava. Kieran seguia atrás, de cara feia.

— Entendemos que temem seu governo, sim — comentou Iarlath. — Nós também os tememos, os arquitetos da Paz Fria.

Diana não mordeu a isca.

— Se precisarem entrar em contato durante a investigação, terão que ser cuidadosos.

— Só viremos ao Santuário, e vocês podem deixar mensagens para nós aqui — garantiu Kieran. — Se soubermos que falaram sobre nosso acordo fora destas paredes, principalmente com alguém que não seja Nephilim, ficaremos muito irritados. Mark também está sob ordens da Caçada para manter segredo. Verão que ele não vai desobedecer.

A luz do sol entrou no Santuário quando Diana abriu as portas. Emma sentiu uma onda de gratidão por sua tutora quando ela e as fadas desapareceram. Gratidão por poupar Arthur — e por poupar Julian de ter que fingir por mais um minuto que estava bem.

Pois Jules estava olhando para o irmão, finalmente, olhando *de fato* para ele, sem ninguém para ver ou julgar sua fraqueza. Sem ninguém para, no último instante, tirar Mark dele outra vez.

Mark levantou a cabeça lentamente. Estava magro como uma tábua, muito mais esguio e anguloso do que Emma se lembrava. Ele não parecia ter envelhecido tanto, mas sim se tornado mais definido, como se os ossos do queixo, bochecha e mandíbula tivessem sido refinados com ferramentas cuidadosas. Ele era esbelto, mas gracioso, assim como as fadas.

— Mark. — Julian arfou, e Emma pensou nos pesadelos dos quais Jules havia acordado ao longo dos anos, gritando pelo irmão, por *Mark*, e em como soava desesperado e perdido.

Ele estava pálido agora, mas seus olhos brilhavam como se estivesse olhando

para um milagre, Emma pensou: as fadas não devolveram o que levaram.

Pelo menos, não sem mudanças.

Um calafrio de repente correu pelas veias de Emma, mas ela não emitiu nenhum ruído. Ela não se moveu quando Julian deu um passo em direção ao irmão, e mais um, então falou, com a voz falhando:

— Mark. Mark. Sou eu.

Mark olhou diretamente para o rosto de Julian. Havia alguma coisa em seus olhos bicolores: ambos eram azuis quando Emma o vira pela última vez, e a bifurcação parecia traduzir algo quebrado dentro dele, como um pedaço de cerâmica rachado na borda. Ele olhou para Julian — assimilando sua altura, os ombros largos e o corpo magro, os cabelos castanhos desgrehados, os olhos Blackthorn — e, pela primeira vez, falou.

A voz soou rouca, áspera, arranhada, como se não a utilizasse há dias.

— Pai? — falou, e em seguida, quando Julian respirou fundo, assustado, os olhos de Mark reviraram e ele sucumbiu ao chão em um desmaio.

6

Muitos Bem Mais Sábios

O quarto de Mark estava cheio de pó.

Eles o deixaram intocado durante anos desde que ele desapareceu. Finalmente, naquele que teria sido seu décimo oitavo aniversário, Julian abriu a porta e limpou tudo em um impulso selvagem. As roupas de Mark, brinquedos, jogos, tudo foi para o depósito. O quarto estava despido e vazio, um espaço desabitado aguardando decoração.

Emma percorreu o recinto, abrindo as cortinas empoeiradas e as janelas, permitindo que a luz entrasse enquanto Julian, que tinha carregado o irmão pelas escadas, colocava Mark na cama.

As cobertas estavam puxadas, uma camada fina de poeira sobre a colcha. Uma nuvem subiu quando Mark foi colocado na cama; Mark tossiu, mas não se mexeu.

Emma ficou de costas para as janelas. Abertas, elas inundavam o quarto com luz e transformavam as partículas de poeira esvoaçantes em criaturas dançando.

— Ele parece tão magro — disse Julian. — Não está pesando quase nada.

Alguém que não o conhecesse poderia julgá-lo inexpressivo: seu rosto só traía uma ligeira esticada dos músculos, a boca fina comprimida em uma linha dura. Era como ele ficava quando era atingido no coração por alguma emoção forte e tentava esconder, normalmente dos irmãos mais novos.

Emma foi até a cama. Por um instante, os dois ficaram parados, olhando para Mark. De fato, as curvas dos cotovelos, joelhos e clavículas eram dolorosamente agudas sob as roupas que vestia: jeans rasgados com botas de couro de bezerro amarradas até o joelho e uma camiseta quase transparente depois de tantos anos de lavagem. Cabelos louros emaranhados cobriam metade do seu rosto.

— É verdade? — disse uma vizinha da entrada.

Emma se virou. Ty e Livia tinham entrado de mansinho no quarto. Cristina parou na porta atrás deles; ela olhou para Emma como se dissesse que tinha tentado contê-los. Emma balançou a cabeça. Ela sabia que era impossível segurar os gêmeos quando eles queriam participar de alguma coisa.

Foi Livvy quem falou. Ela agora olhava através do quarto, através de Emma, para o lugar onde Mark estava deitado na cama. Ela respirou fundo.

— É verdade.

— Não pode ser. — As mãos de Ty estavam agitadas ao lado do corpo. Ele estava contando nos dedos, de um a dez, de dez a um. O olhar fixo no irmão demonstrava incredulidade. — O Povo das Fadas não devolve o que pega.

— Não — disse Julian, com a voz suave, e Emma se perguntou, não pela primeira vez, como ele podia ser tão gentil quando ela sabia que por dentro devia estar com vontade de gritar e se estilhaçar em mil pedaços. — Mas, às vezes, devolve o que pertence a você.

Ty não disse nada. As mãos dele continuavam balançando em seus movimentos repetitivos. Houve um tempo em que o pai de Ty tentou treiná-lo na imobilidade; segurava firme as mãos do filho nas laterais do corpo quando ele ficava chateado, e dizia “parado, *parado*”. Isso fez Ty vomitar em pânico. Julian nunca fazia isso. Simplesmente dizia que todo mundo se agitava quando ficava nervoso; algumas pessoas tinham borboletas no estômago, e Ty tinha nas mãos. Ty ficou satisfeito com isso. Ele adorava mariposas, borboletas, abelhas — qualquer coisa com asas.

— Ele não está como eu me lembro — disse uma voz baixinha. Era Dru, que tinha entrado no quarto, cercando Cristina. Ela estava de mãos dadas com Tavvy.

— Bem — disse Emma. — Mark *está* cinco anos mais velho agora.

— Ele não parece mais velho — disse Dru. — Só parece diferente.

Fez-se um silêncio. Dru tinha razão. Mark não parecia mais velho, certamente não cinco anos mais velho. Em parte, por estar tão magro, mas era mais que isso.

— Ele passou todos esses anos no Reino das Fadas — disse Julian. — E o tempo funciona de forma diferente lá.

Ty deu um passo para a frente. Seu olhar se fixou na cama, examinando o irmão. Drusilla ficou para trás. Ela tinha 8 anos quando Mark foi levado; Emma não conseguia imaginar como seriam as lembranças que ela tinha do irmão — anuviadas e embaçadas, provavelmente. Quanto a Tavvy... Tavvy tinha 2 anos. Para ele, o menino na cama seria um completo estranho.

Mas Ty. Ty lembrava. Ty se aproximou da cama, e Emma quase pôde ver a mente veloz trabalhando por trás dos olhos cinza.

— Faz sentido. Existem várias histórias de pessoas que desaparecem por uma

noite com as fadas e voltam para descobrir que cem anos se passaram. Cinco anos podem ter sido uns dois para ele. Ele parece ter a mesma idade que você, Jules.

Jules limpou a garganta.

— Sim. Sim, ele parece.

Ty inclinou a cabeça para o lado.

— Por que o trouxeram de volta?

Julian hesitou. Emma não se mexeu; ela não sabia, não mais do que ele, como dizer para as crianças observando com olhos arregalados que o irmão perdido, aparentemente devolvido para sempre, poderia estar ali apenas temporariamente.

— Ele está sangrando — disse Dru.

— O quê? — Julian acendeu a lâmpada de luz enfeitiçada no lado da cama, e o brilho do quarto se intensificou a uma luminosidade quente. Emma ofegou. O lado da camisa branca, no ombro, estava vermelho de sangue; uma mancha se espalhava lentamente.

— Estela — gritou Julian, estendendo a mão. Ele já estava puxando a camisa do irmão, expondo o ombro e a clavícula, onde um rasgo semicurado tinha aberto. Sangue escorria do ferimento, não rápido, mas Tavvy emitia um ruído inarticulado de incômodo.

Emma pegou a estela do cinto e a jogou. Ela não disse nada; não precisava. A mão de Julian levantou e a pegou no ar. Ele se abaixou para pressionar a ponta contra a pele de Mark, para começar o símbolo de cura...

Mark gritou.

Seus olhos se abriram, brilhantes e ensandecidos, e ele atacou o ar com as mãos manchadas, sujas e cheias de sangue.

— Tire daqui — rosnou ele, lutando para ficar de pé. — Tire daqui, tire essa coisa *de mim!*

— Mark...

Julian alcançou o irmão, mas Mark o afastou. Ele podia estar magro, mas era forte; Julian cambaleou, e Emma sentiu como uma explosão de dor na parte de trás da cabeça. Ela avançou, se colocando entre os dois irmãos.

Ela estava prestes a gritar com Mark, mandar que ele parasse, quando viu o rosto dele. Seus olhos estavam arregalados e brancos de medo, a mão fechada sobre o peito — tinha alguma coisa ali, algo que brilhava na ponta de um cordão em volta da garganta —, e então ele se levantou da cama, com o corpo sacudindo, mãos e pés arranhando a madeira.

— Para *trás* — falou Julian para os irmãos, sem gritar, mas com a voz rápida e autoritária. Eles se afastaram, se espalhando. Emma viu o rosto infeliz de Tavvy enquanto Dru o levantava do chão e o carregava para fora do quarto.

Mark tinha corrido para o canto do quarto, onde congelou, com as mãos abraçando os joelhos, as costas pressionadas violentamente contra a parede. Julian foi atrás do irmão, então parou, com a estela pendurada inutilmente na mão.

— Não toque em mim com isso — disse Mark, e sua voz, reconhecidamente a voz de Mark, muito fria e precisa, divergia muito da aparência assustada que exibia. Ele os manteve afastados com o olhar.

— O que há de errado com ele? — perguntou Livvy em um quase sussurro.

— É a estela — respondeu Julian, com a voz baixa.

— Mas por quê? — perguntou Emma. — Como um Caçador de Sombras pode ter medo de uma estela?

— Está dizendo que eu tenho medo? — Mark quis saber. — Torne a me insultar e terá seu sangue derramado, garota.

— Mark, essa é *Emma* — disse Julian. — Emma Carstairs.

Mark se pressionou ainda mais forte contra a parede.

— Mentiras — falou. — Mentiras e sonhos.

— Eu sou Julian — disse Jules. — Seu irmão Julian. E esse é Tiberius...

— *Meu irmão Tiberius é uma criança!* — gritou Mark, de repente, furioso, com as mãos arranhando a parede atrás de si. — Ele é um *menininho!*

Fez-se um silêncio horrorizado.

— Não sou — disse Ty, finalmente, no silêncio. As mãos batiam nas laterais do corpo, borboletas claras à pouca luz. — Não sou criança.

Mark não disse nada. Fechou os olhos, e lágrimas correram sob suas pálpebras, descendo pelo rosto, se misturando à sujeira.

— Chega! — Para surpresa geral, foi Cristina quem falou. Ela pareceu envergonhada quando todo mundo virou para falar com ela, mas se manteve firme, com o queixo erguido e a coluna ereta. — Não estão vendo que ele está atormentado com isso? Se fôssemos para o corredor...

— Vá você — disse Julian, olhando para Mark. — Eu vou ficar aqui.

Cristina balançou a cabeça.

— Não. Todos nós. — Ela soou apologética, porém, firme. E fez uma pausa quando Julian hesitou. — Por favor.

Ela atravessou o quarto e abriu a porta. Emma assistiu impressionada enquanto os Blackthorn, um por um, saíram enfileirados; um instante mais tarde estavam todos no corredor, e Cristina fechava a porta do quarto de Mark.

— Não sei — falou Julian imediatamente, assim que a porta fechou. — Deixá-lo sozinho ali...

— É o quarto dele — falou Cristina. Emma a encarou impressionada; como ela conseguia se manter tão calma?

— Mas ele não se lembra — disse Livvy, parecendo agitada. — Ele não se lembra... de nada.

— Ele lembra — retrucou Emma, colocando a mão no ombro de Livvy. — É que tudo de que ele se lembra mudou.

— A gente não mudou. — Livvy parecia tão acabrunhada que Emma a puxou para perto e a beijou na cabeça, o que não foi pouca coisa, considerando que Livvy só tinha um centímetro a menos do que ela.

— Ah, mudaram — garantiu. — Todos nós mudamos. E Mark também.

Ty pareceu agitado.

— Mas o quarto está cheio de poeira — disse ele. — A gente tirou as coisas dele. Ele vai achar que nos esquecemos dele, que não nos importamos.

Julian fez uma careta.

— Eu guardei as coisas dele. Estão em um dos depósitos lá embaixo.

— Ótimo. — Cristina bateu as mãos com força. — Ele vai precisar delas. E de mais. Roupas para substituir as que está usando. Qualquer coisa que tenha guardado. Qualquer coisa que pareça familiar. Fotos, ou coisas de que ele possa se lembrar.

— Podemos pegar — disse Livvy. — Eu e Ty.

Ty pareceu aliviado por receber instruções específicas. Ele e Livvy desceram, as vozes um murmúrio baixo.

Julian, olhando para eles, exalou asperamente — uma mistura de tensão e alívio.

— Obrigado por ter dado uma tarefa a eles.

Emma esticou o braço para apertar a mão de Cristina. Ela se sentiu estranhamente orgulhosa, como se quisesse apontar para Cristina e dizer: “Veja só, minha amiga sabe exatamente o que fazer!”

— *Como* você sabe exatamente o que fazer? — perguntou ela em voz alta, e Cristina piscou os olhos.

— É minha área de estudo, lembra? — disse Cristina. — Reino das Fadas e os resultados da Paz Fria. É obvio o Povo das Fadas o devolveu com exigências, é parte de sua crueldade. Ele precisa de tempo para se recuperar, para começar a reconhecer esse mundo e a vida dele outra vez. Em vez disso o jogaram aqui de volta, como se fosse fácil para ele tornar a ser Caçador de Sombras.

Julian se inclinou para trás, para a parede perto da porta. Emma viu o fogo escuro em seus olhos, por baixo das pálpebras.

— Eles o machucaram — argumentou ele. — Por quê?

— Para você fazer o que fez — respondeu Emma. — Para pegar uma estela. Ele praguejou, curto e duro.

— Para eu ver o que fizeram com ele, o quanto ele me odeia?

— Ele não te odeia — retrucou Cristina. — Ele odeia a si mesmo. Ele odeia ser Nephilim, porque ensinaram isso a ele. Ódio por ódio. São um povo antigo, e é essa a ideia de justiça que eles têm.

— Como está Mark? — perguntou Diana, emergindo do alto da escada. Ela correu para eles, a saia farfalhando em volta dos calcanhares. — Tem alguém aí com ele?

Enquanto Julian explicava o que tinha acontecido, Diana escutou em silêncio. Ela estava abotoando o cinto de armas. Tinha calçado botas, e o cabelo estava preso. Trazia uma bolsa de couro pendurada sobre o ombro.

— Espero que ele consiga descansar — falou quando Julian terminou. — Kieran disse que a viagem até aqui levou dois dias através do Reino das Fadas, sem dormir; ele deve estar exausto.

— Kieran? — respondeu Emma. — É estranho chamar fadas nobres pelo primeiro nome. Ele é nobre, certo?

Diana fez que sim com a cabeça.

— Kieran é um príncipe do Reino das Fadas; ele não disse, mas é óbvio. Iarlath é da Corte Unseelie, não é príncipe, mas é um tipo de membro da Corte. Dá para perceber.

Julian olhou para a porta do quarto do irmão.

— É melhor eu voltar...

— Não — disse Diana. — Você e Emma vão encontrar Malcolm Fade. — Ela mexeu na bolsa e pegou os documentos das fadas que Kieran tinha lhe dado mais cedo. De perto, Emma pôde ver que eram duas folhas de pergaminho, finas como casca de cebola. A tinta nelas parecia ter sido talhada ali. — Leve para ele. Veja o que ele consegue fazer com isso.

— Agora? — perguntou Emma. — Mas...

— Agora. — Diana respondeu secamente. — As fadas deram a vocês, deram a nós, três semanas. Três semanas com Mark para resolvermos isso. Depois o levam de volta.

— Três *semanas*? — repetiu Julian. — Não é nem próximo de ser suficiente.

— Eu poderia ir com eles — disse Cristina.

— Preciso de você aqui, Cristina — avisou Diana. — Alguém tem que cuidar de Mark, e não pode ser uma das crianças. E não tem como ser eu. Preciso ir.

— Ir para onde? — Emma quis saber.

Diana, porém, apenas balançou a cabeça, disposta a manter segredo. Era uma parede familiar. Emma já tinha colidido contra ela mais de uma vez.

— É importante. — Foi tudo que disse. — Terá que confiar em mim, Emma.

— Sempre confio — murmurou a menina. Julian não disse nada.

Ela desconfiava que o jeito vago de Diana o incomodava tanto quanto a ela,

ou mais, mas ele nunca demonstrava.

— Mas isso muda tudo — falou Emma, e ela combateu a emoção da voz, a faísca de alívio, até mesmo de triunfo, que sabia que não devia sentir. — Por causa de Mark. Por Mark, você vai nos deixar tentar descobrir o culpado.

— Sim. — Pela primeira vez desde que tinha chegado ao corredor, Diana olhou diretamente para Emma. — Você deve estar satisfeita — alfinetou. — Conseguiu exatamente o que queria. Agora não temos escolha. Temos que investigar as mortes, e teremos que fazer isso sem o conhecimento da Clave.

— Não fui eu que provoquei essa situação — protestou Emma.

— Nenhuma situação em que você não tenha escolha é boa, Emma — censurou Diana. — Coisa que você vai acabar aprendendo. Pode achar que foi bom ter acontecido, mas garanto que não é o caso. — Ela desviou a atenção de Emma, fixando-a em Julian. — Como você bem sabe, Julian, essa é uma investigação ilegal. A Paz Fria proíbe colaborações com fadas, e certamente proíbe o que constitui trabalho *para* elas, não importa o motivo. É melhor resolvermos isso o mais rápido e discretamente possível, para que a Clave não tenha chances de descobrir o que estamos fazendo.

— E quando acabar? — perguntou Julian. — E a volta de Mark? Como explicamos isso?

Alguma coisa mudou nos olhos de Diana.

— Nós nos preocuparemos com isso quando for a hora.

— Então estamos correndo contra a Clave e as Cortes — disse Julian. — Ótimo. Talvez tenha mais alguém que a gente possa irritar. O Labirinto Espiral? A Scholomance? A Interpol?

— Ninguém está irritado ainda — retrucou Diana. — Vamos manter assim. — Ela entregou os papéis a Emma. — Só para ressaltar: não podemos colaborar com o Povo das Fadas e não podemos abrigar Mark sem informar, exceto que obviamente é isso que faremos, então a conclusão é que ninguém fora deste recinto pode saber. E eu me recuso a mentir diretamente para a Clave, então espero que a gente consiga concluir isso antes que eles comecem a fazer perguntas. — Ela olhou alternadamente para cada um deles, com a expressão séria. — Temos que trabalhar juntos. Emma, chega de brigar comigo. Cristina, se quiser ir para outro Instituto, nós vamos entender. Só pedimos que guarde segredo.

Emma ficou boquiaberta.

— Não!

Cristina já estava balançando a cabeça.

— Não preciso de outro lugar — garantiu. — Vou manter seu segredo. Será meu segredo também.

— Ótimo — disse Diana. — Por falar em guardar segredos, não contem a Malcolm como conseguimos esses papéis. Não falem sobre Mark, não mencionem a delegação das fadas. Se ele disser alguma coisa, deixem que eu resolvo.

— Malcolm é nosso amigo — falou Julian. — Podemos confiar nele.

— Estou tentando me certificar de que ele não se encrenque se alguém descobrir — rebateu Diana. — Ele precisa poder negar. — Ela fechou o zíper do casaco. — Muito bem, amanhã eu volto. Boa sorte.

— Ameaçando o Alto Feiticeiro — murmurou Julian enquanto Diana desaparecia pelo corredor. — Cada vez melhor. Talvez devêssemos ir à sede do clã de vampiros e socar a cara de Anselm Nightshade?

— Mas pense nas consequências — disse Emma. — Ficaríamos sem pizza.

Julian lançou um sorriso torto para ela.

— Eu posso ir sozinha até Malcolm — sugeriu Emma. — Pode ficar aqui, Jules, e esperar Mark...

Ela não concluiu. Não sabia ao certo o que estavam esperando que Mark fizesse, isso nenhum deles sabia.

— Não — falou Julian. — Malcolm confia em mim. Sou eu quem o conhece melhor. Posso convencê-lo a guardar segredo. — Ele se endireitou. — Vamos os dois.

Como *parabatai*. Como *nós devemos*.

Emma fez que sim com a cabeça e pegou a mão de Cristina.

— Voltaremos o mais rápido possível — falou. — Você vai ficar bem?

Cristina assentiu. Estava com a mão na garganta, os dedos apoiados no colar.

— Cuidarei de Mark — prometeu. — Vai ficar tudo bem. *Tudo* vai ficar bem. E Emma quase acreditou nela.

Ser um Alto Feiticeiro devia ser uma tarefa bem remunerada, Emma pensou, como sempre fazia quando via a casa de Malcolm Fade. Parecia um castelo.

Malcolm vivia no fim da rodovia do Instituto, depois da Kanan Dume Road. Era um local onde as falésias eram elevadas, marcadas por grama marinha verde. A casa era escondida dos mundanos por feitiços de disfarce. Se você passasse dirigindo — que era o que Emma estava fazendo — tinha que olhar fixamente para o ponto entre duas falésias e, então, uma ponte prateada que subia pelas colinas aparecia.

Emma foi para o lado da estrada. Filas de carro estavam estacionados nas laterais da estrada do Pacífico, a maioria era de surfistas atraídos pela praia inabitada a oeste.

Emma exalou, desligando o carro.

— Tudo bem — falou. — Nós...

— Emma.

Ela parou. Julian tinha ficado quase completamente em silêncio desde que saíram do Instituto. Ela não podia culpá-lo. Ela mesma não encontrava palavras. Permitiu que a distração de dirigir a guiasse, a necessidade de se concentrar no caminho. Ela teve consciência dele ao seu lado o tempo todo, no entanto; da cabeça apoiada no encosto do assento, dos olhos fechados, do punho cerrado sobre o joelho da calça.

— Mark pensou que eu fosse meu pai — falou Julian subitamente, e Emma percebeu que ele estava se lembrando daquele momento terrível, do olhar de esperança no rosto do irmão, uma esperança que não tinha nada a ver com ele. — Ele não me reconheceu.

— Ele se lembra de você com 12 anos — observou Emma. — Ele se lembra de todos vocês muito novos.

— E de você também.

— Duvido que se lembre de mim.

Ele soltou o cinto de segurança. Luz brilhou na pulseira de vidro marinho que ele usava no pulso esquerdo, deixando-a com cores brilhantes: vermelho flamejante, dourado como fogo, azul Blackthorn.

— Ele lembra — garantiu. — Ninguém jamais poderia te esquecer.

Ela piscou surpresa para ele. Um instante mais tarde, Julian já estava fora do carro. Ela se apressou para segui-lo, batendo a porta do lado do motorista enquanto carros assobiavam a uma rua de distância.

Jules estava ao pé da ponte de Malcolm, olhando para a casa. Ela pôde ver as omoplatas sob o algodão fino da camiseta, a nuca, um tom mais clara do que o resto da pele, onde o cabelo a impedia de se queimar ao sol.

— O Povo das Fadas é traiçoeiro — falou Julian sem se virar. — Eles não vão querer devolver Mark: sangue de fada com sangue de Caçador de Sombras, isso é valioso demais. Deve haver alguma cláusula que os permita levá-lo de volta quando terminarmos.

— Bem, vai depender dele — disse Emma. — Ele vai poder escolher se quer ir ou ficar.

Julian balançou a cabeça.

— Uma escolha parece simples, eu sei — comentou ele. — Mas muitas escolhas não são simples.

Eles começaram a subir as escadas. A escadaria era helicoidal, girando para cima pelas colinas. Era disfarçada, visível apenas a criaturas sobrenaturais. Na primeira visita de Emma, Malcolm a acompanhou; ela olhou maravilhada para

os mundanos que seguiam acelerando em seus carros, completamente alheios ao fato de que havia uma escadaria de cristal se erguendo impossivelmente para o céu.

Ela já estava mais acostumada agora. Uma vez que você visse a escadaria, ela jamais voltaria a ser invisível para você.

Julian não disse mais nada enquanto subiam, mas Emma descobriu que não se importava. O que ele tinha dito no carro foi sério. Seu olhar era fixo e direto quando falou. Foi *Julian* falando, o Jules dela, o que vivia nos seus ossos, no seu cérebro e na base da sua espinha, o que estava costurado nela, como veias ou nervos.

A escada terminava subitamente em uma trilha até a porta da frente de Malcolm. O certo era descer, mas Emma saltou, com os pés aterrissando na terra dura. Um instante mais tarde, Julian aterrissou ao lado dela e esticou o braço para apoiá-la; os dedos eram cinco linhas calorosas em suas costas. Ela não precisava de ajuda — entre eles dois, ela provavelmente tinha mais equilíbrio —, mas, percebeu, era algo que ele sempre fez, sem pensar. Um reflexo protetor.

Ela o encarou, mas ele pareceu perdido em pensamento, mal percebendo que estavam se tocando. Ele se afastou enquanto a escadaria se escondia novamente com o feitiço.

Eles estavam diante de dois obeliscos que se erguiam do chão empoeirado, formando um portão de entrada. Cada um era marcado por símbolos alquímicos: fogo, terra, água, ar. A trilha que levava à casa do feiticeiro era ladeada por plantas desérticas: cactos, artemísias, lírios californianos. Abelhas zumbiam entre as flores. A terra se transformou em conchas trituradas enquanto se aproximavam da porta metálica da frente.

Emma bateu, e a porta se abriu com um chiado quase silencioso. Os corredores na casa de Malcolm eram brancos, cobertos com reproduções de Pop Art, girando em diversas direções. Julian estava ao lado dela, discreto; ele não tinha trazido o arco consigo, mas ela sentiu uma faca presa ao pulso quando ele a cutucou com o braço.

— Pelo corredor — indicou ele. — Vozes.

Eles foram na direção da sala. Era toda de aço e vidro, inteiramente circular, com vista para o mar. Emma achava que parecia o tipo de casa que um astro de cinema teria: tudo era moderno, desde o sistema de som que tocava música clássica até a piscina de borda infinita que se pendurava sobre os penhascos.

Malcolm estava esticado no longo sofá que percorria toda a extensão da sala, de costas para o Pacífico. Trajava terno preto, muito simples e evidentemente caro. Ele fazia gestos afirmativos com a cabeça e sorria, parecendo concorrer com os dois homens de ternos bem parecidos com o dele e maletas nas mãos,

falando em voz baixa e urgente.

Malcolm, ao vê-los, acenou. Os visitantes eram homens brancos na casa dos 40 e rostos indecifráveis. Malcolm fez um gesto descuidado com os dedos, e eles congelaram no lugar, os olhos fixos e vazios.

— Sempre me assusta quando você faz isso — falou Emma. Ela foi até um dos homens congelados e o cutucou, pensativa. Ele se inclinou de leve.

— Não quebre o produtor de cinema — disse Malcolm. — Eu teria que esconder o corpo no jardim de pedra.

— Foi você que o congelou. — Julian se sentou no braço do sofá. Emma se jogou nas almofadas ao lado dele, com os pés na mesa de centro. Ela balançou os dedos do pé na sandália.

Malcolm piscou os olhos.

— Mas de que outro jeito posso falar com vocês sem que eles ouçam?

— Você poderia pedir que a gente esperasse até o fim da reunião — respondeu Julian. — Provavelmente não arriscaria nenhuma vida.

— Vocês são Caçadores de Sombras. Sempre pode ser vida ou morte — argumentou Malcolm, o que não deixava de ser verdade. — Além disso, não sei se quero o emprego. Eles são produtores de cinema e querem que eu lance um feitiço para garantir o sucesso do novo lançamento. Mas parece péssimo. — Ele olhou sombriamente para o pôster no sofá ao seu lado. Mostrava vários pássaros voando em direção ao espectador, com a legenda EXPLOÇÃO DA ÁGUIA TRÊS: PENAS VOAM.

— Acontece alguma coisa nesse filme que não tenha sido explicada em *Explosão da Águia um e dois*? — perguntou Julian.

— Mais águias.

— E faz diferença se for ruim? Filmes ruins vivem dando certo — observou Emma. Ela sabia mais sobre filmes do que gostaria. A maioria dos Caçadores de Sombras não prestava muita atenção à cultura mundana, mas era impossível morar em Los Angeles e escapar disso.

— Significa um feitiço mais forte. Mais trabalho para mim. Mas pagam bem. E estava pensando em colocar um trem na minha casa. Poderia me trazer torradas de camarão da cozinha.

— Um trem? — Julian ecoou. — Um trem de que tamanho?

— Pequeno. Médio. Assim. — Malcolm gesticulou, baixo no chão. — Faria “tchuu tchuu”. — Ele estalou os dedos para ilustrar o barulho, e os produtores de cinema voltaram à vida.

— Ops — falou Malcolm, quando eles piscaram. — Não tive a intenção de fazer isso.

— Sr. Fade — disse o mais velho. — Vai considerar nossa proposta?

Malcolm olhou desanimado para o pôster.

— Entrarei em contato.

Os produtores viraram para a porta de entrada, e o mais novo deu um pulo ao ver Emma e Julian. Emma não podia culpá-lo. Pela perspectiva dele, eles deviam ter aparecido do nada.

— Desculpem, pessoal — disse Malcolm. — Meus sobrinhos. Hoje é dia de passar um tempo com a família.

Os mundanos olharam de Malcolm para Jules e Emma, e de volta para Malcolm, evidentemente se perguntando como alguém que parecia ter 27 anos poderia ter sobrinhos adolescentes. O mais velho deu de ombros.

— Aproveitem a praia — falou, enquanto eles marcharam para fora, esbarrando em Emma com um aroma de colônia cara e o tilintar das maletas.

Malcolm se levantou, se inclinando um pouco para um lado; tinha um jeito um pouco estranho de andar que fazia com que Emma pensasse se algum dia teria sofrido algum ferimento que não tinha se curado por completo.

— Tudo bem com Arthur?

Julian ficou tenso ao lado de Emma, quase imperceptivelmente, mas ela sentiu.

— A família está bem, obrigado.

Os olhos violetas de Malcolm, sua marca de feiticeiro, escureceram antes de clarearem como um céu brevemente tocado por nuvens. A expressão dele ao se dirigir ao bar que corria por uma das paredes e se servir de um drinque parecia amigável.

— Então, como posso ajudar?

Emma foi em direção ao sofá. Tinham feito cópias dos papéis entregues pelas fadas. Ela os pousou sobre a mesa de centro.

— Você se lembra do que a gente falou sobre o feiticeiro naquela noite...

Malcolm deixou o copo de lado e pegou os papéis.

— Aquela língua demoníaca outra vez — falou o feiticeiro. — A que estava no corpo que você achou no beco e nos corpos dos seus pais... — Ele parou para soltar um assobio através dos dentes. — Veja só — falou, cutucando a primeira página. — Alguém traduziu a primeira linha. *Fogo para água*.

— É um avanço, certo? — Emma quis saber.

Malcolm balançou a cabeça branca.

— Talvez, mas não posso fazer nada com isso. Não se Diana e Arthur não estiverem sabendo. Não posso me envolver em nada assim.

— Diana está numa boa com isso — falou Emma. Malcolm a olhou desconfiado. — Sério. Pode ligar para ela e perguntar...

Ela se interrompeu quando um homem entrou na sala, com as mãos nos

bolsos. Ele parecia ter mais ou menos 20 anos, alto, com cabelos espetados e pretos, e olhos de gato. Vestia um terno branco que contrastava com a pele marrom.

— Magnus! — falou Emma, levantando em um pulo.

Magnus Bane era o Alto Feiticeiro do Brooklyn e também o detentor do assento de representante dos feiticeiros no Conselho dos Caçadores de Sombras. Possivelmente era o feiticeiro mais famoso do mundo, apesar de que ninguém adivinharia; ele parecia jovem e foi gentil e amigável com Emma e os Blackthorn desde que os conheceu durante a Guerra Maligna.

Ela sempre gostou de Magnus. Ele parecia trazer um senso de possibilidade infinita consigo aonde quer que fosse. Parecia o mesmo de quando ela o viu pela última vez, inclusive o sorriso sardônico e os dedos cheios de anéis.

— Emma. Julian. É um prazer. O que estão fazendo aqui?

Emma voltou o olhar para Julian. Eles podiam gostar de Magnus, mas ela notou pela expressão de Julian — que ele escondeu rapidamente, disfarçando com um olhar de leve interesse, mas ela viu assim mesmo — que ele não estava feliz com a presença de Magnus ali. Jules já precisaria pedir segredo a Malcolm. Acrescentar mais alguém... principalmente alguém do Conselho...

— O que você está fazendo em Los Angeles? — O tom de Julian soou casual.

— Desde a Guerra Maligna, a Clave tem mapeado incidências do tipo de magia utilizada por Sebastian Morgenstern — respondeu Magnus. — Energia vinda de fontes maléficas. Dimensões infernais e coisas do tipo, extração de poder para obter vida. *Necyomanteis*, os gregos chamavam.

— Necromancia. — Emma traduziu.

Magnus fez que sim com a cabeça.

— Fizemos um mapa — continuou ele —, com a ajuda do Labirinto Espiral e dos Irmãos do Silêncio, inclusive de Zachariah, que revela onde a magia necromante está sendo utilizada. Captamos uma incidência aqui em Los Angeles, perto do deserto, então achei melhor vir e ver se Malcolm sabia de algo.

— Foi um necromante rebelde — explicou Malcolm. — Diana disse que cuidou dele.

— Meu Deus, detesto necromantes rebeldes — comentou Magnus. — Por que eles não podem simplesmente seguir as regras?

— Provavelmente porque a principal regra é justamente “proibido necromancia”? — sugeriu Emma.

Magnus sorriu para ela, de lado.

— Enfim. Não foi nada demais passar aqui a caminho de Buenos Aires.

— O que tem em Buenos Aires? — perguntou Julian.

— Alec — respondeu Magnus. Alexander Lightwood era o namorado de Magnus há meia década. Eles poderiam ter se casado com a nova lei que permitia que Caçadores de Sombra se casassem com seres do Submundo (que não fossem fadas), mas não o fizeram. Emma não sabia por quê. — Uma verificação de rotina em um culto adorador de vampiros, mas ele acabou encontrando problemas.

— Alguma coisa séria? — perguntou Julian. Ele conhecia Alec Lightwood há mais tempo do que Emma; os Blackthorn e os Lightwood eram amigos havia anos.

— Complicado, mas não sério — disse Magnus, exatamente quando Malcolm se afastou da parede.

— Vou ligar para Diana. Já volto — avisou ele, desaparecendo pelo corredor.

— Então. — Magnus sentou no sofá, no lugar que Malcolm tinha acabado de vagar. — O que os traz ao Alto Feiticeiro da Cidade dos Anjos?

Emma trocou olhares preocupados com Julian, mas exceto por pular pela sala e bater na cabeça de Magnus — o que não era aconselhável por muitos motivos —, ela não conseguiu pensar em nada para fazer.

— Algo que não podem me contar, eu suponho. — Magnus apoiou o queixo nas mãos. — Sobre as mortes? — Quando eles o olharam surpresos, o feiticeiro acrescentou: — Tenho amigos na Scholomance. Catarina Loss, por exemplo. Qualquer coisa a respeito de magia rebelde ou do Povo das Fadas me interessa. Malcolm está ajudando?

Julian balançou a cabeça, um gesto mínimo.

— Alguns dos corpos eram de fadas — falou Emma. — Não podemos nos envolver. A Paz Fria...

— A Paz Fria é desprezível — declarou Magnus, e o humor deixou sua voz. — Punir uma espécie inteira pelo erro de alguns. Negar-lhes direitos. Exilar sua irmã — acrescentou, olhando para Julian. — Eu falei com ela. Helen me ajudou a fazer o mapa que mencionei; qualquer magia global envolve as barreiras. Com que frequência você fala com ela?

— Toda semana — respondeu Julian.

— Ela falou que você sempre diz que está tudo bem — comentou Magnus. — Acho que ela temia que você não estivesse falando a verdade.

Julian não disse nada. Era verdade que falava toda semana com Helen; todos falavam, passavam o telefone e o computador uns para os outros. E também era verdade que ele nunca contava nada a ela, exceto que tudo estava bem, todos estavam bem, que ela não precisava se preocupar.

— Eu me lembro do casamento dela — falou Magnus, e havia gentileza em seus olhos. — Como as duas eram jovens. Apesar de não ter sido o último

casamento em que nos vimos, não é mesmo?

Emma e Julian trocaram olhares confusos.

— Tenho quase certeza de que foi — rebateu Julian. — Que outro casamento teria sido?

— Hum — disse Magnus. — Talvez minha memória esteja comprometida pela minha idade avançada. — Ele não souou como se acreditasse nessa possibilidade. Em vez disso, se inclinou para trás, deslizando as pernas longas sob a mesa de centro. — Quanto a Helen, tenho certeza de que é preocupação de irmã mais velha. Alec certamente se preocupa com Isabelle, com ou sem necessidade.

— O que você acha das Linhas Ley? — perguntou Emma de súbito.

Magnus ergueu as sobrancelhas.

— O que tem elas? Feitiços feitos sobre as Linhas Ley são potencializados.

— Faz diferença o tipo de magia? Magia das trevas, magia de feiticeiros, magia de fadas?

Magnus franziu o rosto.

— Depende. Mas é incomum usar uma Linha Ley para potencializar magia sombria. Normalmente são utilizadas para transportar poder. Como um sistema de entrega para magia...

— Bem, quem diria — falou Malcolm ao voltar para a sala. Lançou um olhar entretido para Emma. — Diana corroborou sua história. Estou impressionado. — Seus olhos se voltaram para Magnus. — O que está acontecendo?

Uma luz brilhou em seus olhos, mas se era entretenimento ou outra coisa, Emma não soube dizer. Às vezes, Malcolm parecia completamente infantil, falando sobre trens, torradas de camarão e filmes de águias. Outras vezes, ele parecia mais afiado e focado do que qualquer um de seus conhecidos.

Magnus esticou os braços sobre o encosto do sofá.

— Estávamos falando sobre Linhas Ley. Eu estava dizendo que elas potencializam mágica, mas apenas certos tipos de mágica. Magia que tem a ver com transferência de energia. Você e Catarina Loss não tiveram um problema com Linhas Ley quando moravam na Cornualha, Malcolm?

Uma expressão vaga passou pelo rosto de Malcolm.

— Não me lembro exatamente. Magnus, pare de incomodar Emma e Julian — disse ele, e havia algo de irritação em sua voz. Inveja profissional, Emma supôs. — Esse aqui é o *meu* território. Você tem seus próprios humanos perdidos em Nova York.

— Um desses humanos perdidos é o pai do meu filho — observou Magnus.

Magnus não tinha engravidado, apesar de que isso teria sido interessante, Emma pensou. Ele e Alec adotaram um menino feiticeiro, chamado Max, que

tinha um tom cintilante de azul.

— E — acrescentou Magnus — os outros salvaram o mundo, pelo menos, uma vez.

Malcolm gesticulou para Julian e Emma.

— Tenho grandes esperanças nesses dois.

O rosto de Magnus se abriu em um sorriso.

— Tenho certeza de que você está certo — falou ele. — Enfim, tenho que ir. Uma longa viagem me espera, e Alec não gosta quando me atraso.

Despediram-se rapidamente. Magnus deu tapinhas no braço de Malcolm, depois parou para dar um abraço em Julian, e outro em Emma. O ombro dele esbarrou na testa dela quando ele abaixou a cabeça, e ela ouviu a voz do feiticeiro em seu ouvido, sussurrando. Ela o encarou com surpresa, mas ele simplesmente a soltou e marchou até a porta, assobiando. No meio do caminho, eles viram o brilho familiar e o cheio de açúcar queimado de magia de Portal, e Magnus desapareceu.

— Falaram para ele sobre a investigação? — Malcolm pareceu ansioso. — Ele falou em Linhas Ley.

— Eu perguntei sobre isso para ele — admitiu Emma. — Mas não contei por que eu queria saber. E não falei nada sobre traduzir as marcas.

Malcolm deu a volta para olhar novamente o papel.

— Suponho que não vão me contar quem desvendou a primeira linha? *Fogo para água*. Ajudaria saber o que isso significa.

— Não podemos — falou Julian. — Mas acho que o tradutor também não sabia o significado. Mas é útil para você, certo? Para descobrir o resto do feitiço, ou mensagem ou o que quer que seja.

— Provavelmente, mas ajudaria se eu conhecesse a língua.

— É uma língua muito antiga — falou Emma, com cautela. — Mais antiga do que os Nephilim.

Malcolm suspirou.

— Não está me ajudando muito. Certo, língua demoníaca antiga, muito anciã. Vou consultar o Labirinto Espiral.

— Cuidado com o que vai dizer para eles — aconselhou Julian. — Como dissemos, a Clave não pode saber que estamos investigando.

— O que significa que há envolvimento de fadas — falou Malcolm, com um leve divertimento passando em seu rosto ao ver as expressões apavoradas. — Não se preocupem, não vou falar nada. Não gosto da Paz Fria, não mais que qualquer outro ser do Submundo.

Julian estava inexpressivo. Ele deveria investir em uma carreira de jogador de pôquer, Emma pensou.

— De quanto tempo acha que vai precisar? — perguntou ele. — Para traduzir?

— Alguns dias.

Alguns dias. Emma tentou esconder a decepção.

— Desculpe por não poder fazer mais rápido. — Malcolm soou verdadeiramente lúgubre. — Vamos. Eu os acompanho até lá fora. Preciso de um pouco de ar.

O sol tinha saído de trás das nuvens e estava iluminando o jardim da frente de Malcolm. As flores do deserto tremiam, suas bordas prateadas, ao vento que vinha dos desfiladeiros. Um lagarto correu de trás de um arbusto e os encarou. Emma mostrou a língua para ele.

— Estou preocupado — declarou Malcolm subitamente. — Não estou gostando disso. Magia necromante, línguas demoníacas, uma série de mortes que ninguém entende. Trabalhar sem o conhecimento da Clave. Me parece, ousado dizer, perigoso.

Julian estava olhando para as colinas distantes, em silêncio. Foi Emma quem respondeu:

— Malcolm, no ano passado combatemos um batalhão de demônios Forneus com tentáculos e sem rostos — lembrou Emma. — Não tente nos assustar com isso.

— Só estou falando. Perigo. Vocês sabem, aquela coisa que a maioria das pessoas evita.

— A gente não — respondeu Emma alegremente. — Tentáculos, Malcolm. Sem rostos.

— Teimosa. — Malcolm suspirou. — Apenas me prometam que vão me chamar se precisarem de alguma coisa ou se descobrirem algo novo.

— Com certeza — garantiu Julian. Emma ficou se perguntando se o nó de culpa que ela sentia por esconder coisas dele também o incomodava. A brisa do oceano tinha aumentado. Fez a poeira do jardim voar em redemoinhos. Julian tirou o cabelo dos olhos. — Obrigado por ajudar — acrescentou. — Sabemos que podemos contar com você. — Ele desceu pela trilha, em direção aos degraus para a ponte, que brilhava viva à medida em que se aproximavam dela.

O rosto de Malcolm ficou sombrio, apesar da luz forte do meio-dia, que se refletia do mar.

— Não contem demais comigo — falou ele, tão suavemente que Emma ficou imaginando se ele sabia que ela ia escutar.

— Por que não? — Ela virou para encará-lo, piscando os olhos para o sol. Os olhos dele tinham a cor de botões de jacarandá.

— Por que vou decepcioná-los. Todo mundo decepciona — retrucou

Malcolm, e voltou para dentro de casa.

7

O Mar Retumbante

Cristina estava sentada no chão do lado de fora do quarto de Mark Blackthorn.

Não ouviu qualquer ruído ali dentro pelo que pareceram horas. A porta estava entreaberta, e ela podia vê-lo, encolhido no canto como um animal selvagem preso.

Fadas eram sua área de estudo em casa. Ela sempre foi fascinada pelos contos das *hadas*, dos nobres guerreiros das Cortes aos *duendes* que provocavam e incomodavam os mundanos. Ela não esteve em Idris para a declaração da Paz Fria, mas seu pai, sim, e a história lhe dava calafrios. Ela sempre quis encontrar Mark e Helen Blackthorn, contar para eles...

Tiberius apareceu no corredor carregando uma caixa de papelão. Sua irmã gêmea estava ao seu lado, com uma colcha de retalhos na mão.

— Minha mãe fez isso para Mark quando ele foi deixado conosco — disse ela, ao perceber que Cristina estava olhando. — Achei que ele pudesse se lembrar.

— Não conseguimos entrar no depósito, então trouxemos alguns presentes para Mark. Para ele saber que o queremos aqui — explicou Ty. Seu olhar percorreu incansavelmente o corredor. — Podemos entrar?

Cristina olhou para o quarto. Mark estava imóvel.

— Não vejo por que não. Mas tentem não fazer barulho para não o acordar.

Livvy entrou primeiro, colocando a colcha na cama. Ty pôs a caixa de papelão no chão, em seguida, foi para onde Mark estava deitado. Ele pegou a colcha que Livvy tinha colocado ali e se ajoelhou ao lado do irmão. Um pouco desajeitadamente, ele cobriu Mark com a colcha.

Mark se levantou. Seus olhos azuis e dourados se abriram, e ele segurou Ty, que soltou um grito como o de uma ave do mar. Mark tinha uma velocidade

incrível, e puxou Ty para o chão. Livvy gritou e saiu correndo, assim que Cristina entrou.

Mark estava sobre Tiberius, prendendo-o no chão com os joelhos.

— Quem é você? — dizia Mark. — O que estava fazendo?

— Sou seu irmão! Sou Tiberius! — Ty se debatia freneticamente, e os fones de ouvido deslizaram para o chão. — Estava lhe dando um cobertor!

— Mentiroso! — Mark estava arfando. — Meu irmão Ty é um garotinho! Ele é uma criança, meu irmãozinho, meu...

A porta se abriu atrás de Cristina. Livvy voltou para o quarto, os cabelos castanhos voando.

— Solte-o! — Uma lâmina serafim apareceu em sua mão, já começando a brilhar. Ela falou para Mark entre dentes, como se jamais o tivesse visto antes. Como se não tivesse trazido uma colcha de retalhos para ele há poucos instantes. — Se machucar Tiberius, eu te mato. Não me importo se você é Mark, eu mato.

Mark parou. Ty continuava se contorcendo e girando, mas Mark tinha parado completamente de se mexer. Lentamente, ele virou a cabeça para a irmã.

— Livia?

Livvy engasgou e começou a chorar. Julian ficaria tão orgulhoso, pensou Cristina, ela estava chorando sem se mexer, com a lâmina ainda firme na mão.

Ty se aproveitou da distração de Mark para bater nele, acertando-o com força no ombro. Mark fez uma careta e rolou para longe sem revidar. Ty se levantou e atravessou o quarto para se juntar a Livvy; ficaram ombro a ombro encarando o irmão, com olhos arregalados.

— Vocês dois, saiam! — Cristina disse a eles. Deu para sentir o pânico e a preocupação exalando dos dois em ondas; Mark claramente também sentiu. Ele estava contorcendo o rosto, abrindo e fechando as mãos como se estivesse com dor. Ela se abaixou para sussurrar para os gêmeos. — Ele está assustado. Não teve a intenção.

Livvy fez que sim com a cabeça e guardou a lâmina, então pegou a mão de Ty e disse algo baixinho para ele na linguagem quieta e particular que tinham. Ele a seguiu para fora do quarto, parando apenas brevemente para virar a cabeça e olhar para Mark, cuja expressão era de dor e espanto.

Mark estava sentando, arfando, com o corpo curvado sobre os joelhos. Ele sangrava pelo machucado reaberto que manchava sua camiseta. Cristina começou a sair lentamente do quarto.

O corpo de Mark ficou tenso.

— Por favor, não vá — pediu ele.

Cristina o encarou. Até onde sabia, essa era a primeira coisa coerente que ele tinha dito desde que chegara ao Instituto.

Ele levantou a cabeça, e, por um instante, ela enxergou, sob a sujeira, os machucados e os arranhões, o Mark Blackthorn de quem viu fotos, o Mark Blackthorn que podia relacionar a Livvy, Julian e Ty.

— Estou com sede — falou. Havia algo de enferrujado, quase sem uso, em sua voz, como um velho motor ligando outra vez. — Tem água?

— Tem, sim. — Cristina pegou um copo na cômoda e foi até o pequeno banheiro da suíte. Quando voltou e entregou o copo a Mark, ele estava sentado, com as costas apoiadas no pé da cama. Olhou torto para o copo.

— Água da torneira — falou. — Quase me esqueci. — Ele tomou um longo gole e limpou a boca com o dorso da mão. — Você sabe quem eu sou?

— Você é Mark — respondeu Cristina. — Mark Blackthorn.

Fez-se uma longa pausa até ele fazer que sim com a cabeça, quase imperceptivelmente.

— Há muito tempo que ninguém me chama assim.

— Continua sendo seu nome.

— Quem é você? — perguntou ele. — Eu deveria me lembrar, provavelmente, mas...

— Sou Cristina Mendoza Rosales — respondeu ela. — Não existe razão para que se lembre, considerando que só nos conhecemos hoje.

— Isso é um alívio.

Cristina ficou surpresa.

— É?

— Se você não me conhece, e eu não a conheço, então, você não terá qualquer... expectativa. — Ele de repente pareceu exausto. — Sobre quem eu sou, ou como sou. Eu poderia ser qualquer pessoa para você.

— Mais cedo. Na cama. Você estava dormindo ou fingindo? — perguntou ela.

— Faz diferença? — rebateu ele, e Cristina não pôde deixar de pensar que era uma resposta típica de fada, uma resposta que não respondia à pergunta. Ele se mexeu novamente contra o pé da cama. — Por que você está no Instituto?

Cristina se ajoelhou, colocando a cabeça no mesmo nível que a de Mark. Ajeitou a saia sobre os joelhos — mesmo sem ela querer, as palavras de sua mãe sobre uma Caçadora de Sombras sempre estar apresentável ecoaram em sua mente.

— Tenho 18 anos — falou. — Vim estudar a vida no Instituto de Los Angeles como parte do meu ano de intercâmbio. Quantos anos você tem?

Desta vez a hesitação de Mark se prolongou tanto que Cristina ficou imaginando se elealaria alguma coisa.

— Não sei — respondeu afinal. — Eu fiquei... acho que fiquei fora... por

muito tempo. Julian tinha 12 anos. Os outros eram bebês. Dez, 8 e 2. Tavvy tinha 2 anos.

— Para eles se passaram cinco anos — explicou Cristina. — Cinco anos sem você.

— Helen — disse Mark. — Julian. Tiberius. Livia. Drusilla. Octavian. Todas as noites contei os nomes deles entre as estrelas para não me esquecer. Estão todos vivos?

— Sim, todos eles, apesar de Helen não estar mais aqui; ela se casou e vive com a esposa.

— Então estão todos vivos e felizes juntos? Que bom. Soube do casamento lá no Reino das Fadas, apesar de já parecer que aconteceu há muito tempo.

— Sim. — Cristina examinou o rosto de Mark. Ângulos, planos, agudeza, a curva no topo da orelha que denunciava sangue de fada. — Você perdeu muita coisa.

— Acha que não sei disso? — O calor fervilhou em sua voz, misturado ao espanto. — Não sei qual é a minha idade. Não reconheço meus próprios irmãos. Não sei por que estou aqui.

— Sabe — respondeu Cristina. — Você esteve presente quando as fadas conversaram com Arthur no Santuário.

Ele inclinou a cabeça para ela. Tinha uma cicatriz na lateral do pescoço, não como a marca de um símbolo desbotado, mas um vergão elevado. Seus cabelos estavam desalinhados e pareciam que não eram cortados há meses, talvez até anos. As pontas brancas e curvas tocavam seus ombros.

— Confia nelas? Nas fadas?

Cristina balançou a cabeça.

— Ótimo. — Ele desviou o olhar dela. — Não deve — falou, alcançando a caixa de papelão que Ty deixou no chão, e a puxou para si. — O que é isso?

— Coisas que eles acharam que você poderia querer — respondeu Cristina. — Seus irmãos.

— Presentes de boas-vindas — disse Mark com um tom confuso, e se ajoelhou perto da caixa, retirando um bando de itens estranhos; algumas camisetas e jeans que provavelmente pertenciam a Julian, um microscópio, pão e manteiga, um punhado de flores selvagens do deserto, do jardim atrás do Instituto.

Mark levantou a cabeça e encarou Cristina. Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. A camiseta era fina e esfarrapada; dava para enxergar através do tecido outros vergões e cicatrizes em sua pele.

— O que eu digo para eles?

— Para quem?

— Minha família. Meus irmãos e irmãs. Meu tio. — Ele balançou a cabeça. — Eu me lembro deles e, ao mesmo tempo, não lembro. Sinto-me como se tivesse vivido a vida inteira aqui, mas ao mesmo tempo sempre estive com a Caçada Selvagem. Ouço os rugidos no meu ouvido, o chamado das cornetas, o barulho do vento. São mais fortes do que as vozes. Como explico isso?

— Não explique — respondeu Cristina baixinho. — Só diga que os ama e sentiu saudade deles todos os dias. Diga que detestava a Caçada Selvagem. Diga que está feliz por ter voltado.

— Mas por que eu faria isso? Não vão saber que estou mentindo?

— Não sentiu saudade deles? Não está feliz por ter voltado?

— Não sei — falou ele. — Não consigo ouvir meu coração ou o que ele me diz. Só ouço o vento.

Antes que Cristina pudesse responder, uma batida forte atingiu a janela. Bateu de novo, um padrão de batidas que soava quase como um código.

Mark se levantou. Atravessou o quarto até a janela e a abriu, inclinando-se para fora. Quando voltou para dentro, tinha algo na mão.

Uma bolota. E os olhos de Cristina arregalaram. Bolotas eram a forma como as fadas enviavam mensagens umas para as outras. Escondidas em folhas, flores e outros materiais selvagens.

— Já? — disse ela, sem conseguir se conter. Não podiam deixá-lo em paz, sozinho com a família, nem por um tempinho, na própria casa?

Parecendo pálido e cansado, Mark esmagou a bolota no punho. Um pergaminho enrolado caiu. Ele o pegou e leu a mensagem em silêncio.

A mão dele se abriu. Mark deslizou para o chão, puxando os joelhos contra o peito, abaixando a cabeça para as mãos. Seus longos cabelos claros caíram para a frente quando o pergaminho voou para o chão. Um ruído baixo saiu de sua garganta, algo entre um rosnado e um ganido de dor.

Cristina pegou o papel. Nele estava escrito, com uma letra delicada: *Lembre-se de suas promessas. Lembre-se de que nada disso é real.*

— *Fogo para água* — disse Emma, enquanto voltavam pela rodovia para o Instituto. — Depois de todos esses anos, finalmente sei o que algumas das marcas significam.

Julian estava dirigindo. Emma tinha os pés apoiados no painel, sua janela estava abaixada, o ar suave do mar preenchia o carro e levantava seus cabelos claros em torno das têmporas. Era sempre assim que ela andava de carro com Julian, com os pés levantados e o vento no cabelo.

Era algo que Julian adorava, Emma ao seu lado, dirigindo com o céu azul no

alto e o mar azul a oeste. Era uma imagem que parecia cheia de possibilidades, como se simplesmente pudessem continuar no carro para sempre, com o horizonte como único destino.

Era uma fantasia que às vezes se desenvolvia quando ele estava caindo no sono. Que ele e Emma fariam as malas e deixariam o Instituto, em um mundo onde ele não tinha crianças e não havia Lei, nem Cameron Ashdown, onde nada além dos limites do amor e da imaginação os impedia.

E, se havia duas coisas que ele acreditava que não tinham limites, eram amor e imaginação.

— Parece de fato um feitiço — falou Julian, forçando a mente a voltar ao presente. Ele acelerou, o vento soprando mais forte pela janela de Emma à medida que ganhavam velocidade. Os cabelos dela levantaram, seda clara entornando de suas tranças, deixando-a com uma aparência jovem e vulnerável.

— Mas por que o feitiço estaria gravado nos corpos? — perguntou Emma. A ideia de algo a machucando doeu no peito de Julian.

No entanto, ele a estava machucando. Sabia disso. Sabia e detestava. Ele achou que havia tido uma grande ideia quando resolveu levar as crianças para a Inglaterra por oito semanas. Sabendo que Cristina Rosales viria, sabendo que Emma não ficaria sozinha ou infeliz. Parecia perfeita.

Ele achou que as coisas fossem ser diferentes quando voltasse. Que ele estaria diferente.

Mas não.

— O que Magnus te disse? — perguntou ele, enquanto ela olhava pela janela, os dedos cicatrizados tamborilando uma tatuagem sem ritmo no joelho dobrado. — Ele sussurrou alguma coisa.

Um vinco apareceu entre as sobrancelhas dela.

— Ele disse que existem lugares onde Linhas Ley convergem. Presumo que ele queira dizer que, como elas dobram e se curvam, existem locais onde mais de uma se encontram. Talvez todas.

— E isso é importante porque...?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. Sabemos que todos os corpos foram desovados em Linhas Ley, e isso é um tipo específico de magia. Talvez as convergências tenham alguma característica que a gente precise entender. Devíamos encontrar um mapa das Linhas Ley. Aposto que Arthur saberia onde procurar na biblioteca. Se não, nós mesmos podemos encontrar.

— Ótimo.

— Ótimo? — Ela pareceu surpresa.

— Vai demorar alguns dias para Malcolm traduzir aqueles papéis, e não

quero passar esses dias sentado no Instituto, olhando para Mark, esperando para que ele... esperando. É melhor que continuemos trabalhando, tendo o que fazer. — A voz dele soou cansada aos próprios ouvidos. Ele detestava isso, detestava qualquer sinal visível ou audível de fraqueza.

Apesar de, pelo menos, ser só com Emma, para quem ele podia demonstrar essas coisas. Emma, a única em sua vida que não precisava ser cuidada por ele. Não precisava que ele fosse perfeito ou perfeitamente forte.

Antes que Julian pudesse dizer qualquer outra coisa, o telefone de Emma tocou com um zumbido alto. Ela o pegou do bolso.

Cameron Ashdown. Ela franziu o rosto para a lhamas na tela.

— Agora não — reclamou ela, e guardou o telefone na calça.

— Você vai contar para ele? — perguntou Julian, ouvindo a rigidez na própria voz, e a detestando. — Sobre tudo isso?

— Sobre Mark? Eu jamais contaria. Nunca.

Ele continuou segurando firme o volante, com a mandíbula dura.

— Você é meu *parabatai* — falou ela, mas agora tinha raiva na voz. — Você sabe que eu não contaria.

Julian pisou no freio. O carro saltou para a frente, o volante escapando de suas mãos. Emma gritou quando deslizaram da rodovia e quicaram em uma vala perto do acostamento, entre a rua e as dunas.

Poeira subia em volta do carro feito plumas. Julian se virou para Emma. Ela estava com a boca branca.

— Jules.

— Não quis dizer aquilo.

Ela o encarou.

— O quê?

— Você ser minha *parabatai* é a melhor coisa da minha vida — confessou Julian. As palavras foram simples e firmes, ditas sem qualquer indício de nada sendo contido. Ele vinha reprimindo tanto que o alívio foi quase insuportável.

Impulsivamente, ela soltou o cinto de segurança, levantando do assento para encará-lo com seriedade. O sol estava alto lá fora. De perto, ele conseguia ver linhas douradas nos olhos castanhos de Emma, o fraco esboço de sardas no nariz, as mechas mais claras de cabelo que pegavam sol misturadas aos fios mais escuros na nuca. Tom amarelo misturado com branco. Ele podia sentir o cheiro de água de rosas e de sabão em pó nela.

Ela se inclinou para ele, e o corpo de Julian perseguiu a sensação de proximidade, de tê-la de volta e perto. Os joelhos dela bateram nos dele.

— Mas você disse...

— Eu sei o que eu disse. — Ele virou para ela, girando o corpo no assento do

motorista. — Enquanto estive fora, percebi algumas coisas. Coisas difíceis. Talvez tenha percebido antes mesmo de partir.

— Pode me contar. — Ela o tocou gentilmente na bochecha. Ele sentiu todo o corpo trancar de tensão. — Eu me lembro do que você disse sobre Mark ontem à noite — continuou ela. — Você nunca foi o irmão mais velho. Ele sempre foi. Se ele não tivesse sido levado, se Helen tivesse podido ficar, você teria feito outras escolhas porque teria tido quem cuidasse de você.

Ele suspirou.

— Emma. — Dor crua. — Emma, eu disse o que disse porque... porque às vezes acho que pedi que você fosse minha *parabatai* porque queria que você ficasse presa a mim. A Consulesa queria que você fosse para a Academia, e eu não podia suportar essa ideia. Já tinha perdido tanta gente. Não queria te perder também.

Ela estava tão perto que ele pôde sentir o calor da pele queimada de sol de Emma. Por um instante ela não disse nada, e ele se sentiu como se estivesse na forca, com o nó amarrado na garganta. Esperando apenas pela queda.

Então ela colocou a mão na dele sobre o painel entre os dois.

As mãos deles. As dela pareciam tão delicadas, mas tinham mais cicatrizes do que as dele, eram mais calejadas, a pele dela áspera contra a de Julian. A pulseira de vidro marinho brilhava como joia ao sol.

— As pessoas complicam as coisas porque as pessoas são complicadas — falou ela. — Tudo isso sobre como você deve tomar decisões sobre *parabatai* apenas por motivos puros, isso é idiotice.

— Eu queria que você fosse amarrada a mim — revelou ele. — Porque eu estava amarrado aqui. Talvez você devesse ter ido para a Academia. Talvez tivesse sido o lugar certo para você. Talvez eu tenha tirado algo de você.

Emma olhou para ele. O rosto dela estava aberto e cheio de confiança. Ele quase pensou que pudesse sentir as próprias convicções estilhaçando, as convicções que ele construiu quando viajou no começo do verão, as convicções que levou consigo para casa até o momento em que a viu. Ele pôde senti-las quebrando dentro de si, como madeira boiando no mar, chocando-se contra as pedras.

— Jules — chamou ela. — Você me deu uma família. Você me deu *tudo*.

Um telefone tocou de novo. O de Emma. Julian reclinou, com o coração acelerado, enquanto ela o tirava do bolso. Ele observou enquanto o rosto dela enrijecia.

— Livvy está mandando uma mensagem — resumiu ela. — Disse que Mark acordou. E ele está gritando.

Julian pisou fundo na volta para casa. Emma manteve as mãos fechadas sobre os joelhos enquanto o velocímetro ultrapassava os 120km/h. Eles entraram no estacionamento atrás do Instituto, e ele pisou no freio. Julian se jogou do carro, e Emma correu atrás dele.

Eles chegaram ao segundo andar e viram os Blackthorn mais jovens sentados no chão do lado de fora do quarto de Mark. Dru estava encolhida, com Tavvy apoiado em sua lateral; Ty estava sozinho, sentado com as mãos penduradas entre os joelhos. Todos tinham olhares fixos; a porta estava entreaberta, e, através da abertura, Emma ouviu a voz de Mark, elevada e furiosa, e depois outra voz, mais baixa e mais calma: Cristina.

— Desculpe por ter mandado mensagem — disse Livvy baixinho. — É que ele estava gritando sem parar. Ele finalmente parou, mas... Cristina está lá com ele. Se algum de nós entra, ele uiva e grita.

— Meu Deus. — Emma foi para a porta, mas Julian a pegou e virou para que ela o encarasse. Ela olhou e viu que Ty tinha começado a se balançar, com os olhos fechados. Era algo que ele fazia quando as coisas eram demais: altas demais, duras demais, severas, rápidas ou dolorosas.

O mundo era mais intenso para Ty do que para qualquer pessoa, Julian sempre disse isso. Era como se os ouvidos dele escutassem com mais clareza, os olhos enxergassem melhor, e, às vezes, era demais para ele. Ele precisava cobrir o barulho, sentir alguma coisa com a mão para se distrair. Ele precisava se balançar para se acalmar. Todos processavam o estresse de um jeito diferente, Julian dizia. Era assim que Ty fazia, e isso não prejudicava ninguém.

— Em — falou Julian, com o rosto duro de tensão. — Preciso entrar sozinho. Ela fez que sim com a cabeça. Ele a soltou quase relutantemente.

— Pessoal — anunciou Julian, olhando para os irmãos; para o rosto redondo e preocupado de Dru, para a face confusa de Tavvy, para os olhos infelizes de Livvy, e para os ombros encolhidos de Ty. — Vai ser difícil para Mark. Não podemos esperar que ele fique bem de uma hora para a outra. Ele passou muito tempo longe. Tem que se acostumar a estar aqui.

— Mas somos a família dele — argumentou Livvy. — Por que alguém precisaria se acostumar com a própria família?

— Pode acontecer — respondeu Julian, com aquela voz suave e paciente que às vezes impressionava Emma — se você tivesse passado muito tempo longe e se tivesse ido para algum lugar onde a mente engana a pessoa.

— Como o Reino das Fadas — disse Ty. Ele tinha parado de se balançar e estava apoiado na parede, os cabelos escuros molhados contra o rosto.

— Certo — disse Julian. — Então vamos ter que dar tempo a ele. Talvez deixá-lo sozinho um pouco. — Ele olhou para Emma.

Ela forçou um sorriso — meu Deus, ela era tão pior do que Jules nisso — e disse:

— Malcolm está trabalhando na investigação. Nos assassinatos. Achei que pudéssemos ir até a biblioteca pesquisar sobre Linhas Ley.

— Eu também? — perguntou Drusilla.

Emma disse:

— Você pode ajudar a fazer um mapa. Tudo bem?

Dru fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem.

Ela se levantou, e os outros foram atrás. Enquanto Emma os conduzia pelo corredor, um grupo quietamente vencido, ela olhou para trás apenas uma vez. Julian estava perto da porta do quarto de Mark, observando-os. Seus olhos encontraram os dela por uma fração de segundos antes de ele desviar, como se ele não a tivesse visto olhar.

Se ao menos Emma estivesse com ele, Julian pensou ao abrir a porta, isso seria mais fácil. Tinha que ser mais fácil. Quando Emma estava com ele, era como se ele respirasse o dobro de oxigênio, tivesse duas vezes mais sangue, tivesse dois corações para conduzir o próprio corpo. Ele atribuiu isso à magia *parabatai*: ela fazia com que ele fosse duas vezes mais o que seria sem ela.

Mas ele teve que mandá-la ir com as crianças; ele não confiava em mais ninguém com elas e, definitivamente, não confiava em Arthur. Arthur, pensou amargamente, que se escondia no sótão enquanto um de seus sobrinhos tentava desesperadamente manter a família unida e outro...

— Mark? — chamou Julian.

O quarto parecia mal iluminado, as cortinas fechadas. Dava para ver Cristina sentada no chão, de costas para a parede. Ela estava com uma das mãos no pingente do colar, e a outra no quadril, onde algo brilhava entre seus dedos.

Mark ia de um lado para o outro ao pé da cama, com o cabelo no rosto. Dava para ver o quanto ele estava magro; havia músculos vigorosos nele, mas do tipo que você ganhava passando fome e seguindo em frente ainda assim. A cabeça dele se levantou quando Julian disse seu nome.

Os olhares se encontraram, e, por um momento, Julian viu um lampejo de reconhecimento nos olhos do irmão.

— Mark — repetiu ele, e deu um passo para a frente, com a mão esticada. — Sou eu. Jules.

— Não... — começou Cristina, mas foi tarde demais. Mark estava mostrando os dentes em um sibilo furioso.

— Mentiras. — Ele rosnou. — Alucinações... eu o conheço... Gwyn o enviou para me enganar...

— Sou seu irmão — repetiu Julian. A expressão no rosto de Mark era selvagem.

— Você conhece os desejos do meu coração — disse Mark. — E os está utilizando contra mim, como facas.

Julian olhou para Cristina. Ela estava se levantando lentamente, como se estivesse se preparando para se colocar entre os dois irmãos, caso isso fosse necessário.

Mark se virou para Jules. Seus olhos estavam cegos, sem enxergar.

— Você traz os gêmeos para mim e os mata sem parar. Meu Ty, ele não entende por que não posso salvá-lo. Você me traz Dru e, quando ela ri e pede para ver o castelo dos contos de fada, todo cheios de cercas vivas, você a joga contra os espinhos até que eles furem o corpinho dela. E você me lava com o sangue de Octavian, pois o sangue de uma criança inocente é mágico sob a colina.

Julian não se aproximou mais. Ele se lembrou do que Jace Herondale e Clary Fairchild contaram a ele e à irmã, sobre o encontro que tiveram com Mark há anos sob as colinas das fadas, os olhos partidos e as marcas de chicote no corpo.

Mark era forte, ele repetiu para si mesmo na escuridão de mil noites que se seguiram. Ele aguentaria. Julian só pensava na tortura do corpo. Não tinha pensado na tortura da mente.

— E Julian — falou Mark. — Ele é forte demais para quebrar. Você tenta quebrá-lo em movimento, tenta rasgá-lo com espinhos e lâminas, mas nem assim ele desiste. Então você o leva até Emma, pois os desejos de nossos corações são facas para você.

Foi demais para Julian. Ele avançou, agarrando um dos pilares da cama para se apoiar.

— Mark — começou Julian. — Mark Antony Blackthorn. Por favor. Não é um sonho. Você realmente está aqui. Está em casa.

Ele alcançou a mão de Mark. Mark a puxou de volta, para longe dele.

— Você é uma fumaça mentirosa.

— Sou seu irmão.

— Não tenho irmãos e irmãs, não tenho família, sou sozinho. Cavalgo com a Caçada Selvagem. Sou leal a Gwyn, o Caçador. — Mark recitou as palavras como um mantra.

— Não sou Gwyn — disse Julian. — Sou um Blackthorn. Tenho sangue Blackthorn, assim como você.

— Você é um fantasma e uma sombra. Você é a crueldade da esperança. —

Mark virou o rosto. — Por que está me punindo? Não fiz nada para desagradar a Caçada.

— Não tem nenhuma punição aqui. — Julian deu um passo para perto de Mark. Mark não se mexeu, mas seu corpo tremeu. — Essa é a sua casa. Posso provar.

Ele olhou por cima do ombro. Cristina estava completamente imóvel contra a parede, e ele viu que o brilho na mão dela era uma faca. Claramente ela esperava para ver se Mark ia atacá-lo. Julian ficou se perguntando por que ela se dispôs a ficar sozinha no quarto com Mark; será que não tinha medo?

— Não existem provas — sussurrou Mark. — Não quando você pode criar uma ilusão diante dos meus olhos.

— Eu sou seu irmão — repetiu Julian. — E, para provar, vou dizer algo que só o seu irmão saberia.

Com isso, Mark levantou o olhar. Algo piscou em seus olhos, como uma luz brilhando em uma água distante.

— Eu me lembro do dia em que o levaram — falou Julian.

Mark se encolheu.

— Qualquer fada saberia disso...

— Nós estávamos na sala de treinamento. Ouvimos barulhos, e você desceu. Mas antes de ir, você me disse uma coisa. Você se lembra?

Mark ficou parado.

— Você disse “fique com Emma” — continuou Julian. — Você me mandou ficar com ela, e eu fiquei. Somos *parabatai* agora. Cuidei dela por todos esses anos, e sempre vou cuidar, porque você me pediu, porque a última coisa que você me disse foi isso, porque...

Ele se lembrou, então, que Cristina estava ali, e se interrompeu subitamente. Mark olhava fixamente para ele, em silêncio. Julian sentiu o desespero inflar dentro dele. Talvez fosse um truque das fadas; talvez tivessem devolvido Mark, mas tão destruído e vazio que ele não era mais Mark. Talvez...

Mark quase caiu para a frente e abraçou Julian.

Julian mal conseguiu se ajeitar antes de quase cair no chão. Mark estava magro como uma corda, mas era forte, suas mãos agarraram a camisa de Julian. Ele sentiu o coração de Mark martelando, sentiu os ossos afiados sob a pele. Ele cheirava a terra, mildio, grama e ar noturno.

— Julian — disse Mark, abafado, com o corpo tremendo. — Julian, meu irmão, meu irmão.

Em algum lugar ao longe, Julian ouviu o clique da porta ao se fechar; Cristina os tinha deixado a sós.

Julian suspirou. Ele queria relaxar no abraço do irmão, permitir que Mark o

abraçasse como outrora o fez. Mas Mark estava mais magro do que antes, mais frágil sob suas mãos. Ele é que abraçaria Mark de agora em diante. Não foi o que tinha imaginado ou sonhado, mas era a realidade. Era seu irmão. Ele apertou as mãos em volta de Mark e preparou o coração para mais esse fardo.

A biblioteca do Instituto de Los Angeles era pequena — nada como as famosas bibliotecas de Nova York e Londres, mas ainda assim conhecida por sua coleção surpreendentemente grande de livros em grego e latim. Tinham mais livros sobre magia e ocultismo no período clássico do que o Instituto do Vaticano.

O outrora a biblioteca teve azulejos de argila e janelas antigas; agora era um salão moderno. A velha biblioteca fora destruída durante o ataque de Sebastian Morgenstern ao Instituto, os livros acabaram espalhados entre tijolos e deserto. Após a reconstrução, ela era feita de vidro e aço. O chão era de pedra polida, liso e brilhante com a aplicação de feitiços de proteção.

Uma rampa em espiral começava no lado norte do primeiro andar e subia pelas paredes; o lado externo da rampa continha livros e janelas, ao passo que o interno, de frente para o interior da biblioteca, era um corrimão na altura do ombro. No alto, havia uma abertura — uma claraboia fechada por uma larga tranca de bronze, feita de vidro espesso e também decorada com símbolos de proteção.

Os mapas ficavam em um baú enorme decorado com o brasão da família Blackthorn — um anel de espinhos — e com o lema da família abaixo: *lex malla, lex nulla*.

Uma lei ruim não é lei.

Emma suspeitava que os Blackthorn nem sempre tivessem tido boas relações com o Conselho.

Drusilla remexia o baú de mapas. Livvy e Ty estavam na mesa com mais mapas, e Tavvy brincava embaixo dela com soldadinhos de plástico.

— Dá para saber se Julian está bem? — perguntou Livvy, apoiando o queixo na mão e encarando Emma ansiosamente. — Você sabe, como ele está se sentindo...

Emma balançou a cabeça.

— *Parabatai* não é bem assim. Quero dizer, consigo sentir se ele estiver machucado fisicamente, mas não tanto com as emoções.

Livvy suspirou.

— Seria tão bom ter um *parabatai*.

— Não vejo por quê — disse Ty.

— Alguém que sempre cuide de você — respondeu a menina. — Alguém que

sempre vai protegê-lo.

— Eu faria isso por você de qualquer jeito — retrucou Ty, puxando um mapa para si. Era uma discussão que já tinham tido antes; Emma havia escutado uma variação da mesma meia dúzia de vezes.

— Nem todo mundo nasceu para ter um — disse ela.

Por um momento desejou que tivesse palavras para explicar melhor: como amar alguém mais do que a si mesmo dava força e coragem; como se ver nos olhos de seu *parabatai* significava enxergar a melhor versão de você mesma; como, na melhor das hipóteses, lutar ao lado de seu *parabatai* era como tocar instrumentos harmoniosamente um com o outro, cada trecho musical melhorando o do outro.

— Ter alguém que jure protegê-lo dos perigos — disse Livvy, com os olhos brilhando. — Alguém que colocaria a mão no fogo por você.

Brevemente Emma se lembrou de que Jem um dia lhe disse que seu *parabatai*, Will, colocou a mão no fogo para pegar um remédio que salvaria a vida dele. Talvez ela não devesse ter contado essa história a Livvy.

— Nos filmes, Watson se joga na frente de Sherlock quando ouve um tiro — disse Ty, parecendo pensativo. — Isso é tipo *parabatai*.

Livvy pareceu ligeiramente confusa, e Emma sentiu dó. Se Livvy dissesse que isso não era tipo *parabatai*, Ty questionaria. Se ela concordasse que era, ele observaria que não era preciso ser *parabatai* para saltar na frente de alguém em uma situação de perigo. Ele não estava enganado, mas ela se solidarizava com o desejo de Livvy de ser *parabatai* de Ty. De garantir que o irmão sempre estivesse ao seu lado.

— Consegui! — Drusilla anunciou de repente. Ela se levantou da função de revirar os mapas nos baús e apareceu com um grande pedaço de pergaminho nas mãos. Livvy, abandonando a discussão sobre *parabatai*, se apressou para ajudá-la a levar tudo para a mesa.

Em uma vasilha clara no centro da mesa havia um monte de vidro marinho que os Blackthorn colecionaram ao longo dos anos: pedaços de azul leitoso, verde, cobre e vermelho. Emma e Ty utilizaram o vidro azul como peso para as pontas do mapa das Linhas Ley.

Tavvy, agora sentado à beira da mesa, tinha começado a separar o resto dos vidros marinhos por cor. Emma permitiu; ela não sabia de que outro jeito poderia mantê-lo distraído então.

— Linhas Ley — falou Emma, passando o indicador pelas linhas longas do mapa. Era um mapa de Los Angeles que provavelmente datava dos anos 1940. Havia pontos de referência sob as Linhas Ley: o Crossroads of the World, em Hollywood; o prédio Bullocks, em Wilshire; a estrada de ferro Angels Flight, em

Bunker Hill; o Píer de Santa Monica; a curva que jamais mudava da costa e do oceano. — Todos os corpos foram deixados onde havia uma Linha Ley. Mas Magnus disse que existem lugares onde todas as Linhas Ley convergem.

— O que isso tem a ver com alguma coisa? — Livvy quis saber, prática como sempre.

— Não sei, mas não acho que ele teria dito isso se não fosse importante. Imagino que o ponto de convergência tenha alguma magia muito poderosa.

Enquanto Ty estudava o mapa com um vigor renovado, Cristina entrou na biblioteca e fez um gesto para que Emma viesse falar com ela. Emma saiu da mesa e seguiu Cristina até a cafeteira perto da janela. Era ligada por energia enfeitiçada, o que significava que sempre tinha café, apesar de o café nem sempre ser muito bom.

— Está tudo bem com Julian? — perguntou Emma. — E Mark?

— Estavam conversando quando eu saí. — Cristina encheu dois copos com café preto e pegou açúcar de um pote no parapeito da janela. — Julian conseguiu acalmá-lo.

— Julian consegue acalmar qualquer pessoa. — Emma pegou o segundo copo de café, aproveitando o calor contra a pele, apesar de não gostar de fato de café, e não tender a tomá-lo. Além disso, seu estômago estava tão cheio de nós que ela não achava que devesse forçar nada.

Ela foi até a mesa onde os Blackthorn estavam discutindo sobre o mapa das Linhas Ley.

— Bem, não posso fazer nada se não faz sentido — dizia Ty irritadiço. — É aqui que diz que está a convergência.

— Onde? — perguntou Emma, chegando por trás dele.

— Aqui. — Dru apontou para o círculo que Ty tinha marcado a lápis no mapa. Era em cima do mar, mais longe de Los Angeles do que a Ilha Catalina. — Ninguém vai poder fazer magia lá.

— Acho que Magnus só estava puxando papo — disse Livvy.

— Ele provavelmente não sabia... — começou Emma, se interrompendo quando a porta da biblioteca abriu.

Era Julian. Ele entrou no recinto e chegou um pouco para o lado, timidamente, como um mágico apresentando o resultado de um truque.

Mark atravessou a entrada depois dele. Julian deve ter pegado as coisas de Mark do depósito. Ele estava com uma calça jeans um pouco curta — provavelmente alguma antiga — e uma das camisetas de Julian, cinza e um pouco desbotada. Em contraste, seu cabelo era muito louro, quase prateado. Batia nos ombros, mas parecia um pouco menos emaranhado, como se ele tivesse pelo menos escovado os gravetos para fora.

— Oi — cumprimentou ele.

Os irmãos olharam para ele com espanto silencioso e olhos arregalados.

— Mark queria vê-los — disse Julian. Ele esticou o braço para afagar o próprio cabelo atrás da nuca, como se não tivesse ideia do que fazer em seguida.

— Obrigado — disse Mark. — Pelos presentes de boas-vindas que me deram.

Os Blackthorn continuaram encarando. Ninguém se moveu, exceto Tavvy, que lentamente repousou os vidros marinhos sobre a mesa.

— A caixa — esclareceu Mark. — No meu quarto.

Emma sentiu o copo de café que segurava sendo retirado de sua mão. Ela emitiu um ruído indignado, mas Cristina já o tinha pegado, e estava atravessando a sala, caminhando até Mark, com a coluna reta. Ela estendeu o copo.

— Quer um pouco? — ofereceu.

Parecendo aliviado, ele aceitou. Então o levou até a boca e engoliu, a família toda olhando para ele com fascínio, como se ele estivesse fazendo algo que ninguém jamais houvesse feito.

Ele fez uma careta. Afastando-se de Cristina, tossiu e cuspiu.

— O que é isso?

— Café. — Cristina pareceu espantada.

— Tem gosto do mais amargo dos venenos — respondeu Mark indignado.

Livvy de repente riu. O barulho cortou o silêncio do resto da sala, a posição congelada dos outros.

— Você adorava café — falou ela. — Eu me lembro disso a seu respeito!

— Não consigo imaginar por quê. Nunca provei nada tão nojento. — Mark fez uma careta.

Os olhos de Ty se moveram entre Julian e Livvy; ele parecia ansioso e animado, os dedos longos batucavam a mesa diante de si.

— Ele não está mais acostumado com café — falou para Cristina. — Não tem café no Reino das Fadas.

— Tome. — Livvy se levantou, pegando uma maçã da mesa. — Coma isso, então — falou, se adiantando e entregando a maçã ao irmão. Emma a achou parecida com uma Branca de Neve mais atual, com longos cabelos escuros e uma maçã na mão branca. — Não tem problemas com maçãs, tem?

— Meus agradecimentos, graciosa irmã. — Mark fez uma reverência e pegou a maçã enquanto Livvy olhava para ele com a boca parcialmente aberta.

— Você nunca me chama de “graciosa irmã” — reclamou Livvy, voltando-se para Julian com um olhar acusador.

Ele sorriu.

— Eu a conheço bem demais, pinga de gente.

Mark esticou o braço e puxou a corrente do próprio pescoço. Pendurada nela,

via-se o que parecia a ponta de uma flecha. Era transparente, como se fosse feita de vidro, e Emma se lembrava de já ter visto algo parecido em fotos que Diana havia mostrado.

Mark começou a usar a borda do pingente para descascar a maçã, como se aquilo fosse um hábito. Tavvy, que tinha voltado para baixo da mesa e observava, emitiu um ruído interessado. Mark olhou para ele e deu uma piscadela. Tavvy voltou para baixo da mesa, mas Emma viu que ele sorria.

Ela não conseguia parar de olhar para Jules. E pensou em como ele limpou o quarto de Mark, tirando vorazmente as coisas do irmão e empilhando-as como se pudesse estilhaçar suas lembranças. Durou somente um dia, mas ele tinha sombras nos olhos desde então. Ela ficou imaginando, se Mark ficasse, será que as sombras desapareceriam?

— Gostou dos presentes? — perguntou Dru, girando em torno da mesa, o rosto redondo ansioso. — Coloquei pão e manteiga para você, caso ficasse com fome.

— Eu não soube o que eram todas as coisas — falou Mark com sinceridade. — As roupas foram muito úteis. O objeto preto de metal...

— É o meu microscópio — disse Ty, olhando para Julian, em busca de aprovação. — Achei que você pudesse gostar.

Julian se apoiou contra a mesa. Ele não perguntou a Ty por que Mark ia querer um microscópio, apenas esboçou seu sorriso de lado, delicado.

— Foi gentil de sua parte, Ty.

— Tiberius quer ser detetive — explicou Livvy para Mark. — Como Sherlock Holmes.

Mark pareceu confuso.

— É alguém que conhecemos? Como um feiticeiro?

— É um personagem literário — respondeu Dru, rindo.

— Tenho todos os livros de Sherlock Holmes — disse Ty. — Sei todas as histórias. São 56 contos e quatro romances. Posso contar para você. E ensinar como se usa o microscópio.

— Acho que passei manteiga nele — admitiu Mark, parecendo envergonhado. — Não me lembrei que era uma ferramenta científica.

Emma olhou preocupada para Ty — ele era muito meticuloso com suas coisas e poderia ficar profundamente chateado com qualquer pessoa tocando-as ou tirando do lugar. Mas ele não parecia irritado. Alguma coisa na franqueza de Mark parecia encantá-lo, do jeito que ele, às vezes, se encantava com um icor demoníaco incomum ou o ciclo de vida das abelhas.

Mark tinha cortado a maçã em pedaços cuidadosos e comia lentamente, como alguém acostumado a ter que fazer sua comida durar. Ele era muito magro, mais

magro do que um Caçador de Sombras da sua idade normalmente seria — Caçadores de Sombras eram estimulados a comer e treinar, comer e treinar, ganhar músculos e energia. A maioria dos Caçadores de Sombras, em função do constante e brutal treinamento físico, variava entre magro e musculoso, apesar de Drusilla ser mais curvilínea, algo que a incomodava cada vez mais conforme crescia. Emma sempre sofria ao ver o rubor que coloria as bochechas de Dru quando o uniforme designado a meninas da sua idade não cabia nela.

— Ouvi vocês falando em convergências — disse Mark, indo em direção aos outros, cuidadosamente, como se não tivesse certeza de que era bem-vindo. Seus olhos levantaram, e, para surpresa de Emma, ele olhou para Cristina. — A convergência das Linhas Ley é um local onde magia sombria pode ser executada sem que a detectem. O Povo das Fadas sabe muito sobre as Linhas Ley e a usa com frequência. — Ele tinha colocado a ponta da flecha de volta no pescoço; ela brilhou quando ele abaixou a cabeça para olhar o mapa na mesa.

— Este é um mapa das Linhas Ley em Los Angeles — disse Cristina. — Todos os corpos foram encontrados nelas.

— Errado — observou Mark, inclinando-se para a frente.

— Não, ela está certa — respondeu Ty com o rosto franzido. — É um mapa de Linhas Ley e os corpos foram desovados nelas.

— Mas o mapa está incorreto — apontou Mark. — As linhas não são precisas, nem os pontos de convergência. — Sua mão direita de dedos longos passou sobre o círculo desenhado a lápis por Ty. — Não está nada correto. Quem fez esse mapa?

Julian se aproximou, e, por um instante, ele e o irmão ficaram ombro a ombro, os cabelos claro e escuro em um contraste marcante.

— É o mapa do Instituto, presumo.

— Pegamos do baú — disse Emma, inclinando-se sobre ele do outro lado da mesa. — Com todos os outros mapas.

— Bem, foi alterado — disse Mark. — Precisaremos de um mapa correto.

— Talvez Diana possa conseguir um — falou Julian, alcançando um bloco de papel e um lápis. — Ou poderíamos pedir para Malcolm.

— Ou ver o que conseguimos no Mercado das Sombras — disse Emma, sorrindo sem qualquer arrependimento ao ver o olhar de Julian. — Só uma sugestão.

Mark olhou para o irmão e depois para os outros, claramente preocupado.

— Isso ajudou? — perguntou. — Foi alguma coisa que eu não deveria ter dito?

— Tem certeza? — disse Ty, olhando do mapa para o irmão, e alguma coisa em seu rosto era tão aberta quanto uma porta. — O mapa está incorreto?

Mark fez que sim com a cabeça.

— Então ajudou— respondeu Ty. — Poderíamos ter perdido dias em um mapa errado. Talvez até mais.

Mark exalou aliviado. Julian colocou a mão nas costas do irmão. Livvy e Dru sorriram. Tavvy estava olhando de baixo sob a mesa, claramente curioso. Emma olhou para Cristina. Os Blackthorn pareciam unidos por uma espécie de força invisível; naquele momento eram realmente uma família, e Emma nem conseguia se importar com o fato de que ela e Cristina estavam de fora.

— Eu posso tentar corrigir — disse Mark. — Mas não sei se tenho essa capacidade. Helen... Helen saberia. — Ele olhou para Julian. — Ela é casada, e está longe, mas imagino que vá voltar para fazer isso? E para me ver?

Foi como observar vidro se quebrando em câmera lenta. Nenhum dos Blackthorn se mexeu, nem mesmo Tavvy, mas um branco se espalhou por suas feições ao perceberem exatamente o quanto Mark não sabia.

Mark empalideceu e lentamente colocou o meio da maçã na mesa.

— O que foi?

— Mark — começou Julian, olhando para a porta —, vamos conversar no seu quarto, e não aqui...

— Não — interrompeu Mark, a voz se elevando com medo. — Vai me contar agora. Onde está minha irmã cem por cento de sangue, a filha de Lady Nerissa? Onde está Helen?

Fez-se um silêncio dolorosamente desconfortável. Mark olhava para Julian; eles não estavam mais lado a lado. Mark tinha se afastado, tão quieta e rapidamente que Emma não viu acontecer.

— Você disse que ela estava viva — acusou Mark, e em sua voz havia medo e acusação.

— Ela está. — Emma se apressou em responder. — Ela está bem.

Mark emitiu um ruído impaciente.

— Então quero saber onde está minha irmã. Julian?

Mas não foi Julian quem respondeu.

— Ela foi embora quando decretaram a Paz Fria — explicou Ty, para surpresa de Emma. Ele soou prático. — Foi exilada.

— Houve uma votação — continuou Livvy. — Alguns integrantes da Clave queriam matá-la, por causa do sangue de fada, mas Magnus Bane defendeu os direitos dos membros do Submundo. Helen foi mandada para a Ilha Wrangel para estudar as barreiras de proteção.

Mark se apoiou na mesa, com a palma da mão esticada sobre ela, como se estivesse tentando recuperar o fôlego após levar um soco.

— Ilha Wrangel — sussurrou ele. — É um lugar frio; gelo e neve. Já

cavalguei por aquelas terras com a Caçada. Nunca soube que minha irmã estava lá, no meio do lixo congelado.

— Não teriam deixado você vê-la, mesmo que soubesse — comentou Julian.

— Mas vocês deixaram que ela fosse mandada para lá. — Os olhos bicolores de Mark ardiam. — Deixaram que ela fosse exilada.

— Nós éramos crianças. Eu tinha 12 anos. — Julian não levantou a voz; os olhos azuis estavam frios e secos. — Não tivemos escolha. Falamos com Helen toda semana, e todo ano pedimos para a Clave permitir que ela volte.

— Discurso e petições. — Mark desdenhou. — É o mesmo que nada. Eu sabia... eu sabia que eles tinham escolhido não me procurar. Sabia que tinham me abandonado com a Caçada Selvagem. — Ele engoliu em seco dolorosamente. — Achei que fosse porque tinham medo de Gwyn e da vingança da Caçada. Não por me odiarem e desprezarem.

— Não era ódio — disse Julian. — Era medo.

— Disseram que não podíamos procurar você — falou Ty. Ele tinha pegado um dos brinquedos do bolso: um pedaço de cabo que constantemente passava pelos dedos, dobrando e formando oitos. — Que era proibido. E também nos proibiram de visitar Helen.

Mark olhou para Julian; os olhos agora sombrios de fúria, preto e bronze.

— Vocês sequer tentaram?

— Não vou brigar com você, Mark — disse Julian. A lateral da boca estava tremendo; era algo que só acontecia quando ele estava muito chateado, e algo que, Emma supunha, só ela notaria.

— Não vai brigar *por* mim também — disse Mark. — Isso está bem evidente. — Ele olhou em volta do quarto. — Voltei para um mundo onde não me querem, ao que parece — falou, e se retirou da biblioteca.

Fez-se um silêncio terrível.

— Vou atrás dele — disse Cristina, saindo de lá. No silêncio deixado por sua partida, os Blackthorn olharam para Jules, e Emma combateu o impulso de correr e se colocar entre ele e os olhares suplicantes de seus irmãos; eles o olhavam como se ele pudesse consertar aquilo, consertar tudo, como sempre fazia.

Mas Julian estava completamente imóvel, com os olhos semicerrados e os punhos fechados. Ela se lembrou de como ele olhou para ela no carro, do desespero em sua expressão. Havia poucas coisas na vida capazes de perturbar a calma de Julian, mas Mark era, e sempre tinha sido, uma delas.

— Vai ficar tudo bem — garantiu Emma, esticando a mão para afagar o braço macio de Dru. — É óbvio que ele está furioso; ele tem todo o direito de estar, mas não está com raiva de nenhum de vocês. — Emma olhou para Julian,

por cima da cabeça, tentando captar o olhar dele, tranquilizá-lo. — Vai ficar tudo bem.

A porta se abriu outra vez, e Cristina voltou para o recinto. Julian voltou o olhar para ela bruscamente.

As tranças escuras e lustrosas de Cristina estavam enroladas e brilhavam enquanto ela balançava a cabeça.

— Ele está bem — falou —, mas se trancou no quarto, e acho melhor ele ficar sozinho. Posso ficar no corredor se vocês quiserem.

Julian balançou a cabeça.

— Obrigado — disse o garoto. — Mas ninguém precisa ficar de olho nele. Ele é livre para ir e vir.

— Mas e se ele se machucar? — Tavvy foi quem perguntou. Sua voz soou baixa e fraca.

Julian se abaixou e pegou o irmão no colo, abraçando Tavvy com força uma vez, antes de colocá-lo novamente no chão. Tavvy ficou segurando a camisa de Jules.

— Isso não vai acontecer — respondeu Julian.

— Quero ir até o estúdio — disse Tavvy. — Não quero ficar aqui.

Julian hesitou, em seguida, concordou. O estúdio no qual pintava era um lugar para onde frequentemente levava Tavvy quando o irmãozinho estava assustado: Tavvy achava as tintas, os papéis e até os pincéis relaxantes.

— Eu o levo até lá — falou. — Tem sobra de pizza na cozinha se alguém quiser, e sanduíches, e...

— Está tudo bem, Jules — disse Livvy. Ela havia se sentado à mesa, perto do irmão gêmeo; ela estava acima de Ty enquanto ele olhava o mapa de Linhas Ley, com a boca rija. — Cuidaremos do jantar. Vamos ficar bem.

— Levo alguma coisa para você comer — disse Emma. — E para Tavvy também.

Obrigado, Jules moveu a boca sem emitir som e se virou para a porta. Antes de alcançá-la, Ty, que estava quieto desde que Mark saiu, se pronunciou:

— Você não vai puni-lo — perguntou, com a corda enrolada firmemente nos dedos da mão esquerda —, vai?

Julian virou, claramente surpreso.

— Punir Mark? Por quê?

— Por todas as coisas que ele disse. — Ty estava vermelho, desenrolando a corda lentamente ao deslizá-la pelos dedos. Ao longo de anos observando o irmão e tentando aprender, Julian tinha entendido que, no tocante a sons e luzes, Ty era muito mais sensível do que a maioria das pessoas. Mas em relação a toque, isso o fascinava. Foi como Julian aprendeu a criar distrações e

ferramentas manuais para Ty, observando o irmão passar horas investigando a textura da seda ou da lixa, as ondulações das conchas e a aspereza das pedras. — Foi tudo verdade, é a verdade. Ele falou a verdade e ajudou com a investigação. Não deve ser punido por isso.

— Não mesmo — disse Julian. — Nenhum de nós o puniria.

— Não é culpa dele se não entende tudo — continuou Ty. — Ou se as coisas são demais para ele. Não é culpa dele.

— Ty-Ty — disse Livvy. Era o apelido de Emma para Tiberius quando ele era bebê. Desde então, a família inteira o adotou. Ela esticou o braço para esfregar o ombro dele. — Vai ficar tudo bem.

— Não quero que Mark vá embora outra vez — disse Ty. — Entendeu, Julian?

Emma observou enquanto o peso daquilo, a responsabilidade, recaía sobre Julian.

— Entendi, Ty — retrucou ele.

8

Fora da Nuvem à Noite

Emma abriu a porta do estúdio de Julian com o ombro, se esforçando para não entornar nada das canecas cheias de sopa que trazia.

Havia dois cômodos no estúdio de Julian: o que Julian permitia que as pessoas vissem, e o que não permitia. A mãe dele, Eleanor, usava o cômodo maior como um estúdio, e o menor como uma sala escura para revelar fotos. Ty frequentemente perguntava se os produtos químicos de revelação e a armação continuavam intactos, e se ele poderia utilizá-los.

Mas a segunda sala do estúdio era a única coisa que ele não cedia à vontade dos irmãos mais novos e da qual não abria mão. A porta preta ficava fechada e trancada, nem Emma podia entrar.

E ela sequer pedia. Julian tinha pouquíssima privacidade, ela não queria impedi-lo de aproveitar o pouco que conseguia.

O estúdio principal era lindo. Duas das paredes eram de vidro, uma dava para o mar, a segunda, para o deserto. As outras duas exibiam um tom marrom acinzentado clarinho, e as telas da mãe de Julian — pinturas abstratas em cores fortes — ainda as adornavam.

Jules ocupava a ilha central, um enorme bloco de granito cuja superfície era coberta por maços de papel, caixas de tinta de aquarela; tubos de tinta com nomes líricos: vermelho de alizarina, laranja de cádmio, azul ultramarino.

Ele levantou uma das mãos e colocou um dedo contra os lábios, olhando para o lado. Tavvy estava sentado em um pequeno cavalete, munido de uma caixa aberta de tintas atóxicas. Ele as espalhava sobre uma longa folha de papel pardo, parecendo satisfeito com sua criação multicolorida. Havia tinta laranja nos cachos castanhos.

— Acabei de acalmá-lo — falou Julian, enquanto Emma se aproximava e

colocava as canecas na ilha. — O que está acontecendo? Alguém falou com Mark?

— A porta continua trancada — disse Emma. — Os outros estão na biblioteca. — Ela empurrou uma caneca na direção dele. — Tome — falou. — Cristina quem fez. Sopa de Tortilla. Apesar de ela ter dito que temos as pimentas erradas.

Julian pegou uma caneca e se ajoelhou para colocá-la perto de Tavvy. O irmão levantou o olhar e piscou para Emma como se tivesse acabado de notar sua presença.

— Jules mostrou os retratos? — Quis saber. Azul tinha se juntado ao laranja e ao amarelo em seu cabelo. Ele parecia um pôr do sol.

— Que retratos? — perguntou Emma, enquanto Julian se ajeitava.

— Os nossos. As cartas.

Ela ergueu uma sobrancelha para Jules.

— Que cartas?

Ele ruborizou.

— Retratos — respondeu. — Fiz no estilo Rider-Waite, como o tarô.

— O tarô mundano? — insistiu Emma, enquanto Jules alcançava um portfólio.

Caçadores de Sombras costumavam evitar objetos de superstição mundana: quiromancia, astrologia, bolas de cristal, cartas de tarô. Não era proibido ter ou tocá-las, mas eram associadas a pessoas desagradáveis das fronteiras da magia, como Johnny Rook.

— Fiz algumas mudanças — disse Julian, abrindo o livro para mostrar uma porção de papéis, cada qual com uma ilustração colorida e marcante. Havia Livvy com seu sabre e cabelos esvoaçantes, mas em vez do nome dela, lia-se A PROTETORA. Como sempre, as pinturas de Julian pareciam emocioná-la, uma linha direta ao seu coração, fazendo com que ela tivesse a sensação de entender o que Julian sentiu enquanto pintava. Olhando a foto de Livvy, Emma sentiu admiração, amor e até medo da perda. Julian jamais diria isso, mas ela desconfiava que ele estava assistindo ao crescimento de Livvy e Ty com um pouco mais que medo.

E então havia Tiberius, com uma mariposa da morte voando sobre a mão, seu belo rosto para baixo e para longe do espectador. A figura transmitia a Emma uma sensação de amor voraz, inteligência e vulnerabilidade. Abaixo dele dizia: O GÊNIO.

E então vinha A SONHADORA — Dru com a cabeça enfiada em um livro —, e o INOCENTE — Tavvy de pijama, com a cabeça sonolenta apoiada na mão. As cores eram quentes, afetuosas e carinhosas.

E então vinha Mark. Braços cruzados, cabelos louros como palha, usando uma camisa com estampa de asas abertas. Cada asa tinha um olho: um dourado, outro azul. Uma corda o envolvia pelo calcanhar, esticando-se para fora da moldura.

O PRISIONEIRO, dizia.

O ombro de Jules tocou o de Emma quando ela se inclinou para examinar a imagem. Como todos os desenhos de Julian, pareceu sussurrar para ela em uma língua silenciosa: perda, dizia, tristeza e anos irrecuperáveis.

— Era isso que você estava fazendo na Inglaterra? — perguntou ela.

— Era. Eu queria fazer o baralho todo. — Ele esticou o braço e esfregou os próprios cachos castanhos. — Eu talvez tenha que mudar o nome da carta de Mark — comentou. — Agora que ele está livre.

— Se ele permanecer livre. — Emma colocou de lado o desenho de Mark e viu que o seguinte era de Helen, entre campos de gelo, seus cabelos claros cobertos por um gorro de tricô. A SEPARADA, dizia. Havia outra carta, A DEDICADA, para a mulher dela, Aline, cujos cabelos escuros formavam uma nuvem ao seu redor. Ela usava o anel Blackthorn no dedo. E a última era de Arthur, sentado à mesa. Um laço vermelho corria no chão abaixo dele, cor de sangue. Não tinha título.

Julian esticou o braço e as colocou de volta no caderno.

— Ainda não acabei.

— Eu vou ganhar alguma carta? — provocou Emma. — Ou são só para os Blackthorn de sangue e os Blackthorn por casamento?

— Por que você não desenha a Emma? — perguntou Tavvy, olhando para o irmão. — Você nunca desenha a Emma.

Emma viu Julian ficar tenso. Era verdade. Julian raramente desenhava pessoas, mas, mesmo quando o fazia, já não desenhava Emma havia anos. A última vez que ela se lembrava de ter sido desenhada por ele fora no retrato de família do casamento de Helen e Aline.

— Você está bem? — perguntou ela, torcendo para que a voz fosse baixa o suficiente para que Tavvy não ouvisse.

Ele exalou, forte, e abriu os olhos, relaxando os músculos. Seus olhos encontraram os dela, e o redemoinho de fúria que tinha começado a se desenrolar em seu estômago desapareceu. O olhar dele era franco, vulnerável.

— Desculpe — falou. — É que eu sempre achei que, quando ele voltasse, quando Mark voltasse, ele fosse ajudar. Fosse tomar as rédeas, cuidar de tudo. Nunca imaginei que ele seria mais uma coisa com a qual eu teria que lidar.

Emma foi transportada de volta àquele momento para todas as semanas, os meses, depois que Mark foi levado e Helen exilada, quando Julian acordava

gritando pelos irmãos mais velhos que não estavam lá, que jamais estariam lá. Ela se lembrou do pânico que o fez ir aos tropeços para o banheiro, para vomitar, das noites em que o segurou no chão gelado enquanto ele se sacudia como se estivesse com febre.

Não posso, ele disse. Não consigo fazer isso sozinho. Não posso criá-los. Não posso criar quatro crianças.

Emma sentiu a raiva no estômago de novo, mas dessa vez era direcionada a Mark.

— Jules? — chamou Tavvy, parecendo nervoso, e Julian passou a mão no rosto dele. Era um hábito nervoso, como se estivesse limpando um cavalete; quando abaixou a mão, o medo e a emoção tinham desaparecido de seus olhos.

— Estou aqui — respondeu, e foi até Tavvy pegá-lo. Tavvy apoiou a cabeça no ombro de Jules, parecendo sonolento e sujando toda a camiseta do irmão de tinta. Mas Jules não se importou. Apoiou o queixo nos cabelos do irmão mais novo e sorriu para Emma.

— Esqueça — pediu ele. — Vou levar esse aqui para dormir. Você provavelmente deveria dormir também.

Mas as veias de Emma chiavam com um elixir agudo de raiva e senso de proteção. Ninguém podia machucar Julian. Ninguém. Nem mesmo o irmão muito saudoso e amado.

— Esquecerei — retrucou ela. — Mas primeiro tenho que fazer uma coisa.

Julian pareceu alarmado.

— Emma, não tente...

Mas ela já tinha se retirado.

Emma parou na frente da porta de Mark, com as mãos nos quadris.

— Mark! — Ela bateu com as juntas dos dedos pela quinta vez. — Mark Blackthorn, sei que está aí. Abra a porta.

Silêncio. A curiosidade e a raiva de Emma lutaram contra o respeito pela privacidade de Mark e venceram. Símbolos de abertura não funcionavam nas portas internas do Instituto, então ela pegou uma pequena faca do cinto e a colocou no buraquinho entre a porta e o batente. A tranca abriu, e a porta se escancarou.

Emma colocou a cabeça para dentro. As luzes estavam acesas, as cortinas, fechadas contra a escuridão do lado de fora. A cama parecia bagunçada e vazia.

Aliás, o quarto todo estava vazio. Mark não parecia lá.

Emma fechou a porta e se virou com um suspiro exasperado — e quase gritou. Dru surgiu atrás dela com olhos arregalados e sombrios. Apertava um

livro contra o peito.

— Dru! Sabe, normalmente, quando as pessoas aparecem sorrateiramente atrás de mim, eu dou uma facada. — Emma soltou o ar, trêmula.

Dru estava tristonha.

— Você está procurando Mark.

Emma não viu motivo para negar.

— Sim.

— Ele não está aqui — falou Dru.

— Sim. É uma bela noite para observar o óbvio, não? — Emma sorriu para Dru, sentindo uma pontada. Os gêmeos eram tão próximos, e Tavvy, tão pequeno e dependente de Jules, que era difícil, ela pensou, para Dru encontrar o próprio lugar. — Vai ficar tudo bem, você sabe.

— Ele está no telhado — respondeu a menina.

Emma ergueu a sobancelha.

— Por que você diz isso?

— Ele sempre ia para lá quando se chateava — respondeu Dru. Ela olhou para a janela no fim do corredor. — E lá em cima ele fica sob o céu. Pode ver a Caçada se eles passarem.

Emma sentiu calafrios.

— Não vão passar — falou Emma. — Não vão. Não vão levá-lo outra vez.

— Mesmo que ele queira ir?

— Dru...

— Vá até lá e traga Mark de volta — disse Drusilla. — Por favor, Emma.

Emma ficou imaginando se parecia espantada; estava se *sentindo* espantada.

— Por que eu?

— Porque você é uma menina bonita — explicou Dru, um pouco melancólica, olhando para o próprio corpo arredondado. — E meninos fazem tudo que meninas bonitas querem. A tia Marjorie disse. Ela falou que, se eu não fosse tão gorducha, seria uma menina bonita, e os meninos fariam o que eu quisesse.

Emma ficou chocada.

— Aquela va... aquela *velhota*, desculpe, disse o quê?

Dru abraçou o livro ainda mais forte.

— Sabe, não me parece tão ruim, parece? Gorducha? Como se você pudesse ser alguma coisa bonitinha, como um esquilo ou uma tãmia.

— Você é muito mais bonita do que uma tãmia — disse Emma. — Elas têm dentes estranhos e, sei de fonte segura, falam com vozes agudas e esganiçadas. — Ela afagou os cabelos macios de Dru. — Você é linda — falou. — Sempre será linda. Agora vou ver o que posso fazer em relação ao seu irmão.

As dobradiças do alçapão que levava ao telhado não eram lubrificadas havia meses; elas chiaram alto quando Emma se equilibrou no alto da escada e o empurrou para cima. O alçapão se abriu, e ela foi para o telhado.

Ela se ajeitou, tremendo. A brisa do mar estava fria, e ela só tinha um casaco leve sobre a camiseta e o jeans. As telhas pareciam ásperas contra seus pés descalços.

Ela já estivera ali vezes demais para conseguir contar. O telhado era plano, fácil de andar, só um singelo declive nas bordas onde as telhas davam lugar a calhas de cobre para a chuva. Havia até uma cadeira dobrável de metal, na qual Julian às vezes se sentava para pintar. Ele passara por uma fase em que pintava o sol se pondo sobre o mar — desistiu quando decidiu perseguir as cores mutantes do céu, convencido de que cada etapa do pôr do sol era melhor do que a anterior até todas as telas acabarem pretas.

Havia poucos lugares reservados por ali; ela rapidamente avistou Mark, sentado na beira do telhado com as pernas penduradas, olhando o mar.

Emma foi até ele, o vento soprando suas tranças claras sobre o rosto. Ela as afastou com impaciência, imaginando se Mark a estaria ignorando, ou se ele realmente não sabia que ela se aproximava. Ela parou a alguns centímetros dele, lembrando-se de como ele tinha agredido Julian.

— Mark — chamou.

Ele virou a cabeça devagar. Sob o luar, era preto e branco; era impossível ver que seus olhos tinham duas cores.

— Emma Carstairs.

O nome todo. Isso não era muito favorável. Ela cruzou os braços.

— Vim aqui para levá-lo para baixo — informou ela. — Você está enlouquecendo sua família e chateando Jules.

— Jules — repetiu ele, com cuidado.

— Julian. Seu irmão.

— Quero falar com minha irmã — disse ele. — Quero falar com Helen.

— Tudo bem — respondeu Emma. — Pode falar com ela quando quiser. Pode ligar para ela, podemos pedir para ela ligar para você, ou podemos usar o *Skype* se você quiser. Teríamos dito isso antes se não tivesse começado a gritar.

— *Skype*? — Mark a olhou como se várias cabeças tivessem surgido nela.

— É uma coisa de computador. Ty sabe. Você vai poder vê-la enquanto conversam.

— Como o vidro de vidência das fadas?

— Mais ou menos. — Emma se aproximou dele, como se estivesse chegando perto de um animal selvagem que pudesse se assustar com o movimento. — Vamos descer?

— Prefiro ficar aqui. Eu estava sufocando lá embaixo com todo aquele ar morto, esmagado pelo peso de toda essa *construção*... telhados, vigas, vidro e pedra. Como conseguem viver assim?

— Você se saiu muito bem por dezesseis anos.

— Praticamente não me lembro — explicou Mark. — Parece um sonho. — Ele olhou para o mar. — Tanta água — emendou. — Consigo ver a água e através dela. Consigo ver os demônios submarinos. Fico olhando, e não parece real.

Isso era algo que Emma conseguia entender. Foi o mar que levou os corpos dos seus pais e depois os devolveu, destruídos e vazios. Ela sabia, pelos relatórios, que eles já estavam mortos quando foram jogados na água, mas isso não ajudava. Ela se lembrava dos versos de um poema que Arthur recitou certa vez sobre o mar: *água lava, navios vão a pique, e a morte profunda espera*.

Era isso que o mar além das ondas representava para ela. A morte profunda, esperando.

— Certamente tem água no Reino das Fadas, não? — perguntou Emma.

— Não tem mar. E nunca tem água suficiente. A Caçada Selvagem frequentemente cavalgava por dias e dias sem água. Gwyn parava para bebermos água somente se estivéssemos desmaiando. E tem as fontes no Reino Selvagem das Fadas, mas elas correm com sangue.

— “Pois todo o sangue derramado na terra corre por aquele lugar” — recitou Emma. — Não sabia que era literal.

— Eu não sabia que você conhecia versos antigos — disse Mark, olhando-a com o primeiro sinal de interesse real desde a sua volta.

— Toda a família sempre tentou aprender tudo que fosse possível sobre o Reino das Fadas — disse Emma, sentando-se ao lado dele. — Desde que voltamos da Guerra Maligna, Diana nos ensinou, e mesmo os pequenos sempre quiseram saber sobre o Povo das Fadas. Por sua causa.

— Isso deve ser algo muito impopular no currículo dos Caçadores de Sombras — argumentou Mark. — Considerando a história recente.

— Não é culpa sua o que a Clave pensa sobre as fadas — disse Emma. — Você é um Caçador de Sombras, nunca foi parte daquela traição.

— Sou um Caçador de Sombras — concordou Mark. — Mas faço parte do Povo das Fadas também, assim como a minha irmã. Minha mãe era Lady Nerissa. Ela morreu depois que eu nasci, e, sem alguém para nos criar, eu e Helen fomos devolvidos ao nosso pai. Minha mãe era nobre, tinha um dos mais altos títulos das fadas.

— Eles o tratavam melhor na Caçada por causa dela?

Mark balançou a cabeça uma vez negativamente.

— Acho que pensam que meu pai é o responsável pela morte dela. Por ter partido seu coração e ido embora. Isso não fez com que me tratassem bem. — Ele colocou uma mecha de cabelo claro atrás da orelha. — Nada do que as fadas fizeram com meu corpo ou mente foi tão cruel quanto o instante em que eu soube que a Clave não iria me buscar. Que não tinham enviado nenhuma equipe de resgate. Quando me encontrou no Reino das Fadas, Jace me falou, “mostre a eles do que é feito um Caçador de Sombras”. Mas do que são feitos, se abandonam os seus?

— O Conselho não são todos os Caçadores de Sombras do mundo — disse Emma. — Muitos Nephilim acharam que o que foi feito com você foi errado. E Julian nunca deixou de tentar demover a Clave. — Ela cogitou esticar o braço para afagá-lo, depois pensou melhor. Ainda havia algo de selvagem nele; seria como se esticar para afagar um leopardo. — Você vai ver, agora que está em casa.

— Estou em casa? — perguntou Mark. Ele balançou a cabeça, como um cachorro sacudindo água. — Talvez eu tenha sido injusto com meu irmão — falou. — Talvez eu não devesse ter me descontrolado. É como... como se eu estivesse em um sonho. Parece que foi há semanas que vieram até mim na Caçada e falaram que eu ia voltar para o mundo.

— Disseram que você voltaria para casa?

— Não — respondeu ele. — Disseram que eu não tinha escolha e tinha que deixar a Caçada. Que o Rei da Corte Unseelie tinha ordenado. Arrancaram-me do meu cavalo e amarraram as minhas mãos. Cavalgamos por dias. Me deram alguma coisa para beber, algo que me fez alucinar e imaginar coisas que não estavam lá. — Ele olhou para as mãos. — Foi para que eu não conseguisse achar o caminho de volta, mas eu queria que não tivessem feito isso — falou. — Queria ter chegado aqui sendo quem fui durante anos, um integrante capacitado da Caçada. Queria que meus irmãos e irmãs me vissem alto e orgulhoso, não medroso e encolhido.

— Você realmente está muito diferente agora — comentou Emma. Era verdade. Ele parecia alguém que havia acordado de um sono centenário, tentando se livrar da poeira de um século de sonhos nos sapatos. Ele estava apavorado; agora as mãos estavam firmes, a expressão, sombria.

De repente, ele sorriu timidamente.

— Quando mandaram eu me revelar no Santuário, achei que fosse mais um sonho.

— Um sonho bom? — perguntou Emma.

Ele hesitou, depois balançou a cabeça.

— Nos primeiros dias da Caçada, quando eu desobedecia, me faziam ver

sonhos, horrores, visões da minha família morrendo. Pensei que fosse isso que eu veria de novo. Estava apavorado, não por mim, mas por Julian.

— Mas agora você sabe que não é um sonho. Ver sua família, sua casa...

— Emma. Pare. — Ele fechou os olhos, como se sentisse dor. — Posso dizer isso para você, porque não é uma Blackthorn. Não tem sangue Blackthorn correndo pelas veias. Passei anos no Reino das Fadas, lá é um lugar onde o sangue mortal é transformado em fogo. É um lugar de beleza e horror, além de tudo que se pode imaginar aqui. Cavalguei com a Caçada Selvagem. Talhei um caminho direto para a liberdade entre as estrelas e fui mais rápido que o vento. E agora me pedem para caminhar na terra outra vez.

— Seu lugar é onde é amado — assegurou Emma. Era algo que seu pai havia dito um dia, algo em que ela sempre acreditou. O lugar dela era aqui porque Jules a amava e as crianças a amavam. — Você foi amado no Reino das Fadas?

Uma sombra pareceu cair sobre os olhos de Mark, como cortinas se fechando em um quarto escuro.

— Eu estava para lhe falar. Sinto muito por seus pais.

Emma esperou a onda de raiva que vinha quando alguém, que não era Julian, mencionava seus pais, mas ela não veio. Alguma coisa na forma como ele falou — alguma coisa na estranha mistura da entonação formal de fada e na tristeza sincera — parecia estranhamente calmante.

— E sinto muito pelo seu — disse a ele.

— Eu o vi Transformado — retrucou Mark. — Apesar de não o ter visto morrer na Guerra. Espero que ele não tenha sofrido.

Emma sentiu uma onda de choque pela espinha. Será que ele não sabia como o pai tinha morrido? Será que ninguém havia lhe contado?

— Ele... — começou ela. — Foi no meio da batalha. Foi rápido.

— Você viu?

Emma se levantou com dificuldade.

— Está tarde — constatou ela. — Precisamos dormir.

Ele a encarou com olhos fantasmagóricos.

— Não quer dormir — retrucou Mark, e de repente pareceu selvagem, selvagem como as estrelas ou o deserto, selvagem como todas as coisas indomáveis da natureza. — Você sempre gostou de aventura, Emma, e não acredito que isso tenha morrido dentro de você, morreu? Por mais próxima que você seja do meu irmão tão certinho?

— Julian não é certinho — respondeu Emma, irritada. — Ele é responsável.

— Você quer que eu acredite que são coisas diferentes?

Emma olhou para a lua e, depois, novamente para Mark.

— O que você está sugerindo?

— Me ocorreu enquanto olhava para o mar — falou ele — que talvez eu possa encontrar o ponto de convergência das Linhas Ley. Já vi lugares assim com a Caçada. Irradiam uma energia que as fadas conseguem sentir.

— *Quê?* Mas como...

— Eu mostro. Venha comigo procurar o lugar. Por que esperar? A investigação é urgente, não é? Temos que encontrar o assassino, não?

Uma animação floresceu em Emma, assim como um desejo agudo; ela tentou disfarçar o quanto queria, o quanto precisava saber, dar o próximo passo, se jogar na busca, lutar, encontrar.

— Jules — lembrou ela, se levantando. — Temos que buscar Jules e levá-lo conosco.

Mark pareceu sombrio.

— Não quero vê-lo.

Emma foi firme.

— Então não vamos — completou. — Ele é meu *parabatai*; onde eu vou, ele vai.

Algo brilhou nos olhos de Mark.

— Se não for sem ele, não vamos — decidiu o garoto. — Não pode me obrigar a dar a informação.

— Obrigar? Mark... — Emma se interrompeu, exasperada. — Tudo bem. Tudo bem. Podemos ir. Só nós dois.

— Só nós dois — repetiu ele. E se levantou. Seus movimentos eram impossivelmente leves e rápidos. — Mas primeiro você precisa se provar.

Ele saltou do telhado.

Emma foi até a beira da telha e se inclinou. Lá estava Mark, agarrado à parede do Instituto, um braço abaixo dela. Ele olhou para cima com um sorriso feroz. Um sorriso que transmitia ar vazio e vento frio, a superfície rasgada do oceano, as bordas esfarrapadas das nuvens. Um sorriso que chamava o lado selvagem e livre de Emma, o lado que sonhava com fogo, batalha, sangue e vingança.

— Desça comigo — sugeriu Mark; agora tinha um tom de deboche em sua voz.

— Você perdeu o juízo — sibilou a garota, mas ele já tinha começado a descer pela parede, usando apoios para mãos e pés que Emma sequer conseguia ver. O chão balançou embaixo dela. Alturas reais: se caísse do telhado do Instituto, poderia morrer; não havia qualquer garantia de que um *iratze* pudesse salvá-la.

Ela se ajoelhou e virou as costas para o mar. Desceu, as unhas arranhando as telhas, e, em seguida, estava agarrando a calha com as mãos; as pernas

penduradas.

Emma desceu pela parede se apoiando nos pés descalços. Graças ao Anjo não calçava botas. Seus pés eram calejados de andar e lutar; deslizaram pela parede até encontrarem uma rachadura na superfície. Ela enfiou os dedos ali, aliviando o peso dos braços.

Não olhe para baixo.

Desde sempre, a voz que acalmava o pânico na cabeça de Emma era a de Jules. Ela a ouviu agora, abaixando as mãos, colocando os dedos no espaço entre duas pedras. Ela se abaixou, primeiro, um centímetro, depois, um pouco mais e encontrou outro apoio para os pés. E ouviu Jules: *Você está descendo as pedras em Leo Carrillo. Falta pouco para chegar à areia macia. Está tudo bem.*

O vento soprou seu cabelo sobre o rosto. Ela virou a cabeça para sacudi-lo e afastá-lo dos olhos, e percebeu que estava passando por uma janela. Luz clara ardia por trás das cortinas. Talvez o quarto de Cristina?

Você sempre foi tão relapsa?

Só desde a Guerra Maligna...

Ela imaginou que já havia descido a metade do percurso ao olhar para cima e ver o telhado desaparecendo. Tinha começado a se apressar, as pontas dos dedos das mãos e dos pés rapidamente descobrindo novos apoios. O reboco entre as pedras ajudava, impedia que as mãos suadas escorregassem enquanto ela agarrava e soltava, agarrava e soltava, pressionando o corpo contra a parede até, de repente, esticar o pé e atingir o solo firme.

Ela se soltou e caiu, aterrissando com uma nuvem suave de areia. Eles estavam no lado leste da casa, de frente para o jardim, o pequeno estacionamento e o deserto além.

Mark já estava lá, óbvio, banhado pela luz da lua, parecendo parte do deserto, uma escultura curiosa em pedra nova e pálida. Emma estava ofegante ao se afastar da parede, mas era de empolgação. Seu coração batia acelerado, o sangue pulsando; ela podia sentir o gosto do sal no vento, na boca.

Mark balançou para trás, com as mãos nos bolsos.

— Venha comigo — sussurrou ele, dando as costas para a construção e indo em direção à areia e à vegetação do deserto.

— Espere — pediu Emma. Mark parou e olhou por cima do ombro para ela. — Armas — emendou. — E sapatos. — Ela foi até o carro. Um rápido símbolo de Abertura destrancou a mala, revelando pilhas de armas e uniformes. Ela vasculhou até achar um cinto e um par de botas. Afivelou o cinto rapidamente, guardou nele algumas lâminas e adagas, pegou algumas extras e calçou as botas.

Por sorte, na volta da casa de Malcolm, ela havia deixado Cortana enrolada em panos na mala do carro. Pegou a lâmina e a colocou nas costas antes de

correr para Mark, que aceitou silenciosamente a lâmina serafim e as facas que ela ofereceu antes de gesticular para que ela o seguisse.

Atrás de um muro baixo que cercava o estacionamento, via-se o jardim de pedra, geralmente tranquilo adornado por cactos e estátuas de gesso de heróis clássicos, colocadas aqui e ali por Arthur. Ele mandou que fossem enviadas da Inglaterra quando se mudou para o Instituto, e elas despontavam entre os cactos, inesperadas.

Havia outra coisa agora, uma grande sombra escura, coberta por um pano. Mark foi até ela, novamente com aquele sorriso estranho; Emma se afastou e permitiu que ele fosse na frente e puxasse o pano preto.

Abaixo dele, havia uma moto.

Emma engasgou. Não era nenhum tipo de moto que conhecia: era branca e prateada, como se tivesse sido esculpida em osso. Brilhava ao luar, e, por um instante, Emma quase achou que pudesse enxergar através dela, como às vezes enxergava através de feitiços de disfarce, uma forma embaixo daquilo, com crina revolta e olhos arregalados...

— Quando você tira um cavalo, cuja substância é mágica, do Reino das Fadas, a natureza dele pode mudar para se adequar ao universo mundano — explicou Mark, sorrindo para a expressão de espanto dela.

— Está dizendo que isso um dia foi um cavalo? Isso é um pôneicicleta? — perguntou Emma, se esquecendo de sussurrar.

O sorriso dele se ampliou.

— Há muitos tipos de cavalos que correm com a Caçada Selvagem.

Emma já estava ao lado da moto, passando as mãos nela. O metal era liso como vidro, frio sob seus dedos, branco leitoso e brilhante. Ela sempre quis uma moto. Jace e Clary andavam em uma moto voadora. Havia quadros com essa imagem pintada.

— Ela voa?

Mark fez que sim com a cabeça, e ela enlouqueceu.

— Quero dirigir — pediu ela. — Eu quero pilotar.

Ele fez uma reverência elaborada. Foi um gesto gracioso e estranho, do tipo que talvez tivesse existido em uma corte real, há centenas de anos.

— Então fique à vontade para isso.

— Julian me mataria — falou Emma reflexivamente, ainda acariciando a máquina. Por mais bonita que fosse, ela sentiu uma onda de trepidação ao pensar em pilotar; não tinha exaustor nem velocímetro, nem nada das coisas normais que ela associava a uma moto.

— Você não me parece uma pessoa fácil de matar — disse Mark, e agora ele não estava sorrindo; a forma como olhava para ela era direta e desafiadora.

Sem mais uma palavra, Emma montou na moto. Esticou os braços para pegar o guidão, e ele pareceu se encolher por dentro para caber nas mãos dela. Ela olhou para Mark.

— Suba atrás de mim — falou Emma — se quiser ir junto.

Ela sentiu a moto balançar quando ele subiu; as mãos dele seguraram-na suavemente nas laterais. Emma expirou, os ombros tensos.

— Está viva — sussurrou Mark. — Vai responder a você se você comandar.

As mãos dela apertaram o guidão ainda mais forte. *Voe.*

A moto se lançou no ar, e Emma gritou, meio por causa do choque, meio de prazer. As mãos de Mark apertaram a cintura da garota quando eles subiram, o chão se distanciando. O vento soprava ao redor. Inabalada pela gravidade, a moto avançou enquanto Emma a comandava, inclinando-se para a frente para comunicar com o corpo as suas vontades.

Passaram voando pelo Instituto, a via que levava à estrada se abrindo abaixo deles. Eles correram pelo alto, o vento do deserto dando lugar a sal na língua de Emma ao chegarem à Pacific Coast Highway; abaixo, carros acelerando em linhas brilhantes de faróis dourados. Ela gritou de alegria, estimulando a moto a avançar: *mais rápido, mais rápido.*

A praia voou abaixo deles, areia clara dourada transformada em branca pela luz das estrelas, e, em seguida, estavam sobre o oceano. A lua desenhava para eles um caminho prateado; Emma podia ouvir Mark gritando algo ao seu ouvido, mas, por um momento, não havia nada além do mar e da moto abaixo dela, o vento batendo em seu cabelo e fazendo os olhos lacrimejarem.

E então ela olhou para baixo.

Em ambos os lados da trilha do luar havia água, azul-escura à noite. A terra era uma linha distante de luzes brilhantes, a sombra desenhada das montanhas contra o céu, quilômetros de oceano, e Emma sentiu o frio familiar do medo, como um bloco de gelo subitamente aplicado à nuca e se espalhando pelas veias.

Quilômetros de oceano, e, ah, a vastidão de tudo, sombras e sal, água escura feroz preenchida por um vazio e pelos monstros que ali viviam. Imagine cair nessa água e saber o que vivia abaixo de você, enquanto bate os braços tentando permanecer na superfície; o terror da percepção do que estava embaixo de você — quilômetros e quilômetros de nada e monstros, a escuridão que se estendia por todos os lados, e fundo do mar tão longe — acabaria com sua sanidade.

A moto tremeu sob as mãos dela, se rebelando. Ela mordeu o lábio com força, marcando com sangue a boca e concentrando a mente.

A moto mudou de direção com violência e foi para a praia. *Mais rápido,* Emma comandou, de repente, desesperada para ter terra seca debaixo deles. Ela

teve a impressão de ter visto sombras se movendo sob a pele do mar. Ela pensou em antigas histórias de marinheiros cujos barcos eram levantados da água nas costas de baleias e monstros do mar. Em pequenas embarcações destruídas por demônios marinhos, nas tripulações devoradas por tubarões...

Emma prendeu a respiração, a moto saltando sob ela, e, por um instante, perdeu o controle do guidão. Eles começaram a despencar. Mark gritou quando passaram pelas ondas quebrando em direção à praia. Os dedos de Emma tatearam e agarraram o guidão outra vez, o aperto firme quando a roda dianteira derrapou na areia; e então a moto começou a subir de novo, roçando o terreno e se erguendo para passar pela estrada embaixo deles.

Ela ouviu Mark rir. Foi um ruído selvagem; Emma pôde ouvir o eco da Caçada ali, o rugido da corneta e os cascos batendo. Ela respirou o ar frio e limpo; seus cabelos esvoaçaram atrás; não havia regras. Ela era livre.

— Você se provou, Emma — falou ele. — Poderia cavalgar com Gwyn se quisesse.

— A Caçada Selvagem não aceita mulheres — observou Emma, as palavras arrancadas de sua boca pelo vento.

— São tolos — disse ele. — Mulheres são muito mais corajosas do que homens. — Ele apontou para a costa, em direção às montanhas que os ladeavam. — Vá por ali. Vou levá-la até a convergência.

9

Reino Próximo ao Mar

Não era à toa que Jace Herondale tinha agarrado a oportunidade de pilotar uma moto voadora, Emma pensou. Era um ponto de vista do mundo completamente diferente. Eles seguiram a linha da rodovia ao norte, sobrevoando mansões com enormes piscinas, passearam sobre o mar, sobre castelos situados em cânions e falésias, baixando o suficiente para ver uma festa acontecendo no jardim de alguém, decorado com lanternas multicoloridas.

Mark foi guiando por trás, com guinadas dos pulsos; o vento estava alto o suficiente para que ela não conseguisse ouvi-lo. Eles passaram por um restaurante de frutos do mar que ficava aberto durante a madrugada, e música e luzes transbordavam pela janela. Emma já tinha estado lá antes e se lembrava de ter sentado à mesa de piquenique com Jules, mergulhando ostras fritas em molho tártaro. Dezenas de Harley-Davidson estavam estacionadas do lado de fora, mas Emma duvidava que alguma delas pudesse voar.

Ela sorriu para si mesma, sem conseguir se conter, sentindo-se inebriada com a altura e o ar frio.

Mark cutucou o pulso direito dela. Areia era soprada do mar, que subia em ondas altas. Emma inclinou a moto de modo que ficaram quase na vertical, parando perto de um penhasco. Desviaram da beirada da falésia com 30 centímetros de distância e avançaram, as rodas roçando as pontas das plantas que cresciam entre a grama longa.

Uma rocha de granito se erguia diante deles, uma colina que parecia um domo sobre as falésias. Emma se reclinou, se preparando para ativar a moto, mas Mark a segurou por trás e falou em seu ouvido:

— Pare! *Pare!*

A moto parou exatamente quando passaram por um emaranhado de ervas

daninhas que cercavam as falésias. Em meio ao bolo de plantas costeiras havia uma trilha de grama que alcançava a colina baixa de granito. A grama parecia estragada em alguns pontos, como se alguém a tivesse pisado, e ao longe, à direita da grama, Emma conseguia ver uma estradinha de terra se curvando pelas falésias em direção à rodovia.

Emma saltou da moto. Mark a seguiu, e eles ficaram parados por um instante, o mar era um brilho ao longe, a colina se elevando escura diante deles.

— Você dirige rápido demais — falou ele.

Emma riu e verificou a alça da Cortana, onde ela cruzava seu peito.

— Parece Julian falando.

— Me trouxe alegria — confessou Mark, se aproximando dela. — Foi como se eu tivesse cavalgado com a Caçada outra vez, e sentido o gosto do sangue no céu.

— Certo, parece o Julian drogado falando — murmurou Emma. Ela olhou em volta. — Onde estamos? Essa é a convergência das Linhas Ley?

— Ali. — Mark apontou para uma abertura escura na pedra da colina.

Conforme avançavam para ela, Emma esticou o braço para trás e tocou o cabo de Cortana. Alguma coisa naquele lugar lhe dava arrepios; talvez fosse simplesmente o poder da convergência, mas, à medida que se aproximavam da caverna e seus pelos da nuca se arrepiavam, ela duvidou de que fosse o caso.

— A grama está lisa — disse ela, apontando para a área ao redor da caverna com um gesto amplo da mão. — Pisoteada. Alguém andou passando por aqui. Muitos alguéns. Mas não tem nenhuma marca recente de pneu na estrada.

Mark olhou em volta, com a cabeça inclinada para trás, como um lobo farejando o ar. Seus pés ainda estavam descalços, mas ele não parecia ter problemas para andar no solo áspero, os cardos e pedras afiadas visíveis entre a grama.

Ouviu-se um ruído agudo e alto — o telefone de Emma tocando. *Jules*, ela pensou, e o tirou do bolso.

— Emma? — Era Cristina, a voz baixa e doce estranhamente impactante; um lembrete intenso da realidade após aquele voo irreal pelo céu. — Onde você está? Encontrou Mark?

— Encontrei — respondeu Emma, olhando para Mark. Ele parecia examinar as plantas que cresciam ao redor da boca da caverna. — Estamos na convergência.

— *Quê?* Onde é? É perigoso?

— Ainda não — disse Emma, quando Mark entrou na caverna. — Mark! — chamou. — Mark, não... Mark!

A ligação caiu. Praguejando, Emma guardou o telefone de volta no bolso e

pegou sua luz enfeitiçada. Ela acendeu, suave e brilhante, iluminando através dos dedos. Clareou a entrada da caverna. Ela seguiu naquela direção, xingando Mark para si mesma.

Ele estava logo na entrada, olhando para mais das mesmas plantas, que se acumulavam em volta da pedra seca e lisa.

— *Atropa belladonna* — explicou Mark. — Significa “bela moça”. É venenosa.

Emma fez uma careta.

— Costuma crescer por aqui?

— Não nessa quantidade. — Ele esticou o braço para tocá-la. Emma o pegou pelo pulso.

— Não! — exclamou ela. — Você disse que era venenosa.

— Só se a pessoa engolir — respondeu ele. — O tio Arthur não ensinou nada sobre a morte de Augustus?

— Nada que eu não tenha me empenhado para esquecer.

Mark se endireitou, e ela o soltou. Emma flexionou os dedos. Ele tinha muita força nos braços.

À medida que ele avançava na caverna, que se estreitava em um túnel, ela não pôde deixar de se lembrar de Mark na última vez em que ela o viu, antes de ele ser levado por Sebastian Morgenstern. Sorrindo, de olhos azuis, cabelos curtos e claros se enrolando sobre as extremidades das orelhas pontudas. Ombros largos — pelo menos ela, aos 12, tinha essa impressão. Certamente ele era maior do que Julian, mais alto e mais largo do que todos eles. Adulto.

Agora, espreitando diante dela, ele parecia uma criança selvagem, cabelos brilhando à luz da pedra enfeitiçada. Ele se movia como uma nuvem no céu, vapor à mercê do vento que poderia destruí-la.

Mark desapareceu ao redor de uma pedra, e Emma quase fechou os olhos diante da imagem de um Mark desaparecido. Ele pertencia ao passado que continha seus pais, e a pessoa pode se afogar no passado se permitir que ele a envolva enquanto trabalha.

E ela era uma Caçadora de Sombras. Estava sempre trabalhando.

— Emma! — chamou Mark, a voz ecoando das paredes. — Venha ver isso.

Ela se apressou a segui-lo pelo túnel. Ele dava para uma câmara circular alinhada com metal. Emma virou em um círculo lento, observando. Ela não sabia exatamente o que estava esperando, mas nada que parecesse o interior de um oceano oculto. As paredes eram de bronze, cobertas por símbolos estranhos, uma mistura de línguas escritas: algumas demoníacas, outras antigas, porém, humanas — ela reconhecia latim e grego demótico, algumas passagens da Bíblia...

Duas grandes portas de vidro, semelhantes a portais, estavam colocadas nas paredes, fechadas e trancadas com parafusos. Um estranho ornamento de metal tinha sido fixado na parede entre elas. Através do vidro, Emma só conseguia enxergar a escuridão em turbilhão, como se estivessem embaixo d'água.

Não havia móveis no recinto, mas um círculo de símbolos, feito com giz, desenhado sobre o soalho de pedra escura. Emma pegou o telefone e começou a tirar fotos. O flash parecia assustador no escuro.

Mark foi em direção ao círculo.

— Não... — Emma abaixou o telefone. — Entre aí. — Ela suspirou.

Ele já estava dentro do círculo, olhando curioso em volta. Emma não conseguia ver nada além do chão com ele ali.

— Por favor, saia daí — pediu ela em tom persuasivo. — Se tiver algum feitiço aí e ele matar você, vai ser desagradável explicar para Jules.

Havia em brilho fraco de luz quando Mark saiu do círculo.

— “Desagradável” me parece um eufemismo — respondeu ele calmamente.

— Essa é a questão — disse Emma. — Por isso é engraçado. — Ele pareceu confuso. — Deixa para lá.

— Uma vez li que explicar uma piada é como dissecar um sapo — contou Mark. — Você descobre como funciona, mas o sapo morre no processo.

— Talvez devêssemos sair daqui antes que *a gente* morra no processo. Tirei algumas fotos com meu telefone, então...

— Achei isso — disse Mark, e mostrou para ela um objeto quadrado de couro. — Estava dentro do círculo junto de algumas roupas e o que parecia... — Ele franziu o rosto. — Uma porção de dentes quebrados.

Emma pegou o objeto da mão dele. Era uma carteira — uma carteira masculina, parcialmente queimada.

— Eu não vi nada — disse ela. — O círculo parecia vazio.

— Feitiço de disfarce. Senti quando atravessei.

Ela abriu a carteira, e o coração saltou. Atrás do plástico havia uma carteira de motorista com uma foto familiar. O homem cujo corpo ela encontrara no beco.

Havia dinheiro e cartões de crédito na carteira, mas seus olhos estavam fixos na habilitação e no nome: Stanley Albert Wells. O mesmo cabelo comprido e grisalho, e o rosto redondo do qual se lembrava, só que dessa vez as feições não se mostravam contorcidas e manchadas de sangue. O endereço sob o nome estava queimado e ilegível, mas a data de nascimento e as outras informações pareciam claras.

— Mark. Mark! — Ela acenou a carteira por cima da cabeça. — É uma pista. Uma *pista* de fato. Acho que te amo.

As sobrancelhas de Mark se ergueram.

— No Reino das Fadas, se você dissesse isso, teríamos que firmar nosso compromisso, e você poderia me lançar um *geas* que não me afastaria de você ou eu morreria.

Emma colocou a carteira no bolso.

— Bem, aqui é só uma expressão que significa “gosto muito de você”, ou até mesmo “obrigada pela carteira manchada de sangue”.

— Como os humanos são específicos.

— Você é humano, Mark Blackthorn.

Um som ecoou pelo recinto. Mark desviou o olhar do dela e levantou a cabeça. Emma quase imaginou suas orelhas pontudas tremendo em direção ao som, e suprimiu um sorriso.

— Lá fora — disse ele. — Tem alguma coisa lá fora.

O sorriso incipiente de Emma desapareceu. Ela foi para o túnel, guardando a luz enfeitiçada no bolso para diminuir a luminosidade. Mark a acompanhou quando ela sacou a estela e desenhou quatro símbolos na mão esquerda — Precisão de Ataque, Equilíbrio, Fúria de Batalha, Silêncio. Ela se voltou para Mark ao se aproximarem da entrada, com a estela em punho, mas ele balançou a cabeça. *Não. Sem símbolos.*

Ela guardou a estela de volta no cinto. Tinham chegado à boca da caverna. O ar era mais frio ali, e Emma conseguia ver o céu, pontilhado com estrelas, e a grama, prateada ao luar. O campo na frente da caverna parecia nu e vazio. Emma não via nada além de grama e cardos, amassados como se tivessem sido pisados por sapatos, até a beira da falésia. Havia um som agudo e musical no ar, como o chiado de insetos.

Ela escutou a respiração alta de Mark atrás dela. Luz brilhou quando ele falou:

— *Remiel.*

A lâmina serafim ganhou vida. Como se a luz tivesse arrancado um feitiço de disfarce, de repente, ela conseguiu enxergá-los. Assobiando e chiando pelo gramado.

Demônios.

Ela pegou Cortana com tanta rapidez que foi como se a lâmina tivesse saltado para sua mão. Eram dezenas deles, espalhados entre a caverna e a falésia. Pareciam insetos enormes: louva-a-deus, mais especificamente. Cabeça triangular, corpo alongado, enormes braços com lâminas de quitina, afiadas como navalhas. Os olhos eram pálidos, lisos e leitosos.

Estavam entre ela e Mark, e a moto.

— Demônios Mantis — sussurrou Emma. — Não temos como combater

todos eles. — Ela olhou para Mark cujo rosto estava iluminado por Remiel. — Temos que chegar na moto.

Mark fez que sim com a cabeça.

— Vai — disse ele, tenso.

Emma avançou. Desceu como uma jaula no instante em que suas botas atingiram o chão: uma onda de frio que pareceu desacelerar o tempo. Ela viu um dos Mantis correndo para ela, atacando e tentando agarrar, com as patas dianteiras espetadas. Ela dobrou os joelhos e saltou, subindo para o ar ao atacar o Mantis e decepar sua cabeça do corpo.

Icor verde esguichou. Ela aterrissou em um solo ensopado enquanto o corpo do demônio se curvava e desaparecia. Um movimento emergiu em sua visão periférica. Ela girou e atacou novamente, enfiando a ponta de Cortana no tórax de outro Mantis. Emma puxou a espada, atacou novamente, e observou enquanto o demônio sucumbia sob sua lâmina.

Seu coração batia nos ouvidos. Aquela era a ponta da lâmina, momento em que todo o treinamento, todas as horas, a paixão e o ódio se reduziam a um único ponto de foco e determinação. Matar demônios. Era isso que importava.

Mark era facilmente visível, sua lâmina serafim iluminando a grama ao redor. Ele atacou um Mantis, cortando suas patas dianteiras. Ele cambaleou, chiando, ainda vivo. O rosto de Mark se contorceu em desgosto. Emma correu para um monte de pedras, para o lado, e desceu, cortando o Mantis ferido em dois. O demônio desapareceu quando ela aterrissou na frente de Mark.

— Ele era meu — falou o garoto com o olhar frio.

— Confie em mim — disse Emma —, ainda há bastante. — Ela o pegou com a mão livre e o girou. Cinco Mantis avançavam para cima deles vindos das rachaduras na colina de granito. — Mate aqueles — falou. — Vou buscar a moto.

Mark saltou para a frente com um grito como um apito de caça. Ele cortou as patas dianteiras e traseiras dos Mantis, incapacitando-os; eles caíram ao seu redor, esguichando icor preto-esverdeado. Fedia como gasolina queimando.

Emma começou a correr para a falésia. Demônios a atacaram no percurso. Ela os surpreendeu no seu ponto fraco, no tecido conjuntivo onde a quitina era fina, separando cabeça e tórax, arrancando pernas de corpos. Seus jeans e o casaco estavam molhados de sangue de demônio. Ela passou por um Mantis moribundo e deslizou até a beira da falésia...

Então congelou. Um Mantis estava levantando a moto com as patas dianteiras. Ela podia jurar que sorria para ela, sua cabeça triangular se abrindo para revelar fileiras de dentes afiados enquanto agarrava a moto com suas patas letais, quebrando-a em pedaços. Metal guinchou e rachou, pneus estouraram, e o

Mantis chiou de alegria quando a máquina ficou destroçada, os pedaços caindo pelo penhasco, levando consigo a esperança de Emma de escapar com facilidade.

Ela encarou o Mantis.

— Essa — falou — era uma *máquina muito boa* — e, pegando uma faca no cinto, arremessou.

Ela atingiu o corpo do Mantis, abrindo seu peito. Icor esguichou da boca do demônio ao cair para trás, sofrendo espasmos, o corpo seguindo a moto pelo penhasco.

— Babaca — murmurou Emma, girando de volta para o campo. Ela detestava ter que usar facas de arremesso para matar um inimigo, sobretudo, porque provavelmente não a recuperaria. Ela levava mais três no cinto, uma lâmina serafim e Cortana.

Sabia que isso não era nem próximo de ser o suficiente para enfrentar as dúzias de Mantis ainda no gramado. Mas era o que sobrou. Teria que servir.

Ela podia ver Mark, que tinha subido na colina de granito e estava empoleirado em uma ponta, esfaqueando o que havia embaixo com sua lâmina. Ela começou a correr na direção dele e desviou de uma pata agressora, esticando Cortana para arrancar o membro enquanto corria. Ouviu o Mantis urrar de dor.

Um dos Mantis mais altos estava se esticando para alcançar Mark, agitando as patas dianteiras. Ele abaixou Remiel com força, cortando sua cabeça — e, enquanto o demônio caía, um segundo Mantis apareceu, as mandíbulas mordendo a lâmina. Caiu para trás, soltando seu grito agudo de inseto. Estava morrendo, mas tinha levado Remiel. Eles sucumbiram juntos em uma poça chiante de icor e *adamas*.

Mark já usara todas as armas que Emma havia lhe dado. Ele pressionou as costas contra o granito quando outro Mantis veio. O coração de Emma saltou para a garganta. Ela correu para a frente, se lançando contra a parede, indo em direção a Mark. Um grande Mantis se ergueu diante dele. Mark mirou a garganta quando o Mantis se inclinou para a frente, com a boca aberta, e Emma queria gritar para ele recuar.

Alguma coisa brilhava entre seus dedos. Uma corrente de prata, com a cabeça de flecha brilhando. Ele a lançou contra a cabeça do Mantis, cortando seus olhos brancos esbugalhados. Líquido leitoso explodiu para a frente. Ele recuou, gritando, no mesmo instante em que Emma saltou para a beira da pedra, ao lado de Mark, e manuseou Cortana para cortá-lo ao meio.

Mark colocou a corrente de volta no pescoço enquanto Emma praguejava e entregava a ele sua última lâmina serafim. Icor escorria pela lâmina de Cortana, queimando sua pele. Ela cerrou os dentes e ignorou a dor enquanto Mark erguia

sua nova lâmina.

— Dê um nome à lâmina — disse ela, arfando e puxando uma faca do cinto. Emma a segurou com a mão direita e deixou Cortana na esquerda.

Mark fez que sim com a cabeça.

— *Raguel* — falou, e a lâmina explodiu em luz. O Mantis gritou, agachando e se encolhendo por causa do brilho, e Emma pulou da pedra.

Ela caiu, girando Cortana e a adaga em torno de si, como as hélices de um helicóptero. O ar foi preenchido por guinchos de insetos enquanto suas armas atingiam quitina e carne.

O mundo havia desacelerado. Ela continuava caindo. Tinha todo o tempo do mundo. Esticou os braços, mão esquerda e mão direita, arrancando cabeça de tórax, mesotórax de metatórax, cortando as mandíbulas de dois Mantis e deixando que se afogassem no próprio sangue. Uma pata dianteira a atacou. Ela a cortou com um giro angular de Cortana. Quando Emma atingiu o chão, seis corpos de Mantis caíram em seguida, cada um aterrissando com uma batida seca e desaparecendo.

Só a pata dianteira permaneceu, espetada do chão como um cacto estranho. Os outros Mantis estavam circulando, chiando e estalando, mas ainda não atacavam. Pareciam cautelosos, como se mesmo seus cérebros minúsculos de insetos tivessem notado o fato de que ela representava um perigo para eles.

Um deles estava sem a pata dianteira.

Ela olhou para Mark. Ele continuava equilibrado na pedra — ela não podia culpá-lo; era uma excelente posição fixa para o combate. Enquanto observava, um Mantis pulou para cima dele, passando um membro afiado sobre seu peito; Mark abaixou *Raguel*, esfaqueando-o no abdômen. O demônio rugiu, cambaleando para trás.

À luz brilhante da lâmina serafim, Emma viu sangue brotando na camisa de Mark, preto-avermelhado.

— Mark — sussurrou.

Ele girou graciosamente. Sua lâmina serafim destruiu o Mantis. O demônio caiu em dois pedaços, desaparecendo enquanto a noite explodia em luz.

Um carro surgiu na estrada e foi para o centro da clareira. Um Toyota vermelho familiar. Os faróis ardiam na escuridão, varrendo o campo, iluminando os Mantis.

Uma figura estava ajoelhada no teto do carro, com uma besta levantada no ombro.

Julian.

O carro avançou, e Julian se levantou, erguendo a arma. A besta de Julian era uma arma elaborada, capaz de disparar muitas flechas rapidamente. Ele mirou os

demônios, disparando uma, outra, o tempo todo surfando como se o teto do carro fosse uma prancha, os pés firmes enquanto o Toyota quicava e atravessava o solo desigual.

Emma se encheu de orgulho. Algumas pessoas frequentemente agiam como se Julian não pudesse ser um grande guerreiro por ser suave na vida, gentil com os amigos e a família.

As pessoas estavam erradas.

Todas as flechas acertaram, todas se enterraram no corpo de um demônio. As flechas estavam Marcadas: quando atingiam o alvo, os Mantis explodiam com gritos silenciosos.

O carro cantou pneus pela clareira. Emma viu Cristina na direção, com o queixo travado. Os demônios Mantis estavam dispersando, desaparecendo de volta para as sombras. Cristina acelerou, e o carro avançou para vários deles, esmagando-os. Mark saltou da pedra, aterrissando agachado, e despachou um demônio que se contorcia, chutando a cabeça e a apertando contra a grama. A frente da camisa estava toda suja de sangue. Enquanto o demônio desaparecia com um barulho molhado e grudento, Mark desabou de joelhos; a lâmina serafim caindo ao seu lado.

O carro parou com um tranco. Cristina tinha aberto a porta do motorista quando um Mantis saiu de baixo do carro. Foi para cima de Mark.

Julian gritou alto, saltando de cima do carro. O Mantis tinha avançado para cima do seu irmão, que conseguiu se ajoelhar e alcançar a corrente no pescoço...

Energia transbordou de Emma, como uma injeção de cafeína. A presença de Julian, tornando-a mais forte. Ela puxou a perna cortada do chão e a lançou. Chiou pelo ar, girando como uma hélice, e atingiu o corpo do Mantis com uma batida pesada. O demônio berrou de agonia e desapareceu em uma nuvem de icor.

Mark caiu de volta na grama. Julian se curvava sobre ele, Emma já estava correndo. Jules segurava sua estela.

— Mark — chamou ele, enquanto Emma os alcançava. — Mark, por favor.

— Não — respondeu Mark secamente. Ele afastou as mãos do irmão. — Sem símbolos. — E se arrastou, ficando de joelhos, depois, de pé, e parando, sem conseguir se equilibrar. — Sem símbolos, Julian. — Ele olhou para Emma. — Você está bem?

— Estou bem — respondeu Emma, guardando Cortana. A frieza da batalha já tinha desaparecido, deixando-a tonta. Ao luar, os olhos de Julian ardiam em um tom gélido de azul. Ele usava uniforme de combate, os cabelos escuros bagunçados com o vento, a mão direita agarrando a arma.

Julian colocou a outra mão no rosto de Emma. O olhar dela foi atraído para o

dele. Ela conseguia ver o céu noturno em suas pupilas.

— Tudo bem? — perguntou Julian, com a voz rouca. — Você está sangrando.

Ele abaixou o braço. Estava com os dedos vermelhos. A mão livre foi para a bochecha; ela sentiu o corte irregular, o sangue. A ardência.

— Não percebi — respondeu Emma, e então, com as palavras escapando torrencialmente: — Como foi que vocês nos encontraram? Jules, como soube aonde ir?

Antes que Julian pudesse responder, o Toyota rugiu, girou e voltou até eles. Cristina se inclinou para fora da janela, seu medalhão brilhando na garganta.

— Vamos — disse. — Aqui é muito perigoso.

— Os demônios não se foram. — Mark concordou. — Eles apenas recuaram.

Ele não estava errado. A noite que os cercava era viva com sombras que se moviam. Eles entraram apressadamente no carro: Emma ao lado de Cristina, Julian e Mark no banco de trás. Enquanto o carro acelerava dali, Emma alcançou o bolso do casaco, procurando o quadrado duro de couro.

A carteira. Continuava ali. Ela sentiu um grande alívio. Ela estava ali, no carro, com Julian ao seu lado, e a prova nas mãos. Estava tudo bem.

— Você precisa de um *iratze* — disse Julian. — Mark...

— Afaste isso de mim — disse o irmão com a voz baixa e séria, encarando Julian com a estela na mão. — Ou vou saltar da janela deste veículo em movimento.

— Ah, não, não vai — disse Cristina, com sua voz doce e calma, esticando a mão para apertar o pino que trancava todas as portas com um clique firme.

— Você está *sangrando* — disse Julian. — Em todo o carro.

Emma esticou o pescoço para olhar para eles. A camisa de Mark estava ensanguentada, mas ele não parecia sentir muita dor. Seus olhos piscavam com irritação.

— Fui enfeitiçado pela Caçada Selvagem — explicou ele. — Meus ferimentos vão se curar rapidamente. Não precisa se incomodar. — Pegou a ponta da camisa e limpou o sangue do peito; Emma viu rapidamente a pele pálida esticada na barriga dura, e os sinais de velhas cicatrizes.

— Foi bom que tenham aparecido naquela hora — falou Emma, virando-se para olhar para Cristina, depois para Julian. — Não me importa como perceberam o que estava acontecendo, mas...

— Não percebemos — respondeu Julian com poucas palavras. — Depois que você desligou na cara da Cristina, checamos o GPS do seu telefone e

descobrimos que você estava aqui. Pareceu estranho o suficiente para investigar.

— Mas vocês não sabiam que estávamos encrocados — falou Emma. — Só que estávamos na convergência.

Cristina a olhou expressivamente. Julian não disse nada.

Emma abriu o zíper do casaco e o tirou, transferindo a carteira de Wells para o bolso da calça. A batalha causava um certo torpor, uma falta de noção dos ferimentos, o que a permitia seguir em frente. As dores e pontadas estavam aparecendo agora, e ela fez uma careta ao puxar a manga do antebraço. Uma longa queimadura se estendia do cotovelo ao pulso, e era preta e vermelha nas beiradas.

Ela olhou para o espelho retrovisor e viu Jules registrando o ferimento. Ele se inclinou para a frente.

— Pode encostar, Cristina?

Jules, sempre educado. Emma tentou sorrir para ele pelo espelho, mas ele não a encarava. Cristina saiu da pista e foi para o estacionamento do restaurante de frutos do mar sobre o qual Emma e Mark tinham voado mais cedo. Uma grande placa de néon acima da construção decrépita dizia TRIDENTE DE POSEIDON.

Os quatro saltaram do carro. O restaurante parecia praticamente deserto, exceto por algumas mesas com caminhoneiros e pessoas acampadas em pontos da região, tomando café e degustando ostras fritas.

Cristina insistiu em entrar para comer e beber; após um instante de discussão, eles permitiram. Julian colocou o casaco na mesa, reservando-a.

— Tem um chuveiro externo nos fundos — falou ele. — E um pouco de privacidade. Vamos.

— Como você sabe disso? — perguntou Emma, se juntando a ele enquanto se retiravam. Julian não respondeu. Ela podia sentir a raiva dele, não só em seu olhar, mas em um nó sob as próprias costelas.

A trilha de terra que cercava o local se abria em uma área cheia de contêineres de lixo. Havia uma enorme pia dupla e — conforme Jules prometera — um chuveiro grande com equipamentos de surfe empilhados ao lado.

Mark atravessou a areia na direção do chuveiro e abriu a torneira.

— Espere — começou Julian. — Você vai...

Água jorrou, ensopando Mark instantaneamente. Ele levantou o rosto calmamente, como se estivesse se banhando em uma cachoeira tropical e não em um chuveiro gelado em uma noite fria.

— ... se molhar. — Julian suspirou. Ele passou os dedos pelos cabelos emaranhados. Cabelos cor de chocolate, Emma pensava quando era mais nova. As pessoas achavam cabelos castanhos sem graça, mas não eram; os de Julian tinham reflexos dourados, toques vermelhos e cor de café.

Emma foi até a pia e passou água sobre o corte no braço, depois molhou o rosto e o pescoço, limpando o icor. Sangue de demônio era tóxico: podia queimar a pele, e era má ideia deixar que caísse nos olhos ou boca.

Mark fechou o chuveiro e saiu de lá, pingando. Emma ficou imaginando se seria desconfortável ficar com os jeans grudados, assim como a camisa. Os cabelos estavam colados no pescoço.

Os olhos dele encontraram os dela. Um azul frio e um dourado ainda mais frio. Neles Emma viu a selvageria da Caçada: o vazio e a liberdade dos céus. Isso a fez tremer.

Ela viu Julian encará-la fixamente. Ele disse alguma coisa para Mark, que assentiu e desapareceu pela lateral da construção.

Emma se esticou para desligar a água, com uma careta; tinha uma queimadura na palma da mão. Ela alcançou a estela.

— Não — disse a voz de Jules, e de repente havia uma presença calorosa atrás dela. Emma agarrou a beira da pia e fechou os olhos, se sentindo subitamente tonta. O calor do corpo de Jules era palpável em suas costas. — Deixa que eu faço.

Símbolos de cura — quaisquer símbolos — aplicados por um *parabatai* funcionavam melhor, amplificados pela magia do feitiço de ligação. Emma se virou, as costas para a pia. Julian estava tão perto dela que ela teve de se virar com cuidado a fim de não lhe dar um encontrão. Ele tinha cheiro de fogo, cravos e tinta. Arrepios explodiram por sua pele quando ele pegou o braço dela e pôs a mão em concha sob o pulso, desenhando com a estela com a mão que estava livre.

Ela conseguiu sentir o traço de cada um dos seus dedos na pele sensível do antebraço. Os dedos dele eram duros e calejados, ásperos pela terebintina.

— Jules — disse ela. — Desculpa.

Ele colocou a estela na pele dela.

— Pelo quê?

— Por ter ido até a convergência sem você — respondeu. — Eu não estava tentando...

— Por que você foi? — perguntou ele, e a estela começou o passeio sobre a pele, formando as linhas do símbolo de cura. — Por que partiu com Mark?

— A moto — disse Emma. — Só dava para duas pessoas. A *moto*... — repetiu, para o olhar vazio de Julian, e então se lembrou do demônio Mantis esmagando-a em seus membros afiados. — Certo — disse ela. — O cavalo de Mark? O que as fadas mencionaram no Santuário? Era uma moto. Um dos Mantis a destruiu, então suponho que seja uma ex-moto.

O *iratze* estava pronto. Emma retraiu a mão, observando o corte começar a se

curar, fechando como uma costura.

— Você não está nem de uniforme — disse Julian. Ele falou em voz baixa, direta, mas seus dedos tremiam enquanto ele afastava a estela. — Você continua sendo humana, Emma.

— Eu estava bem...

— Não pode fazer isso comigo. — As palavras saíram como se tivessem sido arrancadas do fundo do mar.

Ela congelou.

— Fazer o quê?

— Sou seu *parabatai* — falou ele, como se fossem palavras conclusivas, e, de certa forma, eram. — Vocês estavam enfrentando, sei lá, duas dúzias de demônios Mantis antes de chegarmos? Se Cristina não tivesse ligado...

— Eu teria combatido — respondeu Emma calorosamente. — Estou muito feliz que tenham aparecido, obrigada, mas eu teria nos tirado de lá...

— Talvez! — A voz dele se elevou. — Talvez tivesse, talvez conseguisse, mas e se não conseguisse? E se você *morresse*? Isso me mataria, Emma, me *mataria*. Você sabe o que acontece...

Ele não concluiu a frase. *Você sabe o que acontece com uma pessoa quando seu parabatai morre.*

Eles ficaram parados, se encarando, ofegantes.

— Quando você estava fora, eu senti aqui — disse Emma afinal, tocando a parte superior do braço, onde o símbolo *parabatai* estava marcado. — Você sentiu? — Ela passou a mão na frente da camisa dele, quente com o calor do seu corpo. O símbolo de Julian ficava na parte externa da clavícula, uns 5 centímetros acima do coração.

— Sim — respondeu ele, os cílios abaixando enquanto o olhar acompanhava o movimento dos seus dedos. — Doeu ficar longe de você. Parece que tem um gancho enterrado embaixo das minhas costelas, e alguma coisa puxando do outro lado. Como se eu estivesse preso a você, não importa a distância.

Emma respirou fundo. Ela estava se lembrando de Julian, aos 14 anos, nos círculos de fogo sobrepostos na Cidade do Silêncio, onde o ritual *parabatai* era executado. A expressão em seu rosto quando eles entraram no círculo central, o fogo subindo ao redor, e ele desabotoou a camisa para permitir que ela tocasse a estela na sua pele e marcasse o símbolo que os uniria pelo resto da vida. Ela sabia que se mexesse a mão agora poderia tocar o símbolo cortado em seu peito, a Marca que ela mesma colocara ali...

Ela esticou o braço e tocou a clavícula dele. Dava para sentir o calor da pele através da camisa. Ele semicerrou os olhos, como se o toque de Emma pudesse machucá-lo. *Por favor, não fique bravo, Jules, ela pensou. Por favor.*

— Não sou um Blackthorn — disse ela, com a voz falhando.

— Quê?

— Não sou um Blackthorn — repetiu ela. As palavras machucavam: vinham de uma profundidade de verdades, um lugar que ela hesitava olhar de perto. — Não pertenço ao Instituto. Estou aqui por sua causa, porque sou sua *parabatai*, então tiveram que me deixar ficar. O resto de vocês não precisa provar nada. Eu preciso. Tudo que eu faço é... é um teste.

O rosto de Julian mudou; ele estava olhando para ela ao luar, o arco de cupido dos seus lábios partido. As mãos dele levantaram, e ele gentilmente deu o braço para ela. Às vezes, ela pensou, era como se ela fosse uma pipa e Julian a pessoa empinando: ela voava no alto, e ele a mantinha presa à terra. Sem ele, ela se perderia entre as nuvens.

Emma levantou a cabeça. Dava para sentir a respiração de Julian em seu rosto. Havia algo nos olhos dele, algo se abrindo, não como uma rachadura na parede, mas como uma porta escancarando, e ela podia ver a luz.

— Não estou te testando, Emma — disse ele. — Você já me provou tudo.

Emma sentiu algo forte no sangue, o desejo de pegar Julian, fazer alguma coisa, *alguma coisa*, esmagar suas mãos nas dela, abraçá-lo, causar dor a ambos, fazer com que os dois sentissem o gosto do mesmo desespero. Ela não conseguiu entender, e isso a aterrorizou.

Ela foi para o lado, afastando-se gentilmente do toque de Julian.

— É melhor voltarmos para Mark e Cristina — murmurou ela. — Estamos aqui há um tempo.

Ela virou as costas para ele, mas não antes de ver a expressão em seu rosto se fechar, como uma porta batendo. Ela sentiu o gesto como um vazio no estômago, a certeza de que, independentemente de quantos demônios tinha matado naquela noite, seus nervos falharam quando mais precisou.

Quando voltaram para a frente do restaurante, encontraram Mark e Cristina sentados sobre uma mesa de piquenique, cercados por caixas de papelão de batatas fritas, pães amanteigados, mariscos fritos e tacos de peixe. Cristina estava segurando um refrigerante de limão e sorrindo para alguma coisa que Mark havia dito.

O vento do mar tinha secado os cabelos de Mark. Soprava-o no rosto, destacando o quanto ele parecia uma fada, e o quão pouco parecia Nephilim.

— Mark estava me contando sobre o combate na convergência — falou Cristina quando Emma se sentou com eles e alcançou um marisco. Julian foi atrás dela e pegou refrigerante.

Emma contou seu próprio relato dos eventos, da descoberta da caverna e da carteira ao aparecimento dos demônios Mantis.

— Eles destruíram a moto de Mark, por isso não conseguimos sair — explicou ela.

Mark pareceu sorumbático.

— Seu garanhão já era, tô achando — disse Emma a ele. — Vão te dar outro?

— Improvável — respondeu Mark. — Fadas não são generosas.

Julian olhou para ela com as sobrancelhas erguidas.

— Tô achando? — ecoou.

— Não consigo evitar. — Ela deu de ombros. — Estou com mania.

Cristina estendeu a mão.

— Vamos ver o que encontraram — falou. — Já que sacrificaram tanto por isso.

Emma pegou o objeto quadrado de couro do bolso e permitiu que todos olhassem. Em seguida, pegou o telefone e o estendeu enquanto abria nas fotos do interior da caverna, com aquelas línguas estranhas marcadas.

— Podemos traduzir o grego e o latim — disse Emma. — Mas teremos que ir até a biblioteca para descobrir as outras línguas.

— Stanley Wells — anunciou Julian, olhando a carteira parcialmente queimada. — O nome soa familiar.

— Quando voltarmos, Ty e Livvy podem descobrir quem ele é — disse Emma. — E podemos investigar o endereço, ver se tem alguma coisa a ser descoberta na casa dele. Ver se tem motivo para ele ter sido marcado para o sacrifício.

— Pode ser que sejam escolhidos aleatoriamente — disse Julian.

— Não são — afirmou Mark.

Todos pausaram, Julian com uma garrafa a meio caminho da boca.

— Quê? — perguntou Emma.

— Nem todo mundo serve para ser sacrificado por um feitiço de invocação — explicou Mark. — Não pode ser completamente aleatório.

— Ensinam muito sobre magia sombria na Caçada Selvagem? — perguntou Julian.

— A Caçada Selvagem é magia sombria — respondeu Mark. — Reconheci o círculo na caverna. — Ele tamborilou o telefone de Emma. — Esse é um círculo de sacrifício. Isso é necromancia. O poder da morte extraído com algum propósito.

Todos ficaram quietos por um momento. O vento frio do oceano emaranhou os cabelos úmidos de Emma.

— Os Mantis eram guardas — disse ela por fim. — Quem quer que seja o

necromante, não quer que descubram sobre a câmara secreta de sacrifícios.

— Porque ele precisa dela — concluiu Jules.

— Pode ser ela — disse Emma. — Não são só homens que se tornam assassinos em série psicopatas mágicos.

— Verdade — disse Julian. — Seja como for, não tem nenhum outro lugar perto da cidade com uma convergência de Linhas Ley como essa. Necromancia executada na extensão de uma Linha Ley provavelmente apareceria no mapa de Magnus, mas e se fosse feita em uma *convergência*?

— Nesse caso pode muito bem ser escondida dos Nephilim — disse Mark. — O assassino pode estar cometendo os assassinatos cerimoniais no ponto de convergência...

— E depois desova os corpos nas extensões das Linhas Ley? — Cristina completou. — Mas por quê? Por que não deixam nas cavernas?

— Talvez queiram que os corpos sejam encontrados — disse Mark. — Afinal, as marcas neles são escritas. Pode ser uma mensagem. Uma mensagem que querem transmitir.

— Então deveriam ter escrito o recado em uma língua que conhecemos — murmurou Emma.

— Talvez a mensagem não seja para nós — argumentou Mark.

— A convergência terá que ser observada — disse Cristina. — Alguém terá que monitorar. Não há outro ponto de convergência; o assassino terá que voltar em algum momento.

— De acordo — disse Julian. — Teremos que preparar alguma coisa na convergência. Algo que sirva de alerta.

— Amanhã, durante o dia — disse Emma. — Os demônios Mantis estarão inativos...

Julian riu.

— Sabe o que temos amanhã? Teste — falou. Duas vezes por ano Diana tinha que testá-los em certos quesitos básicos, de desenhos de símbolos a treinamento, passando por línguas, e depois entregava um relatório à Clave sobre o progresso.

Houve um coro de protesto. Julian levantou as mãos.

— Vou mandar uma mensagem para Diana sobre isso — falou ele. — Mas se não fizermos, a Clave vai desconfiar.

Mark disse algo impublicável sobre o que a Clave poderia fazer com as próprias desconfianças.

— Acho que não conheço essa palavra — disse Cristina, parecendo entretida.

— Também não sei ao certo se eu conheço — reiterou Emma. — E conheço vários palavrões.

Mark se inclinou para trás com o princípio de um sorriso, em seguida, respirou fundo. Tirou o colarinho ensanguentado do pescoço e olhou cuidadosamente para o peito ferido.

Julian repousou a garrafa.

— Deixe-me ver.

Mark soltou o colarinho.

— Não há nada que você possa fazer. Vai melhorar.

— É uma ferida demoníaca — disse Julian. — Deixe-me ver.

Mark olhou para ele, espantado. As ondas produziam um ruído suave no entorno. Não havia mais ninguém do lado de fora do restaurante, exceto eles; as outras mesas tinham vagado. Mark nunca tinha ouvido esse tom de Julian antes, Emma pensou, aquele que não aceitava discussões, o que parecia a voz de um homem adulto. O tipo de homem a quem você dava ouvidos.

Mark levantou a frente da camisa. O corte corria irregular sobre seu peito. Não estava mais sangrando, mas a visão da carne pálida rasgada fez Emma cerrar os dentes.

— Deixe-me... — Julian começou.

Mark se levantou.

— Eu estou *bem* — disse ele. — Não preciso da sua magia de cura. Não preciso dos seus símbolos mágicos de segurança. — Ele tocou o ombro, onde uma Marca florescia como uma borboleta: um símbolo permanente de proteção. — Tenho isso desde os 10 anos — falou. — Tinha isso quando me levaram e quando me quebraram e me transformaram em um deles. Nunca me ajudou. Os símbolos do Anjo são mentiras projetadas nos dentes do Paraíso.

Dor cresceu e desapareceu nos olhos de Julian.

— Não são perfeitos — concordou Julian. — Nada é perfeito. Mas ajudam. Só não quero vê-lo machucado.

— Mark — chamou Cristina com a voz suave. Mark, porém, tinha ido para outro lugar, algum lugar onde nenhuma das vozes podia alcançá-lo. Ele estava ali com os olhos em chamas, as mãos abrindo e fechando em punhos.

Lentamente, a mão subiu e pegou a bainha da camisa. Puxou-a sobre a cabeça. Tirou a camisa, derrubando-a sobre a areia. Emma viu a pele clara, mais clara do que a dela, um peito musculoso e uma cintura fina cortada com as linhas finas de antigas cicatrizes. Então ele se virou.

Suas costas eram cheias de símbolos, da nuca até a cintura. Mas não eram como Marcas normais de Caçadores de Sombras, nas quais os símbolos pretos eventualmente clareavam até uma linha fina na pele. Essas tinham relevo, eram espessas e lívidas.

Julian tinha empalidecido em volta da boca.

— O quê...?

— Quando cheguei ao Reino das Fadas, eles zombavam do meu sangue Nephilim — disse Mark. — As fadas da Corte Unseelie pegaram minha estela e quebraram, disseram que não passava de um graveto sujo. E quando lutei de volta por ela, eles usaram facas para cortar os símbolos do Anjo na minha pele. Depois disso parei de lutar com eles pelos Caçadores de Sombras. E jurei que nenhuma outra Marca tocaria minha pele.

Ele se abaixou, pegou a camisa ensanguentada e molhada, e ficou parado, encarando-os, a raiva descontada, novamente vulnerável.

— Talvez ainda dê para curá-las — falou Emma. — Os Irmãos do Silêncio...

— Não preciso que sejam curadas — disse Mark. — Servem como lembrete. Julian saiu da mesa.

— Um lembrete de quê?

— De que não devo confiar — respondeu Mark.

Cristina olhou para Emma sobre as cabeças dos meninos. Havia uma terrível tristeza em seu rosto.

— Sinto muito que sua Marca de proteção não tenha funcionado — falou Julian, com a voz baixa e cautelosa, e Emma nunca quis abraçá-lo tanto quanto naquele momento, enquanto ele encarava o irmão ao luar, com o coração nos olhos. Seu cabelo era um emaranhado, os cachos suaves eram como pontos de interrogação na testa. — Mas existem outros tipos de proteção. Sua família o protege, Mark. Não vamos deixar que o levem outra vez.

Mark sorriu, um sorriso estranho e triste.

— Eu sei — disse ele. — Meu gentil irmãozinho. Eu sei.

10

E Ela Era Uma Criança

— Pronto — disse Diana, colocando a bolsa de lona na bancada da cozinha com um estalo.

Emma levantou o olhar. Ela estava perto da janela com Cristina, testando as ataduras da mão. Os símbolos de cura de Julian tinham resolvido quase todos os ferimentos, mas havia algumas queimaduras de icor ainda doloridas.

Livvy, Dru e Tavvy estavam reunidos em volta da mesa da cozinha, brigando pelo leite achocolatado. Ty usava o fone, lendo, calmo em seu próprio mundo. Julian preparava, no fogão, bacon, torradas e ovos — com pedacinhos queimados, como Dru gostava.

Diana foi até a pia e lavou as mãos. Ela vestia calça jeans e camiseta, com as roupas sujas e marcas no rosto. Os cabelos estavam presos em um coque bem apertado.

— Configurou? — perguntou Emma. — O monitor na convergência?

Diana fez que sim com a cabeça, alcançando um pano de prato com as mãos.

— Julian me mandou uma mensagem sobre o assunto. Acharam que eu fosse deixar vocês escaparem do teste da Clave?

Houve resmungos.

— Achar, não — disse Emma. — Torcer, talvez.

— Enfim, eu mesma fiz — disse Diana. — Se alguém entrar ou sair da caverna, receberemos uma ligação no telefone do Instituto.

— E se não estivermos em casa? — perguntou Julian.

— Mensagem de texto — respondeu Diana, virando de modo que ficou de costas para a pia. — Mensagens vão para Julian, Emma e para mim.

— Por que não para Arthur? — perguntou Cristina. — Ele não tem celular?

Não tinha, até onde Emma sabia, mas Diana não respondeu.

— E agora tem a outra questão — continuou a tutora. — Demônios Mantis guardam a convergência à noite, mas, como sabem, demônios são inativos no meio externo durante o dia. Não suportam a luz do sol.

— Pensei nisso — disse Emma. — Não faz sentido que quem quer que esteja fazendo isso fosse deixar a convergência desprotegida durante metade do dia.

— Estava certa em pensar sobre isso — falou Diana. Sua voz soou neutra; Emma investigou seu rosto em vão, à procura de alguma pista que informasse se ela ainda estava irritada. — Durante o dia a porta da caverna se fecha. Vi quando a entrada desapareceu com o nascer do sol. Não interferiu na aplicação dos símbolos de monitoramento e nas barreiras de proteção; fiz isso fora da caverna, mas ninguém entra naquela convergência enquanto há sol.

— Todos os assassinatos, a desova de corpos, tudo isso *aconteceu* à noite — disse Livvy. — Talvez haja algum demônio por trás disso, afinal?

Diana suspirou.

— Não sabemos. Pelo Anjo, preciso de café.

Cristina se apressou para pegar uma caneca para ela, enquanto Diana tirava a sujeira das roupas, franzindo o rosto.

— Malcolm ajudou a armar? — perguntou Julian.

Diana pegou o café e, agradecida, sorriu para Cristina.

— Tudo que precisam já foi resolvido — disse ela. — Vocês têm teste hoje, então nos vemos na sala de aula depois do café da manhã.

Ela saiu, levando consigo a sacola e o café. Dru parecia chateada.

— Não acredito que temos aula — falou. Ela estava de jeans e camiseta estampada com um rosto gritando e as palavras CASA DOS HORRORES DO DR. TERROR.

— Estamos no meio de uma investigação — disse Livvy. — Não deveríamos ter que fazer testes.

— É uma afronta — disse Ty. — Me sinto afrontado. — Ele tinha tirado o fone, mas estava com a mão embaixo da mesa. Emma conseguia ouvi-lo clicando uma caneta, algo que ele fazia muito antes de Julian desenvolver ferramentas para ajudá-lo a manter o foco, mas ainda era algo que ele fazia quando estava ansioso.

Contra o ruído de resmungos de todos ali, o telefone de Emma tocou. Ela olhou para a tela. CAMERON ASHDOWN.

Julian olhou por um instante, em seguida voltou energicamente a preparar os ovos. Ele estava com uma combinação de uniforme de combate, avental e uma camiseta rasgada que, em outra situação, teria feito Emma tirar um sarro dele. Mas agora ela simplesmente se esticou para fora da janela para atender ao telefone.

— Cam? — atendeu. — Aconteceu alguma coisa?

Livvy olhou para ela e revirou os olhos, depois levantou e começou a levar os pratos do fogão para a mesa. O restante das crianças continuava discutindo, apesar de Tavvy ter ficado com o leite achocolatado.

— Não liguei para pedir para voltar se é isso que está pensando — falou Cameron. Ela o visualizou enquanto a voz cruzava a linha: franzindo o rosto, os cabelos ruivos bagunçados e rebeldes como costumavam ficar pela manhã.

— Uau — respondeu Emma. — Bom dia para você também.

— Ladrão de leite — disse Dru para Tavvy, e colocou um pedaço de torrada na cabeça dele. Emma conteve um sorriso.

— Fui ao Mercado das Sombras — disse Cam. — Ontem.

— Ui! Ai, ai, ai.

— Ouvi uma fofoca na mesa do Johnny Rook — falou. — Sobre você. Ele disse que vocês tiveram uma discussão há alguns dias. — Ele abaixou o tom. — Você não deveria encontrá-lo fora do Mercado, Em.

Emma se apoiou contra a parede. Cristina a olhou fixamente, depois se sentou com os outros; logo todos se ocupavam passando manteiga nas torradas e espetando ovos com o garfo.

— Eu sei, eu sei. Johnny Rook é um criminoso que comete crimes. Já ouvi esse sermão.

Cam soou irritado.

— Alguém disse que você estava metendo o nariz onde não foi chamada. E que, se insistisse nisso, iam machucá-la. Não o cara que falou isso, dei uma prensa nele, e ele disse que estava falando de outra pessoa. Disse que tinha ouvido coisas. O que você anda fazendo, Emma?

Julian continuava no fogão; Emma viu pelos seus ombros que ele estava escutando.

— Pode ser tanta coisa.

Cameron suspirou.

— Tudo bem, seja evasiva. Fiquei preocupado com você. Cuidado.

— Sempre tenho cuidado — garantiu ela, e desligou.

Silenciosamente, Julian entregou um prato de ovos a ela. Emma aceitou, consciente de que todos a observavam. Ela repousou o prato na bancada da cozinha e sentou em um dos bancos, cutucando o café da manhã com uma colher.

— Tudo bem — disse Livvy. — Se ninguém vai perguntar, eu pergunto. O que foi isso?

Emma levantou o olhar, prestes a responder irritada, quando as palavras morreram em sua boca.

Mark estava na entrada. A tensão da briga na biblioteca na noite anterior pareceu ressurgir, provocando um silêncio pesado na cozinha. Os Blackthorn olharam para o irmão, com olhos arregalados; Cristina ficou encarando o próprio café.

Mark parecia... normal. Vestia uma camisa azul e jeans escuros do próprio tamanho, com um cinto de armas, apesar de não haver armas nele. Mesmo assim, não havia dúvidas de que se tratava de um cinto de Caçador de Sombras, os símbolos de poder angelical e precisão marcados no couro. Tinha manoplas nos pulsos.

Todos o encararam, Julian com uma espátula no ar. Mark esticou os ombros, e, por um instante, Emma achou que ele fosse fazer outra reverência, como tinha feito na noite anterior. Em vez disso, ele falou:

— Peço desculpas por ontem à noite — falou. — Eu não deveria tê-los culpado, minha família. A política da Clave é complexa e frequentemente sombria, e vocês não têm culpa. Gostaria de, com sua permissão, recomendar e me apresentar a vocês.

— Mas nós sabemos quem você é — disse Ty. Livvy se inclinou e sussurrou ao ouvido dele, esfregando o ombro do menino com a mão. Ty olhou para Mark, claramente ainda confuso, mas também cheio de expectativa.

Mark deu um passo para a frente.

— Sou Mark Antony Blackthorn — apresentou-se. — Venho de uma longa linhagem de Caçadores de Sombras. Servi com a Caçada Selvagem por mais tempo do que sou capaz de contar. Cavalguei pelo ar em um cavalo branco de fumaça, recolhi os corpos dos mortos e os levei para o Reino das Fadas, onde seus ossos e pele alimentaram a terra selvagem. Nunca me senti culpado, mas talvez devesse. — Ele deixou as mãos, que estavam presas nas costas, se soltarem e caírem para os lados. — Não sei qual é o meu lugar — falou. — Mas, se me permitirem, tentarei pertencer a esse lugar.

Houve um momento de silêncio. As crianças à mesa ficaram encarando; Emma sentou com a colher na mão, prendendo a respiração. Mark olhou para Jules.

Julian esticou o braço para esfregar a nuca.

— Por que você não se senta, Mark? — disse ele, um pouco rouco. — Vou preparar uns ovos para você.

Mark ficou quieto durante todo o café da manhã enquanto Julian, Emma e Cristina contavam aos outros o que tinham descoberto na noite anterior. Emma não deu muitos detalhes sobre o ataque dos Mantis; não queria que Tavvy

tivesse pesadelos.

A carteira de Stanley Wells foi passada para Ty, que pareceu muito animado por lidar com uma prova. Ele prometeu uma investigação completa sobre o pobre Stanley depois dos testes. Como Mark não precisava participar dos testes, Julian perguntou se ele podia cuidar de Tavvy na biblioteca.

— Não vou dá-lo como alimento para uma árvore, como fazem com crianças desobedientes na Corte Unseelie — prometeu Mark.

— Fico aliviado — respondeu Julian secamente.

Mark se curvou em direção a Tavvy cujos olhos brilhavam.

— Venha comigo, pequeno — disse Mark. — Há livros na biblioteca, lembro-me bem, que eu adorava quando criança. Posso mostrá-los a você.

Tavvy fez que sim com a cabeça e deu a mão para Mark com total confiança. Alguma coisa então passou pelos olhos de Mark, um brilho de emoção. Ele saiu dali com Tavvy sem dizer mais nada.

O aviso de Cameron ficou na cabeça de Emma por todo o restante da refeição enquanto limpavam as coisas e depois que foram para a sala de aula encontrar Diana, com uma pilha de papéis na mão. Ela não conseguia esquecer as palavras dele e, por isso, fez uma péssima prova de língua e de memorização de diversos demônios e membros do Submundo. Ela confundiu Azael com Asmodeus, purgatês com cthoniano, e nixies com pixies. Diana ficou encarando enquanto ela avaliava o papel com o nome de Emma com uma caneta vermelha.

Todos se saíram bem, e as poucas perguntas que Julian errou, Emma desconfiava que ele tivesse feito para fazê-la se sentir melhor.

Emma ficou feliz quando terminaram as partes escrita e oral do teste. Tiveram um intervalo para o almoço antes de ir para a sala de treinamento. Diana já tinha preparado o espaço. Havia alvos para arremesso de facas, espadas de vários tamanhos e, no meio da sala, um grande boneco de treino. Tinha um tronco de madeira, vários braços que podiam ser posicionados e reposicionados, e uma cabeça de pano estofada como um espantalho.

Um círculo de pó preto e branco cercava o boneco — pedra de sal misturada a cinzas.

— Ataque a distância, com cuidado e precisão — disse Diana. — Baguncem o círculo de cinzas e falharão. — Ela foi até a caixa preta no chão e ligou um interruptor. Era um rádio. Barulho explodiu na sala, severo e dissonante. Foi como se alguém tivesse gravado um motim, gritos e berros e vidros quebrados.

Livvy ficou aterrorizada. Ty fez uma careta e alcançou os fones, colocando-os nos ouvidos.

— Distração — disse Diana em voz alta. — Vocês precisam se esforçar para superar...

Antes que ela conseguisse concluir, bateram à porta: era Mark, parecendo desconfiado.

— Tavvy está distraído com os livros — falou para Diana, que tinha esticado o braço para diminuir o volume do som —, e você tinha perguntado se eu podia vir para essa parte do teste. Achei melhor atender.

— Mas Mark não precisa ser testado — protestou Julian. — A Clave não pode ser informada sobre os resultados dele.

— Cristina também não precisa ter os resultados informados à Clave — disse Diana. — Mas ela vai participar. Quero ver como todos vocês se saem. Se vão trabalhar juntos, é melhor que conheçam os níveis de habilidade uns dos outros.

— Sei lutar — disse Mark. Ele não falou nada sobre a noite anterior, sobre ter se defendido sozinho contra demônios Mantis, sem novos símbolos. — Os que integram a Caçada Selvagem são guerreiros.

— Sim, mas eles lutam diferente dos Caçadores de Sombras — argumentou Diana, gesticulando pela sala, para as lâminas Marcadas, as espadas de *adamas*. — Essas são as armas do seu povo. — Ela se voltou para os outros. — Todos devem escolher uma.

Com isso a expressão de Mark ficou monótona, mas ele não disse nada. Nem se moveu enquanto os outros se espalhavam. — Emma foi direto para Cortana, Cristina para suas facas borboleta, Livvy para o sabre, e Dru para uma longa e fina adaga misericórdia. Julian escolheu um par de *chakhrams*, estrelas cortantes circulares.

Ty ficou para trás. Emma não pôde deixar de imaginar se Diana teria notado que foi Livvy que pegou uma adaga para Ty e a pressionou na mão do garoto. Emma já tinha visto Ty lançando facas antes: ele era bom, às vezes, excelente, mas só quando estava com vontade. Quando não estava, não havia o que o fizesse se mexer.

— Julian — chamou Diana, aumentando novamente o som. — Você, primeiro.

Julian chegou para trás e lançou, os *chakhrams* girando das mãos dele como círculos de luz. Um deles arrancou o braço direito do boneco de treinamento, o outro, o esquerdo, antes de se enterrarem na parede.

— Seu alvo não está morto — observou Diana. — Só sem braços.

— Exatamente — disse Julian. — Assim posso interrogar o sujeito. Ou a coisa, você sabe, se for um demônio.

— Muito estratégico. — Diana tentou esconder um sorriso enquanto fazia uma anotação no caderno. Ela pegou os braços do boneco e os colocou de volta no lugar. — Livvy?

Livvy despachou o boneco com um golpe de sabre, sem ultrapassar a barreira

de cinzas. Dru se entrosou bem com a misericórdia lançada, e Cristina abriu seus canivetes e os arremessou de modo que uma ponta de cada lâmina se enfiasse exatamente onde ficariam os olhos do boneco.

— Que nojo — disse Livvy em tom de admiração. — Curti.

Cristina pegou de volta as facas e deu uma piscadela para Emma, que tinha subido um pouco na escada de corda, com Cortana em sua mão livre.

— Emma? — chamou ela, esticando o pescoço. — O que está fazendo?

Emma se lançou da escada. Não era a fúria fria da batalha, mas teve um momento de liberdade em queda livre que foi de puro prazer, que bloqueou a irritação do alerta de Cameron de sua mente. Ela aterrissou no boneco, com os pés nos ombros dele, e atacou, enfiando Cortana até o cabo no tronco. Então ela se jogou para trás, aterrissando fora do círculo.

— Isso é exibicionismo — censurou Diana, mas estava sorrindo ao fazer uma nova anotação. Levantou o olhar. — Tiberius? É a sua vez.

Ty deu um passo em direção ao círculo. A parte branca dos fones de ouvido se destacava contra os cabelos pretos. Ele era da altura do boneco, Emma percebeu com um susto. Ela frequentemente pensava em Ty como a criança que outrora ele havia sido. Mas ele não era — ele tinha 15 anos, mais velho do que ela quando ela e Julian passaram pela cerimônia *parabatai*. Ele não tinha mais o rosto de um menininho. A suavidade já tinha sido substituída por linhas mais nítidas.

Ty gostava de sua faca.

— Tiberius — disse uma voz da entrada. — Tire os fones de ouvido.

Tio Arthur. Todos olharam em surpresa: Arthur raramente frequentava o andar de baixo e, quando o fazia, evitava conversas, refeições — qualquer contato. Era estranho vê-lo na entrada, como um fantasma cinzento: túnica cinza, barbicha cinza, calça velha cinza.

— A poluição da tecnologia mundana está por todos os lados — disse Arthur. — Nesses telefones que vocês carregam. Carros: no Instituto de Londres, não os tínhamos. Aquele computador sobre o qual pensam que eu não sei. — Uma fúria estranha passou pelo rosto dele. — Não vai poder lutar com *fonos de ouvido*.

Ele disse isso como se fossem palavras venenosas.

Diana fechou os olhos.

— Ty — disse ela. — Tire os fones.

Ty tirou e os deixou pendurados no pescoço. Ele fez uma careta quando o barulho de conversa e vozes do rádio atingiu seus ouvidos.

— Então não vou conseguir fazer.

— Nesse caso vai falhar — disse Arthur. — Isso tem que ser justo.

— Se não o deixar usar, não será justo — disse Emma.

— Esse é o teste. Todo mundo tem que fazer — falou Diana. — A batalha nem sempre acontece em condições ideais. Tem barulho, sangue, distrações...

— Não participarei de batalhas — disse Ty. — Não quero ser esse tipo de Caçador de Sombras.

— *Tiberius* — falou Arthur rispidamente. — Faça como lhe foi pedido.

O rosto de Ty enrijeceu. Ele levantou a faca e lançou, com um desconforto proposital, mas com muita força. Atingiu o rádio preto de plástico, que estilhaçou em centenas de pedaços.

Fez-se silêncio.

Ty olhou para a mão direita; estava sangrando. Um pedaço do rádio estilhaçado tinha voado longe e cortado sua pele. Fazendo uma careta, ele foi para perto de um dos pilares. Livvy o observou com uma expressão arrasada; Julian parecia ter a intenção de segui-lo, quando Emma o pegou pelo pulso.

— Não — falou. — Dê um minuto a ele.

— Minha vez — disse Mark. Diana virou surpresa para ele. Ele já estava indo em direção ao boneco de treinamento. Foi direto para lá, espalhando as cinzas e o sal no chão.

— Mark — disse Diana —, você não pode...

Ele pegou o boneco e o puxou para si, arrancando a cabeça do corpo. Choveu palha em volta dele. Ele jogou a cabeça para o lado, pegou os braços presos e os dobrou até quebrarem. Deu um passo para trás, deu um chute no meio do tronco e empurrou. O boneco caiu com um barulho.

Quase teria sido engraçado, Emma pensou, se não fosse o olhar no rosto dele.

— Essas são as armas do meu povo — disse ele, estendendo as mãos. Havia aberto um corte na direita, que sangrava.

— Você não pode tocar o círculo — disse Diana. — São as regras, e não sou eu que determino. A Clave...

— *Lex malla, lex nulla* — falou Mark friamente, se afastando do boneco. Emma ouviu Arthur respirar fundo ao ouvir as palavras do lema da família Blackthorn. Ele se virou sem dizer uma única palavra e saiu da sala.

Os olhos de Julian seguiram o irmão enquanto Mark ia até Ty e se apoiava no pilar ao lado dele.

Ty, que segurava a mão direita com a esquerda, queixo travado, olhou surpreso para ele.

— Mark?

Mark tocou a mão do irmão mais novo, suavemente, e Ty não recuou. Ambos tinham dedos caracteristicamente Blackthorn, longos e delicados, com ossos definidos e articulados.

Lentamente, o olhar furioso desapareceu do rosto de Ty. Em vez disso, ele

olhou de lado para o irmão, como se a resposta para uma pergunta, que Emma não sabia adivinhar qual seria, pudesse ser encontrada no rosto de Mark.

Ela se lembrou do que Ty havia dito sobre seu irmão na biblioteca.

Não é culpa dele se não entende tudo. Ou se as coisas são demais para ele. Não é culpa dele.

— Agora nós dois estamos com as mãos machucadas — observou Mark.

— Julian — disse Diana. — Precisamos conversar sobre Ty.

Julian estava parado diante da mesa dela. Dava para enxergar através de Diana, através das enormes janelas de vidro atrás dela até a rodovia e a praia abaixo, e o oceano mais além.

Ele guardava uma lembrança clara na mente, apesar de não se recordar mais de quantos anos tinha quando aconteceu. Ele, na praia, desenhando o sol se pondo e os surfistas na água. Um desenho solto, mais focado na alegria do movimento que em acertar a figura de fato. Ty também estava ali, brincando: construía uma fileira de perfeitos quadrados de areia molhada, todos exatamente do mesmo tamanho e forma.

Julian olhou para o próprio trabalho inexato, e para as fileiras metódicas de Ty e pensou: *nós dois vemos o mesmo mundo, mas de um jeito diferente. Ty sente a mesma alegria que eu, a alegria da criação. Sentimos as mesmas coisas, só que as formas dos nossos sentimentos são diferentes.*

— Isso foi culpa de Arthur — disse Julian. — Não sei por que ele fez isso. — Ele sabia que soava agitado. Não podia evitar. Normalmente, nos dias ruins de Arthur, sua raiva e irritação se voltavam para dentro, para dentro dele mesmo. Ele não teria pensado que o tio saberia dos fones de ouvido de Ty: ele não achava que Arthur prestava atenção em nenhum deles o suficiente para perceber essas coisas; em Ty menos ainda. — Não sei por que ele tratou Ty assim.

— Podemos ser cruéis com os que nos fazem lembrar de nós mesmos.

— Ty não se parece com Arthur. — A voz de Julian era afiada. — E ele não deve ter que pagar pelo que Arthur faz. Você deveria deixá-lo fazer o teste novamente, usando os fones de ouvido.

— Não é necessário — respondeu Diana. — Sei o que Ty pode fazer; vou emendar os resultados dos testes para que reflitam isso. Você não precisa se preocupar com a Clave.

Julian olhou para ela e pareceu intrigado.

— Se não é sobre os resultados dele, o que houve então? Por que queria me ver?

— Você ouviu o que Ty disse lá dentro — falou Diana. — Ele não quer ser

esse tipo de Caçador de Sombras. Ele quer ir para a Scholomance. É por isso que se recusa a ser *parabatai* de Livvy. E você sabe que ele faria quase tudo por ela.

Ty e Livvy estavam na sala do computador naquele momento, procurando o que pudessem encontrar sobre Stanley Wells. Ty parecia ter deixado a irritação com o teste de lado e até sorriu depois que Mark foi falar com ele.

Julian ficou imaginando se era errado sentir ciúmes irracionais de Mark, que tinha reaparecido na vida deles apenas na véspera, e tinha conseguido falar com seu irmão mais novo enquanto ele não. Julian amava Ty mais do que a si e, mesmo assim, não tinha conseguido pensar em nada tão elegantemente simples quanto *agora nós dois estamos com as mãos machucadas* para falar para o irmão.

— Ele não pode ir — disse Julian. — Só tem 15 anos. Os outros alunos têm no mínimo 18. É para formados pela Academia.

— Ele é tão inteligente quanto qualquer formado pela Academia — disse Diana. — Ele sabe tanto quanto.

Ela se inclinou para a frente, com os cotovelos apoiados na mesa de vidro. Atrás dela o oceano se estendia até o horizonte. Já era quase fim de tarde, e a água tinha uma cor azul-prateado escura. Julian pensou no que aconteceria se desse um soco na mesa; será que tinha força para destruir o vidro?

— Não é uma questão do que ele sabe — falou Julian, e se conteve. Estava perigosamente perto exatamente daquilo que eles nunca falavam: o jeito como Ty era diferente.

Julian frequentemente pensava na Clave como uma sombra escura sobre sua vida. Tinham roubado seus irmãos mais velhos tanto quanto as fadas o fizeram. Ao longo de séculos, a forma exata como Caçadores de Sombras deveriam se comportar era severamente arregimentada. Se falar a um mundano sobre o Mundo das Sombras, será castigado, até mesmo exilado. Caso se apaixone por um mundano ou por seu *parabatai*, terá suas Marcas arrancadas — um processo agonizante ao qual nem todos sobreviviam.

A arte de Julian, o interesse de seu pai pelos clássicos: tudo era encarado com grande desconfiança. Caçadores de Sombras não deveriam ter outros interesses. Caçadores de Sombras não eram artistas. Eram guerreiros, nascidos e criados assim, como espartanos. E a individualidade não era algo que valorizavam.

Os pensamentos de Ty, sua mente linda e curiosa, não eram como os de todo mundo. Julian já tinha ouvido histórias — sussurros, na verdade — de outras crianças Caçadoras de Sombras que pensavam ou sentiam diferente. Que tinham dificuldade de concentração. Que alegavam que letras se reorganizavam na página quando tentavam lê-las. Que caíam em profunda e indistinta tristeza ou

ataques que não conseguiam controlar.

Mas eram apenas fofocas, porque a Clave detestava admitir que existiam Nephilim assim. Eram colocados na parte da “escória” da Academia e treinados para não perturbar os outros Caçadores de Sombras. Enviados aos cantos mais distantes do globo como segredos vergonhosos que deviam ser escondidos. Não havia palavras para descrever Caçadores de Sombras cujas mentes eram diferentes, nem palavras reais para descrever quaisquer diferenças.

Porque se houvesse palavras, Julian pensou, teria que haver admissão. E havia coisas que a Clave se recusava a admitir.

— Vão fazer com que ele sinta como se houvesse algo de errado com ele — disse Julian. — *Não há nada de errado com ele.*

— Eu sei disso. — Diana soou triste. Cansada. Julian ficou imaginando onde ela teria ido na véspera, quando eles estavam na casa de Malcolm. Quem a ajudou a proteger a convergência.

— Vão tentar forçá-lo a se adaptar aos moldes do que consideram um Caçador de Sombras. Ele não sabe o que farão...

— Porque você não disse a ele — lembrou Diana. — Se ele tem uma visão idealizada do que será a Scholomance, é porque você nunca o corrigiu. Sim, é difícil lá. É brutal. Diga isso a ele.

— Você quer que eu diga que ele é diferente — disse Julian friamente. — Ele não é burro, Diana. Ele sabe disso.

— Não — discordou Diana, levantando-se. — Quero que você diga como a Clave se sente em relação a pessoas diferentes. Como ele pode se decidir se não dispõe de todas as informações?

— Ele é meu irmãozinho. — Julian se irritou. O dia lá fora era um borrão; partes da janela pareciam espelhadas, e ele conseguia ver pedacinhos de si mesmo; a ponta de uma maçã do rosto, um queixo firme, cabelos emaranhados. Ele próprio se assustou com o seu olhar. — Faltam três anos para se formar...

Os olhos castanhos de Diana eram ferozes.

— Sei que você basicamente o criou desde que ele tinha 10 anos, Julian. Sei que se sente como se todos eles fossem seus filhos. E são seus, mas, pelo menos, Livvy e Ty não são mais crianças. Você vai ter que cortar o cordão...

— Você está me dizendo para me preparar para o futuro? — perguntou Julian. — Sério?

O queixo dela travou.

— Você está no fio da navalha, Julian, com tudo que esconde. Estive no seu lugar por quase metade da vida. Você se acostuma, se acostuma tanto que, às vezes, se esquece de que está sangrando.

— Não suponho que queira ser mais específica em relação a isso?

— Você tem os seus segredos. Eu tenho os meus.

— Não acredito nisso. — Julian queria gritar, socar uma parede. — Guardar segredos é tudo que você faz. Lembra quando perguntei se você queria coordenar o Instituto? Lembra quando você disse não e me mandou não perguntar por quê?

Diana suspirou e passou um dedo no espaldar da cadeira.

— Se irritar comigo não vai ajudar em nada, Jules.

— Você pode ter razão — disse ele. — Mas essa é a única coisa que você poderia ter feito que provavelmente teria me ajudado de fato. E você não fez. Então me perdoe se eu me sinto totalmente sozinho nessa. Eu amo Ty, meu Deus, acredite em mim, quero que ele tenha tudo que quiser. Mas suponha que eu diga a Ty o quanto é difícil a Scholomance, mas ainda assim ele escolha ir. Você poderia me *prometer* que ele ficaria bem lá? Poderia jurar que ele e Livvy ficariam bem, separados, se jamais se separaram por nem um dia na vida? Pode garantir?

Ela balançou a cabeça. Parecia derrotada, e Julian não teve nenhum senso de triunfo.

— Eu poderia dizer que não existem garantias na vida, Julian Blackthorn, mas dá para perceber que você não quer ouvir nada do que tenho a dizer sobre Ty — falou. — Então direi outra coisa. Você talvez seja a pessoa mais determinada que já conheci. Por cinco anos manteve todos unidos nessa casa de um jeito que eu não imaginava ser possível. — Ela olhou diretamente para ele. — Mas essa situação não se sustenta. É como uma falha sísmica. Vai romper sob pressão, e aí? O que você vai perder, o que *nós* vamos perder, quando isso acontecer?

— O que é isso? — perguntou Mark, pegando o lêmure de pelúcia de Tavvy, o Sr. Limpet, e segurando-o cuidadosamente por uma pata. Mark estava sentado no chão da sala do computador com Emma, Dru e Tavvy. Dru estava com um livro chamado *Dança macabra* em uma das mãos e ignorava a todos eles. Tavvy estava tentando convencer Mark, de cabelos molhados e descalço, a brincar com ele.

Cristina ainda não tinha voltado desde que fora trocar de roupa. Ty e Livvy, enquanto isso, dominavam a mesa — Ty digitava, e Livvy estava sentada ao lado do teclado, dando ordens e sugestões. Stanley Wells não tinha endereço registrado, e Emma desconfiava de que o que quer que estivessem tentando fazer, fosse ilegal.

— Aqui — disse Emma, esticando o braço para Mark. — Me dê o Sr.

Limpet. — Ela estava se sentindo ansiosa e desestabilizada. Diana tinha concluído os testes pouco depois que Arthur se retirou, e chamou Julian para o escritório. A forma como ele jogou seu uniforme de lado para o canto da sala de treinamento antes de segui-la fez Emma concluir que não se tratava de uma entrevista aguardada por ele.

Cristina entrou no quarto, passando os dedos por seus longos e pretos cabelos molhados. Mark estendeu o Sr. Limpet para Emma, levantou o olhar e ouviu-se um ruído de rasgo. A perna do lêmure soltou, e o corpo caiu no chão, espalhando o miolo.

Mark disse algo em uma língua irreconhecível.

— Você matou o Sr. Limpet — disse Tavvy.

— Acho que ele morreu de velhice, Tavs — falou Emma, pegando o corpo do boneco. — Você o tinha desde que nasceu.

— Ou gangrena — emendou Drusilla, levantando os olhos do livro. — Pode ter sido gangrena.

— Oh, não! — Cristina estava com os olhos arregalados. — Espere aqui, eu já volto.

— Não... — começou Mark, mas Cristina já tinha se apressado para fora do quarto. — Eu sou um desastrado — falou pesarosamente. Esticou o braço para afagar o cabelo de Tavvy. — Me desculpe, pequeno.

— Conseguiram algum endereço para Wells? — Era Julian, marchando para a sala.

Livvy estendeu os braços em triunfo.

— Sim, em Hollywood Hills.

— Não me surpreendo — disse Emma.

Pessoas ricas costumavam morar em Hills. Ela mesma admirava a região, apesar de ser um local muito caro. Ela gostava das estradas curvas, dos enormes canteiros de flores subindo pelos muros e descendo pelas casas, e da vista elétrica e luminosa da cidade. À noite o ar que soprava por Hills cheirava a flores brancas: oleandro e madressilva, e uma promessa seca de deserto, a quilômetros de distância.

— Há dezesseis Stanley Wells em Los Angeles — enumerou Ty, girando a cadeira. — Peneiramos as possibilidades.

— Bom trabalho — observou Julian, enquanto Tavvy corria para o colo dele.

— O Sr. Limpet morreu — disse Tavvy, puxando a calça de Julian. Jules esticou o braço e o pegou.

— Sinto muito, garotinho — disse Julian, apoiando o queixo na cabeça de Tavvy. — Arrumamos outra coisa para você.

— Eu sou um assassino — declarou Mark, sombrio.

— Não seja dramático — sussurrou Emma, chutando o calcanhar dele.

Mark pareceu contrariado.

— Fadas são dramáticas. É o que fazemos.

— Eu amava o Sr. Limpet — disse Tavvy. — Ele era um bom lêmure.

— Há muitos outros bons animais — falou Tiberius seriamente; animais eram um de seus assuntos favoritos, além de detetives e crimes. Tavvy sorriu para ele, com o rosto cheio de confiança e amor. — Raposas são mais espertas do que cachorros. Dá para ouvir leões rugindo a 40 quilômetros. Pinguins...

— E ursos — disse Cristina reaparecendo sem fôlego na entrada. Ela entregou a Tavvy um urso cinza de pelúcia. Ele olhou desconfiado. — Era meu quando eu era pequena — explicou a garota.

— Como ele se chama? — perguntou Tavvy.

— Oso — disse Cristina, dando de ombros. — Quer dizer urso em espanhol. Não foi muito criativo.

— Oso. — Tavvy pegou o urso e deu um sorriso banguela. Julian olhou para Cristina como se ela tivesse lhe trazido água no deserto. Emma pensou no que Livvy havia dito sobre Jules e Cristina na sala de treinamento, e sentiu uma pequena pontada inexplicável no coração.

Livvy estava conversando com Jules, balançando as pernas animadamente.

— Então todos nós devemos ir — falou ela. — Eu e Ty vamos no carro com Emma e Mark. Você pode ir com Cristina, e Diana pode ficar aqui...

Julian colocou o irmão caçula no chão.

— Bela tentativa — comentou ele. — Mas esse é um trabalho para duas pessoas. Eu e Emma iremos rapidamente e veremos se tem alguma coisa estranha na casa. Só.

— A gente nunca pode fazer nada divertido — protestou Livvy.

— Eu deveria poder examinar a casa — disse Ty. — Vocês vão deixar todas as coisas importantes passarem. Todas as pistas.

— Obrigado pelo voto de confiança — respondeu Julian secamente. — Ouçam, Livs, Ty-Ty, precisamos que examinem as fotos da caverna da convergência. Vejam se conseguem identificar as línguas, traduzir...

— Mais tradução — disse Livvy. — Parece ótimo.

— Vai ser divertido — assegurou Cristina. — Podemos fazer chocolate quente e trabalhar na biblioteca. — Ela sorriu, e Julian lançou-lhe um segundo olhar de gratidão.

— Não é um trabalho à toa — prometeu Julian. — É porque vocês realmente conseguem fazer coisas que nós não conseguimos. — Ele acenou com a cabeça para o computador. Livvy ruborizou, e Ty pareceu satisfeito.

Mark, no entanto, não gostou.

— Eu devia acompanhá-los — disse ele a Jules. — As Cortes querem que eu participe da investigação. E vá com vocês.

Julian balançou a cabeça.

— Hoje não. Precisamos descobrir o que fazer em relação a não poder Marcar você.

— Não preciso... — começou Mark.

— Precisa. — Havia aço na voz de Julian. — Você precisa de símbolos de feitiço se quer se misturar. E ainda está machucado de ontem à noite. Mesmo que se cure depressa, eu vi sua ferida reaberta na sala de treinamento, você estava sangrando...

— Meu sangue não é assunto seu — retrucou Mark.

— É sim — disse Julian. — Família é isso.

— *Família* — começou Mark, amargo, e então pareceu se dar conta de que os irmãos mais novos estavam presentes e olhando para ele. Cristina também, quieta, observando Emma, do outro lado da sala, com o olhar preocupado e sombrio.

Mark pareceu engolir o que quer que estivesse prestes a dizer.

— Se eu quisesse receber ordens, teria ficado com a Caçada. — Foi o que acabou dizendo, com a voz baixa, e se retirou.

11

Uma Donzela Ali Vivia

— Acho que Ty está exagerando em suas leituras de detetive — disse Julian com um sorriso. Estava com a janela aberta, e o ar que soprava no carro levantava seu cabelo da testa. — Ele me perguntou se eu achava que os assassinatos eram um trabalho interno.

— Interno de onde? — Emma sorriu.

Ela estava acomodada no banco do passageiro, os pés calçados, apoiados no painel. As janelas se abriram para a noite, e Emma podia ouvir os ruídos da cidade se elevando ao redor deles enquanto esperavam um sinal vermelho.

Entraram na Sunset saindo da Coast Highway. Inicialmente, quando passaram pelos cânions e entraram em Beverly Hills e Bel Air, o subúrbio estava quieto, mas eles agora estavam no coração de Hollywood, a Sunset Strip cheia de restaurantes caros e enormes outdoors de 30 metros de altura, cheios de propagandas de filmes e programas de TV. As ruas eram lotadas e barulhentas: turistas posando para fotos com covers de celebridades, músicos de rua recolhendo trocados, pedestres correndo de um lado para o outro, saindo do trabalho.

Julian parecia mais tranquilo do que nos últimos dias, inclinando-se no assento, segurando casualmente o volante. Emma sabia exatamente como ele se sentia. Ali, de casaco de uniforme e calça jeans, com Julian ao seu lado e Cortana na mala do carro, ela se sentia em seu devido lugar.

Emma tinha tentado puxar o assunto Mark, brevemente, quando entraram no carro. Julian apenas balançou a cabeça e disse:

— Ele está se ajustando.

E isso foi tudo. Ela sentiu que ele não queria falar sobre Mark, e tudo bem: ela não sabia que tinha soluções a oferecer. E foi fácil, tão fácil voltar para as

brincadeiras normais. Pela primeira vez em muito tempo Emma se sentiu no lugar certo.

— Acho que ele estava perguntando se eu acho que o assassino é um Caçador de Sombras. — O trânsito se intensificava quando chegaram à interseção entre Sunset e Vine, e o carro foi passando lentamente sob as palmeiras e o néon. — Eu disse não, obviamente é alguém que conhece magia, e que eu não achava que um Caçador de Sombras contrataria um feiticeiro para matar em seu lugar. Costumamos cometer nossos próprios assassinatos.

Emma riu.

— Você disse a ele que Caçadores de Sombras são do time do “Faça Você Mesmo” em relação a assassinatos?

— Somos do time do “Faça Você Mesmo” em relação a *tudo*!

O trânsito andou de novo; Emma olhou para baixo, observando o jogo de músculo e tendão na mão de Jules enquanto ele mudava a marcha. O carro seguiu adiante, e Emma olhou pela janela as pessoas enfileiradas para o Teatro Chinês. Ela ficou imaginando o que elas pensariam se soubessem que os dois adolescentes no Toyota eram, de fato, caçadores de demônios com uma mala cheia de arcos, lanças, adagas, *katanas* e facas de arremesso.

— Tudo bem com Diana? — perguntou Emma.

— Ela queria conversar sobre Ty. — A voz de Julian estava firme, mas Emma o viu engolir em seco. — Ele quer muito estudar na Scholomance. Eles têm acesso às bibliotecas do Labirinto Espiral, aos arquivos dos Irmãos do Silêncio... Quero dizer, tudo que não sabemos sobre símbolos e rituais, os mistérios e quebra-cabeças que ele poderia resolver. Mas, ao mesmo tempo...

— Ele seria a pessoa mais jovem de lá — falou Emma. — Isso seria difícil para qualquer um. Ty sempre viveu conosco. — Ela tocou o pulso de Julian, de leve. — Eu fico feliz por nunca ter ido para a Academia. E a Scholomance é ainda mais difícil. E solitária. Alguns dos alunos acabaram entrando em... bem, Clary chama de colapso nervoso. Acho que é um termo mundano.

Julian olhou para o GPS e dobrou à esquerda, indo em direção às colinas.

— Com que frequência você fala com Clary atualmente?

— Mais ou menos uma vez ao mês. — Clary ligava para saber dela desde que se conheceram em Idris, quando Emma tinha 12 anos de idade. Era uma das poucas coisas sobre as quais ela não conversava muito com Jules: os papos com Clary pareciam coisas que pertenciam somente a ela.

— Ela ainda está com Jace?

Emma riu, sentindo a tensão sumir. Clary e Jace eram uma instituição, uma lenda. Pertenciam um ao outro.

— Quem terminaria com *ele*?

— Eu talvez terminasse se ele não atendesse às minhas necessidades.

— Bem, ela não comenta a vida amorosa comigo. Mas, sim, continuam juntos. Se terminassem, eu talvez parasse de acreditar no amor como um todo.

— Eu não sabia que você *acreditava* no amor de fato — disse Jules, e parou, como se tivesse acabado de perceber o que tinha dito. — Isso soou errado.

Emma estava indignada.

— Só porque não me apaixonei por Cameron...

— Não? — O trânsito fluiu; o carro avançou. Julian bateu com a palma na mão no volante. — Olha, nada disso me diz respeito. Esqueça. Esqueça o que perguntei sobre Jace e Clary, ou Simon e Isabelle...

— Você não perguntou sobre Simon e Isabelle.

— Não? — O lado da boca dele se levantou. — Isabelle foi minha primeira paixonite, você sabe.

— E como sei. — Ela jogou a tampa da garrafa de água nele. — Era tão óbvio! Você não parou de olhar para ela durante toda a festa do casamento de Aline e Helen.

Ele se desviou da tampa.

— Não fiz nada disso.

— Fez sim — teimou ela. — Precisamos conversar sobre o que estamos procurando na casa de Wells?

— Acho melhor improvisarmos.

— “A qualidade das decisões é como o mergulho bem calculado de um falcão, o que o permite atacar e destruir sua vítima” — citou Emma.

Julian olhou incrédulo para ela.

— Isso foi uma citação de *A arte da guerra*?

— Talvez. — Emma sentiu uma alegria tão intensa que foi quase uma tristeza: ela estava com Jules, eles estavam brincando, tudo como deveria ser entre *parabatai*. Viraram para uma série de ruas residenciais: grandes mansões cobertas de flores se elevavam sobre altas cercas vivas, aninhadas atrás de belas entradas.

— Está sendo evasiva? Sabe como me sinto a respeito desse tipo de comportamento no meu carro — disse Julian.

— O carro não é seu.

— Seja como for, estamos aqui — disse Jules, encostando perto do meio-fio e desligando o motor. Já era crepúsculo, não estava exatamente escuro, e Emma conseguia ver a casa de Wells, igual às fotos de satélite no computador: as cumeeiras se erguiam sobre o imenso muro que a cercava, coberto por treliças de buganvílias.

Julian apertou o botão que subia os vidros. Emma olhou para ele.

— Já está quase escuro. Estamos preocupados com atividades demoníacas?

— Talvez. — Ele checou o porta-luvas. — Nada no Sensor, mas só para ter certeza, vamos nos Marcar.

— Tudo bem. — Emma levantou as mangas, estendendo os braços enquanto Julian sacava a estela branca do bolso.

No escuro do carro, ele se inclinou, colocou a ponta da estela na pele dela, e começou a desenhar. Emma sentiu o cabelo dele roçar sua bochecha e pescoço, e o cheiro fraco de cravos que o cercava.

Ela olhou para baixo e, à medida que as linhas pretas dos símbolos se espalhavam por sua pele, Emma se lembrou do que Cristina havia dito sobre Jules: *ele tem mãos bonitas*. Ficou imaginando se já tinha reparado nelas alguma vez. Eram bonitas? Eram as mãos de Julian. Mãos que pintavam e lutavam; jamais decepcionavam. Por este ponto de vista eram lindas.

— Certo. — Jules recuou no assento, admirando seu trabalho manual. Símbolos bem-feitos de Precisão e Discrição, Silêncio e Equilíbrio decoravam seus antebraços. Emma puxou as mangas e alcançou a própria estela.

Ele estremeceu quando a estela o tocou na pele. Devia estar fria.

— Desculpe — sussurrou Emma, apoiando a mão no ombro dele. Ela sentiu a beira da clavícula com o polegar, o algodão da camiseta macio sob seu toque; apertou com mais força, as pontas dos dedos deslizando sobre a pele exposta da borda do colarinho. Ele respirou fundo.

Ela parou.

— Machucou?

Ele balançou a cabeça. Ela não conseguiu ver o rosto de Julian.

— Estou bem. — Ele alcançou atrás de si e destrancou a porta do motorista; um segundo depois, estava fora do carro e vestia o casaco.

Emma o seguiu.

— Mas eu não terminei o símbolo do Golpe-Certeiro...

Ele tinha circulado e aberto a mala do carro. Pegou a besta Marcada e entregou Cortana e a bainha a Emma.

— Não tem problema. — E fechou a mala. Não parecia incomodado: o mesmo Julian, o mesmo sorriso calmo. — Além disso, não preciso.

Ele ergueu a besta casualmente e disparou. A flecha voou pelo ar e acertou a câmera de segurança sobre o portão. Ela se estilhaçou com o ruído de metal quebrado e uma trilha de fumaça.

— Exibido — disse Emma, guardando a espada na capa.

— Sou *seu parabatai*. Tenho que me exibir ocasionalmente. Do contrário, as pessoas não vão entender por que você fica comigo. — Um casal mais velho apareceu de uma entrada perto deles, passeando com um pastor-alemão. Emma

teve que lutar contra o impulso de esconder Cortana, apesar de imaginar que a arma tinha um feitiço de disfarce. Para os mundanos passeando, ela e Julian pareceriam adolescentes comuns, com mangas longas escondendo seus símbolos. Atravessaram a esquina da rua e desapareceram de vista.

— Eu fico com você porque preciso de plateia para minhas observações inteligentes — ela disse ao alcançarem os portões, e Julian pegou a estela para desenhar um símbolo de Abertura.

O portão se abriu. Julian virou de lado e deslizou pela abertura.

— Que observações inteligentes?

— Ah, você vai pagar por isso — murmurou Emma, seguindo-o. — Eu sou incrivelmente inteligente.

Julian riu. Tinham chegado a uma entrada alinhada que levava a uma casa grande de estuque com uma imensa porta arqueada na frente, dois enormes painéis de vidro em cada lado. As luzes que ladeavam o caminho estavam acesas, mas a casa parecia escura e silenciosa.

Emma subiu pelos degraus e espiou por uma das janelas; não enxergou nada além de formas escuras e indistintas.

— Ninguém em casa... ah! — Ela se jogou para trás quando algo se lançou contra a janela: uma bola coberta de calombos e cabelos. Uma secreção escorreu pelo vidro. Emma já estava agachada, prestes a pegar um estilete da bota. — O que é isso? — Ela se endireitou. — Um demônio Raum? Um...

— Acho que é um poodle toy — disse Julian, o canto da boca tremendo. — E não acredito que esteja armado — acrescentou ao olhar para baixo com ares de acusação para ver que era, sim, definitivamente um cachorro pequeno, com o focinho pressionado contra o vidro. — Estou *quase* certo, aliás.

Emma bateu no ombro dele, em seguida, desenhou um símbolo de Abertura na porta. Ouviram o clique estalado da tranca, e a porta se abriu.

O cachorro parou de lambe a janela e correu, latindo. Rodou em volta deles, depois se jogou contra uma área cercada na ponta do jardim. Julian correu atrás do cão.

Emma o seguiu através do gramado que batia no calcanhar. Era um belo jardim, mas ninguém tinha cuidado de verdade dele. As plantas cresciam por toda parte; as cercas vivas cheias de flores não eram aparadas. A piscina era cercada por uma grade de ferro que batia na cintura, e seu portão estava aberto. Ao se aproximar, viu que Julian parara ao seu lado, imóvel. Era o tipo de piscina com luzes LED, girando em um arco-íris de cores berrantes. Fileiras de espreguiçadeiras, feitas de metal branco com almofadas brancas, cobertas por espinhos de pinhas e flores caídas de jacarandá a circundavam.

Emma desacelerou ao chegar à água. O cachorro estava agachado perto da

escada da piscina; não latia, mas gemia. Inicialmente Emma achou que estivesse olhando para uma sombra na água; depois percebeu que se tratava de um corpo. Uma mulher morta, de biquíni branco, flutuando na superfície da piscina. Ela estava com o rosto para baixo, cabelos longos e pretos boiando ao redor, braços pendurados nas laterais. O brilho roxo das luzes da piscina dava a impressão de que estava com hematomas.

— Pelo Anjo, Jules... — Emma suspirou.

Não que Emma jamais tivesse visto cadáveres antes. Vira muitos. Mundanos, Caçadores de Sombras, crianças assassinadas no Salão dos Acordos. Ainda assim, havia algo de tristonho nesse corpo: a mulher era minúscula, tão magra que dava para enxergar sua coluna vertebral.

Havia uma mancha vermelha em uma das cadeiras da piscina. Emma foi até ela, achando que era sangue, e então percebeu que era uma bolsa Valentino feita de couro vermelho, ligeiramente aberta. Uma carteira dourada e um telefone rosa se esticavam para fora dela.

Ela olhou para o telefone, depois pegou a carteira e a examinou.

— O nome dela é Ava Leigh — falou Emma. — Ela tem... tinha... 22. O endereço dela é esse. Devia ser a namorada dele.

O cachorro gemeu novamente e deitou, com as patas perto da beira da piscina.

— Ele acha que ela está se afogando — disse Julian. — Ele quer que a gente salve a moça.

— Não poderíamos — disse Emma suavemente. — Veja o telefone dela. Nenhuma das ligações foi atendida nos últimos dois dias. Acho que está morta há pelo menos esse tempo. Não poderíamos ter feito nada, Jules.

Ela guardou a carteira de volta na bolsa. Estava alcançando as alças quando ouviu: o clique de uma besta sendo carregada com uma flecha.

Sem olhar ou pensar, ela se jogou para Jules, derrubando-o. Eles caíram violentamente no azulejo espanhol quando uma flecha chiou perto deles e desapareceu na cerca viva.

Julian chutou o chão e girou sobre eles, rolando entre as duas cadeiras. O telefone que Emma estava segurando voou da sua mão; ela o ouviu cair na piscina com um splash e praguejou baixinho. Julian se ajeitou, segurando-a pelos ombros; os olhos dele brilhavam selvagens, o corpo pressionava o dela no chão.

— Você está bem? Foi atingida?

— Eu não... Estou bem... — Ela engasgou. O cachorro estava perto da cerca, uivando, quando outra flecha apareceu e atingiu o corpo na piscina. O corpo de Ava virou, mostrando seu rosto inchado e escurecido pelo afogamento. Um dos braços flutuou para cima, como se levantando para se proteger. Com um breve

lampejo de horror, Emma viu que a mão direita dela estava faltando, mas parecia ter sido arrancada, a pele em volta do pulso rasgada e exangue na água cheia de cloro.

Emma rolou de baixo de Julian e se levantou. Havia uma figura no telhado da casa; dava para ver apenas a silhueta. Alta, provavelmente masculina, toda de preto, besta na mão. Ele levantou e mirou. Outra flecha voou.

Emma sentiu raiva; fria e severa. Como ele ousa atirar neles, como ousa atirar em *Jules*? Ela correu e saltou por cima da piscina. Pulou o portão e correu para a casa, saltando e agarrando as barras de ferro que cobriam as janelas mais baixas. Ela foi subindo, ciente de que Julian gritava para ela descer, ignorando as feridas que o metal causava em sua palma. Ela subiu e subiu, escalando a parede até o telhado.

As telhas sob seus pés racharam quando ela aterrissou, agachada. Emma levantou os olhos e deu uma rápida olhada na figura vestida de preto no telhado; estava se afastando dela. Seu rosto coberto por uma máscara.

Emma tirou Cortana da bainha. A lâmina brilhou, longa e sinistra, à luz crepuscular.

— O que você é? — Ela quis saber. — Um vampiro? Membro do Submundo? Você matou Ava Leigh? — Emma deu um passo para a frente; a estranha figura recuou. Movia-se sem alarde, muito deliberadamente, o que apenas irritou Emma ainda mais. Havia uma garota morta na piscina abaixo deles, e Emma tinha chegado tarde demais para salvá-la. Seu corpo pulsava com o desejo de fazer *alguma coisa* para reparar a situação.

Emma cerrou os olhos.

— Ouça. Eu sou uma Caçadora de Sombras. Você pode se render à autoridade da Clave ou vou enterrar essa lâmina no seu coração. A escolha é sua.

A figura deu um passo em direção a ela, e, por um instante, Emma achou que tinha dado certo; ela estava de fato desistindo. E então mergulhou de repente para o lado. Emma se adiantou ao mesmo tempo que a figura caía de costas do telhado. Silenciosa como uma estrela.

Emma xingou e correu para a beira do telhado. Não havia nada. Silêncio, escuridão; nenhum sinal de nada nem ninguém. Dava para ver o brilho da piscina. Ela circulou a lateral e viu Julian abaixado, com uma das mãos na cabeça do cachorro.

Típico de Jules tentar confortar um cãozinho em um momento daqueles. Ela se preparou e saltou — a imagem da sala de treinamento surgiu por trás de suas pálpebras —, aterrissando sobre a grama com apenas um singelo desconforto.

— Jules? — chamou, se aproximando. Com um gemido o cachorro correu para longe, para as sombras. — A figura escapou.

— É? — Ele se ajeitou, falando em tom preocupado. — O que você acha que estava fazendo aqui?

— Não sei; acho que era um vampiro, mas Nightshade os controla bem e... Jules? — Ela ouviu a própria voz se elevar, e chegou perto o suficiente para ver que ele estava com uma das mãos na lateral do corpo. O casaco preto de uniforme parecia rasgado. — *Jules?* Você está bem?

Ele tirou a mão. A palma estava imunda de sangue, preta sob a luz azul de LED da piscina.

— Estou bem — respondeu. Ele se levantou, deu um passo em direção a ela, e tropeçou. — Está tudo bem.

O coração dela se revirou. Ele estava segurando alguma coisa na mão ensanguentada, e as entranhas de Emma se congelaram quando ela viu o que era. Uma flecha curta de metal, com uma cabeça larga triangular, molhada de sangue. Ele provavelmente a retirou do corpo.

Ninguém nunca, jamais, deve retirar uma flecha da própria pele: causava mais estragos saindo do que entrando. Julian sabia disso.

— O que você fez? — sussurrou Emma. Estava com a boca completamente seca.

Sangue vazava uniformemente do rasgo no casaco.

— Estava queimando — disse ele. — Diferente de uma flecha normal. Emma...

Ele caiu de joelhos. A expressão de Julian era confusa, apesar de ele estar claramente combatendo aquilo.

— Temos que sair daqui — falou ele com voz rouca. — O atirador pode voltar, sozinho ou com mais...

Julian engasgou e foi caindo para trás, ia espatifar na grama. Emma se moveu mais depressa do que jamais havia feito na vida, saltando sobre a piscina, mas mesmo assim não chegou a tempo de impedir que ele caísse no chão.

Nuvens se reuniam sobre o mar. O vento no telhado era frio, o mar atuava como um grande ar-condicionado. Cristina ouvia o rugido e as ondas quebrando ao longe enquanto se movia cuidadosamente sobre as telhas. O que acontecia com os Blackthorn e Emma que fazia com que ela tivesse passado metade do tempo em telhados desde sua chegada a Los Angeles?

Mark estava sentado em uma das calhas de cobre, com as pernas penduradas na lateral. O vento soprava seus cabelos claros em volta do rosto. As mãos eram longas, brancas e expostas, apoiando-o contra as telhas atrás dele.

Ele segurava um celular, um dos aparelhos sobressalentes do Instituto.

Parecia absurdo — *era* absurdo, o menino fada com cabelos longos e emaranhados, a tapeçaria de estrelas atrás dele e o telefone na mão.

— Sinto muito, Helen. — Ela o ouviu dizer, e as palavras ecoaram com um amor tão profundo e tanta solidão que ela quase se afastou.

Sair em silêncio não parecia uma opção, no entanto. Mark ouviu sua aproximação: ele virou singelamente e gesticulou para que Cristina ficasse.

Ela o fez, incerta. Foi Dru que disse que encontraria Mark no telhado, então os outros insistiram para que ela subisse para ver se ele estava bem. Ela se questionou se seria apropriado, mas Ty e Livvy estavam ocupados com a tradução e ela ficou com a impressão de que Dru temia as palavras severas de Mark. E Tavvy não podia subir para buscar o irmão. Assim, com alguma relutância, Cristina se dirigiu à escada do telhado.

Agora que ela estava ali, no entanto, sentiu uma solidariedade dolorosa pelo menino empoleirado no parapeito. O olhar no rosto dele enquanto falava com Helen — ela não conseguia imaginar como deveria ser aquilo para ele, saber que só existia uma pessoa como ele na família, que tinha seu sangue e sua herança, e saber que tinha sido separado dela por uma Lei cruel e intransponível.

— E eu a sua, minha irmã — disse Mark, e abaixou o telefone. Era um aparelho antigo, com uma tela que piscava e escurecia quando a ligação encerrava.

Ele guardou o aparelho no bolso e olhou para Cristina, o vento soprando os cabelos claros.

— Se estiver aqui para dizer que me comportei mal, eu já sei — falou Mark.

— Não vim por isso — disse ela, chegando mais perto, mas sem sentar.

— Mas você concorda — retrucou ele. — Eu me comportei mal. Não deveria ter falado daquele jeito com Julian, principalmente na frente dos pequenos.

Cristina falou cuidadosamente.

— Não o conheço bem. Mas acredito que ele estivesse preocupado com você, e por isso não quis que o acompanhasse.

— Eu sei — falou Mark, surpreendendo-a. — Sabe como é isso, seu irmão mais novo preocupado com você, como se você fosse a criança? — Ele passou os dedos nos cabelos. — Eu pensei, enquanto estive fora, que eles estavam sendo criados por Helen — explicou. — Nunca imaginei que fosse cair tudo nas costas de Julian. Não sei dizer se é por isso que parece ser um desconhecido para mim.

Cristina pensou em Julian, em sua competência silenciosa e sorrisos cuidadosos. Ela se lembrava de ter dito a Emma, brincando, que talvez fosse se apaixonar por Julian quando o conhecesse. E ele era mais bonito do que ela imaginava, do que as fotos borradas e as descrições vagas de Emma. Mas, apesar de ter gostado dele, duvidava que pudesse amá-lo. Ele escondia muito de si

próprio para isso.

— Boa parte dele, eu acho, está trancada — falou ela. — Você já viu o mural na parede do quarto dele? O do conto de fadas? Ele é como aquele castelo, eu acho, cercado por espinhos que cultivou para se proteger. Mas, com o tempo, você pode cortá-los. Acredito que você vá voltar a conhecer seu irmão.

— Não sei quanto tempo tenho — retrucou Mark. — Se não resolvermos o quebra-cabeça, a Caçada Selvagem vai me reivindicar de volta.

— Você quer isso? — perguntou Cristina suavemente.

Ele não disse nada, apenas olhou para o céu.

— É por isso que vem para o telhado? Porque daqui pode ver se a Caçada passar?

Mark ficou em silêncio por um longo tempo. E então disse:

— Às vezes imagino que posso ouvi-los. Que escuto o som dos cascos contra as nuvens.

Ela sorriu.

— Gosto do jeito como você fala — confessou ela. — Sempre parece poesia.

— Falo do jeito que aprendi com as fadas. Muitos anos sob tutela delas. — Ele virou as mãos e as colocou nos joelhos. As partes internas dos pulsos eram marcadas por cicatrizes longas e estranhas.

— Quantos anos? Você sabe?

Ele deu de ombros.

— O tempo lá não é medido como aqui. Não sei dizer.

— Os anos não aparecem no seu rosto — observou ela baixinho. — Às vezes, você parece tão jovem quanto Julian, e, às vezes, parece as fadas: sem idade.

Agora ele olhou de lado para ela.

— Você não acha que pareço um Caçador de Sombras?

— Você quer parecer um?

— Quero parecer minha família — disse ele. — Posso não ter as cores dos Blackthorn, mas sou capaz de parecer o máximo possível com os Nephilim. Julian estava certo, se eu quiser fazer parte da investigação, não posso me destacar.

Cristina se conteve e não disse a ele que não existia um mundo em que ele não se destacasse.

— Posso deixá-lo parecido com um Caçador de Sombras. Se descer comigo.

Ele se moveu tão silenciosamente no telhado quanto se tivesse patas felinas, ou se estivesse com um símbolo do Silêncio Marcado em si. Chegou para o lado e permitiu que ela o guiasse para baixo. Mesmo isso foi feito em silêncio, e, quando ela esbarrou nele, ele estava com a pele fria como o ar noturno.

Ela o conduziu até o quarto dele; Mark tinha deixado as luzes apagadas, então

ela acendeu sua luz enfeitiçada e a pousou ao lado da cama.

— Aquela cadeira — disse ela, apontando. — Traga-a para o meio do quarto e sente-se. Eu já volto.

Ele olhou confuso para Cristina enquanto ela se retirava. Quando voltou, trazia um pente, uma toalha e um par de tesouras; ele estava sentado na cadeira, com o mesmo olhar confuso. Mark não sentava como outros meninos adolescentes o faziam, com braços e pernas abertos. Ele se sentava como reis em pinturas, ereto, porém, circunspecto, como se a coroa estivesse desconfortável na cabeça.

— Você vai cortar minha garganta? — perguntou o garoto quando ela veio em sua direção com a tesoura afiada brilhando.

— Vou cortar seu *cabelo*. — Ela colocou a toalha no pescoço de Mark e foi para trás dele, que reclinou a cabeça para acompanhar os movimentos dela enquanto segurava o seu cabelo, passando os dedos por ele. Era o tipo de cabelo que deveria ser cacheado, mas que se esticava com o próprio comprimento.

— Fique parado — disse ela.

— Como a dama desejar.

Ela passou o pente e começou a cortar, com cuidado para não ficar desigual. Enquanto aparava o peso da crina loura e prateada, o cabelo se libertava em adoráveis cachos, como os de Julian. Eles se curvavam na nuca de Mark, como se quisessem ficar perto dele.

Cristina se lembrou de tocar o cabelo de Diego; era espesso sob seus dedos, escuro e cheio de textura. O de Mark era fino como seda. Caía como palha brilhante, iluminado pela luz enfeitiçada.

— Fale sobre a Corte das Fadas — pediu ela. — Sempre ouvi histórias. Minha mãe me contou algumas, além do meu tio.

— Não víamos muito — falou ele, parecendo muito normal para o momento. — Gwyn e os Caçadores não fazem parte de nenhuma Corte. Ele não interage. Só socializávamos com as Cortes e a nobreza em noites de festa. Mas essas eram...

Ele ficou tanto tempo quieto que ela ficou imaginando se ele teria caído no sono, ou se simplesmente estava mortalmente entediado.

— Se você já tivesse participado de alguma, não se esqueceria — assegurou ele. — Grandes cavernas cintilantes ou pequenos bosques desertos em florestas cheias de luzes de dia das bruxas. Ainda existem partes desse mundo que não foram descobertas por ninguém além do Povo das Fadas. Danças que esgotavam os pés, belos rapazes e moças, beijos mais baratos que vinhos, mas o vinho era doce e a fruta ainda mais. E de manhã você acordava e tudo tinha desaparecido, mas a música continuava tocando na sua cabeça.

— Talvez eu achasse isso muito assustador. — Ela o circulou para se colocar na sua frente. Ele a encarou com aqueles curiosos olhos bicolores, e ela sentiu um tremor na mão, que jamais exibia quando cortava o cabelo de Diego, ou do irmão dele, Jaime, ou o dos primos. Tudo bem, eles tinham 12 anos quando ela cortava seus cabelos, aplicando o que a mãe a havia ensinado, então, talvez fosse diferente quando a pessoa era mais velha. — Tudo tão glamouroso e lindo. Como um humano pode comparar?

Ele pareceu surpreso.

— Mas você seria adorável na Corte — disse ele. — Eles transformariam folhas e flores em coroas de joias e sandálias para você. Brilharia e seria admirada. As fadas adoram beleza mortal mais do que tudo.

— Porque ela se esvai — falou Cristina.

— Sim. — Ele admitiu. — É verdade que eventualmente se tornará cinza, corcunda e envelhecida, e é possível que nasçam cabelos no seu queixo. E também tem a questão das verrugas. — Ele capturou o olhar dela. — Mas ainda falta muito para isso — acrescentou apressadamente.

Cristina riu.

— Pensei que fadas deveriam ser charmosas. — Ela passou a mão sob o queixo dele para ajeitar a cabeça enquanto cortava os últimos cachos rebeldes. Isso também era diferente; sua pele era tão suave quanto a dela, nenhum sinal de barba ou aspereza. Os olhos dele se fecharam, a cor desaparecendo num brilho enquanto ela repousava a tesoura e limpava seu pescoço. — Pronto — falou. — Quer ver?

Ele se ajeitou na cadeira. Cristina estava se curvando para baixo; as cabeças dos dois estavam no mesmo nível.

— Chegue mais para perto — disse ele. — Durante anos não tive espelho; tive que aprender a me virar. Os olhos de outra pessoa são espelhos mais eficientes do que água. Se olhar para mim, posso ver o meu reflexo nos seus.

Tive que me virar. Em que olhos ele esteve olhando, por todo esse tempo? Cristina se pegou imaginando enquanto se inclinava mais para perto. Ela não sabia por que pensava nessas coisas, exatamente; talvez fosse o jeito como seus olhos ficaram fixos nos dela, como se ele não conseguisse imaginar nada mais fascinante do que observá-la. O olhar dele também não se mexeu, nem para o V do decote dela, nem para as pernas nuas ou as mãos enquanto ela arregalava os olhos e devolvia o olhar dele.

— Lindo — falou Mark afinal.

— Está falando do corte de cabelo? — perguntou ela, tentando uma voz provocante, mas tremeu no meio. Talvez não devesse ter se oferecido para tocar tão intimamente um estranho, mesmo que ele parecesse inofensivo, mesmo que

ela não tivesse nenhuma intenção oculta com o gesto, ou será que tinha?

— Não — falou Mark, expirando suavemente. Ela sentiu o hálito quente em seu pescoço, e a mão deslizou sobre a dela. A dele era áspera e calejada, com cicatrizes na palma. O coração deu um salto desigual em seu peito no instante em que a porta do quarto se abriu.

Ela quase pulou para longe quando Ty e Livvy apareceram na entrada. Livvy estava segurando o telefone, com os olhos arregalados e preocupados.

— É Emma — disse a menina, levantando o telefone. — Ela mandou uma mensagem dizendo que é urgente. Temos que encontrá-los imediatamente.

12

Muito Mais Forte

Emma fez uma curva, cantando pneu para sair de Fairfax e parando em um estacionamento perto da Delicatessen Canter. Pertencia à loja de tintas fechada agora. Ela foi até os fundos, onde o estacionamento estava completamente vazio, e parou o carro de repente, fazendo Jules praguejar.

Ela olhou para ele, soltando o cinto de segurança. Ele estava pálido, segurando a lateral do corpo. Emma não conseguia enxergar muita coisa, por causa da escuridão no carro e roupas pretas que ele vestia, mas o sangue escorria entre os dedos em um ritmo lento. O estômago de Emma gelou.

Quando ele caiu na casa de Wells, a primeira coisa que ela fez foi lhe desenhar um símbolo de cura na pele. A segunda foi levantá-lo e praticamente arrastá-lo, com as armas e a bolsa de Ava, para o banco de trás do carro.

Só depois que dirigiram por alguns quarteirões foi que ele gemeu e ela olhou para trás, e reparou que ele ainda estava sangrando. Ela encostou o carro e aplicou mais um símbolo, e depois outro. Ia dar certo. Tinha que dar.

Havia pouquíssimos tipos de ferimentos que símbolos de cura não ajudassem a melhorar. Aqueles provocados por veneno de demônio e aqueles sérios o suficiente para matá-lo. Ela sentiu o próprio cérebro frear e congelar ao pensar nessas possibilidades, e imediatamente pegou o telefone. Mandou uma mensagem para Livvy com a localização do primeiro lugar familiar que conseguiu identificar — todos eles conheciam e amavam a Canter — e correu para lá, o mais depressa possível.

Ela desligou o carro com uma virada de pulso e foi para o banco de trás, para perto de Jules. Ele estava encolhido no canto, pálido e suando de dor.

— Tudo bem — falou Emma, com voz trêmula. — Você tem que me deixar olhar.

Ele estava mordendo o lábio. Os postes de Fairfax iluminavam o banco de trás, mas não o suficiente para Emma enxergá-lo bem. Ele esticou o braço para a bainha da camisa — e hesitou.

Ela pegou a pedra de luz enfeitiçada no bolso e a acendeu, preenchendo o carro com luz clara. A camisa de Jules estava ensopada de sangue, e, pior, os símbolos de cura que ela havia desenhado tinham desaparecido da pele.

— Jules — disse ela. — Tenho que chamar os Irmãos do Silêncio. Eles podem ajudar. Eu *preciso*.

Ele fechou os olhos de dor.

— Não pode — falou o garoto. — Você sabe que não podemos chamar os Irmãos do Silêncio. Eles respondem diretamente à Clave.

— Então a gente mente para eles. Podemos dizer que foi uma patrulha de rotina. Eu vou ligar — disse ela, e se esticou para pegar o telefone.

— Não! — gritou Julian, com força bastante para contê-la. — Irmãos do Silêncio sabem quando a pessoa mente! Eles têm a Espada Mortal, Emma. Vão descobrir sobre a investigação. Sobre Mark...

— Você não vai sangrar até morrer no carro por causa de Mark!

— Não — disse ele, encarando-a. Seus olhos eram assustadoramente azul-esverdeados, a única cor profunda no interior iluminado do carro. — Você vai dar um jeito em mim.

Emma conseguia sentir quando Jules estava machucado, como uma farpa em sua pele. A dor física não a incomodava — era o pavor, o único medo maior do que o seu medo do oceano. O medo de Jules ferido, morrendo. Ela abriria mão de tudo, sofreria qualquer ferimento para impedir que isso acontecesse.

— Tudo bem — concordou ela. Sua voz soou seca e fraca aos próprios ouvidos. — Tudo bem. — Ela respirou fundo. — Espere.

Ela abriu o casaco e o jogou de lado. Se inclinou sobre o apoio entre os assentos para repousar a pedra de luz enfeitiçada. E então se esticou para Jules. Os segundos seguintes foram um borrão do sangue de Jules em suas mãos e da respiração áspera enquanto ela o puxava para cima, apoiando-o na porta. Ele não emitiu ruído enquanto Emma o movia, mas ela o viu mordendo o lábio, viu o sangue na boca e no queixo, e sentiu como se seus ossos estivessem estalando dentro da pele.

— Seu casaco — disse ela entre dentes. — Tenho que cortá-lo.

Ele fez que sim, deixando a cabeça cair para trás. Ela alcançou Cortana.

Apesar da resistência do material, a lâmina cortou a manga como papel — caiu em pedaços. Emma cortou a frente da camiseta e a arrancou como se estivesse descascando uma fruta.

Emma já tinha visto sangue antes, com frequência, mas isso era diferente. Era

o sangue de Julian, e parecia haver uma grande quantidade dele. Estava espalhado em manchas pelo peito e sobre as costelas; ela viu onde a flecha entrou, e onde a pele rasgou quando ele a arrancou.

— Por que você puxou a flecha? — perguntou ela, tirando o próprio suéter por cima da cabeça. Ela estava com uma blusa de alcinha por baixo. Limpou o peito dele com o tecido, absorvendo o máximo possível de sangue.

A respiração de Jules veio em arfadas.

— Porque quando alguém atira em você com uma flecha... — Ele engasgou — Sua reação imediata não é “obrigado pela flecha, acho que vou ficar com ela por um tempo”.

— Bom saber que seu senso de humor permanece intacto.

— Como eu disse, estava queimando — falou Julian. — Não como um machucado normal. Era como se tivesse alguma coisa na ponta da flecha, ácido, ou coisa do tipo.

Emma limpou o máximo de sangue possível. Continuava escorrendo da ferida, descendo em pequenas trilhas pela barriga e se juntando nas linhas entre os músculos abdominais. Ele tinha depressões sobre os ossos dos quadris, e as laterais do corpo eram rígidas e macias ao toque.

Ela respirou fundo.

— Você é magro demais — disse ela o mais animadamente que pôde. — Muito café, poucas panquecas.

— Espero que escrevam isso na minha lápide. — Ele engasgou enquanto Emma chegava para a frente, e ela então percebeu subitamente que estava no colo de Julian, com os joelhos em torno dos quadris dele. Era uma posição bizarramente íntima.

— Eu... estou te machucando? — perguntou ela.

Ele engoliu em seco, visivelmente.

— Tente o *iratze* outra vez.

— Tudo bem — disse ela. — Segure o pega-mão.

— O quê? — Ele abriu os olhos e a encarou.

— A alça de plástico! Ali, em cima da janela! — Ela apontou. — É para segurar quando o carro faz curvas.

— Tem certeza? Sempre achei que fosse para pendurar coisas — disse ele. — Tipo roupa limpa.

— Julian, *esse não é o momento de ser pedante*. Pegue a alça ou eu juro...

— Tá bom! — Ele esticou o braço, segurou a alça e fez uma careta. — Estou pronto.

Ela acenou com a cabeça e colocou Cortana de lado, alcançando a estela. Talvez os *iratzes* anteriores tivessem sido rápidos demais, descuidados demais.

Como Caçadora de Sombras, ela sempre se concentrou nos aspectos físicos e não nos mais artísticos e mentais: enxergar através de feitiços, desenhar símbolos.

Ela colocou a ponta no ombro dele e desenhou, cuidadosa e lentamente. Teve que se apoiar com a mão no corpo de Julian. Ela tentou tocar o mais levemente possível, mas pôde senti-lo tenso sob seus dedos. A pele no ombro era suave ao toque, e ela queria chegar mais perto, colocar a mão no machucado e curá-lo com a força da sua vontade...

Pare. Ela concluiu o *iratze*. Então se afastou, a mão fechada em torno da estela. Julian se ajustou, os trapos restantes da camisa pendurados nos ombros. Ele respirou fundo, olhando para si mesmo — e o *iratze* desbotou na pele, como gelo preto derretendo, se espalhando, sendo absorvido pelo mar.

Ele olhou para Emma. Ela viu o próprio reflexo nos olhos dele: ela estava arrasada, em pânico, com sangue no pescoço e na camiseta branca.

— Está doendo menos — sussurrou ele.

O ferimento pulsou novamente; sangue correu pela lateral das costelas, manchando o cinto de couro e o cóis da calça jeans. Ela colocou a mão na pele dele, o pânico florescendo dentro de si. A pele dele estava quente, muito quente. Febril.

— É mentira — disse ela. — Jules. Chega. Vou pedir ajuda...

Ela começou a sair de cima dele, mas Julian levantou a mão e a pegou pelo pulso.

— Em — falou o garoto. — Emma, olhe para mim.

Ela olhou. Ele tinha sangue na bochecha, e os cabelos caíam em cachos molhados de suor, mas, tirando isso, parecia Jules, como ele sempre fora. A mão esquerda pressionava a lateral do corpo, mas a direita levantou, os dedos se curvando na nuca de Emma.

— Em — disse ele outra vez, com os olhos arregalados e azul-escuros sob a pouca luz. — Você beijou Mark naquela noite?

— Quê? — Emma o encarou. — Tudo bem, você *definitivamente* já perdeu sangue demais.

Ele se mexeu minimamente embaixo dela, mantendo a mão onde estava, suave, tocando os cabelos finos de sua nuca.

— Eu vi como olhou para ele — continuou ele. — Do lado de fora do Poseidon.

— Se você está preocupado com o bem-estar de Mark, não deveria. Ele está completamente perturbado. Eu sei disso. Acho que ele não precisa ficar ainda mais confuso.

— Não é isso. Não estou preocupado com Mark. — Ele fechou os olhos,

como se estivesse contando silenciosamente na cabeça. Quando os abriu de novo, as pupilas estavam completamente dilatadas em grandes círculos desenhados nas íris. — Talvez devesse ter sido isso. Mas não foi.

Será que ele estava mesmo alucinando?, Emma pensou, em pânico. Não era do feitio dele tagarelar daquele jeito, dizer coisas sem o menor sentido.

— Tenho que chamar os Irmãos do Silêncio — disse ela. — Não me importo se você me odiar para sempre ou se a investigação for cancelada...

— Por favor — pediu ele, com a voz claramente desesperada. — Só... só mais uma tentativa.

— Mais uma? — Ela ecoou.

— Você vai ajeitar isso. Você vai *me* ajeitar, porque somos *parabatai*. Somos para sempre. Eu já te disse isso uma vez, você se lembra?

Ela fez que sim com a cabeça devagar, a mão no telefone.

— E a força de um símbolo aplicado pelo *parabatai* é especial. Não importa o que tivesse na ponta daquela flecha para impedir cura mágica, Emma, você consegue. Você pode me curar. Somos *parabatai*, e isso significa que as coisas que fazemos juntos são... extraordinárias.

Havia sangue na calça dela agora, sangue nas mãos, na camiseta, e ele continuava sangrando, a ferida continuava aberta, um rasgo absurdo na pele macia.

— Tente — disse Jules, com um sussurro rouco. — Por mim, tente?

A voz dele se elevou na pergunta, e nela Emma ouviu a voz do menino que ele outrora havia sido; ela se lembrou dele mais baixo, mais magro, mais jovem, parado diante dos irmãos no Grande Salão em Alicante enquanto o pai vinha para cima dele com a lâmina desembainhada.

E ela se lembrou do que Julian fez naquele momento. O que fez para protegê-la, proteger a todos eles, porque ele sempre faria tudo para protegê-los.

Ela largou o telefone e pegou a estela com tanta força que a sentiu enterrar na palma molhada da mão.

— Olhe para mim, Jules — falou, encontrando o olhar dele. Colocou a estela na pele de Julian, e, por um instante, ela ficou parada, apenas respirando, respirando e se lembrando.

Julian. Uma presença em sua vida desde sempre, jogando água um no outro no mar, cavando juntos na areia, ele colocando a mão sobre a dela, e os dois maravilhados com a diferença de forma e comprimento dos dedos. Julian cantando, mal e desafinado, enquanto dirigia, os dedos no cabelo dela cuidadosamente tirando uma folha presa, as mãos dele a segurando na sala de treinamento quando ela caía, caía e caía. A primeira vez depois da cerimônia *parabatai* dos dois quando ela bateu na parede em um acesso de raiva por não

conseguir acertar a manobra da espada, e ele veio até ela, pegou seu corpo ainda trêmulo nos braços e disse:

— Emma, Emma. Não se machuque. Quando você se machuca, eu também sinto.

Alguma coisa em seu peito pareceu rachar e se dividir; ela se surpreendeu por não ter sido audível. Energia correu por suas veias, e a estela se moveu em sua mão, traçando um contorno gracioso de um símbolo de cura no peito de Julian. Ela o ouviu engasgar e abrir os olhos. A mão dele deslizou pelas costas dela; Julian a pressionou contra o seu corpo, os dentes cerrados.

— Não *pare* — disse ele.

Emma não poderia ter parado nem que quisesse. A estela parecia se mover por vontade própria; e ela estava cega pelas memórias, um caleidoscópio delas, todas de Julian. Sol em seus olhos e Julian dormindo na praia com uma velha camiseta, e ela não querendo acordá-lo, mas ele acordou assim mesmo quando o sol se pôs e procurou por ela, imediatamente, e não sorriu até encontrá-la e ter a certeza de que ela estava ali. Cair no sono conversando e acordar com as mãos dadas; outrora foram crianças no escuro, mas agora eram outra coisa, algo íntimo e poderoso, algo que Emma tinha a sensação de só estar tocando apenas a pontinha quando terminou o símbolo e a estela caiu de sua mão.

— Ah — disse ela suavemente. O símbolo parecia aceso por dentro com um brilho suave. Julian estava arfando, os músculos da barriga subindo e descendo aceleradamente, mas o sangramento tinha parado. O ferimento estava se fechando, se colando como um envelope. — Está... está doendo?

Um sorriso se espalhava no rosto de Julian. A mão dele ainda estava no quadril de Emma, agarrando com força; ele devia ter se esquecido.

— Não — respondeu ele. A voz era sussurrada, baixinha, como se estivesse falando dentro de uma igreja. — Você conseguiu; você ajustou. — Ele a encarava, como se ela fosse um milagre raro. — Emma, meu Deus, Emma.

Emma caiu contra o ombro dele quando a tensão deixou seu corpo. Ela permitiu que sua cabeça descansasse ali enquanto ele a abraçava.

— Tudo bem. — Julian deslizou as mãos pelas costas dela, claramente percebendo que ela tremia. — Está tudo bem, eu estou bem.

— Jules — sussurrou ela. Seu rosto estava próximo do dela; Emma podia ver as sardas leves nas maçãs do rosto, sob as manchas de sangue. Conseguia sentir o corpo dele no seu, vivo, como se ardesse em chamas com o poder do *iratze*. O próprio coração batia forte quando colocou as mãos nos ombros dele...

A porta do carro se abriu. Luz invadiu o veículo, e Emma se afastou de Julian quando Livvy entrou no banco da frente.

Livvy segurava uma pedra de luz enfeitiçada na mão direita, e os raios de luz

irregulares iluminaram a estranha cena no banco de trás do Toyota: Emma com as roupas ensanguentadas; Julian, sem camisa, espremido contra a porta de trás. As mãos dele soltaram Emma.

— Está tudo bem? — perguntou Livvy. Ela agarrava o telefone com uma das mãos; devia estar esperando mais mensagens, pensou Emma, culpada. — Você falou que era uma emergência...

— Tudo bem. — Emma deslizou pelo assento, para longe de Jules.

Ele lutou para conseguir se esticar, olhando para baixo, desconfiado, para a camisa rasgada.

— Alguém atirou em mim com uma besta. Os *iratzes* não estavam funcionando.

— Bem, você parece bem agora. — Livvy olhou para ele. — Ensanguentado, mas...

— Um pouquinho de magia *parabatai* — respondeu Jules. — Não estavam funcionando, depois funcionaram. Desculpe pelo susto.

— Parece o laboratório de um cientista louco aqui. — Havia alívio no rosto da menina. — Quem atirou em você?

— É uma longa história — disse Jules. — Como vocês chegaram aqui? *Você* não dirigiu, dirigiu?

Outra cabeça apareceu subitamente ao lado da de Livvy. Mark, os cabelos louros angelicais iluminados pela luz enfeitiçada.

— Eu dirigi — comunicou o garoto. — Em um alazão das fadas.

— Quê? Mas... mas seu alazão foi destruído por demônios!

— Existem tantos cavalos quanto cavaleiros fada — disse Mark, parecendo feliz em ser misterioso. — Eu não disse que era o *meu* alazão fada. Só que é *um* alazão fada. — Mark desapareceu da lateral do carro. Antes que Emma pudesse determinar aonde ele tinha ido, a porta atrás de Julian se abriu. Mark se inclinou para dentro, pegou o irmão mais novo e o levantou para fora do veículo.

— O quê...? — Emma pegou a estela e saiu atrás deles.

Havia mais duas figuras no estacionamento: Cristina e Ty, iluminados pelas luzes de uma moto. Aliás, a moto toda estava brilhando. Não era a de Mark: era preta, com um design de chifres pintados no chassi.

— Jules? — Ty ficou pálido e assustado quando Julian se soltou da mão de Mark, puxando os trapos da camisa.

Cristina se apressou até Emma enquanto Julian virava para o irmão mais novo.

— Ty, está tudo bem — assegurou ele. — Eu estou bem.

— Mas está coberto de sangue — argumentou Ty. Ele não estava olhando diretamente para Julian, mas Emma não pôde deixar de imaginar se ele estaria se

lembrando, se lembrando da Guerra Maligna, do sangue e dos mortos ao seu redor. — As pessoas só podem perder uma certa quantidade de sangue antes de...

— Vou colocar alguns símbolos de reposição de sangue — disse Julian. — Lembre-se, Ty, somos Caçadores de Sombras. Aguentamos muita coisa.

— Você também está coberta de sangue — murmurou Cristina para Emma, tirando o próprio casaco. Ela o colocou sobre os ombros de Emma e fechou o zíper, cobrindo a blusa ensanguentada. Passou as mãos nos cabelos de Emma, olhando preocupada para ela. — Tem certeza de que não está machucada?

— O sangue é de Julian — sussurrou Emma, e Cristina emitiu um murmúrio ao puxar Emma para um abraço. Ela afagou as costas da amiga, e Emma a apertou com força; naquele instante decidiu que, se alguma coisa ou alguém tentasse machucar Cristina, ela os esmagaria e faria castelos de areia lindos com os restos.

Livvy tinha ido para perto de Ty e segurava a mão dele, murmurando que o sangue era só sangue, que Julian não estava machucado, estava tudo bem. Ty respirava rapidamente, abrindo e fechando a mão sobre a de Livvy.

— Tome. — Mark tirou a camiseta azul. Estava com outra camiseta por baixo, uma cinza. Julian piscou para ele. — Roupas adequadas. — E a ofereceu ao irmão.

— Por que estava com uma camisa por cima da outra? — perguntou Livvy, momentaneamente distraída.

— Caso uma delas seja roubada — disse Mark, como se isso fosse uma coisa totalmente normal. Todos pausaram para olhar para ele, inclusive Julian, que tinha tirado os próprios trapos e vestido a camisa de Mark.

— Obrigado — disse Julian, puxando a roupa para cima do cinto. Jogou os restos da camiseta rasgada no lixo. Mark parecia contente, e, Emma percebeu com atraso, estava diferente. Os cabelos não caíam mais nos ombros, pareciam curtos, ou, pelo menos, mais curtos, formando cachos em volta das orelhas. Isso o deixava ao mesmo tempo mais jovem e mais moderno, menos incongruente com o jeans e as botas.

Mais como um Caçador de Sombras.

Mark retribuiu o olhar. Ela ainda via o vento em seus olhos, e as estrelas, os vastos campos de nuvens vazias. Selvagem e livre. Ela ficou imaginando o quão profunda seria essa transformação de volta a Caçador de Sombras. Quão profunda poderia ser.

Emma colocou a mão na cabeça.

— Estou tonta.

— Você precisa comer. — Foi Livvy que disse, pegando-a pela mão. — Todos nós precisamos. Ninguém comeu hoje, e, Jules, você está proibido de

cozinhar. Vamos para a Canter, comprar jantar e pensar no que fazer em seguida.

Tudo no interior da Canter era amarelo. As paredes eram amarelas, as mesas, amarelas, e quase toda a comida tinha tons de amarelo. Não que Emma se importasse com isso; ela frequentava a Canter desde os 4 anos com seus pais, para comer panquecas de chocolate e rabanada.

Eles se amontoaram em uma mesa no canto, e, por alguns minutos, tudo foi absolutamente comum: a garçonete, uma mulher alta e de cabelos grisalhos, veio deixar uma pilha de cardápios na mesa; Livvy e Ty dividiram um, e Cristina perguntou a Emma num sussurro o que era *matzo brei*. Estavam apertados na mesa, e Emma se viu pressionada contra a lateral de Julian. Ele ainda parecia quente, como se o *iratze* ainda não tivesse saído do corpo.

A pele dela também estava muito sensível, como se fosse pular ou gritar assim que alguém a tocasse. Ela quase berrou quando a garçonete voltou para anotar os pedidos. E simplesmente encarou enquanto Julian pediu waffles e chocolate quente para ela e devolveu o cardápio apressadamente, olhando-a preocupado.

V-O-C-Ê-E-S-T-Á-B-E-M?, ele escreveu nas costas dela.

Ela fez que sim com a cabeça, alcançando o copo d'água, enquanto Mark sorria para a garçonete e pedia um prato de morangos.

A garçonete, com um crachá que dizia JEAN, piscou.

— Não temos esse prato no cardápio.

— Mas tem morango no cardápio — disse Mark. — E já vi pratos passando por aqui. Então é lógico pensar que morangos possam ser colocados em um prato e trazidos para mim.

Jean ficou encarando.

— Ele tem um bom argumento — disse Ty. — Morango é uma das opções de complemento de vários pratos. Certamente pode pegar só os morangos.

— Um prato de morangos — repetiu Jean.

— Gostaria que viessem em uma tigela — disse Mark, com olhar de vencedor. — Já faz tempo que não como por vontade própria, bela dama, e um prato de morangos é tudo que almejo.

Jean pareceu espantada.

— Certo — disse ela, e desapareceu com os cardápios.

— Mark — chamou Julian. — Isso realmente era necessário?

— O que era necessário?

— Você não precisa *falar* como se estivesse recitando um poema medieval das fadas — censurou Julian. — Parece totalmente normal em metade do tempo.

Talvez devêssemos conversar sobre discrição.

— Não consigo evitar — explicou Mark com um pequeno sorriso. — Alguma coisa nos mundanos...

— Você precisa agir mais como um ser humano normal — disse Jules. — Quando estamos em público.

— Ele não precisa parecer normal — falou Ty ríspidamente.

— Ele esbarrou em um orelhão e disse “me perdoe, senhorita” quando estávamos entrando — disse Julian.

— É educado pedir desculpas — disse Mark, com o mesmo sorriso discreto.

— Não para objetos inanimados.

— Certo, chega — disse Emma. Ela contou rapidamente sobre os eventos que se passaram na casa de Stanley Wells, inclusive o corpo de Ava e a figura misteriosa no telhado.

— Então ela foi encontrada morta, mas não de forma parecida com os outros assassinatos? — perguntou Livvy com o rosto franzido. — Não parece relacionado... nenhuma marca, o corpo descartado na piscina de casa, e não em uma Linha Ley...

— E a figura no telhado? — perguntou Cristina. — Você acha que é o assassino?

— Duvido — disse Emma. — A pessoa tinha uma besta, e ninguém foi morto com bestas. Mas machucou Jules, então quando o encontrarmos, vou cortá-lo em pedacinhos e dar para os meus peixes comerem.

— Você não tem peixes — lembrou Julian.

— Bem, vou comprar alguns — disse Emma. — Vou comprar um peixinho dourado e alimentá-lo com sangue até que ele passe a gostar de carne humana.

— Que nojo — disse Livvy. — Isso significa que ainda temos que voltar à casa de Wells para investigar?

— Contanto que a gente verifique o telhado em primeiro lugar — respondeu Emma.

— Não podemos — avisou Ty. Ele levantou o telefone. — Eu estava olhando as notícias. Alguém informou sobre o corpo. A polícia mundana está presente em peso. Não vamos conseguir nem chegar perto por uns dias.

Emma suspirou exasperada.

— Bem — disse ela —, pelo menos, temos isso. — E ela alcançou atrás de si para pegar a bolsa de Ava. Emma a virou sobre a mesa e o conteúdo se espalhou: carteira, maquiagem, protetor labial, espelho, escova e uma coisa lisa, dourada e brilhante.

— Não tem telefone — observou Ty, com um vinco de irritação entre as sobrancelhas. Emma não o culpou. Ele poderia ter descoberto muita coisa com o

telefone. Uma pena; estava no fundo da piscina de Wells.

— O que é isso? — Livvy segurou o quadradinho brilhante. Estava vazio.

— Não tenho certeza. — Emma pegou a carteira e a analisou. Cartões de crédito, carteira de motorista, onze dólares que a deixaram desconfortável. Roubar provas era uma coisa, roubar dinheiro, outra. Não que eles pudessem devolvê-lo a Ava.

— Não tem nenhuma foto, nem nada? — perguntou Julian, olhando por cima do ombro dela.

— Acho que ninguém guarda fotos na carteira, só no cinema — disse Emma.

— Não desde que inventaram o iPhone.

— Por falar em cinema... — Livvy franziu o cenho, parecendo bruta, como às vezes acontecia, com Ty. — Isso aqui parece o bilhete dourado. Vocês sabem, da *Fantástica Fábrica de Chocolates*. — Ela acenou o pedacinho plastificado de papel brilhante.

— Deixe-me ver. — Cristina estendeu a mão. Livvy o entregou para ela quando a garçonete voltou com a comida. Queijo quente para Ty, sanduíche de peru para Cristina, um de bacon, tomate e alface para Julian, waffles para Emma e Livvy, e o prato de morangos de Mark.

Cristina pegou a estela e começou a escrever, murmurando, no canto do papel dourado. Mark, parecendo um santo, pegou o xarope de bordo da mesa e o despejou sobre os morangos. Pegou um e colocou na boca, com a folha e tudo. Julian ficou olhando para ele.

— O que foi? — disse Mark. — É uma escolha alimentícia perfeitamente normal.

— Certamente — disse Julian. — Se você for um passarinho.

Mark ergueu uma sobrancelha.

— Vejam — disse Cristina, e empurrou o papel dourado para o meio da mesa. Não estava mais vazio. Em vez disso, tinha uma foto brilhante de um prédio, e, ao lado, palavras em maiúscula.

OS SEGUIDORES DO GUARDIÃO
CONVIDAM PARA A
LOTERIA DO MÊS:
DIA 11 DE AGOSTO, 7 DA NOITE.
TEATRO DA MEIA-NOITE

Esse convite admite um grupo. Traje semiformal.

— *Loteria*? — perguntou Julian. — Esse é o nome de uma famosa história de terror. Transformaram em peça ou coisa do tipo?

— Não parece peça — disse Livvy. — Parece algo aterrorizante.

— Pode ser uma peça aterrorizante — observou Ty.

— Era uma história aterrorizante. — Julian pegou o ingresso. Tinha tinta sob as unhas, pequenas luas crescentes brilhando em azul. — E o mais assustador nisso tudo é o fato de que esse teatro está fechado. Conheço o lugar; é depois de Highland Park. Está fechado há anos.

— Dezesesseis anos — disse Ty. Ele já tinha dominado a arte de usar o telefone com uma das mãos apenas e estava cerrando os olhos para a tela. — Foi fechado depois de um incêndio e jamais foi reconstruído.

— Eu já passei por ele — falou Emma. — É todo tampado com tábuas, não? Julian fez que sim com a cabeça.

— Já pintei o teatro uma vez. Eu estava pintando locais abandonados, lugares como Murphy Ranch, negócios fechados. Eu me lembro desse. Tinha uma energia fantasmagórica.

— Interessante — disse Mark. — Mas tem alguma coisa a ver com a investigação? Os assassinatos?

Todos pareceram ligeiramente surpresos por Mark ter feito uma pergunta tão prática.

— Acho que pode ter — arriscou Emma. — Eu estive no Mercado das Sombras na semana passada...

— Queria que você parasse de ir ao Mercado das Sombras — murmurou Julian. — É perigoso...

— Ah, NÃO — disse Emma. — *Perigo*, não, senhor Quase-Morri-de-Hemorragia-no-Carro.

Julian suspirou e pegou o refrigerante.

— Não posso acreditar que já reclamei do apelido “Jules”.

— Talvez devêssemos conversar sobre o Mercado das Sombras — disse Cristina apressadamente. — Foi lá que Emma ficou sabendo dos assassinatos.

— Bem, você pode imaginar como os Mercadores ficaram felizes em me ver com Cameron...

— Você foi com *Cameron*? — perguntou Julian.

Livvy estendeu a mão.

— Em defesa de Emma, Cameron é irritante, mas é gato. — Julian lançou um olhar para ela. — Quero dizer, se você curtir caras que parecem um Capitão América ruivo, coisa que eu... não curto?

— O Capitão América definitivamente é o Vingador mais bonito — endossou Cristina. — Mas prefiro o Hulk. Queria poder curar seu coração partido.

— Somos *Nephilim* — disse Julian. — Não podemos nem saber sobre os Vingadores. Além disso — acrescentou ele—, o Homem de Ferro obviamente é o mais bonito.

— Posso terminar de falar? — Quis saber Emma. — Eu estava no Mercado com Cameron e, agora me lembro, vi uma barraca que tinha uma placa que dizia algo como “Inscrições para Loteria”. Então acho que é algo sobrenatural, e não teatro experimental ou coisa do tipo.

— Não faço ideia de quem sejam os Vingadores — observou Mark, que já tinha acabado com os morangos e estava comendo açúcar direto do sachê. Ty pareceu satisfeito; ele não tinha tempo para super-heróis. — Mas concordo com você. É uma pista. Alguém matou Stanley Wells, e agora a namorada dele está morta também. Mesmo que a morte tenha sido completamente diferente.

— Acho que todos concordamos que não pode ser coincidência — disse Emma — o fato de que os dois estão mortos.

— Não acho que seja — admitiu Mark. — Mas ela pode ter sido morta por queima de arquivo, não por ser um sacrifício como ele, ou parte do mesmo ritual. Afinal, morte semeia morte. — Ele parecia pensativo. — Ela foi convidada para essa performance de Loteria. Ela considerava importante o suficiente para carregar o ingresso na bolsa. Acho que é uma teoria a ser seguida.

— Ou pode não ser nada — disse Jules.

— Não temos muito o que investigar — observou Emma.

— Temos sim, na verdade — rebateu Jules. — Ainda temos as suas fotos do interior da caverna na convergência. E agora temos quem quer que estivesse na casa de Wells que atirou em mim, ainda temos o casaco do meu uniforme com o veneno que ele usou. Talvez Malcolm possa investigar, descobrir se tem alguma associação com algum demônio específico ou algum feiticeiro que talvez o venda.

— Ótimo — disse Emma. — Podemos fazer as duas coisas. Onze de agosto é amanhã. — Ela franziu o rosto para o ingresso. — Meu Deus, semiformal. Chique. Acho que não tenho nenhum vestido chique assim, e Mark vai precisar de um terno...

— Mark não precisa ir — falou Julian rapidamente. — Ele pode ficar no Instituto.

— Não — retrucou Mark. A voz era calma, mas os olhos faiscavam. — Não vou ficar. Vim aqui para ajudar na investigação desses assassinatos, e é isso que farei.

Julian se sentou para trás.

— Não se não pudermos Marcá-lo. Não é seguro.

— Eu me protegi sem símbolos por muitos anos. Se eu não for junto, então

aqueles do Reino das Fadas que me enviaram para cá vão ficar sabendo e não ficarão satisfeitos. O castigo será severo.

— Ah, deixe ele ir — disse Livvy, parecendo ansiosa. — Jules...

Julian tocou a borda da camisa, o gesto era semiconsciente.

— Como eles vão saber que merece ser castigado se você não contar nada? — perguntou ele.

— Acha que é fácil mentir quando você cresceu com pessoas que não mentem? — respondeu Mark, com as bochechas ruborizando de raiva. — E você acha que eles não sabem identificar mentiras quando os humanos contam alguma?

— Você é humano — disse Julian vigorosamente. — Você não é um deles, não age como eles...

Mark se levantou e atravessou o recinto.

— O que ele está fazendo? — Emma o encarou. Mark foi até uma mesa próxima de meninas mundanas tatuadas e cheias de piercings, que pareciam ter acabado de sair de uma boate e soltavam risinhos descontrolados enquanto falava com eles.

— Pelo Anjo. — Julian colocou dinheiro na mesa e se levantou, se afastando da mesa. Emma guardou tudo de volta na bolsa de Ava e se apressou em segui-lo, assim como os outros.

— Posso ter liberdade com o seu alface, milady? — dizia Mark para uma menina de cabelos cor-de-rosa e uma pilha de salada no prato. Ela empurrou o prato para ele, sorrindo.

— Você é lindo — disse ela. — Mesmo com as orelhas falsas de elfo. Esqueça o alface. Você pode ter liberdade com...

— Tudo bem, você provou seu argumento. Chega. — Julian pegou Mark, que estava comendo uma cenourinha alegremente, pelo pulso e tentou puxá-lo para a porta. — Perdoem-me, senhoritas — falou, quando um coro de protesto se elevou.

A menina de cabelo rosa levantou.

— Se ele quiser ficar, ele pode ficar — falou. — E quem é você, aliás?

— Sou irmão dele — disse Julian.

— Nossa, vocês não se parecem em nada — retrucou ela, de um jeito que irritou Emma. Ela tinha chamado Mark de lindo; Julian era tão lindo quanto, só que de um jeito mais discreto e menos exibido. Ele não tinha as maçãs do rosto definidas de Mark, nem o charme de fada, mas tinha olhos luminosos, uma boca linda e...

Ela se espantou consigo mesma. O que havia de *errado* com ela? O que havia de errado com seus *pensamentos*?

Livvy emituiu um ruído exasperado, deu um passo à frente e pegou Mark pela parte de trás da camisa.

— Você não quer nada com ele — falou ela para a garota de cabelo rosa. — Ele tem sífilis.

A menina ficou encarando.

— *Sífilis?*

— Cinco por cento da população desse país têm — disse Ty, ajudando.

— Não tenho sífilis — retrucou Mark, irritado. — Não existem doenças sexualmente transmissíveis no Reino das Fadas!

As garotas mundanas imediatamente se calaram.

— Desculpe — disse Jules. — Vocês sabem como é sífilis. Ataca o cérebro. — As meninas ficaram boquiabertas enquanto Livvy puxava Mark pela camisa por todo o restaurante e até o estacionamento, com o restante do grupo atrás.

Assim que saíram e a porta se fechou, Emma soltou uma gargalhada. Ela se apoiou em Cristina, que também estava rindo, enquanto Livvy soltava Mark e ajeitava a própria saia, que parecia amassada.

— Desculpe — disse Emma. — É que... *sífilis?*

— Ty estava lendo sobre isso hoje — respondeu Livvy.

Julian, que tentava disfarçar o sorriso, olhou para Ty.

— Por que estava lendo sobre sífilis?

Ty deu de ombros.

— Pesquisa.

— Isso realmente era necessário? — perguntou Mark. — Eu só estava batendo um papo. Achei que devesse praticar meu nobre discurso nelas.

— Você estava bancando o ridículo de propósito — afirmou Emma. — Estou começando a ter a impressão de que você acha que as fadas soam ridículas.

— Eu achava, no começo — respondeu Mark honestamente. — Depois você se acostuma. Agora... Agora não sei o que pensar. — Ele pareceu um pouco perdido.

— Não devemos falar com mundanos — disse Julian, o sorriso desaparecendo. — É... é o básico, Mark. Uma das primeiras coisas que aprendemos. *Principalmente* sobre assuntos como o Reino das Fadas.

— Eu falei com aquelas mundanas, e ninguém explodiu ou pegou fogo — disse Mark. — Nenhuma maldição nos assolou. Elas acharam que eu estava fantasiado. — Ele virou a cabeça e olhou para Julian. — Você tem razão, eu posso me destacar, mas as pessoas veem o que querem ver.

— Talvez as regras sobre não ir para a batalha sem Marcas seja bobagem — disse Ty, e Emma pensou em como Mark havia falado com Ty na sala de treinamento. *Agora nós dois estamos com as mãos machucadas.*

— Talvez muitas regras sejam tolas — disse Julian, e havia uma ponta de amargura em sua voz que surpreendeu Emma. — Talvez a gente tenha que obedecer assim mesmo. Talvez isso nos faça Caçadores de Sombras.

Livvy pareceu confusa.

— Ter que seguir regras tolas é o que nos faz Caçadores de Sombras?

— Não as regras — disse Julian. — A penalidade por violá-las.

— A penalidade por violar as regras do Reino das Fadas são tão severas quanto, se não forem mais — argumentou Mark. — Você tem que acreditar em mim quanto a isso, Julian. Se eles acharem que não estou participando das investigações, não punirão apenas a mim, mas a vocês também. Não precisam que eu diga nada. Saberão. — Seus olhos ardiam. — Está entendendo, Jules?

Julian falou baixinho:

— Entendo, Mark. E confio em você. — Ele sorriu para o irmão, e, então, inesperadamente, o sorriso se tornou ainda mais luminoso pela imprevisibilidade. — Enfim, todos para o carro, tudo bem? Vamos voltar.

— Tenho que voltar com o cavalo — disse Mark. — Não posso deixar... ele... aqui. Se ele se perder, a Caçada Selvagem não vai gostar.

— Tudo bem — disse Julian. — Volte com ele sozinho. Ty e Livvy não vão montá-lo de novo, entendido? É muito perigoso.

Livvy pareceu decepcionada, e Ty, aliviado. Mark fez que sim com a cabeça, quase imperceptivelmente.

— Eu vou com Mark — declarou Cristina de repente. Emma viu o rosto de Mark se iluminar de um jeito que a surpreendeu.

— Vou buscar o alazão — disse Mark. — Almejo voar.

— E obedeçam ao limite de velocidade! — gritou Julian quando Mark desapareceu em volta do prédio.

— É o céu, Julian — disse Emma. — Não tem limite de velocidade.

— Eu sei — disse ele, e sorriu. Era o sorriso que Emma amava, o que ela tinha a impressão de ser só para ela, o que dizia que, apesar de a vida frequentemente forçá-lo a ser sério, Julian não era de fato sério por natureza. De repente, ela quis abraçá-lo e tocá-lo no ombro, tanto que teve que segurar as mãos para elas não levantarem. Ela olhou para os próprios dedos; por algum motivo, ela os tinha entrelaçado, como se formassem uma jaula que pudesse conter seus sentimentos.

A lua cheia estava alta no céu quando Mark parou a moto suavemente na areia atrás do Instituto.

A viagem para a cidade foi preenchida por pânico, Livvy agarrando o cinto

de Cristina com as mãos pequenas e preocupadas, Ty pedindo para Mark ir mais devagar, a estrada desaparecendo sob seus pés. Quase bateram no lixão do estacionamento.

O caminho de volta foi quieto, Cristina segurando a cintura de Mark suavemente, pensando no quão próximos das nuvens eles voavam. A cidade abaixo deles formava uma estampa entrelaçada de luzes coloridas. Cristina sempre detestou parques de diversão e viagens de avião, mas isso era diferente de tudo: ela se sentia parte do ar, boiando como se estivesse em uma pequena embarcação sobre a água.

Mark saltou da moto e estendeu a mão para ajudá-la a descer. Ela aceitou, os olhos ainda preenchidos pela vista do Píer Santa Monica abaixo deles. As luzes brilhantes da roda gigante. Ela nunca se sentiu tão longe da mãe, do Instituto na Cidade do México, dos Rosales.

E gostou disso.

— Milady — disse ele, quando os pés dela tocaram o chão.

Ela sentiu os próprios lábios se curvarem para cima.

— Isso parece tão formal.

— As Cortes não são nada se não formais — concordou ele. — Obrigado por ter voltado comigo. Não precisava.

— Você não parecia querer voltar sozinho — disse Cristina. O vento suave soprava no deserto, movendo a areia e soprando os cabelos recém-cortados de Mark do rosto. Agora curtos, pareciam uma auréola, tão louros que eram quase prateados.

— Você enxerga muitas coisas. — Os olhos de Mark examinaram o rosto dela. Ela ficou imaginando como ele era quando tinha os dois olhos Blackthorn. Azul-esverdeados como o mar. Ela ficou imaginando se a estranheza dos olhos agora incrementava a beleza.

— Quando ninguém que conhece diz a verdade, você aprende a enxergar sob a superfície — disse ela, e pensou na mãe e nas pétalas de rosa amarelas.

— Sim — retrucou Mark. — Contudo, eu venho de um lugar onde todos dizem a verdade, por pior que seja.

— Isso é uma das coisas do Reino das Fadas de que sente falta? — perguntou Cristina. — O fato de que lá não convivia com mentiras?

— Como você sabe que sinto falta do Reino das Fadas?

— Seu coração não está tranquilo aqui — disse Cristina. — E acho que é mais do que apenas familiaridade que o atrai para lá. Você falou que se sentia livre, mas também disse que talharam símbolos nas suas costas. Estou tentando entender como você pode sentir falta disso.

— Isso foi a Corte Unseelie, não a Caçada — respondeu Mark. — E não

posso falar do que me faz falta. Não posso falar sobre a Caçada, não verdadeiramente. É proibido.

— Isso é terrível. Como pode escolher se não pode falar sobre a sua escolha?

— O mundo é terrível — disse Mark secamente. — E alguns são atraídos por ele e se afogam, e outros se elevam e carregam outros consigo. Mas não muitos. Nem todo mundo pode ser Julian.

— Julian? — Cristina se espantou. — Eu achei que você talvez nem gostasse dele. Pensei...

— Pensou? — Ele arqueou as sobrancelhas prateadas.

— Achei que não gostasse de nenhum de nós — falou ela timidamente. Parecia uma tolice a se dizer, mas o rosto dele suavizou. Ele se esticou para pegar a mão dela, passando os próprios dedos na palma. Um tremor correu pelo braço de Cristina, o toque da mão dele era como uma corrente elétrica.

— Eu gosto de você — disse ele. — Cristina Mendoza Rosales. Gosto muito de você.

Ele se inclinou para ela. Os olhos dele preencheram a visão de Cristina, azul e dourado...

— Mark Blackthorn. — A voz que disse o nome era aguda e breve. Mark e Cristina se viraram.

O alto guerreiro fada que havia trazido Mark ao Instituto estava diante deles, como se tivesse simplesmente sido conjurado da areia preta e branca e do céu. Ele próprio parecia preto e branco, os cabelos cor de tinta em cachos escuros contra as têmporas. Seu olho prateado brilhava ao luar; o olho preto parecia sem pupila. Ele vestia túnica e calças cinza, e tinha adagas no cinto. Era tão desumanamente adorável quanto uma estátua.

— Kieran — disse Mark, e ofegou um pouco, parecendo chocado. — Mas eu...

— Deveria ter me esperado. — Kieran deu um passo para a frente. — Você pediu meu alazão emprestado; eu emprestei. Quanto mais tempo eu passar sem ele, mais desconfiado Gwyn ficará. Você queria levantar suspeitas?

— Eu pretendia devolver — disse Mark, com a voz baixa.

— Pretendia? — Kieran cruzou os braços.

— Cristina, entre — pediu Mark. Ele tinha abaixado a mão e estava olhando para Kieran, não para ela, com uma expressão constante.

— Mark...

— Por favor — disse ele. — Isso... Se respeita a minha privacidade, por favor, entre.

Cristina hesitou. Mas a expressão dele era clara. Ele sabia o que estava pedindo. Ela se virou e atravessou a porta dos fundos do Instituto, permitindo

que batesse ruidosamente atrás de si.

As escadas se elevaram diante dela, mas não conseguiu subir. Ela mal conhecia Mark Blackthorn. No entanto, ao colocar o pé no primeiro degrau, pensou nas cicatrizes nas costas dele. Na forma como ele tinha se encolhido feito uma bola no quarto, no primeiro dia, em como acusou Julian de ser um sonho ou um pesadelo enviado pela Caçada Selvagem para atormentá-lo.

Ela não acreditava na Paz Fria, nunca acreditou, mas a dor de Mark havia transformado suas crenças. Talvez as fadas realmente fossem cruéis assim. Talvez não houvesse bondade nelas, nem honra. E, se fosse esse o caso, como ela poderia deixar Mark lá, sozinho, com um deles?

Ela se virou e abriu a porta — e congelou.

Levou um instante para seu olhar encontrá-los, mas, quando o fez, Mark e Kieran pareceram saltar para ela como imagens de uma tela iluminada: parados em um fecho de luz na beira do estacionamento, as costas de Mark contra um dos carvalhos. Kieran estava inclinado contra ele, prendendo-o na árvore, e eles se beijavam.

Cristina hesitou por um instante, sangue subindo até o rosto, mas parecia evidente que Mark não estava sendo tocado contra a vontade. As mãos de Mark afagavam os cabelos de Kieran, e ele o beijava vorazmente, como se estivesse com fome. Os corpos se pressionavam totalmente; mesmo assim, Kieran agarrava a cintura de Mark, movendo as mãos incansavelmente, desesperadamente, como se pudesse puxar Mark ainda mais para perto. Elas subiram, tirando o casaco de Mark, acariciando a pele da clavícula. Ele emitiu um ruído baixo, como um grito de pesar, fundo na garganta, e se afastou.

Ele olhava fixamente para Mark, seu olhar tão faminto quanto desamparado. Nunca uma fada tinha parecido tão humana aos olhos de Cristina quanto Kieran naquele instante. Mark olhava de volta para ele, os olhos arregalados, brilhando ao luar. Um olhar compartilhado de amor, desejo e terrível tristeza. Era muito. Já tinha sido muito: Cristina sabia que não devia tê-los espionado, mas não conseguiu se conter, a mistura de choque e fascínio a prendeu no lugar.

E desejo. Havia desejo, também. Se por Mark, ou pelos dois, ou apenas pela ideia de querer tanto alguém, não tinha certeza. Cristina recuou, o coração acelerando, prestes a fechar a porta atrás dela...

E o estacionamento todo se acendeu como um estádio quando um carro dobrou a esquina. Música irradiava das janelas; Cristina ouviu as vozes de Emma e Julian.

O olhar dela voltou para Mark e Kieran, mas Kieran tinha desaparecido, uma sombra nas sombras. Mark estava abaixado, pegando o casaco, quando Emma e os outros saltaram do carro.

Cristina fechou a porta. Através dela ouviu Emma perguntar a Mark onde ela estava, e Mark responder que ela havia entrado. Ele soou calmo, casual, como se nada tivesse acontecido.

Mas tudo tinha acontecido.

Ela ficou imaginando, quando ele olhou nos olhos dela e disse que teria que se virar sem espelhos na Caçada Selvagem, em que olhos ele tinha olhado por todos aqueles anos.

Agora sabia.

A Caçada Selvagem, Alguns Anos Antes

Mark Blackthorn veio para a Caçada Selvagem quando tinha 16 anos, e não por vontade própria.

Ele se lembrava apenas de escuridão depois que foi levado do Instituto que era sua casa, antes de acordar em cavernas subterrâneas, entre líquen e lodo pingando. Um homem enorme com olhos de duas cores estava sobre ele, carregando um capacete chifrudo.

Mark o reconheceu de imediato. Não existia Caçador de Sombras que não soubesse sobre a Caçada Selvagem. Não dava para ser meio fada e não ler sobre Gwyn, o Caçador, que liderava a caçada havia séculos. Ele usava uma longa lâmina de metal na cintura, escurecida e torcida, como se tivesse passado por muitos incêndios.

— Mark Blackthorn — falou Gwyn —, você está com a Caçada, pois sua família está morta. Somos seus parentes de sangue agora. — E sacando a espada, ele cortou a palma até sair sangue, e a mergulhou em água para Mark beber.

Nos anos seguintes, Mark viu outros chegando à Caçada, e Gwyn dizia a mesma coisa para eles, e os via beber seu sangue. E ele via os olhos mudarem, se dividindo em duas cores, como se isso simbolizasse a divisão das almas.

Gwyn acreditava que um novo recruta tinha que ser destruído para ser reconstruído como um Caçador, alguém que pudesse cavalgar pela noite sem dormir, alguém que pudesse sentir fome até quase morrer, e suportar dores que destruiriam um mundano. E ele achava que a lealdade devia ser inabalável. Não podiam colocar ninguém acima da Caçada.

Mark deu sua lealdade a Gwyn, e seus serviços, mas não fez amigos na Caçada Selvagem. Eles não eram Caçadores de Sombras, ele era. Os outros eram todos das Cortes das Fadas, condenados a servir a Caçada por castigo. Eles não gostavam do fato de que ele era Nephilim, e ele sentia o desprezo e desprezava em retribuição.

Ele cavalgava sozinho à noite, em um cavalo prateado que lhe fora dado por

Gwyn. O Caçador parecia, perversamente, gostar dele, talvez para provocar os outros integrantes da Caçada. Ele ensinou Mark a navegar pelas estrelas e a ouvir os sons de uma batalha que poderia ecoar por centenas, talvez até milhares de quilômetros: gritos de raiva e berros de moribundos. Eles cavalgavam para os campos de batalha e, invisíveis aos olhos mundanos, despiam os corpos de coisas preciosas. A maioria delas era oferecida às Cortes Seelie e Unseelie em tributo, mas Gwyn guardava alguns para si.

Mark dormia sozinho, toda noite, no chão frio, envolvido em um cobertor, com uma pedra como travesseiro. Quando estava frio, ele tremia e sonhava com símbolos que o aqueceriam, com o brilho quente das lâminas serafim. No bolso, ele guardava a pedra marcada de luz enfeitiçada que Jace Herondale lhe deu de presente, apesar de ele não ousar acendê-la a não ser que estivesse sozinho.

Toda noite, enquanto dormia, ele recitava os nomes das irmãs e irmãos, em ordem de idade. Cada palavra tinha o peso de uma âncora, puxando-o para a terra. Mantendo-o vivo.

Helen. Julian. Tiberius. Livia. Drusilla. Octavian.

Os dias se transformaram em meses. O tempo não era como no mundo mundano. Mark já tinha desistido de contar dias — não havia como assinalá-los, e Gwyn detestava essas coisas. Portanto, ele não fazia ideia de quanto tempo já tinha passado com a Caçada quando Kieran chegou.

Ele sabia que teriam um novo Caçador; a fofoca se espalhou rapidamente, e, além disso, Gwyn sempre Transformava os mais novos no mesmo lugar: uma caverna perto da entrada da Corte Unseelie, onde as paredes tinham pesados tapetes verdes de líquen e uma pequena piscina natural se formava entre as pedras.

Eles o encontraram quando chegaram, deixado ali para ser descoberto por Gwyn. Inicialmente tudo que Mark pôde ver foi o contorno de um menino com um emaranhado de cabelos pretos e um corpo esguio, as correntes o prendendo pelos pulsos e calcanhares, puxando-o em uma estranha torção. Ele parecia todo feito de ossos e ângulos.

— Príncipe Kieran — disse Gwyn ao se aproximar do menino, e um murmúrio percorreu a Caçada. Se o novato era um príncipe, ele era mais exaltado do que a nobreza das fadas. E o que um príncipe poderia ter feito para ser exilado da Corte, separado da família, do nome, do título, dos parentes?

O menino levantou a cabeça quando Gwyn veio até ele, revelando o rosto. Ele certamente era nobre. Tinha as feições estranhas, luminosas e quase desumanas de tão bonitas — maçãs do rosto altas e olhos pretos. Seus cabelos tinham um brilho azul e verde entre o preto, a cor do mar à noite. Ele virou o rosto quando Gwyn tentou fazê-lo beber água misturada a sangue, mas Gwyn o

forçou. Mark assistiu fascinado enquanto o olho direito de Kieran mudava de preto a prata, e as correntes caíam dos pulsos e calcanhares feridos.

— Você agora é da Caçada — disse Gwyn, com um estranho tom sombrio. — Levante-se e junte-se a nós.

Kieran era uma estranha adição ao grupo. Apesar de sua categoria de príncipe lhe ter sido retirada quando ele foi exilado para a Caçada, ele ainda exibía um ar de arrogância e realeza em si, que não agradava aos outros. Eles zombavam dele, o chamavam de “príncipezinho”, e teriam feito pior se Gwyn não os controlasse. Aparentemente alguém nas Cortes procurava por Kieran, apesar do exílio.

Mark não conseguia deixar de olhar para ele. Alguma coisa em Kieran o fascinava. Ele logo descobriu que a cor do cabelo do príncipe mudava de acordo com seu humor, de preto (quando estava em desespero) a azul-claro (quando ria, coisa que quase nunca acontecia) — sempre cores do mar. Era espesso e ondulado, e, às vezes, Mark tinha vontade de tocá-lo para ver se parecia cabelo ao toque, ou se era diferente, seda, um tecido que mudava de cor conforme a luz. Kieran montava o seu cavalo — que lhe fora dado por Gwyn; era o mais feroz que Mark já tinha visto, preto e magro, uma montaria dos mortos — como se tivesse nascido para isso. Como Mark, ele parecia determinado a cavalgar até curar a dor do exílio e da falta de amigos, sozinho, raramente falando com os outros da Caçada, raramente olhando para eles sequer.

Só ele olhava para Mark, às vezes, quando os outros o chamavam de Nephilim ou de filho das Sombras e menino anjo, ou outros nomes piores. Chegou um dia em que se espalhou a notícia de que a Clave havia enforcado algumas fadas em Idris por traição. As fadas tinham amigos na Caçada, e num ataque de raiva, os companheiros de Mark o fizeram ajoelhar e dizer “eu não sou Caçador de Sombras”.

Quando ele se recusou, arrancaram sua camisa e o chicotearam até sangrar. Eles o deixaram encolhido sob uma árvore em um campo nevado, transformando em vermelho os flocos brancos.

Quando Mark acordou havia uma fogueira e calor, e ele estava deitado no colo de alguém. Ainda grogue, ele recuperou a consciência o bastante para perceber que era no de Kieran. O príncipe o levantou nos braços, lhe deu água e o envolveu com um cobertor. Seu toque era suave e leve.

— Acredito que entre os seus — disse ele —, existam símbolos de cura.

— Sim — respondeu Mark, com voz rouca, se mexendo muito singelamente. A dor da pele cortada correu por todo o corpo. — Se chamam iratzes. Um deles repararia esses machucados. Mas não podem ser feitos sem uma estela, e

quebraram a minha há anos.

— É uma pena — disse Kieran. — Acho que sua pele ficará com cicatrizes para sempre.

— O que me importa? — disse Mark, resignado. — Não é como se fizesse alguma diferença, aqui na Caçada, se sou bonito ou não.

Kieran sorriu um meio sorriso secreto e tocou gentilmente o cabelo de Mark. Mark fechou os olhos. Fazia anos que ninguém o tocava, e a sensação causou calafrios em seu corpo apesar da dor dos cortes.

Depois disso, quando cavalgaram, cavalgaram juntos. Kieran fez da Caçada uma aventura para os dois. Ele mostrou a Mark maravilhas que só o Povo das Fadas conhecia: lençóis de gelo silenciosos e prateados ao luar, e jardins escondidos, cheios de flores noturnas. Eles cavalgavam entre cachoeiras e torres de nuvens. E Mark, se não estava feliz, estava, pelo menos, curado da tortura da solidão.

À noite, eles dormiam juntos sob o cobertor de Kieran, feito de um material espesso que era sempre quente. Uma noite, eles pararam no topo de uma colina, em um lugar verde ao norte. Havia um monte de pedras coroando a colina, algo construído por mundanos há mil anos. Mark se apoiou na lateral e olhou para os campos verdes, prateados no escuro, e para o mar ao longe. O mar, em todos os lugares, ele pensou, era o mesmo, o mesmo mar que quebrava nas costas e no lugar que ele ainda considerava sua casa.

— Suas cicatrizes curaram — disse Kieran, tocando um corte na camisa de Mark com um dedo leve e esguio.

— Mas continuam feias — falou Mark. Ele estava esperando pelas primeiras estrelas, para que pudesse nomeá-las com os nomes de seus familiares. Não viu Kieran se aproximar até que o menino estivesse diante dele, com o rosto elegantemente sombreado pelo crepúsculo.

— Nada em você é feio — disse Kieran. Ele se inclinou para beijar Mark, e Mark, após um instante de surpresa virou o rosto, deixando que os lábios de Kieran encontrassem os seus.

Era o seu primeiro beijo, e ele nunca achou que seu primeiro beijo viria de um menino, mas ficou feliz por ser Kieran. Ele nunca imaginou que um beijo pudesse ser tão agonizante e prazeroso ao mesmo tempo. Há meses que queria tocar os cabelos de Kieran, então o fez, enterrando os dedos nos fios, que passavam de pretos a azul, com as pontas douradas. Pareciam chamas em sua pele.

Eles se deitaram sob o cobertor juntos naquela noite, mas dormiram pouco, e Mark se esqueceu de dar às estrelas os nomes de seus familiares — naquela noite e em várias outras noites depois. Logo Mark se acostumou a acordar com

o braço sobre o corpo de Kieran, ou com as mãos entre cachos azuis-embranquecidos.

Ele aprendeu que beijos, toques e juras de amor ajudavam a esquecer, e que, quanto mais ficava com Kieran, mais queria ficar só com ele e mais ninguém. Ele vivia pelos momentos em que ficava a sós com ele, normalmente à noite, sussurrando para que mais ninguém pudesse escutá-los.

— Fale sobre a Corte Unseelie — pedia Mark, e Kieran sussurrava contos sobre a Corte escura e o Rei claro, seu pai, que governava tudo. E:

— Conte-me sobre os Nephilim — dizia Kieran, e Mark falava sobre o Anjo, sobre a Guerra Maligna e o que tinha acontecido com ele, e sobre seus irmãos e irmãs.

— Você não me odeia? — disse Mark, deitado nos braços de Kieran, em algum lugar em um alto pasto alpino. Seus cabelos louros desgrehados tocaram o ombro de Kieran ao virar a cabeça. — Por ser Nephilim? Os outros odeiam.

— Você não precisa mais ser Nephilim. Pode escolher ser da Caçada Selvagem. Acatar sua natureza de fada.

Mark balançou a cabeça.

— Quando me espancaram por dizer que era Caçador de Sombras, só tive mais certeza. Eu sei o que sou, mesmo que não possa falar.

— Pode falar apenas para mim — disse Kieran, passando os longos dedos na bochecha de Mark. — Aqui nesse espaço entre nós dois. É seguro.

Então Mark se aproximou de seu amante e único amigo e sussurrou no espaço entre eles, onde seu corpo frio tocava o quente de Kieran.

— Eu sou um Caçador de Sombras. Eu sou um Caçador de Sombras. Eu sou um Caçador de Sombras.

13

Sem Qualquer Outro Pensamento

Emma estava na frente do espelho do banheiro, tirando a blusa devagar.

Vinte minutos com uma embalagem de alvejante removeram o sangue do interior do Toyota. Isso foi fácil. Ela estava acostumada a manchas de sangue. Mas havia algo mais visceral nisso, no sangue de Julian seco em sua pele, manchas vermelho-amarronzadas sobre as costelas e no ombro. Ao abrir o zíper da calça jeans e se livrar dela, pôde ver respingos de sangue seco na barra, as gotas de evidência subindo e descendo pela borda.

Ela enrolou a calça e a regata, e jogou as duas no lixo.

No banho, com água escaldante, ela esfregou o sangue, a sujeira e o suor. Observou a água correr rosada pelo ralo. Emma não sabia dizer quantas vezes isso já tinha acontecido antes, a frequência com que sangrara em batalhas e treinamentos. Tinha cicatrizes pelo tronco e pelos ombros, nos braços, nas partes de trás dos joelhos.

Mas o sangue de Julian era diferente.

Quando ela o viu, pensou nele, atingido e encolhido, na maneira como o sangue correu feito água através de seus dedos. Foi a primeira vez em anos que ela, de fato, achou que ele pudesse morrer, que ela podia perdê-lo. Ela sabia o que as pessoas diziam sobre *parabatai*, sabia que se tratava de uma dor tão profunda quanto a morte de um cônjuge ou irmão. Emma tinha perdido os pais; achava que sabia o que era a perda, e se considerava preparada para isso.

Mas nada a preparou para a sensação que a ideia de perder Jules lhe causou: que seu céu se tornaria escuro para sempre, que não haveria mais solo firme. Mais estranha ainda foi a sensação que a assolou quando ela se deu conta de que ele ficaria bem. Emma se tornou consciente da sua presença física de um jeito que quase doeu. Ela queria abraçá-lo, agarrá-lo enterrando os dedos como se

pudesse apertar o suficiente para costurar a pele dos dois, entrelaçar os ossos. Sabia que não fazia sentido, mas não sabia explicar de outro jeito.

Sabia que era intenso, doloroso e uma coisa que nunca tinha sentido por Julian antes. E isso a assustava.

A água havia esfriado. Ela desligou o chuveiro com um giro selvagem de pulso, saiu do boxe e secou o cabelo com a toalha. Encontrou uma camisola e um short no cesto de roupa limpa, se vestiu e saiu do banheiro.

Cristina estava sentada na cama dela.

— Ah — disse Emma. — Não sabia que você estava aqui! Eu poderia ter saído do banheiro nua ou coisa do tipo.

— Duvido que você tenha alguma coisa que eu não tenho. — Cristina parecia distraída; os cabelos escuros penteados em tranças, e ela mexia os dedos como fazia quando estava preocupada.

— Está tudo bem? — perguntou Emma, sentando na beira da cama. — Você parece... incomodada.

— Você acha que Mark tinha amigos na Caçada Selvagem? — perguntou Cristina subitamente.

— Não. — Emma pareceu surpresa. — Pelo menos, ele nunca mencionou. E, se existisse alguém de quem ele sentia falta, ele falaria. — Ela franziu o rosto. — Por quê?

Cristina hesitou.

— Bem, ele pegou aquela moto emprestada de alguém hoje. Só espero que ele não tenha se encrencado por isso.

— Mark é esperto — disse Emma. — Duvido que tenha vendido a alma pelo uso temporário de uma moto ou de qualquer outra coisa.

— Tenho certeza de que você tem razão — murmurou Cristina, e olhou para o armário de Emma. — Posso pegar um vestido emprestado?

— Agora? — perguntou Emma. — Você tem algum encontro à meia-noite?

— Não, para amanhã à noite. — Cristina se levantou e foi olhar o armário. Vários vestidos mal dobrados caíram de dentro. — É para ser formal. Eu não trouxe nenhum vestido formal de casa.

— Nada meu vai caber em você — disse Emma, quando Cristina pegou um vestido com um desenho de foguetes na frente e franziu o rosto para ele. — Temos formas diferentes. Você é bem mais... boom-chica-boom.

— Isso sequer é a sua língua? — Cristina fez uma careta, guardando o vestido de foguete em uma prateleira e fechando a porta do armário. — Acho que não.

Emma sorriu para ela.

— Amanhã vamos fazer compras — falou ela. — Combinado?

— Isso parece tão normal. — Cristina alisou as próprias tranças. — Depois de hoje à noite...

— Cameron me ligou — disse Emma.

— Eu sei — respondeu Cristina. — Eu estava na cozinha. Por que está me contando isso? Vocês voltaram?

Emma balançou para trás na cama.

— Não! Ele estava me alertando. Disse que tinham pessoas que não queriam que eu investigasse esses assassinatos.

— Emma. — Cristina suspirou. — E você não nos contou nada?

— Ele falou de *mim* — retrucou Emma. — Achei que qualquer perigo fosse ser diretamente para mim.

— Mas Julian se machucou — disse Cristina, sabendo o que Emma ia dizer antes mesmo que ela dissesse. — Então você está com medo de ter sido culpada.

Emma ficou mexendo na borda do cobertor.

— E não sou? Quero dizer, Cameron me alertou, ele disse que ouviu no Mercado das Sombras, então, eu não sei se foram mundanos falando, fadas, feiticeiros ou sei lá o quê, mas o fato é que ele me alertou e eu ignorei.

— Não foi sua culpa. Já sabemos que tem alguém, provavelmente um necromante, matando e sacrificando mundanos e membros do Submundo. Já sabemos que ele tem um exército de demônios Mantis ao seu dispor. Não é como se Julian não estivesse esperando, ou preparado, para o perigo.

— Ele quase morreu — disse Emma. — Tinha tanto sangue.

— E você ajeitou. Ele está bem. Você salvou a vida dele. — Cristina acenou com uma das mãos; tinha unhas perfeitas, ovais e brilhantes, ao passo que as de Emma eram quebradas por lutas e treinos. — Por que você está se questionando, Emma? É porque Julian se machucou e isso a assustou? Porque desde que a conheço, você assume riscos. É parte de você. E Julian sabe disso. Ele não só sabe, como gosta.

— Gosta? Ele vive me dizendo para não me arriscar...

— Ele tem que dizer — falou Cristina. — Vocês são as metades de um inteiro. Vocês precisam ser diferentes, como luz e sombra; ele traz cautela para a sua imprudência, e você traz imprudência para a cautela dele. Sem o outro, vocês não funcionariam tão bem. É isso que significa ser *parabatai*. — Ela puxou levemente as pontas do cabelo molhado de Emma. — Não acho que Cameron é que a esteja incomodando. Isso é só uma desculpa para se repreender. Acho que foi o fato de que Julian se machucou.

— Talvez — disse Emma com a voz rouca.

— Tem certeza de que você está bem? — Os olhos castanho-escuros de Cristina brilhavam preocupados.

— Estou. — Emma se reclinou nos travesseiros. Ela colecionava almofadas do estado da Califórnia: algumas pareciam cartões-postais, outras tinham o formato do estado ou diziam EU AMO CALI.

— Você não parece bem — disse Cristina. — Parece... Minha mãe dizia que existia um olhar quando uma pessoa se dava conta de alguma coisa. Você está com cara de que se deu conta de alguma coisa.

Emma queria fechar os olhos, esconder seus pensamentos de Cristina. Pensamentos traiçoeiros, perigosos e errados.

— Apenas choque — respondeu ela. — Estive muito perto de perder Julian e... isso mexeu comigo. Estarei bem amanhã. — Ela forçou um sorriso.

— Se está dizendo, *manita*. — Cristina suspirou. — Se está dizendo.

Depois que Julian se limpou, lavou o sangue e mandou os restos do material do casaco queimado por veneno para Malcolm, cruzou o corredor até o quarto de Emma.

E parou no meio do caminho. Ele queria se deitar na cama ao lado dela, queria conversar sobre os eventos da noite e fechar os olhos junto dela, ouvindo sua respiração como os ruídos do mar, medindo os passos até o sono.

Mas, quando ele pensou naquela noite no banco de trás do carro, em Emma por cima dele, com pânico no rosto e sangue nas mãos, ele não sentiu o que sabia que deveria sentir: medo, a lembrança da dor, o alívio por ter se curado.

Em vez disso sentiu um aperto no corpo que enviou uma onda de dor até o meio dos ossos. Quando ele fechou os olhos, viu Emma iluminada pela luz enfeitada, os cabelos se soltando da presilha, a luz dos postes da rua iluminando suas mechas e as transformando em um tom de gelo de verão.

O cabelo de Emma. Talvez por ela raramente soltá-lo, talvez por Emma de cabelos soltos ter sido uma das primeiras coisas que ele quis pintar na vida, mas os cabelos ondulados e longos sempre foram como cordas ligadas diretamente aos nervos.

A cabeça dele doeu, e o corpo pulsava além do razoável, querendo estar novamente no carro com ela. Não fazia o menor sentido, então ele forçou os passos para longe da porta de Emma, pelo corredor, até a biblioteca. Estava escuro e tinha cheiro de papel velho. Mesmo assim, Julian não precisava de luz; ele sabia exatamente para que parte da biblioteca estava indo.

Lei.

Julian retirava um livro de capa vermelha de uma prateleira alta quando um grito ecoou pelo corredor. Ele pegou o volume e em um instante já estava fora da biblioteca, se apressando pelo corredor. Dobrou uma esquina e viu a porta de

Drusilla aberta. Ela estava inclinada para fora, com a luz enfeitada na mão, e o rosto arredondado iluminado. O pijama era coberto por uma estampa de máscaras assustadoras.

— Tavvy está chorando — disse ela. — Tinha parado um pouco, mas depois começou outra vez.

— Obrigado por avisar. — Ele abaixou para dar um beijo na testa dela. — Volte para a cama, cuido disso.

Drusilla recuou, e Julian entrou no quarto de Tavvy, fechando a porta.

Tavvy era uma bola encolhida sob as cobertas. Ele estava dormindo, o corpo curvado sobre um dos travesseiros, a boca aberta em um engasgo. Lágrimas corriam pelo rosto.

Julian se sentou na cama e colocou uma das mãos no ombro do irmão.

— Octavian — chamou. — Acorde, você está tendo um pesadelo, acorde.

Tavvy se levantou, os cabelos castanhos desalinhados. Quando viu Julian, soluçou e pulou para cima do irmão mais velho, agarrando-o pelo pescoço.

Jules segurou Tavvy e esfregou as costas dele, afagando gentilmente os nodos da espinha. Muito pequeno, muito magro, sua mente dizia. Era uma luta fazer Tavvy comer e dormir desde a Guerra Maligna.

Ele se lembrava de correr pelas ruas de Alicante com Tavvy no colo, tropeçando no asfalto rachado, tentando manter o rosto do irmão enterrado em seu ombro para que ele não visse todo o sangue e morte que o cercava. Pensando que, se pudesse passar por tudo aquilo sem que Tavvy visse o que estava acontecendo, tudo ficaria bem. Ele não se lembraria. Ele não saberia.

E, mesmo assim, Tavvy acordava com pesadelos toda semana, tremendo, suando e chorando. E sempre que acontecia, a constatação de que não tinha conseguido salvar o irmãozinho perfurava Julian como espinhos.

A respiração de Tavvy se uniformizou lentamente enquanto Julian estava ali, abraçando-o. Queria deitar, queria aconchegar o irmão e dormir. Ele precisava muito descansar, e o cansaço parecia arrastá-lo como uma onda, puxando-o para baixo.

Mas ele não conseguia dormir. O corpo estava aceso, incomodado. A flecha que o penetrou foi uma agonia enorme; retirá-la foi pior ainda. Ele sentiu a pele rasgar e um momento de puro pânico animal, a certeza de que ia morrer, e aí o que aconteceria com eles, *livvyetyedrusillaetavvyemark*?

E então veio a voz de Emma ao seu ouvido, e as mãos dela nele, e ele soube que ia viver. Ele se olhou agora, e a marca nas costelas tinha desaparecido totalmente — bem, tinha alguma coisa ali, uma linha branca fraca em contraste com a pele marrom, mas isso não era nada. Caçadores de Sombras viviam através de cicatrizes. Às vezes, ele achava, viviam por elas.

Esponaneamente, lhe veio à mente a imagem que ele estava tentando apagar desde que voltou para o Instituto: Emma, em seu colo, com as mãos nos ombros dele. Seus cabelos como correntes de ouro claro em volta do rosto.

Ele se lembrou de ter pensado que, se morresse, pelo menos morreria com ela o mais perto possível. Dentro do permitido por Lei.

Enquanto Tavvy dormia, Julian alcançou o livro que pegou na biblioteca. Era um livro que já tinha estudado tantas vezes que agora sempre caía na mesma página bem gasta. Sobre *parabatai*, dizia.

É decretado que aqueles que passaram pela cerimônia parabatai e estão eternamente ligados pelos termos dos juramentos de Saulo e David, de Ruth e Naomi, não devem se casar, não devem ter filhos juntos e não devem se amar pela forma de Eros, mas como Philia ou Ágape.

A punição para a contravenção desta lei será decidida pela Clave: separação dos parabatai em questão, exílio das famílias e, se o comportamento criminoso se mantiver, as Marcas serão retiradas e eles serão expulsos dos Nephilim. Jamais voltarão a ser Caçadores de Sombras.

Assim é decretado por Raziel.

Sed lex, dura lex. A Lei é dura, mas é a Lei.

* * *

Quando Emma entrou na cozinha, Julian estava perto da pia, limpando os restos do café da manhã. Mark se apoiava na bancada, usando jeans preto e uma camisa preta. Com seus novos cabelos curtos, à luz do dia, ele parecia muito diferente do menino feral e maltrapilho que tirou o capuz no Santuário.

Ela tinha saído para uma corrida deliberadamente longa na praia naquela manhã e perdeu a refeição em família de propósito, tentando clarear as ideias. Ela pegou uma garrafa de vitamina da geladeira para substituir o café. Quando virou, Mark estava sorrindo.

— Pelo que entendi, o que estou usando não é sofisticado o suficiente para a loteria de hoje à noite? — perguntou ele.

Emma olhou de Mark para Julian.

— Então o Senhor Regras cedeu e decidiu que você poderá ir?

Julian deu de ombros.

— Sou um homem razoável.

— Ty e Livvy prometeram me ajudar a encontrar alguma coisa para vestir — disse Mark, indo para a porta da cozinha.

— Não confie neles. — Julian sugeriu atrás dele. — Não... — Ele balançou a cabeça enquanto a porta se fechava. — Acho que ele terá que aprender essa lição sozinho.

— Isso me lembra... — disse Emma, se apoiando na bancada. — Temos uma situação de emergência.

— Uma emergência? — Com um olhar preocupado, ele fechou a torneira e virou o olhar para ela.

Emma pousou a bebida. Espumas de sabão estavam grudadas nos antebraços de Julian, e a camiseta, molhada com a água quente. Ela não conseguiu conter uma lembrança: Jules no banco de trás, olhando para ela com os dentes cerrados. A pele dele, sob suas mãos, o sangue escorregadio.

— É Diana? — perguntou ele, alcançando o papel-toalha.

— Quê? — Isso a despertou do devaneio. — Está tudo bem com Diana?

— Suponho que sim — respondeu ele. — Ela deixou um bilhete dizendo que passaria o dia fora hoje. Ia para Ojai ver o amigo feiticeiro.

— Ela não sabe sobre essa noite. — Emma se apoiou na bancada. — Sabe?

Jules balançou a cabeça. Um cacho molhado o tocou na bochecha.

— Não tive chance de contar.

— Poderia mandar uma mensagem — observou Emma. — Ou ligar.

— Poderia — respondeu ele de forma neutra. — Mas aí eu sentiria a necessidade de contar sobre ter me ferido ontem.

— Talvez devesse.

— Estou bem — disse ele. — Quero dizer, bem de verdade. Como se nada tivesse acontecido. — Ele balançou a cabeça. — Não quero que ela insista em me deixar de fora hoje. O teatro pode não ser nada, mas, se for alguma coisa, quero estar lá. — Ele jogou o papel-toalha no lixo. — Se você estiver lá, eu quero estar.

— Gosto quando você mente. — Emma esticou os dedos dos pés, os braços atrás da cabeça, tentando alongar os músculos. O ar frio tocou a pele exposta de sua barriga quando a camiseta levantou. — Mas, se você está totalmente bem, talvez não precise contar para Diana? Só uma sugestão.

Quando Julian não respondeu, ela olhou para ele.

Ele parou no meio do movimento, encarando-a. Cada um de seus cílios era uma perfeita linha escura; ele estava inexpressivo, com o olhar fechado, como se

tivesse sido capturado por uma imobilidade peculiar.

Ele era lindo. A coisa mais linda que ela já tinha visto. Emma queria entrar na pele dele, viver onde ele respirava. Ela *queria*.

Estava apavorada. Nunca tinha *querido* ele assim antes. Era porque Julian tinha quase morrido, disse a si mesma. Todo o seu corpo era programado para monitorar a sobrevivência dele. Ela precisava que ele vivesse. Ele quase morreu, e tudo dentro dela estava em curto-circuito.

Ele ficaria horrorizado, disse a si mesma. Se soubesse como ela estava se sentindo — ficaria enojado. As coisas voltariam a ser como ficaram assim que ele voltou da Inglaterra, quando ela achou que ele estivesse com raiva dela. Que talvez ele a odiasse.

Ele já sabia naquele momento, disse uma vozinha em sua mente. *Ele sabia sobre os seus sentimentos. Ele sabia o que você ainda não sabia.*

Ela encostou as mãos contra a bancada, o mármore pressionando suas palmas, a dor limpando sua mente. *Cale a boca*, ela disse para a voz mental. *Cale a boca*.

— Uma emergência. — A voz dele estava baixa. — Você disse que tinha uma emergência?

— Uma emergência de moda. Cristina precisa de um vestido para ficar igual a todo mundo hoje à noite, e realmente não tem nada na casa para ela. — Emma olhou para o relógio. — Vamos levar meia hora, no máximo.

Ele relaxou, claramente aliviado.

— Tesouros Escondidos? — perguntou. Era um bom palpite: a loja preferida de Emma para roupas vintage era conhecida da família. Toda vez que ela a visitava, comprava coisas para eles: uma gravata-borboleta para Tavvy, uma faixa de cabelo florida para Livvy, um antigo pôster de filme de terror para Dru.

— Sim. Quer alguma coisa?

— Eu sempre meio que quis um relógio de Batman que diz ACORDE, MENINO PRODÍGIO quando toca o alarme — disse ele. — Agradaria o meu quarto.

— Conseguimos! — gritou Livvy, entrando na cozinha. — Bem, uma parte, pelo menos. Mas é estranho.

Emma virou aliviada para ela.

— Conseguiram o quê?

— Na nossa língua, Livvy — disse Julian. — O que é estranho?

— Traduzimos algumas linhas da caverna — disse Ty, entrando atrás de Livvy. Ele estava com um casaco de capuz cinza, grande demais, que engolia suas mãos. Os cabelos escuros entornavam sobre a beira do capuz. — Mas elas não fazem o menor sentido.

— São um recado? — perguntou Emma.

Livvy balançou a cabeça.

— Versos de um poema — falou, desdobrando o papel que tinha nas mãos.

Mas nosso amor era muito mais forte do que o amor
Daqueles que eram mais velhos do que nós...
De muitos mais sábios do que nós...
E nem os anjos no Céu acima
Nem os demônios sob o mar
Podem separar a minha alma da alma
Da bela Annabel Lee...

— Annabel Lee — disse Julian. — Edgar Allan Poe.

— Conheço o poema — disse Livvy, franzindo as sobrancelhas. — Só não sei por que estava escrito na parede da caverna.

— Pensei que talvez fosse a cifra de um livro — disse Ty. — Mas isso significaria que há uma segunda metade. Algo em outro lugar, talvez. Pode valer a pena checar com Malcolm.

— Vou acrescentar à lista — disse Julian.

Cristina colocou a cabeça pela entrada da cozinha.

— Emma? — chamou a garota. — Está pronta para ir?

— Você parece preocupada — disse Livvy. — Emma vai levá-la a algum lugar para matá-la?

— Pior — disse Emma, indo para a porta se juntar a Cristina. — Compras.

— Para hoje? Em primeiro lugar, estou morrendo de inveja, e, em segundo lugar, não deixe ela levá-la àquele lugar em Topanga Canyon...

— Basta! — Emma tapou os ouvidos de Cristina com as mãos. — Não dê ouvidos a ela. Ela enlouqueceu desvendando códigos.

— Compre abotoaduras para mim — pediu Jules. — E volte o mais rápido possível. — O barulho da água correndo na pia foi abafado por Livvy, que já tinha começado a recitar mais do poema.

*Foi há muitos anos,
Em um reino perto do mar...*

— É aqui que quer comprar roupas? — perguntou Cristina, com as sobrancelhas erguidas, enquanto Emma parava o Toyota em um estacionamento cercado por árvores.

— É o lugar mais perto — explicou Emma, desligando o carro. Na frente delas havia uma única construção solitária com uma placa de letras imensas em purpurina, que soletrava as palavras TESOUROS ESCONDIDOS. Uma enorme máquina de pipoca, vermelha e branca, se encontrava perto da loja, junto a uma caravana pintada, com uma cortina, anunciando os serviços de Gargantua, o Grande. — Além disso, é demais.

— Não parece um lugar onde se comprem vestidos glamourosos — argumentou Cristina, franzindo o nariz. — Este me parece um lugar onde a pessoa é sequestrada e vendida para o circo.

Emma a pegou pelo pulso.

— Você não confia em mim? — perguntou ela.

— É lógico que não — respondeu Cristina. — Você não é confiável.

Mas ela permitiu que Emma a arrastasse para a loja, que era cheia de tesouros bregas: bandejas de festa, velhas bonecas de porcelana e, perto do caixa, prateleiras de joias e relógios vintage. Uma segunda sala se abria a partir da primeira. Era cheia de roupas — roupas incríveis. Calças Levi's vintage de segunda mão, saias lápis de tweed e bombazina, dos anos 1950, blusas de seda, renda e veludo molhado.

E, em uma segunda sala menor, que saía da primeira, os vestidos. Pareciam borboletas penduradas: camadas de organza vermelha, cetim charmeuse com cores de aquarela, a bainha de um vestido Balmain, uma anágua de tule, como espuma na água.

— Julian não disse que precisava de abotoaduras? — perguntou Cristina, freando Emma perto do caixa. A vendedora, que usava um óculos de olhos de gato e um crachá que dizia SARAH, as ignorou propositalmente.

Emma passou os olhos pela vitrine de abotoaduras masculinas — a maioria tinha formas engraçadas, dados, armas, ou gatos, mas havia uma parte com algumas mais bonitas: Paul Smith, Burberry e Lanvin.

Ao passar os olhos por elas, subitamente Emma se sentiu tímida. Escolher abotoaduras parecia algo que uma namorada faria. Não que ela já tivesse feito isso por Cameron, ou por qualquer outra pessoa com quem tivesse saído por um tempo, mas ela nunca se importou o suficiente para querer. Quando Julian tivesse uma namorada, Emma sabia, ela seria o tipo de garota que compraria abotoaduras para ele. Que se lembraria do aniversário dele e ligaria todos os dias. Ela teria adoração por ele. Como poderia não ter?

Emma pegou um par de abotoaduras douradas com pedras pretas, quase sem ver o que fazia. Pensar em Julian com uma namorada lhe causou uma dor que ela não podia compreender.

Pousando as abotoaduras na bancada, ela foi para a pequena sala cheia de

vestidos. Cristina a seguiu, parecendo preocupada.

Eu vinha aqui com minha mãe, Emma pensou, passando a mão pela arara de cetins, sedas e tecidos sintéticos. *Ela adorava coisas vintage extravagantes, velhos casacos Chanel, vestidos com miçangas*. Mas em voz alta tudo o que disse foi:

— Temos que nos apressar, não podemos passar muito tempo fora do Instituto com uma investigação em curso.

Cristina pegou um vestido brilhante em brocado rosa e pequenas flores douradas.

— Vou experimentar este.

Ela desapareceu dentro de uma cabine fechada por um lençol de Guerra nas Estrelas. Emma pegou outro vestido da arara: seda clara com cordões de contas prateadas. Olhar para ele fez com que ela se sentisse como quando olhava para um belo pôr do sol, para uma das pinturas de Julian ou para as mãos dele movendo pincéis e potes de tinta.

Ela foi para a cabine do provador se trocar. Quando saiu, Cristina estava no meio da sala, franzindo o rosto para o vestido rosa. Estava grudado como papel filme em todas as suas curvas.

— Acho que está muito apertado — comentou.

— Acho que é para ser apertado assim mesmo — respondeu Emma. — Seus peitos estão ótimos.

— Emma! — Cristina levantou os olhos, escandalizada; em seguida, engasgou. — Ah, você está linda!

Emma tocou o tecido marfim e prateado do vestido com um movimento incerto. Branco representava morte e luto para os Caçadores de Sombras; eles raramente usavam essa cor casualmente, apesar de que por ser marfim, ela poderia se safar.

— Você acha?

Cristina sorria para ela.

— Sabe, você é exatamente como eu pensei que seria, e, às vezes, você é muito diferente.

Emma foi para o espelho se olhar.

— Como assim, como você pensou que eu seria?

Cristina pegou um globo de neve e fez uma careta para ele.

— Sabe, não ouvi apenas sobre Mark antes de vir para cá. Eu ouvi falar de você. Todos diziam que você ia ser o próximo Jace Herondale. A próxima grande guerreira Caçadora de Sombras.

— Não vou ser — disse Emma. A voz dela soou calma, baixa e distante aos seus ouvidos. Ela não podia acreditar que estava falando aquilo. As palavras

pareciam sair sem terem sido formadas mentalmente antes, como se estivessem criando a própria realidade ao serem faladas. — Não sou especial, Cristina. Não tenho sangue de Anjo extra nem poderes especiais. Sou uma Caçadora de Sombras comum.

— Você não é comum.

— Sou. Não tenho poderes mágicos, não sou amaldiçoada nem abençoada. Posso fazer exatamente a mesma coisa que todos os outros podem. Só sou boa porque treino.

A vendedora, Sarah, esticou a cabeça em volta da porta, com os olhos arregalados. Emma tinha se esquecido que ela estava ali.

— Precisam de alguma ajuda?

— Preciso de tanta ajuda que você nem imagina — disse Emma. Alarmada, Sarah voltou para o caixa.

— Isso é constrangedor — disse Cristina em um sussurro. — Ela provavelmente acha que somos duas lunáticas. É melhor irmos.

Emma suspirou.

— Desculpe, Tina — falou. — Vou pagar as coisas.

— Mas eu nem sei se quero esse vestido! — retrucou Cristina quando Emma sumiu de volta para o provador.

Emma se virou e apontou para ela.

— Quer sim. Eu falei sério quanto aos seus peitos. Eles estão incríveis. Acho que nunca vi tanto deles antes. Se eu tivesse esses peitos, pode acreditar que ia exibí-los o tempo todo.

— Por favor, pare de dizer “peitos” — reclamou Cristina. — É uma péssima palavra. Soa ridícula.

— Talvez — disse Emma, fechando o provador. — Mas eles estão ótimos.

Dez minutos depois, vestidos nas sacolas, estavam voltando pela estrada do cânion em direção ao mar. Cristina, no assento ao lado de Emma, estava sentada com as pernas cruzadas nos calcanhares e sem se apoiar no painel, como Emma estaria.

Em torno delas o cenário familiar do cânion se elevou: pedra cinzenta, vegetação verde e espinhosa. Carvalhos e cicuta dos prados. Uma vez, Emma subiu uma dessas montanhas com Jules, e eles encontraram um ninho de águia, com alguns ossos de ratos e morcegos acumulados.

— Você está enganada quanto ao motivo pelo qual é boa no que faz — disse Cristina. — Não é só o treinamento. Todo mundo treina, Emma.

— Sim, mas eu me mato treinando — respondeu Emma. — É tudo que faço. Acordo e treino, corro, corto as mãos no saco de pancada e passo horas treinando noite adentro, e preciso, porque não tem mais nada de especial em mim, e nada

mais importa. Só me importa treinar e descobrir quem matou meus pais. Porque eles me achavam especial, e quem quer que os tenha tirado de mim...

— Outras pessoas a acham especial, Emma — cortou Cristina, parecendo, mais do que nunca, uma irmã mais velha.

— O que é tenho é *empenho* — rebateu Emma, com a voz amarga. Ela estava pensando nos pequenos ossos no ninho, em como eram frágeis e como seriam facilmente quebrados com dois dedos. — Eu posso me empenhar mais do que qualquer pessoa no mundo. Posso fazer da vingança a única coisa que tenho na vida, porque preciso. Mas isso significa que é tudo que eu tenho.

— Não é tudo que você tem — disse Cristina. — O que você não teve é o seu momento. Sua chance de ser incrível. Jace Herondale e Clary Fairchild não foram heróis em um vácuo; houve uma guerra. Foram forçados a fazer escolhas. Esses momentos aparecem para todos nós. Vão aparecer para você também. — Ela entrelaçou os dedos. — O Anjo tem planos para você. Prometo. Você é mais preparada do que pensa. Você se manteve forte não só durante o treinamento, mas pelas pessoas ao seu redor, amando e sendo amada. Julian e os outros, eles não permitiram que você se isolasse, sozinha com sua vingança e seus pensamentos amargos. O mar desgasta penhascos, Emma, e os transforma em areia; do mesmo jeito, o amor nos desgasta e ataca nossas defesas. Você só não sabe o quanto significa ter pessoas que lutem por você quando as coisas dão errado...

A voz dela falhou, e ela olhou para a janela. Tinham chegado à rodovia; Emma quase bateu no trânsito, alarmada.

— Cristina? O que foi? O que aconteceu?

Cristina balançou a cabeça.

— Sei que aconteceu alguma coisa com você no México — disse Emma. — Sei que alguém a machucou. Por favor, me diga o que foi e o que fizeram. Prometo que não vou tentar caçá-los e alimentar meus peixes imaginários com eles. Eu só... — Ela suspirou. — Quero ajudar.

— Não pode. — Cristina fitou os próprios dedos entrelaçados. — Algumas traições não podem ser perdoadas.

— Foi o Diego Perfeito?

— Deixe para lá, Emma — disse Cristina, e Emma respeitou.

No restante do caminho até o Instituto, elas conversaram sobre os vestidos e sobre a melhor maneira de esconder armas em vestimentas que não foram feitas para guardar armas. Mas Emma tinha notado o jeito como Cristina se encolheu quando ela mencionou o nome de Diego. Talvez não então, talvez não naquele dia, ela pensou, mas ela *ia* descobrir o que tinha acontecido.

Julian correu para baixo ao ouvir as batidas altas e repetitivas na porta da frente do Instituto. Ele continuava descalço; ainda não tivera a chance de se calçar. Depois que terminou de arrumar as coisas após o café da manhã, passou uma hora tentando convencer o tio Arthur de que ninguém tinha roubado o busto de Hermes (estava embaixo da mesa dele), achou Drusilla trancada na casa de brinquedo de Tavvy, chateada por não ter sido chamada para o restaurante na noite anterior. Tavvy descobriu que Ty vinha escondendo um gambá em seu quarto e começou a gritar. Livvy estava ocupada tentando convencer Ty a libertar o gambá; Ty achou que o fato de que ele e Livvy tinham traduzido os versos de Poe significava que ele havia conquistado o direito de manter o gambá.

Mark, o único irmão que não tinha trazido problemas para Julian, estava escondido em algum lugar.

Julian abriu a porta. Malcolm Fade estava do outro lado, de calça jeans e com o tipo de casaco que dava para saber que era caro, porque parecia sujo e rasgado, mas de um jeito artístico. Alguém tinha gastado tempo e dinheiro rasgando aquele casaco.

— Sabe, não é uma boa ideia bater na porta desse jeito — disse Julian. — Temos muitas armas aqui, caso alguém invada.

— Hã — disse Malcolm. — Não sei ao certo se a primeira parte da declaração tem a ver com a segunda.

— Não? Achei que fosse uma relação óbvia.

Os olhos de Malcolm estavam roxos e brilhantes, o que normalmente significava que ele estava em um estado de humor peculiar.

— Não vai me deixar entrar?

— Não — respondeu Julian. A mente estava girando com pensamentos sobre Mark, no andar de cima; e Malcolm não podia ver Mark. Sua volta era um segredo muito grande para Malcolm guardar, e era um indício muito forte do motivo da investigação.

Julian forçou suas feições a aparentarem um agradável desinteresse, mas não saiu do lugar, impedindo a entrada de Malcolm.

— Ty trouxe um gambá para dentro — falou Jules. — Acredite, você não quer entrar.

Malcolm pareceu alarmado.

— Um gambá?

— Um gambá — confirmou Julian. Ele acreditava que as melhores mentiras se baseavam na verdade. — Você traduziu alguma das marcações?

— Ainda não — respondeu Malcolm. Ele mexeu a mão, não muito, um pequeno gesto, mas as cópias das marcas parcialmente traduzidas que deram a ele apareceram, gentilmente seguras entre seus dedos. Às vezes, Julian pensou,

era fácil se esquecer de que Malcolm era um poderoso usuário de magia. — Mas descobri as origens.

— Sério? — Julian tentou parecer impressionado. Eles já sabiam que era uma língua antiga do Reino das Fadas, apesar de não terem podido contar isso a Malcolm.

Por outro lado, essa era uma chance de ver se as fadas estavam falando a verdade. Julian olhou para Malcolm com um interesse renovado.

— Espere, talvez essas não sejam as marcas. — Malcolm olhou os papéis. — Parece uma receita de bolo de laranja.

Julian cruzou os braços.

— Não, não é.

Malcolm franziu o rosto.

— Eu definitivamente me lembro de ter olhado uma receita de bolo de laranja recentemente.

Julian revirou os olhos em silêncio. Às vezes, com Malcolm você só precisava ser paciente.

— Deixa para lá — disse Malcolm. — Isso foi na revista *O*. Isso... — Ele cutucou o papel. — Uma antiga língua do Reino das Fadas... você tinha razão; é mais antiga do que os Caçadores de Sombras. Enfim, essa é a origem da língua. Provavelmente conseguirei mais nos próximos dias. Mas não foi por isso que vim aqui.

Julian se alegrou.

— Examinei um pouco o veneno no tecido que você me mandou ontem à noite. Verifiquei e comparei com diferentes toxinas. Era um cataplasma, um concentrado de um raro tipo da planta beladona com venenos demoníacos. Devia tê-lo matado.

— Mas Emma me curou — disse Julian. — Com um *iratze*. Então você está dizendo que devemos procurar por...

— Não estava dizendo nada sobre procurar — interrompeu Malcolm. — Só estou dizendo. Nenhum *iratze* poderia curá-lo. Mesmo considerando a força dos símbolos *parabatai*, você não deveria ter sobrevivido de jeito nenhum. — Seus estranhos olhos violeta se fixaram em Julian. — Não sei se foi alguma coisa que você fez ou que Emma fez, mas o que quer que tenha sido, era impossível. Você não deveria estar respirando agora.

Julian subiu as escadas lentamente. Estava ouvindo gritos de cima, mas não do tipo que pareciam indicar que alguém estivesse correndo algum perigo real. Saber a diferença entre gritos de perigo e gritos de brincadeira era uma

necessidade absoluta quando você era encarregado de quatro crianças.

Sua mente continuava no que Malcolm havia dito sobre o cataplasma. Era enervante ouvir que você deveria estar morto. Sempre havia a possibilidade de que Malcolm estivesse enganado, mas, por alguma razão, Julian duvidava de que fosse esse o caso. Emma não tinha dito algo sobre ter encontrado plantas beladona perto da convergência?

Pensamentos sobre venenos e convergências desapareceram de sua mente quando ele virou o corredor saindo da escada. A sala onde mantinham o computador de Tiberius estava preenchida por luz e barulho. Julian foi até a entrada e ficou olhando.

Havia um jogo rodando e piscando na tela do computador. Mark estava na frente dele, apertando botões desesperadamente em um controle enquanto um caminhão acelerava na direção dele na tela. Esmagou o personagem com um ruído, e ele jogou o controle de lado.

— Essa caixa serve ao Senhor das Mentiras! — anunciou ele, indignado.

Ty riu, e Julian sentiu uma pontada no coração. O som da risada do irmão era um dos sons favoritos de Julian; em parte porque a risada de Ty era tão sincera, sem qualquer tentativa de disfarçá-la ou qualquer senso de que deveria escondê-la. Trocadilhos e ironias não costumavam ter graça para Ty, mas pessoas agindo como tolas tinham, e ele realmente se divertia com o comportamento de animais — Church caindo de uma mesa e tentando recuperar a dignidade —, e aquilo era lindo para Julian.

No meio da noite, deitado na cama e olhando para seu mural de espinhos, Julian às vezes desejava que pudesse abandonar o papel que o obrigava a dizer para Ty que ele não podia ter gambás no quarto, ou que ele tinha que estudar ou apagar as luzes do quarto dele quando estava lendo em vez de dormir. E se, como um irmão normal, ele pudesse assistir a filmes do Sherlock Holmes com Ty e ajudá-lo a criar lagartos sem se preocupar com a possibilidade de eles escaparem e fugirem pelo Instituto? *E se?*

A mãe de Julian sempre destacou a diferença entre fazer alguma coisa por alguém e oferecer as ferramentas para que ela as fizesse sozinha. Foi como ela ensinou Julian a pintar. Julian também sempre tentava fazer o mesmo por Ty, apesar de frequentemente parecer que ele estava andando no escuro: fazendo livros, brinquedos, aulas que pareciam adequadas ao jeito especial como Ty pensava — era a coisa certa a se fazer? Ele achava que ajudava. Torcia para isso. Às vezes, a esperança era tudo que se podia ter.

Esperança e olhar para Ty. Havia um prazer em ver Ty se tornar mais ele mesmo e precisar cada vez menos de instruções e ajuda. No entanto, havia também tristeza pelo dia em que seu irmão não precisaria mais dele. Às vezes,

nas profundezas do coração, Julian ficava imaginando se Ty queria ficar com ele quando esse dia chegasse — com o irmão que vivia mandando que ele fizesse coisas nada divertidas.

— Não é uma caixa — disse Ty. — É um controle.

— Bem, ele mente — argumentou Mark, se virando na cadeira. Ele viu Julian, apoiado na porta, e acenou com a cabeça. — Bom vê-lo, Jules.

Julian sabia que essa era uma saudação das fadas e lutou internamente para não mencionar que eles já tinham se visto naquela manhã, na cozinha, sem falar nas milhares de vezes antes disso. Ele venceu seus instintos, por pouco.

— Oi, Mark.

— Tudo bem?

Julian fez que sim com a cabeça.

— Posso falar com Ty um minuto?

Tiberius se levantou. Os cabelos pretos estavam bagunçados, crescendo demais. Julian lembrou a si mesmo que precisava marcar um corte de cabelo para os gêmeos. Mais uma coisa para acrescentar à agenda.

Ty saiu para o corredor, fechando a porta da sala do computador atrás de si. Exibia uma expressão tensa.

— É sobre o gambá? Porque Livvy já o levou de volta para fora.

Julian balançou a cabeça.

— Não é sobre o gambá.

Ty levantou a cabeça. Ele sempre teve feições delicadas, mais élficas do que as de Helen e Mark. Seu pai dizia que ele era parecido com antigas gerações de Blackthorn, e ele não era muito diferente de alguns dos retratos de família na sala de jantar que raramente usavam; homens vitorianos esguios com roupas feitas sob medida, rostos de porcelana e cabelos pretos e ondulados.

— O que é, então?

Julian hesitou. A casa estava toda parada. Dava para ouvir os estalos do computador do outro lado da porta.

Ele tinha pensando em pedir para Ty pesquisar sobre o veneno que o atingiu. Mas isso exigiria que dissesse para ele *eu estava morrendo. Eu deveria estar morto*. As palavras não saíam. Eram como uma represa, e atrás delas vinham tantas outras: *não tenho certeza de nada. Detesto ser o responsável. Detesto tomar decisões. Morro de medo que todos vocês aprendam a me odiar. Morro de medo de perdê-los. Morro de medo de perder Mark. Morro de medo de perder Emma. Quero que alguém assuma o comando. Não sou tão forte quanto pensam. As coisas que quero são erradas de se querer*.

Ele sabia que não podia falar nada disso. A fachada que apresentava, para suas crianças, tinha que ser perfeita: uma rachadura nela seria como uma

rachadura no mundo para eles.

— Você sabe que te amo. — Foi o que acabou dizendo, e Ty olhou para ele, espantado, encontrando o seu olhar por um breve instante.

Ao longo dos anos, Julian tinha aprendido a entender por que Ty não gostava de olhar nos olhos das pessoas. Havia muito movimento, cor, expressão, era como olhar para uma televisão. Ele *consequia*, sabia que era algo de que as pessoas gostavam, e isso importava para elas, mas ele não parecia entender por que tanto drama.

Ty estava investigando então, procurando no rosto do irmão mais velho a resposta para sua estranha hesitação.

— Eu sei — respondeu Ty, afinal.

Julian não conseguiu conter o esboço de um sorriso. Era o que se quer ouvir, não é mesmo, dos seus filhos? Que eles sabiam que eram amados? Ele se lembrou de quando carregou Tavvy para cima, uma vez, quando tinha 13 anos; ele tropeçou e caiu, e girou para cair de costas e de cabeça, sem se importar se ia se machucar, contanto que Tavvy ficasse bem. Ele machucou feio a cabeça, mas se sentou rapidamente, com a mente acelerada: *Tavvy, meu bebê, ele está bem?*

Foi a primeira vez que ele pensou “meu bebê”, e não “o bebê”.

— Mas não entendi por que queria conversar comigo — disse Ty, cerrando as sobrancelhas em confusão. — Tinha algum motivo?

Julian balançou a cabeça. Ao longe, ouviu a porta da frente se abrir, o ruído fraco de Emma e Cristina rindo, ecoando. Elas estavam de volta.

— Nenhum motivo — falou Julian.

14

Olhos Brilhantes

Na entrada de mármore, Julian arriscou uma última olhada no espelho.

Ele tinha feito Livvy pesquisar “semiformal” para ele e teve suas suspeitas sombrias confirmadas: significava um terno escuro. O único que ele tinha era um Sy Devore vintage preto que Emma encontrou em uma cesta na TESOUROS ESCONDIDOS. Era forrado de seda e da cor de carvão, e tinha botões de madrepérola no colete. Quando ele o vestiu, ela bateu palmas e falou que ele parecia um astro de cinema, então, Julian acabou comprando, obviamente.

— Você está muito bonito, Andrew.

Julian se virou. Era o tio Arthur. O roupão cinza manchado estava mal amarrado sobre velhos jeans e uma camiseta rasgada. Uma barbicha cinza crescia no queixo.

Julian não perdeu tempo corrigindo o tio. Ele sabia o quanto se parecia com o pai quando ele era mais novo. Talvez fosse um conforto para Arthur imaginar que o irmão ainda estava vivo. Talvez ver Julian arrumado tenha feito Arthur se lembrar de anos antes, quando ele e o irmão eram jovens e iam para festas e bailes. Antes de tudo desmoronar.

Julian sabia que Arthur sofria pela morte do irmão, mas do jeito dele: estava escondido sob as camadas de encantamento das fadas e do trauma que despedaçara sua mente. Se Arthur não fosse tão recluso e estudioso, Julian imaginava que o estado do tio teria sido descoberto antes, quando ele vivia no Instituto de Londres. Ele também achava que o tio tinha piorado desde a Guerra Maligna. Ainda assim, às vezes, quando Arthur tomava o remédio que Malcolm arrumava, Julian conseguia ter um vislumbre do Caçador de Sombra que ele fora há muito tempo: valente, perspicaz e com um senso de honra de Aquiles ou Enéias.

— Oi, Arthur — disse ele.

Arthur acenou com a cabeça decididamente. Colocou a mão aberta no peito de Julian.

— Tenho uma reunião com Anselm Nightshade — disse ele com a voz profunda.

— Bom saber — disse Julian.

Era bom saber. Arthur e Anselm eram amigos, compartilhavam o amor pelos clássicos. Qualquer coisa que mantivesse Arthur ocupado era uma bênção.

Arthur se virou com uma precisão quase militar e marchou pela entrada, cruzando as portas do Santuário, que se fecharam atrás dele.

Risos flutuaram pela entrada. Julian deu as costas para o espelho a tempo de ver Cristina descendo as escadas. Sua pele marrom brilhava contra o brocado rosa do vestido. Brincos dourados balançavam em suas orelhas.

Atrás dela veio Emma. Ele assimilou o vestido, mas por pouco — notou que a cor era marfim, flutuava em torno dela como asas de anjo. A bainha a tocava nos calcanhares, e ele viu as pontas de botas brancas por baixo; sabia que havia facas enfiadas no cano das botas, com as alças pressionadas contra as panturrilhas.

O cabelo estava solto e escorria por suas costas em escuras ondas douradas. Havia um movimento, uma suavidade que ele sabia que jamais poderia capturar em uma pintura. Folha dourada, talvez, se ele pintasse como Klimt, mas mesmo isso seria uma comparação fraca com a realidade.

Ela chegou ao fim da escada, e ele percebeu que o material do vestido era fino o bastante para que fosse capaz de ver a forma e a sugestão de um corpo embaixo. Seu pulso bateu forte contra os punhos. O terno pareceu apertado, a pele, quente e irritada.

Ela sorriu para ele. Os próprios olhos castanhos eram contornados com ouro; captavam as manchas mais fracas nas íris, aqueles círculos de cobre que ele tinha passado a infância contando e memorizando.

— Eu trouxe — disse ela, e por um instante ele se esqueceu do que ela estava falando. Então se lembrou e estendeu os pulsos.

Emma abriu as mãos. Abotoaduras douradas com pedras pretas brilhavam em sua mão. O toque dela foi suave ao pegar as mãos dele nas suas, virar e cuidadosamente colocar as abotoaduras na camisa. Ela foi rápida, eficiente, mas ele sentiu cada movimento das pontas dos dedos contra a parte interna do pulso, como o toque de fios quentes.

Ela abaixou as mãos, deu um passo para trás, e fingiu examiná-lo com atenção.

— Acho que você serve — falou Emma.

Cristina resfolegou. Ela estava olhando para cima, para o alto das escadas; Julian seguiu o olhar dela.

Mark vinha descendo. Julian piscou, sem acreditar nos próprios olhos. O irmão mais velho parecia vestir um longo casaco de pele falso — e nada mais.

Não que desse para ver *tudo*. Mas dava para ver o suficiente, e o suficiente era excessivo.

— Mark — falou Julian —, o que você está *vestindo*?

Mark parou no meio da escada. As pernas estavam nuas. Os pés descalços. Julian tinha 99 por cento de certeza de que ele estava totalmente nu, exceto pelo casaco, que era relativamente solto. Era mais de Mark do que Julian já tinha visto desde que dividiram um quarto quando Julian tinha 2 anos.

Mark pareceu confuso.

— Ty e Livvy me disseram que isso era semiformal.

Foi então que Julian reparou nos risos que vinham de cima. Ty e Livvy estavam sentados no corrimão, rindo.

— E eu disse para não confiar neles!

Os lábios de Emma tremiam.

— Mark, só... — Ela estendeu a mão. Cristina estava parada, olhando para Mark com as duas bochechas totalmente ruborizadas e as mãos na boca. — Volte para cima, tudo bem? — Ela se virou para Jules e diminuiu a voz: — Você precisa achar alguma coisa para ele vestir!

— Você acha?

Emma o encarou.

— Jules, vá para o meu quarto, está bem? O baú ao pé da cama tem algumas roupas velhas dos meus pais. Meu pai usou um smoking para casar. Tinha símbolos nos punhos, mas podemos tirar.

— Mas o smoking do seu pai...

Ela olhou para ele, de lado.

— Não se preocupe com isso.

Uma dúzia de manchas douradas no olho esquerdo, só sete no direito. Cada uma delas, uma pequena explosão estrelar.

— Volto já — disse Julian, e correu pelas escadas para o irmão. Mark estava lá em cima, parecendo confuso, os braços esticados como se estivesse examinando as mangas do casaco de pele e concluindo que elas, de fato, eram o problema.

Dru, segurando a mão de Tavvy, tinha se juntado aos gêmeos. Estavam todos rindo. O brilho no rosto de Ty quando ele olhou para Mark deixou Julian aquecido e resfriado ao mesmo tempo.

E se Mark resolvesse não ficar? E se não encontrassem o assassino e ele fosse

levado de volta para a Caçada Selvagem? *E se?*

— Você diria que estou bem-vestido ou malvestido demais? — perguntou Mark, erguendo as sobrancelhas.

Emma soltou uma gargalhada e desabou no último degrau da escada. Um instante mais tarde Cristina se juntou a ela. Elas se apoiaram uma na outra, incapazes de conter as risadas.

Julian também queria rir. Gostaria de poder. Gostaria de poder se esquecer da escuridão que espreitava as bordas de sua visão. Gostaria de poder fechar os olhos e cair, se esquecendo por um instante de que não havia uma rede esticada para segurá-lo.

— Já está pronto? — perguntou Julian para a porta fechada do banheiro. Ele tinha pegado o terno de John Carstairs do baú de Emma e arrastado Mark para o próprio quarto para se trocar. A ideia do irmão nu no quarto de Emma não o agradava, mesmo que ela não estivesse presente.

A porta do banheiro se abriu, e Mark saiu. O smoking era preto, simples. Era impossível enxergar onde o tecido Marcado tinha sido cortado. As linhas elegantes da roupa pareciam subir, fazendo Mark parecer mais alto, mais polido. Pela primeira vez desde o seu retorno, todos os pedaços da criança fada selvagem nele pareciam ter desaparecido como teias de aranha. Ele parecia humano. Alguém que sempre foi humano.

— Por que você rói as unhas? — perguntou ele.

Julian, que nem tinha se tocado de que estava mordendo a unha do polegar — *a satisfatória dor da pele entre os dedos, o metal do sangue na boca* — abaixou a mão para o colo.

— É um mau hábito.

— Algo que as pessoas fazem quando estão estressadas — disse Mark. — Até eu sei disso. — Os dedos percorreram inutilmente a gravata. Ele franziu o rosto para ela.

Julian se levantou e foi até o irmão, pegando os laços da gravata nas mãos. Ele não se lembrava de quem tinha lhe ensinado a dar nó em gravata. Malcolm, pensou. Tinha quase certeza de que tinha sido Malcolm.

— Mas o que pode haver para stressá-lo, irmãozinho? — perguntou Mark. — Você não foi levado pelas fadas. Passou a vida aqui. Não que a vida de Caçador de Sombras não seja stressante, mas por que é você que tem as mãos sujas de sangue?

Os dedos de Julian pararam por um instante.

— Você não sabe tudo sobre mim, Mark. Exatamente como estou disposto a

acreditar que eu não sei tudo sobre você.

Os olhos azul e dourado de Mark estavam arregalados e sinceros.

— Pergunte.

— Prefiro aprender sozinho. — Julian deu um puxão final na gravata e chegou para trás examinando o trabalho. Mark parecia ter saído de um catálogo de propaganda de smokings, se modelos de catálogos tivessem orelhas pontudas.

— Eu não — disse Mark. — Diga-me alguma coisa que não sei a seu respeito, que o faz morder os dedos.

Julian se virou para a porta, em seguida, parou, com a mão na maçaneta.

— Nosso pai — falou Julian. — Você sabe o que aconteceu com ele?

— Ele foi Transformado em um dos Crepusculares por Sebastian Morgenstern — respondeu Mark. — Como eu poderia me esquecer?

— E depois?

— E depois? — Mark pareceu confuso. — E depois ele morreu durante a Guerra Maligna.

— Sim, morreu — respondeu Julian. — Porque eu o matei.

Mark respirou fundo. Havia choque naquela arfada, além de pena. Julian ficou tenso. Não suportava que sentissem pena dele.

— Ele estava indo para cima de Ty — disse Julian. — Eu fiz o que tinha que fazer.

— Não era ele — falou Mark rapidamente.

— É isso que todos dizem. — Julian continuava olhando para a porta. Ele sentiu um leve toque no ombro e se virou para ver que Mark o encarava.

— Mas ninguém viu acontecer, Julian, nosso pai sendo Transformado. Eu vi — falou Mark, e, de repente, em sua voz apareceu o som do irmão mais velho que era, o que sabia mais, que viveu mais. — A luz dos olhos dele se apagou como uma vela morrendo no escuro. Ele já estava morto por dentro. Você só enterrou o corpo.

Havia tristeza nos olhos de Mark, e sabedoria, o conhecimento de coisas escuras. Mark também tinha sangue nas mãos, Julian pensou, e por um instante a ideia foi um alívio tão grande que ele sentiu diminuir o peso de seus ombros.

— Obrigado pela ajuda — disse Mark formalmente. — Com as roupas. Não confiarei mais nos gêmeos em assuntos importantes sobre tradições humanas.

Julian sentiu o lábio se curvar para cima no canto.

— É, eu não confiaria.

Mark olhou para si mesmo.

— Estou apresentável?

— Está parecendo James Bond.

Mark sorriu, e Julian sentiu uma satisfação absurda por dentro, por seu irmão

ter entendido a referência, e por ter se sentido satisfeito.

Voltaram em silêncio para a entrada, um silêncio interrompido quando eles chegaram à escada pelo som de alguém gritando. Juntos, eles pararam no alto da escada.

— Sua visão equivale à minha, irmão? — perguntou Mark.

— Se está perguntando se estou vendo o que você vê... — disse Julian. — Então sim, se está se referindo ao fato de que a entrada está cheia de chihuahuas.

— Não são só os chihuahuas — disse Ty, que estava no degrau superior, curtindo o espetáculo. — São vários cachorros pequenos de diversas raças.

Julian riu. A entrada estava, de fato, cheia de pequenos cachorrinhos. Eles pulavam, latiam e corriam.

— Não se preocupe com os cachorros — tranquilizou Julian. — Nightshade gosta de deixá-los aqui na entrada quando encontra o tio Arthur.

— Nightshade? — Mark ergueu as sobrancelhas. — *Anselm* Nightshade? O líder do clã de vampiros de Los Angeles?

— É — respondeu Julian. — Ele vem, às vezes. Ele e Arthur se dão surpreendentemente bem.

— E os cachorros...?

— Ele gosta de cachorros — disse Ty.

Um dos chihuahuas tinha dormido na porta da frente, com as quatro patas para o ar.

— Aquele cachorro parece morto.

— Não está morto. Está relaxando. — Ty parecia entretido; Julian afagou o cabelo do irmão. Ty se inclinou para o carinho, como um gato.

— Onde estão Emma e Cristina?

— Foram buscar o carro — respondeu Ty. — E Livvy voltou para o quarto. Por que não posso ir junto?

— Se forem muitos de nós, vai levantar suspeitas — explicou Julian. — Você vai ter que ficar aqui e tomar conta do Instituto.

Ty não pareceu convencido. Ele franziu a testa enquanto Mark e Julian saíam pela porta da frente. O carro estava encostado na frente do Instituto, com o motor ligado.

Emma abriu a porta do banco do passageiro e assobiou.

— Mark. Você está lindo.

Mark olhou para si mesmo, surpreso. Uma onda de calor correu pelos pulsos de Julian. Cristina estava no banco de trás e também olhava para Mark. Julian não conseguiu interpretar a expressão dela.

Emma afagou o assento ao seu lado. No escuro do carro, ela era uma sombra: vestido branco, cabelos dourados, como uma ilustração desbotada em um livro

infantil.

— Entre aqui, Jules. Você é meu... meu navegador.

Você é meu. Ele sentou no banco ao lado dela.

— Tem que virar à direita aqui — disse Julian, se inclinando sobre Emma para apontar.

— Seria de se pensar que o Instituto tem condições de instalar um GPS confiável nesse carro — murmurou Emma, virando o volante. Ela havia tentado programá-lo quando entraram no Toyota, mas ele se recusou a ligar. Uma vez, o GPS passou semanas falando com um sotaque alemão pesado. Julian concluiu que estava possuído.

Cristina chiou e parou. Emma conseguia vê-la pelo retrovisor. Ela estava se inclinando sutilmente para longe de Mark; nada que alguém que não a conhecesse bem pudesse ter visto. Mark não pareceu notar. Ele olhava pela janela aberta, com os cabelos louros emaranhados, cantarolando qualquer coisa.

— Devagar, Speed Racer — disse Julian, quando alguém buzinou atrás de Emma.

— Estamos atrasados — falou ela. — Começa em dez minutos. Se *certas pessoas* não tivessem decidido que semiformal significava seminu...

— Por que está me chamando de “certas pessoas”? — indagou Mark. — Sou uma pessoa só.

— Isso é estranho — observou Julian, virando para olhar para a frente. — Não tem ninguém nessa rua.

— Tem casas — disse Cristina.

— Estão todas apagadas. — O olhar de Julian examinou a rua. — Um pouco cedo, não acham, para todos estarem dormindo? — notou. — Ali está o teatro.

Ele estava certo. Emma viu luzes, néon quente e eletricidade, à frente, a forma de seta de uma placa: TEATRO DA MEIA-NOITE. As colinas de Hollywood Hills brilhavam ao longe, como se tivessem sido temperadas com pó de estrela. Todo o restante estava escuro, até as luzes da rua.

Ao se aproximarem do teatro, as laterais da rua se tornaram mais cheias de carros estacionados. Modelos caros — BMWs, Porsches, carros esportivos italianos cujos nomes Emma não conseguia lembrar. Ela parou em uma vaga em frente ao teatro e desligou o motor.

— Estamos prontos? — Ela se virou para olhar para o banco de trás. Cristina deu uma piscadela para ela. Mark acenou com a cabeça. — Então vamos.

Julian já tinha saltado e estava abrindo a mala. Ele remexeu nas armas e estelas, entregando a Cristina um par de facas de arremesso.

— Isso é necessário?

Cristina puxou a alça do vestido para o lado. Preso ao sutiã estava um de seus canivetes, a rosa talhada brilhando no cabo.

— Vim preparada.

— Eu não. — Mark se esticou para pegar duas facas embainhadas, e abriu o casaco para guardá-las no cinto. Ele levou a mão até a garganta, tocando a ponta de flecha que trazia no pescoço.

Parado, Julian olhou para ele. Seus olhos azul-esverdeados estavam escuros, incertos. Emma conseguia ler o olhar em seu rosto: Julian não sabia se o irmão estava pronto para enfrentar o perigo em potencial. Não gostava disso. Mas não via outra saída.

— Muito bem — disse Julian. — Armas escondidas, quaisquer símbolos que queiram aplicar agora, coloquem em lugares onde ninguém veja. Marcas permanentes, certifiquem-se de que estejam cobertas. Não podemos correr o risco de sermos reconhecidos por alguém que tenha Visão.

Emma fez que sim com a cabeça. Eles já tinham coberto com base as Marcas de Vidência e *parabatai* dela, no Instituto. Ela fez o possível para cobrir as pequenas cicatrizes que mostravam onde símbolos tinham sido aplicados e depois sumido.

Algumas Marcas eram permanentes, e outras, temporárias. Vidência, que parecia um olho aberto e ajudava a enxergar através de feitiços, era permanente. As de casamento e *parabatai* também. Símbolos temporários sumiam lentamente à medida que eram utilizados — *iratzes*, por exemplo, desapareciam com diferentes velocidades, dependendo da gravidade do ferimento. Um símbolo de Equilíbrio podia ter a duração de uma escalada de montanha. Para obter os melhores resultados, ao ingressar numa batalha, as Marcas devem ser as mais recentes possíveis.

Jules levantou a manga e estendeu o braço para Emma.

— As honras? — pediu o garoto.

Ela pegou a estela da mala e passou pelo braço dele. Golpe Certo, Velocidade e Coragem. Quando terminou, levantou o cabelo e se virou, oferecendo a pele exposta a Julian.

— Se você puser símbolos entre as minhas omoplatas, meu cabelo vai esconder — sugeriu ela.

Julian não disse nada. Ela o sentiu hesitar, e, em seguida, o mais leve toque da mão dele em suas costas, ajeitando-a. Julian respirava rapidamente. Nervoso, ela pensou. Era uma situação estranha na qual estavam entrando, e ele parecia preocupado com Mark.

Ele começou o segundo símbolo, e Emma sentiu uma leve picada quando a

estela se moveu. Ela franziu o rosto. Normalmente, apesar de símbolos poderem arder ou queimar quando aplicados, símbolos feitos por um *parabatai* não doíam. Inclusive, eram quase prazerosos — era como estar envolvido pela proteção da amizade, a sensação de que alguém tinha registrado a própria dedicação a você em sua pele.

Era estranho que doesse.

Julian terminou, recuando, e Emma deixou o cabelo cair. Ela se virou e desenhou uma rápida Marca de Agilidade no ombro de Cristina, sob a alça do vestido. Em seguida olhou para Mark.

Ele balançou a cabeça, exatamente como havia feito toda vez que lhe ofereceram um símbolo.

— Sem Marcas — disse secamente.

— Tudo bem — falou Julian antes que qualquer outra pessoa pudesse falar.

— Ele não tem Marcas, exceto a da Vidência, e essa está coberta por maquiagem. Ele parece normal.

— Relativamente — refutou Emma. — As orelhas e os olhos...

Cristina deu um passo e bagunçou o cabelo de Mark, derrubando os cachos sobre as orelhas pontudas, cobrindo-as.

— Não podemos fazer nada quanto aos olhos, mas...

— Mundanos também têm heterocromia — disse Jules. — O principal é, Mark, tente *agir* normalmente.

Mark pareceu afrontado.

— E alguma vez não ajo?

Ninguém respondeu, nem mesmo Cristina. Após guardar um par de adagas embaixo da camisa, Julian fechou a mala, e eles atravessaram a rua.

As portas do teatro estavam abertas. Luz transbordava pelo chão escuro. Emma ouviu risos e música, sentiu o cheiro de uma mistura de perfume, vinho e fumaça.

Na porta, uma jovem com vestido vermelho recebia entradas e carimbava mãos. O cabelo estava arrumado em cachos estilo anos 1940, e os lábios vermelhos eram como sangue. Ela usava luvas de cetim claras que iam até os cotovelos.

Emma a reconheceu imediatamente. Já a tinha visto no Mercado das Sombras, piscando para Johnny Rook.

— Já a vi antes — sussurrou ela para Jules. — Mercado das Sombras. — Ele balançou a cabeça e pegou a mão de Emma. Ela se espantou de leve, tanto pelo calor súbito em sua palma quanto pela surpresa.

Ela olhou para Julian, viu o olhar em seu rosto quando ele sorriu para a menina familiar dos ingressos. Um pouco entediado, um pouco arrogante, muito

convencido. Alguém que não estava preocupado em entrar. Ele estava desempenhando um papel, e pegar a mão dela fazia parte do jogo, isso era tudo.

Ele entregou o ingresso.

— Sr. Smith e três convidados — anunciou Julian.

Houve uma ligeira comoção atrás deles quando Mark abriu a boca, sem dúvida para perguntar quem era o Sr. Smith, e Cristina pisou no pé dele.

A menina do ingresso sorriu, os lábios vermelhos se curvando em um laço, e lentamente rasgou o ingresso ao meio. Se reconheceu Emma, não demonstrou.

— Sr. Smith — disse ela. — Estenda a mão.

Julian ofereceu a mão livre, e a menina do ingresso a carimbou com tinta vermelha e preta. O carimbo era um símbolo estranho, linhas de água sob uma chama.

— O sorteio está um pouco atrasado hoje. Verão que a fileira e os assentos estão no ingresso. Por favor, não sentem na cadeira de outros convidados. — O olhar dela se voltou para Mark, um olhar afiado, firme e analítico. — E sejam bem-vindos — falou. — Acho que verão que os Seguidores são... um grupo solidário.

Mark pareceu espantado.

Mãos carimbadas e ingresso rasgado, os quatro entraram no teatro. Assim que atravessaram a entrada, a música se elevou a um grau ensurdecador, e Emma reconheceu como o tipo de grande banda de jazz que seu pai adorava. *Só porque toco violino não significa que não gosto de dançar*, ela se lembrava dele dizendo, pegando a mãe para um passo improvisado de foxtrote até a cozinha.

Julian voltou-se para ela.

— O que foi? — perguntou ele gentilmente.

Emma gostaria que ele não soubesse ler os seus humores com tanta perfeição. Ela desviou o olhar para esconder sua expressão. Mark e Cristina estavam atrás deles, olhando em volta. Havia uma *bonbonnière* vendendo bala e pipoca. Uma placa que dizia SALÃO DE DANÇA/TEATRO se pendurava sobre a *bonbonnière*, apontando para a esquerda. Pessoas com roupas elegantes se moviam animadas pelo corredor.

— Nada. Temos que ir por ali — disse Emma, e puxou a mão de Julian. — Seguir o fluxo.

— E que fluxo — murmurou ele. Não estava errado. Emma achava que nunca tinha visto gente tão arrumada assim em um mesmo lugar antes. — É como entrar em um filme *noir*.

Por todos os lados havia pessoas lindas, o tipo de beleza hollywoodiana que Emma estava acostumada a ver em Los Angeles: pessoas com acesso a academias, salões de bronzeamento artificial, cabeleireiros caros e às melhores

roupas. Aqui eles pareciam vestidos para serem figurantes em um filme do Rat Pack. Vestidos de seda e meias com costura, chapéus fedora, gravatas skinny e lapelas pontudas. Aparentemente, o terno Sy Devore de Julian tinha sido uma escolha muito inteligente.

O salão era elegante, com teto decorado, janelas arqueadas e portas fechadas, indicando *TEATRO ESQUERDA* e *TEATRO DIREITA*. Um tapete havia sido retirado para a dança, e casais giravam ao som de uma banda que tocava em um palco elevado no final do salão. Graças à educação recebida do pai, ela reconheceu trombones e trompetes, bateria e um baixo, e — sem qualquer conhecimento específico necessário para isso — um piano. Havia um tocador de clarinete também, que afastou os lábios do instrumento para sorrir para Emma quando ela entrou no recinto. Ele tinha cachos ruivos e havia algo de estranho em seus olhos.

— Ele é fada — disse Mark, com a voz subitamente rouca. — Pelo menos, parte.

Ah. Emma deu uma segunda olhada em volta da sala, examinando os dançarinos. Ela os tinha descartado como mundanos, mas... ao olhar a multidão, ela viu uma orelha pontuda ali, olhos cor de laranja lá ou garras acolá.

O-Q-U-E-F-O-I?, Julian escreveu nas costas dela, as pontas dos dedos quentes sobre o tecido fino do vestido.

— Todos eles são alguma coisa — disse Emma. Ela se lembrou da placa no Mercado das Sombras *PARTE SOBRENATURAL? VOCÊ NÃO É O ÚNICO*. — Ainda bem que cobrimos nossas Marcas. Todos têm Visão, todos eles têm algum tipo de magia.

— Os músicos são, em parte, da nobreza do Povo das Fadas — disse Mark —, o que não é surpresa, pois não há nada que os cintilantes valorizem mais do que música. Mas aqui há outros cujo sangue é misturado ao dos tritões, e alguns que são licantropes.

— Vamos, novatos! — gritou o clarinetista, e uma súbita luz se acendeu sobre os Caçadores de Sombras. — Entrem no suíngue!

Quando Emma o olhou confusa, ele moveu as sobrancelhas e ela percebeu o que havia de estranho nos olhos dele. Eram como olhos de bode, com pupilas quadradas e pretas.

— *Dancem!* — gritou ele, e os outros comemoraram e aplaudiram.

O brilho do holofote móvel deixou o rosto de Julian como um borrão branco quando ele alcançou Cristina e a puxou para a multidão. O coração de Emma bateu lento e pesado.

Ela suprimiu o sentimento, virou para Mark, e estendeu as mãos para ele.

— Vamos dançar?

— Não sei dançar. — Havia algo na expressão dele, parte confusão, parte ansiedade, que acalentou o coração de Emma com solidariedade. Ele pegou as mãos dela sem confiança. — Danças de fada... não são assim.

Emma o puxou para a multidão. Os dedos dele contra os dela eram magros e frios, não eram quentes como os de Jules.

— Tudo bem. Eu conduzo.

Eles foram entre os dançarinos. Emma conduziu, tentando se lembrar do que tinha visto em filmes com danças desse tipo. Apesar da promessa de que conduziria, ela ficou imaginando se não seria melhor deixar Mark no comando. Ele era muito gracioso, ao passo que todos os anos de luta e treinamento de Emma a deixavam mais disposta a atacar e chutar do que a girar e dançar.

Emma olhou para uma garota de cabelos curtos e verdes.

— Você sabe dizer o que cada um é? — perguntou a Mark.

Ele piscou os olhos, seus cílios claros e leves.

— Ela é parte dríade — respondeu Mark. — Fada de bosque. Provavelmente menos do que metade. Sangue de fada pode aparecer muitas gerações depois. A maioria dos humanos que tem Visão tem sangue de fada distante.

— E os músicos?

Mark girou Emma. Ele tinha começado a conduzir, instintivamente. Havia algo de desamparado na música, pensou Emma, como se estivesse vindo de um local alto e distante.

— O clarinetista é parte sátiro. O baixista de pele azul-clara é alguma espécie de tritão. A mãe de Kieran era nixie, uma fada aquática, e...

Ele parou de falar. Emma viu Jules e Cristina, seu vestido rosa brilhando contra o preto do terno dele. Ele a girou. Emma mordeu a parte interna do lábio.

— Kieran? Aquele príncipe que veio com você até o Instituto?

Mark era como luz leve e sombras sob a iluminação em movimento. O ar cheirava a incenso — do tipo barato e doce que acendiam nas calçadas de Venice Beach.

— Éramos amigos na Caçada Selvagem.

— Bem, ele podia ter sido menos babaca com você, então — murmurou Emma.

— Acho que não podia, na verdade. — Mark sorriu, e Emma viu onde o humano se misturava à fada; fadas, até onde ela sabia, jamais sorriam tão abertamente.

Ela fez uma careta.

— Alguma coisa na Caçada não era terrível? Alguma coisa nela era, sei lá, divertida?

— Partes. — Ele riu e a girou. Lá estava aquele traço de fada outra vez, o

aspecto selvagem. Ela recuou, desacelerando a dança.

— Que partes?

Ele a girou em círculo.

— Não posso falar. É *geas*.

Emma suspirou.

— Como se você me dissesse, teria que me matar?

— Por que eu a mataria? — Mark pareceu verdadeiramente confuso.

Ela inclinou a cabeça para trás e sorriu para ele. Às vezes, falar com ele era como falar com Ty, ela pensou. Ela se via fazendo piadas que considerava óbvias, e depois percebendo que não eram nada óbvias, a não ser que a pessoa entendesse os códigos sutis de interação social. Ela não sabia como os tinha aprendido, só que tinha, e Ty ainda lutava com eles, e, ao que parecia, Mark também.

Tentar enxergar o mundo através dos olhos de Ty, Julian havia dito uma vez, era como olhar por um caleidoscópio, sacudi-lo e depois olhar de novo. Você via os mesmos cristais brilhantes, só que em outra formação.

— A Caçada Selvagem era liberdade — disse Mark. — E liberdade é necessário.

Nos olhos de Mark, Emma enxergava a vastidão das estrelas e topos de árvores, o brilho feroz das geleiras, todos os detritos brilhantes do teto do mundo.

Isso a fazia pensar no passeio de moto sobre o mar. Na liberdade de ser selvagem e indomada. Na dor que sentia na alma e que não era ligada a nada, não tinha resposta, não era amarrada a nada.

— Mark... — começou.

A expressão de Mark mudou; ele, de repente, estava olhando através dela, fechando as mãos nas dela. Emma olhou para onde ele estava olhando, mas só viu o guarda-volumes. Uma menina de aparência entediada se empoleirava na bancada, fumando um cigarro em uma cigarreira de prata.

— Mark? — Emma voltou-se novamente para ele, mas ele já estava se afastando, indo para o guarda-volumes, para satisfação da menina, e desapareceu. Emma estava prestes a segui-lo quando Cristina e Julian entraram em sua linha de visão, bloqueando-a.

— Mark fugiu — anunciou Emma.

— É, ele ainda não tem espírito de equipe — disse Julian. Ele estava desalinhado em função da dança, com as bochechas ruborizadas. Cristina não tinha um fio de cabelo fora do lugar. — Olha, eu vou atrás dele, e vocês duas podem dançar...

— Posso interromper? — Um jovem alto apareceu na frente deles. Ele

parecia ter mais ou menos 25 anos, bem-vestido, com um terno claro e um chapéu fedora combinando. Seus cabelos eram louro-platinados, e ele usava sapatos de aparência cara, com solas vermelhas que brilhavam em chamas quando ele andava. Tinha um anel rosa fulgurando no dedo médio. Estava com o olhar fixo em Cristina. — Gostaria de dançar?

— Se não se importa — falou Julian, com a voz calma, educada, esticando o braço para entrelaçá-lo no de Cristina. — Eu e minha namorada, nós...

A expressão amigável do homem mudou — minimamente, mas Emma viu, uma tensão atrás dos olhos que fez as palavras de Julian pararem.

— E se *you* não se importa — disse ele —, acho que não percebeu que eu sou um Azul. — Ele cutucou o bolso, onde um convite igual ao de Ava estava dobrado; igual, mas tinha um tom de azul-claro. Ele revirou os olhos ao notar as expressões confusas deles. — Novatos — murmurou, e havia algo de desagradável, quase desdenhoso, em seus olhos escuros.

— Certo. — Cristina lançou um rápido olhar a Julian e Emma, e em seguida voltou-se novamente para o estranho com um sorriso. — Sinto muito pela nossa confusão.

O rosto de Julian ficou sombrio quando Cristina foi para a pista de dança com o homem que se chamou de Azul. Emma sentiu por ele. Ela se confortou com a ideia de que se ele tentasse alguma coisa na pista, Cristina o cortaria em pedacinhos com seu canivete borboleta.

— É melhor a gente dançar também — disse Julian. — Parece que é o único jeito de não se destacar.

Já nos destacamos, pensou Emma. Era verdade: apesar de não terem causado qualquer comoção na chegada, várias pessoas na multidão lançavam olhares laterais a eles. Havia diversos Seguidores que pareciam totalmente humanos — e, de fato, Emma não sabia exatamente qual era a política em relação a mundanos —, mas, na condição de novatos, ela imaginou que ainda seriam objetos dignos de atenção. Certamente o comportamento do clarinetista indicou isso.

Ela pegou a mão de Julian, e eles se afastaram da multidão, indo em direção à extremidade do salão, onde as sombras eram mais intensas.

— Partes fada, ifrits, licantropes — murmurou Emma, pegando a outra mão de Julian, de modo que ficaram frente a frente. Ele parecia mais desalinhado do que antes, as bochechas coradas. Ela não podia culpá-lo por estar perturbado. Na maioria das multidões, as Marcas deles, se descobertas, não significariam nada. Emma tinha a impressão de que esse público era diferente. — Por que estão todos aqui?

— Não é fácil ter Visão se você não conhecer outros que também a tenham

— explicou Julian com a voz baixa. — Você vê coisas que ninguém mais vê. Não pode falar sobre elas porque ninguém vai entender. Tem que guardar segredos, e segredos acabam com você. Ferem. Deixam a pessoa vulnerável.

O baixo timbre da voz dele tremeu pelos ossos de Emma. Alguma coisa nele a apavorou. Alguma coisa que lembrava as geleiras nos olhos de Mark, distantes e solitários.

— Jules — chamou ela.

Murmurando algo como “deixa para lá”, ele a girou para longe, depois a puxou novamente para si. Anos de prática lutando juntos fazia deles um par de dança quase perfeito, ela percebeu surpresa. Eles sabiam prever os movimentos um do outro, deslizavam nos corpos um do outro. Ela percebia pelo jeito como Julian seguia a cadência da respiração e o fraco aperto dos seus dedos sobre os dela.

Os cachos escuros de Julian estavam bagunçados, e, quando ele a puxou para perto, ela sentiu o cheiro de cravo da colônia dele, e o fraco cheiro de tinta por baixo.

A música terminou. Emma olhou para a banda; o clarinetista olhava para ela e para Julian. Inesperadamente, ele deu uma piscadela. A banda começou de novo, dessa vez, um número mais lento e mais suave. Os casais dançaram juntos como se fossem magnetizados, braços em torno dos pescoços, mãos apoiadas nos quadris, cabeças apoiadas umas nas outras.

Julian estava congelado. Emma, com as mãos ainda nas dele, ficou parada, em choque, imóvel, sem respirar.

O momento se estendeu, interminável. Os olhos de Julian examinaram os dela; o que quer que ele tenha visto ali o fez decidir. Ele a envolveu nos braços e a puxou mais para perto. O queixo dela tocou o ombro dele, desconfortavelmente. Foi a primeira coisa desconfortável que já tinham feito juntos.

Emma o sentiu inspirar, respirando em cima dela. As mãos dele se abriram, mornas, sob as omoplatas dela. Ela virou a cabeça. Dava para ouvir o coração dele, rápido e furioso, embaixo da orelha, sentir a rigidez do peito dele.

Ela se esticou para colocar os braços no pescoço de Julian. Havia uma diferença de altura suficiente entre eles para que ela puxasse alguns fios do cabelo na nuca dele ao entrelaçar os dedos.

Um tremor passou por ela. Emma já tinha tocado o cabelo de Julian antes, é óbvio, mas era tão macio ali, havia um espaço vulnerável logo abaixo da queda daqueles cachos soltos. E a pele também era macia. Emma acariciou para baixo com os dedos, reflexivamente, e sentiu ao mesmo tempo o nodo mais alto da coluna dele, e a respiração aguda.

Emma olhou para ele. Seu rosto estava branco, os olhos para baixo, cílios escuros sobre as maçãs do rosto. Ele estava mordendo o lábio inferior, como sempre fazia quando estava nervoso. Ela viu todas as marcas que os dentes fizeram na pele macia.

Se ela o beijasse, será que ele teria gosto de sangue, cravos ou uma mistura dos dois? Doce e apimentado? Amargo e quente?

Ela se forçou a afastar o pensamento. Ele era seu *parabatai*. Não era para ser beijado. Ele era...

Sua mão esquerda desceu pelas costas dela até a cintura, deslizando levemente para o quadril. O corpo dela balançou. Ela já tinha ouvido falar em pessoas com borboletas no estômago, e sabia o que isso significava: aquele agito, aquela sensação profunda e desconfortável nas suas entranhas. Mas ela agora sentia *em todo lugar*. Borboletas sob sua pele, batendo as asas, enviando tremores que subiam e desciam em ondas pelo seu corpo. Ela começou a traçar os dedos sobre o pulso dele, querendo escrever nele: *J-U-L-I-A-N, O-Q-U-E-V-O-C-Ê-E-S-T-Á-F-A-Z-E-N-D-O?*

Mas ele não pareceu notar. Pela primeira vez, ele não estava ouvindo a linguagem secreta deles. Ela parou, olhou para ele; os olhos dele, ao encontrarem os seus, estavam desfocados, sonhadores. A mão direita estava no cabelo dela, entrelaçando-o com os dedos. Emma sentiu como se cada fio de cabelo fosse um fio vivo ligado a uma de suas terminações nervosas.

— Quando você desceu as escadas hoje — disse ele, com a voz baixa e carregada —, eu estava pensando em pintá-la. Pintar o seu cabelo. Eu teria que usar branco-titânio para acertar a cor, o jeito como ele capta a luz e quase brilha. Mas isso não daria certo, daria? Não é todo de uma cor, o seu cabelo, não é só dourado: é âmbar e acastanhado, caramelo, trigo e mel.

A Emma normal teria feito uma piada. *Você faz meu cabelo parecer um cereal matinal*. A Emma normal e o Julian normal teriam rido. Mas esse não era o Julian normal; era um Julian que ela nunca havia visto, um Julian com a expressão reduzida aos ossos elegantes do seu rosto. Ela sentiu uma onda de desejo desesperado, perdido em seus olhares, como chamas claras, nas curvas das suas maçãs do rosto e da mandíbula, a suavidade inesperada da sua boca.

— Mas você nunca me pinta — sussurrou ela.

Ele não respondeu. Parecia agoniado. Seus batimentos estavam três vezes mais acelerados. Dava para ver na garganta dele. Os braços estavam parados no lugar; ela sentiu que ele queria segurá-la onde ela estava e não permitir que ela chegasse mais perto. O espaço entre os dois era quente, elétrico. Os dedos de Julian se curvavam em torno do seu quadril. Sua outra mão deslizou pelas costas da garota, lentamente, subindo pelo cabelo até ele alcançar a pele nua no decote

das costas.

Ele fechou os olhos.

Os dois tinham parado de dançar. Estavam imóveis, Emma não conseguia respirar, as mãos de Julian se moviam sobre ela. Julian já a tinha tocado milhares de vezes: enquanto treinavam, enquanto lutavam ou quando cuidavam dos machucados um do outro.

Ele jamais a havia tocado assim.

Parecia enfeitiçado. Alguém que sabia que estava enfeitiçado, e estava lutando contra os impulsos com todos os nervos e fibras do corpo, a percussão de uma terrível batalha interior pulsando pelas veias. Ela sentiu a pulsação pelas mãos, contra a pele nua das costas.

Ela foi em direção a Julian, sutilmente, menos de um centímetro. Ele engasgou. O peito dele inchou contra o dela, tocando as pontas dos seios de Emma sob o tecido do vestido. A sensação a golpeou como eletricidade. Ela não conseguia pensar.

— Emma — disse ele com a voz engasgada. Suas mãos se contraíram, fortemente, como se ele tivesse sido esfaqueado. Ele a estava puxando. Para si. O corpo de Emma esmagou o dele. A multidão era um borrão de luz e cor em volta dos dois. Sua cabeça abaixou na direção da dela. Eles respiraram o mesmo ar.

Houve uma batida de pratos: estalada, ensurdecadora. Eles se separaram quando as portas do teatro se abriram, o salão inundado por uma luz brilhante. A música parou.

Um alto-falante ganhou vida.

— Pedimos que a plateia se dirija ao teatro, por favor — disse uma voz feminina envolvente. — O sorteio da Loteria está prestes a começar.

Cristina já tinha se afastado do homem de terno e seguia em direção a eles, com o rosto ruborizado. O coração de Emma batia acelerado. Ela arriscou uma olhada para Julian. Pelo mais breve instante, ele parecia alguém que vinha cambaleando pelo deserto Mojave, semimorto por causa do sol, e que tinha vislumbrado água à frente apenas para descobrir que se tratava de uma miragem.

— Nada de Mark ainda? — disse Emma apressadamente quando Cristina os alcançou. Não que houvesse real motivo para Cristina saber onde Mark estava; Emma só não a queria olhando para Julian. Não quando ele estava daquele jeito.

Cristina balançou a cabeça.

— É melhor entrarmos, então — disse Julian. A voz dele parecia normal, a expressão, calma. — Mark vai nos alcançar.

Emma não conseguiu deixar de olhar para ele com surpresa. Ela sempre soube que Julian era um bom ator — Caçadores de Sombras precisam mentir e

desempenhar papéis o tempo todo —, mas foi como se ela tivesse imaginado a expressão que tinha visto no rosto dele há poucos segundos. Como se ela tivesse imaginado os últimos dez minutos.

Como se nada tivesse acontecido.

15

Os Anjos Não Muito Felizes

— O que você está fazendo aqui? — Mark sibilou na escuridão.

Ele estava no guarda-volumes, cercado por cabides de roupas claras. A temperatura caía em Los Angeles durante a noite, mesmo no verão, mas os casacos eram leves: paletós masculinos de linho e algodão, xales leves e de seda para mulheres. Havia pouca luz, mas Mark não resistiu quando a mão clara se esticou de trás de um casaco de couro e o puxou pelos cabides.

Kieran. O cabelo dele estava no tom mais escuro de azul naquele dia, quase preto, a cor das ondas durante uma tempestade. O que significava que ele estava de péssimo humor. Seus olhos prata e preto brilharam no escuro.

— E de que outro jeito vou conseguir vê-lo? — perguntou ele, empurrando Mark contra a parede. Havia pouco espaço entre os casacos; era próximo e quente. Mark sentiu o ar sair de si, e não só pela força com que bateu na parede. Raiva irradiava de Kieran em ondas que Mark conseguia sentir; elas se contorciam dentro dele, profundamente, em um lugar onde as águas frias do Reino das Fadas outrora congelaram seu coração. — Não posso entrar no Instituto, exceto pelo Santuário, e eu seria morto se me encontrassem lá. Tenho que passar todas as noites no deserto esperando nas sombras na esperança de que você se proponha me visitar?

— Não — disse Mark, mesmo enquanto Kieran o pressionava mais para trás, ajeitando o joelho entre as pernas dele. As palavras eram furiosas, mas as mãos no corpo de Mark eram familiares: dedos magros e frios abrindo os botões de sua camisa, deslizando entre eles para tocar a pele. — Temos que ficar longe um do outro até que isso tudo acabe.

Os olhos de Kieran ardiam.

— E depois? Você vai voltar para a Caçada voluntariamente, por mim? Acha

que sou tolo. Você sempre detestou aquilo.

— Mas não detestei você — disse Mark.

O guarda-volumes cheirava a milhões de perfumes misturados: colônias que ficavam nos casacos e cutucavam seu nariz. Eram cheiros sintéticos, não reais: tuberosa falsa, jasmim falso, lavanda falsa. Nada no mundo mundano era real. Mas, pensando bem, alguma coisa no Reino das Fadas era mais real que isso?

— *Não me detestava?* — zombou Kieran com a voz fria. — Que honra. Como me sinto elogiado. Sequer sente a minha falta?

— Sinto — disse Mark.

— E devo acreditar nisso? Lembre-se, menino anjo, que eu sei muito bem que você pode mentir.

Mark olhou nos olhos de Kieran. Ele viu a tempestade naqueles olhos, mas, por trás da tempestade, também viu dois meninos tão pequenos quanto estrelas em um céu distante, entrelaçados sob um cobertor. Tinham a mesma altura; ele só precisava se esticar ligeiramente e tocar a boca de Kieran com a sua.

O príncipe fada enrijeceu contra ele. Ele não se mexeu, mais hesitando do que por falta de reação. As mãos de Mark subiram para acariciar o rosto de Kieran, e então Kieran se moveu, avançando para beijar com uma intensidade que fez Mark bater a cabeça na parede.

Kieran tinha gosto de sangue e do céu frio da noite, e, por um momento, Mark estava voando livre com a Caçada. O céu noturno era sua estrada a ser conquistada. Ele montava um cavalo branco e prata feito de luz da lua por um caminho de estrelas. Cercado por gritos, berros, risos e choros, ele cortou um caminho pela noite que abria o mundo a seus olhos investigativos; ele viu lugares que nenhum olhar humano havia visto, cachoeiras escondidas e vales secretos. Parou para descansar nas pontas de icebergs e galopou pela espuma de cachoeiras; os braços brancos de ninfas se esticando para pegá-lo. Ele se deitou com Kieran na grama de um pasto alpino, de mãos dadas, e contou quatrilhões de estrelas.

Kieran foi o primeiro a soltar.

Mark mal conseguia respirar.

— Tinha alguma mentira nesse beijo?

— Não. Mas... — Kieran parecia contemplativo. — Essas estrelas nos seus olhos são para mim ou para a Caçada?

— A Caçada era dor e glória — disse Mark. — Mas foi você quem me permitiu enxergar a glória, e não só a dor.

— Aquela garota — disse Kieran. — Você voltou para casa com ela naquela noite, no meu cavalo. — Mark percebeu com um susto que ele estava falando de Cristina. — Achei que talvez você a amasse.

Os olhos dele abaixaram. Os cabelos tinham clareado para um azul mais prateado, o mar após uma tempestade. Mark se lembrou de que Kieran não era mais velho do que ele; apesar de ser uma fada sem idade, ele tinha vivido menos de 20 anos. E ele sabia menos do que Mark sobre os humanos.

— Acho que ninguém se apaixona com essa velocidade — disse Mark. — Eu gosto dela.

— Não pode entregar seu coração a ela — disse Kieran —, apesar de poder fazer o que mais quiser com ela.

Mark teve que conter uma risada. Kieran, demonstrando um tipo de bondade só dele. Fadas acreditavam em promessas, muito mais que em fidelidade de corpo e coração. Uma pessoa fazia uma promessa ao seu amado, e cumpria essa promessa.

Exigir uma promessa de fidelidade física era coisa rara, mas era totalmente normal que alguém exigisse fidelidade do coração, e fadas normalmente o faziam. A punição por quebrar uma promessa de amor era severa.

— Ela é filha de uma família antiga — disse ele. — Um tipo de princesa. Acho que ela não olharia duas vezes para mim.

— Ela olhou para você diversas vezes enquanto dançava com aquela menina loura.

Mark piscou os olhos. Em parte, surpreso por ter se esquecido tão depressa como as fadas eram literais. E, em parte, surpreso por ele próprio ter se lembrado de uma expressão tão humana e a utilizado tão inconscientemente.

Não havia razão para explicar a Kieran todas as formas pelas quais Cristina jamais o quereria. Ela era gentil demais para demonstrar sua aversão ao sangue de fada, mas ele tinha certeza de que ela devia sentir aversão. Em vez disso, ele colocou as mãos na cintura de Kieran e o puxou para mais um beijo, e, com ele, memórias da Caçada, doces como vinho.

Os beijos deles eram quentes, emaranhados. Dois meninos sob um cobertor, tentando não fazer barulho, não acordar os outros. Beijos para apagar lembranças, beijos para limpar o sangue e a sujeira, beijos para espantar as lágrimas. As mãos de Mark subiram por baixo da camisa de Kieran, traçando as linhas das cicatrizes nas costas dele. Ali, eles tinham a mesma dor, apesar de que os que chicotearam Mark, pelo menos, não eram seus familiares.

As mãos de Kieran escorregaram sem eficiência pelos botões de pérola de Mark.

— Essas roupas mundanas — disse ele entre dentes. — Detesto.

— Então tire-as de mim — murmurou Mark, envolvido, hipnotizado e perdido na Caçada. Suas mãos estavam em Kieran, mas mentalmente ele girava pela aurora boreal, o céu pintado de azul e verde como o coração do oceano.

Como olhos Blackthorn.

— Não. — Kieran sorriu e deu um passo para trás. Ele estava desganhado, a camisa aberta na frente. Querendo pulsar no sangue de Mark, se perder e esquecer. — Uma vez você me disse que humanos querem o que não podem ter. E você é meio humano.

— Queremos o que não podemos ter — disse Mark. — Mas amamos o que nos demonstra gentileza.

— Vou escolher a vontade, por agora — falou Kieran, colocando a mão no colar na garganta de Mark. — E a lembrança do meu presente para você.

Flechas de elfos necessitavam de muita magia para serem feitas, e eram muito valiosas. Kieran a tinha dado de presente para ele não muito depois de se juntar à Caçada Selvagem; colocara a ponta em um cordão para que Mark pudesse usá-la perto do coração.

— Atire com vontade e precisão — aconselhou Kieran. — Encontre o assassino, e depois volte para mim.

— Mas minha família — disse Mark, fechando a mão em um reflexo na de Kieran. — Kier, você precisa...

— Volte para mim — repetiu Kieran. Ele beijou a mão fechada de Mark uma vez e saiu pelo meio dos casacos pendurados. Apesar de Mark ter ido imediatamente atrás dele, ele já tinha desaparecido.

* * *

O interior do teatro era lindo, uma ode romântica aos dias de glória do cinema da era de ouro. Um teto abobadado se dividia em oito graças a vigas pintadas de ouro, cada segmento pintado com uma cena de um filme clássico, feito em tons barrocos: Emma reconheceu *E O Vento Levou* e *Casablanca*, mas os outros não — um homem carregando outro homem através de areias douradas em chamas, uma menina ajoelhada aos pés de um garoto segurando uma arma nos ombros, uma mulher cujo vestido branco voava ao seu redor como pétalas de uma orquídea.

Um aroma doce e pesado pairou pelo ar enquanto as pessoas se apressavam para sentar em um espaço semicircular. Os assentos eram forrados com veludo roxo, cada qual bordado com um *M* dourado no espaldar. Conforme a garota havia prometido, o ingresso agora tinha a fila e o assento impresso. Eles acharam as cadeiras e se sentaram; primeiro, Cristina, depois, Emma, em seguida, Julian. Ele se sentou ao lado de Emma.

— *M de Meia-Noite?* — perguntou, apontando para as traseiras dos assentos.

— Provavelmente — disse ele, e voltou a olhar para o palco. As cortinas estavam abertas, e uma enorme pintura de uma vista para o mar cobria a parede dos fundos. O palco estava vazio, o chão brilhava com tacos polidos.

Emma estava ruborizada. A voz de Julian soou calma, neutra. Mas a expressão do rosto dele há poucos minutos invadiu sua visão assim mesmo: o jeito como ele a olhara quando a segurou na pista de dança, aquela expressão nua em seus olhos, todo o fingimento deixado de lado.

Aquele olhar mostrou a ela um Julian decidido e agoniado que Emma não havia conhecido. Um rosto escondido que ela nunca vira, que não achava que alguém tivesse visto.

Ela sentiu Cristina se mexer ao seu lado e virou rápido com culpa: estava tão imersa no próprio espanto que se esqueceu de perguntar à amiga por que ela parecia tão inquieta.

Cristina olhava para o outro lado do teatro. Seus olhos estavam grudados no homem de terno. Ele ocupava a cadeira ao lado de uma mulher loura de vestido prateado e salto alto.

— Ugh — disse Cristina. — Praticamente tive que arrancá-lo de mim. Que pervertido. Minha mãe o teria esfaqueado.

— Quer que o matemos? — sugeriu Emma, brincando apenas em parte. — Podemos matá-lo, depois da apresentação.

— Seria desperdício de energia — falou Cristina, dispensando a ideia. — Vou dizer o que descobri: ele é parte licantropo. E é integrante dos Seguidores, foi assim que os chamou, há seis meses. Foi isso que quis dizer quanto a ser Azul.

— O fato de que ele é um Seguidor há um bom tempo, ou o fato de ser parte licantropo? — perguntou Julian.

— As duas coisas, eu acho — disse Cristina. — Ele se empenhou bastante para me contar o que significa ser parte lobisomem. Como é mais forte e mais rápido do que um humano. Ele diz que consegue arrebentar uma parede de tijolo. — Ela revirou os olhos.

— Não entendo — retrucou Emma. — Como a pessoa pode ser parte licantropo?

— Quer dizer que tem o vírus da licantropia, mas é um vírus inativo — explicou Jules. — Você pode transmitir, mas não pode se Transformar. Jamais será lobo, mas pode ter mais força e velocidade.

— Ele disse que todos eles têm força e velocidade aumentadas — acrescentou Cristina. — Ele contou que toda vez que apresentam uma Loteria todos os Seguidores se fortalecem.

— Magia solidária — disse Julian. De repente, houve uma comoção na fileira

deles.

— Estou atrasado? — Era Mark, parecendo agitado, tropeçando no assento ao lado de Julian. Os cabelos claros pareciam ter sido expostos a uma máquina de vento. — Desculpem, me distraí.

Julian olhou para ele por um longo instante.

— Nem me conte — falou o irmão afinal. — Não quero saber.

Mark pareceu surpreso.

— Não quer? — perguntou ele. — Eu quereria.

— Eu *quero* — disse Emma, mas antes que Mark pudesse dizer qualquer coisa, as luzes do teatro diminuíram. O silêncio se abateu instantaneamente; não o sussurro que Emma teria imaginado, mas um silêncio súbito e inesperado.

Um tremor passou por sua nuca quando um único holofote se acendeu no palco.

A banda tinha se reunido no lugar destinado à orquestra. Começaram a tocar uma melodia quieta, quase fúnebre, quando um objeto coberto por veludo preto foi levado para o palco por dois homens uniformizados. A música desbotou, e ouviu-se o estalido de saltos; um instante mais tarde a mulher que recebia os ingressos na porta apareceu. Ela havia trocado de roupa e estava com um belo vestido longo, preto e azul, de renda, que parecia espuma no mar. Mesmo de longe Emma viu o delineador escuro nos olhos dela.

A mulher estendeu a mão, as unhas pintadas de vermelho, e pegou o veludo preto, puxando-o de lado e jogando-o dramaticamente no chão.

Embaixo da coberta havia uma máquina. Um tambor grande e transparente se encontrava sobre um plinto metálico; dentro do vidro, havia centenas de bolas coloridas numeradas. Uma calha de metal saía da máquina, e na frente da calha, havia uma bandeja.

— Senhoras e senhores — disse a mulher no palco. — Eu sou Belinda Belle.

— Belinda Belle? — sussurrou Julian. — É um nome falso.

— Você é um detetive brilhante — murmurou Emma. — Brilhante.

Ele fez uma careta para ela, e Emma sentiu uma onda de alívio. Eram ela e Julian, fazendo caretas um para o outro, fazendo o outro rir. Isso era normal.

A mulher no palco continuou:

— Sejam bem-vindos à Loteria.

A sala estava em silêncio. Belinda sorriu, repousando a mão no dispositivo, perfeitamente imóvel.

— Uma máquina de loteria — murmurou Julian. — Isso é literal.

— O Guardião não pôde estar conosco essa noite — disse Belinda. — A segurança teve que ser aumentada. A última caçada foi interrompida por Nephilim, e o valor do sacrifício foi comprometido.

Houve um baixo murmúrio. Um choque passou por Emma. *Nephilim*. A mulher disse “Nephilim”. Essas pessoas sabiam sobre os Caçadores de Sombras. Não foi tanto uma surpresa quanto uma confirmação do que Emma tinha imaginado o tempo todo. Algo estava acontecendo ali, algo que se estendia até o Submundo e puxava as raízes de tudo que eles conheciam.

— O sacrifício? — sussurrou Emma. — Ela está falando de um sacrifício humano?

S-H-H-H, Julian escreveu no braço dela. Ela viu com uma pontada, quando seus dedos tocaram a pele, que as unhas de Julian estavam completamente roídas.

A música voltou. No palco, Belinda apertou um botão na lateral da máquina. Os braços metálicos ganharam vida. As bolas giraram no interior do globo, se transformando em um borrão de cor, como o interior de um caleidoscópio.

Giro, giro, giro. Emma na praia, os braços do seu pai em volta dela. Caleidoscópios são como mágica, Emma. Duas pessoas que olham para eles nunca veem a mesma coisa.

O coração de Emma doeu com a lembrança. A máquina girou mais depressa, mais depressa ainda, e cuspiu uma bola vermelha. Correu pela calha e caiu na bandeja.

Belinda a pegou delicadamente. Uma imobilidade tensa havia recaído sobre a multidão. Era a imobilidade de um gato prestes a atacar.

— Azul — disse ela, com a voz ressonante no silêncio. — Azul 304.

O momento se estendeu, suspenso e congelado. Foi interrompido por um homem se levantando. Ele se moveu com cautela, como uma estátua trazida à vida, súbita e relutantemente.

Era o homem com quem Cristina tinha dançado, o de terno. Ele estava muito pálido agora, e a mulher do vestido prateado se inclinava para longe dele.

— Sr. Sterling — chamou Belinda, e deixou a bola cair de volta na bandeja com um tilintar. — A Loteria o escolheu.

Emma não pôde deixar de olhar em volta, tentando não parecer que estava encarando. A plateia estava sentada, imóvel, a maioria sem expressão. Alguns tinham olhares de alívio. O homem de terno — Sterling — parecia atordoado, como se tivesse sido golpeado no plexo solar e estivesse prestes a engasgar no ar.

— Vocês conhecem as regras — disse Belinda. — O Sr. Sterling tem dois dias de liberdade antes do início da caçada. Ninguém pode ajudá-lo. Ninguém pode interferir na caçada. — Os olhos dela vasculharam a plateia. — Que Aqueles Que São Mais Velhos nos concedam boa sorte.

A música voltou. Todos começaram a se levantar, o salão foi preenchido pelo

murmúrio de conversas baixas. Emma se levantou com um pulo, mas a mão de Julian fechou em torno do braço dela antes que pudesse se retirar. Ele estava sorrindo; um sorriso claramente falso, mas que provavelmente convenceria qualquer um que não o conhecesse.

— Eles vão matá-lo — sussurrou Emma com urgência. — Tudo que ela disse... a *caçada*...

— Não sabemos disso — falou Julian sem mover os lábios.

— Emma tem razão — emendou Mark. Eles estavam avançando apressados, empurrados para as saídas pela multidão. A banda tocava *As Time Goes By*, de *Casablanca*, a doce melodia completamente incongruente com a sensação de ansiedade chicoteando pela sala. — Uma caçada significa morte.

— Temos que oferecer ajuda a ele — disse Cristina. Seu tom foi seco.

— Mesmo que ele seja um pervertido — concordou Emma. — É o que fazemos...

— Você ouviu as regras — afirmou Jules. — Sem interferência.

Emma girou, parando onde estava. Seus olhos encontraram os de Julian.

— Essas regras — disse ela, e pegou a mão dele, passando os dedos sobre a pele. *E-L-A-S-N-Ã-O-S-E-A-P-L-I-C-A-M-A-N-Ó-S*.

Sombras brotaram nas íris azuis-esverdeadas que ela conhecia tão bem: uma admissão de derrota.

— Vá — disse ele. — Leve Cristina. — Emma pegou a mão de Cristina, e as duas atravessaram a multidão; Emma usando os cotovelos e as botas, pisando violentamente em vários pés, para ultrapassar os outros. Chegaram ao corredor central. Ela teve consciência de Cristina perguntando a ela com um sussurro como encontrariam Mark e Julian novamente.

— No carro — disse Emma. Ela viu o olhar confuso de Cristina, mas não perdeu tempo dizendo que ela sabia qual era o plano do jeito que sempre sabia quais eram os planos de Julian. Ela conhecia os planos porque conhecia Julian.

— Lá está ele. — Cristina apontou com a mão livre. Estavam no lobby. Emma seguiu sua indicação e viu um flash de solas de sapatos vermelhas. O Sr. Sterling, saindo pela porta. A mulher que chegara com ele havia desaparecido.

Elas correram atrás dele, atravessando a multidão. Emma trombou com uma garota de cabelos pintados de arco-íris, que emitiu um “ui!” surpreso.

— Desculpe! — gritou Emma, quando ela e Cristina escaparam pelo pequeno círculo de pessoas reunidas na entrada do teatro.

A placa de Hollywood piscava, brilhante, acima delas. Onde a rua dobrava, Emma viu Sterling desaparecendo em uma esquina. Ela saiu correndo, e Cristina foi atrás.

Era por isso que ela corria todos os dias na praia. Para que conseguisse voar

pela calçada sem sentir, de modo a não arfar, e correndo como se estivesse voando. Cristina seguia logo atrás. Seus cabelos escuros tinham se soltado e voavam atrás dela, como uma bandeira.

Elas dobraram a esquina. Estavam em uma rua lateral; bangalôs alinhavam a rua, a maioria das janelas era escura. Sterling estava ao lado de um enorme jipe prateado, que parecia caro, com a mão ainda no controle remoto da chave. Ele ficou olhando, totalmente espantado, quando elas pararam na frente dele.

— O quê...? — disse ele. De perto era mais fácil ver o quanto parecia abalado. Ele estava pálido e suando, o pulso acelerado na garganta. — O que vocês estão fazendo?

Os olhos dele brilhavam em amarelo-esverdeado à luz da rua. Podia ser parte lobisomem, pensou Emma, mas parecia um mundano assustado.

— Podemos ajudar — disse ela.

A garganta pulsando novamente.

— Do que está falando? — perguntou ele, tão selvagem que Emma ouviu um ruído ao seu lado esquerdo e percebeu que Cristina tinha sacado o canivete borboleta. Ela não tinha se mexido, mas a arma brilhou na mão dela, uma ameaça silenciosa, caso Sterling desse um passo em direção a Emma.

— A Loteria — disse Emma. — Você foi escolhido.

— Sim, eu sei. Acha que não sei? — Sterling rosnou. — Vocês nem deveriam estar falando comigo. — Ele passou a mão pelo cabelo discretamente. O chaveiro dele caiu e bateu no chão. Emma deu um passo à frente, alcançando-o. Entregou-o a ele. — Não! — gritou Sterling, rouco, e chegou para trás, como um caranguejo. — Não toque em mim! Não se aproxime!

Emma jogou as chaves aos seus pés e levantou as mãos, com as palmas abertas. Ela sabia onde as próprias armas estavam, as adagas nas botas, sob a bainha do vestido.

Mas sentia falta de Cortana.

— Não queremos machucá-lo — falou ela. — Queremos ajudar, só isso.

Ele se abaixou cautelosamente e pegou as chaves.

— Não podem me ajudar. Ninguém pode.

— Sua falta de confiança é muito ofensiva — disse Emma.

— Você não faz ideia do que está acontecendo aqui. — Ele riu uma risada aguda, artificial. — Não entende? *Ninguém pode me ajudar*, principalmente umas crianças tolas... — Ele pausou, olhando para Emma. Para o braço dela, especificamente. Ela olhou para baixo e praguejou para si mesma. A maquiagem que cobria seu símbolo *parabatai* borrara, provavelmente pelo esbarrão que deu na menina no lobby, e a Marca estava totalmente visível.

Sterling não pareceu nada satisfeito.

— Nephilim. — Ele rosnou. — Jesus, era só o que me faltava.

— Sabemos que Belinda disse para não interferimos — começou Emma apressadamente. — Mas como *somos* Nephilim...

— Esse não é nem o nome dela. — Ele cuspiu na vala. — Vocês não sabem de nada, sabem? Malditos Caçadores de Sombras, que se acham os reis do Submundo, bagunçando tudo. Belinda jamais deveria ter permitido que entrassem.

— Você poderia ser um pouco mais educado. — Emma sentiu uma irritação surgir em sua própria voz. — Considerando que estamos tentando ajudar. E que você passou a mão em Cristina.

— Eu não — negou ele, olhando de uma para a outra.

— Passou sim — disse Cristina. — Foi nojento.

— Então por que está tentando me ajudar? — perguntou Sterling.

— Porque ninguém merece morrer — disse Emma. — E, para ser sincera, queremos saber algumas coisas. Para que serve a Loteria? Como deixa vocês todos mais fortes?

Ele as encarou, balançando a cabeça.

— Vocês perderam o juízo. — Sterling apertou o controle da chave; os faróis do jipe acenderam quando ele se destrancou. — Fiquem longe de mim. Como Belinda disse. Sem interferência.

Ele abriu a porta e entrou no carro. Um segundo mais tarde o jipe estava cantando pneu pela rua, deixando marcas pretas no asfalto.

Emma exalou.

— É difícil se preocupar com o bem-estar dele, não é?

Cristina olhou para carro.

— É um teste — disse ela. O canivete borboleta tinha desaparecido, guardado de volta na alça. — O Anjo diria que nascemos para salvar não só aqueles que gostamos, mas também os desagradáveis e chatos.

— Você disse que sua mãe o teria esfaqueado.

— Sim, bem — disse Cristina. — Nem sempre concordamos em tudo.

Antes que Emma pudesse responder, o Toyota do Instituto parou na frente delas. Mark se inclinou para fora da janela do banco de trás. Mesmo com tudo que estava acontecendo, Emma sentiu uma faísca de alegria por Jules ter guardado o banco da frente para ela.

— Sua carruagem, damas — disse Mark. — Entrem e seguiremos caminho antes de sermos seguidos.

— Essa é a nossa língua? — perguntou Cristina, entrando ao lado dele. Emma correu para o carro e sentou no banco da frente.

Julian olhou para ela.

— Pareceu uma conversa um tanto traumática. — O carro seguiu, para longe daquela rua estranha e daquele teatro peculiar. Passaram sobre as marcas de pneu que o jipe deixou na estrada.

— Ele não quis a nossa ajuda — disse Emma.

— Mas vai recebê-la assim mesmo — garantiu Julian. — Não vai?

— Se conseguirmos encontrá-lo — falou Emma. — Poderiam estar todos usando nomes falsos. — Ela apoiou os pés no painel. — Pode valer a pena perguntar a Johnny Rook. Já que estavam anunciando no Mercado das Sombras e ele sabe de tudo que acontece lá.

— Diana não disse para você ficar longe de Johnny Rook? — perguntou Julian.

— Diana não está um pouco longe agora? — rebateu Emma docemente.

Julian pareceu resignado, mas, ao mesmo tempo, entretido.

— Tudo bem. Eu confio em você. Se acha que há motivo para isso, perguntaremos ao Rook.

Estavam virando em La Cienega. As luzes e o clamor do trânsito de Los Angeles explodiram ao redor deles. Emma bateu as mãos.

— E é por isso que eu te amo.

As palavras escorregaram sem que ela pudesse pensar. Nem Cristina, nem Mark pareceram notar — estavam discutindo se a linguagem de Mark era correta —, mas as bochechas de Julian ficaram completamente vermelhas e suas mãos apertaram o volante.

Quando chegaram ao Instituto, uma tempestade se formava sobre o mar — um turbilhão de nuvens cinza e azuis soltava raios. As luzes estavam acesas no interior do prédio. Cristina começou a subir os degraus, exausta. Tinha se acostumado a noites longas de caça, mas alguma coisa na experiência no teatro exauriu sua alma.

— Cristina.

Era Mark, no degrau abaixo dela. Uma das primeiras coisas que ela notou no Instituto foi que, dependendo da direção do vento, ele tinha cheiro de mar ou de deserto. De sal marinho ou sálvia. Aquela noite era sálvia. O vento soprava o cabelo de Mark: cachos Blackthorn sem cor, prateados como a lua na água.

— Você deixou isso cair do lado de fora do teatro — disse ele, e estendeu a mão.

Ela olhou para baixo e através dele por um instante, para onde Julian e Emma estavam ao pé da escada. Julian tinha parado o carro e retirava Cortana da mala, que captou a luz e brilhou como o cabelo de Emma. Ela a alcançou, olhando

para baixo para passar a mão na lâmina, e Cristina viu Julian olhar involuntariamente para a curva do pescoço da garota. Como se não conseguisse se conter.

Um medo frio pesou no estômago de Cristina; ela sentiu como se estivesse olhando uma colisão de trens, incapaz de frear qualquer um deles.

— Cristina? — repetiu Mark, uma pergunta crescendo em sua voz. Algo brilhava na mão dele. Duas coisas. Os brincos de ouro que tinham caído enquanto ela corria, e que achou que estivessem perdidos pelas ruas de Los Angeles.

— Ah! — Ela os pegou, guardando no bolso do casaco. Mark ficou olhando para ela, os olhos descombinados curiosos. — Eu ganhei de presente — falou a garota. — De uma pessoa... um velho amigo.

Ela se lembrou de Diego colocando os brincos em sua mão; os olhos escuros brilhavam nervosos, exibindo a preocupação com a opinião dela. Mas ela gostou, porque foram presente dele.

— São bonitos — disse Mark. — Principalmente contra os seus cabelos. Parece seda preta.

Cristina suspirou. Emma estava olhando para Julian, sorrindo. Havia incerteza em seu rosto, incerteza que cortou o coração de Cristina. Emma lembrava ela mesma, pensou, logo antes de ela dobrar aquela esquina onde ouviu Jaime e Diego conversando. Antes de tudo ruir.

— Você não devia me dizer essas coisas. — Ela censurou Mark.

O vento soprou o cabelo dele sobre o rosto; ele o puxou para trás.

— Achei que mulheres mortais gostassem de elogios. — Mark pareceu verdadeiramente confuso.

— As mulheres fadas gostam?

— Não conheço muitas — disse ele. — A Rainha Seelie gosta de elogios. Mas não existem mulheres na Caçada.

— Mas há Kieran — retrucou ela. — E o que ele diria se soubesse que você está me chamando de bonita? Porque o jeito como ele olha para você...

Uma expressão de choque passou pelo rosto de Mark. Ele olhou rapidamente para Julian, mas o irmão parecia absorvido por Emma.

— Como você...?

— Eu vi — disse ela. — No estacionamento. E quando você sumiu hoje no teatro, suponho que tenha sido por causa dele também?

— Por favor, não conte a ninguém, Cristina. — O olhar de medo no rosto de Mark partiu o coração dela. — Ele seria punido e eu também. Ele está proibido de me ver agora que não estou na Caçada.

— Não contarei a ninguém — prometeu Cristina. — Não falei nada, nem

para Emma, nem para ninguém.

— Você é tão gentil quanto adorável — emendou Mark, mas as palavras pareceram ensaiadas.

— Sei que não pode confiar em mortais. Mas não vou traí-lo.

Não havia nada ensaiado no olhar que ele lançou para ela então.

— Fui sincero quando disse que você é linda. Eu a quero, e Kieran não se importaria...

— Você me *quer*?

— Quero — respondeu Mark com simplicidade, e Cristina desviou o olhar, de repente, muito ciente da proximidade entre os corpos deles. Da forma dos ombros de Mark sob o paletó. Ele era adorável como as fadas o eram, uma coisa meio de outro mundo, prateado como a lua na água. Ele não parecia tangível, mas ela o tinha visto beijar Kieran e sabia que era. — Você não quer ser desejada?

Em outros tempos, anteriormente, Cristina teria ruborizado.

— Não é o tipo de elogio que mulheres mortais apreciam.

— Mas por que não? — perguntou Mark.

— Porque faz parecer que eu sou uma coisa que você quer usar. E quando você diz que Kieran não se importaria, faz com que pareça que ele não se importaria porque eu não tenho importância.

— Isso é muito humano — comentou ele. — Ter ciúme de um corpo, mas não de um coração.

Cristina tinha estudado fadas de perto. Era verdade que fadas solteiras, não importa a orientação sexual, enxergavam muito pouco valor na fidelidade física, mas um valor muito maior do que os humanos na lealdade emocional. Havia poucos, se é que havia algum voto que tinha qualquer relação com sexo, mas muitos que envolviam amor verdadeiro.

— Veja bem, não quero um corpo sem um coração — retrucou ela.

Ele não respondeu, mas ela interpretou o olhar em seu rosto. Bastava falar, e teria Mark Blackthorn, pelo valor de tê-lo. Era estranho saber disso, mesmo que ela não quisesse o que ele oferecia. Mas, se ele estivesse oferecendo *mais* — bem, houve um tempo em que ela acreditou que jamais voltaria a querer alguém.

Era bom saber que isso não era verdade.

— O motivo é Kieran? — perguntou ela. — Pelo qual você voltaria ao Reino das Fadas, mesmo que o assassino seja capturado?

— Kieran salvou a minha vida — disse Mark. — Eu era um nada na Caçada Selvagem.

— Você não é um nada. Você é o filho de Lady Nerissa.

— E Kieran é o filho do Rei da Corte Unseelie — retrucou Mark secamente.

— Ele fez tudo por mim na Caçada Selvagem. Me protegeu e me manteve vivo. E ele só tem a mim. Julian e o restante, eles têm uns aos outros. Não precisam de mim.

Mas ele não pareceu convencido. Falou como se as palavras fossem folhas mortas, soprando por um espaço oco e doloroso dentro dele. E, naquele momento, Cristina se sentiu mais atraída por ele do que nunca, pois conhecia essa sensação, se sentir tão vazia pela perda que é como se o vento pudesse soprar através de você.

— Isso não é amor — argumentou Cristina. — É dívida.

Mark travou a mandíbula. Ele nunca pareceu tanto um Blackthorn.

— Se tem uma coisa que aprendi na vida, e assumo que não aprendi muito, é isso: nem o Povo das Fadas, nem os mortais sabem o que é ou não o amor. Ninguém sabe.

16

Ao Lado

— Então, basicamente, vocês meio que resolveram a investigação — disse Livvy. Ela se deitara no tapete no quarto de Julian. Estavam todos espalhados pelo quarto: Cristina em uma cadeira, Ty sentado, apoiado contra uma parede com os fones de ouvido, e Julian de pernas cruzadas na cama. Ele tinha tirado o paletó e dobrado as mangas. As abotoaduras que Emma deu brilhavam na mesinha de cabeceira. Mark, de bruços, ocupava o pé da cama, em frente a Church, que tinha decidido fazer uma visita, provavelmente por causa do tempo. — Quero dizer, agora sabemos quem foi. Os assassinatos.

— Não exatamente — disse Emma. Ela estava sentada no chão, apoiada na cabeceira. — Quero dizer, o que sabemos é o seguinte: esse grupo, os Seguidores, ou seja lá como se chamam, são responsáveis pelo assassinato de Stanley Wells. Os Seguidores basicamente são pessoas que tiveram algum contato com o sobrenatural. Eles têm Visão, são parte fada, Sterling é parte licantropo. Todo mês tem uma Loteria. Alguém é escolhido, e essa pessoa se torna um sacrifício.

— Wells foi um sacrifício — explicou Julian. — Então faz sentido presumir que os outros onze assassinatos também tenham ocorrido por causa desse culto.

— E também explica os corpos das fadas — emendou Cristina. — Considerando que muitos deles são parte fada, faz sentido que tenham sido escolhidos para os sacrifícios.

Julian olhou para Mark.

— Acha que as Cortes sabem se os corpos são parte ou totalmente fada?

— É difícil dizer — respondeu Mark, ainda olhando para o gato. — Nem sempre é possível determinar se alguns dos Seguidores são fadas de puro sangue apenas olhando.

— Eu imaginaria que fadas de puro sangue teriam coisas melhores a fazer. — Foi Ty, que tinha tirado os fones. Emma pôde ouvir de longe a música clássica que vazava deles. — Por que se juntariam a um grupo desses?

— É um lugar para almas perdidas — disse Mark. — E, desde a Paz Fria, muitos integrantes do Povo das Fadas estão perdidos. Faz sentido.

— Vi a propaganda no Mercado das Sombras — disse Emma. — E vi Belinda lá também. Pareciam procurar especificamente por qualquer pessoa com Visão, qualquer um que parecesse assustado ou sozinho. Ter um grupo ao qual pertencer, receber promessas de sorte e riqueza, receber força com os sacrifícios... dá para ver o apelo disso.

— Eles realmente parecem confiantes — concordou Cristina. — Quanto sabem sobre a existência dos Nephilim, imagino?

— Sterling pareceu com medo da gente — disse Emma. — É estranho. Ele foi escolhido, então isso significa que eles vão sacrificá-lo. É de se pensar que ele aceitaria qualquer ajuda que pudesse receber, mesmo de Caçadores de Sombras.

— Mas receber ajuda é proibido, certo? — argumentou Livvy. — Se ele for flagrado aceitando, podem torturá-lo. Fazer coisa pior do que matá-lo.

Cristina estremeceu.

— Ou ele pode realmente acreditar nisso tudo. Talvez ele ache que é um pecado aceitar ajuda.

— Homens morreram por menos — disse Mark.

— Quantos vocês acham que tinham? Os Seguidores?

— Uns trezentos — disse Julian.

— Bem, se não podemos procurar as fadas ainda, temos duas opções — começou Emma. — Primeira: vamos atrás de cada um desses trezentos e os espancamos até que nos revelem quem é o assassino.

— Isso não parece nada prático — disse Ty. — E vai demorar muito.

— Ou podemos tentar descobrir diretamente quem é o líder — falou Emma. — Se alguém sabe quem é, é aquela menina Belinda.

Julian passou a mão no cabelo.

— Belinda não é o seu nome verdadeiro...

— Estou falando, Johnny Rook a conhece — disse Emma. — Aliás, ele provavelmente sabe muita coisa, considerando que o seu negócio se baseia em informações sobre o Mundo das Sombras. Vamos perguntar a ele.

— Sim, você concordou com isso no carro — disse Mark, e franziu o rosto. — O gato está olhando para mim e me julgando.

— Não está — discordou Jules. — A cara dele é assim mesmo.

— Você me olha do mesmo jeito — disse Mark, olhando para Julian. — Com

cara de que está me julgando.

— Ainda assim é um progresso — falou Livvy, teimosa. Ela olhou de lado para Mark, e Emma viu ansiedade em seu olhar. Era tão raro Livvy demonstrar preocupação que Emma se sentou ereta. — Deveríamos ir atrás das fadas e avisar que os Seguidores são os responsáveis...

— Não podemos — avisou Diana, aparecendo na entrada. — As fadas foram bem específicas. “Aquele com sangue nas mãos”. Podem achar que eles querem relatórios de progresso, mas não acho que seja isso. Eles querem resultados, e isso é tudo.

— Há quanto tempo está ouvindo a conversa? — perguntou Julian, apesar de não haver hostilidade em seu tom. Ele olhou para o relógio. — Está muito tarde para você estar aqui.

Diana suspirou. Ela parecia exausta. Os cabelos estavam desalinhados, e ela parecia estranhamente informal com um casaco de moletom e calça jeans. Tinha um longo arranhão nas bochechas.

— Passei na convergência na volta de Ojai — disse ela. — Entrei e saí rápido. Só tive que matar um Mantis. — Ela suspirou outra vez. — Não parece que ninguém esteve lá desde a noite em que vocês o fizeram. Temo que nosso necromante tenha encontrado outro lugar para ir.

— Bem, se ele não usar uma convergência, na próxima vez que usar magia das trevas vai aparecer no mapa de Magnus — disse Ty.

— Encontrou algo de útil em Ojai? — perguntou Emma. — Que feiticeiro mora lá? Não é ninguém que conheçamos, é?

— Não. — Diana se apoiou na maçaneta da porta, claramente não planejando falar mais nada. — Eu já tinha ouvido falar nos Seguidores; suponho que não seja surpresa que vocês estivessem tentando encontrá-los aqui. Queria que tivessem me contado, mas...

— Você já tinha saído — disse Jules, e se apoiou nas próprias mãos. Ele estava sem o casaco, e a camisa social estava esticada no peito. Saber como era o corpo dele por baixo do algodão não ajudava Emma a se concentrar. Ela desviou o olhar, detestando seus pensamentos descontrolados. — Mas posso oferecer um resumo.

Quando ele começou a falar, Emma virou, em silêncio, e se retirou. Ela pôde ouvir a voz de Julian atrás dela, recontando os eventos transcorridos na noite. Ela sabia que ele contaria a história com precisão; sabia que não precisava se preocupar. Mas agora precisava falar com duas pessoas, e tinha que fazer isso sozinha.

— Mãe — sussurrou Emma. — Pai. Preciso da ajuda de vocês.

Ela havia tirado o vestido e as botas, e as colocava em um canto junto com as armas. O tempo tinha piorado: lufadas sopravam pelo Instituto, balançando as calhas de metal, manchando os vidros com estampas prateadas. Ao longe, raios brilhavam sobre a água, iluminando-a como uma folha de vidro. De pijama, Emma sentou de pernas cruzadas, encarando o armário aberto.

Para um estranho, o armário poderia parecer uma bagunça de fotos, barbantes e anotações, mas para ela era uma carta de amor. Uma carta de amor para seus pais cuja foto ficava no centro da compilação. Uma foto deles sorrindo um para o outro, o pai no meio de uma risada, os cabelos louros brilhando ao sol.

— Estou perdida — disse ela. — Comecei isso porque achei que tivesse alguma ligação entre esses assassinatos e o que aconteceu com vocês. Mas, se é o caso, acho que a estou perdendo. Nada se liga ao ataque ao Instituto. Eu me sinto como se estivesse caminhando pela bruma e não consigo enxergar nada com clareza.

Parecia que tinha algo preso na garganta dela, algo duro e doloroso. Parte de Emma não queria nada mais do que correr para a chuva e sentir a água cair. Andar ou correr pela praia, onde o mar e o céu se fundiam, e ter seus gritos sufocados por trovões.

— Tem mais — sussurrou ela. — Acho que estou estragando tudo. Como... como Caçadora de Sombras. Desde que Jules se machucou, quando eu o curei, desde então, quando olho para ele, eu sinto... coisas que não deveria sentir. Penso nele de um jeito que não se deve pensar quando se é *parabatai*. Tenho certeza de que ele não sente o mesmo, mas hoje, por alguns minutos, quando estávamos dançando, eu me senti... feliz — Ela fechou os olhos. — Amor é feito para deixar as pessoas felizes, não é? Não é para machucar?

Bateram na porta.

Jules, ela pensou. Ela se levantou quando a porta abriu.

Era Mark.

Ele continuava com as roupas formais. Eram muito escuras em contraste com seus cabelos louros. Qualquer outra pessoa teria parecido desconfortável, ela pensou quando ele entrou no quarto e olhou para o armário dela, depois para ela. Qualquer outra pessoa teria perguntado se estava interrompendo ou se intrometendo, considerando que ela estava de pijama. Mas Mark se comportava como se estivesse chegando para um compromisso marcado.

— Fui levado — falou o garoto — no mesmo dia em que seus pais foram mortos.

Ela fez que sim com a cabeça, olhando para o armário. Estar com ele aberto fazia com que ela se sentisse estranhamente exposta.

— Eu disse a você que sentia muito pelo que tinha acontecido com eles — continuou. — Mas isso não é suficiente. Eu não percebi que essa investigação se tornaria sobre mim. Sobre minha família tentando me manter aqui. Que a minha presença roubaria de você o significado do que você está fazendo aqui.

Emma sentou ao pé da cama.

— Mark... não é assim.

— É assim — disse ele. Seus olhos eram luminosos à estranha luz; a janela estava aberta, e a luminosidade que entrava era tocada pelo brilho de nuvens carregadas de raios. — Eles não deveriam estar fazendo isso para me manter quando eu talvez nem fique.

— Você não voltaria para o Reino das Fadas. Não voltaria.

— Tudo que foi prometido é que eu escolheria — disse ele. — Eu não... eu não posso... — Ele cerrou as mãos em punhos nas laterais do corpo, a frustração em seu rosto era clara. — Pensei que você fosse entender. Você não é uma Blackthorn.

— Sou *parabatai* de Julian — disse ela. — E Julian precisa que você fique.

— Julian é forte — insistiu Mark.

— Julian é forte — concordou ela. — Mas você é irmão dele. E se você for... eu não sei se consigo juntar esses cacos.

Os olhos dele se voltaram novamente para o armário.

— Sobrevivemos a perdas — sussurrou ele.

— Sobrevivemos — concordou Emma. — Mas meus pais não se foram de propósito. Não sei o que teria acontecido se fosse esse o caso.

Um raio estalou, iluminando o quarto. A mão de Mark voou para a garganta.

— Quando ouço trovões, vejo raios, penso que deveria estar cavalgando através deles — disse o garoto. — Meu sangue chama o céu.

— Quem lhe deu esse pingente? — perguntou ela. — É uma flecha de elfo, não é?

— Na Caçada, eu era habilidoso com elas — disse Mark. — Eu conseguia acertar um inimigo enquanto cavalgava, e acertava nove de dez tiros. Ele me chamava de “tiro de elfo”, porque... — Mark se interrompeu, virando-se para olhar Emma, que estava na cama. — Somos parecidos, eu e você — garantiu ele. — A tempestade lhe chama, assim como a mim, não é mesmo? Vi nos seus olhos mais cedo... Você queria estar lá fora. Correr na praia, talvez, enquanto os raios caem.

Emma respirou trêmula.

— Mark, eu não...

— O que está acontecendo? — Foi Julian que perguntou. Ele havia tirado o terno e estava parado na entrada. Emma não conseguia descrever a expressão em

seu rosto ao olhar de Mark para ela. Jamais vira Jules assim.

— Se os dois estão ocupados — falou, e a voz parecia a ponta de uma faca —, posso voltar outra hora.

Mark pareceu confuso. Emma ficou encarando.

— Eu e Mark estamos conversando — explicou Emma. — Só isso.

— Já acabamos. — Mark se levantou, com uma das mãos na flecha de elfo.

Julian olhou nos olhos de ambos.

— Amanhã à tarde Diana vai levar Cristina até a casa de Malcolm — disse ele. — Alguma coisa sobre Cristina precisar entrevistar o Alto Feiticeiro para saber como fazemos as coisas por aqui e as diferenças quanto à Cidade do México. Provavelmente Diana só quer ver como está ficando a tradução de Malcolm e precisa de uma desculpa.

— Tudo bem, então podemos ir atrás de Rook — disse Emma. — Ou eu posso ir sozinha se você preferir, ele está acostumado comigo. Não que nossa última interação tenha sido amigável. — Ela franziu o rosto.

— Não, eu vou com você — avisou Julian. — Rook precisa entender que é sério.

— E eu? — perguntou Mark. — Devo fazer parte da expedição?

— Não — respondeu Julian. — Johnny Rook não pode saber que você voltou. A Clave não sabe, e Rook não guarda segredos, ele os vende.

Mark olhou para o irmão através dos cabelos; seus olhos estranhos e de cores diferentes brilhando.

— Então acho que vou dormir até mais tarde — falou. Deu uma última olhada no armário de Emma, havia alguma coisa em sua expressão, algo incomodado, e saiu, fechando a porta.

— Jules — chamou Emma —, o que houve com você? O que foi isso “se vocês dois estão ocupados”? Acha que eu e Mark estávamos nos agarrando no chão antes de você entrar?

— Não seria da minha conta se estivessem — disse Julian. — Eu estava lhes dando privacidade.

— Estava sendo um babaca. — Emma saiu da cama e foi até a penteadeira para tirar os brincos, olhando Julian pelo espelho ao fazê-lo. — E eu sei por quê.

Ela viu a expressão dele mudar e enrijecer, a surpresa deu lugar à incompreensão.

— Por quê?

— Porque você está preocupado — respondeu ela. — Você não gosta de transgredir as regras e acha que confrontar Rook não é uma boa ideia.

Ele se moveu inquieto pelo quarto e sentou na cama dela.

— É assim que me enxerga? — disse ele. — Emma, se precisamos ir até o

Rook, eu faço parte do plano. Estou nele, cem por cento.

Ela se olhou no espelho. Cabelos compridos não escondiam as Marcas dos ombros; os braços tinham músculos, e os pulsos eram fortes e largos. Ela era um mapa de cicatrizes: as antigas cicatrizes brancas de símbolos gastos, registros de cortes, e manchas de queimaduras provocadas por sangue ácido de demônio.

De repente, ela se sentiu velha, não era só 17 em vez de 12, mas *velha*. Velha no coração, como se fosse tarde demais. Certamente se fosse encontrar o assassino de seus pais, já o teria feito a essa altura.

— Sinto muito — disse ela.

Julian se reclinou no encosto da cama dela. Estava com uma velha camiseta e calça de pijama.

— Por quê?

Pela maneira como me sinto. Ela conteve as palavras. Se estava tendo sentimentos estranhos por Jules, não era justo contar para ele. Ela é que estava errada.

E ele estava sofrendo. Dava para ver pela rigidez da boca, pela escuridão por trás dos olhos claros.

— Por duvidar de você — disse ela.

— Digo o mesmo. — Ele deitou nos travesseiros. A camisa dele, para fora, subiu, dando a Emma uma clara visão de sua barriga, a dobra dos músculos, as sardas douradas no quadril...

— Acho que nunca vou descobrir o que aconteceu com os meus pais — disse ela.

Com isso, ele se sentou, o que foi um alívio.

— Emma — falou, e então parou. Ele não disse *por que falaria uma coisa dessas?* Ou *como assim?* Nem nenhuma das outras coisas que as pessoas diriam para preencher esse espaço. Em vez disso, ele emendou: — Vai. Você é a pessoa mais determinada que já conheci.

— Me sinto mais longe do que nunca agora. Apesar de termos uma conexão, apesar de estarmos investigando. Não vejo como as mortes deles podem ter tido qualquer relação com o Teatro da Meia-Noite ou com a Loteria. Não vejo...

— Você tem medo — disse Jules.

Emma se apoiou na cômoda.

— Medo de quê?

— Medo de descobrirmos alguma coisa sobre eles que você não quer saber — argumentou ele. — Na sua cabeça, seus pais são perfeitos. Agora que estamos nos aproximando de algumas respostas, você teme descobrir que eles...

— Não eram perfeitos? — Emma lutou para conter a tensão da voz. — Más pessoas?

— Eram humanos — completou ele. — Todos nós descobrimos que as pessoas que cuidam da gente são humanas, eventualmente. Que cometem erros. — Julian tirou o cabelo dos olhos. — Vivo com medo do dia em que as crianças descobrirão isso de mim.

— Julian — disse Emma —, detesto dizer isso a você, mas acho que eles já descobriram.

Ele sorriu e saiu da cama.

— Ofensas — falou o garoto. — Acho que isso significa que você está bem. — E foi para a porta.

— Não podemos revelar a Diana que vamos atrás de Rook — emendou ela. — Ela acha que ele é sujo.

— Ela não está errada. — A luz fraca do quarto brilhou na pulseira de Julian. — Emma, você quer que eu...

Ele hesitou, mas Emma ouviu as palavras não pronunciadas. *Fique com você?*

Fique comigo, ela queria dizer. *Fique comigo e me faça esquecer os pesadelos. Fique e durma ao meu lado. Fique e espante os sonhos ruins, as lembranças de sangue.*

Mas ela só forçou um sorriso.

— É melhor eu dormir, Jules.

Ela não conseguiu ver a expressão de Julian quando ele virou para sair do quarto.

— Boa noite, Emma.

Emma acordou tarde no dia seguinte: em algum momento da noite, a tempestade tinha limpado o céu, e o sol da tarde estava claro. Com a cabeça doendo, ela saiu da cama, tomou banho, vestiu jeans e um casaco de uniforme, e quase deu um esbarrão em Cristina na porta do seu quarto.

— Você dormiu muito, eu estava preocupada. — Cristina olhou para ela com cara feia. — Está tudo bem?

— Vai ficar depois que eu tomar café da manhã. Talvez alguma coisa com chocolate.

— Está tarde demais para café da manhã. Já passou da hora do almoço. Julian me mandou vir buscá-la, ele disse que tem bebidas e sanduíches no carro, mas vocês precisam ir.

— Acha que são sanduíches de chocolate? — perguntou Emma, entrando no ritmo de Cristina enquanto ambas iam para as escadas.

— O que é um sanduíche de chocolate?

— Você sabe: pão, uma barra de chocolate, manteiga.

— Que nojo. — Cristina balançou a cabeça; as pérolas nos lóbulos da orelha brilharam.

— Não tão nojento quanto café. Você está indo para a casa de Malcolm?

Cristina sorriu.

— Farei um milhão de perguntas ao seu feiticeiro de olhos roxos para que Diana não pense em você e Julian, ou se vocês estão na casa do Sr. Rook.

— Não sei bem se ele é um senhor — disse Emma, contendo um bocejo. — Nunca vi ninguém o chamar de nada além de “ei, Rook”, ou às vezes “aquele babaca”.

— Isso é muito grosseiro — disse Cristina. Havia algo de brincalhão em seus olhos escuros. — Acho que Mark está nervoso por ficar sozinho com os mais novos. Isso vai ser muito divertido. — Ela puxou uma das tranças molhadas de Emma. — Julian está esperando por você lá embaixo.

— Boa sorte tentando distrair Malcolm — disse Emma quando Cristina seguiu pelo corredor até a cozinha, onde Diana, supostamente, esperava.

Cristina deu uma piscadela.

— Boa sorte tentando conseguir informações, *cuata*.

Balançando a cabeça, Emma foi para o estacionamento, onde encontrou Julian ao lado do Toyota, examinando o conteúdo da mala. Ao lado dele estava Mark.

— Achei que Cristina fosse estar aqui — dizia Mark quando Emma se aproximou. — Não sabia que ela ia para a casa de Malcolm. Não achei que fosse ficar sozinho com as crianças.

— Não são crianças — disse Julian, acenando com a cabeça para cumprimentar Emma. — Ty e Livvy têm 15 anos; eles já cuidaram dos outros antes.

— Tiberius está bravo por você não o deixar te acompanhar até a casa de Rook — disse Mark. — Ele disse que ia se trancar no quarto.

— Ótimo — respondeu Julian. Estava com a voz rouca; parecia não ter dormido. Emma ficou imaginando o que o teria mantido acordado. Pesquisa? — Acho que você vai saber onde ele está. Olha, só quem precisa de cuidado é Tavvy.

Mark pareceu doente de medo.

— Eu sei.

— Ele é uma criança, e não uma bomba — garantiu Emma, vestindo o cinto de armas. Havia diversas lâminas serafim e uma estela nele. Ela não estava de uniforme, só de calça jeans e um casaco que esconderia a espada nas costas. Não que esperasse confusão, mas detestava sair sem Cortana, que, no momento,

descansava na mala. — Vai ficar tudo bem. Dru e Livvy podem ajudar.

— Talvez essa sua missão seja perigosa demais — disse Mark, quando Julian fechou a mala. — Uma fada diria que *rook*, na verdade, é um corvo preto, um pássaro de mau presságio.

— Eu sei — rebateu Julian, guardando uma última adaga fina no cinto. — Também significa enganar ou lograr. Foi minha palavra do dia com Diana ano passado.

— Johnny Rook é um enganador, é verdade — concordou Emma. — Ele engana *mundanos*. Nós vamos ficar bem.

— As crianças podem atear fogo nelas mesmas — disse Mark. Não pareceu estar brincando.

— Ty e Livvy têm 15 anos — disse Emma. — Eles têm quase a mesma idade que você tinha quando se juntou à Caçada. E você ficou...

— O quê? — Mark virou os estranhos olhos para ela. — Eu fiquei bem?

Emma se sentiu ruborizar.

— Uma tarde na própria casa não é exatamente o mesmo que ser sequestrado por fadas canibais predadoras.

— Nós não comemos pessoas — falou Mark, indignado. — Pelo menos, não até onde sei.

Julian destrancou a porta do motorista e entrou no carro. Emma sentou no banco do carona enquanto ele se inclinava para fora da janela e olhava, solidário, para o irmão.

— Mark, temos que ir. Se alguma coisa acontecer, peça para Livvy mandar mensagem, mas nesse momento nossa melhor chance é Rook. Tudo bem?

Mark se esticou, como se estivesse se preparando para a batalha.

— Tudo bem.

— E se eles conseguirem atear fogo neles mesmos?

— Sim?

— É bom que arranje um jeito de apagar.

Johnny Rook morava em um pequeno bangalô artesanal com janelas empoeiradas, entre dois ranchos, em Victor Heights. Tinha uma atmosfera de desuso que Emma presumiu ser cuidadosamente cultivada. Parecia o tipo de lugar que crianças da vizinhança pulariam quando estivessem atrás de doces no dia das bruxas.

Fora isso, era uma boa rua. Crianças brincavam de amarelinha a algumas casas de distância, e um senhor lia um jornal em seu terraço, cercado por anões de jardim. Quando Julian imaginava a vida mundana, o cenário era bem parecido

com esse. Às vezes, ele achava que não era tão ruim assim.

Emma ajeitava Cortana. Já estavam disfarçados com feitiços, então não havia preocupação quanto às crianças da rua a verem apertando a alça da espada, uma pequena ruga aparecendo entre as sobrancelhas enquanto a ajeitava. Seus cabelos brilhavam ao sol californiano, mais cintilantes do que o cabo de Cortana. As cicatrizes brancas em suas mãos também brilhavam, difusas, como uma costura de retalhos.

Não. A vida mundana não era uma opção.

Emma levantou a cabeça e sorriu para ele. Um sorriso simples, familiar. Era como se ontem à noite — a dança e a música que ainda lhe pareciam um sonho febril — não tivesse acontecido.

— Pronto? — perguntou Emma.

O caminho pavimentado que levava à entrada da casa era rachado onde as raízes das árvores cresceram, sua força inexorável abrindo o chão. A persistência das que crescem, Julian pensou, e desejou ter uma tela e tintas. Ele estava pegando o telefone para tirar uma foto quando recebeu um toque que indicava mensagem de texto.

Ele olhou para a tela. Era uma mensagem de Mark.

NÃO ESTOU ENCONTRANDO TY.

Julian franziu o rosto e escreveu uma resposta enquanto subia os degraus atrás de Emma. PROCUROU NO QUARTO DELE?

Havia uma aldrava ornada na porta da frente, em forma de um homem verde com cabelos e olhos selvagens. Emma a levantou e deixou cair quando o telefone de Julian apitou novamente.

ACHA QUE SOU UM PALHAÇO? É ÓBVIO QUE PROCUREI.

— Jules? — disse Emma. — Está tudo bem?

— Palhaço? — murmurou ele, os dedos voando sobre o teclado. O QUE LIVVY DISSE?

— Você acabou de murmurar “palhaço”? — perguntou Emma. Julian ouviu os passos se aproximando do outro lado da porta. — Julian, *tente* não agir estranhamente, tudo bem?

A porta se abriu. O homem do outro lado, alto e esguio, usava jeans e uma jaqueta de couro. Os cabelos estavam tão curtos que era difícil dizer a cor; óculos escuros escondiam seus olhos.

Ele caiu contra a maçaneta assim que viu Emma.

— Carstairs — cumprimentou. Foi um som entre uma oração e um rosnado.

O telefone de Julian apitou. LIVVY DISSE QUE NÃO SABE.

O homem ergueu uma sobrancelha.

— Ocupado? — perguntou ele sarcasticamente. E se virou para Emma. —

Seu outro namorado era mais educado.

Emma enrubesceu.

— Esse não é meu namorado. É Jules.

— Ah, sim. Eu devia ter reconhecido os olhos Blackthorn. — A voz de Rook ficou sedosa. — Você é muito parecido com seu pai, Julian.

Julian não gostou muito do sorriso do sujeito. Mas, para ser sincero, jamais gostou de nada no relacionamento de Emma e Rook. Mundanos que mexiam com magia, mesmo os que possuíam Visão, eram um assunto indefinido na Clave — não havia uma Lei, mas as pessoas não deveriam se relacionar com eles. Quem precisasse de magia deveria contratar um bom feiticeiro, aprovado pela Clave.

Não que Emma ligasse para a aprovação da Clave.

LIVVY ESTÁ MENTINDO. ELA SEMPRE SABE ONDE TY ESTÁ. FAÇA ELA TE CONTAR. Jules guardou o telefone no bolso. Não era incomum que Ty desaparecesse em cantos da biblioteca ou lugares na colina onde pudesse atrair lagartos para fora de suas pedras. E ele estava irritado, o que aumentava a probabilidade de se esconder.

O homem abriu a porta.

— Entrem — falou, em tom resignado. — Conhecem as regras. Nada de sacar armas, Carstairs. E nada de respostas petulantes.

— Defina “respostas petulantes” — pediu Emma, entrando. Julian foi atrás dela. Uma onda de magia como fumaça espessa em um prédio pegando fogo o atingiu. Pairava no ar da pequena sala, quase visível à pouca luz que penetrava as cortinas amareladas. Prateleiras altas continham livros e manuais de poções, cópias de *Martelo das feiticeiras*, *Pseudomonarchia Daemonum*, *A chave menor de Salomão* e um volume vermelho-sangue com as palavras *Dragon rouge* na lombada. Um tapete amarelado que combinava com as cortinas repousava torto no chão; Rook o chutou de lado com um sorriso desagradável.

Embaixo dele havia um círculo de feitiço de giz, desenhado nos tacos de madeira. Era o tipo de círculo onde feiticeiros entravam quando invocavam demônios; o círculo criava uma parede protetora. Na verdade eram dois círculos, um dentro do outro, formando uma espécie de moldura, e dentro da moldura estavam os símbolos dos setenta Lordes do Inferno. Julian fez uma careta quando Rook entrou no círculo e cruzou os braços.

— Um círculo de proteção — disse ele desnecessariamente. — Você não pode entrar.

— E você não pode sair — observou Julian. — Não com facilidade, pelo menos.

Rook deu de ombros.

— Por que eu quereria?

— Porque está brincando com magia muito poderosa.

— Não julgue — disse Rook. — Nós que não podemos manipular a magia do Céu temos que usar o que conseguimos.

— Os símbolos do Inferno? — censurou Julian. — Existe algo no meio do caminho entre Inferno e Céu, certamente.

Rook sorriu.

— Tem o mundo inteiro — disse ele. — É um lugar bagunçado, Caçador de Sombras, e nem todos nós conseguimos manter as mãos limpas.

— Existe uma diferença entre sujeira e sangue — apontou Julian.

Emma lançou um olhar reprovador a ele, que dizia: *estamos aqui porque precisamos de algo*. Ela nem sempre precisava escrever na pele de Julian para ele saber o que ela estava pensando.

As cortinas balançaram, apesar de não haver nenhuma brisa.

— Olha só, não estamos aqui para incomodar — disse Emma. — Só queremos uma informação e vamos embora.

— Informação não sai de graça — afirmou Rook.

— Tenho uma coisa boa para você dessa vez. Melhor do que dinheiro — disse Emma. Evitando o olhar de Julian, ela pegou um pedaço claro de pedra comprida branco e prata do bolso do casaco. Ruborizou de leve, ciente do olhar de Julian quando ele percebeu o que ela segurava: uma lâmina serafim sem nome.

— O que ele vai fazer com *adamás*? — Julian quis saber.

— *Adamás* tratado pelas Irmãs de Ferro custa caro no Mercado das Sombras — respondeu Rook, sem tirar os olhos do prêmio de Emma. — Mas ainda depende do que queira saber.

— O Teatro da Meia-Noite e os Seguidores — propôs Emma. — Queremos saber sobre eles.

Rook cerrou os olhos.

— O que querem saber?

Emma deu um breve resumo dos eventos da noite anterior, deixando Mark de fora e não contando como descobriram sobre a Loteria. Quando terminou, Rook assobiou.

— Casper Sterling — comentou ele. — Sempre achei esse sujeito um idiota. Tagarelando sobre como ele era melhor do que lobisomens, e melhor do que humanos também. Não posso dizer que lamento por ter chegado a vez dele.

— Johnny — falou Emma com seriedade. — Vão *matá-lo*.

Uma expressão estranha passou pelo rosto de Rook, mas desapareceu rapidamente.

— E o que você quer que eu faça a respeito? É toda uma organização, Carstairs.

— Precisamos saber quem é o líder — explicou Julian. — Belinda se referiu a ele como o Guardião. É ele que temos que encontrar.

— Eu não sei — disse Rook. — Não sei se irritar os Seguidores é válido, nem em troca de *adamas*. — Mas manteve os olhos no objeto branco e prata. Emma forçou a vantagem.

— Nunca vão saber que você teve qualquer relação com isso — garantiu ela. — Mas eu o vi flertando com Belinda no Mercado das Sombras. Ela tem que saber.

Rook balançou a cabeça.

— Ela não sabe.

— Hum — disse Emma. — Tudo bem, quem sabe?

— Ninguém. A identidade do líder é totalmente secreta. Não sei nem se é homem ou mulher. Pode ser Guardião ou Guardiã, entende?

— Se eu descobrir que você está me escondendo alguma coisa, Johnny — começou Emma com frieza —, haverá consequências. Diana sabe que estou aqui. Você não poderá me encrencar com a Clave. Mas eu posso encrencá-lo. Seriamente.

— Emma, esqueça — pediu Julian num tom entediado. — Ele não sabe de nada. Vamos pegar o *adamas* e sair daqui.

— Eles têm dois dias — retrucou Rook com a voz fina e irada. — Quando são sorteados. Têm dois dias antes da morte acontecer. — Ele encarou os dois, como se de algum jeito eles fossem culpados. — É magia solidária. A energia da morte de uma criatura sobrenatural incrementa o feitiço que fortalece a todos eles. E o líder... ele aparece para a morte. Disso eu sei. Se estiverem presentes no momento da morte, vão vê-lo. Ou vê-la. Quem quer que seja.

— O Guardião comparece aos assassinatos? — insistiu Emma. — Para coletar a energia?

— Então se seguirmos Sterling, se esperarmos até que alguém o ataque, veremos o Guardião? — Julian quis saber.

— Sim. Isso deve funcionar. Quero dizer, vocês só podem ter perdido o juízo se querem estar presentes em uma grande festa de magia das trevas, mas suponho que seja um problema de vocês.

— Suponho que sim — admitiu Julian. O telefone vibrou novamente. LIVVY NÃO ME CONTA NADA. ELA SE TRANCOU NO QUARTO. ME AJUDA.

Um fio de preocupação se desenrolou no estômago de Julian, e ele disse a si mesmo que estava sendo tolo. Sabia que se preocupava demais com os irmãos. Ty provavelmente tinha ido atrás de algum bicho, estava brincando com um

esquilo ou com um gato de rua. Ou poderia ter se isolado com um livro, sem vontade de socializar.

Julian respondeu: VÁ LÁ FORA E PROCURE POR ELE NO JARDIM DOS FUNDOS.

— Continua mandando mensagem? — perguntou Rook, com o tom de voz zombeteiro. — Suponho que você tenha uma vida social intensa.

— Eu não me preocuparia — disse Julian. — Meu telefone está quase sem bateria.

O telefone vibrou de novo. ESTOU INDO PARA FORA, dizia, e então a tela ficou preta. Ele o guardou no bolso quando um grande estalo veio de baixo e, depois dele, um grito.

— Que diabos?! — exclamou Rook.

O choque na voz dele foi real; Emma também deve ter ouvido, porque ela já estava correndo para a escada que levava para baixo. Rook gritou atrás deles, mas Julian sabia que levaria um instante para que ele se livrasse do círculo de proteção. Sem mais uma olhada para Rook, ele correu atrás de Emma.

Kit Rook se escondeu nas sombras da escada. Vozes desciam de cima, junto à fraca luz do sol. Seu pai sempre o mandava para baixo, para a adega, quando recebia visitas. Principalmente o tipo de visita que o fazia correr atrás de giz para desenhar um círculo de proteção.

Kit só conseguia ver as sombras se movendo no andar de cima, mas ouviu duas vozes. Vozes jovens, para sua surpresa. Um menino e uma menina.

Ele tinha uma boa ideia de quem seriam, e não eram membros do Submundo. Ele viu a cara do pai quando bateram à porta. Rook não disse nada, mas só usava aquela expressão por um motivo: Caçadores de Sombras.

Nephilim. Kit sentiu o lento ardor da raiva em seu estômago. Ele estava sentado no sofá, vendo TV, e então estava encolhido no porão como um ladrão na própria casa porque Caçadores de Sombras achavam que tinham o direito de legislar sobre a magia. De dizer a todos o que devem fazer. De...

Uma figura avançou para ele nas sombras. Ela o atingiu forte no peito, e ele cambaleou para trás e bateu em uma parede atrás de si, perdendo o fôlego. Ele engasgou quando foi cercado por luz — uma luz clara, trazida por mão humana.

Algo afiado tocou a base da garganta de Kit. Ele respirou fundo e levantou os olhos.

Ele estava olhando diretamente para um menino da sua idade. Cabelos pretos e olhos da cor da ponta de uma faca, olhos que desviaram dos seus quando o menino franziu o rosto. Ele tinha um corpo longo, magro e vestido de preto, e pele clara Marcada com os símbolos dos *Nephilim*.

Kit nunca chegara tão perto de um Caçador de Sombras. O menino estava com uma das mãos na luz brilhante — não era uma lanterna, nem nada eletrônico; Kit reconhecia magia quando via — e a outra segurava uma adaga cuja ponta tocava a sua garganta.

Kit já tinha imaginado antes o que faria se um Nephilim o pegasse. Pisaria no pé dele, quebraria os seus ossos, cuspiria na sua cara. Não fez nada disso, não pensou nenhuma dessas coisas. Ele olhou para o menino com a faca em sua garganta, o menino cujos cílios pretos tocavam as maçãs do rosto ao desviar o olhar de Kit, e sentiu algo como o choque do reconhecimento passar por si.

Ele pensou, *que lindo*.

Kit piscou os olhos. Apesar de o outro menino não estar olhando diretamente para ele, pareceu notar o movimento. Em um sussurro áspero, ele indagou:

— Quem é você? O que está fazendo aqui? Você é jovem demais para ser Johnny Rook.

Ele tinha uma voz adorável. Clara e baixa, com uma aspereza que o fazia soar mais velho do que era. A voz de um menino rico.

— Não — disse Kit. Ele se sentiu tonto e confuso, como se um flash brilhante tivesse acendido em seus olhos. — Não sou.

O menino continuava não olhando diretamente para Kit. Como se Kit não fosse digno do seu olhar. A sensação de choque estava começando a desaparecer, a ser substituída por raiva.

— Vá em frente — disse Kit, desafiando. — Descubra.

A expressão do menino escureceu, depois clareou.

— Você é filho dele — declarou. — Filho de Johnny Rook.

E então o lábio dele se curvou, uma curva singela de desprezo, e Kit sentiu a raiva ferver dentro de si. Ele chegou rápido para o lado, para longe da adaga, e deu um chute. O outro menino girou, mas Kit o pegou com um golpe. Ele ouviu um grito de dor. A luz caiu da mão do menino, se apagando, e então Kit estava sendo empurrado para a parede outra vez, um punho fechando na camisa dele, a adaga novamente em sua garganta, e o menino sussurrava:

— Quietos, quietos, *quietos*. — E então o recinto se encheu de luz.

O outro menino congelou. Kit olhou para cima para ver outros dois Caçadores de Sombras nos degraus da adega: um menino com olhos azul-esverdeados brilhantes, e a menina loura que ele vira no Mercado das Sombras na semana anterior. Os dois olhavam para baixo — não para ele, mas para o menino que o segurava pela camisa.

O menino fez uma careta, mas se segurou, a provocação espalhando alarme por seu rosto. *A-ha*, pensou Kit, percebendo as coisas. *Você não deveria estar aqui, não é mesmo?*

— Tiberius Blackthorn — chamou o menino de olhos azul-esverdeados. — O que você está fazendo?

Emma ficou parada olhando para Ty, completamente surpresa. Foi como se o Instituto de repente tivesse aparecido no meio da adega de Johnny Rook: a visão de Ty era familiar e ao mesmo tempo totalmente incongruente.

Ty parecia mais amarrotado e esfarrapado do que ela via há anos, apesar de segurar a adaga com firmeza. Diana teria ficado feliz. Provavelmente não ficaria satisfeita com o fato de que ele estava apontando a arma para a garganta de um mundano — ele parecia ter cerca de 15 anos, e era estranhamente familiar. Ela já o tinha visto antes, percebeu, no Mercado das Sombras. Seu cabelo era uma massa emaranhada loura; a camisa estava limpa, porém, rasgada, os jeans desbotados para uma cor mais clara. E ele parecia pronto para dar um soco em Ty, o que era incomum para um mundano na posição dele. A maioria se desconcentrava mais quando tinha uma faca na garganta.

— Ty — chamou Julian de novo. Ele parecia furioso, fúria com uma pontada de pânico. — Ty, solte o filho de Johnny.

Os olhos do menino louro se arregalaram.

— Como você... como você sabe quem eu sou? — Ele quis saber.

Julian deu de ombros.

— Quem mais você poderia ser? — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Talvez você saiba alguma coisa sobre a Loteria no Teatro da Meia-Noite?

— Jules — disse Emma. — Ele é só uma criança.

— Não sou criança! — O menino protestou. — E meu nome é Kit.

— Estamos tentando ajudar — avisou Julian. O menino louro, Kit, franziu o rosto. Julian suavizou a voz. — Estamos tentando salvar vidas.

— Meu pai me disse que isso é o que os Caçadores de Sombras sempre dizem.

— Você acredita em tudo que ele diz?

— Ele tinha razão nessa, não tinha? — observou Kit. Seu olhar desviou para Emma; ela se lembrou de ter notado que ele tinha Visão. Achou que ele fosse assistente de Rook, contudo, e não seu filho. Eles não se pareciam em nada. — Você disse isso.

— Quis dizer... — começou Julian.

— Não sei nada sobre nenhuma loteria — disparou Kit, e ele olhou para Tiberius.

O mais estranho, talvez, era o fato de que Ty o encarava. Emma se lembrou de Ty, há alguns anos, dizendo, *por que as pessoas dizem “olha para mim”*

quando querem dizer “olha nos meus olhos”? Você pode olhar para qualquer parte da pessoa que vai estar olhando para ela. Mas ele estava olhando curioso para os olhos de Kit, como se eles lembrassem alguma coisa.

— Kit! — A voz foi um rugido. Emma ouviu tropeços na escada, e Johnny Rook apareceu. Uma das mangas estava queimada. Emma jamais o tinha visto tão furioso. — Deixe meu filho *em paz!*

Ty ajeitou o punho na faca, endireitando a coluna. E olhou para Johnny Rook sem qualquer sombra de medo.

— Conte-nos sobre a Loteria — ordenou.

Kit fez uma careta. Emma viu, mesmo no escuro. Ty não parecia assustador para ela, mas, pensando bem, ela o pegou no colo quando ele tinha 3 anos de idade. O medo, porém, estava evidente no rosto de Johnny Rook: até onde ele sabia, os Nephilim tinham trazido um Caçador de Sombras para o porão para matar seu filho.

— Darei o endereço de Casper Sterling — propôs ele quando Kit o encarou, espantado. Claramente ele não costumava ver seu pai tão abalado. — Eu tenho, tudo bem? Ele tem várias identidades, não é fácil encontrá-lo, mas sei onde mora. Tudo bem? É o suficiente? *Solte* o meu filho!

Ty abaixou a faca e deu um passo para trás. Ele continuou segurando-a, os olhos em Kit enquanto o menino esfregava a garganta.

— Pai, eu... — começou Kit.

— Quietos, Kit. — Johnny se irritou. — Eu já disse. Não diga nada na frente dos Nephilim.

— Estamos do mesmo lado — falou Julian com a mais calma das vozes.

Johnny Rook virou para ele. O rosto dele estava rubro, a garganta se mexendo.

— Não ouse me dizer de que lado estou, você não sabe de nada, *nada...*

— *Chega!* — gritou Emma. — Pelo Anjo, do que é que você tem tanto medo?

Johnny fechou a boca.

— Não tenho medo — disse entre dentes. — Saiam daqui. Saiam e nunca mais voltem. Vou mandar o endereço por mensagem, mas, depois disso, não liguem, não me peçam favores. Acabou, Nephilim — decretou ele.

— Tudo bem — disse Emma, gesticulando para Ty vir para perto dela e de Julian. — Nós vamos. Ty...

Ty guardou a faca no cinto e subiu as escadas. Julian se virou e foi atrás dele. O menino na base da escada não os viu indo embora; estava com os olhos fixos no pai.

Ele não era muito mais novo do que Emma — talvez um ou dois anos — mas

ela, de repente, sentiu uma onda protetora inexplicável em relação ao filho de Johnny Rook. Se ele tinha Visão, então, todo o Submundo era aberto para ele: apavorante e inexplicável. De certa forma, ele era como Tiberius, vivendo em um mundo diferente do que todos à sua volta enxergavam.

— Tudo bem, Johnny — disse Emma outra vez, mais alto. — Mas se mudar de ideia, você tem meu telefone. *Carstairs*.

Johnny Rook olhou para ela.

— Me liga — disse Emma novamente, e dessa vez olhou para Kit. — Se precisar de alguma coisa.

— *SAIA daqui*. — Rook parecia prestes a explodir, ou a ter um enfarto, então, com uma última olhada por cima do ombro, Emma se foi.

Emma encontrou Ty perto do carro. Nuvens tinham se acumulado, voando com sopros de vento no céu. Ty estava apoiado na mala, a brisa soprando seus cabelos pretos.

— Onde está Jules? — perguntou ela ao se aproximar.

— Ali. — Ele apontou. — Eu entrei na casa com um símbolo de Abertura. Quebrei a tranca do porão. Ele está consertando.

Emma olhou para a casa de Johnny Rook e viu a figura comprida e esguia de Jules contornada pela parede. Ela abriu a mala do carro, soltando o cinto de armas.

— Como foi que você chegou aqui?

— Eu me escondi no banco de trás. Embaixo do cobertor. — Ty apontou. Emma viu a ponta de um par de fones de ouvido aparecendo por baixo da coberta. — Acha que Julian está bravo comigo? — Sem a faca, ele parecia tão novinho, os olhos cinzentos claros e abertos fixos nas nuvens do céu.

— Ty. — Emma suspirou. — Ele vai te “assassitar”.

Julian estava voltando para a direção deles. Ty disse:

— Isso é um neologismo.

Emma piscou os olhos.

— O quê?

— Uma palavra que você inventou. Shakespeare inventava palavras o tempo todo.

Emma sorriu para ele, estranhamente tocada.

— Bem, “assassitar” não é exatamente Shakespeare.

Ty se preparou quando Julian veio diretamente para ele, sem interromper o ritmo, a mandíbula firme, os olhos azul-esverdeados tão escuros quanto o fundo do oceano.

Ele alcançou o irmãozinho e o pegou, puxando-o em um abraço apertado. E apertou o rosto contra o cabelo escuro de Ty enquanto ele ficou parado, espantado pela ausência de raiva em Julian.

— Jules? — disse ele. — Você está bem?

Os ombros de Julian sacudiram. Ele segurou o irmão com mais força, como se pudesse esmagar Ty contra si, para um lugar onde ele sempre estaria seguro. Ele apoiou a bochecha nos cachos do menino, fechando os olhos, com a voz abafada.

— Achei que tinha acontecido alguma coisa com você — disse ele. — Pensei que Johnny Rook pudesse...

Ele não concluiu a frase. Ty abraçou Julian cautelosamente. Afagou as costas dele, gentil; as mãos esguias. Foi a primeira vez que Emma viu Ty consolar o irmão mais velho — praticamente a primeira vez que ela viu Julian permitir que alguém cuidasse dele.

Ficaram em silêncio pelo caminho de volta ao Instituto; silenciosos enquanto as nuvens clareavam, sopradas pelo vento do mar. O sol estava baixo no horizonte enquanto seguiam pela Pacific Coast Highway. Continuaram em silêncio enquanto saltavam do carro, e Julian finalmente falou.

— Você não devia ter feito aquilo — disse, olhando para Tiberius. Tinha parado de tremer, ainda bem, já que estava dirigindo; a voz era firme e suave. — Era muito perigoso levá-lo conosco.

Ty colocou as mãos nos bolsos.

— Sei o que você pensa. Mas essa investigação também é minha.

— Mark me mandou uma mensagem para avisar que você estava sumido — contou Julian, e Emma se assustou; ela devia ter adivinhado que era isso que Jules estava fazendo ao telefone. — Eu quase saí da casa de Rook. Acho que ele não teria nos deixado entrar de novo.

— Sinto muito que tenha se preocupado — desculpou-se Ty. — Por isso, eu o abracei na saída da casa de Rook, porque me senti mal por você ter se preocupado. Mas eu não sou Tavvy. Não sou criança. Não preciso estar sempre no lugar para você ou Mark me encontrarem.

— E também não devia ter entrado na casa de Rook. — A voz de Julian se elevou. — Não era seguro.

— Eu não estava planejando entrar. Só queria ver a casa. Observar. — A boca suave de Ty enrijeceu. — Então vi quando vocês entraram, e vi alguém lá embaixo. Achei que ele fosse subir e atacar quando vocês não estivessem esperando. Eu sabia que vocês não tinham ideia que havia alguém ali.

— Jules — disse Emma. — Você teria feito a mesma coisa.

Jules a olhou exasperado.

— Ty só tem 15 anos.

— Não diga que é perigoso porque tenho 15 anos — disse Ty. — Você fez coisas tão perigosas quanto quando tinha 15 anos. E Rook não teria dado o endereço de Sterling se eu não estivesse com uma faca na garganta do filho dele.

— É verdade — disse Emma. — Ele entrou muito rápido naquele círculo de proteção.

— Você não tinha como saber que o filho dele estava escondido lá embaixo — censurou Julian. — Você não podia ter previsto o que ia acontecer, Ty. Foi sorte.

— Previsão é magia — disse Ty. — Não foi isso. E também não foi sorte. Eu já ouvi Emma falar sobre Rook. E Diana. Ele pareceu o tipo de pessoa que esconderia coisas. Em quem não se pode confiar. E eu acertei. — Ele olhou fixamente para Jules; não estava olhando nos olhos dele, mas o olhar era direto. — Você sempre quer me proteger — falou. — Mas nunca me diz quando tenho razão. Se me deixasse tomar minhas próprias decisões, talvez não se preocupasse tanto.

Julian ficou chocado.

— Pode ajudar sabermos que Rook tem um filho — disse Ty, soando confiante. — Não tem como saber que não. Eu consegui o endereço de Sterling. Eu ajudei, mesmo você não me querendo lá.

À pouca luz que vazava do Instituto, Julian parecia mais vulnerável do que Emma jamais havia visto.

— Desculpe — falou, quase formalmente. — Não tive a intenção de fazer parecer que você não tinha ajudado.

— Eu conheço a Lei — disse Ty. — Sei que 15 anos não é adulto. Sei que precisamos do tio Arthur e de você. — Ele franziu o rosto. — Quero dizer, não sei cozinhar nada, Livvy também não. E eu não saberia colocar Tavvy para dormir. Não estou falando que você precisa me encarregar das coisas, ou me deixar fazer o que eu quiser. Sei que existem regras. Mas algumas coisas... Talvez Mark pudesse fazer?

— Mas Mark... — Julian começou, e Emma sabia qual era o medo dele. *Talvez Mark não fique. Pode não querer ficar.*

— Mark está apenas voltando a conhecer a todos nós e saber como é estar aqui — avaliou Julian. — Não sei se podemos pedir isso para ele.

— Ele não se importaria — disse Ty. — Ele gosta de mim. Gosta *da gente*.

— Ele te ama — afirmou Julian. — E eu também te amo. Mas, Ty, Mark pode não... Se não encontrarmos o assassino, Mark pode não ficar aqui.

— Por isso que quero ajudar a resolver o mistério — falou Ty. — Para ele poder ficar. Ele poderia cuidar da gente, e você poderia descansar. — Ele fechou o casaco, tremendo; o vento do mar estava muito frio. — Eu vou entrar e achar Livvy. Mark também. Ele deve estar preocupado.

Julian ficou olhando para Ty enquanto ele voltava para casa. O olhar no rosto dele... era como se Emma estivesse olhando para uma das pinturas dele, amassada e rasgada, as cores e linhas confusas.

— Todos eles pensam isso, não pensam? — disse ele lentamente. — Todos acham que Mark vai ficar.

Emma hesitou. Há alguns dias, ela teria dito a Julian para não ser ridículo. Que Mark ficaria com a família, de qualquer jeito. Mas ela vira o céu noturno nos olhos de Mark quando ele falou sobre a Caçada, ouviu a liberdade fria em sua voz. Existiam dois Mark, ela, às vezes, pensava. O Mark fada era imprevisível.

— Como poderia *não* achar?! — exclamou Emma. — Se de algum jeito eu conseguisse algum dos meus pais de volta... e depois achasse que eles iriam embora outra vez, voluntariamente...

Julian estava pálido.

— Vivemos em um mundo de demônios e monstros, e a coisa que mais me assusta é a ideia de Mark resolver que o lugar dele é com a Caçada Selvagem, que ele nos deixe outra vez. Mesmo que a gente resolva o mistério e satisfaça o Povo das Fadas. Mesmo assim ele pode ir. E vai destruir os corações de todos eles. Eles nunca mais vão se recuperar.

Emma chegou mais perto de Julian e colocou a mão no ombro dele.

— Você não pode protegê-los de tudo — disse ela. — Eles precisam viver no mundo e lidar com o que acontece nele. E isso às vezes significa sofrer perdas. Se Mark escolher partir, vai ser horrível. Mas eles são fortes. Vão sobreviver.

Fez-se um longo silêncio. Finalmente Julian falou, com a voz seca e tensa:

— Às vezes, eu quase queria que Mark não tivesse voltado. O que isso faz de mim?

H-U-M-A-N-O, escreveu Emma nas costas dele, e por um instante ele se apoiou nela, parecendo extrair conforto da garota, como *parabatai* deveriam fazer. Os ruídos do deserto se reduziram em volta deles — era algo que os *parabatai* conseguiam fazer, criar um espaço calmo onde não havia nada além deles e a conexão viva da magia que os ligava.

Uma batida alta interrompeu o silêncio. Julian se afastou de Emma com um susto. Outra batida, claramente de dentro do Instituto. Julian girou; um instante mais tarde ele corria pelos degraus, de volta para casa.

Emma foi atrás. Mais barulho: ela ouviu, mesmo na escadaria, louças

batendo, vozes rindo. Eles correram para cima, lado a lado. Emma chegou primeiro na cozinha e abriu a porta.

Ficou boquiaberta.

17

Os Demônios no Fundo do Mar

Parecia que a cozinha tinha explodido.

A geladeira estava vazia; a superfície outrora branca, decorada com redemoinhos vermelhos de ketchup; uma das portas da despensa, pendurada nas dobradiças. O pote de calda tinha sido arrastado, e havia calda em quase todas as superfícies possíveis. Um enorme saco de açúcar refinado tinha sido rasgado, e Tavvy estava sentado dentro dele, coberto de pó branco. Ele parecia um pequeno abominável homem das neves.

Mark aparentemente tinha tentado cozinhar, considerando que havia panelas no fogão, cheias de substâncias queimadas que lançavam fumaça no ar. As chamas continuavam acesas. Julian correu para desligar enquanto Emma observava.

A cozinha de Julian, que ele tinha estocado com comida por cinco anos, mantinha limpa e onde cozinhou e fazia panquecas — estava destruída. Sacos de bala foram rasgados e sujavam o chão. Dru ocupava a bancada, mexendo em um copo com um conteúdo estranho e cantarolando alegre para si mesma. Livvy sentava em um dos bancos, rindo, com um pedaço de bala na mão. Ty estava ao lado dela, lambendo açúcar do próprio pulso.

Mark emergiu da despensa com um avental branco e estampa de corações vermelhos, trazendo dois pedaços de pão queimados.

— Torrada! — anunciou ele feliz, antes de ver Julian e Emma.

Fez-se um silêncio. Julian parecia procurar palavras; Emma se pegou recuando para a porta. De repente, se lembrou das brigas de Mark e Julian quando eram pequenos. Eram feias e sangrentas, e Julian batia tanto quanto apanhava.

Inclusive, às vezes, batia *antes* de apanhar.

Mark ergueu as sobrancelhas.

— Torrada?

— Essa é a *minha* torrada — observou Ty.

— Certo. — Mark atravessou o recinto, olhando Julian de lado ao fazê-lo. Julian continuava sem palavras, apoiado no fogão. — E o que você quer na sua torrada?

— Pudim — respondeu Ty imediatamente.

— Pudim? — Julian ecoou. Emma tinha que admitir que, quando imaginou a primeira palavra de Julian nessa situação, não pensou em “pudim”.

— Por que não? — perguntou Livvy com naturalidade, localizando um pote de pudim de tapioca e entregando ao seu irmão gêmeo, que começou a espalhá-lo no pão em pequenas doses.

Julian voltou-se para Mark.

— Achei que você tivesse dito que ela estava trancada no quarto.

— Ela saiu quando vocês avisaram que tinham encontrado Ty — disse Mark.

— Não vi motivo para não sair — explicou Livvy.

— E por que a torradeira está na despensa? — perguntou Julian.

— Não consegui achar nenhuma outra... — Mark parecia estar procurando as palavras. — Tomada elétrica.

— E por que Tavvy está em um saco de açúcar?

Mark deu de ombros.

— Ele queria entrar no saco de açúcar.

— Isso não significa que você deve *colocá-lo* em um saco de açúcar. — A voz de Julian se elevou. — Nem praticamente destruir o fogão. Ou deixar Drusilla beber... o que é isso nesse copo, Dru?

— Leite com chocolate — respondeu Dru imediatamente. — Com creme azedo e Pepsi.

Julian suspirou.

— Ela não deveria estar tomando isso.

— Por que não? — Mark tirou o avental e o jogou de lado. — Não entendo a origem da sua irritação, irmão. Estão todos vivos, não estão?

— Esse é um padrão bem baixo de exigência — disse Julian. — Se eu soubesse que você achava que só precisava mantê-los vivos...

— Foi isso que você disse — respondeu Mark, em parte irritado, e em parte espantado. — Você fez brincadeiras, disse que eles sabiam se cuidar...

— Eles sabem! — Julian se elevava agora; de repente, parecia uma torre sobre Mark, mais alto, mais largo, e em geral mais adulto do que o irmão. — É você que está causando todo o caos! Você é o irmão mais velho, sabe o que isso significa? Deveria saber cuidar deles melhor do que isso!

— Jules, está tudo bem — disse Livvy. — Estamos *bem*.

— Bem? — repetiu Julian. — Ty escapou, e falo com você depois, Livia, invadiu a casa de Johnny Rook e apontou uma faca para o filho dele; Livvy se trancou no quarto, e Tavvy talvez esteja com uma cobertura permanente de açúcar. Quanto a Dru, faltam cinco minutos para ela vomitar.

— Não vou — garantiu Dru, fazendo uma careta.

— Eu limpo — disse Mark.

— Você não sabe limpar! — Julian estava sem cor e furioso. Emma raramente o via tão irritado. — Você — disse ele, ainda olhando para Mark —, você costumava cuidar deles, mas pelo visto se esqueceu disso. Acho que se esqueceu de como se faz qualquer coisa normal.

Mark se encolheu. Tiberius levantou; os olhos cinzentos ardiam no rosto pálido. Ele estava mexendo as mãos nas laterais, batendo-as. Asas de mariposa; asas que conseguiam empunhar uma faca, cortar uma garganta.

— Pare — disse ele.

Emma não sabia se ele estava falando com Julian, Mark, ou com o cômodo em geral, mas ela viu Julian congelar. Sentiu o coração contrair quando ele olhou em volta do recinto, para seus irmãos e irmãs. Dru ficou parada; Tavvy tinha saído do açúcar e estava olhando para Julian com arregalados olhos azul-esverdeados.

Mark estava imóvel; o rosto branco, a cor desbotando das maçãs do rosto altas que marcavam sua herança de fada.

Havia amor nos olhos da família quando olharam para Julian, além de preocupação e medo, mas Emma ficou imaginando se Jules conseguia enxergar isso. Se tudo que ele enxergava eram as crianças por quem tinha aberto mão de boa parte da vida, felizes com outra pessoa. Se, assim como ela, ele olhava para a cozinha e se lembrava de como ele tinha aprendido a limpá-la aos 12 anos. Aprendeu a cozinhar: primeiro, coisas simples, macarrão na manteiga, torrada com queijo. Um milhão de queijos quentes, um milhão de queimaduras nas mãos e pulsos de Julian, por causa do fogão e da espátula. Como descia até a entrada da casa para receber as entregas do mercado, antes de aprender a dirigir. Como arrastava e carregava toda a comida colina acima.

Julian, de joelhos, muito magro, de jeans e moletom, esfregando o chão. A cozinha tinha sido montada por sua mãe, era parte dela, mas era também um pedaço de tudo que ele tinha dado à família ao longo dos anos.

E ele faria tudo de novo, pensou Emma. Certamente faria: ele os amava tanto assim. A única coisa que irritava Julian era medo, medo por seus irmãos e irmãs.

Ele estava com medo agora, apesar de Emma não saber ao certo por quê. Ela só viu a expressão no rosto dele quando Julian registrou o ressentimento deles, a

decepção. A chama pareceu se apagar dentro dele. Ele deslizou pela frente do fogão, até estar no chão.

— Jules. — Foi Tavvy que falou, com grãos brancos sobre o cabelo. Ele chegou perto e abraçou o pescoço de Julian.

Jules fez um barulho estranho e, em seguida, puxou o irmão e o abraçou forte. Caiu açúcar nas suas costas, sujando de pó branco o uniforme de combate.

A porta da cozinha se abriu, e Emma ouviu um engasgo de surpresa. Ela se virou e viu Cristina olhando para a bagunça;

— *¡Qué desastre!*

Não precisava de tradução. Mark limpou a garganta e começou a empilhar louças sujas na pia. Não empilhou, exatamente, mas jogou. Livvy foi ajudá-lo enquanto Cristina observava.

— Onde está Diana? — perguntou Emma.

— Está em casa. Malcolm nos levou para lá por Portal, e depois trouxe de volta — revelou Cristina, sem tirar os olhos das panelas queimadas no fogão. — Diana disse que precisava colocar o sono em dia.

Ainda segurando Tavvy, Julian se levantou. Tinha açúcar na camisa, no cabelo, mas estava com o rosto calmo, sem expressão.

— Desculpe pela bagunça, Cristina.

— Tudo bem — amenizou ela, olhando em volta. — Não é minha cozinha. Mas — acrescentou apressadamente — posso ajudar a limpar.

— Mark vai limpar — falou Julian, sem olhar para o irmão. — Você e Diana descobriram alguma coisa com Malcolm?

— Ele tinha ido encontrar alguns feiticeiros que achava que poderiam ajudar — respondeu Cristina. — Falamos sobre Catarina Loss. Já ouvi falar dela; ela às vezes dá aula na Academia, estudos do Submundo. Aparentemente tanto Malcolm quanto Diana são amigos dela, então ficaram conversando sobre algumas histórias que eu não entendi direito.

— Bem, eis o que descobrimos com Rook — disse Emma, e começou uma história, deixando de fora a parte em que Ty quase arrancou a cabeça de Kit Rook.

— Então alguém precisa seguir Sterling — decidiu Livvy, ansiosamente, quando Emma acabou. — Eu e Ty podemos cuidar disso.

— Vocês não dirigem — observou Emma. — E precisamos de vocês aqui para pesquisa.

Livvy fez uma careta.

— Então vamos ficar presos no Instituto lendo “há muitos e muitos anos” nove mil vezes?

— Não há motivo para não aprendermos a dirigir — disse Ty, parecendo

entediado. — Mark estava falando, não é como se fizesse alguma diferença a nossa idade, não temos que obedecer às leis mundanas...

— Mark disse isso? — perguntou Julian baixinho. — Tudo bem. Mark pode ensiná-los a dirigir.

Mark derrubou um prato na pia com uma batida.

— Julian...

— O que foi, Mark? — disse Jules. — Ah, certo, você não sabe dirigir também. E é óbvio que ensinar alguém a dirigir leva tempo, mas talvez você não esteja aqui. Porque não existem garantias de que você vá ficar.

— Isso não é verdade — argumentou Livvy. — Praticamente resolvemos o caso...

— Mas Mark tem uma escolha a fazer. — Julian olhou para o irmão mais velho por cima da cabeça do mais novo. Seu olhar azul-esverdeado era como uma fogueira constante. — Diga a eles, Mark. Diga que tem certeza de que vai nos escolher.

Prometa a eles, seu olhar dizia. Prometa que não vai magoá-los.

Mark não disse nada.

Ah, Emma pensou. Ela se lembrou do que Julian tinha lhe dito lá fora. Era isso que temia: que eles já amassem Mark demais. Ele abriria mão das crianças que amava por Mark sem titubear se fosse isso que quisessem — se, como Ty havia dito, eles quisessem que Mark tomasse conta deles. Ele abriria mão porque os amava, porque a felicidade deles era a sua, porque eles eram seu sangue e seu oxigênio.

Mas Mark também era seu irmão e ele o amava do mesmo jeito. O que você fazia, o que podia fazer, quando a ameaça a quem você amava era alguém que você amava tanto quanto?

— Julian. — Para surpresa geral, quem falou foi o tio Arthur, parado na entrada. Ele lançou um olhar breve e desinteressado para a bagunça na cozinha, antes de focar no sobrinho. — Julian, preciso discutir um assunto com você. Em particular.

Uma singela preocupação passou pelos olhos de Julian. Ele assentiu ao mesmo tempo que algo vibrou no bolso de Emma. O telefone.

O estômago de Emma encolheu. Apenas duas palavras, e não vinham de um número, mas de uma porção de zeros. A CONVERGÊNCIA.

Alguma coisa tinha aparecido na convergência. A mente dela acelerou. Era quase pôr do sol. A porta da convergência estaria se abrindo; mas os Mantis também estariam se agitando. Ela precisava sair imediatamente para chegar lá em um momento seguro.

— Alguém ligou? — perguntou Julian, olhando para ela. Ele estava

colocando Tavvy no chão, mexendo no cabelo dele, gentilmente empurrando-o para perto de Dru, que parecia verde.

Emma conteve o impulso de franzir o rosto; será que ele também não teria recebido a mensagem? Ou não — ela se lembrou dele dizendo que estava quase sem bateria na casa de Johnny Rook. E só Deus sabia onde Diana se metera. Emma se deu conta de que ela podia ser a única pessoa que recebeu a mensagem sobre a convergência.

— Só Cameron — respondeu ela, dizendo o primeiro nome em que conseguiu pensar.

Jules fechou os olhos; talvez ele ainda estivesse com medo de que ela fosse contar a Cameron sobre Mark. Ele estava pálido; sua expressão, calma, mas ela sentiu uma tristeza tensa irradiando dele em ondas. Ela pensou em como ele tinha abraçado Ty na frente da casa de Johnny Rook, em como olhou para Mark. Para Arthur.

Seu treinamento dizia que ela precisava levar Julian para a convergência. Ele era seu *parabatai*. Mas ela não poderia afastá-lo da família agora. Simplesmente não podia. Sua mente se rebelou contra o pensamento de um jeito que ela não conseguia examinar de perto.

— Cristina. — Emma virou para a amiga. — Posso falar com você no corredor?

Com um olhar preocupado, Cristina seguiu Emma para o corredor.

— É sobre Cameron? — disse Cristina assim que a porta da cozinha se fechou atrás delas. — Acho que não estou em condições de dar conselhos românticos agora...

— Eu preciso ver Cameron, de fato — disse Emma, com a mente acelerada. Ela podia levar a amiga para a convergência. Cristina era confiável; ela não contaria nada a ninguém. Mas Julian ficou tão claramente magoado, não apenas magoado, arrasado, quando ela foi para a caverna com Mark e não contou para ele. E tantas coisas desgastaram e prejudicaram a relação *parabatai* dos dois, ela não podia fazer isso de novo, levando outra pessoa. — Mas não é isso. Olha, alguém precisa seguir Sterling. Acho que nada vai acontecer com ele, ainda estamos no intervalo de dois dias, mas só por via das dúvidas.

Cristina assentiu.

— Eu posso fazer isso. Diana deixou a caminhonete; vou com ela. Mas preciso do endereço.

— Está com Julian. E vou deixar um bilhete para você entregar a ele.

— Ótimo, porque ele vai perguntar — respondeu Cristina secamente. Ouviu-se um terrível barulho súbito da cozinha: o som de Dru correndo e vomitando na pia.

— Ah, pobrezinha — disse Emma. — Mas, enfim, aquela coisa que ela bebeu era muito nojenta...

— Emma, eu sei que não está me contando a verdade. Sei que não vai encontrar Cameron Ashdown. — Cristina levantou a mão, contendo o protesto de Emma. — E não tem problema. Você não mentiria para mim sem um bom motivo. É só que...

— Sim? — perguntou Emma. Ela tentou manter os olhos inocentes. Seria melhor, ela disse a si mesma. Se Diana descobrisse, se ela se encrencasse, se encrencaria sozinha: Cristina e Julian não mereciam isso. Ela podia resolver sozinha.

— Cuidado — aconselhou Cristina. — Não me faça me arrepender de mentir por você, Emma Carstairs.

O sol era uma bola brilhante de chamas sobre o oceano enquanto Emma guiava o Toyota pela estrada de terra que levava até a convergência. O céu escurecia rápido. O Toyota foi quicando sobre o campo nos últimos metros, quase rolando para uma vala rasa antes de ela parar e desligar o motor.

Ela saiu e se esticou para dentro novamente para pegar armas. Tinha deixado Cortana no Instituto. Isso lhe causou uma pontada, mas sair de casa com a espada nas costas teria despertado suspeitas. Pelo menos, havia lâminas serafim. Ela colocou uma no cinto e pegou a pedra de luz enfeitiçada do bolso, olhando em volta ao fazê-lo — estava estranhamente quieto ali, sem barulho de insetos, pequenos animais ou pássaros cantando. Só o vento na grama.

Os demônios Mantis. À noite, eles provavelmente saíam e comiam todas as coisas vivas. Ela estremeceu e foi para a caverna. A entrada da convergência estava se abrindo, uma linha preta espessa contra o granito.

Ela olhou para trás uma vez, preocupada — o sol parecia mais baixo do que ela gostaria, tingindo a água do oceano com um tom sangrento. Emma tinha parado o mais próximo possível da caverna. Assim, se já estivesse escuro quando chegasse, poderia voltar rapidamente para o carro. Mas estava se tornando cada vez mais provável que ela tivesse que matar alguns Mantis no caminho.

À medida que se aproximou da parede de pedra, a linha se alargou um pouco mais, como se a estivesse recebendo. Ela se apoiou na pedra com uma das mãos, espiando pelo buraco. Tinha cheiro de água do mar.

Ela pensou nos pais. *Por favor, me ajudem a achar alguma coisa,* rezou. *Por favor, me ajudem a encontrar uma pista, descobrir como isso se relaciona ao que fizeram com vocês. Por favor, me ajudem a vingá-los.*

Para eu conseguir dormir à noite.

No buraco, Emma viu o brilho fraco do corredor de pedra que levava ao coração da caverna.

Agarrando a luz enfeitiçada, Emma entrou na convergência.

A noite já tinha quase caído — o céu passava de azul a índigo, as primeiras estrelas piscavam sobre as montanhas distantes. Cristina sentou com as pernas no painel da caminhonete, os olhos fixos na casa de dois andares que pertencia a Casper Sterling.

O jipe que ela reconheceu estava estacionado no jardim na frente da casa, embaixo de uma oliveira. Um muro baixo corria em torno da propriedade; a vizinhança, próxima de Hancock Park, era cheia de casas caras, mas não particularmente vistosas. A de Sterling parecia fechada, trancada e escura. O único indício de que ele estava em casa era o carro parado.

Ela pensou em Mark, depois desejou que não o tivesse feito. Ela vinha fazendo isso com frequência ultimamente — pensava em Mark, depois se arrependia. Ela havia lutado para voltar à vida normal depois que saiu do México. Nada de romances com homens confusos e perturbados, não importa quão belos fossem.

Mark Blackthorn não era exatamente confuso ou perturbado. Mas Mark Blackthorn pertencia a Kieran e à Caçada Selvagem. Mark Blackthorn tinha um coração dividido.

Ele também tinha uma voz suave e rouca, olhos marcantes e um hábito de dizer coisas que viravam seu mundo ao contrário. E ele era um ótimo dançarino, pelo que tinha visto. Cristina dava muita importância à dança. Meninos que dançavam bem beijavam bem — era o que sua mãe sempre dizia.

Uma sombra escura correu pelo telhado da casa de Sterling.

Cristina levantou e saiu do carro em instantes, com a lâmina serafim na mão.

— *Miguel* — sussurrou ela, e a lâmina acendeu. Ela estava pesadamente enfeitiçada, o bastante para saber que nenhum mundano podia vê-la, mas a lâmina oferecia uma luz preciosa.

Ela avançou cuidadosamente, o coração acelerado. Lembrou-se do que Emma havia lhe dito sobre a noite em que Julian foi atingido: a sombra no telhado, a figura de preto. Ela se aproximou cuidadosamente da casa. As janelas estavam escuras, as cortinas, imóveis. Tudo estava parado e em silêncio.

Ela foi em direção ao Jeep. Tirou a estela do bolso quando uma forma aterrisou no chão ao lado dela com um *umpf*. Cristina pulou para fora do caminho quando a sombra se desdobrou; era Sterling, vestido com o que ela

imaginava que os mundanos pensavam que fosse um uniforme de combate. Calça preta, botas pretas, um casaco preto sob medida.

Ele olhou fixamente para ela, e seu rosto se tornou roxo aos poucos.

— *Você* — rosnou ele.

— Posso ajudá-lo — disse Cristina, deixando a voz e a lâmina firmes. — Por favor, deixe-me ajudar.

O ódio no olhar dele a espantou.

— Fique *longe* — sibilou ele, e puxou alguma coisa do bolso.

Uma arma. Uma pistola, de pequeno calibre, mas o bastante para fazer Cristina recuar. Armas de fogo eram algo que raramente entrava na vida dos Caçadores de Sombras; pertenciam aos mundanos, ao mundo de crimes humanos comuns.

Mas, mesmo assim, podiam derramar sangue Nephilim e quebrar ossos de Caçadores de Sombras. Ele recuou, apontando a arma para ela, até chegar ao final da entrada. Em seguida, se virou e correu.

Cristina foi atrás dele, mas quando chegou ao fim da entrada, ele desaparecia na esquina da rua. Aparentemente não tinha exagerado — licantropes eram realmente mais velozes do que humanos. Mais velozes até que Caçadores de Sombras.

Cristina murmurou uma singela praga e voltou para o jipe. Pegou a estela do cinto com a mão livre e, agachando, marcou cuidadosamente um símbolo de rastreamento na lateral do veículo, logo acima da roda.

Não foi um desastre completo, pensou ela, voltando para a caminhonete. Como Emma havia dito, ainda estavam no intervalo dos dois dias antes do início da “caçada”. E marcar um símbolo de rastreamento no carro certamente ajudaria. Se apenas ficassem longe da casa dele, o deixassem pensar que tinham desistido, com sorte, ele se descuidaria e começaria a dirigir.

Só quando entrou na caminhonete e fechou a porta foi que viu o telefone aceso. Tinha perdido uma chamada. Quando viu quem era, o coração despencou para o estômago.

Diego Rocio Rosales.

Ela derrubou o telefone como se ele tivesse se transformado em um escorpião. Por que, por que, *por que* Diego ligaria para ela? Ela disse a ele para nunca mais voltar a falar com ela.

Sua mão voou para o pingente na garganta, e ela o agarrou, com os lábios se movendo em uma oração silenciosa. *Dai-me força para não ligar de volta.*

— Está se sentindo melhor, tio? — perguntou Julian.

Arthur, jogado atrás da mesa no escritório, levantou o olhar com olhos distantes e desbotados.

— Julian — disse ele. — Preciso falar com você.

— Eu sei. Você falou. — Julian se inclinou contra uma parede. — Você se lembra sobre o quê?

Ele estava exausto, esgotado, vazio como um osso seco. Ele sabia que devia se arrepender do que tinha dito sobre Mark na cozinha. Sabia que devia ser solidário com o tio. Mas não conseguia desenterrar a emoção.

Ele não se lembrava de ter saído da cozinha: lembrava-se de ter entregado Tavvy, até onde fosse possível entregar uma criança de 7 anos coberta de açúcar; lembrava-se de todos prometendo limpar os restos do jantar de queijo, brownies e coisas queimadas. Até Dru, depois que parou de vomitar na pia, jurou que limparia o chão e o ketchup das janelas.

Não que Julian tivesse percebido antes disso que havia ketchup nas janelas.

Ele acenou e foi se retirar, depois, parou e procurou Emma. Mas em algum momento Emma tinha saído com Cristina. Supostamente, estavam em algum lugar conversando sobre Cameron Ashdown. E não havia nada que Julian quisesse menos do que participar disso.

Ele não sabia quando tinha acontecido, quando a ideia de Cameron o fazia não querer ver Emma. *Sua* Emma. Você sempre quer ver o seu *parabatai*. Eles são o rosto mais bem recebido do mundo para você. Havia algo de errado em não querer, como se a Terra de repente tivesse começado a girar em outra direção.

— Acho que não — disse Arthur após um instante. — Eu queria ajudar com uma coisa. Algo a respeito da investigação. Vocês ainda estão investigando, não estão?

— Os assassinatos? Os que as fadas nos pediram para investigar? Estamos.

— Acho que era sobre o poema — disse Arthur. — O que Livia estava recitando na cozinha. — Ele esfregou os olhos, claramente cansado. — Eu estava passando e ouvi.

— O poema? — repetiu Julian, confuso. — “Annabel Lee”?

Arthur falou com a voz profunda e retumbante, recitando os versos da poesia como se fossem versos de um feitiço.

Mas nosso amor era muito mais forte do que o amor
Daqueles que eram mais velhos do que nós...
De muitos mais sábios do que nós...
E nem os anjos no Céu acima
Nem os demônios sob o mar

Podem separar a minha alma da alma
Da bela Annabel Lee...

— Eu conheço o poema — interrompeu Julian. — Mas não...

— “Aqueles que eram mais velhos” — disse Arthur. — Já ouvi essa frase antes. Em Londres. Não consigo me lembrar em que contexto. — Ele pegou uma caneta da mesa, batucou na madeira. — Sinto muito. Simplesmente... não consigo lembrar.

— “Aqueles Que São Mais Velhos” — ecoou Julian. De repente, se lembrou de Belinda, no teatro, sorrindo com seus lábios vermelhos. *Que Aqueles Que São Mais Velhos nos concedam boa sorte*, ela havia dito.

Uma ideia brotou no fundo da mente de Julian, mas, esquiva, desapareceu quando ele tentou persegui-la.

Ele precisava entrar no estúdio. Queria ficar sozinho, e pintar ajudaria o fluxo dos seus pensamentos. Ele se virou para se retirar e só parou quando a voz do tio Arthur cortou o ar empoeirado.

— Eu ajudei, menino? — perguntou ele.

— Sim — respondeu Julian. — Ajudou.

Quando Cristina voltou para o Instituto, este estava escuro e silencioso. As luzes da entrada tinham sido apagadas, e apenas algumas janelas pareciam iluminadas: o estúdio de Julian, o ponto brilhante no sótão, o quadrado que era a cozinha.

Franzindo o rosto, Cristina foi direto para lá, se perguntando se Emma já tinha voltado de sua tarefa misteriosa. Se os outros haviam conseguido limpar a bagunça que tinham feito.

À primeira vista, a cozinha parecia deserta, com apenas uma luz acesa. Louças se encontravam empilhadas na pia, e, apesar de alguém claramente ter limpado as paredes e bancadas, ainda se viam comida grudada no fogão e dois sacos grandes de lixo, cheios e entornando os respectivos conteúdos, apoiados na parede.

— Cristina?

Ela piscou no escuro, apesar de a voz ser inconfundível.

Mark.

Ele estava sentado no chão, com as pernas cruzadas. Tavvy dormia ao seu lado — em cima dele, na verdade, com a cabeça apoiada no canto do braço de Mark, e pequenas pernas e braços encolhidos, como um inseto de batata. A camiseta e a calça jeans de Mark estavam cobertas de açúcar.

Cristina tirou lentamente o cachecol e o colocou na mesa.

— Emma já voltou?

— Não sei — respondeu Mark, acariciando cuidadosamente o cabelo de Tavvy. — Mas, se chegou, provavelmente foi dormir.

Cristina suspirou. Ela provavelmente teria que esperar até o outro dia para ver Emma e descobrir o que ela tinha ido fazer. Contar sobre o telefonema de Diego se tivesse coragem.

— Você poderia, se não se importar, me dar um copo d'água? — pediu Mark. Ele olhou para baixo, em tom de desculpas, para o menino no colo. — Não quero acordá-lo.

— Certamente. — Cristina foi até a pia, encheu um copo e voltou, sentando de pernas cruzadas na frente de Mark. Ele pegou o copo com uma expressão agradecida. — Tenho certeza de que Julian não está bravo com você — disse ela.

Mark emitiu um ruído deselegante, terminando a água e pousando o copo.

— Você pode pegar Tavvy — sugeriu Cristina. — Poderia levá-lo para cama. Se quiser que ele durma.

— Gosto dele aqui — disse Mark, olhando para os próprios dedos longos e claros passando pelos cachos castanhos do menino. — Ele... Todo mundo saiu, e ele dormiu em mim. — Ele soou impressionado, contemplativo.

— E por que não dormiria? — disse Cristina. — Ele é seu irmão. Confia em você.

— Ninguém confia em um Caçador — falou Mark.

— Você não é um Caçador nessa casa. É um Blackthorn.

— Queria que Jules concordasse com você. Achei que estava deixando as crianças felizes. Achei que fosse isso que Jules quisesse.

Tavvy se mexeu no colo de Mark, que se mexeu também, de modo que a ponta do seu sapato tocou o de Cristina. Ela sentiu o contato como um pequeno choque.

— Você precisa entender — disse ela. — Julian faz tudo por essas crianças. Tudo. Nunca vi um irmão que é tanto como um pai. Ele não pode dizer apenas sim, ele tem que dizer não. Ele precisa lidar com disciplina, punição e negação. Enquanto você, você pode dar qualquer coisa. Pode se divertir com eles.

— Julian pode se divertir com eles — argumentou Mark um tanto sorumbático.

— Não pode — disse Cristina. — Ele está com inveja porque os ama, mas não pode ser um irmão. Ele tem que ser pai. Na cabeça dele, eles têm medo dele, e adoram você.

— Julian está com ciúme? — Mark parecia espantado. — De mim?

— Acho que sim. — Cristina olhou nos olhos dele. Em algum momento,

conhecendo Mark, a diferença entre os olhos azul e dourado deixou de parecer estranha para ela. Do mesmo jeito que parou de ser estranho estar na cozinha dos Blackthorn, falando outra língua, em vez de estar em casa, onde as coisas eram calorosas e familiares. — Seja gentil com ele. Julian tem uma alma gentil. Morre de medo de que você vá embora e parta os corações dessas crianças que ele tanto ama.

Mark olhou para Tavvy.

— Não sei o que vou fazer — disse ele. — Não sabia como ia partir meu coração estar entre eles outra vez. Foi pensar neles, na minha família, que me ajudou a sobreviver os primeiros anos na Caçada. Todo dia cavalgávamos e roubávamos dos mortos. Era uma vida fria, muito fria. E à noite eu deitava e pensava nos rostos deles para conseguir dormir. Eles eram tudo que eu tinha até...

Interrompeu-se. Tavvy sentou, passando a mão pelo cabelo emaranhado.

— Jules. — Ele bocejou.

— Não — respondeu o irmão baixinho. — Mark.

— Ah, certo. — Tavvy sorriu piscando para ele. — Acho que apaguei com todo o açúcar.

— Bem, você entrou em um saco — disse Mark. — Isso pode provocar esse efeito em qualquer um.

Tavvy se levantou e se espreguiçou, uma espreguiçada completa de menininho, com os braços levantados. Mark o observou, com um olhar de saudade nos olhos. Cristina ficou imaginando se ele estaria pensando em todos os anos e conquistas que ele perdeu na vida de Tavvy. De todos os irmãos, o mais novo tinha sido o que mais mudou.

— Cama — falou Tavvy, e saiu da cozinha, pausando na porta para falar: — Boa noite, Cristina! — timidamente antes de seguir.

Cristina deu as costas para Mark. Ele continuava sentado com as costas na geladeira. Parecia exausto, não só fisicamente, mas como se sua alma estivesse cansada.

Ela podia se levantar e ir para a cama, pensou Cristina. Provavelmente é o que deveria fazer. Não havia razão para ficar aqui sentada no chão com um menino que mal conhecia, que provavelmente desapareceria de sua vida em alguns meses, e que provavelmente estava apaixonado por outra pessoa.

O que, ela sabia, podia ser exatamente o que a atraiu para ele. Ela sabia como era deixar uma pessoa amada para trás.

— Até? — insistiu ela.

As pálpebras de Mark se levantaram lentamente, mostrando a ela o fogo nos olhos dourados e azuis.

— Quê?

— Você disse que sua família, a lembrança de sua família, era tudo que você tinha até alguma coisa. Até Kieran?

— É — respondeu Mark.

— Ele foi o único gentil com você?

— Na Caçada? — perguntou Mark. — Não existe gentileza na Caçada. Existe respeito, um tipo de camaradagem entre irmãos. Eles temiam Kieran, é óbvio. Kieran é nobre, um Príncipe no Reino das Fadas. O pai dele, o Rei, o entregou para a Caçada como um sinal de boa vontade com Gwyn, mas também exigiu que o filho fosse bem tratado. Esse tratamento foi estendido a mim, mas mesmo antes de Kieran, eles passaram a me respeitar lentamente. — Ele deu de ombros. — Era pior quando íamos a festas. Fadas de todo o mundo compareciam, e elas não apreciavam o comparecimento de um Caçador de Sombras. Faziam de tudo para me atrair, me provocar e me atormentar.

— E ninguém interferia?

Mark soltou um riso curto.

— A vida no Reino das Fadas é brutal — revelou ele. — Mesmo para os melhores deles. A Rainha da Corte Seelie pode ser privada de seus poderes se tiver a coroa roubada. Até Gwyn, que lidera a Caçada Selvagem, tem que ceder autoridade a qualquer um que roubar sua capa. Não pode imaginar que teriam compaixão por um menino que é parte Caçador de Sombras. — Seu lábio se curvou. — Tinham até um verso que usavam para me provocar.

— Um verso? — Cristina levantou a mão. — Deixe para lá, não precisa me contar, não se não quiser.

— Não me importo mais — disse Mark. — Era uma coisa estranha. *Primeiro, a chama, depois, a tempestade, no fim, é sangue Blackthorn de verdade.*

Cristina se sentou ereta.

— Quê?

— Eles alegavam que significava que o sangue Blackthorn era destrutivo, como tempestade ou fogo. Que quem quer que tivesse inventado a rima estava dizendo que Blackthorn era sinal de azar. Não que isso tenha importância. É só uma bobagem.

— Isso não é bobagem! — exclamou Cristina. — Significa alguma coisa. As palavras escritas nos corpos... — Ela franziu o rosto em concentração. — São as mesmas.

— O que quer dizer?

— “Fogo para água” — disse ela. — É a mesma coisa... são apenas traduções diferentes. Quando essa não é a sua primeira língua, você entende o sentido das palavras de outro jeito. Acredite em mim, “fogo para água” e “primeiro, a

chama, depois, a tempestade”, podem ser a mesma coisa.

— Mas o que isso significa?

— Não sei ao certo. — Cristina passou as mãos no cabelo em sinal de frustração. — Por favor, prometa que vai mencionar isso para Emma e Jules assim que puder. Posso estar errada, mas...

Mark parecia estarecido.

— Sim, está bem...

— Prometa.

— Amanhã, eu prometo. — O sorriso dele parecia confuso. — Me ocorre que você sabe muito sobre mim, Cristina, e eu sei muito pouco sobre você. Sei seu nome, Mendoza Rosales. Sei que deixou algo para trás no México. O que foi?

— Não foi algo — disse ela. — Alguém.

— Diego Perfeito?

— E o irmão dele, Jaime. — Ela descartou com um aceno a sobrancelha erguida de Mark. — Por um deles, eu estava apaixonada, e o outro era meu melhor amigo. Ambos partiram meu coração. — Ela ficou quase chocada ao ouvir as palavras saindo de sua boca.

— Pelo seu coração duplamente partido, eu sinto muito — disse Mark. — Mas é errado que eu fique feliz por isso tê-la trazido para a minha vida? Se você não estivesse aqui quando cheguei... não sei se eu teria aguentado. Na primeira vez em que vi Julian, achei que ele fosse meu pai. Eu não sabia que meu irmão tinha crescido tanto. Eu os deixei crianças, e agora eles não mais o são. Quando eu me dei conta do que perdi, mesmo com Emma, aqueles anos de suas vidas... Você é a única de quem não perdi nada, apenas ganhei uma amizade nova.

— Amizade — concordou Cristina.

Ele estendeu a mão, e ela olhou para ele, confusa.

— É tradição — disse ele —, entre as fadas, que uma declaração de amizade seja acompanhada por um toque de mãos.

Ela colocou a mão na dele. Os dedos de Mark fecharam nos dela; eram ásperos onde eram calejados, mas ágeis e fortes. Ela tentou conter o tremor que ameaçou se espalhar por seu braço, se dando conta de que fazia tempo que não dava a mão assim para alguém.

— Cristina — falou Mark, e seu nome soou como música quando ele falou.

Nenhum dos dois notou o movimento na janela, o clarão de um rosto pálido olhando para dentro, nem o barulho de uma noz sendo terrivelmente esmagada entre dedos finos.

A grande câmara na caverna não tinha mudado desde a última visita de Emma.

As mesmas paredes cor de bronze, o mesmo círculo de giz no chão. As mesmas portas grandes de vidro fixadas nas paredes e a escuridão atrás delas.

Energia estalou em sua pele quando ela entrou no círculo. A magia do feitiço. De dentro do círculo, o local parecia diferente — as paredes pareciam desbotadas e fluidas, como se estivessem em um velho retrato. As portas do vão eram escuras.

O círculo em si estava vazio, apesar de haver um cheiro estranho ali dentro, uma mistura de enxofre e açúcar queimado. Fazendo uma careta, Emma saiu do círculo e se aproximou da porta mais à esquerda.

De perto não parecia mais escura. Havia luz por trás dela. Era iluminada por dentro, como uma exibição de museu. Ela se aproximou ainda mais e olhou através do vidro.

Além do vidro, havia um pequeno espaço quadrado como um armário.

Nele havia um grande candelabro de latão, apesar de não haver velas presas neles. Teria sido uma bela arma, Emma pensou, com seus longos espetos que eram feitos para suportar cera mole. Havia também uma pequena pilha do que, para Emma, pareciam vestes cerimoniais — uma túnica vermelha de veludo, um par de longos brincos que brilhavam com rubis. Sandálias de ouro delicadas.

Será que a necromante era uma mulher?

Emma foi rapidamente para a segunda porta. Com o nariz grudado no vidro, ela pôde ver o que parecia água. Agitada e se movendo, e formas escuras iam passando — uma bateu contra o vidro, e ela deu um pulo para trás com um grito antes de perceber que se tratava apenas de um pequeno peixe listrado com olhos cor de laranja. Ele olhou para ela por um instante, antes de desaparecer de volta pela água escura.

Ela levantou a pedra de luz enfeitiçada para o vidro, e a água se tornou realmente visível — era radiante, um azul-esverdeado profundo, a cor dos olhos Blackthorn. Ela pôde ver peixes e algas, e estranhas luzes e cores além do vidro. Aparentemente estavam lidando com um necromante que gostava de aquários e peixes. Talvez até de tartarugas. Balançando a cabeça, Emma deu um passo para trás.

Seus olhos acenderam no objeto de metal fixado entre as portas. Inicialmente ela achou que parecia uma faca esculpida, saltada da parede, mas agora percebeu que era uma alavanca. Esticou o braço e fechou a mão em volta dela. Era fria sob seus dedos.

Ela puxou.

Por um momento, nada aconteceu. Em seguida, as duas portas dos vãos se abriram.

Um uivo de outro mundo rasgou o recinto. Emma se virou e encarou

horrorizada. A segunda porta estava aberta e brilhando em azul, e Emma percebeu que não era um aquário — era uma porta para o oceano. Um grande e profundo universo de água se abriu do outro lado da porta, com algas balançando e correntes agitadas, e as formas escuras e sombreadas de coisas maiores que peixes.

O cheiro forte de água salgada estava por todos os lados. *Inundação*, Emma pensou, e, em seguida, o barulho dela sendo derrubada e arrastada para o mar, como se estivesse sendo sugada por um ralo. Ela só teve tempo de gritar uma vez antes de ser puxada pela porta e encoberta pela água.

Cameron Ashdown.

Julian estava pintando. Cristina tinha lhe entregado o bilhete de Emma depois que ele saiu do sótão: um bilhete inútil, sem qualquer finalidade, que só dizia que ela ia até a casa de Cameron, e pedindo para que não a esperasse acordado.

Ele o amassou e murmurou alguma coisa para Cristina. Um segundo depois seguia para a escada, e para o seu estúdio. Abrindo violentamente o armário de materiais, derrubando as tintas. Abrindo o zíper do casaco do uniforme, jogando-o no chão, tirando as tampas dos tubos de tinta a óleo e apertando as cores na paleta até o cheiro forte de tinta preencher o recinto e interromper a nebulosidade na sua cabeça.

Ele atacou a tela, segurando o pincel como uma arma, e a tinta parecia escorrer dele, como sangue.

Ele pintava em preto, vermelho e dourado, deixando os eventos do dia vazarem dele, como se fossem um veneno forte. O pincel passou pela tela, e lá estava Mark na praia, o luar iluminando as cicatrizes horrorosas de suas costas. Lá estava Ty com a faca na garganta de Kit Rook. Tavvy gritando com pesadelos. Mark se esquivando da estela de Julian.

Estava ciente de que suava, o cabelo grudado na testa. Sentiu gosto de sal e tinta na boca. Sabia que não deveria estar ali; devia estar fazendo o que sempre fazia: cuidando de Tavvy, encontrando novos livros para alimentar a curiosidade de Ty, aplicando símbolos de cura em Livvy quando ela se cortasse lutando, sentando com Dru enquanto ela assistia a filmes de terror ruins.

Ele deveria estar com Emma. Mas Emma não estava ali; estava fora, vivendo a própria vida, e era assim que deveria ser, como *parabatai* deveria ser. Não era um casamento, a ligação *parabatai*. Era uma relação para a qual não havia palavras em língua mundana. Ele deveria querer a felicidade de Emma, mais que a própria, e queria. *Queria*.

Então por que se sentia como se estivesse sendo esfaqueado até a morte por

dentro?

Ele procurou a tinta dourada, porque o desejo crescia dentro dele, batia em suas veias, e apenas pintando-a ele o faria passar. E não podia pintá-la sem dourado. Ele pegou o tubo e...

Engasgou. O pincel caiu no chão, e ele caiu de joelhos. Estava engasgando, o peito sofrendo espasmos. Não conseguia puxar ar para os pulmões. Seus olhos queimavam, e o fundo da garganta também.

Sal. Ele estava engasgando com sal. Não o sal do sangue, mas o sal do oceano. Sentiu o gosto do mar na boca e tossiu, o corpo se contorcendo enquanto cuspiu água do mar no chão.

Água do mar? Ele limpou a boca com a parte de trás da mão, o coração acelerado. Não tinha nem passado perto do mar naquele dia. E, mesmo, assim podia escutá-lo nos ouvidos, como se estivesse ouvindo uma concha. Seu corpo doía, e a Marca de *parabatai* pulsava.

Assustado e tonto, ele colocou a mão sobre a Marca. E *soube*. Soube sem saber como, no fundo da alma, onde a ligação com Emma tinha sido firmada em sangue e fogo. Sabia porque sabia que ela era parte dele, que a respiração dela era a dele, e os sonhos dela eram os seus, e o sangue dela era o seu, e, quando o coração dela parasse, ele sabia que o dele também pararia, e ficaria feliz, porque não queria viver um segundo em um mundo que não a incluísse.

Ele fechou os olhos e viu o oceano subir por trás de suas pálpebras, azul, preto e infinito, carregado com a força da primeira onda que quebrou na primeira praia deserta. E sabia.

Onde fores, irei.

— Emma — sussurrou ele, e saiu correndo.

Emma não sabia ao certo o que mais a apavorava em relação ao oceano. Tinha a fúria das ondas — azul-escuras e com as pontas brancas como um laço, eram traiçoeiramente lindas, mas, à medida que se aproximavam da costa, se fechavam como punhos. Ela ficou presa em uma onda quebrando uma vez, e se lembrou de ter tido a sensação de queda, como se estivesse despencando em um poço de elevador, e depois a força da água a prendeu contra a areia. Ela engasgou e se debateu, tentando se libertar, voltar para respirar.

Tinha também a profundidade. Ela já tinha lido anteriormente sobre pessoas abandonadas no mar, sobre como tinham enlouquecido pensando no que havia embaixo delas: os quilômetros e quilômetros de água, a escuridão e coisas dentuças e escorregadias que viviam ali.

Ao ser arrastada pela porta e para o mar, Emma foi engolida por água

salgada, que preencheu seus olhos e ouvidos. Estava cercada de água, a escuridão se abria sob ela como um buraco. Era possível ver a porta clara e quadrada do vão diminuindo ao longe, mas, por mais que tentasse, não conseguia nadar até ela. A correnteza era forte demais.

Inutilmente, ela olhou para cima. Sua pedra de luz enfeitiçada tinha sumido, afundando na água abaixo dela. A luz da porta cada vez mais distante iluminava a área ao seu redor, mas não dava para ver nada além de escuridão acima. Seus ouvidos estalavam. Só Raziel sabia o quanto afundara. A água perto da porta era verde-clara, cor de jade, mas em todos os outros lugares era escura como a morte.

Ela alcançou uma estela. Seus pulmões já doíam. Boiando na água, nadando contra a corrente, ela tocou a ponta da estela no braço e desenhou um símbolo de Respiração.

A dor nos pulmões aliviou. Com a dor sanada, veio o medo, tão intenso que era capaz de cegar. O símbolo de Respiração a impediu de lutar para respirar, mas o pavor do que podia haver em volta era quase tão intenso quanto. Ela alcançou a lâmina serafim no cinto e a libertou.

Manukel, pensou ela.

A lâmina ganhou vida em sua mão, transbordando luz, e a água ao redor se tornou dourada e turva. Por um instante, Emma ficou impressionada; depois a visão clareou e ela os viu.

Demônios.

Ela gritou, e as bolhas se ergueram, silenciosas. Estavam abaixo de Emma, como pesadelos se elevando: criaturas cheias de calos e escorregadias. Tentáculos balançantes, com dentes afiados, vinham em sua direção. Ela manejou *Manukel* e cortou o membro cheio de pontas que tentava alcançar sua perna. Sangue preto explodiu na água, subindo em nuvens.

Algo vermelho e sinuoso singrou a água, chegando até a ela. Emma chutou, acertou algo macio e corpulento. Engasgou de nojo e golpeou para baixo; mais sangue entornado. O mar ao seu redor estava se tornando cor de carvão.

Ela nadou para cima, carregada por sangue de demônio. Ao se elevar, pôde ver a lua branca, uma pérola borrada na superfície da água. O símbolo de Respiração tinha queimado em sua pele; parecia que seus pulmões entravam em colapso. Dava para sentir o agito da água sob seus pés, não ousou olhar para baixo. Ela se esticou para cima, para onde a água acabava, sentiu a mão romper a superfície, o frio do ar em seus dedos.

Algo a pegou pelo pulso. Sua lâmina serafim caiu da mão, uma ponta brilhante de luz que escapou dela quando foi puxada para a superfície da água. Ela respirou o ar, mas se precipitou. Água encheu seus pulmões, seu peito, e a

escuridão a derrubou com a força de um caminhão.

Idris, 2009

Foi na cerimônia parabatai de Emma e Julian que ela aprendeu duas coisas importantes. A primeira, que ela não era a única Carstairs que ainda restava nesse mundo.

A cerimônia parabatai foi executada em Idris, pois tinham lutado na Guerra Maligna, e o valor deles era reconhecido. Pelo menos, Julian disse, era reconhecido às vezes — não quando realmente queriam alguma coisa importante, como trazer a irmã de volta da Ilha Wrangel, mas quando os Nephilim queriam dar uma festa para celebrar o quão incrível os Nephilim eram, o valor deles sempre era citado.

Quando chegaram, olharam em volta das ruas de Alicante, espantados. Na última vez em que estiveram na capital de Idris, ela estava destruída pela Guerra. As ruas reviradas, pregos nas paredes para espantar as fadas, as portas do Salão dos Acordos arrancadas. Agora estava linda outra vez, as pedras de volta ao lugar, os canais cercando as casas, as torres demoníacas brilhando sobre tudo.

— Parece menor — disse Julian, olhando em volta dos degraus do Salão dos Acordos.

— Não é que seja menor. — A voz pertencia a um jovem com cabelos e olhos escuros, sorrindo para eles. — É que vocês cresceram.

Eles olharam para ele.

— Não se lembram de mim? — perguntou ele. Ele baixou o tom de voz como se tivesse recitando. — Emma Cordelia Carstairs. Fique com seu parabatai. Às vezes, é mais corajoso não lutar. Proteja-o e guarde sua vingança para outro dia.

— Irmão Zachariah? — Emma estava pasma. — Você nos ajudou durante a Guerra Maligna...

— Não sou mais um Irmão do Silêncio — disse ele. — Apenas um homem comum. Meu nome é James. James Carstairs. Mas todos me chamam de Jem.

Houve espanto e houve conversa, e Julian concedeu espaço para Emma ficar

chocada e encher o ex-Irmão Zachariah de perguntas. Jem explicou que tinha se tornado um Irmão do Silêncio em 1878, mas abdicara da função agora para poder se casar com a mulher que amava, a feiticeira Tessa Gray. Julian perguntou se isso significava que ele tinha 150 anos, e Jem admitiu que quase isso, apesar de não aparentar. Ele parecia ter cerca de 23.

— Por que não me disse antes? — perguntou Emma, enquanto desciam para a Cidade do Silêncio, pelas longas escadas de pedra. — Que é um Carstairs?

— Achei que eu pudesse morrer — respondeu ele honestamente. — Era uma batalha. Parecia cruel lhe revelar isso se eu não fosse sobreviver até o dia seguinte. E depois disso Tessa me alertou de que deveria lhe dar tempo, para passar pelo luto dos seus pais, para se ajustar à sua nova vida. — Ele se virou e olhou para ela, com uma expressão ao mesmo tempo triste e afetuosa. — Você é uma Caçadora de Sombras, Emma. E nem eu nem Tessa somos Nephilim, não mais. Para morar comigo, apesar de muito bem-vinda, você teria que abrir mão de ser Caçadora de Sombras. E essa era uma escolha muito cruel para lhe apresentar.

— Morar com você? — Foi Julian, com um alerta agudo na voz. — Por que ela faria isso? Ela tem uma casa. Tem uma família.

— Exatamente — disse Jem. — E tem mais. Você poderia me permitir um instante a sós com Emma?

Julian consultou Emma com o olhar, e ela assentiu. Ele se virou e desceu as escadas, olhando várias vezes para trás para se certificar de que ela estava bem.

Jem a tocou no braço com dedos leves. Ela vestia trajes cerimoniais, pronta para o ritual, mas sentiu a cicatriz que tinha provocado em si mesma com Cortana arder quando ele a tocou, como se reconhecesse o sangue compartilhado.

— Eu quis estar presente por você, para isso — disse ele. — Pois eu, um dia, tive um parabatai, e esse laço é muito precioso para mim.

Emma não perguntou o que tinha acontecido com o parabatai de Jem. Irmãos do Silêncio eram proibidos de ter parabatai, e, além disso, 130 anos era um tempo muito, muito longo.

— Mas não sei quando poderei estar em sua companhia outra vez — disse ele. — Tessa e eu temos que encontrar algo. Algo importante. — Ele hesitou. — Será perigoso procurar por isso, mas, quando encontrar, eu gostaria de fazer parte da sua vida outra vez. Como uma espécie de tio. — E deu um meio sorriso. — Você pode não imaginar, mas tenho muita experiência em ser tio.

O olhar dele estava firme no dela, e, apesar de não haver qualquer semelhança física entre os dois, naquele momento Emma se lembrou do pai —

do seu olhar firme e do rosto gentil.

— Eu gostaria disso — revelou ela. — Posso perguntar mais uma coisa?

Ele fez que sim com a cabeça, a expressão séria. Era fácil imaginá-lo como um tio: ele parecia tão jovem, mas havia uma certeza calma por baixo disso que o fazia parecer sem idade, como uma fada ou um feiticeiro.

— Sim?

— Você me mandou o seu gato?

— Church? — Ele começou a rir. — Mandei. Ele tem cuidado de você? Levou os presentes que enviei?

— As conchas e vidros do mar? — Ela assentiu. — A pulseira de Julian foi feita com os vidros do mar que Church me trouxe.

A risada desbotou em um sorriso um pouco triste.

— Como deve ser — disse ele. — O que pertence a um parabatai, pertence ao outro. Pois agora são um coração. E uma alma.

Jem ficou com Emma durante a cerimônia, que foi testemunhada por Simon e Clary, que, ela desconfiava, se tornariam parabatai um dia.

Depois da cerimônia, Julian e Emma foram levados pelas ruas para o Salão dos Acordos, onde havia um jantar especial em sua homenagem. Tessa — uma menina bonita, de cabelos castanhos que parecia ter a idade de Clary — se juntara a eles, abraçando forte Emma e exclamando ao ver Cortana, que disse que já tinha conhecido havia muito tempo. Outros parabatai se levantaram e falaram sobre seu laço e suas experiências. Ondas de felicidade radiante pareciam irradiar dos pares de melhores amigos enquanto falavam. Jace e Alec falaram sobre quase terem morrido juntos nos reinos demoníacos e sorriram, e Emma se alegrou ao pensar que um dia ela e Jules estariam ali, sorrindo um para o outro, e falando sobre como seu elo os tinha ajudado a superar provações quando acharam que iam morrer.

Em algum momento durante os discursos, Jem se levantou discretamente da cadeira e desapareceu pelas portas para a Praça do Anjo. Tessa tinha derrubado o guardanapo e corrido atrás dele; enquanto as portas se fechavam, Emma os viu abraçados na escadaria. Jem descansou a cabeça no ombro de Tessa.

Ela quis segui-los, mas já estava sendo puxada para a frente do Salão por Clary, e mandaram que fizesse algum tipo de discurso; Julian estava com ela, sorrindo aquele sorriso calmo que escondia um milhão de pensamentos. E Emma se sentia feliz. Vestia um de seus primeiros grandes achados de brechó, um verdadeiro vestido de baile, nada como os jeans esfarrapados que normalmente usava até se rasgarem. Em vez disso, estava com um vestido marrom Paraphernalia com flores douradas espalhadas, como girassóis

crecendo em um campo, e soltou o cabelo, que batia quase na cintura, do rabo de cavalo que normalmente usava. Ela tinha crescido muito no último ano, e batia quase no ombro de Jace quando ele veio dar os parabéns a ela e a Julian.

Ela teve uma paixão forte por Jace aos 12 anos e ainda se sentia um pouco inquieta perto dele. Jace tinha quase 19 agora, e estava ainda mais bonito — mais alto, mais largo, bronzeado, e com cabelos clareados pelo sol, mas, acima de tudo, parecia mais feliz. Ela se lembrava de um menino lindo e tenso, que ardia com vingança e fogo celestial, e agora ele parecia tranquilo consigo mesmo.

O que era bom. Ela ficava feliz por ele, e por Clary, que sorriu e acenou para ela do outro lado da sala. Mas Emma não sentia mais borboletas no estômago quando ele sorria para ela, nem queria se arrastar para baixo de alguma coisa quando ele a abraçou e disse que ela estava bonita com o vestido novo.

— Você tem muita responsabilidade agora — disse ele para Julian. — Você terá que se certificar de que ela fique com alguém que a mereça.

Julian estava estranhamente pálido. Talvez estivesse sentindo os efeitos da cerimônia, Emma pensou. Foi uma magia forte, e ela ainda a sentia vibrando pelo sangue como bolhas de champanhe. Mas Jules parecia nauseado.

— E eu? — disse Emma rapidamente. — Não tenho que me certificar de que ele fique com uma garota que o mereça?

— Com certeza. Fiz isso por Alec, Alec fez por mim... Bem, na verdade, ele detestou Clary no início, mas acabou cedendo.

— Aposto que você também não gostou muito de Magnus — rebateu Julian, ainda com o mesmo olhar duro e estranho no rosto.

— Talvez não — respondeu Jace —, mas eu jamais teria dito nada.

— Porque Alec ficaria chateado? — perguntou Emma.

— Não — respondeu Jace —, porque Magnus teria me transformado em um cabideiro. — Então se voltou para Clary, que estava rindo com Alec, ambos parecendo felizes.

Era como deveria ser, pensou Emma. O seu parabatai deveria ser amigo da pessoa que você amava, do seu marido, da sua mulher, do namorado ou namorada. Porque era assim que funcionava. Embora quando ela tentava imaginar a pessoa com quem ela estaria, alguém para se casar e ficar junto para sempre, tudo que havia era um espaço borrado. Ela não conseguia imaginar essa pessoa de jeito nenhum.

— Tenho que ir — disse Julian. — Preciso de ar. — Ele passou as costas da mão na bochecha de Emma antes de sair pelas portas duplas do Salão. Foi um toque áspero: as unhas estavam completamente roídas.

Mais tarde naquela noite Emma acordou de um sonho em círculos de fogo, a pele ardendo, os lençóis enrolados nas pernas. Estavam na velha mansão Blackthorn, e Julian dormia longe, a corredores de distância, que ela não conhecia como os corredores do Instituto. Ela foi até a janela. Era uma altura baixa até o jardim. Ela calçou o chinelo e saltou.

A trilha se curvava ao redor dos jardins. Emma foi caminhando, respirando o ar frio e limpo de Idris, livre de poluição. O céu acima brilhava com um milhão de estrelas, sem qualquer luz artificial, e ela desejou que Julian estivesse com ela, para ela o mostrar para ele, e então ouviu vozes.

A mansão Blackthorn incendiara há muito tempo, e foi construída perto da mansão Herondale. Emma foi caminhando por belas trilhas até encontrar uma parede.

Havia um portão na parede. Quando Emma se aproximou, pôde ouvir as vozes com mais clareza. Ela rastejou para o lado do portão e espiou pelas barras.

Do outro lado, um gramado verde levava até a mansão Blackthorn, abaixo, uma pilha de pedras brancas e amarelas. A grama brilhava com o orvalho sob as estrelas e era marcada por flores brancas que só cresciam em Idris.

— E aquela constelação ali é a Coelho. Vê como tem orelhas? — Era a voz de Jace. Ele e Clary estavam sentados na grama, ombro a ombro. Ele usava calça jeans e camiseta, e Clary vestia camisola, com o casaco de Jace nos ombros. Jace apontava para o céu.

— Tenho quase certeza de que não existe uma constelação Coelho — disse Clary. Ela não tinha mudado tanto quanto Jace nos últimos anos; continuava pequena, cabelos ruivos brilhantes como o Natal, o rosto sardento e pensativo. Estava com a cabeça no ombro de Jace.

— É lógico que tem — garantiu ele, e quando a luz das estrelas tocou seus cachos pálidos, Emma sentiu uma leve palpitação de sua antiga paixão. — E aquela ali é a Calota. E tem a Grande Panqueca.

— Vou voltar para dentro — anunciou Clary. — Tinham me prometido uma aula de astronomia.

— O quê? Marinheiros navegavam se guiando pela Grande Panqueca — disse Jace, e Clary balançou a cabeça e começou a se levantar. Jace a pegou pelo calcanhar, e ela riu e tropeçou por cima dele, e então estavam se beijando; Emma congelou, pois o que fora um momento casual, que ela poderia ter interrompido com um “oi” amigável, de repente, tinha se tornado outra coisa.

Jace rolou por cima de Clary sobre a grama. Ela estava com os braços em volta dele, as mãos nos cabelos dele. O casaco de Jace já tinha caído dos seus ombros, e as alças da camisola, deslizado por seus braços claros.

Clary ria e dizia o nome dele, dizia que talvez deversem entrar, e Jace beijou o pescoço dela. Clary engasgou, e Emma o ouviu dizer:

— Lembra a mansão Wayland? Lembra aquela vez lá fora?

— Lembro. — A voz dela estava baixa e rouca.

— Não achei que pudesse tê-la — disse Jace. Ele estava por cima de Clary, apoiado nos cotovelos, traçando a linha da sua bochecha com o dedo. — Era como estar no Inferno. Eu teria feito qualquer coisa por você. Ainda faria.

Clary esticou a mão sobre o peito, no coração dele, e disse:

— Eu te amo.

Ele emitiu um ruído, um ruído nada Jace, e Emma se afastou do portão e correu de volta para a casa Blackthorn.

Ela chegou à janela e subiu, engasgando. A lua brilhava como uma inundação de luz, iluminando seu quarto. Tirou o chinelo e sentou-se na cama. O coração batia acelerado no peito.

O jeito como Jace olhou para Clary, como tocou seu rosto. Ficou imaginando se um dia alguém a olharia assim. Não parecia possível. Ela não conseguia se imaginar amando ninguém daquele jeito.

Ninguém além de Jules.

Mas isso era diferente. Não era? Não conseguia imaginar Jules deitado em cima dela, beijando-a daquele jeito. Eles eram diferentes, eram outra coisa, não eram?

Ela deitou na cama, olhando para a porta do outro lado do quarto. Parte dela esperava que Jules a atravessasse, viesse até ela porque ela estava infeliz, do jeito que ele frequentemente fazia, parecendo saber sem ser avisado. Mas por que ele acharia que ela estava infeliz? Aquele dia tinha sido sua cerimônia parabatai; deveria ser um dos dias mais felizes da sua vida, exceto, talvez, pelo seu casamento. Em vez disso, ela estava se sentindo agitada e preenchida pelo estranho impulso de chorar.

Jules, pensou ela, mas a porta não se abriu, e ele não apareceu. Em vez disso ela se encolheu em volta do travesseiro e ficou deitada até o amanhecer.

18

Toda a Maré Noturna

Após a escuridão, veio a luz. Branca, clara e prateada — brilho das estrelas na água e na areia. Emma estava voando. Sobre a superfície da água, agora rasa, ela conseguia ver a areia da praia abaixo, e uma piscina de fogo onde a lua refletia.

Sentia uma dor no peito. Ela girou para se livrar dela e percebeu que não estava voando; mas sendo carregada. Estava sendo segurada contra um peito e braços duros. Ela viu o brilho de olhos azul-esverdeados.

Julian. *Julian* a carregava. Cachos escuros e molhados coroavam sua cabeça.

Ela tentou respirar fundo para falar, e engasgou. Seu peito sofreu um espasmo; água encheu sua boca, amarga e salgada como sangue. Ela viu o rosto de Julian contorcido de pânico, e então ele estava praticamente correndo para a praia, finalmente caindo de joelhos, colocando-a na areia. Ela continuava tossindo, engasgando, olhando para ele com olhos assustados. Viu o mesmo medo espelhado no rosto de Jules; queria falar para ele que ficaria tudo bem, tudo ia ficar bem, mas não conseguia falar com a água na garganta.

Ele catou uma estela do cinto, e ela sentiu a ponta queimar em sua pele. A cabeça dela caiu para trás enquanto o símbolo se formava. Ela viu a lua acima, atrás da cabeça de Julian, como uma auréola. Emma queria dizer para ele que ele tinha uma auréola. Talvez ele achasse engraçado. Mas as palavras se afogavam no peito. Ela estava se afogando. Morrendo na terra.

O símbolo ficou pronto. Julian recolheu a estela, e o peito de Emma pareceu ceder. Ela gritou, e água explodiu de seus pulmões. Ela se dobrou, tossindo profundamente. Doeu quando seu corpo expeliu água do mar, como se ela estivesse sendo virada do avesso. Emma sentiu a mão de Julian nas suas costas, os dedos entre as omoplatas, sustentando-a.

Finalmente a tosse diminuiu. Ela rolou de costas e ficou olhando para Julian e

para o céu atrás dele. Dava para ver um milhão de estrelas, e ele continuava com a auréola, mas não tinha mais nenhuma graça naquilo. Ele estava tremendo, a camisa preta e a calça jeans grudadas ao corpo, o rosto mais branco que a lua.

— Emma? — sussurrou.

— Jules — disse ela. Sua voz soou fraca e áspera aos próprios ouvidos. — Eu... eu estou bem.

— Que diabos aconteceu? O que você estava fazendo na água?

— Fui para a convergência — sussurrou ela. — Tinha alguma espécie de feitiço... me sugou para o oceano...

— Você foi sozinha até a convergência? — A voz dele se elevou. — Como pode ser tão descuidada?

— Tinha que tentar...

— *Não tinha que tentar sozinha!* — A voz dele pareceu ecoar da água. Os punhos estavam cerrados nas laterais. Ela percebeu que ele não tremia de frio, afinal, era raiva. — De que adianta ser *parabatai* se você vai sair e se arriscar sem mim?

— Não queria colocá-lo em perigo...

— Eu quase me afoguei no Instituto, Emma! Tossi água! Água que *you* engoliu!

Emma o encarou chocada. Começou a se apoiar nos cotovelos. Os cabelos, pesados e ensopados, se penduravam como uma força nas costas.

— Mas isso não é possível...

— Como não, Emma? — A voz dele pareceu explodir do corpo. — Somos ligados um ao outro, conectados: eu respiro quando você respira, sangro quando você sangra. Sou seu e você é minha. Você sempre foi minha, e eu sempre, *sempre* pertenci a você!

Emma jamais o ouvira dizer nada assim, nunca o ouvira falar desse jeito, jamais o vira tão próximo de perder o controle.

— Não queria te machucar — disse ela. Começou a se sentar, alcançando-o. Julian a pegou pelo pulso.

— Está brincando? — Mesmo na escuridão, seus olhos azul-esverdeados brilhavam. — Isso é uma brincadeira para você, Emma? Não entende? — A voz dele se reduziu a um sussurro. — *Eu não vivo se você morrer!*

Os olhos dela analisaram o rosto dele.

— Jules, sinto muito. Jules...

A parede que normalmente escondia a verdade nas profundezas dos olhos dele tinha ruído; ela enxergou o pânico ali, o desespero, o alívio que perfurou suas defesas.

Julian ainda segurava o pulso de Emma. Ela não sabia dizer se ela se inclinou

para ele primeiro ou se ele a puxou. Talvez as duas coisas. Eles colidiram como estrelas, e então Julian a estava beijando.

Jules. *Julian*. Beijando *Emma*.

A boca de Jules se moveu sobre a dela, quente e incansável, transformando seu corpo em fogo líquido. Ela arranhou as costas dele, puxando-o mais para perto. As roupas dele estavam molhadas, mas a pele por baixo parecia quente onde quer que ela tocasse. Quando ela pegou a cintura dele, ele engasgou em sua boca, um engasgo que era parte incredulidade, parte desejo.

— Emma — disse ele, uma palavra que soou como alguma coisa entre uma oração e um rosnado.

A boca de Julian era selvagem na dela; beijavam-se como se estivessem tentando arrancar as barras que os mantinham em uma prisão. Como se ambos estivessem se afogando e só conseguissem respirar um através do outro.

Os ossos dela pareciam ter se transformado em vidro. Pareciam estilhaçar por todo o corpo; ela caiu para trás, puxando Julian consigo, deixando que o peso do corpo dele empurrasse os dois para a areia. Ela agarrou os ombros dele, pensou no momento de desorientação quando Julian a puxou para fora da água, no instante em que ela não soube exatamente quem ele era. Era mais forte, maior do que Emma se lembrava. Mais adulto do que ela tinha se permitido saber, apesar de cada beijo destruir as lembranças do menino que ele outrora foi.

Quando ele se inclinou mais para perto dela, ela pulou, surpresa com o frio da camiseta. Ele esticou a mão e pegou o colarinho, puxando-o sobre a cabeça. Quando ele se inclinou para trás por cima dela, a extensão da pele nua a espantou, e ela passou as mãos pelas laterais de seu corpo, sobre as omoplatas, como se estivesse articulando a forma dele, criando-o com o toque das palmas e dedos. As cicatrizes claras das velhas Marcas; o calor da pele, coberta por água salgada do mar; a sensação da pulseira de vidro marinho — ele a deixou sem fôlego com aquele tanto de *Julian* nela. Não havia mais ninguém que ele pudesse ser. Ela o conhecia pelo toque, pela respiração, pela batida do coração contra o dela.

O toque das mãos de Emma o estava desmontando. Ela pôde vê-lo se desfazendo, peça a peça. Levantou os joelhos para o quadril do garoto; sua mão tocou a pele nua de Julian sobre o cós da calça, suave como a maré, e ele tremeu contra ela como se estivesse morrendo. Ela nunca o tinha visto assim, nem mesmo quando ele pintava.

Arfando, Julian afastou a boca, se forçando a parar, forçando o corpo a deixar de se mover. Ela pôde ver o quanto isso lhe custou em seus olhos, pretos de fome e impaciência. Na maneira que ele conteve as mãos e as enterrou na areia, uma em cada lado dela, dedos agarrando o chão.

— Emma — sussurrou ele. — Tem certeza?

Ela fez que sim com a cabeça e o alcançou. Ele emitiu um ruído de alívio e gratidão desesperados, e a pegou contra o próprio corpo; daquela vez não houve hesitação. Os braços de Emma estavam abertos; ele mergulhou neles e a puxou para perto, tremendo até os ossos enquanto ela entrelaçava os tornozelos atrás das panturrilhas dele, prendendo-o contra ela. Ao se abrir, fez de seu corpo um berço para ele deitar.

Ele encontrou a boca de Emma com a própria mais uma vez, e, como se seus lábios estivessem conectados a cada terminação nervosa, Emma sentiu todo o corpo vibrar e dançar. Então é assim que deveria ser, assim que beijos deveriam ser, assim que *tudo* deveria ser. *Isso*.

Ele se inclinou para contornar sua boca, a bochecha, a curva arenosa do queixo com beijos. Ele foi beijando a garganta dela, seu hálito quente na pele de Emma. Passando os dedos nos cachos molhados de Julian, ela olhou maravilhada para o céu acima, girando com as estrelas, brilhantes e frias, e pensou que isso não podia estar acontecendo, as pessoas não conseguiam o que queriam assim.

— Jules — sussurrou ela. — Meu Julian.

— Sempre — sussurrou ele, voltando para a boca de Emma. — Sempre. — E eles caíram um no outro com a inevitabilidade de uma onda na praia.

Fogo correu pelas veias de Emma à medida que as barreiras entre eles desapareceram. Ela tentou registrar cada momento, cada gesto na memória: a sensação das mãos de Julian fechando em seus ombros, o engasgo afogado que ele soltou, a forma como se dissolveu nela ao se perder. Até o último instante de sua vida, Emma pensou, ela se lembraria de como ele enterrou o rosto em seu pescoço e repetiu o nome dela sem parar, como se todas as outras palavras tivessem sido para sempre esquecidas nas profundezas do oceano. Até a última hora.

Quando as estrelas pararam de girar, Emma deitou na curva do braço de Julian, olhando para cima. O casaco de flanela seco do garoto estava esticado em cima deles. Ele a encarava, com a cabeça apoiada em uma das mãos. Parecia entorpecido, com os olhos semifechados. Os dedos dele traçavam círculos lentos no ombro exposto de Emma. O coração continuava acelerado, batendo contra o dela. Ela o amava tanto que parecia que seu peito estava rachando.

Ela queria confessar, mas as palavras ficaram presas na garganta.

— Esse foi... — Ela começou. — Foi seu primeiro beijo?

— Não. Eu venho praticando em estranhas aleatórias. — Ele sorriu, um

sorriso largo e lindo ao luar. — Sim. Foi meu primeiro beijo.

Um calafrio passou por Emma. Ela pensou, *eu te amo, Julian Blackthorn. Eu te amo mais do que a luz das estrelas.*

— Não foi tão ruim assim — falou então, e sorriu de volta para ele.

Julian riu e a puxou mais para perto de si. Ela relaxou na curva do corpo dele. O ar estava frio, mas Emma se sentia aquecida ali, naquele pequeno círculo com ele, escondida pelas pequenas plantas que cresciam das pedras, enrolada no casaco de flanela que cheirava a Julian. A mão dele era suave em seu cabelo.

— Shh, Emma. Durma.

Ela fechou os olhos.

Emma dormiu, ao lado do oceano. E não teve pesadelos.

— Emma. — A mão no ombro dela sacudia. — Emma, acorde.

Ela rolou para o lado e piscou os olhos, depois congelou em surpresa. Não havia teto sobre ela, apenas um claro céu azul. Estava se sentindo tensa e dolorida, com a pele arranhada de areia.

Julian estava por cima dela, totalmente vestido, com o rosto branco cinzento, como cinzas espalhadas. As mãos dele pairaram em torno dela, sem tocá-la, como as borboletas de Ty.

— Alguém esteve aqui.

Com isso, ela se sentou. Estava na praia — um pequeno semicírculo vazio na praia, contornado por dedos de pedras em ambos os lados, alcançando o mar. A areia em volta dela estava ligeiramente bagunçada, e ela enrubesceu, a memória atingindo-a como uma onda. Parecia que era pelo menos meio-dia, apesar de, por sorte, a praia estar vazia. Era familiar também. Estavam perto do Instituto, mais perto do que ela imaginava. Não que ela tivesse pensado muito.

Ela respirou fundo.

— Ah — disse ela. — Meu Deus.

Julian não disse nada. Estava com as roupas molhadas, com areia grudada nas dobras. Ela própria estava vestida, Emma percebeu com atraso. Julian provavelmente o fizera. Só os pés estavam descalços.

A maré estava baixa, algas expostas na linha da água. As pegadas da noite anterior já tinham sido apagadas, mas havia outras pegadas marcadas na areia. Parecia que alguém tinha subido em uma das paredes de pedra, caminhado até eles, depois virado e voltado. Duas linhas de pegadas. Emma olhou horrorizada.

— Alguém nos viu? — perguntou ela.

— Enquanto a gente dormia — retrucou Julian. — Eu também não acordei.

— As mãos dele estavam fechadas nas laterais do corpo. — Algum mundano, eu espero, que concluiu que somos um casal adolescente idiota. — Ele suspirou. — Espero — repetiu.

Flashes de memória da noite anterior correram pela mente de Emma: a água fria, os demônios, Julian carregando-a, Julian beijando-a. Julian e ela, entrelaçados na areia.

Julian. Ela não conseguia mais pensar nele como *Jules*. Jules era o nome de infância que ela lhe deu. E eles tinham deixado a infância para trás.

Ele se virou para olhar para ela, e ela viu a angústia em seus olhos cor do mar.

— Sinto muito — sussurrou ele. — Emma, sinto muito, muito.

— Por quê? — perguntou ela.

— Eu não pensei. — Ele estava andando de um lado para o outro, com os pés chutando a areia. — Em... segurança. Proteção. Não pensei nisso.

— Eu sou protegida — disse ela.

Ele se virou para olhar para ela.

— Quê?

— Tenho o símbolo — disse ela. — E não tenho nenhuma doença, e nem você, certo?

— Eu... não. — O alívio no rosto dele foi palpável, e por algum motivo isso fez o estômago de Emma doer. — Foi a minha primeira vez, Emma.

— Eu sei. — Ela disse em um sussurro. — Enfim, você não precisa se desculpar.

— Preciso — falou ele. — Quero dizer, isso é bom. Somos sortudos. Mas eu devia ter pensado nisso. Não tenho desculpa. Eu estava fora de mim.

Ela abriu a boca, depois a fechou novamente.

— Só podia estar, para fazer isso — disse ele.

— Fazer o quê? — Ela ficou impressionada pela calma e pela clareza com que pronunciou cada palavra. Ansiedade pulsava por ela como um tambor.

— O que a gente fez. — Ele suspirou. — Você sabe o que quero dizer.

— Está dizendo que o que a gente fez é errado.

— Estou dizendo... — Era como se ele estivesse tentando segurar algo que queria à força sair dele. — Não tem nada de errado, moralmente — falou. — É uma Lei idiota. Mas é uma Lei. E não podemos transgredi-la. É uma das Leis mais antigas que existem.

— Mas não faz *sentido*.

Ele olhou para ela sem vê-la, cegamente.

— A Lei é dura, mas é a Lei.

Emma se levantou.

— Não — retrucou ela. — Nenhuma Lei pode controlar nossos sentimentos.

— Não falei nada sobre sentimentos — disse Julian.

A garganta dela estava seca.

— O que quer dizer?

— Não devíamos ter dormido juntos — disse ele. — Sei que significou algo para mim, eu estaria mentindo se dissesse que não, mas a Lei não proíbe sexo, proíbe *amor*. Estar *apaixonado*.

— Tenho quase certeza de que transar também é contra as regras.

— Sim, mas não é o motivo pelo qual exilam a pessoa! Não é o motivo pelo qual tiram suas Marcas! — Ele passou a mão pelo cabelo emaranhado. — É contra as regras porque... ter essa intimidade, essa intimidade física, abre caminho para uma intimidade emocional, e é com *isso* que eles se importam.

— Nós *somos* emocionalmente íntimos.

— Você sabe o que quero dizer. Não finja que não. Existem diferentes tipos de proximidade, intimidade. Eles *querem* que sejamos próximos. Mas não *querem isso*. — Ele gesticulou para a praia, como se quisesse assinalar toda a véspera.

Emma estava tremendo.

— *Eros* — disse ela. — Em vez de *Philia* ou *Ágape*.

Ele pareceu aliviado, como se a explicação dela significasse que ela havia entendido, tinha concordado. Como se tivessem tomado uma decisão juntos. Emma queria gritar.

— *Philia* — repetiu ele. — Isso é o que temos, amor entre amigos, e sinto muito se fiz alguma coisa para estragar isso...

— Eu também estava presente — falou Emma, com a voz fria como a água.

Ele a olhou nos olhos.

— A gente se ama — disse ele. — Somos *parabatai*, amor é parte do laço. E eu tenho atração por você. Como poderia não ter? Você é linda. E não é como...

Ele se interrompeu, mas Emma completou o restante por ele, palavras tão dolorosas que quase pareciam cortar dentro da sua mente. *Não é como se eu pudesse conhecer garotas, ter encontros, você é a opção, quem está por perto, Cristina provavelmente continua apaixonada por alguém no México, não tem ninguém para mim. Só tem você.*

— Não é como se eu fosse cego — argumentou ele. — Eu vejo você e te quero, mas... não podemos. Se ficarmos juntos, vamos acabar nos apaixonando, e isso seria um desastre.

— Se apaixonando — repetiu Emma. Como ele podia não ver que ela já estava apaixonada, de todas as formas possíveis? — Eu não disse que te amava? Ontem à noite?

Ele balançou a cabeça.

— Nunca dissemos que nos amamos — disse ele. — Nenhuma vez.

Isso não podia ser verdade. Emma vasculhou suas memórias, como se estivesse revirando desesperadamente os bolsos em busca de uma chave perdida. Ela havia *pensado*. *Julian Blackthorn, eu te amo mais que a luz das estrelas*. Ela pensou, mas não falou. E nem ele. *Somos ligados*, ele disse. Mas não *eu te amo*.

Ela o esperou falar *fiquei fora de mim porque você arriscou sua vida*, ou *quase morreu e isso me fez perder a cabeça*, ou qualquer variação de *a culpa foi sua*. Ela pensou que, se ele o fizesse, ela iria explodir como uma mina ativa.

Mas ele não disse. Julian ficou olhando para ela, o casaco de flanela até os cotovelos, a pele exposta vermelha por causa da água fria e arranhada pela areia.

Ela nunca o viu tão triste.

E levantou o queixo.

— Você está certo. É melhor esquecermos.

Ele franziu o rosto com aquilo

— Eu te amo, Emma.

Ela esfregou as mãos para se aquecer, pensou em como o mar desgastava até paredes de pedra ao longo dos anos, desmontando fragmentos do que um dia foi impregnado.

— Eu sei — disse ela. — Mas não desse jeito.

A primeira coisa que Emma viu quando voltou ao Instituto — depois de ter contado a Julian sobre a experiência na convergência no caminho de volta da praia — foi que o carro que ela deixara na entrada da caverna na noite anterior estava estacionado na frente dos degraus. A segunda foi que Diana estava sentada no capô do carro, parecendo mais furiosa que uma vespa.

— *O que* vocês estavam pensando? — perguntou ela, quando Emma e Julian pararam onde estavam. — Sério, Emma, você perdeu a cabeça?

Por um momento Emma, de fato, se sentiu tonta — Diana não poderia estar falando sobre ela e Julian, poderia? Não tinha sido ela que os viu na praia? Olhou de lado para Julian, mas ele estava tão pálido quanto ela.

Os olhos escuros de Diana pareciam grudados nela.

— Estou esperando uma explicação — exigiu. — O que fez vocês acharem que seria uma boa ideia irem sozinhos até a convergência?

Emma estava surpresa demais para formular uma resposta.

— Quê?

Os olhos de Diana foram de Julian para Emma, e depois voltaram.

— Não recebi a mensagem sobre a convergência até hoje de manhã — disse

ela. — Corri para lá e achei o carro, vazio. Abandonado. Pensei... não sei o que pensei, mas... — Emma sentiu uma pontada de culpa. Diana estava preocupada com ela. E com Julian, que sequer foi até a convergência.

— Desculpe — pediu Emma, com sinceridade. Sua convicção da noite passada, a certeza de que estava fazendo a coisa certa ao ir para a convergência, tinha evaporado. Estava esgotada agora, e nem um pouco mais próxima de uma resposta. — Recebi o recado e simplesmente fui... não quis esperar. E por favor, não brigue com Julian. Ele não estava comigo. Ele me encontrou mais tarde.

— Encontrou? — Diana parecia confusa. — Encontrou onde?

— Na praia — respondeu Emma. — Tem umas entradas na caverna... como se fossem Portais... e um deles dá aqui no mar.

Agora a expressão de Diana estava verdadeiramente preocupada.

— Emma, você foi parar na água? Mas você odeia o mar. Como...

— Julian veio e me salvou — retrucou a menina. — Ele me sentiu em pânico na água. Coisa de *parabatai*. — Ela olhou de lado para Julian cujo olhar estava tranquilo e amigável. Confiável. Sem esconder nada. — Levamos um bom tempo para voltar.

— Bem, encontrar água do mar é interessante — disse Diana, saindo do capô. — Presumo que seja a mesma água encontrada com os corpos.

— Como trouxe o carro de volta? — perguntou Emma, enquanto subiam as escadas.

— O que você quer dizer, obviamente, é “obrigada, Diana, por ter trazido o carro de volta” — falou Diana ao entrarem novamente no Instituto. Ela olhou com ar crítico as roupas molhadas e sujas de areia de Julian e Emma, a pele arranhada e os cabelos grudados. — Que tal eu reunir todo mundo na biblioteca? Já passou da hora de termos uma troca de informações.

Julian limpou a garganta.

— Por que você não...?

Diana e Emma olharam confusas para ele.

— Por que quem o quê? — perguntou Diana, afinal.

— Por que não recebeu a mensagem sobre a convergência até hoje de manhã? Meu telefone estava descarregado, o que foi uma estupidez minha, mas... e você?

— Nada com que deva se preocupar — respondeu Diana secamente. — Enfim, vão para o banho. Entendo que tenham informações importantes, mas até limparem a areia, acho que não consigo me concentrar em nada além do quanto vocês devem estar se coçando.

Emma pretendia se trocar ao chegar no quarto. Realmente pretendia. Mas, apesar das horas de sono na praia, ela estava exausta o bastante para se sentar na cama e apagar.

Horas depois, após um rápido banho, ela vestiu uma calça jeans limpa e uma camiseta, e saiu correndo pelo corredor, se sentindo como uma adolescente mundana atrasada para a aula. Ela voou pelo corredor até a biblioteca e encontrou todos ali; aliás, eles pareciam estar esperando havia um tempo. Ty estava sentado em uma das pontas da mesa mais comprida da biblioteca, em uma piscina de sol da tarde, com uma pilha de papéis à sua frente. Mark estava ao lado dele; Livvy se equilibrava sobre a mesa, descalça, movendo seu sabre de um lado para o outro. Diana e Dru distraíam Ty com um livro.

— Diana disse que você foi até a convergência — falou Livvy, manejando o sabre quando Emma entrou. Cristina, que estava perto de uma prateleira de livros, lançou a ela um olhar estranhamente frio.

— Combateu Mantis sem mim — reclamou Mark. — Não é justo.

— Não havia muitos Mantis — disse Emma.

Ela foi para a mesa, em frente a Ty, que continuava escrevendo, e embarcou na história do que encontrou na caverna. No meio do relato, Julian chegou, os cabelos tão molhados quanto os de Emma. Ele vestia uma camiseta cor de jade, que o deixava com olhos verde-escuros. Os olhares dos dois se encontraram, e Emma esqueceu o que estava falando.

— Emma? — Cristina chamou após uma longa pausa. — Você estava falando? Encontrou um vestido?

— Isso não parece muito razoável — argumentou Livvy. — Quem guarda um vestido em uma caverna?

— Pode ter sido uma roupa cerimonial — disse Emma. — Era uma túnica elaborada... e joias muito trabalhadas.

— Então talvez seja uma mulher necromante — falou Cristina. — Talvez, na verdade, seja Belinda.

— Ela não me pareceu tão poderosa assim — comentou Mark.

— Você consegue sentir poder? — perguntou Emma. — É uma coisa de fada?

Mark balançou a cabeça, mas o meio sorriso que lançou para Emma parecia um pedaço do Reino das Fadas.

— Só uma impressão.

— Por falar em coisas de fada, Mark nos deu uma chave para traduzir mais das marcações — revelou Livvy.

— Sério? — falou Emma. — O que elas dizem?

Ty levantou os olhos do papel.

— Ele nos deu uma segunda linha, e depois disso foi mais fácil. Eu e Livvy descobrimos quase toda a terceira. Olhando os padrões das marcações, pareciam ser cinco ou seis linhas repetidas.

— É um feitiço? — indagou Emma. — Malcolm disse que provavelmente é um feitiço de invocação.

Ty esfregou o rosto, deixando uma linha de tinta em uma maçã do rosto.

— Não parece um feitiço de invocação. Talvez Malcolm tenha cometido um erro. Fomos muito melhores que ele na tradução — acrescentou orgulhosamente, quando Livvy repousou a arma e se abaixou ao lado dele. Ela esticou a mão para limpar a tinta da bochecha dele com a manga.

— Malcolm não tem Mark — lembrou Julian, e Mark deu a ele um rápido sorriso de gratidão.

— Nem Cristina — acrescentou Mark. — Eu jamais teria descoberto a relação se Cristina não tivesse percebido que era uma questão com a tradução.

Cristina enrubesceu.

— Como é a terceira linha, Tiberius?

Ty afastou a mão de Livvy e recitou:

“Primeiro, a chama, depois, a tempestade,
No fim, é sangue Blackthorn de verdade.
Buscai esquecer o que é passado...”

— É isso — concluiu. — É o que temos até agora.

— Sangue Blackthorn? — Diana ecoou. Ela havia subido em uma escada da biblioteca para pegar um livro para Tavvy.

Emma franziu o cenho.

— Não gostei de como isso soa.

— Não há nenhuma indicação de magia de sangue tradicional — contestou Julian. — Nenhum dos corpos tinha esses tipos de cortes ou ferimentos.

— Estou pensando na menção ao passado — explicou Mark. — Esses tipos de versos, no Reino das Fadas, normalmente guardam um feitiço, como a balada de “Thomas, o Poeta”. É ao mesmo tempo uma história e instruções sobre como escapar do Reino das Fadas.

Por um instante, o rosto de Diana ficou preso no meio de uma expressão, como se de repente tivesse percebido ou se lembrado de alguma coisa.

— Diana? — chamou Julian. — Você está bem?

— Estou. — Ela desceu da escada e sacudi as roupas. — Preciso fazer uma ligação.

— Para quem? — perguntou Julian, mas Diana apenas balançou a cabeça, os cabelos roçando os ombros.

— Eu volto — declarou ela, e saiu pela porta da biblioteca.

— Mas o que isso significa? — perguntou Emma para a sala como um todo.
— No fim, sangue Blackthorn o quê?

— E se for um verso de fadas, então elas não deveriam saber se ele continua?
— Dru falou do canto onde estava ocupada distraindo Tavvy. — As fadas, quero dizer. Teoricamente estão do nosso lado nessa.

— Eu mandei um recado — avisou Mark reservadamente. — Mas digo a vocês que só ouvi essas duas primeiras linhas.

— A coisa mais importante é que significa que, de algum jeito, essa situação, os assassinatos, os corpos, os Seguidores, está tudo ligado a essa família. — Julian olhou em volta. — De algum jeito está ligado a nós. Aos Blackthorn.

— Explicaria por que tudo isso está acontecendo em Los Angeles — disse Mark. — É a nossa casa.

Emma viu a expressão de Julian vacilar de leve, e soube o que ele estava pensando: que Mark falou de Los Angeles como um local onde todos eles moravam, não um local onde todos, menos ele, moravam. Que tinha falado da cidade como sua casa.

Ouviram um alto ruído de tremor. O mapa de Los Angeles na mesa começou a vibrar. O que parecia um pequeno ponto vermelho se movia.

— Sterling saiu de casa — afirmou Cristina, indo para o mapa.

— Belinda Belle disse que ele tinha dois dias — lembrou Julian. — Isso pode significar que a caçada começa amanhã, ou hoje à noite, dependendo de como seja feita a contagem. Enfim, não podemos tirar conclusões.

— Eu e Cristina cuidaremos de segui-lo — acrescentou Emma. De repente ela se viu desesperada para sair de casa, para clarear as ideias, desesperada até mesmo para ficar longe de Julian.

Mark franziu o rosto.

— Deveríamos ir com vocês...

— Não! — exclamou Emma, levantando da mesa. Todos viraram para olhar surpresos para ela; havia falado com mais força do que pretendia. A verdade é que queria conversar a sós com Cristina. — Vamos ter que fazer isso em turnos — disse ela. — Vamos ter que seguir Sterling o tempo todo até que algo aconteça, e se todos nós estivermos presentes o tempo todo, vamos ficar todos exaustos. Eu e Cristina vamos um pouco, depois, podemos trocar com Julian e Mark, ou Diana.

— Ou eu e Ty — sugeriu Livvy docemente.

Os olhos de Julian estavam perturbados.

— Emma, tem certeza...

— Emma tem razão — concordou Cristina, inesperadamente. — Ir em turnos é a atitude cautelosa.

Cautelosa. Emma não conseguia se lembrar da palavra sendo aplicada a sua história recente. Julian desviou o olhar, escondendo a expressão. Finalmente, ele disse:

— Tudo bem. Você venceu. Podem ir as duas. Mas se precisarem de apoio, jurem que vão ligar imediatamente.

O olhar de Julian estava fixo no de Emma enquanto falava. Os outros estavam falando, discutindo como poderiam pesquisar na biblioteca, olhar livros que detalhassem diferentes tipos de feitiços, quanto tempo levariam para concluir o resto da tradução, se Malcolm viria ajudá-los, se deveriam pedir pizza vampira.

— Vamos, Emma — chamou Cristina, se levantando e dobrando o mapa no bolso do casaco. — Temos que ir. Precisamos vestir o uniforme e alcançar Sterling; ele está indo para a estrada.

Emma fez que sim com a cabeça e se virou para seguir Cristina. Ela sentiu o olhar de Julian nela, como uma ponta afiada entre suas omoplatas. *Não vire para olhá-lo*, disse a si mesma, mas não conseguiu se conter; na porta, virou, e a expressão no rosto dele quase a desmontou.

Equivalia ao que ela estava sentindo. Não era o fato de que estava se afastando do menino que amava com mil palavras não ditas entre os dois, pensou Emma, apesar de ser verdade que estava fazendo isso. Era o pavor que sentia de que um abismo tivesse se aberto entre ela e a pessoa que foi sua melhor amiga desde que se lembrava. E, pelo jeito, Julian tinha o mesmo medo.

— Desculpe — disse Emma, quando o carro corrigiu a direção. Estavam dirigindo há horas enquanto Sterling percorria toda a cidade, e suas mãos estavam começando a doer de segurar o volante.

Cristina suspirou.

— Vai me contar o que a está incomodando?

Emma se mexeu. Ela vestia um casaco de uniforme, e estava quente no carro. Parecia que sua pele coçava.

— Mil desculpas, Tina — disse ela. — Eu não pensei... não devia ter pedido para você me dar cobertura enquanto eu ia até a convergência. Não foi justo.

Cristina ficou em silêncio por um instante.

— Eu teria feito — disse ela. — Se você tivesse me contado o que estava acontecendo.

A garganta de Emma se apertou.

— Não estou acostumada a confiar em pessoas. Mas deveria ter confiado em você. Quando você for embora, não sei o que vou fazer. Vou sentir tanto a sua falta.

Cristina sorriu para ela.

— Venha para a Cidade do México — pediu ela. — Ver como fazemos as coisas lá. Pode tirar seu ano de viagem na minha cidade. — Ela pausou. — Eu a perdoo, aliás.

Um pouco do peso deixou o peito de Emma.

— Eu adoraria ir ao México — disse ela. — E Julian...

Ela se conteve. Tudo bem que a maioria das pessoas com *parabatai* acompanha os seus no ano de viagem. Mas pensar em Julian doeu, uma dor rápida e aguda como uma agulha.

— Vai me contar o que a está incomodando? — perguntou Cristina.

— Não — respondeu Emma.

— Tudo bem. Então vire à esquerda para *Entrada* — disse Cristina.

— É como ter um GPS sobrenatural — observou Emma. Deu para ver Cristina franzindo o rosto para o mapa que equilibrava sobre o joelho no banco do passageiro.

— Vamos na direção de Santa Monica — disse Cristina, traçando um dedo no mapa. — Vá pela Sétima.

— Sterling é um idiota — disse Emma. — Ele sabe que alguém está tentando matá-lo. Não deveria vagar pela cidade.

— Ele provavelmente acha que a própria casa não é segura — observou Cristina ponderadamente. — Quero dizer, eu o cerquei lá.

— Certo — disse Emma, sem conseguir conter uma onda de preocupação.

A lembrança de Julian na praia, as coisas que ele disse para ela, pressionadas contra suas pálpebras. Ela permitiu que esses pensamentos passassem por ela. Quando chegasse a hora, teria que deixá-los todos de lado e se concentrar na luta.

— E, obviamente, tem os enormes coelhos — disse Cristina.

— Quê? — Emma voltou ao presente.

— Estou falando com você há três minutos! Onde está a sua cabeça, Emma?

— Transei com Julian — confessou Emma.

Cristina gritou. Depois, tapou a boca com a mão e ficou olhando para Emma como se a amiga tivesse acabado de anunciar que tinha uma granada no teto do carro, e que ia explodir.

— Você ouviu o que eu disse? — perguntou Emma.

— Ouvi — respondeu Cristina, tirando as mãos da boca. — Você transou

com Julian Blackthorn.

A respiração de Emma escapou dela em uma onda. Alguma coisa em ouvir de outra boca o que tinha feito parecia um soco no estômago.

— Achei que não fosse me contar o que a estava incomodando! — disse Cristina.

— Mudei de ideia.

— Por quê? — Estavam virando esquinas cheias de palmeiras, casas nos fundos das ruas. Emma sabia que dirigia rápido demais; não se importava.

— Quero dizer... eu estava no mar, e ele me salvou, e as coisas saíram do controle...

— Não — disse Cristina. — Não por que você fez. Por que mudou de ideia em relação a me contar?

— Porque sou uma péssima mentirosa — revelou Emma. — Você teria adivinhado.

— Talvez. Talvez não. — Cristina respirou fundo. — Acho que eu deveria fazer a pergunta que importa. Você o ama?

Emma não disse nada. Manteve os olhos na linha amarela quebrada no meio da estrada. O sol era uma bola de fogo laranja descendo no oeste.

Cristina suspirou devagar.

— Ama.

— Não disse isso.

— Está escrito no seu rosto — falou Cristina. — Sei como é. — Ela soou triste.

— Não sinta pena de mim, Tina — pediu Emma. — Por favor, não.

— Estou com medo por você. A Lei é muito clara, e a punição é muito severa.

— Bem, não tem importância — disse Emma, a voz tingida com amargura. — Ele não me ama. E ter uma paixão não correspondida por seu *parabatai* não é ilegal, então não se preocupe.

— Ele o quê? — perguntou Cristina, soando chocada.

— Ele não me ama — repetiu Emma. — Foi bem convincente em relação a isso.

Cristina abriu a boca, depois fechou de novo.

— Suponho que seja lisonjeiro que você esteja surpresa — falou Emma.

— Não sei o que dizer. — Cristina colocou a mão no coração. — Existem as coisas que você normalmente diria nessa situação. Se fosse qualquer pessoa em vez de Julian eu falaria sobre o quanto ele é sortudo por ter uma pessoa corajosa e inteligente como você apaixonada por ele. Estaria bolando planos com você sobre como poderíamos fazer um menino tão tolo perceber uma coisa tão óbvia.

Mas é Julian, e é ilegal, e você *não pode* fazer mais nada, Emma. Prometa.

— Ele não me quer desse modo — contou Emma. — Então não tem importância. Eu só... — Ela se interrompeu. Não sabia mais o que dizer, nem como dizer. Nunca mais haveria outro Julian para ela.

Não pense assim. Só porque você não consegue se imaginar amando mais ninguém, não significa que não vai. Mas a voz interior suave de seu pai não a tranquilizou dessa vez.

— Só não sei por que é ilegal — concluiu ela, apesar de não ser o que queria dizer. — Não faz o menor sentido. Eu e Julian fizemos tudo juntos, durante anos, vivemos e quase morremos um para o outro, como pode existir alguém melhor do que ele para mim? Alguém melhor... — Ela se interrompeu.

— Emma, por favor, não pense assim. Não importa por que é ilegal. Só que é. A Lei é dura, mas é a Lei.

— Uma lei ruim não é uma lei — argumentou Emma, virando à direita na Pico Boulevard. A Pico percorria quase toda a Los Angeles metropolitana; era pretensiosa, arenosa, perigosa, abandonada e industrial alternadamente. Ali, entre a estrada e o oceano, era cheia de pequenos negócios e restaurantes.

— Esse lema não serviu muito bem aos Blackthorn — murmurou Cristina, e Emma estava prestes a perguntar a ela o que aquilo queria dizer quando Cristina se sentou reta. — Aqui — disse ela, apontando. — Sterling está aqui. Acabei de vê-lo entrando naquele prédio.

Na parte sul da estrada havia um prédio baixo, inclinado, pintado de marrom, sem janelas, com uma única porta e uma placa que dizia PROIBIDA A ENTRADA DE MENORES DE 21 ANOS.

— Parece amigável — murmurou Emma, e estacionou o carro.

Elas saltaram do carro e foram pegar as armas. Já estavam com símbolos de disfarce, e os poucos pedestres que passavam — quase ninguém andava em Los Angeles, e, apesar de haver muitos carros em volta, havia poucas pessoas — olhavam através delas como se não houvesse ninguém. Uma menina de cabelos verdes olhou para Emma ao passar, mas não parou.

— Você tem razão — concordou Emma, enquanto colocavam as lâminas serafim nos cintos. Cada lâmina tinha um pequeno gancho que permitia encaixar em um cinto de armas, removível com um pequeno puxão de mão. — Quanto a Julian. Sei que tem.

Cristina enlaçou-a rapidamente com um braço.

— E vai fazer a coisa certa. Sei que vai.

Emma já estava examinando o prédio, procurando entradas. Não havia janelas que ela pudesse ver, mas um pequeno beco se dobrava por trás do bar, parcialmente bloqueado por um pedaço de grama não cortada. Ela gesticulou

para lá, e ela e Cristina foram silenciosamente para a vegetação baixa que — pouco — crescia no ar poluído.

O sol se punha, e estava escuro no beco atrás do bar. Uma fila de lixeiras acorrentadas se encontrava apoiada sob uma janela de grades e coberta por tapumes.

— Posso arrancar as barras se subir ali — sussurrou Emma, apontando as latas de lixo.

— Tudo bem, espere. — Cristina pegou a estela. — Símbolos.

Os símbolos de Cristina eram cuidadosos, precisos, lindos. Emma sentiu o poder de um símbolo de força percorrer seu corpo como uma injeção de cafeína. Não era como ter símbolos aplicados por Julian — isso era como ter a força dele correndo por ela, dobrando a sua.

Cristina se virou, tirando o casaco do ombro e expondo-o para Emma. Entregou a estela a ela, que começou a desenhar — dois símbolos de Silêncio sobrepostos, Golpe-Certeiro, Flexibilidade.

— Por favor, não pense que estou irritada — disse Cristina, olhando para a parede oposta. — Estou preocupada com você, só isso. Você é forte, Emma. É muito forte. As pessoas superam corações partidos, e você é forte o bastante para superar isso mil vezes. Mas Julian não é uma pessoa que pode tocar seu coração. Pode tocar a sua alma. E existe uma diferença entre ter o coração partido e a alma estilhaçada.

A estela tremeu na mão de Emma.

— Achei que o Anjo tivesse um plano.

— Ele tem. Mas, por favor, não o ame, Emma. — A voz de Cristina falhou. — Por favor.

Emma tinha um nó na garganta ao falar.

— Quem partiu seu coração?

Cristina virou, vestindo de volta o casaco. Os olhos castanhos estavam sérios.

— Você me contou um segredo, então contarei um também. Eu estava apaixonada por Diego e achei que ele estivesse apaixonado por mim. Mas foi tudo uma mentira. Pensei que o irmão dele fosse o meu melhor amigo, mas isso também era uma mentira. Por isso, fugi. Por isso, vim para cá. — Ela desviou o olhar. — Perdi os dois, meu melhor amigo e meu maior amor, no mesmo dia. Foi difícil acreditar que Raziel tinha um plano naquele momento.

Meu melhor amigo e meu maior amor.

Cristina pegou a estela e guardou de volta no cinto.

— Não sou eu que sou forte, Tina. É você.

Cristina deu um breve sorriso para ela e estendeu a mão.

— Vá.

Emma esticou o braço e pegou a mão de Cristina para se levantar. Suas botas tocaram os topos das latas de lixo, fazendo a corrente bater. Ela agarrou as barras da janela e puxou, gostando da mordida do metal em suas palmas.

As barras soltaram do estuque com um banho de pedrinhas. Ela passou as barras de metal para Cristina, que as jogou na grama. Emma esticou a mão para baixo, e, um segundo depois, Cristina estava ao lado dela, e ambas estavam espiando por uma janela suja, uma cozinha de fundos suja. Água corria por uma enorme pia de metal cheia de copos.

Emma chegou o pé para trás, pronta para quebrar o vidro com a ponta da bota. Cristina a pegou pelo ombro.

— Espere. — Ela se abaixou e pegou a janela pela moldura. O símbolo de Força no pescoço dela se ativou e brilhou quando ela arrancou a moldura apodrecida e a derrubou nas latas de lixo de plástico abaixo. — Assim é mais quieto — falou.

Emma sorriu e entrou pela janela, aterrissando em um engradado cheio de garrafas de vodca. Ela desceu, e Cristina a seguiu. As botas de Cristina atingiram o chão no instante em que a porta da cozinha se abriu e um homem baixo com avental de barman e cabelos pretos espetados entrou. Assim que viu Emma e Cristina, soltou um grito espantado.

Ótimo, Emma pensou. Ele tinha Visão.

— Olá — disse ela. — Somos do Departamento de Saúde. Você sabia que esses recipientes estão sem o gel antibacteriano de limpar as mãos?

Isso não pareceu impressionar o barman. O olhar dele foi de Emma para Cristina e para a janela aberta.

— O que as duas vacas estão fazendo, invadindo o local? Eu vou chamar...

Emma pegou uma colher de madeira do corredor e arremessou. Bateu na lateral da cabeça do barman. Ele caiu com um barulho. Ela foi até lá e checkou o pulso dele. Estava normal. Ela olhou para Cristina.

— Detesto ser chamada de vaca.

Cristina passou por ela e abriu a porta, espiando para fora, enquanto Emma arrastava o barman para o canto do salão e o empurrava gentilmente para trás de engradados de garrafas empilhados.

Cristina enrugou o nariz.

— Eca.

Emma soltou os pés do barman. Eles caíram ruidosamente no chão.

— O que é? Tem alguma coisa horrível acontecendo aqui?

— Não, é só um bar muito nojento — explicou Cristina. — Por que alguém quereria beber aqui?

Emma se juntou a ela na porta, e as duas espiaram para fora.

— Os bares na minha cidade são muito mais arrumados — declarou Cristina.
— Acho que alguém vomitou naquele canto.

Ela apontou. Emma não olhou, mas acreditou. O bar não era apenas pouco iluminado, praticamente não havia iluminação. O piso era de concreto, cheio de guimbas de cigarro. Havia um bar com bancada de zinco, e um espelho atrás dele no qual preços de bebida tinham sido escritos com pilot. Homens com camisa de flanela e calças jeans se encontravam agrupados em volta de uma mesa de sinuca esfarrapada. Outros estavam bebendo silenciosamente no bar. O lugar tinha um cheiro amargo, de cerveja velha e fumaça de cigarro.

Encolhido na extremidade oposta do bar, havia um homem com um paletó familiar. Sterling.

— Lá está ele — disse Emma.

— O símbolo de Rastreamento não mente. — Cristina passou por baixo do braço de Emma e entrou no recinto. Emma foi atrás. Sentiu uma ligeira pressão na pele que vinha com o olhar de muitos olhos mundanos, mas seus símbolos de disfarce aguentaram firmes. O único barman levantou o olhar quando a porta da cozinha se fechou, provavelmente procurando por seu colega de trabalho, mas virou as costas e voltou a lustrar os copos quando não viu nada.

Conforme Emma e Cristina se aproximaram, uma expressão extraordinária passou pelo rosto de Sterling. Uma mistura de choque, seguido por desespero, seguido por uma espécie de alegria. Tinha um copo no bar na frente dele, cheio pela metade com um líquido dourado; ele pegou e virou o conteúdo. Quando bateu com o copo de volta no bar, seus olhos brilhavam.

— Nephilim — rosnou.

O barman olhou surpreso para ele. Vários dos outros clientes se mexeram em seus bancos.

— É isso mesmo — disse Sterling. — *Eles* acham que eu perdi a cabeça. — Esticou o braço para indicar as outras pessoas. — Não estou falando com ninguém. Com o ar. Mas *vocês*. Vocês não se importam. Estão aqui para me torturar.

Ele se levantou cambaleando.

— Uau! — exclamou Emma. — Você está *bêbado*.

Sterling apontou dois dedos como se fossem armas na direção dela.

— Muito observadora, lourinha.

— Cara! — O barman bateu com um copo na bancada. — Se você vai ficar falando sozinho, faça isso lá fora. Está interferindo no clima do bar.

— Esse lugar tem clima? — perguntou Emma.

— Emma, concentre-se — repreendeu Cristina. Ela se virou para Sterling. — Não estamos aqui para torturá-lo. Estamos aqui para ajudar. Já falamos isso

várias vezes.

— Continuem repetindo isso para si mesmas — sibilou ele, e tirou várias notas do bolso, jogando-as no bar. — Tchau, Jimmy — falou para o barman. — Até nunca mais.

Ele foi para a porta e esticou bem os braços para abri-la. Emma e Cristina correram atrás dele.

Emma ficou feliz em voltar lá para fora. Sterling já estava correndo pela rua, a cabeça abaixada. O sol tinha se posto totalmente, e as luzes da rua estavam acesas, preenchendo o ar com um brilho amarelo. Carros passavam acelerados pela Pico.

Sterling estava andando *rápido*. Cristina o chamou, mas ele não virou, apenas se encolheu no paletó e andou mais depressa ainda. De repente, foi para a esquerda, entre dois prédios, e desapareceu.

Emma praguejou baixinho e saiu correndo. Sentiu uma onda de empolgação tomando suas veias. Ela adorava correr, o jeito como isso esvaziava a cabeça, como fazia com que se esquecesse de tudo, exceto do oxigênio entrando e saindo dos pulmões.

A entrada de um beco surgiu à esquerda. Não era um lixão — esse era quase tão amplo quanto uma rua e se estendia pelos fundos de uma rua de prédios residenciais, com varandas baratas de estuque e vista para a rua dos fundos. Um ralo cinza de concreto ia até o centro.

Na metade da rua o jipe prata de Sterling estava estacionado. Ele se apoiava na porta do motorista, tentando abri-la. Emma pulou nas costas dele, puxando-o para longe do carro. Ele se virou, cambaleou e caiu.

— Maldição! — gritou, se ajoelhando. — Pensei que tivesse dito que estava aqui para me ajudar!

— Em um senso mais amplo, sim — disse Emma. — Porque é nosso dever. Mas ninguém me chama de “lourinha” e sai ileso.

— Emma — avisou Cristina em tom de alerta.

— Levante-se — pediu Emma, estendendo a mão para Sterling. — Venha conosco. Mas, se me chamar de “lourinha” outra vez, arranco seus joelhos e os transformo em pequenas calotas, tudo bem?

— Pare de gritar com ele, Emma — disse Cristina. — Casper... Sr. Sterling... precisamos ficar com você, tudo bem? Sabemos que está correndo perigo, e queremos ajudar.

— Se querem me ajudar, fiquem longe de mim — gritou Sterling. — Preciso ficar *sozinho*!

— Para acabar afogado e queimado, coberto por marcas, com as digitais raspadas? — falou Emma. — É isso que você quer?

Sterling a encarou.

— Quê?

— Emma! — Emma percebeu que Cristina estava olhando para cima. Uma forma escorregava pelo telhado; um homem com roupas escuras, uma sombra perigosa e familiar. O coração de Emma acelerou no peito.

— *Levante-se!* — Ela pegou a mão de Sterling, puxando-o para que ficasse de pé. Ele se debateu, em seguida, caiu em cima dela, com a boca aberta, enquanto a forma escura no telhado saltava para baixo, aterrissando em uma varanda. Emma conseguiu vê-lo mais claramente agora: um homem de preto, com um capuz escuro levantado para esconder seu rosto.

Tinha uma besta na mão direita. Ele a levantou. Emma deu um empurrão em Sterling que quase o derrubou.

— *Corra!* — gritou ela.

Sterling não se moveu. Estava olhando para a figura de preto, um olhar de total incredulidade no rosto.

Alguma coisa chiou perto da orelha de Emma — uma flecha de besta. Com os sentidos aguçados, ela ouviu um estalo alto quando o canivete borboleta de Cristina se abriu, e o chiado quando voou pelo ar. Ela ouviu o homem de preto gritar, e a besta caiu de sua mão. Bateu no chão do beco, e um instante mais tarde o homem de preto também, aterrissando com um baque alto nas costas de Sterling.

Sterling caiu espalhado. O homem de preto, agachado por cima dele, levantou a mão; alguma coisa prateada brilhou entre seus dedos. Uma faca. Ele a desceu...

Então Cristina foi para cima dele, derrubando-o de lado. Ele caiu espalhado, e Sterling se levantou cambaleando e correu para o carro. Ele caiu com metade do corpo para dentro, arfando. Emma correu atrás dele, mas o carro já ganhava velocidade, acelerando pelo beco.

Ela se virou novamente quando o homem de preto levantou. Emma o alcançou em segundos, prendendo-o contra a parede manchada do prédio.

Ele tentou se soltar, mas Emma estava lhe segurando pela frente do moletom.

— Você atirou em Julian — falou ela. — Eu deveria matá-lo aqui mesmo.

— Emma. — Cristina estava de pé. Estava com o olhar fixo no homem de preto. — Primeiro descubra quem ele é.

Emma pegou o capuz com a mão livre e puxou para baixo, revelando...

Um menino. Não um homem, pensou ela, espantada, definitivamente um jovem — talvez um ano mais velho do que ela — com cabelos pretos emaranhados. Estava com o queixo travado, e os olhos pretos estalaram de raiva.

Cristina engasgou.

— *Dios mío, ¿no puedo creer que seas tú!*

— Quê? — perguntou Emma, olhando do menino para Cristina e para ele outra vez. — O que está acontecendo?

— Emma. — Cristina parecia chocada, como se tivesse tido o ar arrancado de seu corpo. — Esse é Diego. Diego Rocio Rosales, essa é Emma Carstairs.

O ar do lado de fora do Instituto era forte e acolhedor, cheirava a sálvia e sal. Julian podia ouvir o murmúrio baixo de cigarras preenchendo o ambiente, abafando o barulho de Diana fechando a porta da caminhonete. Ela circulou pela lateral do veículo e parou ao ver Julian na escada da frente.

— Jules — disse Diana. O que está fazendo aqui?

— Eu poderia perguntar o mesmo — respondeu ele. — Está saindo? De novo?

Ela colocou o cabelo atrás da orelha, mas diversos cachos escaparam, soprados pelo vento. Usava roupas escuras, não do uniforme, mas jeans preto, luvas e botas.

— Tenho que ir.

Ele desceu um degrau.

— Quanto tempo vai ficar fora?

— Não sei.

— Então não devemos contar com você. — O peso no peito de Julian parecia maior do que ele era capaz de tolerar. Ele queria extravasar, chutar alguma coisa. Queria Emma, para conversar com ele, sossegá-lo. Mas não podia pensar em Emma.

— Acredite ou não — declarou Diana —, estou fazendo o melhor que posso por vocês.

Julian olhou para as próprias mãos. A pulseira de vidro marinho brilhava no pulso. Ele se lembrou do brilho dela sob a água na noite anterior enquanto nadava em direção a Emma.

— O que espera que eu diga para eles? — falou Julian. — Se me perguntarem onde você está?

— Invente alguma coisa — retrucou Diana. — Você é bom nisso.

Raiva inflou dentro dele — se ele era um mentiroso, e era bom nisso, é porque nunca teve escolha.

— Eu sei coisas sobre você — disse Julian. — Sei que em seu ano de viagem foi para a Tailândia e não voltou até depois da morte do seu pai.

Diana parou, com a mão na porta da caminhonete.

— Você andou me *investigando*, Julian?

— Sei coisas porque tenho que saber — argumentou Julian. — Preciso ser

cuidadoso.

Diana abriu a porta.

— Eu vim para cá — disse ela, suavemente —, sabendo que era má ideia. Sabendo que cuidar de vocês seria me amarrar a um destino que não poderia controlar. Fiz isso porque vi o quanto gostavam um do outro, você, seus irmãos e irmãs, e isso significou alguma coisa para mim. Tente acreditar nisso, Julian.

— Sei que entende de irmãos e irmãs — disse Julian. — Você *tinha* um irmão. Ele morreu na Tailândia. Você nunca fala nele.

Ela entrou na caminhonete e fechou a porta, a janela ainda aberta.

— Não lhe devo respostas, Julian — falou. — Volto assim que puder.

— Tudo bem — disse ele. De repente, sentiu-se imensamente cansado. — Não vão perguntar onde você está, de qualquer jeito. Não esperam que você esteja por aqui.

Ele viu Diana cobrir o rosto com as mãos. Um instante mais tarde, a caminhonete foi ligada. Luzes iluminaram a frente do Instituto, varrendo a grama arenosa quando a caminhonete desceu pela colina.

Julian ficou onde estava por um bom tempo. Não sabia ao certo quanto. O bastante para que o sol se pusesse por completo, para que o brilho desbotasse das colinas. O bastante para virar e voltar para dentro, esticando os ombros, se preparando.

Foi quando ouviu o barulho. Ele girou e os viu: uma grande multidão, vindo pela estrada em direção ao Instituto.

19

Relaxando e Matando

— Cristina. — Diego suspirou, olhando além de Emma. — *Pensé que eras tú, pero no estaba seguro. ¿Qué haces aquí? ¿Por qué estabas tratando de proteger a este hombre?*

— Diego? — Sem entender uma palavra do que ele dissera, Emma examinou o menino outra vez, notando as Marcas que decoravam seu pescoço, desaparecendo pelo colarinho da camisa. Ele era um Caçador de Sombras, sim. — *Esse é Diego Perfeito?*

— *Emma* — disse Cristina, com as bochechas ruborizando. — Solte-o.

— Não vou soltar. — Emma olhou fixamente para Diego Perfeito, que a encarou de volta com os olhos brilhando. — Ele atirou em Julian.

— Eu não sabia que eram Nephilim — disparou Diego Perfeito. — Estavam usando mangas compridas e agasalhos. Não deu para ver os símbolos. — O inglês dele era perfeito, o que talvez não fosse uma surpresa, considerando seu apelido.

— Não estavam de uniforme? — Cristina quis saber. Ela continuava olhando para Diego Perfeito, incrédula.

— Só os casacos. — Emma empurrou Diego Perfeito contra a parede; ele fez uma careta. — Suponho que pareçam casacos normais de longe. Não que isso seja uma desculpa.

— Vocês estavam de jeans. Eu nunca os tinha visto antes. Estavam revirando a bolsa da morta. Por que eu não acharia que eram dois assassinos?

Emma, sem querer reconhecer que ele tinha um bom argumento, o empurrou com força contra a parede de novo.

— Agora sabe quem sou?

O canto da boca dele se ergueu.

— Ah, de fato, Emma Carstairs.

— Então sabe que eu poderia arrancar todos os seus órgãos internos de uma vez, amarrar uma cordinha e transformá-los em enfeites de Natal em um piscar de olhos?

Os olhos dele brilharam.

— Você poderia tentar.

— Parem com isso, os dois — disse Cristina. — Não temos tempo para isso. Precisamos encontrar Sterling.

— Ela tem razão — concordou Diego. — Agora me solte ou me mate, porque estamos perdendo tempo. Sei para onde Sterling vai. Ele tem uma reunião com uma bruxa do Mercado das Sombras. Temos que ir depressa, ele é rápido, como todos que são parte lobo.

— A bruxa vai matá-lo? — Emma soltou Diego, que foi pegar a besta. O canivete borboleta de Cristina tinha atingido a lateral da arma. Diego deu uma risadinha e o soltou. Entregou-o de volta a ela, e ela o pegou silenciosamente.

Diego virou e começou a marchar pelo beco.

— Se foi uma piada, não teve graça.

— Não foi uma piada — disse Cristina. — Estamos tentando protegê-lo.

— *Quê?* — Diego virou a esquina para um beco, onde uma cerca de arame fechava a rua além deles. Ele escalou a cerca com habilidade, aterrissando levemente no chão do outro lado. Emma foi atrás, e Cristina em seguida. Diego parecia estar mexendo no cinto de armas, mas Emma viu que ele olhava para Cristina com o canto do olho, certificando-se de que ela tinha saltado em segurança. — Por que você protegeria um assassino?

— Ele não é um assassino — explicou Cristina. — Ele é uma vítima. E é muito desagradável, mas é o nosso dever.

Viraram em uma rua sem saída ladeada por casas. Capim e cactos cresciam na grama não cortada. Diego caminhou com objetividade para o final da rua.

— Não entenderam? — Diego balançou a cabeça, os cabelos escuros voando. — Por que todo mundo tem que ficar longe dele? Não acredito nisso. Não acredito... tudo que fizeram... vocês o viram pegar o número? Na Loteria? Vocês viram quando ele foi escolhido?

— Vimos — disse Emma, com um frio começando a se espalhar por suas veias. — Sim, assim descobrimos que tínhamos que protegê-lo...

Um brilho súbito e cegante de luz como fogos de artifício veio do fim da rua. Um redemoinho de fogo verde e azul, cercado por vermelho. Os olhos de Cristina se arregalaram, as faíscas tingindo seus cabelos de vermelho.

Diego praguejou e saiu correndo. Após uma fração de segundo, Emma e Cristina o seguiram.

Emma jamais havia conhecido um Caçador de Sombras que não conseguia acompanhar, mas Diego era veloz. *Muito* veloz. Ela estava arfando quando pararam no final da rua.

O beco sem saída culminava em uma fileira de casas abandonadas. O carro de Sterling tinha batido em um poste de luz apagado; o capô estava amassado, a porta do motorista, aberta. Um dos air bags tinha sido acionado, mas Sterling parecia intacto.

Estava no meio da rua, lutando com alguém — a menina de cabelo verde que Emma tinha visto mais cedo, na rua em frente ao bar. Ela fazia força para escapar dele; ele a segurava pelas costas do casaco, e a expressão em seu rosto era quase maníaca.

— Solte-a! — gritou Diego.

Os três começaram a correr, Emma alcançando Cortana. Sterling, ao vê-los, começou a arrastar a garota para o outro lado do carro. Emma, correndo para o jipe, saltou no capô, subiu no telhado e pulou do outro lado.

E se deparou com uma parede de fogo azul-esverdeado. Sterling estava atrás dela, ainda agarrado à menina de cabelo verde. Os olhos dela encontraram os de Emma. Ela tinha um rosto ligeiramente élfico — uma lembrança de tê-la visto no Teatro da Meia-Noite tocou a memória de Emma.

Emma deu um salto para a frente. O fogo azul-esverdeado subiu e a fez recuar alguns passos. Sterling levantou a mão. Alguma coisa brilhou nela — uma faca.

— Pare-o! — gritou Diego. Ele e Cristina apareceram do outro lado da parede de fogo azul. Emma avançou, apesar de ser como andar contra um tufão, no momento em que Sterling desceu a faca, enfiando-a no peito da menina.

Cristina gritou.

Não, pensou Emma, chocada através do horror. *Não, não, não*. Era o dever dos Caçadores de Sombras salvar pessoas, protegê-las. Sterling não podia ferir a menina, não podia...

Por um momento ela viu uma escuridão no fogo — viu o interior da caverna da convergência, toda marcada por poesia e símbolos — e então mãos emergiram da escuridão e pegaram a garota das garras de Sterling. Emma só as viu brevemente, entre a chama e a confusão, mas pareciam mãos compridas e brancas; estranhamente angulosas, como se tivessem sido descascadas até os ossos...

Engasgando sangue, mancando e moribunda, a menina foi arrastada para a escuridão. Sterling virou e sorriu para Emma. A camisa dele estava marcada por marcas sangrentas de mão, e a lâmina de sua faca, escarlate.

— Você chegou tarde demais! — gritou ele. — Tarde demais, Nephilim! Ela

era a décima terceira... a última!

Diego praguejou e se lançou para a frente, mas a parede de fogo subiu, então ele cambaleou para trás e caiu sobre os próprios joelhos. Cerrando os dentes, se levantou e avançou.

Sterling tinha parado de girar. Medo brilhou em seus olhos pálidos. Ele esticou um braço, e a mão esquelética emergiu do fogo e o alcançou, arrastando-o atrás da menina.

— Não! — Emma pulou e rolou sob a onda de fogo, como se estivesse mergulhando numa onda na praia. Ela pegou a perna de Sterling, enterrando as mãos na panturrilha dele.

— Solte-me! — gritou ele. — Solte-me, solte-me. *Guardião, me leve, me leve para longe daqui...*

A mão esquelética puxou a de Sterling. Emma sentiu que perdia a firmeza do aperto. Ela olhou para cima, com os olhos ardendo e queimando, a tempo de ver Cristina manejando o canivete borboleta. Ela atingiu a mão que parecia uma garra; os ossos estalaram, e a mão se recolheu apressadamente, soltando Sterling, que caiu pesadamente no chão.

— Não! — Sterling se ajoelhou, com os braços estendidos, enquanto o fogo diminuía e desaparecia. — Por favor! Leve-me com você...

Os três Caçadores de Sombras foram para cima dele; Diego agarrou Sterling sem cerimônia e o pôs de pé. Sterling riu dolorosamente.

— Não conseguiram me conter — anunciou o homem. — Garotas tolas, me seguindo, me *protegendo...*

Diego o empurrou, mas Emma estava balançando a cabeça.

— Quando foi escolhido na Loteria — disse ela para Sterling com a garganta seca, fazendo a pergunta cuja resposta já sabia —, você não estava sendo escolhido para morrer. Mas sim para *matar*?

— Oh, Raziel — murmurou Cristina. Estava com a mão na garganta, agarrando o pingente; parecia confusa.

Sterling cuspiu no chão.

— Isso mesmo — respondeu ele. — Quando seu número é escolhido, você mata ou morre. Assim como vocês, Wren não sabia como funcionava. Ela concordou em me encontrar aqui. Vaca burra. — Os olhos dele pareciam selvagens. — Eu a matei, o Guardião a levou, e agora vou viver para sempre. Assim que o Guardião me encontrar novamente, terei riquezas, imortalidade, tudo que eu quiser.

— Você matou por isso? — Cristina quis saber. — Você se tornou um assassino?

— Eu me tornei um assassino no instante em que sortearam meu nome na

Loteria — revelou Sterling. — Não tinha escolha.

O barulho de sirenes policiais começou a soar ao longe.

— Temos que sair daqui — avisou Cristina, olhando para o carro destruído de Sterling e para o sangue na rua. Emma ergueu Cortana e foi recompensada com um olhar trêmulo de pânico no rosto do licantropo.

— Não — choramingou ele. — Não...

— Não podemos matá-lo — protestou Diego. — Precisamos dele. Jamais consegui um deles vivo antes. Temos que interrogá-lo.

— Relaxe, Diego Perfeito — disse Emma, e bateu com o cabo de Cortana na têmpora de Sterling. Ele caiu como uma pedra, desmaiado.

Foi estranho carregar Sterling até o carro, considerando que ele não estava escondido por feitiço; passaram um de seus braços sobre o ombro de Diego, e ele fez o melhor que pôde para parecer que estava ajudando um amigo bêbado a voltar para casa. Quando chegaram ao Toyota, amarraram os pulsos e os calcanhares de Sterling com electrum, antes de o colocaram no banco de trás, a cabeça caindo, o corpo flácido.

Discutiram se deveriam correr para a convergência, mas decidiram voltar para o Instituto primeiro para buscar mais armas e consultar os outros. Emma estava particularmente ansiosa para falar com Julian — tinha ligado várias vezes, mas ele não atendeu. Ela disse a si mesma que ele provavelmente estava ocupado com as crianças, mas trazia uma leve preocupação no fundo da mente ao sentar no banco do motorista, com Cristina ao seu lado. Diego Perfeito foi para o lado de Sterling, com a adaga esticada, pressionada contra a garganta do outro.

Emma partiu, cantando pneu violentamente. Estava cheia de raiva, pelo menos metade dela direcionada a si mesma. Como pôde não perceber que Sterling não era uma vítima, mas um assassino? Como nenhum deles soube?

— Não é culpa sua — tranquilizou Diego Perfeito do banco de trás, como se tivesse lido seus pensamentos. — Fazia sentido presumir que a Loteria estava escolhendo vítimas, e não assassinos.

— E Johnny Rook mentiu para nós. — Emma rosnou. — Ou pelo menos... ele nos *deixou* acreditar. Que estávamos protegendo alguém.

— Estávamos protegendo um assassino — disse Cristina. Ela parecia arrasada, com a mão fechada no pingente.

— Não se culpem — disse Diego Perfeito, sendo perfeito. — Vocês estavam investigando sem informações. Sem ajuda dos Irmãos do Silêncio ou... de ninguém.

Cristina olhou por cima do ombro para ele e o encarou.

— Como você sabe disso tudo?

— O que o faz pensar que estávamos investigando? — perguntou Emma. — Só porque me viu com Julian na casa de Wells?

— Essa foi a minha primeira pista — respondeu Diego Perfeito. — Depois disso fui perguntando. Conversei com um sujeito no Mercado das Sombras...

— Johnny Rook outra vez — falou Emma com nojo. — Tem alguém para quem esse cara não dê com a língua nos dentes?

— Ele me contou tudo — disse Diego Perfeito. — Que estavam procurando assassinos sem o conhecimento da Clave. Que era segredo. Tive medo por você, Cristina.

Cristina riu sem se virar.

— Tina — disse Diego Perfeito, com a voz cheia de desejo. — Tina, por favor.

Emma olhou desconfortável pelo para-brisa. Estavam quase vendo o oceano. Ela tentou se concentrar naquilo, e não na tensão entre os outros dois ocupantes conscientes do veículo.

Cristina apertou o medalhão com mais força, mas não disse nada.

— Rook falou que vocês estavam investigando porque acreditam que os assassinatos tenham ligação com a morte dos seus pais — disse Diego Perfeito a Emma. — Se vale de alguma coisa, sinto muito por sua perda.

— Isso foi há muito tempo. — Emma podia ver Diego Perfeito pelo retrovisor. Ele tinha um cordão delicado de símbolos no pescoço, como um colar torcido. Cabelos cacheados, não como as ondas de Julian, mas anéis que caíam sobre suas orelhas.

Ele *era* gato. E parecia gentil. E tinha muito charme. Realmente era Diego Perfeito, ela pensou teimosamente. Não foi à toa que Cristina se machucou tanto.

— O que você está fazendo aqui? — Cristina quis saber. — Emma tem motivo para investigar os assassinatos, mas você?

— Você sabe que eu estava na Scholomance — disse Diego Perfeito. — E sabe que Centuriões frequentemente são mandados para investigar assuntos que não se enquadram exatamente na jurisdição dos Caçadores de Sombras...

Ouviu-se um grito rouco. Sterling tinha acordado e se agitava no banco de trás. A faca de Diego Perfeito brilhou na escuridão. Carros buzinaaram quando Emma virou para a direita e entrou na Ocean Avenue.

— Solte-me! — Sterling se balançou e forçou contra os fios que o amarravam. — Solte-me!

Ele gritou de dor quando Diego Perfeito o empurrou violentamente no banco de trás, pressionando a faca em sua jugular.

— Saia de cima de mim! — berrou Sterling. — Maldição, saia de cima de mim...

Sterling soltou um gemido quando Diego Perfeito enterrou o joelho em sua coxa.

— Acalme-se — falou Diego, com a voz seca e mortal. — Agora!

Continuavam seguindo pela Ocean. Palmeiras cercavam os dois lados da rua como cílios. Emma cortou violentamente para a esquerda e foi para a Pacific Coast Highway entre um coro furioso de buzinas.

— Jesus Cristo! — gritou Sterling. — Onde aprendeu a dirigir?

— Ninguém solicitou seus comentários! — gritou Emma para ele quando voltaram para o trânsito. Por sorte, era tarde e as pistas estavam praticamente vazias.

— Não quero morrer na Pacific Coast Highway! — gritou Sterling.

— Ah, me desculpe. — A voz de Emma destilava ácido. — Existe alguma rodovia *diferente* onde você queira morrer? PORQUE PODEMOS PROVIDENCIAR ISSO.

— Vaca! — sibilou Sterling.

Cristina se virou no assento. Ouviu-se um estalo como um tiro; um segundo depois, ao passarem por um grupo de surfistas andando pela beira da estrada, Emma percebeu que ela esbofeteara Sterling.

— Não chame a minha amiga de vaca — disse Cristina. — Entendeu?

Sterling esfregou a mandíbula. Fechou os olhos.

— Você não tem o direito de me tocar. — A voz dele era um resmungo. — Os Nephilim só podem cuidar de assuntos que transgridam os Acordos.

— Errado — disse Diego Perfeito. — Lidamos com os assuntos que bem entendermos.

— Mas Belinda nos disse...

— É, quanto a isso — disse Cristina. — Como você foi parar naquele culto, ou seja lá o que for, no Teatro da Meia-Noite?

Sterling suspirou, trêmulo.

— Juramos segredo — falou afinal. — Se eu contar tudo que sei, vão me proteger?

— Talvez — concedeu Emma. — Mas você está amarrado e estamos todos muito armados. Você realmente prefere *não* contar?

Sterling olhou para Diego Perfeito, que segurava uma adaga tranquilamente, como se fosse uma caneta. Mesmo assim havia um senso de poder contido nele, como se ele pudesse agir em menos de um segundo. Se Sterling tivesse um pinga de inteligência, estaria apavorado.

— Entrei através de um produtor amigo. Ele disse que havia encontrado uma forma de garantir que tudo que você tocasse virasse ouro. Não literalmente. —

Sterling se apressou em acrescentar.

— Ninguém achou que estivesse falando literalmente, idiota — rebateu Emma.

Sterling emitiu um ruído furioso e rapidamente foi contido por Diego, que apertou a faca com mais força em sua garganta.

— Quem é o Guardiã? — Cristina exigiu saber. — Quem lidera os Seguidores no teatro?

— Não faço ideia — falou Sterling sombriamente. — Ninguém sabe. Nem mesmo Belinda.

— Vi Belinda no Mercado das Sombras, fazendo propaganda do seu cultinho — falou Emma. — Suponho que tenham prometido sorte e dinheiro se frequentassem as reuniões. Bastava se arriscarem nas loterias. Estou certa?

— Não pareciam um risco tão grande — comentou Sterling. — Eram só de vez em quando. Se você fosse escolhido, ninguém poderia tocá-lo. Ninguém poderia interferir até você tirar uma vida.

O rosto de Cristina se contorceu em desgosto.

— E os que tiram vidas? O que acontecia com eles?

— Conseguiram o que quisessem — comentou Sterling. — Riqueza. Beleza. Depois de um sacrifício, todo mundo se torna mais forte, mas aquele que executa o sacrifício fica mais forte do que todos os outros.

— Como você sabe? — perguntou Cristina. — Alguém no teatro já tinha sido escolhido na Loteria?

— Belinda — respondeu Sterling prontamente. — Ela foi a primeira. A maioria dos outros não ficou. Provavelmente estão em algum lugar, curtindo a vida. Bem, exceto Ava.

— Ava Leigh foi ganhadora na Loteria? — perguntou Emma. — A que morava com Stanley Wells?

Diego Perfeito apertou a faca com mais força na garganta de Sterling.

— O que você sabia sobre Ava?

Sterling se encolheu diante da faca.

— Sim, ela foi ganhadora da Loteria. Olhem, não importa quem os ganhadores escolhem para matar; nenhum membro do Submundo, exceto fadas, essa era a única regra. Alguns dos vencedores da Loteria escolhiam pessoas que conheciam. Ava decidiu matar seu namorado mais velho. Estava cansada dele. Mas ficou mal. Acabou se matando depois. Se afogou na piscina dele. Foi burrice. Poderia ter tido qualquer coisa que quisesse.

— Ela não se matou — disse Emma. — Foi assassinada.

Ele deu de ombros.

— Não, ela se matou. Foi o que todos disseram.

Cristina parecia lutar para manter a calma.

— Você a conhecia — disse ela. — Não se importa? Sente alguma coisa? E a culpa com relação à garota que você matou?

— Uma garota do Mercado das Sombras — retrucou Sterling, dando de ombros. — Vendia joias lá. Eu disse a ela que podia levar seu trabalho para uma loja de departamento. Torná-la rica se ela me encontrasse. — Ele riu. — Todo mundo é ganancioso.

Passaram pelo trânsito inicial da rodovia e chegaram a um pedaço da praia cheio de torres azuis de salva-vidas.

— Aquele fogo azul — disse Emma, pensando alto. — O Guardião estava ali. Levou o corpo para a convergência. Você a esfaqueou, mas o Guardião a levou antes de morrer. Assim as mortes acontecem na convergência, e todo o resto também, o fogo, a imersão do corpo na água do mar, a marcação dos símbolos, todo o ritual?

— É. E eu também devia ter sido levado para a convergência — queixou-se Sterling, com ressentimento na voz. — É onde o Guardião teria me agradecido, teria me dado qualquer coisa que eu quisesse. Eu poderia ter visto o ritual. Uma morte fortalece todos nós.

Emma e Cristina trocaram olhares. Sterling não estava esclarecendo as coisas, apenas confundindo ainda mais.

— Você falou que ela era a última — disse Diego. — O que acontece depois disso? Qual é o pagamento final?

Sterling resmungou.

— Não faço ideia. Não cheguei aonde cheguei na vida perguntando coisas que não preciso saber.

— Aonde chegou na vida? — Emma riu. — Você quer dizer: amarrado no banco de trás de um carro?

Emma viu as luzes do Píer Malibu à frente. Brilhavam contra a água escura.

— Nada disso importa. O Guardião vai me encontrar — garantiu Sterling.

— Não contaria com isso — falou Diego Perfeito com a voz baixa.

Emma saiu da rodovia para a rua conhecida. Viu as luzes do Instituto ao longe, iluminando a pista sob as rodas.

— E quando ele encontrar? — perguntou a garota. — O Guardião? O que você acha que ele vai fazer, recebê-lo bem depois de tudo que nos contou? Não acha que ele vai fazê-lo pagar?

— Tem mais uma coisa que preciso dar a ele — disse Sterling. — Belinda deu. E até Ava deu. Uma última, última coisa. E depois...

Sterling se interrompeu com um grito de pavor. O Instituto apareceu diante deles. Diego Perfeito xingou.

— Emma! — Cristina engasgou. — Emma, *pare!*

Emma viu a forma familiar do Instituto, a entrada à frente, o penhasco e as colinas atrás. Havia sombras por todos os lados, um anel delas em torno do Instituto, mas só quando o carro subiu o último trecho e os faróis passaram pela construção foi que ela sentiu o choque do que via.

O Instituto estava cercado.

Vultos — escuros e com formas humanas — bloqueavam o Instituto, formando um quadrado. Estavam ombro a ombro, absolutamente calados e imóveis, como os velhos desenhos que Emma havia visto de guerreiros gregos.

Sterling gritou algo incompreensível. Emma pisou no freio quando o farol passou pela moita pisoteada na frente do prédio. Os vultos estavam iluminados, acesos como a luz do dia. Alguns eram familiares. Ela reconheceu o menino de cabelos cacheados da banda no Teatro da Meia-Noite, o rosto fixo em uma careta dura. Ao lado dele estava uma mulher — cabelos escuros, lábios vermelhos — que ergueu uma das mãos com uma arma...

— Belinda! — Sterling soou absurdamente apavorado. — Ela...

A mão de Belinda balançou para trás com o recuo da arma. Uma explosão agrediu os ouvidos de Emma quando a roda dianteira do pneu explodiu, rasgado pela bala. O carro foi violentamente para o lado e deslizou para uma vala.

Escuridão e barulho de vidro estilhaçando. O volante bateu no peito de Emma, arrancando o ar de seus pulmões; os faróis se apagaram. Ela ouviu Cristina gritar, e também ruídos arranhados do banco de trás. Puxou o cinto, se soltando, virando para alcançar Cristina.

Mas Cristina não estava lá. O banco de trás também estava vazio. Emma abriu a porta e caiu com metade do corpo no chão de terra. Ela lutou para se levantar e girou.

A parte da frente do carro caíra em uma vala e fumaça se erguia do pneu explodido. Diego estava vindo do lado do passageiro, com as botas esmagando a terra seca. Carregava Cristina, o braço esquerdo por baixo dos joelhos dela; uma das pernas da garota estava pendurada em um ângulo estranho. Ela estava com a mão no ombro dele, os dedos encolhidos na manga do moletom.

Ele parecia muito heroico ao luar. Um pouco como o Super-Homem. Diego Perfeito. Emma meio que queria jogar alguma coisa nele, mas temia acertar Cristina. Ele apontou seu queixo másculo para o Instituto.

— *Emma!*

Emma girou. Os vultos que cercavam o Instituto tinham se virado — estavam de frente para ela agora; ela, Diego e os restos do carro.

Ao luar, pareciam assustadores. Figuras fortes de preto e cinza, um borrão de faces. Licantropes, fadas, vampiros e ifrits: os Seguidores.

— Emma! — chamou Diego Perfeito novamente. Estava com a estela na mão, desenhando um símbolo de cura no braço de Cristina. — Sterling fugiu... ele está com a sua espada...

Emma se virou, e Sterling passou correndo por ela, se movendo a uma velocidade sobre-humana. Ele tinha soltado os pulsos e calcanhares, mas sangue manchava a bainha da calça.

— Belinda! — gritou ele. — Estou aqui! Ajude-me! — Ele segurava algo enquanto corria, algo que brilhava dourado na escuridão.

Cortana.

Raiva explodiu no peito de Emma, correndo por suas veias como pólvora acesa, e então ela disparou, atravessando a grama e a terra atrás de Sterling. Ela pulou sobre pedras, passou por figuras borradas. Sterling era veloz, mas Emma era tanto quanto. Ela o alcançou quase nos degraus do Instituto. Ele já tinha quase chegado a Belinda.

Emma colidiu com ele, agarrou-o pelo casaco e o girou. O rosto dele estava sujo, manchado de sangue, pálido de pavor. Ela pegou o punho que segurava Cortana. A espada dela. A espada de seu pai. Sua única ligação com uma família que parecia ter se dissolvido no passado, como pó na chuva.

Ela ouviu uma rachadura. Sterling gritou e caiu de joelhos, derrubando Cortana no chão. Emma esticou o braço para pegá-la; quando se ajeitou estava cercada por um pequeno grupo de Seguidores, liderados por Belinda.

— O que você contou a ela, Sterling? — Belinda quis saber, mostrando pequenos dentes brancos por trás dos lábios vermelhos.

— N-nada. — Sterling estava segurando o próprio punho. Parecia quebrado de um jeito horrível. — Peguei a espada para lhe entregar, como prova de boa vontade...

— O que eu queria com uma espada? Idiota. — Ela se virou para Emma. — Estamos aqui para pegá-lo — disse ela, apontando para Sterling. — Deixe-nos levá-lo e vamos embora. — Ela sorriu para Emma. — Se está se perguntando como soubemos que deveríamos vir para cá, o Guardião tem olhos por todos os lados.

— Emma! — Era a voz de Cristina; Emma girou e viu Cristina fora do círculo, com Diego Perfeito ao seu lado. Para alívio de Emma, ela só estava mancando um pouco.

— Deixem-nos passar — disse Belinda, e a multidão se abriu de modo que Diego Perfeito e Cristina assumiram posições um de cada lado de Emma. O círculo se fechou novamente em torno deles.

— O que está acontecendo? — Diego Perfeito quis saber, os olhos encarando Belinda. — Você é a Guardiã?

Ela gargalhou. Após um instante, vários dos outros Seguidores, inclusive o menino de cabelos cacheados, começaram a acompanhá-la.

— Eu? Você é muito engraçado, bonitão. — Ela deu uma piscadela para Diego Perfeito, como se estivesse reconhecendo sua perfeição. — Não sou a Guardiã, mas sei o que o Guardião quer. Sei o que é necessário. Neste momento, o Guardião precisa de Sterling. Os Seguidores precisam dele.

Sterling gemeu, seu grito quase perdido nos risos da multidão. Emma olhava em volta, medindo a distância até a entrada do Instituto; se conseguissem entrar, os Seguidores não poderiam segui-los. Mas aí ficariam presos e não poderiam chamar o Conclave para pedir ajuda.

Sterling fechou a mão no calcanhar de Diego Perfeito. Aparentemente ele tinha decidido que o garoto era a aposta mais segura para obter clemência nessas circunstâncias.

— Não deixe que me levem — implorou o homem. — Vão me matar. Eu fiz besteira. Vão me matar.

— Não podemos entregá-lo a vocês — disse Diego Perfeito. Emma tinha quase certeza de estar ouvindo arrependimento em sua voz. — Nosso dever é proteger mundanos a não ser que eles representem um perigo para nossas vidas.

— Não sei — disse Emma, pensando na menina de cabelo verde sangrando até a morte. — Esse aí me parece matável.

Belinda sorriu com seus lábios vermelhos.

— Ele não é um mundano. Nenhum de nós é.

— Nosso dever é proteger, mesmo assim — disse Diego Perfeito.

Emma trocou um olhar com Cristina, mas percebeu que ela concordava com Diego Perfeito. Clemência era uma característica que o Anjo esperava que os Caçadores de Sombras tivessem. Clemência é a Lei. Às vezes, Emma temia que sua capacidade de clemência tivesse sido destruída com a Guerra Maligna.

— Precisamos de informações dele — falou Cristina baixinho, mas Belinda ouviu, e seus lábios enrijeceram.

— Precisamos mais — retrucou ela. — Agora entregue-o e iremos embora. Há três de vocês e trezentos de nós. Pense bem.

Emma arremessou Cortana.

A espada voou de sua mão com tanta velocidade que Belinda não teve oportunidade de reagir, girando pelo círculo de Seguidores como uma agulha em uma bússola, brilhante e dourada. Ela ouviu berros, gritos, em parte de dor, em parte de espanto, e então Cortana voltou para sua mão, batendo sólida em sua palma.

Belinda olhou em volta com verdadeiro espanto. A ponta de Cortana tinha acabado de rasgar a frente das camisas do círculo de Seguidores; alguns

sangravam, outros só tinham rasgos nas roupas. Todos estavam se segurando, parecendo espantados e assustados.

Cristina parecia maravilhada; Diego parecia apenas contemplativo.

— Menor número não necessariamente significa inferior — disse Emma.

— Mate-a — ordenou Belinda, então ergueu a arma e puxou o gatilho.

Emma mal teve tempo de se preparar antes de uma coisa voar pelo seu campo de visão — algo brilhante e prateado — e ela ouvir um *crack* alto. Uma adaga caiu no chão na frente dos seus pés, com uma bala enterrada no cabo.

Diego Perfeito olhava para ela, a mão ainda aberta. Ele tinha lançado a adaga, desviado a bala. Talvez não tivesse salvado a sua vida — o uniforme repelia balas —, mas definitivamente evitou que ela fosse derrubada e, talvez, morta com um segundo tiro na cabeça.

Ela não teve tempo de agradecer. Os outros Seguidores vieram para cima dela, e, dessa vez, o frio da batalha pulsou por suas veias. O mundo desacelerou à sua volta. O menino parte fada, com cabelos cacheados, se lançou ao ar, vindo em direção a ela. Emma o atingiu antes que ele caísse no chão, sua lâmina cortando o peito. Sangue esguichou em volta dela ao puxar de volta a espada, uma chuva lenta e quente de pingos vermelhos.

O menino de cabelos cacheados caiu agachado no chão. Havia sangue na lâmina de Cortana quando Emma a empunhou novamente e outra vez, e a espada se tornou um borrão dourado ao seu redor. Ela ouviu gritos. Sterling estava encolhido acovardado no chão, com os braços na cabeça.

Ela cortou pernas e braços; cortou armas de várias mãos. Diego e Cristina fizeram a mesma coisa, fatiando com suas armas. Cristina arremessou seu canivete borboleta e ele se enterrou no ombro de Belinda, derrubando-a. Ela xingou e arrancou a faca, jogando-a de lado. Apesar de haver um buraco em seu casaco branco, não havia sangue.

Emma recuou até parar na frente de Sterling.

— Vá para o Instituto! — gritou para Cristina. — Chame os outros!

Cristina fez que sim com a cabeça e correu para a escada. Ela estava no meio do caminho quando um vampiro de pele cinza e olhos vermelhos pulou para cima dela, enterrando os dentes na perna já machucada.

Cristina gritou. Emma e Diego viraram para ela enquanto Cristina esfaqueava com uma adaga, e a criatura caía para trás, engasgando com sangue. Havia um rasgo na perna do uniforme de Cristina.

Diego cruzou a grama correndo até ela. O momento custou a concentração de Emma; ela viu um lampejo de movimento com o canto do olho e notou Belinda correndo para cima dela. A mão esquerda estava esticada e se fechou na garganta de Emma.

Ela engasgou, agarrando o outro braço de Belinda. Puxou forte, e, enquanto a outra cambaleava para longe da Nephilim, sua luva saiu.

O braço direito acabava em um cotoco. O rosto de Belinda se contorceu, e Emma ouviu Cristina exclamar. Ela estava com a adaga na mão, apesar da perna do uniforme estar ensopada de sangue. Diego estava ao seu lado, uma enorme sombra contra o Instituto.

— Você não tem a mão. — Emma engasgou, erguendo Cortana entre ela e Belinda. — Exatamente como Ava...

As portas do Instituto se abriram. Uma luz tão brilhante que quase cegava ardeu e Emma congelou, com a espada ensanguentada na mão. Ela olhou e viu Julian na entrada.

Ele empunhava uma lâmina serafim sobre a cabeça, e ela brilhava como uma estrela. Clareou o céu, a lua. Os Seguidores caíram para trás com ela, como se fosse a luz de um avião em queda.

Naquele momento suspenso, Emma olhou diretamente para Jules e o viu olhar de volta para ela. Um orgulho voraz inflou dentro dela. Aquele era o seu Julian. Um menino dócil de alma bondosa, mas toda alma tem seu próprio oposto, e o oposto dessa amabilidade era a crueldade — os belos destroços da misericórdia.

Ela podia ver no rosto dele. Para salvá-la, ele mataria todos ali. Não pensaria duas vezes até terminar, quando lavasse o sangue pelo ralo, como tinta vermelha. E não se arrependeria.

— Pare — disse Julian, e apesar de não ter gritado, não ter berrado, os Seguidores que continuavam se movendo congelaram onde estavam, como se conseguissem ler sua expressão, exatamente como Emma. Como se estivessem com medo.

Emma agarrou Sterling pelas costas da camisa, puxando-o para que se levantasse.

— Vamos — disse ela, e começou a atravessar a multidão, arrastando-o para o Instituto. Se conseguisse levá-lo para dentro...

Mas Belinda, de repente, estava avançando, empurrando os outros Seguidores para se aproximar da escada do Instituto. Ainda não havia sangue em torno do rasgo no casaco. A luva calçava novamente a mão. Os cabelos escuros se soltavam de seus elaborados cachos, e ela parecia furiosa.

Ela foi para a frente, se colocando entre Emma e a escada. Cristina e Diego estavam logo atrás delas; Cristina fazia uma careta, o rosto pálido.

— Julian Blackthorn! — berrou Belinda. — Exijo que nos deixe levar este homem... — Ela apontou para Sterling. — ... daqui! E que pare de interferir em nossos assuntos! Os Seguidores do Guardião não têm nada a ver com vocês ou

suas Leis!

Julian desceu um único degrau. O brilho da lâmina serafim acendeu seus olhos a um tom sombrio de verde-marinho.

— Como ousa vir aqui? — anunciou ele secamente. — Como ousa invadir o espaço dos Nephilim, como ousa fazer exigências? Seu culto idiota não era assunto nosso, não até começarem a assassinar. Agora é nossa missão fazê-los parar. E nós iremos.

Belinda soltou uma risada rouca.

— Somos trezentos, e vocês não têm quase ninguém, e são *crianças*...

— Nem todos somos crianças — disse outra voz, e Malcolm Fade apareceu na escada ao lado de Julian.

Os Seguidores ficaram boquiabertos. Claramente, a maioria deles não fazia ideia de quem ele era. Mas o fato de estar cercado por uma auréola de fogo violeta obviamente deixou muitos deles nervosos.

— Sou Malcolm Fade — se apresentou. — Alto Feiticeiro de Los Angeles. Você sabe o que são os feiticeiros, não?

Emma não conseguiu conter um risinho. Diego Perfeito estava encarando. Sterling parecia pálido de pavor.

— Um de nós — disse Malcolm — vale quinhentos de vocês. Posso incinerá-los em seis segundos e usar suas cinzas para encher um ursinho de pelúcia para a minha namorada. Não que eu tenha uma namorada no momento — acrescentou —, mas a esperança é a última que morre.

— Você é um feiticeiro e serve aos Nephilim? — perguntou Belinda. — Depois de tudo que eles fizeram com os seres do Submundo?

— Não tente usar seus conhecimentos pobres sobre milhares de anos de política comigo, criança. Não vai funcionar. — Malcolm olhou para o relógio. — Vou lhes dar um minuto — falou. — Quem continuar aqui depois de um minuto vai queimar.

Ninguém se moveu.

Com um suspiro, Malcolm apontou para um arbusto na base da escada. Pegou fogo. Um cheiro sufocante de fumaça emergiu. Chamas dançaram por seus dedos.

Os Seguidores se viraram e correram para a rua. Emma ficou parada enquanto passavam em volta dela, como se ela fosse uma planta no meio de uma avalanche. Em um instante todos se foram, menos Belinda.

Havia uma raiva terrível em seu rosto, e um desespero ainda maior. Um olhar que deixou todos congelados onde estavam.

Ela ergueu seus olhos escuros para Julian.

— Você — falou a mulher. — Pode pensar que nos derrotou agora, com seu

feiticeiro de estimação, mas as coisas que sabemos a seu respeito... ah, as coisas que podemos contar à Clave. A verdade sobre seu tio. A verdade sobre quem dirige o Instituto. A verdade...

Julian empalideceu, mas antes que pudesse falar ou se mexer, um grito de agonia rasgou o ar. Era Sterling. Ele agarrou o próprio peito e, quando todos eles, inclusive Belinda, se viraram para olhar, ele caiu na grama. Uma gota de sangue escorreu de sua boca, manchando o chão. Seus olhos se arregalaram de medo quando os joelhos cederam; ele agarrou o chão, seu anel rosa brilhando no dedo, e parou.

— Ele está morto — falou Cristina, incrédula. E se virou para Belinda: — O que você fez?

Por um instante Belinda pareceu confusa, como se estivesse tão chocada quanto todos os outros. Depois disse:

— Bem que você gostaria de saber.

Ela foi até o corpo. Abaixou como se quisesse examiná-lo.

Um instante mais tarde uma faca brilhou entre os dedos de sua mão esquerda. Ouviram dois ruídos grotescos cortantes, e as mãos de Sterling foram arrancadas dos pulsos. Belinda as pegou, rindo.

— Obrigada — disse ela. — O Guardião ficará feliz em saber que ele está morto.

Por um momento Emma se lembrou de Ava na piscina, a pele rasgada por causa da mão arrancada. O Guardião insistia nesse tipo específico de evidência de que aqueles a quem queria mortos assim estavam? Mas e quanto a Belinda? Ela continuava viva. Será que era para ser um tributo?

Belinda sorriu, interrompendo os pensamentos de Emma.

— Até mais tarde, pequenos Caçadores de Sombras — despediu-se ela. E foi em direção à rua, com os troféus sangrentos erguidos.

Emma deu um passo à frente, com a intenção de subir os degraus do Instituto, mas Malcolm estendeu a mão para contê-la.

— Emma, fique onde está — pediu. — Cristina, afaste-se do corpo.

Cristina fez o que o feiticeiro ordenou; a mão na garganta, tocando o medalhão. O corpo de Sterling estava encolhido aos pés dela, virado em si mesmo. Sangue não pulsava mais de seus pulsos cortados, mas o chão ao redor estava molhado.

Enquanto Cristina se afastava com rapidez, ela esbarrou em Diego Perfeito. Ele levantou as mãos como se fosse equilibrá-la e, para surpresa de Emma, ela permitiu. Ela franzia o rosto, claramente com dor. Havia sangue salpicado em

seu sapato.

Malcolm abaixou a mão, curvando os dedos. O corpo de Sterling pegou fogo. Fogo de mago, queimando de forma dura, rápida e limpa. O licantropo pareceu brilhar intensamente por um instante antes de se desfazer em cinzas. O fogo desapareceu e só o que restou foi um pedaço do chão queimado e sujo de sangue.

Emma percebeu que ainda segurava Cortana. Ela se ajoelhou, mecanicamente limpou a lâmina na grama seca e guardou a espada na bainha. Ao se levantar, o olhar procurou Julian. Ele estava apoiado em um dos pilares da porta da frente, a lâmina serafim, agora escura, pendurada em sua mão. Ele encontrou o olhar dela por apenas um instante; o dele parecia vazio.

E então desviou quando a porta do Instituto se abriu e Mark apareceu.

— Acabou? — perguntou Mark.

— Acabou — respondeu Julian, cansado. — Pelo menos, por enquanto.

O olhar de Mark passou pelos outros — Emma, depois Cristina — e se iluminou em Diego. Diego pareceu confuso com a intensidade do olhar.

— Quem é esse?

— Diego — respondeu Emma. — Diego Rocio Rosales.

— Diego Perfeito? — disse Mark, parecendo incrédulo.

Diego pareceu ainda mais confuso. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Cristina caiu no chão, segurando a perna.

— Eu preciso — afirmou ela, um pouco sem fôlego — de outro *iratze*.

Diego a levantou nos braços e correu pelas escadas, ignorando os protestos de Cristina, que dizia ser capaz de andar.

— Preciso levá-la para dentro — falou Diego, passando por Julian, e depois Mark. — Tem uma enfermaria?

— Tem, sim — afirmou Julian. — Segundo andar...

— Cristina! — gritou Emma, correndo pelas escadas atrás deles, mas já tinham desaparecido lá dentro.

— Ela vai ficar bem — assegurou Malcolm. — É melhor não correr atrás deles e assustar as crianças.

— Como estão as crianças? — perguntou Emma, ansiosa. — Ty, Dru...

— Estão todos bem — disse Mark. — Eu estava cuidando deles.

— E Arthur?

— Nem pareceu notar o que estava acontecendo — respondeu Mark com um olhar confuso. — Foi estranho...

Emma voltou-se para Julian.

— É estranho — concordou ela. — Julian, o que Belinda quis dizer? Quando falou que sabia quem realmente dirigia o Instituto?

Julian balançou a cabeça.

— Eu não sei.

Malcolm suspirou, exasperado.

— Jules — disse ele. — Conte a ela.

Julian parecia exausto — mais do que exausto. Emma tinha lido em algum lugar que pessoas se afogavam quando ficavam cansadas demais para se manter boiando. Elas desistiam e permitiam que o mar as levasse. Julian parecia nesse grau de exaustão.

— Malcolm, não — sussurrou ele.

— Você sequer consegue se lembrar de todas as mentiras que contou? — perguntou Malcolm, e não havia a preocupação habitual em seu olhar. Seus olhos estavam duros feito ametista. — Você não me contou sobre a volta do seu irmão...

— Ah... Mark! — exclamou Emma, de repente, percebendo que Malcolm evidentemente não sabia que ele estava no Instituto. Rapidamente, ela colocou a mão na boca. Mark ergueu uma sobrancelha para ela. Parecia notavelmente calmo.

— Você escondeu — prosseguiu Malcolm —, sabendo que eu perceberia que isso significaria envolvimento de fadas nos assassinatos e que eu saberia que estava violando a Paz Fria se o ajudasse.

— Não violaria se não soubesse — disse Julian. — Estava o protegendo também.

— Talvez — disse Malcolm. — Mas para mim basta. Conte a eles a verdade. Ou este será o fim da minha ajuda.

Julian fez que sim com a cabeça.

— Contarei a Emma e a Mark — decidiu ele. — Não seria justo com os outros.

— Seu tio provavelmente saberia dizer quem disse isso — falou Malcolm. — “Não faça nada em segredo; pois o Tempo vê e ouve todas as coisas, e revela tudo.”

— Eu posso dizer quem disse. — Os olhos de Julian ardiam com um fogo baixo. — Sófocles.

— Garoto esperto — elogiou Malcolm. Tinha afeto em sua voz, mas cansaço também.

Ele se virou e marchou pelos degraus. Parou quando chegou à base da escada, olhando além de Emma, com os olhos escuros demais para que ela pudesse interpretar. Ele parecia ver alguma coisa ao longe que ela não via, ou algo em um futuro muito distante para se imaginar, ou em um passado distante demais para lembrar.

— Vai continuar nos ajudando? — chamou Julian. — Malcolm, você não

vai... — Ele parou de falar; Malcolm já tinha desaparecido nas sombras da noite. — Nos abandonar? — disse, falando como se soubesse que ninguém estava ouvindo.

Julian ainda estava apoiado no pilar, como se fosse a única coisa que o sustentava, e Emma não conseguia evitar que a mente se lembrasse dos pilares no Salão dos Acordos, de Julian aos 12 anos, agachado contra um deles e chorando nas mãos.

Ele chorara desde então, mas não com frequência. Não havia muita coisa, ela supunha, que se comparasse a matar o próprio pai.

A lâmina serafim na mão dele tinha apagado. Ele a jogou de lado quando Emma se aproximou. Ela deslizou a mão para a mão dele, que agora estava vazia. Não havia paixão no gesto, nada que lembrasse a noite na praia. Apenas a solidez absoluta de uma amizade compartilhada por mais de uma década.

Ele então olhou para ela, e Emma viu gratidão em seus olhos. Por um instante não existia nada além dos dois no mundo, respirando, as pontas dos dedos dele dançando sobre seu pulso nu. *O-B-R-I-G-A-D-O*.

— Malcolm disse que tinha uma coisa que precisava nos contar — disse Mark. — Você pareceu concordar. O que é? Se mantivermos as crianças esperando por muito mais tempo, elas vão se rebelar.

Julian fez que sim com a cabeça, se esticando, afastando-se do pilar. Ele voltou a ser o calmo irmão mais velho outra vez, o bom soldado, o menino que tinha um plano.

— Eu vou falar para eles o que está acontecendo. Vocês dois, esperem por mim na sala de jantar — disse Julian. — Malcolm tem razão. Precisamos conversar.

Los Angeles, 2008

Julian sempre se lembraria do dia em que seu tio Arthur chegou ao Instituto de Los Angeles.

Era apenas a terceira vez que ele ia ali, apesar de seu irmão, Andrew, o pai de Julian, ter dirigido o maior Instituto da Costa Oeste por quase quinze anos. As relações eram tensas entre Andrew e o restante dos Blackthorn desde que uma fada chegou à sua porta carregando duas crianças pequenas e adormecidas, declarou que eram o filho e a filha de Andrew com Lady Nerissa da Corte Seelie, e as deixou lá para que ele cuidasse.

Nem o fato de que a mulher dele rapidamente adotou as crianças, as amava e as tratava exatamente como fazia com seus outros filhos com Andrew reparou completamente o problema. Julian sempre achou que a questão era mais profunda do que seu pai admitia. Arthur parecia achar o mesmo, mas nenhum dos dois falava do que sabia, e, agora que Andrew estava morto, Julian suspeitava que a história tivesse morrido também.

Julian estava no topo da escada do Instituto, vendo o tio saltar do carro no qual Diana o buscou do aeroporto. Arthur poderia ter vindo por Portal, mas optou por viajar como um mundano. Ele estava amarrotado e cansado da viagem ao subir os degraus, com Diana logo atrás. Julian viu que sua boca estava rija em uma linha, e ficou imaginando se Arthur teria feito alguma coisa para irritá-la. Torcia para que não; Diana só estava no Instituto de Los Angeles há um mês, e Julian já gostava enormemente dela. Seria melhor para todo mundo se ela e Arthur se dessem bem.

Arthur entrou na antessala do Instituto, piscando enquanto seus olhos atingidos pelo sol se ajustavam ao interior escuro. Os outros Blackthorn estavam lá, vestidos com suas melhores roupas — Dru, de veludo, e Tiberius, com uma gravata amarrada no pescoço. Livvy trazia Tavvy no colo, sorrindo esperançosa. Emma parecia cansada, no pé da escada, claramente ciente de seu status como parte da família, mas mesmo assim não sendo uma deles.

Usava as tranças presas, cachos de cabelos claros balançando como corda

enrolada em ambos os lados da cabeça. Julian ainda se lembrava disso.

Diana fez as apresentações. Julian apertou a mão do tio que, mesmo de perto, ainda não se parecia muito com o pai de Julian. Talvez isso fosse uma boa coisa. A última lembrança que tinha do pai não era agradável.

Julian ficou encarando o tio enquanto Arthur apertava sua mão com firmeza. Arthur tinha os cabelos castanhos dos Blackthorn, apesar de ser quase totalmente grisalho, e olhos azul-esverdeados por trás dos óculos. Suas feições eram largas e ásperas, e ele ainda mancava singelamente pelos machucados que sofrera durante a Guerra Maligna.

Arthur se virou para cumprimentar as outras crianças, e Julian sentiu alguma coisa pulsar por suas veias. Ele viu o rosto esperançoso de Dru se virar para cima, o olhar lateral tímido de Ty, e pensou: ame-os. Ame-os. Pelo Anjo, ame-os.

Não importava se alguém o amasse. Ele estava com 12 anos. Tinha idade o bastante. Tinha Marcas, era um Caçador de Sombras. Tinha Emma. Mas os outros ainda precisavam de alguém que desse beijos de boa-noite, os protegesse dos pesadelos, fizesse curativos em joelhos ralados e acalentasse sentimentos feridos. Alguém que os ensinasse a crescer.

Arthur foi até Drusilla e apertou sua mão, desconfortavelmente. O sorriso desbotou de seu rosto quando ele foi para Livvy em seguida, ignorando Tavvy, e depois se inclinou para Tiberius, com a mão esticada.

Ty não retribuiu.

— Olhe para mim, Tiberius — pediu Arthur, com a voz ligeiramente rouca. Ele limpou a garganta. — Tiberius! — Ele se ajeitou e virou para Julian. — Por que ele não olha para mim?

— Ele nem sempre gosta de fazer contato visual — explicou Julian.

— Por quê? — perguntou Arthur. — Qual é o problema dele?

Julian viu Livvy dar sua mão livre para Ty. Foi a única coisa que o impediu de empurrar o tio para chegar até o irmão mais novo.

— Nada. É o jeito dele.

— Estranho — disse Arthur, e deu as costas para Ty, descartando-o para sempre. Ele olhou para Diana. — Onde é meu escritório?

Os lábios de Diana afinaram ainda mais. Julian se sentiu como se estivesse engasgando.

— Diana não mora aqui, nem trabalha para nós — explicou Julian. — Ela é tutora; trabalha para a Clave. Posso ajudá-lo a achar seu escritório.

— Ótimo. — Tio Arthur pegou a mala. — Tenho muito trabalho a fazer.

Julian subiu as escadas, sentindo como se sua cabeça estivesse cheia de pequenas explosões, afogando o discurso do tio Arthur sobre a importante

monografia que ele estava fazendo sobre a *Ilíada*. Aparentemente a Guerra Maligna tinha interrompido seu trabalho, parte do qual foi destruído no ataque ao Instituto de Londres.

— Muito inconveniente, a guerra — disse Arthur, entrando no escritório que fora do pai de Julian. As paredes eram de madeira clara; dezenas de janelas se abriam para o mar e para o céu.

Particularmente para as pessoas que morreram nela, Julian pensou, mas seu tio estava balançando a cabeça, os nós dos dedos embranquecendo em torno do cabo da mala.

— Ah, não, não — disse Arthur. — Isso não vai funcionar de jeito nenhum. Quando deu as costas para as janelas, Julian viu que ele estava branco e suando. — Muito vidro — falou, com a voz diminuindo a um murmúrio. — A luz é muito clara. Demais. — Ele tossiu. — Tem algum sótão?

Julian não ia ao sótão do Instituto fazia anos, mas se lembrava de onde ficava, subindo por uma escada estreita a partir do quarto andar. Ele acompanhou o tio, tossindo por causa da poeira. O cômodo tinha piso de madeira escurecido por mofo, pilhas de velhos baús e uma enorme mesa, com uma perna quebrada, apoiada em um canto.

Tio Arthur pousou a mala.

— Perfeito — falou.

Julian não o viu novamente até a noite seguinte, quando a fome deve tê-lo feito descer. Arthur sentou em silêncio à mesa de jantar, comendo discretamente. Emma tentou conversar com ele naquela noite, e depois na seguinte. Eventualmente até ela desistiu.

— Não gosto dele — confessou Drusilla um dia, franzindo o rosto enquanto ele voltava pelo corredor. — A Clave não pode nos mandar outro tio?

Julian colocou os braços em volta dela.

— Temo que não. Ele é o que temos.

Arthur se tornou mais isolado. Às vezes, ele falava em fragmentos de poesia ou com algumas palavras em latim; uma vez ele pediu para Julian passar o sal em grego arcaico. Uma noite Diana ficou para jantar; depois que Arthur se recolheu, ela puxou Julian de lado.

— Talvez fosse melhor se ele não comesse com a família — falou ela, baixinho. — Você poderia levar uma bandeja para ele à noite.

Julian assentiu. A raiva e o medo que pareciam explosões disparando na cabeça dele se aquietaram, se tornando uma fraca pulsação de decepção. O tio não ia amar seus irmãos e irmãs. Não ia colocá-los para dormir, nem beijar seus joelhos ralados. Ele não ia ajudar em nada.

Julian determinou que os amaria duas vezes mais do que qualquer adulto

poderia. Faria tudo por eles, pensou, ao levar o jantar do tio Arthur — macarrão frio, torrada e chá — em uma bandeja, numa noite, quando o homem já morava no Instituto havia alguns meses. Ele se certificaria de que eles tivessem tudo que queriam. Se certificaria de que eles jamais sentissem falta do que não tinham; ele os amaria o suficiente para compensar tudo que perderam.

Ele abriu a porta do sótão com o ombro. Por um instante, piscando desorientado, achou que a sala estivesse vazia. Que seu tio tivesse saído, ou estivesse lá embaixo, dormindo, como às vezes fazia em horários estranhos.

— Andrew? — A voz veio do chão. Lá estava o tio Arthur, encolhido, com as costas apoiadas na enorme mesa. Parecia que estava sentado em uma piscina de escuridão. Julian levou um tempo para perceber que era sangue — preto, à pouca luz, poças grudentas por todos os lados, secando no chão, grudando folhas de papel umas nas outras. As mangas de Arthur estavam enroladas, a camisa, manchada de sangue. Ele segurava uma faca na mão direita. — Andrew — falou com a voz arrastada, virando a cabeça para Julian. — Perdão. Tive que fazer isso. Eu tinha... muitos pensamentos. Sonhos. As vozes deles vêm a mim pelo sangue, entende. Quando derramo o sangue, paro de escutá-los.

De algum jeito, Julian encontrou a voz.

— Vozes de quem?

— Dos anjos do Céu — disse Arthur. — E dos demônios sob o mar. — Ele pressionou o dedo na ponta da faca e viu o sangue brotar ali.

Mas Julian mal o ouviu. Ele continuava segurando a bandeja, olhando para o fardo dos anos por vir, e a Clave, e a Lei.

“Loucura” era como chamavam quando um Caçador de Sombras ouvia vozes que mais ninguém escutava, ou quando via coisas que mais ninguém podia ver. Havia outras palavras, mais feias, porém não havia compreensão, solidariedade, nem tolerância. Loucura era uma mancha e um sinal de que seu cérebro tinha rejeitado a perfeição do sangue do Anjo. Aqueles que eram considerados lunáticos ficavam trancados no Basílios e nunca mais tinham autorização para sair.

Certamente não tinham autorização para dirigir Institutos.

Parecia que a questão de não serem amados o suficiente não era a pior que as crianças Blackthorn poderiam ter que enfrentar, afinal.

20

Há Muito Tempo

A sala de jantar formal do Instituto raramente era usada — a família comia na cozinha, exceto pelas raras ocasiões em que o tio Arthur estava junto. A sala era cheia de pinturas emolduradas dos Blackthorn, trazidas da Inglaterra, os nomes escritos sob as imagens. *Rupert. John. Tristan. Adelaide. Jesse. Tatiana.* Eles olhavam de soslaio para uma longa mesa de carvalho rodeada por cadeiras de encostos altos.

Mark se ajeitou na mesa, fitando as paredes.

— Gosto deles — falou o garoto. — Dos retratos. Sempre gostei.

— Eles parecem amigáveis para você? — Emma se apoiava na entrada. A porta estava parcialmente aberta e através dela dava para ver a antessala e Julian falando com os irmãos.

Livvy agarra o sabre e parecia furiosa. Ty, ao lado dela, estava com o rosto vazio, mas as mãos se ocupavam, amarrando e desamarrando.

— Tavvy está acordado brincando lá em cima — dizia Drusilla. Ela estava de pijama, seus cabelos castanhos, penteados. — Com sorte, ele vai apagar. Normalmente ele dorme até durante a guerra. Quero dizer...

— Isso não era uma guerra — explicou Julian. — Apesar de termos tido alguns momentos difíceis antes de Malcolm aparecer.

— Julian chamou Malcolm, hum? — perguntou Emma, voltando-se novamente para a sala de jantar. — Apesar de você estar aqui, e Malcolm não saber?

— Ele teve que chamar — respondeu Mark, e Emma ficou impressionada por quão humano ele soou. E parecia humano também, de jeans e casaco, sentado casualmente à mesa. — Tinham trezentos Seguidores cercando o local, e não podíamos chamar o Conclave.

— Ele poderia ter pedido para você se esconder — disse Emma. Tinha sangue e sujeira no casaco dela. Ela o colocou no encosto de uma cadeira próxima.

— Ele pediu — falou Mark. — Eu recusei.

— Quê? Por que você fez isso?

Mark não disse nada, apenas olhou para ela.

— Sua mão — disse ele. — Está sangrando.

Emma olhou para baixo. Ele tinha razão, havia um corte nas juntas.

— Não é nada.

Ele pegou a mão dela, olhando criticamente para o sangue.

— Eu poderia desenhar um *iratze* — falou Mark. — Só porque não os quero na minha pele, não significa que não vou desenhá-los em mais ninguém.

Emma retraiu a mão.

— Não se preocupe com isso — minimizou ela, voltando o olhar para a entrada.

— E da próxima vez? — Ty estava perguntando. — Teremos que chamar o Conclave. Não podemos fazer isso sozinhos e esperar que Malcolm sempre esteja por perto.

— O Conclave não pode saber — disse Julian.

— Jules — interveio Livvy. — Então, todos nós sabemos, mas não tem um jeito... Quero dizer, o Conclave teria que entender que Mark... ele é nosso *irmão*...

— Eu cuido disso — avisou Julian.

— E se eles voltarem? — insistiu Dru em voz baixa.

— Você confia em mim? — perguntou Julian gentilmente. Ela fez que sim com a cabeça. — Então não se preocupe com isso. Eles não vão voltar.

Emma suspirou para si mesma quando Julian mandou os irmãos para cima. Ele ficou ali parado, vendo-os subir, e depois se voltou para a sala de jantar. Emma se afastou da porta e se sentou em uma das cadeiras de encosto alto quando Julian entrou.

O candelabro de luz enfeitada no alto brilhava para baixo: uma implacável interrogação branca e dura. Julian fechou a porta e se apoiou nela. Seus olhos azul-esverdeados brilhavam na face sem cor. Quando ele esticou a mão para tirar o cabelo da testa, Emma viu que seus dedos sangravam onde ele havia roído as unhas até o leito ungueal.

Leito ungueal. Ela aprendera o termo com Diana, vendo Julian roer as unhas sem parar enquanto Ty e Livvy usavam a sala de treinamento.

— Roer as unhas até o leito ungueal não vai ajudá-lo a aprender a segurar uma espada — dissera Diana, e Emma pesquisou o termo.

Leito ungueal: a carne macia abaixo da unha.

Ela não conseguia deixar de pensar nisso como uma metáfora para a vida, como se Julian estivesse tentando roer até a matéria sangrenta de sua vida, de algum jeito cauterizar toda a desordem. Ela sabia que ele fazia isso quando se sentia chateado e ansioso: quando Ty estava infeliz, quando o tio Arthur tinha uma reunião com a Clave, quando Helen ligava e ele dizia que estava tudo bem, e que ela e Aline não deveriam se preocupar, e sim, ele entendia por que elas não podiam voltar da Ilha Wrangel.

E ele estava fazendo isso agora.

— Julian — disse Emma. — Você não precisa fazer isso se não quiser. Não precisa nos contar nada...

— Preciso, na verdade — disse ele. — E preciso falar por um tempo sem ser interrompido. Depois disso, responderei qualquer pergunta que vocês tenham. Tudo bem?

Mark e Emma fizeram que sim com a cabeça.

— Depois da Guerra Maligna, só nos deixaram voltar para cá, para nossa casa, por causa do tio Arthur — começou Julian. — Só porque tínhamos um guardião pudemos ficar juntos. Um guardião que era nosso parente de sangue, nem tão jovem, nem tão velho, alguém que prometeu cuidar de seis crianças, se certificar de que fossem treinadas e educadas. Mais ninguém teria feito, exceto Helen, e ela havia sido exilada...

— E eu não estava mais aqui — disse Mark amargamente.

— Não foi culpa sua... — Julian parou, respirou fundo e balançou minimamente a cabeça. — Se vocês falarem — emendou —, se disserem qualquer coisa, não vou conseguir concluir.

Mark abaixou o queixo.

— Minhas desculpas.

— Mesmo que você não tivesse sido levado, Mark, você seria jovem demais. Só alguém com mais de 18 anos pode dirigir um Instituto e ser guardião de crianças. — Julian olhou para as próprias mãos, como se estivesse em uma batalha interna, e depois levantou novamente o olhar. — A Clave achou que o tio Arthur fosse ser esse guardião. Nós também. Pensei isso quando ele veio para cá, e mesmo semanas após sua chegada. Talvez meses. Não me lembro. Sei que ele nunca se esforçou de verdade para tentar nos conhecer, mas eu falei para mim mesmo que não tinha importância. Falei para mim mesmo que não precisávamos de um guardião que fosse nos amar. Só de alguém que nos mantivesse juntos.

Olhou nos olhos de Emma, e as próximas palavras pareceram diretamente para ela.

— Nós nos amávamos o suficiente, eu pensei, para que isso não tivesse importância. Ele podia não demonstrar afeto, mas poderia cuidar do Instituto. Então, quando ele passou a descer cada vez menos, e as cartas de outros Institutos e as ligações da Clave passaram a ficar sem resposta, comecei a perceber que havia alguma coisa terrivelmente errada. Foi logo depois da Paz Fria, e as disputas territoriais estavam dividindo a cidade: vampiros, lobisomens e feiticeiros indo atrás do que costumava pertencer às fadas. Ficamos cercados. Eram telefonemas e visitas pedindo que resolvêssemos os problemas. Eu subia para o sótão, levava a comida dele e implorava para que respondesse às cartas, aos telefonemas. Implorava para que ele fizesse o que tinha que fazer para impedir que a Clave se intrometesse. Porque eu sabia o que aconteceria nesse caso. Não teríamos mais um guardião, e aí não teríamos mais uma casa. E aí...

Ele respirou fundo.

— Eles teriam mandado Emma para a nova Academia em Idris. Era o que queriam fazer inicialmente. Teriam mandado o restante de nós para Londres, provavelmente. Tavvy era apenas um bebê. Ele teria sido colocado com outra família. Drusilla também. Quanto a Ty... Imagine o que teriam feito com Ty. Assim que ele comesse a agir de um jeito que achassem que não deveria, o teriam colocado no programa da “escória” da Academia. Ele teria sido separado de Livvy. Isso teria matado os dois.

Julian caminhou inquieto até o retrato de Jesse Blackthorn e olhou nos olhos verdes do ancestral.

— Então implorei que Arthur respondesse à Clave, fizesse qualquer coisa para demonstrar que era o diretor do Instituto. Cartas estavam se acumulando. Recados urgentes. Não tínhamos armas, e ele não as solicitava. Nossas lâminas serafim estavam se acabando. Subi as escadas uma noite para pedir a ele... — A voz falhou. — Para perguntar se ele podia assinar as cartas que eu tinha escrito, talvez isso ajudasse, e eu o encontrei no chão com uma faca. Ele estava cortando a própria pele, segundo ele, para o mal sair.

Julian ficou olhando firmemente para o retrato.

— Eu fiz um curativo. Mas depois que conversei com ele, percebi: a realidade do tio Arthur não é a nossa realidade. Ele vive em um mundo de sonhos onde às vezes eu sou Julian, e às vezes sou meu pai. Ele fala com pessoas que não estão presentes. Ah, tem vezes que ele sabe quem é e onde está. Mas esses momentos vêm e vão. E então há momentos de clareza em que se pode imaginar que ele está melhorando. Mas ele nunca vai ficar bom.

— Você está dizendo que ele é insano — disse Mark.

“Insanidade” era o termo das fadas; era um castigo das fadas, aliás, causar a insanidade, destruir a mente de alguém. “Loucura” é como os Caçadores de

Sombras chamavam. Emma tinha a impressão de que havia termos diferentes entre os mundanos; tinha uma singela sensação de ter ouvido coisas em filmes, ou as lido em livros. Que havia uma forma menos cruel e absoluta de pensar naqueles cujas mentes funcionavam de um jeito diferente da maioria, cujos pensamentos causavam dor e medo. Mas a Clave era cruel e absoluta. Era evidente nas palavras que descreviam o código pelo qual viviam. *A Lei é Dura, mas é a Lei.*

— Lunático, acho que a Clave diria — disse Julian com uma curva amarga na boca. — É incrível que você continue sendo um Caçador de Sombras se tem uma doença física, mas aparentemente não o pode ser se tiver uma doença mental. Eu sabia, mesmo aos 12 anos, que se a Clave descobrisse em que tipo de estado Arthur realmente se encontrava, eles tomariam o Instituto. Acabariam com nossa família e seríamos separados. E eu *não ia permitir que isso acontecesse.*

Ele olhou de Mark para Emma com os olhos em chamas.

— Já tivera gente o suficiente da minha família tirada de mim durante a guerra — continuou. — Todos nós tivemos. Já tínhamos perdido muito. Mamãe, papai, Helen, Mark. Eles teriam nos separado até virarmos adultos, e até lá não seríamos mais uma família. Eles eram *minhas* crianças. Livvy. Ty. Dru. Tavvy. *Eu* os criei. Eu me tornei o tio Arthur. Pegava a correspondência, respondia. Pagava as contas. Fazia os pedidos. Montava as agendas de patrulha. Nunca deixei que soubessem sobre a doença de Arthur. Eu dizia que ele era excêntrico, um gênio, que estava trabalhando no sótão. A verdade era... — Ele desviou o olhar. — Quando eu era mais novo, eu o odiava. Jamais queria que ele saísse do sótão, mas, às vezes, ele precisava. Havia reuniões presenciais que não podiam ser evitadas, e ninguém discutiria seus assuntos importantes com um menino de 12 anos. Então procurei Malcolm. Ele conseguiu criar um remédio que eu podia dar para o tio Arthur. Forçava períodos de clareza. Só duravam algumas horas, e, depois que o efeito passava, Arthur tinha dores de cabeça.

Emma pensou no jeito como Arthur segurou a cabeça depois do encontro com os representantes das fadas no Santuário. A lembrança da agonia no rosto dele — ela não conseguia esquecer, apesar de querer.

— Às vezes, eu o tentava manter fora do caminho com outros métodos — disse Julian, com a voz cheia de autodesprezo. — Como hoje, por exemplo, Malcolm deu um remédio para ele dormir. Sei que é errado. Acreditem em mim, tive a sensação de que iria para o Inferno por isso. Se existir um Inferno. Eu sabia que não devia fazer o que estava fazendo. Malcolm ficou quieto, jamais contou a ninguém, mas dava para perceber que ele não aprovava. Ele queria que eu contasse a verdade. Mas isso teria destruído nossa família.

Mark se inclinou para a frente. Sua expressão era indecifrável.

— E Diana?

— Eu nunca contei para ela, exatamente — respondeu Julian. — Mas acho que ela concluiu pelo menos algumas coisas.

— Por que ela não pediu para dirigir o Instituto? Em vez de deixá-lo nas mãos de um menino de 12 anos?

— Eu pedi para ela. Ela disse não. Falou que era impossível. Lamentou verdadeiramente e disse que ajudaria como pudesse. Diana tem... os próprios segredos. — Ele deu as costas para o retrato de Jesse. — Uma última coisa. Eu disse que odiava Arthur. Mas isso foi há muito tempo. Não o odeio agora. Odeio a Clave pelo que fariam com ele, e conosco, se soubessem.

Ele abaixou a cabeça. A luz enfeitiçada extremamente brilhante deixava as bordas de seus cabelos douradas, e as cicatrizes em sua pele, prateadas.

— Então agora vocês sabem — concluiu Julian. Apertou o encosto da cadeira com as mãos. — Se me odiarem, entendo. Não consigo pensar em mais nada que eu pudesse ter feito. Mas entenderia.

Emma se levantou da cadeira.

— Acho que sabíamos — falou ela. — Não sabíamos... mas sabíamos. — Ela olhou para Julian. — Sabíamos, não sabíamos? Sabíamos que alguém estava cuidando de tudo, mas essa pessoa não era Arthur. Se nos permitimos crer que ele estava dirigindo o Instituto, é porque assim era mais fácil. Era o que queríamos que fosse verdade.

Julian fechou os olhos. Quando abriu novamente, estavam fixos no irmão.

— Mark? — chamou, e a pergunta estava implícita em uma única palavra: *Mark, você me odeia?*

Mark saiu da mesa. A luz enfeitiçada transformou em branco o cabelo claro.

— Não tenho direito de julgá-lo, irmão. Um dia fui o mais velho, mas você agora é mais velho do que eu. Quando eu estava no Reino das Fadas, toda noite pensava em cada um de vocês; você, Helen, Livvy, Ty, Dru e Tavvy. Eu dava os seus nomes às estrelas, de modo que, quando as via piscar para iluminar o céu, eu sentia como se estivessem comigo. Era tudo que eu podia fazer para acalantar o medo de que vocês estivessem feridos, ou morrendo, e que eu jamais saberia. Mas voltei para uma família que não só está viva e saudável, como também firme nos laços que não foram rompidos. Existe amor aqui, entre vocês. Tanto amor que fico até sem ar. Há até amor sobrando para mim.

Julian encarava Mark com um espanto hesitante. Emma sentiu lágrimas no fundo da garganta. Ela queria ir até Julian e abraçá-lo, mas mil coisas a contiveram.

— Se vocês quiserem que eu conte para os outros agora — disse Julian rouco

—, contarei.

— Agora é a hora de decidir — disse Mark, e com essa única frase, e do jeito que ele estava olhando para Julian agora, pela primeira vez desde a sua volta, Emma conseguiu enxergar um mundo no qual Julian e Mark estavam juntos, criaram os irmãos juntos e tomaram decisões sobre o que fazer juntos. Pela primeira vez, via a harmonia que tinham perdido. — Não quando houver inimigos nos cercando ou cercando o Instituto, não quando nossas vidas e nosso sangue estão em risco.

— É um fardo pesado a se carregar, esse segredo — retrucou Julian, e havia um tom de alerta em sua voz, mas havia esperança também. O coração de Emma doía pela situação: pelas escolhas dolorosas e desesperadas que tiveram que ser feitas por um menino de 12 anos para manter sua família unida. Pela escuridão que cercava Arthur Blackthorn, e que não era culpa dele, mas que, se fosse revelada, o faria ser punido por seu próprio governo. Pelo peso de mil mentiras, contadas pelo bem, pois mentiras contadas pelo bem eram mentiras ainda assim. — E se os Seguidores cumprirem com sua ameaça...?

— Mas como eles sabem? — perguntou Emma. — Como sabem sobre Arthur?

Julian balançou a cabeça.

— Não sei — retrucou. — Mas acho que teremos que descobrir.

Cristina observou enquanto Diego, após tê-la colocado em uma das camas da enfermaria, percebia que não podia sentar ao lado dela com uma espada e uma besta presas ao corpo, e começou a retirá-las sem jeito.

Diego raramente ficava sem jeito. Em sua lembrança ele era gracioso, o mais gracioso dos irmãos Rocio Rosales, apesar de Jaime ser mais guerreiro e feroz. Ele pendurou a besta e a espada, depois abriu o zíper do casaco escuro e o pendurou em um dos cabides perto da porta.

Ele não estava olhando para ela; através da camiseta branca, ela pôde ver que ele tinha uma dúzia de novas cicatrizes, e ainda mais Marcas, algumas permanentes. Tinha um grande símbolo preto de Coragem na Batalha espalhada pela omoplata direita, uma linha subindo acima do colarinho. Ele parecia ter ficado mais largo, a cintura, os ombros e as costas duras com uma nova camada de músculos. O cabelo tinha crescido, o suficiente para tocar o colarinho. Resvalou nas bochechas quando ele se virou para encará-la.

Ela conseguira combater o choque de ver Diego no turbilhão de eventos que transcorreram desde que o viu no beco. Mas agora eram só os dois, sozinhos na enfermaria, e ela estava olhando para ele e enxergando o passado. O passado do

qual tinha fugido e do qual tinha tentado se esquecer. Estava presente na forma como ele puxava a cadeira para se sentar ao lado dela e se inclinava para desamarrar-lhe cuidadosamente as botas, retirá-las, e enrolar a perna esquerda da calça. Estava presente na forma como seus cílios tocavam as bochechas quando ele se concentrava, passando a ponta da estela sobre sua perna ao lado do machucado, envolvendo-a em símbolos de cura. Estava presente na sarda que ele tinha no canto da boca e na maneira como ele franzia o rosto ao reclinar e examinar minuciosamente o seu trabalho.

— Cristina — chamou Diego. — Está melhor?

A dor tinha melhorado. Ela fez que sim com a cabeça, e ele relaxou com a estela na mão. Ele segurava o instrumento com força suficiente para que a velha cicatriz nas costas da mão se destacasse, muito branca, e ela se lembrou da mesma cicatriz e dos dedos desabotoando a camisa no quarto dela em San Miguel de Allende enquanto os sinos da *parroquia* soavam pelas janelas.

— Está melhor — disse ela.

— Ótimo. — Ele guardou a estela. — *Tenemos que hablar*.

— Em inglês, por favor — retrucou ela. — Estou tentando praticar.

Um olhar irritado tomou o rosto dele.

— Não precisa praticar. Seu inglês é perfeito, assim como o meu.

— Modesto, como sempre.

O sorriso dele brilhou.

— Senti falta de você me repreendendo.

— Diego... — Ela balançou a cabeça. — Você não deveria estar aqui. E não deveria falar que sente a minha falta.

O rosto dele era todo formado por linhas agudas: maçãs do rosto pronunciadas, além da mandíbula e das têmporas. Só a boca era suave, os cantos agora curvados para baixo com infelicidade. Ela se lembrou da primeira vez em que o beijou, no jardim do Instituto, e então afastou a lembrança vigorosamente.

— Mas é a verdade — disse ele. — Cristina, por que você fugiu daquele jeito? Por que não respondeu nenhuma das minhas mensagens nem as ligações?

Ela levantou a mão.

— Primeiro você — disse ela. — O que está fazendo em Los Angeles?

Ele apoiou o queixo nos braços cruzados.

— Depois que você partiu, eu não consegui ficar. Tudo me lembrava de você. Eu estava de licença da Scholomance. Íamos passar o verão juntos. E aí você se foi. Em um momento, estava na minha vida, e, em seguida, foi arrancada de mim. Eu estava perdido. Voltei a estudar, mas só pensava em você.

— Você tinha Jaime — disse ela com a voz dura.

— Ninguém *tem* Jaime. Acha que ele não entrou em pânico quando você foi

embora? Vocês dois iam ser *parabatai*.

— Acho que ele vai sobreviver. — Cristina ouviu a própria voz, fria e baixa; parecia ter congelado e se tornado um pedacinho de gelo.

Ele ficou em silêncio por um instante.

— Relatórios chegavam de Los Angeles a Scholomance — emendou ele. — Incidências de magia necromante. Os esforços de sua amiga Emma em investigar a morte dos pais. A Clave acreditava que ela estava fazendo muito barulho por nada, que não havia dúvidas de que Sebastian tinha matado seus pais, mas ela não aceitava. Achei que ela pudesse estar certa, no entanto. Vim até aqui investigar, e, no meu primeiro dia, fui ao Mercado das Sombras. Ouça, é uma longa história... descobri onde era a casa de Wells...

— Onde você achou que seria uma boa ideia atirar com uma besta em um colega Caçador de Sombras?

— Eu não sabia que eles eram Caçadores de Sombras! Pensei que fossem assassinos... Eu não atirei para matar...

— *No manches* — disse Cristina secamente. — Você deveria ter ficado e dito a eles que era Nephilim. Aquelas flechas estavam envenenadas. Julian quase morreu.

— Eu imaginei. — Diego pareceu pesaroso. — As flechas não foram envenenadas por mim. Se eu soubesse, teria ficado. As armas que comprei no Mercado das Sombras deviam ter sido alteradas sem meu conhecimento.

— Bem, por que estava comprando armas lá, aliás? Por que não veio até o Instituto? — Cristina quis saber.

— Eu vim — falou Diego, para surpresa de Cristina. — Vim atrás de Arthur Blackthorn. E o encontrei no Santuário. Tentei dizer a ele quem eu era. Ele me disse que a danação dos Blackthorn era um assunto privado, que não queriam interferência, e que, se eu soubesse o que era melhor para mim, sairia da cidade antes que tudo ruísse.

— Ele disse isso? — Cristina se sentou, atônita.

— Percebi que não era bem-vindo aqui. Pensei até que os Blackthorn poderiam estar envolvidos na necromancia, de algum jeito.

— Eles nunca...!

— Bem, você pode dizer isso. Você os conhece. Eu não conhecia. Tudo que sabia era que o diretor do Instituto me mandou embora, mas eu não consegui porque *você* estava aqui. Talvez em perigo, talvez até ameaçada pelos Blackthorn. Tive que comprar armas no Mercado porque temi que, se fosse a algum dos tradicionais esconderijos de armas, descobririam que eu ainda estava aqui. Sabe, Cristina, não sou mentiroso...

— Você não *mente*? — repetiu ela. — Quer saber por que saí de casa, Diego?

Em maio estávamos em San Miguel de Allende. Eu fui até a praça e, quando voltei, você e Jaime conversavam no terraço. Ao atravessar o jardim, eu ouvi as vozes dos dois com clareza. Vocês não sabiam que eu estava ali...

Diego pareceu confuso.

— Eu não...

— Ouvi Jaime falando sobre como os Rosales errados estavam no poder. Deveriam ser vocês. Ele falava do plano que tinha. Certamente você se lembra. O plano em que você se casaria comigo, e ele se tornaria meu *parabatai*, e juntos usariam a influência que tinham sobre mim e minha mãe para destituí-la da posição de diretora do Instituto da Cidade do México, e aí vocês assumiriam. Disse que a sua missão era fácil, se casar comigo, porque um dia poderia me deixar. Ser *parabatai* significaria estar comigo para sempre. Eu me lembro de Jaime falando isso.

— Cristina... — Diego estava pálido. — Por isso foi embora naquela noite. Não foi porque sua mãe estava doente e precisava de você no Instituto na cidade.

— Eu é que estava doente — disparou Cristina. — Você partiu meu coração, Diego, e seu irmão também. Não sei o que é pior, perder o seu melhor amigo, ou o menino por quem está apaixonada, mas posso dizer que foi como se os dois tivessem morrido para mim naquele dia. Por isso não atendo seus telefonemas nem respondo seus recados. Não se atende ligações de um morto.

— E quanto a Jaime? — Alguma coisa brilhou nos olhos dele. — E as ligações dele?

— Ele nunca ligou — disse Cristina, e quase sentiu prazer ao ver o choque no rosto dele. — Talvez ele seja mais sensato.

— Jaime? *Jaime*? — Diego estava de pé agora. Uma veia em sua têmpora pulsava. — Eu me lembro desse dia, Cristina. Jaime estava bêbado e tagarelando. Você me ouviu falar alguma coisa ou só escutou o lado dele?

Cristina se forçou a pensar naquele dia. Na lembrança parecia uma cacofonia de vozes. Mas...

— Só ouvi Jaime — confessou. — Não ouvi você dizer uma única palavra. Nem para me defender. Nem para nada.

— Não havia razão para falar com Jaime quando ele estava daquele jeito — emendou Diego amargamente. — Deixei que ele falasse. Não devia ter feito isso. Eu não tinha o menor interesse no plano dele. Eu te amava. Queria partir com você. Ele é meu irmão, mas ele... ele nasceu com alguma coisa faltando, eu acho, algum pedaço do coração onde vive a compaixão.

— Ele ia ser meu *parabatai* — disse Cristina. — Eu ia me ligar a ele para sempre. E você não ia me falar nada? Não ia fazer nada para impedir?

— Ia — protestou Diego. — Jaime tinha planejado uma viagem a Idris. Eu

estava esperando até que ele fosse embora. Precisava falar com você quando ele não estivesse presente.

Ela balançou a cabeça.

— Você não devia ter esperado.

— Cristina. — Ele veio em direção a ela, com as mãos estendidas. — Por favor, se não acredita em mais nada, acredite quando digo que sempre te amei. Realmente acha que menti desde a infância? Desde a primeira vez em que a beijei e você saiu correndo, rindo? Eu tinha 10 anos... Realmente acha que aquilo foi algum tipo de plano?

Ela não pegou as mãos dele.

— Mas Jaime — retrucou ela. — Eu o conheço há muito tempo também. Ele sempre foi meu amigo. Mas não era, era? Ele disse coisas que nenhum amigo diria, e você sabia que ele estava me usando, e não falou nada.

— Eu ia contar...

— Intenções não significam nada — argumentou Cristina. Ela achou que fosse sentir algum alívio ao contar para Diego por que o odiava, finalmente descarregando o fato de que sabia o que tinha sido dito. Finalmente desfazendo o laço. Mas não parecia desfeito. Ela sentia o laço que os ligava como sentiu quando desfaleceu na batida de carro na frente do Instituto e acordou com Diego segurando-a. Ele estava sussurrando ao seu ouvido que ela ficaria bem, que ela era a sua Cristina, era forte. E por um instante pareceu que os últimos meses tinham sido um sonho, e que ela estava em casa.

— Preciso ficar aqui — disse Diego. — Essas mortes, os Seguidores, eles são importantes demais. Sou um Centurião; não posso abandonar uma missão. Mas não preciso ficar no Instituto. Se quiser que eu vá embora, vou.

Cristina abriu a boca. Mas, antes que pudesse falar, seu telefone vibrou. Era uma mensagem de Emma. PARE DE SE AGARRAR COM DIEGO PERFEITO E VENHA PARA A SALA DO COMPUTADOR, PRECISAMOS DE VOCÊ.

Cristina revirou os olhos, e guardou o telefone de volta no bolso.

— Temos que ir.

21

Um Vento Soprou

O céu do lado de fora do Instituto estava da cor que indicava ser muito tarde da noite, ou muito cedo na manhã, dependendo do ponto de vista. Sempre fazia Julian se lembrar de celofane azul ou aquarela: o azul intenso da noite se tornando translúcido pela iminente chegada do sol.

Os moradores do Instituto — todos exceto Arthur, que dormia a sono solto no sótão — estavam reunidos na sala do computador. Ty havia levado papéis e livros da biblioteca, e os outros analisavam o material. Tavvy estava encolhido, dormindo no canto. Havia caixas vazias de pizza do Nightshade empilhadas sobre a mesa. Emma sequer se lembrava de terem sido entregues, mas a maior parte tinha sido consumida. Mark estava ocupado observando Cristina e Diego, apesar de Diego não parecer notar. Também não pareceu notar Drusilla olhando para ele com olhos arregalados. Ele não era muito esperto, Julian pensou maldosamente. Talvez ser ridiculamente bonito consumisse mais tempo do que parecia.

Emma tinha acabado de contar a história de como ela e Cristina tinham seguido Sterling e as coisas que ele revelou no caminho para casa. Ty estava fazendo anotações com um lápis, e mantinha um segundo atrás da orelha. Seus cabelos pretos estavam bagunçados como pelo de gato. Julian se lembrou de quando Ty era pequeno o suficiente para que ele conseguisse esticar o braço e ajeitar o cabelo do irmão quando parecia muito bagunçado. Alguma coisa nele doeu com a lembrança.

— Então — disse Ty, virando-se para Diego e Cristina, sentados lado a lado. Ela estava descalça, com uma das pernas da calça dobrada e a panturrilha cheia de curativos. De vez em quando ela olhava para Diego de esguelha, de um jeito que parecia parte desconfiança, parte alívio... por ele tê-la ajudado? Por ele estar

lá? Julian não sabia ao certo. — Você é um Centurião?

— Estudei na Scholomance — disse Diego. — Fui o mais jovem aspirante a me tornar Centurião.

Todos pareceram impressionados, exceto Mark. Até Ty.

— É como ser um detetive, não é? — perguntou ele. — Você investiga para a Clave?

— Essa é uma das nossas funções — respondeu Diego. — Ficamos de fora da Lei que proíbe Caçadores de Sombras de se envolverem com assuntos relativos a fadas.

— A Clave pode abrir essa exceção para qualquer Caçador de Sombras, no entanto, em casos extremos — disse Julian. — Por que disseram a Diana que não podíamos investigar? Por que o enviaram?

— Julgaram que sua família, pela ligação com o Povo das Fadas, não conseguiria investigar com objetividade uma série de assassinatos envolvendo fadas como vítimas.

— Isso não é nada razoável — falou Mark, com os olhos brilhando.

— Não? — Diego olhou em volta. — Por tudo que ouvi e vi, vocês parecem ter montado uma investigação secreta sobre o assunto, e não contaram para a Clave. Vocês reuniram evidências que não compartilharam. Descobriram um culto assassino operando em segredo...

— Você faz parecer tão escuso — falou Emma. — Mas até agora tudo que você fez foi aparecer em Los Angeles e atirar em um Caçador de Sombras.

Diego olhou para Julian.

— Está praticamente curado — retrucou Julian. — Praticamente.

— Aposto que não relatou isso para a Scholomance — falou Emma. — Relatou, Diego Perfeito?

— Não relatei nada à Scholomance — respondeu Diego. — Não desde que descobri que Cristina também estava envolvida. Eu jamais faria algo para machucá-la.

Cristina enrubescou notavelmente.

— Você é um Centurião — disse Ty. — Fez votos...

— Votos de amizade e amor são mais fortes — argumentou Diego.

Drusilla olhou para ele com corações de desenho animado nos olhos.

— Que lindo.

Mark revirou os olhos. Ele claramente não era integrante da Sociedade Admiradora do Diego Perfeito.

— Isso é muito tocante — cortou Emma. — Agora fale. O que você sabe?

Julian olhou para ela. Ela parecia Emma, a Emma comum, forte, encorajadora, valente e normal. Ela até sorriu rapidamente para ele antes de

voltar a atenção para Diego. Julian ouviu, metade do seu cérebro registrando a história de Diego. A outra metade estava em caos.

Pelos últimos cinco anos, ele andava em uma ponte de pedra acima do oceano e, se caísse para qualquer um dos lados, cairia em um caldeirão fervilhante. Mantinha o equilíbrio através da manutenção de segredos.

Mark o perdoou. Mas não foi só para Mark que mentiu. Mentir para sua *parabatai*... Não era proibido, mas a maioria dos *parabatai* não fazia isso. Não precisavam e não queriam esconder coisas. O fato de que ele escondeu tanto de Emma provavelmente a chocou. Ele ficou olhando disfarçadamente para ela, tentando encontrar sinais de abalo ou raiva. Mas não conseguia descobrir nada; o rosto dela ficou completamente ilegível enquanto Diego contava a sua história.

Quando Diego explicou que veio até o Instituto ao chegar em Los Angeles, e que o tio Arthur o expulsou, alegando que não queria estranhos à família Blackthorn interferindo com questões Blackthorn, Livvy levantou a mão para fazer uma pergunta.

— Por que ele faria isso? — perguntou. — O tio Arthur não gosta de estranhos, mas ele não é mentiroso.

Emma desviou o olhar dela. Julian sentiu o estômago apertar. Seus segredos continuavam sendo um fardo.

— Muitos Caçadores de Sombras da velha geração não confiam em Centuriões — explicou ele. — A Scholomance fechou em 1872, e Centuriões deixaram de treinar. Sabe como são os adultos em relação a coisas que não existiam quando eles eram jovens.

Livvy deu de ombros, parecendo levemente mais calma. Ty estava anotando no caderno.

— Para onde você foi depois disso, Diego?

— Ele encontrou Johnny Rook — respondeu Cristina. — E Rook deu a dica do Sepulcro, assim como fez com Emma.

— Fui até lá imediatamente — falou Diego. — Passei dias esperando nos becos atrás do bar. — Seus olhos desviaram para Cristina. Julian ficou imaginando, com uma espécie de cinismo distante, se era tão óbvio para todo mundo quanto para ele que Diego tinha feito todas essas coisas por Cristina, que se ele não estivesse morrendo de preocupação com ela, ele provavelmente não teria corrido para o Sepulcro e passado dias vigiando o local para ver o que ia acontecer. — Então ouvi uma garota gritando.

Emma se sentou.

— Isso nós não escutamos.

— Acho que foi antes de vocês chegarem — disse Diego. — Segui o som e vi um grupo de Seguidores, inclusive Belinda, apesar de eu não saber quem eram

naquele momento, atacando uma menina. Estapeando, cuspidando nela. Havia círculos protetores desenhados com giz no chão. Eu vi aquele símbolo, as linhas de água sob o sinal de fogo. Tinha visto no Mercado. Um sinal velho, muito velho de ressurgimento.

— Ressurgimento — ecoou Ty. — Necromancia?

Diego fez que sim com a cabeça.

— Lutei contra os Seguidores, mas a menina escapou. Correu para o carro.

— Ava? — Emma supôs.

— Sim. Ela me viu e correu. Eu a segui até sua casa, consegui convencê-la a me contar tudo que sabia sobre o Teatro da Meia-Noite, os Seguidores, a Loteria. Não foi muita coisa, mas soube que ela havia sido sorteada. Que foi ela quem matou Stanley Wells, sabendo que, se não o fizesse, ela mesma seria torturada e morta.

— Ela contou tudo? — perguntou Livvy, impressionada. — Mas eles juram segredo.

Ele deu de ombros.

— Não sei por que confiou em mim...

— Sério, cara? — disse Emma. — Você não tem espelho em casa?

— Emma! — Cristina sibilou.

— Ela o tinha matado alguns dias antes. Já estava dilacerada de culpa. Tinha aparecido no beco porque queria ver o corpo dele. Falou alguma coisa estranha sobre os círculos de giz, que eram inúteis, feitos para despistar. — Ele franziu o rosto. — Falei que a protegeria. Dormi na varanda da casa dela. No dia seguinte, ela exigiu que eu fosse embora. Disse que queria estar com o Guardião e os outros Seguidores. Que o lugar dela era com eles. Ava insistiu para que eu saísse, então eu saí. Voltei ao Mercado e comprei armas de Johnny Rook. Quando retornei naquela noite, ela estava morta. Tinha engasgado e se afogado na piscina, e haviam cortado sua mão.

— Não entendo o que está rolando com as mãos — comentou Emma. — Ava estava sem uma das mãos e estava morta; Belinda estava sem uma das mãos, mas a deixaram viva, e ela cortou as mãos de Sterling depois que ele morreu.

— Talvez sejam provas para o Guardião, de que a pessoa morreu — ponderou Livvy. — Como o caçador levando o coração da Branca de Neve em uma caixa.

— Ou talvez seja parte do feitiço — disse Diego, com o cenho franzido. — Ava e Belinda sem suas mãos dominantes; talvez Belinda não soubesse qual era a de Sterling, então cortou as duas.

— Um pedaço do assassino para ser entregue com o sacrifício? — perguntou Julian. — Vamos ter que pesquisar um pouco mais profundamente a seção de

necromancia da biblioteca.

— Sim — disse Diego. — Queria ter tido acesso à biblioteca depois que encontrei Ava Leigh morta. Fracassei na minha missão de proteger uma mundana que precisava da minha ajuda. Jurei que descobriria quem tinha sido o responsável. Esperei no telhado dela...

— É, nós sabemos o que aconteceu — disse Julian. — Lembrarei toda vez que sentir uma pontada na lateral quando o tempo virar.

Diego inclinou a cabeça.

— Sinto muito por isso.

— Quero saber o que aconteceu depois — pediu Ty, ainda anotando com sua letra elegante e ilegível. Julian sempre achou parecida com pegadas de gato dançando sobre uma página. Seus dedos longos e esguios já estavam sujos de grafite. — Você descobriu que Sterling foi o escolhido da vez e o seguiu?

— Isso — respondeu Diego. — E vi que vocês estavam tentando protegê-lo. Não entendi por quê. Sinto muito, mas depois do que Arthur me disse, eu desconfiei de todos vocês. Eu sabia que deveria entregá-los à Clave, mas não consegui. — Ele olhou para Cristina e então desviou o olhar. — Eu estava do lado de fora do bar, na esperança de conter Sterling, mas admito que também queria ouvir o seu lado da história. Agora já sei. Fico feliz que tenha me enganado em relação ao seu envolvimento.

— Deve ficar mesmo — murmurou Mark.

Diego se recostou.

— Então talvez agora possam me contar o que sabem. Seria o mais justo.

Julian ficou aliviado quando Mark fez o resumo. Ele foi cuidadoso em relação aos detalhes, até mesmo a barganha com as fadas quanto ao seu próprio destino, e o resultado da sua presença no Instituto.

— Sangue Blackthorn — repetiu Diego pensativamente quando Mark concluiu. — Isso é interessante. Eu imaginaria que os Carstairs tinham mais relevância nesses feitiços, considerando as mortes de cinco anos atrás.

— Os pais de Emma, você quer dizer — disse Julian. Lembrou-se deles, os olhos risonhos e o amor por Emma. Jamais seriam “as mortes” para ele.

Com o canto dos olhos, ele viu Tavvy sair da poltrona onde estava encolhido. Em silêncio, ele foi até a porta e saiu. Devia estar exausto; provavelmente estava esperando Julian colocá-lo na cama. Julian sentiu uma pontada de dor por seu irmão mais novo, frequentemente preso em salas com pessoas mais velhas conversando sobre sangue e morte.

— Sim — concordou Diego. — Uma das minhas dúvidas se refere ao fato de que eles foram mortos há cinco anos, e depois não aconteceram mais mortes até este último ano. Por que um intervalo tão grande?

— Achemos que talvez o feitiço exigisse isso — falou Livvy e bocejou. Ela parecia exausta, com sombras escuras sob os olhos. Todos estavam.

— Esse é outro ponto: no carro, Sterling disse que não importava que tipo de criatura matassem, humanos ou fadas, até mesmo Nephilim se contarmos os assassinatos dos Carstairs.

Cristina falou:

— Ele mencionou que não podiam matar licantropes ou feiticeiros...

— Suponho que estejam se mantendo longe das criaturas protegidas pelos Acordos — falou Julian. — Isso chamaria atenção. Nossa atenção.

— Sim — disse Diego. — Mas, fora isso, não ter importância o tipo de vítima que escolhem? Humanos ou fadas, homens ou mulheres, velhos ou jovens? Toda magia tem temas se quiser enxergar assim. Magia de sacrifício requer aspectos comuns a todas as vítimas, todos com Visão, todos virgens, todos com um certo tipo sanguíneo. Aqui parece aleatório.

Ty olhava Diego com uma admiração aberta.

— A Scholomance parece tão legal — disse ele. — Eu não fazia ideia de que deixavam a pessoa aprender tanto sobre magia e feitiços.

Diego sorriu. Drusilla parecia a ponto de cair. Livvy estava com cara de que estaria impressionada se não estivesse tão cansada. E Mark parecia ainda mais aborrecido.

— Posso ver as fotos da convergência? — pediu Diego. — Parece muito significativo. Estou impressionado que a tenham encontrado.

— Estava cercada por demônios Mantis quando fomos, então temos fotos da parte de dentro, mas não da de fora — falou Mark, quando Ty foi pegar as fotos. — Quanto aos demônios, eu e Emma cuidamos deles.

Ele deu uma piscadela para Emma. Ela sorriu, e Julian sentiu aquela pontada aguda de ciúme que sentia cada vez que Mark flertava daquele jeito que as fadas faziam, com uma espécie de humor cortês sem qualquer peso real por trás.

Mas Mark podia flertar com Emma se quisesse. Ele tinha escolha, e fadas eram notoriamente inconstantes... E se Mark estivesse interessado, então ele, Julian, não tinha direito de se opor. Ele deveria apoiar o irmão, afinal, ele não seria sortudo se seu irmão e sua *parabatai* se apaixonassem? As pessoas não sonhavam que aqueles que amavam também se amassem?

Diego ergueu uma sobancelha para Mark, mas não falou nada enquanto Tiberius espalhava as fotos sobre a mesa de centro.

— É energia mágica — disse Ty. — Até aí sabemos.

— Sim — concordou Diego. — Energia pode ser armazenada, principalmente energia da morte, e depois utilizada em necromancia. Mas não sabemos para que alguém precisaria de toda essa energia.

— Para um feitiço de invocação — concluiu Livvy, e bocejou outra vez. — É isso que Malcolm disse, pelo menos.

Uma pequena linha apareceu entre as sobrancelhas de Diego.

— É improvável que seja um feitiço de invocação — falou ele. — A energia da morte permite que você execute magia da morte. Esse mágico está tentando ressuscitar alguém.

— Mas quem? — perguntou Ty, após uma pausa. — Alguém poderoso?

— Não — respondeu Drusilla. — Ele está tentando ressuscitar Annabel. Annabel Lee.

Todos pareceram surpresos por Dru ter falado — tão surpresos que ela pareceu se encolher um pouco. Diego, no entanto, ofereceu a ela um sorriso encorajador.

— O... o poema está escrito no interior da caverna da convergência, certo? — continuou ela, olhando em volta, preocupada. — E todo mundo estava tentando desvendar se era um código ou um feitiço, mas... e se for só um lembrete? Essa pessoa... o mágico... perdeu alguém que amava, e está tentando ressuscitá-lo.

— Alguém tão desesperado para recuperar seu amor perdido que fundou um culto, matou mais de uma dúzia de pessoas, criou aquela caverna na convergência, marcou esse poema na parede, criou um Portal para o mar...? — Livvy soou desconfiada.

— Eu faria — disse Dru — se fosse alguém que eu realmente amasse. Talvez nem seja uma namorada... talvez uma mãe, ou irmã, ou o que quer que seja. Quero dizer, você faria isso por Emma, não faria, Jules? Se ela morresse?

O horror sombrio que era a ideia de Emma morrer surgiu por trás dos olhos de Julian. Ele respondeu:

— Não seja mórbida, Dru. — E sua voz soou muito distante aos próprios ouvidos.

— Julian? — chamou Emma. — Você está bem?

Por sorte ele não precisou responder. Uma voz solene falou da entrada.

— Dru está certa — disse Tavvy.

Ele não tinha ido dormir, afinal. Estava na porta, com os olhos arregalados, e os cabelos castanhos emaranhados. Ele sempre foi pequeno para a idade, e seus olhos eram grandes discos azul-esverdeados no rosto pálido. Ele estava segurando algo nas costas.

— Tavvy — chamou Julian. — Tavs, o que você tem aí?

Tavvy tirou a mão das costas. Estava com um livro — era infantil, muito grande, com uma capa ilustrada. O título era impresso em dourado. *Um tesouro de contos para os Nephilim*.

Um livro infantil para Caçadores de Sombras. Existiam, mas poucos. As

gráficas em Idris eram pequenas.

— Onde você conseguiu isso? — perguntou Emma, verdadeiramente curiosa. Ela tinha algo parecido quando era criança, mas havia se perdido com muitas das coisas de seus pais.

— A tia Marjorie me deu — respondeu Tavvy. — Gosto da maioria das histórias. A que fala sobre os primeiros *parabatai* é legal, mas algumas são tristes e assustadoras, como a de Tobias Herondale. E a da Dama da Meia-Noite é a mais triste.

— Dama do quê? — repetiu Cristina, se inclinando para a frente.

— Da Meia-Noite — disse Tavvy. — Como o teatro que vocês foram. Ouvi Mark falar a rima e me lembrei que já tinha lido antes.

— Você já tinha lido antes? — repetiu Mark, incrédulo. — Quando você viu aquele verso das fadas, Octavian?

Tavvy abriu o livro.

— Tinha uma dama Caçadora de Sombras — disse ele. — Ela se apaixonou por alguém que não devia. Seus pais a prenderam em um castelo de ferro, e ele não conseguia entrar. Ela morreu de tristeza, então o homem que a amava procurou o Rei das Fadas e perguntou como poderia trazê-la de volta. Ele disse que havia um verso:

Primeiro, a chama, depois, a tempestade
No fim, é sangue Blackthorn de verdade
Buscai esquecer o que é passado
Primeiros treze, e mais um, finalizado.
Não procure o livro dos anjos cinzento
Vermelho ou branco o levarão mais longe do que o vento.
Para recuperar o que foi perdido
A qualquer custo encontre o livro preto requerido.

— Então o que aconteceu? — perguntou Emma. — Com o homem que foi até o Reino das Fadas?

— Ele comeu e bebeu o que as fadas comem e bebem — disse Tavvy. — Ficou preso lá. Reza a lenda que o som das ondas quebrando na praia são os gritos dele pedindo que ela volte.

Julian suspirou.

— Como não encontramos isso?

— Porque é um livro de criança — disse Emma. — Não acharíamos na biblioteca.

— Isso é uma tolice — declarou Tavvy serenamente. — É um bom livro.

— Mas por quê? — insistiu Julian. — Por que sangue Blackthorn?

— Porque ela era Blackthorn — disse Tavvy. — A Dama da Meia-Noite. Ela era chamada assim porque tinha longos cabelos pretos, mas os olhos eram iguais aos nossos. Vejam.

Ele virou o livro para mostrar uma ilustração assustadora. Uma mulher cujos cabelos pretos caíam sobre os ombros se esticava para alcançar a figura de um homem, seus olhos arregalados — e azul-esverdeados como o mar.

Livvy exclamou, alcançando o livro. Hesitante, Tavvy deixou que ela o pegasse.

— Não rasgue as páginas! — Ele alertou.

— Então esse é o verso completo — disse ela. — *Isso que está escrito nos corpos.*

— São instruções — falou Mark. — Se o verso é um verdadeiro verso das fadas, é uma clara lista de instruções. Como ressuscitar os mortos; não qualquer morto, mas ela. Essa mulher Blackthorn.

— Treze — disse Emma. Apesar da exaustão, seu coração estava acelerado e agitado. Ela encontrou os olhos de Cristina do outro lado da sala.

— Sim. — Cristina suspirou. — O que Sterling disse... depois que o pegamos, depois que ele matou a garota. Ele falou que ela era a número treze.

Emma disse:

— “Primeiros treze, e mais um, finalizado”. Ele matou treze. Falta uma e então acaba. Ele terá magia suficiente para trazer de volta a Dama da Meia-Noite.

— Ainda matarão mais um — acrescentou Julian. — Um que pode ser diferente da última.

— Deve haver mais instruções — disse Ty. — Ninguém poderia descobrir exatamente como completar esse feitiço só com esse verso. — Ele olhou em volta, com uma ponta de incerteza nos olhos cinzentos. O olhar que ele raramente exibia, quando achava que havia algo no mundo que todo mundo entendia, menos ele. — Poderia?

— Não — falou Mark com firmeza. — Mas o verso ensina onde procurar o restante das instruções. “Não procure no livro dos anjos cinzento”... A resposta não está no *Livro Gray*. Nem no *Livro Branco* ou nos *Textos Vermelhos*.

— Está no *Volume Preto dos Mortos* — disse Diego. — Já ouvi falar nesse livro, na Scholomance.

— O que é? — perguntou Emma. — Existem cópias? É algo que podemos obter?

Diego balançou a cabeça.

— É um livro de magia das trevas muito poderoso. Ele é quase lendário. Nem feiticeiros podem possuí-lo. Se existem cópias, não sei onde estão. Mas devemos nos propor a encontrá-lo amanhã.

— Sim — disse Livvy, com a voz embolada de sono. — Amanhã.

— Precisa dormir, Livvy? — perguntou Julian. Foi uma pergunta retórica: Livvy estava caindo como um dente de leão soprado. Mas, com as palavras dele, ela se esticou.

— Não, estou bem, posso ficar acordada...

O rosto de Ty mudou sutilmente quando olhou para sua irmã gêmea.

— Estou exausto — disse ele. — Acho melhor todos irmos dormir. De manhã conseguiremos nos concentrar melhor.

Julian duvidava de que Ty estivesse realmente cansado: quando estava concentrado em um quebra-cabeça, podia passar dias acordado. Mas Livvy acenou grata quando ele acabou de falar.

— Tem razão — disse ela. Então deslizou da cadeira onde estava sentada e pegou Tavvy no colo, entregando o livro a ele. — Vamos — falou. — Você definitivamente já devia estar na cama.

— Mas eu ajudei, não ajudei? — perguntou Tavvy enquanto a irmã o carregava para a porta. Ele estava olhando para Julian ao perguntar, e Julian lembrou de si mesmo quando criança, olhando daquele jeito para Andrew Blackthorn. Um menino olhando para o pai, procurando aprovação.

— Você não só ajudou — disse Julian. — Acho que você pode ter resolvido, Tavs.

— Oba! — exclamou Tavvy, sonolento, e apoiou a cabeça no ombro de Livvy.

Os outros logo seguiram Ty e Livvy para a cama, mas Emma constatou que não conseguia dormir. Em vez disso, se pegou sentada na escada da entrada do Instituto antes do sol nascer.

Estava de chinelo, camiseta e calça de pijama. O ar que vinha do oceano era frio, mas ela não sentiu. Estava olhando para a água.

De todos os ângulos dos degraus, dava para ver o mar: azul e preto na manhã nascente, como tinta, marcado por listras de espuma branca onde as ondas quebravam. A luz tinha encolhido e projetava uma sombra angular na água. Uma manhã azul e prata.

Ela se lembrou do frio daquele mar azul sobre ela. O gosto de água salgada e sangue demoníaco. A sensação de que a água a puxava para baixo, esmagando seus ossos.

E a pior parte, o medo de que um dia seus pais tenham sentido a mesma dor, o mesmo pânico.

Então ela pensou em Julian. Em como ele estava na sala de jantar. O esforço em sua voz enquanto ele contava para ela e para Mark tudo que tinha feito nos últimos cinco anos.

— Emma?

Emma virou e viu Diego Perfeito descendo pelos degraus. Ele parecia imaculado, apesar da noite que tivera; até suas botas estavam lustradas. Os fios dos cabelos castanhos eram espessos e caíam charmosamente sobre um de seus olhos. Parecia um pouco um príncipe em um livro de contos de fadas.

Ela pensou em Julian outra vez. Nos cabelos desalinhados, nas unhas roídas, nas botas sujas e na tinta nas mãos dele.

— Oi, Diego Perfeito — cumprimentou ela.

— Preferia que não me chamasse assim.

— Prefere em vão — disse Emma. — Aonde você vai? Cristina está bem?

— Ela está dormindo. — Diego Perfeito olhou para o mar. — É muito bonito aqui. Você deve achar tranquilo.

— E *você* deve estar brincando.

Ele sorriu um sorriso relativamente perfeito.

— Você sabe, quando não há assassinatos acontecendo e pequenos exércitos cercando o local.

— Aonde vai? — repetiu Emma. — Está quase amanhecendo.

— Sei que a caverna não vai estar aberta, mas vou até o local da convergência para examiná-lo pessoalmente. Os demônios já devem ter saído a essa hora. Quero dar mais uma olhada na área, ver se vocês deixaram alguma coisa escapar.

— Você é cheio de tato, não? — perguntou Emma. — Tudo bem. Vá em frente. Veja o que deixamos escapar enquanto estávamos quase sendo cortados em pedacinhos pelos enormes grilos demoníacos.

— Mantis não são exatamente grilos...

Emma ficou encarando. Diego deu de ombros e correu para a base da escada. Ele parou ali e olhou por cima do ombro para ela.

— Mais alguém na Clave sabe sobre a investigação? — perguntou. — Alguém além da sua família?

— Só Diana — disse Emma.

— Diana é sua tutora? — Quando Emma fez que sim com a cabeça, ele franziu o rosto. — Jace Herondale e os Lightwood não foram traídos pelo próprio tutor?

— Ela jamais nos trairia — respondeu Emma, indignada. — Nem a Clave,

nem ninguém. Hodge Starkweather era diferente.

— Diferente como?

— Starkweather não era Diana. Ele era um capacho de Valentim. Diana é uma boa pessoa.

— Então onde ela está agora? — perguntou Diego. — Eu gostaria de conhecê-la.

Emma hesitou.

— Ela...

— Ela está na Tailândia — disse uma voz atrás deles. Era Julian. Ele tinha vestido um casaco de capuz com o jeans e a camiseta. — Ela queria interrogar uma bruxa sobre feitiços de energia. Alguém que conheceu quando mais nova. — Ele fez uma pausa. — Ela é confiável.

Diego inclinou a cabeça.

— Não tive a intenção de sugerir o contrário.

Julian se apoiou em um dos pilares, e ele e Emma observaram enquanto Diego marchava pela grama pisoteada e seguia para a estrada. A lua já tinha desaparecido completamente, e o céu já estava ficando rosa a leste.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Julian finalmente com a voz baixa.

— Não consegui dormir — explicou Emma.

Julian trazia a cabeça inclinada para trás, como se estivesse se banhando com a luz do alvorecer. A estranha luz o transformava em outra coisa, feita de mármore e prata, alguém cujos cachos escuros grudavam nas têmporas e no pescoço, como as folhas de acanto da arte grega.

Ele não era perfeito, como Diego, mas para Emma jamais existiu ninguém mais lindo.

— Vamos ter que conversar sobre isso eventualmente — disse ela.

— Eu sei. — Ele olhou para as próprias pernas longas, as bainhas rasgadas da calça jeans, as botas. — Eu torcia... acho que eu torcia para que nunca acontecesse, ou, pelo menos, para que fôssemos adultos quando acontecesse.

— Então vamos tratar disso como adultos. Por que não me contou antes?

— Acha que gosto de guardar segredos de você? Acha que eu não queria contar?

— Se quisesse, poderia ter contado.

— Não, não poderia — respondeu ele com um desespero silencioso.

— Não confiava em mim? Achou que eu fosse te dedurar?

Julian balançou a cabeça.

— Não foi isso.

Já havia luz o suficiente espalhada pela paisagem para que a cor dos olhos

dele fosse visível, apesar da escuridão. Pareciam artificialmente iluminados pela água.

Emma pensou na noite em que a mãe de Julian morreu. Ela estava doente, sendo cuidada pelos Irmãos do Silêncio no fim. Havia algumas doenças que nem a magia Nephilim podia curar: ela teve câncer nos ossos, e isso a matou.

Andrew Blackthorn, recém-viúvo, estava arrasado demais para cuidar do bebê Tavvy quando ele chorava à noite. Helen foi eficiente: esquentava as mamadeiras de Tavvy, trocava fraldas e o vestia. Mas era Julian que ficava com ele durante o dia. Enquanto Mark e Helen treinavam, Julian sentava no quarto de Tavvy e desenhava ou pintava. Emma sentava com ele às vezes, e eles brincavam como normalmente faziam, com o bebê balbuciando no berço a alguns metros de distância.

Na época Emma não pensava muito no assunto. Ela, assim como Julian, só tinha 10 anos. Mas agora ela se lembrava.

— Eu me lembro de quando sua mãe morreu — falou Emma. — E você cuidava de Tavvy durante o dia. Eu perguntei por que, e me lembro do que você respondeu. Você lembra?

— Eu disse que era porque ninguém mais podia — respondeu Julian, olhando confuso para ela. — Mark e Helen tinham que treinar... Meu pai estava... Bem, você sabe como ele estava.

— Tudo que você fazia era porque mais ninguém iria ou podia fazer. Se você não tivesse dado cobertura a Arthur, ninguém nem teria pensado nisso. Se não tivesse tido tanta determinação para manter as coisas, ninguém mais teria feito. Talvez tenha começado desde aquele momento, quando você tomou conta de Tavvy. Talvez isso tenha dado a ideia.

Ele suspirou.

— Talvez. Eu mesmo não sei.

— Mesmo assim eu gostaria que tivesse me contado. Sei que você achou que estava sendo altruísta...

— Não achei — disse ele.

Ela olhou surpresa para ele.

— Fiz por razões inteiramente egoístas — explicou Julian. — Você era minha fuga, Emma. Era meu caminho de saída de tudo de ruim. Com você, eu ficava feliz.

Emma levantou.

— Mas esses não podiam ser seus únicos momentos de felicidade...

— Eu, obviamente, sou feliz com minha família — continuou ele. — Mas sou responsável por eles, nunca fui responsável por você, nós somos responsáveis um pelo outro; é isso que significa ser *parabatai*. Não vê, Emma,

você é a única, a única que podia cuidar de *mim*.

— Então eu falhei com você — disse ela, sentindo uma decepção profunda consigo mesma. — Eu deveria saber o que você estava passando, e não sabia...

— Nunca mais diga isso! — Ele se afastou do pilar, o sol nascendo atrás dele, transformando as bordas do seu cabelo em bronze. Emma não conseguiu ver sua expressão, mas sabia que ele estava furioso.

Emma ficou de pé.

— O quê, que eu deveria ter sabido? Eu deveria...

— Que falhou comigo — disse ele calorosamente. — Se você soubesse... você me manteve firme, por semanas, às vezes meses. Mesmo quando eu estava na Inglaterra, pensar em você me mantinha firme. Por isso eu precisava ser seu *parabatai*, fui completamente egoísta, queria amarrá-la a mim, independentemente de tudo, apesar de saber que era má ideia, apesar de saber que...

Ele se interrompeu, uma expressão de horror passando por seu rosto.

— Apesar de quê? — Emma quis saber. O coração dela estava acelerado. — Apesar de que, Julian?

Ele balançou a cabeça. O cabelo de Emma tinha escapado do rabo de cavalo, e o vento o soprava sobre o rosto, fios claros brilhantes ao vento. Ele esticou o braço para colocar uma mecha atrás da orelha dela: parecia capturado em um sonho, tentando acordar.

— Não importa — falou.

— Você me ama? — A voz dela saiu num sussurro.

Ele enrolou um pedaço do cabelo dela em seu dedo, um anel dourado.

— Que diferença faz? — perguntou ele. — Não vai mudar nada.

— Muda sim — sussurrou ela. — Muda tudo para mim.

— Emma — disse Julian. — É melhor voltar para dentro. Vá dormir. Nós dois deveríamos...

Ela cerrou os dentes.

— Se você vai se afastar de mim agora, vai ter que fazer isso sozinho.

Ele hesitou. Ela viu a tensão nele, em seu corpo, subir como uma onda prestes a romper.

— Fique longe de mim — disse ela rispidamente. — Vá.

A tensão nele cresceu e caiu; alguma coisa nele pareceu colidir, água batendo nas pedras.

— Não posso — admitiu Julian, com a voz baixa e ofegante. — Meu Deus, eu não posso. — E semicerrou os olhos, levantando a outra mão para o rosto dela. Deslizou as mãos até o cabelo dela e a puxou para perto. Ela inalou um ar frio e então a boca de Julian estava na dela, e seus sentidos explodiram.

Ela havia se perguntado, no fundo da mente, se o que tinha acontecido entre eles na praia fora um impulso nascido da adrenalina compartilhada. Certamente beijos não deveriam ser assim, tão envolventes que lhe rasgavam como um raio, sugando toda a sua força, de modo que tudo que você podia fazer era se apoiar na outra pessoa.

Aparentemente não.

Suas mãos agarraram o tecido do casaco de Julian, arrastando-o para perto. Tinha açúcar e cafeína nos lábios de Julian. Ele tinha gosto de energia. As mãos de Emma deslizaram por baixo da camisa, tocando a pele nua de suas costas, e ele se afastou para respirar fundo. Os olhos dele estavam fechado, a boca aberta.

— Emma. — Suspirou, e o desejo em sua voz abriu um caminho ardente nela. Quando a alcançou, ela quase caiu em cima dele. Julian girou o corpo dela, empurrando-a contra o pilar, seu corpo uma linha forte e quente contra o dela...

Um som interrompeu a névoa na mente de Emma.

Emma e Julian se separaram, olhando.

Ambos estavam no Salão dos Acordos em Idris quando a Caçada Selvagem veio, uivando pelas paredes, rasgando o teto. Emma se lembrava do som da corneta de Gwyn, explodindo pelo ar. Vibrando cada nervo de seu corpo. Um barulho agudo, oco e solitário.

Veio de novo agora, ecoando pela manhã.

O sol tinha nascido enquanto Emma permanecia enrolada em Julian, e a estrada que levava até a rodovia estava iluminada pelo sol. Três figuras se aproximavam, montadas a cavalo: um cavalo preto, um branco, um cinza.

Emma reconheceu dois dos cavaleiros imediatamente: Kieran, sentado no cavalo como um dançarino, os cabelos quase pretos à luz do sol, e ao lado dele, Iarlath, com vestes escuras.

O terceiro cavaleiro era familiar a Emma por causa de centenas de ilustrações em livros. Era um homem grande, largo, barbado, com uma armadura preta que parecia o tronco de uma árvore. Ele estava com a corneta de caça embaixo do braço: era um chifre enorme, todo marcado com desenhos de cervos.

Gwyn, o Caçador, líder da Caçada Selvagem, viera ao Instituto. E não parecia contente.

22

Aqueles que Eram Mais Velhos

Mark estava na janela do quarto, olhando o sol que nascia sobre o deserto. As montanhas pareciam recortadas em papel escuro, afiadas e distintas contra o céu. Por um instante, ele imaginou que poderia esticar o braço e tocá-las, que poderia voar da janela e alcançar o pico mais alto.

O momento passou, e mais uma vez ele viu a distância entre ele e as montanhas. Desde que tinha retornado ao Instituto, se sentia como se estivesse lutando para enxergar tudo através de uma camada fina de feitiço. Às vezes, ele enxergava o Instituto como era, às vezes, ele desaparecia de sua vista e, em seu lugar, Mark via uma paisagem vazia e os fogos da Caçada Selvagem ardendo em pequenos campos.

Às vezes, ele virava para dizer alguma coisa a Kieran, apenas para descobrir que ele não estava lá. Kieran esteve ao seu lado todas as manhãs em que Mark acordou, durante anos, no Reino das Fadas.

Kieran deveria ter vindo vê-lo na noite em que Mark ficou cuidando das crianças na cozinha. Mas não apareceu. Também não houve nenhuma comunicação da parte dele, e Mark estava preocupado. Ele disse a si mesmo que o príncipe fada provavelmente só estava sendo cauteloso, mas pegou sua mão tocando a ponta de flecha que trazia no pescoço com mais frequência que o normal.

Era um gesto que lhe lembrava Cristina, o jeito como ela tocava o medalhão que usava quando estava nervosa. Cristina. Ele ficou imaginando o que teria se passado entre ela e Diego.

Mark virou as costas para a janela quando veio o som. Sua audição tinha se aprimorado pelos anos na Caçada; ele duvidava que qualquer outra pessoa no Instituto tivesse ouvido ou acordado.

Foi uma única nota, o som do chifre de Gwyn, o Caçador: agudo e severo, tão solitário quanto as montanhas. O sangue de Mark esfriou. Não foi uma saudação, nem mesmo uma chamada à Caçada. Era a nota que Gwyn soprava quando estavam procurando um desertor. O som da traição.

Julian tinha se ajeitado, passando as mãos pelos cachos desalinhados, o queixo travado.

— Emma — chamou ele. — Entre.

Emma se virou e marchou de volta para o Instituto; apenas o bastante para pegar Cortana, que guardava perto da porta. Ela voltou para fora e viu que o comitê de fadas desmontara dos cavalos, que permaneciam absurdamente imóveis, como se estivessem amarrados. Tinham olhos vermelhos como sangue, e as crinas entrelaçadas por flores vermelhas. *Alazões do Reino das Fadas*.

Gwyn se aproximou da base da escada. Ele tinha uma face estranha, ligeiramente alienígena: olhos arregalados, maçãs do rosto largas, sobrancelhas malignas. Um olho preto, outro azul-claro.

Ao lado dele veio Iarlath, seus olhos amarelos sem piscar. E, do outro lado, Kieran. Ele era tão lindo quanto Emma se lembrava, e tão frio quanto. O rosto pálido era tão talhado quanto mármore, seus olhos preto e prata inconfundíveis à luz do sol.

— O que está havendo? — Emma quis saber. — Aconteceu alguma coisa?

Gwyn olhou para ela, descartando-a.

— Isso não é da sua conta, menina Carstairs — falou o Caçador. — Esse assunto envolve Mark Blackthorn. E mais nenhum de vocês.

Julian cruzou os braços.

— Qualquer coisa que envolve meu irmão me envolve. Aliás, envolve todos nós.

A boca de Kieran estava rija em uma linha intransigente.

— Nós somos Gwyn e Kieran, da Caçada Selvagem, e Iarlath, da Corte Unseelie, e estamos aqui para tratar de uma questão de justiça. E você *vai* buscar o seu irmão.

Emma foi para o meio do degrau superior, tirando Cortana da bainha, que soltou faíscas brilhantes no ar.

— Não diga a ele o que fazer — avisou ela. — Não aqui. Não nos degraus do Instituto.

Gwyn soltou uma risada inesperada.

— Não seja tola, menina Carstairs — respondeu ele. — Nenhum Caçador de Sombras pode conter três fadas, nem mesmo armado com uma das Grandes

Espadas.

— Eu não subestimaria Emma — aconselhou Julian com a voz afiada feito uma navalha. — Ou encontrará sua cabeça no chão, ao lado do corpo ainda em espasmos.

— Que coisa mais gráfica — falou Iarlath, entretido.

— Estou aqui — disse uma voz arfante atrás deles, e Emma semicerrou os olhos, o medo atravessando-a como dor.

Mark.

Parecia que ele tinha vestido uma calça jeans e um casaco com pressa, e enfiado os pés em um par de tênis. Seus cabelos louros estavam emaranhados, e ele parecia mais jovem do que normalmente, com os olhos arregalados de surpresa e um espanto indefeso.

— Mas meu tempo não acabou — disse Mark. Ele estava falando com Gwyn, mas olhando para Kieran. Havia uma expressão em seu rosto, uma que Emma não conseguia interpretar ou descrever, uma que parecia misturar súplica, dor e satisfação. — Ainda estamos tentando descobrir o que está acontecendo. Estamos quase lá. Mas o prazo...

— *Prazo?* — Kieran ecoou. — Ouça a si próprio. Você parece um deles.

Mark pareceu surpreso.

— Mas, Kieran...

— Mark Blackthorn — disse Iarlath. — Você é acusado de ter compartilhado um dos segredos do Reino das Fadas com uma Caçadora de Sombras, apesar de ter sido expressamente proibido de fazê-lo.

Mark deixou a porta do Instituto se fechar. Ele deu alguns passos para a frente até ficar ao lado de Julian. Ele fechou as mãos às costas; estavam tremendo.

— Eu... eu não sei do que está falando — contestou ele. — Não contei nada proibido à minha família.

— Não estamos falando de sua família — disse Kieran, com um tom horrível na voz. — *Ela*.

— Ela? — perguntou Julian, olhando para Emma, mas ela balançou a cabeça.

— Eu não — negou a garota. — Ele está falando de Cristina.

— Não achou que fôssemos deixá-lo sem supervisão, achou, Mark? — disse Kieran. Os olhos preto e prata pareciam adagas desenhadas. — Eu estava do lado de fora da janela quando o ouvi falando com ela. Você contou como Gwyn pode ser privado de seus poderes. Um segredo sabido apenas pela Caçada e proibido de ser repetido.

Mark tinha ficado cinza.

— Eu não...

— Não há razão para mentir — disse Iarlath. — Kieran é um príncipe do Reino das Fadas e não pode mentir. Se ele diz que ouviu isso, então ouviu.

Mark desviou o olhar para Kieran. O sol não mais parecia belo para Emma, mas implacável, batendo nos cabelos dourados e na pele de Mark. Dor se espalhou por seu rosto como a mancha vermelha provocada por um tapa.

— Jamais significaria nada para Cristina. Ela jamais contaria a ninguém. Ela jamais me machucaria ou à Caçada.

Kieran virou o rosto, sua bela boca se contorcendo no canto.

— Basta.

Mark deu um passo à frente.

— Kieran — suplicou Mark. — Como pode fazer isso? Comigo?

O rosto de Kieran enrijeceu.

— A traição não é minha — retrucou ele. — Fale com sua princesa Caçadora de Sombras sobre promessas quebradas.

— Gwyn. — Mark virou para falar com o líder da Caçada. — O que existe entre mim e Kieran não é uma questão para a lei das Cortes ou a Caçada. Desde quando interferem em questões do coração?

Questões do coração. Emma viu nas faces de ambos, na de Mark e na de Kieran, no jeito como olhavam um para o outro, e no jeito como não olhavam. Ficou se perguntando como podia não ter percebido antes, no Santuário, que esses dois se amavam. Duas pessoas que machucaram uma à outra de um jeito que apenas duas pessoas apaixonadas poderiam fazê-lo.

Kieran olhou para Mark como se Mark tivesse lhe tirado algo insubstituivelmente precioso. E Mark parecia...

Mark parecia arrasado. Emma pensou nela mesma na praia, de manhã, com Julian, e no grito solitário das gaivotas que voavam acima.

— Criança — disse Gwyn e, para a surpresa de Emma, havia gentileza em sua voz. — Lamento a necessidade desta visita mais do que posso descrever. E, acredite em mim, a Caçada não interfere, como você diz, em questões do coração. Mas você violou uma das leis mais antigas da Caçada e colocou todos os integrantes em perigo.

— Exatamente — disse Kieran. — Mark transgrediu uma lei do Reino das Fadas, e, por isso, ele deve voltar conosco e não mais ficar no mundo humano.

— Não — disse Iarlath. — Esse não é o castigo.

— Quê? — Kieran virou para ele, confuso. O cabelo brilhava nas pontas, com azul e branco, como uma geada. — Mas você disse...

— Eu não lhe disse nada sobre punições, pequeno príncipe — disse Iarlath, dando um passo à frente. — Você me contou sobre o comportamento de Mark Blackthorn, e eu disse que cuidaria disso. Se achou que isso significava que ele

seria arrastado de volta para o Reino das Fadas para ser seu companheiro, então talvez você devesse se lembrar de que a segurança da nobreza do Reino das Fadas é mais suprema do que as vontades do filho do Rei Unseelie. — Ele olhou duramente para Mark, os olhos sombrios à luz do sol. — O Rei me deu permissão para escolher o seu castigo — anunciou. — Serão vinte chicotadas nas costas, e se considere sortudo por não serem mais.

— *NÃO!* — A palavra saiu como uma explosão. Para surpresa de Emma, foi Julian; Julian, que nunca levantava a voz. Julian, que jamais gritava. Ele começou a descer as escadas; Emma o seguiu, Cortana firme na mão.

Kieran e Mark estavam calados, olhando um para o outro. O resto do sangue deixou o rosto de Kieran, e ele parecia enjoado. Ele não se mexeu quando Julian avançou, bloqueando-o do olhar de Mark.

— Se algum de vocês tocar meu irmão para machucá-lo, eu mato.

Gwyn balançou a cabeça.

— Não pense que não admiro seu espírito, Blackthorn — disse ele. — Mas eu pensaria duas vezes antes de tentar agredir um comitê do Reino das Fadas.

— Tente impedir e nosso acordo se encerra — disse Iarlath. — A investigação cessará, e levaremos Mark conosco de volta ao Reino das Fadas. Ele será chicoteado lá e poderá acontecer coisa pior. Você não vai ganhar nada, mas vai perder muito.

Julian cerrou as mãos em punhos.

— Acha que só você entende honra? Não pode entender o que podemos perder ficando aqui parados e deixando que você humilhe e torture Mark? É por isso que fadas são detestadas, por causa dessa crueldade sem sentido.

— Cuidado, menino — resmungou Gwyn. — Você tem suas Leis, e nós temos as nossas. A diferença é que nós não fingimos que a nossa não é cruel.

— A Lei é dura — disse Iarlath, entretido —, mas é a Lei.

Mark falou pela primeira vez desde que Iarlath declarou sua sentença.

— Uma lei ruim não é lei — rebateu ele. Parecia entorpecido.

Emma pensou no menino que tinha caído no Santuário, que tinha gritado ao ser tocado e que falou de surras que claramente ainda o apavoravam. Ela sentiu como se seu coração estivesse sendo arrancado; chicotear Mark, logo ele? Mark cujo corpo poderia se curar, mas cuja alma jamais se recuperaria?

— Vocês nos procuraram — disse Julian. O tom era desesperado. — Vocês vieram até nós... fizeram uma barganha conosco. Precisavam da nossa ajuda. Nós arriscamos tudo, tudo, para resolver isso. Tudo bem, Mark cometeu um erro, mas esse teste de lealdade está sendo mal empregado.

— Não é uma questão de lealdade — disse Iarlath. — É uma questão de exemplo. Essas são as leis. É assim que funciona. Se permitirmos que Mark nos

traia, outros aprenderão que somos fracos. — Seu olhar era satisfeito. Ganancioso. — A barganha é importante. Mas isso é mais.

Mark então deu um passo para a frente, pegando no ombro de Julian.

— Você não pode mudar isso, irmãozinho — falou. — Deixe que aconteça. — Ele olhou para Iarlath, e depois para Gwyn. Não olhou para Kieran. — Vou receber o castigo.

Emma ouviu Iarlath rir. Um ruído frio e agudo como gelo rachando. Ele alcançou a própria capa e pegou um punhado de pedras vermelhas como sangue. Jogou-as no chão. Mark, claramente familiarizado com o que Iarlath estava fazendo, ficou pálido.

No ponto do chão onde Iarlath jogou as pedras, algo começou a brotar. Uma árvore, torta e nodosa, seu tronco e folhas da cor de sangue. Mark assistiu com um fascínio horrorizado. Kieran parecia prestes a vomitar.

— Jules — sussurrou Emma. Era a primeira vez que o chamava assim desde a noite na praia.

Julian ficou encarando Emma cegamente por um instante antes de se virar e descer o resto da escada. Após um instante congelado, Emma foi atrás. Iarlath imediatamente se moveu para bloquear a passagem dela.

— Guarde a espada — rosnou ele. — Sem armas na presença do Povo das Fadas. Sabemos muito bem que não são confiáveis com elas.

Emma manejou Cortana com tanta velocidade que a lâmina foi um borrão. A ponta dela passou por baixo do queixo de Iarlath, a um milímetro da sua pele, descrevendo o arco de um sorriso mortal. Ele emitia um ruído na garganta mesmo enquanto ela guardava a espada de volta na bainha, com força suficiente para que fosse audível. Ela o encarou, os olhos brilhando de raiva.

Gwyn riu.

— E eu achando que os Carstairs só serviam para música.

Iarlath lançou a Emma um olhar obscuro antes de girar e ir atrás de Mark. Ele tinha começado a desenrolar uma corda que trazia amarrada na cintura.

— Ponha as mãos no tronco da sorva — mandou ele. Emma presumiu que estivesse se referindo à árvore escura e retorcida com galhos afiados e folhas cor de sangue.

— Não. — Kieran, parecendo desesperado, girou de forma fluida para Iarlath. Então se jogou no chão, ajoelhando-se, com as mãos estendidas. — Eu imploro — pediu. — Como príncipe da Corte Unseelie, eu imploro. Não machuque Mark. Faça o que quiser comigo, em vez dele.

Iarlath desdenhou.

— Chicoteá-lo enfureceria seu pai. Isso não. Levante-se, príncipezinho. Não se envergonhe ainda mais.

Kieran levantou, cambaleante.

— Por favor — pediu de novo, olhando não para Iarlath, mas para Mark.

Mark lançou a ele um olhar tão cheio de ódio que Emma quase se encolheu. Kieran pareceu, se possível, ainda mais enjoado.

— Você deveria ter previsto isso, cãozinho — disse Iarlath, mas seu olhar não estava em Kieran; estava em Mark, faminto, cheio de apetite, como se a ideia de o chicotear o estimulasse tanto quanto pensar em comida. Mark esticou o braço para a árvore...

Julian deu um passo à frente.

— Me chicoteie no lugar dele — disse o garoto.

Por um instante todo mundo congelou. Emma sentiu como se um taco de beisebol a tivesse acertado no peito.

— Não. — Ela tentou dizer, mas a palavra não saiu.

Mark virou para encarar o irmão.

— Não pode — disse ele. — Meu foi o crime. Meu deve ser o castigo.

Julian passou por Mark, quase o empurrando de lado com sua determinação de se apresentar diante de Gwyn. Ele estava com a coluna ereta e o queixo erguido.

— Em uma batalha de fadas, uma delas pode escolher um campeão para representá-la — disse ele. — Se posso representar meu irmão em uma luta, por que não agora?

— Porque fui eu que transgredi a lei! — Mark parecia desesperado.

— Meu irmão foi levado no início da Guerra Maligna — disse Julian. — Ele nunca lutou em combate. As mãos dele estão limpas de sangue de fada. Ao passo que eu estava em Alicante. Eu matei o Povo das Fadas.

— Ele está lhe incitando — disse Mark. — Ele não quer dizer nada disso...

— Quero sim — insistiu Julian. — É a verdade.

— Se alguém se oferece para tomar o lugar de um homem condenado, não podemos negar. — O olhar de Gwyn parecia perturbado. — Tem certeza, Julian Blackthorn? Esse castigo não é seu.

Julian inclinou a cabeça.

— Tenho certeza.

— Deixe que ele seja chicoteado — disse Kieran. — É o seu desejo. Deixe que o faça.

Depois disso, as coisas aconteceram muito depressa. Mark se jogou para cima de Kieran, com uma expressão assassina. Ele estava gritando ao enterrar os dedos na frente da camisa de Kieran, sacudindo-o. Emma avançou e foi derrubada por Gwyn, que foi separar Kieran e Mark, puxando Mark brutalmente de lado.

— Maldito — disse Mark. Sua boca estava sangrando. Ele cuspiu nos pés de Kieran. — Seu arrogante...

— Basta, Mark. — Gwyn se irritou. — Kieran é um príncipe da Corte Unseelie.

— Ele é meu inimigo — disse Mark. — Agora e para sempre, meu inimigo. — E ergueu a mão como se fosse agredir Kieran; Kieran não se mexeu, apenas olhou para ele, com aqueles olhos estilhaçados. Mark abaixou a mão e lhe deu as costas, como se não suportasse mais olhar para Kieran. — Jules. — Foi o que disse, afinal. — Julian, por favor, não faça isso.

Julian lançou um sorriso lento e doce ao irmão. Naquele sorriso estava todo o amor e o encanto de um garotinho que tinha perdido seu irmão, e, contra todas as probabilidades, o conseguiu de volta.

— Não pode ser você, Mark...

— Leve-o. — Iarlath disse a Gwyn, e Gwyn, cheio de relutância, deu um passo para a frente e pegou Mark, puxando-o para longe de Julian. Mark se debateu, mas Gwyn era enorme, com braços imensos. Ele segurou Mark com firmeza, com a expressão impassível, enquanto Julian esticava o braço para tirar o casaco e depois a camisa.

À clara luz do dia, sua pele, levemente bronzeada, porém mais clara nas costas e no peito, parecia exposta e vulnerável. Os cabelos estavam inteiramente bagunçados pelo colarinho da camisa e, enquanto a jogava no chão, olhou para Emma.

O olhar de Julian rompeu o gelo que a agarrava.

— Julian. — A voz dela tremeu. — Você não pode fazer isso. — Ela avançou e encontrou Iarlath bloqueando sua passagem.

— Parada — sibilou Iarlath. Ele se afastou de Emma, que tentou ir atrás dele, mas descobriu suas pernas fixas no lugar. Não conseguia se mexer. O chiado do feitiço coçava suas pernas e a espinha, mantendo-a firme no lugar, como uma armadilha para ursos. Ela tentou se soltar, e teve que conter um grito de dor quando a magia da fada puxou e rasgou sua pele.

Julian deu um passo para a frente e colocou as mãos na árvore, abaixando a cabeça. A longa linha da sua espinha era absurdamente linda para Emma. Parecia o arco de uma onda logo antes de quebrar. Cicatrizes brancas e Marcas pretas decoravam suas costas como uma ilustração infantil feita em pele e sangue.

— Me solte! — gritou Mark, se contorcendo no aperto de Gwyn.

Era como um pesadelo, pensou Emma, um daqueles sonhos em que você corre, corre, e nunca chega a lugar nenhum, exceto que agora era real. Ela estava lutando para mexer os braços e pernas contra uma força invisível que a mantinha

no lugar, como uma borboleta presa por um alfinete.

Iarlath marchou em direção a Julian. Algo brilhou em sua mão, algo longo, fino e prateado. Ao chegar para a frente, sentindo o ar, Emma viu que ele segurava o cabo de um chicote de prata. Ele encolheu o braço.

— Caçadores de Sombras tolos — falou o homem fada. — Ingênuos demais até para saberem em quem podem confiar.

O chicote desceu. Emma o viu agredir a pele de Julian, viu o sangue, viu as costas dele se encolherem e o corpo abaixar.

Dor explodiu dentro dela. Foi como se uma barra de fogo tivesse sido posta em sua coluna. Ela se encolheu, sentindo o gosto de sangue na boca.

— Pare! — berrou Mark. — Não vê que está machucando os dois? *Esse não é o castigo!* Solte-me, eu não tenho um *parabatai*, solte-me, me chicoteie em vez dele...

As palavras dele correram na cabeça de Emma. A dor ainda pulsava por seu corpo.

Gwyn, Iarlath e Kieran olhavam dela para Julian. Tinha uma longa ferida sangrenta e molhada em suas costas, e ele estava agarrando o tronco da árvore. Suor escurecia seus cabelos.

O coração de Emma se partiu. Se o que ela sentiu foi uma agonia, o que *ele* sentiu? Duas, quatro vezes mais?

— Tire-a daqui — disse Iarlath, irritado. — Esses gritos são ridículos.

— Isso não é histeria, Iarlath — retrucou Kieran. — É porque ela é *parabatai* dele. Sua parceira guerreira, eles são ligados...

— Pela Dama, que alvoroço — sibilou Iarlath, e chicoteou novamente.

Desta vez Julian emitiu um ruído. Um som engasgado, quase inaudível. Ele caiu de joelhos, ainda segurando a árvore. Emma sentiu dor outra vez, mas agora ela estava preparada. Ela gritou; e não foi um grito qualquer, mas um berro ecoante de horror e traição, um uivo de raiva, dor e fúria.

Gwyn esticou o braço para Iarlath, mas estava olhando para Emma.

— Pare — falou o Caçador.

Emma sentiu o peso do olhar dele, em seguida, uma leveza quando o feitiço que a prendia no lugar desapareceu.

Ela correu para Julian, e se ajoelhou ao lado dele, puxando a estela do cinto. Ouviu Iarlath protestando e Gwyn dizendo a ele que ficasse quieto. Ela não prestou atenção. Tudo que conseguia enxergar era Julian — Julian de joelhos, com os braços em volta da árvore, com a testa contra o tronco. Sangue corria por suas costas expostas. Os músculos dos ombros flexionaram quando ela o alcançou, como se ele estivesse se preparando para um terceiro golpe.

Jules, ela pensou, e, como se a tivesse ouvido, ele virou um pouco o rosto.

Tinha mordido o lábio inferior. Sangue corria pelo queixo. Ele a olhou cegamente, como um homem que via uma miragem.

— Em? — Ele engasgou.

— Shh — disse ela, colocando a mão em sua bochecha, os dedos nos cabelos dele. Ele estava molhado de sangue e suor, as pupilas dilatadas. Ela conseguiu se enxergar nelas, ver seu rosto pálido, cansado.

Tocou a pele dele com a estela.

— Preciso curá-lo — disse ela. — Deixe-me curá-lo.

— Isso é ridículo — protestou Iarlath. — O menino deveria levar as chicotadas...

— Deixe, Iarlath — disse Gwyn. Seus braços estavam firmes em volta de Mark.

Iarlath retrocedeu, murmurando... Mark estava se debatendo e engasgando... a estela fria na mão de Emma... ainda mais fria ao tocá-la na pele de Julian...

Ela desenhou o símbolo.

— Durma, meu amor — sussurrou, tão baixo que só Julian podia escutar. Por um instante os olhos dele se arregalaram, claros e espantados. Depois se fecharam, e ele caiu no chão.

— *Emma!* — A voz de Mark foi um grito. — O que você fez?

Emma se levantou, virando para ver o rosto de Iarlath ardendo em fúria. Gwyn, no entanto... Ela achou que tinha detectado um quê de divertimento em seus olhos, como se ele esperasse que ela fizesse o que fez.

— Eu o apaguei — disse ela. — Ele está inconsciente. Nada do que você possa fazer vai acordá-lo.

O lábio de Iarlath se curvou.

— Acha que nos priva de nosso castigo por privá-lo da capacidade de sentir? Você é tão tola assim? — Ele se voltou para Gwyn. — Traga Mark — rosnou. — Vamos chicoteá-lo no lugar do menino, e aí teremos chicoteado dois dos Blackthorn.

— Não! — berrou Kieran. — Não! Eu proíbo... Não posso suportar...

— Ninguém liga para o que você pode suportar, príncipezinho, muito menos eu — disse Iarlath. Seu sorriso era retorcido. — Sim, vamos chicotear os dois irmãos — falou. — Mark não vai escapar. E eu duvido que seu *parabatai* a perdoe tão cedo por isso — acrescentou, voltando-se novamente para Emma.

— Em vez de chicotear dois Blackthorn — sugeriu ela —, você pode chicotear um Blackthorn e uma Carstairs. Isso não seria melhor?

Gwyn não tinha se mexido ao comando de Iarlath; agora seus olhos se arregalaram. Kieran respirou fundo.

— Julian lhe contou que matou fadas durante a Guerra Maligna — disse ela.

— Mas eu matei muito mais. Cortei suas gargantas; molhei meus dedos com o sangue delas. E faria tudo de novo.

— Silêncio! — Ódio preenchia a voz de Iarlath. — Como ousa se gabar de coisas assim?

Ela esticou a mão e levantou a camisa. Os olhos de Mark se arregalaram quando ela a jogou no chão. Estava na frente de todos eles, só de jeans e sutiã. Não se importava. Ela não se sentia nua — se sentia vestida de ódio e fúria, como uma guerreira de um dos contos de Arthur.

— Me chicoteie — falou ela. — Concorde com isso, e tudo acaba aqui. Do contrário, juro que o caçarei pelo Reino das Fadas até a eternidade. Mark não pode, mas eu posso.

Iarlath disse algo exasperado em uma língua que Emma não conhecia, se virando para olhar para o mar. Kieran avançou em direção ao corpo encolhido de Julian.

— Não toque nele! — gritou Mark, mas Kieran não olhou para ele, apenas passou as mãos por baixo dos braços de Julian e o afastou da árvore. Ele o colocou a alguns metros de distância, retirando a própria túnica para envolvê-la em torno do corpo inconsciente e ensanguentado de Julian.

Emma soltou um suspiro de alívio. O sol estava quente em suas costas nuas.

— Vá em frente — instigou ela. — A não ser que seja covarde demais para chicotear uma garota.

— Emma, pare — pediu Mark. A voz cheia de dor. — Deixe que seja eu.

Os olhos de Iarlath brilharam com uma luz cruel.

— Muito bem, Carstairs — falou ele. — Faça como fez o seu *parabatai*. Prepare-se para o chicote.

Emma viu a expressão de Gwyn se transformar em tristeza quando ela foi para a árvore. O tronco, de perto, era liso e tinha uma cor marrom-avermelhada escura. Era frio ao toque quando ela passou os braços em volta. Dava para ver as rachaduras individuais no tronco.

Ela agarrou a madeira com as mãos. Ouviu Mark chamar seu nome outra vez, mas parecia vir de muito longe. Iarlath foi para trás dela.

O chicote chiou quando ele o levantou. Ela fechou os olhos. Na escuridão por trás das pálpebras, ela viu Julian, e fogo em volta dele. Fogo na câmara da Cidade do Silêncio. Ela ouviu a voz dele sussurrar as palavras, aquelas velhas palavras da Bíblia, retiradas e refeitas por Caçadores de Sombras para formarem o juramento *parabatai*.

Onde fores, irei...

O chicote desceu. Se ela achou que tinha sentido dor antes, agora foi agonia. Parecia que suas costas estavam sendo abertas por fogo. Ela cerrou os dentes

para silenciar seu grito.

Rogai-me para não o deixar...

De novo. A dor foi pior desta vez. Seus dedos se enterraram na madeira da árvore.

Ou deixar de segui-lo...

De novo. Ela caiu de joelhos.

Assim o Anjo permita, e mais, se algo que não a morte nos separar.

De novo. A dor subiu com uma onda, bloqueando o sol. Ela gritou, mas não conseguia se ouvir — seus ouvidos estavam tapados, o mundo ruindo, se encolhendo. O chicote desceu uma quinta vez, sexta, sétima, e agora ela mal sentia enquanto a escuridão a engolia.

23

Amar e Ser Amado

Cristina saiu sorumbática do quarto de Emma.

Mark deu uma olhada no cômodo antes de a porta se fechar: viu a forma parada de Emma, parecendo pequena sob uma pilha de cobertas pesadas; Julian estava sentado na cama ao seu lado. A cabeça de seu irmão estava abaixada, os cabelos escuros caindo no rosto.

Mark nunca o tinha visto tão arrasado.

— Ela está bem? — perguntou a Cristina. Estavam sozinhos no corredor. A maioria das crianças continuava dormindo.

Mark não queria se lembrar do rosto do irmão quando Julian acordou perto da árvore e viu Mark ajoelhado sobre o corpo de Emma, desenhando símbolos em sua pele lacerada com a mão trêmula e sem prática de alguém há muito tempo desacostumado à língua dos anjos.

Ele não queria se lembrar de como Julian estava quando entraram, Mark carregando Cortana, e Julian com Emma nos braços, o sangue dela todo espalhado por sua camisa, os cabelos grudados. Ele não queria se lembrar de como Emma gritou quando foi atingida pelo chicote nem de como parou de gritar quando sucumbiu.

E não queria se lembrar do rosto de Kieran quando Mark e Julian correram de volta para o Instituto. Kieran tentou conter Mark, colocou a mão em seu braço. Estava com o rosto pálido e suplicante, seus cabelos uma revolta desesperada em preto e azul.

Mark sacudiu o braço para afastá-lo.

— Encoste a mão em mim novamente e a verá arrancada de seu pulso para sempre — rosnou, e Gwyn afastou Kieran, falando com ele com um tom ao mesmo tempo severo e lamentoso.

— Deixe-o, Kieran — pediu o Caçador. — Já se fez muito aqui por hoje.

Eles levaram Emma para o quarto, e Julian ajudou a deitá-la na cama enquanto Mark ia buscar Cristina.

Cristina não gritou quando ele a acordou, nem mesmo quando viu Emma com as roupas rasgadas e ensopadas de sangue. Ela entrou em ação para ajudá-los: vestiu Emma com roupas limpas e secas, pegou ataduras para Julian, lavou o sangue do cabelo da amiga.

— Ela vai ficar bem — disse Cristina agora. — Vai se curar.

Mark não queria se lembrar de como a pele de Emma tinha aberto com os golpes de chicote. O cheiro de sangue misturado ao sal do ar marinho.

— Mark. — Cristina tocou o rosto dele. Ele virou a bochecha na palma dela, involuntariamente. Ela cheirava a café e curativos. Ele ficou imaginando se Julian teria contado tudo; sobre as desconfianças de Kieran em relação a ela, sobre a incapacidade de Mark de proteger o irmão e Emma.

A pele dela era suave contra a dele; seus olhos, erguidos, eram grandes e escuros. Mark pensou nos olhos de Kieran, como fragmentos de vidro em um caleidoscópio, estilhaçados e policromáticos. Os de Cristina eram firmes. Singulares.

Ela abaixou a mão pela lateral da mandíbula dele, sua expressão pensativa. Mark sentiu como se o corpo inteiro estivesse enrijecendo em um nó.

— Mark? — Foi a voz de Julian, baixa, do outro lado da porta.

— Você deveria entrar para ficar com seu irmão. — Cristina abaixou a mão, esfregando o ombro dele uma vez, tranquilizando-o. — A culpa não é sua — disse. — Não é. Entendeu?

Mark fez que sim com a cabeça, sem conseguir falar.

— Vou acordar as crianças e contar para elas — continuou, e seguiu pelo corredor, os passos firmes como se ela estivesse de uniforme de combate, apesar de estar usando uma camiseta e calça de pijama.

Mark respirou fundo e abriu a porta para o quarto de Emma.

Emma continuava imóvel, deitada, os cabelos claros espalhados sobre o travesseiro, o peito subindo e descendo uniformemente. Tinham aplicado símbolos de sono nela, assim como símbolos para acalmar a dor, conter a perda de sangue e curar.

Julian ainda estava sentado ao lado dela. A mão de Emma parecia flácida sobre o cobertor; Julian tinha movido a própria mão para perto da dela, seus dedos entrelaçados, mas sem tocar. Sua cabeça virou para longe da de Mark; Mark só conseguia ver a forma corcunda dos ombros de Julian, o jeito como a curva vulnerável da nuca parecia a curva das costas de Emma enquanto ela era chicoteada.

Ele parecia muito jovem.

— Tentei — disse Mark. — Tentei levar os golpes. Gwyn não permitiu.

— Eu sei. Vi que tentou — retrucou Julian com a voz neutra. — Mas Emma matou fadas. Você não. Eles não quereriam chicoteá-lo tendo a chance de fazer isso com ela. Não importa o que você fizesse.

Mark se repreendeu silenciosamente. Ele não fazia ideia de quais eram as palavras humanas com as quais confortaria o seu irmão.

— Se ela morresse — prosseguiu Julian, com o mesmo tom de voz —, eu ia querer morrer. Sei que isso não é saudável. Mas é verdade.

— Ela não vai morrer — disse Mark. — Ela vai ficar bem. Só precisa se recuperar. E já vi como os homens, como as pessoas, ficam quando vão morrer. Tem uma aparência que não é essa.

— Não posso deixar de pensar — disse Julian. — Essa questão toda. Alguém está tentando trazer de volta a pessoa amada, uma pessoa que morreu. Parece quase errado. Quase como se devêssemos deixar.

— Jules — disse Mark. Ele conseguia sentir as bordas afiadas das emoções do irmão mais novo como o toque de uma navalha na pele coberta por ataduras. É isso que é ser família, pensou ele. Sofrer quando alguém sofre. Querer protegê-los. — Eles estão roubando vidas. Não pode pagar por uma tragédia com mais tragédia, ou extrair vida a partir da morte.

— Eu só sei que se fosse ela, se fosse Emma, eu faria a mesma coisa. — Os olhos de Julian estavam assombrados. — Eu faria tudo que tivesse que fazer.

— Não faria. — Mark colocou a mão no ombro de Julian, puxando-o. Julian se moveu relutantemente para ficar de frente para o irmão. — Você faria a coisa certa. Por toda a vida, você fez a coisa certa.

— Sinto muito — disse Julian.

— Você sente muito? Tudo isso, Jules, o comitê... Se eu não tivesse contado a Cristina sobre a capa de Gwyn...

— Eles teriam encontrado outro motivo para puni-lo — argumentou Julian. — Kieran queria machucá-lo. Você o machucou, então ele quis retribuir. Sinto muito... sinto muito por Kieran, porque dá para ver que você gostava dele. Sinto muito por não ter sabido que você tinha deixado alguém de quem gostava para trás. Sinto muito por ter achado durante anos que era você que tinha liberdade, que estava se divertindo no Reino das Fadas enquanto eu me matava aqui, tentando criar quatro crianças, administrar o Instituto e guardar os segredos de Arthur. Eu queria acreditar que você estava bem, queria acreditar que um de nós estava bem. Queria tanto.

— Você queria acreditar que eu estava feliz, exatamente como eu queria acreditar no mesmo em relação a você — emendou Mark. — Eu me perguntava

se vocês estavam felizes, alegres, vivendo. Nunca parei para pensar que tipo de homem você se tornaria ao crescer. — Ele parou de falar. — Tenho orgulho de você. Tive pouca influência na sua formação, mas, mesmo assim, tenho orgulho de ser seu irmão, de ser irmão de todos vocês. E não vou deixá-lo outra vez.

Os olhos de Julian se arregalaram, a cor Blackthorn brilhante nas sombras.

— Não vai voltar para o Reino das Fadas?

— Independentemente do que acontecer — disse Mark —, vou ficar aqui. Sempre, sempre ficarei aqui.

Ele colocou os braços em volta de Julian e o abraçou forte. Julian expirou, como se estivesse soltando alguma coisa pesada que tinha carregado por muito tempo, e, apoiando-se no ombro de Mark, ele permitiu que o irmão mais velho sustentasse um pouquinho do seu peso.

Emma sonhou com seus pais.

Eles estavam em uma pequena casa branca em Veneza, onde moraram quando ela era criança. Dava para ver o fraco brilho dos canais pela janela. Sua mãe estava na cozinha, um tecido espalhado na frente dela. No tecido, havia um arranjo de facas, organizadas da menor para a maior. A maior era Cortana, e Emma olhou para ela faminta, absorvendo o ouro liso, o brilho afiado da lâmina.

Em comparação ao brilho da arma, sua mãe parecia uma sombra. Enquanto ela trabalhava, seus cabelos e mãos brilhavam, mas seu contorno era confuso; Emma temia que se alcançasse a mãe, ela desapareceria.

Música inflou em torno de Emma. O pai de Emma, John, entrou na cozinha, seu violino apoiado no ombro. Normalmente ele tocava com uma espaleira, mas agora não. O violino entornava música como se fosse água e...

O estalo agudo de um chicote, dor como fogo.

Emma engasgou. Sua mãe levantou a cabeça.

— Aconteceu alguma coisa, Emma?

— Eu... não, nada. — Ela se virou para o pai. — Continue tocando, pai.

O pai dela sorriu um sorriso gentil.

— Tem certeza de que não quer tentar?

Emma balançou a cabeça. Sempre que ela tocava o arco nas cordas, vinha o som de um gato estrangulado.

— A música está no sangue dos Carstairs — disse ele. — Esse violino pertencia a Jem Carstairs.

Jem, pensou Emma. Jem, que a ajudou em sua cerimônia *parabatai* com mãos suaves e um sorriso pensativo. Jem, que tinha dado seu gato para cuidar dela.

Dor que cortava sua pele como uma lâmina. A voz de Cristina dizendo “Emma, ah, Emma, por que eles a machucaram tanto?”

Sua mãe levantou Cortana.

— Emma, tenho certeza de que você está a mil quilômetros de distância.

— Talvez não tanto assim. — Seu pai abaixou o arco.

“Emma.” Era a voz de Mark. “Emma, volte. Por Julian, por favor. Volte.”

— Confie nele — disse John Carstairs. — Ele virá até você e vai precisar da sua ajuda. Confie em James Carstairs.

— Mas ele disse que tinha que ir, papai. — Emma não chamava o pai de papai desde muito pequena. — Ele disse que estava procurando alguma coisa.

— Ele está prestes a encontrar — disse John Carstairs. — E aí você terá ainda mais o que fazer.

“Jules, venha comer alguma coisa...”

“Agora não, Livvy. Preciso ficar com ela.”

— Mas, papai — sussurrou Emma —, papai, você está morto.

John Carstairs abriu um sorriso triste.

— Desde que haja amor e lembrança, não existe morte de verdade — falou.

Ele tocou o arco nas cordas e começou a tocar de novo. Música inflou, girando pela cozinha como fumaça.

Emma se levantou da cadeira da cozinha. O céu estava escurecendo lá fora, o sol poente refletido na água do canal.

— Tenho que ir.

— Ah, Em. — A mãe dela cercou a bancada da cozinha em direção a ela. Estava carregando Cortana. — Eu sei.

Sombras se moviam no interior de sua mente. Alguém estava segurando sua mão com tanta força que doeu. “Emma, por favor”, disse a voz que ela mais amava no mundo. “Emma, volte.”

A mãe de Emma colocou a espada em suas mãos.

— Aço e calma, filha — disse ela. — E lembre-se de que uma lâmina feita por Wayland, o Ferreiro pode cortar qualquer coisa.

— Volte. — Seu pai beijou-a na testa. — Volte, Emma, para onde precisam de você.

— Mamãe — sussurrou ela. — Papai.

Ela cerrou a mão no cabo da espada. A cozinha girou para longe dela, dobrando como um envelope. A mãe e o pai desapareceram também, como palavras escritas há muito tempo.

— Cortana. — Emma engasgou.

Ela se levantou e gritou de dor. Lençóis estavam enrolados em sua cintura. Ela estava na cama, em seu quarto. As luzes estavam acesas, mas fracas, a janela, só com uma fresta aberta. A mesa próxima à cama estava cheia de curativos e toalhas dobradas. O quarto cheirava a sangue e fogo.

— Emma? — Uma voz incrédula. Cristina estava sentada ao pé da cama, com um rolo de gaze e uma tesoura na mão. Ela a derrubou no chão ao ver que os olhos de Emma estavam abertos, e se jogou na cama. — Ah, Emma!

Cristina abraçou Emma pelos ombros, e por um instante Emma se agarrou a ela e ficou imaginando se era assim que era ter uma irmã mais velha, alguém que pudesse ser sua amiga, e também cuidar de você.

— Ai — disse Emma fracamente. — Está doendo.

Cristina recuou. Seus olhos estavam contornados de vermelho.

— Emma, você está bem? Se lembra de tudo que aconteceu?

Emma colocou a mão na cabeça. A garganta doía. Ela ficou imaginando se seria consequência dos gritos. Torceu para que não. Não queria dar a Iarlath essa satisfação.

— Eu... há quanto tempo estou desmaiada?

— Desmaiada? Ah, dormindo. Desde hoje de manhã. O dia todo, na verdade. Julian ficou com você o tempo todo. Finalmente consegui convencê-lo a comer alguma coisa. Ele vai ficar arrasado por você ter acordado sem ele aqui. — Cristina puxou o cabelo emaranhado de Emma para trás.

— Eu deveria levantar... deveria ver... está todo mundo bem? Aconteceu alguma coisa? — De repente, sua cabeça estava cheia de imagens terríveis das fadas, após terminarem com ela, indo atrás de Mark ou Julian, ou, de algum jeito, até mesmo das crianças, e Emma tentou empurrar as pernas para a lateral da cama.

— Não aconteceu nada. — Cristina a empurrou gentilmente. — Você está cansada e fraca; precisa de comida e símbolos. Uma chibatada assim... dá para chicotear alguém até a *morte*, você sabe disso, Emma?

— Sim — sussurrou ela. — Minhas costas ficarão marcadas para sempre?

— Provavelmente — respondeu Cristina. — Mas não vai ser ruim; os *iratzes* fecharam os machucados rapidamente. Não conseguiram curá-los. Vão ficar marcas, mas serão leves. — Seus olhos estavam vermelhos. — Emma, por que você fez isso? Por quê? Você realmente acha que seu corpo é muito mais forte que o de Mark ou Julian?

— Não — respondeu Emma. — Acho que todos são fortes ou fracos de maneiras diferentes. Existem coisas das quais morro de medo, e que Mark não teme. Como o mar. Mas ele já foi suficientemente torturado... o que isso teria causado a ele, eu nem sei. E Julian... Eu senti quando ele foi chicoteado. No meu

corpo, no meu coração. Foi a pior coisa que já senti, Cristina. Eu teria feito qualquer coisa para impedir. Foi uma atitude egoísta.

— Não foi egoísta. — Cristina pegou a mão de Emma e a apertou. — Há um tempo penso que eu jamais quereria um *parabatai* — disse ela. — Mas seria diferente, eu acho, se a *parabatai* fosse você.

Eu também queria que você fosse minha parabatai, pensou Emma, mas não podia falar isso — parecia uma deslealdade a Julian, apesar de tudo.

Em vez disso, ela falou:

— Eu te amo, Cristina. — E apertou a mão dela de volta. — Mas a investigação... tenho que ir com você...

— Para onde? Para a biblioteca? Todo mundo passou o dia lendo e procurando mais informações sobre a Dama da Meia-Noite. Vamos encontrar alguma coisa, mas temos bastante gente para pesquisar.

— Existem outras coisas a se fazer além de pesquisa em livros...

A porta se abriu, e Julian estava na entrada. Seus olhos se arregalaram, e por um instante foram tudo que Emma enxergou, como portas azuis-esverdeadas que desaguavam em um outro mundo.

— Emma — sussurrou ele. Sua voz soou rouca e quebrada. Ele vestia calça jeans e uma camiseta branca solta, e por baixo o contorno de uma atadura, envolvendo seu peito, era visível. Seus olhos pareciam vermelhos, o cabelo emaranhado, e tinha uma leve sombra de barba no queixo e nas bochechas. Julian jamais deixava de se barbear, desde a primeira vez que apareceu uma barbicha e Ty disse a ele, sem preâmbulo: “não gostei.”

— Julian — disse Emma —, você está b...

Mas Julian tinha começado a correr pelo quarto. Sem parecer notar nada além de Emma, ele caiu de joelhos e a abraçou, enterrando o rosto em sua barriga.

Ela esticou a mão trêmula e acariciou os cachos dele, erguendo os olhos em alarme para olhar Cristina. Mas Cristina já estava se levantando, murmurando que ia avisar aos outros que Julian estava cuidando de Emma. Emma ouviu a tranca estalar quando ela fechou a porta.

— Julian — murmurou Emma, com a mão no cabelo dele. Ele não estava se mexendo. Parecia completamente imóvel. Respirou trêmulo antes de levantar a cabeça.

— Pelo Anjo, Emma — disse ele em um sussurro rouco. — Por que você fez isso?

Ela fez uma careta, e de repente ele estava de pé.

— Você precisa de mais marcas de cura — disse ele. — Obviamente. Como sou burro, é óbvio que precisa. — Era verdade: ela estava machucada. Alguns pontos doíam menos, outros mais agudamente. Emma respirou fundo, como

Diana havia lhe ensinado, lenta e firmemente, enquanto ele pegava a estela.

Ele sentou na cama ao lado dela.

— Fique parada — falou, e tocou sua pele com o instrumento. Ela sentiu a dor diminuir até se tornar um incômodo suportável.

— Quanto tempo... Quando você acordou? — perguntou Emma.

Ele estava colocando a estela sobre a mesa.

— Se quer saber se o vi dando chicotadas em você, não — respondeu sombriamente. — Do que você se lembra?

— Eu me lembro de quando Gwyn e os outros vieram... Iarlath... Kieran. — Ela pensou no sol ardente, uma árvore com um tronco cor de sangue. Olhos preto e prata. — Kieran e Mark se amam.

— Amavam — disse Julian. — Não sei como Mark se sente em relação a ele agora.

Ela respirou fundo, arfando.

— Eu derrubei Cortana...

— Mark a trouxe para dentro — respondeu ele com uma voz que indicava que Cortana era a última coisa em que pensava. — Meu Deus, Emma, quando recuperei a consciência e o comitê já tinha se retirado, vi você no chão, sangrando, e Mark estava tentando levantá-la, pensei que você estivesse *morta* — falou, e não havia nenhum indício de calma em sua voz, apenas uma selvageria voraz que ela jamais havia associado a Julian antes. — Eles *te* chicotearam, Emma, você levou a surra que devia ser de Mark ou minha. Detesto que tenha feito isso, você entende, detesto. — Emoção estalou e queimou em sua voz, como um fogo se descontrolando. — Como pôde?

— Mark não teria suportado a surra — disse ela. — Teria acabado com ele. E eu não suportaria vê-los dando chicotadas em você. Teria acabado comigo.

— Acha que não sinto a mesma coisa? — perguntou ele. — Acha que não passei o dia aqui sentado, totalmente destruído e destroçado? Prefiro perder o braço a vê-la perder uma unha, Emma.

— Não era só uma questão sobre você — explicou ela. — As crianças... veja, elas esperam que eu lute e me machuque. Pensam: lá está Emma, toda arranhada outra vez, cortada e cheia de curativos. Mas você, elas olham para você de um jeito que não olham para mim. Se você se machucasse seriamente, ficariam muito assustados. E eu não podia suportar isso.

Os dedos de Julian se apertaram em uma espiral. Ela viu o pulso dele correndo sob a pele. E pensou, aleatoriamente, em uma pichação que tinha visto no Píer Malibu: *Seu coração é uma arma do tamanho do seu pulso*.

— Meu Deus, Emma — disse ele. — O que eu fiz com você.

— Eles também são a minha família — disse ela. E a emoção ameaçava

sufocá-la. Ela a conteve.

— Às vezes, eu gostaria... eu queria... que nós fôssemos casados e que eles fossem nossos filhos — disse ele rapidamente. Estava com a cabeça abaixada.

— Casados? — repetiu Emma, assustada.

A cabeça dele levantou. Os olhos ardiam.

— Por que você acha que eu...

— Me ama menos do que eu te amo? — perguntou ela. Ele se encolheu visivelmente ao ouvir essas palavras. — Porque você disse. Eu praticamente disse na praia o que eu sentia, e você falou “não desse jeito, Emma”.

— Eu não...

— Estou cansada de mentirmos um para o outro — falou Emma. — Entendeu? Cansada, Julian.

Ele passou as mãos pelo cabelo.

— Não vejo nenhum jeito disso dar certo — confessou ele. — Não enxergo nada além de um pesadelo onde tudo vai ruir e onde eu não a tenho.

— Você não me tem agora — retrucou Emma. — Não do jeito que importa. Do jeito verdadeiro. — Ela tentou se ajoelhar na cama. Suas costas doíam, e os braços e pernas estavam cansados, como se ela tivesse corrido e escalado por vários quilômetros.

Os olhos de Julian escureceram.

— Ainda está doendo? — Ele mexeu nos itens da cabeceira e pegou um frasco. — Malcolm preparou isso para mim há um tempo. Beba.

O frasco estava cheio de um líquido dourado. Tinha um gosto parecido com champanhe velho. Assim que Emma engoliu, sentiu um torpor varrê-la. A dor em seus membros retraiu, e uma energia fria e fluida tomou o seu lugar.

Julian pegou o frasco dela e o deixou cair na cama. Ele deslizou um braço sob seus joelhos e o outro sob os ombros, e levantou o corpo dela da cama. Por um instante ela se agarrou a ele em surpresa. Dava para sentir seu coração batendo, o cheiro de sabão, tinta e cravo. Ele tinha cabelos macios contra sua bochecha.

— O que você está fazendo? — disse ela.

— Preciso que venha comigo. — A voz dele estava tensa, como se ele estivesse reunindo coragem para fazer alguma coisa horrível. — Preciso que veja uma coisa.

— Você está parecendo um assassino em série com um freezer cheio de braços — murmurou Emma, quando ele abriu a porta com o ombro.

— A Clave provavelmente ficaria mais feliz se fosse esse o caso.

Emma queria esfregar a bochecha na dele, sentir a aspereza da barba. Ele estava todo bagunçado, na verdade, a camisa, do avesso, e os pés, descalços. Ela sentiu uma onda de afeto e uma vontade tão intensa que seu corpo inteiro

enrijeceu.

— Pode me colocar no chão — pediu ela. — Estou bem. Não preciso ser princesa-carregada.

Ele riu, uma risada curta e engasgada.

— Eu não sabia que isso existia — retrucou ele, mas a colocou de pé. Cuidadosa e lentamente, e eles se inclinaram um no outro, como se nenhum deles pudesse suportar o fato de que em um instante não estariam mais se tocando.

O coração de Emma começou a acelerar. Acelerou enquanto ela seguia Julian pelo corredor vazio e acelerou enquanto eles subiam a escada dos fundos para o estúdio dele. Acelerou quando ela se apoiou na bancada cheia de tintas e Julian foi pegar uma chave da gaveta perto da janela.

Ela o viu respirar fundo, seus ombros se levantando. Ele estava como ficou quando se preparava para as chicotadas.

Tendo reunido coragem, ele foi até a porta da sala trancada, a que ninguém além dele atravessava. Girou a chave com um estalo decidido, e a porta se abriu.

Ele chegou para o lado.

— Entre — pediu.

Os anos de um hábito enraizado e de respeito à privacidade de Julian a contiveram.

— Tem certeza?

Ele fez que sim com a cabeça. Estava pálido. Ela se afastou da bancada e atravessou a sala com apreensão. Talvez ele realmente tivesse corpos ali. O que quer que fosse, só podia ser algo terrível. Ela nunca o tinha visto daquele jeito.

Ela entrou no quarto. Por um instante pensou que tinha entrado em uma casa de espelho. Reflexos dela mesma a olhavam de todas as superfícies. As paredes eram cobertas por desenhos e pinturas, e havia também um cavalete, armado em um canto perto de uma janela solitária, com desenhos incompletos. Duas bancadas percorriam as extensões das paredes leste e oeste, e essas também estavam cobertas de arte.

Todas as imagens eram dela.

Lá estava ela treinando, empunhando Cortana, brincando com Tavvy, lendo para Dru. Uma em aquarela, era dela dormindo na praia, com a cabeça apoiada na mão. Os detalhes da curva de seu ombro, os grãos individuais de areia grudados em sua pele como açúcar, tinham sido desenhados com tanto carinho que ela quase ficou tonta. Em outra, ela se erguia sobre a cidade de Los Angeles. Estava nua, seu corpo transparente — só dava para ver os contornos; as estrelas da noite brilhavam através dela. Estava com os cabelos soltos, como luz brilhante, iluminando o mundo.

Ela se lembrou do que ele tinha dito a ela quando estavam dançando. *Eu estava pensando em pintá-la. Pintar o seu cabelo. Eu teria que usar branco titânio para acertar a cor, o jeito como ele capta a luz e quase brilha. Mas isso não daria certo, daria? Não é todo de uma cor, o seu cabelo, não é só dourado: é âmbar e acastanhado, caramelo, trigo e mel.*

Ela esticou o braço para tocar o próprio cabelo, que nunca pensou ser nada além de louro, e depois ficou olhando para a pintura no cavalete. Estava inacabada, uma imagem de Emma saindo do mar, Cortana presa em seu quadril. Os cabelos dela estavam soltos, como na maioria dos desenhos, e ele o tinha deixado parecer espuma marinha ao pôr do sol. Quando os últimos raios de luz do dia deixavam a água dourada. Ela estava linda, feroz, tão terrível quanto uma deusa.

Ela mordeu o lábio.

— Você gosta do meu cabelo solto — declarou.

Julian soltou uma risada curta.

— Isso é tudo que você tem a dizer?

Ela se virou para olhar diretamente para ele. Eles estavam próximos.

— São lindos — elogiou ela. — Por que nunca me mostrou? Nem a ninguém?

Ele exalou, dando um sorriso lento e triste.

— Ems, ninguém poderia olhar para isso e não saber o que eu sinto por você.

Ela colocou a mão na bancada. De repente, parecia importante ter alguma coisa que a mantivesse firme.

— Há quanto tempo tem me desenhado?

Ele suspirou. Um instante mais tarde colocou a mão no cabelo dela. Seus dedos se entrelaçaram nas mechas.

— A vida toda.

— Eu me lembro que você desenhava, mas depois parou.

— Nunca parei. Só aprendi a esconder. — O sorriso desapareceu. — Meu último segredo.

— Duvido — disse Emma.

— Eu só tenho mentido e mentido e mentido — falou Julian lentamente. — Eu me tornei um especialista em contar mentiras. Parei de achar que mentiras poderiam ser destruidoras. Até mesmo más. Até estar naquela praia e dizer para você que eu não sentia aquilo por você.

Ela estava agarrando a bancada com tanta força que sua mão doeu.

— Sentia o quê?

— Você sabe — respondeu, afastando-se dela.

De repente, ela achou que tinha exagerado, forçado demais, mas a

necessidade voraz de saber foi mais forte.

— Eu preciso ouvir. Soletre para mim, Julian.

Ele deu um passo para a porta. Pegou a maçaneta — por um instante ela achou que ele fosse sair — e fechou a porta da pequena sala. Trancou, fechando os dois lá dentro. Virou para ela. Seus olhos eram luminosos à pouca luz.

— Eu tentei impedir — disse ele. — Por isso fui para a Inglaterra. Achei que, se ficasse longe de você, talvez parasse de me sentir como estava me sentindo. Mas assim que voltei, no instante em que te vi, soube que não havia feito nenhuma diferença. — Ele olhou ao redor, a expressão era quase resignada. — Por que todos esses quadros com você? Porque sou um artista, Emma. Essas pinturas são o meu coração. E, se meu coração fosse uma tela, cada centímetro dela retrataria você.

O olhar dela parou no dele.

— Você está falando sério — disse ela. — Realmente está.

— Sei que menti para você na praia. Mas juro, pelos nossos votos *parabatai*, que estou dizendo a verdade agora. — Ele falou com clareza, deliberadamente, como se não fosse suportar se alguma palavra do que estava dizendo a ela fosse mal interpretada ou perdida. — Eu amo tudo em você, Emma. Eu amo o jeito como reconheço os seus passos no corredor do lado de fora do meu quarto, mesmo sem saber que você estava vindo. Mais ninguém anda ou respira ou se move como você. Eu amo o jeito como você arfa à noite, logo antes de dormir, como se seus sonhos a surpreendessem. Amo o jeito como quando estamos juntos na praia, nossas sombras se fundem em uma pessoa só. Amo o jeito como você escreve na minha pele com seus dedos, e eu consigo entender melhor do que se fosse qualquer outra pessoa gritando no meu ouvido. Eu não queria amá-la desse jeito. É a pior ideia do mundo amá-la desse jeito. Mas não consigo evitar. Acredite em mim, já tentei.

Foi a dor em sua voz que a convenceu. Era a mesma dor que vinha no compasso do próprio coração há tanto tempo que ela já não sabia mais por que a sentia. Ela soltou a bancada. Deu um passo em direção a Julian, e depois mais um.

— Você... você está *apaixonado* por mim?

O sorriso dele era ameno e triste.

— Muito.

Um instante mais tarde ela estava nos braços dele, beijando-o. Ela não saberia dizer exatamente como aconteceu, só que parecia inevitável. E que tudo que a voz de Julian tinha de quieta quando ele falava, sua boca na dela tinha de ansiosa, e seu corpo era cheio de desejo e desespero. Ele a segurou, seus lábios traçando o contorno da boca. As mãos de Emma estavam vorazes no cabelo dele;

ela sempre adorou seu cabelo e agora que podia tocá-lo livremente, enterrou as mãos nas ondas espessas, enrolando-as nos dedos.

As mãos de Julian deslizaram por trás das coxas dela, e ele a levantou como se ela não pesasse nada. Ela entrelaçou as mãos em volta do pescoço dele, enquanto ele a segurava com um braço. Ela teve consciência dele pegando os papéis na bancada e os jogando para o chão com os tubos de tinta até abrir um espaço onde pudesse colocá-la.

Ela o puxou para perto, mantendo as pernas enroladas na cintura dele. Não havia nada de fechado nele agora, nada de tímido, distante ou reticente enquanto os beijos se tornavam mais profundos, selvagens e quentes.

— Diga que eu não estraguei tudo para sempre. — Julian engasgou entre os beijos. — Eu fui tão babaca na praia... e quando a vi com Mark no seu quarto...

Emma deslizou as mãos pelos ombros dele, largos e fortes sob seu aperto. Ela se sentiu embriagada pelos beijos. Era por isso que pessoas lutavam guerras, ela pensou, e por isso se matavam, e por isso destruíam as próprias vidas: aquela mistura destruidora de desejo e prazer.

— Não estava acontecendo nada...

As mãos dele acariciaram o cabelo dela.

— Sei que é ridículo. Mas quando você tinha uma paixonite por Mark, aos 12 anos, é a primeira vez que me lembro de ter sentido ciúme. Não faz o menor sentido, eu sei disso, mas não conseguimos descartar as coisas que mais tememos. Se você e Mark algum dia... Acho que eu não teria como me recuperar.

Alguma coisa na honestidade crua da voz dele a tocou.

— Todo mundo tem medo de alguma coisa — sussurrou ela, chegando mais para perto, nos braços dele. Emma deslizou os dedos para baixo da bainha da camisa dele. — É parte de ser humano.

Os olhos dele semifecharam. Os dedos passaram pelos cabelos dela; suas mãos a acariciaram levemente nas costas, encontraram sua cintura, puxando-a mais forte para si. A cabeça dela pendeu para trás, quase batendo em um dos armários; os lábios de Julian arderam na clavícula de Emma. A pele estava quente ao toque dela. Emma, de repente, conseguiu entender por que as pessoas comparavam paixão a fogo: parecia que eles estavam acesos em uma fogueira e ardiam como as colinas secas de Malibu, prestes a se tornar cinzas que se misturariam para sempre.

— Diga que me ama, Emma — pediu Julian na garganta dela. — Mesmo que não seja verdade.

Ela engasgou. Como ele podia achar, como ele podia não perceber...?

Ouviu-se o ruído de passos no estúdio.

— Julian? — A voz de Livvy ecoou pela porta. — Ei, Jules, onde você está?

Emma e Julian se desgrudaram um do outro em pânico. Ambos estavam desalinhados, cabelos bagunçados, lábios inchados de beijos. E Emma não conseguia imaginar como explicariam por que estavam trancados na sala particular de Julian.

— Juuules! — Livvy gritava agora, com bom humor. — Estamos na biblioteca, Ty mandou buscá-lo... — Livvy pausou, provavelmente olhando ao redor da sala. — Sério, Julian, onde você está?

A maçaneta da porta girou.

Julian congelou. A maçaneta girou outra vez, a porta balançando contra a tranca.

Emma ficou tensa.

Ouviu-se o som de um suspiro. A maçaneta parou de girar. Passos se afastaram deles e então a porta do estúdio fechou.

Emma olhou para Julian. Ela se sentia como se o sangue tivesse congelado e descongelado subitamente; corria pelas veias como uma torrente.

— Tudo bem. — Suspirou.

Julian a pegou e a abraçou furiosamente, as mãos cheias de unhas roídas enterrando em seus ombros. Ele a agarrou com tanta força que ela mal conseguia respirar.

Então ele soltou. E o fez como se estivesse se forçando a isso, como se estivesse morto de fome e estivesse colocando de lado o último bocado de comida. Mas o fez.

— É melhor irmos.

De volta ao seu quarto, Emma tomou banho e trocou de roupa o mais rápido possível. Vestiu uma calça jeans e não conseguiu conter uma careta quando a camiseta desceu pelo pescoço, arranhando os curativos nas costas. Precisaria de novos em breve, e provavelmente de mais um *iratze*.

Ela saiu e descobriu que o corredor já estava ocupado.

— Emma — disse Mark, se afastando da parede. Sua voz parecia cansada. — Julian disse que você estava bem. Eu... eu sinto muito.

— Não é culpa sua, Mark — retrucou ela.

— É — argumentou ele. — Eu confiei em Kieran.

— Você confiou porque o amava.

Ele olhou para ela, surpreso. Parecia fora de prumo, e não só por causa de seus olhos: foi como se alguém tivesse alcançado dentro dele e sacudido toda a raiz de suas crenças. Ela ainda conseguia ouvi-lo gritando quando Iarlath

chicoteou; primeiro, Julian, depois, ela.

— Ficou tão evidente assim?

— Você olhou para ele como... — *Como eu olho para Julian.* — Como se olha para alguém que se ama — disse ela. — Sinto muito não ter percebido antes. Achei que você... — *Gostasse de Cristina, talvez? Kieran certamente parecia com ciúmes dela.* — Gostasse de meninas — concluiu. — Tenho que aprender a não fazer suposições.

— Eu gosto — admitiu ele, confuso. — De garotas.

— Ah! — exclamou ela. — Você é bissexual?

— Até onde eu sei, era assim que vocês chamavam — explicou ele com um breve olhar de divertimento. — Não existem termos para essas coisas no Reino das Fadas, então...

Ela fez uma careta.

— Desculpe duplamente pelas suposições.

— Tudo bem. Você está certa em relação a Kieran. Ele foi tudo que eu tive por um bom tempo.

— Se faz alguma diferença, ele o ama — disse Emma. — Deu para ver no rosto dele. Acho que ele não esperava que nenhum de nós fosse se machucar. Acho que ele pensou que ia levá-lo de volta para o Reino das Fadas, onde poderiam ficar juntos. Ele nunca imaginou...

Mas, com isso, veio a lembrança do chicote descendo não só nas suas costas, mas em Julian, e a garganta de Emma fechou.

— Emma — falou Mark. — No dia em que fui levado pela Caçada... a última coisa que falei para Julian foi que ele deveria ficar com você. Eu pensava em você, mesmo quando estava longe, como uma menina delicada, uma garotinha de tranças loiras. Eu sabia que, se alguma coisa lhe acontecesse, mesmo naquela época, Julian ficaria arrasado.

Emma sentiu o próprio coração parar, mas, se Mark quis dizer qualquer coisa fora do comum com o “arrasado”, ela não tinha certeza.

— Hoje você o protegeu — disse Mark. — Você levou as chicotadas que deveriam ser dele. Não foi fácil ver o que fizeram com você. Queria que tivesse sido eu. Queria mil vezes. Mas sei por que meu irmão queria me proteger. E sou grato por você protegê-lo também.

Emma respirou apesar do aperto na garganta.

— Precisei fazer isso.

— Sempre estarei em débito com você — falou Mark, e sua voz foi a voz de um príncipe do Reino das Fadas, cujas promessas eram mais do que promessas.

— Qualquer coisa que quiser, eu lhe darei.

— É uma promessa e tanto. Você não precisa...

— Eu quero — declarou ele de um jeito definitivo.

Após um instante Emma fez que sim com a cabeça e a estranheza se quebrou. O Mark a fada voltou a ser Mark Blackthorn, contando a ela sobre o progresso da investigação enquanto desciam a fim de se juntar aos outros. Para impedir que tio Arthur descobrisse o que tinha se passado com Emma e o comitê de fadas, Julian tinha providenciado para que ele se encontrasse com Anselm Nightshade na pizzaria em Cross Creek Road. Nightshade havia mandado um carro para Arthur mais cedo, prometendo que ambos voltariam quando a noite caísse.

O restante da família estava na biblioteca. Tinham devorado pilhas de livros em busca de informações sobre a Dama da Meia-Noite.

— Eles descobriram alguma coisa? — perguntou ela.

— Não tenho certeza, eu estava indo para a biblioteca quando o Sr. Lindo e Sexy apareceu e disse que tinha informações.

— Uau. — Emma levantou a mão. — Sr. Lindo e Sexy?

— Diego Perfeito — resmungou Mark.

— Tudo bem, sei que você não voltou do Reino das Fadas há muito tempo, mas no mundo humano, Sr. Lindo e Sexy não é um insulto muito eficiente.

Mark não teve oportunidade de responder; tinham chegado à biblioteca. Assim que entraram, Emma quase foi derrubada por uma figura acelerada com um abraço determinado: era Livvy, que imediatamente começou a chorar.

— Aaaai — disse Emma, olhando em volta. Todo o recinto parecia coberto por pilhas de papel, montes de livros. — Liv, cuidado com os curativos.

— Não posso acreditar que tenha deixado as fadas darem chicotadas em você; ah, eu odeio todas elas, odeio as Cortes, vou matar todos eles...

— “Deixar” talvez não seja a palavra — cortou Emma. — Enfim, eu estou bem. Está tudo bem. Nem doeu tanto assim.

— Ah, mentirosa! — disse Cristina, surgindo de trás de uma pilha de livros, com Diego ao seu lado. *Interessante*, Emma pensou. — Foi muito heroico o que você fez, mas também muito tolo.

Diego olhou para Emma com sérios olhos castanhos.

— Se eu soubesse o que estava para acontecer, teria ficado e me oferecido para as chibatadas. Sou mais musculoso e maior do que você, e provavelmente as teria recebido melhor.

— Eu as recebi bem — disse Emma, irritada. — Mas agradeço o lembrete de que você é enorme. Do contrário, eu poderia ter esquecido.

— Argh! Pare com isso! — Cristina se dissolveu em uma tempestade de espanhol.

Emma levantou as mãos.

— Cristina, *devagar*.

— Ajudaria? — perguntou Diego. — Você fala espanhol?

— Não muito — disse Emma.

Ele esboçou um sorriso.

— Ah, bem, nesse caso, ela está nos elogiando.

— Eu *sei* que não foram elogios — disse Emma, mas então a porta se abriu e era Julian, e, de repente, todo mundo se ocupou ajudando a carregar livros e alinhá-los sobre a mesa, separando os papéis.

Ty estava na cabeceira como se estivesse conduzindo uma reunião de conselho. Ele não sorriu para Emma, exatamente, mas lançou-lhe um olhar de lado que ela sabia que significava afeto, e depois voltou o olhar mais uma vez para o que estava fazendo.

Emma não encarou Julian, pelo menos, não mais do que uma olhada. Não se achava capaz. No entanto, ela estava ciente da presença dele quando atravessou a sala até a mesa comprida. Ele foi para o lado esquerdo de Ty, olhando para suas anotações.

— Onde estão Tavvy e Dru? — perguntou ela, pegando o primeiro livro de uma pilha.

— Tavvy estava inquieto. Dru o levou para a praia — disse Livvy. — Ty acha que ele pode ter descoberto alguma coisa.

— Quem ela era — revelou Ty. — Nossa Dama da Meia-Noite. O livro de Tavvy me lembrou uma história que li em um dos livros sobre a história Blackthorn...

— Mas já olhamos todos os livros de história Blackthorn — disse Julian.

Ty lançou a ele um olhar superior.

— Vimos tudo de cem anos para cá — argumentou. — Mas o livro de Tavvy dizia que a Dama da Meia-Noite estava apaixonada por alguém que era proibida de amar.

— Então, pensamos: o que é um amor proibido? — perguntou Livvy ansiosamente. — Quer dizer, entre parentes, eca, e pessoas que são muito mais novas ou mais velhas entre si, o que também é nojento, e pessoas que são inimigas declaradas, o que não é nojento, mas um pouco triste...

— Pessoas que gostam de *Star Wars* e pessoas que gostam de *Star Trek* — disse Emma. — Etc. Aonde quer chegar com isso, Livs?

— Ou *parabatai*, como Silas Pangborn e Eloisa Ravenscar — prosseguiu Livvy, e Emma instantaneamente se arrependeu de ter feito uma piada. Se sentiu muito consciente de onde Julian estava, do quanto estava próximo dela, do quanto ele ficou tenso. — Mas isso não parece provável. Então pensamos... Era totalmente proibido se apaixonar por seres do Submundo antes dos Acordos. Teria sido um verdadeiro escândalo.

— Então fomos atrás das histórias mais antigas — disse Ty. — E encontramos algo. Tinha uma família Blackthorn com uma filha que se apaixonou por um feiticeiro. Eles iam fugir juntos, mas a família dela os pegou. A garota foi então mandada embora para se tornar uma Irmã de Ferro.

— “Os pais a prenderam em um castelo de ferro.” — Mark tinha pegado o livro de Tavvy. — É isso que significa.

— Você fala a língua dos contos de fada — disse Diego. — Não é surpreendente, suponho.

— E então ela morreu — disse Emma. — Como se chamava?

— Annabel — falou Livvy. — Annabel Blackthorn.

Julian suspirou.

— Onde isso tudo aconteceu?

— Na Inglaterra — respondeu Ty. — Há duzentos anos. Antes de “Annabel Lee” ser escrito.

— Eu também encontrei uma coisa — disse Diego. Do bolso interno do casaco, ele retirou um galho cheio de folhas. Colocou-o sobre a mesa. — Não encostem — pediu ele, quando Livvy esticou o braço. Ela recolheu a mão. — É beladona. Erva mortal. Só é fatal se for ingerida ou absorvida pela corrente sanguínea, mas mesmo assim.

— Da convergência? — perguntou Mark. — Eu a notei lá.

— Sim — respondeu Diego. — É mais mortal do que uma beladona comum. Desconfio que tenha sido isso que manchou as flechas que comprei no Mercado das Sombras. — Ele franziu o rosto. — O mais estranho é que normalmente só cresce na Cornualha.

— A menina que se apaixonou pelo feiticeiro — falou Ty. — Foi na Cornualha.

No mesmo instante, tudo no recinto pareceu muito claro, brilhante e duro, como se entrasse em foco.

— Diego — chamou Emma —, de quem você comprou as flechas? No Mercado?

Diego franziu o rosto.

— De um humano com Visão. Acho que o nome dele era Rook...

— Johnny Rook — disse Julian. Seus olhos, encontrando os de Emma, escureceram com uma súbita constatação. — Você acha...

Ela estendeu a mão.

— Me dê seu telefone.

Ela estava ciente dos olhares curiosos ao pegar o telefone de Julian e fazer a ligação enquanto cruzava a sala. O telefone tocou diversas vezes antes de atenderem.

— Alô?

— Rook — falou ela. — É Emma Carstairs.

— Eu disse para não me ligar. — A voz dele estava fria. — Depois do que seu amigo fez com meu filho...

— Se não falar comigo agora, a próxima visita que receberá será dos Irmãos do Silêncio. — Ela se irritou. Tinha raiva na voz, apesar de pouca ser destinada a ele. A raiva crescia nela como uma maré; raiva e a sensação de traição. — Sabe, sei que você vendeu algumas flechas ao meu amigo. Estavam envenenadas. Com um veneno ao qual só o Guardião dos Seguidores teria acesso. — Ela agora estava chutando, mas, pelo silêncio do outro lado da linha, concluiu que seu tiro no escuro não passara muito longe do alvo. — Você disse que não sabia quem ele era. Você mentiu.

— Não menti — refutou Rook após uma pausa. — Não sei quem ele é.

— Então como sabe que é homem?

— Veja, ele sempre apareceu de túnica, com luvas e capuz, entendeu? Completamente coberto. Ele me pediu para destilar aquelas folhas, fazer um composto que ele pudesse usar. Eu fiz.

— Para poder envenenar as flechas?

Ela pôde ouvir o sorriso na voz de Rook.

— Sobrou um pouco, e eu pensei em me divertir. Centuriões não são muito populares no Mercado das Sombras, e beladona é ilegal.

Emma queria gritar com ele, queria gritar que uma das flechas que ele envenenou por diversão quase matou Julian. Ela se conteve.

— O que mais você fez pelo Guardião?

— Não tenho que lhe contar nada, Carstairs. Você não tem nenhuma prova de que conheço o Guardião tão bem assim...

— Sério? Então como você sabia que aquele corpo ia ser desovado no Sepulcro? — Rook ficou em silêncio. — Sabe como são as prisões na Cidade do Silêncio? Quer mesmo conhecê-las pessoalmente?

— Não...

— Então me diga o que mais fez por ele. O Guardião. Você usou necromancia?

— Não! Nada disso. — Agora Rook pareceu um pouco apavorado. — Eu fiz coisas pelos Seguidores. Fiz amuletos da sorte, me certifiquei de que ganhassem dinheiro inesperadamente, acesso às festas, pré-estreias, pessoas se apaixonando por eles. Fechassem negócios. Nada de mais. Só o bastante para mantê-los felizes e acreditando que valia a pena ficar no oculto. Acreditando que o Guardião estava cuidando deles e eles iam conseguir tudo que queriam.

— E o que ele fazia para você em troca?

— Dinheiro — respondeu Rook secamente. — Proteção. Ele protegeu minha casa contra demônios. Ele tem poderes mágicos, aquele sujeito.

— Você trabalhou para um cara que sacrificou pessoas — observou Emma.

— Era um culto. — Rook praticamente rosnava. — Sempre existiram, sempre vão existir. As pessoas querem dinheiro e poder, e farão qualquer coisa para conseguir. Não é culpa minha.

— Sim, as pessoas, de fato, fazem qualquer coisa por dinheiro. Você é prova disso. — Emma tentou controlar a irritação, mas seu coração batia acelerado. — Conte qualquer coisa sobre esse cara. Você deve ter notado a voz, o jeito de andar, qualquer coisa estranha nele...

— Tudo é estranho em um sujeito que chega todo coberto de tecido. Não consegui nem ver os sapatos, entendeu? Ele não parecia estar totalmente presente. Foi ele que me contou sobre o Sepulcro. Tagarelou um monte de coisas sem sentido, uma vez disse que veio para Los Angeles a fim de trazer de volta o amor...

Emma desligou. Ela olhou para os outros com o coração acelerando no peito.

— É Malcolm — disse ela, com a voz soando distante e baixa aos próprios ouvidos. — Malcolm é o Guardião.

Todos olharam para ela com expressões atônitas, em silêncio.

— Malcolm é nosso amigo — lembrou Ty. — Isso não... Ele não faria isso.

— Ty está certo — disse Livvy. — Só porque Annabel Blackthorn se apaixonou por um feiticeiro...

— Ela se apaixonou por um feiticeiro. Na Cornualha. Magnus disse que Malcolm morava na Cornualha. Tem uma planta da Cornualha crescendo em torno da convergência. Malcolm tem nos ajudado com a investigação, mas não tem, na verdade. Ele não traduziu uma palavra do que entregamos a ele. Ele nos disse que era um feitiço de invocação; não é, é um feitiço necromântico. — Ela começou a andar de um lado para o outro. — Ele tem aquele anel com a pedra vermelha, e os brincos que encontrei na convergência eram de rubi... Tudo bem, não é exatamente uma prova conclusiva, mas ele teria que ter roupas para ela, certo? Para Annabel? Ela não poderia andar por aí com a mortalha quando ele a trouxesse de volta. Faz mais sentido que um necromante tenha roupas para a pessoa que ele está tentando ressuscitar dos mortos do que para ele mesmo. — Ela se virou e viu que os outros a estavam encarando. — Malcolm só se mudou para Los Angeles cerca de cinco meses antes do ataque ao Instituto. Ele diz que estava fora quando aconteceu, mas... e se não estivesse? Ele era o Alto Feiticeiro. Poderia facilmente ter descoberto onde meus pais estavam naquele dia. Ele poderia tê-los matado. — Ela olhou para os outros. As expressões variavam entre o choque e a incredulidade.

— Eu simplesmente não acho que Malcolm faria isso — comentou Livvy com a voz fraca.

— Rook disse que o Guardião com quem ele se encontrou escondeu a identidade — falou Emma. — Mas ele também mencionou que o Guardião falou a ele que tinha vindo para Los Angeles para trazer de volta o amor. Vocês se lembram do que Malcolm disse quando estávamos vendo o filme? “Eu vim aqui para ressuscitar o amor verdadeiro.” — Ela agarrou o telefone com tanta força que doeu. — E se ele estivesse falando sério? Literalmente? Ele veio aqui para trazer o seu verdadeiro amor de volta dos mortos. Annabel.

Fez-se um longo silêncio. Foi Cristina, para a surpresa de Emma, que finalmente o rompeu.

— Não conheço bem Malcolm, nem o amo como vocês — disse ela com sua voz suave. — Então me perdoem se o que digo magoá-los. Mas acho que Emma tem razão. Uma dessas coisas pode ser coincidência. Mas todas não. Annabel Blackthorn se apaixonou por um feiticeiro na Cornualha. Malcolm era um feiticeiro na Cornualha. Só isso já basta para levantar suspeitas suficientes para serem investigadas. — Ela olhou em volta com olhos escuros ansiosos. — Desculpe. Mas é que o próximo passo para o Guardião é *sangue Blackthorn*. Por isso não podemos esperar.

— Não se desculpe, Cristina. Você tem razão — disse Julian. Ele olhou para Emma, e ela pôde ver as palavras não ditas atrás dos olhos dele: *foi assim que Belinda soube de Arthur*.

— Precisamos encontrá-lo — disse Diego, a voz clara e prática rompendo o silêncio. — Precisamos partir imediatamente...

A porta da biblioteca abriu violentamente, e Dru entrou correndo. O rosto dela estava rosa, e seus cabelos castanhos ondulados tinham soltado das tranças. Ela quase colidiu com Diego, mas saltou para trás com um ganido.

— Dru? — Foi Mark quem falou. — Está tudo bem?

Ela fez que sim com a cabeça, correndo para Julian.

— Por que você me chamou?

Julian pareceu confuso.

— Como assim?

— Eu estava na praia com Tavvy — falou a menina, se apoiando contra a beira da mesa para recuperar o fôlego. — Aí ele veio e falou que você precisava falar comigo. Então vim correndo...

— Quê? — Julian ecoou. — Não mandei ninguém atrás de você na praia, Dru.

— Mas ele disse... — Dru, de repente, pareceu alarmada. — Ele disse que você precisava de mim imediatamente.

Julian se levantou.

— Onde está Tavvy?

O lábio dela começou a tremer.

— Mas ele falou... ele disse que se eu corresse para casa, ele traria Tavvy andando. Ele deu um brinquedo para ele. Ele já cuidou de Tavvy antes, não estou entendendo, o que houve...?

— Dru — falou Julian com a voz cautelosa e controlada. — Quem é “ele”? Quem está com Tavvy?

Dru engoliu em seco, o rosto redondo completamente assustado.

— Malcolm — disse ela. — Malcolm está com ele.

24

Pelo Nome de Annabel Lee

— Não estou entendendo — disse Dru outra vez. — O que está acontecendo?

Livvy puxou Dru para si e abraçou a irmã mais nova. Eram mais ou menos da mesma altura — não dava para saber que Livvy era mais velha, a não ser quem conhecia —, mas Dru continuou abraçando, agradecida.

Diego e Cristina ficaram em silêncio. Ty, na cadeira, tinha pegado um dos brinquedos do bolso e praticamente o atacava com mãos trêmulas, embaralhando e desembaralhando. A cabeça estava abaixada, o cabelo, caindo no rosto.

Julian... Parecia que seu mundo tinha desmoronado.

— Mas por quê? — sussurrou Dru. — Por que Malcolm ficou com Tavvy? E por que vocês todos estão tão chateados?

— Dru, Malcolm é a pessoa por quem estamos procurando. — Foi Emma que falou, a voz engasgada. — Ele é o Guardiã. É o assassino. E levou Tavvy...

— Para ter sangue Blackthorn — disse Julian. — O último sacrifício. Sangue Blackthorn para trazer de volta um Blackthorn.

Dru caiu no ombro da irmã, chorando. Mark estava tremendo; Cristina, de repente, se afastou de Diego e foi até ele. Ela pegou a mão dele e a segurou. Emma agarrou a beira da mesa. Ela não estava mais sentindo a dor nas costas. Não estava mais sentindo nada.

Tudo que conseguia ver era Tavvy, o pequeno Tavvy, o menor dos Blackthorn. Tavvy tendo pesadelos, Tavvy em seus braços enquanto ela o carregava pelo Instituto destruído pela guerra há cinco anos. Tavvy coberto com as tintas de Jules no estúdio. Tavvy, o único deles com pele que não suportava nenhum símbolo de proteção. Tavvy, que não entenderia o que estava acontecendo com ele mesmo, nem por quê.

— Espere — falou Dru. — Malcolm me deu um bilhete. Ele disse para

entregar a você, Jules. — Ela se afastou de Livvy e remexeu no bolso, retirando um papel dobrado. — Ele me pediu para não ler, que era privado.

Livvy, que tinha ido para perto de Ty, emitiu um ruído enojado. O rosto de Julian estava pálido, os olhos ardendo.

— *Privado*? Ele quer que a *privacidade* dele seja respeitada? — Julian pegou o papel da mão de Dru e quase o rasgou. Emma viu um grande bloco de letras impressas no papel. A expressão de Julian passou a exhibir confusão.

— O que está escrito, Jules? — perguntou Mark.

Julian leu as palavras em voz alta.

— *VOU RESSUSCITÁ-LA, ANNABEL LEE.*

A sala explodiu.

Um raio preto explodiu da carta na mão de Julian. Voou para o telhado, atravessando a claraboia com a força de uma bola de demolição.

Emma cobriu a cabeça quando gesso e pedacinhos de vidro choveram sobre eles. Ty, que estava diretamente abaixo do buraco no teto, se jogou para cima da irmã, derrubando-a no chão e cobrindo-a com seu próprio corpo. A sala pareceu balançar de um lado para o outro; uma estante cambaleou e caiu na direção de Diego. Afastando-se de Mark, Cristina empurrou o móvel para longe; este caiu para o lado, errando Diego por poucos centímetros. Dru gritou, e Julian a puxou para si, abraçando-a.

A luz preta estava brilhando acima. Com a mão livre, Julian jogou o bilhete no chão e pisou em cima.

Instantaneamente ele virou pó. A luz preta desapareceu como se tivesse sido desligada.

Fez-se silêncio. Livvy saiu de baixo do irmão gêmeo e se levantou, esticando o braço para ajudá-lo em seguida. Ela parecia meio surpresa, meio preocupada.

— Ty, você não precisava fazer isso.

— Você queria ter alguém que a protegesse contra os perigos. Foi o que disse.

— Eu sei — falou Livvy. — Mas...

Ty se levantou... e gritou. Um caco de vidro estava espetado na sua panturrilha. Sangue já tinha começado a ensopar o tecido em torno do corte.

Ty se abaixou e, antes que qualquer pessoa pudesse se mover, puxou o vidro da perna. Ele o jogou no chão, onde estilhaçou em pedaços claros, manchados de vermelho.

— Ty! — Julian começou a avançar, mas Ty balançou a cabeça. Ele estava se sentando em uma cadeira, o rosto contorcido de dor. O sangue tinha começado a

formar uma piscina em volta do seu tênis.

— Deixe que Livvy faça isso — falou. — Seria melhor...

Livvy já estava pulando em cima do irmão gêmeo e fazendo um *iratze*. Um pedaço de vidro tinha cortado sua bochecha esquerda, e sangue era visível contra a pele pálida. Ela o limpou com a manga ao terminar o símbolo de cura.

— Deixe-me ver o corte — disse Julian, ajoelhando.

Lentamente, Livvy dobrou a calça de Ty. O corte era na panturrilha, em carne viva e vermelho, mas não estava mais aberto; parecia um rasgo que já tinha sido costurado. Mesmo assim, do corte para baixo a perna estava manchada de sangue.

— Outro *iratze* deve resolver — disse Diego. — E um símbolo de reposição de sangue.

Julian cerrou os dentes. Ele nunca parecera incomodado com Diego do jeito que Mark ficava, mas Emma percebeu naquele instante que ele mal estava se segurando.

— Sim — disse ele. — Nós sabemos. Obrigado, Diego.

Ty olhou para o irmão.

— Não sei o que aconteceu. — Ele parecia espantado. — Eu não estava esperando... devia ter esperado.

— Ty, ninguém podia ter esperado aquilo — falou Emma. — Quero dizer, Julian disse umas palavras, e *boom*, luz do Inferno.

— Mais alguém se machucou? — Julian tinha cortado eficientemente a calça de Ty, e Livvy, com o rosto da cor de jornal velho, estava aplicando símbolos de cura e de reposição de sangue no irmão gêmeo. Julian olhou em volta, e Emma pôde vê-lo fazendo um inventário mental de sua família: *Mark, tudo bem, Livvy, tudo bem, Dru, tudo bem...* Ela viu o momento em que ele olhou para onde Tavvy deveria estar e empalideceu. A mandíbula enrijeceu. — Malcolm deve ter enfeitado o papel para liberar aquele sinal assim que fosse lido.

— É um sinal — disse Mark. A expressão no rosto dele era de perturbação. — Eu já senti isso antes, na Corte Unseelie, quando feitiços malignos eram preparados. Foi magia das trevas.

— Temos que ir direto para a Clave. — O rosto de Julian estava exangue. — Sigilo não importa, punições não importam, não quando a vida de Tavvy corre risco. Eu assumo toda a culpa.

— Você não vai assumir nenhuma culpa — disse Mark — que eu não assuma também.

Julian não respondeu, apenas estendeu a mão.

— Emma, meu telefone.

Ela tinha se esquecido de que ainda estava com ele. Retirou o telefone

lentamente do bolso... e piscou os olhos.

A tela estava apagada.

— Seu telefone. Está sem bateria.

— Estranho — disse Julian. — Eu recarreguei hoje de manhã.

— Pode usar o meu — ofereceu Cristina, e alcançou o próprio bolso. — Aqui... — Ela piscou. — Também está sem bateria.

Ty saltou da cadeira. Deu um passo à frente e franziu o rosto, mas só de leve.

— Nós vamos checar o computador e a linha fixa.

Ele e Livvy correram da biblioteca. A sala parecia quieta agora, exceto pelo ruído de escombros se assentando. O chão estava coberto de vidro quebrado e pedaços de madeira estilhaçada. Parecia que a luz preta tinha explodido o óculo no topo do recinto.

Drusilla engasgou.

— Vejam... tem alguém na claraboia.

Emma levantou o olhar. O óculos tinha se tornado um anel de cacos de vidro aberto ao céu noturno. Ela viu o lampejo de um rosto pálido no círculo.

Mark a ultrapassou e correu pela rampa em curva. Ele se lançou no óculo (onde se via o borrão de algo se movendo) e voltou a cair sobre a rampa, a mão agarrando o colarinho de uma figura esguia com cabelos escuros. Mark estava gritando: havia vidro quebrado em volta deles enquanto lutavam. Rolaram juntos pela rampa, batendo um no outro até acabarem no chão da biblioteca.

A figura de cabelos escuros era um rapaz esguio, com roupas rasgadas e ensanguentadas; ele ficara flácido. Mark se ajoelhou sobre ele, e, enquanto alcançava uma adaga que brilhou dourada, Emma percebeu que o intruso era Kieran.

Mark colocou a faca contra a garganta de Kieran, que ficou rijo.

— Eu deveria matá-lo aqui mesmo — falou Mark entre dentes. — Eu deveria cortar sua garganta.

Dru emitiu um ruído baixinho. Para surpresa de Emma, foi Diego que estendeu o braço e colocou uma das mãos de forma reconfortante no ombro dela. Uma pequena onda de apreciação por ele a varreu.

Kieran exibiu os dentes — e depois a garganta, inclinando a cabeça para trás.

— Vá em frente — disse ele. — Me mate.

— Por que está aqui? — Mark perdeu o fôlego. Julian deu um passo para eles, com a mão no quadril, sobre o cabo de uma faca de arremesso. Emma sabia que ele podia atacar Kieran àquela distância. E o faria se Mark parecesse em perigo.

Mark segurava a faca; a mão estava firme, mas o rosto, angustiado.

— Por que está aqui? — perguntou outra vez. — Por que viria a esse lugar,

onde sabe que é odiado? Por que ia querer *me fazer matá-lo*?

— Mark — disse Kieran. Ele esticou o braço, fechou a mão na manga de Mark. Seu rosto estava cheio de saudade; o cabelo que caiu sobre sua testa parecia manchado de azul-escuro. — Mark, *por favor*.

Mark balançou o braço para soltá-lo da mão de Kieran.

— Eu poderia perdoar se as chicotadas tivessem sido em mim — falou ele. — Mas você tocou os que eu amo; isso eu não posso perdoar. Você deveria sangrar como Emma sangrou.

— Não... Mark... — Emma estava alarmada, não por Kieran, parte dela teria gostado de vê-lo sangrar, mas por Mark. Pelo que machucar, ou até mesmo matar Kieran, faria com ele.

— Eu vim para ajudar — disse Kieran.

Mark soltou uma gargalhada.

— Sua *ajuda* não é bem-vinda aqui.

— Eu sei sobre Malcolm Fade. — Kieran engasgou. — Sei que ele levou seu irmão.

Julian emitiu um ruído gutural. A mão de Mark, na faca, embranqueceu.

— Solte-o, Mark — ordenou Emma. — Se ele sabe alguma coisa sobre Tavvy... temos que descobrir o que é. Solte-o.

Mark hesitou.

— Mark — pediu Cristina suavemente, e, com um gesto violento, Mark soltou Kieran e se levantou, recuando até estar quase ao lado de Julian, cuja mão parecia agarrar a faca com uma força agonizante.

Lenta, dolorosamente, Kieran se levantou e encarou a sala.

Ele estava longe de parecer o príncipe elegante que Emma viu no Santuário. Sua camisa e a calça larga estavam sujas de sangue e rasgadas, o rosto, ferido. Ele não se acovardou nem se assustou, mas isso parecia menos um ato de bravura do que de desespero: tudo nele, da aparência à postura e ao jeito como olhava para Mark, dizia que ele era uma pessoa que não se importava com o que lhe aconteceria.

A porta da biblioteca se abriu subitamente, e Ty e Livvy entraram.

— Está tudo desligado! — exclamou Livvy. — Todos os telefones, o computador, até os rádios...

Ela se interrompeu, observando, ao assimilar a cena diante de seus olhos: Kieran encarando os outros ocupantes da sala.

Ele fez uma pequena reverência.

— Sou Kieran da Caçada Selvagem.

— Do comitê das fadas? — Livvy olhou de Mark para Julian. — Um dos que bateram em Emma?

Julian fez que sim com a cabeça.

Ty olhou para Mark, depois para os outros. Seu rosto estava pálido e frio.

— Por que ele ainda está vivo?

— Ele sabe sobre Tavvy — respondeu Drusilla. — Julian, faça com que ele nos conte...

Julian arremessou a adaga, que voou sobre a cabeça de Kieran, próxima o bastante para raspar o cabelo, e enterrou-se na moldura da janela atrás dele.

— Vai nos contar agora — falou Julian com uma voz mortalmente calma — tudo que sabe sobre a localização de Octavian, o que está acontecendo e como podemos recuperá-lo. Ou vou derramar seu sangue no chão dessa biblioteca. Já derramei sangue de fadas antes. Não pense que não o farei outra vez.

Kieran não abaixou os olhos.

— Não precisa me ameaçar — garantiu o príncipe fada —, mas, se o agrada, faça isso; não faz a menor diferença para mim. Eu vim para contar o que sei. É para isso que estou aqui. A luz preta que acabaram de ver é magia de fada. O objetivo era derrubar todas as comunicações para que não pudessem pedir ajuda da Clave ou do Conclave. Para que não pudessem buscar ajuda ou salvar seu irmão.

— Precisamos tentar achar um orelhão — falou Livvy, incerta — ou um telefone de restaurante, na estrada...

— Vão descobrir que todas as linhas telefônicas foram derrubadas por vários quilômetros — disse Kieran. Havia urgência em sua voz. — Eu imploro que não percam tempo. Fade já levou o seu irmão para a convergência da Linha Ley. É o local onde ele faz os sacrifícios. O local onde pretende matá-lo. Se quiserem resgatar o menino, precisam se armar e ir agora.

Julian abriu a porta da sala de armas com força.

— Pessoal, armem-se, todos vocês. Se não estiverem de uniforme de combate, vistam-se. Diego, Cristina, há uniformes pendurados na parede leste. Peguem, vai ser mais rápido do que passarem no quarto. Usem as armas que quiserem. Kieran, fique bem ali. — Ele apontou para a mesa no meio da sala. — Onde posso vê-lo. Não se mexa ou a próxima lâmina não vai errar o alvo.

Kieran o encarou. Um pouco do desespero visível pareceu diminuir, e deu para ver arrogância em sua rápida olhada.

— Eu acredito — falou, e foi para a mesa onde todos estavam se armando e vestindo uniforme sobre as roupas. Não era uniforme de patrulha, que era mais leve, mas o uniforme escuro e pesado que vestiam quando iam para a luta.

Quando *sabiam* que iam para a luta.

Houve discussão sobre se iriam todos para a convergência ou se, pelo menos, Dru deveria ficar no Instituto. Dru protestou violentamente, e Julian não discutiu — o Instituto não parecia seguro no momento, com a claraboia quebrada. Kieran tinha entrado, e quem sabe quem mais poderia entrar? Ele queria a família onde pudesse vê-la. E não havia muito que pudesse dizer a Dru sobre sua idade: ele e Emma lutaram e mataram durante a Guerra Maligna, e eram então mais novos do que ela.

Ele tinha puxado Ty para o lado, separadamente, e dito a ele que, se ele quisesse ficar para trás por estar ferido, não havia vergonha nisso. Ele podia se trancar no carro enquanto eles entravam na convergência.

— Você acha que não tenho nenhuma contribuição a oferecer na batalha? — perguntou o irmão.

— Não — disse Julian, e era verdade. — Mas você está machucado e eu...

— É uma luta. Todo mundo pode se machucar. — Ty olhou diretamente nos olhos de Julian. Dava para saber que o menino estava fazendo isso por ele, porque se lembrava de que Julian tinha lhe dito que as pessoas frequentemente olhavam nos olhos das outras quando queriam demonstrar que falavam a verdade. — Eu quero ir. Quero estar lá para ajudar Tavvy, e quero que você deixe. É o que eu quero, e isso deveria importar.

Ty estava na sala de armas com eles agora. Era um espaço cavernoso sem janelas. Cada centímetro das paredes tinha espadas, machados e maças pendurados. Uniformes, cintos e botas encontravam-se empilhados. Havia uma vasilha de cerâmica cheia de estelas e uma mesa coberta com um longo tecido cheio de lâminas serafim.

Julian sentia todos à sua volta, os amigos e a família. Mark estava ao seu lado, tirando os sapatos e calçando botas. Ele sabia que Emma estava na bancada, alinhando lâminas serafim que já tinham sido nomeadas e preparadas, colocando algumas no próprio cinto e distribuindo o resto. Sua consciência dela se moveu como a agulha de uma bússola.

Acima de tudo, no entanto, ele estava ciente de Tavvy, em algum lugar, precisando dele. Sentia um terror frio que ameaçava extrair a determinação de seus ossos e afetar sua concentração. Deixar isso de lado para se concentrar no que estava acontecendo no momento foi uma das coisas mais difíceis que ele já tivera que fazer. Desejou amargamente que as coisas fossem diferentes, que tivessem o auxílio da Clave, que pudessem ter pedido a Magnus um Portal.

Mas não adiantava nada desejar.

— Fale — disparou ele para Kieran, puxando um cinto de armas de uma prateleira. — A luz preta, você disse que era “magia de fada”. Estava querendo dizer magia das trevas?

Agora que Mark não mais olhava diretamente para ele, Kieran parecia entediado e irritado. Ele se apoiou contra a mesa central, com cuidado para não entrar em contato com nenhuma das armas — não, e sua expressão deixava isso evidente, por serem afiadas ou assustadoras, mas porque eram armas Nephilim, e portanto repelentes.

— A questão é se vai aparecer no mapa da Clave — disse Ty, colocando luvas protetoras. Ele já estava de uniforme, e o leve contorno do curativo na panturrilha era quase imperceptível sob o tecido espesso. — Como Magnus rastreia o uso de magia das trevas? Ou isso foi bloqueado como os celulares?

— Foi magia Unseelie, mas não de natureza maligna — disse Kieran. — Não vai aparecer no mapa. Eles se certificaram bem disso.

Julian franziu o rosto.

— Quem são *eles*? Aliás, como sabe tanto sobre Malcolm?

— Por causa de Iarlath — revelou Kieran.

Mark virou para olhar para ele.

— Iarlath? O que ele tem a ver com isso?

— Achei que soubesse pelo menos disso — murmurou Kieran. — Iarlath e Malcolm estão juntos nisso desde o ataque ao Instituto, há cinco anos.

— Eles são aliados? — Mark quis saber. — Há quanto tempo você sabe disso?

— Pouco — respondeu Kieran. — Desconfiei quando Iarlath recusou tão enfaticamente a deixá-lo voltar para o Reino das Fadas. Ele queria que você ficasse aqui, tanto que encenou aquela punição com o chicote para que não voltasse conosco. Depois disso, percebi que o plano de deixá-lo no Instituto era mais do que descobrir o assassino que havia tomado vidas de fadas. Era para impedir que qualquer integrante da sua família procurasse a Clave até que fosse tarde demais.

Emma tinha uma lâmina serafim em cada mão e Cortana nas costas; ela parou, com o rosto rijo de choque.

— Iarlath me disse alguma coisa quando estava... quando estava me chicoteando — lembrou ela. — Que Caçadores de Sombras não sabem em quem confiar. Ele estava falando de Malcolm, não estava?

— Provavelmente — respondeu Kieran. — Malcolm é a mão invisível que guiou os Seguidores, e Malcolm matou os seus pais há cinco anos.

— Por quê? — Emma estava imóvel. Julian queria tanto correr para ela que chegava a doer. — *Por que ele matou meus pais?*

— Até onde sei? — falou Kieran, e havia uma pontada de compaixão em sua voz. — Foi uma experiência. Para ver se o feitiço funcionava.

Emma ficou sem fala. Julian perguntou por ela, a pergunta que ela não

conseguia fazer.

— Como assim, uma experiência?

— Há anos, Iarlath foi um do Povo das Fadas que se aliou a Sebastian Morgenstern — disse Kieran. — Ele também era amigo de Malcolm. Conforme provavelmente sabem, existem certos livros que feiticeiros são proibidos de ter, mas que podem ser encontrados em algumas bibliotecas de Caçadores de Sombras. Volumes sobre necromancia e afins. Um destes é o *Volume Preto dos Mortos*.

— O que o poema mencionou — disse Dru. Apesar do rosto ainda estar manchado de lágrimas, ela havia vestido o uniforme e estava trançando o cabelo cuidadosamente para tirá-lo do rosto. Magoou o coração de Julian vê-la assim. — A qualquer custo encontre o livro preto referido.

— Existem muitos livros pretos — explicou Kieran. — Mas esse era um que Malcolm queria especificamente. Uma vez que o Instituto foi liberado de Caçadores de Sombras e Sebastian partiu, Malcolm aproveitou a oportunidade para roubar o livro da biblioteca. Afinal, em que outro momento o Instituto ficaria sem proteção e com a porta aberta? Ele pegou, achou o feitiço que queria e viu que exigia o sacrifício da vida de um Caçador de Sombras. Foi então que seus pais voltaram para o Instituto, Emma.

— Então ele os matou — concluiu Emma. — Por um feitiço. — Ela soltou uma risada curta e amarga. — Pelo menos funcionou?

— Não — disse Kieran. — O feitiço falhou, então ele deixou os corpos no mar, sabendo que Sebastian seria responsabilizado.

— Iarlath contou tudo isso? — Havia desconfiança no rosto de Mark.

— Eu segui Iarlath até a Corte Unseelie e lá ouvi o que ele disse. — Kieran tentou encontrar o olhar de Mark, que desviou. — O resto eu exigi que me contasse, ameaçando-o com uma faca. Malcolm tinha que confundi-los e enrolá-los para que não percebessem o que ele estava fazendo; ele usou Johnny Rook para isso, em parte. Ele queria que investissem em uma investigação que não desse resultado. A presença de Mark ia impedi-los de pedir ajuda à Clave ou aos Irmãos do Silêncio, protegendo assim o trabalho de Malcolm com os Seguidores, suas tentativas de despertar seu antigo amor dos mortos. Quando Malcolm tivesse feito o que precisava, ele pegaria um Blackthorn, pois a morte de um Blackthorn é a última chave para o encanto.

— Mas Iarlath não tem poder para autorizar uma escolta de fadas a fazer algo dessa magnitude — disse Mark. — Ele é apenas um bajulador, não alguém que pode dar ordens a Gwyn. Quem permitiu que isso acontecesse?

Kieran balançou a cabeça.

— Eu não sei. Iarlath não disse. Pode ter sido o Rei, meu pai, ou pode ter sido

Gwyn...

— Gwyn não faria isso — disse Mark. — Gwyn tem honra, ele não é cruel.

— E Malcolm? — Quis saber Livvy. — Pensei que ele tivesse honra. Pensei que fosse nosso amigo! Ele ama Tavvy, passava horas brincando com ele, trazia brinquedo de presente. Ele não poderia matá-lo. Não poderia.

— Ele é responsável pela morte de mais de doze pessoas, Livvy — disse Julian. — Talvez mais.

— Pessoas são mais do que apenas uma coisa — argumentou Mark, e seus olhos passaram por Kieran ao falar. — Feiticeiros também.

Emma continuava com as lâminas serafim na mão. Julian sentia o que ela sentia, como sempre, como se o próprio coração espelhasse o dela — a onda quente da raiva ultrapassando o senso debilitante de desespero e perda. Mais do que tudo, ele queria consolá-la, mas não confiava em si mesmo para fazer isso na frente dos outros.

Conseguiriam enxergar através dele assim que ele a tocasse, enxergariam seus verdadeiros sentimentos. E ele não podia correr esse risco naquele momento, não quando seu coração estava sendo devorado de medo pelo seu irmão caçula, medo que não podia demonstrar para não desmoralizar os outros irmãos.

— Todo mundo é mais do que uma coisa — disse Kieran. — Somos mais do que as ações individuais que cometemos, sejam elas boas ou ruins. — Os olhos dele brilharam, prata e preto, quando ele olhou para Mark. Mesmo naquela sala cheia de objetos de Caçadores de Sombras, a selvageria da Caçada e do Reino das Fadas se prendia a Kieran como o cheiro da chuva ou das folhas. Era a mesma que Julian, às vezes, sentia em Mark, que tinha desbotado desde que ele voltou para eles, mas ainda se apresentava em breves brilhos como um tiro visto de longe. Por um instante, pareciam duas coisas selvagens e incongruentes ao seu redor.

— O poema que foi escrito nos corpos — disse Cristina. — O que mencionava o livro preto. A história dizia que tinha sido dado a Malcolm na Corte Unseelie.

— É como conta a história das fadas também — emendou Kieran. — Primeiro, disseram a Malcolm que seu amor tinha se tornado uma Irmã de Ferro. Mais tarde, ele descobriu que ela havia sido assassinada pela família. Enterrada viva em um túmulo. Essa informação o fez procurar o Rei da Corte Unseelie e perguntar a ele se havia algum jeito de trazer de volta os mortos. O Rei deu a ele essa rima. Eram instruções; só que ele levou quase um século para aprender como segui-las, e para encontrar o livro preto.

— Por isso a biblioteca foi destruída no ataque — concluiu Emma. — Para

que ninguém notasse que o livro tinha sumido se algum dia procurassem por ele. Tantos livros se perderam.

— Mas por que Iarlath disse a Malcolm que os Seguidores poderiam matar fadas tanto quanto humanos? — disse Emma. — Se ele realmente estava em parceria com Malcolm...

— Era algo que Iarlath queria. Ele tem muitos inimigos nas Cortes. Era uma forma eficiente de se livrar de alguns deles: Malcolm fazia seus Seguidores os matarem e os assassinatos não podiam ser associados a Iarlath. Uma fada matar outra da nobreza, isso é de fato um crime sombrio.

— Onde está o corpo de Annabel? — perguntou Livvy. — Ela não estaria enterrada na Cornualha? Não teria sido enterrada lá... em um “túmulo próximo ao sonoro mar”?

— Convergências são locais fora do tempo e do espaço — disse Kieran. — A convergência em si não é aqui, nem na Cornualha, nem em nenhum espaço real. É em um lugar entre lugares, como o próprio Reino das Fadas.

— Provavelmente também pode ser alcançada pela Cornualha; por isso aquelas plantas crescem na entrada — argumentou Mark.

— E qual é a conexão com o poema “Annabel Lee”? — perguntou Ty. — O nome Annabel, as semelhanças entre as histórias... parece mais do que coincidência.

O príncipe fada de cabelos escuros apenas balançou a cabeça.

— Só sei o que Iarlath me contou, e o que é parte da história fada. Eu sequer conhecia o nome Annabel ou o poema mundano.

Mark se virou para Kieran.

— Onde está Iarlath agora?

Os olhos de Kieran pareceram brilhar quando ele olhou para trás.

— Estamos perdendo tempo aqui. Deveríamos ir para a convergência.

— Ele não está errado. — Diego estava completamente vestido: uniforme, várias espadas, um machado, facas de arremesso no cinto. Usava uma capa preta sobre o uniforme, presa pelo ombro, com o broche dos Centuriões; tinha a estampa de um graveto sem folhas e as palavras *Primi Ordines*. Ele fazia Julian se sentir malvestido. — Temos que ir para a convergência das Linhas Ley e impedir Fade...

Julian olhou em volta, para Emma e Mark, depois para Ty e Livvy, e finalmente para Dru.

— Sei que conhecemos Malcolm há muito tempo. Mas ele é um assassino e um mentiroso. Feiticeiros são imortais, mas não invulneráveis. Quando o virem, enfiem suas lâminas no coração dele.

Fez-se silêncio. Emma o interrompeu.

— Ele matou meus pais — disse ela. — Cabe a mim arrancar seu coração.

Kieran ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada.

— Jules. — Foi Mark quem falou e foi para o lado do irmão. Seus cabelos, que Cristina havia cortado, estavam emaranhados e ele tinha sombra sob os olhos. Mas tinha força na mão que colocou no ombro de Julian. — Pode fazer os símbolos em mim, irmão? Temo que, sem eles, eu fique em desvantagem na batalha.

A mão de Julian foi automaticamente para a estela. Em seguida, ele fez uma pausa.

— Tem certeza?

Mark concordou com a cabeça.

— É hora de deixar os pesadelos de lado. — Ele puxou o colarinho da camisa para o lado e para baixo, exibindo o ombro. — Coragem — falou, nomeando o símbolo. — E Agilidade.

Os outros discutiam a maneira mais rápida de chegar à convergência, mas Julian estava ciente dos olhos de Emma e Kieran enquanto colocava uma das mãos nas costas de Mark e usava a outra para desenhar dois símbolos cautelosos. No primeiro toque da estela, Mark ficou tenso, mas imediatamente relaxou, soltando o ar suavemente.

Quando Julian terminou, ele abaixou as mãos. Mark se ajeitou e se virou para ele. Apesar de não ter derramado lágrimas, seus olhos bicolores brilhavam. Por um instante, não havia ninguém além de Julian e seu irmão no mundo.

— Por quê? — perguntou Julian.

— Por Tavvy — disse Mark, e de repente, em sua boca, na curva da linha determinada do queixo, Julian enxergou a si mesmo. — E — acrescentou Mark — porque sou um Caçador de Sombras. — Ele olhou para Kieran, que os encarava como se a estela tivesse queimado a própria pele. Amor e ódio tinham suas próprias línguas secretas, Julian pensou, e Mark e Kieran estavam se comunicando através dela agora. — Porque sou um Caçador de Sombras — repetiu ele, se esticando e puxando a camisa para baixo, os olhos cheios de um desafio privado. — Porque *eu sou um Caçador de Sombras*.

Kieran se levantou da mesa quase violentamente.

— Eu já contei tudo que sei — falou. — Não há mais segredos.

— Então suponho que já esteja indo — disse Mark. — Obrigado pela ajuda, Kieran. Se for voltar à Caçada, diga a Gwyn que não retornarei. Nunca, não importam as regras que decretem. Juro que eu...

— Não jure — disse Kieran. — Você não sabe como as coisas vão mudar.

— Chega. — Mark começou a se virar.

— Eu trouxe meu alazão comigo — disse Kieran. Falava com Mark, mas

todos estavam ouvindo. — Um cavalo da Caçada pode voar. As estradas não atrasam nossa locomoção. Vou na frente e atrasarei o que estiver acontecendo na convergência até vocês chegarem.

— Eu vou com ele — falou Mark rispidamente.

Todos olharam surpresos para ele.

— Hum — disse Emma. — Você não pode esfaqueá-lo no caminho, Mark. Podemos precisar dele.

— Por mais agradável que isso me pareça, não era o que eu estava planejando — disse Mark. — Dois guerreiros são melhores do que um.

— Bem pensado — disse Cristina. Ela deslizou seus dois canivetes borboleta no cinto. Emma tinha acabado de guardar suas últimas lâminas serafim.

Julian sentiu o frio familiar da expectativa da batalha subindo em suas veias.

— Vamos.

Ao descerem, Julian foi para o lado de Kieran. Os cabelos de sua nuca se arrepiaram. Kieran representava estranheza, magia selvagem, o abandono assassino da Caçada. Ele não conseguia imaginar o que Mark tinha encontrado nele para amar.

— Seu irmão estava enganado em relação a você — disse Kieran ao descerem os degraus para a entrada do Instituto.

Julian olhou em volta, mas ninguém parecia escutá-los. Emma estava ao lado de Cristina, os gêmeos juntos, e Dru conversava timidamente com Diego.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ele com reservas. Ele tinha aprendido muito bem no passado a ser cauteloso com o Povo das Fadas, com suas armadilhas verbais e falsas implicações.

— Ele disse que você era gentil — falou Kieran. — A pessoa mais delicada que ele conhecia. — Ele sorriu, e havia uma beleza fria em seu rosto quando o fazia, como a superfície cristalina do gelo. — Você não é gentil. Tem um coração implacável.

Por vários longos momentos Julian ficou em silêncio, ouvindo apenas os sons dos passos na escada. No último degrau, ele se virou.

— Lembre-se disso — aconselhou e se afastou.

Porque eu sou um Caçador de Sombras.

Mark estava ao lado de Kieran no trecho de grama que levava até a falésia e, depois, ao mar. O Instituto se erguia atrás dele, escuro e sem luz, apesar de dali, pelo menos, o buraco no telhado ser invisível.

Kieran colocou os dedos na boca e assobiou, um som dolorosamente familiar para Mark. A visão do outro ainda era o suficiente para fazê-lo sentir uma

pontada no coração, desde a postura, que traduzia seu treinamento desde cedo na Corte, à forma como seu cabelo tinha crescido demais desde que Mark não estava mais presente para cortá-lo, e as mechas azul-escuras caíam em seus olhos e se misturavam aos cílios longos. Mark se lembrava do encantamento que nutria pela curva desses cílios. Ele se lembrava da sensação deles tocando sua pele.

— Por quê? — perguntou Kieran. Ele estava olhando um pouco para longe de Mark, sua postura rígida, como se esperasse ser estapeado. — Por que vir comigo?

— Porque é preciso ficar de olho em você — respondeu Mark. — Já pude confiar em você um dia. Não mais.

— Isso não é verdade — disse Kieran. — Eu o conheço, Mark. Sei quando mente.

Mark se virou para ele. Sempre teve um pouco de medo de Kieran, percebeu: do poder de sua posição, da segurança inabalável sobre si mesmo. Esse medo não estava mais presente, e ele não sabia se era por causa do símbolo de Coragem no ombro ou porque ele não precisava mais desesperadamente de Kieran para viver. Queria, amava — eram questões diferentes. Mas ele poderia sobreviver de qualquer jeito. Ele era um Caçador de Sombras.

— Certo — disse Mark, e ele sabia que deveria ter dito “muito bem”, mas essa língua não estava mais nele, não pulsava em seu sangue, a retórica do Reino das Fadas. — Digo porque quis vir com você...

Um clarão branco surgiu. Lança do Vento subiu um pequeno aclave e se aproximou deles, respondendo ao chamado de seu mestre. A égua relinchou quando viu Mark, e afocinhou seu ombro.

Ele afagou o pescoço dela. Cem vezes Lança do Vento o carregou com Kieran na Caçada, cem vezes compartilharam a montaria, cavalgaram juntos, lutaram juntos, e, quando Kieran subiu nas costas do animal, a familiaridade mordeu como anzóis sob a pele de Mark.

Kieran baixou os olhos para ele; era um príncipe, apesar das roupas manchadas de sangue. Seus olhos semicerrados eram duas luas crescentes, prata e preta.

— Então me diga — pediu Kieran.

Mark sentiu o símbolo de Agilidade arder em suas costas ao montar atrás de Kieran. Seus braços o envolveram automaticamente, as mãos repousando onde sempre repousavam, na cintura do príncipe fada. Ele o sentiu respirar fundo.

Ele queria colocar a cabeça no ombro de Kieran. Queria pôr as mãos sobre as dele e entrelaçar os dedos. Queria sentir o que sentia quando vivia com a Caçada, que estava seguro com Kieran, que com Kieran encontrava alguém que

nunca o deixaria.

Mas havia coisas piores do que ser deixado.

— Porque eu queria andar com você na Caçada uma última vez — confessou ele, e sentiu a tensão em Kieran. Então o menino fada se inclinou para a frente e Mark o ouviu falar algumas palavras para Lança do Vento na Língua das Fadas.

Quando o cavalo começou a correr, Mark esticou o braço para tocar o ponto onde Julian havia colocado os símbolos. Ele sentiu uma onda de pânico quando a estela tocou sua pele, e em seguida uma calma que fluiu por ele, surpreendendo-o.

Talvez os símbolos do Céu pertencessem à sua pele. Talvez ele tivesse nascido para usá-los, afinal.

Ele se segurou firme em Kieran quando Lança do Vento levantou para o céu, cascos cortando o ar, e o Instituto girou abaixo deles.

Quando Emma e os outros chegaram à convergência, Mark e Kieran já estavam lá. Eles saíram das sombras em uma bela montaria branca que fez Emma pensar em todos os momentos da infância em que quis um cavalo.

O Toyota parou. Não havia nuvens no céu, e a luz da lua era afiada e prateada como uma faca. O luar delineava Mark e Kieran, transformando-os em contornos iluminados de cavaleiros fada. Nenhum deles parecia humano.

O campo que se estendia até a falésia parecia enganosamente pacífico sob a luz da lua. A grama ampla e os arbustos de artemísia se moviam com o vento suave. A colina de granito se erguia acima de tudo; o espaço escuro na parede parecia chamá-los para mais perto.

— Matamos muitos Mantis — disse Mark. Seus olhos encontraram os de Emma. — Abrimos o caminho.

Kieran ficou sentado olhando, o rosto semicoberto pelos cabelos escuros. Mark estava com as mãos no cinto de Kieran, se ajeitando. Como se, de repente, tivesse se lembrado disso, Mark soltou e deslizou para o chão.

— É melhor entrarmos — falou ele, inclinando a cabeça para Kieran. — Você e Lança do Vento ficam de guarda.

— Mas eu... — começou Kieran.

— Este é um assunto da família Blackthorn — cortou Mark em um tom que não deixava espaço para discussão. Kieran olhou para Cristina e Diego, abriu a boca como se fosse protestar, e depois a fechou de novo.

— Verificação das armas, pessoal — disse Julian. — Depois entramos.

Todos, inclusive Diego, obedeceram e checaram cintos e uniformes. Ty pegou uma lâmina serafim extra na mala do carro. Mark examinou o uniforme

de Dru e a lembrou mais uma vez que a função dela era ficar na retaguarda e perto dos outros.

Emma soltou o braçadeira e levantou a manga. Ela estendeu o braço para Julian. Ele olhou para a pele nua, depois para o rosto, e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Qual?

— Resistência — pediu ela. Já estava marcada com símbolos de coragem e rigor, precisão e cura. Mas o Anjo nunca deu aos Caçadores de Sombras símbolos para dor emocional; não havia símbolos que curassem o luto ou um coração partido.

A ideia de que a morte de seus pais tinha sido uma experiência fracassada, um desperdício despropositado, doía mais do que Emma poderia imaginar. Durante todos esses anos ela achou que eles tivessem morrido por algum motivo, mas não havia motivo algum. Simplesmente eram os únicos Caçadores de Sombras disponíveis.

Julian pegou gentilmente o braço dela, e ela sentiu a pressão familiar e bem-vinda da estela em sua pele. A Marca surgia e parecia fluir em sua corrente sanguínea, como água gelada.

Resistência. Ela teria que suportar isso, essa informação, lutar e superá-la. Por Tavvy, ela pensou. Por Julian. Por todos eles. E talvez, no fim das contas, ela teria sua vingança.

Julian abaixou a mão. Estava com os olhos arregalados. A Marca brilhou na pele dela, com um brilho que ela nunca vira, como se as bordas estivessem queimando. Ela abaixou a manga rapidamente, não querendo que mais ninguém notasse.

Na beira da falésia, a montaria branca de Kieran empinou contra a lua. O mar batia ao longe. Emma se virou e marchou para a abertura na pedra.

25

Túmulo Perto do Mar Ressonante

Emma e Julian guiaram o caminho até a caverna, e Mark era o último da fila, deixando os outros no meio deles. Assim como da outra vez, o túnel era inicialmente estreito, o solo cheio de seixos irregulares. As pedras estavam bagunçadas agora, muitas delas chutadas de lado. Mesmo com a pouca luz — Emma não tinha ousado acender sua luz enfeitiçada — dava para ver onde o lodo que crescia pela caverna tinha sido arranhado por dedos humanos.

— Pessoas passaram por aqui mais cedo — murmurou ela. — Muitas pessoas.

— Seguidores? — A voz de Julian estava baixa.

Emma balançou a cabeça. Ela não sabia. Estava com frio, do tipo bom, o frio de batalha que saía do estômago e se espalhava. O frio que afiava seus olhos e parecia desacelerar o tempo ao seu redor, de modo que você tinha horas infinitas para corrigir um golpe de lâmina serafim, o ângulo de uma espada.

Sentia Cortana entre as omoplatas, pesada e dourada, sussurrando com a voz da sua mãe. *Aço e calma, filha.*

Eles entraram na caverna de teto alto. Emma parou onde estava, e os outros se agruparam em volta dela. Ninguém disse nada.

A caverna não parecia como Emma se lembrava. Estava escura, dando a impressão de um imenso espaço se espalhando pela escuridão. Os portais tinham desaparecido. Marcadas na pedra da caverna, perto dela, viam-se as palavras do poema que tinha se tornado tão familiar a todos eles. Emma conseguia ver frases aqui e ali, brilhando para ela.

Eu era uma criança, e ela era uma criança
Neste reino perto do mar,

~~~~~

mas nos amávamos com um amor que era mais do que amor  
Eu e minha Annabel Lee  
Com um amor que os serafins alados do Paraíso  
Cobiçavam nela e em mim.

*Os serafins alados do Paraíso.*

Caçadores de Sombras.

A luz enfeitiçada de Julian brilhou em sua mão, iluminando o espaço, e Emma ficou sem ar.

Na frente deles, havia uma mesa de pedra. Batia na altura do peito, a superfície áspera e irregular. Parecia feita de lava preta. Um círculo amplo de giz branco, desenhado no chão, cercava a mesa.

Sobre ela, encontrava-se Tavvy. Ele parecia adormecido, o pequeno rosto suave e pálido, os olhos fechados. Estava com os pés descalços, e os pulsos e calcanhares presos em correntes fixadas por arcos de ferro aos pés da mesa de pedra.

Uma vasilha de metal, com respingos de manchas terríveis, tinha sido colocada ao lado de sua cabeça. Perto desta, uma faca de cobre com dentes irregulares.

A luz enfeitiçada cortou as sombras que pareciam dominar o recinto, como uma coisa viva. Emma ficou imaginando qual o verdadeiro tamanho da caverna e quanto era apenas ilusão.

Livvy chamou o nome do irmão e correu para a frente. Julian a segurou, puxando-a para trás. Ela se debateu incrédula na mão dele.

— Precisamos salvá-lo — sibilou ela. — Temos que chegar a ele...

— Tem um círculo de proteção. — Julian sussurrou de volta. — Desenhado em volta dele no chão. Se você o atravessar, pode morrer.

Alguém estava murmurando suavemente. Cristina, rezando.

Mark tinha enrijecido.

— Quietos — disse ele. — Vem vindo alguém.

Fizeram o melhor que puderam para se esconder de volta nas sombras; até Livvy, que não tinha parado de se debater. A luz enfeitiçada de Julian apagou.

Um vulto tinha aparecido, vindo da escuridão. Alguém com uma longa túnica preta e um capuz escondendo o rosto. Uma pessoa alta com mãos cobertas por luvas pretas. *Ele sempre apareceu de túnica, com luvas e capuz, entendeu? Completamente coberto.*

O coração de Emma começou a acelerar.

Um vulto se aproximou da mesa, e o círculo de proteção se abriu como uma fechadura, símbolos sumindo e desbotando como se houvesse um espaço para

atravessar. Com a cabeça baixa, a figura se aproximou de Tavvy.

E chegou bem perto. Emma sentiu os Blackthorn ao seu redor, o medo que os dominava parecia uma criatura viva. Ela sentiu o gosto de sangue na boca; estava mordendo o lábio, queria muito se jogar para a frente, riscar o círculo, pegar Tavvy e correr.

Livvy se libertou de Julian e correu para a caverna.

— Não! — gritou. — Fique longe do meu irmão, ou vou acabar com você, vou acabar...

O vulto congelou. Lentamente, levantou a cabeça. O capuz caiu para trás, e cabelos longos, cacheados e castanhos se soltaram. Uma tatuagem familiar de carpa brilhou contra a pele negra.

— Livvy?

— Diana? — falou Ty, verbalizando a incredulidade da irmã. O golpe silenciara Livvy.

Diana se afastou da mesa, encarando-os.

— Pelo Anjo! — Ela respirou. — Quantos de vocês estão aqui?

Fui Julian que falou. A voz dele estava normal, apesar de Emma conseguir sentir o esforço que ele fazia para mantê-la assim. Diego estava inclinado para a frente, com os olhos cerrados. *Jace Herondale e os Lightwood foram traídos pelo próprio tutor.*

— Todos nós — disse Julian.

— Até Dru? Você não sabe o quanto isso é perigoso... Julian, você tem que tirar todo mundo daqui.

— Não sem Tavvy. — Emma se irritou. — Diana, que diabos você está fazendo aqui? Você disse que estava na Tailândia.

— Se estava, ninguém do Instituto de Bangkok sabia — disse Diego. — Eu chequei.

— Você mentiu para nós — acusou Emma. Ela se lembrou de Iarlath dizendo: *Caçadores de Sombras tolos, ingênuos demais até para saber em quem confiar.* Será que ele estava se referindo a Malcolm ou Diana? — E você praticamente não ficou aqui durante toda essa investigação, como se estivesse escondendo alguma coisa de nós...

Diana se encolheu.

— Emma, não, não é isso.

— Então o que é? Porque não consigo imaginar que possível razão você teria para estar aqui...

Ouviu-se um barulho. Passos se aproximando, vindo das sombras. Diana esticou a mão.

— Para trás... fiquem longe...



Julian agarrou Livvy, puxando a irmã de volta para as sombras no mesmo instante que Malcolm apareceu.

Malcolm.

A aparência era a mesma de sempre. Um pouco desalinhado, com jeans e uma jaqueta branca de linho que combinava com o cabelo. Na mão, trazia um grande livro preto, amarrado com uma fita de couro.

— *É* você — sussurrou Diana.

Malcolm olhou calmamente para ela.

— Diana Wrayburn — falou. — Ora, ora. Eu não esperava vê-la aqui. Achei que tivesse fugido.

Diana o encarou.

— Eu não fujo.

Ele pareceu olhar novamente para ela, para ver o quão próxima de Tavvy ela estava. E franziu o rosto.

— Afaste-se do menino.

Diana não se mexeu.

— Afaste-se — repetiu o feiticeiro, guardando o *Volume Preto* no casaco. — Ele não é nada para você. Você não é uma Blackthorn.

— Sou tutora dele. Ele cresceu sob os meus cuidados.

— Ora, vamos — disse Malcolm. — Se você se importasse com essas crianças, teria assumido o posto de diretora do Instituto há muitos anos. Mas suponho que todos saibamos por que você não o fez.

Malcolm sorriu. E transformou todo o rosto. Se Emma ainda tinha dúvidas quanto a sua culpa, quanto ao que Kieran contou, elas desapareceram naquele instante. Suas feições inconstantes, divertidas, pareceram endurecer. Havia crueldade naquele sorriso, emoldurada por um fundo de perda ecoante e rasa.

Um brilho se ergueu da mesa, uma explosão de fogo. Diana gritou e cambaleou para trás, para fora do círculo de proteção. Ele se fechou atrás dela. Ela se levantou e se jogou na direção de Tavvy, mas dessa vez o círculo se manteve; Diana bateu nele como se fosse uma parede de vidro, e a força a fez cambalear para trás.

— Coisas humanas não podem atravessar esta barreira — explicou Malcolm. — Suponho que você tivesse um amuleto para atravessar da primeira vez, mas não vai funcionar de novo. Deveria ter ficado longe.

— Você não espera realmente ser bem-sucedido nisso, Malcolm. — Diana arfou. Ela segurava o braço esquerdo com o direito; a pele parecia queimada. — Se matar um Caçador de Sombras, os Nephilim vão persegui-lo pelo resto de seus dias.

— Eles me caçaram há 200 anos. E foi *ela* que mataram — disse Malcolm, e

a palpação de emoção na voz dele foi algo que Emma nunca tinha ouvido antes. — E não tínhamos feito nada. Nada. Não os temo, nem sua justiça injusta ou as leis ilegais.

— Entendo sua dor, Malcolm — disse Diana cuidadosamente. — Mas...

— Entende? Entende, Diana Wrayburn? — Ele rosnou, em seguida a voz suavizou. — Talvez entenda. Você conheceu a injustiça e a intolerância da Clave. Se você, ao menos, não tivesse vindo para cá... São os Blackthorn que desprezo, não os Wrayburn. Sempre gostei de você.

— Você gostava de mim porque achava que meu medo da Clave me impediria de observá-lo — disse Diana, dando as costas para ele. — De desconfiar de você. — Por um instante ela olhou para Emma e os outros. Ela moveu os lábios e disse *CORRAM* silenciosamente, antes de virar-se novamente para Malcolm.

Emma não se mexeu, mas ouviu um movimento atrás de si. Foi baixo; se ela não estivesse com um símbolo que aguçava sua audição, teria sido inaudível. Para sua surpresa, o movimento foi Julian, desaparecendo de seu lado. Mark foi em seguida. Silenciosamente, eles voltaram para o túnel.

Emma queria chamar Julian — o que ele estava fazendo? —, mas não podia, não sem chamar a atenção de Malcolm. O feiticeiro continuava indo na direção de Diana; em um instante estaria onde podia vê-los. Ela colocou a mão no cabo de Cortana. Ty estava agarrando uma faca, com as juntas brancas; Livvy empunhava o sabre, o rosto firme e determinado.

— Quem lhe contou? — perguntou Malcolm. — Foi Rook? Não achei que ele fosse adivinhar. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Não. Você não tinha certeza quando chegou aqui. Você desconfiava... — A boca de Malcolm se curvou para baixo nos cantos. — Foi Catarina, não foi?

Diana estava com os pés separados, a cabeça para trás. Postura de guerreira.

— Quando a segunda linha do poema foi decifrada e ouvi “sangue Blackthorn”, percebi que não estávamos procurando um assassino de mundanos e fadas. Isso era com a família Blackthorn. E não tem ninguém mais propenso a saber sobre uma mágoa antiga do que Catarina. Eu a procurei.

— E você não podia contar aos Blackthorn onde tinha ido pois isso implicaria em por que conhece Catarina — disse Malcolm. — Ela é uma enfermeira, uma enfermeira de mundanos. Como você acha que descobri...?

— Ela não lhe contou sobre mim, Malcolm. — Diana se irritou. — Ela guarda segredos. O que me contou sobre você foi simplesmente o que sabia: que você amou uma garota Nephilim e que ela havia se tornado uma Irmã de Ferro. Ela jamais questionou a história, pois, até onde sabia, você nunca questionou a história. Mas uma vez que ela me revelou isso, eu pude verificar com as Irmãs

de Ferro. Nenhuma garota Nephilim com essa história se tornou uma delas. E uma vez que descobri que *isso* era mentira, o restante começou a se encaixar. Eu me lembrei do que Emma dissera sobre o que descobriu: as roupas, o candelabro. Catarina foi ao Labirinto Espiral, e eu vim até aqui...

— Então Catarina lhe deu o amuleto para entrar no círculo de proteção — disse Malcolm. — É uma pena que o tenha desperdiçado. Você tinha algum plano, ou simplesmente correu em pânico para cá?

Diana não disse nada. Seu rosto parecia esculpido em pedra.

— Sempre tenha um plano — avisou Malcolm. — Eu, por exemplo, passei anos formulando meu plano atual. E agora você está aqui, a notória mosca no mel. Suponho que não possa fazer nada além de matá-la, apesar de eu não ter planejado isso, e apesar de que a expor à Clave seria muito mais divertido...

Algo prateado brotou da mão de Diana. Uma estrela de arremesso afiada. Voou para cima de Malcolm; em um momento, ele estava no caminho, no outro, do outro lado do recinto. A estrela de arremesso atingiu a parede da caverna e caiu no chão, onde ficou brilhando.

Malcolm emitiu um sibilo, como um gato raivoso. Faíscas voaram de seus dedos. Diana foi erguida para o ar e arremessada contra a parede, depois, para o chão, com os braços grudados nas laterais do corpo. Ela rolou e se sentou, mas, quando tentou levantar, os joelhos dobraram. Ela lutou contra as amarras invisíveis.

— Você não vai conseguir se mover — disse Malcolm, com a voz entediada. — Está paralisada. Eu poderia tê-la matado instantaneamente, é óbvio, mas, bem, esse é um truque e tanto que vou executar, e todo truque precisa de plateia. — De repente, ele sorriu. — Suponho que eu não deva me esquecer da plateia que tenho. É que eles não são muito vivazes.

No mesmo instante a caverna se encheu de luz. As sombras espessas atrás da mesa dissolveram, e Emma pôde ver que a caverna era muito ampla — havia assentos, como bancos de igreja, em fileiras ordenadas, e eles estavam cheios de pessoas.

— Seguidores. — Ty suspirou. Ele só os tinha visto antes pela janela do Instituto, Emma pensou, e ficou imaginando o que ele estaria achando deles de perto. Era estranho pensar que Malcolm liderara todas essas pessoas, que tinha tanto poder sobre elas que elas faziam qualquer coisa por ele; Malcolm, que todos eles consideravam meio bobão, uma pessoa que amarrava os próprios cadarços um no outro.

Os Seguidores estavam imóveis, os olhos arregalados, as mãos nos colos, como uma fileira de bonecas. Emma reconheceu Belinda e alguns dos outros que tinham ido buscar Sterling. As cabeças estavam inclinadas para o lado — um

gesto de interesse, Emma pensou, até perceber a estranheza do ângulo e saber que não era o fascínio que os mantinha imóveis. Era que os pescoços estavam quebrados.

Alguém avançou e colocou a mão no ombro de Emma. Foi Cristina.

— Emma — murmurou ela. — Precisamos atacar. Diego acha que podemos cercar Malcolm, que uma quantidade suficiente de nós poderia derrubá-lo...

Emma ficou paralisada. Ela queria correr para a frente, atacar Malcolm. Mas estava sentindo algo no fundo da mente, uma voz insistente, mandando esperar. Não era medo. Não era a própria hesitação. Se ela não tivesse alguma dúvida, se não achasse que isso significava que estava enlouquecendo, teria dito que se tratava da voz de Julian. *Emma, espere. Por favor, espere.*

— Espere — sussurrou ela.

— Esperar? — A ansiedade de Cristina era palpável. — Emma, precisamos...

Malcolm entrou no círculo. Ele estava perto dos pés de Tavvy, descalços e vulneráveis à luz. Ele esticou o braço para o objeto coberto ao pé da mesa e puxou o tecido de cima.

Era o candelabro do qual Emma se lembrava, o de bronze que estava sem velas. Tinha se tornado algo muito mais macabro. Em cada ponta havia uma mão cortada na altura do pulso. Dedos rijos e mortos se esticando para o teto.

Uma das mãos tinha um anel com uma pedra cor-de-rosa brilhante. A mão de Sterling.

— Sabe o que é isso? — perguntou Malcolm, com uma nota de arrogância na voz. — Sabe, Diana?

Diana olhou para cima. Seu rosto estava inchado e vermelho. Ela falou em um sussurro rouco:

— Mãos da Glória.

Malcolm pareceu satisfeito.

— Levei um bom tempo para entender que era disso que eu precisava — falou ele. — Por isso a minha tentativa com a família Carstairs não funcionou. O feitiço pedia mandrágora, e demorei um bom tempo para perceber que a palavra “mandrágora” se referia a *main de gloire*, uma Mão da Glória. — Ele sorriu, verdadeiramente contente. — A mais maligna entre as magias das trevas.

— Pela forma como são feitas — disse Diana. — São mãos de assassinos. Mãos de matadores. Só a mão que tirou uma vida humana pode se tornar uma Mão da Glória.

— Ah. — O pequeno engasgo na escuridão foi Ty, seus olhos arregalados e espantados. — Entendi agora. Entendi.

Emma se virou para ele. Estavam grudados na parede oposta do túnel, olhando um para o outro. Livvy estava ao lado de Ty, Diego do outro. Dru e

Cristina estavam ao lado de Emma.

— Diego disse que era estranho — continuou Ty com um sussurro — que as vítimas fossem tão misturadas; humanos, fadas. É porque as vítimas não tinham a menor importância. Malcolm não queria vítimas, ele queria assassinos. Por isso os Seguidores precisavam de Sterling de volta, e por isso Belinda cortou as mãos dele e foi embora com elas. E por isso Malcolm a deixou. Ele precisava das mãos do assassino, as mãos com que mataram, para poder fazer isso. Belinda pegou as duas mãos porque não sabia qual ele usara para matar, e não podia perguntar.

*Mas por quê?*, Emma queria perguntar. *Por que a queimadura, o afogamento, as marcações, os rituais?* *Por quê?* Mas temia que, se abrisse a boca, um grito de ódio sairia.

— Isso é errado, Malcolm. — A voz de Diana estava engasgada, porém firme. — Passei dias falando com pessoas que o conhecem há anos. Catarina Loss. Magnus Bane. Eles disseram que você era um homem bom, carismático. Não pode ser tudo mentira.

— Mentira? — A voz de Malcolm se elevou. — Você quer falar sobre mentiras? Eles mentiram para mim sobre Annabel. Disseram que ela tinha se tornado uma Irmã de Ferro. Todos eles me contaram a mesma mentira: Magnus, Catarina, Tessa. Foi por uma fada que eu descobri que tinham mentido. Foi por uma fada que descobri o que realmente acontecera com Annabel. Àquela altura ela já tinha morrido há muito tempo. Os Blackthorn mataram um dos seus!

— Isso foi há muitas gerações. O menino que acorrentou a essa mesa nunca conheceu Annabel. Não são essas as pessoas que o machucaram, Malcolm. Não foram eles que tiraram Annabel de você. Eles são inocentes.

— Ninguém é inocente! — gritou Malcolm. — Ela era uma Blackthorn! Annabel Blackthorn! Ela me amava, e eles a levaram... levaram e emparedaram, e ela morreu lá no túmulo. Eles fizeram isso comigo, e eu não perdoo! Jamais perdoo! — Ele respirou fundo, claramente se forçando a ficar calmo. — Treze Mãos da Glória — emendou. — E sangue Blackthorn. Isso vai trazê-la de volta, e ela ficará comigo outra vez.

Ele virou as costas para Diana, ficando de frente para Tavvy; pegou a faca sobre a mesa, perto da cabeça do menino.

A tensão no túnel foi súbita, silenciosa e explosiva. Mãos alcançaram armas. Punhos cerraram sobre cabos. Diego ergueu seu machado. Cinco pares de olhos se viraram para Emma.

Diana se debateu ainda mais desesperadamente quando Malcolm levantou a faca. Luz faiscou dela, estranhamente linda, iluminando as linhas do poema na parede.

*Mas nos amávamos com um amor que era mais do que amor...*

*Julian, pensou Emma. Julian, não tenho escolha. Não podemos esperar por você.*

— *Vão* — sussurrou ela, e eles explodiram do túnel: Ty e Livvy, Emma e Cristina, todos eles; Diego correndo direto para Malcolm.

Por uma fração de segundo Malcolm pareceu surpreso. Ele derrubou a faca; ela atingiu o chão e, por ser feita de cobre macio, a lâmina dobrou. Malcolm ficou olhando para ela, depois para os Blackthorn e seus amigos... e começou a rir. Ele estava rindo, no meio do círculo de proteção, enquanto corriam para cima dele; e um por um foram derrubados pela força da parede protetora invisível. Diego manejou seu machado de batalha. O machado bateu no ar como se tivesse atingido aço e ricocheteou.

— Cerquem Malcolm! — gritou Emma. — Ele não pode ficar na área protegida para sempre! Cerquem-no!

Eles se espalharam, cercando os símbolos protetores no chão. Emma se viu diante de Ty, com a faca na mão; ele olhava para Malcolm com uma expressão peculiar no rosto: parte incompreensão, parte ódio.

Ty entendia o que era fingir, fazer de conta. Mas traição no grau praticado por Malcolm era outra coisa. A própria Emma não conseguia entender e ela tinha tido uma visão clara do tipo de traição que as pessoas eram capazes de cometer quando viu a Clave exilar Helen e abandonar Mark.

— Uma hora você terá que sair daí — disse Emma. — E quando o fizer...

Malcolm se abaixou e pegou a faca danificada do chão. Quando se esticou, Emma viu que seus olhos tinham cor de feridas.

— Quando eu sair, você estará morta! — disparou, e se virou para esticar a mão para a fileira de mortos. — Levantem-se! — ordenou Malcolm. — Meus Seguidores, levantem-se!

Houve uma série de resmungos e rangidos. Através da caverna os Seguidores mortos começaram a se levantar.

Eles não se moveram nem estranhamente devagar, nem estranhamente rápido, mas com uma determinação firme. Não pareciam armados, mas ao se aproximarem da câmara principal, Belinda — com os olhos brancos e vazios, a cabeça inclinada para o lado — se jogou em cima de Cristina. Seus dedos estavam curvados feito garras, e, antes que Cristina pudesse reagir, Belinda já tinha aberto cortes ensanguentados em seu rosto.

Com um grito de nojo, Cristina empurrou o cadáver para longe, cortando a garganta de Belinda com seu canivete borboleta.

Não fez a menor diferença. Belinda se levantou de novo, o corte na garganta sem sangue e bem aberto, e avançou para cima de Cristina. Antes que ela

pudesse dar mais um passo, viu-se um lampejo prateado. O machado de Diego cantou, atacando para a frente, cortando a cabeça de Belinda do pescoço. O corpo decapitado caiu no chão. O machucado continuava sem sangrar; parecia cauterizado.

— Atrás de você! — gritou Cristina.

Diego se virou. Atrás dele, mais dois seguidores esticavam os braços para alcançá-lo e arranhá-lo. Ele girou em um arco veloz, seu machado levando as duas cabeças de uma vez.

Houve um barulho atrás de Emma. No mesmo instante, ela calculou onde o Seguidor atrás dela estaria; então pulou, girou, chutou e o derrubou. Era o clarinetista de cabelos cacheados. Ela golpeou para baixo com Cortana, arrancando a cabeça do corpo.

Emma pensou nele dando uma piscadela para ela no Teatro da Meia-Noite. *Nunca soube o nome dele*, pensou, e depois girou novamente.

O recinto estava um caos. Do jeito que Malcolm devia querer, os Caçadores de Sombras abandonaram o perímetro de proteção do círculo para combater os Seguidores.

Malcolm ignorava tudo que estava acontecendo ao seu redor. Ele tinha pegado o candelabro com as Mãos da Glória e o havia carregado para a cabeceira da mesa. Pousou-o ao lado de Tavvy, que continuava dormindo, com um rubor rosado nas bochechas.

Dru tinha corrido para Diana e estava lutando para ajudá-la a se levantar. Quando uma Seguidora se aproximou delas, Dru girou e atravessou a mulher com sua lâmina. Emma a viu engolir em seco quando o corpo caiu, e percebeu que era a primeira vez que Dru matava alguém em batalha — mesmo que o alguém em questão já estivesse morto.

Livvy lutava gloriosamente, golpeando e combatendo com seu sabre, empurrando os Seguidores em direção a Ty. Ele empunhava uma lâmina serafim, uma que ardia brilhante em sua mão. Quando um Seguidor louro deu um encontrão nele, ele enfiou a lâmina na nuca do morto.

Ouviu-se um ruído estalado quando a lâmina serafim tocou a carne e o Seguidor começou a queimar. Ele cambaleou para longe, arranhando a pele que ardia, antes de cair no chão.

— Lâminas serafim! — gritou Emma. — Todo mundo! Usem suas lâminas serafim!

Luzes brilharam pela caverna, e Emma ouviu o murmúrio de vozes chamando os nomes de anjos. Jophiel, Remiel, Duma. Pelo nevoeiro de luz, ela viu Malcolm com a faca de cobre amassada. Ele passou a mão pela lâmina e ela se esticou sob seus dedos, tão afiada quanto originalmente fora. Ele colocou a ponta

na garganta de Tavvy e cortou para baixo, rasgando a camiseta de Batman do garotinho. O algodão gasto enrolou ao se abrir, revelando o peito magro e vulnerável.

O mundo de Emma pareceu ruir. No caos do local, ela continuava lutando, a lâmina serafim ardendo ao enfiá-la em um Seguidor, depois dois, e então três. Os corpos caíram ao seu redor.

Ela tentou passar por eles, em direção a Tavvy, ao mesmo tempo que ouviu a voz de Julian. Ela girou, mas não conseguiu vê-lo — e mesmo assim a voz dele estava clara em seus ouvidos, dizendo, *Emma, Emma, para o lado, para longe do túnel.*

Ela pulou para o lado, evitando o corpo de um Seguidor abatido, no instante que ouviu um novo barulho: o trovão de cascos. Um som perfurou a caverna, algo entre um uivo e o soar de um sino enorme. Ecoou brutalmente das paredes, e até Malcolm levantou o olhar.

Lança do Vento explodiu pela boca do túnel. Julian estava montado nele, com as mãos enterradas na crina do cavalo. Mark sentava atrás dele, agarrando o cinto do irmão. Pareceram o borrão de uma única pessoa quando Lança do Vento saltou.

Malcolm ficou boquiaberto quando o cavalo veio pelo ar, estilhaçando a barreira protetora. Enquanto Lança do Vento se lançava sobre a mesa, Julian saltou das costas do cavalo, caindo pesadamente na superfície lisa de pedra ao lado de Tavvy. Emma sentiu a dor do impacto terrível no próprio corpo.

Mark continuou montado quando Lança do Vento passou pela mesa e aterrissou do outro lado do círculo. O círculo, agora rompido, começou a se contorcer como uma serpente iluminada, os símbolos brilhando um por um e, em seguida, se apagando.

Julian estava se ajoelhando. Malcolm rosnou e tentou alcançar Tavvy — exatamente quando uma figura caiu do teto e o derrubou no chão.

Era Kieran. Os cabelos brilhavam em azul-esverdeado, e ele ergueu uma lâmina que tinha a mesma cor marinha. Ele atacou para baixo, na direção do peito de Malcolm, mas o feiticeiro repeliu suas mãos. Luz roxo-escura explodiu de suas palmas, jogando Kieran para trás. Malcolm se levantou, o rosto retorcido em um rosnado de ódio. Ele esticou a mão para reduzir Kieran a pó.

Lança do Vento soltou um grito. O cavalo girou, com os cascos erguidos, e deu um coice nas costas de Malcolm; de algum jeito, Mark continuou montado. O feiticeiro voou. O cavalo, de olhos vermelhos arregalados, recuou e bufou. Mark, agarrando um punhado da crina de Lança do Vento, se inclinou para baixo, com a outra mão esticada para Kieran.

— Segure. — Emma o ouviu dizer. — Kieran, segure a minha mão.



Kieran esticou o braço, e Mark o puxou para cima, trazendo-o para as costas de Lança do Vento. Eles viraram e avançaram para cima de um grupo de Seguidores; o cavalo os espalhou, Mark e Kieran se esticando para acabar com os mortos-vivos com golpes de espadas.

Malcolm se arrastava para ficar de pé. Seu casaco outrora branco agora estava inteiramente manchado de terra e sangue. Ele foi para cima da mesa, onde Julian estava ajoelhado sobre Tavvy, puxando as correntes que o prendiam. O círculo de proteção que os cercava continuava crepitando. Emma respirou fundo e correu para a mesa, saltando no ar.

Ela sentiu um estalo de eletricidade em ondas ao passar pelo círculo rompido, abaixou e pulou para cima. Emma aterrissou na mesa, ajoelhada, ao lado de Julian.

— Afaste-se! — Foi tudo que ela teve tempo de dizer, arfando. — Julian, afaste-se!

Ele rolou para longe do irmão, apesar de ela saber que deixá-lo era a última coisa que ele queria fazer. Ele deslizou para a borda da mesa e se ajoelhou, inclinando-se para trás. Confiando em Emma. Dando espaço a ela.

*Uma lâmina feita por Wayland, o Ferreiro pode cortar qualquer coisa.*

Ela empunhou Cortana a alguns centímetros do pulso de Tavvy. A ponta da lâmina cortou a corrente, que caiu de lado, tilintando. Ela ouviu Malcolm gritar, e um clarão de fogo violeta dividiu o recinto.

Emma atacou novamente com Cortana, partindo as outras correntes que prendiam Tavvy à mesa.

— Vá! — gritou para Julian. — Tire-o daqui!

Julian pegou o irmão caçula no colo. Octavian estava flácido, com os olhos revirados. Julian saltou da mesa.

Emma não o viu desaparecer pelo túnel; ela já havia girado outra vez. Mark e Kieran estavam encurralados em uma ponta da sala por um grupo de Seguidores. Diego e Cristina em outro. Malcolm ia para cima de Ty e Livvy. Ele ergueu a mão outra vez — e uma pequena figura voou para cima dele, segurando uma lâmina serafim que ardia.

Era Dru.

— Fique longe deles! — gritou a menina, a lâmina brilhando entre eles. — Fique longe do meu irmão e da minha irmã!

Malcolm rosnou, curvando o dedo em direção a ela. Uma corda de luz roxa se enrolou em volta das pernas de Dru, puxando-a para o chão. A lâmina serafim rolou para longe, batendo na pedra.

— Ainda preciso de sangue Blackthorn — disse Malcolm, tentando alcançá-la. — E o seu vai funcionar tão bem quanto o do seu irmão. Aliás, você parece

ter mais sangue do que ele...

— Pare! — gritou Emma.

Malcolm olhou para ela... e congelou. Emma estava de pé sobre a mesa de pedra. Uma das mãos empunhava Cortana. A outra segurava o candelabro das Mãos da Glória.

— Você levou um bom tempo para juntar todas essas, não? — perguntou ela com a voz fria. — As mãos de treze assassinos. Nada fácil.

Malcolm soltou Dru, e ela foi para o lado oposto da caverna, mexendo no cinto para pegar outra arma. O rosto do feiticeiro se contorceu.

— Devolva — rosnou.

— Mande-os pararem — disse Emma. — Mande seus Seguidores pararem, e devolvo suas Mãos da Glória.

— Roube minha chance de recuperar Annabel e pagará com agonia — rosnou ele.

— Não pode ser pior do que a agonia de ouvir a sua voz — falou Emma. — Mande todos pararem ou cortarei essas coisas nojentas em pedacinhos. — Ela apertou o cabo de Cortana. — Vamos ver se você consegue fazer feitiços mágicos com restos.

O olhar de Malcolm varreu o recinto. Os corpos de seus Seguidores se espalhavam pela caverna, mas alguns continuavam de pé, prendendo Diego e Cristina no canto da sala. Mark e Kieran, montados em Lança do Vento, empunhavam suas lâminas. Os cascos do cavalo estavam manchados de vermelho-amarronzado por causa do sangue.

As mãos do feiticeiro estavam coladas nas laterais do corpo. Ele se virou e falou rápido algumas palavras em grego, e o restante dos Seguidores começou a cair, batendo no chão em seguida. Diego e Cristina correram para Dru; Kieran freou Lança do Vento, e a égua fada ficou parada enquanto os mortos caíam novamente.

Malcolm avançou para a mesa. Emma correu até a ponta, saltou e aterrissou com leveza no chão. Depois, continuou correndo.

Ela correu para as fileiras de assentos que tinham sido dispostas para os Seguidores, pelo corredor entre elas, e para as sombras. O brilho fraco de Cortana emitiu luz o suficiente para que ela conseguisse enxergar um caminho escuro entre as pedras, sinuoso, indo até a colina.

Ela foi para lá. Só o lodo brilhante nas paredes oferecia alguma luminosidade. Ela achou que estivesse enxergando um brilho ao longe e continuou, apesar do fato de que correr com um candelabro pesado fazia seu braço doer.

O corredor bifurcava. Ouvindo passos atrás de si, Emma foi para a esquerda. Ela só havia corrido uns poucos metros quando uma parede de vidro se ergueu

diante dela.

A porta. Tinha se tornado maior, ocupando quase toda a parede. A enorme alavanca de que Emma se lembrava se projetava de uma pedra ao lado. O brilho da porta vinha de dentro dela, como um enorme aquário.

Por trás do vidro, dava para ver o mar — radiante, azul-esverdeado e escuro. Dava para ver os peixes, as algas e estranhas luzes e cores além do vidro.

— Ah, Emma, Emma — disse a voz de Malcolm atrás dela. — Você escolheu o caminho errado, não foi? Mas isso é uma afirmação que se pode fazer em relação a muitas coisas na sua vida.

Emma girou e ameaçou Malcolm com o candelabro.

— Fique longe de mim.

— Você faz alguma ideia do quanto essas mãos são preciosas? — Ele quis saber. — Para maior poder, elas tiveram que ser decepadas pouco depois dos assassinatos. Armar as mortes foi um feito de habilidade, ousadia e precisão. Você não pode acreditar no quanto me irritou quando você levou Sterling de mim antes que eu pudesse pegar a mão dele. Belinda teve que trazer as duas para que eu pudesse descobrir qual delas tinha sido o instrumento assassino. E depois Julian me pediu ajuda... um lance de sorte, devo dizer.

— Não foi sorte. Nós confiávamos em você.

— E um dia eu confiei em Caçadores de Sombras — disse Malcolm. — Todos cometemos erros.

*Mantenha-o falando, pensou ela. Os outros vão vir atrás de mim.*

— Johnny Rook disse que você o mandou me falar sobre a desova no Sepulcro — falou ela. — Por quê? Por que me colocar no seu rastro?

Ele deu um passo para a frente. Ela o ameaçou com o candelabro. Ele levantou as mãos, como se quisesse acalmá-la.

— Precisava distraí-los. Precisava que se concentrassem nas vítimas, não nos assassinos. Além disso, vocês tinham que saber da situação antes do comitê das fadas aparecer.

— Para pedir que investigássemos os assassinatos que você estava cometendo? O que você ganhava com isso?

— A certeza de que a Clave ficaria de fora — disse Malcolm. — Caçadores de Sombras sozinhos não me assustam, Emma. Mas um monte deles pode, de fato, virar bagunça. Conheço Iarlatth há muito tempo. Sabia que ele tinha conexões na Caçada Selvagem e sabia que a Caçada Selvagem tinha algo que faria com que vocês movessem céus e terras para impedir que a informação chegasse à Clave e aos Irmãos do Silêncio. Nada contra o menino, em particular; pelo menos, o sangue Blackthorn dele é um pouco diluído pelo sangue de um bom e saudável ser do Submundo. Mas eu conheço Julian. Eu sabia a que ele

daria prioridade, e não seria à Lei, nem à Clave.

— Você nos subestimou — disse Emma. — Nós descobrimos. Percebemos que era você.

— Achei que pudessem enviar um Centurião, mas nunca imaginei que ele seria um conhecido seu. Confiável o suficiente para se associarem a ele, apesar de Mark. Quando vi o menino Rosales, percebi que não tinha muito tempo. Eu sabia que teria que levar Tavvy imediatamente. Por sorte, tive a ajuda de Iarlath, que foi muito preciosa. Ah — explicou ele. — Fiquei sabendo das chicotadas. Sinto muito por isso. Iarlath tem as próprias formas de entretenimento, e não são as minhas.

— Você sente muito? — Emma ficou olhando incrédula para ele. — Você matou meus pais e está *se desculpando*? Preferia ser chicoteada mil vezes e ter meus pais de volta.

— Sei o que está pensando. Vocês Caçadores de Sombras todos pensam igual. Mas preciso que *entenda*... — Malcolm se interrompeu, o rosto mudando de expressão. — Se você entendesse — falou —, não me culparia.

— Então me diga o que aconteceu — pediu Emma. Ela via o corredor atrás dele, por cima do ombro, e achou que podia distinguir formas, sombras ao longe. Se conseguisse mantê-lo distraído e os outros atacassem por trás... — Você foi ao Reino das Fadas — emendou. — Quando descobriu que Annabel não era uma Irmã de Ferro. Que ela tinha sido assassinada. Foi assim que conheceu Iarlath?

— Ele era o braço direito do Rei Unseelie na época — disse Malcolm. — Quando fui, sabia que o Rei podia mandar me matar. Eles não gostam muito de feiticeiros. Mas não me importava. E quando o Rei me pediu um favor, eu fiz. Em troca, ele me deu o verso. Um feitiço feito especialmente para ressuscitar minha Annabel. Sangue Blackthorn. Sangue por sangue, foi o que o Rei disse.

— Então por que não a ressuscitou na época? Por que esperar?

— Magia das fadas e magia de feiticeiros são muito diferentes — explicou Malcolm. — Foi como traduzir algo de outra língua. Levei anos para decifrar o poema. Então percebi que estava me mandando encontrar um livro. Quase enlouqueci. Anos traduzindo, e tudo que consegui foi um enigma sobre um livro... — Seus olhos se fixaram nos dela, como se quisessem que ela entendesse. — Foi por acaso que escolhi seus pais — falou. — Eles voltaram para o Instituto quando eu estava lá. Mas não deu certo. Eu fiz tudo que o livro de feitiços mandou, e Annabel não se mexeu.

— Meus pais...

— Seu amor por eles não era maior que o meu por Annabel — falou Malcolm. — Eu estava tentando tornar as coisas *justas*. Nunca foi uma questão de machucar você. Eu não odeio os Carstairs. Seus pais foram sacrifícios.

— Malcolm...

— Eles teriam se sacrificado, não teriam? — perguntou calmamente. — Pela Clave? Por você?

Uma raiva tão grande que chegava a entorpecer recaiu sobre Emma. Precisou de todo o esforço do mundo para ficar parada.

— Então esperou cinco anos? — Ela engasgou com a pergunta. — Por que cinco anos?

— Esperei até achar que tinha acertado o feitiço — respondeu Malcolm. — Usei o tempo para aprender. Para construir. Tirei o corpo de Annabel do túmulo e o trouxe para a convergência. Criei os Seguidores do Guardião. Belinda foi a primeira assassina. Segui o ritual, queimei e ensopei o corpo, talhei as marcações... e senti Annabel se mexer. — Os olhos dele brilharam, um azul-violeta de outro mundo. — Eu sabia que a estava trazendo de volta. Depois disso nada poderia me deter.

— Mas por que aquelas marcações? — Emma grudou na parede atrás dela. O candelabro estava pesado e o braço dela latejava. — Por que o poema?

— Porque era um recado! — gritou Malcolm. — Emma, para alguém que tanto falou em vingança, que viveu e respirou vingança, você não parece saber muito a respeito. Eu precisava que os Caçadores de Sombras soubessem. Eu precisava que os Blackthorn soubessem, quando o mais jovem deles estivesse morto, de quem foi a mão que deu o golpe. Quando alguém lhe faz mal, não basta que sofram. Precisam olhar nos seus olhos e saber por que estão sofrendo. Eu precisava que a Clave decifrasse esse poema e soubesse exatamente quem traria a destruição deles.

— Destruição? — Emma não conseguiu conter seu eco incrédulo. — Você perdeu o juízo. Matar Tavvy não destruiria os Nephilim; e nenhum dos vivos sequer sabe sobre Annabel...

— E como você acha que me sinto com isso? — gritou ele. — O nome dela esquecido? O destino enterrado? Os Caçadores de Sombras a transformaram em uma história. Acho que alguns dos parentes dela enlouqueceram; não suportavam o que tinham feito com ela. Não podiam suportar o peso daquele segredo.

*Mantenha-o falando, pensou Emma.*

— Se era um segredo, como Poe sabia? O Poema, *Annabel Lee*...

Algo lampejou por trás dos olhos de Malcolm, algo secreto e sombrio.

— Quando ouvi o poema, pensei que fosse uma coincidência doentia — disse ele. — Mas fiquei obcecado. Fui procurar o poeta, mas ele já estava morto. *Annabel* foi seu último poema. — A voz dele estava fria pelas lembranças. — Os anos se passaram e eu acreditava que ela estivesse na Cidadela Adamant. Era o

que me confortava. Que ela estivesse viva em algum lugar. Quando descobri, tentei negar, mas foi o poema que provou os fatos. Poe tinha descoberto a verdade com membros do Submundo e soube antes de mim: como eu e Annabel nos amamos quando crianças, que ela teria deixado os Nephilim por mim. Mas a família dela ficou sabendo e decidiu que a morte era preferível a viver com um feiticeiro. Eles a prenderam em uma tumba próximo ao mar da Cornualha, a prenderam lá viva. Mais tarde, quando movi o corpo de lugar, a mantive perto do oceano. Ela sempre amou a água.

A respiração dele vinha em soluços agora. Emma, sem conseguir se mexer, encarou Malcolm. A dor dele era tão brutal e real quanto se ele estivesse falando de algo que aconteceu na véspera.

— Eles me disseram que ela tinha se tornado uma Irmã de Ferro. Todos mentiram para mim; Magnus, Catarina, Ragnor, Tessa, todos corrompidos por Caçadores de Sombras, atraídos por suas mentiras! E eu, sem saber, sofrendo por ela, até finalmente descobrir a verdade...

Vozes repentinas ecoaram no corredor; Emma ouviu o barulho de pés correndo. Malcolm estalou os dedos. Luz violeta brilhou no túnel atrás deles, o brilho desbotando até se apagar e ficar mais opaco, solidificando-se em uma parede.

O ruído de vozes e passos desapareceu. Emma estava dentro de uma caverna fechada com Malcolm.

Ela chegou para trás, agarrando o candelabro.

— Vou destruir as mãos — alertou ela, o coração acelerado. — Eu vou fazer isso.

Fogo escuro brilhou das pontas dos dedos dele.

— Eu poderia libertá-la — disse ele. — Permitir que viva. Que nade pelo oceano como fez antes. Você poderia levar o meu recado. Meu recado para a Clave.

— Não preciso que me liberte. — Ela estava arfando. — Prefiro lutar.

O sorriso dele se contorceu, quase triste.

— Você e sua espada, independentemente da história dela, não fazem frente a um feiticeiro, Emma.

— O que você quer de mim? — exigiu ela, sua voz se elevando, ecoando das paredes da caverna. — O que você quer, Malcolm?

— Quero que entenda — disse ele entre dentes. — Quero que alguém diga à Clave o que eles causaram, quero que saibam que têm sangue nas mãos, quero que saibam *por quê*.

Emma encarou Malcolm, uma figura magra, alta, com um casaco branco manchado, faíscas dançando das pontas de seus dedos. Ele a assustava e a

entristecia ao mesmo tempo.

— Seus motivos não importam — disse ela afinal. — Talvez tenha feito o que fez em nome do amor. Mas se acha que isso faz alguma diferença, não é melhor do que a Clave.

Ele foi em direção a ela e Emma jogou o candelabro para cima dele. Malcolm desviou, e ela errou, atingindo o chão de pedra com um barulho. Os dedos das mãos cortadas pareceram se encolher, como se quisessem se proteger. Emma afastou os pés, lembrando-se de Jace Herondale, há anos em Idris, ensinando a ela como se colocar de modo a nunca ser derrubada.

Ela agarrou o cabo de Cortana com as mãos e, daquela vez, se lembrou de Clary Fairchild e das palavras que havia lhe dito em Idris, quando Emma tinha 12 anos. *Heróis nem sempre são os que vencem. Algumas vezes são os que perdem. Mas continuam lutando, continuam voltando. Não desistem. É isso que faz deles heróis.*

Emma foi para cima de Malcolm, com Cortana erguida. Ele reagiu com um segundo de atraso, brandindo a mão para ela, luz explodindo dos dedos. Chiou na direção dela, um raio de luz dourada e violeta.

O atraso deu tempo para ela desviar. Emma girou e ergueu Cortana por cima da cabeça. Magia irradiou da lâmina. Ela foi para cima de Malcolm outra vez, e ele desviou, mas não antes de rasgar a manga dele, logo acima do cotovelo. Ele mal pareceu perceber.

— A morte dos seus pais foi necessária — falou. — Eu precisava ver se o livro funcionava.

— Não, não precisava. — Emma rosnou, brandindo Cortana. — Você deveria saber que não se deve tentar despertar os mortos.

— Se Julian morresse, você não tentaria despertá-lo? — perguntou Malcolm, erguendo delicadamente as sobrancelhas. Emma se encolheu como se ele a tivesse estapeado. — Não traria sua mãe ou seu pai de volta? Ah, para você é muito fácil, como para todos os Caçadores de Sombras, aí parados, fazendo seus discursos moralizantes, como se fossem melhores do que o restante de nós...

— Eu sou melhor — falou Emma. — Melhor do que você. Porque não sou uma assassina, Malcolm.

Para surpresa de Emma, Malcolm recuou — um verdadeiro recuo de surpresa, como se ele nunca tivesse imaginado ser chamado de assassino. Emma avançou, Cortana em riste. A espada penetrou o peito de Malcolm, cortando o casaco... e parou, como se ela tivesse esfaqueado um pedregulho.

Ela gritou de dor quando o que pareceu um raio de eletricidade subiu por seu braço. Emma ouviu Malcolm rir: uma onda de energia disparou dos dedos esticados do feiticeiro, atingindo-a. Ela foi erguida e jogada para trás, magia

rasgando-a como uma bala que abre um buraco em uma tela de papel. Ela bateu com as costas na pedra irregular atrás de si, Cortana ainda em sua mão inerte.

Uma dor vermelha cresceu por trás de seus olhos. Através da névoa, ela viu Malcolm sobre ela.

— Ah, isso foi ótimo. — Ele sorriu. — Foi incrível. Isso foi a mão de Deus, Emma! — Ele abriu o blazer, e Emma viu o que Cortana tinha atingido: o *Volume Preto*, guardado no bolso do casaco.

Cortana caiu de sua mão, o metal batendo na pedra. Franzindo o rosto, Emma se levantou apoiando-se nos cotovelos, no mesmo instante em que Malcolm se abaixou para pegar o candelabro caído. Ele olhou para o objeto, depois para ela, seu sorriso ainda estampado no rosto.

— Obrigado — disse ele. — Estas Mãos da Glória teriam sido muito difíceis de substituir. Agora, sangue Blackthorn, isso vai ser fácil.

— Fique longe dos Blackthorn — falou Emma, e ficou horrorizada ao ouvir a fraqueza da própria voz. O que o *Volume Preto* tinha feito com ela? Parecia que seu peito tinha sido comprimido por alguma coisa muito pesada, e o braço ardia e doía.

— Você não sabe de nada. — Malcolm rosnou. — Você não sabe os monstros que eles são.

— Você — disse Emma, quase num sussurro —, você sempre os odiou? Julian e os outros?

— Sempre — respondeu. — Mesmo quando parecia que os amava.

O braço de Emma continuava ardendo, uma agonia que parecia penetrar na pele até o osso. A Marca de Resistência parecia arder em chamas. Ela tentou não demonstrar no rosto.

— Que coisa horrível. Não é culpa deles. Você não pode culpá-los pelos pecados dos ancestrais.

— Sangue é sangue — disse Malcolm. — Todos somos o que nascemos para ser. Eu nasci para amar Annabel, e isso foi tirado de mim. Agora vivo apenas por vingança. Exatamente como você, Emma. Quantas vezes você me disse que tudo o que queria na vida era matar a pessoa que matou seus pais? O que você faria para ter isso? Será que abriria mão dos Blackthorn? Abriria mão do seu precioso *parabatai*? A pessoa por quem está apaixonada? — Os olhos dele brilharam quando ela balançou a cabeça em negação. — Por favor. Eu *sempre* vi o jeito como olhavam um para o outro. Depois Julian me disse que seu símbolo o curou do veneno beladona. Nenhum símbolo normal de Caçador de Sombras poderia ter feito isso.

— Não... prova nada... — Emma arfou.

— Prova? Você quer prova? Eu vi vocês dois. Na praia, dormindo nos braços



um do outro. Fiquei parado, olhei para vocês e pensei em como seria fácil matá-los. Mas então percebi que seria misericordioso, não? Matar os dois enquanto estavam nos braços um do outro? Existe um motivo pelo qual não se pode se apaixonar por seu *parabatai*, Emma. E quando você descobrir qual é, sentirá a crueldade dos Caçadores de Sombras, exatamente como aconteceu comigo.

— Você é um mentiroso — disse ela com a voz mais fraca, suas palavras sumindo num sussurro. A dor em seu braço tinha desaparecido. Ela pensou em pessoas que sangravam quase até a morte, em como falavam que nos últimos momentos a dor desaparecia.

Sorrindo, Malcolm se ajoelhou ao lado dela. E lhe afagou a mão esquerda; os dedos de Emma tremeram.

— Deixe-me contar a verdade antes de você morrer, Emma — disse ele. — É um segredo sobre os Nephilim. Eles detestam o amor, o amor humano, porque nasceram dos anjos. E apesar de Deus ter encarregado seus anjos de cuidarem dos humanos, os anjos foram feitos antes e sempre detestaram a segunda criação de Deus. Por isso Lúcifer caiu. Ele era um anjo que não se curvava à humanidade, o filho favorito de Deus. O amor é a fraqueza dos humanos, e os anjos os desprezam por isso; a Clave os despreza também, por isso os punem. Você sabe o que acontece com dois *parabatai* que se apaixonam? Sabe por que é proibido?

Ela balançou a cabeça.

A boca de Malcolm formou em um sorriso. Havia algo naquele sorriso, tão fraco e ao mesmo tempo tão carregado de ódio, que a gelou como nenhum de seus sorrisos jamais havia feito.

— Você não faz ideia do quanto seu amado Julian será poupado com a sua morte — disse ele. — Então pense nisso quando a vida deixar seu corpo. De certa forma, sua morte é um ato de misericórdia. — Ele levantou a mão, fogo violeta começando a estalar entre os dedos.

Ele lançou sua magia contra ela. E Emma levantou o braço. O braço onde Julian tinha Marcado o símbolo de Resistência, o braço que ardia, doendo e gritando para ser usado desde que ela atingiu o *Volume Preto*.

Fogo atingiu seu braço. Ela sentiu como se fosse um golpe forte, mas nada mais. O símbolo de Resistência estava pulsando por seu corpo com seu poder, e junto com esse poder, cresceu a própria raiva.

Raiva por saber que Malcolm tinha matado seus pais, raiva pelos anos desperdiçados procurando o assassino quando ele sempre esteve na frente dela. Raiva por todas as vezes em que ele sorriu para Julian ou pegou Tavvy no colo enquanto o coração estava cheio de ódio. Raiva de mais uma coisa que tinha sido tirada dos Blackthorn.

Ela pegou Cortana e se ajoelhou, os cabelos voando ao enfiar a espada na barriga de Malcolm.

Daquela vez, não tinha o *Volume Preto* para bloquear seu golpe. Ela sentiu a lâmina entrar, sentiu rasgar a pele e atravessar o osso. Viu a ponta explodir pelas costas dele, o casaco branco manchado de sangue vermelho.

Emma se levantou, puxando a espada de volta. Ele fez um barulho engasgado. O sangue entornava no chão, escorrendo pela pedra, respingando nas Mãos da Glória.

— Isso é pelos meus pais — falou, empurrando o corpo de Malcolm com toda a força que podia contra a parede de vidro.

Ela sentiu as costelas dele estalarem quando o vidro atrás rachou. Água começou a vazar pelas fissuras. Ela sentiu respingar em seu rosto, salgada como lágrimas.

— Eu vou contar sobre a maldição dos *parabatai*. — Ele arfou. — A Clave nunca vai falar... é proibido. Mate-me e nunca saberá...

Com a mão esquerda, Emma puxou a alavanca.

Ela se jogou atrás da porta de vidro quando esta girou e a corrente invadiu. Movia-se como uma coisa viva — como um punho feito de água, formado pelo mar. Cercou Malcolm, e, por um instante congelado, Emma o viu ali com clareza, lutando com movimentos vãos, em um redemoinho de água; água que entornou pelo chão, água que o agarrou, cercando-o como uma rede inquebrável.

Levantou Malcolm do chão. Ele soltou um grito de pavor, e o oceano o levou, a corrente recuando com força e carregando-o junto. A porta se fechou com uma pancada.

O silêncio que a água deixou para trás era ensurdecador. Exausta, Emma caiu contra o vidro da porta. Através dele dava para ver o oceano, da cor do céu noturno. O corpo de Malcolm era uma estrela branca pálida na escuridão, boiando entre as algas, e depois um tentáculo escuro e espinhoso subiu pelas ondulações e pegou Malcolm pelo calcanhar; seu corpo foi puxado para baixo e para fora de seu campo de visão.

Houve um lampejo brilhante. Emma virou e constatou que a parede de luz violeta atrás dela tinha desaparecido — feitiços desapareciam quando os feiticeiros que os realizavam morriam.

— Emma! — Ela ouviu passos no corredor. Das sombras, Julian apareceu. Viu a expressão de pavor dele quando a pegou, suas mãos fechando sobre o uniforme ensopado e manchado de sangue. — Emma, meu Deus, eu não conseguia chegar até você através da parede, eu sabia que estava aqui, mas não consegui salvá-la...

— Você me salvou — disse ela com a voz rouca, querendo mostrar para ele o

símbolo de Resistência no braço, mas ela estava esmagada demais pelo abraço dele para conseguir se mexer. — Salvou. Você não sabe, mas me salvou.

E então ela ouviu as vozes deles. Os outros, vindo pelo corredor. Mark. Cristina. Diego. Diana.

— Tavvy — sussurrou ela. — Ele...

— Ele está bem. Está lá fora com Ty, Livvy e Dru. — Julian beijou sua têmpora. — Emma. — Seus lábios tocaram os dela, que sentiu um choque de amor e dor pelo corpo.

— Me solte — murmurou ela. — Você tem que me soltar, eles não podem nos ver assim. Julian, me solte.

Ele levantou a cabeça, com os olhos cheios de agonia, e se afastou. Ela viu o quanto foi difícil para ele, viu o tremor em suas mãos quando Julian as abaixou para o lado. Sentiu o espaço entre eles como o espaço de um ferimento rasgado na pele.

Ela desgrudou os olhos dos dele e olhou para o chão. O soalho estava cheio de água do mar e sangue, batendo no calcanhar. Em algum lugar o candelabro de Malcolm flutuava sob a superfície.

Emma ficou satisfeita. O sal diluiria o monumento nojento de Malcolm à morte, dissolveria e limparia, e seriam ossos brancos, repousando como o corpo do feiticeiro repousou no leito do oceano. E, pela primeira vez, em um bom tempo, Emma se sentiu grata pelo mar.

## 26

### Os Serafins Alados do Paraíso

*A maldição dos parabatai. A Clave nunca vai falar... é proibido...*

As palavras de Malcolm soaram nos ouvidos de Emma enquanto ela voltava para a noite, seguindo os outros pelos corredores molhados da convergência. Julian e Emma caminharam deliberadamente afastados, mantendo distância entre si. A exaustão e a dor estavam desacelerando Emma. Cortana tinha voltado para sua baina. Ela sentiu a espada vibrando de energia; ficou imaginando se teria absorvido a magia de Malcolm.

Mas ela não queria pensar em Malcolm, as raia vermelhas do seu sangue se desenrolando pela água escura, como bandeirolas.

Ela não queria pensar nas coisas que ele tinha dito.

Emma foi a última a sair da caverna para a escuridão do mundo lá fora. Ty, Livvy e Dru esperavam sentados no chão com Tavvy — o pequeno estava no colo de Livvy, aparentando dormir, porém acordado. Kieran mantinha-se distante, com uma carranca que só se desfez quando Mark saiu da convergência.

— Como está Tavvy? Está tudo bem? — Julian se aproximou dos irmãos. Dru deu um salto e o abraçou firme. Em seguida, suspirou e apontou.

Um barulho alto de algo sendo triturado se espalhou pelo ar. A abertura na colina estava se fechando atrás deles, como um machucado cicatrizando. Diana correu, como se pudesse manter a passagem aberta, mas a pedra se fechou; ela puxou a mão de volta bem a tempo de impedir que fosse esmagada.

— Não pode impedir — disse Kieran. — A abertura e o corredor aí dentro foram feitos por Malcolm. Essa colina não tem túneis nem cavernas naturais. Agora que ele está morto, os encantos estão se quebrando. Talvez haja alguma outra entrada para este espaço, em alguma outra convergência de Linhas Ley. Mas esta porta não vai se abrir de novo.

— Como você soube que ele estava morto? — perguntou Emma.

— Pelas luzes se acendendo na cidade — disse Kieran. — O... não sei qual é a sua palavra mundana para isso...

— Blecaute — explicou Mark. — O blecaute acabou. E Malcolm foi quem lançou o feitiço responsável pelo blecaute, então... é.

— Isso significa que temos sinal nos nossos telefones? — Ty ficou imaginando.

— Vou checar — falou Julian, e se afastou para levar o telefone ao ouvido.

Emma teve a impressão de tê-lo ouvido falar o nome do tio Arthur, mas não tinha como ter certeza, e ele saiu do alcance antes que ela pudesse ouvir mais alguma coisa.

Diego e Cristina tinham se juntado a Livvy, Ty e Dru. Cristina estava inclinada sobre Tavvy, e Diego pegava alguma coisa no casaco do uniforme. Emma foi para perto deles; ao se aproximar, viu que Diego estava com um frasco prateado.

— Não vai dar álcool para ele, vai? — Emma quis saber. — Ele é um pouco jovem para isso.

Diego revirou os olhos.

— É uma bebida para dar energia. Feita pelos Irmãos do Silêncio. Pode combater o que quer que Malcolm tenha dado para deixá-lo com sono.

Livvy pegou o frasco de Diego e provou o conteúdo; com um aceno afirmativo de cabeça, ela entornou o líquido na boca do irmãozinho. Tavvy tomou, agradecido, e Emma se ajoelhou e colocou a mão na bochecha dele.

— Oi, querido — falou. — Você está bem?

Ele sorriu para ela, piscando os olhos. Ele parecia Julian quando os dois eram crianças. Antes de o mundo mudá-lo. *Meu melhor amigo e meu maior amor.*

Ela pensou em Malcolm. *A maldição dos parabatai.* Com o coração doendo, ela beijou a bochecha macia de bebê de Tavvy e se levantou para se deparar com Cristina atrás dela.

— Seu braço esquerdo — observou Cristina gentilmente, e a levou dali. — Pode esticar?

Emma obedeceu e viu que a pele da mão e do pulso estava vermelha e cheia de bolhas, como se tivesse sido queimada.

Cristina balançou a cabeça, retirando a estela do casaco.

— Por alguns momentos, quando você estava atrás daquela parede que Malcolm criou, achei que não fosse sair.

Emma bateu com a cabeça no ombro de Cristina.

— Sinto muito.

— Eu sei. — Cristina se virou rapidamente, levantando a manga de Emma.

— Você precisa de símbolos de cura.

Emma se apoiou em Cristina enquanto a estela percorria sua pele, tirando conforto do fato de que ela estava ali.

— Foi estranho ficar presa ali com Malcolm — confessou a garota. — Basicamente ele só queria me contar sobre Annabel. E a questão é que... eu, de fato, me senti mal por ele.

— Não é estranho — disse Cristina. — É uma história terrível. Nem ele nem Annabel fizeram algo errado. Ver uma pessoa que você ama sofrendo uma punição tão terrível e sendo torturada... achar que essa pessoa o abandonou para depois descobrir que, na verdade, foi você quem a abandonou... — Cristina estremeceu.

— Eu não tinha pensado por esse lado — falou Emma. — Acha que ele se sentia culpado?

— Tenho certeza de que sim. Qualquer um se sentiria.

Emma pensou em Annabel com uma pontada de dor. Ela era inocente, uma vítima. Com sorte, não teve consciência de nada, não soube dos esforços de Malcolm para revivê-la.

— Eu disse a ele que ele era tão ruim quanto a Clave, e ele pareceu sinceramente surpreso.

— Ninguém é o vilão da própria história. — Cristina soltou Emma, parando para examinar seu trabalho de cura. A dor no braço de Emma já estava diminuindo. Ela sabia que um símbolo aplicado por Julian provavelmente teria agido mais depressa, mas depois do que aconteceu com o símbolo de Resistência, ela não ousou permitir que ele a marcasse na frente de todos.

Julian. Sobre o ombro de Cristina, ela podia vê-lo, perto do carro. Ele estava com o telefone no ouvido. Enquanto o observava, ele tocou a tela e o guardou de volta no bolso.

— Então, os sinais estão funcionando outra vez? — perguntou Ty. — Para quem você estava ligando?

— Pizza — respondeu Julian.

Todos ficaram olhando para ele. Como os outros, ele estava imundo, com um longo arranhão na bochecha e os cabelos emaranhados. Ao luar, seus olhos tinham a cor de um rio subterrâneo.

— Achei que todos pudéssemos estar com fome — falou com uma calma enganadora, que Emma agora sabia significar que, o que quer que estivesse acontecendo na superfície, não era o mesmo que se passava em sua mente.

— É melhor irmos — pediu ele. — O colapso da convergência significa que a Clave vai conseguir enxergar no mapa a magia das trevas que irradia deste lugar. Quando voltarmos, acho que não estaremos sozinhos.

Eles se apressaram a fim de preparar todo mundo para ir: Livvy com Octavian no colo no banco de trás do Toyota, Diana levando Cristina e Diego na picape que tinha escondido entre arbustos. Kieran ofereceu Lança do Vento novamente para Mark, mas Mark declinou.

— Quero ir com meus irmãos — respondeu ele simplesmente.

Julian voltou-se para Kieran. Os olhos da fada estavam opacos, sem brilho. Julian desejava conseguir enxergar o que o irmão amou: um Kieran caloroso ou gentil com Mark. Gostaria de poder agradecer a Kieran por não ter deixado Mark sozinho na Caçada.

Gostaria de ter menos ódio no coração.

— Não precisa voltar conosco — disse Julian para Kieran. — Não precisamos mais da sua ajuda.

— Não vou até saber que Mark está seguro.

Julian deu de ombros.

— Como quiser. Quando voltarmos, não entre no Instituto até dissermos que é seguro. Estaríamos encrocados só de lutar ao seu lado.

A boca de Kieran enrijeceu.

— Sem mim, teriam saído derrotados hoje.

— Provavelmente — falou Julian. — Vou me lembrar de sentir gratidão cada vez que vir as cicatrizes nas costas de Emma.

Kieran se encolheu. Julian virou e foi para o carro. Diana cortou na frente dele, levantando a mão. Ela estava com um xale pesado e o rosto marcado por sangue, como se fossem sardas claras.

— A Clave pode muito bem estar esperando por vocês — disse ela sem preâmbulo. — Se quiser, levo a culpa por tudo e me coloco à mercê deles.

Julian olhou para ela por um longo instante. Ele tinha vivido sob regras muito rígidas por muito tempo. *Proteja Tavvy, proteja Livvy e Ty, proteja Dru. Proteja Emma.* Recentemente isso tinha se expandido um pouco — ele ia proteger Mark, porque Mark tinha voltado, e ele protegeria Cristina, porque Emma a amava.

Era um tipo de amor que poucas pessoas podiam entender. Era total, avassalador e podia ser cruel. Julian destruiria uma cidade inteira se achasse que representava alguma ameaça à sua família.

Quando você tinha 12 anos e era a única coisa entre sua família e a aniquilação, você não aprendia a ter moderação.

Ele considerou agora, com todo o distanciamento que conseguia ter, o que aconteceria se Diana tentasse levar a culpa; pensou na ideia, revirou-a na mente e a rejeitou.

— Não — disse ele. — E não estou sendo gentil. Não acho que funcionaria.

— Julian...

— Você esconde coisas — disse ele. — O Anjo sabe que tem alguma coisa que você ainda esconde, algum motivo pelo qual não podia assumir o Instituto. Algo que não vai contar. Você esconde bem, mas não é uma boa mentirosa. Não vão acreditar em você. Mas vão acreditar em mim.

— Então você já tem uma história para eles? — perguntou Diana, os olhos escuros se arregalando.

Julian não disse nada.

Ela suspirou, apertando o xale.

— Você é uma figura e tanto, Julian Blackthorn.

— Vou aceitar como um elogio — falou ele, apesar de duvidar que fosse essa a intenção de Diana.

— Sabia que eu estaria aqui hoje? — perguntou ela. — Achou que eu estivesse aliada a Malcolm?

— Não achei provável — respondeu Julian. — Mas, por outro lado, não confio plenamente em ninguém.

— Isso não é verdade — disse Diana, olhando para onde Mark estava ajudando Emma a sentar no lado esquerdo do carro. Os cabelos louros voavam como faíscas sob as estrelas. Diana olhou para Julian. — É melhor voltar. Vou ficar longe até amanhã.

— Vou falar que você não sabia de nada. As pessoas enganam seus tutores o tempo todo. E você nem mora com a gente. — Ele ouviu o carro dar a partida. Os outros estavam esperando por ele. — Então vai deixar Cristina e Diego no Instituto e depois vai para casa?

— Vou para algum lugar — falou ela.

Ele começou a caminhar para o carro, em seguida, parou e se virou para olhar para ela.

— Você, às vezes, se arrepende? De ter escolhido ser nossa tutora? Não precisava ser.

O vento soprou seus cabelos escuros sobre o rosto.

— Não — disse ela. — Sou quem sou porque faço parte da sua família. Nunca se esqueça, Jules. As escolhas que fazemos também nos fazem.

A volta para casa foi silenciosa e exausta. Ty estava quieto, olhando pela janela do passageiro. Dru mantinha-se encolhida feito uma bola. Emma apoiava-se em uma janela do banco de trás, segurando Cortana, os cabelos louros molhados caindo em seu rosto, os olhos fechados. Mark estava espremido ao lado dela.

Julian queria alcançar Emma, dar a mão para ela, mas não ousou, não na frente dos outros. Mas não conseguia deixar de esticar o braço para trás para



tocar Tavvy, certificando-se de que seu garotinho continuava vivo, continuava bem.

*Todos* ainda estavam vivos, e isso era quase um milagre. Julian sentia-se como se todos os nervos do seu corpo tivessem sido arrancados da pele. Imaginou as terminações nervosas expostas, cada uma como um Sensor, reagindo à presença da família ao seu redor.

Ele pensou em Diana dizendo: *Vai ter que cortar o cordão.*

E ele sabia que era verdade. Um dia teria que abrir as mãos, permitir que seus irmãos e irmãs seguissem livres no mundo, um mundo que iria feri-los, machucá-los e derrubá-los, e que não os ajudaria a levantar depois. Algum dia ele teria que fazer isso.

Mas ainda não. Ainda não.

— Ty — disse Julian. Ele falou baixinho, para que os passageiros do banco de trás não ouvissem.

— Oi? — Ty olhou para ele. As sombras sob seus olhos estavam tão cinzas quanto as íris.

— Você estava certo — falou Julian. — Eu estava errado.

— Estava? — Ty pareceu surpreso. — Em relação a quê?

— A vir conosco para a convergência — disse Julian. — Você lutou bem, incrivelmente bem, na verdade. Se não estivesse lá... — Sua garganta se fechou. Levou um momento até que pudesse falar outra vez. — Estou agradecido — falou. — E também peço desculpas. Deveria tê-lo ouvido. Você estava certo quanto ao que podia fazer.

— Obrigado — falou Ty. — Por se desculpar. — Ele ficou em silêncio, e Julian interpretou aquilo como o fim da conversa. Mas após alguns segundos Ty se inclinou e tocou levemente a cabeça no ombro do irmão; uma batida de cabeça amigável, como se fosse Church, procurando afeto. Julian esticou o braço para afagar o cabelo do irmão, e quase sorriu.

O sorriso incipiente desapareceu assim que pararam na frente do Instituto. Tinha sido iluminado como uma árvore de Natal. Estava escuro quando saíram, e, enquanto saltavam do carro, Julian reparou um brilho muito fraco no ar.

Trocou olhares com Emma. Luz no ar significava um Portal, e um Portal significava a Clave.

A picape de Diana encostou, e Diego e Cristina saíram. Fecharam as portas, e o carro seguiu caminho. Todos os Blackthorn tinham saltado também: alguns estavam piscando e praticamente dormindo (Dru, Mark), outros, suspeitamente quietos (Ty), e alguns, nervosos (Livvy, que estava segurando Tavvy com firmeza). Ao longe, Julian teve a impressão de ter visto a forma pálida da égua, Lança do Vento.

Foram juntos para a escada do Instituto. No topo, Julian hesitou com a mão na porta da frente.

Qualquer coisa podia estar esperando por ele do outro lado, desde os muitos integrantes do Conselho a alguns guerreiros da Clave. Julian sabia que não tinha mais como esconder Mark. Ele sabia quais eram seus planos. Sabia que se equilibravam, como um milhão de anjos, na cabeça de um alfinete. Acaso, circunstância e determinação os mantinham juntos.

Ele olhou ao redor e viu Emma olhando para ele. Apesar do rosto cansado e sujo não ter se aberto em um sorriso, ele viu nos olhos de Emma a segurança e a confiança que ela tinha nele.

Mas tinha se esquecido de uma coisa, pensou. Acaso, circunstância, determinação... e fé.

Ele abriu a porta.

A luz na entrada brilhava forte. Ambos os lustres de luz enfeitada estavam acesos, e a galeria superior, iluminada por fileiras de tochas que a família quase nunca usava. Luz brilhava sob as portas do Santuário.

No meio do recinto estava Magnus Bane, magnífico, com uma roupa elegante: um paletó e calças de brocado, os dedos adornados com dúzias de anéis. Ao seu lado, estava Clary Fairchild, os cabelos vermelho-escuros presos em um coque bagunçado, usando um delicado vestido verde. Ambos pareciam ter vindo de alguma festa.

Quando Julian e os outros entraram, Magnus ergueu uma sobrancelha.

— Ora, ora — falou o feiticeiro. — Vamos abater o gado gordo e tudo mais. Os filhos pródigos voltaram.

A mão de Clary voou para a boca.

— Emma, Julian... — Ela empalideceu. — *Mark?* Mark Blackthorn?

Mark não disse nada. Nenhum deles o fez. Julian percebeu que, inconscientemente, eles tinham se agrupado em torno de Mark, com um círculo frouxo protegendo-o. Até Diego, fazendo uma careta e respingado de sangue, estava participando.

Mark ficou em silêncio, os cabelos claros e desalinhados formando uma auréola em volta da cabeça, as orelhas pontudas e os olhos bicolores claramente visíveis sob a luz clara.

Magnus encarou bem Mark antes de olhar para o segundo andar.

— Jace! — chamou. — Desça aqui!

Clary foi em direção aos Blackthorn, mas Magnus a puxou gentilmente. Ela estava franzindo o rosto.

— Você está bem? — perguntou ela, direcionando a pergunta a Emma, mas claramente se referindo a todos. — Algum machucado?

Antes que qualquer um pudesse falar, houve uma comoção no topo da escada e uma figura alta apareceu.

Jace.

Na primeira vez que Julian realmente viu Jace Herondale, que era famoso entre os Caçadores de Sombras, Jace tinha mais ou menos 17 anos, e Julian tinha 12. Emma, que também tinha 12, não teve pudores em gritar para todo mundo que achava Jace a pessoa mais linda e mais incrível que já agradecia o planeta com sua presença.

Julian não concordava, mas ninguém lhe perguntou.

Jace desceu as escadas de um jeito que fez Julian pensar se ele achava que tinha um magnífico trilha de trem atrás de si — lenta, deliberadamente e como se estivesse ciente de que era o foco de todos os olhares.

Ou talvez só estivesse acostumado a ser olhado. Emma parou de falar em Jace obsessivamente, em algum momento, mas o mundo dos Caçadores de Sombras o considerava fora do comum em termos de aparência. Seus cabelos eram absurdamente dourados, assim como os olhos. Assim como Magnus e Clary, ele parecia estar vindo de uma festa: usava um blazer cor de vinho e tinha um ar de elegância casual. Ao chegar ao degrau de baixo, ele olhou para Julian — coberto de sangue e sujeira — e depois para os outros, tão sujos e esfarrapados quanto ele.

— Bem, ou estavam combatendo as forças do mal ou estavam em uma festa muito mais selvagem do que a nossa. Olá, família Blackthorn.

Livvy suspirou. Ela estava olhando para Jace como Emma o fazia aos 12 anos. Dru, fiel à sua paixão por Diego, apenas o encarou.

— Por que estão aqui? — perguntou Julian, apesar de já saber a resposta. Mesmo assim, era melhor transmitir a ideia de estar surpreso. As pessoas confiavam mais em suas respostas quando não achavam que eram ensaiadas.

— Magia das trevas — disse Magnus. — Um brilho enorme no mapa. No ponto da convergência. — Ele desviou o olhar para Emma. — Achei que tivesse alguma relação com aquela informação que passei. No que se refere a Linhas Ley, a convergência sempre é a chave.

— Por que não foi lá, então? — perguntou Emma. — Para a convergência?

— Magnus checkou com um feitiço — respondeu Clary. — Não havia nada além de destroços, então pegamos um Portal para cá.

— Da festa de noivado da minha irmã, para ser exato — disse Jace. — Era *open bar*.

— Ah! — Um olhar de felicidade passou pelo rosto de Emma. — Isabelle vai se casar com Simon?

Até onde Julian sabia, nenhuma garota que já tivesse nascido se comparava a

Emma, mas, quando Clary sorria, ela era muito bonita. O rosto todo se iluminava. Era algo que ela e Emma tinham em comum, na verdade.

— Sim — disse Clary. — Ele está muito feliz.

— *Mazel tov* para eles — disse Jace, se apoiando no corrimão da escada. — Enfim, estávamos na festa, e Magnus recebeu um alerta de magia necromante perto do Instituto de Los Angeles; tentamos falar com Malcolm, mas sem sorte. Então saímos discretamente, só nós quatro. O que é uma perda e tanto para a festa, se querem minha opinião, porque eu ia fazer um brinde e seria glorioso. Simon nunca mais ia poder mostrar a cara em público.

— Não é bem esse o objetivo de um discurso de noivado, Jace — censurou Clary. Ela estava olhando preocupada para Diego. Ele *estava* terrivelmente pálido.

— Quatro? — Emma olhou em volta. — Alec está aqui?

Magnus abriu a boca para responder, mas naquele instante as portas do Santuário se abriram, e um homem alto e robusto com cabelos escuros emergiu: Robert Lightwood, o atual Inquisidor, o segundo homem do comando de Idris e encarregado de investigar Caçadores de Sombras que transgrediam a Lei.

Julian tinha visto o Inquisidor exatamente uma vez na vida, quando foi forçado a se colocar diante do Conselho e fazer o seu relato sobre o ataque de Sebastian ao Instituto. Ele se lembrava de ter segurado a Espada Mortal na mão. A sensação de ter a verdade arrancada de você com facas e ganchos, de seus órgãos internos se rasgando.

Ele não mentiu em nenhum momento quando foi interrogado sobre o ataque, jamais quis nem planejou. Mas doeu assim mesmo. E segurar a Espada Mortal, ainda que por pouco tempo, formou em sua mente uma conexão inegável entre verdade e dor.

O Inquisidor marchou na direção dele. Era um pouco mais velho do que o Robert Lightwood de quem Julian se lembrava, os cabelos mais marcados com cinza. Mas o olhar em seus olhos azul-escuros era o mesmo: duro e frio.

— O que está acontecendo aqui? — Ele quis saber. — Rastreamos magia necromante até este Instituto há horas, e seu tio alega não saber de nada. O que é ainda mais perturbador, ele se recusou a nos contar para onde *vocês* tinham ido. — E se virou, os olhos avaliando o grupo e parando em Mark.

— Mark Blackthorn? — perguntou, incrédulo.

— Eu já disse isso — falou Clary.

Julian teve a sensação de que ela não morria de amores pelo futuro sogro; se era isso que ele era. Ele percebeu que não sabia se Jace e Clary tinham planos de se casar.

— Sim — falou Mark. Ele estava ereto, como se encarasse o esquadrão de

fuzilamento. Encontrou o olhar de Robert Lightwood, e Julian viu o Inquisidor ficar tenso ao ver os olhos da Caçada Selvagem no rosto de um Caçador de Sombras.

Eram uma acusação contra a Clave, aqueles olhos. Eles diziam *vocês me abandonaram. Não me protegeram. Eu estava sozinho*.

— Eu voltei — disse Mark.

— A Caçada Selvagem jamais o teria libertado — retrucou o Inquisidor. — Você era valioso demais para eles. E fadas não devolvem o que tomam.

— Robert... — começou Magnus.

— Diga que estou errado — interrompeu Robert Lightwood. — Magnus? Alguém?

Magnus ficou em silêncio, seu descontentamento evidente. Os olhos dourados de Jace eram ilegíveis.

Dru emitiu um ruído assustado e abafado. Clary virou-se para Robert.

— Não é justo interrogá-los — disse ela. — São apenas crianças.

— Acha que não me lembro do tipo de encrenca em que você e Jace se metiam quando eram “apenas crianças”?

— Ele tem um bom argumento. — Jace sorriu para Julian e Emma, e o sorriso era como ouro derretendo sobre aço. Dava para ver o quanto a suavidade era um disfarce e como o que havia embaixo tinha dado a Jace o título de melhor Caçador de Sombras de sua geração.

— Não usamos necromancia — disse Julian. — Não precisamos. A questão das fadas... estão sempre dispostas a fazer acordos.

Duas figuras apareceram na entrada do Santuário. Anselm Nightshade, o rosto afiado e ossudo, cauteloso. E, ao lado dele, Arthur, parecendo cansado e trazendo uma taça de vinho. Julian tinha deixado a garrafa no Santuário mais cedo naquela noite. Era uma boa safra.

O espaço protegido do Santuário se estendia até um pouquinho depois das portas. Anselm esticou um dedo do pé sobre a linha, fez uma careta, e rapidamente o puxou de volta.

— Arthur. Você alegou estar discutindo Sófocles com Anselm Nightshade a noite inteira? — indagou Robert Lightwood.

— “Se tentar curar o mal com o mal, trará mais dor ao seu destino” — mencionou Arthur.

Robert ergueu uma sobrancelha.

— Ele está citando *Antígona* — respondeu Julian, lentamente. — Está querendo dizer que sim.

— Entre na sala, Arthur — pediu Robert. — Por favor, não me deixe com a impressão de que está se escondendo no Santuário.

— Quando você usa essa voz, *eu* quero me esconder no Santuário — disse Magnus. Ele tinha começado a vagar pela sala, pegando objetos e os pousando outra vez. Suas ações pareciam aleatórias, mas Julian sabia que não. Magnus fazia pouca coisa sem premeditação.

Assim como Jace. Ele estava sentado no degrau mais baixo da escada, o olhar aguçado fixo. Julian sentiu o peso, como uma pressão contra o peito. Ele limpou a garganta.

— Meus irmãos mais novos não têm nada com isso — falou. — E Tavvy está exausto. Ele quase foi morto hoje.

— Quê?! — exclamou Clary, o alarme escurecendo seus olhos verdes. — Como isso aconteceu?

— Eu explico — disse Julian. — Deixe os outros irem.

Robert hesitou por um instante antes de concordar com um aceno curto de cabeça.

— Eles podem ir.

Julian foi tomado por alívio quando Ty, Livvy e Dru subiram as escadas; Livvy ainda segurava Octavian no colo. No topo, Ty parou por um instante e olhou para baixo. Ele estava olhando para Mark, e a expressão em seu rosto era de medo.

— É a doença da tirania não confiar em nenhum amigo, Inquisidor — disse Anselm Nightshade — Ésquilo.

— Eu não vim até aqui, largando a festa de noivado da minha filha, para receber uma aula sobre os clássicos — retrucou Robert. — E isso não é assunto do Submundo. Por favor, nos espere no Santuário, Anselm.

Arthur entregou sua taça a Anselm, que a ergueu ironicamente, mas obedeceu, parecendo aliviado por se afastar da linha demarcatória onde o território sacro começava.

Assim que ele se retirou, Robert foi para cima de Arthur.

— O que sabe sobre isso tudo, Blackthorn?

— Um comitê do Reino das Fadas veio até nós — revelou Arthur. — Ofereceram Mark de volta para a família, e, em troca, nós os ajudaríamos a descobrir quem estava matando fadas em Los Angeles.

— E você não relatou nada disso à Clave? — indagou Robert. — Apesar de saber que estava violando a Lei, a Paz Fria...

— Eu queria meu sobrinho de volta — disse Arthur. — Você não teria feito o mesmo pela sua família?

— Você é um Caçador de Sombras — falou Robert. — Se precisar escolher entre a sua família e a Lei, escolha a Lei!

— *Lex malla, lex nulla* — citou Arthur. — Você conhece o lema da nossa

família.

— Ele fez a coisa certa. — Pela primeira vez não havia humor na voz de Jace. — Eu teria feito o mesmo. Qualquer um de nós teria.

Robert pareceu exasperado.

— E descobriram? Quem estava matando as fadas?

— Descobrimos hoje — disse Julian. — Era Malcolm Fade.

Magnus enrijeceu, os olhos felinos brilhando.

— *Malcolm?* — Uma expressão confusa tomou seu rosto, e ele seguiu na direção de Julian. — E por que acha que foi um feiticeiro? Porque sabemos usar magia? Toda magia das trevas é culpa nossa?

— Porque ele confessou que foi ele — respondeu Julian.

Clary ficou boquiaberta. Jace permaneceu sentado, com o rosto inexpressivo como o de um gato.

O semblante de Robert escureceu.

— Arthur, você é o diretor do Instituto. Fale. Ou vai deixar isso nas mãos do seu sobrinho?

— Há coisas — disse Julian —, coisas que não contamos a Arthur. Coisas que ele não sabe.

Arthur colocou a mão na cabeça, como se estivesse com dor.

— Se fui enganado — falou o homem —, então deixe Julian explicar.

O olhar severo de Robert passou pelo grupo e se fixou em Diego.

— Centurião — chamou. — Um passo à frente.

Julian ficou tenso. Diego. Ele não o tinha considerado, mas Diego era um Centurião e, como tal, tinha um juramento de contar a verdade para a Clave. É óbvio que Robert ia querer falar com Diego em vez dele.

Ele sabia que não havia motivo real para Robert querer falar com ele. Ele não dirigia o Instituto. Arthur o fazia. Não importa que há anos respondesse as cartas de Robert e reconhecesse o jeito de Robert fazer as coisas melhor do que qualquer um dos presentes; não fazia diferença o fato de que através de correspondências oficiais, pelo menos, eles se conheciam muito bem. Ele era só um adolescente.

— Sim, Inquisidor? — disse Diego.

— Fale-nos de Malcolm Fade.

— Malcolm não é quem você pensa — começou Diego. — Ele foi responsável por muitas mortes. Foi o responsável pelas mortes dos pais de Emma.

Robert balançou a cabeleira escura.

— Como isso é possível? Os Carstairs foram mortos por Sebastian Morgenstern.

Ao ouvir o nome de Sebastian, Clary ficou pálida. Ela imediatamente olhou para Jace, que olhou para ela — um olhar costurado com anos de história compartilhada.

— Não — disse Clary. — Não foram. Sebastian era um assassino, mas Emma nunca acreditou que ele fosse o responsável pela morte de seus pais, e nem eu ou Jace. — Ela se virou para olhar para Emma. — Você estava certa — falou. — Sempre achei que um dia isso ficaria provado. Mas sinto muito que tenha sido Malcolm. Ele era seu amigo.

— E meu — disse Magnus, com tensão na voz. Clary foi para perto dele, colocando a mão em seu braço.

— Ele também era o Alto Feiticeiro — falou Robert. — Como isso aconteceu? O que quer dizer com isso, que ele andou matando pessoas?

— Uma série de assassinatos em Los Angeles — acrescentou Diego. — Ele estava convencendo mundanos a cometerem assassinatos e depois recolhia partes de seus corpos para poder usá-las com necromancia.

— A Clave devia ter sido chamada. — Robert pareceu furioso. — A Clave devia ter sido chamada no instante em que um comitê de fadas os procurou...

— Inquisidor — disse Diego. Ele parecia cansado. Todo o ombro direito do uniforme estava manchado de sangue. — Sou um Centurião. Respondo direto ao Conselho. Eu também não relatei o que estava acontecendo porque depois que as coisas começaram, reportar teria atrasado tudo. — Ele não olhou para Cristina. — A Clave teria iniciado a investigação outra vez. Não havia tempo para isso, e a vida de uma criança estava em jogo. — Ele colocou a mão no peito. — Se quiser tirar meu medalhão, eu entenderei. Mas mantereí até o fim que o que os Blackthorn fizeram foi o certo.

— Não vou retirar seu medalhão, Diego Rocio Rosales — disse Robert. — Temos poucos Centuriões, e você é um dos melhores. — Ele olhou criticamente para Diego, para o braço sangrento e o rosto exaurido. — O Conselho vai esperar um relatório amanhã, mas por agora, vá cuidar de seus ferimentos.

— Vou com ele — disse Cristina.

Ela ajudou Diego a subir, com ele se apoiando no corpo magro dela. Mark olhou para os dois, depois desviou o olhar quando eles desapareceram para além da luz enfeitiçada, para as sombras.

— Robert, quando Julian tinha 12 anos, ele testemunhou diante do Conselho. Já se passaram cinco anos. Deixe que ele fale agora — pediu Jace, quando eles se foram.

Apesar da expressão de evidente relutância no rosto, Robert fez que sim com a cabeça.

— Muito bem — concordou. — Todo mundo quer ouvi-lo, Julian



Blackthorn. Então fale.

Julian falou. Calmamente e sem floreios, ele começou a descrever a investigação, dos primeiros corpos encontrados até a conclusão, naquela noite, de que Malcolm era culpado.

Emma observou seu *parabatai* falar, e ficou imaginando como as coisas teriam sido diferentes se Sebastian Morgenstern não tivesse atacado o Instituto de Los Angeles há cinco anos.

Na mente de Emma, há anos, existiam dois Julian. Julian antes do ataque, que era como todo mundo — amava a família, mas também se irritava com ela; um irmão entre irmãos e irmãs com quem ele brigava, discutia, implicava e ria.

E Julian depois. Julian, ainda uma criança, aprendendo sozinho a alimentar e trocar fraldas de um bebê, preparando quatro refeições diferentes para quatro irmãos mais novos que gostavam e desgostavam de coisas diferentes; Julian, escondendo a doença do tio de um bando de adultos que teriam tirado dele as suas crianças; Julian, acordando aos berros com pesadelos de que algo tinha acontecido a Ty, Livvy ou Dru.

Emma sempre esteve presente para abraçá-lo, mas nunca entendeu de fato — como poderia, quando não sabia sobre Arthur, não sabia o quão sozinho Julian realmente estava? Ela apenas sabia que os pesadelos tinham diminuído e que uma força silenciosa havia assentado em Jules, uma grande determinação diante da qual a suavidade da infância se dissipou.

Ele não era um menino fazia muito tempo. Era aquele menino que Emma achava que poderia ser seu *parabatai*. Ela jamais teria se apaixonado por tal Julian. Mas tinha se apaixonado por aquele, sem saber, porque como poderia se apaixonar por alguém que ela apenas imaginava que existia?

Ficou pensando se Mark reconhecia a mesma dissonância, de alguma forma, se enxergava a estranheza na postura e no jeito como Julian falava com o Inquisidor naquele momento, como se fossem dois adultos. Se ele via o cuidado com o qual Julian contava o que tinha acontecido: os detalhes-chave que deixava de fora, a forma como fazia parecer natural, inevitável, que não tivessem contado para a Clave o que estavam fazendo. A maneira como deixou Kit e Johnny Rook de fora da história. Teceu um conto com uma série de eventos que não foram culpa de ninguém, que ninguém poderia ter antevisto ou prevenido; e o fez sem que nenhum traço de hesitação cruzasse seu rosto.

Quando terminou, Emma estremeceu por dentro. Ela amava Julian, sempre o amaria. Mas, naquele instante, sentiu um pouco de medo dele também.

— Malcolm estava criando *assassinos*? — Robert ecoou quando Julian parou

de falar.

— Faz sentido — disse Magnus. Ele se levantou com a mão no queixo e um dedo longo batendo na maçã do rosto. — Uma das razões pelas quais a necromancia é proibida tem relação com os ingredientes necessários; coisas como a mão de um assassino que matou a sangue-frio ou o olho de um enforcado que ainda guarda a imagem da última coisa que ele viu. Obter esses ingredientes orquestrando as situações de criação foi engenhoso. — Ele pareceu notar Robert o encarando. — E também muito cruel — acrescentou. — Muito.

— Seu sobrinho faz um relato convincente, Arthur — disse Robert. — Mas você está notavelmente ausente da história. Como não notou que tudo isso estava acontecendo?

Julian tinha montado a história de um jeito que a ausência de Arthur parecesse natural. Mas Robert era como um cão farejador. Emma supunha que fosse esta a razão pela qual fora eleito para a posição de Inquisidor.

Emma olhou para o outro lado da sala e encontrou o olhar verde de Clary. Ela pensou em Clary, ajoelhando diante dela em Idris, segurando suas mãos, elogiando Cortana. Ela pensou em como as gentilezas demonstradas para as crianças eram coisas que elas jamais esqueciam.

— Robert — disse Clary. — Não há razão para isso. Eles tomaram decisões difíceis, mas não foram decisões erradas.

— Então deixe-me perguntar isso a Arthur, Clary — falou Robert. — Que castigo ele escolheria para Nephilim, mesmo jovens, que transgrediram a Lei?

— Bem, isso depende — retrucou Arthur — se eles já foram punidos há cinco anos, com a perda do pai, do irmão e da irmã.

Robert ruborizou.

— Foi a Guerra Maligna que levou a família deles...

— Foi a Clave que levou Mark e Helen — argumentou Magnus. — Esperamos traições de nossos inimigos. Não daqueles que supostamente devem cuidar de nós.

— Nós teríamos protegido Mark — disse Robert Lightwood. — Não havia razão para temer a Clave.

Arthur estava pálido, os olhos dilatados. Mesmo assim, Emma nunca o tinha ouvido falar tão eloquentemente ou com tanta clareza. Era bizarro.

— Teriam? — Quis saber. — Nesse caso, por que Helen ainda está na Ilha Wrangel? — continuou Arthur.

— Ela está mais segura lá — disparou Robert. — Existem aqueles... não eu... que ainda odeiam as fadas pela traição da Guerra Maligna. Como acha que ela seria tratada se estivesse entre outros Caçadores de Sombras?

— Então não poderiam ter protegido Mark — disse Arthur. — Você admite.

Antes que Robert pudesse falar, Julian disse:

— Tio Arthur, pode contar a verdade a eles.

Arthur pareceu confuso; por mais clara que sua mente parecesse no momento, ele não parecia saber do que Julian falava. Estava com a respiração acelerada, como aconteceu no Santuário quando teve dor de cabeça.

Julian voltou-se para Robert.

— Arthur queria ir até o Conselho assim que o Povo das Fadas trouxe Mark para cá — disse ele. — Imploramos que não fosse. Tememos que nosso irmão fosse ser levado. Achamos que se pudéssemos resolver os assassinatos, se Mark nos ajudasse, talvez fosse mais bem-visto pelo Conselho. Poderia ajudar a convencê-los a deixá-lo ficar.

— Mas você entende o que vocês fizeram? — O Inquisidor quis saber. — Malcolm... se estava em busca de poder maligno... ele poderia ter representado uma ameaça para toda a Clave. — Mas Robert não souu convencido disso.

— Ele não estava em busca de poder — respondeu Julian. — Ele queria trazer de volta dos mortos uma pessoa que amou. Foi horrível o que ele fez. E ele morreu por isso, como deveria ser. Mas era seu único objetivo e único plano. Ele nunca se importou com a Clave ou com os Caçadores de Sombras. Ele só se importava com ela.

— Pobre Malcolm — disse Magnus baixinho. — Perder a pessoa amada desse jeito. Sabíamos que ele tinha amado uma garota que virara Irmã de Ferro, mas não tínhamos ideia da verdade.

— Robert — interveio Jace —, esses meninos não fizeram nada de errado.

— Talvez não, mas eu sou o Inquisidor. Não posso esconder isso. Com Malcolm Fade morto, tendo levado o *Volume Preto* para o fundo do oceano consigo, e com tudo isso tendo acontecido sem que o diretor do Instituto percebesse...

Julian deu um passo à frente.

— Tem algo que o tio Arthur não está lhe contando — falou ele. — Ele não estava simplesmente nos deixando soltos enquanto não fazia nada. Ele estava rastreando outra fonte de magia das trevas.

Julian olhou para Magnus ao falar. Magnus, que os havia ajudado no passado. Ele parecia querer que Magnus entendesse e acreditasse nele.

— Não é coincidência que Anselm Nightshade estivesse no Santuário — prosseguiu Julian com a voz firme. — Arthur o trouxe porque sabia que vocês viriam.

Robert ergueu uma sobrancelha.

— É verdade? Arthur?

— É melhor contar para eles — disse Julian, olhando fixamente para o tio. —

Eles vão acabar descobrindo de qualquer jeito.

— Eu... — Arthur estava encarando Julian. A expressão tão vazia que o estômago de Emma embrulhou. Julian parecia querer que Arthur seguisse sua linha. — Eu não queria mencionar — disse Arthur —, porque parece bobagem perto do que descobrimos sobre Malcolm.

— Mencionar o quê?

— Nightshade anda usando magia das trevas com fins lucrativos — disse Julian. Ele manteve a expressão calma, um pouco tristonha. — Ele tem ganhado muito dinheiro com pós viciantes que põe na pizza que vende.

— Isso... é verdade! — falou Emma, passando por cima do silêncio atordoado de Arthur. — Há pessoas tão viciadas por toda a cidade que fazem qualquer coisa por ele, só para conseguir mais.

— Vício em pizza? — disse Jace. — Isso é, sem dúvida, a coisa *mais estranha*... — Ele se interrompeu quando Clary pisou no pé dele. — Parece sério — emendou. — Pós demoníacos viciantes e tudo mais.

Julian atravessou o recinto para o armário e abriu a porta. Várias caixas de pizza caíram.

— Magnus? — chamou Julian.

Magnus jogou a ponta do cachecol sobre o ombro e se aproximou de Julian e das caixas. Ele levantou a tampa de uma caixa com tanto cuidado quanto se estivesse abrindo um baú do tesouro trancado.

Estendeu a mão para a caixa, virando da esquerda para a direita. Depois levantou o olhar.

— Arthur está certo — falou. — Magia das trevas.

Um grito ecoou de dentro do Santuário.

— Traição! — gritou Anselm. — *Et tu, Brute?*

— Ele não pode sair — disse Arthur, parecendo entorpecido. — As portas de fora estão trancadas.

Robert saiu correndo para o Santuário. Após um instante, Jace e Clary foram atrás, deixando apenas Magnus, com as mãos nos bolsos, na antessala.

Magnus olhou para Julian, os olhos dourados-esverdeados muito sérios.

— Muito bem — disse ele. — Não sei exatamente de que outro jeito descrever, mas... muito bem.

Julian olhou para Arthur, que estava apoiado na parede perto da porta do Santuário, com os olhos semifechados e dor no rosto.

— Vou queimar no inferno por isso — murmurou ele baixinho.

— Não é vergonha nenhuma queimar pela família — disse Mark. — Queimarei ao seu lado, com todo prazer.

Julian olhou para ele, com surpresa e gratidão no rosto.

— E eu também — falou Emma. Ela olhou para Magnus. — Sinto muito — emendou. — Fui eu que matei Malcolm. Sei que ele era seu amigo e eu gostaria de...

— Ele era meu amigo — disse Magnus, e seus olhos escureceram. — Eu sabia que ele tinha amado alguém que morreu. Não sabia do restante da história. A Clave o traiu, exatamente como ele os traiu. Eu já vivi muito... vi muitas traições e muitos corações partidos. Existem pessoas que se permitem ser devoradas pelo luto. Que se esquecem de que outros também sentem dor. Se Alec morresse... — Ele olhou para as próprias mãos. — Preciso pensar que eu não seria assim.

— Só estou feliz por finalmente saber o que aconteceu com meus pais — falou Emma. — Finalmente eu sei.

Antes que qualquer outra pessoa pudesse acrescentar mais alguma coisa, houve uma explosão na entrada do Santuário. No mesmo instante Jace apareceu, derrapando, com o blazer chique rasgado e os cabelos louros desalinhados. Ele sorriu para os outros, um sorriso tão alegre que pareceu iluminar o recinto.

— Clary está com Nightshade preso em um canto — falou. — Ele é bem ágil para um vampiro tão velho. Obrigado pelo exercício, aliás. E pensar que eu achei que a noite fosse ser monótona!

Depois que tudo foi resolvido com o Inquisidor, que tinha levado Anselm Nightshade (ainda jurando vingança), e a maioria dos moradores do Instituto foi para a cama, Mark seguiu até a porta da frente e olhou para fora.

Já amanhecia. Mark podia ver o sol nascendo, ao longe, na beira leste da curva da praia. Havia uma luminosidade perolada na água, como se tinta branca estivesse entornando no mundo por uma rachadura no céu.

— Mark — disse uma voz atrás dele.

Ele virou. Era Jace Herondale.

Era estranho olhar para Jace e Clary, estranho de um jeito que ele duvidava que fosse para seus irmãos. Afinal, na última vez em que os vira, eles tinham a idade de Julian. Foram os últimos Caçadores de Sombras que viu antes de ser levado pela Caçada.

Estavam longe de serem irreconhecíveis — provavelmente tinham apenas 21 ou 22 anos. Mas, de perto, Mark via que Jace tinha adquirido uma aura incontestável de decisão e maturidade. Fazia muito tempo que havia deixado de ser o menino que tinha olhado nos olhos de Mark e dito com a voz trêmula: *A Caçada Selvagem. Você é um deles agora.*

— Mark Blackthorn — disse Jace. — Eu seria educado e diria que você

mudou, mas não é o caso.

— Eu mudei — afirmou Mark. — Mas não de um jeito que você consiga enxergar.

Jace pareceu receber o comentário com humor; fez um sinal afirmativo com a cabeça e olhou para o oceano.

— Um cientista uma vez disse que, se o mar fosse tão claro quanto o céu, que se pudéssemos ver tudo que tem nele, ninguém entraria na água. É aterrorizante o que vive na água, 8 quilômetros abaixo.

— Assim diz alguém que não conhece os terrores do céu — falou Mark.

— Talvez não — respondeu Jace. — Você ainda tem a luz enfeitiçada que lhe dei?

Mark fez que sim com a cabeça.

— Guardei comigo no Reino das Fadas.

— Eu só dei pedras de luz enfeitiçada para duas pessoas na minha vida — falou Jace. — Clary e você. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Tinha alguma coisa em você quando o encontramos no túnel. Estava apavorado, mas não ia desistir. Nunca tive a menor dúvida de que voltaria a vê-lo.

— Sério? — perguntou Mark, desconfiado.

— Sério. — Jace sorriu daquele seu jeito simples e charmoso. — Apenas lembre-se de que o Instituto de Nova York está com você — falou. — Não deixe Julian se esquecer disso se algum dia tiverem problemas outra vez. Não é fácil dirigir um Instituto. Disso eu sei.

Mark começou a protestar, mas Jace já tinha se virado e voltado para perto de Clary. Por alguma razão, Mark duvidou que Jace fosse ter dado atenção ao seu protesto, caso ele o tivesse concluído. Ele claramente enxergava a situação tal qual ela era, mas não planejava fazer nada que afetasse o equilíbrio.

Mark examinou o horizonte outra vez. O alvorecer estava se espalhando. A rua e a estrada, as árvores do deserto, todos aliviados pela luz que aumentava. E ali, perto da beira da estrada, encontrava-se Kieran, olhando para o mar. Mark só o enxergava como uma sombra, mas, mesmo como sombra, Kieran não poderia ser mais ninguém.

Ele desceu os degraus e foi para onde Kieran estava. Ele não tinha trocado de roupa, e a lâmina de sua espada, pendurada na lateral dele, estava manchada de sangue seco.

— Kieran — disse Mark.

— Você vai ficar? — perguntou Kieran, e se pegou com um olhar pesaroso. — É óbvio que vai ficar.

— Se está me perguntando se vou ficar com minha família ou voltar para a Caçada Selvagem, então sim, você tem a sua resposta — disse Mark. — A

investigação acabou. O assassino e seus Seguidores se foram.

— Esses não eram os termos da barganha — falou Kieran. — Os Caçadores de Sombras tinham que entregar o assassino para as Fadas, para aplicarmos a nossa justiça.

— Considerando a morte de Malcolm e a magnitude da traição de Iarlath, espero que o seu povo considere com leniência a minha escolha — anunciou Mark.

— *Meu povo* — ecoou Kieran. — Você sabe que não são lenientes. Não foram comigo. — Mark pensou na primeira vez que viu os olhos pretos de Kieran encarando desafiadoramente através do emaranhado de cabelos escuros. Pensou no júbilo dos outros Caçadores em terem um príncipe para atormentar e gozar. Em como Kieran enfrentou o fato de que seu pai o jogou para a Caçada como alguém pode jogar um osso para um cachorro. Kieran não tinha um irmão que o amasse e lutasse para tê-lo de volta. Ele não tinha Julian. — Mas vou lutar por você — falou ele, encontrando o olhar de Mark. — Vou dizer a eles que é seu direito ficar — hesitou. — Nós... vamos voltar a nos ver?

— Acho que não, Kieran — disse Mark, o mais gentilmente possível. — Não depois de tudo que aconteceu.

Uma breve onda de dor, rapidamente escondida, passou pelo rosto de Kieran. A cor de seu cabelo desbotou para um azul-prateado, não muito diferente do mar pela manhã.

— Eu não esperava outra resposta — falou ele. — Mas tive esperança. É difícil matar a esperança. Mas suponho que o tenha perdido há muito tempo.

— Não tanto — disse Mark. — Você me perdeu quando veio aqui com Gwyn e Iarlath e deixou que chicoteassem meu irmão. Eu poderia perdoar qualquer dor causada a mim. Mas jamais o perdorei pelo que Julian e Emma sofreram.

— Emma? — falou Kieran, contraindo as sobrancelhas. — Achei que fosse a outra menina que o tivesse encantado. Sua princesa.

Mark soltou um riso engasgado.

— Pelo Anjo — falou, e viu Kieran se encolher com as palavras dos Caçadores de Sombras. — Sua imaginação é limitada pelo seu ciúme. Kieran... todos que moram sob este teto, sejam ou não ligados por sangue, nós somos ligados por uma rede invisível de amor, obrigação, lealdade e honra. É isso que significa ser um Caçador de Sombras. Família...

— O que eu saberia sobre família? Meu pai me vendeu para a Caçada Selvagem. Eu não conheço minha mãe. Tenho três dúzias de irmãos, e todos eles ficariam felizes em me ver morto. Mark, você é tudo que eu tenho.

— Kieran...

— E eu te amo — disse Kieran. — Você é tudo que eu amo na terra e sob o

céu.

Mark olhou nos olhos de Kieran, o prata e o preto, e viu neles, como sempre o fazia, o céu noturno. E sentiu aquele puxão traiçoeiro sob as costelas, o que dizia que as nuvens poderiam ser sua estrada. Que ele não precisava se preocupar com questões humanas: dinheiro, abrigo, regras e leis. Ele poderia cavalgar os céus sobre geleiras, sobre copas de florestas que nenhum humano sabia que existia. Ele poderia dormir nas ruínas de cidades perdidas havia séculos. Seu abrigo poderia ser um único cobertor. Ele poderia deitar nos braços de Kieran e contar as estrelas.

Mas ele sempre nomeou as estrelas com os nomes de seus irmãos. Havia uma beleza na ideia de liberdade, mas era uma ilusão. Todo coração humano era acorrentado pelo amor.

Mark esticou o braço e tirou do pescoço o cordão que prendia sua flecha de elfo. Ele esticou o braço e pegou a mão de Kieran, virando-a de modo a exibir a palma e deixando o colar cair nela.

— Não vou mais atirar flechas para a Caçada Selvagem — disse ele. — Fique com isso e talvez se lembre de mim.

A mão de Kieran apertou a ponta da flecha, suas juntas embranquecendo.

— As estrelas vão se apagar antes de eu esquecê-lo, Mark Blackthorn.

Levemente, Mark tocou a face de Kieran. Os olhos do príncipe fada estavam arregalados e sem lágrimas. Mas neles Mark enxergava um grande deserto de solidão. Mil noites escuras cavalcando sem ter uma casa aonde chegar.

— Eu não o perdoo — disse ele. — Mas você veio nos ajudar, no final. Não sei o que teria acontecido se não tivesse aparecido. Então, se precisar de mim, se for uma necessidade verdadeira, mande me chamar e eu irei.

Kieran semicerrou os olhos.

— Mark...

Mas Mark já tinha se virado. Kieran ficou parado, olhando-o partir, e, apesar de não ter se mexido ou falado, na beira da falésia, Lança do Vento empinou e gritou, seus cascos mirando o céu.

A janela de Julian tinha vista para o deserto. Em algum momento durante os últimos cinco anos, ele poderia ter se mudado para o quarto de Mark, que tinha vista para o mar, mas isso seria o mesmo que desistir da ideia de ter Mark de volta. Além disso, o quarto dele era o único com um banco sob a janela, coberto com almofadas atualmente um pouco puídas. Ele e Emma tinham passado horas ali juntos, o sol entrando pelo vidro, transformando em fogo os cabelos claros da garota.



Ele estava sentado ali agora, com a janela aberta para tirar os cheiros que pareciam grudados nele, mesmo depois do banho: sangue e pedra molhada, água do mar e magia das trevas.

Uma hora tudo acabava, ele pensou. Até mesmo a noite mais estranha de sua vida. Clary tinha puxado ele e Emma de lado depois que Anselm foi capturado, os abraçou e os lembrou de que sempre podiam ligar. Ele sabia que Clary estava, com seu jeito quieto, tentando dizer aos dois que não tinha problema descarregarem seus fardos nela.

Ele sabia que nunca o faria.

O telefone dele tocou. Ele olhou para a tela: era Emma. Ela havia mandado uma foto para ele. Sem palavras, só a foto do armário dela: a porta aberta, as fotos e os mapas, e cordas e notas saltando para fora.

Ele vestiu uma calça e uma camiseta, e seguiu pelo corredor. O Instituto estava em silêncio, todos dormindo, o único som era o vento do deserto do lado de fora, soprando contra vidro e pedra.

Emma estava no quarto, sentada contra o encosto ao pé da cama, o telefone ao seu lado. Ela vestia uma camisola longa e com alcinhas, branca e clara ao luar.

— Julian — falou, sabendo que ele estava ali sem precisar levantar os olhos.  
— Você estava acordado, certo? Eu tive a sensação de que estaria.

Ela se levantou, ainda olhando para o armário.

— Não sei o que fazer com isso — declarou ela. — Passei tanto tempo coletando tudo que parecia evidência, tirando conclusões, pensando nisso e em nada além disso. Este era o meu grande segredo, o coração de tudo que sempre fiz. — Ela olhou para ele. — Agora é só um armário cheio de lixo.

— Não posso dizer o que você deveria fazer com tudo isso — disse ele. — Mas posso falar que não precisa pensar nisso agora.

O cabelo dela estava solto, como luz sobre os ombros, tocando seu rosto com as pontas dos cachos, e ele enterrou os dedos nas palmas para se segurar e não a puxar para si, enterrar o rosto e as mãos nele.

Em vez disso, ele olhou para os cortes que já se curavam nos braços e mãos dela, o vermelho desbotado dos pulsos queimados, as evidências de que a última noite não tinha sido fácil.

Nada do que faziam era.

— Mark vai ficar — falou ela. — Certo? Não há nada que a Clave possa fazer para mandá-lo embora agora?

*Mark. O primeiro pensamento dela é sobre Mark.* Julian afastou o pensamento: era indigno, ridículo. Eles não tinham mais 12 anos.

— Nada — disse Julian. — Ele não foi exilado. A regra era só que não

podíamos procurar por ele. Não procuramos. Ele encontrou o caminho de casa, e não podemos mudar isso. E acho, depois da ajuda que nos deu com Malcolm, que não seria uma jogada muito bem aceita.

Ela esboçou um sorriso para ele, antes de voltar para a cama, deslizando as pernas nuas para baixo da coberta.

— Fui dar uma olhada em Diego e Cristina — falou. — Ele estava desmaiado na cama dela e ela dormia por cima das cobertas. Eu vou tirar o maior sarro dela amanhã.

— Cristina está apaixonada por ele? Diego, quero dizer — perguntou Julian, sentando-se na lateral da cama de Emma.

— Não tenho certeza. — Emma mexeu os dedos. — Eles têm, você sabe. Coisas.

— Não, não sei. — Ele imitou o gesto dela. — O que é isso?

— Assuntos emocionais mal resolvidos — respondeu, puxando a coberta.

— Mexer os dedos significa assuntos mal resolvidos? Terei que manter isso em mente. — Julian sentiu um sorriso se formar nos cantos da boca. Só Emma poderia fazê-lo sorrir depois de uma noite como a que tiveram.

Ela puxou um canto da coberta.

— Fica? — pediu Emma.

Não havia nada que Julian quisesse mais do que se deitar ao lado dela, para traçar o formato de seu rosto com os dedos: maçãs do rosto grandes, queixo pontudo, olhos semifechados, cílios como seda contra as pontas dos seus dedos. Seu corpo e mente estavam mais do que exaustos, cansados demais para o desejo, mas a vontade de ter proximidade e companheirismo permaneciam. O toque das mãos dela, a pele de Emma, eram um conforto que nada mais poderia reproduzir.

Ele se lembrou da praia, de ter passado horas deitado e acordado, tentando memorizar o que era abraçar Emma. Eles já tinham dormido um ao lado do outro muitas vezes, mas ele nunca tinha percebido o quanto era diferente quando você podia envolver o formato de alguém em seus braços. Sincronizar sua respiração com a dela.

Ele engatinhou na cama para ficar ao lado dela, ainda de roupa, e deitou embaixo das cobertas. Ela estava de lado, com a cabeça apoiada na mão. Sua expressão era séria, decidida.

— A forma como você orquestrou tudo hoje, Julian. Você me assustou um pouco.

Ele tocou a ponta do cabelo dela, brevemente, antes de abaixar a mão. Uma dor lenta se espalhou pelo corpo dele, uma dor profunda que parecia irradiar da medula.

— Você nunca deveria ter medo de mim — disse ele. — Nunca. Você é uma das pessoas que eu jamais machucaria.

Emma esticou a mão e colocou a palma no coração dele. O tecido da camiseta separava a mão dela do peito de Julian, mas ele sentiu o toque como se fosse na pele nua.

— Diga-me o que aconteceu quando voltamos, com Arthur e Anselm — pediu ela. — Porque acho que nem eu entendi.

Então Julian contou para ela. Contou sobre como há meses vinha entornando os restos dos frascos que Malcolm lhe dava em uma garrafa de vinho, só por via das dúvidas. Como deixou o vinho com essa superdosagem no Santuário, sem saber quando seria necessário. Como percebeu na convergência que Arthur teria que estar com a cabeça boa quando voltassem, estar funcionando. Como ligou para Arthur, avisando que ele teria que oferecer o vinho a Anselm e tomar um pouco, sabendo que só o tio seria afetado. Como sabia que tinha feito uma coisa horrível, dando aquilo para o tio sem que o próprio soubesse. Como tinha guardado as caixas de pizza no armário há dias, só por via das dúvidas; como sabia que tinha feito uma coisa horrível mesmo com Anselm, que não merecia a punição que provavelmente iria receber. Como ele não sabia que, às vezes, era capaz de fazer as coisas que fazia, e ao mesmo tempo não conseguia deixar de fazê-las.

Quando Julian terminou, ela se inclinou para perto, tocando gentilmente a bochecha dele. Emma tinha um cheiro suave de sabão de água de rosas.

— Eu sei quem você é — disse ela. — Você é meu *parabatai*. Você é o menino que faz o que tem que ser feito porque mais ninguém o fará.

*Parabatai*. Ele nunca tinha pensado nessa palavra com amargura antes, mesmo sentindo o que sentia e sabendo o que sabia. E, no entanto, agora, ele pensou nos anos e anos pela frente em que jamais se sentiriam totalmente seguros juntos, não teriam como se tocar, se beijar ou consolar um ao outro sem medo da descoberta, e uma súbita emoção o invadiu, incontrolável.

— E se fugíssemos? — perguntou ele.

— Fugir? — repetiu ela, parecendo confusa. — Para onde?

— Para algum lugar onde não nos encontrariam. Eu poderia fazer isso. Poderia encontrar um lugar.

Julian viu a solidariedade nos olhos dela.

— Descobririam o motivo. Não poderíamos voltar.

— Eles nos perdoaram por violar a Paz Fria — falou, e sabia que soava desesperado. Julian sabia que suas palavras estavam tropeçando umas nas outras. Mas eram palavras que ele queria e não ousou dizer durante anos: eram palavras que pertenciam a uma parte dele que tinha ficado trancada por tanto tempo que

nem sabia que ainda existiam. — Precisam de Caçadores de Sombras. Não há o suficiente. Pode ser que nos perdoem por isso também.

— Julian... você não aguentaria viver se deixasse as crianças. E Mark, e Helen. Quero dizer, você acabou de ganhar Mark de volta. Não tem como.

Ele conteve o pensamento deles, de seus irmãos e irmãs, como se fosse Poseidon contendo a maré.

— Você está falando isso porque não quer ir embora comigo? Porque se não quiser...

Ao longe, no corredor, um grito fino se elevou: Tavvy.

Julian saiu da cama em segundos, o chão frio sob os pés descalços.

— É melhor eu ir.

Emma se apoiou nos cotovelos. Estava com o rosto sério, dominado pelos grandes olhos escuros.

— Vou com você.

Eles se apressaram pelo corredor para o quarto de Tavvy. A porta estava semiaberta, uma fraca luz enfeitada queimando no interior. Tavvy estava encolhido, metade do corpo para fora da tenda, girando e se mexendo enquanto dormia.

Em instantes, Emma se ajoelhou perto dele, afagando seus desalinhados cabelos castanhos.

— Bebê — murmurou ela. — Pobre bebê, pelo Anjo, que noite você teve.

Ela se deitou de lado, olhando para Tavvy, e Julian se deitou do outro lado do menininho. Tavvy soltou um grito, e se aconchegou a Julian, a respiração suavizando enquanto ele relaxava no sono.

Julian olhou sobre a cabeça cacheada do irmão para Emma.

— Você se lembra? — perguntou.

Ele pôde ver nos olhos dela que sim. Dos anos em que cuidaram dos outros, das noites em que passaram acordados com Tavvy ou Dru, com Ty e Livvy.

— Lembro — falou ela. — Por isso falei que você não poderia deixá-los. Você não suportaria. — Ela apoiou a cabeça na mão, a cicatriz no braço era uma linha branca sob a pouca luz. — Não quero que faça algo de que vai se arrepender por toda a vida.

— Já fiz algo de que vou me arrepender para sempre — falou, pensando nos círculos de fogo na Cidade do Silêncio, na Marca na clavícula. — Agora estou tentando consertar.

Ela abaixou a cabeça gentilmente para o chão ao lado de Tavvy, os cabelos claros formando um travesseiro.

— Como você disse sobre o meu armário — falou ela. — Vamos conversar amanhã. Tudo bem?

Ele fez que sim com a cabeça, olhando enquanto ela fechava os olhos, enquanto sua respiração se uniformizava ao cair no sono. Ele tinha esperado todo esse tempo, afinal. Podia esperar mais um dia.

Antes do amanhecer, Emma acordou de um pesadelo, gritando os nomes de seus pais — e de Malcolm — em voz alta. Julian a pegou nos braços e a levou pelo corredor para o quarto dela.

## Divida Minha Alma

A última vez em que Kit Rook viu o pai foi um dia comum e eles estavam sentados na sala. Kit, esticado no chão, lia um livro sobre golpes e trapanças. De acordo com Johnny Rook, era hora de “aprender os clássicos” — o que, para a maioria das pessoas, significaria Hemingway e Shakespeare, mas para Kit significava decorar coisas como o Prisioneiro Espanhol e a Derrubada do Melão.

Johnny estava em sua cadeira favorita, na habitual pose reflexiva: dedos sob o queixo, pernas cruzadas. Era em momentos como aquele, quando o sol entrava pela janela e iluminava os ossos pontudos do rosto de seu pai, que Kit pensava em todas as coisas que não sabia — quem foi a mãe; se era verdade, como se fofocava no Mercado, que a família de Johnny era da aristocracia britânica, que o descartou quando ele manifestou sua Visão. Não que Kit quisesse ser da aristocracia, mas a questão era que ele imaginava como seria fazer parte de uma família com mais de duas pessoas.

De repente, o chão tremeu embaixo dele. O livro de Kit voou e deslizou por alguns metros no chão até bater na mesa de centro. Ele se sentou, com o coração acelerado, e viu que o pai já estava na janela.

Kit se levantou.

— Terremoto? — perguntou o garoto. Quando a pessoa morava no sul da Califórnia, se acostumava a pequenas sacudidas das falhas geológicas da Terra, acordando no meio da noite com vidros batendo dentro dos armários da cozinha.

Johnny deu as costas para a janela, com o rosto mortalmente pálido.

— Alguma coisa aconteceu com o Guardiã — explicou Rook. — Os feitiços de proteção em torno da casa sumiram.

— Quê? — Kit estava pasmo. A casa deles era protegida desde que ele conseguia se lembrar. O pai falava das barreiras como se elas fossem o teto ou o

alicerce da casa: essenciais, necessários, parte do material de construção.

Ele se lembrou, então, no ano passado, do pai falando alguma coisa sobre feitiços de proteção demoníacos mais poderosos...

Johnny xingou, uma porção de improperios em série, e girou para a estante de livros. Ele pegou um livro de feitiços envelhecido.

— Desça, Kit — falou, indo tirar o tapete do meio da sala e revelando o círculo de proteção ali.

— Mas...

— Eu falei para descer! — Johnny deu um passo na direção do filho, como se quisesse pegá-lo, tocá-lo no ombro, talvez. Então ele abaixou o braço. — Fique no porão e não saia, não importa o que aconteça. — Ele rosnou e voltou a se virar para o círculo.

Kit começou a recuar para as escadas. Ele tropeçou em um degrau, depois em outro, antes de parar.

O telefone de Johnny estava em uma prateleira baixa, alcançável dos degraus. Kit o pegou, procurando o nome, o nome dela. *Mas se mudar de ideia, você tem meu telefone. Carstairs.*

Ele mal teve tempo de digitar uma mensagem quando o chão da sala explodiu. *Coisas* entornaram do espaço abaixo. Pareciam enormes louva-a-deus, seus corpos no tom verde e amargo de veneno. Tinham pequenas cabeças triangulares com bocas imensas cheias de dentes serrilhados e patas dianteiras afiadas.

O pai de Kit estava congelado no meio do círculo. Um demônio se lançou contra ele e ricocheteou no feitiço que o cercava. Outro repetiu o gesto e também fracassou. Os demônios começaram a chiar alto.

Kit não conseguia se mover. Ele sabia sobre demônios, obviamente. Já tinha visto fotos e até sentido o cheiro de magia demoníaca. Mas isso era diferente. Ele captou o olhar do pai: Johnny o estava encarando com uma mistura de pânico e fúria. *Desça.*

Kit tentou fazer os pés se moverem, carregarem-no. Não obedeciam. O pânico o fez congelar.

O maior dos demônios pareceu sentir seu cheiro e zumbiu de animação. Começou a ir em direção a ele.

Kit olhou para o pai. Mas Johnny não se mexeu. Ele ficou dentro do círculo, com os olhos arregalados. O demônio avançou para Kit, as patas dianteiras afiadas estendidas.

E Kit pulou. Não fazia ideia de como tinha feito isso ou de como seu corpo soube o que fazer. Ele saltou das escadas, por cima do corrimão, aterrissando agachado na sala. O demônio, que estava tentando alcançá-lo, soltou um grito ao

perder o equilíbrio e caiu lá para baixo, batendo na parede do térreo.

Kit girou outra vez. Por um instante, captou o olhar do pai. Havia alguma coisa na expressão de Johnny que era quase pesarosa — um olhar que Kit jamais vira antes —, e depois mais um pedaço do chão desmoronou, levando consigo uma parte do círculo de proteção.

Kit se jogou para trás. Saltou pelo ar e caiu equilibrado nos braços de uma cadeira, bem a tempo de ver dois dos demônios pegarem o pai e o cortarem em dois.

Emma estava no meio de um sonho muito confuso com Magnus Bane e uma tropa de palhaços quando foi acordada pela mão em seu ombro. Ela murmurou e se enterrou ainda mais profundamente nos lençóis, mas a mão foi insistente. Acariciou um de seus braços, o que, na verdade, foi muito agradável. Uma boca morna tocou a beira de seus lábios.

— Emma? — chamou Julian.

Vagas lembranças dele carregando-a pelo corredor até o quarto e depois caindo ao lado dela, vagaram pela névoa cansada em seu cérebro. *Hmm*, pensou ela. Realmente não parecia haver motivo para levantar, não quando Julian estava sendo carinhoso. Ela fingiu que dormia enquanto ele a beijava na bochecha, em seguida, no queixo, e depois...

Ela se sentou no mesmo instante, falando atabalhoadamente.

— Você enfiou a língua na minha orelha!

— Isso. — Ele sorriu. — Fez com que se levantasse, não foi?

— Eca! — Ela lhe jogou uma almofada *EU AMO CALI*, e Julian desviou. Ele estava de calça jeans e uma camiseta cinza que deixava seus olhos azuis. Claramente tinha acabado de acordar e estava com os cabelos desalinhados, e tão fofo que ela teve que colocar as mãos nas costas para se controlar e não o atacar.

— Por que está com as mãos nas costas? — perguntou ele.

— Não tenho motivo nenhum. — Ela franziu o nariz. — Essa coisa da orelha foi estranha. Não faça mais.

— Que tal isso? — Ele sugeriu, e se inclinou para lhe beijar a base da garganta.

Sensações irradiaram do ponto que os lábios dele tocaram — primeiro, a clavícula, em seguida, o pescoço, depois, o canto da boca.

Ela tirou as mãos de trás das costas e o alcançou. Sua pele estava quente de sol.

Seus rostos estavam tão próximos que ela conseguiu ver pequenas explosões de cor em seus olhos: ouro-claro, azul mais claro ainda. Ele não estava sorrindo.



Sua expressão parecia intensa demais para isso. Havia um desejo nos olhos de Julian que a fez sentir como se ela estivesse desmoronando.

As pernas deles se emaranharam nas cobertas ao se juntarem, bocas se procurando. Julian ainda não era especialista em beijos, mas ela gostava disso. Gostava de lembrar que ele nunca tinha estado com ninguém além dela. Que era a primeira. Emma gostava do fato de que um simples beijo ainda o maravilhava. Ela usou a língua para traçar os cantos de sua boca, os lábios, até ele afundar de volta na cama, puxando-a para cima dele. Seu corpo estremeceu, arqueando para o dela, as mãos deslizando para pegá-la pelo quadril.

— Emma? — Bateram à porta. Eles se desgrudaram um do outro, Julian rolando para fora da cama, Emma se sentando ereta, com o coração acelerado. — Emma, sou eu, Dru. Você viu Jules?

— Não. — Emma resmungou. — Não vi.

A porta começou a abrir.

— Não — disse Emma. — Eu... estou me vestindo.

— Tanto faz — falou Dru, com indiferença, mas a porta não se abriu mais. Propositadamente, Emma não olhou para Julian. *Está tudo bem*, ela disse a si mesma. *Calma, fique calma*. — Bem, se encontrar com ele, pode avisar que Tavvy e todo mundo precisa de almoço? E Livvy e Ty estão fazendo a maior bagunça na cozinha.

A voz dela trazia o tom de satisfação de um irmão entregando o outro.

— Pode deixar — disse Emma. — Você olhou no estúdio? Ele pode estar lá.

Houve uma movimentação.

— Não, ainda não. Boa ideia. Até mais tarde!

— Tchau — falou Emma suavemente. Os passos de Dru se afastavam pelo corredor.

Finalmente, Emma se permitiu olhar para Julian. Ele estava apoiado na parede, o peito subindo e descendo aceleradamente, seus olhos semifechados, dentes enterrados no lábio.

Ele suspirou.

— Raziel — murmurou. — Essa foi por pouco.

Emma se levantou, a camisola balançando em volta dos joelhos. Ela estava tremendo.

— Não podemos — começou ela. — Não podemos... Vão nos flagrar...

Julian já tinha atravessado o quarto, pegando-a nos braços. Ela podia sentir o coração dele batendo em suas costelas, mas a voz estava firme.

— É uma lei estúpida — disse ele. — É uma lei ruim, Em.

*Existe um motivo pelo qual não é permitido se apaixonar por seu parabatai, Emma. E quando você descobrir qual é, sentirá a crueldade dos Caçadores de*

*Sombras, exatamente como aconteceu comigo.*

A voz de Malcolm, inevitável e indesejada, invadiu o cérebro de Emma. Ela tinha feito o possível para se esquecer, se esquecer do que ele tinha dito. Ele estava mentindo — tinha mentido sobre todas as outras coisas. Isso tinha que ser mentira também.

Mesmo assim. Ela havia adiado, mas sabia que precisava contar para Julian. Ele tinha o direito de saber.

— Temos que conversar — avisou Emma.

Ela sentiu o coração de Julian pular.

— Não diga isso. Sei que não é bom. — Ele a abraçou mais forte. — Não tenha medo, Emma — sussurrou. — Não desista da gente porque está com medo.

— Estou com medo. Não por mim, mas por você. Tudo que fez, tanta coisa que escondeu, fingiu, para manter as crianças juntas... a situação não mudou, Julian. Se eu machucar algum de vocês...

Ele a beijou, contendo a enxurrada de palavras. Apesar de tudo, ela sentiu o beijo em todo o corpo.

— Eu costumava ler livros sobre a Lei — disse ele, afastando-a. — As partes sobre *parabatai*. Li um milhão de vezes. Nunca houve um caso de dois *parabatai* que se apaixonaram, foram pegos e acabaram perdoados. Só histórias de horror. E não posso perder minha família. Você estava certa, isso me mataria. — Os olhos dele pareciam muito azuis. — Mas as histórias de horror são sobre os que foram pegos — emendou. — Se tomarmos cuidado, não seremos.

Ela ficou imaginando se Julian tinha se obrigado a passar por cima de algum ponto na noite anterior, um ponto onde as responsabilidades pareciam insuperáveis. Não era comum que Julian quisesse violar as regras, e apesar de querer o mesmo que ele, isso a enervava.

— Teríamos que estabelecer regras — falou ele. — Rigorosas. Quando poderíamos nos ver. Teríamos que ter cuidado. Muito mais cuidado do que temos tido. Sem praia, sem estúdio. Temos que ter certeza de que sempre estaríamos em algum lugar onde não seríamos pegos.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Inclusive, não falar no assunto seria melhor — disse ela. — Não no Instituto. Não onde alguém poderia nos ouvir.

Julian fez que sim com a cabeça. Suas pupilas estavam ligeiramente dilatadas, os olhos da cor de uma iminente tempestade no oceano.

— Tem razão — disse ele. — Não podemos conversar aqui. Vamos preparar alguma coisa para as crianças, para não continuarem me procurando. Depois, você me encontra na praia, tudo bem? Sabe onde.

*Onde eu a tirei da água. Onde tudo começou.*

— Tudo bem — falou Emma, após breve hesitação. — Vai primeiro e depois eu te encontro. Mas ainda tem uma coisa que preciso contar.

— O importante é que fiquemos juntos, Emma. É o que importa...

Ela se levantou na ponta dos pés e o beijou. Um beijo longo, lento, intoxicante que o fez gemer baixo.

Quando ela se afastou, Julian estava olhando para ela.

— Como as pessoas lidam com esses sentimentos? — Ele parecia verdadeiramente espantado. — Como não ficam grudadas umas nas outras o tempo todo se estão, você sabe, apaixonadas?

Emma engoliu em seco o impulso súbito de chorar. *Apaixonado*. Ele ainda não tinha dito isso.

*Eu te amo, Julian Blackthorn*, pensou ela, olhando-o ali, no seu quarto, onde já tinha estado milhões de vezes; no entanto, agora era diferente. Como alguma coisa podia ser tão segura e familiar, e, ao mesmo tempo, tão assustadora, avassaladora e nova?

Ela viu as marcas desbotadas de lápis na moldura da porta atrás dele, onde outrora registraram suas alturas, todo ano. Pararam de fazer isso quando Julian ficou mais alto do que ela, o que significava muito abaixo da cabeça dele atualmente.

— Nos vemos na praia — sussurrou ela.

Ele hesitou por um instante, em seguida, assentiu e saiu do quarto. Havia uma estranha sensação de presságio no peito de Emma ao vê-lo partir — como ele reagiria ao que Malcolm havia dito a ela? Mesmo que Julian considerasse mentira, como poderia planejar uma vida se escondendo e mentindo como se fosse uma situação feliz? Ela nunca tinha entendido o objetivo de festas de noivado e coisas do tipo antes (apesar de estar feliz por Isabelle e Simon), mas agora sim: quando você se apaixona, quer *contar para as pessoas*, mas isso era exatamente o que não podiam fazer.

Ao menos, ela podia tranquilizá-lo quanto ao fato de que o amava. De que sempre amaria. De que ninguém poderia tomar o seu lugar.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma vibração alta. O telefone. Ela foi até a mesa pegá-lo, usando o polegar para abrir a tela inicial.

Havia uma mensagem de texto, com letras vermelhas em negrito.

EMERGÊNCIA

POR FAVOR VENHA AGORA

POR FAVOR

KIT ROOK

— Cristina?

Cristina se esticou lentamente. Suas costas e pernas doíam; tinha dormido na cadeira ao lado da cama. Poderia ter se encolhido no chão, mas teria sido mais difícil ficar de olho em Diego desse modo.

O ferimento em seu ombro tinha sido muito pior do que imaginara: um corte profundo cercado pela bolha vermelha da queimadura de magia das trevas que deixava os símbolos quase ineficientes. Ela havia cortado o uniforme ensanguentado e a camisa dele também, ensopada de sangue e suor.

Trouxera toalhas e cobrira a cama com elas e tinha molhado algumas para limpar o sangue do seu rosto e pescoço. Também tinha aplicado nele símbolos e mais símbolos de alívio de dor, símbolos e mais símbolos de cura. Mesmo assim, ele continuou se revirando na cama durante quase toda a noite, seus cabelos pretos emaranhados contra o travesseiro.

Desde que deixara o México ela não se lembrava com tanta clareza do que tinham sido um para o outro quando mais jovens. Do quanto ela o havia amado. Seu coração se despedaçou quando ele gritou pelo irmão, implorando. *Jaime, Jaime, ayúdame. Me ayuda.* E depois quando gritou por ela, e isso foi pior ainda. *Cristina, no me dejes. Regresa.*

*Cristina, não me deixe. Volte.*

*Estou aqui,* disse a ele. *Estoy aquí,* mas ele não acordou, e seus dedos se enterraram nos lençóis até ele cair em um sono conturbado.

Ela não se lembrava de quanto tempo demorou a dormir depois disso. Ela ouviu vozes lá embaixo e, depois, passos no corredor. Emma tinha aberto a porta para dar uma olhada nela e em Diego, abraçou-a e foi dormir quando Cristina garantiu que estava tudo bem.

Mas agora havia luz entrando pela janela, e Diego a encarava com olhos de clara dor e febre.

— *¿Estás bien?* — sussurrou ela, a garganta seca.

Ele se sentou, e o lençol caiu. Foi um lembrete um tanto súbito de que ele estava sem camisa, pensou Cristina de repente. Ela se concentrou no fato de que havia uma marca no peito dele onde Malcolm o atingiu com sua magia. Era acima do coração, como uma Marca de casamento seria, e tinha um violeta mais intenso do que um hematoma. Era quase da cor dos olhos de Malcolm.

— Sim, estou — disse ele, soando um pouco surpreso. — Estou bem. Você estava com... — Ele olhou para baixo e, por um instante, ficou muito parecido com o menininho de quem Cristina se lembrava, seguindo os passos desastrosos de Jaime, enfrentando confusões e olhares de reprovação silenciosamente. — Sonhei que você tinha ficado comigo.

— Eu fiquei com você. — Ela conteve o impulso de se inclinar e afastar o

cabelo dele do rosto.

— E ficou tudo bem? — perguntou ele. — Não me lembro de muita coisa depois que voltamos.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ficou surpreendentemente bem.

— Esse é o seu quarto? — Diego quis saber, olhando em volta. Seu olhar se iluminou em algo além da orelha esquerda dela, e ele sorriu. — Eu me lembro disso.

Cristina virou e olhou. Sobre uma prateleira perto da cama havia uma *árbol de vida*, uma árvore da vida — uma moldura delicada de cerâmica se pendurava sobre ela com flores, luas, sóis, leões, sereias e flechas de cerâmica. O anjo Gabriel descansava no fundo, as costas na árvore, o escudo nos joelhos. Era uma das poucas lembranças de casa que ela trouxera consigo.

— Você que fez — disse ela. — Para o meu aniversário. Eu tinha 13 anos.

Ele se inclinou para a frente, com as mãos nos joelhos.

— Você sente falta de casa, Cristina? — perguntou ele. — Um pouquinho que seja?

— É óbvio que sinto — retrucou ela. A linha das costas dele era suave, intacta. Ela se lembrava de enterrar as unhas nas omoplatas dele quando se beijavam. — Sinto falta da minha família. Sinto falta até do trânsito da Cidade do México; não que aqui seja muito melhor. Sinto falta da comida, você não acreditaria no que eles chamam de comida mexicana aqui. Sinto falta de comer *jicaletas* no parque com você. — Ela se lembrou de limão e pimenta em pó nas mãos, um pouco amargo e um pouco quente.

— Sinto falta de você — disse ele. — Todos os dias sinto sua falta.

— Diego... — Ela deslizou da cadeira para a cama e alcançou a mão direita dele. Era grande e quente contra as suas, e ela sentiu a pressão do anel da família dele em sua mão; os dois usavam o anel da família Rosales, mas o dela tinha a matriz dos Mendoza na parte de dentro, e o dele, o dos Rocio. — Você salvou a minha vida — disse ela. — Eu lamento ter sido tão inflexível. Eu deveria ter sabido. Deveria tê-lo conhecido melhor.

— Cristina... — A mão livre dele encontrou o seu cabelo, sua bochecha. As pontas dos dedos dele tocaram levemente a pele de Cristina. Ele se inclinou, dando bastante tempo para ela recuar. Ela não o fez. Quando a boca de Diego encontrou a dela, Cristina inclinou a cabeça para o beijo, seu coração se expandindo com a estranha sensação de que ela estava caminhando ao mesmo tempo para o futuro e para o passado.

Em algum lugar, pensou Mark. Estava em algum lugar da casa. Julian havia dito que tinha encaixotado todas as coisas do quarto dele e colocado na área de armazenamento leste. Já tinha passado da hora de reclamar os seus pertences e deixar o seu quarto com o aspecto de um lugar onde vivia alguém. O que significava que Mark tinha que achar o armazém.

Teria perguntado a Julian onde ficava, mas não tinha conseguido encontrá-lo. Talvez ele estivesse se escondendo em algum lugar, resolvendo questões relativas ao Instituto. Parecia mais do que estranho para Mark que as coisas fossem voltar ao que eram antes, com Julian dirigindo o Instituto e a Clave sem a menor ideia.

Certamente devia haver um jeito de ajudar a tirar o fardo de cima do irmão. Agora que ele e Emma sabiam, as coisas seriam mais fáceis para Jules. Provavelmente era hora de contar também aos mais novos. Em silêncio, Mark jurou que ficaria ao lado do irmão para isso. Era mais fácil viver em verdade do que em mentira, Kieran sempre dizia.

Mark se encolheu ao pensar em Kieran e abriu a porta. Uma sala de música. Obviamente não era muito usada — havia um piano empoeirado, uma série de instrumentos de cordas pendurados nas paredes e uma caixa de violino. Ao menos, esta parecia lustrada. O pai de Emma tocava violino, Mark se lembrou: a obsessão das Cortes das Fadas com aqueles que produziam música tinha mantido Mark longe de qualquer interesse em melodia.

— Mark?

Ele pulou e se virou. Ty estava atrás dele, descalço, com um casaco preto e jeans escuros. As cores escuras o deixavam ainda mais magro.

— Oi, Tiberius. — Mark gostava da versão longa do nome de seu irmãozinho. Parecia compatível com ele e sua postura solene. — Está procurando alguma coisa?

— Estava procurando por você — disse Ty diretamente. — Tentei ontem à noite, mas não consegui encontrá-lo, depois dormi.

— Eu estava me despedindo de Kieran — explicou Mark.

— Despedindo? — Ty levantou os ombros. — Isso quer dizer que vai ficar aqui para sempre?

Mark não pôde deixar de sorrir.

— Vou. Vou ficar aqui.

Ty deu um suspiro longo; pareceu em parte alívio, em parte nervosismo.

— Ótimo — falou. — Isso é ótimo.

— Eu achei que sim.

— É — disse Ty, como se Mark estivesse um pouco lento —, porque você pode assumir por Julian.

— Assumir? — Mark o encarou confuso.

— Julian tecnicamente não é o mais velho — disse Ty. — E apesar de que nunca o colocariam oficialmente no cargo, porque é parte fada, você ainda poderia fazer o que Julian faz. Cuidar da gente, nos dizer o que fazer. Não precisa ser ele. Pode ser você.

Mark se apoiou na porta. Ty exibia uma expressão completamente aberta, e havia esperança no fundo de seus olhos cinza-claro, e Mark sentiu uma onda de pânico que quase o deixou nauseado.

— Você falou alguma coisa sobre isso com Julian? — perguntou ele. — Falou que estava planejando me pedir isso?

Ty, sem captar o tom parcialmente furioso na voz de Mark, franziu as delicadas sobrancelhas.

— Acho que mencionei para ele.

— Ty — falou Mark. — Você não pode simplesmente arrumar a vida dos outros assim. Por que acha que isso seria uma boa ideia?

Os olhos de Ty vasculharam a sala, repousando em todos os lugares, menos em Mark.

— Não tive a intenção de irritá-lo. Achei que tinha se divertido aquele dia na cozinha, quando Julian o deixou encarregado...

— Eu me diverti. Todos nós nos divertimos. Também causei um incêndio no fogão e cobri seu irmãozinho de açúcar. Não é como as coisas devem ser o tempo todo. Não é assim... — Mark se interrompeu, apoiado na parede. Ele estava tremendo. — O que poderia fazê-lo imaginar que eu estava qualificado para ser o guardião de Tavvy? Ou de Dru? Você e Livvy, vocês são mais velhos, mas isso não significa que não precisem de um *pai*. Julian é o pai de vocês.

— Julian é meu irmão — retrucou Ty, mas as palavras soaram abafadas. — E você também. Você é como eu — acrescentou. — Somos parecidos.

— Não — respondeu Mark com rispidez. — Eu sou completamente perturbado, Ty. Mal sei como viver nesse mundo. Você é capaz. Eu não. Você é uma pessoa completa; foi criado por alguém que o ama, o ama mais do que a si mesmo, e isso não é nada para se sentir agradecido, isso é o que um pai *faz*, mas durante anos eu não tive isso. Pelo Anjo, eu mal sei cuidar de mim mesmo. Certamente não posso tomar conta de vocês.

Os lábios de Ty pareciam brancos. Ele deu um passo para trás, em seguida foi para o corredor, seus passos corridos desaparecendo.

*Meu Deus*, ele pensou. *Que desastre. Que completo desastre.* Ele já estava começando a entrar em pânico. O que ele tinha dito para Ty? Será que o havia feito se sentir um fardo? Será que tinha estragado as coisas com o irmão, magoado Ty de um jeito irreparável?

Ele era um covarde, pensou, franzindo o rosto por causa da responsabilidade que Julian carregou durante anos, em pânico com o que poderia acontecer com a família em suas mãos descuidadas e inexperientes.

Ele precisava desesperadamente falar com alguém. Não Julian; seria mais um fardo para ele. E Emma não conseguia guardar segredos de Julian. Livvy o mataria; os outros eram jovens demais...

Cristina. Cristina sempre lhe dava bons conselhos; o sorriso doce de Cristina acalmava seu coração. Ele correu para o quarto dela.

Deveria ter batido, obviamente. Era o que pessoas normais faziam. Mas Mark, que passou tantos anos vivendo em um mundo sem portas, abriu a de Cristina sem pensar.

A luz do sol entrava pela janela. Ela estava sentada na cama, com a cabeça apoiada nos travesseiros, e Diego, ajoelhado na frente dela, a beijava. Ele segurava a cabeça de Cristina em suas mãos como se fosse algo precioso, e os cabelos pretos escorriam por seus dedos.

Nenhum dos dois notou quando Mark congelou na entrada, nem quando fechou de novo a porta, o mais silenciosamente possível. Ele se apoiou na parede, ardendo de vergonha.

*Entendi tudo errado*, ele pensou. *Estraguei tudo*. Seus sentimentos por Cristina eram turvos e estranhos, mas vê-la beijando Diego doeu mais do que ele imaginava. Parte da dor era ciúme. Parte era a constatação de que tinha passado tanto tempo longe de pessoas normais que não mais as entendia. Talvez jamais fosse entender.

*Eu devia ter ficado com a Caçada*. Ele deslizou para o chão, enterrando o rosto nas mãos.

Uma nuvem de poeira, madeira e gesso se ergueu diante do local onde o chão de Rook tinha sido destruído. A isso um esguicho fino de sangue tinha se somado. Kit deslizou da cadeira onde estava e ficou parado, em choque. Seu rosto estava respingado de sangue, e ele sentia o cheiro pela sala, o fedor quente e férreo.

*O sangue do meu pai*.

Os demônios estavam reunidos em um círculo, devorando algo no chão. O corpo do pai de Kit. O som de pele rasgando preencheu o recinto. Nauseado, Kit sentiu o estômago revirar — exatamente quando o demônio que tinha caído pela escada subia de novo, chiando.

Seus olhos, bulbos leitosos na cabeça esponjosa, pareciam fixos em Kit. Avançou até ele, que pegou a cadeira ao seu lado e usou como escudo. No fundo da mente, tinha consciência de que não deveria ser possível que um menino sem



treino de 15 anos pudesse manejar um pedaço pesado de carvalho como se fosse um brinquedo.

Mas Kit não se importou; ele estava completamente apavorado. Conforme o demônio recuava à sua frente, ele avançava com a cadeira, derrubando-o para trás. Ele levantou e o atacou novamente. Kit combateu, mas dessa vez uma pata dianteira afiada desceu, cortando a cadeira ao meio. O demônio avançou com os dentes expostos, e Kit segurou os restos da cadeira, que estilhaçou em suas mãos. Ele foi jogado de costas contra a parede.

A cabeça dele bateu com força, e ele foi invadido pela tontura. Kit viu, em um torpor, o monstro louva-a-deus vindo em sua direção. *Seja rápido*, ele pensou. *Pelo amor de Deus, me deixe morrer rápido*.

O demônio desceu em cima dele, com a boca aberta, exibindo filas e filas de dentes e uma garganta escura que pareceu preencher sua visão. Ele levantou a mão para bloqueá-la — estava cada vez mais perto — e depois ela pareceu explodir. A cabeça foi para um lado e o corpo para outro. Sangue preto-esverdeado de demônio esguichou no garoto.

Ele ficou olhando para o alto e no torpor viu duas pessoas sobre ele. Uma era a menina loura Caçadora de Sombras do Instituto, Emma Carstairs. Ela estava empunhando uma espada dourada, manchada de icor. Ao seu lado havia outra mulher que parecia alguns anos mais velha. Ela era alta e magra, com cabelos longos e cacheados. Vagamente, ele sabia que já a tinha visto antes — no Mercado das Sombras? Ele não tinha certeza.

— Você cuida de Kit — disse Emma. — Vou cuidar dos outros Mantis.

Emma desapareceu do estreito campo de visão de Kit. Ele só estava vendo a outra mulher. Ela tinha um rosto gentil e suave, e olhava para ele com um afeto surpreendente.

— Sou Tessa Gray — falou. — Levante-se, Christopher.

Kit piscou os olhos. Ninguém nunca o chamava de Christopher. Ninguém além de seu pai, quando estava bravo. Pensar em Johnny o machucou, e ele ficou olhando para o lugar onde o corpo de seu pai estava caído.

Para sua surpresa, havia duas pessoas ali. Um homem alto e de cabelos escuros, brandindo uma bengala com cabeça de espada, tinha se juntado a Emma e os dois estavam lutando, cortando demônios em pedaços. Icor verde esguichava pelo ar como de um hidrante.

— Meu pai — falou Kit, lambendo a boca seca e sentindo o gosto de sangue. — Ele...

— Você deve sofrer mais tarde. Agora está em grave perigo. Mais desses podem vir e coisas piores também.

— Você é Caçadora de Sombras?

— Não — respondeu Tessa Gray com uma firmeza surpreendente. — Mas você é. — Ela esticou a mão para ele. — Vamos, agora — falou. — De pé, Christopher Herondale. Estamos procurando por você há muito tempo.

— Diga alguma coisa — pediu Emma. — Por favor.

Mas o menino no banco do passageiro não falou nada. Ele observava o mar pela janela; tinham chegado até a Coast Highway sem que Kit dissesse uma palavra.

— Não tem problema — disse Tessa do banco de trás. A voz dela estava suave, mas, pensando bem, a voz dela sempre era suave. — Você não precisa falar, Christopher.

— Meu nome não é esse — disse Kit.

Emma deu um pulinho. Kit tinha um tom de voz monótono e continuava olhando pela janela. Ela sabia que ele era um pouco mais jovem do que ela, mas mais pelo seu comportamento do que por qualquer outro motivo. Ele era bem alto, e seus movimentos na casa, combatendo os demônios Mantis, foram impressionantes.

Ele estava com jeans ensanguentados e uma camiseta empapada de sangue, que provavelmente tinha sido azul um dia. As pontas dos cabelos louros estavam grudadas com icor e sangue.

Emma soube que a situação era grave ao chegar à casa de Johnny Rook. Apesar de a casa parecer a mesma, apesar de a porta estar fechada, assim como as janelas, e tudo estar quieto, ela sentiu a falta da energia mágica que estava muito aparente quando estiveram ali antes. Ela havia olhado para baixo, para a mensagem seguinte no celular, e pegado Cortana.

Parecia que uma bomba tinha explodido no interior da casa. Era evidente que os Mantis tinham vindo do chão — demônios frequentemente viajavam sob a terra para evitar a luz do sol. Eles tinham explodido pelo piso; havia icor, sangue e serragem por todos os lados.

E Mantis. Pareciam muito mais grotescos na sala de Johnny Rook do que no alto das falésias das Montanhas de Santa Monica. Mais monstruosos, mais parecidos com insetos. Suas patas afiadas rasgavam paredes de madeira, destruíam móveis e livros.

Emma empunhou Cortana. Ela cortou um Mantis; ele desapareceu com um grito, desbloqueando sua visão. Vários dos outros Mantis estavam sujos de sangue vermelho, humano. Eles cercavam os restos do que outrora havia sido Johnny Rook, em pedaços, no chão.

*Kit.* Emma olhou em volta, enlouquecida, viu o menino agachado perto das

escadas. Ele estava desarmado. Ela correu na direção dele, exatamente quando ele pegou uma cadeira e a quebrou na cabeça do demônio Mantis.

Só o treinamento impediu Emma de parar onde estava. Crianças humanas não *faziam* isso. Elas não sabiam como combater demônios. Elas não tinham o instinto...

A porta atrás de Emma se abriu, e mais uma vez só o seu treinamento a impediu de parar, surpresa. Ela conseguiu cortar a cabeça de outro demônio Mantis, manchando a lâmina de Cortana com icor, mesmo enquanto Jem Carstairs entrava na sala, seguido por Tessa.

Eles entraram na batalha sem dizer uma palavra um para o outro, ou para Emma, mas Emma tinha trocado um olhar com Jem enquanto lutavam, e soube que ele não estava surpreso em vê-la. Ele parecia mais velho do que em Idris — agora mais próximo dos 26 anos, mais um homem do que um menino, apesar de Tessa estar igual.

Ela exibia a mesma expressão doce de que Emma se lembrava, e a mesma voz suave. Ela olhou para Kit com amor e tristeza quando foi até ele e estendeu a mão.

*Christopher Herondale.*

— Mas Kit é um apelido para Christopher, não é? — perguntou Tessa, ainda gentil. Kit não respondeu. — Christopher Jonathan Herondale é o seu verdadeiro nome. E seu pai também era Jonathan, certo?

*Johnny. Jonathan.*

Havia mil Caçadores de Sombras chamados Jonathan. Jonathan Caçador de Sombras tinha criado toda a raça dos Nephilim. Também era o nome de Jace.

Emma tinha ouvido Tessa na casa, é óbvio, mas ainda não conseguia acreditar. Não apenas um Caçador de Sombras escondido, mas um Herondale. Clary e Jace teriam que saber. Provavelmente viriam correndo.

— Ele é um Herondale? Como Jace?

— Jace Herondale — murmurou Kit. — Meu pai disse que ele era um dos piores.

— Um dos piores o quê? — perguntou Jem.

— Caçadores de Sombras. — Kit falou as palavras com desprezo. — E não sou um deles, aliás. Eu saberia.

— Saberia? — A voz de Jem estava calma. — Como?

— Não é da sua conta — falou. — Sei o que está fazendo. Meu pai me disse que vocês sequestram qualquer pessoa com menos de 19 anos que tenha Visão. Qualquer um que vocês possam transformar em Caçador de Sombras. Não sobrou quase nenhum de vocês depois da Guerra Maligna.

Emma abriu a boca para protestar indignada, mas Tessa já estava falando:

— Seu pai disse muitas coisas que não eram verdadeiras. Sem querer falar mal dos mortos, Christopher, mas duvido que eu esteja falando algo que você ainda não saiba. E uma coisa é ter Visão. Outra é combater um demônio Mantis sem treinamento.

— Você disse que estava procurando por ele? — perguntou Emma, quando passaram pelo Motel Topanga Canyon, cujas janelas manchadas tinham um tom marrom ao sol. — Por quê?

— Porque ele é um Herondale — disse Jem. — E os Carstairs devem aos Herondale.

Um leve tremor passou por Emma. Seu pai havia lhe dito a mesma coisa, muitas e muitas vezes.

— Há muitos anos Tobias Herondale foi condenado como desertor — disse Jem. — Ele foi condenado à morte, mas não foi encontrado, então a sentença foi aplicada à esposa. Ela estava grávida. Uma feiticeira, Catarina Loss, contrabandeou o bebê para a segurança do Novo Mundo.

— A sentença foi aplicada na esposa grávida dele? — falou Kit. — Qual é o problema de vocês?

— Isso é horrível — disse Emma, pela primeira vez concordando com Kit. — Então Kit aqui é descendente de Tobias Herondale?

Tessa fez que sim com a cabeça.

— Não há defesa para as ações da Clave. Como sabe, eu um dia fui Tessa Herondale; eu sabia sobre Tobias; a história dele era uma lenda de horror. Mas só há alguns anos Catarina me contou que a criança tinha sobrevivido. Eu e Jem viemos para cá descobrir o que havia acontecido com a linhagem Herondale. Muitas pesquisas nos levaram ao seu pai, Kit.

— O sobrenome do meu pai era Rook — murmurou Kit.

— Legalmente, sua família já teve muitos nomes — disse Tessa. — Dificultou muito nossa busca. Presumo que seu pai soubesse que tinha sangue Nephilim e o estava escondendo de nós. Certamente se apresentar abertamente como um mundano com Visão foi inteligente. Ele pôde fazer conexões, proteger a casa, enterrar sua identidade. Enterrá-lo.

Kit falou com a voz monótona.

— Ele costumava dizer que eu era o seu maior segredo.

Emma virou na rua para o Instituto.

— Christopher — disse Tessa. — Não somos Caçadores de Sombras, eu e Jem. Não somos da Clave, decididos a marcá-lo como algo que você não quer ser. Mas seu pai tinha muitos inimigos. Agora que ele está morto e não pode protegê-lo, vão vir atrás de você. Estará mais seguro no Instituto.

Kit resmungou. Ele não pareceu nem impressionado, nem confiante.

Era estranho, pensou Emma, ao pararem no fim da rua. As únicas coisas que Kit tinha em comum com o pai eram a altura e o porte. Ao saltar do carro, sobre a camisa ensanguentada, ele tinha olhos claramente azuis. Seus cabelos, dourados e ondulados — isso era totalmente Herondale. E seu rosto também, os ossos finos, a graça. Ele estava ensanguentado, arranhado e arrasado demais para que isso ficasse aparente agora, mas ele seria arrasador um dia.

Kit olhou para o Instituto, todo vidro e madeira, brilhando à luz da tarde, com desprezo.

— Institutos não são como prisões?

Emma deu um muxoxo.

— São como casas grandes. Caçadores de Sombras do mundo inteiro podem ficar neles. Têm um milhão de quartos. Eu moro naquele.

— Que seja. — Kit parecia triste. — Não quero entrar.

— Você pode fugir — disse Tessa, e pela primeira vez Emma ouviu a severidade em seu tom de voz suave. Era um lembrete de que ela e Jace tinham o mesmo sangue. — Mas provavelmente seria devorado por um Mantis assim que o sol se pusesse.

— Não sou um Caçador de Sombras — disse Kit, saltando do carro. — Pare de agir como se eu fosse.

— Bem, existe um teste rápido para isso — disse Jem. — Só um Caçador de Sombras pode abrir a porta do Instituto.

— A porta? — Kit o encarou. Ele estava mantendo um braço perto do corpo. O olhar de Emma se aguçou. Tendo Julian como *parabatai*, ela havia aprendido a reconhecer a maneira como meninos tentavam esconder um machucado. Talvez parte do sangue fosse dele.

— Kit — começou ela.

— Deixe-me entender — interrompeu Kit. — Se eu tentar abrir essa porta e não conseguir, vocês me deixam ir?

Tessa assentiu. Antes que Emma pudesse falar qualquer coisa, Kit subiu as escadas mancando. Ela correu atrás dele, Tessa e Jem a seguiram. Kit colocou o ombro na porta. Empurrou.

A porta se abriu, e ele meio que caiu lá dentro, por pouco não derrubando Tiberius, que estava atravessando a entrada. Ty cambaleou para trás e encarou o menino no chão.

Kit estava ajoelhado, com a mão claramente apoiando o braço esquerdo. Ele estava arfando ao olhar em volta, assimilando a entrada — a porta de mármore, cheia de símbolos. As espadas penduradas nas paredes. O mural do Anjo e dos Instrumentos Mortais.

— É impossível — falou ele. — Não pode ser.

O olhar de espanto de Ty desapareceu.

— Você está bem?

— Você — disse Kit, olhando para Ty. Olhos azuis encontraram olhos cinzentos. — Você apontou uma faca para mim.

Ty pareceu pouco à vontade. Ele esticou o braço para puxar uma mecha dos próprios cabelos escuros.

— Foi só trabalho. Nada pessoal.

Kit começou a rir. Ainda rindo, ele se jogou novamente no chão. Tessa se ajoelhou ao lado dele, colocando as mãos em seus ombros. Emma não pôde deixar de enxergar a si própria, na Guerra Maligna, sofrendo um colapso ao perceber que os pais estavam mortos.

Kit olhou para ela. Sua expressão era um borrão. A expressão de alguém que usava todas as suas forças para não chorar.

— Um milhão de quartos — disse ele.

— Quê? — falou Emma.

— Você disse que havia um milhão de quartos aqui — repetiu ele, se levantando. — Eu vou encontrar um vazio. E depois vou me trancar nele. Se alguém tentar arrombar a porta, eu mato.

— Acha que ele vai ficar bem? — perguntou Emma. — Kit, quero dizer.

Ela estava nos degraus de entrada com Jem, que estava embalando Church nos braços. O gato tinha vindo correndo alguns instantes depois que Jem chegou e praticamente lançou o corpinho peludo nos braços dele. Jem o acariciava agora, esfregando embaixo do queixo e atrás das orelhas, despreocupadamente. O gato tinha ficado mole sob os seus cuidados, como um pedacinho de pano.

O oceano subia e descia no horizonte. Tessa tinha se afastado do Instituto para fazer uma ligação. Emma estava ouvindo sua voz ao longe, mas não as palavras isoladas.

— Você pode ajudá-lo — disse Jem. — Perdeu seus pais. Sabe como é.

— Mas não acho que... — Emma estava alarmada. — Se ele ficar, eu não sei... — Ela pensou em Julian, no tio Arthur, em Diana, e nos segredos que todos eles escondiam. — Você não pode ficar? — perguntou ela, e ficou surpresa com o lamento na própria voz.

Jem sorriu. Aquele sorriso do qual ela se lembrava da primeira vez em que realmente viu o rosto dele, o sorriso que lembrava, de um jeito que ela não podia descrever, o próprio pai. O sangue Carstairs que eles compartilhavam.

— Eu gostaria de ficar — disse ele. — Desde que nos conhecemos em Idris, eu sinto a sua falta, e pensei muitas vezes em você. Eu gostaria de visitá-la.

Passar um tempo com meu violino. Mas Tessa e eu temos que ir. Temos que encontrar o corpo de Malcolm e o *Volume Preto*, pois mesmo a léguas submarinas um livro daqueles pode causar problemas.

— Você se lembra de quando nos conhecemos na minha cerimônia *parabatai*? Você me disse que queria poder cuidar de mim, mas havia algo que você e Tessa precisavam encontrar. Essa coisa era Kit?

— Sim. — Jem colocou as mãos nos bolsos. Ainda parecia jovem, era impossível Emma pensar nele como um ancestral, mesmo um tio. — Estamos procurando por ele há anos. Restringimos a busca a essa área e depois, finalmente, ao Mercado das Sombras. Mas Johnny Rook era especialista em se esconder. — Ele suspirou. — Gostaria que não tivesse sido. Se ele tivesse confiado em nós, poderia estar vivo agora. — Ele passou a mão distraidamente no cabelo. Uma mecha era prateada, cor de alumínio. Ele estava olhando para Tessa, e Emma percebeu a expressão em seus olhos quando olhou para ela. O amor que nunca diminuiu em mais de um século.

*O amor é a fraqueza dos humanos, e os anjos os desprezam por isso; a Clave os despreza também, por isso os punem. Você sabe o que acontece com dois parabatai que se apaixonam? Sabe por que é proibido?*

— Malcolm... — começou ela.

Jem virou novamente para Emma, o brilho da solidariedade em seus olhos escuros.

— Magnus nos contou que foi você que matou Malcolm — falou ele. — Deve ter sido difícil. Você o conhecia. Não é como matar demônios.

— Eu conhecia Malcolm — disse Emma. — Pelo menos, eu achava que conhecia.

— Nós o conhecíamos também. Tessa ficou arrasada ao saber que Malcolm achava que tínhamos mentido para ele. Que tínhamos escondido dele que Annabel não era uma Irmã do Silêncio, que na verdade estava morta e tinha sido assassinada pela própria família. Acreditamos na história também, mas ele morreu pensando que todos sabíamos a verdade. Como deve ter se sentido traído.

— É estranho pensar que ele era amigo de vocês. Embora, eu acho, tenha sido nosso amigo também.

— As pessoas podem ser mais do que uma coisa. Feiticeiros também. Ele também foi nosso amigo um dia. Eu sequer hesitaria em dizer que ele um dia fez o bem, antes de fazer o mal. É uma das grandes lições de crescer, aprender que as pessoas podem fazer as duas coisas.

— A história dele... sobre Annabel... coisas terríveis aconteceram aos dois só porque se apaixonaram. Malcolm disse uma coisa, e eu fiquei pensando se seria

verdade. Pareceu tão estranho.

Jem pareceu confuso.

— O que foi?

— Que a Clave despreza o amor porque é algo que seres humanos sentem. Que é por isso que criam todas aquelas Leis, sobre pessoas não se apaixonarem por seres do Submundo ou por seus *parabatai*... E as Leis não fazem sentido...

— Emma ficou olhando para Jem com o canto do olho. Será que estava sendo muito óbvia?

— A Clave pode ser terrível — disse ele. — Limitada e cruel. Mas algumas das coisas que fazem se baseiam na história. A Lei *parabatai*, por exemplo.

Emma sentiu como se a temperatura de seu corpo tivesse despencado muitos graus.

— Como assim?

— Não sei se deveria contar — disse Jem, olhando para o mar, com uma expressão tão sombria que Emma sentiu o coração congelar no peito. — É um segredo... um segredo guardado até dos próprios *parabatai*... Só alguns sabem: os Irmãos do Silêncio, o Cônsul... Eu fiz um juramento.

— Mas você não é mais Caçador de Sombras. O juramento não se mantém. — Quando ele não disse nada, ela pressionou: — Você me deve, sabe? Por não estar por perto?

O canto da boca dele formou um sorriso.

— Você negocia bem, Emma Carstairs. — Ele respirou fundo. Emma podia ouvir a voz de Tessa, fraca ao vento. Ela estava falando o nome de Jace. — O ritual *parabatai* foi criado para que dois Caçadores de Sombras pudessem ser mais fortes juntos do que separados. Sempre foi uma de nossas armas mais poderosas. Não são todos que tem um *parabatai*, mas eles existirem é parte faz dos Nephilim o que eles são. Sem eles, seríamos infinitamente mais fracos, de formas que sou até proibido de explicar. Idealmente, aumenta o poder de cada *parabatai*, símbolos aplicados um no outro são mais fortes, e, quanto mais próximo o laço pessoal, maior o poder.

Emma pensou nos símbolos de cura que ela havia desenhado em Julian depois do envenenamento pela flecha. No jeito como brilharam. Na runa da Resistência que ele lhe dera. Como havia funcionado diferente de qualquer outra.

— Não muito tempo depois que o ritual já era empregado por algumas gerações — falou Jem, diminuindo a voz —, foi descoberto que o laço era próximo *demais* e, se virasse um amor romântico... aí começaria a comprometer e mudar o tipo de poder gerado pelo feitiço. Amor unilateral, mesmo uma paixonite, tudo isso parece passar pela regra, mas amor verdadeiro,



correspondido, romântico? O custo era terrível.

— Perderiam os poderes? — sugeriu Emma. — Como Caçadores de Sombras?

— O poder ia crescer — corrigiu Jem. — Os símbolos que criassem seriam diferentes de todos os outros. Começariam a manipular magia, como fazem os feiticeiros. Mas Nephilim não devem ser mágicos. Logo o poder os enlouqueceria até que se tornassem monstros. Destruiriam suas famílias, os outros que amavam. A morte os cercaria até que eles próprios morressem.

Emma sentiu como se estivesse engasgando.

— Por que eles não nos contam isso? Por que não alertam os Nephilim?

— É *poder*, Emma — disse Jem. — Alguns sabiamente evitariam o laço, mas muitos outros se apressariam em tirar vantagem disso por motivos errados. O poder sempre atrai os gananciosos e os fracos.

— Eu não quereria isso — falou Emma suavemente. — Não esse tipo de poder.

— A natureza humana também tem de ser levada em conta — falou Jem e sorriu para Tessa, que estava ao telefone e subindo a trilha em direção a eles. — Ouvir que o amor é proibido não o mata. Isso o fortalece.

— Do que vocês dois estão falando? — Tessa sorriu para eles do pé da escada.

— Amor — disse Jem. — Como acabar com ele, eu suponho.

— Ah, se ao menos pudéssemos acabar com o amor por vontade própria, a vida seria muito diferente! — Tessa riu. — É mais fácil acabar com o amor que alguém sente por você do que com o amor que você sente por alguém. Convencê-lo de que não o ama ou que é alguém que ele não pode respeitar. De preferência, os dois. — Os olhos dela eram grandes, cinzentos e jovens; era difícil acreditar que ela tivesse mais do que 19 anos. — Mudar o próprio coração, isso é quase impossível.

Surgiu um brilho no ar. Um Portal de repente apareceu, reluzente como uma porta fantasma, logo acima do chão. Ele se abriu, e Emma enxergou como se estivesse olhando por um buraco de fechadura: Magnus Bane estava do outro lado do Portal, e ao seu lado encontrava-se Alec Lightwood, alto, com cabelos escuros e segurando um garotinho de camisa branca, com pele azul-marinho. Alec estava desalinhado e feliz, e a forma como segurava Max lembrava o jeito como Julian costumava segurar Tavvy.

Quando estava levantando a mão para cumprimentar Emma, Alec parou, virou a cabeça e disse algo que soou como “Raphael”. Estranho, pensou Emma. Alec entregou Max para Magnus e desapareceu de novo nas sombras.

— Tessa Gray! — gritou Magnus, se inclinando para fora do Portal como se

estivesse se inclinando sobre uma varanda. — Jem Carstairs! Hora de ir!

Alguém vinha se aproximando da estrada pela praia. Emma só viu a silhueta, mas sabia que era Julian. Julian, voltando da praia onde havia esperado por ela. Ela sempre saberia que era Julian.

Com a cordialidade da geração de muitos anos antes, Jem se curvou diante da mão dela em uma reverência gentil.

— Se precisar de mim, diga a Church — disse ele, se esticando. — Ele vai se certificar de que eu venha até você.

Então ele se virou e foi em direção ao Portal. Tessa pegou a mão dele e sorriu, e um instante mais tarde tinham atravessado a porta brilhante. Ela desapareceu com um clarão de luz fraca e dourada, e Emma, piscando, olhou para onde Julian a encarava, do pé da escada.

— Emma? — Julian subiu correndo, alcançando-a. — Emma, o que aconteceu? Eu esperei na praia...

Ela se afastou do toque dele. Um esboço de dor passou pelo rosto de Julian, em seguida, ele olhou em volta, como se tivesse percebido onde estava, e fez um sinal positivo com a cabeça.

— Venha comigo — falou com a voz baixa. Emma o seguiu, meio entorpecida, ao circularem o Instituto para o estacionamento. Ele desviou das estátuas e passou pelo pequeno jardim, Emma atrás, até estarem escondidos do prédio por filas de arbustos e cactos.

Ele se virou para ficarem cara a cara. Emma pôde ver a preocupação em seus olhos. Julian esticou o braço para tocá-la no rosto, e sentiu seu coração bater forte nas costelas.

— Você pode me falar — disse ele. — Por que não apareceu?

Com a voz pesada, Emma contou a ele sobre a mensagem apavorada de Kit, sobre como imediatamente correu para o carro. Como um dia depois do Instituto passar pelo que passou, ela não conseguiu arrastar ninguém com ela para a casa de Rook. Como Rook parecia responsabilidade dela. Como ela tentou ligar para avisar que tinha saído, e ele não atendeu. Sobre os Mantis na casa de Rook, a chegada de Jem e Tessa, a verdade sobre Kit. Tudo, menos o que Jem havia lhe dito sobre os *parabatai*.

— Fico feliz que esteja bem — disse ele, quando ela acabou. Passou o polegar na maçã do rosto de Emma. — Apesar de eu ter imaginado que, se você tivesse se ferido, eu saberia.

Emma não levantou as mãos para tocá-lo. Estavam cerradas em punhos nas laterais do corpo. Ela fizera coisas difíceis na vida, pensou. Seus anos de treinamento. Sobreviver às mortes dos pais. Matar Malcolm. Mas o olhar no rosto de Julian — aberto e confiante — dizia que esta seria a coisa mais difícil

que jamais faria.

Ela esticou o braço e cobriu sua mão. Lentamente, entrelaçou os dedos. Ainda mais lentamente, afastou a mão de Julian de seu rosto, tentando aquietar a voz em sua mente que dizia: *Esta é a última vez que ele a tocará assim, a última.*

Eles ainda estavam de mãos dadas, mas a dela estava rija, um peso morto. Julian pareceu confuso.

— Emma...?

— Não podemos fazer isso — disse ela, com a voz seca e direta. — Era isso que eu queria falar antes. Não podemos ficar juntos. Não assim.

Ele afastou a mão da dela.

— Não entendo. O que está dizendo?

*É tarde demais, ela queria dizer a ele. Estou dizendo que a runa da Resistência que você me deu, quando Malcolm me atacou, salvou minha vida. E, embora eu seja grata, não deveria ter sido possível. Estou dizendo que já estamos nos transformando no que Jem me alertou. Estou dizendo que não é uma questão de parar o relógio, mas de fazê-lo andar para trás.*

*E, para isso, o relógio terá de ser quebrado.*

— Nada de beijos, de toques, de se apaixonar, de namorar. Deu pra entender agora?

Julian não parecia que tinha sido golpeado por ela. Ele era um guerreiro: aguentava qualquer golpe e estaria pronto para atacar de volta, duas vezes mais forte.

Foi muito pior do que isso.

Emma queria desesperadamente retirar o que disse, contar a verdade, mas as palavras de Jem ecoaram em sua mente.

*Ouvir que o amor é proibido não o mata. Isso o fortalece.*

— Não quero ter esse tipo de relação — disse ela. — Me escondendo, mentindo, dando escapadas. Não entende? Envenenaria tudo que temos. Mataria todas as partes boas de ser *parabatai*, até de continuarmos amigos.

— Isso não precisa ser verdade. — Ele parecia nauseado, mas determinado. — Só precisamos esconder um pouco, só enquanto as crianças ainda são novas o suficiente para precisarem de mim...

— Tavvy ainda vai precisar de você por mais *oito anos* — disse Emma, o mais friamente possível. — Não podemos nos esconder por tanto tempo.

— Podemos adiar... podemos *nos* adiar...

— Eu não vou esperar. — Ela pôde senti-lo olhando para ela, sentir o peso de sua dor. Estava feliz por conseguir sentir. Ela *merecia* sentir.

— Não acredito em você.

— Por que eu diria se não fosse verdade? Não faria de mim uma pessoa boa,

Jules.

— Jules? — Ele engasgou a palavra. — Está me chamando assim de novo? Como se fôssemos crianças? Não somos crianças, Emma!

— Não, não somos — falou ela. — Mas somos jovens. Cometemos erros. Essa coisa entre a gente foi um erro. O risco é alto demais. — As palavras tinham gosto amargo em sua boca. — A Lei...

— Não há nada mais importante do que o amor — disse Julian, com uma voz estranha e distante, como se estivesse se lembrando de alguma coisa que tinha ouvido. — Nenhuma Lei maior.

— É fácil falar — disse Emma. — Mas se formos correr esse tipo de risco, deveria ser por um amor verdadeiro e para a vida inteira. E eu gosto de você, Jules, óbvio que gosto. Até te amo. Te amei por toda a vida. — Pelo menos, essa parte era verdade. — Porém não o suficiente. Não é o suficiente.

*É mais fácil acabar com o amor que alguém sente por você do que com o amor que você sente por alguém. Convencê-lo de que não o ama, ou que você é alguém que ele não pode respeitar.*

Julian arfava. Mas seus olhos, fixos nos dela, estavam firmes.

— Eu te conheço — disse ele. — Eu te conheço, Emma, e você está tentando fazer o que acha que é certo. Tentando me afastar para me proteger.

*Não, pensou ela desesperadamente. Não me conceda o benefício da dúvida, Julian. Isso tem que dar certo. Tem que dar.*

— Por favor, não — falou ela. — Você estava certo... Eu e você não faríamos sentido... Eu e Mark sim...

Dor cresceu no rosto dele como um ferimento. Ela o viu forçá-la a se afastar. *Mark*, ela pensou. O nome de Mark foi como a flecha de elfo que ele usava, capaz de perfurar a armadura de Julian.

*Perto, ela pensou. Estou muito perto. Ele quase acredita.*

Mas Julian era um mentiroso especialista. E mentirosos especialistas conseguiam enxergar mentiras quando outras pessoas as contavam.

— Você também está tentando proteger as crianças — disse ele. — Você entende, Emma? Sei o que está fazendo, e eu te amo por isso. *Eu te amo.*

— Ah, Jules — disse ela, em desespero. — Será que não vê? Está falando em nós dois ficarmos juntos fugindo, e eu acabei de voltar da casa de Rook. Vi Kit e o que significa viver escondido, o custo, não só para nós dois, mas... e se tivéssemos filhos um dia? Teríamos que abrir mão de quem somos. Eu teria que desistir de ser Caçadora de Sombras. E isso me mataria, Jules. Acabaria comigo.

— Então daremos outro jeito — disse ele. Sua voz soou como uma lixa. — Algum jeito em que continuaremos sendo Caçadores de Sombras. Vamos descobrir juntos.

— Não vamos — sussurrou ela. Mas os olhos dele estavam arregalados, implorando para que ela mudasse de ideia, trocasse suas palavras, colasse o que estava quebrando.

— Emma — falou, alcançando a mão dela. — Eu nunca, *nunca* vou desistir de você.

Era uma estranha ironia, pensou ela, uma terrível ironia que, pelo fato de amá-lo tanto e conhecê-lo tão bem, ela sabia exatamente o que deveria fazer para destruir tudo que ele sentia por ela com um único golpe.

Ela se afastou dele e começou a voltar para a casa.

— Vai — disse ela. — Vai sim.

Emma não tinha ideia de quanto tempo estava sentada na cama. A casa estava barulhenta — ela ouviu Arthur gritando alguma coisa logo que entrou, e depois silêncio. Kit tinha sido colocado em um dos quartos vagos, conforme havia pedido, e Ty estava sentado do lado de fora, lendo. Ela havia perguntado o que ele estava fazendo — guardando Kit? Guardando o Instituto *contra* Kit? —, mas ele apenas deu de ombros.

Livvy estava na sala de treinamento com Dru. Emma pôde ouvir suas vozes abafadas pela porta.

Ela queria Cristina. Ela queria a única outra pessoa que sabia o que ela sentia por Julian, para poder chorar em seus braços e para que Cristina pudesse lhe dizer que ficaria tudo bem, e que ela estava fazendo a coisa certa.

Mas Emma não tinha certeza se Cristina algum dia realmente acharia que ela estava fazendo a coisa certa.

Mas ela sabia, no coração, que era necessário.

Emma ouviu o clique da maçaneta girando e fechou os olhos. Ela não conseguia deixar de ver o rosto de Julian ao dar as costas para ele.

*Jules*, ela pensou, com o coração doendo. *Se ao menos você não acreditasse em mim, isso não seria necessário.*

— Emma? — A voz de Mark. Ele ficou parado na entrada, com a aparência muito humana com uma camisa branca e jeans. — Acabei de receber sua mensagem. Você queria conversar?

Emma se levantou e alisou o vestido que tinha colocado. Era bonito, com flores amarelas em um fundo marrom.

— Preciso de um favor — disse ela.

As sobancelhas claras de Mark se ergueram.

— Favores não são coisas leves para fadas.

— E nem para Caçadores de Sombras. — Ela esticou os ombros. — Você

disse que me devia um favor. Por eu ter cuidado de Julian. Por salvar a vida dele. Você disse que faria qualquer coisa.

Mark cruzou os braços. Dava para ver os símbolos pretos em sua pele outra vez: na clavícula, nos pulsos. Ele estava mais bronzeado do que antes, e já tinha mais músculos agora que estava se alimentando. Caçadores de Sombras ganhavam músculos rápido.

— Por favor, prossiga, então — disse ele. — E se for um favor que eu tenha o poder de conceder, eu o farei.

— Se Julian perguntar... — Ela firmou a voz. — Não. Se ele perguntar ou não. Preciso que você finja que estamos namorando. Que estamos nos apaixonando.

Mark soltou os braços para as laterais.

— Quê?

— Você ouviu — disse ela. Gostaria de conseguir ler o rosto de Mark. Se ele protestasse, ela sabia que não teria como forçá-lo. Não poderia fazer isso. Ela não tinha, ironicamente, a implacabilidade de Julian.

— Sei que parece estranho — admitiu ela.

— Parece muito estranho — respondeu Mark. — Se quer que Julian pense que você tem um namorado, por que não pede a Cameron Ashdown?

*Se você e Mark algum dia... Acho que eu não teria como me recuperar.*

— Tem que ser você — disse ela.

— Qualquer um seria seu namorado. Você é uma garota linda. Não precisa que alguém minta.

— Não é uma questão de ego. — Emma se irritou. — E eu não quero um namorado. Quero a mentira.

— Você quer que eu minta só para Julian ou para todo mundo? — perguntou Mark. Sua mão estava na garganta, tamborilando na pulsação. Procurando, talvez, pelo cordão de flecha, que, Emma agora percebeu, tinha sumido.

— Suponho que todos tenham que acreditar — respondeu Emma relutantemente. — Não podemos pedir que todos mintam para Julian.

— Não — retrucou Mark, e sua boca se curvou no canto. — Isso não seria prático.

— Se não vai fazer, diga — falou Emma. — Ou diga o que posso fazer para convencê-lo. Isso não é por mim, Mark, é por Julian. Pode salvar a vida dele. Não posso revelar mais do que isso. Tenho que pedir que confie em mim. Eu o protegi por todos esses anos. Isso... isso faz parte.

O sol estava se pondo. O quarto era preenchido por uma luz avermelhada, que projetava um brilho rosado sobre o cabelo e a pele de Mark. Emma se lembrou dela mesma aos 12 anos, como achava Mark bonito. Não foi tão longe a

ponto de se transformar em paixonite, mas ela conseguia enxergar outro passado para si, um em que Mark não era tirado deles. Um em que ele tivesse estado presente, e assim ela se apaixonaria por ele, e não pelo irmão. Um em que ela se tornasse *parabatai* de Julian, e se casasse com o irmão dele, e eles estariam na vida um do outro, ligados eternamente de todas as formas que as pessoas pudessem ser ligadas, e seria tudo que deveriam querer.

— Você quer que eu diga a ele, a todos, que estamos nos apaixonando? — falou. — Não que já estamos apaixonados?

Ela ruborizou.

— Tem que ser plausível.

— Há muita coisa que não está me contando. — Os olhos dele estavam acesos. Ele estava parecendo menos humano e mais fada agora, pensou ela, examinando a situação, se posicionando na cuidadosa dança da manipulação. — Presumo que queira que todos saibam que nos beijamos. Talvez feito mais.

Ela fez que sim com a cabeça. Definitivamente podia sentir as bochechas ruborizando.

— Juro para você, explicarei o máximo que puder — falou ela — se você concordar. E juro que isso pode salvar a vida de Julian. Detesto pedir que minta, mas...

— Mas por quem você ama, você faz qualquer coisa — disse ele, e ela não tinha resposta para isso. Ele definitivamente estava sorrindo agora, a boca curvada com divertimento. Ela não sabia dizer se era um divertimento humano ou fada, que adorava o caos. — Dá para entender por que me escolheu. Estou aqui, perto, e teria sido fácil iniciarmos uma relação. E não estamos comprometidos com mais ninguém. E você é, como eu disse, uma menina linda, e espero que não me ache horroroso.

— Não — falou Emma. Alívio e mil outras emoções correram por suas veias. — Não é horroroso.

— Então, suponha que eu só tenha mais uma pergunta — disse Mark. — Mas primeiro... — Ele se virou, e muito deliberadamente fechou a porta dela.

Quando olhou novamente para ela, ele nunca se pareceu tanto com alguém do Povo das Fadas. Seus olhos estavam cheios de um entretenimento selvagem, um descuido que insinuava um mundo onde não havia Lei humana. Ele pareceu trazer a selvageria do Reino das Fadas para o quarto consigo: uma magia doce e fria que não deixava de ser amarga em suas raízes.

*A tempestade lhe chama, assim como a mim, não é mesmo?*

Ele estendeu a mão para ela, meio chamando, meio oferecendo.

— Por que mentir? — disse ele.

# Epílogo

*Annabel*

Durante anos o túmulo estivera seco. Agora água do mar pingava através dos buracos finos e porosos na pedra, e, com a água do mar, sangue.

Caiu em ossos rachados e ligamentos secos, e ensopou sua mortalha. Umedeceu seus lábios envelhecidos. Trouxe consigo a magia do oceano, e, com ela, o sangue daquele que a amou, uma magia ainda mais estranha.

Em seu túmulo próximo ao mar retumbante, os olhos de Annabel se abriram.



## Agradecimentos

É preciso um bocado de gente para impedir a ruína de um livro. Sarah Rees Brennan, Holly Black, Leigh Bardugo, Gwenda Bond e Christopher Rowe, Stephanie Perkins, Morgan Matson, Kelly Link e Jon Skovron, todos ajudaram e deram conselhos. Maureen Johnson, Tessa Gratton, Natalie Parker, Ally Carter, Sarah Cross, Elka Cloke, Holly e Jeffrey Rowland e Marie Lu, todos vibraram das arquibancadas. Vivienne Hebel fez minhas traduções para o espanhol, e por isso serei eternamente grata. Eu posso ter crescido em Los Angeles, mas meu espanhol, como o de Emma, é péssimo. Tenho uma dívida imensa com Emily Houk e Andrea Davenport.

Minha gratidão de sempre para meu agente, Russell Galen; minha editora, Karen Wojtyla, e a equipe da Simon & Schuster por fazer tudo acontecer. E finalmente, meu agradecimento a Josh, o verdadeiro grande craque.

*Dama da Meia-Noite* foi escrito em Los Angeles, Califórnia; San Miguel de Allende, México; e Menton, França.

## Notas do autor

“Water washes, and tall ships founder, and deep death Waits”, em tradução livre “água lava, navios vão a pique, e a morte profunda espera”, na pág. 169, é de Hymm to Proserpine [Hino a Prosérpina], de Swimburne.

“Your heart is a weapon the size of your fist”, ou “Seu coração é uma arma do tamanho do seu pulso”, na pág. 449, é um grafite real, que ficou famoso após ter sido pichado em uma parede na Palestina. Agora é possível encontrá-lo em todos os lugares.

“Pois todo o sangue derramado na terra corre por aquele lugar”, pág. 169, é da balada de Tam Lin.

Muitos dos lugares que Emma frequenta são reais ou baseados em lugares que existem em Los Angeles, mas alguns são imaginários. A Delicatessen Canter existe, o Teatro da Meia-Noite não. O Tridente de Poseidon foi inspirado em um restaurante de frutos do mar, Neptune’s Net — neste não existem chuveiros nos fundos. A casa de Malcolm e a de Stanley Wells foram inspiradas em casas reais. Cresci em Los Angeles, então, de muitas maneiras, essa é a LA que eu sempre imaginei quando criança: cheia de magia.

## Uma longa conversa

Clary olhou em volta da sala de música do Instituto com um sorriso. Era uma noite quente de verão em Nova York, as janelas estavam abertas e Magnus havia produzido magicamente pingentes de gelo que pendiam do teto e refrescavam o ambiente. O recinto estava cheio de pessoas que Clary amava e com as quais se importava, e em sua opinião, estava muito bonito, considerando que ela teve um prazo de 24 horas para correr e encontrar algum lugar no Instituto onde pudessem dar uma festa.

Realmente não existia razão para *não* sorrir.

Dois dias antes, Simon tinha aparecido no Instituto, arfando e com os olhos arregalados. Jace e Clary estavam na sala de treinamento, verificando a nova tutora do Instituto, Beatriz Mendoza, e alguns dos alunos do Conclave.

— Simon! — exclamou Clary. — Eu não sabia que você estava em Nova York.

Simon tinha se formado na Academia dos Caçadores de Sombras como *parabatai* de Clary e como Recrutador, um cargo criado pela Consulesa para ajudar a reabastecer as tropas de Caçadores de Sombras, diminuídas com a Guerra Maligna. Quando prováveis candidatos a Ascender eram encontrados, Simon ia até eles para falar sobre o que significava se tornar um Caçador de Sombras após a vida mundana. Era um trabalho que frequentemente o levava para longe de Nova York, e essa era a desvantagem; a parte boa era que Simon realmente parecia gostar de ajudar mundanos assustados com a Visão a sentir que não estavam sozinhos.

Não que Simon parecesse capaz de confortar qualquer um nesse momento. Ele parecia ter sido atingido por um tornado.

— Acabei de pedir Isabelle em casamento — anunciou ele.

Beatriz gritou de alegria. Alguns dos alunos, temendo um ataque demoníaco, também gritaram. Um deles caiu de uma viga e tombou com força no tatame.

Clary começou a chorar de alegria e abraçou Simon.

Jace deitou no chão com os braços abertos.

— Vamos ser uma família — falou ele melancolicamente. — Você e eu, Simon, seremos irmãos. As pessoas vão pensar que somos *parentes*.

— Ninguém vai pensar isso — disse Simon, com a voz abafada pelo cabelo de Clary.

— Estou tão feliz por você, Simon — disse Clary. — Você e Izzy serão tão, tão felizes. — Ela se virou e encarou Jace. — Quanto a você, pode se levantar para dar os parabéns a Simon ou vou entornar todo o seu xampu caro no ralo.

Jace se levantou; ele e Simon trocaram tapinhas nas costas um jeito másculo, e Clary ficou feliz por perceber que ela tinha orquestrado aquilo. Jace e Simon eram amigos havia anos, mas Jace ainda parecia achar que precisava de desculpas para demonstrar o seu afeto; Clary sentia-se feliz em oferecê-las.

— Correu tudo bem com o pedido? Foi romântico? Você a surpreendeu? Não acredito que não me contou que ia fazer isso. — Clary deu um tapa no braço de Simon. — Tinha rosas? Izzy adora rosas.

— Foi no impulso — disse Simon. — Um pedido impulsivo. Estávamos na Ponte do Brooklyn. Izzy tinha acabado de arrancar a cabeça de um demônio Shax.

— E coberta de icor, você nunca a achou tão bela? — perguntou Jace.

— Algo do tipo — respondeu Simon.

— Essa foi a coisa mais Nephilim que já ouvi — disse Clary. — E os detalhes? Você se ajoelhou?

— Caçadores de Sombras não fazem isso — disse Jace.

— É uma pena — falou Clary. — Adoro essa parte nos filmes.

— Então por que você parece tão assustado? — perguntou Jace. — Ela disse sim, não disse?

Simon passou os dedos no cabelo.

— Ela quer uma festa de noivado.

— *Open bar* — disse Jace, que tinha desenvolvido um interesse em mixologia que Clary achava divertido. — Definitivamente *open bar*.

— Não, vocês não estão entendendo — emendou Simon. — Ela quer que seja daqui a dois dias.

— Hum — disse Clary. — Dá para entender por que ela está animada para dar a notícia aos amigos e à família, mas certamente tem como esperar mais um pouco...?

Quando Jace falou, a voz saiu seca:

— Ela quer que seja no aniversário de Max.

— Ah — respondeu Clary baixinho. Max, o mais jovem e doce dos

Lightwood, o irmãozinho de Izzy e Alec. Ele teria 15 anos agora, quase a mesma idade de Tiberius e Livvy Blackthorn. Dava para entender totalmente por que Isabelle queria sua festa de noivado em uma ocasião em que sentiria que Max estava com ela. — Bem, você pensou em pedir ajuda a Magnus?

— É óbvio, né? — respondeu Simon. — E ele disse que ajudaria se pudesse, mas estão resolvendo aquela história com Rafael...

— Certo — falou Clary. — Então você quer a nossa ajuda?

— Queria poder fazer aqui — disse Simon. — No Instituto. E você poderia me ajudar com algumas coisas que eu não entendo bem?

Clary sentiu um medo crescente. O Instituto tinha passado por grandes reformas recentemente, algumas ainda em andamento. O salão de festas quase não era utilizado e seria transformado em uma segunda sala de treinamento, e vários andares estavam atulhados de pilhas de azulejos e madeira. Havia a sala de música, que era enorme, mas estava abarrotada com antigos violoncelos, pianos e até um órgão.

— Que tipo de coisas?

Simon olhou para ela com grandes olhos castanhos, feito um cachorrinho.

— Flores, bufê, decoração...

Clary resmungou. Jace afagou seu cabelo.

— Você consegue — encorajou ele, e Clary pôde ouvir no tom de voz que ele estava sorrindo. — Eu acredito em você.

E foi assim que Clary foi parar na sala de música do Instituto, com os pingentes de gelo brilhantes de Magnus pingando em seu vestido verde. De vez em quando Magnus fazia algumas mudanças, e pétalas ilusórias de rosas sopravam pelo recinto. Alguns dos integrantes do bando de licantropes de Maia ajudaram a mover a harpa, o órgão e vários outros instrumentos para a sala vazia ao lado (a porta estava firmemente fechada agora, semioculta por uma cachoeira enfeitada de borboletas caindo).

Lembrava Clary um pouco da corte da Rainha Seelie, que se apresentou diferente em todas as vezes que a visitou, anos antes: gelo brilhando algumas vezes, veludo vermelho macio em outras. Ela sentiu uma leve pontada, não pela Rainha, que foi cruel e traiçoeira, mas pela magia das fadas. Desde a Paz Fria, eles nunca mais visitaram as Cortes do Reino das Fadas. O Central Park não era mais ocupado com danças em noites de lua cheia. Não dava mais para ver pixies e sereias nas águas do rio Hudson. Às vezes, tarde da noite, ela ouvia os ruídos solitários e agudos da Caçada Selvagem cavalgando pelo céu, pensava em Mark Blackthorn e sofria. Mas Gwyn e seu povo jamais se sujeitaram a qualquer lei, e o barulho da Caçada não substituíra a música das festas de fadas que outrora transbordava de Hart Island.

Ela havia conversado com Jace sobre o assunto, e ele concordava com ela, tanto como namorado, quanto como codiretor do Instituto: o mundo dos Caçadores de Sombras, sem o Povo das Fadas, perdia o equilíbrio. Caçadores de Sombras precisavam do Submundo. Sempre precisaram. Fingir que o Povo das Fadas não existia só causaria um desastre. Mas eles não eram o Conselho — apenas os líderes muito jovens de um único Instituto. Então esperavam e tentavam se preparar.

Certamente, Clary pensou, não havia outro Instituto — até onde ela sabia — que fosse fazer uma festa como aquela. Os alunos de Beatriz atuavam como garçons, carregando bandejas de canapés ao redor do recinto — os canapés foram oferecidos pela irmã de Simon, que gerenciava um restaurante no Brooklyn, e as travessas e talheres eram de peltre, não de prata, em homenagem aos lobisomens presentes.

Por falar em Submundo, Maia estava rindo em um canto, de mãos dadas com Morcego. Usava um vestido laranja ondulante, os cachos arrumados e o medalhão da Praetor Lupus brilhando em seu pescoço moreno.

Ela estava conversando com Luke, o padrasto de Clary, os óculos levantados na cabeça. Havia um pouco mais de grisalho em sua cabeça atualmente, mas os olhos continuavam brilhantes como sempre. Jocelyn havia se refugiado em um dos escritórios para ter uma longa conversa com Maryse Lightwood, potencial sogra de Simon. Clary não podia evitar imaginar se ela estava discursando sobre como os Lightwood tinham sorte de ter Simon na família e seria bom que não se esquecessem disso.

Julie Beauvale, a *parabatai* de Beatriz, passou por eles com uma bandeja de docinhos. Enquanto Clary observava, Lily, a líder do clã de vampiros de Nova York, pegou um doce da bandeja, deu uma piscadela para Morcego e Maia, e foi até o piano, passando por Simon, que conversava com os pais de Isabelle — Robert e Maryse Lightwood —, pelo caminho. Simon usava um terno cinza e parecia nervoso o bastante para saltar da própria pele.

Jace estava tocando, seu blazer de veludo permanecia pendurado no encosto da cadeira, as mãos esguias dançando sobre as teclas do piano. Clary não pôde deixar de se lembrar da primeira vez que o viu no Instituto, tocando piano, de costas para ela. *Alec?*, ele dissera. *Alec, é você?*

A expressão de Jace estava focada e séria, do jeito que só ficava quando fazia alguma coisa que considerava digna de toda a sua concentração — lutando, tocando música ou beijando. Ele levantou os olhos, como se pudesse sentir o olhar de Clary, e sorriu para ela. Mesmo depois de todo esse tempo, ele ainda a fazia sentir calafrios na espinha.

Clary tinha um orgulho imenso dele. Eles ficaram tão surpresos quanto todo

mundo quando o Conclave os elegeu como os novos diretores do Instituto após a saída de Maryse. Tinham apenas 19 anos, e ela presumiu que Alec ou Isabelle fossem assumir, mas ambos recusaram. Isabelle queria viajar, e Alec estava envolvido com a Aliança entre Caçadores de Sombras e seres do Submundo que estava criando.

Eles podiam recusar, Clary disse a Jace na época. Ninguém poderia obrigá-los a dirigir um Instituto, e eles tinham planejado viajar o mundo juntos enquanto Clary pintava e Jace combatia demônios em locais inusitados. Mas ele queria. Ela sabia que, no coração dele, esta era uma forma de retribuir pelas pessoas que perderam na guerra, que não conseguiram salvar. Pela sorte que tiveram em passar por tudo aquilo com todas as pessoas que amavam praticamente ilesas. Pelo fato de que o mundo havia lhe presenteado com Alec, Isabelle e Clary, quando ele achava que jamais teria um melhor amigo, uma irmã e que jamais se apaixonaria.

Dirigir o Instituto era um trabalho difícil. Exigia todas as capacidades de encanto de Jace e o instinto de Clary para manter a paz e firmar alianças. Sozinhos, nenhum dos dois conseguiria, mas, juntos, a determinação de Clary equilibrava a ambição de Jace, seu conhecimento do mundo mundano e seus aspectos práticos, o ancestral sangue e treinamento Nephilim de Jace. Ele sempre foi o líder natural do grupo deles, um estrategista comprovado, excelente em conseguir perceber quem seria bom em quê. Clary era a que tranquilizava os assustados, assim como a que finalmente instalou um computador na Sala de Estratégia.

Lily sussurrou algo no ouvido de Jace, provavelmente pediu alguma música — ela morreu nos anos 1920 e vivia pedindo jazz —, antes de girar em seus saltos vermelhos e se dirigir a um cobertor que estava aberto em um canto da sala. Magnus estava sentado nele, seu filho Max, um feiticeiro de 3 anos com pele azul-marinho, encolhido ao seu lado. Também no cobertor encontrava-se um menino de 5 anos, um Caçador de Sombras, com cabelos pretos emaranhados, que alcançava um livro que Magnus lhe estendia com um sorriso tímido.

Beatriz de repente apareceu ao lado de Clary.

— Onde está Isabelle? — sussurrou.

— Ela quer fazer uma entrada impactante — sussurrou Clary de volta. — Ela está esperando todo mundo chegar. Por quê?

Beatriz lhe lançou um olhar expressivo e inclinou a cabeça para a porta. Segundos mais tarde, Clary a estava seguindo pelo salão, levantando a saia do vestido para não tropeçar na batinha. Ela se viu no espelho da parede do corredor, o vestido verde da cor de um caule de flor.

Jace gostava quando ela usava verde, combinava com seus olhos, mas houve um tempo em que a cor a incomodou. Ela não conseguia vê-la sem pensar em seu irmão, Jonathan, cujos olhos ficaram verdes ao morrer.

Quando ele era Sebastian, tinha olhos pretos. Mas isso foi há muito tempo.

Beatriz a levou até a sala de jantar, que estava cheia de flores. Tulipas holandesas, Clary tinha certeza. Estavam empilhadas nas cadeiras, na mesa, na bancada.

— Acabaram de entregar — disse Beatriz, com um tom trágico, como se fosse um cadáver, e não flores.

— Tudo bem, qual é o problema? — falou Clary.

— Isabelle é alérgica a tulipas — disse uma voz nas sombras. Clary deu um pulo. Alec Lightwood estava sentado em uma cadeira na ponta da mesa, com uma camisa branca para fora da calça social preta, e segurava uma tulipa amarela. Ele estava ocupado arrancando pétalas com sua mão de dedos longos.

— Beatriz, posso falar com Clary um instante?

Beatriz fez que sim com a cabeça, parecendo aliviada por entregar o problema a outra pessoa, e se retirou.

— O que houve, Alec? — perguntou Clary, dando um passo em direção a ele. — Por que você está aqui, e não com o restante dos convidados?

— Minha mãe disse que talvez a Consulesa apareça — respondeu ele sombriamente.

Clary o encarou.

— E? — falou. Não era como se Alec fosse um criminoso procurado.

— Você sabe sobre Rafe, certo? — perguntou ele. — Quero dizer, sobre os detalhes.

Clary hesitou. Há alguns meses Alec tinha sido enviado a Buenos Aires para averiguar alguns ataques de vampiros. Enquanto estava lá, encontrou um menino Caçador de Sombras de 5 anos, um sobrevivente da destruição do Instituto de Buenos Aires durante a Guerra Maligna. Ele e Magnus viajaram de Portal para a Argentina muitas vezes, sem contar a ninguém o que estavam fazendo, até que um dia apareceram em Nova York com um menino magrinho e de olhos arregalados e anunciaram a sua adoção. Ele seria filho deles e irmão de Max.

Chamaram-no de Rafael Santiago Lightwood.

— Quando encontrei Rafe, ele estava morando na rua, morto de fome — disse Alec. — Roubando comida de mundanos, tendo pesadelos porque tinha Visão e enxergava monstros. — Mordeu o lábio. — A questão é que nos deixaram adotar Max porque ele é do Submundo. Ninguém o queria. Ninguém se importava. Mas Rafe é um Caçador de Sombras e Magnus... não. Não sei como o Conselho vai se sentir em relação a um ser do Submundo criando uma



criança Nephilim, principalmente quando estão desesperados por novos Caçadores de Sombras.

— Alec — falou Clary com firmeza —, não vão tirar Rafe de vocês. Não vamos deixar.

— *Eu* não vou deixar — garantiu Alec. — Eu mataria todos eles antes disso. Mas isso seria estranho e arruinaria a festa.

Clary teve uma imagem mental breve, porém vívida, de Alec atirando nos convidados com seu arco e flecha enquanto Magnus os matava com fogo mágico. Ela suspirou.

— Você tem algum motivo para acreditar que vão levar Rafe? Recebeu algum sinal, alguma reclamação do Conselho?

Alec balançou a cabeça.

— Não. É que... você conhece esse Conselho. A Paz Fria significa que estão irritáveis o tempo todo. E, apesar de haver seres do Submundo no Conselho agora, não confiam neles. Às vezes, acho que estão piores do que eram antes da Guerra Maligna.

— Não vou dizer que está errado — falou Clary. — Mas posso dar uma sugestão?

— A sugestão é envenenar a bebida? — perguntou Alec, com ansiedade preocupante.

— Não — respondeu Clary. — Eu só ia dizer que você talvez esteja direcionando a sua ansiedade para o lugar errado.

Alec pareceu confuso. Termos psicológicos mundanos nem sempre eram compreendidos por Caçadores de Sombras.

— Você está preocupado porque um filho é assunto sério e isso tudo aconteceu muito de repente — disse Clary. — Mas Max também foi repentino. E você e Magnus são ótimos pais. Vocês se amam muito, e isso só significa que têm mais amor para dar. Você jamais deve se preocupar com a hipótese de não ter amor suficiente para quantos filhos quiser ter na vida.

Os olhos de Alec brilharam por um instante, azul luminoso sob cílios pretos. Ele se levantou e foi até onde Clary estava perto da porta.

— Garota sábia — falou ele.

— Você nem sempre me achou sábia.

— Não, eu a achava uma peste, mas agora a conheço bem. — Ele deu um beijo na cabeça dela e passou pela porta, ainda segurando a tulipa.

— Jogue isso fora antes de chegar à sala de música! — gritou Clary para ele, imaginando Isabelle caída no chão, cheia de urticária.

Ela suspirou e fixou o olhar nas tulipas. Supunha que ainda fosse possível ter uma festa sem flores. Mesmo assim...

Bateram à porta. Uma menina com um vestido de retalhos de seda com longos cabelos castanhos trançados em volta da cabeça. Rebecca, a irmã de Simon.

— Posso entrar? — perguntou ela, abrindo a porta. — Uau, tulipas!

— Isabelle é alérgica a tulipas — falou Clary, pesarosa. — Aparentemente.

— Que pena — disse Rebecca. — Pode falar um segundo?

Clary fez que sim com a cabeça.

— Certamente, por que não?

Rebecca entrou e se sentou na beira da mesa.

— Eu queria agradecer — disse ela.

— Pelo quê?

— Por tudo. — Rebecca olhou em volta, assimilando os retratos de Caçadores de Sombras ancestrais, com motivos de anjos e espadas cruzadas. — Eu ainda não sei muito sobre essa coisa de Caçadores de Sombras. Simon não pode me contar muito. Não sei, de fato, qual é o trabalho dele...

— Ele é um Recrutador — respondeu Clary, sabendo que isso não significaria nada para Rebecca, mas ela sentia orgulho de Simon. Tudo que aconteceu com ele foi difícil, doloroso, desafiador (ser um vampiro, perder a memória, tornar-se Caçador de Sombras, perder George), mas ele transformou isso em uma maneira de ajudar as pessoas. — Perdemos muitos Caçadores de Sombras na guerra há cinco anos. E desde então estamos tentando arrumar novos. Os melhores candidatos são mundanos que têm sangue de Caçador de Sombras, o que frequentemente significa que eles não sabem que são Caçadores de Sombras, mas têm Visão. Conseguem ver vampiros, lobisomens, magia, coisas que podem fazer com que a pessoa pense que está enlouquecendo. Simon conversa com eles, conta sobre como é se tornar Caçador de Sombras, por que é difícil e por que é importante.

Clary sabia que provavelmente não devia dizer nada disso a uma mundana. Por outro lado, ela provavelmente não deveria sequer deixar que Rebecca entrasse no Instituto, quanto mais contratá-la para cuidar do bufê. Mas quando Clary e Jace assumiram o Instituto, juraram um para o outro que seriam um tipo diferente de guardiões.

Afinal de contas, Clary e Simon também foram “mundanos” que não deveriam entrar no Instituto.

Rebecca estava balançando a cabeça.

— Certo, eu não entendo nada disso. Mas meu irmãozinho é importante, não é?

Clary sorriu.

— Ele sempre foi importante para mim.

— Ele está muito feliz — disse Rebecca. — Com a vida dele, com Isabelle. E tudo isso é graças a você. — Ela se inclinou para a frente e falou em um sussurro conspiratório. — Quando você e Simon se tornaram amigos e ele a trouxe para casa da escola, minha mãe me disse: “essa menina vai trazer magia à vida dele.” E você trouxe.

— Literalmente — respondeu Clary. Rebecca permaneceu impassível. Ah, céus, Jace teria rido. — Quero dizer, que bom, e fico muito feliz. Você sabe que amo Simon como um irmão...

— Clary! — Clary levantou o olhar, alarmada, temendo ser Isabelle, mas se enganou: era Lily Chen, com Maia Roberts. A líder do clã de vampiros de Nova York e a líder do bando de lobisomens de Nova York, juntas.

Não que fosse incomum vê-las juntas: eram amigas. Mas eram também aliadas políticas que frequentemente se viam em polos opostos de uma discussão.

— Oi, Rebecca — cumprimentou Maia. Ela acenou, e o seu anel de bronze brilhou. Ela e Morcego tinham trocado anéis de compromisso havia algum tempo, mas nada era oficial. Maia era a alfa dos lobisomens de Manhattan, encarregada de reconstruir a Praetor Lupus e estudando para conseguir sua licenciatura em Administração. Era extremamente competente.

Lily olhou sem interesse para Rebecca.

— Clary, precisamos falar com você — disse. — Tentei conversar com Jace, mas ele está tocando piano, e Magnus e Alec estão ocupados com aquelas pequenas criaturas.

— Crianças — respondeu Clary. — São crianças.

— Eu *informei* Alec de que precisávamos de assistência e ele mandou falar com você — disse Lily, soando irritada.

Ela gostava de Alec, do jeito dela. Ele foi o primeiro Caçador de Sombras a, de fato, ceder e trabalhar com ela e Maia, unindo seu conhecimento Nephilim às habilidades do Submundo delas. Quando Jace e Clary assumiram o Instituto, eles também entraram nessa estranha aliança; Isabelle e Simon participavam quando podiam, e Clary tinha armado uma Sala de Estratégia para eles, cheia de mapas e planos, e importantes contatos em caso de emergência.

E havia muitas emergências. A Paz Fria significava que partes de Manhattan que pertenciam ao Povo das Fadas foram arrancadas deles, e outros grupos do Submundo lutavam pelos restos. Muitas foram as noites em que Clary e Jace, junto a Alec, Lily e Maia, se sentaram tentando acertar algum detalhe da trégua entre vampiros e licantropes ou conter algum plano de vingança antes mesmo que pudesse começar. Magnus tinha até criado feitiços especiais para que Lily pudesse entrar no Instituto apesar de ser terreno sagrado, coisa que Jace disse

que, até onde sabia, jamais tinha sido feita para qualquer outro vampiro.

— É sobre o High Line — contou Maia. High Line era um parque público construído no alto de uma linha de trem descontinuada no centro, que recentemente tinha sido aberto ao público.

— O *High Line*? — repetiu Clary. — Como assim, vocês de repente estão interessadas em projetos urbanistas?

Rebecca acenou para Lily.

— Oi, eu sou Rebecca. Seu delineador é incrível.

Lily ignorou.

— Por causa da elevação, é um novo território de Manhattan — explicou ela —, portanto, não pertence aos vampiros nem aos licantropes. Ambos os clãs estão tentando se apossar dele.

— Realmente precisamos discutir isso agora? — perguntou Clary. — É a festa de noivado de Isabelle e Simon.

— Ah, meu Deus! — Rebecca se levantou de um pulo. — Esqueci! A apresentação de slides!

Ela saiu correndo, e Clary ficou observando.

— Apresentação de slides?

— Soube que em eventos como este é tradicional humilhar os noivos com fotos da infância de cada um — explicou Lily. Clary e Maia a encararam. Ela deu de ombros. — O que foi? Eu assisto à TV.

— Veja, eu sei que não é um bom momento para incomodá-la com isso — disse Maia —, mas a questão é a seguinte: aparentemente tem um grupo de licantropes e outro de vampiros se enfrentando lá agora. Precisamos da ajuda do Instituto.

Clary franziu o rosto.

— Como vocês sabem o que está acontecendo?

Maia levantou o telefone.

— Acabei de falar com eles — respondeu sucintamente.

— Me dê aqui — falou Clary, sombria. — Tudo bem, com quem vou falar?

— Leila Haryana — disse Maia. — Ela é do meu bando.

Clary pegou o telefone, apertou o botão de rediscagem e esperou até a voz da menina atender do outro lado.

— Leila — disse. — Aqui quem fala é Clarissa Fairchild, do Instituto. — Fez uma pausa. — Sim, a diretora do Instituto. Sou eu. Olha, sei que está no High Line. Sei que está prestes a combater um clã de vampiros. Preciso que pare com isso.

Gritos indignados se seguiram. Clary suspirou.

— Os Acordos ainda são os Acordos — continuou. — E isso é uma

transgressão. Segundo, hum, a seção sete, parágrafo 42, vocês devem levar disputas territoriais ao Instituto mais próximo antes de lutarem.

Mais discussão em voz baixa.

Clary cortou.

— Diga aos vampiros o que falei. E estejam aqui no Santuário amanhã cedo.

— Ela pensou no champanhe na sala de música. — Talvez não tão cedo. Cheguem às onze, dois vampiros e dois licantropes, e vamos resolver isso. Se não o fizerem, serão considerados inimigos do Instituto.

Ela concordou, resmungando.

Clary parou.

— Certo — falou. — Então tá. Tenha um bom dia.

Desligou.

— Tenha um bom dia? — disse Lily, erguendo as sobrancelhas.

Clary resmungou, devolvendo o telefone a Maia.

— Sou péssima em me despedir.

— Qual é o parágrafo 42 da seção sete? — perguntou Maia.

— Não faço ideia — respondeu Clary. — Eu inventei.

— Nada mal — admitiu Lily. — Agora vou voltar para a sala de música e avisar Alec que na próxima vez que precisarmos dele, é bom que ele atenda ou posso acabar mordendo alguma daquelas crianças dele.

Ela saiu, girando a saia.

— Eu vou impedir que esse desastre aconteça — falou Maia apressadamente.

— Até mais tarde, Clary!

Ela partiu, deixando Clary apoiada contra a grande mesa no meio do recinto, respirando fundo, se acalmando. Ela tentou se imaginar em um local plácido, talvez na praia, mas isso só a fez pensar no Instituto de Los Angeles.

Ela e Jace foram para lá um ano após a Guerra Maligna para ajudar a restabelecer o local — foi o Instituto que mais sofreu com os ataques de Sebastian. Emma Carstairs os ajudou em Idris, e Clary sentiu um senso de proteção em relação à menininha loura. Eles passaram um dia organizando livros na nova biblioteca, e depois Clary levou Emma para a praia, para olharem conchas e vidro marinho. Emma estava fazendo uma pulseira. Mas se recusou a entrar na água e, até mesmo, a passar muito tempo olhando para ela.

Clary havia perguntando se estava tudo bem.

— Não é comigo que me preocupo — respondera Emma. — É Jules. Eu faria qualquer coisa para ele ficar bem.

Clary a olhou longamente, mas Emma, observando o pôr do sol ardendo em vermelho e laranja, não viu.

— Clary! — A porta abriu explosivamente outra vez. Finalmente era Isabelle,

radiante com um vestido de seda lilás e sandálias brilhantes. Assim que entrou, começou a espirrar.

Clary se sentou ereta.

— Pelo Anjo... — O epíteto Nephilim agora vinha sem pensar, quando outrora parecia uma frase estranha. — Vamos.

— *Tulipas* — disse Isabelle com a voz engasgada enquanto Clary a levava para o corredor.

— Eu sei — retrucou Clary, abanando a amiga e pensando se um símbolo de cura ajudaria com as alergias. Isabelle espirrou de novo, os olhos se enchendo de lágrimas. — Sinto *tanto*...

— Dão ézua gulba — disse Isabelle, o que Clary traduziu do alergiês como *não é sua culpa*.

— Mas é!

— Pffbt — disse Isabelle sem elegância, e acenou com a mão. — Dão zi breogubi. Já vai belhorar.

— Eu encomendei rosas — explicou Clary. — Juro que encomendei. Não sei o que aconteceu. Vou até a floricultura matá-los amanhã. Ou talvez Alec faça isso. Ele está com um instinto assassino hoje.

— Nada está arruinado — falou Isabelle, com a voz normal. — E ninguém precisa morrer. Clary, eu vou me casar! Com Simon! Estou *feliz*! — Ela se alegrou. — Eu achava que havia fraqueza em entregar seu coração a alguém. Achava que poderiam partir meu coração. Mas agora já sei. E é graças a Simon, mas também a você.

— Como assim graças a mim?

Isabelle deu de ombros, timidamente.

— É que você ama muito. Com tanta vontade. Você oferece tanto. E isso sempre a deixou mais forte.

Clary percebeu que estava com os olhos lacrimejando.

— Sabe, casar com Simon significa que vamos ser irmãs, basicamente, certo? A pessoa que se casa com seu *parabatai* não é como se fosse sua irmã?

Isabelle a abraçou. Por um instante ficaram abraçadas no corredor escuro. Clary não pôde deixar de se lembrar dos primeiros gestos amistosos que ela e Isabelle realmente tiveram uma com a outra, agora há tanto tempo, ali nos corredores do Instituto. *Não fiquei preocupada só com Alec. Mas com você também.*

— Por falar em amor e em coisas relacionadas ao amor — disse Isabelle com um sorriso travesso, afastando-se de Clary —, que tal um casamento duplo? Você e Jace...

O coração de Clary parou. Ela nunca teve talento para esconder suas

expressões ou sentimentos. Isabelle olhou para ela, confusa, prestes a perguntar alguma coisa — provavelmente se havia algo errado — quando a porta da sala de música reabriu, e luz e música transbordaram para o corredor. A mãe de Isabelle, Maryse, se inclinou para fora.

Ela estava sorrindo, claramente feliz. Clary ficou contente em ver isso. Maryse e Robert finalizaram o divórcio depois da Guerra Maligna. Robert se mudou para a casa do Inquisidor em Idris. Maryse continuou em Nova York para dirigir o Instituto, mas ficou feliz em entregá-lo a Clary e Jace alguns anos depois. Continuou em Nova York, supostamente para ajudá-los caso não dessem conta, mas Clary desconfiou que era para ficar mais perto dos filhos — e do neto, Max. Havia mais branco em seu cabelo agora do que o que Clary se lembrava quando a conheceu, mas tinha a coluna ereta; a postura ainda era de Caçadora de Sombras.

— Isabelle! — chamou ela. — Estão todos esperando.

— Ótimo — disse Isabelle —, assim minha entrada será impactante! — E deu o braço para Clary antes de seguir pelo corredor. As luzes brilhantes da sala de música de repente estavam diante delas, e a sala cheia de pessoas se virando, sorrindo para vê-las na entrada.

Clary procurou Jace, como sempre fazia: o rosto dele era sempre o primeiro que ela via quando entrava em algum lugar. Ele continuava tocando, uma melodia leve, discreta, mas, quando ela entrou, ele deu uma piscadela.

O anel Herondale brilhou com a iluminação de dezenas de globos de luz em forma de estrela que pairavam pelo recinto: sem dúvida, obra de Magnus. Clary pensou em Tessa, que tinha lhe dado aquele anel para entregar a Jace, e desejou que ela estivesse ali. Ela sempre adorou ver Jace tocando piano.

Vibrações eclodiram quando Isabelle entrou. Ela olhou em volta, sorrindo, claramente confortável. Soprou um beijo para Magnus e Alec, onde estavam sentados com Max e Rafe, que assistia, confuso. Maia e Morcego assobiaram, Lily ergueu o copo, Luke e Rebecca sorriram, e Maryse e Robert observaram orgulhosos enquanto Isabelle avançava e pegava a mão de Simon.

O rosto de Simon ardeu de felicidade. Na parede atrás dele, a apresentação de slides que Rebecca havia mencionado continuava. Uma citação piscava na parede: *Casamento é como uma longa conversa que termina cedo demais.*

*Eca!* pensou Clary. Mórbido. Ela observou Magnus colocar a mão sobre a de Alec, que assistia à apresentação com Rafael no colo. Fotos de Simon — e bem menos fotos de Isabelle; Caçadores de Sombras não davam muita importância a fotos — piscavam, aparecendo e desaparecendo na parede branca atrás da harpa.

Lá estava Simon, bebê, nos braços da mãe — Clary desejou que ela estivesse aqui, mas o conhecimento de Elaine sobre os Caçadores de Sombras era nulo.

Até onde sabia, Isabelle era uma boa menina que trabalhava em um estúdio de tatuagem. E Simon, aos 6 anos, sorrindo com dois dentes faltando. Simon, adolescente, com seu violão. Simon e Clary, aos 10 anos, no parque, sob uma cachoeira de folhas cadentes de outono.

Simon olhou para a foto e sorriu para Clary, os olhos formando ruguinhas nos cantos; Clary tocou o antebraço direito, onde estava sua marca *parabatai*. Torceu para que ele conseguisse enxergar nos olhos dela tudo que ela estava sentindo: que ele era sua âncora, a base da sua infância e o farol de sua vida adulta.

Através de um borrão de lágrimas, ela percebeu que a música tinha cessado. Jace estava do outro lado da sala, sussurrando para Alec, a cabeça clara e a escura próximas. A mão de Alec tocava o ombro de Jace, e ele fazia um sinal afirmativo de cabeça.

Há muito tempo ela olhava para Jace e Alec e via melhores amigos. Ela sabia o quanto Jace amava Alec desde a primeira vez em que viu Alec ferido, e Jace — cujo autocontrole era quase assustador — desmoronara. Ela via como ele encarava qualquer um que dissesse alguma coisa ruim sobre Alec; os olhos cerrados, mortalmente dourados. E ela achava que entendia, pensava em *melhores amigos* como ela e Simon eram.

Agora que Simon se tornara seu *parabatai*, ela entendia muito mais. A forma como você ficava mais forte quando seu *parabatai* estava presente. A forma como eram um espelho que mostrava sua melhor forma. Ela não conseguia imaginar perder seu *parabatai*, não podia imaginar o inferno que seria.

*Mantenha-o seguro, Isabelle Lightwood*, ela pensou, olhando para Isabelle e Simon de mãos dadas. *Por favor, mantenha-o seguro.*

— Clary. — Estava tão perdida em pensamentos que não viu Jace se afastar de Alec e se aproximar. Ele estava atrás dela agora; conseguia sentir o cheiro da colônia com a qual o presenteara no Natal, o cheiro fraco do sabão e do xampu dele, sentiu a suavidade do blazer quando tocou o braço no dela. — Vamos...

— Não podemos escapar, a festa é nossa...

— Só um segundo — disse ele, com aquela voz baixa que fazia com que suas más ideias parecessem boas. Ela o sentiu dar um passo para trás e seguiu; estavam perto da porta da sala de estratégia, e entraram sem que ninguém notasse.

Bem, quase sem que ninguém notasse. Alec os observava e, quando Jace fechou — e trancou — a porta, ele lançou a Jace um gesto positivo com os polegares. O que deixou Clary bastante confusa, mas ela não pensou muito a respeito, basicamente porque Jace atravessou a sala com um olhar determinado, a pegou nos braços e a beijou.



Seu corpo todo cantou, como sempre fazia quando se beijavam. Ela jamais ficava entediada, cansada ou acostumada, não mais do que se imaginava cansando de belos sóis poentes, de músicas perfeitas ou de seu livro preferido.

Clary também não achava que Jace tinha se cansado dela. Pelo menos, não pelo jeito como a segurava, como se cada vez fosse a última. Normalmente era assim com ele. Clary sabia que ele tivera uma infância que o deixou inseguro em relação ao amor, e, de certa forma, frágil como vidro, e ela tentava levar isso em conta. Estava preocupada com a festa e os convidados lá fora, mas se sentiu relaxando no beijo, apoiando a mão na bochecha dele até se afastarem para respirar.

— Uau — disse ela, passando o dedo na clavícula dele. — Acho que todo esse romance e pétalas de flores caindo do céu tiveram um efeito e tanto em você, não?

— Shh. — Ele sorriu. Seus cabelos louros estavam bagunçados, os olhos, sonolentos. — Deixe-me viver o momento.

— Que momento é esse? — Ela olhou em volta, entretida. A sala estava pouco iluminada, quase toda a luz vinha das janelas e da luminosidade embaixo da porta. Dava para ver os formatos de instrumentos musicais, fantasmas pálidos cobertos por lençóis brancos. Um piano meia cauda se encontrava contra a parede atrás deles. — O momento de nos escondermos no armário enquanto a festa de noivado dos nossos amigos acontece?

Jace não respondeu. Em vez disso, ele a pegou pela cintura e a levantou, sentando-a sobre a tampa fechada do piano. Os rostos deles estavam na mesma altura; Clary o encarou, surpresa. Ele exibia uma expressão séria. Então se inclinou para beijá-la, com as mãos em sua cintura, os dedos agarrando o tecido do vestido.

— Jace — sussurrou ela. Seu coração estava acelerado. O corpo dele se inclinou, pressionando as costas de Clary contra o piano. Os sons de risos e música do lado de fora estavam ficando confusos; ela conseguia ouvir a respiração rápida de Jace e se lembrou do menino que ele foi um dia, na grama com ela, diante da mansão Wayland em Idris, quando eles se beijaram e se beijaram, e ela percebeu que o amor pode cortar como uma lâmina afiada.

Dava para sentir a pulsação dele. A mão de Jace deslizou para cima, acariciou a alça do seu vestido. Os olhos semicerrados brilhavam no escuro.

— Verde para colar nossos corações partidos — citou ele. Era parte de uma rima infantil Nephilim, uma que Clary conhecia bem. Os cílios dele tocaram a face de Clary, a voz quente em seu ouvido. — Você colou meu coração — sussurrou. — Juntou os cacos de um menino quebrado e irritadiço, e o transformou em um homem feliz, Clary.

— Não — disse ela, com a voz trêmula. — Você fez isso. Eu só... incentivei da arquibancada.

— Eu não estaria aqui sem você — confessou ele; as palavras suaves como música em seus lábios. — Não só você... Alec, Isabelle, até Simon... Mas você é o meu coração.

— E você o meu — retrucou ela. — Sabe disso.

Ele ergueu os olhos para os dela. Os dele eram dourados, firmes e lindos. Ela o amava tanto que suas costelas doíam quando respirava.

— Então aceita? — perguntou ele.

— Aceito o quê?

— Se casar comigo — falou ele.

O chão pareceu desabar sob seus pés. Ela hesitou, só por um segundo, mas pareceu uma eternidade; ela podia jurar que um punho espremia seu coração. E viu o princípio da confusão no rosto dele, então veio uma explosão e a porta explodiu em uma chuva de farpas.

Magnus entrou, parecendo perturbado, seus cabelos pretos arrepiados, e as roupas, amarrotadas.

Jace se inclinou para longe de Clary, mas só um pouco. Estava com os olhos cerrados.

— Eu perguntaria “não bate não?”, mas é evidente que não faz isso — censurou ele. — Mas estamos ocupados.

Magnus acenou, descartando o que Jace dissera.

— Já flagrei seus ancestrais fazendo coisa pior — disse ele. — Além do mais, é uma emergência.

— Magnus — disse Clary. — É bom que não seja sobre as flores. Ou o bolo.

Magnus desdenhou.

— Eu falei uma emergência. Isso é uma festa de noivado e não a Batalha da Normandia.

— A batalha de quê? — perguntou Jace, que não era muito bom em história mundana.

— O alarme ligado ao mapa disparou — disse Magnus. — O que marca a magia necromante. Houve uma explosão agora em Los Angeles.

— Mas eu ia fazer um discurso — disse Jace. — O apocalipse não pode esperar?

Magnus lhe lançou um olhar atravessado.

— O mapa não é tão exato, mas a explosão foi perto do Instituto.

Clary se endireitou, alarmada..

— *Emma* — disse ela. — E Julian. As crianças...

— Lembra que — disse Magnus — na última vez em que aconteceu, não foi

nada. Mas há algumas coisas que me preocupam. — Ele hesitou. — Existe uma convergência de Linhas Ley não muito longe de lá. Eu chequei e parece que algo aconteceu ali. A área está devastada.

— Você tentou Malcolm Fade? — perguntou Jace.

— Sem resposta. — Magnus meneou a cabeça.

Clary desceu do piano.

— Você contou para alguém? — perguntou ela. — Além da gente, quero dizer.

— Não quis arruinar a festa por um alarme falso — disse Magnus. — Então só contei...

Um Caçador de Sombras alto apareceu na entrada. Robert Lightwood, com uma bolsa no ombro: Clary viu os cabos de várias lâminas serafim no alto. Ele parou ao ver as roupas amarrotadas e as faces ruborizadas de Clary e Jace.

— A ele — emendou Magnus.

— Com licença — falou.

Jace parecia desconfortável. Robert também. Magnus estava impaciente. Clary sabia que ele não morria de amores por Robert, apesar de a relação ter melhorado depois que ele e Alec adotaram Max. Robert era um bom avô do jeito que nunca foi um bom pai: disposto a sentar no chão e rolar com Max, e agora com Rafe também.

— Será que podemos parar de ficar sem jeito com a vida sexual de Clary e Jace e ir? — perguntou Magnus.

— Isso depende de você — disse Clary. — Eu não posso fazer o Portal; não vi o mapa. É você que sabe para onde vamos.

— Detesto quando tem razão, docinho — disse Magnus em tom resignado, e esticou os dedos. Faíscas azuis iluminaram o recinto como vaga-lumes, um efeito estranhamente lindo que se abriu em um grande retângulo, um Portal brilhante através do qual Clary podia ver falésias, o brilho da lua na água e o movimento do mar.

Sentiu cheiro de água salgada e sálvia. Jace foi para perto dela, dando as mãos para Clary. Ela sentiu a leve pressão de seus dedos.

*Casa comigo, Clary.*

Quando voltassem, ela teria que responder. Estava morrendo de medo. Mas, por enquanto, eram Caçadores de Sombras acima de tudo. erguida, Clary atravessou o Portal.

\* \* \*

## Cena original de Julian e Emma na praia

Tradução de Manoela Alves

Emma rolou de costas e ficou olhando para Julian e para o céu atrás dele. Dava para ver um milhão de estrelas. Ele estava tremendo, a camisa preta e a calça jeans grudadas ao corpo, o rosto mais branco do que a lua.

— Emma? — ele sussurrou.

— Eu tinha que tentar...

— *Você não tinha que tentar sozinha!* — A voz dele pareceu ecoar da água. Seus punhos estavam cerrados junto ao corpo. — Por que ser *parabatai* se você vai sair por aí se arriscando sem mim?

— Não queria colocá-lo em perigo...

— Quase me afoguei no Instituto, Emma! Tossi água! Água que *you* engoliu!

Emma o encarou chocada. Começou a se apoiar nos cotovelos. Os cabelos, pesados e ensopados, se penduravam como um peso nas costas.

— Mas isso não é possível....

— Como não, Emma? — A voz dele pareceu explodir do corpo. — Somos ligados um ao outro, conectados: respiro quando você respira, sangro quando você sangra. Sou seu e você é minha. Você sempre foi minha, e eu sempre, *sempre* pertenci a você!

Emma jamais o ouvira dizer nada assim, nunca o ouvira falar desse jeito, jamais o vira tão perto de perder o controle.

— Não queria te machucar — disse ela. Começou a se sentar, alcançando-o. Julian a pegou pelo pulso.

— Está brincando? — Mesmo na escuridão, seus olhos azul-esverdeados

brilhavam. — Isso é uma brincadeira para você, Emma? Não consegue entender? — A voz dele se reduziu a um sussurro. — *Eu não vivo se você morrer!* E eu sequer iria *querer*, mesmo se pudesse.

— Também não iria querer viver sem você. — Os olhos de Emma analisaram o rosto dele. — Sinto muito, Jules. Sinto muito...

O rosto de Julian se contorceu. A parede que normalmente escondia a verdade nas profundezas dos olhos dele tinha ruído; ela enxergou o pânico ali, o desespero, o alívio que perfurou suas defesas.

Ele ainda segurava o pulso dela. Emma não sabia dizer se ela se inclinou para Julian primeiro, ou se ele a puxou. Talvez as duas coisas. Eles colidiram como estrelas, e então Julian a estava beijando.

Jules. Julian a estava beijando. À princípio, só o que Emma sentiu foi choque, a boca gelada de Julian contra a sua. E então sentiu seu gosto por baixo da água salgada: o gosto quente e ao mesmo tempo frio de açúcar e cravo, e foi como se algo dentro dela se iluminasse.

— Emma — Julian murmurou em seus lábios, sem afastar suas bocas. Os dois estavam emaranhados, molhados e frios e quentes e ardendo, tudo de uma vez. Julian se inclinou sobre Emma, beijando-a profunda e fervorosamente, suas mãos se enterrando em seus cabelos molhados. Seu peso sobre Emma a pressionava contra a areia.

Emma agarrou os ombros de Julian e pensou no momento desconcertante em que ele a tirou da água, quando não sabia ao certo que era ele. Julian estava forte, e maior do que Emma se lembrava, e então ela se permitiu saber, apesar de cada beijo desbotar as memórias do menino que Julian havia sido.

Aquilo não era como nada que já tivesse experimentado. Seus lábios se abriram e sua cabeça se inclinou para trás. Julian deslizou uma das mãos por sua nuca, abrindo os dedos em seus cabelos, embalando-a enquanto acariciava sua boca com a língua, como um arco em um violino, despertando cada uma de suas terminações nervosas.

Então é assim que deveria ser, o que um beijo deveria ser, o que *tudo* isso deveria ser. *Assim*.

O corpo de Emma tremia. Ela se agarrou em Julian, em seus ombros, seus braços, com os dedos percorrendo sua pele, puxando-o ainda mais contra si. Julian gemeu em sua boca quando Emma alcançou a barra de sua camisa molhada e a rasgou pela gola.

Os olhos de Julian se estreitaram, ardendo na escuridão, famintos.

— Emma, Deus... — suspirou, com a voz engasgada, então a puxou para baixo de si novamente, apertando-a contra o próprio corpo como se pudesse unir um ao outro, torná-los um só.

Suas mãos percorreram a parte de trás da blusa de Emma e ela se afastou apenas o suficiente para ajudar Julian a tirá-la. E então os dois estavam se beijando outra vez, ainda mais fervorosamente agora que podiam sentir a pele um do outro. Emma não conseguia parar de tocá-lo, suas mãos percorrendo as costas e a cintura de Julian, sentindo as curvas e depressões de seus músculos, as saliências de sua coluna.

E Julian a tocava também. Emma olhou para onde as mãos de Julian tocavam sua cintura, sem acreditar que aquilo estava realmente acontecendo, que era Julian tocando-a, seu Julian. Os longos dedos de Julian deslizaram até as suas costas, acariciando-a, e ele se atrapalhou com o fecho do sutiã até finalmente conseguir abri-lo e deslizá-lo pelos ombros de Emma, que o atirou ao chão. Ele caiu na areia molhada enquanto os dois se encaravam.

As pupilas de Julian estavam dilatadas, escurecendo seus olhos até à cor do oceano à noite. Seus olhos pareciam devorar Emma e ela o encarava de volta: Julian estava lindo à luz da lua, grande, macio e musculoso... Quando foi que aquilo aconteceu?

— Você é linda, Emma — disse ele. — Tão linda...

Emma abriu os braços e Julian se aproximou. Seus seios pressionaram o peito de Julian conforme ele a abraçava, as mãos dele acariciando cada vez mais suas costas. Lentamente Julian a deitou na areia. Alcançou a camisa dela sem interromper o beijo e a colocou sob Emma como um travesseiro. Algo na ternura do gesto, um suave brilho de gentileza em meio à ferocidade inebriante que eles compartilhavam, a fez querer chorar.

— Jules — sussurrou Emma. De alguma forma Emma tirou o jeans molhado sem se afastar de Julian e a areia arranhou suavemente seus pés descalços. Afastou as pernas, abrindo espaço para Julian. Ele beijou o pescoço de Emma, seu hálito quente sobre a pele dela. Enrolando os cachos de Julian nos dedos, Emma observou maravilhada o céu acima deles, girando com estrelas brilhantes e frias, e pensou que isso não podia estar acontecendo. As pessoas não conseguem de repente o que sempre quiseram e como sempre quiseram.

Julian alcançou a bainha da própria calça e Emma o ajudou como pôde, com areia arranhando seus cotovelos conforme se movia. Se fosse qualquer outra pessoa ali, isso a teria incomodado, mas não havia espaço em sua mente para nada além de Julian. Ela o encarou: Julian estava apoiado em um dos braços, o cabelo molhado caindo sobre a testa em cachos escuros. O luar iluminava seus cílios, cada um tão escuro e longo quanto longos traços de uma caneta. Cicatrizes desbotadas marcavam seus ombros nus. Julian era ainda mais lindo do que o céu.

Julian chutou a calça para longe e se voltou para Emma, deslizando as mãos

embaixo dela para envolver suas costas. Ele beijou sua clavícula e o espaço entre os seios, e ela arqueou os quadris. Emma podia sentir a excitação de Julian contra suas coxas, e quando seus corpos se uniram, Julian soltou um gemido engasgado, como se algo dentro dele tivesse se partido.

— Você quer parar? — Emma perguntou, receosa.

— Nunca, jamais. — Os olhos de Julian estavam semicerrados. — Você tem certeza?

— Sim — gemeu Emma. — Sim.

Julian pareceu cabisbaixo.

— Não posso — ele disse baixinho, com sinceridade. — Não *posso*. — E sua boca encontrou a de Emma, tremendo, incerta. Emma o beijou até tirar-lhe o fôlego, até ela mesma perder o fôlego, e até que Julian se movesse contra ela, incansável e descontrolado. As últimas peças de suas roupas foram descartadas. A pele de Julian era quente sobre a de Emma, como se ele estivesse com febre. Emma o ouviu sussurrar seu nome.

Só havia moléculas de ar entre os dois agora e Emma envolveu a cintura de Julian com as pernas. Julian arfou e seu corpo se moveu instintivamente, e então não havia mais nada entre eles, porque Julian estava dentro dela agora.

Eles pararam, se encarando, imóveis. Julian mordida o lábio. Seu rosto estava corado e os olhos, brilhantes. Parecia chocado e surpreso e maravilhado e desesperado.

— Emma... por Deus, Emma, eu — engasgou, e suas palavras se perderam no ar enquanto seu corpo se movia sobre o de Emma.

Emma agarrou os ombros de Julian com força, e seu corpo se moveu junto ao dele. Não pôde evitar, mas também o estava encarando, e Emma nunca havia feito isso de olhos abertos antes. Sempre os fechava, mas dessa vez era diferente. Dessa vez era *Julian*. Não Jules, não seu doce menino Jules. Este era alguém diferente, alguém que arquejava de prazer, que enterrava o rosto em seus cabelos, que apertava seu corpo forte o bastante para deixar marcas. Emma queria que Julian deixasse marcas, hematomas até. E esperava que durassem dias. Porque estava tentando memorizá-lo, tentando memorizar a aparência dele ali, acima dela, contornado pelas estrelas, o cabelo no rosto, os olhos semicerrados, as linhas de preocupação que sempre cercavam seus lábios desfeitas pelo prazer.

Mas não conseguiu. Não conseguiu manter a imagem em sua mente. Sua atenção estava fragmentada, e Emma não conseguia se concentrar, os pensamentos escapando da mente como espuma marinha se dissolvendo no ar. Ondas de prazer percorriam suas veias e ela cravava as unhas nas costas de Julian, ofegando, buscando por ar, tentando trazê-lo ainda mais para si. E então o

mundo explodiu em pequenos pedaços brilhantes, um caleidoscópio quebrado, e Emma finalmente fechou os olhos e deixou cores jamais vistas colorirem o interior de suas pálpebras. Como se a distância, Emma ouviu Julian gemer e o sentiu desabar sobre ela, beijar seus ombros, acariciar seu pescoço.

O coração de Julian ainda estava acelerado, batendo contra o de Emma. Ela o amava tanto que parecia que seu peito ia rachar.

Emma queria dizer isso a Julian, mas as palavras ficaram presas em sua garganta.

— Você está pesado — foi o que disse, sussurrando entre os cabelos dele.

Julian riu e rolou para o lado, puxando-a com força para si. Emma relaxou, aquecida pelo corpo de Julian. Ele se abaixou, pegou sua camisa de flanela ainda seca e os cobriu. Não era muito, mas Emma se encolheu embaixo dela, rindo. Julian a beijou no rosto, depositando beijos inebriados em suas bochechas, no queixo, no nariz.

Emma repousou a cabeça em seus braços. Jamais se sentira tão feliz. Julian havia parado de beijar o rosto dela e a encarava, a cabeça apoiada em uma das mãos. Parecia desnortado, com os olhos azul-esverdeados semicerrados. Seus dedos traçavam círculos no ombro nu de Emma.

Emma pensou: *Eu te amo, Julian Blackthorn. Eu te amo mais do que a luz das estrelas.*

O ar estava frio, mas Emma estava aquecida naquele pequeno círculo com Julian, escondida pela vegetação e pelas rochas, enrolada na camisa de flanela que tinha o cheiro dele. As mãos de Julian acariciavam seus cabelos.

— Shh. Durma.

Emma fechou os olhos.



# Estrelas Flamejantes Tradução de Manoela Alves

*Eles costumavam dormir abraçados sob o cobertor de Kieran, feito de um tecido espesso que estava sempre quente. Certa noite, eles pararam no topo de uma colina, em um lugar verde ao norte. Havia um monte de pedras coroando a colina, algo construído por mundanos mil anos atrás. Mark se recostou na lateral da construção e olhou do alto para o país verde, brilhando na escuridão, até o mar distante. O mar, ele pensou, era o mesmo em todo lugar, o mesmo mar que quebrava nas encostas do lugar em que ele ainda pensava como seu lar...*

Do topo da Mynydd Mawr era possível ver o mar da Irlanda. Em algum lugar daquele oceano, Mark pensou, estava o país onde cresceu, e ao longe da costa oeste estava Los Angeles, o local onde seus irmãos e irmãs viviam.

O cume da montanha estava coberto de uma grama baixa e verde, e o pico levava a longas encostas de cascalho que alcançavam mais paisagens naturais: uma longa colcha de retalhos de vegetações verdes pontilhadas por pequenas linhas cinzentas das paredes de pedra dos agricultores. O cavalo de Kieran, Lança do Vento, estava comendo grama no topo da montanha, enquanto a montaria de Mark pastava em busca de aventuras, o que Mark duvidava que ela fosse encontrar nas esquinas tranquilas do País de Gales.

Nuvens carregadas cruzavam o céu, baixas e escuras, prometendo um temporal. Mark olhou para Kieran, que estava trabalhando em um abrigo para eles. Kieran tinha forrado duas capas — capas da Caçada Selvagem eram feitas de um material resistente e impermeável — em uma caverna de pedras parcialmente destruída.

Mark o viu forrar outra capa dentro da caverna, em cima da grama e da terra batida. Seus gestos eram gestos de fada: comedidos e graciosos. À luz prateada

da chuva, sua pele parecia tingida de prata, destacando os ossos proeminentes do rosto e das mãos. Quando piscou, seus cílios pretos e azulados refletiram a luz.

Como as de Mark, as roupas de Kieran estavam gastas e surradas. Havia buracos em sua camisa de linho, através dos quais Mark podia ter vislumbres de sua pele. Mark sentiu as bochechas corarem. Não sabia por que havia pensado nisso ou por que estava olhando para Kieran daquela forma. Kieran era seu amigo, apenas isso. E um amigo improvável e imprevisível. Era frequentemente lembrado que o status de realeza de Kieran fez a vida deles na Caçada Selvagem um pouco mais fácil. Se estivesse sozinho, não seria autorizado a se afastar do grupo principal e montar acampamento nesta colina esta noite. Teria que comparecer à festa onde o restante da Caçada estava, junto aos goblins, pixies e outras criaturas locais. Mas o desejo de Kieran por privacidade foi respeitado, tanto quanto a Caçada respeitava qualquer coisa.

Kieran estava rabugento, seu humor mudando com a mesma frequência da cor de seus cabelos. Ele era como a água onde sua mãe nixie havia vivido: algumas vezes, doce e generoso, e outras, feroz e tempestuoso. Não que Mark o culpe por ser infeliz na Caçada, apesar de Kieran não ter deixado para trás uma família afetuosa como Mark.

— Venha aqui. — Kieran esticou a mão. — Ou você planeja mergulhar na água da chuva?

— Um banho não faria mal. — A pele de Mark começava a pinicar com as primeiras gotas de chuva.

— Você está limpo o bastante — afirmou Kieran. Mark supôs que fosse verdade. Os dois se banharam no lago Cwellyn mais cedo. Mark adorava ver Kieran nadar. Era possível ver a água das fadas em seu sangue quando ele mergulhava, rápido e elegante como uma lontra, ou quando emergia e chacoalhava gotas prateadas dos cabelos.

A chuva caiu e Mark correu para se abrigar na caverna improvisada de Kieran. Era maior do que ele imaginara, e Kieran tinha acendido uma pequena fogueira ao final. A fumaça subiu por uma abertura entre as rochas. Mark podia sentir a umidade da terra mesmo com o cobertor, mas as capas repeliam a chuva.

— Acho que esse local costumava ser um cemitério — comentou Kieran, olhando ao redor. — Um local onde enterravam os mortos.

Mark fingiu um tremor e Kieran lhe lançou um olhar curioso. Fadas achavam a morte interessante porque só acontecia quando elas tinham centenas de anos. Morte em batalha era diferente: respeitada, não entediante. Eles, de fato, não entendem o conceito de “mórbido”.

Mark se deitou nos cobertores e repousou as mãos em cima da barriga. Podia sentir a própria pulsação sobre o estômago, logo abaixo das costelas. Era um

sentimento que associava à fome, ao clamor do apetite, mas ele e Kieran haviam comido mais cedo naquele mesmo dia, e ainda havia pão no alforje de Lança do Vento.

— Você está bem? — Nas sombras, os olhos de Kieran estavam ambos prateados, a luz refletindo deles como espelhos. Seus cabelos estavam emaranhados, na altura da mandíbula. Ele mesmo os havia cortado usando um lago como espelho, não muito tempo atrás. Mark desejava tocá-los, ver se eram tão volumosos e macios quanto pareciam.

Precisava parar com esses pensamentos sobre Kieran. Mark já havia visto Kieran beijar rapazes e moças nas festas, e às vezes fazer até mais. Mas não era essa a questão. Kieran era um príncipe das fadas e Mark era um Caçador de Sombras de linhagem mista. Mesmo um príncipe na Caçada Selvagem desprezaria alguém com sangue humano. Mark às vezes se perguntava se Kieran o via como um mascote ou um amuleto da sorte, alguém que seria útil e divertido ter por perto: ele ria com frequência das expressões humanas de Mark e de sua perplexidade diante dos costumes das fadas, mesmo depois de todo esse tempo.

Kieran se deitou ao lado de Mark. Por um momento, os dois respiraram em um silêncio companheiro. Mas foi difícil para Mark descansar perto de Kieran: estava muito ciente da proximidade entre eles, do calor de seu corpo, de sua presença, do fiozinho de cabelo que encostou em seu próprio ombro quando ele virou a cabeça. Mark se mexeu desconfortavelmente e sentiu um calor crescendo na barriga.

— Você não conseguirá ver as estrelas hoje — comentou Kieran. — As nuvens as encobrirão.

Kieran conhecia o velho hábito de Mark. A cada noite, quando ia dormir, ele encontrava as seis estrelas mais brilhantes no céu e lhes dava os nomes de suas irmãs e irmãos: Helen, Julian, Tiberius, Livia, Drusilla e Octavian. Estrelas diferentes brilhavam mais intensamente em lugares e climas diferentes, e ele não achava que já houvesse escolhido a mesma estrela duas vezes.

*Estou aqui, vivo neste mundo assim como vocês, minha família,* ele costumava pensar, traçando linhas invisíveis entre as estrelas. Ele às vezes se perguntava como o tempo estaria passando para eles: Tavvy já conseguiria amarrar os próprios cadarços sozinho? A voz de Julian já teria engrossado? Lilly já dominaria o sabre? Dru ainda amaria cores vibrantes? Helen e Aline estariam felizes? Mark se lembrava de quando a havia conhecido, na Itália, durante todo aquele trabalho esquisito, de como Helen suspirava de amor na primeira vez que voltou para casa depois de conhecer Aline.

Mas, de vez em quando, outras coisas embaçavam sua mente, memórias cujos

limites haviam perdido a clareza. A música que Ty gostava... era música clássica, mas qual era sua fuga favorita de Bach? Mark já soubera um dia. E talvez tenha mudado. Era Dru que amava filmes, ou Livvy? Julian pintava com tinta a óleo ou aquarela?

— Meu Mark — Kieran disse. Ele havia se apoiado nos cotovelos e encarava Mark de um ângulo estranho. — Diga-me o que o perturba.

Mark tremeu. Sempre tremia quando Kieran o chamava assim. Parecia carinhoso, mas suspeitava que fosse apenas o jeito galante das fadas: Kieran o reconhecia como um amigo mais do que como alguém com o mesmo nome. Fadas eram bem peculiares com relação a nomes, já que eles possuíam aqueles como todos os chamavam e também seus nomes verdadeiros, os quais garantiam poder sobre eles. Saber o verdadeiro nome de uma fada era um movimento íntimo e poderoso em seus jogos.

Mark levou o braço atrás da cabeça. A chuva havia se intensificado e ele podia ouvir as gotas caindo sobre as capas acima deles.

— Memórias me perturbam — respondeu — e me pergunto se minha família se esquecerá de mim.

Kieran deslizou a ponta do dedo sobre o peito de Mark, parando acima de seu coração. Mark quase parou de respirar. Não significava nada, lembrou a si mesmo. Fadas não têm qualquer senso de espaço pessoal.

— Ninguém o esquecerá — disse Kieran, calmamente. — Não esquecemos daqueles que amamos. Ainda me lembro do rosto da minha mãe. E não há coração mais amoroso do que o seu.

— Ainda assim às vezes acho que seria melhor se eu esquecesse — Mark disse, baixinho. Esses pensamentos sempre vinham acompanhados de culpa. — Para eles, para mim. Jamais retornarei.

— Ninguém pode saber o futuro — afirmou Kieran, sentando-se com uma ferocidade surpreendente. — Seu exílio pode terminar. Clemência vem de várias formas. Um rei mais gentil e generoso o teria levado à sua corte muito tempo atrás. Se eu tivesse o poder que um príncipe tem...

Mark se sentou, mas Kieran já havia parado de falar. Sua mão repousava em punho sobre o colo, e sua cabeça pendia. Não era comum que ele falasse sobre ser um príncipe no Reino das Fadas, já que seus poderes não o acompanharam em seu exílio na Caçada.

— Kieran — Mark começou, mas notou que Kieran estava angustiado, e isso era incomum o suficiente para afastar Mark. Raramente vira Kieran demonstrar raiva ou tristeza, especialmente depois de seus primeiros dias na Caçada. Ele permaneceu controlado, sem demonstrar qualquer emoção aos outros Caçadores.

— Deveríamos dormir — concluiu Kieran, após uma longa pausa. —

Teremos de acordar ao amanhecer se quisermos alcançar os outros.

Mark voltou a se deitar, e Kieran se deitou ao seu lado, de costas para Mark. Mark rolou para o mais perto possível de Kieran. Eles já haviam dormido assim incontáveis noites, compartilhando o calor de seus corpos. Mas Mark estava tocado pela angústia de Kieran e não queria pressioná-lo ainda mais. Ele se acomodou o mais perto possível de Kieran sem o tocar, um dos braços sob a cabeça e o outro repousado a apenas um milímetro do cabelo de Kieran. Ele não queria admitir que secretamente desejava que, talvez, durante a noite, quando o vento soprasse dentro da caverna, os fios pudessem tocar seus dedos como uma carícia.

Mas ele desejava.

As mãos de Mark estavam atadas e ele gritava. Os Crepusculares estavam diante dele, Sebastian Morgenstern à frente: um mar vermelho cobria o mundo de sangue. Sua família estava ajoelhada diante de Sebastian: Helen, Julian, Ty, Livvy, Dru, Tavvy. Sebastian girou a Espada Mortal, dilacerando o peito de Julian. Enquanto o irmão caía, Mark via sua expressão agonizante, a prece em seus olhos: *Ajude-me, Mark, ajude-me...*

— Mark. Mark!

Mark estava sentado, rígido, na escuridão, e haviam mãos em seus ombros.

— Mark, foi um sonho, uma armadilha da mente, nada mais.

Mark arfou em busca de ar, sentindo o cheiro de chuva e terra. Não havia sangue ou Crepusculares. Não havia Sebastian. Ele estava na caverna com Kieran e a chuva continuava caindo do lado de fora.

— Minha família...

Kieran ajeitou os cabelos de Mark com uma delicadeza que teria chocado a Caçada. Mark se rendeu à carícia sem pensar: tudo o que percebia era as mãos de Kieran, gentis em sua pele. Como todas as fadas, Kieran não tinha quaisquer calos. O toque de seus dedos era como asas de mariposa. Mark se inclinou ao toque, mesmo enquanto Kieran se movia suavemente para acariciar seus ombros, os dedos percorrendo os rasgos em sua camisa.

— Suas cicatrizes se curaram bem — falou Kieran. Alguns meses atrás, Mark havia sido açoitado por Caçadores irritados com o governo dos Caçadores de Sombras.

Mark se encolheu ligeiramente.

— Mas elas ainda são tão feias...

— Nada em você é feio — afirmou Kieran, e porque ele não podia mentir, Mark sabia que era verdade. Seu coração pareceu se contrair, enviando ondas de calor por seu corpo.

Durante todo o seu tempo na Caçada, só houvera Kieran para aliviar seu

desespero, para transmutar seu sofrimento, para curar seu coração. Mark se inclinou para Kieran, sem saber ao certo o que pretendia fazer. Não era o movimento todo delicado e elegante que gostaria que fosse. Seus lábios se chocaram e suas mãos se levantaram para acariciar os cabelos de Kieran, que eram tão macios quanto sempre imaginara.

As mãos de Kieran apertaram com força os ombros de Mark. Se de surpresa ou irritação, Mark não soube dizer. Horrorizado com o próprio comportamento, ele se afastou de Kieran rapidamente.

— Sinto muito — Mark se apressou em dizer. — Sinto muito.

Kieran levou a mão à boca de Mark, a ponta dos dedos sobre seus lábios.

— Mas Mark...

Kieran não terminou. Mark, ardendo de humilhação, passou rapidamente por ele. Chutando as pedras para a entrada da caverna, Mark se lançou à tempestade.

A chuva caía como agulhas e vinha de todas as direções graças ao vento forte. Mark cambaleou um pouco, escorregando na grama molhada do lado de fora da caverna.

E imediatamente se sentiu tolo. O céu não passava de uma névoa cinzenta e ele mal podia enxergar os arredores: terra, grama verde e a sombra de Lança do Vento à distância. O vento o açoitou. Como encararia Kieran novamente? Ele era um Caçador de Sombras, deveria saber muito bem que fugir nunca resolveu nada.

Além disso, onde iria dormir?

Estava prestes a retornar para a caverna, humilhado ou não, quando ouviu um relinchar distante. O sangue gelou em suas veias. Seu cavalo! Era íngreme ali em cima e o terreno era instável com toda a vegetação e os cascalhos. E agora estava escorregadio com a chuva. Seu cavalo poderia ter despencado e caído em uma encosta e estar com a pata quebrada.

Esquecendo-se de seu drama pessoal por um instante, Mark cortou o aguaceiro até o topo da colina e olhou para baixo. Chuva e sombras. Um trovão cortou o céu e ele pensou ter ouvido outro relinchar. De joelhos, seguiu um caminho estreito que imaginava ser trilhado por cabras.

Ainda nada. Mark parou para pegar fôlego. Talvez, se ele caísse da colina, fosse poupado do constrangimento de ter de explicar a Kieran por que o beijou.

Mark levantou, pressionando-se contra o penhasco. Estava de pé em uma ampla saliência, com a névoa e o verde da Península Lleyen se espalhando ao redor. À distância, pôde ver as águas de Afon Menai, agitadas e escuras. Ver o mar sempre o afligia, lembrando-o da vista do Instituto de Los Angeles.

A saudade da família voltou a atormentar Mark ferozmente, agora com uma nova dor: e se tivesse afastado Kieran? Já havia decidido que valia a pena manter

Kieran como amigo, mesmo que não compartilhassem nenhum sentimento mais profundo. Além de Gwyn, Kieran havia sido o único a lhe demonstrar bondade na Caçada, e Gwyn não poderia demonstrar muita bondade para que os outros Caçadores não duvidassem de sua imparcialidade. Mas Kieran... Kieran abraçara Mark depois dos açoites ou das feridas. Oferecera água e colocara cobertores sobre seus ombros. Dividira a própria comida com ele. E mais do que isso, Kieran falara com Mark, e o ouvira! Não se sabe o quanto se perde quando ninguém fala com você como se fosse alguém com coisas úteis a compartilhar até que tenha passado tempo o bastante e o desespero fosse tão intenso que começaria a falar com pedras e árvores. Kieran devolvera a Mark sua humanidade através da graça do simples afeto e agora Mark não sabia como viveria sem isso.

Voltaria agora, decidira, e se desculparia com Kieran. Era a coisa certa a fazer, a única coisa a ser feita, o único jeito de consertar as coisas.

Mark escalou de volta e escorregou na terra molhada. Caiu e escorregou vários metros, batendo com força em uma rocha. Ao se levantar, tirou a lama das roupas e percebeu duas coisas: a primeira foi que podia ver seu cavalo idiota, pastando a vários metros de distância sem se incomodar com a chuva. A segunda foi que Kieran estava de pé alguns metros à frente: de alguma forma ele havia retornado à caverna, apesar de não saber como.

— Mark! — gritou Kieran. Sua voz pareceu rouca, provavelmente por conta do vento. Encarou-o de olhos arregalados, seu novo cabelo curto profundamente preto como ficava quando ele se irritava. — *Mark, onde você esteve?*

— Fui procurar meu cavalo — respondeu. — Quer dizer, não a princípio. Saí porque... — suspirou, deixando as mãos caírem ao redor do corpo. — Sinto muito, Kieran. Não quis fazer aquilo.

Os olhos de Kieran se estreitaram.

— Não quis fazer o quê?

Mark enxugou a chuva dos olhos.

— Prefiro não dizer.

— Humanos — resmungou Kieran, com evidente surpresa. — Pensam que se não proferirem as palavras desfarão o passado. Diga-me, Mark. Diga-me do que se arrepende.

— Beijar você — Mark disse. — Se foi algo que você não queria, então eu me arrependo.

Kieran se manteve imóvel como uma estátua, encarando-o. Já estava encharcado, suas roupas grudadas ao corpo.

— E se fosse algo que eu *quisesse*?

Mark levantou a cabeça. As palavras eram como chamas

individuais, disparando faíscas inacreditáveis por suas terminações nervosas.

— Então eu não me arrependo — Mark continuou, com a voz firme. — Então é a melhor coisa que já me aconteceu desde que me juntei à Caçada, e os primeiros poucos segundos nos quais eu me senti feliz em... já nem sei mais quanto tempo.

As palavras pareceram incendiar Kieran, que quase tropeçou no terreno desnivelado na pressa de alcançar Mark. Quando o alcançou, puxou-o para seus braços, os dedos percorrendo seus cabelos encharcados.

— Por todos os Deuses, Mark — disse, com a voz trêmula. — Como é possível que você *não soubesse*?

Mark ficou sem palavras. Kieran percorria os cabelos de Mark, seu rosto, como se Mark fosse um tesouro perdido finalmente recuperado quando as esperanças já se esvaíam completamente, e Kieran o observava, checando se ainda estava completo.

— Você tem razão — finalmente disse, com a voz falhando. — Não está machucado.

— Claro que não — assegurou Mark.

Os olhos preto e prateado de Kieran brilharam.

— Quando você fugiu para a tempestade, só consegui pensar em como Mynydd Mawr é perigoso, em quantas pessoas encontraram seu fim aqui, e como, se algo acontecesse a você, Mark, eu mesmo morreria. Você é incalculavelmente precioso para mim.

— Como amigo? — perguntou Mark, completamente atordoado. Kieran o estava abraçando, tocando-o, metade em êxtase, metade em adoração. Não era possível. Kieran não poderia corresponder aos seus sentimentos.

— Mark — a voz de Kieran se exaltou. — Eu te imploro. Pare de ser tão tolo ou eu mesmo me jogarei deste penhasco.

Mark protestou, e com um gemido Kieran o beijou.

Desta vez Mark se permitiu mergulhar no beijo, como se estivesse, de fato, se jogando do penhasco em direção ao mar. Os lábios de Kieran nos seus eram firmes e gentis e ele tinha gosto de fumaça e água da chuva. Kieran deu um leve muxoxo quando Mark interrompeu o beijo e o calor entre eles pareceu aumentar.

Mark nunca havia beijado ninguém antes desta noite, não de verdade. Houve alguns toques furtivos nas festas, durante as danças, mas em alguma parte de sua mente, pensou, vinha guardando seu primeiro beijo. Agora estava feliz por tê-lo feito, pois estava inebriado pela sensação agridoce daquele momento, como uma fome desesperada finalmente sendo saciada.

Foi Kieran quem se separou primeiro, apenas o suficiente para envolver o rosto de Mark em suas mãos e dizer, maravilhado:



— Meu Mark. O coração da minha afeição. Como é possível que você não soubesse?

— Você é um príncipe — respondeu Mark. — E eu sou... nada. Não sou da realeza, nem das Cortes, nem nada. Mesmo agora mal posso acreditar que você tenha realmente sentimentos por mim. Apesar de que — acrescentou rapidamente — se for apenas desejo, eu aceitarei.

— Eu o desejo — afirmou Kieran, e havia uma escuridão em seus olhos que fez Mark tremer. — Mas não é apenas o que sinto. Se fosse, eu teria agido há muito tempo.

— Por que não o fez? — indagou Mark. — Você poderia ter me perguntado, em qualquer momento ou circunstância. Sou eu que estou ultrapassando limites, não você.

Kieran balançou a cabeça.

— Mark, você é um prisioneiro do Reino das Fadas — falou, e havia desespero em sua voz. — Nós o mantemos aprisionado à Caçada! Você teria motivos para odiar a mim e a todos como eu. Não poderia imaginar que você sentiria por mim uma centelha do que sinto por você.

— Não foi você que me aprisionou — declarou Mark. — Foi a Clave, meu próprio povo, que me abandonou aqui. Sei quem me traiu, Kieran. Sei em quem não devo confiar. E jamais foi você.

— Poucos seriam capazes de fazer tal julgamento — falou Kieran.

Mark deslizou o dorso da mão pelo rosto de Kieran. O príncipe tremeu.

— Muitos olhariam para mim e veriam apenas um Caçador de Sombras apoiador da Paz Fria.

— Olho para você e vejo o eterno companheiro dos meus dias e noites — sussurrou Kieran. Seu cabelo preto-azulado, agora molhado, estava colado em seu rosto e pescoço. — Eu o amaria mesmo se você não me amasse. Eu o tenho amado desde que o conheci. Eu te amo há todo esse tempo, acreditando que você jamais poderia retribuir meu amor. Tenho amado você sem esperanças ou expectativas.

Mark abaixou as mãos para alcançar a frente da camisa de Kieran.

— Então me ame — disse, com a voz áspera. — Mostre-me.

Chamas escuras cintilaram nos olhos de Kieran. Ele envolveu as mãos na cabeça de Mark e o manteve firme junto a si enquanto se curvava para explorar sua boca, fazendo Mark ofegar. Sugou o lábio superior de Mark, provocou o canto de sua boca, devorando a boca do outro com longas carícias de sua língua que o fizeram pressionar seu corpo desesperadamente contra o de Kieran, querendo mais. Mark estava encharcado de chuva e tremendo ferozmente, mas não se importava. Não sentia nada além de Kieran e o calor de seu corpo e a

sensualidade de sua boca.

Foi Kieran quem, por fim, os separou. Kieran que pegou Mark pelo pulso e o levou de volta à cabana. Deslizaram para dentro do abrigo, onde o fogo não passava de faíscas incandescentes. Ajoelharam-se no chão e se beijaram ferozmente, arrancando as roupas. Os tecidos molhados foram descartados e quando ambos estavam despidos, deitaram-se sobre o amontado de capas e tecidos e se beijaram até Mark ficar inebriado: beijos longos e lentos e profundos como as águas escuras dos riachos das fadas que inebriavam os sentidos dos humanos. Não falaram, exceto uma única vez:

— Já fez isso antes? — perguntou Kieran, parcialmente escondido pelas sombras.

— Não — respondeu Mark. — Com ninguém.

Kieran parou, as mãos espalhadas pelo peito de Mark. Ele estava lindo assim, à luz da fogueira, sua pele clara e cabelos escuros como um esboço de Michelangelo em tinta e papel.

— Na Caçada, nossos corpos nos trazem dor — começou Kieran. — A agonia da fome e a dor da exaustão e das chicotadas. Deixe-me mostrar agora o milagre que um corpo pode oferecer.

Mark assentiu e Kieran começou com as mãos e a boca. Não havia pressa em seu desejo. Mark não havia percebido como algo poderia ser tão intenso e gentil ao mesmo tempo. Kieran o tocava com tanto cuidado que imaginou que, por onde as mãos de Kieran passavam, uma estela produzia marcas de cura, suavizando suas cicatrizes, apagando suas lembranças de dor.

Kieran revelou o prazer das profundezas do corpo de Mark, pouco a pouco, como uma bandeira sendo desenrolada lentamente. A respiração de Mark acelerava cada vez mais. Ele estendeu a mão para tocar Kieran, querendo retribuir um pouco do que estava recebendo, e quase se desfez diante do profundo suspiro de prazer de Kieran, pela sensação do corpo de Kieran sob suas mãos: a pele macia e refinada como seda, o ângulo de seus ossos, a intensa sensibilidade de Kieran, reagindo ao mais leve toque de Mark. Kieran já estava tremendo quando Mark acariciou seu corpo, quando beijou e lambeu sua pele. Por fim, Kieran gemeu e puxou Mark para baixo de si, apoiando-se acima dele.

Seus olhos estavam vidrados, desfocados. Mark sentiu um profundo orgulho em fazer um príncipe do Reino das Fadas se sentir daquele jeito. O orgulho durou apenas um instante: Kieran sorriu maliciosamente e moveu os lábios de uma maneira que incendiou as veias de Mark. E tudo mais se esvaneceu: Mark se agarrou em Kieran e eles estavam pressionados um no outro, peito com peito, coxa com coxa, e quando o príncipe deslizou a mão entre seus corpos e começou a acariciá-los juntos, foi o ápice do prazer que Mark sentira desde que se juntara

à Caçada. Todo o resto escapou de sua mente, todas as complicações, toda a perda... Tudo se fora com a maravilhosa percepção de que seu corpo era mais do que um instrumento de dor ou privações prolongadas. Também era capaz de coisas incríveis.

As mãos e dedos de Kieran eram como fogo, um fogo que produzia uma alegria indescritível. Mark fechou os olhos, o corpo se arqueando inevitavelmente na direção do corpo do príncipe. Kieran também ofegava, o corpo estremecendo, e cada tremor causava ainda mais fricção e prazer, até Mark pensar que poderia morrer de satisfação. Mark buscou o rosto de Kieran com as mãos e o beijou, profunda e ferozmente, e o beijo pareceu esmagar o que restava do controle do príncipe: Kieran se desfez, assim como Mark, e ambos tremiam e suspiravam nos braços um do outro.

Tempos depois, Mark não se lembraria do que ele mesmo havia suspirado e sussurrado naquele momento, mas jamais esqueceria as palavras de Kieran, deslizando dos lábios do príncipe enquanto afundava nos braços de Mark, pois não seria a última vez que o ouviria dizer:

— Você jamais será um nada para mim, Mark Blackthorn. Pois você é tudo que amo entre esta terra e este céu.

Depois de se deitarem um nos braços do outro, Mark com a cabeça nos ombros de Kieran, ele disse que o príncipe estava certo: as estrelas não poderiam ser vistas, mesmo por entre as lacunas nas capas acima deles.

— Conte as faíscas do fogo. Dê a elas os nomes daqueles que você estima.

E Mark o fez, apesar de, ao final, sua voz soar arrastada pelo sono. Ele adormeceu e, pela primeira vez em muitos anos de Caçada, seus últimos pensamentos não foram de dor ou sofrimento, foram apenas de amor, e de como ele ofuscou as estrelas.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub  
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

EDIÇÃO DE COLECIONADOR



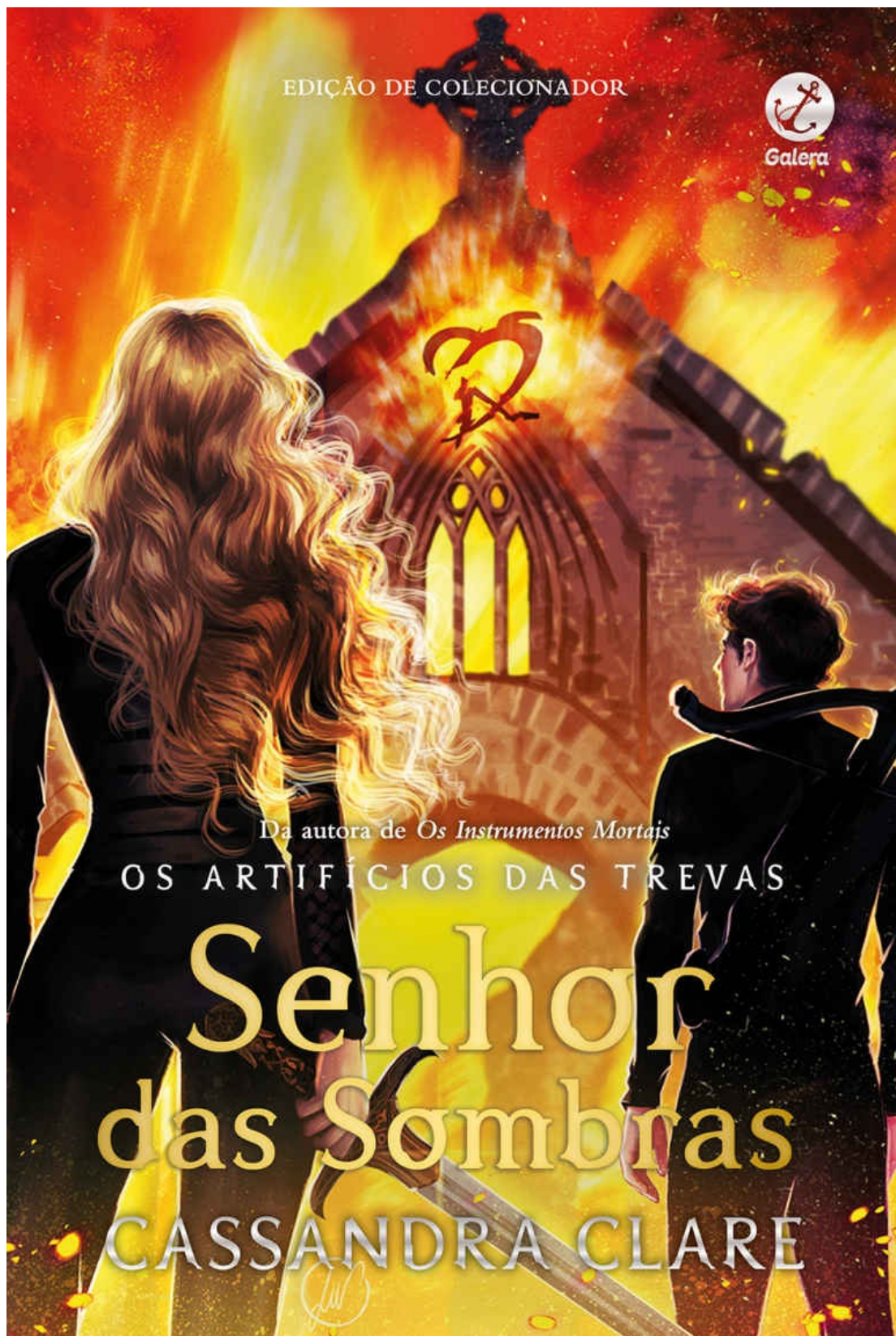
Galera

Da autora de *Os Instrumentos Mortais*

OS ARTIFÍCIOS DAS TREVAS

# Senhor das Sombras

CASSANDRA CLARE



**Obras da autora publicadas pela editora Record:**

**Série Os Instrumentos Mortais**

*Cidade dos ossos*  
*Cidade das cinzas*  
*Cidade de vidro*  
*Cidade dos anjos caídos*  
*Cidade das almas perdidas*  
*Cidade do fogo celestial*

**Série As Peças Infernais**

*Anjo mecânico*  
*Príncipe mecânico*  
*Princesa mecânica*

**Série Os Artíficos das Trevas**

*Dama da meia-noite*  
*Senhor das sombras*  
*Rainha do ar e da escuridão*

**Série As Maldições Ancestrais (com Wesley Chu)**

*Os pergaminhos vermelhos da magia*  
*O livro branco perdido*

**Série As Últimas Horas**

*Corrente de ouro*  
*Corrente de ferro*

*O Códex dos Caçadores de Sombras*  
*com Joshua Lewis*

*As Crônicas de Bane*  
*com Sarah Rees Brennan e Maureen Johnson*

*Uma história de notáveis Caçadores de Sombras e seres do Submundo: Contada na linguagem das flores*

*Contos da Academia dos Caçadores de Sombras*  
*com Sarah Rees Brennan, Maureen Johnson*  
*e Robin Wasserman*

*Fantasmas do Mercado das Sombras*  
*com Sarah Rees Brennan, Maureen Johnson, Kelly Link e Robin Wasserman*

CASSANDRA CLARE

OS ARTIFÍCIOS DAS TREVAS

# Senhor das Sombras

Tradução  
Rita Sussekind  
Ana Resende

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2022

**EDITORIA-EXECUTIVA**

Rafaella Machado

**COORDENADORA EDITORIAL**

Stella Carneiro

**EQUIPE EDITORIAL**

Juliana de Oliveira

Isabel Rodrigues

Lígia Almeida

Manoela Alves

**PREPARAÇÃO**

Ana Resende

**REVISÃO**

Mauro Sérgio Borges

**DIAGRAMAÇÃO**

Ricardo Pinto

**IMAGEM DE CAPA**

Lucas Werneck

**TÍTULO ORIGINAL***The Dark Artifices: Lord of Shadows*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C541s  
Clare, Cassandra

Senhor das sombras [recurso eletrônico] / Cassandra Clare ; tradução Rita Sussekind. - 1. ed. -  
Rio de Janeiro : Galera, 2017.  
recurso digital (Artifício das trevas ; 2)

Tradução de: Lord of shadows

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11218-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Sussekind, Rita. II. Título. III. Série.  
17-44189

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Copyright © 2017 by Cassandra Clare, LLC

Publicado mediante acordo com a autora a/c BAROR INTERNATIONAL, INC.,  
Armonk, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela  
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 120 - Rio de Janeiro, RJ - 20021-280 - Tel.: (21) 2505-2000



Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-580 – Tel.: (21) 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Impresso no Brasil  
ISBN 978-85-01-11218-7

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos  
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

Para Jim Hill

Eu disse: Dor e tristeza  
Ele disse: Agente firme. A ferida é o  
lugar por onde a Luz entra em você.  
— Rumi

# Sumário

## Parte Um

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

## Parte Dois

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

Agradecimentos

Cena deletada

Blackfriars Bridge

Julian e Emma

Nossas almas despertas

# Parte Um

## Terra dos Sonhos

### **Terra dos Sonhos**

Edgar Allan Poe

*Por uma rota obscura e solitária,  
Assombrado apenas por anjos doentes,  
Onde um Fantasma, chamado Noite,  
Em um trono preto, reina erguido,  
Eu alcancei essas terras há tempos,  
De uma escuridão completa de Thule —  
De um clima selvagem e estranho que está, sublime,  
Fora do Espaço — fora do Tempo.*

*Vales sem fim e cheias sem limites,  
E abismos, cavernas e bosques titãs,  
Com formas que nenhum homem pode descobrir  
Pois os orvalhos pingam de todos os lados;  
Montanhas ruindo cada vez mais  
Em mares sem costas;  
Mares, que aspiram inquietos,  
Ondulando em céus de fogo;  
Lagos, que se estendem infinitamente  
Suas águas solitárias — solitárias e mortas —  
Suas águas paradas — paradas e geladas  
Com as neves do lírio.  
Perto dos lagos que então se espalham*

*Suas águas solitárias, solitárias e mortas —  
Suas águas tristes, tristes e frias  
Com as neves do lírio caído —  
Nas montanhas — perto do rio,  
Murmurando humildemente, murmurando eternamente —  
Perto dos bosques cinzentos — perto do pântano,  
Onde o sapo e a salamandra acampam —  
Perto dos lagos sombrios e piscinas  
Onde habitam os Espíritos, —  
Em cada pedaço, o mais maldito —  
Em cada canto, mais melancolia —*

*Lá o viajante encontra, horrorizado,  
Lembranças cobertas do Passado —  
Formas cobertas que se assustam e suspiram  
Ao passarem pelo errante —  
Formas cobertas de vestes brancas, de amigos que se foram,  
Em agonia, para a Terra — e para o Céu.*

*Para o coração, cujos infortúnios são incontáveis  
É uma região pacífica e calmante —  
Para o espírito, que caminha em sombra  
É — ah, é um Eldorado!  
Mas o viajante, atravessando-a,  
Não pode — não ousa — olhar abertamente;  
Nunca seus mistérios são expostos  
Ao frágil olho humano;  
Assim deseja o seu Rei, que proibiu  
Que se abrisse a tampa;  
E assim a triste Alma que aqui passa  
Suporta através de vidros escuros.  
Por uma rota escura e solitária  
Assombrado apenas por anjos doentes  
Onde um Fantasma, chamado Noite,  
Em um trono preto, reina erguido,  
Voltei para casa há muito tempo  
Desta completa escuridão de Thule.*

# 1

## Águas Paradas

Kit tinha acabado de descobrir o que era um mangual, e agora havia uma prateleira cheia deles sobre sua cabeça, brilhantes, afiados e mortais.

Ele nunca tinha visto nada como a sala das armas do Instituto de Los Angeles. As paredes e o chão eram de granito branco prateados, e ilhas de pedra se erguiam a intervalos pela sala, fazendo com que todo o lugar parecesse uma exposição de armas e armaduras em um museu. Havia cassetetes e maças, bengalas, colares, sapatos e casacos acolchoados, engenhosamente desenhados, que escondiam lâminas finas e achatadas para apunhalar e arremessar. Estrelas da manhã, cobertas por terríveis espinhos, e bestas de todos os tipos e tamanhos.

As ilhas de granito eram cobertas por pilhas de instrumentos brilhantes talhados em *adamas*, a substância similar a quartzo que os Caçadores de Sombras extraíam da terra e que só eles sabiam como transformar em espadas, lâminas e estelas. O que havia de mais interessante para Kit era a prateleira com as adagas.

Não que ele nutrisse qualquer interesse específico em aprender a usar uma adaga — nada além do interesse geral que achava que a maioria dos adolescentes tinha em armas mortais, mas, mesmo assim, ele preferiria receber uma metralhadora ou um lança-chamas. Mas as adagas eram obras de arte, com seus cabos cravejados de ouro, prata e pedras preciosas — safiras azuis, cabochões de rubi, gravações brilhantes de espinhos, marcadas em platina e diamantes pretos.

Ele conseguia pensar em, pelo menos, três pessoas no Mercado das Sombras que as comprariam por um bom dinheiro, sem fazer perguntas.

Talvez quatro.

Kit retirou a jaqueta jeans que estava usando — ele não sabia a qual dos

Blackthorn ela tinha pertencido; acordou na manhã seguinte à chegada ao Instituto e encontrou uma pilha de roupas recém-lavadas ao pé da cama — e vestiu um casaco acolchoado. Ele se viu no espelho, na outra ponta do quarto. Cabelos louros sem corte, hematomas desbotados na pele pálida. Abriu o zíper do bolso interno do casaco e começou a encher o forro com adagas, escolhendo as de cabo mais bonito.

A porta da sala das armas se abriu. Kit deixou a adaga que estava segurando cair na prateleira e se virou apressadamente. Ele achou que tinha saído do quarto sem ser notado, mas se tinha uma coisa que ele aprendera durante a curta estada no Instituto foi que Julian Blackthorn notava tudo, e seus irmãos não ficavam muito atrás.

Mas não era Julian. Era um jovem que Kit nunca tinha visto, apesar de alguma coisa nele ser familiar. Ele era alto, tinha cabelos louros bagunçados e corpo de Caçador de Sombras — ombros largos, braços musculosos, e as linhas escuras das Marcas com as quais se protegiam apareciam por baixo do colarinho e dos punhos da camisa.

Seus olhos tinham uma cor dourada escura e incomum. Ele usava um anel de prata pesado em um dedo, como muitos Caçadores de Sombra faziam. E ergueu uma sobancelha para Kit.

— Você gosta de armas, certo? — falou.

— São legais. — Kit recuou um pouco em direção a uma das mesas, torcendo para que as adagas no bolso interno não chacoalhassem.

O rapaz foi até a prateleira onde Kit estava mexendo e pegou a adaga que ele tinha largado.

— Esta foi uma boa escolha. Viu a inscrição no cabo? — perguntou ele.

Kit não viu.

— Foi feita por um dos descendentes de Wayland, o Ferreiro, que fez a Durendal e a Cortana. — O rapaz girou a adaga entre os dedos antes de colocá-la de volta na prateleira. — Não é tão extraordinária quanto Cortana, mas adagas assim sempre voltam para a sua mão depois que você as arremessa. Conveniente.

Kit deu um pigarro.

— Deve valer muito — observou ele.

— Duvido que os Blackthorn estejam interessados em vender — retrucou o outro secamente. — Eu sou Jace, a propósito. Jace Herondale.

Ele fez uma pausa. Parecia esperar uma reação, que Kit estava determinado a não dar. Ele conhecia o nome Herondale, sim. Era a única palavra que todos lhe diziam fazia duas semanas. Mas isso não significava que ele quisesse dar ao sujeito — a Jace — a satisfação que ele claramente estava procurando.

Jace pareceu inabalado pelo silêncio de Kit.



— E você é Christopher Herondale.

— Como sabe disso? — quis saber Kit, mantendo o tom de voz neutro. Ele detestava o nome Herondale. Ele detestava a *palavra*.

— Semelhança de família — disse Jace. — Nós somos parecidos. Aliás, você se parece com os desenhos de muitos dos Herondale que já vi. — Nova pausa. — Além disso, Emma me mandou uma foto sua pelo celular.

Emma. Emma Carstairs havia salvado a vida de Kit. Mas eles não tinham se falado muito desde então — logo após a morte de Malcolm Fade, o Alto Feiticeiro de Los Angeles, tudo foi um caos. Ele não havia sido a prioridade de ninguém, e, além disso, tinha a sensação de que ela o considerava uma criança.

— Tudo bem. Sou Kit Herondale. As pessoas não param de me dizer isso, mas para mim não significa nada. — Kit trincou o queixo. — Eu sou um Rook. Kit Rook.

— Eu sei o que seu pai te disse. Mas você é um Herondale. E isso tem importância.

— Qual? Qual importância? — quis saber Kit.

Jace se inclinou para trás contra a parede da sala das armas, sob uma coleção de pesadas espadas claymores. Kit torceu para que uma delas caísse em sua cabeça.

— Sei que você sabe sobre os Caçadores de Sombras — falou ele. — Muitas pessoas sabem, principalmente seres do Submundo e mundanos com Visão. Que é o que você achava que fosse, certo?

— Nunca achei que eu fosse um *mundano* — disse Kit. Os Caçadores de Sombras não sabiam como soava quando eles usavam essa palavra?

Mas Jace o ignorou.

— A história e a sociedade dos Caçadores de Sombras não são coisas sobre as quais quem não é Nephilim saiba. O mundo dos Caçadores de Sombras é feito de famílias, e cada uma tem um nome que estima. Cada família tem uma história que passamos às gerações seguintes. Carregamos as glórias e os fardos dos nossos nomes; o bem e o mal que nossos ancestrais fizeram, por toda a nossa vida. Tentamos viver à altura dos nossos nomes para que os que nos sucedam possam carregar fardos menores. — Jace cruzou os braços. Seus pulsos eram cobertos por Marcas; tinha uma que parecia um olho aberto nas costas da mão esquerda. Kit havia notado que todos os Caçadores de Sombras tinham esta mesma Marca. — Entre os Caçadores de Sombras, seu sobrenome é muito importante. Os Herondale são uma família que moldou os destinos dos Caçadores de Sombras por muitas gerações. Não restam muitos de nós; todos achavam que eu era o último. Só Jem e Tessa tinham fé de que você existisse. Eles o procuraram por um longo tempo.

Jem e Tessa. Junto com Emma, eles ajudaram Kit a escapar dos demônios que mataram seu pai. E lhe contaram uma história: a história de um Herondale que traiu seus amigos e fugiu, iniciando uma nova vida longe de outros Nephilim. Uma nova vida e uma nova linhagem.

— Eu ouvi falar de Tobias Herondale — disse. — Sou o descendente de um grande covarde então.

— As pessoas têm defeitos — comentou Jace. — Nem todo integrante da sua família vai ser incrível. Mas quando você encontrar Tessa outra vez, e você vai, ela pode te contar sobre Will Herondale. E James Herondale. E sobre mim, é claro — acrescentou ele, modestamente. — No que se refere aos Caçadores de Sombras, eu sou muito importante, mas não quero te intimidar.

— Não estou intimidado — disse Kit, se perguntando se esse sujeito era assim mesmo. Havia um brilho no olhar de Jace quando ele falava, que indicava que talvez não levasse a sério nada do que estava dizendo, mas era difícil ter certeza. — Estou com vontade de ficar sozinho.

— Sei que é muita coisa para digerir — falou Jace. Ele esticou o braço para afagar as costas do garoto. — Mas eu e Clary ficaremos aqui pelo tempo que você precisar que a gente...

O tapinha nas costas deslocou um das adagas no bolso de Kit. Ela caiu no chão entre eles, cintilando no chão de granito como se fosse um olho acusador.

— Ora — falou Jace. — Então você está roubando armas.

Kit, que sabia que não adiantava nada negar o óbvio, não disse uma única palavra.

— Muito bem, veja, eu sei que seu pai era trapaceiro, mas você é um Caçador de Sombras agora e... espera, o que mais tem aí? — quis saber Jace. Ele fez uma coisa complicada com o pé esquerdo, chutando a adaga para o ar para então a segurar; os rubis no cabo espalharam luz. — Tire o casaco.

Silenciosamente, Kit tirou o casaco e o jogou sobre a mesa. Jace o virou do avesso e abriu o bolso interno. Ambos ficaram olhando silenciosamente para o brilho das lâminas e das pedras preciosas.

— Então você estava planejando fugir, suponho?

— Por que eu deveria ficar? — Kit explodiu. Ele sabia que não devia, mas não conseguiu evitar, era demais: a perda do pai, seu ódio ao Instituto, a arrogância dos Nephilim, a exigência de que ele aceitasse um sobrenome com o qual não se importava, nem queria se importar. — Meu lugar não é aqui. Você pode me falar todas essas coisas sobre o meu nome, mas não significa nada para mim. Sou filho de Johnny Rook. Passei a vida treinando para ser como meu pai, não para ser como você. Não preciso de você. Não preciso de nenhum de vocês. Preciso é de um pouco de dinheiro para começar minha própria tenda no

Mercado das Sombras.

Os olhos dourados de Jace se estreitaram, e pela primeira vez Kit viu, sob a fachada arrogante e brincalhona, o brilho de uma inteligência aguda.

— E vender o quê? Seu pai vendia informações. Ele demorou anos e precisou de muita magia ruim para criar essas conexões. Você quer vender sua alma assim? Para poder viver às sombras do Submundo? E quanto ao que matou seu pai? Você o viu morrer, não viu?

— Demônios...

— Sim, mas alguém os enviou. O Guardião pode estar morto, mas isso não significa que não tenha alguém te procurando. Você tem quinze anos. Pode achar que quer morrer, mas acredite em mim: você não quer.

Kit engoliu em seco. Ele tentou se imaginar atrás do balcão de uma tenda no Mercado das Sombras, como havia feito nos últimos dias. Mas a verdade é que sempre esteve seguro no Mercado por causa do pai. Porque as pessoas temiam Johnny Rook. O que aconteceria com ele sem a proteção do pai?

— Mas eu não sou um Caçador de Sombras — falou. Ele olhou em volta, para os milhões de armas, as pilhas de *adamas*, os uniformes de luta e os cintos de armas. Era ridículo. Ele não era um ninja. — Eu não saberia nem como começar a ser um.

— Espere mais uma semana — pediu Jace. — Mais uma semana aqui no Instituto. Se dê uma chance. Emma me contou que você lutou contra aqueles demônios que mataram seu pai. Só um Caçador de Sombras poderia ter feito isso.

Kit mal se lembrava de ter combatido os demônios na casa do pai, mas sabia que havia feito. Seu corpo tinha assumido, e ele lutou. E, de um jeito pequeno e estranho, escondido, até gostou.

— Isso é o que você é — falou Jace. — Você é um Caçador de Sombras. Você é parte anjo. Tem o sangue de anjos nas veias. É um Herondale. O que, por sinal, significa que você não só é parte de uma família absurdamente atraente, mas também é parte de uma família que possui *muitos* bens valiosos, inclusive uma casa em Londres e uma mansão em Idris, à qual você provavelmente tem algum direito. Sabe, se tiver interesse.

Kit olhou para o anel na mão esquerda de Jace. Era prateado, pesado. Parecia antigo. E valioso.

— Estou ouvindo.

— Só estou dizendo para esperar uma semana. Afinal, os Herondale não resistem a um desafio. — Jace sorriu.

— Um demônio Teuthida? — falou Julian ao telefone, erguendo as sobancelhas. — É basicamente uma lula, certo?

A resposta foi inaudível: Emma ouviu a voz de Ty, mas não suas palavras.

— Sim, estamos no píer — prosseguiu Julian. — Ainda não vimos nada, mas acabamos de chegar. Que pena que não existem vagas para Caçadores de Sombras aqui...

Com a mente apenas parcialmente concentrada na voz de Julian, Emma olhou em volta. O sol tinha acabado de se pôr. Desde pequena, ela sempre adorou o píer de Santa Mônica; seus pais a traziam aqui para jogar pebolim e andar no carrossel. Ela adorava a comida — hambúrgueres e milk-shakes, mariscos fritos e pirulitos gigantes — e o Pacific Park, o parque de diversões no final do píer, com vista para o Oceano Pacífico.

Os mundanos gastaram milhões de dólares para reformarem o píer e transformarem-no em uma atração turística ao longo dos anos. O Pacific Park estava cheio de brinquedos novos e luminosos; os velhos carrinhos de churros tinham desaparecido, substituídos por sorvete artesanal e bandejas de lagosta. Mas os tacos sob os pés de Emma ainda estavam tortos e desbotados por anos de sol e sal. O ar ainda cheirava a açúcar e alga. O carrossel ainda girava sua música mecânica para o ar. Ainda havia brincadeiras nas quais, em troca de uma moeda, você poderia ganhar um panda de pelúcia gigante. E ainda havia espaços escuros embaixo do píer, onde mundanos sem rumo se reuniam e, às vezes, coisas mais sinistras.

Ser Caçadora de Sombras era isso, Emma pensou, olhando para a roda-gigante imensa decorada com luzes de LED. Uma fila de mundanos ansiosos para entrar se estendia pelo píer; depois das grades, ela podia ver o mar azul-escuro com a ponta branca onde as ondas quebravam. Caçadores de Sombras enxergavam a beleza em coisas que os mundanos criavam — as luzes da roda-gigante refletindo tão brilhantes no oceano que parecia que alguém estava soltando fogos embaixo da água: vermelho, azul, verde, roxo e dourado — mas eles também viam a escuridão, o perigo e a podridão.

— O que foi? — perguntou Julian. Ele tinha guardado o telefone no bolso do casaco do uniforme. O vento (sempre ventava no píer, o vento que soprava sem trégua do oceano, cheirando a sal e a lugares distantes) suspendia as ondas suaves de seu cabelo castanho, fazendo com que beijassem suas bochechas e têmporas.

*Pensamentos sombrios*, Emma queria dizer. Mas não conseguia. Julian outrora tinha sido a pessoa para quem ela podia contar tudo. Agora ele era a única pessoa para quem não podia contar nada.

Em vez disso, Emma evitou o seu olhar.

— Onde estão Mark e Cristina?

— Ali. — Ele apontou. — Perto do arremesso de argolas.

Emma seguiu o olhar dele até a barraca colorida onde as pessoas competiam para ver quem conseguia arremessar uma argola de plástico e acertá-la em volta do gargalo de uma das doze garrafas enfileiradas. Ela tentou não se sentir superior pelo fato de que aparentemente isso era algo que os mundanos achavam difícil.

O meio-irmão de Julian, Mark, estava com três argolas de plástico na mão. Cristina, com os cabelos escuros presos em um coque arrumado, estava ao lado dele, comendo pipoca doce e rindo. Mark arremessou as argolas: as três de uma vez. Cada uma girou em uma direção diferente e aterrissou no gargalo de uma garrafa.

Julian suspirou.

— Lá se vai a descrição.

Uma mistura de aplausos e murmúrios incrédulos emergiu dos mundanos com o arremesso das argolas. Felizmente, não havia muitos deles. Mark pôde pegar o prêmio — alguma coisa em um saco de plástico — e escapar com o mínimo de alvoroço.

Ele voltou ao lado de Cristina. As pontas das pontudas orelhas apareciam através dos cachos do cabelo claro. Mas ele estava disfarçado para que os mundanos não pudessem vê-las. Mark era parte fada, e seu sangue do Submundo se apresentava na delicadeza de suas feições, nas pontas de suas orelhas, e no ângulo dos olhos e das maçãs do rosto.

— Então é um demônio lula? — repetiu Emma, essencialmente para ter algo a dizer e preencher o silêncio recorrente entre ela e Julian. Fazia apenas duas semanas que tudo havia mudado, mas ela sentia a diferença profundamente, em seus ossos. Sentia a distância dele, apesar de ele nunca ter sido nada além de escrupulosamente educado e gentil desde que ela contou sobre o namoro com Mark.

— Aparentemente — falou Julian. Mark e Cristina se aproximaram a ponto de ouvir a conversa; a pipoca doce de Cristina estava acabando e a garota olhava triste para o saco, como se torcesse para aparecer mais. Emma entendia. Enquanto isso, Mark olhava para o prêmio. — Ele sobe pela lateral do píer e agarra pessoas, principalmente crianças e qualquer um que se incline para tirar uma foto noturna. Mas ele está ficando mais corajoso. Aparentemente alguém o viu na área de jogos perto do pebolim... isso é um *peixinho dourado*?

Mark levantou o saco plástico. Dentro dele, havia um pequeno peixe de cor laranja, nadando em círculos.

— Essa foi a melhor patrulha que já fizemos — falou. — Eu nunca tinha

ganhado um peixe antes.

Emma suspirou internamente. Mark tinha passado os últimos anos da vida com a Caçada Selvagem, as fadas mais anárquicas e ferozes de todas. Eles cavalgavam pelo céu em todo o tipo de coisas encantadas — motos, cavalos, cervos, cachorros imensos e bravos — e saqueavam campos de batalhas, levando objetos de valor dos corpos dos mortos e oferecendo-os como tributos para as Cortes das Fadas.

Mark estava se adaptando bem ao retorno à família de Caçadores de Sombras, mas ainda havia momentos em que a vida comum parecia pegá-lo de surpresa. Agora ele notou que todos o fitavam com sobrancelhas erguidas. Pareceu alarmado e colocou um braço cauteloso em volta do ombro de Emma, segurando o saco com a outra mão.

— Eu ganhei um peixe para você, minha bela — falou, e lhe deu um beijo na bochecha.

Foi um beijo doce, gentil e suave, e Mark estava com o cheiro de sempre: como o ar frio do lado de fora de casa e coisas verdes que cresciam. E fazia todo o sentido, Emma pensou, que Mark imaginasse que todos estavam espantados porque esperavam que ele desse o prêmio para ela. Afinal, ela era a namorada dele.

Ela trocou um olhar preocupado com Cristina, cujos olhos escuros tinham se arregalado. Julian parecia prestes a vomitar sangue. Foi apenas um breve olhar antes de ele se controlar e assumir uma nova expressão de indiferença, mas Emma se afastou de Mark, sorrindo para ele como se pedisse desculpas.

— Eu não conseguiria manter um peixe vivo — disse ela. — Eu mato plantas só de olhar para elas.

— Desconfio que eu teria o mesmo problema — retrucou Mark, olhando para o peixe. — É uma pena; eu ia chamá-lo de Magnus, porque ele tem escamas brilhantes.

Ao ouvir isso, Cristina riu. Magnus Bane era o Alto Feiticeiro do Brooklyn, e ele tinha uma atração por brilho.

— Suponho que seja melhor libertá-lo — concluiu Mark. Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, ele foi para a grade do píer e esvaziou o saco, com peixe e tudo, no mar.

— Alguém quer contar para ele que peixinhos dourados são peixes de água doce e não sobrevivem no mar? — perguntou Julian baixinho.

— Eu não — disse Cristina.

— Ele acabou mesmo de matar o Magnus? — perguntou Emma, mas, antes que Julian pudesse responder, Mark se virou.

Todo o humor tinha deixado a expressão dele.

— Acabei de ver alguma coisa subindo em um dos pilares embaixo do píer. Uma coisa nada humana.

Emma sentiu um leve tremor pela pele. Os demônios que faziam do oceano a sua morada raramente eram vistos na terra. Às vezes, ela tinha pesadelos em que o oceano se revirava e vomitava seu conteúdo na praia: criaturas escuras, espinhosas, gosmentas e cheias de tentáculos, semiesmagadas pelo peso da água.

Em segundos, cada um dos Caçadores de Sombras tinha uma arma na mão — Emma segurava Cortana, sua espada de lâmina dourada que tinha ganhado dos pais. Julian estava com uma lâmina serafim e Cristina empunhava seu canivete.

— Para que lado a coisa foi? — perguntou Julian.

— Para o final do píer — disse Mark; só ele não tinha alcançado uma arma, mas Emma sabia o quanto era rápido. Seu apelido na Caçada Selvagem era *tiro de elfo*, pois ele era veloz e preciso com o arco e flecha ou uma lâmina de arremesso. — Na direção do parque de diversão.

— Eu vou por ali — disse Emma. — Tentar afastá-lo da beira do píer. Mark, Cristina, vocês vão por baixo; peguem-no se ele tentar voltar para a água.

Eles mal tiveram tempo de assentir, e Emma já tinha saído correndo. O vento soprou suas tranças enquanto ela costurava pela multidão até o parque iluminado no final do píer. Cortana estava quente e sólida em sua mão, e seus pés voavam pelos tacos de madeira. Ela se sentiu livre, com as preocupações deixadas de lado, tudo na sua mente e no seu corpo concentrado na tarefa em mãos.

Ela conseguia ouvir os passos ao seu lado. Não precisava olhar para saber que era Jules. Os passos dele tinham estado ao seu lado durante todos os anos em que ela foi uma Caçadora de Sombras combatente. Ele havia sangrado quando ela sangrara. Ele salvara a vida dela, e ela, a dele. Ele era parte da vida guerreira dela.

— Ali. — Ela o ouviu dizer, mas já tinha visto: uma forma escura e corcunda subindo pela estrutura de suporte da roda-gigante. Os carrinhos continuavam girando, os passageiros gritando e se divertindo, sem saber de nada.

Emma chegou à fila da roda-gigante e começou a abrir caminho, empurrando as pessoas. Ela e Julian tinham aplicado Marcas de disfarce antes de chegarem ao píer e estavam invisíveis aos olhos mundanos. Mas isso não significava que não pudessem fazer sua presença ser sentida. Mundanos na fila xingaram e gritaram quando ela tropeçou nos pés deles e deu cotoveladas para avançar.

Um carrinho estava passando e um casal — uma garota comendo algodão-doce roxo e seu namorado magrelo, vestido de preto — estava prestes a entrar. Olhando para cima, Emma viu um brilho quando o demônio Teuthida deslizou sobre o topo do suporte da roda. Xingando, Emma passou o casal, quase os derrubou para o lado, e entrou no carrinho. Era octogonal, um banco corria por

toda a extensão interna, com muito espaço para ficar de pé. Ela ouviu gritos de surpresa quando o carrinho levantou, levando-a para longe da cena de caos que ela tinha criado abaixo, pois o casal que ia entrar estava gritando com a pessoa que recolhia os ingressos, e as pessoas da fila berravam umas com as outras.

O carrinho balançou sob seus pés quando Julian entrou ao lado dela. Ele esticou o pescoço.

— Está vendo?

Emma forçou a vista. Ela *tinha* visto o demônio, tinha certeza disso, mas ele parecia ter desaparecido. Desse ângulo, a roda-gigante era uma confusão de luzes brilhantes, as barras giratórias e as de ferro pintadas de branco. Os dois carrinhos abaixo dela e de Julian estavam vazios; a fila provavelmente ainda estava se organizando.

*Ótimo*, Emma pensou. Quanto menos gente entrasse na roda-gigante, melhor.

— Pare. — Ela sentiu a mão de Julian em seu braço, virando-a. O corpo dela ficou todo tenso. — Marcas — falou ele rispidamente, e ela percebeu que ele estava segurando a estela com a mão livre.

O carrinho continuava subindo. Emma conseguia ver a praia abaixo, a água escura entornava na areia e as colinas do Palisades Park se erguiam verticalmente sobre a rodovia, coroadas por uma franja de árvores e de plantas verdes.

As estrelas brilhavam com luz fraca, porém eram visíveis além das luzes claras do píer. Julian segurou o braço dela de um jeito que não foi nem forte, nem delicado, mas mantinha certa distância calculada. Ele o virou, a estela fazendo movimentos rápidos sobre o pulso, desenhando símbolos de proteção, de velocidade, agilidade e de audição aumentada.

Isso era o mais próximo que Emma tinha estado de Jules em duas semanas. Ela se sentiu tonta e um pouco inebriada. A cabeça dele estava abaixada, os olhos fixos na tarefa que estava executando, e Emma aproveitou a oportunidade para assimilar a imagem de Jules.

As luzes da roda-gigante tinham adquirido tons de âmbar e amarelo e salpicavam a pele bronzeada de Jules com brilho dourado. O cabelo dele estava caído, ondas finas sobre sua testa. Ela sabia como a pele nos cantos de sua boca era suave, e como era tocar os ombros dele com as mãos; eram fortes, duros e vibrantes. Seus cílios eram longos e grossos, tão escuros que pareciam ter sido pintados com carvão; ela quase esperava que deixassem uma marca de poeira escura sobre as maçãs do rosto quando Jules piscava.

Ele era lindo. Sempre foi lindo, mas Emma demorou muito para perceber. E agora ela mantinha as mãos coladas nas laterais do próprio corpo, e doía não poder tocá-lo. Ela nunca mais poderia tocá-lo.



Jules terminou o que estava fazendo e girou a estela de modo que o cabo ficasse voltado para ela. Ela pegou sem uma palavra quando Jules puxou o colarinho da camisa sob o casaco do uniforme. A pele ali era um tom mais pálido do que a pele bronzeada do rosto e das mãos, cheia de Marcas brancas desbotadas de símbolos que já tinham sido usados e gastos.

Ela teve que se aproximar mais um passo para Marcá-lo. Os símbolos floresciam sob a ponta da estela: agilidade, visão noturna. A cabeça dela batia no queixo dele. Emma estava olhando diretamente para a sua garganta e o viu engolir em seco.

— Diga — falou. — Apenas diga que ele te faz feliz. Que Mark te faz feliz.

Ela levantou a cabeça. Tinha acabado de desenhar; ele esticou o braço para pegar a estela da mão parada de Emma. Pela primeira vez, no que parecia uma eternidade, ele olhava diretamente para ela, e seus olhos estavam azul-escuros, transformados pelas cores do céu noturno e do mar, se espalhando ao seu redor à medida que se aproximavam do topo da roda.

— Estou feliz, Jules — falou ela. O que era mais uma mentira no meio de tantas outras? Emma nunca tinha mentido com facilidade, mas estava aprendendo. Quando a segurança das pessoas que amava dependia disso, ela havia descoberto que conseguia mentir. — Isso é... isso é mais inteligente, mais seguro para nós dois.

Contorno suave da boca de Jules enrijeceu.

— Isso não é...

Ela engasgou. Uma forma contorcida se levantou por trás dele — era da cor de uma mancha de óleo, e seus tentáculos de franja se prendiam à roda. A boca estava bem aberta, um círculo perfeito, cheio de dentes.

— *Jules!* — gritou Emma e se jogou do carrinho, segurando em uma das barras finas de ferro que passavam entre as barras giratórias. Pendurada por uma das mãos, ela atacou com Cortana, acertando o Teuthida quando ele recuou. Ele gritou, e icor esguichou; Emma gritou quando respingou no seu pescoço, queimando sua pele.

Uma faca se enterrou no corpo redondo e anelado do demônio. Subindo para uma barra giratória, Emma olhou para baixo e viu Julian empoleirado na beirada do carrinho, com outra faca já na mão. Ele abaixou o braço, deixou a segunda faca voar...

Ela bateu no fundo de um carrinho vazio. O Teuthida, incrivelmente veloz, tinha saído de seu campo de visão. Emma conseguia ouvi-lo descendo pelo emaranhado de barras de metal que formavam o interior da roda.

Emma guardou Cortana e começou a descer pela barra giratória, indo até o fundo da roda. Luzes de LED explodiam ao seu redor em roxo e dourado.

Havia icor e sangue em suas mãos, tornando a descida mais escorregadia. Ao contrário do que se poderia imaginar, a vista da roda era linda, o mar e a areia se abriam diante dela em todas as direções, como se ela estivesse pendurada na beira do mundo.

Ela sentia o gosto de sangue e sal. Abaixo, conseguia ver Julian, que tinha saído do carrinho e estava percorrendo uma barra giratória mais embaixo. Ele olhou para ela e apontou; ela seguiu a linha de sua mão e viu o Teuthida quase no centro da roda.

Seus tentáculos estavam chicoteando em volta do corpo, atingindo o centro do brinquedo. Emma sentia as reverberações pelos ossos. Ela esticou o pescoço para ver o que ele estava fazendo e congelou — o centro da roda era um parafuso gigantesco, que a mantinha presa em seus suportes estruturais. O Teuthida estava puxando o parafuso, tentando arrancá-lo. Se o demônio fosse bem-sucedido na tarefa, toda a estrutura se desmontaria e rolaria para fora do píer, como uma roda de bicicleta solta.

Emma não fingiu acreditar que alguém na roda ou perto dela fosse sobreviver. A estrutura ia se desfazer e destruir qualquer um embaixo. Demônios se deleitavam com destruição, com a energia da morte. Ele teria um banquete.

A roda-gigante sacudiu. O Teuthida estava com os tentáculos firmemente presos no parafuso de metal em seu centro e começava a girá-lo. Emma dobrou a velocidade, mas ela estava longe demais. Julian estava mais próximo, mas ela sabia quais armas ele carregava: duas facas, que já tinha arremessado, e lâminas serafim, que não eram longas o suficiente para alcançarem o demônio.

Ele olhou para Emma no alto ao esticar o corpo pela barra de ferro, enrolou o braço esquerdo para se apoiar e esticou o direito, estendendo a mão.

Ela soube, imediatamente, sem ter que se perguntar, o que Julian estava pensando. Ela respirou fundo e soltou a barra giratória.

Emma caiu, na direção de Julian, esticando a mão para alcançar a dele. Eles se seguraram e apertaram com força, e ela o ouviu arfar ao sustentar seu peso. Emma balançou para a frente e para baixo, com o braço esquerdo preso no direito de Julian, e com a outra mão desembainhou Cortana. O peso de sua queda a carregou para a frente, balançando-a para o meio da roda.

O demônio Teuthida levantou a cabeça quando ela voou na direção dele, e, pela primeira vez, Emma viu os olhos da criatura — eram ovais, cobertos por uma capa protetora espelhada. Quase pareceram se arregalar como olhos humanos quando ela empunhou Cortana para a frente, enfiando-a na cabeça do demônio em direção ao seu cérebro.

Seus tentáculos balançaram — um último espasmo de morte quando o corpo se livrou da lâmina e foi caindo, rolando por uma das barras giratórias que

desciam pela roda. Ele chegou ao fim e caiu.

Ao longe, Emma achou ter ouvido um *splash*. Mas não havia tempo para pensar nisso. A mão de Julian apertava a dela com mais força, e ele a puxou para cima. Emma guardou Cortana de volta na bainha quando ele a puxou para a barra onde estava deitado, de modo que ela caiu sem jeito, meio em cima dele.

Julian ainda estava agarrado à mão dela, respirando pesado. Os olhos encontraram os de Emma, só por um segundo. Em volta deles, a roda girava, baixando-os de volta para o chão. Ela podia ver grupos de mundanos na praia, o brilho da água na costa, até mesmo uma cabeça escura e outra clara, que poderiam ser Mark e Cristina...

— Bom trabalho em equipe — disse Julian afinal.

— Eu sei — falou Emma, e ela sabia mesmo. Isso era o pior: o fato de que ele estava certo, que eles ainda trabalhavam perfeitamente juntos como *parabatai*. Como parceiros guerreiros. Como um par combinado de soldados que nunca, jamais, poderia ser separado.

Mark e Cristina estavam esperando por eles embaixo do píer. Ele tinha tirado os sapatos e estava com parte do corpo na água. Ela dobrava o canivete. Aos seus pés, um pedaço de areia seca e gosmenta.

— Viram aquela coisa lulesca caindo da roda-gigante? — perguntou Emma enquanto ela e Julian se aproximavam.

Cristina fez que sim com a cabeça.

— Ela caiu no raso. Não estava totalmente morta, então Mark a arrastou para a praia e terminamos o serviço. — Ela chutou a areia na frente dela. — Foi muito nojento. Mark se sujou de meleca.

— Eu me sujei de icor — disse Emma, olhando para baixo, para o uniforme manchado. — Esse foi um demônio bem trabalhoso.

— Você continua muito linda — disse Mark com um sorriso galante.

Emma lhe sorriu de volta o quanto conseguiu. Ela era incrivelmente grata a Mark, que estava desempenhando seu papel nessa história sem uma queixa, apesar de provavelmente achar tudo estranho. Na opinião de Cristina, Mark estava ganhando alguma coisa com isso, mas Emma não imaginava o quê. Não era como se ele gostasse de mentir — tinha passado tanto tempo entre fadas, que eram incapazes de inverdades, que ele não achava isso normal.

Julian tinha se afastado deles e estava novamente ao telefone, falando baixo. Mark saiu da água e calçou as botas com os pés molhados. Nem ele, nem Cristina estavam totalmente disfarçados, e Emma notou os olhares de passantes mundanos quando ele veio na direção dela — porque ele era alto, lindo, e tinha

olhos que brilhavam mais do que as luzes da roda-gigante. E porque um de seus olhos era azul, e o outro dourado.

E porque havia alguma coisa nele, alguma coisa indefinidamente estranha, um traço do espírito selvagem do Reino das Fadas que sempre fazia Emma pensar em espaços amplos de liberdade e anarquia. *Eu sou um garoto perdido*, seus olhos pareciam dizer. *Encontre-me*.

Alcançando Emma, ele levantou a mão para afastar uma mecha de cabelo dela. Uma onda de sentimentos a percorreu — tristeza e empolgação, um desejo de alguma coisa, apesar de não saber o quê.

— Era Diana — disse Julian, e, mesmo sem olhar para ele, Emma conseguia imaginar seu rosto enquanto ele falava; gravidade, consideração, uma análise cuidadosa da situação, não importa qual fosse. — Jace e Clary chegaram com uma mensagem do Cônsul. Estão fazendo uma reunião no Instituto e nos querem lá agora.

## 2

### Cheias sem Limites

Os quatro atravessaram o Instituto direto para a biblioteca, sem parar para trocarem de roupa. Só quando entraram na sala, e Emma percebeu que ela, Mark, Cristina e Julian estavam os quatro sujos de icor grudento de demônio, foi que ela parou para pensar se talvez devessem ter tomado um banho antes.

O teto da biblioteca tinha sido danificado há duas semanas e consertado às pressas, a claraboia de vitral substituída por vidro liso, o teto elaboradamente decorado agora estava coberto por uma camada de madeira de sorveira Marcada.

A madeira das sorveiras era protetora: mantinha a magia sombria afastada. Também tinha um efeito sobre fadas — Emma viu Mark fazer uma careta e olhar para cima ao entrarem na sala. Ele havia lhe dito que a proximidade com uma grande quantidade da madeira fazia com que ele se sentisse como se a pele estivesse coberta por pequenas centelhas de fogo. Emma ficou imaginando qual seria o efeito em uma fada de puro sangue.

— Fico feliz em vê-los aqui — cumprimentou Diana. Ela estava sentada à cabeceira de uma das compridas mesas da biblioteca, com o cabelo preso em um coque. Uma corrente grossa de ouro brilhava contra sua pele. Seu vestido preto e branco estava, como sempre, perfeito e sem qualquer amassado.

Ao lado dela estava Diego Rocio Rosales, notável pela Clave por ser um Centurião altamente treinado e para os Blackthorn por ter o apelido Diego Perfeito. Ele *era* irritantemente perfeito — ridiculamente bonito, um combatente espetacular, inteligente e absurdamente educado. Também tinha partido o coração de Cristina antes de ela sair do México, o que significava que normalmente Emma estaria planejando a morte dele, mas não podia porque ele e Cristina haviam voltado a namorar há duas semanas.

Diego sorriu para Cristina agora, seus dentes brancos e retos brilhando. O

broche de Centurião brilhava em seu ombro, as palavras *Primi Ordines* visíveis contra a prata. Ele não era apenas um Centurião, ele era um dos da Primeira Companhia, o que tinha de melhor na turma que se formou pela Scholomance. Porque, é claro, ele era perfeito.

Em frente a Diana e Diego sentavam-se duas figuras muito familiares para Emma: Jace Herondale e Clary Fairchild, os diretores do Instituto de Nova York, apesar de que, quando Emma os conheceu, eles eram adolescentes da idade que ela tem agora. Jace era pura beleza dourada e despenteada, uma aparência que só melhorou com o tempo. Clary tinha cabelo ruivo, olhos verdes teimosos, e um rosto enganadoramente delicado. Tinha uma vontade de ferro, como Emma tinha bons motivos para saber.

Clary se levantou, com o rosto iluminado, enquanto Jace se inclinava na cadeira com um sorriso.

— Vocês voltaram! — exclamou ela, correndo para Emma. Estava de calça jeans e uma camiseta puída que dizia MADE IN BROOKLYN, que provavelmente tinha sido de seu melhor amigo, Simon. Parecia gasta e macia, exatamente o tipo de camiseta que Emma costumava pegar de Julian e se recusava a devolver. — Como foi com o demônio lula?

Emma não conseguiu responder por causa do abraço apertado de Clary.

— Bem — disse Mark. — Muito bem. São tão cheias de líquidos, as lulas.

Ele realmente parecia satisfeito com o fato.

Clary soltou Emma e franziu o rosto para o icor, a água do mar, e a gosma não identificada que tinham sujado a camisa dela.

— Estou vendo.

— Eu só vou dar as boas-vindas a todos vocês daqui mesmo — disse Jace, acenando. — Tem um cheiro perturbador de lula vindo de vocês.

Ouviu-se uma risada, rapidamente abafada. Emma olhou para cima e viu pernas penduradas entre as grades da galeria superior. Entretida, ela reconheceu os membros longos de Ty e as meias estampadas de Livvy. Existiam cantos na galeria de cima que eram perfeitos para bisbilhotar — ela perdeu a conta de quantas reuniões de Andrew Blackthorn ela e Julian espiaram quando criança, absorvendo o conhecimento e o senso de relevância que estar presente a uma reunião de Conclave trazia.

Emma olhou de esguelha para Julian, vendo-o notar a presença de Ty e Livvy, sabendo o instante em que ele decidiu, como ela o fez, não comentar nada a respeito. Todo o processo de pensamento dele era visível para ela na curva do seu sorriso — estranho o quão transparente Julian era nesses momentos sem reservas, e quão pouco Emma sabia o que ele estava pensando quando ele escolhia esconder.

Cristina foi até Diego, tocando delicadamente em seu ombro. Ele a beijou no pulso. Emma viu Mark olhar para eles, com a expressão ilegível. Mark tinha falado com ela sobre muitas coisas nas últimas semanas, mas não sobre Cristina. Nunca sobre Cristina.

— Então já são quantos demônios marinhos? — perguntou Diana. — Ao todo? — Ela gesticulou para que todos tomassem seus assentos ao redor da mesa. Eles se sentaram, se apertando um pouco, Emma ao lado de Mark, mas em frente a Julian. Ele respondeu a Diana calmamente, como se não estivesse pingando icor no chão polido.

— Alguns menores nesta última semana — disse Julian —, mas isso é normal quando há tempestade. Eles encalham na praia. Fizemos algumas patrulhas; os Ashdown fizeram outras mais ao sul. Acho que conseguimos pegar todos eles.

— Esse foi o primeiro realmente grande — disse Emma. — Quer dizer, eu só vi alguns grandes daquele jeito na vida. Eles normalmente não saem do mar.

Jace e Clary trocaram um olhar.

— Tem alguma coisa que precisamos saber? — perguntou Emma. — Vocês estão colecionando demônios marinhos bem grandes para decorar o Instituto ou coisa parecida?

Jace se inclinou para a frente com os cotovelos sobre a mesa. Tinha um semblante calmo, semelhante ao de um felino, e olhos cor de âmbar ilegíveis. Clary falou que, na primeira vez que o viu, achou que ele se parecia com um leão. Emma entendia: leões pareciam muito calmos e quase preguiçosos até explodirem em ação.

— Talvez devêssemos contar por que estamos aqui — falou.

— Pensei que estivessem aqui por causa de Kit — disse Julian. — Por ele ser um Herondale e tudo o mais.

Ouviram um movimento em cima e um murmúrio baixo. Ty vinha dormindo na frente da porta de Kit nas últimas noites, um comportamento estranho que ninguém mencionou. Emma supôs que Ty achasse Kit incomum e interessante, como, às vezes, achava abelhas e lagartos incomuns e interessantes.

— Também — disse Jace. — Acabamos de voltar de uma reunião do Conselho em Idris. Foi por isso que demoramos tanto para chegar aqui, apesar de querer vir o mais rápido possível assim que soube de Kit. — Ele se reclinou e colocou um braço atrás da própria cadeira. — Vocês não ficarão surpresos em saber que houve muita discussão sobre a situação de Malcolm.

— Você quer dizer sobre a situação em que o Alto Feiticeiro de Los Angeles se revelou um assassino e um necromante? — questionou Julian. Existiam claras camadas de insinuação em sua voz: a Clave não tinha desconfiado de Malcolm, havia aprovado sua indicação para Alto Feiticeiro, não tinha feito nada para

impedir os assassinatos que ele cometeu. Foram os Blackthorn que fizeram isso.

Ouviu-se mais uma risadinha de cima. Diana tossiu para esconder um sorriso.

— Desculpem — falou para Jace e Clary. — Acho que temos ratos.

— Eu não ouvi nada — falou Jace.

— Só estamos surpresos que a reunião do Conselho tenha terminado tão depressa — disse Emma. — Achamos que talvez fôssemos ter que testemunhar. Sobre Malcolm e tudo que aconteceu.

Emma e os Blackthorn já haviam testemunhado perante o Conselho antes. Anos antes, após a Guerra Maligna. Não foi uma experiência que Emma estivesse empolgada para repetir, mas teria sido uma chance de contar a sua versão dos fatos. De explicar por que trabalharam em conjunto com as fadas, contradizendo diretamente as Leis da Paz Fria. Por que tinham investigado o Alto Feiticeiro de Los Angeles, Malcolm Fade, sem avisar à Clave que estavam fazendo isso; o que fizeram quando descobriram que ele era culpado de crimes hediondos.

Por que Emma o matou.

— Você já contou a Robert, o Inquisidor — disse Clary. — Ele acreditou em você. Ele testemunhou em seu nome.

Julian ergueu uma sobrancelha. Robert Lightwood, o Inquisidor da Clave, não era um homem caloroso e amigável. Contaram a ele o que aconteceu porque foram forçados a isso, mas ele não era o tipo de pessoa que você conseguiria imaginar lhe fazendo favores.

— Robert não é tão ruim assim — disse Jace. — Sério. Ele amoleceu depois que se tornou avô. Além disso, a Clave estava menos interessada em vocês do que no *Volume Preto*.

— Aparentemente ninguém percebeu que ele já esteve na biblioteca daqui — disse Clary. — O Instituto da Cornualha é famoso por ter uma seleção consideravelmente ampla de livros sobre magia proibida: o *Malleus Maleficarum* original, o *Demonatia*. Todo mundo achou que estivesse lá, devidamente trancado.

— Os Blackthorn dirigiam o Instituto da Cornualha — disse Julian. — Talvez meu pai tenha trazido com ele quando foi nomeado para cuidar do Instituto daqui — ele parecia perturbado. — Mas não sei por que ele ia querer fazer isso.

— Talvez Arthur tenha trazido — sugeriu Cristina. — Ele sempre foi fascinado por livros antigos.

Emma balançou a cabeça.

— Não pode ser. O livro tinha que estar aqui quando Sebastian atacou o Instituto. Antes de Arthur vir.



— Quanto do fato de não nos quererem lá para testemunhar teve a ver com eles discutirem se eu deveria poder ficar? — perguntou Mark.

— Uma boa parte — disse Clary, olhando nos olhos dele. — Mas, Mark, nós nunca permitiríamos que o fizessem voltar para a Caçada. *Todo mundo* teria se manifestado.

Diego assentiu.

— A Clave deliberou, e eles concordam que Mark fique aqui com a família. A ordem original só proibia que Caçadores de Sombras procurassem por ele, mas ele veio até vocês, então a ordem não foi desrespeitada.

Mark assentiu, bem formal. Ele nunca pareceu gostar do Diego Perfeito.

— E, acreditem em mim — acrescentou Clary —, eles ficaram muito felizes por usarem essa brecha. Acho que até os que mais odeiam fadas ali sentem pelo que Mark passou.

— Mas não pelo que Helen passou? — perguntou Julian. — Alguma coisa sobre a volta dela?

— Nada — respondeu Jace. — Sinto muito. Não quiseram nem ouvir falar.

A expressão de Mark endureceu. Naquele momento, Emma pôde ver o guerreiro nele, a sombra escura dos campos de batalha que a Caçada Selvagem rondava, o caminhante entre os corpos dos mortos.

— Vamos continuar insistindo — disse Diana. — Tê-lo de volta é uma vitória, Mark, e vamos pressionar essa vitória. Mas agora...

— O que é que está acontecendo agora? — Mark quis saber. — A crise não acabou?

— Somos Caçadores de Sombras — disse Jace. — Você vai ver que a crise nunca acaba.

— Agora — prosseguiu Diana —, o Conselho acabou de discutir o fato de que grandes demônios marinhos foram vistos por toda a costa da Califórnia. Em número recorde. Mais deles foram vistos na última semana do que na última década. Aquele Teuthida que combateram não foi um demônio isolado.

— Achamos que é porque o corpo de Malcolm e o *Volume Preto* ainda estão no mar — disse Clary. — E achamos que pode ser por causa dos feitiços que Malcolm realizou durante a vida.

— Mas os feitiços de um feiticeiro desaparecem quando ele morre — protestou Emma. Ela pensou em Kit. As barreiras que Malcolm colocou em torno da casa dos Rook caíram quando ele morreu. Demônios atacaram em uma questão de horas. — Nós fomos até a casa dele depois que ele morreu, para procurar provas do que ele vinha fazendo. O lugar havia se desintegrado totalmente.

Jace tinha desaparecido sob a mesa. Ele apareceu um instante depois,

segurando Church, o gato de meio período do Instituto. Church estava com as patas esticadas e tinha um olhar de satisfação no rosto.

— Pensamos a mesma coisa — disse Jace, colocando o gato no colo. — Mas, aparentemente, segundo Magnus, há feitiços que podem ser construídos para serem *ativados* pela morte de um feiticeiro.

Emma olhou para Church. Ela sabia que o gato já tinha morado no Instituto de Nova York, mas parecia grosseiro demonstrar uma preferência assim tão descarada. O gato estava deitado de costas no colo de Jace, ronronando e ignorando-a.

— Como um alarme — disse Julian —, que dispara quando você abre uma porta?

— Sim, mas nesse caso a morte é a porta aberta — disse Diana.

— Então qual é a solução? — perguntou Emma.

— Provavelmente precisamos que o corpo dele desligue o feitiço, por assim dizer — respondeu Jace. — E uma pista de como ele fez isso seria uma boa.

— As ruínas da convergência foram verificadas com grande cuidado — disse Clary. — Mas vamos checar a casa de Malcolm amanhã, só para garantir.

— São só destroços — alertou Julian.

— Destroços que terão que ser limpos em breve, antes que os mundanos percebam — disse Diana. — Disfarçados por feitiço, mas é temporário. Isso significa que o local só estará intacto por mais alguns dias.

— E não há mal nenhum em dar uma última olhada — falou Jace. — Principalmente porque Magnus nos deu uma ideia do que *procurar* — ele afagou a orelha de Church, mas não falou mais sobre o assunto.

— O *Volume Preto* é um objeto necromântico poderoso — disse Diego Perfeito. — Pode estar causando perturbações que nem imaginamos. Fazer os demônios marinhos das maiores profundezas emergirem para as nossas praias significa que os mundanos correm perigo; alguns já desapareceram do Píer.

— Então — disse Jace. — Uma equipe de Centuriões vai chegar amanhã...

— Centuriões? — O pânico passou pelos olhos de Julian, um olhar de medo e vulnerabilidade que Emma supôs que fosse visível apenas para ela. Desapareceu quase instantaneamente. — Por quê?

*Centuriões*. Caçadores de Sombras de elite, treinados na Scholomance, uma escola esculpida nas paredes de pedra das Montanhas Cárpatos, cercada por um lago gelado. Eles estudavam ciência esotérica e eram especialistas em fadas e na Paz Fria.

E, aparentemente, em demônios marinhos.

— Excelente notícia — disse Diego Perfeito. Ele *diria* isso, Emma pensou. Presunçosamente, o rapaz tocou o broche no ombro. — Eles vão conseguir

encontrar o corpo e o livro.

— Espero que sim — concluiu Clary.

— Mas vocês já estão aqui, Clary — disse Julian, com a voz enganosamente calma. — Você e Jace... se trouxessem Simon e Isabelle, e Alec e Magnus, aposto que conseguiriam encontrar o corpo de cara.

*Ele não quer estranhos aqui*, Emma pensou. Pessoas que espionariam os assuntos do Instituto, que pediriam para falar com o tio Arthur. Ele conseguiu preservar os segredos do Instituto mesmo com tudo o que aconteceu com Malcolm. E agora estavam sendo ameaçados novamente por Centuriões desconhecidos.

— Clary e eu estamos de passagem — afirmou Jace. — Não podemos ficar e procurar, por mais que quiséssemos. Estamos em uma missão do Conselho.

— Que tipo de missão? — perguntou Emma. Que missão poderia ser mais importante do que recuperar o *Volume Preto* e limpar a bagunça que Malcolm causou de uma vez por todas?

Mas ela pôde perceber, pelo olhar que Jace e Clary trocaram, que havia um mundo de coisas mais importantes lá fora, coisas que ela não podia imaginar. Emma não pôde conter uma pequena explosão de amargura por dentro, o desejo de ser só um pouquinho mais velha, de poder ser igual a Jace e Clary, de conhecer seus segredos e os segredos do Conselho.

— Sinto muito — falou Clary. — Não podemos falar.

— Então não vão nem ficar aqui? — insistiu Emma. — Enquanto tudo isso acontece, e nosso Instituto é invadido...

— Emma — disse Jace. — Sabemos que vocês estão acostumados a ficarem sozinhos e a não serem incomodados aqui. A só terem que responder a Arthur.

Se, ao menos, ele soubesse. Mas isso era impossível.

Ele prosseguiu:

— Mas o propósito de um Instituto não é só centralizar atividades da Clave, mas abrigar Caçadores de Sombras que precisam ser acomodados em uma cidade onde não moram. Tem cinquenta quartos aqui que ninguém está usando. Então, a não ser que haja um motivo sério para que não venham...

As palavras ficaram pairando no ar. Diego olhou para as próprias mãos. O Centurião não sabia toda a verdade sobre Arthur, mas Emma supôs que ele desconfiasse.

— Podem nos contar — disse Clary. — Manteremos segredo absoluto.

Mas não era um segredo de Emma para revelar. Ela se conteve de olhar para Mark ou Cristina, Diana ou Julian, os únicos à mesa que sabiam a verdade sobre quem realmente comandava o Instituto. Uma verdade que teria que ser escondida dos Centuriões, que teriam a obrigação de reportá-la ao Conselho.

— O tio Arthur não anda bem, como imagino que saibam — falou Julian, gesticulando para a cadeira vazia onde o diretor do Instituto normalmente sentaria. — Fiquei preocupado que os Centuriões pudessem piorar as condições dele, mas, dada a importância dessa missão, vamos recebê-los com o maior conforto possível.

— Desde a Guerra Maligna, Arthur tem sido suscetível a enxaquecas e dores em velhos ferimentos — acrescentou Diana. — Eu farei a ponte entre ele e os Centuriões até que ele esteja melhor.

— Realmente não há com o que se preocupar — disse Diego. — Eles são Centuriões: soldados educados e disciplinados. Não vão dar festas nem fazer pedidos descabidos. — Ele colocou um braço em volta de Cristina. — Vou ficar feliz por você conhecer alguns dos meus amigos.

Cristina sorriu de volta para ele. Emma não pôde deixar de olhar para Mark, para ver se ele estava olhando para Cristina e Diego como costumava fazer — uma maneira que a fazia imaginar como Julian podia não perceber. Um dia ele notaria, e haveria perguntas desconfortáveis para responder.

Mas esse dia não seria hoje, porque, em algum momento nos últimos minutos, Mark tinha saído furtivamente da biblioteca. Ele não estava lá.

Mark associava diferentes cômodos do Instituto a diferentes sentimentos, a maioria novos desde a sua volta. A biblioteca feita de madeira de sorveira o deixava tenso. A entrada, onde ele havia enfrentado Sebastian Morgenstern há tantos anos, fazia sua pele arder e seu sangue esquentar.

Em seu próprio quarto, ele se sentia sozinho. No quarto dos gêmeos, e no de Dru ou Tavvy, ele podia se perder no papel de irmão mais velho. No quarto de Emma, ele se sentia seguro. O quarto de Cristina era proibido para ele. No quarto de Julian, ele se sentia culpado. E, na sala de treinamento, se sentia como um Caçador de Sombras.

Ele tinha se dirigido inconscientemente à sala de treinamento assim que saiu da biblioteca. Ainda era demais para Mark o jeito como Caçadores de Sombras escondiam suas emoções. Como conseguiam suportar um mundo onde Helen vivia exilada? Ele mal conseguia aguentar; sentia saudade da irmã todos os dias. E mesmo assim todos o teriam olhado surpresos se ele tivesse gritado de tristeza ou se ajoelhado. Jules, ele sabia, não queria os Centuriões lá, mas sua expressão mal se alterou. Fadas podiam fazer enigmas, trapacear e conspirar, mas não escondiam sua dor verdadeira.

Foi o bastante para mandá-lo para a prateleira de armas, tateando com as mãos até encontrar qualquer coisa que o permitisse se perder no treino. Diana já

tivera uma loja de armas em Idris uma vez, e sempre havia uma variedade impecável de belas armas dispostas para eles treinarem: *machaeras* gregas com suas pontas de fio único. *Spathas* vikings, claymores e Zweihänder para serem usadas com as duas mãos, e *bokken* japoneses, de madeira, usadas apenas para treino.

Ele pensou nas armas das fadas. Na espada que carregava durante a Caçada Selvagem. As fadas não usavam nada de ferro, pois armas e ferramentas de ferro faziam mal para eles. A espada que ele levava na Caçada era feita de osso, e era leve em suas mãos. Leve como as flechas de elfo que ele atirava com seu arco. Leve como o vento sob as patas do seu cavalo, como o ar ao seu redor quando cavalgava.

Mark tirou uma espada claymore da prateleira e a virou cautelosamente na mão. Dava para sentir que era de aço — não era exatamente ferro, mas uma liga de ferro — apesar de ele não ter a reação que fadas de puro sangue tinham a ferro.

Ela pesava em sua mão. Mas tanta coisa era pesada desde que ele voltou para casa. O peso da expectativa era pesado. O peso do amor que sentia pela família era pesado.

Até o peso do seu envolvimento com Emma era pesado. Ele confiava em Emma. Não questionava se o que ela estava fazendo era o certo; se ela acreditava nisso, ele acreditava nela.

Mas mentir não era fácil para ele, e ele detestava fazer isso com a família, acima de qualquer coisa.

— Mark? — Era Clary, seguida por Jace. A reunião na biblioteca devia ter acabado. Os dois tinham se trocado e estavam de uniforme de combate; os cabelos ruivos de Clary eram muito luminosos, como um esguicho de sangue contra suas roupas escuras.

— Estou aqui — falou Mark, devolvendo a espada que segurava ao seu lugar. A lua cheia estava alta, e a luz branca era filtrada pelas janelas. Ela traçava um tipo de estrada pelo mar onde beijava o horizonte à beira da praia.

Jace ainda não tinha dito nada; ele observava Mark com seus olhos dourados, como um falcão. Mark não conseguia deixar de se lembrar de como Clary e Jace eram logo depois que a Caçada o levou. Ele estava escondido nos túneis perto da Corte Seelie quando eles vieram andando em sua direção, e seu coração doeu e se partiu ao vê-los. Caçadores de Sombras, vagando pelos perigos do Reino das Fadas, com a cabeça erguida. Não estavam perdidos, não estavam fugindo. Não tinham medo.

Ele já tinha se perguntado se teria esse orgulho de novo, esse destemor. Mesmo enquanto Jace segurava a luz enfeitiçada na mão, mesmo ao dizer *mostre*

*a eles do que é feito um Caçador de Sombras, mostre a eles que você não tem medo*, Mark morreu de medo.

Não por ele. Pela família. Como ficariam em um mundo em guerra sem ele para protegê-los?

Surpreendentemente bem, foi a resposta. Não precisaram dele, afinal. Tinham Jules.

Jace se sentou em um parapeito. Ele era maior do que na primeira vez em que Mark o viu, é claro. Mais alto, ombros mais largos, mas ainda gracioso. Rumores diziam que até a Rainha Seelie se impressionou com a aparência e a postura dele, e fadas nobres raramente se impressionavam com humanos. Mesmo os Caçadores de Sombras.

Mas, às vezes, sim. Mark supunha que sua própria existência fosse prova disso. Sua mãe, Lady Nerissa, da Corte Seelie, se apaixonou por seu pai Caçador de Sombras.

— Julian não quer os Centuriões aqui — indagou Jace. — Quer?

Mark olhou desconfiado para os dois.

— Eu não saberia.

— Mark não nos contaria os segredos do irmão, Jace — disse Clary. — Você contaria os de Alec?

A janela atrás de Jace se erguia alta e clara, tão clara que Mark, às vezes, imaginava que poderia voar dali.

— Talvez, se fosse pelo bem dele — argumentou Jace.

Clary emitiu um ruído deselegante de dúvida.

— Mark — falou ela. — Precisamos da sua ajuda. Temos algumas perguntas sobre o Reino das Fadas e as Cortes, a disposição física delas, e não parece haver respostas, nem do Labirinto Espiral, nem da Scholomance.

— E, para falar a verdade — disse Jace —, não queremos que pareça muito que estamos investigando, porque nossa missão é secreta.

— Sua missão é no Reino das Fadas? — Mark supôs.

Ambos fizeram que sim com a cabeça.

Mark ficou surpreso. Caçadores de Sombras nunca se sentiram confortáveis nas terras do Reino das Fadas, e, desde a Paz Fria, as evitavam como veneno.

— Por quê? — Ele se voltou rapidamente para a claymore. — É alguma espécie de missão de vingança? Porque Iarlarth e alguns dos outros colaboraram com Malcolm? Ou... por causa do que aconteceu com Emma?

Emma, às vezes, ainda precisava de ajuda com o que restara dos curativos. Toda vez que Mark olhava para as linhas vermelhas que cruzavam sua pele, ele se sentia culpado e nauseado. Eram como uma rede de fios sangrentos que o mantinham preso à mentira que os dois estavam perpetrando.

Os olhos de Clary demonstravam gentileza.

— Não estamos planejando machucar ninguém — falou. — Não existe vingança em curso aqui. É estritamente uma questão de informação.

— Vocês acham que estou preocupado com Kieran. — Mark percebeu. O nome entalava na garganta como um pedaço de osso quebrado. Ele tinha amado Kieran e Kieran o traíra, e voltara para a Caçada; sempre que Mark pensava nele, parecia que estava sangrando por dentro em algum lugar. — Não estou — falou — preocupado com Kieran.

— Então você não se importaria se falássemos com ele — insistiu Jace.

— Eu não me preocuparia com ele — disse Mark. — Poderia me preocupar com vocês.

Clary esboçou um sorriso.

— Obrigada, Mark.

— Ele é o filho do Rei da Corte Unseelie — disse Mark. — O Rei tem cinquenta filhos. Todos eles disputam o trono. O Rei está cansado deles. Ele devia um favor a Gwyn, então deu Kieran a ele como pagamento. Como o presente de uma espada ou um cachorro.

— Pelo que entendo — falou Jace —, Kieran veio até você e ofereceu ajuda contrariando os desejos das fadas. Ele se colocou em grande perigo para auxiliá-lo.

Mark supunha que não deveria se surpreender por Jace saber disso. Emma frequentemente conversava com Clary.

— Ele me devia. Foi graças a ele que as pessoas que eu amo se feriram gravemente.

— Mesmo assim — disse Jace —, existe chance de que ele se prove acessível às nossas perguntas. Principalmente se pudéssemos dizer que temos o seu apoio.

Mark não disse nada. Clary deu um beijo na bochecha de Jace e murmurou alguma coisa em seu ouvido antes de se retirar da sala. Jace a observou sair, com a expressão momentaneamente suave. Mark sentiu uma pontada aguda de inveja. Ele ficou imaginando se algum dia teria isso com alguém: a maneira como eles pareciam combinar, as brincadeiras gentis de Clary, e a força e o sarcasmo de Jace. Ele ficou imaginando se algum dia tinha combinado com Kieran. Se teria combinado com Cristina, caso as coisas tivessem sido diferentes.

— O que vocês querem perguntar a Kieran? — indagou.

— Algumas coisas sobre a Rainha e sobre o Rei — respondeu Jace. Notando o movimento impaciente de Mark, ele emendou: — Vou contar um pouco, mas lembre-se de que eu não deveria dizer nada. A Clave cortaria a minha cabeça por isso. — Ele suspirou. — Sebastian Morgenstern deixou uma arma com uma das Cortes do Reino das Fadas — falou. — Uma arma que pode destruir a todos nós,

destruir todos os Nephilim.

— O que a arma faz? — perguntou Mark.

— Eu não sei. Isso é parte do que temos que descobrir. Mas sabemos que é letal.

Mark fez que sim com a cabeça.

— Acho que Kieran pode ajudar — observou. — E eu posso dar uma lista de nomes no Reino das Fadas que podem ser solidários à sua causa, porque não será uma causa popular. Acho que vocês não sabem o quanto eles os odeiam. Se eles têm uma arma, espero que vocês encontrem, pois não hesitarão em usá-la e não terão compaixão por vocês.

Jace o olhou através dos cílios dourados que eram muito parecidos com os de Kit. Seu olhar estava atento e fixo.

— Compaixão por *nós*? — repetiu. — Você é um de nós.

— Isso parece depender de a quem você pergunta — disse Mark. — Você tem papel e caneta? Vou começar a listar os nomes...

Já fazia muito tempo que o tio Arthur não saía do quarto do sótão onde dormia, comia e trabalhava. Julian franziu o nariz quando ele e Diana subiram as escadas estreitas — o ar estava mais seco do que o normal, rançoso, com cheiro de comida velha e suor. As sombras eram densas. O próprio Arthur era uma sombra, curvado sobre a mesa, uma luz enfeitiçada queimando em um prato no parapeito acima. Ele não reagiu à presença de Julian e Diana.

— Arthur — começou Diana —, precisamos falar com você.

Arthur se virou lentamente na cadeira. Julian sentiu o olhar do tio vagar para Diana e depois para ele.

— Srta. Wrayburn — disse ele, afinal. — O que posso fazer por você?

Diana já tinha acompanhado Julian em idas ao sótão antes, mas foram poucas. Agora que a verdade sobre sua situação era conhecida por Mark e Emma, Julian tinha conseguido reconhecer para Diana o que eles sempre souberam, mas nunca discutiram.

Durante muito tempo, desde que ele tinha doze anos, Julian carregou sozinho o conhecimento de que seu tio Arthur era louco, que sua mente havia sido destruída durante a prisão na Corte Seelie. Ele tinha períodos de lucidez, ajudado pelo remédio que Malcolm Fade lhe dava, mas nunca duravam muito.

Se a Clave soubesse a verdade, teriam deposto Arthur de sua posição como diretor do Instituto em instantes. Era bem provável que ele acabasse trancado no Basílias, proibido de sair ou receber visitas. Em sua ausência, sem nenhum Blackthorn adulto para dirigir o Instituto, as crianças seriam separadas,



mandadas para a Academia em Idris, espalhadas pelo mundo. A determinação de Julian de jamais permitir que isso acontecesse tinha resultado em cinco anos de segredos, cinco anos escondendo Arthur do mundo, e o mundo, de Arthur.

Às vezes, ele ficava imaginando se estava fazendo a coisa certa para o tio. Mas isso tinha alguma importância? Ele protegeria os irmãos e irmãs, de qualquer forma. Sacrificaria Arthur por eles, se precisasse, e se as consequências morais o despertassem no meio da noite de vez em quando, em pânico e engasgando, então ele viveria com isso.

Ele se lembrou dos olhos afiados de fada de Kieran nele: *você tem um coração cruel.*

Talvez fosse verdade. Nesse momento o coração de Julian parecia morto no peito, um nó inchado e sem batimentos. Tudo parecia acontecer de longe — ele até se sentia como se estivesse se movendo mais lentamente pelo mundo, como se estivesse avançando pela água.

Mesmo assim, era um alívio ter Diana ao lado. Arthur frequentemente confundia Julian com seu pai ou seu avô mortos, mas Diana não fazia parte do seu passado, e ele não parecia ter escolha a não ser reconhecê-la.

— O remédio que Malcolm fazia para você — disse Diana. — Alguma vez ele falou com você sobre isso? Sobre o que tinha na composição?

Arthur balançou a cabeça de forma apologetica.

— O menino não sabe?

Julian sabia que estava falando dele.

— Não — respondeu ele. — Malcolm nunca falou sobre isso comigo.

Arthur franziu o rosto.

— Existem borras, sobras que possam ser analisadas?

— Eu usei todas as gotas que encontrei há duas semanas. — Julian havia dopado o tio com um poderoso coquetel do remédio de Malcolm na última vez em que Jace, Clary e o Inquisidor estiveram no Instituto. Ele não ousou correr o risco de que Arthur pudesse estar de qualquer jeito que não firme e lúcido, tanto quanto fosse possível.

Julian tinha quase certeza de que Jace e Clary dariam cobertura se soubessem das condições de Arthur. Mas era um fardo injusto a impor, e, além disso, ele não confiava no Inquisidor Robert Lightwood. Não confiava nele desde quando Robert o fez passar por um julgamento brutal com a Espada Mortal, há cinco anos, porque não acreditou que Julian fosse falar a verdade.

— Você não guardou nada, Arthur? — perguntou Diana. — Escondido em algum lugar?

Arthur balançou a cabeça outra vez. À sombra da pouca luz enfeitada ele parecia velho — muito mais velho do que era, seus cabelos cheios de fios

grisalhos, seus olhos desbotados como o mar nas primeiras horas da manhã. Seu corpo sob o roupão cinza frouxo era muito magro, a ponta do osso do ombro, visível através do tecido.

— Eu não sabia que Malcolm acabaria revelando ser quem era — lamentou. *Um assassino, um matador, um traidor.* — Além disso, eu dependia do menino. — Ele limpou a garganta. — Julian.

— Eu também não sabia sobre Malcolm — disse Julian. — A questão é que vamos receber hóspedes. Centuriões.

— *Kentarchs* — murmurou Arthur, abrindo uma das gavetas de sua mesa como se quisesse procurar alguma coisa ali dentro. — Era assim que eram chamados no exército bizantino. Mas um centurião sempre foi o pilar do exército. Ele comandava cem homens. Um centurião podia impor a um cidadão romano uma punição da qual a lei normalmente os protegia. Centuriões estão acima da lei.

Julian não sabia ao certo quanto os centuriões originais de Roma e os Centuriões da Scholomance tinham em comum. Mas ele achava que estava entendendo o argumento do tio assim mesmo.

— Certo, então isso significa que teremos que ser especialmente cuidadosos. Com o nosso comportamento diante deles. Com o modo como você deverá agir.

Arthur colocou os dedos nas têmporas.

— Estou muito cansado — murmurou. — Podemos não... se pudéssemos pedir um pouco mais de remédio a Malcolm...

— Malcolm está morto — disse Julian. Seu tio tinha sido informado, mas não parecia ter assimilado ainda. E era exatamente o tipo de erro que ele não poderia cometer na presença de estranhos.

— Existem remédios mundanos — disse Diana, após um instante de hesitação.

— Mas a Clave — disse Julian. — A punição por procurar tratamento mundano é...

— Eu sei qual é — falou Diana, surpreendentemente ríspida. — Mas estamos desesperados.

— Mas não fazemos ideia da dosagem nem do remédio. Não fazemos ideia de como os mundanos tratam doenças como essa.

— Eu não estou *doente*. — Arthur fechou violentamente a gaveta da mesa. — As fadas destruíram a minha mente. Eu *senti* quebrar. Nenhum mundano poderia entender isso.

Diana trocou um olhar preocupado com Julian.

— Bem, há diversos caminhos que podemos explorar. Vamos deixá-lo sozinho, Arthur, e vamos discuti-los. Sabemos como o seu trabalho é importante.

— Sim — murmurou o tio de Julian. — Meu trabalho... — E se inclinou novamente sobre seus papéis, no mesmo instante esquecendo Diana e Julian. Enquanto Julian seguia Diana para fora do recinto, não pôde deixar de imaginar que refúgio seu tio encontrava em velhas histórias de deuses e heróis, de uma época mais antiga do mundo, um tempo em que tapar os ouvidos e se recusar a escutar o barulho da música das sirenes poderiam salvá-lo da loucura.

Ao pé da escada, Diana se voltou para Julian e falou baixinho:

— Você terá que ir ao Mercado das Sombras hoje à noite.

— Quê? — Julian ficou espantado. O Mercado das Sombras era proibido para os Nephilim, a não ser que estivessem em missão, e era sempre proibido para Caçadores de Sombras menores de idade. — Com você?

Diana balançou a cabeça.

— Eu não posso ir lá.

Julian não perguntou. Era uma questão não pronunciada entre eles que Diana tinha segredos e que Julian não podia perguntar sobre o assunto.

— Mas há feiticeiros — falou ela. — Feiticeiros que não conhecemos e que ficarão calados por um preço. Feiticeiros que não conhecem seu rosto. E fadas. Essa é uma loucura causada por fadas, afinal não é um estado natural. Talvez saibam como reverter. — Ela ficou em silêncio por um instante, pensando. — Leve Kit com você — emendou. — Ele conhece o Mercado das Sombras melhor do que ninguém, e os membros do Submundo lá confiam nele.

— Ele é só um garoto. — Julian se opôs. — E não saiu do Instituto desde que o pai morreu. — *Foi morto, na verdade. Destruído em pedacinhos diante de seus olhos.* — Pode ser difícil para ele.

— Ele terá que se acostumar com coisas sendo difíceis para ele — disse Diana, com a expressão dura. — Ele é um Caçador de Sombras agora.

# 3

## Onde os Fantasma Habitam

O trânsito horróroso fez Julian e Kit levarem uma hora de Malibu à antiga Pasadena. Quando acharam vaga para o carro, Julian estava com uma dor de cabeça brutal, e o fato de Kit mal ter falado com ele desde que deixaram o Instituto não ajudou em nada.

Mesmo tanto tempo após o pôr do sol, o céu a oeste estava marcado por pinceladas vermelhas e pretas. O vento soprava do leste, o que significava que, mesmo no meio da cidade, você podia sentir o cheiro do deserto: areia e arenito, cactos e coíotes, o aroma ardente de sálvia.

Kit saltou do carro no instante em que Julian desligou o motor, como se não suportasse passar mais um instante ao lado dele. Quando tinham passado pela saída que ia para a velha casa dos Rook, Kit perguntou se poderiam ir até lá para ele buscar algumas roupas. Julian negou, disse que não era seguro, principalmente à noite. O garoto olhou para ele como se Julian o tivesse apunhalado pelas costas.

Julian estava acostumado a insistências, cara amarrada e reclamações de que alguém o odiava. Ele tinha quatro irmãos mais novos. Mas havia uma arte especial no olhar de Kit. Ele realmente falou sério.

Agora, enquanto Julian trancava o carro atrás deles, Kit bufou.

— Você está parecendo um Caçador de Sombras.

Julian olhou para si mesmo. Jeans, botas, um blazer vintage, que tinha sido presente de Emma. Como feitiços de disfarce não eram muito úteis no Mercado, ele teve que recorrer a puxar a manga para esconder o símbolo de Vidência e a levantar o colarinho para esconder as pontas de Marcas, que de outra forma apareceriam por baixo da camisa.

— O quê? — indagou ele. — Não dá para ver nenhuma Marca.

— Não precisa — respondeu Kit, com a voz entediada. — Você parece um policial. Todos vocês sempre se parecem com policiais.

A dor de cabeça de Julian piorou.

— E o que você sugere?

— Deixe que eu vá sozinho — disse Kit. — Eles me conhecem, confiam em mim. Vão responder minhas perguntas e me vender o que eu quiser. — Ele estendeu a mão. — Vou precisar de dinheiro, é claro.

Julian o encarou, incrédulo.

— Você não acreditou de fato que isso fosse funcionar, acreditou?

Kit deu de ombros e recolheu a mão.

— Poderia ter funcionado.

Julian começou a andar para o beco que levava à entrada do Mercado das Sombras. Ele só tinha estado lá uma vez, há anos, mas se lembrava bem. Os Mercados das Sombras se espalharam após a Paz Fria, uma forma de os seres do Submundo fazerem negócios longe dos holofotes das novas Leis.

— Então, deixe-me adivinhar. Seu plano era tirar dinheiro de mim, fingir que ia para o Mercado das Sombras e entrar em um ônibus para fora da cidade?

— Na verdade, meu plano era tirar dinheiro de você, fingir que ia pro Mercado das Sombras e entrar no Metrolink — respondeu Kit. — Há trens que saem da cidade agora. Um desenvolvimento e tanto, eu sei. Você deveria tentar acompanhar essas coisas.

Julian ficou imaginando rapidamente o que Jace faria se ele estrangulasse Kit. Ele cogitou pensar alto, mas eles já tinham chegado ao fim do beco, onde um leve brilho no ar era visível. Julian pegou Kit pelo braço, fazendo os dois atravessarem ao mesmo tempo.

Eles emergiram do outro lado, no coração do Mercado. Luz brilhava ao redor deles, ofuscando as estrelas no céu. Até a lua parecia uma casca pálida.

Julian ainda estava agarrando o braço de Kit, que não dava sinal de que ia correr. Ele olhava em volta com uma nostalgia que o fazia parecer jovem — às vezes, Julian tinha dificuldade de lembrar que o outro tinha a idade de Ty. Seus olhos azuis — claros e da cor do céu, sem o tom verde que caracterizava os olhos dos Blackthorn — percorriam o Mercado, assimilando-o.

Filas de barracas eram iluminadas por tochas, cujo fogo brilhava em dourado, azul e verde. Treliças de flores mais ricas e com aromas mais doces do que botões de oleandro branco ou flores de jacarandá desciam pelas laterais das barracas. Belos meninos e meninas fadas dançavam ao som da música de cordas e gaitas. Por todos os lados, vozes clamavam para eles: *venham comprar, venham comprar*. Havia armas em exibição, joias, frascos de poções e pós.

— Por aqui — indicou Kit, soltando-se do aperto de Julian.

Julian foi atrás. Podia sentir os olhos neles, e ficou imaginando se seriam porque Kit tinha razão: ele parecia um policial, ou, pelo menos, a versão sobrenatural deles. Ele era um Caçador de Sombras, sempre foi um Caçador de Sombras. Não tinha como esconder a sua natureza.

Chegaram a uma das bordas do Mercado, onde a luz era mais fraca, e podia-se ver as linhas brancas pintadas no asfalto debaixo deles, que revelavam que, durante o dia, esse local era um estacionamento.

Kit foi para a barraca mais próxima, onde uma fada estava sentada na frente de uma placa que anunciava previsão do futuro e poções do amor. A fada olhou com um sorriso alegre enquanto ele se aproximava.

— Kit! — exclamou. Ela estava com um trapo de vestido branco que ressaltava sua pele azul-clara, e as orelhas pontudas apareciam através do cabelo cor de lavanda. Correntes finas de ouro e prata se penduravam em volta do seu pescoço e pendiam dos seus pulsos. A fada olhou para Julian. — O que é que ele está fazendo aqui?

— O Nephilim é legal, Hyacinth — disse Kit. — Eu garanto. Ele só quer comprar uma coisa.

— Não é o que todos querem? — murmurou ela e lançou um olhar astuto a Julian. — Você é bem bonito — falou. — Seus olhos são quase da minha cor.

Julian se aproximou da barraca. Era em momentos como esse que ele gostaria de ter talento para flerte. Não tinha. Nunca na vida sentiu o menor desejo por menina alguma que não fosse Emma, então tratava-se de algo que Julian nunca tinha aprendido a fazer.

— Estou procurando uma poção para curar loucura em um Caçador de Sombras — disse ele. — Ou, pelo menos, parar os sintomas por um tempo.

— Que tipo de loucura?

— Ele foi torturado nas Cortes — falou Julian bruscamente. — A sua mente foi quebrada por alucinações e poções que o obrigaram a tomar.

— Um Caçador de Sombras com loucura causada por fadas? Minha nossa — falou ela, e havia ceticismo em seu tom. Julian começou a explicar sobre o tio Arthur, sem usar o nome dele: sua situação e sua condição. O fato de que seus períodos de lucidez iam e vinham, e, às vezes, suas variações de humor o deixavam sombrio e cruel. Que ele só reconhecia a própria família em parte do tempo. Ele descreveu a poção que Malcolm fazia para Arthur, quando confiavam em Malcolm e achavam que ele fosse um amigo.

Não que ele tenha citado o nome de Malcolm.

A mulher fada balançou a cabeça quando ele terminou de falar.

— Você deveria perguntar a um feiticeiro — falou. — Eles lidam com Caçadores de Sombras. Eu não. Não tenho a menor vontade de contrariar as

Cortes ou a Clave.

— Ninguém precisa saber — disse Julian. — Eu pago bem.

— Criança — havia um tom de pena em sua voz —, você acha que pode manter segredos de todo o Submundo? Você acha que o Mercado não está em rebuliço com as notícias sobre a queda do Guardião e a morte de Johnny Rook? O fato de não termos mais um Alto Feiticeiro? O desaparecimento de Anselm Nightshade, apesar de ele ser um homem terrível... — Ela balançou a cabeça. — Você nunca deveria ter vindo até aqui — advertiu. — Não é seguro para nenhum de vocês.

Kit pareceu espantado.

— Você está falando dele — disse, indicando Julian com um aceno de cabeça. — Não é seguro para *ele*.

— Nem pra você, garotinho — disse uma voz grave atrás de Julian e Kit.

Os dois se viraram. Um homem baixo estava na frente deles. Era pálido, a pele tinha um tom uniforme e adoentado. Vestia um terno cinza de três peças, de lã, que devia estar fervendo naquele clima quente. Seus cabelos e barba eram escuros e cuidadosamente aparados.

— Barnabas — disse Kit, piscando os olhos. Julian notou Hyacinth se encolhendo levemente na barraca. Uma pequena multidão tinha se juntado atrás de Barnabas.

O homem baixo deu um passo para a frente.

— Barnabas Hale — falou, estendendo a mão. Assim que seus dedos se fecharam sobre os de Julian, este sentiu seus músculos enrijecerem. Só a afinidade de Ty por cobras e lagartos, e o fato de que, mais de uma vez, ele já os tirara do Instituto e os jogara no gramado dos fundos impediram Julian de puxar a mão.

A pele de Barnabas não era exatamente descorada. Mas sim uma malha de escamas esbranquiçadas sobrepostas. Seus olhos eram amarelos e focavam, entretidos, Julian, como se esperassem que ele fosse recolher a mão. As escamas contra a pele do rapaz eram como pedras lisas e frias; não eram gosmentas, mas pareciam ter que ser. Julian manteve o aperto de mão por vários minutos antes de abaixar o braço.

— Você é um feiticeiro — disse.

— Nunca falei que era outra coisa — retrucou Barnabas. — E você é um Caçador de Sombras.

Julian suspirou e puxou a manga de volta para o lugar.

— Suponho que não haja muita utilidade em tentar disfarçar.

— Nenhuma — falou Barnabas. — A maioria de nós consegue reconhecer um Nephilim só de olhar, e, além disso, o jovem Sr. Rook tem sido o assunto da

cidade. — Ele voltou seus olhos de pupila comprida para Kit. — Sinto muito sobre seu pai.

Kit recebeu o comentário com um leve aceno de cabeça.

— Barnabas é o dono do Mercado das Sombras. Pelo menos, é dono do terreno onde fica o Mercado, e ele recebe aluguel das barracas.

— Isso é verdade — concordou Barnabas. — Então entenderão que falo sério quando peço que os dois se retirem.

— Não estamos causando transtorno — disse Julian. — Viemos aqui para fazer negócios.

— Nephilim não fazem negócios no Mercado das Sombras — falou Barnabas.

— Acho que descobrirá que fazem sim — disse Julian. — Um amigo meu comprou algumas flechas aqui há pouco tempo. Elas estavam envenenadas. Alguma ideia sobre isso?

Barnabas apontou um dedo curto para ele.

— É disso que estou falando — observou. — Mesmo que queiram, vocês não conseguem desligar esse pensamento de que podem fazer perguntas e estabelecer regras.

— Eles fazem as regras — disse Kit.

— Kit — falou Julian com o canto da boca. — Você não está ajudando.

— Um amigo *meu* desapareceu outro dia — acrescentou Barnabas. — Malcolm Fade. Alguma ideia sobre *isso*?

Ouviu-se um murmúrio baixinho na multidão atrás dele. Julian abriu e fechou as mãos na lateral do corpo. Se ele estivesse sozinho, não teria se preocupado — poderia ter se retirado com facilidade e voltado para o carro. Mas com Kit para proteger, seria mais difícil.

— Viu só? — disse Barnabas. — Para cada segredo que você acha que sabe, nós sabemos outro. Eu sei o que aconteceu com Malcolm.

— Você sabe o que ele fez? — perguntou Julian, controlando cuidadosamente a voz. Malcolm era um assassino, um assassino em massa. Tinha matado seres do Submundo, assim como mundanos. Certamente os Blackthorn não podiam ser culpados por sua morte. — Você sabe *por que* aconteceu?

— Vejo apenas mais um ser do Submundo, morto pelas mãos dos Nephilim. E Anselm Nightshade também, aprisionado por um simples uso de magia. O que mais? — Ele cuspiu no chão aos seus pés. — Pode ter havido um tempo em que tolerarei Caçadores de Sombras no Mercado. Estava disposto a receber o dinheiro deles. Mas esse tempo acabou. — O olhar do feiticeiro desviou para Kit. — Vá — ordenou ele. — E leve seu amigo Nephilim junto.



— Ele não é meu amigo — falou Kit. — E eu não sou como ele, sou como você...

Barnabas balançava a cabeça. Hyacinth observava, as mãos azuis sob o queixo, os olhos arregalados.

— Um período sombrio se aproxima para os Caçadores de Sombras — disse Barnabas. — Um período terrível. O poder deles será esmagado, sua vontade jogada na lama e seu sangue correrá como água pelos rios do mundo.

— Basta — falou Julian irritado. — Pare de tentar assustá-lo.

— Vocês vão pagar pela Paz Fria — disse o feiticeiro. — A escuridão está vindo, e você fará muito bem, Christopher Herondale, em ficar longe dos Institutos e dos Caçadores de Sombras. Esconda-se como seu pai fez e o pai dele também. Só assim você ficará a salvo.

— Como você sabe quem eu sou? — questionou Kit. — Como sabe meu verdadeiro nome?

Foi a primeira vez que Julian o ouviu admitir que Herondale era seu verdadeiro nome.

— Todo mundo sabe — acrescentou Barnabas. — É só o que se fala no Mercado há dias. Não viu todo mundo encarando quando você entrou?

Então não estavam olhando para Julian. Ou, pelo menos, não só para Julian. Não era muito reconfortante, no entanto, Jules pensou, não quando Kit estava com aquela expressão no rosto.

— Achei que eu pudesse voltar aqui — ponderou Kit. — Assumir a barraca do meu pai. Trabalhar no Mercado.

Uma língua forquilhada apareceu por entre os lábios de Barnabas.

— Nascido um Caçador de Sombras, sempre um Caçador de Sombras — declarou ele. — Você não pode lavar a mancha do seu sangue. Estou lhe dizendo pela última vez, menino: saia do Mercado. E não volte mais.

Kit recuou, olhando em volta — vendo, como que pela primeira vez, os rostos virados para ele, a maioria vazios e não amistosos, muitos, curiosos.

— Kit... — começou Julian, estendendo a mão.

Mas Kit já tinha corrido.

Julian levou apenas alguns instantes para alcançá-lo — o menino não estava realmente tentando fugir; ele só estava atravessando as multidões a esmo, sem destino, e tinha parado na frente de uma barraca enorme que parecia estar sendo destruída.

Não passavam de tábuas entrelaçadas agora. Parecia que alguém a tinha destruído com as próprias mãos. Pedacos quebrados de madeira se espalhavam sobre o topo preto. Uma placa dependurava-se torta do topo da barraca, impressa com as palavras PARTE SOBRENATURAL? VOCÊ NÃO É O ÚNICO. OS SEGUIDORES DO

GUARDIÃO QUEREM QUE VOCÊ SE INSCREVA NA LOTERIA DO FAVOR! DEIXE QUE A SORTE ENTRE EM SUA VIDA!

— O Guardião! — exclamou Kit. — Era Malcolm Fade?

Julian fez que sim com a cabeça.

— Foi ele que fez meu pai se envolver com toda aquela história dos Seguidores e do Teatro da Meia-Noite — disse Kit, seu tom quase pensativo. — Ele morreu por culpa de Malcolm.

Julian não falou nada. Johnny Rook não valia muita coisa, mas era pai de Kit. Todo mundo só tem um pai. E Kit não estava errado.

Kit então se moveu, acertando o punho com a máxima força possível na placa. Ela caiu no chão com um barulho. Um minuto antes que Kit retirasse a mão, franzindo o rosto, Julian viu um lampejo do Caçador de Sombras que havia nele. Se Malcolm já não estivesse morto, Julian acreditava sinceramente que Kit o teria matado.

Uma pequena multidão os havia seguido da barraca de Hyacinth, encarando-os. Julian colocou a mão nas costas de Kit, e o menino não fez nada para tentar afastá-lo.

— Vamos — falou.

Emma tomou banho cuidadosamente — a parte ruim de ter cabelos compridos quando se é Caçadora de Sombras é nunca saber se depois de uma luta você vai ter icor neles. Uma vez a nuca dela ficou verde por uma semana.

Quando ela entrou no quarto, vestindo calça de moletom e uma camiseta e secando o cabelo com uma toalha verde, viu Mark encolhido ao pé da cama, lendo *Alice no País das Maravilhas*.

Mark vestia uma calça de pijama que Emma havia comprado por três dólares de um vendedor no acostamento da Rodovia da Costa do Pacífico. Ele gostava da peça por ser estranhamente parecida com o tecido leve e macio das calças que eles usavam no Reino das Fadas. E, se a estampa de trevos verdes com as palavras BOA SORTE o incomodava, ele não demonstrava. O garoto se sentou quando Emma entrou, passando a mão pelo cabelo, e sorriu para ela.

Mark tinha um sorriso capaz de partir seu coração. Parecia dominar todo o seu rosto e iluminar seus olhos, faiscando azul e dourado por dentro.

— Uma noite estranha, em verdade — disse ele.

— Não me venha com “em verdade”. — Ela se sentou na cama ao lado de Mark. Ele não dormia na cama, mas não parecia se importar de usar o colchão como uma espécie de sofá gigante. Pousou o livro e se apoiou contra o encosto do pé da cama. — Você sabe as regras sobre “em verdade” no meu quarto. E também o uso dos termos “não obstante”, “bem dia” e “ai de mim”.

— E quanto a “macacos me mordam”?

— O castigo por “macacos me mordam” é severo — respondeu Emma. — Você vai ter que correr nu para o mar na frente dos Centuriões.

Mark pareceu confuso.

— E depois?

Ela suspirou.

— Desculpe, esqueci. A maioria de nós tem problemas com ficar pelado na frente de estranhos. Pode acreditar.

— Sério? Você nunca nadou nua no mar?

— Essa pergunta é um pouco diferente, mas não, nunca fiz isso. — Ela foi para o lado dele.

— Deveríamos fazer isso um dia — falou ele. — Todos nós.

— Não consigo imaginar o Diego Perfeito arrancando as roupas e pulando na água na nossa frente. Talvez só na frente de Cristina. Talvez.

Mark saltou da cama para a pilha de cobertores que ela lhe tinha arrumado para ele no chão.

— Duvido. Aposto que ele nada todo vestido. Do contrário, teria que tirar o broche de Centurião.

Emma riu e Mark deu um sorriso em resposta, apesar de parecer cansado. Ela entendia. Não eram as atividades normais de Caçadores de Sombras que a estavam cansando. Era a mentira. Talvez fizesse sentido que ela e Mark só conseguissem relaxar à noite um com o outro, considerando que só assim não tinham que mentir.

Foram os únicos momentos em que ela havia relaxado desde que Jem lhe contou sobre a maldição *parabatai*, sobre como *parabatai* que se apaixonavam enlouqueciam e se destruíam e a todos que amavam.

Emma soube imediatamente que não podia permitir que isso acontecesse. Não com Julian nem com a família dele, que ela também amava. Ela não podia deixar de amá-lo. Era impossível. Então Emma tinha que fazer Jules deixar de amá-la.

O próprio Julian tinha lhe dado a ideia, poucos dias antes. Palavras sussurradas para ela em um raro momento de vulnerabilidade. Ele tinha ciúme de Mark. Ciúme por Mark conseguir falar com ela, flertar com ela facilmente, enquanto ele sempre tinha que esconder o que sentia.

Mark estava apoiado no pé da cama, ao lado dela agora, com os olhos semicerrados. Luas de cor sob suas pálpebras, os cílios um tom mais escuro que o cabelo. Emma se lembrava de ter pedido que ele fosse até o quarto dela. *Preciso que finja que estamos namorando. Que estamos nos apaixonando.*

Mark estendera a mão para Emma, e ela vira a tempestade em seus olhos. A

ferocidade que a fazia se lembrar de que o Reino das Fadas era mais do que grama verde e festas. Que era uma crueldade selvagem e dura, lágrimas e sangue, raios que cortavam o céu noturno como uma faca.

*Por que mentir?*, ele lhe perguntara.

Por um instante, Emma havia imaginado que ele tivesse perguntado *por que você quer contar essa mentira?*, mas não foi isso. Ele estava perguntando *por que mentir quando podemos transformar em verdade essa coisa entre nós?*

Ela ficara na frente dele, com muita dor, da cabeça aos pés, em todos os lugares de onde arrancou Julian de si, como se tivesse arrancado um membro.

Diziam que homens se juntavam à Caçada Selvagem quando sofriam alguma grande perda, preferindo uivar sua dor aos céus a sofrer em silêncio em suas vidas comuns. Emma se lembrava de ter voado pelo céu com Mark, os braços dele em torno de sua cintura: ela tinha deixado o vento levar seus gritos de empolgação, deleitando-se com a liberdade do céu onde não havia dor, nem preocupação, apenas esquecimento.

E cá estava Mark, lindo como o céu noturno, oferecendo a ela essa mesma liberdade com o braço estendido. *E se eu pudesse amar Mark?*, pensou. *E se eu pudesse transformar essa mentira em verdade?*

Então não haveria mentira. Se ela pudesse amá-lo, o perigo acabaria. Julian estaria seguro.

Emma concordou. E estendeu a mão para Mark.

Ela se permitiu lembrar daquela noite no quarto, do olhar nos olhos dele quando ele perguntou para ela: *Por que mentir?* Emma se lembrou da mão quente, dos dedos de Mark circulando seus pulsos. Como eles quase tropeçaram na pressa de se aproximarem um do outro, colidindo quase sem jeito, como se estivessem dançando e tivessem errado um passo. Emma havia agarrado Mark pelos ombros e se esticado para beijá-lo.

Ele era rijo por causa da Caçada, sem ser musculoso como Julian, os ossos de sua clavícula e ombros eram pontudos sob as mãos dela. Mas Mark tinha a pele macia onde Emma passou a mão pela gola da camisa, tocando o topo da espinha. E a boca dele era quente na dela.

Mark tinha um gosto agri-doce e estava quente, como se tivesse febre. Emma foi instintivamente para perto dele; não tinha percebido que estava tremendo, mas estava. A boca de Mark se abriu sobre a dela; ele explorou os lábios de Emma, enviando-lhe ondas lentas de calor pelo corpo. E a beijou no canto da boca, roçando os lábios por sua mandíbula e pela bochecha.

E recuou.

— Em — falou, parecendo confuso. — Você está com gosto de sal.

Emma tirou a mão direita da nuca dele. Tocou o próprio rosto. Estava

molhado. Ela tinha chorado.

Ele franziu o rosto.

— Não entendo. Você quer que o mundo acredite que somos um casal, mas está chorando como se eu tivesse te machucado. Machuquei? Julian nunca vai me perdoar.

A menção ao nome de Julian quase a desfez. Emma afundou ao pé da cama, agarrando os joelhos.

— Julian tem tanto com que lidar — ponderou ela. — Não posso deixar que ele se preocupe comigo. Com meu relacionamento com Cameron.

Silenciosamente ela pediu desculpas a Cameron Ashdown, que realmente não tinha feito nada de errado.

— Não é um bom relacionamento — continuou ela. — Não é saudável. Mas, toda vez que termina, eu acabo caindo nele outra vez. Preciso romper esse padrão. E preciso que Julian não fique ansioso com isso. Já tem muita coisa acontecendo: a Clave vai investigar a morte de Malcolm, nosso envolvimento com a Corte...

— Calma — falou Mark, sentando ao lado dela. — Eu entendo.

Mark esticou a mão e puxou o cobertor da cama. Emma o observou, surpresa, enquanto ele cobria os dois, prendendo a coberta em volta dos ombros de ambos.

Emma então pensou na Caçada Selvagem, em como ele devia ser com Kieran, se aconchegando em abrigos, se embrulhando nas próprias capas para se protegerem do frio.

Mark traçou a linha da mandíbula dela com os dedos, mas foi um gesto de amizade. O calor do beijo tinha acabado. E Emma estava satisfeita com isso. Parecia errado sentir aquilo, mesmo que apenas a sombra daquilo, com qualquer pessoa que não fosse Julian.

— Aqueles que não são fadas encontram conforto na mentira — disse ele. — Não posso julgar. Não farei isso com você, Emma. Não vou abandoná-la.

Ela se apoiou no ombro de Mark. O alívio a fez se sentir leve.

— Mas você tem que contar para Cristina — emendou. — Ela é sua melhor amiga, você não pode esconder tanto dela.

Emma assentiu. Sempre planejava contar para Cristina, que era a única que sabia sobre seus sentimentos por Julian, e jamais acreditaria que Emma, de repente, tinha se apaixonado por Mark. Sua amiga teria que saber por uma questão prática, e Emma estava feliz com isso.

— Eu confio plenamente nela — falou. — Agora me conte sobre a Caçada Selvagem.

Mark começou a falar, tecendo a história de uma vida vivida nas nuvens e nos lugares desertos e perdidos do mundo. Cidades ocas no fundo de

desfiladeiros de cobre. A casca de Oradour-sur-Glane, onde ele e Kieran dormiram em um palheiro semiqueimado. A areia e o cheiro do mar em Chipre, em uma cidade de férias vazia, onde árvores cresciam através dos chãos de grandes hotéis abandonados.

Lentamente Emma pegou no sono, e Mark a segurou e sussurrou histórias. Para surpresa dela, ele voltara na noite seguinte — ajudaria a fazer a relação de ambos parecer convincente, ele dissera, mas Emma tinha visto nos olhos dele que ele gostara de sua companhia, assim como ela gostara da dele.

E então passaram todas as noites juntos desde então, deitados nas cobertas empilhadas no chão, contando histórias; Emma falou sobre a Guerra Maligna, e sobre como, às vezes, se sentia perdida agora que não estava mais procurando pela pessoa que tinha matado seus pais, e Mark falava sobre os irmãos e irmãs, sobre como ele e Ty discutiram, e ele teve medo de ter feito o irmão mais novo se sentir como se não pudesse contar com ele, como se Mark pudesse ir embora a qualquer instante.

— Diga que você pode ir embora, mas que sempre voltará para ele — falou Emma. — Diga que sente muito se algum dia o fez se sentir diferente.

Mark apenas fez que sim com a cabeça. Ele não contou a Emma se seguiu seu conselho, mas ela seguiu o dele e contara tudo para Cristina. Fora um alívio enorme, e ela tinha chorado nos braços de Cristina durante horas. Até obteve a permissão de Julian para contar a Cristina uma versão resumida da situação com Arthur — o suficiente para deixar claro o quão necessário Julian era no Instituto, com sua família. Emma pedira autorização a Julian para compartilhar a informação; uma conversa extremamente desconfortável, mas ele quase parecera aliviado por mais alguém saber.

Emma queria perguntar a Julian se em breve ele contaria ao restante da família a verdade sobre Arthur. Mas não podia. Muros se ergueram em volta de Jules e pareciam tão impenetráveis quanto os espinhos em torno do castelo da Bela Adormecida. Emma ficou imaginando se Mark teria percebido, se alguém teria percebido ou se só ela conseguia ver.

Agora ela se virou para olhar para Mark. Ele estava dormindo no chão, a bochecha apoiada na mão. Ela saiu da cama, se ajeitando entre cobertores e travesseiros, e se deitou ao seu lado.

Mark dormia melhor quando estava com ela — tinha dito isso, e Emma acreditava. Vinha se alimentando melhor, estava ganhando músculos rapidamente, as cicatrizes estavam desbotando, as cores haviam voltado às suas bochechas. Emma estava feliz com isso. Podia se sentir como se estivesse morrendo por dentro todos os dias, mas isso era problema seu — ela lidaria com ele. Ninguém lhe devia ajuda, e, de certa forma, Emma recebia bem a dor.

Significava que Julian não estava sofrendo sozinho, ainda que ele próprio acreditasse nisso.

E se ela pudesse ajudar Mark, então, já era alguma coisa. Ela o amava, do jeito que deveria amar Julian: o tio Arthur chamaria de *philia*, o amor entre amigos. E, mesmo sem nunca poder contar a Julian sobre como ela e Mark estavam se ajudando, pelo menos isso era algo que ela sentia que podia fazer por ele: fazer seu irmão feliz.

Mesmo que Julian nunca soubesse.

Uma batida na porta a arrancou de seu devaneio. Emma se levantou; o quarto estava escuro, mas ela conseguiu identificar cabelos ruivos luminosos e o rosto curioso de Clary olhando pela beirada da porta.

— Emma? Você está acordada? Está no *chão*?

Emma olhou para Mark, que dormia feito pedra, embrulhado em cobertas, fora do alcance visual de Clary. Ela levantou dois dedos para Clary, que fez que sim com a cabeça e fechou a porta; em dois minutos Emma estava no corredor, fechando o zíper de um moletom.

— Tem algum lugar onde possamos conversar? — perguntou Clary. Ela ainda era tão pequena, Emma pensou, às vezes era difícil acreditar que tinha vinte e poucos anos. Seus cabelos estavam presos em tranças, e isso fazia com que parecesse ainda mais nova.

— No telhado — decidiu Emma. — Eu mostro.

Ela levou Clary pelos degraus, pela escada de madeira e pelo alçapão, e depois para a extensão escura do telhado. Ela mesma não ia lá desde a noite em que subira com Mark. Parecia que fazia anos, apesar de Emma saber que tinha sido há apenas algumas semanas.

O calor do dia havia deixado o telhado de ardósia preta grudento e quente. Mas a noite estava fresca — as noites do deserto sempre o eram, a temperatura caía como uma pedra assim que o sol se punha — e a brisa do oceano balançou os cabelos úmidos de Emma.

Ela cruzou o telhado, com Clary logo atrás, para o seu canto favorito: uma vista clara do mar abaixo, a rodovia dobrando para a colina sob o Instituto, montanhas se erguendo atrás de picos sombreados.

Emma se sentou na beirada, com os joelhos levantados, permitindo que o ar desértico acariciasse sua pele e o cabelo. O luar prateava suas cicatrizes, principalmente a grossa na parte interna do antebraço direito. Ela fora feita em Idris, quando acordara gritando e chamando os pais, e Julian, sabendo do que ela precisava, colocou Cortana em seus braços.

Clary se ajeitou facilmente ao lado da amiga, com a cabeça inclinada, como se estivesse escutando o leve rugido do mar, que ia e vinha suavemente.

— Bem, em termos de vista, vocês definitivamente ganham do Instituto de Nova York. Tudo que vejo do telhado lá é o Brooklyn. — Ela olhou para Emma. — Jem Carstairs e Tessa Gray mandaram lembranças.

— Foram eles que contaram sobre Kit? — perguntou Emma. Jem era um parente bem distante, muito velho de Emma: apesar de ter aparência de vinte e cinco anos, estava mais para cento e vinte e cinco. Tessa era sua esposa, uma feiticeira poderosa. O casal tinha descoberto a existência de Kit e de seu pai bem a tempo de Johnny Rook ser destruído por demônios.

Clary fez que sim com a cabeça.

— Eles estão em uma missão; não contaram nem para mim o que procuram.

— Achei que estivessem procurando o *Volume Preto*?

— Pode ser. Sei que iam primeiro para o Labirinto Espiral. — Clary se reclinou, apoiada nas mãos. — Sei que Jem gostaria de estar perto de você. Alguém com quem você pudesse conversar. Eu disse a ele que você sempre poderia conversar comigo, mas desde a noite após a morte de Malcolm você não liga...

— Ele não morreu. Eu o *matei* — interrompeu Emma. Ela tinha que ficar lembrando a si própria constantemente que tinha matado Malcolm, enfiado Cortana em suas entranhas, porque parecia muito improvável. E doía, do jeito que esbarrar subitamente em arame farpado doía: uma dor surpreendente que vinha do nada. Apesar de ele ter merecido, doía. — Eu não deveria me sentir mal, certo? — falou Emma. — Ele era uma pessoa terrível e tive que fazer.

— Sim, e sim — respondeu Clary. — Mas isso nem sempre conserta as coisas. — Ela esticou a mão e colocou o dedo sob o queixo da menina, virando o rosto para ela. — Olha, se alguém entende disso, sou eu. Eu matei Sebastian. Meu irmão. Pus uma faca nele. — Por um instante Clary pareceu muito mais nova do que, de fato, era; por um instante, pareceu ter a idade de Emma. — Ainda penso nisso, sonho com isso. Sebastian tinha coisas boas: poucas, um pedacinho mínimo, mas isso me assombra. O potencial mínimo que eu destruí.

— Ele era um monstro — falou Emma, horrorizada. — Um assassino, pior do que Valentim, pior do que qualquer pessoa. Você tinha que matá-lo. Se não tivesse feito, ele literalmente teria destruído o mundo.

— Eu sei. — Clary abaixou a mão. — Nunca houve nada como chance de redenção para Sebastian. Mas isso não impede os sonhos, impede? Nos meus sonhos, às vezes, ainda vejo o irmão que eu poderia ter tido, em algum outro mundo. O de olhos verdes. E você talvez veja o amigo que achava que tinha em Malcolm. Quando as pessoas morrem, o sonho do que elas poderiam ter sido morre com elas. Mesmo que as mãos que encerram esses sonhos sejam as nossas.



— Achei que eu fosse ficar feliz — disse Emma. — Por todos esses anos, tudo que sempre quis foi vingança. Vingança contra quem matou meus pais. Agora sei o que aconteceu com eles, e matei Malcolm. Mas o que sinto é... vazio.

— Eu senti a mesma coisa depois da Guerra Maligna — acrescentou Clary. — Passei tanto tempo fugindo e lutando, desesperada. E depois as coisas ficaram normais. Eu não acreditava. A gente se acostuma a viver de um jeito, mesmo que seja um jeito ruim ou difícil. Quando isso acaba, fica um vazio a ser preenchido. Está na nossa natureza tentar preenchê-lo com ansiedades e medos. Pode levar tempo para conseguir preenchê-lo com coisas boas.

Por um instante, Emma enxergou o passado através da expressão de Clary, lembrando-se da garota que correu atrás dela para uma sala pequena no Gard, que se recusou a deixá-la sozinha sofrendo, que tinha lhe dito que *heróis nem sempre são os que vencem. Que, às vezes, são os que perdem. Mas que continuam lutando, continuam voltando. Não desistem.*

*É isso que faz deles heróis.*

As palavras que conduziram Emma por alguns dos piores momentos da sua vida.

— Clary — disse ela. — Posso perguntar uma coisa?

— Claro. Qualquer coisa.

— Nightshade. O vampiro, você sabe...

Clary pareceu surpresa.

— O vampiro líder de Los Angeles? O que vocês descobriram usando magia proibida?

— Era verdade, certo? Ele realmente estava usando magia ilegal?

Clary assentiu.

— Sim, claro. Tudo no restaurante dele foi testado. Certamente estava. Ele não estaria preso agora, se não estivesse! — Ela colocou a mão sobre a de Emma com leveza. — Sei que a Clave é péssima, às vezes — falou. — Mas há muitas pessoas lá que tentam ser justas. Anselm realmente era um cara ruim.

Emma fez que sim com a cabeça, sem falar nada. Não era de Anselm que estava duvidando, afinal.

Era Julian.

A boca de Clary se curvou em um sorriso.

— Muito bem, chega de assuntos chatos — sugeriu. — Conte alguma coisa boa. Você não me fala sobre a sua vida amorosa há séculos. Ainda está namorando aquele Cameron Ashdown?

Emma balançou a cabeça.

— Eu... estou namorando Mark.

— Mark? — Clary parecia ter recebido um lagarto de duas cabeças. — Mark Blackthorn?

— Não, *outro* Mark. Sim, Mark Blackthorn. — Um tom de defesa surgiu na voz de Emma. — Por que não?

— Eu só... nunca imaginaria vocês dois juntos. — Clary parecia verdadeiramente espantada.

— Bem, com quem você me imaginava? Com Cameron?

— Não, com ele não. — Clary dobrou as pernas para o peito e apoiou o queixo nos joelhos. — É essa a questão — falou. — Eu... quero dizer, a pessoa com quem te imagino não faz o menor sentido. — Ela encontrou o olhar confuso de Emma ao abaixar os olhos. — Acho que não era nada. Se está feliz com Mark, fico feliz por você.

— Clary, o que você não está me contando?

Fez-se um longo silêncio. Clary olhou para a água escura. Finalmente falou:

— Jace me pediu em casamento.

— Ah! — Emma já tinha começado a abrir os braços para abraçar Clary quando viu sua expressão. Ela congelou. — *Qual é o problema?*

— Eu disse não.

— Você disse *não*? — Emma abaixou os braços. — Mas vocês estão aqui... juntos... não estão mais...?

Clary se levantou. Ficou na beirada do telhado, fitando o mar.

— Ainda estamos juntos — disse ela. — Eu falei que precisava de mais tempo para pensar. Tenho certeza de que ele acha que estou maluca, ou... bem, não sei o que ele pensa.

— Precisa? — perguntou Emma. — De mais tempo?

— Para decidir se quero casar com Jace? Não. — A voz de Clary estava tensa com uma emoção que Emma não conseguia decifrar. — Não. Eu sei a resposta. Claro que quero. Nunca vai haver mais ninguém para mim. É um simples fato.

Alguma coisa na naturalidade da voz de Clary fez Emma estremecer. *Nunca vai haver mais ninguém para mim.* Havia um reconhecimento naquele calafrio, e um pouco de medo.

— Então por que você disse isso?

— Eu costumava ter sonhos — respondeu Clary. Ela estava olhando para a trilha que a lua deixava na água escura, como um rasgo branco dividindo uma tela preta. — Quando eu tinha a sua idade. Sonhos com coisas que iam acontecer, sonhos com anjos e profecias. Depois que a Guerra Maligna acabou, eles pararam. Achei que nunca mais fossem voltar, mas, nos últimos seis meses, voltaram.

Emma se sentiu um pouco perdida.

— Sonhos?

— Não são mais tão claros quanto costumavam ser. Mas dão uma sensação... uma certeza de que algo terrível está por vir. Como uma parede de escuridão e sangue. Uma sombra que se espalha pelo mundo e mancha tudo. — Ela engoliu em seco. — E tem mais. Não é tanto uma imagem de alguma coisa acontecendo, mas a certeza.

Emma se levantou. Queria colocar a mão no ombro de Clary, mas algo a conteve. Esta não era Clary, a menina que a tinha confortado quando seus pais morreram. Esta era a Clary que havia ido ao reino demoníaco de Edom e matado Sebastian Morgenstern. Clary que encarara Raziel.

— Uma certeza de quê?

— De que eu vou morrer — respondeu Clary. — E não falta muito. Em breve.

— Isso é por causa da sua missão? Acha que vai acontecer alguma coisa com você?

— Não... não, nada assim — disse Clary. — É difícil explicar. É uma certeza de que vai acontecer, mas não exatamente quando ou como.

— Todo mundo tem medo de morrer — disse Emma.

— Nem todo mundo tem — falou Clary —, e eu não tenho, mas tenho medo de deixar Jace. Tenho medo do que isso faria com ele. E acho que sendo casada é pior. O casamento muda as coisas. É uma promessa de ficar com alguém. Mas eu não poderia prometer ficar por muito tempo. — Ela olhou para baixo. — Sei que soa ridículo. Mas sei o que sei.

Fez-se um longo silêncio. O som do oceano corria sob a quietude entre elas e o som do vento no deserto.

— Você contou para ele? — perguntou Emma.

— Não contei a ninguém além de você. — Clary virou e olhou ansiosa para a amiga. — Estou pedindo um favor. Um favor enorme. — Ela respirou fundo. — Se eu morrer, quero que você diga a eles, a Jace e aos outros, que eu sabia. Sabia que ia morrer e não tinha medo. E diga a Jace que foi por isso que eu disse não.

— Eu... mas por que eu?

— Não existe mais ninguém a quem eu possa contar isso sem que a pessoa tenha um ataque ou pense que preciso de terapia... bem, no caso de Simon é isso que ele diria. — Os olhos de Clary ficaram suspeitamente claros quando ela falou o nome do seu *parabatai*. — E eu confio em você, Emma.

— Pode deixar — respondeu Emma. — E claro que pode confiar em mim, não vou contar para ninguém, mas...

— Não estava falando que confio em você para guardar segredo — disse Clary. — Embora eu confie. Nos meus sonhos, eu a vejo com Cortana na mão.

— Ela se esticou, praticamente na ponta do pé, e beijou a testa de Emma. Foi quase um gesto maternal. — Confio que você sempre continuará lutando, Emma. Confio que nunca vá desistir.

Só quando voltaram para o carro foi que Kit notou que as juntas de seus dedos estavam sangrando. Ele não sentiu dor quando socou a placa, mas estava sentindo agora.

Julian, prestes a ligar o carro, hesitou.

— Posso curá-lo — disse ele. — Com um *iratze*.

— Um o quê?

— Uma Marca de cura — disse Julian. — É uma das mais fracas. Então faz sentido que seja sua primeira.

Milhares de comentários sarcásticos passaram pela cabeça de Kit, mas ele estava cansado demais para dizê-los em voz alta.

— Não me cutuque com nenhuma das suas varinhas mágicas esquisitas — falou. — Só quero ir embora — ele quase completou com *para casa*, mas se conteve — daqui.

Enquanto seguiam de carro, Kit foi em silêncio, olhando pela janela. A rodovia estava quase vazia, e se esticava à frente deles, cinza e deserta. Placas para Crenshaw e Fairfax passaram brilhando. Esta não era a bela Los Angeles de montanhas e praias, grama verde e mansões. Esta era a Los Angeles de asfalto quebrado, árvores morrendo e céu cinzento de poluição.

Sempre foi o lar de Kit, mas ele agora se sentia desligado ao olhar. Como se os Caçadores de Sombras já os estivessem afastando de tudo que ele conhecia, levando-o para sua estranha órbita.

— E o que acontece comigo? — perguntou de súbito, rompendo o silêncio.

— Quê? — Julian franziu o rosto para o trânsito no espelho retrovisor. Kit pôde ver seus olhos, o azul-esverdeado deles. Era uma cor quase impressionante, e todos os Blackthorn pareciam tê-la — bem, Mark tinha uma — exceto Ty.

— Então Jace é minha família de fato — falou Kit. — Mas não posso morar com ele, porque ele e a namorada gata vão partir em uma espécie de missão secreta.

— Suponho que vocês, Herondale, tenham um tipo — murmurou Julian.

— Quê?

— O nome dela é Clary. Mas, em resumo, sim. Ele não pode levá-lo agora, então você fica conosco. Não é um problema. Caçadores de Sombras recebem Caçadores de Sombras. É o que fazemos.

— Você realmente acha uma boa ideia? — disse Kit. — Quero dizer, sua

casa é bem ferrada, com o tio agorafóbico e seu irmão estranho.

As mãos de Julian apertaram o volante, mas a única coisa que ele disse foi:

— Ty não é estranho.

— Eu estava falando de Mark — disse Kit. Fez-se uma pausa estranha. — Ty não é estranho — acrescentou Kit. — Ele só é autista.

A pausa se estendeu um pouco mais. Kit ficou imaginando se tinha ofendido Julian de algum jeito.

— Não é um problema grave — falou, afinal. — Quando eu estudava em escola mundana, conheci algumas crianças que estavam no espectro. Ty tem algumas coisas em comum com eles.

— Que espectro?

Kit o olhou surpreso.

— Você realmente não sabe do que estou falando?

Julian balançou a cabeça.

— Você pode não ter notado, mas não nos envolvemos muito com cultura mundana.

— Não é cultura mundana. É... — *Neurobiologia. Ciência. Medicina.* — Vocês não têm raios X? Antibióticos?

— Não — disse Julian. — Para pequenas coisas, como dores de cabeça, símbolos de cura funcionam. Para coisas maiores, os Irmãos do Silêncio são nossos médicos. Medicina mundana é estritamente proibida. Mas se existe alguma coisa que você ache que eu deva saber sobre Ty...

Kit queria detestar Julian, às vezes. Realmente queria. Julian parecia adorar regras; ele era inabalável, irritantemente calmo, e tão desprovido de emoções quanto todos sempre disseram que os Caçadores de Sombras eram. Exceto que não era, de verdade. O amor, que se percebia em sua voz, quando ele dizia o nome do irmão deixava isso claro.

De repente, Kit sentiu um aperto pelo corpo. Falar com Jace tinha acalmado parte da ansiedade que ele vinha sentindo desde a morte do pai. Jace fez parecer que tudo seria fácil. Como se ainda estivessem em um mundo onde você podia dar oportunidades às coisas e ver como elas se encaminhariam.

Agora, olhando para a rodovia cinza à frente dele, estava imaginando como poderia achar que viveria em um mundo onde tudo que ele sabia era considerado conhecimento errado, onde cada um de seus valores — tais como eram, tendo crescido com um pai que tinha o apelido de Rook, o Trapaceiro — era o inverso.

Onde se associar às pessoas às quais seu sangue lhe dizia que ele pertencia significava que as pessoas com as quais ele cresceu o detestariam.

— Esquece — falou. — Não quis dizer nada em relação a Ty. Só coisas mundanas sem importância.

— Sinto muito, Kit — disse Julian. Eles já tinham chegado na autoestrada da costa. A água se estendia ao longe, a lua, alta e redonda, projetava uma trilha branca perfeita no centro do mar. — Pelo que aconteceu no Mercado.

— Eles agora me odeiam — disse Kit. — Todos que eu conhecia.

— Não — negou Julian. — Eles têm medo de você. Existe uma diferença.

Talvez existisse, Kit pensou. Mas, nesse momento, ele não tinha certeza se isso importava.

## 4

### Um Clima Estranho e Selvagem

Cristina estava no topo da colina onde antes ficava a casa de Malcolm Fade e olhou ao redor, para as ruínas.

Malcolm Fade. Ela não o havia conhecido como os Blackthorn. Ele tinha sido amigo deles, ou era o que pensavam, por cinco anos, morando a apenas alguns quilômetros em sua bela casa de vidro e aço nas colinas secas de Malibu. Cristina o visitara uma vez, com Diana, e ficou encantada com a desenvoltura e bom humor do feiticeiro. E se flagrou desejando que o Alto Feiticeiro da Cidade do México fosse como Malcolm, jovem e charmoso, em vez de uma senhora mal-humorada, com orelhas imensas, que vivia no Parque Lincoln.

Depois, Malcolm acabou se revelando um assassino, e tudo se desfez. As mentiras foram reveladas, a fé que tinham nele foi destruída, e a segurança de Tavvy esteve em risco até conseguirem pegá-lo de volta e Emma despachá-lo com uma espada nas entranhas.

Cristina ouvia som de carros na rodovia abaixo. Eles tinham subido a lateral da colina para chegar até aqui, e ela estava suada e se coçando. Clary Fairchild se encontrava no topo de entulhos da casa de Malcolm, segurando um objeto estranho que parecia uma mistura de lâmina serafim e uma daquelas máquinas mundanas utilizadas para encontrar metal escondido sob a areia. Mark, Julian e Emma estavam em diferentes partes da casa em ruínas, revirando metais e vidro.

Jace preferira passar o dia com Kit na sala de treinamento do Instituto. Cristina admirou a atitude. Ela havia sido criada com o ensinamento de que nada é mais importante do que a família, e Kit e Jace eram os únicos Caçadores de Sombras da linhagem Herondale vivos no mundo. Além disso, o menino precisava de amigos — ele era estranho. Novo demais para ser bonito, mas com grandes olhos azuis que faziam com que você quisesse confiar nele mesmo

enquanto ele roubava a sua carteira. O garoto tinha um ar de travessura, um pouco como Jaime, seu melhor amigo de infância, um dia teve — do tipo que facilmente poderia se converter em criminalidade.

— *¿En que piensas?* — perguntou Diego, se aproximando dela. Ele estava de calça jeans e coturnos. Cristina não queria se irritar com o fato de que ele insistia em usar seu distintivo de Centurião mesmo na manga de uma camiseta preta totalmente normal.

Ele era muito bonito. Muito mais bonito do que Mark, na verdade, se você for totalmente objetiva. Suas feições eram mais regulares, sua mandíbula mais quadrada, o tórax e os ombros mais largos.

Cristina jogou de lado pedaços do reboco de gesso pintado. Ela e Diego ficaram encarregados da parte leste da casa, que ela tinha quase certeza de ser onde ficavam o quarto e o closet de Malcolm. Ela não parava de achar pedaços de roupas.

— Estava pensando em Jaime, para falar a verdade.

— Ah. — Seus olhos escuros eram solidários. — Não tem problema sentir a falta dele. Eu também sinto.

— Então você deveria falar com ele. — Cristina sabia que tinha soado ríspida. Não conseguia evitar. Ela não sabia ao certo por que Diego a estava enlouquecendo, e não era de um jeito bom. Talvez devido a ela tê-lo culpado durante tanto tempo por tê-la traído, era difícil se desfazer da raiva. Talvez fosse porque não o culpar significaria mais culpa para Jaime, o que parecia injusto, considerando que Jaime não estava perto para se defender.

— Não sei onde ele está — disse Diego.

— Nem ideia? Não sabe onde ele está no mundo, ou como entrar em contato?

— Por alguma razão, Cristina havia perdido essa parte. Provavelmente porque Diego não tinha mencionado.

— Ele não quer ser incomodado por mim — disse Diego. — Todas as minhas mensagens de fogo voltam bloqueadas. Ele não fala nem com nosso pai. — A mãe deles tinha morrido. — Ou com os nossos primos.

— Como sabe que ele sequer está vivo? — perguntou Cristina, e imediatamente se arrependeu. Os olhos de Diego brilharam.

— Ele continua sendo meu irmão caçula — falou. — Eu saberia se ele estivesse morto.

— Centurião! — foi Clary que falou, gesticulando para o topo da colina. Diego começou a correr sobre as ruínas em direção a ela sem olhar para trás. Cristina sabia que ela o chateara, encheu-se de culpa e chutou um pedaço pesado de gesso, com um parafuso de vergalhão preso como um palito.

O reboco rolou para o lado. Ela piscou ao ver o objeto revelado embaixo dele,



depois se abaixou para pegá-lo. Uma luva — uma luva masculina, de couro, macia como seda, mas mil vezes mais dura. No couro estava impressa a imagem de uma coroa dourada cortada ao meio.

— Mark! — chamou ela. — *¡Necesito que veas algo!*

Um instante depois Cristina percebeu que havia ficado tão espantada que o chamou em espanhol, mas isso não pareceu ter importância. Mark tinha vindo saltitando pelas pedras até ela. Estava logo acima, o vento levantando seus cachos claros das pontas das orelhas. Parecia alarmado.

— O que foi?

Ela entregou a luva a ele.

— Esse não é o emblema de uma das Cortes das Fadas?

Mark virou a luva na mão.

— A coroa quebrada é o símbolo do Rei Unseelie — murmurou. — Ele acredita que é o verdadeiro Rei das duas Cortes, Seelie e Unseelie, e, até governar ambas, a coroa permanecerá cortada ao meio. — Mark inclinou a cabeça para o lado como um pássaro estudando um gato a uma distância segura. — Mas esse tipo de luva... Kieran a tinha quando chegou à Caçada. É bem trabalhada. Poucos além da nobreza a usavam. Aliás, poucos, além dos filhos de Rei, a usariam.

— Você não acha que é de Kieran? — perguntou Cristina.

Mark balançou a cabeça.

— As dele foram... destruídas. Na Caçada. Mas significa que quem quer que tenha visitado Malcolm aqui e deixado essa luva tem alta patente na corte ou então foi o próprio Rei.

Cristina franziu o rosto.

— É muito estranho que esteja aqui.

Seus cabelos tinham escapulado das tranças e sopravam em longos cachos ao redor do seu rosto. Mark esticou o braço para colocar uma mecha atrás da orelha dela e seus dedos a tocaram na bochecha. Os olhos estavam sonhadores, distantes. Cristina estremeceu um pouco com a intimidade do gesto.

— Mark — falou. — Não.

Ele abaixou a mão. Não parecia irritado, como muitos meninos tendiam a ficar quando uma garota pedia que não a tocassem. Ele pareceu confuso e um pouco triste.

— Por causa de Diego?

— E Emma — emendou ela, com a voz bem baixa.

Sua confusão aumentou.

— Mas você *sabe* que...

— Mark! Cristina! — Era Emma, chamando de onde ela e Julian tinham se

juntado a Diego e Clary. Cristina ficou feliz por não ter que responder a Mark; ela correu pela pilha de pedras e vidro, grata por suas botas de Caçadora de Sombras e seu uniforme a terem protegido contra pontas agudas perdidas.

— Encontraram alguma coisa? — perguntou Cristina ao se aproximar do pequeno grupo.

— Vocês já quiseram ver de muito perto um tentáculo nojento? — perguntou Emma.

— Não — retrucou Cristina, se aproximando com cuidado. Clary, de fato, parecia ter alguma coisa desagradavelmente flácida espetada na ponta de sua estranha arma. A coisa se balançava um pouco, exibindo ventosas cor-de-rosa contra uma pele verde pintada.

— Ninguém nunca parece dizer sim a essa pergunta — falou Emma com tristeza.

— Certa vez Magnus me apresentou a um feiticeiro com tentáculos como esse — afirmou Clary. — O nome dele era Marvin.

— Imagino que estes não sejam os restos mortais de Marvin — falou Julian.

— Não tenho certeza de que são os restos mortais de quem quer que seja — retrucou Clary. — Para comandar demônios marinhos seria preciso ter o Cálice Mortal ou algo assim: um pedaço de um demônio poderoso que você possa enfeitiçar. Acho que temos evidências definitivas de que a morte de Malcolm está relacionada aos recentes ataques dos Teuthida.

— E agora? — perguntou Emma, olhando o tentáculo com o rabo do olho. Ela não era muito fã do oceano ou dos monstros que nele habitavam, embora fosse capaz de lutar contra qualquer um ou qualquer coisa em terra firme.

— Agora voltamos para o Instituto — disse Clary —, e decidimos qual será o próximo passo. Quem quer levar o tentáculo?

Ninguém se ofereceu.

\*\*\*

— Você só pode estar brincando — disse Kit. — Não tem a menor possibilidade de eu pular daqui.

— Apenas considere. — Jace se inclinou para baixo de uma viga. — É surpreendentemente fácil.

— Tente — gritou Emma. Ela tinha ido para a sala de treinamento quando voltaram da casa de Malcolm, curiosa para ver como as coisas estavam indo. Havia encontrado Ty e Livvy sentados no chão, observando Jace tentar convencer Kit a arremessar algumas facas (o que ele se dispôs a fazer) e depois a

aprender a pular e cair (o que não se dispôs).

— Meu pai me alertou que vocês tentariam me matar — falou Kit.

Jace suspirou. Ele estava com o uniforme de treinamento, equilibrado em uma das elaboradas redes de vigas que cortavam o interior do telhado da sala. Variavam entre seis e nove metros do chão. Emma havia aprendido sozinha a cair daquelas mesmas vigas ao longo dos anos, às vezes quebrando alguns ossos.

Um Caçador de Sombras precisava saber escalar — demônios eram rápidos e frequentemente tinham muitas pernas, subindo pelas laterais de prédios como aranhas. Mas aprender a cair era tão importante quanto.

— Você consegue — disse Emma agora.

— É? E o que acontece se eu me espatifar todo? — perguntou Kit.

— Você terá um funeral com honras — retrucou Emma. — Colocaremos o seu corpo em um barco e o jogaremos por uma cachoeira como um viking.

Kit a encarou.

— Isso é de um filme.

Ela deu de ombros.

— Talvez.

Jace, perdendo a paciência, se lançou da viga mais alta. Saltou graciosamente pelo ar antes de aterrissar agachado sem fazer barulho. Ele se esticou e deu uma piscadela para Kit.

Emma escondeu um sorriso. Ela era totalmente apaixonada por Jace aos doze anos. Mais tarde, isso se transformou em querer ser Jace — o melhor que havia: melhor lutador, melhor sobrevivente, melhor Caçador de Sombras.

Ela ainda não tinha chegado lá, mas não havia parado de tentar.

Kit pareceu impressionado, apesar de tudo, mas depois franziu o rosto outra vez. Ele parecia muito pequeno perto de Jace. Tinha mais ou menos a mesma altura de Ty, apesar de não estar tão em forma. A força potencial de Caçador de Sombras estava lá, contudo, na forma de seus braços e ombros. Emma o vira lutar quando esteve em perigo. Sabia do que ele era capaz.

— Você vai conseguir fazer isso — falou Jace, apontando para a viga, e depois para Kit. — Assim que quiser.

Emma reconheceu o olhar de Kit. *Eu talvez nunca queira.*

— Qual é mesmo o lema Nephilim?

— Somos pó e sombras — disse Ty, sem levantar o olhar do livro que lia.

— Alguns de nós somos pó muito bonitos — acrescentou Jace, quando a porta abriu e Clary botou a cabeça para dentro.

— Venham para a biblioteca — anunciou. — O tentáculo está começando a se dissolver.

— Você me enlouquece quando fala sacanagem para mim — disse Jace,

vestindo o casaco do uniforme.

— *Adultos* — disse Kit, com um pouco de nojo, e saiu da sala. Para divertimento de Emma, Ty e Livvy se levantaram instantaneamente e o seguiram. Emma ficou imaginando o que exatamente teria despertado o interesse deles em Kit, seria só por ele ter a mesma idade? Jace, ela imaginava, creditaria ao famoso carisma Herondale, apesar de que, pelo que ela sabia, os Herondale da geração anterior a ele tinham muito pouco.

A biblioteca estava meio caótica. O tentáculo *estava* começando a dissolver, formando uma poça grudenta de meleca verde e rosa que fazia Emma pensar em balas de goma derretidas. Conforme Diana havia observado, isso significava que o tempo restante para identificar o demônio diminuía rapidamente. Como Magnus não atendia o telefone e ninguém queria envolver a Clave, o que restava era a boa e velha pesquisa nos livros. Todos receberam uma pilha de tomos grossos sobre criaturas marinhas e se dispersaram para várias partes da biblioteca a fim de examinar pinturas, desenhos, esboços e, ocasionalmente, fotos.

Em algum momento durante as horas que se passavam, Jace decidiu que precisavam de comida chinesa. Aparentemente frango kung pao e yakissoba com molho de feijão-preto eram um pré-requisito toda vez que a equipe do Instituto de Nova York se reunia para pesquisar. Ele puxou Clary até um escritório vazio para abrirem um Portal — coisa que nenhum Caçador de Sombras além dela conseguia fazer —, prometendo a eles a melhor comida chinesa de Manhattan.

— Consegui! — anunciou Cristina, cerca de vinte minutos após a porta se fechar atrás de Jace e Clary. Ela levantou uma cópia enorme da *Carta Marina*.

O restante deles se agrupou em torno da mesa principal enquanto Diana confirmava que o tentáculo pertencia à espécie marítima de demônio Makara, que, segundo os desenhos entre os mapas da *Carta Marina*, parecia parte polvo, parte lesma com uma enorme cabeça de abelha.

— O perturbador não é que seja um demônio marinho — disse Diana, franzindo o rosto. — É que restos de demônios Makara só sobrevivem em terra por um ou dois dias.

Jace abriu as portas da biblioteca. Ele e Clary estavam carregados de caixas verdes e brancas que diziam jade wolf.

— Uma ajudinha aqui?

A equipe de pesquisa se separou brevemente para ajeitar a comida nas mesas longas da biblioteca. Tinha yakissoba, o prometido frango kung pao, mapo tofu, *zhajiangmian*, arroz primavera e deliciosos bolinhos chineses que pareciam bala quente.

Todos pegaram um prato de plástico, até mesmo Tavvy, que estava

organizando soldadinhos de brinquedo atrás de uma estante. Diego e Cristina compartilhavam uma cadeira e Jace e Clary, no chão, dividiam yakissoba. As crianças Blackthorn estavam amontoadas sobre o frango, exceto Mark, que tentava descobrir como usar os palitinhos. Emma supôs que aquilo não existia no Reino das Fadas. Julian estava sentado à mesa em frente a Livvy e Ty, franzindo o rosto para o tentáculo quase dissolvido. Surpreendentemente, aquilo não parecia afetar seu apetite.

— Vocês são amigos do grande Magnus Bane, não são? — perguntou Diego a Clary e Jace, após alguns minutos de todo mundo mastigando.

— O *grande* Magnus Bane? — Jace engasgou com o arroz primavera. Church estava acomodado aos seus pés, alerta a qualquer sinal de frango caindo no chão.

— Somos amigos dele, sim — respondeu Clary, com a boca se curvando no canto. — Por quê?

Jace estava ficando roxo. Clary lhe deu um tapinha nas costas. Church caiu no sono, com as patas balançando no ar.

— Eu gostaria de entrevistá-lo — respondeu Diego. — Acho que ele renderia um bom assunto para um texto sobre o Labirinto Espiral.

— Ele está muito ocupado agora, com Max e Rafael — disse Clary. — Quero dizer, você poderia perguntar...

— Quem é Rafael? — perguntou Livvy.

— O segundo filho deles — respondeu Jace. — Acabaram de adotar um garotinho argentino. Um Caçador de Sombras que perdeu os pais na Guerra Maligna.

— Em Buenos Aires! — Emma exclamou, voltando-se para Julian. — Quando encontramos Magnus na casa de Malcolm, ele disse que Alec estava em Buenos Aires e que ele iria encontrá-lo. Devia ser isso que estavam fazendo.

Julian apenas fez que sim com a cabeça, mas não levantou o olhar para reconhecer a lembrança compartilhada. Ela não deveria esperar que ele o fizesse, Emma lembrou a si mesma. Julian não voltaria a ser como ela se lembrava por um bom tempo, se é que voltaria.

Emma se sentiu enrubescendo, apesar de ninguém ter parecido notar, exceto Cristina, que lhe deu um olhar cheio de preocupação. Diego estava com os braços em volta dela, mas suas mãos longas estavam apoiadas no colo. Ela acenou de leve para Emma, mais com os dedos do que com a mão.

— Talvez devêssemos voltar a discutir a questão que temos em mãos — sugeriu Diana. — Se Makara só resiste por um ou dois dias na terra...

— Então esse demônio esteve na casa de Malcolm muito recentemente — disse Livvy. — Tipo muito depois que ele morreu.

— O que é estranho — falou Julian, olhando para o livro. — É um demônio do fundo de mar, muito mortal e bem grande. É de se pensar que alguém teria notado. Além disso, ele não podia querer nada de uma casa em ruínas.

— Quem sabe quais são os desejos de um demônio marinho? — falou Mark.

— Presumindo que ele não estivesse em busca da coleção de meiões de tentáculos de Malcolm — falou Julian —, temos que imaginar que provavelmente foi invocado. Demônios Makara não aparecem simplesmente na terra. Eles ficam no fundo do oceano e, às vezes, puxam navios para baixo.

— Outro feiticeiro, então? — sugeriu Jace. — Alguém com quem Malcolm estava trabalhando?

— Catarina não acha que Malcolm tenha trabalhado com mais ninguém — disse Diana. — Ele era amigo de Magnus, mas fora isso, era solitário... por motivos óbvios, agora.

— Se ele *estava* trabalhando com outro feiticeiro, provavelmente não teria anunciado o fato, no entanto — disse Diego.

— Certamente parece que Malcolm estava determinado a aprontar do túmulo se algo acontecesse a ele — concluiu Diana.

— Bem, o tentáculo não foi a única coisa que encontramos — disse Cristina. — Mark, mostre a eles a luva.

Emma já tinha visto, na volta da casa de Malcolm, mas ela se inclinou para a frente junto com todo mundo enquanto Mark a pegava do bolso do casaco e botava na mesa.

— O símbolo do Rei Unseelie — falou ele. — Uma luva dessas é rara. Kieran tinha uma quando chegou à Caçada. Eu conseguia identificar seus irmãos, às vezes, em festas, pelas capas e luvas ou manoplas como essa.

— Então é estranho que Malcolm tenha uma — observou Livvy.

Emma não viu Ty ao lado dela. Será que ele tinha ido para as pilhas de livros?

— Nenhum príncipe fada se separaria disso por vontade própria — explicou Mark. — Exceto por uma marca ou favor especial, ou para selar uma promessa.

Diana franziu o rosto.

— Sabemos que Malcolm estava trabalhando com Iarlath.

— Mas ele não era príncipe. Sequer era nobre — disse Mark. — Isso indicaria que Malcolm tinha alguma espécie de barganha com o próprio Rei da Corte Unseelie.

— Sabemos que ele foi se encontrar com o Rei Unseelie há muitos anos — falou Emma. — Foi o Rei que deu a ele a rima que ele deveria usar para reerguer Annabel. — Primeiro, a chama, depois, a tempestade...

— “No fim, é sangue Blackthorn” — concluiu Julian por ela.

E quase aconteceu. Para ressuscitar Annabel, Malcolm precisava do sacrifício e do sangue de um Blackthorn. Ele tinha sequestrado Tavvy e quase o matou. Só de lembrar, Emma tremia.

— Mas esse não era o símbolo do Rei há tanto tempo — falou Mark. — Esse data do início da Paz Fria. O tempo trabalha diferente no Reino das Fadas, mas... — Ele balançou a cabeça, como se quisesse dizer *não tão diferente assim*. — Eu temo.

Jace e Clary trocaram um olhar. Eles estavam indo ao Reino das Fadas, não estavam, para procurar uma arma? Emma se inclinou para a frente, com a intenção de perguntar a eles o que sabiam, mas, antes que pudesse dizer as palavras, a campainha do Instituto tocou, ecoando pela casa.

Todos se olharam, surpresos. Mas foi Tavvy que falou primeiro, olhando do canto onde estava brincando.

— Quem está aqui?

Se tinha uma coisa que Kit fazia bem, era sair de lugares sem ser notado. Ele vinha fazendo isso ao longo de toda a vida, enquanto seu pai se reunia na sala com feiticeiros impacientes ou lobisomens inquietos.

Então não foi difícil sair da biblioteca quando todos conversavam e comiam comida chinesa. Clary estava imitando uma pessoa chamada Inquisidor, e todos riam. Kit ficou imaginando se ocorria a eles que era estranho endossar uma posição governamental que soava como se fosse sobre tortura.

Ele já tinha estado na cozinha algumas vezes antes. Era um dos seus cômodos preferidos na casa — aconchegante, com suas paredes azuis e pia grande. A geladeira também não era mal estocada. Ele supôs que Caçadores de Sombras sentissem fome com regularidade, considerando o quanto malhavam.

Ficou imaginando se também teria que treinar tanto tempo assim, caso se tornasse um Caçador de Sombras. Ficou imaginando se ganharia músculos e abdômen definido, essas coisas, como Julian e Jace. No momento, ele estava mais para magrelo, como Mark. Levantou a camisa e por um instante olhou para a barriga lisa e sem definição. Ele não tinha mesmo um abdômen.

Deixou a camisa descer e pegou um Tupperware de biscoitos da geladeira. Talvez pudesse frustrar os Caçadores de Sombras se recusando a malhar e passando o tempo sentado, comendo carboidratos. *Eu os desafio, Caçadores de Sombras*, pensou, abrindo a tampa do pote e colocando um biscoito na boca. *Zombo de vocês comendo açúcar*.

Ele deixou a porta da geladeira fechar e quase gritou. Reflexivamente engoliu o biscoito e encarou.

Ty Blackthorn estava no meio da cozinha, com os fones pendurados no pescoço, as mãos enfiadas nos bolsos.

— São muito bons — falou —, mas prefiro os de caramelo.

Pensamentos sobre a rebeldia com biscoitos voaram para fora da cabeça de Kit. Apesar de dormir no quarto em frente ao seu, Ty quase nunca tinha falado com ele antes. O máximo que provavelmente disse na vida foi uma vez quando estava ameaçando Kit com uma faca na casa dos Rook, e Kit não considerava aquilo interação social.

Kit pousou o Tupperware na bancada. Ele estava novamente ciente da sensação de que Ty o estava estudando, talvez fazendo uma lista de prós e contras, ou coisa do tipo. Se Ty fosse outra pessoa, Kit teria tentado capturar seu olhar, mas sabia que o outro garoto não olharia diretamente para ele. Era um pouco tranquilizante não ter que se preocupar com isso.

— Você tem sangue na mão — disse Ty. — Notei mais cedo.

— Ah. Sim. — Kit olhou para as juntas cortadas. — Machuquei a mão no Mercado das Sombras.

— Como? — perguntou Ty, se apoiando na beira da bancada.

— Soquei uma placa — retrucou Kit. — Eu estava zangado.

As sobancelhas de Ty se ergueram. Ele tinha sobancelhas interessantes, ligeiramente pontudas no alto, como Vs invertidos, e muito escuras.

— Você se sentiu melhor?

— Não — admitiu Kit.

— Eu posso resolver isso — falou Ty, pegando um dos lápis mágicos dos Caçadores de Sombras do bolso da calça. Estelas, eram chamadas. Ele estendeu a mão.

Kit supôs que pudesse ter recusado a oferta, como o fez quando Julian sugeriu curá-lo no carro. Mas aceitou. Estendeu o braço, confiante, com o pulso virado para cima, de modo que as veias azuis ficassem expostas ao menino que tinha colocado uma faca na sua garganta há não muito tempo.

Os dedos de Ty eram frios e cuidadosos enquanto pegava o braço de Kit para deixá-lo firme. Ele tinha dedos longos — todos os Caçadores de Sombras tinham, Kit havia notado. Talvez tivesse alguma coisa a ver com a necessidade de lidar com uma variedade de armas. Kit estava ocupado demais pensando, de modo que só se encolheu um pouquinho quando a estela se moveu pelo seu antebraço, deixando uma sensação de calor, como se sua pele tivesse passado sobre uma chama de vela.

A cabeça de Ty estava abaixada. Seus cabelos pretos caídos sobre o rosto. Ele puxou a estela de volta quando terminou, soltando Kit.

— Olhe para a sua mão — falou.



Kit virou a mão e assistiu aos cortes nos nós dos dedos se fecharem, as partes vermelhas voltando a ser pele macia. Olhou para a marca preta que se espalhava pelo antebraço. Ficou imaginando quando começaria a desbotar. Aquilo o perturbou, uma prova incontestável de que era tudo verdade. Ele realmente era um Caçador de Sombras.

— Bem legal — admitiu. — Vocês conseguem curar literalmente qualquer coisa? Tipo diabetes e câncer?

— Algumas doenças. Nem sempre câncer. Minha mãe morreu disso. — Ty guardou a estela. — E a sua mãe? Ela também era Caçadora de Sombras?

— Acho que não — disse Kit. Seu pai havia dito algumas vezes que a mãe era uma dançarina de Las Vegas que havia fugido depois que ele nasceu, mas nas últimas duas semanas lhe ocorreu que o pai talvez não tenha sido totalmente honesto em relação a isso. Ele certamente não tinha sido honesto em relação a nada. — Ela morreu — acrescentou, não por achar que esse fosse o caso mais provável, mas por ter percebido que não queria falar sobre o assunto.

— Então nós dois temos mães mortas — disse Ty. — Você acha que vai querer ficar aqui? E se tornar um Caçador de Sombras?

Kit abriu a boca para responder — e parou, quando um ruído baixo e doce, que parecia de um sino, ecoou pela casa.

— O que é isso?

Ty levantou a cabeça. Kit viu como um flash a cor dos seus olhos: cinza de verdade, aquele cinza que era quase prateado.

Antes que pudesse responder, a porta da cozinha se abriu. Era Livvy, com uma lata de refrigerante na mão esquerda. Ela não pareceu surpresa em ver Kit e Ty; passando entre eles, pulou sobre a mesa, cruzando as pernas longas.

— Os Centuriões estão aqui — falou. — Estão todos correndo feito galinhas sem cabeça. Diana foi recebê-los, Julian parece querer matar alguém...

— E você quer saber se eu quero ir espiar com você — disse Ty. — Certo?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Eu sugeriria algum lugar onde não seremos vistos, porque se Diana nos pegar, vamos ter que fazer as camas e dobrar as toalhas para os Centuriões pelas próximas duas horas.

Isso pareceu decidir as coisas; Ty assentiu e foi para a porta da cozinha. Livvy saltou da mesa e o seguiu.

Ela parou com a mão na porta, olhando por cima do ombro para Kit.

— Você vem?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Tem certeza de que quer que eu vá? — Não tinha ocorrido a ele se convidar; os gêmeos pareciam uma unidade tão perfeita, como se não

precisassem de mais ninguém além deles mesmos.

Ela sorriu. Ele retribuiu o sorriso, hesitante; estava bastante acostumado a meninas, até mesmo a meninas bonitas, mas alguma coisa em Livvy o deixava nervoso.

— Claro — falou. — Só um alerta: comentários grosseiros e maldosos sobre as pessoas que espionamos são um requisito. Exceto pelos integrantes da nossa família, é claro.

— Se fizer Livvy rir, você ganha o dobro dos pontos — acrescentou Ty do corredor.

— Bem, nesse caso... — Kit foi atrás deles. O que foi que Jace tinha dito, afinal? Os Herondale não resistiam a um desafio.

Cristina olhou espantada para o grupo de mais ou menos vinte Centuriões cruzando a imensa entrada do Instituto. Ela tinha tido pouco tempo para se preparar para a ideia de conhecer os amigos de Diego na Scholomance, e certamente não havia planejado fazer isso com um uniforme de combate empoeirado e o cabelo preso em tranças.

Enfim. Ela esticou as costas. O trabalho de Caçador de Sombras costumava ser sujo; certamente não esperariam vê-la em condições impecáveis. Mas, ela percebeu ao olhar em volta, eles certamente estavam. Seus uniformes eram como uniformes normais, mas com casacos estilo militar por cima, brilhantes com botões metálicos e faixas com um desenho de bastões de centurião. As costas de cada casaco traziam o símbolo do nome da família do Centurião: um menino de cabelo cor de areia tinha um lobo nas costas, uma menina de pele escura exibia um círculo de estrelas. Os meninos usavam cabelos curtos; as meninas, tranças ou rabos de cavalo. Pareciam limpos, eficientes e um pouco assustadores.

Diana estava conversando com dois Centuriões perto da porta do Santuário: um menino de pele escura com um emblema *Primi Ordines* e o menino com o casaco de lobo. Eles se viraram para acenar para Diego enquanto o rapaz descia as escadas, seguido por Cristina e os outros.

— Não posso acreditar que já estão aqui — murmurou Emma.

— Sejam graciosos — pediu Diana com a voz baixa, olhando para todos. Para ela era fácil falar, Cristina pensou. *Ela* não estava coberta de poeira. Diana pegou Emma pelo pulso, puxou Julian com a outra mão e marchou para se misturarem aos Centuriões, empurrando Julian para perto de uma menina indiana bonita com um piercing de ouro no nariz, e deixando Emma na frente de um casal de cabelos escuros, nitidamente gêmeos, que a olharam com sobranceiras arqueadas.

No entanto, vê-los fez Cristina pensar em Livvy e Ty, e ela olhou em volta para ver se eles estavam espiando do segundo andar como normalmente faziam. Se estivessem, ela não conseguia vê-los; eles provavelmente tinham se escondido, e ela não os culpava. Bagagens foram arrastadas pelo chão: alguém teria que levar os Centuriões aos quartos, recebê-los, descobrir como alimentá-los...

— Não me dei conta — disse Mark.

— Não se deu conta do quê? — perguntou Diego. Ele tinha voltado a cumprimentar os dois meninos que estavam conversando com Diana antes. Ambos atravessaram a sala em direção a eles.

— O quão parecidos com soldados são os Centuriões — respondeu Mark. — Suponho que os tivesse imaginando como estudantes.

— Nós *somos* estudantes — respondeu Diego, decidido. — Mesmo depois que nos formamos, continuamos acadêmicos. — Os outros dois Centuriões chegaram antes que Mark pudesse falar qualquer outra coisa; Diego deu um tapinha nas costas de ambos e se virou para apresentá-los. — Manuel, Rayan. Estes são Cristina e Mark.

— *Gracias* — disse o garoto de cabelo claro; era castanho-claro, marcado e manchado pelo sol. Ele tinha um sorriso tranquilo e lateral. — *Un placer conocerte*.

Cristina se espantou.

— Você fala espanhol?

— *Es mi lengua materna*. — Manuel riu. — Nasci em Madri e cresci no Instituto de lá.

Ele *tinha* o que Cristina achou ser um sotaque espanhol — a suavização do som de c, o jeito como *gracias* soava como *grathiath* quando agradeceu a ela. Era charmoso.

Do outro lado do recinto, ela viu Dru, segurando Tavvy pela mão — eles tinham pedido a ela para ficar na biblioteca cuidando dele, mas ela queria ver os Centuriões —, ir até Emma e sussurrar alguma coisa ao seu ouvido.

Cristina sorriu para Manuel.

— Quase fiz meu intercâmbio em Madri.

— Mas as praias daqui são melhores. — Ele deu uma piscadela.

Com o canto do olho, Cristina viu Emma ir até Julian e cutucá-lo desconfortavelmente no ombro. Ela disse alguma coisa para ele que o fez fazer sinal positivo com a cabeça e seguiu-a para fora da sala. Onde estavam indo? Ela preferia segui-los, para não ficar aqui conversando com os amigos de Diego, mesmo que eles fossem legais.

— Eu quis o desafio de ter que falar inglês o tempo todo — começou

Cristina, e viu a expressão de Manuel mudar, depois Rayan a pegou pela manga e tirou-a do caminho quando alguém foi até Diego e o pegou pelo braço. Era uma menina branca, pálida e com as bochechas redondas, com cabelos castanhos espessos presos em um coque firme.

Ela colidiu contra o peito dele, e Diego adquiriu uma coloração meio aguada, como se todo o sangue tivesse sido drenado de seu rosto.

— Zara?

— Surpresa! — A garota o beijou na bochecha.

Cristina estava começando a ficar um pouco tonta. Talvez tivesse tomado muito sol na casa de Malcolm. Mas, na verdade, não tinha sido *tanto* sol assim.

— Não achei que você fosse vir — disse Diego. Ele ainda parecia verdadeiramente chocado. Rayan e Manuel estavam começando a aparentar desconforto. — Você disse... você disse que estaria na Hungria...

— Ah, isso. — Zara descartou a Hungria com um aceno. — No fim das contas, era uma coisa totalmente ridícula. Um bando de Nephilim alegando que suas estelas e lâminas serafim estavam com defeito. Na verdade, foi só incompetência. Tanta coisa mais importante por aqui! — Ela deu o braço para Diego e se virou para Cristina e Mark, sorrindo alegremente. Estava com a mão apoiada no cotovelo de Diego, mas o sorriso no seu rosto tinha ficado tenso quando Cristina e Mark a encararam em silêncio; Diego parecia cada vez mais prestes a vomitar.

— Sou Zara Dearborn — disse, afinal, revirando os olhos. — Tenho certeza de que ouviram falar de mim. Sou a noiva de Diego.

## 5

### Terra e Céu

Emma conduziu Julian pelo prédio, através de corredores familiares a ambos mesmo no escuro. Foram em silêncio. As tranças dela balançavam enquanto andava. Julian se concentrou nelas por um instante, pensando nas milhares de vezes em que tinha caminhado ao lado de Emma saindo do Instituto, carregando suas armas, rindo, conversando e fazendo planos para o que quer que fossem encarar.

A forma como seu coração sempre ficava mais leve quando saíam do Instituto, prontos para entrar no carro, dirigir veloz pela rodovia, com vento no cabelo, gosto de sal na pele. A lembrança era como um peso contra o peito agora ao saírem pela área plana e arenosa atrás do Instituto.

Jace e Clary esperavam por eles. Ambos vestiam os casacos do uniforme e carregavam sacos de pano. Estavam conversando, concentrados, as cabeças inclinadas juntas. Suas sombras, projetadas com precisão pela luz de fim de tarde, pareciam se fundir em uma.

Emma limpou a garganta, e os dois se afastaram.

— Sentimos muito por ter que sair assim — falou Clary, um pouco inquieta.  
— Achamos que seria melhor evitar perguntas dos Centuriões sobre nossa missão. — Ela olhou em volta. — Onde está Kit?

— Acho que está com Livvy e Ty — respondeu Emma. — Pedi para Drusilla chamá-lo.

— Estou aqui. — Kit, uma sombra loura com as mãos nos bolsos, abriu a porta dos fundos do Instituto com o ombro. Passos leves, Julian pensou. Uma característica natural dos Caçadores de Sombras. Seu pai foi um ladrão e um mentiroso. Esses também tinham passos leves.

— Temos algo para você, Christopher — disse Jace, estranhamente sombrio.

— Pelo menos, Clary tem.

— Tome. — Clary deu um passo à frente e deixou cair um objeto brilhante e prateado nas mãos abertas de Kit. — Esse é um anel da família Herondale. Pertenceu a James Herondale antes de ser de Jace. James foi próximo de muitos Blackthorn quando era vivo.

O rosto de Kit era ilegível. Ele fechou os dedos em volta do anel e fez que sim com a cabeça. Clary colocou a mão na bochecha dele. Foi uma espécie de gesto maternal, e por um instante Julian teve a impressão de ter enxergado vulnerabilidade passar pela expressão de Kit.

Se o menino tinha mãe, Julian percebeu, nenhum deles sabia nada sobre ela.

— Obrigado — disse Kit. Ele colocou o anel no dedo, parecendo surpreso quando coube. Anéis de família de Caçadores de Sombras sempre cabem; era parte da magia deles.

— Se está pensando em vender — disse Jace —, eu não faria isso.

— Por que não? — Kit levantou o rosto; olhos azuis olharam para o dourado. Tinham olhos de cor diferente, mas o formato era o mesmo: a forma das pálpebras, as maçãs do rosto afiadas e os ângulos atentos de suas faces.

— Eu simplesmente não o faria — disse Jace, com muita ênfase. Kit deu de ombros, fez que sim com a cabeça, entrou de volta no Instituto e desapareceu.

— Você estava tentando assustá-lo? — quis saber Emma, assim que a porta se fechou atrás dele.

Jace apenas sorriu de lado para ela.

— Agradeça ao Mark pela ajuda — falou, abraçando Emma e afagando-a no cabelo. Os momentos seguintes foram uma confusão de abraços e despedidas; Clary prometeu que mandaria uma mensagem de fogo quando pudesse e Jace se certificou de que eles tivessem o telefone de Alec e Magnus, caso se encrenassem.

Ninguém mencionou que, tecnicamente, tinham a Clave, caso tivessem algum problema. Mas Clary e Jace haviam aprendido a ter cautela com a Clave quando eram mais novos, e, ao que parecia, crescer não diminuía suas desconfianças.

— Lembre-se do que falei no telhado — Clary disse a Emma com a voz baixa, e as mãos nos ombros da menina. — Do que me prometeu.

Emma fez que sim com a cabeça, parecendo incomumente séria. Clary virou-se de costas para ela, levantando a estela, se preparando para abrir um Portal para o Reino das Fadas. Quando as formas começaram a fluir sob suas mãos, a porta começou a brilhar contra o ar seco, a porta do Instituto se abriu novamente.

Desta vez foi Dru; seu rosto redondo estava ansioso. Ela enrolava uma das tranças no dedo.

— Emma, é melhor você vir — falou. — Aconteceu uma coisa com Cristina.

Ele não ia jogar aquele jogo idiota de espiões, pensou Kit. Independente do quanto os gêmeos pareciam estar se divertindo, escondidos em um canto da galeria do segundo andar, e olhando para a entrada principal, protegidos dos olhos alheios pela grade.

Essencialmente o jogo envolvia tentar entender o que as pessoas estavam falando umas para as outras através da linguagem corporal, ou pela forma como gesticulavam. Livvy era infinitamente criativa, capaz de imaginar cenários dramáticos entre pessoas que provavelmente só estavam conversando sobre o tempo — ela já havia decidido que a menina bonita do sul da Ásia com estrelas no casaco estava apaixonada por Julian, e que dois dos outros Centuriões eram espiões secretos da Clave.

Ty se pronunciava menos, mas Kit desconfiava que as coisas que ele falava tinham mais chance de estarem certas. Ele era bom em observar pequenas coisas, como qual símbolo de família estava nas costas de um casaco, e o que aquilo significava sobre o local de origem deles.

— O que você acha do Diego Perfeito? — Livvy perguntou a Kit, quando ele voltou da despedida de Clary e Jace. Estava com os joelhos levantados, os braços abraçando as pernas longas. Seu rabo de cavalo ondulado caía sobre os ombros.

— É um idiota metido — disse Kit. — O cabelo dele é bom demais. Não confio em pessoas com cabelo tão bom assim.

— Acho que aquela garota de coque está brava com ele — disse Ty, se inclinando mais para perto da grade. Seu rosto delicado era todo cheio de pontas e ângulos. Kit seguiu o seu olhar para baixo e viu Diego conversando seriamente com uma menina de pele clara, cujas mãos gesticulavam muito enquanto falava.

— O anel. — Livvy pegou a mão de Kit, virando-a. O anel Herondale brilhava em seu dedo. Ele já tinha notado o desenho delicado de pássaros no anel. — Jace te deu isso?

Ele balançou a cabeça.

— Clary. Ela disse que pertencia a James Herondale.

— James... — Livvy parecia estar se esforçando para lembrar de alguma coisa. Ela chiou e soltou a mão dele quando uma sombra se ergueu diante dela.

Era Emma.

— Muito bem, pequenos espiões — falou. — Onde está Cristina? Já procurei no quarto dela.

— Livvy apontou para cima. Kit franziu o rosto; ele não achava que houvesse nada além do sótão acima do terceiro andar.

— Ah — disse Emma. — Obrigada. — Ela balançou as mãos nas laterais do corpo. — Quando eu puser as mãos em Diego...

Ouviu-se uma exclamação alta lá de baixo. Todos os quatro esticaram as cabeças para a frente para verem a garota pálida dar um tapa forte na cara de Diego.

— O quê...? — Emma pareceu espantada, depois furiosa outra vez. Ela girou e foi para a escada.

Ty sorriu, parecendo um querubim pintado numa parede de igreja, com os cachos e os olhos claros.

Kit riu.

O céu acima do Instituto brilhava colorido: rosa vibrante, vermelho-sangue, dourado profundo. O sol estava se pondo, e o deserto estava banhado em brilho. O próprio Instituto brilhava, e a água também, lá longe onde esperava o sol cair.

Cristina estava exatamente onde Emma supôs que estaria: sentada como sempre, com as pernas cruzadas, e o casaco do uniforme esticado sobre as telhas embaixo dela.

— Ele não veio atrás de mim — falou, quando Emma se aproximou. Seus cabelos pretos se moviam e levantavam com a brisa, as pérolas em suas orelhas cintilavam. O pingente no pescoço também, as palavras nele destacadas pelo sol: *Abençoado seja o Anjo, minha força, que guia minhas mãos na guerra e meus dedos na luta.*

Emma sentou no telhado ao lado da amiga, o mais próximo que conseguia chegar. Ela esticou o braço e pegou a mão de Cristina, apertando-a com força.

— Está falando de Diego?

Cristina fez que sim com a cabeça. Não havia marcas de lágrimas em seu rosto; ela parecia surpreendentemente serena, levando tudo em conta.

— Aquela garota chegou e disse que era noiva dele — falou Cristina. — E eu achei que devia ser alguma espécie de engano. Mesmo quando virei e saí da sala, achei que fosse um engano e que ele viria atrás de mim explicar. Mas ele não veio, o que significa que ele ficou por ela. Porque ela realmente é sua noiva e é mais importante para ele do que eu.

— Não sei como ele poderia fazer isso — disse Emma. — É bizarro. Ele te ama tanto... Veio para cá por sua causa.

Cristina soltou um ruído abafado.

— Você nem gosta dele!

— Eu gosto dele... bem, gostava dele... às vezes — disse Emma. — A coisa de ser perfeito era um pouco irritante. Mas o jeito como olhava para você. Não tem como fingir isso.

— Ele tem uma noiva, Emma. Não é nem só uma namorada. Uma noiva.



Quem sabe há quanto tempo ele está noivo? *Noivo*. Para se *casar*.

— Eu invado o casamento — sugeriu Emma. — Pulo do bolo, mas não de um jeito sexy. Tipo, com granadas.

Cristina riu, depois virou o rosto.

— Estou me sentindo muito *burra* — falou. — Ele mentiu para mim e eu perdoei, e depois ele mentiu de novo... que espécie de idiota sou eu? Por que achei que ele fosse confiável?

— Porque você queria — falou Emma. — Você o conhece há muito tempo, Tina, e isso faz diferença. Quando alguém faz parte da sua vida há tanto tempo, cortá-lo é como cortar as raízes de uma planta.

Cristina ficou em silêncio por um longo instante.

— Eu sei — disse ela. — Sei que você entende.

Emma sentiu a ardência ácida da amargura no fundo da garganta e engoliu em seco. Ela precisava apoiar Cristina agora, e não pensar nas próprias preocupações.

— Quando era pequena — falou —, eu e Jules costumávamos vir aqui juntos no pôr do sol praticamente toda noite para esperar o clarão verde.

— O quê?

— O clarão verde. Quando o sol se põe, exatamente quando desaparece, você vê um clarão de luz verde. — As duas olharam para a água. O sol estava desaparecendo abaixo do horizonte, o céu manchado de vermelho e preto. — Se você fizer um desejo, ele se realiza.

— Realiza? — perguntou Cristina suavemente, com os olhos no horizonte junto com os de Emma.

— Não sei — disse Emma. — Já fiz muitos desejos. — O sol desceu mais alguns milímetros. Emma tentou pensar no que poderia desejar. Mesmo quando era mais nova, ela de algum jeito entendia que havia coisas que não podia desejar: paz no mundo, a volta dos pais mortos. O universo não podia virar do avesso por sua causa. Desejos só traziam pequenas bênçãos: sono sem pesadelo, a segurança do seu melhor amigo por um dia, um dia de sol no seu aniversário.

— Você se lembra — disse Emma —, antes de reencontrar Diego, você disse que deveríamos ir juntas para o México? Passar um ano de viagem lá?

Cristina fez que sim com a cabeça.

— Levaria um tempo até eu poder ir — disse Emma. — Eu só faço dezoito no inverno. Mas quando fizer...

Deixar Los Angeles. Passar um ano com Cristina, aprendendo, treinando e viajando.

Sem Jules. Emma engoliu em seco a dor que o pensamento causava. Era uma dor com a qual teria que aprender a viver.

— Eu gostaria — falou Cristina. O sol era só uma borda dourada agora. — Vou desejar isso. E talvez desejar esquecer Diego também.

— Mas aí você precisa esquecer as coisas boas assim como as ruins. Eu sei que tiveram coisas boas. — Emma entrelaçou os dedos nos de Cristina. — Ele não é a pessoa certa para você. Ele não é forte o suficiente. Vive te decepcionando. Sei que te ama, mas isso não basta.

— Aparentemente não sou a única que ele ama.

— Talvez ele tenha começado a namorá-la para tentar te esquecer — falou Emma. — E depois vocês voltaram, mesmo sem ele esperar, e ele não sabia como contar para ela.

— Que idiota — disse Cristina. — Quero dizer, se isso fosse verdade, o que não é.

Emma riu.

— Tudo bem, eu sei, também não acredito. — Ela se inclinou para a frente. — Então deixa eu dar uma surra nele por você. Você vai se sentir muito melhor.

— Emma, não. Não encoste uma mão nele. É sério.

— Posso bater nele com os pés — sugeriu Emma. — Eles são registrados como armas letais. — Ela os balançou.

— Você tem que prometer que não vai encostar nele. — Cristina a encarou com tanta severidade que a amiga levantou a mão, resignada.

— Tudo bem, tudo bem, eu prometo — falou. — Não encostarei no Diego Perfeito.

— E também não pode gritar com Zara — disse Cristina. — Não é culpa dela. Tenho certeza de que ela não faz ideia de que eu existo.

— Então tenho pena dela — disse Emma. — Porque você é uma das melhores pessoas que eu conheço.

Cristina começou a sorrir. O sol quase tinha baixado completamente agora. Um ano com Cristina, Emma pensou. Um ano longe de tudo, de todos que lembravam Jules. Um ano para esquecer. Se ela aguentasse.

Cristina engasgou de leve.

— Veja, ali está!

O céu brilhou em verde. Emma fechou os olhos e desejou.

Quando Emma voltou para o quarto se surpreendeu ao ver que Mark e Julian já estavam lá, cada qual de um lado da cama, os braços cruzados sobre o peito.

— Como ela está? — perguntou Mark assim que a porta se fechou. — Cristina, quero dizer.

Seu olhar estava ansioso. O de Julian era mais insensível; ele parecia neutro e

autocrático, o que Emma sabia que significava que estava irritado.

— Cristina está chateada?

— Claro que está chateada — retrucou Emma. — Acho que não tanto por ele ter voltado a namorá-la por algumas semanas, mas porque se conhecem há muito tempo. Eles têm vidas completamente entrelaçadas.

— Onde ela está agora? — perguntou Mark.

— Ajudando Diana e os outros a arrumarem os quartos para os Centuriões — respondeu Emma. — Ninguém imaginaria que carregar lençóis e toalhas alegraria alguém, mas ela jura que vai.

— No Reino das Fadas, eu desafiaria Rosales para um duelo por isso — disse Mark. — Ele quebrou sua promessa, e uma promessa de amor, ainda por cima. Ele lutaria comigo, se Cristina concordasse que eu fosse seu representante.

— Bem, sem sorte nesse quesito — falou Emma. — Cristina me fez prometer que eu não encostaria a mão nele, e aposto que o mesmo vale para vocês dois.

— Então está dizendo que não há nada que possamos fazer? — Mark fez uma careta, uma careta igual à de Julian. Há alguma coisa neles dois, Emma pensou, por mais luz e sombra que fossem; nesse momento pareciam mais irmãos do que em muito tempo.

— Podemos ir ajudar a preparar os quartos para Cristina poder dormir — falou Emma. — Diego está trancado em um dos escritórios com Zara, então não é como se ela fosse se encontrar com ele, mas seria bom para ela descansar.

— Vamos nos vingar de Diego dobrando as toalhas dele? — falou Julian.

— Tecnicamente não são toalhas dele — observou Emma. — São toalhas dos amigos dele.

Ela foi para a porta, e os dois meninos a seguiram relutantemente. Era evidente que eles preferiam um combate mortal na grama a arrumarem as camas para os Centuriões. A própria Emma não estava animada para isso. Julian era muito melhor em fazer camas e lavar roupa do que ela.

— Eu posso cuidar de Tavvy — sugeriu ela. Mark estava à frente dela no corredor, e ela se viu caminhando ao lado de Julian.

— Ele está dormindo — respondeu Jules. Ele não falou como encontrou tempo de colocar Tavvy para dormir com tanta coisa acontecendo. Julian era assim. Ele achava tempo. — Sabe o que acho estranho?

— O quê? — perguntou Emma.

— Diego devia saber que a máscara ia cair — disse Julian. — Mesmo que não estivesse esperando que Zara viesse com os outros Centuriões hoje, todos eles sabem sobre ela. Um deles teria mencionado a noiva ou o noivado.

— Bem pensado. Diego pode ser desonesto, mas não é idiota.

— Tem formas de machucá-lo sem tocar nele — falou Julian. Falou baixo, de

modo que só Emma pudesse escutá-lo; e havia algo sombrio em sua voz, algo que a fez tremer. Ela se virou para responder, mas viu Diana vindo pelo corredor em direção a eles, e sua expressão era a de alguém que pegou pessoas matando aula.

Ela os despachou para diferentes partes do Instituto: Julian para o sótão a fim de verificar como Arthur estava, Mark para a cozinha e Emma para a biblioteca para ajudar na arrumação com os gêmeos. Kit tinha desaparecido.

— Ele não fugiu — informou Ty solicitamente. — Ele só não queria arrumar camas.

Já era tarde quando terminaram de limpar tudo, escolheram que quarto ficaria com cada Centurião, e providenciaram entrega de comida para o dia seguinte. Também organizaram uma patrulha para vigiar o Instituto em turnos durante a noite, caso demônios marinhos rebeldes resolvessem aparecer.

Percorrendo o corredor para o seu quarto, Emma notou que uma luz estava acesa no quarto de Julian. Aliás, a porta não estava totalmente fechada; música vazava para o corredor.

Sem vontade consciente, ela se viu na frente do quarto dele, a mão levantada para bater na porta. Inclusive, ela *tinha* batido. E abaixou a mão, meio em choque, mas ele já tinha aberto.

Ela piscou para ele, que estava com uma calça velha de pijama e uma toalha no ombro, com um pincel na mão. Havia tinta no peito nu dele e um pouco no cabelo.

Apesar de ele não estar encostando nela, ela tinha consciência do corpo de Julian, do seu calor. As Marcas pretas em espiral descendo pelo tronco, como vinhas entrelaçadas em um pilar. Ela mesma tinha feito algumas, na época em que tocá-lo não fazia com que suas mãos tremessem.

— Você quer alguma coisa? — perguntou. — Está tarde, e Mark provavelmente está esperando você.

— Mark? — Ela quase tinha se esquecido de Mark por um instante.

— Eu o vi entrar no seu quarto. — Tinta pingava do pincel, salpicando o chão. Ela conseguia enxergar além dele dentro do quarto: não entrava ali há uma eternidade. Havia plástico cobrindo parte do chão, e ela podia ver pontos claros na parede onde ele evidentemente estava retocando o mural que ocupava metade do quarto.

Ela se lembrava de quando ele tinha pintado, depois que voltaram de Idris. Depois da Guerra Maligna. Ambos estavam deitados, acordados na cama, como frequentemente faziam quando crianças. Emma estava falando sobre ter encontrado um livro de contos de fadas na biblioteca, do tipo que os mundanos liam há centenas de anos: eram cheios de sangue, assassinato e tristeza. Ela falou

sobre o castelo da Bela Adormecida, cercado por espinhos, e sobre como a história dizia que centenas de príncipes tentaram romper a barreira, mas todos foram espetados até a morte pelos espinhos, seus corpos largados para se decomporem até virarem osso no sol.

No dia seguinte, Julian pintou o quarto: o castelo e o muro de espinhos, o brilho de osso e o príncipe triste, com a espada quebrada ao seu lado. Emma tinha ficado impressionada, apesar de eles terem tido que dormir no quarto dela por uma semana até a tinta secar.

Ela nunca perguntou por que a imagem e a história o marcaram. Sempre soube que, se Julian quisesse contar para ela, ele contaria.

Emma limpou a garganta.

— Você disse que eu poderia machucar Diego sem encostar nele. O que quis dizer?

Julian passou a mão livre pelo cabelo. Estava desganhado — e tão lindo que doía.

— Provavelmente é melhor eu não contar.

— Diego magoou Cristina — falou Emma. — E acho que ele nem liga.

Ele esticou o braço para esfregar a nuca. Os músculos no peito e na barriga se moveram quando ele se esticou, e ela sempre tinha consciência da textura da pele dele, e desejava desesperadamente poder de algum jeito voltar no tempo para ser novamente a pessoa que não se destroçava ao ver Julian — com quem Emma tinha crescido, a quem já tinha visto seminu milhões de vezes — sem camisa.

— Eu vi o rosto dele quando Cristina correu da entrada — disse ele. — Acho que não precisa se preocupar com a hipótese de ele não estar sofrendo. — E colocou a mão na maçaneta. — Ninguém consegue ler a mente alheia ou conhecer seus motivos — falou. — Nem mesmo você, Emma.

Julian fechou a porta na cara dela.

Mark estava deitado no chão ao pé da cama de Emma. Estava descalço, parcialmente enrolado em uma coberta.

Parecia adormecido, seus olhos como luas crescentes escuras contra a pele clara, mas ele abriu parte do azul quando ela entrou.

— Ela realmente está bem?

— Cristina? Está. — Emma se sentou no chão ao lado dele, se apoiando no pé da cama. — É péssimo, mas ela vai ficar bem.

— Seria difícil, eu acho — falou Mark com sua voz engrossada pelo sono —, merecê-la.

— Você gosta dela — falou Emma. — Não gosta?

Ele rolou para o lado e olhou para ela com aquele olhar de fada que a fazia se sentir como se estivesse sozinha em um campo, observando o vento soprar a grama.

— Claro que gosto.

Emma maldisse a intensidade da língua das fadas — gostar não significava nada para eles: viviam em um mundo de amor ou ódio, desprezo ou adoração.

— Seu coração sente alguma coisa por ela — falou.

Mark se sentou.

— Ela não sentiria, eu acho... isso por mim.

— Por que não? — disse Emma. — Ela certamente não tem problemas com fadas, você sabe disso. Gosta de você...

— Ela é gentil, bondosa, tem um coração generoso. Sensata, profunda, gentil...

— Você já disse “gentil”.

Mark a olhou fixamente.

— Ela não é nada como eu.

— Você não tem que ser como alguém para amar a pessoa — disse Emma.

— Veja eu e você. Somos bem parecidos, e não temos esses sentimentos um pelo outro.

— Só porque você está envolvida com outra pessoa — falou Mark com naturalidade, mas Emma o olhou surpresa. *Ele sabe sobre Jules*, pensou ela, por um instante de pânico, antes de se lembrar de sua mentira sobre Cameron.

— Uma pena, não é — respondeu ela suavemente, tentando impedir que o coração batesse acelerado. — Você e eu, juntos, teria sido... tão fácil.

— Paixão não é fácil. Nem sua ausência. — Mark se apoiou nela. Seu ombro era quente contra o de Emma. Ela se lembrou do beijo, pensou em seus dedos passando pelos cabelos macios dele. Seu corpo contra o dela, ativo e forte.

Mas, mesmo ao tentar se apegar a essa imagem, ela escorregava por entre os dedos como areia seca. Como a areia da praia na vez em que ficou com Julian, a única noite que tiveram juntos.

— Você parece triste — disse Mark. — Sinto muito por ter tocado no assunto amor. — Ele a tocou na bochecha. — Em outra vida, talvez. Você e eu.

Emma deixou a cabeça cair para trás contra o pé da cama.

— Em outra vida.

## 6

### Lá o Viajante

Como a cozinha era pequena demais para receber os moradores do Instituto mais os vinte Centuriões, o café da manhã foi servido na sala de jantar. Retratos dos Blackthorn do passado fitavam pratos de ovo e bacon e pilhas de torrada. Cristina passou discretamente pela multidão, tentando não ser vista. Ela certamente não teria descido se não estivesse tão desesperada por café.

Procurou em volta Emma e Mark, mas nenhum dos dois tinha descido ainda. Emma não acordava cedo, e Mark ainda tendia a ser noturno. Julian estava lá, servindo comida, mas ele tinha a expressão agradável e neutra que sempre usava na presença de estranhos.

Estranho, pensou, que ela conhecesse Julian bem o suficiente para saber disso. Eles tinham uma espécie de laço, ambos amavam Emma, mas eram separados pelo conhecimento que Julian não sabia que ela tinha. Ele tentava esconder que amava Emma, e Cristina tentava esconder que sabia disso. Ela gostaria de poder oferecer alguma solidariedade, mas ele se encolheria horrorizado...

— *Cristina.*

Ela quase derrubou o café. Era Diego. Parecia péssimo — o rosto fatigado, olheiras, cabelo emaranhado. Estava com um uniforme normal e parecia ter perdido o distintivo de Centurião.

Ela levantou a mão.

— *Aléjate de mí, Diego.*

— Apenas me ouça...

Alguém passou entre eles. O menino espanhol com cabelos louros, Manuel.

— Você ouviu — falou, em inglês. Mais ninguém estava olhando para eles ainda; estavam todos ocupados com as próprias conversas. — Deixe-a em paz.

Cristina virou e se retirou.

Ela manteve a coluna ereta. Recusou-se a apressar os passos — não correria por ninguém. Ela era uma Rosales. Não queria a piedade dos Centuriões.

Cristina passou pela porta da frente e desceu as escadas. Queria que Emma estivesse acordada. Poderiam ir para a sala de treinamento chutar e socar as próprias frustrações.

Ela continuou marchando sem ver nada até quase colidir contra a sorveira que ainda crescia na grama desbotada na frente do Instituto. Tinha sido posta ali por fadas — uma árvore de chicotada, para castigo. Permaneceu ali mesmo após a punição, quando a chuva havia limpado o sangue de Emma da grama e das pedras.

— Cristina, *por favor*. — Ela se virou. Diego estava lá, aparentemente tinha decidido ignorar Manuel. Ele realmente parecia péssimo. As olheiras sob seus olhos pareciam ter sido esculpidas ali.

Ele a havia carregado pela grama, ela lembrou, há apenas duas semanas, quando ela se machucara. Ele a segurou firme, sussurrando seu nome sem parar. E o tempo todo estava noivo de outra pessoa.

Ela se apoiou no tronco da árvore.

— Você realmente não entende por que não quero vê-lo?

— Claro que entendo — falou ele. — Mas não é o que você pensa.

— Sério? Você *não* está noivo? Você não vai se casar com Zara?

— Ela é minha noiva — disse ele. — Mas... Cristina... é mais complicado do que parece.

— Eu realmente não vejo como pode ser.

— Eu escrevi para ela — falou. — Depois que a gente voltou. Eu disse a ela que tinha acabado.

— Acho que ela não recebeu a sua carta — retrucou Cristina.

Diego passou as mãos no cabelo.

— Não, ela recebeu. Ela me disse que leu, e foi por isso que veio até aqui. Sinceramente, nunca achei que fosse vir. Achei que tinha terminado quando não recebi notícias dela. Achei... eu realmente achei que estivesse livre.

— Então terminou com ela ontem?

Ele hesitou, e, naquele instante de indecisão, qualquer pensamento que Cristina cultivasse nos recessos mais ocultos de seu coração, qualquer esperança remota de que tudo não passava de um engano se desfizeram como bruma queimada pelo sol.

— Não — disse ele. — Não posso.

— Mas você acabou de dizer que terminou por carta...

— As coisas são diferentes agora — falou. — Cristina, você precisa confiar



em mim.

— Não — respondeu ela. — Não confio. Já confiei, apesar das provas que meus próprios ouvidos tinham. Não sei se algo do que você disse antes era verdade. Não sei se as coisas que você disse sobre Jaime eram verdade. Onde ele está?

Diego abaixou as mãos para as laterais do corpo. Parecia derrotado.

— Existem coisas que eu não posso contar. Gostaria que você pudesse acreditar em mim.

— O que está acontecendo? — A voz alta e clara de Zara cortou o ar seco; ela vinha na direção deles, seu broche de Centurião brilhando sob o sol.

Diego olhou para ela, com uma expressão de dor no rosto.

— Eu estava conversando com Cristina.

— Estou vendo. — A boca de Zara estava firme em um pequeno sorriso, um olhar que não parecia deixar seu rosto. Ela olhou para Cristina e colocou a mão no ombro de Diego. — Volte para dentro — ordenou. — Estamos decidindo quais redes vamos investigar hoje. Você conhece bem a área. Hora de ajudar. Tique-taque. — Ela tocou o relógio.

Diego olhou para Cristina, depois voltou-se para a noiva.

— Tudo bem.

Com um último olhar superior, Zara deu a mão para Diego e foi meio que o arrastando de volta para o Instituto. Cristina os acompanhou com o olhar, e o café que tinha tomado revirou no estômago como ácido.

Para decepção de Emma, os Centuriões se recusaram a deixar que um dos Blackthorn os acompanhasse na busca pelo corpo de Malcolm.

— Não, obrigada — disse Zara, que parecia ter se nomeado líder não oficial dos Centuriões. — Nós treinamos para isso, e ter que lidar com Caçadores de Sombras menos experientes nessas situações atrapalha.

Emma encarou Diego, que estava ao lado de Zara. Ele desviou o olhar.

Eles passaram quase todo o dia fora e voltaram a tempo do jantar, que os Blackthorn acabaram preparando. Foi espaguete — muito espaguete.

— Sinto falta da pizza vampiresca — murmurou Emma, olhando para uma vasilha enorme de molho de tomate.

Julian bufou. Ele estava perto de uma panela de água fervente; o vapor subia e ondulava seu cabelo em cachos úmidos.

— Talvez pelo menos nos digam se encontraram alguma coisa.

— Duvido — falou Ty, que estava preparando a mesa. Era uma atividade da qual ele gostava desde pequeno; adorava colocar cada utensílio em uma ordem

precisa e repetida. Livvy o ajudava. Kit tinha se retirado e ninguém sabia onde estava. Ele era o que mais parecia detestar a intrusão dos Centuriões. Emma realmente não podia culpá-lo; ele mal estava se adaptando ao Instituto do jeito que estava, quando, de repente, chegaram essas pessoas que esperavam que ele as servisse.

Ty estava certo. O jantar era um momento grandioso e animado. Zara de algum jeito tinha conseguido sentar na cabeceira, expulsando Diana, e passou a eles um breve resumo do dia — partes do oceano que tinham sido vasculhadas, nada significativo encontrado, embora o rastreamento de elementos de magia sombria tenha indicado um ponto mais distante no oceano onde demônios marinhos se agrupavam.

— Vamos investigar amanhã — falou ela, espetando elegantemente o espaguete.

— Como estão procurando? — perguntou Emma, sua ansiedade por saber mais sobre técnicas avançadas dos Caçadores de Sombras se sobrepondo à antipatia por Zara. Afinal, como Cristina havia dito mais cedo, a situação não era culpa de Zara, era de Diego. — Vocês têm uniformes especiais?

— Infelizmente, essa informação é propriedade da Scholomance — retrucou Zara com um sorriso frio. — Até mesmo para alguém que supostamente é a *melhor* Caçadora de Sombras da sua geração.

Emma enrubesceu e se recostou na cadeira.

— O que isso quer dizer?

— Você sabe como as pessoas falam sobre você em Idris — afirmou Zara. Seu tom era descuidado, mas os olhos cor de âmbar estavam afiados. — Como se você fosse o novo Jace Herondale.

— Mas ainda temos o velho Jace Herondale — falou Ty, confuso.

— É um modo de falar — disse Julian, com a voz baixa. — Significa que uma pessoa é tão boa quanto a outra.

Normalmente ele teria dito: *Vou desenhar para você, Ty*. Representações visuais de expressões que, às vezes, eram confusas, como “ele morreu de rir” ou “se morder de raiva” resultavam em ilustrações hilárias feitas por Julian com bilhetes explicativos sobre o verdadeiro significado da expressão.

O fato de que ele não disse isso fez com que Emma o observasse com um pouco mais de atenção. Ele estava estressado por causa dos Centuriões, e ela não o culpava. Quando Julian não confiava em alguém, todos os seus instintos protetores entravam em ação: esconder o amor de Livvy por computadores, a forma incomum como Ty processava informações, os filmes de terror de Dru. As transgressões de Emma.

Jules ergueu seu copo de água com um sorriso brilhantemente artificial.

— As informações dos Nephilim não deviam ser compartilhadas? Combatemos os mesmos demônios. Se um núcleo dos Nephilim tem uma vantagem, isso não é injusto?

— Não necessariamente — disse Samantha Larkspear, a menina dos gêmeos Centuriões que Emma conhecera na véspera. O nome do seu irmão era Dane; eles tinham o mesmo rosto fino e magro, a mesma pele clara e os cabelos escuros e lisos. — Nem todo mundo tem o preparo para usar todas as ferramentas, e uma arma que você não sabe brandir é desperdiçada.

— Todo mundo pode aprender — afirmou Mark.

— Então talvez um dia você frequente a Scholomance e treine — acrescentou a Centurião de Mumbai. Seu nome era Divya Joshi.

— É improvável que a Scholomance aceite alguém com sangue de fada — disse Zara.

— A Clave é intransigente — falou Diego. — Isso é verdade.

— Não gosto da palavra “intransigente” — declarou Zara. — O que eles são é tradicionais. Buscam restaurar as separações que sempre existiram entre os seres do Submundo e os Caçadores de Sombras. Misturar gera confusão.

— Quer dizer, vejam o que aconteceu com Alec Lightwood e Magnus Bane — disse Samantha, acenando com o garfo. — Todo mundo sabe que Magnus usa sua influência com os Lightwood para fazer o Inquisidor pegar leve com os seres do Submundo. Mesmo em questões como assassinato.

— Magnus jamais faria isso — afirmou Emma. Ela havia parado de comer, apesar de ter se sentado faminta.

— E o Inquisidor não julga seres do Submundo, só Caçadores de Sombras — acrescentou Julian. — Robert Lightwood não poderia “pegar leve com seres do Submundo” nem que quisesse.

— Tanto faz — disse Jessica Beausejours, uma Centurião com um singelo sotaque francês e anéis em todos os dedos. — A Aliança entre Submundo e Caçadores de Sombras em breve vai acabar.

— Ninguém vai acabar com ela — falou Cristina, e sua boca estava tensa. — Isso é boato.

— Por falar em boatos — disse Samantha —, ouvi dizer que Bane fez Alec Lightwood se apaixonar por ele usando um feitiço. — Seus olhos brilhavam, como se não conseguisse decidir se a ideia era interessante ou nojenta.

— Isso não é verdade — retrucou Emma, com o coração acelerado. — É mentira.

Manuel ergueu uma sobrancelha para ela. Dane riu.

— Fico imaginando o que vai acontecer quando o feitiço passar, nesse caso — falou ele. — Será péssimo para os seres do Submundo, se o Inquisidor não

for simpatizante.

Ty parecia espantado. Emma mal podia culpá-lo. Ninguém do círculo de Zara parecia se importar com fatos.

— Não ouviram o que Julian disse? — insistiu ele. — O Inquisidor não supervisiona casos em que os membros do Submundo violaram os Acordos. Ele não...

Livvy colocou a mão no pulso dele.

— Todos nós apoiamos os Acordos aqui — acrescentou Manuel, se ajeitando na cadeira.

— Os Acordos foram uma boa ideia — falou Zara. — Mas toda ferramenta precisa ser afiada. Os Acordos precisam de melhorias. Feiticeiros deveriam ser regulados, por exemplo. São poderosos demais, e independentes demais. Meu pai planeja sugerir um registro de feiticeiros ao Conselho. Todo feiticeiro deve dar suas informações à Clave e ser rastreado. Se isso der certo, será estendido a todos do Submundo. Não podemos permitir que andem soltos por aí sem que saibamos por onde eles andam. Vejam o que aconteceu com Malcolm Fade.

— Zara, você está falando bobagem — disse Jon Cartwright, um dos Centuriões mais velhos, cerca de vinte e dois anos, Emma chutou. Da idade de Clary e Jace. A única coisa de que Emma se lembrava a respeito dele era que tinha uma namorada, Marisol. — Como uma integrante anciã do Conselho com medo de mudanças.

— De acordo — disse Rayan. — Somos estudantes e combatentes, e não legisladores. O que quer que seu pai esteja fazendo, não é relevante para a Scholomance.

Zara pareceu indignada.

— É só um registro...

— Eu sou o único que leu *X-Men* e entendo por que isso é má ideia? — perguntou Kit. Emma não fazia ideia de quando ele tinha voltado, mas lá estava ele, enrolando macarrão no garfo descuidadamente.

Zara começou a franzir o rosto, depois se alegrou.

— Você é Kit Herondale — afirmou ela. — O Herondale perdido.

— Não sabia que estava perdido — retrucou Kit. — Eu nunca me *senti* perdido.

— Deve ser empolgante, de repente, descobrir ser um Herondale — falou Zara. Emma conteve o impulso de observar que, se a pessoa não sabia muito sobre os Caçadores de Sombras, descobrir que é um Herondale era tão empolgante quanto descobrir que você fazia parte de uma nova espécie de lesmas. — Conheci Jace Herondale uma vez.

Ela olhou em volta, cheia de expectativa.

— Uau — disse Kit. Ele realmente *era* um Herondale, pensou Emma. Consequia incorporar indiferença e sarcasmo nível Jace em uma palavra.

— Aposto que você mal pode esperar para entrar na Academia — disse Zara.

— Como você é um Herondale, certamente vai se sair bem. Eu poderia falar bem de você.

Kit ficou em silêncio. Diana limpou a garganta.

— E quais são os seus planos para amanhã, Zara, Diego? O Instituto pode fazer alguma coisa para ajudar?

— Já que tocou no assunto — respondeu Zara —, seria muito útil...

Todos, inclusive Kit, se inclinaram para a frente com interesse.

— Se enquanto estivermos fora durante o dia vocês pudessem lavar as nossas roupas. Água do mar estraga o tecido rápido, não acham?

A noite caiu com a rapidez das sombras no deserto, mas, apesar do ruído de ondas que entrava pela janela, Cristina não conseguia dormir.

Doía pensar em sua casa. Na mãe, nos primos. Dias melhores, que ficaram no passado, com Diego e Jaime; ela se lembrava de um fim de semana que tinha passado com eles, rastreando um demônio na cidade-fantasma em ruínas de Guerrero Viejo. A paisagem que parecia um sonho ao redor deles: casas parcialmente inundadas, grama fofa, construções há muito desbotadas pela água. Ela tinha deitado em uma pedra com Jaime sob incontáveis estrelas, e eles haviam contado um ao outro o que mais queriam no mundo: ela, encerrar a Paz Fria; ele, devolver a honra à família.

Exasperada, ela saiu da cama e desceu, tendo apenas luz enfeitiçada para iluminar seus passos. As escadas estavam escuras e silenciosas, e ela conseguiu sair pela porta dos fundos do Instituto fazendo pouco barulho.

A luz da lua iluminava um pequeno trecho de terra onde o carro do Instituto estava estacionado. Atrás da área, existia um jardim onde estátuas brancas clássicas de mármore brotavam incongruentemente da areia do deserto.

De repente, Cristina sentiu uma saudade imensa do jardim de rosas de sua mãe. Do cheiro das flores, mais doce do que sálvia do deserto. Sua mãe caminhando entre as fileiras organizadas. Ela costumava brincar que a mãe devia ter ajuda de um feiticeiro para manter as flores brotando mesmo no mais quente verão.

Ela se afastou ainda mais da casa, em direção às fileiras de cerejeiras e amieiros. Ao se aproximar, viu uma sombra e congelou, se dando conta de que estava desarmada. *Burra*, pensou Cristina — o deserto era cheio de perigos, nem todos sobrenaturais. Leões da montanha não sabiam a diferença entre humanos e

Nephilim.

Não era um leão da montanha. A sombra se aproximou. Ela ficou tensa, depois relaxou. Era Mark.

O luar deixava o cabelo branco dele prateado. Seus pés estavam descalços sob a bainha da calça jeans. Ao vê-la, o espanto cruzou o rosto dele. Depois, foi até ela sem hesitar e a tocou na bochecha.

— Estou imaginando você aqui? — perguntou Mark. — Eu estava pensando em você, e agora você está aqui.

Era uma frase tão Mark, uma declaração tão aberta de suas emoções. Porque fadas não podiam mentir, ela pensou, e ele tinha crescido com elas, e aprendido a falar sobre amor e carinho com Kieran, que era orgulhoso e arrogante, mas sempre verdadeiro. Fadas não associavam verdade à fraqueza e vulnerabilidade como fazem os humanos.

Isso fez com que Cristina se sentisse mais corajosa.

— Eu também estava pensando em você.

Mark passou o polegar na maçã do rosto dela. A palma dele estava morna na pele dela, apoiando sua cabeça.

— O quê?

— No olhar no seu rosto quando Zara e os amigos estavam falando sobre seres do Submundo no jantar. Sua dor...

Ele riu sem humor.

— Eu devia ter esperado. Se eu tivesse sido um Caçador de Sombras atuante nos últimos cinco anos, sem dúvida estaria mais acostumado a essas conversas.

— Por causa da Paz Fria?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Quando uma decisão como essa é tomada por um governo, encoraja aqueles que já são preconceituosos a verbalizarem seus pensamentos mais profundos de ódio. Eles supõem que são simplesmente corajosos o suficiente para falarem o que todos realmente pensam.

— Mark...

— Na cabeça de Zara, eu sou odiado — disse Mark. Seus olhos estavam sombrios. — Tenho certeza de que o pai dela faz parte daquele grupo que exige que Helen permaneça presa na Ilha Wrangel.

— Ela vai voltar — afirmou Cristina. — Agora que você voltou para casa e lutou com tanta lealdade ao lado dos Caçadores de Sombras, certamente vão libertá-la.

Mark balançou a cabeça, mas tudo que disse foi:

— Sinto muito por Diego.

Ela esticou o braço e colocou a mão sobre a dele, seus dedos leves e frios

como galhos de salgueiros. De repente, queria tocá-lo mais, testar a sensação da pele dele sob a camisa, a textura da mandíbula, onde ele claramente nunca havia barbeado e nunca tinha precisado.

— Não — disse ela. — Não sente, não de verdade. Sente?

— Cristina. — Mark respirou, um pouco desamparado. — Posso...?

Cristina balançou a cabeça — se ela deixasse que ele perguntasse, ela nunca conseguiria dizer não.

— Não podemos — falou. — Emma.

— Você sabe que não é real — disse Mark. — Eu a amo, mas não assim.

— Mas é importante o que ela está fazendo. — Ela se afastou dele. — Julian tem que acreditar.

Ele a olhou confuso e ela se lembrou: Mark não sabia. Nem sobre a maldição, nem que Julian amava Emma ou que Emma o amava.

— Todo mundo tem que acreditar. E, além disso — acrescentou ela apressadamente —, tem Kieran. Você acabou de terminar com ele. E eu acabei de terminar com Diego.

Ele só pareceu mais confuso. Ela supôs que as fadas não adotassem as ideias humanas de dar espaço e tempo para superar relacionamentos.

E talvez fossem ideias tolas. Talvez amor fosse amor e as pessoas deversem aceitar quando encontrassem. Certamente seu corpo estava gritando com sua mente para que calasse a boca: ela queria envolver Mark em seus braços, queria segurá-lo como ele a segurou, sentir seu peito no dela ao expandi-lo com ar.

Alguma coisa ecoou na escuridão. Pareceu o estalo de um galho enorme, seguido por um ruído lento e arrastado. Cristina girou para alcançar seu canivete, mas novamente esquecera que ele estava lá dentro, na cabeceira.

— Acha que é a patrulha noturna dos Centuriões? — sussurrou ela para Mark.

Ele também fitava a escuridão, com os olhos semicerrados.

— Não. Não foi um ruído humano. — Ele pegou duas lâminas serafim e entregou uma a ela. — Nem animal.

O peso da lâmina na mão de Cristina era familiar e reconfortante. Após um instante de pausa para aplicar um símbolo de Visão Noturna, ela seguiu Mark para as sombras do deserto.

Kit abriu uma fresta da porta do quarto e espiou.

O corredor estava deserto. Nada de Ty sentado do lado de fora do quarto, lendo ou deitado com os fones nos ouvidos. Nada de luz transbordando por baixo das outras portas. Apenas o brilho fraco das fileiras de luz branca que

corriam pelo teto.

Ele quase esperava que alarmes soassem quando se esgueirou pela casa silenciosa e abriu a porta da frente do Instituto, uma espécie de assobio chiado ou explosões de luz. Mas nada aconteceu — só o som de uma porta pesada comum abrindo e fechando atrás dele.

Ele estava do lado de fora. Na varanda sobre os degraus que levavam ao gramado na frente do Instituto, e, mais além, à estrada para a rodovia. A vista sobre o penhasco para o mar estava banhada em luar, prata e preto, com uma trilha branca sobre a água.

Era lindo, Kit pensou, colocando a bolsa de pano sobre o ombro. Mas não era lindo o suficiente para que ele ficasse. Não dava para trocar a liberdade por uma vista para o mar.

Ele começou a descer as escadas. Seu pé tocou o primeiro degrau e se ergueu quando ele foi empurrado para trás. A bolsa de pano voou. Uma mão o agarrava pelo ombro, com força. Kit foi para o lado, quase caindo da escada, e balançou o braço, acertando alguma coisa sólida. Ouviu um rosnado abafado — era um vulto que mal se via, só uma sombra entre as sombras, erguendo-se sobre ele, bloqueando a lua.

Um segundo depois, os dois estavam caindo, Kit batendo de costas na varanda, a sombra escura por cima dele. Ele sentiu joelhos afiados e cotovelos o cutucarem e logo depois uma luz fraca acendeu: uma daquelas pedras idiotas que eles chamavam de luz enfeitiçada.

— Kit — disse uma voz acima dele, a voz de Tiberius. — Pare de se debater. — Ty balançou a cabeça escura. Estava ajoelhado sobre Kit — basicamente sentado em seu plexo solar, o que dificultava a respiração —, todo vestido de preto, como os Caçadores de Sombras quando iam lutar. Só as mãos e o rosto estavam descobertos, muito brancos na escuridão.

— Você estava fugindo? — perguntou.

— Eu ia dar uma volta — respondeu Kit.

— Não, você está mentindo — falou o outro garoto, olhando a sacola de Kit.

— Você estava fugindo.

Kit suspirou e deixou a cabeça cair para trás com uma batida.

— Por que você se importa com o que eu faço?

— Sou um Caçador de Sombras. Nós ajudamos as pessoas.

— Agora você está mentindo — afirmou Kit, com convicção.

Ty sorriu. Foi espontâneo, um sorriso do tipo que ilumina o rosto, e fez com que Kit se lembrasse de quando conheceu Ty. Na ocasião, Ty não estava sentado sobre ele, mas estava com uma faca em sua garganta.

Kit tinha olhado para ele e se esquecido da faca e pensado, *Lindo*.



Lindo como todos os Caçadores de Sombras, como a luz da lua brilhando das bordas de vidros quebrados: adoráveis e mortais. Criaturas lindas, criaturas cruéis, cruéis de um jeito que só pessoas que realmente acreditavam na razão de sua causa podiam ser.

— Preciso de você — disse Ty. — Você pode se surpreender em ouvir isso.

— Sim — concordou Kit. Ficou imaginando se mais alguém apareceria correndo. Não estava ouvindo passos nem vozes se aproximando.

— O que aconteceu com a patrulha noturna? — quis saber.

— Provavelmente estão a oitocentos metros daqui — respondeu Ty. — Tentando impedir que os demônios se aproximem do Instituto, e não que você saia. Agora quer saber por que preciso de você ou não?

Quase contra a vontade, Kit estava curioso. Ele se apoiou nos cotovelos e fez que sim com a cabeça. Ty estava sentado casualmente, como se ele fosse um sofá, mas seus dedos — dedos longos e rápidos, ágeis com uma faca, conforme Kit se lembrava — passaram sobre o cinto de armas.

— Você é um criminoso — afirmou Ty. — Seu pai era um trapaceiro e você queria ser como ele. Sua sacola provavelmente está cheia de coisas que roubou do Instituto.

— Tal... — Kit começou e parou quando Ty esticou a mão, puxou o zíper da bolsa, e viu o monte de adagas roubadas, caixas, bainhas, castiçais, e tudo mais que Kit tinha roubado se revelou à luz da lua. — ... vez — concluiu Kit. — O que isso tem a ver com você? Nada disso é seu.

— Eu quero desvendar crimes — disse Ty. — Ser um detetive. Mas ninguém aqui se importa com esse tipo de coisa.

— Vocês todos não acabaram de pegar um assassino?

— Malcolm mandou um bilhete — disse Ty, em tom fatigado, como se estivesse decepcionado pelo feiticeiro ter arruinado o trabalho de detetive com sua confissão. — E depois *admitiu* o que fez.

— Isso realmente reduz a lista de suspeitos — falou Kit. — Veja, se precisar de mim para poder me prender por diversão, devo observar que é o tipo de coisa que você só pode fazer uma vez.

— Não quero prendê-lo. Quero um parceiro. Alguém que sabe sobre crimes e sobre as pessoas que os cometem para me ajudar.

Uma lâmpada acendeu na cabeça de Kit.

— Você quer... espere, você tem dormido na porta do meu quarto porque quer um Watson para o seu Sherlock Holmes?

Os olhos de Ty brilharam. Continuavam se movendo incansáveis por Kit, como se o estivesse lendo, examinando, sem nunca encontrar seu olhar, mas isso não diminuiu o brilho.

— Você os conhece eles?

*Todo mundo no mundo conhece eles*, Kit quase falou, mas em vez disso apenas disse:

— Não vou ser o Watson de ninguém. Não quero resolver crimes. Não me importo com crimes. Não ligo se estão sendo cometidos ou se não estão...

— Não pense neles como crimes. Encare como mistérios. Além disso, o que mais vai fazer? Fugir? E ir para onde?

— Não ligo...

— Liga sim — disse Ty. — Você quer viver. Assim como todo mundo. Não quer ficar preso, só isso. — Ele inclinou a cabeça para o lado, seus olhos eram de uma profundidade quase branca à luz enfeitiçada. A lua tinha ido para trás de uma nuvem, e era a única iluminação.

— Como você sabia que eu ia fugir hoje?

— Porque você estava se acostumando a ficar aqui — respondeu Ty. — Estava se acostumando conosco. Mas os Centuriões, você não gosta deles. Livvy notou antes. E depois do que Zara disse hoje sobre você ir para a Academia... você deve achar que não terá escolha quanto ao que fizer após isso.

Era verdade, surpreendentemente. Kit não conseguia encontrar as palavras que explicassem como ele tinha se sentido à mesa de jantar. Como se o fato de se tornar um Caçador de Sombras significasse ser jogado em uma máquina que o mastigaria e cuspiria um Centurião.

— Eu olho para eles — falou —, e penso, “não posso ser como eles, e eles não suportam ninguém diferente”.

— Você não precisa ir para a Academia — falou Ty. — Pode ficar conosco pelo tempo que quiser.

Kit duvidava que o outro garoto tivesse autoridade para fazer esse tipo de promessa, mas apreciou ainda assim.

— Contanto que eu ajude a resolver mistérios — falou. — Com que frequência vocês têm mistérios a resolver, ou eu tenho que esperar até outro feiticeiro enlouquecer?

Ty se apoiou contra um dos pilares. Suas mãos batiam nas laterais do corpo como borboletas noturnas.

— Na verdade, tem um mistério acontecendo agora.

Kit ficou intrigado, apesar de tudo.

— Qual?

— Acho que eles não estão aqui pelo motivo que alegam estar. Acho que estão tramando alguma — disse Ty. — E definitivamente estão mentindo para nós.

— Quem está mentindo?

Os olhos de Ty faiscaram.  
— Os Centuriões, é claro.

O dia seguinte estava muito quente, um daqueles raros dias em que o ar parecia ficar parado e a proximidade com o mar não oferecia nenhum alívio. Quando Emma chegou, atrasada, para o café na sala de jantar, os ventiladores de teto que raramente eram utilizados estavam girando a toda.

— Foi um demônio de areia? — Dane Larkspear estava perguntando a Cristina. — Akvan e Iblis são demônios comuns no deserto.

— Sabemos disso — respondeu Julian. — Mark já disse que foi um demônio marinho.

— Ele saiu deslizando assim que acendemos a luz enfeitiçada em cima dele — falou Mark. — Mas deixou para trás um fedor de água salgada e areia molhada.

— Não posso acreditar que não haja barreiras de perímetro aqui — disse Zara. — Por que ninguém nunca cuidou disso? Tenho que perguntar ao Sr. Blackthorn...

— As barreiras perimetrais fracassaram em manter Sebastian Morgenstern afastado — afirmou Diana. — Não foram mais usadas depois disso. Barreiras de perímetro raramente funcionam.

Ela soou como se estivesse se esforçando para manter o controle. Emma não podia culpá-la.

Zara olhou para ela com uma espécie de pena superior.

— Bem, com todos esses demônios marinhos se arrastando para fora do oceano... o que não estariam fazendo se o corpo de Malcolm Fade não estivesse lá em algum lugar, vocês sabem... acho que são necessárias. Concordam?

Houve um murmúrio de vozes: a maioria dos Centuriões, exceto por Diego, Jon e Rayan, parecia de acordo. Enquanto faziam planos para armarem as barreiras naquela manhã, Emma tentou capturar o olhar de Julian e compartilhar a irritação dele, mas Julian estava olhando para longe dela, na direção de Mark e Cristina.

— O que vocês dois estavam fazendo do lado de fora ontem, afinal?

— Não conseguíamos dormir — respondeu Mark. — Acabamos nos esbarrando.

Zara sorriu.

— Claro que se esbarraram. — Ela virou para sussurrar alguma coisa ao ouvido de Samantha. Ambas riram.

Cristina enrubesceu, irritada. Emma viu a mão de Julian apertar em volta do

garfo. Ele o pôs lentamente ao lado do prato.

Emma mordeu o lábio. Se Mark e Cristina quisessem namorar, ela daria sua bênção. Fingiria um tipo de término com Mark; a “relação” deles já tinha feito quase tudo que precisava. Julian mal conseguia olhar para ela, e era isso que ela queria, não era?

Mas ele não parecia feliz com a ideia de que ela e Mark pudessem terminar. Nem um pouquinho. Se estivesse pensando nisso. Houve um tempo em que ela sempre soube o que Julian estava pensando. Agora ela só conseguia ler a superfície de seus pensamentos: seus sentimentos mais profundos estavam escondidos.

Diego olhou de Mark para Cristina e se levantou, empurrando a cadeira para trás. Ele se retirou da sala. Após um instante, Emma jogou o guardanapo no prato e também saiu.

Diego batera os pés até a porta dos fundos e fora para o estacionamento antes de perceber que Emma o estava seguindo — um forte indício de que ele estava irritado, considerando o grau de treinamento de Diego. Ele virou para olhar para ela, seus olhos escuros brilhando.

— Emma — falou. — Entendo que queira me repreender. Há dias que quer fazer isso. Mas não é uma boa hora.

— E quando seria? Quer anotar na sua agenda no dia de São Nunca? — Ela ergueu uma sobrancelha. — Foi o que pensei. Vamos.

Emma deu a volta no Instituto, e Diego a seguiu relutantemente. Eles chegaram a um local onde um pequeno monte de terra surgia entre cactos, familiar a Emma por experiência.

— Você fica aqui — disse ela, apontando. Ele a olhou incrédulo. — Para não sermos vistos das janelas — explicou ela, e, mesmo emburrado, ele lhe obedeceu e cruzou os braços sobre o peito musculoso.

— Emma — começou ele. — Você não entende e não pode entender, e eu não posso explicar...

— Aposto que não pode — falou ela. — Ouça, você sabe que nunca fui sua grande fã, mas eu tinha uma opinião bem melhor sobre você.

Um músculo tremeu no rosto dele. A mandíbula estava rígida.

— Como eu disse. Você não pode entender, e não posso explicar.

— Uma coisa — disse Emma — era você só estar traindo, o que eu ainda acharia desprezível, mas... Zara? É por sua causa que ela está aqui. Você *sabe* que não somos... você sabe que Julian tem que ser cauteloso.

— Ele não deve se preocupar demais — falou Diego calmamente. — Zara só se interessa pelo que pode lucrar. Acho que ela não tem o menor interesse nos segredos de Arthur, só quer a atenção do Conselho por completar essa missão

com sucesso.

— Para você é fácil supor essas coisas.

— Tenho motivos para tudo que faço, Emma — afirmou. — Cristina pode não o conhecer agora, mas um dia conhecerá.

— Diego, *todo mundo* tem motivos para tudo que faz. *Malcolm* tinha motivos para fazer o que fez.

A boca de Diego se encolheu em uma linha fina.

— Não me compare a *Malcolm Fade*.

— Porque ele era um feiticeiro? — A voz de Emma era baixa, perigosa. — Porque você pensa como a sua noiva? Sobre a Paz Fria? Sobre feiticeiros e fadas? Sobre *Mark*?

— Porque ele era um assassino — respondeu Diego entre dentes. — O que quer que pense sobre mim, Emma, não sou um babaca insensato. Não acho que seres do Submundo sejam inferiores, nem que devam ser registrados ou torturados...

— Mas admite que Zara acha — falou Emma.

— Eu nunca contei nada a ela — disse ele.

— Talvez você possa entender por que estou imaginando como você pode preferi-la a Cristina — afirmou Emma.

Diego ficou tenso — e gritou. Emma tinha se esquecido da velocidade com que ele podia se mover, apesar do tamanho: ele saltou para trás, praguejando e dando chutes com o pé esquerdo. Murmurando de dor, tirou o sapato. Filas de formigas marchavam pelo seu tornozelo, subindo pela perna.

— Ah, céus — exclamou Emma. — Você deve ter pisado em um formigueiro de formigas vermelhas. Sabe, acidentalmente.

Diego estapeou as formigas, ainda praguejando. Ele tinha chutado a parte de cima do formigueiro, e as formigas transbordavam dele.

Emma deu um passo para trás.

— Não se preocupe — disse ela. — Não são venenosas.

— Você armou para que eu pisasse em um formigueiro? — Ele calçou novamente o sapato, mas Emma sabia que as mordidas iam coçar durante dias a não ser que usasse um *iratze*.

— Cristina me fez prometer que eu não encostaria em você, então tive que ser criativa — respondeu ela. — Você não devia ter mentido para a minha melhor amiga. *Desgraciado mentiroso*.

Ele a encarou. Emma suspirou.

— Espero que isso signifique o que eu acho que significa. Detestaria ter acabado de te chamar de balde enferrujado ou coisa do tipo.

— Não — disse ele. Para surpresa de Emma, ele parecia ligeiramente

entretido. — Significa o que você acha.

— Ótimo. — Emma voltou para a casa. Estava quase fora do alcance quando ele a chamou. Ela virou e o viu parado onde o tinha deixado, aparentemente ignorando as formigas e o sol quente que batia em seus ombros.

— Acredite em mim, Emma — disse ele, alto o bastante para que ela o escutasse —, ninguém me odeia mais do que eu mesmo nesse momento.

— Você *realmente* acha isso? — perguntou ela. Emma não gritou, mas sabia que as palavras tinham viajado até ele. Ele a fitou por um longo instante em silêncio antes de ela se retirar.

O dia permaneceu quente até o fim da tarde, quando uma tempestade armou sobre o mar. Os Centuriões tinham saído antes do meio-dia, e Emma não conseguia deixar de olhar ansiosa pelas janelas enquanto o sol se punha atrás de uma massa de nuvens escuras no horizonte, penetradas por raios de calor.

— Acha que eles vão ficar bem? — perguntou Dru, com as mãos nervosas no cabo da faca de arremesso. — Eles não saíram em um barco? Parece uma tempestade feia.

— Não sabemos *o que* estão fazendo — disse Emma. Ela quase acrescentou que, graças ao desejo esnobe dos Centuriões de esconderem suas atividades dos Caçadores de Sombras do Instituto, seria muito difícil resgatá-los, caso alguma coisa perigosa *de fato* acontecesse, mas ela viu a expressão no rosto de Dru e não disse nada. Dru praticamente idolatrava Diego como um herói. Apesar de tudo, provavelmente ainda gostava dele.

Emma se sentiu brevemente culpada pelas formigas.

— Eles vão ficar bem — afirmou Cristina para tranquilizá-la. — Centuriões são muito cautelosos.

Livvy chamou Dru para lutar com espadas contra ela, e Dru foi até onde Ty, Kit e Livvy estavam juntos em um tatame. De algum jeito, Kit tinha sido convencido a vestir uniforme de treinamento. Ele parecia um Jace em miniatura, Emma pensou, divertida, com seus cachos louros e maçãs do rosto angulosas.

Atrás deles, Diana mostrava a Mark uma posição de treino. Emma piscou os olhos — Julian havia estado ali há um instante. Ela tinha certeza disso.

— Ele foi ver seu tio — disse Cristina. — Alguma coisa sobre ele não gostar de tempestades.

— Não, é Tavvy que não gosta... — A voz de Emma se interrompeu. Tavvy estava sentado em um canto da sala de treinamento, lendo um livro. Ela se lembrou de todas as vezes em que Julian tinha desaparecido durante as tempestades, alegando que Tavvy tinha medo delas.

Ela guardou Cortana na batinha.

— Já volto.

Cristina a observou saindo com olhos perturbados. Mais ninguém pareceu notar quando ela passou pela porta da sala de treinamento e seguiu pelo corredor. As janelas imensas e espaçadas do corredor permitiam a entrada de uma luz cinza peculiar, marcada com pontas prateadas.

Ela alcançou a porta do sótão e subiu as escadas correndo. Apesar de não ter tido o cuidado de disfarçar o barulho de suas pisadas, nem Arthur, nem Julian pareceram notar quando ela entrou na sala principal do sótão.

As janelas estavam bem fechadas e vedadas com jornal, todas menos uma, sobre a mesa onde Arthur sentava. O jornal havia sido rasgado dela, mostrando nuvens correndo pelo céu, colidindo e se desenrolando como bolas espessas de fios cinza e pretos.

Bandejas de comidas intocadas se espalhavam sobre as muitas mesas de Arthur. A sala tinha cheiro de podridão e mofo. Emma engoliu em seco, imaginando se teria errado em vir.

Arthur estava encolhido na cadeira, cabelos ralos caindo sobre os olhos.

— Quero que saiam — dizia ele. — Não gosto de tê-los aqui.

— Eu sei. — Julian falava com uma suavidade que surpreendeu Emma. Como ele podia não estar furioso? Ela estava furiosa, furiosa com tudo que fazia Julian crescer rápido demais. Que o havia privado da infância. Como ele podia olhar para Arthur e não pensar isso? — Também quero que saiam, mas não há nada que eu possa fazer para mandá-los embora. Temos que ter paciência.

— Preciso do meu remédio — sussurrou Arthur. — Onde está Malcolm?

Emma fez uma careta ao ver a expressão de Julian — e Arthur, de repente, pareceu notá-la. Ele levantou os olhos, fixando-os nela — não, não nela, na espada.

— Cortana — disse ele. — Feita por Wayland, o Ferreiro, o lendário fabricante de Excalibur e Durendal. Dizem que escolhe o dono. Quando Ogier a ergueu para matar o filho de Carlos Magno no campo, um anjo veio, quebrou a espada e disse a ele: “Piedade é melhor do que vingança.”

Emma olhou para Julian. Estava escuro no sótão, mas ela conseguiu ver que as mãos dele estavam cerradas nas laterais. Será que estava bravo por ela tê-lo seguido?

— Mas Cortana nunca foi quebrada — disse ela.

— É só uma história — falou Julian.

— Existe verdade nas histórias — afirmou Arthur. — Existe verdade em uma de suas pinturas, menino, ou em um pôr do sol, ou em um verso de Homero. Ficção é verdade, mesmo que não seja fato. Se você só acredita em fatos e se

esquece das histórias, seu cérebro vive, mas seu coração morre.

— Eu entendo, tio — falou Julian, com a voz cansada. — Volto mais tarde. Por favor, coma alguma coisa. Está bem?

Arthur abaixou o rosto para as mãos, balançando a cabeça. Julian começou a atravessar o recinto para as escadas. No meio do caminho, pegou o curso de Emma, puxando-a atrás de si.

Ele não fez nenhuma força, mas ela o seguiu assim mesmo, obedecendo em choque simplesmente pela sensação física da mão dele em seu pulso. Atualmente ele só encostava nela para fazer Marcas — ela sentia falta daqueles toques amigáveis aos quais estava acostumada pelos anos de amizade: uma mão acariciando seu braço, um tapinha no ombro. Sua forma secreta de comunicação: dedos desenhando palavras e letras na pele um do outro, de forma silenciosa e invisível a todos os outros.

Parecia uma eternidade. E agora faíscas percorriam seu braço a partir daquele ponto de contato, deixando-a com o corpo quente, formigando, e confuso. Os dedos dele envolveram o pulso dela enquanto saíam pela porta da frente.

Quando se fechou atrás deles, ele soltou, virando-se para encará-la. O ar parecia pesado e denso, pressionando a pele de Emma. Bruma obscurecia a rodovia. Ela enxergava as superfícies ondulantes e cinzentas batendo na costa. Daqui, cada uma parecia tão grande quanto uma baleia jubarte. Ela via a lua, lutando para aparecer entre nuvens.

Julian estava arfando, como se tivesse corrido quilômetros sem parar. A umidade do ar grudou sua camisa no peito quando ele se apoiou na parede do Instituto.

— Por que você foi até o sótão? — perguntou.

— Desculpa — falou ela, séria. Ela detestava ficar tensa perto de Jules. Eles raramente tinham uma briga que não terminasse com um pedido casual de desculpas ou em uma piada. *Eu tive a sensação de que você precisava de mim, e não pude deixar de vir.* — Entendo se você está bravo...

— Não estou bravo. — Um raio brilhou sobre a água, clareando brevemente o céu. — Essa é a desgraça da situação, eu não posso ficar bravo, posso? Mark não sabe nada sobre nós dois, ele não está tentando me machucar, nada disso é culpa dele. E você, você fez a coisa certa. Não posso te odiar por isso. — Ele se afastou da parede, e deu alguns passos inquietos. A energia dessa tempestade que ele guardara parecia irradiar da sua pele. — Mas não suporto. O que eu faço, Emma? — Julian passou as mãos pelo cabelo; a umidade estava fazendo com que ondulasse em cachos que se prendiam aos dedos. — Não podemos viver assim.

— Eu sei — falou. — Eu vou embora. São só mais alguns meses. Vou fazer



dezoito anos. Tiraremos nosso ano de viagem longe um do outro. Vamos esquecer.

— Vamos? — A boca de Jules se curvou em um sorriso impossível.

— Temos que esquecer. — Emma tinha começado a tremer. Estava frio, as nuvens acima deles se reviravam como a fumaça de um céu queimado.

— Eu nunca deveria ter tocado em você — falou. Ele tinha se aproximado dela, ou talvez ela dele, querendo pegá-lo pelas mãos, como sempre fazia. — Nunca achei que o que a gente tinha pudesse se quebrar com tanta facilidade.

— Não está quebrado — sussurrou ela. — Nós erramos, mas o erro não foi ficarmos juntos.

— A maioria das pessoas pode errar, Emma. Isso não precisa arruinar a vida delas.

Emma fechou os olhos, mas ainda conseguia vê-lo. Senti-lo, a poucos centímetros dela, o calor do seu corpo, o cheiro de cravo em sua roupa e no cabelo. Aquilo a estava enlouquecendo, fazendo seus joelhos tremerem como se ela tivesse acabado de sair de uma montanha-russa.

— Nossas vidas não estão arruinadas.

Ele a abraçou. Por um instante, Emma pensou em resistir, mas estava tão cansada — tão cansada de lutar contra o que queria. Achava que nunca mais teria isso, Jules em seus braços novamente, magro e musculoso, tenso, mãos fortes de pintor alisando suas costas, seus dedos traçando letras, palavras em sua pele.

E-U E-S-T-O-U A-R-R-U-I-N-A-D-O.

Ela abriu os olhos, assustada. O rosto dele estava tão próximo que era quase um borrão de luz e sombra.

— Emma — falou, com os braços em volta dela, puxando-a para perto.

E então ele a estava beijando; estavam se beijando. Ele a puxou para perto, encaixou o corpo dela no dele, curvas e entradas, músculos e suavidade. Sua boca estava aberta sobre a dela, a língua passando suavemente pelos lábios.

O trovão explodiu em volta de ambos, um raio caiu contra as montanhas, inflamando uma trilha de calor seco no interior das pálpebras de Emma.

Ela abriu a boca sob a dele, se encostou ainda mais contra o seu corpo, envolvendo os braços no pescoço de Julian. Ele tinha gosto de fogo, gosto de especiaria. Julian passou as mãos pelas laterais do corpo dela, pelos quadris. Puxou-a mais firme contra si ao mesmo tempo que emitia um ruído baixo na garganta, uma espécie de som angustiado de desejo.

Pareceu uma eternidade. Pareceu não durar nada. As mãos dele contornaram as omoplatas dela, a curva do seu corpo sob as costelas, os polegares arqueando sobre os quadris. Ele a levantou contra si, como se elesoubessem nos espaços

vazios um do outro, enquanto palavras jorravam da boca de Julian: frenéticas, apressadas.

— Emma... eu preciso de você, sempre, sempre penso em você, eu estava desejando que você estivesse comigo naquele maldito sótão e aí virei e você estava lá, como se tivesse me escutado, como sempre está presente quando eu preciso...

Um raio caiu outra vez, iluminando o mundo: Emma então viu suas mãos na barra da camisa de Julian... que diabos ela estava pensando, estava planejando que ela e Julian se despissem na varanda da frente do Instituto? A realidade bateu; Emma se afastou, o coração acelerado no peito.

— Em? — Ele a encarou, espantado, seus olhos sonolentos, quentes e desejosos. Fez com que ela engolisse em seco. Mas as palavras de Julian ecoavam em sua mente: ele a quis, e foi como se ela tivesse ouvido Julian chamar, ela tinha sentido, sabido, e não conseguiu se conter.

Todas aquelas semanas insistindo para si mesma que o laço *parabatai* estava enfraquecendo, e agora Julian estava dizendo para ela que eles praticamente leram a mente um do outro.

— Mark — disse ela, e foi só uma palavra, mas era *a* palavra, o lembrete mais brutal da situação deles. O olhar sonolento deixou o rosto dele; ele empalideceu, espantado. Levantou a mão como se quisesse dizer alguma coisa; explicar, pedir desculpas, e o céu pareceu se cortar no meio.

Os dois viraram para olhar as nuvens diretamente acima deles se partirem. Uma sombra cresceu no ar, escurecendo ao se aproximar deles: a figura de um homem, enorme e vestido de armadura, montado em um cavalo sem sela, de olhos vermelhos e malhado em preto e cinza, como as nuvens da tempestade acima deles.

Julian se moveu como que para empurrar Emma para trás dele, mas ela não se mexeu. Emma simplesmente encarou enquanto o cavalo parou relinchando, ao pé da escada do Instituto. O homem olhou para eles.

Seus olhos, como os de Mark, tinham duas cores diferentes; no caso dele, eram azul e preto. Seu rosto era assustadoramente familiar. Era Gwyn ap Nudd, o lorde e líder da Caçada Selvagem. E ele não parecia satisfeito.

## 7

### Mares sem Costas

Antes que Julian ou Emma pudessem falar, a porta da frente do Instituto se abriu com força. Diana estava lá, com Mark logo atrás, ainda com as roupas de treinamento. Ela, de terno branco, estava bonita e elegante como sempre.

O imenso cavalo malhado de Gwyn empinou quando Mark se aproximou do topo da escada. Ao ver Emma e Jules andando em sua direção, Mark pareceu mais do que surpreso. Emma sentiu as bochechas ardendo, mas ao olhar para Julian, ele tinha a aparência serena e tranquila de sempre.

Eles se juntaram a Mark quando Diana alcançou o topo da escada. Os quatro Nephilim encararam o Caçador — os olhos do cavalo de Gwyn eram vermelhos como sangue, assim como a armadura que ele portava: couro duro escarlate, rasgado aqui e ali por marcas de garras e cortes feitos por armas.

— Por causa da Paz Fria, não posso lhe dar as boas-vindas — falou Diana. — Por que está aqui, Gwyn Caçador?

O olhar ancião de Gwyn percorreu Diana de cima a baixo. Não havia malícia ou arrogância nele, apenas a apreciação das fadas pela beleza.

— Adorável dama — falou ele —, acredito que não nos conhecemos.

Por um instante, Diana pareceu confusa.

— Diana Wrayburn. Sou a tutora aqui.

— Aqueles que ensinam são honrados na Terra Sob a Colina — disse Gwyn. Debaixo do braço, ele segurava um enorme capacete decorado com as galhadas de um cervo. O chifre de caça estava apoiado na sela.

Emma se admirou: será que Gwyn estava *dando em cima* de Diana? Ela não sabia como fadas faziam isso exatamente, mas ouviu Mark emitir um ruído exasperado.

— Gwyn — falou o menino. — Dou-lhe as boas-vindas. Meu coração se

alegra em vê-lo.

Emma não pôde deixar de imaginar se alguma parte da fala era verdade. Ela sabia que Mark tinha sentimentos complicados em relação a Gwyn. Ele já tinha falado sobre isso algumas vezes, durante as noites no quarto dela, com a cabeça apoiada na mão. Agora ela tinha uma imagem mais clara da Caçada Selvagem do que jamais tivera, de suas alegrias e horrores, do caminho estranho que Mark havia sido forçado a abrir para si mesmo entre as estrelas.

— Gostaria de poder dizer o mesmo — falou Gwyn. — Trago notícias ruins da Corte Unseelie. Kieran, do seu coração...

— Ele não é mais do meu coração. — Mark o interrompeu. Era uma expressão das fadas: “do meu coração” era o mais próximo que podiam chegar de dizer “namorada” ou “namorado”.

— Kieran Caçador foi declarado culpado pelo assassinato de Iarlath. — Gwyn informou. — Ele foi julgado pela Corte Unseelie, mas foi um julgamento breve.

Mark ficou vermelho e tenso.

— E a sentença?

— Morte — respondeu Gwyn. — Ele vai morrer ao nascer da lua, amanhã à noite, se não houver intervenção.

Mark não se mexeu. Emma pensou se deveria fazer alguma coisa — ir para perto dele, oferecer conforto, uma mão amiga? Mas ela não conseguiu interpretar a expressão no rosto dele — se era de pesar, não reconheceu. Se de raiva, era diferente de qualquer raiva que ele já tivesse demonstrado antes.

— É uma notícia triste — falou Mark, afinal.

Foi Julian quem se moveu, indo para o lado do irmão. Ele pôs a mão no ombro de Mark, e Emma sentiu o alívio tomar conta dela.

— Só isso? — perguntou Gwyn. — Você não tem mais nada para dizer?

Mark balançou a cabeça. Ele parecia frágil, Emma pensou, preocupada. Como se ela conseguisse enxergar até os ossos sob sua pele.

— Kieran me traiu — afirmou. — Ele não é nada para mim agora.

Gwyn olhou incrédulo para Mark.

— Ele o amava. E ele o perdeu, e tentou tê-lo de volta — falou o Caçador. — Ele queria que você cavalgasse com a Caçada outra vez. E eu também. Você era um dos nossos melhores. Isso é tão ruim assim?

— Você viu o que aconteceu. — Mark soou irritado agora, e Emma acabou se lembrando da árvore torta na qual se apoiou quando Iarlath chicoteou Julian e depois ela, sob os olhares de Kieran, Mark e Gwyn. A dor e o sangue, os açoites que pareciam fogo sobre sua pele, apesar de nada ter doído tanto quanto ver Julian sendo machucado. — Iarlath açoitou minha família, minha amiga. Por

causa de Kieran. Ele chicoteou Emma e Julian.

— E agora você abriu mão da Caçada por eles — disse Gwyn, os olhos bicolores desviando para Emma —, e, então, eis a sua vingança, se você a desejava. Mas onde está sua compaixão?

— O que você quer do meu irmão? — quis saber Julian, com a mão ainda no ombro de Mark. — Você quer vê-lo sofrer para seu entretenimento? Foi por isso que veio?

— Mortais — disse Gwyn. — Vocês acham que sabem tanto, mas sabem tão pouco. — A mão grande do Caçador apertou com mais força o capacete. — Não quero que sofra por Kieran. Quero que o salve, Mark Caçador.

Trovões roncavam ao longe, mas na frente do Instituto havia apenas silêncio, profundo como um grito.

Até Diana parecia sem fala. No silêncio, Emma conseguia ouvir os sons de Livvy e dos outros na sala de treinamento, as vozes e as risadas.

Jules estava sem expressão, mas calculava alguma coisa. Agora a mão no ombro de Mark apertava com força. *Quero que o salve, Mark Caçador.*

A raiva cresceu rapidamente dentro de Emma. Ao contrário de Julian, ela não se controlou.

— Mark não é mais da Caçada Selvagem — falou com veemência. — Ele não é mais um “Caçador”, não o chame assim.

— Ele é Caçador de Sombras, não é? — perguntou Gwyn. Agora que ele já tinha feito o pedido bizarro, parecia mais relaxado. — Uma vez caçador, sempre caçador de algum tipo.

— E agora você quer que eu vá caçar para Kieran? — falou Mark com um tom estranho e hesitante, como se estivesse com dificuldade de falar as palavras por causa da raiva. — Por que eu, Gwyn? Por que não você? Por que não qualquer um de vocês?

— Você não me ouviu? — perguntou Gwyn. — O pai o prendeu. O próprio Rei Unseelie, nas profundezas da Corte.

— E então Mark é indestrutível? Você acha que ele pode vencer a Corte Unseelie se a Caçada Selvagem não consegue? — Foi Diana. Ela tinha descido um degrau, e os cabelos escuros voavam ao vento do deserto. — Seu nome é famoso, Gwyn ap Nudd. Você cavalga com a Caçada Selvagem há centenas de anos mortais. Existem muitas histórias sobre você. Mesmo assim eu nunca soube que o líder da Caçada Selvagem tinha sucumbido à loucura.

— A Caçada Selvagem não está sujeita ao comando das Cortes — explicou Gwyn. — Mas nós as tememos. Seria tolice *não* temer. Quando levaram Kieran,

eu e todos os meus Caçadores fomos forçados a jurar que não questionaríamos o julgamento ou sua sentença. Tentar resgatar Kieran agora seria a nossa morte.

— Por isso veio atrás de mim. Porque eu não jurei. Porque mesmo que tivesse jurado, posso mentir. Um ladrão mentiroso é o que você quer — disse Mark.

— O que eu queria era alguém em quem pudesse confiar — falou Gwyn. — Alguém que não tivesse jurado, alguém que desafiasse a Corte.

— Não queremos problemas com você — retrucou Julian, mantendo a voz calma com um esforço que Emma desconfiava que só ela podia ter. — Mas você deve saber que Mark não pode fazer o que está pedindo. É perigoso demais.

— Nós, do Povo do Ar, não tememos perigo, nem morte — interveio Gwyn.

— Se não temem a morte — disse Julian —, então deixem que Kieran a encontre.

Gwyn recuou diante da frieza na voz de Julian.

— Kieran não tem nem vinte anos.

— Nem Mark — disse Julian. — Se acham que temos medo de você, tem razão. Seríamos tolos se não tivéssemos. Sei quem você é, Gwyn. Sei que já fez um homem comer o coração do próprio pai. Sei que tomou a Caçada de Herne na batalha por Cadair Idris. Sei de coisas que o surpreenderiam. Mas sou irmão de Mark. E não vou deixar que ele se arrisque no Reino das Fadas outra vez.

— A Caçada Selvagem também é uma irmandade — disse Gwyn. — Se não consegue ajudar Kieran por amor, Mark, faça por amizade.

— Chega! — Diana se irritou. — Nós o respeitamos aqui, Gwyn Caçador, mas acabou a discussão. Mark não será tirado de nós.

A voz de Gwyn era grave como um baixo.

— E se ele escolher ir?

Todos olharam para Mark. Até Julian se virou, tirando a mão lentamente do ombro do irmão. Emma viu o medo em seus olhos e imaginou que se refletia nos dela. Se Mark ainda amava Kieran, ainda que minimamente...

— Eu não escolho — disse Mark. — Eu não escolho, Gwyn.

O rosto de Gwyn ficou tenso.

— Você não tem honra.

Um raio atravessou os espaços entre as nuvens acima deles. A tempestade se movia em direção às montanhas, e a iluminação cinzenta obscurecia os olhos de Mark, deixando-os ilegíveis.

— Achei que você fosse meu amigo — falou Mark, e depois se virou e cambaleou de volta para o Instituto, a porta se fechando atrás dele.

Gwyn começou a desmontar, mas Diana ergueu a mão com a palma para fora.

— Você sabe que não pode entrar no Instituto — retrucou ela.

Gwyn recuou. Por um instante, ao encarar Diana, seu rosto pareceu enrugado e velho, apesar de Emma saber que ele não aparentava a idade.

— Kieran não tem nem vinte anos — repetiu ele. — É só um menino.

O rosto de Diana suavizou, mas, antes que ela pudesse falar, o cavalo de Gwyn empinou. Alguma coisa voou da mão dele e pousou no degrau abaixo dos pés de Diana. Gwyn se inclinou para a frente, e o cavalo partiu com um movimento brusco. A crina e o rabo viraram um borrão, como uma única chama branca, que disparou na direção do céu e desapareceu, sumindo nas nuvens que ornamentavam a noite.

Julian abriu a porta do Instituto com o ombro.

— Mark? Mark!

A entrada vazia girou ao seu redor quando ele virou. O medo pelo irmão era como pressão sob a pele, apertando suas veias, desacelerando a circulação. Não era um medo que ele pudesse nomear — Gwyn tinha ido embora. Mark estava seguro. Foi um pedido, não um sequestro.

— Jules? — Mark veio da direção do armário embaixo da escada, e dava para notar que ele tinha acabado de pendurar o casaco. Seus cabelos louros estavam emaranhados, a expressão confusa. — Ele já foi?

— Foi — disse Emma, que tinha entrado atrás de Julian. Diana, um passo atrás dela, estava fechando a porta da frente. Mark cruzou a sala e só parou diante de Emma, passando os braços em volta dela.

O ciúme que ardeu em Julian o deixou sem fôlego.

Ele achava que já tinha se acostumado a ver Emma e Mark assim. Não eram um casal particularmente exibido. Não se beijavam nem se abraçavam na frente dos outros. Emma não faria isso, pensava Julian. Ela não era assim. Era determinada, prática e faria o que tivesse que ser feito. Mas não era cruel.

Era Mark que esticava o braço para tocá-la normalmente; para as coisas pequenas e silenciosas: a mão no ombro, a retirada de um cílio, um rápido abraço. Havia uma dor profunda em ver isso, mais do que doeria vê-los se abraçando apaixonadamente. Afinal, quando você morre de sede, você sonha com o gole de água, não com o reservatório inteiro.

Mas agora — a sensação de segurar Emma estava tão próxima, o gosto dela ainda estava em sua boca, o cheiro de água de rosas, ainda nas roupas dele. Ele reviveria a cena do beijo muitas e muitas vezes na mente, sabia disso, até ela se desbotar, se fragmentar e se desfazer, como uma foto dobrada e desdobrada muitas vezes.

Mas, agora, estava perto demais, como um ferimento recém-aberto. E ver Emma nos braços de Mark era um esguicho de ácido em carne viva. Um lembrete brutal: ele não dava conta de ser sentimental, nem de pensar nela como dele, nem mesmo em um futuro imaginário. Considerar as possibilidades era se abrir para a dor. A realidade tinha que ser seu foco — a realidade e suas responsabilidades familiares. Do contrário, ele enlouqueceria.

— Você acha que ele vai voltar? — Emma se afastou de Mark. Julian teve a impressão de que ela tinha lançado um olhar ansioso de lado, mas não tinha certeza. E não havia motivo para imaginar. Ele esmagou sua curiosidade brutalmente.

— Gwyn? — disse Mark. — Não. Eu recusei. Ele não vai implorar e não vai voltar.

— Tem certeza? — perguntou Julian.

Mark o olhou com uma expressão irônica.

— Não deixe Gwyn enganá-lo — falou. — Se eu não ajudar, ele encontrará quem o faça ou ele mesmo o fará. Nada acontecerá a Kieran.

Emma deu um suspiro aliviado. Julian não disse nada — ele também estava pensando em Kieran. Ele se lembrava de como o menino fada tinha feito Emma sangrar com os açoites, e de como ele tinha partido o coração de Mark. E também se lembrava de como Kieran os ajudara a derrotar Malcolm. Sem ele, não teriam tido chance alguma.

E se lembrava do que Kieran havia dito antes da batalha com Malcolm. *Você não é gentil. Você tem um coração implacável.*

Se ele pudesse salvar Kieran arriscando a própria segurança, teria feito. Mas não arriscaria seu irmão. Se isso fazia dele impiedoso, que fosse. Se Mark tivesse razão, Kieran ficaria bem de qualquer jeito.

— Diana — chamou Emma. A tutora deles estava se apoiando na porta fechada, olhando para a própria palma. — O que foi que Gwyn jogou em você?

Diana estendeu a mão. Brilhando sobre a pele escura, via-se uma pequena bolota dourada.

Mark pareceu surpreso.

— É um belo presente — falou. — Se você abrir a bolota, convocará Gwyn para ajudá-la.

— Por que ele daria algo assim para Diana? — perguntou Emma.

O esboço de um sorriso moveu a boca de Mark quando ele começou a subir as escadas.

— Ele a admirou — disse. — Raramente vi Gwyn gostar de uma mulher antes. Achei que talvez seu coração estivesse fechado para esse tipo de coisa.

— Gwyn *gostou* de Diana? — insistiu Emma, seus olhos escuros brilhando.



— Quero dizer, não que você não seja muito atraente, Diana, só me parece inesperado.

— Fadas são assim — afirmou Julian. Ele quase teve pena de Diana. Nunca a havia visto tão confusa. Ela estava mordendo o lábio inferior, e Julian se lembrou de que Diana não era muito velha, tinha apenas vinte e oito anos ou coisa assim. Não era tão mais velha do que Jace e Clary.

— Não significa nada — retrucou ela. — E, além disso, temos coisas mais importantes para pensar!

Ela soltou a bolota na mão de Mark no mesmo instante em que a porta da frente se abriu e os Centuriões entraram. Pareciam desalinhados pelo vento e estavam encharcados, todos eles. Diana, parecendo aliviada por não estar mais discutindo a sua vida amorosa, foi buscar cobertores e toalhas (símbolos de secagem funcionavam bem na pele, mas não faziam muito pelas roupas).

— Encontraram alguma coisa? — perguntou Emma.

— Acho que localizamos o provável ponto onde o corpo afundou — respondeu Manuel. — Mas o mar estava revolto demais para mergulharmos. Tentaremos outra vez amanhã.

— *Manuel* — falou Zara em tom de alerta, como se ele tivesse revelado a senha secreta que abriria os portões do Inferno sob seus pés.

Manuel e Rayan reviraram os olhos.

— Não é como se eles não soubessem o que estamos procurando, Zara.

— Os métodos da Scholomance são secretos. — Zara jogou o casaco molhado nos braços de Diego e virou-se para Emma e Julian. — Muito bem. O que tem para jantar? — perguntou.

\*\*\*

— Não sei distinguir nenhum deles — disse Kit. — São os uniformes. Faz com que todos pareçam iguais para mim. Como formigas.

— Formigas não parecem iguais — disse Ty.

Eles estavam sentados na beira da galeria do segundo andar, olhando para a entrada principal do Instituto embaixo. Centuriões molhados iam de um lado para o outro. Kit viu Julian e Emma, junto com Diana, tentando puxar papo com os que não tinham ido para a sala de jantar, onde se localizava a lareira, para se aquecerem.

— Quem é todo mundo mesmo? — perguntou Kit. — E de onde são?

— Dane e Samantha Larkspear — falou Livvy, indicando dois Centuriões de cabelos escuros. — Atlanta.

— Gêmeos — disse Ty.

— Como ousam — emendou Livvy, com um sorriso. Kit receou que ela não fosse se animar com o plano de Ty de integrá-lo aos seus planos de detetive, mas ela apenas sorriu quando eles foram procurá-la na sala de treinamento e falou: “Bem-vindo ao clube.”

Livvy apontou.

— Manuel Casales Villalobos. De Madri. Rayan Maduabuchi, Instituto de Lagos. Divya Joshi, Instituto de Mumbai. Mas nem todo mundo é ligado a um Instituto. Diego não é, Zara também não, nem sua amiga Jessica, que é francesa, eu acho. E tem Jon Cartwright, Gen Whitelaw e Thomas Aldertree, todos formados pela Academia. — Ela inclinou a cabeça. — Nem um deles tem o bom senso de sair da chuva.

— Diga-me de novo por que você acha que estão tramando alguma coisa? — perguntou Kit.

— Muito bem — respondeu Ty. Kit tinha percebido que Ty respondia diretamente ao que lhe era dito, sem pensar muito no tom ou entonação. Não que ele não fosse se beneficiar de um lembrete sobre por que estavam no alto, olhando para um bando de idiotas. — Eu estava sentado na frente do seu quarto hoje de manhã quando percebi Zara entrando no escritório de Diana. Quando eu a segui, vi que ela estava vasculhando alguns papéis lá.

— Ela pode ter tido algum motivo — comentou Kit.

— Para vasculhar sorrateiramente os papéis de Diana? Qual motivo? — perguntou Livvy, com tanta firmeza que Kit teve que admitir que, se parecia indecente, provavelmente era indecente.

— Eu mandei uma mensagem para Simon Lewis, perguntando sobre Cartwright, Whitelaw e Aldertree — explicou Livvy, apoiando o queixo na barra mais baixa da grade. — Ele disse que Gen e Thomas são legais, e Cartwright é meio grambão, mas basicamente inofensivo.

— Pode ser que não estejam todos envolvidos — disse Ty. — Temos que descobrir quais deles estão e o que querem.

— O que é um grambão? — perguntou Kit.

— Uma mistura de grande e bobão, eu acho. Tipo, grande, mas não muito inteligente. — Livvy deu seu sorrisinho rápido quando uma sombra se ergueu sobre eles: Cristina, com as mãos na cintura, sobrancelhas franzidas.

— O que vocês três estão fazendo? — perguntou ela. Kit tinha um respeito saudável por Cristina Rosales. Por mais doce que ela parecesse, ele já a tinha visto lançar uma faca a quinze metros de distância e acertar o alvo com precisão.

— Nada — disse Kit.

— Fazendo comentários maldosos sobre os Centuriões — respondeu Livvy.

Por um instante, Kit achou que Cristina fosse brigar com eles. Em vez disso, ela se sentou ao lado de Livvy, com a boca se curvando em um sorriso.

— Estou dentro — falou.

Ty estava apoiando os braços na barra. Ele desviou seus olhos cinzentos, cor de tempestade, para Kit.

— Amanhã — falou baixinho — nós os seguiremos para ver aonde vão.

Kit ficou surpreso ao constatar que estava ansioso por isso.

Foi uma noite desagradável — os Centuriões, mesmo após se secarem, estavam exaustos e relutavam em falar sobre o que tinham feito durante o dia. Em vez disso, devoraram a comida servida na sala de jantar como lobos esfomeados.

Kit, Ty e Livvy não estavam em parte alguma. Emma não os culpava. As refeições com os Centuriões eram eventos cada vez mais aborrecidos. Apesar de Divya, Rayan e Jon Cartwright terem feito o melhor que podiam para manterem uma conversa amistosa sobre onde cada um pretendia passar seu ano de intercâmbio, Zara logo os interrompeu com uma longa descrição do que ela estava fazendo na Hungria antes de chegar ao Instituto.

— Vários Caçadores de Sombras reclamaram que suas estelas e lâminas serafim pararam de funcionar durante uma briga com algumas fadas — disse Zara, revirando os olhos. — Falamos que foi só uma ilusão. Fadas jogam sujo, e alguém devia ensinar isso na Academia.

— Fadas não jogam sujo, na verdade — se opôs Mark. — Jogam notavelmente limpo. Elas têm um severo código de honra.

— Honra? — Samantha e Dane riram ao mesmo tempo. — Duvido que você saiba o que isso significa, mes...

Eles se calaram. Era Dane quem estava falando, mas foi Samantha que ruborizou. A palavra solta pairou pelo ar. *Mestiço*.

Mark empurrou a cadeira para trás e se retirou.

— Lamento — falou Zara no silêncio após a saída do menino —, mas ele não deveria ser tão sensível. Vai ouvir coisa muito pior se for a Alicante, principalmente a uma reunião de Conselho.

Emma a encarou, incrédula.

— Isso não justifica nada — retrucou. — Só porque ele vai ouvir absurdos dos intolerantes do Conselho, isso não significa que tenha que ouvir antes em casa.

— Ou em qualquer momento em casa — acrescentou Cristina, cujas bochechas ficaram muito vermelhas.

— Parem de tentar nos fazer sentir culpados. — Samantha se irritou. — Nós

é que passamos o dia fora tentando limpar a bagunça que vocês fizeram confiando em Malcolm Fade, como se fosse possível confiar em um membro do Submundo. Vocês não aprenderam nada com a Guerra Maligna? As fadas nos apunhalaram pelas costas. É isso que o povo do Submundo faz, e Mark e Helen farão o mesmo com vocês também, se não tomarem cuidado.

— Você não sabe nada sobre o meu irmão, nem sobre a minha irmã — interveio Julian. — Por favor, não toque no nome deles.

Diego estava sentado ao lado de Zara, em silêncio. E quando finalmente falou, seus lábios mal se moveram:

— Um ódio tão cego não dá crédito ao ofício ou ao uniforme dos Centuriões.

Zara levantou a taça, os dedos apertando o cabo fino.

— Eu não odeio membros do Submundo — falou, e havia uma convicção fria em sua voz. Por alguma razão, era mais preocupante do que um clamor teria sido. — Os Acordos não funcionaram. A Paz Fria não funciona. Os seres do Submundo não seguem nossas regras, nem quaisquer regras que não tenham interesse em seguir. Eles rompem a Paz Fria sempre que sentem vontade. Nós somos guerreiros. Demônios devem nos temer. E seres do Submundo devem nos temer. Antigamente fomos grandiosos; fomos temidos e governávamos. Agora somos uma sombra do que costumávamos ser. Só estou dizendo que, quando os sistemas não funcionam, quando nos trouxeram ao estágio em que estamos agora, precisamos de um novo sistema. Melhor.

Zara sorriu, ajeitou uma mecha rebelde em seu coque perfeito e tomou um gole de água. Os Centuriões terminaram o jantar em silêncio.

\*\*\*

— Ela está mentindo. Fica sentada ali e mente, como se suas opiniões fossem fatos — falou Emma, furiosa. Depois do jantar ela tinha ido para o quarto de Cristina e agora ambas estavam sentadas na cama, Cristina passando os dedos pelos cabelos escuros.

— Acho que são fatos para ela e para quem a segue — disse Cristina. — Mas não devemos perder tempo com Zara. Enquanto subíamos, você disse que tinha uma coisa para me contar, não foi?

Da forma mais resumida possível, Emma relatou a visita de Gwyn. Enquanto falava, o rosto de Cristina foi ficando cada vez mais preocupado.

— Mark está bem?

— Acho que sim... às vezes é difícil saber.

— Ele é uma dessas pessoas cheias de coisas na cabeça — disse Cristina. —

Ele já perguntou... sobre você e Julian?

Emma balançou a cabeça com força.

— Acho que jamais passaria pela cabeça dele que pudéssemos ter quaisquer sentimentos que não fossem os de *parabatai* um pelo outro. Eu e Jules nos conhecemos há tanto tempo. — Ela esfregou as têmporas. — Mark imagina que Julian se sinta da mesma maneira que ele em relação a mim: como um irmão.

— São estranhas as coisas que nos cegam — afirmou Cristina. Ela levantou os joelhos e os abraçou.

— Você tentou entrar em contato com Jaime? — perguntou Emma.

Cristina apoiou a bochecha sobre os joelhos.

— Mandeí uma mensagem de fogo, mas ainda não tive resposta.

— Ele era seu melhor amigo — disse Emma. — Ele vai responder. — Ela torceu um pedaço do cobertor de Cristina entre os dedos. — Sabe o que mais sinto falta? Em Jules? Só de... ser *parabatai*. De sermos Emma e Julian. Sinto falta do meu melhor amigo. Sinto falta da pessoa a quem eu contava tudo o tempo todo. Da pessoa que sabia tudo sobre mim. As coisas boas e as ruins. — Ao falar, ela conseguia ver Julian em sua mente: o jeito como ele era na Guerra Maligna, com ombros angulosos e olhos determinados.

O ruído de uma batida na porta ecoou pelo quarto. Emma olhou para Cristina — será que ela estava esperando alguém? —, mas a amiga parecia tão surpresa quanto.

— *Pasa* — chamou Cristina.

Era Julian. Emma o observou, surpresa. O Julian mais jovem de sua lembrança virou um borrão e voltou a ser o Julian na frente dela: um Julian quase adulto, alto e musculoso, com cachos rebeldes e um esboço de barbicha aparecendo no queixo.

— Vocês sabem onde está o Mark? — perguntou, sem rodeios.

— Mark não está no quarto? — retrucou Emma. — Ele saiu durante o jantar, então pensei...

Julian balançou a cabeça.

— Não está lá. Será que pode estar no seu quarto?

Ele precisou de um esforço visível para perguntar, Emma pensou. Ela viu Cristina morder o lábio e rezou para que Julian não notasse. Ele jamais poderia descobrir o quanto Cristina sabia.

— Não — disse Emma. — Eu tranquei a porta. — Ela deu de ombros. — Não confio nos Centuriões.

Julian passou a mão distraidamente pelo cabelo.

— Olha... Estou preocupado com Mark. Venham comigo que eu vou mostrar o que quero dizer.

Cristina e Emma seguiram Julian até o quarto de Mark; a porta estava escancarada. Julian entrou primeiro, depois Emma e Cristina, ambas olhando cuidadosamente ao redor como se Mark pudesse ser encontrado escondido em um dos armários.

O quarto de Mark tinha mudado muito desde que ele voltou do Reino das Fadas. Naquela época, era um quarto empoeirado e era evidente que não estava sendo usado, mas que o mantinham vazio por causa das lembranças. Todas as coisas dele haviam sido retiradas e guardadas, e as cortinas, cobertas de pó, viviam fechadas.

Estava bem diferente agora. Mark tinha dobrado as roupas em pilhas organizadas ao pé da cama. Uma vez, ele disse a Emma que não via razão para ter um guarda-roupa ou uma cômoda, considerando que essas coisas só serviam para esconder as roupas dos donos.

Os parapeitos estavam cobertos com pequenos itens da natureza: flores secas em vários estágios, folhas e agulhas de cactos, conchas da praia. A cama estava arrumada e dava para notar que ele nunca tinha dormido nela.

Julian desviou o olhar da cama feita.

— As botas dele sumiram — falou. — Ele só tinha aquele par. Era para terem mandado mais de Idris, mas ainda não fizeram isso.

— A jaqueta também — acrescentou Emma. Era o único casaco pesado dele, jeans forrado com pele de carneiro. — A bolsa... ele tinha uma bolsa de pano, não?

Cristina engoliu o ar com força. Emma e Julian se viraram e a viram pegar um pedaço de papel que havia acabado de aparecer, flutuando na altura do ombro. Símbolos brilhantes o fechavam; eles desapareceram quando ela pegou a mensagem de fogo no ar.

— É do Mark. — Os olhos dela examinaram o papel, suas bochechas empalideceram e ela entregou a mensagem sem dizer nada.

Julian pegou o recado e Emma leu por cima do ombro dele enquanto ele o examinava.

*Minha querida Cristina,*

*Sei que você mostrará isso para as pessoas certas, no momento certo. Sempre posso confiar em você para fazer o que é necessário quando precisa ser feito.*

*A essa altura você já sabe o que aconteceu com a prisão de Kieran. Apesar de as coisas terem terminado mal entre nós, ele foi meu protetor durante muitos anos no Reino das Fadas. Eu devo a ele e não posso permitir que morra na Corte sombria de seu pai. Pego a estrada da lua para o Reino hoje à noite. Diga aos meus irmãos e irmãs que voltarei assim que puder. Diga a Emma que voltarei. Voltei para eles da Terra Sob a Colina uma vez. E eu vou fazer isso de novo.*

*Mark Blackthorn*

Julian amassou o papel com raiva entre os dedos trêmulos.

— Eu vou atrás dele.

Emma se adiantou para pegar o braço dele antes de se lembrar e abaixar a mão para a lateral do corpo.

— Eu vou com você.

— Não — disse Julian. — Você entende o que Mark está tentando fazer? Ele não pode invadir a Corte Unseelie sozinho. O Rei das Sombras vai matá-lo antes que ele consiga piscar.

— Claro que eu entendo — retrucou Emma. — Por isso temos que encontrá-lo antes que ele chegue à entrada do Reino das Fadas. Depois que ele entrar, será praticamente impossível interceptá-lo.

— Também tem a questão do tempo — disse Cristina. — Depois que ele cruzar a fronteira, o tempo será diferente para ele. Ele poderia voltar em três dias ou três semanas...

— Ou três anos — falou Emma sombriamente.

— Por isso devo ir atrás dele agora — afirmou Julian. — Antes que ele chegue ao Reino das Fadas e o tempo se transforme em nosso inimigo...

— Eu posso ajudar com isso — disse Cristina.

Quando era mais nova, as fadas foram o tema de estudo de Cristina. Uma vez ela confessou a Emma que isso fora em parte por causa de Mark, e o que ela tinha ouvido falar sobre ele quando era criança. Mark a fascinava, o menino Caçador de Sombras levado por fadas durante a Guerra Maligna.

Cristina tocou o pingente dourado em seu pescoço, que tinha uma imagem de Raziel.

— Este é um pingente encantado por fadas. Minha família tem... — Ela hesitou. — Muitos deles. Anos atrás, eles eram próximos do Povo das Fadas. Ainda temos muitos objetos deles. Mas falamos pouco disso, considerando que a postura da Clave em relação àqueles que são amigos do Povo das Fadas é... — Ela olhou em volta do quarto de Mark. — É como vocês sabem.

— O que o pingente faz? — perguntou Emma.

— Impede que o tempo passe rápido demais para mortais no Reino das Fadas. — Cristina segurou o pingente entre os dedos, olhando para Jules com uma pergunta silenciosa como se quisesse dizer que ainda tinha muitas surpresas na manga, caso ele quisesse ouvir.

— É só um pingente — disse Julian. — Como pode proteger a todos nós?

— Se eu entrar no Reino usando-o, a proteção se estenderá a você e Emma, e a Mark também, desde que não se afastem muito.

Julian se apoiou contra a parede e suspirou.

— E suponho que você não vai me dar para eu usar ao entrar no Reino das

Fadas? Sozinho?

— Absolutamente não — respondeu Cristina, cerimoniosa. — É uma herança de família.

Emma poderia ter beijado Cristina, mas se contentou em dar uma piscadela. O canto da boca de Cristina se curvou levemente para cima.

— Então vamos os três — disse Emma, e Julian pareceu perceber que não adiantava discordar. Ele concordou com a cabeça para ela, e havia um pouquinho do antigo olhar *parabatai* na expressão de Julian, o olhar que dizia que ele esperava que os dois fossem embarcar rumo ao perigo. Juntos.

— O pingente também permitirá que tomemos a estrada da lua — disse Cristina. — Normalmente só quem tem sangue de fada consegue. — Ela esticou os ombros. — Mark não imagina que a gente possa ir atrás dele, por isso mandou o bilhete.

— A estrada da lua? — perguntou Julian. — O que é isso, exatamente?

Ao ouvir a pergunta, Cristina sorriu. Foi um sorriso estranho — não era exatamente de felicidade, e Emma imaginou que ela também estivesse preocupada demais para isso —, mas havia um certo deslumbre ali, a aparência de alguém que poderia experimentar algo que jamais achou que fosse ter a chance de fazer.

— Eu mostro — respondeu ela.

Eles reuniram as coisas rapidamente. A casa estava escura, incomumente viva com as respirações desordenadas de muitas pessoas adormecidas. Quando cruzou o corredor, ajeitando as alças da mochila nos ombros, Julian viu Ty dormindo em frente ao quarto de Kit, sentado e curvado, com o queixo na mão. Tinha um livro aberto ao seu lado no chão.

Julian parou em frente à porta do sótão. Hesitou. Ele poderia deixar um bilhete, ir embora. Seria a coisa mais fácil a se fazer. Não havia muito tempo; tinham que alcançar Mark antes que ele chegasse ao Reino das Fadas. Não seria uma atitude covarde. Apenas prática. Apenas...

Ele abriu a porta e subiu as escadas. Arthur estava onde ele o havia deixado, à mesa. A luz da lua entrava, formando um ângulo, pela claraboia.

Arthur soltou a caneta e se virou para olhar para Julian. Cabelos grisalhos emolduravam seus fatigados olhos Blackthorn. Era como olhar para uma foto borrada do pai de Julian, algo que dera errado durante o processo de revelação, deformando os ângulos do rosto de um alinhamento familiar.

— Tenho que me ausentar por alguns dias — avisou Julian. — Se precisar de alguma coisa, fale com Diana. Mais ninguém. Só Diana.



Os olhos de Arthur pareciam vidrados.

— Você vai... aonde vai, Julian?

Julian cogitou mentir. Ele era bom em mentir, o que lhe era fácil. Mas, por algum motivo, não queria fazer isso.

— Mark... foi embora — falou. — Vou buscá-lo, com sorte antes de ele cruzar para o Reino das Fadas.

Um tremor atravessou o corpo de Arthur.

— Você vai atrás do seu irmão nas Cortes? — perguntou ele, com a voz rouca, e Julian se lembrou dos fragmentos que conhecia da história do tio: que ele tinha ficado preso com o pai de Julian, Andrew, durante anos com as fadas no reino, que Andrew se apaixonara por uma nobre e eles tiveram Helen e Mark, mas Arthur foi separado dele, trancafiado e torturado com feitiços.

— Sim. — Julian equilibrou a mochila em um ombro só.

Arthur esticou a mão, como se quisesse alcançar Julian, e o menino recuou, espantado. Seu tio nunca tinha encostado nele. Arthur abaixou a mão.

— Na República de Roma — falou —, havia sempre um serviçal designado para cada general que vencia uma guerra. Quando o general passava pelas ruas, aceitando os agradecimentos das pessoas, a tarefa do serviçal era sussurrar ao seu ouvido, “*Respice post te. Hominem te esse memento. Memento mori*”.

— Olhe atrás de você — traduziu Julian. — Lembre-se de que você é um homem. Lembre-se de que vai morrer. — Um leve tremor subiu por sua espinha.

— Você é jovem, mas não é imortal — retrucou Arthur. — Se você acabar chegando ao Reino das Fadas, e eu rezo para que isso não aconteça, pois lá é o Inferno, se é que existe Inferno... Se você for parar lá, não dê ouvidos a nada do que as fadas disserem. Não dê ouvidos a nenhuma de suas promessas. Jure para mim, Julian.

Julian soltou o ar. Pensou naquele general de tantos anos atrás, exortado a não deixar a glória subir-lhe à cabeça. A se lembrar de que tudo passava. Tudo passava. A felicidade passava, assim como a perda e a dor.

Tudo, menos o amor.

— Eu juro — falou.

— Temos que esperar o momento certo — disse Cristina. — Quando a lua na água parecer sólida. Você consegue ver se prestar atenção, como o clarão verde.

Então sorriu para Emma, entre ela e Jules. Os três estavam enfileirados na beira do oceano. Havia pouco vento e o mar se estendia diante deles, espesso e escuro, com a borda branca onde a água encontrava a areia. Ondulações de espuma marinha onde as ondas tinham quebrado e sumido na costa empurravam

algas e pedaços de conchas mais para longe na praia.

O céu estava limpo da tempestade de antes. A lua estava alta, projetando uma linha perfeita e ininterrupta sobre a água, alcançando o horizonte. As ondas emitiam um ruído suave como sussurros enquanto se movimentavam em volta dos pés de Emma, e a maré atingia suas botas impermeáveis.

Julian estava de olho no relógio — ele fora de seu pai, um velho relógio mecânico, que brilhava em seu pulso. Emma viu com uma guinada sutil que a pulseira de vidro marinho ainda estava no pulso dele, brilhando ao luar.

— Quase meia-noite — falou. — Fico pensando qual será a vantagem de Mark em relação a nós.

— Depende de quanto tempo ele teve que esperar pelo momento certo de entrar na trilha — disse Cristina. — Os momentos vêm e vão. A meia-noite é só um deles.

— E como estamos planejando capturá-lo? — perguntou Emma. — Só uma perseguição e um avanço básico, ou vamos tentar distraí-lo com o poder da dança e depois laçá-lo pelos tornozelos?

— Piadas não ajudam — disse Julian, olhando fixamente para a água.

— Piadas sempre ajudam — retrucou Emma. — Principalmente quando não estamos fazendo nada além de esperar a água solidificar...

Cristina soltou um gritinho.

— Vão! *Agora!*

Emma foi primeiro, saltando sobre uma pequena onda que quebrou em seus pés. Metade do seu cérebro ainda lhe dizia que ela estava se jogando na água, que ela mergulharia. O impacto quando suas botas tocaram uma superfície dura foi desconcertante.

Deu alguns passos, correndo, e girou para olhar para a praia. Ela estava em uma trilha brilhante que parecia feita de cristal sólido, fino como vidro. O luar sobre a água tinha solidificado. Julian já se encontrava atrás dela, equilibrado em uma linha brilhante, e Cristina estava saltando para a trilha atrás dele.

Ela ouviu Cristina arfar ao aterrissar. Como Caçadores de Sombras, todos eles tinham visto maravilhas, mas havia algo de distintamente fada nesse tipo de magia: parecia acontecer nos interstícios do mundo normal, entre luz e sombra, entre um minuto e outro. Como Nephilim, eles existiam no próprio espaço. Isso era *Entre*.

— Vamos — disse Julian, e Emma começou a andar. A trilha era larga; parecia dobrar e se curvar sob seus pés com o movimento e a ondulação da onda. Era como andar em uma ponte que se mantinha suspensa sobre um abismo.

Mas, quando ela olhava para baixo, não via o espaço vazio. Via o que temia mais que tudo. A escuridão profunda do oceano, onde os cadáveres de seus pais

flutuaram antes de encalhar na praia. Durante anos, ela os imaginou lutando, morrendo embaixo da água, com quilômetros de mar em volta, isolados. Agora ela sabia mais sobre como eles morreram, sabia que eles estavam mortos quando Malcolm Fade entregou seus corpos ao mar. Mas você não podia falar com o medo, não podia falar a verdade: o medo vivia em seus ossos.

Nessa profundidade, Emma esperava que a água fosse opaca, mas a luz da lua a fazia brilhar como se fosse de dentro para fora. Ela conseguia olhar para a água como se fosse um aquário.

Ela viu as folhas de alga se movendo e dançando com o vaivém das ondas. A agitação dos cardumes. E sombras mais escuras também, e maiores. Lampejos de movimento, pesados e enormes — uma baleia, talvez, ou algo maior e pior: demônios aquáticos podiam ser do tamanho de campos de futebol. Ela imaginou a trilha, de repente, se rompendo, se abrindo, e todos eles caindo na escuridão, a enormidade ao redor, fria, mortal e cheia de monstros cegos e com dentes de tubarão, e sabe o Anjo o que mais podia sair das profundezas...

— Não olhe para baixo — foi o que Julian falou, aproximando-se da trilha. Cristina estava um pouco atrás deles, olhando em volta, maravilhada. — Olhe reto para o horizonte. Vá na direção dele.

Ela levantou o queixo. Consequia sentir Jules ao seu lado, sentir o calor da pele dele arrepiando os pelos dos braços.

— Estou bem.

— Não está não — falou ele secamente. — Eu sei como você se sente em relação ao mar.

Estavam longe da costa agora — era uma linha brilhante ao longe, a rodovia era uma linha de luzes móveis; as casas e restaurantes que alinhavam a costa brilhavam.

— Bem, meus pais não morreram no mar. — Ela respirou trêmula. — Eles não se afogaram.

— Saber disso não apaga anos de pesadelos. — Julian olhou para ela. O vento soprou fios suaves do cabelo dele no rosto. Ela se lembrou de como era passar as mãos por aquele cabelo, de como abraçá-lo funcionava como uma âncora não só em relação ao mundo, mas em relação a ela mesma.

— Detesto me sentir assim — disse ela, e por um instante nem Emma sabia ao certo do que estava falando. — Detesto sentir medo. Faz com que eu me sinta fraca.

— Emma, todo mundo tem medo de alguma coisa. — Julian tinha se aproximado um pouco mais; ela sentiu o ombro dele tocar o dela. — Tememos coisas porque as valorizamos. Tememos perder as pessoas porque as amamos. Tememos morrer porque valorizamos viver. *Não* queira não temer nada. Tudo

que isso significaria é que você não sente nada.

— Jules... — Ela começou a se virar para ele, surpresa com a intensidade de sua voz, mas parou quando ouviu os passos de Cristina acelerando, e depois sua voz, elevada ao reconhecê-lo, chamar:

— *Mark!*

## 8

### Perto do Rio

Emma viu Mark imediatamente. Uma sombra na trilha brilhante diante deles, o luar cintilando em seus cabelos claros. Ele não parecia tê-los notado ainda.

Emma começou a correr, com Cristina e Jules logo atrás. Apesar de a trilha subir e descer embaixo dela, estava acostumada a correr na praia onde a areia fofa cedia sob seus pés. Ela conseguia ver Mark claramente agora: ele tinha parado de andar e se virou para encará-los, com ar espantado.

Ele tirara a roupa de combate. Usava trajes semelhantes ao que vestia quando entrou no Instituto, só que limpos e intactos: feitos de linho e couro curtido macio, coturnos de couro e uma bolsa de pano nas costas. Emma pôde ver as estrelas refletidas em seus olhos arregalados ao se aproximar.

Ele derrubou a bolsa a seus pés, olhando com ar acusador para seus três perseguidores.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Sêrio? — Julian chutou a bolsa de Mark para o lado, agarrando os ombros do irmão. — O que *você* está fazendo aqui?

Julian era mais alto do que Mark, um fato que Emma sempre estranhou — Mark fora mais alto durante muitos anos. Mais alto e mais velho. Mas agora não era uma coisa, nem outra. Ele parecia uma lâmina fina e pálida na escuridão contra a força e a altura mais sólidas de Julian. Parecia que a qualquer instante ia virar luz da lua nas ondas e desaparecer.

Ele se virou para olhar para Cristina.

— Você recebeu minha mensagem de fogo.

Ela assentiu, e mechas de seu cabelo escuro, em uma presilha adornada de joias atrás da cabeça, se curvaram em torno da face.

— Todos nós lemos.

Mark fechou os olhos.

— Não achei que pudessem me seguir pela estrada da lua.

— Mas seguimos. — Julian apertou as mãos sobre os ombros de Mark. — Você não vai a lugar nenhum do Reino das Fadas, ainda mais sozinho.

— É por Kieran — respondeu Mark com simplicidade.

— Kieran te traiu — disse Julian.

— Eles vão *matá-lo*, Jules — insistiu Mark. — Por minha causa. Kieran matou Iarlath por minha causa. — Ele abriu os olhos e encarou o irmão. — Eu não devia ter tentado sair sem falar com você. Não foi justo. Sabia que ia tentar me impedir, e eu sabia que tinha pouco tempo. Nunca vou perdoar Kieran pelo que aconteceu com você e com Emma, mas não vou abandoná-lo para morrer, nem para ser torturado.

— Mark, o Povo das Fadas não gosta de você — disse Julian. — Foram obrigados a devolvê-lo, e eles detestam devolver qualquer coisa que pegam. Se você entrar no Reino das Fadas, vão mantê-lo lá se puderem, e não vai ser fácil. Vão machucá-lo. Não vou permitir que isso aconteça.

— Então você será meu carcereiro, irmão? — Mark estendeu as mãos, com as palmas para cima. — Vai prender meus pulsos com ferro frio, meus tornozelos com espinhos?

Julian se encolheu. Estava escuro demais para enxergar as feições de Mark Blackthorn, os olhos azul-esverdeados; no escuro os irmãos pareciam apenas um Caçador de Sombras e uma fada, eternamente em desacordo.

— Emma — chamou Julian, tirando as mãos dos ombros de Mark. Havia amargura e desespero em sua voz. — Mark te ama. Convença *você*.

A amargura de Julian era como espinhos sob a pele de Emma, e ela ouviu as palavras angustiadas de Mark outra vez: *você será meu carcereiro?*

— Não vamos impedi-lo de ir. Vamos junto com você.

Mesmo ao luar ela pôde ver o rosto de Mark perder a cor.

— Não. Vocês são claramente Nephilim. Estão com uniforme de combate. Suas Marcas não estão escondidas. Caçadores de Sombras não são apreciados na Terra Sob a Colina.

— Aparentemente só Kieran é — disse Julian. — Ele tem sorte de ter sua lealdade, Mark, já que nós não temos.

Ao ouvir isso, Mark corou e se virou para o irmão, seus olhos brilhando furiosos.

— Muito bem, parem... parem — disse Emma, dando um passo em direção a eles. A água reluzente se curvava e dobrava sob os pés dela. — Vocês dois...

— *Quem caminha sobre a trilha da lua?*

Um vulto se aproximou, e sua voz soou como uma explosão profunda acima

das ondas. A mão de Julian foi para o cabo da adaga em sua cintura. Emma já sacara a lâmina serafim e Cristina tinha o canivete em mãos. Os dedos de Mark tocaram o lugar onde a flecha de elfo que Kieran tinha lhe dado ficava em seu pescoço. Não estava mais lá. Seu rosto enrijeceu antes de relaxar em reconhecimento.

— É uma puca — falou baixinho. — Em geral, são inofensivas.

O vulto no caminho diante deles tinha se aproximado. Era uma fada alta, vestida com calças rasgadas suspensas por um cinto de corda. Linhas finas de ouro se misturavam aos longos cabelos escuros e brilhavam contra a pele escura. Seus pés estavam descalços.

Ele falou, e sua voz soava como a maré ao pôr do sol.

— Querem entrar pelo Portão de Lir?

— Sim — respondeu Mark.

Olhos dourados metálicos sem íris ou pupilas passaram por Mark, Cristina, Julian e Emma.

— Só um de vocês é fada — disse a puca. — Os outros são humanos. Não, Nephilim. — Os lábios finos se curvaram em um sorriso. — Isso é uma surpresa. Quantos de vocês querem passar pelo portão para as Terras das Sombras?

— Todos nós — respondeu Emma. — Os quatro.

— Se o Rei ou a Rainha os acharem, vão matá-los — disse a puca. — O Povo das Fadas não tem amizade com os de sangue de anjo, não desde a Paz Fria.

— Sou meio fada — disse Mark. — Minha mãe era Lady Nerissa, da Corte Seelie.

A puca ergueu as sobrancelhas.

— A morte dela nos deixou todos de luto.

— E estes são meus irmãos — prosseguiu Mark, se aproveitando de sua vantagem. — Eles me acompanham. Eu os protegerei.

A puca deu de ombros.

— O que lhes acontece nas Terras não me concerne — falou. — Só que antes precisam pagar um pedágio.

— Sem pagamentos — disse Julian, e suas mãos apertaram o cabo da adaga. — Sem pedágio.

A puca sorriu.

— Vamos conversar um instante, em particular, e depois decida se pagaria meu preço. Não vou obrigá-lo.

A expressão de Julian ficou sombria, mas ele deu um passo à frente. Emma se esforçou para ouvir o que ele estava dizendo para a puca, mas o barulho do vento e das ondas deslizou entre eles. Atrás deles, o ar girava e ficava nebuloso: Emma teve a impressão de ter visto uma forma nele, arqueada como o formato de uma

porta.

Julian ficou imóvel enquanto a puca falava, mas Emma viu um músculo tremer na bochecha dele. Um instante mais tarde, ele tirou o relógio do pai do pulso e o entregou na mão da puca.

— Um pagamento — disse a puca em voz alta enquanto Julian se afastava.  
— Quem é o próximo?

— Eu vou — disse Cristina, e seguiu cuidadosamente pela trilha em direção à puca. Julian se juntou a Mark e Emma.

— Ele te ameaçou? — murmurou Emma. — Jules, se ele ameaçou...

— Não ameaçou — respondeu Julian. — Eu não teria deixado Cristina chegar perto dele se tivesse ameaçado.

Emma virou para observar enquanto Cristina esticava o braço e tirava a presilha adornada de joias do cabelo. O cabelo caiu em cascata sobre as costas e os ombros, mais escuro do que o mar noturno. Ela entregou a presilha e começou a caminhar de volta para eles, parecendo espantada.

— Mark Blackthorn será o último — disse a puca. — Deixe a menina de cabelos dourados vir até mim agora.

Emma sentiu os outros olhando para ela enquanto ia até a puca, Julian mais intensamente. Ela pensou na pintura que ele tinha feito dela, na qual Emma se erguia sobre o mar com um corpo feito de estrelas.

Ela ficou imaginando o que ele teria feito com aqueles quadros. Se teria jogado todos fora. Ele os jogara fora, tinham sido queimados? Seu coração doeu só de pensar. Um trabalho tão lindo de Jules; cada pincelada, um sussurro, uma promessa.

Ela se aproximou da fada, que estava sorrindo astutamente, como as fadas faziam quando viam graça nas coisas. Ao redor de todos, o mar se esticava, preto e prata. A puca abaixou a cabeça para falar com ela; o vento soprou em volta. Emma estava com ela em um círculo de nuvem. Não conseguia mais ver os outros.

— Se vai me ameaçar — falou, antes que a fada pudesse falar —, saiba que vou caçá-lo por isso; e, se não for agora, será mais tarde. E eu deixarei você morrendo por um longo tempo.

A puca riu. Seus dentes também eram dourados, com as pontas prateadas.

— Emma Carstairs — falou. — Vejo que sabe pouco sobre pucas. Somos sedutores e não valentões. Quando eu disser o que tenho a dizer, você vai querer ir ao Reino das Fadas. Vai querer me dar o que eu pedir.

— E o que vai pedir?

— Essa estela — retrucou a puca, apontando para o objeto no cinto dela.

Tudo em Emma se rebelou. A estela tinha sido um presente de Jace, há anos,



em Idris, após a Guerra Maligna. Era um símbolo de tudo que tinha marcado sua vida após a Guerra. Clary lhe dera palavras e ela as valorizava; Jace dera uma estela, e, com ela, um propósito a uma menina assustada e abalada pelo luto: *o futuro é seu agora. Faça dele o que quiser.*

— Que utilidade uma estela teria para uma fada? — perguntou. — Vocês não desenham símbolos, e elas só funcionam para Caçadores de Sombras.

— A estela não tem utilidade — respondeu ele. — Mas o precioso osso de demônio do cabo tem muita.

Ela balançou a cabeça.

— Escolha outra coisa.

A puca se inclinou para perto de Emma. Tinha cheiro de sal e alga sob o sol.

— Ouça — falou. — Se você entrar no Reino, verá novamente o rosto de alguém que amou e que está morto.

— O quê? — O choque a acertou. — É mentira.

— Você sabe que não posso mentir.

A boca de Emma estava seca.

— Você não pode contar aos outros o que eu lhe disse ou não acontecerá — disse a puca. — E não posso lhe dizer o que significa. Sou apenas um mensageiro, mas a mensagem é verdadeira. Se desejar novamente olhar para alguém que já amou e perdeu, se deseja ouvir sua voz, deve atravessar o Portão de Lir.

Emma tirou a estela do cinto. Uma pontada a atingiu quando ela a entregou e, sem pensar, se virou de costas para a puca, com as palavras ainda soando em seus ouvidos. Mal notou Mark passando por ela; o último a falar com a fada aquática. Seu coração estava acelerado demais.

*Alguém que você amou e perdeu.* Mas foram tantos, tantos perdidos na Guerra Maligna. Os pais — mas ela sequer ousava pensar neles; ela podia perder sua habilidade de pensar, de continuar. O pai dos Blackthorn, Andrew. Sua antiga tutora, Katerina. Talvez...

O som do vento e das ondas diminuiu. Mark estava em silêncio diante da puca, com o rosto pálido: todos os outros pareciam abalados, e Emma estava desesperada para saber o que a fada tinha dito a eles. O que poderia estimular Jules, Mark ou Cristina a cooperar?

A puca esticou a mão.

— O Portão de Lir se abre agora — falou. — Atravessem agora ou fujam de volta para a costa; a trilha da lua já está começando a se dissolver.

Ouviu-se um ruído como gelo quebrando, derretendo sob a luz do sol de primavera. Emma olhou para baixo: a trilha brilhante abaixo estava suja de preto onde a água entrava através de rachaduras.

Julian a pegou pela mão.

— Temos que ir — falou. Atrás de Mark, que estava à frente deles na trilha, formara-se um arco de água. Brilhava em prata forte; a parte interna girando, a água em movimento.

Com uma risada, a puca saltou da trilha com um mergulho elegante e deslizou entre as ondas. Emma percebeu que não fazia ideia do que Mark tinha dado a ele. Não que isso importasse agora. A trilha estava estilhaçando rapidamente: agora estava aos pedaços, como blocos de gelo no Ártico.

Cristina estava do outro lado de Emma. Os três avançaram, saltando de um pedaço sólido de trilha para o outro. Mark gesticulava e gritava com eles; às suas costas o arco se solidificava. Através dele, Emma podia ver a grama verde, o luar e as árvores. Ela empurrou Cristina, Mark a segurou e os dois desapareceram pelo portão.

Emma se moveu para dar um passo à frente, mas a trilha sucumbiu sob seus pés. Pelo que pareceram mais do que segundos, ela caiu na direção da água escura. Então Julian a segurou. Com os braços em volta dela, eles caíram pelo arco.

As sombras tinham aumentado no sótão. Arthur estava sentado, imóvel, e olhava o luar sobre o mar pela janela com o jornal rasgado. Ele podia adivinhar onde Julian e os outros estavam agora: conhecia a estrada da lua como conhecia as outras estradas do Reino das Fadas. Ele tinha passado por elas, guiado por bandos de fadas e duendes, cavalgando à frente de seus mestres, os príncipes e princesas sobrenaturalmente belos da nobreza. Uma vez ele caíra na floresta em pleno inverno, e seu corpo tinha estilhaçado o gelo de um lago. Ele se lembrava de ter visto sangue esguichar pela superfície prateada do lago.

— Que bonito — dissera uma fada nobre, enquanto o sangue de Arthur derretia no gelo.

Às vezes, era assim que ele pensava em sua mente: uma superfície estilhaçada, que refletia uma foto rasgada e imperfeita. Ele sabia que sua loucura não era como a loucura humana. Ela ia e vinha, e, às vezes, mal o tocava, deixando-o esperançoso de que tivesse acabado de vez. E depois voltava, esmagando-o sob um desfile de pessoas que mais ninguém conseguia ver, um coro de vozes que ninguém podia ouvir.

O remédio ajudava, mas tinha acabado. Julian sempre trazia o remédio, desde pequeno. Arthur não sabia ao certo quantos anos ele tinha agora. O bastante. Às vezes, Arthur ficava imaginando se amava o menino. Se amava algum dos filhos do irmão. Algumas vezes, ele acordara de sonhos em que coisas terríveis tinham

acontecido a eles, com o rosto molhado de lágrimas.

Mas poderia ter sido culpa. Ele não tinha nem a capacidade de criá-los, nem a coragem de permitir que a Clave o substituísse por um guardião melhor. Mas quem os teria mantido juntos? Ninguém, talvez, e famílias devem ficar juntas.

A porta ao pé da escada rangeu. Arthur virou, ansioso. Talvez Julian tivesse pensado melhor sobre seu plano arriscado e voltado. A estrada da lua era perigosa. O mar era cheio de trapaças. Ele tinha crescido perto do mar, na Cornualha, e se lembrava dos monstros. *E amargo como sangue é o esguicho; e as cristas são como presas que devoram.*

Ou talvez nunca tenha havido monstros.

Ela apareceu no alto da escada e o encarou friamente. Seus cabelos estavam puxados com tanta força que a pele parecia esticada. Ela inclinou a cabeça, assimilando o recinto apertado e sujo, as janelas cobertas. Havia algo em seu rosto, algo que despertou um lampejo de lembrança.

Algo que fez um pavor gelado assolá-lo. Ele agarrou os braços da cadeira, sua mente se rompendo com pedaços de antigas poesias. *Sua pele era branca como lepra, o pesadelo Vida em Morte era ela...*

— Arthur Blackthorn, suponha? — falou, com um sorriso recatado. — Sou Zara Dearborn. Acredito que conheceu meu pai.

Emma bateu com força no gramado espesso, abraçada em Julian. Por um instante, ele ficou apoiado sobre ela, com os cotovelos no chão, e o rosto pálido, luminoso ao luar. O ar que os cercava era frio, mas seu corpo era quente contra o dela. Ela sentiu o peito de Julian quando ele inspirou fundo e a corrente de ar na bochecha quando ele rapidamente virou o rosto para longe do dela.

Logo depois ele estava de pé, esticando o braço e puxando-a para cima. Mas ela levantou sozinha, cambaleando e girando para constatar que estavam em uma clareira cercada por árvores.

A luz da lua era clara o bastante para que Emma conseguisse ver que a grama era intensamente verde e as árvores carregadas de frutas em cores vivas: ameixas roxas, maçãs vermelhas, frutas em forma de estrelas e rosas, que Emma não reconhecia. Mark e Cristina também estavam lá, sob as árvores.

Mark tinha arregaçado as mangas da camisa e esticava as mãos como se estivesse tocando o ar do Reino das Fadas, sentindo-o na pele. Inclinou a cabeça para trás, com a boca ligeiramente aberta. Emma, olhando para ele, enrubescceu. Parecia um momento particular, como se ela estivesse vendo alguém reencontrando um amor.

— Emma. — Cristina arfou. — Olha. — E apontou para cima, para o céu.

As estrelas eram diferentes. Elas se curvavam e giravam em padrões que Emma não reconhecia, e tinham *cores*: azul gelo, verde frio, ouro cintilante, prata brilhante.

— É tão lindo — sussurrou. Emma viu Julian olhar para ela, mas foi Mark que falou. Ele não parecia mais tão abandonado à noite, mas ainda parecia um pouco aturdido, como se o ar do Reino das Fadas fosse vinho e ele tivesse bebido demais.

— A Caçada cavalgava pelo céu do Reino de vez em quando — falou. — No céu, as estrelas parecem o pó esmagado de joias: rubi, safira e diamante em pó.

— Eu sabia sobre as estrelas do Reino das Fadas — falou Cristina em uma voz baixa e impressionada. — Mas nunca achei que fosse vê-las pessoalmente.

— Será que devemos descansar? — perguntou Julian. Ele rondava os arredores da clareira, espiando entre as árvores. Conte com Julian para fazer as perguntas práticas. — Reunir energia para viajarmos amanhã?

Mark balançou a cabeça.

— Não podemos. Temos que viajar pela noite. Só sei navegar as Terras pelas estrelas.

— Então precisaremos de Marcas de Energia. — Emma estendeu o braço para Cristina. Não teve a intenção de esnobar Jules deliberadamente; símbolos aplicados pelo seu *parabatai* são sempre mais poderosos, mas ela ainda podia sentir onde o corpo de Julian havia colidido contra o dela na queda. Ainda podia sentir a contorção visceral dentro de si quando a respiração dele roçou sua bochecha. Precisava que ele não ficasse tão perto dela agora, não visse o que havia em seus olhos. A forma como Mark olhava para o céu do Reino das Fadas: era assim que ela imaginava que olhava para Julian.

O toque de Cristina era quente e confortante, sua estela, veloz e habilidosa; a ponta traçando a forma de um símbolo de Energia no antebraço de Emma e, ao terminar, soltou o pulso dela. Emma esperou pelo alerta habitual, pelo calor queimando, como uma injeção dupla de cafeína.

Nada aconteceu.

— Não está funcionando — falou, franzindo o rosto.

— Deixe-me ver... — Cristina deu um passo para a frente. Ela observou a pele de Emma e arregalou os olhos. — Olha.

A Marca, preta como tinta quando Cristina a aplicou no antebraço de Emma, estava ficando clara e prateada. Desbotando, como gelo derretendo. Em segundos, se misturou à pele de Emma e desapareceu.

— O quê...? — Emma começou. Mas Julian já tinha virado para Mark.

— Símbolos — falou Jules. — Eles funcionam? No Reino das Fadas?

Mark pareceu espantado.

— Jamais me ocorreu que não funcionariam — disse. — Ninguém nunca mencionou.

— Eu estudei o Reino das Fadas durante anos — afirmou Cristina. — Nunca vi em lugar nenhum que símbolos não funcionam nas Terras.

— Quando foi a última vez que tentou usar um aqui? — Emma perguntou a Mark.

Ele balançou a cabeça, cachos louros caindo nos olhos. Ele os puxou novamente para trás com seus dedos finos.

— Não me lembro — respondeu. — Eu não tinha estela... eles quebraram... mas minha luz enfeitiçada sempre funcionou... — Ele remexeu no bolso e sacou uma pedra redonda e polida. Todos observaram, sem fôlego, enquanto ele a levantava, esperando que a luz saísse e brilhasse forte em sua palma.

Nada aconteceu.

Xingando baixo, Julian sacou uma de suas lâminas serafim do cinto. O *adamas* brilhou fraco ao luar. Ele a virou de modo que a lâmina ficou na horizontal, refletindo o brilho multicolorido das estrelas.

— *Michael* — falou.

Algo faiscou dentro da lâmina — um brilho breve e fraco. Depois, desapareceu. Julian fitou o objeto. Uma lâmina serafim que não pudesse ganhar vida tinha pouco uso além de uma faca plástica: sem fio de corte, pesada e curta.

Com um movimento violento do braço, Julian jogou a lâmina longe. Ela quicou pela grama. Ele levantou os olhos. Emma pôde sentir o quanto Julian estava se segurando. Ela sentiu como uma pressão em seu próprio corpo, que dificultava a respiração.

— Então — falou. — Vamos ter que viajar pelo Reino das Fadas, um lugar onde Caçadores de Sombras não são bem-vindos, usando apenas as estrelas para navegar, e não podemos usar símbolos, lâminas serafim, nem luz enfeitiçada. É mais ou menos isso?

— Eu diria que é exatamente isso — respondeu Mark.

— E, além disso, estamos indo para a Corte Unseelie — acrescentou Emma. — Que supostamente é como um dos filmes de terror que Dru gosta, mas, vocês sabem, menos divertido.

— Então viajaremos à noite — disse Cristina. E apontou para a distância. — Alguns marcos eu já vi em mapas. Estão vendo aqueles cumes ao longe, contra o céu? Acho que são as Montanhas Thorn. As Terras Unseelie ficam à sombra delas. Não é muito longe.

Emma pôde ver Mark relaxando ao som da voz sensata de Cristina. Mas não parecia estar funcionando para Julian. A mandíbula dele travou, e as mãos eram punhos rígidos nas laterais do corpo.

Não que Julian não se irritasse. É que ele não se permitia mostrar. As pessoas o achavam quieto, calmo, mas isso era enganoso. Emma se lembrava de algo que já tinha lido: os vulcões tinham os declives verdes mais vivos, o aspecto mais quieto e adorável porque o fogo que pulsava através deles impedia que a Terra congelasse.

Mas quando entravam em erupção, podiam causar destruição por quilômetros.

— Jules — chamou ela. Ele a encarou; fúria ardia por trás de seus olhos. — Podemos não ter luz enfeitada, nem Marcas, mas ainda somos Caçadores de Sombras. Com tudo que isso representa. Podemos fazer isso. *Podemos*.

Pareceu um discurso desajeitado, mas ela viu o fogo apagar nos olhos dele.

— Você tem razão — falou ele. — Desculpa.

— E eu peço desculpas por tê-los trazido aqui — disse Mark. — Se eu soubesse... dos símbolos... mas deve ser novidade, muito recente...

— Você não nos trouxe aqui — disse Cristina. — Nós o seguimos. E todos viemos, não só por você, mas pelo que a puca disse a todos nós, não é verdade?

*Alguém que já amou e perdeu.*

— Para mim, é verdade — disse Emma, fitando o céu. — Mas é melhor irmos. Em breve, deve amanhecer. E, se não temos Marcas de Energia, teremos que recuperar as nossas forças do jeito tradicional.

Mark pareceu confuso.

— Drogas?

— Chocolate — disse Emma. — Eu trouxe *chocolate*. Mark, de onde você tira essas ideias?

Mark sorriu um sorriso torto, dando de ombros de um lado só.

— Humor de fada?

— Eu pensei que fadas basicamente fizessem piada à custa dos outros e pregassem peças em mundanos — disse Julian.

— Às vezes contam histórias longas e rimadas que consideram hilárias — disse Mark. — Mas devo admitir que eu nunca entendi por quê.

Julian suspirou.

— Isso soa pior do que qualquer coisa que eu já tenha ouvido sobre a Corte Unseelie.

Mark lançou um olhar de gratidão a Julian, como se dissesse que entendia que seu irmão tinha em parte controlado o temperamento por ele, por todos eles, para que todos ficassem bem. Para que pudessem prosseguir e encontrar Kieran, com Julian liderando, como sempre fazia.

— Vamos — disse Mark, virando. — É por aqui. Temos que começar a andar. Pode ser que não tenhamos muito tempo até o amanhecer.

Mark se dirigiu às sombras entre as árvores. A bruma se prendia aos galhos como cordas brancas e prateadas. Folhas balançavam suavemente ao vento sobre suas cabeças. Julian se moveu para andar na frente, ao lado do irmão, e Emma pôde ouvi-lo perguntando:

— Trocadilhos? Por favor, ao menos, me prometa que não haverá trocadilhos.

— O jeito como meninos dizem um ao outro que se amam é tão estranho — afirmou Cristina enquanto ela e Emma se desviavam de um galho. — Por que não podem simplesmente dizer? É tão difícil assim?

Emma sorriu para a amiga.

— Eu te amo, Cristina — falou. — E fico feliz que você tenha conseguido visitar o Reino das Fadas, mesmo em meio a circunstâncias tão estranhas. De repente, você encontra algum cara fada e gato e esquece o Diego Imperfeito.

Cristina sorriu.

— Também te amo, Emma — retribuiu. — E talvez eu encontre mesmo.

\*\*\*

A lista de reclamações de Kit contra os Caçadores de Sombras agora já tinha se tornado longa o suficiente para que ele tivesse começado a escrever de fato. *Malditas pessoas bonitas*, ele tinha escrito, *não me deixam ir para casa buscar minhas coisas*.

*Não me contam nada sobre o que, de fato, significaria ser um Caçador de Sombras. Eu teria que ir para algum lugar treinar?*

*Não me falam quanto tempo posso ficar aqui, exceto “o tempo que você precisar”. Uma hora não terei que ir para a escola? Algum tipo de escola?*

*Não falam sobre a Paz Fria e sobre como é uma droga.*

*Não me deixam comer biscoitos.*

Ele pensou um pouco, depois riscou essa última linha. Eles o deixavam comer biscoitos; ele apenas desconfiava que o julgavam por isso.

*Não parecem entender o que é autismo, doença mental, terapia, nem tratamento médico. Será que acreditam em coisas como quimioterapia? E se eu tiver câncer? Provavelmente não terei. Mas se tiver...*

*Não me contam como Tessa e Jem encontraram meu pai. Ou por que meu pai odiava tanto os Caçadores de Sombras.*

Essa foi a mais difícil de escrever. Kit sempre pensou em seu pai como um pequeno trapaceiro, um adorável rebelde, uma espécie de Han Solo percorrendo a galáxia. Mas rebeldes adoráveis não eram destruídos por demônios no instante

em que seus elaborados feitiços de proteção se desfaziam. E, apesar de Kit estar muito confuso pelo que tinha acontecido no Mercado das Sombras, ele tinha aprendido uma coisa: seu pai *não* tinha sido como Han Solo.

Às vezes, nas rondas noturnas, Kit ficou imaginando com quem ele próprio se parecia.

Por falar em rondas noturnas, ele tinha mais uma reclamação a acrescentar. *Eles me acordam cedo.*

Diana, cujo título oficial era de tutora, mas que parecia atuar como guardiã/diretora de colégio, tinha acordado Kit cedo e o levado, junto com Ty e Livvy, para um escritório de canto com uma vista enorme e uma grande mesa de vidro. Ela parecia irritada, como adultos às vezes pareciam ficar quando estavam bravos com alguém mas iam descontar em você.

Kit estava certo. Diana nesse momento estava furiosa com Julian, Emma, Mark e Cristina, que, segundo Arthur, tinham desaparecido e ido para o Reino das Fadas na calada da noite para resgatar alguém chamado Kieran, que Kit nunca tinha visto. Mais discussão mostrou que Kieran era o filho do Rei Unseelie, e ex-namorado de Mark, ambas informações interessantes que Kit arquivou para mais tarde.

— Isso não é bom — concluiu Diana. — Qualquer viagem ao Reino das Fadas é terminantemente proibida aos Nephilim, a não ser que obtenham permissão especial.

— Mas eles vão voltar, certo? — perguntou Ty. Ele parecia tenso. — *Mark* vai voltar?

— Claro que vão voltar — disse Livvy. — É só uma missão. Uma missão de resgate — acrescentou ela, voltando-se para Diana. — A Clave não vai entender que tiveram que ir?

— Resgatar uma fada... não — disse Diana, balançando a cabeça. — Elas não desfrutam da nossa proteção pelos Acordos. Os Centuriões não podem saber. A Clave ficaria furiosa.

— Eu não vou contar — disse Ty.

— Nem eu — concordou Livvy. — Óbvio.

Ambos olharam para Kit.

— Eu nem sei por que estou aqui — falou ele.

— Você tem razão — disse Livvy. Ela se virou para Diana. — Por que ele está aqui?

— Você parece ter um meio de saber tudo — Diana disse a Kit. — Achei que seria melhor controlar a sua informação. E obter sua promessa.

— De que não vou contar? Claro que não vou contar. Nem gosto dos Centuriões. Eles são... — *O que eu sempre achei que Caçadores de Sombras*



*seriam. Vocês não. Vocês são todos... diferentes.* — Babacas — concluiu.

— Não posso *acreditar* — disse Livvy — que Julian e os outros embarcaram numa aventura divertida e simplesmente deixaram o restante de nós aqui para buscar toalhas para os Centuriões.

Diana pareceu surpresa.

— Achei que fosse ficar transtornada — falou. — Preocupada com eles.

Livvy balançou a cabeça. Seus cabelos longos, tons mais claros que os de Ty, esvoaçavam ao redor.

— Por eles estarem se divertindo e vendo o Reino das Fadas? Enquanto trabalhamos duro aqui? Quando eles voltarem, vou dar uma *palavrinha* com Julian.

— Que *palavrinha*? — Ty pareceu confuso por um momento, antes de seu rosto se iluminar. — Ah — falou. — Vai brigar com ele.

— Vou usar todos os palavrões que conheço, e pesquisar novos — ameaçou Livvy.

Diana mordia o lábio.

— Vocês realmente estão bem?

Ty fez que sim com a cabeça.

— Cristina estudou muito sobre o Reino das Fadas, Mark foi um Caçador e Julian e Emma são inteligentes e corajosos — falou. — Tenho certeza de que ficarão bem.

Diana pareceu espantada. Kit tinha que admitir que ele também estava surpreso. Os Blackthorn pareciam uma família tão próxima que “costurada” nem começava a descrever. Mas Livvy manteve sua irritação alegre quando foram contar a Dru e Tavvy que os outros tinham ido até a Academia dos Caçadores de Sombras para buscarem alguma coisa — e ela foi bem convincente ao contar que Cristina tinha ido junto porque visitar a Academia agora era um requisito do intercâmbio —, e repetiram a mesma história para um Diego furioso e diversos Centuriões, incluindo sua noiva, que Kit tinha passado a chamar mentalmente de Detestável Zara.

— Resumindo — concluiu Livvy, delicadamente —, vocês podem ter que lavar algumas das próprias toalhas. Agora, se nos dão licença, eu e Ty vamos levar Kit para conhecer o perímetro.

Zara arqueou a sobrancelha.

— O perímetro?

— Os bloqueios que vocês acabaram de levantar — disse Livvy, e marchou para fora. Ela não arrastou Ty e Kit atrás de si fisicamente, de fato, mas alguma coisa na força de sua personalidade fez basicamente isso. As portas do Instituto se fecharam atrás deles quando ela já estava descendo os degraus da frente.

— Vocês viram a cara daqueles Centuriões? — perguntou ela enquanto circulavam a enorme lateral do Instituto. Ela estava de botas e short jeans, que exibia suas pernas longas e bronzeadas. Kit tentou fazer parecer que não estava olhando.

— Acho que eles não apreciaram o que você disse sobre as toalhas — observou Ty.

— Talvez eu devesse ter desenhado um mapa para eles, indicando onde fica o sabão — disse Livvy. — Vocês sabem, já que eles gostam tanto de mapas.

Kit riu. A menina olhou para ele, meio desconfiada.

— O que foi?

Eles tinham pausado no estacionamento atrás do Instituto e chegado a uma pequena cerca viva, atrás da qual havia um jardim de estátuas. Dramaturgos e historiadores gregos ficavam por ali em poses de gesso, segurando coroas de louros. Parecia estranhamente fora do lugar, mas, pensando bem, Los Angeles era uma cidade de coisas que não pareciam pertencer ao lugar.

— Foi engraçado — disse Kit. — Só isso.

Ela sorriu. A camiseta azul combinava com seus olhos, e a luz do sol encontrava os fios vermelhos e acobreados nos cabelos castanho-escuros e os faziam brilhar. No começo, Kit ficou um pouco nervoso com o excesso de semelhança entre os Blackthorn — exceto por Ty, é claro —, mas ele tinha que admitir, se as pessoas precisavam compartilhar traços familiares, olhos azul-esverdeados luminosos e cabelos escuros e ondulados não eram nada mal. As únicas coisas que ele compartilhava com seu pai eram o mau humor e a apreciação por furtos.

Quanto à mãe...

— Ty! — Livvy chamou. — Ty, desça daí!

Eles tinham se afastado da casa o suficiente para estarem agora em um verdadeiro chaparral. Kit só tinha estado nas Montanhas de Santa Monica algumas vezes, em passeios escolares. Ele se lembrava de ter respirado o ar, a mistura de sal e vegetação, o calor suave e sem fôlego do deserto. Lagartos verdes apressados brotavam como folhas súbitas entre os cactos e desapareciam com a mesma velocidade. Havia pedras grandes tombadas por todos os lados — partes descartadas de alguma geleira veloz de um milhão de anos atrás.

— Vou descer quando acabar isso. — Ty estava ocupado escalando uma das pedras maiores, encontrando apoios para as mãos e os pés com facilidade. Ele subiu até o topo, sem a menor preocupação, com os braços abertos para manter o equilíbrio. Parecia estar se preparando para se lançar em voo, os cabelos voando como asas escuras.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Kit, observando-o subir.

— Ele escala muito bem — disse Livvy. — Eu ficava assustada quando éramos mais novos. Ele não tinha nenhum senso realístico de quando estava em perigo ou não. Eu achava que ele fosse cair das pedras em Leo Carillo e esmagar a cabeça. Mas Jules o acompanhava a toda parte, Diana mostrou como se fazia, e ele aprendeu.

Ela olhou para o irmão e sorriu. Ty estava na ponta dos pés olhando para o mar. Kit quase conseguia imaginá-lo em uma planície isolada em algum lugar, com uma capa preta voando em volta dele como um herói em uma ilustração de fantasia.

Kit respirou fundo.

— Você não acredita no que disse para Diana — falou para Livvy. Ela virou para encará-lo. — Que não está preocupada com Julian e os outros.

— Por que você acha isso? — O tom dela soou cuidadosamente neutro.

— Eu tenho te observado — disse ele. — Todos vocês.

— Eu sei. — Ela o encarou com olhos brilhantes e expressão um pouco divertida. — Parece que você tem feito anotações mentais.

— Hábito. Meu pai me ensinou que todas as pessoas do mundo estavam divididas em duas categorias. As que você podia enganar e trapacear, e as que não podia. Então você observa as pessoas. Tenta descobrir como são. Como ficam.

— Como somos?

— Como uma máquina muito complicada — disse Kit. — Vocês são todos interligados, um de vocês se move um pouco e isso guia os outros. E, se vocês se moverem para outro lado, isso também direciona o que fazem. Vocês são mais ligados do que qualquer outra família que eu já vi. E você não pode me dizer que não está preocupada com o Julian e os outros, sei que está. Eu sei o que vocês pensam sobre o Povo das Fadas.

— Que eles são do mal? É muito mais complicado do que isso, acredite.

Os olhos azuis de Livvy se desviaram para o irmão. Agora Ty estava deitado de costas na pedra, quase invisível.

— Então por que eu mentiria para Diana?

— Julian mente para proteger todos vocês — disse Kit. — Se ele não estiver por aqui, então você mente para proteger os mais novos. Nada com que se preocupar, Julian e Mark foram para a Corte Unseelie, espero que mandem um cartão-postal, queria ter ido junto.

Livvy parecia oscilar entre a irritação e o alívio — raiva por Kit ter adivinhado a verdade, aliviada por ter alguém para quem não precisava fingir.

— Acha que convenci Diana? — perguntou ela afinal.

— Acho que a convenceu de que você não estava preocupada — disse Kit. —

*Ela* ainda está. Provavelmente está fazendo tudo que pode para descobrir como encontrá-los.

— Estamos em baixa de estoque do que fazer por aqui, você deve ter percebido — afirmou Livvy. — Considerando como são os Institutos, nós somos um bem estranho.

— Eu não tenho muito pra comparar. Mas acredito em você.

— Mas você não me falou. — Livvy colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Somos o tipo de gente que pode ser enganada e trapaceada ou não?

— Não — respondeu o menino. — Mas não por serem Caçadores de Sombras. Porque vocês realmente parecem se importar mais com os outros do que com vocês mesmos. O que dificulta na tarefa de convencê-los a serem egoístas.

Ela deu alguns passos para longe, esticando a mão para tocar uma pequena flor vermelha que brotava em um arbusto verde prateado. Quando se voltou novamente para Kit, seus cabelos estavam soprando em volta do rosto e os olhos brilhavam de modo pouco natural. Por um instante, ele temeu que ela estivesse prestes a chorar ou gritar com ele.

— Me beija — falou.

Kit não sabia que rumo ele achava que a conversa estava tomando, mas definitivamente não era esse. Ele apenas deu conta de não começar a tossir.

— *Quê?*

— Você ouviu. — Ela foi para perto dele, andando proposital e deliberadamente devagar. Ele tentou não olhar para as pernas dela outra vez. — Eu pedi para me beijar.

— Por quê?

Ela estava começando a sorrir. Atrás dela, Ty ainda estava equilibrado na pedra, olhando para o mar.

— Nunca beijou antes? — perguntou ela.

— Já. Não sei como isso é relevante, no entanto, para você querer me beijar aqui e agora.

— Tem certeza de que você é um Herondale? Tenho certeza de que um Herondale agarraria uma oportunidade dessas. — Ela cruzou os braços. — Existe algum motivo para não querer me beijar?

— Para começar, você tem um irmão mais velho assustador — falou Kit.

— Eu não tenho um irmão mais velho assustador.

— É verdade — disse Kit. — Tem *dois*.

— Tudo bem — disse Livvy, abaixando os braços e virando de costas. — Tudo bem, se você não quer...

Kit a pegou pelo ombro. Estava quente sob sua mão, o calor da pele dela era

tátil através do tecido fino da camiseta.

— Mas eu quero.

Para a própria surpresa, ele falou sério. Seu mundo estava se afastando dele; ele sentia como se estivesse caindo em direção a alguma coisa, uma escuridão desconhecida, a borda esfarrapada de escolhas indesejáveis. E cá estava uma menina bonita oferecendo a ele algo em que se agarrar, uma maneira de esquecer, algo para pegar e segurar, mesmo que apenas por um instante.

A pulsação vibrou levemente no pescoço quando ela virou um pouco a cabeça, seus cabelos tocando a mão dele.

— Muito bem — falou ela.

— Mas me diga uma coisa. Por que eu? Por que você quer *me* beijar?

— Eu nunca beijei ninguém — retrucou ela com a voz baixa. — Na vida. Eu quase nunca *conheço* ninguém. Somos só nós, sozinhos, contra o mundo inteiro, e eu não me importo, eu faria qualquer coisa pela minha família, mas sinto que estou perdendo todas as chances que eu deveria ter. Você tem a minha idade e é um Caçador de Sombras. E você não me irrita. Não tenho tantas opções assim.

— Você poderia beijar um Centurião — sugeriu Kit.

Ao ouvir isso, ela se virou completamente, a mão dele ainda em seu ombro, a expressão dela indignada.

— Tudo bem, acho que essa sugestão foi um pouco sem noção. — Ele admitiu. O impulso de beijá-la tinha se tornado opressor, então ele desistiu de tentar não fazer e curvou o braço em volta do ombro dela, puxando-a mais para perto. Seus olhos se arregalaram, e ela inclinou a cabeça para trás, a boca angulada para a dele, e as bocas se uniram de forma surpreendentemente delicada.

Foi suave, doce e quente, e ela foi para o círculo feito pelo braço dele, as mãos se apoiando, de início, hesitantes e, depois, mais firmes em seus ombros. Ela agarrou firme, puxando-o para perto, os olhos dele fechando contra o brilho azul do oceano ao longe. Ele se esqueceu do chão sob seus pés, do mundo ao seu redor, de tudo, exceto do senso de ser confortado por alguém que o segurava. Alguém que se importava.

— Livvy. Ty! *Kit!*

Era a voz de Diana. Kit saiu do torpor e soltou a menina; ela se afastou dele parecendo surpresa, levantando a mão para tocar os lábios.

— Todos vocês! — Diana chamou. — Voltem aqui, agora! Preciso de ajuda!

— Como foi? — perguntou Kit. — Tudo bem para o seu primeiro?

— Nada mal. — Livvy abaixou a mão. — Você realmente se empenhou. Eu não esperava por isso.

— Os Herondale não dão beijos superficiais — disse Kit. Houve uma breve

movimentação, e Ty tinha descido da pedra onde subira, e vinha em direção a eles com cuidado entre a vegetação desértica.

Livvy soltou uma risada curta e baixa.

— Acho que é a primeira vez que eu o vejo se referir a você mesmo como um Herondale.

Ty se juntou a eles, seu rosto pálido e oval era ilegível. Kit não conseguia extrair nada de sua expressão — se ele tinha visto o beijo ou não. Mas por que se importaria, se tivesse visto?

— Parece que a noite vai ser clara — falou. — Nenhuma nuvem vindo.

Livvy disse alguma coisa sobre clima melhor para seguir Centuriões desconfiados, e ela já estava se movendo para caminhar ao lado de Ty, como sempre fazia. Kit foi atrás deles, com as mãos nos bolsos da calça jeans, apesar de conseguir sentir o anel Herondale, pesado em seu dedo, como se só agora ele tivesse se lembrado do peso.

*A Terra Sob a Colina. A Deliciosa Planície. O Local Abaixo da Onda. As Terras dos Eternamente Jovens.*

À medida que as horas avançavam, todos os nomes que Emma já tinha escutado para o Reino das Fadas passaram por sua cabeça. As conversas entre os quatro diminuíram e eventualmente desapareceram em um silêncio exausto. Cristina caminhou calada ao lado de Emma, seu pingente brilhando ao luar. Mark foi na frente, verificando o caminho pelas estrelas, de tempos em tempos. Ao longe, as Montanhas Thorn se tornavam mais claras e próximas, erguendo-se, imponentes e inesquecíveis, contra um céu da cor de uma safira escurecida.

Contudo, as montanhas não eram frequentemente visíveis. Na maior parte do tempo, a trilha que seguiam passava por árvores baixas que se aglomeravam, galhos que ocasionalmente se entrelaçavam. Mais de uma vez, Emma viu olhos brilhantes piscando entre as sombras. Quando os galhos faziam barulhos, ela olhava para o alto e via sombras se movendo rapidamente entre eles, risos seguindo-os como bruma.

— Estes são os lugares das fadas selvagens — disse Mark, quando a estrada se curvou em torno de uma colina. — As fadas nobres ficam nas Cortes, ou, às vezes, na cidade. Gostam de conforto.

Em determinados pontos havia sinais de habitação: pedaços quebrados de velhos muros de pedra, cercas de madeira habilidosamente montadas sem o uso de pregos. Passaram por diversas vilas na hora que precedeu o amanhecer: todas fechadas e escuras, com janelas quebradas e vazias. À medida que avançavam pelo Reino das Fadas, começaram a ver mais alguma coisa. Da primeira vez,

Emma parou e exclamou — a grama por onde vinham andando, de repente, tinha se dissolvido sob seus pés, levantando o que pareciam partículas cinzentas e brancas em volta de seus calcanhares.

Ela olhou em volta espantada e constatou que os outros também estavam olhando. Eles tinham caminhado até a beirada de um círculo irregular de terra com aparência doentia. Isso fez com que Emma se lembrasse das fotos de círculos de colheita. Tudo no perímetro do círculo tinha um tom opaco, cinza-esbranquiçado: a grama, as árvores, as folhas e plantas. Ossos de pequenos animais estavam espalhados entre a vegetação cinzenta.

— O que é isso? — perguntou ela. — Algum tipo de magia sombria de fadas?

Mark balançou a cabeça.

— Nunca tinha visto nenhuma praga como esta antes. Vamos embora depressa.

Ninguém questionou, mas, enquanto se apressavam pelas cidades fantasmas e pelas colinas, viram mais trechos com a praga feia. Finalmente, o céu começou a clarear com a aurora. Estavam todos caindo de exaustão quando deixaram a estrada para trás e se viram em um local de árvores e colinas.

— Podemos descansar aqui — disse Mark. Ele apontou para um montinho em frente, cujo topo estava escondido por um monte de pedras. — Eles vão nos oferecer abrigo e proteção.

Emma franziu o rosto.

— Estou ouvindo barulho de água — falou. — Tem alguma corrente?

— Sabe que não podemos beber água aqui — disse Julian, enquanto ela descia a colina em direção ao som de líquido borbulhando sobre pedras e em torno de raízes de árvores.

— Eu sei, mas podíamos, pelo menos, nos lavar... — A voz dela se interrompeu. *Havia* uma corrente, uma espécie de corrente, dividindo o vale entre as duas colinas baixas, mas a água não era água. Era escarlate e espessa. Ela se movia preguiçosa e lentamente, vermelha e pingando, entre os troncos escuros de árvores.

— “Pois todo o sangue derramado na terra corre por aquele lugar” — disse Mark, atrás dela. — Você fez essa citação para mim.

Julian foi para a beira do rio de sangue e se ajoelhou. Com um rápido gesto, mergulhou os dedos. Eles saíram com a cor vermelha.

— Isso coagula — falou, com um misto de fascínio e nojo, e limpou a mão na grama. — É mesmo... sangue humano?

— É o que dizem — respondeu Mark. — Nem todos os rios do Reino são assim, mas dizem que o sangue dos assassinados do mundo humano corre pelos

rios, regatos e nascentes daqui do bosque.

— Quem *dizem*? — perguntou Julian, levantando-se. — Quem diz isso?

— Kieran — respondeu Mark simplesmente.

— Eu também conheço a história — acrescentou Cristina. — Existem diferentes versões das lendas, mas eu ouvi muitas e a maioria diz que o sangue é humano e mundano. — Ela recuou, correu e saltou, aterrissando do outro lado do rio de sangue com alguns centímetros de folga.

Os outros repetiram o movimento e subiram a colina até o topo plano e coberto de grama, que tinha vista para a paisagem ao redor. Emma desconfiava que as pedras antigamente funcionassem como um ponto de vigia.

Eles desenrolaram os cobertores que tinham e espalharam os casacos, agrupando-se sobre eles para se aquecer. Mark se ajeitou e imediatamente caiu no sono. Cristina foi mais cuidadosa e se enrolou no velho casaco azul-escuro, com os longos cabelos caindo sobre o braço onde sua cabeça se apoiava.

Emma encontrou um lugar na grama e dobrou o casaco do seu uniforme de combate para servir de travesseiro. Ela não tinha nada com que se cobrir, e tremeu quando a pele tocou o chão frio ao se esticar para equilibrar Cortana em uma pedra próxima.

— Emma. — Foi Julian que falou, rolando para perto dela. Ele estava tão parado que ela achou que estivesse dormindo. Emma nem se lembrava de ter deitado tão perto dele. Sob a luz do amanhecer, os olhos de Jules brilhavam como vidro marinho. — Tenho um cobertor extra. Pode ficar com ele.

Era macio e cinza, uma coberta fina que ficava ao pé da cama dele. Emma fez um esforço para afastar as lembranças em que acordava com ela enrolada aos pés, bocejando e se espreguiçando ao sol do quarto de Julian.

— Obrigada — sussurrou, cobrindo-se. A grama estava úmida de orvalho. Julian continuava olhando para ela, com a cabeça apoiada no braço dobrado.

— Jules — murmurou Emma. — Se nossas pedras de luz enfeitiçadas não funcionam aqui, nossas lâminas serafim não funcionam aqui e os símbolos não funcionam aqui... o que isso significa?

Ele falou como se estivesse cansado.

— Quando olhei para uma pousada, em uma das cidades por onde passamos, vi um símbolo angelical que alguém tinha marcado em uma parede. Estava manchado de sangue, arranhado e destruído. Não sei o que aconteceu aqui desde a Paz Fria, mas sei que nos odeiam.

— Acha que o pingente de Cristina vai funcionar assim mesmo? — perguntou Emma.

— Acho que só a magia dos Caçadores de Sombras que é bloqueada aqui — disse Julian. — O pingente de Cristina foi um presente das fadas. Deve



funcionar bem.

Emma fez que sim com a cabeça.

— Boa noite, Jules — murmurou.

Ele esboçou um sorriso.

— Já é manhã, Emma.

Ela não disse nada, apenas fechou os olhos — mas não totalmente, para que pudesse continuar olhando para ele. Ela não dormia perto dele desde o terrível dia em que Jem contou a ela sobre os *parabatai* e a maldição, e ela não tinha se dado conta do quanto sentia falta disso. Estava exausta, seu cansaço ia até os ossos e o chão abaixo dela, enquanto seu corpo dolorido relaxava. Ela tinha se esquecido de como era deixar a consciência desaparecer lentamente enquanto a pessoa em quem mais confiava no mundo deitava ao seu lado. Mesmo aqui no Reino das Fadas, onde Caçadores de Sombras eram odiados, ela se sentia mais segura do que sozinha em seu quarto, porque Jules estava com ela, tão perto que, se ela esticasse o braço, poderia tocá-lo.

Ela não podia esticar, é claro. Não podia tocá-lo. Mas eles estavam respirando juntos, respirando o mesmo ar enquanto a consciência se fragmentava, enquanto Emma abria mão da vigília e adormecia, a imagem de Julian ao amanhecer seguindo-a em seus sonhos.

## 9

### Estas Terras

Kit logo pôde acrescentar um novo item à sua lista das coisas de que não gostava nos Caçadores de Sombras. *Eles me acordam no meio da noite.*

Foi Livvy especificamente quem o acordou, sacudindo-o e tirando-o de um sonho com demônios Mantis. Ele se sentou, arfando, com uma faca na mão — uma das adagas que ele tirara da sala das armas. Estava em sua cabeceira e ele não se lembrava de tê-la pego.

— Nada mal — disse Livvy. Ela estava zanzando pela cama dele, os cabelos presos, o uniforme de combate pouco visível na escuridão. — Reflexos rápidos.

A faca estava a mais ou menos dois centímetros do peito dela, mas ela não se mexeu. Kit deixou que ela caísse de volta na cabeceira.

— Você só pode estar brincando.

— Levante-se — falou ela. — Ty acabou de ver Zara saindo sorrateiramente pela porta da frente. Estamos Rastreado.

— Estão o quê? — Kit se levantou da cama bocejando, apenas para receber de Livvy uma pilha de roupas. Ela ergueu as sobrancelhas ao ver a cueca dele, mas não fez nenhum comentário.

— Vista o uniforme — falou. — Explicamos no caminho.

Ela saiu do quarto, deixando Kit se trocar. Ele sempre imaginou como seria vestir uniforme de Caçador de Sombras. As botas, calça, camisa, o casaco de tecido resistente escuro e o cinto pesado de armas pareciam desconfortáveis, mas... não eram. O uniforme era leve e flexível, apesar de tão resistente que, quando ele pegou a adaga da cabeceira e tentou cortar a manga do casaco, a lâmina sequer afetou o tecido. As botas pareciam ser do tamanho dele, assim como o anel, e o cinto de armas era leve e se ajustava no quadril.

— Ficou bom? — perguntou, aparecendo no corredor. Ty fitava, pensativo, a

mão direita fechada, que tinha um símbolo brilhando nas costas.

Livvy fez sinal de positivo para Kit.

— Você definitivamente poderia ter sido rejeitado do Calendário de Caçadores de Sombras Gostosos.

— *Rejeitado?* — repetiu Kit enquanto desciam as escadas.

Os olhos dela estavam dançando.

— Por ser jovem demais, é claro.

— Não existe Calendário de Caçadores de Sombras Gostosos — disse Ty. — Vocês dois, fiquem quietos; precisamos sair da casa sem sermos notados.

Eles saíram pelos fundos e seguiram o caminho até a praia, com cuidado, para evitar a patrulha noturna. Livvy sussurrou para Kit que Ty estava segurando uma presilha de cabelo que Zara havia deixado em cima da mesa: funcionava como uma espécie de farol de destino, puxando-o para a direção dela. Parecia que ela tinha ido à praia e, depois, caminhado pela areia. Livvy apontou para as pegadas, que eram apagadas pela maré que subia.

— Pode ter sido um mundano — disse Kit, só para constar.

— Seguindo esse exato caminho? — retrucou Livvy. — Olha, estamos até ziguezagueando onde ela ziguezagueou.

Kit não tinha como discutir. Ele se concentrou em acompanhar Ty, que estava praticamente voando sobre as dunas, os pedregulhos e as pedras irregulares que marcavam a costa cada vez mais conforme eles seguiam para o norte. Ele escalou uma parede assustadoramente alta de pedra esburacada e saltou do outro lado. Kit, que ia atrás, quase tropeçou e ia cair de cara na areia.

Ele conseguiu recuperar o equilíbrio e ficou aliviado. Não sabia ao certo se seria pior fazer papel de bobo na frente de Livvy ou Ty. Talvez fosse ruim com qualquer um.

— Ali — disse Ty com um sussurro, apontando para onde um buraco escuro fora aberto em uma parede rochosa da falésia que se erguia, separando a praia da estrada. Pilhas de pedras caídas se estendiam até o mar e as ondas quebravam em volta, lançando uma espuma branca e prateada no ar.

A areia tinha dado lugar a um recife rochoso. Eles atravessaram com cuidado, incluindo Ty, que se abaixou para examinar alguma coisa em uma piscina formada pela maré. Ele se esticou com um sorriso e uma estrela-do-mar na mão.

— Ty — disse Livvy. — Devolva, a não ser que esteja planejando jogá-la em Zara.

— Desperdício de uma bela estrela-do-mar — murmurou Kit, e Ty riu. O ar salgado tinha embaraçado seus cabelos pretos perfeitamente lisos, e os olhos brilhavam como a lua na água. Kit apenas o encarou, incapaz de pensar em outra coisa inteligente para dizer enquanto Ty devolvia gentilmente a estrela-do-mar à

sua piscina.

Eles chegaram à abertura da caverna sem mais nenhuma parada para observar a natureza. Livvy entrou primeiro, com Ty e Kit logo atrás. Kit parou quando a escuridão da caverna o envolveu.

— Não estou enxergando nada — falou, tentando lutar contra o pânico crescente. Ele detestava locais escuros, mas, pensando bem, quem não detestava?

Luz explodiu em volta dele como o aparecimento súbito de uma estrela cadente. Era uma pedra de luz enfeitiçada; Ty a segurava.

— Você quer um símbolo de Visão Noturna? — perguntou Livvy, com a mão na estela.

Kit balançou a cabeça.

— Nada de símbolos — falou. Não sabia ao certo por que estava resistindo. O *iratze* não o machucara. Mas parecia o obstáculo final, a última admissão de que ele era um Caçador de Sombras, não apenas um menino com sangue de Caçador de Sombras que tinha decidido se hospedar no Instituto até bolar um plano melhor.

Qualquer que fosse o plano. Kit tentou não pensar no assunto enquanto avançava pelas profundezas do túnel.

— Você acha que isso é parte da convergência? — Ele ouviu Livvy sussurrar.

Ty balançou a cabeça.

— Não. As falésias da costa são cheias de cavernas, sempre foram. Quero dizer, pode ter qualquer coisa aqui... ninhos de demônios, vampiros... mas acho que não tem nada a ver com Malcolm. E as Linhas Ley não passam nem perto daqui.

— Queria muito que você não tivesse dito “ninhos de demônios”— falou Kit. — Faz com que eles soem como aranhas.

— Alguns demônios são aranhas — disse Ty. — O maior já registrado tinha seis metros de altura e mandíbulas de quase um metro.

Kit pensou nos demônios Mantis gigantes que haviam destruído seu pai. Era difícil pensar em qualquer coisa espertinha para se dizer sobre uma aranha gigante quando você já tinha visto a parte branca das costelas de seu pai.

— Shh. — Livvy levantou a mão. — Estou ouvindo vozes.

Kit prestou atenção, mas não escutou nada. Ele desconfiava de que existia mais um símbolo que ele não tinha, algo que lhe desse a audição do Super-Homem. Contudo, ele conseguia enxergar as luzes se movendo à frente, na curva do túnel.

Eles avançaram e Kit se manteve atrás de Ty e Livvy. O túnel dava para uma enorme câmara, uma sala com paredes de granito rachadas, chão de terra batida

e cheiro de mofo e coisas velhas. O teto se erguia até a escuridão.

Havia uma mesa de madeira e duas cadeiras no centro da sala. A única luz vinha de pedras Marcadas dispostas sobre a mesa. Zara ocupava uma das cadeiras. Kit instintivamente colou as costas na parede; do outro lado do túnel, Livvy e Ty fizeram o mesmo.

Zara estava examinando alguns papéis que espalhara sobre a mesa. Havia uma garrafa de vinho e um copo perto do cotovelo dela. Ela não estava com o uniforme de Caçadora de Sombras, mas vestia um terninho preto simples, e os cabelos estavam presos em um coque impossivelmente apertado.

Kit se esforçou para enxergar o que ela estava estudando, mas ele estava muito longe. No entanto, ele conseguia ler algumas palavras marcadas na mesa: FOGO QUER QUEIMAR. Ele não fazia ideia do que aquilo queria dizer. E Zara não parecia estar fazendo nada de interessante também; talvez ela só viesse até aqui para ter privacidade e ler. Talvez estivesse secretamente cansada do Diego Perfeito e estivesse se escondendo. Quem poderia culpá-la?

Zara levantou o olhar e as sobrancelhas franziram. Alguém estava vindo. — Kit ouviu o barulho rápido de passos e um vulto de cabelos emaranhados vestindo jeans apareceu no canto oposto da sala.

— É Manuel — murmurou Livvy. — Quem sabe eles estão tendo um caso?

— Manu — falou Zara, franzindo o rosto. Ela não soou apaixonada. — Você está atrasado.

— Desculpe. — Manuel deu um sorriso desconcertante e pegou a cadeira livre, virando-a para que pudesse se sentar com os braços cruzados sobre o encosto. — Não se irrite, Zara. Tive que esperar Rayan e Jon dormirem; eles estavam tagarelando, e eu não queria correr o risco de deixar que alguém me visse saindo do Instituto. — Ele apontou para os papéis. — O que você tem aí?

— Atualizações para o meu pai — respondeu Zara. — Ele ficou decepcionado com o resultado do último Conselho, obviamente. A decisão de permitir que aquele mestiço Mark Blackthorn permanecesse entre Caçadores de Sombras decentes ofenderia qualquer um.

Manuel pegou a taça de vinho dela. Luzes vermelhas brilhavam no fundo.

— Mesmo assim, temos que olhar para o futuro — falou. — Nos livrarmos de Mark não era o objetivo dessa viagem para cá, afinal. Ele é uma pequena pedra no caminho, assim como seus irmãos.

Ty, Kit e Livvy trocaram olhares confusos. O rosto de Livvy estava rijo de ódio. Ty estava sem expressão, mas suas mãos se mexiam inquietas nas laterais do corpo.

— É verdade. O primeiro passo é o Registro — afirmou Zara. Ela bateu nos papéis e eles farfalharam. — Meu pai disse que a Tropa está forte em Idris e ele

acredita que o Instituto de Los Angeles esteja pronto para ser tomado. O incidente com Malcolm semeou considerável dúvida sobre a habilidade da Costa Oeste de tomar decisões. E o fato de que foi revelado que o Alto Feiticeiro de Los Angeles e o líder do clã local de vampiros estavam envolvidos com magia proibida...

— Não foi culpa nossa — murmurou Livvy. — Não tínhamos como saber...

Ty fez sinal para que se calasse, mas Kit perdeu o final da frase de Zara. Ele só conseguiu registrar o sorriso dela, como um rasgo vermelho no rosto.

— A confiança não é muito alta — concluiu ela.

— E Arthur? — disse Manuel. — O suposto diretor? Não que eu o tenha visto alguma vez.

— Um lunático — disse Zara. — Meu pai me disse que desconfiava disso. Ele o conheceu na Academia. Eu mesma conversei com Arthur. Ele achou que eu fosse uma pessoa chamada Amatis.

Kit olhou para Livvy, que deu de ombros, confusa.

— Será fácil o suficiente colocá-lo na frente do Conselho e provar que ele é louco — disse Zara. — Não sei dizer quem tem comandado o Instituto por ele, Diana, imagino, mas, se ela quisesse a posição de diretora, já teria assumido.

— Então seu pai intervém, a Tropa se certifica de que ele tem os votos e o Instituto é dele — disse Manuel.

— Nosso — corrigiu Zara. — Eu vou comandar o Instituto ao lado dele. Ele confia em mim. Seremos um time.

Manuel não pareceu impressionado. Ele provavelmente já tinha ouvido isso antes.

— E, depois, o Registro.

— Com certeza. Poderemos propor como Lei imediatamente, e, depois que for aprovada, começamos as identificações. — Os olhos de Zara brilharam. — Todo membro do Submundo usará o sinal.

O estômago de Kit revirou. Isso era parecido o suficiente com história mundana para que ele sentisse o gosto de bile no fundo da garganta.

— Podemos começar pelo Mercado das Sombras — sugeriu Zara. — As criaturas se congregam lá. Se levarmos muitos deles em custódia, deveremos conseguir reunir o restante para registro logo.

— E, se não estiverem inclinados a serem registrados, podem ser facilmente convencidos com um pouco de dor — disse Manuel.

Zara franziu o rosto.

— Acho que você gosta da tortura, Manu.

Ele se inclinou para a frente, com os cotovelos sobre a mesa, o rosto aberto, bonito e charmoso.

— Acho que você também, Zara. Já te vi admirando meu trabalho. — Ele dobrou os dedos. — Você só não quer admitir na frente do Diego Perfeito.

— Sêrio? Eles também o chamam assim? — murmurou Kit, baixinho.

Zara balançou a cabeça, mas Manuel estava sorrindo.

— Uma hora você vai ter que contar para ele sobre os planos completos da Tropa — falou. — Sabe que ele não vai aprovar. Ele é um amante do Submundo, se é que já houve algum.

Zara emitiu um ruído enojado.

— Bobagem. Ele não é nada como aquele nojento Alec Lightwood, sua estúpida Aliança e o repulsivo namorado filho de demônio. Os Blackthorn podem ser idiotas amantes de fadas, mas Diego só é... confuso.

— E Emma Carstairs?

Zara começou a reunir as páginas da carta do pai. Não olhou para Manuel.

— O que tem ela?

— Todo mundo diz que ela é a melhor Caçadora de Sombras desde Jace Herondale — falou Manuel. — Um título que eu sei que você há muito cobiça para si.

— Vanessa Ashdown diz que ela é uma piranha — respondeu Zara, e as palavras terríveis pareceram ecoar pelas paredes de pedra. Kit pensou em Emma com sua espada, Emma salvando sua vida, Emma abraçando Cristina e olhando para Julian como se ele tivesse superpoderes, e ficou imaginando se poderia se safar pisando no pé de Zara na próxima vez em que a visse. — E eu não me impressionei muito com ela pessoalmente. Ela é bem... bem comum.

— Tenho certeza de que sim — disse Manuel enquanto Zara se levantava, com os papéis na mão. — Eu ainda não entendo o que você vê no Diego.

— Não entenderia. É uma aliança familiar.

— Um casamento arranjado? Que coisa mais mundana e medieval. — Manuel pegou as pedras Marcadas da mesa, e por um instante a luz no recinto pareceu dançar, um desenho estranho de brilho e sombra. — Então, vamos voltar?

— É melhor. Se alguém nos vir, podemos dizer que estávamos verificando as barreiras. — Zara dobrou as páginas da carta do pai e guardou no bolso. — O Conselho se reúne em breve. Meu pai vai ler minha carta lá, declarando a incapacidade de Arthur Blackthorn de comandar o Instituto, e depois vai anunciar a própria candidatura.

— Eles não vão nem saber o que os atingiu — disse Manuel, enfiando as mãos nos bolsos. — E quando tudo acabar, é claro...

— Não se preocupe — falou Zara irritadiça. — Você vai ter o que quer. Mas seria melhor se você fosse um pouco mais comprometido com a causa.

Ela já tinha virado as costas; Kit viu os olhos de Manuel brilhando sob os cílios quando ele olhou para ela. Havia alguma coisa em sua expressão — uma espécie de fome desagradável, mas Kit não sabia dizer se era desejo por Zara ou alguma coisa mais misteriosa.

— Ah, eu sou comprometido — disse Manuel. — E gostaria de ver o mundo livre de seres do Submundo tanto quanto você, Zara. Só não acredito em fazer algo por nada.

Zara olhou para trás por cima do ombro ao avançar pelo corredor que Manuel tinha usado como entrada.

— Não será nada, Manu — disse ela. — Posso garantir.

E eles saíram, deixando Kit, Ty e Livvy amontoados na boca do túnel, calados.

O barulho que acordou Cristina foi tão fraco que inicialmente ela achou que tivesse imaginado. Ficou deitada, ainda cansada, piscando os olhos contra a luz nebulosa do sol. Imaginou quanto tempo faltaria para o anoitecer, quando poderiam voltar a se guiar pelas estrelas.

Cristina ouviu o som novamente, um grito doce e distante, e se sentou, jogando o cabelo para trás. Estava molhado de orvalho. Ela passou os dedos por ele, desejando ter alguma coisa para prendê-lo. Quase nunca usava o cabelo solto assim, e o peso no pescoço a incomodava.

Estava vendo Julian e Emma, ambos dormindo, vultos encolhidos no chão. Mas onde estava Mark? Sua coberta estava jogada, com as botas ao lado. A visão das botas a fez se levantar: todos dormiram de sapatos, por via das dúvidas. Por que ele tiraria os dele?

Ela pensou em acordar Emma, mas provavelmente estava sendo ridícula: na certa, ele tinha ido dar uma volta. Ela esticou o braço para pegar o canivete do cinto de armas e começou a descer a colina, passando por Emma e Jules. E viu com uma espécie de pontada no coração que as mãos deles, entre os corpos, estavam dadas: de algum jeito tinham encontrado um caminho entre eles durante o sono. Ficou imaginando se deveria abaixar e separá-los gentilmente. Mas não, não poderia fazer isso. Não havia como separar Jules e Emma *gentilmente*. A simples ação de separá-los era como um ato de violência, um rasgo no tecido do mundo.

Ainda havia bruma pesada por todos os lados, e o sol a perfurava singelamente em diversos pontos, criando um véu branco brilhante através do qual ela só conseguia enxergar em certos trechos.

— Mark? — chamou suavemente. — Mark, cadê você?



Cristina detectou o som que tinha ouvido antes, e agora estava mais claro: música. O som de uma gaita, o barulho de uma corda de harpa. Ela se esforçou para ouvir mais — depois quase gritou quando algo a tocou no ombro. Ela girou e viu Mark na sua frente, levantando as mãos como se quisesse afastá-la.

— Não quis assustar você — falou.

— Mark — murmurou, depois parou. — Você é o Mark? Fadas criam ilusões, não criam?

Ele inclinou a cabeça para o lado. Seus cabelos louros caíram sobre a testa. Cristina se lembrou de quando eles batiam nos ombros, como se fossem a ilustração de um príncipe fada em um livro. Agora estavam curtos, macios e cacheados. Ela tinha lhe dado um corte moderno, e, de repente, parecia estranho, deslocado no Reino das Fadas.

— Não consigo ouvir meu coração ou o que ele me diz — falou. — Só ouço o vento.

Foi uma das primeiras coisas que ele lhe disse.

— É você — falou Cristina, respirando aliviada. — O que está fazendo? Por que não está dormindo? Precisamos descansar se quisermos chegar à Corte Unseelie antes do nascer da lua.

— Não está ouvindo a música? — perguntou ele. *Estava* mais alta agora, o som claro de violinos e instrumentos de sopro, e o barulho de danças também, risos e pés. — É uma festa.

O coração de Cristina tremeu. Festas de fadas eram lendárias. O Povo das Fadas dançava músicas encantadas, bebia vinho encantado e às vezes passava dias assim. A comida que as fadas comiam deixava a pessoa delirante, perdidamente apaixonada ou louca... podia entrar em seus sonhos...

— É melhor você voltar a dormir — disse Mark. — Festas podem ser perigosas.

— Eu sempre quis ver uma. — Uma onda de rebeldia a atingiu. — Vou chegar mais perto.

— Cristina, *não*. — Ele pareceu sem fôlego quando ela se virou e desceu a colina mais para perto do som. — É a música... está fazendo com que você queira dançar...

Ela girou, um cacho de cabelo preto grudado à bochecha úmida.

— Você nos trouxe aqui — falou, e depois continuou, em direção à música, que aumentou e a cercou, e ela podia ouvir Mark xingando, mas seguindo-a.

Cristina chegou a um campo ao pé da colina e parou para observar. O local estava cheio de movimentos borrados e coloridos. Ao redor dela, a música ecoava, extremamente doce.

E por todo canto, é claro, havia fadas. Um grupo estava no meio dos

dançarinos, tocando seus instrumentos, com a cabeça para trás, os pés batendo no chão. Havia fadas dos bosques, com a pele verde, dançando, com mãos nodosas e olhos que brilhavam amarelos como seiva. Fadas azuis e verdes, brilhando como água, com cabelos que pareciam redes transparentes caindo em cascata até os pés. Belas meninas com flores presas nos cabelos, amarradas na cintura e pescoço, cujos pés eram cascos; meninos bonitos com roupas rasgadas e olhos brilhantes seguravam suas mãos enquanto giravam.

— Venha dançar — chamaram. — Venha dançar, bela moça, *chica bella*, venha dançar conosco.

Cristina começou a ir em direção a eles, em direção à música e à dança. O campo ainda estava cheio de névoa, talhando linhas brancas pelo chão e escondendo o azul do céu. A bruma brilhava enquanto ela se aproximava, carregada com cheiros estranhos: fruta, vinho e fumaça tipo incenso.

Cristina começou a dançar, mexendo o corpo ao ritmo da música. A alegria parecia preenchê-la a cada vez que respirava. De repente, não era mais a menina que tinha deixado Diego Rosales enganá-la não uma, mas duas vezes, não era a garota que respeitava regras e confiava nas pessoas até que elas quebrassem essa confiança com a mesma casualidade de quem derrubava um copo da mesa. Não era mais a garota que ficava para trás, deixava seus amigos enlouquecer e esperava para segurá-los quando caíssem. Agora era ela que estava caindo.

Mãos a seguraram e giraram. Mark. Os olhos dele brilhavam. Ele a puxou para perto de si, envolvendo-a com os braços, mas o aperto era firme por causa da raiva.

— O que você está fazendo, Cristina? — perguntou com a voz baixa. — Você sabe sobre as fadas, sabe que é perigoso.

— É por isso que estou fazendo, Mark. — Ela não o via tão furioso desde que Kieran tinha vindo para o Instituto com Iarlath e Gwyn. Ela sentiu uma pulsação secreta no peito por causa de sua agitação, por conseguir enfurecê-lo.

— Eles detestam Caçadores de Sombras aqui, não lembra? — perguntou ele.

— Não sabem que sou Caçadora de Sombras.

— Acredite em mim — disse Mark, se aproximando de modo que ela pôde sentir o hálito quente em sua orelha. — Eles sabem.

— Então não ligam — respondeu Cristina. — É uma festa. Eu já li sobre isso. As fadas se perdem na música, como os humanos. Elas dançam e esquecem, assim como nós.

As mãos de Mark se curvaram em torno da cintura dela. Era um gesto de proteção, ela disse a si mesma. Não significava nada. Mas seu pulso acelerou assim mesmo. Quando Mark chegou ao Instituto, ele estava muito magro e com olheiras. Agora ela sentia músculos sobre seus ossos, a força dele contra o corpo

dela.

— Nunca perguntei — começou ele, ao se moverem entre a multidão. Eles estavam perto de duas garotas dançando juntas; ambas estavam com os cabelos pretos presos em elaboradas coroas de frutas e sementes. Usavam vestidos em tons de castanho-avermelhado e marrom, com laços em volta do pescoço fino, e balançavam a saia para longe de Mark e Cristina, rindo do casal desengonçado. Cristina não se importou. — Por que fadas? Por que as escolheu como seu tema de estudo?

— Por sua causa. — Ela inclinou a cabeça para trás para olhar para ele e viu a surpresa que passou por seu rosto expressivo. O princípio das curvas suaves de espanto nos cantos da boca. — Por sua causa, Mark Blackthorn.

*Eu?*, seus lábios formaram a palavra.

— Eu estava no jardim de rosas da minha mãe quando soube o que havia acontecido com você — falou. — Eu só tinha treze anos. A Guerra Maligna estava acabando e a Paz Fria tinha sido anunciada. O mundo inteiro dos Caçadores de Sombras sabia do exílio da sua irmã e que você havia sido abandonado. Meu tio-avô saiu para me contar. Minha família sempre brincava que meu coração era mole, que eu chorava fácil, e ele sabia que eu estava preocupada com você, então ele me contou... ele disse “o seu garoto perdido nunca mais vai ser encontrado agora”.

Mark engoliu em seco. Emoções passaram como uma tempestade de nuvens por trás de seus olhos; ele não tinha os mesmo escudos que Julian.

— E você?

— Eu o quê?

— Você chorou? — perguntou ele. Ainda estavam se movendo juntos, na dança, mas era quase mecânico agora: Cristina tinha se esquecido dos passos que os pés estavam fazendo, ela só tinha consciência da respiração de Mark, dos seus dedos entrelaçados na nuca dele, de Mark nos seus braços.

— Não chorei — disse Cristina. — Mas decidi que ia dedicar a minha vida a erradicar a Paz Fria. Não foi uma Lei justa na época. Nunca será uma Lei justa.

Os lábios dele se abriram.

— Cristina...

Uma voz como pombas os interrompeu. Suave, aveludada e leve, cantarolou:

— Bebidas, senhora e senhor? Um refresco depois da dança?

Uma fada com um rosto parecido com o de um gato — peludo e com bigodes — estava diante deles vestindo os retalhos de um terno eduardiano. Ele trazia uma bandeja dourada sobre a qual havia diversos pequenos copos contendo líquidos de diferentes cores: azul, vermelho e âmbar.

— É encantado? — perguntou Cristina, sem fôlego. — Vai me fazer ter

sonhos estranhos?

— Vai refrescar a sua sede, senhorita — disse a fada. — E em troca tudo que eu pedirei será um sorriso dos seus lábios.

Cristina pegou um copo cheio de líquido âmbar. Tinha gosto de maracujá, doce e azedo — ela tomou um gole, e Mark arrancou o copo de sua mão. Caiu tilintando aos seus pés, espirrando líquido na mão dele. Ele lambeu o líquido da pele, o tempo todo a encarando com expressão séria.

Cristina recuou. Sentia um calor agradável se espalhando pelo peito. O vendedor de bebida discutia com Mark, que o afastou com uma moeda — um centavo de dinheiro mundano — e foi atrás de Cristina.

— Pare — falou. — Cristina, devagar, você está indo para o centro da festa, a música só vai ficar mais forte lá...

Ela parou e estendeu a mão para ele. Sentia-se destemida. Mark sabia que deveria estar apavorada: tinha engolido uma bebida de fadas e qualquer coisa podia acontecer. Mas em vez disso ela só se sentia como se estivesse voando. Estava voando livre, e só Mark aqui a segurava no chão.

— Dance comigo — pediu.

Ele a segurou. Parecia furioso ainda, mas a segurou firme mesmo assim.

— Você já dançou o suficiente. E bebeu.

— Dançou o suficiente? — Eram as meninas de castanho-avermelhado de novo, as bocas vermelhas rindo. Exceto pelos olhos de cores diferentes, elas pareciam quase idênticas. Uma delas puxou o laço em volta do pescoço. Cristina a observou; seu pescoço tinha cicatrizes horríveis, como se a cabeça quase tivesse sido arrancada do pescoço. — Dancem *juntos* — disse a menina, quase cuspendo, como se fosse um xingamento, e amarrou o laço nos pulsos de Mark e Cristina, unindo-os. — Aproveite a união, *Caçador*. — Ela sorriu para Mark, e seus dentes eram pretos, como se tivessem sido pintados, e afiados como agulhas.

Cristina engasgou, cambaleando para trás, puxando Mark junto, o laço os conectando. Esticou como um elástico, sem rasgar ou desfiar. Mark a alcançou, segurando a mão dela na dele, entrelaçando os dedos dos dois.

Ele a arrastou, rápido e firme pelo solo irregular, encontrando aberturas na bruma pesada. Passaram entre casais dançando até a grama sob eles não estar mais esmagada, e a música soar baixinho aos ouvidos.

Mark foi para o lado, na direção de um bosque. Ajeitou-se sob os galhos, empurrando os mais baixos para deixar Cristina se acomodar ao seu lado. Depois que ela se acomodou, ele os soltou, fechando-os em um espaço de terra abaixo das árvores, escondidos do resto do mundo por galhos longos, carregados de frutas que tocavam o chão.

Mark se sentou e tirou uma faca do cinto.

— Vem aqui — falou, e, quando Cristina foi sentar ao lado dele, ele pegou a mão dela e cortou o laço que os prendia.

A fita deu um gritinho magoado, como um animal ferido, mas desfiou e cedeu. Ele soltou Cristina e largou a faca. Luz do sol, bem fraca, entrava pelos galhos acima, e, sob a pouca luminosidade, o laço ainda em torno do pulso parecia sangue.

O laço também envolvia o pulso de Cristina, que não mais queimava, tocando a ponta solitária na terra. Ela o puxou com as unhas até soltar e cair no chão. Seus dedos escorregavam. Provavelmente era efeito da bebida de fada, ainda em seu sistema, ela pensou.

Ela olhou para Mark. O rosto dele estava exaurido, seus olhos azul e dourado fundos.

— Isso poderia ter acabado muito mal — disse ele, descartando o resto do laço. — Um feitiço de ligação como esse pode amarrar duas pessoas e fazer uma delas enlouquecer, se afogar e puxar a outra junto.

— Mark — disse Cristina. — Sinto muito. Eu devia ter escutado o que você falou. Você conhece mais sobre festas do que eu. Tem experiência. Eu só tenho os livros que li.

— Não — retrucou ele inesperadamente. — Eu também queria ir. Gostei de dançar com você. Foi bom estar lá com alguém...

— Humano? — completou Cristina.

O calor no peito dela tinha se transformado em um estranho incômodo, uma pressão quente que aumentava quando Cristina olhava para ele. Para as curvas das maçãs do rosto, as concavidades nas têmporas. A camisa larga e cor de trigo estava aberta no pescoço de Mark, e ela podia ver aquele ponto que sempre achou o mais bonito no corpo de um homem, o músculo liso sobre a clavícula e a parte oca vulnerável.

— Sim, humano — falou ele. — Somos todos humanos, eu sei. Mas quase nunca encontrei ninguém tão humano quanto você.

Cristina se sentiu sem fôlego. A bruma de fadas havia roubado seu fôlego, ela pensou, isso e o encanto que os cercava.

— Você é gentil — falou ele —, uma das pessoas mais gentis que já conheci. Na Caçada não existia muita gentileza. Quando penso que quando a sentença da Paz Fria foi aprovada havia alguém a milhares de quilômetros de Idris, alguém que nunca me conheceu, mas que chorou por um menino que tinha sido abandonado...

— Eu disse que não chorei. — A voz de Cristina falhou.

A mão de Mark era um borrão pálido. Cristina sentiu os dedos dele em seu

rosto. Eles voltaram molhados, brilhando à luz da bruma.

— Está chorando agora — falou.

Quando ela pegou a mão dele, estava molhada pelas lágrimas dela. E, quando Cristina se inclinou sobre ele através da bruma e o beijou, ela sentiu gosto de sal.

Por um instante, Mark ficou espantado, imóvel, e Cristina sentiu uma pontada de horror passar por ela, pior do que a visão de qualquer demônio. Que Mark pudesse não querer isso, que ele pudesse ficar horrorizado...

— Cristina — falou ele, quando ela se afastou, e se ajoelhou, colocando o braço em volta dela, um pouco sem jeito, passando a mão no cabelo dela. — *Cristina* — repetiu ele, com a voz falhando, o som cru do desejo.

Ela colocou as mãos nas laterais do rosto dele, com as palmas nas concavidades das bochechas, e ficou maravilhada com a suavidade onde Diego tinha um esboço de barba áspera contra sua pele. Ela o deixou vir até ela dessa vez, fechando-a no arco do seu braço esquerdo, encaixando a boca na dela.

Estrelas explodiram por trás das pálpebras de Cristina. E não foram estrelas quaisquer, mas as estrelas multicoloridas do Reino das Fadas. Ela viu nuvens e constelações; sentiu o gosto do ar noturno na boca de Mark. Os lábios dele se moveram freneticamente sobre os dela. Ele ainda sussurrava o nome de Cristina, incoerente entre os beijos. A mão livre de Mark deslizou para a cintura dela e subiu pela lateral do corpo. Ele gemeu quando os dedos dela entraram pelo colarinho da sua camisa e roçaram sua clavícula, tocando a pulsação em sua garganta.

Ele falou alguma coisa em uma língua que ela não conhecia, e, em seguida, estava deitado no chão e ela por cima dele, e Mark a puxava para baixo, com as mãos firmes nas costas e nos ombros dela, e ela ficou imaginando se para ele sempre tinha sido assim com Kieran, feroz e voraz. Cristina se lembrava de tê-los visto se beijando no deserto atrás do Instituto, e de como havia sido uma coisa frenética, uma colisão de corpos, e ela sentiu desejo na hora, e estava sentindo agora.

Ele arqueou para cima e Cristina o ouviu arfar enquanto deslizava por seu corpo, beijando o pescoço dele e o peito sobre a camisa; depois ela estava com os dedos nos botões e o ouviu rir sem fôlego, dizendo o nome dela, e em seguida:

— Nunca achei que você fosse sequer olhar para mim, não alguém como você, a realeza dos Caçadores de Sombras... uma princesa...

— É impressionante o que um pouco de bebida encantada de fada pode fazer. — Ela teve a intenção de provocar com leveza. Mas Mark parou embaixo dela. Logo depois ele se moveu, rápida e graciosamente, e estava sentado a pelo menos trinta centímetros dela, com as mãos levantadas como se quisesse mantê-

la afastada.

— Bebida de fada? — ele ecoou.

Cristina o olhou surpresa.

— A bebida doce que o homem com cara de gato me deu. Você provou.

— Não tinha nada ali — falou Mark, com uma rispidez incomum. — Eu soube no instante em que provei. Era só suco de amora silvestre, Cristina.

Cristina se encolheu levemente, tanto pela raiva dele quanto pela constatação de que não houve nenhum véu de magia sobre as coisas que ela tinha acabado de fazer.

— Mas eu pensei...

— Você achou que estivesse me beijando por estar bêbada — disse Mark. — Não porque queria, ou porque, de fato, gosta de mim.

— Mas eu gosto de você. — Ela se ajoelhou, mas Mark já estava de pé. — Gosto desde que nos conhecemos.

— Foi por isso que voltou com Diego? — indagou Mark, e depois balançou a cabeça, recuando. — Talvez eu não consiga fazer isso.

— Fazer o quê? — Cristina se levantou cambaleando.

— Ficar com uma humana que mente — respondeu Mark, inabalado.

— Mas você também mentiu — disse Cristina. — Você mentiu sobre estar com Emma.

— E você participou da mesma mentira.

— Porque ela é necessária — falou Cristina. — Pelo bem deles dois. Se Julian não estivesse apaixonado por ela, ele não teria que pensar...

Cristina então se interrompeu quando Mark empalideceu sob as sombras.

— O que você disse?

Cristina colocou a mão na boca. O conhecimento sobre os sentimentos de Emma e Julian um pelo outro estava tão enraizado nela que era difícil se lembrar de que os outros não sabiam. Era tão claro em todas as palavras e gestos dos dois que, mesmo agora, como é que Mark podia *não* saber?

— Mas eles são *parabatai* — falou ele, espantado. — É ilegal. O castigo... Julian não faria isso. Ele simplesmente não faria.

— Eu sinto muito. Não devia ter dito nada. Eu só estava supondo...

— Não estava — disse Mark, e virou as costas para ela, saindo pelos galhos.

Cristina foi atrás dele. Mark tinha que entender que não podia falar nada para Julian. Sua traição pesava como pedra em seu coração, seu senso de humilhação esquecido em razão do medo por Emma, a constatação do que tinha feito. Ela atravessou em meio aos galhos e as folhas secas arranharam sua pele. Um instante depois, estava na colina verde e viu Julian.

A música acordou Jules, a música e uma sensação de calor. Ele não se sentia aquecido havia muito tempo, nem mesmo à noite, enrolado em cobertores.

Ele piscou os olhos para abri-los. Conseguia ouvir a música ao longe, tentáculos ondulando pelo céu. Ele virou a cabeça e com uma sensação de familiaridade viu Emma ao seu lado, com a cabeça sobre o casaco. Estavam de mãos dadas sobre a grama entre eles, seus dedos bronzeados envolvendo os dela, menores.

Ele retirou a mão depressa, com o coração acelerado, e se levantou, cambaleando. Ficou imaginando se a teria alcançado enquanto dormia ou se ela o tinha alcançado. Não, ela não teria feito isso. Ela tinha Mark. Ela podia tê-lo beijado, Julian, mas foi o nome de Mark que chamou.

Ele achou que ficaria bem dormindo ao lado dela, dormindo perto dela, mas aparentemente tinha se enganado. A mão dele ainda parecia queimar, mas o resto do corpo estava frio outra vez. Emma murmurou e se virou, seus cabelos louros caindo em sua mão, agora curvada com a palma para cima na grama, como se estivesse procurando por ele.

Ele não suportava. Pegou seu casaco do chão, vestiu, e foi observar a colina. Talvez pudesse estimar a distância até o pé das montanhas. Quanto tempo levariam para chegar à Corte Unseelie e terminar a missão. Não que ele culpasse Mark; não culpava. Kieran era como se fosse família para Mark, e Julian entendia família melhor do que entendia quase todo o resto.

Mas ele já estava preocupado com as crianças no Instituto, se estariam furiosas, em pânico, incapazes de perdoá-lo. Ele jamais as tinha deixado sozinhas. Nunca.

O vento mudou e a música acelerou. Julian se flagrou na beira da colina olhando para uma vista de grama verde, marcada em alguns pontos por bosques que desciam até um espaço vazio onde um borrão de cores e movimentos era visível.

Dançarinos. Moviam-se no tempo da música que parecia brotar da terra. Era insistente, exigente, e convocava a todos para que se juntassem a ela, se deixassem levar e fossem carregados como uma onda podia carregar do mar para a costa.

Julian sentiu o puxão, apesar de estar distante o suficiente para não ser desconfortável. No entanto, seus dedos imploravam por pincéis. Por todos os cantos que olhava via uma intensidade de cor e movimento que fazia com que desejasse estar em seu estúdio diante do cavalete. Parecia que estava olhando para fotos retocadas com a máxima saturação. As folhas e grama eram intensas de um verde quase venenoso. As frutas brilhavam mais do que joias. Os pássaros que mergulhavam no ar tinham plumas tão coloridas que Julian ficava



imaginando se eles não eram caçados, se não tinham nenhum propósito além da beleza.

— O que foi? — Ele se virou e a viu logo atrás, na borda da colina. Emma. Seus cabelos longos, soltos e voando ao seu redor como uma folha fina de metal. O coração dele saltou, sentindo um puxão muito mais insistente do que o da música das fadas.

— Nada. — A voz dele soou mais áspera do que ele pretendia. — Só estou procurando Mark e Cristina. Depois que encontrá-los, é melhor irmos. Temos muito que caminhar.

Ela foi para perto dele, com a expressão melancólica. O sol raiava através das nuvens, iluminando seus cabelos em ricas ondas de açafrão. Julian cerrou as mãos firmemente, não se permitindo levar os dedos para enterrá-los nos cabelos claros que Emma normalmente só soltava à noite. Isso lembrava a Julian dos momentos de paz entre o crepúsculo e o anoitecer quando as crianças estavam dormindo e ele ficava sozinho com Emma, momentos de fala suave e intimidade que precederam qualquer percepção por parte dele de que eram mais do que *parabatai*. Na curva do rosto adormecido de Emma, nos cabelos caídos, nas sombras dos cílios sobre as bochechas, havia uma paz que ele pouco tinha.

— Está ouvindo a música? — perguntou ela, dando um passo para mais perto... o suficiente para tocá-lo. Julian ficou imaginando se era assim que viciados se sentiam. Querendo o que sabiam que não deveriam ter. Pensando só *dessa vez não tem problema*.

— Emma, não — falou ele. Não sabia o que estava pedindo, exatamente. *Não fique perto de mim, eu não aguento. Não me olhe assim. Não seja tudo que eu quero e não posso ter. Não me faça esquecer de que você é do Mark e jamais poderia ser minha*.

— Por favor — falou. Ela o olhou com olhos arregalados e sofridos. — Por favor, eu preciso...

A parte de Julian que jamais podia suportar ser necessário relaxou os punhos cerrados, os pés fincados no solo. Em poucos segundos, ele estava na esfera de sua presença, seus corpos quase colidindo. Julian colocou uma das mãos na bochecha dela. Ela não trazia Cortana, ele notou com uma confusão distante. Por que a tinha deixado para trás?

Os olhos de Emma brilharam. Ela ficou na ponta dos pés, inclinando o rosto para cima. Seus lábios se moveram, mas Julian não conseguiu escutar o que diziam com o ruído em seus próprios ouvidos. Ele se lembrava de ter sido derrubado por uma onda uma vez, empurrado para o fundo do oceano, sem fôlego e incapaz de se levantar. Sentiu pavor, além de uma sensação de desapego: algo mais poderoso do que ele o carregava, e ele não precisava mais

lutar.

Os braços de Emma estavam em torno do seu pescoço, os lábios nos dele, e ele se entregou, rendendo-se. Seu corpo todo se contraiu, o coração acelerado, explodindo, veias pulsando com sangue e energia. Ele a puxou para si, pequena e forte em seus braços. Ele arfou, sem conseguir respirar, sentindo a agudeza doce do sangue.

Mas não Emma. Ele não sentiu o gosto de Emma, a familiaridade dela, e o cheiro também era diferente. Não havia a doçura da pele aquecida pelo sol, das ervas do sabonete e do xampu que ela usava, o cheiro do uniforme, do ouro e da garota.

Você não crescia com uma pessoa, sonhava com ela, permitia que ela mudasse sua alma e marcasse as digitais no seu coração, e não sabia que a pessoa que você estava beijando não era ela. Julian se afastou, passando a parte de trás da mão na boca. Sangue manchou suas juntas.

Julian estava olhando para uma fada, de pele lisa e pálida, uma tela sem rugas e limpa. Ela estava sorrindo, os lábios vermelhos. Seu cabelo tinha cor de teia de aranha — *era* teia de aranha, cinza, fina e esvoaçante. Ela poderia ter qualquer idade. Sua única roupa era um vestido preto rasgado. Ela era linda e, ao mesmo tempo, horrorosa.

— Você me agrada, Caçador de Sombras — cantarolou. — Não voltará aos meus braços para mais beijos?

A fada esticou o braço. Julian cambaleou para trás. Ele jamais havia beijado ninguém além de Emma; estava enjoado agora, no coração e nas entranhas. Queria alcançar uma lâmina serafim, queimar o ar entre eles, sentir o calor familiar correr pelo seu braço e pelas veias e cauterizar sua náusea.

Sua mão tinha acabado de fechar em torno do cabo da lâmina quando ele se lembrou: não funcionaria aqui.

— Deixe-o em paz! — Alguém gritou. — Afaste-se do meu irmão, *leanansídhe!*

Era Mark. Ele vinha de um bosque com Cristina logo atrás. Tinha uma adaga na mão.

A mulher fada riu.

— Suas armas não funcionam neste reino, Caçador de Sombras.

Ouviu-se um clique, e o canivete de Cristina se abriu em sua mão.

— Venha falar suas palavras desafiadoras para a minha lâmina, fada sanguessuga.

A fada recuou com um sibilo, e Julian viu seu próprio sangue nos dentes. Ele estava tonto de enjoo e raiva. Ela girou e desapareceu em um instante, um borrão cinza e preto correndo pela colina.

A música tinha parado. Os dançarinos também haviam começado a se espalhar: o sol estava se pondo, as sombras eram espessas pelo chão. Qualquer que tivesse sido o tipo de festa, aparentemente não era à prova do anoitecer.

— Julian, irmão. — Mark correu até ele, seus olhos preocupados. — Você parece doente... sente-se, beba um pouco de água...

Ouviu-se um assobio baixo, vindo de um pouco mais longe na colina. Julian virou. Emma estava na borda, prendendo Cortana. Ele notou o alívio no rosto dela quando o viu.

— Estava imaginando para onde teria ido — falou Emma, apressando-se pela colina. Seu sorriso ao olhar para ele era esperançoso. — Temi que tivesse comido fruta de fada e estivesse correndo nu pelo gramado.

— Sem nudez — disse Julian. — Sem gramado.

Emma apertou a alça de Cortana. Seu cabelo estava preso em uma trança comprida, apenas alguns fios claros escapando do penteado. Ela olhou em volta para os rostos tensos de todos, com os olhos castanhos arregalados.

— *Está tudo bem?*

Julian ainda estava sentindo as pontas dos dedos da *leanansídhe* por todo ele. Ele sabia o que eram *leanansídhe* — fadas selvagens que assumiam a forma do que você desejasse ver, então o seduziam e se alimentavam do seu sangue e pele.

Pelo menos, ele era o único que tinha visto Emma. Mark e Cristina tinham visto a *leanansídhe* em sua verdadeira forma. Era uma humilhação e um perigo do qual seriam poupados.

— Está tudo bem — falou. — É melhor irmos. As estrelas estão surgindo, e ainda temos um longo caminho a percorrer.

— Tudo bem — disse Livvy, parando em frente a uma porta estreita de madeira. Não parecia muito com o resto do Instituto, vidro, metal e modernidade. Parecia um alerta. — Vamos lá.

Ela não falava como se estivesse ansiosa.

Tinham decidido — com Kit basicamente como um observador silencioso — ir direto até o escritório de Arthur Blackthorn. Mesmo que fossem duas da manhã, mesmo que ele não quisesse ser incomodado com assuntos dos Centuriões, ele precisava saber o que Zara estava planejando.

Ela estava atrás do Instituto, Livvy havia explicado enquanto voltavam pela praia e as pedras, o caminho por onde tinham vindo. Certamente foi por isso que ela disse o que disse sobre Arthur — claramente diria qualquer mentira.

Kit nunca tinha pensado muito nos Institutos — sempre pareceram delegacias de polícia para ele, colmeias barulhentas de Caçadores de Sombras que deveriam

ficar de olho em locais específicos. Parecia que eram mais como pequenas cidades-Estado: encarregados de certa área, mas administrados por uma família indicada pelo Conselho em Idris.

— Existe *mesmo* um país inteiro que é só de Caçadores de Sombras? — perguntou Kit quando voltavam para o Instituto, que se erguia como uma sombra contra as montanhas atrás.

— Sim — respondeu Livvy brevemente. Em outras palavras, *cale a boca e ouça*. Kit tinha a sensação de que ela estava processando o que estava acontecendo ao explicar para ele. Ele calou a boca e deixou que ela falasse.

Um Instituto era administrado por um diretor ou diretora, cuja família morava com ele ou ela. Também abrigava famílias que tinham perdido parentes ou órfãos Nephilim, os quais havia muitos. O diretor de um Instituto tinha bastante poder: a maioria dos Cônsules era escolhida entre eles e podia propor novas leis, que seriam aprovadas se a votação fosse favorável.

Todos os Institutos eram tão vazios quanto o de Los Angeles, que, na verdade, estava incomumente cheio no momento, com a presença dos Centuriões. Era para ser assim, caso precisassem abrigar um batalhão de Caçadores de Sombras a qualquer momento. Não havia funcionários, considerando que não havia necessidade para tal: Caçadores de Sombras que trabalhavam para o Instituto, chamados de Conclave, estavam espalhados por toda a cidade e tinham as próprias casas.

Não que houvesse muitos *destes* também, Livvy acrescentou sombriamente. Muitos tinham morrido na guerra, cinco anos atrás. Mas, se o pai de Zara se tornasse diretor do Instituto de Los Angeles, ele não só poderia propor sua Lei preconceituosa, mas os Blackthorn seriam expulsos e não teriam para onde ir além de Idris.

— Idris é tão ruim assim? — perguntou Kit ao subirem as escadas. Não que *ele* quisesse ser mandado para Idris. Ele estava começando a se acostumar com o Instituto. Não que fosse querer ficar se o pai de Zara assumisse. Não se ele se parecesse minimamente com a filha.

Livvy olhou para Ty, que não a tinha interrompido durante a explicação.

— Idris é legal. Ótima, até. Mas moramos aqui.

Eles chegaram à porta do escritório de Arthur e estava tudo em silêncio. Kit ficou imaginando se deveria ir na frente. Não se importava se irritasse Arthur Blackthorn ou não.

Ty olhou para a porta com expressão confusa.

— Não podemos incomodar o tio Arthur. Prometemos a Jules.

— Precisamos — respondeu Livvy simplesmente, e abriu a porta.

Degraus estreitos levavam a um quarto escuro sob o telhado da casa. Havia

um amontoado de mesas, cada uma com uma lâmpada em cima — tantas lâmpadas que o recinto estava claro. Cada livro, cada pedaço de papel escrito, cada prato com resto de comida estavam iluminados.

Um homem sentava a uma das mesas. Ele usava um roupão comprido sobre um casaco jeans rasgado e os pés estavam descalços. O roupão provavelmente foi azul um dia, mas agora tinha uma espécie de tom branco sujo após muitas lavadas. Era claramente um Blackthorn — seus cabelos predominantemente grisalhos ondulavam assim como os de Julian, e os olhos eram azul-esverdeados e brilhantes.

Eles passaram por Livvy e Ty e se fixaram em Kit.

— Stephen — falou ele e largou a caneta que segurava. Ela caiu no chão, entornando tinta e formando uma poça escura sobre os tacos.

A boca de Livvy estava semiaberta. Ty se encostara na parede.

— Tio Arthur, esse é Kit — explicou Livvy. — Kit Herondale.

Arthur riu secamente.

— Herondale, de fato — falou. Seus olhos pareciam arder: havia neles um olhar adoentado, como o calor de uma febre. Ele se levantou e foi até Kit, olhando fixamente para o seu rosto. — Por que você seguiu Valentim? — perguntou. — Você, que tinha tudo? “Sim, não é Apolo, com cabelos e harpa de ouro, um Deus amargo para seguir, um belo Deus para se contemplar?” — Ele tinha um cheiro amargo, de café velho. Kit deu um passo para trás. — Que tipo de Herondale você vai ser? — sussurrou Arthur. — William ou Tobias? Stephen ou Jace? Belo, amargo ou ambos?

— Tio — disse Ty. Ele levantou a voz, apesar de ter tremido um pouco. — Precisamos falar com você. Sobre os Centuriões. Eles querem tomar o Instituto. Não querem mais que você seja o diretor.

Arthur voltou-se para Ty com um olhar feroz — quase de raiva, mas não tanto. E então começou a rir.

— É verdade? É? — ele quis saber. O riso se intensificou e pareceu se interromper quase em um soluço. Ele se virou e sentou pesadamente na cadeira. — Que *piada* — falou vorazmente.

— Não é piada — começou Livvy.

— Querem tirar o Instituto de *mim* — disse Arthur. — Como se fosse meu! Eu nunca comandeie um Instituto na vida, crianças. *Ele* faz tudo: escreve as correspondências, planeja as reuniões, fala com o Conselho.

— Quem faz tudo? — perguntou Kit, apesar de saber que não devia participar da conversa.

— Julian. — A voz era de Diana; ela estava no alto da escada do sótão, olhando em volta como se a claridade da luz a surpreendesse. Sua expressão era

de resignação. — Ele está falando de Julian.

# 10

## Assim Deseja o Seu Rei

Eles estavam no escritório de Diana. Através da janela, o oceano parecia alumínio ondulado, iluminado por luz escura.

— Sinto muito que tenham tido que descobrir isso sobre seu tio — disse Diana. Ela estava apoiada na mesa. Vestia jeans e suéter, e mesmo assim tinha aparência imaculada. Seus cabelos estavam presos em uma massa de cachos por uma presilha de couro. — Eu tinha esperança... Julian tinha esperança... de que vocês nunca soubessem.

Kit estava apoiado na parede oposta; Ty e Livvy permaneciam sentados na escrivaninha de Diana. Ambos pareciam em choque, como se estivessem se recuperando após terem o fôlego arrancado do peito. Kit nunca havia tido tanta consciência de que eram gêmeos, apesar da diferença de tons.

— Então esse tempo todo foi o Julian — disse Livvy. — Comandando o Instituto. Fazendo tudo. Dando cobertura a Arthur.

Kit pensou na ida de carro com Julian até o Mercado das Sombras. Ele não tinha passado tanto tempo assim com o segundo mais velho dos meninos Blackthorn, mas Julian sempre pareceu assustadoramente adulto para ele, como se tivesse muitos anos a mais do que sua certidão dizia.

— Deveríamos ter adivinhado. — A mão de Ty enrolava e desenrolava o fio branco do fone de ouvido no pescoço. — Eu devia ter concluído.

— Não vemos as coisas mais próximas de nós — disse Diana. — É a natureza das pessoas.

— Mas Jules — murmurou Livvy. — Ele só tinha doze anos. Deve ter sido tão difícil para ele.

O rosto dela reluziu. Por um instante, Kit achou que fosse luz refletida da janela. E então percebeu — eram lágrimas.

— Ele sempre os amou demais — falou Diana. — Era o que ele queria.

— Precisamos dele aqui — afirmou Ty. — Precisamos dele aqui *agora*.

— É melhor eu ir — concluiu Kit. Ele nunca tinha se sentido tão desconfortável. Bem, talvez não *nunca*; teve o incidente com os cinco lobisomens bêbados e a jaula de anfíbios no Mercado das Sombras, mas raramente.

Livvy olhou para cima, seu rosto cruel sujo de lágrimas.

— Não, não é melhor. Você tem que ficar aqui e nos ajudar a explicar a Diana sobre Zara.

— Eu não entendi metade do que ela disse — protestou Kit. — Sobre diretores de Institutos, registros...

Ty respirou fundo.

— Eu explico — falou. Recitar os acontecimentos pareceu acalmá-lo: a marcha regular dos fatos, um depois do outro. Quando terminou, Diana atravessou o recinto e trancou a porta com duas voltas na chave.

— Algum de vocês se lembra de mais alguma coisa? — perguntou, voltando-se novamente para eles.

— Uma coisa — disse Kit, surpreso por ter alguma contribuição a fazer. — Zara comentou que a próxima reunião de Conselho será em breve.

— Suponho que vão falar sobre Arthur nela — disse Livvy. — E vão tentar tomar o Instituto.

— A Tropa é uma facção poderosa na Clave — disse Diana. — São um bando horroroso. Eles acreditam em interrogar e torturar qualquer ser do Submundo que viole os Acordos. Apoiam a Paz Fria incondicionalmente. Se eu soubesse que o pai de Zara era um deles... — Ela balançou a cabeça.

— Zara não pode assumir o Instituto — disse Livvy. — Ela *não pode*. Essa é a nossa casa.

— Ela não liga para o Instituto — afirmou Kit. — Ela e o pai querem o poder que vem com o Instituto. — Ele pensou nos seres do Submundo que conhecia do Mercado das Sombras, pensou neles reunidos, forçados a usarem alguma espécie de sinal, marcados ou carimbados com números de identificação...

— Mas a Tropa tem a vantagem — disse Livvy. — Ela sabe sobre Arthur, e não podemos correr o risco de que alguém descubra. Ela tem razão: vão entregar o Instituto para outra pessoa.

— Você sabe alguma coisa sobre os Dearborn, ou sobre a Tropa? Alguma coisa que os desmoralize? — perguntou Kit. — Que impeça que consigam o Instituto, caso ele fique disponível?

— Mas perderíamos assim mesmo — disse Ty.

— É — afirma Kit. — Mas eles não poderiam registrar quem é do



Submundo. Pode não soar tão ruim, mas nunca para por aí. Zara claramente não se importa se os seres do Submundo vivem ou morrem; quando ela souber onde todos estão, quando todos tiverem que se reportar a ela, a Tropa terá poder sobre eles. — O menino suspirou. — Vocês deveriam ler alguns livros de história mundana.

— Talvez pudéssemos ameaçar dizendo que vamos contar para Diego — falou Livvy. — Ele não sabe, e eu sei que ele foi babaca com Cristina, mas não posso acreditar que ele vá ficar bem com isso. Se ele soubesse, terminaria com Zara, e ela não quer isso.

Diana franziu o rosto.

— Não é nossa melhor posição, mas é alguma coisa. — Ela voltou para a mesa, pegou uma caneta e um bloco. — Vou escrever para Alec e Magnus. Eles lideram a Aliança entre Caçadores de Sombras e Submundo. Se alguém sabe sobre a Tropa, ou sobre qualquer estratégia de combate, são eles.

— E se eles não souberem?

— Tentamos Diego — disse Diana. — Gostaria de acreditar que posso confiar nele mais do que confio, mas... — Ela suspirou. — Gosto dele. Mas eu também gostava de Manuel. As pessoas não são o que parecem.

— E vamos continuar dizendo para todo mundo que Julian e os outros foram até a Academia? — perguntou Livvy, deslizando para fora da mesa. Estava com os olhos escuros de exaustão. Os ombros de Ty despencaram. O próprio Kit tinha a sensação de ter levado uma surra. — Se alguém descobrir que eles foram para o Reino das Fadas, não vai fazer diferença o que fizemos em relação a Zara: vamos perder o Instituto de qualquer jeito.

— Torçamos para que eles voltem logo — disse Diana, olhando para o reflexo da lua na água do mar. — E se torcer não funcionar, vamos rezar.

O bosque tinha ficado para trás, à medida que o crepúsculo se intensificava e virava noite. Os quatro Caçadores de Sombras caminhavam por uma terra espectral de campos verdes, dividida por muros baixos de pedra. De vez em quando eles viam outro trecho afetado pela estranha praga através da bruma. Às vezes, viam a forma de uma cidade ao longe e caíam em silêncio, sem querer atrair atenção.

Tinham comido o que sobrava da comida na colina, mas não existia muita coisa. No entanto, Emma não estava com fome. Um ronco de tristeza havia se alojado em seu estômago.

Ela não conseguia se esquecer do que tinha visto quando acordou, sozinha na grama.

Ao se levantar, Emma olhou em volta procurando Julian. Ele tinha sumido, e até a impressão dele na grama onde havia deitado estava desaparecendo.

O ar era pesado e cinza-dourado, deixando-a tonta enquanto ela subia até a borda, prestes a chamar o nome de Julian.

Então Emma o viu, na metade da descida, o ar úmido levantando suas mangas, as pontas do cabelo. Julian não estava sozinho. Uma menina fada de vestido preto e rasgado estava com ele. O cabelo dela tinha cor de pétalas de rosa queimadas, uma espécie de cinza-rosado, caindo nos ombros.

Emma teve a impressão de que a menina olhou para ela por um instante e sorriu. No entanto, isso pode ter sido imaginação. Ela sabia que o que aconteceu em seguida não tinha sido imaginação, quando a menina se inclinou para Jules e o beijou.

Ela não sabia ao certo o que achava que ia acontecer; parte dela esperava que Jules afastasse a garota. Ele não afastou. Em vez disso, colocou os braços em volta dela e a puxou para perto, passando as mãos pelo cabelo brilhante. O estômago de Emma se revirou quando Julian a puxou para perto. Ele segurou a menina fada com firmeza, as bocas se mexendo juntas, as mãos dela deslizando pelos ombros e pelas costas dele.

Existia algo quase lindo na imagem, de um jeito terrível. Ela apunhalou Emma com a lembrança de como era beijar Jules. E não havia hesitação nele, nenhuma relutância; nada o segurou, como se ele reservasse algum pedaço de si para Emma. Ele se entregou totalmente ao beijo, e ao fazê-lo era tão linda quanto horrível a constatação de que Emma realmente o tinha perdido.

Ela teve a impressão de ter sentido seu coração de fato partir, como uma louça frágil.

A menina fada havia se afastado, e depois apareceram Mark e Cristina, e Emma não conseguiu ver o que estava acontecendo: ela tinha virado de costas, se abaixando na grama, tentando não vomitar.

Suas mãos se cerraram em punhos no chão. *Levante-se*, ela ordenou ferozmente a si mesma. Ela devia isso a Jules. Ele tinha escondido toda a dor que sentiu quando Emma terminou com ele, e ela lhe devia o mesmo.

De algum jeito, ela conseguiu se levantar, forçar um sorriso, falar normalmente ao descer a colina para se juntar aos outros. Concordar com a cabeça enquanto eles dividiam comida, as estrelas apareciam e Mark decidia que conseguia se guiar por elas. Parecer despreocupada quando partiram, Julian ao lado do irmão, e ela e Cristina atrás deles, seguindo Mark pelas trilhas sinuosas e sem identificação do Reino das Fadas.

O céu agora estava radiante com estrelas multicoloridas, e cada uma delas iluminava uma trilha individual de pigmentos pelo céu. Cristina estava

estranhamente quieta, chutando pedras com a ponta do sapato enquanto caminhava. Mark e Julian estavam à frente, longe o bastante para ouvirem alguma coisa.

— *¿Qué onda?* — perguntou Cristina, olhando de lado para Emma.

O espanhol de Emma era ruim, mas até ela entendia *o que houve?*

— Nada. — Ela se sentiu péssima por mentir para Cristina, mas pior ainda por seus sentimentos. Compartilhá-los só os tornaria mais reais.

— Que bom — acrescentou Cristina. — Porque eu tenho uma coisa para contar. Ela respirou fundo. — Eu beijei Mark.

— Uau — disse Emma, distraída. — Uau, uau, *uau*.

— Você acabou de dizer “uau uau uau”?

— Foi. — Emma admitiu. — Então, essa é uma situação tipo toca-aqui-uhu ou é mais meu-Deus-do-céu-o-que-vamos-fazer?

Cristina puxou o cabelo, nervosa.

— Não sei... gosto muito dele, mas... primeiro, achei que estivesse beijando só por causa da bebida de fada...

Emma engasgou.

— Você tomou vinho de fada? Cristina! É assim que você apaga e acorda no dia seguinte embaixo de uma ponte com uma tatuagem que diz EU AMO HELICÓPTEROS.

— Não era vinho! Era só suco!

— Tudo bem, tudo bem. — Emma baixou a voz. — Quer que eu termine com ele? Quero dizer, que eu avise a família que acabou?

— Mas Julian — disse Cristina, parecendo perturbada. — E ele?

Por um instante, Emma não conseguiu falar — ela estava se lembrando de Julian enquanto a fada bonita atravessava a grama em direção a ele, o jeito como ela colocou as mãos em seu corpo, a forma como os braços de Julian se entrelaçaram em suas costas.

Ela nunca tinha sentido um ciúme daquele antes. Ainda doía nela, como a cicatriz de um velho machucado. Emma recebia bem a dor, de um jeito estranho. Era uma dor merecida, pensava. Se Julian tinha sofrido, ela deveria sofrer também, e tinha terminado com ele — ele era livre para beijar fadas, procurar um amor e ser feliz. Julian não estava fazendo nada errado.

Ela se lembrou do que Tessa tinha lhe dito, que a forma de fazer com que Julian deixasse de amá-la era fazê-lo pensar que ela não o amava. *Convencê-lo*. Parecia ter conseguido.

— Acho que toda a minha farsa com Mark já fez o que tinha que fazer — falou. — Então, se quiser...

— Não sei — disse Cristina. Ela respirou fundo. — Tenho que te contar outra

coisa. Eu e Mark discutimos, e eu não tive a intenção, mas...

— Parem! — foi Mark, na frente. Ele girou, com Julian ao seu lado, e estendeu a mão para elas. — Estão ouvindo isso?

Emma forçou os ouvidos. Queria poder se Marcar — estava sentindo falta dos símbolos que melhoravam velocidade, audição e reflexo.

Emma balançou a cabeça. Mark tinha trocado de roupa para as que deviam ser as da Caçada, mais escuras e rasgadas, e até havia esfregado terra no cabelo e no rosto. Seus olhos bicolores brilhavam ao crepúsculo.

— Ouçam — falou. — Está ficando mais alto. — E, de repente, Emma escutou: música. Um tipo de música que nunca havia ouvido antes, misteriosa e dissonante, que fazia com que seus nervos parecessem se contrair sob a pele.

— A Corte está perto — disse Mark. — Esses são os músicos do Rei. — Ele foi para a parte mais densa do bosque na borda da trilha, virando-se apenas para falar “venham junto!” para os outros.

Todos o seguiram. Emma tinha consciência de Julian logo à frente dela. Ele tinha sacado uma espada curta e a estava utilizando para cortar o mato. Montes de folhas e galhos pintados com pequenas flores cor de sangue caíam aos pés dela.

A música estava mais alta agora, e ia aumentando à medida que eles atravessavam a floresta espessa, as árvores acima deles brilhando com luzes fosforescentes. Lâmpioes multicoloridos pendiam dos galhos, apontando para a parte mais escura da floresta.

De repente, a Corte Unseelie apareceu — uma explosão de música alta e luzes brilhantes que agrediram os olhos de Emma depois de tanto tempo no escuro. Ela não sabia ao certo o que tinha imaginado quando tentou visualizar a Corte. Um enorme castelo de pedra, talvez, com uma sala do trono sombria. Uma câmara escura e exuberante no topo de uma torre, com uma escada cinza em espiral. Ela se lembrava da escuridão sombria da Cidade dos Ossos, a quietude do lugar, o frio no ar.

Mas a Corte Unseelie era a céu aberto — diversas tendas e barracas, não muito diferentes das do Mercado das Sombras, aglomeravam-se em uma clareira em um círculo de árvores espessas. A parte principal era um enorme pavilhão com estandartes de veludo nos quais se via o emblema de uma coroa quebrada, marcado em ouro, voando de todas as partes da estrutura.

Um trono alto e solitário, feito de pedra preta lisa e brilhante, encontrava-se no pavilhão. Estava vazio. O espaldar era talhado com as metades de uma coroa, desta vez sobre uma lua e um sol.

Algumas fadas nobres, com capas escuras, moviam-se pelo pavilhão perto do trono. Suas capas tinham o símbolo da coroa, e elas usavam luvas grossas como

a que Cristina encontrou nas ruínas da casa de Malcolm. A maioria era jovem; algumas não pareciam ter mais do que catorze ou quinze anos.

— Os filhos do Rei Unseelie — sussurrou Mark. Eles estavam agachados atrás de pedregulhos, espiando pelas bordas, com as armas na mão. — Alguns deles, pelo menos.

— Ele não tem filhas? — murmurou Emma.

— Elas não têm utilidade para o Rei — falou Mark. — Dizem que foram mortas por ele no nascimento.

Emma não conseguiu conter uma pontada de fúria.

— Deixe-me chegar perto — sussurrou. — Vou mostrar para ele a utilidade das mulheres.

Houve uma súbita explosão de música. As fadas no local começaram a se mover na direção do trono. Brilhavam elegantes em suas roupas douradas, verdes, azuis e vermelhas, e os homens trajavam roupas tão coloridas quanto as mulheres.

— Está quase na hora — disse Mark, se esforçando para enxergar. — O Rei está convidando a nobreza a se aproximar.

Julian se ajoitou, ainda escondido atrás das pedras.

— Então temos que ir agora. Vou ver se consigo chegar mais perto do pavilhão. — Sua espada curta brilhava ao luar. — Cristina — falou. — Venha comigo.

Após um instante de espanto, Cristina fez que sim com a cabeça.

— Claro. — Ela sacou sua faca, lançando um breve olhar para Emma, como se pedisse desculpas, enquanto ela e Julian desapareciam em meio às árvores.

Mark se inclinou para a frente contra o enorme pedregulho que os bloqueava da vista da clareira. Ele não olhou para Emma, apenas falou com a voz baixa.

— Não posso fazer isso — falou. — Não posso mais mentir para o meu irmão.

Emma congelou.

— Mentir sobre o quê? — perguntou ela, apesar de saber a resposta.

— Sobre nós dois — retrucou ele. — A mentira de que estamos apaixonados. Temos que parar.

Emma fechou os olhos.

— Eu sei. Você e Cristina...

— Ela me contou. — Mark interrompeu. — Que Julian está apaixonado por você.

Emma não abriu os olhos, mas ainda conseguia enxergar a luz brilhante das lâmpadas que cercavam o pavilhão e a clareira ardendo contra suas pálpebras.

— Emma — falou Mark. — Não foi culpa dela. Foi um acidente. Mas,

quando ela me falou as palavras, eu entendi. Nada disso nunca teve a ver com Cameron Ashdown, teve? Você estava tentando proteger Julian dos próprios sentimentos. Se Julian te ama, você precisa convencê-lo de que é impossível amá-lo de volta.

A solidariedade dele quase a destruiu. Ela abriu os olhos — fechá-los era covardia, e Carstairs não são covardes.

— Mark, você conhece a Lei — afirmou ela. — E conhece os segredos de Julian: sobre Arthur, sobre o Instituto. Sabe o que aconteceria se alguém descobrisse, o que fariam conosco, com a sua família.

— Eu sei — falou ele. — E não estou bravo com você. Ficaria ao seu lado se você encontrasse outra pessoa com quem enganá-lo. Às vezes, temos que enganar as pessoas que amamos. Mas não posso ser o instrumento que causa dor a ele.

— Mas só pode ser você. Você acha que eu teria pedido a você se houvesse mais alguém? — Ela conseguia ouvir o desespero na própria voz.

Os olhos de Mark ficaram nebulosos.

— Por que só eu?

— Porque não existe mais ninguém de quem Jules tenha ciúme — falou, e viu o espanto brotar nos olhos dele exatamente quando um graveto estalou atrás dela. Ela girou, Cortana brilhando.

Era Julian.

— Você não deveria sacar aço para seu próprio *parabatai* — disse ele, com um sorriso torto.

Ela abaixou a lâmina. Será que ele tinha ouvido alguma coisa que ela e Mark falaram? Não parecia.

— Você não deveria fazer barulho quando anda.

— Não temos símbolos de Silêncio — disse Jules, e olhou dela para Mark. — Encontramos uma posição perto do trono. Cristina já está...

Mas Mark tinha ficado imóvel. Ele olhava fixamente para alguma coisa que Emma não conseguia enxergar. O olhar de Julian encontrou o dela, cheio de alarme e sem reservas, e então Mark se moveu e passou pelo matagal.

Os outros dois se lançaram atrás dele. Emma sentiu o suor se acumulando nas costas enquanto se esforçava para não pisar em algum galho que pudesse quebrar, uma folha que pudesse rachar. Era doloroso e um exercício de humildade se dar conta do quanto os Nephilim dependiam de seus símbolos.

Ela parou subitamente, quase dando um encontrão em Mark, que não tinha ido muito longe, só até a beira da clareira, onde ainda estava escondido do pavilhão por um arbusto de samambaias.

A vista da clareira estava desobstruída. Emma via as Fadas Unseelie reunidas

em frente ao trono. Havia cerca de cem delas, talvez mais. Estavam muito bem-vestidas, bem mais elegantes do que ela imaginava. Uma mulher de pele escura trajava um vestido feito de penas de ganso brancas e um colar envolvia seu pescoço fino. Dois homens pálidos trajavam casacos de seda cor-de-rosa e coletes brilhantes azuis. Uma mulher com pele cor de trigo e cabelos feitos de pétalas de rosas se aproximou do pavilhão. Seu vestido era de ossos de pequenos animais, amarrados com um fio feito de cabelo humano.

Mas Mark não estava olhando para nenhum deles, nem para o pavilhão onde se encontravam os príncipes Unseelie, claramente esperando. Em vez disso, ele encarava dois dos príncipes Unseelie, ambos vestindo seda preta. Um era alto e de pele bem escura, o crânio de um corvo banhado em ouro pendurado em seu pescoço. O outro era pálido e de cabelos pretos, o rosto magro e barbado. Entre eles, estava abaixado o vulto de um prisioneiro, suas roupas manchadas de sangue, seu corpo flácido. A multidão se abriu para eles, suas vozes eram murmúrios baixinhos.

— Kieran — sussurrou Mark. Ele começou a avançar, mas Julian pegou a parte de trás de sua camisa, agarrando o irmão com tanta força que suas juntas ficaram brancas.

— *Ainda não* — sibilou. Seus olhos estavam secos, brilhantes; neles Emma viu a crueldade que um dia disse a ele que a assustava. Não por ela, mas por ele.

Os príncipes chegaram a uma árvore alta e de tronco branco à esquerda e à frente do pavilhão. O príncipe barbado jogou Kieran contra a árvore com força. O príncipe com colar de corvo falou duramente com ele, balançando a cabeça. O outro riu.

— O de barba é o Príncipe Erec — afirmou Mark. — O favorito do Rei. O outro é o Príncipe Adaon. Kieran disse que Adaon não gosta de ver pessoas machucadas. Mas Erec sim.

Parecia verdade. Erec produziu uma corda de espinhos e a estendeu para Adaon, que balançou a cabeça e se afastou em direção ao pavilhão. Dando de ombros, Erec começou a prender Kieran ao tronco da árvore. As mãos dele estavam protegidas por luvas grossas, mas Kieran usava apenas uma camisa rasgada e calça, e os espinhos perfuraram seus pulsos e calcanhares, e depois seu pescoço quando Erec puxou os fios da perversa corda contra a pele dele. Durante todo o tempo, Kieran ficou inerte, com os olhos semicerrados, claramente não se importando mais.

Mark ficou tenso, mas Julian o agarrou. Cristina tinha se juntado novamente a eles e estava pressionando a mão sobre a boca; ficou olhando enquanto Erec terminava com Kieran e recuava.

Sangue esguichou dos cortes onde os espinhos cortaram a pele de Kieran. A

cabeça dele tinha caído para trás contra o tronco da árvore; Emma podia ver seu olho prateado, e o preto também, ambos semicerrados. Viam-se hematomas em sua pele pálida, na bochecha e acima do quadril, onde a camisa estava rasgada.

Houve uma comoção em cima do pavilhão, e a explosão solitária de um chifre calou os murmúrios baixinhos na clareira. A nobreza levantou o olhar. Um vulto alto tinha aparecido ao lado do trono. Estava todo de branco, branco como sal, com um gibão de seda branca e manoplas de osso branco. Chifres brancos se curvavam de ambos os lados da cabeça dele, contrastando com os cabelos pretos. Ele usava uma tiara de ouro na testa.

Cristina exalou.

— O Rei.

Emma pôde ver o perfil dele: era lindo. Claro, preciso, limpo como um desenho ou uma pintura de algo perfeito. Emma não poderia descrever a forma dos olhos ou das maçãs do rosto, nem a curva da boca, e ela não tinha a habilidade de Jules de pintar, mas sabia que era inquietante e maravilhoso o fato de que se lembraria do rosto do Rei da Corte Unseelie por toda a vida.

Ele se virou, deixando o rosto todo à mostra. Emma ouviu Cristina arfar baixinho. O rosto do Rei era dividido no meio. O lado direito era o rosto de um jovem, luminoso com beleza e elegância, mas o olho era vermelho como uma chama. O lado esquerdo era uma máscara inumana, pele cinza firme e espessa sobre o osso, a cavidade ocular vazia e preta, marcada por cicatrizes brutais.

Kieran, amarrado à árvore, olhou uma vez para a face monstruosa do pai e virou a cabeça, seu queixo baixou e os cabelos pretos emaranhados caíram sobre os olhos. Erec se apressou para o pavilhão, se juntando a Adaon e a uma multidão de outros príncipes ao lado do pai.

Mark estava arfando.

— O rosto do Rei Unseelie — sussurrou. — Kieran falou dele, mas...

— Firme. — Julian sussurrou de volta. — Espere para ouvir o que ele diz.

Como se tivesse ouvido a deixa, o Rei falou:

— Membros da Corte, estamos aqui reunidos para um triste propósito: testemunhar a justiça trazida contra um integrante do Povo das Fadas, que se armou e assassinou outro em um lugar de paz. Kieran Caçador foi condenado pelo assassinato de Iarlath, da Corte Unseelie, um dos meus cavaleiros. Ele o atacou com sua lâmina, aqui nas Terras Unseelie.

Um murmúrio atravessou a multidão.

— Pagamos um preço pela paz entre os nossos — disse o Rei. Sua voz era como um sino ressonante, adorável e ecoante. Alguma coisa tocou o ombro de Emma. Foi a mão de Julian, a que não estava agarrando o braço de Mark. Emma o olhou surpresa, mas Julian estava olhando para a frente, para a clareira. —



Nenhuma fada Unseelie pode erguer a mão contra outra. O preço da desobediência é a justiça. Morte se paga com morte.

Os dedos de Julian se moveram rapidamente contra a pele de Emma sobre sua camisa, a antiga língua da infância compartilhada. F-I-Q-U-E-A-Q-U-I.

Ela se virou para olhar para Julian, mas ele já estava se afastando. Emma ouviu a respiração de Mark sibilar em um engasgo e o segurou pelo pulso, impedindo que fosse atrás do irmão.

Sob a luz das estrelas, Julian caminhou para a clareira cheia de nobres Unseelie. Emma, com o coração acelerado, segurou firme o pulso de Mark. Tudo nela queria correr atrás de seu *parabatai*, mas Julian tinha pedido que ela ficasse, e ela ia ficar e segurar Mark. Porque Julian estava se movendo como se tivesse um plano, e, se ele tinha um plano, Emma devia a ele a confiança de que podia funcionar.

— O que ele está *fazendo*? — Cristina gemeu, na agonia do suspense.

Emma só conseguiu balançar a cabeça. Algumas das fadas na beira da multidão o tinham visto agora e estavam exclamando, recuando enquanto ele se aproximava. Ele não tinha feito nada para cobrir as Marcas pretas e permanentes na pele: o símbolo de Vidência nas costas da mão era como um olho raivoso apontado para as fadas em suas belas roupas. A mulher do vestido de ossos soltou um gritinho:

— *Caçador de Sombras!*

O Rei se retesou no trono. Um instante depois, uma fileira de cavaleiros fadas vestindo armadura preta e prata — entre eles, viam-se os príncipes que haviam arrastado Kieran para a árvore — tinham cercado Julian, formando um círculo ao seu redor. Espadas de prata, bronze e ouro brilharam em volta dele como um tributo sombrio.

Kieran levantou a cabeça e encarou. O choque em seu rosto ao reconhecer Julian foi total.

O Rei se levantou. Seu sorriso dividido era sinistro e terrível.

— Tragam o espião Nephilim para mim, para que eu possa matá-lo com minhas próprias mãos.

— Não vai me matar. — A voz de Julian, calma e confiante, se elevou sobre as outras. — Não sou espião. A Clave me mandou, e, se me matar, a guerra estará declarada.

O Rei hesitou. Emma sentiu um impulso selvagem de rir. Julian tinha mentido com tanta calma e confiança que ela mesma quase acreditou. A dúvida passou pela expressão do Rei.

*Meu parabatai*, ela pensou, olhando para Jules, com as costas eretas e a cabeça erguida, *o único menino de dezessete anos do mundo que poderia fazer o*

*Rei da Corte Sombria duvidar de si mesmo.*

— A Clave o enviou? Por que não uma escolta oficial? — perguntou o Rei.

Julian fez que sim com a cabeça, como se já esperasse pela pergunta. Provavelmente esperava mesmo.

— Não havia tempo. Quando soubemos da ameaça a Kieran Caçador, entendemos que teríamos que agir imediatamente.

Kieran emitiu um ruído engasgado. Tinha uma corda de fio espinhoso na garganta. O sangue desceu pela clavícula.

— Que importância tem para a Clave ou o Cônsul a vida de um menino da Caçada Selvagem? — perguntou o Rei. — Criminoso, ainda por cima?

— Ele é seu filho — disse Julian.

O Rei sorriu. Uma imagem bizarra quando a metade do rosto se iluminou e a outra exibiu uma careta fantasmagórica.

— E assim ninguém pode me acusar de favoritismo — falou. — A Corte Unseelie entrega a mão da justiça.

— Iarlath, que ele matou, era um assassino de semelhantes. Tramou com Malcolm Fade para assassinar outros do Povo das Fadas — retrucou Julian.

— Eram da Corte Seelie — disse o Rei. — Não são os nossos.

— Mas você se declara o governante de ambas as Cortes — insistiu Julian.

— Não deveria, portanto, o povo que um dia será seu esperar sua justiça e clemência?

Ouviu-se um murmúrio na multidão, dessa vez em tom mais suave. O Rei franziu o rosto.

— Iarlath também matou Nephilim — disse Julian. — Kieran impediu que outras vidas de Caçadores de Sombras fossem perdidas. Portanto, devemos a ele e nós pagamos nossas dívidas. Não permitiremos que tire a vida dele.

— O que você pode fazer para nos impedir? — disparou Erec. — Sozinho, como está?

Julian sorriu. Apesar de Emma conhecê-lo desde sempre, apesar de ele ser como uma parte dela, a certeza fria daquele sorriso gelou suas veias.

— Eu não estou sozinho.

Emma soltou Mark. Ele avançou pela clareira sem olhar para trás, e ela e Cristina o seguiram. Nenhum deles sacou suas armas, mas Cortana estava presa nas costas de Emma, visível para todos. A multidão se abriu para deixar que passassem e se juntassem a Julian. Emma percebeu, ao entrarem no círculo dos guardas, que os pés de Mark continuavam descalços. Eram tão pálidos quanto as patas de um gato branco contra a grama comprida e escura.

Não que isso tivesse alguma importância. Mark era um grande guerreiro mesmo descalço. Emma sabia bem.

O Rei olhou para eles e sorriu. Emma não gostou do aspecto do sorriso.

— O que é isso? — falou. — Uma escolta de crianças?

— Somos Caçadores de Sombras — disse Emma. — Temos o mandato da Clave.

— Assim disseram — falou o Príncipe Adaon. — Qual é a sua exigência?

— Boa pergunta — disse o Rei.

— Exigimos um julgamento por combate — respondeu Julian.

O Rei riu.

— Só um membro do Povo das Fadas pode entrar em um julgamento por combate nas Terras Unseelie.

— Eu sou fada — disse Mark. — Posso entrar.

Ao ouvir isso, Kieran começou a forçar suas amarras.

— Não — falou violentamente, e sangue escorreu por seus dedos e pelo peito. — Não.

Julian nem olhou para Kieran. Kieran podia ser a pessoa que estava aqui para ser salva, mas, se precisassem torturá-lo para salvá-lo, Julian o torturaria. *Você é o menino que faz o que tem que ser feito porque mais ninguém o fará*, Emma tinha dito a ele certa vez. Parecia que havia sido há anos.

— Você é um Caçador Selvagem — afirmou Erec. — E metade Caçador de Sombras. Você não está preso a nenhuma lei, e sua lealdade é a Gwyn, não à justiça. Não pode lutar. — Seu lábio contraiu. — E os outros não são fadas.

— Não é bem verdade — retrucou Julian. — Diz-se frequentemente que crianças e loucos são fadas. Que existe um laço que os liga. E somos crianças.

Erec bufou.

— Isso é ridículo. Vocês são adultos.

— O Rei nos chamou de crianças — disse Julian. — “Uma escolta de crianças.” Está chamando seu líder de mentiroso?

Todos arfaram ao mesmo tempo. Erec empalideceu.

— Milorde... — Ele começou, voltando-se para o Rei. — Pai...

— Silêncio, Erec, você já falou o suficiente — disse o Rei. Seu olhar estava em Julian, o olho brilhante e a cavidade vazia e escura. — Interessante — falou, para ninguém em particular —, um menino que parece um Caçador de Sombras e fala como nobre. — Ele se levantou. — Você terá seu julgamento por combate. Cavaleiros, abaixem suas lâminas.

A parede cintilante de metal brilhante ao redor de Emma e de seus amigos desapareceu. Faces rijas os encararam em seu lugar. Alguns eram príncipes, exibindo a marca distinta das feições delicadas e angulosas de Kieran. Outros eram cheios de cicatrizes de batalhas passadas. Uns poucos tinham os rostos escondidos por capuzes ou véus. Além deles, a nobreza da Corte vagava e

exclamava, visivelmente empolgada. As palavras “julgamento por combate” espalhavam-se pela clareira.

— Você terá seu julgamento — repetiu o Rei. — Mas eu escolherei qual de vocês será o campeão.

— Estamos todos prontos para isso — disse Cristina.

— Claro que estão. Essa é a natureza dos Caçadores de Sombras. Sacrifício voluntário tolo. — O Rei se virou para encarar Kieran, lançando com a parte esquelética do seu rosto um olhar incisivo. — Agora como escolher? Eu sei. Uma espécie de charada.

Emma sentiu Julian ficar tenso. Ele não gostaria da ideia de uma charada. Aleatório demais. Julian não gostava de nada que não pudesse controlar.

— Aproximem-se — disse o Rei, chamando-os com um dedo. Suas mãos eram claras como tronco branco. Um gancho como uma garra curta se estendia de cada dedo logo acima da junta.

A multidão se abriu para permitir que Emma e os outros se aproximassem do pavilhão. Enquanto iam, Emma notou um estranho cheiro que pairava sobre todos eles. Espesso e agriçoce, como seiva de árvore. Foi se intensificando à medida que se aproximaram do trono até pararem e encararem o Rei, que se erguia acima deles como uma estátua. Atrás dele havia uma fileira de cavaleiros cujos rostos estavam cobertos por máscaras fundidas de ouro, prata e bronze. Algumas tinham forma de rato; outras, de leões dourados ou panteras prateadas.

— A verdade é encontrada em sonhos — disse o Rei, olhando para eles. Deste ângulo, Emma conseguia ver que a divisão estranha do rosto terminava no pescoço, onde a pele era normal. — Digam-me, Caçadores de Sombras, vocês entram em uma caverna. Dentro da caverna, veem um ovo, iluminado por dentro e brilhando. Sabem que ele pulsa com seus sonhos: não os que vocês têm durante o dia, mas os sonhos dos quais não se lembram totalmente pela manhã. O ovo se abre. O que sai dele?

— Uma rosa — disse Mark. — Com espinhos.

Cristina fitou Mark com expressão surpresa, mas permaneceu imóvel.

— Um anjo — disse ela. — Com mãos sangrentas.

— Uma faca — disse Emma. — Pura e limpa.

— Barras — falou Julian baixinho. — As barras de uma cela.

A expressão do Rei não mudou. Os murmúrios da Corte ao redor soaram mais confusos do que raivosos ou intrigados. O Rei esticou uma mão longa branca e cheia de garras.

— Você aí, menina de cabelos luminosos — falou. — Você será a campeã dos seus.

Emma ficou aliviada. Seria ela; os outros não se arriscariam. Ela se sentiu

mais leve, como se pudesse respirar outra vez.

Cristina virou na direção dela, parecendo assustada. Mark parecia se conter com toda a sua força. Julian pegou o braço dela, aproximando-se para sussurrar-lhe ao ouvido, exalando urgência por todas as linhas do seu corpo.

Ela ficou parada, os olhos fixos no rosto dele, permitindo que o caos da Corte fluísse ao seu redor. O frio da batalha já estava começando a recair sobre ela: o frio que encharcava emoções, deixando tudo, exceto a luta, sumir.

Julian era parte disso, do começo da batalha, do frio do meio e da ferocidade da luta. Não havia nada que ela quisesse ver mais do que o rosto dele. Nada que a fizesse se sentir mais à vontade nela mesma, mais como uma Caçadora de Sombras.

— Lembre-se — murmurou Julian. — Você já derramou sangue de fada antes, em Idris. Eles teriam te matado, teriam nos matado. Isso também é uma batalha. Não tenha compaixão, Emma.

— Jules. — Ela não sabia se ele a tinha ouvido falar seu nome. De repente, os cavaleiros os cercaram, separando-a dos outros. Seu braço escorregou da mão de Julian. Emma olhou uma última vez para os três antes de ser conduzida para a frente. Um espaço estava sendo liberado diante do pavilhão.

Ouviu-se o som de um chifre, e o barulho agudo cortou a noite como uma faca. Um dos príncipes marchou de trás do pavilhão ao lado de um cavaleiro mascarado, que usava uma armadura cinza como o couro de um animal. Seu capacete cobria o rosto. Um desenho rústico fora pintado na frente do capacete: olhos arregalados, uma boca esticada em um sorriso. Alguém tinha tocado o capacete com mãos sujas de tinta e havia manchas vermelhas nas laterais, que davam um ar ameaçador ao que de outra forma poderia parecer palhaçada.

O príncipe guiou o cavaleiro mascarado para o seu lado do espaço aberto e o deixou ali, encarando Emma. Ele portava uma espada longa fabricada por fadas, sua lâmina de prata com traços de ouro, o cabo cravejado com pedras. As bordas brilhavam afiadas como lâminas.

Uma espada forte, mas nada podia quebrar Cortana. A arma de Emma não falharia. Só ela poderia falhar.

— Vocês conhecem as regras — disse o Rei em tom de tédio. — Depois que a batalha começar, nenhum dos guerreiros pode ter ajuda de um amigo. A luta é até a morte. O vencedor é quem sobreviver.

Emma desembainhou Cortana. A espada brilhou como o sol poente logo antes de afogar no mar.

Não houve reação do cavaleiro de capacete pintado. Emma se concentrou na postura dele. Ele era mais alto do que ela, tinha mais alcance. Seus pés estavam cuidadosamente plantados. Apesar do capacete ridículo, era evidente que ele era

um bom combatente.

Ela posicionou os pés: pé esquerdo para a frente, pé direito para trás, curvando o lado dominante do corpo para o oponente.

— Comecem — disse o Rei.

Como um cavalo de corrida saindo da baia, o cavaleiro correu para Emma com a espada saltando para a frente. Surpreendida por sua velocidade, ela desviou da lâmina, mas começou atrasada. Ela deveria ter erguido Cortana antes. Estava contando com a velocidade do símbolo de Ataque Preciso, mas ele não estava funcionando. Um medo agudo que Emma há muito não sentia a invadiu quando ela sentiu o sussurro da ponta da espada do cavaleiro passar a poucos centímetros dela.

Emma se lembrou das palavras de seu pai quando estava aprendendo. *Ataque seu inimigo, não a arma dele.* A maioria dos lutadores ia para cima da lâmina. Um bom lutador mirava o corpo.

Este era um bom lutador. Mas Emma estava esperando algo diferente? O Rei o tinha escolhido, afinal. Agora ela só tinha que torcer para que o Rei *a* tivesse subestimado.

Dois giros rápidos a levaram a uma pequena elevação na grama. Talvez ela conseguisse se igualar à altura dele. A grama farfalhou. Emma não precisou olhar para saber que o cavaleiro estava vindo para cima dela outra vez. Ela deu meia-volta, movendo Cortana em um arco.

O cavaleiro mal recuou. A espada rasgou a armadura de couro espesso, abrindo um corte largo. Mas ele não se mexeu, nem pareceu machucado. Certamente não perdeu velocidade. Atacou Emma, que se abaixou quando a lâmina do oponente passou assobiando por cima de sua cabeça. Ele atacou novamente e ela saltou para trás.

Emma pôde ouvir a própria respiração, irregular em virtude do ar frio da floresta. O cavaleiro fada era bom, e ela não tinha a vantagem das Marcas, nem das lâminas serafim — ou de outro dos armamentos de um Caçador de Sombras. E se ela estivesse se cansando mais cedo? E se essa terra sombria estivesse sugando até mesmo o poder do seu sangue?

Emma se defendeu de um golpe, saltou para trás e se lembrou, estranhamente, da voz desdenhosa de Zara: *fadas jogam sujo.* E Mark: *fadas não jogam sujo, na verdade. Jogam notavelmente limpo. Elas têm um severo código de honra.*

Ela já estava se curvando, atacando os calcanhares do cavaleiro — ele deu um salto, quase levitando, e avançou com a própria espada para baixo, justamente quando a adversária pegou um punhado de folhas e terra e se levantou, jogando tudo nos buracos da máscara do guerreiro fada.

Ele engasgou e cambaleou para trás. Foi apenas um segundo, mas bastou: Emma atacou as pernas dele, um, dois, e depois o tronco. O sangue ensopou seu peito, as pernas fraquejaram e o cavaleiro caiu no chão, de costas, como se fosse uma árvore derrubada.

Emma pisou na lâmina dele e a multidão rugiu. Ela ouviu Cristina chamar seu nome, além de Julian e Mark. Com o coração acelerado, ficou de pé sobre o cavaleiro imóvel. Mesmo agora, espalhado na grama, escurecido pelo próprio sangue, ele não fez barulho.

— Tire o capacete e finalize — disse o Rei. — É a nossa tradição.

Emma respirou fundo. Tudo que tinha de Caçadora de Sombras protestava contra isso, contra tirar a vida de uma pessoa deitada e desarmada aos seus pés.

Ela pensou no que Julian tinha lhe dito logo antes do combate. *Não tenha compaixão.*

A ponta de Cortana tilintou contra a borda do capacete. Emma a ajeitou sob a beira e empurrou.

O capacete caiu. O guerreiro deitado na grama embaixo de Emma era humano, e não fada. Seus olhos eram azuis, os cabelos louros com mechas grisalhas. Ele tinha um rosto mais familiar a Emma do que o dela própria.

A mão dela despencou para a lateral do corpo e Cortana ficou pendurada por seus dedos fracos.

Era o pai dela.

# 11

## Em um Trono Preto

Kit se sentou nos degraus do Instituto, fitando a água.

Tinha sido um dia longo e inquietante. As coisas estavam mais tensas do que nunca entre os Centuriões e os moradores do Instituto, mas, pelo menos, os Centuriões não sabiam *por quê*.

Diana havia feito um esforço heroico para dar aula como se tudo estivesse normal. Ninguém conseguia se concentrar — pela primeira vez, Kit, apesar de totalmente perdido em relação a comparações entre vários alfabetos seráficos, não era o mais distraído da sala. Mas o objetivo das aulas era manter as aparências para os Centuriões, então seguiram em frente.

As coisas não melhoraram muito no jantar. Após um dia longo e úmido durante o qual não encontraram nada, os Centuriões estavam irritadiços. Não ajudava o fato de que Jon Cartwright aparentemente tinha tido uma espécie de faniquito e saído, e seu paradeiro era desconhecido. A julgar pelos lábios contraídos de Zara, ele havia discutido com ela, mas Kit só podia imaginar o motivo. A moralidade de confinar feiticeiros em campos ou de conduzir fadas a câmaras de tortura, ele supunha.

Diego e Rayan deram o melhor de si para manter uma conversa alegre, mas fracassaram. Livvy passou quase toda a refeição encarando Diego, provavelmente pensando no plano de utilizá-lo para frear Zara, mas isso evidentemente o deixou nervoso, considerando que, por duas vezes, ele tentou cortar a carne com a colher. Para piorar, Dru e Tavvy pareceram captar o clima tenso na sala e passaram o jantar enchendo Diana com perguntas sobre quando Julian e os outros voltariam da “missão”.

Quando acabou, Kit ficou feliz por se retirar, evitando lavar a louça após o jantar, e encontrou um canto quieto embaixo da varanda da frente da casa. O ar



que soprava do deserto era frio e temperado, e o oceano brilhava sob as estrelas, uma tela preta que se desdobrava em uma série de ondas brancas.

Pela milésima vez, Kit perguntou a si mesmo o que o mantinha ali. Por mais que parecesse bobagem desaparecer por causa de uma conversa desagradável no jantar, ele tinha sido dolorosamente lembrado nesse último dia que os problemas dos Blackthorn não eram dele e provavelmente nunca deveriam ser. Uma coisa era ser filho de Johnny Rook.

Outra, muito diferente, era ser um Herondale.

Ele tocou a prata do anel em seu dedo, fria contra a pele.

— Eu não sabia que você estava aqui fora — foi a voz de Ty. Kit soube antes de olhar. O menino havia vindo pela lateral da casa e o encarava com curiosidade.

Existia algo em torno do pescoço de Ty, mas não eram os fones de sempre. Ao subir pela escada, uma sombra esguia de jeans escuros e casaco, Kit percebeu que tinha olhos.

Ele colou as costas contra a parede.

— Isso é um *furão*?

— É selvagem — disse Ty, apoiando-se na grade que cercava a varanda. — Furões são domesticados. Então, tecnicamente, é uma fuinha, mas, se fosse domesticado, seria um furão.

Kit encarou o animal, que piscou os olhos para ele e mexeu as patinhas.

— Uau — falou o menino. E foi sincero.

A fuinha correu pelo braço de Ty e saltou para a grade, depois desapareceu na escuridão.

— Furões são ótimos animais de estimação — disse Ty. — São surpreendentemente leais. Ou, pelo menos, as pessoas dizem que isto é surpreendente. Eu não sei por que seria. São limpos, gostam de brinquedos e são quietos. E podem ser treinados para... — interrompeu-se. — Você está entediado?

— Não. — Kit se espantou; será que ele parecia entediado? Ele estava curtindo o som da voz de Ty, vivaz e pensativo. — Por quê?

— Julian diz que, às vezes, as pessoas não querem saber tanto quanto eu sobre os assuntos — respondeu Ty. — Então eu devo simplesmente perguntar.

— Acho que isso se aplica a todo mundo — afirmou Kit.

Ty balançou a cabeça.

— Não — falou. — Eu sou diferente. — Ele não parecia nem incomodado, nem chateado com isso. Era um fato que sabia sobre si mesmo e isso era tudo. Kit descobriu, surpreso, que invejava a segurança tranquila de Ty. Ele nunca achou que fosse invejar nada que se referisse a um Caçador de Sombras.

Ty subiu para a varanda ao lado de Kit e se sentou. Ele tinha um vago cheiro de deserto, areia e sálvia. Kit pensou que gostava do som da voz de Ty: era raro ouvir alguém ter esse tipo de prazer tão sincero simplesmente por compartilhar informações. Ele supunha que também poderia ser um mecanismo para lidar com as coisas — o incômodo dos Centuriões, a preocupação com Julian e os outros. Ty provavelmente estava estressado.

— Por que está aqui fora? — Ty perguntou a Kit. — Está pensando em fugir outra vez?

— Não — respondeu Kit. E não estava mesmo. Talvez um pouco. Olhar para Ty fazia com que ele não quisesse pensar no assunto. Fazia com que quisesse desvendar um mistério para dar de presente a Ty, como alguém poderia dar uma caixa de doces a uma pessoa amada.

— Queria que todos nós pudéssemos fazer isso — disse Ty, com uma franqueza demolidora. — Demoramos muito para nos sentir seguros aqui depois da Guerra Maligna. Agora parece que o Instituto está cheio de inimigos outra vez.

— Está falando dos Centuriões?

— Não gosto de tê-los aqui — disse Ty. — Não gosto de multidões em geral. Quando estão todos falando ao mesmo tempo e fazendo barulho. Multidões são piores, especialmente em lugares como o Píer. Você já foi lá? — Ele fez uma careta. — Todas aquelas luzes, os gritos e as pessoas. Isso é como vidro quebrado na minha cabeça.

— E as lutas? — Kit quis saber. — Batalhas, matar demônios, isso deve ser bem barulhento e alto, não?

Ty balançou a cabeça.

— A batalha é diferente. Batalhar é o que os Caçadores de Sombras *fazem*. A luta está no meu corpo, não na minha mente. Desde que eu possa usar fones...

Ele se interrompeu. Ao longe, Kit ouviu um barulho de algo delicado estilhaçando, como uma janela sendo estourada por um furacão.

Ty imediatamente ficou de pé, quase pisando em Kit, e sacou uma lâmina serafim do seu cinto de armas. Ele a agarrou, encarando o oceano com um olhar tão fixo quanto os das estátuas no jardim atrás do Instituto.

Kit foi para trás dele com dificuldade, o coração acelerado.

— O que há de errado? O que foi isso?

— Barreiras... as barreiras de proteção que os Centuriões botaram... esse é o barulho delas quebrando — falou Ty. — Tem alguma coisa vindo. Algo perigoso.

— Achei que você tivesse dito que o Instituto era seguro!

— Normalmente é — disse Ty, e ergueu a lâmina em sua mão. — *Adriel* —

falou, e a lâmina pareceu arder por dentro. O brilho iluminou a noite, e, em sua claridade, Kit viu que a estrada que levava ao Instituto estava lotada de formas em movimento. Não eram humanos. Uma onda de criaturas escuras, escorregadias, úmidas, que ondulavam, e um fedor que veio de baixo em direção a eles, um fedor que quase fez Kit engasgar. Ele se lembrava de uma vez em que estava em Venice Beach e passou por um cadáver apodrecido de foca, cheio de alga. Fedia daquele jeito, mas pior.

— Segure isso — falou, e um segundo depois Kit descobriu que Ty tinha colocado sua lâmina serafim acesa na mão dele.

Era como segurar um circuito elétrico. A espada parecia pulsar e se retorcer, e Kit precisou de muito esforço para segurá-la.

— Nunca segurei uma dessas antes! — afirmou.

— Meu irmão sempre diz que tem que começar de alguma forma. — Ty soltou uma adaga do cinto. Era curta e afiada, e parecia uma arma menos assustadora do que uma lâmina serafim.

*Qual irmão?*, Kit ficou imaginando, mas não teve chance de perguntar — agora podia ouvir os gritos, o barulho de pés correndo, e ficou feliz porque a maré escura de *criaturas* estava quase no fim da estrada. Ele tinha virado o pulso de um jeito que não achava que fosse possível, e a lâmina parecia mais firme em sua mão — brilhava sem calor, como se fosse feita do mesmo material desconhecido das estrelas ou da lua.

— Então, agora que todos estão acordados — disse Kit —, eu não suponho que isso signifique que vamos voltar para dentro do Instituto, não é?

Ty estava tirando os fones do bolso e tocava logo acima do último degrau com o tênis preto.

— Somos Caçadores de Sombras — falou. — Não fugimos.

A lua então saiu de trás da nuvem, exatamente quando a porta atrás de Kit e Ty abriu e Caçadores de Sombras saíram aos montes. Diversos Centuriões carregavam luzes enfeitiçadas: a noite se iluminou, e Kit viu as criaturas que subiam pela estrada e se espalhavam pela grama. Vinham em direção ao Instituto, e na varanda os Caçadores de Sombras erguiam suas armas.

— Demônios marinhos. — Ele ouviu Diana falar sombriamente, e, de repente, Kit se deu conta de que estava prestes a lutar sua primeira batalha, gostando ou não.

Kit girou. A noite estava cheia de luz e barulho. O brilho das lâminas serafim iluminava a escuridão, o que era uma bênção e uma maldição.

Kit viu Livvy e Diana com suas armas, seguidas por Diego, que trazia um enorme machado na mão. Zara e os outros Centuriões estavam logo atrás.

Mas ele também conseguia ver os demônios marinhos, e eram muito piores

do que tinha imaginado. Eram coisas que pareciam lagartos pré-históricos, com escamas de pedras, cujas cabeças consistiam em uma massa com dentes pontudos gotejantes e olhos pretos mortos. Criaturas que pareciam geleia pulsante, com bocas cheias de presas, nas quais órgãos nojentos se penduravam: corações deformados, estômagos transparentes, nos quais Kit conseguia ver os contornos do que um deles tinha acabado de comer — algo com braços e pernas humanas... Criaturas semelhantes a enormes lulas com rostos, que olhavam de soslaio, com tentáculos cheios de ventosas, das quais pingava ácido verde no chão, deixando buracos queimados na grama.

Os demônios que tinham matado seu pai pareciam muito atraentes em comparação com esses.

— Pelo Anjo — falou Diana, baixinho. — Fiquem atrás de mim, Centuriões.

Zara lançou-lhe um olhar terrível, apesar de os Centuriões estarem basicamente aglomerados na varanda, boquiabertos. Apenas Diego parecia literalmente ansioso para se lançar em combate. As veias se destacavam em sua testa e a mão tremia de ódio.

— Somos Centuriões — disse Zara. — Não recebemos ordens de vocês...

Diana se virou para ela.

— Cale a boca, criança tola — ordenou Diana com uma voz de fúria gelada.

— Como se os Dearborn não tivessem se acovardado em Zurique durante a Guerra Maligna? Você nunca esteve em uma batalha de verdade. Eu já. Não diga mais uma palavra.

Zara recuou, rija de choque. Nenhum dos Centuriões, nem mesmo Samantha ou Manuel, fez qualquer movimento de defendê-la.

Os demônios — guinchando, se debatendo e deslizando pela grama — já estavam quase na varanda. Kit sentiu Livvy vindo em direção a ele e Ty, se colocando na frente dele. Estavam tentando bloqueá-lo, ele percebeu de repente. Para o protegerem. Sentiu uma onda de gratidão, e depois outra de irritação. Será que achavam que ele era um mundano indefeso?

Ele já tinha combatido demônios antes. No fundo de sua alma, alguma coisa se mexia. Alguma coisa que fez a lâmina serafim arder mais brilhante em sua mão. Algo que o fez entender o olhar no rosto de Diego quando ele virou para Diana e perguntou: “Ordens?”

— Matar todos eles, obviamente — retrucou Diana, e os Centuriões começaram a descer pelas escadas. Diego enfiou o machado no primeiro que viu; símbolos brilhavam pela lâmina enquanto ela cortava em meio a sangue preto-acinzentado gelatinoso.

Kit se lançou para a frente. O espaço em frente aos degraus tinha se tornado uma zona de combate. Ele viu todo o poder das lâminas serafim quando os

Centuriões atacaram e golpearam, o ar foi tomado pelo fedor de sangue demoníaco, e a lâmina em sua mão brilhou cada vez mais e alguma coisa o segurou pelo pulso, prendendo-o no topo da escada.

Era Livvy.

— Não — falou. — Você não está pronto...

— Estou bem — protestou ele. Ty estava no meio da escada; ele chegou a mão para trás e lançou a adaga que ainda estava segurando. Ela afundou no olho largo e chato de um demônio com cabeça de peixe, que piscou até o seu fim.

Ele se virou para trás e encarou Kit e a irmã.

— Livvy — falou. — Deixa ele...

A porta se abriu novamente, e, para surpresa de Kit, era Arthur Blackthorn, ainda de jeans e com o roupão de banho por cima da roupa, mas, pelo menos, ele tinha calçado os sapatos. Uma espada anciã e manchada pendia de sua mão.

Diana, envolvida em um combate com um demônio lagarto, levantou o olhar horrorizada.

— Arthur, não!

Arthur estava arfando. Havia terror em seu rosto, mas também havia outra coisa, uma espécie de ferocidade. Ele desceu os degraus, se lançando contra o primeiro demônio que viu — uma coisa avermelhada e com franjas com uma boca imensa e um longo ferrão. Quando o ferrão desceu, ele o partiu ao meio, fazendo a criatura voar pelo ar, quicando e guinchando como um balão de ar se esvaziando.

Livvy soltou Kit. Ela fitava o tio, impressionada. Kit se virou e desceu as escadas, exatamente quando os demônios começaram a se retirar — eles estavam recuando, mas por quê? Os Centuriões tinham começado a vibrar quando o espaço na frente do Instituto clareou, mas para Kit parecia cedo demais. Os demônios não estavam perdendo. Também não estavam ganhando, mas era cedo demais para recuar.

— Alguma coisa está acontecendo — falou, olhando para Livvy e Ty, ambos posicionados nos degraus com ele. — Algo está errado...

Risos cortaram o ar. Os demônios congelaram em um semicírculo, bloqueando a passagem para a estrada, mas sem andarem para a frente. No centro do semicírculo caminhava uma figura que parecia saída de um filme de terror.

O outrora fora um homem: ele ainda tinha a forma borrada de um, mas sua pele era verde-acinzentada como a barriga de um peixe, e ele mancava, porque um dos braços e a lateral do corpo haviam sido quase todos mastigados. A camisa pendia em trapos, mostrando onde os ossos brancos das costelas tinham sido limpos e a pele cinza fora drenada em volta dos terríveis machucados.

Praticamente não tinha mais cabelo, mas o remanescente era branco como osso. O rosto estava afogado e inchado, os olhos haviam ficado leitosos, embranquecidos pela água do mar. Ele sorriu com uma boca praticamente sem lábios. Em sua mão, trazia um saco preto, o tecido manchado com água e escuro.

— Caçadores de Sombras — falou. — Como senti falta de vocês.

Era Malcolm Fade.

No silêncio que seguiu a revelação do campeão Unseelie, Julian pôde ouvir o próprio coração batendo forte no peito. Ele sentiu o símbolo *parabatai* arder, uma dor evidente e lancinante. A dor de Emma.

Queria ir até ela. Emma estava de pé, como um cavaleiro em uma pintura, a cabeça inclinada e a espada junto à lateral do corpo, sangue manchando o uniforme, o cabelo meio solto das presilhas, voando em torno dela. Ele viu seus lábios se moverem: Julian sabia o que Emma estava dizendo, mesmo que não pudesse ouvi-la. Isso o invadiu com lembranças da Emma que ele tinha conhecido ao que parecia cerca de mil anos, uma garotinha esticando os braços e pedindo o colo do pai.

*Papai?*

O Rei riu.

— Corte a garganta dele, menina — falou. — Ou não consegue matar seu próprio pai?

— *Pai?* — Cristina ecoou. — O que ele quer dizer com isso?

— Aquele é John Carstairs — afirmou Mark. — O pai de Emma.

— Mas como...

— Não sei — disse Julian. — É impossível.

Emma caiu de joelhos, guardando Cortana de volta na bainha. Ao luar, o pai e ela, que se curvava sobre o homem caído, eram sombras.

O Rei começou a rir, seu rosto sinistro estava dividido com um sorriso largo, e a Corte riu com ele, uivos de júbilo explodindo ao redor.

Ninguém estava prestando atenção nos três Caçadores de Sombras no centro da clareira.

Julian queria ir até Emma. Queria desesperadamente. Mas ele era alguém acostumado a não fazer ou conseguir o que queria. Ele se virou para Mark e Cristina.

— Vá até ela — falou para Cristina. Os olhos escuros da menina se arregalaram. — Vá até *ele* — falou para Mark, e o irmão fez que sim com a cabeça e entrou na multidão, uma sombra entre as sombras.

Cristina desapareceu atrás dele, seguindo o caminho oposto pela multidão. Os

cortesãos ainda estavam rindo, o som do deboche aumentando, tingindo a noite. *Emoções humanas são tão bobas para eles, e mentes e corações humanos, tão frágeis.*

Julian pegou uma adaga do cinto. Não era uma lâmina serafim, sequer uma lâmina Marcada, mas era de ferro frio e cabia confortavelmente em sua palma. Os príncipes entre os cavaleiros olhavam para o pavilhão e riam. Julian precisou de apenas alguns passos para alcançá-los, passar o braço em volta do Príncipe Erec e encostar a ponta da adaga contra a garganta dele.

O primeiro pensamento distraído de Kit foi: *então foi por isso que não conseguiram encontrar o corpo de Malcolm.*

O segundo foi uma lembrança. O Alto Feiticeiro era uma presença habitual no Mercado das Sombras, e era amigável com o pai de Kit — apesar de só mais tarde ele ter descoberto que os dois eram mais do que apenas conhecidos, eram parceiros no crime. Mesmo assim, o feiticeiro vivaz de olhos roxos tinha sido popular no Mercado, e, às vezes, trazia doces gostosos para Kit, que dizia serem de lugares distantes para onde tinha viajado.

Era estranho perceber que o feiticeiro amistoso que conheceu era um assassino. Era mais estranho ainda ver o que Malcolm tinha se tornado. O feiticeiro avançou, sem toda a graça que outrora teve, arrastando-se sobre a grama. Os Caçadores de Sombras assumiram uma formação, como uma legião romana: encararam Malcolm em uma fila, ombro a ombro, com as armas na mão. Só Arthur estava sozinho. Ele encarou Malcolm, e sua boca se mexeu.

A grama diante deles estava toda queimada, preta e cinza, por causa do sangue de demônio.

Malcolm sorriu, tão bem quanto conseguia com seu rosto arruinado.

— Arthur — falou, olhando para o homem encolhido, usando um roupão manchado de sangue. — *Você deve sentir minha falta. Não parece estar muito bem sem seu remédio. Nem um pouco.*

Arthur se apoiou na parede do Instituto. Ouviu-se um murmúrio entre os Centuriões, interrompido quando Diana falou:

— Malcolm. — Naquele momento, ela soou incrivelmente calma. — O que você quer?

Ele parou perto dos Centuriões, mas não perto o bastante para que pudessem atacar.

— Estão gostando de procurar meu corpo, Centuriões? Tem sido muito divertido assistir. Passeando com seu barco invisível, sem ideia do que estão procurando ou de como encontrar. Mas vocês nunca foram muito úteis sem

feiticeiros, certo?

— Silêncio, imundo — disse Zara, vibrando como um circuito elétrico. — Você...

Divya deu uma cotovelada nela.

— Não — sussurrou. — Deixe Diana falar.

— Malcolm — disse Diana, no mesmo tom frio. — As coisas não são como antigamente. Temos a força da Clave ao nosso lado. Sabemos quem você é, e vamos encontrá-lo onde estiver. Você é um tolo, vindo aqui e dando as caras.

— Dando as caras — repetiu ele em tom reflexivo. — Onde é que está mesmo a minha cara? Ah, certo. Está dentro dessa sacola... — Ele enfiou a mão no saco que trazia. Quando a retirou, estava segurando uma cabeça humana, que fora cortada.

Fez-se um silêncio horrorizado.

— *Jon!* — gritou Diego, com a voz rouca.

Gen Aldertree parecia prestes a sofrer um colapso.

— Meu Deus. Pobre Marisol. Ah...

Zara encarava, boquiaberta e horrorizada, apesar de não ter feito qualquer movimento para avançar. Diego deu um passo, mas Rayan o segurou pelo braço quando Diana gritou:

— Centuriões! Permaneçam em formação!

Ouviu-se um ruído engasgado quando Malcolm jogou a cabeça de Jon Cartwright sobre a grama. Kit percebeu que ele mesmo tinha feito o barulho. Ele fitava a espinha exposta de Jon. Era muito branca contra o chão escuro.

— Suponho que esteja certa — disse Malcolm para Diana. — Já é hora de acabar com nossos fingimentos, não é? Vocês conhecem minhas fraquezas... e eu conheço as de vocês. Matar este aqui — ele apontou para os restos de Jon — levou segundos, e romper suas barreiras, menos ainda. Açam que vou demorar muito mais para conseguir algo que eu realmente quero?

— E o que seria? — perguntou Diana. — O que você quer, Malcolm?

— Quero o que sempre quis. Quero Annabel e o que é preciso para tê-la de volta. — Malcolm riu. Foi como um gorgolejo. — Quero meu sangue Blackthorn.

\*\*\*

Emma não se lembrava de ter caído de joelhos, mas estava ajoelhada.

Terra batida e folhas mortas a cercavam. O cavaleiro fada — seu pai — estava deitado de costas em uma poça de sangue que se espalhava. Encharcou a



terra já escura, deixando-a praticamente preta.

— Papai — sussurrou ela. — Papai, por favor, olhe para mim.

Ela não dizia a palavra “papai” há anos. Provavelmente desde os sete anos de idade.

Olhos azuis se abriram no rosto cheio de cicatrizes. Ele era exatamente como Emma lembrava — bigodes louros onde tinha se esquecido de barbear, rugas gentis em volta dos olhos. Sangue seco manchava sua bochecha. Ele a encarou, com olhos arregalados.

O Rei riu.

— Corte a garganta dele — falou. — Ou não consegue matar seu próprio pai, menina?

Os lábios de John Carstairs se moveram, mas nenhum ruído saiu.

*Você verá novamente o rosto de alguém que amou e que está morto*, a puca havia dito. Mas Emma nunca sonhou com isso, não com isso.

Ela pegou o braço do pai, coberto pela armadura de couro das fadas.

— Eu me rendo — falou, com a voz entrecortada. — Eu me rendo, eu me rendo, apenas o ajude...

— Ela se rendeu — disse o Rei.

A Corte começou a rir. Risos se elevaram em volta de Emma, apesar de ela mal ter escutado. Uma voz no fundo da mente lhe dizia que isso não estava certo, que havia algo de fundamentalmente errado, mas a imagem do pai estrondeava como o som de uma onda quebrando. Emma tentou alcançar uma estela — ele ainda era um Caçador de Sombras, afinal — mas abaixou a mão; nenhum *iratze* funcionaria aqui.

— Não vou deixá-lo — falou. Sua cabeça zumbia. — Não vou deixá-lo aqui. — Ela apertou o braço dele com mais força, e se agachou ao pé do pavilhão, ciente do olhar do Rei nela, e dos risos em volta. — Eu fico.

Foi Arthur quem se moveu. Ele se afastou da parede com violência, indo em direção a Livvy e Ty. Pegou cada um deles por um braço e os empurrou para a porta do Instituto.

Ambos lutaram, mas Arthur parecia surpreendentemente forte. Livvy deu meia-volta, chamando o nome de Kit. Arthur abriu a porta com um chute e empurrou os sobrinhos para dentro. Kit pôde ouvir Livvy gritando e a porta se fechando atrás deles.

Diana arqueou uma sobrancelha para Malcolm.

— Sangue Blackthorn, você disse?

Malcolm suspirou.

— Cães loucos e ingleses — falou. — E, às vezes, você encontra alguém que é as duas coisas. Ele não pode achar que isso *funcionaria*.

— Está dizendo que consegue entrar no Instituto? — insistiu Diego.

— Estou dizendo que não importa — disse Malcolm. — Eu armei isso tudo antes de Emma me matar. Minha morte, e eu estou morto, apesar de não por muito tempo... não é maravilhoso o *Volume Preto*?... soltou os demônios marinhos por essa costa. O que estão vendo hoje é uma fração mínima do que eu controlo. Ou me trazem um Blackthorn, ou eu os envio para a terra para assassinarem e destruírem mundanos.

— Nós vamos contê-lo — disse Diana. — A Clave vai contê-lo. Enviarão Caçadores de Sombras...

— Não há o *suficiente* de vocês — falou Malcolm alegremente. Ele tinha começado a andar de um lado para o outro na frente da parede de demônios marinhos que vinham babando atrás dele. — Essa é a beleza da Guerra Maligna. Vocês simplesmente não conseguem conter todos os demônios do Pacífico, não com seus números atuais. Ah, não estou dizendo que não possam vencer um dia. Venceriam. Mas pensem em todas as mortes nesse meio-tempo. Um único Blackthorn vale realmente o sacrifício?

— Não vamos entregar um dos nossos para que você o mate, Fade — disse Diana. — Você sabe muito bem disso.

— Você não fala pela Clave, Diana — retrucou Malcolm. — E eles não são contra sacrifícios. — Ele tentou sorrir. Um dos lábios podres partiu, e líquido escuro entornou por seu queixo. — Um por muitos.

Diana estava arfando, os ombros subiam e desciam furiosamente.

— E depois? Tanta morte e destruição, e o que você ganha?

— Vocês também sofrerão, e para mim isso basta por enquanto. Que os Blackthorn sofram. — Seus olhos percorreram o grupo diante dele. — Onde estão meus Julian e Emma? E Mark? Covardes demais para me encarar? — Ele riu. — Que pena. Eu gostaria de ter visto o rosto de Emma quando ela pusesse os olhos em mim. Pode dizer a ela que espero que a maldição consuma os dois.

*Consuma quem?*, Kit pensou, mas o olhar de Malcolm tinha desviado para ele, que viu os olhos leitosos do feiticeiro brilharem.

— Sinto muito pelo seu pai, Herondale — disse Malcolm. — Não tinha como evitar.

Kit ergueu Adriel sobre a cabeça. A lâmina serafim estava quente em sua mão, começando a piscar, mas projetava um brilho ao seu redor, que ele esperava ser o bastante para que o feiticeiro o visse quando ele atirasse em sua direção.

O olhar de Malcolm não tinha expressão. Ele se voltou novamente para

Diana.

— Vocês têm até amanhã à noite para decidirem. Depois eu voltarei. Se não me arrumarem um Blackthorn, a costa será destruída. Enquanto isso... — Ele estalou os dedos, e uma chama roxa fraca faiscou no ar. — Divirtam-se com meus amigos aqui.

Ele desapareceu enquanto os demônios marinhos avançavam para cima dos Centuriões.

# 12

## Nas Montanhas

Mark foi abrindo caminho através da Corte Unseelie. Ele só tinha estado entre essas pessoas em festas: a Corte não ficava sempre no mesmo lugar, mas se movia através das Terras Unseelie. Mark sentia o cheiro de sangue no ar noturno agora que andava entre os nobres aglomerados. Ele sentia o cheiro de pânico, medo e ódio. O ódio aos Caçadores de Sombras. O Rei estava mandando a Corte se aquietar, mas a multidão gritava para Emma derramar o sangue do pai.

Ninguém vigiava Kieran. Ele estava caído de joelhos, o peso do corpo puxava as cordas de espinhos que o prendia como se fossem arame farpado. Sangue escorria lentamente pelos cortes nos pulsos, no pescoço e nos tornozelos.

Mark passou pelo último cortesão. Assim de perto, dava para ver que Kieran tinha alguma coisa em uma corrente no pescoço. Uma flecha de elfo. A flecha de elfo de *Mark*. Mark sentiu uma pontada no estômago.

— Kieran. — Ele colocou a mão na bochecha do menino.

Os olhos de Kieran se abriram. Seu rosto estava cinza de dor e desamparo, mas seu sorriso era gentil.

— Tantos sonhos — falou. — É o fim? Você veio para me levar para as Terras Brilhantes? Não poderia ter escolhido um rosto melhor para usar.

Mark passou as mãos pelas cordas de espinhos. Eram duras. Uma lâmina serafim poderia tê-las cortado, mas lâminas serafim não funcionavam aqui, deixando-o apenas com adagas comuns. Uma ideia passou pela cabeça de Mark, e ele esticou o braço para soltar a flecha de elfo do pescoço de Kieran.

— Não importa que deuses tenham feito isso — murmurou Kieran —, são gentis por me trazer aquele que minha alma ama em meus últimos momentos. — Sua cabeça caiu para trás contra a árvore, expondo os cortes vermelhos em volta da garganta onde os espinhos tinham cortado. — Meu Mark.

— Silêncio — falou Mark com a garganta apertada. A flecha de elfo era afiada, e ele passou a lâmina contra as cordas que prendiam o pescoço de Kieran e depois seus pulsos. Elas caíram, e Kieran soltou um suspiro de dor aliviada.

— É verdade, como dizem — falou. — A dor passa quando você morre.

Mark cortou as cordas que prendiam os tornozelos de Kieran, e se esticou.

— Chega — falou. — Eu sou o Mark, e não uma ilusão. Você não está morrendo, Kieran. Está vivendo. — Ele pegou Kieran pelo pulso e o ajudou a se levantar. — Está escapando.

O olhar de Kieran parecia deslumbrado pelo luar. Ele esticou os braços para Mark e colocou as mãos nos ombros dele. Houve um momento em que Mark poderia ter recuado, mas não o fez. Ele foi em direção a Kieran ao mesmo tempo que Kieran foi em direção a ele, e pôde sentir o cheiro de sangue e de vinhas cortadas em Kieran, e eles se beijaram.

A curva dos lábios de Kieran sob os dele era tão familiar quanto o gosto de açúcar ou a sensação da luz do sol. Mas não havia açúcar nem luz do sol aqui, nada brilhante ou doce, apenas a pressão escura da Corte ao redor deles e o cheiro de sangue. E seu corpo ainda respondia ao de Kieran, pressionando-o contra o tronco da árvore, segurando-o, suas mãos deslizando pela pele, cicatrizes e ferimentos recentes sob as pontas dos dedos.

Era como se Mark tivesse sido erguido e estivesse fora do próprio corpo. Ele estava novamente na Caçada, com a mão agarrando a crina de Lança do Vento, inclinado contra a ventania que soprava seu cabelo, feria sua garganta e levava sua risada. Os braços de Kieran o envolviam, a única coisa quente em um mundo frio, e os lábios de Kieran encostavam em sua bochecha.

Alguma coisa cantou ao seu ouvido. Ele se afastou do príncipe fada. Outro objeto assobiou por perto e instintivamente ele empurrou Kieran contra a árvore.

Flechas. Cada uma com a ponta em chamas, cortando o ar pela Corte como vaga-lumes mortais. Um dos príncipes Unseelie corria em direção a Mark e Kieran, erguendo um arco.

Tinham sido notados, afinal, ao que parecia.

\*\*\*

A grama em frente ao Instituto parecia ferver, uma massa de demônios marinhos e Centuriões, tentáculos açoitando e lâminas serafim cortando. Kit meio que se jogou pelas escadas, quase derrubando Samantha, que, junto com seu irmão gêmeo, lutava furiosamente com uma criatura cinza grotesca coberta de bocas vermelhas sugadoras.

— Olha por onde anda! — gritou ela, e depois guinchou quando um tentáculo a envolveu pelo peito. Kit avançou com Adriel, cortando o tentáculo logo acima do ombro de Samantha. O demônio gritou de todas as suas bocas e sumiu.

— Nojento — disse Samantha, que agora estava coberta de sangue demoníaco cinzento e espesso. Ela estava franzindo a testa, o que parecia ingrato a Kit, mas ele mal teve tempo de se preocupar com isso; já estava virando para levantar novamente a espada contra uma criatura espinhenta, de pele dura como uma estrela-do-mar.

Ele pensou em Ty na praia com a estrela-do-mar na mão, sorrindo e se encheu de raiva: ele não tinha percebido o quanto os demônios pareciam as coisas belas do mundo deformadas e transformadas em algo repugnante e desprezível.

A lâmina baixou. O demônio guinchou e se encolheu — e de repente braços envolveram Kit, arrastando-o para trás.

Era Diana. Ela estava encharcada de sangue, parte humano e parte demoníaco. Agarrou o braço de Kit, puxando-o de volta para a escada, para o Instituto.

— Estou bem... Não preciso de ajuda... — arfou ele, contorcendo-se na mão dela.

Ela tirou Adriel dele e o jogou para Diego, que pegou a lâmina e girou para enfiar o objeto no corpo espesso de um demônio água-viva, atacando com o machado na outra mão. Foi bastante impressionante, mas Kit estava furioso demais para se importar.

— Eu não *preciso de ajuda!* — gritou outra vez, quando Diana o puxou pelos degraus. — Não preciso ser salvo!

Ela o virou para que ele ficasse de frente para ela. Uma de suas mangas estava ensanguentada e havia uma marca vermelha em sua garganta onde o colar tinha sido arrancado. Mas ela continuava imperiosa como sempre.

— Talvez não precise — falou. — Mas os Blackthorn precisam, e você vai ajudá-los.

Em choque, Kit parou de lutar. Diana o soltou e abriu as portas do Instituto com o ombro. Após uma última olhada para trás, ele a seguiu.

Os instantes após Julian pegar Erec e colocar a faca em sua garganta foram caóticos. Diversas fadas perto do pavilhão uivaram e os cavaleiros recuaram, com expressão aterrorizada. O Rei Unseelie gritava.

Julian manteve a mente focada: *segure seu prisioneiro. Mantenha a faca na garganta dele. Se ele escapar, você ficará sem nada. Se matá-lo rápido demais,*

*ficará sem nada. Essa é a sua vantagem. Aproveite.*

Comandados pelo Rei, os cavaleiros se afastaram, formando uma espécie de túnel para Julian atravessar, empurrando Erec. O fim do túnel ficava abaixo do trono do Rei. O Rei estava na beira do pavilhão, sua capa branca voando com a brisa.

Erec não resistiu, mas, quando chegaram ao pavilhão, ele esticou a cabeça e encarou o pai. Julian sentiu os olhares deles se encontrarem.

— Você não vai cortar a garganta do meu filho — disse o Rei Unseelie, olhando para Julian com desdém. — Você é um Caçador de Sombras. Tem um código de honra.

— Você está pensando nos Caçadores de Sombras como eram antigamente — afirmou Julian. — Eu cresci na Guerra Maligna. Fui batizado com sangue e fogo.

— Você é comedido — disse o Rei —, gentil como anjos são gentis.

Julian ajeitou a faca com mais firmeza na curva do pescoço de Erec. O príncipe fada tinha cheiro de sangue e medo.

— Eu matei meu próprio pai — falou Julian. — Acha que não matarei seu filho?

Um olhar de surpresa passou pelo rosto do Rei. Adaon falou:

— Ele está dizendo a verdade. Muitos estavam no Salão dos Acordos durante a guerra. Foi testemunhado. Esse aí é implacável.

O Rei franziu o rosto.

— Adaon, fique quieto. — Mas ele estava claramente perturbado. Sombras se moveram por trás de seus olhos. — O preço que você pagaria por derramar o sangue da minha família na minha Corte seria inominável — falou para Julian. — Você não seria o único a pagar. Toda a Clave pagaria.

— Então não me obrigue a isso — disse Julian. — Deixe-nos partir em paz. Levaremos Erec conosco, por um quilômetro, e depois o soltaremos. Ninguém deverá nos seguir. Se sentirmos que estamos sendo seguidos, nós o mataremos. *Eu o matarei.*

Erec xingou e cuspiu.

— Deixe que me mate, pai — falou. — Deixe meu sangue iniciar a guerra que sabemos que está por vir.

Os olhos do Rei pousaram por um momento em seu filho. *Ele é o preferido do Rei*, Mark tinha dito. Mas Julian não podia deixar de imaginar se o Rei estaria mais preocupado com a guerra que estava por vir, com controlar como e quando começaria, do que com o destino de Erec.

— Você acha que anjos são gentis — disse Julian. — São tudo, menos isso. Eles trazem justiça com sangue e fogo celestial. Se vingam com punhos e ferro.

A glória é tanta que queimaria seus olhos se você olhasse para ela. É uma glória fria e brutal. — Ele encontrou o olhar do Rei: seu olho furioso e o vazio. — Olhe para mim se duvida do que eu digo que farei — ordenou Julian. — Olhe para os meus olhos. Fadas veem muito, pelo que dizem. Acha que sou alguém que tem alguma coisa a perder?

Estavam na entrada: Ty, Livvy, Arthur, e os mais novos, Dru com Tavvy no colo.

Eles se alegraram quando Diana e Kit entraram, mas Kit não sabia se a reação era por ele ou por ela. Arthur estava sentado na escada, em silêncio, olhando para o roupão manchado de sangue. Ele se levantou ao vê-los, mas estava se apoiando no corrimão com uma das mãos.

— Ouvimos tudo — disse Livvy. Ela estava pálida de choque, dando a mão para Ty. — Malcolm quer sangue Blackthorn, e ele tem um exército de demônios...

— Quando ele diz que quer “sangue Blackthorn”, não existe chance de ele estar falando de um pouco? — perguntou Kit. — Talvez um copo?

Todos o encararam com expressão séria, exceto Ty.

— Eu também pensei nisso — disse Ty, olhando animado para Kit. — Mas os feitiços foram escritos em língua arcaica. “Sangue Blackthorn” significa uma vida Blackthorn.

— Ele não vai conseguir o que quer — disse Diana. Ela tirou o casaco manchado de sangue e o jogou no chão. — Precisamos de um Portal. Agora. — Ela procurou o telefone no bolso da calça, encontrou e começou a digitar.

— Mas não podemos simplesmente desaparecer — disse Livvy. — Malcolm vai soltar todos aqueles demônios! Pessoas vão morrer!

— Você não pode barganhar com Malcolm — falou Diana. — Ele mente. Ele poderia conseguir o sangue Blackthorn que deseja e mesmo assim soltar os demônios. Deixá-los em segurança e depois atacá-lo é a melhor opção.

— Mas...

— Ela tem razão — afirmou Kit. — Malcolm fez milhares de promessas ao meu pai, inclusive a de mantê-lo seguro. No fim, ele tinha se certificado de que, se alguma coisa acontecesse a ele, meu pai morreria também.

— Catarina. — Diana virou-se de lado, com o telefone ao ouvido. — Preciso de um favor. Bem grande.

— Vão nos chamar de covardes — falou Dru, desanimada. — Fugir assim...

— Vocês são crianças — disse Arthur. — Ninguém espera que fiquem e lutem. — Ele atravessou a sala até a janela. Ninguém foi atrás dele. O som que



vinha do lado de fora bastava. Tavvy estava com o rosto no ombro da irmã.

— Para Londres? — perguntou Diana. — Tudo bem. Obrigada, Catarina. — E desligou.

— *Londres?* — disse Livvy. — Por que Londres?

— Por que não vamos para Idris? — questionou Dru. — Onde Emma e Jules estão?

— Catarina não pode abrir um Portal para Idris — disse Diana, sem olhar nos olhos de Dru. — Mas ela tem um acordo com o Instituto de Londres.

— Então devemos entrar em contato com a Clave! — exclamou Dru. Ela deu um pulo para trás quando o ar na sua frente começou a brilhar.

— Precisamos pegar nossas coisas — disse Tavvy, olhando preocupado para o brilho crescente. Estava se espalhando, uma espécie de cata-vento agora, de cores que giravam e ar que se movia. — Não podemos ir sem as nossas coisas.

— Não temos tempo para nada disso — retrucou Diana. — E não temos tempo de contatar a Clave. E há casas Blackthorn em Londres, lugares seguros, pessoas que conhecem...

— Mas por quê? — Livvy começou. — Se a Clave...

— É perfeitamente possível que a Clave prefira negociar um de vocês com Malcolm — disse Arthur. — Não é disso que está falando, Diana?

Diana não disse nada. O cata-vento giratório estava tomando forma: a forma de uma porta, alta e larga, cercada por símbolos brilhantes.

— Assim como os Centuriões, pelo menos, alguns deles — falou Diana. — Estamos fugindo deles tanto quanto de qualquer outra pessoa. Eles já estão derrotando os demônios marinhos. Temos pouco tempo.

— Diego jamais... — Dru começou indignada.

— Diego não está no comando — respondeu Diana. O Portal tinha ficado pronto: uma porta vaivém, que estava aberta. Através dela, Kit podia ver um tipo de sala de estar com papel de parede desbotado, com estampa de flores. Parecia extremamente incongruente. — Agora vamos... Drusilla, você primeiro...

Com um olhar de fúria desesperada, Drusilla atravessou a sala e entrou pelo Portal, ainda segurando Tavvy. Kit observou, impressionado, enquanto eles giravam e desapareciam.

Livvy foi em seguida, de mãos dadas com Ty. Ela parou na frente do Portal, a força da magia que pulsava através dele levantando o seu cabelo.

— Mas não podemos deixar esse lugar para Zara e a Tropa — protestou ela, voltando-se para Diana. — Não podemos deixar para eles...

— É melhor do que algum de vocês morrer — retrucou Diana. — Agora, vá. Mas foi Ty que hesitou.

— Kit vem, certo?

Diana olhou para Kit. Ele sentiu sua garganta doer; não sabia por quê.

— Vou — falou. Observou Livvy e Ty entrarem no vazio colorido e desaparecerem. Viu Diana ir atrás deles. Foi até o Portal e parou ali, olhando para Arthur.

— Você quer ir antes? — perguntou.

Arthur balançou a cabeça. Tinha um olhar estranho — estranho até mesmo para Arthur. Apesar de ele não ter estado tão estranho essa noite, Kit pensou. Foi como se a emergência o tivesse forçado a se manter controlado de um jeito que normalmente não conseguia.

— Diga a eles — falou, e os músculos do seu rosto tremeram. Atrás dele, a porta da frente estremeceu; alguém estava tentando abrir. — Diga a eles...

— Você poderá dizer pessoalmente em um minuto — falou Kit. Ele podia sentir a força do Portal puxando-o. Achou até que estava ouvindo vozes; a voz de Ty, a de Livvy. Mas ficou onde estava.

— Está acontecendo alguma coisa? — perguntou.

Arthur foi para perto do Portal. Por um instante, Kit relaxou, pensando que o tio das crianças ia entrar junto com ele. Em vez disso, sentiu uma mão no ombro.

— Agradeça a Julian — disse Arthur, e o empurrou com força.

Kit caiu no nada giratório e sem som.

O príncipe fada disparou sua flecha.

Kieran se moveu mais depressa do que se poderia imaginar. Ele girou o corpo, cobrindo o de Mark. A flecha sibilou pelo ar, cantando como um pássaro mortal. Mark só teve tempo de agarrar Kieran e empurrá-lo quando a flecha o alcançou e se enterrou nas costas dele, logo abaixo da omoplata.

Kieran desabou no ombro de Mark. Com a mão livre, Mark puxou uma adaga do cinto e arremessou; o príncipe caiu, gritando, com a lâmina na coxa.

Então ele começou a arrastar Kieran para longe da clareira. As flechas tinham parado, mas o fogo ardia das bandeiras com sua marca da coroa partida. Tinham pegado fogo. As fadas nobres gritavam e iam de um lado para o outro, muitas se separando e começando a correr.

Ainda segurando Kieran, Mark desapareceu dentro da floresta.

— Emma — murmurou Cristina. A clareira estava barulhenta: risos, gritos e vaia. De longe, ela podia ver Julian com a faca na garganta de Erec. Ouviu exclamações quando ele foi na direção do pavilhão do Rei, apesar de o Rei, distraído por Emma, ainda não ter visto.

Emma estava ajoelhada no chão, agarrando o braço do campeão fada ferido.

Ela levantou o olhar e viu Cristina, e seus olhos brilharam.

— Me ajude com meu pai — falou. Ela estava puxando o braço dele, tentando apoiá-lo em seu pescoço. Ele ficou deitado imóvel, e por um instante Cristina temeu que estivesse morto.

Ele se afastou de Emma e se levantou pesadamente. Era um homem esguio, alto e a semelhança familiar era evidente: tinha as feições de Emma, o formato dos seus olhos. Mas os dele eram vazios, o azul tornara-se leitoso.

— Solte-me — falou. — Vadia Nephilim. Solte-me. Isso já foi longe demais.

O sangue de Cristina congelou com suas palavras. O Rei explodiu em mais uma rodada de risos. Cristina pegou Emma, puxando-a para perto de si.

— Emma, você não pode acreditar em tudo que vê aqui.

— *Esse é meu pai* — insistiu a menina. Cristina a segurava pelo pulso, e podia sentir a pulsação acelerada nas veias de Emma, que estendeu a mão livre. — Pai — chamou —, por favor, venha comigo.

— Você é Nephilim — disse o pai de Emma. Dava para ver, em seu pescoço, as cicatrizes brancas de antigas Marcas, agora desbotadas. — Se me tocar, eu a arrastarei para os pés do meu Rei e ele a matará.

As fadas ao redor estavam rindo, agitadas, agarrando uma à outra, e pensar que era o pavor de Emma e sua confusão que as estavam fazendo rir provocou pontadas de fúria assassina através das veias de Cristina.

Uma coisa era estudar as fadas e ler que suas emoções não eram como as emoções humanas. Que as fadas da Corte Unseelie eram criadas para terem prazer na dor alheia. Para prendê-lo em uma teia de palavras e mentiras, e observar, sorrindo, você cair em seus truques.

Outra coisa era ver isso.

Houve uma súbita comoção. O Rei Unseelie correu para a ponta oposta do pavilhão. Ele gritava ordens, e, de repente, os cavaleiros se desalinham.

*Julian*, pensou Cristina. E, sim, ela podia vê-lo, Julian segurando Erec na sua frente, ao pé do pavilhão do Rei. Ele tinha deliberadamente atraído o Rei para longe de Emma e Cristina.

— Vai ser fácil o bastante decidir isso — disse Cristina. Ela pegou o canivete do cinto e o ofereceu ao campeão. — Pegue isso — falou.

— Cristina, o que você está fazendo...? — Emma quis saber.

— É ferro frio — respondeu Cristina. Ela deu mais dois passos em direção ao campeão. O rosto dele foi mudando conforme ela observava, cada vez menos parecido com o de Emma e mais parecido com outra coisa; algo grotesco vivendo sob aquela pele. — Ele é Caçador de Sombras. Ferro frio não deverá incomodá-lo.

Ela se aproximou e o campeão que parecera John Carstairs mudou

completamente. Seu rosto se ondulou e o corpo se contorceu e modificou: a pele ficou manchada e verde-acinzentada. Os lábios incharam ao mesmo tempo que os olhos se projetaram, arregalados e amarelos, e o cabelo sumiu até exibir uma cabeça lustrosa e cheia de caroços.

O que antes fora o pai de Emma, agora era um cavaleiro fada com corpo atarracado e cabeça de sapo. Emma o encarou, pálida. A boca grande se abriu e falou, crocitando:

— Finalmente, finalmente, livre da ilusão do Nephilim repulsivo...

Ele não concluiu a frase. Emma tinha pegado Cortana e atacado, enfiando a lâmina na garganta do cavaleiro.

O cavaleiro fada emitiu um ruído úmido e sufocado. Sangue cor de pus esguichou da sua enorme boca. Ele cambaleou para trás, mas Emma o seguiu, girando o cabo da faca. O fedor do sangue e o som de carne molhada rasgando quase fizeram Cristina vomitar.

— Emma — gritou Cristina. — *Emma!*

Emma puxou a espada outra vez e golpeou novamente repetidas vezes até Cristina segurá-la pelos ombros e sacudi-la. O cavaleiro fada sucumbiu ao chão, morto.

Emma estava tremendo, suja de sangue. Ela cambaleou.

— Vamos. — Cristina agarrou o braço da amiga e começou a puxá-la para longe do pavilhão. Foi então que o ar explodiu com um zumbido ritmado. Flechas. Tinham pontas de fogo e iluminavam a clareira com um brilho sombrio e móvel. Cristina desviou automaticamente, apenas para ouvir um som estridente a poucos centímetros de sua cabeça. Emma havia jogado Cortana para o lado e uma flecha atingiu a lâmina, desfazendo-se em pedaços no mesmo instante.

Cristina acelerou.

— Temos que sair daqui...

Uma flecha em chamas passou por elas e atingiu uma bandeira pendurada no pavilhão do Rei, que pegou fogo e estalou. Iluminou os príncipes correndo do pavilhão, saindo das beiradas para a sombra. O Rei ainda estava na frente do trono, olhando para o nada. Onde estava Jules? Para onde ele e Erec tinham ido?

Ao se aproximar da beira da clareira, a mulher fada com vestido de ossos surgiu na frente delas. Seus olhos eram verdes, semelhantes aos de um peixe, sem pupilas, e brilhavam como óleo sob a luz das estrelas. Cristina pisou forte no pé da mulher fada. Seus gritos foram abafados pelos uivos da Corte quando ela recebeu uma cotovelada e saiu do caminho. A mulher fada caiu no pavilhão, pequenos ossos caindo do vestido dela como neve acidental.

Emma e Cristina estavam de mãos dadas. Os dedos de Emma pareciam feitos de gelo e Cristina apertou a mão da amiga com mais força.

— *Vamos* — falou, e elas correram para as árvores.

Mark não ousou ir longe. Julian, Emma e Cristina ainda estavam na Corte. Ele puxou Kieran para trás de um tronco espesso de carvalho e o fez sentar, apoiado nele.

— Você está bem? Está com dor? — perguntou.

Kieran olhou para ele nitidamente exasperado. Antes que Mark pudesse contê-lo, ele esticou o braço, agarrou a flecha, e a puxou dali. Sangue saiu junto, uma poça que ensopou as costas da camisa.

— Jesus, Kieran, que diabos...

— Que deuses estrangeiros você chama agora? — Kieran quis saber. — Pensei que você tivesse dito que eu não estava morrendo.

— Não estava. — Mark tirou o colete de linho, dobrando o tecido para pressioná-lo contra as costas de Kieran. — Mas agora eu posso matá-lo por ser tão burro.

— Caçadores se curam rápido — disse Kieran, engasgando. — Mark. Realmente é você. — Seus olhos eram luminosos. — Eu sabia que viria atrás de mim.

Mark não disse nada. Estava concentrado em segurar o tecido sobre o ferimento de Kieran, mas uma sensação de ansiedade pressionava suas costelas. Ele e Kieran não tinham terminado em bons termos. Por que ele acharia que Mark viria atrás dele, quando quase não veio?

— Kier — falou ele, afastando o colete. Kieran tinha razão sobre a recuperação. O sangue tinha diminuído muito. Mark deixou o colete sujo de sangue cair e tocou a lateral do rosto do menino fada. Estava quente como uma fornalha. — Você está ardendo. — Ele esticou a mão para devolver o colar de flecha de elfo ao pescoço de Kieran, mas ele o impediu.

— Por que estou com o seu colar? — perguntou, franzindo o rosto. — Deveria ser seu.

— Eu te devolvi — retrucou Mark.

Kieran soltou um riso rouco.

— Eu me lembraria disso. — Então seus olhos arregalaram. — Não me lembro de ter matado Iarlath — disse. — Sei que matei. Me disseram. E eu acredito. Ele não valia nada. Mas não me lembro. Não me lembro de nada depois que te vi pela janela do Instituto falando com aquela garota. *Cristina*.

Mark gelou. Automaticamente, ele colocou o colar de flecha de elfo sobre a própria cabeça, sentindo-o bater em seu peito. *Kieran* não se lembrava?

Isso significava que não se lembrava de ter traído Mark, contando à Caçada

Selvagem que Mark tinha compartilhado segredos de fadas com os Nephilim. Ele não se lembrava do castigo, das chicotadas em Julian e Emma.

Ele não se lembrava que Mark tinha terminado a relação com ele. Devolvido o colar.

Não era à toa que achava que Mark viria atrás dele.

— *Aquela garota* Cristina está aqui — disse uma voz acima deles.

Cristina tinha se juntado a eles nas sombras. Estava desalinhada, mas muito menos do que Emma, que estava suja de sangue de fada e sangrando de um arranhão grande na bochecha. Mark se levantou.

— O que está acontecendo? Alguma de vocês se machucou?

— Eu... eu acho que estamos bem — disse Emma. Ela parecia espantada e preocupantemente sem expressão.

— Emma matou o campeão do Rei — disse Cristina, e depois fechou a boca. Mark sentiu que havia mais, mas não insistiu.

Emma piscou os olhos, focando lentamente em Mark e Kieran.

— Ah, é *you* — falou para Kieran, soando mais como ela mesma. — Cara de Fuinha. Tem cometido algum ato de traição pessoal monstruosa ultimamente?

Kieran pareceu espantado. As pessoas normalmente não falavam assim com príncipes Unseelie, e, além disso, Mark pensou, Kieran não se lembrava mais por que Emma poderia estar brava com ele ou acusá-lo de traição.

— Você a trouxe aqui para me resgatar? — perguntou ele a Mark.

— *Todos* nós viemos para resgatá-lo — disse Julian, apenas parcialmente visível atrás de Erec, que ele empurrava.

Emma deu um suspiro alto, uma indicação audível de alívio. Julian a encarou rapidamente, e eles trocaram um olhar. Era o que Mark sempre considerou o olhar *parabatai*: a rápida olhada para se certificar de que a outra pessoa estava bem, estava ao seu lado, segura e viva. Mas, agora que ele conhecia os verdadeiros sentimentos de Julian por Emma, não podia deixar de se perguntar se havia mais um pouco no que eles compartilhavam.

A garganta de Erec estava sangrando onde a adaga provavelmente tinha escorregado. Ele observava sob as sobrancelhas escuras, o rosto contorcido em uma careta.

— Traidor do sangue — disse a Kieran, e cuspiu sobre a faca. — Matador dos seus.

— Iarlath não era nada meu — retrucou Kieran, com a voz exaurida.

— Era mais seu do que esses monstros — rebateu Erec, olhando em volta para os Caçadores de Sombras que o cercavam. — Mesmo agora você nos trai por eles.

— Como você me traiu para o Rei, nosso pai? — questionou Kieran. Ele

estava aninhado entre as raízes da árvore, parecendo surpreendentemente pequeno, mas, quando esticou o rosto para encarar Erec, seus olhos eram duros como pedras preciosas. — Pensa que eu não sei quem contou para o Rei que eu matei Iarlath? Acha que não sei quem posso culpar pelo meu exílio da Caçada?

— Arrogante — disse Erec. — Você sempre foi arrogante, jovem insolente, achando que pertencia à Corte como o restante de nós. Eu sou o favorito do Rei, e não você. Você não conquistou nenhum lugar especial no coração dele ou nos corações da Corte.

— Mesmo assim gostavam mais de mim — respondeu Kieran em voz baixa. — Antes...

— Chega — disse Julian. — A Corte está pegando *fogo*. Os cavaleiros vêm atrás da gente assim que o caos passar. Não podemos ficar aqui e fofocar.

— Assuntos importantes da Corte não são fofoca. — Erec rosnou.

— Para mim, são. — Julian espiou pelo bosque. — Deve haver uma saída rápida daqui, em direção às Terras Seelie. Pode nos levar?

Erec ficou em silêncio.

— Ele pode — disse Kieran, levantando-se sem firmeza. — Ele não pode mentir e dizer que não é possível, por isso não está falando.

Emma ergueu uma sobrancelha para Kieran.

— Cara de Fuinha, você é surpreendentemente útil quando quer.

— Gostaria que você não tivesse tanta intimidade — falou Kieran em tom de reprovação.

Erec emitiu um rosnado. Julian estava enfiando a faca em seu pescoço. Havia um leve tremor na mão do Caçador de Sombras, no punho em torno da lâmina. Mark supunha que devia ser necessário um grande esforço físico para manter Erec contido, mas desconfiava de que havia mais do que isso. Julian não tinha natureza de torturador, por mais que pudesse ser — e fosse — implacável na hora de proteger os que amava.

— Vou matá-lo se você não nos levar na direção certa — falou agora. — E eu o farei lentamente.

— Você prometeu ao meu pai...

— Eu não sou fada — disse Julian. — Eu posso mentir.

Erec parecia furioso, de um jeito que alarmava Mark. Fadas podiam guardar mágoa por muito tempo. Mas ele começou a andar e os outros o seguiram, deixando para trás a luz laranja que vinha da clareira.

Penetraram a escuridão da floresta. As árvores se aglomeravam, e raízes grossas serpenteavam pelo solo escuro. Montes de flores coloridas, vermelhas e verdes, se agrupavam ao redor dos ramos baixos das árvores. Passaram por uma árvore-fada risonha, que estava sentada na forquilha de um galho, nua, exceto

por uma rede elaborada de fios prateados, e deu uma piscadela para Mark quando ele passou. Kieran se apoiava pesadamente em seu ombro; Mark estava com uma mão na lombar de Kieran. Será que os outros estavam confusos ou imaginando o que estaria acontecendo entre eles? Ele viu Cristina olhar para trás na direção dele, mas não conseguiu ler sua expressão.

Emma e Cristina caminhavam juntas. Julian estava na frente, permitindo que Erec os guiasse. Mark ainda se sentia inquieto. Parecia que tinham escapado fácil demais. Para o Rei da Corte Unseelie tê-los deixado sair, levando seu filho favorito...

— Onde estão os outros? — perguntou Erec quando as árvores foram rareando e o céu, multicolorido em toda a sua glória, se tornou visível. — Seus amigos?

— Amigos? — questionou Mark, confuso.

— Os arqueiros — respondeu Erec. — Aquelas flechas em chamas na Corte... foi inteligente, reconheço. Ficamos imaginando como vocês lidariam com armas depois que tirássemos seus poderes de anjo.

— Como fizeram isso? — perguntou Mark. — Profanaram toda a terra?

— Isso não faria diferença — disse Emma. — Símbolos funcionam até em reinos demoníacos. Isso é algo mais estranho.

— E a praga — disse Mark. — O que significa a terra com praga? Está em todos os cantos das Terras Unseelie, como câncer em um corpo doente.

— Como se eu pudesse falar sobre isso. — Erec se irritou. — E não adianta me ameaçar, pois contar valeria a minha vida.

— Acredite em mim, eu mesmo estou cansado de ameaçá-lo — disse Julian.

— Então me solte — falou Erec. — Quanto tempo planeja me segurar? Para sempre? Pois é o tempo que precisaria para me usar como proteção contra o meu pai e seus cavaleiros, para impedir que os encontrem e cortem suas gargantas.

— Eu disse que estava cansado de ameaçar e não que ia parar — disse Julian, cutucando a lâmina da faca. Eles tinham chegado à beira da floresta, onde as árvores terminavam e os campos começavam. — Agora, para que lado?

Erec partiu pelo campo e eles foram atrás. Kieran estava se apoiando mais pesadamente em Mark. Seu rosto era muito pálido ao luar. As estrelas destacavam o azul e o verde em seu cabelo — sua mãe era uma fada do mar, e um pouco do brilho adorável da água permanecia nas cores do cabelo de Kieran e em seus olhos.

O braço de Mark se curvou inconscientemente em volta dele. Ele estava furioso com Kieran, sim, mas aqui no Reino das Fadas, sob o brilho das estrelas policromáticas, era difícil não se lembrar do passado, não pensar em todas as vezes em que se apoiou em Kieran para ter calor e companhia. Que eram só os



dois e ele achava que talvez fossem ser para sempre. E que se considerava muito sortudo por alguém como Kieran, um príncipe, e lindo, sequer olhar para ele.

O sussurro de Kieran era como um leve carinho no pescoço de Mark.

— Lança do Vento.

Lança do Vento era o cavalo de Kieran. Ou foi. Ele tinha vindo com ele da Corte quando Kieran se juntou à Caçada.

— E ele? Onde ele está?

— Com a Caçada — respondeu Kieran, e tossiu violentamente. — Foi um presente de Adaon, quando eu era muito novo.

Mark nunca tinha conhecido os meios-irmãos de Kieran, as dezenas de príncipes de diferentes mães que visavam ao Trono Unseelie. Adaon, ele sabia pelas histórias de Kieran, era um dos mais gentis. Erec era o oposto. Foi cruel com ele por quase toda a vida. Kieran raramente falava dele sem raiva.

— Achei que tivesse ouvido o galope dele — disse Kieran. — Ainda ouço.

Mark escutou. Inicialmente não ouviu nada. Sua audição não era aguçada como a de Kieran, ou como a de qualquer fada verdadeira, pelo menos não quando suas Marcas não funcionavam. Ele teve que forçar os ouvidos para finalmente ouvir o som. *Era* um galope, mas não de Lança do Vento. Nem de nenhum dos cavalos. Era um estrondo de cascos, dezenas deles, vindo da floresta.

— Julian! — gritou Mark.

Não havia como conter o pânico da sua voz. Jules ouviu e se virou, rápido, soltando a mão de Erec, que se afastou, explodindo em movimento. Ele atravessou o campo, sua capa preta voando atrás dele, e correu para a floresta.

— E ele era uma ótima companhia — murmurou Emma — Com toda aquela coisa de “Nephilim, vocês todos vão morrer em uma poça do próprio sangue”. Estava muito agradável. — Ela parou. Tinha ouvido os cavalos. — O que é isso...?

Cortana pareceu voar para sua mão. Julian continuava segurando a adaga. Cristina alcançou o canivete.

— A cavalaria do Rei — disse Kieran, com uma calma surpreendente. — Não têm como combatê-los.

— Temos que correr — disse Mark. — Agora.

Ninguém discutiu. Correram.

Eles correram pelo campo, saltaram um muro de pedra do outro lado, Mark praticamente carregando Kieran. O chão começou a tremer com a força dos cascos distantes. Julian estava praguejando, um fluxo baixo e frequente de xingamentos. Mark supôs que ele não pudesse xingar muito no Instituto.

Estavam se movendo acelerados, mas não rápido o suficiente, a não ser que

conseguissem encontrar outro bosque ou algum tipo de cobertura. Mas não havia nada visível ao longe, e as estrelas pouco diziam a Mark. Ele estava exausto o bastante para ficar tonto com elas. Metade da sua força parecia destinada a Kieran: não apenas por arrastá-lo junto, mas por mantê-lo de pé.

Chegaram a outro muro, que não era alto o bastante para conter os cavalos das fadas, mas era o suficiente para incomodar. Emma saltou. Julian foi atrás dela, seus dedos tocando levemente o topo do muro ao saltar por cima dele.

Kieran balançou a cabeça.

— Eu não consigo — falou.

— Kier... — começou Mark, irritado, mas Kieran estava com a cabeça abaixada, como um cachorro surrado. Seus cabelos caíam, suados e embaraçados, no rosto, e a camisa e a cintura da calça estavam ensopadas de sangue. — Você está sangrando de novo. Achei que tivesse dito que estava se curando.

— Achei que estivesse — respondeu o príncipe fada em voz baixa. — Mark, deixe-me aqui...

Alguém tocou o ombro de Mark. Cristina. Ela tinha guardado a faca e o encarava com frieza.

— Eu ajudo a passá-lo sobre o muro.

— Obrigado — falou Mark. Kieran sequer pareceu ter a energia para olhar irritado para Cristina. Ela subiu para o topo do muro e esticou as mãos para baixo. Juntos, Cristina e Mark ajudaram Kieran a passar sobre a barreira. Eles pularam para baixo, para a grama ao lado de Emma e Julian, que estavam esperando, com ar de preocupação. Kieran aterrissou ao lado deles e sucumbiu ao chão.

— Ele não pode continuar correndo — afirmou Mark.

Julian olhou por cima do muro. O barulho dos cascos estava alto agora, um estrondo acima deles. A liderança da cavalaria Unseelie era visível, uma linha escura se movendo.

— Ele precisa — falou. — Vão nos matar.

— Me deixem aqui — disse Kieran. — Deixem que me matem.

Julian se abaixou, apoiado em um dos joelhos. Colocou a mão embaixo do queixo de Kieran, forçando o rosto do príncipe a se levantar de modo que os olhares se encontraram.

— Você me chamou de implacável — falou, seus dedos claros contra a pele ensanguentada de Kieran. — Não tenho pena de você, Kieran. Você causou isso a si mesmo. Mas, se você pensa que viemos até aqui para salvar a sua vida apenas para permitir que você deite e morra, é mais tolo do que eu pensava. — Sua mão baixou do rosto de Kieran para o braço, puxando-o para cima. — Me

ajude, Mark.

Juntos, levantaram Kieran entre eles e avançaram. Era uma tarefa absurdamente difícil. O pânico e o esforço de segurar Kieran abalaram os sentidos de Caçador de Mark. Eles tropeçaram sobre pedras e raízes, entraram em um bosque, e galhos baixos arranharam a pele e o uniforme. No meio do bosque, Kieran ficou mole. Finalmente tinha desmaiado.

— Se ele morrer... — começou Mark.

— Ele não vai morrer — respondeu Julian sombriamente.

— Poderíamos escondê-lo aqui e voltar para buscar...

— Ele não é um par de sapatos. Não podemos simplesmente deixá-lo aqui e esperar que ele esteja no lugar quando voltarmos — sibilou Julian.

— Vocês dois podem parar... — começou Emma, mas se interrompeu com um engasgo. — Ah!

Eles tinham saído do bosque. À sua frente, se erguia uma colina, verde e lisa. Poderiam subir, mas teriam que enterrar mãos e pés, e escalar para o topo. Seria impossível fazer isso e manter Kieran com eles. Até Julian tinha parado onde estava. O braço do príncipe fada, que ficara enrolado no pescoço de Julian, agora estava solto, pendurado. Mark tinha a sensação distante e terrível de que ele estava morto. Queria deitar Kieran na grama e checar o pulso, segurá-lo do jeito que se devia segurar um Caçador em seus últimos momentos.

Em vez disso, ele virou a cabeça e olhou para trás. Cristina estava com os olhos fechados. Ela apertava o pingente, e sua boca se movia em uma oração silenciosa. Emma segurou Cortana da mesma forma, com olhos atentos e brilhantes. Ela os defenderia até o fim, inclusive Kieran. Ela cairia sob os cascos da cavalaria Unseelie.

E eles estavam vindo. Mark podia vê-los, sombras entre as árvores. Cavalos como fumaça escura, olhos em brasa como carvões vermelhos, com ferraduras de prata e ouro ardente. Fogo e sangue lhes davam vida: eram assassinos e brutais.

Mark teve a impressão de que podia ver o Rei indo na frente. Seu capacete de batalha era talhado com um desenho de caras que berravam. O protetor de rosto cobria apenas a parte humana e linda do Rei, deixando a pele cinza morta exposta. Seu olho brilhava como veneno vermelho.

O som da aproximação deles era como o som de uma geleira quebrando. Ensurdecedor e mortal. De repente, Mark desejou que pudesse ouvir o que Cristina estava dizendo, as palavras de sua oração silenciosa. Ele observou os lábios dela se mexerem. *Anjo, cuidai de nós, abençoai-nos, salvai-nos.*

— Mark. — Julian virou a cabeça para o irmão mais velho, seus olhos azul-esverdeados subitamente sem reservas, como se ele estivesse prestes a falar algo

que estava desesperado para falar há muito tempo. — Se você...

A colina pareceu rachar. Um grande quadrado na frente dela se destacou do restante e se abriu como uma porta. O queixo de Mark caiu. Ele tinha ouvido falar nessas coisas, colinas com portas nas laterais, mas nunca havia visto uma.

Luz brilhou da abertura. Parecia um corredor, curvando-se para o coração da colina. Uma jovem fada, com orelhas levemente pontudas e os cabelos claros presos com cordas de flores, estava de pé na entrada, segurando um lampião. Ela estendeu uma das mãos para eles.

— Venham — falou, e sua voz tinha o sotaque inegável da Corte Seelie. — Venham depressa antes que eles os alcancem, pois os cavaleiros do Rei são selvagens e não vão permitir que vivam.

— E você? — perguntou Julian. — Pretende nos tratar bem?

Só Julian discutiria com a providência, Mark pensou. Mas Julian não confiava em ninguém além da família. E, às vezes, nem na família.

A mulher sorriu.

— Sou Nene — falou. — Vou ajudá-los, não os ferir. Mas venham agora, depressa.

Mark ouviu Cristina sussurrar um “obrigada”. E então estavam todos correndo outra vez, sem ousar olhar para trás. Um por um, pularam pela porta e pousaram na terra batida lá dentro. Mark e Julian entraram por último, carregando Kieran. Mark deu uma última olhada nos cavaleiros Unseelie atrás deles e ouviu seus gritos de raiva decepcionada. Depois, a porta se fechou atrás deles, selando a colina.

# 13

## Terra dos Sonhos

Emma olhou em volta, admirada. A entrada não exibia vestígios de ter sido entalhada na encosta. Era feita de pedra lisa, cinza, e o teto, de mármore azul com estampa de estrelas douradas. Um corredor sombreado levava mais fundo na colina.

A mulher fada, Nene, ergueu o lampião. Estava cheio de vaga-lumes agitados que lançavam um brilhozinho limitado sobre o pequeno grupo. Emma viu Julian, com a boca contraída, e Cristina, que apertava seu pingente. Mark estava baixando Kieran no chão, com delicadeza nas mãos. Ela precisou de um instante para perceber que Kieran estava inconsciente, a cabeça caíra para trás e as roupas estavam salpicadas de sangue.

— Estamos nas Terras Seelie agora — falou Nene. — Vocês podem usar suas Marcas e pedras de luz enfeitiçada. — Ela fitou Kieran com uma expressão confusa. — Vocês podem curar seu amigo.

— Não podemos. — Julian tirou a pedra de luz enfeitiçada do bolso. Sua iluminação se precipitou sobre Emma como o oásis de água no deserto. — Ele não é um Caçador de Sombras.

Nene se aproximou e, consternada, arqueou as sobrancelhas claras. Mark mantinha-se no chão, segurando Kieran, e o rosto do príncipe fada estava exaurido, com uma cor esbranquiçada; os olhos fechados eram luas crescentes pálidas no rosto anêmico.

— Ele é da Caçada? — perguntou ela.

— Nós dois somos... — começou Mark.

— Você pode fazer alguma coisa por ele? — interrompeu Emma antes que Mark falasse demais.

— Sim. — Nene se ajoelhou, ajeitando o lampião no chão, bem ao seu lado.

Ela sacou um frasco do colete de pele branca que usava sobre o vestido. Hesitou, olhando para Mark. — Você não precisa disso? Não está machucado?

Ele balançou a cabeça, confuso.

— Não, por quê?

— Eu trouxe para você. — Ela tirou a rolha do frasco. Posicionando-o junto aos lábios de Kieran, murmurou alguma coisa num idioma que Emma desconhecia.

Os lábios de Kieran se abriram e ele engoliu. O líquido dourado claro escorreu pelos cantos da boca. Os olhos se arregalaram, e então ele se ergueu um pouco, tomando um segundo e um terceiro goles caprichados. Seu olhar encontrou o de Nene por cima do gargalo, e aí ele virou o rosto e limpou a boca com a manga.

— Guarde o restante — falou com a voz rouca. — É o bastante.

Com a ajuda de Mark, ele ficou de pé, cambaleando levemente. Os outros tinham guardado suas estelas. Um novo *Iratze* de Cura ardia no braço de Emma, e ao lado havia uma Marca de Energia. Ainda assim, seu corpo doía e o coração estava magoado. Ela não conseguia parar de enxergar seu pai, encarando-a, deitado na grama.

Não tinha sido ele, na verdade, mas isso não tornava a imagem menos dolorosa.

— Vamos — falou Nene, guardando o frasco. — A bebida só vai sustentar você por um breve período. Temos que nos apressar para a Corte.

Ela começou a percorrer o corredor e os outros a seguiram, com Mark dando apoio a Kieran, que caminhava com dificuldade. Julian pegou a pedra de luz enfeitiçada e o corredor brilhou. Vistas de longe, as paredes pareciam mosaicos intrincados, mas ao se aproximar Emma notou que eram de resina clara com pétalas de flores e asas de borboleta por baixo.

— Milady — falou Cristina. Seu cabelo, assim como o de Emma, estava emaranhado com folhas e carrapichos. — O que você quis dizer quando falou que trouxe aquela bebida para Mark? Como sabia que ele estaria aqui?

— Nós tivemos convidados aqui na Corte — falou Nene. — Uma garota Caçadora de Sombras com cabelos ruivos e um garoto louro.

— Jace Herondale e Clary Fairchild — adivinhou Emma.

— Eles me contaram sobre os Blackthorn. Esse era um nome que eu conhecia. Minha irmã, Nerissa, amou um Blackthorn, teve dois filhos com ele e morreu de amor quando foi abandonada.

Mark parou de andar. Kieran soltou um gemido baixinho de dor.

— Você é irmã da minha mãe? — perguntou, incrédulo.

— Acho que normalmente chamam isso de tia — falou Emma.

Mark lançou um olhar mal-humorado para ela.

— Fui eu quem levou você e sua irmã até a porta de seu pai e os deixou lá para que ele pudesse criar vocês — falou Nene. — Você tem meu sangue.

— Estou começando a me perguntar se algum de vocês não tem um parente perdido há muito no Reino — falou Kieran.

— Eu não tenho — retrucou Cristina com a voz pesarosa.

— Metade dos parentes de Mark é do Povo das Fadas — observou Emma. — Onde mais eles estariam?

— Como foi que você soube que eu precisaria ser salvo? — questionou Mark à mulher fada.

— A puca que deixou vocês passarem pelo portão da lua é um velho amigo — explicou Nene. — Ele me contou sobre a jornada de vocês e eu adivinhei qual seria sua missão. Eu sabia que você não sobreviveria aos truques do Senhor das Sombras sem ajuda.

— As flechas em chamas — falou Julian. O corredor, antes feito de pedra e azulejos, agora era de terra batida. Raízes emaranhavam-se no teto, cada uma delas entrelaçada com flores reluzentes que iluminavam a escuridão. Veios de minerais na pedra reluziam e se modificavam quando Emma olhava para eles. — Foi você.

Nene fez que sim com a cabeça.

— E alguns outros, da Guarda da Rainha. Então eu tinha apenas que ficar alguns passos à frente de vocês e abrir a porta. Não foi simples, mas existem muitas portas para Seelie por todas as Terras do Rei. Mais do que ele conhece. — Ela lançou um olhar sério para Kieran. — Você não vai falar disso, vai, Caçador?

— Pensei que você tinha me visto como um Nephilim — falou Kieran.

— Isso foi antes de ver seus olhos — falou ela. — Como meu sobrinho, você é servo de Gwyn. — Ela suspirou baixinho. — Minha irmã Nerissa ficaria de coração partido se soubesse que o filho seria tão amaldiçoado quando adulto.

O rosto de Julian ficou sombrio, mas, antes que ele pudesse falar, um vulto se agigantou diante deles. O grupo tinha alcançado um local onde o corredor se abria para uma sala circular, com outros corredores conduzindo a uma variedade atordoante de direções.

Um cavaleiro fada bloqueava o avanço deles. Um homem alto, com pele marrom-clara e uma expressão sombria, trajando vestes oficiais e um gibão de tecido multicolor brilhante.

— Fergus — falou Nene —, deixe-nos passar.

Ele arqueou uma sobrancelha escura e retrucou com uma torrente de palavras numa língua estranha, semelhante ao chilrear de um pássaro — não estava

furioso, mas sua irritação era evidente. Nene ergueu uma das mãos e respondeu com a voz ríspida. Enquanto observava a fada, Emma pensou ser capaz de notar alguma semelhança com Mark. Não apenas os cabelos louros e claros, mas a delicadeza dos ossos e a ponderação dos gestos.

O cavaleiro suspirou e deu um passo para o lado.

— Podemos ir agora, mas seremos chamados para uma audiência com a Rainha ao raiar do dia — falou Nene, apressando-se. — Vamos, me ajudem a levar o Caçador para um quarto.

Emma tinha algumas perguntas: como eles iam saber que já era o raiar do dia aqui neste lugar, por que Nene parecia não gostar muito da Caçada Selvagem e, claro, aonde eles estavam indo. No entanto, ela guardou todos os questionamentos para si, e finalmente eles chegaram ao fim de um corredor onde as paredes eram de rocha polida, que reluzia com pedras semipreciosas: olho de tigre, lazulita, jaspe. As fendas na rocha eram cobertas com longas cortinas de veludo, bordadas com fios reluzentes.

Nene afastou uma das cortinas para o lado e revelou um cômodo cujas paredes eram lisas e faziam uma curva na direção do teto abobadado. Cortinas brancas pendiam dele, cobrindo parte de uma cama feita de grossos galhos entremeados com flores.

Nene pousou o lampião.

— Deite o Caçador — falou.

Kieran ficara quieto desde que entraram na Corte Seelie propriamente dita. Permitiu que Mark o conduzisse até a cama. Sua aparência estava terrível, pensou Emma enquanto Mark o ajudava a se ajeitar sobre o colchão. Ela se perguntava quantas vezes Mark tinha feito esse tipo de coisa por ele quando Kieran chegava exausto de uma caçada — ou quantas vezes Kieran fizera o mesmo por Mark. Ser um Caçador era um trabalho arriscado. Ela não conseguia imaginar quanto do sangue um do outro eles já tinham visto.

— Tem algum curandeiro nesta Corte? — perguntou Mark, se apurando.

— Eu sou a curandeira — falou Nene. — Mas raramente trabalho sozinha. Em geral, tenho um ajudante, mas está muito tarde e a Corte está meio vazia. — O olhar dela pousou em Cristina. — Você vai me ajudar.

— Eu? — Cristina pareceu surpresa.

— Você tem ar de curandeira — falou Nene, indo apressada até um armário de madeira e escancarando suas portas. Nele, viam-se vidros de ervas, cordas penduradas de flores secas e frascos de líquidos com cores diferentes.

— Você pode dizer o nome de alguma dessas coisas?

— Tiarella — falou Cristina prontamente, como se estivessem em sala de aula. — *Montia perfoliata*, falso lírio, *Clintonia uniflora*.



Nene se mostrou impressionada. Ela sacou de uma gaveta uma pilha de tecidos de linho, incluindo tiras cortadas exatamente do tamanho de ataduras e entregou tudo a Cristina.

— Tem gente demais aqui, isso vai tornar a cura do paciente mais lenta. Levarei esses dois para a próxima porta. Você deve tirar as roupas de Kieran.

As bochechas de Cristina arderam.

— Mark pode fazer isso.

Nene revirou os olhos.

— Como quiser. — Ela se voltou para a cama, onde Kieran estava caído sobre os travesseiros. Havia manchas de sangue seco por toda a camisa e a pele de Mark, mas ele não parecia perceber. — Esmague um pouco de Tiarella e dê a ele com um pouco de água. Não devemos enfaixá-lo ainda. Temos que inspecionar os ferimentos.

Ela saiu correndo do quarto, e Emma e Julian dispararam atrás. Deram apenas alguns passos no corredor, na direção de uma cortina vermelha escura, que ocultava uma porta aberta. Nene afastou o tecido e fez um gesto para que os dois entrassem.

Uma vez lá dentro, Emma teve que disfarçar um arquejo de admiração. Este quarto era muito maior do que o outro. O teto se perdia nas sombras. As paredes eram de quartzo prateado e brilhavam por dentro, iluminando o cômodo com um brilho suave. Flores em tons de branco e bege desciam em cascata pelas paredes, perfumando o ar com cheiro de jardim. Sobre uma plataforma com degraus, uma cama imensa. Havia uma pilha de travesseiros de veludo e uma colcha suntuosa.

— Isto vai servir? — perguntou Nene.

Emma só conseguiu fazer que sim com a cabeça. Uma sebe onde crescia uma treliça de rosas se estendia na direção de um dos extremos do quarto, e atrás dela uma cascata de água precipitava-se sobre as pedras. Quando ela olhou ao redor da sebe, viu que ela se esvaziava numa piscina de pedras, alinhada com pedras verdes e azuis que formavam uma borboleta.

— Não é tão bonito quanto o do Instituto — ela ouviu Julian dizer —, mas vai servir.

— De quem é o quarto? — perguntou Emma. — É da Rainha?

Nene deu risada.

— Os aposentos da Rainha? Certamente que não. É de Fergus... na verdade, ele tem dois. Fergus tem muitas regalias na Corte e não vai se importar se vocês dormirem aqui. Ele fica de vigia à noite.

Ela se virou para sair, mas parou perto da cortina e olhou outra vez para eles.

— Vocês são o irmão e a irmã do meu sobrinho?

Emma fez menção de falar, mas aí desistiu. Mark era mais um irmão do que

qualquer outra coisa para ela. Certamente era mais irmão do que Julian.

— Sim — respondeu Julian, percebendo a hesitação da menina.

— E vocês o amam — falou Nene.

— Creio que você descobrirá que é fácil amá-lo, se tirar um tempo para conhecê-lo — falou Jules, e o coração de Emma inflou, ansiando por ele, por ele e Mark juntos, felizes e risonhos como deveriam ser os irmãos, e pelo desafio nos olhos de Julian ao olhar para Nene. *Você deve ao meu irmão o amor que ele merece; mostre isso a ele ou darei minhas costas a você.*

Nene pigarreou.

— E minha sobrinha? Alessa?

— O nome dela é Helen agora — falou Julian. Ele fez uma pausa momentânea, e Emma pôde notar que estava refletindo se devia mencionar a situação de Helen, mas desistiu; Julian não confiava o suficiente em Nene, não ainda. — Sim, ela é minha irmã. Sim, eu a amo como amo Mark. Ambos são fáceis de se amar.

— Fáceis de se amar — repetiu Nene, em tom ponderado. — Há poucos dos nossos que eu classificaria como seres fáceis de se amar. — Ela se virou novamente para a porta. — Devo me apressar antes que o menino Caçador morra — falou e se foi.

Julian olhou para Emma, sobrancelhas arqueadas.

— Ela é muito...

— Sim — concordou Emma, sem precisar ouvir o restante das palavras para saber o que ele queria dizer. Ela e Julian quase sempre concordavam sobre as pessoas. Emma sentiu a boca se curvar ao sorrir para ele, apesar de tudo, apesar da tensão incrível e extrema da noite.

E não era como se o risco tivesse acabado, pensou ela, virando-se para olhar o cômodo. Dificilmente já tinha se hospedado num local tão bonito. Emma já havia ouvido falar de hotéis em cavernas, locais na Capadócia e na Grécia, onde quartos lindos eram escavados nas rochas e cobertos com sedas e veludos. Mas aqui eram as flores que tocavam seu coração; as flores brancas, que tinham cheiro de chantili, como as flores brancas que cresciam em Idris. Pareciam irradiar luz.

E também havia a cama. Com uma espécie de choque tardio, Emma se deu conta de que ela e Julian tinham ficado a sós num quarto absurdamente romântico, com apenas uma cama, muito grande e aveludada.

Sem dúvida, as preocupações da noite ainda não tinham acabado. De forma alguma.

Quando Nene voltou, limpou o ferimento de Kieran delicadamente com as tiras úmidas de linho, pressionando as beiradas do corte cuidadosamente com os dedos. Kieran se sentou, rígido, na beira da cama, sem se mexer nem notar o que estava acontecendo, mas, pelo tanto que vinha mordendo o lábio, Cristina percebia que ele sentia dor.

Mark estava sentado, em silêncio, ao lado dele. Parecia angustiado, exausto, e não mudava de posição nem segurava a mão de Kieran, simplesmente permanecia ali, ombro a ombro com o outro menino. Mas essa coisa de ficar de mãos dadas não fazia muito o estilo deles, pensou Cristina. A Caçada Selvagem não era um lugar onde tais expressões delicadas de afeto eram bem recebidas.

— Tinha capuz-de-frade na flecha Unseelie — falou Nene quando terminou de limpar o ferimento. Ela esticou a mão para pegar a atadura e começou a enrolar pelo tronco esguio de Kieran.

Tiraram suas roupas e depois vestiram uma calça limpa, e a camisa ficara dobrada ao lado dele na cama. Havia cicatrizes nas costas de Kieran, não muito diferentes das cicatrizes de Mark, e elas se estendiam até os braços e desciam pelos antebraços também. Apesar de magro, ele parecia forte, os contornos dos músculos bem distintos nos braços e no peito.

— Se você fosse humano ou mesmo uma fada comum, isso o teria matado, mas Caçadores têm uma proteção própria. Você vai sobreviver.

— Sim — falou Kieran, erguendo o queixo com arrogância. Mas Cristina ficou pensando... Ele não tinha dito *Sim, eu sabia que iria sobreviver*. Ele duvidara disso, desconfiava ela. Ele de fato sentira medo de morrer.

Mesmo assim Cristina admirava sua coragem. Não podia evitar.

Nene revirou os olhos, terminando de enfaixar. Ela deu um tapinha no ombro de Cristina enquanto Kieran vestia a camisa, meneando os ombros para acomodá-la no corpo e abotoando devagar, os dedos trêmulos. Apontou para uma bandeja rasa de mármore sobre a mesinha de cabeceira, cheia de panos úmidos boiando num líquido esverdeado.

— São cataplasmas para evitar uma infecção. Troque e ponha sobre o ferimento de duas em duas horas.

Cristina assentiu. Não sabia ao certo se deveria programar um despertador ou se acordaria a cada duas horas, ou se simplesmente deveria ficar acordada a noite inteira, mas ia dar um jeito.

— Tome — falou Nene, inclinando-se para Kieran com outro frasco. — Beba. Não vai lhe fazer mal, só vai ajudar.

Após um instante, Kieran bebeu. De repente, ele rejeitou o frasco, tossindo.

— Como ousa... — começou, e então seus olhos se reviraram e ele afundou nos travesseiros. Mark o segurou antes que as costas machucadas tocassem a

cama e ajudou Nene a virá-lo com cuidado.

— Não se sinta culpada — falou Mark, notando a mandíbula trincada de Nene. — Ele sempre berra isso ao adormecer.

— Ele precisava descansar. — Foi tudo o que a mulher fada disse. E saiu do quarto.

Mark ficou observando-a sair, o rosto confuso.

— Ela não é o que eu imaginava quando eu sonhava com a possibilidade de ter uma família no Reino das Fadas — disse ele. — Durante tantos anos eu procurei e perguntei, e nem sinal deles. Eu já tinha desistido.

— Ela fez um tremendo esforço para encontrar e salvar você — falou Cristina. — É óbvio que ela se importa.

— Ela não me conhece — falou Mark. — Fadas têm uma ligação consanguínea muito forte. Ela não poderia deixar que eu caísse nas mãos do Rei Unseelie. O que acontece a um membro da família se reflete nos outros que integram aquela linhagem.

*Ela tocou no seu cabelo*, era o que Cristina queria dizer. Ela havia visto, mas muito rapidamente: quando Nene esticara a mão para enfaixar as costas de Kieran, seus dedos roçaram as pontas finas do cabelo claro de Mark. Ele não notara e agora Cristina se perguntava se ele ao menos acreditaria nela, caso contasse.

Ela se sentou ao pé da cama. Kieran se aninhara, e os cabelos escuros estavam emaranhados sob a cabeça inquieta. Mark se recostara na cabeceira. Os pés descalços estavam na cama a apenas alguns centímetros de Cristina; o braço estava esticado e seus dedos quase tocavam os dela.

Mas o olhar se fixava em Kieran.

— Ele não se lembra — falou.

— Kieran? Do que ele não se lembra?

Mark puxou os joelhos para o peito. Vestindo a camisa e a calça rasgadas e ensanguentadas, ele parecia mais o monte de trapos que fora quando a Caçada Selvagem o libertou.

— A Corte Unseelie bateu nele e o torturou — explicou ele. — Eu já esperava isso. É o que fazem com os prisioneiros. Depois que eu o desamarrei, assim que o tirei da clareira, percebi que lhe provocaram algum tipo de dano, de modo que ele não se lembrava de ter matado Iarlath. Ele não se lembra de coisa alguma daquela noite em que nos viu na cozinha.

— Ele não se lembra dos açoites, do que aconteceu a Jules e Emma...?

— Não se lembra do que aconteceu, nem que eu o abandonei por causa disso — falou Mark com ar sério. — Ele disse que sabia que eu viria atrás dele. Como se nós ainda fôssemos... o que éramos.

— O que vocês *eram*? — Cristina se deu conta de que nunca havia perguntado. — Vocês tinham um compromisso? Tinham uma palavra para isso, como *novio*?

— Namorado? — repetiu Mark. — Não, nada disso. Mas era alguma coisa e depois virou nada. Porque eu estava zangado. — Ele olhou para Cristina com ar infeliz. — Mas como posso ficar zangado com alguém que sequer se lembra do que fez?

— Seus sentimentos são seus sentimentos. Kieran fez aquelas coisas. Foi ele, mesmo que não se lembre delas. — Cristina franziu a testa. — Será que estou sendo muito dura? Não é minha intenção. Mas fiquei com Emma depois disso. Eu a ajudei a enfaixar os cortes por causa do açoite.

— E agora você ajudou a enfaixar Kieran. — Mark respirou fundo. — Sinto muito, Cristina. Isso deve parecer... Eu sequer consigo imaginar o que você está pensando. Ter que ficar sentada aqui comigo, com ele...

— Você se refere ao... — Cristina corou. *Você se refere ao beijo na festa?* Ela buscou no fundo do seu coração ciúme, amargura, raiva de Mark. Não havia nada. Nem mesmo a fúria que ela sentira por Diego quando Zara aparecera.

Tudo aquilo parecia muito distante agora. Muito distante e pouco importante. Zara merecia Diego; ela que ficasse com ele.

— Não estou zangada — falou. — E, de qualquer forma, você não deveria se preocupar com meus sentimentos. Acho que agora a gente deve se concentrar no fato de Kieran estar em segurança, de que poderemos retornar.

— Não consigo parar de me preocupar com seus sentimentos — falou Mark. — Não consigo parar de pensar em você.

Cristina sentiu o coração pular do peito.

— Seria um erro considerar a Corte Seelie um terreno seguro onde poderemos descansar. Tem um ditado antigo que diz que a única diferença entre Seelie e Unseelie é que Unseelie faz o mal abertamente e Seelie o esconde. — Mark baixou o olhar. Kieran respirava baixinho, regularmente. — E eu não sei o que vamos fazer com Kieran — falou. — Mandá-lo de volta para a Caçada? Chamar Gwyn? Agora Kieran não vai entender por que eu quereria me afastar dele.

— E você quer? Quer se afastar dele agora?

Mark não disse nada.

— Eu entendo — falou ela. — Entendo mesmo. Você sempre precisou tanto de Kieran que nunca teve a chance de pensar no que você *queria* com ele antes.

Mark resmungou bem baixinho. Aí pegou a mão de Cristina e a segurou, ainda olhando para Kieran. O aperto foi forte, mas ela não retirou a mão.

Julian se sentou na cama imensa de Fergus. Ele não podia ver nem um pedacinho de Emma atrás da sebe alta que bloqueava a piscina de pedras, mas podia ouvi-la mergulhando, um som que ecoava pelas paredes reluzentes.

O som deixou seus nervos à flor da pele. Quando ela terminasse, sairia da piscina e se deitaria na cama com ele. Ele já tinha dividido a cama com Emma uma centena de vezes. Talvez milhares de vezes. Mas isso não significava nada quando eram crianças e, depois, quando já não eram, ele dizia a si que ainda não significava coisa alguma, mesmo quando acordava no meio da noite para observar o modo como as mechas do cabelo dela roçavam em sua bochecha enquanto ela dormia. Mesmo quando ela começou a sair de manhã cedo para correr na praia, e ele se aninhava no calor que ela deixava sobre os lençóis e inspirava o perfume de água de rosas da pele dela.

*Respire. Ele enfiou as mãos na almofada de veludo que tinha puxado para o colo. Pense em outra coisa.*

Não que ele não tivesse muitas coisas nas quais pensar. Aqui estavam eles, na Corte Seelie, não exatamente prisioneiros, mas também não exatamente convidados. Era tão difícil escapar do Reino das Fadas quanto entrar, e eles ainda não tinham planos sobre como ir embora.

Mas ele estava exausto. Era a primeira vez que ficava a sós num quarto com Emma desde que ela terminara o relacionamento deles, e, neste raro instante, era o coração dele que estava assumindo a função de pensar, não o cérebro.

— Jules? — chamou ela. Ele se lembrou dos breves dias em que ela o chamara de *Julian*, o modo como o som da palavra naqueles lábios fazia seu coração se estilhaçar de prazer. — Nene me deixou um vestido e é... — Ela suspirou. — Bem, acho que é melhor você ver.

Ela saiu de trás da sebe que ocultava a piscina, os cabelos soltos, já usando o vestido. As roupas das fadas costumavam ser muito enfeitadas ou muito simples. Este vestido era muito simples. Alças finas cruzavam os ombros dela; era feito de um tecido branco, parecido com seda, que se agarrava ao corpo molhado como uma segunda pele, realçando as curvas da cintura e do quadril.

Julian sentiu a boca seca. Por que Nene deixara um vestido? Por que Emma não poderia vir para a cama usando o uniforme sujo? Por que o universo o odiava?

— É branco — falou, franzindo a testa.

*Pois o branco é a cor do pranto e da morte. A cor dos funerais para os Caçadores de Sombras. Havia o uniforme branco para os funerais públicos, e seda branca era colocada sobre os olhos dos Caçadores de Sombras mortos quando seus corpos iam para a cremação.*

— Branco não quer dizer nada para as fadas — falou ele. — Para elas, é a cor

das flores e das criaturas naturais.

— Eu sei, é só que... — Ela suspirou e começou a subir, descalça, os degraus até o estrado onde ficava a cama. Parou para examinar o imenso colchão e balançou a cabeça, encantada. — Certo. Talvez eu não tenha gostado de cara do Fergus quando nos conhecemos — falou. Seu rosto estava afogueado por causa da água quente, as bochechas, rosadas. — Mas ele seria capaz de montar um albergue incrível, devo admitir. Provavelmente seria daqueles que botariam um chocolate no seu travesseiro todas as noites.

O vestido desceu levemente quando ela deitou na cama, e Julian percebeu, para seu horror, que havia uma fenda lateral que ia quase até o quadril. As pernas compridas de Emma apareceram contra o tecido quando ela se ajeitou sobre a colcha.

O universo não apenas o odiava, como também estava tentando matá-lo.

— Dê-me mais uns travesseiros — pediu Emma, e pegou vários deles ao lado de Julian antes que ele pudesse fazer qualquer movimento. O menino continuou segurando firmemente a almofada em seu colo e olhou para Emma meio desafiadoramente.

— Nada de roubar as cobertas — falou.

— Eu nunca faria isso. — Ela ajeitou os travesseiros atrás de si, formando uma pilha na qual pudesse encostar. O cabelo úmido grudava no pescoço e nos ombros, cachos longos de cabelo louro-claro molhado.

Os olhos dela estavam meio avermelhados, como se ela tivesse chorado. Emma raramente chorava. Julian percebera que sua tagarelice desde que ela chegara ao quarto era uma animação fingida, algo que ele já deveria ter sabido — ele, que conhecia Emma melhor do que ninguém.

— Em — falou, incapaz de se controlar, ou de controlar a cortesia em sua voz. — Você está bem? O que aconteceu na Corte Unseelie...

— Eu só me sinto muito idiota — falou ela, a bravata desaparecendo da voz. Debaixo de toda aquela astúcia estava Emma, a sua Emma, com toda sua força, inteligência e bravura. Emma, parecendo arrasada. — Eu sei que fadas pregam peças. Sei que mentem sem mentir. E, ainda assim, a puca me falou... Ele disse que, se eu viesse ao Reino das Fadas, veria o rosto de alguém que eu tinha amado e perdi.

— Típico do Povo das Fadas — falou Julian. — Você viu o rosto dele, o rosto do seu pai, mas não era ele. Era uma ilusão.

— Era como se eu não conseguisse processar isso — continuou ela. — Minha mente ficou turva. Eu só conseguia pensar que finalmente tinha meu pai de volta.

— Provavelmente sua mente *estava* turva — falou Julian. — Existe um

monte de encantamentos sutis que podem confundir seus pensamentos aqui. E aconteceu muito rápido. Eu também não desconfiei que fosse uma ilusão. Nunca tinha ouvido falar de uma tão forte.

Ela não disse nada. Estava apoiada nas mãos, e seu corpo era delineado pelo vestido branco. Ele sentiu um lampejo de algo que era quase dor, como se houvesse uma chave sob sua carne, apertando a pele sempre que era virada. Lembranças invadiram sua mente implacavelmente — a sensação de escorregar as mãos pelo corpo dela, o jeito como ela mordiscava o lábio inferior dele. O arco do corpo dela se encaixando ao dele: um crescente duplo, um sinal de infinito desfeito.

Ele sempre considerara o desejo uma sensação agradável. Jamais imaginara que poderia cortá-lo desse jeito, como navalhas sob a pele. Ele tinha pensado antes daquela noite na praia com Emma que ele a desejava mais do que qualquer um jamais pudera desejar. Ele achava que o desejo poderia matá-lo. Mas agora ele sabia que a imaginação era uma coisa sem graça. Que, mesmo quando esvaía dele na forma de tinta sobre tela, não seria capaz de capturar a magnificência da pele dela na dele, o gosto doce e quente da boca de Emma. O ato de desejar não ia matá-lo, pensou ele, mas saber o que ele estava perdendo seria capaz disso.

Ele enterrou as unhas nas palmas das mãos, com força. Infelizmente, elas estavam muito roídas para machucar.

— Ver que aquela *coisa* no fim das contas não era meu pai... me fez perceber o que na minha vida foi ilusão — falou Emma. — Passei tanto tempo querendo vingança, mas descobri que isso não ia me fazer feliz. Cameron também não. Pensei que todas estas coisas fossem me fazer feliz, mas foi tudo ilusão. — Ela se virou para ele, olhos arregalados e impossivelmente escuros. — Você é uma das poucas coisas reais na minha vida, Julian.

Ele podia sentir o coração batendo por todo o corpo. Todas as outras emoções: o ciúme de Mark, a dor por separar-se de Emma, a preocupação pelas crianças, o medo do que a Corte Seelie reservava para eles desapareceram. Emma o encarava; as bochechas estavam coradas e os lábios entreabertos, e se ela se inclinasse na direção dele, se ela o desejasse, ele certamente ia desistir, sucumbir e desmoronar. Mesmo que isso significasse trair seu irmão, ele cederia. Ele a puxaria para si e se enterraria nela, em seu cabelo, em sua pele e em seu corpo.

Seria uma coisa da qual ele se lembraria depois com uma agonia semelhante a facas muito quentes. Seria um lembrete de tudo que ele jamais poderia ter. E ele iria se odiar por magoar Mark. Mas nada disso o impediria. Ele sabia o tamanho de sua força de vontade e tinha chegado ao seu limite. Seu corpo já estava tremendo, a respiração se acelerando. Bastava a ele apenas esticar a



mão...

— Eu quero que a gente seja *parabatai* de novo — falou ela. — Do jeito que a gente era.

As palavras explodiram como um golpe na cabeça de Julian. Ela não o desejava; ela queria ser *parabatai*, e ponto final. Julian ficara sentado ali, pensando no que queria e em quanta dor poderia suportar, mas isso não importava se Emma não o desejasse. Como ele pôde ter sido tão idiota?

Julian falou com a voz calma:

— Nós sempre seremos *parabatai*, Emma. É para a vida toda.

— Tem sido estranho desde que nós... desde que comecei a namorar Mark — falou ela, sustentando o olhar no dele. — Mas não é por culpa de Mark. É por causa da gente. Do que fizemos.

— Vamos ficar bem — falou. — Não tem um livro de regras para isso, não tem orientação. Mas a gente não quer magoar um ao outro, então isso não vai acontecer.

— No passado, alguns *parabatai* começaram a se odiar. Pense em Lucian Graymark e Valentim Morgenstern.

— Isso não vai acontecer com a gente. Nós escolhemos um ao outro quando éramos crianças. Nós escolhemos um ao outro de novo aos 14 anos. Eu escolhi você e você me escolheu. É isso que é a cerimônia *parabatai*, na verdade, não é? É um modo de selar essa promessa. Que diz que eu sempre vou escolher você.

Emma se apoiou no braço dele, o toque mais leve em seu ombro, mas foi o suficiente para acender o corpo de Julian como fogos de artifício no Píer de Santa Monica.

— Jules?

Ele assentiu, sem confiança em si para falar.

— Eu sempre vou escolher você também — afirmou Emma, e fechou os olhos, pousando a cabeça em seu ombro.

Cristina acordou de um sono agitado num sobressalto. O cômodo estava escuro, e ela estava aninhada ao pé da cama, as pernas encolhidas. Kieran dormia um sono entorpecido apoiado nos travesseiros, e Mark estava no chão, enrolado nos cobertores.

*Duas horas*, dissera Nene. Ela precisava dar uma olhada em Kieran a cada duas horas. Deu outra olhadinha em Mark, concluiu que não podia acordá-lo, suspirou e se sentou propriamente, encostando na beirada da cama, na direção do príncipe fada.

Muitas pessoas tinham aparência tranquila no sono, mas não Kieran. Ele

respirava forte e os olhos tremelicavam por trás das pálpebras. Suas mãos mexiam sem parar por cima das cobertas. No entanto, ele não acordou quando ela se inclinou para a frente e ergueu a parte de trás da camisa dele com dedos desajeitados.

A pele de Kieran estava ardendo em febre, mas ele era dolorosamente adorável de perto: as maçãs do rosto largas combinavam com os olhos amendoados, os cílios grossos baixos, feito plumas, e os cabelos com um tom preto-azulado.

Rapidamente, ela trocou o cataplasma; o velho estava praticamente encharcado de sangue. Quando se inclinou para puxar a camisa para baixo novamente, sentiu seu pulso ser agarrado com a força de um torno.

Olhos preto e prateado a encararam. Os lábios ressecados e rachados dele articularam alguma coisa.

— Água? — murmurou ele.

De algum jeito, usando apenas uma das mãos, Cristina conseguiu servir água de um jarro na mesinha de cabeceira num copo de estanho e deu a ele. O príncipe fada bebeu sem soltá-la.

— Talvez você não se lembre de mim — falou. — Sou Cristina.

Ele pousou o copo e a encarou.

— Eu sei quem você é — respondeu ele após um instante. — Eu pensei... mas não. Nós estamos na Corte Seelie.

— Sim — disse ela, e acrescentou, caso ele estivesse preocupado: — Mark está dormindo.

No entanto, a mente dele parecia distante.

— Eu pensei que fosse morrer esta noite — falou ele. — Estava preparado para isso. Estava pronto.

— As coisas nem sempre acontecem quando pensamos que vão acontecer — observou Cristina. Não parecia um comentário tão convincente assim, mas Kieran pareceu reconfortado. O cansaço espalhava-se pelo rosto dele como uma cortina se fechando sobre uma janela.

Ele a apertou com mais força.

— Fique comigo — pediu.

Surpresa, ela teria retrucado — talvez até se recusado a ficar —, mas não houve chance de fazê-lo. Ele já havia voltado a dormir.

Julian estava deitado, acordado.

Ele queria dormir; era como se o esgotamento tivesse penetrado em seus ossos. Mas o quarto fora tomado pela penumbra e Emma estava dolorosamente

perto dele. Dava para sentir o calor emanando do seu corpo enquanto ela dormia. Emma havia afastado parte da colcha que a cobria, e dava para ver o ombro nu onde o vestido escorregara, e o traço da Marca de *parabatai* em seu braço.

Julian pensou nas nuvens de tempestade rondando o Instituto, no modo como Emma o beijara na escada do Instituto antes de Gwyn aparecer. Não, era melhor ser sincero consigo. Antes que ela se afastasse e dissesse o nome de seu irmão. Fora assim que a coisa terminara.

Talvez fosse simplesmente fácil demais recair em emoções inadequadas quando eles já estavam tão próximos. Parte dele queria que ela o esquecesse e fosse feliz. A outra parte queria que ela se lembrasse do mesmo jeito que ele se lembrava, como se a lembrança de seu período juntos fosse parte viva de seu sangue.

Ele passou as mãos pelo cabelo, inquieto. Quanto mais tentava enterrar tais pensamentos, mais eles vinham à tona feito água numa piscina de pedras. Julian queria esticar o braço e puxar Emma para si, capturar sua boca num beijo — beijar a Emma *real* e apagar da memória a *leanansídhe* —, mas ele teria preferido aninhá-la contra si, abraçando-a durante a noite toda e sentindo seu corpo se expandir e contrair conforme ela respirava. Teria preferido dormir a noite inteirinha com apenas o dedo mindinho de ambos se tocando.

— Julian — falou uma voz baixa. — Acorde, filho dos espinhos.

Ele se sentou ereto. Parada ao pé da cama, viu uma mulher. Não era Nene ou Cristina: era alguém que ele nunca tinha visto pessoalmente, embora a conhecesse de pinturas. Era magra, quase famélica, mas bela ainda assim, com lábios carnudos e olhos azul-vítreos. Os cabelos ruivos ondulavam até a cintura. O vestido que usava parecia ter sido feito para ela numa época em que não estivera tão esguia, mas ainda era bonito: azul-escuro e branco, com delicados bordados de plumas, envolvendo seu corpo com uma leveza sutil. Suas mãos eram compridas, brancas e pálidas, a boca vermelha, as orelhas levemente pontudas.

Na cabeça, via-se um ornamento circular e dourado: uma coroa, um trabalho intrincado das fadas.

— Julian Blackthorn — falou a Rainha da Corte Seelie. — Levante agora e venha comigo, pois tenho algo para mostrar.

# 14

## Através de Vidros Escuros

A Rainha permanecia em silêncio enquanto caminhava, e Julian, descalço, se apressava para acompanhá-la. Ela seguia decidida pelos corredores da Corte.

Era difícil entender a geografia do Reino das Fadas, com seu território em constante mutação — o modo como espaços imensos cabiam em espaços menores. Era como se alguém tivesse levado a sério a pergunta filosófica de quantos anjos caberiam na cabeça de um alfinete e tivesse transposto isso para a paisagem.

Conforme andavam, cruzaram com alguns membros da nobreza. Aqui, na Corte Seelie, havia menos fascínio sombrio, menos vísceras, ossos e sangue. Os uniformes verdes reproduziam a cor das plantas, das árvores e da grama. E existia ouro em toda parte: nos gibões dourados dos homens, nos vestidos longos das mulheres, como se eles estivessem canalizando o brilho do sol incapaz de alcançá-los debaixo da terra.

Finalmente, eles dobraram o corredor e entraram num imenso cômodo circular. Não tinha mobiliário e as paredes de pedra lisa se curvavam para cima na direção de um cristal no ponto mais alto do teto. Imediatamente abaixo do cristal, havia um grande pedestal de pedra, com uma bacia dourada apoiada em cima dele.

— Este é o meu cristal da vidência — explicou a Rainha. — Um dos tesouros do povo fada. Você gostaria de olhar seu interior?

Julian recuou. Embora não tivesse o conhecimento de Cristina, sabia o que era um cristal da vidência. O artefato permitia que você olhasse numa superfície reflexiva (normalmente um espelho ou poça de água) e enxergasse o que estava acontecendo em outra parte do mundo. Ele teve muita vontade de usá-lo para ver como estava sua família, mas, a menos que fosse obrigado, não aceitaria ofertas

de uma fada.

— Não, obrigado, milady — falou.

Notou o brilho de raiva nos olhos da Rainha e isso o surpreendeu. Imaginava que ela fosse capaz de controlar melhor as próprias emoções. Mas a raiva se foi um instante depois e ela sorriu para ele.

— Um dos Blackthorn está prestes a pôr a própria vida em grave perigo — falou. — Isso não é uma razão boa o suficiente para você olhar no cristal? Você prefere desconhecer o perigo que ameaça sua família, o sangue de seu sangue? — A voz dela era quase um sussurro. — Pelo que conheço de você, Julian, filho dos espinhos, isso não é da sua natureza.

Julian cerrou as mãos. Um Blackthorn em perigo? Poderia ser Ty, se metendo em um mistério, ou Livvy, sendo precipitada e voluntariosa? *Dru? Tavvy?*

— Você não cai em tentação facilmente — falou ela, e agora sua voz estava mais suave e sedutora. Os olhos brilhavam. Ela gostava daquilo, pensou ele. Da perseguição, do jogo. — Não é nada comum em alguém tão jovem.

Julian pensou com um contentamento meio desesperador que quase tivera uma crise, há pouco, perto de Emma. Mas aquilo fora uma fraqueza. Todo mundo tinha fraquezas. Os anos que passou negando as coisas que queria para si pelo bem de sua família transformaram sua vontade em algo que, às vezes, era uma surpresa até mesmo para ele.

— Eu não posso esticar a mão e mudar o que acontece, posso? — perguntou ele. — Não seria simplesmente uma tortura se eu ficasse assistindo?

Os lábios da rainha se curvaram.

— Eu não posso dizer — falou ela. — Também não sei o que vai acontecer. Mas, se você não olhar, também não saberá. E, pela minha experiência com humanos e Nephilim, não acho que suportem não saber. — Ela baixou o olhar para a água. — Ah — disse. — Ele chegou na convergência.

Antes que pudesse evitar, Julian já estava ao lado do pedestal, fitando dentro da água. O que viu o deixou chocado.

A água parecia um espelho translúcido, como a tela de uma televisão sobre a qual uma cena era projetada com nitidez quase assustadora. Julian estava olhando para a noite nas colinas de Santa Monica, uma visão familiar o suficiente para enviar uma pontada de saudades de casa pelo corpo dele.

A lua se erguia ao longo das ruínas da convergência. Os rochedos jaziam ao redor de uma planície de grama ressecada que se estendia até uma queda abrupta na direção do oceano, azul e preto ao longe. Perambulando pelos rochedos, estava Arthur.

Julian não conseguia se lembrar da última vez em que vira o tio sair do Instituto. Arthur trajava um casaco grosso e botas e, em sua mão, via-se uma luz

enfeitiçada, brilhando fracamente. Ele nunca tinha se parecido tanto com um Caçador de Sombras, nem mesmo no Salão dos Acordos.

— Malcolm! — gritou Arthur. — Malcolm, eu exijo que você venha até mim! Malcolm Fade! Estou aqui, com sangue Blackthorn!

— Mas Malcolm está morto — murmurou Julian, fitando a bacia. — Ele morreu.

— É uma fraqueza de sua espécie considerar a morte tão definitiva — falou a Rainha, exultante —, sobretudo quando se trata de feiticeiros.

O medo rasgou Julian como uma flecha. Ele tinha certeza de que, ao deixarem o Instituto, sua família ficaria em segurança. Mas, se Malcolm estava lá, ainda buscando sangue Blackthorn... e se Arthur o estava oferecendo, então era provável que o feiticeiro não tivesse conseguido ainda —, só que Arthur não era nada confiável...

— Silêncio — falou a Rainha, como se pudesse ouvir o clamor dos pensamentos de Julian. — Observe.

— *Malcolm!* — gritou Arthur, e sua voz ecoou pelas montanhas.

— Estou aqui. Mas você chegou cedo. — A voz pertencia a uma sombra; uma sombra retorcida, disforme. Julian engoliu em seco quando Malcolm deu um passo, foi iluminado pela lua e o que fora feito dele (ou o que ele fizera de si) foi revelado.

A água na bacia ficou turva. Julian esticou o braço na direção da imagem antes de enxergar apenas o próprio reflexo e retirar a mão em seguida.

— Onde eles estão? — perguntou, com a voz rouca. — O que estão fazendo?

— Paciência. Eles devem ir a um lugar. Malcolm vai levar seu tio até lá. — A Rainha Seelie exultava. Achava que Julian agora estava na palma de sua mão, pensou ele, odiando-a.

Ela mergulhou os longos dedos na água e o garoto viu um redemoinho rápido de imagens: as portas do Instituto de Nova York, Jace e Clary dormindo num campo verde, Jem e Tessa num local escuro... e então as imagens ficaram nítidas outra vez.

Arthur e Malcolm estavam no interior de uma igreja antiquada, com janelas de vitral e bancos com extremidades entalhadas. Havia algo no altar, algo coberto por um pano preto. Algo que se agitava delicadamente, como um animal despertando de seu sono.

Malcolm observava Arthur, um sorriso brincando no rosto destruído. Sua aparência era a de uma coisa que fora arrastada de alguma dimensão infernal cheia de água. Das valetas e regatos em sua pele vazava água do mar. Seus olhos estavam leitosos e opacos. Metade do cabelo branco se fora e a pele visível era irregular e cheia de crostas. Ele vestia um terno branco, e as fissuras em carne

viva da pele desapareciam de maneira um tanto estranha debaixo da gola e das abotoaduras caras.

— Pra qualquer ritual de sangue, o sangue oferecido de boa vontade é melhor do que aquele tirado à revelia — falou Arthur. Ele estava de pé, naquela postura desleixada costumeira, as mãos no bolso da calça jeans. — Darei meu sangue de boa vontade, se você prometer deixar minha família em paz.

Malcolm lambeu os lábios; sua língua estava azulada.

— É tudo o que você quer? Essa promessa?

Arthur assentiu.

— Você não quer o *Volume Preto*? — indagou Malcolm num tom irônico, dando um tapinha no livro enfiado no cós de sua calça. — Você não quer ter certeza de que nunca mais vou machucar um único Nephilim?

— Sua vingança só me interessa se a minha família permanecer ilesa — falou Arthur, e o alívio bambeou os joelhos de Julian. — O sangue Blackthorn que eu lhe dou deve aplacar sua sede, feiticeiro.

Malcolm sorriu. Os dentes estavam deformados e pontudos, como os de um tubarão.

— Se eu concordar, será que estarei me aproveitando de você, já que é louco? — ponderou Malcolm, em voz alta. — Será que sua mente instável confundiu a situação? Você está confuso? Desnortado? Sabe quem eu realmente sou? — Arthur se encolheu. Julian sentiu uma pontada de solidariedade pelo tio e um lampejo de ódio por Malcolm.

*Mate-o*, pensou ele. *Diga-me que o senhor levou uma lâmina serafim, tio, e acabe com ele.*

— Seu tio não estará armado — falou a Rainha. — Fade teria visto isso. — Ela observava com um prazer quase avarento. — O Nephilim louco e o feiticeiro louco — disse ela. — É uma história e tanto.

— Você é Malcolm Fade, traidor e assassino — concluiu Arthur.

— É uma ingratidão dizer isso para alguém que lhe forneceu seu remédio por esses anos todos — murmurou Malcolm.

— *Remédio*? Estão mais para mentiras temporárias. Você fez o que fez para continuar enganando Julian — acusou Arthur, e Julian se sobressaltou ao ouvir o próprio nome. — Você lhe deu a minha medicação porque queria que ele confiasse em você. Minha família o amava. Mais do que já me amou. Você enfiou uma faca no coração deles.

— Ah — murmurou Malcolm. — Não foi bem assim.

— Eu preferiria estar louco do meu jeito a estar como você — falou Arthur. — Você teve tanta coisa. Amor antigamente, poder e vida imortal, e jogou isso fora como se fosse lixo. — Arthur olhou na direção da criatura que se contorcia

no altar. — Eu me pergunto se ela ainda será capaz de amá-lo desse jeito que você é agora.

Malcolm fez uma careta.

— Chega! — falou, e uma breve expressão de triunfo passou pelos traços cansados e abatidos de Arthur. A seu modo, ele passara a perna no feiticeiro. — Eu aceito sua promessa. Venha cá.

Arthur deu um passo adiante. Malcolm o agarrou e começou a empurrá-lo na direção do altar. A luz enfeitiçada de Arthur já tinha se apagado, porém velas ardiam em castiçais presos às paredes, lançando uma luz amarelada e bruxuleante.

Malcolm segurou Arthur com uma das mãos, abaixando-o sobre o altar. Com a outra mão, ele retirou o pano escuro que cobria o altar e revelou o corpo de Annabel.

— Ah — suspirou a Rainha. — Ela já foi adorável.

Agora não era mais. Annabel era um esqueleto, embora não daquele tipo com ossos branquinhos e limpinhos que se via por aí na arte e nas pinturas. Sua pele tinha aspecto de couro ressecado, com buracos por onde vermes rastejavam, entrando e saindo. A náusea cresceu no estômago de Julian. Ela estava coberta por uma mortalha branca, mas dava para ver as pernas e os braços: em alguns lugares, a pele fora retirada e o musgo crescia nos ossos e tendões secos.

Uma cabeleira escura e quebradiça saía de seu crânio. A mandíbula de Annabel se mexia como se ela estivesse vendo Malcolm, e um gemido veio da garganta destruída. Parecia que ela balançava a cabeça.

— Não se preocupe, querida — falou Malcolm —, eu trouxe o que você precisa.

— Não! — gritou Julian, no entanto estava acontecendo exatamente o que ele temia: não era possível impedir os eventos se desenrolando à sua frente. Malcolm pegou a lâmina ao lado de Annabel e cortou a garganta de Arthur.

O sangue jorrou sobre Annabel — sobre o corpo e sobre a pedra na qual ela se encontrava. Arthur apalpou o pescoço e Julian perdeu a fala, agarrando as laterais da bacia.

A mortalha que cobria Annabel ficou carmim. Lentamente, as mãos de Arthur baixaram para as laterais do corpo. Agora ele só estava ereto porque Malcolm o segurava. O sangue encharcou o cabelo quebradiço e a pele ressecada de Annabel, e transformou a parte da frente do terno branco de Malcolm numa superfície escarlate.

— Tio Arthur — murmurou Julian. Sentiu gosto de sal nos lábios. Por um momento, ficou horrorizado por estar chorando, e bem diante da Rainha, mas, para seu alívio, ele apenas tinha mordido o lábio. Engoliu o sabor metálico do



próprio sangue enquanto Arthur esmorecia na mão de Malcolm e o feiticeiro empurrava o corpo com impaciência. O tio desmoronou no chão ao lado do altar e permaneceu imóvel.

— Annabel — murmurou Malcolm.

Ela havia começado a se mexer.

Os braços e pernas foram os primeiros a se movimentar, espreguiçando-se, e suas mãos ávidas por tocar o nada. Por um momento, Julian pensou que houvesse alguma coisa errada com a água da bacia, um reflexo esquisito, até que se deu conta de que era a própria Annabel. Um brilho branco rastejava sobre a figura dela. Não, era sua pele nascendo para cobrir os ossos nus e tendões descobertos. O cadáver de Annabel parecia inchar conforme a carne preenchia suas formas, como se uma luva lisa e lustrosa tivesse sido esticada sobre seu esqueleto. O que era cinzento e branco tornara-se rosado: os pés descalços e as panturrilhas agora pareciam humanos. E até as meias-luas de suas unhas eram visíveis nas pontinhas dos dedos dos pés.

A pele seguiu rastejando pelo corpo, deslizando sob a mortalha e subindo para cobrir o peito e as omoplatas, espalhando-se então pelos braços. As mãos se abriram como se fossem uma estrela-do-mar e cada dedo se esticou conforme ela testava o ar. Seu pescoço arqueou para trás quando fios em tons de preto e castanho explodiram de seu crânio. Os seios se ergueram debaixo da mortalha, as bochechas ocas foram preenchidas e os olhos se abriram de repente.

Eram olhos Blackthorn, que reluziam azul-esverdeados como o mar.

Annabel se sentou, apertando os pedaços da mortalha ensanguentada contra si. Debaixo deles, estava o corpo de uma jovem. Cabelos volumosos cascadeavam em torno do rosto oval e pálido; os lábios eram fartos e vermelhos; os olhos brilhavam, maravilhados, quando ela encarou Malcolm.

E Malcolm estava transformado. O que quer que aquele dano perverso tivesse feito a ele, agora não estava ali mais e, por um momento, Julian o viu como ele devia ter sido quando era um jovem apaixonado. Havia doçura e admiração nele, e Malcolm parecia congelado ali, o rosto brilhando em adoração enquanto Annabel descia do altar. Ela ficou de pé no soalho de pedra ao lado do corpo dobrado de Arthur.

— Annabel — chamou Malcolm. — Minha Annabel. Esperei por você durante tanto tempo, fiz tanta coisa para trazê-la de volta para mim. — Ele deu um passo cambaleante na direção dela. — Meu amor. Meu anjo. Olhe para mim.

Mas Annabel estava olhando para Arthur. Lentamente, ela se curvou e pegou a faca que havia caído perto do corpo. Ao se endireitar, seu olhar estava fixo em Malcolm, e lágrimas desciam por seu rosto. Seus lábios articularam uma palavra — Julian se esticou para a frente, mas ela dissera baixinho demais para se fazer

ouvir. A superfície do cristal da vidência tinha começado a se agitar e estremecer, como a superfície do mar antes de uma tempestade.

Malcolm parecia perplexo.

— Não chore — falou. — Minha querida, minha Annabel. — E esticou a mão para ela. Annabel deu um passo até ele, o rosto erguido. O feiticeiro se curvou como se fosse beijá-la no mesmo momento em que ela ergueu o braço e o esfaqueou numa investida só.

Malcolm a encarou, incrédulo. Então gritou. Foi um grito que ia além da dor; foi um uivo de profundo desespero, de traição e de coração partido. Um uivo que pareceu rasgar o universo e separar as estrelas.

O feiticeiro cambaleou para trás, mas Annabel o seguiu, um espectro de sangue e terror nas roupas mortuárias brancas e vermelhas. Ela o golpeou outra vez, abrindo seu peito, e ele caiu no chão.

Mesmo assim, ele não ergueu a mão para afastá-la quando ela se assomou diante dele. O sangue borbulhava no canto da boca quando ele murmurou:

— *Annabel*. Ah, meu amor, meu amor...

Ela o golpeou com crueldade, enfiando a lâmina no coração. O corpo de Malcolm convulsionou. A cabeça tombou para trás, e os olhos reviraram. Sem expressão, Annabel se abaixou e retirou o *Volume Preto* do cinto dele. Sem dar mais nenhuma olhada para Malcolm, ela se virou e saiu da igreja, desaparecendo do campo de visão do cristal da vidência.

— Aonde ela foi? — perguntou Julian, mal reconhecendo a própria voz. — Siga-a, use o cristal...

— O cristal da vidência não é capaz de encontrar o caminho através de tanta magia sombria — falou a Rainha. Seu rosto brilhava como se ela tivesse acabado de ver alguma coisa maravilhosa.

Julian se encolheu e se afastou dela; ele não conseguiu evitar. Só queria sair dali, ir para um cantinho do cômodo e vomitar. Mas a Rainha consideraria isso uma fraqueza. Ele foi até uma das paredes e se recostou.

A Rainha estava de pé com uma das mãos apoiada na beira da bacia dourada e sorria para ele.

— Você viu que Fade em momento algum ergueu a mão para se defender? — falou ela. — Isso é amor, filho dos espinhos. Nós recebemos os golpes mais cruéis e, quando sangramos por causa deles, murmuramos nossos agradecimentos.

Julian se apoiou contra a parede.

— Por que você me mostrou tudo aquilo?

— Eu barganharia com você — falou ela. — E tem coisas que eu gostaria que você não ignorasse neste momento.

Julian tentou acalmar a respiração, obrigando-se a entrar ainda mais fundo na própria mente, nas lembranças mais terríveis. Ele estava no Salão dos Acordos. Tinha 12 anos e acabara de matar seu pai. Estava no Instituto e havia acabado de descobrir que Malcolm Fade sequestrara Tavvy. Estava no deserto, e Emma lhe dizia que amava Mark. Mark e não ele.

— Que tipo de barganha? — falou, e sua voz estava firme como uma rocha.

Ela balançou a cabeça. Os cabelos ruivos irradiavam ao redor do rosto fino e emaciado.

— Eu quero o grupo todo presente quando a barganha for feita, Caçador de Sombras.

— Eu não vou barganhar com você — falou Julian. — A Paz Fria...

Ela deu uma gargalhada.

— Você rompeu a Paz Fria mil vezes, criança. Não finja que eu nada sei sobre você ou sua família. Apesar da Paz Fria, apesar de tudo o que eu perdi, ainda sou a Rainha da Corte Seelie.

Julian não conseguiu deixar de pensar no que significava aquela frase: *apesar de tudo o que eu perdi*. O que exatamente ela perdera? Será que ela se referia à tensão da Paz Fria, à vergonha por ter sido derrotada na Guerra Maligna?

— Além disso — falou ela —, você ainda não sabe o que estou oferecendo. Nem seus amigos. Creio que eles poderiam se interessar, sobretudo sua adorável *parabatai*.

— Você tem alguma coisa para Emma? — quis saber ele. — Então por que me trouxe aqui sozinho?

— Eu queria lhe dizer uma coisa. Uma informação que talvez você não queira que ela saiba que é de seu conhecimento. — Um sorriso minúsculo percorreu os lábios da Rainha. Ela deu outro passo até ele. Julian estava próximo o suficiente para ver o detalhe das plumas no vestido dela, os flocos de sangue que indicavam que tinham sido arrancadas da ave pela raiz. — A maldição dos *parabatai*. Eu sei como quebrar.

Julian viu-se incapaz de respirar. Foi a mesma coisa que a puca lhe dissera no Portão: *No Reino das Fadas, você encontrará alguém que sabe quebrar a ligação dos parabatai*.

Ele tinha guardado tal informação no coração desde que eles chegaram. Havia se perguntado quem seria. Mas era a Rainha. Claro que era a Rainha. Alguém em quem ele absolutamente não deveria confiar.

— A maldição? — perguntou ele, mantendo a voz suave e um pouco confusa, como se não tivesse ideia do motivo de ela se referir à ligação daquele jeito.

Alguma coisa indefinível brilhou em seus olhos.

— A ligação dos *parabatai*, melhor dizendo. Mas é uma maldição para

vocês, não é? — Ela segurou o pulso dele, virando sua mão para cima. Os crescentes que ele traçara na palma com as unhas roídas estavam apagados, mas ainda eram visíveis. Ele pensou no cristal da vidência. Pensou na Rainha observando os dois, ele e Emma, no quarto de Fergus. Claro que ela havia feito isso. A Rainha soubera exatamente quando Emma adormecera. Quando Julian estivera vulnerável. Ela sabia que ele amava Emma. Podia ser algo que ele escondesse da família e dos amigos, mas estaria claro como um farol para a Rainha da Corte Seelie, acostumada a buscar fraqueza e vulnerabilidade e a combiná-las de maneira cruel a verdades desagradáveis. — Como eu disse — afirmou a Rainha, com um sorriso —, nós acolhemos as feridas do amor, não é?

Uma onda de raiva percorreu Julian, mas sua curiosidade foi maior. Ele afastou a mão dela.

— Diga-me — falou. — Conte o que você sabe.

Cavaleiros fada em verde, dourado e vermelho vieram buscar Emma para levá-la até a sala do trono. Ao acordar, ela ficou um pouco confusa com a ausência de Julian, mas se tranquilizou ao ver Mark e Cristina no corredor, igualmente escoltados, e então Mark lhe confidenciou que ouvira um dos guardas dizendo que Julian já estava à espera deles na sala do trono.

Emma xingou o próprio cansaço. Como foi que ela não notou que Julian tinha saído? Ela se obrigara a dormir, incapaz de suportar mais um segundo de proximidade física com Jules sem poder nem mesmo abraçá-lo. E ele se mostrara tão calmo, tão totalmente tranquilo; ele a fitara com uma simpatia distante — bondade até, quando lhe garantira que a amizade deles permanecia intacta — e isso doera demais, por isso Emma só queria que o cansaço levasse tudo embora.

Emma esticou a mão para tocar Cortana pendurada em suas costas. Também carregava o restante das coisas dela e de Julian na mochila, sentindo-se ridícula por usar uma arma por cima de um vestido fino, porém não iria trocar de roupa na frente da Guarda da Rainha. Tinham se oferecido para carregar a espada para ela, mas Emma recusara. Ninguém além dela tocava em Cortana.

Cristina estava praticamente se contorcendo de tão agitada.

— A sala do trono da Rainha Seelie — murmurou. — Eu li a respeito, mas nunca imaginei que realmente a veria. A aparência da sala muda de acordo com as variações de humor da Rainha.

Emma se lembrou de que Clary lhe contava histórias da Corte e falava de uma sala de gelo e neve, na qual a Rainha trajava dourado e prateado, e de uma cortina de borboletas que batiam as asas. Mas não foi assim quando eles

chegaram. Conforme Mark tinha dito, Julian já estava na sala do trono. Era um cômodo oval e desprovido de móveis, cheio de fumaça acinzentada. A fumaça se deslocava pelo soalho e crepitava no teto, onde era espetada com pequenos dardos de raios escuros. Não havia janelas, mas a fumaça cinzenta formava desenhos nas paredes: um campo de flores mortas, uma onda batendo, o esqueleto de uma criatura alada.

Julian estava sentado na escada que conduzia ao grande bloco onde se localizava o trono da Rainha. Usava uma mistura de uniforme e de roupas comuns, e por cima da camisa via-se um casaco que ele só poderia ter encontrado aqui no Reino das Fadas. A peça reluzia com fios dourados e pedaços de brocado, as mangas viradas para exibir os antebraços. A pulseira de vidro marinho brilhava no pulso.

Ele ergueu o rosto quando todos entraram. Mesmo contra o fundo pálido, seus olhos azul-esverdeados reluziam.

— Antes que vocês digam qualquer coisa, eu tenho algo para falar — avisou Julian.

Apenas metade da mente de Emma estava prestando atenção nas palavras quando Julian começou a falar; a outra metade notava que ele parecia estranhamente à vontade.

Ele parecia calmo e sempre que Julian aparentava tranquilidade era porque estava mais apavorado do que nunca. Mas continuou falando e Emma começou a se dar conta do que ele dizia. Ondas de choque a invadiram. Malcolm: morto, vivo e morto outra vez? Arthur, assassinado? Annabel se levantara da sepultura? O *Volume Preto* desaparecera?

— Mas Malcolm estava morto — falou ela, com a voz entorpecida. — Eu o matei. Eu vi o corpo flutuar e se afastar. Ele estava *morto*.

— A Rainha me advertiu sobre pensar na morte como algo definitivo — explicou Julian. — Sobretudo quando se trata de feiticeiros.

— Mas Annabel está viva — interveio Mark. — E o que ela quer? Por que levou o *Volume Preto*?

— Todas são excelentes perguntas, Miach — falou uma voz do outro lado do recinto. Todos se viraram, surpresos. Menos Julian.

Ela emergiu das sombras cinzentas envolvida em mais cinza ainda: um vestido cinzento longo feito de asas de mariposa e cinzas, com um decote tão profundo no torso que dava para ver os ossos protuberantes da clavícula sem dificuldade. Seu rosto era fino e triangular, dominado por olhos azuis ardentes. Os cabelos ruivos estavam presos atrás da cabeça com uma rede prateada. A Rainha. Havia brilho em seus olhos: se era malícia ou loucura, era difícil saber.

— Quem é Miach? — perguntou Emma.

A Rainha apontou para Mark.

— Ele. O sobrinho de minha criada Nene.

Mark parecia confuso.

— Nene chamou Helen de “Alessa” — falou Emma. — Então... Alessa e Miach são os nomes de fada deles?

— Não são os nomes completos, os que lhes dariam poder. Não. Mas são muito mais harmoniosos do que Mark e Helen, não concorda? — A Rainha foi até Mark, uma das mãos puxando o vestido. Ela esticou a outra e tocou no rosto dele.

Ele não se mexeu. Parecia congelado. O medo da nobreza da fada e, sobretudo, dos monarcas em especial, fora incutido nele durante anos. Foram os olhos de Julian que se semicerraram quando a Rainha pôs uma das mãos na bochecha de Mark e os dedos dela acariciaram a pele de seu irmão.

— Belo menino — falou. — Você foi desperdiçado na Caçada Selvagem. Poderia ter servido aqui na minha Corte.

— Eles me sequestraram — disse Mark. — Não você.

Mesmo a Rainha pareceu um pouco perplexa.

— Miach...

— Meu nome é Mark. — Ele disse isso sem qualquer hostilidade ou resistência. Era um mero fato. Emma viu as centelhas nos olhos de Julian: orgulho pelo irmão, quando a Rainha deixou a mão cair. Ela voltou ao trono, e Julian se levantou e desceu os degraus, juntando-se aos outros lá embaixo, no mesmo tempo em que a Rainha se sentou.

A Rainha sorriu para eles, e as sombras começaram a se movimentar em torno dela, como se isso lhes tivesse sido ordenado, contorcendo-se em fiapos e formatos semelhantes a flores.

— Então Julian já lhes contou tudo que vocês devem saber — afirmou ela. — Agora podemos barganhar.

Emma não gostava do modo como a Rainha falava o nome de Jules: o possessivo, quase lânguido *Julian*. Também se perguntava onde a Rainha estivera enquanto Julian lhes contava o que acontecera. Com certeza ficara por ali, para que pudesse ouvir. Em um local próximo, de onde poderia escutar e avaliar as reações.

— Você nos trouxe aqui, milady, embora nenhum de nós saiba o porquê — falou Julian. Era evidente, pela expressão dele, que não sabia o que a Rainha planejava pedir. Mas também era evidente que ele não pretendia recusar. — O que quer de nós?

— Quero que encontrem Annabel Blackthorn para mim — respondeu ela — e recuperem o *Volume Preto*.

O grupo se entreolhou. Não importa o que tivessem esperado, não fora aquilo.

— Você só quer o *Volume Preto*? — perguntou Emma.

— Apenas o livro — respondeu a Rainha. — Annabel não tem importância, a menos que ela esteja com o livro. Depois de ser ressuscitada tanto tempo após a morte, ela provavelmente perdeu o juízo.

— Bem, isso torna a busca por ela tão mais divertida — falou Julian. — Por que você não pode enviar sua Corte para buscá-la no mundo mundano?

— A Paz Fria dificulta as coisas — falou a Rainha secamente. — Eu ou meu povo seremos pegos assim que formos vistos. Por outro lado, vocês são os queridinhos do Conselho.

— Eu não diria “queridinhos” — falou Emma. — Isso talvez seja um exagero.

— Então nos diga, o que a Rainha das Fadas quer com o *Volume Preto dos Mortos*? — perguntou Mark. — Aquilo é brinquedo de feiticeiros.

— E ainda assim é perigoso nas mãos erradas, mesmo quando são mãos de fadas — falou a Rainha. — O Rei Unseelie aumenta seu poder desde a Paz Fria. Ele assolou as Terras dos Unseelie com o mal e encheu os rios com sangue. Vocês viram pessoalmente que nenhum objeto do Anjo pode sobreviver nas terras dele.

— É verdade — concordou Emma. — Mas por que você se importa se ele transformou as Terras dos Unseelie numa zona proibida para os Caçadores de Sombras?

A Rainha a encarou com um sorriso que não alcançava os olhos.

— Eu não me importo — falou ela. — Mas o Rei pegou um do meu povo. Um membro da minha Corte, muito querido. Ele mantém a pessoa prisioneira em suas terras. E eu a quero de volta.

A voz da Rainha era fria.

— Como o livro vai ajudá-la com isso? — perguntou Emma.

— O *Volume Preto* é mais do que necromancia — explicou a Rainha. — Contém feitiços que me permitirão recuperar o prisioneiro na Corte Unseelie.

Cristina balançou a cabeça.

— Milady — começou. Ela soava muito doce e firme, e nem um pouco ansiosa. — Embora nós todos nos solidarizemos com sua perda, isso é bem perigoso e é muito trabalho para nós, apenas para ajudá-la. Acho que você teria que oferecer algo muito especial para conseguir nossa ajuda.

A Rainha assumiu uma expressão divertida.

— Você é muito decidida para alguém tão jovem. — Anéis brilharam em seus dedos quando ela gesticulou. — Mas veja, nossos interesses são

semelhantes. Vocês não querem o *Volume Preto* nas mãos do Rei e nem eu quero. Ele ficará mais seguro aqui em minha Corte do que jamais estará no mundo por aí... O Rei vai estar procurando pelo livro também e o *Volume Preto* somente encontrará proteção no coração dos Seelie.

— Mas como vamos saber que você também não vai usá-lo contra os Caçadores de Sombras? — perguntou Emma, ansiosa. — Não faz tanto tempo assim que os soldados Seelie atacaram Alicante.

— Os tempos mudam, assim como as alianças — falou a Rainha. — Agora o Rei é uma ameaça maior a mim e aos meus do que os Nephilim. E eu provarei minha lealdade. — Ela inclinou a cabeça para trás e sua coroa reluziu. — Eu ofereço o fim da Paz Fria — emendou — e o retorno de sua irmã, Alessa, para vocês.

— Isso está além de seu poder — acrescentou Mark. Mas ele não fora capaz de controlar a reação ao ouvir o nome da irmã: seus olhos estavam excessivamente brilhantes. E os de Julian também. *Alessa. Helen.*

— Não está — falou a Rainha. — Tragam-me o livro e eu oferecerei minhas Terras e armas ao Conselho para que possamos derrotar o Rei juntos.

— E se eles negarem?

— Eles não vão negar. — A Rainha soava absolutamente confiante. — Eles compreenderão que somente ao se aliar conosco serão capazes de derrotar o Rei, e que para fazer tal aliança eles devem, primeiro, encerrar a Paz Fria. É do meu conhecimento que sua irmã foi punida com o exílio Nephilim por ser, em parte, fada. O Inquisidor tem o poder de anular a sentença de exílio. Com o Fim da Paz Fria, sua irmã estará livre.

Emma sabia que a Rainha não podia mentir. Ainda assim, Emma sentia que, de alguma forma, estavam sendo enganados. Olhando em volta, dava para notar pela expressão inquieta dos outros que ela não era a única a pensar assim. No entanto...

— Você quer tomar as Terras Unseelie? — perguntou Julian. — E quer que a Clave ajude a fazer isso?

Ela fez um gesto preguiçoso com a mão.

— Qual seria a utilidade das Terras Unseelie para mim? Não sou movida a conquistas. Outro será levado ao trono para substituir o Senhor das Sombras, alguém mais solidário com as preocupações dos Nephilim. Isso deveria interessar aos seus.

— E você tem alguém em mente? — quis saber Julian.

E agora a Rainha sorria; um sorriso de verdade, que fez com que todos se esquecessem de sua aparência magra e emaciada. Sua beleza era gloriosa quando ela sorria.



— Eu tenho. — Ela se virou na direção das sombras atrás de si e falou: — Tragam-no.

Uma das sombras se esgueirou e se afastou das outras. Foi Fergus que Emma viu quando ele desapareceu por uma entrada em formato de arco, retornando um instante depois. Emma não achou que alguém fosse ficar surpreso ao ver quem ele conduzia, piscando, confuso e mais taciturno do que nunca.

— Kieran? — falou Mark, espantado. — Kieran, Rei da Corte Unseelie?

Kieran conseguiu parecer assustado e insultado ao mesmo tempo. Ele vestia roupas novas, calça e camisa de linho e um casaco marrom-amarelado, embora ainda estivesse muito pálido e as ataduras em volta do tronco fossem visíveis através da camisa.

— Não — falou ele. — De forma alguma.

A Rainha começou a rir.

— Não é Kieran. É o irmão dele. Adaon.

— Adaon não vai querer — afirmou Kieran. Fergus segurava o príncipe firmemente pelo braço; Kieran parecia fingir que aquilo não estava acontecendo, como um meio de manter a dignidade. — Ele é leal ao Rei.

— Então ele não parece muito solidário com os Nephilim — falou Emma.

— Ele odeia a Paz Fria — disse a Rainha. — Todos sabem disso; todos sabem também que ele é leal ao Rei Unseelie e que acata suas decisões. Mas isso só é válido se o Rei estiver vivo. Se a Corte Unseelie for derrotada por uma aliança entre os Caçadores de Sombras e o povo Seelie, será fácil colocar nossa escolha no trono deles.

— Você faz parecer simples — opinou Julian. — Se não planeja colocar Kieran no trono, por que arrastá-lo até aqui?

— Tenho outra utilidade para ele — falou a Rainha. — Eu preciso de um enviado. Alguém cuja identidade eles conheçam. — Ela se virou para Kieran. — Você será meu mensageiro junto à Clave. Vai jurar lealdade a um destes Caçadores de Sombras aqui. E por causa disso, e por ser filho do Rei das Sombras, quando você falar ao Conselho, eles saberão que você fala por mim, e que eles não serão enganados novamente como foram pelo mentiroso Meliorn.

— Kieran deve concordar com este plano — falou Mark. — Deve ser escolha dele.

— Ora, certamente é a escolha dele — afirmou a Rainha. — Ele pode concordar ou pode muito provavelmente ser assassinado pelo próprio pai. O Rei não gosta quando seus prisioneiros condenados fogem.

Kieran resmungou alguma coisa e falou:

— Eu jurarei lealdade a Mark. Farei como ele me pedir e seguirei os Nephilim por ele. E discutirei com Adaon em seu benefício, embora, no fim, a

escolha seja dele.

Alguma coisa brilhou nos olhos de Julian.

— Não — negou ele. — Você não vai fazer isso por Mark.

Mark encarou o irmão, confuso. Kieran tinha uma expressão tensa.

— Por que não por Mark?

— O amor complica as coisas — falou Julian. — Um juramento deve ser livre de complicações.

Parecia que Kieran estava prestes explodir. Seu cabelo ficara totalmente preto. Lançando um olhar de raiva a Julian, ele foi até os Caçadores de Sombras... e se ajoelhou diante de Cristina.

Todos pareceram surpresos, ninguém mais do que Cristina. Kieran jogou os cabelos escuros para trás e ergueu o olhar para ela, um desafio nos olhos.

— Juro lealdade a você, Dama das Rosas.

— Kieran Fazedor de Reis — falou Mark, olhando Kieran e Cristina com uma expressão totalmente indecifrável nos olhos. Emma não podia culpá-lo. Ele devia estar quase sempre à espera de que Kieran se lembrasse do que tinha se esquecido. Ela sabia que ele temia a dor que as lembranças trariam aos dois.

— Não estou fazendo isso por causa de Adaon ou da Paz Fria — falou Kieran. — Estou fazendo porque quero meu pai morto.

— Mas que tranquilizador... — resmungou Julian quando Kieran se levantou.

— Está acertado então — falou a Rainha, com ar satisfeito. — Mas entenda uma coisa: você pode prometer minha ajuda e minha boa vontade ao Conselho. Mas só declararei guerra ao Trono de Sombras quando tiver nas mãos o *Volume Preto*.

— E se ele declarar guerra a você? — perguntou Julian.

— Primeiro, ele vai declarar guerra a vocês — retrucou a Rainha. — Eu sei disso.

— E se nós não o encontrarmos? — falou Emma. — O livro, quero dizer.

A Rainha gesticulou, como se cortasse preguiçosamente o ar usando a mão.

— Então a Clave ainda terá minha boa vontade — falou. — Mas não somarei meu povo ao exército deles até estar com o *Volume Preto*.

Emma olhou para Julian, que deu de ombros, como se indicasse que não esperava que a Rainha dissesse mais nada.

— Uma última coisa — falou Julian. — Helen. Não quero esperar o fim da Paz Fria para tê-la de volta.

A Rainha pareceu momentaneamente irritada.

— Há coisas que eu não posso fazer, pequeno Nephilim — falou ela rispidamente, e foi a primeira coisa dita por ela na qual Emma realmente acreditou.

— Você pode. Jure que vai insistir com a Clave para que Helen e Aline sejam suas embaixadoras. Assim que Kieran terminar sua tarefa e transmitir sua mensagem ao Conselho, a função dele acaba. Outra pessoa terá que ir e voltar ao Reino das Fadas para você. Permita que sejam Helen e a esposa dela. Eles terão que trazê-las de volta da Ilha Wrangel.

A Rainha hesitou um momento e então inclinou a cabeça.

— Você compreende que eles não têm motivo algum para fazer o que digo, a menos que esperem ajuda dos meus e de mim — falou ela. — Então quando vocês tiverem o *Volume Preto*, aí sim, vão poder fazer disso uma condição para receber minha ajuda. Kieran, autorizo você a fazer tal solicitação na hora certa.

— Eu a farei — retrucou Kieran, e olhou para Mark. Emma praticamente pôde ler a mensagem nos olhos dele. *Mas não por você.*

— Adorável — falou a Rainha. — Vocês poderiam ser heróis. Os heróis que encerraram a Paz Fria.

Cristina se retesou. Emma se lembrou da outra garota dizendo para ela: *Sempre tive a esperança de um dia conseguir um tratado melhor do que a Paz Fria. Algo mais justo para com os seres do Submundo e para com os Caçadores de Sombras que os amam.*

O sonho de Cristina. A irmã de Mark e Julian. Segurança para os Blackthorn quando Helen e Aline voltassem. A Rainha tinha oferecido a eles todas as esperanças perdidas, os desejos secretos. Emma odiava sentir medo, mas neste momento estava com muito medo da Rainha.

— Estamos finalmente acertados, crianças barulhentas? — perguntou a Rainha, e seus olhos brilharam. — Temos um acordo?

— Você sabe que temos. — Julian praticamente lançou as palavras. — Vamos começar a procurar, embora ninguém tenha ideia de por onde começar.

— As pessoas vão aos locais que significam alguma coisa para elas. — A Rainha inclinou a cabeça para o lado. — Annabel era uma Blackthorn. Leiam sobre o passado dela. Conheçam sua alma. Vocês têm acesso à papelada dos Blackthorn, a histórias que ninguém mais pode tocar. — Ela ficou de pé. — Alguns do meu povo os visitaram uma vez, quando eram jovens e felizes. Fade tinha uma casa na Cornualha. Talvez ela ainda esteja de pé. Pode existir alguma coisa por lá. — Ela começou a descer a escadaria. — E agora é hora de acelerarem a jornada. Vocês devem voltar ao mundo mundano antes que seja tarde demais. — Ela havia chegado ao fim dos degraus. Virou-se, imperiosa e magnífica em suas vestes. — Entrem! — chamou. — Estávamos esperando vocês.

Dois vultos apareceram à entrada do cômodo, ladeados por cavaleiros com o uniforme da Rainha. Emma reconheceu um deles como Nene. O rosto dela

continha uma expressão de respeito e até um pouco de medo ao entrar. Ao seu lado, ela acompanhava a figura formidável de Gwyn ap Nudd. Gwyn usava um gibão mais formal de veludo escuro contra o qual se retesavam os ombros imensos.

Gwyn virou-se para Mark. Seus olhos, azul e preto, fixaram-se nele com uma expressão de orgulho.

— Você salvou Kieran — falou. — Eu não devia ter duvidado de você. Você fez tudo o que eu poderia ter pedido e mais. E agora, pela última vez, você cavalgará comigo e a Caçada Selvagem. Eu o levarei à sua família.

Os cinco acompanharam a Rainha, Nene e Gwyn através de uma série de corredores intrincados até que um deles terminou num túnel inclinado para baixo que emanava ar frio e fresco. Ele se abria num espaço verde. Não existia sinal de árvores, somente grama salpicada de flores e, acima, o céu noturno girando com nuvens multicoloridas. Emma se perguntava se ainda era a mesma noite na qual eles tinham chegado à Corte Seelie ou se um dia inteiro já tinha se passado no subterrâneo. Não havia jeito de saber. O tempo no Reino das Fadas se movia como uma dança cujos passos ela desconhecia.

Cinco cavalos estavam parados na clareira. Emma reconheceu Lança do Vento, a montaria que Kieran tinha cavalgado na batalha com Malcolm. O animal relinchou ao avistar Kieran e coiceou para o céu.

— Foi isso que a puca me prometeu — falou Mark, em voz baixa. Ele estava parado atrás de Emma, com os olhos fixos em Gwyn e nos cavalos. — Que, se eu viesse ao Reino, cavalgaria com a Caçada Selvagem novamente.

Emma esticou a mão e apertou a de Mark. Pelo menos, para ele, a promessa da puca se tornara verdade, sem o gosto amargo no final. Ela torcia pela mesma coisa para Julian e Cristina.

Cristina se aproximou de um ruão vermelho que coiceava a terra, irritadiço. Ela murmurou para o cavalo até ele se acalmar, e subiu com um impulso em seu lombo, esticando o braço para acariciar o pescoço do animal. Julian subiu numa égua escura cujos olhos tinham um estranho tom de verde. Ele parecia imperturbável. Os olhos de Cristina brilhavam de satisfação. Ela encarou Emma e sorriu, como se mal pudesse se controlar. Emma se perguntava havia quanto tempo Cristina devia sonhar em cavalgar com uma tropa fada.

Ela ficou para trás, esperando que Gwyn chamasse seu nome. Por que eram cinco cavalos, e não seis? Ela teve sua resposta quando Mark tomou impulso para montar Lança do Vento e esticou o braço para puxar Kieran atrás de si. A flecha de elfo no pescoço de Mark reluziu sob a luz multicolorida das estrelas.

Então Nene se aproximou de Lança do Vento e pegou as mãos de Mark, ignorando Kieran. Emma não conseguiu ouvir o que ela murmurava para ele, mas havia dor profunda em seu rosto. Os dedos de Mark agarraram os dela por um momento e então se soltaram. Nene se virou e voltou para a colina.

Em silêncio, Kieran se ajeitou atrás de Mark, mas não o tocou.

Mark se remexeu um pouco no lugar.

— Você está preocupado? — perguntou a Kieran.

Kieran balançou a cabeça.

— Não — falou —, porque estou com você.

O rosto de Mark ficou tenso.

— Sim — retrucou —, você está.

Ao lado de Emma, a Rainha deu uma risadinha baixa.

— Tantas mentiras em apenas três palavras — falou. — E ele sequer disse “eu te amo”.

Emma sentiu uma pontada de raiva.

— Você sabe o que são mentiras — retrucou ela. — Aliás, se quer saber, a maior mentira de todas que o Povo das Fadas já contou é que se trata de um povo que *não* mente.

A Rainha se empertigou. Parecia fitar Emma de uma grande altura. As estrelas giravam atrás dela, azuis e verdes, roxas e vermelhas.

— Por que você está tão nervosinha, garota? Eu fiz uma barganha justa. Tudo que vocês poderiam desejar. Eu lhes dei uma bela hospedagem. Até as roupas que está usando são das fadas.

— Eu não confio em você — falou Emma sem rodeios. — Nós fizemos uma barganha com você porque não tínhamos escolha. Mas você nos manipulou a cada etapa do caminho... Até o vestido que estou usando é uma forma de manipulação.

A Rainha arqueou uma das sobrancelhas.

— Além disso — continuou Emma —, você se aliou a Sebastian Morgenstern. Você o ajudou a travar a Guerra Maligna. Por causa da guerra, Malcolm conseguiu o *Volume Preto* e meus pais morreram. Por que eu não a culparia?

Os olhos da Rainha examinaram Emma, e agora a menina notava neles o que a outra se esforçara para esconder antes: sua raiva e sua maldade.

— Foi por isso que você se tornou a protetora dos Blackthorn? Como não foi capaz de salvar seus pais, você os salvará, sua família substituta?

Emma encarou a Rainha por um longo momento antes de falar:

— Pode apostar que sim.

Sem olhar outra vez para a governante da Corte Seelie, Emma se afastou,

irritada, na direção dos cavalos da Caçada.

Julian nunca gostara muito de cavalos, embora tivesse aprendido a cavalgar como a maioria dos Caçadores de Sombras. Em Idris, onde os carros não funcionavam, eles ainda eram o principal meio de transporte. Ele aprendera a cavalgar num pônei mal-humorado que ficava bufando e lançando-se sob os galhos baixos, tentando derrubá-lo.

O cavalo que Gwyn lhe dera tinha uma expressão sombria nos olhos terrivelmente verdes que não pressagiava coisa muito melhor. Julian se apoiou, esperando uma subida abrupta, mas, quando Gwyn deu a ordem, o cavalo simplesmente deslizou no ar, como um brinquedo puxado por uma corda.

Julian arfou ruidosamente por causa do choque. Flagrou suas mãos afundando na crina do cavalo, apertando com força, enquanto os outros se erguiam no ar à sua volta: Cristina, Emma, Mark e Kieran. Por um momento, eles pairaram, como se fossem sombras sob a luz da lua.

Então os cavalos dispararam. O céu acima deles virou um borrão e as estrelas se tornaram linhas de tinta multicolorida, reluzente. Julian percebeu que estava sorrindo de verdade, do modo que raramente fazia desde que era pequeno. Não conseguia evitar. Escondido na alma de todo mundo, pensou enquanto rodopiavam pela noite, devia estar o desejo de voar.

E não do jeito que os mundanos faziam, presos no interior de um cilindro de metal. Mas desse jeito, tomando impulso entre as nuvens e descendo suavemente, o vento acariciando a pele. Ele olhou para Emma. Ela estava inclinada sobre a crina do cavalo, as longas pernas dobradas nas laterais, o cabelo brilhante esvoaçando como um estandarte. Atrás dela vinha Cristina, mãos para cima, dando gritinhos de felicidade.

— Emma! — gritou ela. — Emma, olha só, sem as mãos!

Emma olhou e riu alto. Mark, que cavalgava Lança do Vento com um ar de familiaridade, com Kieran agarrado ao seu cinto usando uma das mãos, não pareceu achar graça.

— Use as mãos! — gritou ele. — Cristina, isso não é uma montanha-russa!

— Os Nephilim se acham os donos do mundo! — gritou Kieran, tirando do rosto o cabelo que flutuava selvagememente.

Cristina apenas riu e Emma a fitou com um grande sorriso e olhos que brilhavam como as estrelas acima, que se transformaram nas estrelas brancas e prateadas dos mundanos.

Sombras cresceram diante deles, em branco, preto e azul. Os penhascos de Dover, pensou Julian, e sentiu uma dor por dentro pelo fato de que talvez aquilo

fosse acabar muito rápido. Ele virou a cabeça e olhou para o irmão. Mark montava Lança do Vento como se tivesse nascido sobre um cavalo. O vento dividia os cabelos claros e revelava as orelhas pontudas. Ele também sorria, o sorriso calmo e secreto de alguém fazendo o que amava.

Muito abaixo deles o mundo girava, um misto de campos pretos e prateados, colinas sombrias e rios sinuosos e iluminados. Era belo, mas Julian não conseguia tirar os olhos de seu irmão. *Então isto é a Caçada Selvagem*, pensou. Essa liberdade, a vastidão, a ferocidade da alegria. Pela primeira vez, compreendeu como e por que a decisão de Mark de ficar com a família poderia não ter sido fácil. Pela primeira vez, pensou, admirado, no quanto seu irmão devia amá-lo, afinal de contas, para ter desistido do céu por amor a ele.

PARTE DOIS

# Thule



# 15

## Amigos que se Foram

Kit jamais tinha imaginado que poria os pés em um dos Institutos dos Caçadores de Sombras. Agora ele comia e dormia em dois deles. Se continuasse assim, ia acabar se tornando um hábito.

O Instituto de Londres era exatamente do jeito que ele teria imaginado se lhe pedissem para imaginar, o que evidentemente ninguém fez. Localizado numa imensa e antiga igreja construída com pedras, faltava ao Instituto a modernidade lustrosa de seu equivalente em Los Angeles. Parecia que a construção não passava por uma reforma fazia oitenta anos. Os cômodos eram pintados em tons pastel eduardianos, que, com o passar das décadas, tinham desbotado para cores claras e enlameadas. A água quente era intermitente, os colchões tinham calombos e as superfícies da maior parte da mobília estavam recoberta com poeira.

Pelos trechos de conversas que Kit entreouvira, o Instituto de Londres costumava abrigar muito mais gente antes. Fora atacado por Sebastian Morgenstern durante a Guerra Maligna, e a maioria dos antigos moradores não voltara.

A diretora do Instituto parecia quase tão antiga quanto o edifício. Seu nome era Evelyn Highsmith. Kit tinha a impressão de que os Highsmith fossem muito importantes na sociedade dos Caçadores de Sombras, embora não fossem tão importantes quanto os Herondale. Evelyn era uma senhora de cabelos brancos, alta e imperiosa, em torno dos oitenta anos, usava vestidos longos no estilo dos anos quarenta, andava com uma bengala com punho de prata e às vezes falava com pessoas que não estavam presentes.

Só mais uma pessoa parecia morar no Instituto: Bridget, a criada de Evelyn, que era tão velha quanto a patroa. Ela pintava os cabelos num tom vermelho bem

forte e tinha milhares de rugas finas. Sempre aparecia em locais inesperados, o que era inconveniente para Kit, que, mais uma vez, estava à espreita de algum objeto que pudesse roubar. Não era uma busca bem-sucedida — a maior parte das coisas que pareciam valiosas eram móveis e ele não conseguia imaginar como se esgueiraria do Instituto carregando um aparador. As armas estavam cuidadosamente trancadas fora da vista e ele não sabia como vender castiçais na rua. E embora houvesse algumas valiosas primeiras edições na imensa biblioteca, a maioria fora rabiscada por algum idiota chamado Will H.

A porta da sala de jantar se abriu, e Diana entrou. Ela usava mais um dos braços: Kit descobrira que alguns ferimentos dos Caçadores de Sombras, em particular os que envolviam veneno ou icor de demônios, se curavam lentamente, apesar das Marcas.

Livvy se levantou ao ver sua tutora. A família estava reunida para o jantar, que fora servido na mesa comprida da imensa sala de jantar vitoriana. Antigamente, pinturas de anjos adornavam o teto, mas havia muito estavam praticamente cobertas por poeira e manchas de incêndios.

— Alguma notícia de Alec e Magnus?

Diana balançou a cabeça, sentando-se de frente para Livvy. A menina usava um vestido azul que parecia ter sido roubado do set de um programa de época da BBC. Embora eles tivessem fugido do Instituto de Los Angeles sem os pertences, existia um monte de roupas guardadas em Londres, embora nenhuma delas parecesse ter sido comprada depois de 1940. Evelyn, Kit e a família Blackthorn sentavam-se à mesa exibindo uma variedade curiosa de roupas: Ty e Kit vestiam calça e camisa de mangas compridas, Tavvy usava short e uma camiseta listrada de algodão, e Drusilla trajava um vestido de veludo preto que a agradara devido ao seu toque gótico. Diana havia rejeitado todas as roupas e simplesmente preferia lavar seus próprios jeans e camiseta.

— E quanto à Clave? — perguntou Ty. — Você conversou com a Clave?

— Eles já foram úteis alguma vez? — murmurou Kit baixinho. Ele não achou que alguém tivesse ouvido, mas alguém deve ter escutado porque Evelyn explodiu numa risada.

— Ah, *Jessamine* — falou a mulher para ninguém. — Ora, ora, isso não é de bom gosto.

Os Blackthorn entreolharam-se com as sobrancelhas erguidas. Mas ninguém fez comentários porque Bridget chegara da cozinha trazendo bandejas fumegantes com carne e vegetais, que tinham sido cozidos até ficarem sem gosto.

— Eu simplesmente não entendo por que não podemos ir para *casa* — falou Dru melancolicamente. — Se os Centuriões derrotaram todos os demônios

marinhos, como disseram...

— Isso não significa que Malcolm não vá voltar — interrompeu Diana. — E o que ele quer é sangue Blackthorn. Vocês vão ficar aqui dentro, sem discussão.

Kit tinha desmaiado durante aquela coisa terrível que eles chamavam de viagem através do Portal — o redemoinho horroroso através do nada absolutamente gelado —, por isso ele perdera a cena que deve ter ocorrido quando eles apareceram no Instituto de Londres sem Arthur, e Diana explicara que eles tinham ido definitivamente para lá.

A tutora entrara em contato com a Clave para contar-lhes sobre as ameaças de Malcolm, mas Zara se antecipara. Aparentemente ela havia tranquilizado o Conselho, dizendo que os Centuriões tinham tudo sob controle, que eram muito superiores a Malcolm e seu exército, e a Clave ficara muito satisfeita em acreditar em suas palavras.

E como se as palavras de Zara tivessem operado um milagre, Malcolm não voltara a aparecer e nenhum demônio visitara a Costa Oeste. Dois dias se passaram e não havia notícias de desastre.

— Eu *odeio* o fato de Zara e Manuel estarem no Instituto sem a gente lá para vigiá-los — falou Livvy, soltando o garfo. — Quanto mais tempo eles ficam, mais argumentos vão ter para a Tropa assumi-lo.

— Isso é ridículo — falou Evelyn. — Arthur dirige o Instituto. Não seja paranoica, garota. — Ela pronunciava o *r* bem forte.

Livvy se encolheu. Embora todos eles, incluindo Dru e Tavvy, finalmente tivessem sido colocados a par da situação, sobre a doença de Arthur e o paradeiro de Julian e dos outros, ficou decidido que era melhor que Evelyn não soubesse. Ela não era uma aliada; não havia razão para que ficasse ao lado deles, embora parecesse nitidamente desinteressada na política do Conselho. Na verdade, na maior parte do tempo ela nem parecia estar ouvindo o que eles diziam.

— Zara falou que Arthur esteve trancado em seu escritório desde que nós saímos de lá — comentou Diana.

— Eu também permaneceria trancado se tivesse que lidar com Zara — disse Dru.

— Eu ainda não entendo por que Arthur não veio com você — fungou Evelyn. — Ele costumava morar neste Instituto. Imaginei que não se importaria de fazer uma visita.

— Veja pelo lado bom, Livvy — falou Diana. — Quando Julian voltar com os outros do... do lugar onde eles estão... muito provavelmente vão direto para Los Angeles. Você ia querer que eles encontrassem o Instituto vazio?

Livvy cutucou a comida sem dizer nada. Ela estava pálida e abatida, com

olheiras. Na noite seguinte à chegada a Londres, Kit se dirigira ao quarto dela, perguntando-se se ela gostaria de vê-lo, porém, quando pôs a mão na maçaneta, ele a ouvira chorando. Sendo assim, dera meia-volta e optara por ir embora, sentindo um aperto estranho no peito. Ninguém que chorava daquele jeito parecia disposto a desfrutar da companhia de alguém, sobretudo de alguém como ele.

Kit sentiu o mesmo aperto quando olhou para Ty, à sua frente na mesa, e se lembrou de como o outro menino havia curado sua mão. De como a pele de Ty era fria. Ty estava tenso, do jeito dele — a mudança para o Instituto de Londres fora uma grande perturbação em sua rotina e era evidente que aquilo o incomodava. Ele passava muito tempo na sala de treinamento, que era praticamente idêntica à do Instituto de Los Angeles. Às vezes, quando ele estava estressado, Livvy segurava suas mãos e as massageava casualmente. A pressão parecia acalmá-lo. No entanto, agora Ty estava tenso e distraído, como se de algum modo tivesse se ensimesmado.

— Nós podíamos ir a Baker Street — falou Kit, sem sequer imaginar que ia dizer aquilo. — Nós *estamos* em Londres.

Ao ouvir aquilo, Ty ergueu o olhar, as íris cinzentas brilhando. Já havia afastado seu prato: Livvy tinha contado para Kit que Ty levava muito tempo para se acostumar a comidas e sabores. Por enquanto, ele praticamente só comia batatas.

— Para Baker Street, 221B?

— Quando as coisas com Malcolm estiverem resolvidas — interveio Diana. — Até lá, nenhum Blackthorn sai do Instituto, nenhum Herondale também. Eu não gostei do modo raivoso como Malcolm olhou para você, Kit. — Ela se levantou. — Estarei na saleta. Preciso mandar uma mensagem de fogo.

Quando a porta se fechou atrás dela, Tavvy — que fitava o ar ao lado da cadeira de um modo que Kit considerou sinceramente alarmante — deu uma risadinha. Todos eles se viraram, surpresos. O caçula dos Blackthorn não vinha rindo muito ultimamente.

Ele não podia culpá-lo. Julian era tudo que o menino possuía, a coisa mais semelhante a uma figura paterna. Kit sabia como era sentir falta do pai, e Tavvy não tinha nem sete anos.

— Jessie — ralhou Evelyn, e por um momento Kit realmente olhou ao redor, como se a pessoa a quem ela se dirigia estivesse com eles no cômodo. — Deixe a criança em paz. Ele nem conhece você. — A idosa olhou ao redor da mesa. — Todo mundo acha que leva jeito com crianças. Poucos sabem quando não levam. — Ela mordeu uma cenoura. — Eu não levo jeito algum — falou ela, mastigando a comida. — Nunca suporrei crianças.

Kit revirou os olhos. Tavvy encarou Evelyn como se estivesse pensando em atirar um prato nela.

— Você poderia muito bem levar Tavvy para a cama, Dru — falou Livvy apressadamente. — Acho que todos já terminamos o jantar aqui.

— Claro, por que não? Não é como se eu não tivesse procurado roupas para ele hoje de manhã ou posto para dormir na noite passada. Eu poderia muito bem ser uma *criada* — rebateu Dru e, em seguida, tirou Tavvy da cadeira e saiu pisando duro até o quarto, arrastando o irmãozinho mais novo.

Livvy pôs a cabeça nas mãos. Ty ficou a observá-la e aí falou:

— Você não precisa tomar conta de ninguém.

Ela fungou e olhou de esguelha para o irmão gêmeo.

— É só que... sem Jules aqui, eu sou a mais velha. Por uns minutos, de qualquer forma.

— Diana é a mais velha — falou Ty. Ninguém mencionou Evelyn, que tinha colocado os óculos sobre o nariz e lia o jornal.

— Mas ela tem mais o que fazer além de cuidar da gente... quero dizer, cuidar das pequenas coisas — falou Livvy. — Nunca pensei nisso de fato, em todas as coisas que Julian faz por nós, mas é demais. Ele sempre nos mantém juntos e toma conta de todos, e eu nem entendo como...

Ouviu-se um som de explosão. O rosto de Ty ficou pálido. Era evidente que ele estava ouvindo um barulho conhecido.

— Livvy — falou. — O Salão dos Acordos...

Agora o barulho parecia menos semelhante ao de uma explosão e soava mais como um trovão, um trovão impetuoso que dominava o céu. Um som de nuvens sendo rasgadas como tecido.

Dru entrou correndo no cômodo, com Tavvy bem atrás dela.

— São eles — falou. — Vocês não vão acreditar, mas precisam vir rápido. Eu vi, são eles, voando... fui até o terraço...

— Quem? — Livvy estava de pé; todos estavam, menos Evelyn, que ainda lia o jornal. — Quem está no terraço, Dru?

Dru pegou Tavvy no colo.

— *Todo mundo* — falou ela, os olhos brilhando.

O terraço do Instituto era forrado com cascalho e se estendia até uma balaustrada de ferro forjado na altura da cintura. Os capitéis das balaustradas tinham lírios de ferro nas pontas. Ao longe, Kit via o domo reluzente da catedral de São Paulo, conhecida graças a milhares de filmes e programas de tevê.

As nuvens estavam pesadas, da cor do ferro, e circundavam o Instituto como

nuvens em torno de uma montanha. Kit mal conseguia enxergar as ruas lá embaixo. O ar era acre com os raios de verão.

Todos eles tinham se espalhado pelo telhado, menos Evelyn e Bridget. Diana estava aqui, o braço cuidadosamente protegido. Os olhos cinzentos de Ty mantinham-se fixados no céu.

— Ali — falou Dru, apontando. — Estão vendo?

Quando Kit olhou, o feitiço de disfarce se desfez. De repente, era como se uma pintura ou um filme tivessem ganhado vida. Mas os filmes não ofereciam tal coisa, a confusão visceral de admiração e medo. Os filmes não forneciam o cheiro de magia, estalando como relâmpagos, nem as sombras lançadas por uma hoste de criaturas que voavam de modo impossível contra o céu acima delas. Filmes ou pinturas não proporcionavam a luz das estrelas nos cabelos louros de uma garota conforme ela deslizava, dando gritinhos de emoção e alegria, nem das costas de um cavalo voador, ambos pousando num telhado de Londres. Nem tampouco lhe mostravam a expressão dos rostos dos Blackthorn ao verem seus irmãos e amigos voltando para eles.

Livvy pulou em cima de Julian, abraçando seu pescoço. Mark desceu do cavalo e quase desabou de emoção ao se ver abraçado com força por Dru e Tavvy. Ty se aproximou com mais calma, porém com a mesma felicidade incandescente no rosto. Ele esperou que Livvy terminasse de quase estrangular o irmão e então avançou para pegar as mãos de Julian.

E Julian, que Kit sempre considerara um assustador modelo de controle e distância, agarrou o irmão e o puxou para bem pertinho, as mãos torcendo as costas da camisa de Ty. Seus olhos estavam fechados e Kit teve que evitar encarar a expressão do outro.

Ele nunca tivera ninguém além do pai e sempre tivera certeza de que seu pai nunca o amara desse jeito.

Mark se aproximou dos irmãos então, e Ty se virou para olhar para ele. Kit ouviu quando ele disse:

— Eu não sabia ao certo se você voltaria.

Mark pousou a mão no ombro do irmão e falou ríspidamente:

— Eu sempre voltarei para você, Tiberius. Sinto muito se fiz você acreditar no contrário.

Havia dois outros recém-chegados entre os Blackthorn, os quais Kit não reconheceu: um menino lindo, de cara amarrada, com cabelos preto-azulados que ondulava em torno do rosto anguloso, e um homem imenso, de ombros largos usando um capacete assustador com chifres de cervo entalhados que se projetavam de cada lado. Os dois estavam montados nos cavalos, em silêncio, sem se mexer. Uma escolta de fadas, talvez, para manter os outros em

segurança? Mas como será que os Blackthorn e Emma conseguiram um favor desses?

E daí? Mais uma vez, se existia alguém capaz de conseguir uma coisa assim, este alguém seria Julian Blackthorn. Como o pai de Kit costumava dizer sobre vários criminosos, Julian era o tipo de pessoa que poderia descer ao inferno e sair de lá com o próprio diabo lhe devendo um favor.

Diana abraçou Emma e depois Cristina, e lágrimas brilhavam em seu rosto. Sentindo-se estranhamente deslocado naquele encontro, Kit foi até a beira da balaustrada. As nuvens tinham se dissipado e dava para ver a Millenium Bridge dali de cima, iluminada com cores do arco-íris. Um trem chacoalhava sobre outra ponte e lançava seu reflexo na água.

— Quem é você? — perguntou uma voz junto ao cotovelo dele. Kit se assustou e se virou. Era um dos guardas das fadas que ele notara antes, o que olhava de cara feia. Os cabelos escuros, vistos bem de perto, pareciam menos pretos do que uma mistura de tons de verde e azul-escuro. Ele afastou um pouco do cabelo do rosto, franzindo a testa. Tinha uma boca farta e ligeiramente irregular, mas o mais interessante, sem dúvida, eram os olhos. Tais como os de Mark, com duas cores diferentes. Um era prata como um escudo polido; o outro, de um preto tão escuro que mal se via.

— Kit — respondeu ele.

O menino com os cabelos de oceano assentiu.

— Sou Kieran — falou. — Kieran Caçador.

*Caçador* não era um tipo de nome real das fadas, Kit sabia disso. As fadas não costumavam fornecer seus nomes verdadeiros, pois eles continham poder. *Caçador* apenas denotava o que ele era, do modo como as nixies também se denominavam *Nascidas da Água*. Kieran era da Caçada Selvagem.

— Hum — falou Kit, pensando na Paz Fria. — Você é um prisioneiro?

— Não — respondeu a fada. — Sou amante de Mark.

Ah, pensou Kit. *A pessoa que ele foi salvar no Reino das Fadas*. Ele tentou disfarçar um olhar divertido ante o modo como as fadas falavam. Intellectualmente, sabia que a palavra “amante” fazia parte do discurso tradicional, mas ele não podia evitar: ele era de Los Angeles e, até onde sabia, Kieran tinha acabado de dizer: *Olá, eu transo com Mark Blackthorn. E você?*

— Eu pensei que Mark estivesse namorando Emma — falou Kit.

Kieran pareceu confuso. Alguns cachos do cabelo pareceram escurecer, ou talvez fosse só uma peça pregada pela difusão da luz.

— Creio que você deve estar enganado.

Kit ergueu uma sobrancelha. O quanto este cara e Mark eram realmente íntimos, afinal? Talvez fosse só uma coisa sem importância. Embora parecesse

um mistério por que Mark arrastaria metade da família até o Reino das Fadas para salvar o cara.

Antes que ele pudesse dizer algo, Kieran virou a cabeça e desviou sua atenção.

— Aquela deve ser a adorável Diana — falou ele, apontando na direção da tutora dos Blackthorn. — Gwyn ficou muito encantado com ela.

— Gwyn, o cara grandão? Do capacete de cervo? — perguntou Kit. Kieran fez que sim com a cabeça, observando quando Gwyn desmontou do cavalo, indo na direção de Diana, que parecia minúscula diante do tamanho dele, embora fosse uma mulher alta.

— A providência nos reuniu novamente — disse Gwyn.

— Eu não acredito na providência — falou Diana. Ela parecia constrangida, um pouco alarmada. Estava segurando o braço ferido junto ao corpo. — Nem num céu intervencionista.

— Há mais coisas entre o Céu e a Terra do que supõe a nossa vã filosofia — falou Gwyn.

Kit fez um muxoxo. Diana ficou pasma.

— Você está citando Shakespeare? — perguntou ela. — Eu imaginaria que ao menos teria sido *Sonho de uma Noite de Verão*.

— Fadas não suportam *Sonho de uma Noite de Verão* — resmungou Kieran. — Está tudo errado.

Gwyn deu um sorrisinho.

— E por falar em sonhos... — acrescentou ele. — Você tem estado nos meus, e com frequência.

Diana pareceu chocada. Os Blackthorn silenciaram seu encontro barulhento e ficaram observando-a ela e Gwyn com curiosidade descarada. Julian até esboçou um sorriso. Ele segurava Tavvy, que tinha passado os braços ao redor do pescoço do irmão e agora estava pendurado como um coala.

— Eu gostaria que nós nos encontrássemos formalmente para que eu pudesse cortejá-la — falou Gwyn. As mãos grandes se remexiam sem direção nas laterais do corpo, e Kit se deu conta, com um choque, que ele estava tenso; o sujeito grandalhão e musculoso, o líder da Caçada Selvagem, tenso. — Nós poderíamos matar um gigante de gelo ou devorar um cervo.

— Não quero fazer nenhuma dessas coisas — disse Diana após um momento. Gwyn pareceu cabisbaixo.

— Mas eu *vou* sair com você — falou ela, corando. — De preferência a um bom restaurante. Traga flores e *nada* de capacete.

Os Blackthorn começaram a rir e a aplaudir. Kit se recostou na parede com Kieran, que balançava a cabeça com perplexidade.



— E por conseguinte o orgulhoso líder da Caçada foi vencido pelo amor — falou ele. — Espero que um dia haja uma canção sobre isso.

Kit ficou observando Gwyn, que ignorava os aplausos enquanto preparava os cavalos para partir.

— Você não se parece com os outros Blackthorn — comentou Kieran depois de um instante. — Seus olhos são azuis, mas não como o azul do oceano. São mais como um céu comum.

Kit se sentiu ligeiramente insultado.

— Não sou um Blackthorn — falou ele. — Sou um Herondale. Christopher Herondale.

Ele aguardou. O nome Herondale parecia produzir uma reação explosiva na maioria dos habitantes do mundo sobrenatural. O menino com cabelo da cor do oceano, porém, sequer piscou.

— Então o que está fazendo aqui, se não é da família? — perguntou ele.

Kit deu de ombros.

— Sei lá. Não pertencço a isto aqui, com certeza.

Kieran deu um sorriso enviesado típico das fadas.

— Somos dois então.

Finalmente, eles se reuniram na saleta, o cômodo mais quente da casa. Evelyn já estava lá, resmungando perto da lareira acesa. Embora fosse fim de verão, Londres já carregava um ar frio e úmido. Bridget trouxe sanduíches — atum e milho, frango e bacon — e os recém-chegados devoraram tudo como se estivessem terrivelmente famintos. Julian teve que comer todo desengonçado com a mão esquerda, pois na outra equilibrava Tavvy, que permanecia em seu colo.

A saleta envelhecera melhor do que muitos dos outros cômodos no Instituto. Tinha papel de parede florido e alegre, apenas levemente desbotado, e uma linda mobília antiga que alguém evidentemente escolhera com cuidado: uma escrivaninha com tampa de correr, uma delicada mesa secretária, poltronas de veludo liso e sofás reunidos em torno da lareira. Mesmo a grade da lareira era feita de delicado ferro forjado, com desenhos de garças com asas abertas, e, quando o fogo brilhava através dela, a sombra das aves era lançada na parede como se elas estivessem voando.

Só Kieran não pareceu entusiasmado com os sanduíches. Ele os cutucou, com ar desconfiado, e então os separou e comeu apenas os tomates, enquanto Julian explicava o que tinha acontecido no Reino das Fadas: a jornada até a Corte Unseelie, o encontro com a Rainha.

— Havia locais queimados, brancos como cinzas, como a superfície da lua — falou Mark, os olhos sombrios de angústia. Kit se esforçou para se ater à história, mas era como tentar andar numa montanha-russa com freios defeituosos. Expressões como “cristal da vidência”, “campeão Unseelie” e “*Volume Preto dos Mortos*” ficavam empurrando-o para fora dos trilhos.

— Quanto tempo passou para eles? — murmurou ele finalmente para Ty, que estava enfiado entre ele e Livvy numa namoradeira muito pequena para os três.

— Parece que se passaram menos dias do que para nós — falou Ty. — Um resvalamento de tempo, mas não muito. O colar de Cristina parece ter funcionado.

Kit assobiou baixinho.

— E quem é Annabel?

— Era uma Blackthorn — falou Ty. — Ela morreu, mas Malcolm a trouxe de volta.

— Dos *mortos*? — indagou Kit. — Isso... isso é necromancia.

— Malcolm era necromante — observou Ty.

— Cala a boca. — Livvy deu uma cotovelada em Kit, que estava perdido em pensamentos. Necromancia não era só uma arte proibida no Mercado das Sombras, era um *assunto* proibido. O castigo por ressuscitar os mortos era a morte. Se os Caçadores de Sombras não pegassem você, outros seres do Submundo pegariam, e sua execução não seria nada bonita.

Trazer os mortos de volta, Johnny Rook sempre dissera, distorcia o tecido da vida do mesmo modo que tornar os humanos imortais. *Será que alguém poderia trazer os mortos de volta e fazer isso funcionar?*, perguntara Kit a ele uma vez. *Mesmo o mago mais poderoso?*

*Deus*, respondera Johnny, depois de uma pausa muito longa. *Deus poderia fazê-lo. E aqueles que despertassem os mortos poderiam começar a achar que eram Deus, mas em breve eles descobririam a mentira na qual acreditaram.*

— O diretor do Instituto de Los Angeles está morto?! — exclamou Evelyn, deixando cair os restos de seu sanduíche numa mesa antiga provavelmente muito cara.

Kit não a culpava por sua surpresa. Os Blackthorn não agiram como uma família de luto por causa da morte de um tio amado. Sim, estavam confusos e agitados. Mas e daí, quando conviviam com Arthur se comportavam quase como se fossem desconhecidos.

— Foi por isso que ele quis ficar em Los Angeles? — quis saber Livvy, com as bochechas coradas. — Assim ele se sacrificaria... por nós?

— Pelo Anjo. — Diana colocou a mão no peito. — Ele não respondera nenhuma de nossas mensagens, mas isso não era incomum. Mas Zara não ter

percebido...

— Talvez ela tivesse, talvez não tivesse — falou Livvy. — Mas é melhor para os planos dela se ele estiver fora do caminho.

— Quais planos? — perguntou Cristina. — Como assim os planos de Zara?

Era o momento de mais uma longa explicação, dessa vez de coisas que Kit já sabia. Evelyn adormecera diante da lareira e estava roncando. Kit se perguntava quanto valia o punho da bengala dela. Era prata verdadeira ou só folheada?

— Pelo Anjo — falou Cristina quando terminaram de explicar. Julian nada disse. Emma falou alguma coisa impublicável. Mark se inclinou para a frente, as bochechas coradas.

— Deixe-me ver se entendi — falou. — Zara e o pai querem controlar o Instituto de Los Angeles para que possam impulsionar a pauta contra os seres do Submundo. As novas Leis provavelmente se aplicariam a mim e a Helen. E, sem dúvida, a Magnus e Catarina... todos os seres do Submundo que conhecemos, por mais leis que sejam.

— Eu conheço o grupo deles — falou Diana. — Eles não acreditam em seres do Submundo leis.

— Que grupo deles? — perguntou Emma.

— A Tropa — falou Diana. — São uma facção bem conhecida no Conselho. Assim como todos os grupos que existem principalmente com o intuito de odiar, eles acreditam falar para uma maioria silenciosa... acham que todos desprezam os seres do Submundo, assim como eles. Creem que a oposição à Paz Fria é covardia moral ou, na melhor das hipóteses, é choradeira daqueles que se sentem incomodados por ela.

— Incomodados? — falou Kieran. Não havia expressão em sua voz, apenas a palavra, pairando ali no ambiente.

— Eles não são inteligentes — falou Diana. — Mas são barulhentos e assustaram muitas pessoas, que se calaram. Não contam com nenhum diretor de Instituto entre os seus, mas se contarem...

— Isso é ruim — falou Emma. — Antes, eles precisariam provar que Arthur não era capaz de dirigir um Instituto. Agora ele está morto. O cargo está vago. Tudo que eles têm a fazer é esperar a próxima reunião do Conselho e apresentar seu candidato.

— E eles estão em boa posição para isso. — Diana se pusera de pé e começara a andar. — A Clave está muito impressionada com Zara Dearborn. Acreditam que ela e os Centuriões derrotaram a ameaça dos demônios marinhos por conta própria.

— Os demônios desapareceram porque Malcolm morreu... outra vez, e dessa vez, com sorte, vai ser para sempre — falou Livvy, furiosa. — Nada disso é por

causa de Zara. Ela está levando crédito pelo que *Arthur* fez!

— E não há nada que a gente possa fazer quanto a isso — disse Julian. — Não ainda. Daqui a pouco, eles vão descobrir que Arthur está morto ou desaparecido. Mas só o fato de abandonar seu posto já poderia ser motivo para substituí-lo. E não podem desconfiar que sabemos como ou por que ele morreu.

— Porque a única razão pela qual sabemos é graças à Rainha Seelie — complementou Emma baixinho, observando a adormecida Evelyn.

— Annabel é a chave para encontrarmos o *Volume Preto* — falou Julian. — Mas precisamos ser os únicos na busca por ela agora. Se a Clave encontrá-la primeiro, nunca mais conseguiremos o livro para a Rainha.

— Só que, quando concordamos com o plano da Rainha, nós não sabíamos sobre a Tropa — lembrou Mark, aflito. — E se não tivermos tempo para encontrar o livro antes de a Tropa agir?

— Então vamos simplesmente ter que encontrar o livro mais depressa — falou Julian. — Não podemos enfrentar os Dearborn num Conselho aberto. O que foi que Zara fez de errado, de acordo com a Clave? Arthur *não estava* qualificado para dirigir um Instituto. Muitos no Conselho odeiam os seres do Submundo. Ela quer dirigir um Instituto para aprovar uma lei bizarra. Não seria a primeira. Não está violando as regras. Nós é que estamos.

Kit sentiu um estremecimento bem leve subir por suas costas. Por um momento, Julian tinha soado como seu pai. *O mundo não é do jeito que queremos que seja. É do jeito que é.*

— Então nós temos que fingir que não sabemos o que Zara está armando? — Emma franziu a testa.

— Não — respondeu Diana. — Vou a Idris para conversar com a Consulesa.

Todos a encararam, com olhos arregalados — todos, menos Julian, que não parecia surpreso, e Kieran, que ainda estava fazendo cara feia para a comida.

— O que Zara está propondo significaria que a filha de Jia estaria casada com um dos seres do Submundo a ser registrado. Jia sabe a que isso levaria. Eu sei que ela se encontraria comigo. Se eu puder argumentar com ela...

— Ela deixou a Paz Fria ser aprovada — falou Kieran.

— Ela não teve escolha — interveio Diana. — Se tivesse sido avisada do que viria a seguir, eu gostaria de acreditar que as coisas teriam sido diferentes. Dessa vez, ela terá o aviso. Além disso... nós temos algo a lhe oferecer agora.

— É verdade — falou Julian, com um gesto para Kieran. — O fim da Paz Fria. Um mensageiro fada da Rainha Seelie.

Evelyn, que estivera dormindo perto da lareira, rapidamente se aprumou.

— Agora basta. — Ela olhou de cara feia para Kieran. — Eu posso aceitar um Blackthorn nesta casa, mesmo alguém de linhagem questionável. Sempre

aceitarei um Blackthorn. Mas uma fada? Escutando sobre os negócios dos Nephilim? Não vou permitir.

Kieran pareceu momentaneamente confuso. Então ficou de pé. Mark também começou a se levantar e Julian permaneceu exatamente onde estava.

— Mas Kieran é parte do nosso plano...

— Quanta baboseira. Bridget! — chamou ela, e a criada, que evidentemente ficara espiando no corredor, enfiou a cabeça no cômodo. — Por favor, leve o príncipezinho para um dos quartos vagos. Fada, você me dará sua palavra de que não vai sair daqui até que lhe seja permitido.

Kieran olhou para Cristina.

— Qual é o *seu* desejo, milady?

Kit estava perplexo. Por que Kieran, um príncipe nobre, estava aceitando receber ordens de Cristina?

Ela corou.

— Você não precisa jurar que não vai sair do quarto — falou ela. — Eu confio em você.

— *Confia?* — indagou Emma, soando fascinada enquanto Kieran fazia uma medida rígida e se retirava.

Os resmungos de Bridget podiam ser ouvidos por todos enquanto ela conduzia Kieran porta afora.

— Fadas no Instituto — murmurou ela. — Fantasma é uma coisa, feiticeiro é outra, mas nunca na vida...

Drusilla parecia confusa.

— Por que Kieran *está* aqui? — perguntou ela assim que ele saiu. — Eu pensei que nós o odiássemos. Tipo, quase todo mundo odeia. Quero dizer, ele salvou nossas vidas, mas ainda é um babaca.

Ouviu-se um burburinho. Kit se lembrou de alguma coisa que tinha entreouvido Livvy dizendo a Dru um dia ou dois antes. Mais pedacinhos do quebra-cabeça de Kieran: Livvy ficara zangada com o fato de Mark ter ido ao Reino das Fadas ajudar alguém que o tinha magoado. Que machucara Emma e Julian. Kit não sabia ao certo o que havia acontecido, mas evidentemente tinha sido ruim.

Emma fora se sentar no sofá, ao lado de Cristina. Ela chegara usando um vestido claro, de tecido fino, que parecia alguma coisa que Kit veria no Mercado das Sombras. A roupa a deixava graciosa e delicada, mas Kit se lembrou do aço nela, do modo como ela abrira os demônios Mantis em sua casa com toda a calma de uma noiva cortando fatias do bolo de casamento.

Julian ouvia em silêncio à conversa da família. Embora não olhasse para Emma, uma energia quase visível crepitava entre eles. Kit se lembrou do modo

como Emma dissera ao pai dele: *Esse aqui não é o tipo de lugar para Julian* — uma das primeiras coisas que ele a ouvira dizer, no Mercado — e o modo como sua voz parecera abraçar as sílabas do nome dele.

*Parabatai* eram um mistério. Tão próximos e ainda assim não era um casamento. No entanto era mais do que uma relação entre melhores amigos. Não havia nada semelhante para os mundanos. E isso o atraía, a ideia em si, de estar ligado a alguém desse modo, o modo como todas as coisas belas e perigosas do mundo dos Caçadores de Sombras o atraíam.

Talvez Ty...

Julian ficou de pé e ajeitou Tavvy na poltrona. Ele esticou os braços estalando os tendões dos pulsos.

— A questão é que precisamos de Kieran — falou ele.

Evelyn fez um muxoxo.

— Imagine só, precisar de uma fada — disse. — Para qualquer coisa.

Julian cochichou no ouvido de Tavvy. Um instante depois, ele estava de pé.

— Srta. Highsmith — começou ele. — Meu irmãozinho está exausto, mas falou que não sabe onde fica o quarto dele. A senhorita pode mostrar a ele?

Evelyn olhou, irritada, de Julian para Tavvy, que sorriu angelicalmente para ela, exibindo as covinhas.

— Você não pode acompanhar a criança?

— Eu acabei de chegar — falou Julian. — Não sei onde fica o quarto. — Ele acrescentou o próprio sorriso ao de Tavvy. Julian era capaz de irradiar charme quando queria. Kit quase se esquecera disso.

Evelyn olhou ao redor para ver se algum voluntário assumiria por ela. Ninguém se mexeu. Finalmente, com um muxoxo indignado, ela estalou os dedos para Tavvy e falou:

— Bem, então venha, criança. — E saiu do cômodo com o menino atrás de si.

Julian deu um sorriso torto. Kit não conseguia afastar a sensação de que ele tinha usado Evelyn para se livrar de Kieran, e Tavvy para se livrar de Evelyn, e o fez tão habilmente que ninguém sequer poderia provar.

Se Julian quisesse se bandear para a marginalidade, pensou Kit, ele se daria muito bem.

— Precisamos de Kieran para barganhar com a Clave — falou Julian, como se nada tivesse acontecido. — Quando nós o encontramos no Reino das Fadas, o pai dele estava prestes a matá-lo. Ele escapou, mas nunca estará em segurança se o Rei Unseelie estiver sentado no trono. — Agitado, passou a mão pelos cabelos, e Kit se perguntou como ele conseguia manter tudo na mente: planos, complôs, segredos, verdades.

— E a Rainha quer o Rei fora do trono — falou Emma. — Ela está disposta a nos ajudar a substituí-lo pelo irmão de Kieran, mas Kieran tinha prometido convencê-lo.

— O irmão de Kieran seria melhor do que o Rei que eles têm agora? — perguntou Dru.

— Seria melhor — confirmou Emma. — Acredite se quiser.

— Kieran também vai testemunhar diante do Conselho — disse Julian. — Ele vai levar o recado da Rainha, de que ela está disposta a se aliar para derrotar o Rei. E pode confirmar para o Conselho o que o Rei está fazendo nas Terras Unseelie...

— Mas você poderia contar isso a eles — alertou Kit.

— Se nós quiséssemos arriscar a ira da Clave por termos nos aventurado no Reino das Fadas — falou Julian. — Isso sem mencionar que, embora a gente possa sair dessa, não seremos perdoados por termos feito uma barganha com a Rainha Seelie.

Kit era obrigado a admitir que Julian tinha razão. Ele sabia o tamanho do problema que os Blackthorn quase arrumaram para si ao barganhar com a escolta que devolvera Mark a eles. A Rainha Seelie entrava num nível de proibição totalmente diferente. Era como levar um tapinha na mão por ultrapassar o sinal vermelho e então voltar no dia seguinte e explodir a rua toda.

— Kieran é seu cartão de saída da cadeia — falou ele.

— Isso não tem a ver só com a gente — afirmou Emma. — Se o Conselho ouvi-lo, isso pode acabar com a Paz Fria. Na verdade, teria que fazer isso. Eles teriam que acreditar. Ele não é capaz de mentir, e, se a Rainha está disposta a enfrentar o Rei Unseelie com a Clave, eu não sei se eles seriam capazes de recusar isso.

— O que significa que temos que manter Kieran em segurança — falou Julian. — Precisamos fazer o possível para não o hostilizar.

— Porque ele está fazendo isso por Mark? — perguntou Dru.

— Mas Mark terminou com ele — falou Livvy, e então olhou ao redor, alarmada. O rabo de cavalo dela roçou o ombro de Kit. — Isso era uma coisa que eu não deveria dizer?

— Não — disse Mark. — É a verdade. Mas... Kieran não se lembra. Quando a Corte Unseelie o torturou, ele perdeu parte das lembranças. Ele não lembra de ter trazido o comitê ao Instituto, nem de Emma e Julian sendo açoitados, nem do perigo em que botou a todos nós com sua raiva e pressa. — Ele baixou o olhar para as mãos entrelaçadas. — E ninguém deve contar nada a ele.

— Mas... Emma — falou Livvy. — Não temos que fingir que ela e Mark não são...

Kit se inclinou para Ty, que cheirava a tinta e lã.

— Eu não entendo nada disso.

— Nem eu — murmurou Ty em resposta. — É muito complicado.

— Mark e eu terminamos — falou Emma, e olhou fixamente para Mark.

Kit se perguntava se Mark teria se dado conta disso. Ele não foi capaz de disfarçar a expressão de espanto.

— Simplesmente não deu certo — prosseguiu Emma. — Então está tudo bem, Mark pode fazer o que tem que fazer.

— Eles *terminaram*? — murmurou Livvy. Ty deu de ombros, perplexo. Livvy estava tensa e agora olhava de Mark para Emma, nitidamente preocupada.

— Nós temos que deixar Kieran pensar que ele e Mark ainda estão namorando? — perguntou Ty, com expressão atônita. Kit também sentia que a coisa toda estava além de seu controle, mas, por outro lado, Henrique VIII *tinha* decapitado algumas de suas mulheres aparentemente por razões governamentais. Os aspectos pessoal, político e romântico frequentemente se entrelaçavam.

— Esconder essas coisas de Kieran não é o ideal — falou Julian, com as mãos nos bolsos. — E odeio pedir a vocês para mentir. Provavelmente é melhor evitar o assunto. Mas literalmente não há outra maneira de garantir que ele apareça diante da Clave.

Mark se sentou, passando os dedos pelo cabelo louro, distraído. Kit praticamente podia ouvi-lo dizendo “Eu estou bem, está tudo bem” a Cristina. E sentiu uma onda de estranha solidariedade; não por Mark, mas por Kieran. Kieran, que não sabia que seu namorado não era seu namorado de verdade, que dormia numa casa cheia de pessoas que, por mais amigáveis que talvez parecessem, mentiriam para ele para obter algo de que precisavam.

Ele pensou na frieza que vira em Julian no Mercado das Sombras. Julian, que sacrificaria Kieran, e talvez o próprio irmão de certo modo, para obter o que desejava.

Mesmo que seu desejo fosse uma coisa boa. Mesmo que fosse o fim da Paz Fria. Kit olhou para Julian, fitando a lareira na saleta com olhos insondáveis, e desconfiou que houvesse mais coisas naquela história toda.

Que, até onde dizia respeito a Julian Blackthorn, sempre haveria mais coisas.



# 16

## Passam pelo Errante

Mark foi até o quarto de Kieran, decidido a mentir.

A inquietação e o cansaço tinham tirado Mark da saleta. Os outros, igualmente cansados, se dispersavam para os próprios quartos. Cristina se esgueirara e saíra sem que Mark notasse, embora ele *tivesse* sentido a ausência dela como um tipo de pontada no peito, depois que ela já não estava mais lá. Diana decidira partir para Idris assim que pudesse, e Julian e Emma tinham ido se despedir dela.

Mark ficara um pouco chocado ao ouvir de Emma que o namoro de mentira havia acabado. Ele sabia o que tinha dito a ela, no Reino das Fadas, e que ela simplesmente fizera o que ele pedira. Ainda assim, ele se sentia ligeiramente solto, solitário, sem ideia de como olhar nos olhos de Kieran e dizer inverdades.

Não gostava de mentir. Não tinha feito isso na Caçada, e se sentia pouco à vontade com os ritmos da mentira. Queria conversar com Cristina, mas imaginava que ela não fosse querer ouvir sobre seus sentimentos complicados em relação a Kieran. Julian ia se concentrar apenas no que era necessário e no que precisava ser feito, por mais que fosse doloroso. E agora ele não podia mais falar com Emma. Ele não tinha notado o quanto a relação deles era próxima de uma verdadeira amizade, por mais falsa que fosse, e agora se perguntava se ia perder isso também.

E quanto a Kieran... Mark inclinou sua cabeça contra a parede perto da porta de Kieran. Os corredores eram forrados com um papel de parede com folhas douradas apagadas, trepadeiras e treliças, cujo contato foi frio contra a testa dele. Kieran era a pessoa com quem ele menos poderia conversar.

Não que bater a cabeça na parede fosse fazer algum bem. Ele se endireitou e empurrou a porta silenciosamente. O cômodo que tinham separado para Kieran

era bem distante do restante dos quartos, acima de um pequeno lance de escadas, um quarto que, muito provavelmente, um dia fora usado para armazenamento. Estreito, com janelas em arco que davam para as paredes lisas dos outros edifícios. Havia uma cama de dossel imensa no meio do cômodo e um guarda-roupa igualmente grande — embora Mark não fizesse ideia do que ficaram achando que Kieran poderia colocar dentro dele.

A colcha tinha sido retirada da cama e não se via Kieran em parte alguma. Mark sentiu uma pontada de inquietação. Ao seu modo, Kieran *tinha* prometido a Cristina que ficaria: se ele tivesse decidido não honrar sua promessa a ela, seria um problema.

Mark suspirou e fechou os olhos. Sentia-se tolo e vulnerável, parado no meio do cômodo, de olhos fechados, mas conhecia Kieran muito bem.

— Kier — falou. — Não consigo enxergar nada. Saia e fale comigo.

Um instante depois, ele sentiu mãos nas laterais do seu corpo, erguendo-o e jogando-o na cama. O peso de Kieran fez Mark afundar no colchão. O menino abriu os olhos e viu o outro apoiado em cima dele, selvagem e estranho em roupas da nobreza. O contorno das ataduras de Kieran pressionavam o peito de Mark, mas, de resto, o peso do príncipe fada lhe era um tanto familiar. E, para seu corpo, muito bem-vindo.

Kieran olhava para ele, os olhos em preto e prata como o céu noturno.

— Eu te amo — falou Kieran. — E fiz promessas. Mas, se eu tiver que ser constantemente humilhado e escorraçado, não responderei por minhas ações.

Mark ajeitou uma mecha do cabelo de Kieran. Os fios escorregaram entre seus dedos como seda pesada.

— Vou me certificar de que tratem você com mais respeito. Eles só precisam se acostumar.

Os olhos de Kieran brilharam.

— Não fiz nada para merecer a desconfiança deles.

*Ah, mas você fez,* pensou Mark, *você fez, e todos se lembram disso, menos você.*

— Eles me ajudaram a resgatar você — falou Mark em voz alta. — Não seja ingrato.

Kieran sorriu ao ouvir aquilo.

— Eu preferiria imaginar que apenas você era o responsável. — Ele se abaixou e roçou o pescoço de Mark com o nariz.

Mark semicerrou os olhos. Sentia os próprios cílios fazendo cócegas em suas bochechas. Sentia o peso do corpo de Kieran se movimentando em cima dele. Kieran tinha cheiro de mar, como sempre. Mark se lembrou de uma colina numa região verde, um monte de pedras úmidas, rolando com Kieran aos pés do

morro. Mãos nos cabelos e por todo seu corpo, quando ele estivera há tanto tempo sem ser tocado por ninguém. Ele ardera e estremecera. E estremecia agora. O que Kieran era para ele? O que ele era para Kieran? O que tinham sido um para o outro algum dia?

— Kier — começou Mark. — Ouça...

— Agora não é o momento de conversar — interrompeu Kieran, e seus lábios roçaram bem de leve a pele de Mark, movendo-se pela pulsação em seu pescoço, percorrendo a mandíbula até capturar a boca.

Foi um momento que pareceu se esticar até a eternidade, um momento no qual Mark se enveredou através das estrelas que se espalhavam ao redor. Os lábios de Kieran eram macios e frios, e tinham gosto de chuva, e Mark se agarrou a ele naquele local escuro e débil no fundo do céu.

Ele enredou os dedos nos cabelos de Kieran, envolvendo os fios, ouvindo Kieran expirar com força pela boca. O corpo dele pressionou ainda mais o de Mark, e então os dedos de Kieran deslizaram pela nuca de Mark e se enrolaram na corrente que trazia o colar de flecha de elfo.

Foi como ser sacudido para um despertar súbito. Mark rolou e levou Kieran junto, para que ficassem deitados lado a lado na cama. O movimento interrompeu o beijo, e Kieran o fitou meio irritado e meio confuso.

— Miach — falou. Sua voz assumiu o nome e o transformou numa carícia convidativa, um convite aos prazeres inimagináveis das fadas.

— Não — falou Mark. — Não me chame assim.

Kieran inspirou.

— Tem algum problema entre a gente, não é? Mark, por favor, me diga o que é. Percebo sua distância, mas não entendo a causa.

— Você não se lembra, mas tivemos uma briga. Sobre eu ficar com a minha família. Foi por isso que eu lhe devolvi meu colar de flecha de elfo.

Kieran pareceu confuso.

— Mas eu sempre soube que você poderia ficar com a sua família. Eu não queria, mas devo ter aceitado isso. Eu me lembro de acordar na Corte Unseelie. Não me lembro de sentir raiva de você.

— Não foi uma briga feia. — Mark engoliu em seco. — Mas eu não esperava isso... Você, no meu mundo. Todas as complicações dessa política.

— Você não me quer aqui? — A expressão de Kieran não mudou, mas de repente seus cabelos ficaram rajados de branco nos cachos contra as têmporas.

— Não é isso — falou Mark. — Na Caçada Selvagem, eu pensava que poderia morrer a qualquer noite. Todas as noites. Eu queria tudo, sempre, e arriscava tudo porque ninguém dependia de mim. E então veio você, e nós dependíamos um do outro, mas... — Ele pensou em Cristina. As palavras dela

vieram e ele não conseguiu evitar usá-las, embora quase parecesse uma traição. Cristina, que ele beijara com alegre abandono durante aqueles poucos momentos perto da festa, antes que ele se desse conta do que ela pensava dele... alguém que ela só beijaria estando bêbada ou fora de si...

— Eu sempre precisei de você, Kieran — falou ele. — Sempre precisei de você para viver. Sempre precisei muito, nunca tive a chance de pensar se éramos bons, ou não, um para o outro.

Kieran se sentou. Ficou em silêncio, embora Mark visse, para seu alívio, que as mechas brancas em seu cabelo tinham voltado à cor azul e preta, mais normal.

— Isso foi bem sincero — falou, finalmente. — Não posso culpá-lo.

— Kieran...

— De quanto tempo você precisa? — Kieran se empertigara e agora ele era o orgulhoso príncipe fada. Mark pensou nas vezes em que vira Kieran nas festas, de longe. Nas vezes em que vira as fadas menores se alastrando diante dele. Meninas e meninos que se penduravam em seus braços e esperavam uma palavra ou uma olhadela porque mesmo a benevolência de um príncipe em desgraça era moeda. E Kieran não oferecia nem palavras nem olhadelas, pois suas palavras e olhadelas eram todas para Mark. Tudo para o que eles tinham quando a Caçada Selvagem lhes dava uma folguinha...

— Talvez uns poucos dias — falou Mark. — Se você puder ser paciente tanto assim.

— Eu posso ser paciente por uns dias.

— Por que você escolheu Cristina? — falou Mark abruptamente. — Quando você teve que jurar lealdade a um de nós. Por que ela? Você fez isso para me perturbar?

Kieran sorriu.

— Como dizem, nem tudo gira em torno de você, Mark. — Ele se reclinou, seu cabelo era muito preto contra a roupa de cama branca. — Não é melhor você ir?

— Não quer mais que eu fique aqui? — indagou Mark. — Com você?

— Enquanto pesa meus méritos como se eu fosse um cavalo que você cogita comprar? Não — falou Kieran. — Volte para o seu quarto, Mark Blackthorn. E, se a solidão o impedir de descansar, não venha me ver. Certamente deve haver uma Marca para a insônia.

Não havia, mas Mark não achava que seria uma boa ideia dizer isso. Os olhos de Kieran reluziam perigosamente. Mark saiu, se perguntando se teria cometido um erro terrível.

O quarto de Cristina no Instituto de Londres era bem semelhante aos quartos que ela vira nas fotografias de outros Institutos pelo mundo: mobiliado com simplicidade, com uma cama pesada, guarda-roupa, penteadeira e escrivaninha. Um banheiro pequeno, limpo, com um chuveiro que ela já usara. Agora ela estava deitada no colchão grumoso, com os cobertores puxados até o peito e o braço dolorido.

Cristina não sabia ao certo o motivo. Tinha adorado cada minuto voando com a Caçada Selvagem. Se havia se machucado de alguma forma, não se lembrava. Nem quando montara o cavalo nem quando cavalgaram, e sem dúvida ela se lembraria de uma dor assim, não? E como ela poderia ter se machucado de outra maneira?

Ela rolou para o lado e esticou a mão, tocando a pedra de luz enfeitiçada na mesinha de cabeceira. A pedra se iluminou com um brilho suave, clareando o cômodo: a imensa cama inglesa, a pesada mobília de carvalho. Alguém tinha rabiscado as iniciais JB + HL na tinta perto da janela.

Ela baixou o olhar para o braço direito. Ao redor do pulso, via-se uma faixa de pele mais clara, levemente avermelhada nas bordas, como a cicatriz deixada por uma pulseira em brasa.

— Vocês vão ficar bem? — falou Diana. Era metade declaração, metade pergunta.

Diana, Julian e Emma estavam de pé à entrada do Instituto de Londres. As portas do edifício estavam abertas e o pátio escuro era visível. Mais cedo, tinha chovido e as lajes haviam sido lavadas. Julian via o arco do famoso portão de metal que encerrava o Instituto e as palavras entalhadas nele: SOMOS PÓ E SOMBRAS.

— Vamos ficar bem — respondeu Julian.

— Malcolm está morto outra vez. Ninguém está tentando nos matar — falou Emma. — São praticamente férias.

Diana pôs a bolsa no ombro. Seu plano era pegar um táxi até a Abadia de Westminster, onde um túnel secreto acessível somente aos Caçadores de Sombras conduzia até Idris.

— Eu não gosto de deixar vocês.

Julian ficou surpreso. Diana sempre agira de acordo com a própria vontade.

— Vamos ficar bem — falou ele. — Evelyn está aqui, e a Clave fica a um telefonema de distância.

— Mas não é um telefonema que você queira dar — falou Diana. — Mandei outra mensagem para Magnus e Alec, e vou manter contato com eles em

Alicante. — Ela fez uma pausa. — Se precisar, mande uma mensagem de fogo e eles virão.

— Eu dou conta — falou Julian. — Já lidei com coisa muito pior por mais tempo.

Os olhos de Diana encontraram os dele.

— Eu ficaria, se pudesse — declarou ela. — Você sabe disso. Eu assumiria o Instituto, se fosse possível. E me colocaria contra os Dearborn.

— Eu sei — respondeu Julian e, curiosamente, ele sabia mesmo. Mesmo que não tivesse certeza do que impedia Diana de se apresentar como candidata, ele sabia que era alguma coisa importante.

— Se fizesse *alguma* diferença — falou Diana. — Mas eu sequer passaria pela entrevista. Seria inútil, e deste modo eu não poderia ficar com vocês ou ajudar.

Ela soava como se estivesse tentando convencer a si mesma, e Emma esticou a mão, impulsiva como sempre.

— Diana, você sabe que nunca deixaríamos que tirassem você da gente — disse.

— Emma. — A voz de Julian soou mais aguda do que ele pretendia. A raiva que ele vinha engolindo desde que Emma dissera que ela e Mark terminaram estava subindo de novo e ele não sabia por quanto tempo mais poderia controlá-la. — Diana sabe do que está falando.

Emma pareceu surpresa com a frieza do tom dele. Diana passou os olhos de um para o outro.

— Ouçam, eu sei que é incrivelmente estressante ficar longe de casa assim, mas tentem não brigar — alertou. — Vocês vão ter que segurar as pontas até eu voltar de Idris.

— É só um dia ou dois — falou Emma sem olhar para Julian. — E ninguém está brigando.

— Dê notícias — falou Julian para Diana. — Conte-nos o que Jia disser.

Ela assentiu.

— Desde a Guerra Maligna não vou a Idris. Vai ser interessante. — Ela se inclinou então para um beijo na bochecha, primeiro em Jules, depois em Emma. — Cuidem-se. E falo sério.

Aí puxou o capuz do casaco e saiu, engolida pelas sombras quase no mesmo instante. O braço de Emma encostou brevemente no de Julian quando ela ergueu a mão para acenar. Ao longe, Julian ouviu a batida do portão da frente.

— Jules — disse ela, sem virar a cabeça. — Sei que comentou que Diana se recusa a assumir o Instituto, mas você sabe por quê...?

— Não — respondeu ele. Foi uma única palavra, mas havia uma boa dose de

veneno nela. — E, por falar em confissões, você estava planejando contar ao restante da família de Mark *por que* deu um pé na bunda dele sem avisar?

Emma se revelou admirada.

— Está zangado porque eu e Mark terminamos?

— Acho que você deu um pé na bunda de dois irmãos deles, se é que nós estamos mesmo contando — falou ele como se ela não tivesse dito nada. — Quem vai ser o próximo? Ty?

No mesmo instante Julian se deu conta de que tinha ido longe demais. Ty era o irmão caçula dela, assim como o dele. O rosto de Emma ficou impassível.

— Vai se ferrar, Julian Blackthorn — falou, dando meia-volta e correndo para o andar de cima.

Nem Julian nem Emma dormiram bem naquela noite, só que ambos ficaram achando que toda aquela perturbação só estava na própria cabeça e que o outro provavelmente estava descansando placidamente.

— Acho que é hora de você ganhar sua primeira Marca de verdade — falou Ty.

Só os três, Livvy, Ty e Kit, foram deixados na saleta. Todos os outros tinham ido dormir. Pela escuridão do lado de fora, Kit supunha que provavelmente eram três ou quatro da manhã, mas ele não estava cansado. Podia ser a diferença de fuso por causa da viagem ou da travessia pelo Portal (ou sabe-se lá como chamavam isso). Talvez fosse efeito do alívio contagioso dos outros por todos estarem unidos novamente.

Ou talvez fosse culpa das quase seiscentas xícaras de chá que ele bebera.

— Eu já tive Marcas — falou Kit. — Você botou aquele *iratze* em mim.

Livvy pareceu ligeiramente curiosa, mas não fez perguntas. Ela estava jogada na poltrona, perto da lareira, as pernas penduradas, uma de cada lado.

— Estou falando de uma permanente — explicou Ty. — A primeira de verdade que todos nós ganhamos. — Ele ergueu a mão direita, com dedos compridos, as costas voltadas para Kit, mostrando a graciosa Marca em formato de olho que identificava todos os Caçadores de Sombras. — Vidência. Que clareia a Visão.

— Eu já posso ver o Mundo das Sombras — observou Kit. Deu uma mordida no biscoito digestivo de chocolate. Uma das poucas comidas boas que a Inglaterra tinha a oferecer, em sua opinião.

— Você provavelmente não vê tudo o que poderia — falou Livvy; em seguida, ergueu as mãos, indicando neutralidade. — Mas você faz o que quiser.

— É a Marca mais dolorosa de se obter — falou Ty. — Mas vale a pena.

— Claro — retrucou Kit, pegando mais um biscoito ociosamente; Livvy tinha roubado um pacote inteiro da despensa. — Parece muito legal.

Ele ergueu o olhar com surpresa um momento depois, quando a sombra de Ty se assomou diante dele. O menino estava de pé, atrás dele, com a estela na mão e os olhos brilhantes.

— Sua mão dominante é a direita — disse —, então estique aquela ali na minha direção.

Surpreso, Kit mastigou o biscoito. Livvy sentava-se empertigada.

— Ty — falou. — Não. Ele não *quer*. Ele só estava brincando.

— Eu... — começou Kit, mas Ty ficara da cor de marfim velho e recuara, parecendo amuado. Seus olhos se desviaram rapidamente dos olhos do outro menino. Livvy estava começando a se levantar da cadeira.

— Não... não, eu quero uma — falou Kit. — Eu *gostaria* da Marca. Vocês têm razão. É hora de ter uma de verdade.

A resposta pairou no ar. Livvy tirou metade do corpo da cadeira. Ty piscou rapidamente. Então esboçou um sorriso e o coração de Kit retomou o batimento normal.

— Sua mão direita então — pediu Ty.

Kit esticou a mão, e Ty estava certo: a Marca doía. Conforme ele já imaginara, era bem semelhante a adquirir uma tatuagem: uma picada profunda que queimava. Quando Ty acabou, seus olhos estavam marejando.

Kit dobrou os dedos, fitando a mão. Ele o teria para sempre, aquele olho, nas costas da mão, essa coisa que Ty tinha posto ali. Nunca ia poder apagá-la nem a modificar.

— Fico me perguntando — falou Ty, guardando a estela de volta no cinto — onde poderia ficar essa tal casa de Malcolm, na Cornualha.

— Posso dizer exatamente onde fica — falou a menina de perto da lareira. — É em Polperro.

Kit a encarou. Tinha certeza de que havia um segundo, ela não estivera ali. Era loura, muito jovem e... transparente. Dava para ver o papel de parede através dela.

Kit não conseguiu evitar. Deu um grito.

Bridget tinha conduzido Emma a um quarto que parecia ter sido escolhido fazia muito tempo, e logo a menina descobriu o porquê: havia marcações de altura no gesso, quando você encosta uma criança na parede e desenha uma linha pouco acima da cabeça com a data, marcando a evolução de seu desenvolvimento em cada ocasião. Uma continha o nome de *Will Herondale*; a outra, *James*



*Carstairs.*

Um quarto para os Carstairs. Emma cruzou os braços e segurou os cotovelos, imaginando Jem, sua voz doce, os olhos escuros. Ela sentia falta dele.

Mas isso não era tudo, afinal, Jem e Will poderiam ter feito suas marcações em qualquer quarto. Na gaveta da mesinha de cabeceira, Emma encontrou um monte de fotografias velhas, a maioria datando do início dos anos 1900.

Fotografias de um grupo de quatro garotos, em diferentes estágios da vida. Pareciam um bando animado. Dois deles, um garoto louro e um de cabelos escuros, estavam juntos em praticamente todas as fotos, abraçados, ambos risonhos. Também havia uma garota, de cabelos castanhos que parecia um bocado com Tessa, mas que não era ela. E então lá *estava* Tessa, os traços iguaizinhos, com um homem extremamente bonito aparentando vinte e tantos anos. O famoso Will Herondale, imaginou Emma. E havia uma outra garota, com cabelos ruivos, pele marrom e expressão séria. Em suas mãos, trazia uma espada dourada. Emma a reconheceu imediatamente, mesmo sem ler a inscrição na lâmina: *Eu sou Cortana, do mesmo aço e da mesma têmpera que Joyeuse e Durendal.*

Cortana. Não importava quem fosse a menina na fotografia, ela era uma Carstairs.

No verso, alguém tinha rabiscado o que parecia o trecho de um poema. *A ferida é o lugar por onde a Luz entra em você.*

Emma fitou aquelas palavras por um longo tempo.

— Não tem a menor necessidade de você gritar — falou a menina, aborrecida. O sotaque era muito inglês. — Sou um fantasma, só isso. Você age como se nunca tivesse visto um.

— E nunca vi mesmo — falou Kit, irritado.

Livvy estava de pé.

— Kit, o que está acontecendo? Com quem você está falando?

— Com um fantasma — respondeu Ty. — Quem é, Kit?

— Meu nome é Jessamine — falou a menina. — E só porque não me viu antes não quer dizer que eu não estivesse *tentando*.

— O nome dela é Jessamine — informou Kit. — Ela disse que vinha tentando chamar a nossa atenção.

— Um fantasma — falou Ty, olhando na direção da lareira. Era evidente que ele não conseguia enxergar Jessamine, mas também era evidente que fazia uma boa ideia de onde ela se encontrava. — Dizem que um fantasma salvou o Instituto de Londres durante a Guerra Maligna. Foi ela?

Kit ouviu e repetiu.

— Ela diz que sim. E parece bastante convencida a respeito disso.

Jessamine o fitou com uma expressão séria.

— Ela também diz que sabe onde Malcolm morava — continuou Kit.

— Ela *sabe*? — Livvy foi até a escrivaninha e pegou caneta e um caderno. — Ela vai nos contar?

— Polperro — repetiu Jessamine. Ela era muito bonita, com cabelos louros e olhos escuros. Kit se perguntava se era esquisito achar um fantasma atraente. — É uma cidadezinha na Cornualha. Malcolm falava às vezes sobre o projeto da casa, quando ele estava no Instituto. — Ela acenou a mão transparente. — Ele sentia muito orgulho da casa... Que fica bem em cima de umas cavernas famosas. É terrível que ele tenha se transformado num vilão. E *pobre* Arthur — emendou ela. — Eu costumava tomar conta dele quando ele dormia. Ele tinha pesadelos horríveis com as fadas e com seu irmão.

— O que ela está dizendo? — perguntou Livvy, com a caneta posicionada sobre o papel.

— Polperro — explicou Kit. — No Sul da Cornualha. Ele tinha muito orgulho do local. Jessamine lamenta que ele tenha se transformado num babaca.

Livvy anotou tudo.

— Aposto que ela não falou babaca.

— Nós temos que ir à biblioteca — falou Ty. — Encontrar um atlas e descobrir os horários dos trens.

— Pergunte uma coisa por mim — pediu Livvy. — Por que ela simplesmente não contou a Evelyn onde ficava a casa de Malcolm?

Após um momento, Kit falou:

— Ela disse que Evelyn não podia ouvi-la de verdade. Ela costuma inventar coisas e fingir que era Jessamine quem falava.

— Mas ela sabe que Jessamine está aqui — retrucou Ty. — Ela deve ser um espírito fraco, já que nenhum de nós pode vê-la.

— Humpf! — resmungou Jessamine. — Espírito fraco, de fato; é evidente que nenhum de vocês treinou a observação dos mortos-vivos. Fiz de tudo para chamar a atenção, exceto acertar a cabeça de um de vocês com um tabuleiro Ouija.

— Eu simplesmente vi você — falou Kit. — E nunca treinei para ser um Caçador de Sombras.

— Você é um Herondale — falou Jessamine. — Eles podem ver fantasmas.

— Normalmente os Herondale podem ver fantasmas — falou Ty, ao mesmo tempo. — Por isso eu queria que você recebesse a Marca da Vidência.

Kit se virou para olhar para ele.

— Por que você não disse logo?

— Talvez não funcionasse — explicou Ty. — Eu não queria que você se sentisse mal se não desse certo.

— Bem, deu certo — falou Livvy. — Melhor a gente acordar Julian e contar para ele.

— O menino mais velho, com cabelo cacheado castanho? — perguntou Jessamine. — Ele está acordado. — Ela deu uma risadinha. — É bom ver aqueles adoráveis olhos Blackthorn outra vez.

— Julian está acordado — falou Kit, concluindo que era melhor não mencionar que o fantasma tinha uma quedinha por ele.

Ty se juntou a Livvy à porta.

— Kit, você vem?

O menino balançou a cabeça, surpreso com a própria reação. Se há algumas semanas tivessem perguntado se ele iria sentir algum prazer em ficar a sós com um fantasma, ele teria dito que não. Não que ele estivesse exatamente satisfeito, mas também não estava incomodado. Não havia nada de assustador em Jessamine, que parecia mais velha do que devia ser, um pouco melancólica e nem um pouco morta.

Mas ela estava morta. Ela se moveu com a lufada de ar da porta que se fechou, os dedos longos e brancos apoiados na cornija.

— Você não precisava ficar — falou ela para Kit. — Provavelmente, vou desaparecer em um minuto. Até os fantasmas precisam descansar.

— Eu queria fazer uma pergunta — falou Kit. Ele engoliu em seco. Agora que chegara o momento, sua garganta estava seca. — Você... você viu meu pai? Ele morreu já tem um tempinho.

Os olhos castanhos dela se encheram de pena.

— Não — respondeu. — A maioria das pessoas não se torna fantasma, Christopher. Apenas aquelas que têm negócios pendentes na Terra ou que morreram sentindo que deviam algo a alguém.

— Meu pai nunca achou que devesse qualquer coisa a quem quer que fosse — resmungou Kit.

— É melhor que eu não o tenha visto. Isso significa que ele seguiu seu caminho. Está em paz.

— Seguiu seu caminho e foi para onde? — Kit ergueu a cabeça. — Ele está no céu? Quero dizer, parece tão improvável.

— *Christopher!* — Jessamine parecia chocada.

— É sério — retrucou o menino. — Você não o conheceu.

— Não sei o que vem depois da morte — explicou Jessamine. — Tessa costumava me perguntar coisas assim também. Ela queria saber onde Will

estava. Mas ele não ficava por aí. Ele morreu feliz e em paz, e seguiu seu caminho. — As mãos dela flutuaram em sinal de impotência. — Não sou como Caronte. Não sou o barqueiro. Não posso dizer o que tem do outro lado do rio.

— Poderia ser terrível — falou Kit, cerrando os punhos e sentindo o ferrão da dor em sua nova Marca. — Poderia ser a tortura eterna.

— Poderia — falou Jessamine. Havia sabedoria em sua voz suave. — Mas eu não creio que seja isso.

Ela abaixou a cabeça. A luz da lareira cintilou no cabelo louro claro e ela se foi. Kit ficou sozinho no cômodo. Mas havia algo em sua mão, que estalou quando ele se mexeu.

Era um pedaço de papel dobrado. Ele o abriu e examinou as palavras rapidamente. Elas tinham sido traçadas com uma letra delicada e feminina.

*Se roubar algum dos livros da biblioteca, eu saberei, e você vai lamentar muito.*

Estava assinado com vários floreios: *Jessamine Lovelace.*

Quando Livvy entrou no quarto de Julian, ele estava deitado esparramado na cama, como um pedaço de torrada caído. Nem sequer tinha se dado ao trabalho de trocar de roupa ou de se enfiar sob as cobertas.

— Jules? — chamou Livvy, parada à porta.

Ele se sentou rapidamente. Vinha tentando revirar seus pensamentos, mas a visão da irmã caçula — em seu quarto, tarde da noite — baniu tudo, exceto o pânico atávico e imediato.

— Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

Livvy assentiu.

— É uma notícia boa, na verdade. Descobrimos onde fica a casa de Malcolm, aquela na Cornualha.

— O quê? — Julian passou as mãos pelo cabelo, esfregando os olhos para acordar. — E Ty, onde está?

— Na biblioteca. — Ela se sentou no canto da cama de Julian. — No fim das contas, tem um fantasma na casa. Jessamine. De qualquer forma, ela se lembrava de Malcolm e sabia onde ficava a casa. Ty está verificando, mas não há razão para achar que ela não estaria certa. Evelyn tem falado com ela há dias, mas simplesmente não achamos que ela existisse realmente, só que Kit...

— Consegue enxergar fantasmas. Certo — falou Julian. Estava mais alerta agora. — Muito bem. Vou amanhã e verei o que posso descobrir.

— E nós vamos para a Casa dos Blackthorn — falou Livvy. A Casa dos Blackthorn era uma das duas propriedades da família. Tinham uma mansão em

Idris e uma casa grande em Chiswick, no Tâmesa, que havia pertencido aos Lightwood fazia muito tempo. — Ver se tem algum documento, alguma coisa sobre Annabel. Kieran não pode realmente sair do Instituto, então Mark pode ficar com ele e Cristina, e eles podem olhar na biblioteca.

— Não — falou Julian.

Livvy trincou a mandíbula.

— Jules...

— Vocês podem ir à Casa dos Blackthorn — afirmou ele. — Certamente fizeram por merecer, você e Ty, e Kit também. Mas Mark vai junto. Kieran pode se distrair trançando colares de margaridas ou compondo uma balada.

Livvy torceu a boca

— Parece errado fazer chacota do Povo das Fadas.

— Kieran merece ser alvo de chacota — falou Julian. — Ele nos aborreceu no passado.

— Acho que Cristina pode vigiá-lo.

— Eu ia pedir que ela fosse à Cornualha — falou Julian.

— Você e Cristina? — Livvy parecia perplexa. Julian não podia culpá-la. Era fato que o grupo tinha padrões estabelecidos com base em idade e familiaridade. Jules e Emma ou Jules e Mark fazia sentido. Jules e Cristina, não.

— E Emma — emendou Julian, xingando baixinho. A ideia de passar mais tempo com Emma, especialmente agora era... assustadora. Mas seria estranho se ele fosse sem ela, sua *parabatai*. Isso sem falar que Emma não aceitaria tudo passivamente. Não havia a menor chance disso.

Mas levar Cristina ia ajudar. Ela seria um amortecedor. Ter que botar alguém entre ele e Emma o deixava enjoado, mas a lembrança do modo como ele falara rispidamente com ela à entrada do Instituto o deixava mais enjoado ainda.

Era como observar alguém conversando com a pessoa que ele mais amava no mundo, alguém magoando sua *parabatai* de propósito. Ele tinha conseguido fazer *alguma coisa* com seus sentimentos enquanto ela estivera com Mark: os torcera e amassara, e os empurrara para bem debaixo de sua pele e consciência. Ele os sentia ali, sangrando, como um tumor rasgando seus órgãos internos, mas ao menos não era capaz de vê-los.

Agora eles estavam ali outra vez, diante dele. Era aterrador amar alguém proibido para você. Aterrador sentir alguma coisa sobre a qual você nunca poderia falar, algo horrível para quase todos que você conhecia, alguma coisa que poderia destruir sua vida.

E, de alguma forma, era mais terrível saber que seus sentimentos eram indesejáveis. Quando ele tinha pensado que Emma o amava, não se sentira completamente só em seu inferno. Quando ela estava com Mark, ele ao menos

podia dizer a si que era Mark quem os separava. E não que ela preferia estar sozinha a estar com ele.

— Cristina sabe um bocado de coisas sobre o *Volume Preto* — falou Julian. Ele não fazia ideia se isso era verdade ou não. Gentilmente, Livvy não insistiu. — Ela vai ser útil.

— Casa dos Blackthorn, aqui vamos nós — falou Livvy, e saiu da cama. Ela olhou para Julian como uma garotinha de um desenho antigo de um livro ilustrado, com seu vestido azul de mangas bufantes. Talvez Livvy fosse sempre parecer uma garotinha para ele. — Jules?

— Sim?

— Nós sabemos — falou. — Sabemos sobre Arthur e o que tinha de errado com ele. Sabemos que você dirigia o Instituto. Sabemos que era você fazendo tudo desde a Guerra Maligna.

Julian sentiu como se a cama tivesse se inclinado embaixo dele.

— Livia...

— Não estamos zangados — falou ela rapidamente. — Estou aqui sozinha porque queria conversar com você a sós, antes de Ty e Dru. Tinha uma coisa que eu queria te dizer.

Julian ainda estava com os dedos na colcha. Desconfiava estar num tipo de choque. Durante tantos anos ele pensara em como seria este momento, mas, agora que estava acontecendo, não fazia ideia do que dizer.

— Por quê? — finalmente conseguiu articular.

— Eu percebi uma coisa — falou ela. — Eu quero ser igual a você, Jules. Não neste segundo, nem agora, mas um dia. Quero cuidar das pessoas, de outros Caçadores de Sombras, de pessoas que precisam de mim. Quero dirigir um Instituto.

— Você seria muito boa nisso — falou Julian. — Livvy... não contei porque não podia. Não porque não confiasse em você. Eu nem sequer disse a Emma. Só algumas semanas atrás.

Ela apenas sorriu para ele, e contornou a cama, indo até onde ele estava sentado. Ela se abaixou e ele sentiu o beijo suave em sua testa. Julian fechou os olhos, lembrando-se de quando ela era pequena o suficiente para ser erguida nos braços, quando ela costumava segui-lo e esticava as mãozinhas para ele: *Julian, Julian, me pega no colo.*

— Não tem mais ninguém com quem eu queira me parecer além de você — falou ela. — Quero que você sinta orgulho de mim.

Ele abriu os olhos ao ouvir aquilo e a abraçou, desajeitado, usando um braço só, e então ela se afastou e bagunçou o cabelo dele. Ele reclamou e ela riu e caminhou até a porta, dizendo que estava exausta. Daí apagou a luz ao sair do

quarto, deixando-o no escuro.

Julian se revirou debaixo do cobertor. Livvy sabia. Eles sabiam. Eles sabiam e não o odiavam. Ele estava se livrando de um peso que quase tinha se esquecido de que carregava.

# 17

## Assombrado

Era um perfeito dia inglês. O céu tinha a cor da porcelana Wedgwood, lisa e azul. O ar era cálido, doce e estava cheio de possibilidades. Julian estava parado na escadaria da frente do Instituto, tentando evitar que o irmãozinho menor o sufocasse até a morte.

— Não vá — gemeu Tavvy. — Você já saiu uma vez. Não pode ir embora *de novo*.

Evelyn Highsmith fungou.

— Na minha época, as crianças eram vistas, não ouvidas, e certamente não *reclamavam*.

Ela estava de pé no arco da porta, com as mãos dobradas de um jeito afetado sobre o punho da bengala. Tinha vestido uma roupa incrível para se despedir deles na estação de trem: era um tipo usado em montaria de antigamente e na certa umas bombachas. E seu chapéu tinha um pássaro, mas, para decepção de Ty, o bicho estava morto, sem dúvida.

O carro preto e antigo que pertencera ao Instituto havia sido desencavado, e Bridget aguardava ao lado dele junto a Cristina e Emma. As mochilas estavam empilhadas no porta-malas. Mark achara engraçado descobrir que, na Inglaterra, chamavam de bagageiro. E as duas conversavam animadamente. As meninas vestiam jeans e camiseta, pois teriam que se passar por mundanas no trem, e o cabelo de Emma estava preso numa trança.

Ainda assim, Julian estava contente por Cristina estar indo com eles. No fundinho de sua mente, ele se agarrara à ideia de que ela seria um amortecedor entre ele e Emma. Naquela manhã, Emma não deixara escapulir nenhum sinal de raiva, e os dois vinham se dando bem, mapeando o trajeto até Polperro, descobrindo os horários do trem e revirando o depósito atrás de roupas. Eles



planejaram arrumar um quarto num albergue, de preferência com uma cozinha na qual pudessem preparar a comida e minimizar o contato com mundanos. Até compraram os bilhetes de trem de Paddington com antecedência. Todo o planejamento fora simples e fácil. Eles eram uma equipe *parabatai*: ainda trabalhavam e ainda funcionavam melhor juntos do que separados.

Mas, mesmo com o máximo autocontrole de ferro que ele se impusera, a mera força do amor e do desejo quando ele olhava para ela equivalia a ser atingido inesperadamente por um trem, repetidas vezes. Não que ele imaginasse que ser previsivelmente atingido por um trem fosse ser muito melhor.

Era melhor ter um amortecedor contra isso até parar de acontecer. Isso se parasse de acontecer. Mas ele não iria se permitir pensar dessa forma.

Tinha que parar um dia.

— Jules! — queixou-se Tavvy. Julian deu um último abraço no irmão e o colocou no chão. — Por que não posso ir com você?

— Porque não. Você tem que ficar aqui e ajudar Drusilla. Ela precisa de você.

Tavvy fez cara de quem duvidava daquilo. Drusilla, vestindo uma saia muito comprida de algodão, que ia até os dedos dos pés, revirou os olhos.

— Não posso acreditar que você está indo — falou para Julian. — No minuto em que você sair, Livvy e Ty vão começar a me tratar como se eu fosse uma criada.

— Os criados são pagos — observou Ty.

— Viu? *Viu* do que estou falando? — Dru cutucou Julian no peito com o indicador. — Melhor você voltar logo, assim eles não vão me maltratar por muito tempo.

— Vou tentar. — Julian olhou nos olhos de Mark por cima da cabeça de Dru; eles compartilharam um sorriso. A despedida de Emma e Mark tinha sido bizarra, para dizer o mínimo. Emma abraçou Mark rápida e distraidamente antes de descer a escada. Mark não pareceu chateado até notar que Julian e os outros o encaravam. Aí desceu a escadaria correndo, atrás de Emma, segurou a mão dela, e a virou para que ela o encarasse.

— É melhor você ir — falou — para eu poder me esquecer do seu rosto belo e cruel, e curar meu coração.

Emma parecera confusa. Cristina, falando alguma coisa baixinho para Mark, do tipo *desnecessário*, incitara Emma na direção do carro.

Ty e Livvy foram os últimos a dizer adeus para Jules. Livvy o abraçou impetuosamente, e Ty ofereceu um sorriso suave e tímido. Julian se perguntou onde Kit estava. Ele andara colado em Ty e Livvy o tempo todo em que estiveram em Londres, mas parecera evaporar na despedida da família.

— Eu tenho uma coisa para você — falou Ty, e estendeu uma caixa, a qual Julian pegou com alguma surpresa. Ty era muito pontual em relação a presentes de Natal e aniversário, mas raramente presenteava espontaneamente.

Curioso, Julian abriu a tampa da caixa e viu um conjunto de lápis de cor. Não conhecia a marca, mas eles pareciam novos e intocados.

— Onde os arranjou?

— Na Fleet Street — falou Ty. — Fui lá hoje de manhã, bem cedo.

Uma pontada de amor cutucou de leve Julian. Aquilo o fez se lembrar da época em que Ty era um bebê, sério e quietinho. Durante muito tempo, ele não conseguia dormir se não estivesse no colo de alguém, e, embora Julian também fosse muito pequeno, se lembrava de segurar Ty enquanto o pequeno adormecia, todo pulsos redondos, cabelo preto e liso, e cílios compridos. Julian sentira tanto amor pelo irmão que mesmo naquela época fora como uma explosão em seu coração.

— Obrigado. Eu senti falta de desenhar — falou Julian, enfiando a caixa na bolsa de pano. Ele não fez um estardalhaço; Ty não gostava disso, porém Julian falou com o tom mais caloroso possível, e o irmão mais novo sorriu abertamente.

Jules pensou em Livvy, na noite anterior, no modo como ela beijara a testa dele. No “obrigada” dela. Esse era o de Ty.

— Tome cuidado na Casa dos Blackthorn — falou ele. Julian estava nervoso por eles irem até lá, mas tentava não demonstrar; sabia que estava sendo insensato. — Vão durante o dia. Durante o *dia* — insistiu, quando Livvy fez uma careta. — E tentem não meter Drusilla e Tavvy em encrenca. Lembrem-se: Mark é o responsável.

— Ele sabe disso? — perguntou Livvy.

Julian avistou Mark no bando sobre os degraus. Ele estava de pé, com as mãos atrás das costas e trocava um olhar desconfiado com um gnomo entalhado na pedra.

— Seu disfarce não me engana, gnomo — resmungou ele. — Estou de olho em você.

Julian suspirou.

— Apenas faça o que ele disser.

— Julian! — chamou Emma. Ela estava de pé ao lado do carro, e Cortana (disfarçada com um feitiço para ficar invisível para os mundanos) brilhava pouco acima de seu ombro direito. — Nós vamos perder o trem.

Julian assentiu e ergueu dois dedos. Subiu os degraus até Mark e botou a mão no ombro do irmão.

— Você vai ficar bem?

Mark fez que sim com a cabeça. Julian pensou em perguntar onde Kieran estava, mas decidiu que não havia motivo para isso. Provavelmente só iria servir para estressar Mark ainda mais.

— Obrigado por confiar em mim para tomar conta de tudo — agradeceu Mark. — Depois do que aconteceu com a cozinha.

Em Los Angeles, Julian havia deixado Mark cuidando dos irmãos por uma noite. O menino conseguira destruir a cozinha, cobrir Tavvy com açúcar e quase fazer Julian ter um ataque de nervos.

— Eu confio em você. — Sem dizer nada, Julian e Mark se entreolharam. Então Julian sorriu.

— Além disso — emendou — esta não é a minha cozinha.

Mark riu baixinho. Julian desceu a escadaria enquanto Emma e Cristina arrumavam as coisas no carro. Aí foi até a parte de trás, jogou a bolsa no portamalas e parou. Apertado no espaço ao lado da bagagem, havia um pequeno vulto de camiseta branca manchada.

Tavvy o fitou, de olhos arregalados.

— Eu quero ir também.

Julian suspirou e arregaçou as mangas da camisa. As funções de um irmão nunca chegavam ao fim.

Um dos benefícios pouco difundido de ser um Caçador de Sombras, pensou Emma, era a facilidade para estacionar em locais como estações de trem e igrejas. Com frequência costumava haver uma vaga reservada para os Caçadores de Sombras deixarem seus carros, disfarçada por feitiço de modo a parecer aos mundanos algo que eles ignorariam: um canteiro de obras ou uma pilha de latas de lixo. Bridget estacionou o barulhento Austin Metro preto na Praed Street, a poucos passos da Estação Paddington, e os Caçadores de Sombras saíram para pegar suas bolsas enquanto ela trancava o veículo.

A bagagem de todo mundo não continha muita coisa, apenas o suficiente para passar alguns dias. Armas, uniforme e poucas roupas além das que traziam nas costas, embora Emma tivesse certeza de que Cristina estaria elegante o tempo todo, de qualquer forma. Discretamente, Cristina enfiou seu canivete no bolso e se curvou para pendurar a mochila no ombro. Ela estremeceu.

— Você está bem? — perguntou Emma, se postando ao lado dela. Ela estava muito feliz por ter Cristina ali entre ela e Jules, alguma coisa para amenizar as estradas perigosas e espinhosas de suas conversas.

Eles entraram na estação moderna e muito bem iluminada, com passarelas ladeadas de lojas como The Body Shop e Caffé Nero. Emma olhou para Julian à

frente, mas ele estava absorto numa conversa com Bridget. Julian tinha uma capacidade impressionante de conversar com literalmente qualquer pessoa. Ela se perguntava que tipo de assunto ele teria com Bridget. Os hábitos estranhos de Evelyn? A história de Londres?

— Você teve alguma chance de conversar com Mark sobre, sabe, o beijo? — perguntou Emma quando eles passaram por uma padaria Upper Crust que tinha cheiro de manteiga e canela misturados com a fumaça da estação. — Sobre tudo com toda essa história de Kieran rolando.

Cristina balançou a cabeça. Estava cansada e pálida, como se não tivesse dormido bem.

— Kieran e Mark têm uma história. Assim como Diego e eu. Não posso me queixar de Mark por ser arrastado para a história dele. Foi a razão pela qual fui atraída para Diego, e fiz isso sem todas as pressões que estão em cima de Mark agora.

— Não sei como vai ser. Mark não é um bom mentiroso — falou Emma. — Falo como alguém que também não é muito boa nisso.

Cristina deu um sorriso aflito.

— Você é péssima. Observar você e Mark fingindo estarem apaixonados era como assistir a duas pessoas que caíram no chão e torciam para ninguém perceber.

Emma deu uma risadinha.

— É muito lisonjeiro.

— Eu só estou dizendo que, para o bem de todos nós, Kieran deve acreditar nos sentimentos de Mark — falou Cristina. — Uma fada que pensa que foi rejeitada ou humilhada pode ser muito cruel.

Subitamente, ela exalou de forma audível, praticamente se dobrando ao meio. Emma a segurou enquanto ela afundava. Em meio a um pânico cego, Emma arrastou Cristina para um canto entre duas lojas. Não ousou gritar; não estava com o feitiço de disfarce e os mundanos a ouviriam. Mas ela olhou em direção a Julian e Bridget, que continuavam concentrados na conversa, e *pensou* com o máximo de força que conseguiu:

*Jules, Julian, eu preciso de você, agora, venha agora, por favor!*

— Emma... — Cristina cruzara os braços, abraçando a barriga como se a região a estivesse matando de dor, mas foi o sangue na camisa da amiga que assustou Emma.

— Cristina... querida... deixe eu ver, deixe eu ver. — Aí puxou freneticamente os braços da outra, até que Cristina cedeu.

Havia sangue na mão direita e na manga. A maior parte parecia vir do braço e tinha se transferido para a camisa. Emma ficou um pouco menos alarmada. Uma

ferida no braço era menos séria do que uma lesão numa parte vital do corpo.

— O que está acontecendo? — Era a voz de Julian. Ele e Bridget as alcançaram, e Jules estava muito pálido. Ela notou o terror nos olhos dele e percebeu a causa: Julian tinha pensado que algo acontecera a *Emma*.

— Eu estou bem — falou ela mecanicamente, chocada pela expressão dele.

— Claro que está — falou Bridget impacientemente. — Deixe-me ver a garota. Pare de se agarrar a ela, pelo amor de Deus.

Emma se afastou e observou Bridget se ajoelhar e puxar a manga da camiseta de Cristina. O pulso da menina tinha uma pulseira de sangue, a pele inchada. Era como se alguém estivesse apertando um arame invisível em torno do braço dela, cortando-lhe a pele.

— Por que vocês dois estão sentados aí? — quis saber Bridget. — Ponham uma Marca de Cura na menina.

Os dois fizeram menção de pegar as estelas; Julian pegou primeiro e desenhou rapidamente um *iratze* na pele de Cristina. Emma se inclinou para a frente, prendendo a respiração.

Nada aconteceu. Ou, na melhor das hipóteses, a pele ao redor do círculo sangrento pareceu inchar ainda mais. Uma nova golfada de sangue jorrou e respingou nas roupas de Bridget. Emma queria ainda estar com sua antiga estela; por superstição, ela sempre acreditara que era capaz de desenhar Marcas mais fortes com ela. Mas agora estava nas mãos das fadas.

Cristina não se queixou. Ela era uma Caçadora de Sombras, afinal. Mas sua voz estremeceu:

— Eu não acho que um *iratze* vá ajudar.

Emma balançou a cabeça.

— O que é isso...?

— Parece um encantamento das fadas — falou Bridget. — Enquanto vocês estavam nas Terras, alguma fada pareceu lançar um feitiço em você? Seus pulsos foram amarrados?

Cristina se apoiou nos cotovelos.

— Isso... quero dizer, isso não poderia ser...

— O que aconteceu? — quis saber Emma.

— Na festa, duas garotas amarraram meu pulso e o de Mark juntos com uma fita — falou Cristina, relutante. — Nós cortamos a fita, mas pode ter havido algum tipo de magia mais forte ali do que eu supunha. Poderia ser um tipo de feitiço de amarração.

— Esta é a primeira vez que você fica longe de Mark desde que estiveram no Reino das Fadas — falou Julian. — Você acha que é isso?

Cristina parecia aborrecida.

— Quanto mais me afasto dele, pior fica. Na noite passada, foi a primeira vez que saí do lado dele e meu braço ardeu e doeu. E enquanto nos afastávamos do Instituto a dor foi piorando... torci para ela desaparecer, mas isso não aconteceu.

— Precisamos levar você de volta ao Instituto — falou Emma. — Todos nós. Vamos.

Cristina balançou a cabeça.

— Você e Julian têm que ir para a Cornualha — falou ela, e gesticulou com a mão sã na direção do quadro onde apareciam os horários dos trens. — O trem para Penzance sai em menos de cinco minutos. Vocês precisam. Isso é necessário.

— Nós poderíamos esperar um dia — protestou Emma.

— Isto aqui é magia das fadas — falou Cristina, e permitiu que Bridget a ajudasse a ficar de pé. — Não há garantia de que vá ser revertida em um dia.

Emma hesitou. Odiava a ideia de abandonar Cristina.

Bridget falou com uma voz incisiva e surpreendeu a todos:

— Vão. Vocês são *parabatai*, a equipe mais forte que os Nephilim podem oferecer. Eu já vi o que *parabatai* podem fazer. Parem de hesitar.

— Ela tem razão — falou Julian. Ele enfiou a estela de volta no cinto. — Vamos, Emma.

O que veio a seguir se passou num borrão, com Emma abraçando Cristina apressadamente para se despedir, Julian pegando a mão dela, arrastando-a para longe, os dois correndo aleatoriamente pela estação de trem, quase derrubando as catracas e se lançando no assento vazio de um trem da Western Railway assim que o veículo partiu da estação com um guincho alto de freios liberados.

A cada quilômetro que ela e Bridget percorriam, aproximando-as do Instituto, a dor de Cristina diminuía. Em Paddington, seu braço tinha gritado com dor agonizante. Agora era uma dor embotada que parecia pressionar seus ossos.

*Eu perdi uma coisa*, era o que a dor parecia murmurar. *Tem alguma coisa faltando*. Talvez ela dissesse em espanhol. *Me haces falta*. Enquanto aprendia inglês, ela percebera precocemente que não existia de fato uma tradução direta da frase: os falantes de inglês diziam *Eu preciso de você*, sendo que *me haces falta* significava alguma coisa mais próxima de: *Você me faz falta*. Era o que ela sentia agora, uma falta, como a de um acorde perdido numa música ou uma palavra faltante numa página.

Elas pararam em frente ao Instituto com um guinchar de freios. Cristina ouviu Bridget chamar seu nome, mas ela já estava fora do carro, aninhando o pulso enquanto corria na direção da escadaria principal. Não conseguia se

controlar. Sua mente se revoltava ante a ideia de ser controlada por um fator externo, mas era como se seu corpo a estivesse arrastando, empurrando-a na direção do que era necessário para torná-lo inteiro.

As portas principais se abriram com violência. Era Mark.

Também havia sangue no braço dele, encharcando a manga do suéter azul-claro. Atrás dele, barulho de vozes, mas ele olhava para Cristina. Seus cabelos claros estavam bagunçados, e os olhos de tom azul e dourado brilhavam como insígnias.

Cristina pensou que nunca vira algo tão belo.

Descalço, ele desceu correndo os degraus e agarrou a mão dela, puxando-a para si. No momento em que seus corpos colidiram, Cristina sentiu que a dor dentro dela desapareceu.

— É um feitiço de amarração — murmurou Mark em meio aos cabelos dela. — Algum tipo de feitiço de amarração que está nos mantendo juntos.

— As garotas na festa... uma delas amarrou nossos pulsos e as outras riram...

— Eu sei. — Ele roçou os lábios na testa dela. Cristina conseguia sentir o coração latejante de Mark. — Vamos dar um jeito. Vamos resolver isso.

Ela assentiu e fechou os olhos, mas não sem antes ver que alguns dos outros saíram para os degraus da frente e observavam os dois. No centro do grupo estava Kieran, com o rosto elegante pálido e impassível, e os olhos ilegíveis.

As passagens que eles tinham comprado eram de primeira classe, portanto, Emma e Julian tinham uma cabine só para eles. O cinza-acastanhado da cidade fora deixado para trás e eles passavam por campos verdejantes, pontilhados com flores silvestres e copas de árvores muito verdes. Muretas de pedra cor de carvão percorriam as colinas acima e abaixo, dividindo a terra em peças de quebra-cabeça.

— Parece um pouco com o Reino das Fadas — falou Emma, inclinando-se contra a janela. — Sabe, sem os rios de sangue ou as festas dançantes com grande quantidade de mortos. Mais bolinhos, menos mortes.

Julian ergueu o olhar. O caderno de desenho estava em seus joelhos e havia uma caixa-preta de lápis de cor no assento ao lado dele.

— Acho que é isso que diz no portão da frente do Palácio de Buckingham — falou ele, com a voz calma e totalmente neutra. O Julian que tinha gritado com ela na entrada do Instituto se fora. Este era o Julian educado, o gracioso. O Julian fingindo-ser-o-que-não-é para os desconhecidos.

De jeito nenhum ela ia conseguir lidar apenas com aquele Julian por sabe-se-lá quanto tempo eles permanecessem na Cornualha.

— Então — falou. — Você ainda está zangado?

Ele a encarou por um longo momento e deixou o caderno de desenho de lado.

— Desculpe — falou. — O que eu disse... foi inaceitável e cruel.

Emma ficou de pé e se inclinou contra a janela. O campo passava por ela: cinzento, verde, cinzento.

— Por que você falou aquilo?

— Eu estava com raiva. — Ela podia ver o reflexo dele na janela, encarando-a. — Eu estava zangado por causa de Mark.

— Eu não sabia que você estava tão comprometido assim com a nossa relação.

— Ele é meu irmão. — Julian tocou o próprio rosto ao falar, inconscientemente, como se quisesse se conectar àqueles traços: as maçãs do rosto e os cílios longos, tão parecidos com os de Mark. — Ele não é... ele se magoa facilmente.

— Ele está bem — afirmou Emma. — Eu te juro.

— É mais do que isso. — O olhar dele era firme. — Quando vocês estavam juntos, pelo menos eu sentia que os dois estavam com alguém com quem eu me importava e em quem podia confiar. Você amava alguém que eu também amava. Será provável isso acontecer de novo?

— Não sei o que é provável de acontecer — retrucou ela. *Sei que você não tem com o que se preocupar. Eu não estava apaixonada por Mark. Nunca vou me apaixonar por alguém que não seja você.* — Só que existem coisas que podemos controlar e outras, não.

— Em — falou ele. — É de mim que estamos falando.

Ela desviou o olhar da janela, se recostando no vidro frio. Olhava para Julian diretamente agora, e não mais para o reflexo dele. E, embora o rosto dele não denunciasse raiva, seus olhos, pelo menos, estavam abertos e sinceros. Agora era o Julian de verdade, não o que fingia.

— Então você admite que é supercontrolador?

Ele sorriu, o sorriso doce que ia direto para o coração de Emma porque lhe fazia recordar do Julian de sua infância. Era como se o sol, o calor, o mar e a praia, todos, viessem à tona com um único soco no coração.

— Eu não admito nada.

— Ótimo — falou ela. Emma não precisava dizer que o perdoava e sabia que ele a perdoava; ambos sabiam. Em vez disso, ela se sentou no banco oposto a ele e gesticulou para o material de arte. — O que você está desenhando?

Julian ergueu o caderno de desenho, virando-o para que ela pudesse ver seu trabalho: uma bela interpretação de uma ponte de pedra pela qual eles tinham passado, cercada por ramos caídos de carvalhos.



— Você bem que podia me desenhar — falou Emma, se reclinando sobre o assento e apoiando a cabeça numa das mãos. — Desenhe-me como uma de suas garotas francesas.

Julian sorriu.

— Eu odeio esse filme — falou. — Você sabe disso.

Emma se sentou direito, indignada.

— Você chorou na primeira vez que viu *Titanic*.

— Eu estava com alergia por causa do clima — retrucou Jules. Ele recomeçara a desenhar, mas ainda estava sorrindo. Esse era o coração do relacionamento dela com Julian, pensou Emma. Essa coisa de fazer piadinhas, a diversão fácil. E quase a surpreendeu. Mas era a isso que eles sempre retornavam, ao conforto da infância, como pássaros que voltavam ao lar em padrões migratórios.

— Eu queria que a gente pudesse entrar em contato com Jem e Tessa — afirmou Emma. Campos verdes passavam pela janela como um borrão. Uma mulher empurrava um carrinho de bebidas para cima e para baixo no corredor do trem. — E Jace e Clary. Contar a eles sobre Annabel e Malcolm e todas as coisas.

— A Clave inteira sabe sobre a volta de Malcolm. Tenho certeza de que eles também têm seus meios para descobrir as coisas.

— Mas só a gente sabe sobre Annabel — falou Emma.

— Eu a desenhei — observou Julian. — Achei que, de alguma forma, se nós pudéssemos olhar para ela, isso ajudaria a encontrá-la.

Ele virou o bloco de desenho. Emma suprimiu um leve calafrio. Não porque o rosto para o qual olhava fosse medonho — não era. Era um rosto jovem, oval e com traços regulares, quase perdido numa nuvem de cabelos escuros. Mas um ar de algo assombrado e quase selvagem ardia nos olhos de Annabel. Ela apertava o pescoço com as mãos, como se tentasse se envolver num invólucro que desaparecera.

— Onde ela poderia estar? — perguntou-se Emma em voz alta. — Aonde você iria se estivesse muito triste?

— Acha que ela parece triste?

— Você não acha?

— Pensei que ela parecia zangada.

— Ela *matou* Malcolm — falou Emma. — Não entendo por que ela faria isso... foi ele quem a trouxe de volta. Ele a amava.

— Talvez ela não quisesse ser trazida de volta. — Ele ainda encarava o desenho. — Talvez ela estivesse feliz onde estava. Discórdia, agonia, perda... Estas são as coisas que acometem pessoas vivas. — Ele fechou o caderno

quando o trem parou numa pequena estação branca onde se lia em uma placa LISKEARD. Tinham chegado ao destino.

— Foi planejado? — perguntou Kieran, a expressão pétrea. — Não pode ser coincidência.

Mark ergueu as sobrancelhas. Cristina estava sentada na beirada de uma das camas, na enfermaria, com o pulso enfaixado; o ferimento de Mark havia ficado oculto pela manga do suéter. Não existia mais ninguém no cômodo. Tavvy ficara perturbado ao ver sangue em Mark e Cristina, e Dru o levara embora para se acalmar. Livvy e os outros dois garotos tinham ido para a Casa dos Blackthorn enquanto Cristina estava na estação de trem.

— Que diabos isso deveria significar? — perguntou Mark. — Você acha que eu e Cristina planejamos derramar sangue por toda Londres só por diversão?

Cristina o encarou com surpresa. Ele soava mais humano do que ela jamais testemunhara.

— Um feitiço de amarração desses — falou Kieran. — Vocês devem ter juntado os pulsos para isso. Teriam que ficar parados enquanto eram amarrados.

Ele falava como se estivesse confuso e magoado. Parecia totalmente deslocado com a calça e a camisa de linho, agora muito amassadas, no centro do Instituto. Em torno dele havia camas semelhantes às macas de hospital, frascos de vidro e cobre com tinturas e pós, pilhas de ataduras e instrumentos médicos Marcados.

— Aconteceu numa festa — disse Mark. — Nós não podíamos esperar por isso... não esperávamos. E ninguém iria querer isso, ninguém armaria isso de *propósito*, Kieran.

— Uma fada armaria — acrescentou Kieran. — É o tipo de coisa que um de nós faria.

— Não sou uma fada — falou Mark.

Kieran se encolheu, e Cristina viu a mágoa nos olhos dele. Ela sentiu por ele uma onda de dor complacente. Devia ser horrível ser tão solitário.

Até Mark pareceu aflito.

— Eu não quis dizer isso — falou. — Não sou *apenas* fada.

— E como você fica feliz em se gabar disso sempre que pode — retrucou Kieran.

— Por favor — falou Cristina —, por favor, não briguem. Nós precisamos ficar do mesmo lado nessa história.

Kieran voltou os olhos admirados para ela. Em seguida, se aproximou de Mark e pôs as mãos no ombro do menino. Eles tinham praticamente a mesma

altura. Mark não desviou o olhar.

— Há apenas um jeito de saber que você não pode mentir — afirmou Kieran, beijando a boca de Mark.

Uma pulsação de dor passou pelo pulso de Cristina. Ela não fazia ideia se era algo aleatório ou um reflexo da intensidade do que Mark estava sentindo. Não existia meio de ele rejeitar o beijo sem rejeitar Kieran e romper com a delicada cadeia de mentiras que mantinha o príncipe fada preso aqui.

Se, de fato, Mark não queria retribuir o beijo, Cristina não sabia dizer. Ele reagiu com uma impetuosidade semelhante à mesma que Cristina vira nele da primeira vez que o avistara com Kieran. Mas havia mais raiva nele agora. Ele agarrou os ombros de Kieran, os dedos afundando; a intensidade do beijo fez o príncipe fada tombar a cabeça para trás. Mark sugou o lábio inferior dele e mordeu, e Kieran arfou.

Afastaram-se. Kieran tocou a própria boca; havia sangue no lábio e triunfo quente nos olhos.

— Você não desviou o olhar — falou ele para Cristina. — Foi interessante?

— Foi em benefício próprio. — Cristina se sentia estranha, trêmula e quente, mas se recusava a demonstrar. Ela ficou sentada com as mãos no colo e sorriu para Kieran. — Teria sido rude não olhar.

Ao ouvir isso, Mark, que parecera furioso, deu uma risada.

— Ela entende você, Kier.

— O beijo foi muito bom — falou Cristina. — Mas nós devíamos falar sobre coisas práticas agora, sobre o feitiço.

Kieran ainda olhava para Cristina. Ele encarava a maioria das pessoas com nojo, fúria ou consideração, mas, quando olhava para Cristina, parecia espantado, como se estivesse tentando juntar as peças de um quebra-cabeça e não conseguisse.

Abruptamente, ele deu meia-volta e saiu do cômodo. A porta bateu atrás dele. Mark acompanhou a saída, balançando a cabeça.

— Não acho que já tenha visto alguém irritá-lo tanto assim — falou. — Nem mesmo eu.

Diana tinha esperança de ver Jia no momento em que chegasse a Idris, mas a burocracia da Clave era pior do que ela se recordava. Havia formulários para preencher, recados a serem dados e levados à cadeia de comando. E ainda não ajudava o fato de Diana se recusar a revelar o assunto: tanto a delicada questão de Kieran quanto o que estava acontecendo no Reino das Fadas, Diana não ousava confiar a informação a ninguém além da própria Consulesa.

O pequeno apartamento em Alicante ficava em cima da loja de armas na Flintlock Street que fora de sua família durante anos. Ela fechara o estabelecimento quando fora morar em Los Angeles com os Blackthorn. Com a impaciência deixando seus nervos à flor da pele, desceu até a loja e abriu as janelas, deixando a luz entrar e fazendo partículas de poeira dançarem no ar claro de verão. O braço ferido ainda doía, embora estivesse praticamente curado.

Em seu interior, a loja tinha mofo e poeira nas lâminas outrora brilhantes, e também no couro exuberante de bainhas e cabos de machados. Ela pegou algumas de suas armas favoritas e as separou para os Blackthorn.

As crianças mereciam armas novas. Elas haviam conquistado o direito de tê-las.

Quando ela ouviu uma batida à porta, já tinha conseguido se distrair e estava arrumando as lâminas das espadas de acordo com a dureza do metal. Pousou uma de suas favoritas — uma arma de aço cor de damasco — e foi abrir a porta.

Sorrindo ironicamente à soleira, estava Manuel, que Diana vira pela última vez combatendo demônios marinhos no gramado da frente do Instituto. Ele não vestia o uniforme de Centurião. Em vez disso usava um suéter preto da moda e jeans, e o cabelo com gel formava cachos. Manuel sorriu enviesado para ela.

— Srta. Wrayburn — falou. — Enviaram-me para levá-la até o Gard.

Diana trancou a loja e caminhou ao lado de Manuel enquanto ele seguia pela Flintlock Street rumo ao norte de Alicante.

— O que está fazendo aqui, Manuel? — perguntou ela. — Pensei que estivesse em Los Angeles.

— Ofereceram-me um cargo no Gard — explicou ele. — Não poderia deixar passar a chance de progredir. Ainda tem um monte de Centuriões em Los Angeles, guardando o Instituto. — Ele olhou de esguelha para Diana, que nada disse. — É um prazer vê-la em Alicante — emendou o rapaz. — Na última vez em que estivemos juntos, creio, você estava fugindo para Londres.

Diana trincou os dentes.

— Eu estava levando as crianças que estavam sob minha responsabilidade para um local seguro — falou. — Estão todos bem, por sinal.

— Imagino que eu teria sabido se fosse diferente — falou Manuel alegremente.

— Lamento pelo seu amigo — disse Diana. — Jon Cartwright.

Manuel fez silêncio. Eles tinham chegado ao portão da trilha que conduzia ao Gard. Antigamente a entrada era fechada somente com um trinco. Agora Diana observava Manuel passando a mão sobre o portão e abrindo-o com um estalo.

A trilha era tão íngreme quanto tinha sido na infância de Diana, serpenteada com as raízes das árvores.

— Eu não conhecia Jon muito bem — falou Manuel quando eles começaram a subir a trilha. — Soube que a namorada dele, Marisol, está muito perturbada.

Diana não disse uma única palavra.

— Algumas pessoas não sabem lidar com a tristeza do jeito que Caçadores de Sombras deveriam saber — emendou Manuel. — Uma pena.

— Algumas pessoas não demonstram a solidariedade e a tolerância que um Caçador de Sombras deveria demonstrar — acrescentou Diana. — É uma pena também.

Eles tinham chegado ao trecho mais alto da trilha, onde Alicante se estendia adiante como um mapa, e as torres demoníacas se erguiam para furar o sol. Diana se lembrava de ter caminhado por esta mesma trilha com a irmã quando elas eram pequenas, e do riso da irmã. Às vezes, Diana sentia tanta saudade dela que era como se garras apertassem seu coração.

*Neste lugar, pensou ela, olhando para Alicante, eu era solitária. Neste lugar, eu tinha que esconder a pessoa que eu sabia ser.*

Eles chegaram ao Gard, que se erguia acima, uma montanha de pedras reluzentes, mais sólido do que nunca depois de sua reconstrução. Uma trilha ladeada por pedras de luz enfeitada conduzia ao portão principal.

— Isso foi uma cutucada em Zara? — Manuel parecia divertido. — Sabe, ela é muito popular. Sobretudo, desde que matou Malcolm. Uma coisa que o Instituto de Los Angeles não conseguiu fazer.

Saindo de seus devaneios com um choque, Diana só conseguiu encará-lo.

— Zara não matou Malcolm. Isso é mentira — falou.

— É? — retrucou Manuel. — Eu gostaria de ver você provar isso. — Aí deu seu sorriso brilhante e se afastou, deixando Diana olhando para ele e semicerrando os olhos sob a luz do sol.

— Deixe-me ver seu pulso — pediu Cristina para Mark. Eles estavam sentados lado a lado na cama da enfermaria. O ombro de Mark era tépido contra o dela.

Ele puxou o suéter e esticou o braço em silêncio. Cristina desdobrou suas ataduras e colou o pulso ao dele. Os dois olharam em silêncio para os ferimentos idênticos.

— Eu não sei nada sobre esse tipo de magia — falou Mark. — E nós não podemos ir até a Clave ou aos Irmãos do Silêncio. Eles não podem saber que estivemos no Reino das Fadas.

— Sinto muito sobre Kieran — lamentou Cristina. — Por ele estar zangado. Mark balançou a cabeça.

— Não sinta. A culpa foi minha. — Ele respirou fundo. — Desculpe por ter

ficado zangado com você no Reino das Fadas, depois da festa. As pessoas são complicadas. Suas situações são complicadas. Sei por que você escondeu de mim os sentimentos de Julian. Sei que você e Emma não tiveram muita escolha.

— E não estou zangada com você agora — disse ela, apressando-se para tranquilizá-lo. — Em relação a Kieran.

— Eu mudei — começou Mark — por sua causa. Kieran consegue pressentir que meus sentimentos por ele mudaram de alguma forma, embora não saiba bem o porquê. E eu não posso dizer a ele. — Ele ergueu o olhar para o teto. — Ele é um príncipe, e príncipes são mimados. Não suportam serem frustrados.

— Ele deve se sentir muito solitário — afirmou Cristina. Ela se lembrou do modo como se sentia com Diego, que a relação que eles tinham havia acabado e não conseguia entender como obter tudo aquilo de volta. Era como tentar agarrar a fumaça que havia se dissolvido no ar. — Você é o único aliado dele aqui, e ele não consegue entender por que a ligação parece quebrada.

— Ele jurou a você — falou Mark, abaixando a cabeça, como se sentisse vergonha do que ia dizer. — É possível que você lhe ordene algo e ele tenha que fazer.

— Eu não quero fazer isso.

— Cristina.

— Não, Mark — disse ela com firmeza. — Eu sei que esse feitiço de amarração também afeta você. E irritar Kieran afeta as chances de ele testemunhar. Mas não vou obrigá-lo a nada.

— Já não estamos fazendo isso? — insistiu Mark. — Mentindo para ele sobre a situação de modo que ele conte à Clave?

Os dedos de Cristina passearam no próprio pulso machucado. A textura da pele era estranha sob a ponta dos dedos: quente e inchada.

— E depois que ele testemunhar? Você vai contar a verdade, não é?

Mark ficou de pé.

— Pelo Anjo, sim. Acha que sou o quê?

— Alguém numa situação complicada — falou Cristina. — Todos somos. Se Kieran não testemunhar, seres do Submundo inocentes podem morrer. A Clave pode afundar mais ainda em corrupção. Entendo a necessidade da mentira. Isso não quer dizer que eu goste disso... ou que você goste também.

Mark assentiu sem olhar para ela.

— É melhor eu ir atrás dele — falou. — Se ele concordar em ajudar, será nosso melhor meio de resolver isso. — E apontou para o próprio pulso.

Cristina sentiu uma leve dor por dentro. Ela se perguntava se tinha magoado Mark; não era sua intenção.

— Vamos ver qual é o alcance disto aqui — afirmou ela. — O quanto

podemos nos afastar um do outro sem nos machucar.

Mark parou à entrada. Os traços limpos e proeminentes de seu rosto pareciam esculpidos.

— Já dói só de me afastar de você — disse. — Talvez tenha sido essa a piada.

Antes que Cristina pudesse responder, ele já havia ido.

Ela se levantou e foi até o balcão onde ficavam os remédios e pós. Tinha alguma ideia de como os Caçadores de Sombras médicos trabalhavam: aqui estavam as folhas com propriedades anti-infecciosas e os cataplasmas para desinchar.

A porta da enfermaria foi aberta quando ela estava destampando um frasco. Ela ergueu os olhos; era Kieran. Ele parecia afobado, com os cabelos arrepiados pelo vento, como se tivesse ficado fora de casa. As maçãs do rosto estavam coradas.

Ele parecia tão desconcertado por vê-la quanto ela estava ao vê-lo. Cristina pousou o frasco cuidadosamente e aguardou.

— Onde está Mark? — perguntou ele.

— Saiu para procurar você. — Cristina se apoiou na bancada. Kieran ficou em silêncio. Um tipo de silêncio das fadas: interior, reflexivo. Ela estava com a sensação de que muitas pessoas se sentiam impelidas a preencher esse tipo de silêncio. Permitiu que ele usufrísse da quietude, que ele atraísse o silêncio para dentro de si, dando-lhe forma e decifrando-o.

— Eu tenho que pedir desculpas — falou finalmente. — Foi desnecessário ter acusado vocês de terem armado o feitiço de amarração. Foi tolo também. Vocês não têm nada a ganhar com isso. Se Mark não quisesse ficar comigo, ele diria.

Cristina não falou nada. Kieran deu um passo até ela, com cuidado, como se tivesse medo de assustá-la.

— Posso ver seu braço de novo?

Cristina estendeu o braço e Kieran o segurou. Ela se perguntava se ele já a tocara deliberadamente antes. Parecia o toque da água fria no verão.

Cristina sentiu um leve estremecimento na espinha enquanto Kieran examinava o ferimento. Ela imaginava como ele era com os dois olhos pretos. Eles eram ainda mais impressionantes que os de Mark; o contraste entre o escuro e o prateado e brilhante, como gelo e cinzas.

— O formato de uma fita — falou ele. — Você disse que foram amarrados juntos durante uma festa?

— Sim — respondeu Cristina. — Por duas garotas. Elas sabiam que éramos Nephilim. Riram de nós.

A mão de Kieran a apertou com mais força. Cristina se lembrou do modo

como Kieran havia se agarrado a Mark na Corte Unseelie. Não era como se fosse fraco e precisasse de ajuda. Era um aperto de resistência, que mantinha Mark preso, que dizia: *Fique comigo, estou ordenando*.

Afinal, ele *era* um príncipe.

— Esse tipo de feitiço de amarração é um dos mais antigos — afirmou ele. — Mais antigos e mais fortes. Não sei por que alguém pregaria uma peça dessas em vocês. É muito cruel.

— Mas você sabe como desfazê-la?

Kieran baixou a mão de Cristina.

— Fui um filho indesejado do Rei Unseelie. Recebi pouca instrução. Depois fui jogado na Caçada Selvagem. Não sou especialista em magia.

— Você não é inútil — disse Cristina. — Sabe mais do que pensa que sabe.

Pela expressão de Kieran, é como se ela o tivesse impressionado mais uma vez.

— Eu poderia falar com meu irmão, Adaon. Eu já queria perguntar a ele sobre assumir o trono. Poderia perguntar também se ele sabe alguma coisa sobre feitiços de amarração ou como acabar com eles.

— Quando você acha que vai falar com ele? — perguntou Cristina. Uma imagem lhe veio à mente: o modo como Kieran, sonolento, apertara a mão dela na Corte Seelie. Tentando não corar, ela baixou os olhos para as ataduras, puxando-as de volta para o lugar.

— Em breve — respondeu ele. — Eu já tentei entrar em contato, mas sem sucesso.

— Diga-me se há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar — ofereceu ela.

Ele arqueou as sobrancelhas. Então se abaixou e ergueu a mão dela, dessa vez para beijá-la, sem parecer se importar com o sangue ou as ataduras. Era um gesto das cortes muito antigo neste mundo, mas não no Reino das Fadas. Surpresa, Cristina não protestou.

— Lady Mendoza Rosales — falou ele. — Obrigado por sua gentileza.

— Eu preferiria que você me chamasse de Cristina — disse ela. — Sinceramente.

— *Sinceramente* — repetiu ele. — Uma coisa que nós, fadas, nunca dizemos. Cada palavra que falamos é uma palavra sincera.

— Eu não diria isso — acrescentou Cristina. — E você?

Um trovão abalou o Instituto. Pelo menos parecia ser um trovão: sacudiu janelas e paredes.

— Fique aqui — ordenou Kieran. — Vou descobrir o que foi isso.

Cristina quase gargalhou.



— Kieran — falou. — Sério, você não precisa me *proteger*.

Os olhos dele brilharam. A porta da enfermaria se abriu com força e Mark estava lá, de olhos arregalados. E ele só fez arregalá-los ainda mais quando viu Kieran e Cristina de pé e juntos perto da bancada.

— Melhor vocês virem — falou. — Não vão acreditar quando descobrirem quem acabou de viajar pelo Portal e está na saleta agora.

A cidadezinha de Polperro era minúscula, caiada e pitoresca. Ela se aninhava num porto tranquilo, com quilômetros de mar azul para além do porto que se abria para o oceano. Pequenas casas em diferentes tons claros subiam e desciam as colinas íngremes nos dois lados do porto. Ruas de paralelepípedos serpentavam entre lojas que vendiam tortas e sorvete.

Não havia carros. O ônibus de Liskeard conseguiu excluí-los da cidadezinha. Aproximando-se do porto, eles cruzaram uma pequena ponte no fundo da marina. Emma pensou em seus pais. O sorriso gentil do pai, o sol em seus cabelos louros. Ele adorava o mar, morar perto do oceano, todo tipo de feriado na praia. Teria adorado uma cidadezinha assim, onde o ar cheirava a algas marinhas, açúcar queimado e protetor solar, onde barcos de pesca traçavam trilhas brancas sobre a superfície azul do mar ao longe. Sua mãe teria adorado também — ela sempre gostara de ficar deitada ao sol, como um gato, e observar a dança do oceano.

— E que tal aqui? — falou Julian. Emma piscou de volta à realidade e se deu conta de que eles estavam conversando sobre encontrar alguma coisa para comer antes de cruzar a ponte, daí sua mente divagou.

Julian estava de pé diante de uma casa de madeira com um cardápio de restaurante colado na janela de losangos. Um grupo de garotas passou, vestindo short e biquíni, a caminho da loja de doces ao lado. Elas riram e deram cotoveladas umas nas outras quando viram Julian.

Emma se perguntou qual seria a aparência dele para elas — bonito, com o cabelo castanho esvoaçante e olhos luminosos, mas sem dúvida estranho também, um pouco sobrenatural talvez, com as Marcas e as cicatrizes.

— Claro — respondeu ela. — Está ótimo.

Julian era alto o suficiente para precisar se encolher sob a moldura baixa da porta ao entrar na pousada. Emma o seguiu e uns poucos minutos depois os dois foram guiados até uma mesa por uma mulher alegre e gordinha usando vestido florido. Eram quase cinco horas e o local estava praticamente deserto. Uma sensação de história pairava levemente sobre o local, desde o piso de madeira irregular até as paredes decoradas com lembranças contrabandeadas, mapas

velhos e ilustrações alegres das pixies da Cornualha, as fadas malvadas, nativas da região. Emma se perguntou quantos moradores acreditavam nelas. Não tantos quanto deveriam, ela imaginava.

Eles pediram — Coca e fritas para Jules; sanduíche e limonada para Emma — e Julian abriu o mapa sobre a mesa. O celular estava ao lado; com uma das mãos ele verificava as fotos que andara tirando, e com a outra cutucava o mapa. Manchas de lápis de cor decoravam sua mão, manchas familiares de azul, amarelo e verde.

— O lado leste do porto se chama Warren — afirmou ele. — Um monte de casas, e um monte delas são velhas, mas a maioria agora é alugada para turistas. E nenhuma fica no topo de cavernas. Com isso, sobram a região em torno de Polperro e o lado oeste.

A comida chegou. Emma começou a devorar o sanduíche. Não tinha se dado conta de como estivera faminta.

— O que é isso? — perguntou, apontando para o mapa.

— É o Chapel Cliff, docinho — falou a garçonete, pousando a bebida de Emma. Ela pronunciou *tcheipel*. — É o início da trilha do litoral. De lá, você pode caminhar até Fowey. — Ela olhou para trás, para o balcão, onde dois turistas tinham acabado de se sentar. — Ei! Já vou aí!

— Como encontramos a trilha? — perguntou Julian. — Se a gente quisesse caminhar por ali hoje, por onde começaríamos?

— Ah, é um longo caminho até Fowey — falou a garçonete. — Mas a trilha começa atrás da Pousada Blue Peter. — Ela apontou para além da janela, do outro lado do porto. — Tem uma trilha para caminhar que vai até a colina. Você vira na trilha da costa no antigo depósito das redes; está todo quebrado, vocês vão achar com facilidade. Fica bem acima das cavernas.

Emma ergueu as sobrancelhas.

— Das cavernas?

A garçonete riu.

— Das cavernas dos antigos contrabandistas — falou. — Acho que vocês chegaram com a maré alta, não foi? Caso contrário, vocês teriam visto.

Emma e Julian trocaram um único olhar antes de se porem de pé. Sem ligar para os protestos assustados da garçonete, eles saíram correndo para a rua atrás da pousada.

Claro que a mulher tinha razão: a maré começara a baixar e agora o porto parecia muito diferente, com os barcos aportados nos barrancos de areia e lama. Atrás do porto, erguia-se um estreito coberto com rochas cinzentas. Era fácil ver por que se chamava Chapel Cliff, ou seja, Penhasco Capela. A ponta tinha rochas cinzentas em seu topo, que se contorciam no ar como as flechas de uma

catedral.

A água baixara o suficiente para revelar um bom trecho do penhasco. Quando eles chegaram à cidade, o mar quebrava nas rochas; agora, espirrava silenciosamente no porto, recuando para revelar uma pequena praia de areia e, atrás dela, as aberturas escuras de várias entradas de caverna.

Acima das cavernas, empoleirada na inclinação íngreme do penhasco, estava a casa. Emma mal a enxergara quando eles chegaram; a construção era apenas uma das muitas casinhas que salpicavam a lateral do porto do outro lado de Warren, embora agora desse para ver que estava muito mais distante na ponta de terra do que qualquer uma das outras. Na verdade, era bem distante de todas e erguia-se pequena e solitária entre o mar e o céu.

As janelas estavam cobertas com madeira e as paredes caiadas descascavam em faixas cinzentas. Mas, se Emma olhasse com os olhos de Caçadora de Sombras, poderia ver mais do que uma casa abandonada: ela veria cortinas de renda branca nas janelas e as telhas novinhas no telhado.

Uma caixa de correios estava pregada na cerca e havia um nome pintado nela, em letras brancas e tortas, quase indistinguíveis de longe. Certamente não teriam sido visíveis para um mundano, mas Emma conseguia lê-las.

FADE.

# 18

## Lembranças do Passado

Jia Penhallow estava sentada atrás da mesa na sala da Consulesa, iluminada pelos raios de sol sobre Alicante. As flechas das torres demoníacas brilhavam para além da janela: vermelho, dourado e laranja, como cacos de vidro ensanguentados.

No rosto, ela exibia o mesmo calor do qual Diana se lembrava, mas parecia que havia se passado mais tempo do que cinco anos desde a Guerra Maligna. Seus cabelos pretos elegantemente presos no alto da cabeça agora tinham também traços de branco.

— É bom ver você, Diana — falou ela, inclinando a cabeça na direção da cadeira oposta à mesa. — Todos estamos curiosos com suas notícias misteriosas.

— Eu imagino. — Diana se sentou. — Mas eu tinha esperança de que o que tenho a dizer ficaria entre nós duas.

Jia não pareceu surpresa. Não que fosse demonstrar, caso estivesse.

— Entendo. Eu me perguntei se você tinha vindo por causa da vaga de diretor do Instituto de Los Angeles. Imaginei que você quisesse assumi-la agora que Arthur Blackthorn está morto. — As mãos graciosas se agitaram enquanto ela remexia e empilhava papéis, encaixando as canetas em seus suportes. — Ele foi muito corajoso ao se aproximar da convergência sozinho. Lamentei saber que foi assassinado.

Diana assentiu. Por razões que nenhuma delas conhecia, o corpo de Arthur fora descoberto próximo ao local destruído da convergência, coberto com sangue devido à garganta cortada e com as manchas de icor que Julian mencionou, aborrecido, serem sangue de Malcolm. Não existia motivo para contradizer a suposição oficial de que ele havia realizado um ataque solitário à convergência e que acabara morto pelos demônios de Malcolm.

Pelo menos, Arthur seria lembrado como corajoso, embora lhe afligisse o fato de sua cremação e enterro não contar com a presença de seus sobrinhos para pranteá-lo. Que, na verdade, ninguém no mundo soubesse que ele tinha se sacrificado pela família. Livvy dissera que torcia para que eles conseguissem fazer uma cerimônia em homenagem ao tio quando todos fossem para Idris. Diana torcia por isso também.

Jia não pareceu confusa pelo silêncio de Diana.

— Patrick se lembra de Arthur, de quando eram meninos — falou —, embora infelizmente eu nunca o tenha conhecido. Como as crianças estão lidando com a situação?

*As crianças?* Como explicar que o segundo pai dos Blackthorn tinha sido o irmão mais velho deles desde seus 12 anos? Que Julian, Emma e Mark não eram crianças de modo algum, na verdade, e que já tinham sofrido o suficiente para uma vida inteira? Mais do que a maioria dos adultos? Que Arthur Blackthorn nunca, de fato, dirigira o Instituto e que a ideia de que ele precisava ser substituído era uma piada complicada e horrorosa?

— As crianças estão arrasadas — falou Diana. — A família foi dividida, como você sabe. O que querem é voltar para Los Angeles, que é o lar deles.

— Mas eles não podem voltar enquanto não houver alguém para dirigir o Instituto. Foi por isso que eu pensei que você...

— Eu não quero ser essa pessoa — interrompeu Diana. — Não estou aqui para pedir o cargo. Mas também não quero que sejam Zara e o pai dela.

— Sério? — indagou Jia. Seu tom de voz era neutro, mas os olhos reluziram com interesse. — Se não forem os Dearborn nem você, então quem?

— Se Helen Blackthorn pudesse voltar...

Jia empertigou-se na cadeira.

— E dirigir o Instituto? Você sabe que o Conselho jamais iria permitir...

— Então deixe que Aline dirija o Instituto — falou Diana. — Helen poderia simplesmente ficar em Los Angeles como sua esposa e permanecer com a família.

A expressão de Jia era calma, mas suas mãos apertaram a mesa com força.

— Aline é minha filha. Você acha que não quero trazê-la de volta para casa?

— Eu nunca soube o que você pensava — comentou Diana. Era verdade. Ela não tinha filhos, mas, se sua irmã tivesse sido exilada, imaginava que lutaria com unhas e dentes para tê-la em liberdade.

— Quando Helen foi exilada e Aline optou por ir com ela, eu pensei em renunciar ao cargo de Consulesa — falou Jia, as mãos ainda tensas. — Eu sabia que não tinha poder para reverter a decisão da Clave. A Consulesa não é uma tirana que pode impor suas escolhas a quem não concordar com elas.

Normalmente, eu diria que isso é bom. Mas vou lhe dizer que, por um longo tempo, desejei poder ser uma tirana.

— Por que não renunciar, então?

— Eu não confiava em quem poderia vir depois de mim — falou Jia simplesmente. — A Paz Fria era muito popular. Se o Cônsul que viesse depois de mim assim o desejasse, poderia separar Aline de Helen... E, embora eu queira minha filha em casa, não quero seu coração partido. Eles poderiam fazer pior também. Poderiam acusar Aline e Helen de traição e transformar a sentença de exílio de Helen em sentença de morte. Talvez a de Aline também. Qualquer coisa era possível. — O olhar dela era sombrio e pesado. — Eu permaneço onde estou para ficar entre minha filha e as forças sombrias da Clave.

— Então não estamos do mesmo lado? — falou Diana. — Não queremos a mesma coisa?

Jia deu um sorriso frio.

— O que nos separa, Diana, são cinco anos. Cinco anos tentando de tudo para fazer o Conselho repensar sua decisão. Helen é o exemplo deles. O recado deles ao Povo das Fadas: “Vejam só, nós levamos a Paz Fria tão a sério que até punimos os nossos.” Sempre que o assunto entra em pauta, sou derrotada.

— Mas e se outras circunstâncias se apresentarem?

— Que outras circunstâncias você tem em mente?

Diana alongou os ombros, sentindo a tensão pinicar sua espinha.

— Jace Herondale e Clary Fairchild foram despachados para o Reino das Fadas numa missão — contou ela. Era meio que um palpite... enquanto os dois estiveram no Instituto, ela entrevira o conteúdo de suas bolsas: ambas estavam cheias de ferro e sal.

— Sim — concordou Jia. — Recebemos várias mensagens depois que eles partiram.

— Então eles contaram sobre a praga nas Terras do Rei Unseelie.

Jia continuou sentada, e uma das mãos pairava sobre a mesa.

— Ninguém sabe o que eles disseram, além de mim e do Inquisidor — falou ela. — Como você sabe...?

— Não importa. Estou contando porque você precisa acreditar que sei do que estou falando — disse Diana. — Sei que o Rei Unseelie odeia os Nephilim, e que tem demonstrado certa força, certa magia, que torna os nossos poderes inúteis. Desse modo, há partes em seu reino onde as Marcas não funcionam, onde lâminas serafim não se acendem.

Jia franziu a testa.

— Jace e Clary não mencionaram nada tão específico assim. E eles não tiveram contato com ninguém além de mim desde que entraram no Reino das

Fadas...

— Tem um menino — falou Diana. — Uma fada, um mensageiro da Corte Seelie. Kieran. Ele também é príncipe de Unseelie. Conhece parte dos planos do pai e está disposto a testemunhar diante do Conselho.

Jia ficou atônita.

— Um príncipe Unseelie testemunharia pela Corte Seelie? E qual é o interesse da Corte Seelie?

— A Rainha Seelie odeia o Rei Unseelie — falou Diana. — Mais, aparentemente, do que odeia os Caçadores de Sombras. Ela está disposta a empregar as forças de seu exército para derrotar o Rei Unseelie. Para erradicar seu poder e reverter a praga em suas Terras.

— Por pura bondade de seu coração?— Jia ergueu uma das sobrancelhas.

— Em troca do fim da Paz Fria — falou Diana.

Jia riu abruptamente.

— Ninguém vai concordar com isso. A Clave...

— Todos estão cansados da Paz Fria, a não ser os sectários mais radicais — disse Diana. — E não acho que uma de nós queira vê-los adquirir poder.

Jia suspirou.

— Você se refere aos Dearborn. E à Tropa.

— Passei um bocado de tempo com Zara Dearborn e os amigos Centuriões no Instituto — falou Diana. — As opiniões dela não são nada agradáveis.

Jia se ergueu, virando-se na direção da janela.

— Ela e o pai querem que a Clave retorne a uma era de ouro perdida. Uma época que nunca existiu, quando os seres do Submundo conheciam seu lugar e os Nephilim governavam em harmonia. Na verdade, esse passado foi uma época violenta, na qual seres do Submundo sofreram e os Nephilim que sentiam compaixão e empatia foram atormentados e punidos juntamente a eles.

— Quantos deles existem? — perguntou Diana. — Da Tropa?

— O pai de Zara, Horace Dearborn, é o líder não oficial — falou Jia. — A mulher dele é falecida e ele criou a filha para seguir seus passos. Se ele conseguir se colocar como líder do Instituto de Los Angeles, ela governará ao lado dele. E há outras famílias: os Larkspear, os Bridgestock, os Crosskill... que estão espalhados pelo mundo.

— E o objetivo deles é continuar restringindo os direitos dos seres do Submundo. Registrar todos, lhes dar números...

— Proibir seu casamento com Caçadores de Sombras?

Diana deu de ombros.

— Tudo é parte de um plano, não é? Primeiro, você tatua números às pessoas; depois, restringe os direitos delas e rompe seus casamentos. E aí então...

— Não. — A voz de Jia estava rouca. — Não podemos deixar isso acontecer. Mas você não compreende... Zara é apresentada como a nova grande Caçadora de Sombras de sua geração. A nova Jace Herondale. Desde que ela matou Malcolm...

Diana deu um pulo de sua cadeira.

— Essa... essa menina mentirosa não matou Malcolm.

— Nós sabemos que Emma não o fez — falou Jia. — Ele voltou.

— Eu sei exatamente como ele morreu — afirmou Diana. — Ele trouxe Annabel Blackthorn dos mortos. *Ela* o matou.

— *O quê?* — Jia parecia chocada.

— É a verdade, Consulesa.

— Diana. Você precisaria provar o que está dizendo. Segurar a Espada Mortal...

O maior medo de Diana.

— Não — falou. *Eu não revelaria apenas os meus segredos. Revelaria os de Julian. De Emma. Destruiria a todos.*

— Você precisa levar em consideração o que isso vai parecer — ponderou Jia. — Como se você estivesse buscando um meio de manter o Instituto de Los Angeles sob seu controle ao desacreditar os Dearborn.

— Eles se desacreditam sozinhos. — Diana olhou fixamente para Jia. — Você conhece Zara — falou. — Acha mesmo que ela matou Malcolm?

— Não — respondeu Jia, após uma pausa. — Não acho. — Ela foi até um gabinete entalhado com ornamentos que ficava junto a uma das paredes da sala. Abriu uma das gavetas. — Preciso de tempo para pensar, Diana. Enquanto isso... — Ela pegou uma pasta grossa, de cor creme, cheia de papéis. — Este é o relatório de Zara Dearborn sobre a morte de Malcolm Fade e os ataques ao Instituto de Los Angeles. Talvez você possa encontrar alguma discrepância que desacredite a história dela.

— Obrigada. — Diana pegou a pasta. — E a reunião do Conselho? Alguma chance de Kieran testemunhar?

— Discutirei isso com o Inquisidor. — De repente, Jia pareceu até mais velha do que antes. — Vá para casa, Diana. Eu a chamarei amanhã.

— Nós deveríamos ter trazido Dru — falou Livvy, de pé no interior dos portões da Casa dos Blackthorn. — Esta é realização da fantasia de todos os filmes de terror que ela viu.

Na verdade, a Casa dos Blackthorn ficava num subúrbio de Londres, não muito longe do Rio Tâmisa. A região era comum até: casas de tijolos vermelhos,



pontos de ônibus cobertos com pôsteres de cinema, crianças andando de bicicleta. Depois de alguns dias presos no Instituto, Kit achava que mesmo a estranheza de Londres era como acordar para a realidade depois de um sonho.

A Casa dos Blackthorn tinha um feitiço de disfarce, o que significava que mundanos não podiam vê-la. Kit teve um tipo de visão dupla quando a avistou pela primeira vez: ele via um parque particular, agradável porém sem graça, sobreposto a uma casa imensa com portões e torres altos, e pedras escurecidas por anos de chuva e falta de cuidados.

Ele semicerrou os olhos com força. O parque desapareceu e restou somente a casa. Ela se assomava diante deles. Kit achou meio semelhante a um templo grego, com colunas que sustentavam um pórtico em arco em frente a um conjunto de portas duplas, imenso e feito do mesmo metal da cerca que ladeava toda a propriedade. Era alto, com pontas afiadas; a única entrada era o portão, do qual Ty se livrara rapidamente com suas Marcas.

— O que significa esta aí? — perguntara Kit, apontando, quando o portão rangeu e abriu com uma lufada de poeira.

Ty o encarou.

— *Abra.*

— Eu ia chutar isso — resmungou Kit quando eles entraram. Agora, no interior da propriedade, ele olhava ao redor, maravilhado. Os jardins podiam estar negligenciados agora, mas dava para ver onde ficaram as pérgulas de rosas e balaustradas de mármore que sustentavam imensos jarros de pedra, cheios de flores e ervas daninhas. Havia flores silvestres por toda parte — era belo de um modo próprio, estranho e destruído.

A casa era como um pequeno castelo. A coroa de espinhos, que Kit reconheceu como sendo o símbolo da família Blackthorn, estava gravada nas portas de metal na frente da casa e nos topos das colunas.

— Parece assombrada — falou Livvy conforme subiam os degraus. Ao longe, Kit via o círculo preto como breu de um antigo lago ornamental.

Ao redor dele existiam bancos de mármore. Uma estátua solitária de um homem trajando toga o encarou com olhos vazios e preocupados.

— Costumava ter uma coleção inteira de estátuas de diferentes dramaturgos e poetas gregos e romanos aqui — falou Livvy, enquanto Ty seguia para lidar com as portas. — Tio Arthur mandou a maior parte delas para o Instituto de Los Angeles.

— A Marca de Abertura não está funcionando — falou Ty, apurando-se e olhando para Kit como se soubesse tudo o que ele estava pensando. Como se soubesse tudo que Kit *já* havia pensado. Havia alguma coisa no fato de ter a atenção de Tiberius, que era, ao mesmo tempo, assustadora e excitante. —

Vamos ter que descobrir outro jeito de entrar.

Ty passou por Kit e pela irmã e se dirigiu à escadaria. Eles contornaram pela lateral da Casa, por uma trilha de cascalhos. Antigamente era provável que as sebes fossem limpas e podadas para formar uma curva com explosões de folhas e flores. Ao longe, a água do Tâmis reluzia.

— Talvez haja um caminho pelos fundos da casa — comentou Livvy. — As janelas não podem ser tão seguras também.

— E quanto a esta porta? — Kit apontou.

Ty deu meia-volta, franzindo a testa.

— Que porta?

— Aqui — falou Kit, confuso. Ele conseguia enxergar a porta muito nitidamente: uma entrada alta e estreita com um símbolo esquisito entalhado nela. Colocou a mão na madeira velha: era áspera e quente sob seus dedos. — Não estão vendo?

— *Agora* estou — falou Livvy. — Mas... juro que não estava aí um segundo atrás.

— Algum tipo de feitiço de disfarce dobrado? — perguntou Ty, ficando ao lado de Kit. Ele tinha puxado o capuz do suéter e seu rosto era um oval pálido entre o preto dos cabelos e a gola escura. — Mas por que Kit seria capaz de enxergá-la?

— Talvez porque eu esteja acostumado a ver feitiços de disfarce no Mercado das Sombras — falou Kit.

— Feitiços de disfarce que não são feitos por Caçadores de Sombras — retrucou Livvy.

— Feitiços de disfarce que não são feitos para serem *vistos* por Caçadores de Sombras — emendou Kit.

Ty pareceu pensativo. Às vezes, ele era tão opaco que Kit não sabia dizer se o garoto concordava ou não com ele. No entanto, o menino pôs a estela sobre a porta e começou a desenhar a Marca de Abertura.

Não foi a fechadura que estalou, mas as dobradiças que se abriram. Eles deram um salto para longe quando a porta caiu e ficou inclinada para o lado, batendo na parede com um baque cheio de eco.

— Não faça tanta força quando desenhar — avisou Livvy ao irmão. Ele deu de ombros.

O espaço além da porta estava escuro o suficiente a ponto de os gêmeos precisarem acender as pedras de luz enfeitiçada. O brilho delas tinha uma coloração esbranquiçada perolada, que Kit achou estranhamente bela.

Eles estavam em um saguão velho, cheio de poeira e de teias de aranha que corriam para lá e para cá. Ty seguiu à frente de Kit, com Livvy atrás dele; ele

desconfiava que os dois o estivessem protegendo e ficou ressentido com aquilo, mas sabia que eles não entenderiam seu protesto caso ele fizesse algum.

Cruzaram o corredor e subiram por uma escada comprida e estreita, no fim da qual viam-se os restos podres de uma porta. Do outro lado, existia um imenso cômodo com um lustre pendurado.

— Provavelmente um salão de baile — falou Livvy, e sua voz ecoou estranhamente no ambiente. — Vejam, esta parte da casa está mais bem-cuidada.

E estava mesmo. O salão de baile estava vazio, porém limpo, e quando eles passaram por outros cômodos, encontraram mobília coberta com tecido, janelas com tábuas de madeira cuidadosamente pregadas para proteger o vidro, caixas empilhadas nos corredores. Dentro das caixas, havia roupas e o cheiro forte de naftalina. Livvy tossiu e abanou uma das mãos diante do rosto.

— Deve ter uma biblioteca — falou Ty. — Um lugar onde eles manteriam os documentos da família.

— Não consigo acreditar que nosso pai talvez tenha vindo aqui quando era jovem. — Livvy seguiu na frente pelo corredor; seu corpo lançava uma sombra comprida. Cabelos compridos, pernas compridas, pedra de luz enfeitada brilhando na mão.

— Ele não morava aqui? — perguntou Kit.

Livvy balançou a cabeça.

— Ele cresceu na Cornualha, não em Londres. Mas frequentou a escola em Idris.

*Idris.* Kit havia lido mais sobre Idris na biblioteca do Instituto de Londres. O lendário lar dos Caçadores de Sombras, um lugar de florestas verdes e montanhas altas, lagos congelados e uma cidade de torres de vidro. Tinha que admitir que existia um pedacinho nele que adorava filmes de fantasia e *O Senhor dos Anéis* ansiava para ver o lugar.

No entanto, ele disse àquele pedacinho de si para ficar quieto. Idris era problema dos Caçadores de Sombras, e ainda não tinha decidido se queria ser um Caçador de Sombras. Na verdade, tinha certeza — praticamente absoluta — de que não queria.

— Biblioteca — falou Ty.

Ocorreu a Kit que Ty nunca usava cinco palavras quando alguém usava. Ele estava de pé diante da porta que dava para um cômodo hexagonal, as paredes ao lado dele continham vários quadros de navios. Alguns estavam inclinados em ângulos estranhos, como se estivessem mergulhando ou flutuando nas ondas.

As paredes da biblioteca eram pintadas de azul-escuro, a única obra de arte do cômodo era uma estátua de mármore com o busto de um homem no topo de uma coluna de pedra. Havia uma mesa imensa com muitas gavetas que se

revelaram vazias, para decepção de todos. Incursões atrás das prateleiras e debaixo do tapete também não revelaram nada além de bolas de poeira.

— Talvez a gente devesse tentar outro cômodo — sugeriu Kit, saindo de baixo de uma escrivaninha com poeira nos cabelos louros.

Ty balançou a cabeça, parecendo frustrado.

— Tem alguma coisa aqui. Eu tenho uma sensação.

Kit não sabia ao certo se Sherlock Holmes agia guiado por *sensações*, mas não falou nada, simplesmente se empertigou. Ao fazer isso, viu um pedaço de papel saindo da beirada da pequena escrivaninha. Ele puxou e o papel se soltou.

Era um papel velho, desgastado ao ponto da transparência. Kit piscou. Nele estava escrito seu nome — não o nome, mas o sobrenome, *Herondale*, em toda a extensão, entrelaçado a outro nome, de modo que as duas palavras formavam desenhos em caracóis.

A outra palavra era *Blackthorn*.

Uma sensação profunda de inquietação o atravessou. Ele enfiou o papel rapidamente no bolso do jeans no mesmo instante em que Ty falou:

— Anda, Kit. Queremos dar uma olhada naquele busto.

Para Kit, *busto* só significava uma coisa, mas, como os únicos seios no local eram os da irmã de Ty, ele se afastou para o lado com agilidade. Ty foi até a pequena estátua na coluna de mármore. Ele baixara o capuz, e seu cabelo estava arrepiado na cabeça, macio como as plumas felpudas de um cisne preto.

Ty tocou uma pequena placa abaixo do entalhe.

— Morrer por um amigo não é tão difícil quanto encontrar um amigo pelo qual valha a pena morrer — falou ele.

— Homero — disse Livvy. Não importava o tipo de instrução dos Caçadores de Sombras, Kit tinha que admitir que era minuciosa.

— Aparentemente — falou Ty, tirando uma adaga do cinto. Um segundo depois, ele tinha enfiado a lâmina na órbita do olho da estátua. Livvy deu um gritinho.

— Ty, o quê...?

O garoto puxou a lâmina de volta e repetiu o gesto na segunda órbita da estátua. Dessa vez, uma coisa redonda e brilhante saiu do buraco no gesso com um estalo audível. Ty a pegou na mão esquerda.

Sorriu, e o sorriso mudou seu rosto totalmente. Quando estava parado e sem expressão, o rosto do menino tinha uma intensidade que fascinava Kit; quando ele sorria, era extraordinário.

— O que você encontrou? — Livvy correu pelo cômodo e eles se reuniram em torno de Tiberius, que segurava um cristal multifacetado, do tamanho da mão de uma criança. — E como você sabia que isto estava ali?

— Quando você falou o nome de Homero — retrucou Ty —, eu me lembrei de que ele era cego. Quase sempre era representado com os olhos fechados ou com uma venda. Mas esta estátua tinha olhos abertos. Olhei um pouco mais de perto e vi que o busto era de mármore, mas os olhos eram de gesso. Depois disso, foi...

— Elementar? — sugeriu Kit.

— Sabe, Holmes nunca diz: “Elementar, meu caro Watson” nos livros — falou Ty.

— Juro que vi nos filmes — retrucou Kit. — Ou talvez na tevê.

— Quem iria querer ver filmes ou tevê se existem livros? — questionou Ty com desprezo.

— Será que alguém aqui poderia prestar atenção? — quis saber Livvy, o rabo de cavalo balançava com irritação. — Que coisa é essa que você achou, Ty?

— Um cristal de *alétheia*. Ele o segurou de modo a captar o brilho da pedra de luz enfeitiçada da irmã. — Olhem.

Kit olhou a superfície facetada da pedra. Para sua surpresa, um rosto lampejou nele, uma imagem vista em um sonho — o rosto de uma mulher, com uma nuvem de cabelos escuros e longos.

— Ah! — Livvy cobriu a boca com a mão. — Ela se parece um pouco comigo. Mas como...?

— Um cristal de *alétheia* é um meio de capturar ou transportar lembranças. Acho que este é de Annabel — sugeriu Ty.

— *Alétheia* é uma palavra grega — falou Livvy.

— Ela era a deusa grega da verdade — acrescentou Kit, e deu de ombros quando os outros dois o encararam. — Relatório de livro do nono ano.

Ty deu um sorriso de canto de boca.

— Muito bom, Watson.

— Não me chame de Watson — reclamou Kit.

Ty ignorou.

— Precisamos descobrir como ter acesso ao que está preso neste cristal — falou ele. — O mais rápido possível. Poderia ajudar Julian e Emma.

— Você não sabe como entrar nele? — perguntou Kit.

Ty balançou a cabeça, evidentemente decepcionado.

— Não é magia dos Caçadores de Sombras. Não aprendemos magia de outros tipos. É proibido.

Kit achava aquela uma regra estúpida. Como alguém poderia conhecer o *modus operandi* de seus inimigos quando era proibido aprender sobre eles?

— Melhor irmos embora — sugeriu Livvy, pairando à entrada do cômodo. — Está escurecendo. Hora dos demônios.

Kit olhou para a janela. O céu estava escurecendo, a mancha do crepúsculo se espalhava pelo azul. As sombras desciam sobre Londres.

— Eu tenho uma ideia — falou ele. — Por que não levamos ao Mercado das Sombras aqui? Eu sei chegar ao Mercado. Posso encontrar um feiticeiro ou mesmo uma bruxa que nos ajude a obter o que quer que esteja nesta coisa.

Os gêmeos se entreolharam. Era evidente que ambos hesitavam.

— A gente não devia ir ao Mercado das Sombras — falou Livvy.

— Então aleguem que fugi para lá e que vocês precisavam me pegar — retrucou Kit. — Se um dia for preciso explicar, coisa que não vai acontecer.

Nenhum deles falou, mas Kit notava a curiosidade nos olhos cinzentos de Ty.

— Ora — falou ele, baixando a voz daquele jeito que seu pai o ensinara, com o tom que se usa quando se deseja convencer as pessoas de que você está falando seriamente. — Quando você está em casa, Julian nunca deixa você ir a parte alguma. Agora é a sua chance. Você sempre quis ver um Mercado das Sombras!

Livvy foi a primeira a falar.

— Está bem — falou ela, lançando um olhar breve ao irmão para ver se ele concordava. — Está bem, se você sabe onde fica.

O rosto pálido de Ty se iluminou com a empolgação. Kit sentiu a mesma animação passar para ele. O Mercado das Sombras. Seu lar, seu santuário, o lugar onde ele fora criado.

Correndo atrás de demônios e artefatos com Livvy e Ty, eram eles que sabiam tudo e ele não sabia nada. Mas, no Mercado das Sombras, ele podia brilhar. Ele os chocaria. Impressionaria.

E então, talvez, ele os despistaria e fugiria.

\*\*\*

As sombras estavam se alongando quando Julian e Emma terminaram o almoço. Julian comprou um pouco de comida e mantimentos numa pequena mercearia, e Emma correu para a porta seguinte para escolher pijamas e camisetas numa lojinha New Age que vendia tarôs e gnomos de cristal. Quando saiu, estava sorrindo. Ela mostrou a camiseta azul e roxa com o desenho de um unicórnio sorridente para Jules, que a fitou horrorizado. Ela enfiou a roupa na mochila com cuidado antes de começarem a atravessar a cidade para encontrar o início do caminho que os levaria pela costa.

As colinas se inclinavam, íngremes, desde a água; não era fácil escalar. Indicado apenas com uma placa para os penhascos, o caminho serpenteava

através dos arredores da cidadezinha e de casas precariamente equilibradas, todas parecendo prestes a cair no porto em formato de meia-lua a qualquer momento.

No entanto, os Caçadores de Sombras eram treinados para muito mais do que esse tipo de esforço e caminharam rápido. Logo estavam fora da cidadezinha e andavam pelo caminho estreito, a colina subindo mais do lado direito e descendo em direção ao mar à esquerda.

O mar era azul-escuro, brilhando como um lampião. Nuvens da cor de conchas entrelaçavam-se pelo céu. Era belo de um modo totalmente diferente do pôr do sol sobre o Pacífico. Em vez de possuir as cores fortes do mar e do deserto, tudo aqui era em tons pastel suaves: verdes, azuis e rosa.

O que era forte eram os penhascos em si. Eles estavam subindo próximos à parte da capela propriamente dita do Chapel Cliff, o promontório rochoso que se projetava do oceano, as pontas de rocha cinzenta que a coroavam em preto, de forma ameaçadora, contra o céu rosado. A colina se fora; agora eles estavam na própria ponta da terra: compridos seixos cinzentos de ardósia, que pareciam um baralho espalhado e virado de maneira acentuada, de cada lado, até o mar.

A casa que eles tinham visto da cidade estava aninhada entre as rochas, a coroa pontuda da capela de pedra se erguendo atrás dela. Conforme Emma se aproximava, ela sentia a força de seu feitiço de disfarce quase como um muro obrigando-a a recuar.

Jules também diminuiu o passo.

— Tem uma placa também — falou ele. — Diz que o lugar pertence ao Patrimônio Público. Proibida a entrada.

Emma fez uma careta.

— Proibida a entrada normalmente significa que a galera transformou o lugar em ponto de encontro e que está cheio de papéis de bala e garrafas de bebidas.

— Sei lá. O feitiço de disfarce aqui é realmente forte... não é apenas visual, mas emocional. Você pode senti-lo, certo?

Emma fez que sim com a cabeça. O chulé mandava ondas de *fique longe, perigo e você não quer ver nada aqui*. Era meio como se uma pessoa desconhecida e zangada estivesse berrando com você no ônibus.

— Pegue a minha mão — falou Julian.

— O quê? — Emma se virou, surpresa: ele oferecia a mão para ela. Ela via a leve mancha do lápis de cor na pele. Julian dobrou os dedos.

— Nós podemos passar por isso com mais facilidade juntos — falou ele. — Concentre-se em repeli-lo.

Emma pegou a mão dele, aceitando o choque que a percorreu ao contato. A pele de Jules era quente e macia, áspera onde havia calos. Ele apertou os dedos

dela.

Eles avançaram, passaram pelo portão e seguiram o caminho que conduzia até a porta principal. Emma imaginava o feitiço de disfarce como uma cortina, como algo que pudesse tocar. Então imaginou que o afastava para o lado. Era difícil. Era como levantar peso com a mente, mas a força fluía através dela, vinda de Julian, através dos dedos e do pulso, subindo pelo braço até seu coração e pulmões.

De repente, ela se concentrou. Quase casualmente, se permitiu afastar o feitiço de disfarce, erguendo-o ligeiramente para o lado. O chalé se lançou numa visão mais clara: as janelas não estavam cobertas com madeira, e sim limpas e intactas, a porta principal fora pintada recentemente de um azul intenso. Até a maçaneta parecia recém-polida de um bronze brilhante. Julian segurou-a e empurrou, e a porta se abriu, acolhendo-os em seu interior.

A sensação de que algo os expulsava do chalé cessou. Emma soltou a mão de Julian e deu um passo para dentro; estava muito escuro para enxergar. Ela sacou a pedra de luz enfeitiçada do bolso e deixou que sua luz brilhasse acima e ao redor deles.

Atrás dela, Julian deu um assobio baixinho de surpresa.

— Isto aqui não parece deserto. Nem de longe.

Era um quarto pequeno e bonito. Havia uma cama de dossel abaixo de uma janela, com vista para a aldeia lá embaixo. A mobília, que parecia ter sido pintada à mão em tons de azul, cinza e suaves cores da beira-mar, espalhava-se entre uma profusão de tapetes de retalhos.

Duas paredes eram ocupadas por uma cozinha com todas as conveniências modernas: cafeteira, fogão, máquina de lavar louça, bancadas de granito. Pilhas organizadas de lenha se erguiam de cada lado de uma lareira de pedra. Duas portas conduziam ao cômodo principal: Emma examinou e encontrou um pequeno escritório com escrivaninha pintada à mão e um banheiro de azulejos azuis, com banheira, chuveiro e uma pia de cuba. Sem acreditar no que via, ela girou de leve as torneiras do chuveiro e deu um gritinho quando tomou um banho involuntário. Tudo parecia funcionar bem, como se alguém que morasse no chalé e cuidasse de tudo com amor tivesse acabado de sair.

— Acho que talvez a gente pudesse ficar aqui — falou Emma, voltando para a sala de estar, onde Julian tinha acendido as lâmpadas elétricas.

— Fui bem mais rápido, Carstairs — disse, abrindo o armário da cozinha e começando a guardar os mantimentos. — Bom lugar, sem aluguel e vai ser mais fácil de procurar se ficarmos aqui, de qualquer forma.

Emma pousou a pedra de luz enfeitiçada sobre a mesa e olhou ao redor, admirada.



— Sei que isso parece improvável, mas você acha que Malcolm tinha uma segunda vida secreta como proprietário de chalés de veraneio com mobília adorável?

— Ou — falou Julian — tem um feitiço de disfarce ainda mais forte do que fomos capazes de perceber neste lugar, fazendo simplesmente com que se *pareça* um chalé de veraneio com mobília adorável quando, na verdade, é só um buraco no chão cheio de ratos.

Emma se jogou na cama. O lençol parecia uma nuvem e o colchão era divino depois do colchão cheio de calombos no Instituto de Londres.

— São os melhores ratos *do mundo* — anunciou ela, feliz por não terem que ficar num albergue, afinal.

— Imagine os corpos minúsculos e peludos deles se agitando perto de você. — Julian tinha se virado e a encarava, com um meio-sorriso. Quando Emma era criança, tinha pavor de ratos e roedores.

Ela se sentou direito e olhou para ele com expressão séria.

— Por que você está tentando estragar minha diversão?

— Bem, para ser justo, isso não são férias. Não para nós. É uma missão. Temos que procurar por qualquer coisa que possa nos dar uma ideia de aonde Annabel teria ido.

— Sei lá — falou Emma. — Parece que este lugar foi esvaziado e totalmente reformado. Foi construído há tanto tempo, como poderemos saber o que sobrou da casa original? E Malcolm não teria levado algo importante para a casa em Los Angeles?

— Não necessariamente. Acho que este chalé era especial para ele. — Julian enfiou os polegares no passador do cós de seu jeans. — Veja o jeito como ele cuidou do chalé. Esta casa é pessoal. Parece um lar. Não aquela coisa feita de vidro e metal na qual ele morava em Los Angeles.

— Então acho que a gente devia começar a olhar por aí. — Emma tentou parecer animada com a ideia, mas na verdade estava exausta. A falta de sono na véspera, a longa viagem de trem, a preocupação com Cristina, tudo isto lhe tirara a energia.

Julian olhou para ela com expressão crítica.

— Vou fazer um chá — disse ele. — Isso vai ajudar.

Ela enrugou o nariz para ele.

— Chá? *Chá* é a sua solução? Você nem é britânico de verdade! Passou dois meses na Inglaterra! Como foi que eles fizeram lavagem cerebral em você?

— Você não gosta de café e precisa de cafeína.

— Eu obtenho cafeína do jeito que as pessoas sensatas fazem. — Emma ergueu as mãos e foi até o escritório. — Do chocolate!

Ela começou a puxar as gavetas da escrivaninha. Estavam vazias. Examinou as prateleiras; nada de interessante ali também. Começou a percorrer o cômodo até o closet e ouviu alguma coisa estalar. Aí se virou e se ajoelhou, afastando o tapete de retalhos.

O soalho era de tábuas de carvalho. Bem debaixo do tapete, Emma viu um quadrado de madeira mais clara, e as linhas escuras e desbotadas da emenda onde o esboço quadrado de um alçapão era visível. Ela pegou a estela e encostou a ponta contra ele.

— *Abra* — murmurou, desenhando a Marca.

Ouviu-se um som de algo se partindo. O quadrado de madeira se abriu e desmoronou em pedaços de serragem, caindo no buraco que ela havia aberto. Era ligeiramente maior em todos os lados do que ela imaginara. Nele, havia alguns livretos e um tomo grande, encadernado em couro, para o qual Emma forçou a vista, confusa. Será que era um tipo de livro de feitiços?

— Você acabou de destruir alguma coisa? — Julian se aproximou, a bochecha suja com alguma coisa preta. Ele olhou por cima do ombro de Emma e assobiou. — O clássico compartimento secreto no piso.

— Ajude-me a tirar estas coisas daqui. Você pega o livro gigante. — Emma pegou os três volumes menores; a encadernação de todos os três era de couro gasto, com a sigla mfp gravada nas lombadas, as páginas com as beiradas ásperas.

— Não é um livro — falou Julian com a voz ligeiramente estranha. — É um portfólio.

Ele o pegou e levou para a sala de estar, Emma apressada atrás dele. Duas xícaras fumegantes de chá estavam na bancada da cozinha e a lareira permanecia acesa. Emma percebeu que a coisa preta no rosto de Julian provavelmente eram cinzas. Ela o imaginou ajoelhado ali, acendendo o fogo para eles, paciente e pensativo, e sentiu uma onda de ternura esmagadora.

Ele já estava de pé junto à bancada, delicadamente abrindo o portfólio. Prendeu a respiração. A primeira imagem era uma aquarela de Chapel Cliff vista de longe. As cores e formas saltavam aos olhos vividamente; Emma sentia o ar fresco do mar em seu pescoço, ouvia o trinado das gaivotas.

— É adorável — falou ela, sentando-se diante de Julian num banco alto.

— É de Annabel. — Ele tocou a assinatura dela no canto direito. — Eu não tinha ideia de que ela era uma artista.

— Acho que a arte corre no sangue de vocês — comentou Emma. Julian não ergueu o olhar. Ele virava as páginas com mãos cuidadosas, quase reverentes. Havia muitas outras paisagens marítimas: Annabel parecia adorar captar o oceano e as curvas da terra firme que o limitavam. Annabel também tinha

desenhado dezenas de imagens da casa dos Blackthorn em Idris, demorando-se na suavidade de sua pedra dourada, na beleza dos jardins, das vinhas com espinhos que envolviam os portões. *Como o mural na parede do seu quarto*, Emma queria dizer a Julian, mas não o fez.

No entanto, a mão de Julian não parou em nenhum deles. Mas fez uma pausa num desenho que, sem dúvida, era do chalé no qual eles estavam neste momento. Uma cerca de madeira o rodeava, Polperro era visível ao longe, e Warren estendia-se na colina oposta, cheia de casas.

Malcolm apoiado na cerca, parecendo impossivelmente jovem — mesmo que fosse evidente que ele ainda não tinha parado de envelhecer. Embora fosse um desenho a lápis, de algum modo captava o louro dos cabelos dele, a estranheza dos olhos, mas eles tinham sido transformados em contornos tão adoráveis que se tornaram belos. Ele parecia prestes a sorrir.

— Acho que eles moraram aqui duzentos anos atrás, provavelmente se escondendo da Clave — falou Julian. — Tem algo de especial num lugar em que você esteve com alguém que ama. Ele assume um significado na sua mente. Torna-se mais do que um lugar. Transformara-se em uma destilação do que vocês sentiam um pelo outro. Os momentos que você passa num lugar com alguém... se tornam parte dos tijolos e da argamassa. Parte da alma do lugar.

A luz da lareira tocou a lateral do rosto dele, seus cabelos, e os transformou em ouro. Emma sentiu as lágrimas subindo no fundo da garganta e fez um esforço para engoli-las.

— Tem uma razão para Malcolm não ter deixado este lugar simplesmente virar ruínas. Ele o amava. Ele se importava porque foi um lugar em que esteve com *ela*.

Emma pegou o chá.

— E talvez um lugar para o qual ele quisesse trazê-la de novo? — retrucou ela. — Depois que ele a despertasse?

— Sim. Acho que Malcolm despertou o corpo de Annabel pelos arredores, que ele planejou se esconder com ela aqui, do mesmo jeito que fez tanto tempo atrás. — Julian pareceu afastar o clima intenso que lhe sobreveio, como um cão molhado sacudindo a água dos pelos. — Tem uns guias da Cornualha nas prateleiras... vou dar uma olhada neles. O que você tem aí? O que tem nos livros?

Emma abriu o primeiro. *Diário de Malcolm Fade Blackthorn, 8 anos de idade*, estava rabiscado na primeira página.

— Pelo Anjo — falou Emma. — São os diários dele.

E começou a ler em voz alta, desde o início.

*Meu nome é Malcolm Fade Blackthorn. Eu mesmo escolhi os dois primeiros nomes, mas o sobrenome me foi dado pelos Blackthorn, que gentilmente me acolheram.*

*Felix diz que sou um tutelado, mas não sei o que isso quer dizer. Ele também diz que sou um feiticeiro. Quando fala isso, eu acho que provavelmente não é uma coisa boa, mas Annabel diz para eu não me preocupar, que todos nós nascemos o que somos e não podemos mudar. Annabel diz...*

Ela se calou. Esse era o homem que assassinara os pais dela; mas também era a voz de uma criança, impotente e questionadora, ecoando através dos séculos. Duzentos anos — o diário não tinha data, mas devia ter sido escrito no início dos anos 1800.

— Annabel diz — murmurou ela. — Que ele se apaixonou por ela cedo demais.

Julian pigarreou e ficou de pé.

— Parece que sim — disse ele. — Temos que procurar no diário menções de lugares que eram importantes para os dois.

— É um bocado de diário — falou Emma, fitando os três volumes.

— Então acho que temos um bocado de leitura pela frente — disse Julian. — Melhor eu preparar mais chá.

O lamento de Emma de “Chá, não!” o seguiu cozinha adentro.

O Mercado das Sombras de Londres se localizava no extremo sul da Ponte de Londres. Kit ficou decepcionado ao ver que a Ponte era só uma construção de concreto sem graça e sem torres.

— Pensei que fosse como nos cartões-postais — lamentou.

— Você está pensando na Torre de Londres — informou Livvy ironicamente quando eles começaram a descer um lance de degraus de pedra estreitos para chegar ao espaço abaixo dos trilhos da Ponte de Londres, que se cruzavam acima. — Esta é a que está em todos os quadros. A verdadeira Ponte de Londres foi derrubada há muito tempo; esta é a substituta moderna.

Uma placa anunciava algum tipo de mercado diurno de frutas e vegetais, mas que já se encontrava fechado havia muito tempo. As barracas pintadas de branco estavam pregadas com força, os portões, trancados. A sombra da Catedral de Southwark se agigantava sobre tudo, uma massa de vidro e pedra que bloqueava a visão do rio.

Kit piscou e afastou o feitiço de disfarce ao chegar ao primeiro degrau. A

imagem se rasgou feito teia de aranha e o Mercado das Sombras irrompeu em vida. Eles ainda usavam muitas das barracas dos mercados comuns; uma coisa inteligente, pensou ele, se ocultar à vista de todos dessa forma, mas agora elas possuíam cores vibrantes, um arco-íris de tinta e brilho. Tendas também ondulavam entre as barracas, feitas de sedas e tapeçarias, cartazes flutuando ao lado da abertura, anunciando de tudo, desde cartomantes e pingentes da sorte a poções do amor.

Eles se esgueiraram para a multidão animada. Barracas vendiam máscaras encantadas, garrafas de sangue de safra para vampiros — Livvy pareceu prestes a vomitar ao ver o frasco sabor cereja picante — e boticários mantinham um negócio vigoroso de tinturas e pós mágicos. Um licantropo com cabelo ralo e branco claro vendia frascos de um pó cinza e, à frente dele, uma bruxa cuja pele fora tatuada com escamas multicoloridas mascateava livros de feitiços. Algumas barracas estavam cheias de amuletos repelentes de Caçadores de Sombras, o que fez Livvy dar uma risadinha.

Kit não achou graça.

— Abaixem as mangas — falou ele. — E ponham o capuz. Cubram suas Marcas o máximo que puderem.

Livvy e Ty fizeram conforme pedido. Ty esticou a mão para pegar os fones de ouvido também, mas parou. Lentamente, ele os enrolou de volta no pescoço.

— Melhor ficar sem eles — opinou. — Pode ser que eu precise ouvir alguma coisa.

Livvy apertou o ombro do irmão e falou algo para ele numa voz baixa que Kit não conseguiu distinguir. Ty balançou a cabeça, dispensando a irmã, e eles continuaram a avançar no Mercado. Um grupo de pálidas Crianças Noturnas se reunira numa barraca que dizia: vítimas voluntárias aqui. Uma multidão de humanos sentava-se ao redor de uma mesa de madeira, tagarelando; ocasionalmente outro vampiro aparecia, o dinheiro trocava de mãos e um dos humanos seria arrastado para as sombras para ser mordido.

Livvy fez um som abafado.

— Eles são muito cuidadosos — garantiu Kit. — Tem um lugar assim no Mercado de Los Angeles. Os vampiros nunca bebem o suficiente para machucar alguém.

Ele se perguntou se deveria dizer alguma coisa para tranquilizar Ty. O menino de cabelos escuros estava pálido, com uma fina camada de suor ao longo das maçãs do rosto. Suas mãos abriam e fechavam junto às laterais do corpo.

Mais adiante, via-se uma barraca anunciando bar cru. Licantropes cercavam uma dúzia de carcaças de animais frescas, vendendo nacos ensanguentados arrancados aos punhados pelos clientes que passavam. Livvy franziu a testa; Ty

não disse uma palavra. Kit já percebera antes que trocadilhos e jogos de linguagem não interessavam muito a Ty. E neste momento o menino parecia lutar entre assimilar os detalhes do Mercado e vomitar.

— Ponha os fones de ouvido — murmurou Livvy para ele. — Está tudo bem.

Ty balançou a cabeça novamente. O cabelo preto estava grudado na testa. Kit franziu as sobrancelhas. Queria pegar Ty e arrastá-lo para fora do Mercado até um lugar calmo e silencioso. Ele se lembrou de Ty dizendo que odiava multidões, que o barulho e a confusão eram “como vidro quebrado na minha cabeça”.

Havia outra coisa também, alguma coisa estranha e errada com este Mercado.

— Acho que viemos parar na área de comida — falou Livvy, fazendo uma careta. — Preferiria que a gente não tivesse vindo para este lado.

— Por aqui. — Kit se direcionou mais para os lados da catedral. Normalmente, havia uma seção do Mercado onde os feiticeiros se reuniam; até agora, ele só vira vampiros, licanthropes, bruxas e...

Ele diminuiu o passo até parar.

— Nada de fadas — falou.

— O quê? — perguntou Livvy, quase trombando nele.

— O Mercado está sempre cheio de fadas — falou. — Elas vendem tudo, de roupas de invisibilidade a sacos de comida que nunca ficam vazios. Mas não vi uma única fada aqui.

— Eu vi — falou Ty, e apontou.

Perto deles, havia uma grande barraca com um bruxo alto, com longos cabelos grisalhos trançados. Na frente da barraca, via-se uma mesa com baeta verde. Arrumadas sobre a mesa, antigas gaiolas feitas de ferro forjado pintado de branco. Cada uma delas era bela de uma forma diferente e, por um momento, Kit pensou que estivessem ali para venda.

Então ele olhou com mais afinho. Dentro de cada uma havia uma pequena criatura presa. Uma variedade de pixies, nixies, brownies e até um goblin, cujos grandes olhos estavam quase fechados de tão inchados — provavelmente pela proximidade com o ferro frio. As outras fadas conversavam baixinho e melancolicamente, as mãozinhas segurando as barras e então caindo com choramingos de dor.

Ty ficou branco de agonia. Suas mãos tremiam contra as laterais do corpo. Kit pensou nele no deserto, acariciando pequenos lagartos, guardando camundongos nos bolsos, capturando doninhas para ter companhia. Ty, cujo coração ia para as criaturas vivas pequenas e impotentes.

— Não podemos deixá-las assim.

— Provavelmente estão sendo vendidas por causa do sangue e dos ossos —

falou Livvy, com a voz trêmula. — Temos que fazer alguma coisa.

— Vocês não têm autoridade aqui, Caçadora de Sombras. — Uma voz fria e seca os fez dar meia-volta. Uma mulher estava de pé diante deles. Sua pele era escura como o mogno, os cabelos eram como bronze e presos bem alto na cabeça. As pupilas tinham formato de estrelas douradas. Ela vestia um terninho branco-gelo com sapatos de salto alto, cintilantes. Poderia ter qualquer idade entre dezoito e trinta.

Ela sorriu quando eles a encararam.

— Sim, eu consigo reconhecer Caçadores de Sombras, mesmo aqueles tentando esconder desajeitadamente suas Marcas — falou. — Sugiro que vocês saiam do Mercado antes que alguém menos amigável do que eu note vocês.

Os gêmeos fizeram gestos sutis para seus cintos de armas, e suas mãos pairavam perto dos cabos das lâminas serafim. Kit sabia que este era seu momento: o de mostrar como ele era capaz de lidar com um Mercado e seus habitantes.

Isso sem falar na parte de evitar um banho de sangue.

— Sou um emissário de Barnabas Hale — falou. — Do Mercado de Los Angeles. Estes Caçadores de Sombras estão sob minha proteção. Quem é você?

— Hypatia Vex — apresentou-se ela. — Eu também administro o Mercado. — Ela estreitou os olhos estrelados na direção de Kit. — Um representante de Barnabas, você disse? Por que eu devo acreditar em você?

— As únicas pessoas que sabem sobre Barnabas Hale — falou Kit — são as que ele quer que saibam.

Ela assentiu levemente.

— E os Caçadores de Sombras? Barnabas os enviou também?

— Ele precisa que eu consulte um feiticeiro em relação a um peculiar objeto mágico — falou Kit. Ele estava voando alto agora, nas mentiras, na trapaça e na vigarice. — Eles estão com o objeto.

— Muito bem então. Se Barnabas mandou vocês consultarem um feiticeiro, que feiticeiro era?

— Era eu — uma voz rouca falou das sombras.

Kit se virou e viu um vulto de pé, em frente a uma grande tenda verde. A voz era masculina, mas o vulto estava coberto demais — vestes imensas, capuz e luvas — para ser possível distinguir seu gênero.

— Eu resolvo isso, Hypatia.

Hypatia piscou devagar. Era como se as estrelas desaparecessem e então reaparecessem por trás de uma nuvem.

— Se você insiste.

Ela começou a dar meia-volta e se afastar, mas daí fez uma pausa, olhando

para trás, na direção de Livvy e Ty.

— Se vocês estão com pena destas criaturas, destas fadas morrendo dentro de gaiolas — falou ela —, pensem nisso: se não fosse pela Paz Fria na qual seu povo tanto insistiu, elas não estariam aqui. Vejam só o sangue em suas mãos, Caçadores de Sombras.

Ela desapareceu entre duas barracas. A expressão de Ty era de pura agonia.

— Mas minhas mãos...

— É um modo de dizer. — Livvy passou o braço em volta do irmão gêmeo, aninhando-o e puxando-o com força para si. — Não é culpa sua, Ty, ela só está sendo cruel.

— Melhor a gente ir — falou Kit para o feiticeiro com as vestes e o capuz, que assentiu.

— Venham comigo — disse ele, e se esgueirou para dentro da tenda. Os outros o seguiram.

O interior da tenda era excepcionalmente limpo e simples, com soalho de madeira, um catre simples e algumas prateleiras cheias de livros, mapas, frascos com pós, velas de cores variadas e jarros com líquidos de cores alarmantes. Ty exalou, reclinando-se em um dos postes da tenda. O alívio estava visivelmente impresso em seu rosto enquanto ele saboreava a calma e o silêncio relativos. Kit queria perguntar a Ty se ele estava bem depois da confusão do Mercado, mas Livvy já estava lá, afastando o cabelo úmido de suor da testa do irmão. Ty fez que sim com a cabeça e falou alguma coisa para ela que Kit não conseguiu ouvir.

— Venham — falou o feiticeiro. — Sentem-se aqui comigo.

Ele gesticulou. No centro do cômodo havia uma pequena mesa cercada por cadeiras. Os Caçadores de Sombras se sentaram e o feiticeiro encapuzado se ajeitou diante deles. À luz bruxuleante do interior da tenda, Kit entrevia a beirada de uma máscara debaixo do capuz, obscurecendo o rosto do feiticeiro.

— Podem me chamar de Shade — falou ele. — Não é meu sobrenome, mas vai servir.

— Por que você mentiu por nós? — questionou Livvy. — Lá fora. Você não tem nenhum acordo com Barnabas Hale.

— Ah, eu tenho alguns — falou Shade. — Não em relação a vocês, para falar a verdade, mas conheço o sujeito. E estou curioso por saber que vocês o conhecem também. Não são muitos os Caçadores de Sombras que sequer sabem o nome dele.

— Eu não sou um Caçador de Sombras — retrucou Kit.

— Ah, você é sim — disse Shade. — É o novo Herondale, para ser exato.



A voz de Livvy soou ríspida:

— Como você sabe disso? Conte-nos agora.

— Por causa do seu rosto — falou ele para Kit. — Seu rosto lindo, lindo. Você não é o primeiro Herondale que conheci, nem o primeiro com esses olhos, feito crepúsculo destilado. Não sei por que você tem apenas uma Marca, mas sem dúvida posso adivinhar. — Ele juntou as palmas das mãos abaixo do queixo. Kit pensou ter notado um brilho de pele verde no pulso, pouco abaixo da beirada da luva. — Tenho que dizer que nunca imaginei que teria o prazer de entreter o Herondale Perdido.

— Não estou nem um pouco entretido, na verdade — falou Kit. — A gente podia ver um filme.

Livvy se inclinou para a frente.

— Desculpe — falou ela. — Ele fica assim quando está pouco à vontade. Sarcástico.

— Quem imaginaria que isso era uma característica hereditária? — Shade esticou a mão enluvada. — Ora, mostre-me o que você trouxe. Suponho que isso não seja uma mentira?

Ty enfiou a mão no casaco e sacou o cristal de *alétheia*. Sob a luz das velas, ele brilhou mais do que nunca.

Shade deu uma risadinha.

— Um porta-lembranças — falou. — Parece que, no fim das contas, você poderia conseguir o seu filme. — Ele esticou a mão e, depois de um momento de hesitação, Ty permitiu que ele o pegasse.

Shade pousou o cristal delicadamente no centro da mesa. Passou uma das mãos por cima dele, então franziu a testa e retirou a luva. Conforme Kit havia imaginado, a pele da mão dele tinha uma cor verde-escura. Ele se perguntava por que Shade se preocupava em cobrir alguma coisa desse tipo aqui no Mercado das Sombras, onde feiticeiros eram comuns.

Shade passou a mão nua sobre o cristal e murmurou. As velas no cômodo começaram a derreter. O murmúrio aumentou; Kit reconheceu as palavras em Latim, que ele estudara durante três meses no colégio até chegar à conclusão de que não fazia sentido conhecer uma língua na qual só ia poder conversar com o Papa, a quem era improvável de se encontrar.

Agora, porém, tinha que admitir que o idioma em questão possuía um peso, uma sensação de que cada palavra carregava um sentido mais profundo. As velas se apagaram, mas o local não estava escuro: o cristal brilhava cada vez mais forte sob o toque de Shade.

Finalmente um raio de luz pareceu explodir do cristal, e Kit se deu conta do que Shade queria dizer quando fez a piada sobre o filme. A luz funcionava como

o feixe de um projetor, lançando imagens em movimento contra a parede escura da tenda.

Havia uma garota sentada, presa à cadeira, numa sala circular, cheia de bancos, um tipo de auditório. Pelas janelas do cômodo, Kit via as montanhas cobertas de neve. Embora provavelmente fosse inverno, a garota usava apenas um vestido reto branco; os pés estavam descalços e os longos cabelos escuros caíam emaranhados.

O rosto era excepcionalmente parecido com o de Livvy, tão parecido que, ao vê-lo contorcido de agonia e terror, Kit ficou tenso.

— Annabel Blackthorn. — Um homem franzino com ombros curvados entrou na cena. Ele vestia preto e usava um broche não muito diferente daquele que Diego usava no ombro. O capuz estava baixado; por causa disso e devido ao ângulo do ponto de vista do cristal, era difícil ver seu rosto ou seu corpo com muitos detalhes

— O Inquisidor — murmurou Shade. — Na época, era um Centurião.

— Você veio perante nós — prosseguiu o homem —, acusada de consórcio com seres do Submundo. Sua família acolheu o feiticeiro Malcolm Fade e o criou como seu irmão. Ele pagou a bondade com traição abjeta. Roubou o *Volume Preto dos Mortos* do Instituto da Cornualha, e você o ajudou.

— Onde está Malcolm? — A voz de Annabel estava trêmula, mas também era nítida e firme. — Por que ele não está aqui? Eu me recuso a ser interrogada sem ele.

— Como você e seu saqueador feiticeiro são unidos — zombou o Inquisidor. Livvy arfou. Annabel parecia furiosa. Ela travava o queixo do mesmo jeito teimoso que Livvy costumava fazer, pensou Kit, mas também havia um pouco de Ty e dos outros nela. A arrogância de Julian, a vulnerabilidade emocional de Dru, a expressão pensativa dos olhos e da boca de Ty. — Então vai ficar decepcionada se souber que ele se foi?

— Se foi? — repetiu Annabel de modo inexpressivo.

— Desapareceu da cela na Cidade do Silêncio durante a noite. Abandonou você à própria sorte.

Annabel apertou as mãos com força no colo.

— Isso não pode ser verdade — falou ela. — Onde ele está? O que vocês fizeram com ele?

— Não fizemos nada com ele. Eu ficaria feliz em testemunhar tal coisa segurando a Espada Mortal — falou o Inquisidor. — Na verdade, o que queremos de você agora, e vamos libertá-la depois disso, é a localização de Fade. Ora, por que iríamos querer saber isso, a menos que ele realmente tivesse escapado?

Annabel balançava a cabeça com veemência e os cabelos escuros açoitavam seu rosto.

— Ele não me abandonaria — murmurou ela. — Ele não faria isso.

— É melhor encarar a verdade, Annabel — falou o Inquisidor. — Ele usou você para ter acesso ao Instituto da Cornualha, para roubar de lá. Assim que teve o que queria, desapareceu, deixando você sozinha para aguentar o peso da nossa ira.

— Ele queria o livro para nossa proteção. — A voz dela tremeu. — Para que pudéssemos começar uma vida nova juntos, onde estaríamos a salvo... a salvo da Lei, a salvo de vocês.

— O *Volume Preto* não contém feitiços de proteção ou segurança — falou o Inquisidor. — O único meio pelo qual ele poderia ajudar vocês seria se o trocassem com alguém mais poderoso. Quem era o aliado poderoso de Fade, Annabel?

Ela balançou a cabeça, seu queixo travado teimosamente. Atrás dela, outra pessoa entrava no cômodo: uma mulher de rosto severo, que trazia o que parecia uma trouxa de pano preto. Kit sentiu um calafrio na espinha ao ver aquela figura.

— Não vou dizer nada. Nem se vocês usarem a Espada.

— Na verdade, não podemos acreditar no que você disser sob a Espada — falou o Inquisidor. — Malcolm contaminou você de tal forma...

— *Contaminou?* — ecoou Annabel, horrorizada. — Como se... como se agora eu fosse suja?

— Você ficou suja desde a primeira vez que o tocou. E agora nós não sabemos como ele mudou você; você pode muito bem ter alguma proteção em relação aos nossos instrumentos de justiça. Algum encantamento que não conhecemos. Por isso teremos que fazer como os mundanos.

A mulher com expressão severa tinha se aproximado do Inquisidor e lhe entregado a trouxinha preta. Ele a desenrolou e revelou uma variedade de instrumentos afiados: facas, navalhas e furadores. Alguns com lâminas já manchadas com vermelho oxidado.

— Diga-nos quem tem o livro agora e a dor cessa — falou o Inquisidor, erguendo uma navalha.

Annabel começou a gritar.

Felizmente, a imagem escureceu. Livvy estava pálida. Ty se inclinou para a frente, abraçando o próprio corpo com força. Kit queria esticar o braço, queria tocar em Ty, queria dizer ao garoto que tudo ia ficar bem, comunicar de tal forma que chegou a ficar espantado com a própria atitude.

— Tem mais — falou Shade. — Uma cena diferente. Vejam.

A imagem na parede mudou. Eles ainda estavam dentro do mesmo auditório,

mas era noite agora e as janelas estavam escuras. O local estava iluminado com tochas que ardiam em dourado e branco. Agora eles viam o rosto do Inquisidor, em vez de apenas as beiradas das roupas escuras e das mãos. Ele não era tão velho quanto Kit tinha pensado: um homem bastante jovem, com cabelos escuros.

O cômodo estava vazio, a não ser por ele e por um grupo de outros homens com idades variadas. Não havia mulheres. Os outros homens não trajavam vestes, mas roupas da época da Regência: calça de camurça e casaco curto com botões. Alguns também tinham costeletas, e uns poucos, barbas limpas e aparadas. Todos pareciam agitados.

— Felix Blackthorn — chamou o Inquisidor, arrastando um pouco as palavras. — Sua filha, Annabel, decidiu tornar-se uma Irmã de Ferro. Ela deveria lhe encontrar para um último adeus, mas eu soube agora pelas damas da Cidadela Adamant que ela nunca chegou ao seu destino. Você tem alguma ideia do paradeiro dela?

Um homem de cabelos castanhos raiados de cinza franziu a testa. Kit o encarou com um pouco de fascínio: aqui estava um ancestral vivo de Ty e Livvy, Julian e Mark. Seu rosto era largo e trazia as marcas do temperamento difícil.

— Se você está sugerindo que estou escondendo minha filha, não estou — falou ele. — Ela se contaminou com o toque de um feiticeiro e não é parte de nossa família mais.

— Meu tio fala a verdade — disse outro homem, mais jovem. — Annabel está morta para todos nós.

— Que imagem vívida — falou o Inquisidor. — Não se importe se eu achar que é mais do que uma imagem.

O jovem se encolheu. Felix Blackthorn não mudou a expressão.

— Você não se importaria em segurar a Espada Mortal, se importaria, Felix? — perguntou o Inquisidor. — Apenas para ter certeza de que você realmente não sabe onde sua filha está.

— Você a mandou de volta para nós torturada e beirando a insanidade — falou rispidamente o Blackthorn mais jovem. — Não nos diga agora que se importa com o destino dela!

— Ela não estava mais machucada do que muitos Caçadores de Sombras poderiam ficar numa batalha — falou o Inquisidor —, mas a morte é outra coisa. E as Irmãs de Ferro estão perguntando.

— Posso falar? — indagou outro homem; ele tinha cabelos escuros e aparência aristocrática.

O Inquisidor assentiu.

— Desde que Annabel Blackthorn foi se juntar às Irmãs de Ferro —

prosseguiu ele —, Malcolm Fade se tornou um verdadeiro aliado dos Nephilim. Um dos raros feiticeiros com quem podemos contar do nosso lado, e que é indispensável numa batalha.

— Aonde quer chegar, Herondale?

— Se ele não achar que sua amada o abandonou, digamos, por livre e espontânea vontade, ou se ele souber de algum mal que ocorreu a ela, acho improvável que continue a ser um recurso tão valioso para nós.

— As damas da Cidadela Adamant não deixam a ilha para se meter em fofocas — falou outro dos homens, com um rosto estreito como o de um furão. — Se a discussão do destino da infeliz Annabel terminar aqui, então termina aqui. Afinal, talvez ela tenha fugido pela estrada ou talvez tenha sido vítima de um demônio ou salteador no caminho para a Cidadela. Talvez nunca saibamos.

O Inquisidor tamborilou os dedos no braço da cadeira. Ele encarava Felix Blackthorn, olhos semicerrados; era impossível Kit dizer o que poderia estar pensando. Finalmente, ele falou:

— Você é terrivelmente sagaz, Felix, envolvendo seus amigos nisso. Sabe que não posso punir todos sem criar o caos. E você tem razão sobre Fade. Há uma revolta perto da Scholomance, e nós precisamos dele. — Ele jogou as mãos para o alto. — Muito bem. Nós nunca voltaremos a discutir isso.

Uma expressão de alívio passou pelo rosto de Felix Blackthorn, misturada a uma amargura estranha.

— Obrigado — falou. — Obrigado, Inquisidor Dearborn.

A visão diminuiu até virar um minúsculo ponto preto, aí desapareceu.

Por um momento, Kit ficou sentado, imóvel. Ouviu Livvy e Ty falando em vozes apressadas, e Shade respondendo: sim, a visão era uma lembrança real; não, não havia meio de identificar quem poderiam ser. Provavelmente tinha duzentos anos. Era evidente que estavam agitados por causa da menção a um Inquisidor Dearborn. Mas o cérebro de Kit se prendeu a uma palavra como um pedaço de pano em um gancho:

*Herondale.*

Um daqueles homens terríveis fora seu ancestral. Herondale, Dearborn e Blackthorn *juntos* foram cúmplices em acobertar a tortura e o assassinato de uma jovem cujo único crime tinha sido amar um feiticeiro. Uma coisa era pensar que ele era parente de Jace, que parecia ser universalmente adorado e bom em tudo. Todos falavam dos Herondale para ele como se fossem membros da realeza, da realeza de salvadores do mundo.

Ele se lembrou das palavras de Arthur. *Que tipo de Herondale você vai ser? William ou Tobias? Stephen ou Jace? Belo, amargo ou ambos?*

— Rook! — A frente da tenda balançou. — Kit Rook, saia agora daí!

A conversa dentro da tenda parou. Kit piscou; ele *não era* Kit Rook, era Christopher Herondale, era...

Ele cambaleou e ficou de pé. Livvy e Ty saltaram atrás dele, e Ty fez uma pausa apenas para guardar o cristal de *alétheia* no bolso.

— Kit, não... — começou Livvy, esticando a mão para ele, mas Kit já saía da tenda.

Alguém estava chamando seu verdadeiro nome — ou talvez não fosse seu verdadeiro nome, mas era uma parte de si que ele não podia negar. Ele cambaleou para a trilha do lado de fora.

Barnabas Hale estava de pé diante dele, os braços cruzados, a pele branca escamosa brilhando de modo nojento sob a luz das tochas. Atrás dele, agigantava-se um grupo de licantropes: homens e mulheres grandes e musculosos, vestidos de couro preto e com pulseiras de tachinhas. Mais de um deles carregava socos ingleses de latão.

— Então, pequeno Rook — falou Barnabas, e sua língua de cobra tremelicou quando ele sorriu. — Que história foi essa que eu ouvi sobre você fingir estar aqui a negócios em meu nome?

# 19

## Os Bosques Cinzentos

— Eu falei para você ficar longe do Mercado das Sombras, Rook — falou Barnabas. — Tem algum motivo para você não ter dado ouvidos? Falta de respeito por mim ou mera falta de respeito por seres do Submundo em geral?

Uma multidão começara a se formar, uma mistura curiosa de vampiros zombeteiros, licantropes risonhos e feiticeiros de aparência cansada.

— Você me disse para ficar longe do Mercado de Los Angeles — falou Kit —, não de todos os Mercados das Sombras do mundo. Você não tem esse poder e alcance, Hale, e cabe ao dono de cada Mercado decidir se eu fico ou se vou.

— Eu, no caso. — Era Hypatia, o rosto de traços suaves sem expressão.

— Eu pensei que você fosse um dos donos — falou Kit.

— Já é bom o bastante, e alto lá com sua impertinência. Não gosto que mintam para mim, criança. Nem gostei do fato de você ter trazido dois Nephilim para cá.

A multidão arfou. Kit se encolheu por dentro. As coisas não estavam saindo como eles queriam.

— Eles não apoiam a Paz Fria — falou ele.

— Eles votaram contra? — perguntou uma feiticeira com um anel de espinhos saindo de sua garganta.

— Nós tínhamos dez anos — falou Livvy. — Éramos muito pequenos.

— Crianças — sibilou o homem de pé atrás do balcão com as fadas engaioladas. Era difícil dizer se ele falara a palavra com surpresa, desprezo ou avidez.

— Ah, ele não apenas trouxe os Nephilim consigo — falou Barnabas, com o sorriso traíçoeiro. — Ele é um deles. Um espião dos Caçadores de Sombras.

— O que nós vamos fazer? — sussurrou Ty. Agora eles estavam tão

apertadinhos entre si que Kit não conseguia mexer os braços, presos entre Ty e Livvy.

— Peguem suas armas — falou Kit. — E se preparem para descobrir como fugir.

Para o crédito dos gêmeos, nenhum deles fez mais do que respirar fundo. Suas mãos se movimentaram rapidamente no campo de visão periférica de Kit.

— Isso é mentira — falou ele. — Meu pai é Johnny Rook.

— E sua mãe? — falou a voz rouca de Shade, atrás deles. Uma multidão se reunira atrás dele também; eles não tinham como correr naquela direção.

— Eu não sei — falou Kit entre dentes. Para sua surpresa, Hypatia ergueu as sobrancelhas, como se soubesse de algo que ele não sabia. — E isso não importa... nós não viemos aqui para machucar ou espionar vocês. Nós precisamos da ajuda de um feiticeiro.

— Mas os Nephilim têm seus próprios feiticeiros de estimação — falou Barnabas —, dispostos a trair os seres do Submundo enquanto reviram os bolsos da Clave atrás de dinheiro. Embora depois de tudo o que vocês fizeram a Malcolm...

— Malcolm? — Hypatia se empertigou. — Esses são os Blackthorn? Os responsáveis pela morte dele?

— Ele só morreu pela metade — disse Ty. — Ele voltou como um tipo de demônio marinho, por um tempo. Mas agora, obviamente, está morto — emendou o menino, como se tivesse se dado conta de que tinha falado demais sem querer.

— É por isso que o Sherlock Holmes deixa o Watson falar — comentou Kit para ele com um sussurro.

— Holmes nunca deixa o Watson falar — retrucou Ty rispidamente. — Watson é o reserva.

— Eu não sou o reserva — falou Kit, e tirou uma faca do bolso. Ele ouviu as risadas dos licantropes zombando das dimensões insignificantes da adaga, mas não se incomodou. — Como eu disse — falou para eles —, nós viemos aqui para conversar pacificamente com um feiticeiro e ir embora. Eu cresci nos Mercados das Sombras. Não tenho segundas intenções, nem meus companheiros. Mas, se vocês nos atacarem, revidaremos. E então haverá outros, outros Nephilim, que virão para nos vingar. E para quê? Que bem isso fará?

— O garoto tem razão — falou Shade. — Guerras assim não beneficiam ninguém.

Barnabas gesticulou para que ele fosse embora. Seus olhos tinham um brilho fanático.

— Mas dar o exemplo, sim — falou ele. — Deixar os Nephilim saberem



como é encontrar os corpos amassados de seus filhos à soleira da porta e não haver reparação nem justiça.

— Não faça isso... — começou Livvy.

— Acabem com eles — falou Barnabas, e seu bando de lobisomens, além de alguns espectadores, foram para cima deles.

Do lado de fora do chalé, as luzes de Polperro brilhavam feito estrelas contra as encostas escuras. Dava para ouvir o movimento do mar, o som baixinho do oceano subindo e descendo, a canção de ninar do mundo.

Certamente funcionava para Emma. Apesar de todo o esforço de Julian com o chá, ela adormecera diante da lareira, com o diário de Malcolm aberto ao seu lado, e o corpo enroscado como o de um gato.

Antes de dormir, ela lera o diário em voz alta para ele. Desde o início, quando Malcolm fora encontrado sozinho, uma criança confusa que não conseguia se lembrar dos pais e não fazia ideia do que era um feiticeiro. Os Blackthorn o acolheram, até onde Julian sabia, porque pensaram que um feiticeiro poderia lhes ser útil, um feiticeiro que eles podiam controlar e extorquir. Eles tinham explicado a ele sua verdadeira natureza, e de um jeito nem um pouco sutil.

Em toda a família, só Annabel demonstrara bondade para com Malcolm. Eles exploraram os penhascos e as cavernas da Cornualha juntos quando crianças, e ela mostrara a ele como poderiam trocar mensagens secretas usando um corvo como mensageiro. Malcolm escrevia liricamente sobre o litoral, suas mudanças e tempestades, e liricamente sobre Annabel, mesmo quando não tinha ciência dos próprios sentimentos. Ele adorava a sagacidade de raciocínio e a natureza forte de Annabel. Adorava o senso de proteção que ela emanava — Malcolm descreveu o jeito como ela o defendeu furiosamente ante seus primos — e, com o passar do tempo, ele começou a se encantar não apenas com a beleza de seu coração. A caneta saltava e se detinha conforme ele escrevia sobre a pele macia, o formato das mãos e da boca, sobre as vezes em que fios do cabelo dela escapavam das tranças e flutuavam ao redor como uma nuvem de sombras.

Julian quase se viu contente quando a voz de Emma falhou e ela se deitou — só para descansar os olhos, disse ela — e aí adormeceu quase imediatamente. Ele jamais imaginaria que iria sentir compaixão por Malcolm ou pensar nos dois como semelhantes, mas as palavras do feiticeiro poderiam ter sido a história da ruína de seu próprio coração.

Malcolm tinha escrito: *Às vezes, alguém que você conhece desde sempre deixa de ser familiar a você, mas se torna um ser desconhecido de um jeito maravilhoso, como se você tivesse descoberto que uma praia que visitou pela*

*vida inteira não é feita de areia, mas de diamantes, e eles cegam você com sua beleza. Annabel, você tomou minha vida, minha vida tão embotada quanto o fio de uma lâmina virgem, você a desmontou e montou novamente num formato tão estranho e maravilhoso que só consigo admirar...*

Ouviu-se uma pancada alta, como se um pássaro tivesse voado diretamente para o vidro de uma das janelas. Julian sentou-se ereto e esticou a mão para a adaga que havia colocado na mesinha baixa perto do sofá.

A pancada voltou, mais alta.

Julian se pôs de pé. Tinha alguma coisa do lado de fora da janela — o lampejo de alguma coisa branca. Sumiu, então houve uma nova pancada. Alguma coisa batendo no vidro, como uma criança atirando pedrinhas na janela de um amigo para chamar a atenção.

Julian olhou para Emma. Ela havia rolado e se deitado de costas, de olhos fechados, o peito inflando e desinflando em ritmo regular. A boca estava ligeiramente aberta, as bochechas, coradas.

Ele foi até a porta e lentamente girou a maçaneta, tentando evitar que as dobradiças rangessem. A porta se abriu e ele saiu para a noite.

Estava frio e escuro, a lua pairava sobre a água como uma pérola no fim de um cordão. Ao redor da casa, o terreno era irregular e tombava de modo quase íngreme até um dos lados do oceano. A superfície da água era escura, mas transparente, e o formato das rochas era visível através dela, como se Julian estivesse olhando através de um vidro preto.

— Julian — falou uma voz. — Julian Blackthorn.

Ele se virou. A casa estava atrás dele. À sua frente, via-se Peak Rock, a ponta do penhasco, e relva preta crescia dos espaços entre as pedras cinzentas.

Ele ergueu a mão que segurava a pedra de luz enfeitiçada. A luz emanou e iluminou a menina diante dele.

Foi como se ela tivesse saído dos desenhos dele. Cabelos escuros, retos como um alfinete, um rosto oval como um Madonna triste, emoldurado pelo capuz de uma capa imensa. Debaixo da capa, ele via tornozelos pálidos e finos, e sapatos rachados.

— Annabel? — falou.

A faca voou da mão de Kit e cruzou a distância até a multidão que se aproximava, fincando diretamente no ombro de Barnabas Hale. O feiticeiro escamoso cambaleou para trás e caiu, gritando de dor.

— Kit! — chamou Livvy, espantada; dava para perceber que ela não sabia se ele tinha feito a coisa certa, mas ele nunca se esquecera de uma frase de

Emerson, a favorita de seu pai: *Quando você atinge um rei, deve matá-lo.*

Um feiticeiro era mais poderoso do que um bando de licantropes, e Barnabas era o líder deles. Duas razões para tirá-lo da luta. Mas não havia mais tempo para pensar nisso, pois os seres do Submundo estavam em cima deles.

— *Umbriel!* — gritou Livvy. Uma lâmina ardente foi disparada da mão dela. A menina era um redemoinho de movimento; o treinamento com sabre a tornara veloz e graciosa. Ela girou num círculo mortal, com os cabelos açoitando ao redor. Era um lindo borrão de luz e trevas, e arcos de sangue seguiram sua lâmina.

Ty, brandindo uma espada curta, tinha recuado contra o pilar de uma das barracas, o que foi inteligente, pois a proprietária da barraca gritava com os seres do Submundo para que recuassem à medida que estes avançavam.

— Ei! Saiam daqui! — gritava, e as mercadorias dela começaram a voar, frascos de tinturas que respingavam nos rostos surpresos dos licantropes e vampiros. Algumas das substâncias pareciam corrosivas — pelo menos um dos licantropes caiu para trás com um grito, apertando o rosto, que chiava.

Ty sorriu e, apesar de tudo o que estava acontecendo, isso fez com que Kit quisesse rir também. Ele guardou aquela imagem como uma lembrança para revisitar depois, levando-se em conta que neste momento um lobisomem imenso, com ombros semelhantes a pilares voadores, avançava furiosamente na direção dele. Ele esticou a mão e puxou uma das varetas da tenda de Shade, fazendo toda a estrutura inclinar.

Kit girou com a vareta. Não era do metal mais duro, mas era flexível, como um imenso chicote. Ele ouviu o osso esmagando contra a pele quando bateu diretamente no esterno do licantrope que pulava. Com um gemido de agonia, ele voou por cima da cabeça de Kit.

O corpo de Kit latejava, agitado. Talvez eles conseguissem fazer aquilo. Talvez os três dessem conta de lutar e fugir daquela bagunça. Talvez fosse exatamente o que significava ter o Céu em seu sangue.

Livvy deu um grito.

Kit socou um vampiro, tirando-o do caminho com uma pancada da vareta, e girou para ver o que havia acontecido. Um dos frascos que voou tinha se espatifado na lateral do corpo dela. Era evidente que se tratava de uma substância ácida — estava queimando através da roupa e, embora a mão dela estivesse colada na ferida, Kit via o sangue entre os dedos dela.

Ela ainda golpeava com a outra mão, mas os seres do Submundo tinham se afastado de Ty e Kit e estavam se deslocando na direção dela, feito tubarões sentindo o cheiro de sangue. Ela desferiu mais golpes, atingiu dois, mas, como estava incapaz de defender adequadamente o próprio corpo, seu círculo de

proteção estava encolhendo. Um vampiro deu um passo para mais perto, lambendo os lábios.

Kit começou a correr para ela. Ty estava à frente dele, usando a espada curta para dilacerar e abrir caminho através da multidão. O sangue tamborilava no chão aos pés de Livvy. O coração de Kit estava tenso com o pânico. Ela caiu no exato momento em que Ty esticou a mão para pegá-la e os dois desabaram no chão; Livvy nos braços do irmão. Umbriel retiniu da mão dela.

Kit cambaleou na direção dos dois. Jogou a vareta para o lado, atingindo alguns lobisomens, e agarrou a lâmina serafim de Livvy.

Ty baixara sua espada. Agora ele segurava a irmã, que estava inconsciente, e os cabelos de Livvy se espalhavam pelos ombros e peito dele. Ele pegou a estela e estava traçando uma Marca de cura na pele dela, embora sua mão tremesse e a Marca estivesse ficando meio irregular.

Kit ergueu a espada ardente. Sua luz fez os seres do Submundo se encolherem e recuarem levemente, mas ele sabia que isso não era suficiente: eles iam pressionar, e então iriam dilacerá-lo, e depois iriam dilacerar Livvy e Ty. Ele viu Barnabas, com o terno encharcado de sangue, inclinando-se no braço de um guarda-costas. Os olhos, fixos em Kit, estavam tomados de ódio.

Não haveria misericórdia aqui.

Um lobo pulou em cima de Kit. Ele ergueu Umbriel e a girou — e aí acertou o nada. O lobo tinha tombado no chão, como se tivesse sido empurrado pela mão invisível de alguém.

Houve uma lufada de vento. Os cabelos louros de Kit sopraram no rosto, e ele os afastou com a mão manchada de sangue. As tendas chacoalhavam; mais jarros e frascos se quebraram. O relâmpago azul estalou e um de seus raios atingiu o solo bem na frente de Barnabas.

— Parece que cheguei bem na hora — falou uma voz sedosa.

Caminhando na direção dele estava um homem alto, com cabelo curto, preto e arrepiado. Era evidentemente um feiticeiro: seus olhos eram iguais aos de um gato, com pupilas em fenda, verdes e douradas. Ele vestia um sobretudo cor de carvão dramaticamente forrado de vermelho, que balançava atrás dele quando caminhava.

— Magnus Bane — disse Barnabas, com visível nojo. — O Traidor Supremo.

— Não é o meu apelido favorito — retrucou Magnus, delicadamente remexendo os dedos na direção de Barnabas. — Eu prefiro “Nosso Lorde e Senhor” ou talvez “Inequivocamente o Mais Gostoso”.

Barnabas se encolheu.

— Esses três Nephilim vieram ao Mercado contando mentiras...

— Eles quebraram os Acordos?

Barnabas grunhiu.

— Um deles me esfaqueou.

— Qual deles? — perguntou Magnus.

Barnabas apontou para Kit.

— Negócio terrível — falou Magnus. A mão esquerda dele estava baixada junto à lateral do corpo. Furtivamente, ele levantou o polegar na direção de Kit. — Isso foi antes ou depois de você atacá-los?

— Depois — retrucou Kit. Um dos guarda-costas de Barnabas foi até ele; ele mostrou sua lâmina. Desta vez, o raio que se bifurcava da mão de Magnus estalou como um fio elétrico caído entre os pés deles.

— Pare — ordenou.

— Você não tem autoridade aqui, Bane — afirmou Barnabas.

— Na verdade, eu tenho sim — retrucou Magnus. — Como representante dos feiticeiros no Conselho dos Caçadores de Sombras, tenho um bocado de autoridade. Imagino que você saiba disso.

— Ah, nós sabemos o quanto os Caçadores de Sombras mandam em você. — Barnabas estava tão furioso que a saliva escorria quando ele falava. — Sobretudo, os Lightwood.

Magnus ergueu uma sobrancelha preguiçosa.

— Isso tem a ver com meu namorado? Está com ciúmes, Barnabas?

Kit pigarreou.

— Sr. Bane — falou ele. Kit tinha ouvido falar de Magnus Bane, todos tinham ouvido. Provavelmente ele era o feiticeiro mais famoso do mundo. Seu namorado, Alec, ajudara a criar a Aliança, juntamente a Maia Roberts e Lily Chen. — Livvy perdeu muito sangue. Ty usou uma Marca de cura, mas...

O rosto de Magnus ficou sombrio, com uma raiva genuína.

— Ela tem 15 anos; é uma criança — rosnou ele. — Como vocês ousam?

— Vai nos delatar para o Conselho, Magnus? — perguntou Hypatia, falando pela primeira vez. Ela não participara da confusão; estava inclinada contra a lateral de uma das barracas e olhava Magnus de cima a baixo. Shade parecia ter evaporado; Kit não tinha ideia de onde ele fora.

— Parece que temos duas opções — falou Magnus. — Vocês lutam comigo, e, acreditem, não vão vencer porque estou muito zangado e sou mais velho do que qualquer um de vocês. E então eu conto ao Conselho. Ou vocês me deixam ir embora com estas crianças Nephilim, nós não lutamos e eu não deduro vocês ao Conselho. O que acham?

— Eu fico com a dois — falou a mulher que jogara os fracos nos lobisomens.

— Ela tem razão, Barnabas — falou Hypatia. — Esqueça isso.

Barnabas estava fazendo caras e bocas, pensando. Abruptamente, ele deu meia-volta e se afastou, acompanhado pelos guarda-costas. Os outros começaram a ir embora, se arrastando, desaparecendo na multidão, os ombros curvados.

Kit caiu de joelhos ao lado de Ty, que mal se mexera. Seus olhos iam de um lado a outro, os lábios quase brancos; era como se ele estivesse em choque.

— Ty — chamou Kit, hesitante, e pôs uma das mãos no braço do menino. — Ty...

Ty o afastou quase sem parecer registrar quem era. Seus braços estavam em volta de Livvy, os dedos apertavam o pulso dela; Kit se deu conta de que ele estava verificando a pulsação da menina. Era nítido que a garota estava viva. Kit via o peito dela subindo e descendo. Mas, apesar disso, o irmão mantinha os dedos no pulso da menina, como se as batidas do coração dela o acalmassem.

— Tiberius. — Era Magnus, se ajoelhando, sem se importar com o sangue e a lama salpicando o casaco que parecia ter custado bem caro. Ele não esticou a mão nem tentou tocar Ty, apenas falou em voz baixa. — Tiberius. Sei que você pode me ouvir. Você tem que me ajudar a levar Livvy para o Instituto. Eu posso cuidar dela lá.

Ty ergueu o olhar. Não estava chorando, mas a coloração cinza dos olhos escurecera para um tom de carvão queimado. Ele parecia espantado.

— Ela vai ficar bem? — perguntou ele.

— Ela vai ficar bem. — A voz de Magnus era firme. Kit esticou a mão para ajudar Tiberius a erguer Livvy e desta vez Ty permitiu ser ajudado. Quando eles se levantaram, Magnus já estava criando um Portal, um redemoinho em azul, verde e rosa se erguendo contra as sombras das tendas e barracas do Mercado.

Ty se virou subitamente para Kit.

— Você pode levá-la? Carregar Livvy? — perguntou.

Surpreso, Kit fez que sim com a cabeça. Pois Ty deixar que ele carregasse sua irmã gêmea era um sinal de confiança que o deixou chocado. Ele ergueu Livvy, o cheiro de sangue e magia em seu nariz.

— Vamos! — chamou Magnus. O Portal estava totalmente aberto agora: Kit conseguia enxergar as formas do Instituto de Londres através dele.

Ty não se virou. Ele tinha enfiado os fones nos ouvidos com determinação e estava correndo através da alameda vazia do Mercado. Seus ombros estavam curvados, como se ele estivesse se protegendo dos golpes que vinham de todos os lados, mas suas mãos estavam firmes quando ele alcançou a barraca no final, com as fadas nas gaiolas. Ele começou a confiscar as gaiolas, puxando uma a uma para que abrissem. As pixies, nixies e hobgoblins saíram de dentro delas, gritando de alegria ante sua liberdade.

— Você! Você, pare com isso! — gritou a proprietária da barraca, correndo para evitar mais estragos, mas já era tarde demais. Ty jogou a última gaiola diante de si e ela se abriu com força e libertou um hobgoblin furioso e com garras, que cravou os dentes no ombro de sua antiga captora.

— Ty! — chamou Kit, e Ty correu de volta, na direção do Portal aberto. Sabendo que o outro menino estava atrás dele, Kit deu um passo para dentro, apertando Livvy com força, e deixou que o redemoinho o capturasse.

Annabel se aproximou dele silenciosamente, os sapatos rachados silenciosos sobre as pedras. Julian não conseguia se mexer. Estava grudado no lugar de tanta descrença.

Ele sabia que ela estava viva. Ele a vira matar Malcolm. Mas, por alguma razão, nunca a imaginara tão palpável e distinta. Tão humana. Ela parecia alguém que ele poderia encontrar em qualquer lugar: em um cinema, no Instituto, na praia.

E ele se perguntava onde ela arranjava as roupas. A capa não parecia uma peça que você encontraria pendurada num varal, e ele duvidava que ela tivesse dinheiro.

As pedras altas lançaram suas sombras para baixo quando ela se aproximou dele, tirando o capuz.

— Como foi que você encontrou este lugar? — Ela quis saber. — Esta casa?

Ele esticou as mãos e Annabel parou a apenas alguns metros dele. O vento noturno levantava mechas dos cabelos dela, que pareciam dançar.

— As pixies me contaram onde vocês estavam — disse ela. — Antigamente, elas eram amigas de Malcolm e ainda sentem carinho por mim.

Ela falava sério? Julian não sabia dizer.

— Vocês não deveriam estar aqui — afirmou. — Não deveriam procurar por mim.

— Não tenho desejo algum de machucar ou prejudicar você — disse Julian. Ele se perguntou se seria capaz de segurá-la caso se aproximasse, embora a ideia de usar a força física para tentar pegar o *Volume Preto* o enojasse. E se deu conta de que não tinha imaginado *como* ia tirar o livro dela. Encontrá-la tinha sido a prioridade. — Mas eu vi você matando Malcolm.

— Eu me lembro deste lugar há duzentos anos — falou ela, como se ele não tivesse dito nada. O sotaque era britânico, mas tinha algo estranho, um som que Julian nunca havia ouvido. — Parecia a mesma coisa, embora existissem menos casas e mais navios no porto. — Ela se virou para olhar para o chalé. — Malcolm construiu a casa sozinho. Com a própria magia.

— Por que você não entrou? — perguntou Julian. — Por que esperou que eu viesse aqui?

— Eu estou bloqueada — respondeu ela. — Tem sangue de Malcolm nas minhas mãos. Eu não posso entrar na casa dele. — Ela se virou e encarou Julian. — Como você poderia ter me visto matando-o?

A lua tinha saído detrás de uma nuvem. Iluminava a noite com muito brilho, emoldurando as beiradas irregulares das nuvens com luz.

— Eu vi Malcolm ressuscitar você — falou Julian. — Em um cristal da vidência da Rainha Seelie. Ela queria que eu visse.

— Mas por que a Rainha iria querer uma coisa dessas? — Ela ficou boquiaberta ao se dar conta. — Ah. Para fazer você me seguir. Para fazer você querer o *Volume Preto dos Mortos* e todo o seu poder.

Ela enfiou a mão na capa e tirou o livro. Ele *era* preto, um tipo denso de preto que parecia reunir as sombras em si. Estava amarrado com uma tira de couro. As palavras gravadas na capa há muito haviam desaparecido.

— Eu não me lembro de nada da minha morte — falou Annabel, baixinho, enquanto Julian fitava o livro nas mãos dela. — Nem de como foi feito ou do momento posterior, quando fiquei debaixo da terra, nem de quando Malcolm soube da minha morte e perturbou meus ossos. Somente depois descobri que ele tinha passado muitos anos tentando me despertar, mas que nesse período nenhum dos feitiços que ele lançou funcionou. Meu corpo apodreceu e eu não acordei. — Ela virou o livro em suas mãos. — Foi o Rei Unseelie quem disse a ele que o *Volume Preto* era a chave. O Rei Unseelie foi quem lhe passou a rima e o feitiço. E foi o Rei quem disse a Malcolm quando aconteceria o ataque de Sebastian Morgenstern ao Instituto... quando o lugar estaria vazio. Tudo que o Rei pedia em troca era que Malcolm trabalhasse para ele em feitiços que enfraquecessem os Nephilim.

A mente de Julian disparou. Malcolm não mencionara a parte do Rei Unseelie na coisa toda quando contara sua versão da história aos Blackthorn. Mas dificilmente era uma surpresa. O Rei era muito mais poderoso do que Malcolm e o feiticeiro relutaria em invocar seu nome.

— Nas Terras Unseelie, nossos poderes são inúteis — falou Julian. — As lâminas serafim não funcionam lá, nem pedras de luz enfeitiçada ou Marcas.

— Obra de Malcolm — falou ela. — Assim como em suas Terras, então o Rei deseja que seja no mundo todo, e em Idris. Caçadores de Sombras enfraquecidos. Ele tomaria Alicante e governaria a partir de lá. Os Caçadores de Sombras se tornariam os caçados.

— Eu preciso do *Volume Preto*, Annabel — afirmou Julian. — Para impedir o Rei. Para impedir tudo isso.



Ela apenas o encarou.

— Há cinco anos — retrucou ela —, Malcolm derramou sangue dos Caçadores de Sombras tentando me ressuscitar.

*Os pais de Emma*, pensou Julian.

— Aquilo despertou minha mente, mas não o meu corpo — emendou Annabel. — O feitiço tinha funcionado pela metade. Eu estava em agonia, sabe, meio viva e presa sob a terra. Gritava minha dor em silêncio. Malcolm não podia me ouvir. Eu não conseguia me mexer. Ele achou que eu estivesse insensível, surda, mas ainda assim falava comigo.

*Cinco anos*, pensou Julian. Durante cinco anos ela ficara presa na sepultura da convergência, consciente, porém incapaz de ser ouvida, incapaz de falar, de gritar ou de se mexer.

Julian estremeceu.

— A voz dele se infiltrava na tumba. Ele lia aquele poema sem parar. “Foi há muitos anos.” — Seu olhar era sombrio. — Ele me traiu enquanto eu estava viva e mais uma vez quando eu estava morta. A morte é um dom, sabe. A passagem para além da dor e da tristeza. Ele me negou isso.

— Eu lamento muito — disse Julian. A lua começara a baixar no céu. Ele se perguntava se era muito tarde.

— Lamenta muito — repetiu ela com indiferença, como se as palavras não significassem nada. — Haverá uma guerra — emendou — entre o Reino das Fadas e os Caçadores de Sombras. Mas isso não é da minha conta. O que importa para mim é que você prometa nunca mais tentar pegar o *Volume Preto*. Esqueça-o, Julian Blackthorn.

Ele soltou o ar pela boca. Mais um minuto e teria mentido e prometido, mas desconfiava de que uma promessa para alguém como Annabel teria um peso assustador.

— Eu não posso — falou. — Nós precisamos do *Volume Preto*. Não posso lhe dizer o porquê, mas juro que será mantido em segurança e longe das mãos do Rei.

— Eu lhe disse o que o livro fez comigo — falou, e pela primeira vez ela pareceu animada, com as bochechas coradas. — Não serve para nada, além do mal. Você não deveria querê-lo.

— Eu não vou usá-lo para o mal — afirmou Julian. *Isso era verdade*, pensou ele.

— Ele não pode ser usado para *outra* coisa — disse ela. — Destrói famílias, pessoas...

— Minha família será destruída se eu não tiver o livro.

Annabel fez uma pausa.

— Ah — falou. E, então, mais delicadamente: — Mas pense no que será destruído com este livro por aí, no mundo. Muito mais. Há causas mais elevadas.

— Não para mim — falou Julian. *Por mim o mundo pode virar um caos se minha família permanecer viva*, pensou ele, e estava prestes a dizer isso quando a porta do chalé se abriu.

Emma estava parada à entrada. Calçava as botas desamarradas, com Cortana na mão. Os cabelos estavam bagunçados por cima dos ombros, mas a mão na espada era firme.

O olhar da menina procurou Julian, e então encontrou Annabel; ela se assustou, fitando-a, incrédula. Julian viu os lábios dela articularem o nome de Annabel assim que esta puxou o capuz por cima da cabeça e saiu correndo.

Julian começou a correr atrás dela, Emma estava apenas um segundo atrás. Mas Annabel era absurdamente rápida. Ela voou através da grama e do declive salpicado de urzes até a beira do precipício; com uma última olhada para trás, ela se lançou no ar.

— *Annabel!* — Julian correu até a beira do precipício, com Emma ao seu lado. Ele fitou a água, centenas de metros abaixo, imperturbável, nem mesmo uma ínfima onda. Annabel desaparecera.

Eles explodiram de volta ao Instituto, aparecendo na biblioteca. Era como cair de uma altura imensa, e Kit cambaleou e desabou de costas contra a mesa, agarrando Livvy para não a deixar cair.

Ty havia caído de joelhos e estava se endireitando. Kit olhou no rosto de Livvy — estava cinzento, com uma tonalidade amarelada sinistra.

— Magnus... — arfou ele.

O feiticeiro, que aterrissara com destreza devido a muita prática, girou e no mesmo instante avaliou a situação.

— Calma — pediu —, está tudo bem.

Aí pegou Livvy das mãos de Kit. O menino a soltou com alívio; alguém ia cuidar da situação. Magnus Bane ia cuidar disso e não deixaria Livvy morrer.

Kit precisou de um instante para notar que já havia alguém na biblioteca. Alguém que ele não conhecia, que agora ia até Magnus enquanto este deitava Livvy na mesa comprida. Era um jovem, mais ou menos da idade de Jace, com cabelos escuros e lisos, bagunçados como se o sujeito tivesse dormido e não tivesse se dado ao trabalho de penteá-los ao acordar. Ele vestia jeans e um suéter desbotado, e olhou Magnus de cara feia.

— Você acordou os meninos — afirmou ele.

— Alec, nós meio que temos uma emergência aqui — falou Magnus.

Então aquele era Alec Lightwood. Por alguma razão, Kit tinha imaginado que ele fosse mais velho.

— Crianças pequenas despertadas do sono também são uma emergência — falou Alec. — Só dizendo.

— Muito bem, empurrem a mobília — falou o feiticeiro para Ty e Kit. — Preciso de espaço para trabalhar. — Ele olhou de esguelha para Alec enquanto os dois meninos afastavam cadeiras e pequenas estantes de livros. — Então... onde estão as crianças?

Magnus estava tirando o casaco. Alec esticou a mão e pegou a peça que o feiticeiro jogou para ele, um movimento ensaiado que sugeria que ele estava acostumado ao gesto.

— Eu os deixei com uma menina simpática chamada Cristina. Ela disse que gosta de crianças.

— Você deixou nossos filhos com estranhos?

— Todos os outros estão dormindo — falou Alec. — Além do mais, ela conhece canções de ninar. Em espanhol. Rafe está apaixonado. — Ele olhou outra vez para Kit. — Pelo Anjo, que coisa esquisita — disse ele num arroubo, como se não conseguisse se controlar.

Kit ficou nervoso.

— O que é esquisito?

— Ele quer dizer que você parece Jace — disse Magnus. — Jace Herondale.

— Meu *parabatai* — falou Alec, com amor e orgulho.

— Eu conheço Jace — explicou Kit. Ele olhava para Ty, que lutava para deslocar uma cadeira. Não que fosse pesada demais, mas suas mãos abriam e fechavam junto às laterais do corpo, tornando seus gestos estranhamente desajeitados e descoordenados. — Ele veio ao Instituto de Los Angeles depois que meu... depois que eles descobriram quem eu era.

— O lendário Herondale Perdido — falou Magnus. — Eu sei, eu estava começando a pensar que fosse uma fofoca inventada por Catarina, tipo o Monstro do Lago Ness ou o Triângulo das Bermudas.

— Catarina inventou o Triângulo das Bermudas?

— Não seja ridículo, Alexander. Isso foi Ragnor. — Magnus tocou Livvy levemente no braço. Ela deu um grito. Ty largou a cadeira com a qual andara lutando e respirou fundo, trêmulo.

— Você está machucando ela — falou. — Não faça isso.

Sua voz era baixa, mas Kit notava o aço nela, e viu o garoto que o segurara e apontara a faca para ele na casa de seu pai.

Magnus apoiou as mãos na mesa.

— Vou tentar não a machucar, Tiberius — afirmou. — Mas posso ter que

causar dor para curá-la.

Ty parecia prestes a responder no exato momento em que a porta se abriu e Mark entrou. Ele avistou Livvy e empalideceu.

— Livvy. *Livia!*

Tentou se aproximar, mas Alec segurou seu braço. Apesar de magro, Alec era enganosamente forte. Ele puxou Mark para trás enquanto o fogo azul faiscava da mão de Magnus e ele o passava na lateral do corpo de Livvy. A manga do casaco e da camiseta pareceram derreter e revelaram um corte comprido e feio, que vertia um fluido amarelo.

Mark arquejou.

— O que está acontecendo?

— Briga no Mercado das Sombras — falou Magnus rapidamente. — Livia foi ferida com um pedaço de vidro com raiz de orias. Muito venenoso, mas curável. — Ele moveu os dedos pelo braço da menina e, ao fazer isso, uma luz azul pareceu brilhar sob a pele, como se estivesse pulsando de dentro para fora.

— O Mercado das Sombras? — quis saber Mark. — Que diabos Livvy estava fazendo no Mercado das Sombras?

Ninguém respondeu. Kit sentiu como se estivesse se encolhendo por dentro.

— O que é que está acontecendo? — quis saber Ty. Suas mãos ainda se abriam junto ao corpo, como se ele estivesse tentando sacudir alguma coisa da pele. Ele alongou os ombros, girando-os para trás. Era como se a preocupação e a agitação estivessem se expressando através de uma música silenciosa que fazia seus nervos e músculos dançarem. — Essa luz azul é normal?

Mark falou alguma coisa para Alec, que assentiu. Ele soltou o braço do outro menino e Mark contornou a mesa e pôs a mão no ombro de Ty. Seu irmão se inclinou na direção dele, embora não tivesse parado de se movimentar.

— Magnus é o melhor que existe — falou Alec. — Magia de cura é a especialidade dele. — A voz de Alec era gentil. A voz de alguém que não estava acalmando seu tom de voz para tranquilizar alguém, e sim que realmente sentia aquela paz. — Uma vez Magnus me curou — emendou ele. — Foi veneno demoníaco; não era para eu ter sobrevivido, mas sobrevivi. Pode confiar nele.

Livvy arfou abruptamente e suas costas deram um tranco; Ty pôs a mão no próprio braço, os dedos apertando-o. Então o corpo dela relaxou. A cor começou a retornar ao rosto, suas bochechas passaram do cinza-amarelado para o cor-de-rosa. Ty também relaxou visivelmente.

— O veneno se foi — falou Magnus sem rodeios. — Agora temos que cuidar da perda de sangue e do corte.

— Tem Marcas para essas duas coisas — falou Ty. — Posso fazer nela.

Mas Magnus estava balançando a cabeça.

— Melhor não as usar... Marcas tiram um pouco da força de quem as recebe — falou ele. — Se ela tivesse um *parabatai*, nós poderíamos tentar tirar a força deles, mas ela não tem, não é?

Ty não disse nada. Seu rosto ficou imóvel e totalmente branco.

— Ela não tem — falou Kit, notando que Ty não ia dizer nada.

— Sem problema. Ela vai ficar bem. — Magnus tranquilizou os dois meninos. — Mas é melhor levá-la para o quarto. Não há motivo para ela dormir nesta mesa.

— Eu vou ajudar a levá-la — falou Mark. — Ty, por que você não vem com a gente?

— Alec, você pode ir até a enfermaria? — perguntou Magnus quando Mark carregou a irmã. Pobre Livvy, pensou Kit; ela odiaria ser arrastada por aí feito um saco de batatas. — Vou dizer do que preciso.

Alec fez que sim com a cabeça.

— Leve Kit com você — falou Magnus. — Você vai querer ajuda para trazer tudo.

Kit se flagrou tranquilo em relação à ideia de conversar com Alec. O sujeito tinha um tipo de presença reconfortante: silenciosa e contida. Quando Kit e Alec saíram do cômodo, o menino olhou para onde antes Ty ficara. Ele nunca tivera irmãos nem mãe, apenas Johnny. Seu pai. Seu pai, que havia morrido, e ele não achava que um dia já havia ficado do modo que Ty ficara, como se a possibilidade de alguma coisa acontecer a Livvy fosse suficiente para destruí-lo por dentro.

Talvez ele tivesse algum problema, pensou Kit ao seguir Alec para o corredor. Talvez não fosse dotado do tipo certo de sentimentos. Ele nunca havia se perguntado muito sobre a mãe, quem ela era. Será que alguém que soubesse sentir da maneira correta não se perguntaria sobre esse tipo de coisa?

— Então você conheceu Jace — questionou Alec, arrastando os sapatos no carpete conforme eles caminhavam. — O que foi que você achou?

— De Jace? — Kit estava confuso. Ele não sabia por que alguém solicitaria sua opinião sobre o diretor do Instituto de Nova York.

— Só estou jogando conversa fora. — Alec esboçou um meio sorriso estranho, como se estivesse guardando alguns pensamentos para si. Eles passaram por uma porta assinalada com ENFERMARIA e entraram num cômodo grande, cheio de camas de metal antiquadas. Alec foi para trás de uma bancada e começou a remexer ali.

— Jace não se parece muito com você — falou Kit. Na parede diante dele, via-se uma mancha escura esquisita, como se a tinta tivesse borrado para cima e para os lados num formato semelhante ao de uma árvore.

— Você está desconversando. — Alec empilhou ataduras no balcão. — Mas não importa. *Parabatai* não têm que ser parecidos. Eles só precisam se complementar. Trabalhar bem juntos.

Kit pensou em Jace, toda confiança e dourado reluzente, e Alec, toda tranquilidade silenciosa e firme.

— E você e Jace se complementam?

— Eu me lembro quando o conheci — falou Alec. Ele encontrou duas caixas e estava jogando ataduras em uma e jarros com pó na outra. — Ele saiu de um Portal de Idris. Era muito magro, tinha hematomas e uns olhos enormes. Era arrogante também. Ele e Isabelle costumavam brigar... — Ele sorriu com a lembrança. — Mas, para mim, tudo em torno dele dizia: “Me ame porque ninguém mais amou.” Estava nele todinho, como impressões digitais. — Ele estava preocupado em relação ao encontro com você — emendou Alec. — Não está acostumado a ter parentes vivos. Ele se importava com o que você ia pensar. Queria que você gostasse dele. — Ele olhou para trás, para Kit. — Tome, pegue uma caixa.

A cabeça de Kit estava girando. Ele pensou em Jace, fanfarrão, satisfeito e orgulhoso. Mas Alec falava de Jace como se o enxergasse como uma criança vulnerável, alguém que precisava de amor porque jamais o tivera.

— Mas eu não sou ninguém — falou ele, pegando a caixa cheia de ataduras. — Por que ele se importaria com o que eu penso? Eu não tenho importância. Sou um nada.

— Você tem importância para os Caçadores de Sombras — falou Alec. — Você é um Herondale. Isso nunca vai ser um nada.

Com Rafe nos braços, Cristina cantava baixinho. Ele era pequenino para cinco anos e seu descanso era agitado. Contorcia-se e suspirava no sono, os dedinhos marrons enroscados numa mecha do cabelo escuro. Ele a fazia se lembrar um pouco dos próprios primos pequenos, sempre querendo mais um abraço, mais um doce, mais uma cantiga antes de dormir.

Max, por outro lado, dormia feito uma pedra; uma pedra num tom azul-escuro, com grandes olhos azuis-escuros e adoráveis, e um sorriso cheio de janelinhas. Quando Cristina, Mark e Kieran desceram para encontrar Alec, Magnus e seus dois filhos na saleta do Instituto, Evelyn tinha estado lá, fazendo espalhafato sobre feiticeiros em sua casa e sobre o fato de ninguém desejar ser azul. Cristina torcia para que a maioria dos Caçadores de Sombras adultos não reagisse assim a Max — seria terrivelmente traumático para o pobrezinho.

Parecia que Alec e Magnus haviam voltado de uma viagem e encontraram os

recados de Diana pedindo ajuda. Eles vieram imediatamente via Portal para o Instituto de Londres. Ao ouvir sobre o feitiço de amarração de Mark e Cristina, Magnus fora até o Mercado das Sombras local para procurar um livro que ele tinha esperança de quebrar o feitiço.

Rafe e Max, ao serem deixados numa casa estranha com somente um dos pais, choraram.

— Durma — dissera Alec melancolicamente para Rafe, levando-o para um quarto vago. — *Adorno.*

Cristina deu uma risadinha.

— Isso significa “ornamento” — explicou ela. — Não “durma”.

Alec suspirou.

— Eu ainda estou aprendendo espanhol. É Magnus quem fala.

Cristina sorriu para Rafael, que estava fungando. Ela sempre cantava para os primos pequenos dormirem, assim como sua mãe fizera; talvez Rafe gostasse disso.

— *Ah, Rafaelito* — falou ela para ele, *ah, pequeno bebê Rafael.* — *Ya es hora de ir a dormir. ¿Te gustaría que te cante una canción?*

Ele assentiu vigorosamente.

— *¡Sí!*

Cristina passou algum tempo ensinando a Alec todos as canções de ninar que conhecia enquanto ele segurava Max e ela ficava sentada com Rafe. Não muito depois disso, Magnus voltara via Portal, e aí ocorrera um bocado de pancadas e colisões na biblioteca. Alec correria para lá, mas Cristina decidira ficar onde estava até ser chamada, porque os meios dos feiticeiros eram misteriosos, e seus namorados charmosos, também.

Além disso, era bom ter alguma coisa como uma criança inofensiva para distraí-la da ansiedade. Cristina tinha certeza — relativa certeza — de que o feitiço de amarração podia ser desfeito. Mas isso a incomodava do mesmo modo: e se não pudesse? Ela e Mark seriam infelizes para sempre, amarrados por uma ligação que eles não queriam. E aonde eles iriam? E se ele quisesse voltar para o Reino das Fadas? Ela não poderia ir com ele.

Pensamentos em Diego a incomodavam também: ela estava achando que ia voltar do Reino das Fadas e encontrar algum recado dele, mas não havia nada. Será que alguém era capaz de desaparecer assim da vida dela duas vezes?

Ela suspirou e se inclinou para afagar o cabelo de Rafe, cantando baixinho:

*Arrorró mi niño,  
arrorró mi sol,*

*arrorró pedazo  
de mi corazón.*

*Dorme, meu bebê  
dorme, meu sol,  
dorme, pedacinho  
do meu coração.*

Alec entrara enquanto ela estava cantando, sentando-se na cama ao lado de Max, que por sua vez estava reclinado contra a parede.

— Eu já ouvi essa canção. — Era Magnus, de pé à porta. Ele parecia cansado, seus olhos felinos semicerrados. — Não consigo me lembrar de quem estava cantando.

Ele se aproximou e se inclinou para pegar Rafe dela. Ergueu o menino e, por um momento, a cabeça de Rafe reclinou-se contra o pescoço dele. Cristina se perguntou se isso já havia acontecido alguma vez: um Caçador de Sombras com um feiticeiro como pai.

*Sol solecito, caliéntame un poquito  
Por hoy, por mañana, por toda la semana,*

Foi Magnus quem cantou. Cristina o fitou, surpresa. Ele tinha uma bela voz para cantar, embora ela não conhecesse a melodia. *Sol, solzinho, aqueça-me um pouquinho, hoje, amanhã, por toda a semana.*

— Está tudo bem, Magnus? — perguntou Alec.

— Sim, e Livvy está muito bem. Curando-se. Deve voltar ao normal amanhã. — Magnus girou os ombros para trás, alongando os músculos.

— Livvy? — Cristina se sentou ereta, alarmada. — O que aconteceu com Livvy?

Alec e Magnus se entreolharam.

— Você não contou a ela? — perguntou Magnus em voz baixa.

— Eu não queria assustar as crianças — falou Alec — e pensei que você poderia acalmá-la melhor...

Cristina se pôs de pé com esforço.

— Livvy está machucada? Mark sabe disso?

Magnus e Alec garantiram que Livvy estava bem e que sim, Mark sabia, mas Cristina já estava com metade do corpo para fora da porta.



Ela disparou pelo corredor em direção ao quarto de Mark. Seu pulso latejava e doía — ela o ignorara, mas agora ardia em função da preocupação dela. Será que Mark estava sentindo dor, transmitida pela conexão entre eles, do mesmo modo como os *parabatai* sentiam às vezes o sofrimento um do outro? Ou será que o feitiço de amarração estava ficando pior, mais intenso?

A porta do quarto dele estava semiaberta, e a luz jorrava de baixo dela. Cristina o encontrou acordado, deitado na cama. Ela sentia o recorte profundo da Marca de amarração como uma pulseira no pulso esquerdo dele.

— Cristina? — Ele se sentou. — Você está bem?

— Não sou eu quem se machucou — disse ela. — Alec e Magnus me contaram sobre Livvy.

Ele dobrou as pernas para que houvesse espaço para ela se sentar na colcha ao lado dele. A súbita redução da dor no pulso a deixou um pouco tonta.

Ele lhe contou o que Kit, Livvy e Ty fizeram; contou sobre o cristal que encontraram na Casa dos Blackthorn, sobre a visita ao Mercado das Sombras e como Livvy tinha se machucado.

— Não posso deixar de pensar — concluiu ele — que se Julian estivesse aqui, se ele não tivesse me deixado tomando conta, nada disso teria acontecido.

— Foi Julian que disse que eles podiam ir à Casa dos Blackthorn. E a maioria de nós já realizava missões aos 15 anos. Não é sua culpa se eles desobedeceram.

— Eu não disse a eles para não ir ao Mercado das Sombras — afirmou Mark, estremeando um pouco. Ele puxou a colcha de retalhos mais para os ombros, o que lhe deu o ar de um Arlequim triste.

— Você também não disse para eles não machucarem uns aos outros com facas porque eles sabem disso — falou ela acidamente. — O Mercado está fora dos limites. Proibido. No entanto... não seja muito duro com Kit. O Mercado das Sombras é o mundo que ele conhece.

— Eu não sei como cuidar deles — disse Mark. — Como eu digo a eles para obedecer às regras se nenhum de nós faz isso? Nós fomos ao Reino das Fadas, uma violação muito maior da Lei do que uma ida ao Mercado das Sombras.

— Talvez vocês todos devessem tomar conta uns dos outros — falou ela.

Ele sorriu.

— Você é terrivelmente sábia.

— Kieran está bem? — perguntou ela.

— Ainda acordado, acho — respondeu Mark. — Ele perambula pelo Instituto à noite. Não tem descansado direito desde que viemos para cá... excesso de ferro frio, creio. Excesso de cidade.

A gola da camiseta estava puída e frouxa. Cristina via onde começavam as cicatrizes nas costas dele, as marcas de ferimentos antigos, a lembrança das

facas. A colcha de retalhos tinha começado a escorregar pelo ombro. Quase sem querer, ela esticou o braço para puxá-la para cima.

Sua mão roçou o pescoço de Mark, a pele nua onde o pescoço tocava o algodão da camiseta. Sua pele estava quente. Ele se inclinou para ela e Cristina sentiu o cheiro dos pinheiros das florestas.

O rosto dele estava próximo a ponto de permitir que ela distinguisse as cores diferentes das íris dos olhos de Mark. O movimento da própria respiração parecia erguê-la na direção dele.

— Você pode dormir aqui hoje? — pediu ele com a voz rouca. — Vai doer menos. Para nós dois.

Os olhos inumanos reluziram por um momento e ela pensou no que Emma dissera, que, às vezes, quando olhava para ele, via imensidões, liberdade e as estradas infinitas do céu.

— Não posso — murmurou ela.

— Cristina. — Ele se ajoelhou. Lá fora, estava muito nublado para ter luar ou a luz das estrelas, mas Cristina ainda podia vê-lo, os cabelos claros emaranhados, os olhos fixos nela.

Ele estava perto demais, palpável demais. Cristina sabia que, se ele a tocasse, ela desmoronaria. Nem sabia ao certo o que isso significaria, só que a ideia de uma tal dissolução a assustava — e que ela enxergava Kieran sempre que olhava para Mark, como uma sombra ao lado dele.

Ela deslizou para fora da cama.

— Sinto muito, Mark — falou e saiu do quarto tão depressa que estava praticamente correndo.

— Annabel parece tão triste — disse Emma. — Muito triste.

Eles estavam deitados na cama do chalé, lado a lado. Muito mais confortável do que as camas do Instituto, o que era um pouco irônico, considerando que era a casa de Malcolm. Julian supunha que até os assassinos precisavam de colchões normais em vez de dormir em plataformas feitas de crânios.

— Ela queria que eu esquecesse o *Volume Preto* — falou Julian. Estava deitado de costas; os dois estavam. Emma usava o pijama de algodão que havia comprado na loja da aldeia, e Julian, calça de moletom e uma camiseta velha. Os ombros se tocavam, e os pés também; a cama não era muito grande. E isso não queria dizer que Julian teria se afastado, se pudesse. — Ela diz que causa coisas ruins.

— Mas você não acha que nós devemos fazer isso.

— Não acho que a gente tenha escolha. Provavelmente é melhor o livro

longe, na Corte Seelie, do que em qualquer outra parte no nosso mundo. — Ele suspirou. — Ela disse que tem conversado com as pixies na região. Vamos ter que mandar uma mensagem aos outros, ver se eles conhecem algum segredo para pegar pixies. Pegar uma delas e descobrir o que sabem.

— Está bem. — A voz de Emma estava diminuindo, os olhos se fechando. Julian sentiu o mesmo cansaço arrastando-o. Tinha sido um dia incrivelmente longo. — Você pode mandar a mensagem do meu celular, se quiser.

Julian não tinha conseguido carregar o telefone por falta do adaptador certo. Coisas nas quais os Caçadores de Sombras não pensavam.

— Eu não acho que a gente devia dizer aos outros que Annabel veio — falou Julian. — Não ainda. Eles vão perder a cabeça, e primeiro eu quero ver o que as pixies dizem.

— Ao menos você tem que contar que o Rei Unseelie ajudou Malcolm a pegar o *Volume Preto* — falou Emma, sonolenta.

— Vou lhes dizer que ele escreveu sobre isso nos diários — afirmou Julian.

Ele esperou para ver se Emma faria alguma objeção à mentira, mas ela já estava dormindo. E Julian estava quase. Emma estava aqui, deitada ao lado dele, do jeito que as coisas deveriam ser. Julian percebeu como tinha dormido mal nas últimas semanas sem ela.

Julian não tinha certeza por quanto tempo havia cochilado ou mesmo se chegara a cochilar. Quando ele abriu os olhos, viu o brilho escuro do fogo na lareira, quase brasas queimadas. E sentiu Emma ao seu lado, com o braço jogado sobre o peito dele.

Julian congelou. Emma devia ter se mexido durante o sono. Estava aninhada nele. Ele sentia os cílios dela, a respiração baixinha contra sua pele.

Emma murmurou e virou a cabeça contra o pescoço dele. Antes de se deitarem na cama, Julian estava morrendo de medo de tocar nela e de voltar a sentir o mesmo desejo esmagador que ele sentira na Corte Seelie.

O que ele sentia agora era, ao mesmo tempo, melhor e pior. Era uma ternura avassaladora e terrível. Embora Emma tivesse uma presença que a fazia parecer alta e até imponente quando estava acordada, agora, dormindo aninhada a ele, estava pequenina e delicada o suficiente para fazer o coração de Julian se revirar sob a ideia de como evitar que o mundo quebrasse algo tão frágil.

Julian queria abraçá-la para sempre, protegê-la e mantê-la por perto. Queria ser capaz de escrever tão livremente sobre seus sentimentos por ela quanto Malcolm tinha escrito sobre o início de seu amor por Annabel. *Você desmontou minha vida e a montou novamente.*

Emma suspirou baixinho, ajeitando-se no colchão. Julian queria traçar o esboço daquela boca delicada, desenhá-la — seus lábios sempre estavam

diferentes, o formato de coração mudava com suas expressões, mas esta expressão, entre sono e vigília, meio inocente e meio consciente, se agarrava à alma dele de um jeito novo.

As palavras de Malcolm ecoaram na mente dele. *Como se você tivesse descoberto que uma praia que visitou pela vida inteira não é feita de areia, mas de diamantes, e eles cegam você com sua beleza.*

Diamantes podiam ser ofuscantes em sua beleza, mas também eram as pedras mais duras e afiadas do universo. Podiam cortar ou triturar, esmagar e fatiar você. Malcolm, enlouquecido de amor, não tinha pensado nisso. Mas Julian não conseguia pensar em outra coisa.

Kit acordou com a porta do quarto de Livvy sendo batida. Ele se sentou, notando que estava todo dolorido, assim que Ty saiu do quarto da irmã.

— Você está no chão — falou Ty, olhando para ele.

Kit não podia negar. Ele e Alec tinham vindo para o quarto de Livvy assim que terminaram na enfermaria. Então Alec saía para olhar as crianças e restara apenas Magnus, sentado em silêncio com Livvy, ocasionalmente examinando-a para ver se ela estava se curando. E Ty, reclinado na parede, fitando a irmã sem piscar. Parecia um quarto de hospital ao qual Kit não devia ter acesso.

Então ele saía, lembrando-se de como Ty dormira diante do próprio quarto nos primeiros dias em Los Angeles, e se aninhou no soalho acarpetado e gasto, sem esperança de dormir muito. Ele nem mesmo se lembrava de ter dormido, mas deve ter feito isso.

Kit se esforçou para sentar.

— Espere...

Mas Ty já estava se afastando pelo corredor, como se não tivesse ouvido Kit, no fim das contas. Depois de um instante, Kit ficou de pé, todo desajeitado, e acompanhou o garoto.

Não sabia ao certo por quê. Ele mal conhecia Tiberius Blackthorn, pensou, enquanto Ty virava quase cegamente e subia um lance de degraus. Ele também mal conhecia a irmã do menino. E eles eram Caçadores de Sombras. E Ty queria formar um tipo de equipe de detetives com ele, o que era uma ideia ridícula. Sem dúvida, uma ideia na qual ele não estava nem um pouco interessado, disse Kit a si quando a escada deu num pequeno patamar diante de uma velha porta de aparência gasta.

Provavelmente fazia frio lá fora também, pensou ele quando Ty empurrou a porta para abrir e, sim, o ar frio e úmido entrou num torvelinho. Ty desapareceu no frio e nas sombras do lado de fora, e Kit o seguiu.

Eles estavam de volta ao telhado, embora não fosse noite mais, para surpresa de Kit; era de manhã bem cedo — cinza e pesado, com nuvens se acumulando acima do Tâmis e da cúpula da Catedral de São Paulo. O barulho da cidade se elevava, a pressão de milhões de pessoas resolvendo os problemas cotidianos, sem se importar com os Caçadores de Sombras, sem se importar com a magia e o perigo. Sem se importar com Ty, que tinha ido até a balaustrada que cercava a parte central do telhado, admirando a cidade, com as mãos agarrando com força a flor-de-lis de ferro.

— Ty. — Kit foi até ele, e Tiberius se virou, de modo que suas costas ficaram contra a balaustrada. Seus ombros estavam rígidos, e Kit parou, sem querer invadir o espaço pessoal do outro. — Está tudo bem?

Ty balançou a cabeça.

— Frio — falou ele. Seus dentes rangiam. — Estou com frio.

— Então talvez a gente devesse voltar lá para baixo — falou Kit. — Dentro de casa está mais quente.

— Eu não posso. — A voz de Ty soou como se viesse de um longo caminho bem do fundo dele, um eco abafado. — Ficar naquele quarto, eu não podia... era...

Ele balançou a cabeça, frustrado, como se fosse incapaz de encontrar as palavras para o que o estava torturando.

— Livvy vai ficar bem — disse Kit. — Amanhã ela já vai estar bem. Magnus falou.

— Mas foi minha culpa. — Ty pressionava as costas com mais força contra a balaustrada, mas ela não o estava segurando. Ele deslizou até sentar no chão, puxando os joelhos para o peito. Estava ofegante e se balançava para a frente e para trás, com as mãos próximas do rosto, como se estivesse prestes a esfregar teias de aranha ou insetos irritantes. — Se eu fosse *parabatai* dela... eu queria ir para a Scholomance, mas isso não importa; Livvy é que importa...

— Não foi culpa sua — falou Kit. Ty apenas balançou a cabeça, com veemência. Kit tentava freneticamente se lembrar do que havia lido on-line sobre colapsos, pois tinha certeza de que Ty estava prestes a ter um. Ele se ajoelhou no telhado úmido; devia ou não tocar em Ty?

Kit só conseguia imaginar como eram as coisas para Ty o tempo todo: o mundo todo precipitando-se para ele de uma vez, sons estrondosos e luzes penetrantes, e ninguém que se lembrasse de modular a voz. E todos os meios pelos quais você normalmente lidava com isso tirados de você por tristeza ou medo, deixando-o exposto como um Caçador de Sombras indo para o combate sem uniforme.

Ele se lembrou de uma coisa sobre escuridão, sobre pressão, cobertores

pesados e silêncio. Embora não tivesse ideia de como ia conseguir essas coisas no topo de um edifício.

— Diga-me — falou Kit. *Diga-me do que você precisa.*

— Ponha seus braços ao meu redor — falou Ty. Suas mãos eram borrões pálidos no ar, como se Kit estivesse olhando para uma foto em time-lapse. — Me abrace.

Ele ainda estava se balançando. Depois de um instante, Kit pôs os braços ao redor de Ty, sem saber direito o que mais poderia fazer.

Era como segurar uma flecha lançada: Ty parecia quente e afiado em seus braços, e ele vibrava com alguma emoção estranha. Depois do que pareceu um longo tempo, o garoto relaxou ligeiramente. Suas mãos tocaram Kit, o movimento delas desacelerando, os dedos se enroscando no suéter dele.

— Mais forte — pediu Ty. Ele se agarrava aos braços de Kit como se este fosse um bote salva-vidas, sua testa se enterrando dolorosamente no ombro do outro. Parecia desesperado. — Eu preciso sentir.

Kit nunca tinha gostado de abraçar casualmente e, que ele lembrasse, ninguém lhe pedira para ser consolado. Ele não era o tipo de pessoa que sabia confortar. Sempre acreditara nisso. E ele mal conhecia Ty.

Mas e daí, Ty não fazia as coisas sem motivo, mesmo se pessoas cujas mentes se conectavam de outra forma não conseguissem enxergar suas razões imediatamente. Kit se lembrou do modo como Livvy esfregou as mãos de Ty com força quando ele estava estressado e pensou: *A pressão é uma sensação; a sensação deve lhe dar um chão. Acalmar.* Isso fazia sentido. Então Kit se flagrou abraçando Ty com mais força até o menino relaxar sob o aperto de suas mãos; abraçando-o com mais força do que jamais ele abraçara alguém, segurando-o como se eles estivessem perdidos no mar do céu e somente aquele abraço fosse capaz de mantê-los flutuando acima dos restos de Londres.

## 20

### Cada Vez Mais

Diana sentou-se no pequeno cômodo acima da loja de armas e folheou a pasta que Jia lhe dera.

Desde a Guerra Maligna, ela não se sentava neste cômodo, mas ele era confortável e familiar — a colcha que sua avó tinha feito, dobrada aos pés da cama; na parede, as primeiras adagas de madeira (todas sem fio), que seu pai lhe dera para treinar; o xale da mãe, nas costas de uma cadeira. Ela usava um pijama de cetim vermelho-escuro que encontrara num baú velho e achou graça por se sentir tão bem-vestida.

A graça se perdeu rapidamente, porém, ao examinar o interior da pasta de cor creme. Primeiro, via-se a história de Zara, de como ela havia matado Malcolm, e que fora assinada por Samantha e Dane como testemunhas. Não que Diana teria acreditado se Samantha ou o irmão lhe tivessem dito que o céu era azul.

Zara alegava que os Centuriões tinham perseguido Malcolm da primeira vez que ele atacara, e que, na noite seguinte, ela havia patrulhado sem medo os arredores do Instituto até encontrá-lo de tocaia nas sombras e superá-lo na luta com espada. Ela alegou que o corpo dele desaparecera.

Difícilmente, Malcolm era do tipo que ficava-de-tocaia-nas-sombras e, pelo que Diana vira da noite em que ele retornara, sua magia ainda estava funcionando. Ele nunca enfrentaria Zara com uma lâmina se pudesse explodi-la com fogo.

Mas nada disso era prova irrefutável de que ela estava mentindo. Diana franziu a testa ao virar as páginas e então se sentou ereta. Havia mais aqui do que apenas o relatório sobre a morte de Malcolm. Eram páginas e páginas sobre Zara. Dezenas de relatórios sobre seus feitos. Tudo reunido era um pacote impressionante. E, ainda assim...

Conforme Diana lia e fazia anotações cuidadosas, um padrão começava a emergir. Todos os sucessos de Zara, todos os triunfos, ocorreram em locais sem ninguém por perto para testemunhar, a não ser seu círculo íntimo: Samantha, Dane ou Manuel. Frequentemente outras pessoas chegavam a tempo de ver o ninho do demônio vazio ou a evidência de um combate, mas não passava disso.

Não havia informações de Zara sendo ferida ou machucada em qualquer combate. Diana pensou nas cicatrizes que recebera durante a vida como Caçadora de Sombras e franziu mais a testa. E mais ainda quando chegou ao relatório de Marisol Garza Solcedo, de um ano atrás. Marisol afirmava ter salvado um grupo de mundanos de um ataque de demônio Druj em Portugal. Ela levou um soco e ficou inconsciente. Ao acordar, falou, estavam comemorando a destruição do Druj por Zara.

O relatório havia sido enviado juntamente a uma declaração assinada por Zara, Jessica, Samantha, Dane e Manuel, afirmando que Marisol estava imaginando coisas. Zara, disseram, havia matado o Druj depois de uma luta violenta; mais uma vez, Zara não tinha ferimentos.

*Ela leva crédito pelo que outras pessoas fazem*, pensou Diana. A janela balançou, provavelmente era o vento. *Eu tenho que ir dormir*, pensou ela. O relógio no Gard, novo desde a Guerra Maligna, badalara as primeiras horas da madrugada havia algum tempo. Mas ela continuara lendo, fascinada. Zara chegava depois, esperava a batalha acabar e anunciava a vitória como sua. Com o grupo dela para confirmar, a Clave acreditava no que ela dizia.

Mas se pudesse ser provado que ela não tinha matado Malcolm — de algum modo, isso mantinha Julian e os outros protegidos —, então talvez a Tropa caísse em desgraça. Sem dúvida, a oferta dos Dearborn para tomar o Instituto de Los Angeles fracassaria...

A janela chacoalhou de novo. Ela ergueu o olhar e viu Gwyn do outro lado do vidro.

Ficou de pé com um grito de surpresa e fez os papéis voarem. *Controle-se*, falou para si. Não existia meio de o líder da Caçada Selvagem estar realmente do lado de fora da janela.

Ela piscou e olhou outra vez. Ele ainda estava lá e, conforme ela se aproximava da janela, notava que ele pairava no ar, pouco abaixo do parapeito, sobre as costas de um imenso cavalo cinza. Vestia couro marrom-escuro, no entanto seu capacete com chifre de cervo não era visível em parte alguma. Sua expressão era séria e curiosa.

Ele gesticulou para que ela abrisse a janela. Diana hesitou, então esticou o braço para soltar o trinco e levantou o caixilho. Não precisava deixá-lo entrar, concluiu. Eles poderiam simplesmente conversar pela janela.



O ar frio precipitou-se para dentro do quarto dela, bem como o cheiro de pinheiro e do ar da manhã. Os olhos bicolores estavam fixos nela.

— Milady — falou. — Eu tinha esperança de que me acompanhasse num passeio.

Diana enfiou um cacho de cabelo atrás da orelha.

— Por quê?

— Pelo prazer da sua companhia — retrucou Gwyn. Ele a espiou. — Vejo que está ricamente vestida em seda. Esperava outro convidado?

Ela balançou a cabeça, divertida. Bem, o pijama *era mesmo* bonito.

— Você está linda — disse ele. — Tenho sorte.

Diana imaginava que ele não estivesse mentindo. Gwyn *não conseguia* mentir.

— Você não podia ter marcado este encontro com antecedência? — perguntou Diana. — Mandado um recado, talvez?

Gwyn pareceu confuso. Tinha longos cílios e um queixo quadrado — um rosto agradável. Um rosto belo. Diana com frequência tentava não pensar nessas coisas, pois só lhe traziam problemas, mas agora ela não conseguia evitar.

— Eu só descobri que você estava aqui em Idris esta madrugada — falou ele.

— Mas você não pode ficar aqui! — Diana ergueu e baixou o olhar pela vazia Flintlock Street. Se alguém o visse...

Gwyn sorriu ao ouvir aquilo.

— Desde que os cascos do meu cavalo não pisem o chão de Alicante, o alarme não será soado.

Ainda assim, ela sentia uma bolha de tensão no peito. Ele a estava convidando para um encontro — Diana não podia fingir que era outra coisa. E, embora quisesse ir, o medo... aquele velho medo que caminhava de mãos dadas com a desconfiança e a dor... a impedia.

Ele esticou uma das mãos.

— Venha comigo. O céu está à espera.

Diana o encarou. Gwyn não era jovem, mas também não parecia velho. Parecia eternamente jovem, assim como as fadas pareciam às vezes, e, embora fosse sólido e introspectivo, ele trazia consigo a promessa de ar e céu. *Quando você vai ter uma chance de cavalgar um cavalo fada?* Diana se perguntou. *Quando mais você vai ter a chance de voar?*

— Você vai arrumar uma tremenda encrenca — murmurou —, se eles o descobrirem aqui.

Ele deu de ombros, ainda ofertando a mão a ela.

— Então é melhor vir depressa.

Ela começou a subir pela janela.

O café da manhã estava atrasado. Kit deu um jeito de dormir umas poucas horas e de tomar um banho antes de se arrastar até a sala de jantar e encontrar todos os outros já sentados.

Bem, todos, menos Evelyn. Bridget servia o chá, com a cara fechada de sempre. Alec e Magnus, cada um com um dos filhos no colo, os apresentaram a Kit: Max era o feiticeiro azul e pequeno que estava derramando molho marrom na camisa de marca de Magnus, e Rafe era o menino de olhos castanhos que estava esmigalhando a torrada.

Kieran não estava por ali, o que não era incomum nas refeições. Mark estava sentado ao lado de Cristina, que bebia o café em silêncio. Ela estava arrumada e contida como sempre, apesar da marca vermelha no pulso. Cristina era um mistério interessante, pensou Kit. Como ele, não era uma Blackthorn, mas estava irremediavelmente ligada a eles.

E então havia Livvy e Ty, que estava com os fones de ouvido. Livvy parecia cansada, mas totalmente saudável. Somente as leves olheiras de Ty demonstravam a Kit que ele não tinha sonhado com tudo que acontecera na noite anterior.

— O que nós encontramos na Casa dos Blackthorn era um cristal de *alétheia* — estava dizendo Ty quando Kit se sentou. — No passado, os cristais eram usados pela Clave para guardar evidências. Evidências das lembranças.

Ouviu-se um murmúrio de vocês curiosas. A voz de Cristina se elevou acima das outras — era um talento impressionante se fazer ouvir sem sequer gritar.

— Lembranças de quê?

— De um tipo de julgamento — falou Livvy. — Em Idris, com o Inquisidor lá. Muitas famílias conhecidas: Herondale, Blackthorn, claro, Dearborn.

— Algum Lightwood?

— Um ou dois talvez fossem. — Livvy franziu a testa.

— Os Herondale sempre foram famosos pela boa aparência — comentou Bridget —, mas, se me perguntarem, os Lightwood são os mais sexualmente carismáticos de todos.

Alec cuspiu o chá. Magnus pareceu manter uma expressão séria, mas com esforço.

— Eu deveria examinar as lembranças — afirmou Magnus. — Ver se reconheço alguém daquela época.

— Se Annabel tem raiva dos Caçadores de Sombras — falou Livvy —, acho que ela tem uma boa razão para isso.

— Muita gente tem uma boa razão para ter raiva dos Nephilim — Acrescentou Mark. — Malcolm tinha também. Mas aqueles que a machucaram estão mortos e os descendentes deles não têm culpa. Esse é o problema da

vingança: você acaba destruindo os inocentes junto com os culpados.

— Mas ela sabe disso? — Ty franziu a sobancelha. — Nós não conseguimos entendê-la. Não sabemos o que ela pensa ou sente.

Ele parecia ansioso, as olheiras mais pronunciadas agora. Kit queria cruzar a mesa e pôr os braços ao redor de Ty do mesmo jeito que havia feito na noite anterior, no telhado. Seu senso de proteção em relação ao menino estava muito intenso, de um jeito estranho e irritante. Antes ele costumava se importar com as pessoas, sobretudo com seu pai, mas nunca tinha querido protegê-las.

Ele queria matar qualquer um que tentasse machucar Ty. Era um sentimento muito peculiar.

— Todos deveriam ver as cenas no cristal — anunciou Magnus. — Nesse meio-tempo, Alec e eu temos algumas novidades.

— Vocês vão se casar — falou Livvy, com um sorriso. — Eu adoro casamentos.

— Não, ainda não vamos nos casar nesse minuto — falou Alec. Kit se perguntava por que não; era evidente que eles eram um casal comprometido. Mas isso não era da conta dele, na verdade.

— Evelyn nos deixou — falou Magnus. Por alguma razão, ele conseguiu manter o sangue-frio, apesar de estar com o bebê choramingando em seu colo. — De acordo com Jia, o Instituto está temporariamente sob a responsabilidade de Alec.

— Há anos eles tentam me empurrar um Instituto em algum lugar — falou Alec. — Jia deve estar emocionada.

— Evelyn nos deixou? — Os olhos de Dru estavam arregalados. — Você quer dizer que ela morreu?

Magnus começou a tossir.

— Claro que não. Na verdade, ela foi visitar a tia-avó Marjorie, no interior.

— Isso é tipo quando o cão da família morre e eles dizem que ele está morando numa fazenda agora? — perguntou Kit, curioso.

Foi a vez de Alec engasgar. Kit desconfiou fortemente que ele estava rindo e tentando não demonstrar.

— De modo algum — falou Magnus. — Ela simplesmente concluiu que preferia ficar longe da agitação.

— Ela está com Marjorie — confirmou Mark. — Recebi uma mensagem de fogo sobre isso, de manhã. Ela deixou Bridget, obviamente, para ajudar com a casa.

Kit pensou no modo como Evelyn reagira à presença de fadas no Instituto. Ele podia imaginar como ela se sentira em relação aos dois feiticeiros acrescentados à situação. Provavelmente tinha deixado marcas de pneu ao sair

correndo do lugar.

— Isso quer dizer que não temos que comer nosso mingau? — perguntou Tavvy, fitando a comida acinzentada com nojo.

Magnus sorriu.

— Na verdade...

Ele estalou os dedos e uma sacola da Primrose Bakery apareceu no meio da mesa. Ela tombou e deixou cair muffins, croissants e bolos com glacê.

Ouviu-se um grande grito de felicidade e todos atacaram os bolos. Uma pequena guerra por cookies de chocolate foi vencida por Ty, que os dividiu com Livvy.

Max engatinhou sobre a mesa, esticando a mão para pegar um muffin. Magnus se apoiou nos cotovelos; os olhos felinos atentos.

— E depois do café da manhã — falou ele —, talvez nós possamos ir à biblioteca e conversar sobre o que sabemos a respeito da presente situação.

Todos assentiram; apenas Mark o fitou com olhos ligeiramente semicerrados. Kit entendeu: Magnus se livrara de Evelyn por causa deles, trouxera o café da manhã e os deixara de bom humor. Agora ia ver o que eles sabiam. Um vigarista que não fazia rodeios.

Olhando para os rostos animados ao redor da mesa, por um momento Kit odiou o próprio pai, por destruir sua habilidade de acreditar que alguém poderia estar disposto a dar qualquer coisa a troco de nada.

Kieran achou bizarra e de pouco interesse toda a história de comer o jantar e o café da manhã em grupo. Mark ficava trazendo as refeições tão simples quanto as que Bridget conseguia preparar: carne, arroz e pão, frutas e vegetais crus.

Mas Kieran apenas beliscava. Quando Mark entrou no quarto dele após o café da manhã, o príncipe fada olhava a cidade pela janela com um nojo fatigado. Seus cabelos tinham clareado para branco-azulado, enrolando ao redor das orelhas e têmporas como a rebentação quebrando na beira da água.

— Ouça isto — falou Kieran. Ele tinha um livro aberto em seu colo.

*A terra das Fadas,  
Onde ninguém fica velho, reverente e sisudo,  
Onde ninguém fica velho, ladino e sábio,  
Onde ninguém fica velho, nem amargo.*

Ele ergueu o olhar para Mark com olhos luminosos.

— Isso é ridículo.

— Isso é Yeats — falou Mark, lhe entregando algumas framboesas. — Era um poeta mundano muito famoso.

— Ele não sabia nada sobre fadas. Ninguém fica amargo? Rá! — Kieran engoliu as framboesas e desceu do parapeito da janela. — Para onde vamos agora?

— Eu estava indo para a biblioteca — falou Mark. — Tem uma espécie de... reunião... sobre o que vamos fazer a seguir.

— Então eu gostaria de ir — falou Kieran.

A mente de Mark acelerou. Será que havia alguma razão pela qual Kieran não deveria ir? Até onde Magnus e Alec sabiam, o relacionamento com Kieran era o que ele dissesse que era. Não que fosse bom para Kieran, nem para o relacionamento tenso entre eles, que o príncipe passasse o tempo todo no quartinho apertado, odiando os mais inventivos poetas irlandeses.

— Bem — falou Mark. — Se você tem certeza.

Quando eles entraram na biblioteca, Magnus examinava o cristal de *alétheia* enquanto os outros tentavam lhe pôr a par de tudo o que acontecera antes de sua chegada. O feiticeiro estava deitado em uma das mesas e erguia o cristal delicadamente.

Cristina, Ty, Livvy e Dru estavam sentados em volta da mesa comprida da biblioteca. Alec sentava-se no chão do cômodo com três crianças amontoadas em volta: os dois filhos e Tavvy, que estava encantado por ter alguém com quem brincar. O menino de sete anos explicava a Max e Rafe como tinha feito aldeias e cidades grandes com livros, e mostrava como dava para fazer túneis para os trens passarem usando livros abertos.

Magnus fez um gesto para Mark vir olhar no cristal de *alétheia*, que brilhava com uma luz estranha. Os sons no cômodo ao redor diminuía conforme Mark observava o julgamento, vendo Annabel implorar e protestar, e acompanhava os Blackthorn amaldiçoando-a ao seu destino.

Quando finalmente desviou o olhar, ele se sentiu congelar por inteiro. Precisou de alguns minutos para que a biblioteca entrasse em foco outra vez. Para a surpresa de Mark, Kieran havia pegado Max e agora o segurava no ar, evidentemente encantado com a pele azul e os brotos de chifres.

Max enfiou a mão nos cabelos ondulados de Kieran e puxou. O príncipe fada apenas riu.

— Muito bem, ele muda de cor, seu feiticeirozinho com cara de nixie — falou ele. — Olhe. — E o cabelo passou de preto-azulado para um tom vivo de azul num instante. Max deu uma risadinha.

— Eu não sabia que você podia fazer isso quando quisesse — falou Mark, que sempre tinha imaginado que os cabelos de Kieran eram um reflexo de seu

humor, incontroláveis como as marés.

— Você não sabe um monte de coisas a meu respeito, Mark Blackthorn — falou Kieran, pondo Max no chão.

Alec e Magnus trocaram um olhar ao ver a cena, o tipo de olhar que fazia Mark se sentir como se eles tivessem chegado a um consenso silencioso sobre o relacionamento dele com Kieran.

— Então — falou Magnus, olhando para Kieran com algum interesse. — Você é o filho do Rei Unseelie?

Kieran tinha assumido a expressão que Mark pensava ser o ar da Corte, inexpressivo e superior como cabia a um príncipe.

— E você é o feiticeiro Magnus Bane.

— O próprio — retrucou Magnus. — Mas foi fácil de adivinhar, porque só tem um de mim e cinquenta de você.

Ty pareceu confuso.

— Cinquenta filhos do Rei Unseelie — explicou Livvy. — Acho que foi uma piada.

— Não foi das melhores — falou Magnus para Kieran. — Eu peço desculpas... não sou um grande fã do seu pai.

— Meu pai não tem fãs. — Kieran se inclinou na beirada da mesa. — Ele tem súditos. E inimigos.

— E filhos.

— Os filhos são seus inimigos — falou Kieran, sem modular a voz.

Magnus o encarou com um lampejo de interesse extra.

— Muito bem — falou ele, sentando direito. — Diana explicou parte disso para nós, mas é mais complicado do que eu pensava. Annabel Blackthorn, que voltou dos mortos por causa de Malcolm, que também meio que estava morto antes, mas que agora está definitivamente morto, está com o *Volume Preto*. E a Rainha Seelie o quer, não é?

— Ela quer — afirmou Mark. — Ela foi bem clara em relação a isso.

— E ela fez um acordo com vocês — acrescentou Alec, do chão. — Ela sempre faz acordos.

— Se nós lhe dermos o *Volume Preto*, ela vai usá-lo contra o Rei Unseelie — falou Mark e hesitou. VOCÊ PODE CONFIAR EM MAGNUS E ALEC, Julian tinha escrito mais cedo. CONTE TUDO A ELES. — Ela jurou não o usar para nos machucar. Na verdade, prometeu ajudar. Fez de Kieran seu mensageiro. Ele vai testemunhar diante do Conselho sobre os planos do Rei Unseelie de fazer uma guerra em Alicante. Assim que a Rainha tiver o *Volume Preto*, ela autorizará soldados Seelie a lutarem ao lado dos Caçadores de Sombras contra o Rei, mas, se quiser a ajuda dela, a Clave terá que acabar com todas as leis que proíbem a cooperação

com fadas.

— Coisa que a Clave vai querer — falou Magnus. — Seria muito mais fácil travar uma guerra contra o Reino das Fadas com as fadas do nosso lado.

Mark fez que sim com a cabeça.

— Temos esperança de não apenas derrotar o Rei, mas também de esmagar a Tropa e pôr um fim à Paz Fria.

— Ah, a Tropa — falou Magnus, trocando um olhar com Alec. — Nós os conhecemos bem. Horace Dearborn e sua filha, Zara.

— Horace? — Mark estava confuso.

— Infelizmente — falou Magnus —, é o nome dele. Por isso, a vida de maldades.

— Não que os Dearborn sejam todos da Tropa — falou Alec. — Tem um monte de preconceituosos na Clave, felizes em se reunir debaixo do guarda-chuva para expulsar os seres do Submundo e conceder a antiga glória da Clave.

— Glória? — Kieran ergueu uma sobrancelha. — Eles estão falando da época em que matavam livremente os seres do Submundo? Quando nosso sangue corria nas ruas e as casas estavam cheias de espólios de sua guerra unilateral?

— Sim — concordou Magnus —, mas eles não a despreveriam desse jeito.

— Liderando a Aliança, nós ouvimos falar bem mais da Tropa — emendou Alec. — Os esforços para limitar o uso da magia dos feiticeiros, para centralizar o fornecimento de sangue para os vampiros, a fim de que a Clave possa monitorá-los... essas coisas não passaram despercebidas.

— Não se deve permitir que ponham as mãos num Instituto — falou Magnus. — Isso poderia ser desastroso. — Ele suspirou e passou as pernas pela borda da mesa. — Entendo que devamos entregar o *Volume Preto* à Rainha. Mas não gosto disso, sobretudo porque ele parece duplamente importante aqui.

— Você se refere ao fato de Annabel e Malcolm o terem roubado do Instituto da Cornualha — disse Ty. — E então de Malcolm tê-lo roubado, outra vez, do Instituto de Los Angeles.

— Da primeira vez, eles iam negociá-lo com alguém que eles imaginavam poder protegê-los da Clave — falou Livvy. — Da segunda vez, foi com a ajuda do Rei Unseelie. Pelo menos, de acordo com Emma e Jules.

— E como foi que eles descobriram isso? — perguntou Magnus.

— Estava em um dos livros que encontraram — respondeu Cristina. — Um diário. Isso explica por que nós encontramos uma luva da Corte Unseelie nas ruínas da casa de Malcolm. Ele deve ter se encontrado com o Rei ou um de seus filhos ali.

— Que coisa esquisita para se escrever num diário — resmungou Magnus. —

Planos traidores com o Rei Unseelie em andamento hoje, olha só.

— Mais estranho foi Malcolm ter desaparecido da Cidade do Silêncio depois do primeiro roubo — acrescentou Mark — e deixado Annabel levar a culpa e a punição.

— Por que foi estranho? — questionou Livvy. — Ele era uma pessoa horrível.

— Mas ele amava Annabel — falou Cristina. — Tudo o que ele fez: os crimes, os assassinatos, todas as escolhas dele foram feitas por amor a ela. E, quando ele descobriu que ela não tinha se tornado Irmã de Ferro, e sim assassinada por sua família, ele foi até o Rei das Fadas e pediu ajuda para trazê-la de volta. Não se lembram?

Mark se lembrava, a história no livro antigo que Tavvy encontrara e que, no fim das contas, era verdade.

— O que explica por que Malcolm invadiu o Instituto de Los Angeles para pegar o livro, há cinco anos — falou ele. — Para trazer Annabel de volta. Mas para que ele realmente o quieria duzentos anos antes? Com quem ele estava planejando trocá-lo? A maioria dos necromantes não poderia ajudá-lo com proteção. E, se fosse um feiticeiro, deveria ter sido um mais forte do que o próprio Malcolm.

— O poderoso aliado de Fade — falou Ty, citando a cena do cristal.

— Nós não achamos que poderia ter sido o Rei Unseelie? — perguntou Livvy. — Nas duas vezes?

— O Rei Unseelie não odiava os Caçadores de Sombras em 1812 — falou Magnus. — Pelo menos, não tanto assim.

— E Malcolm disse a Emma que, quando ele foi até o Rei Unseelie, após descobrir que Annabel não estava morta, pensou que o Rei o mataria, pois não gostava de feiticeiros — disse Cristina. — Ele não teria motivos para não gostar de feiticeiros se já tivesse trabalhado com Malcolm antes, teria?

Magnus ficou de pé.

— Muito bem, já chega de adivinhação — falou ele. — Nós temos duas tarefas para hoje. Primeiro, não devemos perder de vista o feitiço de amarração sobre Mark e Cristina. É mais do que um mero aborrecimento; é um perigo para ambos.

Mark não conseguiu evitar uma olhadela para Cristina. Ela estava fitando a mesa, e não a ele. Ele se lembrou da noite anterior, do calor do corpo dela ao lado dele na cama, da sua respiração ao seu ouvido.

Mark voltou à realidade com um susto, ao notar que estavam discutindo aonde iam para obter os ingredientes para um feitiço antiamarração.

— Depois do que aconteceu no Mercado das Sombras ontem — acrescentou



Magnus — nenhum de nós será bem-vindo lá outra vez. No entanto, tem uma loja aqui em Londres que vende o que eu preciso. Se eu der o endereço, será que Kit, Ty e Livvy serão capazes de encontrá-la?

Livvy e Ty concordaram com uma comemoração, nitidamente empolgados por ter uma missão. Kit estava mais quieto, mas deu um sorrisinho. Por alguma razão, o mais jovem dos Herondale havia se tornado tão ligado aos gêmeos que até Magnus pensava neles como uma equipe.

— Você realmente acha prudente eles irem? — interrompeu Mark. — Depois do que aconteceu ontem, com eles se esgueirando até o Mercado das Sombras e quase matando Livvy?

— Mas Mark... — protestou Ty.

— Bem — falou Magnus —, você e Cristina deveriam ficar no Instituto. Feitiços de amarração são perigosos e vocês não deveriam ficar muito longe um do outro. Alec é o diretor do Instituto; ele deveria ficar aqui e, de qualquer forma... o proprietário da loja tem um certo, digamos assim, histórico comigo. É melhor eu não ir.

— Eu poderia ir — disse Dru, baixinho.

— Não sozinha, Dru — acrescentou Mark. — E estes três — ele indicou Kit, Ty e Livvy — vão meter você em encrenca.

— Eu posso botar um feitiço de rastreamento em um deles — falou Magnus. — Se eles perambularem para fora do caminho que devem seguir, ele fará um terrível barulho que os mundanos podem ouvir.

— Encantador — falou Mark ao mesmo tempo que os gêmeos protestaram. Kit não disse nada; ele raramente reclamava. Mark desconfiava que ele estava tramando silenciosamente para se vingar, possivelmente de todo mundo que já encontrara na vida.

Magnus examinou um grande anel azul em seu dedo.

— Vamos pesquisar na biblioteca. Mais sobre a história do *Volume Preto*. Nós não sabemos quem o criou, mas talvez consigamos descobrir seus proprietários anteriores, para que ele era usado, qualquer coisa que possa apontar para quem Malcolm estava trabalhando em 1812.

— E lembre-se da coisa com a qual Julian e Emma pediram nossa ajuda — falou Cristina, dando um tapinha no celular em seu bolso. — Deve levar uns minutos para procurar...

Mark não conseguia evitar olhar para ela. Ela estava enfiando o cabelo preto atrás das orelhas e, assim que fez o gesto, a manga do suéter escorregou e ele viu a marca vermelha no pulso. Queria ir até ela, beijar a marca e passar toda a dor dela para si mesmo.

Ele desviou o olhar, mas não antes de ver Kieran de soslaio. Ty, Livvy e Kit

estavam saindo das cadeiras, conversando animadamente, ansiosos por sair em sua jornada. Dru estava sentada, os braços cruzados. E Magnus olhava entre Cristina, Mark e Kieran pensativamente, seus olhos felinos lentos e reflexivos.

— Nós não deveríamos precisar procurar de modo algum — falou Magnus. — Temos uma fonte primária bem aqui. Kieran, o que você sabe sobre capturar pixies?

Emma acordou tarde naquela manhã, cercada pelo calor. A luz entrava pelas janelas desprovidas de cortinas e formava desenhos nas paredes, como ondas dançantes. Através da janela, ela viu lampejos azuis do céu e da água: uma visão de feriado.

Ela bocejou, se espreguiçou — e ficou parada ao perceber por que estava tão aquecida. De algum modo, ela e Julian haviam se abraçado durante a noite.

Emma ficou congelada de pavor. Tinha passado o braço esquerdo por cima do corpo de Julian, mas não conseguia retirá-lo. Ele havia se virado para Emma, os próprios braços em torno das costas dela, apoiando-a. A bochecha da jovem roçava a pele macia da clavícula dele. As pernas de ambos estavam trançadas também, e o pé da menina se apoiava no de Julian.

Aos poucos, Emma começou a se soltar. Ai, Deus. Se Julian acordasse seria muito constrangedor, e tudo estivera indo tão bem. A conversa no trem... encontrar o chalé... falar sobre Annabel... tudo estivera tão confortável. Ela não queria perder isso, não agora.

Ficou de lado e deslizou os dedos para longe dos dele — para mais perto da beirada da cama — e caiu com uma virada desajeitada. Ela aterrissou com uma pancada e um grito que acordaram Julian. Ele olhou por cima da lateral da cama, confuso.

— Por que você está no chão?

— Ouvi dizer que rolar da cama de manhã ajuda a aumentar a resistência a ataques surpresa — disse Emma, esparramando-se sobre o soalho de madeira.

— Ah, é? — Ele se sentou e esfregou os olhos. — E o que gritar “Que merda!” tem a ver com isso?

— Essa é a parte opcional — afirmou ela, ficando de pé com toda a dignidade que conseguiu reunir. — Então — falou. — O que é que vai ter pro café da manhã?

Ele deu um sorriso discreto e se esticou. Ela não olhou para o local onde a camisa dele subiu. Não havia razão para navegar pelo Rio dos Pensamentos Sensuais até o Mar da Perversão quando isto não levava a lugar nenhum.

— Com fome?

— Quando é que eu não estou com fome? — Ela foi até a mesa e remexeu na bolsa, caçando seu celular. Algumas mensagens de texto de Cristina. A maioria sobre como Cristina estava BEM e que Emma não precisava se PREOCUPAR, e que precisava parar de MANDAR MENSAGENS PORQUE MAGNUS IA ACABAR COM O FEITIÇO DE AMARRAÇÃO. Emma enviou um emoji preocupado e deslizou a barra de rolagem.

— Alguma coisa sobre técnicas para capturar pixies? — perguntou Julian.

— Até agora nada.

Julian não disse mais nada. Emma ficou só de short e blusa de alcinha. Notou Julian desviando o olhar, embora não fosse nada que ele já não tivesse visto; suas roupas neste momento cobriam mais do que um biquíni. Pegou a toalha e o sabonete.

— Vou tomar um banho.

Talvez Emma estivesse imaginando a reação de Julian. Ele apenas assentiu, foi para a cozinha e acendeu o fogão.

— Nada de panquecas — falou. — Eles não têm os ingredientes certos aqui.

— Surpreenda-me — falou Emma, e foi para o banheiro. Quando saiu, quinze minutos depois, de banho tomado e com os cabelos presos em duas tranças úmidas que pingavam na camiseta, Julian já havia posto a mesa com o café: torrada, ovos, chocolate quente para ela e café para ele. Emma deslizou graciosamente para uma cadeira.

— Você tem cheiro de eucalipto — disse ele, entregando um garfo à jovem.

— Tem gel de banho de eucalipto no banheiro. — Emma comeu os ovos. — De Malcolm, acho. — Ela fez uma pausa. — Eu nunca pensei que assassinos em série tivessem gel de banho.

— Ninguém gosta de um feiticeiro porco — afirmou Julian.

Emma piscou.

— Algumas pessoas talvez discordassem.

— Nem vou comentar — falou Julian, espalhando manteiga de amendoim e Nutella na torrada. — Temos uma resposta para a nossa pergunta. — Ele levantou o telefone de Emma. — Instruções sobre como pegar as pixies. De Mark, mas provavelmente são mesmo de Kieran. Então, primeiro, coma e depois... caça às pixies.

— Estou tão pronta para caçar essas criaturinhas adoráveis e torturá-las — disse Emma. — TÃO PRONTA.

— Emma...

— Acho até que vou amarrar lacinhos na cabeça delas.

— Nós temos que interrogá-las.

— Posso fazer uma selfie com uma delas primeiro?

— Coma a sua torrada, Emma.

Tudo era uma porcaria, pensou Dru. Ela estava deitada debaixo da mesa, na saleta, com os braços atrás da cabeça. Alguns centímetros acima, podia ver uma mensagem riscada na madeira, já borrada devido ao passar do tempo e dos anos.

O cômodo estava silencioso, somente o relógio fazia tique-taque. A quietude era um lembrete de como ela estava solitária, e também um alívio. Ninguém lhe dizendo para tomar conta de Tavvy nem perguntando se ela ia brincar de demônios e Caçadores de Sombras pela milionésima vez. Ninguém a estava mandando entregar recados ou barquinhos de papel para lá e para cá na biblioteca. Ninguém estava falando a respeito dela sem lhe dar ouvidos.

Ninguém estava lhe dizendo que ela era jovem demais. Na opinião de Dru, idade era uma questão de maturidade, não de cronologia, e ela era bem madura. Tinha oito anos quando defendera o berço do irmãozinho com uma espada. Oito anos quando vira Julian matar a criatura que usava o rosto de seu pai, quando fugira pela capital de Idris enquanto a cidade se destruía em chamas e sangue.

E ela permanecera bem calma fazia uns dias, quando Livvy tinha vindo contar que o tio Arthur jamais dirigira o Instituto; que sempre havia sido Julian. Ela agira de modo bem casual diante da revelação, como se não fosse nada demais, e ignorara o fato de Diana sequer ter se dado ao trabalho de convidar Dru para a reunião na qual ela aparentemente dera a notícia. Até onde Livvy sabia, parecia que a novidade era útil sobretudo para ocupar Dru com mais tarefas de babá.

Não que ela odiasse tomar conta de Tavvy. Não era isso. E sim que ela sentia que merecia algum crédito quando fazia um esforço. Sem mencionar que teve que aguentar a tia-avó Marjorie chamando-a de gorda por dois meses durante o verão sem assassinar a dita cuja, o que, na opinião de Dru, era um sinal épico de maturidade e autocontrole.

Ela baixou o olhar para o próprio corpo arredondado e suspirou. Jamais fora magra. A maioria dos Caçadores de Sombras era — o treinamento de 14 horas por dia tinha esse efeito —, mas ela sempre fora curvilínea e arredondada, não importava o que fizesse. Ela era forte e musculosa, seu corpo estava em forma e era hábil, mas sempre fora dotada de muitas curvas. Já estava resignada. Infelizmente, as tias-avós Marjorie do mundo, não.

Ela ouviu uma *pancada*. Alguma coisa no cômodo tinha caído. Dru congelou. Será que havia alguém aqui com ela? Ouviu uma voz baixinha xingando, não em inglês, mas em espanhol. No entanto, não podia ser Cristina. Cristina nunca falava palavrão e, além disso, a voz era masculina.

Diego? O coração de Dru quase parou de bater por causa da paixão por Diego, e ela saiu detrás da mesa.

Um grito de choque escapou dela. A outra pessoa no cômodo também gritou e se sentou com força no braço da poltrona.

Não era Diego. Era um menino Caçador de Sombras mais ou menos da idade de Julian, alto e magro, com uma fartura de cabelos pretos que contrastava com a pele marrom. Ele estava coberto de Marcas, mas não apenas de Marcas, havia tatuagens também: palavras subiam e desciam pelos antebraços e serpenteavam pela clavícula.

— O que... o que está acontecendo? — quis saber Dru, espanando a poeira de seus cabelos. — Quem é você? O que está fazendo aqui?

Ela pensou em gritar. Qualquer Caçador de Sombras podia entrar no Instituto, claro, mas normalmente eles, pelo menos, tocavam a campainha.

O menino parecia assustado. Ele ergueu uma das mãos para detê-la, e ela viu o brilho do anel em seu dedo, entalhado com um desenho de rosas.

— Eu... — começou ele.

— Ah, você é Jaime — falou Dru, e ela bufou de alívio. — Você é Jaime, irmão de Diego.

A expressão do menino ficou sombria.

— Você conhece meu irmão?

Ele tinha um leve sotaque, mais perceptível do que o de Diego ou o de Cristina. Isso dava densidade à textura da voz dele.

— Um pouco — falou Dru e pigarreou. — Eu moro no Instituto de Los Angeles.

— Você é uma Blackthorn?

— Sou Drusilla. — Ela ofereceu a mão. — Drusilla Blackthorn. Pode me chamar de Dru.

Ele deu um tipo de risadinha seca e apertou a mão dela. A dele era quente.

— Um nome bonito para uma menina bonita.

Dru sentiu-se corar. Jaime não era tão perfeito e lindo como Diego Perfeito; o nariz era meio grande demais, a boca era larga e se mexia demais, mas os olhos tinham um castanho brilhante, com cílios maliciosamente longos e pretos. E havia alguma coisa nele, um tipo de energia que Diego não tinha, por mais bonito que fosse.

— Cristina deve ter lhe dito coisas terríveis a meu respeito — falou ele.

Ela balançou a cabeça, recuando a mão.

— Ela não falou muito sobre você para mim.

Cristina não teria falado, pensou Dru. Ela teria achado que Dru não tinha idade suficiente para ouvir tais confidências, para ser confiada a tais segredos.

Dru só sabia o que as outras meninas tinham deixado escapar nas conversas.

Não que ela fosse admitir isso para Jaime.

— Isso é muito decepcionante — disse ele. — Se eu fosse ela, não seria capaz de parar de falar a meu respeito. — Os olhos dele enrugaram nos cantinhos. — Você quer se sentar?

Sentindo-se ligeiramente agitada, Dru se sentou ao lado dele.

— Vou confiar em você — falou ele. Parecia um anúncio importante, como se ele tivesse chegado a essa conclusão ali mesmo e sentisse que era importante torná-la pública o mais rápido possível.

— Sério? — Dru não sabia ao certo se alguém já havia confiado nela antes. A maioria dos irmãos a consideravam jovem demais, e Tavvy não tinha segredos.

— Eu vim aqui para ver Cristina, mas ela não pode saber ainda que estou aqui. Tenho que me comunicar primeiro com meu irmão.

— Diego está bem? — perguntou Dru. — Na última vez em que o vi... quer dizer, eu ouvi dizer que ele estava bem depois da luta com Malcolm, mas não o vi nem ouvi falar dele, e ele e Cristina...

Ela se calou.

Ele deu uma risada baixinha.

— Está tudo bem, eu sei. *Ellos terminaron*.

— Terminaram — traduziu ela. — Sim.

O menino pareceu surpreso.

— Você fala espanhol?

— Estou aprendendo. Eu gostaria de ir para o Instituto da Cidade do México para o meu ano de intercâmbio, ou talvez para a Argentina para ajudar na reconstrução.

Ela viu os cílios compridos baixarem quando ele piscou.

— Você ainda não tem 18 anos, então? — falou. — Está tudo bem. Eu também não tenho.

*Não estou nem perto disso*. Mas Drusilla apenas sorriu, nervosa.

— O que é que você ia contar?

— Eu estou me escondendo. Não posso te contar o porquê, só que é importante. Por favor, não conte a ninguém que estou aqui até eu poder conversar com Cristina.

— Você não cometeu um crime ou alguma coisa assim, cometeu?

Ele não sorriu.

— Se eu dissesse que não, mas que talvez soubesse quem cometeu, você acreditaria em mim?

Ele a observava fixamente. Provavelmente, ela não deveria ajudá-lo, pensou. Afinal, ela não o conhecia, e, pelas poucas coisas que Diego contara a respeito

do irmão, ficara claro que ele considerava Jaime encrenca.

Por outro lado, aqui estava alguém disposto a confiar nela, a pôr seus planos e sua segurança nas mãos dela, em vez de mandá-la ficar quieta porque era novinha demais ou porque deveria tomar conta de Tavvy.

Ela deu um suspiro e olhou nos olhos de Jaime.

— Muito bem — falou. — Como é que você estava planejando não ser visto até poder falar com Cristina?

O sorriso dele era ofuscante. Ela se perguntava como fora capaz de pensar que ele não era tão bonito quanto Diego.

— É nisso que você pode me ajudar — falou.

Depois de ter escalado a lateral do chalé e ido para o telhado, Emma esticou a mão para ajudar Julian a subir depois dela. Mas ele rejeitou a ajuda, lançando-se facilmente para a superfície de telhas.

O telhado do chalé de Malcolm era inclinado num ângulo sutil, projetando-se na parte da frente e na detrás da casa. Emma foi até a beirada, onde ele se projetava por cima da porta.

A partir daqui, a armadilha era visível. Mark tinha lhes dito qual isca era melhor: pixies adoravam leite, pão e mel. Elas também adoravam ratos mortos, mas Emma não estava disposta a ir tão longe. Ela gostava de ratos, apesar do antagonismo profundamente arraigado de Church em relação a eles.

— E agora nós aguardamos — falou Julian, sentando-se na beira do telhado. As tigelas de leite e mel e o prato de pão estavam do lado de fora, brilhando tentadoramente em cima de uma pilha de folhas perto da trilha que dava na porta.

Emma se acomodou ao lado de Jules. O céu estava azul e sem nuvens, esticando-se até onde encontrava o mar mais escuro no horizonte. Barcos de pesca morosos traçavam desenhos brancos na superfície do mar, e o estrondo entorpecido das ondas era um contraponto suave ao vento quente.

Ela não conseguia evitar se lembrar de todas as vezes em que ela e Jules tinham se sentado no telhado do Instituto, conversando e admirando o oceano. Uma praia totalmente diferente, talvez, mas todos os mares estavam ligados.

— Tenho certeza de que tem algum tipo de lei sobre não capturar pixies sem permissão da Clave — falou Emma.

— *Lex malla, lex nulla* — falou Julian com um aceno arrependido. Era o lema da família Blackthorn: uma lei ruim não é lei.

— Eu me pergunto quais são os outros lemas de família — refletiu Emma. — Você conhece algum?

— O lema da família Lightwood é “Nós temos a melhor das intenções”.

— Muito engraçado.

Julian olhou para ela.

— Não, sério, é o lema mesmo.

— Sério? Então qual é o lema dos Herondale? “Talhado, mas angustiado”?

Ele deu de ombros.

— “Se você não conhece seu sobrenome, provavelmente é Herondale”?

Emma explodiu numa gargalhada.

— E quanto a Carstairs? — perguntou ela, dando um tapinha em Cortana. — “Nós temos uma espada”? “Instrumentos sem fio são para perdedores”?

— Morgenstern — sugeriu Julian. — “Na dúvida, comece uma guerra”?

— Que tal “Algum de nós já foi bonzinho, tipo, alguma vez, sério”?

— Parece longo — falou Julian. — E meio que direto.

Os dois estavam rindo demais para falar. Emma se inclinou para a frente... e arfou, o que se misturou com a risada num tipo de tosse. Ela cobriu a boca com a mão.

— Pixies! — murmurou entre os dedos, e apontou.

Julian se moveu silenciosamente até a beira do telhado, com Emma ao seu lado. De pé, próximo à armadilha, via-se um grupo de vultos pálidos e muito magros, vestidos com trapos. Elas tinham pele quase transparente, cabelos claros como palha e pés descalços. Grandes olhos pretos, sem pupilas, saltavam de rostos delicados como porcelana.

Elas eram iguais aos desenhos na parede da pousada onde eles tinham comido na véspera. Emma não tinha visto nenhuma no Reino das Fadas — na verdade, parecia que realmente haviam sido exiladas no mundo mundano.

Sem dizer uma palavra, elas caíram em cima do prato e das tigelas de pão, leite e mel — e o chão cedeu debaixo delas. A pilha frágil de galhos e folhas que Emma tinha posto sobre a boca do buraco que Julian cavara cedera, ao peso, e as pixies rolaram para dentro da armadilha.

Gwyn não fez tentativa alguma de bater papo enquanto seu cavalo voava sobre Alicante e depois sobre os bosques da Floresta Brocelind. Diana estava grata por isso. Com o vento nos cabelos, fresco e suave, e a floresta que se espalhava abaixo dela numa sombra verde-escura, ela se sentia mais livre do que já se sentira no que parecia muito tempo. Conversar teria sido uma distração.

A aurora deu lugar à luz do dia enquanto ela observava o mundo precipitando-se abaixo: o súbito clarão de água, as formas graciosas dos abetos e pinheiros. Quando Gwyn apontou a cabeça do cavalo para baixo e começou a



descer, ela sentiu uma pontada de decepção e um lampejo súbito de afinidade com Mark. Não era de se admirar que ele sentisse falta da Caçada; não era de se admirar que, mesmo estando de volta à sua família, ele sentisse saudade do céu.

Eles aterrissaram numa pequena clareira entre tílias. Gwyn desceu do dorso do cavalo e ofereceu a mão a Diana para que ela descesse até chão: o musgo verde e denso era macio sob os pés descalços. Ela caminhou por entre as flores brancas e admirou o azul do céu enquanto Gwyn estendia uma toalha de linho e arrumava a comida tirada de seu alforje.

Diana não conseguiu controlar a vontade de rir; lá estava ela, Diana Wrayburn, da respeitável e cumpridora da lei família Wrayburn, prestes a fazer um piquenique com o líder da Caçada Selvagem.

— Venha — falou ele depois de terminar e se sentar no chão. O cavalo se afastou para pastar na beira da clareira. — Você deve estar faminta.

Para surpresa de Diana, ela descobriu que estava mesmo — e mais faminta ainda depois de provar a comida: frutas deliciosas, carne curada, pão rústico e mel, além de taças de um vinho cujo sabor remetia à aparência dos rubis.

Talvez fosse o vinho, mas ela descobriu que Gwyn, apesar da natureza quieta, era alguém com quem a conversa fluía facilmente. Ele perguntou coisas a respeito dela, embora não sobre seu passado; suas paixões, interesses e sonhos. Ela se flagrou contando a ele sobre seu amor pelo ensino, que um dia queria lecionar na Academia. Ele perguntou sobre os Blackthorn e se Mark estava se adaptando, e assentiu solenemente ao ouvir as respostas.

Ele não era belo à maneira de muitas fadas, mas ela achava seu rosto mais agradável por isso. O cabelo era castanho e volumoso, as mãos, grandes, hábeis e fortes. Havia cicatrizes em sua pele; no pescoço e no peito, e nas costas das mãos — mas isto a fez pensar em suas próprias cicatrizes e no fato de ser uma Caçadora de Sombras. Era um conforto em sua familiaridade.

— Por que não há mulheres na Caçada Selvagem? — perguntou ela. Era uma coisa que Diana sempre tinha se perguntado.

— As mulheres são muito selvagens — falou ele com um sorriso. — Nós ceifamos os mortos. Descobriu-se que, quando as Damas de Rhiannon corriam com a Caçada, não estavam dispostas a esperar que os mortos *estivessem* mortos.

Diana riu.

— Rhiannon. O nome é familiar.

— As mulheres deixaram a caçada e se tornaram Adar Rhiannon. As aves de Rhiannon. Alguns as chamam de “Valquírias”.

Ela sorriu tristemente para ele.

— Fadas podem ser tão adoráveis — falou ela. — E ainda assim tão terríveis.

— Você está pensando em Mark?

— Mark ama sua família — falou ela. — E eles estão felizes por tê-lo de volta. Mas ele sente falta da Caçada. O que é difícil de entender às vezes. Quando ele voltou para nós, estava tão machucado, no corpo e na mente.

— Muitos Caçadores de Sombras estão machucados — falou ele. — Isso não significa que não querem mais ser Caçadores de Sombras.

— Não sei ao certo se é a mesma coisa.

— Não sei ao certo se é tão diferente. — Ele se reclinou contra uma grande rocha acinzentada. — Mark era um bom Caçador, mas seu coração não estava nisso. Não é da Caçada que ele sente falta, mas da liberdade e do céu aberto, e talvez de Kieran.

— Você sabia que eles tinham brigado — falou Diana. — Mas, quando veio até nós, você estava muito seguro de que Mark o salvaria.

— Caçadores de Sombras sempre querem salvar alguém. E mais ainda quando há amor.

— Você acha que Mark ainda ama Kieran?

— Acho que não se pode arrancar o amor inteiramente. Acredito que, onde houve amor, sempre haverá brasas, como os resquícios de uma fogueira preservando a chama.

— Mas elas morrem um dia. Tornam-se cinzas.

Gwyn inclinou o corpo para a frente. Seus olhos, azul e preto, estavam fixados nela.

— Você já amou?

Ela balançou a cabeça. Podia sentir o tremor em seus nervos: a expectativa e o medo.

— Não assim. — Ela deveria lhe dizer o porquê, pensou. Mas as palavras não apareceram.

— É uma pena — disse ele. — Creio que ser amado por você seria uma tremenda honra.

— Você mal me conhece — falou Diana. *Eu não deveria ser afetada pelas palavras dele. Não deveria querer isso.* Mas ela queria, de um modo que tinha tentado enterrar havia muito tempo.

— Eu vi quem você é, em seus olhos, na noite em que fui ao Instituto — falou Gwyn. — Sua bravura.

— Bravura — repetiu Diana. — Do tipo que mata demônios, sim. No entanto, existem muitos tipos de bravura.

Os olhos profundos dele brilharam.

— Diana...

Mas ela já estava de pé, caminhando para a beira da clareira, mais para obter alívio com o movimento do que outra coisa. O cavalo de Gwyn gemeu quando

ela se aproximou, recuando.

— Cuidado — falou Gwyn. Ele estava de pé também, mas não a acompanhava. — Meus cavalos da Caçada Selvagem podem ficar inquietos perto de mulheres. Eles têm pouca experiência com elas.

Diana parou por um instante; em seguida, contornou o cavalo, mantendo distância. Ao se aproximar da beira do bosque, captou um brilho de algo claro pelo canto de seu olho.

Ela se aproximou mais, de repente se dando conta de como estava vulnerável, aqui, ao ar livre, sem suas armas, vestindo apenas o pijama. Como é que ela concordara com isso? O que foi que Gwyn lhe dissera para convencê-la?

*Eu vi quem você é.*

Ela enfiou as palavras no fundinho da mente e esticou uma das mãos para se apoiar no tronco estreito de uma árvore de tília. Seus olhos viram antes que sua mente pudesse processar a cena: uma visão bizarra, um círculo de nada queimado no centro de Brocelind. Terra semelhante a cinzas, árvores escurecidas e transformadas em tocos, como se ácido tivesse queimado e destruído todos os seres vivos.

— Pelo Anjo — murmurou ela.

— É a Praga — disse Gwyn atrás dela, com os grandes ombros rígidos de tensão e o queixo travado. — Eu vi isso antes apenas no Reino das Fadas. É a marca de uma grande magia sombria.

*Havia locais queimados, brancos como cinzas, como a superfície da lua.*

Diana segurou o tronco da árvore com mais força.

— Leve-me de volta — falou. — Tenho que voltar para Alicante.

# 21

## Ao Olho Humano

Mark estava sentado na beirada da cama, examinando o pulso. A ferida parecia mais escura, com sangue incrustado nos cantos, e os hematomas irradiando dali tinham tons de vermelho-escuro a roxo.

— Deixe-me enfaixar — disse Kieran. Ele se sentou na mesinha de cabeceira, os pés meio que enfiados debaixo do próprio corpo. Seu cabelo estava embaraçado, e ele, descalço. Era como se uma criatura selvagem tivesse descido em alguma parte da civilização: um falcão se equilibrando na cabeça de uma estátua. — Pelo menos, me deixe fazer isso para você.

— Não adianta enfaixar — falou Mark. — Como Magnus disse, não vai curar até o feitiço acabar.

— Então faça por mim. Não suporto olhar para isso.

Mark olhou para Kieran, surpreso. Na Caçada Selvagem, eles tinham visto um bocado de ferimentos e sangue, e Kieran nunca fora impressionável.

— Tem ataduras aí dentro. — Mark indicou a gaveta da mesinha de cabeceira. Ficou observando enquanto Kieran se abaixava, pegava o que queria e voltava para a cama e para ele.

Kieran se sentou e pegou o pulso de Mark. Suas mãos eram ágeis e hábeis, com calos e unhas sem corte devido aos anos de luta e cavalgada. (As mãos de Cristina também eram calejadas, mas seus pulsos e as pontas dos dedos eram suaves e macias. Mark se lembrou do toque delas contra sua bochecha no bosque fada.)

— Você está tão distante, Mark — afirmou Kieran. — Mais longe de mim agora do que já estive quando eu fiquei no Reino das Fadas e você, no mundo humano.

Mark olhou fixamente para o pulso, agora envolvido numa pulseira feita de

ataduras. Kieran deu o nó habilmente e pôs a caixa de lado.

— Você não pode ficar aqui para sempre, Kier — falou Mark. — E, quando se for, nós *estaremos* separados. Não consigo deixar de pensar nisso.

Kieran fez um muxoxo impaciente, baixinho, e desabou na cama, entre os lençóis. As cobertas já estavam jogadas no chão. Com os cabelos pretos embaraçados contra o linho branco, seu corpo se espalhava sem se importar com o recato humano: a camisa tinha subido até o início das costelas e as pernas estavam bem abertas. Kieran se assemelhava ainda mais a uma criatura selvagem.

— Venha comigo então — falou. — Fique comigo. Eu notei sua expressão quando viu os cavalos da Caçada. Você faria qualquer coisa para cavalgá-los novamente.

Subitamente furioso, Mark se reclinou em cima do outro.

— *Qualquer coisa*, não — disse ele. A voz pulsava com uma raiva contida.

Kieran sibilou baixinho e agarrou a camisa de Mark.

— Isso — falou. — Fique com raiva, Mark Blackthorn. Grite comigo. Sinta *alguma coisa*.

Mark ficou imóvel, pouco acima de Kieran.

— Você acha que eu não sinto? — perguntou ele, incrédulo.

Alguma coisa brilhou nos olhos de Kieran.

— Ponha suas mãos em mim — disse, e Mark fez o que ele pediu, sentindo-se incapaz de se controlar. Kieran agarrou os lençóis enquanto Mark o tocava, puxando a camisa e abrindo os botões à força. Suas mãos passearam pelo corpo de Kieran, do mesmo jeito que tinham feito incontáveis noites antes, e uma chama lenta nasceu em seu próprio peito, a lembrança do desejo que se tornava o presente imediato.

A chama ardeu nele: um calor luminoso, tristonho, como um fogo de sinalização numa colina distante. Kieran tirou a camisa pela cabeça, mas seus braços ficaram presos, então ele capturou Mark com as pernas, puxando-o e segurando-o com os joelhos. A boca de Kieran buscou a de Mark, e ele tinha o sabor doce do gelo das vastidões polares sob céus raiados pela aurora boreal. Mark não conseguia controlar suas mãos: o formato do ombro de Kieran era como a elevação das colinas, seus cabelos macios e escuros, como nuvens; seus olhos eram estrelas, e seu corpo se movimentava debaixo do corpo de Mark como a precipitação de uma cachoeira que nenhum olho humano jamais vira. Ele era luz das estrelas, estranheza e liberdade. Ele era uma centena de flechas lançadas ao mesmo tempo de uma centena de arcos.

E Mark estava perdido; estava caindo através de céus escuros, prateados pela poeira de diamantes das estrelas. Ele entrelaçava as pernas às de Kieran, as mãos

se enredavam nos cabelos, e eles se lançavam sobre pastagens verdes, cavalgavam montarias com ferraduras de fogo sobre desertos onde a areia se erguia em nuvens de ouro. Ele gemeu, e então Kieran se precipitou para longe, como se tivesse sido erguido e retirado da cama — tudo estava se afastando dele rapidamente, e Mark abriu os olhos e se viu na biblioteca.

Tinha caído no sono, a cabeça sobre os braços e o rosto contra a madeira da mesa. Ergueu-se rapidamente, arfou e viu Kieran, sentado no vão do parapeito, fitando-o.

A biblioteca estava vazia, graças ao Anjo. Ninguém estava lá, a não ser eles dois.

A mão de Mark estava latejando. Ele devia tê-la batido contra a beirada da mesa; as laterais dos dedos começavam a inchar.

— Uma pena — falou Kieran, olhando para a mão de Mark pensativamente. — Ou você não teria acordado.

— Onde está todo mundo? — perguntou Mark, engolindo, apesar da secura em sua garganta.

— Alguns saíram para encontrar ingredientes para desfazer o feitiço de amarração — falou Kieran. — As crianças ficaram impacientes, e Cristina saiu com elas e com o amante de Magnus.

— Você quer dizer Alec — corrigiu Mark. — O nome dele é Alec.

Kieran deu de ombros.

— E Magnus foi a um tal lugar chamado Internet Café para imprimir as mensagens de Emma e Julian. Ficamos aqui para fazer algumas pesquisas, mas você logo dormiu.

Mark mordeu o lábio. Seu corpo ainda podia sentir o de Kieran, embora ele soubesse que o outro menino não o tocara. Ele sabia disso, mas tinha que perguntar, de qualquer forma, apesar de temer a resposta.

— E você me fez sonhar — sugeriu ele.

Não era a primeira vez que Kieran fazia isso: algumas vezes, durante as noites da Caçada em que não conseguia dormir, ele proporcionara a Mark sonhos bem agradáveis. Era um dom das fadas.

Mas isso era diferente.

— Sim — disse Kieran. Havia fios brancos em seu cabelo escuro, como linhas de minério percorrendo uma mina.

— Por quê? — perguntou Mark. A raiva se acumulando em suas veias. Ele a sentia como uma pressão no peito. Eles tiveram brigas horríveis enquanto estavam na Caçada. daquelas com gritos, do tipo que se tem quando tudo no mundo parece estar em risco porque a outra pessoa era só o que lhe restava. Mark se lembrou de empurrar Kieran parcialmente por uma geleira e então de se

jogar depois dele: de agarrá-lo enquanto os dois rolavam para um montinho de neve, abraçando-se no frio, com dedos úmidos e congelados deslizando sobre a pele de um e do outro.

O problema era que as brigas com Kieran normalmente levavam aos beijos e que, Mark sentia, isso não era nem um pouco útil. Provavelmente também não era saudável.

— Porque você não é sincero comigo. Seu coração está fechado e enrolado numa mortalha. Eu não consigo vê-lo — disse Kieran. — Em sonhos, achei que talvez...

— Você acha que estou mentindo para você? — Mark sentiu uma pontada de pavor no coração.

— Acho que você está mentindo para si mesmo — falou Kieran. — Você não nasceu para essa vida de política, complôs e mentiras. Seu irmão Julian nasceu. E ele é bem-sucedido nisso. Mas você não quer fazer esse tipo de barganha na qual destrói sua alma para servir a um bem maior. Você é melhor do que isso.

Mark deixou a cabeça cair contra o espaldar da cadeira. Se ao menos ele pudesse convencer-se de que Kieran estava errado, mas não estava. Mark se detestava em todos os momentos de todos os dias por mentir para Kieran, mesmo se a mentira fosse por uma boa causa.

Kieran falou:

— Seu irmão botaria fogo no mundo se isso servisse para salvar sua família. Algumas pessoas são assim, mas você não é.

— Compreendo que você não consiga acreditar que isso importa para mim tanto quanto, Kieran — falou Mark. — Mas é a verdade.

— *Lembre-se* — sussurrou Kieran. Mesmo agora, no mundo mundano, havia alguma coisa arrogante e orgulhosa nos gestos dele, em sua voz. Embora estivesse usando o jeans que Mark emprestara, era como se ele devesse estar comandando um exército de fadas, erguendo o braço para reforçar suas ordens. — *Lembre-se de que nada disso é real.*

Mark se lembrava. Ele se lembrava de um bilhete escrito em pergaminho e enrolado na casca de uma bolota. A primeira mensagem que Kieran enviara depois de abandonar a Caçada.

— É real para mim — disse Mark. — Tudo isso é real para mim. — Ele se inclinou para a frente. — Eu preciso saber que você está nisso comigo, Kieran.

— O que é que isso significa?

— Significa que não vai mais ter raiva — falou Mark. — Que não vai mais me enviar sonhos. Eu precisei de você por tanto tempo, Kieran. Precisei tanto de você, e esse tipo de necessidade, ela dobra e deforma você. Deixa você desesperado. Faz não *escolher*.

Kieran tinha congelado.

— Você está dizendo que não me escolheu?

— Estou dizendo que a Caçada Selvagem nos escolheu. Estou dizendo que se você vê estranhamento em mim, e distanciamento, é porque eu não posso evitar que me pergunte sempre: em outro mundo, em outra situação, será que nós ainda teríamos escolhido um ao outro? — Ele olhou para o outro menino com expressão severa. — Você é um príncipe nobre. E eu sou meio Nephilim, contaminado no sangue e na linhagem.

— *Mark*.

— Estou dizendo que as escolhas que fazemos no cativeiro nem sempre são as que fazemos em liberdade. E, portanto, nós as questionamos. É inevitável.

— Para mim, é diferente — falou Kieran. — Depois disso, volto para a Caçada. É você quem está livre.

— Eu não permitirei que você seja obrigado a voltar para a Caçada se não quiser.

O olhar de Kieran suavizou. Nesse momento, Mark acreditava que ele lhe teria prometido qualquer coisa, por mais imprudente que fosse.

— Eu gostaria que nós dois tivéssemos liberdade — disse Mark. — Para rir, para nos divertirmos juntos, para amar do jeito normal. Você é livre aqui comigo e talvez nós pudéssemos aproveitar esta oportunidade, este momento.

— Muito bem — falou Kieran, depois de uma longa pausa. — Vou ficar com você. E vou ajudar com seus livros entediantes. — Ele sorriu. — Estou nisso com você, Mark, se é assim que vamos aprender a importância que temos um para o outro.

— Obrigado — falou Mark. Kieran, como a maioria das fadas, não estava acostumado a responder “De nada”; em vez disso, desceu do parapeito e foi em busca de um livro nas prateleiras. Mark ficou observando-o. Não tinha dito nada a Kieran que não fosse verdadeiro e ainda assim se sentia pesado por dentro, como se todas as palavras tivessem sido uma mentira.

\*\*\*

O céu sobre Londres estava sem nuvens, belo e azul. A água do rio Tâmisa, abrindo-se de cada lado do barco, estava *quase* azul. Meio cor de chá, pensou Kit, depois de se jogar corante azul nele.

O lugar aonde iam — Ty estava com o endereço — ficava na Gill Street, explicara Magnus, em Limehouse.

— Costumava ser uma vizinhança horrível — falou ele. — Cheia de covis de



ópio e casas de jogo. Meu Deus, como era divertida aquela época.

No mesmo instante, Mark assumira uma expressão de pânico.

— Não se preocupe — emendou Magnus. — Agora está muito careta. Só condomínios sofisticados e bares gourmet. Muito seguro.

Julian teria proibido esta excursão, Kit tinha certeza. Mas Mark não hesitara — ele parecia considerar, muito mais do que o irmão, Livvy e Ty como Caçadores de Sombras adultos que simplesmente esperavam trabalhar como os outros.

Fora Ty quem hesitara por um momento, fitando a irmã, preocupado. Livvy parecia absolutamente bem agora — eles estavam na parte de cima do barco, uma parte aberta, e ela erguia o rosto para o vento com prazer descarado, deixando que a brisa erguesse e agitasse seus cabelos.

Ty observava tudo ao redor com fascinação absorta, como se estivesse memorizando todos os prédios, todas as ruas. Seus dedos tamborilavam na grade de metal, mas Kit não achava que isso indicasse ansiedade. Ele notara que os gestos de Ty nem sempre correspondiam a mau humor. Às vezes, correspondiam a bom humor: se ele se sentia relaxado, ficava observando os próprios dedos traçando desenhos preguiçosos no ar, do modo que talvez um meteorologista indicasse o movimento das nuvens.

— Se eu me tornar um Caçador de Sombras — falou Kit para nenhum dos gêmeos especificamente —, ainda terei que fazer um monte de dever de casa? Ou poderia apenas, tipo, entrar em ação?

Os olhos de Livvy brilharam.

— Você já está em ação.

— Sim, mas este é um estado de emergência — falou Ty. — Ele tem razão... Seria necessário recuperar o tempo perdido em algumas disciplinas. Não é como se você fosse tão ignorante quanto um mundano seria — emendou ele para Kit —, mas tem algumas coisas que você provavelmente precisaria aprender: classes de demônios, idiomas, esse tipo de coisa.

Kit fez uma careta.

— Eu tinha esperança de poder aprender durante a execução do trabalho.

Livvy deu risada.

— Você sempre poderia defender seu ponto de vista diante do Conselho.

— O Conselho? — repetiu Kit. — Em que eles são diferentes da Clave?

Livvy riu com mais intensidade ainda.

— Dá pra ver que seu caso poderia não ser bem-sucedido — observou Ty. — Embora eu suponha que poderíamos te ensinar um pouco.

— Um pouco? — perguntou Kit.

Ty deu seu sorriso raro e deslumbrante.

— Um pouco. Tenho coisas importantes a fazer.

Kit pensou em Ty no telhado na noite anterior, em como ele parecia desesperado. Agora o menino tinha voltado a ser o Ty de sempre, como se a recuperação de Livvy o tivesse recuperado também. Ele apoiou os cotovelos na grade enquanto o barco passava ruidosamente por uma imponente construção, semelhante a uma fortaleza, que se agigantava à margem.

— A Torre de Londres — disse Livvy, notando o olhar de Kit.

— As histórias dizem que seis corvos devem sempre guardar a Torre — falou Ty — ou a monarquia cairá.

— Todas as histórias são verdadeiras — falou Livvy baixinho, e um calafrio subiu pela espinha de Kit.

Ty virou a cabeça.

— Não era um corvo que levava as mensagens de Annabel e Malcolm? — perguntou ele. — Acho que estava nas anotações de Emma e Julian.

— Não parece confiável — falou Kit. — E se o corvo ficar entediado, se distrair ou encontrar um falcão bonitão no caminho?

— Ou for interceptado por fadas — acrescentou Livvy.

— Nem todas as fadas são más — disse Ty.

— Algumas fadas são boas, outras são más, como qualquer um — falou Kit. — Mas isso deve ser muito complicado para a Clave.

— É muito complicado para a maioria das pessoas — observou Ty.

Se qualquer outra pessoa tivesse dito aquilo, Kit teria considerado o comentário uma espécie de reprovação. Ty, porém, provavelmente estava sendo literal. O que era estranhamente agradável de se saber.

— Eu não gosto do que andamos ouvindo de Diana — falou Livvy. — Sobre como Zara anda alegando por aí que matou Malcolm.

— Meu pai costumava dizer que em geral é mais fácil contar uma mentira grandiosa do que uma pequenina — falou Kit.

— Bem, com sorte, ele estava errado — disse Livvy, um pouco abrupta. — Eu não suporto a ideia de ver Zara e pessoas como ela sendo chamadas de heróis. Mesmo se eles não soubessem que ela está mentindo sobre Malcolm, os planos da Tropa são desprezíveis.

— Uma pena que nenhum de vocês possa simplesmente dizer à Clave o que Julian viu acontecendo no cristal da vidência — falou Kit.

— Se soubessem que ele foi ao Reino das Fadas, ele poderia ser exilado — afirmou Livvy, e havia um vestígio de medo genuíno em sua voz. — Ou ter as Marcas removidas.

— Eu podia fingir que fui eu quem viu... não vai ser lá grande coisa se eu for expulso dos Nephilim — disse Kit.

Kit tinha pensado em levantar o ânimo com uma piada óbvia, mas os gêmeos pareceram desconcertados.

— Você não quer ficar? — A pergunta de Ty foi direta e afiada como uma faca.

Kit não tinha resposta. Ouviu-se um vozerio, e o barco parou com um solavanco. Tinham atracado e os três se apressaram — estavam sem o feitiço de disfarce e, enquanto empurravam vários mundanos para chegar à saída, Kit ouviu um deles resmungando que jovens estavam se tatuando cedo demais atualmente.

Ty fizera uma careta diante de toda aquela barulheira e agora havia colocado os fones de ouvido enquanto eles seguiam pelas ruas. O ar tinha o cheiro da água do rio, mas Magnus estava certo: as docas desapareciam rapidamente, substituídas por estradas sinuosas, cheias de imensas construções de fábricas antigas transformadas em lofts.

Ty segurava o mapa, e Livvy e Kit seguiam um pouco atrás dele. A mão da menina estava apoiada casualmente na cintura, bem onde o cinto de armas se escondia sob o casaco.

— Ele usa menos os fones de ouvido quando você está por perto — falou, com os olhos fixos no irmão, embora as palavras se dirigissem a Kit.

— Isso é bom? — Kit estava surpreso.

Livvy deu de ombros.

— Não é bom nem ruim. É só uma coisa que eu percebi. Não é magia ou coisa assim. — Ela o fitou de lado. — Acho que ele simplesmente não quer perder nada do que você diz.

Kit sentiu uma pontada de emoção que o surpreendeu. Ele olhou de soslaio para Livvy. Desde que tinham deixado Los Angeles, ela não havia oferecido nenhum indicativo de que gostaria de repetir o beijo deles. E Kit descobrira que nem ele. Não que não gostasse de Livvy ou não a achasse bonita. Mas alguma coisa parecia estranha em relação a isso agora — como se fosse errado.

Talvez pelo fato de ele ainda não saber se queria ser um Caçador de Sombras, no fim das contas.

— Chegamos. — Ty abaixou os fones de ouvido, a cordinha branca contrastando com os cabelos escuros. Só ele, dentre todos os Blackthorn vivos, tinha cabelos assim, embora Kit tivesse visto imagens de seus ancestrais no Instituto, e alguns tinham os mesmos cabelos escuros e olhos cinzentos-prateados. — Isso deve ser explicativo. Lojas assim têm que cumprir os Acordos, ao contrário do Mercado de Sombras, mas também são administradas por especialistas. — Ty parecia imensamente feliz ao pensar em todo aquele conhecimento especializado.

Eles haviam passado pela imensa via pública de Narrow Street e agora estavam provavelmente em Gill Street, do lado oposto da única loja aberta. As janelas eram mal iluminadas e o nome do proprietário estava escrito em letras de latão acima da porta: PROPRIETÁRIO: F. SALLOWS. Não se via descrição sobre o tipo de loja, mas Kit imaginou que quem comprava ali sabia o que estava comprando.

Ty já havia atravessado a rua e estava abrindo a porta. Livvy correu atrás dele. Kit foi o último — cauteloso e um pouco menos ansioso. Ele tinha crescido próximo a vendedores de magia e seus mecenas, e desconfiava de ambos.

O interior da loja não oferecia muitos motivos para melhorar sua opinião. As janelas foscas deixavam a claridade entrar, mas não a luz. Pelo menos, o lugar era limpo, com prateleiras compridas repletas de algumas coisas que ele já tinha visto: presas de dragão, água benta, pregos bentos, pós cosméticos encantados, amuletos da sorte — e alguns itens que ele ainda não vira. Os relógios andavam para trás, embora ele não fizesse ideia do motivo. Existiam esqueletos de animais que ele jamais tinha visto até então, montados com arame. Dentes de tubarão grandes demais para pertencer a qualquer tubarão na Terra. Vários jarros com asas de borboleta em cores explosivas: rosa-choque, amarelo-néon e verde-limão. Garrafas com água azul cuja superfície ondulava como pequenos mares.

Havia um sino de cobre empoeirado no balcão da frente. Livvy o segurou e balançou enquanto Ty estudava os mapas nas paredes. O mapa que ele observava estava assinalado com nomes que Kit nunca tinha ouvido: as Montanhas de Espinhos, a Cidade Vazia, a Floresta Fragmentada.

— O Reino das Fadas — falou Ty com a voz estranhamente baixa. — É difícil ter mapas de lá, pois a geografia tende a mudar, mas vi alguns quando Mark estava desaparecido.

O estalar de saltos no soalho anunciou a chegada da dona da loja. Para surpresa de Kit, ela era conhecida — pele escura, cabelos cor de bronze, e hoje estava com um vestido tubinho preto e simples. Hypatia Vex.

— Nephilim — falou com um suspiro. — Odeio Nephilim.

— Imagino que este aqui não seja o tipo de lugar onde o cliente tem sempre razão — afirmou Livvy.

— Você não é Sallows — falou Ty. — Você é Hypatia Vex. Nós nos conhecemos ontem.

— Sallows morreu anos atrás — disse ela. — Foi morto por um Nephilim, por falar nisso.

*Estranho*, pensou Kit.

— Temos uma lista de coisas de que precisamos. — Livvy empurrou um papel no balcão. — Para Magnus Bane.

Hypatia ergueu uma das sobancelhas.

— Ah, Bane, seu grande defensor. Que pessoa irritante ele é. — Ela pegou o papel. — Algumas destas coisas vão precisar de, pelo menos, um dia para serem preparadas. Vocês podem voltar amanhã?

— E por acaso temos escolha? — questionou Livvy, com um sorriso encantador.

— Não — respondeu Hypatia. — E vocês vão pagar em ouro. Não estou interessada em dinheiro mundano.

— Só nos diga quanto — falou Ty, aí pegou uma caneta e começou a escrever. — E também... tem uma coisa que quero perguntar a você.

Ele olhou para trás, para Kit e Livvy, que entendeu a deixa primeiro e puxou Kit para fora da loja até chegarem à rua. O sol aquecia seus cabelos e a pele; ele se perguntava o que os mundanos viam quando olhavam para a loja. Talvez uma loja de conveniência empoeirada ou um lugar que vendia lápides. O tipo de local onde você jamais desejaria entrar.

— Por quanto tempo você está planejando ser amigo do meu irmão? — perguntou Livvy, abruptamente.

Kit se sobressaltou.

— Eu... o quê?

— Você me ouviu — afirmou ela. Os olhos de Livvy eram muito mais azuis que o Tâmis. Os olhos de Ty, na verdade, eram mais da cor do rio.

— As pessoas não pensam em amizade desse jeito — falou Kit. — Depende de há quanto tempo você conhece a pessoa... Há quanto tempo está no mesmo lugar.

— A *escolha* é sua — falou ela, as pupilas dilatando. — Você pode ficar com a gente pelo tempo que quiser.

— Posso? E quanto à Academia? E quanto a aprender a ser um Caçador de Sombras? Como eu vou acompanhar vocês quando já estão um milhão de anos na minha frente?

— A gente não se importa com isso...

— Talvez eu me importe.

Livvy falou com a voz firme:

— Quando éramos pequenos, os Ashdown costumavam brincar em casa com a gente. Nossos pais achavam que devíamos conviver mais com crianças de fora da família, e Paige Ashdwon tinha mais ou menos a minha idade, então ela foi empurrada para mim e para Ty. E uma vez ele estava falando sobre sua obsessão... Na época, eram carros, antes de Sherlock. E ela falou sarcasticamente que ele devia aparecer na casa dela e lhe contar tudo porque era muito interessante.

— E o que aconteceu?

— Ele foi até a casa dela para conversar sobre carros e ela não estava, e, quando ela voltou, riu dele e falou para ele ir embora, que ela não tinha falado sério, e ficou questionando se ele era burro.

Kit sentiu ferver a raiva por uma garota que ele jamais conhecera.

— Eu nunca faria isso.

— Olha — falou Livvy —, desde então, Ty aprendeu muito sobre pessoas que dizem coisas sem qualquer sinceridade, sobre o tom da voz não combinar com a expressão e por aí vai. Mas ele confia em você, deixou você se aproximar. Nem sempre vai se lembrar de aplicar essas coisas a você. Só estou dizendo: não minta para ele. Não o engane.

— Eu não... — começou Kit, quando então o sino tocou e a porta da loja se abriu. Era Ty, puxando o capuz por causa da brisa.

— Pronto — falou. — Vamos voltar.

Se ele tinha percebido alguma atmosfera de tensão, não disse nada e, durante todo o retorno para casa, eles conversaram sobre coisas sem importância.

As pixies estavam sentadas tristes numa fileira sobre as pedras na beirada do jardim do chalé. Depois de tirá-las do buraco, Emma e Jules lhes ofereceram comida, mas somente uma delas aceitara, e neste momento estava abaixada numa tigela de leite.

A mais alta das fadas falou numa voz aguda.

— Malcolm Fade? Onde está Malcolm Fade?

— Aqui não está — respondeu Julian.

— Foi visitar um parente doente — falou Emma, olhando as pixies, fascinada.

— Feiticeiros não têm parentes — retrucou a pixie.

— Ninguém entende minhas referências — resmungou Emma.

— Somos amigos de Malcolm — disse Julian, após um instante. Se Emma não o conhecesse, teria acreditado nele. Seu rosto ficava totalmente inocente quando ele mentia. — Ele nos pediu para tomar conta do lugar enquanto estiver fora.

As pixies cochicharam entre si num tom cauteloso e agudo. Emma tentou prestar atenção, mas não conseguiu entendê-las. Elas não falavam a língua nobre do Reino das Fadas, mas um idioma mais simples e aparentemente antigo. Tinha o murmúrio da água sobre as pedras, a acidez aguda da grama verde.

— Vocês também são feiticeiros? — perguntou a mais alta das pixies, afastando-se do grupo. Seus olhos eram raiados de cinza e prata, feito as rochas da Cornualha.

Julian balançou a cabeça e estendeu o braço, virando-o para que o símbolo de inteligência no braço ficasse perceptível, destacando-se contra a pele.

— Somos Nephilim.

As pixies voltaram aos cochichos.

— Estamos procurando Annabel Blackthorn — falou Julian. — Queremos levá-la para casa, onde ela terá proteção.

As pixies o fitaram, desconfiadas.

— Ela falou que vocês sabiam onde ela estava — afirmou Julian. — Vocês andaram conversando com ela?

— Nós a conhecemos anos atrás, conhecemos Malcolm também — falou a pixie. — Não é sempre que um mortal vive por tanto tempo. Ficamos curiosas.

— Vocês podiam contar para nós — falou Emma. — Vamos deixar vocês irem embora se fizerem isso.

— E se não fizermos? — perguntou a pixie menorzinha.

— Aí não vamos libertar vocês — respondeu Julian.

— Ela está na Igreja de Porthallow — falou a menor, em nome do grupo. — O local tem ficado vazio todos esses anos. Ela sabe disso e se sente em segurança lá, e tem uns poucos do Povo Alto na região, na maior parte do tempo.

— A Igreja de Porthallow fica perto daqui? — quis saber Julian. — Fica perto da cidade?

— Muito perto — falou a pixie mais alta. — Muito, muito perto. — Ele ergueu as mãos finas e pálidas, apontando. — Mas vocês não podem ir hoje. É domingo, quando o Povo Alto se reúne para pesquisar o cemitério atrás da igreja.

— Obrigado — falou Julian. — Vocês foram muito prestativas, de fato.

Dru abriu a porta do quarto dela com um empurrão.

— Jaime? — murmurou.

Não houve resposta. Ela se esgueirou para dentro, fechando a porta atrás de si. Carregava um prato de bolinhos que Bridget tinha feito. Quando ela pedira o prato todo, Bridget sorrira para alguma coisa da qual evidentemente só ela se lembrava, então dissera abruptamente para Dru não comer todos ou ficaria ainda mais gorda.

Há muito Dru aprendera a não comer muito na frente de desconhecidos ou a não parecer que estava faminta ou a não botar comida demais no prato. Ela odiava o modo como eles a olhavam quando ela fazia algo assim, como se dissessem, *ah, é por isso que ela não é magra*.

Mas ela se dispusera a parecer gulosa por Jaime. Depois que ele se

acomodara no quarto dela — jogando-se na cama como se estivesse dormindo lá há dias, depois levantando-se rapidamente e perguntando se podia usar o chuveiro —, ela se perguntara se ele estaria com fome e ele baixara os cílios, sorrindo para ela.

— Eu não queria ser um fardo, mas...

Ela então correria para a cozinha, não querendo voltar de mãos vazias. Isso era algo que uma garota assustada de 13 anos faria, mas não uma de 16. Ou sabe-se lá qual idade ele imaginava que ela tivesse. Ela não fora específica.

— Jaime?

Ele saiu do banheiro de jeans e vestindo a camiseta. Ela entreviu uma tatuagem preta — não era uma Marca, mas uma frase comum no alfabeto romano —, serpenteando pela pele lisa e marrom antes que a camiseta cobrisse sua barriga. Ela ficou fitando-o calada enquanto ele chegava mais perto e pegava um bolinho. Jaime piscou para ela.

— Obrigado.

— De nada — disse ela com a voz fraca.

Jaime se sentou na cama, espalhando migalhas para todos os lados, com os cabelos úmidos cacheando por causa da umidade. Dru colocou o prato sobre a penteadeira com cuidado. Quando ela se virou, Jaime já havia adormecido, a cabeça apoiada no braço.

Dru se empoleirou na mesinha de cabeceira por um momento, abraçando o próprio corpo. Conseguia enxergar Diego nas cores e curvas do rosto de Jaime. Era como se alguém tivesse pegado Diego e talhado suas feições, deixando todos os ângulos mais proeminentes. Uma tatuagem com mais letras dava volta num dos pulsos marrons de Jaime e desaparecia sob a manga da camisa; ela desejava ter mais conhecimentos de espanhol para poder traduzi-la.

Dru começou a se virar na direção da porta, pois pretendia deixá-lo sozinho para descansar.

— Não vá — pediu ele. Ela deu meia-volta e notou que os olhos dele estavam semicerrados, e os cílios lançavam sombras nas bochechas bem marcadas. — Faz muito tempo que não tenho com quem conversar.

Ela se sentou na beirada da cama. Jaime rolou e ficou deitado de costas, com os braços cruzados atrás da cabeça. Ele era todo pernas e braços compridos, cabelos pretos e cílios como patinhas de aranha. Tudo nele era ligeiramente desproporcional, ao contrário de Diego, que era todo linhas regulares, feito uma história em quadrinhos. Dru estava tentando não encarar Jaime.

— Eu estava olhando os adesivos na sua mesinha de cabeceira — falou ele. Dru tinha comprado numa loja na Fleet Street quando saíra com Diana para comprar sanduíches. — São todos de filmes de terror.



— Eu gosto de filmes de terror.

Ele sorriu. Os cabelos pretos caíram nos olhos, e ele os jogou para trás.

— Você gosta de se assustar?

— Filmes de terror não me assustam.

— Mas não deveriam? — Ele parecia sinceramente interessado. Dru não conseguia se lembrar da última vez que alguém se mostrara genuinamente interessado em seu amor por filmes de terror antigos e filmes de psicopatas. Às vezes, Julian ficava acordado para ver *A Cidade dos Mortos* com ela, mas Dru sabia que era apenas gentileza de irmão mais velho.

— Eu me lembro da Guerra Maligna — disse ela. — Lembro-me de ver as pessoas morrendo na minha frente. Meu pai foi um dos Crepusculares. Ele voltou, mas não era... não era ele. — Ela engoliu em seco. — Quando vejo um filme de terror, eu sei o que acontece, e sempre vou ficar bem quando acabar. Sei que as pessoas no filme são apenas atores, que vão embora para casa depois que tudo acaba. O sangue é falso e sai com água e sabão.

Os olhos de Jaime estavam sombrios e impenetráveis.

— Quase faz você acreditar que nenhuma daquelas coisas existe — disse ele. — Imagine se não existissem.

Ela deu um sorriso um pouco triste.

— Nós somos Caçadores de Sombras — disse ela. — Não temos que imaginar isso.

— As pessoas fazem qualquer coisa para fugir do dever de casa — falou Julian.

— Menos você — retrucou Emma, deitada, com as pernas no braço do sofá.

Como eles não podiam seguir Annabel até a igreja hoje, haviam decidido passar a tarde lendo os diários de Malcolm e estudando os desenhos de Annabel. Quando o sol começou a baixar, eles tinham uma quantidade significativa de anotações sistematicamente organizadas em pilhas por todo o chalé. Anotações sobre cronologia; quando Malcolm tinha se unido à família de Annabel, como eles (que dirigiam o Instituto da Cornualha) o adotaram quando ele era pequeno. A intensidade do amor de Annabel pela mansão Blackthorn, o lar ancestral dos Blackthorn nas colinas verdes de Idris, e como eles tinham brincado juntos na Floresta Brocelind. Quando Malcolm havia começado a planejar o futuro deles e construído o chalé em Polperro, e como ele e Annabel esconderam o relacionamento, trocando todas as mensagens através do corvo de Annabel. Quando o pai dela descobrira a respeito deles, expulsara a filha da casa dos Blackthorn, e como Malcolm a encontrara na manhã seguinte, chorando sozinha na praia.

A partir daí Malcolm determinara que eles iam precisar de proteção da Clave. Ele ficara sabendo sobre a coleção de livros de feitiço no Instituto da Cornualha. E precisaria de um protetor poderoso, concluíra. Alguém com quem pudesse trocar o *Volume Preto*, que, por sua vez, manteria o Conselho longe deles.

Emma lia os diários em voz alta e Julian tomava notas. De vez em quando eles paravam, tiravam fotos das anotações e das perguntas com o celular e mandavam para o Instituto. Às vezes, recebiam novas perguntas e faziam um esforço para responder rápido; outras vezes, não recebiam nada. Uma vez, receberam uma foto de Ty, que se deparara com uma fileira inteira de primeiras edições de Sherlock Holmes na biblioteca e estava radiante. Em outra vez, receberam uma foto do pé de Mark e nenhum dos dois entendeu o motivo.

A certa altura, Julian se espreguiçou, foi até a cozinha e preparou para ambos sanduíches de queijo quente no imenso fogão de ferro que irradiava calor através do cômodo.

*Isso é ruim*, pensou ele, baixando o olhar para as mãos enquanto ajeitava os sanduíches nos pratos e se lembrava de que Emma gostava do pão sem a casca. Ele costumava fazer piada com isso. Pegou uma faca, o gesto mecânico, habitual.

Ele se imaginou fazendo isso todos os dias. Morando na casa que ele mesmo havia projetado; assim como esta, a casa teria vista para o mar. Um imenso estúdio onde ele poderia pintar. Um cômodo para Emma treinar. Ele se imaginou acordando todas as manhãs para encontrá-la ao lado dele ou sentada à mesa da cozinha, com o cereal matinal, cantarolando e erguendo o rosto para sorrir quando ele entrasse.

Uma onda de desejo — não apenas por pensar no corpo dela, mas pelo sonho dessa vida — o invadiu e quase o fez engasgar. Era perigoso sonhar, recordou-se. Tão perigoso quanto era para a Bela Adormecida em seu castelo, onde ela caíra em sonhos que a devoraram por um século.

Julian foi se juntar a Emma perto da lareira. Os olhos dela estavam brilhantes e Emma sorriu ao pegar o prato da mão dele.

— Sabe o que me preocupa?

O coração dele se contorceu lentamente no peito.

— O quê?

— Church — falou ela. — Ele está sozinho no Instituto de Los Angeles.

— Não, não está. Está cercado por Centuriões.

— E se um deles tentar roubá-lo?

— Então será punido adequadamente — falou Julian, aproximando-se um pouco mais do fogo.

— Qual é a punição adequada por se roubar um gato? — perguntou Emma

enquanto mordida o sanduíche.

— No caso de Church, ter que ficar com ele — respondeu Julian.

Emma fez uma careta.

— Se tivesse casca neste sanduíche, eu as jogaria em você.

— Por que você não joga o sanduíche?

Ela pareceu horrorizada.

— E abrir mão deste queijo delicioso? Eu nunca, nunca abriria mão de um queijo delicioso.

— Foi mal. — Julian jogou outro pedaço de lenha no fogo. Uma bolha de felicidade cresceu em seu peito, doce e desconhecida.

— Não é todo dia que aparece um queijo gostoso assim — informou ela. — Você sabe o que o tornaria ainda melhor?

— O quê? — Ele se sentou nos calcanhares.

— Outro sanduíche. — Ela ergueu o prato vazio, dando risada. Julian o pegou, e foi um momento totalmente comum, mas também foi tudo o que ele sempre quis e nunca se permitiu imaginar. Uma casa, com Emma; juntos, rindo perto de uma lareira.

A única coisa melhor do que isso seria seus irmãos e irmãs em algum lugar por perto, onde ele pudesse vê-los todos os dias, onde pudesse lutar com Livvy, assistir a filmes com Dru e ajudar Tavvy a aprender a atirar com a besta. Onde ele pudesse procurar animais com Ty, caranguejos-eremitas na beirada da água, escavando debaixo das próprias conchas. Onde ele pudesse preparar grandes jantares com Mark, Helen e Aline, e todos eles comeriam juntos, ao ar livre, sob as estrelas e o ar do deserto.

Onde ele pudesse ouvir o mar, assim como ele podia ouvir agora. E onde pudesse ver Emma, sempre Emma, a metade melhor e mais brilhante dele, que compensava sua falta de compaixão, que o forçava a reconhecer a luz quando ele só via a escuridão.

Mas todos eles teriam que estar juntos, pensou. Há muito tempo, os pedaços de sua alma tinham sido espalhados, e cada pedacinho vivia em um de seus irmãos. Menos o pedaço que vivia em Emma, que fora queimado e transformado em lar nela mesma pela chama da cerimônia *parabatai*, e pela pressão do próprio coração.

Mas isso era impossível. Uma coisa impossível que podia nunca acontecer. Mesmo se, por algum milagre, sua família passasse por tudo isso unida e ilesa — e se Helen e Aline pudessem voltar para eles —, mesmo nesse caso, Emma, sua Emma, um dia teria a própria família e a própria vida.

Ele se perguntava se seria o *suggenes* dela, se ele entraria com ela em seu casamento. Era o que costumava acontecer quando se era *parabatai*.

O pensamento o fez sentir como se estivesse sendo dilacerado por dentro com lâminas.

— Você se lembra — estava dizendo ela com a voz baixinha, provocadora — quando você falou que poderia trazer Church para dentro da sala de aula sem que Diana percebesse, e então ele te mordeu no meio da apresentação sobre Jonathan Caçador de Sombras?

— De jeito nenhum. — Julian se ajeitou no chão, com um dos diários à mão. O calor do ambiente, o cheiro de chá e pão queimado, o brilho da luz da lareira nos cabelos de Emma o estavam deixando sonolento. Ele se sentia tão intensamente feliz quanto se sentia infeliz, e ser puxado para aquelas duas direções tão diferentes simultaneamente o estava deixando esgotado.

— Você gritou — disse ela. — E então você falou para Diana que era porque estava muito empolgado por aprender.

— Tem algum motivo para você se lembrar de todas as coisas constrangedoras que acontecem comigo? — refletiu Julian em voz alta.

— Alguém tem que se lembrar — falou Emma. As bochechas dela estavam rosadas com a luz da lareira. A pulseira de vidro marinho no pulso de Julian cintilava, fria contra a bochecha, quando ele baixou a cabeça.

Ele temera que, sem Cristina aqui, eles fossem brigar e discutir. Temera que fossem ficar amargos um com o outro, mas, em vez disso, tudo estava perfeito. E, ao seu modo, isso era muito pior.

A dor acordou Mark no meio da noite, a sensação de que seu pulso estava cheio de pregos.

Eles tinham ficado trabalhando na biblioteca até tarde: Magnus, ocupado com a receita do antídoto do feitiço de amarração e o restante lendo livros antigos sobre o *Volume Preto*. A combinação das lembranças do cristal de *alétheia* e as informações das anotações enviadas por Emma e Julian começava a criar um retrato mais completo de Annabel e Malcolm; porém, Mark não conseguia evitar se perguntar se aquilo estava fazendo algum bem. O que eles precisavam era do *Volume Preto*, e, mesmo se sua história estivesse tecida no passado, será que ia ajudar os Blackthorn a encontrarem o livro no presente?

A parte boa é que ele tinha conseguido convencer Kieran a comer quase uma refeição inteira que Alec trouxera de uma cafeteria na Fleet Street, embora o outro tivesse passado o tempo inteiro dizendo que o suco não era suco e que chutney não existia.

— Não pode ser assim — dissera ele, fazendo cara feia para o sanduíche.

Agora ele estava dormindo, aninhado num cobertor amarrado debaixo da

janela de Mark, a cabeça apoiada numa pilha de livros de poesia que ele tinha trazido da biblioteca. Quase todos eles tinham sido rabiscados na primeira página por um tal James Herondale, que anotara cuidadosamente seus versos favoritos.

O pulso de Mark latejou outra vez, e com a dor veio uma sensação de inquietação. *Cristina*, pensou ele. Eles mal tinham se falado àquele dia, evitando-se. Em parte, era por causa de Kieran, mas era ainda mais por causa do feitiço de amarração, da terrível realidade que se apresentava entre eles.

Mark ficou de pé com dificuldade e vestiu jeans e camiseta. Não conseguia dormir, não assim, preocupado com ela. Descalço, cruzou o corredor até o quarto dela.

Mas estava vazio. A cama estava arrumada, a coberta lisinha no lugar e a luz da lua refletia em cima dela.

Confuso, ele seguiu pelo corredor, deixando o feitiço de amarração conduzi-lo. Era como seguir a música de uma festa ao longe. Ele quase era capaz de ouvi-la: ela estava em alguma parte do Instituto.

Ele passou pela porta de Kit e ouviu vozes altas, e alguém riu... Ty. Mark pensou no modo como Ty parecera precisar dele quando ele voltara pela primeira vez, e agora isso tinha acabado: Kit havia criado um tipo curioso de magia, complementando o que os gêmeos já possuíam num trio em equilíbrio. Ty não olhava mais para Mark da mesma forma, como se estivesse procurando alguém que o compreendesse.

O que era bom, pensou Mark, ao descer dois degraus por vez na escada. Porque ele não tinha muito jeito para compreender quem quer que fosse. Mark nem mesmo compreendia a si mesmo.

Um corredor comprido o levou a duas portas duplas pintadas de branco. Uma delas estava aberta. O interior era um cômodo imenso, empoeirado e com pouca iluminação.

Estava evidente que o cômodo não era usado havia muitos anos, embora estivesse limpo, a não ser pela poeira. Lençóis brancos cobriam a maior parte dos móveis. Janelas em arco davam para um pátio e para a noite que cintilava com estrelas.

Cristina estava lá, no meio do cômodo, olhando para um dos candelabros. Havia uma fileira com três deles, apagados, porém reluzindo com as gotas de cristal.

Ele deixou a porta bater atrás de si e ela se virou. Não pareceu surpresa ao vê-lo. Cristina usava um vestido simples preto, que parecia ter sido feito para alguém mais baixa do que ela, e seu cabelo estava preso no alto, longe do rosto.

— Mark. Não conseguiu dormir? — perguntou ela.

— Não muito bem. — Ele olhou, pesaroso, para o próprio pulso, embora a dor tivesse desaparecido agora que ele estava com Cristina. — Você também?

Ela fez que sim com a cabeça. Seus olhos brilhavam.

— Minha mãe sempre dizia que o salão de baile do Instituto de Londres era o mais bonito que ela já vira. — A menina olhou ao redor, para o papel de parede listrado eduardiano, as cortinas de veludo pesado, amarradas e deixando livre a visão da janela. — Mas ela deve ter visto o salão muito vivo e cheio de gente. Agora parece o castelo da Bela Adormecida. Como se a Guerra Maligna o tivesse envolvido com espinhos e desde então ele estivesse adormecido.

Mark esticou a mão, a ferida da amarração que contornava seu pulso como a pulseira de vidro marinho que contornava o pulso de Julian.

— Vamos acordá-lo — falou. — Dance comigo.

— Mas não tem música. — Ainda assim, ela oscilou um pouco na direção dele ao falar.

— Eu já dancei em muitas festas onde não havia flauta nem violino, onde havia somente a música do vento e das estrelas. Posso te mostrar.

Ela se aproximou dele, o pingente dourado no pescoço reluzindo.

— Que mágico — disse ela, e seus olhos estavam imensos, escuros e luminosos por causa da travessura. — Ou eu poderia fazer isso.

Ela sacou o celular do bolso e apertou alguns botões. A música saiu dos pequenos alto-falantes: não estava alta, mas Mark podia senti-la — não era uma música que ele conhecia, mas sim rápida e vigorosa, latejando junto ao seu sangue.

Ele ofereceu as mãos. Pousando o celular no parapeito da janela, Cristina pegou as mãos dele, rindo enquanto ele a puxava para si. Seus corpos se tocaram uma vez, levemente, e Cristina girou para longe dele, forçando-o a acompanhá-la. Se ele tinha pensado que a conduziria, percebeu, estava errado.

Ele caminhou atrás dela enquanto Cristina se movimentava como fogo, sempre um pouco à frente dele, girando até seus cabelos se soltarem e flutuarem ao redor do rosto. Os candelabros brilhavam acima como chuva, e Mark segurou sua mão. Ele a rodopiou num círculo; ao virar, o corpo dela roçou no dele, e Mark segurou seu quadril, puxando Cristina para si.

E agora ela estava em seus braços, movimentando-se, e em todos os pontos que os corpos deles se tocavam parecia nascer uma centelha. Todas as coisas saíram da mente de Mark, menos Cristina. A luz na pele marrom, o rosto afogueado, o modo como a saia subia quando ela girava, permitindo que ele entrevisse as coxas macias que tanto havia imaginado centenas de vezes.

Mark a segurou pela cintura e Cristina requebrou para trás nos braços dele, flexível, os cabelos roçando o chão. Quando ela se ergueu outra vez, os olhos

semicerrados, ele não conseguiu mais se conter. Puxou-a para si e a beijou.

Ela ergueu as mãos e se agarrou aos cabelos dele, os dedos puxando-o e trazendo-o para mais perto. Cristina tinha gosto de água fresca e límpida, e Mark sorveu sua boca como se estivesse com muita sede. Seu corpo inteiro parecia um desejo desesperado. E, quando ela se afastou dele, ele gemeu baixinho. Mas Cristina estava rindo e olhando para ele, dançando levemente para trás com as mãos esticadas. A pele de Mark parecia estar toda rígida; ele estava desesperado para beijá-la outra vez, para deixar suas mãos passearem por onde os olhos estiveram antes: deslizando pelas laterais de suas pernas compridas, sob a saia, ao longo da cintura, por suas costas, onde os músculos eram macios e longos nas laterais da coluna.

Mark a queria, e era um desejo muito humano; não era luz das estrelas e estranhamento, mas sim o aqui e o agora. Ele foi até ela, buscando suas mãos.

— Cristina...

Ela congelou e, por um momento de temor, ele pensou que fosse por causa dele. Mas Cristina olhava além. Mark se virou e viu Kieran à porta, encostado no batente e olhando muito fixamente para os dois.

Mark se retesou. Em um momento atrasado de clareza, ele percebeu que fora estúpido, assustadoramente estúpido ter feito o que estivera fazendo. Mas, nada disso era culpa de Cristina. Se Kieran descontasse nela...

Mas, quando Kieran falou, estava animado.

— Mark — disse ele —, você realmente não tem ideia, tem? Você devia mostrar a ela o jeito certo de se fazer isso.

Kieran caminhou até eles, um verdadeiro príncipe do Reino das Fadas em toda sua graça. Usava camiseta e calça brancas, e os cabelos pretos caíam parcialmente sobre os ombros. Ele parou no meio do cômodo e estendeu uma das mãos para Cristina.

— Milady — falou, e fez uma mesura. — Poderia me conceder uma dança?

Cristina hesitou por um instante e então assentiu.

— Você não precisa fazer isso — murmurou Mark. Ela apenas lhe deu um olhar demorado, e então seguiu Kieran até o meio do salão.

— Agora — falou Kieran, e começou a se movimentar.

Mark não achava que já tivesse dançado com Kieran antes, não numa festa; eles sempre tinham tentado esconder o relacionamento diante do mundo maior do Reino das Fadas. E Kieran, se não pudesse dançar com o parceiro de sua escolha, não dançaria com ninguém.

Mas ele estava dançando agora. E, se Cristina se movimentava como fogo, Kieran se movimentava como um raio. Após um instante de hesitação, Cristina o acompanhou — ele a pegou nos braços, a aparou e a ergueu com a força fácil

das fadas, girando-a ao redor dele. Ela arfou, e seu rosto se iluminou com o prazer da música e do movimento.

Mark ficou onde estava, sentindo-se estranho e confuso na mesma medida. O que Kieran estava fazendo? O que ele estava pensando? Será que aquilo era algum tipo de advertência? Mas não parecia ser. Quanto será que Kieran tinha visto? O beijo ou só a dança?

Ele ouviu Cristina dando risada. Arregalou os olhos. Incrível. Ela e Kieran pareciam estrelas girando juntas, só se tocando pelas beiradas, porém explodindo numa chuva de faíscas e fogo quando entravam em contato. E Kieran estava sorrindo, sorrindo de verdade. Aquilo mudou o rosto dele e fez com que parecesse mais jovem do que realmente era.

A música terminou. Cristina parou de dançar e de repente pareceu tímida. Kieran ergueu a mão para tocar os longos cabelos escuros dela, jogando-os por cima do ombro para que ele pudesse se inclinar e beijá-la na bochecha. Ela arregalou os olhos de surpresa.

Somente então, quando ele se afastou, foi que olhou para Mark.

— Pronto — falou ele. — É assim que dança o sangue do Povo das Fadas.

— Acorde.

Kit gemeu e rolou. Ele finalmente tinha dormido, e sonhava com alguma coisa agradável, algo como estar numa praia com seu pai. Não que seu pai o tivesse levado à praia realmente, mas era para isso que os sonhos serviam, não era?

No sonho, o pai tocara seu ombro e dissera: *Eu sempre soube que você daria um bom Caçador de Sombras.*

Não importava que Johnny Rook preferisse ver o filho se tornando um assassino em série a ser um Nephilim. Fazendo um esforço para acordar, Kit se lembrou do sorriso do pai e da última vez que ele o vira, na manhã do dia em que os demônios de Malcolm Fade o tinham feito em pedaços.

— Você não me ouviu? — A voz que tirava Kit do sono se tornou mais urgente. — Acorde!

Kit abriu os olhos. O quarto estava tomado pelo brilho pálido da pedra de luz enfeitiçada, e uma sombra pairava acima da cama. Com a lembrança recente dos demônios Mantis no limite de sua consciência, Kit se levantou rápido.

A sombra recuou sem perda de tempo e por pouco não colidiu contra Kit. A pedra de luz enfeitiçada apontou para cima, iluminando Ty; seu cabelo escuro e macio estava bagunçado, como se ele tivesse rolado da cama e vindo para o quarto de Ty sem se pentear. Ele usava um moletom de capuz que Julian lhe dera



antes de ir para a Cornualha, provavelmente metade por conveniência e metade para proporcionar consolo. O fio dos fones de ouvido saía do bolso e se enrolava no pescoço.

— Watson — falou. — Eu quero ver você.

Kit resmungou e esfregou os olhos.

— O quê? Que horas são?

Ty girou a pedra de luz enfeitiçada nos dedos.

— Você sabia que as primeiras palavras faladas ao telefone foram “Watson, venha aqui, quero ver você”?

— Mas era um Watson totalmente diferente — observou Kit.

— Eu sei — retrucou Ty. — Só achei interessante. — Ele puxou os fones de ouvido pelo fio. — Eu queria ver você mesmo. Ou, pelo menos, tem uma coisa que preciso fazer e preferiria que você viesse comigo. Na verdade, foi uma coisa que você disse que me deu a ideia de fazer a pesquisa.

Kit chutou as cobertas. De qualquer forma, tinha dormido usando as roupas do dia a dia, um hábito incutido durante a época em que seu pai estivera envolvido em negócios que deram errado, por isso eles dormiam totalmente vestidos por dias, para o caso de precisarem pegar as coisas e fugir apressados.

— Pesquisa? — perguntou ele.

— Está na biblioteca — falou Ty. — Posso mostrar antes de irmos. Se você quiser.

— Eu gostaria de ver.

Kit saiu da cama e meteu os pés nos sapatos, pegando um casaco antes de seguir Ty pelo corredor. Ele sabia que deveria estar exausto, mas havia alguma coisa na energia de Ty, no brilhantismo e na concentração de seu foco, que estimulavam Kit como cafeína. Isso o acordava por dentro com uma sensação de promessa, como se os momentos a sua frente de repente incluíssem infinitas possibilidades.

Na biblioteca, Ty cobrira uma das mesas com as anotações enviadas da Cornualha por Emma e Julian, além de cópias impressas dos desenhos de Annabel. Ainda parecia a mesma bagunça para Kit, mas Ty passava a pedra de luz enfeitiçada sobre as páginas com confiança.

— Lembra quando a gente estava conversando sobre como um corvo levava os recados entre Malcolm e Annabel? No barco? E você disse que não parecia confiável?

— Lembro — falou Kit.

— Isso me deu uma ideia — disse Ty. — Você é bom em me incitar ideias. Não sei por quê. — E deu de ombros. — De qualquer forma. Nós vamos para a Cornualha.

— Por quê? Vamos exumar a ave e interrogá-la?

— Claro que não.

— Isso foi uma piada, Ty... — Kit se calou, o impacto das palavras do outro menino o atingindo com atraso. — O quê? Vamos aonde?

— Eu sei que foi uma piada — falou Ty, pegando um dos desenhos impressos. — Livvy me falou que, quando as pessoas fazem piadas que não são engraçadas, a coisa mais educada a se fazer é ignorá-las. Não é verdade?

Ele parecia ansioso e Kit queria abraçá-lo, do mesmo jeito que tinha feito na outra noite, no telhado.

— Não, é verdade — respondeu ele, apressando-se atrás de Ty ao saírem da biblioteca. — É só que humor é subjetivo. Nem todo mundo concorda que as mesmas coisas são engraçadas, ou que não são.

Ty olhou para ele com simpatia sincera.

— Tenho certeza de que as pessoas acham você hilário.

— Com certeza. — Eles se apressavam na direção da escada, esgueirando-se nas sombras. Kit se perguntava por que estavam indo à Cornualha, mas isso não parecia ter importância. Ele sentia a agitação faiscando nas pontas dos dedos, a promessa de aventura. — Mas Cornualha, é sério? Como? E quanto a Livvy?

Ty não se virou.

— Não quero levá-la hoje.

Eles tinham chegado aos pés da escada. Uma porta dava para um imenso cômodo de pedra. A cripta de uma catedral. O soalho e as paredes eram feitos de imensas lajes de pedra escura, lixadas até ficarem lisas, e havia suportes de latão presos a colunas de pedra que, provavelmente, costumavam servir de suporte aos lampiões. Agora a luz vinha da pedra de luz enfeitiçada, jorrando através dos dedos em concha de Ty.

— O que estamos fazendo exatamente? — falou Kit.

— Lembra-se de quando fiquei na loja para conversar com Hypatia Vex? — perguntou Ty. — Ela me disse que tem um Portal permanente aqui embaixo. É antigo, talvez um dos primeiros existentes, criado mais ou menos em 1903. Ele só vai até o Instituto da Cornualha. A Clave não sabe dele ou não o controla.

— Um Portal que não é controlado? — falou Kit. Ty estava caminhando em volta do recinto, fazendo a pedra de luz enfeitiçada refletir nas paredes, em fissuras e cantos. — Isso não é perigoso?

Ty não disse nada. Tapeçarias compridas pendiam a intervalos nas paredes. Ele olhava atrás de cada uma delas, passando a luz acima e abaixo na parede. Ela refletia na pedra e iluminava o cômodo feito vaga-lumes.

— Por isso você não queria que Livvy viesse — falou Kit. — Porque é perigoso.

Ty se endireitou. Seu cabelo estava bagunçado.

— Ela já se machucou por minha causa — falou.

— Ty...

— Eu preciso encontrar o Portal. — Ty se inclinou na direção da parede, seus dedos tamborilando nela. — Eu olhei atrás de todas as tapeçarias.

— Que tal olhar *nelas*? — sugeriu Kit.

Ty lhe deu um olhar demorado, pensativo, com uma pitada de surpresa. Kit captou apenas um lampejo dos olhos cinzentos quando o menino se virou outra vez para examinar as tapeçarias. Cada uma delas mostrava uma cena do que parecia uma paisagem medieval: castelos, muros de pedra compridos, torres e estradas, cavalos e batalhas. Ty parou diante de uma que mostrava uma cerca alta, no meio da qual existia uma abertura em arco. Através dela, via-se o mar.

Ele encostou a mão na peça, um gesto hesitante, desconfiado. Houve um brilho de luz. Kit avançou correndo quando a tapeçaria brilhou e se tornou reluzente e colorida como uma superfície oleosa.

Ty olhou outra vez para o desenho que ele segurava, então se virou, com a outra mão esticada para Kit.

— Não seja tão molenga.

Kit esticou a mão para ele. Seus dedos se fecharam em torno dos dedos de Ty, quentes e firmes mediante o aperto. Ty deu um passo adiante, para dentro do Portal, com as cores dividindo-se e voltando a se formar ao redor dele — ele já estava meio invisível — e sua mão apertou a de Kit, puxando-o atrás de si.

Kit segurou com firmeza. Mas em alguma parte do caos giratório do Portal, sua mão se soltou da de Ty. Um pânico irracional o invadiu e ele gritou algo bem alto — sem saber ao certo o quê —, antes que os ventos do Portal o girassem através de uma passagem e o cuspissem no ar frio, sobre um declive de grama úmida.

— Sim? — Ty estava de pé acima dele, com a pedra de luz na mão. O céu atrás dele era imponente e escuro, reluzindo com um milhão de estrelas.

Kit ficou de pé, encolhendo-se. Ele estava se acostumando a fazer viagens via Portal, mas ainda não gostava disso.

— O que foi? — O olhar de Ty não encontrou o de Kit, e sim se pôs a analisá-lo, como se à procura de algum machucado. — Você estava chamando meu nome.

— Estava? — Kit olhou ao redor. Gramados verdes inclinavam-se para três direções abaixo e aí se erguiam numa quarta ao encontro de uma imensa igreja cinza. — Acho que fiquei com medo de você se perder no Portal.

— Isso só aconteceu algumas vezes. Estatisticamente é muito improvável. — Ty ergueu a pedra de luz enfeitada. — Este é o Instituto da Cornualha.

Ao longe, Kit via o brilho do luar sobre a água escura. O mar. Acima deles, a igreja era um monte de pedra cinza com janelas pretas quebradas e sem a porta da frente. A torre da igreja estocava os redemoinhos de nuvens, iluminada pela lua atrás dela. Ele assobiou entredentes.

— Há quanto tempo ele foi abandonado?

— Há poucos anos. Não havia Caçadores de Sombras suficientes para ocupar todos os Institutos. Não desde a Guerra Maligna. — Ty revezava o olhar entre o desenho em sua mão e os arredores. Kit notava os resquícios de um jardim destruído: ervas daninhas cresciam entre as roseiras mortas, a grama estava comprida demais, precisando ser aparada, o musgo cobria as dezenas de estátuas espalhadas ao redor do jardim, como vítimas de Medusa. Um cavalo empinava no ar ao lado de um menino com um pássaro empoleirado no pulso. Uma mulher de pedra segurava uma graciosa sombrinha. Minúsculos coelhos de pedra espreitavam entre as ervas daninhas.

— E nós vamos entrar? — perguntou Kit, desconfiado. Ele não gostava nadinha da aparência daquelas janelas escuras. — Não seria melhor vir durante o dia?

— Nós não vamos entrar. — Ty ergueu o desenho que havia trazido. Sob a luz enfeitiçada, Kit via um desenho a tinta do Instituto e de seus jardins, feito durante o dia. O local não mudara muito nos últimos duzentos anos. As mesmas roseiras, as mesmas estátuas. Mas era como se o desenho tivesse sido feito no inverno, quando os galhos das árvores eram esqueletos. — Aquilo que precisamos está aqui.

— Do que é que nós precisamos? — perguntou Kit. — Faça-me esse favor. Explique o que isso tem a ver com meu comentário casual sobre corvos não serem confiáveis.

— Que não seria confiável. A questão é que Malcolm não disse que o corvo estava vivo nem que era um corvo real. Nós só presumimos.

— Não, mas... — Kit fez uma pausa. Ele estivera prestes a dizer que não fazia sentido entregar seus recados a um corvo morto, mas alguma coisa na expressão de Ty o fez calar.

— Na verdade, faz mais sentido que eles simplesmente tivessem deixado recadinhos num esconderijo — falou Ty. — Um ao qual os dois pudessem ter acesso facilmente. — Ele cruzou a grama até a estátua do garoto com o pássaro no pulso.

Um pequeno choque percorreu Kit. Ele não sabia muito sobre aves, mas esta fora entalhada em pedra preta e reluzente. E parecia bastante com os desenhos que ele tinha visto de corvos.

Ty esticou o braço para passar os dedos no pássaro de pedra. Aí ouviu um

clique e o rangido de dobradiças. Kit correu até o menino, bisbilhotando uma pequena abertura nas costas da ave.

— Tem alguma coisa aí dentro?

Ty balançou a cabeça.

— Está vazio. — Ele enfiou a mão no bolso, pegou um pedaço de papel dobrado e o deixou cair na abertura antes de fechá-la outra vez.

Kit parou de repente.

— Você deixou um bilhete.

Ty fez que sim com a cabeça. Ele tinha dobrado o desenho e guardado no bolso. Sua mão pendia solta junto à lateral do corpo, segurando a pedra de luz enfeitiçada: a luz havia diminuído e a lua proporcionava iluminação suficiente para os dois enxergarem.

— Para Annabel? — perguntou Kit.

Ty hesitou.

— Não conte a ninguém — falou ele, finalmente. — Foi só uma ideia que eu tive.

— Isso foi sagaz — falou Kit. — Muito sagaz... Não creio que outra pessoa teria adivinhado sobre a estátua. Não creio que outra pessoa *poderia* ter feito isso.

— Mas isso pode não ter importância — falou Ty. — Nesse caso, eu teria falhado. E prefiro que ninguém saiba. — Ele começou a murmurar baixinho, daquele jeito que fazia às vezes.

— Eu vou saber.

Ty parou de murmurar.

— Não ligo — falou — se for você.

Kit queria perguntar por que não, queria muito perguntar, mas era como se o próprio Ty não soubesse ao certo a resposta. E ele ainda estava murmurando, o mesmo fluxo suave de palavras que ficava em alguma parte entre um suspiro e uma canção.

— O que você está dizendo? — perguntou Kit, finalmente, sem saber se estava tudo bem em perguntar, mas incapaz de evitar a curiosidade.

Ty olhou para a lua através dos cílios. Eles eram grossos e escuros, quase infantis. E conferiam ao rosto dele uma aparência de inocência que o fazia parecer mais jovem — um efeito esquisito, o oposto de sua mente quase que assustadoramente sagaz. — São só palavras que eu gosto — falou ele. — Quando fico repetindo-as, minha mente fica... mais calma. Isso te incomoda?

— Não! — respondeu Kit rapidamente. — Eu só estava curioso para saber de quais palavras você gostava.

Ty mordeu o lábio. Por um momento, Kit pensou que o menino não fosse

dizer nada.

— Não é o significado, é apenas o som — falou ele. — Vidro, gêmeo, maçã, sussurro, estrelas, cristal, sombra, canção. — Ele desviou o olhar de Kit, um vulto trêmulo no moletom com capuz grande demais, os cabelos pretos absorvendo o luar sem refletir a claridade.

— Sussurro seria uma das minhas também — falou Kit. Ele deu um passo na direção do outro, tocando levemente o ombro dele. — Nuvem, segredo, estrada, furação, espelho, castelo, espinhos.

— Espinhos pretos, os Blackthorn — falou Ty, com um sorriso encantador, e Kit soube, naquele instante, que não importava o que ele tivesse andado dizendo a si sobre fugir nos últimos dias: tinha sido uma mentira. E talvez tivesse sido a mentira à qual Livvy andara reagindo, quando ela o interpelara com raiva diante da loja de magia àquele dia, o núcleo em seu próprio coração que lhe dissera que talvez ele ainda devesse ir embora.

Mas agora ele sabia que poderia tranquilizá-la. Ele não ia abandonar os Caçadores de Sombras. Não ia a parte alguma. Porque onde os Blackthorn estivessem, agora era o seu lar.

## 22

### O Mais Maldito

Quando Emma acordou na manhã seguinte, descobriu que *não* se atara em um nó com Julian enquanto dormia. Já era um progresso. Talvez porque ela tivesse passado a noite inteira tendo pesadelos nos quais via o pai outra vez, e aí ele removia o rosto e revelava, por baixo, Sebastian Morgenstern.

— *Luke, eu sou seu pai* — murmurou ela, e ouviu Julian rindo baixinho. Emma cambaleou para fora da cama para procurar seu uniforme, de modo que não tivesse que vê-lo acordando daquele modo adorável, com olhos sonolentos e cabelos bagunçados. Ela se vestiu no escritório enquanto Julian tomava banho e se arrumava; ambos se encontraram para um café da manhã rápido constituído de torrada e suco, e partiram para encontrar Annabel.

Era quase meio-dia e o sol estava alto no céu quando eles chegaram à Igreja de Porthallow — aparentemente, o conceito de *perto* para as pixies não era exatamente o que os humanos chamariam de “arredores”. No entanto, Emma continuava a ouvir a voz alta da pixie em sua mente. *Muito, muito perto*, tinha dito. Não importava, ela não gostara nem um pouco de como soara aos seus ouvidos.

A igreja tinha sido construída sobre um penhasco acima de um promontório. O mar se estendia ao longe, um tapete de azul fosco. Nuvens, que pareciam pintadas, cruzavam o céu como uma bola de algodão que alguém tivesse partido e espalhado. O ar estava tomado pelo zumbido de abelhas e pelo perfume de flores silvestres tardias.

A região ao redor da igreja tinha crescido demais, mas o edifício propriamente dito estava bem conservado, apesar de abandonado. As janelas haviam sido cuidadosamente pregadas com tábuas de madeira e um aviso — MANTENHA DISTÂNCIA: PROPRIEDADE PARTICULAR — ENTRADA PROIBIDA — estava

pregado na porta da frente. A uma pequena distância da igreja existia um cemitério e mal se viam suas lápides cinzentas e desbotadas pela chuva em meio à grama comprida. A única torre quadrada da igreja se lançava contra o céu num alívio solitário. Emma ajeitou Cortana nas costas e olhou para Julian, que franzia a testa para o celular dela.

— O que você está olhando? — perguntou Emma.

— Wikipédia. “A Igreja de Porthallow se localiza acima do mar, no topo do penhasco em Talland, próximo a Polperro, na Cornualha. Segundo relatos, o altar da igreja data da época do Rei Marcos, da história de Tristão e Isolda, e foi construída na junção de Linhas Ley.”

— A Wikipédia sabe sobre as Linhas Ley? — Emma pegou o telefone de volta.

— A Wikipédia sabe sobre tudo. Ela bem que poderia ser administrada por feiticeiros.

— Você acha que é isso que eles fazem o dia todo no Labirinto Espiral? Administrar a Wikipédia?

— Admito que é meio decepcionante.

Emma enfiou o celular no bolso e apontou para a igreja.

— Então isto é outra convergência?

Julian balançou a cabeça.

— Uma convergência é onde todas as Linhas Ley na região se conectam. Isto é uma junção: duas Linhas Ley se cruzando. Ainda é um local poderoso. — Sob a forte luz do sol, ele tirou uma lâmina serafim do cinto, segurando-a junto à lateral do corpo conforme eles se aproximavam da entrada da igreja.

— Você sabe o que vai dizer a Annabel? — murmurou Emma.

— Não faço ideia — retrucou Julian. — Acho que vou... — Ele se calou. Havia alguma coisa em seus olhos: uma expressão perturbada.

— Tem alguma coisa errada? — perguntou Emma.

Eles tinham se aproximado das portas da igreja.

— Não — falou Julian, após um longo momento, e, embora Emma notasse que ele não falava a verdade, deixou para lá. Ela sacou Cortana das costas, para o caso de precisar.

Julian empurrou as portas com o ombro. O pequeno ferrolho que as mantinha fechadas estourou e eles entraram, Julian alguns passos à frente de Emma. Estava um breu lá dentro.

— *Arariel* — murmurou ele, e sua lâmina serafim se iluminou como uma pequena fogueira, clareando o interior.

Uma arcada de pedra se estendia num dos lados da igreja, os bancos aninhados entre os arcos. A pedra era entalhada com delicados desenhos de



folhas. A nave e o transepto, onde o altar costumava ficar, estavam em profunda sombra.

Emma ouviu Julian respirando fundo.

— Foi aqui que Malcolm ressuscitou Annabel — falou ele. — Eu me lembro por causa do cristal da vidência. Foi aqui que Arthur morreu.

— Tem certeza?

— Sim. — Julian baixou a cabeça. — *Ave atque vale*, Arthur Blackthorn. — Sua voz estava cheia de tristeza. — Você morreu bravamente e pela sua família.

— Jules... — Ela quis esticar a mão e tocá-lo, mas ele já havia se endireitado; qualquer tristeza que tivesse sentido agora estava disfarçada sob a capa de Nephilim.

— Não sei por que Annabel iria querer ficar aqui — falou ele, iluminando o interior da igreja com a luz de sua lâmina serafim. Estava cheio de poeira. — Não pode ser um lugar com boas lembranças para ela.

— Mas se ela estiver desesperada por um esconderijo...

— Veja. — Julian apontou o altar, apoiado sobre uma laje de granito com alguns centímetros de espessura. Tinha um tampo de madeira sobre a pedra, e alguma coisa branca reluziu contra a madeira. Um pedaço de papel dobrado, preso por uma faca.

O nome de Julian estava rabiscado nele, com uma letra escura e feminina.

Emma arrancou o papel e o entregou a Jules, que o abriu rapidamente, segurando-o onde ambos pudessem ler sob a luz da lâmina.

*Julian,*

*Você pode considerar isso um teste. Se estiver aqui, lendo este bilhete, você fracassou.*

Emma ouviu Julian prender a respiração. Eles continuaram lendo:

*Eu disse às pixies que estava morando aqui, na igreja. Não é verdade. Eu não ficaria onde tanto sangue foi derramado. Mas eu sabia que vocês não deixariam meu paradeiro em paz, que perguntariam às pixies onde eu estava, que iriam procurar por mim.*

*Apesar de eu ter pedido que não o fizessem.*

*Agora vocês estão aqui neste lugar. Eu preferiria que não estivessem, pois não fui a única criatura que Malcolm Fade e o sangue de seu tio ressuscitaram. Mas vocês tinham que ver o que o Volume Preto pode fazer.*

*Annabel*

Cristina estava sentada no vão da janela da biblioteca, lendo, quando olhou para fora e viu um vulto escuro e familiar esgueirando-se pelos portões

principais.

Ela havia passado horas na biblioteca, estudando obedientemente os livros nos idiomas que sabia melhor: espanhol, grego antigo, castelhano antigo e aramaico, em busca de citações do *Volume Preto*. Não que tivesse conseguido se concentrar.

Lembranças da noite anterior continuavam a incomodá-la em momentos estranhos, tipo quando ela estava passando o açúcar a Ty e quase o derrubou em seu colo. Será que ela realmente havia beijado Mark? Dançado com Kieran? *Gostado* de dançar com Kieran?

Não, pensou Cristina, precisava ser sincera consigo: ela havia gostado, sim. Tinha sido como cavalgar com a Caçada Selvagem. Ela sentira que saía do próprio corpo, rodopiando em meio às estrelas e nuvens. Fora como nas histórias sobre as festas contadas por sua mãe quando Cristina era pequena, nas quais mortais se perdiam nas danças com as fadas e morriam na bela alegria daquilo.

Claro, depois todos eles simplesmente seguiram para seus respectivos quartos; Kieran, calmamente; Mark e Cristina, parecendo abalados. E Cristina permanecera ali um longo tempo, sem dormir, olhando para o teto e se perguntando em que tipo de encrenca havia se metido.

Ela pousou o livro com um suspiro. Não ajudava em nada o fato de estar sozinha na biblioteca — Magnus ficava indo e voltando da enfermaria, onde Mark o ajudava a arrumar o equipamento para misturar a cura para o feitiço de amarração, e Dru estava ajudando Alec a tomar conta das crianças em um dos quartos vagos. Livvy, Ty e Kit tinham saído para pegar os ingredientes na loja de Hypatia Vex. Bridget a toda hora entrava e saía com bandejas de sanduíches e chá, resmungando que seus pés a estavam matando e que a casa se encontrava mais cheia do que uma estação de trem. E Kieran... não estava em parte alguma.

Cristina se acostumara a uma certa quantidade de caos controlado em Los Angeles, mas se flagrara com saudade da tranquilidade do Instituto da Cidade do México, do silêncio do roseiral de sua mãe, e até das tardes oníricas que havia passado com Diego e, às vezes, com Jaime no Bosque de Chapultepec.

E Cristina sentia falta de Emma. Seus pensamentos eram um redemoinho de confusão — tudo era —, e ela queria que a amiga estivesse aqui, para fazer tranças em seus cabelos, contar piadas sem graça e fazê-la rir. Talvez Emma fosse capaz de dar algum sentido ao que tinha acontecido na noite anterior.

Ela esticou a mão para pegar o telefone e então recuou. Não ia começar a mandar mensagens para Emma relatando todos os seus problemas, não quando eles estavam no meio de tanta coisa. Em vez disso, lançou um olhar resolutivo pela janela... e viu Kieran cruzando o pátio.

Ele estava todo de preto. Cristina não sabia onde havia arrumado as roupas,

mas elas o faziam parecer uma sombra esguia debaixo do céu cinzento e chuvoso que tinha substituído o azul da manhã. Seu cabelo estava azul e preto; as mãos, escondidas sob luvas.

Não existia nenhuma regra que impedisse Kieran de sair do Instituto; não de fato. Mas Kieran odiava a cidade, dissera Mark. Aço e ferro frio por toda parte. Além disso, era esperado que eles o mantivessem em segurança, e não que permitissem sua fuga antes de testemunhar diante da Clave. Esperava-se que não deixassem nada acontecer a ele.

E talvez ele estivesse chateado. Ou mesmo com raiva de Mark, com ciúmes, embora não houvesse demonstrado nada disso na noite anterior. Cristina desceu do parapeito. Kieran já estava passando pela abertura do portão, rumo às sombras, onde ele pareceu cintilar e sumir, tal como as fadas faziam.

Cristina saiu em disparada da biblioteca. Pensou ter ouvido alguém chamá-la enquanto cruzava o corredor, mas não se preocupou em parar. Kieran era rápido, e ela o perderia.

Não havia tempo de parar e fazer a Marca do Silêncio, nem tempo para procurar sua estela. Cristina desceu a escadaria correndo e pegou um casaco pendurado na entrada. Meteu os braços dentro dele e correu para o pátio.

Aí sentiu uma pontada no pulso. Era a dor alertando que Mark ficara para trás. Cristina a ignorou e seguiu Kieran pelo portão.

Talvez ele não estivesse fazendo nada errado, falou ela para si, tentando ser justa. Ele não era prisioneiro no Instituto. Talvez Mark estivesse ciente desta saída.

Kieran seguia apressado pela rua estreita, passando de sombra em sombra. Havia algo furtivo no modo como ele se movia. Cristina tinha certeza disso.

Ela se manteve junto à lateral da estrada enquanto o seguia. As ruas estavam desertas, úmidas com um salpico de chuva. Sem uma Marca de disfarce, Cristina estava totalmente alerta para não se deixar ser flagrada por um mundano: suas marcas estavam visíveis, e ela não sabia ao certo se eles reagiriam de modo a alertar Kieran.

Cristina temia porque em algum momento eles chegariam a uma rua mais movimentada, e aí ela seria vista. Seu braço fazia mais do que latejar agora; uma dor aguda lancetava em torno dele, como se um arame de aço estivesse sendo apertado ao redor do pulso.

Ainda assim, conforme Kieran se embrenhava cada vez mais para o coração da cidade, as ruas pareciam ficar mais estreitas em vez de mais largas. As lâmpadas elétricas ficaram monofásicas. As pequenas cercas de ferro em volta das árvores desapareceram, e os galhos acima dela começaram a se tocar pelas estradas, formando um toldo verde.

Kieran caminhava com passo constante à frente dela, uma sombra entre sombras.

Finalmente eles chegaram a um bloco de edifícios de tijolos voltados para dentro, com as fachadas cobertas de hera e treliças verdes. No centro do bloco, via-se um pequeno trecho de folhagens urbanas comuns: algumas árvores, grama plana e bem cuidada, e uma fonte de pedra no meio. Cristina ouviu o borrifar das águas bem baixinho quando se esgueirou por trás de uma árvore, encostando-se no tronco, e então espiou ao redor de Kieran.

Ele tinha parado junto à fonte e um vulto de capa verde se aproximava dele lentamente, do lado mais distante do pequeno parque. Seu rosto era familiar. Ele tinha pele marrom-clara e olhos que brilhavam mesmo naquela escuridão. Suas mãos eram compridas e esguias; debaixo da capa, ele vestia um gibão bordado com a coroa partida da Corte Unseelie. Era Adaon.

— Kieran — falou ele, cansado. — Por que você me chamou?

Kieran fez uma pequena mesura. Cristina sentia a tensão dele. Era surpreendente que ela conhecesse Kieran o suficiente para saber quando estava tenso. Caso perguntasse, Cristina diria que ele era praticamente um desconhecido.

— Adaon, meu irmão — disse ele. — Preciso de sua ajuda. Preciso do seu conhecimento sobre feitiços.

O irmão de Kieran levantou uma sobrancelha.

— Se eu fosse você, meu pequeno, eu não lançaria feitiços no mundo mundano. Você está entre Nephilim, e eles vão reprovar esse tipo de coisa, assim como os feiticeiros e bruxas deste lugar.

— Eu não quero lançar um feitiço. Quero desfazer um. Um feitiço de amarração.

— Ah — falou Adaon. — A quem o feitiço está amarrando?

— Mark — respondeu Kieran.

— *Mark* — repetiu Adaon, um pouco zombeteiro. — O que ele tem de tão especial para você se preocupar se ele está amarrado? Ou será que ele deveria estar amarrado somente a você?

— Eu não gostaria de algo assim — falou Kieran ferozmente. — Jamais iria querer isso. Ele deveria me amar livremente.

— Amarração não é amor, embora possa revelar sentimentos de outra forma enterrados. — Adaon pareceu pensativo. — Eu jamais imaginaria ouvi-lo falando assim, meu pequeno. Quando era criança, você pegava o que queria sem pensar nas consequências.

— Ninguém permanece criança na Caçada Selvagem — acrescentou Kieran.

— Uma pena você ter sido mandado embora — disse Adaon. — Teria dado

um belo Rei depois de nosso pai, e a Corte amava você.

Kieran balançou a cabeça.

— Eu não queria ser Rei.

— Porque você teria que abrir mão de Mark — falou Adaon. — Mas todo rei abre mão de alguma coisa. É a natureza dos reis.

— Mas reis não estão em minha natureza. — Kieran inclinou a cabeça para trás e olhou para o irmão mais alto. — Acho que você daria um bom regente, irmão. Alguém para trazer a paz de volta às Terras.

— Isso não tem a ver só com o feitiço de amarração, não é? — questionou Adaon. — Há algo mais. Nosso pai acredita que você se refugiou com os Caçadores de Sombras para escapar de sua ira; admito, imaginei isso. Há algo mais?

— Poderia haver — respondeu Kieran. — Sei que você não vai agir contra nosso pai, mas também sei que você não é como ele, ou mesmo que considera seu governo justo. Se o trono estivesse vago, você o aceitaria?

— *Kieran* — falou Adaon. — Existem coisas sobre as quais não falamos.

— Tem havido derramamento de sangue há tanto tempo, e nenhuma esperança — falou Kieran. — Não é só sobre a minha segurança. Você precisa acreditar nisso.

— O que está planejando, Kieran? — quis saber Adaon. — Em que tipo de encrenca você se meteu agora?

A mão de alguém cobriu a boca de Cristina. Outro braço a enlaçou, apertando-a. Ela dobrou o corpo em surpresa e sentiu o aperto afrouxar. Jogou a cabeça para trás, golpeou o rosto de alguém e ouviu um uivo de dor.

— Quem está aí? — Adaon girou, a mão no cabo da espada. — Apareça!

Alguma coisa se enterrou no pescoço de Cristina — uma coisa comprida e afiada. A lâmina de uma faca. Ela congelou.

\*\*\*

— É melhor nós irmos — murmurou Emma. Ela não perguntou a Julian o que Annabel queria dizer. Desconfiava que ambos já soubessem.

Uma coisa escura e escorregadia brilhou no transepto, e se movimentava com fluidez grotesca. O cômodo pareceu escurecer. Emma franziu o nariz — de repente o cheiro de podre da presença demoníaca estava em toda parte, como se ela tivesse aberto uma caixa cheia de um pot-pourri horroroso.

A palidez do rosto de Julian realçava nas sombras. Ele amassou a carta e eles começaram a sair da igreja, com passos cuidadosos, a lâmina serafim oferecendo

uma iluminação bruxuleante. Estavam a meio caminho da saída quando ouviram uma violenta pancada: as duas grandes portas da frente tinham se fechado com força.

Emma ouviu uma pixie rir, bem baixinho.

Eles se viraram quando o altar foi derrubado e atingiu o chão com uma pancada, espatifando-se.

— Você vai para a esquerda — sussurrou Emma. — Eu vou para a direita.

Julian se esgueirou sem fazer barulho. Ela ainda conseguia senti-lo ali, bem próximo. Durante o trajeto da cidade até a igreja ambos tinham parado para Marcar um ao outro, num lugar com vista para a Baía Talland e o oceano azul. Agora tais marcas pinicavam e ganhavam vida conforme Emma passava por um banco comprido e acompanhava a parede da igreja.

Ela chegou à nave. As sombras se acumulavam densamente aqui, mas a Marca de Visão Noturna estava cintilando e assim era mais fácil enxergar. Dava para ver o altar tombado, a imensa mancha de sangue seco que manchava o soalho de pedra. Havia a impressão sangrenta da mão de alguém numa das pilastras próximas. Parecia errado e horrível, assim, dentro de uma igreja; aquilo a fazia pensar num Instituto contaminado.

Pensar em Sebastian, derramando sangue no limiar da fortaleza dos Caçadores de Sombras em Los Angeles.

Ela se encolheu e, durante aquele breve lampejo de lembrança, seu foco se desviou. Alguma coisa brilhou na periferia de sua visão ao mesmo tempo que a voz de Julian explodiu aos seus ouvidos:

— *Emma, cuidado!*

Ela se jogou para o lado, longe da sombra bruxuleante, e aterrisou no altar revirado, girando para flagrar um horror ondulante erguendo-se à sua frente. Era preto e escarlate, cor de sangue — e *era* sangue, uma formação em vermelho coagulado e semissólido, com dois olhos brancos ardentes. As mãos da criatura terminavam em pontas planas, como a extremidade de uma pá, cada uma com uma única garra preta e curvada, projetando-se. As garras pingavam com uma gosma rala e luminosa.

A coisa falou. Sangue escorria de sua boca, uma fenda escura no rosto rubro.

— *Eu sou Sabnock, de Thule. Como ousa ficar diante de mim, humana horrenda?*

Emma ficou surpresa ao não ser chamada de Caçadora de Sombras — a maioria dos demônios conhecia os Nephilim. Mas ela não demonstrou.

— Isso é pessoal. Estou magoada — falou ela.

— *Não compreendo suas palavras.* — Sabnock deslizou na direção dela. Emma recuou para o altar. Sentia Julian em algum lugar atrás dela; sabia que ele

estava ali sem nem precisar olhar.

— A maioria não compreende — continuou. — Ser sarcástica é um fardo.

— *O sangue me trouxe até aqui* — disse a coisa. — *Sangue é o que eu sou. Sangue derramado no ódio e fúria. Sangue derramado no amor frustrado. Sangue derramado no desespero.*

— Você é um demônio — falou Emma, empunhando Cortana, reta e equilibrada. — Eu não preciso realmente saber por quê ou como. Só preciso que você volte ao lugar de onde veio.

— *Eu venho do sangue e ao sangue retornarei* — retrucou o demônio, e deu um salto, expondo os dentes e garras. Emma sequer tinha percebido que a coisa *tinha* dentes, mas lá estavam, como lascas de vidro vermelho.

Ela se jogou para trás, dando uma cambalhota para longe da criatura. A coisa atingiu o altar com o som de fluido batendo contra um objeto sólido. O mundo girou em torno de Emma quando ela se virou. Emma sentiu-se gelar terrivelmente até os ossos, a calma congelante da batalha que desacelerava tudo no mundo ao redor dela.

Ela aterrissou, pondo-se de pé. O demônio estava agachado na beirada do altar, grunhindo. A coisa saltou de novo e, desta vez, Emma a atingiu com um golpe rápido para cima.

Cortana não encontrou resistência. A lâmina deslizou pelo ombro da criatura; o sangue borrifou no punho e no antebraço de Emma. Sangue viscoso, coagulado, podre. Ela engasgou quando a coisa rodopiou como um tornado, açoitando-a com a garra quase transparente. Emma e o demônio giraram pelo chão da igreja num tipo de dança, Cortana faiscando e brilhando. Era impossível feri-lo — os cortes e dilacerações simplesmente abriam um buraco temporário, como um entalhe na água, que se fechava imediatamente.

Emma não ousava desviar os olhos do demônio por tempo suficiente para procurar Julian. Sabia que ele estava ali, mas parecia que estava muito longe, como se tivesse ido para o outro lado da igreja. Ela também não conseguia enxergar a estrela faiscante e distante da lâmina serafim dele. *Jules*, pensou. *Uma ajudinha agora seria bom.*

Com um rosnado de frustração, o demônio atacou outra vez. Emma girou, um corte enérgico acima da cabeça do bicho, e a coisa uivou; conseguira quebrar alguns dos dentes dela, e uma dor aguda perfurou seu braço. Emma girou a espada, esmagando a cabeça do demônio, assimilando o prazer de seus gritos.

A luz explodiu no mundo. Emma cambaleou para trás, os olhos ardendo. Um quadrado se abria no telhado, bem acima deles, como o teto solar de um carro. Ela viu uma sombra contra o sol; Julian, empoleirado sobre um dos caibros mais altos da igreja, e então a luz do sol passou pela abertura e o demônio começou a

queimar.

Enquanto queimava, a criatura guinchava. Com as bordas escurecendo, cambaleou para trás. O recinto fedia a sangue fervendo. Julian desceu dos caibros e aterrisou no altar: sua estela numa das mãos, a lâmina serafim na outra.

Emma esticou para ele a mão livre, a que não segurava Cortana. Ele sabia o que ela queria, nem foi preciso perguntar. A lâmina serafim traçou um arco no ar na direção dela como fogos de artifício. Emma a pegou, girou e cravou no demônio que queimava, já enfraquecido.

Com um último guinchar, a criatura desapareceu.

O silêncio que se seguiu foi impressionante. Emma arfou, suas orelhas zumbiam, e ela se virou para Jules.

— Isso foi *incrível*...

Jules saltou do altar, tirando a lâmina serafim suja de icor da mão dela. A peça já estava começando a se deformar, entupida de sangue demoníaco. Ele a jogou para o lado e pegou a mão de Emma, virando-a para que pudesse ver o arranhão comprido que ia das costas da mão até o antebraço.

Ele ficou totalmente pálido.

— O que foi que aconteceu? A coisa mordeu você?

— Não exatamente. Eu me cortei nos dentes dele.

Julian passou os dedos pelo braço dela, que estremeceu. Era um corte comprido e estreito, mas não era superficial.

— Está queimando? Pinicando?

— Eu estou bem — disse Emma. — Jules, estou bem.

Julian a encarou por um momento. Seus olhos estavam ferozes e secos sob a luz abrupta que vinha de cima. Ele se afastou sem dizer mais nenhuma palavra e seguiu pela nave da igreja, em direção às portas.

Emma examinou a própria mão. A ferida era bem comum, pensou ela; seria necessário limpar, mas não era nada diferente dos ferimentos normais de combate. Enfiou Cortana outra vez na bainha e seguiu Julian para fora da igreja.

Por um momento, Emma não o viu. Era como se ele tivesse desaparecido e só restasse a vista da igreja. Campos verdes desbotando a um tom apagado de azul: mar azul, céu azul, a bruma azulada das montanhas distantes.

Ela ouviu um grito, fino e baixinho, e correu na direção dele, na direção do cemitério onde lápides gastas e apagadas pelo tempo se inclinavam para a frente e para trás como um baralho de cartas espalhadas.

Ouviu-se um grunhido alto.

— Solte-me! *Solte-me!* — Emma girou e viu a grama se mexendo; a pixie menorzinha estava se retorcendo freneticamente, presa ao solo por Jules, cuja



expressão sombriamente fria causou calafrios em Emma.

— Você nos trancou lá dentro com aquela coisa — acusou Julian, o braço sobre o pescoço da pixie. — Não foi?

— Eu não sabia que aquilo estava lá! Não sabia! — guinchou a pixie, contorcendo-se no aperto dele.

— Que diferença faz? — protestou Emma. — Julian. Não...

— Foi Necromancia o que aconteceu ali naquela igreja. Ela abriu um buraco entre as dimensões, que deixa um demônio passar por vez. Aquela coisa poderia ter esfaqueado a gente.

— Não sabia! — choramingou a pixie.

— Quem não sabia? — questionou Julian. — Porque eu vou apostar que você sabia.

A pixie amoleceu, molenga. Julian a prendeu com um joelho.

— A moça mandou dizer para vocês irem lá. Disse que vocês eram perigosos. Que matariam as fadas.

— Eu já devia saber — retrucou Julian.

— Está tudo bem, Julian — falou Emma. Ela sabia que a pixie não era a criatura inocente e infantil que aparentava ser. Mas vê-la se contorcendo e choramingando daquele jeito a deixava enjoada.

— Não está tudo bem. Você está ferida — falou Julian, e o tom frio em sua voz a fez se lembrar da expressão dele quando Anselm Nightshade foi levado. *Julian, você me assustou um pouco*, dissera ela à época.

Mas e daí? Nightshade se revelara mesmo culpado. Clary confirmara.

— Deixe-o em paz! — Outra pixie se agitou fracamente na grama. Uma pixie do sexo feminino, a julgar pelas roupas e pelo comprimento do cabelo. Ela agitava as mãozinhas para Julian, em vão. — Ele não sabe de nada!

Julian não se mexeu. E encarou a fada com frieza. Parecia uma estátua de um anjo vingador, alguma coisa desprovida de expressão e compaixão.

— Não se aproxime da gente outra vez — disse. — Não fale disso para ninguém ou nós vamos achar você e fazer com que pague por isso.

A pixie assentiu desesperadamente. Julian ficou de pé e as fadas desapareceram como se o chão as tivesse engolido.

— Você precisava assustá-las tanto assim? — perguntou Emma, com um pouco de hesitação. Julian ainda carregava aquela expressão vazia e assustadora, como se seu corpo estivesse presente, mas a mente estivesse a milhares de quilômetros.

— Melhor assustadas do que criando problema. — Julian se virou para Emma. A cor estava voltando à sua pele. — Você precisa de um *iratzé*.

— Está tudo bem. Não dói tanto assim e, além disso, eu quero limpar

primeiro.

*Iratzes* eram capazes de cicatrizar qualquer ferida, mas às vezes isso significava selar uma infecção ou sujeira.

A preocupação cintilou nos olhos dele.

— Nesse caso, é melhor a gente voltar para o chalé. Mas primeiro preciso da sua ajuda com uma coisa.

Emma pensou no altar quebrado, no sangue derramado, e gemeu.

— Não diga limpar tudo.

— Nós não vamos limpar a igreja — falou Julian. — Nós vamos queimá-la.

Quem quer que estivesse segurando Cristina agora, era mais forte do que um mundano humano.

— Agora dê um passo à frente, e me obedeça — disse a voz atrás dela, ofegante, porém grave e confiante. Cristina se viu empurrada para o centro do parque. Foi arrastada na direção da fonte e das duas fadas de pé ali. Ambas a fitaram; Kieran olhava para ela; o irmão dele, um pouco acima de sua cabeça.

— Erec — falou Adaon, com a voz cansada. — O que você está fazendo aqui?

— Eu o segui. — A voz de Erec ecoou atrás de Cristina. Ela se lembrou dele com um lampejo de ódio, lembrou-se dele no Reino das Fadas, a faca de Julian colada no pescoço do sujeito assim como estava sendo feito contra ela agora. — Eu estava curioso quanto ao seu objetivo aqui. E também queria ver nosso irmão caçula.

— Solte-a — falou Kieran com um gesto para Cristina. Ele não ousou encará-la. — Ela não tem nada a ver com isso. É só uma Caçadora de Sombras espionando sem meu conhecimento.

— Você disse que ela não tem nada a ver com você — zombou Eric. — Não que não se importa com ela. — Uma dor quente e prateada faiscou no pescoço de Cristina, que sentiu a quentura do sangue escorrendo e enrijeceu a coluna, recusando-se a se encolher.

— Deixe a garota em paz. — O rosto de Kieran era a máscara pálida de ódio. — Você quer os Nephilim atrás de você, Erec? Você é tolo? Eu *sei* que você é um torturador... você costumava me torturar. — Ele deu um passo na direção de Cristina e Erec. — Você se lembra? Você causou estas aqui. — Ele puxou a manga preta e frouxa, e Cristina viu as longas cicatrizes no braço. — E as cicatrizes nas minhas costas.

— Você era uma criança frouxa — disse Erec. — Frouxa demais para ser o filho de um Rei. A bondade não tem lugar na corte de uma coroa partida. — Ele

deu uma risadinha. — Além do mais, venho trazer notícias. Nosso pai enviou os Sete.

Kieran empalideceu ainda mais.

— Os Sete de Mannan? Enviou para onde?

— Para cá. Para o mundo mundano. A missão deles é recuperar o *Volume Preto*, agora que todos já sabem sobre a morte de Malcolm. E vão encontrá-lo. Antes de você.

— O *Volume Preto* não tem nada a ver comigo — afirmou Kieran.

— Mas tem a ver com nosso pai — acrescentou Adaon. — Ele o quer desde que o Primeiro Herdeiro foi roubado.

— Há mais tempo do que ele odeia os Nephilim? — perguntou Kieran.

Erec cuspiu.

— Os Nephilim que você tanto ama. São uma raça amaldiçoada. Você está se desgastando à toa, Kieran, quando poderia ser muito mais.

— Deixe-o em paz, Erec — falou Adaon. — O que você imagina que nosso Pai faria se Kieran voltasse para casa, além de matá-lo?

— Se nosso Pai estiver vivo para matar alguém.

— Chega de intriga! — rugiu Adaon. — Basta, Erec!

— Então deixe que ele prove que é leal! — Erec retirou a faca do pescoço de Cristina com um gesto abrupto; ela balbuciou e tossiu. Seu pulso era pura dor lancinante e as mãos de Erec pareciam braçadeiras de ferro em seus braços. Ele a empurrou, na direção dos irmãos, sem afrouxar o aperto. — Mate a Caçadora de Sombras — gritou para Kieran. — Adaon, dê-lhe sua arma. Atravesse o coração dela, Kieran. Mostre que você é leal e intercederei por você com nosso Pai. Você pode ser bem-vindo de volta à Corte em vez de ser morto ou exilado na Caçada.

Adaon levou a mão à lateral do corpo para pegar a espada, mas Kieran já a havia alcançado. Cristina lutou, esperneando, mas não conseguiu se desvencilhar de Erec. O terror a invadiu quando Kieran se aproximou dos dois, a lâmina das fadas reluzindo em sua mão, os olhos lisos como espelhos.

Cristina começou a rezar. *Anjo, mantenha-me em segurança. Raziel, ajude-me.* Ela permaneceu de olhos abertos. Não ia fechá-los. Senão, seria a morte de um covarde. Se o Anjo desejava que ela morresse agora, então ela morreria de pé, de olhos abertos como Jonathan Caçador de Sombras. Ela ia...

Os olhos de Kieran faiscaram minimamente, a cabeça inclinada para o lado. Ela acompanhou o movimento, compreendendo de repente quando ele ergueu a espada. Ele investiu... e ela abaixou a cabeça.

A espada cortou o ar com precisão acima dela. Alguma coisa quente, úmida e com cheiro cuproso espirrou em suas costas. Ela gritou e girou quando os braços de Erec a soltaram, a garganta dele cortada até a espinha, e então o corpo

tombou sobre a trilha de seixos.

— *Kieran* — murmurou Adaon, horrorizado. Kieran ficou parado sobre o corpo de Erec, com a espada suja de sangue na mão. — O que foi que você fez?

— Ele a teria matado — falou Kieran. — E ela é minha... e Mark...

Cristina segurou-se na fonte para se firmar. Suas pernas estavam dormentes e a pontada em seu braço era como fogo.

Adaon avançou e tomou a espada da mão de Kieran.

— Iarlath não tinha seu sangue — falou. Ele parecia em choque. Imóvel. — Mas Erec tinha. Você será denunciado como assassino dos seus se alguém descobrir o que fez.

Kieran ergueu a cabeça. Seus olhos ardiam nos olhos do irmão.

— *Você vai contar para eles?*

Adaon puxou o capuz sobre o rosto. O vento tinha começado a soprar através da praça — uma rajada fria e cortante. A capa de Adaon balançava como asas.

— *Vá, Kieran. Busque a segurança do Instituto.*

Adaon se abaixou sobre o corpo de Erec. Estava contorcido num ângulo violento, o sangue escorrendo entre os seixos e a grama. Quando ele se ajoelhou, Kieran começou a caminhar para sair do parque... aí parou.

Lentamente, ele se virou e olhou para Cristina.

— *Você não vem?*

— Sim. — Cristina ficou surpresa ao ouvir a firmeza na própria voz, mas seu corpo a traiu. Quando ficou de pé, a agonia percorreu seu braço até a lateral do corpo e ela se abaixou, arfando.

Um momento depois alguém a tocava, sem qualquer sutileza, e ela sentiu que era erguida do chão. Sobressaltou-se — Kieran a pegara no colo e a estava carregando para fora do parque.

Cristina deixou os braços penderem, sem saber o que mais fazer. Não conseguia falar. Apesar da dança da véspera, era estranho que Kieran a segurasse dessa maneira. Antes Mark estivera presente, mas agora eles estavam a sós.

— Não seja boba — falou Kieran. — Ponha seus braços em volta de mim. Não quero derrubar você e depois ter que explicar as coisas para Mark.

*Ele a teria matado. E ela é minha... e Mark...*

Ela se perguntava o que ele estivera pretendendo dizer. *Mark teria ficado zangado? Mark teria ficado decepcionado? Ela é minha amiga?*

Não, ele jamais pensaria em dizer algo assim. Kieran não gostava dela. Cristina tinha certeza disso. E talvez ele não tivesse dito nada daquilo. Suas lembranças estavam ficando confusas por causa da dor.

Eles passavam por uma rua onde as luzes pareciam mudar de gás para elétricas conforme seguiam. A iluminação piscava nas janelas acima. Cristina

ergueu os braços e os colocou ao redor do pescoço de Kieran. Entrelaçou os dedos, mordendo o lábio devido à dor do feitiço de amarração.

O cabelo de Kieran fazia cócegas em seus dedos. Era macio, surpreendentemente macio. A pele dele também era incrivelmente delicada, mais do que a de qualquer humano, como a superfície de porcelana polida. Cristina se lembrou de Mark beijando Kieran contra uma árvore no deserto, com as mãos em seus cabelos, puxando a gola do suéter para alcançar sua pele, seus ossos, seu corpo. E corou.

— Por que você me seguiu? — falou Kieran, rigidamente.

— Eu vi você pela janela da biblioteca — respondeu Cristina. — Pensei que estivesse fugindo.

— Saí para ver Adaon, como prometi que faria, só isso. Além do mais... — Ele deu uma risada breve. — Aonde eu iria?

— As pessoas costumam fugir mesmo quando não têm para onde ir — disse Cristina. — É mais uma questão do quanto alguém consegue suportar o lugar onde se encontra.

Fez-se um longo silêncio, demorado o suficiente para que Cristina imaginasse que Kieran não pretendia responder. Então ele falou:

— Tenho a sensação de que fiz algum tipo de maldade com Mark. Não sei o que foi. Mas vejo isso em seus olhos quando ele me encara. Ele acha que está escondendo, mas não está. Embora possa mentir com a boca, ele jamais aprendeu a esconder a verdade em seus olhos.

— Você vai ter que perguntar a Mark — retrucou Cristina. Eles tinham chegado à rua que conduzia ao Instituto. Cristina via o pináculo do edifício erguendo-se ao longe. — Quando Adaon falou que, se você se tornasse Rei, teria que abrir mão de Mark, a que ele se referia?

— No Reino das Fadas, um Rei não pode ter um consorte humano. — Ele a encarou com aqueles olhos semelhantes a estrelas. — Mark mente sobre você. Mas eu vi o modo como ele te olha. Na noite passada, quando nós dançamos. Ele mais do que deseja você.

— Você... você se importa? — perguntou Cristina.

— Não com você — respondeu Kieran. — Pensei que fosse ligar, mas não me importo. Você tem um algo mais. Você é bonita, é gentil, e você é... boa. Não sei por que isso faria diferença. Mas faz.

Ele soou quase surpreso. Cristina nada disse. Seu sangue estava manchando a camisa de Kieran. Era uma visão surreal. O corpo dele estava quente, não frio como mármore, como Cristina sempre imaginara. Ele tinha um leve cheiro de noite e florestas, um aroma límpido, intocado pela cidade.

— Mark precisa de gentileza — falou Kieran, após uma longa pausa. — E eu

também.

Eles chegaram ao Instituto e Kieran subiu os degraus rapidamente, parando no topo. Seus braços enrijeceram ao redor dela.

Cristina o encarou, confusa. Então ela compreendeu.

— Você não consegue abrir a porta — falou. — Você não é um Caçador de Sombras.

— É o que parece. — Kieran piscou para as portas, como se elas o tivessem surpreendido.

— E se você voltasse sem mim? — Cristina teve a vontade mais estranha de rir, embora nada até então tivesse sido engraçado, e o sangue de Erec ainda estivesse endurecendo suas roupas atrás. Ela se perguntava quantos banhos precisaria tomar até se sentir ao menos um pouco limpa. — Eu realmente teria imaginado que você seria mais precavido.

— Parece que assimilei um pouco da sua impulsividade humana — afirmou Kieran.

Ele falou como se estivesse chocado consigo. Com pena, Cristina começou a afrouxar os dedos no pescoço dele.

Ela esticou o braço para a porta, mas ela abriu por dentro. A luz brilhou na entrada e à soleira estava Mark olhando de um para o outro, atônito.

— Onde vocês estavam? — quis saber. — Pelo Anjo... Kieran, Cristina... — Ele esticou os braços como se fosse tomá-la do colo do outro.

— Está tudo bem — falou Cristina. — Eu consigo ficar de pé.

Kieran a colocou no chão delicadamente. A dor no braço dela começava a desaparecer, embora encarar o pulso de Mark — vermelho, inchado, com um círculo de sangue — a enchesse de culpa. Era tão difícil de acreditar, mesmo agora, que a dor que ela sentia também era dele; o sangue dela, o sangue dele.

Mark passou a mão pela manga dela, que já estava endurecida pelo sangramento de Erec.

— Todo este sangue... não é só do seu pulso... e por que você sairia, vocês dois...?

— Não é sangue dela — falou Kieran. — É do meu irmão.

Todos eles estavam à entrada agora. Kieran esticou a mão atrás de si e deliberadamente fechou as imensas portas da frente com uma pancada alta. Cristina ouvia passos, alguém se apressando para descer.

— Do seu irmão? — repetiu Mark. Nas roupas escuras de Kieran, o sangue mal era visível, mas Mark parecia olhar com mais atenção agora e notava os respingos de escarlate no pescoço e na bochecha dele. — Você quer dizer... Adaon?

Kieran pareceu atordoadado.

— Eu fui encontrá-lo, falar do feitiço de amarração e de sua possível subida ao trono.

— E houve derramamento de sangue? Mas por quê? — Mark tocou levemente a bochecha de Kieran. — Se nós soubéssemos que poderia haver uma briga, jamais teríamos sugerido que você falasse com ele em nosso nome. E por que foi sozinho? Por que não me falou nem me levou com você?

Kieran fechou os olhos por um momento, virando a bochecha na mão em concha de Mark.

— Eu não queria colocar você em risco — respondeu em voz baixa.

Mark encarou Cristina nos olhos, por cima do ombro de Kieran.

— Não foi Adaon quem quis brigar — disse ela, esfregando o pulso. — Foi Erec.

Kieran abriu os olhos, delicadamente retirando a mão de Mark de seu rosto e em seguida entrelaçando seus dedos nos do outro menino.

— Ele deve ter seguido Adaon até nosso local de encontro — explicou. — Eu nem sequer tive a oportunidade de contar a Adaon nossos planos para ele e o trono. — Seus olhos ficaram sombrios. — Mark, tem uma coisa que você deve saber...

Magnus irrompeu no vestibulo, com Alec atrás dele. Ambos ofegavam.

— O que está acontecendo? — perguntou Alec.

— Onde estão as crianças? — indagou Kieran. — Os pequenos, e o garotinho azul com chifrinhos?

Alec piscou.

— Bridget está tomando conta deles — falou. — Por quê?

— Explicarei mais detalhadamente quando puder — disse Kieran. — Por enquanto, vocês devem saber o seguinte: o Rei, meu pai, enviou os Sete Cavaleiros para encontrar o *Volume Preto*, e eles estão aqui, em Londres. Imagino que ele acredite que o paradeiro do *Volume Preto* seja conhecido por nós do Instituto. O perigo é grande. Por enquanto, estamos em segurança no interior dessas paredes, mas...

Mark empalidecera.

— Mas Livvy e Ty não estão no interior dessas paredes — afirmou ele. — Eles saíram com Kit para pegar os ingredientes para o feitiço de amarração. Estão em algum lugar na cidade.

Ouviu-se um balbucio, Alec perguntou alguma coisa abruptamente, Magnus fez um gesto. Mas a dor e o choque — não só dela, mas de Mark — acinzentaram a visão de Cristina, por mais que ela estivesse se esforçando para manter a consciência. Ela tentou dizer algo, mas as palavras desapareceram, tudo lhe escapando assim que desfaleceu nas sombras.

Ela não soube ao certo quem aparou sua queda, se Mark ou Kieran.

Nuvens de chuva tinham substituído o céu azul de Londres. Depois de pegar os ingredientes para Magnus com Hypatia, Ty, Kit e Livvy resolveram caminhar em vez de aguardar pelo barco na fila úmida e agitada.

Kit se divertia pisando nas poças da trilha do Tâmis, a qual serpenteava como uma cobra de granito na lateral do rio. Eles tinham passado outra vez pela Torre de Londres, e Ty indicara o Portão dos Traidores, por onde antigamente criminosos condenados entravam para subir à torre, de encontro à decapitação.

Livvy suspirara.

— Eu queria que Dru estivesse com a gente. Ela teria gostado disso. Ultimamente ela mal sai do quarto.

— Acho que ela teme ser obrigada a tomar conta de alguém, se sair — falou Kit. Ele ainda não tinha uma impressão clara de Dru; estava mais para uma percepção borrada do rosto redondo, das bochechas coradas e de um monte de roupas pretas. Ela possuía os olhos dos Blackthorn, mas, em geral, eles estavam concentrados em outra coisa.

— Acho que ela está guardando algum segredo — falou Livvy. Eles tinham passado pela Ponte do Milênio, uma linha de ferro comprida que cruzava o rio, e estavam se aproximando de uma ponte mais desgastada, pintada em vermelho e cinza.

Ty estava murmurando sozinho, perdido nos pensamentos. Hoje o rio tinha a mesma cor dos olhos dele, um tipo de cinza metálico, com fragmentos prateados. A alça branca dos fones de ouvido estava em volta do pescoço, prendendo os cabelos pretos desgrenhados debaixo dela. O menino parecia confuso.

— Por que ela faria isso?

— É só um pressentimento — disse Livvy. — Não posso *provar*... — A voz falhou. Ela forçou a vista para enxergar ao longe, com a mão erguida para bloquear a luz acinzentada da tarde que batia em seu rosto. — O que é aquilo?

Kit acompanhou o olhar da menina e sentiu um calafrio. Havia algumas figuras se movimentando pelo céu, uma fileira de vultos em velocidade, delineados contra as nuvens. Três cavalos, distintos como esboços no papel, com três cavaleiros nas costas.

Ele olhou ao redor, agitado. Mundanos estavam por toda parte, prestando pouca ou nenhuma atenção aos três adolescentes de jeans e capas de chuva com capuz, correndo com suas bolsas cheias de pó mágicos.

— A Caçada Selvagem? — indagou Kit. — Mas por quê?

— Não acho que seja a Caçada Selvagem — retrucou Livvy. — Eles



cavalgam à noite. Estamos em plena luz do dia. — Ela pôs a mão na lateral do corpo, onde pendiam as lâminas serafim.

— Não estou gostando nada disso — falou Ty, ofegante. Os vultos estavam incrivelmente próximos agora, deslizando pelo topo da ponte, inclinando-se para baixo. — Estão vindo na nossa direção.

Eles se viraram, mas era tarde demais. Kit sentiu a brisa desmanchar seu cabelo quando cavalos e cavaleiros passaram acima deles. Um instante depois, ouviu-se um estrondo quando os três aterrissaram ordenadamente ao redor de Kit, Livvy e Ty, impedindo a fuga.

Os cavalos tinham um tom de bronze faiscante e seus cavaleiros também tinham pele e cabelos cor de bronze. Além disso, usavam máscaras na metade do rosto, de um metal reluzente. Eles eram belos, estranhos e sobrenaturais, totalmente deslocados nas sombras da ponte enquanto os táxis aquáticos passavam nos arredores e a via zumbia com o trânsito.

Eram nitidamente fadas, mas não como as que Kit tinha visto antes, no Mercado das Sombras. Eram maiores e mais altos, e estavam armados, apesar dos éditos da Paz Fria. Cada um trazia uma espada imensa na cintura.

— Nephilim — falou um deles, com uma voz semelhante a geleiras se partindo. — Sou Eochaid dos Sete Cavaleiros, e estes são meus irmãos, Etarlam e Karn. Onde está o *Volume Preto*?

— O *Volume Preto*? — repetiu Livvy. Os três estavam espremidos junto ao muro da trilha. Kit percebeu que os passantes lançavam olhares curiosos, e ele sabia que era como se eles três estivessem olhando para o nada.

— Sim — disse Etarlam. — Nosso Rei está em busca dele. Vocês vão entregá-lo.

— Nós não estamos com ele — retrucou Ty. — E não sabemos onde está.

Karn deu uma risada.

— Vocês não passam de crianças, por isso estamos inclinados a ser tolerantes — falou. — Mas entendam uma coisa. Os Cavaleiros de Mannan têm feito o que o Rei Unseelie ordena há milhares de anos. Nesse meio-tempo, muitos caíram sob nossas lâminas, e não poupamos ninguém por nenhuma razão, nem por idade, fraqueza ou enfermidade. E não pouparemos ninguém agora. — Ele se inclinou sobre a crina do cavalo, e Kit notou que o animal tinha olhos de tubarão, escuros, achatados e mortais. — Ou vocês sabem onde está o *Volume Preto*, ou serão prisioneiros úteis para incentivar quem sabe. O que vai ser, Caçadores de Sombras?

## 23

### Céus de Fogo

— Ganhei de novo. — Jaime baixou as cartas: todas de copas. Ele sorriu em triunfo para Dru. — Não fique chateada. Cristina costumava dizer que eu tinha a sorte do diabo.

— Mas o diabo não teria azar? — Dru não se importava por perder para Jaime. Ele sempre parecia satisfeito, e ela não se importava de um jeito ou de outro.

Na noite anterior, ele dormira no chão, ao lado da cama dela, e, quando ela acordara, rolara e ficara admirando a figura dele, com o peito inflado de felicidade. Durante o sono, Jaime parecia vulnerável e ficava ainda mais parecido com o irmão, embora agora ela o considerasse mais bonito do que Diego.

Jaime era um segredo, o segredo dela. Um feito importante da parte dela, mesmo que os outros não tivessem ideia da ocorrência dele. Ela sabia que ele estava numa missão importante, uma coisa sobre a qual não podia falar muito; era como ter um espião em seu quarto, ou um super-herói.

— Vou sentir sua falta — disse ele com franqueza, trançando os dedos e esticando os braços como um gato se espreguiça sob o sol. — Esse foi o maior descanso que já tive em muito tempo, e o mais divertido também.

— Nós podemos continuar amigos depois disso, certo? — perguntou ela. — Quero dizer, quando a sua missão acabar.

— Não sei quando ela vai acabar. — Uma sombra cruzou o rosto dele. Jaime mudava de humor muito mais rápido que o irmão: num minuto ele estava contente; logo em seguida, ficava triste; depois, pensativo, e então era capaz de rir durante cinco minutos seguidos. — Pode ser que demore. — Ele olhou para ela de esguelha. — Talvez você fique chateada comigo. Eu fiz você guardar um

segredo da sua família.

— Eles guardam segredos de mim — falou ela. — Acham que sou jovem demais para saber alguma coisa.

Jaime franziu a testa. Dru sentiu uma pontadinha de preocupação — eles nunca tinham conversado sobre a idade dela; por que teriam que conversar? Mas normalmente as pessoas imaginavam que ela devia ter, pelo menos, uns 17 anos. Suas curvas eram bem mais acentuadas do que as das outras meninas da sua idade, e Dru estava acostumada a atrair os olhares dos garotos.

Mas até então Jaime não tinha olhado, ao menos não do jeito que os outros meninos costumavam olhar, como se tivessem algum direito sobre o corpo dela. Como se ela devesse ser grata por tanta atenção. E então ela se dera conta de que não queria desesperadamente que Jaime soubesse que ela só tinha 13 anos.

— Bem, Julian acha — emendou ela. — E Julian é meio que o responsável por tudo. A questão é que, quando nós éramos menores, todos éramos só “as crianças”. Mas depois que meus pais morreram, e Julian basicamente nos criou, nós nos dividimos em grupos. Eu virei a “mais nova”, e de repente Julian era o mais velho, tipo, um pai.

— Sei como é — falou Jaime. — Diego e eu costumávamos brincar feito cachorrinhos quando éramos crianças. Então ele cresceu e decidiu que precisava salvar o mundo, aí começou a me dar ordens.

— Exatamente isso — concordou ela. — É isso aí mesmo.

Ele esticou a mão e puxou a bolsa de lona de baixo da cama.

— Eu não posso ficar muito tempo mais — disse. — Mas antes de ir... tenho uma coisa para você.

Jaime tirou o laptop da bolsa. Dru ficou olhando para ele — não era sua intenção lhe dar um laptop, era? Ele levantou a tela, um sorriso se espalhando pelo rosto. Era tipo um sorriso de Peter Pan, que dizia que ele nunca ia parar com as traquinagens.

— Eu baixei *A Casa que Pingava Sangue* — falou. — Achei que podíamos ver juntos.

Dru bateu palmas e passou para o colchão ao lado dele. Ele se afastou e deu espaço suficiente para a menina. Ela ficou observando enquanto ele inclinava a tela para que ambos conseguissem ver. E aí finalmente conseguiu ler as palavras que davam voltas no braço dele, embora não soubesse o que significavam. *La sangre sin fuego hierva*.

— E sim — falou ele, quando as primeiras imagens começaram a aparecer na tela. — Espero que a gente seja amigo no futuro.

— Jules — chamou Emma, apoiando-se na parede da igreja. — Você tem certeza de que é uma boa ideia? Não parece sacrilégio incendiar uma igreja?

— Está abandonada. Deixou de ser sagrada. — Julian arregaçou as mangas do casaco. Ele estava se marcando com o símbolo de Força, de modo limpo e preciso, na parte interna do antebraço. Atrás dele, Emma via a curva da baía, a água batendo em ondas azuis contra a praia.

— Ainda assim... nós respeitamos todas as religiões. Toda religião paga díizimo aos Caçadores de Sombras e é assim que vivemos. Isso parece...

— Desrespeitoso? — Julian sorriu com pouco humor. — Emma, você não viu o que eu vi. O que Malcolm fez. Ele dilacerou o tecido do que fazia desta igreja um local sagrado. Ele derramou sangue e depois o sangue dele foi derramado. E, quando uma igreja se torna um matadouro desse jeito, é pior do que se fosse outro tipo de construção. — Ele passou uma das mãos pelo cabelo. — Lembra o que Valentim fez com a Espada Mortal? Quando ele a levou da Cidade do Silêncio?

Emma assentiu. Todos conheciam a história. Era parte da história dos Caçadores de Sombras.

— Ele mudou sua aliança de angelical para infernal. Mudou do bem para o mal.

— E a igreja foi modificada também. — Ele inclinou a cabeça para trás e fitou a torre. — Por mais sacrossanto que o local tenha sido, agora é profano. E demônios continuarão sendo atraídos para ela, e continuarão passando por aqui e não vão ficar sossegados... eles vão para a aldeia. Serão um perigo para os mundanos que vivem lá. E para nós.

— Diga-me que não é só você querendo queimar a igreja porque deseja afirmar seu poder.

Julian deu um sorriso tranquilo para Emma — o tipo de sorriso que fazia todo mundo confiar nele e amá-lo, que o fazia parecer inofensivo. Esquecível até. Mas Emma enxergava sua verdadeira natureza até os ossos.

— Não acho que alguém queira saber das minhas afirmações de poder.

Emma suspirou.

— É um edifício de pedra. Não dá para simplesmente desenhar um símbolo de Fogo nele e esperar que acenda feito um fósforo.

Ele a fitou sem emoção.

— Eu lembro do que aconteceu no carro — falou ele. — Quando você me curou. Sei o que uma Marca é capaz de fazer quando retiramos energia um do outro.

— Você quer minha ajuda para isso?

Julian se virou de modo a encarar a parede da igreja, uma parede cinza de

granito, pontuada por janelas cobertas com tábuas de madeira. A grama crescia descontroladamente ao redor dos pés deles, salpicada por dentes-de-leão. Ao longe, Emma ouvia os gritos das crianças na enseada.

Ele esticou a mão com a estela e desenhou na pedra da parede. O símbolo tremeluziu, minúsculas chamas lambendo suas beiradas. *Fogo*. Mas as chamas se apagaram rapidamente, absorvidas pela pedra.

— Ponha as mãos em mim — pediu Julian.

— O quê? — Emma não sabia ao certo se havia ouvido direito.

— Ajudaria se a gente se tocasse — falou ele, friamente. — Ponha as mãos nas minhas costas, sei lá, ou nos meus ombros.

Emma ficou de pé atrás dele. Ele era mais alto do que ela; erguer as mãos para os ombros dele significaria esticar o corpo numa posição estranha. E, tão pertinho assim dele, ela sentia as costelas de Julian se expandindo quando ele respirava, via as minúsculas sardas na nuca dele, onde o vento tinha soprado o cabelo para o lado. Via o arco dos ombros largos que ia se estreitando até a cintura e o quadril, via o comprimento das pernas.

Ela colocou as mãos na cintura dele, como se estivesse na garupa de uma motocicleta, sob o casaco, porém sobre a camiseta. A pele dele era quente através do algodão.

— Muito bem — disse ela. Sua respiração deu uma leve soprada no cabelo dele; um calafrio lhe percorreu a pele. Ela podia *sentir*, e engoliu em seco. — Vá em frente.

Emma semicerrou os olhos enquanto a estela arranhava a parede. Julian tinha cheiro de grama recém-aparada, o que não era exatamente uma surpresa, considerando que ele havia rolado no solo ao lutar com a pixie.

— Por que ninguém iria querer saber? — perguntou ela.

— Saber o quê? — Julian ergueu o braço. A camiseta subiu, e de repente Emma flagrou suas mãos na pele nua e tensa, sobre os músculos oblíquos. Ela prendeu a respiração.

— Das suas afirmações de poder, sabe, a respeito de qualquer coisa — falou Emma quando os pés dele voltaram a se firmar no chão. Agora ela estava enredando as mãos ao tecido da camiseta. Ela ergueu o olhar e viu um segundo símbolo de Fogo: este era mais profundo, mais escuro, e as chamas nas beiradas brilhavam com mais intensidade. A pedra ao redor dele começou a rachar...

E o fogo surgiu.

— Pode ser que não funcione — falou Emma, com o coração acelerado. Ela queria que funcionasse e, ao mesmo tempo, não queria. Suas Marcas deviam ser mais poderosas quando criadas juntas; esse era o caso para todos os *parabatai*. Mas havia um limite para tal poder. A menos que dois *parabatai* estivessem

apaixonados. Do jeito que Jem falara, o poder deles naquela época poderia ser quase infinito — poderia crescer até destruí-los.

Julian não a amava mais; ela vira isso no modo como ele beijara aquela garota fada. Ainda assim, seria difícil ter que constatar isso.

Mas talvez fosse a melhor coisa para ela. Mais cedo ou mais tarde ela precisaria encarar a realidade.

Ela passou os braços ao redor de Julian, apertando-os sobre a barriga dele. O gesto fez o corpo dela pressionar o dele ainda mais, e o peito de Emma se moldou às costas dele. Ela o sentiu tenso de surpresa.

— Tente mais uma vez — falou ela. — Vá devagar.

Ela ouviu a respiração dele acelerar. Ele ergueu o braço e a estela começou a arranhar outro símbolo contra a pedra.

Instintivamente, as mãos de Emma subiram para o peito dele. Ela ouvia o deslizar da estela no atrito. A palma da mão se acomodou sobre o coração dele, que martelava e golpeava as costelas.

As batidas do coração de Julian. Nas centenas de milhares de outras vezes em que Emma ouvira ou sentira aquele ribombar, ela fora atingida como se o som fosse um trem expresso. Aos seis anos de idade, ela caíra de um muro no qual tentava se equilibrar e fora apartada por Julian; eles acabaram tombando juntos e ela ouvira as batidas de seu coração. Emma se lembrou da pulsação na garganta dele enquanto segurava a Espada Mortal no Salão do Conselho. Correndo pela praia, pondo os dedos no pulso e contando os batimentos cardíacos depois. O ritmo sincopado quando as batidas dos corações se igualaram durante a cerimônia *parabatai*. O som do sangue de Jules rugindo quando ele a carregou para longe do oceano. A batida constante daquele mesmo coração quando Emma encostara a cabeça no peito dele naquela noite.

O corpo de Emma estremeceu com o poder da lembrança, e ela sentiu a energia daquele calafrio pulsando através dela, através de Julian, conduzindo a força do símbolo como um chicote pelo braço, pela mão, pela estela. *Fogo*.

Julian respirou fundo, deixando a estela cair; a ponta dela brilhava, vermelha. Ele recuou e Emma retirou as mãos dele; ela praticamente tropeçou, mas ele a segurou, puxando-a para longe do prédio e para o pátio da igreja. Ofegantes, ambos ficaram observando: o símbolo que Julian desenhara tinha queimado e aberto caminho pelas pedras. A madeira sobre as janelas rachou e línguas de fogo alaranjadas surgiram.

Julian olhou para Emma. O fogo faiscava e estalava nos olhos dele, mais do que um reflexo.

— Nós fizemos isso — falou ele, a voz se elevando. — Nós fizemos isso.

Emma o encarou. Ela apertava os braços dele, pouco acima dos cotovelos, a

musculatura rija sob os dedos dela. Jules pareceu se iluminar de dentro para fora, ardendo de empolgação. Sua pele era quente ao toque de Emma.

Os olhares de ambos se encontraram. E era Julian, seu Julian, sem persianas fechadas sobre sua expressão, nada a esconder, somente o brilho límpido de seus olhos e o calor de seu olhar. Emma sentia como se o coração estivesse rasgando seu peito. Ela ouvia o crepitar alto das chamas ao redor. Julian se aproximou, cada vez mais perto, estilizando a consciência dela da necessidade de mantê-lo distante, de qualquer outra coisa que não fosse ele.

O som de sirenes ecoou nos ouvidos de Emma, o uivo da brigada do fogo, precipitando-se na direção da igreja. Julian se afastou apenas o suficiente para segurar a mão dela, e eles fugiram no momento em que o primeiro dos veículos chegou.

Mark não entendeu direito como todos entraram na biblioteca. Ele se lembrava vagamente de ter ido verificar Tavvy — que construía uma elaborada torre de blocos com Rafe e Max —, e então de bater à porta de Dru, que estava no próprio quarto e pouco inclinada a sair, o que parecia uma boa situação. Não havia razão para alarmá-la antes que fosse necessário.

Ainda assim, Mark teria gostado de vê-la. Com Julian e Helen fora, e agora com Ty e Livvy em alguma parte de Londres, em perigo, ele se sentia como uma casa perdendo as fundações. Estava desesperadamente grato por Dru e Tavvy estarem em segurança, e também pelo fato de não estarem precisando dele neste momento. Ele não sabia como Julian tinha dado conta durante todos aqueles anos: como era esperado que ele fosse forte para as outras pessoas quando ele mesmo não sabia como ser forte para si. Ele sabia que era ligeiramente ridículo que ele, um adulto, estivesse desejando a companhia da irmã de 13 anos para fortalecer sua resolução, mas era isso. E ele se envergonhava disso.

Mark estava ciente da presença de Cristina, falando rapidamente em espanhol com Magnus. De Kieran, inclinando-se em uma das mesas, com a cabeça pendendo para baixo: seu cabelo estava preto e roxo, como a parte mais escura da água. Alec voltou do corredor carregando uma pilha de roupas.

— São de Ty, Livvy e Kit — falou, estendendo-as para Magnus. — Peguei no quarto deles.

Magnus olhou para Mark.

— Nada ainda no telefone?

Mark tentou respirar profundamente. Ele havia ligado para Emma e Julian, e tinha enviado mensagens, mas não obteve resposta. Cristina dissera ter recebido notícias de Emma enquanto estava na biblioteca, e que os dois pareciam bem.

Mark sabia que Emma e Julian eram inteligentes e cuidadosos, e que não existia guerreira melhor do que Emma. Mas, ainda assim, a preocupação apertava seu coração.

No entanto, ele precisava manter o foco em Livvy, Ty e Kit, que não tinha praticamente treino nenhum, e Livvy e Ty eram muito jovens. Ele tinha a noção de que era da mesma idade dos dois quando fora levado pela Caçada, mas, mesmo assim, na visão dele ambos ainda eram crianças.

— Nada de Emma e Jules — disse ele. — Eu tentei falar com Ty dez, vinte vezes já. Sem resposta. — Ele engoliu em seco o medo. Havia milhões de motivos para Ty não pegar o telefone que não tinham a ver com os Cavaleiros.

Os Cavaleiros de Mannan. Embora ele soubesse que estava na biblioteca do Instituto de Londres, observando Magnus Bane distribuindo as roupas da pilha e começando o feitiço de rastreamento, parte dele estava no Reino das Fadas, ouvindo as histórias sobre os Cavaleiros, os assassinos sanguinários da Corte Unseelie. Eles dormiam debaixo de uma montanha até serem despertados, normalmente em épocas de guerra. Ele tinha ouvido dizer que também eram chamados Cães do Rei, pois, assim que farejavam sua presa, podiam segui-la por quilômetros de mar, terra e céu a fim de ceifar sua vida.

O Rei devia estar querendo muito o *Volume Preto* para envolver os Cavaleiros nisso. Em épocas remotas, eles haviam caçado gigantes e monstros. Agora estavam atrás dos Blackthorn. Mark sentiu o frio penetrá-lo.

Agora Mark ouvia Magnus falando baixinho; ele também explicava os Sete: quem eram e o que faziam. Alec dera a Cristina uma camiseta cinza que provavelmente era de Ty; ela a segurava, com um símbolo de Rastreamento nas costas da mão, mas balançava a cabeça mesmo enquanto apertava a peça de roupa.

— Não está funcionando — disse ela. — Talvez se Mark tentar... dê alguma coisa de Livvy para ele...

Um vestido preto de babados foi empurrado para as mãos de Mark. Ele não conseguia imaginar a irmã vestindo algo assim, mas supunha que aquela não era a questão. Ele o apertou com força, fazendo um desenho torto de um símbolo de Rastreamento nas costas da mão direita, tentando se lembrar do modo como Caçadores de Sombras faziam isso; o modo como eles limpavam a mente e alcançavam o nada, tentando encontrar a faísca da pessoa procurada no outro extremo da própria imaginação.

Mas nada havia ali. O vestido parecia uma coisa morta ao seu toque. Não tinha Livvy dentro dele. Não tinha Livvy em parte alguma.

Ele abriu os olhos, arfando.

— Não acho que isto vá funcionar.



Magnus pareceu confuso.

— Mas...

— Não são as roupas deles — falou Kieran, erguendo a cabeça. — Vocês não se lembram? As roupas foram emprestadas quando eles chegaram aqui. Eu os ouvi reclamando disso.

Mark jamais imaginaria que Kieran prestasse atenção suficiente ao que os Blackthorn diziam para gravar tais detalhes. Aparentemente, ele tinha mesmo prestado atenção.

Mas esse era o jeito dos Caçadores, não era? *Parecer que não prestava atenção, mas assimilar cada detalhe*, era o que Gwyn frequentemente dizia. *A vida de um Caçador pode depender do que ele sabe.*

— Não tem mesmo nada deles? — quis saber Magnus, com uma ponta de pânico na voz. — As roupas que eles vestiam quando chegaram aqui...

— Bridget jogou fora — falou Cristina.

— As estelas deles...

— Devem estar com eles — retrucou Mark. — As outras armas foram emprestadas. — O coração dele martelava. — Não tem nada que você possa fazer?

— Que tal viajar via Portal até o Instituto de Los Angeles? — sugeriu Alec. — Pegar alguma coisa deles de lá...

Magnus tinha começado a passear de um lado a outro.

— Neste momento, o Instituto está protegido contra viagens. Questões de segurança. Eu poderia procurar um novo feitiço, nós poderíamos mandar alguém para desmanchar o bloqueio sobre o Instituto da Califórnia, mas essas coisas levam tempo...

— Não há tempo — retrucou Kieran, se apurando. — Deixe-me ir atrás das crianças. Juro pela minha vida que farei de tudo para encontrá-las — disse ele.

— *Não* — interveio Mark, um tanto furiosamente. Ele notou o olhar magoado que passou pelo rosto de Kieran. Mas não havia tempo para explicar nem elucidar. — Diana...

— Está em Idris e não pode ajudar — falou Kieran. Mark tinha enfiado a mão no bolso. Seus dedos se fecharam em alguma coisa pequena, lisa e fria.

— Talvez seja hora de chamar os Irmãos do Silêncio — afirmou Magnus. — Sem nos importarmos com as consequências.

Cristina estremeceu. Mark sabia que ela estava pensando em Emma e Jules, na reunião da Clave em Idris, na ruína e no perigo que os Blackthorn enfrentavam. Uma ruína que aconteceria sob a responsabilidade de Mark. Algo que Julian nunca teria deixado acontecer. Desastres não ocorriam sob a responsabilidade de Jules — não aqueles que ele não podia consertar.

No entanto, Mark não podia pensar nisso. Todo seu pensamento, seu coração estavam tomados de imagens do irmão e da irmã em perigo. E eles eram mais do que seu irmão e sua irmã naquele momento: ele compreendia enfim o que Julian sentia ao olhar para eles. Eles eram seus filhos, sua responsabilidade, e Julian morreria para salvá-los.

Mark tirou a mão do bolso. A bolota dourada reluziu no ar quando ele a jogou. Ela bateu na parede diante dele e se partiu.

Cristina girou.

— Mark, o que é que você está...?

Não houve mudança visível na biblioteca, mas um perfume encheu o cômodo e, por um instante, foi como se eles estivessem de pé numa clareira no Reino das Fadas. Mark conseguia sentir o ar fresco, o solo e as folhas, a terra e as flores, a água tingida de cobre.

Kieran se retesou totalmente, os olhos tomados de uma mistura de esperança e medo.

— *Alec* — chamou Magnus, esticando uma das mãos. Sua voz foi menos uma advertência do que um tipo de necessidade crua. A estranheza do Reino das Fadas tinha entrado no cômodo e Magnus tomava providências para proteger quem amava. Alec, porém, não saiu do lugar, simplesmente ficou observando, os olhos azuis fixados quando uma sombra surgiu na parede oposta. Uma sombra projetada pelo nada.

Ela cresceu. A sombra de um homem, de cabeça abaixada e ombros largos, caídos. Cristina levou a mão ao pingente em seu pescoço e murmurou alguma coisa: uma oração, supôs Mark.

A luz no cômodo aumentou. A sombra já não era uma sombra mais. Tinha assumido cor e forma, e era Gwyn ap Nudd, com os braços cruzados sobre o peito largo e os olhos bicolores brilhando abaixo das sobrelanceiras pesadas.

— Mark Blackthorn — falou ele, sua voz um estrondo. — Eu não lhe dei esta lembrança, nem ela deveria ser usada por você.

— Você está mesmo aqui? — quis saber Mark, fascinado. Gwyn parecia sólido o suficiente, mas, se Mark olhasse com atenção, tinha a impressão de que poderia enxergar as beiradas das molduras da janela através do corpanzil dele...

— É uma Projeção — falou Magnus. — Saudações, Gwyn ap Nudd, escolta do túmulo, pai dos mortos. — Ele fez uma leve mesura.

— Magnus Bane — falou Gwyn. — Faz muito tempo.

Alec chutou Magnus no tornozelo — provavelmente, suspeitou Mark, para evitar que o feiticeiro fizesse qualquer comentário para dizer que nem fazia tanto tempo assim.

— Eu preciso de você, Gwyn — falou Mark. — Nós precisamos de você.

Gwyn se mostrou decepcionado.

— Se eu quisesse que você fosse capaz de me chamar quando lhe desse vontade, eu teria dado a bolota a você.

— Você veio até *mim* — disse Mark. — Veio até mim e pediu que eu ajudasse Kieran, e então eu o resgatei do Rei Unseelie, e agora os Cavaleiros de Mannan estão caçando meus irmãos e irmãs, que são apenas crianças.

— Eu carreguei uma quantidade incontável de corpos de crianças do campo de batalha — afirmou Gwyn.

Mark sabia que o grandalhão não pretendia ser cruel. Gwyn simplesmente tinha a própria realidade, de sangue, morte e guerra. Nunca houve uma época de paz para ele e para a Caçada Selvagem: em alguma parte do mundo, sempre havia guerra, e a missão deles era servi-la.

— Se você não ajudar — disse Mark —, então é melhor ser um servo do Rei Unseelie, protegendo seus interesses e planos.

— É *assim* que você tenta obter vantagens? — perguntou Gwyn baixinho.

— Ele não está tentando obter vantagens — retrucou Kieran. — O Rei, meu pai, quer iniciar uma guerra; se você não tomar posição contra ele, ele vai supor que você está a favor dele.

— A Caçada não fica ao lado de ninguém — falou Gwyn.

— E, se você não agir agora, quem vai acreditar nesta afirmativa será justamente isso aí: ninguém — disse Mark.

— A Caçada pode encontrar Livvy, Ty e Kit — afirmou Cristina. — Vocês são os maiores rastreadores que o mundo já conheceu, muito mais grandiosos do que os Sete Cavaleiros.

Gwyn lhe deu uma olhada ligeiramente incrédula, quase como se não conseguisse acreditar que ela havia falado. Ele pareceu meio divertido e meio exasperado pelo elogio. Kieran, por outro lado, ficou impressionado.

— Muito bem — disse Gwyn. — Eu tentarei. Não prometo nada — emendou ele sombriamente, e desapareceu.

Mark ficou observando o local onde Gwyn desaparecera, a parede branca da biblioteca, sem marcas de sombras.

Cristina lhe deu um sorriso preocupado. Ela era sempre uma revelação, pensou ele. Gentil e sincera, mas extraordinariamente capaz de usar truques das fadas, se necessário. Suas palavras para Gwyn tinham soado absolutamente sinceras.

— Ele pode parecer relutante, mas, se Gwyn diz que vai tentar alguma coisa, ele não deixará pedra sobre pedra — falou Magnus. Ele parecia exausto de um modo que Mark não se lembrava de já ter visto. Exausto e soturno. — Vou precisar da sua ajuda, Alec — disse ele. — Está na hora de tomarmos o Portal

até a Cornualha. Precisamos achar Emma e Julian antes que os Cavaleiros os encontrem.

O relógio do Salão do Conselho tocava através do Gard, soando como o repicar de um imenso sino. Diana, tendo terminado seu relato minutos antes, cruzou as mãos sobre a mesa da Consulesa.

— Jia, por favor, diga alguma coisa — implorou.

A Consulesa se levantou do assento atrás da mesa. Ela usava um vestido fluido cujas mangas tinham arremate de brocado. As costas estavam muito rijas.

— Parece trabalho de demônios — afirmou ela com tensão na voz. — Mas não há demônios em Idris. Não desde a Guerra Mortal.

O Cônsul anterior tinha morrido nessa guerra. Jia permanecera no poder desde então, e nenhum demônio entrara em Idris. Mas demônios não eram os únicos seres a um dia almejar fazer mal aos Caçadores de Sombras.

— Helen e Aline saberiam se tivesse ocorrido atividade demoníaca em Brocelind — emendou Jia. — Há todos os tipos de mapas, cartas e instrumentos sensíveis na Ilha Wrangel. Elas viram quando Malcolm rompeu as barreiras de proteção em torno do Instituto e me informaram antes mesmo de você.

— Isso não foi obra de demônios — acrescentou Diana. — Não tinha aquela sensação, o fedor dos demônios... Era a morte da natureza, uma praga na terra. Foi a... a mesma coisa descrita por Kieran em relação às Terras Unseelie.

*Cuidado*, falou Diana para si. Ela quase deixara escapar que Julian fora o agente da descrição. Jia seria uma aliada, ela torcia, mas ainda não tinha se mostrado uma. E ela continuava sendo parte da Clave — sua mais alta representante, na verdade.

Ouviu-se uma batida à porta. Era Robert Lightwood, o Inquisidor. Ele estava tirando as luvas de cavalgada.

— O que a Srta. Wrayburn disse é verdade — falou ele, sem preâmbulos. — Há um espaço atingido pela Praga no centro da floresta, talvez a um quilômetro e meio da mansão Herondale. Os sensores confirmam que não há presença demoníaca.

— Você estava sozinho quando foi verificar? — quis saber Diana.

Robert pareceu ligeiramente surpreso.

— Havia outros comigo. Patrick Penhallow, alguns dos Centuriões mais jovens.

— Deixe-me adivinhar — falou Diana. — Manuel Villalobos.

— Não me dei conta de que deveria ser uma missão confidencial — falou Robert, erguendo as sobrancelhas. — A presença dele tem alguma importância?

Diana não disse nada, apenas fitou Jia, cujos olhos escuros estavam cansados.

— Espero que você tenha trazido algumas amostras, Robert — disse Jia.

— Patrick está com elas. Ele as está levando para os Irmãos do Silêncio agora. — Robert enfiou as luvas no bolso e olhou de soslaio para Diana. — Vale mencionar que pensei em sua solicitação e acredito que uma reunião do Conselho sobre os problemas da Tropa e do mensageiro das fadas seria útil.

Ele inclinou a cabeça para Diana numa despedida e deixou o cômodo.

— É melhor que ele traga Manuel e os outros — afirmou Jia em voz baixa.

— Eles não podem negar o que viram, se chegar a esse ponto.

Diana se levantou da cadeira.

— O que você acha que eles viram?

— Eu não sei — falou Jia com sinceridade. — Você tentou usar sua lâmina serafim ou Marca quando estava na floresta?

Diana balançou a cabeça. Ela não revelara a Jia o que estivera fazendo em Brocelind ao amanhecer — certamente não que estivera num quase-encontro com uma fada, ainda por cima usando pijamas.

— Você vai argumentar que isto é um sinal da incursão da Corte Unseelie em nossas terras — falou Jia.

— Kieran disse que o Rei Unseelie não ia parar nas próprias terras. Que ele viria até as nossas. Por isso precisamos da ajuda da Rainha Seelie.

Diana sabia que isso era possível se eles encontrassem o *Volume Preto*, embora não o tivesse dito a Jia. Livrar-se da Tropa era importante demais.

— Eu li o arquivo que você me deu — emendou ela. — Acho que talvez você tenha se esquecido de retirar alguns papéis sobre o histórico de Zara.

— Ah, céus — falou Jia, sem inflexão.

— Você me deu aquela papelada porque sabia que era verdade — retrucou Diana. — Que Zara mentiu para o Conselho. Que, se ela é considerada uma heroína, é por causa daquelas mentiras.

— Você pode provar isso? — Jia tinha ido até a janela. A forte luz do sol iluminava as rugas em seu rosto.

— Você pode?

— Não — respondeu Jia, ainda olhando através da vidraça. — Mas posso lhe dizer uma coisa que eu não deveria. Eu falei de Aline e Helen, e do que elas sabem. Algum tempo atrás, elas informaram que viram *alguma coisa* perturbando os mapas de Alicante, na região de Brocelind. Uma coisa muito estranha, pontos escuros, como se as próprias árvores estivessem praticando magia do mal. Nós cavalgamos por lá, mas não vimos nada... Talvez os trechos ainda não tivessem crescido o suficiente para ficarem visíveis. Foi descartado como sendo um mau funcionamento do equipamento.

— Elas terão que verificar de novo — falou Diana, mas seu coração estava agitado. Mais uma prova de que o Rei Unseelie era uma ameaça. Um perigo claro e presente para Idris. — Se os locais escuros corresponderem às áreas da Praga, então elas devem vir para testemunhar... para mostrar à Clave...

— Devagar, Diana — falou Jia. — Andei pensando um bocado em você. Sei que há coisas que não está me contando. Razões pelas quais você tem certeza de que Zara não matou Malcolm. Razões pelas quais você sabe tanto sobre os planos do Rei Unseelie. Desde a primeira vez que convidei Julian Blackthorn e Emma Carstairs para o meu escritório, eles me confundiram e esconderam coisas da Clave. Assim como você está escondendo coisas agora. — Ela tocou a vidraça com os dedos. — Mas estou cansada. Da Paz Fria, que afasta minha filha de mim. Da Tropa e do clima de ódio que eles criam. O que você me oferece agora é um fio frágil para amarrar todas as nossas esperanças.

— Mas é melhor do que nada — falou Diana.

— Sim. — Jia se virou para ela outra vez. — É melhor do que nada.

Quando Diana saiu do Gard, alguns minutos depois, rumo à luz cinza e branca do dia, estava tomada pelo ânimo. Ela conseguira. Ia haver uma reunião; Kieran testemunharia; eles teriam chance de recuperar o Instituto, e talvez esmagar a Tropa.

Ela pensou em Emma e Julian, e no *Volume Preto*. Tanto peso em ombros tão jovens sendo forçados a suportá-lo. Ela se lembrou dos dois quando eram crianças, no Salão dos Acordos, suas espadas desembainhadas enquanto eles circulavam os Blackthorn menores, prontos a morrer por eles.

De soslaio, ela notou um brilho forte por um instante. Alguma coisa caiu no chão a seus pés. Ela ouviu algo esvoaçando acima, uma perturbação entre as nuvens pesadas. Ao se abaixar e rapidamente guardar no bolso a pequena bolota oca, ela já sabia de quem era a mensagem.

Ainda assim, esperou até metade do caminho até Alicante para ler. Gwyn devia ter alguma coisa séria a dizer para levar uma mensagem até ela no meio do dia, mesmo sob o disfarce da nuvem.

Dentro da bolota havia um pedaço de papel minúsculo com os seguintes dizeres:

*Venha ao meu encontro agora, fora dos muros da cidade. É importante. As crianças Blackthorn estão em perigo.*

Jogando fora a bolota, Diana desceu correndo a colina.

A chuva começou assim que Julian e Emma voltavam da Igreja de Porthallow, em silêncio. Ele parecia se lembrar perfeitamente do caminho, cortando através

dos promontórios numa trilha que os conduziu diretamente para Warren.

Os banhistas na doca e nas piscinas sob Chapel Rock se apressavam para recolher suas coisas às primeiras gotas; as mães vestiam as roupas nas crianças relutantes em seus pequeninos trajes de banho; toalhas em cores fortes eram dobradas e os guarda-sóis, recolhidos.

Emma se lembrou de como seu pai adorava tempestades na praia. Ela se recordou dos momentos nos braços dele quando os trovões ribombavam acima da Baía de Santa Monica, e ele lhe dizia que, quando os relâmpagos atingiam a praia, transformavam areia em vidro.

Ela ouvia o rugido neste momento, mais alto do que o som do mar quando se erguia e começava a bater nas pedras dos lados do porto. Mais alto do que a própria respiração enquanto ela e Jules corriam pela trilha molhada e escorregadia até o chalé e entravam no exato instante em que o céu se abria e a água descia como a enxurrada de uma represa rachada.

Tudo dentro do chalé parecia quase assustador em sua mediocridade. A chaleira silenciosa no fogão. Xícaras, canecas de café e pratos vazios espalhados pelo tapete de retalhos diante da lareira. O moletom de Julian estava no chão, mesmo local onde Emma o afofara e transformara em travesseiro na noite anterior.

— Emma? — Julian estava encostado na bancada da cozinha. Gotas de água salpicavam seu rosto, e o cabelo estava cacheando do jeito que sempre acontecia quando estava úmido ou molhado. Ele tinha a expressão de alguém preparado para ouvir algo ruim, algum tipo de notícia horrível. — Você não disse nada desde que saímos da igreja.

— Você está apaixonado por mim — falou Emma. — Ainda.

O que quer que ele estivesse esperando, não tinha sido isso. Ele estava abrindo o zíper do casaco e suas mãos congelaram no meio do gesto, os dedos ainda esticados. Ela viu o movimento da garganta quando ele engoliu em seco, e ele disse:

— Do que você está falando?

— Eu pensei que você não me amasse mais — falou ela, tirando o casaco e esticando o braço para pendurá-lo junto à porta, mas as mãos tremiam tanto que a roupa caiu no chão. — Mas isso não é verdade, é?

Ela o ouviu inspirar fundo, lentamente.

— Por que está dizendo isso? Por que agora?

— Por causa da igreja. Por causa do que aconteceu. Nós incendiamos uma igreja, Julian, nós *derretemos pedra*.

Ele abriu o zíper com um puxão violento e jogou o casaco com um forte barulho no armário da cozinha. Por baixo do agasalho, a camisa estava úmida

com suor e chuva.

— O que isso tem a ver com alguma coisa?

— Tem tudo a ver com... — Ela se calou, a voz estava muito trêmula. — Eu não entendo. Você não pode.

— Você tem razão. — Ele se afastou dela, deu meia-volta e, de repente, chutou com violência uma das canecas no chão. A louça voou e se espatifou contra uma parede. — Eu não entendo. Eu não entendo *nada* disso, Emma, não entendo por que, de repente, você decidiu que não me queria, que queria Mark, e depois decidiu que não queria ele também, e você o dispensou como se ele fosse um nada, na frente de todo mundo. Que diabos você está pensando...

— E por que você se importa? — ela quis saber. — Por que você se importa com meus sentimentos em relação a *Mark*?

— Porque eu precisava que você o amasse — falou Julian. Seu rosto tinha a cor das cinzas na lareira. — Porque, se você me jogou fora e jogou fora tudo que nós tínhamos, era melhor que fosse por alguma coisa que significava *mais* para você, era melhor que fosse por alguma coisa real, mas talvez nada disso seja real para você...

— Não é real para *mim*? — A voz de Emma saiu com tanta força que sua garganta doeu. Era como se houvesse faíscas elétricas correndo sob suas veias e lhe dando choques, levando sua raiva a níveis cada vez mais altos; e ela não estava zangada com Jules, estava zangada consigo mesma, estava zangada com o mundo por fazer isso com eles, por fazer dela a única a saber, a guardiã de um segredo pernicioso, que a envenenava. — Você não sabe do que está falando, Julian Blackthorn! Você não sabe do que eu abri mão, quais são as minhas razões para qualquer coisa, você não sabe o que estou tentando fazer...

— O que você está *tentando* fazer? E quanto ao que você fez? E quanto a partir meu coração, o de Cameron e o de Mark? — Ele fez uma careta. — Ora, será que estou me esquecendo de alguém, outra pessoa cuja vida você quer destruir para sempre?

— Sua vida não está destruída. Você está vivo. Você pode *ter uma boa vida*! Você beijou aquela garota fada...

— Ela era uma *leanansídhe*! Uma transformadora! Eu pensei que ela fosse *você*!

— Ah. — Emma ficou parada por um momento, travada no meio do gesto. — Ah.

— Sim, *ah*. Você acha mesmo que eu ia me apaixonar por *outra* pessoa? — quis saber Julian. — Você acha que consigo fazer isso? Eu não sou você, não me apaixono toda semana por alguém diferente. Eu queria que não fosse você, Emma, mas é, sempre será você, então não me diga que minha vida não está



destruída quando você não sabe nada sobre isso!

Emma socou a parede. O gesso rachou num zigue-zague a partir do ponto de impacto. Ela sentiu a dor muito distante. Uma onda sombria e turbulenta de desespero se ergueu, ameaçando dominá-la.

— O que você quer de mim, Jules? — perguntou. — O que você quer que eu *faça*?

Julian deu um passo para a frente; era como se seu rosto tivesse sido entalhado em mármore ou alguma coisa ainda mais dura, ainda mais inflexível.

— O que eu quero? — repetiu ele. — Quero que você saiba como é. Como é ser torturado o tempo todo, noite e dia, desejando desesperadamente o que você sabe que nunca deveria desejar, aquilo que sequer deseja você *de volta*. Saber como é entender que uma decisão tomada quando você tinha 12 anos significa que você nunca pode ter a única coisa que realmente te faria feliz. Eu quero que você sonhe com apenas uma coisa, e deseje só uma coisa e fique obcecada com uma única coisa assim como eu...

— Julian... — arquejou ela, desesperada para fazê-lo parar, para fazê-lo parar antes que fosse tarde demais.

— ... assim como *eu me sinto em relação a você*! — concluiu ele, as palavras cuspidas de modo quase selvagem. — Assim como eu me sinto em relação a você, Emma. — A raiva parecia ter abandonado o corpo dele; em vez disso, agora Julian tremia, como se incapaz de controlar o choque. — Eu pensei que você me amasse — falou, quase num sussurro. — Eu não sei como pude me enganar tanto.

O coração de Emma se partiu. Ela deu meia-volta, afastando-se do campo de visão de Julian, para longe da voz dele, longe da destruição de todos os planos cuidadosamente construídos. Emma agarrou a porta aberta — e ouviu Julian chamar seu nome, mas já havia se precipitado para fora do chalé, no meio da tempestade.

## 24

### Legião

O cume do Chapel Cliff era uma torre em um redemoinho: rocha lisa erguendo-se para o céu, cercada em seus três lados por um caldeirão fervilhante de oceano.

O céu acima era cinzento, raiado de preto, pairando pesadamente sobre uma rocha acima da pequena cidade e do mar além dela. A maré estava alta no porto, erguendo os barcos pesqueiros até o nível das janelas das casas perto das docas. A pequena embarcação arremessava e virava sobre as cristas das ondas.

Mais ondas quebravam contra o penhasco, borrifando cristas espumosas no ar. Emma estava parada num redemoinho de vento e água, o cheiro do mar por toda parte, o céu explodindo e raios espetando as nuvens.

Ela abriu bem os braços. Era como se os relâmpagos estivessem explodindo através dela, irradiando nas rochas a seus pés, até a água que batia nas superfícies cinza-esverdeadas, quase verticais contra o céu. Ao redor dela, pináculos de granito, os quais batizavam Chapel Cliff, erguiam-se como uma floresta de pedra, como as pontas de uma coroa. A rocha sob os pés dela estava escorregadia com o musgo úmido.

Durante toda a vida, ela sempre adorara tempestades — amava as explosões que rasgavam o céu, amava a ferocidade reveladora delas. Ela sequer pensara ao sair correndo do chalé, pelo menos não logicamente; estava desesperada para ir embora antes que começasse a contar a Julian tudo o que ele jamais poderia saber. Fazê-lo pensar que ela nunca o amara, que partira o coração de Mark, que não tinha sentimentos. Fazê-lo odiá-la se isso significasse conferir a ele uma vida longa e plena.

E talvez a tempestade fosse capaz de lavá-la e limpá-la, capaz de lavar de suas mãos o que parecia ser o sangue do coração de ambos.

Emma desceu para a lateral do penhasco. A rocha começou a ficar mais

escorregadia e ela parou para fazer um novo símbolo de Equilíbrio. A estela escorregava sobre a pele molhada. No ponto mais baixo, ela via as cavernas e piscinas naturais cobertas pelas águas brancas ondulantes. Os raios estalavam contra o horizonte; ela ergueu o rosto para provar da chuva salgada e ouviu o som distante e sinuoso de uma corneta.

Virou a cabeça abruptamente. Emma já havia ouvido um som como aquele em outra ocasião, uma vez, quando a comitiva da Caçada Selvagem chegara ao Instituto. Não era um chifre humano. Soou novamente, profundo, frio e solitário, e ela ficou de pé, caminhando com dificuldade para voltar à trilha rumo ao topo do penhasco.

Viu nuvens semelhantes a imensos rochedos cinzentos colidindo no céu; onde elas se dividiam, passava uma luz dourada e fraca, iluminando a superfície agitada do oceano. Havia pontos escuros no porto — pássaros? Não, eram grandes demais para serem aves marinhas e, de qualquer forma, nenhuma delas estaria ao ar livre com esse tempo.

Os pontos pretos vinham na direção de Emma. Estavam mais próximos agora, mais visíveis; não eram pontos mais. Ela conseguia enxergá-los agora: eram cavaleiros. Quatro cavaleiros, com capuz em bronze reluzente. Eles se lançavam pelo céu feito cometas.

Não eram da Caçada Selvagem. Emma percebeu isso no mesmo instante, mas sem entender como soube. Eram pouquíssimos e estavam silenciosos demais. A Caçada Selvagem cavalgava com um clamor feroz. Os cavaleiros de bronze deslizaram silenciosamente até ela, como se tivessem se formado nas nuvens.

Ela poderia correr de volta ao chalé, pensou. Mas isto os levaria até Julian, e eles tinham formado um ângulo para afastá-la da trilha de volta à casa de Malcolm. Os cavaleiros se moviam com velocidade incrível. Em segundos, estariam no penhasco.

Emma fechou a mão direita sobre o punho de Cortana e a desembainhou em seguida, praticamente sem pensar. Tocar a espada acalmou Emma e diminuiu as batidas de seu coração.

Eles voavam em círculos lá no alto. Por um momento, Emma ficou deslumbrada com a beleza curiosa daquelas criaturas — bem de perto, os cavalos mal pareciam reais, tão transparentes quanto vidro, formados por tufo de nuvem e umidade. Eles giravam no ar e mergulhavam como gaivotas atrás da presa. Quando os cascos batiam na terra sólida do penhasco, explodiam em cristas espumosas do oceano, cada cavalo causava um novo borramento de água que desaparecia e deixava os quatro cavaleiros para trás.

E entre Emma e a trilha. Ela estava separada de tudo, menos do mar e do pequeno pedaço de rochedo atrás de si.

Os quatro Cavaleiros a encararam e ela firmou os pés. O cume era tão estreito que suas botas afundaram de cada lado da espinha do penhasco. Emma ergueu Cortana. A espada brilhou sob a luz da tempestade, a chuva escorrendo pela lâmina.

— Quem está aí? — gritou ela.

Os quatro vultos se movimentaram em uníssono, levando as mãos à cabeça para puxar cada um dos capuzes cor de bronze. Abaixo deles, mais brilho: eram três homens altos e uma mulher, e cada um deles usava uma máscara cor de cobre, com cabelos que pareciam fios metálicos, em tranças que pendiam até metade das costas.

A armadura deles era de metal: peitorais e manoplas gravadas por toda parte com desenhos de ondas e do mar. Os olhos que se fixaram nela eram cinzentos e penetrantes.

— Emma Cordelia Carstairs — falou um deles. Ele pronunciou o nome de Emma como se fosse num idioma estrangeiro, e a língua dele se embolou um pouco. — Muito bom encontrá-la.

— Na sua opinião — resmungou Emma. Ela continuava a apertar Cortana; cada uma das fadas (até onde ela sabia, eram fadas) à sua frente carregava um espadão, com os punhos visíveis sobre os ombros. Ela falou em voz alta: — O que uma comitiva das Cortes das Fadas poderia querer comigo?

A fada ergueu uma sobrancelha.

— Diga a ela, Fal — pediu outra fada, com o mesmo sotaque forte. Alguma coisa no sotaque fazia eriçar os pelinhos dos braços de Emma, embora ela não fosse capaz de descrever o que era.

— Nós somos os Cavaleiros de Mannan — disse Fal. — Você vai ter ouvido falar de nós.

Não era uma pergunta. Emma queria desesperadamente que Cristina estivesse com ela. Era Cristina quem possuía vasto conhecimento sobre a cultura das fadas. Se as palavras “Cavaleiros de Mannan” tinham algum significado para os Caçadores de Sombras, Cristina saberia.

— Vocês fazem parte da Caçada Selvagem? — perguntou ela.

Consternação. Um resmungo baixinho vibrou entre os quatro, e Fal se curvou para o lado e cuspiu. Uma fada com um queixo pontudo e expressão de desdém respondeu por ele:

— Eu sou Airmed, filho de Mannan — falou. — Nós somos filhos de um deus, compreende. Somos muito mais velhos do que a Caçada Selvagem, e muito mais poderosos.

Emma percebeu então qual era a peculiaridade no sotaque deles. Não era distância ou o fato de serem estrangeiros; era idade, uma idade assustadora, que

se estendia até o início do mundo.

— Nós procuramos — disse Fal. — E nós encontramos. Somos responsáveis pelas buscas. Para buscar, estivemos acima e abaixo das ondas. Estivemos no Reino das Fadas, e nos domínios dos condenados, e nos campos de batalha e na escuridão da noite e na claridade do dia. Em todas as nossas vidas, houve uma única coisa que buscamos e não encontramos.

— Senso de humor? — sugeriu Emma.

— Ela devia calar a boca — falou a Amazona. — Você devia silenciá-la, Fal.

— Ainda não, Ethna — retrucou Fal. — Precisamos de suas palavras para saber a localização do que buscamos.

A mão de Emma agora estava quente e escorregadia no cabo de Cortana.

— O que é que vocês buscam?

— O *Volume Preto* — falou Airmed. — Nós buscamos o mesmo objeto que você e seu *parabatai*. O objeto que foi levado por Annabel Blackthorn.

Emma deu um passo involuntário para trás.

— *Vocês estão procurando Annabel?*

— Procurando o *livro* — falou o quarto Cavaleiro, com a voz grave e rouca.

— Diga-nos onde está e nós vamos deixá-la em paz.

— Eu não estou com o livro — retrucou Emma. — Nem Julian.

— Ela é uma mentirosa, Delan — falou a mulher, Ethna.

Ele deu um sorrisinho.

— Todos os Nephilim são mentirosos. Não nos trate como tolos, Caçadora de Sombras, ou vamos amarrar suas vísceras na árvore mais próxima.

— Experimentem — falou Emma. — Vou enfiar a árvore pela sua garganta até os galhos começarem a sair pela...

— Pelas orelhas? — Era Julian. Provavelmente tinha desenhado em si um símbolo de Silêncio porque Emma sequer ouvira sua aproximação. Ele estava empoleirado num galho úmido na lateral da trilha que levava ao chalé como se simplesmente tivesse aparecido ali, materializando-se em meio à chuva e às nuvens. Ele estava bem disposto, o cabelo molhado, uma lâmina serafim apagada na mão. — Tenho certeza de que você ia dizer orelhas.

— Com certeza. — Emma sorriu para ele; não podia evitar. Apesar da briga que tiveram, ele estava aqui, cuidando dela, sendo seu *parabatai*. E agora os Cavaleiros estavam cercados, encurralados entre os dois.

As coisas estavam melhorando.

— Julian Blackthorn. — Fal pronunciou o nome dele bem devagar, sem nem o olhar direito. — Os famosos *parabatai*. Ouvi dizer que os dois fizeram uma apresentação e tanto na Corte Unseelie.

— Tenho certeza de que o Rei não parou de nos elogiar — falou Julian. —

Ouçam, o que faz vocês pensarem que sabemos onde está Annabel ou o *Volume Preto*?

— Em todas as Cortes há espiões — falou Ethna. — Sabemos que a Rainha enviou vocês para encontrarem o livro. O Rei deve colocar as mãos nele antes que ela o faça.

— Mas nós prometemos à Rainha — disse Julian —, e uma promessa como essa não pode ser quebrada.

Delan rosnou e, de repente, sua mão estava no punho da espada. Seu movimento foi tão veloz que ele virou praticamente um borrão.

— Vocês são humanos e mentirosos — acusou. — Podem quebrar qualquer promessa que façam, e vão quebrar, assim que seus pescocinhos estiverem em jogo. Como agora. — Ele meneou o queixo na direção do chalé. — Viemos atrás dos livros e da papelada do feiticeiro. Se vocês não nos revelarem nada, então simplesmente entreguem a coisa toda e iremos embora.

— Entregar a vocês? — Julian pareceu confuso. — Por que vocês não... — Os olhos dele encontraram os de Emma. Ela sabia o que ele estava pensando: *Por que eles não entraram e pegaram?* — Vocês não conseguem entrar, não é?

— As barreiras de proteção — confirmou Emma.

As fadas não disseram nada, mas dava para ver pelos maxilares travados de irritação que ela estava certa.

— O que o Rei Unseelie nos dará em troca pelo livro? — perguntou Julian.

— *Jules* — sibilou Emma. Como ele poderia estar tramando algo numa hora dessas?

Fal deu risada. Emma notou, pela primeira vez, que as roupas e armaduras das fadas estavam secas, como se a chuva não as atingisse. O olhar da fada para Julian estava cheio de desprezo.

— Vocês não têm vantagem aqui, filho dos espinhos. Dê-nos o que buscamos, ou, quando encontrarmos o restante de sua família, vamos enfiar atizadores quentes nos olhos de cada um, até nos olhos dos mais novinhos.

*Tavvy*. As palavras perfuraram Emma como flechas. Ela sentiu o impacto, sentiu o corpo estremecer e o frio a dominou, o gelo frio da batalha. Ela avançou para Fal, baixando Cortana numa pancada cruel por cima do ombro.

Ethna gritou, e Fal se moveu mais rápido do que uma corrente no oceano, desviando-se do golpe de Emma. Cortana assobiou no ar. Houve um clamor quando as outras fadas pegaram suas espadas.

E um brilho quando a lâmina serafim de Julian explodiu em luz, iluminando a chuva. Fios brilhantes teceram ao redor de Emma enquanto a menina girava, defendendo-se de um golpe de Ethna. Cortana apartou a espada da fada com força suficiente para fazer Ethna cambalear para trás.

O rosto de Fal se contorceu de surpresa. Emma arfou, encharcada, inalando a água da chuva, mas sem sentir o impacto do frio. O mundo era um topo cinza, girando; ela correu na direção de um dos pináculos de rocha e a escalou.

— Covarde! — gritou Airmed. — Como ousa fugir?

Emma ouviu a risada de Julian quando ela chegou ao topo e pulou lá de cima. A descida lhe deu velocidade e Emma atingiu Airmed com força suficiente para derrubá-lo no chão. Ele tentou rolar para longe, mas congelou quando ela bateu o punho de Cortana em sua têmpora. Airmed engasgou com a dor.

— Cale a boca — sibilou Emma. — Não ouse tocar nos Blackthorn nem sequer mencione o nome deles...

— Solte-o! — gritou Ethna, e Delan pulou na direção deles e acabou sendo impedido por Julian e o varrer da lâmina serafim. O penhasco explodiu com luz, a chuva pareceu pender, imóvel, quando a lâmina baixou e bateu no peitoral do guerreiro fada.

E se estilhaçou. Ela quebrou como se fosse feita de gelo, e Julian foi lançado para trás pela força do ricochete, jogado contra as pedras e a areia úmida.

Delan gargalhou, indo até Julian. Emma abandonou Airmed e pulou atrás do guerreiro fada quando este levantou a espada acima de Jules e deu o golpe...

Julian rolou depressa para a direita, girou e enfiou uma adaga na pele desprotegida da panturrilha de Delan. O guerreiro fada gritou de dor e de raiva, girando para atingir o corpo de seu oponente com a ponta da espada. Mas Jules tinha se impulsionado para cima; estava de pé, com a adaga na mão.

De repente, uma luz desceu por entre as nuvens, e Emma viu as sombras no chão antes mesmo de se virar; alguém estava atrás dela. Ela se afastou no momento em que uma lâmina baixou, por pouco errando seu ombro. Deu meia-volta e viu Ethna atrás de si: Fal estava inclinado sobre Airmed no chão, ajudando-o a ficar de pé. Por um momento, eram apenas Emma e a mulher fada em guarda, e Emma segurou o punho de Cortana usando as duas mãos e girou.

Ethna correu, recuando, mas ela estava rindo.

— Sua Nephilim — zombou —, vocês se intitulam guerreiros, se marcam com seus símbolos de proteção e suas lâminas angelicais! Sem eles, vocês não seriam nada... E vocês ficarão sem eles em breve! Vocês não serão nada e nós tiraremos tudo de vocês! Tudo que vocês têm! *Tudo!*

— Você quer dizer isso outra vez? — perguntou Emma, esquivando-se por pouco da espada de Ethna com um giro. Saltou para um pedregulho, baixando os olhos. — A parte do *tudo*? Acho que não entendi da primeira vez.

Ethna rosnou e saltou atrás da menina. E por longos instantes foi apenas a batalha, o vapor luminoso da chuva, o mar quebrando e ribombando nas piscinas naturais abaixo do penhasco e tudo diminuindo de ritmo quando Emma jogou

Ethna para o lado e foi atrás de Airmed e Fal, com a espada retinindo nas armas deles.

Eles eram bons: melhor que bons, rápidos e ofuscantemente fortes. Mas Cortana parecia uma criatura viva nas mãos de Emma. A raiva lhe dava poderes, uma corrente elétrica que percorria suas veias, conduzindo a espada em sua mão, martelando a lâmina contra as armas erguidas em desafio à dela, o retinir do metal abafando o som do mar. Emma sentia gosto de sal, sangue ou espuma do mar, não sabia ao certo. Os cabelos molhados açoitavam ao redor conforme ela rodopiava, e Cortana ia encontrando as espadas das fadas, golpe após golpe.

Uma risada feia cortou o sonho violento que a dominava. Ela ergueu o olhar e viu que Fal tinha feito Julian recuar até a beirada do penhasco, que tombava íngreme atrás dele; Julian estava enquadrado contra o céu cinzento, seus cabelos escuros colados à cabeça.

O pânico explodiu dentro dela. Emma tomou impulso a partir da lateral de uma superfície de granito, dando um chute que acertou solidamente o corpo de Airmed. A fada caiu para trás com um resmungo, e Emma correu, tendo uma imagem mental de Julian transpassado por uma espada ou derrubado da beirada do penhasco para se arrebentar nas pedras ou se afogar no redemoinho lá embaixo.

Fal ainda ria. Ele tinha desembainhado a espada. Julian deu mais um passo para trás.... e aí se abaixou, rápido e ágil, para pegar uma besta escondida atrás das pedras caídas. Ele a ergueu no ombro no momento em que Emma colidiu com Fal, com a espada desembainhada; ela não diminuiu a velocidade nem parou, simplesmente desferiu um golpe com Cortana, de ponta, bem entre as omoplatas do Cavaleiro.

Ela partiu a armadura do guerreiro e a atravessou. Emma sentiu a ponta varando com força do outro lado do corpo, rasgando o peitoral de metal.

Ouviu-se um guincho atrás de Emma. Era Ethna. Tinha jogado a cabeça para trás, agarrando os cabelos num gesto de desespero. Ela se lamentava numa língua que Emma não conhecia, mas percebia que a fada repetia o nome do irmão. *Fal, Fal*.

Ethna afundou de joelhos. Delan fez menção de apará-la, o rosto dele muito pálido e chocado. Com um rugido, Airmed ergueu a espada e avançou para Emma, que estava lutando para livrar Cortana do corpo murcho de Fal. Ela se retesou e puxou; a espada se soltou num jorro de sangue, mas não havia tempo para Emma se virar...

Julian disparou a flecha da besta. Ela assobiou pelo ar, um som mais baixo do que o da chuva, e atingiu a espada na mão de Airmed, arrancando-a de sua mão. Airmed uivou. Sua mão estava escarlate.



Emma se virou, firmando os pés, e ergueu a espada. Sangue e chuva desciam pela lâmina de Cortana.

— Quem quer brincar comigo? — gritou ela, e suas palavras foram deturpadas pelo vento e pela água. — Quem quer ser o próximo?

— Deixem-me matá-la! — Ethna lutava contra o aperto de Delan. — Ela matou Fal! Deixem-me cortar sua garganta!

Mas Delan balançava a cabeça e dizia alguma coisa, algo sobre Cortana. Emma deu um passo para a frente — se eles não precisariam vir a ela para serem mortos, ela iria atrás deles com prazer.

Airmed ergueu uma das mãos; Emma viu luz tremeluzir de seus dedos, um verde muito claro no ar cinzento. O rosto do guerreiro fada estava contorcido num esgar de concentração.

— *Emma!* — Jules a agarrou por trás antes que ela pudesse dar mais um passo, erguendo suas costas contra ele assim que a chuva explodiu nas formas de três cavalos, criaturas rodopiantes feitas de vento e espuma, resfolegando e batendo as patas no ar entre Emma e o restante dos Cavaleiros. Fal estava deitado, e seu sangue encharcava o solo da Cornualha quando seus irmãos e irmã saltaram sobre as costas nuas de seus corcéis.

Emma começou a tremer violentamente. Apenas um dos Cavaleiros parou por tempo suficiente para olhar para ela antes de os cavalos se lançarem no céu e se perderem por entre as nuvens e a chuva. Foi Ethna. Os olhos dela estavam homicidas, incrédulos.

*Você matou uma criatura antiga e primitiva, seu olhar parecia dizer. Prepare-se para a vingança igualmente antiga. Igualmente primitiva.*

— *Corram* — falou Livvy.

Era a última coisa que Kit esperara. Caçadores de Sombras não corriam. Foi isso que sempre lhe disseram. Mas Livvy disparou feito uma bala, faiscando pelo Cavaleiro na trilha diante dela, e Ty a seguiu.

Kit correu atrás deles. Passaram como um raio pelas fadas e entraram na multidão de pedestres na Trilha do Tâmis. Kit se esforçava para acompanhar Livvy e Ty, embora estivesse ofegante, ao contrário das duas crianças.

Ele ouvia o ribombar atrás de si. Batidas de cascos. *Nós não conseguimos correr mais do que eles*, pensou, mas não tinha fôlego para dizê-lo. O ar cinzento, semelhante a chumbo, bateu pesadamente quando foi sorvido pelos seus pulmões. Os cabelos escuros de Livvy fluíram ao vento quando ela pulou um portão na grade que separava a trilha do rio.

Por um momento, ela pareceu ficar suspensa, os braços erguidos, o casaco

balançando — e então ela planou e desceu, desaparecendo da vista. E Ty a seguiu, pulando de lado sobre o portão e desaparecendo ao cair.

*Dentro do rio?*, pensou Kit, confuso, mas não parou; seus músculos já estavam começando a apresentar aquela ardência agora um tanto familiar; sua mente se retesou e se concentrou. Ele agarrou o topo do portão e tomou impulso para cima e para além dele.

Kit caiu apenas alguns centímetros e aterrissou agachado numa plataforma de cimento que se estendia para dentro do rio Tâmis, cercada por uma grade baixa de ferro quebrada em várias partes. Ty e Livvy já estavam lá, depois de tirar os casacos para liberar os braços, com as lâminas serafim na mão. Livvy jogou uma espada curta para Kit enquanto este se ajeitava e percebia por que ela havia corrido — não era uma fuga, mas eles precisavam de espaço para lutar.

E, com sorte, entrar em contato com o Instituto. Ty pegara o telefone e digitava no teclado mesmo com a lâmina serafim erguida, sua luz ardendo fracamente contra as nuvens.

Kit se virou no instante em que os três Cavaleiros voaram sobre o portão e se juntaram a eles, brilhando em bronze e dourado ao aterrissar. Suas espadas giravam livres com velocidade ofuscante.

— Detenham-no! — rosnou Karn, e seus dois irmãos se lançaram para cima de Ty.

Livvy e Kit agiram em uníssono, e se jogaram na frente de Tiberius. O borrão frio e duro da luta estava em cima de Kit, mas os Cavaleiros eram mais ágeis do que demônios, e mais fortes também. Kit girou a espada curta na direção de Eochaid, mas a fada não estava mais lá: pulara até o outro lado da plataforma. O Cavaleiro riu da expressão de Kit, e mais ainda quando Etarlam deu um golpe que derrubou o celular da mão de Ty. O aparelho deslizou pelo concreto e caiu dentro do rio.

Uma sombra desceu sobre Kit, e ele reagiu sem perda de tempo, investindo sua espada. Ele ouviu um arfar e Karn caiu, gotas escuras de sangue salpicando o chão a seus pés. Kit avançou mais uma vez, atacando Eochaid, porém Livvy e Ty se adiantaram a ele, borrões de luz enquanto suas lâminas serafim cortavam o ar em torno dos Cavaleiros.

Mas apenas o ar. Kit não deixou de notar que as lâminas angelicais não pareciam cortar a armadura dos Cavaleiros, nem mesmo arranhar sua pele quando ele tentava fazer isso com a espada curta. Havia confusão no rosto de Ty e raiva no de Livvy quando ela apunhalou o coração de Eochaid com a lâmina serafim.

A arma se partiu do cabo, e a força do rebote a fez cambalear quase para dentro do rio. Ty girou ao olhar para ela — Eochaid ergueu sua espada e a

golpeou num arco amplo na direção do menino —, e Kit disparou pela plataforma, derrubando Tiberius no chão.

A lâmina de Ty saiu voando e afundou no rio Tâmis, fazendo um monte de gotas abrasadoras vir à superfície. Kit aterrissara sobre Ty, batendo a cabeça com força num pedaço de madeira que se projetava; ele sentiu que Ty tentava empurrá-lo e rolou ao ver Eochaid de pé acima dos dois.

Livvy lutava contra os outros dois Cavaleiros, combatendo-os desesperadamente, um redemoinho de armas reluzentes. Mas ela estava do outro lado da plataforma. Kit lutava para recuperar o fôlego, aí ergueu a espada...

Eochaid continuou firme, os olhos brilhando por trás das aberturas da máscara. As íris também tinham a cor do bronze.

— Eu conheço você — falou. — Conheço seu rosto.

Kit abriu a boca. Um segundo depois, Eochaid erguia a espada, dando um sorriso — e então uma sombra caiu sobre todos eles. O Cavaleiro ergueu o olhar e o espanto cruzou seu rosto quando um braço forte surgiu acima dele e o agarrou. Um segundo depois ele estava voando, gritando. Kit ouviu o barulho de algo caindo na água; o Cavaleiro havia sido lançado dentro do rio.

Kit fez esforço para se sentar, com Ty ao lado dele. Livvy tinha se virado para encará-los, boquiaberta; os outros dois Cavaleiros estavam igualmente estupefatos, e suas espadas pendiam nas laterais do corpo enquanto aquela massa rodopiante e trovejante aterrissava no centro da plataforma.

Era um cavalo, e no dorso do cavalo estava Gwyn, imenso, em seu capacete e armadura semelhantes a uma casca de árvore. Foi o braço com a manopla que lançara Eochaid no rio — mas agora o Cavaleiro nadara de volta e estava subindo na plataforma, com movimentos lentos por causa da armadura pesada.

Agarrada à cintura de Gwyn, via-se Diana; seus cabelos escuros eram uma fatura de cachos, totalmente soltos, e seus olhos estavam arregalados.

Ty ficou de pé e Kit fez um esforço para se levantar também. Havia manchas de sangue na gola do casaco com capuz de Ty. Kit se deu conta de que não sabia se era dele mesmo ou do menino.

— *Cavaleiros!* — chamou Gwyn, com a voz estrondosa. Via-se um corte imenso no braço de Eochaid, provavelmente devido a um golpe. — Parem.

Diana desceu do cavalo e cruzou a plataforma de concreto até onde o Cavaleiro estava saindo da água. Ela sacou a espada da bainha, girou-a e apontou diretamente para o peito dele.

— Não se mexa — falou.

O Cavaleiro se abaixou, com os dentes à mostra num rosnado silencioso.

— Isso não é da sua conta, Gwyn — falou Karn. — É um problema da Corte Unseelie.

— A Caçada Selvagem não obedece a lei alguma — retrucou Gwyn. — Nossa vontade é a vontade do vento. E minha vontade agora é afastar vocês destas crianças. Elas estão sob minha proteção.

— Elas são *Nephilim* — cuspiu Etarlam. — Arquitetos da Paz Fria, perversa e cruel.

— Vocês não são melhores do que isso — retrucou Gwyn. — São os cães de caça do Rei e nunca demonstraram compaixão.

Karn e Etarlam encararam Gwyn. Eochaid, se ajoelhando, pingava no concreto. O momento se estendeu feito borracha, e aquele tempo pareceu uma eternidade.

De repente, Eochaid ficou de pé e arfou, parecendo um tanto despreocupado com a espada de Diana, que o acompanhava com precisão.

— *Fal* — começou ele — está morto.

— Isso é impossível — comentou Karn. — Impossível. Um Cavaleiro não pode morrer.

Mas Etarlam soltou um grito de lamento alto, e sua espada caiu no chão ao mesmo tempo que a mão cobriu o peito.

— Ele se foi — lamentou ele. — Eu sinto. Nosso irmão se foi.

— Um Cavaleiro passou para as Terras das Sombras — disse Gwyn. — Vocês gostariam que eu tocasse o chifre berrante por ele?

Embora Gwyn tivesse parecido sincero na visão de Kit, Eochaid rosnou e gesticulou como se fosse atacar o Caçador, mas a espada de Diana beijou sua garganta assim que ele se mexeu, tirando sangue. Gotas grossas e escuras desceram pela lâmina.

— Chega! — falou Karn. — Gwyn, você pagará pela traição. Etar, Eochaid, para o meu lado. Vamos até nossos irmãos e irmã.

Diana baixou a espada quando Eochaid passou por ela, dando-lhe um safanão com o ombro, e se juntou aos outros dois Cavaleiros. Eles pularam da plataforma em direção ao ar, saltos longos que os levaram bem alto até eles segurarem as crinas dos cavalos de bronze reluzentes e se virarem para cavalgar.

Assim que eles se precipitaram acima da água, a voz de Eochaid ecoou nos ouvidos ressonantes de Kit:

*Eu conheço você. Eu conheço seu rosto.*

Emma estava tremendo quando eles voltaram ao chalé. Uma combinação de frio e reação tinha começado. O cabelo e as roupas estavam grudados nela, e ela desconfiava estar com a aparência de um rato afogado.

Ela apoiou Cortana contra a parede e, cansada, começou a tirar o casaco e os

sapatos. Estava consciente de Julian trancando a porta atrás deles, consciente dos sons dele enquanto se movimentava pelo cômodo. E do calor também. Provavelmente ele acendera a lareira antes de sair.

Um instante depois, alguma coisa macia estava sendo colocada em suas mãos. Julian estava de pé, diante dela, com uma expressão indecifrável, oferecendo uma toalha de banho levemente puída. Emma a aceitou e começou a secar o cabelo.

Jules ainda estava usando as roupas úmidas, embora estivesse descalço e tivesse vestido um suéter seco por cima de tudo. A água reluzia nas pontas de seu cabelo, nas pontas dos cílios.

Emma pensou no retinir entre as espadas, na beleza do turbilhão da batalha, no mar e no céu. E se perguntou se era assim que Mark se sentira na Caçada Selvagem. Quando não havia nada entre você e os elementos era fácil se esquecer daquilo que o oprimia.

Ela pensou no sangue em Cortana, no sangue escorrendo em filetes de baixo do corpo de Fal, misturado à chuva. Eles tinham rolado o corpo para baixo de uma saliência rochosa, não queriam deixá-lo ali, exposto ao tempo, embora ele estivesse longe de se importar.

— Eu matei um dos Cavaleiros — dizia ela agora, num quase sussurro.

— Você teve que matar. — As mãos de Julian eram fortes em seu ombro, os dedos o apertavam. — Emma, foi uma luta até a morte.

— A Clave...

— A Clave vai entender.

— O Povo das Fadas não. O Rei Unseelie não vai.

O mais leve esboço de sorriso passou pelo rosto de Julian.

— De qualquer forma, eu não acho que ele goste da gente.

Emma respirou fundo, tensa.

— Fal tinha empurrado você contra a beirada do precipício — disse ela. — Pensei que ele fosse te matar.

O sorriso de Julian desapareceu.

— Eu sinto muito — falou ele. — Eu tinha escondido a besta antes...

— Eu não sabia — retrucou ela. — É meu dever perceber o que está acontecendo com você em combate, entender, prever, mas eu não sabia. — Ela jogou a toalha de banho, que caiu no chão da cozinha. A caneca que Julian tinha quebrado antes se fora. Ele provavelmente limpou tudo.

O desespero borbulhava dentro dela. Nada que Emma fizera tinha funcionado. Eles estavam exatamente no mesmo lugar de antes, mas Julian não sabia disso. Isso fora tudo que mudara.

— Eu fiz um esforço tremendo — murmurou ela.

O rosto dele se enrugou, confuso.

— No combate? Emma, você fez tudo que podia...

— Não no combate. Para fazer você não me amar. Eu tentei — disse ela.

Emma sentiu quando ele se retraiu, não tanto externamente, mas internamente, como se sua alma tivesse se encolhido.

— É tão terrível assim? O fato de eu amar você?

Ela havia recomeçado a tremer, embora não pelo frio.

— Foi a melhor coisa do mundo — disse ela. — E depois foi a pior. E eu nem sequer tive uma chance de...

Emma se calou. Julian balançava a cabeça, espalhando gotas de água.

— Você vai ter que aprender a conviver com isso — falou. — Mesmo que isso te deixe horrorizada. Mesmo que isso te deixe enojada. Assim como eu vou ter que aprender a conviver com os outros namorados porque, não importa como, nós somos para sempre, Emma, não importa como você queira chamar o que temos, nós *sempre* seremos nós.

— Não vai ter outros namorados — disse ela.

Julian a encarou, surpreso.

— Aquilo que você falou mais cedo, sobre pensar e ficar obcecado, e querer só uma coisa — acrescentou Emma —, é assim que eu me sinto em relação a você.

Julian ficou chocado. Emma ergueu as mãos e as colocou delicadamente nas bochechas dele, roçando os dedos na pele úmida. Dava para sentir a pulsação martelando no pescoço de Julian. Havia um arranhão no rosto dele, longo, que ia da têmpora ao queixo. Emma se perguntava se ele tinha acabado de adquiri-lo na briga ou se já estaria ali e ela não percebera por estar se esforçando para não olhar para ele. Ela se perguntava se um dia ele ia voltar a falar.

— *Jules*, diga alguma coisa, por favor.

As mãos de Julian apertaram os ombros de Emma convulsivamente. Ela arfou quando o corpo dele colou ao dela, empurrando-a para trás até suas costas tocarem a parede. Os olhos dele baixaram para os dela, absurdamente brilhantes, radiantes como vidro marinho.

— Julian — corrigiu ele. — Eu quero que você me chame de Julian. Só assim, para sempre.

— Julian — falou ela, e então a boca de Julian pousou sobre a dela, seca e ardente, e o coração de Emma pareceu parar e recomeçar a bater, um motor embalado a uma velocidade impossivelmente alta.

Emma o apertou com o mesmo desespero, agarrando-se a Julian enquanto ele sorvia a chuva de sua boca, os lábios se abrindo para prová-lo: cravo e chá. Emma tirou o suéter dele pela cabeça. Por baixo, era só uma camiseta, e o tecido

fino e molhado não representou barreira alguma quando ele a encostou outra vez na parede. O jeans também estava molhado e colado ao corpo dele. Ela sentiu quanto Julian a desejava, e Emma o desejava na mesma medida.

O mundo se fora: havia apenas Julian; o calor de sua pele, a necessidade de ficar mais perto dele, de se encaixar nele. Todos os movimentos do corpo dele contra o dela enviavam raios pelas terminações nervosas de Emma.

— Emma. Meu Deus, Emma. — Ele enterrou o rosto no dela, beijando a bochecha, o pescoço, enquanto passava os polegares sob o cóis do jeans e empurrava o tecido para baixo. Ela chutou o montinho úmido de pano. — Eu te amo tanto.

Era como se tivessem se passado mil anos desde a noite na praia. As mãos de Emma redescobriram o corpo dele, as partes duras, as cicatrizes grossas sob as palmas. Julian um dia fora tão magro — ela ainda conseguia enxergá-lo tal como ele tinha sido dois anos atrás, magricela e desengonçado. Emma o amava na época, mesmo que não se desse conta disso, ela o amara desde o interior dos ossos até a superfície da pele.

Agora esses mesmos ossos estavam vestidos e cobertos pela musculatura lisa, dura e sólida. Emma passou as mãos sob a camisa dele, reaprendendo-o, trilhando-o, enterrando a sensação e a textura dele em sua memória.

— Julian — disse ela. — Eu...

*Eu te amo*, era o que Emma ia dizer. *Nunca foi Cameron ou Mark, sempre foi você, sempre será você, você é como a medula para meus ossos, assim como as células que constituem nosso sangue.* Mas ele a interrompeu com um beijo vigoroso.

— Não — murmurou. — Não quero ouvir nada sensato, não agora. Não quero lógica. Eu quero isto.

— Mas você precisa saber...

Ele balançou a cabeça.

— Não preciso. — E esticou a mão, segurou a bainha da própria camiseta e a tirou. Seus cabelos úmidos pingaram nos dois. — Eu estou incompleto há semanas — falou ele, com a voz entrecortada, e ela soube o quanto isso lhe custava: admitir a falta de controle. — Eu preciso ser inteiro outra vez, mesmo que não dure.

— Não pode durar — disse ela, encarando-o, porque como poderia, se eles nunca poderiam manter o que tinham? — Isso vai partir nossos corações.

Ele segurou o pulso dela e levou a mão ao seu peito nu. Espalmou os dedos dela sobre o coração, que batia como algo abrindo caminho a socos pelo esterno.

— Pode partir meu coração — falou ele. — Deixe-o em pedacinhos. Eu te dou permissão.

O azul dos olhos de Jules quase tinha desaparecido atrás das bordas de suas pupilas dilatadas.

Antes, na praia, Emma não soubera o que estava acontecendo. Como a situação ia ficar entre eles. Agora sabia. Havia coisas na vida que você não podia recusar. Ninguém tinha tanta força de vontade assim.

Ninguém.

Emma estava fazendo que sim com a cabeça sem nem se dar conta.

— Julian, sim — falou. — Sim.

Ela o ouviu soltar um som quase angustiado. Então as mãos de Julian estavam em seu quadril e ele a ergueu de tal modo que Emma ficou encurralada entre o corpo dele e a parede. Parecia desesperado, como se fosse o fim do mundo, e ela se perguntava se haveria alguma vez em que não seria assim, em que seria suave, lento e silenciosamente terno.

Jules a beijou ferozmente e Emma se esqueceu da delicadeza ou de qualquer desejo por isso. Só havia isso, ele murmurando o nome dela enquanto ambos tiravam e jogavam as roupas que precisavam ser tiradas e jogadas de lado. Ele estava arfando, uma leve camada de suor sobre a pele, os cabelos úmidos colados na testa; ele a ergueu mais, colando-se a ela tão depressa que seus corpos colidiram. Emma ouviu o gemido entrecortado se arrastando da garganta dele. Quando Jules ergueu o rosto, os olhos escuros de desejo, ela o fitou, com olhos arregalados.

— Você está bem? — murmurou ele.

Ela assentiu.

— Não pare.

A boca de Julian encontrou a dela, hesitante, as mãos dele trêmulas ao tocá-la. Emma sabia que ele estava lutando por cada segundo de controle. Ela queria lhe dizer que estava tudo bem, que estava tudo certo, mas a coerência a abandonara. Dava para ouvir as ondas lá fora, batendo brutalmente contra as rochas; ela fechou os olhos e o ouviu dizer que a amava, e então seus braços estavam em volta de Julian, envolvendo-o ao mesmo tempo que os joelhos dele cederam e eles caíram no chão, agarrando-se como sobreviventes de um navio encalhado em alguma praia distante e lendária.

Foi fácil localizar Tavvy, Rafe e Max. Eles tinham estado sob os cuidados de Bridget, que se divertia deixando-os chatear Jessamine até ela jogar as coisas fora das prateleiras altas, provocando, com isso, um sermão ao estilo “Não provoque os fantasmas”, de Magnus.

Dru, por outro lado, não fora vista em parte alguma. Não estava mais no



quarto, nem se escondendo na biblioteca ou na saleta, e as crianças também não a tinham visto. Provavelmente Jessamine poderia ter ajudado mais, mas Bridget informara que ela saíra do cômodo irritada, depois que as crianças se cansaram de perturbá-la e, além disso, ela só gostava de conversar com Kit.

— Dru não sairia do Instituto, sairia? — perguntou Mark. Ele percorria o corredor, abrindo as portas à esquerda e à direita. — Por que ela faria uma coisa dessas?

— Mark. — Kieran segurou o outro pelos ombros e o virou para que eles ficassem frente a frente. Cristina sentiu o pulso latejar, como se a aflição de Mark se transmitisse a ela através da amarração.

Claro, Mark e Kieran dividiam outro tipo de amarração. A amarração da experiência e da emoção compartilhada. Kieran segurava Mark pelos ombros, concentrando-se apenas nele, daquele jeito que as fadas faziam. Aos poucos, Mark foi relaxando, e um pouco da tensão abandonou seu corpo.

— Sua irmã está aqui — afirmou Kieran. — E nós vamos encontrá-la.

— Vamos nos separar e procurar — falou Alec. — Magnus...

Magnus ninava Max e cruzou o corredor com as outras duas crianças atrás de si. O restante concordou em se encontrar outra vez na biblioteca em vinte minutos. Cada um deles tinha um quadrante do Instituto para revistar. Cristina ficou com a parte oeste, o que a levou para o primeiro andar até o salão de baile.

Ela queria não ter ficado com essa parte; as lembranças da dança com Mark, e depois com Kieran, eram confusas e a distraíam. E ela não precisava de distrações agora; ela precisava encontrar Dru.

Ela foi para a escadaria... e congelou. Dru estava no patamar, toda vestida de preto, as tranças castanhas presas com fita preta. Ela voltou um rosto pálido e ansioso para Cristina.

— Eu estava esperando você — falou.

— Todo mundo está procurando você! — retrucou Cristina. — Ty e Livvy...

— Eu sei. Eu ouvi. Estava prestando atenção — falou Dru.

— Mas você não estava na biblioteca...

— Por favor, você tem que vir comigo. Não há muito tempo — interrompeu Dru.

Ela se virou e subiu correndo os degraus. Depois de um instante, Cristina a seguiu.

— Dru, Mark está preocupado. Os Cavaleiros são terrivelmente perigosos. Ele precisa saber que você está bem.

— Eu vou dizer a ele que estou bem daqui a um segundo — falou Dru. — Mas preciso que você venha comigo.

— Dru... — Elas chegaram ao corredor onde ficava a maior parte dos quartos

vagos.

— Preste atenção — disse Dru. — Eu só preciso que você faça isso, está bem? Se você tentar gritar, chamando Mark, eu juro que tem lugares neste Instituto onde posso me esconder que vão fazer vocês levarem dias para me encontrar.

Cristina não conseguiu controlar a curiosidade.

— Como é que você conhece o Instituto tão bem?

— Você conheceria se, sempre que desse as caras, tentassem fazer você tomar conta de alguém — disse Dru. Elas chegaram ao quarto de Dru. A menina ficou parada, hesitante, com a mão na maçaneta da porta.

— Mas nós olhamos no seu quarto — protestou Cristina.

— Estou dizendo — falou Dru. — Esconderijos. — Ela respirou fundo. — Muito bem. Você entra. Mas não surte.

O rosto pequenino de Dru estava controlado e determinado, como se ela estivesse tomando coragem para fazer algo desagradável.

— Está tudo bem? — perguntou Cristina. — Você tem certeza de que não prefere conversar com Mark no meu lugar?

— Não sou eu que quero conversar com você — falou a menina, e empurrou a porta. Cristina entrou, sentindo-se mais confusa do que nunca.

No início, ela só viu uma sombra, um vulto diante do parapeito da janela. Então ele ficou de pé e o coração dela foi parar na garganta.

Pele marrom, cabelos pretos emaranhados, traços marcados, cílios longos. Os ombros levemente curvados dos quais ela se lembrava, e sobre os quais costumava comentar que sempre o faziam parecer como se ele estivesse andando contra uma ventania muito forte.

— Jaime — murmurou ela.

Ele esticou os braços e um instante depois Cristina o abraçava com força. Jaime sempre fora magro, mas agora parecia decididamente anguloso, com clavículas pontudas e cotovelos finos. Ele a abraçou também, com força, e Cristina ouviu a porta do quarto se fechar silenciosamente, bem como o estalo do trinco.

Ela recuou e olhou para o rosto de Jaime. A aparência dele era a mesma de sempre: olhos brilhantes, com uma pontada de travessura.

— Então — falou ele. — Você realmente sentiu minha falta.

Todas as noites em que ela ficara acordada, chorando por ele — porque ele estava desaparecido, porque ela o odiava, porque ele fora seu melhor amigo e ela odiava odiá-lo — explodiram. A palma da mão esquerda de Cristina estalou na bochecha dele, e logo ela estava lhe dando outros tapas, nos ombros dele, no peito, onde conseguisse alcançar.

— Ai! — Ele se contorceu e se afastou. — Isso dói!

— *¡Me vale madre!* — Ela bateu nele outra vez. — Como você ousa desaparecer assim! Todo mundo estava preocupado! Eu pensei que talvez você estivesse morto. E agora você aparece, escondido no quarto de Drusilla Blackthorn... E, por sinal, se os irmãos dela descobrirem, pode se considerar morto...

— Não foi desse jeito! — Jaime girava os braços como se quisesse se proteger dos golpes dela. — Eu estava procurando você.

Ela pôs as mãos no quadril.

— Depois de todo esse tempo me evitando, de repente você me procura?

— Eu não estava te evitando — retrucou ele. E tirou um envelope amassado do bolso, estendendo-o para ela. Com uma pontada, Cristina reconheceu a letra de Diego.

— Se Diego quisesse me escrever, não precisaria mandar entregar a mensagem em mãos — disse Cristina. — O que ele pensa que você é, um pombo-correio?

— Diego não tem como escrever para você — explicou Jaime. — Zara fiscaliza toda a correspondência dele.

— Então você sabe sobre Zara — falou Cristina, pegando o envelope. — Há quanto tempo?

Jaime afundou contra uma grande escrivaninha de carvalho, as mãos apoiadas atrás da cabeça.

— Há quanto tempo eles estão noivos? Desde que vocês dois terminaram pela primeira vez. Mas não é um noivado de verdade, Cristina.

Ela se sentou na cama de Dru.

— Parecia bem genuíno.

Jaime passou uma das mãos pelos cabelos pretos. Ele se parecia só um bocadinho com Diego, talvez o formato da boca, o formato dos olhos. Jaime sempre fora brincalhão, e Diego, sério. Agora, magro e cansado, ele se assemelhava aos garotos melancólicos e estilosos que ficavam nas cafeterias de Colonia Roma.

— Sei que provavelmente você me odeia — disse ele. — E tem toda razão. Você acha que eu queria que o nosso lado da família tomasse o Instituto porque eu tinha gana de poder e não ligava para você. Mas a verdade é que eu tinha uma boa razão.

— Não acredito em você — falou Cristina.

Jaime fez um ruído impaciente.

— Não é autossacrifício, Tina — falou ele. — É Diego, não eu. Eu queria nossa família longe de problemas.

Cristina enterrou as mãos na colcha da cama.

— Que tipo de problemas?

— Você sabe que sempre tivemos ligação com as fadas — afirmou Jaime. — Este seu colar vem daí. Mas sempre foi mais do que isso. A maior parte não tinha importância até a Paz Fria. Então era esperado que nossa família entregasse tudo à Clave: todas as informações, tudo que as fadas já haviam lhes dado.

— Mas não foi o que fizeram — acrescentou Cristina.

— Eles não fizeram isso. Concluíram que a relação com as *hadas* era mais importante do que a Paz Fria. — Ele deu de ombros levemente. — Tem um bem de família. Ele possui um poder que nem eu entendo. Os Dearborn e a Tropa o exigiram, e nós lhes dissemos que só um Rosales poderia fazer o tal objeto funcionar.

Cristina compreendeu tudo com um choque forte.

— Por isso o noivado de mentira — concluiu. — Para que Zara pudesse pensar que ia se tornar uma Rosales.

— Exatamente — concordou Jaime. — Diego fica ligado à Tropa. E eu... eu pego o bem de família e fujo. E assim Diego pode me culpar; “seu irmão caçula fugiu com ele”. E o noivado se arrasta e eles não encontram nada.

— É esse seu único plano? — perguntou Cristina. — Adiar eternamente?

Jaime franziu a testa para ela.

— Não acho que você tenha avaliado direito o fato de que, muito corajosamente, tenho passado meses em fuga — falou ele. — Muito corajosamente.

— Nós somos Nephilim, Jaime. É nossa função sermos corajosos.

— Alguns de nós são melhores do que os outros — falou Jaime. — De qualquer forma, eu não diria que o plano todo é arrastar o noivado, não. Diego trabalha para descobrir quais são as fraquezas da Tropa. E eu trabalho para descobrir o que essa tal relíquia de família faz exatamente.

— Você não sabe?

Ele balançou a cabeça.

— Sei que ajuda a entrar no Reino das Fadas sem ser percebido.

— E a Tropa quer entrar no Reino das Fadas para começar uma guerra? — sugeriu Cristina.

— Isso faria sentido — disse Jaime. — Para eles, pelo menos.

Cristina ficou sentada na cama, em silêncio. Uma chuva havia começado lá fora. A água escorria pelo vidro da janela. Ela pensou na chuva sobre as árvores no Bosque, e em quando estivera sentada lá com Jaime, observando-o comer sacos de Dorilocos e lambe o sal dos dedos. E de conversar... conversar por horas, sobre tudo, literalmente, sobre o que eles fariam quando fossem *parabatai*

e pudessem viajar para qualquer parte do mundo.

— Para onde você vai? — perguntou ela finalmente, tentando manter a voz calma.

— Não posso dizer. — Jaime se afastou da mesa. — Não posso dizer a ninguém. Sou um bom artista da fuga, Cristina, mas só se nunca disser onde me escondo.

— Você não sabe, não é? — insistiu ela. — Você vai improvisar.

Ele deu um sorrisinho de lado.

— Ninguém me conhece melhor do que você.

— E Diego? — A voz de Cristina ficou trêmula. — Por que ele nunca me contou nada disso?

— As pessoas fazem coisas tolas quando amam — afirmou Jaime, com a voz de alguém que nunca tinha amado. — Além disso, eu pedi para ele não contar.

— E por que está me contando agora?

— Por dois motivos — falou ele. — No Submundo, estão dizendo que os Blackthorn vão enfrentar a Tropa. Se chegar a uma batalha, quero estar nela. Mande-me uma mensagem de fogo que eu virei. — Seu tom era solene. — E, em segundo lugar, para entregar o recado de Diego. Ele falou que talvez você estivesse zangada demais para ler. Mas eu tinha esperança de que agora... você não estivesse.

Ela baixou o olhar para o envelope na mão dele. Tinha sido dobrado e amassado muitas vezes.

— Eu vou ler — falou ela baixinho. — Não vai ficar, Jaime? Faça uma refeição com a gente. Você parece faminto.

Ele balançou a cabeça.

— Ninguém pode saber que estou aqui, Tina. Jure pelo fato de nossa pretensa relação *parabatai*.

— Isso não é justo — murmurou Cristina. — Além disso, Drusilla sabe.

— Ela não vai contar a ninguém... — começou Jaime.

— Cristina! — Era a voz de Mark, ecoando pelo corredor. — Cristina, onde você está?

De repente, os braços de Jaime estavam em volta dela, finos, porém fortes, envolvendo-a num abraço. Quando ele a soltou, Cristina tocou o rosto dele levemente. Queria dizer um milhão de coisas: *ten cuidado* mais do que qualquer coisa — se cuide, tome cuidado. Mas ele já estava se afastando dela, em direção à janela. Jamie a abriu e saiu como uma sombra, desaparecendo na noite chuvosa.

## 25

### Se Assustam e Suspiram

Gwyn não entraria no Instituto.

Kit não sabia se era por princípios ou preferência, mas, apesar do braço sangrando que encharcava a lateral da armadura, o líder da Caçada Selvagem apenas balançou a cabeça quando Alec o convidou cordialmente a entrar.

— Sou o líder do Instituto de Londres, embora temporariamente — explicou Alec. — Estou autorizado a convidar quem eu quiser.

— Não posso me demorar — objetou Gwyn. — Há muito a ser feito.

Tinha começado a chover. Alec estava no telhado com Mark, que cumprimentara Livvy e Ty com uma mistura de pavor e alívio. Os gêmeos ainda estavam de pé, perto do irmão, que havia abraçado os ombros de Livvy e segurava a manga de Ty.

Não havia ninguém para receber Kit daquele jeito. Ele estava discretamente isolado, observando. A cavalgada de volta do rio — Gwyn parecia ser capaz de fazer surgirem cavalos do ar tal como um mágico fazia moedas aparecerem — tinha sido uma confusão; Ty e Livvy cavalgaram com Diana, e Kit acabara na garupa de Gwyn, agarrando-se desesperadamente ao cinto do grandalhão e se esforçando para não cair no Tâmis.

— Não posso ficar muito tempo perto de todo esse ferro frio — falou Gwyn, e ele parecia realmente meio pálido, na opinião de Kit. — E vocês, Blackthorn, deveriam entrar no Instituto. Estão em segurança entre estas paredes.

— E quanto a Emma e Jules? — perguntou Livvy. — Pode ser que eles estejam por aí, os Cavaleiros poderiam estar atrás deles...

— Magnus saiu para encontrá-los — tranquilizou Alec. — Ele vai se certificar de que os dois estejam bem.

Livvy assentiu seriamente, mas ainda parecia preocupada.

— Podemos precisar de sua ajuda, Diana — afirmou Alec. — Vamos mandar as crianças para Alicante assim que Magnus retornar.

— Que crianças? — perguntou Diana. O tom de voz dela era suave e bem baixo; agora ela também estava rouca de cansaço. — Só as suas ou...

— Tavvy e Drusilla também — falou Alec. Ele fitou Livvy e Ty. Kit imaginava que ele preferia levar os gêmeos também, mas sabia que os dois nunca concordariam.

— Ah — disse Diana. — Posso sugerir que, em vez de ficar com o Inquisidor em Alicante, vocês fiquem comigo em Flintlock Street? Seria bom se a Tropa não soubesse que estão lá.

— Pensei a mesma coisa — falou Alec. — Melhor ficar fora do radar dos Dearborn e da sua laia, ainda mais pouco antes da reunião do Conselho. — Ele franziu a testa. — E, com sorte, seremos capazes de anular o feitiço de amarração de Mark e Cristina antes de nossa ida. Caso contrário, talvez eles não sejam capazes de...

— Um dos Cavaleiros foi morto — afirmou Kit.

Todos o encararam. Ele não sabia ao certo por que soltara a informação assim, do nada. O mundo parecia estar girando ao seu redor e coisas estranhas eram importantes.

— Vocês se lembram — disse ele. — Foi por isso que eles fugiram, no fim das contas. Um deles havia morrido e os demais conseguiram pressentir. Talvez Julian e Emma tenham lutado contra eles e vencido.

— Ninguém consegue matar um Cavaleiro de Mannan — acrescentou Gwyn.

— Emma conseguiria — disse Livvy. — Se Cortana...

Os joelhos de Kit cederam. Foi muito súbito e totalmente inesperado. Num instante, ele estava de pé e, no seguinte, ajoelhado numa poça fria, perguntando-se por que não conseguia se levantar.

— Kit! — gritou Diana. — Alec, ele bateu a cabeça durante a luta... disse que não estava doendo, mas...

Alec se aproximou depressa de Kit. Ele era mais forte do que parecia. Passou os braços em volta do menino, erguendo-o. Kit sentiu uma pontada quente na cabeça assim que se mexeu e um turbilhão cinza misericordioso o envolveu.

\*\*\*

Mais tarde, eles estavam deitados na cama, sob a luz do crepúsculo, Emma com a cabeça no peito de Julian. Ela ouvia o coração dele bater através do tecido macio da camiseta.

Eles tinham enrolado o cabelo em toalhas, vestido roupas secas e se aninhado debaixo de uma camada de cobertores. Seus pés estavam entrelaçados; Julian acariciava os cabelos soltos dela, lenta e cuidadosamente.

— Diga-me — começou ele. — Você disse que tinha uma coisa da qual eu precisava saber, e eu te interrompi. — Ele fez uma pausa. — Diga-me agora.

Emma cruzou os braços no peito dele, apoiando o queixo ali. A curva do corpo dele em contato com o dela estava relaxada, mas sua expressão era mais que curiosa: Emma notava a intensidade nas profundezas dos olhos dele, a necessidade de saber. Para dar sentido a todas as peças que não faziam sentido agora.

— Eu nunca namorei Mark — disse ela. — Foi tudo mentira. Eu pedi a ele para fingir e ele só aceitou porque tinha dito que me devia sua vida. Nunca foi de verdade.

Os dedos de Julian ficaram imóveis nos cabelos dela. Emma engoliu em seco. Precisava falar tudo logo, sem pensar se Julian a odiaria no final. Caso contrário, nunca seria capaz de terminar.

— Por que vocês fariam algo assim? — perguntou ele cautelosamente. — Por que Mark concordaria em me magoar?

— Ele não sabia que estava magoando você — retrucou Emma. — Ele nunca soube que havia algo entre a gente... não até irmos ao Reino das Fadas. Então ele descobriu e me falou que precisávamos terminar. Foi por isso que acabei com tudo em Londres. Mark não se importou. A gente não sentia nada um pelo outro.

— Então Mark não sabia — disse Julian. — Por que você fez isso? — Ele esticou uma das mãos. — Deixa pra lá. Eu sei a resposta: para que eu deixasse de amar você. Para nos separar. Eu sei até por que você escolheu Mark.

— Eu queria que tivesse sido outra pessoa...

— Se fosse outra pessoa, eu não teria odiado você — falou ele sem rodeios. — Ninguém mais teria sido capaz de me fazer desistir de você. — Ele se apoiou no cotovelo, baixando o olhar para ela. — Ajude-me a compreender — pediu Julian. — Você me ama e eu te amo, mas queria destruir tudo. Estava tão determinada a ponto de envolver Mark na história, e eu sei que você nunca faria algo assim se não estivesse desesperada. Então o que foi que te deixou desesperada, Emma? Eu sei que é proibido se apaixonar pelo *parabatai*, mas não passa de uma Lei estúpida...

— Não é uma Lei estúpida — interrompeu ela.

Julian piscou. Seus cabelos já estavam secos.

— Não sei que tipo de informação você detém, Emma, mas é hora de me contar — falou ele baixinho.

Então ela o fez. Sem omitir nenhum detalhe, Emma contou o que Malcolm



dissera sobre a maldição *parabatai*, que ele estava demonstrando misericórdia ao matá-la; caso contrário, ela e Julian veriam a morte um do outro. Que os Nephilim odiavam o amor. Jem tinha confirmado isso para ela: o destino terrível dos *parabatai* que se apaixonavam; a morte e destruição que eles trariam para os seus. Que ela sabia que nenhum deles poderia se tornar mundano ou ser do Submundo para romper aquele laço: que ser Caçador de Sombras fazia parte da alma e da pessoa que eles eram, que o exílio longe de suas famílias acabaria por destruí-los.

A luz da lareira lançava um brilho dourado escuro no rosto e nos cabelos de Julian, mas Emma conseguia notar como ele estava pálido, mesmo sob a luz indireta, além da seriedade que tinha dominado a expressão dele enquanto ela falava, como se as sombras estivessem ficando mais desagradáveis. Lá fora, chovia sem parar.

Quando ela terminou, Julian ficou em silêncio por um longo tempo. A boca de Emma estava seca, como se tivesse engolido algodão. Finalmente, ela não conseguiu mais aguentar e se aproximou dele, jogando o travesseiro no chão.

— Jules...

Ele ergueu a mão.

— Por que você não me contou nada disso?

Emma o encarou com ar triste.

— Por causa do que Jem contou. Que descobrir que o que a gente tinha era proibido por um motivo justo só ia fazer piorar as coisas. Pode acreditar, saber o que eu sei não me fez te amar menos.

Os olhos dele tinham ganhado um tom tão escuro de azul sob a pouca luz que estavam semelhantes aos de Kit.

— Então você decidiu me fazer te odiar — falou Julian.

— Eu tentei — murmurou ela. — Não sabia mais o que fazer.

— Só que eu nunca poderia odiar você — acrescentou ele. — Odiar você seria como odiar a ideia de que coisas boas já aconteceram no mundo. Seria como a morte. Pensei que você não me amasse, Emma. Mas nunca te odiei.

— E eu pensei que você não me amasse.

— E isso não fez diferença, fez? Nós ainda nos amávamos. Agora entendo por que você ficou tão perturbada com o que fizemos à Igreja de Porthallow.

Ela fez que sim com a cabeça.

— A maldição deixa você mais forte antes de torná-lo destrutivo.

— Fico contente por você ter me contado. — Ele tocou a bochecha de Emma, seus cabelos. — Agora sabemos que nada do que podemos fazer vai ser capaz de mudar o que sentimos um pelo outro. Vamos ter que encontrar uma solução.

Havia lágrimas no rosto de Emma, embora ela não se lembrasse de ter

começado a chorar.

— Eu pensei que, se você deixasse de me amar, ficaria chateado só por um tempinho. E, se eu ficasse triste para sempre, tudo bem. Por que você estaria bem e eu ainda seria sua *parabatai*. E, se um dia você pudesse ser feliz, então eu poderia ser feliz também, por você.

— Você é uma idiota — falou Julian. Ele a abraçou e a embalou, os lábios nos cabelos dela, e murmurou do jeito que fazia quando Tavvy tinha pesadelos, dizendo que ela era corajosa por ter feito o que fez, que eles resolveriam tudo, que dariam um jeito. E, embora Emma ainda não conseguisse enxergar uma saída para eles, ela relaxou contra o peito de Julian, permitindo-se sentir o alívio de ter compartilhado o fardo, mesmo que só por um momento. — Mas não posso ficar zangado. Tem uma coisa que também preciso te contar.

Ela se afastou de Julian.

— O que é?

Ele estava mexendo na pulseira de vidro. Como Julian raramente expressava ansiedade de maneira visível, Emma sentiu seu coração palpitar.

— Julian — insistiu ela —, conte-me.

— Quando íamos para o Reino das Fadas — disse ele em voz baixa —, a puca me falou que, se eu entrasse nas Terras, encontraria alguém que saberia como quebrar o vínculo *parabatai*.

As batidas do coração de Emma se tornaram pancadas rápidas contra as costelas. Ela se sentou ereta.

— Você está dizendo que sabe como quebrar?

Ele balançou a cabeça.

— A puca disse a verdade; eu encontrei alguém que sabia como quebrá-lo. A Rainha Seelie, para ser preciso. E ela me disse que sabia que podia ser feito, mas não *como*.

— Isso faz parte do acordo da devolução do livro? — perguntou Emma. — Nós lhe damos o *Volume Preto* e ela diz como acabar com o vínculo?

Julian fez que sim com a cabeça. Estava olhando para a lareira.

— Você não me contou — disse ela. — Achava que eu não ia me importar?

— Em parte — falou ele. — Se você não quisesse romper a ligação, eu também não iria querer. Melhor ser seu *parabatai* do que nada.

— Jules... Julian...

— E tem mais — prosseguiu ele. — Ela me disse que teria um preço.

*Claro, um preço. Sempre tem um preço quando as fadas estão envolvidas.*

— Que tipo de preço? — murmurou ela.

— Romper o vínculo significa usar o *Volume Preto* para cavar as raízes de todas as cerimônias *parabatai* — falou Julian. — Isso romperia nosso vínculo,

sim. Mas também destruiria todas as ligações *parabatai* no mundo. Todas seriam destruídas. Não haveria mais *parabatai*.

Emma o encarou, chocada.

— A gente não pode fazer isso. Alec e Jace... Clary e Simon... E tantos outros...

— Você acha que não sei disso? Mas eu não podia deixar de te dizer. Você tem direito de saber.

Emma estava com dificuldade para respirar.

— A Rainha...

Uma pancada forte ecoou pelo cômodo, como se alguém tivesse soltado uma bombinha festiva. Magnus Bane apareceu na cozinha, enrolado num casaco preto longo, com a mão direita faiscando fogo azul e uma expressão irritada.

— Por que, em nome dos nove príncipes do inferno, nenhum de vocês atendeu o telefone? — quis saber.

Emma e Julian ficaram boquiabertos e, depois de um minuto, Magnus também abriu a boca.

— Meu Deus. Vocês estão...?

Ele não concluiu a pergunta. Não precisou.

Emma e Julian saíram da cama apressados. Ambos estavam praticamente vestidos, mas Magnus os encarava como se tivesse dado um flagrante.

— Magnus — falou Julian. Ele não completou a saudação dizendo que não era bem aquilo ou que Magnus tinha entendido errado. Julian não disse nada assim. — O que está acontecendo? Tem alguma coisa errada em casa?

Por um momento, pareceu que Magnus estava sentindo o peso da idade.

— *Parabatai* — falou, suspirando. — Sim, tem algo errado. Precisamos voltar ao Instituto. Peguem suas coisas e se preparem para partir.

Ele se recostou na bancada da cozinha e cruzou os braços. Vestia um sobretudo com um monte de camadas de capas curtas nas costas. Ele estava seco — devia ter viajado via Portal desde o interior do Instituto.

— Tem sangue na sua espada, Emma — falou, olhando para onde Cortana se apoiava na parede.

— Sangue fada — disse Emma. Julian vestia o suéter e passava os dedos pelo cabelo desgrenhado.

— Quando você diz sangue fada — emendou Magnus — se refere aos Cavaleiros, não é?

Emma viu Julian se assustar.

— Eles estavam atrás da gente... como você saberia?

— Não estavam atrás só de vocês. O Rei os enviou para encontrar o *Volume Preto*. E os instruiu a caçar todos vocês... todos os Blackthorn.

— Nos *caçar*? — quis saber Julian. — Alguém se machucou? — Ele cruzou o cômodo até onde Magnus estava, quase como se quisesse agarrar o feiticeiro pela camisa e sacudi-lo. — *Alguém da minha família se machucou?*

— Julian. — A voz de Magnus era firme. — Está tudo bem. Mas os Cavaleiros apareceram e atacaram Kit, Ty e Livvy.

— E eles estão bem? — insistiu Emma, ansiosa, calçando as botas.

— Sim... Recebi uma mensagem de fogo de Alec — falou Magnus. — Kit bateu a cabeça. Ty e Livvy, nem um arranhão. Mas tiveram sorte... Gwyn e Diana apareceram.

— Diana e Gwyn? Juntos? — Emma estava confusa.

— Emma matou um dos cavaleiros — falou Julian enquanto pegava o portfólio de Annabel e os diários de Malcolm e botava tudo na bolsa. — Nós escondemos o corpo no penhasco, mas provavelmente não devíamos ter deixado lá.

Magnus assobiou entre os dentes.

— Ninguém chegou a matar um dos Cavaleiros de Mannan até então... bem, pelo menos não em toda a história que eu conheço.

Emma estremeceu, lembrando-se da sensação fria quando a lâmina entrara no corpo de Fal.

— Foi horrível.

— Os outros não foram embora para sempre — disse Magnus. — Eles vão voltar.

Julian fechou a bolsa dele e a de Emma.

— Então precisamos levar as crianças para um lugar seguro, onde os Cavaleiros não sejam capazes de encontrá-las.

— Nesse momento, o Instituto é o local mais seguro fora de Idris — acrescentou Magnus. — Tem barreiras de proteção, e vou instalar outras.

— O chalé também está seguro — disse Emma, erguendo a bolsa sobre o ombro. Tinha o dobro do peso de antes, com o acréscimo dos livros de Malcolm. — Os Cavaleiros não podem se aproximar; eles disseram.

— Engenhoso da parte de Malcolm — afirmou Magnus. — Mas vocês ficariam presos caso permanecessem aqui, e não consigo imaginar que vocês aguentem ficar sem sair destas quatro paredes.

— Não — falou Julian, mas baixinho. Emma notou Magnus inspecionando o interior do chalé, a confusão de xícaras que eles não limparam, os sinais de que Julian cozinhara, o desalinho das cobertas na cama, os vestígios de fogo na lareira. Um lugar construído por e para duas pessoas que se amavam, mas que não podiam se amar, e que abrigara outras duas pessoas nas mesmas condições, duzentos anos depois. — Suponho que não.

Havia solidariedade nos olhos de Magnus quando ele fitou Julian e Emma outra vez.

— Todos os sonhos terminam quando acordamos — falou. — Agora venham, vou nos transportar via Portal para casa.

Dru observava a chuva escorrer pelas janelas do quarto. Lá fora, Londres era um borrão, o brilho dos postes se expandia na chuva e se transformava em dentes-de-leão amarelos feitos de luz, empoleirados em postes de metal compridos.

Ela tinha ficado na biblioteca por tempo suficiente para dizer a Mark que estava bem, antes de ele ficar preocupado com Cristina e sair procurando por ela. Quando os dois voltaram, Dru sentiu uma pontada de medo no estômago. Tinha certeza de que Cristina ia contar... contar a todo mundo sobre Jaime, revelar o segredo dela, revelar o segredo *dele*.

A expressão de Cristina também não era tranquila.

— Posso conversar com você no corredor, Dru? — perguntara.

Dru fez que sim com a cabeça e pousou o livro. De qualquer forma, não estava lendo mesmo. Mark tinha ido atrás de Kieran e das crianças, e Dru acompanhou Cristina até o corredor.

— Obrigada — agradeceu Cristina, assim que a porta foi fechada. — Por ajudar Jaime.

Dru pigarreou. O agradecimento parecia um bom sinal. Pelo menos, era um sinal de que Cristina não estava furiosa. Talvez.

Cristina sorriu, e tinha covinhas. No mesmo instante, Dru desejou tê-las também. Será que tinha? Precisava verificar. Embora sorrir para si na frente do espelho parecesse um pouco estranho.

— Não se preocupe, não vou contar a ninguém que ele esteve aqui ou que você o ajudou. Não deve ter sido fácil lidar com ele como você fez.

— Eu não me importei — disse Dru. — Ele me deu atenção.

Os olhos escuros de Cristina se entristeceram.

— Ele costumava me dar atenção também.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Dru.

— Acho que sim — falou Cristina. — Ele sempre foi esperto e cuidadoso. — Ela tocou a bochecha de Dru. — Se tiver notícias dele, eu te aviso.

E foi isso. Dru voltara para o quarto, sentindo-se vazia. Sabia que deveria ter ficado na biblioteca, mas precisava ficar onde conseguisse pensar direito.

Ela se sentara na beirada da cama, balançando as pernas apaticamente. Queria que Jaime estivesse ali, para ela ter alguém com quem conversar. Queria conversar sobre o visível cansaço de Magnus, queria falar sobre o estresse de

Mark, que ela se preocupava com Emma e Jules. Queria conversar sobre a saudade que sentia de casa, do cheiro do oceano e do deserto.

Chutou com mais força — e seu calcanhar colidiu contra alguma coisa. Ela se abaixou e viu, surpresa, que a bolsa de lona de Jaime ainda estava enfiada debaixo de sua cama. Puxou-a de baixo do colchão, tentando não derrubar seu conteúdo. Já estava aberta.

Ele deve tê-la enfiado ali com pressa quando Cristina entrou, mas por que a deixaria? Isso significava que ele planejava voltar? Ou será que simplesmente largara para trás coisas das quais não precisava?

Ela não queria bisbilhotar ou, pelo menos, foi o que disse a si depois. Não que ela precisasse saber se Jaime ia voltar. Foi só um acidente.

Dentro da bolsa havia um amontoado de roupas masculinas, um monte de jeans e camisetas, alguns livros, estelas extras, lâminas serafim ainda inativas, um canivete não muito diferente da arma de Cristina, e algumas fotografias. E mais alguma coisa, uma coisa que brilhava tão intensamente que, por um momento, ela pensou ser uma pedra de luz enfeitiçada — só que a iluminação era menos branca. A peça brilhava com uma cor dourada escura e fraca, como a superfície do oceano. Antes que percebesse, sua mão estava naquilo...

Então Dru sentiu como se tivesse levado um tranco e se desequilibrou, como se estivesse sendo sugada para dentro de um Portal. Puxou a mão de volta, mas já não estava tocando nada. Nem estava em seu quarto mais.

Dru estava no subsolo, em um longo corredor cavado na terra. As raízes das árvores cresciam para baixo, como aqueles fitilhos de embrulho de presente. O corredor se esticava de cada lado dela até as sombras que se aprofundavam de um jeito bem diferente das sombras acima do solo.

O coração de Dru estava latejando. Uma terrível sensação de irreabilidade a sufocava. Era como se ela tivesse viajado através de um Portal, mas sem ideia de aonde fora, sem nenhum senso de familiaridade. Mesmo o ar naquele local tinha cheiro de alguma coisa estranha e sombria, um tipo de perfume que ela jamais sentira.

Dru esticou a mão automaticamente para pegar as armas no cinto, mas não havia nada ali. Tinha vindo totalmente despreparada, só de jeans e uma camiseta preta com estampa de gatos. Ela sufocou uma risada histérica e se recostou na parede do corredor subterrâneo, evitando a profundidade de sombras.

Luzes apareceram no fim do corredor. Dru ouvia vozes doces e altas ao longe. A conversa era como um chilrear de pássaros. *Fadas*.

Ela avançou cegamente na outra direção e quase caiu para trás quando a parede cedeu atrás de si e se transformou numa cortina de tecido. Tropeçou, passando pela cortina, e se viu num imenso cômodo de pedra.

As paredes eram quadrados de mármore verde, raiadas com grossas linhas pretas. Alguns dos quadrados eram entalhados com desenhos dourados: um falcão, um trono, uma coroa dividida em dois. Havia armas no cômodo, enfileiradas em torno dos tampos de diferentes mesas — espadas e adagas de cobre e bronze, ganchos, lanças e maças de todos os tipos de metal, exceto de ferro.

Também havia um garoto no cômodo. Um garoto da idade de Dru, uns 13 anos, talvez. Ele tinha se virado quando ela entrou e agora a encarava com ar de espanto.

— Como ousa entrar neste quarto? — A voz era contundente e imperiosa.

Ele vestia roupas suntuosas, seda e veludo, e botas de couro pesadas. O cabelo era platinado, da cor da pedra de luz enfeitiçada. O corte era bem curtinho e um aro de metal claro enfeitava sua testa.

— Eu não pretendia entrar. — Dru engoliu em seco. — Só queria sair daqui. É tudo que quero — falou ela.

Os olhos verdes do menino arderam.

— Quem é você? — Ele deu um passo para a frente, pegando uma adaga da mesa ao seu lado. — Você é uma *Caçadora de Sombras*?

Dru empinou o queixo e o encarou também.

— Quem é você? — quis saber. — E por que é tão rude?

Para a surpresa dela, ele sorriu, e houve algo de familiar nisso.

— Eu me chamo Ash — disse ele. — Foi a minha mãe quem mandou você? — Ele parecia esperançoso. — Ela está preocupada comigo?

— Drusilla! — chamou uma voz. — Dru! *Dru!*

Dru olhou ao redor, confusa: de onde vinha a voz? As paredes do cômodo estavam começando a escurecer, a derreter e se misturar. O garoto com roupas suntuosas e rosto anguloso de fada olhou para ela, confuso, erguendo a adaga enquanto mais buracos começavam a se abrir ao redor de Dru: nas paredes, no piso. Ela gritou quando o chão cedeu, e caiu na escuridão.

Um turbilhão a capturou outra vez, o quase-Portal frio giratório, e então Dru desabou na realidade do piso de seu quarto. Estava sozinha. Ela arfou e engasgou, tentando ficar de joelhos. Seu coração parecia que ia rasgar e abrir caminho pelo peito.

Sua mente girava — o pavor de estar no subsolo, o terror de não saber se um dia voltaria para casa, o pânico por estar num lugar estranho — e ainda assim as imagens escapavam dela, como se Dru estivesse tentando segurar água ou vento. *Onde é que eu estive? O que foi que aconteceu?*

Ela se ergueu, ficando de joelhos, enjoada e nauseada. Piscou para afastar a tontura — havia olhos verdes em sua visão, olhos verdes — e viu que a bolsa de

Jaime se fora. Sua janela estava aberta, o soalho, úmido debaixo da janela. Ele deve ter entrado e saído enquanto Dru... não estava lá. Mas onde ela estivera? Não conseguia se lembrar.

— Dru! — falou a voz outra vez. A voz de Mark. E outra batida impaciente à porta. — Dru, você me ouviu? Emma e Jules voltaram.

— Muito bem — falou Diana, verificando as ataduras no braço de Gwyn pela última vez. — Eu queria poder te dar um *iratze*, mas...

Ela se calou, sentindo-se ridícula. Ela é quem tinha insistido em ir para seus aposentos em Alicante para que pudesse enfaixar a ferida, e desde então Gwyn havia ficado quieto.

Ele dera um tapa no flanco do cavalo depois que eles subiram na janela dela, fazendo-o voar para o céu.

Enquanto ele examinava o cômodo, os olhos bicolores assimilando todos os traços de sua vida — as canecas usadas de café, o pijama jogado num canto, a mesa manchada de tinta —, Diana se perguntava se havia tomado a decisão certa ao trazê-lo para cá. Durante tantos anos deixara que tão poucas pessoas adentrassem seu espaço pessoal, mostrando apenas o que desejava mostrar, controlando cuidadosamente o acesso ao seu eu interior. Ela jamais imaginara que o primeiro homem que teria acesso ao seu quarto em Idris seria uma fada bela e curiosa, mas, quando ele se encolheu violentamente ao sentar na cama, ela percebeu que havia tomado a decisão certa.

Diana trancara os dentes em solidariedade quando ele começou a tirar a armadura semelhante a casca de árvore. Seu pai sempre tivera o hábito de guardar ataduras extras no banheiro; mas, quando ela voltou do banheiro com a gaze na mão, encontrou Gwyn sem camisa e carrancudo sobre o lençol amarrotado, os cabelos castanhos da mesma cor que as paredes de madeira. Sua pele era muitas tonalidades mais pálida, lisa e rija sobre ossos, só um pouquinho estranhos.

— Eu não preciso que façam isso — disse ele. — Sempre enfaixei minhas próprias feridas.

Diana não respondeu, simplesmente começou a fazer um curativo. Sentada atrás dele, Diana se deu conta de que aquilo era o máximo que ela já havia se aproximado fisicamente de Gwyn. Achou que a pele dele fosse ter a textura da casca de uma árvore, assim como sua armadura, mas não: parecia couro, do tipo mais macio, usado para fazer as bainhas das lâminas delicadas.

— Todos temos feridas que, às vezes, saram mais depressa se cuidadas por outra pessoa — falou ela, colocando de lado a caixa de ataduras.



— E quanto às suas feridas? — perguntou ele.

— Eu não me machuquei. — Ela ficou de pé, como se quisesse provar que estava bem, caminhando e respirando. Parte disso também era para colocar certa distância entre eles. Diana sentira seu coração falhando de um jeito pouco confiável.

— Você sabe que não foi o que eu quis dizer — falou ele. — Vejo como você cuida das crianças. Por que não se oferece simplesmente para dirigir o Instituto de Los Angeles? Você seria uma líder melhor do que Arthur Blackthorn jamais foi.

Diana engoliu, apesar da boca seca.

— Isso tem importância?

— Tem importância se eu quero conhecê-la — respondeu ele. — Eu a beijaria, mas você se afasta de mim; eu conheceria seu coração, mas você o esconde nas sombras. É porque você não me deseja nem gosta de mim? Porque, nesse caso, não voltarei a perturbá-la.

O tom de voz dele não tinha qualquer intenção de fazê-la sentir-se culpada, era só uma descrição do fato mesmo.

Se Gwyn tivesse argumentado de maneira mais emocional, talvez Diana nem respondesse. Mas, tal como foi, ela se flagrou cruzando o cômodo e pegando um livro da prateleira perto da cama.

— Se acha que estou escondendo alguma coisa, então suponho que você esteja certo — falou. — Mas duvido que seja o que você pensa. — Ela empinou o queixo, pensando em sua homônima, a deusa e guerreira, que jamais precisava pedir desculpas. — Eu não fiz nada de errado. Não me envergonho; não tenho motivos para isso. Mas a Clave... — Ela suspirou. — Tome. Pegue isto.

Gwyn pegou o livro dela, a expressão solene.

— É um livro sobre leis — comentou ele.

Ela assentiu.

— As leis da investidura. Ela detalha as cerimônias pelas quais os Caçadores de Sombras assumem novas funções: o juramento de Cônsul, Inquisidor ou de diretor de um Instituto. — Diana se inclinou perto dele, abrindo o livro até uma página muito consultada. — Aqui. Quando você faz o juramento como diretor de um Instituto, você deve segurar a espada Mortal e responder às perguntas do Inquisidor. As perguntas são lei. Elas nunca mudam.

Gwyn assentiu.

— Qual das perguntas você não quer responder?

— Finja que você é o Inquisidor — falou Diana, como se ele nada tivesse dito. — Faça as perguntas, e vou responder como se estivesse segurando a Espada, com respostas sinceras.

Gwyn assentiu. Seus olhos estavam escuros de curiosidade e algo mais quando começou a ler em voz alta.

— Você é uma Caçadora de Sombras?

— Sim.

— Você nasceu Caçadora de Sombras ou Ascendeu?

— Eu nasci Caçadora de Sombras.

— Qual é o sobrenome de sua família?

— Wrayburn.

— E que nome lhe foi dado no nascimento? — perguntou Gwyn.

— David — respondeu Diana. — David Laurence Wrayburn.

Gwyn pareceu confuso.

— Não compreendo.

— Eu sou mulher — falou Diana. — Sempre fui. Sempre soube que era uma menina, independentemente do que os Irmãos do Silêncio disseram aos meus pais, independentemente da contradição do meu corpo. Minha irmã, Aria, também sabia. Ela disse que soube desde o primeiro momento em que falei minhas primeiras palavras. Mas meus pais... — Ela se calou. — Não é que eles fossem maus, mas não conheciam as opções. Disseram-me que eu deveria viver como eu mesma em casa, mas que em público eu deveria ser David. Ser o menino que eu sabia que não era. Ficar fora do radar da Clave.

“Eu sabia que seria viver uma mentira. Ainda assim, era um segredo que nós quatro guardávamos. No entanto, todos os anos meu desespero esmagador só fazia crescer. Eu me afastei das interações com outros Caçadores de Sombras da minha idade. A todo momento, dormindo ou acordada, me sentia ansiosa e desconfortável. Tinha medo de nunca ser feliz. Então completei 18 anos. Minha irmã tinha 19. Fomos juntas para a Tailândia, para o Instituto de Bangkok. Foi lá que eu conheci Catarina Loss.

— Catarina Loss — falou Gwyn. — Ela sabe. Que você é... que você... — Ele franziu a testa. — Perdoe-me. Não sei como dizer isso. Que seus pais lhe deram o nome David?

— Ela sabe — falou Diana. — Não sabia na época. Na Tailândia, eu vivia como a mulher que sou. Eu me vestia do jeito que sou. Aria me apresentava como sua irmã. Eu estava feliz. Pela primeira vez, me sentia livre, e escolhi um nome que abraçava essa liberdade. A loja de armas do meu pai sempre se chamara Flecha de Diana, por causa da deusa da caça, que era orgulhosa e livre. Escolhi para mim o nome Diana. Eu sou Diana. — Ela respirou fundo, trêmula. — E então minha irmã e eu saímos para explorar uma ilha onde havia rumores sobre demônios Thotsakan. No fim das contas, não eram demônios, mas mortos-vivos, fantasmas famintos. Dezenas deles. Nós os

enfrentamos, porém saímos machucadas. Catarina nos resgatou. Ela me resgatou. Quando acordei numa casinha não muito longe, Catarina tomava conta de nós. Eu sabia que ela vira meus ferimentos... que vira o meu corpo. Tinha conhecimento de que ela sabia...

— Diana — falou Gwyn com sua voz grave, e esticou uma das mãos. Mas Diana balançou a cabeça.

— Não — falou. — Ou não vou conseguir terminar. — Seus olhos ardiam com as lágrimas contidas. — Eu puxei as roupas em trapos para esconder meu corpo. Gritei pela minha irmã. Mas ela estava morta, tinha morrido enquanto Catarina cuidava dela. Então desmorenei completamente. Eu tinha perdido tudo. Minha vida estava destruída. Foi o que pensei. — Uma lágrima desceu pelo rosto dela. — Catarina cuidou de mim até eu recuperar a saúde e a sanidade. Fiquei naquele chalé com ela durante semanas. E Catarina foi conversando comigo. Ela ofereceu suas palavras, coisa que eu nunca tivera, como um presente. Foi a primeira vez que ouvi a palavra “transgênero”. Aí comecei a chorar. Eu nunca tinha entendido até então o quanto você pode privar uma pessoa ao não lhe dar as palavras das quais ela necessita para se descrever. Como você pode saber se há outros como você quando nunca teve um termo para se referir a si? Eu sei que deve ter havido outros Caçadores de Sombras transgêneros, que eles devem ter existido no passado e que ainda existem agora. Mas não tenho como procurá-los e seria perigoso sair perguntando por aí. — Um lampejo de raiva contra a injustiça antiga tornou sua voz mais contundente. — Então Catarina me falou sobre a transição. Eu poderia viver como eu mesma, do jeito que precisava que fosse e ser reconhecida como quem eu sou. Eu sabia que era o que eu desejava.

“Fui com Catarina para Bangkok. Não como David, e sim como Diana. E não fui como Caçadora de Sombras. Morei com Catarina num pequeno apartamento. Contei aos meus pais sobre a morte de Aria e que agora eu era Diana: eles responderam dizendo que tinham comunicado ao Conselho que fora David quem morrera em batalha. E aí disseram que me amavam e compreendiam, mas que eu devia viver no mundo mundano agora, pois vinha consultando médicos mundanos e isso era contra a Lei.

“Era tarde demais para impedi-los. A Clave tinha sido comunicada que David havia morrido na ilha, combatendo mortos-vivos. Eles deram a David a morte da minha irmã, uma morte com honras. Eu queria que não tivessem mentido, mas se precisavam vestir branco pelo menino morto, mesmo que ele jamais tivesse existido, eu não poderia lhes negar isso.

“Catarina trabalhara como enfermeira durante anos. Ela conhecia a medicina mundana e me levou até uma clínica em Bangkok. Conheci outros iguais a mim

lá. Eu não estava mais sozinha. Fiquei lá por três anos e não planejava voltar a ser Caçadora de Sombras. O que eu estava ganhando era precioso demais. Não podia me arriscar a ser descoberta, a ver meus segredos revelados, a ser chamada pelo nome de um homem, e a ver a pessoa que eu era ser renegada.

“Com o passar dos anos, Catarina me guiou através do procedimento médico mundano que me daria o corpo em cuja pele eu me sentia à vontade. Ela escondeu dos médicos os resultados incomuns dos meus exames, para que eles não ficassem confusos com meu sangue de Caçador de Sombras.”

— Medicina mundana — repetiu Gwyn. — É proibido um Caçador de Sombras buscar tratamento médico mundano, não é? Por que Catarina simplesmente não usou magia para ajudar você?

Diana balançou a cabeça.

— Eu não ia querer isso — respondeu ela. — Um feitiço sempre pode ser desfeito por outro feitiço. Não quero que minha verdade seja algo que possa ser dissolvido por um feitiço casual ou ao passar pelo portão mágico errado. Meu corpo é *meu corpo*... o corpo no qual cresci até me tornar mulher, como todas as mulheres crescem em seus corpos.

Gwyn assentiu, embora Diana não soubesse dizer se ele realmente compreendia.

— Então é esse o seu medo — foi tudo que ele disse.

— Não temo por mim — falou Diana. — Temo pelas crianças. Enquanto eu for a tutora delas, sinto que posso protegê-las de algum modo. Se a Clave soubesse o que fiz, que fui atrás de médicos mundanos, eu acabaria na prisão sob a Cidade do Silêncio. Ou no Basílios, se fossem misericordiosos.

— E seus pais? — A expressão de Gwyn era indecifrável. Diana queria que ele lhe desse algum tipo de sinal. Será que estava zangado? Será que ele ia zombar dela? A tranquilidade dele estava lhe causando palpitações. — Eles vieram atrás de você? Você deve ter sentido falta deles.

— Eu tinha medo de expô-los à Clave. — A voz de Diana falhou. — Sempre que falavam numa visita clandestina a Bangkok, eu os desencorajava. E então chegou a notícia de que eles tinham morrido, assassinados num ataque demoníaco. Catarina foi quem me contou. Eu chorei a noite toda. Não podia contar aos amigos mundanos sobre a morte dos meus pais; eles não entenderiam o fato de eu não poder voltar para casa para o funeral.

“Então veio a notícia da Guerra Mortal. E aí eu percebi que ainda era uma Caçadora de Sombras. Não poderia deixar Idris em perigo sem lutar. Voltei para Alicante e disse ao Conselho que eu era a filha de Aaron e Lissa Wrayburn. Porque afinal era verdade. Eles sabiam que eram um menino e uma menina, e que o menino havia morrido. Eu me apresentei como Diana. No caos da guerra,

ninguém me questionou.

“Eu surgi na batalha como Diana. Lutei como eu mesma, com uma espada na mão e fogo angelical nas veias. E eu soube então que nunca poderia voltar a ser mundana. Entre meus amigos mundanos, eu precisava esconder a existência dos Caçadores de Sombras. Entre os Caçadores de Sombras, precisava ocultar que já havia feito uso da medicina mundana. Sabia que, de um modo ou de outro, teria que esconder uma parte de mim. Escolhi ser uma Caçadora de Sombras.”

— Quem mais sabia de tudo isso? Além de Catarina?

— Malcolm sabia. Eu tenho que tomar um remédio para manter o equilíbrio dos hormônios no meu corpo. Normalmente, consigo as doses com Catarina, mas houve uma época em que ela não teve como fazê-lo e Malcolm ajudou. Depois disso, ele soube. Nunca mencionou diretamente, mas eu sempre tive consciência de que ele sabia. Que podia me machucar.

— Que ele podia machucá-la — murmurou Gwyn. A expressão dele era uma completa máscara. Diana ouvia o próprio coração latejando nos ouvidos. Era como se ela tivesse vindo até Gwyn com o coração nas mãos, cru e sangrando, e agora só estivesse esperando que ele pegasse as facas.

— Por toda a vida eu tentei encontrar meu lugar no mundo, e ainda procuro por ele — disse Diana. — Por isso tenho escondido coisas das pessoas que amo. E escondi isso de você. Mas nunca menti sobre minha verdade.

O que Gwyn fez em seguida surpreendeu Diana. Ele se levantou da cama, deu um passo para a frente e se ajoelhou diante dela. Fez isso graciosamente, do modo como um escudeiro se ajoelharia diante de um cavaleiro ou um cavaleiro faria diante de sua dama. Havia algo de antigo na essência do gesto, alguma coisa que remetia ao coração e à essência do Povo das Fadas.

— É como imaginei — disse ele. — Quando eu a vi sob as estrelas do Instituto, e vi o fogo em seus olhos, soube que você era a mulher mais corajosa a colocar os pés nesta terra. Só lamento que uma alma tão corajosa já tenha sido magoada pela ignorância e medo alheios.

— Gwyn...

— Posso abraçá-la? — perguntou ele.

Ela fez que sim com a cabeça. Não conseguia falar. E se ajoelhou diante do líder da Caçada Selvagem, permitindo que ele a tomasse nos braços largos, que acariciasse seus cabelos e murmurasse o nome dela naquela voz que ainda soava como o ribombar do trovão — mas que agora era um trovão ouvido dentro de uma casa fechada e calorosa, onde todos estavam em segurança.

Tavvy foi o primeiro a perceber o retorno de Emma e Julian quando eles

voltaram através do Portal para a biblioteca do Instituto com Magnus. Ele ficara sentado no chão, desmontando sistematicamente alguns brinquedos antigos com a ajuda de Max. No momento em que Julian sentiu o chão sólido sob seus pés, Tavvy ficou de pé de um salto e correu para ele, colidindo como um trem que saíra dos trilhos.

— *Jules!* — exclamou ele, e Julian girou o irmão nos braços e o apertou num abraço ao mesmo tempo que Tavvy se agarrou a ele, balbuciando sobre o que vira, ouvira e fizera nos últimos dias. E aí Julian bagunçou os cabelos dele num cafuné e sentiu a tensão que ele nem sequer percebera estar carregando se esvaír.

Na hora Cristina estava sentada com Rafe, conversando com ele baixinho em espanhol. Mark estava à mesa da biblioteca com Alec e (para surpresa de Julian) com Kieran, com montes de livros abertos diante deles.

Cristina se levantou num pulo e correu para abraçar Emma. Livvy entrou correndo no cômodo, Ty veio logo atrás dela, mais silencioso, e Julian pôs Tavvy no chão — que permaneceu ao lado de seu irmão mais velho, agarrado à perna dele — enquanto cumprimentava o restante da família numa confusão de abraços e exclamações.

Emma abraçava os gêmeos, uma visão que enviou um dardo de dor familiar pelas costelas de Julian. O medo da separação, de afastar aquilo que tinha sido feito para ficar junto: o sonho de sua família, Emma como sua parceira, as crianças sob a responsabilidade deles.

A mão de alguém tocou o ombro dele, arrancando-o da fantasia. Era Mark, que o encarou com inquietação.

— Jules?

*Claro.* Mark não tinha percebido que Julian sabia a verdade sobre ele e Emma. Parecia preocupado, esperançoso, como um cachorrinho que vinha pedir comida, mas que temia ser escorraçado da mesa.

*Eu fui tão ruim assim?*, Julian se perguntou, com a culpa atravessando-o. Mark sequer soubera ou sequer imaginara que Julian amasse Emma. E ficara horrorizado ao descobrir. Mark e Emma se amavam, mas não era amor romântico, que de fato era o desejado por Julian. O coração dele se encheu de ternura por ambos, por tudo de que eles haviam aberto mão para protegê-lo, por estarem dispostos a serem odiados por ambos se fosse preciso.

Ele puxou Mark para um canto do cômodo. O burburinho das saudações prosseguia ao redor quando Julian baixou a voz.

— Eu sei o que vocês fizeram — disse ele. — Sei que você nunca namorou Emma de verdade. Agradeço por isso. Sei que foi por minha causa.

Mark parecia surpreso.

— Foi ideia de Emma — acrescentou.

— Ah, acredite, eu sei. — Julian pôs a mão no ombro do irmão. — E você fez um bom trabalho com as crianças. Magnus me contou. Obrigado.

O rosto de Mark se iluminou, o que fez o coração de Julian doer mais ainda.

— Eu não... quero dizer, eles se meteram numa tremenda encrenca...

— Você os amou e os manteve vivos — falou Julian. — Algumas vezes, isso é o melhor que se pode fazer.

Julian puxou o irmão num abraço apertado. Mark fez um som abafado de surpresa antes de seus braços envolverem Julian, quase deixando-o sem fôlego. Julian sentia o coração do irmão martelando contra o dele, como se o mesmo alívio e alegria estivessem pulsando através do sangue compartilhado.

Depois de um instante, eles se separaram.

— Então você e Emma...? — começou Mark, meio hesitante. Mas, antes que Julian pudesse responder, Livvy se jogara para cima deles, conseguindo de algum modo abraçar Julian e Mark ao mesmo tempo, e a conversa acabou em risadas.

Ty se aproximou mais timidamente, sorrindo e tocando Julian no ombro, e depois na mão, como se quisesse ter certeza de que ele realmente estava lá. A expressão tátil às vezes significava tanto para Ty quanto sua capacidade de absorção visual.

Mark estava dizendo a Emma que Dru ainda estava no quarto, mas que em breve ela viria. Magnus tinha ido atrás de Alec, e os dois conversavam em voz baixa perto da lareira. Apenas Kieran ficou onde estava, tão silencioso e imóvel à mesa que poderia muito bem ter se passado por uma planta decorativa. Ao vê-lo, porém, uma lembrança lampejou na mente de Julian, que olhou ao redor procurando pelos cabelos louros e pela expressão sarcástica.

— Onde está Kit?

Uma onda de explicações simultâneas se seguiu: a história dos cavaleiros na beira do rio, o modo como Gwyn e Diana os salvaram, o machucado de Kit. Emma descreveu os quatro Cavaleiros que eles encontraram na Cornualha, mas foi Julian quem contou em detalhes o modo como Emma eliminara um deles, o que gerou uma boa quantidade de exclamações.

— Eu nunca ouvi falar de alguém que tivesse matado um Cavaleiro — falou Cristina, correndo até a mesa para pegar um livro. — Mas alguém deve ter feito isso.

— Não. — Era Kieran, com a voz baixa e firme. Havia alguma coisa no timbre que fez Julian se lembrar da voz do Rei Unseelie. — Nunca mataram. Só houve sete, os filhos de Mannan, e eles já existem quase desde o começo dos tempos. Deve ter alguma coisa muito especial em você, Emma Carstairs.

Emma corou.

— Não tem.

Kieran ainda estava fitando Emma com curiosidade. Ele vestia jeans e um suéter de cor creme. Para uma fada, ele parecia assustadoramente humano, até você olhar realmente seu rosto e notar sua estrutura óssea esquisita.

— Como foi matar uma coisa tão antiga?

Emma hesitou.

— Foi como... você já segurou gelo por tanto tempo que o frio machucou sua pele?

Depois de uma pausa, Kieran assentiu.

— É uma dor mortal.

— Foi assim.

— Então estamos em segurança aqui — disse Julian para Magnus, em parte para evitar mais perguntas sobre o Cavaleiro morto. — No Instituto.

— Aqui os Cavaleiros não têm como nos alcançar. Há barreiras para afastá-los — afirmou Magnus.

— Mas Gwyn conseguiu pousar no telhado — falou Emma. — Então o Povo das Fadas pode não estar completamente bloqueado...

— Gwyn é da Caçada Selvagem. Eles são diferentes. — Magnus se abaixou para pegar Max, que dava risadinhas e puxava o cachecol dele. — Além disso, eu dobrei as barreiras em torno do Instituto desde esta tarde.

— Onde está Diana? — perguntou Julian.

— Ela voltou para Idris. Disse que tem que manter Jia e o Conselho felizes e calmos, e esperando que a reunião aconteça sem dificuldades.

— Mas nós não temos o *Volume Preto* — afirmou Julian.

— Bem, ainda temos um dia e meio para encontrar Annabel — falou Emma.

— Sem sair dos limites destas paredes consagradas? — questionou Mark. Ele estava sentado no braço de uma das poltronas. — Nós meio que estamos encurralados.

— Não sei se os Cavaleiros sabem que eu e Alec estamos aqui — falou Magnus. — Ou talvez nós possamos recorrer a Gwyn.

— O perigo parece bem grave — disse Emma. — Nós não íamos nos sentir bem pedindo esse tipo de ajuda.

— Bem, vou voltar para Idris com as crianças... certamente posso ver o que fazer de lá. — Alec se lançou numa poltrona perto de Rafe e bagunçou o cabelo escuro do menino.

*Talvez Alec pudesse entrar na mansão Blackthorn*, pensou Julian. Ele estava exausto, com os nervos à flor da pele depois de um dos melhores e piores dias de sua vida. Mas a *mansão* provavelmente era o local na Terra que Annabel mais amava. Sua mente começou a assinalar as possibilidades.



— Annabel se importava com a mansão Blackthorn — falou. Não a Casa dos Blackthorn, aqui em Londres... nessa época ainda não pertencia à família. A de Idris. Ela a adorava.

— Então você acha que ela poderia estar lá? — falou Magnus.

— Não — retrucou Julian. — Ela odeia a Clave, odeia os Caçadores de Sombras. Está com medo demais para ir até Idris. Eu só estava pensando que, se a mansão estivesse em perigo, se estivesse ameaçada, talvez revelasse onde está se escondendo.

Dava para ver que Emma se perguntava por que ele não mencionava que tinha visto Annabel na Cornualha; ele se fazia a mesma pergunta, mas seus instintos lhe diziam que guardasse segredo por mais algum tempo.

— Você está sugerindo que queimemos a mansão? — perguntou Ty, com as sobrancelhas quase chegando à linha do couro cabeludo.

— Estranhamente, você não seria a primeira pessoa a ter *essa* ideia — resmungou Magnus.

— Ty, não fale com tanta empolgação — disse Livvy.

— Piromania me interessa — respondeu o menino.

— Acho que você tem que queimar uma boa quantidade de prédios antes de poder se considerar um maníaco por fogo de verdade — falou Emma. — Acho que, antes disso, você é só um entusiasta.

— Acho que causar um grande incêndio em Idris vai atrair uma atenção que nós não queremos — opinou Mark.

— *Eu* acho que não temos muitas opções — disse Julian.

— E eu acho que a gente devia comer — falou Livvy apressadamente, dando tapinhas na barriga. — Estou *faminta*.

— Nós podemos discutir o que sabemos, sobretudo em relação a Annabel e ao *Volume Preto* — falou Ty. — Podemos reunir nossas informações.

Magnus deu uma olhadela breve para Alec.

— Depois de comermos, precisamos mandar as crianças para Idris. Diana está esperando do outro lado para nos ajudar a manter o Portal aberto, e não quero que ela espere demais.

Era uma gentileza da parte dele, pensou Julian, falar como se mandar as crianças para Alicante fosse um favor que Magnus estivesse fazendo a Diana e não uma precaução para protegê-las. Tavvy saiu saltitando, juntamente a Rafe e a Max, até a sala de jantar, e Julian sentiu uma pontada, percebendo o quanto seu irmão caçula tinha sentido falta de ter amigos da idade dele, mesmo que não tivesse se dado conta disso.

— Jules? — Ele baixou o olhar e viu que Dru caminhava ao seu lado. O rosto dela estava pálido sob a luz enfeitada no corredor.

— Sim? — Ele resistiu à vontade de afagar as bochechas dela ou de puxar suas tranças. Ela havia deixado de gostar disso aos dez anos.

— Eu não quero ir para Alicante — falou. — Quero ficar aqui com você.

— Dru...

Ela aprumou os ombros.

— Na Guerra Maligna, você era mais jovem do que eu — afirmou. — Tenho 13 anos. Você pode mandar os bebês para onde for seguro, mas não eu. Sou uma Blackthorn, assim como você.

— E Tavvy também.

— Ele tem sete anos. — Dru suspirou, trêmula. — Você me faz sentir como se eu não fizesse parte desta família.

Julian parou no mesmo instante. Dru parou com ele e ambos ficaram observando enquanto os outros seguiam para a sala de jantar. Julian ouvia Bridget dando bronca em todos; aparentemente, ela estivera aguardando todos para jantar havia horas, embora nunca tivesse lhe ocorrido ir atrás deles e chamá-los.

— Dru — falou. — Você realmente quer ficar?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Quero muito.

— Então não precisa dizer mais nada. Pode ficar com a gente.

Ela se jogou nos braços dele. Dru não era do tipo que gostava de abraçar, e por um momento Julian ficou surpreso demais para se mexer; então pôs os braços em volta da irmã e a apertou contra o fluxo de lembranças. Dru bebê, dormindo em seus braços, dando os primeiros passos, rindo quando Emma a segurava acima da água na praia, mal molhando os dedos dos pés.

— Você é o coração desta família, bebê — falou ele com aquele tom de voz que só os irmãos e irmãs já tinham ouvido. — Eu te juro. Você é o nosso coração.

\*\*\*

De algum modo Bridget conseguira arranjar frango frio, pão, queijo, vegetais e torta de banana e caramelo. Kieran ficou beliscando os vegetais enquanto o restante do grupo conversava e relatava o que sabia.

Emma se sentou ao lado de Julian. De vez em quando, os ombros deles esbarravam ou as mãos colidiam na hora em que iam pegar alguma coisa. Cada toque enviava uma onda de faíscas pelos dois, como uma pequena explosão de fogos de artifício.

Ty, com os cotovelos sobre a mesa, assumira a conversa, explicando como ele, Kit e Livvy tinham encontrado o cristal de *alétheia* e as lembranças contidas nele.

— Duzentos anos atrás, Malcolm e Annabel invadiram o Instituto da Cornualha — explicou ele, e suas mãos graciosas cortavam o ar enquanto ele falava. Alguma coisa parecia diferente em Ty, pensou Julian, mas como o menino podia ter mudado tanto nos poucos dias em que ele estivera ausente? — Eles roubaram o *Volume Preto*, mas foram pegos.

— Nós sabemos por que eles o queriam? — perguntou Cristina. — Não vejo como necromancia poderia ter ajudado os dois.

— Eles planejavam trocá-lo com outra pessoa, ao que parece — falou Emma. — O livro não era para eles. Em troca, alguém prometera conceder proteção contra a Clave.

— Era uma época em que o relacionamento entre uma Caçadora de Sombras e um ser do Submundo poderia significar sentença de morte para ambos — afirmou Magnus. — Proteção teria sido uma oferta bastante atraente.

— Eles não foram tão longe assim — disse Ty. — Foram pegos e jogados na prisão na Cidade do Silêncio, e o *Volume Preto* foi tirado deles e devolvido ao Instituto da Cornualha. E então uma coisa estranha aconteceu. — Ele franziu a testa. Ty não gostava de não entender as coisas. — Malcolm desapareceu e deixou Annabel ser interrogada e torturada.

— Ele não teria feito isso por vontade própria — acrescentou Julian. — Ele a amava.

— As pessoas podem trair, mesmo aqueles que amam — considerou Mark.

— Não, Julian tem razão — falou Emma. — Eu odeio Malcolm mais do que odeio qualquer outra pessoa, mas ele nunca teria abandonado Annabel. Ela era a vida dele.

— E ainda assim foi o que aconteceu — disse Ty.

— Eles torturaram Annabel para obter informações até ela praticamente enlouquecer — afirmou Livvy. — Então eles a libertaram para voltar à família. E, quando a mataram, disseram a todos que ela se tornara Irmã de Ferro. Mas isso não é verdade.

Julian sentiu um bolo na garganta. Pensou nos desenhos de Annabel, na leveza deles, na esperança, no amor pela mansão Blackthorn em Idris e por Malcolm.

— Avancem quase cem anos — disse Emma. — Malcolm vai até o Rei Unseelie. Ele descobriu que Annabel não se tornara Irmã de Ferro, que ela fora assassinada. Ele está disposto a uma vingança sangrenta. — Ela fez uma pausa, passando os dedos pelos cabelos, ainda embaraçados pelo vento e pela chuva da

Cornualha. — O Rei Unseelie explica como ressuscitar Annabel, mas tem uma pegadinha... Malcolm precisa do *Volume Preto* para isso e agora não está com ele. Está no Instituto da Cornualha. Ele invadiu uma vez e não ousa fazer isso de novo. Então fica ali até os Blackthorn que dirigem o Instituto se mudarem para Los Angeles e o levarem junto.

Os olhos de Ty se iluminaram.

— Certo. E Malcolm vê sua oportunidade quando Sebastian Morgenstern ataca, e aí pega o livro. Ele começa a ressuscitar Annabel e finalmente consegue.

— Só que ela está furiosa com ele e o mata — disse Emma.

— Quanta ingratidão — falou Kieran.

— Ingratidão? — repetiu Emma. — Ele era um assassino. Ela estava certíssima em matá-lo.

— Ele pode ter sido um assassino — falou Kieran —, mas parece que se tornou um por causa dela. Ele matou para dar a vida a ela.

— Talvez ela não quisesse vida — falou Alec, dando de ombros. — Ele nunca perguntou o que Annabel queria, perguntou?

Como se sentisse a atmosfera tensa à mesa, Max começou a choramingar. Com um suspiro, Alec o pegou e levou para fora do cômodo.

— Tenho certeza de que é útil saber tudo isso — afirmou Magnus. — Mas por acaso isso nos aproxima do *Volume Preto*?

— Talvez se tivéssemos mais tempo e os Cavaleiros não estivessem atrás de nós — ponderou Julian.

— Acho — falou Kieran lentamente, com o olhar vago — que foi meu pai.

Aparentemente era o dia para pronunciamentos surpreendentes. Todos o fitaram outra vez. Para surpresa de Julian, foi Cristina quem falou:

— Como assim, foi o seu pai?

— Acho que era ele quem queria o livro tantos anos atrás, quando Malcolm o roubou pela primeira vez — disse Kieran. — Ele é a ameaça que conecta tudo isso. Ele queria o livro antes e quer agora.

— Mas por que você acha que ele o queria antes? — indagou Julian. Ele manteve a voz baixa e gentil, e Emma compreendera como a voz conduzindo-a-testemunha.

— Por causa de uma coisa que Adaon disse. — Kieran baixou os olhos para as próprias mãos. — Ele falou que meu pai queria o livro desde que o Primeiro Herdeiro foi roubado. É uma antiga história das Fadas, o roubo do primogênito do meu pai. Aconteceu há mais de duzentos anos.

Cristina parecia chocada.

— Eu não percebi que era isso que ele queria dizer.

— O Primeiro Herdeiro. — Os olhos de Magnus não pareciam focar em

nada. — Eu ouvi a história ou ouvi falar dela. O primogênito não foi apenas sequestrado, foi assassinado.

— É o que dizem — afirmou Kieran. — Talvez meu pai quisesse usar necromancia para ressuscitar a criança. Eu não poderia falar das motivações dele, mas pode ser que ele tenha oferecido proteção a Fade e Annabel nas Terras Unseelie. Nenhum Caçador de Sombras poderia tocar neles caso estivessem a salvo no Reino das Fadas.

Emma deixou o garfo cair, fazendo barulho.

— O príncipe do cabelo pretensioso está certo.

Kieran piscou.

— Do que foi que você me chamou?

— Só estou provocando — falou Emma, com um aceno. — E eu falei que você estava certo. Aproveite, porque duvido que volte a dizer isso.

Magnus assentiu.

— O Rei é um dos poucos seres nesta Terra que poderia ter sequestrado Malcolm das prisões da Cidade do Silêncio. Vai ver não queria que o outro revelasse seu vínculo ao Conselho.

— Mas por que ele não levou Annabel também? — perguntou Livvy com o garfo cheio de torta a meio caminho da boca.

— Talvez porque Malcolm o tivesse decepcionado ao ser pego — respondeu Mark. — Talvez ele quisesse punir os dois.

— Mas Annabel podia ter dito a eles — falou Livvy. — Ela podia ter dito que Malcolm estava trabalhando para o Rei.

— Não se ela não soubesse — disse Emma. — Não havia nada nos diários de Malcolm que mencionasse para *quem* ele estava roubando o livro, e aposto que ele também não contou para Annabel.

— Eles a torturaram — falou Ty —, e ainda assim ela não soube dizer quem era simplesmente porque não fazia ideia. Deve ter sido verdade.

— Isso explica por que Malcolm foi até o Rei Unseelie quando descobriu que Annabel não era uma Irmã de Ferro, que tinham mentido para ele — afirmou Julian. — Porque ele *o conhecia*.

— Então antes o Rei queria o livro para necromancia — falou Cristina. — Agora ele quer para poder destruir os Caçadores de Sombras?

— Nem toda necromancia ressuscita os mortos. — Magnus fitava a taça de vinho perto do prato como se houvesse algum tipo de segredo escondido em suas profundezas. — Um momento — disse, e pegou Rafe da cadeira ao lado dele, virando-se para Tavvy. — Você quer vir com a gente? E brincar com Alexander e Max?

Depois de uma olhadela para Julian, Tavvy fez que sim com a cabeça. O

grupo deixou o cômodo, e Magnus fez um gesto de que voltaria logo.

— Isso é só uma reunião — falou Emma. — Primeiro, nós temos que fazer o Conselho acreditar que a Corte Unseelie é uma ameaça iminente. Neste momento, eles não conseguem distinguir as fadas boas das más, nem estão interessados em tentar.

— E é aí que entra o testemunho de Kieran — acrescentou Mark. — E há algumas evidências: a praga que Diana disse que viu na Floresta Brocelind e o relatório dos Caçadores de Sombras, que afirmaram ter lutado contra um bando de fadas, mas que suas armas não funcionaram.

— Não é muita coisa — falou Livvy. — Sobretudo, se considerarmos Zara e aquele bando nojento de fanáticos. Eles vão tentar tomar o poder nessa reunião. Vão tentar tomar o Instituto. E não poderiam se importar menos com uma vaga ameaça das fadas.

— Posso fazer a Clave temer o meu pai — afirmou Kieran. — Mas todos nós somos necessários para fazê-los entender que, se eles não querem uma nova era de trevas, devem abandonar seus sonhos de prolongar a Paz Fria.

— Sem registros de feiticeiros — falou Ty. — Sem botar licantropes em acampamentos.

— Os seres do Submundo que têm cadeira no Conselho sabem sobre a Tropa — disse Magnus, voltando sem as crianças. — Se, na verdade, a questão de quem dirige o Instituto de Los Angeles se reduzir ao voto, eles terão que trazer Maia e Lily, além de mim. Nós temos o direito de votar. — Ele se jogou na cadeira à cabeceira da mesa.

— Ainda são apenas três votos, mesmo se vocês votarem contra a Tropa — falou Julian.

— É um negócio arriscado — concordou Magnus. — De acordo com Diana, Jia não quer Zara dirigindo o Instituto de Los Angeles tanto quanto nós. Vai ser difícil desacreditá-la. Por causa da mentira sobre ter matado Malcolm, ela é bem popular agora.

Emma resmungou baixinho. Cristina afagou a mão dela.

— Enquanto isso, o que temos é a promessa de que a Rainha lutará conosco contra uma ameaça na qual provavelmente o Conselho não vai acreditar, e, mesmo assim, só se ela pegar um livro que atualmente nós não temos e que nem teríamos permissão de entregar a ela caso o tivéssemos — acrescentou Magnus.

— Nossa barganha com a Rainha Seelie é nosso problema — falou Julian. — Neste momento, podemos dizer que ela se mostrou disposta a cooperar nas circunstâncias corretas. Kieran está autorizado a jurar que ela vai ajudar. Ele não precisa entrar em detalhes.

— Irmão, você pensa como uma fada — observou Mark num tom que fez

Julian se perguntar se isso era bom ou não.

— Talvez o Rei queira ressuscitar um exército de mortos — falou Dru, esperançosa. — Quero dizer, é um livro de necromancia.

Magnus suspirou, batendo uma unha contra sua taça pensativamente.

— Necromancia tem a ver com fazer magia que usa a energia da morte para fortalecê-la. Toda magia precisa de combustível. A energia da morte é um combustível incrivelmente poderoso. Também é incrivelmente destrutivo. A destruição da terra que você viu no Reino das Fadas, a Praga em Brocelind, são as cicatrizes deixadas por uma magia terrível. A pergunta permanece... qual é o objetivo derradeiro?

— Você quer dizer que ele precisa de mais energia para espalhar esses feitiços — deduziu Julian. — Os feitiços nos quais Malcolm ajudou, que anulam a magia dos Caçadores de Sombras.

— Eu quero dizer que, por natureza, sua magia é angelical — falou Magnus. — Vem da luz, da energia e da vida. O oposto disso é o Sheol, o inferno ou como vocês queiram chamá-lo. A ausência de luz e vida. De qualquer tipo de esperança. — Ele tossiu. — Quando o Conselho votou pela Paz Fria, estava votando por uma época que nunca existiu. Assim como a Tropa quer que tudo volte a uma Época de Ouro, quando os Caçadores de Sombras caminhavam pelo mundo como deuses, e seres do Submundo e mundanos se curvavam diante deles. — Todos o encararam. Este era um Magnus Bane que as pessoas raramente viam, pensou Julian. Um Magnus que fora abandonado pela alegria e otimismo corriqueiro. Um Magnus que se lembrava das trevas, de tudo que vira ao longo dos séculos: morte e perda; o mesmo Magnus que Julian vira no Salão dos Acordos, quando tinha 12 anos, implorando em vão ao Conselho que não aprovasse a Paz Fria, sabendo que o fariam. — O Rei quer a mesma coisa. Unir dois reinos que sempre foram separados, mas que em sua mente já foram uma terra só. Nós temos que impedir o Rei, mas de um modo que ele somente esteja fazendo o que a Tropa faria. E que, temos que torcer, a Clave não faria.

— Você quer dizer que isso é vingança? — perguntou Julian.

Magnus deu de ombros.

— É o redemoinho — retrucou. — Vamos torcer para conseguirmos pará-lo.

## 26

### Que Caminha em Sombra

Emma estava sentada na cama de Cristina, escovando os cabelos da amiga. Começava a entender por que sua mãe gostava tanto de escovar seus cabelos quando ela era uma garotinha: havia algo de estranhamente tranquilizador nos cachos sedosos e escuros escorregando entre seus dedos, no movimento repetitivo da escova.

Acalmava a dor em sua cabeça, em seu peito. Uma dor que não parecia só dela, mas de Julian também. Ela sabia o quanto ele odiava dizer adeus a Tavvy, mesmo se fosse para o bem do menino, e agora sentia um vazio dentro de si no que dizia respeito à separação de Julian do irmãozinho caçula.

Estar com Cristina ajudava. Emma contara tudo o que acontecera na Cornualha enquanto fitava, preocupada, o pulso da amiga e esfregava um creme mundano, chamado Savlon, nas marcas da amarração. Cristina sentiu dor e reclamou que ardia, e entregou a escova de cabelo a Emma, dizendo-lhe que fizesse alguma coisa realmente útil.

— Então alguma coisa ajuda com a amarração? — perguntou Emma.  
— Tipo, se Mark viesse para cá e se deitasse em cima de você, a dor desapareceria?

— Sim — falou Cristina, com a voz um pouco abafada.

— Bem, é muita falta de consideração da parte dele não fazer isso, se você quer saber.

Cristina deu um pequeno gemido que soou como “Kieran”.

— Certo, Mark tem que fingir que ainda se importa com Kieran. Acho que ficar em cima de você não ajudaria muito.

— Ele se importa com Kieran — falou Cristina. — É só que... Acho que ele se importa comigo também. — Ela se virou um pouco para olhar para Emma.



Seus olhos estavam arregalados, sombrios e preocupados. — Eu dancei com ele. Com Mark. E nós nos beijamos.

— Isso é bom! Isso é bom, certo?

— Foi, mas então Kieran apareceu...

— O quê?

— Mas ele não estava zangado, apenas disse a Mark que ele deveria dançar melhor, e dançou comigo. Foi como dançar com o fogo.

— Uau, estranho e sexy — falou Emma. — Talvez isso seja mais estranho e sexy do que eu consigo lidar.

— Não é estranho!

— É, sim — insistiu Emma. — Você está caminhando para o poliamor, e com fadas. Ou algum tipo de guerra.

— Emma!

— Poliamor sexy com fadas — falou Emma animadamente. — Eu posso dizer que te conheci antes disso.

Cristina gemeu.

— Ótimo. E quanto a você e Julian? Vocês têm um plano depois do que aconteceu na Cornualha?

Emma suspirou e largou a escova. Era um objeto lindo ao estilo vitoriano, com corpo em prata. Ela se perguntou se estivera no cômodo quando Cristina chegara ali ou se ela o encontrara em outra parte do Instituto. O quarto de Cristina em Londres já tinha sinais de sua personalidade: os quadros estavam limpos e endireitados, ela havia encontrado uma colcha colorida para sua cama em algum lugar do prédio e o canivete pendia num gancho junto à lareira.

Emma começou a trançar o cabelo de Cristina, enrolando as grossas mechas entre os dedos.

— Nós não temos um plano — falou. — É sempre a mesma coisa. Nós estamos juntos e nos sentimos invencíveis. E então começamos a nos dar conta de que ainda são as mesmas opções e que todas são ruins.

Cristina parecia perturbada.

— São sempre as mesmas opções, não é? Nos separarmos ou não sermos mais Caçadores de Sombras.

Emma tinha terminado a trança. Ela apoiou o queixo no ombro de Cristina, pensando no que Julian tinha descoberto com a Rainha Seelie. A terrível possibilidade de acabar com todos os laços entre os *parabatai*. Mas era uma coisa terrível demais para sequer se verbalizar.

— Eu costumava pensar que a distância física de Julian ajudaria — disse ela. — Mas agora não acho que ajudaria. Nada ajudou. Acho que não importa aonde eu vá ou por quanto tempo, eu sempre iria me sentir assim.

— Alguns amores são fortes, como cordas. Eles amarram você — falou Cristina. — A Bíblia diz que o amor é mais forte do que a morte. Eu acredito nisso.

Emma virou-se para olhar com atenção no rosto da amiga.

— Cristina — falou —, tem alguma outra coisa acontecendo, não tem? Alguma coisa com Diego ou Jaime?

Cristina baixou o olhar.

— Não posso dizer.

— Deixe-me ajudar — falou Emma. — Você é sempre tão forte para com todo mundo. Deixe-me ser forte por você.

Ouviu-se uma batida à porta. As duas ergueram o olhar em surpresa. *Mark*, pensou Emma. Havia alguma coisa na expressão de Cristina. Devia ser Mark.

Mas era Kieran.

Emma congelou devido à surpresa. Embora ela tivesse se acostumado um pouco a ter Kieran por perto, ele ainda fazia os pelinhos dos braços dela se eriçarem de tensão. Não que ela o culpasse, em particular, pelo que ela sofreu nas mãos de Iarlath. Mas vê-lo ainda trazia tudo de volta: o sol quente, o som do chicote, o cheiro cuproso do sangue.

Era verdade que ele parecia bem diferente agora. Os cabelos pretos estavam um pouco mais selvagens, mais desarrumados, mas, fora isso, ele carregava uma estrutura incongruentemente humana vestindo aquela calça jeans. Os cabelos desalinhados escondiam as orelhas pontudas, embora os olhos preto e prateado ainda fossem surpreendentes.

Ele fez uma pequena mesura, cortês.

— Miladies.

Cristina pareceu confusa. Era evidente que ela também não esperava a visita.

— Eu vim falar com Cristina, se ela permitir — emendou Kieran.

— Vá em frente — disse Emma. — Fale.

— Acho que ele quer falar comigo a sós — disse Cristina, num sussurro.

— Sim — falou Kieran. — É o que peço.

Cristina olhou para Emma.

— Vejo você de manhã então?

*Humpf*, pensou Emma. Vinha sentindo falta de Cristina e agora uma fada insolente a estava expulsando do quarto de sua amiga. Kieran mal lhe dispensara uma olhadela quando ela levantara e seguira para a porta.

Ao passar por ele, Emma parou, o ombro quase tocando o dele.

— Se você fizer alguma coisa para magoá-la ou chateá-la — disse ela, numa voz tão baixa que duvidava que Cristina pudesse ouvir —, vou arrancar suas orelhas e transformar em chaveirinhos. Entendeu?

Kieran a encarou com aqueles olhos de céu noturno, indecifráveis como nuvens.

— Não — falou ele.

— Deixe-me soletrar para você — retrucou Emma abruptamente. — Eu a amo. Não mexa com ela.

Kieran enfiou as mãos longas e delicadas nos bolsos. Ele parecia pouco natural em suas roupas modernas. Era como ver Alexandre, o Grande de jaqueta e calça de couro.

— É fácil amá-la.

Emma o encarou com surpresa. Não era isso que ela estivera esperando que ele respondesse. É fácil amá-la. Nene agira como se o conceito fosse bizarro. Mas, no fim das contas, o que o Povo das Fadas sabia sobre o amor?

— Você gostaria de se sentar? — perguntou Cristina. Então ela se perguntou se estava se transformando em sua mãe, que sempre dizia que a primeira coisa a se fazer era oferecer um assento ao convidado. *Mesmo se for um assassino?*, perguntara-se Cristina. *Sim, mesmo um assassino*, insistira sua mãe. *Se você não queria oferecer uma cadeira ao assassino, não deveria tê-lo convidado, em primeiro lugar.*

— Não — falou Kieran.

Ele se movimentava pelo quarto, as mãos nos bolsos e uma linguagem corporal inquieta. Não era tão diferente de Mark, pensou Cristina. Ambos se movimentavam como se tivessem energia retida sob a pele. Ela se perguntava como seria conter tanto movimento e ainda assim ser obrigado a permanecer imóvel.

— Milady — falou ele. — Por causa do que lhe jurei na Corte Seelie, há uma ligação entre nós. Acho que você sentiu sua força.

Cristina fez que sim com a cabeça. Não era o mesmo vínculo encantado que ela possuía com Mark. Mas, de qualquer forma, estava lá, uma energia reluzente quando eles dançavam, quando conversavam.

— Acho que essa força pode nos ajudar a fazer algo juntos que eu não poderia fazer sozinho. — Kieran se aproximou da cama, tirando a mão do bolso. Alguma coisa reluziu em sua palma. Ele a esticou para Cristina, e ela viu a bolota que Mark havia usado antes para chamar Gwyn. Tinha uma leve reentrância, mas estava inteira, como se tivesse sido fechada outra vez.

— Você quer chamar Gwyn de novo? — Cristina balançou a cabeça. Seus cabelos se soltaram totalmente da trança frouxa, caindo sobre as costas. Ela viu Kieran fitar a bolota. — Não. Ele não vai interferir novamente. Você quer

chamar outra pessoa do Reino das Fadas. Seu irmão?

— Como eu pensei. — Ele inclinou a cabeça levemente. — Você adivinha exatamente as minhas intenções.

— E você consegue fazer isso? A bolota não chama apenas Gwyn?

— A magia é bastante simples. Lembre-se, você não tem o sangue que pode lançar feitiços, mas eu tenho. Ela deveria trazer uma Projeção do meu irmão até nós. Vou perguntar a ele sobre os planos do meu pai. Também vou perguntar se ele pode impedir os Cavaleiros.

Cristina admirou-se.

— Será que alguém pode parar os Cavaleiros?

— Eles são servos da Corte e estão sob seu comando.

— Por que você está me contando isso? — perguntou ela.

— Porque, para chamar meu irmão, devo chegar ao Reino das Fadas com a mente — explicou Kieran. — E seria mais seguro, caso eu quisesse manter minha mente intacta, ter uma conexão aqui com o mundo. Alguma coisa... alguém... para me manter ancorado enquanto busco meu irmão.

Cristina se levantou da cama. De pé, ela era apenas um pouco mais baixa do que Kieran. Seus olhos estavam no mesmo nível da boca do príncipe fada.

— Por que eu? Por que não Mark?

— Eu já pedi o suficiente de Mark — retrucou ele.

— Talvez — disse ela —, mas, mesmo que isso seja verdade, não creio que seja toda a verdade.

— Alguns de nós têm sorte suficiente de conhecer toda a verdade sobre qualquer coisa. — Ela sabia que Kieran era jovem, mas notou um lampejo de algo antigo em seus olhos quando ele falou: — Você poderia pôr a mão na minha?

Ela lhe deu a mão cujo pulso trazia a marca vermelha da amarração com Mark. De alguma forma, elas pareceram se encaixar. Os dedos dele se fecharam ao redor dos dela, frios e secos, leves como o toque de uma folha.

Com a outra mão, Kieran jogou a bolota dourada contra a parede ao lado da cornija da lareira.

Por um momento, fez-se silêncio. Cristina podia ouvir a respiração entrecortada dele. Parecia estranho para uma fada — tudo que faziam estava tão distante da emoção humana comum, que era esquisito ver Kieran arfando. Mas então ela se lembrou de quando os braços dele a envolveram, da pancada irregular de seu coração. Eles eram carne e sangue, afinal, não eram? Ossos e músculos, assim como Caçadores de Sombras eram. E a chama do sangue angelical também ardia neles...

A escuridão se espalhou pela parede como uma mancha. Cristina respirou

fundo, e a mão de Kieran apertou a dela. A escuridão se deslocou e se agitou, tremulou e voltou a ganhar forma. A luz dançou dentro dela, e Cristina notou o céu noturno multicolorido do Reino das Fadas. E, no interior da sombra, uma sombra mais escura. Um homem, enrolado numa capa escura. Quando a escuridão clareou, Cristina notou o sorriso dele antes de qualquer outra coisa, e seu coração quase parou.

Era um sorriso formado pela metade do rosto de um esqueleto; de um lado, belo; do outro, mortal. A capa que o envolvia era escura e trazia a insígnia de uma coroa partida. Ele se ergueu, ereto e largo, e deu seu sorriso de lado para Kieran.

Eles não tinham convocado Adaon. Era o Rei Unseelie.

— Não. NÃO! — chorou Tavvy, o rosto enterrado no ombro de Julian. Ele tinha recebido a notícia de que ia para Idris com Alec, Max e Rafe de um jeito pior do que Mark esperara. Será que todas as crianças choravam desse jeito, como se tudo no mundo estivesse destruído e seus corações estivessem partidos, mesmo as notícias de uma breve separação?

Não que Mark culpasse Tavvy, claro. Era apenas que ele sentia como se seu próprio coração estivesse sendo despedaçado dentro do peito ao ver Julian andar para cima e para baixo no cômodo, com o irmãozinho nos braços enquanto Tavvy soluçava e batia nas costas dele.

— Tavs — falou Julian com a voz suave, a voz que Mark mal conseguia associar ao garoto que derrotara o Rei Unseelie dentro da própria corte botando uma faca na garganta de um príncipe. — Só vai ser por um dia, no máximo dois. Você vai ver os canais em Alicante, o Gard...

— Você fica sempre indo embora — disse Tavvy, engasgado, contra a frente da camisa do irmão. — Você não pode ir embora outra vez.

Julian suspirou. Aí abaixou o queixo e roçou a bochecha nos cachos indisciplinados do irmão. Por cima da cabeça do irmão, seus olhos encontraram os de Mark. Não havia culpa neles, nem autopiedade; só uma terrível tristeza.

Ainda assim Mark sentia como se a culpa estivesse esmagando suas costelas. *Se ao menos* eram palavras vãs, dissera Kieran, quando Mark especulara se os dois teriam se encontrado um dia se ele nunca tivesse se juntado à Caçada. Mas ele não conseguia deter o fluxo de *se ao menos* agora: se ao menos ele tivesse sido capaz de ficar com sua família, se ao menos Julian não tivesse precisado ser mãe, pai e irmão de todos os irmãos pequenos, se ao menos Tavvy não tivesse crescido à sombra da morte e da perda. Talvez, então, cada separação não parecesse a última.

— Não é sua culpa — falou Magnus, que tinha aparecido silenciosamente ao lado de Mark. — Você não pode evitar o passado. Nós crescemos com as perdas, todos nós, a não ser aqueles que têm muita sorte.

— Não posso evitar de desejar que meu irmão tivesse sido um daqueles com muita sorte — falou Mark. — Você entende.

Magnus olhou para Jules e Tavvy. O garotinho tinha chorado muito e estava agarrado ao irmão mais velho, com o rosto amassado contra o ombro de Julian. Os ombros pequenos estavam caídos, exaustos. — Qual dos irmãos?

— Os dois — falou Mark.

Magnus esticou a mão e, com dedos curiosos, tocou a ponta de flecha reluzente enrolada no pescoço de Mark.

— Eu conheço este material — disse ele. — Esta ponta de flecha já esteve na arma de um soldado da Guarda do Rei da Corte Unseelie.

Mark a tocou — fresca, fria, lisa sob seus dedos. Inflexível, como o próprio Kieran.

— Kieran me deu.

— É preciosa — falou Magnus. Ele se virou quando Alec o chamou, aí deixou o pingente cair novamente contra o peito de Mark.

Alec estava de pé, com Max nos braços e Rafe ao lado, juntamente a uma bolsinha com suas coisas. Mark se deu conta de que Alec tinha mais ou menos a idade que Mark teria se ao menos nunca tivesse sido sequestrado pela Caçada. Ele se perguntava se teria sido tão maduro quanto Alec parecia, tão controlado, tão capaz de cuidar de outras pessoas assim como de si.

Magnus beijou Alec e bagunçou o cabelo dele com carinho infinito. Ele se abaixou, beijou Max também, e Rafe, e se esticou para começar a criar um Portal. A luz faiscou entre seus dedos e o ar diante dele pareceu brilhar.

Tavvy tinha afundado num montinho de desesperança contra o peito de Julian. Jules o apertava, os músculos dos braços tensos, e murmurava palavras tranquilizadoras. Mark queria ir até eles, mas não parecia conseguir mexer os pés. Mesmo em sua infelicidade, eles pareciam uma unidade perfeita que não precisava de mais ninguém.

O pensamento melancólico desapareceu um minuto depois, quando a dor lancinou o braço de Mark. Ele agarrou o pulso, os dedos encontrando a dor agonizante, o sangue escorregadio. *Tem alguma coisa errada*, pensou ele, e depois: *Cristina*.

Ele correu. O Portal estava crescendo e brilhava no centro do cômodo; através da porta semiformada, Mark viu o esboço das torres demoníacas enquanto disparava para o corredor.

Alguma sensação em seu sangue lhe dizia que ele estava se aproximando de

Cristina durante a corrida, mas, para sua surpresa, a dor no pulso não diminuía. Pulsava cada vez mais forte, como a luz de aviso de um farol.

A porta do quarto dela estava fechada. Ele a arrombou com o ombro sem se dar ao trabalho de testar a maçaneta. A porta se abriu e Mark caiu, metade do corpo para dentro.

Ele engasgou e os olhos arderam. O quarto cheirava a queimado — alguma coisa orgânica, feita de folhas mortas ou frutas podres.

Estava escuro. Seus olhos se adaptaram rapidamente e ele distinguiu Cristina e Kieran de pé perto da cama. Cristina apertava o canivete. Uma sombra imensa pairava acima deles — não, não era uma sombra, percebeu Mark ao se aproximar. Era uma Projeção.

Uma Projeção do Rei da Corte Unseelie. Ambos os lados do rosto dele pareciam brilhar com um humor pouco natural — o lado belo e real, e o esqueleto asqueroso, sem carne.

— Você pensou em evocar seu irmão? — zombou o Rei, com o olhar em Kieran. — E pensou que eu não sentiria você no Reino das Fadas, procurando um dos seus? Você é um tolo, Kieran, e sempre foi.

— O que você fez com Adaon? — O rosto de Kieran estava pálido. — Ele não sabia de nada. Não fazia ideia do que eu planejava.

— Não se preocupe com os outros — falou o Rei. — Preocupe-se com sua vida, Kieran Filho do Rei.

— Já tenho sido Kieran Caçador por muito tempo — falou Kieran.

O rosto do Rei ficou sombrio.

— Você deveria ser Kieran Traidor — falou. — Kieran Mentiroso. Kieran Matador dos Seus. Todos são nomes melhores para você.

— Ele agiu em legítima defesa — falou Cristina abruptamente. — Se não tivesse matado Erec, teria acabado morto. E ele agiu para me proteger.

O Rei lançou um breve olhar de desprezo a Cristina.

— E isso em si é um ato de traição, menina tola — falou. — Colocar as vidas dos Caçadores de Sombras acima das vidas do próprio povo... o que poderia ser pior?

— Vender o próprio filho à Caçada Selvagem por medo de que as pessoas gostassem mais dele do que de você — falou Mark. — Isso é pior.

Cristina e Kieran olharam para ele, espantados; era evidente que não ouviram quando ele entrara. O Rei, porém, não demonstrou surpresa alguma.

— Mark Blackthorn — falou. — Mesmo em sua escolha de amantes, meu filho gravita para os inimigos de seu povo. O que isto diz sobre ele?

— Que ele conhece melhor do que você quem é o povo dele? — perguntou Mark. Muito deliberadamente, ele virou as costas para o Rei. Na Corte, teria sido

uma ofensa digna de enforcamento. — Temos que nos livrar dele — falou, em voz baixa, para Kieran e Cristina. — Devo chamar Magnus?

— Ele é só uma Projeção — falou Kieran. Seu rosto estava emaciado. — Ele não pode nos machucar. Nem pode ficar aqui para sempre. É um esforço para ele, acho.

— Não vire as costas para mim! — rugiu o Rei. — Acha que não sei quais são seus planos, Kieran? Acha que não sei que você planeja se impor e me trair perante o Conselho Nephilim?

Kieran desviou o rosto, como se não pudesse suportar olhar para o pai.

— Então pare de fazer o que sei que você está fazendo — falou, a voz trêmula. — Negocie com os Nephilim. Não entre em guerra contra eles.

— Não há negociação com mentirosos — grunhiu o Rei. — Já fizeram isso, e farão outra vez. Eles vão mentir e derramar o sangue de nosso povo. E assim que tiverem acabado com você, acha mesmo que o deixarão viver? Que vão tratá-lo como um deles?

— Eles me trataram melhor do que meu próprio pai. — Kieran empinou o queixo.

— Trataram? — Os olhos do Rei estavam obscuros e vazios. — Eu tirei algumas lembranças de você, Kieran, quando você veio à minha Corte. Devo devolvê-las?

Kieran pareceu confuso.

— Que uso você poderia ter para minhas lembranças?

— Alguns de nós conhecem seus inimigos — falou o Rei.

— Kieran — chamou Mark. A expressão nos olhos do Rei fez o medo se revirar no fundo do estômago de Mark. — Não dê ouvidos. Ele só quer te magoar.

— E o que você quer? — exigiu saber o Rei, virando-se para Mark. Apenas o fato de que Mark conseguia enxergar através dele, podia ver o esboço da cama de Cristina, de seu guarda-roupa, através da estrutura transparente do corpo dele, é que o impedia de correr até o atizador e atacar o Rei. Se ao menos...

Se ao menos o Rei tivesse sido algum tipo de pai, se ao menos não tivesse jogado o filho para a Caçada como um osso a um bando de lobos famintos, se ao menos ele não tivesse ficado complacentemente sentado enquanto Erec torturava Kieran...

Mas será que Kieran seria muito diferente? Será que teria menos medo de perder amor, estaria menos determinado a esperar por ele a todo custo, mesmo que isso significasse prender Mark na Caçada com ele?

Os lábios do Rei se curvaram, como se ele lesse os pensamentos de Mark.

— Quando olhei nas lembranças de meu filho — falou —, eu vi você,



Blackthorn. Filho de Lady Nerissa. — Seu sorriso era maligno. — Sua mãe morreu de tristeza quando seu pai a abandonou. Os pensamentos do meu filho eram metade sobre você, metade sobre perder você. Mark, Mark, Mark. Eu me pergunto o que haveria de tão poderoso em sua linhagem a ponto de encantar as pessoas e fazê-las de bobas?

Uma ruguinha surgira entre as sobrancelhas de Kieran. *Perder você.*

Kieran não se lembrava de ter perdido Mark. O frio na barriga de Mark se espalhara por suas veias.

— Quem não sabe amar não compreende — falou Cristina, virando-se para Kieran. — Nós vamos proteger você. Não vamos permitir que ele lhe faça mal por testemunhar no Conselho.

— Mentiras — falou o Rei. — Bem-intencionadas, talvez, mas, ainda assim, mentiras. Se você testemunhar, Kieran, não haverá lugar nesta Terra ou no Reino das Fadas que manterá você a salvo de mim e de meus guerreiros. Vou caçá-lo para sempre, e, quando encontrá-lo, você desejará ter morrido pelo que fez a Iarlath, a Erec. Não há tormento que você possa imaginar que eu não vá infligir a você.

Kieran engoliu em seco, mas sua voz se manteve firme.

— Dor é apenas dor.

— Ah — falou o pai —, há todo tipo de dor, meu pequeno. — Ele não se mexeu nem fez o gesto típico dos feiticeiros quando lançavam magias, mas Mark sentiu que a atmosfera pesava no cômodo, como se a pressão do ar tivesse aumentado.

Kieran arfou e cambaleou como se tivesse sido baleado. Ele alcançou a cama, agarrando seu pé para evitar escorregar no chão. O cabelo caiu sobre os olhos, mudando de azul para preto e branco.

— Mark? — Ele ergueu o rosto lentamente. — Eu me lembro. *Eu me lembro.*

— Kieran — sussurrou Mark.

— Eu disse a Gwyn que você tinha violado uma lei do Reino das Fadas — falou Kieran. — Pensei que eles apenas trariam você de volta à Caçada.

— Em vez disso, puniram minha família — falou Mark. Ele sabia que Kieran não tinha intenção de que aquilo acontecesse, não previra aquilo. Mas ainda doía dizer essas palavras.

— Por isso você não estava usando sua flecha de elfo. — Os olhos de Kieran se fixaram num ponto abaixo do queixo de Mark. — Você não me queria. Você me mandou embora. Você me odiava e deve me odiar agora.

— Eu não odiava você — falou Mark. — Kier...

— Ouça o que ele diz — murmurou o Rei. — Ouça suas mentiras.

— Então por quê? — falou Kieran. Ele se afastou de Mark, só um passinho

para trás. — Por que você mentiu para mim?

— Pense nisso, criança — falou o Rei. Era como se ele estivesse se divertindo. — O que eles querem de você?

Kieran respirou fundo.

— Testemunho — falou ele. — Que eu testemunhe diante do Conselho. Você... você planejou isso, Mark? Essa mentira? Todos no Instituto sabem? Sim, devem saber. Eles devem saber. — Seus cabelos ficaram pretos como petróleo. — E a Rainha também sabe, imagino. Ela planejou me fazer de bobo com você?

A agonia em seu rosto era excessiva; Mark não tolerava olhar para aquilo, para Kieran. Foi Cristina quem falou com ele:

— Kieran, não — interveio ela. — Não foi assim...

— E você sabia? — Kieran lançou um olhar para ela que dificilmente parecia menos traído do que o olhar dirigido a Mark. — Você também sabia?

O Rei deu uma risada. Então a raiva invadiu Mark, uma fúria cega, e ele pegou o atizador da lareira. O Rei continuou rindo enquanto o menino ia até ele, erguia o atizador e dava um impulso...

O objeto bateu contra a bolota dourada, que se encontrava na grade diante da lareira, transformando-a em pó. A risada do Rei se calou abruptamente; ele dirigiu um olhar de puro ódio a Mark e desapareceu.

— Por que você fez isso? — quis saber Kieran. — Estava com medo das outras coisas que ele poderia me contar?

Mark jogou o atizador contra a grade com uma pancada alta.

— Ele lhe devolveu suas lembranças, não foi? Então você sabe de tudo.

— Tudo, não — falou Kieran, e sua voz falhou e se calou; Mark pensou nele pendurado pelas algemas de espinhos na Corte Unseelie, e em como o mesmo desespero transparecia nos olhos dele agora. — Eu não sei como planejou isso, quando você decidiu que mentiria para mim para conseguir o que queria. Não sei o quanto ficou enojado toda vez que precisava tocar em mim, fingir me querer. Não sei quando você planejava me contar a verdade. Depois que eu testemunhasse? Você planejou zombar e rir de mim perante todo o Conselho ou esperar até que estivéssemos a sós? Você contou a todos que tipo de monstro eu sou, egoísta e sem coração...

— Você não é um monstro, Kieran — interrompeu Mark. — Não há nada de errado com seu coração.

Havia apenas mágoa nos olhos de Kieran quando ele encarou Mark através do pequeno espaço que os separava.

— Isso não pode ser verdade — disse ele — porque você era meu coração.

— Pare. — Era Cristina, sua voz baixa e preocupada, porém firme. — Deixe Mark explicar...

— Estou cheio das explicações humanas — falou Kieran, saindo do quarto e batendo a porta.

O último pedaço do Portal reluzente desapareceu. Julian e Magnus estavam de pé, quase ombro a ombro, observando Alec e as crianças até elas desaparecerem.

Com um suspiro, Magnus jogou a ponta do cachecol sobre o ombro e cruzou o cômodo para encher uma taça com o vinho do decantador, que repousava obedientemente sobre uma mesa perto da janela. Era quase noite, o céu acima de Londres tinha a cor das pétalas de amor-perfeito.

— Quer um pouco? — perguntou para Julian, tampando outra vez o decantador.

— Provavelmente eu deveria ficar sóbrio.

— À vontade. — Magnus pegou a taça de vinho e a examinou; a luz que brilhava através dela tornava o líquido vermelho rubi.

— Por que você está nos ajudando tanto? — perguntou Julian. — Quero dizer, sei que somos uma família adorável, mas ninguém é tão adorável assim.

— Não — concordou Magnus, com um esboço de sorriso. — Ninguém é.

— Então?

Magnus tomou um gole e deu de ombros.

— Jace e Clary me pediram — disse ele —, Jace é o *parabatai* de Alec, e eu sempre tive um sentimento paternal em relação a Clary. São meus amigos. E há pouca coisa que eu não faça pelos meus amigos.

— E é só isso mesmo?

— Talvez você me lembre alguém.

— Eu? — Julian estava surpreso. As pessoas raramente diziam isso dele. — Quem é que faço você lembrar?

Magnus balançou a cabeça sem responder.

— Há muitos anos — falou —, tive um sonho recorrente sobre uma cidade inundada em sangue. Torres feitas de ossos e sangue correndo pelas ruas feito água. Pensei depois que era sobre a Guerra Maligna e, de fato, o sonho desapareceu nos anos seguintes à guerra. — Ele esvaziou a taça e a apoiou. — Mas, ultimamente, tenho voltado a sonhar. Não consigo evitar pensar que algo está próximo.

— Você os avisou — disse Julian. — O Conselho. No dia em que decidiram exilar Helen e abandonar Mark. No dia em que decidiram pela Paz Fria. Você disse quais seriam as consequências. — Ele se recostou na parede. — Eu só tinha 12 anos, mas me lembro disso. Você falou: “O Povo das Fadas há muito odeia os Nephilim por sua severidade, e vocês vão receber em troca algo além de

ódio.” Mas eles não ouviram, não é?

— O Conselho queria represália — disse Magnus. — Não viram que represália engendra mais represália. “Pois quem semeia vento colherá tempestade.”

— Isso é da Bíblia — disse Julian. Ele não tinha crescido convivendo com tio Arthur sem aprender mais citações clássicas do que jamais conseguiria usar. — Mas então há uma diferença entre represália e vingança — emendou ele. — Entre punir os culpados e punir aleatoriamente. “Justamente nós livramos a terra dos inimigos humanos, que carregam o inferno como modelo em suas almas.”

— Suponho que se possa encontrar uma citação para justificar qualquer coisa — falou Magnus. — Olha... eu não fofoco para a Clave, por mais que os feiticeiros do Mercado das Sombras possam pensar o contrário. Mas conheci *parabatai*, dezenas deles, como eles devem ser, e você e Emma são diferentes. Não consigo imaginar que, se não fosse pelo caos da Guerra Maligna, eles ao menos teriam permitido a vocês continuar com isso.

— E agora, por causa de uma cerimônia que supostamente deveria nos unir para sempre, temos que descobrir como nos separar — falou Julian amargamente. — Nós dois sabemos disso. Mas com os Cavaleiros por aí...

— Sim — falou Magnus. — Vocês são obrigados a ficar juntos por enquanto. Julian soltou o ar entre dentes.

— Só confirme uma coisa para mim — pediu. — Não tem um feitiço para acabar com amor, tem?

— Tem alguns encantamentos temporários — respondeu Magnus. — Eles não duram para sempre. O amor verdadeiro e as complexidades do coração e da mente humanas ainda estão além de grande parte da magia. Talvez um anjo ou um Demônio Maior...

— Então Raziél poderia fazer — disse Julian.

— Eu não contaria com isso — falou Magnus. — Você realmente pesquisou sobre isso? Feitiços para acabar com o amor?

Julian fez que sim com a cabeça.

— Você é impiedoso — acusou Magnus. — Até com você mesmo.

— Eu pensei que Emma não me amasse mais — falou Julian. — E ela pensou a mesma coisa sobre mim. Agora nós sabemos a verdade. Não é simplesmente que seja proibido pela Clave. É amaldiçoado.

Magnus se encolheu.

— Eu me perguntei se você sabia disso.

Julian sentiu o frio tomar conta dele. Então não havia chance de ser um erro de Jem. Não que ele realmente achasse que pudesse ser.

— Jem contou para Emma. Mas ele não falou exatamente como funcionava.

O que aconteceria.

Houve um leve tremor na mão de Magnus quando ele esfregou os olhos.

— Dê uma olhada na história de Silas Pangborn e Eloisa Ravenscar. Há outras também, embora os Irmãos do Silêncio façam o possível para evitar estardalhaço. — Os olhos felinos estavam injetados. — Primeiro, você enlouquece — falou ele. — Torna-se irreconhecível como ser humano. Depois, se torna um monstro, não é mais capaz de distinguir amigo de inimigo. Quando sua família correr para salvá-lo, você arrancará seus corações do peito.

Parecia que Julian ia vomitar.

— Isso... eu nunca machucaria minha família.

— Você não vai saber quem são eles — disse Magnus. — Não vai distinguir amor e ódio. E vai destruir o que estiver ao redor, não porque quer, não mais do que uma onda batendo quer destruir as rochas sobre as quais quebra. Você fará isso porque não vai saber não fazer. — Ele olhou para Julian com uma solidariedade remota. — Não importa se suas intenções são ruins ou boas. Não importa que o amor seja uma força positiva. A magia não toma nota das pequenas preocupações humanas.

— Eu sei — falou Julian. — Mas o que podemos fazer? Não posso me tornar mundano ou ser do Submundo e abandonar minha família. Isso mataria a mim e a eles. E não ser mais uma Caçadora de Sombras seria como suicídio para Emma.

— Há o exílio — falou Magnus. Seu olhar era insondável. — Vocês ainda seriam Caçadores de Sombras, mas perderiam um pouco de sua magia. É isso que o exílio significa. É a punição. E como a magia *parabatai* é uma das mais preciosas e mais arraigadas no que vocês são, o exílio mata seu poder. Todas as coisas que a maldição intensifica: o poder que os símbolos dão a vocês, a capacidade de sentir o que o outro está sentindo ou saber se está machucado; o exílio retira essas coisas. Se eu compreendo magia, e acho que compreendo, então isso significa que o exílio diminuiria incomensuravelmente a velocidade da maldição.

— E exílio também significaria me separar das crianças — afirmou Julian, em desespero. — Talvez eu nunca voltasse a vê-las. Eu poderia muito bem me tornar mundano. Pelo menos, eu poderia tentar me esgueirar por aí e talvez vê-los de longe. — A amargura corroía sua voz. — As condições do exílio são determinadas pelo Inquisidor e pela Clave. Ficaria totalmente fora do nosso controle.

— Não necessariamente — disse Magnus.

Julian o encarou fixamente.

— Acho melhor você me dizer exatamente do que está falando.

— Que você só tem uma opção. E que não vai gostar dela. — Magnus fez uma pausa, como se esperasse que Julian se recusasse a ouvir, mas este não disse uma palavra. — Muito bem — falou Magnus. — Quando você for a Alicante, conte tudo ao Inquisidor.

— Kit...

Uma coisa fria tocou sua têmpora, empurrando o cabelo para trás. Sombras cercavam Kit, sombras nas quais ele enxergava rostos conhecidos e desconhecidos: o rosto de uma mulher de cabelos claros, a boca formando a letra de uma canção; o rosto de seu pai, o semblante irritado de Barnabas Hale, Ty olhando para ele através de cílios tão grossos e pretos quanto a fuligem que cobria as ruas de Londres num romance de Dickens.

— Kit.

O toque frio se tornou um tapa. Suas pálpebras se abriram lentamente e ele reconheceu o teto da enfermaria do Instituto de Londres. Reconheceu a estranha mancha em formato de árvore na parede de gesso, a vista dos telhados para além da janela, o ventilador girando suas pás preguiçosas acima de sua cabeça.

E, pairando acima, um par de ansiosos olhos azul-esverdeados. Livvy, com os cabelos castanhos compridos em cachos embaraçados. Ela suspirou, aliviada, enquanto franzia a testa.

— Desculpe — falou. — Magnus disse para sacudir você de tantas em tantas horas, para garantir que sua concussão não ficasse pior.

— Concussão? — Kit se lembrou do telhado, da chuva, de Gwyn e Diana, do céu cheio de nuvens deslizando e se afastando dele quando ele caiu. — Como é que eu arrumei uma concussão? Eu estava bem.

— Aparentemente, isso acontece — disse ela. — Pessoas batem a cabeça e só percebem que é sério quando desmaiam.

— Ty? — falou ele, e começou a se sentar, o que foi um erro. O crânio doía como se alguém tivesse batido nele com um cassetete. Trechos e fragmentos de lembranças lampejaram no fundo dos seus olhos: as fadas nas armaduras de bronze apavorantes. A plataforma de concreto perto do rio. A certeza de que eles iam morrer.

— Pronto. — Ela pôs a mão no pescoço dele para apoiá-lo. A borda de alguma coisa fria tocou em seus dentes. — Beba isto.

Kit engoliu. A escuridão diminuiu e a dor foi embora com ela. Ele ouviu o canto outra vez, na parte mais profunda de tudo que ele esquecera. *A história em que eu te amo, ela não tem fim.*

Quando abriu os olhos de novo, a vela perto da cama tinha derretido. Porém,

havia luz no quarto — Ty estava sentado ao lado da cama, uma pedra de luz enfeitada na mão, encarando as pás giratórias do ventilador.

Kit tossiu e se sentou direito. Desta vez, doeu um pouco menos. Sua garganta parecia lixa.

— Água — pediu.

Ty desviou o olhar das pás do ventilador. Kit percebera antes que Ty gostava de olhar para elas, como se o movimento gracioso o agradasse. O menino encontrou a jarra de água e um copo, e o entregou.

— Você quer mais água? — perguntou, depois que a sede de Kit esvaziara a jarra. Ele tinha trocado de roupa desde a última vez em que Kit o vira. Mais das coisas antiquadas do depósito. Camisa de listras finas, calça preta. Parecia que ele fazia parte de algum anúncio publicitário antigo.

Kit balançou a cabeça e apertou o copo com força. Uma estranha sensação de irreabilidade o dominara — aqui estava ele, Kit Rook, em um Instituto, com uma pancada na cabeça dada por fadas imensas por ele ter defendido os Nephilim.

Seu pai teria se envergonhado. Mas Kit não sentia nada além da noção de que fizera a coisa certa. A sensação de que o pedaço que sempre faltara em sua vida, que o deixara inquieto e ansioso, tinha sido devolvido a ele por obra do acaso e do destino.

— Por que você fez aquilo? — perguntou Ty.

Kit se ergueu, apoiando-se nos braços.

— Por que eu fiz o quê?

— Na hora em que eu saí da loja de magia, e você e Livvy estavam discutindo. — O olhar cinzento de Ty pousou num ponto próximo à clavícula de Kit. — Vocês estavam falando de mim, não estavam?

— Como você sabia que nós estávamos discutindo? — perguntou Kit. — Você escutou?

Ty balançou a cabeça.

— Eu conheço Livvy — disse. — Sei quando ela está zangada. Sei tudo que ela faz. Ela é minha gêmea. Eu não sei de nada disso quando é com outra pessoa, mas sei quando é com ela. — Ele deu de ombros. — A discussão era a meu respeito, não era?

Kit assentiu.

— Todo mundo sempre tenta me proteger — afirmou Ty. — Julian tenta me proteger de tudo. Livvy tenta evitar que eu me decepcione. Ela não quer que eu saiba que você pode ir embora, mas eu sempre soube disso. Jules e Livvy têm dificuldade em imaginar que eu cresci. Que eu possa entender que algumas coisas são temporárias.

— Você se refere a mim — falou Kit. — Que eu sou temporário.

— Ir embora ou ficar é sua escolha — disse Ty. — Em Limehouse, pensei que talvez fosse ir embora.

— Mas e quanto a você? — indagou Kit. — Pensei que você fosse para a Scholomance. E eu nunca poderia ir para lá. Nem tenho treinamento básico.

Kit pousou o copo de água. No mesmo instante, Ty o pegou e começou a girá-lo nas mãos. Era feito de vidro leitoso, áspero do lado de fora, e ele parecia gostar da textura.

Ty estava em silêncio e, nesse silêncio, Kit pensou nos fones de ouvido do garoto, a música em seus ouvidos, nas palavras sussurradas, no jeito como ele tocava as coisas com total concentração: pedras lisas, vidro áspero, seda, couro e linho com textura. Havia pessoas no mundo, ele sabia, que achavam que seres humanos como Ty faziam essas coisas sem motivo — porque eram inexplicáveis. Malucas.

Kit sentiu uma onda de raiva atravessá-lo. Como elas não conseguiam entender que tudo o que Ty fazia tinha uma razão? Se uma sirene de ambulância retumbava nos ouvidos, você os cobria. Se alguma coisa acertava você, você se dobrava para se proteger da dor.

Mas nem todos sentiam e ouviam da mesma maneira. Ty ouvia tudo duas vezes mais alto e rápido que todo mundo. Os fones de ouvido e a música, Kit sentia, eram amortecedores: eles abafavam não apenas outros sons, mas também sentimentos que, de outra forma, seriam intensos demais. Eles o protegiam da dor.

Ele não conseguia deixar de se perguntar como seria viver tão intensamente, sentir as coisas tanto assim, ter o mundo piscando em cores e barulhos fortes demais. Quando cada som e sentimento era elevado à enésima potência, só fazia sentido se acalmar concentrando toda a energia em algo pequeno, que você podia dominar: uma quantidade imensa de limpadores de canos para desemaranhar, a superfície áspera de um vidro entre seus dedos.

— Não quero dizer a você para não ir para a Scholomance, se é isso mesmo o que você quer — falou Kit. — Mas eu só diria que nem sempre tem a ver com pessoas tentando te proteger ou sabendo o que é melhor para você, ou pensando que sabem. Às vezes, elas simplesmente sabem que sentiriam sua falta.

— Livvy sentiria minha falta...

— Sua família inteira sentiria — acrescentou Kit. — Eu sentiria sua falta.

Era um pouco como pular de um penhasco, muito mais assustador do que qualquer vigarice que Kit já tivesse cometido para o pai, qualquer ser do Submundo ou demônio que ele já tivesse encontrado. Ty ergueu o olhar, surpreso, esquecendo o copo nas mãos. Ele estava corando. Era muito visível contra sua pele clara.



— Você sentiria?

— Sim — respondeu Kit —, mas, como eu disse, não quero impedir você de ir se realmente quiser...

— Eu não quero — falou Ty. — Mudei de ideia. — Ele pousou o copo. Não foi por sua causa. É porque a Scholomance parece estar cheia de babacas.

Kit explodiu numa gargalhada. Ty ficou ainda mais espantado do que quando Kit dissera que sentiria falta dele. Mas, depois de um segundo, ele também começou a rir. Os dois estavam rindo, Kit dobrado sobre os cobertores, quando Magnus entrou no quarto. O feiticeiro olhou para os dois e balançou a cabeça.

— Que bagunça — disse, e foi até a bancada onde ficavam os funis e tubos de vidro arrumados. Ele deu um olhar satisfeito aos dois. — Não que alguém aqui provavelmente se importe, mas o antídoto para o feitiço de amarração está pronto. Não devemos ter dificuldade em partir para Idris amanhã.

Cristina sentia como se um tornado tivesse soprado em seu quarto. Ela pousou o canivete na cornija e se virou para Mark.

Ele estava reclinado na parede, os olhos arregalados sem focar em nada. Ela se lembrava de um livro antigo que tinha lido quando era criança. Nele, havia um garoto com olhos de cores diferentes, um cavaleiro nas Cruzadas. Um olho para Deus, dizia o livro, e outro para o diabo.

Um garoto que fora dividido, parte bom e parte mau. Assim como Mark fora dividido entre fadas e Nephilim. Ela via a batalha correndo nele agora, embora toda a sua raiva fosse para si mesmo.

— Mark — começou ela. — Não é...

— Não diga que não é minha culpa — falou ele inexpressivamente. — Eu não poderia suportar, Cristina.

— Não é apenas sua culpa — disse ela. — Todos nós sabíamos. É tudo nossa culpa. Não foi a coisa certa a fazer, mas tínhamos poucas opções. E Kieran te tratou mal.

— Ainda assim, eu não devia ter mentido para ele.

Uma rachadura escura e irregular no gesso da parede de Cristina, saliente através da tinta, era o único sinal do que tinha acontecido. Isto, e a bolota dourada esmagada na lareira.

— Só estou dizendo que, se você pode perdoá-lo, você também deveria ser capaz de se perdoar — falou ela.

— Você pode vir aqui? — perguntou Mark com uma voz meio abafada.

Ele estava de olhos fechados e cerrava e abria os punhos. Cristina quase tropeçou para chegar até Mark do outro lado do cômodo. Ele pareceu sentir a

aproximação dela; sem abrir os olhos, esticou a mão e a agarrou com um aperto de quebrar os ossos.

Cristina baixou o olhar. Mark agarrava a mão dela com tanta força que deveria ter machucado, mas tudo que ela viu foram as marcas ao redor dos pulsos deles. Com os dois assim bem pertinho, elas desapareciam quase totalmente.

Ela sentiu outra vez o mesmo que sentira naquela noite no salão de baile, como se o feitiço de amarração tivesse amplificado a proximidade dele para outra coisa, uma coisa que arrastava sua mente de volta àquela colina no Reino das Fadas, a lembrança de ser amarrada a Mark.

A boca de Mark encontrou a dela. Cristina o ouviu gemer: ele a beijava com força e desesperadamente; era como se fogo se derramasse pelo corpo de Cristina, transformando sua luz em cinzas.

Ainda assim, ela não conseguia esquecer Kieran beijando Mark na frente dela, enérgica e deliberadamente. Parecia que agora ela não conseguia pensar em Mark sem pensar em Kieran também. Não conseguia encarar os olhos azul e dourado sem enxergar preto e prata.

— Mark — falou Cristina colada aos lábios dele. As mãos dele estavam nas dela, agitando seu sangue ao ponto de um calor suave. — Esse não é o jeito certo de se forçar a esquecer.

Mark se afastou de Cristina.

— Eu quero abraçar você — falou. — Quero muito. — Ele a soltou lentamente, como se o movimento fosse um esforço. — Mas não seria justo. Nem com você, nem com Kieran, nem comigo. Não agora.

Cristina tocou as costas da mão dele.

— Você tem que ir atrás de Kieran e acertar as coisas entre vocês. Ele é uma parte importante demais de você, Mark.

— Você ouviu o que o Rei disse. — Mark deixou a cabeça cair contra a parede. — Ele vai matar Kieran por testemunhar. Vai caçá-lo para sempre. Isso é culpa nossa.

— Ele concordou com isso...

— Sem saber a verdade! Ele concordou porque pensava que me amava e que eu o amava...

— E isso não é verdade? — perguntou Cristina. — E, mesmo que não fosse, ele simplesmente não esqueceu que vocês brigaram. Ele esqueceu o que ele fez. Esqueceu o que ele te deve. Esqueceu a própria culpa. E isso faz parte do motivo pelo qual ele está tão zangado. Não com você, mas com ele mesmo.

A mão de Mark apertou a dela.

— Agora nós devemos um ao outro, Kieran e eu — falou ele. — Eu o

coloquei em perigo. O Rei Unseelie sabe que ele planeja testemunhar. Ele jurou caçar Kieran. Cristina, o que nós vamos fazer?

— Tentar mantê-lo em segurança — falou ela. — Testemunhando ou não, o Rei não vai perdoá-lo. Precisamos encontrar um lugar onde Kieran ficará protegido. — Cristina empinou o queixo assim que teve uma ideia. — Eu sei exatamente onde. Mark, nós temos que...

Eles ouviram uma batida à porta. Afastaram-se um do outro assim que a porta foi aberta; ambos esperavam que fosse Kieran, e a decepção de Mark ficou evidente quando Magnus apareceu.

O feiticeiro trazia dois frascos gravados de metal e ergueu uma sobrancelha ao ver a expressão do menino fada.

— Eu não sei quem vocês esperavam que fosse, e lamento não ser essa pessoa — falou secamente. — Mas o antídoto está pronto.

Cristina tinha imaginado que uma sensação de alívio tomaria conta dela. Em vez disso, ela não sentiu nada. Tocou a mão esquerda até o pulso machucado e olhou para Mark, que fitava o chão.

— Não tenham pressa em me agradecer ou coisa assim — falou Magnus, dando um frasco a cada um. — Expressões profusas de gratidão só me deixam constrangido, embora presentes em dinheiro sempre sejam bem-vindos.

— Obrigada, Magnus — agradeceu Cristina, corando. Ela destampou o frasco: um odor amargo e obscuro subiu dele, como o cheiro de *pulque*, uma bebida da qual Cristina nunca gostara.

Magnus estendeu uma das mãos.

— Só bebam quando estiverem em cômodos separados — falou ele. — Na verdade, vocês deveriam passar, pelo menos, as próximas horas longe um do outro para que o feitiço possa agir corretamente. Todos os efeitos devem ter passado até amanhã.

— Obrigado — falou Mark, dirigindo-se à porta. Ele parou e olhou para Cristina. — Eu concordo com você — disse ele. — Sobre Kieran. Se tiver alguma coisa que você possa fazer para garantir a segurança dele... faça.

Aí saiu sem fazer barulho, com passos suaves como os de um gato. Magnus olhou para a parede rachada, e então para Cristina.

— Devo saber de alguma coisa? — perguntou ele.

Cristina suspirou.

— Uma mensagem de fogo pode ultrapassar as barreiras de proteção que você criou?

Magnus fitou a parede outra vez, balançou a cabeça e falou:

— Melhor você me dar a mensagem. Eu a enviarei.

Ela hesitou.

— Eu não vou lê-la — emendou o feiticeiro, irritado. — Juro.

Cristina pousou o frasco, pegou papel, caneta e a estela, e rabiscou uma mensagem com uma assinatura de símbolo, antes de dobrá-la e entregar a Magnus, que assobiou baixinho ao ver o nome do destinatário no topo.

— Você tem certeza?

Ela assentiu com uma resolução que não sentia.

— Absoluta.

## 27

### Apenas por Anjos Doentes

— Emma. — Julian bateu à porta. Pelo menos, tinha certeza de que era a porta de Emma. Ele nunca tinha entrado no quarto dela no Instituto de Londres. — Emma, você está acordada? Sei que está tarde.

Ele a ouviu dizer que podia entrar, com a voz abafada através da porta grossa de madeira. Dentro, o quarto era bem parecido com o dele, pequeno, com pesados blocos de mobília de aparência vitoriana. A cama era sólida, com dossel e cortinas de seda.

Emma estava deitada sobre as cobertas, vestindo uma camiseta desbotada e calça de pijama. Ela rolou de lado e sorriu para ele.

Uma sensação esmagadora de amor o atingiu como um soco no peito. O cabelo dela estava preso para o alto de um jeito bagunçado, e Emma estava deitada sobre um cobertor amarrotado, com um prato de bolo ao lado. Julian teve que parar no meio do quarto por um momento e recuperar o fôlego.

Ela acenou animadamente para ele com uma torta.

— Banana com caramelo — disse ela. — Quer um pouco?

Ele poderia ter cruzado o cômodo em alguns passos. Poderia ter abraçado Emma, rodopiado e tomado seu corpo. Poderia ter dito a ela o quanto a amava. Se eles fossem qualquer outro casal, seria fácil assim.

Mas para eles nada jamais seria fácil.

Ela o fitava, confusa.

— Está tudo bem?

Ele assentiu, um pouco surpreso com os próprios sentimentos. Normalmente conseguia se controlar melhor. Talvez fosse a conversa que tivera com Magnus. Talvez isso lhe tivesse dado esperança.

Mas, se havia uma coisa que a vida tinha ensinado a Julian, era que não

existia nada mais perigoso do que a esperança.

— *Julian* — falou ela, pousando a torta e espanando as migalhas dos dedos.

— Você poderia, por favor, dizer alguma coisa?

Ele pigarreou.

— Precisamos conversar.

Ela gemeu e caiu pesadamente contra os travesseiros.

— Ai, isso não.

Julian se sentou junto ao pé da cama enquanto Emma limpava as cobertas, pondo de lado a comida e algumas coisas que estivera olhando: ele viu uma fotografia antiga de uma menina segurando uma arma que parecia Cortana, e outra de quatro meninos com roupas eduardianas ao lado de um rio.

Quando Emma terminou, esfregou outra vez as mãos e virou o rosto sério para Julian.

— Quando vamos ter que nos separar? — perguntou ela. Sua voz tremia um pouco. — Assim que a reunião em Alicante acabar? O que vamos dizer às crianças?

— Eu conversei com Magnus — disse Julian. — Ele falou que nós deveríamos ir atrás do Inquisidor.

Emma arquejou de incredulidade.

— O *Inquisidor*? Tipo, o líder do Conselho que faz as Leis?

— Eu tenho certeza de que Magnus sabe quem é o Inquisidor — falou Julian. — É o pai de Alec.

— Ele sugeriu isso como um tipo de ameaça? Tipo, ou nós nos apresentamos para Robert Lightwood ou ele faz isso por nós? Mas Magnus não faria isso... não consigo vê-lo fazendo algo assim. Ele é leal demais.

— Não é isso — disse Julian. — Magnus quer nos ajudar. Ele se lembra de outros *parabatai* como nós e... ele comentou que nenhum *parabatai* jamais pediu ajuda à Clave.

— Porque é a Lei da Clave...!

— Mas isso não é problema — falou Julian. — Podemos lidar com a Lei. É a maldição, a razão aliás pela qual a Lei existe... mesmo que a Clave não saiba dela. Mas nós sabemos.

Emma simplesmente ficou olhando para ele.

— Todos os outros *parabatai* temiam a Lei mais do que a maldição — afirmou Julian. — Ou eles se separaram, deixaram a Clave, ou esconderam o que estava acontecendo até serem pegos ou até a maldição matá-los. Magnus falou que nós seríamos os primeiros, e que isso serviria para alguma coisa com Robert. E ele comentou outra coisa também. Robert foi exilado porque esteve no Ciclo anos atrás. O exílio suspendeu temporariamente sua ligação com seu *parabatai*.

Magnus disse que Alec contou sobre isso... que o vínculo foi interrompido de tal forma que Robert sequer percebeu que seu *parabatai* estava morto.

— Exílio? — A voz de Emma tremeu. — Exílio significa a Clave mandar você embora... você não tem escolha...

— Mas é o Inquisidor que escolhe os termos do exílio — acrescentou Julian. — Robert foi quem decidiu que Aline poderia ficar com Helen quando ela foi exilada; a Clave foi contra.

— Se um de nós tem que ser exilado, serei eu — falou Emma. — Ficarei com Cristina no México. Você é indispensável para as crianças. Eu não.

Sua voz era firme, mas os olhos reluziam com lágrimas. Julian sentiu a mesma onda de amor desesperado que sentira antes, ameaçando dominá-lo, e a sufocou.

— Eu também odeio a ideia de nos separarmos — disse Julian, passando a mão pelo cobertor; a textura áspera era reconfortante contra os dedos. — O modo como eu te amo é fundamental para mim, Emma. É quem eu sou. Não importa o quanto a gente esteja longe um do outro.

O brilho nos olhos dela se tornou líquido. Uma lágrima escorreu pela bochecha. Ela nem se mexeu para limpá-la.

— Então...?

— O exílio vai enfraquecer o vínculo — disse ele, tentando manter a voz firme. Ainda havia uma parte dele que odiava a ideia de não ser o *parabatai* de Emma, apesar de tudo, e que também odiava a ideia do exílio. — Magnus tem certeza disso. O exílio fará algo que a separação não pode fazer, Emma, porque o exílio é encantamento profundo dos Caçadores de Sombras. A cerimônia de exílio diminui parte de suas habilidades de Nephilim, sua magia, e ter um *parabatai* é parte dessa magia. Significa que a maldição será adiada. Significa que podemos ter tempo... e que eu posso ficar com as crianças. Caso contrário, eu teria que deixá-las. A maldição não machuca só a gente, Emma, ela machuca as pessoas ao nosso *redor*. Não posso ficar perto das crianças achando que poderia representar algum tipo de ameaça para elas.

Ela assentiu lentamente.

— Se isso nos dá tempo, então o quê?

— Magnus prometeu usar tudo o que tem para descobrir como quebrar o vínculo ou acabar com a maldição. Uma coisa ou outra.

Emma ergueu a mão para esfregar a bochecha molhada, e ele viu a longa cicatriz no antebraço dela. A qual estivera ali desde que ele a entregara Cortana em um quarto em Alicante, cinco anos atrás. *Como nós deixamos nossas marcas um no outro*, ele pensou.

— Eu odeio isso — murmurou ela. — Odeio a ideia de ficar longe de você e

das crianças.

Ele queria segurar a mão dela, mas se controlou. Se Julian se permitisse tocar nela, poderia fraquejar e desmoronar, e ele precisava se manter forte, racional e esperançoso. Fora Julian quem dera ouvidos a Magnus, ele quem concordara com isso. Dependia dele.

— Eu também odeio isso — afirmou. — Se houvesse um jeito de eu ser exilado, eu faria isso, Emma. Ouça, nós só concordaremos se as condições forem favoráveis, se o período de exílio for curto, se você puder morar com Cristina, se o Inquisidor prometer que nenhuma desonra será acrescida ao sobrenome de sua família.

— Magnus acredita realmente que Robert Lightwood estará assim tão disposto a nos ajudar? A basicamente nos deixar ditar as condições de nosso exílio?

— Ele realmente acredita nisso — retrucou Julian. — Não disse o porquê exatamente... talvez porque antigamente Robert tenha sido exilado, ou porque seu *parabatai* morreu.

— Mas Robert não sabe sobre a maldição.

— E não precisa saber — disse Julian. — O simples fato de estar apaixonado já infringe a Lei antes mesmo de a maldição ser desencadeada. E a Lei diz que nós temos que ser separados ou ter nossas Marcas arrancadas. Isso não é bom para a Clave. Eles precisam de Caçadores de Sombras, certamente tão bons quanto você. Sem dúvida, ele vai *querer* uma solução que mantenha você como Nephilim. E, além disso... nós temos uma vantagem.

— Qual vantagem?

Julian respirou fundo.

— Nós sabemos como cortar o vínculo. Estamos agindo como se não soubéssemos, mas nós sabemos.

Emma enrijeceu.

— Porque não podemos sequer *cogitar* a ideia — disse ela. — Não é algo que pudéssemos fazer um dia.

— Ainda assim, existe — disse Julian. — Nós ainda a conhecemos.

Ela esticou a mão e agarrou a frente da camiseta de Julian. O aperto era incrivelmente forte.

— Julian — falou Emma. — Seria um pecado *imperdoável* usar qualquer que fosse a magia mencionada pela Rainha Seelie. Nós não apenas estaríamos magoando Jace e Alec, Clary e Simon. Mas também todas as pessoas que não conhecemos... destruindo a única coisa que é tão fundamental para eles quanto você me amar e eu te amar...

— *Eles* não são *a gente* — acrescentou Julian. — Isso não envolve apenas a



mim e a você, envolve as crianças. A minha família. A nossa família.

— Jules. — O desânimo em seus olhos era evidente. — Eu sempre soube que você faria qualquer coisa pelas crianças. Nós sempre dissemos que faríamos. Mas, quando falamos *qualquer coisa*, ainda nos referimos ao fato de que há coisas que *não* faríamos. Você não sabe disso?

*Julian.*

*Você me assusta.*

— Sim, eu sei disso — falou ele, e ela relaxou um pouco. Seus olhos estavam arregalados. Julian queria beijá-la ainda mais do que antes, em parte, porque ela era Emma, e isso significava que era boa, sincera e ponderada.

Irônico, na verdade.

— É só uma ameaça — emendou ele. — Vantagem. Não faríamos isso, mas Robert não precisa saber.

Emma soltou a camiseta dele.

— É uma ameaça grande demais — falou ela. — Destruir os *parabatai* tal qual conhecemos poderia rasgar o tecido inteiro dos Nephilim.

— Nós não vamos destruir nada. — Ele tomou o rosto dela nas mãos. A pele era macia contra suas palmas. — Nós vamos consertar tudo isso. Vamos ficar juntos. O exílio vai nos dar o tempo de que precisamos para descobrir como romper o vínculo. Se pode ser feito do modo da Rainha Seelie, pode ser feito de outro modo. A maldição é como um monstro em nosso encalço. Isso vai nos dar espaço para respirar.

Ela beijou a palma dele.

— Você fala com tanta certeza.

— Eu tenho certeza — retrucou ele. — Emma, tenho certeza absoluta.

Sem aguentar nem mais um minuto, Julian a puxou para seu colo. Emma deixou o peso cair contra o corpo dele, o rosto aninhado na curva do pescoço. Ela passou os dedos pela gola da camiseta, justamente onde a pele tocava o algodão.

— Você sabe por que eu tenho certeza? — murmurou ele, beijando a têmpora de Emma, a bochecha, que tinha gosto de sal. — Porque quando este universo nasceu, quando explodiu em sua existência em fogo e glória, tudo que estava fadado a existir foi criado. Nossas almas são feitas desse fogo e dessa glória, dos átomos dela, dos fragmentos das estrelas. As almas de todo mundo são, mas eu acredito que as nossas, a sua e a minha, foram feitas a partir da poeira da mesma estrela. Por isso, nós sempre fomos atraídos um para o outro, feito ímãs, durante toda a vida. Todas as nossas partes são feitas de uma coisa só. — Julian a abraçou com mais força. — Emma, seu nome significa *universo*, sabe? — disse ele. — Isso não prova que estou certo?

Emma soluçou e deu uma risadinha, aí ergueu o rosto e o beijou com vontade. O corpo de Julian sobressaltou-se, como se tivesse tocado uma cerca eletrificada. A mente dele ficou vazia, apenas o som da respiração dos dois ao ouvido, o toque dela em seus ombros, o sabor dela em seus lábios.

Julian não conseguiu resistir; ainda abraçados, ele rolou de lado e a levou consigo de tal modo que se deitaram atravessados sobre a colcha. As mãos dele se enfiaram debaixo da camisa gigantesca dela, passando pela cintura, os polegares trilhando pelas curvas dos quadris. Ainda estavam se beijando. Julian se sentia exposto, aberto; todas as terminações nervosas jorrando desejo. Ele lambeu o açúcar dos lábios dela e Emma gemeu.

Tudo em relação a isso ser proibido estava errado, pensou ele. Ninguém formava um par melhor do que Julian e Emma. Ele quase sentia como se a conexão deles estivesse cauterizada em suas Marcas *parabatai*, atraindo-os um para o outro, amplificando cada sensação. Só de ele entrelaçar os dedos nas mechas macias dos cabelos dela, seus ossos pareciam se transformar num líquido fervente. Quando Emma se arqueou contra ele, Julian pensou que talvez fosse mesmo morrer.

E então ela se afastou, respirando fundo, de modo entrecortado. Emma tremia.

— Julian... não podemos.

Ele girou e se afastou dela. Era como ter um membro arrancado. As mãos de Julian afundaram no cobertor, apertando forte o suficiente para doer.

— Emma — falou ele. Isso foi tudo que *conseguiu* dizer.

— Eu quero — disse ela, apoiando-se em um dos cotovelos. Seu cabelo era uma bagunça loura emaranhada e sua expressão, séria. — Você tem que saber que eu quero. Mas, enquanto ainda formos *parabatai*, não podemos.

— Isso não vai me fazer te amar mais ou de modo diferente — falou ele, com a voz rouca. — Eu te amo de qualquer jeito. Te amo mesmo que a gente nunca se toque.

— Eu sei. Mas é como provocar o destino. — Emma esticou a mão para acariciar o rosto e o peito dele. — Seu coração está batendo tão rápido.

— Sempre bate — falou ele — quando é você. — Julian a beijou, um beijo que aceitava que hoje não haveria mais do que beijos. — Só você. Ninguém além de você.

Era verdade. Julian nunca desejara ninguém antes de Emma, e ninguém depois dela. Quando ele era mais novo, houve vezes em que isso o intrigou; era um adolescente, deveria estar cheio de anseios, desejos e vontades precoces, não deveria? Mas ele nunca quis *ninguém*, nunca fantasiou, sonhou ou desejou, de forma alguma.

E então houve um dia na praia, em que Emma dera uma risada perto dele e soltara a presilha de seus cabelos, as mechas fluindo em seus dedos e contra suas costas como luz do sol líquida.

O corpo inteiro de Julian reagira. Ele se lembrava disso mesmo agora, a dor violenta, como se alguma coisa mortal o tivesse atacado. Aquilo o fez entender por que os gregos acreditavam que o amor era uma flecha que transpassava seu corpo e deixava um rastro ardente de desejo.

Em francês, amor à primeira vista era *coup de foudre*. O raio. O fogo em suas veias, o poder destruidor de um milhão de volts. No caso de Julian, não fora amor à primeira vista: ele sempre a amara. Mas só naquele momento se dera conta disso.

E, depois, ele desejou. Ah, como ele desejou. E ansiou pela época em que pensava estar perdendo alguma coisa ao não desejar, porque o desejo era como mil vozes cruéis que murmuravam que ele era um tolo. Foi apenas seis meses depois da cerimônia *parabatai*, e este fora o maior erro que Julian cometera, e totalmente irrevogável. E depois disso, sempre que ele via Emma, era como uma faca em seu peito, mas uma faca cuja dor ele acolhia. Uma lâmina cujo punho ele segurava junto ao próprio coração, e nada nem ninguém poderia ter tirado isso dele.

— Durma — falou. Julian a acomodou em seus braços, e ela se aninhou contra ele, fechando os olhos. Sua Emma, seu universo, sua lâmina.

— Sabe — falou Diana —, é exatamente o que pensamos que fosse.

A lua escura e prateada brilhava sobre a Floresta Brocelind quando Jia Penhallow saiu do círculo de árvores cinzentas e grama queimada com a Praga. Ao fazer isso, a lâmina serafim em sua mão ardeu com a luz, como se um interruptor tivesse sido ligado.

Ela voltou para dentro do círculo. A lâmina serafim escureceu.

— Eu mandei fotos para Kieran — comentou Diana, olhando para o rosto soturno da Consulesa. — Eles... Kieran disse ter visto o mesmo tipo de círculos de Praga nas Terras Unseelie. — A maior parte do que Kieran tinha visto recentemente nas Terras Unseelie fora o interior de uma cela.

Jia estremeceu.

— É terrível ficar de pé neste círculo — afirmou ela. — É como se o solo fosse feito de gelo, e desespero estivesse no ar.

— Esses círculos — emendou Diana — estão nos locais que Helen e Aline disseram que estavam escuros no mapa, não é?

Jia não precisou olhar e fez que sim com a cabeça.

— Eu não queria envolver minha filha nisso.

— Se ela e Helen puderem estar presentes durante a reunião do Conselho, podem se apresentar como candidatas para o Instituto.

Jia não falou nada.

— É o que Helen quer desesperadamente — falou Diana. — O que as duas querem. O melhor lugar para estar nem sempre é o mais seguro. Ninguém fica satisfeito numa prisão.

Jia pigarreou.

— O tempo que levaria para o Conselho aprovar a solicitação... Portais para a Ilha Wrangel são estritamente regulados... a reunião teria acabado...

— Deixe isso comigo — disse Diana. — Na verdade, quanto menos você souber, melhor.

Diana não conseguia acreditar que acabara de dizer *quanto menos você souber, melhor* para a Consulesa. Concluindo que era improvável dizer uma frase melhor de despedida, ela se virou e se afastou da clareira.

Dru sonhou com túneis subterrâneos divididos por raízes semelhantes aos nós dos dedos inchados de um gigante. E sonhou com um quarto cheio de armas reluzentes e um menino de olhos verdes.

Ela acordou e viu a luz fraca da aurora iluminando a cornija, onde uma adaga de caça dourada, gravada com rosas, prendia um bilhete à madeira.

*Para Drusilla, obrigado por toda a ajuda. Jaime*

Em algum momento da noite, Kit acordou, o *iratze* ardendo suavemente em seu braço. A enfermaria estava acesa com uma luz amarela e quente, e, para além da janela, ele via os telhados de Londres, sólidos e vitorianos sob a lua minguante.

E ouvia a música. Rolando para o lado, Kit viu Ty dormindo na cama ao seu lado, com os fones de ouvido, o som fraco de uma sinfonia vindo deles.

Uma lembrança roçou a beira da consciência de Kit. Ele, muito pequeno, com gripe, febril à noite, e alguém dormia ao seu lado na cama. Seu pai. Deve ter sido. Quem mais poderia ser além do pai?, mas a certeza o abandonou.

Não. Ele não ia pensar nisso. Havia sido uma parte de sua infância; agora ele era um menino que tinha amigos que dormiriam ao seu lado se ele ficasse doente. Não importava quanto isso iria durar, ele iria agradecer por isso.

As portas altas do Santuário eram feitas de ferro e entalhadas com um símbolo que Cristina conhecia desde seu nascimento, as quatro letras interligadas de Clave, Conselho, Pacto e Cônsul.

As portas se abriram silenciosamente para um cômodo amplo. Cristina apurou a coluna quando entrou, lembrando-se do Santuário no Instituto da Cidade do México. Quando era criança, brincara ali algumas vezes, desfrutando da imensidão do espaço, do silêncio, dos azulejos lisos e frios. Todo Instituto tinha um Santuário.

— Kieran? — murmurou ela, avançando. — Kieran, você está aqui?

O Santuário de Londres tornava os Santuários da Cidade do México e de Los Angeles diminutos, tanto pelo tamanho quanto pela imponência. Como um imenso baú do tesouro em mármore e pedra, cada superfície parecia brilhar. Não havia janelas, para a proteção dos convidados vampiros: a luz vinha de algumas tochas de luz enfeitiçada. No centro do cômodo, erguia-se uma fonte; nela, encontrava-se um anjo de pedra. Seus olhos eram buracos abertos dos quais rios de água jorravam feito lágrimas e caíam na bacia abaixo. Palavras estavam inscritas ao redor da base: A FONTE PURO PURA DEFLUIT AQUA.

*Uma fonte pura dá água pura.*

Tapeçarias prateadas pendiam das paredes, embora seus desenhos tivessem desbotado com o passar do tempo. Entre duas pilastras imensas, um círculo de cadeiras altas, de espaldar reto, estava tombado para os lados, como se alguém as tivesse derrubado num ataque de fúria. Existiam almofadas espalhadas pelo soalho.

Sem fazer barulho, Kieran saiu de trás da fonte. Seu queixo estava empinado desafiadoramente, os cabelos no tom de preto mais escuro que Cristina já vira. Mesmo o clarão das tochas de luz enfeitiçada parecia afundar neles e desaparecer sem refletir em suas mechas.

— Como foi que você conseguiu abrir as portas? — perguntou Cristina, olhando para trás, para os calços de ferro. Quando se virou outra vez, Kieran havia erguido as mãos com as palmas abertas: elas estavam cheias de marcas escuras vermelhas como se ele tivesse segurado atizadores muito quentes.

O ferro queima.

— Isso lhe agrada? — perguntou Kieran. Ele ofegava. — Aqui estou eu, em sua prisão de ferro Nephilim.

— Claro que não me agrada. — Ela franziu a testa para ele. Não podia deixar de ouvir a voz baixa em seu interior que questionava por que ela viera. Ela não fora capaz de se controlar... continuava pensando em Kieran sozinho, traído e perdido. Talvez fosse o laço entre eles, ao qual ele se referira quando estivera no quarto dela. Mas ela sentira a presença e a infelicidade dele como um murmúrio no fundo de sua mente, até resolver sair para procurá-lo.

— O que você é para Mark? — quis saber ele.

— Kieran — disse ela. — Sente-se. Vamos nos sentar e conversar.

Ele a encarou, tenso e cauteloso. Como um animal na floresta, pronto para fugir caso ela se mexesse.

Cristina se sentou lentamente sobre as almofadas espalhadas. Aí alisou a saia, dobrando as pernas debaixo do corpo.

— Por favor — falou ela, esticando a mão e indicando a almofada à sua frente, como se o convidasse para o chá. Kieran se acomodou nela como um gato se ajeitando, os pelos eriçados pela tensão. — A resposta é: eu não sei. Não sei o que sou para Mark ou o que ele é para mim — afirmou.

— Como pode ser assim? — perguntou Kieran. — Nós sentimos o que sentimos. — Ele baixou o olhar para as mãos. Eram mãos de fada, com juntas compridas, cheias de cicatrizes com muitos cortes pequenos. — Na Caçada — disse ele —, era real. Nós nos amávamos. Dormíamos lado a lado, respirávamos o ar um do outro e nunca nos separávamos. Sempre foi real. Nunca foi falso. — Ele olhou para Cristina com ar desafiador.

— Eu nunca achei isso. Sempre soube que era real — retrucou ela. — Vi como Mark olhava para você. — Ela entrelaçou as mãos para que não tremessem. — Você conhece o Diego?

— Aquele bonitão idiota — acrescentou Kieran.

— Ele não é idiota, não que isso importe — emendou Cristina apressadamente. — Quando eu era jovem, o amei muito, e ele me amou. Houve uma época em que nós estávamos sempre juntos, como você e Mark. Depois, Diego me traiu.

— Mark falou disso. No Reino das Fadas, ele teria sido morto por tal desrespeito a uma dama de sua posição.

Cristina não tinha muita certeza do que Kieran considerava sua “posição”.

— Bem, o resultado disso foi que passei a achar que o que nós possuíamos nunca fora real. Doeu mais pensar nisso do que pensar que ele simplesmente deixara de me amar... pois eu tinha deixado de amá-lo desse jeito também. Nós crescemos e esquecemos o que tivemos. Mas isso é uma coisa natural e acontece com frequência. É muito mais doloroso acreditar que seu amor sempre foi uma mentira.

— E no que mais eu devo acreditar? — quis saber Kieran. — Quando Mark está disposto a mentir para mim por causa da Clave que ele despreza...

— Ele não fez isso pela *Clave* — falou Cristina. — Você andou ouvindo alguma coisa que os Blackthorn disseram? Isso é pela família dele. A irmã dele está no exílio porque é parte fada... Isso tudo é para trazê-la de volta.

A expressão de Kieran estava sombria. Ela sabia que família pouco significa para ele, abstratamente falando; era difícil culpá-lo por isso. Mas os Blackthorn, em todo seu realismo concreto, seu amor completo, confuso e sincero uns pelos

outros... será que ele via isso?

— Então você não acredita mais que seu amor pelo garoto Rosales tenha sido uma mentira? — perguntou ele.

— Não foi uma mentira — disse ela. — Diego tem os motivos dele para fazer o que está fazendo agora. E, quando faço um retrospecto, é com prazer pela felicidade que tivemos. As coisas ruins não podem importar mais do que as boas, Kieran.

— Mark me disse — falou ele — que, quando vocês foram ao Reino das Fadas, a puca que guarda o portão prometeu a cada um que vocês encontrariam algo desejado ali. O que foi que você desejou?

— A puca me disse que me seria dada uma chance de botar um fim na Paz Fria — respondeu Cristina. — Foi por isso que concordei quando ficou decidido que cooperaríamos com a Rainha.

Kieran a encarou e balançou a cabeça. Por um momento, ela pensou que ele a considerava tola, e sentiu um aperto no coração. Ele esticou a mão para tocar o rosto dela. Os dedos deslizavam leves como plumas, com a suavidade do cálice de uma flor.

— Quando jurei fidelidade a você na Corte da Rainha — falou ele —, foi para chatear e deixar Mark com raiva. Mas agora acho que tomei uma decisão mais sábia do que poderia ter imaginado.

— Você sabe que nunca vou obrigá-lo a manter aquele juramento, Kieran.

— Sim. E é por isso que digo que você não é nada como pensei que seria — falou ele. — Eu vivi nesse mundinho da Caçada Selvagem e das Cortes das Fadas, mas você me faz sentir que o mundo é maior e cheio de possibilidades. — Ele baixou a mão. — Nunca conheci alguém tão generoso em seu coração.

Era como se o rosto de Cristina estivesse em brasas.

— Mark também é todas essas coisas — afirmou ela. — Quando Gwyn veio nos contar que você estava em perigo no Reino das Fadas, Mark foi ao seu resgate imediatamente sem se importar com o preço disso.

— Foi gentileza sua me dizer isso — falou ele. — Você sempre foi gentil.

— Por que está dizendo isso?

— Porque você poderia ter tirado Mark de mim, mas não o fez.

— Não — retrucou Cristina. — É como você disse a Adaon: você não iria querer o amor de Mark se ele não viesse espontaneamente. Nem eu. Eu não faria pressão nem o influenciaria. Se você acha que eu iria querer, e que ia funcionar se eu quisesse... então você não me conhece de modo algum. Nem conhece Mark. Não como ele realmente é.

Os lábios de Kieran se entreabriram. Ele não se manifestou, no entanto, porque as portas do Santuário se abriram e Mark havia entrado.

Ele estava todo vestido de preto e parecia exausto. O anel vermelho em torno de seu pulso atraiu o olhar de Cristina; involuntariamente, ela tocou o próprio pulso, a pele que estava cicatrizando.

— Eu a segui até aqui — falou ele para Cristina. — Ainda sobrou feitiço de amarração suficiente para me permitir fazer isso. Imaginei que você estaria aqui com Kieran.

Kieran nada disse. Ele parecia um príncipe fada num quadro.

— Milorde Kieran — disse Mark formalmente —, podemos conversar?

Agora os dois pareciam um quadro, ambos ajoelhados, os cabelos de Cristina escondendo seu rosto. Kieran, diante dela, era um estudo em contrastes de preto e branco. Por um momento Mark permaneceu de pé à entrada do Santuário, simplesmente observando-os, e a sensação era de que seu coração estava se comprimindo dentro do peito.

Ele realmente tinha uma quedinha por cabelos escuros, pensou.

Nesse momento, ele ouviu Cristina dizer seu nome e percebeu que estava escutando atrás da porta. Entrar no Santuário era como entrar num lugar frio, hostil: havia ferro por toda parte. Kieran deve ter sentido também, embora sua expressão não desse sinal disso. Não dava sinal, em absoluto, de que ele estivesse sentindo qualquer coisa.

— Milorde Kieran — falou Mark —, podemos conversar?

Cristina ficou de pé.

— É melhor eu ir.

— Não precisa. — Kieran se inclinara para descansar entre as almofadas espalhadas. Fadas não mentiam com suas palavras, mas mentiam com o rosto e as vozes, com os gestos. Nesse momento, alguém que olhasse para Kieran imaginaria que ele nada sentia além de tédio e aversão.

Mas ele não fora embora. Ele ainda estava no Instituto. Mark se apegava a isso.

— Eu tenho que ir — falou Cristina. — Mark e eu não devemos ficar perto um do outro até o feitiço de amarração se esgotar por completo.

Mas, quando Cristina seguiu para a porta, Mark se aproximou dela. As mãos de ambos roçaram uma na outra. Será que ele a achara bonita quando a conhecera? Ele se lembrava de ter acordado ao som de sua voz, de vê-la sentada no chão de seu quarto com a faca na mão. Como ele ficara grato por ela ser alguém que ele nunca conhecera antes da Caçada, alguém que não teria expectativas em relação a ele.

Ela o olhou uma vez e se foi. Agora Mark estava a sós com Kieran.



— Por que você está aqui? — quis saber Kieran. — Por que se rebaixar diante de alguém que você odeia?

— Eu não odeio você. Nada disso foi porque eu odeio você ou porque queria magoar você. Eu estava zangado com você... claro que estava. Você não consegue entender o porquê?

Kieran não encontrou o olhar de Mark.

— É por isso que Emma não gosta de mim — falou. — Nem Julian.

— Iarlath açoitou os dois. As chicotadas que ele deu em Emma teriam matado um humano mundano.

— Eu me lembro — disse Kieran tristemente —, e ainda assim parece distante. — Ele engoliu em seco. — Eu sabia que estava perdendo você. Eu tinha medo. Havia mais coisas também. Iarlath insinuara que você não estaria a salvo no mundo dos Caçadores de Sombras. Que eles planejavam atraí-lo somente para executá-lo com alguma acusação fraudulenta. Eu fui tolo em acreditar. Agora sei disso.

— Ah — falou Mark. O conhecimento se desdobrou nele, a percepção misturada ao alívio. — Você achou que estivesse salvando a minha vida.

Kieran assentiu.

— Mas não faz diferença. O que eu fiz foi errado.

— Você terá que pedir desculpas pessoalmente a Emma e a Julian — afirmou Mark. — Mas, de minha parte, Kieran, você está perdoado. Você voltou quando não precisava fazer isso... você nos ajudou a salvar Tavvy...

— Quando busquei refúgio aqui, estava cego pela raiva — acrescentou Kieran. — Só conseguia pensar que você tinha mentido para mim. Eu pensei que você tivesse ido à Corte para me salvar porque... — Sua voz falhou. — Porque você me *amava*. Não suporto pensar em minha própria estupidez.

— Eu te amo — disse Mark. — Mas não é um tipo de amor fácil ou sereno, Kier.

— Não como o que você sente por Cristina.

— Não, não como o que sinto por Cristina — falou Mark.

Os ombros de Kieran caíram um pouco.

— Fico feliz por você admitir — disse ele. — Acho que não poderia tolerar uma mentira agora. Quando eu te amei pela primeira vez, sabia que amava algo que podia mentir. E falei para mim mesmo que isso não teria importância. Mas faz mais diferença do que eu imaginava.

Mark diminuiu a distância entre eles. Não tinha certeza se Kieran se afastaria dele, mas o outro não se mexeu. Mark se aproximou até restarem apenas centímetros entre os dois, até Kieran arregalar os olhos, e então Mark se ajoelhou, o mármore frio em sua pele.

Era um gesto que ele já havia visto, na Caçada e em festas. Uma fada se ajoelhava para outra. Sem submissão, mas um pedido de desculpas. *Me perdoe*. Os olhos de Kieran eram como dois grandes pratos.

— Isso importa — falou Mark. — Eu queria não poder mentir, desse modo você acreditaria em mim: todos esses dias eu não deixei de demonstrar minha afeição porque estava zangado com você, ou enojado. Desejava você da mesma forma que desejava na Caçada. Mas não podia estar com você, tocar você, com tudo isso obscurecido por mentiras. Não teria parecido verdadeiro nem sincero. E eu nem mesmo ficaria com a sensação de estar sendo escolhido por você porque, para escolher verdadeiramente, nós temos que ter conhecimento verdadeiro.

— Mark. — Kieran suspirou.

— Eu não te amo como amo Cristina. Eu te amo como eu amo *você* — falou Mark e abaixou a cabeça. — Queria que você pudesse ver meu coração. Então você entenderia.

Ouviu-se um farfalhar. Kieran tinha caído de joelhos também, na mesma altura de Mark.

— Você teria me dito isso? — perguntou ele. — Depois que eu testemunhasse?

— Sim. Eu não poderia suportar isso de outra forma.

Kieran semicerrou os olhos. Mark podia ver as olheiras em preto e prata sob as pálpebras dele, decoradas com cílios escuros. Seu cabelo tinha clareado quase para uma cor de estanho.

— Eu acredito em você. — Ele abriu as pálpebras, fitando diretamente os olhos de Mark. — Você sabe por que confio em você?

Mark balançou a cabeça. Dava para ouvir a água caindo na fonte atrás deles, lembrando-o de mil rios que eles navegaram juntos, mil torrentes ao lado das quais eles dormiram.

— Por causa de Cristina — falou Kieran. — Ela nunca teria concordado com um plano desonroso. Entendo que vocês estavam tentando ajudar sua família, sua irmã. Entendo por que estavam desesperados. E acredito que você não teria me iludido por mais tempo do que o necessário. — De repente, alguma coisa atrás de seus olhos pareceu muito familiar. — Eu vou testemunhar — afirmou.

Mark começou:

— Kieran, você não...

Kieran segurou o rosto de Mark. Seu toque era delicado.

— Não estou fazendo isso por você — falou ele. — Isso será o que farei por Emma e pelos outros. Então aquela dívida será paga. Você e eu, nossas dívidas já estão pagas. — Ele se inclinou e roçou os lábios nos de Mark, que queria

buscar o beijo, o calor, a familiaridade. Ele sentiu a mão de Kieran em seu peito, sobre a flecha de elfo que pendia ali, abaixo da clavícula. — Nós estaremos quites.

— *Não* — murmurou Mark.

Mas Kieran já estava de pé, o calor de suas mãos se fora da pele de Mark. Seus olhos estavam escuros, o corpo inteiro tenso. Mark ficou de pé num pulo para exigir que Kieran explicasse o que quisera dizer com *quites* — e então no mesmo momento um barulho terrível cortou o ar.

Era um barulho que vinha de fora do Instituto, embora de não muito longe. Nem um pouco longe. Uma lembrança lampejou na mente de Mark, de observar, montado em seu cavalo, uma floresta destruída por um raio. O fogo lampejava debaixo dele, a pancada de galhos e troncos semelhante a gritos em sua mente.

Kieran inspirou abruptamente. Seus olhos tinham ficado distantes e sem foco.

— Eles chegaram — falou. — Estão próximos.

Uma pancada tirou Emma de seu sono e dos braços de Julian. Uma pancada que não era bem uma pancada; de início, ela pensou que soara como dois carros batendo na estrada, o guinchar dos freios e a explosão de vidro. Parecia vir de lá de fora; ela se ergueu de um pulo e disparou pelo quarto até a janela.

Havia cinco deles no pátio, reluzindo em bronze sob o sol da manhã, tanto os cavalos quanto os cavaleiros. Os corcéis pareciam metálicos, seus olhos cobertos com seda cor de bronze, os cascos reluzindo com um brilho forte. As fadas montadas neles eram tão reluzentes e belas quanto suas armaduras sem junções visíveis, de tal modo que pareciam bronze líquido. Seus rostos tinham máscaras, seus cabelos eram longos e metálicos. De alguma forma, aqui no coração de Londres, elas pareciam mais assustadoras do que na primeira vez que Emma as vira.

Julian estava acordado agora, sentado na beira da cama, pegando o cinto de armas que estava pendurado na parede, acima do criado-mudo.

Eles vieram — disse ela. — São os Cavaleiros.

Todos correram para a biblioteca, exceto Kit e Bridget, conforme fora instruído por Magnus. Cristina, Ty, Livvy e Magnus já estavam lá quando Emma entrou num rompante, empunhando Cortana.

Julian estava alguns passos atrás dela. Eles tinham concordado que era melhor não parecer que haviam dormido juntos

Todos estavam de pé diante das janelas, e as cortinas tinham sido abertas para oferecer uma visão livre do pátio e da frente do Instituto. Magnus se inclinava

contra a vidraça, o braço estendido, a mão espalmada no painel, a expressão sinistra. Ele tinha olheiras e parecia preocupantemente exausto e emaciado.

Mark e Kieran entraram quando Emma encaixou a espada nas costas e se apressou para as janelas. Julian se esgueirou ao lado dela e fitou através do vidro.

Os cinco Cavaleiros não tinham se movido do pátio. Permaneceram onde estavam, feito estátuas. Seus cavalos não tinham rédeas nem arreios, nada para segurá-los. Estavam todos com as espadas desembainhadas, esticadas à frente como uma fileira de dentes reluzentes.

Kieran passou por Mark, cruzando o cômodo até a janela e, depois de um instante, Mark o seguiu. Eles formaram uma fila: os Caçadores de Sombras, o feiticeiro e o príncipe fada, todos fitando sombriamente o pátio. Kieran estava silencioso e parecia enjoado, os cabelos brancos, da cor de ossos.

— Eles não podem entrar no Instituto — afirmou Ty.

— Não — disse Magnus. — As barreiras os mantêm longe.

— De qualquer forma, nós deveríamos ir embora assim que pudermos — falou Kieran. — Não confio nos Cavaleiros. Eles vão dar um jeito de entrar.

— Nós temos que entrar em contato com Alicante — falou Livvy. — Fazê-los abrir o lado deles do Portal para sairmos daqui.

— Não podemos fazer isso sem revelar que os Cavaleiros estão aqui... e o motivo de estarem — observou Julian. — Mas... ainda podemos ir para outro lugar via Portal, mesmo se não formos diretamente para Idris. — Ele olhou de lado para Magnus.

— A questão é: não posso criar o meu lado do Portal agora — disse Magnus, com algum esforço. — Precisamos aguardar umas poucas horas. Eu exauri minha energia... não esperava ter que curar Kit ou mandar Alec e as crianças embora.

Fez-se um silêncio medonho. Nunca ocorrera a nenhum deles que havia coisas que Magnus não era capaz de fazer. Que ele tinha fraquezas, como todo mundo.

— Tem um Portal na cripta — afirmou Ty. — Mas só vai até o Instituto da Cornualha.

Ninguém perguntou como ele sabia disso.

— Mas aquele Instituto está abandonado — acrescentou Julian. — Provavelmente, as proteções são mais fortes aqui.

— Estaríamos simplesmente trocando de Instituto para Instituto — falou Magnus. — Ainda estaríamos presos e com proteções mais fracas. E, acreditem, eles seriam capazes de nos seguir. Nunca houve caçadores mais grandiosos do que os Cavaleiros de Mannan.

— E quanto a Catarina Loss? — falou Livvy. — Ela nos tirou do Instituto de Los Angeles.

Magnus respirou fundo, trêmulo.

— As mesmas barreiras que afastam os Cavaleiros também evitam que alguém tente fazer um Portal do lado de fora.

— E quanto à Rainha Seelie? — perguntou Emma. — Talvez ela estivesse disposta a nos ajudar a combater os Cavaleiros?

— A Rainha não está do nosso lado — respondeu Julian. — Ela só está do lado dela.

Fez-se um longo silêncio, interrompido por Magnus.

— Eu tenho que reconhecer. Nunca pensei que Jace e Clary seriam superados em suas escolhas insanas e autodestrutivas, mas vocês todos são páreo duro.

— Eu realmente não tenho nada a ver com isso — observou Kieran rigidamente.

— Acho que você descobrirá que muitas decisões ruins o trouxeram até aqui, meu amigo — opinou Magnus. — Muito bem, tem algumas coisas que posso fazer para tentar aumentar minha energia. Vocês... todos vocês... esperem aqui. E não façam nada idiota.

Ele saiu do cômodo, caminhando com as pernas compridas, cobertas com tecido preto, e xingando baixinho.

— Ele está ficando cada vez mais parecido com Gandalf — falou Emma, observando-o sair. — Quero dizer, um Gandalf mais jovem e gostoso, mas eu fico esperando ele começar a coçar a longa barba branca e resmungar sombriamente.

— Pelo menos, ele está disposto a nos ajudar — ponderou Julian. Seu olhar se aguçou. Um Cavaleiro passava pelos portões. O sexto cavaleiro, com uma estrutura um pouco menor, um jorro de cabelos cor de bronze. *Ethna*, pensou Emma. A irmã.

Então seus pensamentos se dissolveram num zumbido de choque. Um pequeno vulto estava apoiado nas costas do cavalo de bronze, à frente dela. Uma garotinha humana, de cabelos pretos curtos. Ela balançava fracamente na mão da mulher fada, mas estava piscando, o rosto contorcido de terror. Não devia ter mais do que quatro anos — usava legging com uma estampa alegre de abelhas e tênis rosa-choque.

Na outra mão, Ethna segurava uma adaga, cuja ponta encostava na nuca da garotinha.

Julian ficara rígido como mármore, com o rosto branco. Vozes se ergueram em torno de Emma no cômodo, mas eram só ruído. Ela não conseguia distinguir as palavras. Olhava para a garotinha, e em sua mente via Dru, Tavvy, e até

Livvy e Ty; todos eles já tinham sido pequenos e indefesos assim.

E Ethna era forte. Tudo que ela precisava fazer era empurrar a adaga, e então decapitaria a criança.

— Afastem-se da janela — falou Julian. — Pessoal, afastem-se da janela. Se eles não acharem que estamos vendo, é menos provável que machuquem a garotinha.

A mão dele estava no braço de Emma. Ela cambaleou, recuando junto aos outros. Podia ouvir Mark protestando. Eles deviam descer, ele estava dizendo. Lutar contra os Cavaleiros.

— Nós não podemos — falou Julian, angustiado. — Seremos massacrados.

— Eu matei um deles antes — acrescentou Emma. — Eu...

— Mas eles tinham baixado a guarda. — A voz de Julian a alcançou, parcialmente distorcida pelo choque. — Eles não esperavam... não achavam que fosse possível... desta vez eles estarão preparados...

— Ele tem razão — afirmou Kieran. — Às vezes, o coração mais cruel fala a maior verdade.

— O que quer dizer? — Mark corou, a mão direita apertando o próprio pulso. Emma percebeu remotamente que a marca do feitiço de amarração havia sumido da pele dele e da de Cristina também.

— Os filhos de Mannan nunca tinham sido derrotados — falou Kieran. — Emma foi a primeira a matar um deles. Eles pegaram a criança para nos atrair para fora porque sabem que nos terão em seu poder quando fizermos isso.

— Eles vão matá-la — disse Emma. — É um *bebê*.

— Emma... — Julian esticou a mão para sua *parabatai*. Emma podia ler o rosto dele. Julian faria qualquer coisa, arriscaria qualquer coisa, por sua família. Não havia nada nem ninguém que ele não sacrificaria.

Por isso, tinha que ser ela.

Ela correu. Ouviu Julian gritando seu nome, mas logo ela estava do lado de fora da biblioteca; bateu a porta atrás de si e disparou pelo corredor. Ela já estava de uniforme e já tinha Cortana; desceu os degraus correndo, passou pela entrada e irrompeu pelas portas principais do Instituto.

Aí viu o borrão de bronze que eram os Cavaleiros, antes de se virar e puxar as portas para que se fechassem, tirando a estela do bolso. Entalhou um símbolo de Fechamento nelas assim que ouviu as pancadas surdas de corpos acertando o outro lado, vozes gritando para que ela não fosse imprudente, que abrisse as portas, que abrisse, *Emma*...

Ela guardou a estela no bolso, ergueu Cortana e desceu os degraus.

## 28

### Triste Alma

— É ela! — gritou Ethna, com a voz encorpada e doce. Ela puxou a criança para mais perto de si e ergueu a lâmina em sua mão. — Esta é a assassina de Fal.

— Era um combate — falou Emma. — Ele teria me matado. — Ela olhou para os outros Cavaleiros, enfileirados e virados para ela; uma fila de estátuas sinistras. — Eu imaginava que guerreiros saberiam a diferença.

— Você deveria morrer como seus pais — sibilou um dos outros Cavaleiros. Delan. — Torturada e retalhada com facas, como eles foram.

O coração de Emma acelerou no peito. O temor pela garotinha ainda estava lá, mas a raiva começava a se misturar a ele.

— Soltem a menina — falou. — Soltem-na e podem lutar comigo. Vinguem-se em mim, se quiserem.

Emma podia ouvir batidas nas portas atrás de si. Em pouco tempo elas seriam abertas; Emma não tinha ilusão de que o símbolo de fechamento os trancaria para sempre. Suas Marcas agora tinham um poder surpreendente, por causa de Julian — mas ele seria um rival em sua capacidade.

Emma ergueu Cortana, o sol da manhã deslizando sobre a lâmina feito manteiga derretida.

— Eu matei seu irmão com esta espada — afirmou ela. — Você quer vingança? Solte a garotinha e eu lutarei contra você. Ameace-a por mais um minuto e voltarei para dentro do Instituto. — Seus olhos passearam de um Cavaleiro a outro. Ela pensou nos pais, nos corpos deles, nus e abandonados na praia para as gaivotas bicarem. — Nós despojamos o corpo de Fal — mentiu. — Tiramos sua armadura, quebramos sua espada e o abandonamos para os ratos e corvos...

Ethna soltou um guincho alto e empurrou a garotinha para longe. A menina

caiu no chão — Emma arfou —, mas se equilibrou e correu, soluçando, para a estrada. Apenas uma vez ela olhou para trás, a boquinha muito aberta no rosto manchando de lágrimas enquanto disparava pelo portão e desaparecia.

O alívio invadiu Emma. A menina estava salva.

E então Ethna avançou, os cascos de seu cavalo silenciosos na pedra do pátio. Ela era como uma lança pelo ar, silenciosa e mortal; Emma dobrou os joelhos e saltou, usando a altura dos degraus e a força da queda para dar ímpeto ao balanço da espada.

As lâminas retiniram em pleno ar. O choque fez tremer os ombros de Emma. O braço de Ethna se abriu; Emma caiu agachada e impulsionou a espada de novo, mas a mulher fada já havia se jogado das costas do cavalo. Agora ela estava de pé e ria; os outros Cavaleiros tinham desmontado também. Seus cavalos desapareceram, como se tivessem sido absorvidos pelo ar enquanto os filhos de Mannan se lançavam contra Emma, com as armas erguidas.

Emma se levantou, e Cortana descreveu um amplo arco acima de sua cabeça, acertando cada espada em separado — a cena remeteu a dedos deslizando sobre as teclas de um piano, tocando uma nota por vez.

Mas foi por pouco. A última espada, de Delan, pegou o ombro de Emma. Ela sentiu o uniforme rasgar e a pele arder. Outra cicatriz para somar ao mapa delas.

Emma girou, e Ethna estava bem atrás dela. A guerreira segurava duas espadas curtas, bronze reluzindo, e golpeou Emma com uma e depois com a outra. Emma pulou para trás, quase em cima da hora. Se não estivesse usando uniforme, ela sabia, estaria morta, com as vísceras espalhadas na laje. Ela sentiu o casaco se rasgar e, mesmo no frio da batalha, uma ponta quente de medo desceu por sua espinha.

Isso era impossível. Ninguém poderia enfrentar os seis Cavaleiros. Emma seria inconsequente de tentar, mas então pensou nos pezinhos com tênis cor-de-rosa e não se arrependeu. Nem mesmo quando virou e se deparou com três Cavaleiros bloqueando o caminho de volta ao Instituto.

A porta do Instituto tinha parado de balançar. *Que bom*, pensou Emma. Os outros deveriam ficar em segurança lá dentro; era a coisa mais prudente a se fazer, a coisa inteligente.

— Seus amigos abandonaram você — zombou um dos Cavaleiros, bloqueando o caminho dela. Seu cabelo de bronze era curto e cacheado, e lhe dava a aparência de um *kouros* grego. Ele era adorável. Emma o odiava com todas as forças. — Renda-se agora e nós lhe daremos uma morte rápida.

— Eu poderia me dar uma morte rápida, se quisesse isso — falou Emma, com a espada em riste para manter as outras três fadas afastadas. — Surpreendentemente.



Ethna a encarava com expressão severa. Os outros Cavaleiros — ao menos Airmed, reconhecia Emma — murmuravam; ela captou as últimas poucas palavras de uma frase: “...é a espada, como eu falei.”

— Marcas não podem nos machucar — disse Airmed. — Nem lâminas serafim.

Emma mergulhou para Ethna. A mulher fada rodopiou, cruzando as lâminas num golpe rápido como um açoite.

Emma deu um salto. Era um movimento que ela havia praticado repetidas vezes com Julian na sala de treinamento, usando uma barra que eles elevavam um pouquinho todos os dias. As lâminas passaram sob os pés dela e, no fundinho de sua mente, ela viu Julian, com os braços erguidos para segurá-la.

*Julian.* Ela pousou do outro lado de Ethna, girou e enfiou sua arma nas costas da fada.

Ou tentou, pelo menos. Ethna se virou, e a lâmina rasgou a armadura de bronze, abrindo um talho na lateral. Ela guinchou e cambaleou para trás, e Emma puxou Cortana para soltá-la, o sangue respingando da lâmina sobre a laje.

Emma ergueu a espada.

— Esta é Cortana — arfou, com o peito subindo e descendo. — Do mesmo aço e da mesma têmpera que Joyeuse e Durendal. Não há nada que Cortana não possa cortar.

— Uma arma de Wayland, o Ferreiro — gritou o Cavaleiro com os cachos de bronze e, para surpresa de Emma, havia medo em sua voz.

— Silêncio, Karn — gritou um dos outros. — Ainda assim, é só uma arma. Mate-a.

O belo rosto de Karn se contraiu. Ele ergueu a arma, um imenso machado de batalha, e correu para Emma; ela ergueu Cortana...

E a porta da frente do Instituto se abriu com força, expelindo Caçadores de Sombras.

*Julian.* Emma o viu primeiro, um borrão de uniforme, espada e cabelos escuros. Em seguida, Mark, Cristina. Kieran, Ty, Livvy. E Kit, que provavelmente viera da enfermaria, pois parecia ter vestido o uniforme por cima do pijama. Pelo menos ele calçava botas.

Eles fizeram os Cavaleiros recuarem nos degraus; primeiro, Julian e Mark, com as espadas reluzindo nas mãos. Nenhum deles trazia lâminas serafim, Emma viu — eles tinham pegado somente armas com lâminas simples, sem marcas, próprias para matar seres do Submundo. Kieran também trazia uma, cujo pomo e punho brilhavam com ouro e prata em vez de aço.

Um dos Cavaleiros soltou um rugido de raiva ao ver o príncipe fada.

— Traidor! — rosnou.

Kieran fez uma pequena medida.

— Eochaid — falou, como se o saudasse. — E Etarlam. — Ele piscou para o sexto Cavaleiro, que fizera uma expressão de desagrado. — É bom vê-los.

Eochaid partiu para cima dele. Kieran abaixou-se, meio agachado, girando a espada com uma leveza e prática que surpreenderam Emma.

O tinir de suas lâminas parecia indicar o início de uma batalha muito maior. Julian e Mark tinham obrigado os Cavaleiros a sair dos degraus no momento da surpresa de sua aparição. Agora os outros caíam sobre eles, caçando-os e atacando-os com as armas. Mark, que trazia uma espada reta de fio duplo, foi atrás de Delan; os gêmeos atacaram Airmed, enquanto Cristina, mais do que furiosa, avançou para Etarlam.

Julian avançou em meio ao borrão do combate, golpeando para as laterais e abrindo caminho até Emma. De repente, seus olhos se arregalaram: *Atrás de você!*

Ela girou. Era Ethna, com o rosto deformado numa máscara de ódio. Suas armas faziam um movimento de tesoura; Emma ergueu Cortana bem na hora, e as lâminas duplas de Ethna se fecharam sobre ela com força selvagem.

E se partiram.

A mulher fada arfou, surpresa. Um segundo depois, ela cambaleava para trás, com as mãos no ar. Julian desviou seu curso e pulou atrás dela, mas outra arma estava tomando forma em sua mão; desta vez, uma espada curva, semelhante à *shamshir* persa.

A espada de Julian bateu na de Ethna. Emma sentiu a colisão entre as armas bifurcando-se nela como um raio. De repente, tudo estava acontecendo muito rápido: Julian girava graciosamente, afastando-se da lâmina, mas sua ponta o encontrou no alto do braço. Emma sentiu a dor do golpe, a dor de seu *parabatai*, assim como ela sentira a espada dele atingindo a de Ethna. Ela se lançou para os dois, mas Eochaid se ergueu à sua frente, e a ponta da espada dele se precipitou para o rosto dela, um borrão prateado cortando o ar.

Ela caiu de lado, longe. Eochaid uivou, um som zangado e brutal, e girou, afastando-se dela e atacando selvagememente o vulto que viera por trás dele, cuja arma lhe cortara o ombro. O sangue manchava a armadura de bronze do guerreiro.

Era Kieran. Seu cabelo, um emaranhado de mechas brancas e pretas, grudadas com sangue na têmpora. As roupas estavam manchadas de vermelho, o lábio cortado. Ele encarou Emma, com a respiração pesada.

Eochaid pulou em cima dele, e os dois começaram a lutar selvagememente. O mundo pareceu um tumulto de lâminas tinindo: Emma ouviu um grito e viu Cristina lutando para chegar até Kit, que fora derrubado por Delan. Os

Cavaleiros tinham se aglomerado nos degraus para bloquear as portas do Instituto. Julian mantinha Ethna afastada; os gêmeos lutavam, com as costas coladas, tentando golpear e abrir caminho pelos degraus junto a Mark.

Emma começou a acotovelar cegamente até Kit, uma frieza em seu coração. Os Cavaleiros eram ferozes demais, fortes demais. Eles não se cansariam.

Delan estava de pé acima de Kit, com a lâmina alta no ar. Kit se arrastava para trás com os cotovelos. Uma espada brilhou na frente de Emma; ela a derrubou com Cortana e ouviu alguém xingar. Delan fitava Kit atentamente, como se o rosto do menino guardasse um mistério.

— Quem é você, menino? — quis saber o Cavaleiro, com a lâmina imóvel.

Kit limpou o sangue do rosto. Havia uma adaga perto dele nas lajes, mas fora do alcance de sua mão.

— Christopher Herondale — falou ele, os olhos brilhando arrogantemente. Ele *era* um Caçador de Sombras, pensou Emma, de verdade; nunca imploraria pela própria vida.

Delan bufou.

— *Qui omnia nomini debes* — falou, e fez menção de golpear com a espada justamente quando Emma se abaixou e rolou para debaixo da lâmina, com Cortana brilhando e cortando o pulso de Delan.

O guerreiro fada gritou, um uivo que ecoou com ira e dor. O ar estava tomado por uma névoa de sangue. A mão de Delan bateu no chão, ainda segurando a espada; um segundo depois, Kit estava de pé, pegando a arma, com os olhos ardentes. Emma estava ao lado dele e, juntos, eles começaram a encurralar Delan; o sangue salpicando as lajes enquanto ele se retirava.

Mas o guerreiro ria.

— Matem-me se pensam que podem — zombou. — Mas olhem ao redor. Vocês já perderam.

Kit tinha a lâmina erguida e apontada diretamente para a garganta de Delan.

— Olhe você — falou ele com a voz firme. — Eu vou acertar.

Emma olhou em volta. Airmed havia imprensado Ty e Livvy contra uma parede. Ethna tinha a arma na garganta de Julian. Etarlam forçara Cristina a ficar de joelhos. Mark a encarava, horrorizado, mas não podia se mexer; Eochaid estava com a espada apontada contra as costas dele, justamente onde poderia partir a coluna.

Karn estava de pé no topo da escadaria, com a espada desembainhada e um sorriso no rosto adorável e cruel.

Emma engoliu em seco. Kit xingava baixinho para ninguém ouvir. Karn falou e seus dentes brilharam, brancos, com o sorriso:

— Entreguem o *Volume Preto*. Nós deixaremos vocês irem embora.

Kieran ficou imóvel, olhando de Mark para Cristina.

— Não lhe deem ouvidos! — gritou. — Os Cavaleiros são magia selvagem... eles podem mentir.

— Nós não estamos com o livro — afirmou Julian com a voz firme. — Nunca estivemos. Nada mudou.

Julian parecia calmo, mas Emma enxergava por baixo de sua superfície, atrás dos olhos. Ela ouvia o ribombar do coração de Julian. Ele olhava para Emma, para Mark, Ty e Livvy e estava mortalmente apavorado.

— Você está pedindo algo que não podemos fazer — continuou Julian. — Mas talvez a gente possa negociar. Podemos prometer a vocês que levaremos o livro assim que o encontrarmos...

— Suas promessas nada significam — rosnou Ethna. — Vamos matá-los agora e mandar um recado à Rainha, que os truques dela não serão tolerados!

Karn deu risada.

— Sábias palavras, irmã — falou ele. — Preparem suas lâminas...

A mão de Emma apertou Cortana. Sua mente girava — ela não podia matar todos eles, nem evitar o que iam fazer, mas, pelo Anjo, Emma ia levar alguns consigo...

Os portões do pátio se abriram. Não estavam trancados, mas agora foram abertos com tal força que, apesar do peso, saíram voando e bateram nos muros de pedra, chacoalhando como correntes partidas.

Além do portão, havia nevoeiro — denso e incongruente com um dia tão ensolarado. O cenário violento no pátio permanecia em suspenso, preso pelo choque, quando o nevoeiro clareou e uma mulher entrou no terreno.

Ela era magra e de altura mediana, seus cabelos eram castanho-escuros e desciam até a cintura. Usava uma combinação rasgada por cima de uma saia comprida, que não tinha um bom caimento, e botas curtas. A pele nua dos braços e ombros proclamava que se tratava de uma Caçadora de Sombras, com cicatrizes de Caçadora de Sombras. A Marca da Vidência, decorava a mão direita dela.

Ela não trazia armas. Em vez disso, abraçava um livro — um volume antigo, encadernado em couro, riscado e gasto. Um pedaço de papel dobrado estava preso entre duas páginas, como um marcador. Ela ergueu a cabeça e olhou firmemente diante de si, para a cena no pátio; sua expressão não era de surpresa, como se não estivesse esperando por outra coisa.

O coração de Emma começou a latejar. Já tinha visto aquela mulher, embora fosse uma noite escura na Cornualha. Ela a conhecia.

— Eu sou Annabel Blackthorn — falou a mulher num tom nítido e constante, com um leve sotaque. — O *Volume Preto* é meu.

Eochaid xingou. Ele tinha um rosto cruel, com ossos finos, semelhante a uma águia.

— Vocês mentiram para nós — rosnou ele para Emma e os outros. — Disseram que não faziam ideia de onde o livro estava.

— Não faziam mesmo — falou Annabel, ainda com o mesmo autocontrole. — Malcolm Fade estava em poder dele, e eu o tirei de seu cadáver. Mas ele é meu e sempre foi meu. Pertencia à biblioteca da casa na qual cresci. O livro sempre foi propriedade dos Blackthorn.

— No entanto — falou Ethna, embora estivesse olhando para Annabel com um respeito duvidoso, um que só era devido aos mortos-vivos, desconfiava Emma —, você o dará a nós ou vai encarar a ira do Rei Unseelie.

— O Rei Unseelie — murmurou Annabel. Seu rosto era plácido de um modo que dava arrepios em Emma. Certamente ninguém poderia ficar plácido nesta situação, ao menos não alguém que já não tivesse perdido o juízo? — Dê-lhe lembranças. Diga que eu sei o nome dele.

Delan empalideceu.

— Sabe *o quê*? — Saber o verdadeiro nome de uma fada conferia a qualquer um que o soubesse poder sobre o dono do nome. Emma não conseguia imaginar o que significava para o Rei ter seu nome revelado.

— O nome dele — falou Annabel. — Malcolm foi muito próximo dele durante muitos anos. Ele aprendeu o nome do monarca. Eu também sei. Se vocês não saírem agora e retornarem ao Rei com meu recado, direi o nome a todos do Conselho. Direi a todos os seres do Submundo. O Rei não é amado. Ele vai achar os resultados muito insatisfatórios.

— Ela mente — disse Airmed, os olhos fendidos de gavião.

— Arrisque-se com o Rei então — falou ela. — Deixe-o descobrir quem são os responsáveis pela divulgação de seu nome.

— Seria mais fácil silenciar *você* — afirmou Etarlam.

Annabel não se mexeu quando ele avançou para ela, erguendo a mão livre, como se quisesse acertá-la no rosto. Ele investiu, e ela segurou o pulso dele, com a mesma leveza de uma debutante segurando o braço de seu parceiro durante uma dança.

E então ela o arremessou. Ele cruzou o pátio e bateu numa parede, a armadura fazendo um estrondo. Emma arfou.

— Etar! — gritou Ethna. Ela correu para o irmão, abandonando Jules... e congelou. A espada curva estava se erguendo da mão dela. Ela esticou o braço para pegá-la, mas a arma flutuava acima de sua cabeça. Mais gritos vieram dos outros Cavaleiros: suas espadas estavam sendo retiradas de suas mãos, flutuando acima de suas cabeças. Ethna encarou Annabel com raiva. — Sua idiota!

— Não foi ela — ouviu-se uma voz à entrada. Era Magnus Bane, que se apoiava pesadamente no ombro de Dru. A menina parecia sustentá-lo de alguma forma. Fogo azul faiscava dos dedos da mão livre do feiticeiro. — Magnus Bane, Alto Feiticeiro do Brooklyn, ao seu dispor.

Os Cavaleiros trocaram olhares. Emma sabia que eles poderiam criar armas facilmente, mas qual seria a vantagem disso, se Magnus simplesmente as tiraria de suas mãos? Seus olhos se estreitaram; os lábios sorriram.

— Isso ainda não acabou — falou Karn, e ao mesmo tempo olhou para o outro lado do pátio, diretamente para Emma. *Isso não acabou entre nós.*

Em seguida, ele desapareceu, e os Cavaleiros restantes o seguiram. Em um instante, estavam lá; no outro, tinham ido embora, deixando de existir como estrelas sumindo do céu. As espadas bateram no chão com o retinido alto de metal contra pedra.

— Olha só! — murmurou Kit. — Espadas grátis.

Magnus soltou um grunhido baixinho e cambaleou para trás; Dru o segurou, com preocupação nos olhos arregalados.

— Entrem agora. Todos vocês.

Eles fizeram um esforço para obedecer, quem saíra ileso parou para ajudar os feridos, embora nenhum dos ferimentos fosse grave. Emma encontrou Julian sem nem precisar olhar para ele — seus sentidos *parabatai* ainda zumbiam, a consciência interior do corpo dela sabendo que Jules havia se cortado e precisaria de cura. Ela passou o braço em torno dele da maneira mais delicada possível, e ele se encolheu. Seus olhares se encontraram e ela soube que ele pressentia seu machucado, o corte no alto do ombro.

Emma queria abraçá-lo, limpar o sangue do rosto, beijar suas pálpebras cerradas. Mas sabia o que isso ia parecer. Ela se conteve, com um controle que doía ainda mais do que o ferimento.

Julian apertou as mãos dela e se afastou, relutante.

— Eu tenho que ir atrás de Annabel — disse Julian em voz baixa.

Emma se assustou. Ela quase tinha se esquecido de Annabel, que ainda estava ali, no meio do pátio, com o *Volume Preto* abraçado ao peito. Os outros estavam parados em volta dela, sem saber o que fazer — era evidente que, depois de terem passado todo o tempo procurando por Annabel, ninguém imaginara que ela iria até eles.

Julian também parou antes de alcançá-la, hesitando, decidindo como quebrar o silêncio. Perto dele, Ty estava de pé entre Livvy e Kit, e todos fitavam Annabel como se ela fosse uma aparição e realmente não estivesse lá.

— Annabel. — Era Magnus. Ele cambaleara, descendo os degraus até o último; agora a mão estava leve sobre o ombro de Dru, embora houvesse

olheiras de cansaço abaixo de seus olhos. Ele parecia triste, aquele tipo de tristeza infinita que nascia de uma época, de uma vida, que Emma sequer poderia imaginar. — Ah, Annabel. Por que você veio até aqui?

Annabel tirou o pedaço de papel dobrado de dentro do *Volume Preto*.

— Eu recebi uma carta — falou, com uma voz tão suave que mal se ouvia. — De Tiberius Blackthorn.

Só Kit não pareceu surpreso. Ele pôs a mão no braço de Ty enquanto o outro menino examinava o chão furiosamente.

— Havia alguma coisa nela — afirmou Annabel. — Eu tinha pensado que a mão do mundo se virara contra mim, mas, ao ler a carta, imaginei que houvesse uma chance de não ser assim. — Ela empinou o queixo no gesto característico e desafiador dos Blackthorn, que sempre partia o coração de Emma. — Eu vim falar com Julian Blackthorn sobre o *Volume Preto dos Mortos*.

— Tem uma pessoa morta-viva em nossa biblioteca — disse Livvy. Ela estava sentada numa das camas compridas da enfermaria. Todos tinham se reunido lá; todos, menos Magnus, que se fechara na biblioteca com Annabel. Eles recebiam Marcas, medicamentos e eram limpos. Havia uma pequena pilha crescente de panos ensanguentados sobre o balcão.

Ty estava na mesma cama que Livvy, com as costas apoiadas na cabeceira. Como sempre depois de uma batalha, notara Emma, ele se recolhia um pouco, como se precisasse se recuperar do barulho e do choque. Ty torcia alguma coisa entre os dedos em movimentos rítmicos regulares, embora Emma não pudesse ver o que era.

— Não é a nossa biblioteca — falou ele. — É de Evelyn.

— Ainda assim, é estranho — retrucou Livvy. Nem ela nem Ty se machucaram no combate, mas Kit se ferira e ela estava terminando um *iratze* nas costas dele. — Pronto — disse, dando um tapinha em seu ombro, e ele vestiu a camiseta, retraindo-se.

— Ela não é uma morta-viva, não exatamente — afirmou Julian. Emma lhe dera um *iratze*, mas parte dela sentira medo de desenhar símbolos nele, então ela parara e, em vez disso, enfaixara o ferimento. Ele tinha um longo corte que ia até o braço, e, mesmo depois de ter vestido a camisa, as ataduras eram visíveis através do tecido. — Ela não é um zumbi, nem um fantasma.

Um dos copos de água sobre a mesinha de cabeceira caiu com uma pancada.

— Jessamine não gostou disso — falou Kit.

Cristina riu. Ela também não estava machucada, mas segurava o pingente no pescoço enquanto observava Mark cuidar dos ferimentos de Kieran. Caçadores

se curavam rápido, Emma sabia, mas também se machucavam facilmente, ao que parecia. Um mapa preto-azulado se espalhava pelas costas e ombros dele, e uma das maçãs do rosto estava escurecendo. Segurando um pano que Cristina tinha umedecido para ele, Mark limpava o sangue delicadamente.

A flecha de elfo brilhou no pescoço de Mark. Emma não sabia exatamente o que estava acontecendo entre Mark, Kieran e Cristina — Cristina fora excepcionalmente relutante em explicar —, mas sabia que Kieran tinha entendido a verdade sobre a relação dele e de Mark. Ainda assim, Kieran não pedira a flecha de elfo de volta, então já era alguma coisa.

Ela percebeu, com um pequeno sobressalto de surpresa, que torcia para as coisas se ajeitarem entre eles. Torcia que não fosse deslealdade para com Cristina. Mas não sentia raiva de Kieran mais — ele podia ter cometido um erro, mas já pagara por ele muitas vezes desde então.

— Onde Jessamine estava mais cedo? — perguntou Julian. — Ela não devia proteger o Instituto?

Outro copo quebrado.

— Ela disse que não pode sair do Instituto, que só pode proteger seu interior — Kit fez uma pausa. — Não sei se deveria repetir o restante do que ela disse. — Depois de um momento, ele sorriu. — Obrigado, Jessamine.

— O que foi que ela disse? — questionou Livvy, pegando a estela.

— Que sou um verdadeiro Herondale — respondeu Kit. Ele franziu a testa. — O que o cara metálico disse para mim quando falei meu nome? Ele falou em idioma das fadas?

— Curiosamente, era latim — afirmou Julian. — Um insulto. Uma coisa que Marco Antônio disse a César, “você, menino, que tudo deve a um nome”. Ele estava dizendo que o outro nunca teria sido alguma coisa se não tivesse sido César.

Kit pareceu irritado.

— Eu sou um Herondale há umas três semanas — falou. — E nem sei ao certo o que consegui com isso.

— Não preste muita atenção ao que as fadas dizem — retrucou Kieran. — Elas vão irritar você do jeito que puderem.

— E isso inclui você? — perguntou Cristina, com um sorriso.

— Claro — respondeu Kieran, sorrindo também, mas bem de leve.

A amizade deles era a mais esquisita que Emma já vira, pensou ela.

— Estamos nos desviando do assunto — falou Livvy. — *Annabel Blackthorn* está em nossa biblioteca. Isso é estranho, não é? Alguém mais acha estranho?

— Por que isso é mais estranho do que vampiros? — indagou Ty, visivelmente perplexo. — Ou licantropes?



— Bem, claro que você não pensaria isso — disse Kit. — Foi você quem falou para ela vir.

— Sim, sobre isso — começou Julian. — Há alguma razão em especial para você não ter contado a nenhum de nós...

Ty foi salvo do castigo do irmão quando a porta da enfermaria foi aberta. Era Magnus. Emma não gostou nada da aparência dele: ele parecia sinistramente pálido, com olheiras, movimentos rígidos, como se estivesse cheio de hematomas. Sua boca era uma linha comprimida.

— Julian — chamou ele —, se você puder me acompanhar.

— Para quê? — perguntou Emma.

— Eu tentei conversar com Annabel — respondeu Magnus. — Pensei que ela poderia estar disposta a se abrir com alguém que não fosse um Caçador de Sombras, se tivesse a opção, mas ela é teimosa. É educada, mas diz que só falará com Julian.

— Ela não se lembra de você? — questionou Julian, levantando-se.

— Ela se lembra de mim — falou Magnus. — Mas como amigo de Malcolm. E ela não é a maior fã dele atualmente.

*Ingrata*, Emma se lembrou do que Kieran dissera. Mas ele estava em silêncio agora, abotoando outra vez a camisa rasgada, os olhos machucados baixos.

— Por que ela não quer falar com Ty? — perguntou Livvy. — Foi ele quem mandou a mensagem.

Magnus deu de ombros como se dissesse *Eu não sei*.

— Muito bem, já volto — disse Julian. — Estamos indo para Idris assim que for possível; pessoal, peguem qualquer coisa que possam precisar levar com vocês.

— A reunião do Conselho é hoje à tarde — falou Magnus. — Terei força para criar um Portal daqui a algumas horas. Esta noite vamos dormir em Alicante.

Ele parecia aliviado com isso. O feiticeiro e Julian foram para o corredor. Emma pretendia ficar para trás, mas não conseguiu — saiu correndo atrás deles antes que a porta se fechasse.

— Jules — falou Emma. Ele já estava seguindo pelo corredor com Magnus; ao ouvir a voz dela, ambos se viraram.

Ela não poderia ter feito isso na enfermaria, mas era só Magnus, e ele já sabia. Emma foi até Julian e passou os braços em volta dele.

— Tome *cuidado* — falou. — Ela já nos mandou para uma armadilha naquela igreja. Isso poderia ser uma armadilha também.

— Eu estarei lá, bem à porta da biblioteca — afirmou Magnus, desanimado. — Estarei pronto para intervir. Mas, Julian, em nenhuma circunstância você

deve tentar tomar o *Volume Preto* dela, mesmo que ela não o esteja segurando. Está preso a Annabel com uma magia muito poderosa.

Julian fez que sim com a cabeça, e Magnus desapareceu pelo corredor, deixando-os a sós. Por longos momentos, eles ficaram abraçados em silêncio, deixando a ansiedade se dissipar: o temor pelo outro no combate, o medo pelas crianças, a preocupação com o que iria acontecer em Alicante. Julian estava quente e sólido nos braços de Emma, com a mão traçando uma linha suave em suas costas. Ele tinha cheiro de cravo, como sempre, além de antisséptico e bandagens. Emma sentiu o queixo dele cutucar seu cabelo enquanto os dedos desenhavam pelas costas da camiseta.

N-Ã-O-S-E-P-R-E-O-C-U-P-E.

— Claro que estou preocupada — disse Emma. — Você viu o que ela fez com Etarlam. Você acha que pode convencê-la a simplesmente lhe dar o livro?

— Eu não sei — falou Julian. — Saberei quando conversar com ela.

— Annabel tem mentido tanto — retrucou Emma. — Não prometa nada que não possamos cumprir.

Julian beijou a testa dela. Seus lábios roçando na pele de Emma, sua voz tão baixinha que ninguém que não o conhecesse tão bem quanto ela compreenderia.

— Vou fazer o que tiver que fazer — afirmou.

Ela sabia que Julian falava a sério. Não havia mais nada a dizer; ela ficou observando-o, com olhos preocupados, seguir pelo corredor, em direção à biblioteca.

\*\*\*

Kit estava em seu quarto arrumando os escassos pertences quando Livvy entrou. Ela havia se arrumado para a viagem a Idris, uma saia comprida preta e uma blusa branca de gola arredondada. Seu cabelo estava solto.

Ela olhou para Ty, sentado na cama de Kit. Eles estavam conversando sobre Idris e o que Ty se lembrava do lugar. “Não é como qualquer lugar”, dissera ele a Kit, “mas, quando você chegar lá, vai se sentir como se já tivesse estado lá”.

— Ty-Ty — chamou Livvy. — Bridget falou que você pode pegar um dos livros antigos de Sherlock Holmes da biblioteca e *ficar* com ele.

O rosto de Ty se iluminou.

— Qual deles?

— O que você quiser. Você escolhe. Só se apresse; vamos assim que pudermos, foi o que Magnus disse.

Ty correu para a porta, pareceu se lembrar de Kit e girou outra vez.

— Podemos conversar mais tarde — falou, e disparou pelo corredor.

— Só um livro. *Um!* — gritou Livvy atrás dele com uma risada. — Ai! — Ela esticou a mão para mexer em alguma coisa em sua nuca, e franziu o rosto, irritada. — Meu colar ficou preso no cabelo...

Kit esticou a mão para soltar a fina corrente de ouro. Um medalhão pendia dela, beijando a curvatura da garganta. Ao se aproximar, ele sentiu cheiro de flor de laranjeira.

Os rostos deles estavam muito perto um do outro, e a curva pálida da boca de Livvy, próxima à dele. Os lábios dela eram rosa-claros. A confusão se agitou em Kit.

Mas foi Livvy quem balançou a cabeça.

— Não devíamos, Kit. Sem beijos. Quero dizer, nós só fizemos isso uma vez, de qualquer forma. Mas não acho que seja assim que a gente deva ficar.

O colar se soltou. Kit recuou as mãos rapidamente, confuso.

— Por quê? — perguntou ele. — Eu fiz alguma coisa errada?

— Nem um pouco. — Ela olhou para ele por um momento, com olhos sábios e pensativos; havia uma felicidade branda em Livvy que atraía Kit, mas não romanticamente. Ela estava certa, e Kit sabia. — Está tudo bem. Ty até disse que acha que nós devíamos ser *parabatai*, depois que tudo se resolver. — O rosto dela se iluminou. — Espero que você vá à cerimônia. E você sempre será meu amigo, certo?

— Claro — falou ele, e somente depois parou para pensar que ela havia falado *meu amigo* e não *nosso amigo*, dela e de Ty. Neste momento, Kit estava apenas aliviado por não estar magoado ou chateado com a decisão dela. Em vez disso, sentia uma expectativa agradável de passar pela reunião do Conselho e ir para casa, de volta a Los Angeles, onde poderia começar seu treinamento com a ajuda dos gêmeos nas partes difíceis. — Sempre amigos.

Julian sentiu uma pontada de apreensão no estômago ao entrar na biblioteca. Parte dele meio que esperava que Annabel tivesse desaparecido ou que estivesse flutuando ao redor das pilhas de livros como um fantasma de cabelos compridos num filme de terror. Certa vez, ele havia visto um filme no qual o fantasma de uma garota rastejava para fora de um poço, com o rosto pálido escondido atrás de uma bagunça de cabelos escuros e úmidos. A lembrança lhe dava calafrios mesmo agora.

A biblioteca estava bem iluminada por fileiras de luminárias verdes. Annabel estava sentada à mesa mais comprida, com o *Volume Preto* diante dela, as mãos entrelaçadas no colo. Os cabelos eram compridos e escuros, e escondiam parte

do rosto, mas não estavam úmidos e não existia nada evidentemente estranho. Ela parecia... comum.

Julian se sentou diante de Annabel. Magnus devia ter trazido alguma coisa para ela vestir do depósito: ela usava um vestido simples azul, um pouco curto nas mangas. Jules imaginava que Annabel tivesse mais ou menos 19 anos quando morreu, vinte, talvez.

— Foi um truque e tanto aquele que você fez — falou ele — com o bilhete na igreja. E o demônio.

— Eu não imaginava que você fosse incendiar a igreja. — O sotaque acentuado estava no fundo de sua voz, a estranheza de um modo de falar há muito antiquado. — Você me surpreendeu.

— E você me surpreendeu, vindo aqui — falou Julian. — E dizendo que só falaria comigo. Você nem mesmo gosta de mim, eu acho.

— Eu vim por causa disto. — Ela retirou o papel dobrado do livro e o estendeu a Julian. Seus dedos eram compridos, as juntas estranhamente disformes. Julian se deu conta de que, mais uma vez, estava procurando evidências de que os dedos dela tinham sido quebrados, mais de uma vez, e que os ossos acabaram cicatrizando fora do lugar. Os restos visíveis de tortura. Ele se sentiu um pouco enjoado ao pegar a carta e abrir.

*Para: Annabel Blackthorn*

*Annabel,*

*Talvez você não me conheça, mas nós somos parentes. Meu nome é Tiberius Blackthorn.*

*Minha família e eu estamos procurando pelo Volume Preto dos Mortos. Nós sabemos que você está com ele, porque meu irmão Julian viu você tirá-lo de Malcolm Fade.*

*Não estou culpando você. Malcolm Fade não é nosso amigo.*

*Ele tentou machucar nossa família, até destruir, se pudesse. Ele é um monstro. Mas a questão é que nós precisamos do livro agora. Precisamos dele para salvar nossa família. Nós somos uma boa família. Você ia gostar, se nos conhecesse. Tem eu — eu vou ser detetive. Tem Livvy, minha gêmea, que sabe lutar com espada; Drusilla, que adora coisas assustadoras; e Tavvy, que adora que leiam histórias para ele. Tem Mark, que é parte fada. Ele é um cozinheiro excelente. Tem Helen, que foi exilada para guardar as barreiras de proteção, mas não porque tenha feito alguma coisa errada. E tem Emma, que não é uma Blackthorn, mas é como se fosse nossa irmã postiça.*

*E tem Jules. Talvez você goste mais dele. É ele que toma conta de todos nós. Ele é a razão de estarmos todos bem e ainda juntos. Não acho que ele saiba que a gente sabe, mas a gente sabe. Às vezes, ele pode nos dizer o que fazer ou para não ouvir, mas ele faria qualquer coisa por nós. As pessoas dizem que não temos sorte porque não temos pais. Mas acho que elas é que não têm sorte por não terem um irmão como o meu.*

Julian teve que parar de ler. A pressão no fundo de seus olhos crescera a uma intensidade arrasadora. Ele queria abaixar a cabeça sobre a mesa e começar a

derramar lágrimas pouco viris e dignas — pelo menino que ele tinha sido aos 12 anos de idade, medroso e apavorado, cuidando dos irmãos e irmãs menores e pensando: *Eles são meus agora*.

Por eles, por sua fé neles, pela expectativa de que o amor dele fosse se provar incondicional, de que ele não precisaria ouvir que também era amado porque claro que era. Ty pensou nisso e provavelmente pensou que era óbvio. Mas ele mesmo jamais imaginara.

Ele se obrigou a ficar em silêncio e a manter o rosto inexpressivo. Pousou a carta na mesa para que o tremor da mão se tornasse menos visível. Faltava pouco para acabar.

*Não pense que estou pedindo para você fazer um favor sem receber nada em troca. Julian pode ajudar você. Ele pode ajudar qualquer pessoa. Não é possível que você queira ficar correndo e se escondendo. Eu sei o que aconteceu a você, o que a Clave e o Conselho fizeram. As coisas agora são diferentes. Deixe a gente explicar. Deixe a gente mostrar que você não tem que ser exilada, nem ficar sozinha. Você não tem que nos dar o livro. Nós só queremos ajuda.*

*Estamos no Instituto de Londres. Sempre que você quiser vir, será bem-vinda.*

*Atenciosamente,*

*Tiberius Nero Blackthorn*

— Como ele sabe o que aconteceu comigo? — Annabel não parecia aborrecida, somente curiosa. — O que o Inquisidor e os outros fizeram comigo?

Julian ficou de pé e cruzou o cômodo até a estante onde o cristal de *alétheia* estava pousado. Ele o trouxe de volta e o entregou a ela.

— Ty encontrou isto na Casa dos Blackthorn — explicou. — Aqui estão as lembranças de alguns dos seus... julgamentos... na câmara do Conselho.

Annabel ergueu o cristal até o nível dos olhos. Julian nunca vira a expressão de alguém olhando para um cristal de *alétheia*. Os olhos dela se arregalaram, indo de um lado a outro enquanto observava a cena diante dela. As bochechas coraram, os lábios tremeram. A mão dela começou a estremecer incontrolavelmente e ela jogou o cristal para longe; ele bateu na mesa, fazendo um entalhe na madeira, sem quebrar.

— Ah, Deus, não há misericórdia? — falou ela com a voz vazia. — Será que nunca haverá misericórdia ou esquecimento?

— Não enquanto houver injustiça. — O coração de Julian batia com força, mas ele sabia que não dava sinais de sua agitação. — Sempre vai doer enquanto eles não pagarem pelo que fizeram a você.

Ela ergueu os olhos para o menino.

— O que é que você quer dizer?

— Venha comigo para Idris — falou Julian. — Testemunhe diante do

Conselho. E vou fazer o possível para que você tenha justiça.

Ela ficou pálida e oscilou levemente. Julian esticou a mão para ela e parou; talvez ela não quisesse ser tocada.

E parte dele também não queria tocá-la. Julian a vira quando ela era um esqueleto, unificada por uma frágil teia de tendões e pele amarelada. Ela parecia real, sólida e viva agora, mas Julian não conseguia evitar a sensação de que sua mão atravessaria a pele e chegaria aos ossos esfarelados embaixo.

Ele retirou a mão.

— Você não pode me oferecer justiça — falou. — Você não pode me oferecer nada que eu queira.

Julian sentiu tudo esfriar, mas não conseguia negar a agitação faiscando por suas terminações nervosas. De repente, ele viu o plano diante de si, a estratégia, e a agitação anulou até mesmo a frieza do fio da navalha sobre o qual ele caminhava.

— Eu nunca disse a ninguém que você estava na Cornualha — afirmou. — Mesmo depois da igreja. Eu guardei seu segredo. Pode confiar em mim.

Ela o encarou com olhos arregalados. É por isso que ele fizera aquilo, pensou Julian. Tinha guardado a informação para si como uma possível vantagem, mesmo quando não soubera ao certo se um dia haveria um momento no qual ele pudesse fazer uso dela. A voz de Emma sussurrou em sua mente.

*Julian, você me assusta um pouco.*

— Eu quero mostrar uma coisa a você — falou Julian, retirando do casaco um papel enrolado. Ele o entregou a Annabel, do outro lado da mesa.

Era um desenho que Julian fizera de Emma, em Chapel Cliff, o mar quebrando aos pés dela. Ele tinha gostado do modo como havia capturado a expressão melancólica no rosto dela, o mar denso como tinta lá embaixo, o sol fraco, cinza e dourado, em seus cabelos.

— Emma Carstairs, minha *parabatai* — declarou Julian.

Annabel ergueu os olhos sérios.

— Malcolm falava dela. Dizia que era teimosa. Ele falava de todos vocês. Malcolm tinha medo de você.

Julian estava espantado.

— Por quê?

— Ele dizia o mesmo que Tiberius. Dizia que você faria qualquer coisa por sua família.

*Você tem um coração cruel.* Julian afastou as palavras que Kieran lhe dissera. Ele não podia se distrair. Era importante demais.

— O que mais você pode dizer deste desenho? — perguntou ele.

— Que você a ama — respondeu Annabel. — Com toda a sua alma.

Não havia nenhum tipo de desconfiança no olhar dela; *parabatai* deviam amar uns aos outros. Julian poderia ver o prêmio, a solução. O testemunho de Kieran era uma peça do quebra-cabeça. Isso os ajudaria. Mas a Tropa rejeitaria qualquer aliança com as fadas. Annabel era a chave para destruir a Tropa e garantir a segurança dos Blackthorn. Julian podia ver a imagem de sua família a salvo, com Aline e Helen de volta, diante dele como uma cidade cintilante sobre uma colina. Ele seguia até ela, sem pensar em mais nada.

— Eu vi seus desenhos e pinturas — disse ele. — A partir deles, dava para dizer o que você amava.

— Malcolm? — perguntou ela, com as sobrancelhas erguidas. — Mas isso foi há muito tempo.

— Não Malcolm. A mansão Blackthorn. Em Idris. Onde você morava quando era criança. Todos os seus desenhos dela estão vivos. Como se você pudesse vê-la em sua mente. Tocá-la. Estar lá em seu coração.

Ela pôs o desenho sobre a mesa. Ficou em silêncio.

— Você pode ter isso de volta — falou. — A casa, tudo. Eu sei por que você fugiu. Você achava que, se a Clave pegasse você, eles a castigariam e machucariam outra vez. Mas prometo que isso não vai acontecer. Eles não são perfeitos, estão longe disso, mas são uma nova Clave e um novo Conselho. Há seres do Submundo no nosso Conselho.

Os olhos dela se arregalaram.

— Magnus disse isso, mas eu não acreditei.

— É verdade. E o casamento entre um ser do Submundo e um Caçador de Sombras não é ilegal mais. Se nós a levarmos diante da Clave, eles não apenas não machucarão você, eles vão reintegrá-la. Você será uma Caçadora de Sombras outra vez. Você poderia morar na mansão Blackthorn. Nós a daríamos a você.

— Por quê? — Ela ficou de pé e começou a passear. — Por que fariam tudo isso por mim? Pelo livro? Porque eu não vou dá-lo a você.

— Porque você precisa ficar diante do Conselho e dizer que matou Malcolm — falou ele. Ela havia deixado o *Volume Preto* sobre a mesa, à frente dele. E ainda caminhava sem olhar para ele. Lembrando-se da advertência de Magnus (*em nenhuma circunstância você deve tentar tomar o Volume Preto dela, mesmo que ela não o esteja segurando*), Julian o abriu cautelosamente, deu uma olhada em uma página com letras pequenas e ilegíveis. Uma ideia começava a crescer em sua mente, como uma flor cautelosa. Ele enfiou a mão no bolso.

— Que eu matei Malcolm? — Ela girou e o encarou. Ele tinha sacado o celular do bolso, mas desconfiava que aquilo nada significasse para ela, provavelmente ela já havia visto mundanos andando com telefones celulares,

mas jamais pensaria neles como uma câmara. Na verdade, uma câmara nada significaria para ela.

— Sim — falou. — Pode acreditar, você será recebida como heroína.

Ela recomeçara a andar. Os ombros de Julian doíam. A posição na qual ele estava, as mãos ocupadas e inclinado para a frente, era estranha. Mas se isso funcionasse, compensaria a dor.

— Tem uma pessoa que está mentindo — disse ele. — Levando o crédito pela morte de Malcolm. Ela está fazendo isso para poder controlar um Instituto. O *nosso* Instituto. — Ele respirou fundo. — O nome dela é Zara Dearborn.

O nome eletrificou Annabel, conforme ele suspeitava que faria.

— Dearborn — sussurrou ela.

— O Inquisidor que torturou você — falou Julian. — Os descendentes dele não são melhores. Todos eles estão lá agora, levando seus cartazes, intimidando os seres do Submundo, intimidando quem se coloca contra a Clave. Eles trariam uma escuridão terrível sobre nós. Mas você pode provar que são mentirosos. Desacreditá-los.

— Sem dúvida, você poderia contar-lhes a verdade...

— Não sem revelar como eu sei. Eu vi você matando Malcolm no cristal da vidência da Rainha Seelie. Estou contando isso porque estou desesperado; se você ouviu Malcolm falando da Paz Fria, deve saber que o contato com as fadas é proibido. O que eu fiz seria considerado traição. Eu aceitaria o castigo por isso, mas...

— Seus irmãos e irmãs não suportariam — completou ela por ele. Annabel se virou justamente quando ele se afastava do livro. Os olhos dela se pareciam mais com os de Livvy ou de Dru? Eram verde-azulados e infinitos. — Eu vejo que as coisas não mudaram muito. A Lei ainda é dura e ainda é a Lei.

Julian notava o ódio na voz dela e sabia que agora ela estava sob seu controle.

— Mas a Lei pode ser contornada. — Ele se inclinou sobre a mesa. — Nós podemos enganá-los. E intimidá-los. Forçá-los a encarar suas mentiras. Os Dearborn vão pagar. Estarão todos lá: a Consulesa, o Inquisidor, todos que herdaram o poder que foi deturpado quando eles machucaram você.

Os olhos dela brilharam.

— Você vai fazê-los reconhecer isso? O que fizeram?

— Sim.

— E em troca...?

— O seu testemunho — respondeu ele. — Isso é tudo.

— Você quer que eu o acompanhe até Idris? Que fique diante da Clave e do Conselho, e do Inquisidor, como fiz antes?

Julian assentiu.



— E se eles me chamarem de louca, se declararem que estou mentindo ou sob pressão de Malcolm, você vai me defender? Vai insistir que estou sã?

— Magnus estará com você a cada etapa do caminho — falou Julian. — Ele pode ficar ao seu lado no estrado. Pode protegê-la. Ele é o representante dos feiticeiros no Conselho, e você sabe o quanto ele é poderoso. Você pode confiar nele, mesmo que não confie em mim.

Não era uma resposta de verdade, mas ela a aceitou. Julian sabia que ela aceitaria.

— Eu confio em você — afirmou, admirada. Então se aproximou e pegou o *Volume Preto*, abraçando-o contra o peito. — Por causa da carta do seu irmão. Era sincera. Eu não tinha imaginado um Blackthorn honesto antes. Mas senti a verdade no modo como ele te ama. Você deve ser digno de tal amor e confiança, para tê-lo inspirado em alguém tão verdadeiro. — Os olhos dela estavam fixos nele. — Eu sei o que você quer. Do que precisa. E, ainda assim, agora que vim até você, você não o pediu nem sequer uma vez. Isso deve significar alguma coisa. Embora tenha falhado no meu julgamento, agora eu entendo. Você estava agindo pela sua família. — Ele a notou engolindo em seco, os músculos se movimentando no pescoço fino, cheio de cicatrizes. — Você jura que, se eu lhe der o *Volume Preto*, vai mantê-lo escondido do Senhor das Sombras? Vai usá-lo apenas para ajudar sua família?

— Juro pelo Anjo — falou Julian. Ele conhecia o poder de um juramento pelo Anjo, e Annabel também saberia. Mas ele falava apenas a verdade, afinal de contas.

Seu coração martelava com pancadas rápidas e poderosas. Ele estava ofuscado pela luz do que poderia imaginar, do que a Rainha poderia fazer para eles se ele entregasse o *Volume Preto* a ela: *Helen, Helen poderia voltar para casa, e Aline, e a Paz Fria poderia acabar.*

*E a Rainha sabe. Ela sabe...*

Ele controlou o pensamento. Podia ouvir a voz de Emma, um murmúrio no fundo de sua mente. Um aviso. Mas Emma era boa em seu coração: sincera, objetiva, péssima mentirosa. Ela não compreendia a brutalidade da necessidade. A incondicionalidade do que ele faria por sua família. Não havia fim para sua profundidade e extensão. Era total.

— Muito bem — falou Annabel. Sua voz era forte, enérgica. Ele podia ouvir os penhascos inquebrantáveis da Cornualha no sotaque dela. — Eu vou com você até a Cidade de Vidro e falarei perante o Conselho. E, se eu tiver meu reconhecimento, então o *Volume Preto* será seu.

## 29

### Ultima Thule

O sol brilhava em Alicante.

Na primeira vez em que Emma fora a Idris, tinha sido em pleno inverno, frio como a morte, e havia morte por todos os lados: seus pais tinham acabado de ser assassinados e a Guerra Maligna arrasara a cidade. Eles não puderam enterrar com rapidez suficiente os corpos dos Caçadores de Sombras mortos nas ruas, e os cadáveres foram sendo empilhados no Salão como brinquedos jogados fora.

— Emma. — Julian caminhava pelo longo corredor do Gard, cheio de portas, cada uma levando ao escritório de uma autoridade diferente. Alternando-se entre as portas, existiam janelas que deixavam passar a luz forte do fim do verão, e tapeçarias que representavam eventos marcantes na história dos Caçadores de Sombras. A maioria tinha pequenas etiquetas de tecido no topo, contendo sua descrição: A BATALHA DO DIQUE, A ÚLTIMA BATALHA DE VALENTIM, O COMPROMISSO DE PARIS, O LEVANTE. — Você se lembra...?

Emma se lembrava. Eles tinham ficado de pé neste exato local, cinco anos antes, ouvindo Lucian Graymark e Jia Penhallow discutindo o exílio de Mark e Helen, antes de Emma irromper e começar a berrar com eles. Fora uma das poucas vezes em que ela vira Julian perder o controle. Ainda ouvia a voz dele em sua mente, mesmo agora. *Você prometeu que a Clave jamais abandonaria Mark enquanto ele estivesse vivo, você prometeu!*

— Como se eu pudesse esquecer — falou ela. — Foi aqui que dissemos à Consulesa que queríamos ser *parabatai*.

Julian tocou a mão de Emma. Foi apenas um roçar de dedos; ambos sabiam que alguém poderia aparecer a qualquer momento.

A viagem a Alicante tinha sido difícil; Magnus conseguira criar o Portal, embora isso parecesse ter tirado o restante de sua energia de um modo que

deixara Emma apavorada. Quando o redemoinho familiar de luzes se formara, o feiticeiro estava de joelhos, e foi preciso se apoiar em Mark e Julian para se erguer.

Ainda assim, ele dispensara todas as preocupações e informara que eles precisavam passar rapidamente pelo Portal. Idris possuía barreiras de proteção, e a viagem via Portal era uma questão complexa, pois alguém tinha que estar do outro lado para recebê-los. Agora era duplamente complexa porque Kieran estava com eles e, embora Jia tivesse dispensado temporariamente as proteções antifadas no Gard, a janela para uma viagem segura era um tanto curta.

E ainda por cima o Portal deixara Annabel em pânico.

Ela nunca tinha visto um antes e, apesar de tudo o que havia passado, apesar da terrível magia que vira Malcolm infligir, a visão do redemoinho de caos no interior da abertura a fez gritar.

No fim, depois que todos os Caçadores de Sombras entraram no Portal, ela foi com Magnus, apertando o *Volume Preto* nas mãos, o rosto escondido no ombro do feiticeiro.

Só para chegar ao outro lado e estar confrontando uma multidão de membros do Conselho e a Consulesa em pessoa. Jia empalidecera ao ver Annabel e falou, com a voz admirada:

— É ela mesmo?

Magnus encarara a Consulesa por um momento.

— Sim — respondeu com firmeza. — É. É *ela*.

Ouviu-se um balbucio de perguntas. Emma não podia culpar os membros do Conselho. Umas poucas perguntas foram feitas a Julian quando ele saía da biblioteca, dizendo a Magnus e Emma, que o aguardavam, que Annabel iria com eles para Idris.

Enquanto ele delineava seu plano, Emma dera uma olhada na expressão de Magnus. O feiticeiro vinha fitando Julian com uma mistura de espanto, respeito e algo semelhante a um leve horror.

Mas provavelmente era mera surpresa. Afinal, Magnus parecera suficientemente otimista e de imediato começara a enviar uma mensagem de fogo a Jia, avisando-a sobre o que esperar.

Emma tinha puxado Julian para o lado enquanto partículas azuis saíam dos dedos do feiticeiro.

— E quanto ao livro? — sussurrara. — E quanto à Rainha?

Os olhos de Julian brilharam.

— Se isso funcionar, Annabel nos dará o *Volume Preto* — retrucara ele também aos sussurros, fitando a porta da biblioteca como se Annabel, atrás dela, fosse a resposta a todas as suas orações. — E se não funcionar... eu tenho um

plano para isso também.

No entanto, Emma não tivera a chance de perguntar qual era o plano: Annabel saiu da biblioteca, assustada e tímida. E parecia ainda mais assustada agora que o tumulto irrompia a sua volta: Kieran atraiu um pouco da atenção ao se apresentar como representante da Rainha Seelie, enviado para falar em nome da Corte Seelie ao Conselho dos Caçadores de Sombras. Ele era esperado, mas conversas agitadas pipocaram mesmo assim.

— Ergam novamente as barreiras — falou a Consulesa, inclinando a cabeça para Kieran. Sua expressão era educada, mas a mensagem era clara: embora Kieran estivesse ali para ajudar, todas as fadas de puro sangue continuariam a ser tratadas com extrema desconfiança pela Clave.

Mark e Cristina foram para o lado de Kieran, de modo protetor, enquanto Magnus conversava baixinho com a Consulesa. Após um momento, ela assentiu e apontou para Emma e Julian.

— Se vocês querem conversar com Robert, vão em frente — falou ela. — Mas sejam breves... a reunião é daqui a pouco.

Quando se dirigiu aos escritórios do Gard junto a Julian, Emma não se surpreendeu ao ver que Livvy, Ty, Kit e Dru ladeavam Annabel de modo protetor. Ty, sobretudo, erguia o queixo, as mãos em punhos. Emma se perguntou se ele se sentia responsável por Annabel por causa da carta que a trouxera até eles, ou se ele sentia algum tipo de afinidade com todos aqueles que eram vistos pela Clave como “fora da normalidade”.

Uma porta se abriu.

— Vocês podem entrar agora — autorizou um guarda. Era Manuel Villalobos, usando o uniforme de Centurião. O sobressalto de surpresa ao vê-los foi rapidamente disfarçado por um sorriso afetado. — Que prazer inesperado — falou ele.

— Não viemos vê-lo — disse Julian. — Embora seja bom saber que você está abrindo portas para o Inquisidor atualmente. Ele está?

— Deixe-os entrar, Centurião — chamou Robert, e foi toda a permissão da qual Emma precisava para empurrar Manuel e seguir pelo corredor. Julian a acompanhou.

O pequeno corredor terminava no escritório do Inquisidor. Ele estava sentado à mesa, praticamente o mesmo desde a última vez que Emma o vira no Instituto de Los Angeles. Um homem grande, que só agora começava a exibir as marcas da idade — os ombros estavam um pouco curvados, os cabelos escuros densamente entrelaçados pelo cinza —, Robert Lightwood era uma figura imponente atrás da imensa mesa de mogno.

O cômodo praticamente não tinha mobília, além da mesa e de duas cadeiras.

Havia uma lareira apagada, e acima da cornija pendia uma das séries de tapeçarias exibidas no corredor lá fora. Esta se chamava A BATALHA DE BURREN. Vultos vestidos de vermelho com vultos de preto — Caçadores de Sombras e Crepusculares — e, acima da luta, podia-se ver um arqueiro de cabelos escuros, de pé num rochedo inclinado, segurando um arco e flecha. Para qualquer um que o conhecesse, estava bem nítido que era Alec Lightwood.

Emma se perguntava que pensamentos cruzavam a mente de Robert Lightwood ao sentar todos os dias em seu escritório e olhar para o retrato do filho, um herói de uma batalha agora famosa. Orgulho, sem dúvida, mas também devia existir algum tipo de admiração pelo fato de que ele criara essa pessoa — essas pessoas, na verdade, pois Isabelle Lightwood também se destacava no departamento do heroísmo — que se tornara tão feroz e incrível por si só.

Um dia Julian sentira esse orgulho, pensou ela, de Livvy, Ty, Tavvy e Dru. Mas os pais dela jamais tiveram uma chance de sentir isso. Emma nunca tivera uma oportunidade de deixá-los orgulhosos. Ela sentiu a onda familiar de amargura e ressentimento pressionando o peito.

Robert fez um gesto para que eles se sentassem.

— Ouvi dizer que vocês queriam falar comigo. Espero que isso não signifique algum tipo de distração.

— Distração do quê? — perguntou Emma, ajeitando-se na cadeira pouco confortável e antiquada.

— Do que quer que vocês estejam tramando. — Ele se recostou. — Então o que é?

O coração de Emma pareceu disparar. Será que isso era uma boa ideia ou uma ideia terrível? Era como se tudo nela a estivesse blindando contra esse momento, contra a ideia de que ela e Julian teriam que espalhar seus sentimentos sob os pés da Clave para que fossem pisoteados.

Ela observou Julian quando ele se inclinou para a frente e começou a contar. Julian parecia absolutamente calmo ao falar da amizade inicial entre eles, da afeição de um pelo outro, da decisão de ser *parabatai*, resultante da Guerra Maligna e da perda de seus pais. Fazia soar como uma decisão racional — como se não fosse culpa de alguém; quem poderia tê-los culpado, algum deles? A Guerra Maligna atingira a todos com perdas. Ninguém poderia ser culpado por negligenciar os detalhes. Por confundir seus sentimentos.

Os olhos de Robert Lightwood começaram a se arregalar. Ele ouvia em silêncio enquanto Julian falava dos sentimentos crescentes de um pelo outro. De como eles tinham se dado conta do que sentiam separadamente, de que lutaram em silêncio, confessaram suas emoções e aí finalmente decidiram buscar a ajuda do Inquisidor e até o exercício da Lei.

— Nós sabemos que infligimos a Lei — concluiu Julian —, mas não foi intencional nem estava sob o nosso controle. Tudo o que queremos é a sua ajuda.

Robert Lightwood ficou de pé. Emma via as torres de vidro pela janela, reluzindo como estandartes ardentes. Ela mal podia acreditar que naquela mesma manhã eles tinham combatido os Cavaleiros no pátio do Instituto de Londres.

— Ninguém nunca havia me perguntado se poderia ser exilado até agora — falou ele, finalmente.

— Mas você mesmo se exilou certa vez — retrucou Julian.

— Sim — concordou Robert. — Com minha mulher, Maryse, e Alec, quando ele era bebê. E por uma boa razão. O exílio é solitário. E para alguém tão jovem quanto Emma... — Ele os encarou. — Alguém mais sabe sobre vocês?

— Não. — A voz de Julian era calma e firme. Emma sabia que ele estava tentando proteger aqueles que supusessem ou acabassem sabendo sobre a relação... Mas aquilo a enervava de qualquer forma, o modo como ele conseguia soar tão absolutamente sincero quando estava mentindo.

— E você tem certeza? Não é só uma paixonite ou apenas... Sentimentos *parabatai* podem ser bem intensos. — Robert pareceu constrangido ao juntar as mãos atrás das costas. — É fácil confundi-los.

— Nós temos certeza absoluta do que é — afirmou Julian.

— A medida habitual seria a separação, não o exílio. — Robert olhou de um para o outro como se ainda não conseguisse acreditar no que estava diante dele. — Mas vocês não querem isso. Dá para ver. Vocês não teriam vindo até mim se achassem que eu poderia oferecer apenas as medidas tradicionais: separação, retirada das Marcas.

— Não podemos arriscar violar a Lei, bem como sofrer as punições que isso implica. — A voz de Julian ainda estava tranquila, mas Emma notava os nós dos dedos dele muito brancos de tanto apertar os braços da cadeira. — Minha família precisa de mim. Meus irmãos e irmãs ainda são pequenos e não têm os pais. Eu os criei e não posso abandoná-los. Isso está fora de cogitação. Mas Emma e eu não podemos confiar em nós mesmos para mantermos distância um do outro.

— Então vocês querem ser separados pela Clave — falou Robert. — Vocês querem exílio, mas não querem esperar para serem descobertos. Vocês vieram a mim para escolher qual de vocês vai embora e por quanto tempo, e qual a punição da Clave, dirigida por mim, será decidida.

— Sim — retrucou Julian.

— E, embora não estejam dizendo isso, acho que vocês desejam o que o exílio fará por vocês — disse Robert. — Ele vai enfraquecer o vínculo. Talvez vocês achem que assim será mais fácil deixar de amar um ao outro.

Nem Emma nem Julian falaram. Ele estava incomodamente perto da verdade.

Julian não tinha expressão; Emma tentava domar a sua para combinar com a dele. Robert tamborilava as pontas dos dedos.

— Nós só queremos poder ser *parabatai* normais — acrescentou Julian, finalmente, mas Emma podia captar as palavras implícitas sob as audíveis: *Nós nunca vamos desistir um do outro, nunca.*

— É um pedido e tanto. — Emma fez um esforço para ouvir raiva, reprovação ou desconfiança na voz do Inquisidor, mas o tom dele era neutro. Isso a assustou.

— Você teve um *parabatai* — falou ela, em desespero. — Não teve?

— Michael Wayland. — O tom de Robert era glacial. — Ele faleceu.

— Eu sinto muito. — Emma tinha conhecimento do fato, mas sua solidariedade era sincera. Ela conseguia imaginar poucas coisas mais terríveis do que a morte de Julian.

— Aposto que ele iria gostar que você nos ajudasse — afirmou Julian. Emma não fazia ideia se ele falava por conhecer Michael Wayland ou apenas por intuição, aquela capacidade muito peculiar de interpretar a expressão dos olhos alheios, de captar a verdade no modo como franziam a testa ou sorriam.

— Michael teria... sim — murmurou Robert. — Ele teria. Pelo Anjo. O exílio será um fardo pesado para Emma. Posso tentar limitar as condições da punição, mas você ainda perderá um pouco de seus poderes Nephilim. Você precisará de permissão para entrar em Alicante. Não poderá usar algumas Marcas. Lâminas serafim não acenderão para você.

— Eu tenho Cortana — falou Emma. — É tudo de que preciso.

Existia tristeza no sorriso de Robert.

— Se houver uma guerra, você não poderá lutar. Foi por isso que meu exílio foi suspenso. Porque Valentim retornou e a Guerra Mortal começou.

A expressão de Julian era tão rígida que suas bochechas pareciam se erguer como lâminas de faca.

— Não aceitaremos o exílio a menos que Emma possa manter alguns dos poderes Nephilim para ficar em segurança — falou. — Se ela se machucar por causa desse exílio...

— O exílio é ideia sua — afirmou Robert. — Vocês têm certeza de que serão capazes de se desapaixonar?

— Sim — mentiu Julian. — A separação seria o primeiro passo, de qualquer forma, não seria? Nós só estamos pedindo uma pequena segurança extra.

— Eu já ouvi coisas... — disse Robert. — A Lei contra a paixão entre *parabatai* existe por uma razão. Não sei qual, mas creio que é importante. Se eu achasse que vocês sabiam do que se trata... — Ele balançou a cabeça. — Mas vocês não devem saber. Eu poderia falar com os Irmãos do Silêncio...

Não, pensou Emma. Eles já tinham se arriscado muito, mas, se Robert soubesse da maldição, estariam em maus lençóis.

— Magnus disse que você nos ajudaria — falou ela, baixinho. — Disse que nós poderíamos confiar em você e que você compreenderia e manteria segredo.

Robert ergueu o olhar para a tapeçaria que pendia sobre a cornija. Para Alec. Ele tocou o anel Lightwood em seu dedo; um gesto provavelmente inconsciente.

— Eu confio em Magnus. E devo muita coisa a ele — acrescentou.

Seu olhar estava distante. Emma não sabia ao certo se ele estava pensando no passado ou refletindo sobre o futuro; ela e Julian ficaram sentados rigidamente enquanto ele pensava. Finalmente, falou:

— Muito bem. Deem-me uns dias... Vocês dois permanecerão em Alicante enquanto resolvo a questão da cerimônia de exílio, e devem ficar em casas separadas. Preciso ver a boa-fé de evitar um ao outro. Ficou claro?

Emma engoliu em seco. A cerimônia de exílio. Ela torcia para que Jem pudesse estar lá: eram os Irmãos do Silêncio que presidiam as cerimônias, e, muito embora Jem não fosse um deles mais, ele estivera em sua cerimônia de *parabatai* com Julian. Se ele pudesse estar presente, Emma se sentiria um pouco menos solitária.

Emma podia ver na expressão de Julian: ele parecia sentir o mesmo que ela, como se alívio e medo estivessem em guerra dentro dele.

— Obrigado — agradeceu ele.

— Obrigada, Inquisidor — ecoou ela, e Robert pareceu surpreso. Ela desconfiava que ninguém jamais lhe agradecera uma sentença de exílio.

\*\*\*

Cristina nunca tinha estado no Salão do Conselho do Gard antes. Era um cômodo em formato de ferradura, com fileiras de bancos indo até um estrado levemente elevado; um segundo andar no balcão incluía mais bancos e assentos, erguidos bem acima dos outros. Em cima do estrado, pendia um imenso relógio dourado, lindo, com delicados arabescos e uma frase em latim repetida ao longo da beirada, *ULTIMA THULE*. Atrás, havia uma incrível parede de janelas, exibindo uma vista de Alicante abaixo. Ela se ergueu um pouquinho, na ponta dos pés, para ver as ruas sinuosas, os talhos azuis dos canais, as torres demoníacas erguendo-se como agulhas transparentes contra o céu.

O Salão estava começando a encher. Annabel e Kieran tinham sido levados para uma sala de espera, junto com Magnus. Os outros puderam entrar mais cedo e ocuparam duas fileiras de bancos na frente. Ty, Kit e Livvy estavam sentados,



conversando. Dru sentou-se quieta e sozinha, parecendo perdida nos pensamentos. Cristina estava indo na direção dela quando sentiu um tapinha leve no ombro.

Era Mark, que se vestira cuidadosamente para a visita ao Conselho, e ela sentiu uma pontada ao olhar para ele — Mark estava tão belo nas roupas antiquadas e engomadas, como uma fotografia antiga maravilhosamente colorida. O colete e o casaco escuro lhe caíam bem, e ele tinha penteado os cabelos louros para que cobrissem as pontas das orelhas.

Ele até se barbeara e ganhara com isso um pequeno corte no queixo, o que era ridículo porque Mark não tinha pelos faciais, por assim dizer. Olhava para Cristina como um garotinho querendo causar uma boa impressão no primeiro dia de aula. O coração dela se solidarizou com ele — Mark se importava demais com a boa opinião de um grupo de pessoas que tinha concordado em abandoná-lo à Caçada Selvagem, apesar dos apelos de sua família, simplesmente por ser quem era.

— Você acha que Kieran vai ficar bem? — perguntou Mark. — Um enviado da Corte deveria ser tratado com mais honra. Em vez disso, praticamente correram para erguer outra vez as barreiras depois que chegamos.

— Ele vai ficar bem — tranquilizou Cristina. Kieran e Mark, pensou ela, eram mais fortes do que os outros poderiam acreditar, talvez porque tivessem ficado tão vulneráveis na Caçada. — Embora eu não consiga imaginar que Annabel seja de muita conversa. Pelo menos, Magnus está com eles.

Mark deu um sorriso tenso quando um murmúrio baixinho percorreu o cômodo. Os Centuriões tinham chegado, paramentados. Usavam os uniformes em vermelho, cinza e prata, com os broches prateados à vista. Cada um trazia um bastão de *adamas* sólido. Cristina reconheceu alguns de Los Angeles, como Samantha, amiga de Zara, com o rosto fino e irritante, e Rayan, olhando ao redor com expressão preocupada.

Zara liderava a procissão, com a cabeça erguida; a boca era um talho de vermelho intenso. Os lábios se curvaram, com nojo, ao passar por Mark e Cristina. Mas por que Diego não estava ao lado dela? Será que não tinha vindo com eles? Mas não, ele estava lá, quase no fim da fila, pálido e cansado, mas definitivamente presente.

Ele parou na frente de Mark e Cristina enquanto os outros Centuriões passavam.

— Recebi seu recado — falou para Cristina, em voz baixa. — Se é o que você quer...

— Que recado? — perguntou Mark. — O que está acontecendo?

Zara apareceu ao lado de Diego.

— Uma reunião — respondeu. — Que bonitinho. — Ela sorriu para Cristina. — Tenho certeza de que todos ficarão satisfeitos em saber que tudo está indo muito bem em Los Angeles depois que vocês foram embora.

— Muito impressionante da sua parte ter matado Malcolm — disse Mark. Seus olhos reluziam, fixos. — Parece que resultou num grande progresso. Merecido, tenho certeza.

— Obrigada. — Zara deu uma risadinha baixa e pôs a mão no braço de Diego. — Ah — falou, com um entusiasmo marcadamente artificial. — Veja!

Outros Caçadores de Sombras entraram no recinto. Uma mistura de idades, jovens e velhos. Alguns vestiam uniformes de Centuriões. A maioria usava uniforme ou roupas comuns. O que era incomum era o fato de que traziam placas e cartazes. REGISTREM TODOS OS FEITICEIROS. O SUBMUNDO DEVE SER CONTROLADO. VIVA A PAZ FRIA. APROVEM O REGISTRO. Entre eles, via-se um homem de cabelos castanhos, impassível, com um tipo de rosto insípido, o tipo de rosto do qual você jamais conseguiria se lembrar de fato. Ele piscou para Zara.

— Meu pai — falou ela orgulhosamente. — O Registro foi ideia dele.

— Que cartazes *interessantes* — falou Mark.

— É maravilhoso ver as pessoas expressando sua visão política — afirmou Zara. — Claro que a Paz Fria realmente criou uma geração de revolucionários.

— É raro uma revolução pedir menos e não mais direitos para as pessoas — retrucou Cristina.

Por um momento, a máscara de Zara caiu e Cristina enxergou, através da educação fingida, a voz e a postura de garotinha ofegante. Havia algo frio por trás daquilo tudo, algo desprovido de calor, empatia ou afeição.

— Pessoas. Quais pessoas? — perguntou ela.

Diego segurou o braço da menina.

— Zara. Vamos nos sentar.

Mark e Cristina os observaram em silêncio.

— Espero que Julian esteja certo — opinou Livvy, fitando o estrado vazio.

— Normalmente ele está — retrucou Ty. — Não sobre tudo, mas sobre esse tipo de coisa.

Kit se acomodou entre os gêmeos, o que significava que os dois conversavam por cima dele. Ele não sabia ao certo como terminara naquela posição. Não que ele se importasse ou mesmo notasse no momento. Estava chocado e praticamente calado — uma coisa que nunca tinha acontecido — diante de onde se encontrava: Alicante, o coração da terra natal dos Caçadores de Sombras, fitando as lendárias torres demoníacas.

Ele se apaixonara por Idris à primeira vista. Não esperava isso de modo algum.

Era como entrar num conto de fadas. E não do tipo ao qual ele se acostumara no Mercado das Sombras, onde as fadas eram outro tipo de monstro. E sim do tipo que ele vira na tevê e nos livros quando era pequeno, um mundo de castelos magníficos e florestas luxuriantes.

Livvy piscou para Kit.

— Você está com aquela expressão.

— Que expressão?

— Você ficou impressionado com Idris, Sr. Nada Me Impressiona.

Kit não ia fazer uma coisa dessas.

— Eu gosto do relógio — falou ele, apontando.

— Tem uma lenda sobre o relógio. — Ela meneou as sobrancelhas para ele. — Por um segundo, quando ele bate as horas, os portões do Paraíso se abrem. — Livvy suspirou, uma rara melancolia cruzando seu rosto. — Até onde sei, o Paraíso é apenas o Instituto sendo nosso outra vez. E todos indo para casa.

Isso surpreendeu Kit; ele andara pensando sobre a viagem a Idris como o fim da aventura caótica deles. Voltariam a Los Angeles e ele começaria a treinar. Mas Livvy tinha razão: as coisas não estavam garantidas. Kit olhou para Zara e seu círculo imediato, erguendo seus cartazes feios.

— Ainda tem o *Volume Preto* também — falou Ty. Ele estava todo formal, com o cabelo arrumado de um jeito que não costumava usar; Kit estava acostumado a vê-lo com roupas casuais, casaco de capuz e jeans, e belo; o Ty que parecia mais velho o deixava meio constrangido. — A Rainha ainda o quer.

— Annabel vai dá-lo a Jules. Acredito na capacidade dele de encantar qualquer um para conseguir qualquer coisa — afirmou Livvy. — Ou enganar qualquer um. Mas sim, eu queria que eles não tivessem realmente que se encontrar com a Rainha depois disso. Não gosto dela.

— Acho que tem um ditado sobre isso — disse Kit. — Alguma coisa sobre pontes e atravessá-las quando você chegar lá.

Ty ficara rígido, como um cão de caça que avistou uma raposa.

— Livvy.

Ela acompanhou o olhar dele, e Kit fez a mesma coisa. Aproximando-se deles em meio à multidão, vinha Diana, com um sorriso aberto e a tatuagem de carpa brilhando em uma das bochechas escuras.

Com ela, viam-se duas jovens, de vinte e poucos anos. Uma se parecia muito com Jia Penhallow; ela também tinha cabelos escuros e um queixo decidido. A outra se parecia incrivelmente com Mark Blackthorn, até os cabelos louros e cacheados e as orelhas pontudas. As duas estavam embrulhadas em roupas

quentes, que não condiziam com a época, como se tivessem vindo de um clima frio.

Kit se deu conta de quem eram um momento antes de o rosto de Livvy se iluminar como o sol.

— Helen! — gritou ela, e correu para os braços da irmã.

O relógio no Salão do Conselho bateu através do Gard, indicando que todos os Nephilim deveriam comparecer à reunião.

Robert Lightwood insistira em conduzir Julian de seu escritório até o cômodo onde Magnus, Kieran e Annabel estavam à espera. Infelizmente, para Emma, isso significava que ela deveria ter Manuel como seu acompanhante até o Salão do Conselho.

Emma desejara poder ter um momentinho a sós com Julian, mas isso não ia acontecer. Eles trocaram um olhar decepcionado antes de se separarem.

— Ansiosa para a reunião? — perguntou Manuel. Suas mãos estavam nos bolsos. O cabelo louro-escuro engenhosamente bagunçado. Emma ficou surpresa por ele não estar assobiando.

— Ninguém fica ansioso para reuniões — afirmou Emma. — Elas são um mal necessário.

— Ah, eu não diria *ninguém* — falou Manuel. — Zara adora reuniões.

— Ela parece ser a favor de todas as formas de tortura — murmurou Emma.

Manuel deu meia-volta, caminhando de costas pelo corredor. Eles estavam em uma das maiores passagens construídas após o incêndio do Gard na Guerra Maligna.

— Você já pensou em fazer parte dos Centuriões?

Emma balançou a cabeça.

— Eles não deixam você ter um *parabatai*.

— Eu sempre imaginei que era meio que uma questão de compaixão, você e Julian Blackthorn — falou Manuel. — Quero dizer, olhe só para você. Você é gata, habilidosa, é uma Carstairs. Já Julian... ele passa o tempo todo com crianças pequenas. É um velho de 17 anos.

Emma se perguntou o que aconteceria se ela atirasse Manuel pela janela. Provavelmente atrasaria a reunião.

— Só estou dizendo. Mesmo que você não queira ir para a Scholomance, a Tropa poderia ter utilidade para alguém como você. Nós somos o futuro. Você verá. — Os olhos dele brilharam. Por um momento, não estavam se divertindo nem brincando. Era o brilho do fanatismo real e fez Emma se sentir vazia por dentro.

Eles tinham alcançado as portas do Salão do Conselho. Ninguém estava à vista; Emma esticou a perna e puxou os pés de Manuel. Ele caiu num borrão e bateu no chão; no mesmo instante, se ergueu nos cotovelos, furioso. Ela duvidou que o tivesse machucado, exceto talvez no que dizia respeito à dignidade dele — e essa fora mesmo a intenção.

— Obrigada pela oferta — agradeceu ela —, mas, se me juntar à Tropa significa ter que passar minha vida presa numa montanha com um bando de fascistas, vou preferir viver no passado.

Emma o ouviu sibilar algo não muito bonito em espanhol enquanto passava por cima dele e entrava no Salão. Aí fez uma nota mental de perguntar a tradução a Cristina quando tivesse a oportunidade.

— Você não precisa ficar aqui, Julian — afirmou Jia com firmeza.

Eles estavam num cômodo imenso com uma janela que dava para a Floresta Brocelind. Era um salão surpreendentemente enfeitado. Julian sempre pensara no Gard como um lugar com pedras escuras e madeira pesada. Este cômodo tinha papel de parede de brocado e mobília dourada estofada com veludo. Annabel sentou-se numa cadeira antiquada, parecendo pouco à vontade. Magnus estava recostado na parede e parecia entediado. Parecia exausto também — suas olheiras estavam quase pretas. E Kieran estava de pé, junto à janela, com a atenção fixa no céu e nas árvores.

— Eu gostaria que ele ficasse comigo — falou Annabel. — Ele é a razão de eu ter vindo.

— Todos nós agradecemos o fato de você estar aqui, Annabel — disse Jia. — E levamos em conta suas experiências ruins com a Clave. — Ela falava com a voz calma. Julian se perguntou se Jia manteria a voz tão calma se tivesse visto Annabel ressuscitar dos mortos, coberta de sangue, e apunhalar Malcolm no coração.

Kieran se desviou da janela.

— Nós conhecemos Julian Blackthorn — falou ele para Jia, e soava muito mais humano a Julian do que quando se encontraram pela primeira vez, como se o sotaque do Reino das Fadas estivesse desaparecendo. — Nós não conhecemos você.

— Você se refere a você e Annabel? — perguntou Jia.

Kieran fez um gesto expressivo de fada, que pareceu incluir todo o cômodo.

— Estou aqui como mensageiro da Rainha — continuou ele. — Annabel Blackthorn está aqui por suas próprias razões. E Magnus está aqui porque lida com todos vocês por causa de Alec. Mas não pense que isso torna uma boa ideia

você sair dando ordens por aí.

— Annabel é uma Caçadora de Sombras — começou Robert.

— E eu sou um príncipe do Reino das Fadas — falou Kieran. — Filho do Rei, príncipe da Corte Gelada, guardião do Frio Caminho, Caçador Selvagem e Espada da Hoste. Não me aborreçam.

Magnus pigarreou.

— Ele tem razão.

— Quanto a Alec? — indagou Robert, erguendo uma sobrancelha.

— Falando de maneira mais generalizada — acrescentou Magnus. — Kieran é um ser do Submundo. Annabel teve um destino pior do que a morte nas mãos da Clave porque se importava com o Submundo. Lá fora, no Salão do Conselho, está a Tropa. Hoje é o dia de eles tomarem poder. Evitar que eles façam isso é mais importante do que estipular regras sobre onde Julian deveria ou não ficar.

Jia olhou para Magnus por um instante.

— E você? — perguntou ela, surpreendentemente gentil. — Você é um ser do Submundo, Bane.

Magnus deu de ombros lentamente, cansado.

— Ah. Eu, eu sou... — disse ele.

O copo que segurava caiu de sua mão, bateu no chão e quebrou, e um instante depois Magnus desabou junto. Ele pareceu se dobrar como papel, e sua cabeça bateu na pedra com uma pancada feia.

Julian correu para ele, mas Robert já o segurara pelo braço.

— Vá até o Salão do Conselho — falou. Jia estava ajoelhada ao lado do feiticeiro, com a mão em seu ombro. — Traga Alec.

Ele soltou Julian, que saiu correndo.

\*\*\*

Emma se esforçou para ir até o Salão do Conselho, num estado de horror entorpecido. Qualquer prazer que ela já tivera por dar um pontapé na bunda de Manuel tinha se desvanecido. O cômodo inteiro parecia um redemoinho de gritos feios e cartazes agitados: **TORNEM A CLAVE PURA, CONTENÇÃO DE LICANTROPES É A RESPOSTA E CONTROLEM O SUBMUNDO.**

Ela passou, empurrando uma aglomeração de pessoas, com Zara no centro, e ouviu alguém dizer: “Dá para *acreditar* que você teve que matar aquele monstro do Malcolm Fade sozinha, depois que a Clave falhou!?” Ouviu-se um coro de concordância. “Mostra o que acontece quando se deixa os feiticeiros fazerem o que querem”, falou outra pessoa. “Eles são muito poderosos. Não tem sentido

prático.”

Emma não conhecia a maioria dos rostos no recinto. Imaginava que talvez devesse conhecer uma quantidade maior deles, mas os Blackthorn tinham uma vida isolada e raramente saíam do Instituto de Los Angeles.

Entre o grupo de rostos desconhecidos, ela avistou Diana, alta e régia como sempre, caminhando entre a multidão. Apressando-se atrás dela viam-se dois vultos familiares. Aline e Helen, ambas com bochechas rosadas, enroladas em imensos casacos e xales. Deviam ter acabado de chegar da Ilha Wrangel.

Agora Emma conseguia enxergar os outros Blackthorn: Livvy, Ty e Dru estavam se levantando e correndo para Helen, que se abaixou de braços abertos e os envolveu com força.

Helen estava ajeitando o cabelo de Dru para trás e abraçava os gêmeos, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Mark também estava lá, indo na direção da irmã, e Emma observou, com um sorriso, quando eles se jogaram num abraço. De certo modo, doía — ela nunca teria isso com seus pais, nunca os abraçaria ou apertaria as mãos deles outra vez —, mas era um tipo bom de dor. Mark ergueu a irmã do chão, e Aline observou, sorridente, os dois se abraçarem.

— Manuel Villalobos está mancando — observou Cristina. Ela havia se aproximado de Emma e passara os braços em volta dela, apoiando o queixo no ombro da amiga. — Foi você?

— Talvez — murmurou Emma. E ouviu Cristina dar uma risadinha. — Ele estava tentando me convencer a me juntar à Tropa.

Ela se virou e apertou a mão da amiga.

— Nós vamos tirá-los de lá. Eles não vão vencer, certo? — Emma olhou para o pingente de Cristina. — Diga que o Anjo está do nosso lado.

Cristina balançou a cabeça.

— Estou preocupada — falou ela. — Preocupada por Mark, por Helen... e por Kieran.

— Kieran é uma testemunha-chave para a Clave. A Tropa não pode tocar nele.

— Ele é um príncipe do Reino das Fadas. Tudo que eles odeiam. E eu acho que não tinha entendido o *quanto* eles o odeiam até chegarmos aqui. Não vão querer que Kieran fale e, com certeza, não vão querer que o Conselho lhe dê ouvidos.

— Por isso nós estamos aqui, para fazê-los ouvir — começou Emma, mas Cristina olhava para algo atrás dela, com uma expressão de surpresa. Emma se virou e viu Diego, milagrosamente longe de Zara, chamando Cristina até uma fileira de assentos vazios.

— Eu tenho que ir e conversar com ele — falou a menina. Aí apertou o

ombro de Emma, parecendo esperançosa de repente. Emma desejou-lhe boa sorte e Cristina desapareceu na multidão, deixando a outra procurando por Julian.

Emma não viu seu *parabatai* em parte alguma. Mas viu um grupo tenso de Caçadores de Sombras, Mark entre eles, e o súbito lampejo prateado de armas. Samantha Larkspear tinha sacado uma lâmina de aparência terrível. Emma foi na direção das vozes elevadas, já esticando a mão para pegar o punho de Cortana.

Mark amava todos os irmãos e irmãs, nenhum mais do que os outros. Ainda assim, Helen era especial. Ela era *como ele* — metade fada, atraída para suas tentações. Helen até dizia conseguir se lembrar da mãe, Nerissa, embora Mark não lembrasse.

Ele pôs a irmã no chão, bagunçando os cabelos claros dela. O rosto dela... ela parecia diferente, mais velha. Não devido a rugas ao redor dos olhos ou à pele áspera, apenas num certo arranjo de seus traços. Mark se perguntou se ela teria dado nomes às estrelas como ele costumava fazer: *Julian, Tiberius, Livia, Drusilla, Octavian*. E ela teria acrescentado mais uma, coisa que ele jamais fizera: *Mark*.

— Eu gostaria de falar com você sobre Nene, a irmã de nossa mãe — falou.

Havia um eco da formalidade das fadas na voz dela quando respondeu:

— Diana me falou que você a encontrou no Reino das Fadas. Eu sabia dela, mas não onde poderia ser encontrada. Nós deveríamos conversar a seu respeito e outras questões urgentes. — Ela ergueu o olhar e suspirou, tocando a bochecha dele. — Como, por exemplo... Quando foi que você ficou tão alto?

— Acho que aconteceu enquanto estive na Caçada. Devo me desculpar?

— Absolutamente. Eu estava preocupada... — Ela deu um passo para trás e o fitou zombeteiramente. — Acho que devo a Kieran, Filho do Rei, um agradecimento por ter cuidado de você.

— Assim como eu devo a Aline, por cuidar de você.

Ao ouvir isso, Helen sorriu.

— Ela é a luz dos meus dias. — A menina olhou para o relógio grande acima do estrado. — Temos pouco tempo agora, Mark. Se tudo sair como esperamos, teremos uma eternidade para ficarmos juntos. Mas, de um jeito ou de outro, Aline e eu permaneceremos esta noite em Alicante, e, pelo que Jia falou, você também. Isso nos dará uma oportunidade de conversar.

— Isso depende de como for hoje à noite, não é? — Uma voz aguda os interrompeu. Era Samantha Larkspear. Mark lembrou vagamente que Samantha tinha um irmão muito parecido com ela.



A menina usava uniforme de Centurião e trazia um cartaz que dizia: FADA BOA É FADA MORTA. Havia uma mancha do que parecia tinta preta na parte de baixo do cartaz.

— Incisivo — falou Mark. Mas Helen empalidecera de choque ao ler tais palavras.

— Depois da votação desta tarde, se for permitido à escória como vocês permanecer em Alicante, eu ficaria muito surpresa — afirmou Samantha. — Aproveitem enquanto podem.

— Você está falando com a mulher da filha da Consulesa — disse Aline, as narinas inflando. — Preste atenção ao que fala, Samantha Larkspear.

Samantha fez um barulho estranho, sibilando e engolindo, e esticou a mão para o cinto de armas, fazendo brilhar uma adaga com um punho largo de soco-inglês. Mark pôde ver o irmão dela, igualmente pálido e com cabelos escuros, avançando até eles através da multidão. Helen pôs a mão na lâmina serafim do cinto. Agindo instintivamente, Mark esticou a mão para o próprio quadril, tenso diante da violência.

Kit ergueu o olhar quando sentiu a mão de Julian em seu ombro.

Ele tinha afundado na cadeira, passando a maior parte do tempo admirando Alicante pela grande janela de vidro atrás da coisa de madeira que parecia um palco, na frente do cômodo. Ele deliberadamente evitara olhar para Livvy e Ty quando cumprimentaram a irmã. Algo naquele grupo sólido dos Blackthorn se abraçando e exclamando um para o outro o lembrava exatamente do quanto ele não era um deles, de um modo que ele não tinha sido lembrado desde Los Angeles.

— Sua irmã está aqui — falou para Julian. E apontou. — Helen.

Julian olhou para os irmãos rapidamente; Kit tinha a sensação de que ele já sabia. Ele parecia tenso e faiscando pelas extremidades, como fio desencapado.

— Eu preciso que você faça uma coisa — falou. — Alec está guardando as portas do lado direito do Salão. Vá atrás dele e o leve até Magnus. Diga-lhe que Magnus está nos aposentos de hóspede da Consulesa; ele vai saber onde ficam.

Kit impulsionou as pernas para fora da cadeira diante de Julian.

— Por quê?

— Apenas confie em mim. — Julian se aprumou. — Finja que foi ideia sua, como se você precisasse que Alec mostrasse alguma coisa ou ajudasse a encontrar alguém. Não quero despertar a curiosidade de ninguém.

— Você não está *mesmo* pensando em brigar no meio do Salão do Conselho,

está? — perguntou Emma. — Quero dizer, considerando que isso seria ilegal e tudo o mais. — Ela estalou a língua nos dentes. — Não é uma boa ideia, Samantha. Guarde esta adaga.

O pequeno grupo — Helen, Aline, Mark e Samantha — se virou para olhar para Emma como se ela tivesse aparecido num passe de mágica. Todos estiveram irritados demais para notar sua aproximação.

O relógio dourado acima deles começou a badalar imperativamente. A multidão começou a se afastar; os Caçadores de Sombras buscavam lugares vazios nas fileiras de frente para o estrado. Dane Larkspear, que se aproximava da irmã, tinha parado no meio de uma passagem; Emma ficou surpresa ao ver que Manuel estava bloqueando o caminho dele.

Talvez Manuel também não achasse que um Centurião brigando no chão do Salão do Conselho seria uma grande ideia. Zara estava olhando na direção deles também, a boca vermelha era uma linha irritada.

— Não imponha sua autoridade para cima de mim, Aline Penhallow — falou Samantha, mas guardou a adaga outra vez na bainha. — Não quando você está casada com esta... esta *coisa*.

— Você desenhou isso? — interrompeu Emma, apontando para o borrão no cartaz de Samantha? — Era para ser uma fada morta?

Com certeza era. O desenho tinha braços, pernas e asas de libélula ou coisa assim.

— Impressionante — falou Emma. — Você tem talento, Samantha. Talento de verdade.

Samantha parecia surpresa.

— Você acha?

— Meu Deus, não — falou Emma. — Agora vá se sentar. Zara está acenando para você.

Samantha hesitou e então se virou, afastando-se. Emma segurou a mão de Helen e começou a caminhar para o longo banco onde os Blackthorn estavam. O coração dela estava martelando. Não que Samantha fosse perigosa, mas, se eles tivessem começado alguma coisa e os outros amigos de Zara se juntassem, poderia ter rendido uma briga de verdade.

Aline e Mark estavam um em cada lado dos bancos. Helen segurava o braço de Emma.

— Eu me lembro disso — falou ela em voz baixa. As pontas dos dedos roçaram a cicatriz que Cortana tinha feito uns anos atrás, quando Emma apertara a lâmina junto ao corpo depois da morte dos pais.

Fora Helen quem estivera ali quando Emma acordara em um mundo onde seus pais não mais existiriam, embora tivesse sido Julian quem colocara a espada

nos braços dela.

Mas agora Cortana estava em suas costas. Agora era a chance de eles consertarem os erros do passado — os erros cometidos pela Clave contra Helen, Mark e aqueles como eles, os erros que a Clave cometera contra os Carstairs ao ignorar suas mortes. Isso fazia com que saber do exílio próximo doesse ainda mais, a ideia de que ela não estaria com os Blackthorn quando eles estivessem finalmente reunidos.

Elas aceleraram o passo ao se aproximar dos outros Blackthorn, e lá estava Julian, de pé, entre os irmãos. Seus olhos encontraram os de Emma. Ela podia ver, mesmo com a distância entre eles, que os olhos dele tinham ficado quase pretos.

Ela sabia, sem nem precisar perguntar: tinha algo muito errado.

Era difícil acompanhar Alec Lightwood. Ele era mais velho do que Kit, tinha pernas mais compridas e começara a correr no momento em que Kit lhe dissera que Magnus precisava dele.

Kit não tinha certeza se a mentira de que ele queria que Alec lhe mostrasse o Gard iria resistir caso alguém os parasse. Mas ninguém fez isso; as badaladas altas ainda soavam, e todos se apressavam em direção ao Salão do Conselho.

Quando eles irromperam nos aposentos de pé-direito alto da Consulesa, encontraram Magnus deitado em um longo sofá. Kieran e Annabel estavam na extremidade oposta do cômodo, observando como gatos que tinham acabado de conhecer um novo ambiente.

Jia e Robert estavam de pé junto ao sofá; Alec correu até ele e seu pai se afastou e pôs uma mão em seu ombro.

Alec parou, o corpo inteiro tenso.

— Solte-me — falou.

— Ele está bem — retrucou Robert. — Irmão Enoch esteve aqui. Sua magia está esgotada, e ele, enfraquecido, mas...

— Eu sei o que há de errado com ele — falou Alec, passando pelo Inquisidor. Robert observou o filho se ajoelhar ao lado do longo sofá. Ele tirou o cabelo de Magnus da testa e o feiticeiro se mexeu e murmurou. — Há algum tempo ele não está bem — falou Alec, meio que para si apenas. — Sua magia tem se esgotado muito rápido. Eu falei para ele ir até o Labirinto Espiral, mas não houve tempo.

Kit ficou observando. Já tinha ouvido falar de Magnus mesmo antes de conhecê-lo, claro; Magnus era famoso no Submundo. E, quando ele finalmente conheceu Magnus, o feiticeiro era tão cheio de energia cinética, um redemoinho de sagacidade sarcástica e fogo azul. Não lhe ocorrera que Magnus poderia estar

doente ou cansado.

— Não tem jeito de fazer com que ele melhore? — perguntou Annabel. Ela vibrava com a tensão, as mãos agitadas junto às laterais do corpo. Ele notou, pela primeira vez, que Annabel não tinha um dos dedos da mão direita. Ele não tinha olhado para ela com atenção antes. Annabel lhe dava calafrios. — Eu... eu preciso dele.

De maneira admirável, Alec não perdeu a paciência.

— Ele tem que descansar — afirmou ele. — Nós podemos adiar a reunião...

— Alec, não podemos — falou Jia delicadamente. — É óbvio que Magnus deveria descansar. Annabel, vamos cuidar de você. Eu juro.

— Não. — Annabel se encolheu contra a parede. — Eu quero Magnus comigo. Ou Julian. Chamem Julian.

— O que está acontecendo? — Kit reconheceu a voz antes mesmo de ver Zara à entrada. Seu batom parecia um talho rijo de sangue contra a pele clara. Ela olhava para Magnus, o canto da boca curvado num sorriso afetado. — Consulesa — falou, e fez uma mesura para Jia. — Todos estão reunidos. Será que eu deveria dizer que a reunião vai atrasar?

— Não, Srta. Dearborn — disse Jia, alisando suas vestes bordadas. — Obrigada, mas não precisamos que você lide com isso por nós. A reunião vai acontecer conforme planejado.

— Dearborn — repetiu Annabel. O olhar dela estava fixo em Zara. Seus olhos não demonstravam emoção e brilhavam como os de uma serpente. — Você é uma Dearborn.

Zara olhou meramente confusa, como se estivesse se perguntando quem Annabel poderia ser.

— Zara é uma defensora importante da restrição dos direitos dos seres do Submundo — falou Jia em tom neutro.

— Nós estamos interessados na segurança — retrucou Zara, evidentemente irritada. — É isso.

— É melhor nós irmos — opinou Robert Lightwood. Ele ainda olhava para Alec, mas Alec não estava olhando para ele; estava sentado ao lado de Magnus, a mão na bochecha do feiticeiro. — Alec, se precisar de mim, mande alguém me chamar.

— Mandarei Kit — falou Alec, sem olhar.

— Voltarei para buscá-lo — disse Robert para Kieran, que permanecera em silêncio perto da janela, quase uma sombra entre as sombras do cômodo.

Kieran assentiu.

Robert apertou o ombro de Alec brevemente. Jia esticou a mão para Annabel que, após encarar Zara por um momento, acompanhou a Consulesa e o

Inquisidor para fora do cômodo.

— Ele está doente? — perguntou Zara, olhando para Magnus com um interesse distante. — Não achei que feiticeiros adoecessem. Não seria engraçado se ele morresse antes de você? Quero dizer, considerando-se que ele é imortal, você deve ter achado que seria o contrário.

Alec ergueu a cabeça lentamente.

— *O quê?*

— Bom, quer dizer, Magnus é imortal e você, sabe, *não é* — explicou ela.

— Ele é imortal? — A voz de Alec soou mais fria do que Kit jamais ouvira. — Eu queria que você tivesse me dito isso antes. Eu teria voltado no tempo e encontrado um belo marido mortal para envelhecer comigo.

— Bem, isso seria melhor, não é? — falou Zara. — Então vocês poderiam envelhecer e morrer na mesma época.

— Na mesma época? — repetiu Alec. Ele mal se mexeu ou levantou a voz, mas sua raiva parecia encher o cômodo. A própria Zara começou a ficar desconfortável. — Como você sugeriria que a gente organizasse isso? Pulando de um penhasco juntos quando um de nós começasse a se sentir doente?

— Talvez. — Zara parecia amuada. — Você há de convir que sua situação é uma tragédia.

Alec ficou de pé e nesse momento era o famoso Alec Lightwood do qual Kit tanto ouvira falar, o herói das batalhas passadas, o arqueiro com mira mortal.

— É isso que eu quero e foi o que escolhi — falou. — Como você ousa me dizer que é uma tragédia? Magnus nunca fingiu, nunca tentou me enganar para que eu achasse que seria fácil, mas escolher Magnus foi uma das coisas mais fáceis que já fiz na vida. Todos temos um tempo de vida, Zara, e nenhum de nós sabe se será longo ou breve. Com certeza, até você sabe disso. Acredito que tenha sido sua intenção ser rude e cruel, mas duvido muito que você também *quisesse* parecer idiota.

Ela corou.

— Mas se você morrer de velhice e ele viver para sempre...

— Então ele estará junto com Max, e nós dois ficaremos felizes por isso — falou Alec. — E eu serei uma pessoa com uma sorte imensa porque haverá alguém que sempre se lembrará de mim. Que sempre vai me amar. Magnus não vai ficar de luto para sempre, mas, até o fim dos tempos, vai se lembrar de mim e me amar.

— O que te dá tanta certeza disso? — perguntou Zara, com uma ponta de incerteza na voz.

— Porque ele é três mil vezes o ser humano que você nunca vai ser — respondeu Alec. — Agora saia daqui antes que eu ponha a vida dele em risco ao

acordá-lo para que ele transforme você em lixo. Uma coisa que combinaria com a sua personalidade.

— Ah! — falou Zara. — Que *grosseria*!

Kit pensou que era mais do que grosseria. Pensou que Alec realmente achava aquilo. E meio que torcia para Zara testá-lo. Em vez disso, ela foi até a porta e parou ali, olhando para trás com desprezo.

— Ora, Alec — continuou ela. — A verdade é que Caçadores de Sombras e seres do Submundo não *devem* ficar juntos. Você e Bane são uma desgraça. Mas você não consegue ficar satisfeito com o fato da Clave ter permitido a você perverter sua linhagem angelical. Não. Você tem que forçar isso para cima da gente.

— Sério? — falou Kieran, que Kit quase esquecera que estava lá. — Vocês *todos* têm que dormir com Magnus Bane? Que excitante para vocês.

— Cale a boca, bosta de fada — ordenou Zara. — Você vai ver. Escolheu o lado errado, você, esses Blackthorn, Jace Herondale e aquela vaca ruiva, Clary. — Ela ofegava, o rosto corado. — Vou me divertir vendo todos vocês afundarem — falou e saiu, rebolando.

— Ela falou mesmo “perverter sua linhagem angelical”? — perguntou Alec, parecendo estupefato.

— Bosta de fada — ponderou Kieran. — Como diria Mark, isso é novidade.

— Inacreditável. — Alec se sentou outra vez ao lado do sofá, puxando os joelhos para perto do corpo.

— Nada do que ela disse me surpreendeu — falou Kieran. — É assim que eles são. Foi assim que a Paz Fria os fez. Temendo o novo e o diferente, e cheios de ódio glacial. Zara Dearborn pode parecer ridícula, mas não cometa o erro de subestimá-la e de subestimar a Tropa. — Ele voltou a olhar para a janela. — Ódio como esse pode destruir o mundo.

— Esse é um pedido muito estranho — falou Diego.

— É você quem está num relacionamento de mentira — falou Cristina. — Tenho certeza de que já te pediram coisas mais estranhas.

Diego riu, mas não com muito humor. Eles estavam sentados a uma fileira dos Blackthorn no Salão do Conselho. O relógio tinha parado de bater anunciando o começo da reunião e o recinto estava cheio, embora o estrado ainda estivesse vazio.

— Fico feliz que Jaime tenha lhe contado — afirmou ele. — Por puro egoísmo. Eu poderia jurar que você me odiava, mas não que me desprezasse.

Cristina suspirou.

— Não sei se alguma vez eu realmente te desprezei — falou.

— Eu devia ter contado mais coisas — disse ele. — Queria manter você a salvo, e neguei a mim mesmo que a Tropa e seus planos eram problema seu. Só tarde demais eu soube que tinham projetos para o Instituto de Los Angeles. Errei em relação a Manuel, como qualquer um. Confiei nele.

— Eu sei — falou Cristina. — Não culpo você de nada. Eu... Durante muito tempo, fomos Cristina-e-Diego. Um casal, juntos. E, quando acabou, me senti pela metade. Quando você voltou, pensei que poderíamos ser como antes, e eu tentei, mas...

— Você não me ama mais daquele jeito — completou ele.

Ela parou por um instante.

— Não. Não amo. Não daquele jeito. Era como tentar voltar a um lugar na sua infância do qual você lembrava como perfeito. Sempre vai ter mudado porque você mudou.

O pomo de adão de Diego se movimentou quando ele engoliu.

— Não posso te culpar. Agora também não gosto muito de mim.

— Talvez isso pudesse te ajudar a gostar um pouco mais de você mesmo. Seria uma grande gentileza, Diego.

Ele balançou a cabeça.

— Confio em você. Imagino que tenha pena de uma fada perdida.

— Não é pena — falou Cristina. Ela olhou para trás; Zara tinha deixado o cômodo alguns instantes antes e não tinha voltado ainda. Mas Samantha olhava para ela com cara feia, aparentemente acreditando que Cristina estava tentando roubar o noivo de Zara. — Eles me assustam. E o matarão depois que ele testemunhar.

— A Tropa é assustadora — afirmou Diego. — Mas a Tropa não são os Centuriões nem todo Centurião é como Zara. Rayan, Divya, Gen são boas pessoas. Como a Clave, é uma organização que tem um câncer em seu coração. Uma parte do corpo está doente e a outra, sadia. Nossa missão é descobrir um meio de matar a doença sem destruir todo o corpo.

As portas do Salão do Conselho se abriram. A Consulesa, Jia Penhallow, entrou, com as vestes escuras salpicadas de prateado se agitando ao redor.

O cômodo, que antes estivera cheio de conversa animada, afundou em murmúrios. Cristina se recostou quando a Consulesa começou a subir os degraus até o estrado.

— Obrigada a todos por virem em tão pouco tempo, Nephilim. — A Consulesa estava diante de um pequeno púlpito de madeira, com a base decorada com a

insígnia do símbolo com as 4 letras. Agora em seus cabelos havia um cinza do qual Emma não se recordava, e rugas nos cantinhos dos olhos. Não devia ser fácil ser a Consulesa numa época de guerra silenciosa. — A maioria de vocês sabe sobre Malcolm Fade. Ele foi um de nossos aliados mais próximos, ou foi o que pensamos. Ele nos traiu há algumas semanas, e mesmo agora ainda estamos descobrindo os terríveis e sangrentos crimes que ele cometeu.

Para Emma, o burburinho que se seguiu se assemelhou à precipitação da maré. Ela queria que Julian estivesse ao seu lado para que ela pudesse esbarrar no ombro dele ou apertar sua mão, mas — conscientes da instrução do Inquisidor — eles tinham se sentado em extremidades opostas do longo banco depois que ele lhe contara que Magnus tinha sofrido um colapso.

— Eu prometi a Annabel que Magnus ficaria com ela — dissera ele baixinho, sem querer que os Blackthorn mais jovens ouvissem e entrassem em pânico. — Eu lhe dei a minha palavra.

— Você não poderia ter imaginado. Pobre Magnus. Não havia meio de saber que ele estava doente.

Mas ela se lembrou de si mesma, dizendo: *Não prometa nada que não possamos cumprir*. E sentiu um calafrio percorrer seu corpo.

— Talvez vocês não saibam que há uma história maior para a traição de Fade — prosseguiu Jia. — Em 1812, ele se apaixonou por uma Caçadora de Sombras, Annabel Blackthorn. A família dela reprovou a ideia de casamento com um feiticeiro. No fim, ela foi assassinada... por outros Nephilim. Malcolm ouvira dizer que ela se tornara Irmã de Ferro.

— Por que eles não o mataram também? — gritou alguém da multidão.

— Ele era um feiticeiro poderoso, um bem valioso — retrucou Jia. — No fim, ficou decido que eles o deixariam em paz. Mas, quando ele descobriu o que realmente aconteceu a Annabel, perdeu a cabeça. E então ele passou o último século buscando vingar-se dos Caçadores de Sombras.

— Milady. — Era Zara, empertigada e muito cerimoniosa; tinha acabado de passar pelas portas do Salão e estava parada na passagem. — A senhora nos conta essa história como se quisesse que sentíssemos compaixão pela Caçadora de Sombras e pelo feiticeiro. Mas Malcolm Fade era um monstro. Um assassino. A paixão dele por uma menina não pode servir de pretexto para o que fez.

— Creio que há diferença entre um pretexto e uma explicação — falou Jia.

— Então por que estamos ouvindo essa explicação? O feiticeiro está morto. Espero que não seja uma tentativa de extrair reparações do Conselho. Ninguém associado a esse monstro merece qualquer recompensa por sua morte.

O olhar de Jia era como o fio de uma lâmina.

— Entendo que você tenha estado muito ativa ultimamente nos negócios do



Conselho, Zara — disse. — Mas isso não significa que possa interromper a Consulesa. Vá se sentar.

Após um instante, Zara se sentou, a expressão irritada. Aline fez um gesto de comemoração dando um soquinho discreto no ar.

— Muito bem, mãe — murmurou.

No entanto, alguém já se levantara para assumir o lugar de Zara. Seu pai.

— Consulesa — falou ele —, não somos ignorantes; disseram que esta reunião envolveria um testemunho importante que teria impacto para a Clave. Não é hora de apresentar a testemunha? Se, de fato, ela existe?

— Ah, ela existe, sim — afirmou Jia. — É Annabel. Annabel Blackthorn.

Agora o murmúrio que se espalhava pelo recinto era como uma onda se quebrando. Um instante depois, Robert Lightwood apareceu, com uma expressão sombria. Atrás dele, vinham dois guardas e, entre os dois, caminhava Annabel.

A menina parecia muito pequenina no estrado, ao lado do Inquisidor. O *Volume Preto* pendia de uma tira em suas costas, o que a fazia parecer ainda mais jovem, como uma garotinha a caminho da escola.

Um sibilo invadiu o recinto. *Morta-viva*, ouviu Emma. *Impura*. Annabel se encolheu contra Robert.

— Isso é um ultraje — balbuciou o pai de Zara. — Será que todos não sofremos o suficiente com a sujeira corrosiva dos Crepusculares? Você ainda tem que trazer esta *coisa* até nós?

Julian ficou de pé num salto.

— Os Crepusculares não são mortos-vivos — falou, virando o rosto para o Salão. — Eles foram Transformados pelo Cálice Infernal. Annabel é exatamente quem era em vida. Ela foi torturada por Malcolm, mantida num estado semivivo durante anos. E ela quer nos ajudar.

— Julian Blackthorn — zombou Dearborn. — Minha filha me contou sobre você. Seu tio era louco, toda a sua família é louca, somente um louco acharia isso uma boa ideia...

— Não fale assim com ele. Ele é meu parente — afirmou Annabel, e sua voz soou nítida e forte.

— Blackthorn — disse Dearborn. — Parece que todos são loucos, mortos ou as duas coisas!

Se ele tinha esperado ouvir uma risada, não foi o que obteve. O salão permaneceu silencioso.

— Sente-se — falou a Consulesa friamente a Dearborn. — Parece que sua família tem um problema com o modo como os Nephilim devem se comportar. Se você me interromper de novo, será retirado do Salão.

Dearborn se sentou, mas os olhos brilhavam com raiva. Ele não era o único.

Emma examinou o recinto rapidamente e viu grupos de olhares odiosos dirigidos ao estrado. Ela engoliu seu nervosismo; Julian abriu caminho até a passagem e estava de pé, virado para a parte da frente do salão.

— Annabel — falou, com a voz baixa e encorajadora. — Conte-lhes sobre o Rei.

— O Rei Unseelie — disse Annabel suavemente. — O Senhor das Sombras. Ele tinha um pacto com Malcolm. É importante que todos vocês saibam disso porque mesmo agora ele planeja destruir todos os Caçadores de Sombras.

— Mas o Povo das Fadas é fraco! — Um homem numa *gandora* bordada se ergueu, com os olhos escuros brilhando de preocupação. Cristina murmurou no ouvido de Emma que o sujeito era o diretor do Instituto de Marrakech. — Anos de Paz Fria os enfraqueceram. O Rei não pode ter esperança de se opor a nós.

— Não em um conflito de exércitos iguais — falou Annabel em sua voz baixa. — Mas o Rei usou o poder do *Volume Preto* e aprendeu como destruir o poder dos Nephilim. Como anular as Marcas, as lâminas serafim e pedras de luz enfeitiçadas. Vocês lutariam contra as forças deles com poder semelhante ao dos mundanos...

— Isso não pode ser verdade! — Era um homem magro, de cabelos escuros, que Emma se lembrava de ter visto numa discussão anterior sobre a Paz Fria há muito ocorrida. Lazlo Balogh, diretor do Instituto de Budapeste. — Ela está mentindo.

— Ela não tem motivo para mentir! — Agora Diana estava de pé também, com os ombros apertados, numa postura de combate. — Lazlo, dentre todas as pessoas...

— Srta. Wrayburn. — A expressão do húngaro endureceu. — Creio que todos nós sabemos que você deveria se afastar desta discussão.

Diana congelou.

— Você confraterniza com fadas — emendou ele, fazendo barulho ao abrir e fechar a boca para falar. — Você tem sido *observada*.

— Ah, pelo Anjo, Lazlo — disse a Consulesa. — Diana não tem nada a ver com isso, seu único azar é discordar de você!

— Lazlo tem razão — falou Horace Dearborn. — Os Blackthorn são simpatizantes das fadas e traidores da Lei...

— Mas não somos mentirosos — acrescentou Julian, e sua voz era aço rematado por gelo.

Dearborn mordeu a isca.

— E o que isso quer dizer?

— Sua filha não matou Malcolm Fade — afirmou Julian. — Foi Annabel.

Zara se levantou com um pulo, feito uma marionete que teve as cordas

puxadas.

— Isso é mentira — guinchou ela.

— Não é mentira — falou Annabel. — Malcolm me ressuscitou dos mortos. Ele usou o sangue de Arthur Blackthorn para fazer isso. E por essa razão, e por ter me torturado e me abandonado, eu o matei.

Agora o salão explodia. Gritos ecoavam nas paredes. Samantha e Dane Larkspear se puseram de pé, agitando os punhos. Horace Dearborn urrava que Annabel era uma mentirosa, que todos os Blackthorn eram.

— Chega! — gritou Jia. — Silêncio!

— *La Spada Mortale*. — Uma mulher baixinha, de pele marrom, se ergueu de um assento perto dos fundos. Ela usava um vestido simples, mas seu colar grosso reluzia com a pedraria. Seus cabelos eram de um cinza-escuro e iam praticamente até os quadris, e sua voz trazia autoridade suficiente para cortar o barulho no recinto.

— O que você disse, Chiara? — quis saber Jia. Emma conhecia o nome: Chiara Malatesta, diretora do Instituto de Roma, na Itália.

— A Espada Mortal — disse Chiara. — Se há alguma dúvida se esta pessoa... se é que se pode chamar assim... está dizendo a verdade, faça-a segurar Maellartach. Assim podemos acabar com as discussões inúteis a respeito da veracidade de suas declarações.

— Não. — Os olhos de Annabel percorreram o cômodo, em pânico. — A Espada não...

— Vejam, ela está mentindo — acusou Dane Larkspear. — Ela teme que a Espada revele a verdade!

— Ela teme a Espada porque foi torturada pelo Conselho! — acrescentou Julian. Ele se dirigiu ao estrado, mas dois guardas do Conselho o agarraram e o mantiveram no lugar. Emma começou a se levantar, mas Helen a empurrou com firmeza de volta no banco.

— Ainda não — murmurou. — Isso só vai piorar as coisas... Ela precisa ao menos tentar...

Mas o coração de Emma estava disparado. Julian ainda estava sendo impedido de se aproximar do estrado. Todas as terminações nervosas no corpo dela guincharam quando Robert Lightwood se afastou e retornou, trazendo uma coisa comprida, pontuda e prateada. Uma coisa que reluzia feito água escura. Ela viu... ela *sentiu*... Julian inspirou fundo; ele tinha segurado a Espada Mortal antes e conhecia a dor que ela causava.

— Não façam isso! — exclamou ele, mas sua voz foi sufocada pelo volume de outras vozes, o clamor no recinto quando vários Caçadores de Sombras ficaram de pé, esticando-se para entrever o que se passava.

— Ela é uma criatura morta-viva nojenta! — gritou Zara. — Deveria ser morta de uma vez, não ficar diante do Conselho!

Annabel empalideceu. Emma sentia a tensão de Julian, sabia o que ele estava pensando: se Magnus estivesse aqui, poderia explicar; Annabel *não* era uma morta-viva. Ela fora trazida à vida outra vez. Era uma Caçadora de Sombras viva. Magnus era um ser do Submundo no qual a Clave confiava, um dos poucos. Nada disso aconteceria se ele tivesse conseguido participar da reunião.

*Magnus, pensou Emma, ah, Magnus, espero que você esteja bem. Queria que você estivesse com a gente.*

— A Espada vai determinar se Annabel pode testemunhar — afirmou Jia, com a voz firme, que reverberou até o fundo do cômodo. — É a Lei. Fiquem em seus lugares e deixem a Espada Mortal trabalhar.

A multidão silenciou. Os Instrumentos Mortais eram o poder mais elevado que os Caçadores de Sombras conheciam, além do próprio Anjo. Até mesmo Zara se calou.

— Leve o tempo que precisar — falou Robert para Annabel. A compaixão no rosto dele surpreendeu Emma. Ela se lembrava de vê-lo forçando a lâmina nas mãos de Julian, e Julian tinha apenas doze anos à época. Ela ficara zangada com Robert por um longo tempo depois disso, embora Julian mesmo parecesse não guardar ressentimentos.

Annabel arfava como um coelho assustado. Ela olhava para Julian, que assentia de modo encorajador, e então esticou as mãos lentamente.

Quando ela pegou a Espada, um tremor passou por seu corpo, como se ela tivesse tocado uma cerca elétrica. O rosto ficou tenso, mas ela ergueu a espada, ilesa. Jia soltou o ar com visível alívio. A Espada tinha provado: Annabel era uma Caçadora de Sombras. O Salão permaneceu em silêncio, enquanto todos observavam.

A Consulesa e o Inquisidor recuaram um passo, dando espaço a Annabel. Ela estava de pé, no centro do estrado, uma figura solitária com um vestido do tamanho errado.

— Qual é o seu nome? — perguntou Robert, com o tom de voz enganosamente suave.

— Annabel Callisto Blackthorn — respondeu com a respiração ofegante.

— E com quem você está nesse estrado?

Os olhos azul-esverdeados dispararam desesperadamente entre eles.

— Eu não conheço vocês — murmurou ela. — Vocês são a Consulesa e o Inquisidor... mas não os que eu conhecia. Você é nitidamente um Lightwood, mas... — Ela balançou a cabeça antes de seu rosto se iluminar. — Robert — falou. — Julian o chamou de Robert.

Samantha Larksphear riu, debochada, e alguns outros, que portavam cartazes, se juntaram a ela.

— Não sobrou muito cérebro para dar uma evidência decente!

— *Silêncio!* — rugiu Jia. — Srta. Blackthorn, você sabia... você foi amante de Malcolm Fade, Alto Feiticeiro de Los Angeles?

— Ele era apenas um feiticeiro quando o conheci, sem cargo. — A voz de Annabel tremeu. — Por favor. Pergunte-me se eu o matei. Não posso suportar muito mais do que isso.

— O que nós discutimos aqui não é escolha sua. — Jia não parecia aborrecida, mas Annabel visivelmente se encolheu.

— Isso é um erro — murmurou Livvy para Emma. — Eles só precisam perguntar sobre Malcolm e acabar logo com isso. Não podem transformar num interrogatório.

— Vai ficar tudo bem — disse Emma. — Vai, sim.

Mas o coração dela estava disparado. Os outros Blackthorn observavam com visível tensão. Do outro lado, Emma via Helen apertando os braços da cadeira. Aline esfregava o ombro da esposa.

— Pergunte — falou Julian. — Apenas pergunte, Jia.

— Julian. Chega — falou Jia, mas se virou para Annabel, os olhos escuros com expectativa. — Annabel Callisto Blackthorn, você matou Malcolm Fade?

— Sim. — O ódio se cristalizou na voz de Annabel. — Eu o cortei. Eu o observei sangrar até morrer. Zara Dearborn não fez nada. Ela está mentindo para todos vocês.

Um suspiro percorreu o salão. Por um momento, Julian relaxou e os guardas que o seguravam afrouxaram o aperto. Zara, com o rosto vermelho, abriu espaço na multidão.

*Graças ao Anjo*, pensou Emma. *Agora eles terão que ouvir.*

Annabel encarou o recinto, com a Espada na mão, e, por um momento, Emma entendeu por que Malcolm se apaixonara. Ela parecia orgulhosa, satisfeita, bela.

Alguma coisa passou pela cabeça dela e se espatifou no atril. Uma garrafa, Emma imaginou — e os caquinhos se espalharam. Ouviu-se um suspiro, depois uma risadinha, e então outros objetos começaram a voar — a multidão parecia estar arremessando o que tivesse nas mãos.

Não a multidão toda, percebeu Emma. Era a Tropa e seus apoiadores. Não eram muitos — mas o suficiente. E seu ódio era maior do que todo o recinto.

Os olhares de Emma e Julian se encontraram; ela viu o desespero nele. Ambos esperavam um desfecho melhor. Mesmo depois de tudo que passaram, por alguma razão esperavam um desfecho melhor.

Era verdade que muitos Caçadores de Sombras agora estavam de pé, gritando para que a Tropa parasse. Mas Annabel se encolhera, de joelhos, a cabeça baixa e as mãos ainda segurando a Espada. Ela não tinha erguido as mãos para se proteger dos objetos que voavam para ela — estes se espatifavam no chão, no atril e na janela: garrafas e sacos, moedas e pedras, e até relógios e pulseiras.

— Parem! — gritou Julian, e a raiva fria com que ele berrou foi suficiente para chocar e silenciar pelo menos alguns. — Pelo Anjo, esta é a *verdade*. Ela está dizendo a verdade! Sobre Malcolm, sobre o Rei Unseelie...

— Como vamos saber? — sibilou Dearborn. — Quem disse que a Espada Mortal funciona nesta... nesta *coisa*? Ela está putrefata...

— Ela é um monstro — gritou Zara. — É uma conspiração para tentar nos arrastar para uma guerra contra a Corte Unseelie! Os Blackthorn não se importam com nada além de suas mentiras e de seus irmãos fada imundos!

— Julian. — Annabel arfou, com a Espada Mortal tão apertada em suas mãos que o sangue começou a aparecer em sua pele onde ela segurava a lâmina. — Julian, me ajude... Magnus... onde está Magnus...

Julian lutou contra o aperto dos guardas. Robert apressou-se, com as mãos grandes esticadas.

— Chega — falou. — Venha comigo, Annabel...

— Deixe-me em paz! — Com um grito rouco, Annabel se encolheu para longe dele, erguendo a lâmina. Emma se lembrou súbita e friamente de duas coisas:

A Espada Mortal não era apenas um instrumento de justiça. Era uma arma.

E Annabel era uma Caçadora de Sombras, com uma arma nas mãos.

Como se não pudesse acreditar no que estava acontecendo, Robert deu outro passo na direção de Annabel, esticando a mão para ela, como se ele pudesse acalmá-la, convencê-la. Ele abriu a boca para falar e ela ergueu a espada entre eles.

A arma rasgou as vestes de Robert Lightwood e abriu seu peito.

Kit se sentia como alguém que tinha entrado por engano no quarto de outra família em um hospital e não tivesse mais como sair. Alec estava ao lado de Magnus e ocasionalmente tocava seu ombro ou dizia alguma coisa em voz baixa. Kieran fitava a janela, como se pudesse se transportar através do vidro.

— Você quer... quer dizer, alguém deveria contar às crianças? Max e Rafe? — perguntou ele finalmente.

Alec ficou de pé e cruzou o cômodo, onde um jarro de água encontrava-se sobre uma mesinha lateral. Ele se serviu de um copo.

— Agora não — falou ele. — Eles estão a salvo na cidade com a minha mãe. Não precisam... Magnus não precisa... — Ele tomou a água. — Eu tinha esperança de que ele melhorasse e não tivéssemos que contar nada a eles.

— Você disse que sabia que havia algo errado com ele — afirmou Kit. — É... perigoso?

— Eu não sei — respondeu Alec. — Mas sei de uma coisa. Não é só ele. Tem outros feiticeiros também. Tessa e Jem têm procurado uma causa ou cura, mas ela também está doente...

Ele se calou. Podia-se ouvir um rugido abafado, um som semelhante a ondas se erguendo, prestes a quebrar. Alec empalideceu.

— Já ouvi esse som antes — falou. — Alguma coisa está acontecendo. No Salão.

Kieran se afastou do parapeito com um gesto único, fluido.

— É a morte.

— Pode não ser — disse Kit, apurando a atenção.

— Sinto o cheiro de sangue — acrescentou Kieran. — E ouço gritos. — Ele subiu no parapeito e puxou uma das cortinas. Pegou a barra da cortina, que tinha um capitel com ponta afiada, e pulou para o soalho, brandindo-a como se fosse uma lança. Seus olhos preto e prateado brilharam. — Não estaremos desarmados quando eles vierem.

— Vocês devem ficar aqui. Os dois. Vou descobrir o que está acontecendo — afirmou Alec. — Meu pai...

A porta se abriu de repente. Kieran lançou a barra da cortina. Diego, que tinha acabado de aparecer à entrada, se abaixou quando a barra voou, acertando a parede, onde ficou presa.

— *¿Que chingados?* — falou Diego, parecendo confuso. — Que diabos foi isso?

— Ele acha que você está aqui para nos matar — falou Kit. — É verdade?

Diego revirou os olhos.

— As coisas deram errado no Salão — disse.

— Alguém se machucou? — perguntou Alec.

Diego hesitou.

— Seu pai... — começou ele.

Alec pousou o copo e cruzou o cômodo até Magnus. Ele se abaixou e o beijou na testa e na bochecha. Magnus não se mexeu, simplesmente continuou a dormir pacificamente, os olhos felinos fechados.

Kit o invejou.

— Fiquem aqui — falou Alec para Kit e Kieran. Então se virou e saiu do quarto.

Diego olhou para ele sombriamente. Kit estava um pouco enjoado. Tinha a sensação de que, o que quer que tivesse acontecido ao pai de Alec, era grave.

Kieran arrancou a barra da cortina da parede e apontou para Diego.

— Você já deu seu recado — falou. — Agora vá. Eu protegerei o menino e o feiticeiro.

Diego balançou a cabeça.

— Estou aqui para pegar você. — Ele apontou para o próprio Kieran. — Para levá-lo até a Scholomance.

— Não vou a lugar algum com você — retrucou Kieran. — Você não tem moralidade. Trouxe desonra a Lady Cristina.

— Você não tem ideia do que aconteceu entre mim e Cristina — emendou Diego, com a voz gélida. Kit notou que Diego Perfeito parecia um pouco menos perfeito agora. Suas olheiras eram profundas e tinham um tom violeta, e a pele marrom estava pálida. O cansaço e a tensão enrijeciam seus traços delicados.

— Diga o que quiser das fadas — afirmou Kieran. — Não temos desprezo maior do que aquele nutrido por quem trai um coração que lhe foi dado.

— Foi Cristina quem me pediu para vir aqui e levar você à Scholomance — falou ele. — Se você se recusar, você é quem vai desonrar os desejos dela.

Kieran o encarou, com a testa franzida.

— Você está mentindo.

— Não estou — retrucou Diego. — Ela temia por sua segurança. O ódio da Tropa está fora de controle e o Salão virou um caos. Você ficará a salvo se vier comigo, mas não posso prometer mais nada.

— Como eu estaria seguro na Scholomance, com Zara Dearborn e seus amigos?

— Ela não estará lá — falou Diego. — Ela, Samantha e Manuel planejam ficar aqui, em Idris, no coração do poder. Poder é tudo o que eles sempre desejaram. A Scholomance é um local de estudo pacífico. — Ele estendeu a mão. — Venha comigo. Por Cristina.

Kit ficou olhando para a mão de Diego, prendendo a respiração. Foi um momento muito estranho. Agora ele aprendera o suficiente sobre os Caçadores de Sombras para entender o que significava o fato de Diego ser um Centurião, e quais leis ele estava violando ao se oferecer para levar Kieran a Scholomance. E ele conhecia o suficiente do orgulho do Povo das Fadas para saber o que Kieran estava aceitando ao concordar.

Ouviu-se outro estrondo do lado de fora.

— Se você ficar aqui — falou Kit cautelosamente —, e a Tropa atacar, Mark e Cristina vão querer proteger você. E eles poderiam se machucar ao fazer isso.

Kieran pousou a barra da cortina no chão, olhando para Kit.



— Diga a Mark aonde eu fui — falou a fada. — E agradeça a Cristina.

Kit assentiu. Diego inclinou a cabeça antes de dar um passo para a frente e segurar Kieran de um jeito estranho pelo braço. Com a outra mão, ele apertou o broche *Primi Ordines* em seu uniforme.

Antes que Kit pudesse falar, Diego e Kieran desapareceram, um redemoinho de luz brilhante riscando o ar onde eles haviam estado.

Os guardas avançaram quando Jia se esticou para segurar o corpo de Robert, que desmoronava. O rosto da Consulesa era a máscara do horror, e ela tombou de joelhos, pegando em seguida a estela e talhando um *iratze* no braço mole do Inquisidor.

O sangue dele se espalhava ao redor de ambos, uma poça escarlate que se movia lentamente.

— *Annabel*. — A voz de Julian foi simplesmente um profundo murmúrio de choque. Emma praticamente conseguia enxergar o abismo de culpa e censura que se abria aos pés dele. Ele começou a lutar freneticamente contra as mãos dos guardas que o seguravam. — Soltem-me, soltem-me...

— Para trás! — gritou Jia. — Todos vocês, para trás! — Ela estava ajoelhada ao lado de Robert, as mãos encharcadas com o sangue dele conforme tentava talhar o símbolo de cura em sua pele.

Dois outros guardas subiram os degraus e pararam, inseguros, ao ouvir as palavras dela. Annabel, com o vestido azul manchado de sangue, segurava a Espada diante de si como uma barreira. O sangue do Inquisidor já estava penetrando na lâmina, como se ela fosse uma rocha porosa absorvendo água.

Julian se libertou de seus captores e pulou para o estrado ensanguentado. Emma ficou de pé num salto, e Cristina agarrou a parte de trás de sua camiseta, mas em vão: ela já estava subindo pelo encosto estreito do banco.

Graças ao Anjo por todas as horas que ela perdera treinando no caibro da sala de treinamento, pensou Emma, e correu, pulando da extremidade do banco para a passagem. Vozes gritaram por causa dela e para ela, um estrondo semelhante a ondas; ela as ignorou. Lentamente, Julian se pôs de pé e encarou Annabel.

— Afaste-se! — gritou ela, balançando a Espada Mortal. A arma parecia brilhar, pulsar até, nas mãos de Annabel, ou seria pura imaginação de Emma? — Fique longe de mim!

— Annabel, pare — pediu Julian calmamente, com as mãos erguidas para mostrar que estavam vazias... *Vazias, como?* Emma bufou; onde estava a espada, onde estavam as armas dele? Os olhos dele estavam arregalados e sinceros. — Isso só vai piorar as coisas.

Annabel dava soluços roucos.

— Mentiroso. Afaste-se, afaste-se de mim.

— Eu nunca menti para você...

— Você disse que eles me dariam a mansão Blackthorn! Você falou que Magnus ia me proteger! Mas olhe! — Ela abriu bem o braço e fez um gesto indicando todo o recinto. — Para eles, eu sou *putrefata*... sou desprezada, uma criminosa...

— Você ainda pode voltar. — A voz de Julian estava admiravelmente firme.  
— Baixe a Espada.

Por um momento, Annabel pareceu hesitar. Emma estava aos pés dos degraus do estrado; ela viu Annabel afrouxar o aperto no punho da Espada Mortal...

Jia se pôs de pé. Suas vestes estavam úmidas com o sangue de Robert, a estela frouxa em sua mão.

— Ele está morto — falou.

Foi como girar uma chave numa jaula para libertar seus ocupantes: os guardas avançaram pelos degraus e pularam na direção de Annabel, com as armas desembainhadas. Ela girou com rapidez inumana, atingindo-os, e a Espada rasgou o peito de ambos. Ouviram-se gritos quando eles desmoronaram e Emma subiu os degraus correndo, desembainhando Cortana antes de saltar na frente de Julian.

De onde estava, ela via todo o Salão do Conselho. Estava o caos. Algumas pessoas fugiam pelas portas. Os Blackthorn e Cristina estavam de pé, esforçando-se para chegar ao estrado, embora uma fileira de guardas tivesse aparecido para controlá-los. Enquanto Emma observava, Livvy passou por baixo do braço de um dos guardas e começou a abrir caminho até eles. Um espadão reluzia em sua mão.

Emma olhou outra vez para Annabel. De perto, era evidente que alguma coisa estalara nela. A menina não tinha expressão, seus olhos estavam mortos e desconexos. O olhar de Annabel pousou além de Emma. Alec irrompera pelas portas e agora encarava o estrado — seu rosto era uma máscara de dor e choque.

Emma desviou o olhar dele quando Annabel pulou para cima de Julian feito um gato, sua espada cortando o ar diante dela. Em vez de erguer Cortana para barrar o golpe, Emma se jogou para o lado, derrubando Julian no soalho encerado do estrado.

Por um momento, ele estava colado a ela; os dois estavam juntos, corpo a corpo, e ela sentiu a força de seu *parabatai* fluindo através dela. A Espada Mortal desceu outra vez e eles pularam e se afastaram, redobrados em sua força, quando a lâmina talhou a madeira a seus pés.

O salão estava tomado pelos gritos. Emma pensou ter ouvido Alec chamar

por Robert: *Papai, por favor, papai*. Ela pensou na tapeçaria que Robert tinha em seu escritório. Pensou em Isabelle. E girou com Cortana na mão, e a lateral da lâmina bateu em Maellartach.

As espadas estremeceram. Annabel recuou a arma e, de repente, seus olhos eram quase selvagens. Alguém gritava por Julian. Era Livvy, escalando a lateral do estrado.

— *Livvy!* — gritou Julian. — Livvy, saia daqui...

Annabel girou outra vez, e Emma ergueu Cortana, interrompendo o golpe e aproximando-a, batendo sua espada contra a de Annabel com toda a força do corpo, juntando as lâminas com um retinido ensurdecedor.

E a Espada Mortal se partiu.

Rachou ao longo da lâmina e sua ponta praticamente se separou do restante. Annabel guinchou e cambaleou para trás, fluido preto jorrando da espada quebrada como seiva de uma árvore derrubada.

Emma desmoronou sobre os joelhos. Era como se a mão que segurava Cortana tivesse sido atingida por um raio. Seu pulso retinia e um zumbido soou por todos os seus ossos, fazendo o corpo tremer. Ela agarrou o punho da espada com a mão direita, entrando em pânico, desesperada para não a deixar cair.

— *Emma!* — Julian segurava o próprio braço rigidamente, notou Emma, pois ele também se ferira.

O zumbido estava diminuindo. Emma tentou ficar de pé, mas cambaleou; mordeu o lábio com frustração. Como seu corpo ousava traí-la?

— Estou bem... bem...

Livvy arquejou ao ver a Espada Mortal destruída. Havia alcançado o topo do estrado; Julian esticou a mão e Livvy jogou seu espadão para ele. Julian o pegou com firmeza e se virou para encarar Annabel, que fitava a arma quebrada em sua mão. A Consulesa também vira o que acontecera e seguia na direção deles.

— Acabou, Annabel — falou Julian. Ele não parecia triunfante, parecia exausto. — Acabou.

Annabel grunhiu baixinho pela garganta e avançou. Julian ergueu sua arma, mas Annabel passou por ele, os cabelos pretos voando. Seus pés deixaram o chão e, por um momento, ela ficou verdadeiramente bela, uma Caçadora de Sombras em toda a sua glória florescente, pouco antes de aterrissar com leveza no soalho de madeira da beirada do estrado e enfiar a lâmina quebrada no coração de Livvy.

Livvy arregalou os olhos. Sua boca formou um O, como se ela estivesse admirada ao descobrir algo pequeno e surpreendente, como um ratinho na bancada da cozinha. Um vaso de flores derrubado, um relógio de pulso quebrado. Nada grande. Nada terrível.

Annabel deu um passo para trás, ofegante. Agora não estava tão bela mais. O vestido, o braço, estavam encharcados de vermelho e preto.

Livvy ergueu a mão e, admirada, tocou o cabo que se projetava de seu peito. Suas bochechas ficaram vermelhas.

— Ty? — murmurou ela. — Ty, eu...

Seus joelhos enfraqueceram sob o peso dela e Livvy bateu as costas com força no chão. A lâmina parecia um inseto feio e imenso agarrado ao seu peito, um mosquito de metal sugando o sangue que escorria da ferida, vermelho, misturado ao preto da espada, espalhando-se no chão.

Na passagem do Salão do Conselho, Ty ergueu o olhar, e seu rosto adquiriu a cor das cinzas. Emma não fazia ideia se ele podia vê-los através do enxame de gente — se podia ver a irmã e o que acontecera —, mas as mãos dele voaram para o peito, pressionando o coração. Ele caiu de joelhos, silenciosamente, assim como Livvy tinha feito, e desmoronou.

Julian emitiu um ruído. Um ruído que Emma não saberia descrever, não era um som humano como um uivo ou um grito. Era como se algo tivesse sido arrancado de dentro dele, como se algo brutal tivesse rasgado seu peito. Julian deixou cair o espadão que Livvy se arriscara para levar até ele, caiu de joelhos e rastejou em direção à irmã, puxando-a para seu colo.

— Livvy, Livvy, minha Livvy — murmurou ele, aninhando-a, afastando febrilmente os cabelos manchados de vermelho do rosto da menina. Havia *tanto* sangue. Ele ficou coberto em segundos; o sangue encharcara as roupas de Livvy e ensopara até os sapatos. — *Livia*. — Suas mãos tremiam; Julian pegou uma estela e a pôs no braço da irmã.

O símbolo de cura desapareceu tão rapidamente quanto ele o desenhara.

Emma sentiu como se alguém tivesse dado um soco em seu estômago. Havia ferimentos que estavam além do poder de um *iratze*. As Marcas de Cura só desapareciam da pele quando existia veneno oculto — ou quando uma pessoa já estava morta.

— *Livia*. — A voz de Julian se ergueu, falhando e se despedaçando em si mesma como uma onda quebrando bem longe no mar. — Livvy, meu bebê, por favor, meu amor, abra os olhos, é Jules, estou aqui com você, estarei aqui sempre com você, por favor, *por favor*...

A escuridão explodiu no fundo dos olhos de Emma. A dor em seu braço se fora; ela não sentia nada além de ódio. Ódio que apagava o restante do mundo, exceto a visão de Annabel encolhendo-se contra o atril, fitando Julian, que embalava o corpo morto da irmã. O que ela fizera.

Emma girou e foi até Annabel. Não havia outro lugar aonde a garota pudesse ir. Os guardas tinham formado um círculo ao redor do estrado. O restante do

cômodo era uma massa furiosa e confusa.

Emma torcia para Ty estar inconsciente. Torcia para ele não estar vendo nada daquilo. Em algum momento ele acordaria, e o horror para o qual o gêmeo de Livvy despertaria foi o que a impeliu.

Annabel cambaleou para trás. Seu pé escorregou e ela caiu no chão. Aí ergueu a cabeça quando Emma assomou para cima dela. Seu rosto era puro medo.

Emma ouviu a voz de Arthur em sua mente. *Piedade é melhor do que vingança.* Mas a voz dele foi mais baixa do que o murmúrio de Julian ou os soluços de Dru.

Ela baixou Cortana, fatiando o ar com a lâmina — mas, assim que a arma rasgou o ar, uma fumaça escura irrompeu da janela atrás de Annabel. Tinha a força de uma explosão, uma onda violenta que jogou Emma para trás. Quando ela fez um esforço para ficar de joelhos, viu um vulto se movendo no interior da fumaça; o brilho do ouro, o clarão de um símbolo marcado em sua mente: uma coroa, partida ao meio.

A fumaça desapareceu, e Annabel se foi com ela.

Emma curvou o corpo sobre Cortana, abraçando a lâmina contra si, e sua alma se corroeu de desespero. Ao redor, ela ouvia vozes se elevando no recinto, gritos e grunhidos. Via Mark recurvado sobre Ty, que desmoronara no chão. Os ombros de Mark tremiam. Helen tentava abrir espaço na multidão para se aproximar dos dois. Dru estava no chão, soluçando com o rosto entre as mãos. Alec se deixara cair contra as portas do Salão, fitando a destruição.

E ali, diante dela, estava Julian, com olhos e ouvidos fechados para qualquer coisa que não fosse Livvy, o corpinho aninhado no dele. Ela parecia um floco de cinzas ou de neve frágil, alguma coisa inconstante que fora soprada para os braços dele acidentalmente: a pétala de uma flor fada, a pluma branca da asa de um anjo. O sonho de uma garotinha, a lembrança de uma irmã esticando os bracinhos: *Julian, Julian, me pega no colo.*

Mas a alma, o espírito que a tornava Livvy, não estava lá mais: era algo que se fora para um lugar distante e intocável, mesmo enquanto Julian corria as mãos pelos cabelos dela repetidas vezes e implorava para que ela acordasse e olhasse para ele só mais uma vez.

Lá no alto do Salão do Conselho, o relógio dourado começou a badalar as horas.

## Agradecimentos

Vou citar as suspeitas de sempre: Holly Black, Maureen Johnson, Leigh Bardugo, Kelly Link, Robin Wasserman e Sarah Rees Brennan, por me darem apoio emocional e narrativo. Um agradecimento especial a Jon Skovron e Anya DeNiro, pela luz-guia. Obrigada a Erin, Alyssa, Katie, Manu, Rò & Virna, Julia, Mariane, Thiago, Raissa, Artur e Laura, por me fazerem sorrir. A Cathrin Langner, por lembrar de tudo, e a Viviane Hebel e Gloria Altozano Saiz, pela ajuda com o espanhol. E obrigada a Karen, no nosso aniversário de dez anos, e a Russ e Danny, agentes especiais. Meu amor e meu agradecimento a meus pais e, em especial, a Jim Hill. A Emily Houk, por ir ao infinito e além. E a Josh, como sempre, *Aimer, ce n'est pas se regarder l'un l'autre, c'est regarder ensemble dans la même direction\**.

\*Nota do editor:

“Amar não é olhar um para o outro; é olhar, juntos, na mesma direção.” Antoine de Saint-Exupéry.



Marca de Caim



Capacidade



Escudo elemental



Escudo elemental  
do fogo



O que retorna



Comunhão com  
a natureza



Estudo/Scholomance



Poesia  
(preditor/Catullus)



Graça



Família



Escudo elemental  
da poeira



Escudo elemental  
do vento



Irmãos do Silêncio



Mensagem de fogo  
(Ignis Nuntius)



Nobre



Exultante





Anticoncepcional/Sanger



Antiveneno



Escudo elemental  
da água



Abrigo



Antídoto



Respirar  
(embaixo da água)



Escudo elemental  
do ar



Escudo elemental  
do tempo



Dormir agora



Conexão psíquica



Vigília



Energia



Escudo elemental  
da mente



Escudo elemental  
do coração



Amor-próprio



Invocar arma



Autoconfiança



Exilado



Reanimar



Consolo



Escudo elemental  
da terra



Autoridade



Evitado



Fogo Celestial

## Cena deletada

Sob a luz do amanhecer, a Ponte Blackfriars era estranhamente adorável, como uma ponte fantasma arqueando sobre as águas de uma cidade imaginária.

Emma estava de pé em um dos parapeitos, fitando a água abaixo. Não tinha conseguido dormir, embora tivesse passado horas tentando, revirando-se para lá e para cá no quarto que — Evelyn lhe dissera — tinha pertencido a Tessa Gray antes de se casar com Will Herondale, e que depois viera a pertencer à sua filha, Lucie.

Mas ela não estava pensando em Will. Estava pensando no outro menino que tinha amado Tessa: seu próprio ancestral, Jem Carstairs. Era aqui nesta ponte, com a visão enevoada da catedral de São Paulo, que eles se encontravam todos os anos. Eles viram a linha do trem ao lado da ponte ser construída, derrubada e reerguida. Assim como Emma, eles teriam sido capazes de enxergar o pináculo do Instituto, de um branco pálido como a torre de um bolo de casamento, erguendo-se como parte do horizonte que nenhum mundano podia ver.

Eles teriam visto as carruagens se transformando em ônibus vermelhos de dois andares, que zuniam em ambas as direções. As lâmpadas a gás se tornando elétricas. Anáguas virarem saias estilo melindrosa e então jeans.

Emma se ergueu até a mureta de pedra da ponte. O vestido se enrolou em suas pernas por causa do vento que vinha do rio. A água tinha a cor dos olhos de mel, um tipo de azul-castanho-esverdeado, e ela se perguntava se costumava ser assim quando Jem e Tessa eram jovens, se eles costumavam admirar a trilha dos barcos no Tâmesa respingando nos pilares.

*Eis uma história de amor, pensou ela, que fora bem-sucedida, apesar de todos os obstáculos.*

Mas nem todos tinham essa sorte.

Emma encolheu os dedos dos pés dentro das botas. Estava usando um feitiço de disfarce, assim os poucos pedestres que se apressavam para o trabalho, com

as golas levantadas por conta da névoa, não conseguiam enxergá-la. Ela queria gritar, pular ou dançar, qualquer coisa para se livrar da ansiedade que se enroscava pelo seu corpo, da pressão de *saber* que a família que ela tanto amava estava em perigo, que Julian estava em perigo, vindo de todas as direções. Ela queria explodir e sair da própria pele. Queria pegar Cortana e abrir caminho entre mil cavaleiros Unseelie.

Queria conversar com Jules. Mas nem isso podia fazer.

Alguma coisa a cutucou, como a mão invisível de alguém puxando sua manga. Ela se virou e o viu do outro lado da ponte.

Julian. Ele cruzou a ponte, sem pressa, com as mãos nos bolsos do jeans. Conforme foi se aproximando, ela notou que ele parecia cansado, muito cansado, com olheiras circulando os olhos e um restolho de barba escurecendo o queixo e a mandíbula.

Ela baixou o olhar em sua direção, quando ele parou ao seu lado.

— Como você me encontrou? — perguntou ela.

— Você é minha *parabatai* — retrucou ele. — Eu sempre vou conseguir te encontrar.

— Está tudo bem? — Emma pulou da mureta e começou a espanar a poeira do casaco leve. Ela o encontrara em um dos depósitos do Instituto: era azul-claro, com detalhes de renda desbotada nas laterais.

— São cinco da manhã — observou ele. — Você sumiu. Eu fiquei preocupado.

— E lacônico — comentou ela. — Muito lacônico.

Julian deu um sorrisinho sem graça.

— Você sabia que a palavra “lacônico” vem do grego *Lakōnikos*, o outro nome dos espartanos? Eles eram conhecidos pela concisão.

— E por abandonar crianças pouco obedientes em despenhadeiros gelados.

— Eu tentei fazer isso com Dru, mas ela me mordeu — retrucou Julian. Parte da tensão abandonando seus ombros, aí e ele se aproximou um pouco mais de Emma no parapeito. Ambos fitaram a água abaixo, erguendo-se, respingando e formando cristas. Não era o Oceano Pacífico, mas era alguma coisa.

— É esquisito, não? — falou Emma. — Eu tenho a sensação de que já estive aqui.

— Eu também. Talvez porque a gente tenha ouvido falar daqui muitas vezes.

— Eles ficaram em silenciosa contemplação por alguns momentos. Era verdade, eles tinham ouvido a história muitas vezes; de Jem, Tessa, e até de Diana. Jem era um nome famoso entre os Caçadores de Sombras, por ter sido Irmão do Silêncio durante muitos anos e então ter voltado literalmente numa chama de fogo celestial.

Emma sempre tinha a sensação de que, para Tessa, ele não era nenhuma dessas coisas — Irmão do Silêncio ou guerreiro ressuscitado em fogo. Ele era apenas Jem, que sempre fora seu amigo. Mesmo quando ela amara e se casara com outra pessoa, ele fora seu amigo.

Emma se perguntava se um dia seria capaz de lidar assim com Julian. Talvez ele se casasse com outra pessoa: será que ele ainda a amaria como amiga? Será que concordaria com encontros como este, uma vez ao ano, só os dois, sem a presença da mulher?

*A mulher dele.* De repente, Emma sentiu como se fosse vomitar no rio. Pensou na menina fada na festa, no momento em que Jules a beijou. E aí pensou que a dor sentida naquele dia seria apenas uma picadinha em comparação à ferida de espada que ela sentiria quando Julian realmente se apaixonasse por outra pessoa.

Pelo visto, ele estava achando que sua aparência doente era por causa da preocupação; pôs a mão sobre a dela na pedra e Emma sentiu seus dedos se dobrarem impotentemente.

— Eu também não consegui dormir. Fiquei pensando no que poderia acontecer com o Instituto. No início, quando Arthur morreu, eu senti... — Seu rosto endureceu.

— Alívio. — Emma sabia sem nem precisar perguntar. — Era uma coisa que você não precisava mais manter em segredo.

— Pode acreditar, eu me odeio por isso. Mas depois percebi que, sem Arthur, nós temos basicamente o mesmo problema de antes. Quem concordaria em dirigir o Instituto sem nos separar? Em quem nós poderíamos confiar em relação a Ty? E agora temos que cuidar de Kit, esse Herondale secreto, isso sem falar em Kieran e Deus sabe quem mais da Corte das Fadas que pode aparecer...

— Nós não somos uma família normal — falou Emma.

— Foi esse eufemismo que fez Jonathan Caçador de Sombras se levantar do túmulo.

— Nós poderíamos pedir à Clave — falou ela. — Para trazer de volta...

— Helen? Você sabe que eles não a deixariam dirigir um Instituto, não com o sangue fada.

— Eu estava pensando em Aline — falou Emma. — Ela é uma Caçadora de Sombras. Tem idade para isso. Ela poderia dirigir o Instituto; Helen simplesmente estaria lá no papel de esposa.

Julian passou um dedo bronzeado pela pedra talhada da mureta.

— É uma boa ideia. Ainda teríamos que pedir à Clave que permitisse isso.

— Cristina também tem idade para isso — falou Emma.

— *Cristina?* — Julian pareceu incrédulo, depois sorriu. — Acho que ela tem

idade para isso. Sempre penso que ela tem a nossa idade, mas ela está na metade do intercâmbio; não sei se eles a deixariam interrompê-lo para assumir um instituto.

— Jace e Clary tinham 19 anos — falou Emma.

— E eram heróis famosos da Clave. Como os seus Jem e Tessa.

— Eles não são os *meus* Jem e Tessa. Quero dizer, ele é meu tataratio ou algo assim, mas parece mais um primo do que qualquer outra coisa.

— Eles se encontravam nesta ponte todos os anos, não é?

Emma fez que sim com a cabeça.

— Eu estava pensando em como deve ter sido. Observar o mundo mudar ao redor. Cavalos e carruagens se transformarem em carros. Lâmpadas elétricas e torres de energia...

— Eles se encontravam mesmo quando ela era casada — falou Julian. — Isso não parece... traição?

Emma olhou para ele, surpresa. Julian fitava o rio, conforme a luz da aurora se intensificava, iluminando as pontas de seus cílios, transformando-as em franjas cor de âmbar.

— Não — retrucou ela. — Will sabia.

— Tenho certeza de que ele a deixava fazer o que ela queria. Ele a amava e não teria gostado de dizer não — falou ele.

— Quando você ama alguém, quer que a pessoa seja feliz — falou Emma. — Não quer invejar sua felicidade, não quer que ela estrague a vida ficando de luto por você. Você quer que ela ame outras pessoas também porque o amor faz sua vida parecer mais plena...

Ela se calou, assustada. Não queria ter dito tanta coisa.

Ele semicerrou os olhos.

— Como você sabe disso?

A selvageria abrupta da pergunta foi como um tapa.

— Você sabe que eu quero que você seja feliz.

Julian se afastou do parapeito e se virou para encará-la.

— Eu não estou falando de mim.

— Então estamos falando de quem? — Ela se sentiu tonta, sem equilíbrio, e se recostou contra a mureta, grata por ter alguma coisa na qual se apoiar. — Jules?

— Jules? — Era como se a voz dela estivesse vindo de muito longe, abafada, como se a água tivesse levado sua força. As águas do rio tinham um cheiro próprio, de metal, gasolina e manhã urbana; não lembrava nem um pouco o sal



do oceano. A umidade da névoa que a trazia penetrara nos ossos de Julian.

— É tão fácil para você separar amor e amizade. Tão fácil — retrucou ele.

— Não é — murmurou ela. — Não é fácil. É apenas o que preciso fazer.

No fundinho de sua mente, ele a viu tocar o rosto de Mark ou talvez fosse o seu rosto mesmo. Ele sentia as marcas dos dedos dela em sua bochecha.

— Você falou que eu estava diferente — disse ele. — Na Corte Seelie, você falou que eu estava diferente.

Os cabelos dela estavam soltos e caíam em volta do rosto. A névoa se misturava às mechas loiras-claras. Ela retribuiu o olhar dele, direta e desafiadora.

— Eu falei sério.

— Mas você ainda não sente nada — falou. Ele pôs a mão no ombro de Emma e a deslizou para a curva quente de seu pescoço. A outra mão envolveu a lateral da cintura dela. Ele podia ouvir as batidas do coração dela. — Não quando eu faço isto.

Julian estava imergindo no desejo, seu controle se despedaçava feito vidro lançado de uma janela após uma explosão. Ele quase conseguia imaginar ouvir os cacos chovendo no chão abaixo deles. Os pedaços estilhaçados de sua força de vontade. De sua vida.

— Eu sinto *tudo* quando estou com você. — Os lábios dele estavam abaixo da orelha de Emma; ele a beijou na pele clara e sensível ali, e ela estremeceu. Aí sentiu o corpo dela roçar no dele, e estrelas negras de desejo explodiram sob suas pálpebras. Julian foi dominado pela sensação. O cheiro de Emma, os cabelos dela contra seu rosto. O corpo era todo calor e maciez. Emma tinha gosto de sal e sabonete. Meio ofuscado com isso, ele passou o braço em volta das costas dela e a apertou com mais força contra si. Ela devia saber. *Tinha* que saber.

— Você sente alguma coisa agora? — perguntou ele, e a beijou.

Foi um beijo lento. Ele queria que ela fosse capaz de empurrá-lo, se quisesse, mas ela permaneceu onde estava, congelada e ardendo. Os nós dos dedos dela estavam brancos sobre a mureta, mas os lábios ergueram-se para os dele mesmo assim, pressionando avidamente, abrindo-se para o morder gentil dos dentes dele. Ela arfou colada à boca de Julian, apertou-se para ele, deslizando pelo corpo dele de um modo que fez seu coração parecer prestes a explodir.

Ele se afastou. Ela o encarava, sem fôlego, tocando os lábios com os dedos. Seus olhos estavam úmidos, embora ele não soubesse se eram lágrimas ou o vento cortante.

Ele queria beijá-la outra vez, beijá-la até que nenhum deles conseguisse respirar mais, queria enterrar as mãos nos cabelos dela, perder-se no prazer

incontrolável que sabia que seus corpos poderiam lhes dar. Ele queria Emma. A única mulher que ele já desejara e a única que ele sempre desejaria.

— E agora? — perguntou ele, tentando obrigar a voz a sair com firmeza para passar a ilusão de controle, embora em seu coração ele soubesse que mal conseguia se controlar. Desespero e desejo, amarrados bem apertados, pulsavam em seu sangue. — Diga-me o que você está sentindo, Emma.

Ela o encarou. Nos olhos arregalados, ele viu uma praia, gaivotas voando em círculos, o rosto aflito. Ele ouviu a própria voz ecoando pelos dias.

— Eu te amo, Jules — falou ela. — Eu te amo. Só que não desse jeito.

# Blackfriars Bridge

## (Cena deletada)

Tradução Manoela Alves

Sob a luz do amanhecer, a Blackfriars Bridge é estranhamente adorável, como uma ponte fantasma arqueando sobre as águas de uma cidade imaginária.

Emma estava de pé em um dos parapeitos, fitando a água abaixo. Não tinha conseguido dormir, embora tivesse passado horas tentando, se revirando para lá e para cá no quarto que, segundo Evelyn, tinha pertencido a Tessa Gray antes de se casar com Will Herondale, e que depois viera a pertencer a sua filha Lucie.

Mas ela não estava pensando em Will. Estava pensando no outro menino que tinha amado Tessa: seu próprio ancestral, Jem Castairs. Era aqui nesta ponte, com a visão enevoada da catedral de São Paulo, que eles se encontravam todos os anos. Eles viram a linha do trem ao lado da ponte ser construída, derrubada e então reerguida. Assim como Emma, eles teriam sido capazes de enxergar o pináculo do Instituto, de um branco pálido como a torre de um bolo de casamento, erguendo-se como parte do horizonte que nenhum mundano podia ver.

Eles teriam visto as carruagens se transformando em ônibus vermelhos de dois andares, que zuniam em ambas as direções. As lâmpadas a gás se tornando elétricas. Anquinhas virarem saias estilo melindrosa e, então, jeans.

Emma se ergueu até a mureta de pedra da ponte. O vestido se enrolou em suas pernas por causa do vento que vinha do rio. A água tinha o mesmo tom de olhos cor de mel, um tipo de azul, castanho e esverdeado, e ela se perguntava se costumava ser assim quando Jem e Tessa eram jovens, se eles costumavam admirar a trilha dos barcos no Tâmis respingando nos pilares.

*Eis uma história de amor, pensou ela, que fora bem-sucedida, apesar de todos os obstáculos.*

Mas nem todos tinham essa sorte.

Ela encolheu os dedos dos pés dentro das botas. Emma estava usando um feitiço de disfarce, assim os poucos pedestres que se apressavam para o trabalho, com as golas levantadas por conta da névoa, não conseguiriam enxergá-la. Ela queria gritar, pular, dançar... qualquer coisa para se livrar da ansiedade que se enroscava em seu corpo, da pressão de *saber* que a família que ela tanto amava estava em perigo, que *Julian* estava em perigo, vindo de todas as direções. Ela queria explodir e sair da própria pele. Queria pegar Cortana e abrir caminho entre mil cavaleiros Unseelie.

Queria conversar com Jules. Mas nem isso podia fazer.

Alguma coisa a cutucou, como a mão invisível de alguém puxando sua manga. Ela se virou e o viu do outro lado da ponte.

Julian cruzou a ponte, sem pressa, com as mãos nos bolsos do jeans. Conforme se aproximava, Emma notou que ele parecia cansado, muito cansado, com olheiras e uma barba por fazer escurecendo o queixo e a mandíbula.

Emma baixou o olhar em sua direção quando Julian parou ao seu lado.

— Como você me encontrou? — perguntou ela.

— Você é minha *parabatai* — respondeu Julian. — Eu sempre serei capaz de te encontrar.

— Está tudo bem? — Emma pulou da mureta e começou a espanar a poeira do casaco leve. Ela o encontrara em um dos depósitos do Instituto: era azul-claro, com detalhes de renda desbotada nas laterais.

— São cinco da manhã — observou Julian. — Você sumiu. Fiquei preocupado.

— E lacônico — comentou ela. — Muito lacônico.

Julian deu um sorrisinho sem graça.

— Sabia que a palavra “lacônico” vem do grego *Lakōnikos*, o outro nome dos espartanos? Eles eram conhecidos pela concisão.

— E por abandonar crianças pouco obedientes em despenhadeiros gelados.

— Eu tentei fazer isso com Dru, mas ela me mordeu — retrucou Julian. Parte da tensão abandonava seus ombros, então ele se aproximou um pouco mais de Emma no parapeito. Ambos fitaram a água abaixo, erguendo-se, respingando e formando cristas. Não era o oceano Pacífico, mas já era alguma coisa.

— É esquisito, não? — falou Emma. — Tenho a sensação de que já estive aqui.

— Eu também. Talvez porque a gente tenha ouvido falar daqui muitas vezes. — Eles ficaram em silenciosa contemplação por alguns momentos. Era verdade, eles tinham ouvido a história muitas vezes: de Jem, de Tessa e até de Diana. Jem era um nome famoso entre os Caçadores de Sombras por ter sido Irmão do

Silêncio durante muitos anos e então ter voltado em uma verdadeira chama de fogo celestial.

Emma sempre tinha a sensação de que, para Tessa, ele não era nenhuma dessas coisas, Irmão do Silêncio ou guerreiro ressuscitado em fogo. Ele era apenas Jem, que sempre fora seu amigo. Mesmo quando ela amara e se casara com outra pessoa, ele fora seu amigo.

Emma se perguntava se um dia seria capaz de agir assim com Julian. Talvez ele se casasse com outra pessoa. Será que Julian ainda a amaria como amiga? Será que concordaria com encontros como este, uma vez ao ano, só os dois, sem a presença da mulher?

*A mulher dele.* De repente Emma sentiu como se fosse vomitar no rio. Pensou na menina fada na festa, no momento em que Julian a beijou. E então pensou que a dor sentida naquele dia seria apenas uma picadinha em comparação à ferida de espada que ela sentiria quando Julian realmente se apaixonasse por outra pessoa.

Julian parecia acreditar que a aparência abatida de Emma era de preocupação. Ele pôs a mão sobre a dela na pedra e Emma sentiu seus dedos se dobrarem impotentemente.

— Também não consegui dormir. Fiquei pensando no que poderia acontecer com o Instituto. No início, quando Arthur morreu, eu senti... — Seu rosto endureceu.

— Alívio. — Emma sabia sem nem precisar perguntar. — Era algo que você não precisava mais manter em segredo.

— Pode acreditar, eu me odeio por isso. Mas depois percebi que, sem Arthur, nós temos basicamente o mesmo problema de antes. Quem concordaria em dirigir o Instituto sem nos separar? Em quem poderíamos confiar em relação a Ty? E agora temos que cuidar de Kit, esse Herondale secreto. Isso sem falar em Kieran e Deus sabe quem mais da Corte das Fadas que pode aparecer...

— Não somos uma família normal — falou Emma.

— Foi esse eufemismo que fez Jonathan Caçador de Sombras se levantar do túmulo.

— Nós poderíamos pedir à Clave — falou ela. — Para trazer de volta...

— Helen? Você sabe que eles não a deixariam dirigir um Instituto, não com o sangue de fada.

— Eu estava pensando em Aline — falou Emma. — Ela é uma Caçadora de Sombras. Tem idade para isso. Poderia dirigir o Instituto. Helen simplesmente estaria lá no papel de esposa.

Julian correu os dedos pela pedra talhada da mureta.

— É uma boa ideia. Mas ainda precisaríamos da permissão da Clave.

— Cristina também tem idade suficiente — falou Emma.

— *Cristina?* — Julian pareceu incrédulo, depois sorriu. — Acho que sim. Sempre acho que ela tem a nossa idade. Mas ela está na metade do intercâmbio, não sei se eles a deixariam interrompê-lo para assumir um Instituto.

— Jace e Clary tinham 19 anos — falou Emma.

— E eram heróis famosos da Clave. Como os seus Jem e Tessa.

— Eles não são os *meus* Jem e Tessa. Quero dizer, ele é meu tataratio ou algo assim, mas parece mais um primo do que qualquer outra coisa.

— Eles se encontravam nesta ponte todos os anos, não é?

Emma fez que sim com a cabeça.

— Eu estava pensando em como deve ter sido. Observar o mundo mudar ao redor. Cavalos e carruagens se transformarem em carros. Lâmpadas elétricas e torres de energia...

— Eles se encontravam mesmo quando ela era casada — falou Julian. — Isso não parece... traição?

Emma olhou para ele, surpresa. Julian fitava o rio, conforme a luz da aurora se intensificava, iluminando as pontas de seus cílios, transformando-as em franjas cor de âmbar.

— Não — retrucou ela. — Will sabia.

— Tenho certeza de que ele a deixava fazer o que quisesse. Ele a amava e não teria gostado de dizer não — falou ele.

— Quando você ama alguém, quer que a pessoa seja feliz — falou Emma. — Não quer invejar sua felicidade, não quer que ela estrague a vida ficando de luto por você. Você quer que ela ame outras pessoas também, porque o amor faz sua vida parecer mais plena...

Emma se calou, assustada. Não queria ter dito tanta coisa.

Julian semicerrou os olhos.

— Como você sabe disso?

A selvageria abrupta da pergunta foi como um tapa.

— Você sabe que quero que você seja feliz.

Julian se afastou do parapeito e se virou para encará-la.

— Não estou falando de mim.

— Então estamos falando de quem? — Ela se sentiu tonta, sem equilíbrio, e se recostou contra a mureta, grata por ter algo no qual se apoiar. — Jules?

— Jules? — Era como se a voz dela estivesse vindo de muito longe, abafada, como se a água tivesse levado sua força. As águas do rio tinham um cheiro próprio, de metal, gasolina e manhã urbana, e não lembrava nem um pouco o sal

do oceano. A umidade da névoa que a trazia penetrara nos ossos de Julian.

— É tão fácil para você separar amor e amizade. Tão fácil... — retrucou ele.

— Não é — murmurou Emma. — Não é fácil. É apenas o que preciso fazer.

Bem no fundo de sua mente, Julian a viu tocar o rosto de Mark, ou talvez fosse o seu rosto mesmo. Ele sentia as marcas dos dedos dela em sua bochecha.

— Você falou que eu estava diferente — disse Julian. — Na Corte Seelie, você falou que eu estava diferente.

Os cabelos de Emma estavam soltos e caíam em volta do rosto. A névoa se misturava às mechas louro-claras. Ela retribuiu o olhar de Julian, direta e desafiadora.

— Era verdade.

— Mas você ainda não sente nada — continuou. Julian pôs a mão no ombro de Emma e a deslizou para a curva quente de seu pescoço. A outra mão envolveu a lateral de sua cintura. Ele podia ouvir as batidas do coração de Emma. — Não quando eu faço isto.

Julian estava imergindo no desejo, seu controle se despedaçando feito vidro lançado de uma janela após uma explosão. Ele quase conseguia imaginar ouvir os cacos chovendo no chão abaixo deles. Os pedaços estilhaçados de sua força de vontade. De sua vida.

— Eu sinto *tudo* quando estou com você. — Os lábios de Julian estavam abaixo da orelha de Emma. Ele a beijou no ponto sensível ali, e Emma estremeceu. Aí sentiu o corpo dela roçar no dele, e estrelas escuras de desejo explodiram sob suas pálpebras. Julian foi dominado pela sensação. O cheiro de Emma, os cabelos dela contra seu rosto. O corpo era todo calor e maciez. Emma tinha gosto de sal e sabonete. Meio ofuscado com isso, ele passou o braço em volta das costas dela e a apertou com mais força contra si. Ela devia saber. *Tinha* que saber.

— Você sente alguma coisa agora? — perguntou Julian, e a beijou.

Foi um beijo lento. Julian queria que ela fosse capaz de empurrá-lo se quisesse, mas Emma permaneceu, congelada e ardendo. Os nós dos dedos dela estavam brancos sobre a mureta, mas os lábios se ergueram para os dele mesmo assim, pressionando avidamente, abrindo-se para o morder gentil dos dentes dele. Emma arfou, colada à boca de Julian, aprumou-se para ele, deslizando pelo corpo dele de um modo que fez seu coração parecer prestes a explodir.

Ele se afastou. Ela o encarava, sem fôlego, tocando os lábios com os dedos. Seus olhos estavam úmidos, embora ele não soubesse se eram de lágrimas ou do vento cortante.

Julian queria beijá-la outra vez, beijá-la até que nenhum deles conseguisse respirar mais. Queria enterrar as mãos nos cabelos de Emma, perder-se no prazer

incontrolável que sabia que seus corpos poderiam lhes dar. Ele queria Emma. A única mulher que ele desejara e a única que sempre desejaria.

— E agora? — perguntou novamente, tentando obrigar a voz a sair com firmeza para passar a ilusão de controle, embora em seu coração ele soubesse que mal conseguia se controlar. Desespero e desejo, amarrados bem apertados, pulsavam em seu sangue. — Diga-me o que você está sentindo, Emma.

Ela o encarou. Nos olhos arregalados, ele viu uma praia, gaivotas voando em círculos, o rosto aflito. Ele ouviu a própria voz ecoando pelos dias.

— Eu te amo, Jules — falou ela. — Eu te amo. Só que não desse jeito.



## Julian e Emma no chalé na Cornualha (Cena estendida)

Tradução de Manoela Alves

— Jules. Diga alguma coisa, por favor... — pediu Emma.

As mãos de Julian apertaram convulsivamente os ombros dela. Emma ofegou quando seu corpo colidiu com o dele, guiando-a para trás até que alcançassem a parede. Ela o encarou com espanto evidente. Julian podia se ver refletido nos olhos de Emma. Ele mal podia se reconhecer, e sua voz soou estranha quando falou, mesmo aos próprios ouvidos:

— *Julian* — falou. — Eu quero que me chame de Julian. Apenas assim agora.

Os olhos de Emma pareceram ganhar vida. Seus lábios se moveram lentamente — os lábios macios e deliciosos dela, a boca que ele desejara pelo que parecia um milhão de anos de um desejo silencioso, desesperado e impossível.

— Julian — Emma disse, exalando seu nome em um suspiro.

O som da voz de Emma pronunciando seu nome — não o apelido como ela o chamava quando eram crianças — enviou algo quente e obscuro por suas veias. Suas mãos apertaram ainda mais os ombros de Emma e ele beijou sua boca com uma força e um desespero que mal poderiam ser chamados de beijo.

Cada músculo em seu corpo pareceu se contrair ao mesmo tempo, o beijo preenchendo todos os seus sentidos de forma suave e doce. O cheiro do cabelo e da pele de Emma, a visão dela de olhos fechados, o movimento dos seus cílios. *Emma*. Sua Emma. Ela o agarrou de volta, prendendo-o junto a si com força, retribuindo cada carícia naquele beijo. Emma tinha um gosto silvestre e de

chuva, e Julian se perguntou como pôde sequer imaginar que a fada que havia beijado pudesse ser ela. Julian reprimiu um gemido. Emma sabia que isso era uma péssima ideia, ela era a sensata entre os dois e uma parte de Julian lhe dizia que se ele pudesse esconder o quanto a desejava, de quanto abriria mão por esse momento, Emma deixaria rolar. Deixaria que os dois cometessem este erro colossal que era a única coisa que mantinha seu coração batendo.

As mãos de Emma se abaixaram, tocando a nuca de Julian. Seus dedos eram longos, delicados para as mãos de uma guerreira, mas nada macios: seus calos arranhavam gentilmente a pele macia acima da gola da camisa e Julian estremeceu com o esforço de não perder o controle naquele momento. Emma estendeu a mão para tirar seu casaco, deslizando-o pelos braços de Julian e puxando-o pela cabeça.

Em seguida partiu para a camiseta, mas hesitou. O coração de Julian disparou contra as costelas. *Por favor, que ela não queira parar. Por favor, que ela ainda me queira.* Os lábios de Emma se abriram conforme erguia o olhar até Julian. Seus cabelos loiros estavam pendurados em grossas mechas douradas molhadas sobre os ombros, molhando sua blusa. Julian podia ver o sutiã dela através do tecido, seus mamilos rígidos com o frio. Ele estava tão excitado que doía.

Julian colocou as mãos na cintura de Emma. Ele adorava segurá-la assim, como se estivesse prestes a erguê-la em seus braços, como se estivessem dançando. Ele ouviu sua respiração acelerar e deslizou as mãos por seu corpo, envolvendo e acariciando seus seios. Emma gemeu baixinho, a cabeça pendendo para trás.

Desejo e triunfo o invadiram de uma só vez em uma combinação inebriante. A primeira vez deles tinha sido uma explosão de desejo e instinto. Julian não tivera certeza se conseguira satisfazê-la. Mas cada inspiração acelerada que Emma dava agora era como apagar fogo com gasolina. Ele não achava que poderia desejá-la mais, mas o calor invadindo seu corpo o fez pensar na igreja cujas paredes de pedra eles reduziram a cinzas.

Julian a beijou profundamente e Emma gemeu em sua boca, e suas mãos nas costas dele o puxaram ainda mais para si. Ela arqueou o corpo contra o dele, contra o corpo que a desejava tanto que doía. Julian ouvia a própria voz dizendo o nome de Emma e teve que se forçar para não implorar que ela dissesse que o amava, que o desejava.

Mas não conseguiu controlar suas próprias palavras. Enterrou o rosto em Emma, beijando suas bochechas, seu pescoço. Deslizou os polegares sob o cós da calça jeans que ela vestia e a puxou para baixo, e Emma chutou o tecido molhado para longe. As mãos de Julian apertaram a cintura dela, a delicada curva dos quadris sob seus dedos, algo insuportavelmente íntimo ao toque.

— Eu te amo — tentou, mas as palavras saíram engasgadas. — Eu te amo tanto...

Julian pensou tê-la sentido congelar. Havia ido longe demais. Mesmo com o medo rasgando-o, ele ainda a desejava dolorosamente. Quando Emma virou a cabeça e beijou sua mão, ele quis gritar.

— Julian — Emma começou, com a voz tremendo. — Eu...

— Não — interrompeu, e a beijou, desesperado para não ouvir que isso era impossível. Os lábios de Emma arderam sobre os seus, acariciando sua boca. — Não quero ser razoável. Não quero lógica. Quero isso.

Emma parou, os lábios no pescoço de Julian.

— Mas você precisa saber...

Julian negou com a cabeça.

— Não, eu não preciso.

Julian alcançou a bainha da camisa que ainda vestia e a puxou, tirando-a. Seu cabelo molhado respingou gotas sobre ele e Emma.

— Tenho estado quebrado por semanas — começou, e foi difícil dizer essas palavras, mesmo sendo verdadeiras e honestas. Talvez porque *fossem* verdadeiras e honestas. — Preciso ser completo de novo. Mesmo que não dure.

Emma sacudiu a cabeça, mas suas mãos acariciavam a clavícula de Julian, percorrendo sua pele nua. Quando seus dedos alcançaram a marca *parabatai* de Julian e contornaram seus traços, a excitação dele tornou-se dolorosa.

— Isto não terá futuro — Emma sussurrou. — Vai partir nossos corações.

Julian não conseguia suportar. Havia algo no toque de Emma em sua Marca que o enlouquecia. Ele a pegou pelo pulso, afastou a mão dela e a posicionou sobre o próprio peito. Espalmando a mão de Emma sobre seu coração, Julian se perguntou se Emma conseguiria ver através de sua caixa torácica, como uma janela, ver onde ela havia deixado marcas em cada válvula, ventríloquo e artéria.

— Parta meu coração — disse Julian. — Deixe-o em pedaços. Você tem minha permissão.

Julian viu as pupilas de Emma se dilatarem tanto quanto portas abertas. Emma estendeu os braços para ele e Julian pôde sentir a dor do desejo em sua voz, um desejo igual ao seu.

— Sim, Julian — concordou Emma, por fim. — Sim.

Julian a pegou, erguendo-a, e tirou sua blusa. Emma tirou o sutiã e então alcançou o cóis da calça de Julian. Deslizou a mão para dentro, com um sorriso malicioso. Sua mão o envolveu, a palma e os dedos em um tormento doce e ardente. Julian pressionou a testa contra o ombro de Emma, deliciando-se com as ondas de prazer por saber que ela também o desejava, que o tocava, até que elas começaram a se intensificar. Temendo que acabassem rápido, Julian se separou

abruptamente para se livrar das próprias roupas enquanto Emma soltava uma risada baixa e profunda, que o atingiu em cheio.

— Julian — Emma suspirou. — Volte.

Os braços de Emma o buscavam, trazendo-o de volta para si. Então as mãos de Julian estavam novamente em seus quadris e ele a ergueu, pressionando-a entre o próprio corpo e a parede. Os dois se encararam por apenas um segundo, que pareceu uma eternidade. Do lado de fora, o vento, a chuva e o mar açoitavam as pedras do penhasco. No interior do estranho local que já fora o monumento de um amor perdido, eles estavam juntos, e nada mais importava. Eles se encontravam no menor espaço imaginável, o espaço onde os corações dos amantes encontram seu caminho de volta após uma separação impossível.

Julian inclinou a cabeça para beijar Emma com uma gentil reverência: primeiro os lábios, depois os seios. Ele a sentiu tremer de prazer. As longas pernas de Emma se ergueram e envolveram sua cintura. Com os dedos no queixo de Julian, Emma ergueu o rosto dele para perto de si enquanto ele a segurava pelas coxas e beijava sua boca entreaberta, envolvendo sua língua com a dela até que não pudesse mais se segurar e se lançasse ainda mais para perto dela, para dentro dela.

Emma ofegou e estremeceu, seu corpo macio e quente envolvendo-o. Seus lábios se abriram enquanto seus olhos se fechavam. Julian se desculpou silenciosamente por todos os clichês que agora sabia serem verdade: que os corpos se encaixavam como as peças de um quebra-cabeça, que Emma era sua outra metade, que isso era algo tão extraordinário que ninguém mais havia vivenciado e que ninguém jamais viveria, que havia acontecido em um país ainda não descoberto. *Ah, minha América, minha terra recém-descoberta...*

Julian se arrastou de volta para a realidade.

— Você está bem? — sussurrou, impressionado por ter conseguido proferir quaisquer palavras.

Os tornozelos de Emma se cruzaram em suas costas e ele quase desmaiou. Suor escorria pelo pescoço dela, por sua clavícula, quando disse:

— Não pare.

Julian começou a se mover e Emma se arqueou contra ele, as mãos buscando apoio nas paredes. Ela dizia seu nome — *Julian, Julian* — e os dedos de Julian percorrem suas costas, embalando seu corpo enquanto lutava por controle. O clímax emergiu como uma espiral a cada movimento, a cada toque da pele de Emma contra a sua. Ela ofegava, e suas mãos agarraram os ombros de Julian. Ele sabia que estava repetindo e repetindo que a amava enquanto ela gemia e o prazer explodia dentro dele, incendiando cada nervo de seu corpo.

Julian se ajoelhou, com Emma ainda em seus braços. Havia lágrimas no rosto

dela, embora ele duvidasse que Emma soubesse. Ela o abraçava apertado; ambos se abraçavam, inebriados e exaustos, como os sobreviventes de um navio que encalhou em uma costa distante e lendária.

# Nossas almas despertas

Tradução de Manoela Alves

Clary estava diante do próprio corpo morto.

Por toda parte a terra estava devastada, e um vento fraco soprava seus cabelos. O lugar a lembrava um pouco a paisagem vulcânica e inabitada ao redor da Cidadela Adamant, apesar de o sol aqui parecer desbotado — havia traços de carvão vermelho e preto no ar em vez de nuvens.

Dava para ouvir vozes à distância. Clary as ouviu toda vez que esteve aqui. Ninguém jamais se aproximou o bastante para ajudá-la. Estava deitada no chão e havia sangue em seu rosto, em seus cabelos, em seu uniforme. Seus olhos verdes estavam abertos, encarando cegamente o céu.

Clary se ajoelhou para tocar o próprio ombro quando o chão abaixo de si estremeceu e deu um solavanco, e então ela ouviu alguém gritar seu nome. Girou e de repente tudo deslizou para longe dela, como se estivesse despencando em um abismo. Acordou desesperada, engasgando e arfando.

Por um momento, desorientada, não tinha ideia de onde estava: deitada em um cobertor sobre a grama, fitando um céu repleto de estrelas multicoloridas, que pareciam girar sobre ela como se estivesse encarando um caleidoscópio. Podia ouvir a música à distância, suave e persistente. Uma melodia desconhecida, mas bem peculiar.

O Reino das Fadas. Estava no Reino das Fadas. Com...

— Clary? — Era a voz sonolenta e confusa de Jace. Ele rolou de lado para se aproximar. Ambos tinham dormido com os uniformes de treinamento, sem saber se estariam seguros durante a noite. Suas armas também estavam ao alcance das mãos, e Clary ficou contente pela noite estar quente porque havia se livrado do fino lençol que a cobria enquanto esteve sonhando. — Você está bem?

Clary engoliu em seco. Ainda podia sentir os arrepios na pele.

— Pesadelo.

— Você tem tido muitos pesadelos ultimamente. — Jace se aproximou, a preocupação transparecendo em seus olhos dourados. Os cabelos claros estavam bagunçados, começando a ficar longos demais outra vez, e alguns fios caíam sobre os olhos. — Quer me contar?

Clary hesitou. Como contar a alguém que seus sonhos não são sonhos, são visões? Você sabia que sim. E que estava vendo a si mesma morta, repetidamente, em um futuro cada vez mais próximo. Que um dia você olharia para baixo e veria o próprio corpo e saberia que havia partido para sempre do mundo que amava, e das pessoas que amava e que a amavam de volta.

Não. Ela não podia contar a Jace. Às vezes se esquecia que era a única pessoa no mundo a vê-lo como alguém frágil — exceto por Alec, claro. Para a maioria das pessoas Jace era o menino com sangue do anjo, o diretor do Instituto de Nova York, um dos guerreiros que foram a Edom dar fim à Guerra Maligna. Para ela, Jace sempre seria o garotinho magricela com olhos desesperados que sobreviveu a um pai abusivo e a uma brutal falta de amor durante a infância. O garoto que aprendeu que amar é destruir e que o que você amava morreria em suas mãos.

Clary sabia que Alec entendia, que, de muitas maneiras, ele tinha a forte habilidade de suportar tragédias e permanecer calmo diante do perigo iminente àqueles que amava. Isabelle, talvez? Mas não poderia contar a nenhum dos dois. Não poderia pedir que escondessem um segredo de Jace. Simon não se sairia muito melhor do que Jace. A única pessoa que poderia ajudar era Magnus, pensou, enquanto lutava para se apoiar sobre os cotovelos. Quando voltassem, ela procuraria Magnus. Não quisera lhe contar enquanto ele esteve doente, mas agora talvez não tivesse escolha.

— Apenas um pesadelo bem ruim — respondeu. Era verdade, tanto quanto possível. — Desculpe ter acordado você.

Jace se apoiou sobre um dos braços dobrados e disse:

— Eu teria acordado com a música, de qualquer jeito.

Estava mesmo alta. Clary conseguia ouvir gaitas e violinos ecoando do outro lado das montanhas.

Jace deu um sorriso torto, daqueles que fazia o coração de Clary disparar.

— Devemos nos juntar à festa?

— Isso não é o oposto de estar disfarçado? — Clary perguntou. — Sabe, aparecer em meio a um grande evento no Reino das Fadas. Além disso, você não passa despercebido na pista de dança.

— Eu danço muito *bem* — protestou, as estrelas multicoloridas refletindo em seus olhos. Jace a alcançou e repousou a mão em seus quadris, onde começava a

curva da cintura. Clary se lembrava de ele dizer que era sua parte favorita do corpo dela. — É como uma alça — dissera, e a ergueu com uma das mãos enquanto ela gargalhava. Às vezes ter um namorado bem mais alto do que você não é má ideia.

— Eu disse que era notável, não que era *bom*.

Os olhos de Jace brilharam.

— Venha cá, Fray.

Clary apenas sorriu. O sonho já estava desvanecendo. Havia momentos em que ela até conseguia esquecer as visões e se concentrar na missão no Reino das Fadas e no tempo que passava com Jace. Não havia percebido que aceitar o cargo no Instituto envolveria tanta burocracia e viagens ingratas. Às vezes ela invejava desesperadamente Magnus e Alec, que podiam voltar ao seu apartamento em Alicante e passar o tempo que quisessem juntos. Na metade do tempo Jace era arrastado para Idris enquanto ela lidava com atividades demoníacas locais, junto com Simon e Isabelle.

Na verdade, ser enviada com Jace para algum lugar era uma rara oportunidade de passarem um tempo juntos, e apesar da gravidade de estarem buscando uma arma, Clary estava aproveitando. E o Reino das Fadas era lindo à sua maneira: frutas estavam penduradas como joias em galhos baixos em cores de jade, safira e ametista. Pequenas fadas de asinhas roxas e cor-de-rosa voavam entre as flores e abelhas. Havia piscinas de cristal cheias de nixies, que vinham fofocar enquanto Clary lavava os cabelos. Ainda não havia visto nenhuma sereia, mas uma das nixies revelou que elas passavam a maior parte do tempo no oceano e que suas caudas eram definitivamente impressionantes.

Claro, eles ainda tinham que lidar com a Praga. Trechos acinzentados de terra morta serpenteavam os campos verdes como cicatrizes de batalha. Eles coletaram amostras do solo cinza para os Irmãos do Silêncio. Não era exatamente bonito, mas...

— Clary — chamou Jace. Ele balançou a mão diante do rosto de Clary. Ainda era um choque vê-la temporariamente sem o anel Herondale. — Você parou de prestar atenção em mim.

Clary ergueu as sobrancelhas para Jace.

— Você parece um gato. Se eu paro de te dar atenção, você se enrosca em mim até que eu coce suas orelhas ou algo do tipo.

Jace sorriu profundamente.

— Não exatamente minhas orelhas...

Clary deu um tapinha em seu ombro.

— Não ouse!

Agora Jace gargalhava.



— Por que não?

— Porque sou uma dama — Clary respondeu. — E posso desmaiar.

Às vezes ela ainda se surpreendia com a rapidez com que Jace conseguia se mover. Ele rolou os dois mais rápido do que um piscar de olhos. Deitado acima dela com o peso apoiado nos braços, Jace a encarou com o sorriso começando a escapar dos lábios.

— Eu te reanimou — afirmou ele, com a voz baixa.

Clary se aproximou para tocar seu rosto. Ele a olhava tão sério, e Jace nunca ficava sério se pudesse evitar. Clary se lembrou de como ele a olhava quando a pediu em casamento, e seu coração se apertou com uma dor que beirava a agonia. Sua resposta o magoou. Ela não queria, mas parecia que não tinha escolha. Relembrar, entretanto...

— Me beija — pediu.

Houve uma fagulha de surpresa com o pedido repentino, mas passou rápido. Os reflexos dos Caçadores de Sombras eram convenientes para além das batalhas. Jace se sentou sobre os calcanhares e então puxou Clary para seu colo. Ele envolveu o rosto dela com as mãos e a beijou.

Gentilmente, devagar, explorando. Sua boca na dela era quente e macia. Jace afastou os lábios de Clary e o toque de sua língua disparou uma corrente elétrica pelo corpo da menina. Cada beijo era como aquele primeiro na estufa, refazendo todos os circuitos do seu corpo, ensinando-o: *you never want anything else in life*.

Mas então ela se lembrou: *Clary, quer casar comigo?* E em seguida se lembrou da própria voz tremendo: *Você quer se... casar?*

— Me beija mais — pediu em um sussurro, abraçando-o ainda mais forte, devorando sua boca com a própria língua. Clary percorreu o contorno dos lábios de Jace, fazendo-o arquear de surpresa e desejo. Mordiscou seu lábio inferior e Jace deslizou as mãos por seus cabelos, reunindo grossas mechas, ofegando em sua boca.

— Clary, isso vai... sair de controle... muito rapidamente — sussurrou, e, em resposta, ela alcançou sua camisa e a puxou acima de sua cabeça. Jace a encarava em total espanto, o que era raro, logo antes de direcionar as mãos para os seios de Clary. — Estamos do meio do Reino das Fadas. Há uma festa logo ali. Qualquer um pode aparecer.

— Jace Lightwood Herondale — falou Clary, sua voz não mais do que um sussurro. Se ele achou que cobrir seus seios a faria mudar de ideia, *definitivamente* não ia funcionar. — Você está com vergonha? Não foi você que correu pelado pela Madison com chifres na cabeça?

— Não estou preocupado em *me* verem pelado — respondeu. — Estou

preocupado de alguém ver você pelada.

Clary se inclinou para Jace e beijou o canto de sua boca, sua bochecha e mais abaixo. Ela já conhecia seus pontos sensíveis, incluindo aquele no lado esquerdo de seu pescoço, logo abaixo do ponto de pulsação. Lambeu e sugou sua pele até que Jace inclinasse a cabeça para trás. As mãos dele se moviam por seu corpo agora, a partir da Marca Anticoncepcional na lateral de seu corpo, acariciando dos seios aos quadris, desamarrando o cordão que prendia sua calça do uniforme, que caiu com o ruído de tecido, e Jace deslizou os dedos por entre as pernas dela.

Já estavam juntos há anos e Jace conhecia o corpo de Clary tão bem quanto conhecia armas. Poderia fazê-la se contorcer em seus braços do mesmo jeito que as armas dançavam em suas mãos. Clary gemeu enquanto Jace a tocava, e levou os dedos trêmulos à camisa dele, arrebatando os botões enquanto a arrancava.

— Permita-me — pediu, Jace, com as bochechas coradas e a voz baixa e grave. Isso a corroe mais forte do que o desejo que seu corpo sentia pelo dele. Clary se lembrou do que Jace havia dito: *Claro que quero me casar, o que mais você esperava? Nunca haverá mais ninguém, não para mim. Achei que você se sentisse do mesmo jeito.* E ela sabia o que Jace diria a seguir: *Permita-me, deixe-me satisfazer você, pois posso não saber o que a atormenta em seus sonhos, mas isso é algo que posso fazer.*

Clary apoiou as mãos nos ombros de Jace e deixou que ele a tocasse, a acariciasse, e o prazer se ergueu dentro dela como fumaça. *Eu me sinto do mesmo jeito, sempre me senti. Só você e ninguém mais.* Mas aquela sensação era forte demais para se apegar a memórias. Ela a invadiu, dominando-a, inebriando-a, e ela gemeu, cravando as mãos nas costas de Jace para se manter firme.

Os olhos de Jace estavam vidrados, ardendo de desejo.

— Deite-se — pediu, com a voz rouca, mas Clary balançou a cabeça, as mãos tateando o cós da calça de uniforme que ele vestia. Conseguiu abaixá-la e então o envolveu com as mãos, acariciando-o. Jace se apoiou nos cotovelos, e seu corpo arqueado sob as estrelas coloridas era lindo, os cabelos e as pontas dos cílios cintilando com seu brilho dourado.

Clary se esticou sobre ele, como se fosse um escudo sobre seu corpo, e deslizou as mãos por seu peito, pelas cicatrizes e Marcas ali, como se pudesse proteger seu coração. Mergulhou sobre Jace, como se a união de seus corpos pudesse evitar qualquer separação, pudesse impedir a morte de arrancá-la de Jace, seu maior temor.

Jace gemeu e ergueu as mãos para os quadris de Clary, firmando-a, puxando-a ainda mais para si, e Clary se lembrou daquele dia novamente, da expressão no rosto de Jace, como se algo dentro dele tivesse se partido, e então sua própria voz se erguendo: *Eu te amo. Eu te amo, e preciso que confie em mim: não estou*

*recusando, estou apenas dizendo não agora. Tenho uma boa razão, eu juro. Por favor, acredite em mim, Jace.*

Jace a encarava e Clary podia se ver em seus olhos, iluminada por milhões de estrelas, e o rosto de Jace estava maravilhado, repleto de prazer. *Por favor, Clary rezou, que essa não seja a última vez, que não seja minha última noite com ele, meu último dia com ele. Me deixe ver seu rosto desse jeito outra vez: desse jeito que só eu consigo ver, que sempre foi só pra mim. E permita o mesmo a ele, não o prive disso. Jace passou por muita coisa, já deu tudo de si...*

— Por favor — implorou, falando alto sem perceber, e Jace gemeu enquanto se movia dentro dela, devagar e forte e então rápido. Jace ergueu os ombros do chão e alcançou a boca de Clary com a sua, beijando-a como se pudesse fundi-los em um só. O calor em seu corpo dominava sua mente e tudo o que havia era aquele momento, o retumbar de seu coração disparado no peito. O prazer inevitável se aproximava, invadindo-a como invadia a ele. Invadiria os dois.

— Eu te amo — Clary suspirou, afastando os lábios dos de Jace, vendo seus olhos se arregalarem — e eu sempre, *sempre...*

Clary se desfez nos braços de Jace e foi como desfalecer. Um segundo depois Jace a alcançou e se aninhou nela, jogando o braço esquerdo sobre os olhos em um gesto estranho e vulnerável, como se estivesse se protegendo de uma luz cegante.

Quando Clary conseguiu se recompor, Jace a havia puxado para baixo e os virado de lado, um braço sobre ela e o outro tateando em busca do cobertor e então cobrindo-os. Para o caso de algum fauno a ver nua, Clary pensou, divertida, e beijou o nariz de Jace.

O cabelo dourado de Jace estava escuro na raiz, e seu peito ainda subia e descia rapidamente.

— Jesus, Clary — ofegou. — Isso foi...

*Intenso.* Clary sabia o que Jace estava pensando: depois de cinco anos, quando eles faziam amor era sempre com provocações e risadas, sempre com paixão. Mas dessa vez foi diferente. Alguma parte dela havia encontrado, mais uma vez, a garota desesperada que estivera nas ruínas da Mansão Wayland, abraçando Jace com força demais porque sabia que jamais poderia tê-lo novamente, que era impossível.

Clary reprimiu a lembrança, encolhendo o corpo ainda mais perto de Jace, contornando com a ponta dos dedos a linha da cicatriz Herondale em seu ombro.

— Missões são perigosas — respondeu baixinho. — Amanhã vamos nos infiltrar na Corte Unseelie. Eu... eu pensei que talvez pudesse ser a última vez que estaríamos juntos.

Não era mentira.

Jace pareceu chocado.

— Clary! Sei que nossa vida é perigosa, mas sobrevivemos a tudo que encaramos. — Ele a puxou para perto, enrolando os cabelos dela com os dedos. — Mas eu entendo — continuou, gentilmente. — A pior coisa que posso imaginar é algo acontecer a você.

O coração de Clary se afundou. Ela relaxou contra Jace, a exaustão de seu corpo dominando-a, a sonolência se espalhando enquanto acariciava as costas dele.

— É só que eu... eu te amo tanto — disse, por fim.

— Claro que ama. — As mãos dele haviam parado, os dedos mal se moviam. Sua voz era grossa e sonolenta. — Sou incrível.

Clary queria dizer que ele *realmente* era incrível, que não era brincadeira. Que apesar de saber que o havia magoado ao pedir que esperasse para pedi-la em casamento outra vez, Jace lhe concedeu o tempo que ela havia pedido, sem jamais exigir saber seus motivos. Clary pediu que confiasse nela, e Jace confiou. Isso a fez amá-lo ainda mais, se é que era possível, e Clary não estava alheia à ironia disso. Mas o sono a dominava e ela não podia evitar: o arco-íris de estrelas coloridas girou sobre os dois e Clary repousou a cabeça no ombro de Jace. Pouco antes de adormecer completamente, um vislumbre da terra cinza de suas visões e das áreas atingidas pela Praga no Reino das Fadas cruzou sua mente. Mas desapareceu como uma folha em um furacão, tragada para baixo junto com os dois adormecendo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub  
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

# O SENHOR DAS SOMBRAS

*Twitter do autor:*

<https://twitter.com/cassieclare>

EDIÇÃO DE COLECIONADOR



Da autora de *Os Instrumentos Mortais*  
OS ARTIFÍCIOS DAS TREVAS

# Rainha do Ar e da Escuridão

CASSANDRA CLARE

**Obras da autora publicadas pela editora Record**

**Série Os Instrumentos Mortais**

*Cidade dos ossos*  
*Cidade das cinzas*  
*Cidade de vidro*  
*Cidade dos anjos caídos*  
*Cidade das almas perdidas*  
*Cidade do fogo celestial*

**Série As Peças Infernais**

*Anjo mecânico*  
*Príncipe mecânico*  
*Princesa mecânica*

**Série Os Artíficos das Trevas**

*Dama da meia-noite*  
*Senhor das sombras*  
*Rainha do ar e da escuridão*

**Série As Maldições Ancestrais**

*com Wesley Chu*

*Os pergaminhos vermelhos da magia*  
*O livro branco perdido*

**Série As Últimas Horas**

*Corrente de ouro*  
*Corrente de ferro*

*O Códex dos Caçadores de Sombras*  
*com Joshua Lewis*

*As Crônicas de Bane*  
*com Sarah Rees Brennan e Maureen Johnson*

*Uma história de notáveis Caçadores de Sombras e seres do*  
*Submundo: Contada na linguagem das flores*

*Contos da Academia dos Caçadores de Sombras*  
*com Sarah Rees Brennan, Maureen Johnson*  
*e Robin Wasserman*

*Fantasmas do Mercado das Sombras*  
*com Sarah Rees Brennan, Maureen Johnson, Kelly Link e Robin Wasserman*



CASSANDRA CLARE

OS ARTIFÍCIOS DAS TREVAS

# Rainha do Ar e da Escuridão

Tradução de  
Rita Sussekind  
Ana Resende

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2022

**EDITORA-EXECUTIVA**

Rafaella Machado

**COORDENADORA EDITORIAL**

Stella Carneiro

**EQUIPE EDITORIAL**

Juliana de Oliveira

Isabel Rodrigues

Lígia Almeida

Manoela Alves

**PREPARAÇÃO**

Fernanda Lizardo

**REVISÃO**

Renato Carvalho

**DIAGRAMAÇÃO**

Ricardo Pinto

**IMAGEM DE CAPA**

Lucas Werneck

**TÍTULO ORIGINAL***Queen of air and darkness*

---

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**

---

**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Clare, Cassandra

C541r

A rainha do ar e da escuridão [recurso eletrônico] / Cassandra Clare ; tradução Rita Sussekind, Ana Resende. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2019.  
recurso digital (Os artifícios nas trevas ; 3)

Tradução de: *Queen of air and darkness*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10153-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Sussekind, Rita. II. Resende, Ana. III. Título. IV. Série.

19-55137

CDD: 813  
CDU: 82-3(73)

---

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

---

Copyright © 2018 by Cassandra Clare, LLC

Publicado mediante acordo com a autora a/c BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA  
RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade

literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil  
ISBN 978-65-5981-122-9

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos  
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

Para Sarah,  
ela sabe o que fez.

*Olhai! A morte ergueu seu trono  
Em uma estranha cidade ao abandono,  
Longe, onde o sol morre sem vigor,  
Onde os bons, os maus, os piores e os melhores  
Desfrutam nessa terra o eterno sono.  
Lá, catedrais, palácios e torres  
(Que o tempo corroeu, mas não estremecem!)  
A nada do que é nosso se parecem.  
Em torno, resignadas, sob os céus,  
Esquecidas do furor da ventania,  
Jazem as águas quedas de apatia.*

*Do santo céu nenhum raio esparge  
Sobre a noite tão longa da cidade,  
Mas no mar medonho há uma luz que arde  
Que as torres silenciosamente invade —  
Ilumina ao longe os pináculos —  
As cúpulas, salões, colunas —  
Os templos e as muralhas babilônicas  
Os canteiros sombrios e há muito esquecidos,  
de flores de pedra e hera esculpida  
Erguendo-se muito acima, um magnífico templo  
Em cujos frisos se enroscam, reunidas  
A viola, a violeta e a vinha.  
Esquecidas do furor da ventania,  
Jazem as vagas águas de apatia.  
E nas sombras se enlaçam torreões  
Pelo ar pairando em oscilações,  
Enquanto do alto de soberba torre, na seteira,  
A morte vigia a cidade, sobranceira.*

*Lá, templos e sepulcros se descobrem*

*Mesmo ao nível das ondas de luz fátua;  
Mas nem as riquezas que se escondem  
Nos olhos de diamante das estátuas —  
Nem os mortos de joias, alegres  
Fazem de seu leito vibrar as águas, inabaláveis;  
Pois, ai, nada perturba o mar!  
Naquela imensidão cristalina —  
Nenhuma espuma sugere a brisa  
De um outro mar distante e menos quieto —  
Nenhuma saliência conta dos ventos  
Em mares não tão abjetos e serenos.*

*Mas eis que uma agitação percorre os ares!  
A onda — um movimento dos mares!  
Como se as torres, mansas, sucumbissem,  
Afundando levemente, no mar parado —  
E seus cumes uma fenda abrissem  
Entre as nuvens do Céu translúcido.  
As ondas brilham já com mais rubor —  
As horas sopram já, brando rumor...  
E quando, sem qualquer pranto mundano,  
A cidade submersa for tragada pela voragem,  
O inferno, emergindo soberano,  
fará sua homenagem.*

— Edgar Allan Poe, “A cidade no mar”

# Sumário

## Parte Um

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

## Parte Dois

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

## Parte Três

28

29

30

31

32

33

34

## Epílogo



PARTE UM

# Não te Lamentes

No Reino das Fadas,  
não há lamentações nem alegrias para os mortais.  
— Provérbio fada

# 1

## A Morte Vigia

Havia sangue na plataforma do trono do Conselho, sangue nos degraus, sangue nas paredes e no soalho, e nos fragmentos da Espada Mortal. Mais tarde, Emma se recordaria daquilo como uma espécie de névoa vermelha. Trechos de um poema melancólico ocupavam seu pensamento, algo sobre a impossibilidade de se imaginar quanto sangue as pessoas tinham dentro de si.

Diziam que o choque era capaz de abrandar golpes tão grandes, mas Emma não tinha essa sensação. Ela viu e ouviu tudo: o Salão do Conselho cheio de guardas. A gritaria. Tentou loucamente abrir caminho até Julian, mas os guardas se postaram diante dela como uma onda. E aí mais gritaria. “*Emma Carstairs quebrou a Espada Mortal! Ela destruiu um Instrumento Mortal! Prendam-na!*”

Emma não se importava com o que lhe fizessem, precisava chegar até Julian. Ele ainda estava no chão com Livvy nos braços, resistindo a todos os esforços dos guardas que tentavam pegar o cadáver para levá-lo dali.

— Me deixem passar — dizia ela. — Eu sou a *parabatai* dele, me deixem passar.

— Me dê a espada. — Era a voz da Consulesa. — Emma, me dê Cortana e você vai poder ajudar Julian.

Ela arquejou e sentiu o gosto de sangue na boca. Agora Alec estava ajoelhado na plataforma do trono, ao lado do corpo de seu pai. O soalho do Salão era uma confusão de vultos apressados; entre eles, Emma avistou Mark, carregando um Ty inconsciente, deixando o Salão, empurrando com os ombros outros Nephilim em seu trajeto. Ele parecia mais melancólico do que nunca. Kit estava com ele, mas onde estava Dru? Ali — sozinha no chão; não, Diana estava com ela, abraçando-a e chorando, e lá estava Helen também, tentando se aproximar do estrado.

Emma deu um passo para trás e quase caiu. O piso de madeira estava escorregadio por causa do sangue. A Consulesa Jia Penhallow ainda estava diante dela, estendendo a mão magricela, à espera de Cortana. *Cortana*. A espada era parte da família de Emma, fora parte de suas recordações desde que ela se entendia por gente. Ainda era firme em sua lembrança o momento em que Julian a depositara em seus braços depois da morte de seus pais, o jeito como ela aninhara a espada junto ao corpo como se fosse uma criança, alheia ao corte profundo que a lâmina fizera em seu braço.

Jia estava pedindo que ela abrisse mão de um pedaço de si.

Mas Julian estava lá, sozinho, arrasado, encharcado de sangue. E nele havia um pedaço maior dela do que Cortana tinha. Emma entregou a espada e, ao senti-la escapando de suas mãos, o corpo todo se retesou. Ela quase acreditou ter ouvido Cortana gritando ao ser separada dela.

— Pode ir — falou Jia. Emma ouvia outras vozes, incluindo os berros de Horace Dearborn, alterado, ordenando que ela fosse detida, que a destruição da Espada Mortal e o desaparecimento de Annabel Blackthorn precisavam de respostas. Jia dava ordens aos guardas, mandando que tirassem todos do Salão: agora era hora de luto, não de vingança... Annabel seria encontrada... *saia com dignidade, Horace, ou vai ser convidado a sair, agora não é o momento...* Aline ajudava Dru e Diana a ficarem de pé, ajudava a saírem do recinto...

Emma caiu de joelhos ao lado de Julian. O odor metálico de sangue estava por toda parte. Livvy era um montinho nos braços dele, a pele da cor do leite desnatado. Ele já havia parado de pedir a ela que acordasse e agora a ninava como se fosse um bebê, o queixo apoiado na cabeça da irmã.

— Jules — murmurou Emma, mas o nome chegou amargo em sua língua, era seu apelido de infância, e agora ele era um adulto, de certo modo um pai de luto. Livvy não tinha sido apenas a irmã dele. Durante anos, ele a criara como uma filha. — Julian. — Ela tocou a bochecha fria dele e, em seguida, a bochecha ainda mais fria de Livvy. — Julian, meu amor, me deixe te ajudar...

Lentamente, ele ergueu o rosto. Parecia ter sido atingido por um balde cheio de sangue. O líquido rubro cobria seu peito, seu pescoço, e se espalhava pelo queixo e as bochechas.

— Emma. — A voz dele não passava de um sussurro. — Emma, eu desenhei tantos *iratzes*...

Mas Livvy já estava morta quando atingiu a madeira do estrado. Antes mesmo de Julian erguê-la nos braços. Nenhuma Marca, nenhum *iratze*, teria ajudado.

— Jules! — Finalmente Helen tinha passado pelos guardas; ela se jogou no chão, ao lado de Emma e Julian, alheia a todo o sangue. Emma ficou

observando, entorpecida, enquanto Helen retirava o fragmento da Espada Mortal do corpo de Livvy e o colocava no chão. As mãos dela ficaram manchadas de sangue. Com os lábios descorados de tristeza, ela envolveu os irmãos num abraço, murmurando palavras de consolo.

Em volta deles, o cômodo se esvaziava. Magnus tinha entrado, caminhando muito lentamente, pálido. Era acompanhado por uma longa fila de Irmãos do Silêncio. Ele foi até a plataforma do trono e Alec ficou de pé, lançando-se nos braços do feiticeiro. Eles ficaram abraçados, sem dizer nada, enquanto quatro dos Irmãos se ajoelhavam e erguiam o cadáver de Robert Lightwood. As mãos dele tinham sido cruzadas sobre o peito e os olhos agora estavam cuidadosamente fechados. Palavras baixinhas, “*ave atque ave, Robert Lightwood*”, ecoavam atrás dele enquanto os Irmãos levavam o corpo para fora.

A Consulesa se aproximou, acompanhada de guardas. Atrás deles, os Irmãos do Silêncio pairavam como espectros, um borrão de pergaminho.

— Você tem que deixá-la ir, Jules — falou Helen com a voz mais gentil. — Eles têm que levá-la para a Cidade do Silêncio.

Julian olhou para Emma; os olhos dele estavam resolutos como o céu de inverno, mas ela era capaz de decifrá-los.

— Deixem que ele faça isso — falou. — Ele quer ser a última pessoa a carregar Livvy.

Helen afagou os cabelos do irmão e lhe deu um beijo na testa antes de se levantar. Daí falou:

— Jia, por favor.

A Consulesa fez que sim com a cabeça. Lentamente, Julian ficou de pé, ainda aninhando Livvy. Ele começou a descer os degraus do estrado, com Helen ao seu lado e os Irmãos do Silêncio no encalço, mas quando Emma se levantou, Jia esticou a mão e a deteve.

— Só a família, Emma — falou.

*Eu sou da família. Me deixe ir com eles. Me deixe ir com Livvy*, gritou Emma silenciosamente, mas manteve a boca firmemente fechada. Não podia acrescentar a própria tristeza ao horror já existente. E as regras da Cidade do Silêncio eram imutáveis. *A Lei é dura, mas é a Lei.*

A pequena procissão seguia em direção às portas. A Tropa havia ido embora, mas ainda havia alguns guardas e outros Caçadores de Sombras no salão. Um coro baixinho de “Saudações e adeus, Livia Blackthorn” os acompanhava.

A Consulesa se virou, Cortana brilhando em sua mão, e desceu os degraus, indo até Aline, que observara Livvy ser levada. Emma começou a tremer, um calafrio que se iniciava bem fundo em seus ossos. Jamais havia se sentido tão sozinha: Julian a estava abandonando, e os outros Blackthorn pareciam a um

milhão de quilômetros, como estrelas distantes, e ela ansiava pela presença dos pais com uma intensidade dolorosa, quase humilhante, e queria Jem e queria Cortana de volta em seus braços, e queria esquecer a imagem de Livvy sangrando e morrendo, amontoada como uma boneca quebrada enquanto a janela do Salão do Conselho explodia e a coroa quebrada capturava Annabel... Será que só ela havia visto aquilo?

— Emma. — Agora alguém a envolvia, braços familiares, gentis, que a ergueram. Era Cristina, que provavelmente aguardara por ela em meio àquele caos, que teimara em permanecer no Salão quando os guardas ordenaram aos berros para que todos saíssem, que não se recusara a sair para permanecer ao seu lado. — Emma, vem comigo, não fique aqui. Eu vou cuidar de você. Sei de um lugar para onde a gente pode ir. Emma. *Corazoncita*. Venha comigo.

Emma permitiu que Cristina a ajudasse a ficar de pé. Magnus e Alec se aproximavam. O rosto de Alec estava tenso, os olhos, avermelhados. Emma ficou parada, de mãos dadas com Cristina, e olhou ao redor do cômodo, que parecia um lugar totalmente diferente de quando eles chegaram, algumas horas atrás. Talvez porque na hora ainda tivesse sol, pensou ela, ouvindo indistintamente Magnus e Alec conversando com Cristina para que esta a levasse até a casa reservada para os Blackthorn. Talvez fosse porque agora o salão estivesse escuro, as sombras grossas feito tinta nos cantos.

Ou talvez porque agora tudo tivesse mudado. Talvez porque nada voltaria a ser a mesma coisa.

— Dru? — Helen bateu gentilmente à porta fechada do quarto. — Dru, posso falar com você?

Pelo menos, tinha quase certeza de que era o quarto de Dru. A casa do canal, próxima à residência da Consulesa, na Princewater Street, fora preparada para a família Blackthorn antes da reunião, pois era presumido que eles passariam algumas noites em Idris. Diana mostrara a casa mais cedo para Helen e Aline, e Helen gostara bastante de flagrar o toque delicado das mãos amorosas da outra por toda parte: na cozinha, viam-se flores, e os quartos tinham plaquinhas com nomes nas portas — o cômodo com duas camas estreitas era para os gêmeos, o de Tavvy estava cheio de livros e brinquedos que ela trouxera da própria casa no segundo andar da loja de armas.

Helen tinha parado na frente de um quarto pequeno com papel de parede florido.

— É para a Dru? — perguntara. — É bonito.

Diana pareceu em dúvida.

— Ah, não faz o estilo de Dru — dissera ela. — Talvez um papel de parede com morcegos ou esqueletos.

Helen se encolhera.

Aline tinha segurado a mão dela e murmurado:

— Não se preocupe. Você vai ficar familiarizada com todos eles de novo. — E então beijara a bochecha de Helen. — Num piscar de olhos.

E talvez tivesse sido assim, pensou Helen, fitando a porta com a plaquinha onde se lia *Drusilla*. Talvez se tudo tivesse dado certo. A pontada de tristeza ardeu em seu peito — ela se perguntava como se sentia um peixe preso num anzol, se contorcendo e se revirando para escapar da pontada cravando sua carne.

Helen se lembrou da dor quando seu pai morreu, quando só conseguira seguir em frente porque sabia que precisava tomar conta da família e cuidar das crianças. Agora ela estava tentando fazer a mesma coisa, mas era evidente que as crianças (se é que elas ainda podiam ser chamadas assim, já que apenas Tavvy era uma criança de fato, e ele estava na casa do Inquisidor e felizmente não tinha participado do horror no Salão do Conselho) ficavam pouco à vontade perto dela. Era como se ela fosse uma desconhecida.

E isso só fazia a dor lancetar seu peito ainda mais fundo. Helen queria que Aline estivesse ali, só que Aline ia passar algum tempo mais com os pais.

— Dru — repetiu Helen, batendo com mais força. — *Por favor*, me deixe entrar.

A porta foi aberta e Helen recuou a mão depressa para evitar socar o ombro da outra acidentalmente. Sua irmã a encarava, estática, de cara feia, usando a roupa preta da reunião, menor do que deveria, apertada demais no peito e na cintura. Os olhos dela estavam tão vermelhos que ela parecia ter passado sombra escarlate nas pálpebras.

— Eu sei que você gostaria de ficar sozinha — falou Helen. — Mas preciso saber se você está...

— Bem? — falou Dru, um pouco rispidamente. A insinuação era óbvia: *Como é que alguma coisa pode estar bem?*

— Sobrevivendo.

Dru desviou o olhar por um instante; os lábios que ela apertava com força estremeceram. Helen ansiava por dar um abraço bem forte na irmã caçula, aninhá-la do jeito que costumava fazer anos atrás, quando Dru era um bebê teimoso.

— Quero saber como Ty está.

— Ele está dormindo — falou Helen. — Os Irmãos do Silêncio deram uma poção sedativa e Mark está tomando conta dele. Você também quer ficar com

ele?

— Eu... — Dru hesitou, e Helen desejou ser capaz de pensar em alguma coisa reconfortante para dizer sobre o irmão. Ela estava apavorada com o que ia acontecer quando ele acordasse. Ele tinha desmaiado no Salão do Conselho, e Mark o levava para os Irmãos, que já estavam no Gard. Eles o examinaram num silêncio sinistro e disseram que fisicamente ele estava bem, mas que lhe dariam ervas soníferas. Disseram que às vezes a mente sabia o momento de se desligar e se preparar para o processo de cura. Embora Helen não soubesse como uma noite de sono ou mesmo um ano dormindo preparassem Ty para a morte da irmã gêmea.

— Eu quero o Jules — falou Dru finalmente. — Ele está aqui?

— Não — respondeu Helen. — Está com Livvy. Na Cidade do Silêncio.

Ela queria dizer que ele voltaria a qualquer momento — Aline comentara que a Cerimônia de preparação para a cremação era rápida —, mas também não queria dizer nada para Dru que, no fim das contas, não seria verdade.

— E onde está Emma? — A voz de Dru era educada, mas clara: *Quero ver as pessoas que conheço, não você.*

— Eu vou chamá-la — falou Helen.

Ela mal tinha se afastado da porta e esta foi fechada com um estalo baixinho, porém determinado. Helen piscou para conter as lágrimas e viu Mark, parado no corredor a poucos metros. Ele se aproximara de modo tão silencioso que ela sequer percebera. E segurava um pedaço de papel amassado que parecia uma mensagem de fogo.

— Helen — falou com a voz rouca. Depois de todos esses anos na Caçada, será que o luto dele seria como o das fadas? Ele estava desganhado, abatido: havia rugas muito humanas abaixo dos olhos e nos cantinhos da boca. — Ty não está sozinho, Diana e Kit estão com ele e, além do mais, ele está dormindo. Preciso conversar com você.

— Preciso falar com Emma — falou Helen. — Dru quer ficar com ela.

— O quarto dela é bem ali; sem dúvida conseguiremos falar com ela antes de irmos embora — falou Mark, indicando o extremo oposto do corredor. As paredes da casa eram forradas por painéis de madeira cor de mel e os lampiões de luz enfeitada lançavam uma luz quente ali; em qualquer outro dia, teria sido uma casa bonita.

— Irmos embora? — repetiu Helen, confusa.

— Recebi uma mensagem de Magnus e Alec, que estão na casa do Inquisidor. Temos que pegar Tavvy e contar que nossa irmã está morta. — Mark esticou a mão para ela, o rosto contorcido de dor. — Por favor, Helen, venha comigo.

Quando Diana era jovem, fizera uma visita a um museu em Londres onde a atração principal era uma Bela Adormecida feita de cera. A pele parecia sebo e o peito subia e descia como se ela “respirasse” devido à ajuda de um motorzinho dentro do corpo.

Agora alguma coisa na quietude e na palidez de Ty a fazia se lembrar da garota de cera. Ele estava deitado na cama, o corpo coberto parcialmente, e seu único movimento era a respiração. As mãos pendiam, abertas, junto às laterais do corpo; Diana só queria ver os dedinhos dele se mexendo, brincando com uma das criações de Julian ou com o fio dos fones de ouvido.

— Será que ele vai ficar bem? — perguntou Kit à meia-voz. As paredes do quarto eram cobertas por papel de parede amarelo e as duas camas estavam forradas com colchas de retalhos. Kit poderia ter se sentado na cama que seria de Livvy, mas não fizera isso. Estava num canto do quarto, as costas encostadas na parede e as pernas junto ao corpo. E observava Ty.

Diana encostou a mão na testa de Ty; estava fria. Ela sentiu seu corpo todo entorpecido.

— Kit, ele está bem — falou, e ajeitou o cobertor do menino; Ty se remexeu e resmungou alguma coisa, afastando as cobertas. As janelas estavam abertas, o consenso fora que o ar fresco faria bem ao menino, mas agora Diana cruzava o cômodo para fechá-las. Sua mãe sempre fora obcecada com a ideia de que pegar um resfriado era a pior coisa que podia acontecer a alguém, e aparentemente os alertas de nossos pais são sempre inesquecíveis.

Para além da janela, dava para ver a cidade, delineada pelo início do crepúsculo e pela lua que se erguia. Pensou num vulto cavalgando e cruzando o céu vasto e se perguntou se Gwyn estaria ciente dos acontecimentos naquela tarde ou se devia enviar uma mensagem. E o que ele faria ou diria quando a recebesse? Ele a procurara certa vez, quando Livvy, Ty e Kit estavam em perigo, mas fora Mark quem o chamara na ocasião. Ela não sabia ao certo se o gesto dele fora por apreço às crianças ou simplesmente um meio de quitar uma dívida.

Diana parou com a mão na cortina. Para falar a verdade, pouco sabia sobre Gwyn. Como líder da Caçada Selvagem, ele estava mais para um ser mítico que humano. Ela se perguntava de que modo as emoções eram processadas por seres tão poderosos e antigos a ponto de se tornarem parte dos mitos e histórias. Como ele poderia se importar genuinamente com a vida breve dos mortais depois de já ter vivenciado tantas coisas?

E ainda assim ele a abraçara e a consolara em seu velho quarto, quando ela lhe revelara algo que até então havia contado apenas a Catarina e a seus pais, e seus pais estavam mortos. Ele fora um tanto gentil... não fora?

*Pare com isso.* Ela voltou para o quarto; agora não era o momento de pensar



em Gwyn, mesmo que um pedacinho dela tivesse esperança de que ele voltaria para lhe oferecer consolo. Não quando Ty poderia acordar a qualquer momento em um mundo de dor nova e terrível. Não quando Kit estava sentado e recostado na parede como se tivesse chegado a alguma praia isolada depois de um naufrágio.

Ela estava prestes a apoiar a mão no ombro de Kit quando ele ergueu o rosto. Não havia marcas de lágrimas ali. Diana se lembrou de que ele também não chorara quando o pai morrera, quando ele abrira a porta do Instituto pela primeira vez e se dera conta de que era um Caçador de Sombras.

— Ty gosta das coisas familiares — falou Kit. — Quando acordar, ele não vai saber onde está. A gente devia botar a bolsa dele aqui, e as coisas que ele trouxe de Londres.

— Está tudo ali. — Diana apontou para a bolsa de pano de Ty, debaixo da cama que deveria ser de Livvy. Sem olhar para Diana, Kit se levantou e foi até a bolsa, abrindo-a e tirando um livro, um livro grosso, com uma encadernação antiquada. Silenciosamente, pousou o livro sobre a cama, bem próximo à mão esquerda aberta de Ty. Diana viu de relance o título em relevo em letras douradas na capa e se deu conta de que ainda sentia pontadas de dor no coração entorpecido.

*O Retorno de Sherlock Holmes.*

A lua já surgia no céu, e as torres demoníacas de Alicante brilhavam sob sua luz.

Fazia muitos anos desde que Mark estivera em Alicante. A Caçada Selvagem sobrevoara a região e ele se recordava de ver os terrenos de Idris em sua vastidão lá embaixo enquanto seus companheiros uivavam e gritavam, em deleite por estarem sobrevoando a terra dos Nephilim. Mas o coração de Mark sempre batera mais rápido ao avistar o lar dos Caçadores de Sombras; o Lago Lyn, uma moeda de prata brilhante, o verdume da Floresta Brocelind, os solares de pedra no interior e o brilho de Alicante na montanha. E Kieran, ao seu lado, pensativo, fitando Mark enquanto este observava Idris.

*Meu lugar, meu povo. Meu lar,* pensara ele. Mas, do solo, ela parecia diferente: mais prosaica, com o cheiro da água do canal no verão e as ruas iluminadas pela forte luz enfeitada. A casa do Inquisidor não era muito longe, mas eles caminhavam devagar. Passaram-se alguns minutos antes de Helen falar pela primeira vez:

— Você viu nossa tia no Reino das Fadas. Nene. Só Nene, não é?

— Ela estava na Corte Seelie. — Mark assentiu, feliz por ter quebrado o silêncio. — Quantas irmãs nossa mãe tinha?

— Seis ou sete, acho — falou Helen. — Nene é a única boazinha.

— Eu pensei que você não soubesse onde ela estava.

— Ela nunca me disse onde era, mas em mais de uma ocasião entrou em contato desde que fui enviada para a Ilha Wrangel — falou Helen. — Acho que no fundo ela se solidarizava comigo.

— Ela ajudou a gente a se esconder e cuidou de Kieran — falou Mark. — Ela me contou sobre nossos nomes de fada. — Ele olhou ao redor; tinham chegado à casa do Inquisidor, a maior casa naquele trecho, com varandas que davam para o canal. — Eu nunca imaginei que voltaria para cá. Não para Alicante. E não como um Caçador de Sombras.

Helen apertou o ombro do irmão e eles caminharam juntos até a porta. Ela bateu e um Simon Lewis um tanto cansado abriu a porta. Fazia anos que Mark não o via, e agora o outro parecia mais velho: ombros mais largos, os cabelos castanhos mais compridos e a barba por fazer.

Ele deu um sorriso torto para Helen.

— Da última vez que estivemos aqui, eu estava bêbado e aos berros debaixo da janela de Isabelle. — Ele se virou para Mark. — E da última vez que te vi, eu estava preso numa jaula no Reino das Fadas.

Mark se lembrava. Simon olhando por entre as barras da jaula das fadas, e Mark dizendo: *Não sou fada. Sou Mark Blackthorn do Instituto de Los Angeles. Não importa o que digam ou façam comigo. Ainda lembro quem eu sou.*

— Sim — concordou Mark. — Você me deu notícias dos meus irmãos e irmãs, e do casamento de Helen. Eu fiquei agradecido. — Por puro hábito, ele fez uma breve medida, e flagrou o olhar surpreso da irmã.

— Eu queria ter te contado mais coisas — falou Simon num tom de voz mais sério. — E eu lamento muito. Sobre Livvy. Também estamos de luto.

Simon escancarou a porta e Mark viu um grande saguão, com um imenso candelabro pendendo do teto; do lado esquerdo, via-se a sala de estar, onde Rafe, Max e Tavvy estavam sentados diante de uma lareira apagada, brincando com uma pequena pilha de brinquedos. Isabelle e Alec estavam sentados no sofá. Os braços dela envolviam o pescoço dele, e ela chorava baixinho de encontro ao peito do irmão. Soluços inaudíveis e desesperados que soavam como um eco dentro do coração de Mark, um coro de saudade em sintonia.

— Por favor, diga a Isabelle e Alec que lamentamos a morte do pai deles — falou Helen. — Não queremos nos intrometer. Viemos para buscar Octavian.

Nesse momento, Magnus apareceu no saguão, acenou com a cabeça para eles e foi até as crianças, pegando Tavvy no colo. Embora o menino estivesse ficando demasiado grande para ser carregado, pensou Mark, em muitos aspectos Tavvy era miúdo para a idade, como se o excesso de luto precoce o tivesse mantido

infantilizado. Quando Magnus se aproximou deles, Helen fez menção de erguer as mãos, mas Tavvy esticou os braços para Mark.

Meio surpreso, Mark pegou o irmão caçula nos braços. Tavvy forçava a vista à sua volta, cansado, porém, alerta.

— O que aconteceu? — perguntou. — Todo mundo está chorando.

Magnus passou a mão pelos cabelos. Parecia extremamente esgotado.

— Ainda não contamos — falou. — Achamos melhor vocês contarem.

Mark deu alguns passos, se afastando da porta, acompanhado de Helen, e os dois ficaram parados no quadrado iluminado pela claridade da porta de entrada. Ele pôs Tavvy na calçada. Era assim que o povo fada dava uma notícia ruim: cara a cara.

— Livvy se foi, criança — falou ele.

Tavvy pareceu confuso.

— Foi para onde?

— Ela foi para as Terras das Sombras — falou Mark. Ele lutava para buscar palavras; a morte no Reino das Fadas tinha um significado muito diferente do que para os humanos.

Tavvy arregalou os olhos azul-esverdeados dos Blackthorn.

— Então podemos resgatá-la — falou. — Podemos ir atrás dela, não é? Igual a quando trouxemos você do Reino das Fadas. Como você fez com Kieran.

Helen resmungou baixinho.

— Ah, Octavian — falou ela.

— Ela está *morta* — insistiu Mark, desolado, e viu Tavvy recuar ao ouvir as palavras. — Vidas mortais são breves e... e frágeis em face da eternidade.

Os olhos do menino marejaram.

— *Mark* — falou Helen e se ajoelhou no chão, oferecendo os braços para Tavvy. — Ela morreu com muita bravura — falou. — Estava defendendo Julian e Emma. Nossa irmã... era muito corajosa.

As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Tavvy.

— Onde está Julian? — perguntou. — Aonde ele foi?

Helen baixou os braços.

— Está com Livvy na Cidade do Silêncio... Vai voltar logo... Vamos levar você para a nossa casa, perto do canal.

— Para a nossa casa? — repetiu Tavvy com desdém. — Não tem nada aqui que seja *a nossa casa*.

Mark se deu conta da presença de Simon.

— Meu Deus, pobre criança — comentou. — Olha, Mark...

— Octavian. — Era a voz de Magnus. Ele estava junto à entrada da casa, observando o menininho choroso à sua frente. Em seus olhos havia exaustão,

mas também uma compaixão imensa: o tipo de compaixão que só chega com o avançar da idade.

Ele parecia ávido por dizer mais alguma coisa, mas Rafe e Max se aproximaram. Em silêncio, eles desceram os degraus e foram até Tavvy; Rafe era quase tão alto quanto ele, embora só tivesse cinco anos. Ele esticou os braços para abraçar o outro menino, e Max fez a mesma coisa — e, para a surpresa de Mark, Tavvy pareceu relaxar um pouco e se permitiu ser abraçado, assentindo quando Max falou alguma coisa para ele baixinho.

Helen ficou de pé, e Mark se perguntou se por acaso estaria ostentando a mesma expressão que ela, de dor e vergonha. Vergonha por não serem capazes de fazer mais nada para consolar um irmão caçula que mal os conhecia.

— Está tudo bem — falou Simon. — Olha só, vocês tentaram.

— E fracassamos — completou Mark.

— Não dá para anular o luto — observou Simon. — Um rabino me disse isso quando meu pai morreu. A única coisa que abrande o luto é o tempo, e o amor das pessoas que se importam com você, e o Tavvy tem isso. — Ele apertou o ombro de Mark de leve. — Se cuida — falou. — *Shelo ted'u od tza'ar*, Mark Blackthorn.

— O que isso significa? — quis saber Mark.

— É uma bênção — explicou Simon. — Outra coisa que o rabino me ensinou: “Que não haja mais tristeza.”

Mark meneou a cabeça em sinal de gratidão; as fadas conheciam o valor de bênçãos oferecidas espontaneamente. Mas seu peito ainda parecia pesado. Ele não achava que a tristeza em sua família fosse acabar tão cedo.

## 2

### Águas Quedas

Cristina estava parada, desanimada, na cozinha extremamente limpa da casa do canal em Princewater Street, e desejava que houvesse alguma coisa para ela arrumar.

Já tinha lavado pratos que não estavam sujos. Esfregara o soalho e pusera a mesa várias vezes. Arrumara flores num vaso e logo em seguida as jogara fora, para então recuperá-las da lixeira e arrumá-las mais uma vez. Queria deixar a cozinha agradável, a casa aconchegante, mas será que alguém ia mesmo se importar se a cozinha estivesse limpa e a casa arrumada?

Ela sabia que não. Mas tinha que achar ocupação. Queria ficar com Emma e consolá-la, mas Emma estava com Drusilla, que tinha chorado até dormir, segurando as mãos dela. Ela queria ficar com Mark e consolá-lo também, mas ele tinha saído com Helen, e ela deveria ao menos ficar feliz por ele finalmente estar conseguindo passar algum tempo com a irmã de quem sentira tanta saudade.

A porta da frente rangeu quando aberta, assustando Cristina e fazendo com que derrubasse um prato da mesa, que caiu no chão e se espatifou. Ela estava prestes a catar tudo quando viu Julian entrando e fechando a porta — em Idris, símbolos para trancar as portas eram mais comuns do que chaves, mas ele não pegou sua estela, apenas encarou da entrada a escadaria com a expressão vazia.

Cristina ficou de pé, imóvel. Julian parecia um fantasma de alguma peça de Shakespeare. Dava para ver que não tinha trocado de roupa desde o Salão do Conselho porque a camiseta e o casaco estavam duros com sangue seco.

De qualquer forma, ela nunca sabia como conversar com Julian; graças a Emma, sabia mais a respeito dele do que seria adequado. Sabia que ele estava desesperadamente apaixonado por sua amiga; era óbvio pelo jeito como ele

olhava para Emma, pelo jeito como conversava com ela, em gestos sutis como quando lhe entregava um prato do outro lado da mesa. Cristina não sabia como os outros não enxergavam isso também. Ela já havia conhecido outros *parabatai* e eles não se olhavam daquele jeito.

Saber tantas informações pessoais a respeito de alguém era esquisito, na melhor das hipóteses. Mas esta não era a melhor das hipóteses. A expressão de Julian estava vazia; ele seguiu para o corredor, e enquanto caminhava, o sangue seco de sua irmã descascava do casaco e flutuava até o chão.

Se ficasse bem quietinha, pensou Cristina, talvez ele não a visse, talvez seguisse para o andar de cima e assim ambos se poupariam de um momento de constrangimento. Mas mesmo enquanto pensava nisso, a expressão sombria dele lhe dava pontadas no coração. Antes de se dar conta, ela já estava à porta de entrada.

— Julian — falou baixinho.

Ele não pareceu assustado. Virou o rosto para ela tão lentamente quanto um autômato que vai perdendo a corda.

— Como estão todos?

Como responder a algo assim?

— Estão sendo bem cuidados — falou ela finalmente. — Helen, Diana e Mark estiveram aqui.

— Ty...

— Ainda dormindo. — Nervosa, ela começou a repuxar a saia. Depois do Salão do Conselho, tinha trocado de roupa, apenas para se sentir limpa.

Pela primeira vez, ele a encarou. Olhos vermelhos, mas ela não se lembrava de tê-lo visto chorando. Ou talvez ele tivesse chorado enquanto estivera abraçado a Livvy — ela não queria se lembrar daquilo.

— Emma — falou ele. — Ela está bem? Você saberia. Ela teria... contado para você.

— Ela está com Drusilla. Mas tenho certeza de que ela gostaria de ver você.

— Mas ela está bem?

— Não — falou Cristina. — Como poderia estar?

Ele lançou um olhar para os degraus, como se não fosse capaz de imaginar o esforço necessário para subir.

— Robert ia nos ajudar — falou. — Ele ia ajudar Emma, e a mim. Você sabe sobre a gente, eu sei que sim, que você sabe o que nós dois sentimos um pelo outro.

Cristina hesitou, espantada. Jamais pensou que Julian fosse tocar no assunto com ela.

— Talvez o próximo Inquisidor...

— Eu passei pelo Gard no trajeto de volta — falou Julian. — Eles já estavam se reunindo. A maior parte da Tropa e metade do Conselho. Estavam discutindo quem seria o novo Inquisidor. Duvido que seja alguém que vá nos ajudar. Não depois do que aconteceu hoje. Eu deveria me importar — concluiu ele. — Mas neste momento não me importo.

Uma porta foi aberta no alto da escadaria e a luz invadiu o patamar escuro.

— Julian? — chamou Emma. — Julian, é você?

Ele se apurou um pouco, inconscientemente, ao ouvir a voz dela.

— Já vou aí.

Sem olhar para Cristina enquanto subia os degraus, ele meneou a cabeça, num gesto breve de agradecimento.

Ela ouviu os passos até desaparecerem e a voz de Julian se misturando à de Emma. Cristina olhou de novo para a cozinha. O prato quebrado estava num canto. Ela bem que poderia varrer os cacos. Seria a coisa mais lógica a se fazer, e Cristina sempre se considerara uma pessoa lógica.

Um instante depois, ela vestia o casaco do uniforme por cima das roupas. Enfiando algumas lâminas serafim no cinto de armas, passou sorrateiramente pela porta e saiu para as ruas de Alicante.

Emma ouviu o som familiar de Julian subindo os degraus. Os passos dele eram como uma melodia conhecida desde sempre, tão familiar que quase deixara de ser música.

Emma resistiu a chamar de novo — estava no quarto de Dru, que tinha acabado de pegar no sono, esgotada, ainda vestindo as roupas da reunião do Conselho. Daí ouviu os passos de Julian no corredor, e então o som de uma porta sendo aberta e fechada.

Com cuidado para não acordar Dru, ela se esgueirou para fora do quarto. Não precisou pensar muito para supor onde Julian estaria: ao final do corredor, a algumas portas, ficava o quarto emprestado a Ty.

O cômodo estava à meia-luz. Diana estava sentada numa poltrona, próxima à cabeceira da cama de Ty, e seu rosto estava tenso devido à tristeza e ao cansaço. Kit adormecera, apoiado na parede, as mãos no colo.

Julian parou perto da cama do irmão, observando-o, as mãos junto às laterais do corpo. Ty dormia a sono solto, nitidamente dopado, e os cabelos escuros contrastavam com os travesseiros brancos. Mesmo assim, mesmo dormindo, ele ficava mais do lado esquerdo da cama, como se estivesse reservando espaço para Livvy.

— ... as bochechas dele estão coradas — estava dizendo Julian. — Como se

ele tivesse febre.

— Não tem febre — respondeu Diana firmemente. — Ele precisa disso, Jules. O sono cura.

Emma viu a dúvida estampada no rosto de Julian. E sabia o que ele estava pensando: *O sono não me curou quando minha mãe morreu, nem quando meu pai morreu, e não vai curar isso também. Sempre haverá uma ferida.*

Diana olhou para Emma.

— E Dru? — perguntou.

Julian levantou a cabeça ao ouvir a pergunta e seus olhos encontraram os de Emma. Ela sentiu a dor no olhar dele como um soco no peito. De repente, estava difícil respirar.

— Dormindo — falou, quase num sussurro. — Demorou um pouco até ela finalmente apagar.

— Eu estava na Cidade do Silêncio — explicou ele. — Levamos Livvy até lá. Eu os ajudei a preparar o corpo.

Diana esticou a mão e a pousou no braço dele.

— Jules — falou baixinho. — Você precisa tomar um banho e descansar.

— Eu tenho que ficar aqui — retrucou Julian com a voz baixa. — Se Ty acordar e eu não estiver aqui...

— Ele não vai acordar — insistiu Diana. — Os Irmãos do Silêncio são precisos com suas doses.

— Julian, se ele acordar e você estiver parado aqui coberto com o sangue de Livvy, não vai ajudar — falou Emma. Diana a encarou, evidentemente surpresa ante a dureza das palavras, mas Julian piscou como se estivesse acordando de um sonho.

Emma estendeu a mão para ele.

— Venha comigo — falou.

O céu era uma mistura de preto com azul-escuro, onde ao longe, acima das montanhas, nuvens de tempestade se reuniam. Felizmente, o caminho até o Gard era iluminado por tochas de luz enfeitiçada. Cristina se esgueirava ao lado da trilha, mantendo-se nas sombras. O ar trazia o cheiro da tempestade que se aproximava e a fazia pensar no cheiro cuproso de sangue.

Quando chegou às portas principais do Gard, elas se abriram e um grupo de Irmãos do Silêncio emergiu. As vestes cor de mármore brilhavam com o que parecia ser gotas de chuva.

Cristina grudou as costas no muro. Não estava fazendo nada errado — qualquer Caçador de Sombras podia ir ao Gard quando quisesse —, mas,



instintivamente, não queria ser vista. Quando os Irmãos passaram, ela viu que, afinal de contas, não era a chuva que reluzia em seus trajes, mas uma poeira fina de vidro.

Provavelmente eles estiveram no Salão do Conselho. Ela se lembrava da janela se estilhaçando lá dentro quando Annabel desaparecera num borrão de ruído e estilhaços de luz: Cristina ficara concentrada nos Blackthorn. E na expressão de desespero de Emma. Em Mark, com o corpo curvado para a frente, como se estivesse absorvendo o golpe de um soco.

Ali dentro, o Gard estava silencioso. Com a cabeça abaixada, Cristina passou rapidamente pelos corredores, seguindo os sons das vozes em direção ao Salão. Mudou de direção e foi para a escadaria, e de lá, até os bancos do segundo andar, que se projetavam sobre o restante do recinto como um camarote de teatro. Havia uma multidão de Nephilim ao redor da plataforma do trono lá embaixo. Alguém (os Irmãos do Silêncio?) tinha limpado o sangue e os cacos de vidro. A janela voltara ao normal.

*Podem apagar todas as evidências*, pensou Cristina, e se ajoelhou para examinar por cima do parapeito do camarote. *Ainda assim aconteceu.*

Dali ela conseguia ver Horace Dearborn, sentado numa banqueta alta. Ele era um sujeito grande e esbelto, mas não era musculoso, embora tivesse braços e pescoço marcados pelos tendões. A filha dele, Zara Dearborn — com os cabelos trançados ao redor da cabeça e o uniforme imaculado — estava de pé atrás dele. Ela não se parecia muito com o pai, exceto, talvez, na raiva tensa de suas expressões e na paixão pela Tropa, uma facção dentro da Clave que acreditava no privilégio dos Caçadores de Sombras em relação aos seres do Submundo, mesmo quando isso violava a Lei.

Agrupados ao redor deles, viam-se outros Caçadores de Sombras, jovens e idosos. Cristina reconheceu uns poucos Centuriões: Manuel Casales Villalobos, Jessica Beausejours e Samantha Larkspear entre eles, além de muitos outros Nephilim que tinham levado cartazes da Tropa para a reunião. Havia outros, porém, que até onde ela sabia, não eram membros da Tropa. Lazlo Balogh, o enrugado diretor do Instituto de Budapeste, que fora um dos principais arquitetos da Paz Fria e de suas respectivas medidas punitivas contra os seres do Submundo. Josiane Pontmercy, que ela conhecia do Instituto de Marselha. Delaney Scarsbury, que lecionava na Academia. Alguns outros, ela reconhecia como amigos de sua mãe: Trini Castel, do Conclave de Barcelona, e Luana Carvalho, que dirigia o Instituto de São Paulo; ambos a conheceram quando ela era pequena.

Todos eram membros do Conselho. Cristina fez uma prece silenciosa e agradeceu por sua mãe não estar aqui, por estar muito ocupada lidando com o

surgimento de demônios Halphas na Alameda Central para comparecer, tendo assim incumbido Diego de representar os interesses dela.

— Não há tempo a perder — falou Horace. Era evidente nele a intensidade desprovida de humor, tal como sua filha. — Estamos sem um Inquisidor neste momento, num momento crítico, em que estamos sob ameaça de dentro e de fora da Clave. — Ele olhou ao redor do salão. — Temos esperança de que, após os acontecimentos de hoje, aqueles que duvidaram de nossa causa passem a acreditar nela.

Cristina sentiu um arrepio. Isso era mais do que apenas uma reunião da Tropa. Era um recrutamento. No interior do Salão do Conselho vazio, onde Livvy tinha morrido. Ela sentiu náuseas.

— O que você acha que descobriu exatamente, Horace? — perguntou uma mulher com sotaque australiano. — Fale claramente para que todos nós compreendamos a mesma coisa.

Ele esboçou um sorriso.

— Andrea Sedgewick — falou. — Você foi a favor da Paz Fria, se me lembro bem.

A mulher pareceu tensa.

— Não tenho grande consideração pelos seres do Submundo. Mas o que aconteceu aqui hoje...

— Nós fomos atacados — falou Dearborn. — Traídos, atacados, por dentro e por fora. Tenho certeza de que todos vocês viram o que eu vi: o símbolo da Corte Unseelie?

Cristina se lembrava. Quando Annabel desaparecera, como se tivesse sido carregada por mãos invisíveis através da janela estilhaçada do Salão, uma única imagem lampejara no ar: uma coroa quebrada.

A multidão murmurou em concordância. O medo pairava como um miasma. Era evidente que Dearborn apreciava aquilo, quase lambendo os lábios enquanto examinava o salão.

— O Rei Unseelie atacou o coração do nosso lar. Ele desdenha da Paz Fria. Sabe que somos fracos. Ri da nossa incapacidade de aprovar Leis mais rigorosas, de fazer alguma coisa realmente capaz de controlar o povo fada...

— Ninguém consegue controlar o povo fada — retrucou Scarsbury.

— Foi justamente essa postura que enfraqueceu a Clave durante todos esses anos — interrompeu Zara. Seu pai sorriu com indulgência.

— Minha filha está certa — falou ele. — O povo fada tem fraquezas, como todos do Submundo. Eles não foram criados por Deus nem pelo nosso Anjo. Eles têm falhas, que nós nunca exploramos, mas mesmo assim, eles exploram nossa misericórdia e zombam de nós.

— O que você está sugerindo? — perguntou Trini. — Um muro para cercar o Reino das Fadas?

Ouviram-se algumas risadas irônicas. O reino existia em todo lugar e em lugar nenhum: era outro plano de existência. Ninguém seria capaz de erguer muros em sua volta.

Horace semicerrou os olhos.

— Vocês riem — falou ele —, mas portões de ferro em todas as entradas e saídas do Reino das Fadas seriam de grande ajuda para evitar suas incursões em nosso mundo.

— É esse o objetivo? — Manuel fez a pergunta preguiçosamente, como se não se importasse muito com a resposta. — Isolar o Reino das Fadas?

— Como você bem sabe, garoto, não há um objetivo único — falou Dearborn. De repente, ele sorriu, como se tivesse acabado de lhe ocorrer uma ideia. — Você sabe sobre a Praga, Manuel. Talvez devesse compartilhar seu conhecimento, já que a Consulesa não o fez. Talvez estes bons camaradas aqui devessem tomar conhecimento do que acontece quando as portas entre o Reino das Fadas e o mundo são escancaradas.

Segurando o colar, Cristina fervilhava de raiva enquanto Manuel descrevia os trechos de terra morta por causa da Praga, na Floresta Brocelind, o modo como resistiram à magia dos Caçadores de Sombras, o fato de que parecia haver a mesma praga nas Terras Unseelie do Reino das Fadas. Como ele sabia disso? Cristina agonizava em silêncio. Era isso que Kieran pretendia dizer ao Conselho, mas não tivera a chance. Como Manuel sabia?

Ela simplesmente estava grata por Diego ter feito o que ela lhe pedira, levado Kieran para a Scholomance. Era evidente que não teria sido seguro uma fada de puro sangue permanecer ali.

— O Rei Unseelie está desenvolvendo um veneno e começando a espalhá-lo em nosso mundo... um veneno que tornará os Caçadores de Sombras impotentes contra ele. Temos que tomar providências agora e mostrar nossa força — falou Zara, interrompendo Manuel antes que ele terminasse.

— Do mesmo jeito que vocês fizeram com Malcolm? — perguntou Lazlo. Ouviram-se risadinhas, e Zara corou. Ela costumava afirmar com orgulho que matara Malcolm Fade, um poderoso feiticeiro, embora mais tarde tivessem descoberto sua mentira. Cristina e os outros tinham esperança de que esse fato servisse para acabar com a credibilidade de Zara, mas agora, depois de tudo o que acontecera com Annabel, a mentira de Zara se tornara pouco mais do que uma piada.

Dearborn se pôs de pé.

— Esse não é o problema agora, Balogh. Os Blackthorn têm sangue fada na

família. Eles trouxeram uma criatura... uma coisa semimorta necromântica que matou o nosso Inquisidor e encheu o Salão de sangue e terror... diretamente para Alicante.

— A irmã deles também foi morta — interveio Luana. — Nós presenciamos a tristeza deles. Eles não planejaram o que aconteceu.

Cristina conseguia enxergar os cálculos na mente de Dearborn — ele teria gostado de pôr a culpa na família Blackthorn e de vê-los todos jogados nas prisões da Cidade do Silêncio, mas a visão de Julian abraçando o cadáver da irmã foi forte e visceral demais até mesmo para a própria Tropa ignorar.

— Eles também são vítimas — emendou ele — do príncipe do Povo das Fadas no qual confiaram, e possivelmente dos próprios irmãos fada. Talvez eles possam ser persuadidos a enxergar um ponto de vista razoável. Afinal de contas, são Caçadores de Sombras, e é disso que se trata a Tropa... de proteger os Caçadores de Sombras. De proteger os nossos. — Ele pôs uma das mãos no ombro de Zara. — Quando a Espada Mortal for restaurada, tenho certeza de que Zara ficará feliz em acabar com quaisquer dúvidas que vocês ainda tiverem sobre os feitos dela.

Zara corou e assentiu. Cristina teve a impressão de flagrar um sentimento de culpa ali, mas o restante da multidão se distraía à menção da Espada.

— A Espada Mortal vai ser restaurada? — perguntou Trini. Ela acreditava firmemente no Anjo e em seu poder, assim como a família de Cristina. Mas agora parecia ansiosa, e as mãos magras não paravam de se remexer no colo. — Nosso vínculo insubstituível com o Anjo Raziel... você acredita que ela será devolvida para nós?

— Ela será restaurada — falou Dearborn suavemente. — Amanhã Jia vai encontrar as Irmãs de Ferro. Se foi forjada uma vez, pode ser forjada novamente.

— Mas ela foi forjada no Céu — protestou Trini. — Não na Cidadela Adamant.

— E o Céu permitiu que ela fosse destruída — falou Dearborn, e Cristina sufocou um arquejo. Como ele podia afirmar uma coisa tão descarada? E mesmo assim era evidente que os outros confiavam nele. — Nada é capaz de destruir a Espada Mortal, a não ser a vontade de Raziel. Ele nos contemplou e viu que éramos indignos. Ele viu que nos afastamos de sua mensagem, de nosso louvor aos anjos e, em vez disso, estávamos servindo aos seres do Submundo. Ele quebrou a espada para nos advertir. — Os olhos dele brilharam com uma luz fanática. — Se nos provarmos dignos novamente, Raziel permitirá que a espada seja forjada mais uma vez. Não duvido disso.

*Como ele ousa falar em nome de Raziel? Como ousa falar como se fosse Deus?* Cristina estremecia de raiva, mas os outros pareciam olhar para Dearborn

como se ele lhes tivesse oferecido uma luz na escuridão. Como se fosse sua única esperança.

— E como nos provaremos dignos? — quis saber Balogh, numa voz mais sombria.

— Temos que nos lembrar de que os Caçadores de Sombras são os eleitos — falou Horace. — Temos que nos lembrar de que temos um mandato. Somos os primeiros a enfrentar a face do mal, portanto, *estamos em primeiro lugar*. Que o Submundo tome conta de si mesmo. Se trabalharmos juntos, com uma liderança forte...

— Mas nós não temos uma liderança forte — falou Jessica Beausejourns, uma Centurião amiga de Zara. — Nós temos Jia Penhallow, e ela está contaminada pela associação da filha a fadas e mestiços.

Alguém arfou e ouviu-se uma risadinha. Todos os olhos se viraram para Horace, mas ele simplesmente balançou a cabeça.

— Não direi uma única palavra contra a nossa Consulesa — falou solenemente.

Mais murmúrios. Dava para ver que a falsa lealdade de Horace conquistara algum apoio. Cristina se esforçava para não ranger os dentes.

— A lealdade dela à família é compreensível, mesmo que isso talvez a tenha cegado — falou Horace. — O que importa agora é que a Clave aprove as Leis. Temos que determinar regulamentos rigorosos em relação ao Submundo, e mais rigorosos ainda em relação ao Povo das Fadas... pois não há justiça neles.

— Isso não vai deter o Rei Unseelie — observou Jessica, embora Cristina tivesse a sensação de que, mais do que duvidar de Horace, ela queria ver até onde ele era capaz de ir.

— A questão é evitar que as fadas e outros seres do Submundo se unam à causa do Rei — explicou Horace. — É por isso que eles devem ser vigiados e, se necessário, encarcerados antes que tenham uma chance de nos trair.

— Encarcerados? — ecoou Trini. — Mas como...?

— Ah, existem várias maneiras — falou Horace. — A Ilha Wrangel, por exemplo, poderia abrigar uma multidão de seres do Submundo. O importante é começar com controle. Cumprimento dos Acordos. Registro de cada membro do Submundo, com nome e local. Sem dúvida, nós começaríamos com as fadas.

Ouviu-se um burburinho de aprovação.

— Certamente vamos precisar de um Inquisidor forte, que aprove e faça cumprir a legislação — falou Horace.

— Então que seja você! — gritou Trini. — Hoje nós perdemos uma Espada Mortal e um Inquisidor; pelo menos, podemos substituir um deles. Nós temos quórum: há Caçadores de Sombras suficientes aqui para eleger Horace

Inquisidor. Podemos realizar uma votação amanhã cedo. Quem está comigo?

Gritos de “Dearborn! Dearborn!” encheram o recinto. Cristina se segurou na grade do camarote, com os ouvidos zunindo. Isso não podia estar acontecendo. Não podia. Trini não era assim. Os amigos de sua mãe não eram assim. Essa não podia ser a verdadeira cara do Conselho.

Ela ficou de pé com dificuldade, incapaz de suportar mais um segundo daquilo, e aí saiu correndo da galeria.

O quarto de Emma era pequeno e pintado num tom de amarelo estranhamente forte. Uma cama pintada de branco, com dossel, dominava o espaço. Emma empurrou Julian na direção da cama, sentando-o gentilmente, e correu para fechar a porta.

— Por que você está trancando? — Julian ergueu a cabeça. Foi a primeira coisa que disse desde que tinham deixado o quarto de Ty.

— Você precisa de um pouco de privacidade, Julian. — Ela se virou para ele; Deus, a sua aparência a estava deixando de coração partido. O sangue sarapintava a pele, escurecera as roupas, deixando-as rígidas, e secara em manchas nas botas.

O sangue de Livvy. Emma desejou ter estado mais próxima de Livvy nos últimos momentos, ter dado mais atenção a ela em vez de se preocupar com a Tropa, com Manuel, Zara e Jessica, com Robert Lightwood e o exílio, e com seu coração confuso e partido. Desejou ter abraçado Livvy mais uma vez, se admirando de como ela havia crescido, de como aquele bebê gordinho de suas primeiras lembranças tinha mudado.

— Não — falou Julian ríspidamente.

Emma se aproximou dele; não conseguia evitar. Ele teve que erguer o rosto e olhar bem nos olhos dela.

— Não o quê?

— Não se culpe — falou ele. — Dá pra perceber que você está pensando que devia ter feito alguma coisa diferente. Não posso deixar você pensar nisso ou vou ficar arrasado.

Ele estava sentado na beirada da cama, como se não suportasse a ideia de se deitar. Muito gentilmente, Emma tocou o rosto dele, passando a palma da mão pelo queixo. Ele estremeceu e segurou o pulso dela, com força.

— Emma — falou e, pela primeira vez na vida, ela não conseguia interpretar a voz dele, baixa e sombria, rouca por causa da raiva, desejosa de alguma coisa, mas Emma não sabia especificar o quê.

— O que eu posso fazer? — murmurou ela. — O que eu posso fazer, eu sou

sua *parabatai*, Julian. Preciso te ajudar.

Ele ainda apertava o pulso dela; suas pupilas eram como discos, e o azul-esverdeado da íris se transformara num halo.

— Eu planejo por etapas, um passo de cada vez — falou ele. — Quando parece que as coisas vão me sufocar, eu me pergunto qual dos problemas tem que ser resolvido primeiro. Aí depois que ele é resolvido, eu passo para o seguinte. Mas aqui eu não consigo nem começar.

— Julian — falou Emma. — Eu sou sua parceira na guerra. Agora preste atenção. Esta é a primeira etapa. Levanta.

Ele semicerrou os olhos por um instante; em seguida, fez um esforço para se levantar. Eles estavam de pé, bem próximos; ela sentia a solidez e o calor emanando dele. E então Emma deslizou o casaco pelos ombros dele e puxou a frente da camiseta. Agora a textura era semelhante a oleado, grudenta por causa do sangue. Ela puxou o tecido e rasgou, deixando pender dos braços dele.

Julian arregalou os olhos, mas não moveu um dedo para impedi-la. Ela rasgou a camisa e jogou os trapos no chão. Em seguida, se abaixou e tirou as botas ensanguentadas. Quando se levantou, Julian a encarava com as sobrancelhas erguidas.

— Você vai mesmo tirar a minha calça? — perguntou.

— Tem sangue nela — respondeu Emma, e quase engasgou com as palavras. Ela tocou o peito dele e sentiu quando ele inspirou. Imaginou poder sentir as bordas irregulares do coração debaixo dos músculos. Também havia sangue na pele: manchas secas no pescoço e nos ombros. Os locais em que ele apertara Livvy junto ao corpo. — Você precisa tomar um banho — falou. — Vou esperar aqui.

Ele tocou o queixo dela com as pontas dos dedos, de leve, e falou:

— Emma, nós dois precisamos de um banho.

Julian se virou e foi para o banheiro, deixando a porta escancarada. Depois de um instante, ela o seguiu.

Ele havia deixado o restante das roupas numa pilha no soalho. E agora estava sob o chuveiro, de cueca, e deixava a água escorrer pelos cabelos e pelo rosto.

Engolindo em seco, Emma ficou só de calcinha e *baby-doll*, e entrou no chuveiro logo em seguida. A água estava escaldante e o pequeno espaço de pedras era tomado pelo vapor. Julian permanecia imóvel debaixo do jato, deixando que sua pele ficasse rajada de vermelho-claro.

Emma tateou em volta dele e abaixou a temperatura da água. Julian ficou observando os gestos dela, sem dizer uma única palavra, enquanto ela pegava o sabonete e o esfregava nas mãos. Quando ela encostou as mãos ensaboadas no corpo de Julian, ele inspirou com força, como se tivesse doído, mas não se

deslocou nem um centímetro.

Ela esfregou a pele dele, quase cravando as unhas enquanto raspava o sangue. A água escorria pelo ralo num tom vermelho rosado. O sabonete tinha um cheiro forte de limão. O corpo de Julian estava rijo sob o toque dela, cheio de cicatrizes e músculos e em nada se assemelhava ao corpo de um menino. Não mais. Quando é que ele havia mudado assim? Ela não conseguia se lembrar do dia, da hora, do instante.

Julian abaixou a cabeça e Emma ensaboou os cabelos dele, passando os dedos pelos cachos. Quando acabou, inclinou a cabeça dele para trás e deixou que a água caísse sobre os dois até sair límpida. Ela estava ensopada e o *baby-doll* grudava no corpo. Esticou o braço ao redor de Julian para fechar o chuveiro e sentiu que ele virou a cabeça para o pescoço dela, os lábios colando em sua bochecha.

Emma congelou. O chuveiro estava fechado, mas o vapor pairava ao redor. O peito de Julian subia e descia rapidamente, como se ele estivesse a ponto de desmaiar depois de uma corrida. Soluços secos, percebeu ela. Mas ele não estava chorando — ela não conseguia se lembrar da última vez que o vira chorar. Ele precisava liberar as lágrimas, pensou, mas, depois de tantos anos engolindo o choro, não sabia mais como fazer.

Ela o abraçou.

— Está tudo bem — falou. A água ainda escorria deles, e a pele de Julian estava quente contra a dela. Emma engoliu o sal das próprias lágrimas. — Julian...

Ele recuou quando Emma levantou a cabeça, e os lábios dos dois roçaram — por um instante, desesperado, mais como um tropeçar na beirada de um abismo do que qualquer outra coisa. Suas bocas colidiram, dentes, línguas e calor, e o corpo de Emma estremeceu ao contato.

— Emma. — Ele parecia espantado, e suas mãos retorciam o tecido ensopado do *baby-doll*. — Será que eu posso...?

Ela fez que sim com a cabeça, sentindo os músculos enrijecerem quando ele a tomou nos braços. Ela fechou os olhos, se agarrando a ele, aos ombros, aos cabelos, com as mãos escorregadias por causa da água enquanto ele a levava para o quarto e a deitava na cama. Um segundo depois, ele estava em cima dela, apoiado nos cotovelos, e sua boca a devorava febrilmente. Cada movimento era violento, frenético, e Emma sabia: havia lágrimas que ele não conseguia chorar, palavras de tristeza que ele não conseguia expressar. Esse era o único alívio que ele se permitia, na aniquilação do desejo compartilhado.

Gestos frenéticos tiraram as roupas molhadas. Agora Emma e Julian estavam pele contra pele. Ela o abraçava contra o corpo, de encontro ao coração. A mão



dele foi descendo e dedos trêmulos dançaram sobre seu quadril.

— Posso...

Ela sabia o que ele queria dizer: *Posso te satisfazer primeiro, te dar prazer primeiro?* Mas não era isso que ela queria, não agora.

— Vem mais pra perto — murmurou ela. — Mais perto...

As mãos de Emma agarraram os ombros dele. Julian beijou seu pescoço e a clavícula. Ela sentiu que ele estremeceu, intensamente, e murmurou:

— O que foi...?

Ele já tinha se afastado dela. Sentado, tateou por suas roupas e as ergueu com mãos trêmulas.

— Não podemos — falou com a voz abafada. — Emma, não podemos.

— Tudo bem... mas, Julian... — Ela fez um esforço para se sentar, puxando o cobertor para se cobrir. — Você não precisa ir...

Ele se inclinou na beirada da cama para pegar a camiseta ensanguentada e rasgada, e a encarou com uma certa brutalidade.

— Preciso sim — falou. — Preciso mesmo.

— Julian, não...

Mas ele já estava de pé, buscando o restante das roupas e recolhendo-as enquanto ela o encarava. Ele saiu sem calçar as botas, quase batendo a porta. Emma ficou mirando a escuridão, assustada e desorientada, como se tivesse despencado de uma grande altura.

Ty acordou subitamente, como alguém irrompendo a superfície da água, ansiando por ar. O barulho tirou Kit bruscamente de seu cochilo — um sono perturbado, sonhando com o pai, que caminhava pelo Mercado das Sombras com uma ferida imensa na barriga vertendo sangue.

— *É assim que as coisas são, Kit* — dissera ele. — *É assim a vida com os Nephilim.*

Ainda sonolento, Kit se impulsionou com uma das mãos para se levantar. Ty era uma sombra imóvel na cama. Diana não estava mais ali — provavelmente fora tirar um cochilo no próprio quarto. Eles estavam a sós.

E lhe ocorreu que ele estava totalmente despreparado para tudo isso. Para a morte de Livvy, sim, embora tivesse presenciado a morte do próprio pai e soubesse que havia aspectos daquela perda que ainda não havia encarado. Nunca tendo lidado com aquela morte, como ele poderia lidar com esta? E se ele nunca soubera como ajudar a alguém, como oferecer tipos normais de consolo, como poderia ajudar Ty?

Ele queria gritar e chamar Julian, mas alguma coisa lhe dizia para não fazer

isso — que os gritos poderiam assustar Ty. Conforme os olhos de Kit se adaptavam à penumbra, ele conseguia ver o menino mais claramente: Ty parecia... “desconectado” talvez fosse a melhor palavra para descrever, como se não tivesse pousado totalmente em terra firme. Os cabelos pretos e macios estavam desgrenhados, como linho escuro, e havia olheiras naquele rostinho.

— Jules? — chamou ele em voz baixa.

Kit fez um esforço para ficar totalmente ereto, o coração batendo descompassadamente.

— Sou eu. Kit — falou.

Já havia se preparado para a decepção de Ty, mas o menino simplesmente o encarou com os olhos grandes e cinzentos.

— Minha bolsa — falou. — Onde está? Ela está ali?

Kit se flagrou atordoado demais para falar. Será que Ty se lembrava do que tinha acontecido? O que seria pior: lembrar ou não?

— Minha bolsa de pano — insistiu Ty. Sem dúvida, havia tensão na voz agora. — Ali... eu preciso dela.

A bolsa estava debaixo da segunda cama. Enquanto Kit a pegava, deu uma olhada na paisagem: os pináculos de cristal das torres demoníacas se erguendo para o céu, a água reluzente como gelo nos canais, os muros da cidade e os campos mais além. Ele nunca tinha estado num lugar tão bonito e com aparência tão irreal.

Levou a bolsa de pano para Ty, que agora estava sentado, balançando as pernas, na lateral da cama. O menino a pegou e começou a fuçar seu interior.

— Você quer que eu chame Julian? — perguntou Kit.

— Não agora — falou Ty.

Kit não tinha ideia do que fazer. Nunca, em toda a sua vida, sentira-se tão perdido, para falar a verdade. Nem quando tinha dez anos e se deparara com um golem examinando o sorvete na geladeira às quatro da manhã. Nem quando, lá pelos seus doze anos, uma sereia passara semanas acampando em seu sofá, e passava o dia devorando biscoitos em formato de peixinhos.

Nem quando ele fora atacado por demônios Mantis. Na ocasião, tinha havido um instinto, um sentido de Caçador de Sombras que começara a funcionar e instigara seu corpo à ação.

Agora nada o estimulava. Ele estava dominado pelo desejo de se ajoelhar e pegar as mãos de Ty, de abraçá-lo do mesmo jeito que tinha feito no telhado, em Londres, quando Livvy fora ferida. Ao mesmo tempo, estava igualmente dominado pela voz em sua cabeça que lhe dizia que seria uma ideia terrível, que ele não fazia ideia do que Ty precisava naquele momento.

Ty ainda remexia na bolsa. Provavelmente não se lembrava, pensou Kit com

pânico crescente. Provavelmente tivera um apagão dos acontecimentos no Salão do Conselho. Kit não presenciara a morte de Robert e Livvy, mas ouvira o suficiente de Diana para saber o que o menino provavelmente testemunhara. Ele sabia que às vezes as pessoas se esqueciam das coisas terríveis porque a mente se recusava a processar ou guardar o que tinham visto.

— Vou chamar Helen — disse ele finalmente. — Ela pode contar... o que aconteceu...

— Eu sei o que aconteceu — falou Ty. Ele tinha localizado o celular no fundo da bolsa. A tensão deixou seu corpo e era evidente que sentia alívio. Kit estava confuso. Não havia sinal em parte alguma de Idris; o telefone seria inútil. — Vou voltar a dormir agora — concluiu Ty. — Ainda tem remédios no meu organismo. Sinto que tem. — Ele não parecia satisfeito.

— Você quer que eu fique aqui? — perguntou Kit. Ty jogara a bolsa de pano no chão e voltara a se deitar nos travesseiros. Ele apertava o celular na mão direita com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos, mas não havia outros sinais de aflição.

Ele ergueu o rosto para Kit. Os olhos cinzentos estavam prateados sob a luz da lua, tão planos quanto duas moedas. Kit não conseguia imaginar o que ele estava pensando.

— Sim, eu preferia que você ficasse — falou. — E pode ir dormir, se quiser. Vou ficar bem.

Aí fechou os olhos. Após um longo momento, Kit se sentou na cama oposta à de Ty, aquela que deveria ser de Livvy. Pensou na última vez que a vira sozinha, quando a ajudara com o colar, antes da grande reunião do Conselho, pensou no sorriso dela, na cor e vida de seu rosto. Parecia impossível que ela tivesse morrido. Talvez Ty não fosse o único agindo de modo estranho, afinal de contas — talvez o restante deles, ao aceitar o fato de que ela estava morta, é que não estivessem entendendo nada.

Era como se o quarto de Emma estivesse a cem quilômetros de distância do dele, pensou Julian. Mais, mil quilômetros. Ele seguia pelos corredores da casa do canal como se estivesse em um sonho.

Seu ombro ardia e doía.

Emma era a única pessoa que ele já tinha desejado, e a força daquele desejo algumas vezes o espantava. Nunca mais do que nesta noite. Ele tinha se perdido nela, neles, por alguma totalidade de tempo; sentira apenas o corpo e a parte de seu coração capaz de amar, e que ainda estava intacta. Emma representava todo o lado bom dele, pensou, tudo que ardia e brilhava.

Mas então viera a dor, e a sensação de que alguma coisa estava errada, e ele *se dera conta*. Agora enquanto corria de volta ao seu quarto, o medo martelava sua consciência, gritando para entrar e ser reconhecido, como mãos de esqueleto arranhando uma vidraça. Era o medo do próprio desespero. Que sabia que agora estava entorpecido pelo choque, que somente tinha tocado a ponta do iceberg da tristeza e da perda terrível. A escuridão e o horror iam chegar: ele já tinha vivido isso antes, com a morte do pai.

E agora — com Livvy — seria pior. Ele não conseguia controlar a própria tristeza. Não conseguia controlar seus sentimentos por Emma. Toda a sua vida tinha sido construída em torno de seu autocontrole, da máscara que ele exibia para o mundo, e agora ela estava rachando.

— Jules?

Ele havia chegado ao quarto, mas não estava sozinho. Mark o aguardava, encostado na porta. Parecia exausto, os cabelos e as roupas bagunçados. Não que Julian pudesse falar alguma coisa disso, com as próprias roupas rasgadas e ensanguentadas e os pés descalços.

Julian parou no mesmo instante.

— Está tudo bem?

Durante algum tempo, essa ia ser a pergunta padrão, pensou Julian. E nunca estaria bem de verdade, mas eles tranquilizariam uns aos outros mesmo assim, com as pequenas coisas, a medida das vitórias minúsculas: sim, Dru dormiu um pouco; sim, Ty está comendo um pouco; sim, todos ainda respiram. Julian ouviu mecanicamente enquanto Mark explicava que ele e Helen tinham trazido Tavvy, e que o irmão caçula agora já sabia sobre Livia, e que não era bom, mas que estava tudo bem e Tavvy dormia.

— Eu não queria incomodar você no meio da noite — falou Mark —, mas Helen insistiu. Ela falou que se não fosse assim, a primeira coisa que você ia fazer quando acordasse seria surtar por causa de Tavvy.

— Certo — falou Julian, impressionado por Mark ter falado de modo tão coerente. — Obrigado por avisar.

Mark o fitou por um bom tempo.

— Você era muito pequeno quando sua mãe, Eleanor, morreu — falou ele. — Ela me disse uma vez que há um relógio no coração dos pais. Na maior parte do tempo, ele fica em silêncio, mas você pode ouvi-lo tiquetaqueando quando seu filho não está com você e você não sabe onde ele está, ou quando ele acorda à noite e quer sua presença. Ele vai tiquetaquear até você estar com ele de novo.

— Tavvy não é meu filho — falou Julian. — Não sou pai de ninguém.

Mark tocou na bochecha do irmão. Era um toque mais fada do que humano, embora a mão de Mark fosse quente, calejada e real. Na verdade, não parecia um

toque, pensou Julian. Parecia uma bênção.

— Você sabe que é — falou Mark. — Eu tenho que te pedir perdão, Julian. Contei a Helen sobre o seu sacrifício.

— Meu... sacrifício? — A mente de Julian esvaziou.

— Os anos em que você dirigiu o Instituto em segredo — falou Mark. — O modo como cuidou das crianças. O jeito como elas confiam em você e como você as amou. Eu sei que era segredo, mas achei que ela deveria saber.

— Sem problema — falou Julian. Não tinha importância. Nada tinha. — Ela ficou aborrecida?

Mark pareceu surpreso.

— Ela disse que sentiu tanto orgulho de você que isso lhe partiu o coração.

Era como um minúsculo ponto de luz atravessando a escuridão.

— Ela... disse?

Mark parecia prestes a responder quando um segundo dardo quente de dor atravessou o ombro de Julian. Ele conhecia o local exato da pontada. Seu coração acelerou; ele falou a Mark algo sobre vê-lo mais tarde ou, pelo menos, pensou ter falado, antes de entrar no quarto e trancar a porta. Em segundos, estava no banheiro girando o brilho da luz enfeitada enquanto olhava no espelho.

Ele puxou a gola da camiseta para o lado para examinar melhor — e ficou encarando.

Lá estava o símbolo de *parabatai*. Contrastando com a pele — mas não era preto mais. Dentro das linhas grossas ele via o que pareciam ser pontinhos vermelhos e brilhantes, como se a marca tivesse começado a queimar de dentro para fora.

Julian agarrou a beirada da pia quando uma onda de tontura o invadiu. Vinha se obrigando a não pensar no significado da morte de Robert, em seus planos de exílio interrompidos. Na maldição que atingiria os *parabatai* que se apaixonassem. Uma maldição de poder e destruição. Ele só vinha pensando no quanto precisava desesperadamente de Emma e nem um pouco nas razões pelas quais não poderia tê-la, que permaneciam as mesmas.

Eles tinham se esquecido, buscando-se mutuamente no abismo da tristeza, como sempre fizeram durante toda a vida. Mas isso não podia acontecer, dizia Julian para si, mordendo o lábio com força e provando do próprio sangue. Não poderia haver mais destruição.

Lá fora, tinha começado a chover. E dava para ouvir o tamborilar baixinho no telhado da casa. Julian se abaixou e rasgou uma tira de tecido da camiseta que havia usado na reunião do Conselho. Estava rígida e escura por causa do sangue seco de sua irmã.

Ele a amarrou ao redor do pulso direito. Ficaria ali até sua vingança se completar. Até que houvesse justiça para Livvy. Até que toda essa bagunça ensanguentada estivesse limpa. Até que todos que ele amava estivessem em segurança.

Ele voltou para o quarto e começou a revirar suas coisas atrás de sapatos e roupas limpas. Sabia exatamente aonde precisava ir.

Julian corria pelas ruas vazias de Idris. A chuva quente de verão fazia seu cabelo grudar na testa e encharcava a camiseta e o casaco.

Seu coração martelava: ele já sentia falta de Emma, lamentava ter ido embora. E ainda assim, não conseguia parar de correr, como se pudesse superar a dor da morte de Livvy. Era quase uma surpresa o fato de ele ser capaz de chorar pela irmã e amar Emma ao mesmo tempo, sentir as duas coisas, sem que uma diminuísse a outra: Livvy também tinha amado Emma.

Ele supunha que Livvy teria ficado empolgadíssima se soubesse que ele e Emma estavam juntos; se o casamento entre eles fosse possível, Livvy teria ficado maluca de felicidade com a ideia de ajudar a planejar uma cerimônia. O pensamento foi como uma facada em sua barriga, a lâmina girando em suas entranhas.

A chuva respingava nos canais e transformava o mundo em névoa e água. A casa do Inquisidor se projetava pelo nevoeiro como uma sombra, e Julian subiu correndo os degraus da frente com tal fervor que quase colidiu contra a porta da frente. Bateu desesperadamente e Magnus abriu, parecendo aflito e incomumente pálido. Vestia uma camiseta preta e jeans, com um roupão de seda azul por cima. As mãos não ostentavam os anéis de sempre.

Quando viu Julian, tombou um pouco contra o batente da porta. Não conseguiu se mexer ou falar, só ficou olhando, como se não estivesse olhando para Julian, mas para alguma outra coisa ou outra pessoa.

— Magnus — falou Julian, um pouco alarmado. Ele se lembrava que o feiticeiro não andava muito bem, mas quase se esquecera disso. Magnus sempre parecera o mesmo: eterno, imutável, invulnerável. — Eu...

— *Estou aqui porque quero estar* — falou Magnus, com a voz baixa e distante. — *Preciso da sua ajuda. E não tem mais ninguém a quem eu possa recorrer.*

— Não foi isso que eu... — Julian afastou o cabelo encharcado dos olhos, e se calou ao se dar conta do que era. — Você está se lembrando de alguém.

Magnus pareceu se sacudir um pouco, como um cão emergindo do mar.

— Outra noite, um garoto diferente com olhos azuis. Tempo úmido em

Londres, mas quando é que foi diferente disso?

Julian não pressionou.

— Você tem razão. Preciso da sua ajuda. E não tem mais ninguém a quem eu possa recorrer.

Magnus suspirou.

— Venha então. Todos estão dormindo, e isso é um feito, levando em consideração tudo o que aconteceu.

Certo, pensou Julian, acompanhando Magnus para uma sala de estar central. Aquela também era uma casa de luto.

O interior da casa era grande, com pé-direito alto e mobília que parecia pesada e cara. Robert acrescentara pouca coisa em termos de personalidade e decoração. Não havia fotos de família e eram poucos os quadros na parede com suas paisagens genéricas.

— Há muito tempo não via Alec chorar — comentou Magnus, afundando no sofá e fitando alguma coisa entre eles. Julian ficou parado, pingando no tapete. — Ou Isabelle. Entendo como é ter um pai cretino. Mesmo assim ele ainda é o seu cretino. E ele os amava, e tentou consertar seus erros. O que é mais do que eu posso dizer do meu pai. — Ele deu uma olhadela para Julian. — Espero que você não se importe se eu não usar um feitiço para secar você. Estou tentando conservar energia. Tem um cobertor naquela poltrona.

Julian ignorou o cobertor e a poltrona.

— Eu não deveria estar aqui — falou.

O olhar de Magnus baixou para o tecido ensanguentado em volta do pulso de Julian. Sua expressão suavizou.

— Está tudo bem — falou. — Pela primeira vez em um longo tempo eu estou me sentindo desesperado. Nessas horas, eu fico agressivo. Meu Alec perdeu o pai, e a Clave, um Inquisidor decente. Mas você, você perdeu a esperança de salvação. Não pense que não entendo isso.

— Minha marca começou a arder — falou Julian. — Hoje à noite. Como se tivesse sido desenhada na minha pele com fogo.

Magnus se inclinou para a frente e esfregou o rosto num gesto cansado. Rugas de dor e cansaço marcavam os cantos de sua boca. Os olhos estavam fundos.

— Eu bem que queria ter mais informações sobre isso — falou ele. — Que tipo de destruição isso trará a você, a Emma. Aos outros. — Fez uma pausa. — Eu deveria ser mais gentil. Você perdeu uma das crianças.

— Eu pensei que isso apagaria todo o restante — falou Julian, com a voz rouca. — Pensei que não haveria outra coisa no meu coração além da agonia, mas tem espaço suficiente aqui para eu ficar apavorado por causa de Ty, para

ficar em pânico com Dru, e ainda tem espaço para mais ódio do que eu jamais pensei que alguém poderia sentir. — A dor em sua marca *parabatai* aumentou, e ele sentiu as pernas fraquejarem.

Então cambaleou e caiu de joelhos diante de Magnus. O feiticeiro não parecia surpreso por vê-lo ajoelhado. Apenas baixou o olhar para Julian com uma paciência silenciosa, rarefeita, como um padre ouvindo uma confissão.

— O que dói mais — perguntou Magnus —, o amor ou o ódio?

— Eu não sei — falou Julian. E afundou os dedos úmidos no tapete, de cada lado do corpo. Estava sem fôlego. — Eu ainda amo a Emma mais do que jamais pensei que fosse possível. Eu a amo mais a cada dia, e mais cada vez que tento parar. Eu a amo como se eu estivesse sendo rasgado ao meio. E quero cortar as gargantas de todos da Tropa.

— Eis um discurso romântico pouco convencional — observou Magnus, se inclinando para a frente. — E quanto a Annabel?

— Eu também a odeio — falou Julian sem emoção na voz. — Tem espaço suficiente para eu odiar todos eles.

Os olhos felinos de Magnus brilharam.

— Não pense que não entendo o que você sente — falou ele. — E tem uma coisa que eu poderia fazer. Seria um paliativo. Um paliativo bem desagradável. E eu não o faria menos desagradável.

— Por favor. — De joelhos no chão, em frente ao feiticeiro, Julian ergueu o olhar; ele nunca havia implorado por coisa alguma em sua vida, mas não se importava de fazê-lo agora. — Eu sei que você está doente, sei que não deveria nem pedir, mas não tem mais nada que eu possa fazer nem outro lugar para onde ir.

Magnus suspirou.

— Haveria consequências. Alguma vez você já ouviu a expressão “*o sono da razão produz monstros*”?

— Sim — respondeu Julian. — Mas vou ser um monstro de qualquer jeito.

Magnus se levantou. Por um momento, pareceu se agigantar acima de Julian, um vulto tão alto e sombrio quanto o Anjo da Morte dos pesadelos infantis.

— Por favor — insistiu Julian. — Eu não tenho nada a perder.

— Tem, sim — retrucou Magnus e ergueu a mão esquerda, fitando-a com curiosidade. Faíscas de cobalto tinham começado a arder nas pontas dos dedos dele. — Você tem, sim.

O cômodo se iluminou com um fogo azul, e Julian fechou os olhos.



# 3

## Eterno Sono

O funeral foi marcado para o meio-dia, mas Emma ficara se revirando na cama desde três ou quatro da manhã. Seus olhos estavam ressecados e coçavam, e as mãos tremiam quando ela penteou os cabelos e os prendeu cuidadosamente num coque atrás da cabeça.

Depois que Julian saíra, ela correrá até a janela, enrolada num lençol, e ficara observando com uma mistura de choque e incredulidade. Ela o vira sair da casa e correr para a chuva fina, sem nem sequer se preocupar em diminuir o passo para fechar o casaco.

Depois disso, aparentemente não houvera muito o que pudesse fazer. Julian não estava em perigo nas ruas de Alicante, mas, ainda assim, ela ficara à espera para ouvir os passos dele, já de volta, na escadaria, e a porta do quarto sendo aberta e então fechada.

Então Emma se levantara para dar uma olhadinha em Ty, que ainda dormia com Kit ao seu lado. Notara que a bolsa de pano de Livvy ainda estava no quarto e a tirara dali, temendo que Ty ficasse chateado se a visse ao acordar. De volta ao seu quarto, ela se sentara na cama e rapidamente a abriu. Não tinha muita coisa na bolsa: algumas camisetas e saias, um livro, um sabonete e uma escova de dentes cuidadosamente embalados. Uma das camisetas estava suja e Emma se perguntava se deveria lavar as roupas de Livvy, se seria de alguma ajuda, e então se dera conta justamente do motivo pelo qual não seria de ajuda alguma e sequer faria diferença para, em seguida, se aninhar em cima da bolsa, soluçando como se seu coração fosse se partir ao meio.

No fim, se embrenhara num sono agitado, cheio de sonhos de fogo e sangue. Fora acordada pelas batidas de Cristina à porta, com uma xícara de chá e a desagradável notícia de que Horace tinha sido eleito o novo Inquisidor numa

votação de emergência naquela manhã mesmo. Já havia contado a notícia ao restante da família, que estava de pé e se arrumando para o funeral.

O chá continha umas três mil colheres de açúcar, doce por si só e também em parte pela gentileza de Cristina, porém nem assim servira para tirar o gosto amargo deixado pelas notícias sobre o Inquisidor.

Emma olhava pela janela quando Cristina retornou, desta vez trazendo uma pilha de roupas. Ela vestia branco da cabeça aos pés, a cor de luto e dos velórios dos Caçadores de Sombras. Casaco branco do uniforme, camiseta branca, flores brancas nos cabelos escuros soltos.

Cristina franziu a testa.

— Saia daí.

— Por quê? — Emma olhou pela janela; a casa fornecia uma boa vista da parte mais baixa da cidade. Dava para ver os muros e os campos verdes mais além.

Ela distinguiu uma fileira de vultos muito distantes, vestidos de branco, cruzando os portões da cidade. No centro dos campos verdes, duas pilhas imensas de madeira erguiam-se como pirâmides.

— Já ergueram as piras — falou Emma, e uma onda de tontura a tomou. Sentiu a mão quente de Cristina segurando a sua e um instante depois ambas estavam sentadas na beira da cama, com Cristina a instruindo a respirar.

— Me desculpa — falou Emma. — Me desculpa. Eu não queria desmoronar desse jeito.

Algumas mechas de cabelos de Emma tinham se soltado do coque e as mãos habilidosas de Cristina as colocavam de volta no lugar.

— Quando meu tio morreu — falou —, foi enterrado em Idris, e eu não pude ir ao funeral porque minha mãe considerava Idris um lugar ainda muito perigoso. Quando ela voltou, fui abraçá-la e suas roupas tinham cheiro de fumaça. E eu pensei: foi só isso que sobrou do meu tio agora, a fumaça no casaco da minha mãe.

— Eu preciso ser forte — falou Emma. — Tenho que dar apoio aos Blackthorn. Julian está... — *Destruído, arrasado, destruído. Sumido. Não, não está sumido. Só não está aqui comigo.*

— Você pode chorar por Livvy também — falou Cristina. — Ela era uma irmã pra você. A família vai além do sangue.

— Mas...

— Chorar não nos torna mais fracos — falou Cristina com firmeza. — Nos torna humanos. Como você poderia confortar Dru, Ty ou Jules se desconhecesse os motivos para a saudade deles quando pensarem na irmã? Compaixão é um sentimento universal. Ter a noção exata do rombo que uma perda deixa no

coração de alguém é uma coisa muito rara.

— Não creio que algum de nós seja capaz de entender o quanto Ty está perdendo — falou Emma. Seus temores por Ty eram intensos, como um sabor amargo constante no fundo da garganta, que se misturava à tristeza que ela mesma sentia por causa de Livvy a ponto de Emma achar que ia engasgar.

Cristina afagou a mão da amiga.

— Melhor você se arrumar — sugeriu. — Estarei na cozinha.

Emma se vestiu num estado semiletárgico. Quando terminou, deu uma olhada no espelho. O uniforme branco estava coberto com símbolos de luto, por toda parte, desenhos sobrepostos que rapidamente perdiam o sentido aos olhos, como uma palavra repetida tantas vezes se tornava inexpressiva aos ouvidos. O traje deixava seus cabelos e pele com aspecto ainda mais pálido, e mesmo seus olhos pareciam frios. Ela se assemelhava a um pedaço de gelo, pensou, ou à lâmina de uma faca.

Se ao menos Cortana estivesse com ela. Ela poderia ir até Brocelind para gritar e golpear o ar até a exaustão, tombar sob a agonia da perda que vertia de cada um de seus poros tal qual sangue.

Sentindo-se incompleta sem sua espada, Emma seguiu para o primeiro andar.

Diana estava na cozinha quando Ty desceu. Estava sozinho, e ela apertou o copo que segurava com tanta força que os dedos chegaram a doer.

Não sabia ao certo o que esperava. Tinha passado boa parte da noite com Ty, enquanto ele dormia um sono morto, silencioso e imóvel. Tentara se lembrar de como rezar a Raziél, mas já fazia muito tempo. Na Tailândia, depois que sua irmã morrera, ela fizera ofertas de flores e incenso, mas nada disso ajudara ou chegara perto de curar o rombo naquele lugarzinho em seu coração antes ocupado por Aria.

E Livvy era a gêmea de Ty. Nenhum dos dois sequer conhecera um mundo sem a presença do outro. As últimas palavras dela tinham sido *Ty, eu...* Ninguém jamais saberia o que mais ela pretendia dizer. Como ele daria conta de lidar com aquilo? Como qualquer pessoa daria conta de lidar com aquilo?

A Consulesa providenciara roupas de luto para todos, o que fora uma gentileza. Diana usava um vestido branco e um casaco do uniforme, e Ty estava em trajes mais formais. Um casaco branco, de corte elegante, calça branca e botas, o cabelo muito ajeitado e escuro em contraste a tudo o mais. Pela primeira vez, Diana se deu conta de que, quando crescesse, Ty ia ficar lindo. Ela passara tanto tempo enxergando-o como uma criança adorável que jamais passara por sua cabeça que um dia o conceito de beleza mais adulta poderia se aplicar a ele.

O menino franziu a testa. Estava muito, muito pálido, quase da cor do papel, mas os cabelos estavam bem penteados e, aparentemente, ele estava calmo e quase comum.

— Vinte e três minutos — falou ele.

— O quê?

— Vamos precisar de 23 minutos para chegar aos Campos, e a cerimônia começa em 25 minutos. Onde está todo mundo?

Diana quase pegou o celular para enviar uma mensagem a Julian antes de se lembrar que celulares não funcionavam em Idris. *Preste atenção*, falou para si.

— Tenho certeza de que estão a caminho...

— Eu queria falar com Julian. — Não parecia uma ordem; era mais como se Ty estivesse tentando se lembrar de uma lista de tarefas pendentes. — Ele foi até a Cidade do Silêncio com a Livvy. Eu precisava saber o que ele viu e o que fizeram com ela por lá.

*Eu não teria querido saber essas coisas sobre Aria*, pensou Diana, e imediatamente se corrigiu. Ela não era Ty. Ele se confortava com fatos. Odiava o desconhecido. O corpo de Livvy fora levado e trancafiado atrás de portas de pedra. Ele certamente ia querer saber: será que tinham prestado homenagens ao corpo? Será que tinham guardado as coisas dela? Tinham limpado o sangue de seu rosto? Ele somente seria capaz de compreender se tivesse respostas.

Ouviram-se passos na escadaria e subitamente a cozinha estava cheia com os Blackthorn. Ty saiu do caminho quando Dru desceu, os olhos vermelhos, vestida com um casaco de tamanho bem menor. Helen trazia Tavvy, ambos vestidos de branco; Mark e Aline, com os cabelos presos e pequenos brincos de ouro no formato de símbolos de luto. Diana percebeu com um susto que havia procurado Kieran ao lado de Mark, que esperava que ele estivesse ali agora e tinha se esquecido de que ele se fora.

Cristina vinha logo atrás, seguida de Emma, ambas muito amuadas. Diana tinha servido torrada, manteiga e chá, e Helen pôs Tavvy no chão para pegar a comida dele. Ninguém mais parecia interessado em comer.

Ty deu uma olhadela ansiosa para o relógio. Um instante depois, Kit descera, parecendo pouco à vontade no casaco branco do uniforme. Ty não disse uma única palavra, nem sequer olhou para o outro, mas a tensão em seus ombros diminuiu levemente.

Para surpresa de Diana, o último a descer a escada foi Julian. A vontade dela foi correr para ele e verificar se tudo estava bem, mas fazia muito tempo desde que ele permitira um gesto assim. Se é que um dia permitira. Ele sempre fora um menino independente, pouco inclinado a demonstrar emoções negativas diante da família.

Ela notou que Emma o observava, mas que ele não retribuiu o olhar. Estava preferindo examinar o cômodo à sua volta, ponderando sobre o astral de todos ali, e o que quer que estivesse pensando era invisível por trás dos escudos dos olhos azul-esverdeados.

— É melhor a gente ir — falou. — Eles vão esperar por nós, mas não por muito tempo, e devemos estar lá para a cerimônia de Robert.

Havia alguma coisa diferente na voz dele; Diana não sabia bem o que era. Provavelmente, a monotonia da tristeza.

Todos se viraram para ele. Ele era o centro, pensou Diana, o sustentáculo ao qual a família sempre recorria. Emma e Cristina se afastaram um pouco, pois não eram Blackthorn, e Helen pareceu aliviada quando Julian falou, como se temesse precisar ser responsável por organizar o grupo.

Tavvy foi até Julian e pegou a mão dele. Eles cruzaram a porta numa procissão silenciosa, um rio de branco fluindo pelos degraus de pedra da casa.

Diana não conseguia deixar de pensar em sua irmã, que fora cremada na Tailândia, e nas cinzas dela, que voltaram para Idris e foram enterradas na Cidade do Silêncio. Mas Diana não comparecera ao funeral. Na época, ela acreditava que jamais retornaria a Idris.

Ao passarem pela rua na direção da Silversteel Bridge, alguém abriu uma janela acima. Uma bandeira branca e comprida com o símbolo de luto se desenrolou; Ty ergueu o rosto, e Diana percebeu que a ponte e a rua, em todo o trajeto até os portões da cidade, estavam decoradas com bandeiras brancas. Eles seguiram caminhando por entre elas e até Tavvy estava olhando ao redor, admirado.

Talvez a maioria delas fosse para Robert, o Inquisidor, mas também estavam ali por causa de Livvy. Pelo menos, os Blackthorn sempre teriam isso, pensou ela, uma lembrança das honrarias concedidas à irmã.

Ela estava esperançosa de que a eleição de Horace como Inquisidor não fosse estragar o dia mais ainda. Durante toda a vida, estivera ciente do frágil cessar-fogo não apenas entre os Caçadores de Sombras e os seres do Submundo, mas entre os Nephilim, que achavam que o Submundo deveria ser incluído pela Clave — e também aqueles que pensavam o contrário. Muitos tinham comemorado quando os seres do Submundo finalmente se juntaram ao Conselho, depois da Guerra Maligna. Mas ela tomara conhecimento dos cochichos daqueles que pensavam o contrário, como Lazlo Balogh e Horace Dearborn. A Paz Fria dera a eles a liberdade para expressar o ódio em seus corações, confiantes de que todos os Nephilim de bem concordavam com eles.

Diana sempre acreditara que eles estivessem equivocados, mas a eleição de Horace a encheu de medo de que pudesse haver mais Nephilim

irremediavelmente imersos em ódio do que ela imaginara.

Quando eles saíram da ponte, alguma coisa roçou seu ombro. Ela esticou a mão para afastar e percebeu que era uma flor branca — de um tipo que só crescia em Idris. Então olhou para o alto; as nuvens desfilavam pelo céu, empurradas por um vento forte, mas viu o vulto de um homem a cavalo desaparecer atrás de uma delas.

Gwyn. O pensamento nele acendeu uma centelha de calor em seu coração. Ela fechou a mão com cuidado ao redor das pétalas.

### *Os Campos Eternos.*

Era assim que eram intitulados, embora a maior parte das pessoas simplesmente preferisse chamá-los de os Campos. Eles se estendiam pelas planícies além de Alicante, desde as muralhas da cidade, construídas após a Guerra Maligna, até as árvores da Floresta Brocelind.

A brisa era suave e única em Idris; em certos aspectos, Emma preferia a brisa marítima de Los Angeles, com seu toque salgado. Aqui o vento parecia gentil demais para o dia do funeral de Livvy. Ele erguia seus cabelos e esvoaçava o vestido branco ao redor dos joelhos; fazia as bandeiras brancas de cada lado das piras flutuarem como fitas pelo céu.

O solo inclinava-se da cidade em direção aos bosques, e quando se aproximaram das piras funerárias, Cristina segurou a mão de Emma. Sua reação foi apertá-la, agradecida, conforme iam se aproximando o suficiente para avistar a multidão e ouvir os cochichos que se erguiam ao redor. Havia solidariedade para os Blackthorn, sem dúvida, mas também havia olhares severos na direção dela e de Julian. Julian tinha trazido Annabel para Idris, e Emma destruía a Espada Mortal.

— Uma lâmina tão poderosa quanto Cortana não poderia estar nas mãos de uma criança — falou uma mulher loura quando Emma passou.

— A coisa toda cheira a magia sombria — falou outra pessoa.

Emma decidiu não prestar atenção. Ficou olhando bem para a frente: dali via Jia de pé entre as piras, toda de branco. Lembranças da Guerra Maligna a invadiram. Tantas pessoas vestidas de branco; tantas piras ardentes.

Ao lado de Jia, estava uma mulher com cabelos ruivos compridos que Emma reconheceu: Jocelyn, mãe de Clary. Ao lado dela, estava Maryse Lightwood, os cabelos pretos generosamente rajados por fios brancos soltos nas costas. Ela parecia conversar atentamente com Jia, embora estivessem longe demais para Emma ouvir o que diziam.

As duas piras estavam concluídas, no entanto os corpos ainda não tinham

sido trazidos da Cidade do Silêncio. Uns poucos Caçadores de Sombras estavam reunidos; ninguém era obrigado a comparecer aos funerais, mas Robert fora um tanto popular e as mortes dele e de Livvy tinham sido horríveis e chocantes.

A família de Robert estava junto à pira do lado direito — as vestes cerimoniais do Inquisidor esticadas no topo. Elas queimariam com ele. Em volta da madeira, em suas roupas adequadas ao ritual do luto, estavam Alec e Magnus, Simon e Isabelle, e até os pequenos Max e Rafe. Isabelle ergueu o rosto para Emma quando esta se aproximou e a cumprimentou com um aceno; os olhos estavam inchados de tanto chorar.

Ao lado dela, Simon parecia tenso como uma corda de arco. Ele observava ao redor e seu olhar examinava as pessoas da multidão. Emma não conseguia evitar se perguntar se ele procurava pelas mesmas pessoas que ela — as pessoas que deveriam estar aqui quando Robert Lightwood estivesse a postos para seu descanso eterno.

Onde estavam Jace e Clary?

Raramente Kit considerou os Caçadores de Sombras tão estranhos quanto agora. Eles estavam por toda parte, vestidos de branco, uma cor que ele associava a casamentos e à Páscoa. As bandeiras, os símbolos, as torres demoníacas reluzentes ao longe — tudo isto combinado fazia com que ele se sentisse em outro planeta.

Isso sem mencionar o fato de que os Caçadores de Sombras não choravam. Kit já havia comparecido a funerais antes, e também visto alguns na tevê. As pessoas seguravam lenços e soluçavam neles. Mas não aqui; aqui ficavam em silêncio, muito controladas, e o som dos pássaros era mais alto do que o das conversas e do choro.

Não que Kit estivesse chorando, ou que tivesse chorado quando seu pai morreu. Ele sabia que isso não era saudável, mas o pai sempre o fizera achar que desabar no choro do luto significava desabar para sempre. Kit devia muito à família Blackthorn, principalmente a Ty, para se deixar abalar por causa de Livvy. Ela não ia querer uma coisa dessas. Ela ia querer que ele desse apoio a Ty.

Um por um, outros Nephilim foram se aproximando dos Blackthorn para oferecer condolências. Julian se colocara à frente da família, como um escudo, e vinha descartando friamente todas as tentativas cordiais para falar com seus irmãos e irmãs, agrupados atrás dele. Julian parecia mais frio e distante do que o normal, mas isso não era surpresa. O luto atingia cada um de maneira diferente.

Mas isso significava que ele havia soltado a mão de Tavvy, de modo que o

menino teve que se postar ao lado de Dru, empurrando-se contra a lateral do corpo dela. E também que havia deixado Ty sozinho, mas Kit foi até ele, sentindo-se resplandecentemente ridículo com o casaco e a calça de couro brancos. Sabia que era uma roupa de luto formal, mas ela o fazia sentir-se fazendo cosplay num videoclipe dos anos oitenta.

— Funerais sempre são tão tristes — falou uma mulher que se apresentara como Irina Cartwright, fitando Julian com um olhar de profunda compaixão. Como ele não respondeu, ela se voltou para Kit. — Você não acha?

— Sei lá — respondeu ele. — Meu pai foi devorado por demônios.

Irina Cartwright pareceu desconcertada e se afastou depressa depois de mais algumas frases banais. Julian ergueu uma sobrancelha para Kit antes de cumprimentar a pessoa seguinte.

— Você ainda tem... o telefone? — perguntou Kit a Ty, e no mesmo instante se sentiu um idiota. Quem perguntaria a alguém no funeral de sua irmã gêmea se ele ainda tinha seu telefone? Especialmente quando não havia sinal de celular em parte alguma de Idris? — Quero dizer, não que você consiga telefonar. Para alguém.

— Tem um telefone em Idris que funciona. Fica no escritório da Consulesa — falou Ty. Ele não parecia estar fazendo cosplay de nenhuma estrela musical dos anos oitenta; estava gélido, impressionante e...

A palavra “lindo” piscou na mente de Kit como um letreiro em néon acendendo e apagando. Ele a ignorou.

Elegante. Ty estava elegante. Provavelmente era só porque pessoas de cabelos escuros ficavam naturalmente melhores de branco.

— Eu não preciso de sinal no telefone — falou Ty. — Preciso das fotos.

— Fotos da Livvy? — perguntou Kit, confuso.

Ty o encarou. Kit se lembrou dos dias em Londres, nos quais eles tinham trabalhado juntos, resolvendo... bem, resolvendo mistérios. Como Watson e Holmes. Ele jamais se imaginara capaz de compreender Ty. Mas sentia isso agora.

— Não — respondeu Ty.

E olhou ao redor. Kit se perguntava se a quantidade de gente se amontoando estaria incomodando Ty. Ele odiava multidões. Magnus e Alec estavam parados, com os filhos, perto da Consulesa; junto deles, uma menina bonita de cabelos pretos e com sobrancelhas iguaizinhas às de Alec e um menino — bem, provavelmente ele tinha uns vinte e poucos anos — com cabelo castanho bagunçado. O garoto lançou a Kit um olhar que parecia dizer *você parece familiar*. Algumas pessoas já tinham feito o mesmo, e Kit imaginava que fosse pela semelhança com Jace, se Jace, de modo súbito e inesperado, tivesse ficado



mais baixo, menos musculoso e menos charmoso, em geral.

— Mais tarde, precisamos conversar — falou Ty em voz baixa, e Kit não soube se deveria ficar preocupado ou grato. Até onde ele sabia, Ty não tinha conversado direito com ninguém desde a morte de Livvy.

— Você não... quer conversar com seu irmão? Com Julian?

— Não. Eu preciso conversar com você. — Ty hesitou, como se estivesse prestes a dizer mais alguma coisa.

OuvIU-se um som triste e baixo, semelhante a uma trompa, e as pessoas se viraram para olhar para a cidade. Kit acompanhou os olhares e viu uma procissão deixando os portões. Dezenas de Irmãos do Silêncio em seus uniformes cor de pergaminho caminhavam em duas fileiras ao lado de dois féretros, que eram carregados nos ombros por guardas do Conselho.

Estavam distantes demais para Kit ver em qual deles estava Livvy: ele só conseguia distinguir que havia um corpo deitado em cada plataforma, enrolado em branco. E então eles se aproximaram, e ele viu que um dos corpos era bem menor que o outro, e se virou para Ty, sem conseguir se segurar.

— Eu lamento muito — falou. — Eu lamento tanto.

Ty olhava na direção da cidade. Uma das mãos abria e fechava, os longos dedos se dobrando, mas tirando isso, ele não demonstrava mais nenhum sinal de emoção.

— Na verdade, não tem nenhuma razão para você lamentar muito — falou. — Então, por favor, não lamente.

Kit ficou imóvel sem dizer nenhuma palavra. Havia uma tensão fria nele, um medo que ele não conseguia repelir — medo de que ele não tivesse perdido apenas Livvy, mas Ty também.

— Eles ainda não voltaram — falou Isabelle. Ela estava serena, imaculada no uniforme, com uma faixa de seda branca na cabeça. Segurava a mão de Simon, e os nós dos dedos dela estavam tão brancos quanto a flor em sua lapela.

Emma sempre pensara na tristeza como uma garra. A garra de um monstro imenso e invisível, que se esticava dos céus e agarrava você, arrancando todo o seu fôlego, deixando apenas uma dor impossível de se desvencilhar ou de evitar. E aí só restava suportar o aperto da garra enquanto durasse.

Ela enxergava a dor daquele aperto nos olhos de Isabelle, por trás de seu semblante tranquilo, e parte dela queria abraçar a outra. Ela também queria que Clary estivesse ali — Clary e Isabelle eram como irmãs, e Clary poderia consolar Izzy daquele jeito que só uma melhor amiga consegue fazer.

— Eu pensei que você soubesse — falou Simon, e franziu as sobrancelhas ao

olhar para Emma. E pensou em Clary dizendo que não podia contar a Simon sobre suas visões da morte, que ele ficaria arrasado. — Eu pensei que eles tivessem dito a você aonde iam.

Ninguém parecia estar prestando muita atenção a eles: Jia ainda conversava atentamente com Jocelyn e Maryse, e outros Caçadores de Sombras presentes tinham ido até Julian e os outros para oferecer condolências.

— Eles disseram. Foram até o Reino das Fadas. Eu sei.

Instintivamente, Simon e Isabelle se aproximaram dela. Emma torcia para que não parecesse que estavam formando uma panelinha, compartilhando segredos, pois era exatamente isso o que estava acontecendo.

— É só que eu pensei que eles já deviam ter voltado a essa altura — falou Emma.

— Eles devem estar de volta amanhã — arrulhou Isabelle, e se abaixou para pegar Max no colo. Ela o tomou nos braços e afagou seus cabelos com o queixo. — Eu sei... é terrível. Se ao menos tivesse um jeito de enviar uma mensagem...

— Não podíamos pedir que a Clave adiasse o funeral — falou Simon. Os corpos dos Caçadores de Sombras não são embalsamados; eles são cremados o quanto antes para que não comecem a se decompor.

— Jace vai ficar arrasado — falou Izzy, ao mesmo tempo que lançava um olhar para trás até o local onde seu irmão, de mãos dadas com Rafe, fitava Magnus enquanto conversavam. — Especialmente por não ter estado aqui com Alec.

— A tristeza dura um bom tempo — falou Emma, com um bolo na garganta. — No início, assim que acontece, muita gente fica do seu lado. Se Jace estiver com Alec mais tarde, depois que acabar todo o estardalhaço do funeral e todas as frases feitas de gente totalmente desconhecida, vai ser bem melhor.

O olhar de Izzy suavizou.

— Valeu. E tente não se preocupar com Clary e Jace. Nós sabíamos que não íamos conseguir entrar em contato com eles enquanto estivessem fora. Simon... é o *parabatai* de Clary. Ele sentiria se alguma coisa tivesse acontecido com ela. E Alec também, em relação a Jace.

Emma não podia questionar a força dos laços *parabatai*. Ela baixou o olhar e se perguntou se...

— Eles chegaram. — Era Magnus, esticando os braços para pegar Max do colo de Isabelle. E deu uma olhadela estranha para Emma, a qual ela não conseguiu interpretar. — Os Irmãos.

Emma olhou para trás. Era verdade: eles tinham deslizado praticamente sem fazer barulho em meio à multidão, dividindo-a como o Mar Vermelho. Os Caçadores de Sombras recuaram quando os féretros trazendo Livvy e Robert

passaram por eles, parando entre as piras.

Livvy jazia pálida e exangue, o corpo envolvido por um vestido de seda branca, com uma venda de seda branca sobre os olhos. O colar de ouro reluzia no pescoço. Os cabelos castanhos e compridos estavam salpicados de flores brancas.

*Livvy dançava na cama, usando um vestido de chiffon verde-claro que tinha comprado na Tesouros Escondidos. Emma, Emma, olha o meu vestido novo!* Emma lutava contra a lembrança, contra a fria verdade: esse era o último vestido que ela veria Livvy usando. Era a última vez que veria os cabelos castanhos familiares, a curva da bochecha, o queixo teimoso. *Livvy, minha Livvy, minha corujinha sábia, minha doce irmãzinha.*

Ela queria gritar, mas os Caçadores de Sombras não gritavam na morte. Em vez disso, eles recitavam sábias palavras, que passavam de geração em geração.

— *Ave atque vale.* — O murmúrio percorreu a multidão. — *Ave atque vale, Robert Lightwood. Ave atque vale, Livia Blackthorn.*

Isabelle e Alec se viraram e ficaram de frente para o féretro de seu pai. Julian e os outros Blackthorn ainda estavam encurralados ali por quem os cumprimentava. Por um momento, Emma ficou a sós com Simon.

— Eu conversei com Clary antes de ela ir — falou Emma, e as palavras foram como uma pressão quente no fundo de sua garganta. — Ela temia que alguma coisa ruim fosse acontecer.

Simon pareceu perplexo.

— Que tipo de coisa ruim?

Emma balançou a cabeça.

— Só... que se ela não voltasse quando deveria...

Simon a encarou com expressão confusa, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, Jia deu um passo à frente e começou a falar.

— Caçadores de Sombras morrem jovens — falou alguém na multidão. Julian não reconheceu o homem, na casa dos 40 anos, com sobrancelhas grossas escuras. Tinha um emblema da Scholomance em seu uniforme, mas pouca coisa mais o diferenciava das dezenas de outras pessoas que se aproximaram para dizer que lamentavam a morte de sua irmã.

— Mas 15 anos... — O homem balançou a cabeça. Gladstone, se recordou Julian. O sobrenome dele era Gladstone. — Robert teve uma vida plena. Ele era meu primo distante, sabe. Mas o que aconteceu com sua irmã nunca deveria ter acontecido. Ela era só uma criança.

Mark emitiu um som estrangulado atrás de Julian, que falou alguma coisa

educada para dispensar Gladstone. Tudo parecia distante, abafado, como se ele ou o mundo estivessem envolvidos em algodão.

— Eu não gostei dele — falou Dru depois que Gladstone se foi. A pele abaixo dos olhos dela estava brilhante e retesada com os rastros das lágrimas que não podiam ser limpos.

Era como se houvesse dois Julian. Um era o Julian de Antes, o Julian que teria feito alguma coisa para consolar Dru, que teria afagado os cabelos dela. O Julian de Agora não fazia nada disso. Permanecia imóvel conforme a multidão começava a se dispersar feito uma onda para abrir caminho para a procissão do funeral, e viu Helen erguer Tavvy nos braços.

— Ele tem sete anos — falou para ela. — Está grande demais para ficar sendo carregado no colo por aí.

Ela lhe deu um olhar meio de surpresa, meio de reprovação, mas não disse uma palavra. Os Irmãos do Silêncio caminhavam entre eles com os féretros, e a família Blackthorn congelou quando o ar foi preenchido pelo cântico dos Nephilim.

— Ave atque vale, *Livia Blackthorn. Saudações e adeus.*

Dru apertou os olhos com as palmas das mãos. Aline passou um braço em volta dela. Julian procurou por Ty. Não conseguia evitar.

Mark tinha ido até Ty e agora conversava com ele; Kit estava ao lado do menino, as mãos enfiadas nos bolsos, os ombros murchos, arrasado. Ty fitava o féretro da irmã, um borrão vermelho ardendo em suas bochechas. Na descida para a cidade, ele tinha enchido Julian com perguntas: *Quem tinha tocado nela na Cidade do Silêncio? Tinham limpado o sangue dela? Tinham penteado o cabelo? Tiraram o colar? Será que ele poderia ficar com as roupas dela? Quem escolheu o vestido com o qual ela seria enterrada? Eles tinham fechado os olhos dela antes de cobri-los com a fita de seda?* Até Julian ficar exausto e quase explodir de impaciência.

As escadas foram posicionadas perto das piras, duas pilhas imensas de gravetos e lenha. Um Irmão do Silêncio pegou Livvy e começou a subir. Quando chegou ao topo, depositou o corpo; na segunda pira, outro Irmão fazia a mesma coisa com o cadáver de Robert Lightwood.

Diana também se postara ao lado de Ty. Ela trazia uma flor branca presa na gola, pálida em contraste à pele escura. Falou alguma coisa baixinho para o menino e Ty ergueu o rosto para ela.

Julian doía por dentro, uma dor física, como se tivesse levado um soco no estômago e só agora estivesse recuperando o fôlego. Ele sentia o pano ensanguentado amarrado em volta do pulso, como um círculo de fogo.

*Emma.* Procurou por ela na multidão e a viu de pé, ao lado de Simon. Cristina

estava com eles. As escadas foram retiradas e os Irmãos do Silêncio avançaram com as tochas acesas. O fogo era intenso o suficiente para iluminar até mesmo a paisagem diurna. Os cabelos de Emma faiscaram e captaram o brilho dele quando os Irmãos do Silêncio assumiram suas posições em torno das piras.

— Essas chamas, esse fogo — falou Mark, que aparecera ao lado do irmão.  
— Na Caçada Selvagem, nós fazemos um enterro no céu.

Julian o encarou. Mark estava corado, os cachos claros dos cabelos um tanto bagunçados. Os símbolos de luto tinham sido desenhados com cuidado e precisão, porém, isto significava que não tinham sido feitos por ele. Eram delicados e belos — obra de Cristina.

— Nós deixávamos os corpos no topo de geleiras ou de árvores altas para os pássaros bicarem — falou Mark.

— Que tal você não sugerir isso a ninguém neste funeral? — disse Julian.

Mark se encolheu.

— Desculpe, nem sempre eu sei dizer a coisa certa.

— Na dúvida, não diga nada — falou Julian. — Literalmente, é melhor se você não falar.

Mark ofereceu ao irmão o mesmo olhar que Helen dera antes — meio magoado, meio surpreso —, mas antes que pudesse dizer mais, Jia Penhallow, em trajes cerimoniais brancos e reluzentes como a neve, começou a falar:

— Caçadores de Sombras. — A voz forte cruzava os Campos Eternos. — Uma grande tragédia se abateu sobre nós. Um de nossos mais fiéis servos da Clave, Robert Lightwood, foi morto no Salão do Conselho, onde nossa Lei sempre prevaleceu.

— Boa ideia não mencionar que ele era um traidor — murmurou alguém na multidão.

Era Zara. Sibilos e risadinhas irromperam, como um bule explodindo. Seus amigos, Manuel Villalobos, Samantha Larkspear e Jessica Beausejours, estavam ao redor dela, num círculo fechado.

— Não acredito que eles estão *aqui*. — Era Emma. De algum modo, tinha se aproximado de Julian. Ele não se lembrava de ter visto isso acontecendo, mas a realidade parecia piscar como o obturador de uma câmera se abrindo e fechando. Ela pareceu ligeiramente surpresa quando Julian não respondeu, mas caminhou até o meio da multidão, tirando Gladstone do caminho com um empurrão do braço rijo.

— E uma de nossas mais jovens e promissoras Caçadoras de Sombras foi assassinada, seu sangue foi derramado na frente de todos nós — falou Jia ao mesmo tempo que Emma se aproximava de Zara e seus amiguinhos. Zara deu um pequeno pulo de susto, em seguida, tentou disfarçar a perda da compostura

com uma careta.

De um jeito ou de outro, Emma não ia se importar com a compostura da outra, pensou Julian. Ela gesticulava para Zara e, em seguida, para os Blackthorn e para Ty, quando a voz de Jia soou sobre a campina:

— Nós *não vamos* permitir que essas mortes permaneçam impunes. *Não vamos* esquecer seus responsáveis. Somos guerreiros, nós vamos lutar e retaliar.

Zara e os amigos pareciam obstinados — todos, menos Manuel, que esboçava um sorriso torto que, em outras circunstâncias, daria arrepios em Julian. Emma se virou e se afastou deles, com expressão sombria.

Ainda assim, Zara tinha parado de falar, o que já era alguma coisa.

— Eles se foram — falou Jia. — Os Nephilim perderam duas grandes almas. Que Raziel os abençoe. Que Jonathan Caçador de Sombras lhes faça as honras. Que David, o Silencioso se recorde deles. Vamos encomendar seus corpos à necrópole, onde eles servirão eternamente.

A Consulesa baixara a voz. Todos olhavam para ela, incluindo as crianças, Tavvy, Rafe e Max, por isso, todos notaram sua expressão mudar e ficar sombria. Ela falou as palavras seguintes como se estas lhe deixassem um gosto amargo.

— E agora nosso novo Inquisidor quer dizer umas poucas palavras.

Horace Dearborn deu um passo para a frente; Julian não havia notado a presença dele até aquele momento. Ele usava uma veste de luto branca e uma expressão solene muitíssimo apropriada, embora por trás dela parecesse se esconder um sorriso de desdém, como uma sombra por trás de uma vidraça.

Já Zara sorria abertamente, e agora mais de seus amigos da Scholomance tinham se juntando a ela. Ela acenou para o pai, ainda sorrindo, e o sorriso de desdém de Manuel se escancarou até ocupar boa parte do rosto.

Julian viu náusea nas expressões de Isabelle e Simon, horror no rosto de Emma, e raiva nas expressões de Magnus e Alec.

Ele até fez um esforço para sentir o que eles sentiam, mas não era capaz. Ele não sentia nada.

Horace Dearborn examinou a multidão por um longo momento. Kit já tinha recebido informações suficiente dos outros para saber que o pai de Zara era ainda mais sectário do que ela, e que fora nomeado novo Inquisidor pela maioria do Conselho, que parecia temer mais a Corte Unseelie e a ameaça do Submundo do que o fato de ter cedido poder a um homem nitidamente maligno.

Não que Kit achasse isso surpreendente. Apenas deprimente.

Ty, ao lado dele, não parecia olhar para Horace. Todo o seu afinco estava em

Livvy, ou no pouco que eles podiam ver dela — um pedaço de branco no topo de uma pilha alta de madeira. Enquanto olhava para a irmã, ele passava o indicador direito nas costas da mão esquerda e voltava a repetir o gesto; tirando isso, estava impassível.

— Hoje — falou Horace finalmente —, como diz a Consulesa, pode realmente ser um dia de luto.

— Que gentileza dele reconhecer isso — murmurou Diana.

— *No entanto!* — A voz de Horace se elevou e ele apontou um dedo para a multidão, como se estivesse acusando a todos de um terrível crime. — Essas mortes não vieram do nada. Não há dúvida de quem foram os responsáveis por esses assassinatos. Embora Caçadores de Sombras tolos possam ter permitido que eles ocorressem, a mão do Rei Unseelie e de todas as fadas, e, por extensão, de todos os seres do Submundo, está por trás desse ato!

*Por que isso?*, pensou Kit. Horace o fazia lembrar dos políticos que berravam na tevê, homens de rosto vermelho que sempre pareciam zangados e sempre queriam que você soubesse que havia alguma coisa digna de ser temida.

A ideia de que o Rei Unseelie era responsável pelas mortes de Livvy e de Robert, que todos os seres do Submundo eram culpados, não fazia sentido para Kit, mas, se ele esperava por um protesto da multidão, ficou decepcionado. Os espectadores estavam estranhamente calados, mas ao mesmo tempo Kit detinha a impressão de que não pareciam estar contra Horace. Ao contrário, era como se eles sentissem que não era educado aplaudir. O rosto de Magnus era uma tela em branco, como se sua expressão tivesse sido apagada com uma borracha.

— A morte serve como um lembrete — falou Horace, e Kit olhou para Julian. Os cabelos castanhos do rapaz balançavam sob o vento mais forte. Kit duvidava que esse fosse um lembrete do qual Julian precisava. — Um lembrete de que temos somente uma vida e que devemos vivê-la como guerreiros. Um lembrete de que temos apenas uma chance de fazer as escolhas corretas. Um lembrete de que em breve chegará o momento em que todos os Caçadores de Sombras terão que escolher um lado. Eles vão querer apoiar os traidores e os defensores do Submundo? Vão apoiar aqueles que destruiriam nosso estilo de vida e nossa própria cultura? Será que eles... meu jovem, o que é que você está fazendo? Desça já daí!

— Ah, pelo Anjo — murmurou Diana.

Ty subia pela lateral da pira de sua irmã. Não parecia fácil — a madeira fora empilhada para a máxima eficiência ao queimar, não para ser escalada, mas, de qualquer forma, ele estava conseguindo encontrar apoio para as mãos e os pés. E já estava tão alto em relação ao solo que Kit sentiu uma onda de medo ao pensar no que aconteceria caso um daqueles pedaços de madeira se soltasse e o menino

caísse.

Kit começou a correr atrás de Ty sem pensar duas vezes, mas sentiu alguém segurar sua gola e puxá-lo para trás. Diana.

— Não — disse ela. — Você não. — E seu rosto foi tomado por rugas sombrias.

*Você não.* Kit entendeu o que ela queria dizer num instante: Julian Blackthorn já estava correndo, empurrando o Inquisidor — que grasnou indignado — e pulando na pira. Aí começou a escalar atrás do irmão.

— Julian! — berrou Emma, mas duvidava que pudesse ser ouvida. Agora todos gritavam: os guardas do Conselho, os enlutados, a Consulesa e o Inquisidor. Zara e seus amigos assobiavam e davam gargalhadas, apontando para Ty. Ele estava quase chegando ao topo da pira e não parecia ouvir ninguém ou nada ao redor. Escalava com uma intensidade determinada. Julian, mais abaixo, subia com mais cuidado sem conseguir igualar a velocidade do irmão.

Apenas os Blackthorn estavam em completo silêncio. Emma tentou avançar, mas Cristina segurou seu pulso e balançou a cabeça.

— Não... não é seguro e é melhor não distrair Julian...

Ty havia alcançado a plataforma em cima da pira. E então se sentou ali, empoleirado ao lado do corpo da irmã.

Helen emitiu um soluço vindo da garganta.

— Ty.

No topo da pira, não havia proteção contra o vento. O cabelo de Ty chicoteava seu rosto quando ele se abaixou sobre Livvy. Parecia estar tocando as mãos cruzadas dela. Emma sentiu uma tristeza solidária, semelhante a um soco no estômago, seguida por uma onda de ansiedade.

Julian alcançou a plataforma ao lado de Ty e de Livvy, e se ajoelhou perto do irmão. Eram como duas peças de xadrez pálidas, e apenas a cor dos cabelos (o de Ty era um tiquinho mais escuro) os diferenciava.

Emma sentiu o coração na garganta. Uma das coisas mais difíceis que já tinha feito na vida fora não correr até a pira e subir lá. Tudo, exceto Julian e Ty, parecia distante e fora de foco, mesmo enquanto ela ouvia Zara e seus amigos rindo e dizendo que os Irmãos do Silêncio deveriam acender logo a pira, que deveriam queimar Ty e Julian junto a Livvy, já que eles queriam ficar com ela tanto assim.

Ela sentiu Cristina enrijecer ao seu lado. Mark estava cruzando a grama, em direção às duas piras. Agora Zara e seus amigos cochichavam sobre Mark,



falando das orelhas pontudas dele, de seu sangue fada. Mark caminhava com a cabeça abaixada, determinado, e Emma não conseguiu mais se controlar — se afastou de Cristina e correu pela grama. Se Mark ia atrás de Julian e Ty, então ela ia também.

Ela avistou Jia, ao lado de Maryse e Jocelyn, todas imóveis, um quadro vivo horrorizado. Caçadores de Sombras não faziam esse tipo de coisa. Não faziam da tristeza um espetáculo. Eles não gritavam, nem ficavam furiosos, desmaiavam, surtavam ou escalavam até o topo de piras.

Julian estava inclinado agora, o rosto de Ty entre suas mãos. Apesar de sua localização, eles formavam um retrato estranhamente delicado. Emma podia imaginar o quanto aquilo tudo era difícil: Julian odiava demonstrar emoções na frente de qualquer um em quem não confiasse, mas não parecia pensar nisso; murmurava para Ty, e suas testas quase se tocavam.

— As escadas — disse Emma para Mark, e ele assentiu sem fazer mais perguntas. Eles se esforçaram para passar em meio a um grupo de espectadores e pegaram uma das escadas pesadas que os Irmãos do Silêncio tinham trazido para o Campo, apoiando-a contra a lateral da pira de Livvy.

— Julian — chamou Emma, e o viu olhar para baixo enquanto ela e Mark firmavam a escada. Em algum lugar, Horace gritava para eles irem embora e para os guardas do Conselho tirarem os meninos dali. Mas ninguém se mexeu.

Julian tocou Ty uma vez na bochecha e o menino hesitou, esticando os braços para se abraçar brevemente. Aí abaixou os braços e seguiu o irmão rumo à descida das escadas. Julian foi o primeiro. Quando chegou ao chão, ele ficou imóvel, apenas ergueu o rosto, pronto para aparar seu irmão mais novo caso este caísse.

Ty alcançou o chão e se afastou da pira sem parar para recuperar o fôlego, cruzando a grama até Kit e Diana.

Alguém gritava para eles retirarem a escada: Mark a ergueu e carregou até os Irmãos do Silêncio, enquanto Emma segurava os pulsos de Julian e o conduzia gentilmente para longe da plataforma das piras.

Ele parecia confuso, como se tivesse sido atingido com força suficiente para ficar tonto. Ela parou a certa distância das outras pessoas e segurou as duas mãos dele.

Ninguém acharia isso estranho; era um tipo normal de afeição entre *parabatai*. Ainda assim, Emma estremeceu com a combinação do toque, do pavor pela situação e da expressão vazia no rosto dele.

— Julian — falou, e ele se encolheu.

— Minhas mãos — disse ele num tom de surpresa. — Eu não senti.

Ela baixou o olhar e arfou. As palmas dele eram um acolchoado de farpas

ensanguentadas dos gravetos. Algumas eram pequenas linhas escuras contra a pele, mas outras eram maiores, palitos de dente arrancados da madeira que entraram em ângulo e vertiam sangue.

— Você precisa de um *iratze* — falou ela, e soltou um dos pulsos para pegar uma estela em seu cinto. — Deixe que eu...

— Não. — Ele desvencilhou o outro pulso do contato dela. Sua expressão era mais fria do que gelo. — Não acho que seja uma ideia muito boa.

Então Julian se afastou enquanto Emma lutava para respirar. Ty e Mark retornaram para onde os Blackthorn se encontravam: Ty estava perto de Kit, como sempre vinha fazendo, como um ímã se encaixando no lugar.

Emma viu Mark esticar o braço e pegar a mão de Cristina e pensou: *eu devia estar segurando as mãos de Julian, devia estar do lado dele, lembrando-o de que ainda há coisas no mundo pelas quais vale a pena viver.*

Mas as mãos de Julian estavam ensanguentadas e feridas, e ele não queria que Emma as tocasse. Assim como sua alma estava rasgada e ensanguentada, e talvez ele não quisesse ninguém por perto também, mas ela era diferente, era a *parabatai* dele, não era?

*Está na hora.* A voz silenciosa de um dos Irmãos reverberou pelos Campos: todos a ouviram — exceto Magnus e Max, que olharam em volta, confusos. Emma mal teve tempo de se preparar antes de os Irmãos do Silêncio tocarem as tochas na madeira aos pés de cada pira. O fogo ardeu e subiu, em ondas de tons dourados e vermelhos e, por um momento, foi quase belo.

Então o estrondo das chamas a atingiu, como o som de uma onda se quebrando, e o calor percorreu a grama. O corpo de Livvy desapareceu por trás de uma cortina de fumaça.

Kit mal conseguia ouvir o cântico suave dos Nephilim acima do estalido faminto das chamas:

— *Vale, vale, vale. Adeus, adeus. Adeus.*

A fumaça era densa. Seus olhos doíam e ardiam, e ele não conseguia parar de pensar no fato de que seu pai não tivera um funeral, de que pouco restara dele para ser enterrado, pois sua carne se transformara em cinzas devido ao veneno dos demônios Mantis, e seus restos foram levados pelos Irmãos do Silêncio.

Kit não suportava olhar para os Blackthorn, por isso, resolveu observar os Lightwood. Agora já ouvira todos os nomes: sabia que a irmã de Alec era Isabelle, a menina com cabelos pretos abraçada a ele e à sua mãe, Maryse. Rafe e Max estavam de mãos dadas; Simon e Magnus estavam próximos dos outros, como pequenas luas de consolo orbitando um planeta de tristeza. Ele se lembrou

de alguém dizendo que funerais eram para os vivos, não para os mortos, para que eles pudessem dizer adeus. E se perguntou sobre a fogueira: era para que os Nephilim pudessem se despedir no fogo que os fazia recordar dos anjos?

Ele viu um homem se aproximando dos Lightwood e piscou os olhos lacrimosos. Era um jovem bonito, com cabelos castanhos cacheados e um queixo quadrado. Não usava branco como os outros, mas uniforme preto simples. Ao passar por Maryse, ele parou e pôs uma das mãos sobre o ombro dela.

Ela não se virou nem pareceu notar. Ninguém notou. Magnus olhou para trás brevemente, franziu as sobrancelhas, mas voltou a olhar na outra direção; Kit percebeu com um frio no peito que era o único realmente capaz de enxergar o jovem — e que a fumaça parecia flutuar através do desconhecido, pois ele era feito de ar.

*Um fantasma*, pensou. *Como Jessamine*. Olhou ao redor, enlouquecido. Sem dúvida, e haveria outros fantasmas aqui, nos Campos Eternos, com seus pés mortos que não deixavam rastros na grama, certo?

Mas conforme a fumaça se elevava acima e ao redor, ele via apenas os Blackthorn, abraçados, Emma e Cristina, lado a lado, e Julian com Tavvy. Um pouco relutante, olhou mais uma vez: o jovem com os cabelos escuros tinha se ajoelhado ao lado da pira de Robert Lightwood. Estava mais perto das chamas do que qualquer ser humano poderia ter chegado, e elas pareciam girar dentro dos contornos de seu corpo, os olhos acesos com lágrimas ardentes.

*Parabatai*, pensou Kit de repente. Na curva dos ombros do jovem, nas mãos esticadas, na saudade estampada em seu rosto, ele viu Emma e Julian, viu Alec quando este falava sobre Jace; sabia que estava olhando para o fantasma do *parabatai* de Robert Lightwood. Não entendia como, mas sabia.

Um tipo de laço cruel, pensou, que transformava duas pessoas em uma, e que deixava tal destruição quando uma das metades se ia.

Kit desviou o olhar do fantasma, notando que a fumaça e o fogo tinham formado uma parede agora, e as piras já não eram mais visíveis. Livvy desaparecera por trás da escuridão fervente. A última coisa que ele viu antes de as lágrimas o cegarem por completo foi Ty a seu lado, erguendo o rosto e fechando os olhos, uma silhueta escura delineada pelo brilho do fogo, como se ele tivesse um halo dourado.

## 4

### Nada do que É Nosso

As piras ainda ardiam conforme a procissão dava meia-volta, retornando em direção à cidade. Era comum a fumaça subir a noite toda, e as famílias se reunirem na Praça do Anjo para prantear com outras pessoas.

Não que Emma achasse provável que os Blackthorn fossem fazer esse tipo de coisa. Eles ficariam em casa, na companhia uns dos outros: tinham passado tempo demais da vida isolados para agora buscarem conforto com outros Caçadores de Sombras que mal conheciam.

Ela optara por se separar do restante do grupo, irritada demais para tentar conversar de novo com Julian na frente da família dele.

— Emma — chamou uma voz a seu lado. Ela se virou e viu Jem Carstairs.

*Jem.* Ficou chocada demais para falar. Antigamente, Jem fora Irmão do Silêncio, e, embora fosse um Carstairs, era um parente muito distante por ter mais de cem anos. No entanto, ele parecia ter só uns 25, usava jeans e sapatos surrados. Vestia um suéter branco, e Emma imaginou que fosse sua concessão ao uso de roupa branca para os funerais dos Caçadores de Sombras. Jem não era mais Caçador de Sombras, embora tivesse sido durante muitos anos.

— Jem — murmurou ela, sem querer alertar outras pessoas na procissão. — Obrigada por vir.

— Eu queria que você soubesse o quanto lamento — disse. Parecia pálido e exausto. — Sei que você amava Livia como a uma irmã.

— Eu a vi morrer — falou Emma. — Você já presenciou a morte de alguém que amava?

— Já — respondeu Jem.

Esse era o problema com pessoas praticamente imortais, pensou Emma. Era raro que você tivesse alguma experiência que elas já não tivessem vivenciado.

— Podemos conversar? — falou Emma abruptamente. — Só nós dois?

— Sim. Eu também queria conversar a sós com você. — E apontou uma colina baixa a certa distância, parcialmente oculta por algumas árvores. Depois de murmurar para Cristina que ia conversar com Jem... “O Jem? Aquele cara muito velho? Que se casou com uma feiticeira? *Sério?*”, dissera a amiga, Emma foi até onde ele estava sentado na grama, entre algumas rochas antigas.

Eles ficaram sentados em silêncio por um tempinho, admirando os Campos Eternos.

— Quando você era um Irmão do Silêncio — falou Emma subitamente —, você queimava as pessoas?

Jem se virou para encará-la. Os olhos dele eram muito escuros.

— Eu ajudava a acender as piras — respondeu. — Certa vez um sábio me disse que não podemos compreender a vida e, portanto, não podemos ter esperança de compreender a morte. Perdi muitas pessoas que eu amava para a morte, e não fica mais fácil, assim como não facilita ver as piras arderem.

— *Somos pó e sombras* — recitou Emma. — Acho que todos somos cinzas também.

— O objetivo do ritual é nos tornar iguais — falou Jem. — Todos somos queimados. Nossas cinzas vão construir a Cidade dos Ossos.

— Menos as dos criminosos — disse Emma.

Jem franziu as sobrancelhas.

— Livia dificilmente era uma criminosa — falou ele. — Nem você, a menos que esteja pensando em cometer um crime.

*Eu já cometi. Estou criminosamente apaixonada pelo meu parabatai.* A vontade de dizer aquelas palavras, de confessar para alguém — e, em particular, de confessar para Jem — era como uma pressão na cabeça de Emma. Ela retrucou sem perda de tempo:

— Alguma vez o seu *parabatai* se afastou de você? Quando, tipo, você queria conversar?

— As pessoas fazem coisas estranhas quando estão de luto — falou Jem suavemente. — Mais cedo, fiquei observando de longe. Vi Julian escalar o topo da pira por causa do irmão. Sei o quanto ele sempre amou essas crianças. Nada que ele disser ou fizer agora, nesses primeiros e piores dias, vai ser do feitio dele. Além disso — emendou, esboçando um sorriso —, ser *parabatai* é complicado. Uma vez eu dei um soco na cara do meu *parabatai*.

— Você fez o quê?

— O que eu disse. — Jem parecia se divertir com o espanto de Emma. — Dei um soco no meu *parabatai*. Eu o amava mais do que a qualquer um que já amei neste mundo, exceto Tessa, e dei um soco na cara dele porque meu coração

estava em frangalhos. Não tenho moral para julgar ninguém.

— Tessa! — exclamou Emma. — Onde ela está?

Jem cerrou o punho na grama.

— Você já ouviu falar da doença dos feiticeiros?

Emma se recordou de ter ouvido falar da doença de Magnus, da rapidez com que sua magia enfraquecia. Que não era só com ele, que estava acontecendo com outros feiticeiros também.

— Tessa está doente? — perguntou ela.

— Não — falou Jem. — Ela ficou doente, mas se recuperou.

— Então os feiticeiros podem melhorar?

— Tessa foi a única que se recuperou da doença. Ela acredita estar protegida por seu sangue de Caçadora de Sombras, mas muitos outros feiticeiros estão doentes agora... e os feiticeiros mais velhos, que usavam magia mais poderosa e em maior quantidade, estão adoecendo primeiro.

— Como Magnus — murmurou Emma. — O quanto Tessa sabe sobre isso? O que foi que ela descobriu?

— Tessa crê que esteja ligado aos feitiços que Malcolm usou para ressuscitar Annabel — explicou Jem. — Ele usava as Linhas Ley para fortalecer a magia necromante. Se elas estiverem envenenadas, talvez estejam transmitindo o veneno a qualquer feiticeiro que faça uso delas.

— Os feiticeiros não podem simplesmente parar de usar?

— Existem poucas fontes de poder disponíveis — respondeu Jem. — As Linhas Ley são as mais fáceis. Muitos feiticeiros *pararam* de usá-las, mas isso significa que estão exaurindo seu poder muito rapidamente, o que também é prejudicial. — Ele lhe deu um sorriso desprovido de confiança. — Tessa vai resolver isso — acrescentou. — Ela encontrou Kit; vai encontrar essa resposta também.

Jem baixou a cabeça. Ele mantinha os cabelos curtos e Emma via as marcas das cicatrizes dos Irmãos, onde os símbolos do silêncio tinham sido desenhados, ao longo da bochecha.

— Na verdade, eu queria conversar sobre Kit — falou ele. — Em parte, foi por isso que vim.

— Sério? Por causa de Kit? Até onde sei, ele está bem. Só triste, igual a todos nós.

— Kit é mais do que um mero Herondale — falou ele. — Os Herondale são importantes para mim, mas os Carstairs e os Blackthorn também são. No entanto, Tessa e eu sabíamos que Kit estava em perigo desde que descobrimos a descendência dele. Nós nos apressamos para encontrá-lo, mas Johnny Rook o escondera muito bem.

— De quem ele descendia? Johnny Rook era um vigarista e Kit diz que sua mãe era dançarina em Las Vegas.

— Johnny *era* um vigarista, mas ele também tinha algum sangue de Caçador de Sombras na família... isso há muito tempo, provavelmente de centenas de anos. Mas não é o que importa. O que é importa mesmo foi o que Kit herdou da mãe. — Jem hesitou. — A família da mãe de Kit tem sido caçada pelas fadas há gerações. O Rei Unseelie sempre esteve determinado a destruí-los, e Kit é o último de sua linhagem.

Emma tombou de lado sobre a grama.

— Ai, não, chega de fadas — resmungou ela.

Jem sorriu, mas seus olhos ficaram turvos.

— A mãe de Kit foi assassinada por um cavaleiro fada — falou. — Fal. Creio que você o conheceu.

— Creio que eu o matei — disse Emma. Ela fez um esforço para se sentar novamente ao lado de Jem. — E agora fico feliz com isso. Ele matou a mãe de Kit? Isso é terrível.

— Por mais que eu quisesse, não posso contar muita coisa — falou Jem. — Ainda não. Mas posso dizer que tem sangue fada na família de Kit. A mãe dele foi perseguida, e o pai também, através das gerações. Kit está vivo porque a mãe fez um esforço tremendo para esconder o nascimento dele. Ela omitiu o vínculo entre eles e, quando morreu, o Rei pensou que a linhagem tivesse acabado de vez com ela.

— E isso mudou? — perguntou Emma.

— Tememos que sim — explicou Jem. — Tessa e eu deixamos Kit com vocês no Instituto porque a doença dos feiticeiros já tinha começado. Não sabíamos então se era alguma coisa capaz de se espalhar entre os humanos. Também precisávamos ficar no Labirinto Espiral, e não iam nos deixar levar Kit. Sempre tivemos a intenção de voltar para ele... não tínhamos ideia de que os Cavaleiros seriam enviados para encontrar vocês. Não sabemos se eles o reconheceram ou não. Ele se parece um bocado com a mãe.

— Acho que não — falou Emma. Kit se parecia apenas com Jace, em sua opinião. — Então vocês vão levar Kit agora? Não queremos perdê-lo, mas se for preciso...

— A doença dos feiticeiros só fez piorar. Tessa e eu estamos trabalhando dia e noite no Labirinto Espiral para encontrar uma cura. E tem mais uma coisa. — Ele hesitou. — Tessa está grávida.

— Ah. *Parabéns!* — Era a primeira boa notícia que Emma ouvia no que parecia uma eternidade.

Jem sorriu, e foi como se uma luz tivesse se acendido dentro dele. Ele passara

tanto tempo sozinho, Emma sabia, imaginando que nunca teria uma família. Ter uma mulher agora e um bebê a caminho, o tipo de milagre muito corriqueiro que caracterizava uma vida muito corriqueira, devia ser extraordinário para ele.

— É maravilhoso — falou ele, e segurou a mão de Emma. — Confio em você, Emma. Só queria pedir que você tome conta de Kit, e se descobrir alguma coisa suspeita... ou algum sinal de uma busca... por favor, me avise. Estarei aqui no mesmo instante.

— Devo mandar uma mensagem de fogo? — perguntou Emma, e a felicidade por causa do bebê esmaeceu.

— Às vezes não é possível enviar uma mensagem de fogo. Há meios mais fáceis. — Ele botou alguma coisa na mão dela. Um anel simples, prateado, com uma pedra clara. — É de vidro — falou ele. — Quebre o anel e Tessa saberá; ela tem um igual.

Emma deslizou o anel pelo dedo. Pensou em Kit, fielmente ao lado de Ty durante o funeral. Pensou nos cachos claros, nos olhos azuis e no rosto delicado; será que ela deveria ter imaginado que ele tinha sangue fada? Não. Ele não se parecia com Mark. Ele parecia um Herondale. Como se ele não fosse nada mais do que isso.

— Pode confiar em mim — falou. — Vou tomar conta de Kit. Tem alguma coisa que eu possa fazer sobre as Linhas Ley?

— Seria útil ter um Caçador de Sombras em Los Angeles verificando o foco da magia de Malcolm — falou Jem. — Quando voltar para casa, entre em contato com Catarina Loss. Pode ser que ela queira sua ajuda.

— Pode deixar — falou Emma. — É bom ter um objetivo, acho. Livvy está morta... Jace e Clary estão numa missão e inalcançáveis... e Horace Dearborn é o Inquisidor. É como se não houvesse mais esperança para nada.

— *Sempre* há esperança — disse Jem. — Quando eu era muito jovem, ainda era permitido coletar despojos, os bens dos seres do Submundo podiam ser confiscados por qualquer Caçador de Sombras. Conheci um homem que guardava as cabeças das fadas mortas no Instituto que dirigia.

Emma fez um som de vômito.

— Nunca houve esse excesso de veneno percorrendo o coração maligno da Clave. Mas há muitos que sabem que os seres do Submundo são nossos irmãos. Que somos todos crianças sob o Anjo. — Ele suspirou. — E embora eu não possa ficar, basta quebrar o anel e virei, não importa a distância. — Ele passou um braço em volta dela e a envolveu com força por um momento. — Cuide-se, *mèi mei*.

— O que significa isso? — perguntou Emma, mas ele já tinha ido embora, desaparecendo entre as árvores tão rápido quanto surgira.



Kit se levantou e ficou observando a fumaça se erguer ao longe, pela janela do quarto que ele dividia com Ty.

Pelo menos, ele supunha estar dividindo um quarto com Ty. Sua bolsa estava ali, jogada num canto, e ninguém sequer se dera ao trabalho de dizer se ele deveria se alocar em outro cômodo. Ele se vestira no banheiro de manhã, saíra e se deparara com Ty vestindo uma camiseta. As Marcas dele pareciam incomumente escuras, provavelmente porque a pele era muito clara. Ele parecia tão delicado; Kit teve que desviar o olhar do formato das omoplatas, da fragilidade da coluna. Como ele podia ter aquela aparência e ainda assim ser forte o suficiente para enfrentar demônios?

Agora Ty estava no andar de baixo com o restante da família. Quando alguém morria, as pessoas costumavam cozinhar, e os Caçadores de Sombras não eram uma exceção. Alguém provavelmente preparava uma fritada. Uma fritada demoníaca. Kit inclinou a cabeça contra o vidro frio da janela.

Houve uma época em que ele poderia ter fugido, pensou. Poderia ter fugido e abandonado os Caçadores de Sombras, ter se perdido no mundo subterrâneo dos Mercados das Sombras. Ter sido como seu pai, que não era parte de mundo algum, apenas existindo entre ambos.

Pelo reflexo da janela, Kit viu a porta do quarto se abrir e Ty entrar. O menino ainda usava as roupas do velório, embora tivesse tirado o casaco e agora usasse apenas uma camiseta de manga comprida. E Kit sabia que era tarde demais para fugir, que agora ele se importava com essas pessoas, sobretudo, com Ty.

— Fico contente que esteja aqui. — Ty se sentou na cama e começou a desamarrar os sapatos. — Eu queria conversar com você.

A porta ainda estava entreaberta e Kit ouvia vozes vindo da cozinha, no andar de baixo. As vozes de Helen, Dru, Emma, e a de Julian também. Diana voltara para a própria casa. Aparentemente ela morava numa loja de armas ou coisa assim, e tinha ido buscar uma ferramenta que talvez ajudasse a tirar as farpas das mãos ensanguentadas de Julian.

As mãos de Ty pareciam bem, mas ele estivera usando luvas. Kit vira quando Julian se afastara para lavá-las na pia e parecia que estilhaços tinham explodido sobre as palmas. Emma ficara perto dele o tempo todo, a expressão preocupada, mas Julian rejeitara um *iratzé*, alegando que só serviria para cicatrizar a pele superficialmente. A voz dele não tinha entonação, e Kit mal a reconheceria.

— Sei o que vai parecer — falou Kit, se virando e colando as costas na vidraça fria. Ty estava abaixado, e Kit captou um brilho dourado no pescoço do menino. — Mas você não está agindo do jeito que eu esperava.

Ty tirou as botas com pressa.

— Só porque eu escalei a pira?

— Não, na verdade, isso era uma coisa que eu esperava que você fizesse. Eu apenas...

— Eu subi para pegar isto — falou Ty, e pôs a mão no pescoço. Kit reconheceu a corrente dourada e o disco fino de metal pendendo dela: o medalhão de Livvy, o mesmo que ele ajudara a colocar em Londres. Tinha um pequeno aro com os espinhos da família na frente, e ela lhe contara que Julian acrescentara um desenho no verso: dois sabres cruzados, as armas de Livvy.

Kit se recordava claramente da menina segurando os cabelos enquanto ele apertava o fecho, e do cheiro do perfume dela. Sentiu o estômago revirar e disse:

— O colar de Livvy. Quero dizer, acho que isso faz sentido. Eu só pensei que você fosse...

— Chorar? — Ty não parecia zangado, mas a intensidade em seus olhos cinzentos aumentara. Ele ainda segurava o pingente. — É esperado que todo mundo esteja triste. Isso porque aceitam que Livvy está morta. Mas eu não. Eu não aceito isso.

— O quê?

— Eu vou trazê-la de volta — falou Ty.

Kit se sentou pesadamente no parapeito da janela.

— Como você vai fazer isso?

Ty largou o colar e tirou o telefone do bolso.

— Isto aqui estava no celular de Julian. Ele tirou estas fotos quando estava na biblioteca com Annabel. São das páginas do *Volume Preto dos Mortos*.

— Quando foi que você pegou isso? — Kit sabia que mensagens de texto não funcionavam em Idris. — Julian sabe que você está com elas?

— Eu mexi no celular dele, para ter acesso aos arquivos no meu aparelho. Acho que ele não percebeu. Então quando vi as imagens em Londres, eu... — O menino encarou Kit com a testa franzida de preocupação. — Você não vai contar para ele, vai?

— É óbvio que não.

— Você quer se sentar aqui perto de mim para vê-las?

Kit queria negar; mas não podia. Na verdade, ele queria que isso não estivesse acontecendo, mas estava. Quando se sentou na cama, o colchão afundou e ele esbarrou no cotovelo de Ty acidentalmente. A pele do outro era quente contra a dele, mesmo através da camiseta, como se estivesse com febre.

Nunca lhe passara pela cabeça que Ty estivesse mentindo ou equivocado, e ele não parecia estar nem uma coisa nem outra. Depois de quinze anos com Johnny Rook, Kit estava bem familiarizado com a aparência de livros de feitiços do mal, e este, com certeza, parecia um deles. Feitiços escritos numa letra

pequenina enchiam as páginas, juntamente a desenhos assustadores de cadáveres rastejando para fora da sepultura, rostos gritando e esqueletos queimados.

Mas Ty não olhava para as imagens como se fossem assustadoras; ele as observava como se fossem o Santo Graal.

— Este é o livro de feitiços mais poderoso que já existiu. Por isso não faz diferença se cremaram o corpo de Livvy. Com feitiços assim, ela pode ser trazida de volta inteirinha, independentemente do que foi feito ao seu corpo ou de quanto tempo se passou... — Ty se calou, a respiração entrecortada. — Mas eu não quero esperar. Quero começar assim que voltarmos para Los Angeles.

— Mas Malcolm não matou um monte de gente para trazer Annabel de volta? — perguntou Kit.

— Correlação, não causalidade, meu caro Watson — falou Ty. — O modo mais simples de fazer necromancia é com energia mortal. Vida por morte, basicamente. Mas existem outras fontes de energia. Eu nunca mataria alguém. — Ele tentou fazer uma careta de desdém, mas só conseguiu uma expressão fofa.

— Não acho que Livvy iria querer que você fizesse necromancia — observou Kit.

Ty guardou o celular.

— Não acho que Livvy quisesse estar morta.

Kit sentiu as palavras como um soco no peito, mas antes de conseguir responder, ouviu-se uma confusão no andar de baixo. Ele e Ty correram para o topo da escada, Ty só de meias, e ambos olharam lá para baixo, na direção da cozinha.

O amigo espanhol de Zara Dearborn, Manuel, estava lá, usando o uniforme de oficial do Gard, com um sorriso de desdém. Kit se inclinou mais para a frente para ver com quem conversava. Avistou Julian reclinado contra a mesa; o rosto inexpressivo. Os outros estavam alinhados ao redor da cozinha: Emma parecia furiosa, e Cristina tinha posto a mão no braço da amiga como se quisesse contê-la.

— Sério? — falou Helen, com raiva. — Você não podia esperar até o dia seguinte ao funeral de nossa irmã para arrastar Emma e Jules até o Gard?

Manuel deu de ombros, com evidente indiferença.

— Tem que ser agora — falou. — A Consulesa insiste.

— O que está acontecendo? — perguntou Aline. — Você está falando da minha mãe, Manuel. Ela não ia simplesmente exigir vê-los sem uma boa razão.

— É sobre a Espada Mortal — falou Manuel. — É uma razão suficientemente boa para todos vocês?

Ty puxou o braço de Kit, afastando-o da escada. Eles foram até o corredor no andar de cima, e as vozes na cozinha ficaram mais baixas, mas o tom ainda era

imperativo.

— Você acha que eles vão? — perguntou Kit.

— Emma e Jules? Eles têm que ir. A Consulesa pediu — disse Ty. — Mas foi ela, não foi o Inquisidor, então vai ficar tudo bem. — E se inclinou na direção de Kit, que tinha apoiado as costas na parede; o menino cheirava a fogueira. — Eu posso fazer isso sem você. Trazer Livvy de volta, quero dizer — falou. — Mas não quero. Sherlock não faz as coisas sem o Watson.

— Você contou isso para mais alguém?

— Não. — Ty cobrira as mãos com a manga da camisa e agora estava remexendo no tecido com os dedos. — Sei que precisa ser segredo. As pessoas não iam gostar, mas, quando Livvy voltar, todos vão ficar felizes e ninguém vai se importar.

— Melhor pedir perdão a permissão — falou Kit, sentindo-se tonto.

— Isso. — Ty não olhava nos olhos de Kit; ele nunca fazia isso, na verdade, mas seus olhos se iluminaram, esperançosos; sob a iluminação fraca do corredor, o tom acinzentado neles era tão claro que parecia até lágrimas. Kit pensou em Ty dormindo, em como o menino dormira durante o dia inteiro da morte de Livvy, e no modo como ele o observara dormindo, apavorado com o que aconteceria quando acordasse.

Todos tinham ficado apavorados. Ty não iria suportar, pensaram. Kit se lembrava de Julian de vigília, acima de Ty, enquanto o pequeno dormia, afagando os cabelos do irmão, e ele andara rezando — Kit sequer sabia que os Caçadores de Sombras rezavam, mas Julian com certeza tinha feito isso. Ty desmoronaria num mundo sem a irmã, pensaram todos; ele viraria pó assim como o corpo de Livvy.

E agora ele estava pedindo isso a Kit, dizendo que não queria fazer a coisa toda sem ele. E se Kit negasse e Ty não aguentasse a pressão de tentar fazer tudo sozinho? E se Kit arrancasse a última esperança do menino e Ty acabasse por desmoronar em consequência?

— Você precisa de mim? — perguntou Kit lentamente.

— Sim. — Ty assentiu.

— Então — falou Kit, mesmo sabendo que estava cometendo um grande erro —, eu vou ajudar.

Fazia frio na Scholomance, mesmo durante o verão. A construção fora entalhada no interior de uma montanha, com janelas compridas em toda a face do penhasco. Elas forneciam claridade, assim como os candelabros de luz enfeitada, em praticamente todos os cômodos, mas não forneciam

aquecimento. A friagem do lago abaixo, profundo e escuro sob a luz da lua, parecia ter se infiltrado nas paredes e no soalho de pedra e daí irradiado, e por esse motivo, mesmo no início do mês de setembro, Diego Rocio Rosales vestia um suéter grosso e um casaco sobre o jeans.

Castiçais de luz enfeitada empoeirados lançavam sua sombra longa e estreita à frente enquanto ele cruzava apressadamente o corredor até a biblioteca. Em sua opinião, a Scholomance precisava urgentemente de uma reforma. Na única vez que seu irmão, Jaime, visitara a escola, tinha dito que ela parecia ter sido decorada pelo Drácula. Infelizmente, era verdade. Para tudo que é lado havia candelabros de ferro (que faziam Kieran espirrar) e castiçais de bronze em formato de dragão, sustentando antigas pedras de luz enfeitada, além de lareiras de pedra cavernosas com anjos imensos entalhados, postados junto a cada lateral de um jeito ameaçador. As refeições comunitárias eram feitas à uma mesa comprida que poderia acomodar a população da Bélgica, embora no momento menos de vinte pessoas morassem na escola. A maior parte dos professores e dos estudantes estava em casa ou em Idris.

O que tornava mais fácil ocultar um príncipe fada no prédio. Diego tinha ficado apreensivo com a ideia de esconder Kieran na Scholomance — ele não era bom em mentir, mesmo nas melhores circunstâncias, e o esforço de manter um “relacionamento” com Zara já o esgotara. Mas Cristina tinha pedido para ele fazer isso, e Diego faria qualquer coisa por ela.

Ele chegara ao fim do corredor, onde ficava a porta da biblioteca. Há muito tempo, a palavra “*Biblioteca*” costumava adornar a porta com letras douradas; agora restavam apenas os contornos das letras, e as dobradiças rangeram feito camundongos assustados quando Diego empurrou a porta.

Na primeira vez que viu a biblioteca, ele achou que fosse uma pegadinha. Um cômodo imenso, que ficava no andar mais alto da Scholomance, com telhado feito de um vidro grosso invadido pela luminosidade. Durante o tempo em que a escola ficara deserta, árvores imensas tinham crescido no solo sob o piso: Kieran havia comentado que elas pareciam ter a força dos carvalhos do Reino das Fadas. Ninguém tivera tempo ou dinheiro para removê-las dali. Então assim permaneceram, cercadas pela poeira das pedras quebradas, suas raízes rachando o chão e serpenteando entre cadeiras e mesas. Os galhos se espalharam bem acima e formaram uma cobertura sobre as prateleiras, forrando os assentos e soalhos com folhas caídas.

Às vezes Diego se perguntava se Kieran gostava daqui exatamente porque o local o fazia se lembrar de uma floresta. Sem dúvida, ele passava a maior parte do tempo sentado perto da janela, um tanto soturno, lendo tudo na seção sobre fadas. E empilhava os livros que considerava precisos em suas informações. A

pilha era pequena.

Ele ergueu o olhar quando Diego entrou. Seu cabelo estava preto-azulado, da cor do lago da paisagem da janela. Tinha posto dois livros na pilha dos adequados e lia um terceiro: *Hábitos de acasalamento dos Unseelie*.

— Não conheço ninguém no Reino das Fadas que tenha se casado com um bode — disse, irritado. — Nem na corte Seelie ou na Unseelie.

— Não leve para o lado pessoal — falou Diego, puxando uma cadeira e se sentando de frente para Kieran. Via o reflexo de ambos na janela. Os pulsos ossudos de Kieran se sobressaíam debaixo das mangas do uniforme emprestado. As roupas de Diego tinham ficado grandes demais para ele, então Rayan Maduabuchi se oferecera para lhe emprestar algumas, e sequer pareceu incomodado com o fato de Diego estar escondendo uma fada em seu quarto; nada perturbava a tranquilidade de Rayan. Divya (a outra melhor amiga de Diego na escola), por outro lado, pulava de nervoso sempre que alguém mencionava estar indo à biblioteca, apesar da incrível habilidade de Kieran em se esconder.

Divya e Rayan eram as únicas pessoas a quem Diego contara sobre Kieran, sobretudo porque eram as únicas pessoas em quem ele confiava atualmente na Scholomance. Somente um professor permanecera no local: o professor Gladstone, que nesse momento estava em Idris para o funeral do Inquisidor. Embora tivesse havido uma época em que Diego teria confiado num professor sem pensar duas vezes, isso agora era passado.

— Você teve alguma notícia de Idris? — perguntou Kieran, baixando o olhar para o livro.

— Você quer dizer de Mark? — falou Diego — E não, eu não tive notícias dele. Ele não é lá muito fã da minha pessoa.

Kieran ergueu o olhar.

— E tem alguém que seja?

De algum modo, ele conseguiu fazer a pergunta sem soar ofensivo, como se quisesse simplesmente saber.

Diego, que às vezes se perguntava a mesma coisa, não respondeu.

— Imaginei que talvez você tivesse notícias de Cristina. — Kieran fechou o livro, marcando a página com o dedo. — Se ela está bem, e Mark... Eu pensei que o funeral fosse hoje.

— E foi — retrucou Diego. Ele também achou que teria notícias de Cristina. Sabia que ela gostava muito de Livia Blackthorn. — Mas funerais para nós são uma época muito corrida. Há muitas cerimônias e um monte de pessoas nos visitando e oferecendo condolências. Talvez ela não tenha tido tempo.

Kieran parecia insatisfeito.

— Parece irritante. No Reino das Fadas, sabemos deixar as pessoas enlutadas em paz.

— É irritante, mas também não é — falou Diego, e pensou na morte de seu avô. E em como a casa fora tomada pelas velas, que ardiam com uma bela luz. E que as visitas tinham trazido comida, e que todos comeram e beberam juntos, e compartilharam lembranças de seu *abuelo*. Para tudo que é lado havia calêndulas, o cheiro de canela de *atole* e o som de risadas.

Ele achava que curtir o luto sozinho era frio e solitário. Mas as fadas eram diferentes.

Kieran semicerrou os olhos, como se tivesse visto alguma coisa reveladora na expressão de Diego.

— Tem um plano para mim? — perguntou ele. — Para onde vão me mandar quando eu não mais tiver que me esconder aqui?

— Eu tinha imaginado que talvez você quisesse voltar para Los Angeles — falou Diego, surpreso.

Kieran balançou a cabeça. Mechas de cabelo se tornaram brancas; a cor dos cabelos dele parecia mudar de acordo com seu humor.

— Não. Não vou voltar para onde Mark está.

Diego ficou em silêncio. Ele não tinha um plano de fato. Cristina havia pedido que escondesse Kieran, mas nunca explicara por quanto tempo. E ele só fizera o favor porque sabia ter uma dívida para com ela; tinha pensado em Zara — lembrado da mágoa no rosto de Cristina na primeira vez que ela vira a filha de Horace.

A culpa tinha sido dele. Não contara sobre Zara porque ficara torcendo desesperadamente para que algo acontecesse e o livrasse do noivado antes que o encontro entre elas fosse necessário. Foram os Dearborn que insistiram no contrato nupcial. Eles ameaçaram tornar público os segredos da família Rocio Rosales caso Diego não tomasse uma atitude para provar que dizia a verdade ao afirmar que não sabia onde o irmão se encontrava e que não sabia o paradeiro do artefato que Jaime tinha surrupiado.

Nunca houve dúvida sobre o amor dele por Zara ou se ao menos era recíproco. Ela parecia considerar uma vitória estar noiva do filho de uma família importante, mas não havia paixão nela, exceto a paixão pelas causas horríveis que seu pai defendia.

Kieran arregalou os olhos.

— O que é aquilo?

*Aquilo* era uma luz intensa, semelhante a um fogo-fátuo, acima do ombro de Diego. Uma mensagem de fogo. Ele a pegou no ar e o papel se desenrolou em sua mão. No mesmo instante, reconheceu a letra.

— Cristina — falou. — É uma mensagem de Cristina.

Kieran se sentou tão depressa que o livro caiu de seu colo no chão.

— Cristina? O que ela diz? Ela está bem?

Estranho, pensou Diego; ele imaginava que Kieran fosse perguntar se *Mark* estava bem. Mas o pensamento voou de sua mente quase que imediatamente, encoberto pelas palavras que lia.

Sentindo como se tivesse levado um chute no estômago, Diego entregou a mensagem a Kieran, e observou o outro ficar pálido conforme tomava conhecimento que Horace Dearborn se tornara o novo Inquisidor.

— Isso é um golpe duro para a família Blackthorn — falou Kieran, a mão trêmula. — Eles ficarão arrasados, assim como Cristina. E ele é um homem perigoso. Um sujeito mortal. — Ele ergueu o olhar para Diego, os olhos pretos como a noite e turvos como uma tempestade. — O que nós podemos fazer?

— É evidente que eu não sei nada sobre as pessoas — falou, pensando em Zara, Jaime, em todas as mentiras que tinha contado, e em como nenhuma delas surtira o efeito desejado, só servindo para piorar as coisas ainda mais. — Ninguém deveria me pedir soluções para o que quer que seja.

Enquanto Kieran o observava, atônito, Diego baixou o rosto entre as mãos.

— Eu sei que essas palavras não devem fazer o menor sentido agora — falou Jia —, mas eu sinto muito por Livia.

— Você tem razão — falou Julian —, não fazem mesmo.

Era como se a tristeza tivesse mergulhado Julian numa banheira de gelo, pensou Emma. Tudo nele estava frio: seus olhos, a expressão, o tom da voz. Ela tentou se lembrar do menino que se agarrara a ela com tanta paixão na véspera, mas isso parecia ter acontecido um milhão de anos atrás.

Era fim de tarde, e as torres demoníacas se erguiam sobre o horizonte de Alicante como uma fileira de diamantes brutos. Emma olhou ao redor, se lembrando da última vez que estivera neste cômodo — tinha apenas 12 anos, e ficara tão impressionada ao ver como tudo era luxuoso, com tapetes densos e uma escrivaninha de mogno reluzente. Agora ela, Julian e Diana estavam sentados em poltronas diante da mesa de Jia. Diana parecia furiosa. Julian simplesmente tinha o olhar vazio.

— Esses meninos estão cansados e em pleno luto — falou Diana. — Respeito sua decisão, Jia, mas tem que ser agora?

— Tem — falou — porque Horace Dearborn quer interrogar Helen e Mark e qualquer outro ser do Submundo, ou parcialmente do Submundo, em Alicante. Magnus e Alec já estão arrumando suas coisas para sair daqui hoje à noite via



Portal. Evelyn Highsmith retornou ao Instituto de Londres, para que eles possam voltar para casa, em Nova York. — Jia pressionou a testa com os dedos. — Eu imaginava que você fosse querer que Helen e Mark também fossem embora.

— Ele quer *o quê*? — Emma se endireitou na cadeira, indignada. — Você não pode deixá-lo fazer isso.

— Não tenho escolha. Ele foi eleito pela maioria. — Jia franziu a testa. — O Inquisidor tem como função interrogar as pessoas... a decisão fica a critério dele.

— Horace Dearborn não tem juízo — falou Diana.

— É por esse motivo que eu estou avisando a vocês com antecedência — falou Jia. — Sugiro que Helen e Mark... e Aline, pois ela não vai sem Helen... viajem via Portal até Los Angeles hoje à noite.

Fez-se um momento de silêncio.

— Você está se oferecendo para mandar Helen a Los Angeles? — falou Julian finalmente. — E não para a Ilha Wrangel?

— Estou sugerindo que Helen e Aline assumam temporariamente a direção do Instituto de Los Angeles — falou Jia, e Emma sentiu seu queixo cair de verdade. — Como Consulesa, isso está em *meu* poder, e acredito que possa fazer agora enquanto Dearborn está distraído.

— Então você está dizendo que *todos* nós deveríamos viajar via Portal de volta? — insistiu Emma. — E que Helen e Aline podem ir com a gente? Isso é ótimo, isso é...

— Ela não está se referindo a todos nós — falou Julian. Suas duas mãos tinham ataduras. Ele havia tirado a maior parte das farpas sozinho, com a ponta de uma faca afiada, e havia sangue nas bandagens. Jules não parecera sentir dor alguma ao fazê-lo; já Emma sentira toda a dor ao observar a pele se rasgar sob a lâmina, mas ele não hesitara. — Ela está dizendo que Diana, você e eu vamos ficar aqui em Idris.

— Você sempre foi inteligente, Julian — falou Jia, embora sua voz não transparecesse tanta admiração assim por tal qualidade.

— Se Helen e Mark não estiverem aqui, ele vai nos interrogar — disse Julian. — Não é verdade?

— Não — respondeu Diana rispidamente. — Eles são *crianças*.

— Sim — falou Jia. — E uma delas quebrou a Espada Mortal. O Inquisidor, como todo mundo, está desesperado para saber como isso aconteceu. Cortana é uma espada lendária, mas ainda assim é só uma espada. Não deveria ter sido capaz de destruir Maellartach.

— Ele pode perguntar a mim, mas eu não *sei* como quebrou — disse Emma. — Eu a brandi na direção de Annabel porque ela estava tentando me matar. Foi legítima defesa...

— As pessoas estão apavoradas. E o medo não é um sentimento lógico — retrucou Jia. — Graças ao Anjo, o Cálice e o Espelho estão intactos. — Ela suspirou. — Esse é o pior momento para a Espada Mortal ter se quebrado, um momento de instabilidade grave às vésperas de uma possível guerra contra as fadas. E depois que o Rei Unseelie raptou Annabel do Salão do Conselho... vocês não entendem que a Clave sabe que foram *vocês* que a trouxeram para cá?

— Fui eu que trouxe, sozinho. — O contorno da boca de Julian estava branco. — Emma não tem nada a ver com isso.

Emma sentiu uma breve centelha de alívio se acender em meio ao pânico. *Ele ainda fica do meu lado.*

Jia baixou os olhos para as mãos.

— Se eu mandasse todos para casa agora, haveria um motim. Se Dearborn puder interrogá-los, então a atenção pública vai sair de cima de vocês. A Tropa questiona sua lealdade, sobretudo, por causa de Helen e de Mark.

Julian deu uma risada amarga.

— Eles suspeitam da gente por causa dos meus irmãos? E não porque eu trouxe aquela criatura... porque eu trouxe Annabel para dentro da cidade? E prometi que tudo ficaria bem? Mas é o sangue de Mark e Helen que importa?

— O sangue sempre importa para o tipo errado de pessoa — respondeu Jia, com uma amargura rara na voz. Passou uma das mãos no rosto. — Não estou pedindo que vocês fiquem do lado dele. Meu Deus, não é isso que estou pedindo. Apenas façam-no entender que vocês são vítimas de Annabel. Quem não faz parte da Tropa está muito solidário a vocês neste momento por causa de Livia, e ele não vai querer ir de encontro à opinião pública.

— Então o que estamos fazendo é um teatrinho sem sentido? — perguntou Emma. — Deixamos o Inquisidor nos interrogar, para manter as aparências, e depois podemos voltar para casa?

Jia sorriu de modo sombrio.

— Agora você entende como a política funciona.

— Você não teme indicar Aline e Helen para a direção do Instituto de Los Angeles? Dada a desconfiança que a Tropa nutre em relação a Helen? — perguntou Diana.

— Vai ser só Aline. — Julian encarou Jia sem desviar os olhos. — A filha da Consulesa. Helen não vai dirigir nada.

— É verdade — falou Jia. — E não, eu também não gosto nada disso. Mas pode ser a chance de tirá-las permanentemente da Ilha Wrangel. É por isso que estou pedindo a ajuda de vocês... dos três.

— Eu também vou ser interrogada? — Havia uma tensão aguda na voz de Diana.

— Não — respondeu Jia. — Mas eu gostaria da sua ajuda. Assim como você me ajudou com aqueles arquivos.

— Arquivos? — repetiu Emma. — Como é que uns arquivos podem ser importantes agora?

Mas era como se Diana tivesse entendido um pouco da linguagem secreta na qual Jia falava.

— Eu certamente vou ficar — retrucou. — Desde que esteja evidente que estou ajudando *você* e que meus interesses não estão de modo algum alinhados com os do Inquisidor.

— Entendo — falou Jia. E as palavras *nem os meus estão* pairaram implícitas.

— Mas as crianças — insistiu Emma. — Elas não podem voltar para Los Angeles sem a gente. — E se virou para encarar Julian, esperando que ele dissesse que não aceitaria ser separado de seus irmãos mais novos. Que as crianças precisavam dele, e que deveriam ficar em Idris.

— Helen pode tomar conta deles — falou ele, sem fitá-la. — É o que ela quer. Tudo vai ficar bem. Ela é irmã deles.

— Então está decidido — concluiu Jia, levantando-se de trás da mesa. — Você pode arrumar as coisas das crianças... vamos abrir o Portal hoje à noite.

Julian também se levantou, afastando com uma das mãos enfaixadas a mecha de cabelo que tinha caído sobre os olhos. *Qual é o seu problema?*, pensou Emma. Tinha alguma coisa rolando com Julian, algo que ia muito além da tristeza. Ela só não sabia o que era, mas *sentia*, naquele lugarzinho profundo onde o vínculo *parabatai* apertava seu coração.

E mais tarde, naquela mesma noite, quando os outros fossem embora, ela ia descobrir o que era.

## 5

### Imensidão Cristalina

Quando Emma entrou no quarto de Cristina, encontrou a amiga arrumando as malas. O jeito de Cristina arrumar as malas era como tudo o mais que fazia: organizado e preciso. Ela enrolara cuidadosamente todas as roupas para que não ficassem amassadas, envolvera as coisas úmidas em plástico e guardara os sapatos em pacotinhos para que não marcassem nenhum tecido.

— Você sabe que quando eu arrumo as coisas, simplesmente jogo tudo dentro da mala e depois me sento em cima dela enquanto Julian tenta fechar, não é? — perguntou Emma.

Cristina ergueu o olhar e sorriu.

— Me dá urticária só de pensar nisso.

Emma se apoiou na parede. Ela se sentia exausta e estranhamente solitária, como se Cristina e os Blackthorn já tivessem partido.

— Por favor, prometa que você vai estar no Instituto de Los Angeles quando eu voltar — falou ela.

Cristina parou. Baixou o olhar para a mala emprestada pelos Penhallow aberta na cama e mordeu o lábio.

— Você sabe quanto vai demorar?

— Uns dias.

— Acha que a família vai querer que eu fique? — Cristina voltou os olhos escuros e arregalados para Emma. — Eu poderia simplesmente ir para casa. Meu ano de intercâmbio não acabou, mas eles entenderiam. Eu sinto como se estivesse me intrometendo...

Emma se afastou da parede, balançando a cabeça vigorosamente.

— Não, não... você não está, Tina, não está. — Rapidamente ela descreveu a conversa com Jem e a questão da contaminação das Linhas Ley. — Jem pensou

que eu fosse voltar para Los Angeles — falou. — Ele me pediu para entrar em contato com Catarina e ajudá-la a descobrir mais sobre as Linhas Ley, mas terá que ser você. Helen e Aline estarão tão ocupadas com as crianças, e com a tristeza, e com todo mundo... Eu sei que você dá conta, Cristina. Confio em você.

Cristina esboçou um sorriso meio triste.

— Eu também confio em você.

Emma se sentou na cama, que rangeu em protesto, e ela chutou o móvel, machucando o calcanhar, mas, de alguma forma, aliviando todos os seus sentimentos.

— Não quero dizer que Helen e Aline não vão ajudar. É só que todos estão arrasados de tristeza. Vão precisar de alguém que não esteja... eles vão precisar de você. — Ela respirou fundo. — Mark vai precisar de você.

Cristina arregalou os olhos e subitamente Emma se lembrou do rosto de Mark uma hora atrás, na cozinha, quando ela e Julian deram a notícia de que a família ia voltar para Los Angeles à noite sem eles dois.

A expressão dele ficara tensa. Balançando a cabeça, ele dissera:

— Péssimas notícias. Eu não posso... — E se calara, sentando-se à mesa, com as mãos levemente trêmulas. Helen, que já se sentara, tinha ficado branca, mas não dissera nada. Aline apoiara uma das mãos no ombro de sua mulher.

Dru optara por deixar o cômodo em silêncio. Depois de um instante, Mark se levantara e fora atrás dela, e Tavvy protestava, oferecendo centenas de razões diferentes para Julian ir com eles e para não terem que ficar ali, sugerindo que o Inquisidor poderia ir a Los Angeles ou que eles poderiam ser interrogados via Skype, e Emma teria dado risada daquelas ideias simplórias se não estivesse se sentindo tão péssima.

— Nós vamos para casa? — repetira Helen. Julian tinha se curvado para falar baixinho com Tavvy; Emma não conseguia ouvi-los mais. — De volta para Los Angeles?

— Eu fico muito feliz por vocês, e Jia falou que acha que vocês podem ficar — dissera Emma.

— Ela *espera* — corrigiu Aline. — Minha mãe espera que a gente possa ficar. — Ela parecia calma, mas apertava o ombro de Helen com força.

— Mas não sem vocês — falou Helen, parecendo confusa. — Nós deveríamos ficar pelo tempo que vocês estiverem aqui...

— Não. — Para surpresa de todos, era Ty. — Isso seria perigoso para Mark e para você. O plano faz sentido.

Kit dera um olhar indecifrável para Ty, parecendo ao mesmo tempo preocupado e mais alguma coisa.

— Casa — falou Helen e seus olhos brilharam por causa das lágrimas. Ela olhou para Julian, mas ele estava pegando Tavvy no colo e o levou para fora do cômodo. — Eu não sei se choro de tristeza ou de felicidade — emendou, esfregando as lágrimas com dedos úmidos.

Aline beijou o topo da cabeça de sua mulher.

— Acho que as duas coisas.

Emma estava na metade da escada, a caminho do quarto de Cristina, quando avistou Mark, recostado na parede do patamar da escada e parecendo um tanto deprimido.

— Dru não me deixa entrar para conversar — explicou. — Estou preocupado. É típico das fadas sofrer solitariamente, mas até onde entendo, não é típico de um Caçador de Sombras.

Emma hesitou. Ela estava prestes a dizer que não era incomum Dru se trancar sozinha no quarto, mas a menina parecera bem mais do que um pouco chateada quando deixara a cozinha.

— Continue tentando — aconselhou ela. — Às vezes você tem que bater por uns vinte minutos mais ou menos. Ou pode se oferecer para ver um filme de terror com ela.

Mark pareceu abatido.

— Não creio que fosse gostar de ver um filme de terror.

— Nunca se sabe — falou Emma.

Ele tinha se virado para voltar a subir a escada, mas hesitou.

— Também estou preocupado com você e com Jules — falou em voz mais baixa. — Não gosto do Inquisidor nem da ideia de você ser interrogada por ele. Ele me faz lembrar do Rei Unseelie.

Emma ficou surpresa.

— Sério?

— Eles me dão a mesma sensação — falou Mark. — Não consigo explicar, mas...

Uma porta se abriu no patamar acima deles. Era Cristina. Ela deu um passo para a frente e baixou o olhar.

— Emma? Eu queria saber se você estava...

Ela se calara ao ver Mark, e os dois se entreolharam de um jeito que fez Emma se sentir totalmente invisível.

— Não pretendia interromper — falou Cristina, mas ainda encarava Mark, que retribuía o olhar como se os olhos de ambos estivessem irremediavelmente entrelaçados.

Mark se obrigara a sair do transe, como se estivesse tentando se livrar de teias de aranha ou de sonhos.

— Está tudo bem... eu tenho que falar com Drusilla. — Com um salto, ele subiu a escada e sumiu da vista, desaparecendo na curva do corredor.

Cristina mudou de atitude e convidou Emma para entrar, e agora era como se o momento com Mark nunca tivesse acontecido, embora Emma estivesse se coçando para tocar no assunto.

— Mark vai precisar de você — disse ela outra vez, e Cristina retorceu as mãos no colo.

— Mark — falou, e fez uma pausa. — Eu não sei o que Mark está pensando. Acho que está zangado comigo.

— Por que ele estaria zangado com você?

— Por causa de Kieran — explicou ela. — As coisas não terminaram bem entre eles, e agora Kieran está na Scholomance e longe, e isso é por culpa minha.

— Você não os fez terminarem — protestou Emma. — Para falar a verdade, você os ajudou a ficarem juntos por mais tempo. Lembra? O trisal fada dos sonhos.

Cristina abaixou o rosto para as mãos.

— Mrfuffhfhsh — falou.

— O quê?

— Eu disse — Cristina ergueu o rosto e repetiu: — que Kieran me mandou um bilhete.

— *Mandou?* Como? Quando?

— Hoje de manhã. Numa bolota. — Cristina entregou um pedacinho de papel a Emma. — Não explica muita coisa.

*Dama das Rosas,*

*Embora a Scholomance seja fria, e Diego, um tédio, ainda lhe sou grato por encontrar valor suficiente em minha vida para preservá-la. Sua bondade rivaliza com sua beleza. Meus pensamentos estão com você.*

*Kieran*

— Por que ele mandou isso para você? — Emma devolveu o bilhete para Cristina e balançou a cabeça. — Isso é esquisito. Ele é muito esquisito!

— Acho que ele só queria me agradecer pelo plano de fuga — protestou Cristina. — Só isso.

— As fadas não são muito chegadas em agradecer às pessoas — falou Emma. — Isso aí é um bilhete *romântico*.

Cristina corou.

— É só o jeito de se expressar das fadas. Não significa nada.

— Quando se trata de fadas — falou Emma num tom sombrio —, *tudo*

significa alguma coisa.

Dru ignorou as batidas à porta. Não era difícil... desde que Livvy morrera, era como se ela estivesse debaixo da água e tudo estivesse acontecendo num lugar longínquo, muito acima da superfície. As palavras pareciam ecos e as pessoas eram como borrões que iam e vinham como raios de sol ou sombra.

Às vezes ela repetia para si as seguintes palavras: *Livvy, minha irmã Livvy, está morta.*

Mas elas também não pareciam reais. Mesmo ao observar a pira ardendo, era como se aquilo estivesse acontecendo a outra pessoa.

Ela olhou pela janela. As torres demoníacas reluziam feito fragmentos de um vidro ornamentado. Dru as odiava — toda vez que estivera em Alicante, coisas horríveis aconteceram. Pessoas morreram. Helen fora exilada.

Estava acomodada no parapeito da janela e ainda segurava uma camiseta enrolada. Helen. Por muito tempo, tudo que eles queriam era Helen de volta. Tinha sido um objetivo da família, assim como querer Mark de volta, querer o fim da Paz Fria e que Jules fosse feliz, fazendo sumir aquela eterna ruguinha de preocupação entre seus olhos. Mas agora Helen *estava* de volta. Ela tinha voltado e aparentemente ia substituir Jules.

*Helen vai tomar conta de vocês*, dissera ele. Como se pudesse simplesmente largá-los e Helen pudesse recolhê-los, como se eles não fossem uma família, mas uma moedinha caída no chão. Ou um bichinho. *Você está me tratando feito um bichinho*, pensou ela, e se perguntou o que aconteceria se dissesse isso a Jules. Mas ela não podia. Desde a morte de Livvy, aquela ruga de preocupação entre as sobrancelhas desaparecera, substituída por uma expressão vazia que era mil vezes pior.

Ter Mark de volta era uma coisa. Mark ficara feliz por estar entre eles, mesmo agindo esquisito e dizendo coisas estranhas de fada, mas ele dissera que Drusilla era bonita, e até tentara cozinhar alguma coisa, mesmo sem ter a mínima ideia de como fazê-lo. Mas Helen era magra, linda e distante; Dru se lembrava de quando ela partira para a Europa para o ano de intercâmbio, dando um aceno indiferente e demonstrando uma ansiedade para ir embora que soara como um tapa na cara. E aí ela voltara com Aline, radiante e feliz, mas Dru jamais se esquecera da alegria dela ao deixá-los.

*Ela não vai querer ver filmes de terror comigo nem comer pipoca doce*, pensou Dru. *Provavelmente ela não come nada além de pétalas de flores. Não sabe nada a meu respeito e nem vai se esforçar para saber.*

Desenrolando a camiseta que segurava, ela pegou o canivete e o bilhete que



Jaime Rocio Rosales lhe dera em Londres. Tinha lido tantas vezes que o papel estava fino e gasto. Ela se curvou sobre ele, aninhando-se no parapeito enquanto Mark batia à porta e chamava seu nome em vão.

A casa estava tão vazia que fazia eco.

A viagem de ida e volta à sala do portal no Gard fora caótica, com Tavvy reclamando, Helen perguntando freneticamente a Julian sobre as rotinas de direção do Instituto, a estranha eletricidade entre Cristina e Mark, e Ty fazendo alguma coisa mais esquisita ainda com o telefone. No caminho de volta, Diana felizmente quebrara o silêncio entre Emma e Julian conversando sobre vender ou não a loja de armas na Flintlock Street. Dava para ver que Diana estava fazendo um esforço consciente para evitar interrupções constrangedoras na conversa, mas, apesar de tudo, ela estava um tanto grata.

Agora Diana tinha ido embora, e Emma e Julian subiam os degraus da casa do canal em silêncio. Alguns guardas haviam sido postados em torno da casa, mas mesmo assim ainda parecia muito vazia. De manhã, a casa estivera cheia de gente; agora eram somente ela e Julian, que abriu a tranca da porta de entrada com brusquidão e se virou para subir a escadaria sem dizer nada.

— Julian — chamou Emma. — Nós precisamos... eu preciso conversar com você.

Ele parou, a mão sobre o corrimão. Não se virou para encará-la.

— Isso não é meio clichê? — falou. — *Nós precisamos conversar?*

— É sim. Por isso que eu troquei para “Eu preciso conversar com você”, mas, de qualquer maneira, é um fato e você sabe disso — falou ela. — Sobretudo, porque nós vamos ficar a sós durante os próximos dias. E temos que enfrentar o Inquisidor juntos.

— Mas isso não tem nada a ver com o Inquisidor. — Ele finalmente se virou e a encarou com olhos ardentes, de um azul-esverdeado ácido. — Tem?

— Não — falou Emma, se perguntando por um momento se ele realmente ia se recusar a conversar. Mas daí Julian finalmente deu de ombros e subiu a escada num silêncio completo.

No quarto dele, Emma fechou a porta e Julian deu uma gargalhada, um riso cansado.

— Você não precisa fazer isso. Não tem mais ninguém aqui.

Emma se lembrava de uma época em que eles teriam adorado ter a casa só para si. Quando isso era um sonho que eles compartilhavam. Uma casa só para eles, para sempre, uma vida em comum, para sempre. Mas agora parecia quase uma blasfêmia pensar nisso, com Livvy morta.

Mais cedo, ela dera boas risadas com Cristina. Um lampejo de alegria nas trevas. Agora só lhe restavam calafrios, ao ver Julian se virar, encarando-a com o rosto ainda inexpressivo.

Emma se aproximou dele um pouco mais, incapaz de evitar analisá-lo. Certa vez ele explicara a ela que o que mais o fascinava no ato de desenhar e pintar era o momento em que uma ilustração ganhava vida. A pincelada ou o toque da pena, que transformavam um desenho de um exemplar monótono em uma interpretação viva, que respirava — o sorriso de Mona Lisa, a expressão nos olhos da *Moça com o Brinco de Pérola*.

Era isso que estava ausente em Julian, pensou ela, estremecendo novamente. Os milhares de emoções que sempre tinham vivido por trás das expressões dele, o amor — por ela, pelos irmãos — no fundo dos olhos. Mesmo a preocupação parecia ter sumido, e isso era mais estranho do que qualquer outra coisa.

Ele se sentou na beira da cama. Ali, via-se um caderno de desenhos com espiral; ele o empurrou descuidadamente para o lado, quase para baixo de um dos travesseiros. Julian normalmente era muito cuidadoso com seu material de arte; Emma engoliu a vontade de resgatar o caderno. Ela se sentia perdida no mar.

Tanta coisa parecia ter mudado.

— O que está acontecendo com você? — perguntou.

— Não sei do que você está falando — retrucou Julian. — Eu estou de luto pela minha irmã. Como é que eu deveria agir?

— Não desse jeito — disse Emma. — Eu sou sua *parabatai*. Sei quando alguma coisa está errada. E o luto não é uma coisa errada. Eu estou enlutada, e sei que você também estava de luto ontem à noite, mas, Julian, o que eu sinto em você agora *não é isso*. E é algo que me assusta mais do que qualquer coisa.

Julian ficou em silêncio por um momento.

— Isso vai soar estranho — disse ele finalmente. — Mas posso tocar você?

Emma avançou um passo, de modo que se pôs entre as pernas dele e ao alcance do braço.

— Sim — falou ela.

Ele pôs as mãos no quadril dela, bem na abertura do cóis da calça, e a puxou para perto, e Emma segurou gentilmente o rosto de Julian, pressionando as pontas dos dedos contra as maçãs do rosto.

Ele fechou os olhos, e Emma sentiu os cílios dele roçando em seus dedos. *O que é isso?*, pensou ela. *Julian, o que é isso?* Não que ele nunca tivesse escondido nada dela antes; ele escondera dela uma vida inteira secreta durante anos. Às vezes, ele era como um livro escrito num idioma indecifrável. Mas agora ele estava mais para um livro enclausurado sob dezenas de trancas

pesadas.

Ele apoiou a cabeça nela, os cabelos ondulados e macios roçando a pele onde a camiseta dela estava erguida. Julian levantou um pouco a cabeça e Emma sentiu o calor do hálito dele através do tecido. E estremeceu quando ele deu um beijo ali, pouco acima do osso do quadril. Quando ele ergueu o rosto, os olhos de Julian brilhavam febrilmente.

— Acho que resolvi o nosso problema — falou.

Ela engoliu em seco seu desejo, sua confusão, a mistura de sentimentos indistintos.

— O que você quer dizer?

— Quando Robert Lightwood morreu — começou Julian —, nós perdemos a nossa chance de exílio. Eu pensei que a tristeza, que a dor esmagadora do luto fossem me estimular a deixar de te amar. — As mãos dele ainda estavam nos quadris de Emma, mas ela não se sentia reconfortada por isso: a voz de Julian era assustadoramente fria. — Mas não adiantou. Você sabe disso. Ontem à noite...

— Nós paramos — falou Emma, as bochechas corando ao lembrar: o chuveiro, os lençóis embolados, o gosto de sal e sabonete dos beijos.

— Não são os atos, são as emoções — disse Julian. — Nada foi capaz de me fazer parar de te amar. Nada foi capaz de sequer me desacelerar. Então eu tive que resolver isso.

Um nó frio de pavor se formou no estômago de Emma.

— O que foi que você fez?

— Eu fui atrás de Magnus — respondeu Julian. — Ele concordou em fazer um feitiço. E disse que esse tipo de magia, que mexe com as emoções das pessoas, pode ter repercussões perigosas, mas...

— Que mexe com as emoções? — Emma deu um passo para trás, e as mãos caíram junto às laterais do corpo. — *O que você quer dizer?*

— Ele as tirou de mim — falou Julian. — Minhas emoções. O que sinto por você. Sumiu.

— Eu não entendo. — Emma sempre se perguntara por que as pessoas diziam isso quando era evidente que entendiam perfeitamente. Agora ela percebia: era porque não queriam entender. Era um modo de dizer: *Não, você não pode estar falando sério. Não o que você acabou de dizer.*

*Me diz que isso não é verdade.*

— Desde que nossos sentimentos não sejam mútuos — falou ele —, não são um problema, certo? A maldição não pode ocorrer.

— Talvez. — Emma respirou fundo, com dificuldade. — Mas não tem a ver só com o jeito como você se sente em relação a *mim*. Você está diferente. Você

não brigou com Jia por ter que deixar as crianças...

Ele pareceu um pouco surpreso.

— Creio que não mesmo — falou. Ele ficou de pé e esticou uma das mãos para ela, mas Emma recuou. Ele baixou o braço. — Magnus falou que esse negócio não era meticuloso. E que por isso era um problema. Feitiços de amor, feitiços de amor verdadeiros, do tipo que fazem você se apaixonar por alguém, são de magia sombria. São um jeito de forçar emoção nas pessoas. Uma coisa tipo a que ele fez para mim é praticamente o oposto disso: ele não estava forçando nada em mim, eu pedi isso, mas ele disse que as emoções não são *coisas isoladas*; por isso não existem feitiços reais para “cancelar o amor”. Todos os sentimentos estão entrelaçados a outros sentimentos e estão ligados aos seus pensamentos e a quem você é. — Alguma coisa se agitou em seu pulso enquanto ele gesticulava: parecia um laço de tecido vermelho. — Por isso ele disse que faria o melhor para afetar somente uma parte das minhas emoções. A parte *erótica*. O amor romântico. Mas ele falou que provavelmente afetaria todos os meus outros sentimentos também.

— E afetou? — Emma quis saber.

Julian franziu a testa. E vê-lo franzir a testa partiu o coração dela: era uma *emoção*, mesmo que fosse apenas frustração ou assombro.

— É como se eu estivesse por trás de um vidro — explicou. — E todo mundo estivesse do outro lado. Minha raiva ainda está aqui, posso sentir facilmente. Eu estava zangado com Jia. E quando escalei a pira atrás de Ty, foi por atavismo, a necessidade de protegê-lo, não havia pensamento consciente. — Ele baixou o olhar para as mãos enfaixadas. — Eu ainda sinto tristeza por causa de Livvy, mas é *suportável*. Não é como se isso estivesse me sufocando. E você...

— E a gente — falou Emma sombriamente.

— Eu sei que te amava — disse ele. — Mas não consigo *sentir* isso.

*Amava*. O verbo no passado foi como um soco; ela deu outro passo para trás, em direção à porta. Precisava sair daquele quarto.

— *Rogo não o deixar* — falou Emma, e esticou a mão para a maçaneta da porta —, mas você me deixou. Você me deixou, Julian.

— Emma, pare — pediu ele. — Na noite passada, quando fui ver Magnus, a maldição estava *acontecendo*. Eu senti. *Eu sei*, eu sei que não poderia suportar mais uma pessoa morrendo.

— Eu nunca teria concordado em ficar aqui com você se soubesse o que você tinha feito — retrucou Emma. — Você poderia ao menos ter me contado. Sinceridade não é uma emoção, Julian.

Ao ouvir aquilo, ele se encolheu, foi a impressão dela... embora pudesse ter sido um mero gesto de surpresa.

— Emma...

— Não diga mais nada — falou, e saiu apressada do cômodo.

Ela não estava esperando por Gwyn, falou Diana para si. E com certeza não estava sentada em sua cama de manhã cedinho, vestindo uma bela blusa de seda que encontrara no guarda-roupa, embora normalmente já teria vestido o pijama há horas, por qualquer razão que não fosse o fato de estar limpando espadas.

Três ou quatro espadas estavam espalhadas sobre a colcha e Diana as polira numa tentativa de trazê-las de volta à sua glória original. Antigamente, elas tinham desenhos de rosas entrelaçadas, estrelas, flores e espinhos, mas com o passar dos anos algumas escureceram e perderam a cor. Ela sentiu uma pontada de culpa por ter negligenciado a loja do pai, misturada à antiga culpa habitual que sempre a acompanhava quando pensava nos pais.

Houve um tempo em que tudo o que ela queria era ser Diana e ter o Arco de Diana, quando queria muito ir até Idris e ter a chance de estar no lar dos Caçadores de Sombras. Agora ela sentia uma inquietação que ia muito além disso; as antigas esperanças pareciam muito limitadas, como se fossem um vestido apertado. Talvez você suplantasse seus sonhos também, quando seu mundo se expandia.

*Tap. Tap.* Diana ficou de pé e se afastou da cama no momento em que o vidro chacoalhou. Ela abriu a janela e se inclinou. Gwyn pairava à altura de seus olhos, e o cavalo malhado reluzia sob a luz das torres demoníacas. O capacete pendia de uma tira no pescoço do cavalo; sobre seu lombo, via-se uma espada imensa, com o cabo escurecido pelos anos de uso.

— Eu não pude vir antes — falou ele. — Vi a fumaça no céu hoje e observei de cima das nuvens. Você pode me acompanhar até um local seguro?

Ela começou a subir na janela antes mesmo de ele terminar a pergunta. Sentar à frente dele na montaria parecia familiar agora, assim como ser envolvida pelos braços imensos. Diana sempre fora uma mulher alta, e não havia muita coisa capaz de fazê-la se sentir pequena e delicada, mas Gwyn era uma dessas coisas. Na pior das hipóteses, era uma sensação nova.

Ela deixou o pensamento voar enquanto eles passavam silenciosamente pela cidade, por seus muros e pelos Campos Eternos. As piras tinham ardido até virarem cinzas, e cobriam a grama em círculos sinistros de cinza claro. Diana sentiu as lágrimas vindo e desviou o olhar rapidamente em direção à floresta: as árvores verdes que se aproximavam e aí se afastavam abaixo deles, os rios prateados e as casas de pedra que ocasionalmente se erguiam na beirada do bosque.

Ela pensou em Emma e Julian, no choque solitário no rosto da menina quando a Consulesa lhes dissera que ficariam em Idris, na expressão vazia e preocupante no rosto de Julian. Ela sabia que o choque do vazio podia tomar conta de você. Via a mesma coisa em Ty também, a imobilidade e o silêncio profundo causados por uma dor tão grande que nenhum lamento ou lágrima poderiam tocá-los. Ela se lembrou da morte de Aria, de como se deitara no soalho do chalé de Catarina, se revirando e contorcendo o corpo como se, de alguma forma, pudesse se livrar da dor pela perda da irmã.

— Chegamos — falou Gwyn, e pousaram na clareira da qual ela se lembrava. Gwyn desmontou do cavalo e esticou os braços para ajudá-la a descer.

Diana acariciou a lateral do pescoço do animal e ele roçou o focinho macio nela.

— Seu cavalo tem nome?

Gwyn a encarou, confuso.

— Nome?

— Vou chamá-lo Orion — falou Diana, sentando-se no solo. A grama debaixo dela era fofa, e o ar tinha cheiro de pinheiros e flores. Ela se reclinou, apoiada nas mãos, e parte da tensão começou a abandonar seu corpo.

— Gostei de o meu corcel ter um nome dado por você. — Gwyn se sentou à frente dela, as mãos imensas postadas às laterais do corpo, a sobrancelha franzida em sinal de preocupação. Por alguma razão, seu tamanho o fazia parecer mais impotente do que ele pareceria. — Eu sei o que aconteceu — falou. — Quando a morte vem de forma grandiosa e inesperada, a Caçada Selvagem sabe. Nós ouvimos as histórias contadas pelo sangue derramado.

Diana não sabia o que dizer — que a morte era injusta? Que Livvy não merecia morrer daquele jeito, nem de jeito algum? Que os corações partidos dos Blackthorn nunca seriam os mesmos? Tudo parecia banal, dito mil vezes e já compreendido.

Em vez disso, ela falou:

— Acho que eu gostaria que você me beijasse.

Gwyn não hesitou. Num instante, estava ao lado de Diana, gracioso, apesar de seu tamanho; ele a abraçou e ela foi cercada pelo calor e o cheiro de floresta e cavalos. Ela enrugou o nariz levemente e sorriu, e Gwyn beijou sua boca sorridente.

Foi um beijo delicado, apesar das proporções de Gwyn. A maciez da boca contrastava com a barba por fazer e a musculatura rija sob as mãos de Diana quando ela as colocou timidamente sobre os ombros dele e o afagou.

Gwyn se inclinou em direção ao toque com um rosar baixinho de prazer. Diana esticou as mãos e delicadamente tocou o rosto dele, admirando-se com a

sensação da pele de outra pessoa. Já fazia muito tempo, e ela nunca imaginara algo assim: a lua e as flores eram para outras pessoas.

Mas aparentemente não. As mãos imensas de Gwyn afagaram os cabelos de Diana. Ela jamais se sentira tão acolhida e tão cuidada, tão completamente contida no afeto de alguém. Quando o beijo acabou, foi tão natural quanto quando eles começaram, e Gwyn a puxou para mais perto, encaixando-a em seu corpo. Ele deu uma risadinha.

— O que foi? — perguntou ela, erguendo a cabeça.

— Eu me perguntava se beijar uma fada era diferente de beijar um Caçador de Sombras — falou ele, com um sorriso surpreendentemente infantil.

— Eu nunca beijei um — retrucou Diana. Era verdade. Havia muito tempo, ela fora tímida demais para beijar alguém, e profundamente triste demais, e depois... — Eu beijei alguns mundanos. Eu os conheci em Bangkok. Uns poucos eram trans, como eu. Mas na época eu sempre sentia que estava guardando segredo por ser Nephilim, e era como se isso fosse uma sombra entre mim e outras pessoas... — Ela suspirou. — É como se, talvez, além de Catarina, você seja a única pessoa que realmente sabe tudo a meu respeito.

Gwyn emitiu um murmúrio baixo, pensativo.

— Eu gosto de tudo o que eu sei a seu respeito.

*E eu gosto de você*, ela queria dizer. Estava impressionada pelo quanto *realmente* gostava dele, deste estranho homem fada com sua capacidade de imensa delicadeza e igual capacidade de grande violência. Ela o vira ser gentil, mas pelas histórias de Mark, sabia que havia outro lado: o lado que conduzia a Caçada Selvagem em sua trilha sanguinária entre as estrelas.

— Vou contar tudo a eles — disse ela. — A Emma e a Julian. Estamos todos presos aqui em Idris, e eu os amo como se eles fossem meus irmãos. Eles têm que saber.

— Conte, se isso trazer paz a você — falou Gwyn. — Você não deve nada a eles; você cuidou deles e os ajudou, e eles sabem quem você é. Nenhum de nós deve um pedaço da história de nossa alma a ninguém.

— *Estou* fazendo isso por mim. Vou ficar mais feliz.

— Então faça. — Gwyn deu um beijo na cabeça de Diana. Ela se ajeitou no círculo quente dos braços dele e pensou em Livvy, e em como tristeza e alegria eram capazes de compartilhar um lugar no coração humano. Ela se perguntava quais perdas Gwyn teria tolerado em sua vida. Ele devia ter tido mãe, pai, irmãos e irmãs, mas Diana não conseguia imaginá-los, nem tinha coragem de perguntar.

Mais tarde, ao voltar até o cavalo de Gwyn para retornar a Alicante, ela notou que as pontas de seus dedos estavam sujas e franziu a testa. O vento provavelmente soprara as cinzas das piras de manhã. Mas ainda assim, era muito

estranho.

Ela afastou aquele pensamento quando Gwyn a ergueu até o lombo de Orion e eles navegaram em meio às estrelas.

Os quartos na Scholomance não eram tão agradáveis quanto os cômodos da maior parte dos Institutos, nem tão desagradáveis quanto os da Academia dos Caçadores de Sombras. Eles eram limpos e modestos e, na opinião de Diego, davam uma sensação monástica. Cada quarto tinha duas camas, duas mesas pesadas e — já que não havia closets — dois imensos guarda-roupas.

Como havia poucos alunos, Diego normalmente não tinha um colega de quarto, mas, no momento, Kieran formava um montinho mal-humorado no soalho, enrolado em cobertores.

Cruzando os braços por trás da cabeça, Diego fitava o teto. Já tinha memorizado as saliências e protuberâncias no gesso. Pela primeira vez, não tinha concentração para ler ou meditar; sua mente se movimentava como uma aranha agitada, e ele pensava em Jaime, Cristina, nos Dearborn e no novo Inquisidor.

Isso sem mencionar o príncipe fada infeliz, que no momento se remexia, inquieto, no soalho.

— Quanto tempo você planeja me manter aqui? — A voz de Kieran soou abafada. Ele afastou o cobertor do rosto e fitou o teto, como se pudesse compreender o que Diego encarava ali.

— Manter você aqui? — Diego rolou e ficou de lado. — Você não é prisioneiro, pode ir embora quando quiser.

— Não posso — retrucou Kieran. — Não posso voltar para a Caçada Selvagem sem incitar a ira do Rei. Não posso retornar para o Reino das Fadas, pois o Rei me encontrará e me matará. Não posso vagar pelo mundo como uma fada selvagem porque serei reconhecido, e nem sequer sei agora se o Rei está atrás de mim.

— Por que não retorna para o Instituto de Los Angeles? Mesmo que você esteja zangado com Mark, Cristina faria...

— É exatamente por causa de Mark e Cristina que não posso ir para lá. — Os cabelos de Kieran mudaram de cor sob a iluminação sutil, de azul-escuro para branco. — E eu não estou zangado com eles. É só que eu não quero... — Ele se endireitou. — Ou talvez eu queira demais.

— Quando a hora chegar, você pode resolver isso — falou Diego. — O que for melhor para você.

Kieran o encarou, com um olhar penetrante, estranho, que fez Diego se erguer e se apoiar no cotovelo.



— Não é isso que você sempre faz? — perguntou. — Você decide que vai encontrar uma solução quando chegar a hora, mas quando o pior acontece você se descobre despreparado.

Diego fez menção de protestar quando eles ouviram uma batida breve à porta. Kieran desapareceu no mesmo instante, tão rápido que Diego só conseguiu imaginar seu paradeiro. Daí pigarreou e gritou:

— *Pásale!*

Divya se esgueirou para dentro do quarto, seguida por Rayan. Eles vestiam o uniforme, e Rayan usava um suéter grosso por cima. Ambos tinham dificuldade em se acostumar ao ar frio da Scholomance.

Divya trazia uma luz enfeitiçada, cujos raios iluminavam sua expressão ansiosa.

— Diego — falou ela. — Kieran está aqui?

— Acho que está debaixo da cama — respondeu Diego.

— Isso é estranho — falou Rayan. Ele não parecia ansioso, mas raramente denunciava alguma emoção.

— Ele poderia estar no guarda-roupa — emendou Diego. — Por quê?

— A Tropa — falou Divya. — Zara e alguns deles... Samantha, Manuel e Jessica... acabaram de chegar via Portal com o professor Gladstone.

Kieran rolou de baixo da cama. Havia uma bola de poeira em seu cabelo.

— Eles sabem que estou aqui? — falou e se sentou muito ereto, com olhos reluzentes. — Me deem uma arma. Qualquer arma.

— Calma aí. — Divya ergueu a mão. — Na verdade, estamos pensando numa solução um pouco mais comedida. Esconder você, por exemplo.

— Eu já estava escondido — observou Kieran.

— Ele *estava* debaixo da cama — falou Diego.

— Sim, mas como Zara Dearborn está vindo conversar com Diego, este não é o cômodo mais seguro — falou Rayan. — E, de qualquer forma, a Tropa suspeita da lealdade de Diego à causa.

— Isso — concordou Divya. — Nós ouvimos uma conversa deles. — Ela estendeu a mão para Kieran como se quisesse ajudá-lo. Ele a fitou com surpresa, depois se levantou sem a ajuda de ninguém.

— Eu não a mataria se ela estivesse desarmada — falou. — Eu a desafiaria para uma luta justa.

— Tá, e aí todo mundo saberia que você está aqui, incluindo a Clave — observou Divya. Ela estalou os dedos. — Anda. Vamos. Pare de perder tempo.

Kieran a encarou ligeiramente surpreso. De soslaio, olhou para Diego, que assentiu.

— Vai ser mais seguro para nós dois.

— Como você ordenar, então — falou Kieran, e acompanhou Rayan e Divya para fora do quarto, com a luz enfeitada bruxuleando acima de todos eles. Os três se esgueiraram à sombra e se foram; Diego mal teve tempo de se levantar da cama e vestir uma camiseta antes de a porta ser aberta com uma pancada.

Zara parou à entrada com as mãos nos quadris e a expressão severa. Diego ficou se perguntando se deveria agradecer a ela por ter ao menos batido, mas concluiu que muito provavelmente Zara não compreendia sarcasmo.

— Falta pouco para eu perder minha paciência com você — disse ela.

Diego se recostou no guarda-roupa e cruzou os braços enquanto os olhos de Zara desciam para seus bíceps e ela esboçava um sorriso de desdém.

— Eu realmente tinha esperança na nossa aliança — falou. — Mas é melhor você se endireitar e parar de se solidarizar com o Submundo, com criminosos e ingratos.

— Ingratos? — repetiu Diego. — Só posso fazer amizade com os gratos?

Zara piscou.

— O quê?

— Não sei bem se essa palavra significa o que você acha que significa — falou Diego. — Inglês é meu segundo idioma, mas...

— Os Blackthorn são ingratos — elucidou ela. — Você precisa esquecê-los e ficar com a gente. — Ela o encarou fixamente.

— Se você se refere a Cristina, nós somos apenas amigos...

— Não me importo. Os Blackthorn são terríveis. Mark é mestiço, Ty é um pequeno recluso esquisito, Dru é gorda e burra, e Julian se parece... se parece com Sebastian Morgenstern.

Diego explodiu numa gargalhada.

— Ele *o* quê?

Ela corou.

— Ele ressuscitou os mortos!

— Na verdade, ele não fez isso — falou Diego, embora soubesse que isso não importava. A Tropa frequentemente mudava as regras do jogo quando queria provar alguma coisa. Eles não ligavam se as evidências eram corretas, nem se interessavam pela diferença entre ressuscitar os mortos ou simplesmente se associar a eles.

— Você vai lamentar quando ele destruir o mundo — falou ela num tom sombrio.

— Aposto que sim — retrucou Diego. — Olha, você tem mais alguma coisa para dizer? Porque estamos no meio da madrugada e eu gostaria de dormir um pouco.

— Lembre-se por que você concordou com o nosso noivado, para começo de

conversa — falou ela, e esboçou um sorriso severo. — Talvez você devesse ter pensado nas consequências, caso eu tivesse que terminar tudo.

Zara se virou para sair, e Diego a viu parar, como se tivesse visto alguma coisa que a surpreendeu. Então ela lançou um último olhar de raiva para ele e seguiu para o corredor.

Não havia tranca na porta. Só restou a Diego chutá-la para que ela se fechasse, antes de voltar a se deitar na cama. Ele voltou a encarar o teto, só que agora não conseguia mais se distrair com isso.

## 6

### Do Alto de Soberba Torre

Emma acordou com a cabeça latejando e alguém batendo à porta. Tinha adormecido no chão totalmente vestida; o cabelo estava úmido e grudava nas bochechas. Ela se sentia como um navio naufragado e desconfiava que de fato sua aparência estivesse fazendo jus à sensação.

— Pode entrar — falou, e a porta foi aberta. Era Julian.

Ela se sentou. Por um momento, eles ficaram simplesmente se encarando. Emma sentia frio no corpo inteirinho; ele ia perceber o rosto manchado, as roupas amassadas. Mesmo que não a amasse, ele ia sentir...

— Melhor você se lavar e trocar de roupa — falou. Ele usava jeans e suéter azul, e parecia ter dormido bem. Estava um *gato*, para falar a verdade. Como um lindo desconhecido, alguém que não lhe era familiar.

Não havia nada de desagradável na voz dele, apenas um pragmatismo calmo. Emma não precisava se preocupar se Julian sentiria pena dela, percebeu, nem mesmo culpa; ele não *sentia* absolutamente nada.

— Dane Larksphear acabou de passar por aqui com um recado — falou ele. — O Inquisidor quer nos ver imediatamente.

No momento em que Cristina abriu a porta da cozinha, Helen apareceu de trás da bancada, segurando uma concha e ostentando um sorriso largo.

— Bom dia!

Cristina acordara cedo, com o corpo confuso devido à diferença de fuso entre Los Angeles e Idris, e se arrastara no trajeto até a cozinha, pensando em engolir a torrada e o café. A saudação cheia de energia de Helen a fez querer deitar e cochilar ali na mesa. Ela jamais seria capaz de entender gente que gostava de acordar cedo, sobretudo, aqueles que funcionavam sem uma injeção de cafeína.

— Estou preparando mingau de aveia — emendou Helen.

— Ah — falou Cristina. Ela não era lá muito fã de mingau de aveia.

— Aline está no escritório, tentando entender a papelada toda. Parece que os Centuriões reviraram tudo e quase destruíram a casa. — Helen fez uma careta.

— Eu sei. — Cristina deu uma olhada ávida em direção à cafeteira. Seria muito rude empurrar Helen e pegar pó de café e filtro?

— Nem se preocupe com isso — falou Helen. — Os Centuriões deixaram café mofado na jarra. — Ela apontou para a pia, onde a jarra estava de molho.

No mesmo instante, Cristina odiou os Centuriões mais do que já odiava.

— Tem alguma coisa que eles não arruinaram?

— Eles deixaram roupa suja — falou Mark, entrando com os cabelos molhados. Provavelmente recém-saído do banho. Cristina sentiu o estômago revirar descontrolada e imediatamente, e se sentou num banquinho. Ainda dava para se ver a marca da cicatriz em torno do pulso de Mark, no local cortado pelo feitiço de amarração; Cristina tinha uma igualzinha. Os olhos de Mark brilhavam à luz matinal, azul e dourado, como o coração do oceano; sem perda de tempo, ela se virou, evitando olhar para ele, e começou a estudar um azulejo da cozinha que representava o corpo de Heitor sendo arrastado em torno dos muros de Troia. — Muita roupa suja. Pilhas e pilhas de roupa suja.

— Eu vou lavar a roupa. — Helen tinha ido até o fogão e mexia uma panela cuidadosamente. — Estou fazendo mingau de aveia.

— Ah — falou Mark. Por um minuto, seus olhos encontraram os de Cristina, partilhando brevemente a mútua aversão a mingau.

Os outros Blackthorn começaram se aglomerar na cozinha: Ty, seguido por Kit, e então Dru e Tavvy. Formou-se uma confusão de vozes e, por um momento, as coisas pareciam quase normais. Quase. Sem Emma, Cristina sabia, o Instituto nunca seria normal para ela. Emma fora a primeira pessoa que conhecera em Los Angeles; as duas ficaram amigas no mesmo instante, sem hesitação. Ela conhecera Los Angeles indo a todos os lugares favoritos de Emma, suas praias secretas e trilhas nos cânions; dirigindo com o rádio ligado e os cabelos soltos, com cachorro-quente na lanchonete Pink's e torta na Apple Pan à meia-noite.

Era difícil não se sentir sem rumo agora, feito um barco sem atracação na maré. Mas ela se agarrava ao que Emma dissera: *Eles vão precisar de você. Mark vai precisar de você.*

Ty pegou um pacote de batatas fritas da bancada e entregou a Kit, que levantou o polegar em agradecimento. Eles tinham uma bela comunicação silenciosa, quase como Emma e Julian costumavam fazer.

— Vocês não precisam disso — falou Helen. — Estou preparando mingau de

aveia! — Ela apontou para a mesa com a colher: havia arrumado as tigelas de um conjunto e postado no meio até um vaso com flores silvestres.

— Ah — falou Kit.

— Eu quero panquecas — anunciou Tavvy.

— Não vamos ficar para o café — disse Ty. — Kit e eu vamos à praia. Vejo vocês mais tarde.

— Mas... — começou Helen, em vão; eles já tinham saído, com Ty arrastando Kit pelo pulso com firmeza. Kit dera de ombros, se desculpando, antes de desaparecer pela porta.

— Odeio aveia — falou Dru. Ela se sentara, franzindo a testa.

— Eu também odeio aveia — falou Tavvy, se empurrando para perto da irmã. Ele também franziu a testa e, por um momento, a semelhança entre ambos foi quase cômica.

— Bem, o que tem é mingau de aveia — falou Helen. — Mas posso fazer torrada também.

— Torrada não — retrucou Tavvy. — Panquecas.

Helen desligou o fogão. Por um minuto, ficou parada, fitando a panela com mingau de aveia esfriando. Baixinho, falou:

— Eu não sei fazer panquecas.

Cristina se levantou do banquinho rapidamente.

— Helen, me deixe ajudar a fazer uns ovos e torradas — ofereceu-se.

— Julian sabe fazer panquecas — falou Tavvy.

Helen abriu espaço para Cristina na bancada, perto do fogão. Cristina entregou o pão à outra e notou que as mãos de Helen tremiam quando ela colocou as fatias na torradeira.

— Eu não estou com vontade nenhuma de comer ovos — falou Dru, tirando uma das flores do vaso e arrancando seu topo. Pétalas choveram sobre a mesa.

— Ora, vocês dois — falou Mark, se aproximando dos irmãos mais novos e aflagando seus cabelos. — Nós acabamos de voltar. Não sejam chatos com Helen.

— Bem, ela não *tem* que preparar o café da manhã — falou Dru. — Nós podemos fazer isso sozinhos.

Helen pegou rápido o prato com torrada e pousou na mesa. Dru fitou-o sem expressão.

— Por favor, Dru — falou ela. — Ao menos coma o pão.

Dru ficou tensa.

— Não me diga o que devo comer ou não — falou.

Helen se encolheu. Tavvy esticou a mão para a geleia e virou o frasco de cabeça para baixo, sacudindo-o até que o conteúdo grudento se espalhasse por

todo o prato, pela mesa e pelas mãos dele. O menino deu uma risadinha.

— Não... *não!* — falou Helen e tirou a geleia das mãos dele. — Tavvy, não faça isso!

— Eu não tenho que obedecer a *você* — retrucou Tavvy, seu rostinho se avermelhando. — Eu nem conheço *você*.

Ele empurrou Dru e correu para fora da cozinha. Depois de um minuto, Dru deu a Helen um olhar de reprovação e saiu correndo atrás do irmão.

Helen ficou parada, segurando o pote plástico vazio enquanto as lágrimas rolavam. Cristina sentiu o coração apertar em solidariedade. Tudo o que Helen queria era agradar aos irmãos, mas eles não conseguiam perdoá-la por não ser Julian.

Cristina fez menção de se aproximar de Helen, mas Mark já estava lá, abraçando a irmã e sujando a camisa com geleia.

— Está tudo bem. — Cristina o ouviu dizer. — Quando eu voltei, eu estava sempre confundindo as coisas. Entendi tudo errado...

Sentindo-se uma intrusa, Cristina se esgueirou para fora da cozinha; algumas cenas familiares eram privadas. Ela seguiu lentamente pelo corredor (tinha *certeza* de que havia uma segunda cafeteira elétrica na biblioteca), e metade de sua mente refletia sobre o que Mark dissera a Helen. Aí se perguntou se ele realmente se sentia daquele jeito. Ela se lembrou da primeira vez que o viu, agachado contra a parede do quarto; o vento soprava as cortinas ao redor dele como se fossem velas de um barco. A conexão que ela sentira com ele fora imediata — ela não o conhecera antes de a Caçada levá-lo e por isso não tivera expectativas em relação a como ele era ou quem deveria ser. Isso os ligara com mais força do que o feitiço de amarração, mas e se tudo tivesse mudado? E se o laço entre eles tivesse se rompido para nunca mais ser reparado?

— Cristina!

Ela girou. Mark estava atrás dela, corado; tinha corrido para alcançá-la. Parou quando ela se virou e hesitou um momento, como alguém prestes a pular de um penhasco alto.

— Eu tenho que ficar com Helen agora — falou. — Mas preciso conversar com *você*. Precisava conversar com *você* desde... muito tempo atrás. Me encontre no estacionamento à noite, quando a lua estiver alta.

Ela fez que sim com a cabeça, muito surpresa para dizer qualquer coisa. Ao lhe ocorrer que “quando a lua estiver alta” não era lá muito útil — e se estivesse nublado? —, ele já tinha desaparecido pelo corredor. Com um suspiro, ela foi mandar uma mensagem de fogo para Catarina Loss.

Havia se passado somente alguns dias desde a morte de Robert Lightwood, mas Horace Dearborn já havia redecorado totalmente o escritório.

A primeira coisa que Emma notou foi que a tapeçaria da batalha em Burren tinha sumido. A lareira estava acesa, e acima dela o quadro de Alec Lightwood fora substituído pelo de Zara Dearborn. No retrato, ela vestia o uniforme, e os cabelos castanhos compridos batiam pela cintura em duas tranças semelhantes à de uma Viking. ZARA DEARBORN, HEROÍNA DA CLAVE, dizia uma placa dourada na moldura.

— Sutil — resmungou Julian. Ele e Emma tinham acabado de entrar no escritório de Horace; o Inquisidor estava abaixado e remexendo em sua mesa, aparentemente ignorando os dois. Pelo menos a escrivãzinha era a mesma, embora uma placa imensa pendesse de trás dela, anunciando: PUREZA É FORÇA. FORÇA É VITÓRIA. LOGO, PUREZA É VITÓRIA.

Dearborn se endireitou.

— “Heroína da Clave” pode ser um pouco simplista — falou, pensativamente, destacando que tinha ouvido o comentário de Julian. — Eu estava pensando em “Boadiceia Moderna”. Caso você não saiba quem foi ela ...

— Eu sei quem foi Boadiceia — falou Julian, se sentando, e Emma o imitou. As cadeiras também eram novinhas, com estofado rígido. — Uma rainha guerreira da Bretanha.

— O tio de Julian era um estudioso de história antiga.

— Ah, sim, Zara me contou. — Horace caiu pesadamente na própria cadeira, atrás da escrivãzinha de mogno. Era um sujeito alto e magro, com os ossos pronunciados e um rosto inclassificável. Apenas o tamanho dele era incomum: as mãos eram enormes e os ombros imensos repuxavam o tecido do uniforme. Não deviam ter tido tempo de confeccionar um para ele ainda. — Agora, crianças. Devo dizer que estou surpreso com vocês dois. Sempre houve uma... parceria comovente entre as famílias Blackthorn e Carstairs, e a Clave.

— A Clave mudou — observou Emma.

— Nem toda mudança é para pior — falou Horace. — E era necessária há muito tempo.

Julian ergueu os pés e apoiou as botas no tampo da mesa de Horace. Emma piscou. Ele sempre fora rebelde no coração, mas era raro demonstrar isso assim tão abertamente. Ele sorriu de modo angelical e falou:

— Por que você simplesmente não diz logo o que quer?

Os olhos de Horace cintilaram. Havia raiva neles, mas sua voz era suave quando falou:

— Você dois realmente foderam tudo — falou. — Mais do que imaginam.

Emma levou um susto. Caçadores de Sombras adultos, sobretudo em



posições de autoridade, raramente falavam palavrão na frente de alguém que consideravam crianças.

— O que você quer dizer? — perguntou ela.

Ele abriu uma gaveta da escrivaninha e sacou um caderno de couro preto.

— As anotações de Robert Lightwood — falou ele. — Ele anotava tudo após cada reunião. Ele fez alguns registros depois do encontro que teve com você.

Julian ficou branco; era evidente que reconhecia o caderno. Robert devia ter escrito nele depois que Emma saíra de seu escritório com Manuel.

— Eu sei o que vocês contaram sobre seu relacionamento — falou Dearborn, com ar divertido. — *Parabatai* apaixonados. Nojento. E eu sei o que vocês queriam dele. Exílio.

Embora a cor tivesse deixado seu rosto, a voz de Julian era firme.

— Ainda acho que você devia nos dizer o que quer de nós.

— Vamos dizer que apaixonar-se pelo seu *parabatai* é uma violação de contrato. O contrato que vocês fizeram junto à Clave, como Nephilim. Isso viola o mais sagrado de nossos laços. — Ele guardou o caderno de volta na gaveta. — Mas não sou um homem insensato. Trago uma solução mutuamente benéfica para todos os nossos probleminhas. E para alguns dos problemões também.

— Soluções não são mutuamente benéficas quando uma das partes é detentora de todo o poder — falou Julian.

Dearborn o ignorou.

— Se vocês concordarem em ir em missão até o Reino das Fadas, se prometerem encontrar e matar Annabel Blackthorn lá e trazer de volta o *Volume Preto dos Mortos*, honrarei o acordo feito por Robert. Exílio e segredo. Ninguém jamais saberá.

— Você não tem como ter certeza de que ela está no Reino das Fadas... — começou Julian.

— Você só *pode estar* brincando — falou Emma ao mesmo tempo.

— Minhas fontes dizem que ela está na Corte Unseelie e, não, eu não estou “brincando” — falou Dearborn. — Eu juraria sobre a Espada Mortal, se a Carstairs aqui não a tivesse quebrado.

Emma corou.

— Por que você quer o *Volume Preto*? Está planejando ressuscitar alguém?

— Não tenho interesse no livro patético de diversão necromântica de um feiticeiro — falou Horace —, a não ser para *tirá-lo* das mãos de Annabel Blackthorn e do Rei Unseelie. Nem sequer considerem tentar me enganar com imitações ou falsificações. Eu vou saber e punirei os dois. Eu quero o *Volume Preto* no controle dos Nephilim, não do Submundo.

— Você não tem ninguém mais velho e mais capaz para fazer isso? —

perguntou Julian.

— Essa missão deve ser realizada com o máximo sigilo — falou Dearborn bruscamente. — Quem tem uma razão melhor para mantê-la secreta do que vocês?

— Mas o tempo funciona diferente no Reino das Fadas — falou Julian. — Poderíamos voltar daqui a dez anos. Isso não vai ajudar muito.

— Ah. — Dearborn se recostou. Havia um montinho de pano atrás dele, num canto do cômodo, e Emma tomou um susto ao perceber que era a tapeçaria da batalha em Burren, descartada daquele jeito como se fosse lixo. Estranho para um homem que dizia valorizar a história dos Nephilim. — Há muito tempo, o Povo das Fadas deu à Clave três medalhões capazes de impedir a passagem do tempo no Reino das Fadas. Um deles está perdido, mas vocês receberão um dos dois restantes. Podem devolvê-lo quando voltarem.

*Um medalhão?* Emma se lembrou do colar de Cristina, do poder de controlar o tempo no Reino das Fadas. *Um deles está perdido...*

— E como é que vamos voltar? — perguntou Emma. — Não é fácil para um humano voltar do Reino das Fadas.

— Vocês usarão o mapa que nós lhe daremos para encontrar um lugar chamado Encruzilhada de Bram — falou Horace. — Lá vocês encontrarão um amigo pronto para trazê-los para casa. — Ele juntou as pontas dos dedos, formando um triângulo. — Vou esconder o fato de que vocês não estão em Alicante colocando guardas para vigiar a casa em Princewater. Vamos espalhar que vocês estão em prisão domiciliar até que a questão da Espada Mortal seja explicada. Mas devo insistir para que vocês encontrem o livro e o devolvam em quatro dias. Caso contrário, posso supor que resolveram agir por conta própria e, nesse caso, não terei outra opção a não ser revelar o seu segredo.

— O que é que o faz pensar que daremos conta de fazer isso em quatro dias? — quis saber Julian.

— Porque vocês não têm escolha — retrucou Horace.

Emma trocou um olhar com Julian. Ela desconfiava que ele estivesse se sentindo desconfiado e impotente, tal como ela. Eles não podiam confiar em Horace Dearborn, mas se não concordassem com o plano, a vida deles estaria acabada. Suas Marcas seriam arrancadas. Eles nunca mais voltariam a ver os outros Blackthorn.

— Não precisam ficar assim tão desconfiados — falou Dearborn. — Estamos juntos nisso. Nenhum de nós quer que Annabel Blackthorn ou o Rei Unseelie tenham posse de um objeto tão poderoso quanto o *Volume Preto*. — Ele deu um sorriso amarelo. — Além disso, Julian, achei que isso fosse agradá-lo. É a sua chance de matar Annabel Blackthorn e de arrancar o precioso livro das mãos

dela. Eu imaginaria que você fosse querer vingança.

Incapaz de suportar o modo como o Inquisidor olhava para Julian, Emma se levantou.

— Eu quero Cortana — falou. — Ela foi do meu pai antes de ser minha, e pertence à minha família mesmo antes de Jem e de Cordelia Carstairs. Devolva-a para mim.

— Não — disse Horace, e os lábios finos se tornaram um risco. — Ainda estamos investigando como ela conseguiu quebrar a Espada Mortal. Nós lhes daremos armamentos, comida, um mapa e os equipamentos necessários, mas Cortana, não.

— As lâminas serafim não funcionam no Reino das Fadas — falou Julian. — Nem as nossas Marcas.

Dearborn bufou.

— Então vocês receberão adagas, espadas e bestas. Vocês sabem que tenho todas as armas de que precisam. — Ele se levantou. — Não me importo com o que vocês vão usar para matar Annabel Blackthorn. Apenas cumpram a missão. Vocês trouxeram aquela vagabunda até nós. É sua responsabilidade nos livrar dela.

Julian tirou as botas de cima da mesa.

— Quando é que temos que partir?

— E como chegaremos lá? — quis saber Emma.

— Isso é comigo — falou Dearborn. — E quanto ao momento da partida, é bom que seja agora. Não é como se vocês tivessem algum compromisso em Alicante. — Ele gesticulou em direção à porta, como se mal pudesse esperar para se livrar deles. — Vão para casa e peguem os objetos pessoais de que vão precisar. E não percam tempo. Os guardas vão buscá-los em breve. Estejam prontos.

— Muito bem — concordou Emma. Ela foi até o canto e pegou a tapeçaria de Alec. — Mas eu vou levar isto.

Era surpreendentemente pesada. Dearborn ergueu as sobrancelhas, mas não disse uma única palavra enquanto ela saía do cômodo com dificuldade, agarrada ao trambolho.

— Aonde vamos? — perguntou Kit. Ele segurava o saco de batata frita, com sal e gordura nos dedos. Era um café da manhã estranho, mas ele já tivera refeições mais estranhas ainda na vida. Além disso, a brisa do oceano soprava os cabelos dele, a praia estava deserta e ele e Ty caminhavam numa cerração dourada de areia e luz do sol. Apesar de tudo, ele estava de bom humor.

— Você se lembra daquela caverna? — perguntou Ty. — Da caverna onde a gente estava quando viu Zara conversando com Manuel?

— Sim — respondeu Kit, e quase acrescentou: *quando a gente estava com Livvy*, mas percebeu que Ty deixara implícito ao mencionar “a gente”. Era um jeito de sempre incluir Livvy. A sombra da lembrança baixou sobre o bom humor de Kit, e ele se recordou daquela noite, da risada de Livvy, de Ty segurando uma estrela-do-mar, do ar salgado que embaraçava os cabelos normalmente lisos, e dos olhos que imitavam a cor prateada da lua. O menino estivera bem sorridente naquela noite, seu típico sorriso verdadeiro e resplandecente. Kit se sentira mais próximo dos dois como nunca se sentira com qualquer pessoa. — Espera aí. Por que é que estamos indo para lá?

Eles tinham alcançado a parte da praia onde dedos longos de granito esburacado se estendiam até a água. As ondas precipitavam-se do mar, batendo contra as rochas, açoitando e transformando-se num borrito branco-prateado.

Ty enfiou a mão no saco de batatas e seu braço roçou o de Kit.

— Porque precisamos de ajuda para praticar necromancia. Não podemos fazer sozinhos.

— Me diz, por favor, que não vamos precisar da ajuda de um exército de mortos. Eu odeio exércitos de mortos.

— Não de um exército de mortos. De Hypatia Vex.

Kit quase deixou as batatas caírem.

— Hypatia Vex? A feiticeira de Londres?

— Isso — falou Ty. — Fique atento, Watson.

— Isso não é um “fique atento” — falou Kit. — Como é que eu ia saber que você entrou em contato com ela? Não creio que ela gostasse tanto assim de nós.

— Isso tem importância?

— Boa pergunta. — Kit parou, a areia entrando por cima dos tênis. — Chegamos.

A abertura escura no penhasco se assomava diante deles. Ty parou também, remexendo no bolso do casaco.

— Tenho uma coisa para você.

Kit enrolou o saco de batata e o enfiou atrás de uma rocha.

— Tem?

Ty mostrou uma pequena pedra branca, do tamanho de uma bola de golfe, com um símbolo gravado.

— Sua pedra de luz enfeitiçada marcada. Todo Caçador de Sombras tem uma. — Sem inibição, Ty pegou a mão de Kit e pressionou a pedra em sua palma, e, surpreso, Kit sentiu uma onda quente pelo estômago. Nunca tinha sentido nada assim.

— Valeu — falou. — Como eu ativo a pedra?

— Feche os dedos em torno dela e pense em luz — explicou Ty. — Imagine que está acendendo um interruptor; foi como Julian me ensinou. Vem cá, vou te mostrar.

Kit estendeu a pedra desajeitadamente enquanto eles seguiam pela trilha até a entrada da caverna. Alguns passos em seu interior e a escuridão os envolveu como veludo, abafando o som das ondas lá fora. Kit mal conseguia enxergar Ty, a sombra de uma sombra atrás dele.

*Como se acendesse um interruptor*, pensou ele, e fechou os dedos em torno da pedra marcada.

Ela fez um pequeno movimento em sua palma e emitiu raios de luz, iluminando o familiar corredor de pedra. Tudo estava igualzinho a antes, com paredes íngremes e aranhas, fazendo Kit se lembrar dos túneis subterrâneos no primeiro *Indiana Jones*.

Pelo menos, desta vez, eles sabiam aonde estavam indo. Seguiram a curva do túnel para dentro de uma imensa câmara de pedra. As paredes eram de granito, embora linhas escuras mostrassem onde elas tinham rachado havia muito tempo. O recinto tinha cheiro de alguma coisa adocicada — provavelmente a fumaça que subia das velas colocadas sobre a mesa de madeira no centro. Uma figura encapuzada, com vestes pretas, e o rosto perdido na sombra, estava sentada onde Zara tinha ficado da última vez que eles estiveram ali.

— Hypatia? — chamou Ty, e deu um passo à frente.

O vulto ergueu um único dedo, como se pedisse silêncio. Kit e Ty hesitaram quando as mãos enluvadas se ergueram e jogaram o capuz para trás.

Ty lambeu os lábios secos.

— Você... não é Hypatia. — E se virou para Kit. — Não é ela.

— Não — concordou Kit. — Parece ser um sujeito verde com chifres.

— Não sou Hypatia, mas foi ela quem me enviou — explicou o feiticeiro. — Nós três já nos encontramos. No Mercado das Sombras de Londres.

Kit se lembrou de mãos verdes velozes. *Devo dizer que nunca imaginei que teria o prazer de entreter o Herondale Perdido.*

— Shade — falou.

O feiticeiro pareceu divertido.

— Não é meu sobrenome verdadeiro, mas vai servir.

Ty balançava a cabeça.

— Eu quero falar com Hypatia. Não com você — insistiu ele.

Shade se recostou na cadeira.

— A maioria dos feiticeiros não chega perto de necromancia — falou ele, baixinho. — Hypatia não é diferente; na verdade, ela é mais inteligente do que a

maioria. Ela quer dirigir o Mercado das Sombras um dia e não vai pôr em risco suas chances.

A expressão de Ty pareceu estilhaçar, como o rosto rachado de uma estátua.

— Eu não falei nada sobre necromancia...

— Sua irmã gêmea acabou de morrer — falou Shade. — E você foi atrás de uma feiticeira com um pedido desesperado. Não precisa ser um gênio para adivinhar o que você quer.

Kit pôs a mão no ombro de Ty.

— Não precisamos ficar aqui — falou. — Podemos simplesmente ir embora...

— Não — interrompeu Shade. — Me ouçam primeiro, pequenos Caçadores de Sombras, se querem a minha ajuda. Eu compreendo. O luto é capaz de enlouquecer as pessoas. Você busca um meio de acabar com ele.

— Sim — falou Ty. — Eu quero trazer minha irmã de volta. Eu *vou* trazer minha irmã de volta.

Os olhos escuros de Shade eram severos.

— Você quer ressuscitar os mortos. Sabe quantas pessoas querem fazer isso? Não é um bom plano. Eu sugiro que o esqueça. Eu poderia ajudar você com outra coisa. Você já teve vontade de mover objetos com a mente?

— Certamente — falou Kit. — Isso é ótimo. — *Qualquer coisa, menos isso.*

— Eu tenho o *Volume Preto dos Mortos* — falou Ty. — Ou, pelo menos, eu tenho uma cópia.

Ele não pareceu reconhecer o total espanto no rosto de Shade, mas Kit notou. E isso aumentou tanto seu orgulho quanto sua apreensão por Ty.

— Muito bem — disse Shade finalmente. — É melhor que o objeto real.

*Que coisa estranha de se dizer*, pensou Kit.

— Nós não precisamos de ajuda com os feitiços — emendou Ty. — Precisamos de sua ajuda para reunir os ingredientes do feitiço. Alguns são fáceis de se conseguir, mas Caçadores de Sombras não são bem-vindos no Mercado das Sombras, por isso, se você pudesse ir, eu lhe daria dinheiro, ou temos um monte de armas valiosas no Instituto...

Kit estava satisfeito.

— Eu já pensei em vender algumas também.

Shade ergueu as mãos enluvadas.

— Não — falou. — Vou ajudar, sim, mas não vai ser rápido nem fácil.

— Ótimo — falou Ty, mas Kit ficou desconfiado no mesmo instante.

— Por quê? — quis saber Kit. — Por que você nos ajudaria? Você não aprova...

— Não aprovo mesmo — interrompeu Shade. — Mas se não for eu, será

outra pessoa, algum outro feiticeiro com menos escrúpulos. Pelo menos eu posso garantir que vai ser feito da maneira mais limpa possível. Posso mostrar como lançar o feitiço da maneira correta. Posso arrumar um catalisador para você... uma fonte de energia limpa que não vai corromper o processo.

— Mas você não vai ao Mercado das Sombras? — perguntou Kit.

— O feitiço só funciona se quem o lançar coletar os ingredientes pessoalmente — falou Shade. — E você é quem vai lançar o feitiço, mesmo que precise de mim para direcioná-lo. Então não importa o que haja entre vocês dois e o pessoal do Mercado das Sombras... e eu vi mais ou menos o que aconteceu, então sei que é pessoal... vocês vão ter que resolver isso. — A voz do feiticeiro era ríspida. — Vocês são inteligentes, vão dar um jeito. Quando conseguirem o que precisam, voltem para cá. Ficarei aqui na caverna pelo tempo que vocês estiverem envolvidos nesse projeto insano. Mas mandem um bilhete se estiverem planejando passar por aqui. Aprecio muito a minha privacidade.

O rosto de Ty se iluminou de alívio, e Kit soube de imediato o que se passava na cabeça do menino: o primeiro passo fora dado, um passo mais perto de ter Livvy de volta. Shade o encarou e balançou a cabeça, os cabelos brancos reluzindo à luz das velas.

— Obviamente que se você reconsiderar e eu nunca mais tiver notícias suas, vai ser melhor ainda — emendou ele. — Pensem nisso, crianças. Algumas luzes não foram feitas para arder por muito tempo.

Ele fechou os dedos enluvados em torno do pavio da maior vela e o apagou. Uma pluma de fumaça branca subiu em direção ao teto. Kit olhou mais uma vez para Ty, que não reagira; talvez nem sequer tivesse ouvido Shade. Ele sorria consigo: não o sorriso brilhante do qual Kit sentira falta na praia, mas um sorriso quieto, privado.

*Se nós formos adiante, eu tenho que assumir isso sozinho,* pensou Kit. *Toda a culpa, toda a apreensão, serão minhas apenas.*

Ele desviou o olhar do feiticeiro antes que Shade pudesse captar a dúvida em seus olhos.

*Algumas luzes não foram feitas para arder por muito tempo.*

— Não acredito que os Centuriões deixaram uma *bagunça* dessas — falou Helen.

Durante anos, Helen prometera a Aline que a levaria para passear no Instituto e que lhe mostraria todos os seus locais favoritos de infância.

Mas só parte da mente de Helen estava concentrada em mostrar o local a Aline.

Outra parte estava focada na destruição no Instituto causada pelos Centuriões: havia toalhas largadas por tudo que é lado, manchas nas mesas e comida velha apodrecendo na geladeira da cozinha. E uma outra parte estava na mensagem que ela pagara uma fada para entregar à sua tia Nene, na Corte Seelie. Mas a maior parte de seu pensamento estava em sua família.

— Não são aqueles idiotas que estão realmente incomodando você — falou Aline. Elas estavam de pé sobre uma elevação a alguma distância do Instituto. Dali era possível ver o deserto, coberto de flores silvestres e vegetação rasteira verde, além do oceano, azul e reluzente abaixo. Na Ilha Wrangel também tinha mar, frio, gélido e belo, mas de modo algum convidativo. Este era o mar da infância de Helen, o mar dos longos dias pulando nas ondas com as irmãs e os irmãos. — Você pode me contar qualquer coisa, Helen.

— Eles me odeiam — disse Helen, baixinho.

— Quem te odeia? — quis saber Aline. — Eu vou matar todos.

— Meus irmãos e irmã — falou Helen. — Mas, por favor, não os mate.

Aline pareceu confusa.

— Como assim eles te odeiam?

— Ty me ignora — emendou Helen. — Dru é grosseira comigo. Tavvy detesta o fato de eu não ser Julian. E Mark... bem, Mark não me odeia, mas parece totalmente distante. Não consigo aproximá-lo da gente.

Aline cruzou os braços e fitou pensativamente o oceano. Essa era uma das coisas que Helen adorava em sua mulher. Se ela propusesse qualquer coisa, Aline avaliaria a situação de todos os ângulos; ela nunca era indiferente.

— Falei para Julian dizer a todas as crianças que eu estava feliz na Ilha Wrangel — falou Helen. — Eu não queria que eles se preocupassem. Mas agora... acho que eles acreditaram que eu passei todos esses anos sem me importar por ter sido separada deles. Eles não sabem quanta saudade eu senti. Não sabem como eu me senti horrível por Julian ter assumido toda a responsabilidade durante todos esses anos. Eu não *sabia*.

— A questão é — falou Aline — que eles não veem você apenas como substituta de Julian, como a pessoa que cuida deles. Você também entrou em suas vidas no momento em que Livvy os deixou.

— Mas eu também amava Livvy! Também sinto falta dela...

— Eu sei — falou Aline delicadamente. — Mas eles são só crianças. Estão tomados pela tristeza e revidando. *Eles* não entendem que é por isso que estão zangados. Eles só sentem as coisas.

— Não estou dando conta. — Helen tentou manter a voz firme, mas era quase impossível. Torcia para que seu estresse fosse disfarçado pelo som das ondas quebrando abaixo, mas Aline a conhecia muito bem e sentia que Helen estava



chateada, mesmo havendo muito esforço para não demonstrar isso. — É difícil demais.

— Amorzinho. — Aline se aproximou e a envolveu num abraço, roçando os lábios suavemente nos dela. — Você dá conta, sim. Você é capaz de qualquer coisa.

Helen relaxou nos braços da mulher. Quando conhecera Aline, achara que a outra era mais alta do que ela, mas depois percebera que era somente por conta da postura altiva de Aline. A Consulesa, sua mãe, tinha a mesma postura, e com o mesmo orgulho... Não que alguma delas fosse arrogante, mas a palavra parecia mais próxima do que Helen imaginava ser mera confiança. Ela se lembrou do primeiro bilhete de amor que Aline lhe escrevera. *O mundo mudou, pois de marfim e ouro você se formou. As curvas de seus lábios reescrevem a história.* Mais tarde, ela descobrira ser uma citação de Oscar Wilde e, sorrindo, dissera a Aline: *Você tem muita coragem.*

Aline retribuía a encarando com firmeza. *Eu sei. Tenho mesmo.*

As duas sempre tiveram, e lhes fora muito útil. Mas esta não era uma situação onde a coragem tivesse tanta importância quanto a paciência. Helen estivera cheia de expectativas de que os irmãos e a irmã mais novos seriam capazes de amá-la; de certa forma, ela precisava disso. Agora, percebia que precisaria demonstrar seu amor primeiro.

— Por um lado, a raiva significa coisas boas — falou Aline. — Significa que eles sabem que você sempre vai amá-los, incondicionalmente. Em algum momento eles vão parar de testar você.

— Tem um meio de acelerar o “em algum momento”?

— Ajuda pensar como “num dia desses”?

Helen fungou e riu.

— Não.

Aline a afagou delicadamente no ombro.

— Valeu a tentativa.

Havia uma dezena ou mais de guardas postados quando Emma e Julian voltaram para casa. Era um dia claro, e o sol reluzia nas espadas penduradas nos ombros deles e na água do canal.

Quando subiram os degraus, Dane Larkspear estava estatelado num dos lados da entrada, o rosto pálido de cachorro sob uma cabeleira preta desgrenhada. Ele piscou para Emma quando Julian, ignorando-o, esticou a mão para pegar sua estela.

— Que bom ver você.

— Não posso dizer o mesmo — falou Emma. — Onde está sua gêmea do mal? E eu falo literalmente. Ela é sua gêmea e ela é do mal.

— Sim, eu entendi isso — falou Dane, revirando os olhos. — Samantha está na Scholomance. E vocês têm convidados.

Emma ficou tensa.

— Dentro de casa? Os guardas não têm obrigação de mantê-los fora daqui?

Dane deu uma risadinha.

— Ora. Nossa obrigação é manter vocês aqui dentro.

Julian desenhou um símbolo para abrir a porta e lançou a Dane um olhar sombrio.

— Quinze contra dois?

O sorriso irônico de Dane se abriu mais ainda.

— Só estamos mostrando quem manda — falou. — Nós estamos no controle. E eu não me sinto nem um pouco mal sobre isso.

— Não deveria mesmo — falou Julian, entrando na casa.

— E só pra constar, eu ainda não estava me sentindo péssima em relação a esta situação — resmungou Emma, e acompanhou Julian. Ela estava apreensiva; não gostara nadinha do jeito como Dane dissera a palavra “convidados”. Fechou lentamente a porta da frente, a mão já a postos no cabo da adaga no cinto de armas.

Ouviu Julian chamar seu nome.

— Na cozinha — falou. — Está tudo bem, Emma.

Normalmente ela confiava em Julian mais do que em si mesma. Mas agora as coisas eram diferentes. Seguiu cuidadosamente até a cozinha, e só tirou a mão da adaga ao ver Isabelle sentada junto à mesa, as longas pernas cruzadas. Vestia um casaco curto de veludo e uma saia comprida de tule. O brilho intenso das joias de prata reluzia nos pulsos e tornozelos.

Simon estava sentado em uma das cadeiras, com os cotovelos sobre a mesa e os óculos escuros no alto da cabeça.

— Espero que não se importem — falou. — Os guardas nos deixaram entrar.

— De modo algum — disse Julian, se apoiando contra a bancada. — Só estou surpreso por terem deixado.

— Persuasão amigável — falou Isabelle, e deu um sorriso que mostrava todos os dentes. — A Tropa não tem todo o poder ainda. Nós ainda conhecemos um monte de gente do alto escalão.

— Onde vocês estavam? — quis saber Simon. — Os guardas não nos disseram nada.

— O Inquisidor queria conversar com a gente — falou Emma.

Simon franziu a sobrancelha.

— Dearborn? Você quer dizer que ele queria interrogar vocês?

— Não exatamente. — Emma tirou o casaco e o pendurou nas costas de uma cadeira. — Ele queria que lhe fizéssemos um favor. Mas o que vocês estão fazendo aqui?

Isabelle e Simon se entreolharam.

— Temos notícias ruins — falou Simon.

Emma olhou fixamente para os dois. Izzy parecia cansada, Simon, tenso, mas isso não era de admirar. Ela nem queria imaginar a própria aparência.

— Meus irmãos e irmãs... — começou Julian, com a voz rouca, e Emma o encarou; ela se lembrou do que ele dissera sobre escalar *a pira para buscar Ty; foi por atavismo, pela necessidade de protegê-lo, não havia pensamento consciente.*

— Não é isso — falou Simon. — Jace e Clary não voltaram no prazo marcado.

Sem dizer nada, Emma afundou numa cadeira à frente de Simon.

— Isso é interessante — observou Julian. — O que vocês acham que aconteceu?

Simon o fitou com expressão estranha. Isabelle o cutucou com o joelho e, apesar da surpresa e da preocupação, Emma a ouviu murmurar alguma coisa sobre a irmã de Julian ter acabado de morrer e ele ainda estar em choque.

— Talvez eles tenham se atrasado porque o tempo é diferente no Reino das Fadas — observou Emma. — Ou eles pegaram um dos medalhões?

— Eles não são afetados pela magia do tempo no Reino das Fadas por causa do sangue do anjo — explicou Isabelle. — Por isso a Clave os enviou. As Marcas ainda funcionam, mesmo nas regiões com a Praga. — Ela franziu a testa. — Que medalhões?

— Ah. — Emma trocou um olhar com Julian. — A Clave tem medalhões que evitam a passagem do tempo no Reino das Fadas. Dearborn nos deu um.

Isabelle e Simon se entreolharam, perplexos.

— O quê? Por que ele lhes daria...?

— O favor que Dearborn nos pediu — falou Julian. — Inclui viajar para o Reino das Fadas.

Simon se endireitou na cadeira, trincando o queixo de um modo que fez Emma se lembrar de que ele não era apenas o noivo gentil de Isabelle Lightwood, mas também um herói por méritos próprios. Ele tinha derrotado o Anjo Raziel em pessoa. Poucos, além de Clary, podiam dizer isso.

— Ele fez o quê?

— Eu vou explicar — falou Julian, e então o fez, com uma economia seca e desbotada de emoções. Pouco importava, pois quando acabou, Isabelle e Simon

estavam furiosos.

— Como ele ousa — começou Simon. — Como ele pode pensar...

— Mas ele é o Inquisidor agora. E saberia que Clary e Jace não voltaram — interrompeu Isabelle. — A Clave sabe que é perigoso, sobretudo, agora. Por que mandariam vocês?

— Porque Annabel fugiu para o Reino das Fadas e ele acha que Annabel é problema nosso — falou Emma.

— Isso é ridículo; vocês são apenas crianças — falou Simon.

Isabelle deu um chute levinho nele.

— Nós fizemos um monte de coisas quando éramos crianças.

— Porque *tivemos* que fazer — retrucou ele. — Não tivemos escolha. — E se virou novamente para Emma e Julian. — Nós podemos tirar vocês daqui. Podemos esconder vocês.

— Não — falou Julian.

— Ele quer dizer que nós também não temos escolha — falou Emma. — Tem uma chance enorme de o *Volume Preto* ser usado por Annabel ou pelo Rei Unseelie para algum fim terrível. Não temos como saber quem pode se ferir, e temos melhores chances de encontrar o livro. Ninguém lidou com Annabel durante séculos... e de um jeito estranho, Julian é quem a conhece melhor.

— E nós podemos procurar Jace e Clary. Horace não vai mandar ninguém mais atrás deles — falou Julian.

Isabelle parecia irritada.

— Porque ele é um idiota, é isso?

— Porque ele não gosta do apoio que eles têm ou do modo como as pessoas vão atrás deles, de Alec e de vocês — falou Julian. — Quanto mais tempo eles ficarem longe, melhor para ele. Horace quer consolidar seu poder... ele não precisa de heróis voltando pra casa. Tenho certeza de que Jia vai tentar ajudar, mas ele não vai facilitar a vida dela. Ele sempre pode criar obstáculos.

Julian estava muito pálido e os olhos pareciam o azul da pulseira de vidro marinho dele. Seu *parabatai* podia até não sentir nada, pensou Emma, mas ele ainda compreendia muito bem os sentimentos alheios. Ele havia apresentado o único argumento que Simon e Isabelle não conseguiriam contestar: a segurança de Clary e Jace.

Ainda assim, Simon tentou.

— Nós podemos pensar em alguma coisa — falou. — Num jeito de procurá-los. A oferta para esconder vocês permanece.

— Eles vão maltratar a minha família se eu desaparecer — falou Julian. — Esta é a nova Clave.

— Ou talvez apenas a Clave que sempre esteve escondida sob a antiga —

retrucou Emma. — Vocês prometem que não vão contar a ninguém, nem mesmo a Jia, sobre a nossa ida ao Reino das Fadas?

*Ninguém pode saber. Se Jia confrontar Horace, ele vai contar nosso segredo.*

Simon e Isabelle pareciam confusos, mas ambos prometeram.

— Quando foi que pediram para vocês irem? — quis saber Isabelle.

— Em breve — respondeu Julian. — Só viemos aqui para arrumar nossas coisas.

Simon praguejou baixinho. Isabelle balançou a cabeça; em seguida, se inclinou e tirou uma correntinha do tornozelo fino. Ela a estendeu na direção de Emma.

— É ferro abençoado. Venenoso para as fadas. Use-a e vai golpear bem mais forte.

— Valeu. — Emma pegou a corrente e enrolou duas vezes no pulso, prendendo-a firmemente.

— Eu tenho alguma coisa de ferro? — Simon olhou em volta rapidamente, enfiou a mão no bolso e sacou uma miniatura de um arqueiro. — É meu personagem de *Dungeons & Dragons*, Lorde Montgomery...

— Ai, meu Deus — falou Isabelle.

— A maior parte dessas figuras é de estanho, mas esta aqui é de ferro. Consegui no site Kickstarter. — Simon entregou-o a Julian. — Leve. Pode ser útil.

— Não entendi metade das coisas que você falou, mas valeu assim mesmo — agradeceu Jules, e guardou o bonequinho no bolso.

Fez-se um silêncio constrangido. Foi Isabelle quem o interrompeu, e seus olhos escuros foram de Julian a Emma, e vice-versa.

— Obrigada — falou. — Aos dois. Isso é uma coisa incrivelmente corajosa. — Ela respirou fundo. — Quando encontrarem Clary e Jace, e eu sei que vocês vão encontrar, contem a Jace sobre Robert. Ele precisa saber o que está acontecendo com sua família.

## 7

### Flores de Pedra

Era uma noite límpida na Califórnia, com vento quente soprando do deserto, e a lua brilhava e, sem dúvida, estava alta no céu quando Cristina se esgueirou pela porta dos fundos do Instituto, porém hesitando no primeiro degrau.

Tinha sido uma noite bem estranha — Helen e Aline haviam preparado espaguete e deixado a panela no fogão para que quem gostasse pudesse se servir. Cristina comera com Kit e Ty, distante e com olhos brilhantes, absorta em seu mundinho particular; a certa altura, Dru surgira carregando tigelas, colocando-as na pia.

— Eu jantei com Tavvy no quarto dele — anunciara, e Cristina, sentindo-se completamente perdida, gaguejara alguma coisa sobre ficar contente por eles terem comido.

Mark nem sequer dera as caras.

Cristina ficara aguardando até meia-noite para botar um vestido e a jaqueta jeans e sair para se encontrar com Mark. Era estranho ter as próprias roupas de volta, seu quarto com a *árbol de vida*, seus lençóis e cobertores. Não era bem como voltar para casa, mas era próximo disso.

Ela parou no topo da escada. Ao longe, as ondas oscilavam e se quebravam. Certa vez ela ficara parada ali, observando Kieran e Mark se beijarem, e Kieran abraçando Mark como se este fosse tudo no mundo.

Agora parecia que tinha sido havia muito tempo.

Ela desceu os degraus e o vento levantou a barra do vestido amarelo-claro, inflando a saia e fazendo-a parecer uma flor. O “estacionamento” era, na verdade, um grande retângulo de areia onde ficava o carro do Instituto — pelo menos não fora incendiado pelos Centuriões, o que já era alguma coisa. Perto dali ficavam as estátuas de dramaturgos e filósofos gregos e romanos que Arthur

Blackthorn colocara lá, brilhando palidamente sob as estrelas. Elas pareciam deslocadas em meio à vegetação rasteira das colinas de Malibu.

— Dama das Rosas — falou uma voz atrás dela.

Kieran!, pensou Cristina e se virou. Mas obviamente não era Kieran. Era Mark, com os cabelos louro-claros desgrenhados, jeans azul e uma camisa de flanela que ele abotoara errado. *A essência de Mark* nele a fez corar, em parte pela proximidade e, em parte, porque por um segundo ela pensara ser outra pessoa.

Era só que Kieran era o único que a chamava de Dama das Rosas.

— Não consigo suportar todo esse ferro — falou Mark, e soou mais cansado do que ela já ouvira alguém soar. — Não consigo suportar esses espaços fechados. E senti tanto a sua falta. Você vai para o deserto comigo?

Cristina se lembrou da última vez que estiveram no deserto e no que ele tinha dito. Ele tocara seu rosto: *Estou imaginando você aqui? Eu estava pensando em você, e agora você está aqui.*

Fadas não conseguiam mentir, no entanto, Mark conseguia, e ainda assim fora a dolorosa sinceridade exalada por ele a responsável por apertar o coração de Cristina.

— Com certeza eu vou — disse ela.

Ele deu um sorriso que iluminou seu rosto. Cruzou o estacionamento, com Cristina ao lado, seguindo uma trilha quase invisível entre a vegetação emaranhada e as rochas cobertas de samambaias.

— Eu costumava caminhar por aqui com frequência quando era mais novo — disse ele. — Antes da Guerra Maligna. Eu vinha para cá pensar nos meus problemas. Ruminar sobre eles ou como queira chamar.

— Que problemas? — provocou ela. — Amorosos?

Ele riu.

— Eu nunca tinha namorado sério até então — falou ele. — Vanessa Ashdown por uma semana, mais ou menos, mas apenas... bem, ela não era muito agradável. Então eu tive uma queda por um menino do Conclave, mas a família voltou para Idris depois da Guerra Mortal e agora eu nem me lembro do nome dele.

— Ai, meu Deus — falou ela. — Agora você olha para os meninos em Idris e pensa que “talvez seja ele”?

— Ele estaria com uns vinte anos agora — falou Mark. — E até onde eu sei, está casado e tem uma dúzia de filhos.

— Com vinte anos? — falou Cristina. — Ele teria que ter trigêmeos todo ano durante quatro anos.

— Ou sêxtuplos duas vezes — falou Mark. — É possível.

Agora ambos estavam rindo, baixinho, do modo como riem as pessoas que simplesmente estão felizes quando estão juntas. *Eu senti sua falta*, dissera ele e, por um momento, Cristina fez questão de esquecer os últimos dias e de ficar feliz por estar com Mark nesta bela noite. Ela sempre amara as linhas marcantes dos desertos: os emaranhados reluzentes de artemísia e espinheiros, as sombras imensas das montanhas ao longe, o cheiro dos pinheiros e do cedro, a areia dourada, que se prateava com o luar. Quando eles atingiram o topo plano de um morro de encosta íngreme, o solo abaixo desapareceu, e Cristina pôde ver, ao longe, o mar, o brilho tocado pelo vento alcançando o horizonte num sonho de prata e preto.

— Este é um dos meus lugares favoritos. — Mark afundou na areia, reclinando-se apoiado nas mãos. — O Instituto e a autoestrada ficam escondidos e o mundo inteiro desaparece. É só você e o deserto.

Ela se sentou ao lado dele. A areia ainda quente por causa da luz do sol absorvida durante o dia. Ela enterrou os dedos, feliz por estar de sandália.

— Era aqui que você costumava vir pra pensar?

Ele não respondeu. Parecia absorto, olhando para as próprias mãos; elas tinham leves cicatrizes por toda parte, calosas como a mão de qualquer Caçador de Sombras, a Marca da Visão se destacando na mão direita.

— Não tem problema — falou ela. — Não tem problema não suportar o ferro, ou espaços confinados, cômodos trancados, a vista do oceano ou qualquer outra coisa. A sua irmã acabou de falecer. Nada do que você sinta estaria errado.

O peito dele subiu com um suspiro trêmulo.

— E se eu contasse... se eu contasse que estou em luto pela minha irmã, mas que há cinco anos decidi que ela já estava morta, que toda a minha família estava morta e que, de certa forma, eu já chorei por ela? Que meu luto é diferente do luto do restante da família e que, portanto, não posso falar com eles sobre isso? Eu a perdi, depois eu a ganhei, e aí a perdi de novo. É mais como se tê-la fosse um breve sonho.

— Talvez porque seja mais fácil pensar assim — falou ela. — Quando perdi Jaime... embora não seja a mesma coisa..., mas quando ele desapareceu e nossa amizade terminou, eu chorei por ele apesar da raiva, e então comecei a me perguntar vez ou outra se ele havia sido só um mero sonho. Ninguém mais falava dele, aí comecei a pensar que talvez ele nunca tivesse existido. — Ela puxou os joelhos para perto do corpo e os abraçou. — E então eu vim para cá, e ninguém o conhecia, e aí passou a parecer mais ainda que ele nunca existiu.

Mark olhava para ela agora. Ele era prateado e branco sob o luar, e tão bonito que Cristina sentiu um aperto no coração.

— Ele era o seu melhor amigo.



— Ele ia ser o meu *parabatai*.

— Então você não o perdeu simplesmente — falou Mark. — Você perdeu aquela Cristina. A que tinha um *parabatai*.

— E você perdeu aquele Mark — falou ela. — O que era irmão de Livia.

Ele deu um sorriso amargo.

— Você é sábia, Cristina.

Ao ver o sorriso de Mark, ela se retesou contra os sentimentos que cresciam em seu âmago.

— Não. Sou muito boba.

Os olhos dele endureceram.

— E Diego. Você também o perdeu.

— Sim — falou ela. — E eu o amava... ele foi meu primeiro amor.

— Mas você não o ama agora? — Os olhos dele tinham escurecido; de azul e dourado a um preto profundo.

— Você não deveria ter que perguntar — murmurou ela.

Mark esticou o braço na direção dela; os cabelos de Cristina estavam soltos e ele segurou uma mecha e a girou no dedo, o toque impossivelmente gentil.

— Eu precisava saber — falou. — Precisava saber se podia beijá-la e se não teria problema.

Sem conseguir falar, ela assentiu e ele enredou as mãos nos cabelos dela, erguendo as mechas na altura do rosto e beijando-as.

— Dama das Rosas — murmurou. — Seus cabelos são como rosas pretas. Há muito tempo eu estava querendo você.

*Me queira então. Me beije. Tudo. Tudo, Mark.* Os pensamentos de Cristina se dissolveram quando ele se inclinou para ela; e quando ela murmurou de encontro aos lábios dele, o fez em espanhol.

— *Bésame*, Mark.

Eles afundaram na areia, enroscados, as mãos de Mark passando pelos cabelos de Cristina. A boca dele era cálida na dela e, depois, muito quente, e a delicadeza se fora, substituída por uma intensidade feroz. Era maravilhosamente semelhante a uma queda; ele a posicionou debaixo de si, a areia aninhando o corpo dela e as mãos de Mark percorrendo-o, e ela tocando todos os lugares nele que ansiava tocar: os cabelos, o arco das costas, as asas das omoplatas.

Ele já estava tão mais *presente* do que quando viera pela primeira vez ao Instituto, quando parecera que um vento forte poderia soprá-lo para longe. Ele engordara, ganhara músculos, e ela gostava da solidez dele, dos músculos longos e elegantes ao longo da coluna, da largura e do calor dos ombros. Ela enfiou as mãos por baixo da camisa onde a pele era macia e queimava, e ele arfou de encontro à sua boca.

— *Te quiero* — murmurou Mark, e ela deu uma risadinha.

— Onde foi que você aprendeu isso?

— Eu pesquisei — falou ele, segurando a nuca de Cristina e beijando suas bochechas e seu queixo. — É verdade. Eu te adoro, Cristina Mendoza Rosales, filha das montanhas e das rosas.

— Eu também te adoro — murmurou ela. — Embora seu sotaque seja horrível, eu te adoro, Mark Blackthorn, filho dos espinhos. — Ela passou a mão em torno do rosto dele e sorriu. — Embora você não seja tão espinhoso.

— Você preferia que eu tivesse uma barba? — provocou Mark, esfregando a bochecha contra a dela, e ela deu uma risadinha e murmurou que a camisa estava abotoada errada. — Eu posso resolver isso — falou ele, tirando a peça; ela notou que botões foram arrancados e torceu para que aquela não fosse a camisa favorita dele.

Então ficou extasiada diante de sua bela pele nua, cheia de cicatrizes. Os olhos de Mark escureceram ainda mais; agora estavam pretos como as profundezas do oceano, tanto o azul quanto o dourado.

— Adoro o jeito como você olha para mim — falou ele.

Os dois pararam de rir; Cristina deslizou as palmas pelo peito nu dele, pela barriga até o cós do jeans, e Mark semicerrou os olhos, descendo as mãos até os botões na frente do vestido dela. Cristina continuava a tocá-lo enquanto ele abria o vestido, da gola até a bainha, e o tirava. Agora estava deitada sobre o próprio vestido, de sutiã e calcinha apenas.

Cristina meio que esperara sentir algum tipo de constrangimento. Sempre sentira algo assim com Diego. Mark, porém, a olhava como se estivesse surpreso, como se tivesse aberto um presente e descoberto a única coisa que ele sempre desejara.

— Posso tocar você? — pediu ele, e quando ela respondeu que sim, ele soltou o ar, com a respiração entrecortada. Lentamente, foi baixando sobre o corpo dela, beijando sua boca, e Cristina envolveu os quadris dele com as pernas, o ar do deserto na pele nua assemelhando-se a seda.

Ele traçou uma trilha de beijos pelo pescoço de Cristina; beijou onde o vento tocava sua pele, na barriga, nos seios e nos montinhos dos quadris. Quando ele deslizou por seu corpo e voltou a beijá-la na boca, ela tremia. *Eu quero tocá-lo, eu preciso muito tocá-lo*, pensou ela vagamente; aí foi deslizando a mão pelo corpo de Mark e sob o cós do jeans. Ele inspirou com força, murmurando, entre beijos, que ela não parasse. O corpo de Mark acompanhava o movimento da mão dela, e os quadris dele pressionavam o corpo dela com mais força. Até que de repente ele se afastou, sentando-se, ofegante.

— Nós temos que parar... ou isso vai acabar *agora* — falou ele. E Cristina

não se recordava de já tê-lo visto soando mais humano do que fada antes.

— Você me pediu para não parar — observou ela, sorrindo.

— Foi mesmo? — confirmou ele, e pareceu surpreso. — Eu quero que seja bom para você também, Cristina — falou. — Não sei o que você e Diego...

— Não fizemos — interrompeu ela. — Eu sou virgem.

— Você é? — Ele parecia absolutamente chocado.

— Eu não estava pronta — disse ela. — Agora estou.

— Eu só pensei... vocês namoraram por um bom tempo...

— Nem todos os relacionamentos têm o sexo como cerne — falou e, em seguida, se perguntou se dizer isso deitada e seminua numa colina tornava a afirmação menos convincente. — As pessoas só deveriam fazer sexo se quisessem, e eu quero fazer com você.

— E eu quero fazer com você — repetiu ele, e seus olhos suavizaram. — Mas você tem o Símbolo?

*O Símbolo.*

A marca para fins anticoncepcionais. Cristina nunca tinha usado; ela jamais se imaginara prestes a precisar de uma.

— Ai, *não* — falou. — Minha estela ficou lá embaixo no Instituto.

— A minha também — retrucou Mark. Cristina quase riu ao ver a expressão de decepção dele, mas ela sentia a mesma coisa. — Ainda assim — falou Mark, se animando —, há muitas outras coisas que eu posso fazer para te proporcionar prazer. Posso?

Cristina se ajeitou na areia, sentindo que podia morrer de tanto corar.

— Está bem.

Ele voltou aos braços dela, eles se abraçaram e se beijaram durante toda a noite, e ele a tocou e mostrou que, de fato, sabia como lhe dar prazer — tão bem que ela estremeceu em seus braços e abafou os gritos de encontro ao ombro dele. E depois ela fez a mesma coisa por Mark, e desta vez ele não pediu para parar, e sim arqueou as costas e gritou o nome dela, murmurando depois que a adorava, que ela o fazia se sentir completo.

Eles decidiram voltar para o Instituto quando a manhã começou a deixar o céu rosado e dedos de luz iluminavam o topo da colina. Seguiram caminhando de volta pela trilha de mãos dadas, e só soltaram quando chegaram à porta dos fundos do Instituto. Estava emperrada quando Mark a empurrou, então ele pegou sua estela e rapidamente desenhou um símbolo de Abertura na madeira.

A porta se abriu e ele a segurou para Cristina, que se esgueirou atrás dele na entrada. Ela se sentia incrivelmente desarrumada, com areia grudada em metade do corpo e os cabelos numa confusão embaraçada. A aparência de Mark não era muito melhor, sobretudo, considerando que a maior parte dos botões da camisa

tinham se soltado.

Ele sorriu para ela, um sorriso doce, digno de derreter corações.

— Amanhã à noite...

— Você está com a sua estela — observou Cristina.

Ele piscou.

— O quê?

— Você está com a sua estela. Você me disse que não estava, quando precisei do símbolo anticoncepcional. Mas você acabou de usar para abrir a porta.

Ele desviou o olhar e qualquer esperança de Cristina de que tivesse sido um mero esquecimento ou equívoco desapareceu.

— Cristina, eu...

— Eu só não sei por que você mentiu para mim — falou ela.

Aí deu as costas para ele e subiu a escada que conduzia ao quarto. Seu corpo estivera cantarolando de felicidade; agora ela se sentia confusa, grudenta e louca por um banho. Ouviu Mark chamar, mas não se virou.

Diego dormia e estava tendo sonos inquietos com piscinas de água azul na qual uma mulher morta flutuava. Por isso ele ficou só um tiquinho aborrecido ao ser acordado pelo impacto de uma bota voadora.

Ele se sentou e automaticamente esticou o braço para pegar o machado que ficava perto da cama. Em seguida, uma bola feita de meias o atingiu; não machucou, mas foi bem irritante.

— O que foi? — balbuciou ele. — O que está acontecendo?

— *Acorde* — falou Divya. — Pelo Anjo, você ronca feito um motor de popa.

— Ela fez um gesto para ele. — Vista as roupas.

— Por quê? — quis saber Diego, num tom que ele considerava um tanto razoável.

— Eles pegaram Kieran — falou Divya.

— Quem pegou Kieran? — Diego já estava de pé, pegando um suéter antes de calçar as meias e botas.

— A Tropa — falou Divya. Também parecia ter acabado de acordar; os cabelos volumosos e escuros estavam embaraçados e ela vestia um casaco aberto sobre o uniforme. — Eles invadiram meu quarto e o agarraram; tentamos enfrentá-los, mas eram muitos.

O coração de Diego acelerou: Kieran estava sob sua proteção. Se ele fosse ferido, Diego teria falhado não apenas com Cristina, mas consigo. Ele pegou o machado.

— Pare, Diego — falou Divya. — Você não pode matar Manuel a

machadadas. Ele ainda é um dos *alunos*.

— Está bem. Vou levar uma lâmina mais curta. — Diego pendurou o machado na parede com uma pancada e esticou a mão para pegar uma adaga. — Para onde eles levaram Kieran?

— Para o Lugar do Reflexo ou, pelo menos, foi o que disseram — falou Divya. — Rayan está lá fora, procurando por eles. Vamos.

Diego limpou da cabeça as últimas teias de aranha de sono e foi correndo atrás da amiga. Eles se apressaram pelos corredores, chamando Rayan.

— O Lugar do Reflexo — falou Diego. — Não parece tão ruim. É uma sala para meditação silenciosa ou...?

— *Não*. Você não está entendendo. É chamado assim porque tem um espelho d'água, mas não é um espelho d'água normal. Algumas pessoas o chamam de Lugar da Rocha.

Ah. Diego sabia sobre o Lugar da Rocha, uma sala secreta onde diziam haver uma piscina com água encantada. Olhar dentro da água era como olhar para a própria alma e ver todo o mal que você já fizera, intencionalmente ou não.

— É terrível para qualquer pessoa — falou Divya. — Mas poderia matar alguém da Caçada Selvagem.

— *O quê?* — Eles dobraram uma esquina e se depararam com um brilho de luz. Era Rayan, de pé, no meio do corredor, com uma expressão sombria. Ele trazia uma espada imensa presa às costas.

— Eles acabaram de entrar no Lugar da Rocha — falou. — Não deu para segui-los... Eu não trouxe a estela. Um de vocês trouxe?

— Eu trouxe — falou Diego, e eles correram por um pequeno corredor inclinado até um par de portas fechadas. Risos altos irromperam do interior do recinto.

Diego desenhrou rapidamente um símbolo de Abertura na porta. Ela se abriu com uma nuvem de ferrugem e eles entraram correndo.

O Lugar da Rocha era um espaço amplo, com soalho de granito e sem mobília. As paredes eram de pedra bruta e reluziam com mica. No centro, via-se uma piscina ladeada por azulejos, com água tão transparente e límpida que refletia como um espelho. Letras de metal dourado decoravam o soalho: *E Deus abriu a rocha, e dela saiu água*.

— Ora, graças ao Anjo — balbuciou Manuel, apoiado na parede oposta com ar de total desinteresse. — Vejam quem está aqui para salvar todo mundo.

Zara deu uma risadinha. Estava cercada por um grupo de integrantes da Tropa, entre eles, Diego reconheceu alguns alunos da Scholomance e seus parentes. Mallory Bridgestock e Milo Coldridge. Anush Joshi, primo de Divya. Alguns Centuriões também estavam lá: Timothy Rockford, Samantha Larksphear

e Jessica Beausejours sorriam com desdém enquanto Anush arrastava Kieran em direção à piscina no centro do recinto. Kieran se sacudia e se contorcia nas mãos do outro; havia sangue em seu rosto e na camisa.

— Um castigo justo para o príncipezinho, não acham? — falou Zara. — Se você olhar ou nadar nas águas da piscina, sente a dor que infligiu aos outros. Então, se ele for inocente, não vai ter problema.

— Ninguém é tão inocente assim — falou Rayan. — A piscina é para ser usada com parcimônia, para permitir que os alunos busquem a verdade dentro de si mesmos. Não como uma máquina de tortura.

— Um pensamento interessante, Rayan — falou Manuel. — Obrigado por compartilhar. Mas não estou vendo Gladstone entrar correndo aqui para nos impedir, você está? Será que você quer arrumar problemas por abrigar uma fada fugitiva?

— Interessante que você saiba tantas coisas sobre Kieran — falou Divya. — Será que você sabia que ele estava aqui e não quis informar só para poder torturá-lo e matá-lo pessoalmente?

Ela estava certa, pensou Diego, mas nada disso estava ajudando Kieran, que sufocava e engasgava no próprio sangue.

*Eu jurei protegê-lo.* Diego esticou a mão para pegar o machado, mas se deu conta de que não o tinha trazido. Zara semicerrou os olhos e então os revirou; Divya tinha retirado a espada de Rayan da bainha e estava apontando para a Tropa.

— Chega — falou ela. — Parem todos com isso. E estou particularmente envergonhada de você, Anush — emendou ela, lançando ao primo um olhar sombrio. — Você sabe como é ser tratado de modo injusto. Quando sua mãe descobrir...

Anush empurrou Kieran, que aterrissou na beirada da piscina com um gemido de agonia. *Afasto-me da água*, pensou Diego, mas Kieran estava nitidamente ferido; ele se ajoelhou onde estava, confuso e arfando.

— Só estamos nos divertindo um pouquinho — protestou Anush.

— O que você vai fazer, Divya, nos atacar? — quis saber Samantha. — Só por estarmos nos divertindo um bocadinho?

— Ele está sangrando — falou Diego. — Isso é mais do que “se divertir um bocadinho”. E o que vai acontecer se vocês o matarem? Querem realmente lidar com as consequências? Ele é o filho do Rei Unseelie.

Ouviu-se um rumor de descontentamento entre a Tropa. Era evidente que eles não tinham pensado nisso.

— Muito bem, muito bem — falou Zara. — Podem ser estraga-prazeres. Mas eu sabia que ele estava aqui, escondido no seu quarto. Eu vi a bolota vazia no

chão. Então isso é sua culpa. Se você não o tivesse trazido para cá, nada disso teria acontecido.

— Dá um tempo, Zara — falou Divya, ainda segurando a espada horizontalmente. — Diego, pegue Kieran.

Diego começou a cruzar o cômodo bem na hora que Manuel falou:

— Por que você não olha para a água, Rocio Rosales? — provocou. — Se você acha que a sua alma é tão pura, não deve ser doloroso para você.

— *Cállate la pinche boca* — falou Diego bruscamente, quase ao lado de Kieran; o príncipe fada tossia, com sangue nos lábios. Tinha começado a se erguer quando Manuel se moveu com a velocidade de uma cobra e, chutando as costas de Kieran, o lançou dentro da água.

Diego correu, agarrando as costas da camisa de Kieran, mas não sem antes a fada molhar o rosto todo com água da piscina. Diego o puxou para trás, tossindo e arfando, e tentou botá-lo de pé; Kieran cambaleou e Rayan o segurou.

— Saiam agora — falou Samantha, avançando para eles. — Quando o Inquisidor souber disso...

— Samantha! — gritou Jessica, alarmada, mas era tarde demais; Samantha tinha escorregado na água da beirada da piscina, caindo na água com um grito.

— Pelo Anjo. — Divya baixou a espada e ficou observando. — Ela está...

Samantha apareceu na superfície, gritando. Era um grito terrível, como se ela estivesse morrendo ou vendo alguém que amava morrer. Era um grito de pavor, repugnância e infelicidade.

Os integrantes da Tropa ficaram imóveis, espantados, somente uns poucos foram até Samantha. Então as mãos de alguém a alcançaram na água, agarrando seus braços e retirando-a dali.

As mãos de Kieran. Ainda tossindo sangue, ele depositou Samantha na lateral da piscina. Ela rolou, vomitando e engasgando água, então Zara se meteu entre ela e o príncipe fada.

— Fique longe dela — rosnou.

Kieran se virou e saiu mancando até Diego, que o aparou quando ele quase desabou. A Tropa agora estava ocupada com Samantha. Não havia tempo a perder. Quando Diego saiu correndo do recinto, sustentando Kieran junto com Rayan, e Divya seguindo atrás com a espada, ele quase teve certeza de que Manuel estava se acabando de rir.

— Muito bem — falou Julian. — Vamos ver o que temos aqui.

Eles estavam num local que Emma descreveria como uma clareira. Clareiras eram o tipo da coisa com a qual ela não tinha muita experiência — não havia

muitas em Los Angeles —, mas esta definitivamente era uma: aberta e coberta de relva, cercada por árvores, cheia de luz do sol e do zumbido baixo do que poderiam ter sido insetos ou pixies minúsculas.

Nunca dava para se ter certeza no Reino das Fadas.

Ela ainda estava tonta por causa da viagem através do portão das fadas, enterrado no fundo dos bosques da Floresta Brocelind. Como Horace sabia desse tipo de coisa, ela não conseguia imaginar. Talvez fossem informações dadas a todos os altos oficiais da Clave. Ele se mostrara um tanto impaciente, quase empurrando-os pelo portão sem a menor cerimônia, mas não impaciente demais a ponto de se esquecer de entregar o medalhão a Emma, bem como mochilas pretas com armas, uniforme e comida a ambos.

A última coisa que ele dissera foi:

— Lembrem-se, vocês estão indo para a Corte Unseelie. Sigam o mapa.

*Um mapa não funcionaria no Reino das Fadas*, pensara Emma, mas Horace os empurrara na direção do portão de ramos retorcidos, e um momento depois ela estava caindo de joelhos sobre a grama verde, e o cheiro do Reino das Fadas invadia seu nariz e sua boca.

Ela esticou a mão e tocou o medalhão. Não tinha um anjo nele, como o de Cristina; na verdade, era como se um dia ele tivesse sido ornado com o brasão de uma família de Caçadores de Sombras que, desde então, fora arrancado. Caso contrário, seria muito semelhante ao colar dos Rosales. Era um peso reconfortante na base de seu pescoço.

— A Clave preparou uns sanduíches — falou Julian, remexendo na mochila. — Acho que vão servir só para hoje porque vão estragar. Tem pão, queijo, carne-seca e frutas. E garrafas de água.

Emma se aproximou dele para ver o que estava sendo tirado da mochila e espalhado na grama. Julian tinha providenciado dois cobertores cinza, uma variedade de armas (além das que traziam nos cintos) e roupas dobradas. Quando ele as sacudiu, deu para ver que eram de linho macio, em tons terrosos, amarradas com cordões, sem zíper ou botões.

— Roupas de fada — observou Emma.

— Uma boa ideia — falou Julian. As roupas incluíam uma camisa larga e comprida, calças amarradas na frente e coletes feitos de couro cru resistente. — É bom a gente se trocar. Quanto mais ficarmos com as roupas de Caçadores de Sombras, mais seremos um alvo.

Emma pegou o conjunto menor de roupas e foi se trocar atrás de um bosque. Devia ter pedido a Julian que a acompanhasse, sobretudo quando pulava num pé só, vestindo a calça com uma das mãos ao mesmo tempo que segurava o cinto de armas com a outra. Ela raramente se sentia vulnerável a ataques, mas mesmo que



Julian já a tivesse visto sem roupa, agora parecia estranho. Emma não tinha certeza de como esse novo Julian, que não tinha sentimentos, reagiria, e não tinha certeza se queria saber.

Pelo menos, as roupas de fada eram confortáveis, macias e largas. Quando ela saiu de trás das árvores, parou e piscou sob a luz forte por um instante, observando Julian.

Ela o viu se virar; ele segurava o que parecia um pedaço de pergaminho antigo e franzia a testa. Vestira a calça, mas estava nu da cintura para cima.

Emma sentiu um aperto no estômago. Tinha visto Julian sem camisa na praia centenas de vezes, mas, por alguma razão, isto era diferente. Talvez porque agora soubesse como era passar as mãos sobre os ombros dele, de um dourado pálido sob a luz do sol. Ele tinha músculos definidos e macios por todo o corpo, o abdômen perfeitamente definido. Ela beijara toda aquela pele ao mesmo tempo que ele passara as mãos por seus cabelos, dizendo *Emma, Emma*, com a voz mais gentil. Agora ela o fitava como uma observadora curiosa.

Mas não podia evitar. Havia alguma coisa naquilo — ilícita, angustiante —, como se Julian fosse um desconhecido perigoso. O olhar dela ficou passeando por ele: os cabelos, macios, escuros e volumosos se enrolavam onde tocavam a nuca; os quadris e clavícula formavam arcos elegantes sob a pele; as Marcas descreviam curvas e espirais no peito e nos bíceps. A Marca *parabatai* parecia brilhar sob o sol. E, em torno do pulso, o mesmo trapo de tecido vermelho amarronzado.

Ele ergueu o rosto nesse momento e a notou. Baixou o pergaminho que segurava, formando um ângulo para cobrir aquela coisa no pulso.

— Venha cá e dê uma olhada no mapa — chamou, e se afastou para pegar a camisa. Quando Emma se aproximou, Julian já a vestira e o trapo no pulso ficou escondido.

Ele lhe entregou o mapa e ela se esqueceu de tudo o mais. Ficou observando-o enquanto Julian se ajoelhava e tirava a comida de uma das mochilas.

O pergaminho mostrava um desenho do Reino das Fadas — as Montanhas Thorn, vários lagos e riachos, e as Cortes Seelie e Unseelie. Também mostrava um ponto vermelho e brilhante, que parecia tremer levemente, como se não fosse parte do mapa.

— O ponto somos nós — explicou Julian, pegando os sanduíches. — Eu descobri como o mapa funciona. Ele mostra onde estamos em relação às Cortes. Nenhum mapa de verdade funcionaria aqui. A paisagem no Reino das Fadas está sempre mudando, e a Corte Unseelie fica se deslocando por aí. Mas como ele mostra onde nós estamos e onde a Corte Unseelie está, basta caminharmos na direção dela que devemos ficar bem.

Emma se sentou na grama, na frente de Julian, e pegou um sanduíche. Ambos tinham queijo, alface e tomate — não eram seus favoritos, mas ela não se importava, pois estava com fome suficiente para comer qualquer coisa.

— E quanto a Jace e Clary? Nós dissemos a Simon e Isabelle que íamos procurar por eles.

— Nós só temos quatro dias — falou Julian. — Temos que encontrar primeiro o *Volume Preto*, ou Horace vai destruir as nossas vidas.

*E as vidas das crianças. E a de Helen e Aline. Até a de Cristina, porque ela sabia do nosso segredo e não contou.* Emma sabia que tudo isso era verdade, e Julian estava sendo prático. Ainda assim, ela queria que ele demonstrasse algum tipo de remorso por não poderem procurar seus amigos ainda.

— Mas nós podemos procurar por eles depois que encontrarmos o livro? — quis saber Emma.

— Se ainda tivermos tempo no relógio de Horace — falou Julian —, não vejo problema.

— Quatro dias não é muito tempo — observou Emma. — Você acha que esse plano poderia funcionar? Ou Horace só está tentando nos matar?

— É um jeito bem elaborado de nos matar — retrucou Julian, e deu uma mordida no pão, fitando ao longe com ar reflexivo. — Ele quer o *Volume Preto*. Você o ouviu. Não acho que se importe com os meios para consegui-lo, e provavelmente nós teremos que ser cuidadosos. Mas desde que ele esteja em nossas mãos... — E apontou para o mapa. — Veja. A Encruzilhada de Bram.

O fato de o ponto onde eles seriam resgatados existir realmente fez Emma se sentir um pouco melhor.

— Eu queria saber o que ele vai fazer com o *Volume Preto* — resmungou ela.

— Nada, provavelmente. Ele o quer apenas para tirá-lo do poder das fadas. Seria um golpe político para ele. A Consulesa não o conseguiu, agora ele consegue e o leva na próxima reunião do Conselho para se gabar.

— Provavelmente vai dizer que Zara o encontrou — disse Emma. E então fez uma pausa e encarou Julian. — Você está comendo alface.

— E? — Ele estava curvado sobre o mapa e o esticava com os dedos.

— Você odeia alface. — Ela pensou em todas as vezes que ele comera alface na frente das crianças para servir de bom exemplo, e depois reclamara que tinha gosto de papel crocante. — Você *sempre* odiou.

— É mesmo? — Ele parecia confuso. Então se levantou e começou a recolher as coisas. — Melhor irmos andando. Desta vez vamos caminhar de dia. Tem muita coisa esquisita aqui neste reino à noite.

*É só alface*, disse Emma para si. *Não é importante.* Ainda assim, ela se flagrou mordendo o lábio enquanto se abaixava para pegar a mochila.

Julian estava cruzando a besta nas costas; a mochila no outro ombro.

Então eles ouviram um estalido vindo dos bosques, como se fosse um galho se quebrando. Emma girou, a mão no quadril tateando o cabo de uma faca.

— Você ouviu isso?

Julian apertou a tira da besta. Eles ficaram parados por longos momentos, em guarda, mas não ouviram o som outra vez, e nada apareceu. Emma desejava ferozmente por um símbolo de Visão ou Audição.

— Pode não ter sido nada — falou Julian finalmente, e embora Emma soubesse que ele não estava tentando confortá-la, apenas seguir viagem, ainda parecia algo que o Julian que ela conhecia diria.

Em silêncio, eles saíram da clareira, que instantes atrás estivera iluminada pela luz do sol e que agora parecia ameaçadora e repleta de sombras.

## 8

### Canteiros Há Muito Esquecidos

Diana se apressou em direção à casa do canal, na Princewater Street, o vento matinal frio levantando seus cabelos. Sentia a onda de adrenalina, tensa ante a perspectiva de contar sua história a Emma e Jules. Tinha escondido o relato por tantos anos que contar a Gwyn equivalera a abrir suas costelas à força e exhibir o próprio coração.

Estava esperançosa de que seria mais fácil da segunda vez. Emma e Julian a amavam, disse para si. Eles iriam...

Parou de repente, os saltos das botas estalando nos paralelepípedos. A casa do canal alegremente pintada de azul se assomava adiante, mas estava cercada por um círculo de guardas do Conselho. Na verdade, não eram apenas os guardas do Conselho. Alguns poucos entre eles eram jovens Centuriões. Cada um estava armado com um bastão *bô* de carvalho.

Diana olhou ao redor. Alguns Caçadores de Sombras passavam apressados por ali, mas nenhum deles olhava para a casa. E ela se perguntou quantos saberiam que Jules e Emma ainda se encontravam em Alicante. Entretanto o Inquisidor tinha planejado fazer do testemunho deles um exemplo. Uma hora eles teriam que saber.

No topo dos degraus, via-se Amelia Overbeck, que estivera rindo com Zara no funeral. A irritação acelerou os passos de Diana; ela abriu caminho com esforço pelo primeiro círculo de guardas e subiu os degraus.

Amelia, que estivera apoiada na porta enquanto conversava com uma garota de cabelos vermelho-alaranjados e compridos, se virou para Diana com um sorriso forçado.

— Srta. Wrayburn — falou —, você quer alguma coisa?

— Eu gostaria de ver Julian Blackthorn e Emma Carstairs — falou Diana,

mantendo a voz o mais neutra possível.

— Olha só! — disse Amelia, e era nítido que estava se divertindo. — Eu acho que não.

— Amelia, eu tenho todo o direito — insistiu Diana. — Me deixe passar.

Amelia desviou o olhar para a ruiva.

— Esta é Diana Wrayburn, Vanessa — falou. — Ela se acha *muito* importante.

— Vanessa Ashdown? — Diana observou a outra com mais afinco: a prima de Cameron era uma adolescente magrinha na época em que fora para a Academia, e agora estava praticamente irreconhecível. — Eu conheço seu primo Cameron.

Vanessa revirou os olhos.

— Ele é um saco. O cachorrinho da Emma. E não, não acho que você possa entrar na casa bancando a simpática comigo. Não gosto dos Blackthorn nem de ninguém relacionado a eles.

— Ótima notícia, já que você deveria estar aqui para protegê-los — falou Diana. A adrenalina se acumulava e se transformava em raiva. — Olha, eu vou abrir a porta. Se você tentar me impedir...

— Diana!

Diana deu meia-volta, afastando os cabelos do rosto: Jia estava de pé, do lado de fora do círculo de guardas, a mão erguida como se a cumprimentasse.

— A Consulesa. — Vanessa arregalou os olhos. — Ai, mer...

— Cale a boca, Vanessa — sibilou Amelia. Ela não parecia preocupada nem com medo de Jia, apenas irritada.

Diana abriu caminho e desceu os degraus até parar ao lado de Jia, que vestia calça e blusa de seda, com os cabelos presos num prendedor enfeitado. Sua boca era um risquinho de irritação.

— Não se dê ao trabalho — falou em voz baixa, e colocou uma das mãos no cotovelo de Diana para afastá-la da multidão de guardas barulhentos. — Ouvi dizer que Emma e Julian estavam com o Inquisidor.

— Ora, e por que simplesmente não me disseram isso? — interrompeu Diana, exasperada. Ela olhou para trás, para Vanessa Ashdown, que dava risadinhas. — Vanessa Ashdown. Minha mãe costumava dizer que algumas pessoas tinham mais cabelo do que bom senso.

— Pelo visto Vanessa comprova a teoria — falou Jia secamente. Havia parado a uma certa distância da casa, onde uma pequena rampa de pedra se inclinava para dentro do canal. Era densa por causa do musgo, com um verde intenso sob a água prateada que subia pela lateral. — Ouça, Diana, preciso conversar com você. Tem algum lugar onde não possam nos ouvir?

Diana ficou olhando Jia com atenção. Fora apenas sua imaginação ou quando a Consulesa fitara os Centuriões cercando a pequena casa do canal, ela parecera... assustada?

— Não se preocupe — falou Diana. — Eu sei exatamente o que fazer.

*Ela estava subindo por uma escadaria em espiral que parecia se estender rumo às estrelas. Cristina não se lembrava de como tinha encontrado a escada, nem de seu destino. A escada se erguia em meio à escuridão até as nuvens; ela segurava o tecido da saia longa para não tropeçar. Seu cabelo parecia denso e pesado, e o perfume de rosas brancas adensava o ar.*

*Os degraus terminaram abruptamente e ela deu um passo, maravilhada, sobre um terraço familiar: estava empoleirada no topo do Instituto da Cidade do México. Dava para ver toda a cidade: El Ángel, brilhando, dourado, sobre o Monumento a la Independencia, o Parque Chapultepec, o Palacio de Bellas Artes aceso e reluzente, as torres em forma de sino da Basílica de Guadalupe. As montanhas se erguiam atrás de tudo, abarcando a cidade como se fossem uma mão aberta.*

*Um vulto sombrio estava de pé na beirada do terraço: esguio e masculino, com as mãos cruzadas atrás das costas. Antes mesmo de se virar, Cristina soube que era Mark: ninguém mais tinha cabelos assim, como ouro fundido a prata. Ele usava uma túnica com cinto, uma adaga enfiada na tira de couro, e calça de linho. Os pés estavam descalços quando ele se aproximou e a tomou nos braços.*

*Os olhos de Mark estavam escuros, encobertos pelo desejo, seus movimentos eram lentos, como se ambos estivessem debaixo da água. Ele a puxou mais, passando os dedos pelos seus cabelos, e ela descobriu por que eles pareciam tão pesados: estavam entrelaçados com vinhas nas quais cresciam rosas vermelhas. Elas caíram ao redor de Mark quando ele a aninhou com o outro braço. A mão livre percorria dos cabelos aos lábios e à clavícula, e os dedos mergulharam abaixo da gola do vestido. Suas mãos eram quentes, a noite era fria, e os lábios nos dela eram mais quentes ainda. Cristina se inclinou para ele, e com as mãos encontrou o caminho para a nuca, onde os cabelos finos eram mais macios, e se afastou para tocar as cicatrizes...*

*Ele recuou.*

*— Cristina — murmurou. — Vire-se.*

*Ela se virou em seus braços e viu Kieran. Se Mark vestia linho simples, Kieran vestia veludo, e usava anéis pesados de ouro nos dedos, os olhos reluziam e estavam pintados com kajal. Ele era um pedaço do céu noturno: preto e prata.*

*Mark passou um dos braços em volta de Cristina, esticando o outro para Kieran. E Cristina também ofereceu os braços a ele, as mãos se deparando com a maciez do gibão, puxando-o para perto dela e de Mark, envolvendo-os no veludo escuro. Ele beijou Mark e então se abaixou para ela, os braços de Mark em torno dela quando os lábios de Kieran a encontraram...*

— Cristina. — A voz irrompeu no sono de Cristina, que se sentou no mesmo instante, apertando os cobertores contra o peito, de olhos arregalados devido ao susto. — Cristina Mendoza Rosales?

Era uma voz feminina. Sem fôlego, Cristina olhou ao redor enquanto seu quarto entrava em foco: a mobília do Instituto, a luz do sol forte através da janela, um cobertor emprestado de Emma dobrado aos pés da cama. Uma mulher estava sentada no parapeito da janela. Tinha pele azul e cabelos da cor do papel branco. As pupilas eram de um azul muito escuro.

— Recebi sua mensagem de fogo — falou enquanto Cristina a fitava, confusa. *O que foi que eu acabei de sonhar?*

*Agora não, Cristina. Pense nisso mais tarde.*

— Catarina Loss? — Cristina tinha tentado falar com a feiticeira, obviamente, mas não imaginava que Catarina iria simplesmente aparecer em seu quarto, e certamente não num momento tão constrangedor. — Como foi que você chegou aqui...?

— Eu não cheguei. Sou uma Projeção. — Catarina moveu a mão diante da superfície brilhante da janela; a luz do sol perpassava por ela como se fosse um vitral.

Cristina puxou os cabelos discretamente. Nada de rosas. Ay.

— Que horas são?

— Dez horas — falou Catarina. — Me desculpe... eu realmente pensei que você estaria acordada. Tome. — Fez um gesto com os dedos e um copo de papel apareceu na mesinha de cabeceira de Cristina.

— Do Peet's Coffee — falou Catarina. — Meu lugar favorito na Costa Oeste.

Cristina abraçou o copo na altura do peito. Catarina era sua nova pessoa favorita.

— Eu realmente me perguntava se teria notícias suas. — Cristina bebericou um gole de café. — Eu sei que era uma pergunta estranha.

— Eu também não tinha certeza — Catarina suspirou. — De certa forma, isso é um problema dos feiticeiros. Caçadores de Sombras não usam as Linhas Ley.

— Mas nós usamos feiticeiros. Vocês são nossos aliados. Se estão ficando doentes, então é nossa obrigação fazer alguma coisa.

Catarina pareceu surpresa, então sorriu.

— Eu não... é bom ouvir você dizer isso. — Ela baixou o rosto. — Está

piorando. Cada vez mais feiticeiros estão sendo afetados.

— Como está Magnus Bane? — perguntou Cristina. Ela não convivera com Magnus por muito tempo, mas gostava bastante dele.

Ficou assustada ao ver lágrimas nos olhos da feiticeira.

— Magnus está... bem, Alec toma conta dele direitinho. Mas não, ele não está bem.

Cristina pousou o café.

— Então, por favor, deixem a gente ajudar. Qual seria o sinal de contaminação das Linhas Ley? O que é que procuramos?

— Bem, num lugar onde as Linhas Ley foram danificadas, haveria mais atividade demoníaca.

— Isso é algo que, com certeza, podemos verificar.

— Eu posso fazer isso sozinha. Vou mandar um mapa assinalado por mensagem de fogo. — Catarina se ergueu e a luz do sol atravessou os cabelos brancos e transparentes. — Mas se você for investigar uma área com maior atividade demoníaca, não vá sozinha. Leve mais alguns com você. Vocês, Caçadores de Sombras, sabem ser um tanto descuidados.

— Nem todos são Jace Herondale — falou Cristina, que normalmente era a pessoa menos descuidada que conhecia.

— Ora. Eu lecionei na Academia de Caçadores de Sombras. Eu... — Catarina começou a tossir e sacudir os ombros. Arregalou os olhos.

Cristina se levantou da cama, alarmada.

— Você está bem...?

Mas Catarina tinha desaparecido. Não sobrara sequer um redemoinho no ar para indicar onde a Projeção dela estivera.

Cristina vestiu as roupas: jeans, uma camiseta velha de Emma. Tinha o cheiro do perfume da amiga: uma mistura de limão e alecrim. Cristina queria, de todo o coração, que Emma estivesse aqui, que elas pudessem conversar sobre a noite passada, que a outra pudesse oferecer algum conselho e um ombro para ela chorar.

Mas ela não estava presente nem poderia estar. Cristina tocou o colar, murmurou uma breve oração para o Anjo e cruzou o corredor até o quarto de Mark.

Ele tinha se deitado tão tarde quanto ela, portanto, havia uma grande probabilidade de que ainda estivesse dormindo. Ela bateu à porta, hesitante, e, depois, com mais força; finalmente Mark a abriu, bocejando e nu.

— *Híjole!* — Cristina deu um gritinho e puxou a gola da camiseta sobre o rosto. — Vista a sua calça!

— Desculpa — falou ele, se encolhendo atrás da porta. — Pelo menos você



já viu isso.

— Não com boa iluminação! — Cristina ainda conseguia ver Mark pela fenda da porta; ele usava cueca boxer e vestia uma camiseta. A cabeça apareceu através da gola, com os cabelos louros adoravelmente bagunçados.

Não, *não eram adoráveis*, falou ela para si. Eram *terríveis. Irritantes*.

*Nu.*

Não, ela não ia pensar nisso também. *Será que estou acordada?*, se perguntou. Ainda se sentia tonta por causa do sonho. Ora, sonhos não significavam nada, recordou-se. Provavelmente tinha algo a ver com a ansiedade, e não com Mark e Kieran.

Mark reapareceu à porta.

— Me desculpa. Eu... nós costumávamos dormir nus na Caçada, e eu me esqueci...

Cristina abaixou a camiseta novamente.

— Não vamos falar sobre isso.

— Você queria conversar sobre ontem à noite? — Ele parecia ansioso. — Eu posso explicar.

— Não. Não quero — retrucou ela com firmeza. — Eu preciso da sua ajuda e eu... bem, não posso pedir a mais ninguém. Ty e os outros são muito pequenos, e Aline e Helen iam se achar na obrigação de contar a Jia.

Mark pareceu decepcionado, mas disfarçou.

— É alguma coisa que a Clave não pode saber?

— Não sei. Eu só... a essa altura, eu me pergunto se podemos contar qualquer coisa a eles.

— Você pode ao menos me contar o que é? Tem a ver com demônios?

— Para variar, sim — confirmou Cristina, e contou sobre as Linhas Ley, a doença dos feiticeiros e a conversa com Catarina. — A única coisa que a gente vai fazer é comunicar qualquer anormalidade. Provavelmente nem vamos sair do carro.

Mark se animou.

— Você vai dirigir? Seremos só nós dois?

— Eu vou — falou ela. — Esteja pronto às sete da noite. — Ela começou a se afastar, em seguida, parou e olhou para trás. Não conseguiu evitar. — E me faça um favor. Venha de calça.

Quando Kit entrou na cozinha, Ty não estava lá.

Ele quase deu meia-volta e saiu, mas os outros já o tinham visto. Aline, vestindo jeans preto e regata, estava perto do fogão, com os cabelos presos no

alto da cabeça e a testa franzida em concentração. Dru, Mark, Cristina e Tavvy estavam junto à mesa; Dru paparicava Tavvy, mas Cristina e Mark cumprimentaram Kit com um aceno.

Ele se sentou e imediatamente foi tomado pelo constrangimento. Nunca tinha passado tanto tempo com os Blackthorn, além de Ty e Livvy. Sem nenhum dos dois ali, era como se ele tivesse entrado numa festa cheia de meros conhecidos com quem devia conversar amenidades.

— Você dormiu bem? — perguntou Cristina a ele. Era difícil ficar constrangido perto de Cristina; ela parecia irradiar bondade. Mas Kit conseguiu, mesmo assim. Johnny Rook tinha enganado um bocado de pessoas extremamente boas e Kit duvidava de que não tivesse a capacidade de fazer a mesma coisa.

Ele resmungou alguma coisa em resposta e se serviu de suco de laranja. Se dormira bem? Na verdade, não. Tinha passado metade da noite acordado, preocupado por ter que ir ao Mercado das Sombras com Ty, e a outra metade, ficando estranhamente empolgado por ter que ir ao Mercado das Sombras com Ty.

— Onde está Helen? — perguntou Dru baixinho, fitando Aline. Kit tinha se perguntado a mesma coisa. Ela parecera bem estressada no dia anterior. Ele não a culparia se ela tivesse se dado conta do tamanho da encrenca que assumira e tivesse fugido para o deserto.

— A reunião do Conclave é hoje — falou Mark. — Helen vai participar.

— Mas não é Aline quem supostamente ia dirigir o Instituto? — Dru parecia confusa.

— Helen achou que o Conclave deveria se acostumar a ela — falou Mark. — Lembrarem que ela é uma Caçadora de Sombras como qualquer outro Caçador de Sombras. E que ela é uma Blackthorn, sobretudo, porque talvez eles acabem conversando sobre coisas como a necessidade ou não de Diana ser substituída como nossa tutora...

— Eu não quero outro tutor! — exclamou Tavvy. — Eu quero Diana!

— Mas com certeza ela só vai se ausentar por mais alguns dias? No máximo? — perguntou Cristina ansiosamente.

Mark deu de ombros.

— Todos nós andando por aí sem um tutor ou um cronograma é o tipo de coisa que deixa o Conclave nervoso.

— Mas Tavvy tem razão — falou Dru. — Nós já estamos estudando com *Diana*. Não precisamos começar com outra pessoa. Não é, Kit?

Kit levou um susto tão grande ao falarem com ele que o copo de suco de laranja quase voou de sua mão. Antes que pudesse responder, Aline os

interrompeu, indo até a mesa com uma frigideira na mão, de onde vinha um cheiro delicioso. Kit sentiu a boca cheia de água.

— O que é isso? — quis saber Tavvy, os olhos arregalados.

— Isto — começou Aline — é uma fritada. E vocês vão comer tudo. — Aí bateu a panela no descanso de metal, no centro da mesa.

— Eu não gosto de fritada — falou Tavvy.

— Que pena — retrucou Aline, cruzando os braços e olhando de cara feia para cada um. — Vocês fizeram Helen chorar ontem, então vão comer esta fritada, que, por sinal, está uma delícia, e vão gostar. É o que tem pro café. E como eu *não* sou a Helen, não me importo se vocês vão morrer de fome ou comer Cheetos em todas as refeições. Helen e eu temos muito trabalho pela frente, a Clave não nos deixa em paz e tudo o que ela quer é ficar com vocês, e vocês *não* vão fazê-la chorar de novo. Entenderam?

Dru e Tavvy fizeram que sim com a cabeça, assustados.

— Eu sinto muito, Aline — falou Cristina, baixinho.

— Eu não estava me referindo a você, Cristina. — Aline revirou os olhos. — E onde está Ty? Não vou repetir tudo isso de novo. — Ela lançou um olhar severo a Kit. — Vocês dois não se desgrudam. Onde é que ele está?

— Provavelmente dormindo — falou Kit. Ele imaginou que Ty tivesse ficado acordado até tarde, pesquisando sobre magia sombria. Mas não pretendia verbalizar isso.

— Muito bem. Repita a ele o que eu falei assim que ele acordar. E quando vocês acabarem de comer, botem a frigideira na droga da pia. — Aline pegou o casaco das costas de uma cadeira, enfiou os braços nas mangas e saiu do cômodo.

Kit se preparou, imaginando que Tavvy ou Dru fossem começar a chorar. Mas nenhum dos dois o fez.

— Isso foi demais — falou Dru, se servindo da fritada que, no fim das contas, era uma mistura de ovos, salsicha, queijo e cebolas caramelizadas. — É legal o jeito como ela defende Helen.

— Você gritou com Helen no outro dia — observou Mark.

— Ela é minha irmã — falou Dru, servindo fritada no prato de Tavvy.

Mark emitiu um ruído exasperado. Cristina provou a comida e fechou os olhos de prazer.

— Aposto que você costumava gritar com seu pai — falou Dru para Kit. — Quero dizer, todas as famílias brigam às vezes.

— Nós não éramos muito de gritar. Na maior parte do tempo, meu pai me ignorava ou passava o tempo tentando me ensinar a abrir fechaduras sem a chave.

O rosto de Dru se iluminou. Ela ainda parecia melancólica e cansada, e muito jovem na camiseta extragrande, mas quando sorriu, Kit se lembrou de Livvy.

— Você sabe abrir fechaduras?

— Eu posso te ensinar, se você quiser.

Ela baixou o garfo e bateu palmas.

— Sim! Mark, posso aprender a abrir fechaduras agora?

— Nós temos símbolos de Abertura, Dru — falou Mark.

— E daí? — E se eu for sequestrada por um demônio de tentáculos, perder minha estela e for algemada a uma cadeira? O que vou fazer?

— Isso não vai acontecer — retrucou Mark.

— Poderia acontecer — falou Tavvy.

— Não poderia, não. Demônios de tentáculos não podem usar algemas. — Mark parecia exasperado.

— *Por favor.* — Dru implorou com os olhos.

— Eu... acho que não vai fazer mal — falou Mark, e ficou evidente que ele não sabia como argumentar. Aí olhou de soslaio para Cristina, como se buscasse aprovação, mas ela desviou o olhar rapidamente. — Só não cometa nenhum crime com o conhecimento adquirido, Dru. A última coisa de que precisamos é de mais um motivo para a Clave ficar irritada.

— Aquela água é magia sobrenatural — falou Kieran. Ele se apoiava pesadamente em Diego enquanto percorriam os corredores da Scholomance o mais rapidamente possível. Divya e Rayan tinham ficado para trás, na entrada do Lugar da Rocha, para impedir que a Tropa fosse atrás dos dois. — Eu ouvi as zombarias deles enquanto me arrastavam vendado pelos corredores. — Havia uma amargura arrogante em sua voz, mas ainda era o tom de um príncipe. Por baixo, notava-se uma camada de raiva e vergonha. — Não acreditei que eles soubessem do que estavam falando, mas eles realmente sabiam.

— Eu lamento muito — disse Diego. Hesitante, pôs uma das mãos no ombro do príncipe fada. Era como se ele pudesse sentir os batimentos cardíacos de Kieran através dos ossos e dos músculos. — Eu devia te proteger e falhei.

— Você não falhou — disse Kieran. — Se não fosse por você, eu teria morrido. — Ele parecia pouco à vontade. Fadas não gostavam de pedidos de desculpas nem de dívidas. — Não podemos voltar para o seu quarto — emendou Kieran quando viraram outra esquina. — Vão nos procurar lá.

— Nós temos que nos esconder — falou Diego. — Temos que fazer curativos em você em algum lugar. Há dezenas de quartos vazios.

Kieran se afastou. Caminhava como se estivesse bêbado, sem equilíbrio.

— Curativos são para aqueles que merecem se curar — falou.

Diego o encarou, preocupado.

— Dói muito?

— A dor não é minha — falou Kieran.

Um grito ecoou pelos corredores. Um grito feminino, torturado, subitamente interrompido.

— A menina que caiu na água — observou Kieran. — Eu tentei pegá-la antes...

Samantha. Diego pode até não ter gostado dela, mas ninguém merecia a dor que fazia alguém gritar daquele jeito.

— Talvez a gente devesse ir embora da Scholomance — falou Diego. A entrada principal ficava na lateral da montanha, mas estava constantemente guardada. Havia outros meios de sair, no entanto, até mesmo um corredor de vidro que serpenteava através das águas do lago, rumo ao outro lado.

Kieran empinou o queixo.

— Tem alguém vindo.

Diego esticou uma das mãos para Kieran e com a outra pegou a adaga; em seguida, ficou imóvel ao reconhecer o vulto diante de si. Cabelos pretos, queixo rijo, sobrancelhas franzidas e olhos fixos em Kieran.

Martin Gladstone.

— Vocês não vão sair da Scholomance — falou ele. — Não tão cedo.

— Você não entende — começou Diego. — Os outros... o grupo de Zara... eles tentaram matar Kieran...

Gladstone lançou um olhar de desdém a Diego e seu companheiro.

— Então você realmente teve a insolência de trazê-lo para cá — falou, sem dúvida se referindo a Kieran. — A fada é integrante de um exército inimigo. E de alta patente.

— Ele ia testemunhar contra o Rei Unseelie! — retrucou Diego. — Ia se arriscar... e correr o risco de despertar a raiva do Rei... para ajudar os Caçadores de Sombras!

— Ele nunca teve essa chance, não é? — escarneceu Gladstone. — Sendo assim, nós não sabemos o que teria feito.

— Eu teria testemunhado — falou Kieran, apoiando-se na parede. — Não nutro amor algum pelo meu pai.

— Fadas não conseguem mentir — insistiu Diego. — Você não está ouvindo?

— Mas conseguem trapacear, enganar e manipular. Como foi que ele fez você ajudá-lo, Diego Rocio Rosales?

— Ele não me “fez” fazer nada — retrucou Diego. — Eu sei em quem

confiar. E se você matar Kieran ou permitir que aqueles desgraçados o machuquem, vai estar quebrando os Acordos.

— Um desenvolvimento interessante — falou Gladstone. — Eu não tenho intenção de matar ou machucar o Filho do Rei. Em vez disso, você vai ficar isolado na biblioteca até o Inquisidor chegar para dar um jeito em vocês dois.

Emma e Julian já vinham caminhando por algumas horas quando ela notou que estavam sendo seguidos.

Na verdade, tinha sido um prazer caminhar por uma trilha no bosque. Era bom conversar com Julian, se Emma tentasse não pensar no feitiço ou no que ele sentia em relação a ela, ou simplesmente nas coisas que ele sentia, ponto. Eles evitaram falar de Livvy e da maldição *parabatai*, e conversavam sobre a Clave e seus supostos planos, e como Zara figuraria neles. Julian ia na frente, segurando o mapa e consultando-o quando havia clareza suficiente entre as árvores para tornar o mapa legível.

— Dá para a gente chegar à Corte Unseelie amanhã de manhã — falou ele, e parou no meio de uma clareira. Flores azuis e verdes balançavam para cima e para baixo nos trechos do chão da floresta, e a luz do sol transformava as folhas em véus de cor verde. — Dependendo da nossa disposição para viajar à noite...

Emma parou de repente.

— Estamos sendo seguidos — falou.

Julian também parou e se virou para ela, dobrando o mapa e guardando-o no bolso.

— Tem certeza?

Sua voz era baixa. Emma fez um esforço para ouvir o que tinha ouvido antes: o estalido mínimo de galhos atrás deles, a pancada de um pé.

— Tenho.

Não havia dúvida nos olhos de Julian; Emma sentiu uma leve satisfação; mesmo encantado, ele ainda confiava tacitamente nas habilidades dela.

— Não dá pra correr — falou ele. E estava certo; a trilha era muito pedregosa e a vegetação rasteira densa demais para garantir velocidade ante o perseguidor.

— Vamos. — Emma pegou a mão de Julian; um instante depois, eles estavam subindo pelo tronco dos carvalhos mais altos no entorno da clareira. Emma encontrou um galho bifurcado e se acomodou nele; um segundo depois, Julian se balançava sobre um galho em frente ao dela. Eles se agarraram ao tronco e ficaram vigiando lá embaixo.

Os passos se aproximavam. Cascos, percebeu Emma, e então uma kelpie — verde-escura, com uma crina de algas marinhas reluzentes, adentrou na clareira,

com alguém montado em suas costas.

Emma prendeu a respiração. O cavaleiro era um homem e vestia o uniforme dos Caçadores de Sombras.

Ela se inclinou, ávida para ver um pouco mais. Não era um homem, percebeu, era um menino, de rosto magro e comprido, como o de um cachorro, e uma profusão de cabelos pretos.

— Dane Larkspear numa kelpie — murmurou Julian. — O que é isso?

— Se Zara passar montada no monstro do Lago Ness, nós voltamos para casa — sibilou Emma em resposta.

A kelpie parou repentinamente no meio da clareira. Ela revirava os olhos — bem pretos, sem a parte branca. Olhando mais de perto, ela se assemelhava menos a um cavalo, embora tivesse uma crina, cauda e quatro patas, e mais a uma criatura assustadora, uma coisa que nunca deveria ter saído da água.

— Depressa. — Dane puxou a rédea da kelpie e uma lembrança lampejou no fundinho da mente de Emma. Algo sobre como botar rédeas numa kelpie a forçava a obedecer. Ela se perguntou como Dane tinha conseguido aquilo. — Temos que encontrar a trilha do Blackthorn e da Carstairs antes do anoitecer, ou nós os perderemos.

A kelpie falou. Emma estremeceu. A voz dela era como o quebrar das ondas contra as pedras.

— Não conheço essas criaturas, mestre. Não conheço sua aparência.

— Não importa! Encontre a trilha dos dois! — Dane bateu no ombro da kelpie e se recostou, com expressão irritada. — Está bem, vou descrevê-los para você. Julian é o tipo de cara que tem uma garota como *parabatai*. Deu pra entender?

— Não — falou a kelpie.

— Passa o tempo todo correndo atrás de crianças. Tem, tipo, um milhão de crianças e age como se fosse pai delas. É estranho. Agora, Emma é o tipo de garota que, de boca fechada, seria bem gostosa.

— Eu vou matá-lo — resmungou Emma. — Eu vou matá-lo enquanto *falo sem parar*.

— Eu não compreendo as atitudes dos humanos em relação à beleza — falou a kelpie. — Eu gosto do brilho delicado das algas marinhas numa mulher.

— Cale a boca. — Dane puxou as rédeas e a kelpie exibiu os dentes pontiagudos num sibilo. — Temos que encontrá-los antes que o sol baixe. — Seu sorriso era horrendo. — Assim que eu voltar com o *Volume Preto*, Horace vai me dar o que eu quiser. Talvez a última irmãzinha de Julian para eu brincar. Dru qualquer-coisa. Os melhores peitos da família.

Emma desceu da árvore tão rápido que o mundo virou um borrão de folhas

verdes e raiva vermelha. Ela aterrissou em cima de Dane Larkspear e o derrubou da sela, arrancando dele um arquejo de dor quando tocaram o chão juntos. Ela lhe deu um soco forte no estômago e o menino se dobrou, ao mesmo tempo que ela ficou de pé e pegou a espada; por um momento, temera não ter sido acompanhada por Julian, mas ele já estava no chão, arrancando as rédeas da kelpie.

— Meu senhor! — A kelpie fez uma medida com as patas dianteiras para Julian. Dane estava tossindo e engasgando, e girava no solo com dor. — Obrigada por me libertar.

— Não tem de quê. — Julian jogou as rédeas longe, e a kelpie disparou para a floresta.

Emma ainda estava de pé em cima de Dane, com a espada apontada para a garganta dele, onde alguma coisa dourada reluzia. Estendido no chão, ele a olhava com expressão severa.

— O que é que você está fazendo aqui, Larkspear? — quis saber ela. — Nós é que fomos enviados para pegar o *Volume Preto*, não você.

— Saia de perto de mim. — Dane virou a cabeça e cuspiu sangue. Limpou a boca, manchando a mão de vermelho. — Se vocês me machucarem, os Dearborn vão arrancar suas Marcas.

— E daí? — insistiu Emma. — Nós nem estamos com o *Volume Preto*. Então você só perdeu seu tempo nos seguindo. E você é péssimo nisso, por sinal. Você se movimenta como um elefante. Um elefante machista. Você é um péssimo Caçador de Sombras.

— Eu sei que vocês não estão em poder dele — falou Dane com ar de nojo. — Mas vão estar. Vocês vão encontrá-lo. E quando fizerem isso...

Dane se calou de repente.

— O que foi? — O desprezo escorria da voz de Emma. — Estou falando demais?

De repente, ela se deu conta de que Dane não estava olhando diretamente para ela, e sim para trás dela; Julian tinha se aproximado e estava de pé, com o espadão na mão enquanto fitava Dane com uma frieza assustadora.

— Você sabe — falou ele baixinho — que se um dia tocar em Dru, eu vou te matar, não é?

Dane se apoiou nos cotovelos.

— Você se acha tão especial — sibilou ele com a voz baixinha e queixosa. — Você se acha tão sensacional... acha que sua irmã é boa demais para mim...

— Ela é muito *jovem* para você — disse Emma. — Ela tem 13 anos, seu nojento.

— Vocês acham que o Inquisidor mandou vocês numa missão especial



porque são tão sensacionais, mas ele os mandou porque são descartáveis! Porque vocês não têm importância! Ele quer vocês *mortos*!

Dane congelou, como se percebesse que tinha falado demais.

Emma se virou para Julian.

— Será que ele quer dizer...

— Ele quer dizer que o Inquisidor o mandou para nos matar — falou Julian.

— Ele está usando um dos medalhões que Horace nos deu. Aquele que evita que o tempo passe.

Dane protegeu o pescoço com a mão, mas não antes de Emma perceber que Julian tinha razão.

Ela olhou para Dane com expressão irritada.

— Então Horace te mandou para pegar o *Volume Preto*, nos matar e voltar sozinho com ele?

— E então ele dirá a todos que fomos assassinados pelo Povo das Fadas — completou Julian. — Bônus extra para ele.

Um lampejo de medo cruzou o rosto de Dane.

— Como foi que você adivinhou isso?

— Eu sou mais inteligente do que você — falou Julian. — Mas isso não é lá grande vantagem. Então, sem elogios.

— Tem uma diferença entre enviar alguém numa missão perigosa e enviar alguém atrás da pessoa para esfaqueá-la nas costas — observou Emma. — Quando a Clave descobrir...

— Eles não vão descobrir! — gritou Dane. — Vocês nunca vão voltar! Vocês acham que estou sozinho? — Ele cambaleou para se levantar; Emma deu um passo para trás, sem saber o que fazer. Eles poderiam nocautear Dane, mas depois o quê? Iam amarrá-lo? Devolvê-lo, de algum modo, para Idris? — A Tropa tem um longo alcance e não precisamos de traidores como vocês. Quanto menos de vocês houver no mundo, melhor... tivemos um bom começo com Livvy, mas...

A espada de Julian brilhou como um raio quando ele enfiou a lâmina no coração de Dane.

Emma soube que atingira o coração de Dane porque seu corpo irrompera em espasmos e arqueara feito um peixe fogado por um anzol. Ele tossiu sangue num jato vermelho, os olhos fixados em Julian com um ar de incredulidade.

Julian puxou a espada. Dane foi tombando ao chão, a boca semiaberta e uma expressão vidrada e sem emoção.

Emma girou e encarou Julian.

— *O que foi que você acabou de fazer?*

Julian se abaixou para limpar a lâmina da espada nas flores e na grama.

— Matei a pessoa que planejava nos matar.

— Você o assassinou — falou Emma.

— Emma, seja prática. Ele foi enviado para cá para *nos* matar. Teria feito isso se eu não tivesse revidado. E ele disse que talvez haja outros também, outros integrantes da Tropa. Se nós o deixássemos vivo, poderíamos estar enfrentando um monte de adversários em breve.

Era como se Emma não conseguisse respirar. Julian tinha guardado a espada; as flores sob seus pés estavam manchadas de sangue. Ela não conseguia olhar para o corpo de Dane.

— Você não mata simplesmente outros Caçadores de Sombras. As pessoas não fazem isso. As pessoas com *sentimentos* não fazem isso.

— Talvez — falou Julian. — Mas ele era um problema e agora não é mais.

Ouviu-se um farfalhar no arbusto. Um momento depois, a kelpie reapareceu, reluzindo em verde sob a luz do sol, e se aproximou de Dane. Por um segundo, Emma imaginou que ela fosse chorar pelo antigo mestre.

Ouviu-se um som de mastigar quando a kelpie afundou o dente pontudo na lateral manchada de sangue do corpo de Dane. O cheiro cuproso do sangue explodiu no ar. A kelpie engoliu e ergueu o olhar para Julian, os dentes verdes brilhando com vermelho, como uma visão perturbadora do Natal.

— Ai, Deus. — Emma deu um passo para trás, revoltada.

— Me desculpe — falou a kelpie. — Você queria dividir? Ele é muito saboroso.

— Não, obrigado. — Julian não parecia incomodado nem divertido com o espetáculo repugnante.

— Você é muito generoso, Julian Blackthorn — falou a kelpie. — Tenha certeza de que um dia eu o recompensarei.

— Nós temos que ir embora — falou Emma, tentando não vomitar. Ela desviou o olhar, mas não antes de ver as costelas de Dane brilhando, brancas, ao sol. — Temos que sair daqui *agora*.

Então deu meia-volta cegamente. Continuava a ver o sangue nas flores, o modo como os olhos de Dane tinham se revirado na cabeça. O ar subitamente ficou denso com o odor metálico do sangue, e Emma esticou o braço para se equilibrar no tronco estreito de uma bétula.

— Emma? — falou Julian atrás dela. De repente, eles ouviram o trovejar explosivo de cascos, e dois cavalos, um cinzento e um marrom, irromperam na clareira. O cavalo cinzento era montado por uma mulher de cabelos louros, e o marrom, por um homem de pele cor de trigo.

— Isso aqui é um ponto de encontro das fadas? — falou Emma, apoiando a testa contra a árvore. — Todo mundo vem pra cá?

— Emma Carstairs? — falou a mulher de cabelos louros. Emma a reconheceu em meio à visão embaçada: era Nene, tia de Mark. Ao lado dela, cavalgava um dos cortesãos da Rainha Seelie, Fergus. Ele olhava de cara feia.

— Aquilo é um *Caçador de Sombras* morto? — quis saber.

— Ele me aprisionou e estas pessoas gentis me libertaram — falou a kelpie.

— Vá, kelpie — disse Fergus. — Saia daqui. As palavras dos cortesãos de Seelie não são para você.

A kelpie suspirou com um relincho e saiu arrastando o corpo de Dane para os arbustos. Emma se virou lentamente, as costas coladas na árvore. Estava extremamente feliz pelo cadáver ter ido embora, mas o solo ainda estava úmido de sangue e as pétalas se curvavam por causa dele.

— Emma Carstairs e Julian Blackthorn — falou Nene —, vocês seguiam na direção da Corte Seelie. Por quê?

— Não, nós íamos para a Corte Unseelie — corrigiu Emma. — Estávamos...

— Nós conhecemos os caminhos e os destinos nas Terras — interrompeu Fergus rispidamente. — Não tente seus truques humanos.

Emma fez menção de protestar e viu Julian balançar a cabeça, uma fração minúscula de negação, mas daí soube imediatamente o que ele queria dizer. Eles vinham percorrendo *de fato* o caminho errado. Por alguma razão, ele mentira para ela; toda vez que consultara o mapa, ele na verdade os aproximara da Corte Seelie.

O gosto da traição era amargo, mais amargo do que o cobre do sangue.

— Estamos com o *Volume Preto* — falou Julian para Nene, para Fergus, e Emma o encarou com espanto total. Do que é que ele estava falando? — Foi por isso que voltamos ao Reino das Fadas. A Rainha pediu que nós o devolvêssemos a ela, e nós estamos com ele e viemos buscar o que ela nos prometeu.

Ele se endireitou e jogou a cabeça para trás. Seu rosto estava muito pálido, mas os olhos brilhavam num tom forte de azul-esverdeado, e ele estava lindo; mesmo com sangue no rosto, ele era lindo, e Emma queria não estar vendo aquela beleza, mas estava.

— Solicitamos formalmente uma audiência com a Rainha Seelie — falou ele.

## 9

### Ao Longe os Salões

Voando pelo ar com Gwyn, Diana se sentia livre, apesar da preocupação persistente com Emma e Julian. Ela imaginava que eles estivessem a salvo na casa, mas não gostava de não poder vê-los. Isso a fazia perceber o quanto eles tinham se tornado sua família nos últimos cinco anos e o quanto ela se sentia distanciada de Alicante.

Ao caminhar pelas ruas, mesmo rostos familiares pareciam máscaras de desconhecidos. *Você votou para tornar Horace Dearborn o Inquisidor? Você culpa os Blackthorn pela morte da própria irmã? Você acredita que as fadas são monstros? Quem é você realmente?*

Ela apertou Gwyn com mais força enquanto eles pousavam na pequena clareira, agora familiar, entre as tílias. A lua diminuía e o espaço estava tomado pelo silêncio e sombras profundas. Gwyn desmontou primeiro e ajudou Diana a descer; desta vez ele não trouxera alforjes cheios de comida, mas uma espada cega na cintura. Diana sabia que ele confiava nela, e ele não fizera perguntas quando ela pedira que a trouxesse até aqui hoje. Ele não confiava em outros Caçadores de Sombras, porém, e ela não podia culpá-lo por isso.

Uma luz saiu do meio das sombras, e Jia apareceu de trás de uma rocha inclinada. Diana franziu a testa quando a Consulesa se aproximou deles. Na última vez que estivera ali, a terra era verde debaixo de seus pés. Agora os sapatos de Jia amassavam musgo seco, marrom e árido. Poderia ser simplesmente por causa da aproximação do outono, mas a Praga...

— Diana — falou Jia. — Eu preciso da sua ajuda.

Diana ergueu uma das mãos.

— Primeiro preciso saber por que não me deixam ver Emma e Julian. Por que estou sendo afastada deles?

— Todos devem ficar afastados deles — falou Jia. Ela se sentou muito delicadamente numa pedra plana, com os tornozelos cruzados. Não tinha um fio de cabelo fora do lugar. — Horace diz que não quer comprometer o testemunho deles.

Diana emitiu um muxoxo de desconfiança.

— E como ele planeja forçá-los a testemunhar se não há Espada Mortal?!

— Entendo que você esteja muito preocupada — falou Jia. — Mas eu conversei com Simon antes de ele partir para Nova York. Ele e Isabelle conseguiram ver Emma e Julian hoje de manhã e disseram que os dois estavam bem, e que o encontro com Horace saía conforme o esperado.

Um misto de alívio e irritação tomou conta de Diana.

— Jia, você tem que fazer alguma coisa. Dearborn não pode mantê-los isolados até algum momento imaginário no futuro em que a Espada for reparada.

— Eu sei — falou Jia. — É por isso que queria este encontro. Você se lembra de quando eu pedi que você ficasse do meu lado?

— Lembro — falou Diana.

— A Tropa sabe da Praga na floresta — falou Jia. — No fim das contas, Patrick levou Manuel para ver com ele, antes de nós percebermos como eles eram perigosos... mesmo as crianças. — Ela suspirou e olhou para Gwyn, que permanecia inexpressivo. Com os anos de experiência nos duelos políticos das Cortes das Fadas, Diana não conseguia evitar se perguntar o que ele achava daquilo tudo. — Eles decidiram usar isso como ferramenta política. Vão alegar que é especificamente obra das fadas. Querem queimar a floresta para matar a Praga.

— Isso não vai matar a Praga — falou Gwyn. — Vai somente matar a floresta. A Praga é morte e decadência. Você não pode destruir a destruição, assim como não pode curar veneno com veneno.

Jia olhou novamente para Gwyn, e agora olhou firme e diretamente.

— Isso é magia das fadas? A Praga?

— Não é magia das fadas que eu já tenha visto, e olhe que já vivi muito — falou Gwyn. — Não estou dizendo que isso não tenha a mão do Rei Unseelie. Mas está mais para magia demoníaca do que qualquer outra usada no Reino das Fadas. Não é da natureza, é algo não natural.

— Então queimar a floresta não vai ter consequência alguma? — perguntou Diana.

— Vai ter *alguma* consequência, sim — emendou Gwyn. — Vai afastar todos os seres do Submundo que chamam Brocelind de lar; todas as fadas e bandos de lobisomens que viveram aqui por gerações.

— Acredito que seja um pretexto para começar a tirar os seres do Submundo

de Idris — falou Jia. — Dearborn pretende usar o clima atual de medo entre os Nephilim para exigir uma legislação anti-Submundo mais rigorosa. Eu sabia que ele faria isso, mas não esperava que sua tentativa de despejar os seres do Submundo de Idris fosse vir tão rápido.

— Você acha que a Clave aceitaria isso? — perguntou Diana.

— Temo que sim — falou Jia com uma amargura raramente expressada. — Eles estão tão concentrados no próprio medo e ódio que sequer percebem que estão machucando a si mesmos. Comeriam um banquete envenenado se achassem que os seres do Submundo estivessem se refestelando ao lado deles.

Diana abraçou o próprio corpo para não tremer.

— Então o que podemos fazer?

— Horace convocou uma reunião daqui a dois dias. Vai ser sua primeira oportunidade para apresentar seus planos ao público. As pessoas respeitam você. Os Wrayburn são uma família orgulhosa e você lutou bravamente na Guerra Maligna. Deve haver entre nós um grupo disposto a resistir a ele. Muitos têm medo de se manifestar.

— Eu não tenho — falou Diana, e notou Gwyn lhe dando um olhar cálido de admiração.

— O mundo pode mudar tão depressa — observou Jia. — Um dia o futuro parece promissor e, no dia seguinte, nuvens de ódio e intolerância se acumulam como se fossem sopradas de um mar ainda não imaginado.

— Elas sempre estiveram lá, Jia — falou Diana. — Mesmo que nós não quiséssemos reconhecer. Sempre estiveram no horizonte.

Jia parecia extenuada, e Diana se perguntou se a outra havia chegado ali caminhando, embora duvidasse que fosse o esgotamento físico o responsável por cansar a Consulesa.

— Não sei se daremos conta de reunir forças para limpar os céus novamente.

— Está bem — falou Kit. — Primeiro nós vamos fazer um tensor com um clipe de papel.

— Nós vamos fazer o quê? — Dru prendeu os cabelos atrás das orelhas e encarou Kit com olhos arregalados. Ambos estavam sentados numa das mesas compridas da biblioteca, com um cadeado e uma pilha de cliques de papel entre eles.

Ele resmungou.

— Não me diga que você não sabe o que é um clipe de papel.

Ela se mostrou indignada.

— É óbvio que sei. São estes daqui. — E apontou um dedo. — Mas o que é

que nós estamos fazendo?

— Eu vou te mostrar. Pegue um clipe.

Ela obedeceu.

— Dobre, formando um L — instruiu Kit. — A parte reta é a parte de cima. Isso, ótimo. — O rosto de Dru estava contorcido de concentração. Ela vestia uma camiseta preta com os dizeres DO ALÉM-TÚMULO e tinha um desenho de uma lápide rachada.

Kit pegou um segundo clipe e o deixou totalmente reto.

— Esta gazua é pra você — falou. — O que você está segurando é o tensor.

— Está bem — disse ela. — Agora, como você abre a tranca?

Ele deu uma risada.

— Calminha aí. Muito bem, pegue o cadeado; você vai pegar o tensor e enfiar na parte de baixo da fechadura.

Dru fez como ele tinha ensinado. Sua língua se projetava no canto da boca. Parecia uma garotinha concentrada num livro.

— Gire na direção em que a fechadura giraria — falou ele. — Não para a esquerda... isso. Assim... Agora pegue a gazua com a outra mão.

— Não, espere... — Ela deu uma risada. — Isso é confuso.

— Está bem, eu vou te mostrar. — Ele deslizou o segundo clipe para dentro da fechadura e começou a raspar para a frente e para trás, tentando empurrar os pinos para cima. Seu pai o ensinara a sentir os pinos com a gazua... este cadeado possuía cinco deles. E então ele começou a manipular delicadamente, levantando um pino depois do outro. — Gire o tensor — falou, de repente, e Dru deu um pulo. — Gire para a direita.

Ela girou e o cadeado se abriu. Dru deu um gritinho abafado.

— Isso é tão legal!

Kit teve vontade de sorrir para ela — nunca lhe ocorrera querer uma irmã caçula, mas havia alguma coisa boa em se ter alguém a quem ensinar as coisas.

— O Ty sabe como fazer isso? — perguntou ela.

— Acho que não — falou Kit. Ele fechou novamente o cadeado e o entregou a ela. — Mas provavelmente ele aprenderia rápido. — Aí passou a gazua para ela e se recostou. — Agora é você.

Ela resmungou.

— Não é justo.

— Você só aprende fazendo. — Era uma coisa que o pai de Kit sempre dizia.

— Você está falando como o Julian. — Dru soltou uma risadinha e começou a abrir o cadeado. As unhas estavam pintadas com esmalte preto lascado. Kit ficou impressionado com a delicadeza com que ela lidava com a gazua e o tensor.

— Nunca imaginei que alguém diria que eu soei como Julian Blackthorn.

Dru ergueu o olhar.

— Você sabe do que estou falando. Falar feito um pai. — Ela girou o tensor.

— Fico contente por você ser amigo de Ty — disse ela, inesperadamente, e Kit sentiu o coração dar um pulo brusco. — Quero dizer, ele sempre teve Livvy. Então ele não precisava de outro amigo. Era como um clubinho e ninguém podia entrar. Mas você apareceu e conseguiu fazer parte.

Ela agora havia parado de tentar abrir a tranca, ainda segurando o cadeado, e o fitava com aqueles olhinhos muito parecidos com os de Livvy, aquele azul-esverdeado arregalado ornado com cílios escuros.

— Me desculpa? — falou ele.

— Não tem que se desculpar. Eu sou muito nova. Ty nunca me deixaria entrar, mesmo que você não tivesse aparecido. — Ela falava de maneira despretensiosa. — Eu adoro Julian. Ele é, tipo, o melhor dos pais. Dá pra saber que ele sempre vai botar você em primeiro lugar. Mas Ty sempre foi o meu irmão legal. Ele tinha tantas coisas incríveis no quarto, os bichos gostavam dele, e ele sabia tudo...

Ela se calou e as bochechas coraram. Ty tinha entrado no cômodo, com o cabelo úmido em cachos macios e molhados, e Kit sentiu um lento movimento dentro de si, como se seu estômago tivesse se revirado. Ele disse a si que provavelmente era só constrangimento porque Ty entrara quando estavam falando exatamente dele.

— Estou aprendendo a abrir fechaduras — falou Dru.

— Saquei. — Ty deu uma olhadela à irmã. — Mas eu preciso falar com Kit agora.

Kit desceu da mesa rapidamente, quase derrubando a pilha de cliques de papel.

— Dru se saiu muito bem — falou.

— Saquei — repetiu Ty. — Mas eu preciso falar com você.

— Então fale — disse Dru. Ela havia pousado a parafernália de abrir fechaduras na mesa e olhava Ty com uma careta.

— Não com você aqui — falou ele.

Tinha ficado bem óbvio, mas mesmo assim Dru soltou um resmungo magoado e pulou da mesa. Saiu pisando duro biblioteca afora e bateu a porta.

— Aquilo não foi... ela não foi... — começou Kit, mas sem conseguir terminar. Ele não era capaz de censurar Ty. Não agora.

Ty abriu o casaco e esticou a mão bruscamente para um bolso interno.

— Temos que ir ao Mercado das Sombras hoje à noite — falou.

Kit arrastou o cérebro de volta ao presente.

— Estou proibido de pisar no Mercado, e acho que você também.



— Nós podemos fazer uma petição no portão — falou Ty. — Eu li sobre pessoas fazendo isso. Os Mercados das Sombras têm portões, não têm?

— Têm portões, sim. E estão indicados. Eles não mantêm as pessoas dentro ou fora; são mais como pontos de encontro. E, sim, você pode fazer uma petição ao líder do Mercado, mas o líder é Barnabas, e ele me odeia.

Ty pegou um clipe de papel da mesa e o observou com interesse. Havia hematomas em seu pescoço, Kit notou de súbito. Ele não se lembrava deles, o que lhe pareceu estranho, mas e daí, quem é que percebia cada machucado na pele de outra pessoa? Ty provavelmente os ganhara durante a luta contra os Cavaleiros em Londres.

— Nós só temos que convencê-lo de que é do interesse dele nos deixar entrar.

— E como é que você planeja fazer isso? Nós não somos exatamente exímios negociadores.

Ty, que desempenhara o clipe de papel, deu a Kit um de seus raros sorrisos-de-pôr-do-sol-sobre-a-água.

— Você é.

— Eu... — Kit se deu conta de que estivera sorrindo e se calou. Ele sempre tinha sarcasmo na ponta da língua, nunca fora alguém de aceitar um elogio graciosamente, mas era como se houvesse alguma coisa em Ty Blackthorn capaz de tocar e desamarrar todos os cuidadosos nós de proteção que o envolviam. Ele se perguntou se era isso o que as pessoas queriam dizer quando comentavam estar derretidas por alguma coisa.

Ty franziu a testa como se não tivesse notado o sorriso bobo do outro.

— O problema é que nenhum de nós dirige. Não tem jeito de chegarmos ao Mercado — disse ele.

— Mas você tem um iPhone — retrucou Kit. — Na verdade, tem alguns no Instituto. Eu já vi.

— Sim, mas... — falou Ty.

— Vou te apresentar uma invenção maravilhosa chamada Uber — anunciou Kit. — Sua vida não será mais a mesma, Ty Blackthorn.

— Ah, Watson — disse Ty, guardando o clipe no bolso. — Você pode não ser luminoso, mas é um extraordinário condutor de luz.

Diego ficara surpreso por Gladstone querer trancar os dois na biblioteca. Ele nunca considerara a biblioteca um cômodo particularmente seguro. Assim que ambos estavam em seu interior e com a sólida porta de carvalho trancada atrás deles, Diego (que estava sem as armas e a estela) começou a perceber as vantagens da biblioteca como uma prisão.

As paredes eram grossas e não havia janelas, a não ser o imenso teto de vidro muito, muito acima deles. As paredes translúcidas eram impossíveis de serem escaladas ou quebradas, e nada no cômodo renderia uma arma útil — eles poderiam atirar livros, imaginou Diego, ou tentar virar as mesas, mas não imaginava que isso resolveria muita coisa.

Ele foi até onde Kieran estava sentado, estatelado, aos pés da imensa árvore que crescia do piso. Se ao menos ela fosse tão alta a ponto de alcançar o teto, pensou.

Kieran estava arqueado contra o tronco. Ele apertava os olhos com as mãos, como se pudesse se cegar.

— Você está bem? — quis saber Diego.

Kieran abaixou as mãos.

— Eu sinto muito. — Ele ergueu o olhar para Diego, que notou as marcas das palmas nas maçãs de seu rosto.

— Está tudo bem. Você estava machucado. Eu posso procurar meios de sair sozinho — disse Diego, fingindo ter entendido errado.

— Não, eu quero dizer que eu *sinto muito* — Kieran falou com emoção. — Eu *não consigo*.

— Você não consegue o quê?

— Sair daqui. Eu sinto a culpa como uma cortina de espinhos me enrolando. Toda vez que me mexo, eu me corto de novo.

*A piscina faz você sentir cada dor que causou aos outros.*

— Nenhum de nós é inocente — falou Diego, e pensou em sua família e em Cristina. — Cada um de nós machucou outra pessoa. Querendo ou não.

— Você não compreende. — Kieran balançava a cabeça. Uma mecha de cabelo caiu sobre a testa, o prateado escurecendo ao azul. — Quando eu estava na Caçada, eu era palha flutuando com o vento ou com a água. Só me restava me agarrar a outras palhas. Eu acreditava que não tinha efeito no mundo. Que eu importava tão pouco, que não podia ajudar nem machucar ninguém. — Ele retesou os punhos. — Agora eu senti a dor de Emma, a tristeza de Mark, a dor de cada um que eu feri na Caçada, até a dor de Erec quando morreu. Mas como eu poderia ter sido a pessoa que causou tal dor se sou alguém cujas ações estão escritas na água?

Os olhos, preto e prata, estavam assombrados. Diego falou:

— Kieran, você não causou apenas dor neste mundo. É só aquela piscina, que não mostra o bem, apenas a dor.

— Como você sabe? — gritou Kieran. — Nós mal nos conhecemos, você e eu...

— Por causa de Cristina — falou Diego. — Cristina tem fé em você. Fé

verdadeira, imaculada e intacta. Por que você acha que concordei em esconder você aqui? Porque ela acreditava que você era bom, e eu acreditei nela.

Ele parou antes de falar demais, mas Kieran já tinha se encolhido ao ouvir o nome de Cristina. A pergunta seguinte deixou Diego perplexo.

— Como posso encará-la novamente?

— Você se importa tanto assim com o que ela pensa? — perguntou Diego. Não lhe ocorrera que Kieran se importasse. Sem dúvida, ele não conhecia Cristina tão bem assim.

— Mais do que você poderia imaginar ou supor — observou Kieran. — Como você voltou a encará-la depois de ficar noivo de Zara e partir o coração dela?

— Sério? — Diego ficou mordido. — A gente tem mesmo que falar disso agora?

Kieran o encarou com olhos selvagens. Diego suspirou.

— Sim, eu decepcionei Cristina e perdi o respeito dela... você deve saber como é isso. Decepcionar alguém que se ama. Ter decepcionado a si mesmo.

— Talvez não exatamente — falou Kieran, com uma sombra de sua antiga ironia. — Ninguém me chama de Kieran Perfeito.

— Eu não *me* chamo de Diego Perfeito! — protestou Diego, sentindo que a conversa degenerara. — Ninguém deveria se chamar assim!

Houve um barulho à porta. Os dois se viraram, prontos para encarar o perigo, mas quando foi aberta, Diego ficou impressionado ao ver Divya à entrada.

Ela parecia ter saído de uma luta. Arranhada e ensanguentada, ergueu a chave.

— Eu peguei de Gladstone no caos da enfermaria — explicou. — Duvido que a gente tenha muito tempo até ele notar que sumiu.

Diego passou por ela e abriu uma fresta na porta da biblioteca. O corredor estava vazio.

— O que está acontecendo? Onde está Rayan?

— Tentando ver o que os outros sabem, os que vieram de Alicante e *não* fazem parte da Tropa. As estelas de todos foram confiscadas. Zara voltou a Idris via Portal pouco depois de você levar Kieran. E Gladstone está na enfermaria com Samantha — falou Divya. — Ela não para de gritar. — A menina mordeu o lábio. — E está muito mal mesmo.

Kieran se levantara, embora ainda estivesse se apoiando na árvore.

— Vocês dois deviam cair fora — falou. — Saiam daqui. É a mim que eles querem, e vocês já correram perigo suficiente por minha causa.

Divya lançou um olhar irônico para ele.

— Pelo Anjo, agora ele só quer saber de autossacrifício depois que caiu na piscina. Fada, você não *me* causou nenhum mal. Estamos de boa.

— Eu causei preocupação e fiz vocês sentirem medo — disse Kieran, fitando-a com um olhar ao mesmo tempo assustador e assustado. — Vocês temiam o que poderia acontecer a vocês e aos outros, a retaliação por estarem me escondendo. Você temia por Rayan. — Ele olhou para Diego. — E você...

— Não. — Diego ergueu a mão. — Eu não quero ouvir sobre os meus sentimentos.

— O que todo homem diz sempre — brincou Divya, mas seus olhos estavam muito brilhantes. — Ouçam, tem mais coisas que eu preciso contar. E vocês dois deveriam prestar atenção. Eu ouvi Zara rindo com Gladstone na enfermaria antes de trazerem Samantha. O Inquisidor enviou dois Caçadores de Sombras ao Reino das Fadas numa missão suicida para encontrar o *Volume Preto*.

— Jace e Clary? — falou Diego, confuso. — Não é uma missão suicida.

— Eles não. Emma e Julian Blackthorn. Partiram ontem.

— Eles nunca deveriam ter concordado com uma missão suicida — falou Kieran. — Julian não deixaria seus irmãos e irmãs. *Nunca*.

— Eles não *sabem* que é uma missão suicida... Dearborn enviou alguém atrás deles para matá-los antes que possam voltar.

— Isso é contra a Lei. — Foi tudo que Diego conseguiu pensar em dizer, e no mesmo instante se sentiu ridículo.

— Horace Dearborn não se preocupa com as Leis — falou Kieran. Suas bochechas coraram intensamente. — Ele não se importa com nada, a não ser levar adiante seus propósitos. Para ele, um Nephilim que não está de acordo não é melhor do que um ser do Submundo. São todos vermes a serem destruídos.

— Kieran tem razão — falou Divya. — Ele é o Inquisidor, Diego. Ele vai mudar todas as Leis... mudar para poder fazer o que bem entender.

— Nós temos que ir — falou Kieran. — Não há um segundo a perder. Temos que contar aos Blackthorn... a Mark e Cristina...

— Todas as saídas têm guardas — falou Divya. — Não estou dizendo que é impossível, mas vamos precisar de Rayan, Gen e dos outros. Não podemos lutar contra a Tropa sozinhos. Sobretudo, não sem as estelas. Vamos precisar de um plano...

— Não temos tempo para planejar... — começou Kieran.

Subitamente, Diego pensou em Cristina, no modo como ela escrevera sobre Kieran na carta em que pedira a Diego para escondê-lo. A fascinação que ela sentia por fadas ainda desde a infância, o choro dela quando a Paz Fria fora aprovada, repetindo a Diego que fadas eram boas, que seus poderes eram parte da magia abençoada do mundo.

— Kieran — falou Diego ríspidamente. — Você é príncipe do Reino das Fadas. *Aja* como um.

Kieran deu a ele um olhar sombrio e selvagem. Sua respiração estava entrecortada. Divya olhou para Diego, como se perguntasse: *o que diabos você está fazendo?* no momento em que Kieran esticou o braço e agarrou um galho da árvore.

Ele fechou os olhos preto e prata. O rosto era uma máscara pálida. Ele cerrou o queixo mesmo quando as folhas da árvore começaram a farfalhar, como se houvesse um vento forte. Era como se a árvore estivesse chamando alguma coisa.

— O que está acontecendo? — murmurou Divya.

Uma luz cintilou pela árvore — não eram raios, mas centelhas de puro brilho. Aí envolveu Kieran como se ele estivesse contornado por tinta dourada. Seu cabelo ficou num estranho tom de verde-dourado, uma coisa que Diego nunca tinha visto.

— Kieran... — começou Diego.

Kieran ergueu as mãos. Seus olhos ainda estavam fechados e de sua boca jorraram palavras numa linguagem inédita aos ouvidos de Diego. Ele queria que Cristina estivesse aqui. Cristina poderia traduzir. Kieran gritava e Diego pensou ter ouvido a expressão “Lança do Vento” repetidas vezes.

*Lança do Vento*, pensou Diego. *Isso não é...?*

— Tem alguém chegando! — gritou Divya. Ela correu até a porta da biblioteca, batendo com força e trancando-a, mas balançava a cabeça. — São muitos, Diego...

O teto de vidro explodiu, e Diego e Divya prenderam a respiração.

Um cavalo branco colidiu contra o teto. Um cavalo branco *voador*, altivo e belo. Choveu vidro e Diego mergulhou para baixo de uma mesa próxima, arrastando Divya junto. Kieran abriu os olhos e esticou a mão para dar as boas-vindas enquanto Lança do Vento cortava o ar, veloz como uma flecha, leve como a lanugem de cardo.

— Pelo Anjo — murmurou Divya. — Meu Deus, eu costumava adorar pôneis quando era pequena.

Kieran pulou nas costas de Lança do Vento. Seus cabelos tinham voltado ao azul e preto mais normal, mas ele ainda estalava com a energia. Suas mãos lançavam faíscas enquanto ele se movimentava. Ele esticou a mão para Diego, que saiu de baixo da mesa com dificuldade, com Divya ao seu lado, as botas esmagando vidro quebrado.

— Venham comigo — chamou Kieran. O recinto estava tomado pelo vento frio, com o cheiro dos Cárpatos e da água do lago. Acima deles, a abóbada quebrada se abria para um céu cheio de estrelas. — Vocês não vão estar a salvo aqui.

Divya, porém, balançou a cabeça. Esmagando o desejo de fugir, que crescia dentro de si, Diego fez a mesma coisa.

— Vamos ficar e lutar — gritou. — Somos Caçadores de Sombras. Não podemos fugir todos e deixar apenas os piores entre nós para tomarem o poder. Devemos resistir.

Kieran hesitou, bem no momento em que a porta da biblioteca foi aberta com violência. Gladstone e uma dezena de integrantes da Tropa invadiram, os olhos arregalados.

— Parem ele! — gritou o professor, gesticulando o braço loucamente na direção de Kieran. — Manuel... Anush...

— Kieran, vá! — rugiu Diego, e Kieran segurou a crina de Lança do Vento. Eles explodiram no ar antes que Manuel pudesse fazer algo além de dar um passo à frente. Diego pensou ter visto Kieran olhar para trás, para ele, uma vez antes de o cavalo passar pelo teto e eles reluzirem num raio branco pelo céu.

Diego ouviu alguém atrás de si. Do outro lado do cômodo, Divya o observava, com lágrimas nos olhos. Atrás dela, seu primo Anush algemava suas mãos.

— Você vai se arrepender muito do que fez — falou Manuel, e o murmúrio satisfeito e rouco roçou o ouvido de Diego. — Vai se arrepender muito, Rocio Rosales.

E então a escuridão se fez.

Emma foi levada na garupa de Nene, no cavalo cinzento, e Julian cavalgava atrás de Fergus, sem chance de uma conversa. A frustração se agitava em Emma enquanto eles seguiam debaixo de árvores verdes; as lanças douradas de luz que atravessavam os espaços entre as árvores transformando-se num bronze mais escuro conforme o dia avançava.

Ela queria conversar com Julian, queria traçar um plano para quando chegassem à Corte Seelie. O que eles diriam à Rainha? Como sairiam de lá? O que eles queriam dela?

Mas parte dela também estava muito aborrecida para conversar com Julian. Como ele ousara esconder dela uma parte importante do plano? Deixar que ela chegasse ao Reino das Fadas sem saber de nada, acreditando que a missão deles era uma, quando aparentemente na verdade era outra? E uma parte, a menorzinha e mais fria dela, dizia: *a única razão que o faria não revelar o plano seria se ele já soubesse que você se oporia a ele.*

E bem lá no fundo, onde Emma mal tinha palavras para descrever o que sentia, ela sabia que, se não fosse pelo feitiço, Julian nunca teria feito isso,

porque ela nunca fora uma das pessoas que ele manipulara e para quem mentira. Ela era da família, de dentro do círculo protegido, e por isso havia perdoado as mentiras, os planos, porque não tinham sido dirigidos a ela. Eles eram voltados aos inimigos da família. O Julian que precisara mentir e manipular era um personagem criado por uma criança assustada para proteger as pessoas que amava. Mas e se o feitiço tivesse tornado o personagem real? E se Julian fosse isso agora?

Eles tinham deixado a floresta para trás e estavam num lugar com campos verdes onde não havia sinal de habitação. Apenas a grama verde tremulando durante quilômetros, salpicada de trechos de flores roxas e azuis, e montanhas de um violeta-escuro ao longe. Uma colina se erguia diante deles como uma onda verde, e Emma arriscou um olhar a Julian quando a frente da colina se ergueu tal como um portão levadiço e revelou uma entrada imensa toda em mármore.

No Reino das Fadas, as coisas raramente pareciam iguais à segunda olhada, Emma sabia; da última vez que tinham entrado na Corte Seelie através de uma montanha, eles se flagraram num corredor estreito. Agora cavalgavam debaixo de um elegante portão de bronze que exibia arabescos de cavalos empinados. Nene e Fergus desmontaram, e foi somente depois que Emma deslizara para o soalho de mármore que ela notou que as rédeas dos dois cavalos foram levadas por minúsculas fadas que adejavam, com vastas asas azuis, vermelhas e douradas.

Os cavalos saíram trotando conduzidos pelas pixies barulhentas.

— Eu não rejeitaria uma dessas para pentear meu cabelo todas as manhãs — falou Emma para Nene, que lhe deu um sorriso difícil de interpretar. Era irritante como Nene se parecia com Mark, com os mesmos cabelos cacheados, louro-platinados e ossos estreitos.

Fergus semicerrou os olhos.

— Meu filho é casado com uma pixie diminuta — falou ele. — Por favor, não faça perguntas indiscretas.

Julian ergueu as sobrancelhas, mas não disse uma única palavra. Ele e Emma acertaram o passo para ficarem lado a lado enquanto seguiam Nene e Fergus do cômodo coberto com mármore para um corredor de terra que se contorcia montanha adentro.

— Acho que tudo saiu de acordo com seu plano, não é? — provocou Emma friamente, sem olhar para Julian. No entanto, ela podia senti-lo ao seu lado, o calor familiar e as formas dele. Seu *parabatai*, que ela teria reconhecido mesmo surda e vendada. — Se você estiver mentindo sobre estar com o *Volume Preto*, vai terminar mal para nós dois.

— Não estou mentindo — falou ele. — Tinha uma loja de fotocópias perto

do Instituto de Londres. Você vai ver.

— Nós não devíamos *sair* do Instituto, Julian...

— Era a melhor opção — falou Julian. — Você pode estar muito sentimental para ver claramente, mas isso nos leva para mais perto do que queremos.

— Como assim? — sibilou Emma. — Que sentido faz vir atrás da Rainha Seelie? Nós não podemos confiar nela, não mais do que em Horace ou Annabel.

Os olhos de Julian brilharam como as pedras preciosas nas paredes do túnel comprido. Elas reluziam em fileiras de jaspe e quartzo. O piso tinha se transformado em ladrilho polido, branco e verde leitoso.

— Não confiar na Rainha é parte do meu plano.

Emma queria chutar uma parede.

— Você não sacou que não era para ter um plano que incluísse a Rainha? Todos estamos lidando com a Paz Fria por causa da traição dela.

— Tantos sentimentos antifadas — falou Julian, passando debaixo da cortina de renda cinza. — Estou surpreso com você.

Emma seguiu atrás dele.

— Nada a ver com fadas em geral. Mas a Rainha não tem limites... ora, olá, Sua Majestade!

*Ai, droga.* Parecia que a cortina cinza pela qual tinham passado era a entrada para a Corte da Rainha. A Rainha em pessoa estava sentada no meio do cômodo, em seu trono, e fitava Emma com frieza.

A câmara parecia igual a antes, como se um incêndio tivesse se alastrado anos atrás e ninguém tivesse limpado os danos direito. O soalho era de mármore rachado e escurecido. O trono da Rainha era de bronze manchado, e as costas dele se erguiam com ornamentos em formato de leque. Aqui e ali havia arranhões nas paredes, como se um animal imenso tivesse arrancado pedaços do mármore com as garras.

A Rainha era chamas e ossos. As clavículas ossudas se projetavam no vestido de desenhos intrincados azuis e dourados; os compridos braços desnudos eram finos como bastões. Ao redor dela, os marcantes cabelos vermelho-escuros se movimentavam em ondas densas de sangue e fogo. Do rosto branco e fino, olhos azuis ardiam como chamas de gasolina.

Emma pigarreou.

— A Rainha não tem limites em sua luminosidade — falou. — Era o que eu ia dizer.

— Você não vai me cumprimentar dessa maneira informal, Emma Carstairs — falou ela. — Entendeu?

— Eles foram atacados na estrada — falou Nene. — Nós enviamos mensageiros pixie na frente para contar a você...



— Eu soube — falou a Rainha. — Mas isso não é desculpa para a grosseria.

— Acho que a loura estava prestes a chamar a Rainha de vassoura de piaçava — murmurou Fergus para Nene, que parecia mais exasperada do que qualquer cortesão do Reino das Fadas já pareceu.

— É verdade — concordou Emma.

— Ajoelhem-se — interrompeu a Rainha. — Ajoelhem-se, Emma Carstairs e Julian Blackthorn, e demonstrem respeito apropriado.

Emma sentiu seu queixo empinar como se tivesse sido puxado por uma corda.

— Nós somos Nephilim — falou. — Não nos ajoelhamos.

— Porque antigamente os Nephilim eram gigantes na Terra, com a força de mil homens? — O tom da Rainha era de leve zombaria. — Como os poderosos caíram.

Julian deu um passo em direção ao trono. Os olhos da Rainha o fitaram de cima a baixo, avaliando, medindo.

— Você prefere um gesto vazio ou algo que realmente queira? — perguntou ele.

Os olhos azuis da Rainha brilharam.

— Você está sugerindo que tem alguma coisa que eu queira realmente? Pense com cuidado. Não é fácil adivinhar o que uma monarca deseja.

— Eu tenho o *Volume Preto dos Mortos* — falou Julian.

A Rainha deu uma risada.

— Ouvi falar que você o tinha perdido. Juntamente à vida de sua irmã — falou.

Julian empalideceu, mas a expressão não mudou.

— Você nunca especificou como queria o *Volume Preto*. — A Rainha e Emma o observaram enquanto ele enfiava a mão na mochila e retirava um manuscrito branco. Do lado esquerdo, viam-se furos, e a coisa toda estava presa com espirais grossas.

A Rainha se recostou, os cabelos vermelho-chama brilhantes contra o metal escuro do trono.

— Este não é o *Volume Preto*.

— Acho que se você examinar as páginas, vai descobrir que é — falou Julian.

— Um livro são as palavras que ele contém, nada mais. Eu tirei fotos de cada página do *Volume Preto* com o celular, imprimi e encadernei numa loja de fotocópias.

A Rainha inclinou a cabeça, e o fino círculo dourado que enfeitava a sobancelha brilhou.

— Não compreendo as palavras de seus feitiços e rituais mortais — falou.

Sua voz tinha se elevado até um agudo intenso. Por trás dos olhos às vezes zombeteiros, às vezes risonhos, Emma pensou ter visto um lampejo da verdadeira Rainha e do que aconteceria caso alguém a irritasse, e sentiu um calafrio. — Não serei enganada nem rirão de mim, Julian Blackthorn, e eu não confio em sua estripulia. Nene, pegue o livro dele e o examine!

Nene avançou e estendeu a mão. Nos cantos sombrios do recinto, via-se movimento; Emma percebeu que alinhados junto às paredes havia guardas fada em uniformes cinzentos. Não era de admirar que tivessem deixado os dois entrarem carregando armas. Devia haver mais de cinquenta guardas ali, e mais ainda nos túneis.

*Entregue o livro para Nene, Julian*, pensou ela, e, de fato, ele o passou sem dar um murmúrio. Ficou observando calmamente enquanto Nene o examinava, seus olhos roçando as páginas. Finalmente, ela falou:

— Isso foi feito por um calígrafo muito talentoso. As pinceladas são exatamente como eu me lembro.

— Um calígrafo muito talentoso chamado OfficeMax — murmurou Julian, mas Emma não sorriu.

A Rainha ficou em silêncio por um longo tempo. As batidas do pé, que calçava pantufa, eram o único som no recinto enquanto todos aguardavam que ela se pronunciasse. Finalmente, ela disse:

— Não é a primeira vez que você me apresenta uma questão confusa, Julian Blackthorn, e desconfio que não será a última.

— Não deveria ser confusa — retrucou Julian. — É o *Volume Preto*. E você falou que se nós te déssemos o *Volume Preto*, você nos ajudaria.

— Não é bem assim — falou a Rainha. — Eu me lembro de fazer promessas. Mas algumas podem não ser relevantes mais.

— Eu estou pedindo que você se lembre que prometeu nos ajudar — falou Julian. — Estou pedindo que você nos ajude a encontrar Annabel Blackthorn aqui no Reino das Fadas.

— Nós já estamos aqui para encontrá-la — falou Emma. — Não precisamos da ajuda desta... desta... pessoa. — E olhou de cara feia para a Rainha.

— Nós temos um mapa que mal funciona — falou Julian. — A Rainha vai ter espiões por todo o Reino das Fadas. Poderíamos levar semanas até encontrar Annabel. Poderíamos perambular pelo Reino eternamente enquanto nossa comida acaba. A Rainha poderia nos levar até ela. Nada acontece neste reino sem que ela saiba.

A Rainha deu um sorriso irônico.

— E o que você quer de Annabel quando a encontrar? O segundo *Volume Preto*?

— Sim — falou Julian. — Você pode ficar com a cópia. Eu preciso levar o *Volume Preto* original comigo para provar à Clave que não está mais nas mãos de Annabel Blackthorn. — Ele fez uma pausa. — E eu quero vingança. Vingança pura e simples.

— Não há nada de simples na vingança. E nada puro — falou a Rainha, mas seus olhos brilharam com interesse.

Se a Rainha sabia tanto, por que simplesmente não matava Annabel e pegava o *Volume Preto*?, perguntava-se Emma. Por causa do envolvimento da Corte Unseelie? Mas ficou de boca fechada; era evidente que ela e Julian estavam longe de concordar a respeito da Rainha.

— Antes, você queria um exército — falou a Rainha. — Agora só quer que eu encontre Annabel para você?

— É uma barganha melhor para você — falou Julian, e Emma percebeu que ele não tinha dito “sim”. Ele queria mais do que isso da Rainha.

— Talvez, mas não terei a palavra final nesse mérito do volume — falou a Rainha. — Primeiro, um especialista tem que concordar. E vocês devem permanecer na Corte até ser feito.

— Não! — falou Emma. — Nós não vamos ficar por tempo indeterminado aqui no Reino. — Ela se virou para Julian. — É assim que eles te pegam! Por tempo indeterminado!

— Eu vou tomar conta de vocês dois — falou Nene inesperadamente. — Por amor a Mark. Vou tomar conta de vocês e ter certeza de que nenhum perigo afetará vocês.

A Rainha lançou a Nene um olhar pouco amigável antes de voltar a fitar Emma e Julian.

— O que dizem?

— Não tenho certeza — falou Julian. — Pagamos um preço alto por este livro, em sangue e perda. Ouvir agora que vamos ter que esperar...

— Ah, muito bem — falou a Rainha, e em seus olhos Emma viu uma curiosa luz de ansiedade. Talvez ela estivesse mais desesperada pelo livro do que Emma pensara? — Como um sinal de minha boa-fé, eu lhe darei parte do que prometi. Eu lhe direi, Julian, como certos vínculos podem ser rompidos. Mas não *a ela*. — E fez um gesto para Emma. — Isso não era parte da barganha.

Emma o ouviu inspirar com força. Os sentimentos de Julian por ela talvez tivessem sumido, pensou, mas por alguma razão ele ainda queria isso desesperadamente: o conhecimento de como o vínculo entre eles poderia ser dissolvido. Talvez fosse um desejo atávico, tal como ele descrevera seu desejo de proteger Ty, uma necessidade profunda de sobrevivência?

— Nene — chamou a Rainha. — Por favor, acompanhe Emma até o quarto

onde ela ficou da última vez que foi convidada da Corte.

Fergus gemeu. Era dele o quarto onde Emma e Julian tinham dormido antes.

Nene se aproximou da Rainha, pousou a cópia do *Volume Preto* aos pés dela e recuou, parando ao lado de Emma.

A Rainha sorriu com os lábios vermelhos.

— Julian e eu permaneceremos aqui e conversaremos em particular — falou.

— Guardas, podem me deixar. Deixem-nos a sós.

— Eu não tenho que ir — falou Emma. — Sei do que se trata. Romper todas as ligações *parabatai*. Nós não precisamos ouvir sobre isso. Não vai acontecer.

O olhar da Rainha foi cheio de desprezo.

— Tolinha — emendou. — Provavelmente você acha que está protegendo alguma coisa sagrada. Alguma coisa boa.

— Sei que é algo que você não entenderia — falou Emma.

— O que você diria — continuou a Rainha — se eu contasse que há corrupção no coração da ligação dos *parabatai*? Veneno. Uma escuridão nela que reflete a sua bondade. Há uma razão pela qual os *parabatai* não podem se apaixonar, e é monstruosa, para além de tudo que você poderia imaginar. — Sua boca reluziu como uma maçã envenenada quando ela sorriu. — Os símbolos *parabatai* não são dados pelo Anjo, mas pelos homens, e homens têm falhas. David, o Silencioso e Jonathan Caçador de Sombras criaram o símbolo e a cerimônia. Você imagina que isso não tem consequências?

Era verdade, e Emma sabia. A Marca *parabatai* não estava no *Livro Gray*. Mas nem o símbolo da Aliança que Clary tinha criado estava, e ele era considerado um bem universal.

A Rainha estava distorcendo a verdade a seu bel-prazer, como sempre fazia. Seus olhos, fixos nos de Emma, eram lascas de gelo azul.

— Vejo que você não entendeu — falou. — Mas vai entender.

Antes que Emma pudesse protestar, Nene segurou seu braço.

— Venha — murmurou. — Enquanto a Rainha ainda está de bom humor.

Emma olhou para Julian. Ele não se mexera um dedo, costas rígidas, olhar fixado na Rainha. Emma sabia que deveria dizer alguma coisa. Protestar, aconselhá-lo a não dar ouvidos às palavras embusteiras da Rainha, dizer que não havia jeito, não importando o que estivesse em jogo, que justificasse o rompimento de todas as ligações *parabatai* no mundo.

Mesmo que isso fosse libertá-los. Mesmo que isso lhe trouxesse Julian de volta.

Ela não conseguia botar as palavras para fora. Saiu da câmara da Rainha ao lado de Nene sem dizer nada.

# 10

## Um Magnífico Templo

A visão do familiar Mercado das Sombras foi como um soco no peito de Kit. Era uma noite típica de Los Angeles: a temperatura caíra ao pôr do sol e um vento frio soprava pelo terreno vazio onde ficava o Mercado, fazendo ressoarem as dezenas de sinos de fada que pendiam nos cantinhos das barracas com tendas brancas.

Ty reprimira a empolgação durante todo o trajeto no banco de trás do Uber, e dera vazão ao seu nervosismo enrolando a manga da camisa de Kit e desenhando Marcas nele: Visão Noturna, Agilidade e uma chamada Talento, que Ty lhe dissera ser capaz de torná-lo mais convincente. Agora eles estavam parados nos arredores do Mercado, depois de terem sido deixados na Kendall Alley. Ambos estavam vestidos da forma mais mundana possível, com jeans, casacos de zíper e botas de couro.

Mas Ty ainda era visivelmente um Caçador de Sombras. Ele se portava como um, caminhava como um e se assemelhava a um, e ainda havia Marcas visíveis na pele delicada do pescoço e dos pulsos. E muitos hematomas também — cobrindo as laterais das mãos, do tipo que nenhum menino mundano teria a menos que fosse sócio de um clube de luta ilegal.

Mas não teria feito diferença mesmo que ele conseguisse cobri-las totalmente. Caçadores de Sombras pareciam sangrar sua herança angelical pelos poros. Kit se perguntava se com ele já seria assim também.

— Não estou vendo os portões — falou Ty, esticando a cabeça.

— Os portões são... metafísicos. Não são exatamente reais — explicou Kit. Eles caminhavam em direção à parte do Mercado onde eram vendidas poções e amuletos. Uma barraca coberta de rosas em tons de vermelho, cor-de-rosa e branco vendia amuletos. Outra, com um toldo verde e branco, vendia sorte e boa

fortuna, e uma barraca cinza perolada com cortinas de renda, às quais lhe conferiam privacidade, vendia os itens mais perigosos: necromancia e magia mortal eram proibidas no mercado, mas as regras não eram lá muito rigorosas.

Uma puca estava encostada num poste de luz ali perto, fumando um cigarro. Atrás dele, as vias do Mercado pareciam ruelas reluzentes, atraindo Kit com gritos de “Compre!” Vozes clamavam, joias tilintavam e chacoalhavam, especiarias e incenso perfumavam o ar. Kit sentiu uma nostalgia misturada a ansiedade e deu uma olhadela rápida para Ty. Eles ainda não tinham entrado propriamente no Mercado; será que Ty estava pensando em como odiara o Mercado de Londres, no modo como aquele ambiente o fizera suar e surtar devido ao excesso de barulho, ao excesso de luz, ao excesso de pressão, ao excesso de tudo?

Ele queria perguntar a Ty se estava tudo bem, mas sabia que o outro não ia gostar. Ty olhava para o Mercado, tenso de curiosidade. Kit se virou para a puca.

— Porteiro — disse. — Solicitamos entrada no Mercado das Sombras.

O olhar de Ty voltou a se concentrar. A puca era alta, de pele marrom e magra, com mechas de bronze e dourado misturadas aos cabelos compridos. Vestia calça roxa e estava descalça. O poste no qual se apoiava ficava entre duas barracas e bloqueava o caminho para dentro do Mercado, bem no meio.

— Kit Rook — falou a puca. — Que elogio ainda ser reconhecido por alguém que nos abandonou para viver entre os anjos.

— Ele conhece você — murmurou Ty.

— Todo mundo no Mercado das Sombras me conhece — retrucou Kit, torcendo para que Ty ficasse impressionado.

A puca apagou o cigarro, que liberou um odor doce e nauseante de ervas queimadas.

— Senha — falou ele.

— Não vou dizer aquilo — respondeu Kit. — Você acha engraçado tentar fazer as pessoas dizerem aquilo.

— Dizer o quê? Qual é a senha? — quis saber Ty.

A puca sorriu.

— Espere aqui, Kit Rook — falou, e desapareceu nas sombras do Mercado.

— Ele vai atrás de Hale — falou Kit, tentando disfarçar os sinais de nervosismo.

— Eles conseguem ver a gente? — perguntou Ty. Ele olhava para dentro do Mercado das Sombras, onde grupos de seres do Submundo, feiticeiras e outros membros variados do submundo mágico se movimentavam em meio à algazarra.

— Aqui do lado de fora?

Era como estar no escuro, do lado de fora de uma sala iluminada, pensou Kit.

E embora Ty não conseguisse se expressar desse jeito, Kit desconfiava que suas impressões fossem coincidentes.

— Se estão vendo a gente, nunca vão demonstrar — falou.

De repente, Ty se virou para ele. Seu olhar passeou pela orelha de Kit, pelas maçãs do rosto, sem encará-lo.

— Watson...

— Kit Rook e Ty Blackthorn — falou uma voz rispidamente, vindo das sombras. Era Barnabas Hale, líder do Mercado. — Na verdade, estou supondo que vocês não são Kit Rook e Ty Blackthorn realmente, porque eles não seriam tão estúpidos de aparecer por aqui.

— Isso parece um elogio — falou Ty, que parecia sinceramente surpreso.

— É óbvio que não somos nós — emendou Kit. — Mandaram uma telemensagem com dois garotos do jeitinho que você pediu.

Hale franziu a testa, irritado. Sua aparência era a de sempre: baixinho e com a pele escamosa, com olhos de pupilas fendidas como as de uma cobra. Ele trajava um terno risca-de-giz que Kit imaginava ter sido totalmente reformado para caber. A maior parte dos humanos não tinha um metro de altura por um metro de largura.

A puca tinha voltado com Hale e, em silêncio, apoiou-se novamente no poste, com os olhos reluzentes.

— Prove que você é Kit Rook — falou Hale. — Qual é a senha?

— Eu ainda não pretendo dizer. Nunca vou dizer — falou Kit.

— Qual é? — quis saber Ty.

— Só deixa a gente entrar — pediu Kit. — Não queremos problemas.

Hale deu uma gargalhada alta.

— Vocês não querem problemas? Vocês dois? Só podem estar brincando. Vocês têm ideia do tipo de caos que causaram em Londres? Vocês destruíram a propriedade, atacaram vendedores, e você — ele apontou para Ty — destruiu um bocado de mercadorias das fadas. Odeio vocês dois. Vão embora.

— Preste atenção — falou Kit. — Lembra quando aquela fada queimou metade do Mercado e foi recebida no ano seguinte só porque tinha uma quantidade imensa de dentes de galinha? Você se lembra do lobisomem e da lhama, e do desfecho dessa história? E ele não foi banido porque tinha uma rota para um suprimento de *yin fen*.

— O que você quer dizer? — indagou Hale, suspirando. — Deus, como eu queria um charuto. Tive que parar de fumar.

— O espírito do Mercado é simples — continuou Kit. — Tudo fica bem desde que você obtenha lucro. Certo?

— Certo — falou Hale. — E é por isso que toleramos Johnny Rook. Nós

toleramos você porque os Caçadores de Sombras ainda não o tinham encontrado. Mas agora eles encontraram e é um pulo até você descobrir quem é realmente...

— Como assim? — perguntou Ty. O vento tinha aumentado e soprava seus cabelos escuros como flâmulas.

— Nada é de graça — retrucou Hale, com a irritação de um homem que falara demais, e que também queria um charuto e não podia fumar. — Além disso, seu dinheiro não vale aqui, Rook. — Ele acenou na direção de Ty. — Talvez eu consiga alguma coisa em troca do seu amigo magricela nos círculos certos, mas nada muito significativo.

— Em teoria, quanto? — perguntou Ty com interesse.

Hale parecia irritado.

— Não tanto quanto eu poderia conseguir por Emma Carstairs... e mais ainda só pela cabeça dela.

Ty ficou pálido. Kit sentiu que Ty agora estava se recordando de que o Mercado era verdadeiramente perigoso. Que tudo era verdadeiramente perigoso.

Kit sentiu que a situação estava fugindo do controle.

— Nada de cabeças. Olha, meu pai não confiava em ninguém, Sr. Hale. Você sabe disso. Ele escondeu os itens mais preciosos por toda Los Angeles, enterrados em locais que achava que ninguém nunca encontraria.

— Estou ouvindo — falou Hale.

Kit sabia que essa era a parte mais arriscada.

— Um dos itens está bem aqui no Mercado das Sombras. Uma cópia cravejada de rubis dos *Pergaminhos Vermelhos da Magia*.

A puca deu um assobio, longo e baixinho.

— Você pode ficar com ele, e mais: pode ficar com ele de graça — falou Kit. — Tudo o que você precisa fazer é nos deixar entrar no Mercado das Sombras de novo. Livre comércio.

Hale balançou a cabeça, arrependido.

— Agora eu realmente queria um charuto para comemorar — falou ele. — Eu já encontrei isso, garotinho tolo. Nós reviramos a barraca do seu pai antes de ele ser morto pelos Mantis. — Ele se afastou, então fez uma pausa e olhou para trás mais uma vez. O luar parecia refletir na pele branca e escamosa. — Vocês estão pisando em terreno perigoso, crianças. Saiam do Submundo antes que alguém mate vocês. Essa pessoa poderia até ser eu.

Uma língua bifurcada apareceu entre os dentes e lambeu os lábios. Kit recuou, enojado, enquanto Hale desaparecia dentro do Mercado e era engolido pelas multidões.

Kit não conseguia olhar para Ty. Era como se tivessem lhe arrancado o fôlego, surpresa e vergonha disputando igualmente para revirar seu estômago.



— Eu... — começou ele.

— Você devia simplesmente ter dito a senha — observou a puca.

Sua paciência tinha acabado, e Kit lentamente ergueu o dedo do meio.

— Toma a sua senha.

Ty abafou uma risadinha e agarrou a manga de Kit.

— Vem — falou. — Vamos sair daqui.

— Eu tenho a honra de anunciar — começou Horace Dearborn — que o Registro dos seres do Submundo que propomos está prestes a se tornar realidade.

O som que percorreu as fileiras de Nephilim sentados no Salão do Conselho era difícil de decifrar. Para Diana, era como o rugido de um animal afugentando outra fera faminta de sua presa.

Horace estava de pé, as mãos cruzadas atrás das costas e um sorriso inexpressivo no rosto. Do lado esquerdo, estava Zara, com todas as insígnias dos Centuriões e os cabelos trançados, formando uma coroa em torno da cabeça. Do lado direito, via-se Manuel, com expressão cuidadosamente vazia, e os olhos dançando, cheios de malícia. Era como se fossem uma chacota horrível de um retrato de família.

— Todos os Institutos terão um curto período para registrar os seres do Submundo de sua região — falou Horace. — Já nas primeiras semanas da Lei em vigor, os diretores dos Institutos devem cumprir uma cota de registros, a qual será baseada nas populações do Submundo locais.

Diana se sentou, deixando que as palavras dele a invadissem em ondas de horror. Não conseguiu evitar desviar o olhar para Jia, que ocupava uma cadeira de madeira alta, na beirada do estrado. O rosto dela era a máscara mais tensa. Diana não podia deixar de se perguntar se isso era mais extremo até do que Jia temera que Horace fosse propor.

— E se os seres do Submundo se recusarem? — perguntou alguém do público.

— Então eles perderão a proteção concedida pelos Acordos — respondeu Zara, e Diana sentiu seu corpo inteirinho esfriar. Perder a proteção dos Acordos significava que um Caçador de Sombras poderia matar um ser do Submundo na rua sem motivo algum, e que não haveria consequências. — Nós entendemos que será uma grande quantidade de trabalho para os Institutos, mas é importante que haja cooperação total, para o bem de todos os Caçadores de Sombras.

— Cada ser do Submundo registrado receberá um número — falou Horace. — Se um deles for parado por um Caçador de Sombras, por uma razão qualquer, em qualquer lugar, pode ser que precise informar este número.

O burburinho no recinto agora definitivamente demonstrava um aumento da preocupação.

— Pensem nisso como um tipo de cartão de identificação — falou Manuel.  
— Segurança e responsabilidade são nossas duas principais preocupações.

— Eu quero a opinião da Consulesa! — gritou Carmen Rosales Delgado, diretora do Instituto da Cidade do México, em meio ao público. Era a mãe de Cristina e se parecia com a filha em muitas coisas.

Horace pareceu irritado; tecnicamente, como era ele que estava propondo a nova Lei, ele ocupava o estrado e podia falar por alguns minutos sem ser interrompido. Para Diana, era como se ele já estivesse discursando há anos.

Ele fez um gesto pouco gracioso para Jia, que apertou os braços da cadeira com força.

— Minha opinião é de que esta Lei não é uma boa ideia — falou. — Os seres do Submundo resistirão ao que vão considerar um grande abuso da parte dos Nephilim. Ela estabelece uma atmosfera de desconfiança.

— Isso é porque nós não podemos confiar neles — falou Manuel. Ouviram-se gargalhadas no fundo do salão.

Diana não estava aguentando mais. E ficou de pé.

— Tenho uma pergunta para o Inquisidor!

Horace a encarou com olhos semicerrados.

— Vamos ouvir perguntas e comentários mais tarde, *Diana*.

Diana não gostou da ênfase que ele deu ao seu nome. Como se o considerasse desagradável. Provavelmente Zara contara várias mentiras sobre Diana ao pai; certa vez Diana humilhara Zara na frente dos colegas Centuriões. Narcisistas como Zara jamais se esqueciam dos insultos que ouviam.

— Deixe que ela fale — pediu Jia. — Todos no Conselho têm voz.

Intensamente consciente dos olhares em cima dela, Diana falou:

— Isso parece uma atitude sem importância, mas não vai parecer tão irrelevante assim para o Submundo. Terá repercussões. Mesmo que o Registro seja temporário, sempre haverá razões para prolongá-lo. É mais difícil destruir esse tipo de estrutura do que construí-la. Nós podemos enfrentar uma situação na qual os seres do Submundo insistam para que os Caçadores de Sombras também sejam registrados, por uma questão de igualdade. Vocês estão preparados para uma situação em que os *Nephilim* tenham que carregar sua documentação para todo lado?

O gesto teve o efeito desejado. O Conselho irrompeu num zumbido irritado.

— Não! Nunca! — rebateu Dearborn.

— Então isso efetivamente cria uma subclasse de seres do Submundo — concluiu Diana. — Nós teremos direitos e eles não. Pensem nisso.

— E por que essa ideia a incomoda tanto, Diana Wrayburn? — perguntou Manuel com sua voz suave e charmosa. Os olhos reluziam como mármore. — Tem algum ser do Submundo, talvez uma pessoa querida para você, que você teme que seja afetada?

— Muitos Caçadores de Sombras têm pessoas queridas no Submundo — falou Diana num tom calmo. — Você não pode nos separar de um grupo de seres humanos que têm mais em comum conosco do que os mundanos.

Diana sabia a resposta para isso: *Nós não temos medo dos mundanos. É o Submundo que tememos, e nós queremos controlar o que tememos.* Mas era improvável que Horace tivesse esse tipo de noção. Ele a observou com evidente desprezo quando ela se sentou.

— Evidentemente, a questão é complexa — falou Jia, pondo-se de pé. — Sugiro adiar a votação por uma semana até que o Conselho tenha tido tempo de entender *todas* as suas ramificações.

Horace desviou o olhar severo para ela, mas nada disse. O Conselho agora era um murmúrio de alívio, e até mesmo Horace Dearborn sabia que não era uma boa ideia bater de frente contra a opinião popular durante uma votação. Ele permaneceu no estrado quando a reunião foi encerrada, os seguidores reunidos à sua volta num grupo denso.

Sentindo-se cansada além da conta, Diana caminhou para uma das saídas. Era como se tivesse sido convocada para testemunhar uma execução sanguinária apenas para então ver a vítima ser poupada por mais uma semana. O alívio se misturava ao medo do que o futuro traria.

— Diana! — chamou uma vozinha, com forte sotaque, atrás dela. Diana se virou e viu uma das mulheres do Instituto de Barcelona, Trini Castel, se aproximar. Trini pôs a mão semelhante à de um pássaro no braço de Diana.

— Suas palavras foram inspiradoras, Srta. Wrayburn — disse. — Você tem razão ao dizer que direitos, os direitos de qualquer pessoa, não devem ser descartados facilmente.

— Obrigada — falou Diana, mais do que surpresa. Trini lhe deu um sorriso breve e saiu depressa, deixando-a com uma visão nítida do estrado.

Zara estava na beirada, encarando Diana. Sob a luz fraca que entrava pela janela, o ódio puro em seu rosto — intenso demais para ser mero vestígio de um insulto passado — era claro como o dia. Estremecendo, Diana se virou e se apressou para fora do Salão.

A confluência de Linhas Ley da qual Catarina desconfiava se revelou ser um pequeno parque deserto perto da Antelope Valley Freeway, famoso pelas

imensas formações de arenito. Tanto Helen quanto Aline pareceram ligeiramente surpresas por Mark e Cristina estarem planejando sair numa patrulha, mas não fizeram nada para impedi-los, como se elas reconhecessem, com relutância, que fazer rondas era algo normal da vida de Caçadores de Sombras, e o quanto antes todos voltassem à vida normal, melhor.

O trajeto de Malibu — eles tinham levado a caminhonete de Diana, deixada no estacionamento do Instituto — fazia Cristina lembrar das viagens de carro com Emma. Janelas abertas, música tocando baixinho nos alto-falantes, a praia se transformando de autoestrada em deserto conforme o sol ia se pondo numa névoa de fogo. As pernas de Mark estavam apoiadas no painel, e às vezes ele virava a cabeça e olhava para ela conforme a viagem prosseguia em silêncio; o peso de seu olhar era como pele contra a pele dela. Como um toque.

O parque Vasquez Rocks fechava ao pôr do sol, e o estacionamento de areia estava vazio quando Cristina entrou e desligou o motor da caminhonete. Eles pegaram as armas na caçamba, fechando os protetores de pulsos e afivelando os cintos de armas. Cristina guardou um espadão e o canivete no cinto, e Mark encontrou um chicote preto com Marcas e o estalou algumas vezes. Exibiu uma expressão de prazer quando o chicote serpenteou o céu que escurecia.

Eles tinham desenhado várias Marcas no corpo antes de sair. Cristina notou o símbolo da Visão Noturna em Mark reluzindo escuro contra o pescoço quando eles passaram sob as luzes da guarita e cruzaram a trilha de terra que rasgava através dos arbustos entre rochas contorcidas e dobradas como envelopes.

Cristina respirou fundo. De todas as coisas que ela adorava na Califórnia, uma de suas favoritas era o cheiro do deserto: o ar puro misturado a zimbro, uva-ursina e sálvia. O céu se abria como um segredo contado, salpicado com um milhão de estrelas.

Passaram por uma placa de madeira que sinalizava uma trilha justamente quando uma imensa formação rochosa se ergueu à frente, quase bloqueando a lua.

— A confluência das Linhas Ley — falou Mark, apontando.

Cristina não perguntou como ele sabia; as fadas tinham um sentido para essas coisas. Eles se aproximaram das rochas, que se erguiam em blocos inclinados, como os restos de uma nave espacial que tivesse colidido com a areia. As botas de Cristina esmagavam a areia, o som alto em seus ouvidos graças à Marca de Audição.

Um som agudo, semelhante ao de um inseto, zumbiu atrás dela. Ela se virou. Mark franziu a testa para o Sensor em sua mão.

— Está fazendo um zumbido, mas não é nada que eu já tenha ouvido — falou ele.

Cristina deu a volta lentamente. O deserto se estendia ao redor, um tapete de preto, marrom e ouro escuro. O céu era um veludo preto.

— Não vejo nada.

— A gente devia esperar aqui — disse Mark. — E ver se acontece de novo. Cristina não estava disposta a ficar por ali sob a lua romântica com Mark.

— Acho que a gente devia continuar andando.

— Cristina — falou Mark —, você parece irada comigo.

Cristina revirou os olhos.

— Nada passa despercebido para você, Mark Blackthorn.

Mark baixou o Sensor.

— Na noite passada... não é que eu não quisesse... eu *queria*...

Cristina corou furiosamente.

— Não é isso, Mark — falou. — Você tem permissão para querer ou não. É problema seu. É que você mentiu.

— Humanos mentem — retrucou ele, e os olhos bicolores subitamente arderam. — Mortais mentem uns para os outros todos os dias, especialmente em questões de amor. A minha mentira não foi boa o suficiente? Eu deveria ter praticado mais?

— Não! — Ela girou para ele. — Eu gosto do fato de você não mentir, Mark. Por isso eu fiquei tão... Mark, você não entende? Eu não imaginava que você iria mentir para mim.

— Você me viu mentir para Kieran — falou ele.

— Sim, mas foi para salvar vidas — disse ela. — E a menos que você me diga que recusar sexo comigo tem algo a ver com salvar vidas, coisa que eu acho difícil de acreditar...

— Eu queria! — explodiu Mark. — Uma coisa que você deve entender... eu queria ficar com você daquele jeito, e de todos os jeitos, e isso não é uma mentira.

Cristina se sentou numa rocha baixa. Seu coração estava acelerado. Ela havia acabado de dizer a palavra “sexo”, e isso a deixou terrivelmente envergonhada.

— Então eu não entendo por que você fez o que fez — falou em voz baixa. — Você estava tentando poupar alguém? Kieran?

— Eu estava tentando te poupar — falou ele, com a voz dura e sombria, como gelo no fim do inverno.

— Me poupar de quê?

— Você sabe quem você é! — gritou Mark, e a assustou. Cristina ergueu o olhar para ele, sem entender. Era como se ela fosse uma desconhecida, para ele ou para qualquer um. Do que ele estava falando? — Kieran te chamou de princesa dos Nephilim, e com razão — falou ele. A lua estava totalmente cheia e

a luz branca e prateada iluminava os cabelos dele como um halo. Iluminava seus olhos também; grandes, dourado e azul, e cheios de dor. — Você é um dos melhores exemplos do nosso povo que já conheci: brilhante, justa e virtuosa. Você é tudo de bom em que consigo pensar, e tudo o que eu gostaria de ser e sei que jamais serei páreo. Não quero que você faça nada de que vá se arrepender mais tarde. Não quero que depois você perceba o quanto se afastou dos seus padrões ao ficar comigo.

— *Mark!* — Ela se levantou da pedra no mesmo instante e foi até ele. Ouviu a pancada de alguma coisa no chão e abraçou Mark, apertando-o com força.

Por um momento, ele se manteve rígido e imóvel. Depois, amoleceu de encontro a ela, retribuindo o abraço, e os lábios roçaram a bochecha e as mechas macias do cabelo dela que tinham escapado da trança.

— Cristina — murmurou ele.

Ela se afastou o suficiente para tocar o rosto dele, e os dedos traçaram o contorno das maçãs do rosto. A pele tinha aquela maciez impossível das fadas, consequência de nunca ter precisado do toque de uma navalha.

— Mark Blackthorn — disse ela, e estremeceu profundamente ao olhar nos olhos dele. — Eu queria que você pudesse se ver como eu vejo. Você é tantas coisas que eu nunca imaginei querer, mas eu quero. Eu quero todas as coisas com você.

Ele a apertou mais; e aí a aninhou junto ao corpo como se estivesse envolvendo braçadas de flores. Os lábios percorreram a bochecha de Cristina, a mandíbula; finalmente, as bocas se encontraram, ardentes no ar frio, e Cristina arfou brevemente, com um desejo que percorreu todo o corpo, lancinante como a ponta de uma flecha.

Ele tinha gosto de mel e vinho das fadas. Eles cambalearam para trás até encostar numa pilha de rochas. As mãos de Mark logo estavam no casaco do uniforme dela, e ele as deslizou para dentro da peça, para baixo da camiseta, como se estivesse desesperado para tocar a pele. Aí murmurou palavras como “linda” e “perfeita”, e Cristina sorriu e passou a língua lentamente pelo lábio inferior dele, fazendo-o arfar como se ela o tivesse esfaqueado. Ele gemeu, impotente, e a puxou com mais força.

O Sensor zumbiu, alta e demoradamente.

Eles se separaram num sobressalto, arfando. Cristina fechou o casaco com mãos trêmulas ao mesmo tempo que Mark se abaixou, desajeitado, para pegar o Sensor. O troço zumbiu mais uma vez e ambos giraram e observaram ao redor.

— *No mames* — murmurou ela. O alarme fez outro ruído, insistente, e alguma coisa atingiu a lateral do corpo dela com força.

Era Mark. Ele a derrubara no chão; ambos rolavam sobre um trecho irregular

e esburacado do terreno quando alguma coisa imensa e escura se ergueu acima deles. Asas pretas se abriram como sombras irregulares. Cristina se apoiou no cotovelo, sacou uma adaga Marcada do cinto e a atirou.

Ouviu-se um grasnido alto. A luz enfeitiçada iluminou o céu; Mark estava de joelhos com uma pedra na mão. Acima deles, um imenso demônio de rosto branco, espalhando suas penas como uma capa sombria de trapos, agitava as asas; o cabo da adaga de Cristina se projetava do peito da criatura. O demônio gritou de novo e seu esboço já começava a se borrar ao mesmo tempo que segurava o cabo da arma com suas garras compridas, até que se dobrou feito papel e desapareceu.

— Um demônio Harpia — falou Mark, ficando de pé num salto. Ele esticou a mão para ajudar Cristina a se levantar. — Provavelmente se escondia nas rochas. Por isso o Sensor não captou muito bem.

— É melhor a gente ir embora. — Cristina olhou ao redor. — A julgar pelo Sensor, há outros.

Eles começaram a correr pela trilha de terra, e Cristina olhou para trás para conferir se alguma coisa os seguia.

— Eu só queria ressaltar que não arquitetei a interrupção do demônio Harpia — falou Mark — e que, de fato, estava ansioso para continuar nosso intercuro sexual.

Cristina suspirou.

— Bom saber. — Ela correu para o lado, através de alguns arbustos baixinhos de sálvia. Ao longe, via o metal reluzindo na caminhonete estacionada.

Mark desacelerou seus passos.

— Cristina. Veja.

A menina olhou ao redor.

— Eu não estou vendo...

— Olhe para baixo — falou, e ela obedeceu.

Ela se lembrou de ter achado que suas botas estavam esmagando a areia de uma forma estranha. Agora percebia que não era areia. À sua volta, estendia-se uma paisagem lunar desoladora num raio de cinco metros. Os arbustos de sálvia e as suculentas estavam secos, num tom branco acinzentado, semelhante a ossos velhos. Era como se um incêndio incontrollável tivesse queimado a areia, e os esqueletos de lebres e cobras se espalhavam entre as rochas.

— É a Praga — falou Mark. — A mesma que vimos no Reino das Fadas.

— Mas por que estaria aqui? — quis saber Cristina, admirada. — O que as Linhas Ley têm a ver com a Praga? Não é magia de fadas?

Mark balançou a cabeça.

— Eu não...

Um coro de gritos agudos cortou o ar. Cristina deu meia-volta, levantando uma nuvem de poeira, e viu sombras se erguendo do deserto em volta. Agora dava para ver direito: os demônios pareciam pássaros por terem asas. Mas aquilo que se assemelhava a penas era, na verdade, trapos pretos pendurados que envolviam os corpos brancos emaciados. Suas bocas estavam tão cheias de dentes tortos e serrilhados que era como se estivessem sorrindo grotescamente. Seus olhos eram bulbos amarelos ressaltados com pupilas redondas e pretas.

— Mas o Sensor — murmurou ela. — Ele não disparou. Ele não...

— Corra — falou Mark, e eles fugiam ao mesmo tempo que os demônios Harpia gritavam e gargalhavam durante o voo. Uma pedra atingiu o solo, bem perto de Cristina, e outra por pouco não acertou a cabeça de Mark.

Cristina queria se virar e lançar seu canivete no demônio mais próximo, mas era muito difícil mirar em plena fuga. Ela ouvia Mark xingando enquanto se desviava de pedras do tamanho de bolas de beisebol. Uma delas acertou dolorosamente a mão de Cristina quando eles alcançaram a caminhonete e ela abriu a porta com força; Mark entrou do outro lado e, por um momento, eles se sentaram, arfando, enquanto rochas atingiam a carroceria feito granizo.

— Diana não vai ficar feliz com o estrago no carro — falou Mark.

— A gente tem problemas maiores. — Cristina enfiou as chaves na ignição; o veículo sacolejou, deu ré... e parou. O som das pedras batendo no teto de metal também tinha cessado, e, de repente, o silêncio pareceu sinistro. — O que está acontecendo? — quis saber, pisando forte no acelerador.

— Saia! — gritou Mark. — Nós temos que sair!

Ele agarrou o braço de Cristina, puxando-a. Ambos saíram atabalhoados pela porta do passageiro enquanto a caminhonete era erguida pelos ares, e Cristina terminou aterrissando de modo estranho, com metade do corpo em cima de Mark.

Ela torceu o corpo para ver os demônios Harpia agarrando o carro, as garras perfurando as laterais de metal da caçamba e se enterrando pelos frisos das janelas. O veículo flutuava e os demônios Harpia davam gritos e risadinhas enquanto o erguiam no céu — largando-o em seguida.

A caminhonete girou e atingiu o chão com uma explosão tremenda de vidro e metal, rolando de lado até parar na areia. Uma das Harpias se postou em cima dela, como se fosse uma prancha de surfe, joelhos dobrados, grasnando e dando risadas em cima do veículo capotado.

Cristina se pôs de pé com um pulo e foi até a caminhonete. Conforme se aproximava, sentia o odor de gasolina vazando. A Harpia, estúpida demais para perceber o perigo, virou o rosto sorridente, de um tom branco morto, na direção



dela.

— *As pedras são nosso lar* — sibilou para ela. — *Envenenado. O melhor lugar.*

— *Cállate!* — falou Cristina rispidamente, desembainhando a espada e cortando a cabeça do demônio.

Icor explodiu num jato, mesmo quando o corpo da Harpia se dobrou e desapareceu. Os outros demônios então começaram a uivar e mergulharam; Cristina viu um deles avançar velozmente para Mark e gritou seu nome; Mark saltou para cima de uma rocha e dilacerou o bicho com o chicote. Uma linha brilhante de icor marcou o peito da Harpia, que bateu na areia, gorjeando, mas logo já havia outra cruzando o céu. O chicote de Mark se enrolou na garganta do demônio e puxou num tranco, fazendo rolar sua cabeça entre as pedras.

Alguma coisa acertou as costas de Cristina; ela gritou quando seus pés deixaram o solo. Uma Harpia tinha afundado as garras nas costas do casaco de seu uniforme e a erguia em pleno ar. Ela pensou nas histórias sobre águias que voavam alto com sua presa e então a soltavam, deixando seus corpos se arrebentarem na terra abaixo. O solo já estava se afastando com uma velocidade terrível.

Com um grito de medo e raiva, ela deu um golpe para cima e para trás com a espada, arrancando as patas da Harpia bem nas juntas. O demônio grasnou e Cristina rolou em pleno ar, a espada caindo de sua mão, e ela esticando o braço como se pudesse segurar alguma coisa para diminuir a velocidade da queda...

Alguma coisa a agarrou no céu.

Ela arfou quando sentiu a mão segurando seu cotovelo e puxando-a de lado para então pousá-la desengonçada sobre alguma coisa quente e viva. Um cavalo alado. Ela arfou e tentou se agarrar a alguma coisa, afundando os dedos na crina da criatura enquanto o animal imergia e mergulhava.

— Cristina! Fique quieta!

Era Kieran. Kieran estava atrás dela, um dos braços em torno de sua cintura, puxando-a para si. Cristina sentiu uma espécie de choque elétrico percorrer seu corpo. Os olhos de Kieran estavam arregalados, o cabelo estava preto e azul-escuro, e ela percebeu no mesmo instante que o cavalo era Lança do Vento, mesmo enquanto o corcel se lançava para baixo, em meio à multidão de Harpias, na direção de Mark.

— Kieran... cuidado... — gritou ela quando os demônios Harpia voltaram sua atenção para Lança do Vento, os olhos amarelos e ressaltados girando como luzes de farol.

Kieran esticou o braço e Cristina sentiu mais uma vez a descarga elétrica contundente em seu corpo. Um fogo branco brilhou e os demônios Harpia se

encolheram quando Lança do Vento aterrissou suavemente diante de Mark.

— Mark! Para cá! — gritou Kieran. Mark olhou na direção dele e sorriu. Foi um sorriso de Caçador, um sorriso de batalha, cheio de dentes, antes de decapitar uma última Harpia com um golpe do chicote. Salpicado de sangue e icor, Mark pulou no cavalo atrás de Kieran, passando os braços em volta da cintura do outro. Lança do Vento saltou no ar e as Harpias o seguiram, com as bocas sorridentes abertas, exibindo fileiras de dentes semelhantes aos de tubarões.

Kieran gritou alguma coisa num dialeto de fada que Cristina não conhecia, e Lança do Vento se inclinou num ângulo impossível. O cavalo se lançou para cima como uma flecha no mesmo instante em que a caminhonete abaixo finalmente explodiu e engoliu os demônios Harpia num imenso círculo de chamas.

*Diana vai ficar muito zangada por causa da caminhonete*, pensou Cristina, e desabou contra a crina de Lança do Vento enquanto o cavalo fada traçava um círculo sob as nuvens, virando e então voando em direção ao oceano.

Kit nunca havia estado no telhado do Instituto de Los Angeles. E tinha que admitir que a vista era melhor do que a do Instituto de Londres, a menos que você gostasse muito de arranha-céus. Aqui dava para ver o deserto se estendendo atrás da casa até as montanhas. Os cumes tocados pela luz que refletia da cidade no outro lado da serra, os vales em sombra profunda. O céu brilhava com estrelas.

Diante da casa estava o oceano, e sua imensidão era assustadora e gloriosa. Hoje o vento era como dedos leves acariciando sua superfície, deixando trilhas de ondas prateadas.

— Você parece triste — falou Ty. — Você está chateado?

Eles estavam sentados na beirada do telhado, com as pernas balançando no espaço vazio. Provavelmente, era assim que ele deveria viver durante os anos de colégio, pensou Kit, subindo em lugares altos, fazendo bobagens e coisas perigosas que matariam seus pais de preocupação. A questão era que ele não tinha pais a quem preocupar, e que as coisas perigosas que ele costumava fazer eram realmente perigosas.

Ele não temia por si, mas ficava enlouquecido pela segurança de Ty. Ty, que o encarava com apreensão, o olhar cinzento percorrendo seu rosto como se este fosse um livro complicado de se decifrar.

*Sim, estou triste*, pensou Kit. *Estou preso e frustrado. Queria tanto impressionar você no Mercado das Sombras, fiquei tão envolvido nisso que esqueci de todo o restante. Esqueci que a gente não deveria estar fazendo isso.*

*Que eu não posso te dizer que não deveríamos estar fazendo isso.*

Ty esticou a mão e afastou o cabelo de Kit do rosto, um tipo de gesto distraído que fez Kit sentir alguma coisa, como se tivesse tocado uma cerca elétrica. Ele ficou olhando e Ty falou:

— Você devia cortar o cabelo. Julian costuma cortar os cabelos de Tavvy.

— Julian não está aqui — retrucou Kit. — E eu não sei se quero que ele corte meu cabelo.

— Ele não é ruim nisso, não. — Ty baixou a mão. — Você falou que seu pai escondeu coisas por toda Los Angeles. Tem alguma coisa que poderia ser útil para a gente?

*Seu pai.* Como se Julian fosse pai de Tavvy. Mas, por outro lado, ele era mesmo, de certa forma.

— Nada com necromancia — falou Kit.

Ty pareceu decepcionado. Ainda tonto devido ao choque, Kit não conseguia suportar mais isso. Tinha que dar um jeito na expressão de Ty.

— Sabe... nós tentamos a abordagem direta. Agora temos que tentar a astúcia.

— Eu não entendo muito disso — disse Ty. — Já li um livro, mas não entendo como é que as pessoas se deixam enganar.

Os olhos de Kit baixaram para o medalhão dourado no pescoço de Ty. Ainda havia sangue nele. Mas pareciam manchas de ferrugem.

— Não tem a ver com convencer as pessoas a acreditarem no que você quer que elas acreditem. É fazer com que acreditem naquilo que elas querem acreditar. É dar a elas o que elas acham que precisam.

Ty ergueu o olhar; embora não tivesse encarado os olhos de Kit, foi possível notar a expressão deles, a consciência neles. *Será que ele está entendendo?*, pensou Kit, num misto de alívio e apreensão.

Ty ficou de pé num pulo.

— Tenho que mandar uma mensagem de fogo a Hypatia Vex — falou.

Isso não era de forma alguma o que Kit esperava que ele fosse dizer.

— Por quê? Ela já disse que não vai nos ajudar.

— Ela disse. Mas Shade disse que ela sempre quis liderar o Mercado das Sombras. — Ty deu um sorriso de lado e, nesse momento, ficou a cara de Julian, embora os dois fossem diferentes. — E é disso que ela acha que precisa.

O céu era uma estrada e as estrelas formavam trilhas; a lua era uma torre de vigia, um farol que conduzia ao lar.

Estar na garupa de Lança do Vento era, ao mesmo tempo, estranho e extremamente familiar para Mark. Assim como estar abraçado a Kieran. Ele

tinha voado através de tantos céus junto ao príncipe fada, sentindo o corpo de Kieran, sua força, o leve odor salgado de mar de sua pele e de seus cabelos, que aquilo já estava mapeado no sangue de Mark.

Ao mesmo tempo, ele ouvia Cristina, a risada dela, via quando ela se inclinava para apontar marcos que lampejavam logo abaixo. Ela havia perguntado a Kieran se eles podiam voar sobre o letreiro de Hollywood e Kieran aquiescera; Kieran, que sempre recusava esse tipo de coisa.

E o coração de Mark se agitou com as risadas dela; se agitou ao tocar Kieran; novamente ele estava entre ambos, assim como estivera em Londres, e embora a agitação mexesse com seus nervos diante de tal ideia, ele não conseguiria fingir que não estava feliz por ter Kieran de volta.

Kieran desceu com Lança do Vento no terreno atrás do Instituto. Tudo estava em silêncio, quebrado apenas pelo chilrear das cigarras. Era difícil acreditar que dez minutos atrás eles estavam numa batalha mortal contra demônios Harpia.

— Você está bem? — perguntou Cristina, franzindo a testa ao descer do cavalo. — Não parece.

Levando um susto, Mark se deu conta de que ela estava falando com Kieran. E que Cristina tinha razão. Ele chegara a Vasquez Rocks quase estalando de tanta energia. Era um tipo de magia selvagem e sobrenatural que Mark associava à família real, mas que nunca tinha visto Kieran empregar até então.

Mas a energia parecia tê-lo abandonado; ele apoiou uma das mãos na lateral de Lança do Vento, ofegante. Havia sangue em suas mãos, na gola e na pele; o rosto havia perdido toda a cor.

Mark deu um passo adiante e hesitou. Lembrou-se de Kieran rompendo o relacionamento.

— Não sabia que tinha se ferido nas rochas, Kier — falou ele.

— Não. Isso aconteceu na Scholomance.

— Por que você saiu de lá? — perguntou Cristina.

— Tem uma coisa que preciso contar. — Kieran se encolheu e deu um tapa no flanco de Lança do Vento. O cavalo relinchou e trotou para as sombras, misturando-se à escuridão.

— Primeiro, vamos levá-lo para cima. — Cristina olhou para Mark como se esperasse uma oferta para auxiliar Kieran. Como não houve iniciativa, ela se postou junto ao príncipe fada, posicionando o braço dele ao redor do ombro dela. — Nós temos que ver as extensões dos seus ferimentos.

— É importante... — começou Kieran.

— Isto aqui também é. — Cristina avançou com Kieran apoiado nela. Mark então não aguentou mais; pôs-se do outro lado do príncipe fada e, juntos, entraram na casa, com Kieran mancando entre eles.

— Obrigado, Mark — falou Kieran, em voz baixa.

Quando Mark arriscou um olhar de soslaio, não viu raiva nos olhos dele, mas Kieran não tinha ficado zangado da última vez que estiveram juntos? Será que se esquecera de que Mark o tratara mal? Não era da natureza dos príncipes esquecer os erros ou perdoar.

Cristina estava falando alguma coisa sobre água e comida; a mente de Mark era um turbilhão e, por um momento, quando entraram na cozinha, ele piscou, confuso. Pensara que iam para um dos quartos. Cristina ajudou Mark a ajeitar Kieran numa cadeira antes de ir até a pia pegar toalhas úmidas e sabão.

— Eu tenho que contar a vocês o que descobri — estava dizendo Kieran; tinha se empoleirado na cadeira, todo pernas compridas, roupas escuras e estranhas, e olhos ardentes. O cabelo reluzia num tom azul-escuro. Ele parecia uma fada deslocada no mundo humano, e aquilo atingiu Mark com uma solidariedade dolorosa misturada a um temor de que ele também pudesse transparecer a mesma coisa.

— Deixe-me ver seu rosto. — Cristina tocou Kieran com dedos gentis; ele se inclinou na direção do toque, e Mark não pôde culpá-lo.

— O que está acontecendo? — A luz clareou tudo na cozinha; era Helen, segurando uma pedra Marcada. — Alguém se machucou?

Mark e Cristina trocaram olhares assustados; Kieran olhou de um para o outro, lábios entreabertos enquanto assimilava a situação.

— Você ficou acordada esperando a gente? — quis saber Mark. — Já passa da meia-noite.

— Eu estava... não. — Helen baixou o olhar para o moletom, com ar de culpa. — Eu queria um sanduíche. — E semicerrou os olhos para Kieran. — Você trocou a caminhonete de Diana por um príncipe fada?

Kieran ainda a fitava com aquela mesma expressão, e Mark percebeu o que ele deveria estar enxergando: alguém que era tão nitidamente irmã de Mark, tão nitidamente a Helen a quem Mark se referira com tanta dor por tantos anos na Caçada.

Ele se pôs de pé e cruzou o cômodo até Helen. Ergueu a mão livre dela e beijou suas costas.

— A amada irmã do meu amado Mark. É uma alegria ver você bem e reunida à sua família.

— Gostei dele — falou Helen para Mark.

Kieran baixou a mão dela.

— Permita-me compartilhar minha tristeza pelo falecimento de sua irmã Livia — falou ele. — É uma pena ver uma estrela tão brilhante e bela se apagar prematuramente.

— Sim. — Os olhos de Helen brilharam. — Obrigada.

*Eu não compreendo.* Era como se Mark estivesse num sonho. Ele tinha imaginado Kieran conhecendo sua família, mas não desse jeito, e Kieran jamais fora tão gracioso, nem mesmo na imaginação de Mark.

— Talvez todos devêssemos nos sentar — falou Helen. — Acho que é melhor eu ouvir o que aconteceu hoje à noite na sua “patrulha normal”. — Ela ergueu uma sobrancelha para Mark.

— Primeiro, eu tenho que contar o que aconteceu na Scholomance — falou Kieran com firmeza. — É peremptório.

— O que houve? — perguntou Cristina. — Pensei que seria seguro para você lá...

— Foi, por um breve período — retrucou Kieran. — Então a Tropa voltou de Idris e me descobriu. Mas essa história tem que esperar. Vim trazer notícias. — Ele olhou ao redor, para os rostos em expectativa. — O Inquisidor da Clave mandou Emma e Julian numa missão secreta ao Reino das Fadas. Não é esperado que eles voltem nem que sobrevivam.

Mark sentiu o corpo todo adormecer.

— Como assim?

— É uma missão perigosa... e mandaram uma pessoa atrás deles para garantir que eles não tenham sucesso... — Arfando, Kieran desabou de volta em sua cadeira, a aparência terrivelmente pálida.

Mark e Cristina se esticaram ao mesmo tempo para ampará-lo. Ambos se entreolharam, com alguma surpresa, por cima da cabeça abaixada de Kieran.

— Kieran, você está sangrando! — exclamou Cristina, tirando a mão do ombro dele. Estava manchada de sangue.

— Não é nada — falou Kieran com a voz rouca. Não era exatamente uma mentira. Mark tinha certeza de que o outro acreditava piamente que não era grave, mas seu rosto pálido e os olhos febris contavam outra história.

— Kier, você não está bem — falou Mark. — Deve descansar. Você não pode ajudar ninguém nesta condição.

— Concordo. — Cristina se levantou, a mão ainda vermelha com o sangue de Kieran. — Nós temos que cuidar de seus ferimentos imediatamente.

— Você mudou, filho dos espinhos — falou a Rainha.

Ela passara uns bons minutos em silêncio enquanto guardas e espectadores abandonavam o cômodo. E mesmo agora Julian não acreditava totalmente que estivessem a sós. Quem saberia o que sprites ou cluricauns podiam esconder entre as sombras?

Julian ficara andando para lá e para cá, incitado por uma inquietação que não conseguia explicar. Daí, mais uma vez, ele era capaz de explicar pouca coisa do que vinha sentindo nos últimos dias. Havia impulsos que ele seguia, outros que evitava, raivas e aversões, e até esperanças, mas ele era incapaz de explicar a emoção que o levava a matar Dane ou o que sentira em seguida. Era como se as palavras de que necessitava para descrever seus sentimentos tivessem desaparecido do vocabulário mental dele.

Ele se lembrou de que certa vez alguém lhe dissera que as últimas palavras de Sebastian Morgenstern tinham sido: *Eu nunca me senti tão leve*. Ele também se sentia leve depois de ter se livrado de um fardo de medo constante e do desejo que se acostumara tanto a carregar a ponto de nem mais notá-lo. Ainda assim, bem lá no fundo, o pensamento de Sebastian lhe causava calafrios. Era errado sentir leveza?

Agora ele estava consciente da impaciência e de uma noção, embora distante, de que brincava com fogo. Mas tal noção não estava acompanhada de medo ou agitação. Era distante. Clínica.

— Estamos a sós — falou a Rainha. — Poderíamos nos divertir.

Agora ele a encarava. O trono havia mudado, e ela também. Parecia estar aninhada ao longo das almofadas de um divã vermelho, os cabelos acobreados caídos ao seu redor. Estava bela de um jeito radiante, o esboço emaciado do rosto repleto de juventude e saúde, os olhos castanhos reluzindo.

*Os olhos da Rainha são azuis. Os de Emma é que são castanhos.*

Mas o que ele via não mudou; os olhos da Rainha eram da cor de pedras olho-de-tigre e brilharam quando ela o fitou. Seu vestido era de cetim branco, e quando ela movimentou uma perna lentamente, deslizando o dedão do pé pela panturrilha oposta, o vestido se abriu na fenda e revelou as pernas até a altura dos quadris.

— Isso é um feitiço de disfarce — falou Julian. — Eu sei o que está por baixo.

Ela apoiou o queixo na mão.

— A maioria das pessoas não ousaria falar desse modo com a Rainha Seelie.

— A maioria das pessoas não tem algo que a Rainha Seelie quer — falou Julian. Ele não sentia nada ao olhar para a Rainha: ela era linda, mas ele não poderia tê-la desejado menos se fosse uma linda pedra ou um lindo pôr do sol.

Ela semicerrou os olhos e eles lampejaram e voltaram a ser azuis.

— De fato, você está diferente — falou. — Mais parecido com uma fada.

— Estou melhor — disse ele.

— Mesmo? — A Rainha se sentou lentamente, o vestido sedoso se acomodando no corpo. — Meu povo tem um provérbio, sobre os mortais que

trazemos aqui: *No Reino das Fadas, não há lamentações nem alegrias para os mortais.*

— E por que isso? — perguntou Julian.

Ela riu.

— Você já se perguntou o que é que atrai os mortais a viverem entre as fadas e a nos servirem, filho dos espinhos? Escolhemos aqueles que perderam alguma coisa e prometemos aquilo que os humanos mais desejam: o fim da tristeza e do sofrimento. Mal sabem eles que assim que entram em nossas Terras, estão na jaula e nunca mais sentirão felicidade. — Ela se inclinou para a frente. — Você está nessa jaula, menino.

Um calafrio percorreu a coluna de Julian. Era atávico, primitivo, como o impulso que o levava a escalar a pira de Livvy.

— Você está tentando me distrair, milady. Que tal me dar o que prometeu?

— O que você acha da ligação *parabatai* agora? Parece que você não liga mais para Emma. Eu vi no modo como ela olhava para você. Como se sentisse sua falta, embora você estivesse ao lado dela.

— As ligações — falou Julian entre dentes. — Como elas podem ser quebradas? — Sua cabeça latejava. Talvez ele estivesse desidratado.

— Muito bem. — A Rainha se recostou e deixou que seus longos cabelos caíssem sobre a lateral do divã, e até o chão. — Mas talvez isso não lhe agrade.

— Fale.

— A Marca *parabatai* tem uma fraqueza que nenhuma outra Marca tem, porque foi criada por Jonathan Caçador de Sombras, e não pelo Anjo Raziel — falou a Rainha. Conforme falava, desenhava no ar com a ponta dos dedos em espirais preguiçosas. — A Marca *parabatai* original, gravada por Jonathan Caçador de Sombras e David, o Silencioso está guardada na Cidade do Silêncio. Se for destruída, todas as Marcas *parabatai* no mundo serão quebradas.

Julian mal conseguia respirar. Seu coração martelava contra o peito. Todas as ligações no mundo. Quebradas. Ele ainda não conseguia explicar o que sentia, mas a intensidade daquilo o fazia sentir como se estivesse explodindo e saindo da própria pele.

— Por que não me agradaria ouvir isso? — perguntou ele. — Por que seria difícil?

— Difícil, não. Impossível. Ora, mas nem sempre foi impossível — falou a Rainha, sentando-se aprumada e dando um sorriso irônico para ele. — Quando falei com você sobre isso da primeira vez, foi de boa-fé. Mas as coisas mudaram.

— O que quer dizer? — quis saber Julian. — Como foi que as coisas mudaram?

— Eu quero dizer que só há um jeito de destruir a Marca — falou a Rainha.



— Ela deve ser destruída pela Espada Mortal.

# 11

## Outro Mar Distante e Menos Quietos

O ferimento era comprido, mas não profundo, um corte no braço direito de Kieran. Ele estava sentado na cama, em um dos quartos de hóspedes vazios do Instituto, e trincava os dentes. Cristina tinha cortado a manga da roupa com o canivete, Mark estava encostado na parede próxima e observava.

Cristina ficara surpresa ao constatar como Kieran era musculoso; mesmo depois de ele tê-la carregado em Londres, ela sempre pensara nas fadas como criaturas delicadas, de ossos frágeis. E ele era assim, mas também havia vigor ali. Parecia que seus músculos envolviam os ossos com mais força do que os dos humanos, conferindo ao corpo uma força esguia, flexível.

Cuidadosamente, ela terminou de limpar o sangue do corte e roçou os dedos sobre a pele ao redor. Kieran estremeceu, semicerrando os olhos. Ela sentiu uma pontadinha de culpa por ter incitado a dor nele.

— Não vejo sinal de infecção nem necessidade de dar pontos na ferida — falou ela. — Um curativo vai resolver.

Kieran a olhou de soslaio. Era difícil distinguir a expressão dele nas sombras: havia somente um abajur no cômodo, por isso a penumbra tomava a maior parte do ambiente.

— Sinto muito por causar problemas — falou ele em voz baixa. Uma voz da noite, cautelosa para não acordar quem pudesse estar dormindo. — A vocês dois.

— Você não trouxe problema — falou Mark, a voz rouca de cansaço. — Você nos trouxe informações que podem ajudar a salvar a vida das pessoas que amamos. Somos gratos por isso.

Kieran franziu a testa, como se não gostasse muito da palavra “grato”. Antes que Cristina pudesse acrescentar alguma coisa, um grito cortou a noite: um uivo de terror infeliz.

Mesmo sabendo do que se tratava, Cristina estremeceu.

— Tavvy — falou.

— Ele está tendo um pesadelo — confirmou Mark.

— Pobre criança — disse Kieran. — Os terrores noturnos são de fato penosos.

— Ele vai ficar bem — falou Mark, embora a preocupação anuviasse sua expressão. — Graças ao Anjo, ele não estava lá quando Livvy morreu, mas acho que ouviu o burburinho. Talvez a gente não devesse tê-lo levado ao funeral. Ver as piras...

— Acho que essas coisas são um consolo — emendou Cristina. — Acho que permitem que nossas almas se despeçam.

A porta se abriu com um rangido — alguém precisava dar um jeito nas dobradiças —, e Helen enfiou a cabeça para dentro, parecendo aflita.

— Mark, você pode dar uma olhada em Tavvy?

Mark hesitou.

— Helen, eu não deveria...

— Por favor. — Helen se apoiou na moldura da porta, exausta. — Ele ainda não está acostumado comigo e não vai parar de chorar.

— Eu vou cuidar de Kieran — falou Cristina, com mais confiança do que sentia de fato.

Mark saiu do quarto, acompanhando Helen, com evidente relutância. Constrangida por ficar a sós com Kieran, Cristina pegou uma atadura e começou a enrolar no braço dele.

— Parece que eu sempre termino cuidando dos seus ferimentos — disse em tom de brincadeira.

Mas Kieran não sorriu.

— Deve ser por isso que sempre desejo o toque das suas mãos toda vez que estou sofrendo.

Cristina o encarou, surpresa. Era evidente que ele estava mais delirante do que ela imaginava. Ela pôs uma das mãos na testa dele: estava ardendo em febre. Ela se perguntou então qual seria a temperatura normal das fadas.

— Deite-se. — E finalizou o curativo. — Você deveria se deitar.

Quando ela se curvou sobre ele, seus cabelos caíram para a frente. Kieran ergueu a mão e prendeu um cacho atrás da orelha. Ela ficou imóvel, o coração martelando.

— Fiquei pensando em você na Scholomance — falou ele. — Eu pensava em você toda vez que alguém falava o sobrenome de Diego, Rosales. Eu não conseguia parar de pensar em você.

— Você queria? — A voz de Cristina estremeceu. — Parar de pensar em

mim?

Ele tocou os cabelos de Cristina novamente, os dedos leves ao roçar na bochecha. A sensação do toque provocou uma onda de calafrios na pele dela.

— Sei que você e Mark estão juntos. Não sei onde eu me encaixo nisso. — As bochechas de Kieran estavam coradas por causa da febre. — Eu sei o quanto eu magoei vocês dois, sinto aqui no fundo. Eu jamais gostaria de magoar qualquer um de vocês uma segunda vez. Amanhã vou embora daqui e vocês nunca mais vão me ver de novo.

— Não! — exclamou Cristina, com uma intensidade que a surpreendeu. — Não vá embora, não sozinho.

— Cristina. — Ele ergueu a mão direita e a colocou sobre a outra bochecha de Cristina; segurava o rosto dela agora. A pele dele era quente; ela notava as manchas de febre nas bochechas, na clavícula. — Princesa. Você ficará melhor sem mim.

— Não sou uma princesa — falou ela, inclinando-se para ele, com uma das mãos apoiada no cobertor. O rosto de Kieran estava próximo, tão pertinho, que ela via a franja escura de seus cílios em close. — E eu não quero que você vá.

Ele se sentou apertado, as mãos ainda aninhando o rosto dela. Cristina arfou brevemente e sentiu a própria temperatura subir com o calor do toque, e então as mãos dele foram descendo do rosto para os ombros, até a curva da cintura, puxando-a para mais perto. Ela se deixou cair por cima dele, com o corpo esticado, quadris e peito alinhados. Kieran ficou tenso como a corda de um arco, rijo e arqueado debaixo dela. As mãos dele ardiam em febre, passeando pelos cabelos macios dela.

Cristina apoiou as palmas no peito rijo, que subia e descia rapidamente. Sua mente girava. Queria encostar os lábios na pele delicada da maçã do rosto de Kieran, roçar o queixo dele com beijos. Ela queria e aquele desejo a assustou, a intensidade daquilo.

Nunca tinha sentido tal intensidade por ninguém além de Mark.

*Mark.* Ela se afastou de Kieran, quase caindo sobre a colcha.

— Kieran, eu... nós não devíamos, você... você está com febre.

Ele rolou e se deitou de lado, os olhos brilhantes enquanto a examinava.

— Eu estou com febre, mas ainda consigo raciocinar. Há muito eu quero abraçar você — falou.

— Você sequer me conhece há tanto tempo assim — murmurou ela, mas sabia que estava mentindo de um jeito muito humano, ocultando suas verdadeiras intenções sob coisas sem importância. A verdade é que ela também desejava Kieran, e desconfiava que isto já viesse acontecendo havia algum tempo. — Deite-se novamente. Você precisa descansar. Teremos todo o tempo

do mundo para... para conversar, se você não for embora. — Ela se sentou. — Me prometa que não vai embora.

Kieran desviou o olhar de Cristina, e seus cílios eram como os raios de uma estrela preta.

— Eu não devia ficar. Só vou trazer tristeza para você e para Mark.

— Me *prometa* — sibilou Cristina.

— Prometo que vou ficar — disse ele finalmente. — Mas não posso prometer que você não vá se arrepender por isso.

Nene levou Emma para os mesmos aposentos onde ela e Julian tinham ficado da última vez que estiveram na Corte Seelie. As paredes de quartzo prateado pulsavam com luz baixa, e a cerca de rosas da qual Emma se lembrava não existia mais. Mas a cascata de água continuava a descer furiosamente pela parede de pedras, como se impelida por uma correnteza, desaguando na piscina livre de sombras alguns metros abaixo do soalho.

— É muito gentil da parte de Fergus ter nos cedido seu quarto — falou Emma quando Nene a incitou apressadamente para dentro do cômodo.

— Fergus não tem escolha — falou Nene, serena. — É o desejo da Rainha.

Emma piscou. Isso parecia estranho e nada auspicioso. Que diferença faria para a Rainha o local onde eles iam ficar? Seu olhar percorreu o restante do cômodo e ela viu uma mesa onde poderia pousar sua bolsa, e um sofá feito de videiras entrelaçadas bem apertadas... e franziu a testa.

— Onde está a cama?

— Atrás da cascata, na camarinha de Fergus.

— Na o quê?

— Camarinha. — Nene apontou. Como era de esperar, alguns degraus de pedra serpenteavam atrás da cortina da queda-d'água. Aparentemente, Fergus gostava de ousadias no design. — Qual é o problema com uma camarinha?

— Nenhum — retrucou Emma. — Eu mesma estava pensando em adquirir uma.

Nene deu uma olhadela desconfiada e deixou Emma sozinha. A menina ouviu a chave girar na fechadura quando a porta foi trancada e nem sequer se preocupou em testar a maçaneta. Mesmo que fugisse, não teria meios de descobrir o caminho pelos corredores. E até parece que ela iria a algum lugar sem Julian, que queria ficar ali, de qualquer forma.

A última coisa que queria era dormir, mas tinha aprendido a tirar cochilos a qualquer momento, nas missões. Vestiu a camisola e subiu os degraus de pedra atrás da cascata. Eles conduziam a uma plataforma também de pedra escondida

por trás da água.

Apesar do humor terrível, Emma ficou impressionada com a beleza daquilo. A cama era imensa, com uma pilha de travesseiros brancos fofinhos e uma colcha pesada. A queda-d'água passava pelos pés da cama numa cortina de prata reluzente; a precipitação e o rugido da água envolviam o espaço, lembrando a Emma de ondas batendo na praia.

Ela afundou na cama.

— Belo quarto — falou, para ninguém em particular. — Desculpe. Camarinha.

Hora de dormir, concluiu. E deitou; mas, de olhos fechados, a primeira imagem que veio até ela foi a de Julian abraçado ao corpo de Livvy no Salão do Conselho. O rosto contra os cabelos dela, molhados de sangue. Emma abriu os olhos e se virou, inquieta. Não ajudou: quando tentou dormir de novo, viu os olhos abertos e fixos de Dane quando a kelpie afundou os dentes em seu corpo.

Era demais. Sangue demais, horror demais. Ela queria Julian terrivelmente; sentia falta dele como se já estivesse uma semana sem vê-lo. De certa forma, estava mesmo. Até o símbolo *parabatai* parecia estranho agora; ela estava acostumada à pulsação de sua energia, mas mesmo antes de chegar ao Reino das Fadas, buscar tal energia fora o equivalente a dar de cara com uma parede em branco.

Ela se virou novamente, querendo Cristina, com quem podia conversar. Cristina, que a entenderia. Mas será que ela podia contar a Cristina sobre o feitiço que tirara as emoções de Julian? E sobre o pacto com a Rainha? Fora uma ideia cruelmente genial fazer uma cópia do livro para o Povo das Fadas. Eles eram tanto ardilosos quanto literais demais para ao menos cogitarem a cópia como suficiente para seus fins. Era uma pena que Julian simplesmente não tivesse dado a cópia a Horace, mas ele teria rido na cara dos dois: mesmo um Dearborn conhecia a aparência de uma cópia. Afinal, ele não queria fazer nenhum feitiço do livro; simplesmente queria recuperar o bem que acreditava ter sido roubado por Annabel, o *Volume Preto* que passara tantos anos nas prateleiras do Instituto da Cornualha.

Emma ouviu a porta do quarto sendo aberta, vozes, os passos de Julian nos degraus, e então ele estava ao lado da cama; ela não tinha percebido que a luz que fluía por meio da água o transformaria numa efígie de prata. Mesmo os cabelos escuros estavam prateados, como se ela o estivesse enxergando do jeito que ele estaria dali a 30 anos.

Emma se sentou. Julian não se mexeu, nem parecia prestes a dizer qualquer coisa. Ficou parado, olhando para ela, e quando ergueu a mão para ajeitar o cabelo para trás, ela viu novamente o tecido manchado no pulso dele.

— Então, como foi? — perguntou Emma finalmente. — Descobriu como quebrar todas as ligações *parabatai* no mundo?

— No fim das contas, não é possível. — Ele se reclinou no suporte da cama. — Você deve estar satisfeita.

— Sim. — Ela chutou um travesseiro para o pé da cama. — Quero dizer, isso é um alívio, mas ainda estou curiosa por você subitamente ter resolvido confiar na Rainha Seelie, quando ela literalmente nunca foi confiável.

— Ela não nos traiu antes — falou Julian. — Nós fizemos um acordo com ela, mas não chegamos a trazer o *Volume Preto*... até agora.

— Ela fez coisas terríveis com Jace e Clary...

— Talvez eles simplesmente não soubessem lidar com ela. — Os olhos azul-esverdeados reluziram. — A Rainha só se importa com a Rainha. Ela não está interessada se está causando dor apenas por causar. Ela só quer o que quer. Se você se lembrar disso, dá conta de lidar com ela.

— Mas por que nós tivemos que...

— Veja, era óbvio que não podíamos confiar em Dearborn, desde o início. Isto aqui não é somente uma missão secreta como a de Clary e Jace. Ele nos levou a Brocelind sozinhos. Nos mandou pela porta do Reino das Fadas sem a presença de mais ninguém. Horace Dearborn não está do nosso lado — falou Julian. — Ele acha que somos inimigos. Amigos do Submundo. Tudo bem que ele acha que podemos pegar o *Volume Preto* de volta para ele... mas planejou nossa morte durante nossa missão. O que você acha que acontece, Emma, se formos para casa *sem* o livro? Na verdade, como você acha que sequer vamos conseguir voltar... você acha mesmo que podemos confiar em alguém que estiver nos aguardando na Encruzilhada de Bram, cumprindo ordens de Horace?

Ela ficara com tanta raiva de Julian que não tinha parado para pensar num jeito de voltar para casa.

— Dane disse que não era só ele — observou ela. — Você acha que ele queria dizer que alguém vai ficar à espera na Encruzilhada de Bram para nos matar?

— Poderia haver alguém esperando em cada esquina para nos matar — falou Julian. — Dane era um idiota... veio atrás da gente muito rápido, antes de estarmos em poder do livro verdadeiro. Mas é possível que nem todos sejam. Nossas vidas estão em perigo aqui a cada segundo. Se tivermos um acordo com a Rainha, estamos sob a proteção dela.

— Precisamos de um aliado — falou Emma. — E ela é estranha, oportunista e horrível, mas é melhor do que nada. É isso que você está dizendo?

— Todo plano envolve riscos — retrucou Julian. — *Não* procurar a Rainha era um risco. Estratégia é escolher entre os riscos... Não há caminho seguro para

nós, Emma. Não desde que Horace nos chamou em seu escritório.

— E se nós voltarmos com o verdadeiro *Volume Preto*, ele simplesmente vai nos matar e pegar o livro — disse Emma. — De qualquer forma, esse era o plano dele.

— Não — falou Julian. — Esse era o plano quando ele pensou estar no controle em relação ao nosso retorno. Se nós decidirmos como e onde vamos retornar, podemos ir direto a alguma reunião do Conselho para apresentar o *Volume Preto*, bravamente resgatado dos inimigos fada. Horace pensou que poderia se livrar facilmente da gente porque estávamos em desgraça. Será muito mais difícil fazer isso se voltarmos em triunfo.

— Ótimo — falou Emma. — Entendi o que você acha que estamos fazendo. Não sei se concordo em colaborar com a Rainha, mas pelo menos entendo. Mas você sabe o que teria sido melhor? Se você tivesse me incluído na parte em que decidi qual risco estaríamos correndo.

— Não vi motivo — retrucou ele. — Você ficaria preocupada, e para quê?

Emma sentiu as lágrimas arderem os olhos.

— Você não é desse jeito. Você nunca diria algo assim.

Os olhos de Julian lampejaram.

— Você sabe que eu sempre fiz o necessário para nos manter em segurança. Pensei que você entendesse esse lado meu.

— É diferente. Você se lembra... Julian, você se lembra do que Dane falou, que você era o tipo de cara que teria uma garota como *parabatai*? — Ela se ajoelhou na cama, erguendo o queixo para olhar bem nos olhos dele. — É exatamente isso que eu sempre amei em você, mesmo antes de me apaixonar. Nunca, nem por um segundo, você pensou que ter uma garota como parceira guerreira ia te diminuir, você nunca agiu como se eu não fosse totalmente igual a você. Nunca, nem por um momento, você me fez achar que eu precisava ser fraca para você ser forte.

Ele desviou o olhar. Emma prosseguiu:

— Você sabia que nós éramos fortes juntos. Você sempre me tratou como se minha opinião tivesse importância. Você sempre respeitou minha capacidade de tomar decisões. Mas você não está agindo assim agora. Não é uma coisinha de nada sobre a qual você mentiu para mim, Julian. É uma traição em relação a tudo que nós juramos na nossa cerimônia *parabatai*. Uma coisa é você não querer me tratar como se eu fosse sua namorada, mas outra coisa totalmente diferente é você não me tratar como sua *parabatai*.

Julian rastejou sobre a cama até ficar do lado dela.

— Não foi isso que eu planejei — falou ele. — Eu temia que você fosse se recusar a ir à Corte Seelie, e eu estava tentando simplesmente agir rápido. — O



brilho da queda-d'água se alterou, e os cabelos de Julian voltaram a escurecer e os cílios fizeram sombra em suas bochechas. — Eu não fazia ideia de que você ficaria tão chateada com... tudo.

— Ah, certo, é óbvio que não fazia ideia. — Ter Julian assim tão perto a deixava tão nervosa que Emma sentia os nervos à flor da pele. Ambos estavam ajoelhados, cara a cara; ele estava tão próximo que dava para abraçá-lo sem nem precisar se inclinar. — Você não faz ideia de nada porque deixou de ter sentimentos. Porque você desligou todas as suas emoções, não só aquelas relacionadas a mim, mas as emoções relacionadas a tudo — *a Livvy, até mesmo as emoções em relação a Livvy* — e no final isso vai voltar e te trazer problemas.

— Eu não... — falou ele.

— Você não o quê?

Ele deslizou a mão sobre a cama para que os dedos tocassem os dela, bem de leve. O coração de Emma entrou num ritmo acelerado.

— Eu não deixei de ter sentimentos. — Ele parecia perdido e um pouco confuso. — Eu simplesmente não compreendo o que sinto. A não ser isso: eu preciso que você não fique zangada, Emma.

Ela congelou. Os dedos de Julian se dobraram para acariciar a parte interna do pulso dela. Emma sentia como se cada terminação nervosa em seu corpo estivesse concentrada ali, onde os dedos dele tocavam. Ele tocava sua pulsação. Seu coração.

— Desculpa, Emma — pediu ele. — Desculpa.

O coração de Emma deu um salto. Com um choramingo, ela esticou a mão para ele; de joelhos, eles se abraçaram. Ele abaixou a cabeça para beijá-la, e Emma ficou completamente sem fôlego.

Julian tinha o sabor que Emma imaginava terem as frutas das fadas, mais adocicado que qualquer açúcar na Terra. Ela ficou tonta com a lembrança da primeira vez que o beijara, molhada de água do mar, faminta e desesperada. Já este beijo era lânguido, quente, com um desejo lento: ele explorava a boca de Emma com a própria boca, afagando as maçãs do rosto com os dedos, segurando o queixo dela e inclinando a cabeça para trás.

Ele a puxou para mais perto. *O corpo dele ainda funciona da mesma forma*, pensou ela. *Com ou sem sentimentos.*

Havia uma satisfação terrível na coisa toda. Ele sentia alguma coisa por ela, mesmo que fosse apenas alguma coisa física.

Mas ele tinha pedido desculpas. Obviamente isso significava alguma coisa. Talvez que o feitiço estivesse enfraquecendo. Talvez não fosse permanente. Talvez...

Ele beijou o cantinho da boca de Emma, a pulsação em seu pescoço. Os

lábios de Julian eram macios de encontro à pele; as mãos dele puxaram a bainha da camisola até as coxas.

*Deixe acontecer*, dizia o corpo dela. *Absorva o que puder dele, porque talvez não haja mais nada depois.*

As mãos dele estavam sob a camisola. Ele sabia onde ela gostava de ser tocada. Sabia o que a fazia estremecer e o que a estimulava a beijá-lo com mais vontade.

Ninguém a conhecia como Julian.

Então Emma abriu os olhos, a visão embaçada de desejo. Levou um susto — Julian a estava encarando, olhos bem abertos, e a expressão neles era fria e pensativa. Foi como um balde de água fria na cara; Emma quase arquejou de frustração.

*Eu preciso que você não fique zangada*, ele tinha dito.

As mãos dele ainda estavam na parte de trás das coxas dela, apertando-a contra ele. Emma murmurou entre os lábios dele:

— Você não está se desculpando de verdade, não é?

Ele fechou os olhos: ela conhecia aquele olhar. Ele estava pensando na coisa certa a dizer. Não na verdade, mas na melhor coisa a dizer: na mais inteligente e eficaz. A coisa que o permitiria fazer o que quisesse e precisasse.

Emma sempre tivera orgulho da astúcia de Julian; adorava e compreendia a necessidade disso. Era o estilingue de Davi; era a única pequena defesa de Julian contra um mundo imenso disposto contra ele e sua família. Era o único meio que ele conhecia de proteger o que amava.

Mas sem amor como força motora por trás de tudo que ele fazia, do que ele seria capaz? Um Julian sem sentimentos era um Julian capaz de manipular qualquer um.

Até ela.

Ele se sentou nos calcanhares, as mãos caindo junto às laterais do corpo e a expressão ainda indecifrável. Antes que ele pudesse falar, o som de alguém entrando no cômodo ecoou, vindo do andar de baixo.

Eles desceram da cama aos tropeços, alarmados. Alguns segundos depois, estavam de pé, com as roupas bagunçadas, nos degraus que conduziam ao cômodo principal.

Nene estava ali, com uma chave na mão e olhando para eles. Ela vestia o uniforme de pajem da Corte Seelie. Ao avistá-los, as sobrancelhas claras se ergueram.

— Como é que vocês humanos dizem mesmo? Cheguei numa hora ruim?

— Está tudo bem — falou Julian. Seu rosto voltara ao normal, como se nada de mais tivesse acontecido. Emma não sabia o que o próprio rosto aparentava,

mas sabia como se sentia: como se tivessem aberto um buraco no meio dela.

— Fico feliz por ouvir isso — falou Nene, indo até o centro do cômodo e virando-se para encará-los. — Porque precisamos conversar agora. Rápido, desçam aqui. A Rainha traiu vocês e temos pouco tempo para agir.

Tavvy finalmente adormecera, agarrado a um livro, com o rosto ainda manchado das lágrimas recentes. Mark estava ajoelhado, acariciando seus cabelos macios. Helen sentiu uma pontada no coração... de amor por Tavvy, de preocupação, de saudade de Julian, que teria conseguido acalmar os temores de Tavvy em minutos, e não nas horas que ela precisava investir.

Quando Mark puxou um cobertor sobre o caçula dos irmãos, Helen foi abrir as janelas para deixar um pouco de ar fresco entrar no cômodo. Não havia tido notícias de Julian e Emma desde que deixaram Alicante, embora Jia tivesse jurado para Aline que todos estavam bem.

Ainda assim, Helen raramente se sentira tão distante de sua família. Mesmo na Ilha Wrangel, onde ficava isolada do mundo, sempre tivera certeza de que Julian estivera cuidando deles, de que todos estavam felizes dentro do possível, e as imagens daquelas carinhas felizes em sua mente eram as responsáveis por lhe dar força.

A realidade deles aqui se revelara um choque. Sem Julian, eles olhavam para ela e Helen não conseguia interpretar suas expressões. Tavvy chorava quando ela o tocava. Dru fazia cara feia. Ty mal parecia reconhecer sua presença. E Mark...

— Eu nunca deveria tê-los deixado nos separar — falou Helen. — Em Idris. Quando eles quiseram manter Jules e Emma lá, eu não deveria tê-los deixado fazer isso.

— A Clave obrigou — falou Mark, se pondo de pé. — Você não tinha escolha.

— Nós sempre temos escolha.

— Você não pode se culpar. É muito difícil enfrentar Julian quando ele teima. Ele tem muita força de vontade. E ele queria ficar.

— Você acha mesmo?

— Acho que ele não queria voltar com a gente. Ele estava agindo de modo estranho antes de deixarmos Idris, você não acha?

— É difícil dizer. — Helen fechou a janela. — Julian sempre foi capaz de fazer sacrifícios dos mais sofridos e esconder a dor que isso lhe causava.

— Sim — falou Mark —, mas mesmo quando ele escondia as coisas, ele era amoroso, não frio. Antes de sairmos, ele estava frio.

Ele simplesmente falou, sem demonstrar dúvida, e olhou para Tavvy mais

uma vez.

— Tenho que voltar para Kieran. Ele está machucado, e Tavvy já está tranquilo.

Helen assentiu.

— Eu vou com você.

Os corredores do Instituto estavam escuros e silenciosos. Em alguma parte, Aline dormia. Helen se permitiu pensar por um momento no quanto queria deitar com sua mulher, se aninhar no calor de Aline e esquecer todo o restante.

— Talvez pudéssemos tentar uma Marca de Família — falou Helen. — Alguma coisa que nos levasse a Julian.

Mark pareceu confuso.

— Você sabe que não vai funcionar para além da fronteira do Reino das Fadas. E Julian precisaria estar usando marca equivalente também.

— Sim. — Helen se sentira igual havia alguns anos, quando Eleanor Blackthorn morrera, como se ela estivesse congelada por dentro e fosse difícil pensar. — Eu... eu sei disso.

Mark lançou um olhar preocupado a ela quando entraram no quarto reserva onde haviam deixado Kieran. O cômodo estava escuro, e Cristina estava sentada numa cadeira ao lado da cama, segurando a mão de Kieran. O príncipe fada estava imóvel sob o cobertor, embora seu peito subisse e descesse com a respiração rápida e regular, normal nas fadas.

Helen soubera de pouca coisa sobre Kieran, apenas o que Mark lhe dissera nas poucas conversas rápidas que haviam tido desde o retorno dele do Reino das Fadas, até ela chegar a Idris; ela e Mark tinham ficado conversando na casa do canal depois de pegar Tavvy, e ela ouvira toda a história então. Sabia o quanto os sentimentos de Mark por Kieran eram complicados, embora tivessem lhe soado mais simples no momento, quando Mark lançou um olhar preocupado para o outro.

Mas nada nunca era mais simples, não é? Helen captou o breve olhar semicerrado de Mark para ela quando ele se sentou ao lado de Cristina: preocupação, temor... por Kieran, por Emma e Julian, por todos eles. Havia um monte de coisas com as quais se preocupar.

— Sei que vocês vão querer ir atrás de Julian — falou Helen. — Até o Reino das Fadas. Por favor, não faça nenhuma bobagem, Mark.

Os olhos de Mark arderam na escuridão. Azul e dourado, mar e luz do sol.

— Eu farei o que for preciso para resgatar Julian e Emma. Eu me unirei à Caçada, se for necessário.

— Mark! — Helen estava horrorizada. — Você nunca faria isso!

— Eu faria o que fosse preciso — repetiu ele, e em sua voz ela não ouviu o

irmão mais novo que criara, mas o menino que voltara da Caçada Selvagem como um adulto.

— Eu sei que você viveu durante anos com a Caçada e que sabe de coisas que eu não sei — falou Helen. — Mas andei em contato com nossa tia Nene, e também sei coisas que *você* não sabe. Eu sei como veem você, Julian e os outros no Reino das Fadas... lá vocês não são crianças, mas inimigos temíveis. Você lutou contra os Cavaleiros de Mannan. Você desonrou o Rei Unseelie em sua própria Corte, e Emma matou Fal, que é praticamente um deus para o Povo das Fadas. Embora vocês tenham alguns amigos no Reino das Fadas, sempre encontrarão muitos, muitos inimigos.

— Isso sempre foi verdade — falou Mark.

— Você não entende — falou Helen num murmúrio ríspido. — Agora, fora de Idris, todas as entradas para o Reino das Fadas estão com guardas, e tem sido assim desde o desastre no Salão do Conselho. O Povo das Fadas sabe que os Nephilim os consideram culpados. Mesmo que você tomasse a trilha da lua, a puca que faz a guarda informaria no mesmo instante sobre sua entrada, e você seria recebido com espadas do outro lado.

— O que é que você propõe, então? — quis saber Mark. — Deixar que seu irmão e Emma morram e apodreçam no Reino das Fadas? Eu já fui abandonado lá, sei como é. Nunca vou deixar que isso aconteça a Emma e a Julian!

— Não. Proponho que eu vá atrás deles. Não sou uma inimiga para o Povo das Fadas. Vou direto atrás de Nene. Ela vai me ajudar.

Mark ficou de pé num pulo.

— Você não pode ir. As crianças precisam de você aqui. Alguém precisa cuidar delas.

— Aline pode cuidar delas. E ela já está fazendo um trabalho melhor do que eu. As crianças nem mesmo gostam de mim, Mark.

— Elas podem não gostar de você, mas elas te amam — falou Mark furiosamente —, e eu te amo, e não vou perder outro irmão para o Reino das Fadas!

Helen se aprumou; embora não fosse nem de longe tão alta quanto o irmão, fato que aliás a irritava, e encarou Mark com expressão severa.

— Nem eu.

— Talvez eu tenha uma solução — falou Cristina. — Tem uma relíquia da família Rosales. Nós a chamamos *Eternidad*, o que significa um tempo que não tem começo nem fim, como o tempo no Reino das Fadas. Ela nos permitirá entrar lá sem sermos detectados.

— Você me deixaria levá-la? — perguntou Mark.

— Eu ainda não a tenho comigo, e apenas um Rosales pode usá-la

adequadamente, sendo assim, eu vou.

— Nesse caso, eu irei com você — falou Kieran, que tinha se erguido e se apoiado nos cotovelos. Seus cabelos estavam bagunçados e seu rosto tinha olheiras.

— Você acordou? — perguntou Mark.

— Estou acordado há algum tempo — admitiu Kieran. — Mas fingi dormir porque fiquei constrangido.

— Hum — falou Helen. — Acho que é a isso que Aline se refere quando fala em sinceridade radical.

— Cristina não pode viajar sozinha — falou Kieran, teimoso. — É perigoso demais.

— Concordo — respondeu Mark. E se virou para Helen. — Eu vou com Cristina e Kieran. Nós três formamos uma equipe melhor.

Helen hesitou. Como poderia deixar que fossem para tal perigo? E ainda assim, era isso que os Caçadores de Sombras faziam, não era? Correr para o perigo? Ela desejava desesperadamente poder conversar com sua mãe. Talvez a melhor pergunta fosse: como ela poderia impedi-los, se Mark e Kieran eram melhores do que qualquer pessoa para circular pelo Reino das Fadas? Mandar Cristina sozinha seria como mandá-la para o abate; mandá-los todos significava que talvez ela poderia perder Mark e Julian. Mas não deixá-los ir seria como abandonar Julian no Reino das Fadas.

— Por favor, Helen — falou Mark. — Meu irmão foi para o Reino das Fadas para me salvar e eu tenho que ser capaz de fazer a mesma coisa por ele. Eu já fui aprisionado antes. Não me torne um prisioneiro de novo.

Helen sentiu seus músculos enfraquecerem. Ele tinha razão. Ela se sentou na cama antes que começasse a chorar.

— Quando vocês vão?

— Assim que Jaime chegar com a relíquia — falou Cristina. — Faz quase uma hora que o chamei com uma mensagem de fogo, mas não sei quanto tempo ele levará para chegar.

— Jaime Rosales? — falaram Kieran e Mark ao mesmo tempo.

Helen olhou para um e outro. Ambos pareciam surpresos e um pouco alerta, como se estivessem com ciúmes. Ela afastou o pensamento. Estava enlouquecendo, provavelmente por conta do estresse.

— Ah, Mark — falou ela. Em períodos de estresse, a cadência de sua voz, assim como a dele, assumia uma formalidade ancestral de fadas. — Não suporto a ideia de deixá-los partir, mas creio que é o que devo fazer.

Os olhos de Mark suavizaram.

— Helen. Eu lamento. Juro voltar para você em segurança, e trazer Julian e

Emma de volta e a salvo também.

Antes de Helen observar que isso não era uma promessa tão factível assim, Kieran pigarreou. O som era muito comum e humano, e quase fez Helen sorrir, apesar de tudo.

— Eu gostaria de ter tido um irmão que me amasse tanto quanto vocês se amam — disse ele, falando como um príncipe do Reino das Fadas. Mas a semelhança foi rapidamente afastada quando ele pigarreou mais uma vez e falou: — E nesse meio-tempo, Helen, devo pedir que saia de cima da minha perna. Você está sentada nela, e está começando a doer bastante.

— Alguns monstros são humanos — falou Gwyn. Eles estavam nos aposentos de Diana, na Flintlock Street. Ela estava deitada transversalmente na cama, com a cabeça no colo de Gwyn, enquanto ele afagava seus cabelos. — Horace Dearborn é um deles.

Diana passou a mão pela lã da túnica de Gwyn. Ela gostava de vê-lo assim, sem o capacete ou a cota de malha, apenas um homem vestindo uma túnica surrada e botas velhas. Um homem com orelhas pontudas e olhos bicolores, mas Diana tinha parado de achar isso estranho. Eram simplesmente parte de Gwyn.

— Acredito que haja pessoas boas no Conselho — falou Diana. — Elas estão assustadas. Com Horace e com suas previsões apocalípticas. Ele adquiriu um bocado de poder num período curto.

— Ele tornou Idris insegura — disse Gwyn. — Gostaria que você fosse embora de Alicante, Diana.

Ela se sentou, com expressão de surpresa.

— Ir embora de Alicante?

— Eu vi um bocado de história — falou Gwyn. — Leis terríveis normalmente são aprovadas antes de serem repelidas devido ao tanto de sofrimento causado. O medo e a ignorância têm meios de vencer. Você me falou que Horace e a filha não gostam de você.

— Não — confirmou Diana. — Embora eu não saiba por que...

— Eles temem sua influência — disse Gwyn. — Sabem que os outros te dão ouvidos. Você é muito persuasiva, Diana, e assustadoramente sábia.

Ela fez uma careta para ele.

— Bajulador.

— Não a estou bajulando. — Ele se levantou. — Temo por você. Horace Dearborn pode não ser um ditador ainda, mas quer ser um. Sua primeira atitude vai ser eliminar todos que forem resistentes. Ele vai querer apagar as luzes mais brilhantes, aquelas que iluminam o caminho das outras.

Diana estremeceu. Podia ouvir os cascos do cavalo de Gwyn sapateando no telhado.

— Você está amargo, Gwyn.

— É possível que nem sempre eu veja o melhor nas pessoas — disse ele — quando caço as almas dos guerreiros mortos no campo de batalha.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Isso é uma piada?

— Não. — Ele pareceu confuso. — Eu falei sério. Diana, deixe-me tirá-la daqui. Você estaria a salvo no Reino das Fadas. À noite, as estrelas têm mil cores e durante o dia os campos ficam cheios de rosas.

— Não posso, Gwyn. Não posso abandonar esta luta.

Ele se recostou na cama, a cabeleira desgrenhada de Gwyn pendeu com o cansaço.

— Diana...

Era estranho, depois de tanto tempo, sentir o desejo de ficar perto de alguém, física e emocionalmente.

— Não foi você quem disse que, da primeira vez que me viu, se importou comigo porque eu era muito corajosa? Agora você gostaria que eu fosse uma covarde?

Ele a encarou, a emoção estampada no rosto enrugado.

— Agora é diferente.

— Por que seria diferente?

Ele curvou as mãos imensas em torno da cintura dela.

— Porque eu sei que amo você.

O coração de Diana pareceu esvoaçar dentro do peito. Ela não esperava que alguém lhe dissesse aquelas palavras, tinha considerado isso uma espécie de preço a se pagar por ser transgênero e Nephilim. Certamente, nunca esperaria ouvir isso de alguém como Gwyn: que sabia tudo que era possível saber sobre ela, e que não conseguia mentir, um príncipe de magia selvagem.

— Gwyn — falou, tomando o rosto dele entre as mãos e se inclinando para beijá-lo.

Ele recuou, puxando-a delicadamente até que ambos estivessem deitados na cama. O coração de Diana estava acelerado contra a túnica grossa de Gwyn. Ele se curvou em cima dela, o corpo imenso lançando uma sombra, e naquela sombra ela fechou os olhos e acompanhou os movimentos de seus beijos gentis e toques conforme iam se tornando mais doces e precisos até ambos alcançarem juntos um local onde não havia mais medo, onde havia apenas a delicada aliança de almas que não mais permitia a presença da solidão.



Helen contara a Aline tudo o que estava acontecendo. Mark não fazia ideia de que horas eram, mas não dava mais para ver a lua através da janela. Ele estava sentado no colchão, ao lado de Kieran, e Cristina se aninhara na poltrona perto da cama.

Ele vinha evitando encará-la. Sabia que não tinha feito nada errado ao beijá-la, e nem ela ao beijá-lo. Ele se lembrava da última vez que conversara com Kieran a sós, no Santuário de Londres. No jeito como Kieran tocara a flecha de elfo que pendia no pescoço de Mark. Ela se tornara uma espécie de símbolo dos dois. Mas o que Kieran dissera a seguir ainda ressoava em seus ouvidos: *Nós estaremos quites.*

Ele não sabia se poderia explicar o que sentia para Kieran, ou mesmo para Cristina. Sabia apenas que não sentia estar quite: nem com Kieran, nem com Cristina, caso Kieran escolhesse voltar para ele.

— Está se sentindo melhor, Kieran? — quis saber Mark, baixinho.

— Sim... Cristina é uma enfermeira muito boa.

Cristina revirou os olhos.

— Eu apenas pus as ataduras. Não exagere meus talentos.

Kieran deu um olhar tristonho para o braço enfaixado.

— Eu me sinto um pouco estranho sem uma das mangas.

Mark não conseguiu evitar sorrir.

— Está muito estiloso. Roupas de manga única fazem sucesso entre os mundanos.

Kieran arregalou os olhos.

— É mesmo?

Mark e Cristina deram uma risadinha, e Kieran franziu as sobrancelhas.

— Vocês não deveriam zombar de mim.

— Todo mundo zomba de todo mundo — falou Cristina em tom de provocação. — É o que os amigos fazem.

O rosto de Kieran se iluminou ao ouvir isso, de tal forma que Mark sentiu a dolorosa necessidade de abraçá-lo. Os príncipes fada não tinham amigos, imaginou; ele e Kieran nunca tinham conversado realmente sobre isso. Houve uma época em que os dois foram amigos, mas amor e dor tinham transformado isso de um modo que Mark agora sabia que não era inevitável. Havia pessoas que se apaixonavam, mas continuavam amigas: Magnus e Alec, Clary e Jace, Helen e Aline.

O sorriso de Kieran tinha desaparecido. Ele se remexeu, inquieto, debaixo dos cobertores.

— Tem uma coisa que eu preciso contar a vocês. Explicar.

Cristina pareceu preocupada.

— Só se você quiser...

— É sobre a Scholomance — falou Kieran, e ambos silenciaram. Eles ouviram Kieran contar sobre o Lugar da Rocha. Mark costumava se perder nas histórias das outras pessoas. Sempre fora assim, desde pequeno, e se lembrava de como adorava quando Kieran contava histórias da Caçada, de como ele ia dormir com os dedos de Kieran em seus cabelos e com a voz de Kieran em seu ouvido, contando histórias de Bloduwedd, a princesa feita de flores, do caldeirão sombrio que ressuscitava os mortos e da batalha entre Gwyn ap Nudd e Herne, o Caçador, que abalara as árvores.

Cristina nunca se perdia da mesma forma nas histórias recontadas, pensou Mark; ela sempre estava totalmente presente, sua expressão ficando sombria e os olhos se arregalando de pavor quando Kieran contou sobre a Tropa, a luta na piscina, o modo como Diego o salvara e como ele tinha escapado da biblioteca.

— Eles são horríveis — falou Cristina, pouco antes de Kieran terminar de falar. — Horríveis. O fato de eles terem ido tão longe...!

— Temos que ver como estão Diego e os outros — falou Mark, embora Diego Rocio Rosales fosse uma das pessoas de quem menos gostava. — Ver se estão bem.

— Vou escrever para Diego — falou Cristina. — Kieran, eu sinto muito. Pensei que você estaria seguro na Scholomance.

— Você não poderia ter adivinhado — falou Kieran. — Enquanto eu estava na Scholomance, censurei Diego por não planejar o futuro, mas este não é um futuro que alguém pudesse imaginar.

— Kieran tem razão. Não é sua culpa — disse Mark. — A Tropa está fora de controle. Apostaria que foi um deles que seguiu Emma e Julian até o Reino das Fadas.

Kieran afastou as cobertas com um gesto súbito e brusco.

— Tenho uma dívida para com Emma e Julian e devo ir atrás deles. Entendo isso agora. Eu já lamentava meus atos mesmo antes de a água da piscina me tocar. Mas nunca fui capaz de expressar isso. Nunca fui capaz de obter seu perdão ou consertar o que fiz.

— Emma já te perdoou — falou Cristina.

Kieran não parecia convencido. Quando falou, foi de modo hesitante.

— Quero mostrar uma coisa para vocês.

Mark e Cristina não se mexeram, e ele se virou, se ajoelhou na cama e puxou a camisa, deixando as costas nuas. Mark ouviu Cristina prender a respiração quando a pele de Kieran se revelou.

Estava coberta de marcas de chicote. Pareciam recém-cicatrizadas, como se tivessem poucas semanas; não havia sangue, mas ainda estavam vermelhas.

Mark engoliu em seco. Ele conhecia cada marca e cicatriz na pele de Kieran, e aquelas eram novas.

— A Tropa açoitou você? — murmurou ele.

— Não — respondeu Kieran. Ele deixou a camisa cair, embora não tivesse saído do lugar, encarando a parede atrás da cama. — Estas marcas apareceram nas minhas costas quando a água da piscina me tocou. São de Emma. Agora eu as tenho como um lembrete da agonia que ela jamais teria enfrentado se não fosse por mim. Quando a água da piscina me tocou, eu senti o medo e a dor de Emma. Como ela pode me perdoar por isso?

Cristina ficou de pé. Os olhos castanhos reluziam com ansiedade; ela tocou delicadamente as costas da fada.

— Kieran — falou. — Da mesma forma que todos temos uma capacidade infinita de cometer erros, temos também uma capacidade infinita de perdoar. Emma carrega essas cicatrizes alegremente porque, para ela, são marcas de valor. Deixe que sejam o mesmo para você. Você é um príncipe do Reino das Fadas. Eu vi você sendo tão corajoso quanto qualquer um que conheci. Às vezes, a coisa mais corajosa que você pode fazer é confrontar suas próprias falhas.

— Você é um príncipe do Reino das Fadas. — Kieran esboçou um sorriso, ainda que torto. — Mais alguém me disse isso hoje à noite.

— Perceber que você cometeu erros e torcer para corrigi-los é tudo que se pode esperar fazer — emendou Mark. — Às vezes, pode ser que a gente tenha a melhor das intenções... você estava tentando salvar minha vida quando foi até Gwyn e Iarlath... e os resultados são terríveis. Todos tínhamos a melhor das intenções quando fomos à reunião do Conselho, e agora Livvy está morta e Alicante está nas mãos da Tropa.

Se encolhendo, Kieran se virou para encarar os dois.

— Juro que lutarei até meu último suspiro para ajudar vocês a salvar aqueles que amam.

Cristina sorriu, nitidamente emocionada.

— Vamos nos concentrar apenas em Emma e Julian agora — falou. — Ficaremos gratos por ter você conosco no Reino das Fadas amanhã.

Mark levou a mão à nuca e tirou o colar de flecha de elfo.

— Quero que você use isto, Kieran. Você nunca deve ficar vulnerável de novo.

Kieran não esticou a mão para pegar.

— Eu lhe dei porque queria que você ficasse com ele.

— E agora eu quero que você fique com ele — falou Mark. — Muitos querem ferir você, aqui e no Reino das Fadas. Quero ter certeza de que você tem uma arma ao alcance.

Lentamente, Kieran esticou a mão e pegou o colar das mãos de Mark.

— Se isso lhe agrada, vou usar.

Cristina deu a Mark um olhar indecifrável enquanto Kieran passava o colar sobre a cabeça. Havia um ar de aprovação no rosto dela, como se estivesse contente com a generosidade de Mark.

Kieran passou as mãos pelo cabelo. Os fios deslizaram por seus dedos em cachos azul-escuros.

— O cansaço me dominou — falou. — Eu sinto muito.

Na Caçada, Mark teria dado um abraço em Kieran. Eles teriam sido o travesseiro um do outro contra o solo duro.

— Você gostaria que nós fizéssemos uma cama com os cobertores no chão? — sugeriu Mark.

Kieran ergueu o rosto, e seus olhos brilhavam como espelhos polidos: um preto, outro prateado.

— Acho que conseguiria dormir na cama se tivesse companhia.

Cristina corou.

— Muito bem — falou. — Vou dizer boa-noite e então...

— Não — retrucou Kieran rapidamente. — Eu me referi a vocês dois. Quero que vocês dois fiquem comigo.

Mark e Cristina trocaram um olhar. Era a primeira vez, pensou Mark, que ele realmente olhava para Cristina desde que tinham voltado de Vasquez Rocks: ele ficara muito constrangido, muito envergonhado devido à própria confusão. Agora percebia que ela estava tão vermelha e confusa quanto ele.

Kieran murchou os ombros ligeiramente.

— Se vocês não quiserem, eu vou entender.

Foi Cristina quem tirou os sapatos e se deitou na cama ao lado de Kieran. Ainda usava o jeans e a blusa de alcinha, com uma alça a menos, rasgada pelo demônio Harpia. Mark se deitou na cama do outro lado do príncipe fada, apoiando a cabeça na própria mão.

Eles ficaram ali por longos instantes, em silêncio. O calor do corpo de Kieran era familiar — tão familiar que era difícil não se aninhar de encontro a ele, cobrir-se com os cobertores e abandonar tudo na escuridão.

Mas Cristina estava lá, e sua presença parecia mudar a ordem dos átomos no ar, o equilíbrio químico entre Mark e Kieran. Não era mais possível cair no esquecimento. Este momento era agora, e Mark estava muito consciente da proximidade de Kieran, de um jeito que não estivera desde que eles se conheceram, como se o relógio tivesse girado para trás em seu relacionamento.

E ele estava ciente da presença de Cristina também, e não com menos intensidade. Um desejo constrangido, tímido o prendia no lugar. Ele olhou para

ela; dava para notar o brilho dos cabelos escuros contra o travesseiro, o ombro marrom à mostra. O calor confundia a cabeça e os pensamentos de Mark.

— Vou sonhar com as Terras Fronteiriças — falou Kieran. — Adaon tinha um chalé por lá, nas terras que não eram nem Seelie nem Unseelie. Um lugar pequeno, feito de pedra, com rosas escalando as paredes. Na Caçada, quando eu sentia fome e frio, dizia para mim mesmo que nada daquilo era real e tentava tornar o chalé real em minha mente. Eu fingia estar lá, olhando pelas janelas, e não onde realmente estava. E ele se tornava mais real para mim do que a realidade.

Cristina tocou levemente a bochecha dele.

— *Ya duérmete* — murmurou ela. — Durma, bobinho.

Mark não conseguiu evitar uma risadinha.

— Alguém já te chamou de bobinho antes, príncipe Kieran? — murmurou ele enquanto Cristina fechava os olhos para dormir.

Mas Kieran estava olhando para Cristina, os cabelos escuros dele emaranhados, os olhos suaves de cansaço e algo mais.

— Acho que ela é a garota mais bonita que já vi — falou com a voz reflexiva.

— Eu sempre achei a mesma coisa — falou Mark.

— Agora vocês estão diferentes um com o outro — emendou Kieran. — É evidente. Vocês ficaram juntos na minha ausência.

Não era algo sobre o qual Mark fosse mentir.

— É verdade.

Kieran esticou a mão e tocou o cabelo de Mark. Um toque leve, que enviou uma chuva de fagulhas pelo corpo de Mark. A boca de Kieran era uma curva sonolenta e macia.

— Eu tinha esperança de que vocês estivessem — falou. — A ideia me confortava enquanto eu estava na Scholomance.

Kieran se aninhou nos cobertores e fechou os olhos, mas Mark permaneceu acordado por um longo tempo, fitando a escuridão.

# 12

## Sob os Céus

Mark, Kieran e Cristina estavam na biblioteca, arrumando as coisas para a partida ao Reino das Fadas. Todos os outros também estavam lá; bem, todos menos Dru, que levava Tavvy à praia para distraí-lo. Kit duvidava que ela realmente quisesse observá-los arrumando as coisas para partir, de qualquer forma.

Kit se sentia mal por ela — os olhos ainda estavam vermelhos quando ela saía com Tavvy e uma bolsa de pano cheia de brinquedos e baldes de areia, embora tivesse mantido a voz animada ao prometer ao irmãozinho que o ajudaria a construir um castelo de areia.

Mas ele se sentia pior por Ty.

Não era só porque Mark ia voltar para o Reino das Fadas. Isso já era ruim por si só. Era o motivo pelo qual ele estava indo. Quando Mark e Helen explicaram que Emma e Julian estavam numa missão nas Terras Imortais e precisavam de ajuda, o corpo inteiro de Kit se retesara em pânico. Ty não apenas adorava Julian. Ele precisava do irmão mais velho do jeito que as crianças precisavam dos pais. Além do que acontecera a Livvy, como ele ia lidar com isso?

De manhã cedinho, eles ficaram na cozinha, o cômodo inundado pelo sol. Sobre a mesa, ainda estavam espalhados os vestígios do café da manhã, e Dru incentivava Tavvy a fazer minúsculas lâminas serafim com pedaços de torrada e mergulhá-las na geleia. Então Aline se levantara após algum gesto silencioso de Helen e tirara Tavvy do cômodo, prometendo mostrar a ele seu livro ilustrado favorito na biblioteca.

E Helen explicara o que estava acontecendo. Vez ou outra, Mark e Cristina soltaram interjeições, mas Kieran permanecera de pé, em silêncio, perto da janela, enquanto eles conversavam, os cabelos azul-escuros salpicados de fios

brancos.

Quando terminaram, Drusilla chorava baixinho. Ty ficou sentado em silêncio absoluto, mas por baixo da mesa Kit via o menino tamborilando feito um pianista, os dedos se esticando e dobrando. Ele ficou pensando se Ty se esquecera dos brinquedos sensoriais — na internet, eram chamados brinquedos para estimulação sensorial. Ele olhou ao redor em busca de algo que pudesse entregar a Ty ao mesmo tempo que Mark se inclinou para a frente e tocou delicadamente o rosto do irmão caçula.

— Tiberius — falou. — E Drusilla. Sei que isso deve ser difícil para vocês, mas vamos trazer Julian de volta e então ficaremos todos juntos de novo.

Dru esboçou um sorriso fraco. *Não diga isso, pensou Kit. E se você não conseguir trazê-lo de volta? E se ele morrer lá no Reino das Fadas? Fazer promessas que você não pode cumprir é pior do que não fazer promessa nenhuma.*

Ty se levantou e saiu da cozinha sem dizer nada. Kit começou a arrastar a cadeira para trás e hesitou. Talvez não devesse ir atrás de Ty. Talvez Ty não quisesse isso. Ao erguer o rosto, viu que Mark e Cristina o observavam — na verdade, Kieran também, com seus sinistros olhos claro-e-escuro.

— Você deveria ir atrás dele — falou Mark. — É você quem ele quer.

Kit piscou e se levantou. Cristina lhe deu um sorriso encorajador quando ele saiu da cozinha.

Ty não tinha ido longe; estava no corredor, logo ali fora, recostado na parede. Seus olhos estavam fechados e os lábios se articulavam silenciosamente. Ele tinha uma caneta retrátil na mão direita e apertava o topo sem parar, *clic clic clic*.

— Está tudo bem? — perguntou Kit, parando, constrangido, logo à porta da cozinha.

Ty abriu os olhos e olhou para Kit.

— Sim.

Kit não disse nada. Parecia desesperadamente improvável que nesse momento Ty estivesse bem de verdade. Era muita coisa. Perder Livvy, e agora o medo de perder Julian e Mark... e Emma e Cristina. Era como se ele estivesse testemunhando o desaparecimento da família Blackthorn. Como se a destruição que Malcolm tivesse desejado estivesse acontecendo agora, mesmo que o feiticeiro já não estivesse presente mais, todos estariam perdidos, um por um.

*Mas não Ty. Por favor, não faça isso com Ty. Ele é bom, merece o melhor.*

Nem sempre as pessoas recebiam o que mereciam, Kit sabia. Fora uma das primeiras coisas que ele aprendera na vida.

— Eu estou bem — falou Ty, como se pudesse ouvir as dúvidas de Kit. — Eu tenho que estar bem por causa de Livvy. E se alguma coisa acontecer a Mark,

Julian ou Emma no Reino das Fadas, também não tem problema, porque eu posso trazê-los de volta. Nós temos o *Volume Preto*. Podemos trazê-los de volta.

Kit o encarou; sua mente estava tomada de ruído branco e torpor. Ty não estava falando sério, repetiu para si. Não mesmo. A porta da cozinha se abriu, e Mark apareceu; ele disse alguma coisa que Kit não ouviu, aí foi até Ty e lhe deu um abraço.

O menino retribuiu o gesto, a testa contra o ombro de Mark. Ele ainda estava segurando a caneta. Kit viu de novo os hematomas nas mãos e nos pulsos, aqueles que ele provavelmente ganhara ao escalar a pira em Idris. Eles se destacavam de tal forma sobre a pele pálida de Ty que Kit quase sentia a dor emanada por eles.

E agora ele e Kit estavam sentados numa das mesas da biblioteca, observando os outros arrumarem as coisas. Kit não conseguia se livrar da sensação de estranheza. Da última vez que Mark e Cristina tinham desaparecido no Reino das Fadas, não houvera nem aviso nem preparação. Simplesmente desapareceram durante a noite com Emma e Julian. Desta vez, não apenas todos sabiam como estavam se oferecendo para ajudar, como se fosse uma viagem para acampar.

Mark, Cristina e Kieran estavam vestidos com as roupas menos alusivas a Caçadores de Sombras que conseguiram encontrar. Cristina usava um vestido branco, na altura dos joelhos, e Mark e Kieran vestiam camisa e calça, as quais Aline atacara com uma tesoura para fazê-las parecer surradas e gastas. Eles usavam sapatos macios, sem fivelas de metal, e os cabelos de Cristina estavam presos com uma fita.

Helen tinha arrumado recipientes plásticos com comida: barras de cereais, maçãs, coisas que não apodreceriam muito rápido. Havia cobertores, ataduras e até spray antisséptico, pois suas estelas não funcionariam no Reino das Fadas. E, obviamente, havia todas as armas: o canivete de Cristina, dezenas de adagas e facas de arremesso enroladas em couro macio, uma besta para Mark e até mesmo uma espada curta de bronze para Kieran, que a prendera na cintura com uma expressão encantada de alguém que vinha sentindo muita saudade de suas armas.

— Talvez a gente não devesse guardar a comida agora — falou Helen, nervosa, segurando um pote que tinha acabado de arrumar na bolsa. — Talvez a gente devesse esperar até eles partirem.

Aline suspirou. Havia passado o dia inteiro com ar choroso e depois com ar de fúria em relação a Mark, Kieran e Cristina por fazerem Helen chorar.

— A maior parte da comida vai durar. É isso que interessa.

— Não podemos esperar muito para partir — falou Mark. — Isso é urgente. — Ele olhou na direção de Kit e Ty; Kit se virou e percebeu que Ty



desaparecera. Mas ninguém tinha deixado a biblioteca, portanto, ele devia estar em alguma parte do cômodo.

— Jaime virá o mais rápido que puder — falou Cristina. Ela amarrava habilmente um estojo de facas de arremesso.

— Se ele não estiver aqui à noite, talvez a gente precise pegar a trilha da lua — falou Kieran.

— E correr o risco de serem denunciados para as Cortes? — falou Helen. — É perigoso demais. Não. Vocês não vão a lugar nenhum até Jaime Rosales aparecer.

— Ele vai aparecer — falou Cristina, enfiando o estojo de facas em seus pertences com certa força. — Eu confio nele.

— Se ele não aparecer, é arriscado demais. Sobre tudo, considerando aonde vocês vão.

Kit se afastou da mesa enquanto Kieran protestava; de qualquer forma, ninguém estava prestando atenção nele. Percorreu a sequência de prateleiras até flagrar Ty, entre duas pilhas de livros, com a cabeça abaixada sobre um pedaço de papel.

Parou por um momento e simplesmente o encarou. Sabia que Kieran o observava do outro lado do cômodo e se perguntava por quê; eles tinham tido uma conversa interessante certa vez, no telhado do Instituto de Londres, onde se deram conta de que ambos sempre ficavam de fora quando o assunto era a família Blackthorn.

Mas Kit não sabia ao certo se isso ainda era verdade. Para ele ou para Kieran. E desde então, eles não tinham conversado mais.

Ele se embrenhou entre as fileiras de livros. E não pôde deixar de notar que, por ironia, eles tinham ido parar na seção CRIATURAS MARINHAS E COISAS AQUÁTICAS.

— Ty — chamou. — Ty, o que está acontecendo?

Talvez Ty finalmente tivesse desmoronado; talvez o peso da tristeza e da perda o tivessem dominado. Havia alguma coisa incrivelmente vulnerável em relação aos dedos finos, ao rubor nas bochechas quando ele erguia o rosto. Talvez...

Kit se deu conta de que os olhos de Ty brilhavam, e não por causa de lágrimas. O menino estendeu para ele o papel em suas mãos; era uma carta.

— É de Hypatia Vex — falou em voz baixa. — Ela concordou em nos ajudar com o Mercado das Sombras.

— O que está acontecendo? — Julian desceu correndo a escadaria curva da

camarinha de Fergus, ajeitando a camiseta enquanto saía. Emma o seguiu com mais cautela, parando para vestir as roupas e pegar a bolsa.

Nene estava parada no centro do cômodo. Usava um vestido verde comprido e uma pesada capa verde, com barra de penas azuis e verdes. Puxou o capuz para trás com dedos impacientes e os encarou.

— A Rainha traiu vocês — repetiu. — Agora mesmo ela se prepara para levar o *Volume Preto* à Corte Unseelie.

Emma se assustou.

— Para a Corte Unseelie? Mas por quê?

Nene deu aos dois um olhar severo.

— Vocês compreendem que eu estou traindo a minha Corte e minha senhora ao falar com vocês assim — lembrou ela. — Se eu for descoberta, será pior do que vocês podem imaginar.

— Foi você quem procurou a gente — observou Julian. Ele voltara a ser o Julian contido, controlado. Talvez não ter emoções fosse exatamente assim; talvez você nunca se perdesse de fato em nada. — Não fomos nós que fomos atrás de você.

— Eu vim porque devo isso aos Blackthorn — falou ela. — Por causa de todo o mal que minha irmã Celithe causou a Arthur ao torturá-lo, ao destruir sua mente com magia para que ele nunca se curasse. E porque eu não quero que o Rei Unseelie fique com o *Volume Preto dos Mortos*.

— Mas talvez ele já esteja com o livro — falou Emma. — Ele pegou Annabel. E Annabel está com o livro.

— Nós temos espiões na Corte, obviamente — observou Nene. — Ele está com Annabel, mas ela não vai lhe entregar o *Volume Preto*, e como ela sabe o verdadeiro nome dele, ele não pode obrigá-la.

— Então por que ela continua na Corte? — quis saber Julian.

— Isso eu não sei dizer — retrucou Nene. — Só sei do que a Rainha está fazendo. Ela não está considerando nenhuma promessa feita a vocês porque o livro que trouxeram é uma cópia e não o original.

— Isso é uma tecnicidade ridícula — falou Emma.

— O Reino das Fadas gira em torno de tecnicidades ridículas — insistiu Nene. — A Rainha fará o que a Rainha quiser. Essa é a natureza de Seelie.

— Mas por que ela quer dar o livro ao Rei? Ela odeia o Rei! Falou que queria manter o livro longe das mãos dele... — começou Emma.

— Ela de fato disse que queria manter o livro longe das mãos dele — repetiu Julian. Ele estava pálido. — Mas não disse que não o entregaria a ele, afinal.

— Não. Ela não disse — concluiu Nene.

As palavras da Rainha ecoaram na mente de Emma. *O Volume Preto é mais*

*do que necromancia. Contém feitiços que me permitirão recuperar o prisioneiro da Corte Unseelie.*

— Ela vai trocar o livro pelo prisioneiro da Corte Unseelie, não importa quem ele seja — falou Emma. — Ou ela.

— Ele — corrigiu Nene. — É o filho dela que está preso.

Julian prendeu a respiração.

— Por que você não nos contou isso antes? Se eu soubesse...

Nene o olhou de cara feia.

— Não é fácil trair minha Rainha! Se não fosse pelos filhos de minha irmã, eu nunca...

— Eu já esperava que a Rainha fosse nos trair — falou Julian. — Mas não que ela fosse fazer isso tão cedo, nem dessa maneira. Ela deve estar desesperada.

— Porque ela está tentando salvar o próprio filho — falou Emma. — Quantos anos ele tem?

— Não sei — respondeu Nene. — Ela sempre escondeu Ash de nós. Eu não seria capaz de reconhecê-lo caso o visse.

— O Rei não pode botar as mãos no livro. A Rainha falou que ele estava soltando a Praga nas Terras das Fadas com magia sombria e enchendo os rios com sangue. Imaginem o que faria se tivesse o *Volume Preto*.

— Isso se nós pudermos acreditar na Rainha — falou Julian.

— É a verdade até onde sei — disse Nene. — Desde a Paz Fria, a Terra dos Unseelie vem sangrando maldade. Dizem que há uma grande arma ali, alguma coisa que precisa dos feitiços do *Volume Preto* para trazer seus poderes à vida. Alguma coisa que poderia destruir toda a magia angelical.

— Temos que chegar à Corte Unseelie — falou Emma. — Temos que deter a Rainha.

Os olhos de Julian brilharam. Emma sabia no que ele estava pensando. Que, na Corte Unseelie, estava Annabel, e com Annabel estava a vingança para a morte de Livvy.

— Concordo — disse ele. — Nós podemos seguir a Rainha...

— Vocês não vão conseguir viajar tão rápido quanto um cortejo de cavalos fada — falou ela. — Nem mesmo Nephilim conseguem correr tanto assim. Vocês devem interceptar a Rainha antes que ela alcance a torre.

— A torre? — ecoou Emma.

— A torre é o único reduto permanente de Unseelie, o local para onde todos recuam em caso de cerco. Suas fortificações não têm comparação neste reino; ninguém consegue escalar suas muralhas ou enfrentar os espinhos, e a sala do trono, no topo da torre, é protegida pela guarda vermelha. Vocês devem se unir ao cortejo para que consigam alcançar a Rainha antes que ela entre na torre, e

seja tarde demais.

— Nos unir ao cortejo? Mas vamos ser notados! — exclamou Emma, mas Nene já estava pegando uma capa com capuz que estava pendurada na porta, jogando-a para Julian.

— Use isto — ordenou. — É de Fergus. Puxe o capuz. Ninguém vai prestar muita atenção. — Ela retirou a própria capa e a entregou a Emma. — E você vai se disfarçar de mim. — Ela deu uma olhada crítica em Emma enquanto a menina vestia a capa e a fechava no pescoço. — Pelo menos os cabelos louros são parecidos.

Julian tinha desaparecido escadaria acima; quando voltou, carregava os cintos de armas, o dele e o de Emma. A capa de Fergus — preta, com asas de corvos reluzindo como óleo no peito e no capuz — o cobria completamente.

— Nós não vamos sem isto aqui.

— Mantenha-os escondidos debaixo das capas — falou Nene. — É evidente que são obra de Caçadores de Sombras. — Ela os examinou de alto a baixo. — Assim como vocês. Ah, bem. Vamos fazer o melhor que pudermos.

— E se nós tivermos que fugir do Reino das Fadas? — perguntou Emma. — E se tivermos que pegar o *Volume Preto* e precisarmos voltar para Idris?

Nene hesitou.

— Você já traiu os segredos do Reino das Fadas — disse Julian. — Que diferença faz mais um?

Nene semicerrou os olhos.

— Você mudou — falou ela. — Só posso torcer para que seja o luto.

*Luto.* Todos em Alicante pensaram que a tristeza tinha mudado o comportamento e as reações de Julian. Emma também pensara isso, no início.

— Sigam até as Cataratas de Branwen — falou Nene. — Debaixo da queda-d'água, vocês encontrarão uma trilha de volta para Alicante. E se um dia falarem sobre este segredo a outras almas além de vocês, minha maldição cairá sobre as duas cabeças.

Ela abriu a porta e eles se esgueiraram para o corredor.

Tavvy jamais fora fã de castelos de areia. Eles o entediavam. Ele gostava de construir o que intitulava cidades de areia — fileiras de estruturas quadradas de areia, com formato de caixas vazias de leite, viradas de cabeça para baixo. Eram casas, lojas e escolas, complementadas por placas feitas com caixas de fósforos rasgadas.

Descalça, Dru se arrastava pela areia, ajudando Tavvy a encontrar gravetos, pedras e conchas que se tornariam postes, muros e pontos de ônibus. Às vezes,

ela encontrava um pedaço de vidro marinho, vermelho, verde ou azul, e o enfiava no bolso do macacão.

A praia estava vazia, a não ser por ela e por Tavvy. Ela o olhou de soslaio quando ele se ajoelhou na areia molhada e moldou um muro imenso que circundava a cidade — depois do que acontecera com Malcolm, ela não planejava tirar os olhos dele novamente. Mas a maior parte de sua cabeça estava cheia de pensamentos com Mark, Emma e Julian. Mark estava indo para o Reino das Fadas, e só ia porque Julian e Emma estavam encrencados. Mark não havia mencionado nada do tipo, mas Dru tinha certeza de que era uma encrenca muito grande. Nada de bom acontecia quando se ia para o Reino das Fadas, e Mark, Cristina e Kieran não estariam correndo para salvá-los caso estivessem achando que eles estavam bem.

*Uma a uma, as pessoas estão me abandonando*, pensou ela. Primeiro, Livvy, depois, Julian e Emma, agora, Mark. Ela parou para fitar o oceano: ondas azuis reluzentes se movimentando para cima e para baixo. Antigamente ela observava o oceano pensando que, em alguma parte dele, Helen estava em sua ilha, protegendo as barreiras do mundo. Ela se lembrava da risada da irmã, dos cabelos louros, e a imaginava como um tipo de Valquíria, erguendo uma lança à entrada do mundo, bloqueando a passagem dos demônios.

Atualmente, dava para ver que toda vez que Helen olhava para ela, ficava triste por Dru não ser mais amigável, mais aberta a uma ligação fraterna. Dru sabia que isso era verdade, mas não conseguia mudar. Será que Helen não entendia que se Dru se rendesse ao seu afeto, Helen seria apenas mais um ente querido perdido?

— Tem alguém vindo — falou Tavvy. Ele olhava na direção da praia, e apertava os olhos azul-esverdeados por causa do sol.

Dru se virou e ficou observando. Um menino caminhava pela praia vazia, ao mesmo tempo que consultava um pequeno objeto em sua mão. Um menino alto, magricela, com cabelos pretos cheios, pele negra que brilhava ao sol e braços desnudos, cheios de Marcas.

Ela derrubou as conchas que estava segurando.

— Jaime! — gritou. — Jaime!

Ele ergueu o rosto e pareceu vê-la pela primeira vez. Um sorriso largo se abriu e ele começou a correr na areia até alcançá-la. Ele a apertou num abraço, girando-a e rodopiando sem parar.

Dru ainda se lembrava do sonho estranho que tivera antes de Jaime deixar o Instituto de Londres, no qual ela estivera em algum lugar — bem semelhante ao Reino das Fadas, mas como ela saberia? Ela até já havia se esquecido daquilo, mas a lembrança frágil voltava agora que ele estava aqui — juntamente a outras

lembranças: ele sentado, assistindo aos filmes com ela, conversando sobre a família, lhe dando atenção.

— É bom ver você de novo, amiga — falou, pousando-a no chão e afagando seus cabelos. — É muito bom.

Ele parecia cansado, inexprimivelmente cansado, como se não tivesse tocado o solo exceto para correr desde a última vez que ela o vira. Havia olheiras em seus olhos. Tavvy estava correndo para ver quem era, e Jaime perguntava se ela ainda tinha a faca que ele lhe dera, e ela não conseguia conter o sorriso, o primeiro sorriso de verdade desde Livvy.

*Ele voltou*, pensou Dru. Finalmente, alguém não tinha ido embora — alguém tinha voltado.

Eles se esgueiraram pelos corredores com Nene, seguindo pelas sombras. Tanto Emma quanto Julian tinham abaixado o capuz; Nene escondera os cabelos sob um gorro e, vestindo calça e uma camisa larga, à primeira vista parecia um pajem.

— E quanto a Fergus? — perguntou Emma.

Nene sorriu sombriamente.

— Fergus foi abordado por uma dríade a quem ele admira muito. Uma jovem árvore.

— Ai. Farpas — falou Julian.

Nene o ignorou.

— Conheço Fergus há muito tempo. Sei tudo sobre suas inclinações. Ele ficará ocupado por um bom tempo.

Eles tinham chegado a um corredor inclinado que era familiar a Emma. Ela sentia o cheiro do ar noturno vindo da extremidade, o odor de folhas, seiva e outono. E se perguntava se no Reino das Fadas as estações do ano funcionavam igual ao seu mundo. Parecia mais tarde, como se o outono já tivesse tocado as Terras das Fadas com uma geada precoce.

O corredor terminou abruptamente, abrindo-se para uma clareira cheia de grama e estrelas. As árvores formavam um círculo alto, balançando as folhas douradas e avermelhadas sobre uma multidão de cortesãos fada e seus cavalos.

A Rainha estava sentada lateralmente na sela de uma égua branca, encabeçando o cortejo. Um véu de renda branca cobria seu rosto e os ombros, e luvas brancas cobriam as mãos. Os cabelos vermelhos desciam pelas costas. Seus cortesãos, em seda dourada e veludo reluzente, cavalgavam atrás dela: a maioria a cavalo, mas alguns em imensos gatos com patas almofadadas e lobos de olhos estreitos do tamanho de carros pequenos. Uma dríade de pele verde

com um monte de folhas no lugar dos cabelos cavalgava acomodada nos troncos de uma árvore andante.

Emma não conseguia evitar o olhar estupefato ao redor. Ela era uma Caçadora de Sombras acostumada com magia; ainda assim, havia algo tão estranho no coração das Cortes do Reino das Fadas que ainda a deixava maravilhada.

Nene os conduziu através das sombras para onde seu cavalo e o de Fergus aguardavam, já na fila do cortejo, entre uma sprite sobre um cogumelo alado e duas meninas fada de vestidos vermelhos, ambas com os mesmos cabelos pretos, sentadas frente a frente numa égua baia. Emma se ergueu para a sela do palafrém cinzento de Nene.

Nene afagou carinhosamente o pescoço do animal.

— O nome dela é Crina Prateada. Seja gentil com ela. Ela sabe voltar para casa.

Emma assentiu quando Julian montou o garanhão baio de Fergus.

— Qual é o nome dele? — perguntou quando o cavalo sapateou e resfolegou.

— Fazedor de Viúvas — respondeu Nene.

Julian bufou debaixo do capuz.

— Ele cria viúvas a partir das pessoas que o cavalgam ou das que ele não gosta?

— Ambos — falou Nene. Aí enfiou a mão sob a capa e sacou dois frascos de cristal em correntes douradas. Entregou um a Julian e o outro a Emma. — Usem no pescoço — falou baixinho. — E mantenham-nos próximos de vocês.

Emma enrolou a corrente no pescoço obedientemente. O frasco era mais ou menos do tamanho de seu polegar. Um líquido dourado claro era visível dentro, brilhando quando o frasco se movia.

— Para que servem?

— Se estiverem em perigo na Corte do Rei, quebrem o topo e bebam o líquido — falou Nene.

— É veneno? — Julian pareceu curioso enquanto fechava a corrente no pescoço. O frasco caiu sobre seu peito.

— Não... vai deixar vocês invisíveis para as fadas Unseelie, pelo menos por algum tempo. Não sei quanto tempo a magia dura. Nunca tive motivo para usar isso.

Um goblin barulhento, com um pedaço de pergaminho e um imenso bico de pena, corria ao lado do cortejo, assinalando os nomes. Ele deu uma olhada rápida para Emma e Julian.

— Lady Nene, Lorde Fergus — falou. — Estamos prestes a partir.

— Estamos? — falou Julian com a voz entediada. Emma piscou, espantada

com o fato de ele ter soado como uma fada. — Vai nos acompanhar, goblin? Você gostaria de férias na Corte dos Unseelie?

O goblin forçou a vista.

— Você está bem, Lorde Fergus? Parece diferente.

— Talvez seja porque eu adoraria decorar meu quarto com cabeças de goblin — falou Julian. — Vá embora. — Ele deu um chute no goblin, que fez um som sibilante de horror e correu para longe deles, apertando o passo até o final da fila.

— Cuidado com as máscaras que você usa, criança — falou Nene —, não vá perder sua verdadeira face para sempre...

— Falsa ou verdadeira, todas são a mesma coisa — falou Julian, pegando as rédeas conforme o cortejo começava a avançar noite adentro.

Antes que Kit pudesse responder a Ty, uma comoção na biblioteca os atraiu de trás das prateleiras.

Dru tinha voltado e estava parada à porta, tímida, porém sorridente. Um menino de olhos escuros e boa aparência, que parecia uma versão mais esguia de Diego Rocio Rosales, abraçava Cristina. Mark e Kieran o observavam com desconforto. Assim que Cristina soltou o menino, Helen se aproximou para apertar a mão dele.

— Bem-vindo ao Instituto de Los Angeles, Jaime — falou ela. — Obrigada por vir tão rapidamente.

— Jaime Rocio Rosales — falou Ty para Kit, baixinho.

— Eu o encontrei na praia e o trouxe diretamente para cá — disse Dru com muito orgulho.

Helen pareceu confusa.

— Mas como você o reconheceu?

Dru trocou um olhar com Jaime, metade pânico e metade resignação.

— Ele ficou comigo por uns dias quando estávamos no Instituto de Londres — falou Dru.

Todos pareceram espantados, embora Kit não soubesse exatamente o motivo. Os relacionamentos entre as diferentes famílias de Caçadores de Sombras eram infinitamente confusos: alguns, como Emma, Jace e Clary, eram tratados praticamente como membros da família Blackthorn; outros, não. Mas ele tinha que tirar o chapéu para Dru por conseguir esconder dos outros o fato de que conseguira esconder alguém no seu quarto em Londres. Isso indicava um talento para a dissimulação. Somado à habilidade para abrir portas sem usar chave, sem dúvida, ela carregava uma veiazinha para o crime que ele muito admirava.



— Você está dizendo que ele ficou no seu quarto? — quis saber Mark, incrédulo. E se virou para Jaime, que tinha recuado até uma das mesas compridas. — Ela só tem 13 anos!

Jaime parecia incrédulo.

— Eu achei que ela tivesse uns 16 anos, pelo menos...

Helen prendeu a respiração. Mark entregou a bolsa para Kieran, que a segurou, com expressão perplexa.

— Fique onde está, Jaime Rosales.

— Por quê? — perguntou Jaime, desconfiado.

Mark avançou.

— Para tomar uma sova.

Como um acrobata, Jaime deu uma cambalhota para trás, aterrissando equilibrado sobre a mesa. Ele olhou para Mark com cara feia.

— Não sei o que você pensa que aconteceu, mas nada aconteceu. Dru é minha amiga, não importa sua idade. É isso.

Ty se virou e cochichou no ouvido de Kit:

— Não entendo... por que Mark está tão zangado?

Kit pensou no assunto. Era uma das coisas incríveis em relação a Ty, na verdade — ele fazia você refletir sobre os fios da lógica subconsciente que formavam a superfície das conversas banais. As suposições e hipóteses que as pessoas faziam sem sequer perguntar o porquê, as implicações de certas palavras e gestos. Kit jamais tinha imaginado que voltaria a considerar essas coisas algo normal.

— Você sabe como nas histórias os cavalheiros defendem a honra de uma dama? — sussurrou ele. — Mark acha que precisa defender a honra de Drusilla.

— Aquela mesa vai quebrar — falou Ty.

E ele tinha razão. As pernas da mesa na qual Jaime ficara de pé estavam perigosamente bambas.

Dru pulou entre Mark e Jaime, os braços bem abertos.

— Parem — ordenou ferozmente. — Eu não disse ao Jaime quantos anos eu tinha porque ele era meu amigo. Ele me ouvia e assistia a filmes de terror comigo, e agia como se minha opinião fosse importante, e eu não queria que ele me tratasse feito uma garotinha.

— Mas você é só uma criança — falou Mark. — Ele não poderia te tratar como uma adulta.

— Ele me tratou como uma amiga — falou Dru. — Posso ser nova, mas não sou mentirosa.

— Ela está dizendo que você tem que confiar nela, Mark — falou Kieran. Ele raramente falava muito quando estava perto dos Blackthorn; Kit ficou surpreso,

mas não foi capaz de discordar.

Cristina contornou Mark e ficou ao lado de Dru. Elas não poderiam parecer mais diferentes: Cristina, em seu vestido branco, Dru, de macacão e camiseta preta —, mas tinham a mesma expressão de teimosia.

— Mark — disse Cristina. — Entendo como você se sente por ter estado ausente por tantos anos e não ter podido proteger sua família. Mas isso não significa que você deve desconfiar deles agora. E Jaime não machucaria Dru.

A porta da biblioteca foi aberta. Era Aline. Ninguém além de Kit deu atenção quando ela cruzou o cômodo e cochichou no ouvido de Helen. Ninguém além de Kit notou a expressão de Helen mudar e seus lábios empalidecerem.

— Dru é como uma irmã mais nova para mim — falou Jaime, e a menina se encolheu quase imperceptivelmente.

Mark se virou para Dru.

— Me desculpe, irmã. Eu deveria ter ouvido você. — Ele ergueu o rosto para Jaime, e seus olhos brilharam. — Eu acredito em você, Jaime Rocio Rosales. Mas não posso falar pelas atitudes de Julian quando ele descobrir.

— Vocês estão mesmo me incentivando a deixar vocês usarem a *Eternidad* para ir ao Reino das Fadas.

— Parem de brigar. — A voz de Helen soou alta e clara. — Mais cedo, mandei uma mensagem à minha tia Nene na Corte Seelie. Ela acabou de responder. Falou que Emma e Julian estiveram lá, mas se foram. Eles acabaram de partir da Corte Seelie para a Corte Unseelie.

Os olhos de Kieran escureceram. Cristina falou:

— Por que eles fariam uma coisa dessas?

— Não sei — retrucou Helen. — Mas isso significa que agora temos um local específico para localizá-los.

Kieran tocou sua espada na cintura.

— Conheço um lugar na estrada entre Seelie e Unseelie onde podemos ficar de tocaia. Mas se eles passarem, pode ser tarde demais para nós. Se nós vamos mesmo, é melhor irmos agora.

Jaime saltou da mesa com a leveza de um gato.

— Vou pegar a relíquia. — Ele começou a remexer na mochila. — Cristina, só você pode usar, porque o usuário tem que ter o sangue dos Rosales.

Cristina e Jaime trocaram um olhar cheio de significado, indecifrável para Kit.

— Você pode usá-la para ir ao Reino das Fadas e voltar — falou Jaime. — Sua passagem dentro e fora das Terras não será notada. Mas enquanto estiverem lá, a relíquia não vai protegê-los. — Ele entregou alguma coisa a Cristina; Kit só viu o objeto de relance. Parecia madeira polida, torcida num formato estranho.

Kieran e Mark estavam botando as mochilas nas costas. Dru fora até Helen, que parecia doida para abraçar a irmã caçula, mas Dru não estava perto o suficiente para isso.

Ao vê-las, alguma coisa estimulou Kit, que pôs a mão no ombro de Ty. Ele tinha consciência do calor da pele do outro menino através da camiseta. Ty olhou para ele de soslaio.

— Melhor você dizer adeus ou boa viagem — falou Kit, constrangido.

Ty hesitou um momento, e então foi, e a mão de Kit deslizou do ombro dele, como se Ty nunca a tivesse notado ali. Kit ficou na dele durante as despedidas, os abraços chorosos, as promessas sussurradas e os afagos nos cabelos. Helen abraçou Mark com força, como se não quisesse soltá-lo nunca mais, enquanto Aline saía para pegar Tavvy, que brincava em seu quarto.

Jaime também ficou na dele, embora tivesse ficado observando Kit de canto de olho, com um olhar curioso, como se dissesse: *Quem é esse cara?*

Quando Aline voltou, Tavvy obedientemente abraçou todos que estavam saindo — até Kieran, que pareceu surpreso e emocionado. Ele abaixou a mão e tocou levemente o cabelo de Tavvy.

— Não se preocupe, pequeno.

E então foi a hora de Ty e Mark dizerem adeus, e Mark tocou Ty levemente nas bochechas, uma vez — uma despedida de fada.

— Não morra — falou Ty.

O sorriso de Mark foi doloroso.

— Não vou morrer.

Helen esticou a mão para Ty, e o grupinho de Blackthorn restantes se reuniu quando Cristina apertou *Eternidad* contra o peito. Sem dúvida, era um pedaço de madeira polida, Kit via agora, retorcida tipo o símbolo do infinito — sem começo nem fim.

— Fiquem juntos, todos vocês que vão para o Reino das Fadas — falou Jaime. — Vocês precisam fazer contato físico entre si para funcionar.

Mark e Kieran botaram uma das mãos nos ombros de Cristina. Ela parecia bem pequenina entre eles. Mark esfregou o polegar na sua nuca macia: um gesto tranquilizador, quase ausente; a intimidade dele assustou Kit.

Jaime também pareceu perceber; seu olhar se concentrou. Mas tudo o que ele disse foi:

— Você precisa dizer ao artefato aonde levar você. Você não vai querer deixá-lo escolher.

Kieran se virou para Cristina.

— Vamos para a Encruzilhada de Bram.

Cristina baixou o olhar, as mãos roçando delicadamente sobre a relíquia.

— Leve-nos para a Encruzilhada de Bram — falou.

A magia fada era silenciosa, pensou Kit. Não houve barulho, nem tumulto, nem luzes enfeitiçadas piscando. Entre uma respiração e outra, Mark, Kieran e Cristina simplesmente desapareceram.

*Mais uma* reunião, pensou Diana. E uma de emergência: ela havia sido acordada de manhã cedo por uma mensagem de fogo que a convocava para uma reunião do Conselho no Gard.

Gwyn tinha tentado convencê-la a voltar para a cama, mas Diana estava preocupada demais. Preocupada por causa de Jia. Preocupada com Emma e Julian. Ela sabia que Horace estava fazendo deles um exemplo com a prisão domiciliar, mas eram apenas crianças. Quanto tempo a punição deveria durar? E quanto tempo Julian ficaria bem, separado dos irmãos?

Ela deixara Gwyn com um beijo e corra para o Gard, onde encontrara Caçadores de Sombras por toda a parte — não apenas a multidão comum de Alicante — entrando pelos portões guardados pelos Centuriões. Mal conseguira uma cadeira na frente, perto de Kadir Safar, do Conclave de Nova York.

Quando as portas se fecharam, todos ficaram olhando para o estrado, que estava vazio, exceto por uma única cadeira com um encosto alto de madeira e uma mesa forrada de preto. Era como se o tecido dobrado cobrisse alguma coisa — sólida — que causou calafrios na espinha de Diana. Ela disse a si que provavelmente não era o que parecia. Talvez fosse uma pilha de armas.

Quando o Conselho lentamente ocupou seus lugares, um silêncio decaiu sobre a sala. Horace Dearborn, paramentado com as vestes de Inquisidor, caminhava sobre o estrado, seguido de Manuel e Zara em suas roupas de Centurião, cada um carregando uma longa lança gravada com as palavras *primus pilus*.

— *Primeiras lanças* — traduziu Kadir. Diana já o vira antes: um homem quase sempre silencioso que fora o segundo-em-comando de Maryse por anos, e ainda dirigia o Conclave de Nova York. Ele parecia cansado e tenso, uma palidez na pele negra que não estivera lá até então. — Isso significa que eles foram promovidos a Centuriões que guardam pessoalmente o Inquisidor e a Consulesa.

— E por falar na Consulesa — murmurou Diana em resposta —, onde está Jia?

O sussurro foi ouvido e se espalhou como uma faísca, e em pouco tempo todo o Conselho estava comentando. Horace ergueu uma das mãos para acalmar os ânimos.

— Saudações, Nephilim — falou ele. — Nossa Consulesa, Jia Penhallow, manda lembranças. Ela está na Cidadela Adamant, consultando as Irmãs de Ferro sobre a Espada Mortal. Em breve, ela será reforjada, o que permitirá que os julgamentos recomecem.

O barulho se transformou num murmúrio.

— É uma infeliz coincidência que os dois compromissos tivessem que ocorrer simultaneamente — emendou Horace —, mas o tempo é essencial. Será difícil realizar esta reunião sem Jia, mas conheço suas opiniões e as representarei aqui.

A voz ecoou pelo recinto. *Ele deve estar usando uma Marca de Amplificação*, pensou Diana.

— Na última vez que nos encontramos aqui, discutimos leis mais rigorosas que penalizariam os seres do Submundo — falou Horace. — Nossa Consulesa, em sua gentileza e generosidade, desejou que adiássemos a decisão sobre a implementação de tais leis... mas essas pessoas não reagem à bondade. — Seu rosto ficou vermelho sob os cabelos louros ralos. — Eles reagem à *força*! E nós devemos tornar os Caçadores de Sombras fortes novamente!

Um burburinho se espalhou pelo Salão. Diana olhou ao redor, em busca de Carmen, que tinha falado tão corajosamente na última reunião, mas não conseguiu encontrá-la em parte alguma na multidão. E cochichou para Kadir:

— Para que isso? Por que ele nos trouxe aqui para gritar na nossa cara?

Kadir pareceu desanimado.

— A pergunta é: aonde ele quer chegar com isso?

Diana examinou os rostos de Manuel e Zara, mas não conseguiu enxergar nada além de arrogância no rosto da menina. O rosto de Manuel estava branco, como uma folha de papel.

— Com todo o respeito à nossa Consulesa, eu estava disposto a adiar — falou Horace —, mas eventos que agora vieram à tona tornam a espera impossível.

Um murmúrio de expectativa percorreu o cômodo. Do que é que ele estava falando?

Ele se virou para a filha.

— Zara, deixe que vejam a atrocidade que o Povo das Fadas cometeu contra nós!

Com uma expressão sombria de prazer, Zara cruzou o estrado até a mesa e puxou o lençol preto, como se fosse um mágico diante do público.

Um gemido de horror irrompeu na multidão. Diana sentiu o próprio estômago revirar. Debaixo do lençol, estavam os restos mortais de Dane Larkspear, espalhados sobre a mesa como um cadáver pronto para ser autopsiado.

A cabeça estava virada para trás, a boca aberta num grito silencioso. As

costelas tinham sido destroçadas, e pedaços de osso branco e tendões amarelos se projetavam dos cortes grotescos. Sua pele parecia pálida e murcha, como se ele estivesse morto havia algum tempo.

A voz de Horace se ergueu a um grito.

— Vejam diante de vocês, um bravo jovem que foi enviado em missão de paz ao Reino das Fadas, e eis o que eles nos devolveram. Este cadáver atacado e destruído!

Um grito terrível cortou o silêncio. Uma mulher, com os cabelos escuros e o rosto ossudo de Dane Larkspear ficou de pé, se lamentando. Elena Larkspear, percebeu Diana. Um homem grandalhão, cujos traços pareciam colapsar em si mesmos com choque e horror, a aparava; quando a multidão os olhou abertamente, ele arrastou a mulher escandalosa para fora do recinto.

Diana sentiu náusea. Ela não gostava de Dane Larkspear, mas ele era só uma criança, e a tristeza de seus pais era genuína.

— Foi *assim* que a família soube?

Havia amargura no tom de voz de Kadir.

— Dá um bom teatro. Dearborn sempre foi mais artista do que político.

Do outro lado do corredor, Lazlo Balogh deu uma olhada irritada para os dois. Até onde Diana sabia, ele não fazia parte da Tropa oficialmente, mas, sem dúvida, era um simpatizante.

— E ele foi atacado! — gritou Zara, com olhos brilhantes. — Vejam as marcas de mordidas... obra de kelpies! Talvez até com a ajuda de vampiros ou lobisomens...

— Pare, Zara — resmungou Manuel. Mas ninguém parecia ter notado os gritos de Zara. Havia caos demais na multidão. Caçadores de Sombras xingando e praguejando numa dezena de idiomas diferentes. Diana sentiu um desespero gélido invadi-la.

— E isso não é tudo... outros crimes do Submundo vieram à tona nesses últimos dias — falou Horace. — Um grupo de corajosos Centuriões, leal à herança dos Caçadores de Sombras, descobriu um príncipe Unseelie escondido na Scholomance. — E se virou para Zara e Manuel. — Tragam os traidores!

— Não é assim que nós fazemos as coisas — sussurrou Diana. — Não é assim que os Caçadores de Sombras se comportam, nem é assim que fazemos com que os nossos respondam por...

Ela se calou antes que Kadir pudesse responder. Zara e Manuel tinham desaparecido em um dos corredores ao lado do estrado e agora retornavam com Timothy Rockford a tiracolo. Entre os dois, marchava uma fileira de estudantes que Diana conhecia: Diego Rosales, Rayan Maduabuchi e Divya Joshi.

As mãos estavam amarradas atrás das costas, as bocas, fechadas com Marcas

de Quietude, símbolos que normalmente apenas os Irmãos do Silêncio usavam. Os olhos de Diana encontraram os de Diego, e ela viu puro medo por trás deles.

— Marcas de Quietude — falou Kadir, enojado, quando o Salão irrompeu em gritos. — Imagine ser tratado assim, e silenciado... incapaz de protestar.

Diana se levantou.

— O que você está fazendo, Horace? Eles são apenas crianças! Crianças *Caçadoras de Sombras*! É nossa função protegê-las!

A voz amplificada de Horace fez seu sibilo de irritação ecoar pelo recinto.

— Sim, são nossas crianças, nossa esperança para o futuro! E nossa solidariedade em relação ao Submundo fez com que se tornassem presas fáceis ao engodo. Essas almas perdidas contrabandearam pela Scholomance um “príncipe” fada depois de seu terrível ataque a uma de nossas jovens mentes mais brilhantes.

O Salão ficou em silêncio. Diana trocou um olhar admirado com Kadir. Do que Horace estava falando?

Os olhos de Manuel se voltaram para a esquerda. Ele sorria ironicamente. Um segundo depois, Gladstone apareceu, arrastando uma garota num vestido em trapos, com uma capa dos Centuriões jogada sobre os ombros.

Era Samantha Larkspear. Os cabelos pretos caíam no rosto em mechas e seus olhos tremelicavam como insetos aprisionados. As mãos estavam retorcidas feito garras junto às laterais do corpo: ela ergueu uma das mãos para o público, como se espantasse moscas.

Diana sentiu vontade de vomitar.

Manuel foi até ela, com as mãos cuidadosamente cruzadas atrás das costas.

— Samantha Larkspear — chamou ele. Um gemido ecoou pela multidão quando as pessoas perceberam que aquela era a irmã do menino morto e desfigurado sobre a mesa. — Fale sobre o príncipe Kieran!

Samantha começou a balançar a cabeça, os cabelos balançando.

— Não, não! Uma dor terrível! — gemeu ela. — Não me faça pensar no príncipe Kieran!

— Pobrezinha — falou Lazlo Balogh em voz alta. — Traumatizada pelo Submundo.

Diana notava Diego balançando a cabeça, Rayan tentando falar, mas os sons não saíam de seus lábios. Divya simplesmente encarava Manuel com um olhar duro, o ódio era nítido em cada movimento dela.

— Será que você gostaria de conversar com os prisioneiros — sugeriu Manuel a Samantha, e seu tom de voz foi como um afago oleoso. — Aqueles que libertaram o príncipe Kieran?

Samantha se desvencilhou de Diego e dos outros, com o rosto contorcido.

— Não! Mantenham-nos longe de mim! Não deixem que olhem para mim!

Diana afundou novamente na cadeira. Não importava o que tivesse acontecido a Samantha; ela sabia que não era culpa de Kieran nem dos outros, mas sentia os ânimos da multidão: puro horror. Ninguém iria querer ouvir uma defesa deles agora.

— Meu Deus, o que está acontecendo? — murmurou ela, quase para si. — O que Horace vai fazer com Diego e os outros?

— Prendê-los — falou Kadir num tom sombrio. — Torná-los um exemplo. Eles não podem ser julgados agora enquanto a Espada Mortal estiver quebrada. Horace os deixará ali para inspirar ódio e medo. Um símbolo ao qual apontar sempre que suas políticas forem questionadas. *Vejam só o que aconteceu.*

No estrado, Samantha soluçava. Manuel a tomara nos braços, como se quisesse confortá-la, mas Diana notava a força com que ele segurava a garota chorosa. Ele a continha enquanto a multidão clamava para que Horace falasse.

O Inquisidor deu um passo à frente, e a voz amplificada se sobrepôs ao barulho enquanto Zara observava tudo com um prazer altivo.

— Não podemos permitir que mais jovens Caçadores de Sombras padeçam e morram! — gritou ele, e a multidão explodiu em concordância.

*Como se Diego, Divya e Rayan não fossem jovens Caçadores de Sombras e não estivessem sofrendo.*

— Não podemos permitir que nosso mundo seja tirado de nós — gritou Horace enquanto os dedos de Manuel afundavam nos ombros de Samantha. — Temos que ser fortes o suficiente para proteger nossos filhos e nosso lar. Está na hora de botar os Nephilim em primeiro lugar! — Horace ergueu os punhos cerrados em triunfo. — Quem se unirá a mim na votação para o registro dos seres do Submundo?

O uivo da multidão foi como um rio descontrolado, varrendo todas as esperanças de Diana.



# 13

## Babilônicas

Havia apenas uma fatia da lua, mas as estrelas multicoloridas do Reino das Fadas iluminavam o céu como fogueiras, clareando o cortejo da Rainha conforme serpenteava pelo interior silencioso, sobre montanhas verdejantes e campos abertos.

Às vezes, eles cruzavam rios cheios de sangue, e o fluido vermelho espirrava e manchava as patas dos cavalos. Outras vezes, passavam por áreas afetadas pela Praga, paisagens lunares fantasmagóricas em cinza e preto. As fadas Seelie cochichavam e chilreavam entre si, nervosamente, sempre que um novo trecho morto de terra era avistado, mas Emma não conseguia entender o que diziam.

Quando começaram a ouvir o barulho, Emma estava quase dormindo nas costas de Crina Prateada. A música distante a acordou, juntamente ao som de pessoas gritando. Ela piscou, praticamente acordada, ajeitando o capuz para esconder o rosto.

Eles se aproximavam de uma encruzilhada, a primeira que vira naquela noite. Névoa pesada pairava sobre a estrada, obscurecendo a trilha mais à frente. Grupos de árvores altas cresciam no X onde as estradas se encontravam e jaulas de ferro vazias pendiam dos galhos. Emma estremeceu. As jaulas eram grandes o suficiente para abrigar um ser humano.

Ela deu uma olhada em Julian. Ele estava sentado no lombo de Fazedor de Viúvas, com os cabelos escuros escondidos pelo capuz da capa de Fergus. Dava para ver apenas um pedacinho de pele, assim como a lua acima.

— Música — falou ele em voz baixa, conduzindo o cavalo para perto dela. — Provavelmente, uma festa se aproximando.

Ele tinha razão. Eles passaram a encruzilhada e a névoa densa se abriu no mesmo instante. A música ficou mais alta, gaitas, violinos e instrumentos

delicados semelhantes a flautas que Emma não reconhecia. O campo ao norte da estrada era dominado por uma imensa tenda coberta com seda, onde pairava a bandeira da coroa quebrada do Rei Unseelie.

Vultos dançando selvagemmente cercavam a construção. A maioria estava nu, ou quase isso, e vestia trapos diáfanos. Não era bem uma dança; eles pareciam se contorcer juntos, rindo e entrando e saindo de uma imensa piscina de água com bordas de rocha prateada. Uma névoa branca se erguia da água obscurecendo, porém jamais acobertando alguns corpos seminus.

Emma corou, sobretudo, porque Julian estava lá, e desviou o olhar. As meninas — tinham que ser irmãs —, na água marrom-avermelhada atrás dela, davam risadinhas, brincando com as fitas em seu pescoço.

— A festa do príncipe Oban — falou uma. — Não poderia ser outro.

A irmã parecia tristonha.

— Quem dera pudéssemos ir, mas a Rainha não aprovaria.

Emma olhou para trás, na direção da algazarra. Já tinha ouvido Mark falar das festas das fadas como se fossem mais do que eventos gigantescos e ousados. Eram um jeito de invocar magia selvagem, ele explicara. Tinham uma influência oculta maligna e aterrorizante, um poder que mal era controlado. Olhando para o campo, Emma não conseguiu deixar de perceber que algumas das faces risonhas estavam, na verdade, gritando em agonia.

— Olhe à frente, lá em cima — alertou Julian, tirando-a de seu devaneio. — É a torre da Corte Unseelie.

Emma olhou e, por um momento, uma lembrança confusa a invadiu: o mural na parede do quarto de Julian com um castelo cercado de sebes espinhosas. Mais à frente, uma torre cinzenta escura se erguia das montanhas e sombras. Somente seu topo era visível. Crescendo por toda parte, com suas pontas afiadas visíveis mesmo de longe, havia uma imensa muralha de espinhos.

— Então é isso — falou Helen, numa voz curiosamente sem emoção. Ela estava sentada à cabeceira da mesa da biblioteca. Aline franziu a testa e pôs a mão nas costas da mulher. — Eles se foram.

Dru tentou atrair o olhar de Jaime, mas ele não a encarava. Tinha lançado olhares curiosos a Kit e Ty, e agora estava afivelando as alças da mochila.

— Você não pode ir embora — falou para ele, um pouco desesperada. — Deve estar muito cansado...

— Estou bem. — Ele ainda não olhava para ela. Dru ficou arrasada. Não queria ter mentido para Jaime. Ela simplesmente não revelara sua verdadeira idade porque temera que ele fosse considerá-la uma garotinha estúpida. E então

Mark berrara com ele por causa disso.

— Não, Dru tem razão. — Helen sorriu com algum esforço. — Permita que a gente ao menos te ofereça o jantar.

Jaime hesitou. Ele estava de pé, torcendo as alças da mochila irresolutamente quando Kit e Ty passaram por ele, e Ty falou alguma coisa sobre ir ao telhado. Kit acenou e os dois se esgueiraram para fora da biblioteca. De volta ao mundinho particular deles, pensou Dru. Ty nunca a deixaria entrar nesse mundo — ele nunca deixaria ninguém tomar o lugar de Livvy.

Não que Dru quisesse fazer isso. Ela só queria ser amiga de seu irmão. *Assim como Helen só quer ser sua amiga*, falou uma vozinha irritante no fundo de sua mente. Dru a ignorou.

— Aline é uma cozinheira muito boa — falou em vez disso. Aline revirou os olhos, mas Dru não deu bola. Jaime estava muito magro, mais magro até do que quando ela o vira em Londres. Devia estar faminto. Talvez se pudesse fazê-lo ficar, pudesse explicar...

Ouviu-se um barulho semelhante a uma pequena explosão. Dru deu um gritinho e um envelope caiu do teto e pousou na mesa. Um fiozinho de fumaça pairava no ar.

— Amor, é para você — falou Helen, e entregou o envelope a Aline. — Aline Penhallow, Diretora do Instituto.

Franzindo as sobrancelhas, Aline rasgou o envelope. Seu rosto ficou tenso. Ela leu em voz alta:

*Aline Penhallow,  
de acordo com a última reunião do Conselho em Alicante, agora o Registro de seres do Submundo é obrigatório.*

*Diretores dos Institutos e dos Conclaves, é sua a responsabilidade  
de garantir que os seres do Submundo em sua região sejam registrados e recebam números de  
identificação. Vocês receberão um carimbo para usar no registro, com tinta que somente aparecerá  
sob luz enfeitiçada.*

*Os seres do Submundo devem estar prontos para mostrar os documentos marcados a qualquer  
momento. As informações sobre todos os registros devem ser enviadas ao Escritório do Inquisidor.  
Seu não cumprimento pode resultar em suspensão de privilégios ou retorno a Alicante. Sed lex, dura  
lex. A Lei é dura, mas é a Lei. Nesses tempos difíceis, todos devem assumir suas responsabilidades.  
Grato pela compreensão,*

*Horace Dearborn.*

*Obs.: De acordo com nossa política de punição, todos os diretores de Institutos devem ser  
advertidos de que os traidores Diego Rosales, Divya Joshi e Rayan Maduabuchi aguardam sua  
condenação no Gard por terem auxiliado a fuga de um ser do Submundo procurado. Assim que a  
Espada Mortal for reforjada, eles serão julgados.*

Ouviu-se uma pancada. Jaime tinha derrubado a mochila. Drusilla correu para pegá-la, mas ele já havia recolhido.

— Aquele filho da mãe do Dearborn — falou, os lábios brancos. — Meu irmão não é um traidor. Ele é dolorosamente honesto, bom... — Ele olhou para os rostos aflitos ao redor. — O que importa? — murmurou. — Nenhuma de vocês o conhece.

Helen começou a se levantar.

— Jaime...

Ele saiu correndo da biblioteca e, um segundo depois, Dru partiu atrás.

Jaime era veloz, mas não conhecia a casa nem o jeito como a porta da frente emperrava. Dru o alcançou enquanto ele se esforçava para abri-la.

— Jaime! — gritou a menina.

Ele ergueu a mão.

— Pare. Eu tenho que ir, Drusilla. É o meu irmão, entendeu?

— Eu sei. Mas tome cuidado, por favor. — Ela remexeu no cinto e tirou uma coisa para ele. Sua mão tremia. — Leve sua adaga. Você precisa dela mais do que eu.

Ele baixou o olhar para a lâmina; era um presente, que ele havia deixado no quarto dela no Instituto de Londres antes de ir embora. Uma adaga de caça dourada e entalhada com rosas.

Delicadamente, ele segurou a mão dela e fechou seus dedos sobre a adaga.

— É sua. É um presente — falou.

A voz dela soou baixinha.

— Isso significa que ainda somos amigos?

O esboço de sorriso foi tristonho. Ele puxou a maçaneta da porta e desta vez ela abriu; Jaime saiu, passando por Dru, e desapareceu nas sombras.

— Dru? Você está bem?

Ela deu meia-volta e esfregou furiosamente os olhos que ardiam. Não queria chorar na frente de Helen — e era Helen, sua irmã, parada no primeiro degrau da escada principal, observando-a com uma expressão confusa.

— Você não precisa se preocupar comigo — falou a menina, com a voz trêmula. — Sei que você acha que é uma idiotice, mas ele foi o meu primeiro amigo de verdade...

— Não acho que seja uma idiotice! — Helen cruzou o cômodo até Dru com passadas rápidas.

A garganta da menina doía tanto que ela quase não conseguia falar.

— É como se as pessoas ficassem me abandonando — murmurou ela.

De perto, Helen parecia ainda mais magra e linda, e tinha o cheiro das flores de laranjeira. Mas, pela primeira vez, ela não parecia distante, como uma estrela

longínqua. Parecia angustiada, preocupada e muito presente. Havia até uma mancha de tinta na manga da roupa.

— Eu sei como você se sente — emendou Helen. — Eu senti tanta saudade de você quando eu estava na Ilha Wrangel que não conseguia respirar. Eu ficava pensando em tudo o que estava perdendo e em como sentia falta de ver você crescer, de todas as pequenas coisas, e quando eu te vi no Salão do Conselho fiquei pensando...

Dru se preparou.

— ... em como você tinha ficado linda. Você se parece tanto com a mamãe. — Helen fungou. — Eu costumava ficar vendo ela se arrumar para sair. Ela era tão chique, tão estilosa... e tudo o que eu penso em vestir é um jeans e uma camiseta.

Dru a fitou, espantada.

— Eu vou ficar — falou Helen ferozmente. — Não vou abandonar você de novo. — Ela esticou a mão para Dru... e a menina assentiu, apenas um gesto mínimo. Helen passou os braços em volta dela e a apertou.

Dru apoiou a testa na da irmã e finalmente se permitiu lembrar de Helen botando-a no colo quando ela era pequena, girando-a enquanto ela gargalhava, amarrando fitas em seu cabelo e encontrando seus sapatos perdidos, inevitavelmente descartados na praia. Agora elas se encaixavam de um jeito diferente de antes, pensou Dru ao abraçar a irmã. Tinham alturas e biotipos diferentes, e eram pessoas diferentes das que tinham sido.

Mas mesmo que elas se encaixassem de modo diferente agora, ainda se encaixavam como irmãs.

Não era nem um pouco parecido com um Portal: não havia tumulto nem precipitação; nenhuma sensação de ser carregado por um tornado e sacolejado com força. Num momento, Cristina estava de pé na biblioteca no Instituto, e no seguinte, estava num campo verde, com Kieran e Mark de cada lado, música soando pelo ar.

Mark tirou a mão do ombro dela; Kieran fez a mesma coisa. Cristina enfiou o artefato na mochila e a jogou nas costas, apertando as tiras com força enquanto os meninos olhavam ao redor, espantados.

— É uma festa — falou Mark, sem acreditar. — Nós pousamos no meio de uma festa.

— Bem, não no meio — falou Kieran. Tecnicamente, ele tinha razão; eles estavam perto de um campo cheio de dançarinos que giravam e rodopiavam. Tendões tinham sido erguidos sobre o gramado, e de uma delas, maior do que as

outras, pendiam cortinas de seda.

— Achei que a gente estivesse indo para a Encruzilhada de Bram — falou Cristina.

— Estamos perto — apontou Kieran. Do outro lado do campo, Cristina via o local onde duas estradas se encontravam, cercado por imensos carvalhos. — É o local onde as Terras Seelie e as Terras Unseelie se encontram.

— E quem é Bram? — falou Cristina.

— Bram foi o Rei antes de meu pai, há muito tempo — falou Kieran, indicando a estrada para o sul. — Emma e Julian viriam de lá. Das Terras Seelie. Qualquer cortejo oficial passaria pela encruzilhada.

— Então temos que chegar à estrada — falou Mark. — Temos que passar pela festa. — Ele se virou. — Ponha um disfarce, príncipe Kieran.

Kieran lançou um olhar sombrio a Mark. Cristina, sem querer perder tempo, abriu a mochila, sacou uma capa enrolada e a entregou a ele.

Kieran vestiu a capa e puxou o capuz sobre a cabeça.

— Estou disfarçado?

Cristina ainda conseguia ver um lampejo de cabelo azul e preto sob a beirada do capuz, mas tinha esperança de que ninguém fosse examinar com muito afinco. Porque se o fizesse, daria para dizer facilmente que se tratava de um príncipe. Estava explícito na sua postura, na maneira como Kieran se movimentava, na expressão.

Mark deve ter pensado a mesma coisa, pois se abaixou, pegou um bocado de lama e esfregou com força no rosto surpreso de Kieran, deixando manchas de sujeira em sua bochecha e nariz.

Kieran não ficou satisfeito e olhou de cara feia.

— Você fez isso só para se divertir.

Mark sorriu como um garotinho e jogou o restante da lama fora. Kieran esfregou o nariz, ainda de cara amarrada. No entanto, não parecia menos principesco.

— Pare — falou Cristina.

— Obrigado — disse Kieran.

Com um sorriso, Cristina pegou um pouco de lama e esfregou na bochecha de Kieran.

— Você tem que ter dos dois lados.

Mark riu; Kieran pareceu indignado por alguns segundos antes de se render e rir também.

— Agora não vamos perder mais tempo — falou Cristina, um tanto arrependida. Ela queria que os três pudessem simplesmente ficar aqui, juntos, sem entrar na festa.

Mas não tinham escolha. Adentraram a festa, pela área onde muitos dos dançarinos já tinham caído, exaustos. Um menino com tinta metálica no rosto e calça listrada estava sentado, numa névoa drogada, examinando as próprias mãos enquanto as movimentava lentamente pelo ar. Passaram por uma piscina de água fervente cercada de neblina; corpos escorregadios eram visíveis em meio às fendas na fumaça. Cristina sentiu as bochechas queimarem, vermelhas.

Eles prosseguiram, e a multidão se fechou em torno deles como videiras que cresciam rapidamente. Não era nem um pouco parecido com a festa que Cristina tinha visto da última vez que estivera no Reino das Fadas. Aquilo tinha sido uma imensa festa para dançar. Isto estava mais para um quadro de Bosch. Um grupo de homens fada estava brigando; os torsos nus, escorregadios por causa do sangue, brilhavam sob a luz das estrelas. Uma kelpie se alimentava, faminta, do cadáver de um brownie de olhos ainda abertos que fitavam o céu sem propriamente enxergar. Corpos nus, deitados e entrelaçados na grama, com as pernas se movimentando lentamente. Flautas e rabecas gritavam e o ar tinha cheiro de vinho e sangue.

Eles passaram por um gigante inconsciente deitado na grama. Por todo seu imenso corpo, havia centenas de pixies correndo e dançando, como um mar em movimento. Não, Cristina percebeu, elas não estavam dançando. Estavam...

Ela desviou o olhar e suas bochechas pareciam estar em chamas.

— Isso é coisa do meu irmão — falou Kieran, fitando sombriamente a maior das tendas, que trazia o brasão da Corte Unseelie. Um assento, semelhante a um trono e todo decorado, fora colocado ali, mas estava vazio. — Príncipe Oban. Suas festas são famosas pela duração e devassidão. — Ele franziu as sobrancelhas quando um grupo de acrobatas nus gritou de uma árvore próxima. — Ele faz Magnus Bane parecer uma freira pudica.

Parecia que Mark tinha acabado de ouvir sobre a existência de um sol alternativo que era nove milhões de vezes mais quente do que o sol da Terra.

— Você nunca mencionou Oban.

— Ele me envergonha — falou Kieran. Um galho acima se quebrou, depositando na frente deles um cavalo do tamanho de um goblin, usando uma cinta-liga. Também vestia meias de lã desfiadas e protetores para cascos dourados.

— Dá para entender o motivo — falou Mark quando o cavalo partiu, mordiscando a grama. Com cuidado, ele se desviou dos casais se abraçando nos arbustos emaranhados.

Dançarinos passavam rodopiando por Cristina num círculo, em volta de uma árvore cheia de fitas, mas nenhum tinha o ar de quem se divertia. Seus rostos estavam inexpressivos, com olhos muito arregalados, e agitavam os braços. De

vez em quando, um cavaleiro fada bêbado puxava um dos dançarinos do círculo e o deitava na grama comprida. Cristina estremeceu.

Do alto da árvore pendia uma jaula. Em seu interior, via-se um vulto curvado, branco e viscoso como uma lesma pálida, com o corpo coberto de marcas de catapora cinzentas. *Parece um demônio Eidolon em sua forma verdadeira*, pensou Cristina. Mas por que um príncipe do Reino das Fadas teria um demônio Eidolon numa jaula?

Uma trompa soou. A música se tornara mais desagradável, quase sinistra. Cristina olhou mais uma vez para os dançarinos e se deu conta, de repente, de que eles estavam enfeitiçados. Ela se recordou da última vez que estivera numa festa, e de como fora levada pela música; agora não se sentia daquele jeito e agradeceu em silêncio à *Eternidad*.

Tinha lido sobre festas das fadas nas quais os mortais eram forçados a dançar até os ossos de seus pés se partirem, mas não tinha se dado conta de que era algo que as fadas também poderiam fazer umas às outras. Os belos meninos e meninas no círculo dançavam sem parar, e seus torsos amoleciam enquanto as pernas acompanhavam o ritmo incansavelmente.

Kieran parecia aborrecido.

— Oban obtém prazer testemunhando a dor dos outros. Aqueles são os espinhos de suas rosas, o veneno nas flores de sua sociabilidade e dons.

Cristina se aproximou dos dançarinos, preocupada.

— Todos eles vão morrer...

Kieran segurou a manga da roupa dela e a puxou para perto de si e de Mark.

— Cristina, não. — Ele pareceu sinceramente alarmado por ela. — Oban vai deixá-los viver, depois de tê-los humilhado o suficiente.

— Como você pode ter tanta certeza? — perguntou ela.

— São aristocratas. Bajuladores da corte. Oban se meteria numa encrenca com meu pai se matasse todos.

— Kieran tem razão — falou Mark, e o luar prateou seus cabelos. — Você não pode salvá-los, Cristina. E nós não podemos ficar aqui.

Relutante, Cristina os acompanhou ao passarem rapidamente pela multidão. O ar estava tomado por uma fumaça adocicada e desagradável, misturada à névoa da piscina de água.

— Príncipe Kieran. — Uma mulher fada com cabelo semelhante a dentes de leão flutuou até eles. Ela usava um vestido de filamentos brancos e seus olhos eram verdes como caules. — Você veio até nós, disfarçado.

A mão de Mark já estava no cinto de armas, mas Kieran fez um gesto rápido para que ele se acalmasse.

— Posso confiar que você guardará meu segredo, não posso?



— Se me disser por que um príncipe Unseelie viria escondido para a festa do próprio irmão, talvez — falou a mulher, com interesse nos olhos verdes.

— Estou à procura de um amigo — respondeu Kieran.

No mesmo instante os olhos da mulher pousaram em Cristina e então em Mark. Ela abriu um sorriso.

— Você parece ter alguns.

— Chega — falou Mark. — O príncipe deve prosseguir sem atrasos.

— Ora, se você estivesse procurando uma poção do amor, poderia vir até mim — falou a mulher fada, ignorando Mark. — Mas qual dos dois Nephilim você ama? E qual deles ama você?

Kieran ergueu uma das mãos, como um aviso.

— Chega.

— Ah, entendo, entendo. — Cristina se perguntava o que afinal a outra entendia. — Nenhuma poção do amor poderia ajudar nisso. — Os olhos dela dançaram. — Ora, no Reino das Fadas, você poderia amar os dois, e ambos o amariam. Você não teria problema. Mas no mundo do Anjo...

— Chega, já falei! — Kieran enrubesceu. — O que devo fazer para você parar de perturbar?

A mulher fada sorriu.

— Um beijo.

Com uma expressão exasperada, Kieran inclinou a cabeça e beijou levemente a boca da mulher fada. Cristina ficou tensa, e sentiu uma pontada no estômago. Uma sensação desagradável.

E percebeu que Mark, ao seu lado, também ficou tenso, mas nenhum dos dois se mexeu quando a mulher fada recuou, piscou e saiu dançando até o meio da multidão.

Kieran limpou os lábios com as costas da mão.

— Dizem que o beijo de um príncipe traz boa sorte — explicou —, mesmo o de um príncipe em desgraça, aparentemente.

— Você não precisava fazer isso, Kier — falou Mark. — Nós poderíamos ter nos livrado dela.

— Não sem confusão — falou Kieran. — E desconfio que Oban e seus homens estejam nesta algazarra, em alguma parte.

Cristina ergueu o olhar para a tenda. Kieran tinha razão — ainda estava vazia. Onde estava o príncipe Oban? Entre os casais se agarrando na grama? Eles tinham começado a caminhar novamente pela clareira: rostos de várias cores se agigantavam para além da névoa, contorcidos em caretas; Cristina até imaginara ter visto Manuel, e se lembrou de como Emma fora forçada a ver uma imagem de seu pai da última vez que estivera no Reino das Fadas. Ela estremeceu, e

quando voltou a olhar, não era Manuel, mas uma fada com corpo de homem e rosto de um gato velho e sábio, piscando os olhos dourados.

— Bebidas, madame e senhores? Um gole para refrescar depois de dançar? — perguntou o gato fada com a voz suave e melodiosa. Cristina o encarou e se lembrou. Mark tinha comprado uma bebida da fada desse tal cara de gato na festa na qual estiveram. Ele segurava a mesma bandeja dourada cheia de copos. Nem o traje eduardiano surrado tinha mudado.

— Nada de bebidas, Tom Tildrum, Rei dos Gatos — falou Kieran. Seu tom era cortante, mas evidentemente ele tinha reconhecido o gato fada. — Temos que encontrar um cortejo Seelie. Poderia haver algumas moedas nele para você, se nos levar até a estrada.

Tom sibilou baixinho.

— Vocês estão muito atrasados. O cortejo da Rainha passou por aqui uma hora atrás.

Mark xingou e levantou o capuz. Cristina sequer teve tempo de se assustar com o fato de que ele, normalmente gentil, estivesse xingando; era como se um buraco tivesse sido aberto no peito dela com um soco. Emma. Emma e Jules. Estavam perdidos. Kieran também parecia desanimado.

— Me dê uma bebida então, Tom — falou Mark, pegando um copo com líquido cor de rubi da bandeja.

Kieran ergueu a mão.

— Mark! Você sabe que é melhor não!

— É apenas suco de fruta — falou Mark, os olhos grudados nos de Cristina. Ela corou e desviou o olhar enquanto ele esvaziava o copo.

Um instante depois, ele desabou no chão, os olhos revirados.

— Mark! — arfou Cristina, se lançando no chão ao lado dele. Dava para ver que ele estava inconsciente, mas que respirava. Na verdade, ele até roncava um pouco. — Mas era só suco de fruta! — protestou ela.

— Eu gosto de servir bebidas variadas — falou Tom.

Kieran se ajoelhou ao lado dela. O capuz caíra parcialmente para trás e Cristina notava a preocupação dele ao tocar levemente o peito de Mark. As manchas nas bochechas do príncipe destacavam seus olhos.

— Tom Tildrum — falou com a voz rouca. — Não é seguro aqui.

— Não para você, pois os filhos do Rei Unseelie estão pulando nos pescoços uns dos outros feito gatos — falou Tom Tildrum com um lampejo dos dentes incisivos.

— Então você entende por que deve nos levar para a estrada — falou Kieran.

— E se eu não entender?

Kieran ficou de pé e conseguiu expressar ameaça principesca apesar do rosto

sujo.

— Nesse caso, vou puxar seu rabo até você uivar.

Tom Tildrum sibilou enquanto Kieran e Cristina se abaixavam para erguer Mark e carregá-lo.

— Venham comigo, então, e sejam rápidos, antes que o príncipe Oban veja. Ele não ia gostar que eu o ajudasse, príncipe Kieran. Não ia gostar nem um pouco.

Kit estava deitado no telhado do Instituto, com as mãos atrás da cabeça. O ar soprava do deserto, quente e suave como um cobertor fazendo cócegas na pele. Se ele virasse a cabeça para um lado, veria Malibu, uma corrente de luzes brilhantes que se estendia ao longo da curva da praia.

Esta era a Los Angeles sobre a qual as pessoas cantavam nas canções populares, pensou, e que botavam nos filmes; mar, areia e casas caras, clima perfeito e uma brisa que soprava tão suave quanto pó. Não era a cidade que ele conhecia, morando com o pai na sombra de arranha-céus poluídos no centro da cidade.

Se ele virasse a cabeça para o outro lado, veria Ty, um vulto preto e branco empoleirado a seu lado na beirada do telhado. As mangas do casaco de Ty estavam abaixadas e ele torcia as beiradas surradas com os dedos. Os cílios pretos eram tão longos que Kit notava a brisa movimentando-os como se soprasse vegetação marinha.

A sensação de que seu coração se revirava era agora tão familiar que Kit não a questionava, nem queria saber o que significava.

— Não acredito que Hypatia concordou com nosso plano — falou Kit. — Você acha que ela falou sério?

— Ela deve estar falando sério — disse Ty, fitando o oceano. A lua se ocultava por trás das nuvens, e o oceano parecia absorver a luz, sugando-a para sua profundidade sombria. Ao longo da fronteira onde o mar encontrava a areia, espuma branca corria como uma fita costurada. — Ela não teria mandado dinheiro se não estivesse falando sério. Especialmente dinheiro encantado.

Kit bocejou.

— Verdade. Quando um feiticeiro manda dinheiro é porque a coisa é séria. Garanto que se a gente não fizer como dissemos que faríamos, ela virá atrás de nós... pelo menos, para pegar o dinheiro.

Ty puxou os joelhos contra o peito.

— A questão aqui é que nós temos que marcar uma reunião com Barnabas, mas ele nos odeia. Já conhecemos essa história. Não temos como chegar perto

dele.

— Talvez você devesse ter pensado nisso antes de fazer o acordo — observou Kit.

Ty pareceu confuso por um momento, depois sorriu.

— Detalhes, Watson. — Correu a mão pelos cabelos. — Talvez a gente devesse se disfarçar.

— Acho que a gente devia pedir a Dru.

— Dru? Por que Dru exatamente? — Agora Ty parecia espantado. — Pedir o quê a ela?

— Para nos ajudar. Barnabas não a conhece. E ela parece bem mais velha do que é.

— Não. Dru não.

Kit se lembrou do rosto de Dru na biblioteca, quando ela falara sobre Jaime. *Ele me ouvia e assistia a filmes de terror comigo, e agia como se minha opinião fosse importante.* Ele se lembrou de como ela ficara feliz por aprender a abrir trancas sem a chave.

— Por que não? Nós podemos confiar nela. Ela está solitária e entediada. Acho que gostaria de ser incluída.

— Mas não podemos contar a ela sobre Shade. — Ty estava pálido como a lua. — Nem sobre o *Volume Preto*.

*Verdade, pensou Kit. Eu com certeza não vou contar a Drusilla sobre um plano que espero que dê errado antes mesmo de começar.*

Ele se sentou.

— Não... não. Definitivamente, não. Seria perigoso para ela saber de alguma coisa sobre... sobre isso. Mas só precisamos dizer que estamos tentando voltar a ter uma boa relação com o Mercado das Sombras.

O olhar de Ty se desviou de Kit.

— Você gosta mesmo de Drusilla.

— Acho que ela se sente solitária — falou Kit. — Eu sei como é.

— Eu não quero colocá-la em perigo — falou Ty. — Ela não pode correr nenhum tipo de perigo. — Ele puxou as mangas do casaco. — Quando Livvy voltar, vou dizer que quero fazer a cerimônia *parabatai* sem perda de tempo.

— Eu pensei que você quisesse ir para Scholomance — falou Kit sem pensar. Se ao menos Ty pudesse ver que era uma possibilidade para ele agora, desejou Kit. E no mesmo instante se odiou por pensar nisso. Ty obviamente não ia considerar a morte de Livvy uma forma de liberdade.

— Não — falou Ty rispidamente. — Lembre-se, eu falei que não quero ir mais. Além disso, não dá para ter um *parabatai* na Scholomance. É uma regra. E regras são importantes.

Kit nem queria pensar em quantas regras estavam sendo violadas agora. Era evidente que Ty compartimentalizara o que seria necessário para trazer Livvy de volta, mas nada assim funcionava perfeitamente. Agora ele puxava com força os punhos do casaco, e seus dedos tremiam um pouco.

Kit tocou o ombro de Ty. Ele estava sentado ligeiramente mais para trás do menino. As costas de Ty se curvaram quando ele se dobrou para a frente, mas sem evitar o toque.

— Quantas janelas tem na frente do Instituto? — perguntou Kit.

— Trinta e seis — respondeu Ty. — Trinta e sete se você contar a do sótão, mas ela fica escondida. Por quê?

— Porque é isso que eu gosto em você — falou Kit em voz baixa, e o tremor de Ty diminuiu um pouco. — O modo como você nota tudo. Nada passa batido. Nada — *nem ninguém* — passa em branco.

Emma tinha começado a cochilar novamente conforme a noite chegava. Ela acordou quando o cavalo parou, aí empurrou levemente o capuz para trás, olhando ao redor.

Eles tinham chegado à torre. A aurora irrompia e, com os primeiros raios de luz, a única manifestação permanente da Corte Unseelie se assemelhava menos ao mural de Julian e mais a algo saído de um pesadelo. A cerca de espinhos em torno da torre não era nada parecida com modestas roseiras. Os espinhos tinham cor de aço e cada um media facilmente uns trinta centímetros. Aqui e ali estavam salpicados com o que pareciam ser imensas flores brancas. As paredes da torre eram lisas e escuras como carvão e não tinham janelas.

A respiração de Emma formava uma trilha contra o ar gélido. Ela estremeceu e puxou mais a capa de Nene; murmúrios emergiam por toda parte enquanto o cortejo sonolento de fadas Seelie começava a despertar. As garotas atrás dela tagarelavam sobre que tipo de cômodos e de recepção poderiam esperar do Rei. Julian estava imóvel ao lado de Emma, com a coluna ereta e o capuz escondendo o rosto.

Ouviu-se um clamor alto, como o ressoar de um sino. Emma espiou à frente e viu portões na cerca de espinhos, portões altos, de bronze, que tinham acabado de ser abertos. Logo além dos portões dava para se ver um pátio e um arco que conduzia para dentro da torre.

Cavaleiros Unseelie com capas pretas guardavam as laterais do portão. Eles paravam cada integrante do cortejo antes de permitir sua passagem até o pátio, onde duas fileiras de fadas Unseelie ladeavam a trilha até os portões das torres.

As estrelas multicoloridas começavam a desaparecer no ar e, em sua

ausência, a luz do sol nascente lançava sombras douradas e opacas sobre a torre, sombriamente bela como um canhão polido. Ao redor de toda a sebe, via-se uma planície relvada, pontuada aqui e ali por espinheiros. A fila de fadas Seelie avançava mais uma vez e um resmungo alto se ergueu entre a profusão de sedas e veludos, asas e cascos. As meninas na égua marrom-avermelhada cochichavam entre si: como eles eram lerdos aqui na Corte Noturna. Como era rude nos deixar esperando.

O ar matinal ergueu a beirada do capuz de Emma quando ela se virou.

— Que confusão é essa?

Uma das meninas balançou a cabeça.

— O Rei está desconfiado, naturalmente. As cortes são inimigas há tempo demais. Os Cavaleiros estão inspecionando cada convidado.

Emma congelou.

— Os Cavaleiros de Mannan?

A outra riu.

— Como se houvesse outros cavaleiros!

Julian se inclinou para Emma e falou em voz baixa:

— Não tem jeito de passarmos pelos portões com o restante do cortejo sem sermos reconhecidos pelos Cavaleiros. Especialmente você. Temos que sair daqui.

O local onde Cortana normalmente pendia nas costas de Emma doeu como um membro fantasma. Ela havia matado um dos Cavaleiros com a espada — não havia chance de eles não lembrarem dela.

— Concordo. Alguma ideia de como fazer isso?

Julian olhou de um lado e outro da fila agitada do povo Seelie. Ela se esticava a partir dos portões da torre e ia longe, até onde o olho podia ver.

— Não no momento.

Um ruído irrompeu da fila mais à frente. A dríade na árvore estava discutindo com um par de goblins. Na verdade, pequenas brigas pareciam estourar de cima a baixo da fila. Ocasionalmente um cavaleiro fada cavalgava preguiçosamente e pedia ordem, mas ninguém parecia muito interessado em evitar alguma algazarra.

Emma olhou ansiosamente para o horizonte; amanhecia e logo haveria mais luz, o que dificilmente ajudaria em alguma tentativa de fuga dela e de Julian. Eles poderiam correr pelos portões, mas os guardas bloqueariam; se corressem para as cercas de espinhos ou tentassem deixar a fila, certamente seriam notados.

*Então aceite que vocês serão notados*, pensou Emma. Ela se virou para Julian, esticando-se imperiosamente.

— Fergus, seu tolo! — falou rispidamente. — A Rainha exigiu

explicitamente que você ficasse no fim deste cortejo!

Os lábios de Julian formara um “O quê?” silenciosamente. Ele não se mexeu, e as meninas na égua deram risadinhas novamente.

Emma tocou levemente no ombro dele, seus dedos deslizaram pelas costas e ela desenhou um símbolo que ambos conheciam e que queria dizer: *eu tenho um plano*.

— Distraído por uma dríade, não é? — falou. Ela bateu os calcanhares nas laterais de Crina Prateada, e o cavalo, assustado, sapateou com força no lugar. — A Rainha vai querer sua cabeça por causa disso. Venha comigo!

Risadas se espalharam entre as fadas próximas. Emma virou Crina Prateada e começou a cavalgar em direção ao fim do cortejo. Depois de um momento, Julian a seguiu. Os risos desapareceram atrás deles enquanto trotavam pela fila; Emma não queria atrair a atenção cavalcando rápido demais.

Para seu alívio, ninguém prestou muita atenção neles. Enquanto se afastavam da torre, a ordem do cortejo Seelie começava a deteriorar. O povo fada estava agrupado, rindo, contando piadas e jogando cartas. Ninguém parecia interessado no progresso até a torre, muito menos em qualquer coisa que estivesse a um palmo de suas fuças.

— Por aqui — murmurou Julian. Ele se abaixou sobre Fazedor de Viúvas e o cavalo disparou rumo a um grupo próximo de árvores. Emma apertou as rédeas com força enquanto Crina Prateada saltava atrás do garanhão. O mundo passava num borrão, ela galopava como se estivesse voando, as patas do cavalo mal pareciam tocar o solo. Emma prendeu a respiração. Era como o terror e a liberdade de estar no oceano, à mercê de alguma coisa muito mais forte do que você. O capuz voou para trás e o vento soprou forte, seus cabelos louros balançando como flâmulas.

Eles pararam na lateral mais distante das árvores, fora da vista do povo Seelie. Emma olhou para Julian, sem fôlego. As bochechas dele estavam vermelhas e brilhavam por causa do ar frio. Atrás dele, o horizonte tinha mudado para um dourado forte.

— Belo trabalho — falou ele.

Emma não conseguiu disfarçar um sorriso quando saltou do dorso de Crina Prateada.

— Podemos não ter magia angelical por aqui, mas ainda somos Caçadores de Sombras.

Julian desmontou ao lado dela. Nem foi preciso dizer que eles não podiam manter os cavalos; Emma deu um tapa leve no flanco de Crina Prateada, e a égua partiu rumo ao horizonte que clareava. *Ela sabe voltar para casa*.

Fazedor de Viúvas desapareceu logo em seguida num borrão escuro, e Emma

e Julian se viraram para a torre. As longas sombras da aurora começavam a se ampliar pela grama. A torre se erguia diante deles, a cerca alta a circulava como um colar mortal.

Emma observou nervosamente a grama entre as árvores e a cerca. Não havia cobertura e embora eles estivessem fora da vista dos portões, quem observasse da torre poderia ver sua aproximação.

Julian se virou para ela e tirou o capuz. Emma imaginou que não fizesse mais diferença; ele não tinha mais que fingir que era Fergus. O cabelo estava bagunçado e úmido de suor por causa do capuz. Como se tivesse lido a mente dela, Julian falou:

— Não temos mais que nos preocupar com disfarces. Vamos descaradamente expostos até chegar à cerca.

Julian passou a mão pela dela. Emma tentou não pular de susto. A palma dele era quente contra a dela; ele a puxou e eles começaram a caminhar pela grama.

— Mantenha a cabeça virada para mim — falou Julian baixinho. — As fadas são românticas, do jeito delas.

Emma percebeu com um sobressalto que eles estavam fingindo ser um casal passeando sob a luz do amanhecer. Seus ombros se roçavam, e ela estremeceu, mesmo com o sol se erguendo mais alto e aquecendo a atmosfera.

Ela olhou de soslaio para Julian. Ele não parecia alguém num passeio romântico; seus olhos estavam cautelosos, o queixo, tenso. Ele parecia uma estátua de si mesmo, entalhada por alguém que não o conhecia muito bem, que nunca vira as faíscas em seus olhos que ele guardava apenas à família, que nunca vira o sorriso que antigamente guardava apenas a Emma.

Eles alcançaram a cerca. Ela se erguia acima dos dois, um emaranhado de vinhas entrelaçadas bem apertadinhas, e Emma afastou a mão da de Julian, inspirando fundo. De perto, era como se a cerca fosse feita de aço reluzente e os espinhos se projetassem por toda parte em ângulos irregulares. Alguns eram mais compridos do que espadas. O que Emma tinha pensado serem flores eram esqueletos esbranquiçados daqueles que tinham tentado escalar a muralha, um aviso aos futuros invasores.

— Talvez seja impossível — falou Julian, erguendo o rosto. — Nós podíamos esperar o cair da noite... tentar nos esgueirar através dos portões.

— Não podemos esperar tanto assim... já amanheceu. Temos que impedir a Rainha. — Emma tirou uma adaga do cinto. Não era Cortana, mas ainda era aço dos Caçadores de Sombras, comprido e afiado. Ela apoiou a beirada contra um dos espinhos, cortando-o em ângulo. Tinha esperado certa resistência, o que não aconteceu. O espinho foi cortado com facilidade e deixou para trás um toco do qual pingava seiva acinzentada.



— Eca — falou ela, chutando o espinho. Um odor estranho, abafado e esverdeado, se ergueu da cerca cortada. Emma respirou fundo, tentando controlar a ansiedade. — Muito bem. Vou abrir caminho cortando a cerca. Já dá até para ver a torre através das vinhas. — Era verdade; de perto assim, ficava evidente que a cerca não era uma parede sólida e que havia intervalos entre as vinhas com espaço suficiente para um corpo humano passar.

— Emma... — Julian esticou a mão como se quisesse alcançar Emma, depois a baixou. — Eu não gosto disso. Não somos os primeiros a tentar passar pela cerca. — E apontou os esqueletos acima e ao redor com um movimento do queixo.

— Mas somos os primeiros Caçadores de Sombras — falou Emma com uma coragem que não sentia de fato. Ela cortou a sebe. Espinhos tamborilaram ao redor como chuva fina.

A luz foi diminuindo conforme ela avançava sobre a cerca. Era densa como a alameda de uma rodovia, e as vinhas pareciam se entrelaçar acima dela, formando um escudo contra a luz do sol. Ela pensou ter ouvido Julian gritar por ela, mas a voz dele estava abafada. Olhou para trás, surpresa, e congelou com o horror.

A cerca tinha se fechado atrás dela feito água. Agora Emma estava cercada por uma densa parede cinza-esverdeada, cheia de pontas mortais. Ela começou a cortar selvagememente com a adaga, mas o gume ricocheteou no espinho mais próximo com uma pancada, como se este fosse feito de aço.

Uma dor aguda atingiu seu peito. As vinhas estavam se movimentando e envolvendo-a lentamente. A ponta aguda de uma delas acertou acima de seu coração; outra golpeou seu pulso; ela desviou a mão com um puxão e deixou a arma cair; tinha outras na bolsa, mas não havia meio de pegá-las agora. O coração martelava enquanto as vinhas avançavam em sua direção; via lampejos de cor branca através das plantas; outras pessoas que tinham sido aprisionadas no coração da muralha.

A ponta de um espinho cortou sua bochecha e o sangue desceu, quente, pelo rosto. Emma se encolheu e outros espinhos a acertaram nas costas e nos ombros. *Eu vou morrer*, pensou ela, e seus pensamentos ficaram sombrios por causa do medo.

Mas Caçadores de Sombras não deveriam ficar apavorados, não deveriam sentir medo. Em sua mente, Emma pediu perdão aos pais, ao *parabatai*, aos amigos. Ela sempre imaginara que morreria em batalha, e não esmagada até a morte por mil lâminas, sozinha e sem Cortana nas mãos.

Alguma coisa a golpeou no pescoço. Ela se contorceu, tentando se afastar da agonia; ouviu Julian chamar seu nome...

Algo então a atingiu na palma da mão. Seus dedos agarraram o objeto num reflexo, seu corpo reconheceu a textura do cabo da espada antes mesmo de a mente registrar o que ela estava segurando.

Era uma espada. Uma espada com lâmina branca, como se fosse uma fatia da lua. Ela a reconheceu imediatamente das ilustrações de livros antigos: era Durendal, a espada de Roland, lâmina-irmã de Cortana.

Não havia tempo para perguntas. Atacando os espinhos, ela girou o braço para cima, Durendal era um borrão prateado. Ouviu-se um grito, como metal contorcido, enquanto Durendal ceifava espinhos e vinhas. A seiva jorrou, fazendo com que os cortes abertos em Emma ardessem, mas ela não deu a mínima; cortou sem parar, a lâmina em sua mão golpeando em duas direções, e as vinhas caindo ao redor. A cerca murchou como se estivesse com dor e as vinhas começaram a recuar, como se temessem Durendal. Uma trilha se abriu acima e abaixo dela, como se fosse o Mar Vermelho. Emma fugiu através da abertura estreita entre as vinhas, gritando para que Julian a seguisse.

Ela explodiu do outro lado, num mundo de cor, luz e barulho: grama verde, céu azul, sons distantes do cortejo que avançava até a torre. Caiu de joelhos, ainda apertando Durendal. Suas mãos estavam escorregadias com sangue e seiva; ela arfava e sangrava pelos rasgos compridos em sua túnica.

Uma sombra obscureceu o céu. Era Julian. Ele caiu de joelhos diante dela, com o rosto branco, da cor de ossos. Ele a segurou pelos ombros e Emma se controlou um pouco. Sentir as mãos de Julian compensava a dor, assim como a expressão dele.

— Emma. Aquilo foi incrível. Como...?

Ela ergueu a espada.

— Durendal veio a mim — falou. O sangue dos cortes pingava na lâmina, que começava a brilhar e desaparecer. Um segundo depois, Emma segurava apenas o vazio, seus dedos ainda curvados ao redor do local onde estivera o cabo dourado. — Eu precisava de Cortana e me mandaram Durendal.

— Eu sou do mesmo aço e da mesma têmpera que Joyeuse e Durendal — murmurou Julian. — Lâminas gêmeas. Interessante. — Ele soltou os ombros dela e rasgou uma tira de tecido da bainha da própria túnica, embolando num chumaço e pressionando sobre o corte na bochecha de Emma com uma delicadeza surpreendente.

A alegria a invadiu, mais forte do que a dor. Emma sabia que ele não podia amá-la, mas neste momento era como se amasse.

— Mãe? — chamou Aline. — Mãe, você está aí?

Helen forçou a vista. Estava sentada junto à mesa do escritório do Instituto, com Aline ao seu lado. Jia parecia estar tentando realizar uma Projeção contra a parede oposta, mas no momento era pouco mais do que uma sombra trêmula, como uma fotografia tirada sem tripé.

— Mamãe! — exclamou Aline, nitidamente exasperada. — Você poderia aparecer? Precisamos muito conversar com você.

O contorno de Jia ficou mais definido. Agora Helen conseguia enxergá-la direito, ainda em suas vestes de Consulesa. Ela parecia cansada, muito magra, preocupantemente esquelética.

A textura da parede ainda era visível atrás dela, mas Jia estava sólida o suficiente para Helen ver sua expressão: refletia a irritação da filha.

— Não é fácil fazer uma Projeção do Gard — disse ela. — A gente podia ter se falado por telefone.

— Eu queria ver você — falou Aline. Havia um leve tremor em sua voz. — Eu precisava saber o que está acontecendo com esse tal Registro. Por que o Conselho aprovou esse lixo?

— Horace... — começou Jia.

A voz de Aline sumiu.

— Onde você estava, mãe? Como deixou isso acontecer?

— Eu não *deixei* acontecer — falou Jia. — Horace mentiu para mim. Um encontro muito importante foi marcado para esta manhã, um encontro com a Irmã Cleophas, das Irmãs de Ferro, sobre a Espada Mortal.

— Ela foi consertada? — falou Aline, momentaneamente distraída.

— Elas não fizeram progresso algum. A espada foi criada por anjos, não por humanos, e talvez somente um anjo possa consertá-la. — Jia suspirou. — Horace deveria conduzir uma reunião normal sobre os protocolos da fronteira enquanto eu estava na Cidadela Adamant. Mas ela se tornou esse fiasco.

— Eu simplesmente não entendo como ele convenceu as pessoas de que era uma boa ideia — falou Helen.

Jia tinha começado a caminhar. Sua sombra oscilava na parede como uma marionete sendo puxada para a frente e para trás num palco.

— Horace nunca deveria ter se tornado político. Devia ter seguido carreira no teatro. Ele manipulou os piores temores de todos. Mandou um espião ao Reino das Fadas e, quando foi pego, alegou que era uma criança inocente que fora assassinada. Ele afirmou que Kieran Filho do Rei enlouquecera Samantha Larkspear...

— Mark me contou que ela perdeu o juízo porque caiu na piscina no Lugar da Rocha quando a Tropa estava atormentando Kieran — falou Helen, indignada. — *Ela* tentou matá-lo.

Jia parecia sombriamente divertida.

— Devo perguntar onde Kieran está agora?

— De volta ao Reino das Fadas — falou Aline. — Você devia me dizer onde Horace está agora, para que eu pudesse socá-lo mais forte do que ele jamais foi socado na vida.

— Socá-lo não vai ajudar — falou Jia. Essa era uma conversa que ela e a filha tinham com frequência. — Eu tenho que pensar em dar passos construtivos para desfazer o dano que ele cometeu.

— Por que ele prendeu os garotos da Scholomance? — perguntou Helen. — De acordo com o que Mark disse, Rayan, Divya e Diego são os mais decentes entre os Centuriões.

— Para fazer deles um exemplo. “É isso o que acontece se vocês ajudarem um ser do Submundo” — observou Jia.

— Mas nós não podemos registrar as pessoas — falou Aline. — É desumano. É isso que vou dizer à Clave.

O contorno da Projeção de Jia borbulhou com raiva.

— Nem ouse — falou ela. — Aline, não ouviu o que eu acabei de dizer? Dearborn não gosta de Helen por causa do sangue fada. Vocês vão acabar na cadeia, e alguém mais obediente vai ser colocado em seu lugar. Vocês têm que, pelo menos, fingir que vão acatar.

— Como fazemos isso? — Helen sempre tivera um pouco de medo da sogra Consulesa. Sempre imaginara que Jia talvez não fosse ficar satisfeita com o fato de Aline ter se casado com uma mulher, e ainda por cima com uma meio-fada. Porém Jia nunca indicara, fosse por gestos ou palavras, estar desapontada com a escolha da filha, mas Helen ainda ficava insegura. Ainda assim, ela não podia deixar de falar agora. — Os seres do Submundo têm que vir ao Santuário e nós devemos entregar os registros à Clave.

— Eu sei, Helen — falou Jia. — Mas você não pode ignorar as ordens. Horace vai vigiar para ter certeza de que o Instituto de Los Angeles alcance sua cota. Eu acabei de tirar vocês do exílio. Não vou perder as duas de novo. Vocês são inteligentes. Encontrem um meio de minar a ordem de registro sem ignorá-la.

Apesar de tudo, Helen sentiu um pequeno choque de felicidade. As *duas*, dissera Jia. Como se ela tivesse sentido falta não apenas de Aline, mas de Helen também.

— Tem uma notícia boa — falou Jia. — Eu estava com a Irmã Cleophas quando a notícia chegou, e ela ficou furiosa. Sem dúvida, as Irmãs estão do nosso lado. Elas sabem ser formidáveis quando querem. Não creio que Horace vá gostar de tê-las como inimigas.

— Mamãe — falou Aline. — Você e o papai têm que sair de Idris. Passar um tempo aqui. Não é seguro continuar aí.

Helen pegou a mão de Aline e a apertou, pois sabia qual seria a resposta.

— Não posso simplesmente sair — falou Jia, não como a mãe de Aline, mas como a Consulesa da Clave. — Não posso abandonar nosso povo. Jurei proteger os Nephilim, e isso significa aguentar essa tempestade e fazer tudo o que eu puder para reverter o que Horace fez... tirar aquelas crianças da prisão do Gard... — Jia olhou para trás. — Tenho que ir. Mas, lembrem-se, meninas... O Conselho é basicamente bom, assim como os corações da maioria das pessoas.

Ela desapareceu.

— Eu queria acreditar nisso — falou Aline. — Queria entender como minha mãe é capaz de acreditar nisso, depois de todo esse tempo como Consulesa.

Ela pareceu zangada com Jia, mas Helen sabia que não era bem isso.

— Sua mãe é inteligente. Ela vai ficar bem.

— Espero que sim — falou Aline, fitando as próprias mãos e as de Helen, entrelaçadas sobre a mesa. — E agora temos que descobrir como registrar as pessoas sem registrá-las realmente. Um plano que não envolva socar Horace. Por que eu nunca consigo fazer as coisas do jeito que eu quero?

Apesar de tudo, Helen riu.

— Na verdade, eu tenho uma ideia. E acho que você vai gostar dela.

A clareira dava para a estrada abaixo, visível como uma fita branca entre as árvores. A lua acima estava presa nos galhos e lançava luz suficiente para que Cristina enxergasse o local claramente: cercada por grossos espinheiros, a grama abaixo era flexível e fria, úmida por causa do orvalho. Ela tinha estendido o cobertor de Mark e ele estava deitado, aninhado meio de lado, com as bochechas vermelhas.

Cristina se sentou atrás dele, as pernas esticadas à frente na grama molhada. Kieran estava perto, reclinado contra o tronco de um espinheiro. Ao longe, ela ouvia os sons da festa, carregados pelo ar límpido.

— Não era assim — falou Kieran, com o olhar colado na estrada abaixo — que eu esperava que os eventos fossem se desenrolar depois da nossa chegada ao Reino das Fadas.

Cristina afastou o cabelo de Mark do rosto. A pele dele queimava; ela desconfiava ser efeito colateral do que quer que o gato fada tivesse lhe dado para beber.

— Quanto tempo você acha que Mark ficará inconsciente?

Kieran se virou para se recostar na árvore. Na escuridão, seu rosto era um

mapa de sombras em preto e branco. Ele não dissera uma palavra desde que chegaram à clareira e ajeitaram Mark. A Cristina só restara imaginar o que vinha passando pela cabeça dele.

— Provavelmente uma hora, mais ou menos.

Era como se um pedaço de chumbo pressionasse o peito de Cristina.

— Cada minuto que esperamos nos afasta mais de Emma e Julian — falou.

— E não vejo como a gente poderia alcançá-los agora.

Kieran esticou as mãos diante deles. Mãos de fada, com dedos compridos, quase com duas juntas.

— Eu poderia invocar Lança do Vento novamente — falou ele, hesitando um pouco. — Ele é rápido o suficiente para alcançá-los.

— Você fala como se não gostasse muito da ideia — observou Cristina, mas Kieran simplesmente deu de ombros.

Ele se afastou da árvore e se aproximou de Mark, se abaixando para cobrir os ombros dele com o cobertor. Cristina ficou observando-o, pensativa. Lança do Vento era o corcel de um príncipe, pensou. Chamaria atenção aqui no Reino das Fadas. Talvez alertasse o reino para a presença de Kieran e o colocasse em perigo. Apesar disso, Kieran parecia disposto a invocá-lo.

— Lança do Vento, não — falou. — Se nós estivéssemos com ele, o que faríamos? Tentaríamos tirar os dois do cortejo em pleno ar? Teríamos sido vistos, e pense no perigo... para Mark, Jules e Emma.

Kieran alisou o cobertor sobre o ombro de Mark e se pôs de pé.

— Eu não sei — falou. — Não tenho as respostas. — Ele ajeitou a capa ao redor de si. — Mas você tem razão. Não podemos esperar.

Cristina ergueu o olhar para ele.

— Também não podemos deixar Mark.

— Eu sei. Acho que você devia me deixar ir sozinho. Você fica aqui com Mark.

— Não! — exclamou. — Não, você não vai sozinho. E não sem o artefato. É seu único meio de sair.

— Não importa — retrucou Kieran. Ele se abaixou e pegou a bolsa, jogando-a por cima do ombro. — Não importa o que vai acontecer comigo.

— É lógico que importa! — Cristina ficou de pé e se encolheu; uma comichão pinicava as pernas. De qualquer forma, ela correu atrás de Kieran, mancando um pouco.

Muito veloz, Kieran já tinha alcançado os limites da clareira quando ela o alcançou. Cristina segurou o braço dele, os dedos marcando o tecido da manga.

— Kieran, *pare*.

Ele obedeceu, embora não tivesse olhado para trás, para ela. Ele fitava a

estrada e a festa mais além. Com a voz distante, falou:

— Por que você me impede?

— Andar sozinho naquela estrada é perigoso, especialmente para você.

Kieran não parecia ouvi-la.

— Quando toquei a piscina na Scholomance, senti a confusão e dor que causei a você — falou ele.

Cristina esperou. Ele não disse mais nada.

— E?

— E? — Ele repetiu, sem acreditar. — E eu não consigo suportar! Que eu tenha te magoado assim, magoado você e Mark assim... não consigo suportar.

— Mas deve — falou Cristina.

Kieran ficou boquiaberto.

— O quê?

— Esta é a natureza de ter uma alma, Kieran, e um coração. Todos tropeçamos no escuro, causamos dor e tentamos consertar isso da melhor maneira possível. Todos ficamos confusos.

— Então me deixe consertar isso. — Com delicadeza, mas de modo firme, ele afastou a mão dela de sua manga. — Me deixe ir atrás deles.

Ele começou a descer a colina, mas Cristina o seguiu e bloqueou seu caminho.

— Não... você não deve...

Ele tentou se desviar dela. Ela se postou na sua frente.

— Me deixe...

— Eu não vou deixar você se arriscar! — gritou ela, e agarrou a camisa de Kieran, o tecido grosso sob os dedos. Ela o ouviu exalar, surpreso.

Cristina inclinara a cabeça para trás e olhara bem nos olhos dele; ambos brilhavam, preto e prata, e distantes como a lua.

— Por que não? — quis saber ele.

Ela sentia o calor irradiando dele através do linho da camisa. Numa época o teria considerado frágil, irreal como raios de luar, mas agora sabia que ele era forte. E se enxergava refletida em seu olho mais escuro, o olho prateado era um espelho das estrelas. Havia um cansaço em seu rosto que falava de dor, mas uma firmeza também, mais bela do que a simetria de seus traços. Não era de admirar que Mark tivesse se apaixonado por ele na Caçada. Quem não se apaixonaria?

— Talvez você não esteja confuso — falou ela num murmúrio —, mas eu estou. Você me deixa muito confusa.

— Cristina — sussurrou ele, tocando levemente o rosto dela, que se inclinou para o calor da mão, e os dedos dele deslizaram da bochecha para a boca. Ele delineou o formato de seus lábios com as pontas dos dedos, os olhos

semicerrados. Ela envolveu o pescoço dele com os braços.

Kieran a puxou, e suas bocas se colaram tão rapidamente que ela não seria capaz de dizer quem beijou quem primeiro. Tudo era fogo: o gosto dele, a pele macia onde ela a tocava, deslizando os dedos sob a gola da capa. Os lábios eram delicados, macios, porém, firmes; ele sorvia os lábios dela como se bebesse o melhor dos vinhos. As mãos de Cristina encontraram os cabelos dele e mergulharam nos cachos macios.

— Milady — murmurou ele contra a boca de Cristina, e o corpo dela estremeceu ao som de sua voz. — Dama das Rosas.

As mãos de Kieran desceram pelo seu corpo, pelas curvas e maciez, e ela estava perdida no calor e no fogo daquilo, na sensação de tê-lo contra ela, tão diferente de Mark, mas tão maravilhoso quanto. Ele a pegou pela cintura e a puxou ao mesmo tempo que um choque a percorreu: ele era tão quente e humano, e não era de modo algum distante.

— Kieran — sussurrou ela, e ouviu a voz de Mark em sua mente, dizendo o nome dele: *Kier, Kieran, meu pequeno moreno*, e se lembrou de Mark e Kieran se beijando no deserto, e sentiu uma onda de excitação até o âmago.

— O que é que está acontecendo?

Era a voz de Mark — não apenas em sua mente, mas cortando a noite, através da névoa do desejo. Cristina e Kieran se separaram e quase caíram, e ela encarou Mark, uma silhueta dourada e prateada na escuridão, encarando-os.

— Mark — falou Kieran, com a voz falhando.

Subitamente, a clareira se encheu de luz. Mark ergueu um dos braços, se encolhendo do brilho súbito e artificial.

— Mark! — repetiu Kieran, e desta vez a falha em sua voz foi causada por alarme. Ele foi até Mark, arrastando Cristina, pegando a mão dela. Eles caminharam com dificuldade para o centro da clareira no momento em que um contingente de guardas fada saiu de trás das árvores, com tochas ardendo como flâmulas contra a noite.

Eram liderados por Manuel Villalobos. Cristina o encarou em choque. Ele vestia o mesmo uniforme dos outros: uma túnica com o símbolo da coroa quebrada pairando acima de um trono. O cabelo louro estava bagunçado, seu sorriso, ligeiramente maníaco. Um medalhão igual ao que Cristina sempre usava reluzia no pescoço.

— Príncipe Kieran — falou ele quando os guardas cercaram Kieran, Mark e Cristina. — Seu irmão Oban terá prazer em ver você.

Kieran segurava o cabo da espada e falou sem empolgação:

— Será a primeira vez. Ele nunca teve prazer algum em me ver antes.

— O que você está fazendo aqui, Manuel? — perguntou Cristina.



Manuel se virou para ela com um sorriso de desdém.

— Estou aqui a negócios. Ao contrário de vocês.

— Você não sabe por que estou aqui — rebateu ela rispidamente.

— Aparentemente para transar com uma fada e com seu amante mestiço — retrucou Manuel. — Atividades interessantes para uma Caçadora de Sombras.

A espada de Mark reluziu. Ele partiu para cima de Manuel, que saltou para trás e rosnou uma ordem para os guardas do príncipe. Eles avançaram em grupo; Cristina mal teve tempo de pegar o canivete e atirá-lo, abrindo um talho comprido no peito de um guarda com mechas roxas e azuis nos cabelos.

Mark e Kieran já estavam lutando, cada um com uma espada na mão. Eles eram belos, rápidos e mortais; alguns guardas caíram gritando de dor, e Cristina acrescentou mais dois à pilha de feridos.

Mas havia muitos deles. Em meio ao fogo das tochas e ao brilho das espadas, Cristina viu Manuel reclinado sobre o tronco de uma árvore. Quando ela olhou bem nos olhos dele, ele sorriu e fez um gesto obsceno. Era evidente que não se preocupava a respeito de quem venceria o combate.

Mark gritou. Três guardas tinham agarrado Kieran, que lutava enquanto eles torciam seus braços para trás. Dois outros avançavam para ele e outro pulou para Cristina; ela afundou o canivete no ombro de seu atacante e empurrou o corpo para ir até Mark e Kieran.

— Amarrem-nos! — gritou Manuel. — Príncipe Oban vai levá-los para serem interrogados pelo Rei. Não os machuquem. — E sorriu. — O Rei quer fazer isso pessoalmente.

Os olhos de Cristina encontraram os de Mark quando dois guardas o agarraram. Ele balançou a cabeça freneticamente e gritou em meio ao clamor:

— Cristina! Pegue o artefato! Vá embora!

Cristina balançou a cabeça — *não posso deixar vocês, não posso* —, mas seus olhos caíram sobre Kieran, que a encarava com pura esperança, como se implorasse. Lendo o olhar dele, ela pulou para o chão onde a mochila estava.

Alguns dos guardas de Oban correram atrás dela, com armas em punho, quando Manuel gritou para que a impedissem. Ela enfiou a mão na bolsa e pegou o artefato. Com toda a sua vontade, concentrou a mente na única pessoa que pensava ser capaz de salvá-los.

*Me leve até ele. Me leve.*

A clareira escureceu e deixou de existir bem no momento em que os guardas os cercaram.

# 14

## A Viola, a Violeta e a Vinha

A busca por Dru levou um pouco mais de tempo do que Kit imaginara. Ela não estava na biblioteca, nem no quarto ou na praia. Finalmente, eles a encontraram na sala de tevê, remexendo numa pilha de fitas de vídeo antigas com nomes como *Grite*, *Grite Outra Vez!* e *Aniversário Sangrento*.

O olhar que ela lançou aos dois quando eles entraram não foi nada amigável. Seus olhos estavam inchados, notou Kit, como se ela tivesse chorado recentemente. Ele se perguntou se era por Emma e Julian estarem com problemas no Reino das Fadas, por causa de Jaime ou uma combinação dos dois. Ela pareceu ter ficado arrasada quando ele teve que ir embora.

— O que foi? — perguntou ela. — Helen e Aline estão com Tavvy, se vocês vieram me dizer para tomar conta dele.

— Na verdade — falou Ty, sentando no banco do piano —, nós precisamos da sua ajuda com outra coisa.

— Deixe-me adivinhar. — Dru abaixou a fita de vídeo em sua mão e Kit se segurou para não comentar que ele não achava que houvesse alguém com menos de 80 anos que ainda tivesse fitas de vídeo. — Lavar a louça? Lavar a roupa? Deitar na frente do Instituto para vocês poderem me usar como degrau?

Ty franziu as sobrancelhas.

— O que...

Kit interrompeu sem perda de tempo.

— Não é nada disso. É uma missão.

Dru hesitou.

— Que tipo de missão?

— Uma missão secreta — falou Ty.

Ela puxou uma das tranças. Elas eram curtas e se projetavam quase

horizontalmente de cada lado da cabeça.

— Vocês não podem simplesmente me ignorar até precisarem de um favor — disse ela, embora parecesse indecisa.

Ty começou a protestar, mas Kit o interrompeu, erguendo uma das mãos para silenciar a ambos.

— A gente já estava querendo te chamar para se juntar a nós antes — falou. — Mas Ty não queria botar você em perigo.

— Perigo? — Dru se animou. — Vai ter perigo?

— Muito perigo — emendou Kit.

Ela semicerrou os olhos.

— Do que estamos falando aqui exatamente?

— Precisamos ter uma relação mais amistosa com o Mercado das Sombras — falou Ty. — Como não podemos ir ao Reino das Fadas, queremos ver se tem algo que a gente possa fazer para ajudar Emma e Julian deste lado. Qualquer informação que conseguirmos.

— Eu gostaria de ajudar Emma e Jules — falou Dru lentamente.

— Nós achamos que há respostas no Mercado — emendou Kit. — Mas ele é administrado por um feiticeiro realmente horroroso, Barnabas Hale. Ele concordou em se encontrar com Vanessa Ashdown.

— Vanessa Ashdown? — Dru parecia espantada. — Ela está metida nisso?

— Não, não está — falou Ty. — Nós mentimos para ele sobre quem queria vê-lo para podermos marcar o encontro.

Dru bufou.

— Você não se parece com Vanessa. Nenhum de vocês.

— É aí que você entra — falou Kit. — Mesmo que não fôssemos fingir ser Vanessa Ashdown, ele nunca aceitaria ficar no local de encontro se nós aparecêssemos porque ele odeia a gente.

Dru esboçou um sorriso.

— Não significa que ele odeia  *você* ? — perguntou ela a Kit.

— Ele também me odeia — retrucou Ty orgulhosamente. — Porque Livvy e eu estávamos com Kit no Mercado das Sombras em Londres.

Dru se sentou ereta.

— Livvy teria feito isso por vocês, certo, se ela estivesse aqui?

Ty não disse nada. Tinha erguido o olhar para o teto, onde o ventilador girava preguiçosamente, e o fitava como se sua vida dependesse disso.

— Eu não me pareço nem um pouco com a Vanessa Ashdown — acrescentou Dru, hesitante.

— Ele não sabe como ela é — falou Kit. — Sabe apenas que ela tem muito dinheiro para ele.

— Provavelmente ele não pensa que ela tem 13 anos — falou Dru. — Deve imaginar que é adulta, especialmente se tiver muito dinheiro. E por falar nisso, por que vocês têm muito dinheiro?

— Você parece muito mais velha — falou Kit, ignorando a pergunta. — E nós pensamos...

Ty se levantou e foi para o corredor. Ambos ficaram observando, e Kit se perguntou se a menção a Livvy fora a responsável por repeli-lo. Talvez um indício de problema no plano de que Livvy voltaria.

— Será que eu o chateeï? — perguntou Dru baixinho.

Antes que Kit pudesse responder, Ty estava de volta. Trazia o que parecia ser uma pilha de roupas cinza.

— Eu notei que as pessoas olham mais para as roupas do que para os rostos alheios. Imaginei que talvez você pudesse usar um dos ternos da mamãe. — E estendeu uma saia e um terninho cor de ardósia. — Acho que vocês usavam o mesmo tamanho.

Dru se pôs de pé e pegou as roupas.

— Está bem — falou, segurando-as com cuidado nos braços. Kit se perguntou o quanto Dru se lembrava da mãe. Será que tinha lembranças obscuras, como ele, de uma voz suave e gentil, de um cantarolar? — Está bem, eu topo. Aonde nós vamos?

— Hollywood — falou Kit. — Amanhã.

Dru franziu a testa.

— Helen e Aline não sabem sobre isso. E elas disseram que passariam a noite toda no Santuário. Alguma coisa a ver com o Submundo.

— Ótimo — falou Kit. — Então elas não vão se perguntar onde estamos.

— Certo... Mas como vamos chegar lá?

Ty sorriu e bateu no bolso lateral, onde ficava seu celular.

— Drusilla Blackthorn, apresento-lhe o Uber.

Pela terceira vez, Emma e Julian pararam à sombra de uma entrada para consultar seu mapa. O interior da torre não tinha nada que chamasse a atenção — e, se não fosse pelo mapa, Emma suspeitava que eles ficariam perambulando, perdidos, durante dias.

Ela se encolhia e sentia dor cada vez que se movimentava. Julian tinha feito o melhor curativo possível, usando tiras rasgadas da camisa como ataduras. Eles estavam tão acostumados a usar símbolos de cura e às habilidades dos Irmãos do Silêncio, pensou Emma, que nunca imaginaram ter de agir machucados, não mais do que por alguns instantes. Tentar ignorar a dor onde os espinhos tinham

entrado em seu corpo era exaustivo, e ela se deu conta de que estava feliz pela chance de descansar por algum tempo enquanto Julian olhava o mapa.

O interior da torre parecia o interior de uma concha. Os corredores se contorciam em círculos, ficando cada vez mais estreitos conforme eles desciam, se mantendo discretos. Eles tinham conversado sobre usar a poção de Nene, mas Julian tinha dito que deveriam guardá-la até que ela fosse totalmente necessária — neste momento, os corredores estavam tão cheios de fadas Seelie e Unseelie que ninguém ia olhar direito os dois vultos com capas rasgadas.

— Os corredores se dividem aqui — falou Julian. — Um desce, outro sobe. A sala do trono não está assinalada no mapa...

— Mas nós sabemos que fica perto do topo da torre — falou Emma. — A Rainha provavelmente já está lá. Não podemos deixar o Rei pôr as mãos no *Volume Preto*.

— Então acho que vamos por ali — falou Julian, apontando o corredor ascendente. — Vamos continuar subindo e torcer para ter algum tipo de sinalização no caminho.

— Certo. Porque fadas são ótimas com sinalização útil.

Julian quase sorriu.

— Muito bem. Mantenha o capuz abaixado.

Eles seguiram pelo corredor íngreme, com os capuzes abaixados. Conforme subiam, as multidões de fadas começavam a diminuir, como se eles estivessem alcançando ar rarefeito. As paredes eram cheias de portas, cada uma com uma decoração mais elaborada do que a anterior, com lascas de pedras raras e incrustações de ouro. Emma ouvia vozes, risadas e cochichos atrás de cada uma delas; imaginava que aqui fosse a área onde viviam os cortesãos.

Uma entrada estava obscurecida por uma tapeçaria com desenhos de estrelas. Parados, do lado de fora, havia dois guardas usando armaduras incomuns em dourado e preto, com os rostos ocultos por capacetes. Emma sentiu um calafrio ao passarem por eles até uma área onde o corredor era mais apertado e se estreitava ainda mais, como se eles realmente estivessem serpenteando para mais perto do centro de uma concha. As tochas ardiam em seus suportes, já quase terminando de queimar, e Emma forçou a vista mais à frente, desejando ter uma Marca de Visão Noturna.

Julian apertou o braço de Emma e a puxou para um vão na parede.

— Guardas — sibilou.

Emma espiou para além da reentrância na parede. De fato, viam-se duas filas de guardas parados sob um pórtico bem alto. Eram os guerreiros fada mais terríveis. Trajavam uniformes vermelhos pintados com o sangue daqueles que mataram. Além disso, usavam barba, o que era incomum em fadas, e tinham

rostos enrugados. Eles seguravam lanças cujas pontas metálicas carregavam crostas de sangue seco.

— Deve ser ali — murmurou Julian. — A sala do trono.

Ele tirou a corrente com o frasco por cima da cabeça e, depois de abrir, engoliu o líquido. Emma rapidamente fez a mesma coisa e abafou um arquejo. O líquido queimava, como se ela tivesse bebido fogo. Ela notou Julian fazer uma expressão de dor antes de guardar o frasco vazio no bolso.

Eles se entreolharam. A não ser pela ardência na garganta e no estômago, Emma se sentia igualzinha. Ainda enxergava as próprias mãos e os pés, perfeitamente, e Julian não tinha sequer começado a ficar com os contornos borrados. Não era bem como ela havia imaginado.

— Nene falou que nós só ficaríamos invisíveis para as fadas Unseelie — disse Julian baixinho, depois de um longo momento. De repente, ele estreitou os olhos. — Emma...?

— O quê? — sussurrou ela. — O que foi?

Lentamente ele ergueu a mão e bateu no peito, onde, sob as roupas, ficava a Marca *parabatai*. Emma piscou. Ela conseguia ver um brilho vermelho-escuro emanando do local, como se o coração dele brilhasse. O brilho se movimentava e girava, como uma minúscula tempestade de areia.

— Julian... — Emma baixou o olhar. Em torno de sua Marca também havia um brilho. Era estranho o suficiente para fazê-la estremecer, mas ela ignorou a sensação e saiu do vão de volta para o corredor. Um instante depois, Julian estava ao seu lado.

A fila de guardas ainda estava lá, diante da entrada escura. Emma começou a avançar para eles, consciente de Julian ali perto. Ela conseguia enxergá-lo claramente e ouvia seus passos, embora à medida que seguiam em direção à sala do trono e se esgueiravam entre as fileiras de guardas, ninguém se virava para eles. Nem sequer um guarda pareceu ouvi-los ou vê-los.

Emma via a luz escura como se cruzasse o peito de Julian. Mas por que uma poção de invisibilidade faria a Marca *parabatai* brilhar? Não fazia sentido, mas não havia tempo para ficar pensando no assunto — eles estavam passando pelo último par de guardas. Ela se sentia como um ratinho caminhando alegremente na frente de um gato distraído.

Um minuto depois, eles tinham passado pela abertura e entrado na sala do trono do Rei.

Não era o que Emma imaginara. Em vez de uma decoração dourada rica e reluzente, não havia enfeites e o soalho era de pedra cinza e escura. As paredes não tinham janelas, a não ser pela parede norte, onde se via um imenso retângulo de vidro que dava para uma vista noturna dominada pelos ventos. E havia pilhas

com rochas viradas, algumas, grandes como elefantes, muitas esmagadas em pedaços menores, espalhadas pelo recinto. Parecia as ruínas de um parquinho gigante.

Não havia cadeiras na sala, a não ser pelo trono, que era uma rocha na qual fora entalhado um assento. Rochas se erguiam nas costas e laterais, como se para proteger o Rei, que estava sentado, imóvel, no assento do trono.

Nas mãos, a cópia do *Volume Preto* feita por Julian.

Quando eles entraram, o Rei ergueu o rosto, franziu a testa e, por um momento de pânico, Emma pensou que ele pudesse vê-los. O rosto dele era tão terrível quanto ela se lembrava: dividido exatamente no meio, como se por uma lâmina, metade era o rosto de um homem lindo e atraente, e metade, ossos de um crânio exposto. Ele vestia um gibão de veludo vermelho, decorado, e nos ombros tinha uma capa com fileiras de condecorações douradas, e uma coroa dourada no limite da testa. Um frasco transparente pendia de uma corrente em torno do pescoço, cheio de alguma poção escarlate.

Por reflexo, Emma e Julian se abaixaram atrás do monte mais próximo de pedras quebradas assim que quatro guardas entraram, cercando uma mulher vestida de branco e com cabelos compridos. Atrás dela, marchava um menininho com um pequeno círculo dourado ao redor da cabeça. Dois guardas o acompanhavam. Eles usavam a incomum armadura preta e dourada que Emma notara antes, no corredor.

No entanto, ela não teve muito tempo para pensar nisso porque, quando a mulher de branco entrou no recinto e virou a cabeça, Emma a reconheceu.

Era Annabel Blackthorn.

A lembrança bateu no fundo da garganta de Emma, uma onda amarga. Annabel no estrado do trono do Salão do Conselho. Annabel, com os olhos agitados, lançando as lascas da Espada Mortal no peito de Livvy. Annabel coberta de sangue, o estrado banhado em sangue, Julian com a irmã nos braços.

Ao lado de Emma, Julian prendeu a respiração, engasgando. Totalmente rígido. Emma segurou o ombro dele, que parecia de granito: inflexível, inumano.

A mão dele estava no cinto, no cabo de uma espada curta. Os olhos, fixos em Annabel, e o corpo inteiro tenso com a energia contida.

*Ele vai matá-la.* Emma tinha tanta certeza disso quanto conhecia os movimentos seguintes dele numa luta, seu ritmo de respiração numa batalha. Ela o puxou bruscamente e o girou para que a encarasse, embora fosse como tentar deslocar uma rocha.

— Não — falou num sussurro rouco. — Você não pode. Não agora.

Julian ofegava, como se tivesse corrido.

— Me solta, Emma.

— Ela pode nos ver — sibilou Emma. — Não é uma fada. Ela vai ver nossa aproximação, Julian.

Ele a encarou com olhos selvagens.

— Ela vai dar o alarme e eles vão nos impedir. Se você tentar matar Annabel agora, nós dois seremos presos. E nunca pegaremos o *Volume Preto* de volta.

— Ela precisa morrer pelo que fez. — Dois pontos vermelhos berrantes ardiam nas maçãs do rosto dele. — Me deixe matar Annabel e o Rei pode ficar com a porcaria do livro...

Emma agarrou a capa dele.

— Nós dois vamos morrer se você tentar!

Julian ficou em silêncio, os dedos abrindo e fechando junto às laterais do corpo. O brilho vermelho acima da Marca *parabatai* ardia como chama, e linhas pretas o cortavam, como se fosse vidro prestes a quebrar.

— Você realmente ia querer que se vingassem de Tavvy, Dru e Ty? — Emma o sacudiu com força e o soltou. — Gostaria que eles soubessem o que você fez?

Julian desabou contra uma rocha. Lentamente, balançou a cabeça, como se não acreditasse, mas agora o brilho vermelho ao redor dele tinha diminuído. Talvez mencionar as crianças Blackthorn tivesse sido um golpe baixo, pensou Emma, mas ela não se importava; era mais importante evitar que Julian se lançasse numa tentativa de suicídio. Suas pernas ainda tremiam quando ela se virou para espiar a sala do trono por meio de uma abertura nas rochas.

Annabel e o menino tinham se aproximado do trono. Ela não se parecia em nada com a Annabel de antes; usava um vestido de linho branco, marcado na altura do busto, que descia até os tornozelos. Os cabelos caíam nas costas como um rio calmo. Ela parecia tranquila, comum e inofensiva. E segurava a mão do menino de coroa cuidadosamente, como se estivesse disposta a protegê-lo de algum mal caso fosse necessário.

Eles ainda estavam cercados por guardas Unseelie de dourado e preto. O Rei sorria para eles com metade de sua face, um sorriso horrível.

— Annabel — falou. — Ash. No dia de hoje, tive algumas notícias interessantes.

Ash. Emma fitou o menino. Então esse era o filho da Rainha Seelie. Tinha cabelos louros prateados e olhos verde-escuros, como as folhas de uma floresta; vestia uma túnica de veludo de gola alta e a faixa dourada em torno da testa era uma versão menor da do Rei. Provavelmente não era mais velho do que Dru; era magro de um jeito que não parecia saudável, e tinha um hematoma na bochecha. Sua postura era a mesma do príncipe Kieran, bem ereta. Príncipes provavelmente não podiam ser relaxados.



Ele parecia familiar de um jeito que ela não conseguia explicar muito bem. Seria apenas a semelhança com a mãe?

— No dia de hoje eu tive a visita da Rainha da Corte Seelie — falou o Rei.

Ash ergueu a cabeça bruscamente.

— O que a minha mãe queria?

— Como você sabe, há muito ela barganha pelo seu retorno, mas somente hoje ela me trouxe o que eu pedi. — O Rei se inclinou para a frente e falou com ar divertido. — O *Volume Preto dos Mortos*.

— Isso é impossível — falou Annabel, e as bochechas pálidas ficaram coradas. — O *Volume Preto* está comigo. A Rainha é uma mentirosa.

O Rei tamborilou dois dedos enluvados na bochecha ossuda.

— Será? — ponderou ele. — É uma questão filosófica interessante, não é? O que é um livro? É a encadernação, a tinta, as páginas ou a soma das palavras nele contidas?

Annabel franziu a sobancelha.

— Não estou entendendo.

O Rei pegou a cópia do *Volume Preto* ao seu lado e a esticou para que Annabel e Ash pudessem ver.

— Esta é uma cópia do *Volume Preto dos Mortos* — falou ele. — O livro que também é chamado de Artíficos das Trevas, pois contém um pouco da magia mais formidável já registrada. — Ele acariciou a primeira página. — A Rainha diz que é uma duplicata exata. Foi feita com o auxílio de um mago de grande poder chamado OfficeMax, de quem eu nada sei a respeito.

— Jesus Cristo — murmurou Julian.

— A Rainha o deixou comigo por um dia — falou o Rei —, para que eu possa decidir se desejo ou não o trocar por Ash. Jurei devolvê-lo a ela ao nascer do sol amanhã de manhã.

— A Rainha o está enganando. — Annabel puxou Ash para mais perto. — Ela o enganaria para trocar Ash por esta... esta cópia defeituosa.

— Talvez. — Os olhos do Rei estavam semicerrados. — Eu tenho que tomar uma decisão. Mas você, Annabel, também tem que tomar decisões. Andei observando que se tornou muito próxima de Ash. Desconfio que sentiria falta dele se vocês se separassem. Não é verdade?

Uma expressão de raiva cruzou o rosto de Annabel, mas por um momento Emma ficou mais interessada em Ash. Em seus olhos, havia uma expressão que o tornava mais familiar do que nunca para ela. Um tipo de frieza impressionante em alguém tão jovem.

— Mas você precisa de Ash — falou Annabel. — Você falou isso dezenas de vezes. Precisa dele como sua arma. — Ela falou com desprezo. — Você já tem

lançado magia em cima dele desde que o levou da Corte de sua mãe. Se o devolver...

O Rei se reclinou em seu assento de pedra.

— Não vou devolvê-lo. A Rainha verá que está errada. Vai levar algum tempo até que o *Volume Preto* cumpra seu objetivo em Ash. Mas quando isso acontecer, não precisaremos mais do Portal. Ele será capaz de espalhar a Praga e a destruição com as próprias mãos. A Rainha odeia os Caçadores de Sombras tanto quanto eu. Em um mês, as preciosas terras de Idris estarão assim...

Ele fez um gesto para a janela na parede. Subitamente, a vista do outro lado da vidraça mudou; na verdade, não era uma vidraça. Era como se um buraco tivesse sido aberto no mundo, e através dele Emma viu um deserto tomado pelos ventos e um céu cinzento chamuscado por raios. A areia estava manchada de vermelho por causa do sangue, e as árvores partidas se assemelhavam a espantalhos contra o horizonte ácido.

— Não é o nosso mundo — murmurou Julian. — É outra dimensão... como Edom... mas Edom foi destruído...

Emma não conseguia evitar olhar. Vultos humanos, semicobertos pela areia; o branco dos ossos.

— Julian, eu consigo ver cadáveres...

O Rei acenou mais uma vez e o Portal escureceu.

— Idris será como Thule é agora.

*Thule?* O nome era familiar. Emma franziu a testa.

— Você acha que será capaz de convencer a Rainha a botar o filho em perigo apenas pelo poder — falou Annabel. — Nem todos são como você.

— Mas a Rainha é — falou o Rei Unseelie. — Eu sei porque Ash não seria o primeiro. — Ele deu um sorriso de esqueleto. — Annabel Blackthorn, você brincou comigo porque eu permiti. Você não tem poder de verdade aqui.

— Eu sei o seu nome — arfou Annabel. — Malcolm me contou. Eu posso te obrigar...

— No momento em que o nome sair dos seus lábios, você vai morrer, e Ash morrerá em seguida — falou o Rei. — Mas como eu não quero um banho de sangue, vou conceder uma noite para que decida. Me dê o verdadeiro *Volume Preto*, e poderá ficar aqui com Ash e ser sua guardiã. Caso contrário, juntarei forças com a Rainha, você será banida de minhas terras e nunca mais voltará a ver Ash.

Ash se afastou dos braços de Annabel, que o continham.

— E se *eu* disser não? E se eu recusar?

O Rei voltou os olhos vermelhos para o garoto.

— Você é um perfeito candidato para os Artíficos das Trevas — falou. —

Mas, no fim das contas, realmente acredita que eu pararia de prejudicar o fedelho do Sebastian Morgenstern?

O nome soou como um golpe. *Sebastian Morgenstern*. Mas como...

— Não! — gritou Annabel. — Não toque nele!

— Guardas — berrou o Rei, e os guardas no mesmo instante entraram em alerta. — Levem embora a mulher e o garoto. Já acabei com eles.

Julian ficou de pé com dificuldade.

— Temos que segui-los...

— Não podemos — murmurou Emma. — A poção está enfraquecendo. Olhe. A luz vermelha se foi quase toda.

Julian olhou para baixo. O brilho escarlate acima de seu coração tinha desbotado para uma tonalidade âmbar.

Os guardas cercaram Annabel e Ash e estavam marchando com eles para fora da câmara. Emma segurou a mão de Julian e, juntos, eles se esgueiraram e saíram de trás das rochas.

Os guardas acompanharam Annabel e Ash para fora da entrada em arco. Por um momento, Emma e Julian pararam no centro da sala do trono, diretamente na linha de visão do Rei.

Ele fitava um ponto à frente. No lado intocado de seu rosto, Emma imaginou ter visto um pouco de Kieran; um Kieran dividido, semitorturado e inumano.

Ela sentiu a mão de Julian apertar a sua. Cada um de seus nervos estava gritando que o Rei poderia vê-los, que a qualquer momento ele chamaria os guardas e que eles morreriam aqui antes de Emma sequer ter a oportunidade de erguer uma arma.

Ela disse a si que ao menos tentaria enfiar a adaga no coração do Rei antes de morrer.

Julian puxou os dedos dela. Incrivelmente, ele tinha um mapa na outra mão e meneou o queixo para o arco sob o qual Ash e Annabel tinham desaparecido.

Não havia mais tempo. Eles correram pela entrada.

Não fazia sentido resistir; havia, pelo menos, três guardas fada de cada lado de Mark e as mãos em seus braços eram impiedosas. Ele foi arrastado pela festa, ainda tonto devido à poção em seu sangue. Silhuetas pareciam crescer ao lado dele: dançarinos girando, borrados como se fossem vistos através do prisma de uma lágrima. O Rei dos Gatos, que o observava com olhos raiados e reluzentes. Uma fileira de cavalos empenados para fugir das faíscas de uma fogueira.

Ele não conseguia ver Kieran, que estava em algum lugar atrás dele. Mark ouvia os guardas gritando com ele, quase abafados pelos sons de música e risos.

Kieran. Cristina. Seu coração era um nó frio de temor pelos dois enquanto ele era empurrado através de uma poça imunda e subia alguns degraus de madeira.

Uma aba de uma capota de veludo atingiu seu rosto; Mark cuspiu enquanto o guarda que o segurava dava risadas. Havia mãos em sua cintura, as quais retiraram o cinto de armas.

Por reflexo, ele esperneou e foi empurrado no chão.

— Ajoelhe-se, mestiço — ordenou rispidamente um dos guardas. Eles o soltaram, e Mark agachou, ficando de joelhos; seu coração latejava de raiva. Dois guardas estavam parados atrás dele e seguravam lanças na altura de sua nuca. A alguns passos, Kieran estava na mesma posição, mas sangrava por causa de um corte no lábio. Sua expressão congelara num esgar amargo.

Eles estavam diante da tenda de Oban. As paredes eram feitas de veludo pesado, o chão, de tapetes caros pisoteados e enlameados por incontáveis pés calçados com botas. Mesas de madeira continham dezenas de garrafas vazias e com vinho pela metade; algumas tinham virado e derramado, e enchiam o recinto com odor de álcool.

— Ora, ora — falou uma voz arrastada. Mark ergueu o olhar; diante deles, via-se um sofá de veludo vermelho, e estendido nele, um jovem de aparência indolente. Os cabelos com mechas pretas e roxas estavam presos atrás das orelhas, e os olhos prateados e brilhantes estavam pintados com kajal borrado. Ele vestia um gibão de seda prateada e meias, e renda branca transbordava dos punhos. — Kieran, irmãozinho, que bom ver você. — Os olhos prateados voaram na direção de Mark. — Com um sujeito qualquer. — Ele fez um gesto rápido com a mão, como se dispensasse Mark, e voltou o sorriso irônico para Manuel. — Bom trabalho.

— Eu falei que tinha visto — disse Manuel. — Eles estavam na festa.

— Admito que nunca me ocorreu que eles seriam tão estúpidos assim para pôr os pés nas Terras Unseelie — falou Oban. — Tinha razão nisso, Villalobos.

— Eles são um presente excelente — falou Manuel. Ele estava parado entre os guardas com lanças, os braços cruzados. E sorria. — Seu pai vai ficar satisfeito.

— Meu pai? — Oban tamborilou os dedos no braço do sofá. — Você acha que eu deveria entregar Kieran ao meu pai? Ele vai simplesmente matá-lo. Um tédio.

Mark lançou um olhar semicerrado a Kieran, que estava ajoelhado. Ele não parecia ter medo de Oban, mas também nunca demonstraria, se tivesse.

— Um presente é mais do que apenas um presente — falou Manuel. — É um método de persuasão. Seu pai... equivocadamente... pensa que você é fraco, príncipe. Se levar o príncipe Kieran e o Caçador de Sombras mestiço para ele,

ele vai perceber que você deveria ser levado mais a sério. — Baixou a voz. — Nós podemos convencê-lo a matar os prisioneiros e seguir com nosso plano.

*Prisioneiros? Que prisioneiros?* Mark ficou tenso. Será que ele falava de Julian e Emma? Mas não era possível. Eles estavam com o cortejo Seelie.

Pelo menos Cristina estava a salvo. Ela havia desaparecido, escapando dos guardas. Só o Anjo sabia onde ela estava agora. Mark arriscou um olhar de soslaio para Kieran: ele não estava em pânico também? Não estava aterrorizado por causa de Cristina como Mark estava? Tinha que estar, levando-se em conta o modo como tinham se beijado.

Oban esticou a mão para a mesa ao lado e remexeu entre as garrafas empilhadas, procurando uma que ainda tivesse álcool.

— Meu pai não me respeita — falou. — Ele acha que meus irmãos são mais dignos do trono. Mas não são.

— Tenho certeza de que eles pensam o mesmo a seu respeito — resmungou Mark.

Oban achou uma garrafa e a ergueu para a luz, forçando a vista para enxergar o restinho de fluido líquido que ainda havia em seu interior.

— Um prisioneiro procurado talvez o faça mudar de ideia, mas é provável que não seja o suficiente.

— Você quer cair nas graças do seu pai, não quer? — falou Manuel.

Oban tomou um gole da garrafa.

— Certamente. Muito.

Mark tinha a sensação de que Manuel revirava os olhos internamente.

— Então você precisa demonstrar que ele deveria levá-lo a sério. Da primeira vez que você foi atrás dele, ele nem sequer ouviu você.

— Coisa idiota — resmungou Oban, jogando a garrafa vazia para o lado. Ela se espatifou.

— Se você levar estes prisioneiros para ele, vai ter atenção. Eu vou com você... direi que nós os rastreamos juntos. Isso deixará evidente que, como representante da Tropa, eu gostaria de trabalhar somente com você como nosso contato na Corte Unseelie. Isso vai fazer você parecer importante.

— Parecer? — repetiu Oban.

Kieran bufou de modo pouco elegante.

— Isso vai fazer com que ele entenda como você é importante — corrigiu Manuel delicadamente. — Seu pai vai se dar conta do seu valor. Os reféns são a chave para uma negociação entre os Nephilim e o Povo Unseelie sem precedentes em nossa história. Quando todos os Caçadores de Sombras presenciarem o encontro e um acordo de paz mutuamente benéfico, todos vão perceber que você e Horace Dearborn são os maiores líderes, capazes de forjar a

aliança que seus antepassados não conseguiram.

— O quê? — falou Mark, incapaz de ficar em silêncio. — Do que você está falando?

— Será que isso não vai causar uma guerra de verdade? — Oban tinha encontrado outra garrafa. — Uma guerra me parece uma ideia péssima.

Com paciência exasperada, Manuel falou:

— Não haverá guerra. Eu já disse. — Ele olhou para Kieran e depois para Mark. — A guerra não é o objetivo aqui. E acho que o Rei quer Kieran morto mais do que você pensa.

— Porque as pessoas o amam — falou Oban num tom choroso. — Elas querem que ele seja o Rei. Porque ele era bom.

— Bondade não é uma qualidade régia — falou Manuel. — Coisa que as pessoas descobrirão quando seu pai pendurar Kieran de um cadafalso bem alto, acima dos jardins da torre.

Mark fez um movimento brusco para trás e quase se empalou numa lança.

— Você...

— Bondade não é uma qualidade régia, mas compaixão é — interrompeu Kieran. — Você não tem que fazer isso, Oban. Manuel não vale o esforço e seus esquemas são mentiras.

Oban suspirou.

— Você é tediosamente previsível, irmãozinho caçula. — Ele baixou a garrafa que estava segurando e o líquido escarlate em seu interior escorreu para o chão feito sangue. — Eu quero o trono e eu terei o trono, e Manuel vai me ajudar a consegui-lo. Isso é tudo que me interessa. Isso é tudo o que importa. — Um sorriso tocou os cantos de sua boca. — Ao contrário de você, eu não passei a amar e a buscar as sombras, mas apenas o que é genuíno.

*Lembre-se, pensou Mark. Lembre-se de que nada disso é real.*

Oban fez um gesto breve para os dois enquanto Manuel sorria de modo quase audível.

— Acorrente-os juntos e encontre cavalos para os dois. Vamos cavalgar até a Corte Unseelie esta noite.

Barnabas já estava na 101 Coffee Shop, em Hollywood, quando Drusilla chegou. Ele estava sentado a uma mesa com bancos de couro e enfiava o garfo num prato com *huevos rancheros* de aparência deliciosa. Usava um chapéu e uma gravata de caubói, que parecia sufocá-lo, mas ele aparentava estar satisfeito consigo.

Dru parou e olhou para o reflexo nas vitrines em um dos lados do restaurante. O outro lado era uma parede cafona com astros do rock; no canto, via-se uma

jukebox e dezenas de fotos em molduras, que Dru imaginou serem parentes e amigos do dono.

Lá fora estava escuro e a vitrine devolvia uma imagem muito nítida de si. Cabelos escuros presos no alto e bem penteados, um terninho cinza, saltos clássicos (roubados do armário de Emma). Ela usava batom vermelho, sem mais nenhum outro produto de maquiagem; Kit garantia que menos era mais.

— Você não quer parecer uma palhaça — dissera, atirando para trás o blush em pó na cor Racy Rose como se fosse uma granada.

Em algum lugar lá fora, nas sombras, Kit e Ty observavam, prontos para entrar em cena e defendê-la caso alguma coisa desse errado. Saber disso a deixava menos preocupada. Trazendo a pasta na mão, ela cruzou lentamente o restaurante e passou pelos bancos de couro cor de mármore e caramelo, indo se sentar na frente de Barnabas.

Os olhos de cobra dispararam para cima rapidamente para observá-la. De perto, ele não parecia bem. As escamas estavam desbotadas e o contorno dos olhos estava tingido de vermelho.

— Vanessa Ashdown?

— Sou eu — respondeu Dru, pousando a pasta no jogo americano. — Em carne e osso.

A língua bifurcada deslizou da boca.

— Mais carne do que osso. Sem problema, eu gosto de mulheres com curvas. A maioria de vocês, Caçadores de Sombras, é puro osso.

*Eca*, pensou Dru. Ela bateu na pasta.

— Negócios, Sr. Hale.

— Certo. — A língua desapareceu, para alívio da menina. — Então, docinho. Você tem provas de que Hypatia Vex anda passando segredos para os Caçadores de Sombras?

— Bem aqui. — Dru sorriu e empurrou a pasta na direção dele.

Ele a destravou e abriu, então franziu a testa.

— Isto é dinheiro.

— Sim. — Ela lhe deu um sorriso luminoso e tentou não olhar em volta para ver se alguém estaria vindo em seu socorro. — É o dinheiro que nós separamos para Hypatia em troca de segredos.

Ele revirou os olhos.

— Normalmente, eu fico feliz de ver um monte de dinheiro, não me entenda mal. Mas eu meio que esperava fotos dela entregando provas para algum Blackthorn.

— Por que os Blackthorn? — perguntou Drusilla.

— Porque — falou Barnabas — eles são ratinhos bajuladores. — Ele se

recostou. — Você tem que me dar alguma coisa melhor do que isso, Vanessa.

— Bem, olhe com mais atenção para o dinheiro. — Dru tentava ganhar tempo. — Porque, ah, não é dinheiro comum.

Parecendo entediado, Barnabas pegou um maço de notas de vinte. Dru ficou tensa. Kit tinha dito a ela para estimular Barnabas a ficar falando, mas não era como se ela pudesse distraí-lo contando a história de *Aniversário Sangrento* ou sobre alguma coisinha fofa nova que Church tinha feito.

— Não tem nada especial neste dinheiro — começou Barnabas e se calou quando a porta do restaurante abriu e uma feiticeira alta, com pele negra e cabelo cor de bronze entrou no recinto. Ela usava um terninho reluzente e saltos terrivelmente altos. E era seguida por dois outros seres do Submundo: um lobisomem musculoso e uma vampira pálida, de cabelos escuros.

— Droga — falou Barnabas. — Hypatia... o que...?

— Ouvi dizer que você estava vendendo segredos para os Caçadores de Sombras, Hale — falou Hypatia. — Veja só isso... pego com a mão na massa. — Ela piscou para Dru. As pupilas de seus olhos tinham o formato de estrelas douradas.

— Como você pôde? — quis saber a vampira. — Pensei que fosse tudo mentira, Barnabas! — Ela fungou e olhou para Dru. — Você estava mesmo comprando segredos dele? E por falar nisso, quem é você?

— Drusilla — falou Dru. — Drusilla Blackthorn.

— Uma Blackthorn? — repetiu Barnabas, ultrajado.

— E ele com certeza estava vendendo segredos — falou Dru. — Por exemplo, ele acabou de me dizer que desenterrou um exemplar de *Os Pergaminhos Vermelhos da Magia* de baixo da barraca de Johnny Rook depois que este morreu. E que está guardando o exemplar.

— É verdade? — resmungou o lobisomem. — E você se intitula líder do Mercado das Sombras?

— Sua pequena... — Barnabas se lançou do outro lado da mesa, na direção de Dru. Ela desviou rapidamente e colidiu contra o peito de alguém, dando um gemido. Ergueu o olhar. Era Ty, com uma espada curta na mão, apontando diretamente para o peito de Barnabas.

Ele passou um braço protetor em torno de Dru, e seu olhar ficou o tempo todo colado no feiticeiro.

— Deixe minha irmã em paz — falou.

— É isso aí — falou Kit. E acenou da mesa seguinte. — Eu esqueci minhas armas, mas tenho este garfo. — Ele balançou o garfo. — Quem não tem cão caça com garfo — falou para Barnabas.

— Ah, cale a boca — retrucou Barnabas. Mas ele parecia derrotado; o



lobisomem já o agarrara, puxando seus braços para trás. Hypatia estava pegando a pasta e o dinheiro na mesa.

Ela piscou os olhos estrelados para Ty e Dru.

— Hora de vocês, Caçadores de Sombras, irem embora — falou. — Isto marca o fim do seu negociozinho com o Submundo. E digam ao seu novo Inquisidor que não queremos nada com ele ou com suas regras intolerantes. Nós vamos aonde quisermos, quando quisermos.

Ty abaixou a espada lentamente. Kit largou o garfo, e os três saíram do restaurante. Assim que pisaram na calçada, Dru inspirou com alívio o ar da noite quente; a lua alta brilhava acima da Franklin Avenue. Ela estremeceu, agitada — conseguira! Tinha enganado um feiticeiro famoso. Tirara um vigarista da jogada. Agora ela era uma vigarista!

— Acho que Hypatia falou sério — observou Kit, olhando para trás, através das vitrines da cafeteria. Hypatia e os outros seres do Submundo acompanhavam um Barnabas resistente até a porta dos fundos. — Aquela história de dar um recado ao Inquisidor... aquilo não era encenação. Foi uma mensagem real.

— Como se a gente pudesse falar com o Inquisidor — retrucou Ty. Distraído, ele levou a mão até o medalhão no pescoço. — Aquilo foi bom. Você fez um trabalho muito bom, Dru.

— Verdade. Você manteve a pose — falou Kit. Ele olhou para um lado e para o outro da rua. — Eu ia sugerir que a gente fosse tomar milk-shake ou algo assim pra comemorar, mas essa vizinhança é meio assustadora.

— Caçadores de Sombras não se preocupam com vizinhanças assustadoras — falou Dru.

— Você não aprendeu nada com a morte dos pais do Batman? — perguntou Kit, fingendo-se chocado.

Ty sorriu. E, pela primeira vez desde a morte de Livvy, Dru deu uma gargalhada.

Com a ajuda de Aline e Tavvy, Helen tinha levado uma mesa imensa para dentro do Santuário. A mesa tinha duas cadeiras posicionadas atrás dela e estava cheia da parafernália burocrática: canetas e formulários em branco, enviados pela Clave, pastas e carimbos de borracha. Era tudo assustadoramente mundano, na opinião dela.

Uma longa fila de lobisomens, feiticeiros, vampiros e fadas se estendia pelo cômodo e saía pelas portas da frente. Elas haviam estabelecido o “Posto de Registro” em cima da Marca de Poder Angelical gravada no soalho, bloqueando as portas que conduziam para dentro do Instituto.

O primeiro a se apresentar no posto improvisado foi um lobisomem. Ele tinha um bigode imenso, que lembrou a Helen dos filmes policiais dos anos setenta. E ostentava uma expressão aborrecida.

— Meu nome é Greg...

— Seu nome é Elton John — falou Aline, anotando o nome.

— Não — retrucou o lobisomem. — É Greg. Greg Anderson.

— É Elton John — insistiu Aline, pegando um carimbo. — Você tem 36 anos, limpa chaminés e mora em Bel Air. — Ela carimbou o papel com tinta vermelha: REGISTRADO, e o entregou a ele.

O lobisomem pegou o papel e piscou, confuso.

— O que vocês estão fazendo?

— A Clave não vai ser capaz de achar você — explicou Tavvy, que estava sentado debaixo da mesa, brincando com um carrinho. — Mas você está registrado.

— Tecnicamente — falou Helen, torcendo para que o lobisomem aceitasse a artimanha. Se ele não aceitasse, elas teriam problema com os outros.

Greg olhou novamente para o papel.

— É só a minha opinião — falou ele —, mas o sujeito atrás de mim parece um bocado com o Humphrey Bogart.

— Ele vai ser o Humphrey então! — falou Aline, acenando com o carimbo.

— Você quer ser Humphrey Bogart? — perguntou ela para o sujeito seguinte, um feiticeiro alto e magro, com um rosto triste e orelhas de poodle.

— Quem não quer? — retrucou ele.

A maioria dos seres do Submundo estava cautelosa enquanto seguia pelo restante da fila, mas todos cooperaram. Alguns até sorriram e agradeceram. Eles pareceram entender que Aline e Helen tentavam minar o sistema, embora não soubessem o motivo.

Aline apontou para uma fada alta e loura na fila que usava um vestido de tecido diáfano.

— Aquela é a Taylor Swift.

Helen sorriu ao entregar o formulário carimbado a um lobisomem.

— Qual é o tamanho da encrenca na qual vamos nos meter por isso?

— Faz diferença? — falou Aline. — Nós vamos fazer assim mesmo.

— Verdade — concordou Helen, e pegou outro formulário.

*Me leve até ele. Me leve.*

Primeiro, veio a tranquilidade e o silêncio — e então veio a luz e mil pontadas e formigamentos. Cristina gritou e lutou para se livrar do que parecia

sarça emaranhada, caindo de lado e batendo com força na relva que cobria o solo.

Ela se sentou e examinou com tristeza suas mãos e braços, salpicados com dezenas de minúsculos pontinhos de sangue. Tinha aterrissado numa roseira, o que era uma grande ironia.

Ficou de pé, espanando o corpo com as mãos para se limpar. Ela ainda estava no Reino das Fadas, mas agora parecia que era dia. A luz dourada do sol polia um chalé de pedras amarelas claras e telhado de palha. Um rio azul-turquesa corria próximo à casinha, ladeado por tremoceiros roxos e azuis.

Cristina não tinha certeza do que esperara, mas certamente não fora esta felicidade pastoral. Ela esfregou delicadamente o sangue das mãos e braços, desistiu, e olhou de um lado a outro da pequena trilha sinuosa, a qual cortava a grama alta e conduzia até a porta da frente do chalé, cruzava a campina e desaparecia na distância nebulosa.

Marchou até a porta e bateu com firmeza.

— Adaon! — chamou. — Adaon Filho do Rei!

A porta foi aberta, como se Adaon já estivesse à espera do outro lado. Da última vez que Cristina o vira, ele estava todo paramentado com os símbolos reais da Corte Unseelie, com a insígnia da coroa quebrada no peito. Agora vestia túnica e calça simples, de linho. A pele marrom-escura parecia quente sob o sol. Pela primeira vez, ela era capaz de enxergar a semelhança dele com Kieran.

Talvez porque ele parecesse furioso.

— Como é possível que você esteja aqui? — exigiu saber, olhando ao redor, como se não acreditasse que ela havia chegado sozinha.

— Eu precisava de ajuda — começou ela. — Eu estava no Reino das Fadas...

Ele estreitou os olhos. Parecia observar, desconfiado, um pássaro azul.

— Entre imediatamente. Não é seguro conversar do lado de fora.

Assim que ela entrou no chalé, Adaon fechou a porta e começou a trancar várias fechaduras de aparência complexa.

— O Reino das Fadas é um lugar perigoso agora. Há todo tipo de meios de ser rastreado ou seguido.

Eles estavam num vestíbulo de madeira. Uma entrada em arco conduzia ao restante do chalé. Adaon a bloqueava, com os braços cruzados. Olhava de cara feia para Cristina, que, depois de um minuto de hesitação, mostrou a ele o artefato.

— Não teriam como me rastrear. Eu usei isto aqui.

Se havia esperança de que Adaon fosse ficar aliviado, bem, ele não ficou.

— Onde você arrumou isto?

— É uma herança de família — explicou Cristina. — Uma família de *hadas*

deu a um ancestral que os ajudou.

Adaon olhou, irritado.

— É um símbolo de Rhiannon. Trate-o com cuidado.

Ele se afastou da entrada, pisando firme, e foi até uma salinha de estar, onde uma mesa de madeira bem polida era iluminada pela luz do sol que jorrava de imensas janelas de chumbo. Cristina notou uma pequena cozinha: num vaso sobre a mesa havia flores coloridas e tigelas de porcelana pintada empilhadas.

Cristina se sentiu um pouco na casa dos anões de *A Branca de Neve*: tudo era pequenino, e Adaon parecia se agigantar com a cabeça quase tocando o teto. Ele fez um gesto para que ela se sentasse. Ela pegou uma cadeira e ao se acomodar se deu conta do cansaço de seu corpo e do quanto estava dolorida. A preocupação com Emma e Julian, agora somada ao pânico por causa de Mark e Kieran, latejava pelo seu corpo com a mesma naturalidade das batidas de seu coração.

— Por que você está aqui? — quis saber Adaon. Ele não tinha sentado e seus braços imensos ainda estavam cruzados.

— Preciso da sua ajuda — falou Cristina.

Adaon socou a mesa e o susto fez Cristina pular.

— Não. Não posso auxiliar nem ajudar Nephilim algum. Posso não concordar com meu pai em muitas coisas, mas não iria contra os desejos dele e conspirar ajudando uma Caçadora de Sombras.

Ele ficou parado por um momento, em silêncio. A luz do sol iluminava as beiradas das cortinas de seda branca na janela. Através do vidro, Cristina via um campo de papoulas se ampliando ao longe, em direção aos penhascos reluzentes, e um brilho fraco de água azul. A casa cheirava a sálvia e chá, um perfume suave e caseiro que só fazia piorar a dor dentro dela.

— Você sabe por que vim atrás de você? — perguntou ela.

— Não — respondeu Adaon, sombrio.

— Em Londres, eu segui Kieran na saída do Instituto porque não confiava nele — falou Cristina. — Eu pensei que ele fosse nos trair. Mas ele estava indo conversar com você.

O vinco na testa de Adaon não se moveu.

— Eu percebi enquanto conversavam que ele tinha razão em confiar em você, que você era o único dos irmãos que se importava com ele — prosseguiu ela. — Ele falou que você lhe deu Lança do Vento. Você é o único da família de quem ele fala com alguma afeição.

Adaon ergueu uma das mãos como se quisesse barrar as palavras dela.

— Chega! Não quero mais ouvir isso.

— Você precisa ouvir.

— Não preciso que Nephilim nenhum me conte sobre Kieran!

— Precisa, sim — insistiu Cristina. — Guardas estão levando Kieran para o seu pai neste momento, enquanto conversamos. Ele certamente vai ser morto se não fizermos nada.

Adaon não se mexeu. Se Cristina não o tivesse visto engolir em seco, teria pensado que era uma estátua. Uma estátua gigante e aborrecida.

— Ajudá-lo seria uma verdadeira traição ao meu pai.

— Se você não ajudar, então será uma verdadeira traição ao seu irmão — falou Cristina. — Às vezes, não se pode ser leal a todos.

Adaon apoiou as mãos imensas no encosto de uma cadeira.

— Por que você veio aqui? — perguntou. — Por que me trouxe tais notícias? É possível que meu pai o poupe. O povo gosta dele.

— Você sabe que seu pai vai matá-lo justamente por essa razão — disse Cristina, com a voz trêmula. — Antes da Caçada, ninguém na vida de Kieran o amava ou se importava com ele, a não ser você. Você realmente vai abandoná-lo agora?

# 15

## Nas Sombras Torreões

— O filho de Sebastian — murmurou Emma. — Ele teve um filho.

Eles se abrigaram num cômodo semelhante a uma despensa abandonada. Prateleiras nuas cobriam as paredes e cestos vazios estavam espalhados pelo chão. Emma pensou nas frutas e no pão que eles tinham guardado e tentou ignorar a pontada em seu estômago. Ela não comera mais nada depois dos sanduíches da véspera.

— Sempre houve rumores de que Sebastian havia tido um caso com a Rainha — falou Julian. Ele se sentou com as costas apoiadas numa das paredes da despensa. Sua voz soou remota, como se viesse do fundo de um poço. E vinha soando assim desde que saíram da sala do trono. Emma não sabia se era um efeito colateral da poção ou por ver Annabel e deixá-la sair incólume. — Mas ele morreu há apenas cinco anos.

— O tempo passa de modo diferente no Reino das Fadas — falou Emma. — Ash parece ter uns 13 anos. — Ela franziu a sobrancelha. — Ele é bem parecido com Sebastian. Eu me lembro de ter visto Sebastian no Instituto. Ele era tão... — Cruel. Frio. Desumano. — Louro.

Julian não ergueu o rosto. Sua voz continuava gélida.

— Você deveria ter me deixado acabar com ela.

— Julian, não. — Emma esfregou as têmporas; sua cabeça estava doendo. — Com certeza você teria sido morto se tentasse.

— Emma...

— Não! — Ela abaixou as mãos. — Eu também odeio Annabel. Eu a odeio por ter sobrevivido e por Livvy estar morta. Odeio pelo que ela fez. Mas neste momento tem coisas mais importantes em jogo do que nossa vingança.

Julian ergueu a cabeça.

— Você viveu durante anos pela vingança. Você só pensava em vingar seus pais.

— Eu sei. E então eu me vinguei e não adiantou de nada. Só serviu para me deixar com uma sensação de vazio e de frio.

— Deixou? — Seus olhos eram frios e duros como mármore azul-esverdeados.

— Sim — insistiu Emma. — Além disso, Malcolm voltou dos mortos como um monstro marinho, então...

— Então você está dizendo que eu não deveria matar Annabel porque ela voltará como um monstro marinho?

— Só estou observando que foi inútil matar Malcolm — falou Emma. — E você sabe quem o matou no fim das contas? Annabel.

Fez-se um longo silêncio. Julian passou os dedos pelos cabelos; Emma queria engatinhar até ele, e implorar para ele voltar a ser o Julian de sempre. Mas talvez isso fosse impossível. Talvez a morte de Livvy tivesse caído como uma foice entre aquele Julian e este, matando qualquer possibilidade de que ele pudesse se transformar, tal qual os príncipes cisnes nos contos de fada, voltando a ser o menino carinhoso e dedicado que ela amava, com segredos no coração e tinta nas mãos.

— Então o que é que você está dizendo? — perguntou ele finalmente.

— Ninguém culparia você por matar Annabel — falou Emma. — Mas, às vezes, temos que deixar de lado nossos desejos imediatos em prol de alguma coisa maior. Você me ensinou isso. A sua versão antiga.

— Talvez — falou Julian. Ele baixou a manga, e Emma voltou a notar o que tinha visto na clareira: o peculiar pedaço de pano manchado de ferrugem, amarrado no pulso direito.

Ela botou uma das mãos no braço dele, imobilizando-o.

— O que é *isto*?

— É o sangue de Livvy — disse ele. — Eu rasguei uma tira da camiseta que estava usando quando ela morreu e amarrei no pulso. Vou tirar assim que matar Annabel. Antes não.

— Julian...

Ele abaixou a manga.

— Eu entendo o que você está dizendo. Só não vejo por que eu é que deveria parar.

Sua voz não tinha entonação. Emma sentiu um calafrio. Era como olhar para um indivíduo sangrando por uma ferida fatal, porém inconsciente do próprio ferimento.

— De qualquer forma — falou Julian. — Nós temos que encontrar Ash.

*Eu falhei*, pensou Emma. *Eu deveria ter dito alguma outra coisa, alguma coisa que o teria convencido, e falhei.*

— Por que você precisa encontrar Ash?

— Você ouviu o Rei. Ash é a arma. Aquela que Clary e Jace vieram procurar.

— Ele é *parte* de uma arma — corrigiu Emma. — O Rei está envenenando a própria terra e a Floresta Brocelind também. Ele acha que pode usar Ash para tornar o veneno ainda mais mortal e destruir mais de Idris.

— É, também fiquei com essa impressão. Mas o Rei precisa do *Volume Preto* para fazer a segunda parte funcionar.

— Então não é melhor irmos atrás do *Volume Preto*?

— De qual deles? — falou Julian. — Annabel tem o verdadeiro. A Rainha tem a cópia, quer dizer, o Rei está com ela no momento, mas pertence à Rainha. Isso divide o nosso objetivo, a menos que a gente tire Ash da equação. — O cabelo de Julian caiu ao redor do rosto sob a escuridão; Emma via os arranhões finos por toda a pele dele, onde os espinhos da cerca tinham cortado. — As duas barganhas giram em torno de Ash: Annabel quer o menino, e a Rainha, também. Se pegarmos Ash, ganharemos tempo e evitaremos que o Rei faça um acordo.

— Eu não vou machucar um garotinho, Julian — falou Emma objetivamente. — Se é isso o que você quer dizer com “tirar Ash da equação”, eu não vou fazer isso.

— Nós não temos que machucá-lo — falou Julian. — Sequestrá-lo já serviria. Emma suspirou.

— E depois o quê?

— Nós oferecemos uma troca a Annabel; o *Volume Preto* por Ash. Ela faria qualquer coisa por ele.

Emma se perguntou se deveria apontar como aquilo era estranho. Mas optou por não o fazer — este Julian não entendia como alguém poderia ter uma opinião sobre qualquer coisa.

— Então nós a matamos e pegamos o livro — concluiu ele.

— E quanto à Rainha?

— Se o Rei não estiver em poder de Ash, ela não tem razão para trocar o *Volume Preto*, e nem vai fazer isso. Enquanto isso, nós chegamos à queda-d’água, voltamos a Idris com Ash e o *Volume Preto* original, e o plano de Dearborn fica arruinado. Nós vamos até o Conselho com as duas coisas e seremos heróis. A Clave não vai deixar a Tropa chegar perto da gente.

— Ash não é um objeto — falou Emma.

— O Rei o chamou de arma — retrucou Julian.

Emma mudou de tática.

— Nós não sabemos como encontrar Ash na torre.



— Eu sei que você viu aqueles guardas no corredor, assim como eu vi — falou Julian. — E depois na sala do trono. São os guardas de Ash. Nós sabemos onde fica o quarto dele. Nós vimos. — Seus olhos brilhavam com determinação. — Eu preciso de você comigo, Emma.

— Então me prometa uma coisa — falou ela. — Prometa que levaremos Ash para Jia, não para Dearborn.

— Está bem — falou Julian. — Não me importo com o que aconteça ao filho de Sebastian Morgenstern.

O Julian real teria se importado, pensou Emma. O Julian real teria se importado com qualquer criança porque ele amava muito suas crianças. Ash para ele seria uma versão de Tavvy, Dru ou Ty, independentemente de quem fosse o pai do menino.

— Então você vem comigo? — perguntou ele.

*Eu vou, pensou ela. Porque alguém tem que proteger Ash de você e te proteger de si mesmo.*

Ela se levantou.

— Estou com você — falou.

— Olá? — Ty avançou na escuridão da caverna, com a luz enfeitiçada brilhando em sua mão. Kit o comparava a uma pintura, com a iluminação forte sobre os cabelos pretos e a pele clara. — Shade? Você está aqui?

Kit tinha a própria luz enfeitiçada no bolso, mas a pedra de Ty lançava luz suficiente, destacando as rachaduras nas paredes de granito, a mesa de madeira com marcas antigas de facadas e fogo, as letras em sua superfície, ardendo brevemente vivas: *o fogo quer queimar*.

Eles tinham deixado Dru no Instituto; ela fora dormir cantarolando, e Kit ficara satisfeito por fazê-la feliz. Ela havia se saído muito bem com Barnabas também. Kit tinha razão: Dru tinha muito de um vigarista em si.

— Shade — dissera Ty assim que Drusilla se afastara deles. — Temos que conversar com Shade.

Ele vibrara de empolgação, as bochechas vermelhas, os dedos brincando com um de seus *fidget spinners*.

Era uma noite clara de lua crescente, o céu parecia vivo com nuvens se movimentando velozmente, sopradas pelo vento vindo do oceano. Ty praticamente tinha corrido ao longo da beira da água com os pés inaudíveis sobre a areia úmida. Kit percebeu que não estava ofegante como pensava que ficaria por tentar acompanhá-lo. Talvez ele estivesse se tornando mais Caçador de Sombras, apesar de tudo.

— Shade? — chamou Ty de novo, e desta vez as sombras se moveram e uma luz irrompeu no interior da caverna. Alguém ligara um abajur sobre a mesa, enchendo a câmara com luz e sombras. Para além das sombras mais profundas, uma voz mal-humorada resmungou:

— Quem é? Quem está me incomodando?

— Kit Herondale e Ty Blackthorn — falou Ty, com a luz enfeitada brilhando mais alto. — Precisamos conversar com você.

Ouviu-se um suspiro e barulho de pés se arrastando.

— É melhor vocês terem uma boa razão para me acordar. — As sombras se deslocaram e se transformaram em Shade, levantando com dificuldade de um saco de dormir. Ele vestia um pijama risca-de-giz e pantufas felpudas nos pés verdes.

— Nós enviamos um bilhete dizendo que estávamos chegando — falou Kit. Shade olhou de cara feia.

— Eu estava dormindo. São três da manhã.

O saco de dormir se mexeu. Um minuto depois, Church rastejou para fora, fazendo barulhinhos. Ele se aninhou no topo do saco, piscando os olhos grandes e amarelos.

— Isso não foi muito leal — falou Ty, lançando um olhar severo ao gato. Shade bocejou.

— Nós nos conhecemos há muito tempo, este gato e eu. Tínhamos que pôr uns assuntos em dia.

Kit sentia estar perdendo o controle da conversa.

— Nós fizemos o que você instruiu — emendou ele para o feiticeiro, que bocejava. — Está tudo bem com o Mercado das Sombras agora.

— Está tudo certo — falou Ty. — Hypatia Vex dirige o mercado agora e falou que podemos ir até lá sempre que quisermos.

Uma expressão estranha cruzou o rosto do feiticeiro; curiosamente, Shade não parecia feliz. Parecia surpreso e confuso. Kit registrou o fato para uma análise futura.

— Então vocês podem começar o feitiço — falou Shade lentamente. — Assim que adquirirem todos os ingredientes, óbvio.

— Quais são os ingredientes? — perguntou Kit. — Por favor, não nos diga que vamos ter que fazer aquele lance do Malcolm com as mãos dos doze assassinos. Eu não conheço doze assassinos. Nem sequer conheço doze ladrões.

— Não. — Shade tinha começado a caminhar. — Malcolm trouxe Annabel de volta assim porque ele tinha o corpo dela. Nós não temos o corpo da sua irmã, então não podemos usar os métodos dele.

— Ela não era minha irmã — murmurou Kit.

— Se eu me lembro bem, há somente um feitiço do livro que vocês podem usar — falou Shade, ainda em movimento.

— Isso — respondeu Ty.

— Tem mesmo um feitiço? — perguntou Kit. Os outros dois o encararam. — Eu só... Eu não vejo como você pode trazer alguém de volta dos mortos quando o corpo se foi.

Ty estava completamente tenso.

— O livro diz que dá para fazer — emendou. — Diz que é possível.

Shade estalou os dedos, e uma caneca com alguma coisa quente apareceu sobre a mesa. Ele desabou na cadeira, suas mãos envolveram a caneca, parecendo aborrecido ou tão aborrecido quanto um feiticeiro verde com pantufas felpudas poderia parecer.

— Como não há corpo, é um feitiço altamente instável — falou ele. — Você não é o primeiro a tentar. Nada é realmente destruído. Isso é verdade. Há *meios* de um morto voltar mesmo não havendo um corpo. Seu espírito pode ser colocado em outro corpo, mas isso é uma verdadeira maldade porque o primeiro corpo morrerá.

— Não! — disse Ty. — Não quero isso. Livvy não iria querer isso.

— O corpo pode voltar como um cadáver-vivo — emendou Shade. — Nem morto nem totalmente vivo. O corpo poderia voltar com uma mente corrompida, perfeitamente semelhante a Livvy, mas incapaz de pensar ou falar. O espírito desencarnado poderia voltar ou, em alguns casos, uma Livvy de outro mundo, como Edom, poderia ficar presa no nosso, deixando um buraco no mundo de origem.

— Parece que não tem opções boas — falou Kit, nervoso.

— Mas pode funcionar — disse Ty. Todo o sangue tinha sido drenado de seu rosto. — *Funcionou* em outras ocasiões. Pessoas foram trazidas de volta perfeitamente.

— Infelizmente — emendou Shade —, sim.

Kit já sabia que o “sim” era tudo o que Ty ouviria.

— Vamos fazer a coisa certa — insistiu Ty. — Vamos trazer a Livvy real de volta.

Kit sentiu sua nuca pinicar. Não dava para dizer se Ty estava entrando em pânico, mas Kit com certeza estava. O que em sua vida já dera tão certo para que ele tivesse coragem de se voluntariar para um projeto que não poderia dar errado de jeito nenhum?

— Que coisas vamos precisar adquirir no Mercado? — perguntou Ty. Ele não falava como se estivesse em pânico, e sua calma estava permitindo a Kit voltar a respirar normalmente.

Shade suspirou e pegou um pedaço de papel do outro lado da mesa; ele já devia ter escrito aquilo havia algum tempo. Começou a ler em voz alta:

*“Incenso do coração de um vulcão.*

*Giz em pó dos ossos de uma vítima de assassinato.*

*Sangue, cabelos e osso da pessoa a ser ressuscitada.*

*Mirra cultivada pelas fadas, colhida à meia-noite com uma foice de prata.*

*Um objeto de outro mundo.*

— Da pessoa a ser ressuscitada? — repetiu Ty. — De Livvy, certo?

— Certo — falou Shade.

— Sem o corpo dela, como podemos obter sangue, cabelos e osso? — perguntou Kit. Sua mente trabalhava rapidamente ante a pergunta, talvez fosse impossível, talvez eles não conseguissem obter os ingredientes e nunca houvesse uma chance de fazer o feitiço equivocadamente e causar um desastre.

— Pode ser feito — falou Ty baixinho. Seus dedos tocaram o medalhão brevemente. — O incenso, a mirra... podemos conseguir no Mercado.

— E quanto a um objeto de outro mundo? — perguntou Kit.

— Há alguns nesta dimensão — falou Shade. — A maioria está no Labirinto Espiral. — Ele esticou a mão. — E antes que vocês perguntem, não, eu não vou ajudar nisso. A ajuda termina com meus conselhos.

Ty franziu a testa.

— Mas nós vamos precisar da sua ajuda com o feitiço — falou. — Caçadores de Sombras... nós não podemos fazer magia.

Kit sabia do que ele estava falando. Feiticeiros eram os poucos que podiam fazer magia naturalmente no mundo; mágicos como seu pai precisavam encontrar uma fonte de energia porque eles não podiam lidar com as Linhas Ley, e fontes de energia, sobretudo fontes limpas, como a que Shade prometera, não eram fáceis de se encontrar. Mesmo que você conseguisse encontrar alguém para vender um catalisador, os Caçadores de Sombras eram proibidos pela Lei de adquirir esse tipo de coisa, e mesmo que Ty não se importasse em violar a Lei, levaria anos para se aprender como realizar magia do jeito que Johnny Rook fazia.

— Eu falei que contribuiria com um catalisador que vocês poderiam usar — falou Shade. — Vocês têm que fazer o restante sozinhos. Não vou chegar perto de necromancia.

Church miou.

Ty pegou a lista de ingredientes; seus olhos estavam profundos e escuros, mais pretos do que acinzentados sob a iluminação da caverna.

— Muito bem — falou. — Está bem.

Ele pegou a luz enfeitada e fez um gesto para Kit segui-lo; Shade se

levantou e falou alguma coisa sobre acompanhá-los até a saída. Kit se apressou atrás de Ty, que parecia tão ansioso para ir embora quanto tinha estado para vir, para começo de conversa.

Eles alcançaram o final do túnel, onde a rocha se abria para a areia e o oceano, quando de repente Shade botou a mão no ombro de Kit.

— Christopher — falou. — Espere um minuto.

Ty já tinha caminhado para a praia. Ele estava abaixado, e Kit percebeu que afagava a pelagem de Church. O gato os acompanhara em silêncio e trespassava entre as pernas de Ty, fazendo o número oito e esfregando a cabeça nas panturrilhas do menino.

— Cuide de Tiberius — falou Shade. Havia alguma coisa em sua voz, uma inflexão, que o fez soar como se tivesse aprendido a falar muito tempo atrás. — Há muitos meios de se colocar em risco por causa da magia.

Kit ergueu o rosto, surpreso.

— O que você quer dizer? Não temos que matar ninguém nem criar energia mágica mortal. Não é isto que faz da necromancia algo errado?

Shade suspirou.

— Magia é como termodinâmica — falou. — Você sempre leva alguma coisa de algum lugar. Cada ato tem repercussões, e este pode ter repercussões que vocês não imaginam e das quais não vão conseguir se proteger. Vejo que você se considera protetor de Ty. — Sua voz suavizou. — Às vezes, você precisa proteger as pessoas contra as coisas que elas querem, do mesmo modo que as protege das coisas que elas temem.

Kit sentiu uma pontada no coração.

Na praia, Ty se endireitou. O vento soprava seus cabelos e ele esticou as mãos para o alto, sem hesitação nem constrangimento, para tocar o vento e o ar noturno. Seu rosto brilhava como uma estrela. Em todo o mundo, Kit nunca tinha conhecido alguém que ele acreditava ser tão incapaz de fazer o mal.

— Eu nunca deixaria nada machucar Ty — falou. — Sabe, eu...

Ele se virou para contar a Shade, para explicar como era, como sempre seria. Mas o feiticeiro já tinha desaparecido.

A pele de Mark queimava suavemente onde as algemas de ferro puro envolviam seus pulsos.

Oban e sua guarda cavalgavam à frente; Manuel estava entre eles, como se fosse natural para um Caçador de Sombras cavalgar entre os anfitriões Unseelie. Ocasionalmente, ele se virava e dava um sorriso irônico para Mark e Kieran, que seguiam atrás do grupo. Algemas prendiam os pulsos de ambos, ligadas a uma

grossa corrente de ferro travada ao pito da sela de Oban.

Era um castigo que Mark já vira. Ele mantinha um olho ansioso em Kieran, caso este tropeçasse. Um prisioneiro que despencasse seria arrastado atrás dos cavalos Unseelie enquanto os guardas davam risadas.

Kieran já estava pálido por causa da dor. O ferro frio o afetava muito mais do que a Mark; seus pulsos sangravam e estavam irritados onde o metal os tocava.

— Eles falaram de reféns — disse finalmente quando alcançaram o cume de um morro baixo. — Por quais mortes nós estamos sendo trocados?

— Em breve vamos descobrir — falou Mark.

— Tenho medo — disse Kieran, com sinceridade na sua voz. — Manuel Villalobos estava na Scholomance enquanto fiquei escondido lá. É uma pessoa terrível. Não há nada que ele não faria. A maior parte da Tropa é mais de seguidores do que de líderes, incluindo Zara. Ela faz o que o pai manda, como foi ensinada, embora sejam ensinamentos de ódio e crueldade. Mas Manuel é diferente. Ele faz o que faz porque quer fazer as pessoas sofrerem.

— Sim — falou Mark. — É isso que o torna perigoso. Ele não acredita de verdade na causa. — E olhou ao redor; eles estavam passando por um trecho com a Praga. Ele tinha começado a se acostumar à visão daquilo, das paisagens aniquiladas com árvores mortas e grama cinzenta, como se ácido tivesse se derramado do céu sobre a terra. — Podemos confiar em Cristina — disse ele quase sussurrando. — Ela vai procurar ajuda para nós, mesmo agora.

— Você percebeu uma coisa curiosa? — perguntou Kieran. — Oban não perguntou por ela. Não quis saber para onde ela poderia ter ido ao desaparecer, ou por quem poderia ter procurado.

— Talvez ele tivesse ciência de que nós não fazemos ideia.

Kieran bufou.

— Não. Manuel não contou que Cristina estava lá, pode anotar. Ele ia preferir que Oban não ficasse zangado por ele ter deixado uma Caçadora de Sombras escapar.

— O que é que Manuel quer com Oban? Sem querer ofender, ele não me parece o mais inteligente dos seus irmãos.

Kieran semicerrou os olhos.

— Ele é um bêbado e uma porta de tão burro.

— Mas é uma porta ambiciosa.

Kieran deu uma risadinha relutante.

— Parece que Manuel atçou a ambição de Oban. É verdade que a Tropa não pode influenciar meu pai, mas talvez eles tenham esperança de influenciar o próximo Rei Unseelie. Um rei fraco, que possam controlar facilmente. Oban seria perfeito para isso.

Eles subiram outro morro. Mark via a torre se erguendo ao longe, um espinho sombrio cortando o céu azul. Já tinha voado sobre a Torre Unseelie com a Caçada Selvagem, mas nunca entrara nela. Nunca tinha manifestado vontade de ir.

— Por que Manuel pensaria que haveria um novo Rei Unseelie em breve? Seu pai tem sido o Rei há tanto tempo que ninguém sequer consegue se recordar da aparência do Rei Bram.

Kieran fitou a torre. Uma nova onda de risadas veio de Oban e dos outros à frente.

— Talvez porque o povo esteja zangado com meu pai. Adaon me conta coisas. Há cochichos de descontentamento. Que o Rei trouxe a Praga para a nossa terra. Que sua obsessão com os Caçadores de Sombras deixou o povo dividido e empobrecido. As fadas mais velhas de Unseelie perderam a confiança nele desde o desaparecimento do Primeiro Herdeiro. Elas sentem que o Rei não se esforçou o suficiente para encontrá-la.

Mark se espantou.

— O Primeiro Herdeiro era uma menina? Eu pensei que o Rei tivesse matado todas as suas filhas.

Kieran não disse nada. Mark se lembrou da última vez que eles enfrentaram o Rei no Reino das Fadas, quando ele viera com Emma, Julian e Cristina para salvar Kieran do Senhor das Sombras. Agora as coisas eram diferentes. Ele teve uma lembrança repentina da clareira, de acordar e ver Cristina e Kieran nos braços um do outro, pouco antes de os guardas chegarem.

— Por que você beijou Cristina? — perguntou Mark baixinho. — Se você fez isso para me irritar ou causar ciúme, seu gesto acabou se provando um mal terrível a ela.

Kieran se virou para ele com surpresa.

— Não foi para te irritar nem causar ciúme, Mark.

— Ela gosta de você — falou Mark. Ele sabia disso há algum tempo, mas nunca tinha dito as palavras em voz alta até então.

Kieran corou.

— Isso é muito estranho para mim. Não mereço tal sentimento.

— Também não sei se mereço a afeição dela — falou Mark. — Talvez ela não dê seu coração com o cuidado que deveria. — Ele baixou o olhar para os pulsos, que sangravam. — Não a machuque.

— Eu não poderia — falou Kieran. — Eu não faria isso. E eu lamento, Mark, se você ficou com ciúmes. Não era minha intenção.

— Está tudo bem — falou Mark com uma espécie de espanto, como se estivesse surpreso com a verdade. — Eu não fiquei com ciúmes. — *De nenhum*

*de vocês. Como isso é possível?*

A sombra da torre desceu sobre os dois, escurecendo o solo onde pisavam. De repente, o ar pareceu mais frio.

Diante deles, a imensa cerca com espinhos que circulava a torre se erguia como uma muralha de espetos. Ossos brancos pendiam das pontas espinhosas, como pendiam havia centenas de anos. Fazia muito, muito tempo desde que um guerreiro desafiara a muralha. E Mark não conseguia se lembrar de já ter ouvido falar de alguém que tivesse feito isso e sobrevivido.

— Mark — murmurou Kieran.

Mark deu um passo para a frente e quase caiu; a corrente que os prendia aos cavalos jazia frouxa no solo. O ban e os outros tinham parado junto ao arco dos enormes portões, que eram o único meio de atravessar a cerca de espinhos.

Kieran se voltou para Mark e segurou o ombro dele com as mãos algemadas. Seus lábios estavam rachados e sangravam. Ele olhou nos olhos de Mark com uma expressão de terrível súplica. Mark de repente ignorou a estranha discussão sobre Cristina, se esqueceu de tudo, menos da dor de Kieran e de seu desejo de protegê-lo.

— Mark — sussurrou Kieran. — Eu tenho que te avisar. Nós passaremos pela trilha da punição até a torre. Eu vi isso acontecer com outros. É... Eu não posso...

— Kieran, vai ficar tudo bem.

— Não. — Kieran balançou a cabeça com força suficiente para fazer seus cabelos voarem ao redor da cabeça. — Meu pai vai encher de aristocratas a trilha até a torre. Eles vão gritar para nós. Vão jogar rochas e pedras. É como meu pai quer. Ele me ameaçou com isso depois da morte de Iarlath. Agora sou o responsável pela morte de Erec também. Não haverá piedade para mim. — Ele engasgou com as palavras. — Eu sinto muito por você ter que estar aqui para isso.

Sentindo-se estranhamente calmo, Mark falou:

— Não é melhor eu estar com você?

— Não — falou Kieran, e em seus olhos Mark viu o oceano, preto e prata sob a lua. Distante e intocável. Belo e eterno. — Porque eu te amo.

O mundo pareceu silenciar rapidamente.

— Mas eu pensei... você falou que nós havíamos terminado.

— Eu não terminei com você — falou Kieran. — Jamais poderia terminar, Mark Blackthorn.

O corpo todo de Mark zumbiu com surpresa. Ele mal registrou isso quando começaram a se mover, a mão de Kieran caindo de seu ombro. A realidade voltou correndo, como uma onda se quebrando: ele ouviu Kieran inspirar fundo,



se preparando para o pior quando passassem pelos portões, atrás de Oban e dos outros.

As correntes chacoalhavam sobre os paralelepípedos da trilha que conduzia dos portões às portas da torre, um barulho obscenamente alto. O pátio estava lotado de fadas Unseelie nas laterais. Algumas seguravam pedras, e outras tinham chicotes feitos de vinhas espinhosas.

Remexendo sutilmente, contorcendo os pulsos nas algemas, Mark conseguiu segurar a mão de Kieran.

— Vamos seguir adiante sem medo — falou ele baixinho. — Pois eu sou um Caçador de Sombras e você é o filho de um Rei.

Kieran lançou um olhar agradecido a ele. Um instante depois, eles avançavam pela trilha, e a multidão, com seus chicotes e pedras, os circundava.

Mark ergueu a cabeça. Eles não veriam um Caçador de Sombras se encolher com medo ou dor. Ao seu lado, Kieran tinha aprumado as costas; sua expressão altiva, o corpo preparado.

Preparado — para golpes que não vieram. Quando Mark e Kieran caminharam entre as fileiras de fadas, elas ficaram imóveis como estátuas, com as pedras na mão e os chicotes estáticos.

O único som veio de Oban e seus guardas, seu murmúrio crescendo no ar silencioso. Oban se virou para o lado, o olhar raivoso avaliando a multidão.

— Mexam-se, imbecis! — gritou ele. — Não sabem o que devem fazer? Eles são assassinos! Mataram Iarlath! Mataram o príncipe Erec!

Um burburinho perpassou a multidão, mas não era de raiva. Mark pensou ter ouvido alguém dizer o nome de Erec com irritação e o de Kieran com mais delicadeza; o próprio Kieran olhava ao redor com grande surpresa.

E ainda assim, a multidão não se mexeu. Em vez disso, quando Kieran e Mark passaram entre as fadas, vozes começaram a se erguer. Mark ouvia, incrédulo, conforme cada uma contava sua história. *Ele me deu pão quando eu estava faminta, ao lado da estrada. Ele impediu que os guardas do Rei tirassem minha fazenda. Ele salvou meu marido da execução. Ele assumiu a responsabilidade pelo crime que meu filho cometeu. Ele tentou salvar minha mãe dos Cavaleiros de Mannan. E, por sua bondade, o Rei o mandou para a Caçada Selvagem.*

Oban começou a olhar ao redor, desnorteado, o rosto contorcido pela raiva. Manuel pôs a mão no ombro dele, se inclinou e murmurou ao ouvido do príncipe. Oban relaxou, parecendo furioso.

Kieran olhou para Mark, espantado, os lábios entreabertos.

— Eu não compreendo — murmurou.

— Eles odeiam seu pai — falou Mark —, mas não creio que odeiem você.

Eles tinham alcançado os degraus da torre. Pararam quando Oban e os outros desmontaram. Viu-se um lampejo de movimento na multidão. Uma criança fada, uma menininha com fitas no cabelo e pés descalços, se esgueirou do meio das outras fadas e correu até Kieran. Ela colocou alguma coisa na mão dele com timidez.

— Por sua bondade, príncipe Kieran.

— O que era? — perguntou Mark quando Kieran fechou a mão em torno do objeto. Mas os guardas já os tinham cercado e estavam empurrando-os em direção às portas da torre, e Kieran não respondeu.

Quando Diana voou com Gwyn sobre Brocelind, a fumaça espiralava da floresta abaixo como dedos sombrios e cinzentos que se abriam contra o céu.

A Tropa tinha queimado as áreas com a Praga, porém descuidadamente — Diana ainda notava tocos fumegantes de árvores, mas a terra seca sombria e cinzenta se estendia ainda mais além do que antes, e alguns trechos pareciam intocados pelo fogo. Diana observou, desanimada. O que a Tropa pensava estar fazendo?

Eles pousaram e Gwyn ajudou Diana a descer das costas de Orion. Jia os aguardava ansiosamente.

Diana correu para ela.

— Ouvi dizer que você tinha notícias de Emma e Julian. Eles estão bem? Voltaram para Los Angeles?

Jia hesitou. Estava magra e emaciada, a pele semelhante a papel e muito pálida.

— Eles não voltaram. Não.

O alívio fluíu por Diana: então Emma e Julian ainda estavam em Alicante.

— Eu estava tão preocupada na reunião — falou. — O que Horace está fazendo com Diego e os outros é impensável. Culpá-los de crimes e calá-los para que não possam se manifestar. Quase fiquei feliz por Emma e Julian estarem isolados na casa...

— Diana. Não — falou Jia. Ela pôs a mão fina no pulso de Diana; Gwyn se aproximara e ouvia em silêncio, a cabeça grisalha virada para um lado. — Um membro da Clave, leal a mim, ouviu Zara conversando com Manuel. Ela disse que Horace mandou Emma e Julian ao Reino das Fadas numa missão suicida. Eu pedi para pessoas de confiança verificarem a casa e ela está vazia, eles não estão lá, Diana. Foram mandados para o Reino das Fadas.

Dentro da cabeça de Diana, alguma coisa explodiu baixinho: raiva, fúria, irritação consigo — ela *soubera* que algo estava errado, sentira isso. Por que não

confiara em seus instintos?

— Gwyn — falou, com uma voz que mal dava para reconhecer pelos próprios ouvidos. — Leve-me ao Reino das Fadas. Agora.

Jia agarrou o pulso de Diana.

— Diana, pense bem. O Reino das Fadas é imenso... nós não sabemos onde eles podem estar...

— Gwyn e seus seguidores são caçadores — falou Diana. — Nós *vamos* encontrá-los. Gwyn...

Ela se virou para ele, mas Gwyn ficara imóvel, como uma raposa farejando os cães.

— Cuidado! — gritou, e tirou um machado da bainha às suas costas.

As árvores começaram a farfalhar; Jia e Diana mal tiveram tempo de sacar as próprias armas quando a Tropa irrompeu na clareira, conduzida por Zara Dearborn, que brandia uma espada reluzente.

Uma espada reluzente que Diana conhecia. Sentindo como se tivesse acabado de engolir um cubo de gelo, Diana reconheceu Cortana.

Zara estava acompanhada de Jessica Beausejourns, Anush Joshi, Timothy Rockford e Amelia Overbeck. Zara, em seu uniforme de Centurião, sorria triunfante.

— Eu sabia! Eu *sabia* que nós pegaríamos vocês conspirando junto aos seres do Submundo!

Gwyn ergueu uma sobrancelha.

— Só tem um ser do Submundo aqui.

Zara o ignorou.

— Não esperava muita coisa de você, Diana Wrayburn, mas Consulesa Penhallow? Violando a Paz Fria em sua terra natal? Como você *pôde*?

Jia segurava a *dao* curva na frente do peito.

— Me poupe do drama, Zara — respondeu ela em tom abrupto. — Você não entende o que está acontecendo e suas crises só causam problema.

— Nós não estamos conspirando com fadas, Zara — falou Diana.

Zara cuspiu no chão. Era um gesto alarmante em seu desprezo selvagem.

— Como você ousa negar que estão conspirando quando nós pegamos vocês em flagrante?

— Zara...

— Não insista — falou Jia para Diana. — Ela e a Tropa não vão dar ouvidos a você. Eles só ouvem o que querem. Não aceitam nada que contradiga as crenças que eles já têm.

Zara se virou para seus seguidores.

— Levem-nos em custódia — falou. — Nós os conduziremos ao Gard.

Gwyn lançou o machado. Foi um gesto tão repentino que Diana pulou para trás com surpresa; o machado voou acima das cabeças da Tropa e bateu no tronco de um carvalho. Alguns dos membros da Tropa gritaram quando a árvore desabou com o rugido ensurdecedor de galhos quebrando e terra esmagada.

Gwyn esticou o braço e o machado voou de volta para sua mão. Ele mostrou os dentes para os Caçadores de Sombras encolhidos.

— Para trás, ou vou acabar com vocês!

— Vejam! — Zara tinha tombado de joelhos quando a árvore desabou; agora ela fazia esforço para se levantar, agarrada a Cortana. — Viram? Uma conspiração! Temos que lutar... *Anush!*

Mas Anush já tinha corrido para os arbustos. Os outros, visivelmente abalados, se reagruparam relutantemente em torno de Zara, que dava alguns passos determinados na direção de Gwyn.

— O que ele vai fazer? — perguntou Jia em voz baixa.

— Matar todos. Ele é o líder da Caçada Selvagem, eles não são nada para Gwyn.

— São apenas crianças — falou Jia. — O pobre Anush fugiu. Ele só tem 16 anos.

Diana hesitou. *Eram* apenas crianças; crianças odiosas, mas Gwyn não podia matá-las. Não era a solução.

Ela correu até ele, sem se importar com o que a Tropa pensaria, e falou ao seu ouvido.

— Vá embora — murmurou ela. — Por favor. Eles vão nos levar para o Gard, mas não será por muito tempo. Você tem que ir atrás de Emma e Julian.

Gwyn se virou para ela, a preocupação nítida em seu rosto.

— Mas você...

— Encontre-os para mim — falou Diana. — Eu ficarei a salvo! — Ela assobiou. — *Orion!*

Orion galopou até a clareira, pondo-se entre a Tropa e Gwyn. A fada subiu nas costas do cavalo e se inclinou para beijar Diana, segurando seu rosto entre as mãos por um longo momento.

— Fique bem — falou ele, e Orion se ergueu para o céu.

Toda a Tropa gritava: a maioria nunca tinha visto algo como um corcel da Caçada Selvagem antes. Eram realmente crianças, pensou Diana, exausta: eles ainda tinham a capacidade de se admirar, misturada à ignorância e ao ódio.

E ela não podia machucar crianças. Ficou parada, em silêncio, ao lado de Jia, quando Zara e Timothy retiraram suas armas e prenderam suas mãos junto às costas.

Depois que a poção de invisibilidade acabara, Emma e Julian passaram a se manter nas sombras, encapuzados, enquanto se esgueiravam pelos corredores da torre. Felizmente parecia que todos tinham sido chamados para algum tipo de evento: as multidões tinham diminuído e havia poucas fadas Unseelie disparando de um lado a outro pelos corredores. Os guardas pareciam distraídos também, por isso ninguém os questionou enquanto eles deslizaram pela esquina de um corredor e se depararam com a tapeçaria com o desenho de estrelas pendurada ali.

Emma olhou ao redor, preocupada.

— Os guardas se foram.

De fato, o corredor estava vazio. Os nervos de Emma formigavam. Alguma coisa não estava bem.

— Ótimo — falou Julian. — Talvez eles tenham feito um intervalo ou algo assim.

— Eu não gosto disso — retrucou Emma. — Os guardas não deixariam Ash.

— Eles devem estar dentro do quarto.

— Isso não parece certo...

— Tem alguém vindo. — De fato, ouvia-se passos ao longe. A expressão de Julian estava rígida com a tensão. — Emma, temos que agir logo.

Contra a vontade, Emma sacou a espada curta do cinto e se esgueirou pela tapeçaria, atrás de Julian.

No cômodo, um silêncio sinistro e nada de guardas. A primeira impressão era de um lugar ricamente decorado e muito frio. A cama de quatro colunas, entalhada num único e imenso pedaço de madeira, dominava o espaço. Tapetes pendiam das paredes, representando delicadas cenas de paisagens naturais do Reino das Fadas: florestas envolvidas pela neblina, quedas-d'água glaciais, flores silvestres crescendo em penhascos acima do mar.

Emma não conseguiu evitar pensar na Praga. As tapeçarias eram impressionantes, uma ode apaixonada à beleza do Reino das Fadas, mas para além daquelas paredes as verdadeiras Terras de Unseelie estavam sendo consumidas pela Praga. Será que o Rei tinha decorado este espaço? Será que ele enxergava a ironia em sua iniciativa?

Julian tinha se colocado próximo à porta de tapeçaria, com a espada na mão. Ele olhava ao redor com curiosidade — não era difícil perceber as roupas espalhadas por tudo que é lado. Aparentemente Ash, como muitos adolescentes, era um bocado desleixado. Uma janela tinha sido forçada numa abertura para deixar o ar fresco entrar. A coroa do menino estava jogada no parapeito, quase como se ele estivesse provocando uma gralha a roubá-la.

Emma se esgueirou sobre a cama onde Ash estava deitado, uma figura imóvel

debaixo de uma colcha ricamente bordada. Seus olhos estavam fechados, semicírculos perfeitos com franjas de cílios prateados. Ele parecia inocente, angelical, Emma sentiu ternura por ele — o que era uma surpresa, considerando a semelhança com Sebastian. Mas ele não era uma duplicata exata, notou ela ao se aproximar. Sua sombra se assomou sobre a cama.

— Ele se parece um pouco com Clary — murmurou.

— Não importa com quem se pareça — falou Julian. — É o filho de Sebastian.

*É uma criança*, ela queria protestar, mas sabia que não adiantaria. Esticou a mão hesitante para o ombro do menino; ao fazê-lo, viu uma imensa cicatriz na lateral do pescoço, não mais escondida pela gola da camisa, no formato de um X. Também havia desenhos estranhos na parede atrás da cama: pareciam Marcas, mas eram símbolos deformados e sinistros, como aqueles usados pelos Crepusculares.

Um desejo feroz de protegê-lo a invadiu, assustador, tanto pela força quanto pela total falta de lógica. Ela sequer conhecia o garoto, pensou, mas não conseguiu evitar esticar a mão para sacudi-lo delicadamente.

— Ash — murmurou. — Ash, acorde. Estamos aqui para resgatar você.

Os olhos se abriram e ela realmente viu Clary neles; eram da mesma tonalidade de verde dos olhos dela. Eles se fixaram em Emma quando ele se sentou e esticou a mão. Seus olhos eram firmes, límpidos, e um pensamento lampejou pela mente dela: *Ele poderia ser um verdadeiro líder, não como Sebastian, mas como Sebastian deveria ter sido.*

Do outro lado do cômodo, Julian balançava a cabeça.

— Emma, não — falou. — O que é que você...

Ash puxou a mão para trás e gritou:

— *Ethna! Eochaid! Cavaleiros, me ajudem!*

Julian girou para a porta, mas os dois cavaleiros já tinham rasgado a tapeçaria. As armaduras de bronze brilhavam como um raio de sol ofuscante; Julian atacou com sua arma, cortando o peito de Eochaid, mas o Cavaleiro se desviou e se afastou.

O cabelo metálico de Ethna girou ao redor quando ela se lançou para Julian com um uivo de ódio. Ele ergueu a espada, mas não foi rápido o suficiente; ela colidiu contra ele, agarrando Julian e arremessando-o contra a parede.

Ash saiu rolando pela colcha; Emma o agarrou e o puxou de volta, seus dedos afundando no ombro do menino. Era como se ela estivesse saindo de um nevoeiro: sentia-se tonta, sem ar e, de repente, muito, muito zangada.

— Parem! — gritou ela. — Soltem Julian ou vou cortar a garganta do príncipe.

Ethna ergueu o olhar com um rosnado; ela estava acima de Julian, com a arma desembainhada. Ele estava agachado, as costas na parede e um fio de sangue escorrendo da têmpora. Seus olhos estavam atentos.

— Não seja tola — falou Eochaid. — Você não percebe que sua única chance de viver é soltando o príncipe?

Emma pressionou a lâmina com mais força no pescoço de Ash. Ele era como um fio esticado em seus braços. *Proteja Ash*, murmurou uma voz no fundinho de sua mente. *É Ash que importa.*

Ela mordeu o lábio e a dor abafou a voz em sua mente.

— Explique-se, Cavaleiro.

— Nós estamos na torre — falou Ethna em tom de nojo. — Nós não podemos matar vocês sem a permissão do Rei. Ele ficaria furioso. Mas se você ameaçar Ash... — Sua expressão era faminta. — Então não teríamos escolha, a não ser protegê-lo.

Julian limpou o sangue do rosto.

— Ela tem razão. Eles não podem matar a gente. Solte Ash, Emma.

Ash olhava fixamente para Julian.

— Você se parece com *ela* — disse ele com a voz surpresa.

Confusa, Emma hesitou, e Ash aproveitou a oportunidade para cravar os dentes na mão dela, que gritou e o soltou. Um círculo de marcas de dentes cheias de sangue carimbava a curva do polegar e do indicador.

— Por quê? — quis saber ela. — Você é prisioneiro aqui. Não quer ir embora?

Ash estava agachado na cama, com uma estranha expressão selvagem. Ele vestia calça, uma túnica de linho e calçava botas.

— Em Alicante, eu seria o filho do seu mais odiado inimigo. Vocês me levariam à morte.

— Não é assim... — começou Emma, sem concluir a frase; sua cabeça tombou para trás quando Ethna lhe acertou um tapa na bochecha.

— Chega de chororô — falou Eochaid.

Emma se virou para trás uma vez e olhou para Ash enquanto ela e Julian eram levados para fora do quarto, ameaçados pelas espadas. Ele estava parado no meio da câmara, observando-os; sua expressão era vazia, sem a arrogância e a crueldade de Sebastian — mas também sem a bondade de Clary. Ele parecia alguém que tinha acabado de fazer uma jogada bem-sucedida no xadrez.

Nem Julian nem Emma disseram uma palavra enquanto eram conduzidos pelos corredores, com as fadas em volta deles murmurando e observando. Os corredores pouco depois foram dando lugar a passagens cada vez mais úmidas, que desciam em ângulos cada vez mais íngremes. Quando a iluminação ficou

mais fraca, Emma captou uma breve expressão de frustração e amargura em Julian, pouco antes de as sombras aumentarem e ela passar a enxergar apenas vultos se movimentando na ocasional penumbra de tochas feitas com ramos verdes penduradas nas paredes.

— Quase lamento — começou Eochaid, rompendo o silêncio enquanto eles chegavam a um corredor comprido e sinuoso que levava a uma abertura escura na parede oposta. Emma via o brilho dos uniformes dos guardas mesmo no escuro — matar estes dois antes que possam testemunhar a destruição dos Nephilim.

— Bobagem — falou Ethna rispidamente. — Sangue por sangue. Eles mataram nosso irmão. Talvez o Rei nos deixe usar a foice para matá-los.

Eles tinham chegado à abertura na parede oposta. Era uma entrada sem porta, entalhada numa grossa parede de pedra. Os guardas dos dois lados pareciam intrigados.

— Mais prisioneiros? — falou um, à esquerda, que estava recostado em cima de um imenso baú de madeira.

— Prisioneiros do Rei — falou Ethna rispidamente.

— Praticamente uma festa — falou o guarda, dando uma risadinha. — Não que eles fiquem por muito tempo, por sinal.

Ethna revirou os olhos e empurrou Emma com a ponta da espada entre as omoplatas. Ela e Julian foram lançados num cômodo quadrado, amplo, com paredes de pedra ásperas. Vinhas cresciam do teto, descendo como fitas e mergulhando no chão de terra batida. Elas se entrelaçavam muito juntinhas no formato de caixas — celas, percebeu Emma; celas cujas paredes eram feitas de vinhas espinhosas, duras como ferro flexível.

Ela se lembrou dos espinhos que a atingiram e estremeceu.

Ethna deu uma risada desagradável.

— Pode estremeecer o quanto quiser — falou. — Aqui não tem saída nem piedade. — Ela pegou o cinto de armas da cintura de Emma e a obrigou a retirar o medalhão de ouro da Clave do pescoço. Emma lançou um olhar de pânico a Julian; agora nada evitaria que eles sofressem a passagem do tempo no Reino das Fadas.

Furiosa, Emma foi empurrada para uma cela por meio de uma abertura entre as vinhas. Para seu alívio, Julian a seguiu um instante depois. Ela temera que eles ficassem separados e que ela enlouquecesse sozinha. Ele também estava desarmado, e se virou, olhando de cara feia os Cavaleiros, quando Ethna bateu a ponta de sua espada contra a jaula; as vinhas que tinham se separado rapidamente se contorceram e se entrelaçaram, encerrando qualquer possibilidade de saída.



Ethna sorria. A expressão de triunfo dela fez o estômago de Emma revirar acidamente.

— Caçadorezinhos de Sombras — cantarolou ela. — De que adianta todo o seu sangue angelical agora?

— Venha, irmã — falou Eochaid, embora ele sorrisse com indulgência. — O Rei aguarda.

Ethna cuspiu no chão antes de se virar e acompanhar o irmão. Seus passos silenciaram e fez-se escuridão e silêncio — um silêncio frio, opressor. Uma luz diminuta vinha das tochas enfumaçadas bem lá no alto das paredes.

A força deixou os membros de Emma como água vazando de uma barragem rompida. Ela afundou no chão, no centro da jaula, se encolhendo para longe dos espinhos ao redor.

— Julian — murmurou. — O que vamos fazer?

Ele tinha caído de joelhos. Ela notava os arrepios na pele dele. A faixa ensanguentada em torno do pulso parecia brilhar como um fantasma no escuro.

— Eu meti a gente aqui dentro — falou. — Eu vou tirar.

Emma abriu a boca para protestar, mas nada saiu; era muito próximo da verdade. O Julian antigo, o seu Julian, teria lhe dado ouvidos quando ela demonstrara sua inquietação diante do quarto de Ash. Ele teria confiado em seus instintos. Pela primeira vez, ela sentia algo próximo ao verdadeiro luto por aquele Julian, como se este Julian não fosse apenas temporário — como se o seu Julian talvez nunca mais fosse voltar.

— Você se importa? — falou ela.

— Você acha que eu quero morrer aqui? — perguntou ele. — Eu ainda tenho instinto de autopreservação, Emma, e isso significa preservar você também. E eu sei... eu sei que sou melhor Caçador de Sombras do que era.

— Ser um Caçador de Sombras não é só ter reflexos rápidos ou músculos fortes. — Ela encostou a mão no peito dele, o linho da camisa macio contra seus dedos. — Está aqui. *Aqui onde você está quebrado.*

Os olhos azul-esverdeados pareciam ser a única cor na prisão; mesmo as vinhas da cela eram cinza metálico.

— Emma...

— São eles! — falou uma voz, e Emma deu um pulo de susto quando a luz clareou tudo ao redor. E não era qualquer luz. Era luz branca e prateada, irradiando da cela oposta; e agora ela via, com a nova iluminação. Dois vultos de pé em seu interior, fitando-os através das vinhas, e um deles segurava uma pedra marcada brilhante.

— Luz enfeitiçada — murmurou Julian, ficando de pé.

— Julian? Emma? — chamou a mesma voz familiar, e cheia de surpresa e

alívio. A luz enfeitizada cresceu e agora Emma distinguia claramente os vultos na cela oposta. Ela se ergueu de um pulo devido ao espanto.

— Somos nós... Jace e Clary.

# 16

## Mil Tronos

Oban e seus guardas tinham conduzido Mark e Kieran, vendados, através da torre; portanto, se houve outras reações à presença de Kieran, Mark não tinha conseguido perceber. No entanto, ele ouvira Manuel e Oban rindo do que o Rei provavelmente faria a Kieran, e a Mark também, e com isso forçara as algemas com raiva. Como eles ousavam falar assim quando Kieran podia ouvir? Por que alguém teria prazer em tal tortura?

Eles finalmente tinham sido conduzidos a um recinto de pedra sem janelas e deixados ali, as mãos ainda algemadas. Oban tirara as vendas ao sair, ainda dando muitas risadas.

— Olhem uma última vez um para o outro antes de morrerem.

E Mark olhava para Kieran agora, no cômodo escuro. Embora não tivesse janelas, a luz se infiltrava por uma grade bem acima. O local era fechado, opressivo como o poço de um elevador.

— É feito para ser horrível — falou Kieran, respondendo à pergunta que Mark não fez. — É aqui que o Rei mantém os prisioneiros antes de levá-los diante do trono. É feito para assustar mesmo.

— Kieran. — Mark se aproximou. — Vai ficar tudo bem.

Kieran sorriu dolorosamente.

— É isso que adoro nos mortais — falou. — Poder dizer essas coisas somente para confortar, não importando se são verdade ou não.

— O que aquela menina te deu? — perguntou Mark. Os cabelos de Kieran estavam azuis e pretos nas sombras. — Aquela garotinha, nos degraus.

— Uma flor. — As mãos de Kieran estavam presas à frente do corpo; ele abriu uma delas e mostrou a Mark a flor branca amassada. — Um narciso branco.

— Perdão — falou Mark. Kieran olhou para ele, confuso; não sabia muita coisa sobre flores. — As flores têm significados. Um narciso branco significa perdão.

Kieran deixou a flor cair.

— Ouvi o que aquelas pessoas disseram enquanto cruzava o pátio — começou ele. — E eu não me lembro.

— Você acha que seu pai te fez esquecer? — As mãos de Mark tinham começado a doer.

— Não. Acho que não importava para mim. Acho que eu era bom porque era um príncipe arrogante e descuidado, e porque era conveniente ser bom, mas eu poderia simplesmente ter sido cruel. Não me lembro de ter salvado uma fazenda ou uma criança. Eu estava embriagado de uma vida fácil naquela época. Ninguém deveria me agradecer ou perdoar.

— Kieran...

— E na Caçada, eu também só pensava em mim. — Mechas brancas apareceram nos cabelos escuros do príncipe. Ele deixou a cabeça reclinar novamente contra a parede de pedra.

— Não — falou Mark. — Você pensou em mim. Você foi bom para mim.

— Eu desejava você — falou Kieran, contorcendo a boca. — Eu era bom com você porque, no fim, isso me beneficiava.

Mark balançou a cabeça.

— Quando os mortais dizem que as coisas vão ficar bem, não é só para confortar — explicou. — Em parte, é porque não acreditamos numa verdade absoluta, assim como as fadas. Nós trazemos nossa própria verdade para o mundo. Como acredito que as coisas vão ficar bem, eu serei menos infeliz e terei menos medo. E porque você está zangado consigo, você acredita que tudo o que fez, fez por egoísmo.

— Eu fui egoísta — protestou Kieran. — Eu...

— Às vezes, nós somos egoístas — falou Mark. — E não estou dizendo que você não tenha nada do que se arrepender. Talvez você fosse um príncipe egoísta, mas não era cruel. Você tinha poder e decidiu usá-lo para ser bom. Poderia ter escolhido o contrário. Não ignore as escolhas que fez. Elas têm sentido.

— Por que você tenta me confortar e animar? — perguntou Kieran, com a voz seca, como se a garganta doesse. — Eu fiquei zangado com você quando concordou em voltar para sua família e deixar a Caçada... eu te disse que nada daquilo era real...

— Como se eu não soubesse por que você disse aquilo — falou Mark. — Eu ouvi você na Caçada. Quando eles te açoitaram, quando foi torturado, você

murmurava que nada daquilo era real. Como se quisesse dizer que a dor era um sonho. Foi um presente que você quis me dar, o presente de escapar da agonia, de se retirar para um lugar na mente onde estava a salvo.

— Eu pensei que os Caçadores de Sombras fossem cruéis. Pensei que iam te machucar — falou Kieran. — Com você, com a sua família, descobri outras coisas. Pensei que te amasse quando estávamos na Caçada, Mark, mas aquilo era só uma sombra do que eu sinto por você agora, sabendo da bondade de que você é capaz.

A flecha de elfo em seu pescoço reluzia no ritmo do subir e descer de seu peito, por causa da respiração acelerada.

— Na Caçada, você precisava de mim — falou Kieran. — Você precisava tanto que eu nunca soube se ia me querer caso não precisasse de mim. Você me quer?

Mark se desequilibrou um pouco ao se aproximar de Kieran. Seus pulsos eram fogo ardente, mas ele não se importava. Tocou Kieran, que retribuiu envolvendo sua cintura com as mãos presas e se remexeu para se ajeitar um pouco, puxando-o para si. Mark tirou os calcanhares do chão ao se apoiar em Kieran, os dois tentando se aproximar o máximo possível, para darem conforto um ao outro apesar das mãos atadas.

Mark enterrou o rosto no vão do pescoço de Kieran, inspirando o cheiro familiar: grama e céu. Talvez esta fosse a última grama e céu que ele veria.

A porta da cela se abriu e uma explosão de luz feriu os olhos de Mark. Ele sentiu Kieran se retesar de encontro ao seu corpo.

Winter, o general da guarda vermelha, estava de pé à porta, a camisa e o quepe da cor de sangue velho e enferrujado, as botas com solado de ferro reverberando no piso de pedra. Em sua mão, via-se uma lança comprida com ponta de aço.

— Vocês dois, afastem-se — ordenou rispidamente. — O Rei vai vê-los agora.

Emma correu até a frente da cela — e se lembrou dos espinhos bem a tempo, pulando para trás antes de tocar neles. Julian seguiu com maior hesitação.

— Ah, graças ao Anjo, vocês estão aqui — falou Emma. — Quero dizer, não por vocês estarem aqui na prisão, isso é horrível, mas... — Ela esticou as mãos. — Fico feliz por ver vocês.

Clary deu uma risadinha melancólica.

— A gente entendeu o que você quis dizer. Também fico feliz por ver vocês. — Seu rosto estava manchado e sujo, e os cabelos ruivos presos num coque atrás

da cabeça. Sob a luz da pedra Marcada, Emma notava que a outra estava um pouco magra; a jaqueta jeans suja pendia, frouxa, dos ombros. Jace, atrás dela, estava alto e dourado como sempre, os olhos brilhando forte na penumbra, o queixo escurecido pela barba áspera.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou ele, dispensando as formalidades. — Vocês estavam no Reino das Fadas? Por quê?

— Estávamos em missão — respondeu Julian.

Clary abaixou a cabeça.

— Por favor, não digam que era para nos encontrar.

— Era para encontrar o *Volume Preto dos Mortos*. O Inquisidor nos enviou.

Jace pareceu incrédulo.

— Robert mandou vocês aqui?

Emma e Julian trocaram um olhar e fez-se um silêncio incômodo.

Jace se aproximou das barras espinhosas da jaula que o prendia junto a Clary.

— Contem o que quer que vocês estejam escondendo — pediu. — Se alguma coisa aconteceu, vocês precisam nos dizer.

Talvez não surpreendesse ter sido Julian o primeiro falar.

— Robert Lightwood está morto.

A luz enfeitiçada apagou.

Na escuridão, sem poder usar a Marca de Visão Noturna, Emma não via nada. Ela ouviu Jace emitir um som abafado, e Clary murmurar. Palavras de consolo para tranquilizá-lo, Emma tinha certeza. Ela se reconheceu naquele gesto, murmurando para Julian na calada da noite.

O murmúrio parou, e a luz enfeitiçada piscou e voltou. Jace a segurava com uma das mãos, a outra apertava com força uma das vinhas. O sangue escorria entre seus dedos e pelo braço. Emma imaginou os espinhos furando a palma da mão e se encolheu.

— E quanto aos outros? — continuou ele com a voz tão rouca que mal parecia humana. — E Alec?

Emma se aproximou da frente da cela.

— Ele está bem — disse, e contou o mais resumidamente possível o que tinha acontecido, de Annabel matando Robert e Livvy à ascensão de Horace como Inquisidor.

Quando ela acabou, fez-se silêncio, mas pelo menos Jace soltara a vinha.

— Eu sinto muito pela sua irmã — falou Clary baixinho. — Sinto por não estarmos lá.

Julian não falou nada.

— Não há nada que pudesse ser feito — falou Emma.

— O Rei está próximo de obter o *Volume Preto* — contou Jace, abrindo e

fechando a mão ensanguentada. — Essa é realmente uma notícia terrível.

— Mas vocês não vieram aqui para isso — falou Julian. — Vocês vieram para encontrar Ash. Ele é a arma que procuram, certo?

Clary fez que sim com a cabeça.

— Nós tivemos uma dica do Labirinto Espiral de que, no Reino das Fadas, havia uma arma à qual o Rei Unseelie tinha acesso, uma coisa que poderia anular os poderes dos Caçadores de Sombras.

— Fomos enviados para cá por causa do nosso sangue angelical. Circulavam rumores da ineficácia da magia dos Caçadores de Sombras nas Cortes; os Irmãos do Silêncio disseram que nós seríamos mais resistentes aos efeitos — explicou Jace. — Nós não sofremos com a passagem de tempo aqui, e conseguimos usar as Marcas... ou pelo menos conseguíamos, antes de tirarem nossas estelas. Mas ainda temos isto. — Ele ergueu a luz enfeitiçada que brilhava e pulsava em sua mão.

— Então nós sabíamos que estávamos procurando alguma coisa — falou Clary. — Mas não que era meu... que era Ash.

— Como vocês descobriram? — perguntou Emma.

— Nós logo descobrimos que o Rei tinha sequestrado o filho da Rainha Seelie — explicou Jace. — Deveria ser um segredo, mas é algo compartilhado abertamente nas Cortes. E então, na primeira vez que Clary o viu... a alguma distância, nós fomos capturados antes de conseguirmos nos aproximar...

Clary se remexeu, inquieta, dentro da cela.

— Eu soube quem ele era no mesmo instante. Ele é igual ao meu irmão.

Emma tinha ouvido Julian, Livvy, Mark e Dru dizerem as palavras “meu irmão” mais vezes do que seria capaz de contar. Mas nunca tinham soado com a mesma entonação de Clary: cheia de amargura e arrependimento.

— E agora o Rei tem o *Volume Preto*, o que significa que nós temos pouco tempo — falou Jace, roçando a mão delicadamente na nuca de Clary.

— Muito bem — falou Julian. — O que exatamente o Rei planeja fazer com o *Volume Preto* para transformar Ash numa arma?

Jace baixou a voz, embora Emma duvidasse que alguém pudesse ouvi-los.

— Há feitiços no *Volume Preto* que dariam a Ash certos poderes. O Rei já fez alguma coisa assim antes...

— Vocês já ouviram falar do Primeiro Herdeiro? — perguntou Clary.

— Sim — falou Emma. — Kieran o mencionou... ou, melhor, mencionou a história.

— Foi algo que Adaon, irmão dele, contou. — Julian franzia a testa. — Kieran falou que seu pai passara a desejar o livro desde que o Primeiro Herdeiro foi roubado. Talvez para ressuscitar a criança dos mortos? Mas o que isso tem a

ver com Ash?

— É uma história antiga — falou Jace. — Mas, como vocês sabem, todas as histórias são verdadeiras.

— Ou pelo menos parcialmente verdadeiras. — Clary sorriu para ele. Emma sentiu uma centelha de saudade. Mesmo na escuridão e no frio da prisão, o amor deles estava intacto. Clary se virou para Julian e Emma. — Nós descobrimos que muito tempo atrás o Rei Unseelie e a Rainha Seelie decidiram unir as Cortes. Parte do plano envolvia ter um filho, uma criança herdeira das duas Cortes. Mas isso não era o suficiente... eles queriam criar uma criança fada tão poderosa que pudesse destruir os Nephilim.

— Antes de a criança nascer, os dois usaram ritos e feitiços para lhe dar “dons” — explicou Jace. — Pense na Bela Adormecida, mas com pais fada malvados.

— A criança seria perfeitamente bela, uma líder perfeita, inspirando lealdade perfeita — falou Clary. — Mas quando nasceu, era uma menina. Nunca sequer tinha ocorrido ao Rei que a criança não seria menino... sendo quem é, ele achou que o líder perfeito precisava ser homem. O Rei ficou furioso e pensou que a Rainha o havia traído. A Rainha, por sua vez, ficou furiosa por ele querer abandonar todo o plano apenas porque a criança era do sexo feminino. Então ela foi raptada e provavelmente assassinada.

— Não admira... todas aquelas histórias sobre o Rei odiar as filhas — ponderou Emma.

— O que vocês querem dizer com “provavelmente”? — perguntou Julian.

Jace respondeu:

— Nós não conseguimos descobrir o que aconteceu com a criança. Ninguém sabe... o Rei diz que ela foi raptada e morta, mas é provável que ela tenha escapado do Reino das Fadas e sobrevivido. — Ele deu de ombros. — O que demonstra que Ash tem uma mistura de sangue de fadas, de sangue Nephilim e de sangue demoníaco em si. O Rei acredita que ele é o candidato perfeito para terminar o que eles começaram com o Primeiro Herdeiro.

— O fim de todos os Caçadores de Sombras — falou Julian lentamente.

— A praga que o Rei trouxe para cá está se espalhando aos poucos — disse Clary. — Mas se ele também puder realizar os feitiços que deseja em Ash, o menino se tornará uma arma ainda mais poderosa. Nós sequer temos noção de tudo do que é capaz, mas ele terá a mesma mistura de sangue seráfico e infernal que Sebastian tinha.

— Ele seria demoníaco, porém imune a Marcas ou magia angelical — falou Jace. — Poderia portar Marcas, mas nada demoníaco conseguiria machucá-lo. O toque de suas mãos poderia fazer a Praga se espalhar como um incêndio.



— A Praga já está em Idris — falou Emma. — Partes da Floresta Brocelind foram destruídas.

— Nós temos que voltar — disse Clary. Ela parecia mais pálida do que antes, e mais jovem. Emma se lembrou dela no telhado do Instituto de Los Angeles. *Algo terrível está por vir. Como uma muralha de escuridão e sangue. Uma sombra que se espalha pelo mundo e mancha tudo.*

— Não podemos esperar mais — falou Jace. — Temos que sair daqui.

— Imagino que desejar sair daqui não tenha funcionado até agora, já que vocês ainda estão presos — observou Julian.

Jace semicerrou os olhos.

— Julian — ralhou Emma. Ela queria acrescentar *desculpem, ele está desprovido de sentimentos de empatia*, mas não o fez porque de repente ouviu um grito, seguido por uma pancada alta. Jace fechou a mão sobre a luz enfeitiçada e, na escuridão quase total, Emma recuou e se afastou das paredes da jaula. Ela não queria esbarrar acidentalmente nos espinhos pontudos.

Eles ouviram um som de algo rangendo quando a porta da prisão foi aberta.

— Guardas, provavelmente — falou Clary baixinho.

Emma ficou mirando a penumbra. Dois vultos se aproximavam deles; ela conseguiu distinguir o brilho dourado da trança nos uniformes dos guardas.

— Um deles tem uma espada — murmurou Emma.

— Provavelmente vêm atrás da gente — falou Clary. — Estamos aqui há mais tempo.

— Não — disse Julian. Emma sabia o que ele estava pensando. Jace e Clary eram, a seu modo, reféns valiosos. Emma e Julian eram Caçadores de Sombras ladrões que tinham matado um dos Cavaleiros. Eles não iam perecer nas masmorras. Seriam decapitados rapidamente para a diversão da Corte.

— Lutem — pediu Jace desesperadamente. — Se abrirem a cela de vocês, lutem...

*Cortana*, pensou Emma, aflita. *Cortana!*

Mas nada aconteceu. Ela não sentiu o súbito e reconfortante peso em sua mão. Apenas uma pressão contra o ombro; Julian tinha se deslocado e estava ao seu lado. Sem armas, eles se viraram para a frente da cela. Ouviu-se um arquejo, depois, pés correndo... Emma ergueu os punhos...

O menor dos guardas chegou à cela e segurou uma das vinhas, e então gritou de dor. Uma voz murmurou alguma coisa em linguagem das fadas e as tochas ao longo das paredes arderam com uma chama diminuta. Emma se flagrou olhando através do emaranhado de vinhas e espinhos para Cristina, que vestia o uniforme da guarda das fadas, com um espadão cruzado nas costas.

— Emma? — murmurou Cristina, de olhos arregalados. — O que diabos

você está fazendo aqui?

*Cuide de Tiberius.*

Kit estava fazendo exatamente isso. Ou, pelo menos, estava olhando para Ty, que parecia perto o suficiente. Eles estavam na praia abaixo do Instituto. Ty havia tirado os sapatos e as meias e caminhava na beira da água. Ele ergueu o rosto para Kit, que estava sentado num montinho de areia, e o chamou para mais perto.

— A água não está tão fria! — gritou ele. — Juro.

*Eu acredito em você*, Kit queria dizer. Ele sempre acreditava em Ty. O menino não era um mentiroso, a menos que precisasse ser, embora fosse bom em esconder as coisas. Ele se perguntava o que aconteceria se Helen perguntasse sem rodeios se eles estavam tentando ressuscitar Livvy.

Talvez fosse ele o responsável por contar a verdade. Afinal, era ele quem realmente não queria fazer o tal feitiço.

Kit se levantou devagar e foi até a praia se juntar a Ty. As ondas quebravam a uns cinco metros deles; quando os dois alcançaram a beira da água, a superfície era espuma branca e água prateada. Uma onda respingou nos pés descalços de Ty e encharcou os tênis de Kit.

Ty estava certo. A água não estava fria.

— Então amanhã nós vamos ao Mercado das Sombras — falou Ty. A lua criava sombras delicadas pelo seu rosto. Ele parecia calmo, pensou Kit, e percebeu que já fazia muito tempo que não sentia como se Ty fosse uma corda de instrumento esticada, vibrando ao seu lado.

— Você odiou o Mercado das Sombras em Londres — falou Kit. — Aquele lugar realmente incomodou você. Os ruídos, e a multidão...

Ty deu uma olhadela para Kit.

— Usarei os fones de ouvido. Vou ficar bem.

— ... e eu não sei se deveríamos ir de novo em tão pouco tempo — emendou Kit. — E se Helen e Aline ficarem desconfiadas?

O olhar cinzento de Ty escureceu.

— Julian me disse uma vez — começou ele — que quando as pessoas ficam inventando motivos para não fazer alguma coisa, é porque elas não querem fazer. Você não quer fazer isso? O feitiço, tudo?

A voz de Ty soou ríspida. A corda vibrando de novo, aguda por causa da tensão. Sob o algodão da camiseta, os ombros magros também estavam tensos. A gola da roupa estava frouxa, o contorno delicado da clavícula agora visível.

Kit sentiu uma onda de carinho por Ty, misturada a quase pânico. Em outras

circunstâncias, pensou, ele simplesmente teria mentido. Mas não conseguia mentir para Ty.

Ele chapinhou mais longe na água até o jeans ficar molhado na altura dos joelhos. E se virou, com borrifos de espuma à volta.

— Você não ouviu o que Shade falou? A Livvy que trouxermos de volta pode não ser nem um pouco como a nossa Livvy. A sua Livvy.

Ty o seguiu pela água. A névoa começava a baixar, cercando-os em branco e cinza.

— Se a gente fizer o feitiço corretamente, ela será. É isso. Nós temos que fazer tudo certo.

Kit sentia o gosto do sal.

— Não sei...

Ty esticou uma das mãos, apontando o horizonte, onde as estrelas começavam a desaparecer na névoa. O horizonte era uma linha preta manchada de prata.

— Livvy está aí fora — continuou. — Um pouco distante para poder alcançá-la, mas eu consigo ouvi-la. Ela chama meu nome. Ela quer que eu a traga de volta. Ela precisa que eu a traga de volta. — Os cantinhos da boca de Ty estremeceram. — Não quero fazer isso sem você, mas vou.

Kit deu outro passo para o oceano e parou. Quanto mais fundo ele ia, mais frio ficava. E não era esse o caso com todas as coisas?, pensou ele. *Há muitos meios de se colocar em perigo por causa da magia.*

*Eu poderia ir embora, falou ele para si. Eu poderia deixar Ty fazer isso sozinho. Mas não posso dizer a mim mesmo que não seria o fim da nossa amizade, porque seria. Eu terminaria fora dos planos de Ty, assim como Helen, assim como Dru. Assim como todo mundo.*

Era como se o ar estivesse sendo arrancado de seus pulmões. Ele girou na direção de Ty.

— Está bem. Eu topo fazer. Amanhã podemos ir ao Mercado das Sombras.

Ty sorriu. Ou talvez fosse mais preciso dizer que um sorriso irrompeu em seu rosto, como o sol nascendo. Kit ficou parado, sem fôlego, com a água se afastando ao redor, conforme Ty se aproximava, abraçando seu pescoço em seguida.

Ele se lembrava de ter abraçado Ty no telhado do Instituto de Londres, mas isso tinha acontecido porque Ty estava em pânico. Tinha sido como segurar um animal selvagem. Agora Ty o abraçava porque queria fazer isso. O algodão macio da camiseta, a sensação dos cabelos de Ty roçando sua bochecha enquanto Kit disfarçava a expressão pressionando o rosto contra o ombro do outro. Dava para se ouvir a respiração de Ty. Kit o envolveu com força,

cruzando as mãos nas costas dele. Quando Ty se inclinou para ele com um suspiro, para Kit foi como vencer uma corrida que ele sequer sabia estar disputando.

— Não se preocupe — falou Ty baixinho. — Nós vamos trazê-la de volta. Eu juro.

*É disso que eu tenho medo.* Mas Kit não disse nada em voz alta. Ele se agarrou a Ty, nauseado com uma felicidade infeliz, e fechou os olhos por causa da luz invasiva da lua.

— Estamos aqui para ajudar — falou o companheiro de Cristina. Emma o reconheceu com atraso: príncipe Adaon, um dos filhos do Rei Unseelie. Ela o vira da última vez que estivera no Reino das Fadas. Era um cavaleiro fada alto, com as cores Unseelie, belo e de pele escura, e trazia duas adagas na cintura. Ele esticou a mão para pegar as vinhas da cela, que se partiram sob seu toque. Emma se contorceu através delas e abraçou Cristina.

— Cristina — falou —, sua mulher maravilha.

Cristina sorriu e afagou as costas de Emma enquanto Adaon libertava Julian e, depois, Jace e Clary. Jace foi o último a passar entre as vinhas. Ele ergueu uma sobrancelha para Julian.

— O que foi mesmo que você disse sobre desejar ser resgatado? — perguntou.

— Não podemos ficar aqui muito tempo — falou Adaon. — Outros virão, guardas e cavaleiros também. — Ele olhou para a fileira de celas, franzindo a testa. — Onde eles estão?

— Eles quem? — quis saber Emma, soltando Cristina com relutância.

— Mark e Kieran — respondeu Cristina. — Onde estão Mark e Kieran?

— Eu vim para resgatar meu irmão, não para esvaziar as prisões do palácio de seus criminosos — falou Adaon, que Emma já não mais considerava a pessoa mais agradável do mundo.

— Nós agradecemos seu esforço — falou Clary. Ela notara que Emma tremia de frio e tirara sua jaqueta jeans, cedendo-a com um tapinha gentil no ombro da outra.

Emma vestiu a jaqueta, com muito frio, cansaço e dor para protestar.

— Mas... por que Mark e Kieran estariam aqui? Por que *você* está aqui, Cristina?

Adaon tinha começado a examinar a fileira de celas, conferindo cada uma. Cristina olhou ao redor, nervosa.

— Mark, Kieran e eu ouvimos dizer que Dearborn enviou vocês numa missão

suicida — explicou para Emma e Julian. — Viemos ajudar.

— Mas Mark não está com você? — perguntou Julian, que passara a prestar atenção ao ouvir o nome do irmão. — Vocês se separaram aqui? Dentro da torre?

— Não. Eles foram sequestrados na estrada, pelo pior dos meus irmãos — falou Adaon, que tinha voltado da busca pelas celas. — Cristina veio até mim pedindo ajuda. Eu sabia que Oban teria trazido Mark e Kieran para cá, mas pensei que eles estariam na prisão. — Sua boca se tornou uma linha severa. — Oban sempre foi muito impaciente. Ele deve tê-los levado direto para o meu pai.

— Você quer dizer a sala do trono? — perguntou Emma, ligeiramente tonta com o modo repentino como as coisas estavam se desenrolando.

— Sim — falou Adaon. — Para o Rei. Eles seriam troféus valiosos, os quais Oban ficaria ansioso para obter.

— Eles vão matar Kieran — falou Cristina, um leve fio de pânico na voz. — Ele já escapou de ser executado em outra ocasião. E vão matar Mark também.

— Então é melhor irmos até lá para impedir — falou Jace. Debaixo da sujeira e da barba, ele estava começando a se parecer mais com o Jace que Emma sempre conhecera, com quem ela quisera ser parecida, o melhor guerreiro de todos os Caçadores de Sombras. — Agora.

Adaon lhe deu um olhar de desdém.

— É muito perigoso para vocês, Nephilim.

— Você veio até aqui por causa do seu irmão — falou Julian, os olhos em chamas. — Vamos atrás do meu. Se quiser nos impedir, terá que usar a força.

— Nós deveríamos ir juntos — falou Clary. — Quanto mais de nós, mais fácil será derrotar o Rei.

— Mas aqui vocês não têm poder, Nephilim — falou Adaon.

— Não — ironizou Jace, e a luz enfeitiçada brilhou em sua mão, luz brotando entre seus dedos. Todos eles foram banhados pela claridade branca. Cristina observava boquiaberta; Adaon traiu seu choque daquele modo que costumava acontecer com as fadas: movendo levemente um ou dois músculos faciais.

— Muito bem — falou ele com frieza. — Mas não vou me arriscar a ser pego pelos guardas perambulando abertamente pela torre, feito tolo. Todos vocês andem na minha frente. Vão agir como meus prisioneiros agora.

— Você quer que a gente aja como prisioneiros sendo levados para o Rei? — falou Julian, que não pareceu satisfeito com a ideia.

— Eu quero que pareçam estar com medo — falou Adaon, sacando a espada e fazendo um gesto para que eles fossem na frente. — Porque vocês deveriam estar.

Diana achou que fosse ficar trancada numa cela nas prisões do Gard, mas em vez disso foi levada para um quarto surpreendentemente luxuoso. Um tapete turco cobria o chão e o fogo ardia alto numa lareira de pedra entalhada. Poltronas de veludo escuro tinham sido puxadas para perto do fogo; ela se sentou em uma delas, rígida de tensão, e fitou os telhados de Idris pela janela panorâmica.

Sua mente estava dominada por Gwyn, Emma e Julian. E se ela mandara Gwyn para o perigo? Por que ela presumira que ele iria até o Reino das Fadas para encontrar dois Caçadores de Sombras apenas porque ela havia pedido?

E quanto a Emma e Julian, duas palavras giravam sem parar em sua mente feito tubarões.

*Missão suicida.*

Horace Dearborn entrou, trazendo uma bandeja de prata com serviço de chá. *Agora eu já vi de tudo*, pensou Diana, enquanto ele se sentava e ajeitava a bandeja numa mesinha entre eles.

— Diana Wrayburn — falou. — Há muito tempo queria ter uma conversa em particular com você.

— Você poderia ter me convidado para o Gard a qualquer hora. Não precisava me prender nos bosques.

Ele suspirou fundo.

— Lamento que tenha sido assim, mas você estava na companhia de fadas e rompendo a Paz Fria. Entenda, eu gosto de uma mulher espirituosa. — O olhar dele deslizou por ela de um modo que quase a fez estremecer.

Ela cruzou os braços.

— Onde está Jia?

Horace pegou o bule e começou a servir. Cada gesto era medido e calmo.

— Seguindo a vontade do Conselho, a Consulesa está em prisão domiciliar por enquanto, até a ligação com as fadas ser investigada.

Não era realmente uma surpresa, mas ainda assim foi como um golpe.

— Não me diga. O julgamento vai acontecer assim que a Espada Mortal for “reforjada” — falou Diana amargamente.

Ele assentiu com entusiasmo.

— Exatamente, exatamente. — Pousou o bule. — Uma situação infeliz. Uma na qual você poderia se encontrar... a menos que esteja disposta a fazer uma barganha comigo.

— Que tipo de barganha?

Horace entregou uma xícara a ela; mecanicamente, Diana a pegou.

— A próxima reunião do Conselho será difícil, pois a Clave entende que futuras decisões precisam ser tomadas sem a Consulesa. Uma transição de poder sempre é difícil, não é?

Diana o encarou, impassível.

— Deixe-me ir direto ao ponto — falou Horace, e embora sua expressão estivesse relaxada e amistosa, não havia nada daquilo em seus olhos. — Fique do meu lado na próxima reunião do Conselho. Você tem influência sobre as pessoas. O Instituto de Los Angeles, o Instituto de Nova York... muitos Institutos lhe darão ouvidos. Se você me apoiar como o próximo Cônsul no lugar de Penhallow, eles vão fazer o mesmo.

— As pessoas me ouvem porque eu não comprometo meus valores — falou Diana. — Sabem que quando digo alguma coisa, é porque acredito no que estou dizendo. Eu nunca conseguiria acreditar que você daria um bom Cônsul.

— É isso? — A falsa amistosidade desapareceu do rosto dele. — Você acha que eu me importo com os seus *valores*, Diana Wrayburn? Você ficará do meu lado porque, se não o fizer, revelarei seu segredo para a Clave.

Diana sentiu a garganta apertar.

— Que segredo?

Horace se levantou, com a expressão furiosa.

— Apesar de toda sua conversa sobre valores, sei que você tem um segredo. Sei que se recusou todos esses anos a dirigir o Instituto de Los Angeles, deixando um louco fazê-lo, *sei* que você carrega uma sombra, Diana Wrayburn, e sei o que é. Sei que você se submeteu a tratamento médico mundano em Bangkok.

Chocada e furiosa, Diana se calou. Como ele sabia? Sua mente pôs-se a trabalhar: a Clave considerava uma traição quando um Caçador de Sombras permitia que médicos mundanos examinassem seu sangue e descobrissem seus segredos. Não importava que Catarina tivesse disfarçado todos os resultados incomuns dos exames, Horace a culparia de qualquer maneira.

— E deixe-me dizer o seguinte — emendou ele —, usarei tal informação como bem entender, a menos que você faça o que eu digo. Será afastada dos Blackthorn que tanto ama. E será presa, talvez junto aos outros traidores.

— A menos que o quê? — falou Diana monotonamente.

— A menos que concorde em ficar do meu lado na próxima reunião e declare que Jia é incompetente e que eu deveria ser o próximo Cônsul. Entendeu?

Era como se Diana estivesse olhando para si mesma através da extremidade errada de um telescópio; uma figura minúscula, com Horace se agigantando sobre ela.

— Entendi.

— E você concorda em dar seu apoio à Tropa?

— Sim. — Ela se levantou. Estava muito consciente de suas roupas sujas e rasgadas; a Tropa não fora gentil com ela ou Jia, embora ambas tivessem se

entregado tranquilamente.

Horace abriu a boca, talvez para que os guardas a levassem embora. Movendo-se com mais rapidez do que teria considerado possível, Diana arrancou a espada do Inquisidor da cintura dele e a agitou.

Horace gritou. Então cambaleou para trás, ainda gritando, e caiu de joelhos; havia sangue em suas vestes e o braço pendia num ângulo estranho.

Guardas irromperam no cômodo, mas Diana já havia corrido para a janela, abrindo-a. Ela se lançou para o telhado, deslizando quase até a beira antes de impedir a própria queda, agarrando-se às telhas de ardósia.

Os guardas estavam na janela. Ela ficou de pé com dificuldade e correu pelo telhado, procurando uma calha da qual pudesse se lançar. Uma sombra cruzou a lua, obscurecendo as torres demoníacas. Ela ouviu o som de cascos e então soube.

Quando os guardas rastejaram através da janela, ela se atirou do telhado.

— *Diana!* — Gwyn inclinou Orion, se virou e esticou a mão para pegá-la. Ela aterrissou de forma estranha, jogando os braços em torno do pescoço dele. Mãos fortes a envolveram pela cintura; ela olhou para trás uma vez e viu os rostos pálidos dos guardas observando do telhado do Gard enquanto os dois voavam noite adentro.

Dru desligou a tevê no meio de *A Picada Mortal*, o que era raro, pois era um de seus filmes ruins favoritos. Ela até comprara um par de brincos dourados de abelhas em Venice Beach uma vez para usar enquanto assistia às cenas de morte pelo ferrão.

Mas ela estava muito inquieta para ficar sentada. A agitação que sentira do lado de fora do 101 Coffee Shop ainda pinicava em sua nuca. Tinha sido tão *divertido* formar uma equipe com Kit e Ty, rindo com eles, ajudando nos planos deles.

Ela desceu do sofá e, descalça, foi até o corredor. Tinha pintado as unhas de um dos pés de verde-limão, mas não estava com pique de pintar o outro. Queria encontrar Livvy e se aninhar com a irmã na cama, rindo das revistas mundanas antigas.

A dor de lembrar de Livvy mudava de um instante a outro; algumas vezes, era sofrida e prolongada, outras vezes, era um lampejo agudo, como se ela tivesse sido furada com uma agulha quente. Se Julian, Emma ou até Mark estivessem aqui, ela poderia ter conversado a respeito. Quando passou pela grande escadaria que conduzia até o saguão, ouviu vozes do Santuário. A voz de Helen, amável e calma, a de Aline, aguda e autoritária. Ela se perguntou se teria



ido atrás de uma das duas, mesmo que não estivessem tão ocupadas. Dru realmente não conseguia imaginar.

Mas pensava nesta noite, rindo no banco de trás do carro com Kit e Ty, e o vento do deserto em seus cabelos. Ele carregava o cheiro de oleandro branco, mesmo no centro de Hollywood. A noite tinha preenchido a necessidade persistente dentro dela de *fazer alguma coisa* a ponto de ela sequer notar que aquela ânsia estivera presente.

Foi até os quartos dos gêmeos. Ty e Livvy sempre tiveram quartos diretamente opostos; a porta do quarto de Livvy estava fechada desde que retornaram de Idris.

Dru encostou a mão na porta, como se pudesse sentir as batidas do coração da irmã através da madeira. Uma vez Livvy tinha pintado a porta de vermelho, e a tinta descascando era áspera contra os dedos de Dru.

Num filme de terror, pensou a menina, agora seria o momento em que Livvy irromperia semiapodrecida e agarraria Dru com suas mãos cadavéricas. A ideia não a assustou de modo algum. Talvez por isso ela gostasse de filmes de terror, pensou; os mortos nunca ficavam mortos, e quem ficava em vida sempre estava ocupado demais perambulando imprudentemente em bosques para ter tempo de chorar ou sentir a perda.

Ela deixou a porta de Livvy e foi até a de Ty. Bateu, mas tinha música tocando no quarto e ela não conseguiu ouvir uma resposta. Abriu a porta e congelou.

O rádio estava ligado, Chopin tocava alto, mas Ty não se encontrava ali. O cômodo estava congelante. Todas as janelas tinham sido escancaradas. Dru quase tropeçou ao cruzar o recinto para fechar a janela maior. Baixou o olhar e viu que os livros de Ty estavam espalhados no chão, não mais em fileiras organizadas, determinadas por tema e cor. A cadeira estava em pedaços, as roupas, jogadas por toda a parte, e havia marcas de sangue seco nos lençóis e fronhas.

*Ty. Ah, Ty.*

Dru fechou a porta o mais rápido que pôde, sem batê-la, e se apressou pelo corredor, como se um monstro de um de seus antigos filmes estivesse em seu encalço.

Eles pararam diante da prisão, onde o cadáver do guarda jazia dobrado sobre o baú de madeira que Emma já tinha notado. Adaon fez uma careta e usou a ponta da bota para empurrar o corpo, o qual atingiu a laje manchada de sangue com uma pancada. Para espanto de Emma, Adaon se ajoelhou e abriu o baú; as

dobradiças rangeram e guincharam.

Logo o espanto desapareceu. O baú estava cheio de armas: espadões, adagas, arcos. Emma reconheceu a espada que os Cavaleiros haviam tirado dela, e a de Julian também. Ela esticou o pescoço para olhar, mas não viu o medalhão em parte alguma dentre os itens confiscados.

Adaon pegou algumas espadas. Jace esticou a mão para pegar uma.

— Vem pro papai — cantarolou ele.

— Não acredito que você tem uma barba — observou Emma, momentaneamente distraída.

Jace tocou a barba.

— Bem, faz uma semana, pelo menos. Espero que me faça parecer mais viril, como um deus polido.

— Eu odiei — falou Emma.

— Eu gostei — falou Clary lealmente.

— Não acredito em você — retrucou Emma. Ela esticou a mão para Adaon. — Dê aqui a espada. Jace pode usá-la para raspar a barba.

Adaon olhou de cara feia para todos eles.

— Vocês não portarão lâminas. Não podem estar armados se farão o papel de prisioneiros. Eu vou levar as armas. — E jogou as armas sobre o ombro como se fosse um montinho de gravetos. — Agora venham.

Eles saíram marchando à frente de Adaon através dos corredores subterrâneos úmidos e agora familiares. Julian ficou em silêncio, perdido em pensamentos. O que ele sentia?, se perguntava Emma. Ele amava sua família, apesar de tudo, mas mencionara que agora era diferente. Será que ele queria dizer que não estava apavorado por causa de Mark?

Emma se aproximou de Cristina.

— Como você terminou encontrando Adaon? — murmurou para a amiga. — Você simplesmente bateu os calcanhares dos sapatinhos de rubi e pediu para ser levada até o filho mais bonito do Rei Unseelie?

Cristina revirou os olhos.

— Eu vi Adaon com Kieran em Londres — cochichou. — Ele parecia se importar com o irmão e eu resolvi arriscar.

— E como chegou até ele?

— Eu vou te contar mais tarde. E ele não é o príncipe Unseelie mais bonito. Kieran é — falou Cristina, e ficou corada da cor de beterraba.

Emma olhou para os músculos de Adaon, espetacularmente ressaltados debaixo da túnica enquanto ele equilibrava as espadas.

— Eu pensei que Kieran estivesse na Scholomance.

Cristina suspirou.

— Você não sabe um bocado de coisas. Eu vou te contar tudo, se nós...

— Sobrevivermos? — perguntou Emma. — Sim. Eu tenho um monte de coisas pra te contar também.

— Calados! — pediu Adaon rispidamente. — Chega de conversa, prisioneiros!

Eles tinham saído dos túneis subterrâneos para os andares inferiores da torre. Fadas Seelie e Unseelie lotavam o local, correndo de um lado a outro. Um guarda vermelho passou e piscou para Adaon.

— Bom trabalho, príncipe — rosnou ele. — Dê um jeito nesses Nephilim!

— Obrigado — falou Adaon. — Eles são muito desordeiros.

E olhou com expressão severa para Cristina e Emma.

— Você ainda o acha gostoso? — resmungou Cristina.

— Provavelmente mais ainda — murmurou Emma. Sentia uma vontade louca de rir, apesar da situação horrível. Estava tão feliz por ver Cristina novamente. — Vamos sair dessa, voltar para casa e contar tudo uma para a outra.

— Chega. Vocês duas, separem-se. — Adaon se irritou, e Emma, obediente, foi caminhar ao lado de Clary. Eles tinham alcançado a parte menos cheia da torre, uma área mais residencial, com fileiras de portas ricamente decoradas.

Clary parecia exausta, as roupas manchadas de sangue e terra.

— Como vocês foram pegos? — perguntou Emma, dando uma olhadela em Adaon.

— Os Cavaleiros de Mannan — falou Clary baixinho. — Eles têm a responsabilidade de guardar Ash. Nós tentamos lutar, mas aqui eles são mais poderosos do que no nosso mundo. — Ela olhou de soslaio para Emma. — Ouvi dizer que você matou um deles. Isso foi impressionante.

— Acho que foi Cortana, não eu.

— Não subestime o poder da lâmina certa — falou Clary. — Às vezes, sinto falta de Heosphoros. Sinto falta do tato dela na minha mão.

Heosphoros, assim como Cortana, tinha sido forjada pelo lendário armeiro Wayland, o Ferreiro. Qualquer criança em idade escolar sabia que Clary havia levado a espada para Edom e matado Sebastian Morgenstern, e que a arma fora destruída na conflagração resultante.

Será que Clary estava pensando em Sebastian? Sem conseguir se controlar, Emma sussurrou:

— Não acho que Ash tenha que ser como o pai. Ele ainda é uma criança. Poderia crescer melhor... mais generoso.

O sorriso de Clary era triste.

— Então ele também fez isso com você.

— O quê?

— Um líder perfeito, inspirando lealdade perfeita — falou Clary. — O Rei já tinha feito coisas a Ash, usando seu sangue, acho, para torná-lo parecido com o Primeiro Herdeiro. Quando você falou com ele, quis segui-lo e protegê-lo, não foi?

Emma empalideceu.

— Eu quis, mas...

— Príncipe Adaon! — chamou uma voz rouca. Emma ergueu o rosto e viu que eles estavam parados diante das fileiras de guardas que protegiam a sala do trono. O líder deles, com o uniforme e o quepe mais vermelhos e mais encharcados de sangue, fitava Adaon com alguma surpresa. — O que é isto?

— Prisoneiros para o Rei — falou Adaon rispidamente.

— Estes aí foram capturados há uma semana. — O guarda apontou para Jace e Clary.

— Sim, mas eu descobri estes outros na prisão, tentando libertá-los. — Adaon apontou Cristina, Julian e Emma. — São espiões Nephilim. Dizem que têm informações para o Rei, as quais trocariam por suas vidas insignificantes, vermiformes.

— Vermiformes? — resmungou Julian. — Sério?

— Fique aqui um minuto — pediu o líder dos guardas. Ele passou pela entrada em arco. Um instante depois, tinha retornado ostentando um esboço de sorriso irônico. — Príncipe Adaon, pode passar. Seu pai quer vê-lo, e solicitou que eu lhe desse a expectativa de uma reunião familiar.

Uma reunião familiar. O Rei só podia estar se referindo a ele mesmo, mas também poderia querer dizer Kieran... e Mark.

Julian reagira também, ainda que em silêncio. Sua mão se fechou como se ele pudesse segurar uma lâmina imaginária, e seus olhos se fixaram na entrada escura.

— Obrigado, general Winter — falou Adaon e começou a conduzi-los adiante.

Desta vez eles não entrariam na sala do trono invisíveis a todos os olhares. Desta vez, seriam vistos. A garganta de Emma estava seca e o coração palpitava.

Diferentemente da sala do trono da Rainha Seelie, que sempre se modificava, o santuário interior do Rei permanecia inalterado. O imenso Portal ainda cobria uma das paredes e exibia uma paisagem deserta e ventosa onde as árvores se projetavam do solo feito mãos esqueléticas buscando ar. A luz amarelada e forte do deserto emprestava uma tonalidade sobrenatural ao recinto, como se eles estivessem sob a iluminação de chamas invisíveis.

O Rei estava no trono, seu único olho ardia, vermelho. Diante dele, viam Mark e Kieran, cercados de guardas. As mãos de Mark estavam algemadas

juntas; Kieran estava de joelhos, com os pulsos presos e ligados a uma corrente de metal atada ao soalho de pedra. Quando eles se viraram para ver quem tinha entrado, choque e alívio dominaram o rosto de Mark, seguidos pelo pavor. Na testa de Kieran, via-se um corte ensanguentado.

Seus lábios articularam uma única palavra. *Cristina*.

Cristina arfou. Emma esticou a mão e segurou o pulso da amiga, mas ela estava congelada.

Foi Julian quem se adiantou, os olhos fixos em Mark. Adaon o agarrou com o braço livre e o puxou para trás. Emma se lembrou do que Julian tinha mencionado sobre sua necessidade atávica de proteger Ty. Aparentemente ele também sentia isso pelos outros irmãos: ele ainda estava lutando quando Adaon se virou e falou alguma coisa para Jace. A Marca de Força no antebraço de Jace brilhou quando ele passou um braço em volta do peito de Julian, imobilizando-o.

— Segurem-no! — Winter, o general da guarda vermelha, mirou a ponta de sua lança para Julian. Outros guardas vermelhos tinham entrado e se colocado entre os prisioneiros de Adaon e o Rei, uma fileira vermelha.

O corpo de Julian estava rígido de tensão e ódio ao fitar o Rei, que dava seu estranho sorriso, metade esquelético.

— Muito bem, Adaon — elogiou. — Ouvi dizer que você evitou uma tentativa de fuga de nossas prisões.

Mark encolheu os ombros. Kieran encarou o pai com desprezo.

— Veja, meu filho — falou o Rei para Kieran. — Todos os seus amigos são meus prisioneiros. Não há esperança para você. — Ele se virou. — Deixe-me vê-los, Adaon.

Com a ponta da espada, Adaon empurrou Emma e os outros para mais perto do trono. Emma sentiu o peito apertar, lembrando-se da última vez que tinha ficando diante do Rei Unseelie; de algum modo ele conseguira enxergar dentro de seu coração, sendo capaz de ver o que ela mais queria e então entregado a ela como se fosse uma dose de veneno.

— Você — falou o Rei, os olhos em Emma. — Você enfrentou meu campeão.

— E venceu — emendou Cristina, orgulhosamente, com as costas retas.

O Rei a ignorou.

— E também matou um Cavaleiro, meu Fal. Interessante. — Ele se virou para Julian. — Você trouxe confusão para a minha corte e fez meu filho de refém. O sangue dele está em suas mãos. — Finalmente, ele olhou para Jace e Clary. — Por causa de vocês, nós sofremos a Paz Fria.

Adaon pigarreou.

— Então por que eles ainda estão vivos, pai? Por que você não os matou?

— Não está ajudando — resmungou Jace. Ele tinha soltado Julian, que assumira posição semelhante à de um corredor esperando pelo tiro de largada.

— Vantagem contra a Clave — falou o Rei, acariciando o braço do trono. A pedra fora entalhada com um desenho de rostos gritando. — Para nós, eles são inimigos. Para a Clave, são heróis. É sempre assim numa guerra.

— Mas nós não buscamos um fim para a Paz Fria? — perguntou Adaon. — Se devolvêssemos os prisioneiros à Clave, poderíamos reabrir as negociações. Encontrar um solo comum. Verão que não somos assassinos sanguinários, como eles creem.

O Rei ficou em silêncio por um momento. Não ostentava expressão alguma, no entanto Kieran tinha um olhar de apreensão do qual Emma não estava gostando nem um pouco.

Finalmente, o Rei sorriu.

— Adaon, você verdadeiramente é o melhor dos meus filhos. Em seu coração deseja paz e paz é o que nós teremos... quando os Nephilim perceberem que temos uma arma que pode destruir todos eles.

— Ash — murmurou Emma.

Nem fora sua intenção falar em voz alta, mas o Rei ouviu. A face horrível se virou para ela. Nas profundidades das órbitas cavernosas, luzes minúsculas brilharam.

— Venha cá — ordenou.

Julian fez um ruído de protesto — ou talvez fosse outra coisa; Emma não soube dizer. Ele mordida o lábio com força, sangue escorrendo pelo queixo. Ele não pareceu perceber o ferimento, entretanto, e não fez nada para impedi-la quando ela se virou e caminhou em direção ao Rei. Ela se perguntou se Julian ao menos tinha noção do sangue.

Emma se aproximou do trono, passando pela fileira de guardas. Ela se sentia nua sem uma arma nas mãos. Não se sentia assim, tão vulnerável, desde que Iarlath a chicoteara contra a árvore.

O Rei ergueu uma das mãos.

— Pare — falou, e Emma obedeceu. Tanta adrenalina a atravessava que ela se sentia um pouco bêbada. Só queria se jogar em cima do Rei, rasgar suas roupas, socá-lo e chutá-lo. Mas sabia que, se tentasse, seria morta em um instante. A guarda estava por toda parte.

— Escolherei um de vocês para voltar à Clave como meu mensageiro — falou o Rei. — Poderia ser você.

Emma empinou o queixo.

— Não quero levar seus recados.

O Rei deu uma risadinha.

— Eu não queria que matasse um de meus Cavaleiros, e, no entanto, você o fez. Talvez seja apenas seu castigo.

— Me castigue me mantendo prisioneira aqui — falou Emma. — Liberte os outros.

— Um stratagema nobre, porém estúpido — falou o Rei. — Criança, toda a sabedoria dos Nephilim caberia numa bolota na mão de uma fada. Vocês são jovens e tolos, e vão perecer em sua tolice. — Ele se inclinou para a frente, o pontinho minúsculo em seu olho direito florescendo num círculo de chamas. — Como você sabe sobre Ash?

— Não! Não! *Não mexam com ele!* — Emma girou; os gritos de uma mulher irromperam no recinto como o movimento de uma lâmina afiada. Ela ficou mais tensa ainda; Ethna e Eochaid entraram, trazendo Ash no meio deles. O menino estava sem a coroa dourada e parecia irritado e de mau humor.

Atrás dele, Annabel corria e berrava:

— Parem! Já não fizeram o suficiente? Parem, estou dizendo! Ash é minha responsabilidade...

Ela viu Emma e ficou imóvel. Seus olhos foram rapidamente até Adaon, e então se deparou com Julian, que a fitou de volta com ódio ardente. Jace segurava o ombro dele de novo.

Ela pareceu se encolher em suas roupas: um vestido cinza de linho e um casaco de lã. Sua mão esquerda era uma garra em volta do verdadeiro *Volume Preto*.

— Não — resmungou ela. — Não, não, eu não queria fazer isso. Eu não queria fazer isso.

Emma ouviu um rosnado profundo. Um instante depois percebeu que era Mark, chacoalhando as correntes. Annabel arfou ao reconhecê-lo. E cambaleou para trás quando um dos guardas correu na direção de Mark, com a lança em punho.

Mark se afastou — mas não estava exatamente recuando, notou Emma, e sim afrouxando as correntes que prendiam seus pulsos. Ele girou, enrolando as correntes no pescoço do guarda; a lança bateu no chão quando Mark segurou a corrente e puxou com força.

O guarda foi atirado para trás, arremessado na direção de seus companheiros. Todos cambalearam. Mark estava de pé, respirando com dificuldade, os olhos ferozes e duros como vidro. Winter olhou para ele e para Kieran com expressão pensativa.

— Devo matá-lo, soberano? — perguntou.

O Rei balançou a cabeça, evidentemente aborrecido.

— Deem uma surra nele mais tarde. Minha prezada guarda vermelha, mais

cautela com os prisioneiros. — Ele deu um sorriso irônico. — Eles mordem.

Annabel ainda gemia baixinho. Então lançou um olhar apavorado a Emma, Julian e Mark — o que era ridículo, pensou Emma, pois era óbvio que todos eram prisioneiros — e um olhar veemente a Ash.

*Lealdade perfeita*, pensou Emma. Não era de admirar que Annabel tivesse se ligado tão rapidamente e com tanta força a Ash.

O Rei estalou os dedos para Emma.

— Volte para Adaon, garota.

Emma ficou furiosa, mas nada disse. E cruzou lentamente o recinto até Adaon e os outros, se recusando a dar ao Rei a satisfação de andar depressa.

Emma alcançou o restante do grupo ao mesmo tempo que Annabel deu outro grito choroso. Emma se aproximou de Julian e segurou seu braço. Os músculos latejaram ao toque dela. Ela então passou a mão em torno do antebraço dele e Jace se afastou, dando espaço aos dois.

Emma sentia sob seus dedos os contornos do trapo ensanguentado no antebraço de Julian. *Lembre-se do que Livvy ia querer*, pensou ela. *Não vá dar chance para a morte.*

O Rei se virou para Eochaid.

— Dê sua espada a Ash, Cavaleiro.

Eochaid recuou, claramente surpreso. Depois se virou para Ethna, mas ela balançou a cabeça, e os cabelos de bronze se espalharam sobre os ombros. A mensagem era clara: *Obedeça*.

Eles ficaram observando Eochaid entregar a espada reluzente, dourada e bronze. Era grande demais para Ash, que a segurou com a habilidade de alguém acostumado a lidar com armas, porém não tão grandes e pesadas assim. Ele encarou o Rei com olhos assustados.

— Corte a garganta de Kieran, Ash Morgenstern — falou o Rei.

*Ele nem está se dando ao trabalho de fingir*, pensou Emma. *Nem se importa mais se sabemos exatamente quem Ash é ou não.*

— Não! — gritou Mark. E avançou para Ash e Kieran, mas os guardas o detiveram. Eles foram incrivelmente rápidos, e agora estavam zangados, afinal Mark já tinha ferido um deles.

Clary arfou. Emma ouvia Cristina murmurando freneticamente ao seu lado, embora não conseguisse distinguir as palavras isoladamente. Kieran ficou onde estava, o olhar vidrado, como se o Rei nada tivesse dito.

— Por quê? — quis saber Ash. A voz tremeu. Emma se perguntou se era solidariedade verdadeira ou fingida.

— Você deve derramar sangue real — falou o Rei —, e Kieran é o mais dispensável.



— *Você é um desgraçado!* — gritou Mark, lutando contra as algemas e o aperto dos guardas.

— Isso é pressão demais — gritou Annabel. — Ele é só uma criança.

— Por isso deve ser feito agora — retrucou o Rei. — Os Artifícios das Trevas matariam uma criança mais velha. — Ele se inclinou e encarou Ash, a paródia de um adulto preocupado. — Kieran morrerá de qualquer jeito — falou —, não importa se suas mãos vão empunhar ou não a espada. E se você não o fizer, ele morrerá lentamente, numa dor excruciante.

O olhar de Kieran cruzou o recinto, devagar, mas não na direção de Ash. Foi para Cristina, que o observava, impotente, e depois para Mark, lutando contra as mãos dos guardas.

Ele sorriu.

Ash deu um passo à frente. A espada pendia frouxamente de sua mão e ele mordida o lábio. Finalmente, Kieran o encarou.

— Faça o que deve ser feito, criança — falou, com a voz gentil e calma. — Sei como é quando o Rei da Corte Unseelie não dá nenhuma boa opção.

— Rebento ingrato! — latiu o Rei, com um sorriso de desprezo para Kieran. — Ash... *agora!*

Emma começou a olhar enlouquecidamente para Julian e os outros. Adaon não podia ajudá-los; havia guardas demais, e era impossível enfrentar os Cavaleiros...

Mais guerreiros da guarda vermelha invadiram a câmara. Emma precisou de um momento para entender que estavam correndo. Fugindo, apavorados, da tempestade que se seguiu — um vulto esguio, ardendo em vermelho e dourado, com os cabelos ruivos fluindo ao redor como sangue derramado.

A Rainha Seelie.

Uma expressão de surpresa cruzou o rosto do Rei Unseelie, seguida rapidamente por raiva. Ash deixou cair a espada, com um estrondo, se afastando de Kieran assim que a Rainha se aproximou.

Emma nunca tinha visto a Rainha Seelie assim. Seus olhos brilhavam, ardendo com uma emoção muito incomum às fadas. Ela era como a maré alta, correndo na direção do filho.

— *Não!* — O grito agudo de Annabel foi quase animalesco. Enfiando o *Volume Preto* no casaco, ela correu para Ash, com os braços estendidos.

A Rainha Seelie se virou com um movimento suave e meneou a mão; Annabel voou e bateu na parede de rocha da câmara. Ela deslizou até o chão, arfando.

No entanto, sua entrada dera tempo aos Cavaleiros, que se reuniram em torno de Ash. A Rainha caminhou até eles; seu rosto irradiava poder e ira.

— Você não pode tocá-lo — falou Ethna, a voz refletindo um zumbido metálico. — Ele pertence ao Rei.

— Ele é meu *filho* — falou a Rainha com desprezo. Seu olhar vacilou entre os dois Cavaleiros. — Vocês são da magia mais antiga, da magia dos elementos. Mereciam mais do que lamber as botas do Rei Unseelie feito cães.

Ela desviou o olhar de Ash e foi até o Rei, a luz bruxuleando em seus cabelos como minúsculas chamas.

— Você — falou ela. — Mentiroso. Suas palavras sobre uma aliança eram muitas folhas secas sopradas no ar vazio.

O Rei pousou a cópia do *Volume Preto* no braço do trono e se levantou. Emma sentiu uma onda de espanto descer por sua espinha. O Rei e a Rainha do Reino das Fadas, frente a frente. Era como a cena de uma lenda.

Seus dedos coçavam de modo quase insuportável por uma espada.

— Eu faço o que faço porque assim devo fazer — disse o Rei. — Ninguém mais tem força para fazer isso! Os Nephilim são nosso único grande inimigo. Sempre foram. Ainda assim, você faz tratados com eles, busca a paz, vive junto deles. — Ele deu um sorriso de desdém. — Entregue seu *corpo* a eles.

Emma ficou de queixo caído. *Que grosseria*, conseguiu articular para Cristina.

A Rainha aprumou as costas. Ela ainda era magra e muito pálida, mas o poder de sua Realeza parecia irradiar como luz através de uma lâmpada.

— Você teve sua chance com a nossa filha, e como não acreditou que uma mulher pudesse ser forte, você a desperdiçou. Eu não vou lhe dar outro dos meus filhos para sua matança descuidada!

*O Primeiro Herdeiro*, pensou Emma. *Então é verdade.*

Ouviu-se um murmúrio de choque no recinto — não dos prisioneiros humanos, mas dos Cavaleiros e guardas. Um rubor escuro de raiva subiu pelo rosto do Rei. Ele esticou o braço, coberto até o cotovelo por uma manopla dourada, para o Portal turbulento na parede norte.

— Olhe neste Portal, gloriosa Rainha — falou entre dentes, e a imagem no Portal começou a mudar. Se antes a paisagem desértica estava vazia, agora era possível ver figuras correndo entre os redemoinhos de areia cor de veneno. O céu acima da paisagem tinha uma coloração dourada e de ferrugem queimada.

Emma ouviu Clary engasgar de um jeito muito esquisito.

— Eu criei uma abertura até o outro mundo — falou o Rei. — Um mundo cuja essência em si é venenosa para os Nephilim. Nossos reinos estão protegidos por sua terra e o veneno começa a se espalhar em Idris.

— Não são as Linhas Ley — murmurou Cristina. — É a Praga.

Eles giraram para olhar o Portal. A cena tinha mudado mais uma vez. Agora

mostrava o mesmo deserto após uma batalha. Sangue manchava a areia de vermelho. Corpos estavam espalhados por toda parte, contorcidos e escurecidos pelo sol. Era possível ouvir gritos e lamentos fracos, obscuros como a lembrança de algo terrível.

Jace se voltou para o Rei.

— O que é isso? Que mundo é esse? O que foi que você fez?

A mão de Clary apertou o pulso de Emma. Sua voz era um murmúrio.

— *Sou eu.*

Emma olhou através do Portal. O vento soprava a areia em rajadas fortes, descobrindo um corpo com uniforme de Caçador de Sombras preto, o peito aberto e os ossos brancos aparecendo. Cabelos ruivos caíam na areia, misturados a sangue.

— Esse era o meu sonho — murmurou Clary, com a voz sufocada pelas lágrimas. Emma estava imóvel e fitava o cadáver da amiga. — Foi *isso* que eu vi.

A areia soprou novamente e o corpo de Clary desapareceu de vista justamente quando Jace se virou para trás.

— Que mundo é esse? — quis saber.

— Rezem para que vocês nunca tenham que descobrir — falou o Rei. — A terra de Thule é morte e choverá morte em seu mundo. Nas mãos de Ash, será a maior arma já conhecida.

— E qual será o custo para Ash? — quis saber a Rainha. — Qual será o custo para *ele*? Você já pôs feitiços nele. Já o fez sangrar. Você usa o sangue dele ao redor do seu pescoço. Negue, se puder!

Emma olhou para o frasco no pescoço do Rei: tinha pensado ser uma poção vermelha, mas não era. Ela se lembrou da cicatriz no pescoço de Ash e sentiu enjoo.

O Rei deu uma risadinha.

— Eu não desejo negar. O sangue dele é único... sangue Nephilim e sangue demoníaco, misturado a sangue de fada. Eu retiro poder dele, mas somente uma fração do poder que Ash poderia ter se você me permitisse manter o *Volume Preto*.

A Rainha contorceu o rosto.

— Você é obrigado, pelo seu juramento, a devolvê-lo para mim, Rei...

O Rei ficou tenso; Emma não entendia tanto de fadas quanto Cristina, mas sabia que se o Rei tinha jurado devolver o livro à Rainha ao alvorecer, ele não teria opção senão cumprir.

— Ele nos dará poder indescritível. Basta me deixar mostrar a você...

— Não! — Um raio de linho cinza e cabelos escuros disparou pelo recinto e

agarrou Ash, fazendo-o girar e sair do chão.

Ash gritou ao ser agarrado por Annabel. Ela correu com ele pela câmara, apertando o pulso do menino com força. Os Cavaleiros dispararam atrás dela, e mais guardas a cercaram, vindo da porta. Girando como um coelho capturado, ela mostrou os dentes, ainda apertando o pulso de Ash.

— *Eu vou falar o seu nome!* — guinchou ela para o Rei, e ele congelou. — Diante de todas estas pessoas! Mesmo que você me matasse, todos eles teriam ouvido a palavra. Mande que se afastem agora! Todos devem se afastar!

O Rei arquejou. Enquanto a Rainha observava com desconfiança, ele fechou os punhos com tanta força que as manoplas se dobraram e partiram. O metal perfurou sua pele e sangue brotou das beiradas cortadas.

— Ela sabe o seu nome? — quis saber a Rainha, elevando a voz. — Aquela Nephilim *sabe o seu nome?*

— Afastem-se, Cavaleiros — falou o Rei, soando como se estivesse sendo estrangulado. — Afastem-se, todos vocês!

Os Cavaleiros e os guardas congelaram. Ao se dar conta do que estava acontecendo, a Rainha guinchou e correu até Annabel, com as mãos erguidas. Mas era tarde demais. Passando os braços em torno de Ash, Annabel se jogou para trás e passou através do Portal.

Ouviu-se um som semelhante a um tecido grosso rasgando. O Portal se abriu e fechou sobre Annabel e Ash. A Rainha parou de repente, se contorcendo para evitar bater no Portal.

Julian prendeu a respiração. A imagem no Portal tinha se modificado — agora dava para ver Annabel e Ash parados naquele lugar desolado e doente; areia redemoinhando ao redor deles. A Rainha gritou, esticando as mãos como se pudesse tocar Ash, envolvê-lo em seus braços.

Por um momento, Emma quase sentiu pena dela.

A areia girou num redemoinho novamente, e Ash e Annabel desapareceram de vista. O Rei desabou no trono com o rosto nas mãos.

A Rainha girou e se afastou do Portal, indo até o trono. Tristeza e raiva entalhadas em sua expressão.

— Você levou o segundo de meus filhos à morte, Senhor das Sombras — falou. — Não haverá outra.

— Chega de suas tolices! — falou o Rei rispidamente. — Fui eu quem se sacrificou por nossos filhos. — Ele apontou a própria face arruinada, o brilho dos ossos brancos onde deveria haver carne. — Seus filhos foram e sempre serão apenas ornamentos de sua vaidade!

A Rainha gritou alguma coisa numa língua que Emma não entendia e se lançou sobre o Rei, sacando de dentro do corpete uma adaga ornamentada.

— Guardas! — gritou o Rei. — Matem-na!

Mas os guardas estavam congelados, observando em choque a Rainha baixar a adaga. O Rei ergueu um dos braços para se defender e rugiu de dor quando a faca afundou em seu ombro e sangue se espalhou pelo piso abaixo do trono.

Aquilo despertou a iniciativa dos guardas. Eles avançaram e capturaram a Rainha, que se virou na sua direção com fúria. Mesmo os Cavaleiros observavam.

— *Agora* — falou Adaon.

Ele foi extremamente ágil, jogando para os Caçadores de Sombras que o cercavam as espadas que vinha trazendo nas mãos ansiosas. Emma pegou uma no ar e correu para Mark e Kieran, com Julian e Cristina ao seu lado.

Os nervos dela estavam em brasa quando os guardas, percebendo o que estava acontecendo, correram para os Nephilim que avançavam. Ela odiara cada minuto em que ficara parada; quando um dos guardas vermelhos a atacou, Emma saltou para a rocha mais próxima, ricocheteando e aproveitando o impulso para cortar a cabeça de outro guarda ao pousar. O sangue jorrou, vermelho quase preto.

O sangue subiu no rosto do Rei quando ele viu o que o filho estava fazendo.

— *Adaon!* — gritou com a voz rouca, o som de um rugido, mas o príncipe já estava correndo para Mark e Kieran, derrubando os guardas com golpes selvagens do espadão.

*Isso mesmo, pensou Emma com prazer selvagem, cada um de seus filhos odeia você, Rei.*

Ela girou e se atracou com outro dos guardas, sua lâmina colidindo contra a lança de ferro. Jace e Clary enfrentavam outros. Julian e Cristina estavam atrás de Adaon, empurrando todos para se aproximar de Kieran e Mark, cercados por mais guardas.

— Cavaleiros! — gritou o Rei, saliva voando de seus lábios. — Parem-no! *Parem Adaon!*

Eochaid deu um pulo por cima das cabeças de um grupo de guardas e aterrisou diante de Adaon. O espadão do príncipe reagiu com velocidade incrível, afastando a lâmina de Eochaid. Adaon gritou para Cristina e Julian pegarem Mark e Kieran, e se virou novamente para Eochaid no momento que Ethna correu para eles, a espada em punho.

Emma se abaixou e cortou as pernas do guarda; ela fez uma oração silenciosa de agradecimento à pulseira de Isabelle, que fortalecia seus golpes conforme seu corpo enfraquecia. O guarda desabou numa poça de sangue enquanto Jace corria para o lado de Adaon. Sua espada bateu na de Ethna com uma pancada estridente.

E Emma se lembrou por que, quando criança, sempre quis ser Jace Herondale. A espada dele se movimentava como luz dançando na água, e por alguns momentos ele fez Ethna recuar, enquanto Adaon pressionava Eochaid e o afastava do trono, bem como de Kieran e Mark.

Clary pulou sobre uma pedra e pousou ao lado de Emma; ela arfava e a espada estava encharcada de sangue.

— Temos que manter os guardas longe daqui — falou. — Venha comigo!

Emma a acompanhou, cortando mais alguns guardas em sua movimentação. Um grupo que incluía o general Winter tinha cercado Cristina e Julian para evitar que os dois se aproximassem de Kieran e Mark.

Emma pulou para a parede íngreme da sala do trono. Subiu usando apenas uma das mãos, baixando o olhar para o caos abaixo. A Rainha e o Rei lutavam, indo de um lado para outro, diante do trono. Adaon e Jace se defendiam contra os Cavaleiros, embora Adaon tivesse um talho longo no ombro que sangrava livremente. E Clary girava rapidamente, golpeando os guardas e em seguida fugindo do alcance deles com impressionante velocidade.

Emma pulou da parede, e uma lufada de ar passou quando ela se virou e girou, aterrissando de pé e jogando Winter longe, esparramado. Os outros guardas se apressaram até ela, que desenhou no ar um arco com a lâmina, cortando as pontas de suas lanças. Ela se afastou de Winter num novo salto e avançou sobre os outros guardas, sua espada se arqueando no ar.

— Eu matei Fal, o Cavaleiro — falou com a voz mais ameaçadora. — E vou matar vocês também.

Eles empalideceram visivelmente. Vários recuaram, e Julian e Cristina conseguiram ir até Mark e Kieran. Julian ajudou o irmão para que ficasse de pé, baixando a espada e cortando a corrente que prendia seus pulsos. Embora livre das correntes, ainda havia os braceletes de ferro.

Mark puxou seu irmão com os braços algemados e o abraçou de modo breve e ardente. Emma sentiu os olhos lacrimejarem, mas não havia tempo para ficar admirando a cena; ela girou, chutou e cortou, o mundo era um caos de prata, gelo e sangue.

Emma ouviu Cristina chamando seu nome.

O gelo se transformou em fogo. Ela correu na direção do som, saltando rochas viradas, e viu Cristina de pé, com uma lâmina partida na mão. Kieran ainda estava ajoelhado e pedaços da espada quebrada se espalhavam em torno da corrente que atava os pulsos dele à terra.

— Emma, por favor — começou a menina, mas Emma já estava baixando a lâmina. Não era Cortana, mas resistiu; a corrente se partiu e Kieran ficou de pé num pulo. Cristina o segurou pelo braço.

— Nós temos que ir — falou, olhos frenéticos. — Eu posso usar o artefato para voltarmos...

— Chame todos — disse Emma. Ela botou a espada na mão de Cristina. — Eu preciso pegar a cópia do *Volume Preto*.

Cristina tentou empurrar a espada de volta para Emma.

— O quê? *Onde*?

Mas Emma já estava correndo pelo piso irregular para se lançar nos degraus do trono. Ela ouviu o Rei berrar; ouviu Julian chamar seu nome. Tinha alcançado o topo dos degraus. O trono se erguia diante dela, escuro e granito, as páginas encadernadas do *Volume Preto* pousadas num imenso braço de pedra.

Emma pegou o livro e girou bem a tempo de ouvir Adaon gritar, um berro rouco de dor. Eochaid o encurralara contra a lateral de uma rocha imensa. A frente da túnica de Adaon estava encharcada de sangue, e a espada de Eochaid beijava sua garganta.

— Devo matá-lo, Rei? — falou Eochaid com a voz exultante. A maioria dos presentes observava imóvel. Cristina cobrira a boca com a mão; afinal, fora ela quem trouxera Adaon para cá. Mesmo a guarda vermelha estava parada olhando. — Seu filho traidor? Devo dar fim à vida dele?

A Rainha começou a rir. Os guardas a seguraram pelos braços, mas ela ainda exibía seu sorriso estranho e felino.

— Ah, meu senhor — falou. — Tem algum de seus filhos que não odeie o seu nome?

O Rei arreganhou os dentes.

— Corte a garganta dele — falou para Eochaid.

Os músculos de Adaon se retesaram. O cérebro de Emma trabalhava freneticamente — ela havia notado Kieran correr para a frente, mas não daria para alcançar Adaon a tempo —, Eochaid ergueu a lâmina como um carrasco, o outro braço apoiado no peito de Adaon.

Ouviu-se um grito horrível de alguém sufocando. *Adaon*, pensou Emma, enlouquecida, tropeçando nos degraus, mas não, Eochaid se afastava de seu prisioneiro, com a espada ainda erguida e o rosto contorcido em surpresa.

O Rei afundou de joelhos, sangue correndo livremente pela frente do rico gibão. A mão de Kieran ainda estava erguida. Alguma coisa se projetava da garganta do Rei — uma lasca do que quase se parecia com vidro...

A ponta da flecha de elfo, percebeu Emma com um susto. Kieran tinha lançado o colar no Rei com uma força incrível.

Eochaid e Ethna correram até o Rei, com as espadas brilhantes nas mãos, os rostos, a pura imagem do desespero. Adaon também caminhava até o pai. Kieran não se mexeu. Ele estava apoiado pesadamente no ombro de Cristina, o rosto

sem expressão.

Ajoelhado, o Rei arranhava o próprio pescoço. Surpresa, Emma percebeu que ele parecia enfraquecer — a mão agarrou freneticamente a flecha de elfo e depois caiu para o lado e pendeu inútil.

Adaon baixou o olhar para ele.

— Pai — falou baixinho. — Perdoe-me.

O rosto de Ethna se contorceu numa máscara. Jace e Clary, ensanguentados e sujos, observavam atônitos. De longe, Emma soube que estava presenciando algo notável. A morte de um Rei que tinha governado por mil anos.

Ethna girou, lançando um olhar sério para Kieran.

— Regicida! — gritou ela. — Parricida!

— Ele estava tentando salvar Adaon! — gritou Mark em resposta. — Você está cega, Cavaleira?

— Porque ele quer ser o Rei — retrucou Eochaid com rispidez. — Porque ele quer o trono!

A Rainha começou a rir. Livrou-se dos guardas que a seguravam como se as mãos deles não passassem de teias de aranha, embora alguns estivessem caindo no chão aos gritos, com as palmas queimadas e escurecidas, e dedos arrancados.

— Eles já reviram seu trono feito cães em busca de um osso — falou para o Rei cujo sangue escorria dos cantos de sua boca e os olhos reviravam completamente.

Ela agarrou Adaon pelo braço. Ele gritou em choque e dor; os cabelos da Rainha açoitaram ao redor dos dois e ela sorriu para o Rei.

— Você pegou meu filho — disse ela. — Agora eu pego o seu.

A Rainha desapareceu e Adaon se foi com ela. O Rei soltou um grito e caiu no chão, arranhando a terra com as mãos nas manoplas. A coroa tombou de sua cabeça e bateu no soalho de pedra enquanto ele murmurava palavras incompreensíveis. Talvez estivesse tentando dizer o nome da Rainha, talvez o de Adaon. Talvez até o de Kieran. Emma jamais saberia. O corpo do Rei ficou rijo e desabou. Eochaid e Ethna começaram a berrar.

Estava morto. Mas seu sangue continuava fluindo ao redor, serpenteando em riachos no chão. Os guardas se afastavam do corpo do Rei, seus rostos eram máscaras de horror.

Winter baixou a lança que estivera apontando para Emma.

— O Rei está morto! Rei Arawn está morto! — gritou ele, e Emma se deu conta de que devia ser verdade: era seguro falar o verdadeiro nome do Rei agora que ele não mais vivia.

Os guardas fugiram rapidamente — menos Winter, que ficou estático —, deixando a sala do trono num rio escarlate. Cristina gritava para os outros



Caçadores de Sombras; ela apartava Mark com uma das mãos, e ele dava apoio a um Kieran um tanto atônito. Jace e Clary caminhavam com dificuldade sobre uma pilha de rochas para chegar até eles. Julian estava a apenas alguns metros; Emma começou a correr quando o corpo do Rei explodiu em chamas.

Ela lançou um olhar para trás. O Rei queimava, assim como o piso em todos os lugares onde seu sangue tinha derramado — pequenos focos e alguns maiores, ardendo com violência, consumindo o soalho de pedra como se fossem gravetos. O corpo do Rei já tinha desaparecido por trás de uma cortina de chamas.

Um vulto se afastou da fumaça, passando por Emma.

Era Ethna. Ela reluzia como uma arma, a armadura de bronze intacta, os olhos metálicos brilhando com sede de sangue.

— Meu juramento ao Rei morreu com ele — disse ela, mostrando os dentes. — Agora sua vida está acabada, assassina!

Ela partiu para cima de Emma, que não tinha espada mais; então ela voou para a cópia do *Volume Preto*, e a espada de Ethna afundou nele. Ethna o arremessou para longe, enojada; os restos destruídos do livro aterrissaram no chão ardente, suas páginas incendiando.

Emma ouvia Clary chamando seu nome, assim como os outros, que gritavam para que ela viesse rápido. Ela percebeu, com o coração pesado, que eles provavelmente não conseguiam vê-la; não saberiam que ela precisava de ajuda, não saberiam que...

A lâmina de Ethna voou, bronze cortando a fumaça. Emma se desviou do golpe e caiu no chão, rolando para evitar as investidas sucedentes. Em todas as vezes, a lâmina de Ethna errou por pouco, e abriu um corte profundo no soalho de pedra.

Estava ficando cada vez mais difícil para Emma respirar. Ela se esforçou para ficar de joelhos, mas Ethna lhe acertou um chute no ombro. Então empurrou, e Emma caiu para trás, esparramada, atingindo o chão com força.

— Morra deitada, vaca — falou Ethna, erguendo a espada bem alto.

Emma esticou as mãos como se elas pudessem barrar a lâmina. Ethna riu, abaixou a arma...

E tombou para o lado. Com dificuldade, Emma se sentou direito, engasgando por causa da fumaça e da recusa em acreditar naquilo.

*Julian.*

Ele tinha se jogado sobre Ethna e estava ajoelhado nas costas dela, golpeando-a várias vezes com algo em punho. Em choque, Emma percebeu ser a figura de ferro que Simon lhe dera. Ethna gritava, tentando girar e se afastar do ferro. Emma examinou o cômodo: a câmara estava ardendo com o fogo, as

rochas brilhavam como carvão vermelho em brasa. Uma dor quente atingiu a lateral de seu corpo; um carvão pousara na manga da jaqueta. Emma arrancou a peça de roupa furiosamente e a pisoteou, apagando o fogo. *Desculpa, Clary.*

Tinha impressão de que ainda podia ver os vultos escuros dos outros através da fumaça. A superfície do Portal parecia ondular como vidro derretido.

— *Julian!* — gritou ela e estendeu a mão. — Deixe-a! Nós temos que chegar até os outros!

Ele ergueu o rosto, os olhos selvagens de raiva, e Ethna optou por se afastar dele com um grito de raiva e dor. Julian pulou de pé e começou a correr para Emma. Juntos eles dispararam, seguindo o som da voz de Cristina, cada vez mais alta e desesperada, chamando seus nomes. Emma pensou ter ouvido Mark também, e os outros...

Uma cortina de chamas brotou do chão, lançando-os para trás. Eles giraram, procurando um caminho, e Emma arfou: Ethna e Eochaid vinham atrás deles. Ela, ensanguentada e com expressão furiosa; ele, reluzente e mortal.

Os Cavaleiros estavam no auge de seu poder. Emma e Julian estavam famintos, exaustos e enfraquecidos. Ela sentiu um aperto no peito.

— *Cristina!* — gritou. — Vão! Vão! *Saiam daqui!*

Julian segurou o pulso dela.

— Só tem um jeito.

O olhar dele mirou na parede — ela se retesou, em seguida assentiu —, e os dois saíram correndo, bem no momento em que os Cavaleiros começavam a erguer as lâminas.

Emma ouviu seus gritos por causa da confusão e da sede de sangue frustrada. Ela não se importou; à sua frente, o Portal se agigantava como a janela escura de um edifício alto, todo sombra e brilho.

Ela o alcançou e pulou, com Julian segurando sua mão, e juntos eles viajaram através do Portal.

Diego não sabia ao certo quanto tempo estivera ali na cela de pedra. Não havia janelas, nem noção de passagem do tempo. Ele sabia que Rayan e Divya estavam na mesma prisão, mas as grossas paredes de pedra não permitiam gritar ou chamar uns aos outros.

Foi quase um alívio quando ele ouviu passos no corredor e, em vez do guarda de sempre, que vinha duas vezes ao dia com um prato de comida insossa, apareceu Zara, resplandecente em seu uniforme de Centurião. Ele imaginaria que ela estaria sorrindo com desdém, mas estranhamente seu rosto não tinha expressão. Cortana estava pendurada na lateral do corpo, e ela acariciava seu

cabo com indiferença quando o encarou através das barras, com a mesma descontração com que se acariciava a cabeça de um cão.

— Meu querido noivo — falou —, está gostando das acomodações? Não são muito frias nem desagradáveis?

Ele não disse uma palavra. O símbolo da Quietude que a Tropa fizera em sua boca fora removido imediatamente após a reunião, mas isso não significava que ele tinha algo a dizer a Zara.

— E pensar — emendou ela — que se você tivesse jogado de modo um pouquinho diferente, poderia estar morando na torre do Gard comigo.

— E isso *teria* sido menos frio e desagradável? — cuspiu Diego. — Morar com alguém que eu odeio?

Ela se encolheu um pouco, o que surpreendeu Diego. Sem dúvida, ela sabia que o ódio entre eles era mútuo, não?

— Você não tem direito nem razão para *me* odiar — disse ela. — Eu é que fui traída. Você era uma perspectiva de casamento conveniente. Agora é um traidor. Seria uma vergonha se eu me casasse com você.

Diego reclinou a cabeça na parede.

— Ótimo — falou com a voz cansada. — Você tirou tudo de mim. Pelo menos eu não preciso mais fingir que te amo.

Ela apertou os lábios.

— Eu sei que você nunca quis se casar. Estava apenas tentando ganhar tempo para o seu irmão justiceiro. Ainda assim... vou fazer um trato com você. Você diz que Jaime ainda tem o artefato das fadas. Nós o queremos. Ele deveria estar nas mãos do governo.

Os lábios dela se contorceram num sorriso torto e feio.

— Se nos disser onde está, nós te perdoamos.

— Não tenho a menor ideia — falou Diego. — E andar por aí com esta espada não vai fazer de você Emma Carstairs.

Ela o olhou com cara feia.

— Você não deveria dizer esse tipo de coisa. *Nem* insistir na tal história de que eu tirei tudo de você. Ainda tem muito a perder. — Ela virou a cabeça. — Milo? Traga o segundo prisioneiro.

Fez-se um borrão de movimento no corredor sombrio, e a porta da cela se abriu. Diego se esticou para a frente quando um vulto escuro foi empurrado para junto dele.

Milo bateu a porta com força e a trancou enquanto o recém-chegado grunhia e se sentava apumado. O coração de Diego se revirou no peito. Mesmo machucado e ensanguentado, com o lábio cortado e uma cicatriz de queimadura na bochecha, ele reconheceria o irmão caçula em qualquer lugar.

— *Jaime* — murmurou.

— Ele parece não saber mais sobre o artefato do que você — disse Zara. — Sem a Espada Mortal, não podemos obrigá-lo a dizer a verdade. Então temos que recorrer a métodos mais antiquados para lidar com mentirosos e traidores. — Ela passou dedos amorosos no cabo de Cortana. — Tenho certeza de que você sabe a que me refiro.

— Jaime — repetiu Diego. O teto era baixo demais para ele ficar de pé, por isso foi rastejando até o irmão e puxou Jaime para si.

Semiconsciente, Jaime se reclinou no ombro de Diego, os olhos quase fechados. As roupas estavam rasgadas e úmidas com sangue. Diego sentiu um medo frio no coração: quais seriam as proporções das feridas embaixo?

— *Hola, hermano* — murmurou Jaime.

— Durante as conversas com o Inquisidor sobre a localização do artefato, seu irmão ficou agitado demais. Ele precisava se acalmar. — Agora Zara sorria. — Os guardas acidentalmente, por assim dizer, o feriram. Seria uma pena se seus ferimentos infeccionassem ou se ele morresse devido à falta de cuidados médicos adequados.

— Me dê uma estela — sibilou Diego. Ele nunca tinha odiado tanto ninguém quanto odiava Zara neste momento. — Ele precisa de um *iratze*.

— Me dê o artefato — disse Zara. — E ele pode ter um.

Diego não disse nada. Ele não tinha ideia de onde estava *Eternidad*, a relíquia que Jaime sofrera tanto para proteger. Abraçou o irmão com mais força, os lábios contraídos. Não imploraria a piedade de Zara.

— Não? — falou Zara, exultante. — Como quiser. Talvez quando o seu irmão estiver gritando com febre, você comece a pensar de outro jeito. Pode me chamar, Diego querido, se uma hora dessas mudar de ideia.

Manuel entrou na sala do trono sorrindo, Oban em seu encalço.

O menino não conseguia deixar de sorrir; como dizia às vezes para as pessoas, era simplesmente sua expressão natural. No entanto, era verdade que ele também gostava do caos e neste instante havia caos o suficiente para agradá-lo.

A sala do trono parecia queimada, as paredes e o soalho de pedra sujos com fuligem. O local fedia a sangue e enxofre. Corpos de guardas estavam espalhados pelo chão, um deles coberto por uma tapeçaria de aparência cara. Na parede mais distante, o Portal encolhido exibia uma praia à noite, com uma lua vermelha.

Oban estalou a língua — Manuel aprendera que era o equivalente fada a um assobio baixinho.

— O que foi que aconteceu aqui? Parece o rescaldo de uma das minhas festas mais famosas.

Manuel cutucou com o dedão o montinho coberto pela tapeçaria.

— E os campos lá fora estão cheios de fadas Seelie em fuga, agora que a Rainha se foi — emendou Oban. — Manuel, exijo uma explicação. Onde está meu pai?

Winter, o sombrio líder da guarda vermelha, se aproximou. Ele estava raiado de sangue e cinzas.

— Príncipe — falou —, seu pai jaz aqui.

E apontou o montinho que Manuel cutucava com o dedão. Manuel se abaixou e puxou a tapeçaria. A coisa debaixo dela não parecia humana nem fada, nem que já tivesse vivido um dia. Era um esboço desintegrado, escurecido de um homem consumido pelas cinzas, seu rosto, um ricto. Alguma coisa reluzia em seu pescoço.

Manuel se ajoelhou e pegou. Um frasco de vidro com gravações e um líquido vermelho. *Interessante*. E o guardou no bolso do casaco.

— O que é isso? — perguntou Oban. Por um momento, Manuel sentiu uma centelha de preocupação de que Oban tivesse decidido se interessar por alguma coisa importante. Felizmente, não era o caso. Oban avistara um colar reluzente com uma flecha de elfo entre os restos do pai. Ele se abaixou para pegar o objeto brilhante e deixou que pendesse de seus dedos. — Kieran? — comentou, incrédulo. — *Kieran* matou nosso pai?

— Isso importa? — perguntou Manuel em voz baixa. — O velho está morto. Isso é uma boa notícia.

E era, de fato. O Rei anterior fora um aliado difícil, se é que alguém poderia chamá-lo de aliado. Embora a Tropa o tivesse ajudado a espalhar a Praga em Idris e isto o tivesse deixado satisfeito, ele nunca confiara neles nem se interessara por seus grandes planos. Nem mesmo os avisara da intenção de pegar o *Volume Preto*, um acontecimento que tinha irritado Horace imensamente.

Oban seria diferente. Ele confiaria em quem o colocara no poder.

Ele era um tolo.

— Se soubessem disso, Kieran poderia reclamar o trono — falou Oban, e o rosto bonito e indolente ficou sombrio. — Quem viu o Rei morrer? E os companheiros Nephilim de Kieran?

— Meus guardas viram, mas não falarão — retrucou Winter quando Oban foi até o trono. A coroa do Rei estava sobre o assento, reluzindo fracamente. — O príncipe Kieran fugiu com quase todos os Nephilim para o mundo humano.

O rosto de Oban ficou tenso.

— Onde ele poderia se vangloriar de matar o Rei, não?

— Não creio que ele fará isso — falou o general Winter. Uma expressão de alívio cruzou o rosto de Oban. Ele tendia a ser controlado por qualquer um com autoridade, pensou Manuel. — Ele parece amar profundamente os Nephilim de quem é amigo, e vice-versa. Não creio que ele queira o trono ou que vá colocá-los em perigo.

— Vamos manter um olho nisso — falou Oban. — Onde está Adaon?

— Adaon foi aprisionado pela Rainha Seelie.

— Adaon foi aprisionado? — perguntou Oban e quando Winter fez que sim com a cabeça, o príncipe riu e desabou no assento do trono. — E quanto ao filho da Rainha, o fedelho?

— Foi embora com a feiticeira morta-viva, através do Portal — falou Winter. — Não parece provável que sobrevivam por muito tempo.

— Ora, o reino não pode ficar sem um governante. Parece que meu destino me encontrou. — Oban entregou a coroa a Winter. — Pode me coroar.

Com a morte do Rei, o Portal estava desaparecendo. Agora tinha o tamanho de uma escotilha. Por meio do pequeno círculo, Manuel via uma cidade morta, torres arruinadas e estradas destruídas. Alguma coisa jazia num montinho no soalho perto do Portal, em meio a sinais de luta. Manuel parou e pegou; era uma jaqueta jeans cheia de sangue.

Ele franziu a testa, virando-a nas mãos. Era uma peça pequena, feminina, rasgada e ensanguentada; uma das mangas parcialmente queimada. Enfiou os dedos no bolso do peito e de dentro retirou um anel gravado com borboletas.

*Fairchild.*

Manuel se voltou para Oban justamente quando Winter colocava a coroa na cabeça do príncipe, parecendo pouco à vontade.

Manuel balançou a jaqueta na direção de Winter.

— Você falou que *quase todos* os Nephilim voltaram ao mundo humano. O que aconteceu com a menina que vestia isto aqui? A menina e o menino, os prisioneiros Nephilim?

— Eles passaram pelo Portal. — Winter fez um gesto na direção da parede. — Estão praticamente mortos. Aquela terra é veneno, sobretudo para eles. — Ele se afastou de Oban. — Meu senhor, você é o Rei agora.

Oban tocou a coroa em sua cabeça e gargalhou.

— Traga vinho, Winter! Estou morrendo de sede! Esvazie as adegas! Traga as donzelas e jovens mais bonitas da Corte para mim! Hoje é um grande dia.

Manuel sorriu para a jaqueta ensanguentada.

— Sim. Hoje é realmente um dia para comemorações.

## PARTE DOIS

# Thule

Eu tive um sonho, que não foi de todo sonho.  
O sol brilhante se extinguiu, e as estrelas  
Vagavam, opacas, no espaço eterno,  
Sem cintilar, sem trajetória, e a Terra gélida  
Girava cega e obscuramente no céu sem luar;  
A manhã veio e se foi — e voltou sem trazer o dia,  
E os homens se esqueceram de suas paixões por medo  
Dessa sua desolação; e todos os corações  
Enregelaram numa oração egoísta, pedindo luz.  
— Lord Byron, “Escuridão”

# 17

## Em uma Estranha Cidade

Não era um deserto. Era uma praia.

A escuridão do Portal fora diferente de tudo o que Julian já vivenciara. Sem luz, sem som nem movimento, apenas a sensação angustiante de estar caindo num poço de elevador. Quando o mundo finalmente voltou, foi uma explosão silenciosa passando por ele. Depois de renascer para o som e o movimento, ele atingiu o solo com força, espalhando areia ao redor.

Girou para ficar de lado, o coração acelerado. Tinha soltado a mão de Emma em algum momento da escuridão descontrolada, mas lá estava ela, se esforçando para se ajoelhar ao lado dele. As roupas de fada estavam rasgadas e manchadas de sangue, mas ela parecia ilesa.

Aguda como uma flecha, uma dor o invadiu e o fez arfar. Ele precisou de um instante para reconhecê-la como alívio.

Emma ficou de pé com dificuldade, espanando com a mão para se limpar. Julian também se levantou, um pouco tonto; era noite, eles estavam numa praia de aparência familiar, salpicada de formações rochosas com pontos de erosão. Rochedos se erguiam atrás deles, degraus de madeira frágeis contorcendo seus rostos para ligar a estrada acima à areia.

Música estava tocando, alta e vibrante. O extremo oposto da praia estava cheio de gente e ninguém parecia ter notado a chegada abrupta dos dois. Era uma multidão peculiar: uma mistura de humanos, vampiros e até algumas fadas aqui e ali, vestidos com roupas pretas e metálicas. Julian forçou a vista, mas sem conseguir distinguir os detalhes.

Emma tocou a Marca de Visão Noturna no próprio braço e franziu a testa para ele.

— Minhas Marcas não funcionam — murmurou. — Igual acontece no Reino



das Fadas.

Julian balançou a cabeça como se quisesse dizer: *eu não sei o que está acontecendo*. Ele levou um susto quando alguma coisa pontiaguda furou a lateral do seu corpo; olhando para baixo, se deu conta de que seu celular ficara em pedaços. Fragmentos irregulares de plástico fincavam em sua pele. Jogou fora o telefone e se encolheu; ele não serviria para ninguém agora.

Olhou ao redor. O céu tinha muitas nuvens e uma lua vermelho-sangue lançava um brilho opaco sobre a areia.

— Eu conheço esta praia — falou ele. As formações rochosas eram familiares, a curva da costa, o formato das nuvens, embora a cor da água do oceano fosse escura e deixasse beiradas de renda escura onde quebrava.

Emma tocou o ombro dele.

— Julian? Precisamos de um plano.

Ela estava pálida devido ao cansaço, as olheiras tomando os olhos castanho-escuros. Os cabelos louros desciam em mechas grossas pelos ombros. A emoção explodiu dentro de Julian. Dor, amor, pânico, tristeza e desejo transbordaram de dentro dele feito sangue jorrando das suturas abertas de uma ferida.

Ele cambaleou para longe de Emma e desabou contra uma pedra, seu estômago se revirando violentamente enquanto se livrava da bile amarga. Quando os espasmos cessaram, ele limpou a boca, esfregou as mãos com areia e voltou ao local com algumas formações rochosas que Emma escalara parcialmente. Parece que se chamavam rocas ou algo assim.

Ele cerrou os punhos. Suas emoções giravam como um maremoto, pressionando o interior do crânio; em reação sua mente parecia totalmente confusa, capturando fragmentos aleatórios de informação e espalhando-os feito barreiras numa estrada.

*Foco*, falou para si, e mordeu o lábio até a dor desanuviar sua mente. Sentiu o gosto do sangue.

Emma estava na metade do caminho até a roca e fitava o sul.

— Isso é muito... muito estranho.

— Estranho como? — Ele ficou surpreso por soar tão normal. Ao longe, dois vultos passavam; um era vampiro, uma garota com cabelos castanhos compridos. Ambos acenaram para ele casualmente. Que diabos estava acontecendo?

Ela desceu com um pulo.

— Você está bem? — perguntou, botando o cabelo para trás.

— Acho que foi a viagem pelo Portal — mentiu ele. O que quer que estivesse acontecendo, não tinha nada a ver com o Portal.

— Veja isto. — De algum modo, o celular de Emma tinha permanecido intacto em meio a todas as atribulações. Ela procurou nas fotos e mostrou uma

do monte marinho.

Estava escuro, mas no mesmo instante Julian reconheceu a praia e, ao longe, as ruínas do Píer de Santa Monica. A roda-gigante tinha tombado, um imenso monte de metal. Vultos circulavam no céu. E com certeza não eram aves.

Emma engoliu em seco.

— Isto aqui é Los Angeles, Julian. Fica perto do Instituto.

— Mas o Rei disse que era Thule. E disse que era um mundo venenoso para os Nephilim...

Ele se calou, horrorizado. No extremo oposto da praia, distante da multidão, duas compridas fileiras de humanos marchavam ordenadamente em formação militar. Conforme foram se aproximando, Julian captou um lampejo do uniforme escarlate.

Ele e Emma pularam atrás da formação rochosa mais próxima, colando-se a ela. Os tais humanos marchantes se aproximavam. A multidão do outro lado da praia tinha começado a seguir para eles também e a música cessara. Ouvia-se apenas o som das ondas batendo, o vento e pés marchando.

— Crepusculares — sussurrou Emma quando o grupo chegou mais perto. Durante a Guerra Maligna, Sebastian Morgenstern tinha sequestrado centenas de Caçadores de Sombras e os controlado usando sua própria versão do Cálice Mortal. Eles eram chamados Crepusculares e eram identificados pelo uniforme vermelho.

O pai de Julian fora um deles até o próprio Julian matá-lo. Ele ainda sonhava com isso.

— Mas os Crepusculares estão todos mortos — falou Julian num tom distante e mecânico. — Eles morreram quando Sebastian morreu.

— No nosso mundo. — Emma se virou para ele. — Julian, nós sabemos o que é isso. Só não queremos que seja verdade. Isto... Thule... é uma versão do nosso mundo. Alguma coisa deve ter acontecido de modo diferente no passado aqui. Alguma coisa que pôs este mundo numa via alternativa. Como Edom.

Julian sabia que Emma tinha razão; ele se dera conta desde que reconhecera o píer. Agora tentava não pensar em sua família, em seu pai. Não podia pensar nisso agora.

As fileiras de Crepusculares marchando abriram caminho até um grupo de guardas que seguravam estandartes. Cada flâmula trazia a insígnia de uma estrela no interior de um círculo.

— Pelo Anjo — murmurou Emma. Botou a mão sobre a boca.

Morgenstern. A estrela da manhã.

Por trás dos porta-bandeiras, caminhava Sebastian.

Ele parecia mais velho do que quando Julian o vira pela última vez, um

adolescente com cabelos como gelo branco, movido pelo ódio e pelo veneno. Ele parecia ter vinte e poucos anos agora, ainda era magro e com cara de menino, mas com feições mais duras. Seus traços levemente angulosos deram lugar a contornos ressaltados, e os olhos pretos ardiam. Phaesphoros, a espada Morgenstern, pendia do ombro numa bainha decorada com estrelas e chamas.

Caminhando pouco atrás dele, estava Jace Herondale.

Foi um golpe duro e ainda mais estranho. Eles tinham acabado de deixar Jace, lutando do lado deles, na Corte Unseelie, desgastado e cansado, mas ainda feroz e protetor. Este Jace parecia ter a mesma idade do outro; era musculoso e forte, com os cabelos louros bagunçados, o rosto, belo como sempre. Mas havia uma luz escura e morta em seus olhos dourados. Uma ferocidade sombria que Julian associava à Tropa e seus seguidores, aqueles que atacavam mais do que aqueles que protegiam.

Atrás deles, vinha uma mulher com cabelos castanhos grisalhos que Julian reconheceu como Amatis Graymark, a irmã de Luke. Ela havia sido uma das primeiras e mais ferozes Crepusculares de Sebastian, e pelo visto a recíproca também era verdadeira aqui. Seu rosto era profundamente enrugado, a boca, uma linha sombria. Ela empurrava um prisioneiro — alguém vestido de preto, de Caçador de Sombras, uma tira de lona grosseira dando voltas na cabeça e escurecendo suas feições.

— Venham! — gritou Sebastian, e alguma força invisível amplificou sua voz, de tal modo que ela ressoou de costa a costa na praia. — Crepusculares, convidados, aproximem-se. Estamos aqui para celebrar a captura e execução de um importante traidor. Alguém que se voltou contra a luz da Estrela.

Ouviu-se um rugido animado. A multidão começou a se reunir num retângulo frouxo, com Sebastian e os guardas na extremidade sul. Julian viu Jace se reclinar e dizer algo a Sebastian, que riu com uma camaradagem que incitou um calafrio pela espinha de Julian. Jace usava um terno cinza, não o uniforme vermelho; ele não era um Crepuscular então? Seu olhar correu pela multidão; além de Amatis, Julian reconheceu alguns Caçadores de Sombras que conhecia vagamente do Conclave de Los Angeles — e viu a vampira de aparência jovial que acenara para ele antes, sorrindo e conversando com Anselm Nightshade...

E viu Emma.

Sem dúvida era Emma. Ele teria reconhecido Emma em qualquer lugar, com qualquer roupa, sob qualquer luminosidade. O luar sangrento se derramava sobre os cabelos claros; ela usava um vestido vermelho frente-única, e a pele era macia e não trazia Marcas. Conversava com um garoto alto que estava praticamente nas sombras, mas Julian mal lhe deu atenção: seu olhar se concentrava nela, sua Emma, linda, viva, a salvo e...

Ela riu e ergueu os braços. O jovem alto passou as mãos pelos cabelos de Emma e ela o beijou.

Aquilo o atingiu com a força de um trem. Ciúme: branco e ardente, fervente, venenoso. Mas só restava a Julian permanecer atrás da rocha enquanto as mãos do menino deslizavam pelas costas nuas de Emma.

Ele estremeceu à força do sentimento. A emoção o invadiu, ameaçando dominá-lo e deixá-lo submisso. Ondas quentes de ciúme misturado a uma avidez desesperada. Aquelas deveriam ser as mãos dele nos cabelos de Emma, em sua pele.

Ele virou a cabeça para o lado e arfou. A camisa estava grudada no corpo suado. Emma — a Emma real — ainda estava encostada na pedra ao lado dele, encarando-o alarmada.

— Julian, qual é o problema?

Os batimentos cardíacos já tinham começado a diminuir. *Esta* era sua Emma. A outra era uma mentira, um simulacro.

— Olhe — murmurou ele e apontou.

Emma seguiu o olhar dele e corou.

— Ah. É a *gente*?

Julian olhou novamente. Emma e o menino tinham se separado... e como é que ele não tinha percebido? Era como olhar num espelho que mostrava sua possível aparência dali a alguns anos. Lá estava ele, cabelos e olhos dos Blackthorn, a pulseira de vidro marinho, vestindo vermelho e preto. Julian observou o outro ele puxar a outra Emma e beijá-la novamente.

Com certeza, não era um primeiro beijo, nem um segundo. Os dedos do Outro Julian deslizaram pelas costas da Outra Emma, obviamente se deleitando na sensação da pele nua. As mãos encontraram os quadris cobertos de cetim e ficaram espalmadas ali, puxando-a sem dó. Ela ergueu uma perna e passou pelo quadril dele, tombando a cabeça para trás para que ele pudesse beijar seu pescoço.

O Outro Julian beijava com muita confiança, aparentemente.

— Isso é o pior — falou Emma. — Não apenas nós aparentemente somos Crepusculares neste mundo, como ainda ficamos nos agarrando em público.

— Os outros Crepusculares não devem suportar a gente — falou Julian. — Emma, isso parece recente. Este mundo não poderia ter se separado do nosso há tanto tempo assim...

— Silêncio! — A voz de Sebastian ecoou por toda a praia e a multidão silenciou. A Emma e o Julian alternativos pararam de se beijar, o que foi um alívio. — Jace, ponha a traidora de joelhos.

Então era uma mulher. Julian observou, com o estômago vazio revirando

enquanto Jace empurrava a prisioneira para que ficasse de joelhos, desenrolando a venda lentamente.

— Ash! — chamou Sebastian. — Ash, venha ver, meu filho, e aprenda!

Julian sentiu Emma congelar em choque ao lado dele. Viu-se um movimento entre os guardas e do meio deles apareceu Ash Morgenstern, com expressão rígida.

Ele tinha mudado mais do que Jace ou Sebastian desde a última vez que eles o viram. Passara de 13 para o que Emma imaginava serem uns 17 anos; não era mais um menino magricela, mas um garoto prestes a virar adulto, alto e com ombros largos. O cabelo louro platinado tinha sido cortado bem rente e ele não vestia o vermelho dos Crepusculares — somente uma camisa de manga comprida e jeans.

Mas ainda tinha a cicatriz em formato de X na garganta. Era inconfundível, mesmo de longe.

Ash cruzou os braços.

— Estou aqui, pai — falou monotonamente, e Julian se impressionou com a peculiaridade de o menino chamar de “pai” alguém que parecia ter meros cinco anos mais do que ele.

— Este é o Ash do nosso mundo — falou Julian. — O que Annabel trouxe pelo Portal.

Emma assentiu.

— A cicatriz. Eu vi.

Jace tirou a última das coberturas do rosto da mulher ajoelhada. Emma se encolheu, como se tivesse sido atingida.

Era Maryse Lightwood.

Seu cabelo tinha sido cortado, e o rosto estava exausto. Ash observou inexpressivamente quando ela olhou ao redor num horror silencioso. Uma corrente prateada pendia em seu pescoço; Julian não se lembrava daquilo no Reino das Fadas. Quantos anos tinham se passado para ele aqui, entre a fuga para o Portal e a chegada de Emma e Julian em Thule?

— Maryse Lightwood — falou Sebastian, caminhando lentamente ao redor dela. Emma ficara muda e imóvel desde que se encolhera. Julian se perguntava se ela se lembrava de Maryse em seu mundo, chorando ao lado da pira do marido, mas cercada pelos filhos e netos...

Emma devia estar pensando nos próprios pais, percebeu ele com um susto. Pensando se eles estariam vivos neste mundo. Mas ela não disse uma única palavra.

— Você é acusada de ajudar e apoiar rebeldes contra a causa da Estrela da Noite. Agora sabemos que você fez isso, então não haverá um julgamento

porque, de qualquer forma, estamos contra eles. Mas você... você cometeu a maior traição de todas. Tentou quebrar o vínculo entre dois irmãos. Jace e eu somos irmãos. Você não é mãe dele. A única família que ele tem sou eu.

— Ai, meu Deus — sussurrou Emma. — Isso é aquela ligação estranha que eles tinham... quando Sebastian possuiu Jace, lembra? Então *aquilo* aconteceu neste mundo...

— Eu matei Lilith, minha própria mãe, por Jace — falou Sebastian. — Agora ele matará a própria mãe por mim.

Jace desembainhou a espada da cintura. Era uma lâmina prateada comprida e perigosa que reluzia, vermelha, sob a luz da lua. Julian pensou novamente no Jace do mundo deles: rindo, brincando, animado. Parecia que algo maior do que uma possessão acontecia aqui. Como se este Jace estivesse morto por dentro.

Os lábios de Sebastian se curvaram nos cantos; ele sorria, mas não era um sorriso muito humano.

— Suas últimas palavras, Maryse?

Maryse torceu o corpo para olhar Jace. Seu rosto pareceu relaxar e, por um momento, Julian viu John Carstairs olhando para Emma, ou a própria mãe olhando para ele, aquela mistura de amor pelo que existe e tristeza pelo que não pode ser guardado...

— Você se lembra, Jace? — falou ela. — Daquela música que eu costumava cantar quando você era pequeno? — Ela começou a cantar em voz alta e trêmula.

*À la claire fontaine  
m'en allant promener  
J'ai trouvé l'eau si belle  
que je m'y suis baigné.  
Il y a longtemps que je t'aime  
jamais je ne t'oublierai.*<sup>1</sup>

O pouco que Julian sabia de francês servia para traduzir apenas umas poucas palavras. *Há muito eu te amo. Nunca vou te esquecer.*

— *Il y a longtemps que je t'aime...* — cantou Maryse, sua voz se elevando e tremendo na nota mais alta...

Ash segurava os próprios cotovelos com força. Ele virou a cabeça para o lado bem no momento em que Jace baixou a espada e decapitou Maryse. Osso branco, sangue vermelho; o corpo desabou na areia e a cabeça rolou até parar, de olhos abertos, a bochecha virada para baixo. Ela ainda parecia encarar Jace.

O sangue espirrara no rosto e na camisa de Ash. A multidão aplaudia e gritava. Jace se inclinou para limpar a espada na areia enquanto Sebastian ia até Ash, seu sorriso em metamorfose, de inumano para outra coisa. Alguma coisa possessiva.

— Espero que tenha sido uma experiência de aprendizado — falou ele para Ash.

— Eu aprendi a não usar branco numa execução — falou Ash, esfregando a frente da camisa; o gesto deixou manchas vermelhas. — Útil.

— Assim que tivermos os Instrumentos Mortais, você verá muito mais mortes, Ash. — Sebastian deu uma risadinha e mais uma vez ergueu a voz. — Hora da refeição — anunciou, e as palavras ressoaram de uma ponta a outra da praia. Julian ouviu um grito na própria mente, arranhando para sair; aí olhou para Emma e viu o mesmo grito em seus olhos. Talvez pertencesse aos dois.

Ela apertou o pulso dele com força suficiente para esmerilar seus ossinhos.

— Nós temos que ir. Temos que sair.

As palavras saíram atropeladas; Julian sequer teve tempo de concordar. Quando os vampiros rodearam o corpo de Maryse, os dois correram abaixados até os rochedos. A noite estava tomada por uma cacofonia de gritos e uivos e o ar trazia um vestígio cuproso por causa do sangue. Emma murmurava “*Não, não, não*” baixinho, mesmo quando alcançou os pés de uma frágil escadaria de madeira e a escalou, agachada. Julian a seguiu, se esforçando para não olhar para trás.

Os degraus balançaram sob seus pés, mas permaneceram intactos; o topo dos rochedos já estava na mira deles. Emma chegou ao fim dos degraus... e gritou ao sumir rapidamente da vista.

A visão de Julian ficou branca. Ele não se lembrava de ter subido o restante dos degraus; simplesmente estava no topo dos rochedos — a rodovia familiar, fileiras de carros estacionados e grama sob os pés —, e lá estava Emma, capturada por um garoto alto, de cabelos ruivos, cujo rosto familiar acertou Julian como um soco no estômago.

— Cameron? — falou Julian, incrédulo. — Cameron Ashdown?

Cameron parecia ter seus 19 ou vinte anos. Os cabelos vermelhos volumosos estavam bem rentes também, no estilo militar. Ele estava muito magro, e vestia uma camiseta bege e calça camuflada, um cinto Sam Browne cruzado sobre o ombro. Havia uma pistola enfiada nele.

O rosto dele se contorceu com nojo.

— Vocês dois juntos. Eu devia ter adivinhado.

Julian deu um passo à frente.

— Solte-a, seu Crepuscular de mer...

Cameron arregalou os olhos numa surpresa quase cômica, e Emma se aproveitou do momento para chutar para trás selvagememente, contorcendo o corpo e desferindo vários socos rápidos na lateral do corpo de seu captor. Ela girou e se afastou enquanto ele engasgava, mas já tinha tirado a pistola do coldre.

Ele a apontou para os dois. Caçadores de Sombras não usavam armas de fogo, mas Julian notava, pelo modo como ele a segurava, que *este* Cameron Ashdown sabia manipular uma arma de fogo muito bem.

Se Cameron atirasse, pensou Julian, talvez desse tempo de se jogar na frente de Emma. Ele levaria a bala, mesmo que odiasse a ideia de deixá-la aqui sozinha...

Cameron ergueu a voz.

— Livia! — chamou. — Você vai querer ver isso.

O peito de Julian virou gelo. Ele imaginava que ainda estivesse respirando, era necessário estar ou morreria, só que não conseguia sentir o ar, não conseguia sentir o sangue em seu corpo nem o movimento de sua respiração ou as batidas do coração. Ele simplesmente a via ali na frente, saindo dentre dois carros: ela andava casualmente até eles, os longos cabelos escuros dos Blackthorn soprados pela brisa marítima.

Livvy.

Ela parecia ter uns 17 anos. Vestia calça de couro preta com um cinto de munição em volta da cintura e uma camiseta regata cinza esburacada por cima de uma blusa fina. As botas tinham solado grosso com uma dúzia de fivelas. Nos pulsos, pulseiras de lona com pequenas facas de arremesso enfiadas sob as tiras. Uma cicatriz — uma de muitas — cruzava seu rosto, desde o alto da têmpora esquerda, passando pelo olho, até o meio da bochecha. Trazia uma escopeta e, ao caminhar até eles, a ergueu com facilidade e apontou diretamente para Julian.

— São eles — falou Cameron. — Não sei o que estão fazendo longe dos outros Crepusculares.

— Quem se importa? — perguntou Livvy. — Eu vou matá-los, e eles vão me agradecer por isso se ainda tiverem alma.

Julian ergueu as mãos. A alegria de vê-la, incontrolável e inebriante, batalhava contra o pânico.

— Livvy, somos *nós*...

— Nem *tente* — cuspiu ela, e carregou a escopeta como alguém que entendia daquilo. — Eu diria pra vocês rezarem, mas o Anjo está morto.

— Olha... — começou Emma, e Livvy balançou a arma na direção dela; Julian deu um passo até a irmã e então Cameron, que Julian quase tinha esquecido que estava ali, falou:

— *Espera*.



Livvy congelou.

— Melhor que seja por um bom motivo, Cam.

Cameron apontou para Julian.

— A gola está rasgada... — Ele balançou a cabeça impacientemente. — Mostre a ela — pediu a Julian.

— *A sua Marca* — murmurou Emma, e Julian, com um brilho intenso nos olhos ao compreender, puxou a gola para mostrar a Livvy a Marca em seu peito. Embora os símbolos temporários, Visão Noturna, Disfarce, Golpe Certo, tivessem desbotado para cinza desde que ele entrara no Reino das Fadas, a Marca *parabatai* se destacava, preta e nítida.

Livvy ficou imóvel.

— Os Crepusculares não suportam Marcas Nephilim — falou Julian. — Você sabe disso, Livvy.

— Eu sei que você acha que somos a Emma e o Julian da versão Crepuscular — falou Emma. — Mas nós os vimos. Eles estão lá embaixo na praia. — Ela apontou. — Sério. *Dê uma olhada.*

Um lampejo de dúvida cruzou o rosto de Livvy.

— Cameron. Vá olhar.

Cameron foi até a beirada dos rochedos e espiou pelos binóculos. Julian prendeu a respiração; dava para ver que Emma fazia o mesmo.

— Isso, eles estão lá — falou Cameron após uma longa pausa. — E eles estão se agarrando. Nojento.

— Eles já faziam isso antes de serem Crepusculares — falou Livvy. — Algumas coisas nunca mudam.

Emma ergueu a mão esquerda para mostrar a Marca da Visão.

— Somos Caçadores de Sombras. Nós te conhecemos, Livvy, e te amamos...

— *Pare* — falou Livvy ferozmente. — Está bem, talvez vocês não sejam Crepusculares, mas isso ainda poderia ser algum tipo de metamorfose demoníaca...

— Estas aqui são marcas angelicais — falou Julian. — Não somos demônios...

— Então *quem são vocês?* — gritou Livvy, e sua voz ecoou com um estranho desespero, uma solidão tão sombria e sem fundo quanto um poço. — Quem eu devo pensar que vocês são?

— Nós ainda somos nós — falou Emma. — Jules e Emma. Nós viemos de outro mundo, um mundo no qual Sebastian não governa. Um mundo com Marcas.

Livvy a fitou sem expressão.

— Liv — falou Cameron, baixando os binóculos. — O grupo na praia

começou a se dispersar. Eles vão subir até aqui a qualquer segundo. O que vamos fazer?

Livvy hesitou, mas somente por um segundo. Julian supôs que tempo à vontade para tomar decisões era um luxo que esta versão de sua irmã não tinha.

— Vamos levá-los para Bradbury — falou ela. — Talvez Diana esteja de volta. Ela viu um bocado de coisas... talvez tenha uma ideia do que está acontecendo aqui.

— Diana? Diana Wrayburn? — repetiu Emma com alívio. — Sim, nos leve até Diana, *por favor*.

Cameron e Livvy trocaram um olhar de total perplexidade.

— Muito bem, então — falou Livvy finalmente. Ela fez um gesto para o jipe Wrangler, com vidros escuros, estacionado ao lado da estrada. — Entrem no carro, vocês dois. No banco de trás. E nem pensem em fazer alguma gracinha. Vou estourar a cabeça de vocês na mesma hora.

Livvy estava sentada no banco do carona com a escopeta no colo. Ao seu lado, Cameron dirigia com uma eficiência que era o oposto do Cameron desafortunado e um tanto preguiçoso que Emma conhecia em seu próprio mundo. Ele conduzia o carro sem esforço em torno dos imensos buracos que decoravam o asfalto da Pacific Coast Highway tais quais amassados na lateral de um carro velho.

Julian estava em silêncio, fitando a janela com uma fascinação horrorizada. Havia pouca coisa para se ver, a não ser a estrada em ruínas, iluminada pelos faróis, mas a escuridão em si era assustadora. A ausência de postes, placas e janelas iluminadas ladeando a estrada era chocante por si só, como olhar para um rosto no qual faltassem os olhos.

Uma luz finalmente se fez na escuridão quando eles chegaram ao fim da rodovia, onde um túnel a ligava à via expressa 10. À direita, ficava o Píer de Santa Monica, o cais familiar agora em ruínas, como se um gigante o tivesse golpeado com um machado. Pedacos de madeira e concreto tinham tombado e se projetavam da água. Somente o velho carrossel permanecera intacto. Ele estava iluminado e música atonal jorrava de seus alto-falantes. Agarrados às costas dos pôneis com pintura antiquada estavam vultos sombrios, inumanos, e suas risadas entrecortadas eram transportadas pelo ar noturno. A expressão dos pôneis parecia contorcida em máscaras atormentadas, que gritavam.

Emma desviou o olhar, feliz quando o carro entrou no túnel, bloqueando sua visão do carrossel.

— O Píer foi um dos primeiros lugares que as bestas do inferno tomaram —

falou Cameron, olhando para o banco de trás. — Quem imaginaria que demônios gostavam de parques de diversões?

Emma pigarreou.

— Porque são loucos por churros?

Cameron riu secamente.

— A mesma Emma de sempre. Sarcástica em face da adversidade.

Livvy lançou um olhar severo a ele.

— Acho que nem vale a pena perguntar pela Disneylândia — falou Julian com a voz monótona.

Ele provavelmente não tinha imaginado que Cameron e Livvy fossem rir, mas o modo como os dois se retesaram sugeria que alguma coisa realmente terrível tinha acontecido lá. Emma achou de bom-tom não perguntar. Havia coisas mais importantes.

— Quando foi que tudo isso aconteceu? — quis saber.

— Pouco depois da Guerra Maligna — falou Livvy. — Quando Sebastian venceu.

— Então ele atacou todos os Institutos? — perguntou Emma. Não queria pensar nisso, não queria sequer imaginar remotamente que talvez seus pais estivessem vivos neste mundo, mas não conseguiu segurar uma pontinha de esperança em sua voz. — Los Angeles também?

— Sim — falou Livvy. Sua voz não se elevava. — Seus pais foram mortos. Nosso pai se tornou um Crepuscular.

Emma se encolheu. Imaginara mesmo não poder nutrir esperança, mas ainda assim doía. E Julian deve ter se perguntado sobre o pai, ela sabia. Sua vontade era esticar a mão para ele, mas a lembrança do Julian sem emoção da última semana a impediu.

— Em nosso mundo essas coisas também aconteceram — falou Julian, depois de uma longa pausa. — Mas nós vencemos a guerra.

— Sebastian morreu — falou Emma. — Clary o matou.

— Clary Fairchild? — repetiu Cameron. Sua voz ficou embargada por causa da dúvida. — Ela foi morta pelo demônio Lilith na Batalha de Burren.

— Não — falou Emma teimosamente. — Clary e seus amigos venceram a Batalha de Burren. Há pinturas sobre isso. Ela resgatou Jace com a espada Gloriosa e eles rastrearam Sebastian em Edom; ele nunca venceu...

Livvy tamborilou as unhas curtas no cano da arma.

— Bela história. Então você está dizendo que vocês vieram de um lugar onde Sebastian está morto, demônios não andam nas ruas e os Caçadores de Sombras ainda têm o poder do Anjo?

— Isso — falou Emma.

Livvy se virou para olhar para ela. A cicatriz que cortava o olho tinha uma cor vermelha raivosa sob o luar escarlate.

— Se lá é tão bom assim, o que vocês estão fazendo aqui?

— Não foram férias planejadas. Nem tudo em nosso mundo é perfeito — falou Emma. — Longe disso, na verdade.

Ela olhou para Julian e, para sua surpresa, o flagrou olhando para ela, imitando o olhar inquisitivo. Um eco da antiga comunicação instantânea brilhou: *Será que devíamos contar a Livvy que ela está morta em nosso mundo?*

Emma balançou a cabeça levemente. Livvy não acreditava neles sobre coisa alguma ainda. Aquela informação não ia ajudar.

— Temos que sair daqui — falou Cameron. Havia umas poucas luzes ao redor, clareando trechos da rodovia, e Emma notava a iluminação ocasional salpicando a planície da cidade mais além. Mas não se parecia nada com Los Angeles à noite. Não havia mais correntes de diamante de luz branca, todas tinham sido substituídas por pontos irregulares de brilho. Uma fogueira ardia em alguma parte de um morro distante.

Diante deles, uma imensa fissura dividia a rodovia, como se alguém tivesse cortado ordenadamente o concreto. Cameron se afastou da abertura, pegando a saída mais próxima. Ele baixou os faróis quando eles alcançaram as ruas e reduziu a velocidade ao passarem por um bairro residencial.

Era uma rua comum de Los Angeles ladeada por casas de um andar. A maioria delas tinha madeira pregada nas janelas, cortinas fechadas e apenas alguns lampejos de luz visível no interior. Muitas estavam completamente escuras e umas poucas mostravam sinais de terem sido forçadas: portas arrancadas nas dobradiças, manchas de sangue sujando as paredes de estuque branco. Junto do meio-fio, alguns poucos carros abandonados com seus portamalas ainda abertos como se seus proprietários tivessem sido... levados... enquanto tentavam fugir.

O mais triste de tudo eram os sinais de que crianças costumavam viver por ali antigamente: um trepa-trepa destruído, um triciclo no meio de uma entrada. Um balanço fantasmagórico sendo ninado pela brisa.

Uma curva na estrada se agigantou diante deles. Enquanto Cameron girava o volante, os faróis iluminaram uma estranha cena. Uma família — pai, mãe e um casal de crianças — estava sentada junto a uma mesa de piquenique no gramado. Eles comiam em silêncio pratos com carne assada, salada de repolho e salada de batata. Todos estavam mortalmente pálidos.

Emma se virou para olhar enquanto eles se afastavam.

— O que aconteceu com eles?

— Jurados — falou Livvy com um muxoxo de desagrado. — São mundanos

leais a Sebastian. Ele dirige os Institutos agora e protege mundanos que juram fidelidade a ele. Metade dos mundanos que restaram no mundo são Jurados.

— E quanto à outra metade? — falou Julian.

— Rebeldes. Lutam pela liberdade. Você pode ser uma coisa ou outra.

— Vocês são rebeldes?

Cameron riu e olhou com carinho para Livvy.

— Livvy não é só uma rebelde. Ela é a rebelde mais foda de todas.

Ele acariciou a nuca de Livvy delicadamente. Emma esperava que a cabeça de Julian não fosse explodir. Era evidente que Livvy não tinha mais do que uns 15 anos, mas ainda era a irmã caçula de Julian, de algum modo. Rapidamente, Emma falou:

— Os Caçadores de Sombras e os mundanos se uniram na rebelião? E quanto aos seres do Submundo?

— Não tem mais Caçadores de Sombras — falou Livvy. Ela ergueu a mão direita. Não havia Marca de Vidência em suas costas. Se Emma forçasse a vista, acreditava poder ver a leve cicatriz onde antigamente ela estivera: a sombra de uma sombra. — O poder do Anjo se quebrou. Estelas não funcionam, Marcas desaparecem feito fantasmas. Sebastian Morgenstern foi de Instituto em Instituto e matou todos que não juraram lealdade a ele. Ele abriu o mundo aos demônios e eles salgaram a Terra com venenos demoníacos e destruíram as torres de vidro. Idris foi invadida, e a Cidadela Adamant, destruída. A magia angelical não funciona. A magia demoníaca é a única que existe agora. — Ela segurou com força a escopeta. — A maioria dos que foram Caçadores de Sombras são Crepusculares agora.

Um mundo sem Caçadores de Sombras. Um mundo sem anjos. Eles tinham deixado o bairro residencial e agora circulavam pelo que Emma imaginara ser a Sunset Boulevard. Era difícil dizer sem as placas. Havia outros carros na estrada, finalmente, e até uma leve retenção no trânsito. Emma olhou para o lado e viu um vampiro pálido atrás do volante de um Subaru. Ele olhou para ela e deu uma piscadela.

— Estamos chegando a um posto de controle — falou Cameron.

— Deixem que a gente lide com isso — falou Livvy. — Não falem nada.

O carro diminuiu a velocidade; à frente, Emma notou barreiras com listras. A maior parte dos prédios em torno da via eram estruturas arruinadas. Eles pararam ao lado de um cujas paredes em ruínas circundavam um pátio praticamente intacto que antigamente fora a entrada de um edifício de escritórios. Demônios estavam amontoados por toda parte: nas pilhas de mobília revirada, subindo nas paredes destruídas, se alimentando em bebedouros de metal com uma coisa grudenta e escura que podia ser sangue. No centro do recinto, um poste com uma

mulher vestida de branco amarrada a ele, sangue escorrendo pelo vestido. Sua cabeça tinha tombado para um lado, como se ela tivesse desmaiado.

Emma começou a desatar o cinto.

— Nós temos que fazer alguma coisa.

— Não! — falou Livvy rispidamente. — Você será morta e vai nos matar também. Nós não podemos mais proteger o mundo assim.

— Eu não tenho medo — falou Emma.

Livvy lançou um olhar fervoroso de raiva para ela.

— Pois deveria ter.

— Posto de controle — interrompeu Cameron, e o carro avançou e parou nas barreiras. Cam baixou a janela do lado do motorista, e Emma quase pulou do assento quando um demônio sem olhos e com uma cabeça enrugada feito uva-passa se inclinou dentro do carro. Ele usava um uniforme cinza de gola alta e, embora não tivesse nariz nem olhos, tinha uma boca que cruzava toda a face.

— Credenciais — sibilou.

Cameron arregaçou a manga da camisa e botou a mão esquerda para fora, expondo o pulso. Emma captou o lampejo de uma Marca na parte interna do pulso, acima do ponto da pulsação, exatamente ao mesmo tempo que o demônio projetou uma língua cinza e áspera, que parecia um verme comprido e morto, lambendo o pulso de Cameron.

*Por favor, pensou Emma, não me deixe vomitar neste carro. Eu me lembro dele. Eu dei uns amassos no Cameron aqui no banco de trás deste carro. Meu Deus, o demônio lambeu o pulso dele. O carro inteiro fede a carne de demônio.*

Alguma coisa cobriu a mão dela, uma coisa quente e tranquilizadora. Ela piscou. Julian tinha segurado seus dedos. A surpresa a despertou bruscamente.

— Ah, Sr. Ashdown — falou o demônio. — Eu não percebi. Tenha uma noite agradável. — O demônio se afastou e Cameron ligou o carro. Eles rodaram alguns quarteirões até alguém falar.

— Que história foi aquela de... — começou Julian.

— A língua! Nem fale! — disse Emma. — Que merda foi aquela?

— O demônio te chamou de Sr. Ashdown? — concluiu Julian.

— Minha família é Jurada, leal à Estrela da Noite — explicou Cam rapidamente. — Eles dirigem o Instituto daqui para Sebastian. Os membros da Legião da Estrela são marcados com tatuagens especiais.

Livvy mostrou a eles a parte interna do pulso direito, onde havia um desenho marcado, uma estrela dentro de um círculo. A mesma insígnia que ela vira nas bandeiras de Sebastian. — A minha é falsificada. Por isso Cameron está dirigindo — falou Livvy. Ela olhou para o menino com carinho irônico. — A família dele não sabe que ele não é leal à Estrela.

— Não posso dizer que estou surpresa de saber que Paige e Vanessa viraram traidoras — falou Emma, e ela viu Livvy lhe dar um olhar estranho. Surpresa por ela saber quem eram Paige e Vanessa? Concordância? Emma não sabia ao certo.

Eles chegaram ao centro de Los Angeles, uma área cheia de atividade demoníaca mesmo no mundo normal. Aqui as ruas estavam surpreendentemente cheias — Emma viu vampiros e fadas andando livremente, e até uma loja de conveniência improvisada anunciando milk-shakes de sangue na vitrine. Um grupo de gatos grandes passou por eles, e quando viraram a cabeça, Emma viu que tinham rostos de bebês humanos. Ninguém na calçada pareceu achar aquilo esquisito.

— E os seres do Submundo? — perguntou Julian. — Onde eles entram?

— Vocês não vão querer saber — falou Livvy.

— Vamos, sim — disse Emma. — Nós conhecemos feiticeiros... podíamos tentar entrar em contato com eles, obter ajuda...

— Feiticeiros? — interrompeu Livvy. — Não há feiticeiros. Assim que Sebastian abriu o mundo às bestas do inferno, os feiticeiros começaram a adoecer. Alguns morreram e o restante teve sua humanidade degradada. Eles se transformaram em demônios.

— Em *demônios*? — repetiu Emma. — Totalmente?

— E quanto a Magnus? — perguntou Julian. — Magnus Bane?

Emma sentiu um calafrio. Até agora eles não tinham perguntado pelo bem-estar de nenhum conhecido. Ela desconfiava que ambos achassem tal perspectiva bastante assustadora.

— Magnus Bane foi uma das primeiras grandes tragédias — falou Livvy como se repetisse uma velha história que todos já conhecessem. — Bane se deu conta de que estava se transformando em demônio e pediu ao namorado, Alexander Lightwood, que o matasse. Alec o fez e depois se matou com a mesma espada. Seus corpos foram encontrados juntos nas ruínas de Nova York.

Julian tinha ficado mais branco que papel. Emma baixara a cabeça, sentindo que ia desmaiar.

Magnus e Alec, que sempre foram um símbolo de tudo o que era bom, mortos de forma tão horrível.

— Então foi isso que aconteceu com os feiticeiros — falou Livvy. — O Povo das Fadas é aliado de Sebastian e vive em sua maioria nos territórios protegidos do Reino das Fadas, embora alguns gostem de visitar nosso mundo, fazer alguma travessura. Vocês sabem.

— Acho que não sabemos — falou Julian. — Os territórios do Reino das Fadas estão protegidos?

— As fadas foram aliadas de Sebastian durante a Guerra Maligna — explicou

Livvy. — Perderam muitos guerreiros. A Rainha Seelie foi morta. Sebastian os premiou após a guerra com o que eles queriam: isolamento. As entradas para o Reino das Fadas têm muralhas para separá-los deste mundo, e qualquer humano ou mesmo Crepuscular que ameace uma das poucas fadas que restaram em Thule é punido severamente.

— A Rainha Seelie nunca teve um... um filho? — perguntou Julian.

— Ela morreu sem filhos — falou Livvy. — O Rei Unseelie unificou as duas Cortes e governa sobre tudo agora. Seu herdeiro é o príncipe Erec ou, pelo menos, foi o que ouvimos da última vez. Não se tem muitas notícias do Reino das Fadas.

Então não havia um segundo Ash neste mundo, pensou Emma. Provavelmente era melhor, pois um Ash já parecia mais do que suficiente.

— E os bandos de lobisomens estão todos espalhados — falou Cameron. — Tem alguns lobos solitários, uns que se juntaram a Sebastian, outros rebeldes com a gente, mas a maioria está morta. Os vampiros estão se saindo um pouco melhor porque os demônios não gostam muito de comê-los... eles já estão mortos.

— Alguns poucos clãs de vampiros se juntaram a Sebastian — falou Livvy. — Eles o adoram e acreditam que quando devorarem todos em Thule, ele vai liderá-los para um mundo com mais pessoas e mais sangue.

— Raphael Santiago diz que são idiotas e que quando todas as pessoas sumirem, eles vão morrer de fome — falou Cameron.

— Raphael Santiago ainda está vivo? No nosso mundo ele morreu — falou Julian.

— Bem, um a zero para Thule — falou Livvy com um sorriso torto. — Quando chegarmos ao edifício, vocês verão...

Ela se interrompeu quando um humano saiu correndo de um beco. Um adolescente, sujo e magro, parecendo em estado de inanição, com os cabelos pendendo em tufo emaranhados. As roupas estavam sujas, um pacote rasgado pendurado num braço.

Livvy se retesou.

— Um humano não jurado — falou ela. — Demônios podem caçá-los por esporte. Cam...

— Livvy, a gente não devia — falou Cameron.

— Encoste aqui! — ordenou ela. Cameron pisou fundo no freio, fazendo todo mundo ser lançado para a frente; Julian já se levantara do banco, esticando o braço para segurar Livvy pelo ombro e impedir que ela batesse a cabeça.

Ela lhe deu um olhar assustado. Em seguida, afastou a mão dele e baixou o vidro, inclinando-se para fora e gritando para o menino.



— Por aqui!

O menino mudou o curso e correu na direção do carro. Atrás dele, alguma coisa apareceu à entrada do beco. Uma coisa que parecia ser feita de sombras e asas pretas irregulares. Ela mergulhou para ele com velocidade incrível e Livvy xingou.

— Ele não vai conseguir.

— Talvez consiga — falou Cameron. — Aposto dez pratas.

— Que diabos é isso? — perguntou Emma. Ela esticou a mão para a maçaneta da porta e abriu... Julian a agarrou pela manga da túnica, puxando-a de volta, e a sombra irregular capturou o menino como um gavião pega um ratinho. Ele deu um grito apavorado quando a coisa o pegou e ambos se lançaram no ar, desaparecendo no céu cor de cinzas.

Cam pisou no acelerador; alguns passantes os observavam. Emma agora estava ofegante. Mundanos não deveriam ser mortos por demônios. Caçadores de Sombras deveriam ser capazes de ajudar.

Mas não havia Caçadores de Sombras aqui.

— Você me deve quatro mil dólares, Cam — falou Livvy sem entonação na voz.

— Isso — concordou Cameron. — Vou te pagar assim que o sistema bancário internacional for restabelecido.

— E quanto à nossa família? — falou Julian abruptamente. Ele soltou a manga de Emma; ela quase tinha se esquecido de que ele a agarrara. — Algum deles está aqui, Livia?

A boca de Livvy se transformou numa linha tensa.

— Eu ainda não estou convencida de que você é Julian — disse ela. — E minha família é problema meu.

Eles saíram abruptamente do asfalto e, por um momento, Emma pensou que iam invadir a lateral de uma construção de tijolos marrons um tanto familiar: o famoso Edifício Bradbury no centro da cidade, surpreendentemente ainda de pé. No que parecia o último minuto, uma parede de tijolos e arenito se ergueu e eles entraram num espaço escuro e cavernoso.

Uma garagem. Todos saíram do carro, e Cameron foi conversar com uma menina de calça camuflada e camiseta regata preta, que girava a manivela responsável por fechar a porta da garagem. Era um imenso bloco de tijolos e metal, operado por um sistema de engrenagens inteligentemente articuladas.

— Nós temos nosso próprio gerador aqui — falou Livvy. — E fazemos um monte de coisas manualmente. Não precisamos dos Jurados nos rastreando pelo uso da eletricidade. — Ela jogou a escopeta de volta no carro. — Venham.

Eles a seguiram até uma porta que conduzia para uma entrada espaçosa. Dava

para ver que estavam no interior de um edifício comercial imenso. As paredes eram de tijolos e mármore, o soalho, de ladrilhos, e acima Emma notava um intrincado labirinto de passarelas e escadas de metal, além do brilho de ferro antigo.

Livvy estreitou os olhos para ambos.

— Está bem — falou ela lentamente.

— Está bem o quê? — quis saber Emma.

— Vocês acabaram de passar por um corredor cujas paredes estão cheias de sal, ouro e ferro frio — disse Livvy. — Um velho maluco e milionário construiu este lugar. Ele acreditava em fantasmas e encheu o edifício de tudo o que poderia repelir o sobrenatural. Algumas coisas ainda funcionam.

A porta atrás deles bateu. Cameron tinha voltado.

— Divya disse que Diana ainda não chegou — falou ele. — Você quer que eu leve estes dois lá para cima para esperar?

— Sim. — Com ar cansado, Livvy esfregou as costas da mão na testa. — Eles chegaram até aqui. Talvez não sejam perigosos.

— Você quer dizer que talvez eu seja seu irmão de verdade — falou Julian.

As costas de Livvy se retesaram.

— Eu não disse isso. — Ela fez um gesto para Cameron. — Leve-os para um dos quartos dos recém-chegados. Dê uma olhada se tem guardas no andar.

Sem dizer outra palavra, ela se virou e foi embora, seguindo para uma das escadas de ferro. Julian exalou bruscamente, observando-a. Emma não conseguiu evitar a sensação; seu coração doeu ao ver a expressão dele. Era como se Jules estivesse sendo esmagado de dentro para fora. A imagem dele segurando o corpo da irmã enquanto ela sangrava no Salão do Conselho se ergueu como um pesadelo diante dos olhos dela.

Ela foi atrás de Livvy na escadaria; a menina se virou e as cicatrizes em seu rosto emularam dor em Emma, como se ela pudesse sentir a dor que a outra teve ao ganhá-las.

— Sério? — falou Livvy. — O que é que você quer?

— Anda, Livvy — falou Emma, as sobrancelhas erguidas. — Você sabe que ele é mesmo Julian. Em seu coração, você sabe. No carro, ele tentou evitar que você batesse a cabeça, como sempre fez; ele não conseguiu se controlar. Ninguém poderia agir assim, nem fingir.

Livvy ficou tensa.

— Você não entende, eu não posso...

— Fique com isto. — Emma botou o celular nas mãos de Livvy, que reagiu como se nunca tivesse visto um iPhone, balançando a cabeça.

— Talvez seja uma surpresa para você ouvir isso, mas a gente não tem muito

sinal de celular por aqui — falou.

— Engraçadinha — retrucou Emma. — Eu quero que você veja as fotos. — Ela tocou no telefone com um dedo trêmulo. — Fotos dos últimos cinco anos. Olha... é a Dru. — Ela ouviu Livvy inspirar com força. — E Mark, na praia, e aqui é o casamento de Helen e Aline. E Ty, no mês passado...

De Livvy veio um som engasgado.

— Ty está vivo em seu mundo?

Emma congelou.

— Sim — murmurou ela. — Sim, é óbvio que está.

Livvy apertou o telefone. Ela se virou e subiu as escadas, as botas ressoando na estrutura de ferro. Mas não sem antes Emma notar que seus olhos brilhavam com lágrimas.

---

1. Nota do editor:

Na fonte clara

Eu fui passear

Encontrei a água tão bela

Que eu quis ali me banhar.

Faz tanto tempo que te amo

Que jamais te esquecerei.

# 18

## O Inferno Emergindo

Quando Julian e Emma seguiram Cameron através do saguão do Bradbury, passaram por vários outros grupos dos rebeldes de Livvy. Pelo menos, era assim que Julian os chamava mentalmente. Esse era o pessoal de Livvy; sem dúvida, ela era importante aqui. Mas ao mesmo tempo que ele sentia orgulho, também sentia milhares de outras emoções lacerando-o: alegria, desespero, horror, medo, tristeza, amor e esperança. Elas rebentavam nele feito o mar na maré cheia.

E desejo também. Um desejo por Emma que era como facas em seu sangue. Quando ela falava, ele não conseguia deixar de olhar para sua boca, o modo como o lábio superior se curvava feito um laço perfeito. Era por isso que implorara a Magnus para desligar seus sentimentos por ela? Não conseguia se lembrar se costumava ser assim ou se agora estava pior. Ele estava se afogando.

— Olhe — murmurou Emma, tocando o braço dele, e a pele ardeu onde ela tocou e... *Pare*, disse Jules para si, veementemente. *Pare*. — São Maia Roberts e Bat Velasquez.

Grato pela distração, Julian olhou para trás e viu a garota que era a representante dos licantropes no Conselho em sua realidade. Os cabelos estavam presos em duas tranças grossas e ela descia alguns degraus ao lado de um menino bonito e cheio de cicatrizes, o qual Julian reconheceu como o namorado dela. Assim como Livvy, as roupas dos dois pareciam ter saído de uma loja de artigos militares. Casacos militares, roupas camufladas, botas e cintos de munição.

Havia um bocado de munição neste mundo. As portas da frente do edifício tinham sido bloqueadas com madeira, tábuas e uma mistura de cimento para mantê-las no lugar. Em fileiras de pregos perto das portas pendiam armamentos de todos os tipos e tamanhos; caixas de munição estavam empilhadas no chão.

Na parede próxima, alguém tinha escrito ANJOS E MINISTROS DA GRAÇA, DEFENDEI-NOS em tinta vermelha.

Eles acompanharam Cameron por mais um lance de degraus de madeira e ferro. O interior da construção provavelmente já fora lindíssimo, quando a luz entrava pelas janelas e pelo telhado de vidro. Mesmo agora era impressionante, embora janelas e telhado estivessem cobertos com madeira e as paredes de terracota apresentassem rachaduras. Lâmpadas elétricas ardiam em amarelo sódio e a teia de degraus e passarelas faziam curvas, escuras, através do crepúsculo conforme eles iam passando por guardas rebeldes armados com pistolas.

— Um bocado de armas — falou Emma, um pouco duvidosamente, quando chegaram ao andar superior.

— As balas não funcionam nos demônios, mas elas ainda derrubam um vampiro malvado ou um Crepuscular — falou Cameron. Eles cruzaram uma passarela. Para além da balaustrada de ferro do lado esquerdo, estava a escuridão cavernosa do átrio; a parede direita era coberta de portas. — Neste edifício funcionava uma ramificação da delegacia de polícia de Los Angeles, sabe, na época em que havia polícia. Os demônios tiraram todos daqui em minutos, mas eles deixaram para trás um monte de Glockes. — Ele fez uma pausa. — Chegamos.

Cameron abriu uma porta de madeira lisa e acendeu a luz. Julian seguiu Emma para dentro do cômodo: sem dúvida fora um escritório antigamente, reformado para ser um quarto. *Os quartos dos recém-chegados*, dissera Livvy. Havia uma escrivaninha e um guarda-roupa aberto com várias peças de roupa penduradas. As paredes eram de estuque claro e madeira velha e quente, e, da entrada, Julian avistou um pequeno banheiro coberto de azulejos. Alguém parecia ter reservado um tempinho para tentar tornar a aparência do lugar um pouco melhor — uma chapa de metal cobria a única janela, mas ela havia sido pintada de azul-escuro salpicado de estrelas amarelas, e havia um cobertor colorido sobre a cama.

— Foi mal pela cama não ser maior — disse Cameron. — Não recebemos muitos casais. Tem camisinhas na mesinha de cabeceira também.

Ele falou muito naturalmente. Emma corou. Julian tentou manter a expressão indiferente.

— Alguém vai trazer um pouco de comida — emendou Cameron. — Tem barras energéticas e Gatorade no guarda-roupa, se vocês não conseguirem esperar. Não tentem sair do quarto. Tem guardas por toda parte. — Ele hesitou à porta. — E, hum, sejam bem-vindos — emendou, um pouco constrangido, e saiu.

Emma não pensou duas vezes em revirar o guarda-roupa atrás das barrinhas energéticas e descobriu um saquinho de batatas fritas como bônus.

— Você quer metade? — perguntou ela, jogando uma barra para Julian e erguendo as batatas.

— Não. — Ele sabia que deveria estar faminto. Mal se lembrava da última vez que tinha comido. Mas, na verdade, se sentia meio enjoado. Estava a sós com Emma agora, e era uma sensação esmagadora.

— Se Ash está aqui, onde está Annabel? — continuou ela. — Eles passaram juntos pelo Portal.

— Ela poderia estar em qualquer parte de Thule — observou Julian. — Mesmo que ela descobrisse um jeito de voltar para o nosso mundo, duvido que fosse largar Ash aqui.

Emma suspirou.

— E por falar nisso, acho que deveríamos conversar sobre tentar voltar para casa. Não pode ser impossível. Se conseguíssemos entrar no Reino das Fadas de algum modo... talvez houvesse alguém ali, alguém que pudesse fazer magia...

— Livvy não disse que agora existem muralhas nas entradas para o Reino das Fadas?

— Nós já enfrentamos muralhas antes — falou Emma baixinho, e ele sabia que ela estava pensando, assim como ele, nos espinhos que cercavam a Torre Unseelie.

— Eu sei. — Julian não conseguia parar de olhar para ela. Os dois estavam sujos, cheios de sangue, famintos e exaustos. Mas contra a escuridão e o caos deste mundo, a sua Emma ardia com mais brilho do que nunca.

— Por que você está me olhando desse jeito? — perguntou ela, jogando o saco de batata vazio na lixeira de metal. — Coma sua barrinha, Julian.

Ele abriu a embalagem e pigarreou.

— Provavelmente eu deveria dormir no chão.

Ela parou de andar.

— Se você quiser — falou. — Acho que neste mundo nós sempre fomos um casal. Não *parabatai*. Quero dizer, isso faz sentido. Se a Guerra Maligna não tivesse terminado do jeito que terminou, nós nunca teríamos...

— Há quanto tempo nós estávamos juntos aqui antes de nos tornarmos Crepusculares? — questionou Julian.

— Talvez Livvy nos diga. Quero dizer, eu sei que ela não é a Livvy de verdade. Não a nossa Livvy. Ela é a Livvy que poderia ter sido.

— Ela está viva — falou Julian, e olhou para a barra energética. A ideia de comê-la o deixou mais nauseado. — E a vida dela tem sido um inferno. E eu não estava aqui para protegê-la.

Os olhos castanhos de Emma ficaram sombrios e incisivos.

— Você se importa?

Ele a encarou e, pela primeira vez no que parecia uma eternidade, sentiu o que ela sentia, assim como costumara sentir durante tanto tempo. Ele sentia sua cautela, a dor quase nos ossos, e sabia que fora o responsável por magoá-la. Ele a rejeitara repetidas vezes, ele a afastara, dizendo que não sentia nada.

— Emma. — Sua voz saiu rouca. — O feitiço... está quebrado.

— O quê?

— Quando Livvy e Cameron disseram que não havia magia por aqui, eles falaram a verdade. O feitiço que Magnus botou em mim não funciona aqui. Eu voltei a sentir as coisas.

Emma apenas olhou para ele.

— Você quer dizer em relação a mim?

— Sim. — Ela não reagiu. Julian deu um passo à frente e a abraçou. Emma ficou rígida como uma peça de madeira, os braços colados às laterais do corpo. Foi como abraçar uma estátua. — Eu sinto tudo — disse ele desesperadamente. — Sinto como eu sentia antes.

Ela se afastou dele.

— Bem, talvez eu não sinta.

— Emma... — Ele não fez menção de tocá-la de novo. Ela merecia seu espaço. Merecia o que desejasse, na verdade. Ela provavelmente tivera de reprimir tantas palavras enquanto ele estivera sob o feitiço, palavras que teriam sido completamente inúteis diante do Julian desprovido de emoção. A ele só restava imaginar o controle necessário para tanta contenção. — O que você quer dizer?

— Você me magoou — confessou Emma. — Me magoou muitíssimo. — Ela inspirou, trêmula. — Eu sei que foi por causa de um feitiço, mas você pediu o feitiço sem pensar em como ia afetar a mim, à sua família ou à sua função de Caçador de Sombras. E eu odeio te dizer tudo isso agora, porque estamos neste lugar horrível e você acabou de descobrir que sua irmã está viva, ou coisa assim, e ela aqui tem um estilão bem Mad Max, o que é muito legal, na verdade, mas este é o único lugar onde posso te falar certas coisas, porque quando voltarmos para casa... se é que vamos voltar um dia... você não vai se importar. — Ela fez uma pausa, respirando como se tivesse corrido. — Está bem. Pronto. Eu vou tomar um banho. Se você sequer pensar em me seguir naquele banheiro para conversar, vou atirar em você.

— Você não tem arma — observou Julian. Não ajudou em nada. Emma foi até o banheiro e bateu a porta. Um instante depois, ele ouviu o som de água corrente.

Julian afundou na cama. Depois de passar tanto tempo com a alma embrulhada em lã de algodão, a nova intensidade emocional era como arame farpado cortando seu coração a cada vez que este se expandia ao respirar.

Mas não era só a dor. Havia o fluxo intenso de alegria que era ver Livvy, ouvir sua voz. De orgulho por ver Emma arder como fogo no Ártico, como a aurora boreal.

Uma voz pareceu soar em sua mente, nítida como um sino; a voz da Rainha Seelie.

*Você já se perguntou o que é que atrai os mortais a viverem entre as fadas e a nos servirem, filho dos espinhos? Escolhemos aqueles que perderam alguma coisa e prometemos aquilo que os humanos mais desejam: o fim da tristeza e do sofrimento. Mal sabem eles que assim que entram em nossas Terras, estão na jaula e nunca mais sentirão felicidade.*

*Você está nessa jaula, menino.*

A Rainha era mentirosa, mas algumas vezes tinha razão. A tristeza podia ser como um lobo rasgando suas entranhas e você faria qualquer coisa para impedir tal sensação. Ele se lembrava do desespero ao olhar no espelho em Alicante e saber que tinha perdido Livvy, e que em breve perderia Emma também. Ele fora atrás de Magnus como um náufrago lutando sobre uma rocha solitária, sabendo que talvez fosse morrer no dia seguinte, de calor ou de sede, porém ainda desesperado para escapar da tempestade.

E então a tempestade se fora. Ele ficara no olho do furacão, com a tempestade à sua volta, mas permanecera ileso. Foi como dar fim ao sofrimento. Mas agora ele reconhecia algo que não tinha sido capaz de enxergar até então: que havia passado a vida com um buraco escuro em seu âmago, um espaço como o vazio entre Portais.

Mesmo nos momentos em que a emoção era tão forte que parecia rasgar o véu, ele a sentira num tipo de redoma vítrea e sem cor — Ty no alto da pira de Livvy, Emma quando os espinhos da cerca a cortaram. Agora ele a enxergava toda em preto e branco, os únicos pontos de cor eram aqueles onde o sangue derramara.

Ouviu uma batida à porta. A sensação era de que tinha um bolo na garganta que não o deixava falar, mas não fez diferença: Cameron Ashdown entrou assim mesmo, trazendo uma pilha de roupas. Ele as deixou no guarda-roupa, foi para o corredor e retornou com uma caixa de comida enlatada, pasta de dente, sabonete e outros itens essenciais. Depois de deixar a caixa sobre a escrivaninha, alongou os ombros para trás com um suspiro exagerado.

— Jeans e blusas de gola alta, luvas e botas. Se vocês voltarem lá fora, se cubram ao máximo para esconder as Marcas. Tem corretivo de maquiagem



também, se quiserem caprichar. Precisa de mais alguma coisa?

Julian ficou olhando o outro por um bom tempo.

— Sim — falou finalmente. — Na verdade, preciso, sim.

Cameron tinha acabado de sair resmungando quando Julian ouviu Emma fechar a água do banheiro. Um instante depois, ela apareceu, enrolada numa toalha, as bochechas rosadas e brilhantes. Será que ela sempre tivera esta aparência? Cores tão intensas, o dourado dos cabelos, Marcas escuras em contraste à pele clara, o castanho suave de seus olhos...

— Me desculpe — falou ele quando ela pegou as roupas na cama. Emma congelou. — Só agora começo a entender o quanto eu lamento por tudo.

Ela entrou no banheiro e saiu um instante depois, vestida com calça cargo preta e uma camiseta regata verde. As Marcas permanentes nos dois braços pareciam fortes e impressionantes, um lembrete de que mais ninguém as carregava por aqui.

— Quem quer que tenha escolhido as roupas para a gente, superestimou imensamente meus atributos — falou ela, fechando o cinto. — O sutiã que me deram é imenso. Daria para usar como um chapéu.

Cameron voltou a entrar sem bater.

— Consegui o que você pediu — falou ele, e botou no colo de Julian uma pilha de lápis e um bloco de desenho de papel Canson. — Devo admitir, foi a primeira vez. A maioria dos recém-chegados pede chocolate.

— Vocês têm chocolate? — perguntou Emma.

— Não — falou Cameron, e saiu do quarto pisando firme. Emma ficou observando-o sair, com uma expressão admirada.

— Eu realmente gosto deste novo Cameron — falou. — Quem imaginava que ele tivesse dentro de si um cara tão corajoso? Ele era um cara bem legal, mas...

— Ele sempre meio que teve um lado secreto — falou Julian. E se perguntou se, ao recuperar subitamente as emoções, significava que ia perder as papas na língua. Talvez fosse se arrepender disso mais tarde. — Há um tempo, ele abordou Diana porque tinha certeza de que Anselm Nightshade estava matando crianças licantropes. Não podia provar, mas tinha alguns bons motivos para achar isso. A família dele ficou dizendo para ele esquecer o assunto, que Nightshade tinha amigos poderosos. Então ele veio até nós... até o Instituto.

— Por isso vocês prenderam Nightshade — falou Emma, se dando conta. — Vocês queriam que a Clave revistasse a casa dele.

— Diana me falou que eles encontraram um sótão cheio de ossos — falou Julian. — Crianças licantropes, como Cameron falou. Eles testaram as coisas no restaurante e havia magia mortal por toda parte. Cameron tinha razão e, do jeito

dele, enfrentou a própria família. E fez isso por seres do Submundo que ele sequer conhecia.

— Você nunca falou nada — queixou-se Emma. — Não me refiro a Cameron ou mesmo a você... mas sim ao motivo de você ter prendido Anselm. Tem gente que ainda te culpa.

Ele deu um sorriso cheio de pesar.

— Às vezes você tem que deixar as pessoas te culparem. Quando a alternativa é deixar coisas ruins acontecerem, não importa o que as pessoas pensam.

Emma não respondeu. E quando Julian a encarou, foi como se ela tivesse esquecido de tudo sobre Cameron e Nightshade. Seus olhos estavam arregalados e luminosos quando ela tocou alguns dos lápis que tinham rolado sobre a cama.

— Você pediu material de desenho? — murmurou ela.

Julian baixou o olhar para as mãos.

— Durante todo esse tempo, desde o feitiço, senti falta do meu próprio centro, mas a questão é... eu nem percebi. Não conscientemente. Mas eu senti. Eu estava vivendo em preto e branco e agora a cor voltou. — Ele suspirou. — Estou me expressando todo errado.

— Não — falou Emma. — Acho que entendo. Você quer dizer que a parte de você que sente também é a parte de você que cria coisas.

— Eles sempre dizem que as fadas roubam crianças humanas porque não conseguem fazer arte ou música. Assim como os feiticeiros ou vampiros. É necessário mortalidade para fazer arte. A noção de morte, da limitação das coisas. Tem fogo dentro da gente, Emma, e quando ele arde, ele queima, e isso causa dor... mas sem sua luz, eu não consigo desenhar.

— Então desenhe agora — falou ela, com a voz rouca. Botou alguns lápis na palma aberta de Julian e começou a dar as costas para ele.

— Eu sinto muito — falou ele novamente. — Eu não devia sobrecarregar você.

— Você não está me sobrecarregando — disse ela, ainda olhando para o outro lado. — Você está me lembrando por que eu te amo.

As palavras ficaram presas no coração dele, contundentes, com uma alegria dolorosa.

— Mas você não se safou — emendou ela, e foi até o guarda-roupa. Ele não a perturbou enquanto ela remexia atrás de pares de meia e sapatos, procurando algo que servisse. Julian queria conversar com Emma, conversar com ela para sempre, a respeito de tudo, mas teria de ser quando ela quisesse. Não quando ele quisesse.

Em vez disso Julian botou o lápis no papel e deixou a imaginação correr

solta, deixou que as imagens que nasciam dentro dele e capturavam seu cérebro fluíssem em prata de Alicante e verde de Seelie, em preto e vermelho-sangue de Unseelie. Desenhou o Rei em seu trono, pálido, poderoso e infeliz. Desenhou Annabel segurando a mão de Ash. Desenhou Emma com Cortana, cercada de espinhos. E Drusilla, toda de preto, com um bando de corvos voando em círculo atrás dela.

Ele estava consciente de que Emma havia se deitado ao seu lado e o observava com uma curiosidade silenciosa, a cabeça apoiada no braço. Ela estava sonolenta, os lábios entreabertos, quando a porta voltou a ser aberta com uma pancada. Julian largou o caderno.

— Olha, Cameron...

Mas não era Cameron. Era Livvy.

Havia tirado o cinto de munição Sam Browne, mas afora isto, parecia a mesma. Sob a luz mais intensa do quarto, Julian notava as olheiras dela.

— Cameron disse que você pediu um caderno e lápis — falou Livvy, quase sussurrando.

Julian não reagiu. Ele meio que sentia que qualquer movimento ia assustá-la, como se ele estivesse tentando atrair uma criatura arisca da floresta.

— Você quer ver?

Julian esticou o caderno. Ela o pegou e o folheou, no começo lentamente e depois mais rápido. Agora Emma estava sentada e abraçava um dos travesseiros.

Livvy jogou o caderno de volta para Julian. Ela baixou o olhar; ele não conseguia ver o rosto dela, somente as franjas gêmeas de cílios escuros. E sentiu uma pontada de decepção. *Ela não acredita em mim; os desenhos não significam nada para ela. Eu não sou nada para ela.*

— Ninguém desenha como o meu irmão — falou ela, respirando fundo e soltando o ar lentamente. Então ergueu a cabeça e mirou diretamente nos olhos de Julian com um tipo de perplexidade que era metade mágoa, metade esperança. — Mas você desenha.

— Você se lembra de quando eu tentei te ensinar a desenhar, quando você tinha nove anos? — perguntou Julian. — E você quebrou todos os meus lápis?

Alguma coisa semelhante a um sorriso tocou os cantinhos da boca de Livvy. Por um momento, foi a Livvy familiar, apesar das cicatrizes e do couro preto. Um segundo depois, era como se uma espécie de máscara tivesse cruzado o rosto dela, e ela era uma Livvy diferente, uma líder rebelde, uma guerreira cheia de cicatrizes.

— Não precisa mais tentar me convencer — falou. E se virou, com movimentos precisos e militares. — Terminem de se arrumar. Encontrarei vocês dois no escritório principal dentro de uma hora.

— A gente já namorou neste mundo? — perguntou Emma. — Sabe, eu e você?

Cameron quase caiu pelos degraus de metal. Eles estavam no labirinto de escadas e passarelas que cruzava o interior do edifício Bradbury.

— É óbvio que não!

Emma ficou levemente magoada. Ela sabia que não era nada importante, pensando bem, mas às vezes era bom se concentrar em algo trivial para tirar sua mente do caos. O Cameron de seu mundo era quase constrangedoramente dedicado, sempre reatando depois que eles terminavam, mandando bilhetes de amor, flores e fotos de lhamas tristes.

— Você sempre namorou Julian — emendou ele. — Vocês não estão juntos no seu mundo?

— Eu estou bem aqui — falou Julian, no tom de voz enganosamente leve que indicava que ele estava irritado.

— Quero dizer, sim — falou Emma. — Pelo menos, estamos juntos às vezes. Algumas vezes, muito juntos, outras vezes, não tão juntos. Eu e você namoramos um tempinho, só isso.

— Aqui não temos tempo para esse tipo de drama pessoal — observou Cameron. — É difícil focar na vida amorosa quando aranhas gigantes te perseguem.

Cameron era muito engraçado aqui, pensou Emma. Se ele fosse tão divertido assim em casa, o relacionamento deles poderia ter durado mais.

— Quando você diz “gigante”, o quão gigante exatamente? — perguntou ela. — Maiores que caçambas de lixo?

— Não as filhotes — falou Cameron, e deu um sorriso horroroso aos dois. — Chegamos. Entrem e não contem a Livvy que a gente namorou no seu mundo porque é estranho.

Eles encontraram Livvy em outro dos escritórios reformados. Este sem dúvida costumava ser um loft, espaçoso, arejado e provavelmente cheio de luz antes de as janelas serem cobertas. Faixas de tijolos se alternavam com madeira polida nas paredes e dezenas de cartazes antigos com propaganda de frutas da Califórnia, exibindo maçãs, peras e laranjas, tinham sido pendurados entre as janelas cobertas com madeira. Um grupo de quatro sofás modernos e elegantes formava um quadrado em torno de uma mesinha de centro de vidro. Livvy estava deitada num dos sofás, bebendo um copo de alguma coisa escura e marrom.

— Isto aí não é álcool, é? — falou Julian como se estivesse horrorizado. — Você não deveria beber.

— Amanhã vocês vão querer beber — falou Livvy, e apontou para uma garrafa de Jack Daniel’s na mesa de vidro. — Só digo isso. — Ela gesticulou. —

Sentem-se.

Eles se sentaram no sofá oposto ao dela. Também se via uma lareira no cômodo, mas a grade fora coberta com metal havia algum tempo. Alguém, com muito senso de humor, havia pintado chamas na chapa de metal, o que era uma pena. Emma teria gostado de uma lareira acesa porque ia parecer algo natural.

Livvy girou o copo nas mãos cheias de cicatrizes.

— Então, eu acredito em vocês — falou. — Vocês são quem dizem que são. O que significa que eu sei o que vocês querem me perguntar.

— Sim — falou Julian, pigarreando. — Mark? Ty? Helen e Dru...

— Mas provavelmente vocês também querem ir embora — interrompeu Livvy. — Já que acabaram aqui por acidente e seu mundo parece um lugar bem melhor.

— Nós temos que ir embora — falou Emma. — Tem pessoas em casa que poderiam ser feridas ou até mortas se não voltarmos...

— Mas nós queremos levar você com a gente — falou Julian. Emma tinha certeza de que ele ia dizer aquilo; eles não conversaram sobre o assunto, mas nunca fora dúvida. Julian certamente ia querer que Livvy voltasse com eles.

Livvy assentiu lentamente.

— Muito bem — falou. — Vocês têm alguma razão para pensar que existe um meio de voltar? Viagens interdimensionais não são exatamente simples.

— A gente mal começou a conversar sobre isso — falou Emma. — Mas vamos pensar em alguma coisa. — Ela falou com mais confiança do que sentia.

Livvy ergueu umas das mãos.

— Se houver uma chance de vocês escaparem, vocês têm certeza de que querem saber o que aconteceu com... com todo mundo? Porque eu desejo todos os dias não ter ficado sabendo.

Sem tirar os olhos de Livvy, Julian falou:

— O que eu desejo é poder ter ficado ao seu lado.

O olhar de Livvy era distante.

— Você estava, acho. Vocês dois. — Ela dobrou os joelhos e se sentou sobre os calcanhares. — Vocês salvaram nossas vidas quando se sacrificaram para nos tirar de Manhattan no dia da queda da cidade.

Emma estremeceu.

— Nova York? Por que a gente estava em Nova York?

— A Batalha de Burren foi quando tudo deu errado — falou Livvy. — Clary estava lá, Alec e Isabelle Lightwood, Magnus Bane... e Helen, com Aline, obviamente. Estavam vencendo. Jace estava sob a influência de Sebastian, mas Clary empunhava Gloriosa, a espada do Anjo do Paraíso. Ela estava prestes a libertá-lo quando Lilith apareceu, lançou a espada no Inferno e destruiu Clary.

Helen e os outros tiveram sorte de escapar com vida.

“Essa foi a grande vitória de Sebastian. Depois disso, ele juntou forças com o Povo das Fadas. Eles invadiram Alicante enquanto nós estávamos escondidos no Salão dos Acordos. Os Caçadores de Sombras lutaram, nosso pai lutou, mas Sebastian era poderoso demais. Quando Alicante caiu, dominada pelas forças dele, um grupo de feiticeiros abriu um Portal para as crianças. Só para quem tinha menos de 15 anos. Tivemos que deixar Helen e Mark para trás. Dru gritava quando eles a arrancaram dos braços de Helen e nos conduziram via Portal até Manhattan.

“Catarina Loss e Magnus Bane montaram um abrigo temporário aqui. A guerra se intensificou em Idris. Recebemos uma mensagem de Helen. Mark tinha sido levado pelo Povo das Fadas. Ela não sabia o que fariam a ele. Eu ainda não sei. Espero que esteja no Reino das Fadas, que esteja verde e luminoso, e que ele tenha se esquecido de todos nós.”

— Ele não esqueceu — falou Julian baixinho. — Mark não esquece.

Livvy simplesmente piscou, rápido, como se os olhos ardessem.

— Helen e Aline continuaram lutando. Às vezes, recebíamos uma mensagem de fogo delas. Nós ouvimos falar que tiras cinzentas e estranhas começaram a aparecer na Floresta Brocelind. Eles chamavam o fenômeno de “praga”. No fim das contas, eram entradas para os demônios.

— Entradas para os demônios? — quis saber Emma, sentando-se direito, mas Livvy continuou a história, girando o copo várias vezes na mão, tão rápido que Emma ficou surpresa de não começar a faiscar.

— Os demônios invadiram Idris. O Povo das Fadas e os Crepusculares expulsaram os Caçadores de Sombras de Alicante, e os demônios acabaram com eles. Estávamos em Nova York quando soubemos da queda de Idris. Todos queriam saber o nome dos mortos, mas não havia informações. Não conseguíamos descobrir o que tinha acontecido a Helen e Aline, se elas haviam sobrevivido ou se tornado Crepusculares... não sabíamos.

“Não sabíamos se ficaríamos a salvo por muito tempo. Sebastian não se importava em guardar segredos do mundo humano. Ele queria destruir tudo. Os demônios começaram a aparecer em toda parte, se descontrolando, matando humanos nas ruas. A Praga se espalhou, cobrindo todo mundo. Ela envenenava tudo em que tocava e os feiticeiros começaram a adoecer.

“Após dois meses, o abrigo foi destruído. As ruas estavam cheias de monstros, e os feiticeiros, cada vez mais doentes. Quanto mais poderosos eram e mais magia tinham usado, mais rápido eles adoeciam e mais probabilidade havia de se transformarem em demônios. Catarina fugiu para que não ferisse ninguém. Vocês ouviram o que aconteceu a Magnus e Alec. O abrigo entrou em colapso e

as crianças ficaram abandonadas nas ruas. — Ela olhou para Julian. — Era inverno. Não tínhamos para onde ir. Mas você nos manteve juntos. Você disse para ficarmos juntos a qualquer custo. Estamos vivos porque estamos juntos. Nós *nunca* abandonamos uns aos outros.”

Julian pigarreou.

— Isso me soa coerente.

Os olhos de Livvy se fixaram nele.

— Antes de ir embora, Catarina Loss conseguiu que alguns trens levassem crianças Caçadoras de Sombras e do Submundo para outras partes do país. Os demônios estavam se espalhando de leste a oeste e havia rumores de que a Califórnia ainda estava livre deles. Nossa partida era na estação de White Plains. Caminhamos a noite inteira, você carregava Tavvy. Ele estava com muita fome. Todos estávamos famintos. Você ficou tentando ceder sua comida para a gente, especialmente para Ty. Chegamos à estação e o último trem estava partindo. Foi quando os avistamos. Os Crepusculares. Eles vieram atrás de nós em seu uniforme vermelho, como uma chuva de sangue. Iam nos matar antes de chegarmos naquele trem.

“Você nem conseguiu nos dar um beijo de despedida — falou Livvy, com a voz distante. — Simplesmente nos empurrou para os trens. Gritou para continuarmos e me falou para cuidar dos menores. E vocês avançaram para os Crepusculares com as espadas em punho. Nós vimos vocês lutando enquanto o trem partia... apenas vocês dois e cinquenta Crepusculares, na neve.”

*Pelo menos, nós fomos derrotados protegendo as crianças,* pensou Emma. Era um conforto gélido.

— E então ficamos nós quatro — falou Livvy, esticando a mão para pegar a garrafa de uísque. — Eu e Ty, Dru e Tavvy. Eu fiz o que você falou. Cuidei deles. Os trens avançavam lentamente no inverno. Encontramos Cameron em algum lugar perto de Chicago... a essa altura nós íamos de trem em trem, trocando comida por fósforos, esse tipo de coisa. Cameron falou que devíamos ir para Los Angeles, que sua irmã estava lá e que ela dizia que estava tudo bem.

“Obviamente, quando chegamos à Union Station, descobrimos que Paige Ashdown tinha se juntado à Legião da Estrela. Era assim que eles se intitulavam. Nós os chamávamos de traidores. Ela estava parada lá, assassina sangrenta e sorridente, com uma dezena de Crepusculares ao redor. Cameron me deu um empurrão, e eu e Ty corremos. A gente arrastava Dru e Tavvy, que choravam e gritavam. Eles pensaram que a gente ia voltar para casa.

“Não acho que a gente tenha percebido até então como as coisas tinham ficado ruins. Demônios caçavam os humanos não jurados através das ruas e não havia nada que pudéssemos fazer. Nossas Marcas estavam desaparecendo.

Estávamos enfraquecendo mais e mais a cada dia. Marcas e lâminas serafim não funcionavam. Não tínhamos nada para enfrentar os demônios, por isso nos escondemos. Feito covardes.”

— Pelo Anjo, Livvy, você não teria como fazer outra coisa. Você tinha *dez anos* — falou Emma.

— Ninguém mais diz “Pelo Anjo”. — Livvy serviu uma dose de Jack Daniel’s e tampou a garrafa. — Pelo menos não fazia frio. Eu me lembrei do que você tinha dito, Jules, sobre cuidar dos menores. Ty não é... não era... muito mais novo do que eu, mas ele estava arrasado. Seu coraçãozinho se partiu quando perdemos você. Ele te amava muito, Jules.

Julian não se manifestou. Estava pálido como a neve da história de Livvy. Emma esticou a mão pelo sofá e tocou seus dedos. Estavam gélidos. Este mundo era a pura essência destilada de seus pesadelos, pensou Emma. Um lugar onde os irmãos menores foram separados dele, onde ele não conseguia protegê-los enquanto o mundo ao redor era destruído em trevas e chamas.

— Nós dormimos em becos, nas casas abandonadas de humanos assassinados — falou Livvy. — Catamos comida nos supermercados. Nunca ficávamos no mesmo lugar por mais de duas noites. Tavvy gritava até dormir nos meus braços todas as noites, mas nós éramos cuidadosos. Eu achava que estávamos sendo cuidadosos. Dormíamos dentro de círculos feitos com sal e ferro. Eu me esforçava, mas... — Ela tomou um gole de uísque. Emma teria engasgado; Livvy parecia acostumada a beber daquele jeito. — Uma noite, estávamos dormindo na rua. Nas ruínas do Grove. Ainda havia lojas com comida e roupas por lá. Eu tinha nos cercado de sal, mas um demônio Shinagami veio pelo alto... era um borrão veloz com asas e garras semelhantes a facas. Ele arrancou Tavvy de mim... nós dois gritávamos. — Ela respirou, vacilante. — Tinha uma fonte ornamental idiota. Ty pulou na lateral e atacou o Shinagami com uma faca de arremesso. Acho que ele o acertou, mas sem as Marcas, é só... você *não consegue feri-los*. O demônio ainda segurava Tavvy. Simplesmente se virou e o atacou com uma garra, cortando a garganta de Ty-Ty. — Ela pareceu não notar que o chamara pelo apelido de bebê. Apertava o copo com força, os olhos inexpressivos e assombrados. — Meu Ty, ele caiu na fonte e era tudo água e sangue. O Shinagami se foi. Tavvy se foi. Eu peguei Ty, mas ele estava morto nos meus braços.

*Morto nos meus braços.* Emma apertou a mão de Julian, vendo-o no estrado do Salão do Conselho, segurando Livvy enquanto a vida e o sangue se esvaíam dela.

— Eu o beijei. E disse que eu o amava. Saí e voltei com um galão de gasolina, e queimei o corpo dele para que os demônios não o encontrassem. — A



boca de Livvy se contorceu. — E então ficamos só eu e Dru.

— Livia... — Julian se inclinou para a frente, mas ela ergueu uma das mãos numa intenção de barrar o que quer que ele fosse dizer a seguir.

— Me deixe terminar — pediu. — Já cheguei até aqui. — Ela tomou outro gole e fechou os olhos. — Depois disso, Dru parou de falar. Eu disse a ela que íamos para o Instituto pedir ajuda. Ela não respondeu. Eu sabia que não tinha ajuda ali. Mas pensei que talvez a gente pudesse se juntar à Legião da Estrela... eu já nem me importava mais. Estávamos caminhando pela rodovia quando um carro parou. Era Cameron.

“Ele viu que estávamos sujas de sangue e famintas. E que éramos só as duas. Não fez perguntas. Ele nos contou sobre este lugar aqui, o edifício Bradbury, e que havia aderido à resistência. Na época, era pouca gente, mas havia dois ex-Caçadores de Sombras que antes tinham caçado um demônio aqui. Disseram que era um prédio velho e sólido, cheio de sal e ferro, fácil de isolar. Além disso, como a delegacia de polícia de Los Angeles era locatária do local, havia uma quantidade grande de armas aqui.

“Nós nos juntamos aos outros e ajudamos na invasão deste lugar. Até Dru ajudou, embora ainda não falasse. Começamos a reforçar o prédio e espalhamos a notícia de que qualquer um contrário a Sebastian era bem-vindo aqui. As pessoas vinham de Nova York, do Canadá e do México, de toda parte. Aos poucos fomos aumentando a quantidade de pessoas e criamos um abrigo para refugiados.”

— Então Dru ainda está...? — começou Emma, ansiosa, mas Livvy prosseguiu:

— Há dois anos ela saiu com um grupo de patrulha. Nunca voltou. Acontece o tempo todo.

— Você a procurou? — perguntou Julian.

Livvy deu um olhar inexpressivo a ele.

— Aqui nós não procuramos as pessoas — falou. — Não fazemos missões de resgate, ou seriam mais pessoas mortas. Se eu desaparecesse, não ia esperar que alguém viesse atrás de mim. Torceria para não serem tão estúpidos. — Ela pousou o copo. — De qualquer forma, agora vocês sabem. Essa é a história.

Por um longo tempo, os três trocaram olhares. Então Julian se levantou. Contornou a mesa, pegou Livvy e a abraçou com tanta força que Emma a notou arfar de surpresa.

*Não o rejeite, pensou ela, por favor, não faça isso.*

Livvy não o rejeitou. Ela apertou os olhos com força e se agarrou a Julian. Eles ficaram abraçados por um longo momento, como duas pessoas se afogando, agarradas ao mesmo bote salva-vidas. Livvy apoiou o rosto no ombro de Julian e

deu um único soluço seco.

Emma se levantou com esforço e foi até os dois, sem se meter no abraço, mas afagando delicadamente os cabelos de Livvy, que ergueu a cabeça do ombro de Julian e lhe deu um esboço de sorriso.

— Vamos voltar para o nosso mundo — falou Julian. — Ty está vivo nele. Todos estão vivos nele. Vamos te levar com a gente. Você pertence a ele, não a este lugar aqui.

Emma esperou que Livvy perguntasse sobre o próprio destino no mundo deles, mas ela não o fez. Em vez disso, se afastou um pouco de Julian e balançou a cabeça; não era um gesto de raiva, mas de tristeza imensa.

— Tenho coisas a fazer aqui — disse ela. — Não é como se eu estivesse trancada, esperando a morte chegar. Nós estamos *lutando*, Jules.

— Jesus, Liv — falou ele com a voz um pouco rouca. — É muito perigoso...

— Eu sei — falou ela, e afagou levemente o rosto do irmão do modo como costumava fazer às vezes quando era bem criancinha, como se o formato familiar do rosto do irmão a tranquilizasse. Então se afastou, interrompendo o abraço. Ajeitou os cabelos para trás e falou: — Eu não contei a vocês sobre os Irmãos do Silêncio.

— Os Irmãos do Silêncio? — Emma estava confusa.

— Quando Idris caiu, os Irmãos do Silêncio foram mortos. Mas antes de morrer, eles selaram a Cidade do Silêncio, cerrando o Cálice Mortal e a Espada Mortal dentro dela. Ninguém conseguia entrar, nem mesmo Sebastian. E ele deseja muito isso, desesperadamente.

— Por que ele quer os Instrumentos Mortais? — perguntou Julian.

— Ele tem uma versão do Cálice que controla os Crepusculares — falou Livvy. — Mas ele quer *nos* controlar. Acha que se conseguir juntar os Instrumentos Mortais, vai poder controlar o que resta dos Nephilim... nos transformar em escravos em vez de rebeldes.

— Sebastian falou alguma coisa na praia — recordou-se Emma — sobre os Instrumentos Mortais.

— Nós temos gente lá dentro, como Cameron — falou Livvy. — Os boatos são de que Sebastian está mais perto de descobrir um meio de entrar na Cidade. — Ela hesitou. — Isso seria o nosso fim. Só nos resta torcer para que ele não consiga ou que seu progresso seja lento. Não temos como impedi-lo.

Emma e Julian trocaram um olhar.

— E se nós pudéssemos encontrar um feiticeiro? — sugeriu Emma. — Alguém capaz de ajudar *você* a entrar na Cidade do Silêncio primeiro?

Livvy hesitou.

— Eu gosto do seu entusiasmo — falou ela. — Mas todos os feiticeiros estão

mortos ou viraram demônios.

— Preste atenção — falou Emma. Ela estava pensando em Cristina, quando contou à amiga, na Corte Unseelie, que não eram as Linhas Ley, era a Praga. — Vocês estavam falando que os demônios entraram em Idris através das faixas afetadas pela Praga. Nós também temos a Praga em nosso mundo, embora os demônios ainda não estejam chegando por elas. E nossos feiticeiros também estão adoecendo... os mais velhos e mais poderosos primeiro. Eles não estão virando demônios, pelo menos, não ainda, mas a doença é a mesma.

— E? — quis saber Julian. Ele a encarava com um respeito dedicado. Emma sempre fora elogiada por suas habilidades de combate, mas só Julian sempre dizia que ela era inteligente e experiente também. De repente, ela se deu conta do quanto sentia saudade desse tipo de conforto da parte dele.

— Em nosso mundo, tem uma feiticeira que é imune à doença — explicou Emma. — Tessa Gray. Se ela for imune aqui também, talvez possa nos ajudar.

Livvy observava.

— Há rumores sobre o Último Feiticeiro. Mas nunca vi Tessa aqui em Los Angeles. Nem sequer sei se ela ainda está viva.

— Eu tenho um meio de entrar em contato com ela. — Emma ergueu uma das mãos. — Este anel. Talvez ele funcione aqui. Vale a tentativa.

Livvy ergueu o olhar do anel para Emma e falou lentamente:

— Eu me lembro deste anel. Você costumava usá-lo. O Irmão Zachariah te deu quando a gente estava em Manhattan, mas o anel foi perdido quando você... quando Emma foi perdida.

Uma centelha de esperança acendeu no coração de Emma.

— Ele me deu no meu mundo também — falou. — Poderia funcionar aqui se Tessa ainda tiver o outro.

Livvy não disse nada. E Emma teve a sensação de que havia muito Livvy desistira de acreditar que as coisas ainda valessem a pena.

— Deixe-me só tentar — disse Emma, e bateu com força a mão esquerda contra um dos pilares de concreto. O balangandã de vidro no anel se quebrou e o metal escureceu, subitamente manchado com marcas semelhantes a ferrugem ou sangue. Os pinos que seguravam o vidro desapareceram. Agora o anel era apenas uma faixa de metal.

Livvy suspirou.

— Magia de verdade — falou. — Não vejo isso há muito tempo.

— Parece um bom sinal — disse Julian. — Se Tessa estiver aqui, talvez seus poderes ainda funcionem.

Era um fio de esperança, fino como uma teia de aranha, pensou Emma. Mas o que mais eles tinham?

Livvy foi até uma das mesas e voltou com o celular de Emma.

— Isto é seu — falou, um pouco relutante.

— Pode ficar se quiser — disse Emma; ela sabia que Julian a observava com as sobrancelhas erguidas em surpresa. — Sério...

— De qualquer forma, a bateria está acabando — falou Livvy, mas havia mais alguma coisa em sua voz, algo que dizia que doía olhar as fotos de uma vida que fora arrancada dela. — Ty cresceu e ficou tão bonito — emendou. — As meninas devem ficar em cima dele. Ou os meninos — acrescentou com um sorriso torto que desapareceu rapidamente. — De qualquer forma, fique com ele.

Emma guardou o telefone no bolso. Quando Livvy se virou, Emma pensou ter entrevisto a beirada de uma Marca escura pouco acima da gola da camiseta. Ela piscou... mas não havia Marcas aqui, não é?

Parecia a rubrica de uma Marca de luto.

Livvy desabou novamente no sofá.

— Bem, não faz sentido esperar aqui — disse. — Só vai servir para nos deixar tensos. Vocês dois, durmam um pouco. Se nada acontecer até amanhã à tarde, marcamos uma nova reunião.

Emma e Julian já estavam saindo. Já à porta, Julian hesitou.

— Eu estava pensando — falou. — Este lugar fica melhor à luz do dia?

Livvy estava examinando as mãos, com os desenhos de cicatrizes. Ela ergueu os olhos e, por um instante, eles arderam, no azul familiar dos Blackthorn.

— Espere só pra ver — falou.

Não parecia haver pijamas em Thule. Depois do banho, Julian se sentou na cama usando calça de moletom e camiseta, fitando a janela de metal pintado com suas estrelas prateadas de mentira. Ele pensava em Mark. Quando Mark fora prisioneiro da Caçada Selvagem, todas as noites ele listava os nomes de seus irmãos e irmãs nos pontos de luz que giravam no céu.

Em Thule, não dava para ver as estrelas. O que é que Livvy tinha feito? Como tinha se lembrado de todos? Ou tinha sido menos doloroso tentar esquecer? Mark pensara que os irmãos estavam vivos e felizes sem ele. Livvy sabia que estavam mortos ou possuídos. O que era pior?

— Ela não perguntou — falou ele quando Emma saiu do banheiro vestindo camiseta regata e cueca boxer. — Livvy... ela não perguntou sobre o nosso mundo. Nada.

Emma afundou na cama ao lado dele. O cabelo estava preso numa trança; Jules sentia o calor e o cheiro do sabonete na pele dela. Sentiu também uma pontada no estômago.

— E dá para culpá-la? Nosso mundo não é perfeito. Mas não é *este*. Não é um monte de aniversários que ela perdeu, nem o crescimento de seus irmãos que ela deixou de presenciar, nem o conforto que nunca conseguiu.

— Mas ela está viva aqui — observou Julian.

— Julian... — Emma tocou o rosto dele levemente. Ele queria se apoiar no toque, mas se controlou com um esforço que fez seu corpo inteiro se retesar. — Ela está *sobrevivendo* aqui.

— E tem diferença?

Ela o encarou fixamente antes de baixar a mão e se ajeitar de novo nos travesseiros.

— Você sabe que tem.

Emma estava deitada de lado, mechas de cabelo claro se soltando da trança, douradas contra os travesseiros brancos. Os olhos eram da cor de madeira polida, seu corpo, curvilíneo feito um violão. Julian queria pegar seu bloco de papel, desenhá-la, do modo que costumava fazer quando seus sentimentos por ela transbordavam além da conta. Seu coração explodindo em tinta e cores porque ele não podia dizer as palavras.

— Você não quer que eu durma no chão? — perguntou ele. Sua voz saiu rouca. Ele não podia fazer nada quanto a isso.

Ela balançou a cabeça, ainda encarando-o com aqueles olhos enormes.

— Eu estava pensando — falou ela. — Se a magia dos Caçadores de Sombras não existe aqui... se lâminas serafim não funcionam, nem magia angelical...

— Então nosso laço *parabatai* provavelmente está interrompido — concluiu ele. — Eu pensei nisso também.

— Mas não dá pra ter certeza — falou ela. — Quero dizer, acho que poderíamos tentar fazer alguma coisa, fazer algo acontecer, do modo como queimamos aquela igreja...

— Provavelmente não é uma boa ideia testar incêndios dolosos. — Julian sentia o coração martelando. Emma estava se aproximando mais e mais dele. E agora ele via a curva macia da clavícula dela, o lugar onde a pele queimada pelo sol ficava mais pálida. Ele desviou o olhar.

— Nós podíamos tentar outra coisa — falou ela. — Você sabe, dar uns beijos.

— Emma...

— Eu sinto quando nos beijamos. — Suas pupilas estavam enormes. — Eu sei que você também sente. O vínculo.

Era como ter hélio bombeado em seu sangue. Julian se sentia leve como o ar.

— Tem certeza? Você quer isso mesmo?

— Sim. — Ela se ajeitou mais ainda nos travesseiros. Agora olhava para ele, com o queixo teimoso empinado, os cotovelos apoiados na cama. As pernas esticadas, longas e gloriosas. Ele deslizou para mais perto dela. Via a pulsação latejando no pescoço de Emma, que entreabriu os lábios e falou baixinho:

— Eu quero isso.

Ele se aproximou mais, porém sem tocá-la ainda, seu corpo a um sussurro do dela. Ele viu seus olhos escurecerem. Ela contorceu o corpo debaixo dele, as pernas deslizando contra as dele.

— Emma — falou Julian com a voz grossa —, o que aconteceu com aquele sutiã? Sabe, o enorme?

Ela sorriu.

— Estou sem ele.

De repente o ar no cômodo pareceu superaquecer. Julian tentava respirar normalmente, embora soubesse que, se deslizasse as mãos para baixo da camiseta regata, encontraria apenas a pele macia e curvas nuas.

Mas Emma não lhe pedira nada disso. Pedira apenas um beijo. Ele se ajeitou acima dela, as mãos abarcando sua cabeça. Lentamente, se abaixou: refinadamente lento, até suas bocas estarem a um centímetro uma da outra. Julian sentia o hálito quente contra seu rosto. Ainda assim, seus corpos mal se tocavam. Emma se remexia incansavelmente debaixo dele, seus dedos afundando na colcha.

— Me beije — murmurou ela, e ele se inclinou e roçou os lábios nos dela... apenas um roçar, o mais leve dos toques. Ela buscou os lábios dele com os seus e ele virou o rosto para o lado, traçando o mesmo toque leve e quente ao longo do queixo, da bochecha. Quando chegou à boca novamente, ela arfava, os olhos semicerrados. Ele sugou o lábio inferior dela, passando a língua, traçando o contorno, os cantos sensíveis.

Emma arfou de novo, empurrando ainda mais as costas nos travesseiros, seu corpo arqueando. Julian sentiu os seios roçando contra seu peito, enviando uma onda de calor diretamente para sua virilha. E aí afundou os dedos no colchão, desejando manter o controle. Entregar exatamente o que ela pedira.

Um beijo.

Ele sugou e lambeu o lábio inferior de Emma, contornou o arco do lábio superior. Lambeu ao longo da junção dos dois até os lábios dela se abrirem e ele selar a boca na dela, todo o calor e umidade, e o gosto dela, menta e chá. Ela agarrou os bíceps dele, arqueando de encontro ao seu corpo enquanto continuavam a se beijar. O corpo de Emma era macio e quente; ela gemia dentro da boca de Julian, deslizando os calcanhares pelas panturrilhas dele, as mãos descendo para a camisa, os dedos se curvando sob...

Ela cessou tudo. Respirava como se tivesse corrido uma maratona, os lábios úmidos e rosados do beijo, as bochechas ardendo.

— Cace... — começou ela, então tossiu e corou. — Você andou *treinando*?

— Não — falou Julian. E sentiu orgulho por conseguir dizer a palavra sem vacilar. Decidiu arriscar duas palavras. — Não andei.

— Muito bem — murmurou Emma. — Muito bem. Ninguém está em chamas, sem coisas estranhas de *parabatai* em evidência. Este é todo o teste ao qual estou disposta por enquanto.

Julian rolou cuidadosamente sobre a lateral do corpo.

— Mas eu ainda posso dormir na cama, certo?

Ela deu um sorriso.

— Acho que você conquistou isso, sim.

— Eu posso ficar bem na beiradinha — sugeriu ele.

— Não comece, Julian — falou ela, e rolou para ele, seu corpo se aninhando ao dele. Hesitante, Julian passou os braços ao seu redor, e Emma se aproximou mais, fechando os olhos.

— Emma? — chamou ele.

Sem resposta.

Ele nem acreditou. Ela já tinha pegado no sono. Respirando baixinho e com regularidade, o nariz frio e pequeno contra a clavícula dele. Ela simplesmente dormia, e era como se todo o corpo de Julian estivesse ardendo. As ondas trêmulas de prazer e desejo que tinham fluído dentro dele por causa de um mero beijo ainda o impressionavam.

Tinha sido bom. Quase metaforicamente bom. E não apenas por causa do que florescera dentro de suas células, da própria pele. Fora Emma, seus gemidos, o modo como o tocara. Não era o vínculo *parabatai*, mas era o vínculo *deles*. Era o prazer que ele dera a ela, refletido nele mil vezes. Era tudo o que ele fora capaz de sentir desde o feitiço.

A voz da Rainha se fez ouvir, indesejada, metálica como um sino e cheia de malícia:

*Você está na jaula, menino.*

Ele estremeceu e puxou Emma para mais perto.

# 19

## Os Mortos de Joias, Alegres

Emma sonhou com fogo e trovão, e foi acordada pelo som de madeira se partindo. Pelo menos, *parecia* que a madeira estava se partindo. Quando ela se sentou, tonta e confusa, com o braço de Julian ainda em sua cintura, percebeu que alguém batia com muita, muita força à porta do quarto.

Julian se remexeu, gemendo baixinho em seu sono; Emma se desgrudou dele e caminhou para abrir a porta bruscamente, esperando Cameron ou Livvy.

Era Diana.

Vê-la foi equivalente a tomar uma dose de cafeína. Ela estava toda vestida de preto, desde as botas até a calça e o casaco de couro. O cabelo estava preso num rabo de cavalo cacheado na parte de trás da cabeça. Ela parecia intimidadora, mas Emma não se importou muito: deu um gritinho e a abraçou, ganhando em reação um arquejar ruidoso de surpresa.

— Ei, estranha — falou ela. — O que está acontecendo?

— Desculpe. — Julian tinha aparecido e gentilmente afastava Emma. — Em nosso mundo, você é nossa tutora.

— Ah, tudo bem. Na sua dimensão alternativa. Livvy me falou sobre isso quando voltei da minha peregrinação por farmácias. — Diana ergueu as sobrancelhas. — Loucura.

— Você não nos conhece de modo algum aqui? — perguntou Emma, com alguma decepção.

— Não desde que vocês eram pequenos. Eu vi vocês no Salão dos Acordos durante a Guerra Maligna, antes de mandarem as crianças embora via Portal. Vocês eram bons pequenos lutadores — emendou ela. — Então ouvi dizer que se tornaram Crepusculares. Não esperava vê-los de novo, só mesmo se vocês estivessem apontando uma arma para mim.



— Ora — falou Emma. — Uma boa surpresa, hein?

Diana parecia sombriamente divertida.

— Vamos. Vocês podem me contar como sou no mundo de vocês enquanto os levo até o saguão.

Eles vestiram as roupas: botas, camisetas de manga comprida, jaquetas. Emma se perguntou onde os rebeldes conseguiam seus suprimentos. A calça preta parecia de lona ou de algum tecido grosso e que coçava do mesmo jeito. Mas as botas eram bonitas, e ela admitia que gostava do visual de Julian, com a camiseta desbotada e calça militar. As roupas marcavam o corpo esguio e musculoso de um modo que a fazia se esforçar para não pensar na noite anterior.

Quando saíram do quarto, Julian rasgou uma página de seu caderno e a enfiou no bolso da jaqueta.

— Para dar sorte — falou.

Eles se juntaram a Diana no corredor, as solas das botas estalando na madeira polida.

— Em nosso mundo — falou Emma enquanto desciam os degraus —, você está namorando uma fada.

Diana franziu a testa.

— Uma fada? Por que eu namoraria um traidor?

— As coisas são um pouquinho mais complicadas em casa.

— As coisas são muito mais complicadas aqui, criança — falou Diana quando alcançaram o térreo. — Venham comigo.

Eles passaram debaixo de um arco de tijolos e entraram num imenso cômodo, cheio de mobília que parecia ter sido tirada de diferentes escritórios. Havia sofás modernos, de couro e aço, e outros antiquados, de veludo e de retalhos. Poltronas de algodão e chita, algumas em bom estado e outras rasgadas; mesas baratas de compensado, com pernas de metal, coladas umas nas outras para criar um efeito de sala de reuniões.

Havia uma multidão presente: Emma viu Livvy e Cameron, Bat e Maia, e alguns poucos rostos familiares: Divya Joshi e Rayan Maduabuchi, um ou dois dos membros mais velhos do Conclave de Los Angeles. Todos fitavam a parede leste do recinto — tijolo e arenito comuns —, mas que neste momento ardia com letras imensas, de fogo, que iam de uma ponta a outra da parede.

PROCUREM CHURCH.

— Vocês entenderam isso? Church é igreja em inglês, não? — perguntou Diana. — Ninguém aqui entendeu. As igrejas não estão indo bem neste mundo. Todas foram profanadas e estão cheias de demônios.

— Todo mundo está tão quieto — falou Emma, murmurando para si. — Eles estão com... medo?

— Na verdade, não — falou Diana. — É só que faz muito tempo desde que um de nós viu magia.

Livvy abriu caminho até eles, empurrando a multidão, e deixou Cameron para trás.

— Isso veio de Tessa Gray? — ela quis saber, de olhos arregalados, quando os alcançou. — É uma resposta ao chamado de ontem? *Funcionou?*

— Sim — falou Julian. — Tenho certeza de que sei exatamente o que é. Tessa quer que a gente vá até ela.

— Não confia na gente, decerto — falou Diana. — Ela deve ter bom senso.

— Mas e a parte da igreja? — Livvy parecia confusa. — De que igreja ela está falando?

— Ela está falando de um gato — explicou Julian.

— E, por favor, não digam que todos os gatos estão mortos — falou Emma. — Não sei se dou conta de lidar com morte felina em grande escala.

— Os gatos, na verdade, estão a salvo aqui — falou Diana. — Eles já são um pouco demoníacos.

Livvy fez um gesto com as mãos.

— Vamos nos ater ao essencial? O que você quer dizer com um gato?

— Um gato incomum — explicou Julian. — O nome dele é Church. Antigamente pertencia a Jem Carstairs, e costumava morar com a gente, no Instituto, depois da Guerra Maligna.

— Não podemos ir ao Instituto — falou Emma. — Está cheio de Ashdown malvados.

— Eu sei, mas Church perambula por aí... você lembra — falou Julian. — Ele não morava realmente com a gente no Instituto. Ele ficava andando pela praia e parava onde bem entendesse. E ele nos levava aonde queria que a gente fosse. Se nós encontrarmos Church, ele pode nos levar a Tessa.

— Tessa e o Irmão Zachariah tinham um gato de temperamento difícil lá em Nova York, depois da guerra — falou Livvy.

— Eu vou com vocês até a praia — disse Diana.

— Isso significa que temos que cruzar a cidade toda à luz do dia — falou Livvy. — Não gosto disso.

— Seria mais seguro à noite? — perguntou Julian.

— Não, fica até pior — falou Livvy.

— Ei — disse uma voz baixinho.

Emma se virou e viu um menino de cabelos ondulados e pele marrom-clara olhando para eles com uma mistura de irritação e... não, era basicamente só irritação.

— Raphael Santiago?

Ela o reconheceu da Guerra Maligna, das fotos em livros de história sobre seus heróis. Emma sempre achara que Raphael, responsável por fazer o famoso sacrifício para salvar a vida de Magnus Bane, tinha um rosto angelical. A coroa de cachos, a cicatriz em cruz no pescoço, e os olhos arregalados no rosto redondo infantil eram os mesmos. Ela só não esperava a expressão irônica por cima de tudo.

— Eu sei quem você é — falou Emma.

Ele não parecia impressionado.

— Eu também sei quem vocês são. Vocês são os Crepusculares que estão sempre se agarrando por aí. Eu entendo que sejam maus, mas por que não podem ser mais discretos?

— Aqueles não somos nós de verdade — falou Julian. — São pessoas diferentes.

— Se você diz... — emendou Raphael. — É um plano idiota e vocês vão todos morrer. Eu entendo que todos os dons do Anjo se foram e deixaram apenas o dom Nephilim de evidente miopia. Vocês querem sair de uma situação ruim com demônios e ir para uma pior.

— Está dizendo que a gente não devia procurar Tessa? — perguntou Emma, começando a ficar irritada.

— Raphael só está de mau humor — disse Livvy. Ela bagunçou o cabelo enrolado de Raphael. — Você não está de mau humor? — falou com ternura.

Raphael olhou como se quisesse matá-la. Livvy sorriu.

— Eu não disse que vocês deviam fazer ou não alguma coisa — interrompeu ele. — Podem procurar Tessa. Mas talvez vocês queiram minha ajuda. É muito mais provável que vocês consigam cruzar a cidade se tiverem um transporte. Só que minha ajuda não é de graça.

— É chato reconhecer, mas tudo o que ele diz é verdade — admitiu Livvy.

— Muito bem — disse Julian. — O que é que você quer, vampiro?

— Informações — falou Raphael. — No seu mundo, minha cidade ainda existe? Nova York.

Julian fez que sim com a cabeça.

— Eu estou vivo? — perguntou Raphael.

— Não — respondeu Emma. Não parecia fazer sentido amenizar.

Raphael fez uma pausa por um instante.

— Então quem é o líder do clã de vampiros de Nova York? — perguntou.

— Lily Chen — disse Emma.

Raphael sorriu, o que a surpreendeu. Foi um sorriso verdadeiro, com carinho real nele. Emma se flagrou ficando mais terna.

— Em nosso mundo, você é um herói. Você sacrificou sua vida para que

Magnus pudesse viver — disse ela.

Raphael pareceu horrorizado.

— Me diga que você não está falando de Magnus Bane. Diga que você está falando de um Magnus muito mais legal. Eu nunca faria isso. Se fiz, nunca ia querer que tocassem no assunto. E nem acredito que Magnus me envergonharia falando sobre isso.

Julian deu um sorriso torto.

— Ele deu seu nome ao filho. Rafael Santiago Lightwood-Bane.

— Isso é revoltante. Então todos sabem? Estou constrangido — disse o vampiro, e olhou para Diana. — Debaixo de uma lona, na garagem, tem algumas das minhas motocicletas. Peguem duas. Tomem cuidado para não batê-las, ou eu vou ficar muito zangado.

— Anotado — falou Diana. — Nós as traremos de volta ao anoitecer.

— Você não devia estar dormindo, Raphael? — falou Emma, subitamente assustada. — Você é um vampiro. É de dia.

Raphael sorriu friamente.

— Ah, pequena Caçadora de Sombras — falou. — Espere só até ver o sol aqui.

Eles encontraram as motocicletas na garagem, conforme Raphael dissera que encontrariam, e Divya abriu a porta de metal para que pudessem sair para a rua. Ela fechou a porta rapidamente atrás deles, e ao ouvir o som metálico e a vibração das engrenagens, Julian ergueu o olhar e viu o céu.

Seu primeiro pensamento foi que deveria ficar na frente de Emma e, de algum modo, protegê-la dos estragos do sol. O segundo foi uma lembrança de um verso que seu tio ensinara: *A manhã veio e se foi — e voltou sem trazer o dia.*

O sol era um borralho preto e vermelho, reluzindo vacilante contra um montinho de nuvens irregulares. Lançava uma luz feia — uma luz marrom-avermelhada, como se eles estivessem vendo o mundo através de água manchada de sangue. O ar era denso e carregado, com gosto de terra e cobre.

Eles estavam no que Julian imaginava ser a rua West Broadway, bem menos cheia do que estivera na noite anterior. A sombra ocasional aparecia e desaparecia nos espaços entre os prédios, e a loja de conveniências que vendia milk-shakes de sangue estava surpreendentemente aberta. Alguma coisa se sentava junto ao balcão e lia uma revista velha, mas não tinha a aparência de um ser humano.

O lixo era jogado para tudo que é lado na rua praticamente vazia, carregado

pelo vento quente. Esse tipo de clima ocorria às vezes em Los Angeles, quando o vento soprava do deserto. Os moradores chamavam de “vento do diabo” ou de “ventos assassinos”. Talvez eles ocorressem o tempo todo em Thule.

— Prontos? — falou Diana, passando uma perna por cima da primeira moto e apontando para a outra.

Julian nunca tinha pilotado uma moto. Estava disposto a tentar, mas Emma já estava montada. Ela fechou a jaqueta de couro que pegara no guarda-roupa e chamou Julian com um gesto do dedo.

— Mark me mostrou como pilotar uma dessas — falou. — Lembra?

Julian se lembrava. E lembrava também do ciúme que sentira de Mark porque seu irmão podia flertar com Emma casualmente. E também poderia beijá-la, abraçá-la enquanto Julian tinha de tratá-la feito uma bomba que explodiria caso a tocasse. Caso eles se tocassem.

Mas não aqui, ele se recordou. Este lugar podia até ser um inferno, mas pelo menos eles não eram *parabatai* aqui. Ele se ajeitou na moto, atrás de Emma, e passou os braços na cintura dela. Ela estava com uma Glock enfiada no cinto, assim como ele.

Emma se esticou e roçou os dedos nas mãos cruzadas de Julian, onde elas estavam apoiadas em seu cinto. Ele abaixou a cabeça e lhe deu um beijo na nuca.

Ela estremeceu.

— Chega, meninos — falou Diana. — Vamos.

Ela arrancou e Emma ligou a própria motocicleta, puxando a alavanca da embreagem enquanto segurava o botão da ignição. O motor engrenou com um barulho alto e eles partiram atrás de Diana pela rua deserta. Diana acelerou na direção de um morro; Emma se abaixou e Julian fez a mesma coisa.

— Segura firme — gritou Emma para o vento, e a motocicleta levantou do solo, formando um ângulo em pleno ar. O chão se afastou embaixo deles, e eles voaram, com Diana ao lado. Julian não conseguiu evitar pensar na Caçada Selvagem, voando acima de uma Inglaterra adormecida, numa trilha de vento e estrelas.

Mas isto era diferente. De cima, eles viam a destruição da cidade nitidamente. O céu estava tomado de vultos escuros que rodopiavam — outras motocicletas voadoras e demônios circulando à luz do dia, protegidos pelo sol obscurecido e pela densa cobertura de nuvens. Incêndios ardiam a intervalos e a fumaça espiralava para cima desde a Miracle Mile. As ruas em torno de Beverly Hills agora tinham barragens e inundações, formando um tipo de fosso em torno de Bel Air, e, ao voar por ali, Julian examinou a água turbulenta. Um imenso monstro marinho, repulsivo e com uma imensa corcunda, abria caminho pelo fosso com seus tentáculos. O bicho jogou a cabeça para trás e uivou, e Julian viu

uma boca escura e cavernosa, cheia de dentes, semelhante à de um grande tubarão branco.

Eles voaram por cima de Wilshire, que se tornara um boulevard dos horrores. Julian avistou um músico humano pendendo de cordas de marionete feitas de seus próprios nervos e vasos sanguíneos, sendo obrigado a tocar bandolim mesmo enquanto gritava em agonia. Um demônio descansava a uma mesa coberta, na qual xilofones feitos de costelas humanas estavam à venda, outro — uma imensa serpente de um olho só — se enroscava em torno da barraca de “limonada”, onde vampiros pegavam uma fatia de limão e davam uma mordida em um humano que gritava, apavorado.

Julian fechou os olhos.

Quando voltou a abri-los, eles estavam voando para o norte, por cima da rodovia próxima ao mar. Pelo menos aqui estava praticamente deserto, embora pudessem avistar as ruínas das casas que antigamente pertenciam aos ricos e que ocupavam toda a costa das praias de Malibu. As plantas tinham crescido demais agora, as piscinas estavam vazias ou cheias de água escura. Até o oceano parecia diferente. Sob a pouca luz do dia, a água era escura e turbulenta, sem peixes ou algas visíveis.

Julian sentiu Emma se retesar. As palavras estavam sendo cortadas pelo vento, mas ele captou o suficiente delas para entender.

— Julian... o *Instituto*.

Ele olhou para o leste. Lá estava, seu Instituto, vidro, pedra e aço, erguendo-se na grama das Montanhas de Santa Monica. Seu coração se apertou de saudade. Parecia tão familiar, mesmo sob o brilho infernal laranja-avermelhado do sol moribundo.

Mas não — duas bandeiras tremulavam no teto do Instituto. Uma trazia o símbolo da estrela no círculo de Sebastian, e a outra, o brasão da família Ashdown: um freixo cercado por folhas.

Ele ficou feliz quando Emma fez uma curva e o Instituto saiu de seu campo de visão.

Diana estava à frente deles, a moto descendo em direção à praia. Ela aterrissou levantando um pouco de areia, e se virou para observar Emma e Julian vindo com uma inabilidade considerável. Eles tocaram a areia com força suficiente para fazer Julian sentir seus dentes baterem.

— Ai — queixou-se ele.

Emma se virou, com as bochechas rosadas e o cabelo atrapalhado pelo vento.

— Você acha que pode fazer melhor?

— Não — disse ele, beijando sua bochecha.

Ela corou ainda mais e Diana soltou um ruído exasperado.

— Vocês dois são quase tão ruins quanto suas versões Crepusculares. Agora andem... nós temos que esconder as motos.

Enquanto Julian conduzia sua moto até debaixo de uma rocha saliente, ele se deu conta de que não se importava que Diana implicasse. Não tinha se importado com Cameron falando sobre a cama também. Tudo isso era um lembrete de que aqui ele e Emma tinham um relacionamento totalmente normal; nada secreto, nada proibido. Nada perigoso.

Talvez fosse a única coisa em Thule que *era* comum, mas neste mundo desprovido de anjos parecia uma bênção.

— Bem, cá estamos — falou Diana assim que terminaram de esconder as motos —, procurando um gato numa praia.

— Normalmente, Church vem até nós — falou Julian, e olhou ao redor. — Parece... quase comum aqui.

— Eu não entraria na água — falou Diana sombriamente. — Mas, sim, Sebastian parece gostar da praia. Em geral, ele a deixa em paz e usa para cerimônias e execuções.

Emma começou a fazer uns barulhinhos sussurrados para chamar gatos.

— Não me culpe se você chamar um gato demoníaco — falou Diana. Ela se alongou e as juntas em seus pulsos estalaram alto. — Uma semana para voltar da Cidade do México e agora isso, dois dias depois de voltar para casa — falou ela, praticamente só para si. — Eu realmente pensei que teria uma chance de descansar. Boba, eu.

Emma girou.

— Cidade do México? — quis saber. — Você... você sabe se Cristina Mendoza Rosales está bem?

— Cristina Rosales? A Rosa do México? — falou Diana, parecendo surpresa. — Por causa dela, a Cidade do México é um dos poucos refúgios dos Caçadores de Sombras que restaram. Quero dizer, não há magia angelical, mas eles patrulham e combatem os demônios. A família Rosales é uma lenda da resistência.

— Eu sabia — falou Emma, e limpou rapidamente o rosto úmido. — Eu *sabia*.

— Há outras áreas? Locais onde as pessoas resistem? — perguntou Julian.

— Livvy faz o que pode aqui — falou Diana, um tanto quanto rispidamente. — Haveria muito mais mortos se não fosse por ela. Nós ouvimos coisas sobre Jerusalém... Singapura... Sri Lanka. Ah, e Bangkok, o que não me surpreende. Conheço muito bem a cidade desde que fiz a transição.

Emma pareceu confusa.

— O que você quer dizer com transição?

— Sou transgênero — falou Diana, perplexa. — Vocês deviam saber disso se me conheciam em seu mundo.

— Certo — falou Julian apressadamente. — Nós só não sabíamos sobre a história de Bangkok.

Diana parecia cada vez mais perplexa.

— Mas quando eu... — Ela se calou. — Aquilo ali é o que acho que é?

Ela apontou. Sentado no topo de um rochedo próximo, eles viram um gato. Não qualquer gato — um gato persa, azul, de aparência zangada, com uma cauda agressivamente eriçada.

— Church! — Emma o pegou nos braços e Church fez o que normalmente fazia. Amoleceu.

— O gato está morto? — quis saber Diana.

— Não, não está — falou Emma baixinho, e beijou a cara peluda. — Ele só odeia afeição.

Diana balançou a cabeça. Ela soara totalmente corriqueira ao contar a eles uma coisa que em seu mundo era um precioso segredo. Culpa e irritação consigo mesmo cresciam dentro de Julian, e ele tentou afastá-las. Agora não era a hora, nem seria certo sobrecarregar esta Diana com seus sentimentos.

— Eu te amo, gatinho — falou Emma para Church. — Eu te amo muito.

Church se contorceu para escapar das mãos dela e miou. Foi até Julian, miou novamente e então se virou para brincar na praia.

— Ele quer que a gente o siga — falou Julian, caminhando atrás de Church. As botas enormes atrapalhavam andar na areia. Ele ouviu Diana resmungar que se gostasse de correr atrás de animais perturbados, teria sido voluntária na patrulha do zoológico, mas seguiu atrás deles, de qualquer forma.

Eles acompanharam Church pelos rochedos internos até alcançarem uma trilha que conduzia a uma abertura na face do penhasco. Julian a conhecia bem. Quando você crescia na praia, explorava cada pedra, arco, enseada e caverna. Esta trilha levava a uma caverna impressionante, porém vazia, se não lhe falhava a memória. Antigamente, ele e Emma costumavam levar uma mesa e realizar reuniões no local, isso antes de ficarem entediados por terem uma sociedade secreta com apenas duas pessoas.

Church subiu com dificuldade até a entrada da caverna e miou bem alto. Ouviu-se um som de algo rangendo, como uma pedra sendo deslocada, e um vulto saiu das sombras.

Era um homem com cabelos azuis, em vestes compridas, cor de pergaminho. Suas bochechas tinham cicatrizes e os olhos eram escuros, cheios de sabedoria e tristeza.

— Jem! — gritou Emma, e começou a subir correndo a trilha, o rosto



brilhando de ansiedade.

Jem ergueu a mão. Suas palmas tinham cicatrizes de Marcas e Julian sentiu uma pontada ao vê-las: Marcas, num lugar sem Marcas. Inteligência, Quietude. Coragem.

E então Jem começou a se transformar. Diana soltou um palavrão e sacou uma pistola do cinto quando uma onda cobriu as feições de Jem e as vestes de pergaminho tombaram ao chão. Seus cabelos ficaram mais claros e desceram, compridos e ondulados, até o meio das costas; seus olhos ficaram cinzentos e ganharam cílios compridos, seu corpo ganhou curvas e ficou feminino dentro do vestido cinza simples.

Diana apontou a pistola.

— Quem é você?

Emma tinha parado no meio da trilha. Então piscou para conter as lágrimas e falou:

— É ela. A Última Feiticeira. Esta é Tessa Gray.

Tessa tinha deixado o interior da caverna o mais aconchegante possível. Havia uma pequena lareira, cuja fumaça subia por uma tubulação construída nas pedras. O soalho de pedra era lustroso e limpo, e estava salpicado de carpetes; havia um pequeno anexo para dormir e algumas cadeiras cobertas com almofadas e travesseiros macios. Havia até uma pequena cozinha com um fogão, uma geladeira zumbindo mesmo estando fora da tomada e uma mesa de madeira já arrumada com xícaras e um pedaço de pão doce quente.

Ao perceber que não tinha tomado café, Emma se perguntou se seria falta de educação pular sobre o pão e devorá-lo. Provavelmente.

— Sentem-se e comam — falou a feiticeira, como se tivesse lido sua mente. Quando eles se ajeitaram ao redor da mesa, Church pulou no colo de Emma, rolou de costas e imediatamente adormeceu com as patas no ar.

Diana partiu um pedaço de pão e o meteu na boca. Fechou os olhos de felicidade.

— Ah. Meu. Deus.

Emma concluiu que era sua deixa. Pelo minuto seguinte, se desligou do mundo à sua volta e entrou num coma feliz se entupindo de carboidratos. Da última vez que tinha comido comida de verdade, fora na clareira com Julian, e esta comida era quente, caseira e tinha gosto de esperança.

Quando abriu os olhos, se deu conta de que Julian ainda nem dera uma mordida. Ele olhava para Tessa — aquele olhar de Julian que parecia totalmente inocente, mas que na verdade significava que ele estava medindo alguém,

avaliando suas fraquezas, e tentando concluir se deveria confiar na pessoa.

Era um bocado charmoso, na verdade. Emma lambeu um pedaço de açúcar do polegar e tentou não sorrir.

— Você deve estar se perguntando quem somos nós — falou ele enquanto Tessa servia o chá.

— Não. — Tessa pousou o bule e se sentou, enrolando um xale nos ombros.

— Eu sei quem vocês são. Vocês são Emma Carstairs e Julian Blackthorn, mas não os deste mundo.

— Você já sabia disso? — falou Diana, surpresa.

— Eu vejo como uma feiticeira — falou Tessa. — Sei que eles não são daqui.

— Ela apontou Julian e Emma — E vi, um pouco, em outros mundos... no mundo deles, em particular. Está mais próximo deste do que gostaríamos de pensar.

— O que você quer dizer com isso? — falou Julian. — Eles parecem um bocado diferentes para mim.

— Há pontos críticos na história — explicou Tessa. — Locais onde um bocado de acaso está em jogo. Batalhas, tratados de paz, casamentos. Esse tipo de coisa. É quando é mais provável que as linhas temporais se rompam. Nossas duas linhas temporais se romperam na Batalha de Burren. Em seu mundo, o demônio Lilith estava fraco demais para ajudar Sebastian Morgenstern. Em Thule, outro demônio ajudou e deu força à Lilith. Ela foi capaz de matar Clary Fairchild, e foi aí que as nossas linhas temporais se romperam... há apenas sete anos.

— Então este é como o nosso mundo seria sem Clary — falou Emma, lembrando-se de todas as vezes que ouvira as pessoas, homens, sobretudo, dizerem que Clary não era uma heroína, que não tinha feito muita coisa digna de elogios, que era egoísta e até inútil, apenas uma garota nos lugares certos nos momentos certos.

— Sim — falou Tessa. — Interessante, não? Soube que em seu mundo Jace Herondale é um herói. Aqui ele é um monstro que só perde para Sebastian.

— Ele nem mesmo se importa que Sebastian tenha deixado Lilith matar Clary? — quis saber Emma. — Mesmo quando Jace estava sob a influência de Sebastian em nosso mundo, ele amava Clary.

— Sebastian alega que não queria a morte de Clary — falou Tessa. — Diz que matou Lilith como vingança pelo assassinato de Clary.

— Não sei se alguém além de Jace acredita nisso — comentou Diana.

— Ele é o único que tem que acreditar — retrucou Tessa. E passou o dedo pela beirada da xícara de chá. — Desculpem por testar vocês — falou abruptamente. — Eu apareci como Jem quando vocês chegaram porque sabia

que a verdadeira Emma Carstairs ficaria feliz em vê-lo, mas qualquer um próximo de Sebastian ficaria horrorizado com a visão de um Irmão do Silêncio.

— Jem...? — murmurou Emma. Estava ciente do que Livvy contara, que todos os Irmãos tinham morrido, mas ainda tinha esperança.

Tessa não ergueu o rosto.

— Jem morreu tentando selar a Cidade do Silêncio. Ele conseguiu, mas deu a vida para manter os Crepusculares de Sebastian à distância quando os Irmãos fizeram sua tentativa derradeira de proteger os Instrumentos Mortais.

— Eu sinto muito — falou Julian. Emma se lembrou de Tessa e Jem em seu próprio mundo, com olhos apenas um para o outro.

Tessa pigarreou.

— Sebastian já se apropriou do Espelho Mortal, o Lago Lyn. Ele está cercado de demônios, dez mil. Ninguém consegue chegar perto de lá.

— Por que ele está guardando o lago tão ferozmente? — perguntou Emma. — Se ninguém pode chegar aos Instrumentos Mortais...

— Quando os feiticeiros ficaram doentes, descobrimos que a água do Lago Lyn podia neutralizar a Praga que estava devorando nosso mundo. Nós corremos até lá para coletar a água. Mas ao chegarmos no lago, Sebastian o cercara com incontáveis demônios.

Emma e Julian trocaram um olhar.

— Se a Praga sumir, os feiticeiros ficariam curados?

— Assim acreditamos — falou Tessa. — Tínhamos uma pequena quantidade da água e nós a usamos para curar a Praga no entorno do Labirinto Espiral. Nós até a demos a alguns feiticeiros, misturada a água comum, e eles começaram a melhorar. Mas simplesmente não era o suficiente. Os feiticeiros começaram a adoecer e a se transformar novamente. Nós não conseguimos salvá-los.

O coração de Emma palpitou. Se a água do Lago Lyn tinha neutralizado parte da Praga aqui em Thule — se ajudara os feiticeiros, mesmo quando este mundo se transformava em veneno demoníaco ao redor de todos —, certamente a água de seu próprio Lago Lyn, em seu próprio mundo, poderia ser uma cura?

Eles precisavam mais do que nunca voltar desesperadamente para casa. Mas primeiro...

— Nós precisamos da sua ajuda — falou Emma. — Por isso chamamos você.

— Imaginei que sim. — Tessa apoiou o queixo na mão. Parecia jovem, não mais do que vinte anos, embora Emma soubesse que tinha mais de cem. — Vocês querem voltar para o seu mundo?

— Não apenas isso — falou Julian. — Precisamos entrar na Cidade do Silêncio. Temos que chegar ao Cálice Mortal e à Espada Mortal antes que Sebastian o faça.

— E então o quê? — falou Tessa.

— E então nós destruimos os Instrumentos para que Sebastian não possa usá-los — falou Emma.

Tessa ergueu as sobrancelhas.

— Destruir os Instrumentos Mortais? Eles são praticamente indestrutíveis.

Emma pensou na Espada Mortal se partindo sob a lâmina de Cortana.

— Se você abrir um Portal para o nosso mundo, nós podemos levá-los. Sebastian nunca seria capaz de encontrá-los.

— Se fosse simples assim — falou Tessa abruptamente —, eu teria aberto um Portal, passado por ele e levado o Cálice e a Espada. Abrir um Portal entre mundos... isso é magia complexa e poderosa, muito além da maioria dos feiticeiros. Posso enxergar o mundo de vocês, mas não alcançá-lo.

— Mas você consegue entrar na Cidade do Silêncio, certo? — indagou Emma.

— Acho que sim, embora não tenha tentado — falou Tessa. — Pensei que a Espada e o Cálice estivessem em segurança lá. Os Irmãos do Silêncio morreram para proteger os Instrumentos, e retirá-los de lá os teria deixado vulneráveis a Sebastian. Ainda assim, agora ele está próximo de romper o selo nas portas. — Ela franziu a testa. — Se vocês realmente puderem levar os Instrumentos de volta para o seu mundo, lá eles estarão mais seguros. Mas sem o conhecimento de que um Portal pode ser aberto, há outro meio de acabar com a ameaça.

— Como assim? — falou Julian. — Não há nada que pudéssemos fazer com a Espada ou o Cálice aqui, além de magia demoníaca.

— As pessoas costumavam dizer que a Espada Mortal poderia matar Sebastian — falou Diana, o olhar contundente. — Mas isso não é verdade, é? Eu estava na última batalha de Idris. Vi Isabelle Lightwood erguer a Espada Mortal e acertar um golpe incrível em Sebastian. Ele não teve nem um corte. E, em vez disso, a atingiu.

— *Ave atque vale*, Isabelle Lightwood. — Tessa fechou os olhos. — Vocês têm que entender. Na época, a invulnerabilidade dada a Sebastian por Lilith ficara tão forte que guerreiro algum desta Terra poderia matá-lo. Mas tem uma coisa que a maioria não sabe. Nem Sebastian. — Ela abriu os olhos. — Ele está ligado a Thule, e Thule a ele. Um guerreiro *deste mundo* não pode matá-lo com a Espada. Mas os Irmãos do Silêncio sabiam que isso não era válido para um guerreiro de fora de Thule. Eles trancaram a Espada na esperança de que um dia um guerreiro viria do Paraíso e acabaria com o reinado de Sebastian.

Por um momento, ela olhou fixamente para Emma e Julian.

— Nós não viemos do Paraíso — falou Emma. — Embora ao longo dos anos eu tenha recebido umas cantadas bem ruins que deram a entender que sim.

— Parece o Paraíso comparado a Thule — falou Diana.

— Não podemos esperar eternamente ser resgatados por anjos — falou Tessa.  
— É uma dádiva que vocês estejam aqui.

— Vamos ser claros. — Julian deu uma mordida no pão. O rosto dele estava inexpressivo, mas Emma lia seus olhos e sabia que as engrenagens estavam girando em sua mente. — Você está nos pedindo para matar Sebastian.

— Tenho que pedir — falou Tessa. — Preciso que o sacrifício de Jem signifique alguma coisa.

— Em nosso mundo — falou Julian —, a ligação entre Jace e Sebastian significava que matar Jace destruiria Sebastian e vice-versa. Se nós...

Tessa balançou a cabeça.

— Houve um ponto no qual isso foi verdade aqui, quando Sebastian acreditava que assim estava protegido da Clave. Não há Clave agora, nem esse aspecto do vínculo entre eles permanece.

— Entendi — falou Emma. — Mas este mundo foi longe demais... será que matar Sebastian faria muita diferença?

Tessa se recostou na cadeira.

— No seu mundo, o que aconteceu depois que Sebastian morreu?

— Foi o fim dos Crepusculares — falou Emma, embora tivesse a sensação de que Tessa já soubesse disso.

— Isso nos daria uma chance de lutar — falou Tessa. — Sebastian não pode fazer tudo sozinho. Ele deixa a maior parte do trabalho sujo para os Crepusculares e os Jurados. — Ela olhou para Diana. — Eu sei que você concorda.

— Talvez — retrucou Diana. — Mas ir atrás de Sebastian parece uma missão suicida.

— Eu não pediria se houvesse outras opções — falou Tessa baixinho, e se virou para Emma e Julian. — Como vocês pediram, eu quebrarei o selo e abrirei a Cidade do Silêncio. E farei o que puder para levá-los para casa. Tudo o que eu peço é que se vocês tiverem uma chance, uma abertura... matem Sebastian.

Emma olhou para Julian do outro lado da mesa. Nos olhos límpidos, azul-esverdeados, ela notava o desejo de concordar com o que Tessa estava pedindo, e também o medo de que isso fosse colocar a própria Emma em perigo.

— Eu sei que Thule não é o seu mundo, mas está a um passo de distância — falou Tessa. — Se eu pudesse salvar o Jem que vive em seu mundo, eu faria isso. E agora você tem a chance de salvar sua irmã aqui.

Na voz de Tessa, Emma ouviu a compreensão de que a Livvy do mundo deles estava morta.

— Ela está a salvo no Bradbury, mas por quanto tempo? Será que algum de

nós está a salvo? A segurança é temporária enquanto Sebastian estiver vivo.

Ignorando o miado indignado de Church, Emma esticou o braço sobre a mesa e pegou a mão de Julian. *Não tema por mim, parabatai, pensou. Esta é uma chance para nós dois. Sua chance de salvar Livvy, como não conseguiu fazer em nosso mundo, e minha chance de vingar meus pais, assim como falhei em fazer.*

— A gente topa — disse ela, e os olhos de Julian arderam como gravetos em chamas. — Nós com certeza vamos. Só diga o que temos que fazer.

Quando eles subiram nas motocicletas, Diana alertou que voltariam pela superfície, e não voando — quanto mais perto do anoitecer, falou ela, mais cheios de demônios os céus ficavam. Mesmo os vampiros evitavam os ares depois de escurecer.

Emma ficou surpresa ao descobrir que Diana os acordara mais tarde do que ela imaginara. As nuances da luz de manhã, de tarde e à noite praticamente não existiam aqui: só havia o sol moribundo e a lua de sangue. Conforme as motocicletas percorriam a rodovia da Costa do Pacífico, a lua ia nascendo lentamente, mal iluminando a estrada adiante. Em vez de faíscas no topo das ondas, o luar conferia à água uma coloração ainda mais venenosa — não mais o azul-esverdeado dos Blackthorn, mas preto e cinzento.

Emma ficou feliz pelo calor dos braços de Julian em volta de seu corpo quando eles saíram da estrada em direção a Wilshire. Ficar tão perto assim de toda aquela ruína era doloroso. Ela conhecia aquelas ruas. Tinha ido a um supermercado ali para comprar cereal para Tavvy: agora era uma ruína de madeira destruída e vigas quebradas, onde alguns poucos humanos não jurados se amontoavam em torno de sinalizadores, seus rostos abatidos pelo desespero e pela fome. Também tinha existido uma loja de doces na esquina, onde agora um proprietário demoníaco montava guarda sobre fileiras de tanques de vidro nos quais flutuavam corpos afogados. De vez em quando ele mergulhava uma concha num dos tanques, despejava um pouco da água viscosa numa tigela e vendia para um passante demoníaco.

Como Thule poderia continuar assim?, perguntou-se Emma enquanto eles percorriam a Miracle Mile. Os altos edifícios comerciais estavam vazios, com as janelas estilhaçadas. As ruas, desertas. Humanos eram caçados até a extinção e, assim como Raphael, ela duvidava de que Sebastian tivesse outro mundo cheio de sangue fresco e carne na manga. O que aconteceria quando eles desaparecessem? Será que os demônios se voltariam para os Crepusculares? Para os vampiros? Será que se mudariam para outro mundo e deixariam Sebastian governar o vazio?

— Diminua a velocidade — falou Julian ao ouvido dela, e Emma percebeu que, enquanto pensava naquelas coisas, eles tinham chegado a uma parte da rua cheia e bem iluminada. — Posto de controle.

Ela xingou baixinho e parou atrás de Diana. A área fervilhava — Crepusculares andavam de um lado a outro da rua, e os bares e restaurantes aqui estavam basicamente intactos, alguns deles iluminados em azul, verde e amarelo intenso. Emma ouvia até mesmo uma música atonal, chorosa.

Havia barreiras em preto e branco na frente deles, bloqueando as ruas. Um demônio lagarto de duas pernas, com uma coroa de olhos de aranha muito pretos em volta da cabeça escamosa trotou para fora de uma cabine, na direção de Diana.

— Eu não vou deixar um demônio me lambar — resmungou Emma. — Não vai rolar.

— Eu tenho certeza de que ele só lambeu Cameron para ter certeza de que a tatuagem era real.

— Sei — falou Emma. — Isso é o que ele diz.

Diana se virou na moto e ofereceu um sorriso tenso e artificial. O coração de Emma começou a acelerar. Ela não gostou da aparência daquele sorriso.

O demônio lagarto trotou até eles. Ele era imenso, com quase três metros de altura e metade disso de largura. Parecia vestir uniforme policial, mas Emma não tinha ideia de onde arrumaram um que coubesse.

— O patrão andou procurando vocês o dia todo — falou ele com dificuldade. Emma imaginou que sua boca não fosse adequada para falar como os humanos. — Por onde vocês andaram?

— O patrão? — repetiu Emma.

Felizmente, o lagarto era estúpido demais para desconfiar.

— A Estrela da Noite — falou indistintamente. — Sebastian Morgenstern. Ele quer falar com vocês dois.

## 20

### As Horas Sopram

Sebastian quer falar conosco?, pensou Emma, horrorizada, e em seguida, com uma pontada dolorosa, percebeu: *ele pensa que somos as versões Crepusculares de nós mesmos*. Bem, isso explicava a expressão de Diana.

Julian agarrou o braço de Emma com firmeza e desceu da moto casualmente.

— Muito bem — falou ele. — Onde está o chefe?

O demônio lagarto sacou um saco de papel do bolso na altura do peito. Parecia estar cheio de aranhas se contorcendo. Então pôs uma na boca e mastigou enquanto o estômago de Emma revirava.

— Na velha boate — disse ele com a boca cheia de aranhas, e apontou para um prédio baixo de aço e vidros escuros. Um tapete vermelho sem graça se estendia pela calçada em frente à entrada. — Vá. Eu cuido da sua moto.

Emma saltou da moto, sentindo como se suas veias tivessem sido invadidas por gelo. Nem ela nem Julian se olharam; de algum modo, os dois logo atravessaram a rua, marchando lado a lado como se nada de estranho estivesse acontecendo.

*Sebastian sabe quem realmente somos, pensou Emma. Ele sabe e vai nos matar.*

Ela continuou andando. Chegaram à calçada, e ela ouviu o rugido de uma moto dando a partida; ela se virou e viu Diana acelerando para longe do posto de controle. Ela sabia por que Diana precisava ir, e não a culpava, mas a cena ainda equivalera a levar uma punhalada no peito: eles estavam sozinhos.

A boate era protegida por demônios Iblis, que os revistaram casualmente e permitiram que entrassem até um corredor estreito cheio de espelhos enfileirados. Emma via o próprio reflexo: estava extremamente pálida, a boca rija era uma linha fina. Que péssimo. Ela precisava relaxar. Julian, ao seu lado,



parecia calmo e equilibrado, com os cabelos bagunçados por causa da moto, mas, tirando isso, nada estranho.

Ele pegou a mão dela quando o corredor se abriu para um quarto enorme. Julian parecia irradiar calor pelas mãos de Emma, adentrando suas veias; ela respirou fundo quando uma onda de ar frio os atingiu.

A boate era decorada em tons de preto e branco prateado, um mundo de fantasia sombrio e gelado. Um balcão comprido esculpido em gelo percorria uma parede. Cascatas de água congelada azul polar e verde ártico entornavam do teto, transformando a pista de dança num labirinto de lençóis brilhantes.

A mão de Julian apertou a de Emma. Ela olhou para baixo; o piso era de gelo, e abaixo do gelo era possível enxergar as silhuetas dos corpos aprisionados — um formato de mão aqui, um rosto congelado gritando ali. Emma sentiu um aperto no peito. *Estamos caminhando sobre os corpos dos mortos*, pensou.

Julian a fitou de soslaio, balançou a cabeça singelamente como se dissesse *não podemos pensar nisso agora*.

*Compartimentalizar*, pensou ela enquanto se dirigiam a uma área isolada por cordas no fundo da boate. Era assim que Julian fazia as coisas. Afastando pensamentos, bloqueando-os, vivendo no momento do ato que se apresentava como realidade.

Emma fez o melhor possível para esquecer os mortos enquanto passavam por baixo das cordas para chegarem a uma área cheia de sofás e cadeiras estofadas de veludo azul-gelo. Esparramado na maior poltrona estava Sebastian.

De perto, ele era claramente mais velho do que o menino de quem Emma se lembrava do seu mundo. Estava mais parrudo, a mandíbula mais quadrada, os olhos pretos. Usava um terno novo e caro com uma estampa de rosas nas lapelas, e um casaco grosso de pele por cima. Seus cabelos brancos como gelo se misturavam à pelugem dourado claro; se Emma não soubesse quem ele era e não o odiasse, teria achado que se tratava de um lindo príncipe invernal.

Ao lado, com os dedos levemente apoiados no encosto da poltrona de Sebastian, estava Jace. Ele também usava terno preto, e quando virou um pouco, Emma viu a alça de um coldre embaixo da roupa. Ele também usava manoplas de couro nos pulsos, sob os punhos do paletó. Ela podia apostar que ele também carregava muitas facas.

*Ele é o guarda-costas de Sebastian?*, perguntou-se ela. *Será que Sebastian acha bacana manter um dos heróis da Clave como uma espécie de animal de estimação amarrado ao seu lado?*

E então eles viram Ash. De jeans e camiseta, esticado numa poltrona mais distante com um aparelho eletrônico nas mãos, parecia estar jogando videogame. A luz do jogo piscava, iluminando as feições acentuadas de seu rosto, as pontas

das orelhas.

O olhar frio de Sebastian se direcionou a Emma e Julian. A garota sentiu o corpo todo ficar tenso. Sabia que suas Marcas estavam escondidas por tecido e maquiagem, mas mesmo assim tinha a sensação de que Sebastian conseguia enxergar através dela. Como se ele tivesse percebido imediatamente que eles não eram Crepusculares.

— Se não são os dois pombinhos — entoou. Olhou para Emma. — Nunca tinha visto seu rosto direito. Seu amiguinho andou bem ocupado te lambendo.

Julian respondeu em tom enfadonho:

— Perdoe por tê-lo irritado, senhor.

— Não me irrita — disse Sebastian. — Foi só uma observação. — Ele se ajeitou na poltrona. — Particularmente, prefiro as ruivas.

Uma faísca lampejou pelo rosto de Jace. Sumiu rápido demais para que Emma pudesse tentar adivinhar seu significado. Mas Ash levantou o olhar e Emma ficou tensa. Se ele os reconhecesse...

Mas ele voltou a atenção ao joguinho, com uma expressão aparentemente desinteressada.

Emma estava achando bem difícil conter o tremor. O frio era intenso, e o olhar de Sebastian mais intenso ainda. Ele apoiou os dedos sob o queixo.

— Estão correndo boatos — recomeçou — de que uma certa Livia Blackthorn está suscitando uma rebelião patética no centro.

Emma sentiu o estômago dar uma cambalhota.

— Ela não é nada para nós — respondeu Julian rapidamente. E pareceu sincero.

— Certamente não — disse Sebastian. — Mas vocês outrora foram o irmão e a amiga dela. Humanos são lamentavelmente sentimentais. Ela pode ser ludibriada a confiar em vocês.

— Livvy jamais confiaria numa dupla de Crepusculares — declarou Emma, e congelou. Foi a coisa errada a se dizer.

Os olhos dourados de Jace semicerraram, desconfiados. Ele começou a falar, mas Sebastian o interrompeu com um aceno desdenhoso.

— Agora não, Jace.

A expressão de Jace ficou vazia. Ele se afastou de Sebastian e foi até Ash, se apoiando no encosto da poltrona para apontar alguma coisa na tela do jogo. Ash fez que sim com a cabeça.

Quase teria parecido um belo momento entre irmãos se não tivesse sido tão distorcido e horroroso. Se o lustre no teto não fosse feito de braços humanos, cada qual segurando uma tocha que cuspiam luz demoníaca. Se Emma ao menos conseguisse esquecer os rostos sob o piso.

— O que Emma quer dizer é que Livvy sempre foi astuta — disse Julian. — De um jeito meio baixo.

— Interessante — falou Sebastian. — Tendo a aprovar astúcia baixa, exceto quando direcionada a mim, obviamente.

— Nós a conhecemos muito bem — declarou Julian. — Tenho certeza de que conseguiremos localizar a pequena rebelião sem maiores problemas.

Sebastian sorriu.

— Gosto da sua confiança — elogiou. — Você não acreditaria no que eu... — calou-se, com uma carranca. — É aquele maldito cachorro latindo outra vez?

*Era um cachorro latindo.* Alguns segundos depois, um terrier preto e branco entrou no recinto, na ponta de uma longa correia. Na outra ponta havia uma mulher de cabelos longos e escuros.

Era Annabel Blackthorn.

Usava vestido vermelho sem mangas, mas devia estar congelando com o ar frio. A pele estava cadavérica de tão pálida.

Ao ver Emma e Julian, ficou mais branca ainda. Apertou com determinação a guia do cachorro.

A adrenalina correu pelas veias de Emma. Annabel ia abrir a boca, ia entregá-los. Não tinha motivos para não delatar os dois. E Sebastian os mataria. *Eu juro*, pensou Emma, *antes de morrer, vou dar um jeito de fazê-lo sangrar.*

*Vou dar um jeito de fazer os dois sangrarem.*

— Desculpe — disse Annabel com petulância. — Ele queria ver Ash. Não é mesmo, Malcolm?

Até a expressão de Julian vacilou com essa. Emma observou, horrorizada, enquanto Annabel se curvava para afagar as orelhas do cão. O bicho a encarou com olhinhos lavanda arregalados e latiu outra vez.

Malcolm Fade, Alto Feiticeiro de Los Angeles, era agora um demônio terrier.

— Tire seu amigo porcaria daqui. — Sebastian se irritou. — Estou fazendo negócios. Se Ash precisar de alguma coisa, vai te chamar, Annabel. Ele é praticamente um homem feito. Não precisa mais de babá.

— Todo mundo precisa de uma mãe — disse Annabel. — Não precisa, Ash?

Ash não disse nada. Estava imerso no jogo. Com um suspiro irritado, Annabel se retirou, e Malcolm foi trotando atrás.

— Como eu estava dizendo... — O rosto de Sebastian estava rijo de irritação. — Annabel é uma de nossas melhores torturadoras, vocês não acreditariam na criatividade dela com uma única faca e um Caçador de Sombras, mas, a exemplo dos outros que me cercam, ela é vulnerável demais às próprias emoções. Não sei por que as pessoas simplesmente não entendem o que é melhor para elas.

— Se entendessem, não precisariam de líderes — respondeu Julian. — Como

você.

Sebastian o olhou, pensativo.

— Suponho que tenha razão. Mas é como um peso de responsabilidade. Me esmagando. Você entende.

— Deixe que procuremos Livia para você — ofereceu Julian. — Controlaremos a ameaça que ela representa e lhe traremos sua cabeça.

Sebastian pareceu satisfeito. Olhou para Emma.

— Você não é de falar muito, não é?

*Não posso, pensou Emma. Não consigo mentir e dissimular como Julian. Não consigo.*

Mas o calor da mão de Julian ainda estava na dela, a força do vínculo entre eles — embora não tivesse nada de mágico mais — fez ela empinar o queixo e enrijecer a mandíbula. Então soltou a mão de Julian e, lenta e deliberadamente, estalou os dedos.

— Prefiro matar — disse. — “Fale com balas”, esse é meu lema.

Sebastian riu, e por um instante Emma se lembrou de Clary no telhado do Instituto, falando sobre um irmão de olhos verdes que nunca existira, mas poderia ter existido. Talvez em outro mundo, algum melhor do que Thule.

— Muito bem — disse Sebastian. — Serão recompensados se forem bem-sucedidos nessa. Podem até ganhar uma casa em Bel Air. Principalmente se encontrarem ruivas bonitinhas entre os rebeldes e as trouxerem para que eu e Jace brinquemos com elas. — Ele sorriu. — Podem ir agora, antes que morram congelados.

Deu um leve aceno, dispensando os dois. Havia uma força por trás do gesto — Emma sentiu como se houvesse a mão de alguém em seu ombro estimulando-a a rodopiar. Ela quase pisou em falso, mas logo recuperou o equilíbrio, e viu que estavam perto da porta da boate. Sequer se lembrava de ter passado pelos espelhos.

Em seguida já estavam na rua e Emma arquejava, respirando o ar quente e sujo; o calor da noite úmida de repente foi muito bem-vindo. Pegaram a moto de volta com o lagarto e seguiram por vários quarteirões sem dizer nada, até Julian se inclinar para a frente e falar entre dentes:

— Encosta.

O quarteirão onde se encontravam estava quase deserto, as luzes destruídas e a calçada escura. Assim que Emma parou, Julian saltou da moto e cambaleou até a fachada de uma Starbucks em ruínas. Emma conseguiu ouvi-lo vomitando nas sombras. Seu estômago embrulhou em solidariedade. Ela queria ir até ele, mas tinha medo de abandonar a motocicleta. Era a única maneira de retornarem a Bradbury. Sem ela, estariam mortos.

Quando Julian voltou, com o rosto manchado de sombras e hematomas, Emma lhe entregou uma garrafa de água.

— Você foi incrível na boate — comentou ela.

Ele bebericou um gole.

— Me senti como se estivesse sendo destruído por dentro — respondeu Julian de um jeito um tanto casual. — Estar ali e falar aquelas coisas sobre Livvy, chamar aquele monstro maldito de “senhor”, me controlar para não arrancar cada membro de Annabel...

— Faça isso, então — disse uma voz das sombras. — Arranque meus membros, se for capaz.

A pistola de Emma já estava na mão quando ela se virou, apontando-a diretamente para a mulher pálida nas sombras. O vestido vermelho agora era uma mancha de sangue na noite.

Os lábios descorados de Annabel se curvaram num sorriso.

— Esta arma não vai ser capaz de me machucar — falou. — E o tiro e os gritos vão atrair os Crepusculares num instante. Arrisque, se quiser. Eu não o faria.

Julian derrubou a garrafa. Espirrou água em suas botas. Emma rezou para que ele não se lançasse contra Annabel; as mãos dele tremiam.

— Podemos machucá-la — disse ele. — Podemos fazê-la sangrar.

Foi tão próximo do que Emma pensara naquela boate, que por um instante ela foi tomada pelo choque.

— Os Crepusculares virão — disse Annabel. — Tudo o que preciso fazer é gritar. — As Marcas dela já tinham desbotado, exatamente como as de todos os outros Caçadores de Sombras; sua pele era branca como leite, sem um único desenho. Emma estava estupefata com a calma da outra. Com o quanto parecia sã. Mas diversos anos haviam se passado para ela. — Soube quem eram assim que os vi. Vocês estão iguais a quando estavam na Corte Unseelie. As marcas de batalha do rosto nem se curaram ainda.

— Então por que não contou a Sebastian? — disparou Emma. — Se queria se livrar da gente...

— Não quero me livrar de vocês. Quero fazer um acordo.

Julian levantou a manga direita com força o suficiente para rasgar o tecido. Ali no pulso estava o trapo que ele ostentara por todo o Reino das Fadas, ainda sujo de sangue seco.

— Este aqui é o sangue da minha irmã — mostrou. — Sangue que você derramou. Por que eu faria um acordo com você?

Annabel pareceu inabalada ao ver o sangue de Livvy.

— Porque você quer voltar para casa — respondeu ela. — Porque você não

consegue parar de pensar no que pode estar acontecendo com o restante da sua família. Eu ainda tenho muitos poderes de magia sombria, você sabe. O *Volume Preto* funciona ainda melhor aqui. Posso abrir um Portal para mandá-los para casa. Sou a única pessoa neste mundo capaz disso.

— Por que faria isso por nós? — perguntou Emma.

Annabel deu um sorriso estranho. Com seu vestido vermelho, ela parecia flutuar como uma gota de sangue na água.

— O Inquisidor os mandou ao Reino das Fadas para morrerem — continuou ela. — A Clave os detesta e os quer mortos. Tudo porque vocês queriam proteger aqueles que amavam. Como eu não entenderia isso?

Isso, para Emma, parecia uma lógica extremamente deturpada. Julian, no entanto, fitava Annabel como se ela fosse um pesadelo do qual ele não conseguia fugir.

— Você se enfeitiçou — continuou Annabel, o olhar fixo em Julian. — Para não sentir nada. Senti o feitiço quando o vi no Reino da Fadas. Vi e senti *alegria*. — Ela rodopiou, a saia vermelha acompanhando o movimento. — Você se fez como Malcolm. Ele se livrou das emoções para que eu pudesse voltar.

— Não — falou Emma, sem conseguir suportar o olhar de Julian. — Ele tentou incitar sua volta porque *amava você*. Porque ele *sentia* emoções.

— Talvez no começo. — Annabel parou de rodopiar. — Mas esse já não era mais o caso quando ele me despertou, certo? Ele me manteve presa e torturada por todos esses anos para poder me trazer de volta por *ele*, e não por *mim*. Isso não é amor, sacrificar a felicidade da pessoa amada em prol das próprias necessidades. Quando ele me conseguiu de volta, estava tão afastado do mundo que se importava mais com o seu objetivo do que com os tipos de amor que importam. Uma coisa que era verdadeira, pura e linda se tornou corrupta e má. — Ela sorriu, e seus dentes brilhavam como pérolas embaixo da água. — Quando você não tem mais empatia, se torna um monstro. Você pode não estar enfeitiçado aqui, Julian Blackthorn, mas e quando voltar? O que vai fazer quando não suportar mais sentir o que sente?

— Cale a *boca* — ordenou Emma entre dentes cerrados. — Você não entende nada. — Ela se voltou para Julian. — Vamos sair daqui.

Mas Julian continuava encarando Annabel.

— Você quer alguma coisa — começou ele com uma voz mortalmente seca. — O quê?

— Ah. — Annabel ainda estava sorrindo. — Quando eu abrir o Portal, levem Ash com vocês. Ele corre perigo.

— *Ash*? — repetiu Julian, incrédulo.

— Ash me parece muito bem aqui — disse Emma, abaixando a pistola. —

Digo, ele pode estar entediado com as opções no videogame considerando que, sabe como é, você e Sebastian mataram todas as pessoas que desenvolvem os jogos. Ou a bateria dele pode estar acabando. Mas não sei se isso se qualifica como *perigo*.

O rosto de Annabel ficou sombrio.

— Ele é bom demais para este lugar — falou ela. — E mais do que isso, quando nos encontramos aqui, eu o levei até Sebastian. Achei que Sebastian fosse cuidar de Ash porque é o pai dele. E por um tempo até cuidou. Mas ouvi rumores de que o esgotamento de energia para manter tantos Crepusculares está acabando com Sebastian aos poucos. As forças vitais dos Crepusculares são envenenadas. Inúteis. Mas Ash não. Acho que ele vai acabar matando Ash e usando sua força vital considerável para se rejuvenescer.

— Ninguém está a salvo, não é mesmo? — disse Julian. Ele não pareceu nada impressionado.

— Este mundo é bom para mim — disse Annabel. — Detesto os Nephilim e tenho poder suficiente para estar a salvo dos demônios.

— E Sebastian permite que você torture os Nephilim — disse Emma.

— De fato. Causo neles as mesmas feridas que o Conselho já me causou. — Não havia emoção em sua voz, nem mesmo um indício de triunfo, apenas uma aridez mortal que era ainda pior. — Mas não é um bom lugar para Ash. Não podemos nos esconder, Sebastian o encontraria em qualquer lugar. Ele vai ficar melhor no seu mundo.

— Então por que você mesma não o leva? — perguntou Emma.

— Levaria se pudesse. Me faz muito mal estar longe dele — disse Annabel. — Dediquei toda a minha vida nos últimos anos a cuidar dele.

*Lealdade perfeita*, pensou Emma. Era essa lealdade que tinha transformado Annabel numa criatura tão abatida, com aparência tão adoentada? Sempre colocando Ash antes de si, seguindo-o para tudo que é lado, pronta para morrer por ele a qualquer momento, sem nunca saber por quê?

— Mas no seu mundo — prosseguiu Annabel — eu seria caçada e separada à força de Ash. Ele não teria quem o protegesse. Desse jeito, ele terá vocês.

— Você parece confiar muito na gente — disse Julian —, considerando que sabe que a detestamos.

— Mas não detestam Ash — disse Annabel. — Ele é inocente, e vocês sempre protegeram os inocentes. É o que *fazem*. — Ela sorriu, um sorriso esclarecido, como se soubesse que os tinha pegado. — Além disso, estão desesperados para voltar para casa, e o desespero sempre tem um preço. Então, que tal, Nephilim? Temos um acordo?

Ash pegou o pedaço de papel que havia caído do casaco de Julian Blackthorn no chão da boate. Teve o cuidado de não deixar Sebastian notar. Ele estava em Thule havia tempo o bastante para saber que nunca era bom chamar a atenção de Sebastian por descuido.

Não que Sebastian fosse sempre cruel. Ele era generoso aos trancos e barrancos, sempre que se lembrava da existência de Ash. Costumava lhe dar armas ou jogos que encontrava quando saqueava casas de rebeldes. Certificava-se de que Ash se vestisse bem, já que o considerava um reflexo de si. Jace era o único de fato gentil, no entanto, quando parecia encontrar em Ash uma válvula de escape para os sentimentos sufocados que ainda nutria por Clary Fairchild, Alexander e Isabelle Lightwood.

E havia Annabel. Mas Ash não queria pensar nela.

Ash desdobrou o papel. Uma onda de espanto percorreu seu corpo. Ele se virou depressa para que Jace e Sebastian, imersos numa conversa, não vissem sua expressão.

Era *ela*, a humana desconhecida que ele certa vez vira na sala de armas Unseelie. Cabelos escuros, olhos da cor do céu dos quais ele se lembrava vagamente. Um bando de corvos voava em círculo no céu atrás dela. Não era uma foto, mas um desenho produzido por mãos ansiosas, melancólicas, com um senso de amor e saudade irradiando da página. Havia um nome escrito num canto: *Drusilla Blackthorn*.

*Drusilla*. Ela parecia solitária, pensou Ash, mas também determinada, como se uma esperança vivesse atrás daqueles olhos azuis, uma esperança resistente à perda, uma esperança forte demais para dar espaço ao desespero.

O coração de Ash batia acelerado, mas ele não sabia por quê. Apressadamente, ele dobrou o desenho e o guardou no bolso.

Diana estava esperando por eles em Bradbury, apoiada na porta fechada da garagem, com uma espingarda sobre o ombro. Ela abaixou a arma com uma expressão nítida de alívio quando a moto de Emma e Julian parou na sua frente.

— Sabia que conseguiriam — disse ela quando Julian saltou da moto.

— Awn — disse Emma, desmontando. — Você estava preocupada conosco!

Diana cutucou a porta da garagem com a ponta da espingarda. Então disse algo para Emma que se perdeu sob o ranger da porta sendo aberta.

Julian ficou observando Emma responder a Diana com um sorriso, e ficou imaginando como ela conseguia. De algum jeito, Emma sempre conseguia encontrar uma leveza ou uma piada, mesmo sob o maior estresse. Talvez fosse o equivalente à capacidade que ele mesmo demonstrava ao se colocar diante de



Sebastian e fingir ser uma versão Crepuscular de si sem sequer sentir a mão tremer. O nervosismo só vinha depois que tudo acabava.

— Sinto muito por ter tido que ir embora — falou Diana depois que a porta voltou a ser fechada, com a moto guardada sob a lona de Raphael. — Se eu ficasse e vocês tivessem sido pegos...

— Não haveria nada que pudesse ter feito por nós — Julian falou. — E eles teriam te matado depois que descobrissem quem de fato éramos.

— Pelo menos assim alguém traria a notícia de Tessa para Livvy. Nós entendemos — acrescentou Emma. — Você já contou para ela?

— Estava esperando por vocês. — Ela deu um sorriso de lado. — E eu não queria ter que contar para Livvy que perdi o irmão dela.

*Irmão dela.* As palavras pareciam vindas de um sonho, uma meia verdade, por mais que Julian quisesse que fossem totalmente genuínas.

— Então o que Sebastian queria com vocês? — perguntou Diana ao permitir que entrassem no prédio.

Eles devem ter chegado muito tarde na noite anterior, percebeu Julian; a essa hora, os corredores ainda estavam cheios de gente correndo para lá e para cá. Passaram pela porta aberta de uma despensa cheia de enlatados e engarrafados. A cozinha provavelmente ficava ali perto; o ar cheirava a sopa de tomate.

— Ele nos ofereceu uma casa em Bel Air — disse Emma.

Diana estalou a língua.

— Que chique. Bel Air é onde Sebastian mora, e os Crepusculares mais favorecidos. É protegida pelo fosso.

— Aquele feito de ossos gigantes? — perguntou Julian.

— Sim, aquele fosso — respondeu Diana. Chegaram à porta do escritório de Livvy; Diana abriu com o quadril e os chamou para dentro.

Por algum motivo, Julian achou que Livvy estaria sozinha, esperando por eles, mas não foi o caso. Ela estava a uma das longas mesas arquiteturais, com Bat e Maia, olhando um mapa de Los Angeles. Cameron estava andando de um lado a outro.

Livvy levantou o olhar quando a porta foi aberta e ficou extremamente aliviada. Por um instante, Julian estava vendo uma Livvy pequena na praia, presa numa pedra pela maré, com o mesmo olhar de alívio desesperado quando ele foi buscá-la e levá-la de volta para a costa.

Mas esta Livvy não era a mesma garotinha. Não era nenhuma garotinha. Ela rapidamente disfarçou o olhar de alívio.

— Que bom que voltaram — disse ela. — Deram sorte?

Julian relatou a reunião com Tessa — deixando de fora, por enquanto, a parte em que ela pedira que matassem Sebastian — enquanto Emma ia até a cafeteira

no canto e pegava café para os dois. Estava amargo, puro, e quando Julian engoliu foi doloroso.

— Pelo visto te devo cinco mil — disse Cameron a Livvy quando Julian concluiu seu relato. — Não achei que Tessa estivesse viva, quanto mais que fosse capaz de nos levar até a Cidade do Silêncio.

— É uma ótima notícia — disse Maia. Ela estava apoiada na beira da mesa do mapa. Uma das mãos casualmente segurando o cotovelo oposto, e Julian pôde ver a tatuagem de um lírio no antebraço dela. — Deveríamos começar uma sessão estratégica. Formar grupos. Alguns podem cercar a entrada da Cidade do Silêncio, outros podem ficar de franco-atiradores, outros podem proteger a feiticeira, outros...

— Também temos más notícias — disse Julian. — Na volta da praia, fomos parados num posto de controle. Sebastian quis nos ver.

Livvy ficou tensa.

— O quê? Por quê?

— Ele achou que fôssemos as versões Crepusculares de nós mesmos. Emma e Julian desse mundo — explicou Emma.

— Ele sabe que você está fazendo alguma coisa por aqui — disse Julian. — Ele até sabe seu nome, Livvy.

Fez-se um momento de silêncio sombrio.

— Eu falei que ela devia adotar um apelido como “Vingadora Mascarada”, mas ela não me ouviu — disse Bat com um sorriso forçado.

— Ah — falou Emma. — Rindo na cara do perigo. Eu aprovo.

Livvy beliscou a ponte do nariz.

— Isso significa que não temos tempo a perder. Você consegue entrar em contato com Tessa?

— Agora que sabemos onde ela está, qualquer pessoa pode pegar minha moto e levar um recado para ela — disse Diana. — Sem problemas.

— Melhor fazermos isso durante o dia. De noite tem muito demônio — acrescentou Livvy.

— Acho que isso nos dá um tempinho — concluiu Diana.

Cameron colocou a mão no ombro de Livvy. O gesto provocou uma estranha sensação em Julian — ele sentira tanto ciúme de Cameron no mundo deles, do comportamento dele e de Emma quando estavam namorando. Os dois tinham tudo o que ele e Emma jamais teriam: os toques casuais, beijos em público. Agora esse Cameron era namorado de Livvy, e acionava o lado protetor de Julian em vez do lado ciumento. Mas ele tinha que admitir, a contragosto, que o sujeito parecia um bom namorado. Era gentil, apesar de sua família horrorosa, e claramente achava que Livvy era o céu e a terra.

Como deveria ser.

— Venham ver o mapa — disse Maia, e todos se reuniram em volta. Ela passou o dedo cheio de anéis de bronze pelo papel, apontando a localização deles. — Estamos aqui. Essa é a entrada para a Cidade do Silêncio. Fica a poucos quarteirões, então podemos ir a pé, mas provavelmente é melhor fingirmos que somos Crepusculares.

— Iremos ao amanhecer, pois a atividade demoníaca diminui — repetiu Livvy. — Quanto a Tessa Gray...

— Só precisamos informar o momento em que iremos, e ela nos encontrará na entrada da Cidade do Silêncio — disse Julian. — É lá que fica no nosso mundo? Na Angels Flight?

Bat pareceu surpreso.

— Sim. Mesma coisa.

A Angels Flight era uma estrada de ferro estreita que subia o Bunker Hill no centro de Los Angeles, e seu trilho parecia chegar ao céu. Julian só tinha visitado o local uma vez, ainda como entrada da Cidade do Silêncio.

— Certo. — Maia juntou as mãos com uma palma. — Todos estarão no refeitório para o jantar, então vamos formar times.

— Você ficará encarregada de discutir com Raphael — disse Bat.

Maia revirou os olhos.

— Certo. Ele sempre diz que não vai colaborar, e no último minuto aparece com um bando de vampiros combatentes.

— Eu cuido do contingente de lobos — disse Bat.

Diana jogou as mãos para o alto.

— E eu junto todo o restante. De quantos precisamos? Trinta, talvez? Um grupo muito grande pode chamar uma atenção desnecessária...

— Pessoal — disse Livvy, olhando para Julian, do outro lado da mesa do mapa. — Gostaria de falar a sós com o meu irmão, se não se importam.

— Ah, tudo bem — disse Maia. — Sem problema. Até já.

Ela saiu com Bat. Cameron deu um beijo na bochecha de Livvy.

— Até daqui a pouco.

— Estarei na sala das armas — disse Diana, indo para a porta.

Emma encontrou o olhar de Julian.

— Armas parecem uma ótima ideia — comentou. — Vou com Diana.

Assim que a porta se fechou atrás deles, Livvy foi até um dos sofás grandes e se sentou. Em seguida encarou Julian com um olhar fixo, tão parecido com o de sua velha Livvy, exceto pela cicatriz no olho.

— Jules — começou ela. — O que você está escondendo de mim? Tem alguma coisa que não está me contando.

Julian se apoiou na mesa. Falou com cuidado.

— Por que você acha isso?

— Porque você nos contou como entrar na Cidade do Silêncio e pegar os Instrumentos Mortais, mas não disse que descobriu como destruí-los. Sei que você não sugeriria que os guardássemos, pois depois que estiverem em nossas mãos, seremos os maiores alvos de Sebastian.

— Planejamos levá-los para o nosso mundo — disse Julian. — Sebastian não vai encontrá-los lá.

— Certo — falou Livvy lentamente. — Então Tessa Gray pode abrir um Portal para levá-los de volta para casa?

— Não. — Julian flexionou as mãos; parecia tenso. — Não exatamente.

Livvy estalou os dedos.

— Eis aí o que você está me escondendo. O que é?

— Você conhece uma mulher chamada Annabel? — perguntou Julian. — Ela é do nosso mundo, mas você pode tê-la visto com Sebastian aqui. Cabelos escuros e longos...

— Aquela necromante que apareceu com o filho de Sebastian? O nome dela é Annabel? — Livvy assobiou. — Não é assim que ela é chamada aqui. A Legião da Estrela a chama de Rainha do Ar e da Escuridão.

— Isso é de um poema antigo — disse Julian, pensativo.

— Então isso significa que Ash Morgenstern também é do seu mundo — disse Livvy.

— Sim. Na verdade, ele é do Reino das Fadas no nosso mundo. Todos nós viemos pelo mesmo Portal, mas eles foram entregues aqui há mais ou menos cinco anos, eu suponho. Dois anos depois da Batalha de Burren. Desconfio que tenham ido diretamente até Sebastian. Ela sabia que ele era filho de Sebastian, e considerando que Sebastian está vivo aqui, e no comando...

— Acho que estou ficando com dor de cabeça. — Livvy esfregou as têmporas. — O Reino das Fadas, hein? Suponho que isso explique por que Ash tem idade tão próxima da do “pai”.

Julian assentiu.

— O tempo nas Terras Imortais é muito estranho. Também não entendo isso muito bem. — Ele passou a mão pelos cabelos. — A questão é que... Annabel me ofereceu um acordo.

— Que tipo de acordo? — perguntou Livvy, cautelosa.

— Ela tem uma magia poderosa — disse Julian. Falou com bastante ponderação. Não havia necessidade de contar a Livvy que Annabel era uma Blackthorn. Suscitaria mais perguntas, perguntas que ele não queria responder. — Como ela levou o *Volume Preto* do nosso mundo, ela consegue abrir um

Portal de volta para ele. Ela se ofereceu para abrir um para nós.

— Por que ela faria essa oferta se é uma das capangas de Sebastian?

— Ela não liga para Sebastian. Ela só se importa com Ash, e teme por ele. Está oferecendo nos mandar de volta se o levarmos conosco.

— Ela provavelmente não está errada em se preocupar. Sebastian acaba com todos que são próximos a ele. — Livvy se sentou sobre as pernas. — Você confia nessa Annabel?

— Odeio ela — disse Julian, antes de conseguir se conter. Notou que Livvy arregalou os olhos, e se obrigou a continuar com mais calma. — Mas confio que os sentimentos dela por Ash são verdadeiros. Ele tem certa influência sobre as pessoas.

— Interessante. — O olhar de Livvy estava ligeiramente desfocado. — Dru o viu há alguns anos. Numa execução, igual àquela que você viu na praia. Ela continuou falando nele depois, dizendo que ele não parecia à vontade lá. — Pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Você... se você atravessar o Portal, ainda vai querer que eu vá junto?

— Sem dúvida — disse Julian. — É parte do motivo pelo qual não recusei a oferta de Annabel. Quero tirar você daqui.

Livvy mordeu o lábio.

— E a minha versão que existe no seu mundo? Não vai ficar confusa?

Julian não disse nada; já esperava por isso, mas ainda não tinha uma resposta. Ele notou que a expressão dela mudou, se acomodando em linhas de certeza e resignação, e sentiu um pedaço do coração murchar.

— Estou morta, não estou? — A voz de Livvy saiu firme. — Estou morta no seu mundo. Dá para ver pelo jeito como você me olha.

— Sim — Julian tremia como se estivesse com frio, mas o ar estava quente e calmo. — Foi minha culpa, Livs. Você...

— Não. — Ela se levantou e atravessou a sala até Julian, colocando as mãos no peito dele como se quisesse empurrá-lo. — Você não fez nada para me machucar, Jules. Eu conheço você bem demais para me convencer disso. Você se esquece de que, neste mundo, você se sacrificou por mim. — Seus olhos Blackthorn estavam arregalados, brilhantes e sem lágrimas. — Sinto muito que tenhamos perdido um ao outro no seu mundo. Gostaria de pensar que em algum lugar estamos intactos. Todos nós juntos. — Ela deu um passo para trás. — Deixa eu te mostrar uma coisa.

A garganta dele estava seca demais para conseguir falar. Ele ficou olhando enquanto ela se virava, ficando de costas para ele para tirar o casaco. Por baixo, vestia uma camiseta branca. Não ajudava em nada esconder a tatuagem enorme que se esticava em suas costas como asas: a Marca de luto, se esticando da nuca

até o meio da espinha, com as beiras tocando os ombros.

A voz dele rachou.

— Por Ty.

Ela se curvou e pegou o casaco de volta, vestindo-o novamente para esconder o símbolo. Quando virou para olhar novamente para ele, seus olhos brilhavam.

— Por todos vocês — disse ela.

— Volte para casa comigo — sussurrou Julian. — Livvy...

Ela suspirou.

— Dá para perceber que você quer minha permissão para fazer esse acordo com a necromante, Jules. Dá para perceber que você acha que isso tornaria essa escolha mais fácil e melhor. Mas não posso fazer isso. — Ela balançou a cabeça. — Em Thule, escolhas terríveis são tudo o que temos. Essa eu deixarei por sua conta.

No armário de armas, Emma vagava contente; nunca se interessara muito por armas — não funcionavam em demônios, então Caçadores de Sombras não faziam grande uso delas —, mas havia diversos outros itens de destruição localizada. Ela enfiou no cinto um punhado de facas de arremesso e foi até uma mesa de adagas.

Diana estava apoiada contra a parede e a observava com um divertimento cansado.

— No seu mundo — disse ela — vocês eram *parabatai*?

Emma pausou, segurando uma lâmina.

— Éramos.

— Eu não mencionaria isso por aí se fosse você — disse Diana. — As pessoas aqui não gostam muito de pensar nos *parabatai*.

— Por que não?

Diana suspirou.

— Quando Sebastian foi ganhando controle do mundo, e o mundo foi se tornando mais sombrio e mais desesperado, os *parabatai* mudaram. Foi da noite para o dia, ao contrário da mudança dos feiticeiros. Um dia o mundo acordou para descobrir que aqueles que eram *parabatai* tinham se tornado monstros.

Emma quase derrubou a faca.

— Eles se tornaram malvados?

— Monstros — repetiu Diana. — As Marcas começaram a arder como fogo, como se eles tivessem fogo em vez de sangue nas veias. As pessoas disseram que as lâminas daqueles que lutavam contra eles estilhaçaram em suas mãos. Linhas escuras se espalharam sobre seus corpos e eles se tornaram monstruosos,

fisicamente monstruosos. Eu nunca vi acontecendo, só para ressaltar, ouvi tudo por terceiros. Histórias sobre criaturas enormes, brilhantes e impiedosas acabando com cidades. Sebastian teve que soltar milhares de demônios para acabar com eles. Muitos mundanos e Caçadores de Sombras morreram.

— Mas por que aconteceria uma coisa dessas? — sussurrou Emma, com a garganta subitamente seca.

— Provavelmente pelo mesmo motivo por que os feiticeiros se tornaram demônios. O mundo se tornou deturpado e demoníaco. Ninguém sabe, na verdade.

— Você se preocupa que isso aconteça conosco? — perguntou Emma. Ela estava pegando mais armas, agora a esmo, sem prestar atenção de fato. — Que possamos sofrer modificações aqui?

— Sem chance de isso acontecer — disse Diana. — Depois que a magia angelical parou de funcionar completamente, os poucos *parabatai* que sobreviveram ficaram bem. Os laços se romperam e eles não mudaram.

Emma assentiu.

— Eu sinto que meu vínculo com Julian está quebrado aqui.

— Sim. Não existem mais Caçadores de Sombras, então não existem mais *parabatai*. Mesmo assim, como eu disse, eu não comentaria com as pessoas. Suas Marcas vão desbotar em breve. Você sabe. Se vocês ficarem aqui.

— Se ficarmos aqui — ecoou Emma, um pouco fraca. Sua cabeça estava rodando. — Certo. É melhor eu voltar agora. Julian pode estar se perguntando onde estou.

— Vejo que andou decorando o ambiente — disse Julian assim que entrou no quarto. Ele parecia cansado, porém alerta, seus cabelos castanhos ainda bagunçados do passeio de moto.

Emma olhou em volta — tinha pegado uma quantidade espantosa de armas do armário lá de baixo. Havia uma pilha de adagas num canto, outra de espadas no outro, e montes de armas do departamento de polícia de Los Angeles: pistolas Glock e Beretta, basicamente.

— Valeu — disse ela. — O tema é Coisas que Podem te Matar.

Julian riu e entrou no banheiro; ela ouviu a água da pia correndo enquanto ele escovava os dentes. Havia pegado uma das camisas sociais masculinas que tinham emprestado a Julian e estava usando-a como uma camisola sobre a roupa íntima: não era a opção mais sensual de pijama, pensou ela, mas ao menos era confortável.

Emma cruzou as pernas debaixo do quadril e resistiu ao impulso de perguntar

a Julian se ele estava bem. Após retornar de sua expedição com Diana, ela aguardara por Julian ansiosamente. Este era um mundo que podia machucá-los de muitas formas. Podiam ser mortos por demônios ou caçados por Crepusculares. E se tivessem chegado antes, aparentemente, poderiam ter se transformado em monstros e destruído uma cidade.

*Existe uma corrupção no coração da ligação dos parabatai. Um veneno. Uma escuridão nela que reflete a sua bondade. Há uma razão pela qual os parabatai não podem se apaixonar, e é monstruosa, para além de tudo que poderia imaginar.*

Ela balançou a cabeça. Não ia dar ouvidos às mentiras da Rainha. Tudo em Thule era deturpado e monstruoso — certamente o laço dos *parabatai* não teria sido poupado.

Mais real e perigosa era a sombra dos corações partidos em cada esquina. Ela sabia o quanto Julian queria que a Livvy daqui os acompanhasse ao mundo deles, mas percebeu a expressão de Livvy quando Julian a convidara, e ficou se questionando.

Quando ele voltou ao quarto, seu cabelo e a camiseta estavam molhados, e ele parecia um pouco mais desperto. Ela supunha que ele tivesse jogado água no rosto.

— Tinham arcos? — perguntou ele, examinando a pilha de espadas. Ele pegou uma e avaliou, a lâmina refratando a luz quando ele a virava de um lado a outro.

Emma sentiu um frio na barriga. Era leve, mas algo ainda mexia com ela por ver Julian agindo como um *Caçador de Sombras*, sendo o guerreiro em que ela o vira se transformar. Os músculos se movimentavam suavemente no braço e no ombro enquanto ele manipulava a lâmina e a repousava outra vez, ostentando um olhar reflexivo.

Emma torceu para que suas bochechas não estivessem rosadas.

— Peguei um para você. Está no armário.

Ele foi verificar.

— Se chegarmos à Cidade do Silêncio sem que nenhum Crepuscular e nenhum demônio perceba, pode ser que não precisemos usar nada disso.

— Diana sempre disse que as melhores armas eram mantidas em grande forma para serem utilizadas, mas que isso nunca se mostrava necessário — disse Emma. — Eu obviamente nunca entendi do que ela estava falando.

— Com certeza não. — Ele sorriu, mas o sorriso não alcançou os olhos. — Emma, preciso contar uma coisa.

Ela se sentou apoiada na cabeceira da cama. Seu coração parou por um segundo, mas ela tentou manter a expressão calma e receptiva. Julian não era



bom em se abrir nem quando ainda *possuía* emoções; mesmo assim, acima de qualquer coisa, ela sentia mais falta de quando compartilhavam desejos e fardos.

Ele se sentou na beira da cama e olhou para o teto.

— Eu não contei a Livvy sobre o pedido de Tessa, para que matássemos Sebastian — disse ele.

— Faz sentido — disse Emma. — Se não conseguirmos chegar à Cidade do Silêncio e pegar os Instrumentos Mortais, não vai fazer a menor diferença mesmo. Por que assustá-la antes da hora?

— Mas eu disse que se conseguirmos a Espada e o Cálice, os levaremos conosco. Para protegê-los.

Emma esperou. Não sabia ao certo aonde Julian chegaria com isso.

— Quando estivemos na Corte Seelie — disse Julian —, nessa última vez, quando conversei com a Rainha, ela me contou como seria possível romper todos os laços *parabatai* de uma vez.

Emma agarrou as cobertas.

— Sim. E você me disse que era impossível.

Os olhos dele eram janelas para um oceano que não existia neste mundo mais.

— Fizemos o que ela pediu — disse ele. — Entregamos o *Volume Preto* a ela. Então ela me contou, porque achou que seria engraçado. Veja, só existe um jeito de fazer. Você tem que destruir o primeiro símbolo *parabatai* já registrado, que fica na Cidade do Silêncio. E tem que fazer isso com a Espada Mortal.

— E no nosso mundo, a Espada está destruída — disse Emma. Fazia sentido, de um jeito deturpado: ela conseguia imaginar o deleite da Rainha ao transmitir a informação.

— Não te contei porque achei que não tivesse importância — continuou ele. — Nunca seria possível. A Espada estava quebrada.

— E você não me contou por causa do feitiço — disse ela, gentilmente. — Não achou que precisasse contar.

— É — respondeu ele, e deu um suspiro trêmulo. — Mas agora estamos falando sobre trazer a espada de volta para o nosso mundo, e eu sei que é uma chance em um milhão, mas pode ser que dê, quer dizer, poderíamos vislumbrar essa escolha. Eu poderia.

Emma queria dizer um milhão de coisas. Dentre elas: *Você prometeu que não faria e Seria uma coisa péssima*. Ela se lembrava da certeza moral que sentira quando Julian contara a ela que a Rainha tinha esfregado essa tentação na cara dele.

Mas era difícil ter certeza moral sobre qualquer coisa depois da morte de Livvy.

— Pedi a Magnus para colocar esse feitiço em mim porque eu estava apavorado — disse Julian. — Fiquei nos imaginando virando monstros. Destruindo tudo o que amávamos. Eu ainda tinha o sangue de Livvy sob as unhas. — A voz dele tremeu. — Mas tem mais uma coisa que temo igualmente, e é por isso que a voz da Rainha não para de ecoar na minha mente.

Emma olhou para ele, esperando.

— Te perder — disse ele. — Você é a única pessoa que já amei assim e sei que é a única pessoa que vou amar. E não sou eu mesmo sem você, Emma. Depois que você dissolve tinta na água, não tem como desfazer. É assim. Não tenho como tirar você de mim. Significa arrancar meu coração, e eu não gosto de mim sem meu coração. Sei disso agora.

— Julian — sussurrou Emma.

— Não vou fazer — disse ele. — Não vou usar a Espada. Não posso causar em outras pessoas a mesma dor que senti. Mas se chegarmos em casa e tivermos a Espada, acho que temos de trocá-la por exílio junto ao Inquisidor. Acho que não temos outra escolha.

— Exílio verdadeiro? — falou Emma. — Vão nos separar das crianças, Julian, vão separar você das...

— Eu sei — disse ele. — Houve um tempo em que achei que nada poderia ser pior. Mas agora sei que estava enganado. Fiquei abraçado a Livvy enquanto ela morria, e isso foi pior. O que aconteceu a Livvy aqui, perder todos nós, isso é inimaginavelmente pior. Perguntei a mim mesmo se eu preferia passar pelo que Mark passou, ser arrancado da família, mas pensar que estavam todos bem e felizes, ou pelo que Livvy passou aqui, sabendo que seus irmãos estavam mortos. Não tem nem o que analisar. Eu preferia que estivessem vivos e bem, mesmo que eu não pudesse estar com eles.

— Não sei, Julian...

A expressão dele estava completamente vulnerável.

— A não ser que você não sinta mais isso por mim — disse ele. — Se você tiver deixado de me amar enquanto estive enfeitiçado, eu não a culparia.

— Acho que isso resolveria o nosso problema — respondeu ela sem pensar. Julian hesitou.

Emma engatinhou apressadamente pela cama, em direção a ele. E se ajoelhou no meio da coberta, esticando o braço para tocá-lo no ombro. Ele virou a cabeça para olhá-la e fez uma careta, como se estivesse encarando o sol.

— Julian — começou ela. — Eu estava com raiva de você. Eu estava sentindo *saudade* de você. Mas não deixei de te amar. — Ela passou as costas da mão levemente pela bochecha dele. — Enquanto você existir e eu existir, eu vou te amar.

— Emma. — Ele se pôs de joelhos diante dela. Naquela posição, Emma era o equivalente a uma cabeça mais baixa do que ele. Ele tocou os cabelos dela, ajeitando-os sobre o ombro. Suas pupilas estavam dilatadas. — Não sei o que vai acontecer quando voltarmos — disse ele. — Não sei se pedir exílio a Dearborn vai funcionar. Não sei se seremos separados. Mas se acontecer, pensarei no que você acabou de dizer, e isso vai me fazer suportar qualquer coisa. No escuro, nas sombras, nos momentos em que eu estiver sozinho, vou me lembrar.

Os olhos dela arderam.

— Eu posso dizer de novo.

— Não precisa. — Ele a tocou levemente na bochecha. — Sempre vou me lembrar de você falando.

— Então eu gostaria de ter vestido alguma coisa mais sexy — brincou ela com uma risada trêmula.

Os olhos dele escureceram — aquele escuro desejoso que só ela conhecia.

— Pode acreditar, não existe nada mais sexy do que você usando uma camisa minha — disse ele, e tocou singelamente o colarinho da camisa. A pele dela explodiu em arrepios. A voz dele estava baixa e rouca. — Eu sempre te quis. Mesmo quando não sabia.

— Mesmo durante nossa cerimônia *parabatai*?

Ela meio que esperara uma risada em reação, mas em vez disso, Julian passou um dedo pelo tecido da camisa dela, pelo colarinho, até a base do pescoço.

— Principalmente na cerimônia.

— Julian...

— *Rogo não deixá-la* — sussurrou ele — *ou voltar após segui-la*. — Ele abriu o primeiro botão da camisa de Emma, exibindo um pedaço de pele. Aí olhou para ela, que aquiesceu, e articulou em meio à boca seca:

— Sim, eu quero, sim.

— *Pois, para onde fores, irei*. — Os dedos dele foram deslizando para baixo. Outro botão foi aberto. A curva dos seios ficou visível; as pupilas dele dilataram, escureceram.

Havia algo de herético na coisa toda, algo que carregava o frisson do proibido. As palavras da cerimônia *parabatai* não tinham a intenção de despertar desejo. Mesmo assim, cada letra pronunciada esvoaçava pelos nervos de Emma, como se asas de anjos tocassem sua pele.

Ela tocou a camisa dele, tirou pela cabeça. Passou as mãos no seu peito e foi até a cintura, sobre os músculos do abdômen de Julian. Percorreu cada cicatriz.

— *E onde estiver, estarei*.

Os dedos dele encontraram outro botão, e mais um. A camisa se abriu, caindo pelos ombros num farfalhar. Lentamente, Julian a retirou, deixando que o tecido

escorregasse pelos braços de Emma. Os olhos dele estavam famintos, mas as mãos eram gentis; ele a acariciou nos ombros e se curvou para beijá-la nos lugares revelados pela camisa, traçando uma trilha entre os seios enquanto ela arqueava as costas nos braços dele. Ele murmurou contra a pele dela.

— *Os teus serão os meus. E teu Deus, o meu Deus.*

Ela tombou para trás, puxando Julian para cima de si. O peso dele a pressionou contra a maciez da cama. Ele envolveu as costas dela e a beijou longa e lentamente. Ela enredou os dedos pelos cabelos dele, como sempre gostara de fazer, os cachos sedosos fazendo cócegas em suas palmas.

Eles se despiram sem pressa. Cada novo pedaço de pele revelado era motivo para mais um toque reverencial, mais um beijo lento.

— *Onde morreres, morrerei* — sussurrou Julian de encontro à boca de Emma.

Ela desabotoou o jeans dele, e Julian o chutou para longe. Ela podia senti-lo duro contra ela, mas não havia pressa: os dedos de Julian percorriam suas curvas, as entradas e cavidades de seu corpo, como se ele estivesse delineando um retrato dela em ouro e marfim com cada pincelada de suas mãos.

Ela o envolveu com as pernas para mantê-lo bem próximo. Ele a beijava na bochecha, nos cabelos, enquanto se movimentava dentro dela; seus olhares jamais se desgrudavam, levando-os ao ápice. Eles se ergueram como um, em fogo e faíscas, cada instante mais brilhante; e quando finalmente romperam e caíram juntos, eram estrelas colidindo em ouro e glória.

Depois, Emma se aninhou novamente contra Julian, sem fôlego. Ele estava corado, brilhando de suor, enquanto retorcia os cabelos dela pelos dedos.

— *Se qualquer coisa além da morte nos separar*, Emma — disse ele, e a beijou nos cabelos.

Emma fechou os olhos ao sussurrar:

— Julian. Julian. *Se qualquer coisa além da morte nos separar.*

Julian se sentou na beira da cama, encarando a escuridão.

Seu coração estava cheio de Emma, mas sua mente era um turbilhão. Ele estava satisfeito por ter contado a ela a verdade revelada pela Rainha, por ter demonstrado sua determinação quanto a buscar exílio. Mas seu desejo era ter dito mais.

*Enquanto você existir e eu existir, eu vou te amar.* Essas palavras preenchiam e partiam seu coração. O perigo de amar Emma tinha se tornado uma espécie de cicatriz de batalha: uma fonte de orgulho, uma lembrança de dor. Ele não conseguira dizer o restante: *mas e se o feitiço voltar quando formos para casa?*

*E se eu parar de entender o que significa te amar?*

Ela fora tão corajosa, sua Emma, e tão linda, e ele a desejara tanto que tremera enquanto desabotoava a camisa dela, enquanto alcançava a gaveta da cabeceira. Agora ela dormia, envolvida pelos cobertores, o ombro era uma lua crescente clara. E ele estava sentado na beira da cama, segurando a adaga cheia de joias que Emma tinha trazido mais cedo do armário de armas lá de baixo.

Julian a virou na mão. Era pequena, com uma lâmina afiada, e pedras vermelhas no cabo. Ele ainda ouvia a voz da Rainha em sua mente. *No Reino das Fadas, não há lamentações nem alegrias para os mortais.*

Recordou-se do jeito como ele e Emma sempre escreviam na pele um do outro com os dedos, soletrando palavras que mais ninguém podia ouvir.

E pensou no grande vazio que carregara dentro de si após o feitiço, sem entender aquilo direito, como um mundano possuído por um demônio parasita se alimentando de sua alma, sem jamais saber de onde vinha a tristeza.

*Quando você não tem mais empatia, se torna um monstro. Você pode não estar enfeitiçado aqui, Julian Blackthorn, mas e quando voltar? O que vai fazer, quando não suportar seus sentimentos?*

Ele esticou o braço e abaixou a lâmina.

# 21

## Do Céu Nenhum Raio

Diana apareceu ao amanhecer e bateu à porta deles. Emma acordou grogue, com os cabelos embaraçados e os lábios doloridos. Rolou e viu Julian deitado de lado, todo arrumado, com uma camisa preta de mangas compridas e calças verde escuras. Parecia ter acabado de tomar banho, com o cabelo sem cachos por estar encharcado demais, a boca com gosto de pasta de dentes quando ela se inclinou para beijá-lo. Será que ele tinha conseguido dormir?

Ela cambaleou para tomar banho e trocar de roupa. A cada peça que vestia, sentia mais uma camada de ansiedade, despertando-a mais do que caféina ou açúcar seriam capazes. Camisa de manga comprida. Colete acolchoado. Calças de lona. Botas de solado grosso. Adagas e *chigiriki* no cinto, estrelas de arremesso nos bolsos, uma espada comprida numa bainha junto às costas. Ela prendeu o cabelo numa trança e, com alguma relutância, pegou uma arma e a colocou no coldre no cinto.

— Pronta — anunciou.

Julian estava encostado perto da porta, um pé com bota apoiado na parede. Tirou o cabelo do olho.

— Estou pronto há horas — provocou.

Emma jogou um travesseiro nele.

Era bom ter as implicações deles de volta, pensou ela enquanto desciam as escadas. Incrível como o humor e a capacidade de fazer piadas estavam ligados às emoções; um Julian desprovido de sentimentos era um Julian com um humor sombrio e amargo.

O refeitório estava lotado e cheirava a café. Lobisomens, vampiros e ex-Caçadores de Sombras estavam sentados às longas mesas, comendo e bebendo com louças rachadas e descombinadas. Era uma cena estranhamente harmônica,

pensou Emma. Ela não conseguia imaginar uma situação em seu mundo na qual um grande grupo de Caçadores de Sombras e seres do Submundo se sentassem juntos para uma refeição casual. Talvez a Aliança entre o Submundo e os Caçadores de Sombras de Magnus e Alec comesse junta, mas Emma tinha de admitir que sabia vergonhosamente pouco sobre eles.

— Oi. — Era Maia, levando-os até uma mesa longa onde Bat e Cameron estavam sentados. Duas vasilhas de mingau de aveia e canecas de café tinham sido postas para eles. Emma encarou o café enquanto sentava. Até em Thule, presumiam que ela bebia aquele troço.

— Comam — ordenou Maia, sentando numa cadeira ao lado de Bat. — Todos nós precisamos de energia.

— Onde está Livvy? — perguntou Julian, comendo uma colherada de mingau de aveia.

— Ali. — Cameron apontou com a colher. — Correndo de um lado a outro e apagando incêndios, como sempre.

Emma provou o mingau. Tinha gosto de papel cozido.

— Aqui. — Maia entregou-lhe uma pequena vasilha lascada. — Canela. Melhora o gosto.

Ao pegar a vasilha, Emma notou que havia outras tatuagens ao lado do lírio — uma flecha com penas, uma chama azul e uma folha de sálvia.

— Elas têm algum significado? — perguntou ela. Julian estava papeando com Cameron, coisa que Emma não imaginaria acontecendo no mundo deles. Ela já estava um pouco surpresa por estar acontecendo aqui. — Suas tatuagens, quero dizer.

Maia tocou as pequenas ilustrações com dedos leves.

— São homenagens aos meus amigos abatidos — respondeu ela, solene. — A folha de sálvia é para Clary. A flecha e a chama são para Alec e Magnus. O lírio...

— Lily Chen — disse Emma, pensando na expressão de Raphael quando ela mencionara o nome de Lily.

— Sim — respondeu Maia. — Nos tornamos amigas em Nova York depois da Batalha de Burren.

— Lamento muito pelos seus amigos.

Maia se recostou.

— Não lamente, Emma Carstairs — falou ela. — Você e Julian nos trouxeram esperança. Isso, hoje, é o primeiro movimento que fazemos contra Sebastian, a primeira coisa que fazemos que não é por mera sobrevivência. Então obrigada por isso.

Emma sentiu os olhos arderem. Então olhou para baixo e comeu mais uma

colherada de mingau. Maia tinha razão — ficava melhor com canela.

— Não quer o seu café? — perguntou Diana, aparecendo à mesa delas. Estava toda vestida de preto, da cabeça aos pés, com dois cintos de balas na cintura. — Eu tomo.

Emma estremeceu.

— Pode levar. Ficarei grata.

Um grupo de pessoas vestidas de preto marchou porta afora.

— Franco-atiradores — explicou Diana. — Vão nos dar cobertura pelo alto.

— Diana, vamos indo agora — disse Raphael, aparecendo do nada daquele jeito irritante que os vampiros faziam. Ele não tinha perdido tempo vestindo nenhuma roupa militar; estava de calça jeans e camiseta e parecia ter mais ou menos quinze anos de idade.

— Vai patrulhar? — perguntou Emma.

— Essa é a minha desculpa para não ir com vocês humanos, sim — respondeu Raphael.

Era um tanto misterioso, pensou Emma, que Magnus e Alec tivessem gostado tanto desse cara a ponto de darem o nome dele ao filho.

— Mas eu queria tanto brincar de espiã — disse ela.

— Você perderia — respondeu Raphael. — Vampiros são campeões em espionagem.

Ao se afastar, ele parou para falar com alguém. Livvy. Ela o cutucou no ombro, e para surpresa de Emma, ele não achou ruim — simplesmente assentiu, um gesto quase amistoso, e depois foi se juntar ao grupo de vampiros patrulheiros. Saíram pela porta quando Livvy se aproximou da mesa de Julian e Emma.

— Todos prontos — anunciou ela. Sua aparência estava bem parecida à da primeira vez que a viram em Thule. Firme e pronta para qualquer coisa. Os cabelos estavam presos num rabo de cavalo apertado; ela se abaixou para beijar a bochecha de Cameron e afagou o ombro de Julian. — Jules, você e Emma vêm comigo. Temos neblina hoje.

— Neblina não parece tão ruim — disse Emma.

Livvy suspirou.

— Você vai ver.

Emma viu mesmo. Neblina em Thule era como todo o restante em Thule: surpreendentemente horrível.

Saíram de Bradbury num pequeno grupo: Emma, Julian, Livvy, Cameron, Bat, Maia, Divya, Rayan e mais alguns rebeldes que Emma não conhecia de



nome. E a neblina os atingiu como uma parede: colunas espessas de bruma se elevando do chão e pairando pelo ar, transformando num borrão tudo o que estava a poucos metros de distância. Tinha cheiro de queimado, como a fumaça de uma fogueira intensa.

— Vai fazer seus olhos arderem. A garganta também, mas não machuca — explicou Livvy enquanto se dividiam em grupos menores, se espalhando pela Broadway. — Mas é péssima para os franco-atiradores. Zero visibilidade.

Ela estava caminhando com Emma e Julian na sarjeta ao lado da calçada. Eles seguiam Livvy, considerando que ela parecia saber para onde ia. A neblina bloqueava a luz fraca do sol moribundo quase completamente; Livvy tinha pegado uma lanterna e estava mirando a luz na bruma adiante.

— Pelo menos não vai ter nenhum carro — disse Livvy. — Às vezes os Crepusculares tentam atropelar, se acham que você não é jurado. Mas ninguém dirige na bruma.

— Aqui chove? — perguntou Emma.

— Acredite — disse Livvy —, você não vai querer estar aqui quando chover.

O tom sugeria tanto que Emma não deveria fazer mais perguntas quanto que provavelmente chovia canivetes ou sapos raivosos.

A neblina branca parecia bloquear o som, tanto quanto a visão. Eles avançavam hesitantes, os passos abafados, seguindo a luz da lanterna de Livvy. Julian parecia perdido em pensamentos; Livvy olhou para ele, e depois para Emma.

— Tenho uma coisa que quero que você leve — disse ela com a voz tão baixa que Emma teve que se inclinar para escutar. — É uma carta que escrevi para Ty.

Ela colocou o envelope na mão de Emma; Emma guardou no bolso interno após ler o nome nele. *Tiberius*.

— Tudo bem. — Emma olhava bem para a frente. — Mas se não vai atravessar o Portal conosco, você tem que contar para Julian.

— O Portal não é uma coisa certa, é? — disse Livvy suavemente.

— Nós vamos voltar — falou Emma. — De algum jeito.

Livvy inclinou a cabeça, reconhecendo a determinação de Emma.

— Ainda não me decidi.

— Vejam — disse Julian. Ele pareceu entrar em foco ao se aproximar delas, não mais borrado pela neblina. — Chegamos.

A Subida dos Anjos se assomava diante deles, seu volume cortando a neblina. A estrada em si tinha sido cercada havia muito tempo, quando as pessoas se importavam com coisas como segurança, mas as grades tinham sido pisoteadas, e pedaços arrancados das grades se espalhavam pelo chão. Dois carrinhos de madeira estavam tombados na metade da colina, derrubados como brinquedos

quebrados. Um arco laranja e preto ornado com as palavras SUBIDA DOS ANJOS se erguia sobre a entrada da estrada.

Diante de um dos pilares que sustentavam o arco, estava Tessa.

Ela não estava disfarçada de Jem hoje. Nem vestida de Caçadora de Sombras ou de Irmão do Silêncio. Usava vestido preto, os cabelos soltos e lisos. Parecia ter a idade de Clary.

— Vocês chegaram — disse ela.

Livvy parou, e estendeu a mão indicando que Julian e Emma também deveriam parar. Apagou a lanterna quando dezenas de figuras emergiram da bruma. Emma ficou tensa, em seguida relaxou ao reconhecê-los — Diana. Bat. Cameron. Raphael. Maia. E mais dezenas de rebeldes, todos vestidos de preto e verde.

Estavam em silêncio, em duas filas. Posicionamento militar. Nenhum deles se mexia.

Tessa olhou contemplativa para Livvy.

— Este aqui são todos parte do seu pessoal?

— Sim — respondeu Livvy. Estava olhando para Tessa com uma mistura de desconfiança e esperança. — É o meu pessoal.

Tessa sorriu, um sorriso súbito e maravilhoso.

— Você fez muito bem, Livia Blackthorn. Honrou seu sobrenome.

Livia pareceu espantada.

— Minha família?

— Há muito existem os Blackthorn — disse Tessa. — E há muito vivem com honra. Vejo muita honra aqui. — Ela olhou na direção dos rebeldes e em seguida se virou, parecendo despreocupada em relação à demonstração às suas costas, e ergueu as mãos diante de si.

Houve uma inspiração profunda dos rebeldes quando os dedos de Tessa brilharam com fogo amarelo. Uma porta — duas portas — se ergueram sob suas mãos, preenchendo o arco. Cada uma era um enorme pedaço de rocha. Nas duas havia uma frase em latim talhada de forma rústica. *Nescis quid serus vesper vehat.*

— *Quem sabe o que a noite traz?* — traduziu Julian, e um calafrio subiu pela espinha de Emma.

Tessa passou as chamas amarelas de seus dedos pelas portas, e um rangido alto cortou a neblina abafante. As portas tremeram e começaram a se abrir, poeira caindo pelos anos de desuso.

Um grito oco e explosivo ressoou pela escuridão enquanto as portas se abriam por completo. Uma escuridão profunda era tudo o que se via para além da entrada: Emma não conseguia enxergar as escadarias que ela sabia levarem à

Cidade do Silêncio. Só enxergava sombras.

Emma e Julian deram um passo à frente, Emma espiou na escuridão da entrada da Cidade do Silêncio, exatamente quando Tessa desabou no chão.

Eles correram até ela, que se levantou, se apoiando num pilar, com o rosto tão pálido quanto a bruma.

— Estou bem, estou bem — informou, mas de perto as laterais de sua boca e dos olhos estavam marcados com linhas escarlates, como se os pequenos vasos sanguíneos ali tivessem estourado com o esforço. — Devemos nos apressar. Não é sábio deixar a Cidade do Silêncio aberta...

Ela tentou ficar de pé e sucumbiu de novo com um arfar.

Livvy entregou sua lanterna a Emma e se ajoelhou ao lado de Tessa.

— Cameron! Diana! Vão com Emma e Jules até a Cidade dos Ossos. Maia, preciso de um médico.

Iniciou-se uma enxurrada de ações. Enquanto Cameron e Diana se juntavam a eles, Emma tentava argumentar que ela é quem deveria ficar com Tessa, mas Livvy se mostrou irredutível.

— Vocês fizeram a cerimônia *parabatai* — falou. — Você conhece a Cidade do Silêncio. Não há nenhum motivo para que a arquitetura seja diferente.

— Depressa — repetiu Tessa enquanto Maia se abaixava ao lado dela com um kit de primeiros socorros. — Os Instrumentos estão na Câmara da Estrela. — Ela tossiu. — Vão!

Emma ligou a lanterna de Livvy e correu pela entrada da Cidade, com Julian ao seu lado, Cameron e Diana atrás. O barulho da rua acima desapareceu quase imediatamente, abafado pela neblina e pelas paredes pesadas de pedra. A Cidade do Silêncio estava mais silenciosa do que nunca, pensou ela. O brilho da lanterna refletia nas paredes, iluminando pedras lascadas e, à medida que avançavam mais profundamente, ossos polidos brancos e amarelos.

Livvy tinha razão. A arquitetura da Cidade do Silêncio era a mesma aqui. Julian caminhava ao lado de Emma, fazendo-a se lembrar da última vez que tinham estado juntos neste lugar, na cerimônia *parabatai*. Na época, a cidade tinha cheiro de velha, como ossos, poeira e pedra, mas era um local vivo e habitado. Agora cheirava a ranço, desuso e morte.

Não era a Cidade dos Ossos *dela*, é lógico. Mas Emma havia aprendido na infância que todas as Cidades eram uma Cidade; havia diferentes entradas, mas apenas uma fortaleza. Ao passarem pelas salas arqueadas dos mausoléus, Emma não conseguiu evitar pensar: *nunca mais guerreiros serão acrescentados a este exército; nunca mais cinzas ajudarão a construir a Cidade dos Ossos.*

Eles desviaram por um túnel que se abria para um pavilhão quadrado. Espirais de ossos esculpidos ocupavam cada canto. Quadrados de mármore

como um tabuleiro de damas, bronze vermelho, compunham o piso; no centro, havia o mosaico que dava nome à sala, um desenho parabólico de estrelas prateadas.

Uma mesa preta de basalto acompanhava uma parede. Em cima dela, havia dois objetos: um cálice e uma espada. O Cálice era de ouro, com um aro cravejado de rubis; a Espada era de prata escura, pesada, com um cabo em formato de asas de anjos.

Emma conhecia os dois. Todos os Caçadores de Sombras conheciam, de milhares de pinturas, tapeçarias e ilustrações em livros de história. Ela notou, com uma estranha surpresa desapegada, que nem o Cálice nem a Espada tinham juntado poeira.

Cameron respirou fundo.

— Nunca achei que fosse de fato *vê-los* outra vez. Não depois da Guerra.

— Me dê a lanterna — pediu Diana, esticando a mão para Emma. — Vão, vocês dois.

Emma entregou a lanterna, e ela e Julian se aproximaram da mesa. Julian pegou o Cálice e o colocou na alça do cinto Sam Browne que trespassava pelo peito, em seguida fechou o casaco por cima. Emma levou um instante para se preparar para pegar a espada. A última vez que a vira, fora na mão de Annabel quando ela cortara Robert Lightwood e lançara os cacos da espada no peito de Livvy.

Mas esta era outra espada: inteira, sem sangue. Emma pegou o cabo e a trocou pela espada nas suas costas; a Espada Mortal pesava contra sua espinha, e ela se lembrou do que a Rainha dissera: que os Nephilim outrora foram gigantes na terra, com a força de mil homens.

— É melhor a gente ir — disse Diana. — Como disse a feiticeira, é melhor não deixar a porta deste lugar aberta por muito tempo.

Cameron olhou em volta com um tremor de desgosto.

— Mal posso esperar para sair daqui.

Ao passarem pela Cidade, o brilho da lanterna dançou pelas pedras semipreciosas embutidas nos pórticos de ossos. Elas brilhavam de um jeito que deixavam Emma triste: para que servia a beleza quando ninguém via? Eles chegaram a um túnel e ela percebeu, aliviada, que deviam estar perto das escadas e da superfície: dava para ouvir o vento, o som de um motor de carro...

Ela enrijeceu. *Ninguém dirige na neblina.*

— Que barulho é esse? — perguntou.

Todos ficaram atentos. O ruído ficou nítido novamente, e dessa vez Cameron empalideceu.

— Tiros — disse Diana, sacando uma arma do coldre.

— *Livvy*. — Cameron começou a correr; já tinha percorrido alguns metros quando figuras emergiram das sombras, silhuetas de fumaça escarlates. Uma lâmina de prata cortou a escuridão.

— *Crepusculares!* — gritou Julian.

A espada de Emma já estava em sua mão esquerda; ela avançou numa corrida, sacando um *bo-shuriken* do cinto e lançando-o contra uma das figuras de vermelho. Eles cambalearam para trás e um spray de sangue pintou a parede atrás deles.

Uma *Crepuscular* de cabelos castanhos e longos correu para cima dela. Cameron estava lutando contra um deles ao pé de uma escadaria. Um tiro soou, ecoando nos ouvidos de Emma; a *Crepuscular* caiu como uma pedra. Emma olhou para trás e viu Julian abaixando uma pistola, a expressão dura. A fumaça ainda emanava do cano.

— *Vão!* — Diana derrubou a lanterna, empurrou Emma por trás e mirou. — *Para Livvy! Vão até os outros!*

A implicação era clara: levem o Cálice e a Espada para longe dos *Crepusculares*. Emma correu com a espada na mão, fazendo estrago com seus arcos duplos de golpes cortantes; ela viu Cameron lutando contra um *Crepuscular* que reconheceu ser Dane Larkspear. Podre em um mundo, podre no outro, pensou ela enquanto Cameron levava Dane a nocaute.

Mas havia mais *Crepusculares* vindo de um dos outros túneis. Emma ouviu Julian gritar e logo eles estavam correndo pelas escadas, Emma com a espada e Julian com a arma. Eles irromperam pela entrada para a Cidade do Silêncio...

E caíram no meio de um cenário horroroso.

Ainda havia neblina por todo canto, fios brancos como a teia de uma aranha gigantesca. Mas Emma conseguia ver o que precisava. Dezenas de rebeldes de *Livvy* ajoelhados em silêncio, mãos nas cabeças. Atrás deles, havia longas fileiras de *Crepusculares* armados com baionetas e metralhadoras. Tessa ainda estava encolhida contra o pilar do arco, mas agora era Raphael que a segurava com um cuidado surpreendente.

*Livvy* estava de pé, no meio de um grupo de *Crepusculares* e rebeldes. Ela estava de pé porque Julian — um Julian mais alto, mais velho e maior, com um sorriso sombrio e mortal, todo vestido de vermelho — estava atrás dela, com um braço lhe envolvendo o pescoço. Com a mão livre ele segurava uma pistola contra a têmpora dela.

Atrás dele estava Sebastian, usando mais um terno escuro caro, e com Sebastian, ladeando-o, estavam Jace e Ash. Ash não estava armado, mas Jace trazia uma espada que Emma reconhecia: *Heosphoros*, que no mundo dela pertencia a *Clary*. Era uma bela espada, a guarda em dourado e obsidiana, a

lâmina de prata escura estampada com estrelas pretas.

Tudo pareceu desacelerar. Emma ouviu a respiração de Julian raspar na garganta; estava parado, como se tivesse sido transformado em pedra.

— Julian Blackthorn — disse Sebastian, e a bruma branca ao seu redor era da cor de seus cabelos, dos cabelos de Ash. Dois príncipes inverniais. — Você *realmente* achou que eu seria enganado pela sua encenação horrorosa na boate?

— Annabel — disse Julian com a voz rouca, e Emma soube o que ele estava pensando: Annabel devia tê-los traído, Annabel, que sabia quem de fato eram.

Sebastian franziu a testa.

— O que tem Annabel?

Ash balançou a cabeça levemente. Foi um movimento mínimo, uma negação minúscula, mas Emma percebeu, e teve quase certeza de que Julian também tinha notado. *Não*, ele estava dizendo. *Annabel não traiu vocês*.

Mas por que Ash...?

— Abaixar a arma — disse Sebastian, e Julian obedeceu, jogando-a na bruma. Sebastian mal tinha olhado para Emma; agora ele voltava seu olhar preguiçoso e desdenhoso para ela. — E você. Largue essa espada barata.

Emma derrubou a espada com um tilintar. Ele não tinha visto a Espada Mortal às suas costas?

— Você tem o sol na pele — disse Sebastian. — Isto por si só já é uma pista de que você não é de Thule. E graças a Ash eu conheço a história do seu mundo. Eu sabia sobre o Portal. Passei esse tempo todo imaginando se um de vocês cairia aqui. Sabia que iriam diretamente para os Instrumentos Mortais, para escondê-los de mim. Bastou colocar alguns guardas aqui e esperar o sinal. — Ele deu um sorriso felino. — Agora entreguem os Instrumentos Mortais, ou o Julian aqui vai explodir a cabeça da sua irmã.

O verdadeiro Julian olhou para Livvy. Emma estava gritando por dentro: *ele não vai suportar vê-la morrendo de novo, não de novo, ninguém poderia suportar aquilo duas vezes*.

O olhar de Livvy estava fixo no do irmão. Não havia medo em sua expressão.

— Você não vai deixá-la viver — disse Julian. — Independentemente do que eu faça, você vai matá-la.

Sebastian abriu um sorriso mais largo.

— Vai ter que esperar para ver.

— Tudo bem — disse Julian. Seus ombros murcharam. — Estou alcançando o Cálice — falou, erguendo uma das mãos enquanto a outra abria o zíper do casaco. Emma ficou observando, espantada, enquanto ele alcançava dentro da roupa. — Vou entregá-lo a você...

Então tirou a mão do casaco; estava segurando uma faca de arremesso,

pequena e afiada, com pedras vermelhas no cabo; Emma mal teve tempo de reconhecê-la antes de Julian lançá-la. Ela cortou o ar, raspando a bochecha de Livvy e enterrando no olho do Julian Crepuscular que a rendia.

Ele sequer gritou. Tombou para trás, atingindo a calçada com um baque, e a pistola rolou de sua mão aberta; Sebastian gritou, mas Livvy já tinha escapado, desviando e rolando pela neblina.

Emma sacou a Espada Mortal e foi para o ataque, diretamente contra Sebastian.

O mundo explodiu em caos. Sebastian gritou para seus Crepusculares, que vieram correndo, abandonando os rebeldes para se jogarem entre Emma e seu líder. Jace atacou Emma, empurrando Ash para trás de si, mas Julian já estava lá; tinha pegado a espada caída, atingindo Heosphoros com força ao afastar Jace de Emma.

Emma atacou o Crepuscular mais próximo com a Espada Mortal. O peso tinha ficado leve em sua mão; a espada cantou quando Emma a empunhou de um jeito que apenas Cortana tinha assentado em sua mão, e de repente ela se lembrou do seu nome: Maellartach. Um Crepuscular de cabelos louros e curtos mirou a pistola nela; a bala bateu na lâmina de Maellartach. O Crepuscular a encarou, boquiaberto, e Emma revidou enfiando a Espada Mortal em seu peito, jogando-o para trás com tanta força que ele derrubou outro Crepuscular ao cair.

Ela ouviu alguém gritar; era Livvy, entrando em cena. Emma desviou, rolou e atirou, acertando um Crepuscular que estava atacando Bat. O ruído da batalha ecoava feito um trovão das paredes de neblina que deslizava e se fechava ao redor deles.

Maellartach era um borrão prateado na mão de Emma, combatendo lâminas e balas conforme ela ia se aproximando de Sebastian. Então viu Bat avançando contra Ash, com uma baioneta na mão. Ash estava paralisado, observando o caos como um espectador no teatro.

— Mãos nas costas — ordenou Bat, e Ash olhou para ele com o rosto franzido, como se o outro fosse um convidado grosseiro que tinha interrompido uma peça. Bat ergueu a baioneta. — Olha, garoto, é melhor você...

Ash encarou Bat fixamente com seus olhos verdes.

— Você não quer fazer isso — provocou.

Bat congelou, agarrando sua arma. Ash se virou e se afastou — sem pressa, quase *passeando*, na verdade — e desapareceu na neblina.

— Bat! *Cuidado!* — gritou Maia, e Bat girou, cravando a baioneta no corpo de um guerreiro Crepuscular que avançava.

E então veio o grito. Um uivo de agonia tão agudo e intenso que perfurou a neblina. Uma mulher com uniforme Crepuscular voou pela praça, seus cabelos

se desenrolando atrás dela como um estandarte dourado, e se jogou sobre o corpo do Julian Blackthorn deste mundo.

Emma sabia que era ela; a ela de Thule, agarrando o corpo de seu parceiro morto, chorando contra o peito dele, seus dedos agarrando as roupas molhadas de sangue. Ela gritava sem parar, cada berro era um uivo curto e agudo, como um alarme de carro disparando numa rua vazia.

Emma não conseguia deixar de encarar, e Julian — o Julian dela — se levantou surpreso e se virou para olhar — reconhecendo o som da voz de Emma, supôs ela. A fração de segundo que quebrou a atenção dele deixou abertura para Jace, que atacou com Heosphoros; Julian, girando para o lado, evitou a lâmina por pouco, mas tropeçou; Jace lhe passou uma rasteira e ele caiu.

*Não.* Emma girou, revertendo o curso, mas se Jace atacasse com a espada, ela não chegaria a tempo de jeito nenhum...

Uma plumagem de chama amarela voou entre Jace e Julian. Julian recuou aos tropeços quando Jace se virou para encarar a luz. Raphael estava segurando Tessa no alto, e a mão dela estava esticada, fogo amarelo ainda dançando nas pontas de seus dedos. Ela parecia fragilizada e exausta, mas seus olhos estavam escuros de tristeza ao se fixarem em Jace.

Foi um momento estranho e congelado, do tipo que às vezes acontecia durante uma batalha. E foi quebrado por uma figura cambaleante à entrada para a Cidade do Silêncio — Diana, arfando e suja de sangue, porém viva. O coração de Emma saltitou, aliviado.

Sebastian semicerrou os olhos.

— Entrem na Cidade! — ordenou ele. — Encontrem tudo! Livros de feitiço! Registros! Tragam tudo para mim!

Tessa engasgou.

— Não... a destruição que ele poderia causar...

Jace imediatamente deu as costas para Julian, como se tivesse se esquecido de que seu oponente estava lá.

— Crepusculares — chamou. Sua voz estava grave e seca, sem entonação ou emoção. — Venham a mim.

Emma se virou para correr para a entrada da Cidade; dava para ouvir Sebastian gargalhando. Julian tinha se levantado e estava ao lado dela; Livvy girou, chutou um Crepuscular e correu para Tessa e os outros.

— Feche as portas! *Feche as portas!*

— Não! — Diana começou a examinar a carnificina descontroladamente. — Cameron ainda está lá!

Julian se virou para Tessa.

— O que podemos fazer?



— Eu posso fechar as portas, mas vocês precisam entender que não posso abri-las outra vez — disse Tessa. — Cameron ficará preso.

Um olhar de agonia passou pelo rosto de Livvy. Jace e os outros Crepusculares estavam indo em direção a eles; a folga era de meros segundos.

A agonia não abandonou os olhos de Livvy, mas sua mandíbula enrijeceu. Ela jamais se assemelhara mais a Julian do que naquele momento.

— Feche as portas — ordenou.

— Parem a feiticeira! — gritou Sebastian. — Parem-na...

Seus berros se tornaram um uivo. Maia, atrás dele, tinha enfiado uma espada em sua lateral. A lâmina entrou, manchando com um sangue escuro. Ele mal pareceu notar.

— Tessa... — começou Emma, e ela não sabia o que planejava dizer, se pretendia perguntar a Tessa se a outra tinha forças para fechar as portas, se pretendia ordenar fechá-las ou não. Tessa agiu antes que ela pudesse concluir a frase, erguendo seus braços esguios, murmurando palavras que Emma sempre tentava se lembrar, mas que sempre escapavam de sua memória.

Faíscas douradas voaram dos dedos de Tessa, iluminando a entrada. As portas começaram a se fechar, rangendo e chiando. Sebastian gritou de raiva e agarrou a espada presa em sua lateral. Ele a arrancou e a atirou em Maia, que se jogou no chão para evitar ser atingida.

— Pare! — gritou ele de novo, marchando para a entrada da Cidade. — Pare *agora*...

As portas se fecharam com um eco que reverberou pela neblina. Emma olhou para Tessa, que retribuiu com um sorriso doce e triste. Os cantos de sua boca e suas unhas quebradas estavam manchados por filetes de sangue.

— *Não* — disse Raphael. Ele estivera tão quieto que Emma quase tinha se esquecido de sua presença. — Tessa...

Tessa Gray explodiu em chamas. Não foi como se ela tivesse pegado fogo, não de fato; entre um momento e outro, ela *se tornou* fogo, se transformou num pilar brilhante de conflagração. A luz ardente era branca e dourada: cortava pela neblina, iluminando o mundo.

Raphael tombou para trás, com um braço no rosto para se proteger da luz. Em meio ao brilho Emma conseguiu ver detalhes nítidos: o corte no rosto de Livvy onde a lâmina de Julian a acertara, as lágrimas nos olhos de Diana, a fúria no rosto de Sebastian enquanto encarava as portas fechadas, o pavor dos Crepusculares ao se encolherem sob a luz.

— Covardes! A luz não pode machucá-los! — gritou Sebastian. — Continuem lutando!

— Temos que voltar para Bradbury — disse Livia, desesperada. — Temos

que sair daqui.

— Livvy — chamou Julian. — Não podemos conduzi-los até seu quartel-general. Temos que lidar com eles agora.

— E só tem um jeito de fazer isso — falou Emma. Ela segurou a Espada Mortal com firmeza e partiu para cima de Sebastian.

Emma ardia com uma nova fúria que a preenchia, a amparava. *Cameron. Tessa*. Pensou em Livvy, que perdeu mais uma pessoa que amava. E se lançou contra Sebastian, a Espada Mortal se curvando pelo ar como um chicote feito de fogo e ouro.

Sebastian rosnou. Phaesphoros saltou para a sua mão enquanto ele marchava para cima de Emma. A fúria parecia dançar ao seu redor como faíscas.

— Você pensa em me atacar com a Espada Mortal — disse ele. — Isabelle Lightwood tentou a mesma coisa, e agora ela está apodrecendo num túmulo em Idris.

— E se eu decepar a sua cabeça? — provocou Emma. — Você vai continuar sendo o chefe babaca deste planeta se estiver em dois pedaços?

Sebastian girou, a espada Morgenstern um borrão preto e prateado. Emma saltou, a espada cortou abaixo de seus pés. Ela aterrissou em um hidrante tombado.

— Pode tentar — disse Sebastian com a voz entediada. — Outros tentaram; não há como me matar. Vou cansar você, menina. Depois a fatiarei em pecinhas de quebra-cabeça para entreter os demônios.

O impacto da batalha os cercava. O fogo de Tessa estava diminuindo, e no clamor da bruma Emma notava que Julian ainda combatia Jace. Julian tinha pegado as espadas de um dos Crepusculares e estava lutando de forma defensiva, como Diana os ensinara a fazer quando o adversário fosse mais forte.

Livvy estava lutando contra um Crepuscular, com raiva e energia renovadas. Raphael também. Quando Emma lançou o olhar para os outros, viu Raphael pegar uma Crepuscular ruiva e rasgar sua garganta com os dentes.

E então ela viu: um brilho ao longe. Uma luminosidade giratória que conhecia bem: a luz de um Portal.

Emma saltou do hidrante e intensificou o ataque; Sebastian chegou a cair para trás por um instante, surpreso, antes de se recuperar e atacar com ainda mais afinco. A lâmina zuniu na mão de Emma enquanto seu coração batia com duas palavras: *distraia Sebastian, distraia Sebastian*.

Phaesphoros atingiu Maellartach. Sebastian exibiu os dentes num sorriso nada parecido com um sorriso de verdade. Emma ficou imaginando se ele algum dia já tinha conseguido simular um sorriso humano, tendo se esquecido como fazia. Ela pensou na forma como Clary falava dele, como alguém que tinha se

perdido muito antes de morrer.

Uma dor aguda a atingiu. A espada de Sebastian a acertou na frente da coxa esquerda; o sangue manchou o rasgo na calça de lona. Ele sorriu novamente e chutou a ferida, violentamente; a dor turvou sua visão e Emma se sentiu tombar. Atingiu o chão com um baque que, ela teve quase certeza, era sua clavícula quebrando.

— Você está começando a me entediar — disse Sebastian, se assomando diante dela como um gato. A visão de Emma estava turva de dor, mas ela conseguia ver a luz do Portal se fortalecendo. O ar parecia brilhar. Ao longe, ainda dava para ouvir a outra Emma chorando.

— Outros mundos — devaneou ele. — Por que eu deveria ligar para outro mundo quando controlo este? O que qualquer outro mundo deveria significar para mim?

— Quer saber como você morreu lá? — perguntou Emma. A dor do osso quebrado a assolou. Dava para ouvir a batalha ao redor, dava para ouvir Julian e Jace lutando. Ela se esforçava para não desmaiar. Quanto mais distraísse Sebastian, melhor.

— Você quer viver para sempre neste mundo — disse ela. — Quer saber como morreu no nosso? Talvez possa acontecer o mesmo aqui também. Ash não saberia. Nem Annabel. Mas eu sei.

Ele abaixou Phaesphoros e deixou que a ponta fizesse um entalhe na clavícula de Emma, que quase gritou de dor.

— Conte-me.

— Clary matou você — disse Emma, e viu os olhos dele se arregalarem. — Com fogo celestial. Queimou tudo o que havia de mau em você, e não sobrou o suficiente para que vivesse. Mas você morreu nos braços de sua mãe, e sua irmã chorou por você. Ontem, na boate, você falou sobre o peso que o esmaga. No nosso mundo, suas últimas palavras foram “nunca me senti tão leve”.

Ele contorceu o rosto. Por um instante o medo passou por ali, nos olhos, e mais do que medo — arrependimento, talvez, até dor.

— *Mentira* — sibilou ele, deslizando a ponta da espada até o esterno dela, onde um golpe cortaria a aorta abdominal. Ela sangraria em agonia — Diga que não é verdade. *Diga!*

A mão dele apertou a espada.

Houve um borrão atrás dele, asas batendo, e algo o atingiu com força, um golpe no ombro que o fez cambalear de lado. Emma viu Sebastian girar, com um olhar de fúria.

— *Ash!* O que você está fazendo?

Emma ficou boquiaberta. *Era* Ash — e de trás dele estendia-se um par de

asas. Para Emma, que tinha crescido com imagens de Raziel, foi como um golpe: ela se levantou sobre os cotovelos, encarando a cena.

Eram asas de anjo, e ao mesmo tempo não eram. Eram pretas, com pontas prateadas; brilhavam como o céu noturno. Ela supôs que fossem mais largas do que a envergadura dos braços do menino esticados.

Eram lindas, a coisas mais linda que tinha visto em Thule.

— Não — disse Ash calmamente, olhando para o pai, e tirou a espada da mão de Sebastian, que deu um passo para trás. Emma se levantou, a clavícula gritando de dor, e então enfiou a Espada Mortal no peito de Sebastian.

Ela puxou a Espada de volta, sentindo a lâmina arranhar o osso da costela dele, pronta para atacar novamente, cortá-lo em pedaços...

Quando ela puxou a espada de volta, ele estremeceu. Não dera um pio ao ser golpeado; agora abria a boca e um sangue escuro jorrava em cascata pelo lábio inferior e queixo, e seus olhos reviravam. Emma ouviu os Crepusculares berrando. A pele dele começou a se abrir e queimar.

Ele jogou a cabeça para trás num grito silencioso e explodiu em cinzas, do mesmo jeito como demônios desapareciam no mundo de Emma.

O berro da Emma de Thule foi interrompido abruptamente. Ela caiu sem vida sobre o corpo de Julian. Um por um, os outros Crepusculares começaram a cair também, sucumbindo aos pés dos rebeldes que combatiam.

Jace gritou e caiu de joelhos. Atrás dele, Emma viu o brilho do Portal, agora aberto e reluzindo em azul.

— Jace — sussurrou ela, e foi até ele.

Ash se postou diante dela.

— Eu não faria isso — disse ele. Com o mesmo tom de voz assustadoramente calmo com que falara com o pai. *Não*. — Ele passou tempo demais sob o controle de Sebastian. Ele não é o que você pensa. Ele não pode voltar.

Ela levantou a espada para apontá-la para Ash, quase nauseada pela dor da clavícula quebrada. Ash olhou para ela, inabalado.

— Por que você fez isso? — quis saber ela. — Traiu Sebastian. Por quê?

— Ele ia me matar — respondeu Ash. Tinha uma voz grave, ligeiramente rouca, não a voz de menino da Corte Unseelie. — Além disso, gostei do seu discurso sobre Clary. Foi interessante.

Julian tinha virado as costas para Jace, que continuava ajoelhado no chão, encarando a espada em suas mãos. Julian foi até Emma enquanto Livvy encarava a cena; ela estava toda machucada, mas continuava de pé, e seus rebeldes se aproximavam para cercá-la. Tinham expressões de choque e incredulidade.

Um grito cortou o silêncio sinistro dos Crepusculares mortos e dos guerreiros espantados. Um grito que Emma conhecia bem.

— Não o machuque! — implorou Annabel, e correu para Ash, com as mãos esticadas. Estava com seu vestido vermelho e os pés descalços.

Ela agarrou o braço de Ash e começou a arrastá-lo para o Portal.

Emma saiu de seu estado de inércia e começou a correr para Julian enquanto ele seguia para diante do Portal. A espada dele brilhou quando a levantou, ao mesmo tempo que Ash lutava contra as garras de Annabel. Ele estava gritando com ela que não queria ir, não sem Jace.

Annabel era forte; Emma sabia o quanto. Mas aparentemente Ash era mais. Ele se desvencilhou dela e começou a correr para Jace.

A luz do Portal estava começando a diminuir. Será que Annabel o estava fechando, ou ele estava se fechando sozinho, naturalmente? De qualquer forma, o coração de Emma acelerou, batendo contra as costelas. Ela saltou por cima do corpo de um Crepuscular e caiu do outro lado exatamente quando Annabel girou para ela.

— Para trás! — gritou Annabel. — Nenhum de vocês pode atravessar o Portal! Não sem Ash!

Ash se virou ao ouvir seu nome; ele estava ajoelhado ao lado de Jace, a mão no ombro dele. O rosto de Ash estava contorcido numa expressão que parecia de tristeza.

Annabel começou a avançar para Emma. Seu rosto estava assustadoramente vazio, como naquele dia no estrado do Salão. No dia em que ela cravara a Espada Mortal no coração de Livvy, parando-o para sempre.

Atrás de Annabel, Julian levantou sua mão livre. Emma soube imediatamente o que ele quis dizer, o que desejava.

Então ela ergueu a Espada Mortal, cerrando os dentes de dor, e a lançou.

A arma passou por Annabel, brilhando; Julian descartou a própria espada e pegou a Espada Mortal no ar. Girou sua lâmina ainda sangrenta num arco, cortando a espinha de Annabel.

Annabel soltou um berro terrível e desumano, como o grito de uma cabra. Ela girou como uma tampa quebrada e Julian enfiou a Espada Mortal em seu peito, exatamente como ela havia feito com Livvy.

Aí puxou a lâmina de volta, o sangue de Annabel pingando em seu punho, manchando a pele. Ele ficou parado como uma estátua, agarrado à Espada Mortal enquanto Annabel tombava como uma marionete com as cordas cortadas.

Ela caiu deitada, o rosto retorcido, uma piscina escarlata começando a se espalhar ao seu redor, se misturando às franjas do seu vestido vermelho. Suas mãos, fechadas em garras em suas laterais, relaxaram na morte; seus pés descalços estavam vermelho-escuros, como se ela estivesse calçando chinelos de sangue.

Julian olhou para o corpo. Os olhos — ainda azuis Blackthorn — já estavam começando a ficar vítreos.

— Rainha do Ar e da Escuridão — disse ele com a voz baixa. — Eu nunca serei como Malcolm.

Emma respirou fundo e longamente enquanto Julian lhe devolvia a Espada Mortal. Em seguida, ele tirou o pano ensanguentado do pulso e o descartou ao lado do corpo de Annabel.

O sangue dela começou a ser absorvido, se misturando ao de Livvy.

Antes que Emma pudesse falar, ela ouviu Ash gritar. Se foi um grito de dor ou de triunfo, ela não soube dizer. Ele continuava ajoelhado ao lado de Jace.

Julian estendeu-lhe a mão.

— Ash! — gritou ele. — Venha conosco! Juro que vamos cuidar de você!

Ash o encarou por um longo instante, com olhos firmes e ilegíveis. Então balançou a cabeça. Suas asas bateram sombriamente no ar; agarrando Jace, ele voou, ambos desaparecendo no céu nublado.

Julian abaixou a mão, a expressão perturbada, mas Livvy já estava correndo em direção a ele, com o rosto branco de aflição.

— Jules! Emma! O Portal!

Emma girou; o Portal estava ainda mais fraco, a luz vacilando. Livvy alcançou Julian, e ele a abraçou com força, envolvendo-a contra a lateral do corpo.

— Temos que ir — disse ele. — O Portal está desbotando, só vai resistir por mais alguns minutos agora que Annabel se foi.

Livvy apertou o rosto contra o ombro de Julian e, por um instante, retribuiu o abraço com uma força incrível. Quando soltou, seu rosto estava brilhando com lágrimas.

— Vão — sussurrou ela.

— Venha com a gente — disse Julian.

— Não, Julian. Você sabe que não posso — falou Livvy. — Meu povo finalmente tem uma chance. Vocês nos deram uma chance. Sou muito grata, mas não posso permitir que Cameron morra pela segurança de um mundo do qual estou disposta a fugir.

Emma temeu que Julian fosse protestar. Ele não o fez. Talvez estivesse mais preparado para isso do que ela havia pensado. Ele enfiou a mão no casaco e pegou o Cálice; seu brilho era de ouro velho sob a luz do Portal — a luz azul de um céu com sol de verdade.

— Pegue isto. — Ele o colocou nas mãos de Livvy. — Com ele, talvez os Nephilim possam renascer aqui.

Livvy o aninhou cuidadosamente.

— Pode ser que eu nunca consiga usá-lo.

— Mas pode ser que consiga — disse Emma. — Pegue-o.

— E me deixe te dar uma última coisa — disse Julian. Ele se curvou e sussurrou ao ouvido de Livvy. Os olhos dela se arregalaram.

— Vão! — gritou alguém; foi Raphael, que, junto a Diana, Bat e Maia, estava assistindo a tudo. — Humanos idiotas, vão antes que seja tarde demais!

Julian e Livvy se olharam uma última vez. Quando ele se virou, Emma teve a impressão de ter ouvido o coração dele se partindo: um pedaço sempre estaria aqui, em Thule, com Livvy.

— Vão! — incitou Raphael novamente; o Portal tinha se estreitado e se reduzido a um buraco menor do que uma porta. — E digam a Magnus e Alec para mudarem o nome do filho deles!

Emma deu a mão para Julian. Sua outra mão segurava a Espada Mortal. Julian olhou para ela; à luz solar do Portal, ele tinha olhos azul-marinho.

— Te vejo do outro lado — sussurrou ele, e juntos atravessaram.

## 22

### Os Piores e os Melhores

A Cidade do Silêncio estava vazia, tomada pelos ecos de sonhos e sussurros passados. As tochas nas paredes estavam acesas, projetando um brilho dourado sobre as espirais de ossos e mausoléus de rodolita e ágata branca.

*Emma caminhou sem pressa entre os ossos dos mortos. Sabia que deveria estar ansiosa, talvez correndo, mas não conseguia se lembrar por que, ou o que estava procurando. Sabia que estava usando uniforme — uniforme de combate, preto e prateado como um céu estrelado. Suas botas ecoando no mármore eram o único ruído da Cidade.*

*Ela passou por uma sala familiar com um teto alto e abobadado. Mármore de todas as cores corriam juntos em estampas elaboradas demais para que os olhos acompanhassem. No chão havia dois círculos interligados: era aqui que ela e Julian tinham se tornado parabatai.*

*Para além desta sala estava a Câmara da Estrela. As estrelas parabólicas brilhavam no chão; a Espada Mortal dependurava-se com a ponta para baixo atrás da Barra de Juízes de basalto, como se esperasse por ela. Ela pegou a espada, e achou-a leve como uma pena. Atravessando o recinto, pisou no quadrado das Estrelas Falantes.*

— Emma! Emma, sou eu, Cristina. — A mão fria segurava a dela. Ela estava se revirando, agitada; sentia uma dor ardente na garganta.

— Cristina — sussurrou, com os lábios secos e rachados. — Esconda a Espada. Por favor, por favor, esconda.

*Ouviu um estalo. O chão abaixo dela se abriu numa costura invisível, duas placas de mármore se separando suavemente. Debaixo delas se revelou um compartimento quadrado contendo uma placa de pedra, sobre a qual estava pintado uma Marca parabatai bruta. Não era um trabalho refinado nem bonito,*



*mas irradiava poder.*

*Agarrando o cabo de Maellartach, Emma baixou-a, com a ponta na frente. A lâmina cortou a placa e Emma cambaleou para trás numa nuvem de poeira e poder.*

*Quebrou, pensou ela. O vínculo se rompeu.*

*Emma não sentiu alegria ou alívio. Apenas medo quando uma voz sussurrante chamou seu nome:*

*— Emma, Emma, como você pôde?*

*Ela se virou e flagrou Jem, com seus trajes de Irmão do Silêncio. Uma mancha vermelha se espalhava lentamente sobre seu peito. Ela gritou quando ele caiu...*

*— Emma, fale comigo. Você vai ficar bem. Julian vai ficar bem. — Cristina parecia à beira das lágrimas.*

*Emma sabia que ela estava numa cama, mas tinha a sensação de que correntes enormes prendiam seus braços e pernas. Eram tão pesadas. Vozes se elevavam e baixavam ao redor: ela reconheceu as de Mark e de Helen.*

*— O que aconteceu com eles? — perguntou Helen. — Eles apareceram pouco depois de vocês, mas com roupas totalmente diferentes. Não entendo.*

*— Nem eu. — Mark parecia esgotado. Emma sentiu a mão dele afagando seus cabelos. — Emma, por onde vocês andaram?*

*Emma estava diante do espelho prateado. Ela se viu refletida: cabelos claros, pele Marcada, tudo familiar, mas seus olhos tinham o vermelho fosco da lua em Thule.*

*Então ela estava caindo, caindo pela água. Viu os grandes monstros das profundezas, com barbatanas de tubarão e dentes de serpentes, e em seguida viu Ash emergir com suas asas pretas brilhando em prata e ouro, e os monstros se afastaram dele com medo...*

*Ela acordou com um grito rouco, lutando contra a alga que a puxava para baixo, para as profundezas — e percebeu que estivera lutando contra os lençóis que a cobriam, e tombou para trás, lutando para respirar. Havia mãos em seus ombros, em seguida um afago em seus cabelos; uma voz suave dizia seu nome.*

*— Emma — falou Cristina. — Emma, tudo bem. Você estava sonhando.*

*Emma abriu os olhos. Estava no seu quarto no Instituto; tinta azul, o mural familiar na parede de andorinhas voando sobre torres de castelos, luz do sol entrando por uma janela aberta. Dava para ouvir os ruídos do mar, a música tocando em outro quarto.*

*— Cristina — sussurrou Emma. — Estou tão feliz que é você.*

*Cristina soltou um soluço e jogou os braços em volta de Emma, abraçando-a com firmeza.*

— Lamento tanto — disse ela. — Lamento *tanto* por termos deixado o Reino das Fadas sem vocês, eu não tenho conseguido pensar em outra coisa. Eu nunca, *nunca* deveria ter abandonado vocês...

Como que de longe, Emma se lembrou da Corte Unseelie. De como as chamadas os separaram de Cristina e dos outros, de como ela meneou a cabeça para a amiga, concedendo permissão para que ela se salvasse, e aos outros.

— Tina! — exclamou ela, afagando as costas da outra. Sua voz estava rouca, a garganta estranhamente dolorida. — Tudo bem, eu te disse para ir.

Cristina recuou um pouco, o nariz e os olhos rosados.

— Mas para onde vocês foram? E por que você ficou me chamando de Rosa do México? — Ela franziu a testa em confusão.

Emma emitiu um ruído que foi meio riso, meio engasgo.

— Tenho *muita* coisa para contar — começou. — Mas antes, eu preciso saber — ela pegou a mão de Cristina —, estão todos vivos? Julian, todos os outros...

— Mas é óbvio! — Cristina pareceu horrorizada. — Todos vivos. Todos.

Emma apertou a mão de Cristina e a soltou.

— O que a Praga fez a Magnus? Chegamos tarde demais?

— Estranho você perguntar. Alec e Magnus chegaram aqui ontem — hesitou Cristina. — Magnus não está nada bem. Está muito doente. Estamos em contato com o Labirinto Espiral...

— Mas eles ainda acham que são as Linhas Ley. — Emma começou a se movimentar para se levantar da cama. Uma onda de tonteira a assolou, e ela se segurou nos travesseiros, arfando.

— Não, não acham. Eu percebi que foi a Praga no Reino das Fadas. Emma, não tente se levantar...

— E Diana? — perguntou Emma. — Ela estava em Idris...

— Não está mais. — Cristina pareceu sombria. — Essa é outra longa história. Mas ela está bem.

— Emma! — A porta se abriu e Helen entrou voando, toda cabelos claros desalinhados e olhos ansiosos. Ela correu para abraçar Emma, que sentiu uma nova onda de tonteira dominá-la: pensou em Thule, e em como Helen fora separada da família para sempre lá. Ela jamais perdoaria a Clave pelo exílio de Helen na Ilha Wrangel, mas pelo menos agora ela estava de volta. Pelo menos neste mundo era possível se perder e depois voltar.

Helen abraçou Emma até ela abanar os braços indicando que precisava de oxigênio. Cristina se agitou quando Emma mais uma vez tentou se levantar até que conseguiu se apoiar nos travesseiros quando Aline, Dru, Tavvy, Jace e Clary entraram.

— Emma! — exclamou Tavvy, sem tempo para protocolos de leitos de

doentes, e pulou na cama. Emma o abraçou gentilmente e afagou seus cabelos enquanto os outros se reuniam em volta; ela ouviu Jace perguntar a Cristina se Emma tinha conversado e se parecera coerente.

— Você fez a barba — disse ela, apontando para ele. — É uma melhora e tanto.

Houve uma onda de abraços e exclamações; Clary veio por último e sorriu para Emma do mesmo jeito que fizera certa vez diante do Salão do Conselho, na primeira vez que se viram, quando Clary a ajudara a espantar os medos de uma criança apavorada.

— Eu sabia que você ficaria bem — disse Clary, com a voz tão baixa que só Emma conseguiu escutar.

Houve uma batida à porta, que mal dava para ser aberta no quarto lotado. Emma sentiu um clarão, como a ponta de um fósforo em seu braço esquerdo, e percebeu, com um choque de alegria, o que era, exatamente quando Julian entrou, apoiado no ombro de Mark.

Sua Marca *parabatai*. Fazia uma eternidade que não brilhava com vida. Seus olhos encontraram os de Julian e por um instante ela se desligou de todo o restante: só sabia que Julian estava ali, que ele estava bem, e que havia curativos em seu braço esquerdo e sob a camiseta, bem visíveis, mas isso não tinha importância, ele estava vivo.

— Ele acordou há mais ou menos uma hora — disse Mark enquanto os outros sorriam para Julian. — Estava perguntando por você, Emma.

Aline juntou as mãos.

— Certo, agora que já demos os abraços, onde vocês *estiveram*? — Ela apontou para Emma e Julian com um gesto acusatório. — Vocês têm ideia do quanto ficamos apavorados quando Mark, Cristina e os outros apareceram de repente, só que sem vocês dois? E aí depois vocês surgiram do nada, surrados e com roupas estranhas? — Ela gesticulou para a cabeceira de Emma, onde suas roupas de Thule estavam cuidadosamente dobradas.

— Eu... — começou Emma, e se calou quando Aline saiu marchando para fora do quarto. — Ela está brava?

— Preocupada — respondeu Helen com diplomacia. — Todos nós ficamos preocupados. Emma, você estava com a clavícula quebrada, e Julian quebrou várias costelas. Já devem ter melhorado, três dias se passaram. — A exaustão e a preocupação dos últimos três dias estavam evidentes nas olheiras dela.

— E você estava incoerente — disse Jace. — Julian estava apagado no início, mas você não parava de gritar sobre demônios, céus sombrios e um sol morto. Como se tivesse ido a Edom. — Os olhos de Jace estavam semicerrados. O palpite dele não estava muito longe, pensou Emma; Jace sabia ser bobo quando

queria, mas era inteligente.

Aline entrou no quarto, pisando firme. Ela sabia ser bem bruta para uma mulher de estrutura tão delicada.

— Além do mais, o que é isso? — quis saber ela, segurando a Espada Mortal. Tavvy emitiu um ruído de deleite.

— Essa eu sei! É a Espada Mortal.

— Não, a Espada Mortal está quebrada — interveio Dru. — Esta aí deve ser outra coisa. — Ela franziu o rosto. — O que é, Jules?

— É a Espada Mortal — disse Julian. — Mas temos que manter sua existência aqui em absoluto segredo.

Outro burburinho eclodiu. Alguém bateu à porta; Kit e Ty estavam no corredor. Ficaram lá embaixo com Kieran, Alec e Magnus e agora tinham acabado de saber que Emma estava acordada. Cristina repreendeu a todos em espanhol pela balbúrdia, Jace queria segurar a Espada Mortal, Julian falou para Mark que conseguia ficar de pé sozinho, Aline esticou a cabeça para o corredor para falar alguma coisa para Ty e Kit, e Emma olhou para Julian, que estava olhando diretamente para ela.

— Certo, *parem* — bradou Emma, jogando as mãos para o alto. — Deem um instante para eu conversar a sós com Julian. Depois contaremos tudo. — Ela franziu o rosto. — Mas não no meu quarto. Está lotado e está me deixando neurótica com esse lance de privacidade.

— A biblioteca — disse Clary. — Vou ajudar a arrumar, e pegarei comida. Vocês dois devem estar morrendo de fome, muito embora a gente tenha lhes dado alguns destes. — Ela cutucou a Marca de Nutrição no braço de Emma. — Muito bem, vamos, saiam do quarto...

— Dê um abraço em Ty por mim — disse Emma a Tavvy enquanto o ajudava a descer. Ele pareceu desconfiado da transferência de abraços, mas saiu com todo mundo.

E então o quarto ficou quieto e vazio, exceto por Emma e Julian. Ela saiu da cama e desta vez conseguiu ficar de pé sem tonteira. Sentiu a leve pontada da Marca e pensou: *é porque Julian está aqui, estou tirando força dele.*

— Está sentindo? — perguntou ela, tocando seu bíceps esquerdo. — A Marca *parabatai*?

— Não consigo sentir direito — disse ele, e o coração de Emma afundou. Ela sabia, certamente, desde que ele adentrara, mas não tinha se dado conta do tamanho da esperança que ainda nutria a despeito da ideia de que o feitiço pudesse ter se quebrado de algum jeito.

— Vire de costas — pediu ela de forma enfadonha. — Tenho que me vestir. Julian ergueu as sobancelhas.

— Eu *já* vi isso tudo aí, você sabe.

— O que não confere mais privilégios de visualização — disse Emma. — Vire. De. Costas.

Julian obedeceu. Emma procurou no armário por roupas que se distanciassem ao máximo do estilo de Thule, e acabou escolhendo um vestido florido e sandálias vintage. Ela se vestiu olhando para Julian enquanto ele encarava a parede.

— Então, só para ressaltar, o feitiço voltou — disse ela após se vestir. Sem muito estardalhaço, pegou o casaco que usou em Thule, pegou a carta de Livvy e guardou-a num bolso do vestido.

— Sim, voltou — respondeu ele, e ela sentiu a palavra como uma pontada no coração. — Eu tive alguns sonhos, sonhos com emoções, mas quando acordei... tinham desbotado. Eu sei que senti, até como me senti, mas não consigo *sentir*. É como saber que sofri um ferimento, mas não me lembrar de como era a dor.

Emma calçou as sandálias e prendeu o cabelo num coque. Desconfiava estar um tanto pálida e horrorosa, mas isso lá era importante agora? Julian era a única pessoa que ela queria impressionar, e ele não se importava.

— Pode se virar — avisou ela, e ele obedeceu de novo. Julian parecia mais sério do que ela imaginaria que estaria, como se o fato de o feitiço não ter se rompido também fosse amargo para ele. — Então o que você vai fazer?

— Venha cá — chamou ele, e ela se aproximou dele com certa relutância enquanto ele começava a desenrolar a atadura no braço. Era difícil não se lembrar da maneira como ele havia falado com ela em Thule, da forma como ele depositara nas mãos dela cada pedacinho de si, sua esperança, sua vontade, seu desejo e seu medo.

*Não sou eu mesmo sem você, Emma. Depois que você dissolve tinta na água, não tem como desfazer. É assim. Não tenho como tirar você de mim. Significa arrancar meu coração, e eu não gosto de mim sem meu coração.*

As ataduras caíram e ele esticou o antebraço para ela. Emma respirou fundo.

— Quem fez isso? — perguntou ela.

— Eu — respondeu ele. — Antes de deixarmos Thule.

Na pele do antebraço ele tinha cortado palavras: palavras que agora já haviam cicatrizado, deixando marcas preto-avermelhadas.

VOCÊ ESTÁ NA JAULA.

— Você sabe o que isso significa? — perguntou ele. — Por que eu fiz isso?

O coração dela estava se partindo em mil pedaços.

— Sei — respondeu ela. — Você sabe?

Alguém bateu à porta; Julian se sobressaltou e começou a cobrir o braço com a atadura novamente.

— O que é? — perguntou Emma a quem batia. — Estamos quase prontos.

— Eu só queria chamar para descerem — disse Mark. — Estamos todos ansiosos pela história, e eu preparei meus famosos sanduíches de donuts.

— Tenho certeza de que quando as pessoas falam que é “famoso” é unicamente porque “o Tavvy gosta” — comentou Emma.

Julian, o Julian dela, teria rido. Este Julian só disse:

— É melhor a gente ir. — E passou por ela, seguindo para a porta.

Primeiro Cristina achou que o cabelo de Kieran tinha ficado branco de choque ou irritação. Ela levou alguns minutos para perceber que era açúcar de confeitiro.

Estavam na cozinha ajudando Mark a preparar pratos com maçãs, queijos e “sanduíches de donuts” — uma criação horrorosa envolvendo donuts cortados ao meio e recheados com pasta de amendoim, mel e geleia.

Mas Kieran gostava do mel. Ele lambeu alguns dedos e começou a descascar uma maçã com uma faca pequena e afiada.

— *Guácala!* — Cristina riu. — Que nojo! Lave as mãos depois de lamber.

— Nunca lavávamos as mãos na Caçada — disse Kieran, sugando mel do dedo de um jeito que fez o estômago de Cristina estremecer.

— É verdade. Não lavávamos — concordou Mark, cortando um donut no meio e levantando mais uma nuvem de açúcar.

— Isso é porque vocês viviam como selvagens — falou Cristina. — Vá lavar as mãos! — Ela empurrou Kieran para a pia, cujas torneiras ainda o confundiam, e se botou a espanar o açúcar das costas da camisa de Mark.

Ele se virou para sorrir para ela, que sentiu o estômago estremecer outra vez. Sentindo-se muito estranha, ela deixou Mark e voltou a cortar os cubinhos de queijo enquanto Mark e Kieran debatiam amigavelmente se era nojento ou não comer açúcar direto da caixa.

Havia algo em estar com os dois que era doce e calmamente familiar, de um jeito que ela não sentia desde que tinha saído de casa. O que era esquisito, pois não havia nada de comum nem em Mark nem em Kieran, e nada de normal no que ela sentia por ambos.

Ela inclusive mal tinha visto os dois desde que tinham voltado do Reino das Fadas. Cristina passara boa parte de seu tempo no quarto de Emma, preocupada com a possibilidade de não estar presente quando ela acordasse. Ficou dormindo num colchão ao lado da cama, embora tivesse sido um sono insatisfatório; Emma se debatia, inquieta, noite e dia, e chamava sem parar: Livvy, Dru, Ty, Mark, os pais dela, e, mais frequentemente, Julian.

Esse foi outro motivo pelo qual Cristina quis ficar no quarto com Emma, algo que ela não admitiu para ninguém. Em seu estado incoerente, Emma gritava para Julian que o amava, pedia para ele abraçá-la. Quaisquer dessas declarações poderia ser atribuída ao amor entre *parabatai* — mas, novamente, poderia não ser nada disso. Como guardiã do segredo de Emma e Julian, Cristina tinha a sensação de que lhes devia a proteção às confissões inconscientes de Emma.

Ela sabia que Mark sentia o mesmo: ele ficara fazendo companhia a Julian, porém relatara que os gritos se fizeram bem menos frequentes. Foi uma das poucas coisas que Mark contara a ela desde o retorno do Reino das Fadas. Ela vinha evitando tanto Mark quanto Kieran, deliberadamente — Diego e Jaime estavam presos, a Consulesa estava em prisão domiciliar, os Dearborn ainda estavam no poder, e Emma e Julian estavam inconscientes; Cristina estava fragilizada demais para lidar com sua vida amorosa nesse momento.

E até então não tinha se dado conta do quanto sentira falta dos dois.

— Olá! — disse Tavvy, entrando na cozinha. Ele tinha passado os últimos dias um tanto mal, enquanto Julian estivera doente, mas se recuperara com aquela capacidade admirável que só as crianças têm. — Eu tenho que levar os sanduíches — acrescentou ele com ares de quem tinha recebido uma tarefa muito importante.

Mark entregou a ele um prato de donuts, e outro para Kieran, que conduziu Tavvy cômodo afora daquele jeito que faziam os adultos acostumados a lidar com uma família numerosa.

— Queria ter uma câmera — disse Cristina depois que eles saíram. — Uma foto de um príncipe arrogante do Reino das Fadas carregando um prato de sanduíches de donuts horrorosos seria uma lembrança e tanto.

— Meus sanduíches não são horrorosos. — Mark se apoiou na bancada com graciosidade. De jeans e camiseta, ele parecia totalmente humano se você não desse bola para as orelhas pontudas. — Você gosta mesmo dele, não gosta?

— De Kieran? — Cristina sentiu a pulsação acelerar: de nervoso e pela proximidade com Mark. Eles passaram dias falando só de coisas superficiais. A intimidade de falar sobre sentimentos estava deixando Cristina meio tensa. — Sim. Eu... quer dizer, você sabe disso, não sabe? — Ela se sentiu enrubescer. — Você viu a gente se beijando.

— Vi sim — respondeu Mark. — Não sei o que significou para você, nem para Kieran. — Ele pareceu pensativo. — É fácil se deixar levar no Reino das Fadas. Só queria que soubesse que não fiquei com raiva nem com ciúme. Não mesmo, Cristina.

— Tudo bem — respondeu ela desconfortavelmente. — Obrigada.

Mas o que significava ele não sentir raiva nem ciúme? Se o ocorrido entre ela

e Kieran no Reino das Fadas tivesse acontecido entre Caçadores de Sombras, ela teria considerado aquilo uma declaração de interesse. E teria se preocupado que Mark pudesse estar chateado. Mas não era nada disso, certo? Pode ser que o beijo não tivesse significado mais do que um aperto de mão para Kieran.

Ela passou a mão sobre a superfície lisa da bancada. Não conseguia deixar de se lembrar de uma conversa que tivera com Mark certa vez, aqui no Instituto. Parecia ter sido havia tanto tempo. Veio a ela como um sonho lúcido:

*Não houve nada de ensaiado no olhar que Mark direcionou a ela naquele momento.*

*— Eu falei sério quando disse que você é linda. Eu quero você, e Kieran não se importaria...*

*— Você me quer?*

*— Quero — respondeu Mark sem rodeios, e Cristina desviou o olhar, de repente muito ciente da proximidade entre seus corpos. Da forma dos ombros dele sob o casaco. Ele era adorável daquele jeito que as fadas eram, com um aspecto meio sobrenatural, como o brilho do luar na água. Ele não parecia exatamente tangível, mas ela o vira beijar Kieran e sabia que não era bem assim. — Você não quer ser desejada?*

*Em outros tempos, em épocas anteriores, Cristina teria ruborizado.*

*— Esse não é o tipo de elogio que mulheres mortais gostam.*

*— Mas por que não? — perguntou Mark.*

*— Porque me faz parecer um objeto que você quer usar. E quando você diz que Kieran não se importaria, você faz parecer que ele não se importaria porque eu não sou digna de importância.*

*— Isso é muito coisa de humano — disse ele. — Ter ciúme de um corpo, mas não de um coração.*

*— Veja, eu não quero um corpo sem um coração — respondeu ela.*

*Um corpo sem um coração.*

Ela poderia ter tanto Mark quanto Kieran agora, do jeito que Mark havia sugerido fazia tanto tempo — ela poderia beijá-los, estar com eles, e se despedir quando a deixassem, porque eles o fariam.

*— Cristina — chamou Mark. — Você está bem? Você parece... triste. Eu tinha esperanças de conseguir tranquilizá-la. — Ele a tocou levemente no rosto, os dedos trilhando pelo contorno da bochecha.*

*Não quero falar sobre isso, pensou Cristina. Tinham passado três dias sem mencionar nada importante, exceto assuntos ligados a Emma e Julian. Aqueles três dias e a paz deles pareciam delicados, como se muita discussão sobre a realidade e suas dificuldades pudessem estragar tudo.*

*— Não temos tempo para conversar agora — disse ela. — Talvez mais*



tarde...

— Então me deixe dizer só uma coisa. — falou Mark baixinho. — Há muito tempo tenho ficado dividido entre dois mundos. Eu pensava ser um Caçador de Sombras, e dizia a mim mesmo que eu era só isso. Mas percebi que meus laços com o Reino das Fadas são mais fortes do que eu imaginava. Não posso deixar metade do meu sangue, metade do meu coração, em nenhum dos mundos. Sonho que um dia seja possível ter os dois, mas sei que talvez não aconteça.

Cristina virou a cara para não ver a expressão dele. Mark escolheria o Reino das Fadas, ela sabia. Mark escolheria Kieran. Eles tinham uma história juntos, um grande amor no passado. Ambos eram fadas, e embora ela tivesse estudado o Reino das Fadas e desejasse com todo o coração, não era a mesma coisa. Eles ficariam juntos porque pertenciam um ao outro, porque eram lindos juntos, e ela sofreria quando perdesse os dois.

Mas era assim que acontecia com mortais que amavam as fadas. Sempre pagavam caro por isso.

Emma descobriu que não era possível detestar um sanduíche de donut. Mesmo que suas artérias fossem pagar por isso um dia. Ela comeu três.

Mark os colocou cuidadosamente em bandejas, que foram postadas no meio de uma das mesas grandes da biblioteca — algo ligado ao desejo de agradecer tocou o coração de Emma.

Todo mundo estava reunido à mesa comprida, inclusive Kieran, que estava sentado, quieto, com o rosto impassível, ao lado de Mark. Ele usava uma camisa preta simples e calças de linho; bem diferente da última vez que Emma o vira, na Corte Unseelie, coberto de sangue e sujeira, com o rosto contorcido de raiva.

Magnus também estava diferente em relação à última vez que ela o vira. E não de um jeito positivo. Ele tinha vindo até a biblioteca completamente aparado por Alec, com o rosto pálido e contraído, arrebatado pela dor. Ficou deitado num sofá perto da mesa, com um cobertor nos ombros. Apesar do cobertor e do tempo quente, ele tremia com frequência. E a cada onda de calafrios, Alec se aproximava e afagava seus cabelos, ou ajeitava os cobertores para que cobrissem mais os ombros.

E sempre que Alec fazia isso, Jace — que estava sentado à mesa em frente, ao lado de Clary — ficava tenso, cerrando os punhos inutilmente. Pois era isso que significava ser *parabatai*, Emma sabia. Sentir a dor do outro como se fosse sua.

Magnus manteve os olhos fechados enquanto Emma contava a história de Thule, com Julian intercedendo vez ou outra quando ela se esquecia de algum

detalhe ou passava batida por alguma coisa que ele considerava importante. Mas ele não a pressionou nas partes mais difíceis — quando ela teve que descrever a morte de Alec e Magnus, ou o último gesto de Isabelle com a Espada Mortal. Ou a morte de Clary nas mãos de Lilith.

E quando falou de Jace. Seus olhos arregalaram com uma expressão incrédula quando Emma falou sobre o Jace de Thule, que era ligado a Sebastian havia tanto tempo que jamais seria livre. Emma notou Clary esticando a mão para apertar a dele, e os olhos dela brilhando com lágrimas de um jeito que não fizeram nem quando a morte dela própria foi narrada.

Mas o pior, sem dúvida, foi descrever Livvy. Pois ao passo que as outras histórias eram atroz, tomar conhecimento sobre a Livvy de Thule os fazia lembrar que havia uma história atroz neste mundo que não poderia ser modificada nem revertida.

Dru, que insistira em se sentar à mesa com todo mundo, ficou calada quando descreveram Livvy, mas lágrimas correram silenciosamente por suas bochechas. Mark ficou pálido. E Ty — que estava mais magro do que Emma se recordava, esgotado como uma unha roída — também não emitiu qualquer som. Kit, que estava ao lado dele, tentou segurar a mão de Ty sobre a mesa, mas este não reagiu, e também não se afastou de Kit.

Emma prosseguiu porque não tinha escolha. Sua garganta estava doendo muito quando terminou; com o rosto descorado, Cristina empurrou um copo de água para ela, que o aceitou, agradecida.

Um silêncio recaiu sobre o recinto. Ninguém parecia saber o que dizer. O único ruído era a batida fraca da música que vinha dos fones de Tavvy enquanto ele brincava com um trenzinho no canto — eram os fones de Ty, na verdade, mas ele os colocara gentilmente na cabeça de Tavvy antes de Emma começar a falar.

— Pobre Ash — disse Clary. Ela estava muito pálida. — Ele era... meu sobrinho. Quer dizer, meu irmão era um monstro, mas...

— Ash me salvou — disse Emma. — Ele salvou minha vida. E disse que o fez porque gostou de alguma coisa que eu falei sobre você. Mas ele não veio porque queria ficar em Thule. Nos oferecemos para trazê-lo de volta. Ele não quis vir.

Clary exibiu um sorriso duro, seus olhos brilhando com lágrimas.

— Obrigada.

— Certo, vamos falar da parte importante. — Magnus se voltou para Alec com um olhar furioso. — Você *se matou*? Por que faria isso?

Alec ficou espantado.

— Não era eu — observou ele. — É um universo paralelo, Magnus!

Magnus agarrou a camisa de Alec.

— Se eu morrer, você não está autorizado a fazer *nada* parecido! Quem cuidaria dos nossos filhos? Como você pôde fazer isso com eles?

— Nós não tivemos filhos naquele mundo! — protestou Alec.

— Onde *estão* Rafe e Max? — cochichou Emma para Cristina.

— Simon e Isabelle estão cuidando deles em Nova York. Alec confere todo dia para saber se Max está ficando doente, mas ele parece bem até o momento — sussurrou Cristina de volta.

— Você *não tem autorização* para se machucar, de jeito nenhum — disse Magnus, com a voz áspera. — Está entendendo, Alexander?

— Eu jamais faria isso — respondeu Alec suavemente, acariciando a bochecha de Magnus. Magnus aninhou a mão de Alec contra o seu rosto. — Nunca.

Todos desviaram os olhares, permitindo que Magnus e Alec tivessem seu momento de privacidade.

— Entendo por que você me arranhou quando tentei te levantar — disse Jace a Emma. Seus olhos dourados estavam escuros, com um pesar que ela mal conseguia compreender. — Quando você atravessou o Portal. Estava caída no chão e eu... você estava sangrando, e eu achei que devesse te levar até a enfermaria, mas você me arranhou e gritou como se eu fosse um monstro.

— Eu não me lembro disso — falou Emma honestamente. — Jace, eu sei que você é completamente diferente *dele*, mesmo que ele se parecesse com você. Você não pode se sentir mal ou responsável por uma coisa feita por alguém que não é você. — Ela virou para olhar para o restante do pessoal. — As versões de nós em Thule não somos nós — acrescentou. — Se pensarem neles como cópias de vocês, vão enlouquecer.

— Aquela Livvy — disse Ty. — Ela não é a minha. Não é minha Livvy.

Kit direcionou a ele um olhar breve e espantado. Os outros Blackthorn pareciam confusos, mas, embora Julian tivesse levantado a mão e a abaixado em seguida, como se prestes a protestar, ninguém falou nada.

Talvez *fosse* melhor para Ty saber e entender que a Livvy de Thule não era a mesma que ele perdera. Mesmo assim, Emma pensou na carta, agora em seu bolso, e sentiu seu peso como se fosse de ferro, e não de papel e tinta.

— É horrível pensar que possa haver tanta escuridão tão perto do nosso mundo — disse Mark com a voz baixa. — Que evitamos esse futuro por tão pouco.

— Não foi simplesmente acaso, Mark — disse Helen. — Foi porque tínhamos Clary, Jace, porque tivemos pessoas boas trabalhando juntas para resolver as coisas.

— Temos pessoas boas agora — disse Magnus. — No passado, eu já vi gente boa cair e fracassar.

— Magnus, você e Alec vieram para cá porque acharam que poderiam descobrir como curá-lo — começou Helen.

— Porque Catarina nos disse — corrigiu Magnus. — Acredite, em circunstâncias normais, eu não apareço simplesmente na Califórnia em nome da minha saúde.

— Não há nada de normal em nada disso — disse Emma.

— Por favor — interveio Helen. — Sei que foi uma história horrível, e estamos todos chateados, mas temos que nos concentrar.

— Espere um segundo — disse Magnus. — Isso quer dizer que Max está se transformando num pequeno demônio? Sabe em quantas listas de espera de creches ele está? Ele nunca vai conseguir entrar na escolinha Casinha Vermelha agora.

Aline jogou um abajur. Ninguém esperava, e o resultado foi espetacular: estilhaçou contra uma das janelas, e pedaços de cerâmica voaram por todos os lados.

Ela se levantou, limpando as mãos.

— Todos vocês, QUIETOS E ESCUTEM A MINHA ESPOSA — berrou ela. — Magnus, eu sei que você faz piadas quando está assustado. Eu me lembro de Roma. — Ela lançou a ele um sorriso surpreendentemente doce. — Mas temos que nos concentrar. — Ela se virou para Helen. — Pode falar, meu amor. Você está indo muito bem.

Helen se recostou e cruzou as mãos.

— Ela definitivamente é esquentada — sussurrou Emma para Cristina. — Eu gosto.

— Lembre-me de te contar sobre a fritada — Cristina sussurrou de volta.

— O importante aqui — disse Helen — é a Praga. Não percebemos o quanto era relevante, que as áreas afetadas vão se tornar entradas para demônios. Que nossos feiticeiros — ela olhou para Magnus — vão se *transformar* em demônios. Temos que fechar essas entradas e destruir a Praga, e não podemos esperar nenhuma ajuda de Idris.

— Por quê? — perguntou Julian. — O que está acontecendo? E Jia?

— Está em prisão domiciliar em Idris — respondeu Aline sombriamente. — Horace alega que a viu se reunindo com fadas em Brocelind. Ela e Diana foram presas juntas, mas Diana escapou.

— Diana nos contou parte da história — disse Clary. — Depois que ela escapou de Idris, Gwyn a trouxe até aqui e ela nos contou sobre o que aconteceu em Alicante.

— Por que ela não está aqui mais? — perguntou Emma. — Por que ela foi embora?

— Vejam isto. — Mark colocou um pedaço de papel sobre a mesa; Julian e Emma se inclinaram para ler.

Era um recado da Clave. Dizia que Diana Wrayburn estava desaparecida, e acreditavam que sob influência de fadas. Todos os Institutos deveriam ficar atentos, pelo bem dela, e alertar o Inquisidor assim que ela fosse vista.

— Tudo bobagem — disse Aline. — Meu pai disse que eles têm medo da influência de Diana e que não quiseram simplesmente acusá-la de traição. Estão até mentindo sobre o que aconteceu com o Inquisidor. Alegam que ele perdeu o braço numa batalha contra seres do Submundo quando eles estavam fugindo de Idris.

— O *braço*? — ecoou Emma, espantada.

— Diana decepou o braço do Inquisidor — explicou Jace.

Emma esbarrou no copo de água.

— Ela fez o *quê*?

— Ele estava fazendo ameaças a ela — respondeu Clary sombriamente. — Se Gwyn não estivesse lá para tirá-la de Alicante, não sei o que teria acontecido.

— Foi incrível — disse Jace.

— Bem, que bom para ela — falou Emma. — Isso definitivamente pede uma tapeçaria grande qualquer dia desses.

— Cinquenta pratas que o Inquisidor vai desenvolver um braço robótico de alta tecnologia que atira raios laser — disse Kit. Todo mundo olhou para ele. — Sempre acontece isso nos filmes — explicou.

— Somos Caçadores de Sombras — lembrou Julian. — Não temos nada de high-tech.

Ele se encostou na cadeira. Emma notou as ataduras sob as mangas quando ele se mexeu.

VOCÊ ESTÁ NA JAULA.

Ela estremeceu.

— Queríamos que Diana ficasse aqui conosco, mas ela achou que isso nos tornaria alvos — falou Helen. — Ela foi se esconder com Gwyn, mas deve dar notícias dentro de alguns dias.

Emma torcia secretamente para que Diana e Gwyn estivessem tendo um momento romântico numa copa de árvore ou coisa do tipo. Diana merecia.

— É tudo tão horrível — disse Alec. — O registro dos seres do Submundo está quase completo, obviamente, com notáveis exceções. — Ele apontou Helen e Aline.

— Alguns membros do Submundo conseguiram escapar do registro, inclusive

*moi* — disse Magnus. — Alec ameaçou me matar se eu sequer cogitasse colocar meu nome numa lista sinistra de indesejáveis da Tropa.

— Não houve ameaça de fato — disse Alec, caso alguém estivesse se perguntando a respeito.

— Bem, todos os membros do Submundo foram retirados de Idris, inclusive os professores da Academia dos Caçadores de Sombras — disse Mark.

— Estão correndo muitos boatos entre os membros do Submundo sobre ataques surpresas de Caçadores de Sombras. Como nos velhos tempos tenebrosos que antecederam os Acordos — falou Magnus.

— As Irmãs de Ferro cortaram as comunicações com a Tropa — disse Aline. — Os Irmãos do Silêncio ainda não se pronunciaram, mas houve uma declaração das Irmãs de Ferro de que elas não aceitavam a autoridade de Horace. Horace está furioso e não para de persegui-las, principalmente porque elas estão com os cacos da Espada Mortal.

— Tem mais — falou Cristina. — Diego, Divya e Rayan foram presos, juntamente a muitos outros. — Sua voz estava esgotada.

— Estão prendendo todos que discordam deles — disse Aline.

Com a voz pequena, Dru disse:

— Jaime foi tentar salvar o irmão, mas acabou na cadeia também. Soubemos por Patrick Penhallow.

Emma olhou para Cristina, que estava mordendo o lábio, insatisfeita.

— Considerando que não temos ajuda da Clave, e talvez até oposição ativa, o que faremos? — perguntou Julian.

— Faremos o que Tessa disse para fazer em Thule — respondeu Magnus. — Eu confio nela; sempre confiei. Assim como você confiou em Livvy quando a encontrou em Thule. Podem não ser cópias exatas de nós, essas versões alternativas, mas também não são tão diferentes assim.

— Então jogamos um pouco de água do Lago Lyn nas áreas afetadas e guardamos um pouco para curar os feiticeiros — disse Helen. — O grande problema é chegarmos ao Lago Lyn passando pelos guardas da Tropa, que estão por toda a Idris. E também vai ser um problema sair de lá...

— Eu faço isso — ofereceu-se Magnus, sentando. O cobertor caiu em volta dele. — Eu vou...

— Não — afirmou Alec duramente. — Você não vai se arriscar, Magnus, não nesse estado.

Magnus fez menção de protestar. Clary se apoiou sobre a mesa, seus olhos suplicantes.

— Por favor, Magnus. Você nos ajudou tantas vezes. Agora deixa a gente ajudar.

— Como? — perguntou Magnus, rouco.

Jace se levantou.

— Nós vamos até Idris.

Clary também se levantou; ela só alcançou o bíceps de Jace, mas sua determinação era clara.

— Eu posso criar Portais. Não podemos entrar em Alicante, mas não precisamos: basta Idris. Vamos até o Lago Lyn, depois Brocelind, e voltaremos o mais rápido possível. Iremos quantas vezes precisarmos para trazer água o suficiente.

— Há guardas patrulhando por toda a Idris — lembrou Helen. — Vocês vão ter que estar armados e preparados.

— Então vamos começar a nos armar agora. — Jace deu uma piscadela para Magnus. — Prepare-se para receber ajuda, feiticeiro, quer queira, quer não.

— Não — resmungou Magnus, cedendo ao cobertor, mas estava sorrindo. E o olhar que Alec lançou a Jace e Clary foi mais eloquente do que qualquer discurso.

— Esperem. — Aline levantou a mão. Ela estava remexendo numa pilha de papéis na mesa. — Eu tenho as agendas das patrulhas aqui. Estão fazendo varredura em diferentes locais em Idris para se certificarem de que estão “livres” de gente do Submundo. — Ela disse as palavras com desgosto. — Vão cuidar do Lago Lyn hoje durante o dia e durante a noite. — Ela levantou o olhar. — Vocês não podem ir agora.

— Nós damos conta de lidar com alguns guardas — falou Jace.

— Não — disse Magnus. — É perigoso demais. Vocês dão conta de dez ou vinte guardas, mas vão ser cinquenta ou cem...

— Cem — comentou Helen, olhando por cima do ombro de Aline. — No mínimo.

— Não vou deixar que se arrisquem — disse Magnus. — Vou me esgotar usando minha mágica para trazê-los de volta.

— *Magnus*. — Clary pareceu estarecida.

— O que a agenda diz? — perguntou Julian. — Quando eles podem ir?

— Amanhã, ao amanhecer — respondeu Aline. — Até lá, já devem ter dispersado. — Ela repousou os papéis. — Sei que não é o ideal, mas é o que precisamos fazer. Passaremos o dia de hoje arrumando as coisas e preparando o grupo. Para assegurar que tudo funcione sem erro.

Houve um burburinho generalizado enquanto todos se ofereciam para ajudar, cada um reivindicando uma responsabilidade ou outra: Emma e Cristina iam conversar com Catarina sobre a possível cura, Mark e Julian iam estudar mapas de Brocelind para localizar as áreas afetadas, Clary e Jace iam reunir armas e

apetrechos, e Helen e Aline iam tentar descobrir exatamente quando a patrulha se deslocaria do Lago Lyn para a Floresta Brocelind. Ty e Kit, enquanto isso, iam começar a preparar listas de feiticeiros locais que pudessem precisar da água quando ela chegasse.

Enquanto todos juntavam suas coisas, Ty foi até o canto onde Tavvy estava brincando e se ajoelhou para entregar um trenzinho a ele. Na confusão, Emma foi atrás dele. Aparentemente Ty oferecia o trem em troca dos fones.

— Ty — disse Emma, se abaixando. Tavvy estava ocupado revirando os trenzinhos. — Tenho que te dar uma coisa.

— Que tipo de coisa? — Ele pareceu confuso.

Ela hesitou e então tirou o envelope do bolso.

— É uma carta — explicou. — Da Livvy da outra dimensão, de Thule. Falamos sobre você, e ela quis escrever uma coisa para você ler. Eu não li — acrescentou. — É só para você.

Ty se levantou. Gracioso como um pássaro, e tão leve e frágil quanto.

— Ela não é a minha Livvy.

— Eu sei — concordou Emma. Ela não conseguia parar de olhar para as mãos dele: as juntas estavam vermelhas e em carne viva. O Julian dela já teria notado isso e estaria movendo céus e terras para descobrir o que tinha acontecido. — E você não precisa ler. Mas é sua, e acho que deve ficar com você. — Ela pausou. — Afinal de contas, veio de muito longe.

Um olhar indecifrável passou pelo rosto dele; mas Ty aceitou o papel, dobrou e guardou no casaco.

— Valeu — disse ele, e atravessou o recinto para se juntar a Kit na seção SUBMUNDO: FEITICEIROS, onde Kit lutava para carregar diversos livros pesados.

— Não. — Emma ouviu Cristina dizer, e olhou em volta, surpresa. Não estava vendo Cristina em lugar nenhum, mas definitivamente tinha sido a voz dela. Verificou ao redor; Tavvy estava absorto com seu trem e todo o restante do pessoal estava numa correria só. — Kieran, eu sei que teme por Adaon, mas você não disse uma palavra durante toda a reunião.

*Ah, céus*, pensou Emma. Então percebeu que a voz de Cristina vinha do outro lado de uma estante, e que Cristina e Kieran não faziam ideia de que ela estava ali. Se ela tentasse sair, no entanto, saberiam imediatamente.

— São políticas dos Caçadores de Sombras — disse Kieran. Havia algo na voz dele, pensou Emma. Algo diferente. — Não é algo que eu entenda. Não é a minha luta.

— É a sua luta, sim — protestou Cristina. Emma raramente a via falar com tanta convicção. — Você luta pelo que ama. Todos nós lutamos. — Ela hesitou. — Seu coração está escondido, mas eu sei que você ama Mark. Sei que ama o



Reino das Fadas. Lute por isso, Kieran.

— Cristina... — começou Kieran, mas Cristina já tinha saído às pressas; ela emergiu do outro lado da estante e imediatamente flagrou Emma. Pareceu surpresa, depois culpada, e se apressou em sair dali.

Kieran começou a segui-la, mas parou no meio do caminho para apoiar as mãos na mesa, abaixando a cabeça.

Emma começou a sair de trás da estante, torcendo para conseguir sumir sem ser detectada. Ela já deveria saber que não tinha como passar despercebida por uma fada, notou com pesar; Kieran levantou o olhar assim que seu sapato tocou o piso polido de madeira.

— Emma?

— Já estou indo embora — disse ela. — Não precisa se incomodar comigo.

— Mas eu quero me incomodar — rebateu ele, saindo de trás da mesa. Ele tinha ângulos graciosos, palidez e escuridão. Emma meio que entendia por que Cristina se sentia atraída por ele. — Compreendo que lhe causei muita dor quando foi chicoteada por Iarlath — disse ele. — Nunca desejei que isso acontecesse, mas provoquei a situação. Não posso mudar isso, mas posso oferecer meus mais sinceros arrependimentos e jurar cumprir qualquer tarefa que você me atribua.

Emma não esperava por isso.

— Qualquer tarefa? Tipo, você estaria disposto a aprender a dançar hula hula?

— Isso é uma tortura de vocês? — perguntou Kieran. — Então sim, eu me submeteria a isso, por você.

Com pesar, Emma ignorou a imagem de Kieran com uma saia de hula hula.

— Você lutou ao nosso lado na Corte Unseelie — disse ela. — Trouxe Mark e Cristina em segurança, e eles significam tudo para mim. Você se provou um verdadeiro amigo, Kieran. Tem o meu perdão e não precisa fazer mais nada para merecê-lo.

Ele ruborizou, o toque de cor aquecendo suas bochechas pálidas.

— Não é isso que uma fada diria.

— É o que eu digo — falou Emma alegremente.

Kieran marchou em direção à porta, onde pausou e se virou para ela.

— Eu sei que Cristina ama você, e entendo o porquê disso. Se você tivesse nascido fada, seria uma grande cavaleira da Corte. Você é uma das pessoas mais corajosas que já conheci.

Emma gaguejou um agradecimento, mas Kieran já tinha saído, como uma sombra se fundindo à floresta. Ela ficou olhando para o rastro dele, finalmente compreendendo o tom usado por ele ao mencionar o nome de Cristina, como se

fosse um tormento que ele adorava: ela nunca o tinha ouvido dizer nenhum nome que não o de Mark daquele jeito.

— Você quer conversar alguma coisa comigo? — perguntou Magnus enquanto Julian se preparava para deixar a biblioteca.

Ele achou que Magnus estivesse dormindo — o feiticeiro estava recostado no sofá, com os olhos fechados. Ostentava olheiras, daquelas que vinham após muitas noites insones.

— *Não*. — Julian ficou inteiramente tenso. Pensou nas palavras cortadas na pele de seu braço. Sabia que se as mostrasse a Magnus, o feiticeiro iria querer retirar o feitiço imediatamente, e Magnus estava fraco demais para isso. O esforço poderia matá-lo.

Ele também sabia que sua reação ao pensar na morte de Magnus era indevida e errada. Era fraca, insípida. Ele não queria que Magnus morresse, mas sabia que deveria sentir mais do que um *não querer*, assim como deveria ter sentido mais do que um simples alívio ao se reunir com seus irmãos.

E sabia que deveria ter sentido mais ao rever Emma. Foi como se um espaço branco de nada tivesse sido cortado em torno dela, e quando ele adentrou, tudo tivesse se esvaziado igualmente. Era difícil até falar. Estava pior do que antes, pensou ele. De algum modo, suas emoções estavam mais sufocadas do que antes de Thule.

Ele sentia desespero, mas também estava entediado e distante. E aquilo o fazia querer meter a mão na lâmina de uma faca só para sentir alguma coisa.

— Suponho que não — respondeu Magnus. — Considerando que você provavelmente não sente muita coisa. — Seus olhos felinos brilharam. — Eu não deveria ter jogado aquele feitiço em você. Estou arrependido.

— Não — disse Julian, e não sabia ao certo se queria dizer *não diga isso*, ou *não se arrependa*. Suas emoções estavam distantes demais para que ele as alcançasse. Ele só sabia que queria parar de falar com Magnus agora, e então saiu para o corredor, tenso e sem fôlego.

— Jules! — Julian se virou e viu Ty vindo em sua direção pelo corredor. A parte distante dele dizia que Ty estava... diferente. Sua mente tentava agarrar as palavras “machucado/ferido/frágil” e não conseguia segurá-las. — Posso falar com você?

*Torto*, pensou Julian. *Ele parece atípico para Ty*. Parou de tentar encontrar palavras e acompanhou o irmão até um dos quartos vagos, e então Ty fechou a porta atrás deles e abraçou Julian sem qualquer aviso.

Foi horrível.

Não porque ser abraçado por Ty fosse horrível. Era bom, até onde Julian conseguia sentir que era bom: seu cérebro dizia *é seu sangue, sua família*, e seus braços levantaram automaticamente para retribuir o gesto. Seu irmão era frágil em seus braços, os cabelos macios e os ossos afiados, como se ele fosse feito de conchas e pétalas de dente-de-leão costuradas com uma seda fina.

— Que bom que está de volta — disse Ty com a voz abafada. Ele estava com a cabeça apoiada no ombro de Julian, e os fones tinham se inclinado para o lado. Ty esticou o braço automaticamente para ajustá-los. — Tive medo de que nunca mais fôssemos nos reencontrar.

— Mas cá estamos — respondeu Julian.

Ty recuou um pouco, agarrando a frente do casaco de Julian.

— Quero que saiba que lamento muito — disse ele, num rompante típico de alguém que vinha praticando o discurso havia muito tempo. — No enterro de Livvy, eu subi na pira e você cortou a mão quando foi atrás de mim, e eu achei que você tivesse ido embora por não querer lidar comigo.

Alguma coisa na mente de Julian estava gritando. Gritando que ele amava o irmão mais do que quase tudo no mundo. Gritando que Ty raramente se abria assim, raramente iniciava contato físico com Julian assim. Um Julian que parecia muito distante lutava desesperadamente, querendo reagir da forma certa, querendo dar a Ty o necessário para se recuperar da morte de Livvy, e não se destruir ou se perder.

Mas era como bater em vidro à prova de som. O Julian que ele era agora não escutava. O silêncio de seu coração era quase tão profundo quanto o silêncio que ele sentia ao redor de Emma.

— Não é isso — disse ele. — Quero dizer, não foi isso. Fomos por causa do Inquisidor. — O Julian distante estava machucando as mãos de tanto esmurrar o vidro. Este Julian lutava para encontrar palavras, e disse: — Não é culpa sua.

— Tudo bem — respondeu Ty. — Eu tenho um plano. Um plano para consertar tudo.

— Ótimo — falou Julian, e Ty pareceu surpreso, mas o outro não percebeu. Estava se esforçando demais para se controlar, para tentar achar as palavras certas, o sentimento das palavras para dizê-las a Ty, que achava que Julian tinha ido embora porque estava com raiva. — Tenho certeza de que você tem um plano bom. Eu confio em você.

Julian soltou o irmão e seguiu para a porta. Era melhor encerrar a conversa do que correr o risco de falar alguma coisa errada. Ele ficaria bem assim que se livrasse do feitiço. Então poderia conversar com Ty.

— Jules...? — começou Ty. Ele estava parado, inseguro, perto do braço do sofá, brincando com o fio dos fones. — Você quer saber...?

— É ótimo que você esteja melhor, Ty — disse Julian, sem olhar para o rosto dele, para suas mãos eloquentes.

Foram apenas alguns segundos, mas quando Julian chegou ao corredor, estava arfando, como se tivesse escapado de um monstro.

## 23

### Sugere a Brisa

Diego estava começando a ficar seriamente preocupado com Jaime.

Era difícil saber há quantos dias os irmãos estavam presos no Gard. Só conseguiam ouvir murmúrios das outras celas: as paredes grossas de pedra abafavam o som deliberadamente a fim de prevenir a comunicação entre os prisioneiros. Também não tinham voltado a ver Zara. As únicas pessoas que vinham até a cela eram os guardas que traziam refeições vez ou outra.

Às vezes Diego implorava aos guardas — vestidos com o azul-escuro e o dourado dos Vigias do Gard — que trouxessem uma estela ou remédios para seu irmão, mas eles sempre os ignoravam. Pensou amargamente no quanto era típico de Dearborn se certificar de que os homens do Gard fossem subordinados à causa da Tropa.

Jaime se mexia, inquieto, sobre a pilha de roupas e palha que Diego tinha conseguido improvisar como cama. Ele doara o próprio casaco e estava tremendo sob a camisa leve. Mesmo assim, gostaria de poder fazer mais. Jaime estava corado, com a pele retesada e brilhando de febre.

— Eu juro que a vi ontem à noite — resmungou ele.

— Quem? — perguntou Diego. Ele estava de costas para a parede de pedra, próximo o suficiente para tocar o irmão caso Jaime precisasse dele. — Zara?

Jaime estava de olhos fechados.

— A Consulesa. Ela estava com a túnica. Ela me olhou e balançou a cabeça. Como se achasse que eu não deveria estar aqui.

*Você não deveria mesmo. Mal completou dezessete anos.* Diego fez o que pôde para limpar Jaime depois que Zara o jogou na cela. A maior parte de seus ferimentos eram cortes rasos, e ele estava com dois dedos quebrados — mas tinha um corte fundo e perigoso no ombro. Ao longo dos últimos dias, o local

tinha inchado e avermelhado. Diego se sentia impotentemente furioso — Caçadores de Sombras não morriam de infecções. Eram curados por *iratzes* ou morriam na batalha, totalmente gloriosos. Não assim, de febre, numa cama de retalhos e palha.

Jaime deu seu sorriso torto.

— Não sinta pena de mim — disse. — Você é que se deu mal. Eu pude correr o mundo todo com a *Eternidad*. Você teve que seduzir Zara.

— Jaime...

Jaime tossiu, fraco.

— Espero que tenha usado uma das suas famosas táticas Diego Rosales, como ganhar um bicho de pelúcia gigante para ela num parque de diversões.

— Jaime, precisamos falar sério.

Jaime abriu os olhos escuros e grandes.

— Meu último desejo é não falarmos sério.

Diego se sentou, furioso.

— Você não vai morrer! E precisamos falar sobre Cristina.

Isso chamou a atenção de Jaime. Ele se esforçou para sentar.

— Eu *tenho* pensado em Cristina. Zara não sabe que ela está com a *Eternidad*, a relíquia, e não há motivo para que algum dia saiba.

— Podemos tentar achar uma forma de alertar Cristina. De dizer a ela para abandonar a relíquia em algum lugar, entregar a alguém, isso daria uma vantagem a ela...

— Não. — Os olhos de Jaime brilhavam febris. — De jeito nenhum. Se contássemos a Zara que está com Cristina, ela torturaria Cristina para obter a informação, exatamente como fez comigo. Mesmo que a relíquia tivesse sido jogada nas profundezas do oceano, Zara não se importaria; ela torturaria Cristina ainda assim. Zara não pode saber com quem está.

— E se disséssemos a Cristina para entregar para Zara? — sugeriu Diego lentamente.

— Não podemos. Você realmente gostaria que a Tropa pusesse as mãos nela? Nem a gente entende tudo que ela faz. — Ele esticou o braço e com a mão febril tocou a de Diego. Seus dedos pareciam tão frágeis quanto quando ele tinha dez anos de idade. — Vai ficar tudo bem — disse. — Por favor. Não faça nenhuma dessas coisas por mim.

Houve um tinido quando Zara apareceu no corredor, seguida pela figura corcunda de Anush Joshi. Cortana brilhava em seu quadril. Aquela visão irritou Diego: uma lâmina como Cortana deveria ser carregada junto às costas. Zara se importava mais com a exibição da espada do que com a posse em si de uma arma tão especial.

Anush trazia uma bandeja com duas vasilhas da gororoba habitual. Ajoelhando, ele passou a bandeja por baixo da cela.

*Como uma pessoa tão maravilhosa quanto Divya pode ter um primo tão terrível?*, pensou Diego.

— Isso mesmo, Anush — disse Zara, rondando o companheiro. — Esse é o seu castigo por nos abandonar na floresta: trazer gororoba para nossos piores e mais fedorentos prisioneiros. — Ela fez uma careta para Diego. — Seu irmão não me parece muito bem. Febril, eu acho. Já mudou de ideia?

— Ninguém mudou de ideia, Zara — provocou Jaime.

Zara o ignorou, olhando para Diego. Ele poderia contar o que ela queria saber e trocar a segurança de Jaime pela relíquia. Aquele instinto de irmão mais velho dele, que sempre protegia Jaime, o deixava tentado a fazer isso.

Mas, estranhamente, naquele momento, ele se lembrou de Kieran falando: *Você decide que vai encontrar uma solução quando chegar a hora, mas quando o pior acontece, você se descobre despreparado.*

Ele podia salvar Jaime, mas conhecia Zara o suficiente para saber que isso não significaria a liberdade de ambos.

Se a Tropa conseguisse o que queria, ninguém mais seria livre.

— Jaime está certo — falou Diego. — Ninguém mudou de ideia.

Zara revirou os olhos.

— Tudo bem. Até mais tarde.

Ela saiu marchando, com Anush correndo feito uma sombra desgarrada atrás dela.

Emma sentou ao lado de Cristina à mesa do escritório e assimilou a vista. As paredes eram de vidro, e através delas dava para ver o mar de um lado e as montanhas do outro. Parecia que as cores do mundo tinham sido restauradas para ela, após a escuridão de Thule. O mar parecia entoar tons azuis, prateados, dourados e verdes. O deserto também brilhava em verde vivo e fosco, em areia e sujeira terracota, e havia sombras roxas escuras entre as colinas.

Cristina sacou um pequeno frasco do bolso, feito de vidro grosso azul. Tirou a tampa e o ergueu para a luz.

Nada aconteceu. Emma olhou Cristina de soslaio.

— Sempre leva um tempo — falou Cristina, tranquilizando-a.

— Eu te ouvi na Corte Unseelie — disse Emma. — Você disse que não eram as Linhas Ley, que era a Praga. Você descobriu, não descobriu? O que está causando a doença dos feiticeiros?

Cristina girou o frasco.

— Eu desconfiava, mas não tinha certeza absoluta. Eu sabia que a Praga em Brocelind era a mesma do Reino das Fadas, mas quando percebi que ambas eram provocadas pelo Rei, que ele *queria* envenenar o nosso mundo, percebi que este poderia ser o problema afetando os feiticeiros.

— E Catarina sabe?

— Eu contei a ela quando voltamos. Ela disse que ia averiguar...

Começou a sair fumaça do frasco, cinza-esbranquiçada e opaca. Lentamente, foi formando uma cena ligeiramente distorcida, trêmula na região periférica. Logo elas estavam olhando para Tessa num vestido azul largo, uma parede de pedra visível atrás dela.

— Tessa? — indagou Emma.

— Tessa! — confirmou Cristina. — Catarina está aí também?

Tessa tentava sorrir, mas o sorriso oscilava.

— Ontem à noite Catarina caiu num sono do qual não conseguimos despertá-la. Ela está... muito doente.

Cristina murmurou em solidariedade. Emma não conseguia parar de encarar Tessa. Ela parecia tão diferente — nem mais velha nem mais nova, porém mais viva. Ela não tinha se dado conta do quanto as emoções da Tessa de Thule pareciam mortas, como se há muito ela tivesse desistido de sentir qualquer coisa.

E esta Tessa, lembrou-se Emma, estava grávida. Ainda não era visível, mas enquanto falava Tessa estava com a mão sobre a barriga, ligeiramente protetora.

— Antes de Catarina perder a consciência — começou Tessa —, ela me disse que achava que Cristina estava certa quanto à Praga. Temos algumas amostras aqui, e temos analisado o material, mas temo que será tarde demais para salvarmos Magnus e Catarina, e tantos outros. — Seus olhos brilhavam com lágrimas.

Emma se levantou para confortá-la.

— Acho que talvez tenhamos a resposta — disse, e contou novamente sua história, concluindo com o encontro com Tessa na caverna. Não parecia haver motivo para contar a ela o que acontecera depois.

— *Eu* te disse isso? — Tessa parecia chocada. — Uma versão de mim que você encontrou em outro mundo?

— Sei que parece difícil de acreditar. Você estava morando naquela caverna, aquela grande perto da Praia da Escadaria. E Church estava com você.

— Soa plausível. — Tessa parecia tonta. — Qual é o plano? Eu posso ajudar, apesar de haver poucos outros feiticeiros com saúde o suficiente para se juntarem a mim...

— Não, tudo bem — disse Cristina. — Jace e Clary vão.

Tessa franziu o rosto.



— Isso parece perigoso.

— Aline encontrou um horário amanhã no qual ela acha que não vai haver guardas no Lago Lyn — explicou Cristina. — Eles vão ao amanhecer.

— Suponho que o perigo nunca possa ser evitado pelos Nephilim — disse Tessa. Olhou para Cristina. — Eu e Emma podemos conversar a sós por um instante, por favor?

Cristina piscou, surpresa, em seguida se levantou da mesa.

— Tudo bem. — Ela deu uma batidinha carinhosa no ombro de Emma antes de sair, e logo Emma estava a sós no escritório com uma Tessa esvoaçada, porém determinada.

— Emma — disse Tessa assim que a porta se fechou atrás de Cristina. — Queria conversar com você sobre Kit Herondale.

Kit caminhava cuidadosamente pela areia, os tênis já estavam molhados nos pontos em que a correnteza o pegara desprevenido.

Era a primeira vez que ia até a praia perto do Instituto sem Ty. Estava quase se sentindo culpado, mas quando dissera a Ty que ia dar uma volta, o garoto simplesmente assentira e respondera que o veria mais tarde — Kit sabia que Ty queria falar com Julian, e não queria interromper.

Havia algo de tranquilo naquele lugar, onde o mar encontrava a costa. Kit aprendera havia muito no Mercado das Sombras que havia espaços “intermediários” no mundo nos quais era mais fácil realizar certos tipos de magia: no meio de pontes, em cavernas entre a terra e o subterrâneo, nas fronteiras entre as Cortes Seelie e Unseelie. E no Mercado das Sombras em si, entre o Submundo e o mundano.

O ponto de quebra da maré era um lugar assim, e por isso ele se sentia em casa. E o fazia se lembrar de uma velha canção que alguém um dia entoara para ele. Provavelmente seu pai, embora ele se lembrasse de ouvi-la numa voz feminina.

*Diga a ele para me comprar um hectare de terra,  
Alecrim e tomilho, salsa e sálvia;  
Entre a água salgada e a areia do mar  
E ele vai ser quem vou verdadeiramente amar.*

— Essa é uma canção muito, muito antiga — disse uma voz. Kit quase caiu da pedra que estivera escalando. O céu estava muito azul e marcado por nuvens brancas, e acima dele, no cume da pedra, estava Shade. Usava um terno azul

escuro esfarrapado, com o colarinho e os punhos remendados, a pele verde era um forte contraste. — Como você a conhece?

Kit, que sequer tinha se dado conta de que estivera entoando a canção, deu de ombros. Shade havia tirado seu capuz habitual. O rosto verde carregava rugas e bom humor, os cabelos encaracolados e brancos. Pequenos chifres apontavam de suas têmporas, curvando-se para dentro como conchas. Algo nele pareceu estranho a Kit.

— Ouvi no Mercado.

— O que você está fazendo solto por aí sem sua sombra?

— Ty não é minha sombra — respondeu Kit, irritado.

— Peço desculpas. Creio que você seja a sombra dele. — Os olhos de Shade eram solenes. — Você veio me contar sobre seu progresso naquele plano estúpido para trazer a irmã dele dos mortos?

Não tinha sido esse o motivo pelo qual Kit tinha vindo, mas logo ele se flagrara contando tudo a Shade assim mesmo, sobre a volta de Emma e Julian (embora não tivesse mencionado Thule) e sobre as visitas ao Mercado das Sombras no caos que se seguira, sem que ninguém notasse que eles tinham ido. Julian, normalmente o mais perspicaz dos irmãos, estivera inconsciente, e mesmo agora ele parecia desatento e embriagado.

— Vocês se saíram melhor do que eu imaginei — disse Shade, ressentido, olhando o mar. — Mesmo assim. Conseguiram basicamente o que era fácil. Ainda tem algumas coisas que podem atrapalhar vocês.

— Parece que você quer que a gente fracasse — disse Kit.

— É lógico que quero! — vociferou Shade. — Vocês não deveriam estar se metendo com necromancia! Ninguém nunca ganha nada com isso!

Kit recuou até seus calcanhares atingirem a rebentação.

— Então *por que* você está ajudando?

— Veja, existe um motivo para eu estar aqui — disse Shade. — Sim, Hypatia me transmitiu o recado de Tiberius, mas eu já estava vindo para a caverna de qualquer jeito para ficar de olho em você.

— Em mim?

— Sim, em você. Você realmente achou que eu estava aqui ajudando com sua necromancia estúpida só de favor a Hypatia? Não somos tão próximos assim. Foi Jem que me pediu para ficar de olho em você. Por causa daquela coisa de que os Carstairs devem aos Herondale. Você sabe.

Era estranho para Kit ter alguém se preocupando com ele só por causa do seu sobrenome.

— Certo, mas por que você está nos ajudando com a parte do feitiço?

— Porque eu disse que ia protegê-lo, e vou. Seu Ty é teimoso como todo

Blackthorn, e você é mais teimoso ainda. Se eu não ajudasse, outro feiticeiro ajudaria, e alguém que não daria a mínima se vocês saíssem machucados. E não, eu não contei a ninguém sobre isso.

— Muitos dos outros feiticeiros estão doentes — disse Kit, percebendo ser esta a parte esquisita em relação a Shade. Ele não parecia nada doente.

— Pode ser que eu adoeça também, em algum momento, mas sempre haverá usuários de magia inescrupulosos... *Por que* você está me olhando todo esquisito, menino?

— Acho que eu estava pensando que você não sabe que acharam uma cura para a Praga nos feiticeiros — disse Kit. — No Instituto.

Era a primeira vez que ele via o feiticeiro parecer genuinamente surpreso.

— Os Nephilim? Encontraram uma cura para a doença dos *feiticeiros*?

Kit se lembrou da primeira noção que recebera sobre os Caçadores de Sombras. Não foram apresentados como pessoas, mas como um exército de verdadeiros crentes que se achavam melhores do que todo mundo. Como se fossem todos como Horace Dearborn e não houvesse nenhum como Julian Blackthorn ou Cristina Rosales. Ou como Alec Lightwood, que segurava pacientemente um copo de água com um canudo para que seu namorado feiticeiro doente pudesse beber.

— Sim — disse ele. — Jace e Clary vão buscar. Vou me certificar de que você também ganhe um pouco.

Shade fez uma careta e se virou para o outro lado para que Kit não notasse sua reação.

— Se você insiste — resmungou. — Mas certifique-se de que Catarina Loss ganhe primeiro, e Magnus Bane. Eu tenho algumas proteções. Ainda consigo segurar a onda mais um pouco.

— Magnus vai ser o primeiro a receber, não se preocupe — disse Kit. — Ele está no Instituto agora.

Com isso, Shade girou.

— Magnus está aqui? — Ele olhou para o Instituto, que brilhava como um castelo lendário em uma colina. — Quando ele melhorar, diga que estou na caverna da Praia da Escadaria — avisou. — Diga a ele que Ragnor disse oi.

*Ragnor Shade?* Qualquer que fosse a força responsável por abençoar as pessoas com bons nomes, bem, ela havia passado longe desse pobre coitado, pensou Kit.

Ele se virou para voltar pela trilha que levava da praia para o asfalto. A areia se estendia num crescente brilhante, a linha da maré tocada por prata.

— Christopher — disse Shade, e Kit pausou, surpreso ao som do nome pelo qual quase ninguém o chamava. — Seu pai... — começou Shade, e hesitou. —

Seu pai não era um Herondale.

Kit congelou. Naquele momento, sentiu um pânico súbito de que tudo tivesse sido um erro: ele *não era* um Caçador de Sombras, não pertencia àquele lugar, seria retirado de cena, afastado de Ty, de todo mundo...

— Sua mãe — continuou Shade. — Ela era a Herondale. E uma bem atípica. Pesquise sua mãe.

O alívio atingiu Kit como um golpe. Há algumas semanas, ele teria ficado feliz de ouvir que não era Nephilim. Agora parecia o pior destino imaginável.

— Qual era o nome dela? — perguntou. — Shade! Qual era o nome da minha mãe?

Mas o feiticeiro já tinha saltado da pedra e estava se afastando; o ruído das ondas e da maré engoliu as palavras de Kit, e Shade não se virou de novo.

Bonecas assassinas, lenhadores sinistros, espíritos sem olhos, e cemitérios cheios de névoa. Dru teria listado todas estas coisas como suas preferidas no filme *O Asilo do Terror*, mas Kieran não parecia muito interessado. Ele estava esticado do outro lado do sofá, encarando o nada melancolicamente, mesmo quando as pessoas da tela começaram a gritar.

— Esta é a minha parte preferida — disse Dru, parte de sua mente concentrada em mastigar a pipoca, e outra parte se perguntando se Kieran estaria se imaginando em algum lugar diferente, mais tranquilo, talvez uma praia. Ela não sabia exatamente como ficara a cargo dele depois da reunião, só sabia que eles eram os únicos que não tinham recebido nenhuma tarefa. Ela escapara para a salinha, e logo depois Kieran aparecera, se jogando no sofá e pegando um calendário de gatinhos que alguém (tudo bem, ela) havia deixado por ali. — A parte que ele pisa nos bonecos de vodu e explode em sangue e...

— Essa forma de marcar a passagem do tempo é uma maravilha — disse Kieran. — Quando você acaba um gatinho, tem outro. Quando chega o solstício de inverno seguinte, você terá visto doze gatinhos! Um deles dentro de um copo!

— Em dezembro tem três gatinhos numa cesta — disse Dru. — Mas você deveria ver o filme...

Kieran repousou o calendário e olhou para a tela, confuso. Em seguida suspirou.

— Eu simplesmente não entendo — começou. — Eu amo os dois, mas parece que eles não conseguem entender isso. Como se fosse um tormento ou um insulto.

Dru emudeceu o áudio do filme e repousou o controle. Finalmente, pensou, alguém estava conversando com ela como se ela fosse adulta. Era verdade, a

postura de Kieran não estava fazendo muito sentido, mas mesmo assim.

— Caçadores de Sombras são lerdos no amor — disse ela —, mas quando a gente ama, ama para sempre.

Era algo que ela se recordava de Helen ter dito certa vez, ao se casar.

Kieran piscou e focou nela, como se Dru tivesse dito algo inteligente.

— Sim — concordou ele. — Sim, é verdade. Tenho que confiar no amor de Mark. Mas Cristina... ela nunca disse que me ama. E os dois parecem tão distantes agora.

— Todo mundo parece distante agora — disse Dru, pensando no quão solitários tinham sido os últimos dias. — Mas é porque estão preocupados. Quando se preocupam, eles se fecham e às vezes se esquecem de que você está perto. — Ela olhou para a pipoca. — Mas isso não significa que não se importam.

Kieran apoiou um cotovelo no joelho.

— Então o que eu faço, Drusilla?

— Hum... Não deixe de verbalizar o que quer, ou nunca vai conseguir.

— Você é muito sábia — falou Kieran solenemente.

— Bem — respondeu Dru. — Eu li isso numa caneca.

— As canecas deste mundo são muito sábias. — Dru não tinha certeza se Kieran estava sorrindo ou não, mas pela forma como sentou e cruzou os braços, ela teve a impressão de que ele não tinha mais perguntas. Ela aumentou novamente o volume da TV.

Emma removeu as tachinhas, retirando cuidadosamente o barbante de cores diferentes, os velhos recortes de jornal, as fotos que já estavam com as beiradas deformadas. Cada item representando uma pista, ou o que ela acreditava ser uma pista, para o segredo das mortes de seus pais: quem matara os dois? Por que morreram daquele jeito?

Agora Emma conhecia as respostas. Há algum tempo havia perguntado a Julian o que fazer com todas as provas que reunira, mas ele se limitara a dizer que a decisão era dela. Ele sempre chamara aquilo de Mural da Loucura, mas de muitas maneiras Emma considerava o seu mural da sanidade, pois criá-lo a ajudava a conservar sua sanidade numa época em que ela se sentira um tanto desamparada, arrasada pela saudade dos pais e pela ausência da segurança fornecida pelo amor deles.

*Foi por vocês, mãe e pai, pensou ela, guardando as últimas fotos em caixas de sapatos. Agora sei o que aconteceu a vocês, e a pessoa que matou vocês está morta. Talvez isso faça alguma diferença. Talvez não. Só sei que não significa*

*que minha saudade é menor.*

Ficou imaginando se deveria falar mais. Que a vingança não tinha sido a panaceia esperada. E que na verdade agora estava com um pouco de medo da vingança: ela sabia o quanto era poderosa, o quanto podia influenciar uma pessoa. Em Thule, Emma tinha visto como a vingança de um menino raivoso e abandonado fora capaz de destruir um mundo. No entanto não servira para deixar Sebastian feliz. A vingança só fizera o Sebastian de Thule mais triste, ainda que ele estivesse conquistando tudo o que via.

Bateram à porta. Emma guardou as caixas no armário e foi abrir. Para sua surpresa, era Julian. Ela achou que ele estaria lá embaixo com os outros. Tinham feito um grande jantar na biblioteca — pediram comida tailandesa — e todo mundo comparecera, contando histórias e fazendo piadas, Magnus cochilando suavemente no colo de Alec, os dois espalhados pelo sofá. Era quase como se ao amanhecer Jace e Clary não fossem precisar partir em uma missão perigosa. Mas essa era a vida dos Caçadores de Sombras: sempre havia missões, sempre havia um amanhecer perigoso.

Emma bem que quisera estar com eles, mas doía ficar perto de Julian e de outras pessoas quando ele estava assim. Doía olhar para ele, e esconder o que ela sabia, e ficar imaginando se mais alguém estaria notando, e caso notassem, o que achariam.

Julian foi se apoiar no parapeito da janela. As estrelas estavam surgindo, salpicando o céu com pontos de luz.

— Acho que fiz besteira com Ty — disse ele. — Ele queria conversar e acho que não reagi da forma certa.

Emma esfregou os joelhos. Usava uma camisola verde antiga que fazia as vezes de vestido.

— Sobre o que ele queria conversar com você?

Alguns cachos cor de chocolate caíam sobre a testa de Julian. Ele ainda era lindo, pensou Emma. Não fazia nenhuma diferença o que ela *sabia*; doía ver as mãos de pintor dele, fortes e articuladas, a escuridão macia de seus cabelos, o arco de cupido de seu lábio, a tonalidade dos olhos. A forma como ele se movimentava, sua graça artística, tudo nele que sussurrava *Julian* para ela.

— Eu não sei — disse ele. — Eu não entendi. Eu *teria* entendido, sei que teria, se não fosse o feitiço.

— Você subiu naquela pira atrás dele — falou ela.

— Eu sei, eu te disse, foi como um instinto de sobrevivência, uma coisa que não consegui controlar. Mas isso não é uma questão de vida ou morte. Tem a ver com emoções. E minha mente não processa.

*Emoções podem ser questões de vida ou morte.* Emma apontou para o

armário.

— Sabe por que tirei aquilo tudo?

Julian franziu a testa.

— Porque já acabou — disse ele. — Você descobriu quem matou seus pais. Não precisa daquilo mais.

— Sim e não, acho.

— Se tudo correr bem, com sorte Magnus vai poder me livrar do feitiço amanhã ou depois — disse Julian. — Depende da velocidade da cura.

— Você já poderia ter conversado com ele sobre isso — disse Emma, indo para o lado de Julian. Aquilo fez Emma se lembrar do passado, tempos melhores, quando os dois sentavam no parapeito e liam, ou Julian ficava desenhando, caladinho e contente durante horas a fio. — Por que esperar?

— Eu não posso contar tudo para ele — disse Julian. — Não posso mostrar o que escrevi no meu braço, ele ia querer tirar o feitiço agora, e não está forte o suficiente para isso. Poderia matá-lo.

Emma se virou para ele, surpresa.

— Isso é empatia, Julian. É você entendendo o que Magnus pode sentir. Isso é bom, certo?

— Talvez — respondeu ele. — Eu tenho feito uma coisa quando não sei como lidar com alguma questão emocional. Tento imaginar o que *você* faria. O que *você* levaria em conta. A conversa com Ty foi rápida demais para que eu conseguisse fazer isso, mas ajuda.

— O que *eu* faria?

— Tudo muda quando estou com você, obviamente — disse. — Não consigo pensar no que você gostaria que eu fizesse em relação a você, ou perto de você. Não consigo te enxergar pelo seu olhar. Não consigo nem *me* enxergar pelo seu olhar. — Ele tocou levemente o braço dela, onde ficava a Marca *parabatai*, contornando o desenho.

Ela via o reflexo dele na janela: outro Julian com o mesmo perfil pronunciado, os mesmos cílios sombreados.

— Você tem um talento, Emma — disse ele. — Uma bondade que faz as pessoas felizes. Você não só presume que as pessoas são capazes de oferecer o seu melhor, como também sabe que elas querem ser o melhor possível. Você presume o mesmo em relação a mim. — Emma tentava voltar a respirar. Sentir os dedos dele em sua Marca lhe causava tremores por todo o corpo. — Você acredita em mim mais do que eu acredito em mim mesmo.

Os dedos de Julian passaram pelo braço dela, até o pulso, e subiram de volta. Eram dedos leves e espertos; ele a tocava como se estivesse desenhando seu corpo, traçando os contornos da clavícula. Tocando a concavidade na base

da garganta. Deslizando pela gola do vestido, apenas roçando a curva superior dos seus seios.

Emma estremeceu. Ela seria capaz de se perder naquela sensação, ela sabia, seria capaz de se afogar nela e esquecer, seria capaz de se esconder atrás dela.

— Se você vai fazer isso — disse ela —, então deveria me beijar.

Julian a abraçou. A boca dele na dela foi quente e macia, um beijo suave se aprofundando em calor. As mãos dela percorriam o corpo dele, a sensação agora familiar: os músculos lisos sob a camiseta, a aspereza das cicatrizes, a delicadeza das omoplatas, a curvatura da coluna. Ele murmurou que ela era linda, que ele a queria, que sempre a desejara.

O coração de Emma estava quase explodindo do peito; todas as células de seu corpo diziam que este era o Julian, o seu Julian, que a pele, o gosto e a respiração eram os mesmos, e que ela o amava.

— Isso é perfeito — sussurrou ele nos lábios dela. — É assim que podemos ficar juntos sem machucar ninguém.

O corpo dela gritava para que ela não reagisse, para que deixasse rolar. Mas sua mente a traiu.

— O que você quer dizer, exatamente?

Julian a fitou, os cabelos escuros no rosto. Emma queria puxá-lo para si e cobrir sua boca com mais beijos; queria fechar os olhos e se esquecer de que havia algo errado.

Mas Emma jamais precisara fechar os olhos com Julian antes.

— São as emoções que importam, não o ato — disse ele. — Se eu não estiver apaixonado por você, podemos fazer isso, estar juntos fisicamente, e não vai fazer diferença para a maldição.

*Se eu não estiver apaixonado por você.*

Ela se afastou dele. A sensação foi de estar rasgando a própria pele, como se fosse olhar para baixo e ver sangue pingando das feridas nos pontos onde havia se separado dele.

— Não posso — falou ela. — Quando você recuperar seus sentimentos, nós dois vamos nos arrepender de termos feito isso quando você não se importava.

Ele pareceu confuso.

— Eu te quero como sempre quis. Isso não mudou.

De repente Emma se sentiu esgotada.

— Eu acredito. Você acabou de me dizer que me queria. Que eu era linda, mas não disse que me amava. E antes você sempre dizia.

Um breve brilho passou pelos olhos dele.

— Não sou a mesma pessoa. Não posso dizer que sinto coisas que não entendo.



— Bem, eu desejo a mesma pessoa — disse ela. — Quero Julian Blackthorn. O meu Julian Blackthorn.

Ele esticou o braço para tocar o rosto dela. Emma recuou, para longe — não por não gostar do seu toque, mas por gostar demais. Seu corpo não sabia a diferença entre este Julian e o Julian de quem ela necessitava.

— Então quem eu sou para você? — perguntou ele, abaixando a mão.

— Você é a pessoa que preciso proteger até o meu Julian voltar a viver dentro de você — disse ela. — Eu não quero *isto*. Quero o Julian que eu amo. Você pode estar na jaula, Jules, mas enquanto estiver, *eu estarei na jaula com você*.

A manhã chegou como sempre, com o brilho do sol e o piar irritante dos pássaros. Emma cambaleou para fora do quarto com a cabeça latejando e descobriu Cristina no corredor, na frente de sua porta. Segurava uma xícara de café e usava um belo casaco cor de pêssego com pérolas no colarinho.

Emma só tinha dormido umas três horas depois que Julian saíra, e foram três horas ruins. Quando ela fechou a porta do quarto, Cristina se sobressaltou, tensa.

— Quanto café você *tomou*? — perguntou Emma. Juntou os cabelos e prendeu num rabo com um elástico com estampa de margaridas amarelas.

— É meu terceiro. Estou me sentindo um beija-flor. — Cristina acenou com a caneca e acompanhou Emma até a cozinha. — Preciso conversar com você, Emma.

— Por quê? — perguntou Emma, desconfiada.

— Minha vida amorosa está um desastre — disse Cristina. — *Qué lío*.

— Ah, ótimo — falou Emma. — Eu estava temendo que você quisesse falar de política.

Cristina assumiu um ar trágico.

— Eu beijei Kieran.

— Quê? Onde? — quis saber Emma, quase caindo da escada.

— No Reino das Fadas — lamentou Cristina.

— Na verdade eu quis saber em qual parte do corpo, na bochecha ou o quê?

— Não — respondeu Cristina. — Um beijo de verdade. Com *bocas*.

— E como foi? — Emma estava fascinada. Não conseguia se imaginar beijando Kieran. Ele sempre parecera tão frio e distante. Certamente era lindo, mas lindo tal qual uma estátua, não uma pessoa.

Cristina ficou completamente ruborizada no rosto e no pescoço.

— Foi ótimo — disse ela com a voz baixa. — Delicado, como se ele gostasse muito de mim.

Isso foi ainda mais estranho. Contudo, Emma imaginava que o objetivo era dar apoio a Cristina. Preferiria que Cristina ficasse com Mark, é óbvio, mas Mark vinha sendo muito negligente, e tinha aquele feitiço de ligação...

— Bem — disse Emma. — O que acontece no Reino das Fadas fica no Reino das Fadas, acho?

— Se você está dizendo que eu não deveria contar a Mark, ele já sabe — avisou Cristina. — E se você vai perguntar se eu quero ficar só com Mark, também não sei responder isso. Não sei o que quero.

— E quanto ao que Mark e Kieran sentem um pelo outro? — perguntou Emma. — Ainda é romântico?

— Acho que eles se amam de um jeito que eu não sou capaz de afetar — respondeu Cristina, e carregava uma tristeza na voz que fez Emma ter vontade de parar no meio do corredor para abraçar a amiga. Mas elas já estavam na cozinha. Lotada de gente, por sinal: Emma estava sentindo cheiro de café, mas não de comida. A mesa estava vazia, a cozinha, fria. Julian e Helen, juntamente a Mark e Kieran, se agrupavam em volta da mesa à qual Clary e Jace estavam sentados, todos olhando incredulamente para um pedaço de papel com aparência oficial.

Emma parou de supetão, com Cristina ao seu lado, os olhos arregalados.

— Pensamos que... vocês já foram a Idris e voltaram? Pensei que vocês fossem sair ao amanhecer! — questionou Emma.

Jace ergueu o olhar.

— Não fomos — elucidou ele. Clary ainda estava olhando o papel, seu rosto pálido e espantado.

— Algum problema? — perguntou Emma, ansiosa.

— Pode-se dizer que sim. — O tom de Jace era leve, mas seus olhos dourados estavam tempestuosos. Ele cutucou o papel. — É um recado da Clave. De acordo com isto aqui, eu e Clary estamos mortos.

Zara sempre escolhia a mesma cadeira no escritório do Inquisidor. Manuel desconfiava que fosse porque ela gostava de sentar abaixo do seu próprio retrato, para que as pessoas fossem obrigadas a olhar para duas Zaras em vez de uma só.

— Relatórios estão chegando o dia todo — disse Zara, brincando com uma de suas tranças. — Os Institutos estão respondendo com revolta à notícia das mortes de Jace e Clary pelas mãos das fadas.

— Conforme o esperado — disse Horace, se ajeitando na cadeira com um resmungo de dor. Irritava Manuel o fato de Horace ainda estar reclamando do braço, com aquela massa de ataduras brancas no cotoco na altura do cotovelo.

Certamente os *iratzes* já tinham curado o corte e não havia outro culpado senão o próprio Horace por ter permitido que a vadia da Wrayburn tivesse levado a melhor.

Manuel detestava Horace. Mas e daí, Manuel detestava os verdadeiros crentes em geral. Não dava a mínima se havia seres do Submundo em Alicante, ou fadas na Floresta Brocelind, ou lobisomens em sua banheira. Para ele, o preconceito contra membros do Submundo era tedioso e desnecessário. A única utilidade era deixar as pessoas com medo.

E quando as pessoas sentiam medo, elas se submetiam a qualquer coisa caso achassem que isto lhes traria segurança outra vez. Quando Horace falou em recuperar a antiga glória dos Nephilim e a multidão vibrou, Manuel soube por que estavam vibrando de fato, e nada tinha a ver com a glória. Era pelo fim do medo. O medo que sentiam desde que a Guerra Maligna lhes mostrara que não eram invencíveis.

Outrora, eles acreditavam, costumavam ser invencíveis. Pisaram em seres do Submundo e demônios, controlando o mundo. Agora se lembravam dos corpos queimando na Praça do Anjo e sentiam medo.

E o medo era útil. O medo poderia ser manipulado em mais poder. E o poder era tudo com que Manuel se importava, no fim das contas.

— Já tivemos alguma resposta do Instituto de Los Angeles? — perguntou Horace, espreguiçando-se atrás de sua mesa grande. — Soubemos pelo Reino das Fadas que os Blackthorn e seus companheiros voltaram para casa. Mas o que eles sabem?

*O que eles sabem?*, perguntaram-se Horace e Zara também quando o corpo de Dane fora devolvido a eles, quase desmembrado. Dane fora um tolo por ter fugido sorrateiramente do acampamento de Oban no meio da noite em busca da glória solitária de recuperar o *Volume Preto* sozinho. (E ele tinha levado o medalhão de passagem do tempo consigo, o que significava que Manuel descobrira que ele tinha perdido um ou dois dias ao retornar para Idris). Manuel desconfiava de que houvesse um ferimento de uma espada longa sob as mordidas de kelpie, mas não mencionara isto para os Dearborn. Eles viram o que queriam ver, e se Emma e Julian soubessem que Horace tinha colocado um assassino na cola deles, em breve isso não teria importância mais.

— Sobre Clary e Jace? — perguntou Manuel. — Tenho certeza de que eles sabem que desapareceram pelo Portal em Thule. Mas seria impossível trazê-los de volta. O tempo passou, o Portal se fechou e Oban me garantiu que Thule é um lugar mortal. A essa altura eles são ossos decompondo na areia de outro mundo.

— Os Blackthorn e Emma não ousariam falar nada contra nós, de qualquer jeito — disse Zara. — Ainda temos o segredo deles na palma das mãos. — Ela

tocou o cabo de Cortana. — Além disso, nada que seja deles vai continuar sendo *deles* por muito mais tempo, nem mesmo o Instituto. Alguns outros podem estar contra nós: Cidade do México, Buenos Aires, Mumbai. Mas vamos cuidar de todos eles.

Zara também era uma verdadeira crente, pensou Manuel com desgosto. Ela era uma chata e ele jamais acreditara que Diego Rocio Rosales tivesse de fato visto alguma coisa nela; e ao que parecia, ele tinha acertado em cheio. Desconfiava que Diego estivesse definhando na cadeia tanto por ter rejeitado Zara quanto por ter ajudado uma fada idiota a fugir da Scholomance.

Horace se voltou para Manuel.

— E sua parte do plano, Villalobos?

— Tudo em ordem. As forças Unseelie estão se reunindo sob o Rei Oban. Quando chegarem às muralhas de Alicante, vamos sair para demonstrarmos nossa disposição para conversar sobre os Campos Eternos. Vamos nos certificar de que todos os Caçadores de Sombras em Alicante nos vejam. Depois dessa farsa, iremos ao Conselho e diremos que as fadas se renderam. A Paz Fria vai acabar, e em troca da ajuda deles, todas as entradas para o Reino das Fadas serão fechadas com nossas barreiras protetoras. Ficarão inacessíveis aos Caçadores de Sombras.

— Muito bem — disse Horace. — Mas com o Portal para Thule se fechando, como ficamos em relação à Praga?

— Exatamente como queremos — respondeu Manuel. Ele estava satisfeito: fingir que queriam destruir a Praga com o fogo tinha sido ideia dele. Ele sabia que não ia dar certo, e o fracasso deixaria os Nephilim mais apavorados do que antes. — O veneno já se espalhou o suficiente para nossos propósitos. Toda a Clave já sabe da Praga e teme suas consequências.

— E o medo os deixará mansos — disse Horace. — Zara?

— Os feiticeiros estão cada vez mais doentes — disse Zara com deleite. — Ainda não houve relato de transformações, mas muitos Institutos acolheram feiticeiros num esforço para curá-los. Depois que se transformarem em demônios, você pode imaginar o caos que virá.

— O que deve facilitar o emprego da lei marcial e nos ajudar a nos livrarmos do restante dos feiticeiros — concluiu Horace.

O fato de que a Praga seria útil não só para assustar os Caçadores de Sombras, mas também para ferir os feiticeiros sempre fora um bônus para Horace, embora Manuel não enxergasse muito propósito num exercício que limitaria bastante a capacidade dos Caçadores de Sombras para fazer coisas como abrir Portais e curar doenças estranhas. Esse era o problema dos verdadeiros crentes. Eles nunca eram práticos. Enfim. Alguns feiticeiros

provavelmente sobreviveriam, concluiu. Depois que todas as exigências da Tropa fossem atendidas, eles poderiam ser generosos e destruir a Praga de vez. Não era como se Horace gostasse da Praga ou de sua propensão a matar a magia angelical. Era apenas uma ferramenta útil, como os Larkspears tinham sido.

— Você não tem medo de que os feiticeiros transformados saiam do controle e chacinem Caçadores de Sombras? Ou até mundanos?

— Não — disse Horace. — Um Caçador de Sombras bem treinado deve ser capaz de lidar com um feiticeiro transformado em demônio. Se não conseguirem, então fizemos um favor à sociedade ao nos livrarmos deles.

— Minha dúvida é se Oban é confiável — disse Zara, franzindo o lábio. — Ele é fada, afinal.

— Ele é, sim — disse Manuel. — É muito mais maleável do que o pai era. Ele quer o reino dele, e nós queremos o nosso. E se levarmos a cabeça do príncipe Kieran, conforme prometido, ele vai ficar muito satisfeito.

Horace suspirou.

— Se ao menos esses acordos não precisassem ser secretos. Toda a Clave deveria ser glorificada pela retidão do nosso plano.

— Mas eles não gostam de fadas, papai — disse Zara, que, como sempre, estava sendo incrivelmente literal. — Eles não gostariam de fazer acordos com elas nem os incentivar a trazer a Praga para Idris, mesmo que fosse por uma boa causa. É ilegal trabalhar com magia demoníaca, muito embora eu saiba ser necessário — acrescentou ela rapidamente. — Queria que Samantha e Dane ainda estivessem por aqui. Poderíamos falar com *elas*.

Manuel pensou desinteressado em Dane, destruído pela própria burrice, e em Samantha, atualmente perdendo a cabeça no Basílias. Ele duvidava de que algum dos dois teria alguma serventia, mesmo antes.

— É um fardo solitário, filha, ser encarregado de fazer a coisa certa — disse Horace, todo pomposo.

Zara se levantou da cadeira e o afagou no ombro.

— Pobre papai. Quer olhar no espelho da vidência mais uma vez? Ele sempre te alegra.

Manuel se ajeitou na cadeira. O espelho da vidência era uma das poucas coisas que ele não achava entediante. Oban o enfeitiçara para refletir os campos diante da Torre Unseelie.

Zara levantou o espelho para que a luz das torres demoníacas refletisse de sua alça prateada, então soltou um pequeno gritinho quando o vidro clareou; logo eles estavam vendo os campos verdes de Unseelie e a torre de antracite. Alinhadas diante da torre havia fileiras e fileiras de guerreiros Unseelie, e eram tantos que eles preenchiam todo o cenário, mesmo com as fileiras diminuindo ao

longe: um exército sem limite, sem fim. As espadas brilhavam ao sol como um vasto campo de lâminas afiadas.

— O que acha? — perguntou Horace, orgulhoso, como se tivesse organizado o exército pessoalmente. — Espetacular, não é mesmo, Annabel?

A mulher de cabelos longos e castanhos, sentada em silêncio no canto da sala, fez que sim com a cabeça calmamente. Ela usava roupas que combinavam com as que tinha usado naquele dia sangrento no Salão do Conselho; Zara tinha conseguido cópias quase perfeitas, mas foi Manuel que pensou em empregá-las, como se elas próprias fossem armas.

Havia poucas coisas mais fortes do que o medo. Desde a reunião do Conselho, os Caçadores de Sombras morriam de pavor de Annabel Blackthorn. Se ela aparecesse diante deles, eles se acovardariam atrás de Horace. Tudo que importaria seria a capacidade dele de protegê-los.

Quanto a Julian Blackthorn e o restante de sua família irritante, haveria mais do que medo. Haveria raiva. Ódio. Todas emoções que a Tropa poderia explorar.

Horace soltou uma risada nervosa e voltou a examinar o espelho.

Escondido sob a sombra alongada, Manuel sorriu brutalmente. Absolutamente ninguém estava preparado para o que estava por vir.

Exatamente como ele gostava.

# 24

## Noite tão Longa

Aline Penhallow, diretora do Instituto de Los Angeles:

Para acelerar a cura de nossos corações, flâmulas brancas de luto e bandeiras verdes voam sobre nossa capital hoje.

Os heróis da Guerra Maligna Jonathan Herondale e Clarissa Fairchild foram mortos por mãos Unseelie. Estavam em missão da Clave, e suas mortes serão afamadas como mortes de heróis. Seus corpos ainda não foram recuperados.

Uma violação tão brutal da Paz Fria deve ser considerada. A partir desta manhã, ao amanhecer em Alicante, devemos nos considerar em guerra contra as fadas. Membros do Conselho vão procurar a Corte a fim de discutirem negociações e reparações. Se uma fada for vista fora de suas terras, você está livre para capturá-la e levá-la a Alicante para interrogatório. Se precisar matar a fada em questão, não estará em violação dos Acordos.

Fadas são ardilosas, mas vamos prevalecer e vingar nossos heróis abatidos. Como de costume em estado de guerra, Caçadores de Sombras devem se apresentar para o serviço em Idris dentro de 48 horas. Por favor, comunique seu plano de viagem à Clave, pois todas as atividades de Portais serão monitoradas em Idris.

Horace Dearborn, Inquisidor

OBS.: Considerando que nossa Consulesa Jia Penhallow é suspeita de envolvimento com fadas, ela está detida na torre do Gard até o interrogatório.

— Jia? — disse Emma, incrédula. — Eles *prenderam* a Consulesa?

— Aline está tentando falar com Patrick — informou Helen com a voz baixa.

— Prisão domiciliar é uma coisa, mas isso é diferente. Aline está frenética.

— Quem sabe que vocês estão vivos? — perguntou Alec, olhando para Jace.

— Quem sabe que o que está escrito nessa carta não é verdade?

Jace pareceu espantado.

— As pessoas desta casa. Magnus... onde está Magnus?

— Dormindo — respondeu Alec. — E além da gente?

— Simon e Izzy. Mamãe. Maia e Bat. Só. — Ele girou na cadeira. — Por quê? Acha que devemos ir a Alicante? Expor as mentiras?

— Não — disse Julian. A voz soou contida, porém firme. — Vocês não podem fazer isso.

— Por que não? — quis saber Helen.

— Porque isso não é um engano — continuou Julian. — Essa é uma operação falsa. Eles acreditam mesmo que vocês estão mortos, não correriam o risco se não achassem isso, e agora estão distorcendo os fatos para culpar o Reino das Fadas e incitar uma guerra.

— Por que alguém ia querer uma guerra? — perguntou Helen. — Não viram o que aconteceu na última?

— As pessoas almejam o poder durante as guerras — respondeu Julian. — Se tornarem as fadas um inimigo, podem se tornar heróis. Todo mundo vai se esquecer das queixas que tinham em relação ao atual Conselho. Vão se unir em torno de uma causa. Uma guerra pode começar com uma única morte. E aqui temos duas, ambos famosos e heróis da Clave.

Tanto Jace quanto Clary pareceram desconfortáveis.

— Vejo um defeito nesse plano — disse Jace. — Eles ainda precisam lutar e vencer uma guerra.

— Talvez sim — falou Julian. — Talvez não. Depende do plano.

— Vejo outro defeito — disse Clary. — Não estamos mortos. É muita arrogância deles acharem que podem fingir que estamos.

— Acho que eles acreditam mesmo nisso — disse Emma. — A luta na Corte foi caótica. Eles provavelmente não sabem quem atravessou e quem não atravessou o Portal para Thule. E sabe-se lá o que Manuel disse para eles. Ele gosta de manipular a verdade, afinal, e sem a Espada Mortal ele pode fazer isso à vontade. Aposto que ele quer uma guerra.

— Mas certamente o Conselho não vai apoiar a ideia de uma guerra contra o Reino das Fadas — disse Clary. — Ou vocês realmente acham que todo o Conselho está perdido para nós?

Emma ficou surpresa; Clary estava olhando para Julian como se estivesse muito envolvida na resposta dele, como se tivesse cinco anos de idade. Era



estranho pensar que a inteligência aguçada de Julian não pertencia somente a ela, à família dele.

— Muitos estão — disse Julian. — Muitos deles já estão apoiando a Tropa e essa mensagem. Do contrário não estariam exigindo que todos chegassem a Alicante em dois dias.

— Mas nós não vamos fazer isso — falou Mark. — Não podemos voltar para Alicante agora. Está tudo sob o controle da Tropa lá.

— E na última vez que estivemos lá, Horace nos enviou numa missão suicida — observou Emma. — Não acho que estaríamos seguros em Idris. — Era uma ideia desoladora: Idris era o lar deles, deveria ser o lugar mais seguro do mundo para os Caçadores de Sombras.

— Não vamos — disse Helen. — Não só seria arriscado como significaria abandonar os feitiçeiros às devastações da Praga.

— Mas Jace e Clary não podem ir ao Lago Lyn — disse Alec. Seus cabelos pretos estavam arrepiados e desalinhados, as mãos cerradas. — Todas as atividades de Portais estão sendo monitoradas.

— Por isso eles não foram ao amanhecer — disse Emma, se perguntando havia quanto tempo Clary e Jace estariam ali sentados, olhando horrorizados para a carta.

— Mas tem que ter um jeito — sugeriu Jace, olhando desesperadamente para Alec. — Eu e Clary podemos viajar por terra, ou...

— Não podem — interrompeu Emma. — Tem algumas peças que não entendo, mas digo uma coisa: a Tropa está usando as mortes de vocês para conseguir o que querem. Se vocês dois forem a Alicante e a notícia chegar à Tropa, mesmo que sejam rumores, farão de tudo para matá-los.

— Emma tem razão — disse Julian. — Eles precisam continuar acreditando que vocês dois estão mortos.

— Então eu vou — falou Alec. — Clary pode abrir um Portal para algum lugar próximo a Idris e eu posso atravessar a fronteira a pé...

— Alec, não. Magnus precisa de você aqui — protestou Clary. — Além disso, você é o chefe da Aliança entre o Submundo e os Caçadores de Sombras. A Tropa adoraria colocar as mãos em você.

Kieran se levantou.

— Nenhum de vocês pode ir — falou. — O que falta a vocês Nephilim é sutileza. Vocês chegariam a Idris a galope, trazendo desastre para todos nós. Enquanto isso, fadas podem entrar sorrateiras como sombras e trazer o que precisam.

— Fadas? — Jace ergueu uma sobrancelha. — Aqui parecemos ter uma fada. Talvez duas, se contarmos as metades de Helen e Mark.

Kieran pareceu irritado.

— Fadas são proibidas de sequer colocarem os pés no solo de Idris — disse Alec. — Provavelmente existem barreiras, sensores...

— Não é conveniente que existam alazões fadas voadores — disse Kieran —, e cavaleiros que montam esses alazões, e que eu seja um deles?

— Essa é uma forma um pouco grosseira de oferecer ajuda — reclamou Jace, e capturou o olhar de Clary. — Mas por mim tudo bem — acrescentou. — Você está se oferecendo para voar até Idris e coletar a água?

Kieran tinha começado a andar de um lado a outro. Seus cabelos escuros tinham ficado azuis, marcados por mechas brancas.

— Vocês vão precisar de mais de uma fada. Precisarão de uma legião. Daqueles que possam voar para Idris, coletar a água, destruir a Praga e trazer cura aos feiticeiros de todo o mundo. Vocês precisam da Caçada Selvagem.

— A Caçada? — disse Mark. — Mesmo com Gwyn sendo amigo de Diana, eu não acho que a Caçada faria isso pelos Nephilim.

Kieran se levantou. Pela primeira vez Emma viu um pouco do pai dele em sua postura e na rigidez da mandíbula.

— Eu sou um príncipe do Reino das Fadas e um Caçador — falou. — Matei o Rei Unseelie com minhas próprias mãos. Acredito que fariam isso por mim.

Do teto, Kit ouvia vozes da cozinha abaixo — vozes elevadas e frenéticas. Mas não conseguia decifrar o que estavam falando.

— Uma carta de Livvy — disse ele, voltando o olhar para Ty. O outro estava sentado na beira do telhado, com as pernas penduradas na lateral. Kit detestava a ousadia de Ty de se colocar na beiradinha da extremidade: às vezes parecia que ele não tinha nenhum senso de perigo espacial, a noção do que poderia acontecer caso caísse. — Da outra Livvy, no outro universo.

Ty assentiu. Seus cabelos compridos demais caíram nos olhos e ele afastou as mechas impacientemente. Usava um casaco branco com buracos nos punhos pelos quais enfiara os polegares, como se estivesse enganchando as mangas.

— Emma me entregou. Fiquei pensando se você gostaria de ler.

— Sim — respondeu Kit. — Gostaria.

Ty estendeu a carta para Kit, que pegou o envelope leve e olhou para o garrancho no verso. *Tiberius*. Parecia a letra de Livvy? Ele não tinha certeza. Não se lembrava de ter estudado a letra dela; sabia que estava se esquecendo até do som de sua voz.

O sol batia no telhado, fazendo o cordão dourado de Ty brilhar. Kit abriu a carta e começou a ler.

Ty,

*Pensei muitas vezes no que te diria se você reaparecesse subitamente. Se eu estivesse andando na rua e você aparecesse do nada, caminhando ao meu lado como sempre fizemos, você com as mãos nos bolsos e a cabeça inclinada para trás.*

*Mamãe costumava dizer que você era dono de um caminhar celestial, olhando para o céu como se examinasse as nuvens à procura de anjos. Você se lembra disso?*

*No seu mundo eu sou cinzas, sou ancestral, minhas lembranças, sonhos e esperanças foram construir a Cidade dos Ossos. No seu mundo, eu tenho sorte, pois não preciso viver em um mundo sem você. Mas neste mundo aqui eu sou você. Sou a gêmea sem gêmeo. Então posso te dizer isso:*

*Quando seu gêmeo deixa o mundo em que você vive, ele nunca mais gira igual: o peso de sua alma se vai e todo o restante se desequilibra. O mundo oscila sob seus pés como um oceano inquieto. Não posso dizer que vai ficando mais fácil. Mas acaba ficando mais firme; você aprende a conviver com esse novo balanço da nova terra, da mesma forma como marinheiros ganham pernas marítimas. Você aprende. Eu prometo.*

*Sei que você não é exatamente o Ty que eu tinha aqui neste mundo, meu irmão lindo e brilhante. Mas soube por Julian que você também é lindo e brilhante. Sei que é amado. Espero que seja feliz. Por favor, seja feliz. Você merece tanto.*

*Quero perguntar se você se lembra de como costumávamos sussurrar palavras um para o outro no escuro: estrela, gêmeo, vidro. Mas jamais saberei sua resposta. Então sussurrarei para mim mesma enquanto dobro essa carta e a guardo no envelope, torcendo muito para que de algum jeito ela chegue a você. Sussurro seu nome, Ty. Sussurro a coisa mais importante:*

*Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.*

Livvy

Quando Kit abaixou a carta, o mundo inteiro pareceu cortante e brilhante demais, como se ele estivesse olhando através de uma lupa. A garganta doía.

— O que... o que você acha?

*Eu te amo, eu te amo, eu te amo.*

*Que ele ouça, que ele acredite e se liberte.*

— Eu acho... — Ty pegou a carta, dobrou-a e guardou novamente no bolso.

— Acho que não é a minha Livvy. Tenho certeza de que é uma boa pessoa, mas não é a minha.

Kit se sentou, um pouco subitamente demais.

— O que quer dizer?

Ty encarou o oceano, seu avanço e recuo firmes.

— Minha Livvy iria querer voltar para mim. Essa não quis. Seria interessante conhecer essa Livvy, mas provavelmente foi bom ela não ter vindo com Emma e Jules, porque assim não conseguiríamos trazer de volta a Livvy certa.

— Não — disse Kit. — Não, você não entendeu. Não é que ela não quisesse voltar. Precisam dela lá. Tenho certeza de que ela teria preferido ficar com a família se pudesse. Imagine ter que suportar essa perda...

— Não quero. — Ty o cortou veementemente. — Sei que ela se sente mal.

Sinto muito por ela. Sinto mesmo. — Ele havia tirado um pedaço de barbante do bolso e estava remexendo-o com as mãos nervosas. — Mas não foi por isso que trouxe a carta para você. Você sabe o que é?

— Acho que não — disse Kit.

— É a última coisa da qual precisamos para o feitiço — disse Ty. — É um objeto de outra dimensão.

Kit se sentiu como se estivesse numa montanha-russa que caíra súbita e repentinamente. Ele ia dizer alguma coisa quando Ty emitiu um ruído suave de espanto; então inclinou a cabeça para trás para flagrar voando acima deles um cavalo preto e cinza e outro marrom, os cascos deixando um rastro de vapor dourado e prateado. Ambos observaram em silêncio quando os cavalos aterrissaram no gramado em frente ao Instituto.

Uma das pessoas montadas era uma mulher familiar com um vestido preto. Diana. A outra era Gwyn ap Nudd, o líder da Caçada Selvagem. Ambos ficaram encarando com espanto enquanto Gwyn desmontava antes de ajudar Diana.

Dru subiu no telhado. Ty e Kit já estavam lá, perturbadoramente perto da beirada. Ela não se surpreendeu; já tinha descoberto havia muito tempo que sempre que eles queriam conversar em particular, desapareciam para cá, tal como Emma e Julian costumavam fazer quando mais jovens.

Ela não conseguira conversar de fato com eles desde a vez que entrara no quarto de Ty. Não sabia o que dizer. Todas as outras pessoas de sua família — Helen, Mark — falavam sobre como Ty vinha se recuperando bem, sobre como estava sendo forte, sobre como estava segurando a barra diante da morte de Livvy.

Mas ela vira o quarto destruído e o sangue nas fronhas. E isto a fizera avaliá-lo com mais afinco — e notar o quanto estava magro, perceber os arranhões em suas juntas.

Depois que o pai deles morrera, Ty passara por uma fase em que ficara mordiscando as próprias mãos. Ele acordava no meio da noite depois de mastigar a pele das juntas dos dedos. Ela imaginava que ele estivesse fazendo isso de novo, e por isso havia sangue em seus travesseiros. Helen e Mark não conseguiriam reconhecer; eles não se faziam presentes havia anos. Livvy teria visto. Julian teria percebido, mas ele tinha acabado de voltar para casa. Além disso, conversar sobre o assunto com alguém parecia uma traição a Ty.

A história de Thule a assombrava também — um mundo em que Ty estava morto. Em que ela própria estava desaparecida. Em que os Blackthorn não eram mais uma família. Um mundo controlado por Sebastian Morgenstern. Até o

nome de Ash a assombrava, como se ela já o tivesse ouvido antes, embora não tivesse nenhuma lembrança disso. A ideia de Thule era um pesadelo sombrio, que fazia lembrar o quão frágeis eram os laços que a ligavam à sua família. A última coisa que ela queria era chatear Ty.

Então vinha evitando-o, e consequentemente Kit, por estarem sempre juntos. Mas eles não eram donos do telhado. Ela foi até onde eles estavam, fazendo bastante barulho para não os surpreender.

Eles não pareceram incomodados em vê-la.

— Gwyn e Diana estão aqui — disse Kit. Quando ele chegou, estava um tanto pálido, como se passasse o tempo todo em casa e em mercados noturnos. Agora estava coradinho; o início de um bronzeado e bochechas rosadas. Estava mais parecido com Jace, principalmente porque o cabelo tinha crescido e estava começando a ondular.

— Eu sei. — Ela se juntou a eles na beira do telhado. — Eles vão a Idris. Vão pegar água do Lago Lyn.

Ela os deixou rapidamente a par do que estava acontecendo, feliz por ser a portadora das notícias, para variar. Kieran tinha saído do Instituto e estava atravessando o gramado em direção a Diana e Gwyn. A coluna dele estava muito ereta, o sol brilhando em seus cabelos preto-azulados.

Kieran inclinou a cabeça para Diana e se voltou para Gwyn. Kieran tinha mudado, pensou Dru. Ela se lembrou da primeira vez que o vira, sangrento, furioso e amargamente irritado com o mundo. Ela o encarara como um inimigo de Mark, de todos eles.

Desde então, vira diferentes facetas dele. Kieran tinha lutado ao lado deles. Tinha assistido a filmes ruins com ela. Ela pensou nele reclamando de sua vida amorosa na noite anterior, e rindo, e agora olhava para ele: em seu ombro estava a mão de Gwyn, que assentia; havia um respeito nítido em seus gestos.

As pessoas eram feitas de diversos pedacinhos diferentes, pensou Dru. Partes engraçadas, partes românticas, partes egoístas e partes corajosas. Às vezes você só enxergava algumas. Talvez, quando visse todas, é que percebesse que conhecia alguém muito bem.

Ela ficou imaginando se algum dia conheceria alguém, além de sua família, com igual afinho.

— É melhor descermos — disse Ty, seus olhos cinzentos curiosos. — Para descobrir o que está acontecendo.

Ele seguiu até o alçapão que levava à escada. Kit tinha acabado de começar a segui-los quando Drusilla o cutucou no ombro.

Kit se virou para ela.

— O que foi?

— Ty — disse ela com a voz baixa. Dru olhou automaticamente para o irmão ao pronunciar seu nome; ele já tinha desaparecido pelos degraus. — Quero conversar com você sobre Ty, mas sem ninguém por perto, e você precisa me prometer que não vai contar a ele. Promete?

— Bom turno — desejou Jace, afagando os cabelos de Clary. Diana e Gwyn já tinham partido para Idris. Emma os vira se distanciar até se tornarem um pontinho no horizonte, desaparecendo no torpor do ar de Los Angeles. Alec tinha ido ficar com Magnus, e o restante deles tinha concordado em se alternar na patrulha pelo perímetro do Instituto.

— Temos que ficar alertas — disse Julian. — Esse recado da Tropa é um teste de lealdade. Eles vão ficar de olho nos Institutos para ver quem corre para Alicante para se alistar na luta contra o Reino das Fadas. Eles sabem que vamos adiar ao máximo — gesticulou para Mark e Helen —, mas eu não duvidaria que eles viessem para cima de nós antes.

— Isso não seria muito inteligente — disse Mark, franzindo o rosto. — Tudo que precisam fazer é esperar, e logo poderão nos declarar traidores.

— Eles não são muito inteligentes — concordou Julian sombriamente. — Perversos, sim, inteligentes, não.

— Infelizmente Manuel é bem inteligente — disse Emma, e embora todo mundo estivesse demonstrando mais severidade do que nunca, ninguém discordou.

Clary e Emma assumiram a segunda patrulha depois de Jace e Helen; Helen já tinha entrado para ver como Aline estava, e Emma estava tentando não olhar enquanto Clary e Jace se beijavam e arrulhavam um para o outro.

— Espero que esteja tudo bem em Alicante — disse ela afinal, mais para descobrir se ainda estavam se beijando do que qualquer outra coisa.

— Não pode estar — disse Jace, afastando-se de Clary. — Todos pensam que estou morto. É bom que tenha uma bela homenagem de luto. Deveríamos descobrir quem enviou flores.

Clary revirou os olhos, mas não sem afeição.

— Talvez Simon ou Izzy possam fazer uma lista. Aí quando ressuscitarmos, poderemos enviar flores a eles.

— As mulheres vão sofrer ao saberem que eu morri — disse Jace, subindo pelos degraus. — Trajes serão alugados. Alugados, repito.

— Você já é comprometido — gritou Clary para ele. — Não é como se você fosse um herói abatido solteiro.

— O amor não conhece limites — disse Jace, e se acalmou. — Vou verificar

como Alec e Magnus estão. Vejo vocês mais tarde.

Ele acenou e desapareceu. Clary e Emma, ambas uniformizadas, começaram a atravessar o gramado em direção ao caminho que cercava o Instituto.

Clary suspirou.

— Jace detesta ficar longe de Alec em momentos como esse. Não há nada que ele possa fazer, mas eu o entendo querer estar com seu *parabatai* no sofrimento. Eu ia querer estar com Simon.

— Não é como se ele estivesse ali só por ele mesmo — disse Emma. O céu estava azul escuro e cheio de nuvens desbotadas. — Tenho certeza de que é melhor para Alec ter a companhia dele. Quero dizer, acho que parte da desgraça para Alec em Thule foi provavelmente a sensação de solidão ao perder Magnus. Tantos dos seus amigos já estavam mortos, e seu *parabatai* estava pior do que morto.

Clary estremeceu.

— Melhor falarmos de alguma coisa mais alegre.

Emma tentou pensar em coisas alegres. Julian se livrando do feitiço? Não era um tópico que poderia discutir. Zara sendo esmagada por um pedregulho a faria parecer vingativa.

— Poderíamos falar sobre as suas visões — sugeriu cuidadosamente. Clary a olhou, surpresa. — As que você me contou, quando disse que se viu morrer. Na Corte Unseelie, quando olhou através do Portal...

— Percebi o que andava vendo, sim — disse Clary. — Eu estava me vendo, e eu estava morta, e também estava vendo o sonho que eu vinha tendo. — Ela respirou fundo. — Não tive mais desde que voltei do Reino das Fadas. Acho que os sonhos estavam tentando me contar sobre Thule.

Elas tinham chegado ao lugar onde o gramado se transformava em deserto e arbustos; o mar era uma linha espessa de tinta azul ao longe.

— Você contou para Jace? — perguntou Emma.

— Não. Não posso contar agora. Me sinto muito tola, como se ele pudesse não me perdoar nunca; além disso, Jace precisa se concentrar em Alec e Magnus. Todos nós precisamos. — Clary chutou uma pedrinha do caminho. — Conheço Magnus desde garotinha. Quando o conheci, puxei o rabo do gato dele. Eu não sabia que ele poderia ter me transformado num sapo ou numa caixa de correio, se quisesse.

— Magnus vai ficar bem — disse Emma, mas sabia que não soava confiante. Não tinha como.

A voz de Clary tremeu.

— Só acho que se os feiticeiros forem perdidos, se a Tropa conseguir jogar os Caçadores de Sombras numa guerra contra os seres do Submundo, então tudo

que fiz foi inútil. Tudo do qual abri mão durante a Guerra Maligna. E significa que não sou heroína. Nunca fui.

Clary parou de andar para se apoiar num rochedo enorme, um que Ty gostava de escalar. Claramente estava lutando para não chorar. Emma a encarou horrorizada.

— Clary — disse. — Foi você que me ensinou o significado de heroísmo. Você disse que heróis nem sempre vencem. Que às vezes perdem, mas que continuam lutando.

— Achei que eu *tivesse* continuado lutando. Acho que pensei que tivesse vencido — disse Clary.

— Eu estive em Thule — disse Emma enfaticamente. — Aquele mundo estava daquele jeito porque você não estava lá. Você foi o ponto da crise, você fez toda a diferença. Sem você, Sebastian teria vencido a Guerra Maligna. Sem você, tanta gente teria morrido, e tanta bondade teria desaparecido do mundo para sempre.

Clary respirou fundo.

— A gente nunca para de lutar, não é mesmo?

— Acho que não — respondeu Emma.

Clary se afastou do rochedo. Elas voltaram a ficar lado a lado na trilha, atravessando o deserto entre arbustos verde-escuro e violeta. O sol estava baixo no horizonte, iluminando a areia do deserto de dourado.

— Em Thule — recomeçou Emma, ao dobrarem a esquina do Instituto —, Jace tinha a mente controlada por Sebastian. Mas teve uma coisa que não contei na biblioteca. Sebastian só conseguiu controlar Jace porque mentiu sobre o envolvimento na sua morte. Ele temia que mesmo enfeitado, por mais forte que fosse o feitiço, Jace jamais fosse capaz de perdoá-lo por ter permitido que você se machucasse.

— E você está me contando isso porque...? — Clary olhou Emma de soslaio.

— Porque Jace te perdoaria por qualquer coisa — disse Emma. — Vá e conte a ele que estava sendo babaca por um bom motivo, e peça a mão dele em casamento.

Clary explodiu numa gargalhada.

— Que romântico.

Emma sorriu.

— Só minha sugestão sobre o que deve fazer. O pedido fica por sua conta.

Helen tinha cedido um dos maiores quartos a Magnus e Alec. Jace desconfiava que provavelmente pertencera aos pais dos Blackthorn em algum momento.



Era estranho, na verdade, sequer pensar nos pais dos Blackthorn e não pensar em Julian — o calado, competente e reservado Julian — como a pessoa que cuidava das crianças. Mas as pessoas se tornavam quem tinham que ser: Julian provavelmente não quisera se tornar pai aos doze anos de idade, não mais do que Jace quisera deixar Idris e perder o pai aos nove. Ele não teria acreditado se alguém tivesse dito que ele ganharia uma família nova e melhor em Nova York, assim como Julian não teria acreditado que amaria tanto os irmãos a ponto de todo o sacrifício valer a pena. Pelo menos era o que Jace imaginava.

Jace olhou para Alec, o irmão que havia ganhado. Alec estava apoiado em um dos lados de uma grande cama de madeira no centro do quarto: Magnus estava junto, aninhado a Alec, os cabelos pretos em contraste contra o travesseiro branco.

Jace não via Alec tão esgotado e exausto desde que Magnus desaparecera em Edom cinco anos antes. Alec fora em seu resgate: teria ido a qualquer lugar por Magnus.

Mas Jace tinha medo — mais do que medo — de que Magnus estivesse indo para um lugar aonde Alec não poderia segui-lo.

Não queria pensar no que aconteceria se Magnus fosse; a história de Thule fazia gelar o sangue em suas veias. Ele desconfiava de que sabia o que aconteceria a ele se perdesse Clary. Não aguentava pensar em Alec sob uma dor tão insuportável.

Alec se abaixou e beijou a têmpora de Magnus. Ele se remexeu e resmungou, mas não acordou. Jace não o via acordado desde a noite anterior.

Alec olhou para Jace, que tinha muitas olheiras.

— Que horas são?

— Pôr do sol — respondeu Jace, que nunca usava relógio. — Posso descobrir se você precisar.

— Não. Provavelmente está muito tarde para ligar para as crianças. — Alec esfregou os olhos com as costas da mão. — Além disso, eu queria poder telefonar para elas com boas notícias.

Jace se levantou e foi até a janela. Tinha a sensação de que não conseguia respirar. *Tire essa dor de Alec*, rezou ao Anjo Raziel. *Vamos, a gente se conheceu. Faça isso por mim.*

Era uma oração não muito ortodoxa, mas era de coração. Alec ergueu a sobrancelha para ele.

— Você está rezando?

— Como você sabe? — Pela janela, Jace via o gramado em frente ao Instituto, a estrada e o oceano além. O mundo inteiro seguia a vida normalmente, sem se importar com os problemas dos Caçadores de Sombras e feiticeiros.

— Você estava articulando os lábios — observou Alec. — Você quase nunca reza, mas fico grato por isso.

— Normalmente não preciso rezar — disse Jace. — Normalmente, quando as coisas dão errado, vamos até Magnus e ele conserta.

— Eu sei. — Alec puxou uma linha solta no punho de sua roupa. — Talvez a gente devesse ter se casado — falou. — Eu e Magnus. Passamos esse tempo todo noivos, extraoficialmente, mas queríamos esperar o fim da Paz Fria. Assim os seres do Submundo e os Caçadores de Sombras poderiam se casar direito.

— Com o dourado dos Caçadores de Sombras e o azul dos feiticeiros — disse Jace. Ele já tinha ouvido isso antes, a explicação para Alec e Magnus não terem se casado ainda, embora planejassem fazê-lo um dia. Jace até chegara a ajudar Alec a escolher alianças para o dia em que ele e Magnus pudessem de fato formalizar o matrimônio: alianças simples de ouro com as palavras *Aku Cinta Kamu* gravadas nelas. Ele sabia que as alianças eram um segredo, porque Alec queria fazer uma surpresa para seu companheiro, ele só não sabia que havia receios e preocupações por trás de algo que os dois tinham tanta certeza de que aconteceria no momento certo.

Era sempre difícil saber o que se passava no relacionamento alheio.

— Pelo menos assim Magnus saberia o quanto o amo — disse Alec, se inclinando para afastar uma mecha da testa de Magnus.

— Ele sabe — disse Jace. — Você nunca deve duvidar disso.

Alec assentiu. Jace olhou novamente pela janela.

— Acabaram de trocar de turno — falou. — Clary disse que viria ver como Magnus estava assim que encerrasse sua ronda.

— Devo cobrir um turno? — perguntou Alec. — Não quero decepcionar ninguém.

O nó na garganta de Jace doeu. Ele se sentou ao lado de seu *parabatai*, o qual havia jurado seguir, acompanhar por toda a vida e com ele morrer. Certamente isso envolvia compartilhar fardos e dores.

— Seu turno é aqui, irmão — explicou.

Alec exalou suavemente. Em seguida pôs a mão no ombro de Magnus, o mais leve dos toques. A outra mão foi oferecida a Jace, e eles entrelaçaram os dedos. Ficaram ali em silêncio enquanto o sol se punha ao mar.

— E aí o que vai acontecer depois? — perguntou Aline. Estavam à beira das falésias, admirando a estrada e o mar. — Se Magnus começar a se transformar em demônio. O que acontece?

Seus olhos estavam vermelhos e inchados, mas a coluna estava ereta. Ela

havia falado com o pai, que lhe contara o que ela já sabia: que os guardas tinham vindo cedo para levar Jia para o Gard. Que Horace Dearborn havia prometido que não lhe fariam nenhum mal, mas que “uma demonstração de boa-fé” se fazia necessária para tranquilizar aqueles que tinham “perdido a confiança”.

Se ele achava que era tudo mentira, não falou, mas Aline sabia que era, e xingou Dearborn de todos os nomes para Helen assim que desligou o telefone. Aline sempre conheceu uma quantidade impressionante de palavrões.

— Nós temos a Espada Mortal — disse Helen. — A de Thule. Está escondida, mas Jace sabe onde, e sabe o que fazer. Ele não vai permitir que o próprio Alec faça.

— A gente não poderia... sei lá... tentar capturar o demônio? Transformá-lo novamente em Magnus?

— Ah, meu amor, eu não sei — disse Helen, fatigada. — Acho que não tem como reverter uma transformação em demônio, e Magnus não iria querer viver assim.

— Não é justo. — Aline chutou uma pedra grande, que caiu da falésia. Helen a escutou saltitando pelo declive até a estrada. — Magnus merece mais do que esse lixo. Todos nós merecemos. Como as coisas chegaram a esse ponto... tão péssimas, tão rápido? Estava tudo bem. Estávamos felizes.

— Estávamos exiladas, Aline — disse Helen. Ela abraçou a mulher e apoiou o queixo em seu ombro. — A crueldade da Clave me arrancou da minha família por causa do meu sangue. Por causa de uma coisa que não tenho como controlar. As sementes dessa árvore venenosa foram plantadas há muito tempo. Só agora estamos vendo florescer.

O sol já tinha se posto quando Mark e Kieran iniciaram sua patrulha. Mark torcera para formar dupla com Julian, mas por algum motivo Emma quisera ir com Clary e eles acabaram com duplas inesperadas.

Caminharam em silêncio por um tempo, deixando o crepúsculo se tornar escuridão ao redor. Mark não tivera nenhuma conversa significativa com Kieran desde que haviam voltado do Reino das Fadas. Queria, ansiava para ter, mas temia transformar uma situação confusa em algo ainda pior.

Mark tinha começado a se perguntar se o problema era ele: se sua metade humana e sua metade fada carregavam noções contraditórias sobre amor e romance. Se metade dele queria Kieran e a liberdade do céu, a outra metade queria Cristina e a responsabilidade dos anjos terrestres.

Era o bastante para fazer uma pessoa ir até o jardim de estátuas e bater repetidamente a cabeça contra o Virgílio.

Não que ele tivesse feito isso.

— Já que estamos aqui, podemos conversar, Mark — disse Kieran. Uma lua brilhante subia; iluminava o oceano escuro, deixando-o com cor de vidro preto e prata, as cores dos olhos de Kieran. O deserto noturno era vivo ao som das cigarras. Kieran estava caminhando ao lado de Mark com as mãos entrelaçadas atrás de si, a aparência enganosamente humana com seus jeans e camiseta. Ele tinha se recusado a usar qualquer uniforme de combate. — Não faz bem nos ignorarmos.

— Senti sua falta — disse Mark. Não parecia fazer sentido deixar de ser sincero. — Não tive intenção de ignorá-lo, e nem de machucá-lo. Peço desculpas.

Kieran o olhou com um lampejo de surpresa preta e prateada.

— Não precisa se desculpar, Mark — hesitou. — Eu estava, como dizem aqui no mundo mortal, com a cabeça cheia.

Mark escondeu o sorriso sob o crepúsculo. Era irritantemente fofo quando Kieran usava frases modernas.

— Sei que você também — prosseguiu Kieran. — Estava preocupado com Julian e Emma. Eu entendo. E mesmo assim não consigo afastar os pensamentos egoístas.

— Que espécie de pensamentos egoístas? — perguntou Mark. Estavam perto do estacionamento, entre as estátuas que Arthur Blackthorn pagara para enviarem para cá há tantos anos. Outrora elas ficavam nos jardins da Mansão Blackthorn em Londres. Agora Sófocles e os outros habitavam este espaço deserto e olhavam para um mar bem distante do Egeu.

— Acredito na sua causa — disse Kieran lentamente. — Acredito que a Tropa é formada por pessoas ruins, ou pelo menos pessoas gananciosas que buscam soluções maléficas para os problemas que seus medos e preconceitos criaram. Mas, por mais que eu acredite nisso, não consigo ignorar a ideia de que ninguém está preocupado com o bem-estar da minha terra natal. Com o Reino das Fadas. Era... é... um lugar que conta com bondades e maravilhas entre seus perigos e provações.

Mark se voltou surpreso para Kieran. As estrelas brilhavam no céu, do jeito que só acontecia quando estavam no deserto, como se aqui elas estivessem mais perto da terra.

*As estrelas vão se apagar antes que eu te esqueça, Mark Blackthorn.*

— Nunca tinha ouvido você falar assim do Reino das Fadas — disse Mark.

— Eu não falaria assim para a maioria das pessoas. — Kieran colocou a mão no pescoço, onde seu colar de flecha de elfo costumava ficar, e em seguida a abaixou. — Mas você... você conhece o Reino das Fadas de um jeito que os

outros não conhecem. A forma como a água cai azul como gelo nas Cataratas de Branwen. O gosto da música e o som do vinho. O cabelo cor de mel das sereias nos rios, os vaga-lumes brilhando nas sombras das florestas profundas.

Mark sorriu apesar de tudo.

— O brilho das estrelas... as estrelas daqui parecem sombras pálidas daquelas no Reino das Fadas.

— Sei que você era um refém — disse Kieran. — Mas gostaria de pensar que você aprendeu a ver algo de bom lá, como viu algo de bom em mim.

— Tem tanta coisa boa em você, Kieran.

Kieran olhou para o oceano, inquieto.

— Meu pai foi um líder ruim e Oban será um ainda pior. Imagine o que um bom líder poderia fazer das terras do Reino das Fadas. Temo pela vida de Adaon e também temo pelo destino do reino sem ele. Se meu irmão não puder ser Rei lá, que esperança haverá para a minha terra?

— Poderia haver outro Rei, outro príncipe digno do Reino das Fadas — falou Mark. — Poderia ser você.

— Você se esquece do que eu vi na piscina — disse Kieran. — O jeito como eu machuquei as pessoas. O jeito como machuquei você. Eu não deveria ser Rei.

— Kieran, você se tornou outra pessoa, e eu também — disse Mark. Quase podia ouvir a voz de Cristina no fundo de sua mente, a forma suave como ela sempre defendia Kieran, sem nunca arrumar desculpas, sempre entendendo. Explicando. — Éramos desesperados na Caçada, e o desespero deixa as pessoas cruéis. Mas você mudou, eu o vi mudar, mesmo antes de tocar as águas da piscina. Vi o quanto foi gentil quando vivia na Corte do seu pai, e o quanto era amado por isso, e por mais que a Caçada Selvagem tenha encoberto essa bondade, ela não a apagou. Você só fez bem a mim, a minha família, a Cristina desde que voltou da Scholomance.

— A piscina...

— Não é só a piscina — disse Mark. — A piscina ajudou a revelar o que já estava lá. Você entende o que significa o sofrimento alheio, e entende que a dor alheia não é diferente da sua. A maioria dos reis nunca conheceu a verdadeira empatia. Imagine como seria ter um líder que entendesse?

— Não sei se tenho essa fé em mim — falou Kieran baixinho, a voz sutil como o vento que cruzava o deserto.

— Eu tenho essa fé em você — falou Mark.

Com isso, Kieran se voltou totalmente para Mark. Sua expressão estava aberta, de um jeito que Mark não presenciava havia muito tempo, uma expressão que não escondia nada: nem o medo, nem a incerteza, nem a transparência de seu amor.

— Eu não sabia... Temi que tivesse destruído sua fé em mim, e consequentemente destruído o laço entre nós.

— Kier — começou Mark, e o notou estremecer ao uso de seu antigo apelido. — Hoje você se impôs e ofereceu todos os seus poderes de príncipe e fada para salvar a minha família. Como pode não saber como eu me sinto?

Kieran estava encarando a própria mão, que pairava sobre o colarinho da camisa de Mark. Ele a encarava como se estivesse hipnotizado pelo ponto em que a pele deles se tocava, seus dedos na clavícula de Mark, deslizando para tocar sua garganta, a lateral da mandíbula.

— Quer dizer que você se sente grato?

Mark pegou a mão de Kieran, a trouxe para o seu peito e pressionou a palma de Kieran sobre seu coração acelerado.

— Isto aqui te parece *gratidão*?

Kieran o encarou com olhos arregalados. E Mark estava de volta à Caçada Selvagem outra vez, numa colina verdejante na chuva, com os braços de Kieran ao seu redor. *Me ame. Me mostre.*

— Kieran. — Mark inspirou e o beijou, e Kieran soltou um murmúrio e pegou Mark pelas mangas, puxando-o mais. Os braços de Mark envolveram o pescoço de Kieran, atraindo-o para o beijo: as bocas deslizaram juntas e Mark sentiu o gosto do hálito partilhado, um elixir de calor e desejo.

Kieran finalmente recuou do beijo. Ele estava sorrindo, o sorriso terrivelmente alegre que Mark desconfiava que só ele conhecia. Segurando Mark pelos braços, Kieran o empurrou por vários passos até Mark estar apoiado contra a lateral de uma pedra, então se inclinou para ele, a boca no pescoço de Mark, seus lábios encontrando a pulsação e beijando lentamente até Mark arfar e enterrar as mãos nos cabelos sedosos de Kieran.

— Você está me matando — disse Mark, com uma risada borbulhando nas profundezas de seu peito.

Kieran riu, as mãos se embrenhando sob a camisa de Mark, acariciando suas costas, passeando pelas cicatrizes, pelas omoplatas. E Mark respondeu ao toque. Passou os dedos pelos cabelos de Kieran, acariciou seu rosto como se mapeasse suas curvas, deixou que seus dedos vagueassem para tocar a pele da qual ele se lembrava como a matéria de um sonho: a garganta sensível de Kieran, a clavícula, os pulsos, o belo e inesquecível terreno que ele pensava estar perdido. Kieran arfava em gemidos baixos enquanto Mark deslizava as mãos sob sua camisa, tocando a pele exposta, a rigidez sedosa da barriga, as curvas das costelas.

— Meu Mark — sussurrou Kieran, tocando o cabelo de Mark, sua bochecha. — Eu te adoro.

*Te adoro, Mark.*

A pele de Mark gelou; de repente, tudo pareceu errado. Ele abaixou as mãos subitamente e se afastou de Kieran. Teve a sensação de que não conseguia respirar direito.

— Cristina — disse ele.

— Cristina não é o que nos separa — falou Kieran. — Ela é o que nos une. Tudo o que dissemos, todas as formas como mudamos...

— Cristina — repetiu Mark, pigarreando, porque ela estava bem na frente deles.

Cristina ficou com a sensação de que seu rosto de fato poderia pegar fogo. Tinha vindo dizer a Mark e a Kieran que ela e Aline estavam prontas para assumir a patrulha, sem sequer imaginar que poderia estar interrompendo um momento particular.

Quando ela contornou o rochedo, congelou — e a cena foi uma lembrança e tanto da primeira vez que os viu juntos. Kieran inclinado sobre Mark, os corpos juntos, as mãos nos cabelos um do outro, se beijando como se não conseguissem parar.

*Sou uma completa idiota*, pensou ela. Agora ambos a encaravam. Mark parecia chocado, e Kieran, estranhamente calmo.

— Desculpem — pediu Cristina. — Eu só vim avisar que o turno de vocês estava acabando, mas eu... eu... vou indo.

— Cristina — chamou Mark, indo em direção a ela.

— Não vá — disse Kieran. Era uma ordem, e não um pedido: havia uma severidade densa em sua voz, uma profundidade de anseio. E embora Cristina não tivesse motivos para dar ouvidos, ela se virou lentamente para olhar para os dois.

— Eu realmente acho — começou ela — que provavelmente é melhor eu ir. Não acham?

— Recentemente recebi um conselho de uma pessoa sábia para não deixar de verbalizar o que desejo — disse Kieran. — E eu desejo e amo você, Cristina, e Mark também. Fique conosco.

Cristina não conseguia se mexer. Mais uma vez pensou na primeira vez que viu Mark e Kieran juntos. No desejo que sentiu. Na época, ela achou que quisesse algo como o que eles tinham: aquela paixão direcionada a si e a algum rapaz sem nome cujo rosto ela desconhecia.

Mas já fazia tempo que o rosto em seus sonhos vinha sendo o de Mark ou o de Kieran. Desde que ela sempre vinha imaginando olhos de cores iguais a

encará-la. Ela não desejava apenas uma vaga aproximação do que eles tinham: ela desejava a *ambos*.

Ela olhou para Mark, que parecia preso entre o pavor e a esperança.

— Kieran — disse ele. Sua voz tremeu. — Como pode pedir isso a ela? Ela não é fada, ela nunca mais vai falar conosco...

— Mas vocês vão me abandonar — disse ela, ouvindo a própria voz como se fosse a de um estranho. — Vocês se amam e pertencem um ao outro. Vão me abandonar e voltar para o Reino das Fadas.

Eles a olharam com expressões idênticas de choque.

— Nunca vamos abandoná-la — disse Mark.

— Ficaremos tão perto de você quanto a maré da costa — disse Kieran. — Nenhum de nós dois quer algo diferente disso. — Ele esticou a mão. — Por favor, acredite em nós, Dama das Rosas.

Os poucos passos sobre a areia e o gramado tomado de arbustos foram os mais longos e também os mais curtos que Cristina já dera. Kieran esticou os dois braços: Cristina se jogou neles, levantou o rosto e o beijou.

O calor e a doçura e os contornos da boca dele sob a dela quase a fizeram flutuar. Ele estava sorrindo junto aos lábios dela. Dizendo o seu nome. A mão na cintura dela, o polegar acariciando gentilmente suas curvas.

Ela se inclinou para ele e esticou a mão livre. Os dedos calorosos de Mark se fecharam em torno de seu pulso. Como se ela fosse uma princesa, ele beijou seus dedos, roçando os lábios pelas juntas.

O coração de Cristina estava três vezes mais acelerado quando ela se virou nos braços de Kieran, de costas para ele. Ele afastou os cabelos dela da nuca e a beijou ali, fazendo-a estremecer ao mesmo tempo que se esticava para Mark. Os olhos dele brilhavam em azul e dourado, vivos de desejo por ela, por Kieran, pelos três juntos.

Ele permitiu que ela o puxasse para si enquanto se emaranhavam como se fossem um só. Mark a beijou na boca enquanto ela se inclinava sobre o peito de Kieran, a mão de Kieran nos cabelos de Mark, descendo pela bochecha dele e contornando ao longo da clavícula. Ela nunca sentira tanto amor; nunca tinha sido abraçada com tanto fervor.

Um grande clamor explodiu no céu acima — um clamor que todos eles conheciam, embora Kieran e Mark conhecessem melhor.

Eles se afastaram rapidamente quando o ar acelerou ao redor: o céu girou com movimento. Crinas e rabos chicoteavam o vento, olhos brilhavam em mil cores, guerreiros rugiam e gritavam, e no meio de tudo havia um grande cavalo preto com um homem e uma mulher montados, pausando para olhar para a terra abaixo enquanto o som de uma corneta de caça esmorecia no ar.



Gwyn e Diana estavam de volta, e não estavam sozinhos.

Julian considerara seu estúdio — que antes pertencera à sua mãe — o cômodo mais bonito do Instituto. Dava para ver tudo pelas paredes de vidro: oceano e deserto; as outras paredes eram claras e brilhavam com as pinturas abstratas da mãe.

Agora ele conseguia ver, mas não conseguia sentir. Qualquer que fosse a sensação despertada em sua alma de artista ao ver beleza tinha desaparecido.

*Sem sentimentos*, pensou, *estou dissolvendo, como água-régia dissolve ouro*. Ele sabia, mas também não conseguia sentir isso.

Saber que estava em desespero, mas ao mesmo tempo ser incapaz de conseguir senti-lo, era uma experiência estranha. Ele olhou para as tintas que havia organizado sobre o tecido branco esticado na bancada central. Azul e dourado, vermelho e preto. Sabia o que devia fazer com elas, mas quando pegou o pincel, simplesmente hesitou.

Tudo o que havia de instintivo no ato de desenhar o abandonara, tudo o que lhe dizia o que tornaria uma pincelada melhor do que outra, tudo o que combinava os tons de cores aos tons de significado. Azul era só azul. Verde era verde, fosse claro ou escuro. Vermelho de sangue e vermelho de semáforo eram a mesma coisa.

*Emma está me evitando*, pensou. O pensamento não trazia dor, pois nada mais fazia isso. Era só um fato. Ele se lembrou do desejo que sentira no quarto dela na noite passada e repousou o pincel. Era estranho pensar em desejo separado de sentimento; ele nunca havia desejado alguém que já não amasse. Nunca havia desejado ninguém além de Emma.

Mas na noite anterior, com ela nos braços, ele quase se sentiu capaz de quebrar o torpor que o cercava, que o sufocava com seu nada; como se a chama do desejo por ela pudesse queimá-lo e ele pudesse ser livre enfim.

Ora, a melhor coisa que ela poderia fazer seria evitá-lo. Mesmo nesse estado, a ânsia que ele nutria por ela era estranha demais, e forte demais.

Algo passou pelo vidro da janela do estúdio. Ele foi olhar e viu que Gwyn e Diana estavam no gramado, e que muitos outros os cercavam: Cristina, Mark, Kieran. Gwyn estava entregando um jarro de vidro a Alec, que o pegou e saiu correndo de volta para o Instituto, voando pelo gramado como uma de suas flechas. Dru estava dançando com Tavvy, girando em círculos. Emma abraçou Cristina, e depois Mark. Gwyn estava com um braço em volta de Diana, que apoiava a cabeça no ombro dele.

Julian foi banhado por alívio, breve e fresco como um esguicho de água.

Sabia que deveria sentir mais, que deveria sentir alegria. Ele viu Ty e Kit um pouco afastados dos outros; Ty estava com a cabeça inclinada para trás e apontava as estrelas.

Julian olhou para o céu escurecido por centenas de cavaleiros.

Mark não pôde deixar de notar a tensão de Kieran quando a Caçada Selvagem começou a aterrissar em volta deles, desembarcando na grama como sementes de dente-de-leão sopradas pelo vento.

E nem dava para culpá-lo. Ele mesmo estava tonto pelo susto e devido aos efeitos colaterais do desejo — os instantes com Cristina e Kieran perto do rochedo já pareciam um sonho febril distante. Tinha acontecido? Provavelmente, sim. Cristina estava ajeitando os cabelos com movimentos nervosos e acelerados, seus lábios ainda vermelhos dos beijos. Mark verificou rapidamente as próprias roupas. Ele não tinha mais esperança de não ter rasgado a própria camisa e a jogado no deserto com o anúncio de que jamais voltaria a precisar de camisas outra vez. Tudo parecia possível.

Kieran, no entanto, tinha se recomposto, seu rosto era uma máscara que Mark conhecia bem — a expressão que sempre vestia quando o restante da Caçada zombava dele e o chamava de príncipezinho. Posteriormente ele viera a conquistar o respeito deles e conseguira proteger tanto a si quanto Mark, mas não tinha amigos na Caçada além de Mark — e talvez Gwyn, de um jeito meio torto.

Mark, no entanto, jamais conquistara o respeito deles. Ou assim pensava. Ao olhar o grupo de Caçadores silenciosos em seus cavalos, alguns rostos familiares e outros novos, ele notava que eles o olhavam diferente. Não havia desprezo em seus olhos ao perceberem as Marcas frescas em seus braços, o uniforme, e o cinto de armas na cintura, carregado de lâminas serafim.

A celebração revoltosa que se seguira à chegada de Gwyn e Diana se aquietara com a chegada da Caçada. Helen tinha pegado Dru e Tavvy e os levado de volta para casa, apesar dos protestos deles. Diana tinha descido das costas de Orion e seguido para perto de Kit e Ty enquanto Emma se dirigia ao Instituto com Aline para ver se podiam ajudar Alec.

Gwyn desmontou, tirando o capacete em seguida. Para surpresa de Mark, ele inclinou a cabeça para Kieran. Mark não tinha certeza se já tinha visto Gwyn abaixar a cabeça para ninguém antes.

— Gwyn — começou Kieran. — Por que trouxe toda a Caçada para cá? Achei que eles fossem distribuir a água.

— Eles queriam manifestar seu apreço a você antes de partirem em missão —

disse Gwyn.

Um homem da Caçada, alto e com um rosto impassível e cheio de cicatrizes, desceu da sela.

— Fizemos a sua vontade — disse ele. — Lorde soberano.

Kieran empalideceu.

— Lorde soberano? — ecoou Cristina, claramente espantada.

Diana tocou Gwyn levemente no ombro e marchou de volta ao Instituto. A cabeça de Mark estava girando: “soberano” era como normalmente a Caçada chamava um monarca, um Rei ou uma Rainha do Reino das Fadas. Não um mero príncipe, e não um jurado à Caçada.

Kieran inclinou a cabeça em reverência, finalmente.

— Obrigado — disse. — Não me esquecerei disso.

Isso pareceu satisfazer a Caçada; todos voltaram a seus cavalos e partiram, subindo como fogos de artifício. Ty e Kit correram para a borda da clareira para admirar a disparada pelo céu, cavaleiros e cavalos se misturando numa mesma silhueta. Os cascos agitavam o ar, e um trovão profundo ecoou pelas praias e enseadas.

Kieran se virou para encarar Gwyn.

— O que foi aquilo? — quis saber. — O que está fazendo, Gwyn?

— Seu louco irmão Oban ocupa o trono Unseelie — disse Gwyn. — Ele bebe, ele transa, ele não faz leis. Exige lealdade. Reúne um exército para negociar com a Tropa, embora os conselheiros alertem para que não o faça.

— Onde está o meu irmão? — perguntou Kieran. — Onde está Adaon?

Gwyn pareceu desconfortável.

— Adaon está fraco — explicou. — E não foi ele quem matou o Rei. Ele não conquistou o trono.

— Você colocaria um Caçador no trono — disse Kieran. — Um amigo de suas causas.

— Talvez — disse Gwyn. — Mas, independentemente do que quero, Adaon é um prisioneiro em Seelie. Kieran, ainda haverá uma batalha. Não há como evitar. Você deve tirar o manto da liderança de Oban enquanto todos veem.

— Tirar o manto da liderança? — disse Mark. — Isso é um eufemismo?

— É — respondeu Gwyn.

— Você não pode estar dizendo a ele para matar o próprio irmão no meio da batalha — disse Cristina, parecendo furiosa.

— Kieran matou seu pai no meio da batalha — disse Gwyn. — Eu imaginaria que ele seria capaz. Não existe nenhum sentimento de família entre Kieran e Oban.

— Parem! — disse Kieran. — Posso falar por mim. Não o farei, Gwyn. Não

servo para ser Rei.

— Não *serve*? — questionou Gwyn. — Meu melhor Caçador? Kieran...

— Deixe-o em paz, Gwyn — disse Mark. — A escolha é dele.

Gwyn colocou o capacete e montou nas costas de Orion.

— Não estou pedindo que faça isso por ser o melhor para você, Kieran — falou, olhando de cima do cavalo. — Estou pedindo porque é o melhor para o Reino das Fadas.

Orion saltou no ar. De longe, Ty e Kit vibraram discretamente, acenando para Gwyn.

— Gwyn enlouqueceu — disse Kieran. — Não sou a melhor coisa para lugar nenhum.

Antes que Mark pudesse responder, o telefone de Cristina apitou. Ela o pegou e disse:

— Mensagem de Emma. Magnus está melhorando. — Ela abriu um sorriso largo, brilhante como uma estrela. — A água do lago está funcionando.

## 25

### Pelos Ventos Elevados

A luz do sol inundava a biblioteca pelas janelas disponíveis: todas tinham sido abertas. Desenhava quadrados no chão e pintava a mesa com listras reluzentes. Deixava os cabelos de Mark e Helen da cor do ouro branco, transformava os fios bagunçados de Jace numa estátua de bronze, e iluminava os olhos felinos de Magnus em turmalina enquanto ele estava sentado curvado no sofá, pálido, porém energizado e bebendo água do Lago Lyn de um frasco de cristal com um canudo colorido.

Ele estava apoiado em Alec, que sorria de orelha a orelha e o olhava com uma careta, obrigando-o a beber mais. Emma jamais imaginara ser possível sorrir e fazer careta ao mesmo tempo, mas Alec estava acostumado a multitarefas.

— Essa água está me deixando bêbado — reclamou Magnus. — E tem um gosto horrível.

— Não tem álcool — disse Diana. Ela parecia cansada, o que não era nenhuma surpresa, após a viagem até Idris e a volta. No entanto, estava serena como sempre, com um vestido preto feito sob medida. — Mas pode ter um efeito ligeiramente alucinógeno.

— Isso explica por que vejo sete de você — disse Magnus a Alec. — Minha maior fantasia.

Dru tapou os ouvidos de Tavvy, embora ele estivesse brincando com uma mola dada por Alec e parecesse surdo para o mundo.

Magnus apontou.

— Aquele ali é extremamente atraente, Alexander.

— É um vaso — disse Helen.

Magnus cerrou os olhos para o vaso.

— Eu estaria disposto a comprá-lo de vocês.

— Talvez mais tarde — disse Helen. — Agora devemos nos concentrar no que Diana tem a nos dizer.

Diana bebericou um gole de café. Emma estava tomando chá; todas as outras pessoas estavam ingerindo cafeína e açúcar. Alec tinha saído em um estado de felicidade louca e comprado dezenas de pães de canela, donuts e tortas para o café da manhã. Isso atraiu todo mundo para a biblioteca, inclusive Kit e Ty. Nem o mais reservado adolescente de quinze anos era imune a bolinhos de maçã com cobertura.

— Eu falei com alguns de vocês ontem à noite, mas provavelmente é melhor explicar de novo — começou ela. — Conseguimos bastante água do Lago Lyn com a ajuda da Caçada Selvagem; eles estão distribuindo para feiticeiros de todo o mundo neste momento.

— A Clave e o Conselho não perceberam nada — completou Helen. — Aline falou com o pai hoje de manhã e ele confirmou. — Aline estava no escritório agora, rastreando o progresso das entregas da água aos feiticeiros, até mesmo nos locais mais remotos.

Emma ergueu seu copo de isopor.

— Muito bem, Diana!

Aplausos percorreram a mesa; Diana sorriu.

— Não teria sido possível sem Gwyn — disse ela. — Nem sem Kieran. Foram as fadas que nos ajudaram.

— Os filhos de Lilith de fato estarão em dívida com os filhos das Cortes depois de hoje, Kieran Filho do Rei — disse Magnus, olhando fixamente para o que achava ser a direção de Kieran.

— Foi um belo discurso, Bane — disse Jace. — Infelizmente, você está falando com um donut.

— Mas agradeço a consideração mesmo assim — respondeu Kieran. Tinha ruborizado com as palavras de Diana e os topos de suas maçãs do rosto ainda estavam rosados. Produziam um belo contraste com seu cabelo azul.

Diana pigarreou.

— Levamos água do lago para a Praga — recomeçou. — Pareceu parar de se espalhar, mas a terra continua arruinada. Não sei se vai se curar.

— Tessa falou que vai parar de afetar os feiticeiros — relatou Cristina. — Que a terra sempre ficará marcada, mas que a doença não vai mais se espalhar.

— Vocês viram mais alguma coisa em Idris? — perguntou Julian. Emma o olhou de lado; doía olhá-lo diretamente. — Mais alguma coisa que deveríamos saber?

Diana virou o copo nas mãos, pensativamente.

— Idris parece... vazia e estranha sem seres do Submundo lá. Parte de sua magia se foi. Brocelind sem fadas é só uma floresta. É como se um pedaço da alma de Idris tivesse desaparecido.

— *Helen...* — Era Aline, batendo a porta atrás de si; ela parecia desganhada e preocupada. Na mão, tinha um pedaço de papel ligeiramente queimado: uma mensagem de fogo. Ela parou onde estava ao parecer assimilar a quantidade de pessoas presentes na biblioteca. — Acabei de falar com Maia em Nova York. Um bando de Caçadores de Sombras atacou e matou um grupo de fadas inofensivas. Kaelie Whitewillow está morta. — A voz de Aline estava tensa.

— Como ousam? — Magnus se sentou, o rosto vivo em fúria. Bateu o frasco na mesa. — A Paz Fria não foi suficiente? Banir seres do Submundo que viviam em Idris há anos não foi suficiente? Agora estão assassinando?

— Magnus... — começou Alec, claramente preocupado.

Uma chama azul irradiou das mãos de Magnus. Todo mundo recuou; Dru agarrou Tavvy. Kieran esticou um braço sobre Cristina para protegê-la; Mark fez o mesmo, simultaneamente. Ninguém parecia mais espantado do que Cristina.

Emma ergueu uma sobrancelha para Cristina do outro lado da mesa, que ruborizou, e tanto Mark quanto Kieran abaixaram os braços rapidamente.

A chama azul sumiu num instante; ficou uma linha queimada na mesa, mas nada mais aconteceu. Magnus olhou, surpreso, para as próprias mãos.

— Sua magia voltou! — exclamou Clary.

Magnus deu uma piscadela.

— Alguns dizem que ela nunca se foi, docinho.

— Isso não pode continuar — falou Jace. — Esse ataque foi em vingança das nossas mortes.

Clary concordou.

— Temos que informar às pessoas que estamos vivos. Não podemos deixar que nossos nomes se transformem em instrumentos de vingança.

Um burburinho de vozes tomou conta da mesa. Jace parecia enjoado; Alec estava com a mão no ombro do seu *parabatai*. Magnus estudava sombriamente as próprias mãos, as pontas dos dedos ainda azuis.

— Seja realista, Clary — disse Helen. — Como vocês pretendem se revelar e continuar em segurança?

— Não ligo para segurança — retrucou Clary.

— Não, nunca ligou — observou Magnus. — Mas você é uma arma importante contra a Tropa. Você e Jace. Não se considerem fora da equação.

— Um recado de Idris chegou enquanto eu estava no escritório — revelou Aline. — A negociação entre o Rei Unseelie e Horace Dearborn vai acontecer daqui a dois dias nos Campos Eternos.

— Quem vai estar lá? — quis saber Emma.

— Só a Tropa e o Rei — respondeu ela.

— Então eles poderiam dizer qualquer coisa lá, que a gente não ficaria sabendo? — questionou Mark.

Aline franziu o rosto.

— Não, o mais estranho é isso. A carta dizia que a negociação seria projetada por Alicante. Todo mundo na cidade vai poder ver.

— Horace *quer* ser observado — disse Julian, meio para si.

— Como assim? — perguntou Emma a ele.

Ele franziu o rosto, claramente confuso e frustrado.

— Eu não... não tenho certeza...

— Manuel falou disso no Reino das Fadas — disse Mark, como se de repente estivesse se lembrando de alguma coisa. — Não falou, Kieran? Ele disse para Oban: “quando todos os Caçadores de Sombras o virem se encontrar e chegar a uma paz mutuamente benéfica, todos vão se dar conta de que você e Horace Dearborn são os melhores líderes, capazes de firmar a aliança que seus antecessores não conseguiram.”

— Oban e Manuel sabiam que isso iria acontecer? — falou Emma. — Como poderiam?

— De algum jeito, isso é o desdobramento do plano da Tropa — explicou Magnus. — E isso não pode ser bom. — Fez uma careta. — Só envolve metade do Reino das Fadas. A metade Unseelie.

— Mas essa é a metade que está tentando destruir os Nephilim. A metade que abriu o Portal para Thule e trouxe a Praga — disse Mark.

— E é fato que muitos Caçadores de Sombras vão simplesmente achar que isso é outro indício de que o Povo das Fadas é do mal — disse Cristina. — A Paz Fria fez poucas distinções entre Seelie e Unseelie, apesar de apenas a Corte Seelie ter lutado ao lado de Sebastian Morgenstern.

— Foi também a Corte Seelie que aceitou as condições da Paz Fria — disse Kieran. — Na cabeça do Rei, tem sido guerra entre Unseelie e Nephilim desde então. Claramente Oban e a Tropa estão planejando transformar essa guerra em realidade. Oban não se importa com seu povo, nem Horace Dearborn. Eles pretendem que a negociação fracasse diante de todos, e Dearborn e Oban vão extrair poder das ruínas.

Julian ainda estava franzindo o rosto, como se tentasse resolver um quebra-cabeça.

— O poder sempre vem de tempos de guerra — disse. — Mas...

— Agora que os feiticeiros estão curados, é hora de pararmos de nos esconder — disse Jace. — Temos que interceder em Idris, antes dessa



negociação fajuta.

— Interceder? — indagou Julian.

— Vamos montar uma equipe para ir — propôs Jace. — Os de sempre: levaremos Isabelle e Simon, Bat, Maia e Lily, o grupo no qual confiamos. Teremos o elemento surpresa. Invadiremos o Gard, libertaremos a Consulesa, e prenderemos o Inquisidor. Faremos com que confesse o que fez.

— Ele não vai confessar — disse Julian. — Ele é um verdadeiro crente. E se ele morrer pela causa, melhor para ele.

Todo mundo olhou para Julian com alguma surpresa.

— Bem, você não pode estar sugerindo que a gente deixe a Tropa seguir do jeito que está — falou Cristina.

— Não — disse Julian. — Estou sugerindo uma resistência.

— Não temos gente suficiente — interpelou Clary. — E as pessoas que se opõem à Tropa estão espalhadas por todos os lados. Como vamos saber quem é leal a Horace e quem não é?

— Eu estive na sala do Conselho antes de Annabel matar minha irmã — falou Julian. Emma sentiu a espinha congelar; certamente os outros reparariam na frieza com que ele falava sobre Livvy? — Eu vi como as pessoas reagiram a Horace. E no enterro também, quando ele se pronunciou. *Existem* pessoas que se opõem a ele. Estou sugerindo que busquemos membros do Submundo e Caçadores de Sombras que já sabemos serem contra a Tropa, para que formem uma coalizão maior.

*Ele está pensando na Livvy de Thule, percebeu Emma. Nos rebeldes dela — membros do Submundo e Caçadores de Sombras, juntos. Mas ele deveria intitulá-los rebeldes, então. Soldados da liberdade. Livvy inspirou as pessoas a lutarem...*

De soslaio, ela notou Kieran se levantando e se retirando sem estardalhaço. Mark e Cristina também ficaram observando-o sair.

— É perigoso demais — disse Jace, soando verdadeiramente desamparado. — Poderíamos trazer um traidor para o nosso cerne. Não podemos simplesmente nos basear nos seus palpites sobre o que as pessoas pensam...

— Julian é a pessoa mais inteligente que conheço — afirmou Mark. — Ele não está enganado quanto ao que as pessoas sentem.

— Nós acreditamos nele — disse Alec. — Mas não podemos correr o risco de trazer alguém que possa contar nossos segredos à Tropa.

O rosto de Julian estava imóvel, apenas seus olhos se mexiam, percorrendo a mesa, estudando as feições de seus companheiros.

— A vantagem da Tropa é que estão sempre juntos. São unidos. Estamos nos colocando individualmente em perigo para proteger os outros. E se em vez disso

todos ficássemos juntos? Seríamos muito mais poderosos...

Jace o interrompeu.

— É uma boa ideia, Julian, mas não dá para fazer.

Julian ficou quieto, embora Emma sentisse que ele tinha mais a dizer. Ele não ia insistir. Talvez se ele fosse mais ele mesmo, insistisse... mas não este Julian.

Alec se levantou.

— É melhor eu e Magnus irmos para Nova York hoje à noite. Se vamos todos a Idris, temos que levar as crianças para a minha mãe. Podemos trazer Simon e Izzy conosco.

— Vamos ficar aqui — disse Jace, indicando ele e Clary. — Este lugar ainda está vulnerável a um ataque da Tropa. Seremos a primeira linha de defesa.

— Devemos estar todos prontos — disse Clary. — Se não tiver problema, Helen, venha comigo à sala das armas para ver se precisamos requisitar alguma coisa... — Ela fez uma pausa. — Acho que não podemos entrar em contato com as Irmãs de Ferro, podemos?

— Elas se opõem ao governo em Idris — disse Aline. — Mas se fecharam na Cidadela Adamant. Ainda não responderam a nenhuma mensagem.

— Existem outras maneiras de se conseguir armas — disse Ty. — Tem o Mercado das Sombras.

Emma ficou tensa, se perguntando se alguém ia observar que o Mercado das Sombras tecnicamente era proibido para os Caçadores de Sombras.

Ninguém o fez.

— Boa ideia — disse Jace. — Dá para conseguir armas se precisarmos: existem esconderijos de armas em todas as igrejas e edifícios sagrados de Los Angeles, mas...

— Mas vocês não vão combater demônios — disse Kit. — Vão?

Jace o encarou; era difícil não perceber a semelhança entre eles quando estavam próximos.

— Não os comuns — respondeu ele, aí se juntou a Clary e eles seguiram para a sala das armas.

Mark também estava de pé; ele saiu da sala com Cristina ao seu lado, e Ty e Kit foram logo depois. Dru se retirou com Tavvy e sua mola. No meio da bagunça, Magnus olhou para Julian, do outro lado da mesa, com seus olhos felinos aguçados.

— Você fica — ordenou. — Quero falar com você.

Helen e Aline pareceram curiosas. Alec ergueu uma sobrancelha.

— Tudo bem — concedeu. — Vou ligar para Izzy e avisar que estamos voltando. — Ele olhou para Aline e Helen. — Preciso de ajuda para arrumar a mala. Magnus ainda não está totalmente recuperado.

*Ele está mentindo para tirá-las daqui*, pensou Emma. A comunicação invisível entre Alec e Magnus era facilmente percebida: ela ficou imaginando se as pessoas conseguiam enxergar o mesmo com ela e Julian. Será que os diálogos silenciosos entre eles eram nítidos? Não que viessem fazendo esse tipo de coisa desde o retorno de Thule.

Magnus começou a se voltar para Emma, mas Julian balançou a cabeça minimamente.

— Emma já está a par — disse ele. — Ela pode ficar.

Magnus se recostou enquanto os outros se retiravam do recinto. Logo ficou vazio, exceto pelos três: Emma, Julian e Magnus, que estava fitando os dois Caçadores de Sombras silenciosamente, seu olhar firme se revezando entre Julian e Emma.

— Quando você contou para Emma sobre o feitiço, Julian? — perguntou Magnus, sua voz enganosamente neutra. Emma desconfiava que a pergunta contivesse mais do que o óbvio.

Julian contraiu as sobrancelhas escuras.

— Assim que pude. Ela sabe que eu quero que você tire de mim.

— Ah — disse Magnus. Ele se apoiou no sofá. — Você implorou pelo feitiço — justificou ele. — Você estava desesperado, e correndo perigo. Tem certeza de que quer que eu remova?

O sol claro deixava os olhos de Julian da cor dos oceanos tropicais das revistas; ele usava uma camisa de manga comprida que combinava com seus olhos, e era tão lindo que o coração de Emma engasgava no peito.

Mas era a beleza de uma estátua. A expressão dele era quase vazia; ela não conseguia interpretá-lo de jeito nenhum. Eles mal tinham se falado desde aquela noite no quarto dela.

Talvez agora já tivesse se passado tanto tempo que ele não se lembrasse mais como era sentir alguma coisa; talvez ele não quisesse mais. Talvez ele a detestasse. Talvez fosse melhor se ele detestasse, mas Emma jamais poderia acreditar que seria melhor ele nunca mais sentir nada.

Após um momento doloroso de silêncio, Julian esticou o braço e arregaçou a manga esquerda. Seu antebraço estava sem as ataduras. Ele ofereceu o braço para Magnus.

VOCÊ ESTÁ NA JAULA.

O rosto de Magnus perdeu a cor.

— Meu Deus — disse ele.

— Eu talhei isto no meu braço em Thule — explicou Julian. — Quando recuperei minhas emoções, consegui perceber como fiquei arrasado sem elas.

— Isso é... brutal. — Magnus estava claramente abalado. Seu cabelo tinha

ficado um tanto bagunçado, Emma pensou. Era raro ver Magnus com cabelos menos do que perfeitos. — Mas suponho que você sempre tenha sido determinado. Conversei com Helen enquanto vocês estavam desaparecidos, ela me confirmou que você dirigiu o Instituto sozinho por muito tempo. Dando cobertura a Arthur, que nunca se recuperou da experiência no Reino das Fadas.

— O que isso tem a ver com o feitiço? — perguntou Julian.

— Parece que você sempre teve que fazer escolhas difíceis — disse Magnus. — Por você, e pelas pessoas com quem se importa. Esta me parece mais uma escolha difícil. Eu ainda sei menos do que gostaria sobre o resultado da maldição *parabatai*. Mas um amigo meu está investigando, e pelo que ele me falou, a ameaça é bastante real. — Ele parecia sofrido. — Pode ser que você esteja melhor assim.

— Não estou — disse Julian. — E você sabe que não estou falando com o coração. — Apesar da amargura em suas palavras, o tom era seco. — Sem minhas emoções, sem meus sentimentos, sou um Caçador de Sombras pior. Tomo decisões piores. Eu não confiaria em alguém que não sente nada por ninguém. Eu não iria querer que essa pessoa tomasse decisões que afetassem terceiros. Você iria?

Magnus pareceu pensativo.

— Difícil dizer. Você é muito esperto.

Julian não pareceu nada afetado pelo elogio.

— Nem sempre fui esperto do jeito que você pensa. Desde que completei doze anos, quando meu pai morreu e as crianças se tornaram minha responsabilidade, tive que aprender a mentir. A manipular. Então se isso é esperteza, eu tinha. Mas eu sabia a hora de *parar*.

Magnus ergueu as sobrancelhas.

— Um Julian desprovido de sentimentos — disse Emma — não sabe a hora de parar.

— Gostei da sua ideia anterior — falou Magnus, olhando com curiosidade para Julian. — Convocar uma resistência. Por que você não insistiu mais no assunto?

— Porque Jace não estava errado — respondeu Julian. — Poderíamos ser traídos. Normalmente eu seria capaz de superar essa ideia. De pensar numa solução. Mas não desse jeito. — Ele tocou a têmpora, franzindo o rosto. — Achei que fosse conseguir pensar com mais clareza se não tivesse sentimentos. Mas o contrário é que é verdade. Não consigo pensar. Não direito.

Magnus hesitou.

— Por favor — implorou Emma.

— Você vai precisar de um plano — falou Magnus. — Sei que seu plano

anterior era o exílio, mas isso era quando Robert podia ajudar. Horace Dearborn não vai.

— Dearborn não vai, mas pode ser que outro Inquisidor ajude. Temos que derrubar a Tropa, de qualquer modo. Existe a chance de que o próximo Inquisidor seja razoável — disse Julian.

— Eles não têm um histórico de razoabilidade — disse Magnus. — E não temos uma estimativa de tempo aqui. — Ele tamborilou os dedos na mesa. — Tenho uma ideia — falou, por fim. — Você não vai gostar.

— Que tal uma da qual ele *vá* gostar? — sugeriu Emma.

Magnus lançou um olhar sombrio a ela.

— Existem algumas coisas que, em situações de emergência, podem romper seu laço. Morte, que não recomendo. Ser mordido por um vampiro, o que é difícil de se arranjar e também pode resultar em morte. Remover suas Marcas e transformá-lo em mundano. Provavelmente a melhor opção.

— Mas só os Irmãos do Silêncio podem fazer isso — disse Emma. — E não podemos chegar perto deles agora.

— Jem é uma opção — disse Magnus. — Eu e ele já vimos Marcas serem removidas. E ele próprio já foi um Irmão do Silêncio. Juntos, podemos fazer acontecer. — Ele parecia ligeiramente nauseado. — Seria doloroso e desagradável. Mas se não houver outra escolha...

— Eu topo — disse Emma rapidamente. — Se a maldição começar a acontecer, eu removo minhas Marcas. Eu aguento.

— Eu não... — começou Julian. Emma prendeu a respiração; o verdadeiro Julian jamais permitiria que ela fizesse tal oferta. Ela precisava fazê-lo concordar antes de Magnus reverter o feitiço. — Eu não gosto da ideia — disse Julian afinal, soando quase confuso, como se os próprios pensamentos o tivessem surpreendido. — Mas se não há outra escolha, tudo bem.

Magnus encarou Emma.

— Vou interpretar isso como um acordo selado — disse ele após uma pausa. Esticou a mão cheia de anéis. — Julian. Venha cá.

Emma ficou observando com uma agonia de expectativa enquanto Julian ia até o feiticeiro e se sentava diante dele — e se algo desse errado? E se Magnus não conseguisse remover o feitiço?

— Prepare-se — ordenou Magnus. — Vai ser um choque.

Ele esticou o braço e tocou a têmpora de Julian, que se assustou quando uma faísca voou dos dedos de Magnus; então o lampejo desapareceu como um vagalume, e Julian se encolheu, arfando de repente.

— Eu sei. — As mãos de Julian estavam tremendo. — Já passei por isso em Thule. Eu consigo... fazer de novo.

— Você ficou doente em Thule — disse Emma. — Na praia.

Julian olhou para ela. E o coração de Emma saltou: naquele olhar estava tudo, todo o seu Julian, seu *parabatai* e melhor amigo e primeiro amor. Nele estava a conexão brilhante que sempre os unira.

Ele sorriu. Um sorriso cuidadoso, carinhoso. Nele Emma viu milhares de lembranças: da infância e do sol, deles brincando na quebrada da maré na praia, de Julian sempre guardando as maiores e melhores conchas para ela. Segurando cuidadosamente sua mão quando ela se cortou com um caco de vidro e era jovem demais para um *iratze*. Ele chorou quando lhe deram os pontos, porque sabia que ela não queria, mesmo com a dor horrorosa. E então, quando completaram doze anos, ele pedira a ela um chumaço de seus cabelos porque queria aprender a pintar a cor. Ela se lembrou de sentar na praia com ele quando tinham dezesseis anos; a alça do biquíni dela arrebentou e Emma se lembrou do engasgo agudo dele, e de como ele desviara rapidamente o olhar.

Como ela não fora capaz de perceber?, pensou. Como ele se sentia. Como ela própria se sentia. O jeito como eles se olhavam não era o jeito como Alec olhava para Jace, ou Clary para Simon.

— Emma — sussurrou Julian. — Suas Marcas...

Ela balançou a cabeça, com lágrimas amargas no fundo da garganta. *Está feito.*

A expressão dele partiu o coração de Emma. Julian sabia que não adiantava discutir que ele era quem deveria remover as Marcas, pensou Emma. Ele agora conseguia decifrá-la outra vez, exatamente como ela conseguia decifrá-lo.

— Julian — disse Magnus. — Me dê o seu braço. O esquerdo.

Julian parou de olhar para Emma e ofereceu o braço cheio de cicatrizes a Magnus.

Magnus passou seus dedos com faíscas azuis com suave gentileza pelo antebraço de Julian, e as letras marcadas, uma a uma, foram desbotando e desaparecendo. Quando terminou, soltou Julian e olhou entre ele e Emma.

— Vou dar uma pequena boa notícia — disse. — Vocês não eram *parabatai* em Thule. Isso feriu seu laço e está se curando. Então vocês têm um pouquinho de tempo durante o qual o vínculo será mais fraco.

*Graças ao Anjo.*

— Quanto tempo? — perguntou Emma.

— Depende de vocês. O amor é poderoso, e quanto mais tempo passarem juntos e se permitirem sentir o que sentem, mais forte será. Vocês precisam se afastar um do outro. Não se tocar. Não se falar. Tentem sequer *pensar* um no outro. — Ele acenou os braços como um polvo. — Se vocês se flagrarem pensando carinhosamente um no outro, pelo amor de Deus, se contenham.

Ambos o encararam.

— Não podemos fazer isso para sempre — disse Emma.

— Eu sei. Mas com sorte, quando a Tropa se for, teremos um novo Inquisidor e ele poderá presentear-los com o exílio. E com sorte isso será logo.

— Exílio é um presente um tanto amargo — disse Julian.

O sorriso de Magnus estava carregado de tristeza.

— Muitos presentes o são.

Não foi difícil encontrar Kieran. Ele não tinha ido longe; estava no corredor perto de uma das janelas com vista para as montanhas. A palma pressionada contra o vidro, como se pudesse tocar a areia e as flores do deserto através da barreira.

— Kieran — chamou Mark, parando antes de alcançá-lo. Cristina também parou; havia algo de remoto na expressão de Kieran, algo distante. A estranheza que havia entre todos eles desde a noite anterior também continuava ali, proibindo simples gestos de consolo.

— Temo que meu povo seja assassinado, e minha terra, destruída — disse Kieran. — Que toda a beleza e a magia do Reino das Fadas seja dissolvida e esquecida.

— Fadas são fortes, mágicas e sábias — disse Cristina. — Elas viveram por todas as eras mortais. Esses... esses *culeros* não podem acabar com elas.

— Eu não vou me esquecer da beleza do Reino das Fadas, nem você — disse Mark. — Mas não chegará a tanto.

Kieran se virou para fitá-los com olhos cegos.

— Precisamos de um bom Rei. Precisamos encontrar Adaon. Ele precisa tomar o trono de Oban e acabar com essa loucura.

— Se você quiser encontrar Adaon, que seja. Helen sabe como entrar em contato com Nene. Ela pode pedir que Nene o encontre na Corte Seelie — disse Cristina.

— Eu não queria presumir que ela fosse fazer isso por mim — falou Kieran.

— Ela sabe o quanto eu gosto de você — disse Mark, e Cristina assentiu em concordância. Helen, ela mesma meio-fada, certamente entenderia.

Mas Kieran somente semicerrou os olhos, como se estivesse com dor.

— Eu agradeço. Aos dois.

— Não precisa ser tão formal... — começou Cristina.

— Preciso muito — disse Kieran. — O que houve entre nós ontem à noite... eu fiquei feliz naqueles instantes, e agora sei que nunca mais vamos repetir aquilo. Vou perder um de vocês, e possivelmente os dois. Inclusive, esse me

parece o resultado mais provável.

Ele olhou de Mark para Cristina. Nenhum dos dois se mexeu ou falou. O momento se estendeu; Cristina se sentia paralisada. Ela queria tocar ambos, mas talvez eles já tivessem se decidido? Talvez realmente fosse impossível, exatamente como Kieran dissera. Ele certamente saberia. E Mark parecia agoniado — certamente não estaria daquele jeito se não sentisse os mesmos temores que ela? E Kieran...

A boca de Kieran estava rija.

— Me perdoem. Tenho que ir.

Cristina o viu sair apressadamente, desaparecendo nas sombras no fim do corredor. Para além da janela, ela viu Alec e Magnus emergirem da porta dos fundos do Instituto à luz brilhante do sol. Clary e Jace vinham logo atrás. Ficou óbvio que estavam se despedindo de Magnus e Alec por agora.

Mark se apoiou na janela.

— Queria que Kieran entendesse que ele seria um grande Rei.

A luz que atravessava a janela dourava seus cabelos claros. Seus olhos ardiam em âmbar e safira. Seu menino de ouro. Muito embora a escuridão prateada de Kieran fosse igualmente bela, à sua maneira.

— Temos que conversar em particular, Mark — disse Cristina. — Me encontre hoje à noite, fora do Instituto.

Emma e Julian deixaram a biblioteca, em silêncio, e voltaram para o quarto dela igualmente calados, antes de Julian finalmente falar:

— É melhor eu deixar você aqui — começou Jules, gesticulando para a porta. Ele parecia estar com a garganta doendo, áspera e rouca. A manga ainda estava arregaçada até o cotovelo, exibindo a pele curada no antebraço. Ela queria tocar bem ali, tocá-lo, para se certificar de que ele tinha voltado a si. Seu Julian outra vez. — Você vai ficar bem?

*Como eu poderia ficar bem?* Ela tateou a maçaneta cegamente, mas não conseguiu se forçar a girá-la. As palavras de Magnus nadavam em seu cérebro. *Maldição, Marcas removidas, se afastem um do outro.*

Ela se virou, colando as costas à madeira da porta. Olhou para ele pela primeira vez desde a biblioteca.

— Julian — sussurrou. — O que faremos? Não podemos viver sem conversar, ou mesmo sem pensar um no outro. Não é possível.

Ele não se mexeu. Ela assimilou a imagem dele como uma alcoólatra prometendo que essa seria a última garrafa. Segurara as pontas por tanto tempo dizendo a si que, quando o feitiço fosse retirado, ela o teria de volta. Não como



parceiro romântico, mas como Jules: seu melhor amigo, seu *parabatai*.

Mas talvez eles tivessem trocado uma jaula por outra.

Ela ficou imaginando se ele pensava igual. O rosto dele não estava vazio mais: estava vivo com cor, emoção; ele parecia chocado, como se tivesse subido rápido demais de um mergulho e a dor da subida tivesse acabado de atingi-lo.

Ele tomou o rosto dela nas mãos. As palmas aninhavam suas bochechas: ele a envolvia com um encanto leve e gentil que Emma associava ao cuidado reverente concedido a objetos preciosos e frágeis.

Os joelhos de Emma bambearam. Incrível, pensou ela; o Julian enfeitiçado podia beijá-la e fazê-la se sentir vazia por dentro. Este Julian — seu verdadeiro Julian — tocava levemente o seu rosto e ela era inundada por um desejo tão forte que era quase dor.

— Precisamos — disse ele. — Em Alicante, antes de procurar Magnus para que ele me enfeitiçasse, foi porque eu sabia... — Ele engoliu em seco. — Depois que a gente quase... na cama... eu senti minha Marca começar a queimar.

— Por isso você saiu correndo do quarto?

— Deu para sentir a maldição. — Ele abaixou a cabeça. — Minha Marca estava queimando. Dava para ver as chamas sob minha pele.

— Você não me contou essa parte. — A mente de Emma girava; ela se lembrou do que Diana dissera em Thule: *as Marcas começaram a arder como fogo. Como se eles tivessem fogo em vez de sangue nas veias*.

— Foi a primeira vez que teve importância — disse ele. E agora Emma via tudo o que antes lhe parecia invisível: as olheiras escuras como hematomas, as rugas de tensão perto da boca. — Antes disso eu estava enfeitiçado, ou estávamos em Thule, e nada poderia acontecer. Não éramos *parabatai* lá.

Ela pegou o pulso esquerdo dele. Jules se esquivou; mas não foi de dor. Emma soube disso instintivamente. Fora efeito da intensidade de cada toque; ela também sentiu, como um sino reverberando.

— Você está arrependido de ter pedido para Magnus remover o feitiço?

— Não — respondeu imediatamente. — Preciso estar nas melhores condições agora. Preciso ser capaz de ajudar com tudo o que está acontecendo. O feitiço me transformou numa pessoa que eu não quero ser. Uma pessoa da qual não gosto e em quem sequer confio. E não posso deixar alguém em quem não confio perto de você, perto das crianças. Vocês são importantes demais para mim.

Ela estremeceu, ainda segurando o pulso dele. As palmas eram ásperas contra suas bochechas; ele cheirava a terebintina e sabão. Ela sentia como se estivesse morrendo; tinha perdido Julian e ganhado de volta, e agora o estava perdendo outra vez.

— Magnus disse que tínhamos um pouquinho de tempo. Só temos que... que fazer o que ele disse. Ficar afastados um do outro. É só o que podemos fazer por enquanto — disse Julian.

— Não quero ficar longe de você — sussurrou ela.

Os olhos de Julian estavam fixados nela, implacáveis vidros azul-marinho. Escuros como o céu em Thule. A voz dele estava contida, suave, mas a fome primitiva em seu olhar era como um berro.

— Talvez se nos beijássemos uma última vez — propôs ele, rouco. — Tirar essa vontade de dentro da gente.

Por acaso alguém morrendo de sede recusava água? Bastou a Emma assentir e eles se jogaram um no outro com tanta força que a porta do quarto dela estremeceu na moldura. Qualquer pessoa poderia passar pelo corredor e flagrá-los, ela sabia. Não se importava. Agarrou os cabelos dele, as costas da camisa; sua cabeça bateu na porta quando as bocas se tocaram.

Ela abriu os lábios sob os dele, fazendo-o gemer e praguejar e puxá-la, cada vez mais forte, como se ele pudesse estilhaçar os ossos de ambos, fundi-los num único esqueleto. Ela agarrou a camisa dele com vontade; os dedos dele acariciaram a cintura dela, se enredaram em seus cabelos. Emma estava consciente do quão próximos estavam de algo verdadeiramente perigoso — ela sentia a tensão no corpo dele, não pelo esforço de segurá-la, mas de se segurar.

Ela apalpou atrás de si à procura da maçaneta da porta. Girou-a. A porta se abriu e eles se separaram, aos tropeços.

Emma tinha a sensação de que sua pele estava sendo arrancada. Uma agonia. Sua Marca doía profundamente. Na entrada do quarto, ela se agarrou à porta como se mais nada pudesse mantê-la de pé.

Julian estava arfando, desalinhado; era como se ela pudesse ouvir o palpitante do coração dele. Talvez fosse o dela mesma, um ribombar ensurdecedor em seus ouvidos.

— Emma...

— Por quê? — disse ela, com a voz tremendo. — Por que algo tão terrível aconteceria devido ao vínculo *parabatai*? Era para ser uma coisa boa. Talvez a Rainha esteja certa e seja ruim.

— Você não... confia na Rainha — falou Julian, sem fôlego. Seus olhos eram todos pupilas: pretos com um contorno azul. O coração de Emma batia como uma supernova, uma estrela escura caindo com um desejo frustrado.

— Eu não sei em *quem* confiar. “Há corrupção no coração da ligação dos *parabatai*. Veneno. Uma escuridão nela que reflete a sua bondade.” Foi isso o que a Rainha disse.

A mão de Julian, junto à lateral do corpo, cerrou em punho.

— Mas a Rainha...

*É mais do que a Rainha. Eu deveria contar para ele. O que Diana disse em Thule sobre os parabatai.* Mas Emma se conteve: ele não estava em condições de ouvir, e, além disso, os dois sabiam o que precisavam fazer.

— Você sabe o que tem que acontecer — disse ela afinal, sua voz pouco mais do que um sussurro. — O que Magnus disse. Temos um pouquinho de tempo. Não podemos... forçar.

Os olhos dele estavam gélidos, assombrados. Ele não se mexia.

— Me mande embora daqui — pediu ele. — Me diga para te deixar.

— Julian...

— Eu sempre vou fazer o que você me pedir, Emma — disse ele, a voz dura. De repente os ossos de seu rosto pareceram muito proeminentes e destacados, como se cortassem a pele. — Por favor. *Me peça.*

Emma se lembrou daquela vez, há tantos anos, quando Julian pusera Cortana em seus braços e ela segurara tão forte que ganhara uma cicatriz. Ela se lembrou da dor e do sangue. E da gratidão.

Naquele momento, Julian lhe dera o que ela precisava. Agora ela daria a ele o que ele precisasse.

Ela empinou o queixo. Ia ser doloroso como a morte, mas Emma dava conta de fazê-lo. *Sou feita do mesmo aço e da mesma têmpera de Joyeuse e Durendal.*

— Vá embora, Julian — ordenou, depositando cada grama de aço possível nas palavras. — Quero que você vá e me deixe sozinha.

Muito embora ele tivesse pedido a ela para dizer tais palavras, muito embora soubesse que não se tratava de um desejo real, ele ainda se encolheu como se as palavras fossem flechas perfurando sua pele.

Então fez um gesto curto e brusco com a cabeça. Deu meia-volta com uma precisão aguçada. E se afastou.

Emma fechou os olhos. Enquanto os passos de Julian desapareciam pelo corredor, ela sentia a dor da Marca *parabatai* diminuindo, e dizia a si que não importava. Jamais voltaria a acontecer.

Kit estava espreitando pelas sombras. Não por querer, exatamente; ele gostava de pensar que tinha virado a página e que estava menos propenso a agir sorrateiramente e a planejar coisas ilícitas do que outrora. Coisa que, ele se deu conta, podia ser um exagero. Necromancia era algo bem ilícito, mesmo que sua participação no ritual não fosse lá muito voluntariosa. Talvez fosse como a árvore caindo na floresta: se ninguém soubesse das suas atividades necromantes, elas ainda seriam ilícitas?

Apoiando-se na parede do Instituto, ele concluiu que provavelmente sim.

Tinha saído para falar com Jace, sem perceber, ao ver Jace saindo pela porta dos fundos, que ele estava indo encontrar Clary, Alec e Magnus. Kit então se deu conta de que tinha invadido as despedidas e se escondeu desconfortavelmente às sombras, torcendo para não ser notado.

Clary tinha abraçado Alec e Magnus, e Jace cumprimentara Magnus amistosamente com um “toca aqui”. Em seguida agarrara Alec e eles se abraçaram pelo que pareceram horas, ou possivelmente anos. Daí deram tapinhas um nas costas do outro enquanto Clary e Magnus assistiam, complacentes.

Ser *parabatai* parecia algo muito intenso, pensou Kit, alongando os ombros para estalar o pescoço. E estranhamente, fazia muito tempo que não pensava no lance de ser *parabatai* de Ty. Talvez por Ty não estar em condições de tomar esse tipo de decisão.

Talvez fosse outra coisa, mas ele afastou o pensamento quando Alec e Jace interromperam o abraço. Jace então deu um passo para trás, pegando a mão de Clary. Magnus ergueu as mãos e as faíscas azuis voaram dos dedos dele para criar a entrada turbilhonada de um Portal.

O vento que soprou dela levantou poeira e areia; Kit cerrou os olhos, mal conseguindo enxergar enquanto Alec e Magnus adentravam. Quando o vento se acalmou, ele viu que Alec e Magnus tinham desaparecido e que Jace e Clary estavam voltando para o Instituto, de mãos dadas.

Kit fechou os olhos e bateu a cabeça silenciosamente contra a parede.

— Você faz isso porque gosta ou porque é bom quando para? — perguntou uma voz.

Kit abriu os olhos. Jace estava diante dele, os braços musculosos cruzados, um olhar entretido. Clary provavelmente já tinha entrado.

— Desculpa — murmurou Kit.

— Não peça desculpas. Não faz a menor diferença para mim se você quer quebrar a cabeça como se fosse um ovo.

Resmungando, Kit saiu das sombras e ficou piscando contra o sol, limpando a camisa.

— Eu queria falar com você, mas não quis interromper os abraços de despedida — disse ele.

— Alec e eu não temos medo de expressar nosso amor másculo — disse Jace. — Às vezes ele me carrega feito uma donzela desmaiada.

— Sério? — perguntou Kit.

— Não — disse Jace. — Sou muito pesado, principalmente quando estou completamente armado. Sobre o que você queria conversar comigo?

— Sobre isso, na verdade — respondeu Kit.

— Meu peso?

— Armas.

Jace pareceu em deleite.

— Eu *sabia* que você era um Herondale. Isso é uma notícia maravilhosa. O que quer discutir? Tipos de espadas? Duas mãos versus uma das mãos? Eu tenho *muito* a compartilhar.

— Ter minha própria arma — disse Kit. — Emma tem Cortana. Livvy tinha os sabres dela. Ty gosta de facas de arremesso. Julian tem arcos. Cristina tem o canivete borboleta. Se vou ser um Caçador de Sombras, tenho que ter uma arma de escolha.

— Então você decidiu? — quis saber Jace. — Vai ser um Caçador de Sombras?

Kit hesitou. Não sabia exatamente quando tinha acontecido, mas tinha. Ele se dera conta na praia com Shade, quando por um instante temera não ser um Nephilim, afinal.

— O que mais eu seria?

A boca de Jace se curvou nos cantinhos num sorriso insolente.

— Nunca duvidei de você, garoto. — Ele afagou os cabelos de Kit. — Você não tem nenhum treinamento, então eu diria que arcos e facas de arremesso estão fora de cogitação. Vou achar alguma coisa para você, alguma coisa que seja *Herondale*.

— Eu posso massacrar com meu senso de humor fatal e meu charme perverso.

— Isso é Herondale. — Jace pareceu satisfeito. — Christopher... posso chamá-lo de Christopher?

— Não — disse Kit.

— Christopher, para mim, família nunca foi sangue. Sempre foi a família que escolhi. Mas é legal ter algum parente neste mundo. Alguém para quem eu possa contar histórias chatas de família. Você sabe alguma coisa sobre Will Herondale? Ou James Herondale?

— Acho que não — disse Kit.

— Ótimo. Horas do seu tempo serão arruinadas — disse Jace. — Agora vou procurar uma arma para você. Não hesite em me procurar a qualquer hora quando precisar de conselhos sobre a vida ou sobre armamento, de preferência sobre as duas coisas. — Ele o saudou com veemência e correu antes que Kit pudesse lhe perguntar o que deveria fazer caso alguém de quem gostasse muito quisesse despertar um morto de um jeito nada aconselhável.

— Provavelmente é melhor assim — resmungou ele para si.

— Kit! Kit! *Pssst* — sibilou alguém, e Kit deu um salto e girou para ver

Drusilla apoiada numa janela no alto e gesticulando para ele. — Você disse que a gente podia conversar.

Kit piscou. Os últimos acontecimentos o fizeram esquecer o acordo com Dru.  
— Tudo bem. Vou subir.

Enquanto corria pelos degraus em direção ao andar de Dru, Kit se perguntou onde Ty estava. Já estava acostumado a ir a todo lugar com o garoto — a encontrá-lo no corredor, lendo, quando acordava de manhã, e a só ir dormir depois que os dois já tivessem se esgotado pesquisando ou passeando sorrateiramente pelo Mercado das Sombras sob os olhares entretidos de Hypatia. Apesar de Ty não ligar para o clamor do Mercado das Sombras, todos pareciam adorá-lo por lá, o menino Caçador de Sombras extremamente educado que não exibia armas, não fazia ameaças, apenas perguntava calmamente se tinham isso ou aquilo que ele queria.

Ty era notável, pensou Kit. O fato de as tensões estarem crescendo entre os membros do Submundo e os Caçadores de Sombras não parecia afetá-lo. Ele estava inteiramente focado em uma coisa: no feitiço que traria Livvy de volta. Ele ficava feliz quando a busca ia bem, e frustrado quando não ia, mas não descontava suas frustrações nos outros.

A única pessoa com quem não era gentil, pensou Kit, era com ele próprio.

Contudo, nos últimos dias, depois que Emma e Julian acordaram, Ty se mostrara mais difícil de ser encontrado. Se ele estava tramando alguma coisa, isto não incluía Kit — uma ideia que doía com uma intensidade surpreendente. Mesmo assim, eles tinham planos para aquela noite, então já era alguma coisa.

Não foi difícil encontrar o quarto de Dru. Ela estava na entrada, passeando impacientemente de um lado a outro. Ao ver Kit, ela o chamou para dentro e fechou a porta, trancando-a para enfatizar.

— Você não está planejando me matar, está? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas.

— Ha ha — disse ela sombriamente, e se jogou na cama. Estava com um vestido preto de mangas com um rosto berrante estampado na frente. O cabelo estava preso em tranças tão firmes que estavam perpendiculares à cabeça. Era difícil se lembrar dela como a profissional vampiresca que enganara Barnabas Hale. — Você sabe muito bem sobre o que quero conversar com você.

Kit se apoiou na mesa.

— Ty.

— Ele não está bem — disse Dru. — Está diferente. Você sabia disso?

Kit esperava dizer algo defensivo, ou negar que qualquer coisa estranha estivesse acontecendo. Em vez disso, ele se apoiou sobre a mesa, como se tivesse acabado de soltar um peso dos mais difíceis de carregar, mas suas pernas

ainda estivessem com aquele tremor residual.

— É como... não sei como... as pessoas simplesmente não estão *vendo* — disse ele, tão aliviado por dizer tais palavras que quase doeu. — Ele não está bem. Como poderia estar?

Quando Dru voltou a falar, sua voz veio mais suave:

— Nenhum de nós está bem. Talvez isso seja parte do problema. Quando você está triste, às vezes é difícil enxergar como as outras pessoas podem estar tristes de um jeito diferente ou pior.

— Mas Helen...

— Helen não nos conhece tão bem assim. — Dru começou a brincar com uma mecha de cabelo. — Ela está *tentando* — admitiu. — Mas como ela pode ver que Ty está diferente agora se ela não sabe como ele era antes? Mark está envolvido com assuntos de fadas, e Julian e Emma estiveram ausentes. Se alguém vai notar, agora que as coisas se acalmaram, será Julian.

Kit não sabia ao certo como poderia descrever “a sociedade à beira de uma guerra” como “as coisas se acalmaram”, mas ele tinha a impressão de que o critério dos Blackthorn para essas coisas era diferente do dele.

— Quero dizer, de certa forma ele *está* bem — disse Kit. — Acho que essa é a parte confusa. Parece que ele está normal e fazendo coisas cotidianas. Ele toma café da manhã. Ele lava roupa. É só que a única coisa que o está mantendo firme é...

Ele se calou, as palmas subitamente suadas. Quase revelou tudo. Jesus Cristo, quase tinha quebrado a promessa a Ty só porque Dru era amistosa.

— Desculpe — falou para o silêncio. Dru agora o encarava, confusa. — Não é nada.

Ela semicerrou os olhos para ele, desconfiada.

— Você prometeu a ele que não contaria — provocou ela. — Tudo bem, que tal se eu chutar e você me dizer se estou certa ou errada?

Kit deu de ombros, exaurido. Ela nunca ia adivinhar mesmo.

— Ele está tentando contatar o fantasma de Livvy — arriscou ela. — A história de Thule me fez pensar nisso. As pessoas que morrem existem de outras formas. Ou como fantasmas, ou em outras dimensões. Só não podemos... alcançá-las. — Ela piscou muito rápido e olhou para baixo.

— É... — Kit se ouviu dizer, como se estivesse muito distante. — É isso. É isso o que ele está fazendo.

— Não sei se é uma boa ideia. — Dru pareceu infeliz. — Se Livvy se foi, se ela está em um bom lugar, o espírito dela não estará aqui na Terra. Tipo, dizem que fantasmas podem aparecer rapidamente para algo importante... ou se forem chamados da maneira correta...

Kit pensou no *parabatai* de Robert Lightwood, ao lado de sua pira em chamas. *Algo importante.*

— Eu poderia tentar conversar com ele — propôs Dru com a voz fraca. — Lembrar que ele ainda tem uma irmã.

Kit pensou na noite em que Dru fora com eles enganar Barnabas. Ty parecia mais leve, mais feliz em tê-la ali, mesmo que não admitisse.

— Hoje à noite vamos... — Não. Melhor não contar a ela sobre Shade. — Conseguir a última coisa da qual ele precisa para o feitiço — mentiu rapidamente. — Vamos nos encontrar na via expressa às dez. Se você aparecer por lá, pode ameaçar nos delatar sob a condição que a gente permita que você vá conosco.

Dru franziu o nariz.

— Eu tenho que ser a vilã?

— Vamos — disse Kit. — Você vai poder mandar na gente. Não me diga que não vai gostar nem um pouquinho disso.

Ela sorriu.

— Sim, provavelmente. Certo, combinado. Até lá.

Kit se virou para destrancar a porta e sair. E então pausou. Sem olhar para Dru, ele disse:

— Passei minha vida inteira mentindo e enganando pessoas. Então por que é tão difícil para mim mentir para essa pessoa? Para o Ty?

— Porque ele é seu amigo — disse Dru. — De que outro motivo você precisa?

O gesto de abrir a gaveta que guardava suas tintas voltara a ter um significado para Julian. Cada tubinho carregava uma promessa, sua personalidade. Bourbon, azul-marinho, laranja de cádmio, violeta manganês.

Ele voltou à tela de lona que havia deixado em branco na noite anterior. Jogou sobre a mesa as tintas que havia selecionado. Branco-titânio. Marrom. Amarelo-escuro.

Eram as cores que ele sempre usava para pintar o cabelo de Emma. A lembrança dela o cortou como uma faca: a aparência dela diante da porta do quarto, o rosto branco, os cílios com lágrimas. Havia um horror em não poder tocar a pessoa amada, beijá-la ou abraçá-la, mas um horror ainda pior em não poder consolá-la.

Deixar Emma, mesmo depois de ela ter pedido por isso, equivalera a uma autoflagelação. Agora as emoções de Julian eram todas novas demais, cruas e intensas demais. Ele sempre buscava conforto no estúdio, embora não tivesse



encontrado nenhum na noite anterior, quando tentar pintar fora como tentar falar uma língua estrangeira que ele jamais havia aprendido.

Mas tudo era diferente agora. Quando ele pegou o pincel, pareceu uma extensão do seu braço. Quando começou a pintar com traços longos e ousados, sabia exatamente o efeito que desejava. Enquanto as imagens tomavam forma, sua mente ia se acalmando. A dor continuava presente, mas dava para suportar.

Ele não sabia havia quanto tempo estivera pintando quando veio a batida à porta. Fazia tempo que não caía num estado entorpecido de criação; mesmo em Thule, ele só tivera um período curto com os lápis de cor.

Colocou os pincéis em uso num copo de água e foi ver quem era. Meio que esperava que fosse Emma — meio que *torcia* para que fosse Emma —, mas não era. Era Ty.

Ty estava com as mãos nos bolsos da frente do casaco branco. Seu olhar percorreu o rosto de Julian.

— Posso entrar?

— Pode. — Julian ficou observando enquanto Ty caminhava pelo recinto, olhando as pinturas, antes de se pôr a examinar a nova tela de Julian. Ty há muito queria este quarto como um escritório ou uma sala escura, mas Julian sempre o segurara para si teimosamente.

Não que isso mantivesse Ty afastado. Quando Ty era mais moleque, experimentos com tintas e papéis eram capazes de mantê-lo distraído durante horas. Ele nunca desenhava nada concreto, mas tinha um ótimo senso de coloração — não que Julian fosse tendencioso. Todas as pinturas do menino eram redemoinhos intensos de pigmentos entrelaçados, tão coloridos e ousados que pareciam saltar do papel.

Ty estava olhando a tela de Julian.

— Esta é a espada da Livvy — comentou. Não pareceu irritado, estava mais para questionador, como se não soubesse ao certo por que Julian estaria pintando aquilo.

O coração de Julian falhou uma batida.

— Eu estava tentando pensar no que melhor representaria Livvy.

Ty tocou o pingente dourado no próprio pescoço.

— Isto aqui sempre me faz pensar em Livvy.

— Isso... isso é uma boa ideia. — Julian se apoiou na mesa central. — Ty — começou. — Eu sei que não estive muito presente desde que Livvy morreu, mas estou aqui agora.

Ty tinha pegado um pincel limpo. Passava os dedos nas cerdas, tocando-as em cada ponta dos dedos como se estivesse perdido na sensação. Julian não disse nada: ele sabia que Ty estava pensando.

— Não foi culpa sua — disse Ty. — O Inquisidor mandou você embora.

— Se foi minha culpa ou não, eu não estive presente — disse Julian. — Se quiser conversar comigo sobre qualquer coisa agora, prometo ouvir.

Ty levantou os olhos, seu breve olhar cinzento foi como uma carícia suave.

— Você sempre esteve presente por nós, Jules. Fez tudo por nós. Você dirigia todo o Instituto.

— Eu...

— É minha vez de estar presente por vocês — disse Ty, e soltou o pincel. — Tenho que ir. Tenho que encontrar Kit.

Quando ele saiu, Jules se sentou num banquinho perto de um cavalete vazio. Ficou olhando para a frente sem ver nada, ouvindo a voz de Ty ecoar em sua mente.

*Você dirigia todo o Instituto.*

Pensou em Horace, na determinação dele em fazer todos os Caçadores de Sombras verem-no falar com o Rei Unseelie. Julian não tinha entendido o motivo até então. Sem suas emoções, não conseguia compreender as motivações de Horace. Agora entendia e sabia que impedi-lo era ainda mais imperativo do que havia imaginado.

Pensou no velho escritório de Arthur, nas horas que passara lá ao amanhecer, escrevendo e respondendo cartas. O peso do selo do Instituto em sua mão. O selo agora estava no escritório de Helen e Aline. Elas pegaram o que puderam do escritório de Arthur a fim de ajudar com a nova função. No entanto, elas desconheciam os compartimentos secretos na mesa de Arthur, e Julian não estivera presente para lhes contar a respeito.

*Você dirigia todo o Instituto.*

Naqueles compartimentos havia as listas cuidadosas de nomes mantidas por ele — todos os seres importantes do Submundo, todos os membros do Conselho, todos os Caçadores de Sombras de todos os Institutos.

Julian olhou para a janela. Sentia-se vivo, energizado — não exatamente feliz, porém carregado de propósito. Ele ia terminar a pintura agora. Mais tarde, quando todos estivessem dormindo, daria início ao seu verdadeiro trabalho.

## 26

### Uma Agitação Percorre os Ares

Pow. Pow. Pow.

Emma girou e arremessou as facas equilibradas, uma após a outra, rápido: por cima da cabeça, por cima da cabeça, de lado. Elas cortaram o ar e se enterraram no alvo pintado na parede, com os cabos tremendo devido à força cinética.

Ela se abaixou e pegou mais duas da pilha aos seus pés. Não tinha se trocado para roupas de treinamento e estava suando com o top e os jeans, os cabelos soltos grudados na nuca.

Mas não se importava. Era quase como se tivesse voltado no tempo, à época antes de perceber que estava apaixonada por Julian. Uma época em que era cheia de uma raiva e um desespero que atribuía totalmente à morte de seus pais.

Ela atirou as duas facas seguintes, deslizando as lâminas pelos dedos, o voo suave e controlado. *Pow. Pow.* Lembrou-se dos dias em que arremessou tantos *bo-shuriken* que suas mãos ficaram cheias de cortes e sangue. O quanto daquela raiva era por causa de seus pais — porque boa parte era, ela sabia — e o quanto era por manter sua percepção fechada, sem nunca se permitir saber o que queria, o que a faria verdadeiramente feliz?

Pegou mais duas facas e se posicionou de frente para o alvo, respirando fundo. Era impossível não pensar em Julian. Agora que ele tinha se livrado do feitiço, ela sentia um desejo desesperado de estar com ele, misturado ao amargor do arrependimento — arrependimento por escolhas passadas, arrependimento por anos desperdiçados. Tanto ela quanto Julian estiveram em negação, e veja só o que isso custara a eles. Se algum dos dois tivesse reconhecido por que não podiam ser *parabatai*, não estariam encarando uma separação iminente. Ou o exílio de tudo que amavam.

*O amor é poderoso, e quanto mais tempo passarem juntos e se permitirem*

*sentir o que sentem, mais forte será. Vocês precisam se afastar um do outro. Não se tocar. Não se falar. Tentem sequer pensar um no outro.*

Pow. Uma faca voou por cima do ombro de Emma. Pow. Outra. Ela se virou para ver os cabos vibrando na parede onde fincaram.

— Belo arremesso.

Emma girou. Mark estava apoiado à entrada, seu corpo era como um travão longo e esguio nas sombras. Ele estava de uniforme de combate e parecia cansado. Mais do que cansado, parecia exaurido.

Já fazia um tempinho desde que ela não ficava a sós com Mark. Não era culpa de nenhum dos dois — teve a separação em Idris, depois o Reino das Fadas, e depois Thule —, mas também havia outra questão, talvez. Ultimamente Mark vinha ostentando uma tristeza apreensiva, como se esperasse constantemente pela notícia de que tinha perdido alguma coisa. Parecia algo mais profundo do que o que ele trouxera consigo do Reino das Fadas.

Ela pegou outra faca. Estendeu a ele.

— Quer jogar?

— Muito.

Ele veio e pegou a faca. Ela recuou um pouco enquanto ele mirava, medindo a linha do seu braço em direção ao alvo.

— Quer falar sobre o que está acontecendo com Cristina? — perguntou ela, hesitante. — E... Kieran?

Ele atirou a faca, que cravou na parede, bem ao lado de uma das de Emma.

— Não — respondeu ele. — Estou tentando não pensar nisso, e não acho que discutir o assunto vá me ajudar.

— Tudo bem — respondeu Emma. — Você quer apenas ficar arremessando facas de um jeito raivoso, furioso e fraternal junto comigo?

Ele sorriu de leve.

— Existem outros assuntos que podemos discutir além da minha vida amorosa. Como a *sua* vida amorosa.

Foi a vez de Emma de pegar uma faca. Ela a lançou com força, com fúria, acertando a parede com força o bastante para rachar a madeira.

— Isso parece tão divertido quanto me esfaquear na cabeça.

— Acho que os mundanos discutem o clima quando não têm mais nenhum assunto — disse Mark. Ele tinha ido pegar um arco e uma aljava da parede. O arco era uma delicada peça artesanal, talhado com símbolos filigranos. — Nós não somos mundanos.

— Às vezes eu fico me perguntando o que somos de fato — disse Emma. — Considerando que não acho que os atuais poderes de Alicante gostariam que fôssemos Nephilim.

Mark puxou a corda do arco e deixou uma flecha voar. Ela cortou o ar, acertando diretamente o alvo na parede. Emma sentiu um ligeiro orgulho sombrio; as pessoas frequentemente subestimavam as habilidades de guerreiro de Mark.

— Não importa o que eles pensam — disse Mark. — Raziel nos fez Caçadores de Sombras. Não a Clave.

Emma suspirou.

— O que você faria se as coisas fossem diferentes? Se você pudesse fazer qualquer coisa, ser qualquer coisa. Se isso tudo acabasse.

Ele a olhou, pensativo.

— Você sempre quis ser como Jace Herondale — disse ele. — O melhor de todos os lutadores. Mas eu gostaria de ser mais como Alec Lightwood. Eu gostaria de fazer alguma coisa importante para os Caçadores de Sombras e os seres do Submundo. Pois sempre serei parte dos dois mundos.

— Não acredito que você se lembra que eu sempre quis ser como Jace. Que vergonha.

— Era fofo você querer ser uma guerreira assim, principalmente quando era tão pequena. — Ele sorriu, um sorriso verdadeiro, um que iluminou seu rosto. — Eu me lembro de você e de Julian quando vocês tinham dez anos; os dois com espadas de madeira, e eu tentando ensinar vocês a não se acertarem na cabeça com elas.

Emma riu.

— Eu te achava tão velho: catorze anos!

Ele se recompôs.

— Tenho pensado que nem tudo que é estranho é ruim — falou ele. — Desde que voltei do Reino das Fadas do jeito que voltei, isso eliminou os anos que me separavam de Julian e de você. Tenho conseguido ser mais amigo de vocês agora, em vez de um irmão mais velho, e isso foi um presente.

— Mark... — começou ela, e se calou, encarando a janela com vista para o oeste. Alguma coisa, alguém, estava caminhando pela estrada, em direção ao Instituto, uma silhueta escura se deslocando com propósito.

Ela captou um lampejo dourado.

— Tenho que ir. — Emma pegou uma espada e saiu correndo da sala de treinamento, deixando Mark olhando para ela. O vigor saltitava pelo seu corpo. Ela desceu três degraus por vez, abriu as portas da frente e atravessou o gramado exatamente quando a figura que avistou chegou ao topo da estrada.

A lua brilhava, inundando o mundo com lanças brilhantes de luminosidade. Emma piscou contra as estrelas e encarou Zara Dearborn, vindo em direção a ela pelo gramado.

Zara estava totalmente enfeitada com trajes Centuriões, com um broche *Primi Ordines* e tudo. Seus cabelos estavam presos numa trança em volta da cabeça, os olhos castanhos semicerrados. Na mão, tinha uma espada dourada que brilhava como a luz do amanhecer.

Cortana. *Um lampejo dourado.*

Emma enrijeceu inteirinha. Então sacou a espada da bainha, embora a arma parecesse um peso morto na mão, agora que estava olhando para sua amada lâmina.

— Pare — ordenou. — Você não é bem-vinda aqui, Zara.

Zara lançou um sorriso estreito para ela. Estava segurando Cortana de um jeito todo errado, o que deixou Emma cega de raiva. Wayland, o Ferreiro tinha forjado aquela lâmina, e agora Zara a tinha nas mãos grudentas e incompetentes.

— Não vai falar nada sobre isto aqui? — perguntou, girando a espada como se fosse um brinquedo.

Emma engoliu uma raiva amarga.

— Não vou falar nada, a não ser para você sair da nossa propriedade. Agora.

— Sério? — arrulhou Zara. — *Sua* propriedade? Isso é um Instituto, Emma. Propriedade da Clave. Sei que você e os Blackthorn o tratam como se fosse de vocês. Mas não é. E vocês não vão morar aqui por muito tempo mais.

Emma apertou o punho em volta da espada.

— Como assim?

— Vocês receberam um recado — disse Zara. — Não finja que não sabe. A maioria dos outros Institutos foi a Idris demonstrar apoio. Mas vocês não. — Ela girou Cortana sem nenhuma habilidade. — Vocês sequer *responderam* às convocações. E os nomes nos seus registros são uma piada. Achou que fôssemos burros demais para perceber?

— Sim — respondeu Emma. — Além disso, me parece que levaram uma semana para entender, no mínimo. Quem percebeu no fim das contas? Manuel?

Zara enrubesceu furiosamente.

— Você acha que é engraçado, não levar nada a sério? Não levar a ameaça do Submundo a sério? Samantha está *morta*. Ela se jogou da janela do Basílias. Por causa do seu amigo fada...

— Eu já sei o que realmente aconteceu — disse Emma, com muita tristeza por Samantha. — Kieran tirou Samantha da piscina. Tentou ajudá-la. Você pode distorcer as coisas à vontade, Zara, mas não pode simplesmente transformar os fatos ao seu bel-prazer. Você ficou parada e *riu* quando Samantha caiu naquela água. E a crueldade que ela viu, a dor terrível que ela causou, isso foi por sua causa e por causa do que você a obrigou a fazer. E essa é a verdade.

Zara a encarou, com o peito subindo e descendo aceleradamente.

— Você não merece Cortana — continuou Emma. — Não merece tê-la na mão.

— Eu não mereço? — sibilou Zara. — Você a recebeu porque é uma Carstairs! Só isso! Eu trabalhei duro para conquistar respeito, e as pessoas simplesmente a deram a você como se você fosse especial só porque seus pais morreram na Guerra Maligna. Muita gente morreu na Guerra Maligna. Você não tem nada de especial. — Ela deu um passo em direção a Emma, com Cortana tremendo em sua garra. — Não entende? Nada disto aqui é seu. O Instituto. Esta espada. Os Blackthorn, que não são *sua* família. Nem a reputação de ser uma grande guerreira. Você não conquistou nada disso.

— Que sorte você tem por sua reputação de babaca intolerante ser totalmente justificada — disse Emma.

O rubor de Zara desbotou. Seus olhos brilhavam, furiosos.

— Vocês têm vinte e quatro horas para irem a Idris jurar lealdade à Tropa. Se chegarem cinco minutos atrasados sequer, serão considerados desertores e eu abaterei cada desertor pessoalmente. A começar por você.

Emma ergueu a espada.

— Então pode me atacar agora.

Zara deu um passo para trás.

— Eu disse que tinham vinte e quatro horas.

A fúria queimou nas terminações nervosas de Emma.

— E eu disse *pode me atacar agora*. — Ela empunhou a espada na direção de Zara; acertou a beira da capa de Zara, cortando o tecido. — Você veio até aqui. Você me desafiou. Você ameaçou *minha* família.

Zara ficou boquiaberta. Emma desconfiava que Zara raramente tivesse precisado participar de alguma luta que não fosse sob condições impostas por ela mesma.

— Você é uma mentirosa, Zara — vociferou, avançando com a espada. Zara cambaleou para trás, quase tropeçando na grama. — Você nunca conquistou nada. Você pegou o crédito pelos feitos alheios e se utilizou disso para subir, mas as pessoas sabem. Você ataca os mais fracos para parecer forte. Você é uma fanfarrona, uma ladra, e uma covarde.

Zara rosnou, erguendo Cortana.

— Eu não sou covarde!

— Então *lute contra mim*! — Emma empunhou a espada; Zara mal levantou Cortana para o ar e atingiu a lâmina de Emma com força, o ângulo estranho fazendo o pulso de Zara torcer. Ela gritou de dor e Emma atingiu Cortana outra vez; parecia mais do que errado lutar *contra* Cortana, como se o mundo estivesse invertido.

Ela deveria se solidarizar com a dor de Zara, pensou. Mas não. Só sentia uma raiva selvagem enquanto fazia a outra recuar totalmente apavorada e arfante sobre a grama, até chegarem à beira da falésia, até o mar estar abaixo delas.

Zara então fincou o pé e reagiu, mas quando ergueu Cortana e a manejou pelo ar contra Emma, a lâmina desviou no último segundo, parecendo se encolher como algo vivo em sua mão. Zara gritou, quase perdendo o equilíbrio; Emma deu um chute e uma rasteira em Zara. Zara caiu no chão, seu corpo ficando meio pendurado à beira da falésia.

Emma marchou em direção a ela, com a espada na mão. Uma onda de poder a assolou como energia por um fio elétrico. Ela quase se sentiu tonta com aquilo, como se estivesse se assomando sobre Zara com uma altura enorme — encarando-a com a indiferença de um anjo vingador, um ser de luz presenteado com um poder tão grande que as tornava quase desumanas.

*Eu poderia atacar com a minha espada e cortá-la ao meio. Eu poderia reaver Cortana.*

Emma ergueu a espada. Conseguia enxergar a cena como se estivesse de fora, uma figura enorme se assomando diante de Zara.

*As Marcas começam a arder como fogo, como se tivessem fogo em vez de sangue nas veias. As pessoas diziam que as lâminas daqueles que os combatiam estilhaçavam em suas mãos. Linhas escuras se espalhavam pelos seus corpos e eles se tornavam monstruosos — fisicamente monstruosos.*

Emma cambaleou para trás, com a voz de Diana ecoando em sua mente. Aí ficou parada enquanto Zara, arfando, se afastava da beira do precipício, rolando para os joelhos.

A visão de Emma de si como um anjo vingador se foi. Em seu lugar, uma voz suave e razoável sussurrou no fundo de sua mente, sem dúvida a voz de Julian, dizendo a ela que Horace Dearborn certamente sabia onde sua filha estava, saberia a quem culpar caso ela desaparecesse, e que machucar Zara ou pegar Cortana de volta traria a Clave ao Instituto de Los Angeles.

— Levante-se — ordenou Emma, com a voz carregada de desprezo. Zara se levantou aos cambaleios. — E saia daqui.

Zara estava arfando, o rosto manchado de sujeira.

— Sua *pervertidazinha* — sibilou ela, o sorriso zombeteiro indo embora. — Meu pai me contou sobre você e seu *parabatai*, vocês são nojentos, acho que querem ser como Clary e Jace, certo? Querer o que é proibido? E *imundo*?

Emma revirou os olhos.

— Zara, Clary e Jace *não eram* parentes.

— Sim, bem, eles achavam que fossem, e dá no mesmo! — gritou Zara, uma enxurrada de berros sem lógica. — E agora eles estão mortos! É isso que vai



acontecer com você e Julian. Vamos deixar seus corpos no campo de batalha e os corvos vão comer seus olhos. Vou me certificar disso...

— Que campo de batalha? — perguntou Emma baixinho.

Zara empalideceu. A boca articulou, saliva voando dos lábios. Finalmente ergueu Cortana entre Emma e ela, como se estivesse afastando um vampiro com um crucifixo.

— Vinte e quatro horas — arfou. — Se não estiverem nos portões de Alicante até lá, não sobrá nenhum de vocês vivo.

Ela se virou e partiu. Emma precisou de cada gota de autocontrole para não a seguir. Então se obrigou a ignorar Zara. A retornar para o Instituto.

Ela correu pelo gramado e pelas escadas. Quando chegou à porta da frente, sua raiva estava se transformando em ansiedade: ela teria que falar com Julian. Precisava contar a ele sobre Zara.

Abriu a porta da frente num tranco, já imaginando o que Julian ia dizer. Ele ia dizer a ela para não se preocupar. E teria uma ideia a respeito do que deveriam fazer. Ele talvez até fosse capaz de fazê-la rir.

Ela sentiu uma dor aguda no braço.

Sua Marca. Engasgou e se encolheu; estava à entrada do Instituto. Estava deserta, graças ao Anjo. Ela puxou a manga da camisa.

A Marca *parabatai* brilhava em seu braço como uma queimadura a ferro, vermelha contra a pele.

Ela se jogou contra a parede. Se só o ato de *pensar* em Julian causava aquilo, quanto tempo ainda tinham? Quanto tempo até ela precisar procurar Magnus e ter suas Marcas extraídas para sempre?

Apoiado contra a parede da cela do Gard, Diego segurava seu irmão nos braços.

Jaime tinha caído no sono na noite anterior, ou pelo menos Diego presumia que tivesse sido na noite anterior — era difícil saber quando não havia maneira de medir a passagem do tempo, exceto pelas refeições, e estas eram servidas irregularmente. Só existia dormir, comer e tentar conservar a força de Jaime.

Jaime respirava de encontro a ele, arfadas baixas e irregulares; seus olhos estavam fechados. Algumas das lembranças mais tenras de Diego eram com o irmão pequenino em seus braços. Quando tinha cinco anos e Jaime três, ele o carregava para todo lugar. Temia que de outra forma Jaime, caminhando com suas perninhas curtas, fosse perder todas as coisas do mundo que Diego queria que ele visse.

Às vezes, ao fim de um longo dia, seu irmãozinho caía no sono em seu colo, e Diego o carregava para a cama e o cobria. Diego sempre tomava conta do

irmão, e a impotência que sentia agora o inundava de raiva e desespero.

Durante muito tempo, ele pensou em Jaime como um garotinho, rápido e travesso. Mesmo quando ele fugiu com *Eternidad*, pareceu mais uma de suas brincadeiras, e ele sempre escapava das encrencas e pregava peças. Mas ao longo dos últimos dias, enquanto Jaime ia enfraquecendo e ainda assim se recusava a falar uma palavra a Zara sobre a relíquia, Diego percebera o aço sob a atitude brincalhona do irmão, seu compromisso com a família e com a causa deles.

Beijou a cabeça de Jaime; seus cabelos pretos estavam desalinhados, bagunçados e sujos. Diego não ligava. Ele mesmo estava imundo.

— *Siempre estuve orgulloso de ti* — disse.

— Eu também sempre tive orgulho de você — murmurou Jaime sem abrir os olhos.

Diego deu um riso rouco de alívio.

— Você está acordado.

Jaime não se mexeu. Suas bochechas estavam vermelhas de febre, seus lábios, rachados e sangrando.

— Sim. Estou acordado, e vou usar isso contra você para sempre.

*Para sempre.* Provavelmente nenhum deles teria para sempre. Diego pensou na relíquia, no símbolo otimista de infinito dando voltas infundáveis, prometendo um futuro eterno. *Eternidad*.

Não havia nada a dizer. Ele afagou o cabelo de Jaime em silêncio e ouviu o irmão respirar. Cada respirada era uma luta, entrando e saindo como água violenta numa represa quebrada. O desespero de Diego por uma estela era como um grito silencioso se erguendo no fundo da garganta.

Ambos levantaram os olhos quando um barulho tilintado familiar anunciou a chegada do que Diego supunha ser o café da manhã. Certamente já devia ser de manhã. Ele piscou para a luz fraca que vinha da porta aberta da prisão. Uma silhueta se aproximou da cela; era Anush Joshi, carregando uma bandeja.

Diego olhou para Anush sem dizer uma palavra. Já tinha desistido de implorar pela ajuda de qualquer um dos guardas. Se eram monstruosos o bastante para ficarem parados assistindo a Jaime morrer aos poucos, então não adiantava nada pedir qualquer coisa a eles. Isso só fazia Jaime se sentir pior.

Anush ajoelhou com a bandeja. Estava com a farda da guarda do Conselho, seus cabelos escuros desalinhados, os olhos vermelhos. Repousou a bandeja no chão.

Diego pigarreou.

— Jaime está mal demais para comer isso — falou. — Ele precisa de frutas frescas. Suco. Qualquer coisa com calorias.

Anush hesitou. Por um instante, Diego sentiu uma ponta de esperança. Mas Anush apenas empurrou a bandeja lentamente pela fenda na porta.

— Acho que ele vai querer comer isso — disse.

Ele se levantou e se apressou para longe, fechando a porta atrás de si. Mantendo Jaime apoiado no colo, Diego puxou a bandeja com uma das mãos.

Um choque de surpresa o atingiu. Ao lado das habituais vasilhas de gororoba havia uma estela e um bilhete. Diego pegou ambos com a mão trêmula. O bilhete dizia: *Você foi a única pessoa gentil comigo na Scholomance. Estou deixando Idris e os guardas. Sei que há uma resistência em algum lugar. Vou encontrá-la. Cuide do seu irmão.*

— O que é isso? — perguntou Kit; dava para ver Ty vindo pela estrada de terra em direção à rodovia, com uma pedra de luz enfeitiçada na mão. O clarão o deixava nas sombras, mas a pequena criatura encolhida em seu ombro ainda era visível.

— É um rato da floresta — disse Ty. A luz enfeitiçada piscava enquanto ele se juntava a Kit perto da estrada. Estava todo de preto, com o brilho do pingente de Livvy junto à gola da camisa.

Kit, que não era muito fã de ratos, espiou o animal no ombro de Ty com alguma cautela. Não parecia um rato comum: tinha orelhas arredondadas, um rosto peludo e uma cauda. Parecia mastigar uma noz.

— São inofensivos — disse Ty. — Gostam de colecionar coisas para seus ninhos: tampas de garrafas, folhas e bolotas.

O rato da floresta tinha terminado o lanche e estava olhando Ty com expectativa.

— Não tenho mais — disse ele, aí tirou o rato do ombro e o colocou gentilmente no chão. O bichinho correu para os arbustos perto do acostamento. — Então — disse Ty, limpando as mãos. — Vamos revisar tudo para o feitiço?

O estômago de Kit embrulhou. Ele estava em parte pensando onde Dru estava, e em parte ansioso pelo que Shade ia fazer. Se o feiticeiro tinha planos de conter Ty, certamente estava esperando até o último minuto.

— Certo — disse Kit, sacando a lista do bolso. — Incenso do coração de um vulcão.

— Conseguimos no Mercado das Sombras. Certo.

— Pó de cal dos ossos de uma vítima de assassinato.

— Mesma coisa.

— Sangue, cabelos e osso da pessoa a ser trazida de volta — disse Kit, com uma leve falha na voz.

O rosto pálido de Ty era uma meia-lua na escuridão.

— Tenho uma mecha de cabelo de Livvy e um dente de leite.

— E o sangue? — perguntou Kit, cerrando os dentes. Parecia mais do que sombrio falar de pedaços de Livvy como se ela fosse uma boneca e não um ser de carne e osso.

Ty tocou o pingente na garganta, ainda manchado de ferrugem.

— Sangue.

Kit forçou um murmúrio de reconhecimento através da garganta apertada.

— E mirra cultivada por fadas...

Um graveto estalou. Os dois viraram, a mão de Ty indo para a cintura. Kit, se dando conta, colocou a mão no braço de Ty um instante antes de Drusilla sair das sombras.

Ela levantou as mãos.

— Opa. Sou só eu.

— O que você está fazendo aqui? — A voz de Ty rachou de raiva.

— Eu estava olhando pela janela. Vi vocês dois indo para os lados da rodovia. Quis ter certeza de que estava tudo bem.

Kit ficou impressionado. Dru realmente era uma boa mentirosa. Rosto aberto e sincero, voz firme. Seu pai teria dado uma estrela dourada a ela.

— Por que vocês estão falando sobre fadas, mirra e tal? — prosseguiu ela. — Estão fazendo um feitiço?

Ty pareceu um pouco nauseado. A culpa atingiu Kit com a força de um chicote. Ty não era um bom mentiroso e ele não lidava bem com mudanças inesperadas em seus planos.

— Volte para casa, Dru — disse ele.

Dru olhou feio para ele.

— Não volto. Você não pode me obrigar.

Kit ficou imaginando se aquilo ainda era encenação.

— Se me mandar de volta vou contar para todo mundo que você está fazendo feitiços estranhos com pó maléfico — disse Dru.

Ty corou de irritação. Kit puxou Ty pela manga e sussurrou ao seu ouvido:

— É melhor deixar que ela vá com a gente. Se não deixarmos e ela contar, podemos ser pegos e encenar Shade.

Ty começou a balançar a cabeça.

— Mas ela não pode...

— Vamos fazê-la esperar do lado de fora da caverna — alegou Kit. Percebeu que realmente teriam que fazer isso; as primeiras palavras do feitiço de Shade iriam acabar com as cuidadosas meias verdades que Kit havia contado a ela.

Ty exalou.

— Tudo bem.

Dru bateu uma palma.

— Uhul!

Eles atravessaram a rodovia juntos, e Dru tirou os sapatos quando chegaram à areia. Era uma noite suave, o ar fazia cócegas em sua pele, o oceano respirava com exaladas lentas e delicadas, incitando a maré para a praia. Kit sentiu uma espécie de dor no âmago ante a beleza daquilo, misturada a um amargor pelo pai nunca o ter trazido aqui. Outra verdade que lhe fora negada: sua cidade era linda.

Assim como outras coisas. Ty estava caminhando pela beira da areia, as mãos nos bolsos. O vento levantava seus cabelos e os fios grudavam nas maçãs do rosto como pinceladas de tinta escura. Ele estava ignorando Drusilla propositalmente, e ela estava brincando de pega-pega com a maré, subindo e descendo pela praia com os cabelos bagunçados, a bainha do jeans molhada com água salgada. Ela olhou para Kit e deu uma piscadela, uma piscadela conspiratória que dizia: *estamos ajudando Ty juntos*.

Kit torcia para que fosse verdade. Seu estômago estava em nós doloridos quando chegaram à entrada da caverna. Ty parou no buraco escuro na falésia, balançando a cabeça para a irmã.

— Você não pode entrar com a gente — falou.

Dru fez menção de protestar, mas Kit lhe deu um olhar cheio de significado.

— É melhor se você esperar do lado de fora — reforçou, enunciando cada palavra claramente para que ela soubesse que era sério.

Dru se jogou na areia, parecendo chateada.

— Tá. *Tudo bem*.

Ty entrou na caverna. Kit, após olhar num pedido de desculpas para Dru, estava prestes a segui-lo quando Ty emergiu novamente, carregando uma bola cinza e raivosa de pelos.

O rosto de Dru irrompeu num sorriso.

— Church!

— Ele pode te fazer companhia — disse Ty e colocou o gato no colo da irmã. Dru olhou para Ty com olhos luminosos, mas ele já estava voltando para a caverna. Kit foi atrás, embora não conseguisse deixar de se perguntar se Ty um dia notara o quanto Dru o admirava. Não conseguia evitar pensar que se tivesse um irmão ou irmã menor que o admirasse, passaria o tempo todo se exibindo.

Mas Ty era diferente.

Assim que entraram no túnel Kit ouviu uma música arranhada — tipo uma música cujo download ficou incompleto. Quando entraram na caverna principal, encontraram Shade rodopiando lentamente pelo recinto ao som de uma canção lúgubre que tocava no gramofone.

— *Non, rien de rien* — cantava Shade junto. — *Je ne regrette rien. Ni le bien qu'on m'a fait, ni le mal...*

Kit pigarreou.

Shade não pareceu nada constrangido. Ele parou de girar, olhou feio para eles e estalou os dedos. A música parou.

— Não me lembro de tê-los convidado aqui hoje — disse o feiticeiro. — Eu poderia estar ocupado.

— Mandamos um recado — disse Kit. Shade ergueu as sobrancelhas brancas para ele e olhou para a mesa arranhada de madeira. Havia um frasco vazio em cima dela, igual aos que eles utilizaram para distribuir a água do Lago Lyn. Kit ficou feliz em ver que Shade tinha bebido o líquido curativo, embora também um pouco preocupado com a possibilidade de o outro estar alucinando.

Ty deu um passo ansioso para a frente.

— Temos tudo. Todos os ingredientes para o feitiço.

O olhar de Shade desviou rapidamente para Kit e depois o abandonou. Pareceu austero.

— *Todos* eles?

Ty fez que sim com a cabeça.

— Incenso, sangue, osso...

— Um objeto de outro mundo?

— Também temos — disse Kit enquanto Ty tirava a carta dobrada do bolso.

— É de um lugar chamado Thule.

Shade olhou fixamente para a carta, a cor sumindo de seu rosto, deixando-o com um tom doentio cor de alface.

— *Thule*?

— Você conhece esse mundo? — perguntou Ty.

— Conheço. — A voz de Shade saiu átona. — Conheço muitos outros mundos. É um dos piores.

Kit notava que Ty estava confuso: ele não esperava que Shade fosse reagir desse jeito.

— Mas temos tudo — repetiu. — Todos os ingredientes. Você disse que nos daria uma fonte de poder.

— Sim, eu disse isso. — Shade sentou na mesa bamba de madeira. — Mas não vou.

Ty piscou, incrédulo.

— Mas você disse...

— Eu sei o que eu disse. — Shade se irritou. — Nunca tive a intenção de que você encontrasse todos os ingredientes, sua criança tola. Achei que fosse desistir. Não desistiu. — Jogou os braços para o alto. — Não entende que isso seria a

pior coisa que poderia fazer? Que as consequências o acompanhariam pelo resto da vida? A morte é o fim por um motivo.

— Mas você é imortal. — Os olhos de Ty estavam enormes e cinza claros, moedas de prata contra seu rosto resoluto.

— Tenho uma vida longa, mas não vou viver para sempre — disse Shade. — Todos temos a vida que nos foi destinada. Se você tirar Livvy do lugar ao qual pertence, vai deixar um buraco no universo para ser preenchido por uma tristeza sombria e um pesar excruciante. Isso não é algo do qual se possa escapar incólume. Nem agora. Nem nunca.

— Então você mentiu para nós — disse Ty.

Shade se levantou.

— Eu menti. Mentiria outra vez. Nunca vou ajudá-lo a fazer isso, está entendendo? E vou avisar para todo mundo. Nenhum feiticeiro vai ajudar. Terão que enfrentar minha ira se ajudarem.

As mãos de Ty estavam cerrando em punhos, os dedos arranhando as palmas.

— Mas Livvy...

— Sua irmã está morta — disse Shade. — Entendo sua dor, Tiberius. Mas você não pode romper o universo para trazê-la de volta.

Ty se virou e correu para o túnel. Kit encarou Shade.

— Isso foi brutal demais — censurou. — Você não precisava falar com ele assim.

— Precisava — respondeu Shade. Recostou-se na cadeira. — Vá atrás do seu amigo. Ele precisa de você agora, e Deus sabe que eu não preciso.

Kit recuou, deu meia-volta e correu, seguindo a luz enfeitiçada de Ty. Desembocou na praia e viu que Ty já estava lá, agachado e arfando.

Dru se levantou de um salto, largando subitamente Church, que miou em protesto.

— O que aconteceu? O que houve?

Kit colocou a mão nas costas de Ty, entre as omoplatas. Ficou um pouco surpreso ao constatar que o local estava mais sólido e ligeiramente mais musculoso do que ele imaginava. Sempre pensara em Ty como alguém frágil, mas ele não parecia frágil. Parecia um ferro forjado numa tira fina: flexível, porém inquebrável.

Kit se lembrou de ter ouvido em algum lugar que era relaxante traçar círculos nas costas das pessoas, então fez isso. A respiração de Ty começou a se acalmar.

— Não vai dar certo — falou Kit, olhando firmemente para Dru, acima das costas de Ty. — Não vamos conseguir ver o fantasma de Livvy.

— Sinto muito — sussurrou Dru. — Eu também gostaria de ver.

Ty se aprumou. Seus olhos estavam molhados; ele os esfregou furiosamente.

— Não... eu lamento muito, Dru.

Kit e Dru trocaram um olhar espantado. Kit não tinha pensado que Ty não apenas poderia se sentir decepcionado, mas também achar que havia decepcionado os outros.

— Não lamente — disse Dru. — Algumas coisas não são possíveis. — Ela esticou a mão, um pouco tímida. — Se estiver se sentindo mal, eu vejo filmes com você a noite toda na sala de TV. Também posso fazer biscoitos. Isso sempre ajuda.

Fez-se uma longa pausa. Ty esticou a mão para pegar a de Dru.

— Seria legal.

Kit foi banhado por um alívio tão grande que quase se desequilibrou. Ty finalmente se lembrava de que tinha uma irmã. Certamente isso era alguma coisa. Ele esperava por algo muito pior: uma decepção incalculável, uma dor tão profunda que ele jamais seria capaz de alcançar.

— Vamos. — Dru puxou a mão de Ty e juntos começaram a voltar em direção ao Instituto.

Kit foi atrás, pausando enquanto começavam a subir a primeira das muralhas de pedras que bloqueavam o caminho pela praia. Enquanto Ty e Dru subiam, ele olhou para trás e viu Shade mirando-os através da escuridão da entrada da caverna. O feiticeiro balançou a cabeça para Kit uma vez antes de desaparecer novamente nas sombras.

O vento soprava do deserto; Cristina e Mark estavam sentados perto das estátuas que Arthur Blackthorn havia importado da Inglaterra e colocado entre os cactos das montanhas de Santa Monica. A areia ainda estava quente devido ao sol do dia, e macia sob Mark, como um tapete. Na Caçada Selvagem ele e Kieran teriam achado que este lugar daria uma bela cama.

— Estou com medo — disse Cristina — de que a gente tenha magoado Kieran hoje mais cedo.

Ela estava descalça na areia, com um vestido bordado curto e brincos de ouro. Só de olhar para ela Mark sentia o coração doer, então ele optou por encarar a estátua de Virgílio, seu velho amigo de noites frustradas. Virgílio o encarou de volta de forma impassível, sem oferecer conselhos.

— As preocupações dele são minhas também — disse Mark. — É difícil acalmar os temores dele quando não consigo sequer acalmar os meus.

— Você não precisa acalmar os temores alheios para compartilhar os seus, Mark. — Cristina estava brincando com seu medalhão, seus dedos longos acariciando a estampa de Raziel. Mark queria muito beijá-la; em vez disso,



enterrou os dedos na areia.

— Eu poderia dizer o mesmo para você — falou ele. — Você passou o dia tensa como uma corda de arco. Você também está com medo.

Ela suspirou e cutucou levemente a perna dele com o pé descalço.

— Tudo bem. Você me conta e eu te conto.

— Estou preocupado com minha irmã — revelou Mark.

Cristina pareceu confusa.

— Não foi isso que achei que você fosse dizer.

— Minha irmã foi exilada por causa do sangue de fada — disse Mark. — Você conhece a história, todinha. Melhor do que a maioria, inclusive. — Ele não se conteve; colocou a mão sobre a dela na areia. — Toda a minha família sofreu por causa do parentesco com as fadas. Nossa lealdade sempre foi questionada. O quão pior teria sido para ela e Aline se eu estivesse com Kieran e ele fosse o Rei da Corte Unseelie? É estranho dizer, e tão egoísta...

— Não é egoísta.

Ambos levantaram os olhos; Kieran estava no espaço entre as duas estátuas, tão pálido quanto elas. Seus cabelos eram asas pretas de corvos na escuridão, o que engolia o azul de sua cor.

— Você está preocupado com sua família — disse Kieran. — Isso não é egoísta. É o que aprendi com você e Julian. A querer proteger aos outros mais do que à própria felicidade... — Ele olhou de lado. — Não que eu queira presumir que estar comigo traria sua felicidade.

Mark perdeu a fala, mas Cristina esticou os braços. Pulseiras de ouro brilhavam contra a pele marrom enquanto ela chamava Kieran.

— Venha se sentar conosco.

Kieran também estava descalço; fadas frequentemente se livravam dos calçados. Ele caminhou como um gato pela areia, seus passos não levantavam poeira, seus movimentos eram silenciosos enquanto ele ajoelhava diante de Cristina e Mark.

— Isso me faria feliz — disse Mark. — Mas como você falou... — Pegou um punhado de areia e permitiu que esvaísse pelos seus dedos. — Existem outras coisas nas quais se pensar.

— Posso não me tornar Rei — disse Kieran.

— Mas pode se tornar — respondeu Cristina. — Eu também tenho medo. Falei com minha mãe hoje. Alguém falou coisas ruins a meu respeito para ela. Que eu estava envolvida com fadas. Que eu era uma... uma suja, manchada por membros do Submundo. Vocês sabem que eu não ligo para o que dizem de mim — acrescentou apressadamente. — E minha mãe também daria conta de lidar com isso, mas... não é um bom momento para ser uma Rosales. Nosso histórico

de amizade com fadas já nos trouxe problemas. Jaime e Diego estão presos. E se eu encrencá-los ainda mais?

— Agora eu vou falar uma coisa egoísta — disse Kieran. — Temi que vocês dois tivessem se arrependido do que aconteceu ontem à noite. Que vocês dois estivessem arrependidos... em relação a mim.

Mark e Cristina se entreolharam. Ela balançou a cabeça, o vento levantando seus cabelos escuros.

— Não existe arrependimento — disse Mark. — Apenas...

— Eu sei — interrompeu Kieran. — Eu soube quando Gwyn veio e disse que eu deveria ser Rei. Eu soube o que isso significaria. Soube o que significaria até mesmo eu estar sequer envolvido com a Corte, como parece que devo estar. A Clave quer controlar o acesso às Cortes. Sempre foi o desejo deles. Dois Caçadores de Sombras que eles não controlam terem acesso ao Rei seria um anátema para eles.

— Mas Kieran... — começou Cristina.

— Não sou tolo — falou Kieran. — Sei quando uma coisa é impossível. — Seus olhos eram escudos de metal: um manchado e outro novinho. — Eu sempre fui uma alma inquieta. Na Corte do meu pai e depois na Caçada, eu tinha fúria e tempestade no coração. — Ele abaixou a cabeça. — Quando conheci Mark, soube que tinha encontrado a pessoa capaz de trazer paz à minha alma. Não achei que fosse encontrar isso em mais ninguém, mas encontrei. Se eu pudesse simplesmente ficar sentado aqui quieto com vocês antes dessa tempestade que está se formando, isso significaria muito para mim.

— E para mim — respondeu Cristina.

Ela estendeu a mão pequena e pegou gentilmente uma das de Kieran. Ele levantou a cabeça quando Mark pegou a outra, e Mark e Cristina também se deram as mãos, completando o círculo. Nenhum deles falou: não precisava. Bastava estarem juntos.

Emma ainda estava inquieta quando entrou na cozinha de manhã, como se tivesse tomado muitas xícaras do tão detestado café.

As marteladas das palavras de Diana em Thule ecoavam em sua cabeça. Na noite anterior, ela não procurara Julian para contar sobre Zara, mas relutantemente acordara Helen e Aline para alertá-las. Depois retornara à sala de treinamento com a esperança de que chutes, socos e quedas no tatame fossem fazê-la se esquecer da queimadura de sua Marca. Dos *parabatai* de Thule. Das palavras da Rainha.

Mais tarde, quando dormiu, sonhou com o símbolo *parabatai* na Cidade do

Silêncio, com o sangue no cabo de Cortana e com uma cidade destruída onde gigantes monstruosos espreitavam do horizonte. Ela ainda estava se sentindo desconfortável, como se estivesse meio presa nos pesadelos.

Ficou feliz ao ver a cozinha cheia de gente. Aliás, tinha gente demais para caber na área de comer. Alguém tinha tido a brilhante ideia de colocar um caixote de armas de cabeça para baixo ao lado da mesa e de trazer cadeiras dobráveis de toda a casa.

Ela temera que a manhã da pré-invasão a Alicante fosse ser sombria. E não conseguia deixar de se ressentir do fato de que ela e Julian não iam participar diretamente. A luta era deles também. Além disso, ela precisava se distrair. A última coisa que queria era ficar no Instituto com Julian e quase nenhuma supervisão.

Mas o grupo reunido parecia tudo, menos sombrio. Se não fosse pelo espaço onde Livvy deveria estar, a cena seria quase perfeita — Helen e Aline sorrindo para as crianças sobre suas xícaras de café. Mark entre Kieran e Cristina, como se Mark nunca tivesse sido arrancado da família. Jace e Clary visitando casualmente como nunca ninguém pôde visitar durante a administração de Arthur. Kit sendo a peça que ninguém nunca imaginara que faltava a Ty, roubando uma batata do prato dele e estimulando um sorriso. Diana irradiando sua calma, trazendo serenidade a uma família propensa a dramas. Até Kieran, que parecia fazer tanto Mark quanto Cristina mais felizes com sua presença, tinha entrado no grupo, afinal: ele estava mostrando a Tavvy e a Dru os prazeres de mergulhar morango no mel.

E Julian, é óbvio, no fogão, virando panquecas com a facilidade de um especialista.

— Uma panqueca de cada vez, Tavvy — dizia Helen. — Sim, eu sei que você *consegue* colocar três na boca, mas isso não significa que *deva*.

Os olhos de Emma encontraram os de Julian. Ela viu a tensão em seus ombros e na boca quando ele a encarou. *Calma*, pensou ela. *Esta é uma refeição feliz e normal com a família*.

— Você fez panqueca? — perguntou ela, mantendo o tom alegrinho. — Que bicho te mordeu?

— Às vezes, quando você inicia uma guerra, você quer fazer panqueca — disse Julian, servindo duas em um prato e estendendo-o para Emma.

Jace engasgou com a torrada.

— O que você disse, Julian?

Julian olhou para o relógio sobre o fogão e começou a desamarrar o avental calmamente.

— Eles devem estar chegando a qualquer momento — falou.

— Eles devem *o quê*? — Diana repousou o garfo. — Julian, do que você está falando?

Tavvy estava de pé numa cadeira bamba, o rosto contra a janela. Ele emitiu um ganido animado.

— Quem são todas aquelas pessoas vindo pela estrada, Jules?

Kit e Ty imediatamente se levantaram e foram procurar uma vista da janela.

— Estou vendo fadas — disse Ty. — Acho que aqueles são lobisomens... os carros pretos só podem ser vampiros...

— E Caçadores de Sombras — disse Kit. — Muitos Caçadores de Sombras...

— O Santuário está quase pronto — disse Julian, descartando um pano de prato. — A não ser que alguém queira fazer isso, eu vou descer e receber nossos convidados.

Jace se levantou. Clary olhou para ele, preocupada: seus olhos dourados estavam carregados de raiva.

— Não vou perguntar de novo, Julian Blackthorn — disse ele, sua voz normalmente entretida não trazia qualquer divertimento. — O que você fez?

Julian apoiou o quadril na bancada. Emma percebeu com choque que, apesar de ele parecer muito mais jovem, tinha a altura de Jace.

— Você se lembra de quando falou que minha ideia de coalizão era ruim porque não podíamos confiar que os outros Caçadores de Sombras estivessem falando a verdade sobre sua lealdade?

— Com clareza — respondeu Jace. — Mas suponho que você tenha convidado todo mundo para um conselho de guerra assim mesmo?

— Eles estão aqui agora? — Clary cuspiu. — Mas... estou com uma camiseta que diz “Poder do Unicórnio”...

— Unicórnios não existem — disse Jace.

— Eu *sei* — respondeu Clary. — Por isso que é *engraçado*.

— Voltando à questão da traição... — começou Jace.

— E se eu dissesse que espero traição? — disse Julian. — Aliás, que estou contando com isso? Que é parte do meu *plano*?

— Que plano? — perguntou Jace.

— Eu sempre tenho um plano — respondeu Julian calmamente.

Dru ergueu sua xícara de café.

— É ótimo ter você de volta, Jules. Estava com saudade dos seus planos lunáticos.

Helen estava de pé agora. Aline parecia tentar não rir.

— Como você convidou todo mundo para cá? — questionou Helen. — Como poderia sequer ter entrado em contato com tantos membros do Submundo e tantos Nephilim, e tão rápido?

— Eu me correspondi com eles durante anos — explicou Julian. — Sei enviar mensagens de fogo para feiticeiros e Caçadores de Sombras, e mensagens em bolotas para o Reino das Fadas, e tenho o telefone de todos os vampiros e lobisomens importantes. Eu sabia como entrar em contato com a Aliança entre o Submundo e os Caçadores de Sombras. Eu tinha que saber isso tudo. Durante cinco anos, esse foi o meu trabalho.

— Mas antes você não escrevia para eles se passando por Arthur? — perguntou Helen, claramente preocupada. — Quem você fingiu ser dessa vez?

— Escrevi como eu mesmo — respondeu Julian. — Conheço essas pessoas. Conheço suas personalidades. Sei quais deles estarão do nosso lado. Fui diretor deste Instituto durante anos. Chamei meus aliados porque era meu trabalho saber quem eram meus aliados. — Sua voz era contida, porém firme. Não houve nada de desrespeitoso no que ele dissera, mas Emma sabia ler nas entrelinhas: *fui um diplomata durante anos, sem que ninguém soubesse ou me reconhecesse como tal. Mas isso não quer dizer que eu não fosse bom no que fazia. Coloquei essas habilidades em prática, gostem vocês ou não.* — Não podemos combater a Tropa sozinhos — acrescentou. — Eles são parte de nós. Parte do nosso governo. Não são uma ameaça externa como Sebastian foi. Precisamos desses aliados. Vocês vão ver.

E então ele olhou para Emma, como se não pudesse evitar. O recado em seus olhos era claro. Apesar de ela estar se recuperando do choque pelos atos dele, Julian queria sua aprovação. Como sempre.

Ela sentiu uma pulsação ardente na Marca *parabatai*. Fez uma careta e olhou para o braço esquerdo: a pele estava quente e contraída, mas a Marca parecia normal. Foi só um olhar, pensou ela. Só isso.

— Vou ajudar a terminar de arrumar o Santuário para a reunião — propôs ela. — Vamos precisar de cadeiras...

Kieran se levantou, ajeitando seus cabelos azul-marinho atrás das orelhas.

— Também vou ajudar — ofereceu ele. — Agradeço em nome dos meus por ter chamado seres do Submundo para a mesa na condição de iguais. Você tem razão. Nenhum de nós pode fazer isso sozinho.

Diana se levantou.

— Vou mandar uma mensagem para Gwyn — falou. — Sei que ele ficará feliz em vir, e você terá a Caçada Selvagem ao seu lado.

Foi a vez de Cristina se levantar.

— Você entrou em contato com o Instituto da Cidade do México?

— Entrei — respondeu Julian. — Sua mãe disse que ficará feliz em vir.

Cristina pareceu alarmada.

— Tenho que trocar de roupa — disse, e saiu em disparada.

Os Blackthorn mais jovens ficaram assistindo a tudo com olhos arregalados quando Jace levantou a mão. Emma ficou tensa. Jace era um Caçador de Sombras poderoso — não só física, mas politicamente. Ele e Clary poderiam atrapalhar todos os aspectos do plano se quisessem.

— Chamou Alec e Magnus? — perguntou. — Eles sabem que nossos planos mudaram?

*Nossos planos.* Emma começou a relaxar.

— Claro — respondeu Julian. — Convidei todo mundo que achei que ficaria do nosso lado. E informei a todos os convidados que eles poderiam chamar pessoas em quem confiassem.

— Essa provavelmente é uma ideia ruim — disse Jace. — Tipo, bate o recorde das ideias ruins. Do tipo que entra para a história. Mas...

Clary se levantou.

— O que ele quer dizer é que estamos dentro — falou. — Adoramos ideias ruins.

— É verdade — admitiu Jace, com um sorriso se formando no rosto. De repente ele pareceu ter 17 anos outra vez.

Aline foi a última a se levantar.

— Tecnicamente este é o meu Instituto — falou. — Faremos o que eu disser.

— Pausou. — E eu faço o que Helen quer. O que você quer, amor?

Helen sorriu.

— Quero um conselho de guerra — respondeu. — Vamos nos arrumar.

## 27

### Ao Longe

Todos entraram como uma enxurrada pelas portas abertas do Santuário, um após o outro: seres do Submundo e Caçadores de Sombras numa cascata aparentemente infinita.

Primeiro vieram os vampiros com seus rostos brancos feito papel e elegância fria, com guarda-chuvas encantados erguidos enquanto percorriam os poucos passos entre seus carros com janelas de vidro escuro e as portas do Santuário, ansiosos para escaparem do sol. Emma reconheceu Lily Chen entre eles, de braços dados com um vampiro alto com cabelo de dreadlocks. Um bando de vampiros louros suecos entrou conversando com os Lindquist, que dirigiam o Instituto de Estocolmo.

Havia licantropes de todo o mundo: Luke Garroway, desalinhado e barbado, com camisa de flanela e a mãe de Clary, Jocelyn, ao seu lado. Lobisomens com kilts, hanboks e qipaos. Maia Roberts e Bat Velasquez — Emma sentiu uma pontada ao pensar nas outras versões deles em Thule: ainda juntos, ainda de mãos dadas.

Também havia feiticeiros, mais do que Emma já vira reunidos de uma vez só. Catarina Loss, de pele azul e cabelos brancos: ela entrou com Tessa e Jem, com trajes de enfermeira, e olhou em volta pensativamente. Seus olhos se iluminaram ao flagrarem Kit, e ela o encarou com um reconhecimento silencioso que ele, absorto numa conversa com Ty, não percebeu.

Hypatia Vex, com seu cabelo bronze e pele escura, régia e curiosa. Feiticeiros com asas de morcegos, com cascos, guelras e olhos de arco-íris, com antenas delicadas e chifres curvados de cordeiro. Uma mulher com cara de morcego foi até Cristina e começou a murmurar em espanhol. Um feiticeiro de pele escura e uma marca branca na bochecha em formato de teia de aranha.

E havia Caçadores de Sombras. Emma já tinha visto muitos Caçadores de Sombras reunidos antes — já tinha ido a algumas reuniões do Conselho —, mas era gratificante ver que tantos tinham atendido ao chamado de Julian. Ele estava na frente da sala, onde os Blackthorn e seus amigos haviam colocado uma mesa às pressas. Uma bandeira enrolada se encontrava pendurada na parede atrás. Julian se apoiou calmamente na mesa, mas Emma sentiu a tensão percorrendo-o como se passasse por cabos de energia elétrica enquanto os Caçadores de Sombras começavam a encher o Santuário.

Julie Beauvale e Beatriz Mendoza, com suas Marcas *parabatai* brilhando nos braços. Marisol Garza, vestindo branco em memória a Jon Cartwright. Magnus e Alec tinham acabado de chegar com Maryse e os filhos, e estavam perto da porta, em frente a Aline e Helen, recebendo os seres do Submundo enquanto as duas mulheres cumprimentavam os Caçadores de Sombras. Kadir Safar do Conclave de Nova York acenou de forma austera para Diana antes de ir falar com Maryse, que estava com o pequeno Max azul no colo enquanto Rafe corria em círculos em volta deles.

Os Romero tinham vindo da Argentina, os Pedroso do Brasil, os Keo do Camboja e os Rosewain do norte da Inglaterra. Uma mulher pequenina e de cabelos escuros correu para Cristina e a abraçou forte. *A mãe de Cristina!* Emma teve o impulso de se curvar numa reverência à mulher que havia nomeado Diego Perfeito.

— É legal ver a Aliança em ação — disse Mark, que estava ajudando os outros a organizarem as fileiras de cadeiras. Ele usava paletó escuro numa tentativa de parecer mais sério. Assim como o arranjo cuidadoso da comida para a reunião do outro dia, este pequeno gesto encheu o coração de Emma de carinho. Havia muitas formas de prestar serviços à sua família, pensou ela. Julian fazia isso através de gestos grandes e passionais; já Mark tinha um estilo mais discreto e contido, porém significativo do mesmo jeito. — Alec parece conhecer todos os seres do Submundo aqui.

Era verdade — Alec estava cumprimentando uma licantrome que falava com um francês animado e estava perguntando alguma coisa sobre Rafael; um vampiro alto e de cabelos escuros com uma camiseta com caracteres chineses deu um tapa nas costas dele, e Lily e Maia correram para falar com ele em voz baixa.

De repente Mark se aprumou. Emma acompanhou o olhar dele e viu que diversas fadas tinham entrado na sala. Ela pôs a mão no braço de Mark, imaginando se ele se lembrava da última vez que tinha estado no Santuário, quando a Caçada Selvagem o devolvera para a família.

Kieran tinha virado — ele estivera falando baixinho com Julian — e também



estava encarando: Gwyn tinha entrado, é claro, o que já era esperado, mas atrás dele vinham diversos outros. Entre dríades, pixies e nixies, Emma reconheceu vários piskies, o Povo das Fadas que ela e Julian tinham encontrado na Cornualha. Atrás deles vinha uma puca alta com uma camisa com os dizeres JUSTIÇA POR KAELE, e atrás dele uma mulher com uma longa capa verde, o rosto escondido, mas parte dos cabelos louro-platinados escapavam mesmo assim.

Emma se virou para Mark.

— É Nene.

— Tenho que falar com ela. — Mark afagou o ombro de Emma e desapareceu para o outro lado do recinto a fim de cumprimentar a tia. Emma viu tanto Kieran quanto Cristina olharem para ele, embora Cristina estivesse firmemente capturada pela mãe, que não tinha a menor intenção de soltá-la.

Emma olhou novamente para Julian. Ele tinha ido para trás da mesa e estava com os braços junto às laterais do corpo. Helen e Aline tinham se juntado a ele também. O restante da família estava aglomerado num grupo de cadeiras à esquerda da sala, Kit e Ty juntos, Dru com a mão no ombro de Tavvy, se virando para fitar uma figura que tinha acabado de entrar no Santuário.

Era Cameron. Ele estava sozinho, um pouco encolhido como se torcesse para que ninguém o visse, embora seus cabelos vermelhos fossem como um farol. Emma não se conteve; foi até ele.

Ele pareceu surpreso quando ela se aproximou e pegou suas mãos.

— Obrigada por ter vindo, Cameron — agradeceu. — Obrigada por tudo.

— O restante da minha família não sabe — alertou ele. — Eles estão basicamente...

— Do lado da Tropa, eu sei — respondeu Emma. — Mas você é diferente. Você é um bom sujeito. Sei disso com toda certeza agora, e sinto muito se já te magoei no passado.

Cameron pareceu ainda mais alarmado.

— Não acho que a gente deva reatar — falou.

— Ah, definitivamente, não — disse Emma. — Só estou feliz por você estar bem. — Ela olhou para Julian, que estava acenando e fazendo sinal de joinha para ele de trás da mesa. Parecendo aterrorizado, Cameron correu para a segurança dos assentos.

Algum dia Emma talvez contasse a ele sobre Thule.

Talvez.

Ela acenou para Simon e Isabelle quando eles entraram de mãos dadas. Isabelle foi diretamente para a mãe e para Max.

Simon encarou Kieran com um surpreso olhar de reconhecimento antes de atravessar a sala para falar com Vivianne Penhallow, a diretora da Academia dos

Caçadores de Sombras. Às vezes Emma se perguntava se Simon tinha gostado do período que passara na Academia. Ficava imaginando se *ela* iria gostar de lá. Mas de nada adiantava pensar no futuro agora.

Ela olhou para Julian. As portas largas ainda estavam abertas e uma brisa estava passando, e por um instante Emma viu Livvy — não como a de Thule, mas a Livvy deste mundo — como uma visão ou uma alucinação, atrás de Julian, com a mão no ombro dele, seus cabelos etéreos levantando com o vento.

Emma fechou os olhos e, quando os abriu novamente, Julian estava sozinho. Como se pudesse sentir o olhar dela, ele se voltou para Emma. Jules pareceu incrivelmente jovem para ela por um instante, como se ainda fosse o menino de doze anos que andava um quilômetro e meio toda semana arrastando sacos pesados pela rua para garantir que seus irmãos tivessem suprimentos.

*Se ao menos você tivesse me contado, pensou ela. Se ao menos eu tivesse ficado sabendo quando você precisava de ajuda.*

Ela não tinha como ser *parabatai* nem parceira de Julian agora. Não conseguia sorrir para ele como Clary sorria para Jace, nem colocar uma mão reconfortante em suas costas como Alec fazia com Magnus, nem pegar na mão dele como Aline pegava na de Helen.

Mas podia ser sua aliada. Podia se juntar aos outros na frente do salão e encarar a multidão, pelo menos. Ela começou a atravessar o recinto em direção à mesa.

Mark alcançou Nene no mesmo instante que Helen. A tia deles parecia agitada, seus dedos longos e pálidos brincando com o tecido esmeralda da capa. O olhar dela se revezou entre um e outro enquanto ambos se aproximavam, e ela meneou a cabeça breve e rijamente.

— Miach — disse ela. — Alessa. É bom ver que estão bem.

— Tia Nene — disse Helen. — Que bom que veio e... está tudo bem?

— Recebi ordens de permanecer na Corte depois que a Rainha voltou de Unseelie — disse Nene. — Ela anda furiosa e desconfiada desde aquela época. Para estar aqui, desobedeci a uma ordem direta de minha monarca. — Ela suspirou. — É possível que eu nunca mais possa voltar para a Corte.

— Nene. — Helen pareceu horrorizada. — Não precisava vir.

— Eu quis vir. Passei a vida inteira com medo da Rainha. Vivi com medo do meu maior desejo: abandonar a Corte e viver como uma das fadas selvagens. Mas vocês, meus sobrinhos, vocês vivem entre mundos e não têm medo.

Ela sorriu para eles, e Mark quis ressaltar que passava metade do tempo com medo. Não o fez.

— Vou fazer o que puder para ajudá-los aqui — disse ela. — Sua causa é nobre. É hora de a Paz Fria acabar.

Mark, que não tinha se dado conta de que Julian estivera prometendo o fim da Paz Fria, emitiu um pequeno ruído de engasgo.

— Adaon — disse ele. — Sei que Helen lhe escreveu a respeito dele. Ele salvou nossas vidas...

— Eu quis trazer a notícia pessoalmente. Adaon está bem — disse Nene. — Ele virou uma espécie de favorito da Rainha Seelie e ascendeu rapidamente na Corte.

Mark piscou. Não esperava por isso.

— Um *favorito* da Rainha Seelie?

— Acho que Mark quer saber se ele é amante da Rainha Seelie — falou Helen com sua franqueza habitual.

— Ah, muito provável. É bem surpreendente — disse Nene. — Fergus está muito chateado, considerando que ele era o favorito.

— Saudações, Nene — cumprimentou Kieran, marchando até eles. Ele tinha trocado a calça jeans e agora estava um príncipe fada completo, como Mark o conhecera, usando linho claro e calças fulvas. Seu cabelo tinha a cor de um oceano noturno escuro. — É bom vê-la bem. Como está meu irmão Adaon? Não está sendo muito sufocado pela Rainha?

— Só se ele quiser — respondeu Nene alegremente.

Kieran pareceu confuso. Mark levou as mãos ao rosto.

— Emma!

A meio caminho da mesa, Emma se virou e viu Jem se aproximando, com um sorriso tímido. Ela o tinha visto entrando mais cedo, com Tessa, que agora estava sentada ao lado de Catarina Loss. Ela piscou quando ele a alcançou; parecia que fazia séculos desde que tinham se visto pela última vez, no terrível dia do enterro de Livvy.

— Emma. — Jem pegou as mãos dela. — Você está bem?

*Ele está notando meu cansaço*, pensou ela. *Meus olhos inchados, minhas roupas amassadas, e quem sabe o que mais*. Ela tentou sorrir.

— Estou muito feliz em vê-lo, Jem.

A luz do candelabro iluminava as cicatrizes nas maçãs do rosto dele.

— Essa não é uma resposta à minha pergunta — falou ele. — Tessa me contou sobre Thule. Você fez uma viagem e tanto.

— Acho que todos fizemos — disse ela com a voz baixa. — Foi horrível, mas agora estamos de volta.

Ele apertou as mãos dela e as soltou em seguida.

— Queria agradecê-la — falou ele. — Por toda a ajuda que você e seus amigos nos ofereceram na busca pela cura da doença dos feiticeiros. Você foi uma amiga melhor para mim do que eu fui para você, *mèi mei*.

— Não... você me ajudou tantas vezes — protestou Emma. Então hesitou. — Na verdade tem uma pergunta que eu quero fazer.

Jem enfiou as mãos nos bolsos.

— Claro. O que é?

— Você sabe como tirar as Marcas de um Caçador de Sombras? — perguntou Emma.

Jem pareceu chocado.

— Quê? — Ele olhou em volta, como se quisesse se certificar de que ninguém estava olhando para eles; a maioria das pessoas já tinha se sentado e por sorte estava olhando para a frente da sala com expectativa. — Emma, por que você me perguntaria sobre algo tão terrível?

Ela pensou rápido.

— Bem... a Tropa. Talvez a forma de removê-los do poder não seja... machucando seus membros, mas fazendo com que deixem de ser Caçadores de Sombras. E você era um Irmão do Silêncio, então você poderia fazer, ou...

A voz dela desbotou ao perceber a expressão horrorizada dele.

— Emma, nem toda decisão cabe a você. A Clave será restaurada e *elas* vão lidar com a Tropa. — A voz de Jem suavizou. — Sei que está preocupada. Mas como Irmão do Silêncio, eu já participei da cerimônia de remoção das Marcas de um Caçador de Sombras antes. É algo tão terrível que eu jamais repetiria. Eu *jamais* faria. Em hipótese alguma.

Emma sentia como se estivesse engasgando.

— Claro. Sinto muito por ter tocado no assunto.

— Tudo bem. — Havia tanta compreensão na voz dele que Emma sentiu seu coração partir. — Sei que você tem medo, Emma. Todos temos.

Ela ficou observando-o enquanto ele se afastava. O desespero a estava deixando sem fôlego. *Eu tenho medo*, pensou ela. *Mas não da Tropa*.

*De mim.*

Emma assumiu seu lugar atrás da mesa na frente do salão; Mark também tinha se juntado ao pequeno grupo, e ela ficou ao lado dele, a uma certa distância de Julian. As portas tinham sido fechadas, e as lamparinas, acesas, e fileiras e mais fileiras de rostos olhavam para eles a partir das cadeiras alinhadas no meio da sala. Os assentos não tinham sido suficientes para acomodar a todos, aliás, e alguns membros do Submundo e Caçadores de Sombras estavam apoiados nas paredes, observando.

— Obrigado a todos por terem atendido ao meu chamado — começou Julian. Emma sentia o nervosismo dele, a tensão, acelerando o ritmo do seu próprio sangue pelas veias. Mas ele não demonstrava nada. Havia um comando natural em sua voz, a sala se calava enquanto ele falava, sem que ele precisasse gritar. — Não vou arrastar explicações ou apresentações. Vocês sabem quem eu sou. Conhecem minha irmã e meu irmão; conhecem Aline Penhallow e Emma Carstairs. Sabem que a mãe de Aline, a Consulesa, foi presa ilegalmente. Sabem que Horace Dearborn tomou o poder em Idris...

— Ele foi eleito — disse Kwasi Bediako, o feiticeiro que Emma já havia notado, aquele com a marca branca de teia de aranha no rosto; Cristina havia sussurrado para ela que Bediako era o Alto Feiticeiro de Accra. — Não podemos fingir que foi diferente.

— Ninguém *elegeu* que ele colocasse minha mãe na cadeia — disse Aline. — Ninguém *elegeu* que ele removesse a Consulesa do poder para que ele mesmo pudesse assumir.

— Há outros presos também — disse a mãe de Cristina, que, ao lado dela, corou intensamente. — Diego Rocio Rosales foi preso! Por nada!

Kieran fitou Cristina com um sorrisinho tímido.

— Assim como minha prima Divya — disse Anush Joshi, um jovem com um corte de cabelo irregular e rosto ansioso. — O que pretende fazer em relação a isso? Interceder junto ao Conselho?

Julian olhou brevemente para as mãos, como se estivesse se recompondo.

— Todo mundo, todos nós aqui, sempre aceitamos algum preconceito na Clave como algo normal, por escolha ou necessidade.

A sala se pôs em silêncio. Ninguém discordou, mas muitos olhares estavam voltados para baixo, como se sentissem vergonha.

— Agora a Tropa mudou o que considerávamos normal — disse Julian. — Nunca antes seres do Submundo tinham sido expulsos de Idris. Nunca antes Caçadores de Sombras tinham prendido outros Caçadores de Sombras sem sequer fingirem que houve julgamento.

— Por que nos importariamos com o que Caçadores de Sombras fazem uns com os outros? — quis saber a puca com a camisa de Kaelie.

— Porque esse é o primeiro passo, e o que farão com os seres do Submundo será pior — disse Emma, surpreendendo até a si mesma; ela não tivera a menor intenção de falar, só de apoiar Julian. — Eles já registraram muitos de vocês.

— Então está dizendo que devemos combatê-los? — perguntou Gwyn com a voz de trovão. — É um chamado à batalha?

Julie Beauvale se levantou.

— Podem não ser uma boa Clave, mas ainda são Caçadores de Sombras.

Existem muitas pessoas que seguem a Tropa e que têm medo. Eu não quero machucar essas pessoas, e o medo delas é genuíno, principalmente agora que Jace e Clary estão mortos. Eles eram nossos heróis, e eu os conhecia...

— Julie — sibilou Beatriz. — Sente-se.

— Eu e Jace éramos muito próximos — prosseguiu Julie. — Eu não hesitaria em chamá-lo de meu melhor amigo e eu...

— *Julie*. — Beatriz agarrou as costas da blusa de Julie e a puxou de volta para a cadeira. Pigarreou. — Acho que o que Julie *quis dizer* foi que vocês estão dizendo que a Tropa quer destruir o governo, mas, suponho, que dado todo esse segredo, vocês *também* querem destruir o governo, e eu... não sei como vamos fazer isso sem machucar inocentes.

Houve um burburinho. Nas sombras, Emma os viu — ela não sabia quando tinham entrado, mas uma única Irmã de Ferro e um único Irmão do Silêncio estavam parados junto à parede oposta, com os rostos escondidos pela penumbra.

Um breve calafrio a atingiu. Ela sabia que as Irmãs de Ferro se opunham à Tropa. Mas não sabia dos Irmãos do Silêncio. Ambos pareciam emissários da Lei, ali parados discretamente.

— Não estamos sugerindo a destruição do governo — disse Julian. — Estamos dizendo que ele está sendo destruído agora, já, de dentro. A Clave foi feita para dar voz a todos os Caçadores de Sombras. Se todos perdermos a voz, então não é nosso governo. A Lei foi feita para nos proteger e permitir que protejamos os outros. Quando as Leis são transgredidas para colocarem um inocente em perigo, ela não é nossa Lei. Valentim queria controlar a Clave. Sebastian queria destruí-la. Só queremos devolver nossa Consulesa legítima ao poder e permitir que o governo dos Caçadores de Sombras seja o que deveria ser, não uma tirania, mas uma representação de quem somos e do que queremos.

— Que belas palavras — ironizou a licantrome francesa que esteve conversando com Alec mais cedo. — Mas Jace e Clary eram amados pelos nossos. Vão querer uma guerra contra aqueles que os feriram.

— Sim — disse Julian. — Estou contando com isso.

Não houve gesto e Emma não notou nenhum tipo de sinal, mas as portas do Santuário se abriram e Jace e Clary entraram como se alguém tivesse dado a deixa.

De início, não houve reação da multidão. A luz das lamparinas estava forte, e nenhum dos dois vestia uniforme de combate: Jace usava jeans, e Clary, um vestido azul claro. Ao passarem pela plateia, as pessoas piscaram para eles, até que finalmente Lily Chen, um tanto incomodada, se levantou e falou com uma voz alta e enfadonha:

— Não acredito nos meus próprios olhos. Não são Jace Herondale e Clary Fairchild, de volta dos *mortos*?

A reação da multidão foi elétrica. Clary olhou a plateia, alarmada, enquanto o rugido crescia; Jace simplesmente sorriu quando eles se juntaram a Emma e aos outros atrás da mesa. Lily tinha voltado para sua cadeira e estava examinando as próprias unhas.

Julian estava pedindo para todos ficarem quietos, mas sua voz foi afogada pelo barulho. Sentindo que era seu momento de brilhar, Emma subiu na mesa e gritou:

— TODO MUNDO — berrou. — TODO MUNDO CALADO.

O grau de decibéis caiu imediatamente. Emma notou Cristina rindo com a mão na boca. Ao lado dela, Jace apontou para Julie Beauvale, que estava completamente ruborizada.

— É um prazer vê-la, melhor amiga — disse ele.

Os ombros de Simon estavam tremendo. Isabelle, que vinha assistindo a tudo com um meio sorriso, o afagou nas costas.

Clary franziu o nariz para Jace e depois se voltou novamente para a multidão.

— Obrigada — disse ela, com a voz baixa, porém presente. — Estamos felizes por estar aqui.

A sala caiu num silêncio sepulcral.

Emma saltou da mesa. Julian estava examinando os presentes, as mãos entrelaçadas nas costas, como se estivesse se perguntando o que achava da situação que havia arquitetado. As pessoas estavam encarando Clary e Jace, arrebatadas e caladas. *Então é assim que é ser herói*, pensou Emma, olhando as expressões da multidão. *Ser quem tem sangue de anjo, quem literalmente salvou o mundo. As pessoas olham como se você... como se você não fosse real.*

— O Inquisidor Lightwood nos enviou ao Reino das Fadas — disse Clary. — Para procurarmos uma arma que estava nas mãos do Rei Unseelie, uma arma que seria letal aos Caçadores de Sombras. Descobrimos que o Rei Unseelie tinha aberto um Portal para outro mundo, um mundo sem magia angelical. Ele estava usando a terra desse outro mundo para criar a praga da qual vocês ouviram falar, a que está devorando a Floresta Brocelind.

— Essa praga foi erradicada anteontem à noite — falou Jace. — Por uma equipe de Nephilim e o Povo das Fadas, que trabalharam juntos.

Agora o silêncio foi interrompido: houve uma agitação de vozes confusas.

— Mas não somos os únicos Nephilim trabalhando com fadas — disse Clary. — O atual Rei Unseelie, Oban, e a Tropa estão trabalhando juntos. Foi a Tropa que providenciou para que ele subisse ao trono.

— Como podemos saber que isso é verdade? — gritou Joaquin Acosta

Romero, do Instituto de Buenos Aires. Ele estava ao lado da licantropo francesa, um braço em volta dos ombros dela.

— Porque eles mentiram para vocês o tempo todo — respondeu Mark. — Eles disseram que Jace e Clary estavam mortos. Eles disseram que vocês fadas os mataram. E aqui estão, vivos.

— Por que o Rei Unseelie concordaria em participar de um esquema no qual ele é culpado por assassinato? — perguntou Vivianne Penhallow.

Todos olharam para Julian com expectativa.

— Porque a Tropa e o Rei Unseelie já concordaram exatamente com o que vão extrair da negociação — respondeu ele. — A negociação é um teatro. Por isso Horace vai fazer a Projeção, para que todos os Caçadores de Sombras possam ver. Porque o teatro é mais importante do que o resultado. Se ele for visto conseguindo o que quer do Povo das Fadas, a confiança na Tropa vai se fortalecer tanto que jamais teremos chance de tirá-los do poder.

Emma tentou esconder um sorriso. *Você realmente voltou, Julian*, pensou ela.

— Esse é um governo que vai matar os seus para controlar os seus — afirmou Jace. O sorriso tinha abandonado seu rosto, assim como qualquer fingimento sobre estar se divertindo: sua expressão estava dura e fria. — Desta vez fomos nós. Por sorte sobrevivemos e estamos aqui para contar a nossa história. O Inquisidor deve aplicar a Lei. Não se esconder atrás dela como um alibi para matar os seus.

— E quanto a assassinar os que não são Caçadores de Sombras? — perguntou um naga sentado perto de alguns membros da família Keo.

— Também somos contra — respondeu Jace.

— Já tivemos membros de governo ruins antes — falou Julian. — Mas agora é diferente. Eles romperam o sistema que poderia consertar a situação. Estão manipulando a Clave, manipulando a todos nós. Estão criando ilusões de ameaças para nos controlar pelo medo. Alegam que fadas mataram Jace e Clary para poderem declarar uma guerra injustificada; e sob o véu desse caos, puseram a Consulesa na prisão. Quem pode se pronunciar contra a guerra agora?

Um Nephilim louro levantou a mão.

— Oskar Lindquist aqui — apresentou-se. — Instituto de Estocolmo. Está dizendo que não devemos ir a Alicante? A negociação está marcada para amanhã. Se não chegarmos lá hoje à noite, seremos considerados desertores. Traidores.

— Não — respondeu Julian. — Inclusive, precisamos que se juntem aos outros Caçadores de Sombras em Alicante como se estivesse tudo normal. Não façam nada para alarmar a Tropa. A negociação vai acontecer nos Campos Eternos. Nós, a resistência, vamos interrompê-la, com todo mundo assistindo.



Vamos apresentar nossas provas, e quando isso estiver feito, vamos precisar que nos defendam e culpem a Clave pelo que fizeram.

— Nós somos as provas — acrescentou Jace, apontando a si mesmo e Clary.

— Acho que eles já sabiam disso — murmurou Emma. Ela viu Jem, na plateia, lançar um olhar entretido e então ficou tensa. *É algo tão terrível que eu jamais repetiria. Eu jamais faria. Em hipótese alguma.*

Ela se obrigou a não pensar nas palavras dele. Não podia pensar nisso agora.

— Por que fazer isso durante a negociação? — perguntou Morena Pedroso, líder do Instituto do Rio. Ao seu lado estava sentada uma menina de aparência entediada mais ou menos da idade de Dru com cabelos longos e castanhos. — Por que não os confrontar antes?

— Horace quer... não, ele *precisa* que todos o vejam triunfar sobre as forças Unseelie — disse Julian. — Todos os Caçadores de Sombras em Idris vão assistir-lhe através de uma Projeção enorme. — Houve um murmúrio de surpresa entre os seres do Submundo. — Isso significa que eles poderão ver e ouvir não só ele, mas, se nos juntarmos a ele, nós. Essa é a nossa chance. A Tropa vai juntar todo mundo de um jeito que nós não temos o poder de fazer. Essa é a nossa oportunidade de mostrar para todos os Caçadores de Sombras o que a Tropa é de verdade.

— E se acabar em batalha? Vamos ter que lutar contra outros Caçadores de Sombras — disse Oskar Lindquist. — Tenho certeza de que não sou o único que não quer isso.

— Espero que possamos fazer isso sem luta — disse Julian. — Mas se chegar a esse ponto, temos que estar preparados.

— Então você tem um plano para os Caçadores de Sombras — disse Hypatia Vex. Ela olhou para Kit e Ty e piscou; Emma ficou imaginando o que significaria aquilo, mas não tinha tempo para pensar no assunto. — E nós? Por que trouxeram seres do Submundo para cá?

— Para testemunharem — disse Julian. — Estamos alinhados aqui. Estamos do mesmo lado contra a Tropa. Sabemos que somos melhores e mais fortes quando membros do Submundo e Caçadores de Sombras trabalham juntos. E queríamos que vocês soubessem que mesmo que a Tropa faça barulho e seja odiosa, é minoria. Vocês têm aliados. — Ele olhou em volta da sala. — Alguns de vocês estarão conosco. Kieran Filho do Rei. Magnus Bane. Mas quanto ao restante de vocês, depois que os Caçadores de Sombras passarem pelos Portais para Idris, terão que retornar para casa, para os seus. Porque se não receberem notícias nossas depois da negociação, podem presumir que fomos derrotados. E se formos derrotados, vocês correm perigo.

— Nós podemos nos opor à Tropa — disse Nene, e Mark olhou surpreso para

ela. — Eles são muito menos numerosos do que os seres do Submundo.

— Se perdermos, vocês vão temer mais do que apenas a Tropa — disse Julian. — Uma vez que os bons Caçadores de Sombras não possam mais enfrentá-los, não vai sobrar ninguém para combater a onda de mal dos outros mundos. Eles se importam tanto com o próprio preconceito, com a pureza imaginada e com as Leis, que se esqueceram da nossa missão: *proteger este mundo dos demônios*.

Um sussurro atravessou o salão; um som de horror. *Eu vi o mundo controlado por demônios*, Emma queria dizer. *Não há lugar para seres do Submundo lá*.

— Somos um exército. Uma resistência — falou Emma. — Estamos buscando justiça. Não vai ser bonito, mas só vai piorar. Quanto mais esperarmos, mais mal vão fazer e mais sangue será derramado na tentativa de contê-los.

— Horace não quer uma guerra — disse Diana. — Ele quer glória. Se parecer que ele está diante do perigo, acho que ele vai recuar.

— Se somos um exército, como nos intitulamos? — perguntou Simon.

Julian se virou e soltou a tela enrolada que estava pendurada na parede atrás dele, a qual estava presa por tachas. Um arquejo emergiu quando a tela desenrolou.

Julian tinha pintado um estandarte, do tipo que um exército carregaria na linha de frente em tempos de guerra. O desenho central era um sabre, com a ponta para baixo, pintado em ouro claro brilhante. Atrás do sabre se abria um par de asas de anjos enquanto ao redor se agrupavam símbolos do Submundo — uma estrela para os vampiros, um livro de feitiços para os feiticeiros, uma lua para os lobisomens e um trevo de quatro folhas para as fadas.

Pendurado do cabo do sabre havia um medalhão com um círculo de espinhos na frente.

— O nome de nosso exército é Vigilância de Livia — falou Julian, e Emma viu Ty se aprumar na cadeira. — Carregamos este estandarte para honrar minha irmã, para que todos que foram feridos pela Tropa não sejam esquecidos.

Jace deu uma olhada na sala.

— Se tem alguém que não quer lutar ao nosso lado, pode se retirar agora. Sem ressentimentos.

A sala ficou em silêncio. Nenhuma cadeira se mexeu. Nenhuma pessoa levantou. Ainda apoiados na parede perto das portas, a Irmã de Ferro e o Irmão do Silêncio estavam imóveis.

Só Emma ouviu o exalar baixinho de alívio de Julian.

— Agora — disse ele. — Vamos finalizar o plano.

Dru, sentada num montinho de grama, observava enquanto dezenas de feiticeiros criavam Portais no gramado frontal do Instituto.

Certamente não era algo que ela achava que fosse ver um dia. Um ou outro feiticeiro ou Portal, tudo bem, mas não tantos ao mesmo tempo.

Através dos Portais ela conseguia enxergar os campos diante das muralhas de Alicante: era impossível ir de Portal direto à cidade dos Caçadores de Sombras sem autorização prévia; o mais próximo que se podia chegar era dos portões de entrada. O que não era exatamente um problema, porque os Caçadores de Sombras precisavam falar com a Tropa e garantir que Dearborn soubesse que estavam lá. Dru estava um pouco decepcionada — sua torcida era para que entrassem correndo na cidade, com espadas brilhando, mas esse não era o estilo de Julian. Se ele pudesse conseguir o que queria sem briga, assim o faria.

A alguns metros de distância, Tavvy estava cantarolando, brincando com um carrinho de brinquedo antigo, incitando-o para cima e para baixo numa pedra lisa.

Ela passara a reunião isolada, embora Kit tivesse oferecido um sorriso encorajador em dado momento. E viu Julian olhar para ela quando disse “Vigilância de Livia”. Aliás, ele olhara para todos eles, espalhados pela sala: Mark e Helen, Dru e Tavvy, e por último, Ty.

Dru estava preocupada desde a noite anterior, quando Ty saíra daquela caverna estranha perto da praia. Kit o seguira e não estivera lá, como ela, para ver o olhar dele ao sair. Foi uma expressão difícil de ser descrita. Meio iminência de choro, meio iminência de desmoronar como ele fazia de vez em quando, quando as coisas eram demais para ele. Livvy sempre conseguiu acalmá-lo, mas Dru não sabia se conseguia fazer o mesmo. Ela não era uma substituta de Livvy.

Depois Kit saíra e a expressão de Ty mudara, como se ele estivesse se dando conta de alguma coisa. E Kit pareceu aliviado, e Dru também queria se sentir aliviada.

Ela ficara bem preocupada com Ty quando Julian revelara o estandarte, e ela vira o medalhão de Livvy, aquele que Ty agora usava, por cima de um sabre. E quando Julian dissera as palavras “Vigilância de Livia”, Dru sentiu as lágrimas quentes fazendo seus olhos arderem. E se sentiu tão orgulhosa, mas também tão vazia quando o pedaço de si que fora Livvy se perdera na escuridão.

Julian estava ao lado das portas do Santuário, falando com a Irmã de Ferro de cabelos escuros que tinha comparecido à reunião. Os últimos Caçadores de Sombras estavam atravessando os Portais. Alguns dos membros do Submundo permaneceram dentro do Santuário, evitando o sol; outros se levantaram e ficaram admirando o mar enquanto conversavam entre si. Maryse Lightwood

estava ao lado do Portal aberto por Magnus, sorrindo enquanto observava Max e Rafe correndo em volta de Alec.

Pedras e areia estalavam: Dru levantou o olhar e viu Julian, emoldurado pelo sol.

— Oi, garota — disse ele.

— Qual é o lance das Irmãs de Ferro e dos Irmãos do Silêncio? — perguntou Dru. — Eles estão do nosso lado?

— As Irmãs de Ferro já rejeitaram a Tropa — disse Julian. — Estão nos apoiando. A Irmã Emilia até teve uma boa ideia sobre a Espada Mortal. Os Irmãos do Silêncio estão... bem, não neutros. Eles também não gostam da Tropa. Mas qualquer deserção por parte deles vai ser mais óbvia e pode nos entregar. Eles vão para Alicante para ficarem de olho nas coisas e evitarem que a Tropa fique desconfiada.

Essa era uma das coisas que Dru amava em Julian. Ele não falava com ela de um jeito altivo, nem mesmo sobre estratégia.

— Por falar em Alicante — disse ela. — É hora de irmos, não?

Ela sabia que ia acontecer. Julian tinha falado para ela antes da reunião. Ela achou que fosse ficar bem com isso, considerando que *queria* ir a Alicante, e esse era basicamente o único jeito que iria acontecer.

Não que Julian soubesse disso. Ela fez uma expressão de tristeza.

— Só não sei por que você tem que nos deixar para trás.

— Não vou deixá-los para trás — respondeu Julian. — Vou enviar vocês antes. Você é parte da Vigilância de Livia. Não se esqueça disso.

Dru continuou fazendo careta. Tavvy ainda estava brincando com o carrinho, mas também estava olhando para eles de soslaio.

— A semântica não é amiga de ninguém.

Julian se ajoelhou em frente a ela. Dru ficou surpresa; não pensava que ele iria querer sujar os joelhos quando estava com roupas tão bonitas, mas aparentemente não se importava.

— Dru — começou ele. — Eu não posso largar vocês aqui. Não é seguro. E eu não posso levar vocês com a gente. Pode haver uma batalha lá. Uma das grandes.

Julian colocou os dedos sob o queixo dela e levantou seu rosto para que ela olhasse diretamente para ele. Ela se perguntava se era assim quando a maioria das crianças olhava para os pais. Afinal este era o rosto que ela associava a elogios e reprovações, a ajudas com pesadelos na madrugada, chocolate quente e curativos quando necessários. Julian fora quem segurara sua mão durante a aplicação das primeiras Marcas. Fora ele quem pendurara seus desenhos horrorosos na geladeira com ímãs. Ele nunca se esquecia de um aniversário.

E ele mesmo ainda era um garoto. Era a primeira vez que ela olhava para ele e conseguia enxergar isso. Ele era jovem, mais jovem do que Jace e Clary ou Alec e Magnus. E mesmo assim, se postara diante de um Santuário cheio de gente e revelara seus planos, e todos lhe deram ouvidos.

— Sei que você sabe lutar — disse ele. — Mas se eu achar que você está em perigo, não sei se *eu* vou dar conta de encarar a batalha.

— E Kit e Ty?

Ele sorriu para ela.

— Não conte a eles, mas Magnus me prometeu que vai garantir que eles não cheguem perto da batalha de fato.

Dru sorriu relutantemente.

— Vai ser horrível não saber se vocês estão bem.

— Vamos todos estar com Marcas de Família — disse Julian. — Tavvy também. Então já é alguma coisa. Se precisar saber como algum de nós está, ative a sua. — Seus olhos escureceram. — Dru, você sabe que eu te protegeria até o último suspiro, não sabe? Eu te daria minha última gota de sangue. E Emma também.

— Eu sei — respondeu Dru. — Eu também te amo.

Ele a puxou em um breve abraço, em seguida levantou e estendeu a mão. Ela aceitou a ajuda para se levantar e se limpou enquanto ele pegava Tavvy. Em seguida ela os acompanhou enquanto iam até Maryse, Max e Rafe. Ela não queria parecer de forma alguma ansiosa para chegar a Alicante. E se sentia um pouco mal por enganar Julian, mas se tinha aprendido alguma coisa com Kit e Ty nas últimas semanas, era que às vezes você precisava ser mais astuto do que o mais astuto dos trapaceiros.

— Mas por que os pequenos estão indo? — perguntou Gwyn enquanto Diana observava Max, depois Rafe e depois Tavvy atravessando o Portal para Alicante.

— Eu tinha entendido que Julian queria deixar todos juntos.

Diana suspirou e deu a mão a Gwyn.

— É porque ele os ama que os está mandando para longe. Uma batalha não é lugar para criança.

— Temos crianças na Caçada Selvagem. De oito anos, às vezes — disse Gwyn.

— Sim, mas também já discutimos que isso não é bom, Gwyn.

— Às vezes eu me esqueço de todas as lições que você me ensina — disse Gwyn, mas adotou um tom divertido. Dru estava atravessando o Portal para Alicante: ela se virou no último momento e olhou para Julian. Diana o viu

assentindo encorajadoramente enquanto Dru entrava no redemoinho e sumia. — E também não é garantido que haverá batalha.

— Não é garantido que não vá ter — rebateu Diana. Julian tinha dado as costas para o Portal; o olhar encorajador que dirigira a Dru e Tavvy desaparecera, e agora ele parecia vazio e triste. Seguiu para as portas do Instituto.

*As expressões falsas que vestimos para os que amamos*, pensou Diana. *Julian sangraria até a morte por essas crianças e não pediria curativo por medo de que o pedido as chateasse.*

— As crianças estarão em segurança com Maryse. E a ausência do medo por elas vai liberar Julian e o restante de nós para fazermos o que temos que fazer.

— E o que vocês precisam fazer?

Diana inclinou a cabeça para trás para olhar Gwyn.

— Ser guerreiros.

Gwyn tocou um cacho do cabelo dela.

— Você é uma guerreira todos os dias.

Diana sorriu. Julian tinha chegado às portas do Santuário e virado ali, olhando para o grupo na frente do Instituto: alguns feiticeiros, Caçadores de Sombras e um bando de licantropes jogando altinha.

— Hora de entrar — disse ele, a voz se sobrepondo ao barulho do mar. — A verdadeira reunião está para começar.

Da janela do Gard, Manuel via Caçadores de Sombras entrando pelo Grande Portão, a principal entrada para a cidade de Alicante. Todas as saídas estavam protegidas agora por guardas e barreiras contra a ameaça imaginária das fadas Unseelie.

— Não parece que a reunião dos Blackthorn fez sucesso — disse Horace. Da grande mesa do Inquisidor, dava para se ver a paisagem da janela. Era estranho, pensou Manuel; ele ainda não enxergava Horace como o Inquisidor. Talvez por nunca ter se importado de fato com quem ocupava o cargo de Inquisidor ou de Cônsul. Eram posições de poder, e portanto desejáveis, mas não tinham nenhum significado inerente. — As famílias que ele convidou para a pequena insurreição continuam chegando.

Zara entrou sem bater, como de costume. Estava com seu uniforme de Centurião, como sempre. Manuel achava pretensioso.

— Os Rosewain estão aqui, e os Keo, e os Rosales. — Ela estava espumando. — Chegaram todos de uma vez, através de Portais. É como se eles nem estivessem *tentando* esconder.

— Ah, não sei — disse Manuel. — Se não tivéssemos sido informados sobre a reunião, acho que não teríamos notado. Muitas pessoas entrando e saindo.

— Não *elogie* Julian Blackthorn — disse Zara, fazendo uma careta. — Ele é um traidor.

— Ah, claramente — falou Manuel. — Mas agora poderemos puni-los, coisa que vai me agradar muito.

— Tenho certeza que sim. — Zara lançou a ele um olhar superior, mas Manuel sabia que ela ia gostar da punição aos Blackthorn tanto quanto ele. Ambos odiavam Emma. Manuel tinha bons motivos, ela fora desrespeitosa com ele na última reunião de Conselho, ao passo que Zara só tinha inveja mesmo.

— Vamos fazer com que eles sejam um exemplo — disse Horace. — Depois da negociação. Não os Blackthorn mais novos, ninguém gosta de ver crianças morrendo, mesmo que tenham sementinhas do mal em si. Mas Julian certamente, e aqueles irmãos mestiços dele. A menina Carstairs, obviamente. Aline Penhallow é uma questão complicada...

A porta foi aberta. Manuel olhou, curioso; só havia mais um visitante que, a exemplo de Zara, não batia à porta do escritório de Horace.

Um Caçador de Sombras louro e alto entrou na sala. Manuel o vira mais cedo, entrando pelo Grande Portão. Oskar Lindquist, tendo se separado de sua família igualmente loura.

Horace levantou o olhar. Seus olhos brilhavam.

— Feche a porta.

Oskar emitiu um ruído entre um rosnado e uma risada, fechando e trancando a porta do escritório. Ficou um ligeiro brilho no ar quando ele se virou e começou a se transformar. Era como ver água entornando numa pintura, distorcendo e alterando seus contornos.

Zara emitiu um ruído baixo de nojo quando a cabeça de Oskar tombou para trás e o corpo sofreu espasmos, os cabelos se transformando em preto-acastanhados e caindo sobre os ombros, a espinha encolhendo enquanto ele diminuía, as linhas da mandíbula suavizando num contorno novo e familiar.

Annabel Blackthorn olhou para eles com olhos azul-esverdeados firmes.

— Então, como foi a reunião? — perguntou Horace. — Concluímos que não tinha ido bem, considerando a quantidade de Caçadores de Sombras vindo para Idris.

— Acho que correu conforme o planejado. — Horace franziu a testa enquanto Annabel se sentava numa cadeira em frente à mesa. Zara a observava com cautela; Horace se referia a Annabel como o presente que o Rei Unseelie lhe dera, mas talvez Zara não a considerasse um presente. — Exceto pelo fato de que eu estava lá.

— Ninguém suspeitou que você não era Oskar? — perguntou Zara.

— Obviamente, não. — Annabel estava examinando as próprias mãos como se não as conhecesse. — O plano é tão simples que chega a ser rudimentar. O que pode ser visto como uma vantagem: menos coisa para dar errado.

Horace se inclinou para a frente, apoiando os braços na mesa.

— Está dizendo que deveríamos nos preocupar?

— Não — falou Annabel, tocando o frasco de vidro em seu pingente pensativamente. Um líquido vermelho girava dentro dele. — A única vantagem deles era o elemento surpresa. Que tolo presumir que não seriam traídos. — Ela se recostou na cadeira. — Vamos começar pelo básico. Jace Herondale e Clary Fairchild ainda estão vivos...

Emma estava à porta do Instituto. O último ser do Submundo já tinha se retirado, e todos iriam para Brocelind em breve. O Irmão Shadrach tinha garantido a Julian e aos outros que todos os guardas haviam sido recrutados para a cidade, para a negociação. A floresta estaria deserta.

O sol da tarde brilhava sobre o mar, e de longe ela se perguntava se, depois de hoje, voltaria a ver o oceano Pacífico. Há muito tempo seu pai lhe dissera que as luzes que dançavam na superfície da água vinham de joias que brilhavam lá embaixo, e que se você alcançasse sob a superfície, conseguia pegar uma delas.

Ela agora estava com a mão esticada diante de si, a palma para cima, e pensou nas palavras de Jem, e depois nas de Diana.

*As Marcas começam a arder como fogo, como se tivessem fogo em vez de sangue nas veias. Linhas escuras se espalhavam por seus corpos e eles se tornavam monstruosos — fisicamente monstruosos.*

Na parte interna do antebraço, onde a pele era pálida e lisa, havia uma teia sombria de linhas escuras, como rachaduras no mármore, quase do tamanho da palma de sua mão.



## PARTE TRÊS

# Dama da Vingança

Seus fortes encantos falhando  
Suas torres de medo ruindo  
Seus alambiques sem veneno  
E a faca em seu pescoço,

A Rainha do ar e da escuridão  
Começa a gritar e uivar,  
“Jovem rapaz, assassino de mim,  
Amanhã morrerás”.

Rainha do ar e da escuridão  
Acredito que dizes a verdade,  
E amanhã morrerei;  
Mas morrerás hoje.

— A. E. Houseman, “Seus Fortes Encantos Falhando”

## 28

### E Sombras Lá

Estava frio na Floresta Brocelind; a invasão do outono acrescentava uma nota metálica no ar cujo gosto Emma conseguia sentir na língua.

A quietude veio súbita após o agito da viagem pelo Portal, a montagem das barracas numa clareira entre árvores anciãs e área verde. Estavam longe das áreas afetadas pela Praga, Diana garantira a eles — ao longe, sobre os topos das árvores, Emma conseguia ver o brilho das torres demoníacas de Alicante.

Ela subiu numa elevação com vista para o acampamento. Eram cerca de doze barracas, dispostas em filas, cada qual com duas tochas queimando na frente da porta. Elas eram aconchegantes por dentro, com tapetes grossos no chão e até cobertores. Alec lançou um olhar de soslaio um tanto veemente para Magnus quando as ditas barracas apareceram do nada.

— Eu não *roubei* — disse Magnus, analisando suas unhas. — Eu peguei emprestado.

— Então você vai devolver para a loja de camping? — perguntou Alec, com as mãos nos quadris.

— Na verdade, eu peguei de um armazém que fornece materiais para filmes — falou Magnus. — Vão levar séculos para perceberem que sumiram. Não — acrescentou apressadamente — que eu não vá devolver, logicamente. Pessoal, tentem não tacar fogo nas barracas! Elas não são nossas!

— Normalmente as pessoas põem fogo nelas? — perguntou Kieran, que tinha a própria barraca; Mark e Julian estavam dividindo uma, e Emma estava dividindo com Cristina. — É uma tradição?

Mark e Cristina sorriram para ele. A estranheza entre eles estava se intensificando, pensou Emma, e resolveu perguntar para Cristina.

A oportunidade veio mais cedo do que ela havia imaginado. Ela estava

inquieta na barraca, e sozinha — Cristina estava ajudando Aline e Julian, que tinham se encarregado do jantar. Todos murmuravam a respeito de mapas e planos, exceto Jace, que tinha caído no sono com a cabeça no colo de Clary.

Emma não conseguia se concentrar. Seu corpo e sua mente chiavam com energia. Tudo o que ela queria era falar com Julian. Ela sabia que não podia, mas a necessidade de contar tudo para ele era dolorosa. Ela nunca tinha tomado uma decisão tão definitiva sem falar com ele antes.

Ela acabou vestindo um casaco e dando uma volta pelo perímetro do acampamento. Aqui, o ar cheirava tão diferente do de casa — pinheiros, folhas, fumaça de acampamento. No interior não havia cheiro de sal, nem de mar. Ela subiu a pequena elevação de pedra sobre o acampamento e olhou para baixo.

Amanhã eles iriam desafiar Horace Dearborn e sua Tropa. Muito provavelmente haveria um confronto. E seu *parabatai*, aquele que sempre lutara ao seu lado, estaria perdido para ela. De um jeito ou de outro.

O sol estava se pondo, refletindo o brilho distante das torres demoníacas. Emma ouvia os pássaros noturnos piando nos bosques e estava tentando não pensar no que mais havia na floresta. Sentia-se trêmula — não, ela *estava* tremendo. Sentia-se desorientada, quase tonta, e seu processo cognitivo pareceu estranhamente difuso, como se sua mente estivesse acelerada demais para permitir concentração.

— Emma! — Cristina estava subindo a elevação até ela, seus olhos escuros carregados de preocupação. — Te procurei na barraca, mas você não estava lá. Está tudo bem? Ou você está na vigilância?

*Recomponha-se, Emma.*

— Só achei que alguém deveria ficar de olho nas coisas, você sabe, caso algum grupo da Tropa resolva dar uma olhada em Brocelind.

— Então você está fazendo vigilância — disse Cristina.

— Talvez — disse Emma. — O que está rolando com você, Kieran e Mark?

— *Ay ay!* — Cristina se sentou numa pedra, batendo levemente a testa na mão. — Sério? Agora?

Emma se sentou ao lado da amiga.

— Não precisamos falar sobre isso se você não quiser. — Ela apontou o indicador para Cristina. — Mas se nós duas morrermos na batalha amanhã, nunca vamos poder conversar e você não vai se beneficiar da minha enorme sabedoria.

— Vejam essa louca — disse Cristina, gesticulando para uma plateia invisível. — Tudo bem, tudo bem. Mas o que te faz pensar que está acontecendo algo de novo?

— Eu noto como vocês se olham. Nunca vi nada parecido — disse Emma.

Cristina imediatamente ficou séria, com a mão indo ao medalhão de anjo em seu pescoço, como frequentemente fazia quando ficava nervosa.

— Não sei o que fazer — disse ela. — Eu amo os dois. Amo Mark e amo Kieran. Amo os dois de maneiras diferentes, mas não menos intensas.

Emma falou com cuidado.

— Eles estão pedindo para você escolher?

Cristina olhou em direção ao pôr do sol, tiras douradas e vermelhas acima das árvores.

— Não. Não, eles não estão me pedindo para escolher.

— Entendi — respondeu Emma, que não sabia se tinha entendido mesmo. — Então...

— Concluímos que era impossível — disse Cristina. — Kieran, Mark e eu... estamos todos com medo. Se ficássemos juntos, do jeito que queremos ficar, traríamos tristeza para aqueles que amamos.

— Tristeza? Por quê? — As mãos de Emma estavam tremendo de novo; ela as colocou entre os joelhos para que Cristina não visse.

— Kieran teme pelo Reino das Fadas — disse Cristina. — Depois de tantos Reis terríveis, depois de tanta crueldade, ele quer voltar e assumir um lugar na Corte para garantir o bem-estar dos seus. Ele não pode dar as costas para isso, e nem eu e nem Mark gostaríamos que ele o fizesse. Mas quanto a nós... não conhecemos o futuro. Mesmo que a Tropa se desfaça, isso não significa o fim da Paz Fria. Mark teme por Helen, por todos os Blackthorn, que se ele se envolvesse com um príncipe do Reino das Fadas e todos soubessem, a família dele seria punida. Então nunca daria certo. Entende?

Emma girava um pedaço de grama entre os dedos.

— Eu jamais julgaria — disse ela. — Primeiro, porque é você, e segundo, porque quem sou eu para julgar alguém. Mas acho que vocês estão deixando os medos atrapalharem o que vocês realmente querem, porque o que vocês querem é o que vocês temem.

Cristina piscou.

— O que quer dizer?

— De fora, eu vejo o seguinte — continuou Emma. — Quando Mark e Kieran estão sozinhos juntos, eles são puxados para o passado complicado deles. Isso os consome. Quando Mark e você estão juntos, ele teme não ser bom o suficiente para você, independentemente do que você diga. E quando você e Kieran estão juntos, às vezes não conseguem preencher o vazio entre os costumes dos Caçadores de Sombras e os das fadas. Mark ajuda a ligar as duas coisas. — O sol já tinha quase se posto, o céu estava azul-escuro, e a expressão de Cristina, perdida em sombras. — Isso parece errado?

— Não — respondeu Cristina após longa pausa. — Mas não...

— Você teme o que todos temem — disse Emma. — Terem seus corações partidos, sofrerem por amor. Mas o que você está dizendo, isso é o que a Tropa quer. Querem deixar as pessoas com medo, separá-las porque criaram um ambiente de medo e desconfiança onde vocês podem ser punidos por estarem com alguém que amam. Se eles conseguissem o que querem, puniriam Alec por estar com Magnus, mas isso não significa que Magnus e Alec devam se separar. Está fazendo sentido?

— Sentido até demais — disse Cristina, puxando um fio solto da manga.

— De uma coisa eu tenho certeza — falou Emma. — Cristina, dentre todas as pessoas que conheço, você é a mais generosa, e é a que passa mais tempo pensando no que faz os outros felizes. Acho que você tem que fazer o que *te* faz feliz. Você merece.

— Obrigada. — Cristina lançou um sorrisinho trêmulo para ela. — E você e Julian? Como estão?

O estômago de Emma revirou, surpreendendo-a. Era como se ouvir as palavras “você e Julian” tivesse disparado alguma coisa dentro dela. Ela reprimiu o sentimento, tentando controlá-lo.

— Está muito difícil — sussurrou. — Eu e Julian não podemos nem conversar. E o melhor que podemos esperar depois que isso tudo acabar é alguma espécie de exílio.

— Eu sei. — Cristina pegou as mãos de Emma; Emma tentou conter o tremor. O toque reconfortante de Cristina ajudou. Pela milionésima vez, Emma desejou que ela e Cristina tivessem se conhecido antes, e que Cristina pudesse ter sido sua *parabatai*. — Depois do exílio, se isso acontecer, você pode ir ficar comigo, onde quer que eu esteja. México, qualquer lugar. Eu cuido de você.

Emma emitiu um ruído entre um riso e uma fungada.

— É isso que estou dizendo. Você sempre faz coisas pelos outros, Tina.

— Bem, então vou pedir para você fazer uma coisa por mim.

— O quê? Eu faço qualquer coisa. A não ser que irrite sua mãe. Sua mãe me assusta.

— Você quer matar Zara na batalha, se houver batalha, não quer? — perguntou Cristina.

— Passou pela minha cabeça. Tá bom. Sim. Se outra pessoa acabar com ela, eu vou ficar muito irritada. — Emma fez uma careta zombeteira.

Cristina suspirou.

— Nem sabemos se vai haver luta, Emma. Se Zara for poupada, presa, ou escapar, ou se outra pessoa matá-la, não quero que você sofra com isso. Tem que focar no que quer que sua vida seja *depois* de amanhã.

*Depois de amanhã eu estarei exilada, pensou Emma. Será que vou te ver outra vez, Cristina? Será que vou sentir saudade para sempre?*

Cristina semicerrou os olhos preocupada.

— Emma? Promete?

Mas antes que Emma pudesse prometer, antes que pudesse dizer qualquer coisa, as vozes de Aline e Helen cortaram o ar noturno, chamando-as para jantar.

— Alguém já experimentou ketchup no marshmallow com biscoito e chocolate?  
— falou Isabelle.

— É por isso que você é uma péssima cozinheira — falou Alec. Simon, aconchegado em um casaco e apoiado num tronco, se abaixou como se quisesse se tornar invisível. — Você realmente gosta de comida nojenta. Não é, tipo, um acidente.

— Eu gosto de ketchup no doce — disse Simon com lealdade, e articulou para Clary, sem som, *não gosto*.

— Eu sei — disse Clary. — Dá para sentir pelo laço *parabatai* o quanto você não gosta.

— Julian é um ótimo cozinheiro — falou Emma, espetando um marshmallow. Magnus tinha trazido vários sacos, juntamente ao chocolate e ao biscoito obrigatórios. Ele lançou um olhar sombrio para Emma que dizia *Fique longe de Julian, e também da comida dele*.

— Eu também sou um excelente cozinheiro — falou Mark, colocando uma bolota no seu doce. Todos ficaram olhando.

— Ele não consegue evitar — disse Cristina lealmente. — Ele viveu com a Caçada Selvagem por tempo demais.

— Eu não faço isso — disse Kieran, comendo do jeito certo. — Mark não tem desculpa.

— Nunca imaginei Caçadores de Sombras comendo esse doce — disse Kit, olhando em volta da fogueira. Parecia uma cena dos sonhos de acampar que ele tinha quando criança; a fogueira, as árvores, todo mundo aconchegado em casacos, sentados nos troncos, com fumaça nos olhos e nos cabelos. — Por outro lado, é a primeira vez que como um desses que não saiu de uma caixa.

— Então não é um desses — disse Ty. — É um biscoito. Ou um cereal.

Kit sorriu, e Ty sorriu de volta. Ele se apoiou em Julian, que estava sentado ao seu lado; Julian colocou um braço distraidamente em volta do irmão caçula, sua mão afagando os cabelos de Ty.

— Animado para sua primeira batalha? — perguntou Jace a Kit. Jace estava sentado de pernas cruzadas, com os braços em volta de Clary, que estava

montando um doce enorme com várias barras de chocolate.

— Ele não vai! — disse Clary. — É jovem demais, Jace. — Ela olhou para Kit. — Não dê ouvidos a ele.

— Ele me parece ter idade suficiente — falou Jace. — Aos dez anos eu já lutava nas batalhas.

— Fique longe dos meus filhos — disse Magnus. — Estou de olho em você, Herondale.

Kit tomou um breve susto antes de perceber que Magnus não estava falando com ele. Depois mais um ao perceber que tinha reagido inconscientemente ao nome Herondale.

— Isso é ótimo — disse Helen, bocejando. — Faz tanto tempo que não acampo. Não dá para acampar na Ilha Wrangel. Seus dedos virariam palitos de gelo e quebrariam.

Emma franziu o rosto.

— Onde está Cristina?

Kit olhou em volta: Emma tinha razão. Cristina tinha escapulado do grupo.

— Ela não deveria ficar andando pelos limites da floresta — falou Magnus, franzindo o rosto. — É cheio de armadilhas. Muito bem escondidas, se querem minha opinião. — Ele começou a se levantar. — Vou buscá-la.

Mark e Kieran já estavam de pé.

— Nós vamos encontrá-la — falou Mark, afobado. — Na Caçada aprendemos muito sobre armadilhas.

— E poucos conhecem florestas como as fadas — emendou Kieran.

Magnus deu de ombros, mas havia uma faísca de sabedoria em seu olhar que Kit não entendeu muito bem.

— Tudo bem. Vão em frente.

Ao desaparecerem nas sombras, Emma sorriu e enfiou outro marshmallow num espeto.

— Vamos fazer um brinde. — Aline ergueu o copo de água. — A nunca nos separarmos de nossos familiares outra vez. — Ela encarou a fogueira. — Quando o amanhã chegar, nunca mais vamos permitir que a Clave faça isso conosco outra vez.

— A nunca mais nos separarmos da família *ou* dos amigos — disse Helen, erguendo seu copo também.

— Ou *parabatai* — disse Simon, piscando para Clary.

Alec e Jace aplaudiram, mas Julian e Emma ficaram em silêncio. Emma parecia sombriamente triste, olhando para o seu copo de água. Ela não pareceu notar Julian, que olhou para ela por um longo instante antes de afastar o olhar.

— A nunca nos separarmos — disse Kit, olhando para o outro lado da

fogueira, para Ty.

O rosto fino de Ty estava iluminado pelas chamas vermelhas e douradas.

— A nunca nos separarmos — respondeu o menino, com uma ênfase solene que fez Kit estremecer por razões que ele não conseguiu compreender.

Maryse não podia mais voltar para a casa do Inquisidor, pois Horace e Zara tinham se mudado para lá. Em vez disso, ela levou Dru e os outros para a casa Graymark, onde Clary dissera ter ficado logo que fora para Idris.

Dru foi para a cama o mais cedo que pôde dentro do educadamente possível. Ela se deitou com as cobertas até seu queixo, olhando para os últimos resquícios de luz do sol desbotando pelas janelas circulares. Este lado da casa tinha vista para um jardim cheio de rosas da cor da renda antiga. Uma treliça subia pelas janelas e as emoldurava: no auge do verão, provavelmente ficavam parecendo colares de rosas. Casas de pedras desapareciam pela colina em direção às muralhas de Alicante — muralhas que no dia seguinte estariam cheias de Caçadores de Sombras encarando os Campos Eternos.

Dru se aninhou ainda mais sob as cobertas. Dava para ouvir Maryse no quarto ao lado, cantando para Max, Rafe e Tavvy, uma canção alegre em francês. Era estranho ser velha demais para que canções trouxessem conforto, porém jovem demais para participar das preparações para a batalha. Ela começou a dizer os nomes deles para si, como uma espécie de amuleto da sorte: *Jules e Emma. Mark e Helen. Ty e Li...*

Não. Livvy, não.

A música tinha parado. Dru ouviu passos no corredor e sua porta foi aberta; Maryse colocou a cabeça para dentro.

— Está tudo bem, Drusilla? Precisa de alguma coisa?

Dru teria gostado de um copo de água, mas não sabia exatamente como conversar com a avó imponente e de cabelos escuros de Max e Rafe. Tinha ouvido Maryse brincando com Tavvy mais cedo, e ficou grata pela gentileza concedida a eles por essa mulher que era basicamente uma desconhecida. Ela só gostaria de saber como se expressar.

— Não, tudo bem — disse Dru. — Não preciso de nada.

Maryse se apoiou no batente da porta.

— Sei que é difícil — começou. — Quando eu era mais nova, meus pais sempre levavam meu irmão, Max, com eles para caçarem demônios e me deixavam sozinha em casa. Diziam que eu ia me assustar se eu fosse com eles. Eu sempre tentava dizer que a preocupação de eles nunca voltarem era muito mais assustadora.



Dru tentou imaginar Maryse jovem e não conseguiu. Para Dru, ela parecia velha até para ser mãe, embora não fosse. Na verdade, ela era uma avó bastante jovem, mas Dru já havia se acostumado à imagem de mães e pais representada por Julian e Helen.

— Mas eles sempre voltavam — disse Maryse. — E sua família também vai voltar. Sei que parece que o que Julian está fazendo é arriscado, mas ele é inteligente. Horace não vai tentar nada de perigoso na frente de tanta gente.

— É melhor eu dormir — disse Dru com a voz baixa, e Maryse suspirou, assentiu e fechou a porta. Se ela estivesse em casa, dizia uma vozinha no fundo da mente de Dru, ela não teria que pedir nada; Helen, que sabia que ela adorava chá, mas que a cafeína a atrapalharia para dormir, teria aparecido com uma caneca da mistura especial descafeinada comprada na Inglaterra, com leite e mel na caneca do jeito que Dru gostava.

Estava sentindo a falta de Helen, percebeu. Era uma sensação estranha — em algum momento, seu ressentimento em relação a Helen tinha desaparecido. Agora só queria ter se despedido melhor da irmã antes de deixar o Instituto.

Talvez fosse melhor não ter se despedido da família do jeito certo. Talvez isso significasse que definitivamente ia vê-los outra vez.

Talvez significasse que fossem ser mais compreensivos quando descobrissem o que ela estava planejando fazer.

A luz piscou no corredor; Maryse devia estar indo dormir. Dru tirou a coberta; estava totalmente vestida por baixo, inclusive de botas e casaco de uniforme de combate. Saiu da cama e foi até a janela circular; estava fechada, mas ela já tinha esperado por isso. Tirando do bolso uma pequena adaga com lâmina de *adamas*, ela começou a forçar a abertura.

Kit estava deitado acordado na escuridão, contando as estrelas que conseguia ver através da abertura da barraca.

Emma e Julian disseram que as estrelas no Reino das Fadas eram diferentes, mas aqui em Idris eram as mesmas. As mesmas constelações para as quais ele olhara a vida inteira, através da poluição de Los Angeles, brilhavam acima da Floresta Brocelind. O ar aqui era claro, claro como cristal, e as estrelas pareciam quase assustadoramente próximas, como se ele pudesse esticar o braço e pegar uma na mão.

Ty não tinha voltado com ele da fogueira do acampamento. Kit não sabia onde ele estava. Será que ele tinha ido falar com Jules ou Helen? Será que estava vagando pela floresta? Não, Simon e Isabelle o teriam impedido. Mas talvez Ty tivesse encontrado um animal do qual tivesse gostado no acampamento. A mente

de Kit começou a correr. *Onde ele está? Por que não me levou com ele? E se ele não conseguir domar esses esquilos como faz com os de casa? E se for atacado por esquilos?*

Com um rosnado, Kit afastou a coberta e pegou um casaco.

Ty colocou a cabeça para dentro da barraca, bloqueando momentaneamente as estrelas.

— Ah, ótimo, você já está se arrumando.

Kit diminuiu a voz.

— Como assim estou me arrumando? Arrumando para *quê*?

Ty agachou e espiou dentro da barraca.

— Para ir para o lago.

— Ty — disse Kit. — Preciso que me explique. Não presuma que eu sei do que você está falando.

Ty exalou com força o suficiente para fazer sua franja voar da testa.

— Eu trouxe o feitiço comigo, e todos os ingredientes — contou. — O melhor lugar para ressuscitar os mortos é perto da água. Pensei em fazermos perto da praia, mas o Lago Lyn é melhor ainda. Já é um lugar mágico.

Kit piscou, tonto; parecia que tinha acordado de um pesadelo só para descobrir que ainda estava sonhando.

— Mas não temos o que precisamos para fazer o feitiço funcionar. Shade não nos deu o catalisador.

— Achei que ele poderia não dar — disse Ty. — Por isso peguei uma fonte de energia alternativa no Mercado das Sombras. — Ele alcançou o bolso e pegou uma bola de vidro clara do tamanho de um damasco. Uma chama vermelha alaranjada brilhava dentro dela como se fosse um pequeno planeta ardente, embora fosse claramente fria ao toque.

Kit recuou.

— De onde veio isso?

— Eu disse, do Mercado das Sombras.

Kit sentiu uma onda de pânico.

— Quem vendeu? Como sabemos que vai funcionar?

— Tem que funcionar. — Ty guardou o cristal de volta no bolso. — Kit. Isso é algo que eu tenho que fazer. Se houver uma batalha amanhã, você sabe que não vamos participar dela. Eles acham que somos jovens demais para lutar. Esse é o jeito como posso ajudar sem lutar. Se eu trouxer Livvy de volta, nossa família vai estar completa para a batalha. Vai significar que todos vão ficar felizes outra vez.

*Mas a felicidade não é tão simples assim, Kit quis gritar; você não pode rasgar e consertar sem ver a costura.*

A voz de Kit estava rouca.

— É perigoso, Ty. Muito perigoso. Não acho uma boa ideia mexer com esse tipo de magia, ainda mais com uma fonte de poder desconhecida.

A expressão de Ty se fechou. Era como ver uma porta batendo.

— Já procurei as armadilhas. Sei como a gente pode chegar lá. Achei que você viria comigo, mas se não for, eu vou sozinho.

A mente de Kit acelerou. *Eu poderia acordar o acampamento e encrencar Ty, pensou. Julian iria detê-lo. Sei que iria.*

Mas toda a mente de Kit se revoltou à ideia; se havia algo que seu pai o criara para entender era que todo mundo detestava um dedo-duro.

Além disso, não dava para suportar o olhar de Ty.

— Tudo bem — disse Kit, sentindo o pavor assentar em seu estômago como uma pedra. — Eu vou com você.

Formas dançavam no coração da fogueira. Emma estava sentada em um tronco próximo, com as mãos sob as mangas grandonas do casaco, para mantê-las aquecidas. O grupo tinha se afastado da fogueira depois da refeição, se recolhendo em suas barracas para dormir. Emma continuou por ali, vendo o fogo se apagar; ela poderia ter voltado para a barraca, mas Cristina não estava lá, e Emma não estava com muita vontade de ficar deitada sozinha no escuro.

Ela levantou o olhar quando uma sombra se aproximou. Era Julian. Ela o reconheceu pelo andar, mesmo antes de a luz da fogueira iluminar seu rosto — com a mão no bolso, os ombros relaxados e o queixo empinado. Enganosamente casual. A umidade do ar frio grudava seus cabelos nas bochechas e têmporas.

Julian escondia tanta coisa de tanta gente. Agora, pela primeira vez, Emma estava escondendo alguma coisa dele. Será que era assim que ele sempre se sentia? O peso no peito, a dor no coração?

Ela quase esperava que ele fosse passar por ela sem falar, mas ele pausou, os dedos brincando com a pulseira de vidro marinho no pulso.

— Você está bem? — perguntou ele com a voz baixa.

Emma fez que sim com a cabeça.

Faíscas do fogo refletiam nos olhos azuis de Julian.

— Sei que não deveríamos nos falar — disse ele. — Mas precisamos discutir uma coisa com alguém. Não tem a ver nem comigo nem com você.

*Não posso, pensou Emma. Você não entende. Ainda acha que eu posso retirar minhas Marcas se as coisas derem errado.*

Mas, pensando bem — sua Marca não havia ardido mais desde que saíram de Los Angeles. A teia escura no seu antebraço não tinha crescido. Era como se sua

tristeza estivesse contendo a maldição. Talvez estivesse.

— E tem a ver com quem?

— Com uma das coisas que descobrimos em Thule — disse. — É sobre Diana.

Diana acordou de sonhos de voos com o ruído arranhando a porta da barraca. Ela rolou para fora dos cobertores e pegou uma faca, agachando.

Ouviu o som de duas vozes, uma se sobrepondo à outra:

— Polvo!

Tinha uma vaga lembrança de ser essa a palavra código que tinham escolhido mais cedo. Ela largou a faca e foi abrir a barraca. Emma e Julian estavam do outro lado, piscando no escuro, pálidos e com olhos arregalados como suricatos espantados.

Diana ergueu as sobrancelhas para eles.

— Bem, se querem entrar, entrem. Não fiquem aí parados deixando o frio invadir.

As barracas tinham a altura limite para se ficar de pé dentro delas, sem nada além de tapetes e roupas de cama. Diana afundou novamente no ninho de cobertas enquanto Julian se apoiava na mochila dela e Emma sentava de pernas cruzadas no chão.

— Desculpa por te acordarmos — disse Julian, sempre diplomata. — Não sabíamos em que outro momento poderíamos conversar com você.

Ela não pôde conter o bocejo. Diana sempre dormia surpreendentemente bem na noite anterior a uma batalha. Ela conhecia Caçadores de Sombras que não conseguiam dormir, que ficavam acordados com o coração acelerado, mas ela não era um deles.

— Conversar comigo sobre o quê?

— Eu quero pedir desculpas — disse Julian, enquanto Emma se preocupava com o joelho desfiado da calça jeans. Emma estava meio diferente, já estava assim havia um tempinho, pensou Diana. Desde que voltaram daquele outro mundo, embora uma experiência daquelas pudesse mesmo modificar qualquer um. — Por ter insistido para você ser diretora do Instituto.

Diana estreitou os olhos.

— Por que está falando sobre isso?

— A versão de você em Thule nos contou sobre seu período em Bangkok — disse Emma, mordendo o lábio. — Mas você não precisa falar sobre nada que não queira.

A primeira reação de Diana foi um reflexo. *Não. Não quero falar disso. Não*

*agora.*

Não na véspera da batalha, não quando estava com tanta coisa na cabeça, não enquanto estava preocupada com Gwyn e tentando não pensar no paradeiro dele, ou no que ele poderia fazer no dia seguinte.

Mas mesmo assim. Ela estivera a caminho de contar a Emma e Julian exatamente o que eles estavam perguntando quando descobrira que não tinha como falar com eles. Ela se recordou da decepção. Estivera muito determinada.

Ela não devia a eles a história, mas devia a si mesma contar.

Os dois ficaram sentados quietos, olhando para ela. Véspera de batalha e eles tinham vindo procurá-la para isso — não por reafirmação, mas para afirmar a ela que era sua escolha falar ou não.

Ela pigarreou.

— Então vocês sabem que sou transgênero. Sabem o que isso significa?

Julian disse:

— Sabemos que quando você nasceu, atribuíram um gênero que não reflete o que você de fato é.

Alguma coisa em Diana se soltou; ela riu.

— Alguém andou pesquisando na internet — disse ela. — Sim, é isso, mais ou menos.

— E quando você esteve em Bangkok, usou medicina mundana — disse Emma. — Para se tornar quem você realmente é.

— Garotinha, eu sempre fui quem eu sou — disse Diana. — Em Bangkok, Catarina Loss me ajudou a encontrar médicos que mudariam meu corpo para representar quem eu sou, e pessoas como eu, para me ajudarem a entender que eu não estava sozinha. — Ela se recostou no casaco enrolado que estava usando como travesseiro. — Vou contar a história.

E com a voz serena, o fez. Ela não modificara muito o relato que tinha feito a Gwyn, porque aquele relato acalmara seu coração. Ficou observando as expressões deles enquanto falava: Julian calmo e silencioso, Emma reagindo a cada palavra com olhos arregalados ou mordidas no lábio. Eles sempre foram assim: Emma expressava o que Julian não conseguia ou não fazia. Tão parecidos e tão diferentes.

Mas foi Julian quem falou primeiro depois que ela terminou.

— Sinto muito pela sua irmã — disse. — Sinto muito mesmo.

Ela olhou um pouco surpresa para ele, mas, certamente, Julian seria sensível a isso, não?

— De certas maneiras, a pior parte disso tudo era não poder falar sobre Aria — disse ela.

— Gwyn sabe, certo? — perguntou Emma. — E ele ficou tranquilo? Ele te

trata bem, certo? — Ela soou feroz como Diana jamais havia ouvido.

— Trata, eu juro — respondeu Diana. — Para alguém que ceifa os mortos, ele é surpreendentemente empático.

— Não vamos contar para ninguém, a não ser que você queira — disse Emma. — É assunto seu.

— Temi que fossem descobrir sobre meu tratamento médico se eu tentasse me tornar diretora do Instituto — disse Diana. — Que fossem me afastar de vocês. Me punir com exílio. — Ela apertou as mãos no colo. — Mas o Inquisidor descobriu assim mesmo.

Emma se sentou ereta.

— Descobriu? Quando?

— Antes de eu fugir de Idris. Ele ameaçou me expor para todos como traidora.

— Ele é um desgraçado — censurou Julian. Seu rosto estava contraído.

— Vocês estão chateados comigo? — perguntou Diana. — Por não ter contado antes?

— Não — falou Julian, a voz baixa e firme. — Você não tinha nenhuma obrigação de fazer isso. Nunca.

Emma chegou mais perto de Diana, seus cabelos uma auréola clara ao luar que entrava pela porta da barraca.

— Diana, ao longo desses últimos cinco anos, você foi o mais próximo que cheguei de ter uma irmã mais velha. E desde que a conheci, você me mostrou o tipo de mulher que eu quero ser quando crescer. — Ela esticou o braço e pegou a mão de Diana. — Me sinto tão grata e privilegiada por você querer nos contar sua história.

— Concordo — disse Julian. Ele abaixou a cabeça, como um cavalheiro cumprimentando uma dama num quadro antigo. — Sinto muito por ter insistido. Eu não entendia. Nós... eu... pensava em você como uma adulta, uma pessoa que não teria problemas ou correria qualquer perigo. Eu estava tão focado nas crianças que não percebi que você também era vulnerável.

Diana tocou levemente o cabelo dele, como frequentemente fazia quando ele era mais novo.

— Crescer é isso, não? Perceber que adultos são pessoas com seus próprios problemas e segredos.

Ela sorriu ironicamente quando Helen enfiou a cabeça pela porta ainda aberta da barraca.

— Ah, ótimo, vocês estão acordados — falou. — Queria rever quem vai ficar para trás amanhã...

— Eu tenho uma lista — disse Julian, metendo a mão no bolso do casaco.

Emma se levantou, murmurando que precisava encontrar Cristina. Saiu pela porta da barraca, parando apenas para olhar uma vez para Julian enquanto ia, mas ele estava imerso numa conversa com Helen e não pareceu notar.

Alguma coisa estava acontecendo com aquela menina, pensou Diana. Depois que concluíssem a missão do dia seguinte, ela teria que descobrir o que era.

## 29

### Vibrar as Águas

— Cristina! Cristina!

Vozes soavam através dos bosques abaixo. Surpresa, Cristina se levantou, espiando pela escuridão.

Ficar no acampamento se revelara doloroso demais, olhar para Mark e para Kieran, sabendo que ela estava contando as horas para que um ou ambos fossem embora de sua vida para sempre. Ela escapulira para se sentar entre as árvores, a grama e as sombras de Brocelind. Havia flores brancas aqui, entre o verde, endêmicas de Idris. Ela só tinha visto aquele espécime em fotos, e tocar suas pétalas trouxera uma sensação de paz, embora sua tristeza permanecesse implícita.

Foi quando ouviu as vozes. Mark e Kieran, chamando por ela. Ela estava no topo de um monte verde de grama entre as árvores; então se levantou, se limpou, e correu pela colina em direção ao som do seu nome.

— *Estoy aquí!* — gritou, quase tropeçando ao descer correndo da colina. — Estou bem aqui!

Eles explodiram das sombras, ambos pálidos. Mark a encontrou primeiro e a levantou do chão, abraçando-a forte. Após um instante, ele a soltou para os braços de Kieran enquanto eles tentavam explicar: algo sobre Magnus e armadilhas e medo de que ela tivesse caído num poço cheio de facas.

— Eu jamais faria isso — protestou Cristina enquanto Kieran afastava o cabelo dela do rosto. — Mark... Kieran... acho que estávamos errados.

Kieran a soltou imediatamente.

— Errados em relação a quê?

Mark estava ao lado de Kieran, os ombros deles se tocando de leve. Seus meninos, pensou Cristina. Aqueles que amava. Ela não conseguia mais escolher



entre eles, assim como não conseguia escolher entre noite e dia. E nem queria.

— Errados quanto a ser impossível — falou ela. — Eu deveria ter falado antes. Eu estava com medo. Não queria me machucar. Não é isso o que todos tememos? Que vá nos machucar? Mantemos nossos corações presos, apavorados com a possibilidade de que, se os soltarmos no mundo, eles vão se ferir. Mas eu não quero que ele fique preso. E acho que vocês também não, mas se não for o caso...

Com uma voz suave e rouca, Mark falou:

— Eu amo vocês dois e não poderia dizer que amo a um mais do que ao outro. Mas tenho medo. A perda de vocês dois me mataria, e me parece que corro o risco de partir meu coração não uma, mas duas vezes.

— Nem todo amor acaba em coração partido — disse Cristina.

— Vocês sabem o que eu quero — falou Kieran. — Fui o primeiro a dizer. Amo e desejo os dois. Muitos são felizes assim no Reino das Fadas. É comum, casamentos assim...

— Você está nos pedindo em casamento? — perguntou Mark com um sorriso torto, e Kieran ficou todo vermelho.

— Tem uma questão — disse ele. — O Rei do Reino das Fadas não pode ter consorte humano. Vocês dois sabem disso.

— Isso não importa agora — respondeu Cristina ferozmente. — Você ainda não é Rei. E se algum dia for, a gente dá um jeito.

Mark inclinou a cabeça, um gesto de fada.

— É como Cristina diz. Meu coração acompanha as palavras dela, Kieran.

— Quero estar com vocês dois — disse Cristina. — Quero poder beijar os dois e abraçar os dois. Quero poder tocar os dois, às vezes ao mesmo tempo, às vezes quando formos apenas dois. Quero que vocês possam se beijar e se abraçar porque isso os faz felizes, e eu quero que sejam felizes. Quero que fiquemos juntos, os três.

— Eu penso em vocês dois o tempo todo. Tenho saudade de vocês quando não estão por perto. — As palavras pareceram explodir de Kieran como um jorro. Ele tocou o rosto de Mark com dedos longos, leves como o toque do vento na grama. Ele se virou para Cristina em seguida e, com a outra mão, acariciou sua bochecha. Ela sentia o tremor dele; então colocou a mão sobre a dele, pressionando-a contra seu rosto. — Jamais desejei alguma coisa tão desesperadamente quanto isso.

Mark colocou a própria mão na de Kieran.

— Eu também. Eu acredito nisso, na gente. Amor desperta amor, fé desperta fé. — Ele sorriu para Cristina. — Durante todo esse tempo, estivemos esperando por você. Nós nos amávamos, e era ótimo, mas com você é ainda melhor.

— Então me beija — sussurrou Cristina, e Mark a puxou e a beijou calorosamente, e depois fervorosamente. As mãos de Kieran estavam nas costas dela, nos cabelos; ela inclinou a cabeça para ele enquanto ele e Mark se beijavam por cima do ombro dela, os corpos deles embalando o dela, todos de mãos dadas.

Kieran estava sorrindo como se seu rosto fosse quebrar; estavam todos se beijando e rindo com felicidade e tocando os rostos um do outro com dedos vagantes.

— Eu amo vocês — disse Cristina para os dois, e eles disseram para ela de volta, ao mesmo tempo, as vozes se misturando de modo que ela não soube quem falou primeiro ou por último:

— *Eu amo vocês.*

— *Eu amo vocês.*

— *Eu amo vocês.*

Kit já tinha visto o Lago Lyn em fotos, as imagens infinitas do Anjo emergindo dele com os Instrumentos Mortais que faziam parte de todos os prédios, paredes e tapeçarias dos Caçadores de Sombras.

Era totalmente diferente na vida real. Movimentava-se como óleo ao luar: a superfície era num preto prateado, mas penetrada por explosões de esplendor cromático, faixas em azul-violeta, vermelho-vivo, verde-gelo e roxo-escuro. Pela primeira vez, quando Kit imaginou o Anjo Raziel, enorme e com rosto impassível, emergindo da água, ele sentiu um tremor de reverência e medo.

Ty tinha preparado o círculo cerimonial à beira do lago, onde a água batia numa praia arenosa rasa. Na verdade, eram dois círculos, um menor dentro de um maior, e na fronteira entre eles Ty tinha desenhado diversas Marcas usando um graveto pontudo.

Kit já tinha visto círculos cerimoniais antes, frequentemente na própria sala. Mas como Ty tinha se tornado um especialista em fazê-los? Seus círculos eram mais esmerados do que os de Johnny jamais foram, os desenhos mais cuidadosos. Ele não estava usando símbolos Nephilim, mas uma linguagem rúnica que parecia muito mais pontuda e mais desagradável. Era isso que Ty estivera fazendo todas as vezes que Kit constataria sua ausência? Aprendendo a ser um mágico sombrio?

Ty também tinha organizado os ingredientes em fileiras ao seu lado: a mirra, o pó de cal, o dente de leite de Livvy, a carta de Thule.

Após colocar cuidadosamente a bolsa de veludo contendo a mecha de cabelo de Livvy entre os outros objetos, Ty olhou para Kit, que estava próximo à beira

da água.

— Fiz direito?

Uma onda de relutância recaiu sobre Kit; a última coisa que ele queria era se aproximar do círculo mágico.

— Como vou saber?

— Bem, seu pai era mágico; pensei que ele pudesse ter ensinado sobre isso — disse Ty.

Kit chutou a beira da água; faíscas luminosas voaram.

— Na verdade meu pai me mantinha longe do aprendizado de feitiços. Mas eu sei um pouco.

Ele se arrastou pela praia em direção a Ty, que estava sentado na areia com as pernas cruzadas. Kit sempre considerara a noite e a escuridão uma espécie de ambiente natural de Ty. O caçula dos Blackthorn não gostava da luz do sol direta e sua pele pálida parecia nunca ter sido queimada. Ao luar, ele brilhava como uma estrela.

Com um suspiro, Kit apontou para a bola vermelha que Ty tinha obtido no Mercado das Sombras.

— O catalisador fica no meio do círculo.

Ty já estava pegando.

— Venha sentar ao meu lado — convidou. Kit ajoelhou quando Ty começou a colocar os objetos no círculo cerimonial, murmurando ao fazê-lo. Ele levantou a mão, soltou a corrente do medalhão, entregou a Kit. Com um grande senso de pavor, Kit colocou o medalhão perto da beira do círculo.

Ty começou a entoar mais alto.

— *Abyssus abyssum invocat in voce cataractarum tuarum; omnia excelsa tua et fluctus tui super me transierunt.* Chamadas profundas à profundidade da voz de suas cachoeiras; todos os seus redemoinhos e ondas passaram por mim.

Enquanto entoava, um por um os objetos do círculo pegaram fogo, como fogos de artifício disparando em sequência. Queimaram com uma chama branca clara, sem serem consumidos.

Um vento forte começou a soprar do lago: tinha cheiro de argila e terra. Kit começou a ouvir um clamor de vozes e se virou, encarando — será que tinha alguém ali? Será que tinham sido seguidos? Mas ele não viu ninguém. A praia estava deserta.

— Você está ouvindo isso? — sussurrou ele.

Ty apenas balançou a cabeça, ainda entoando. O lago brilhava, a água se mexendo. Figuras brancas pálidas se elevaram da água escura. Muitos estavam com uniforme de combate, outros, com armaduras mais antiquadas. Os cabelos flutuavam em volta deles, translúcidos ao luar. Eles esticaram os braços para ele,

para Ty, que não os via. Seus lábios articulavam silenciosamente.

*Isso realmente está acontecendo*, pensou Kit, com calafrios até os ossos. Qualquer esperança de que isso não fosse funcionar desapareceu. Ele se virou para Ty, que continuava entoando, disparando as palavras decoradas como uma metralhadora.

— *Hic mortui vivunt, hic mortui vivunt...*

— Ty, pare. — Ele agarrou os ombros de Ty. Sabia que não deveria fazer isso, Ty não gostava de sustos, mas o terror estava correndo por seu sangue como se fosse veneno. — Ty, não faça isso.

O latim foi interrompido no meio da frase: Ty encarou Kit, confuso, seus olhos cinzentos indo da clavícula de Kit para seu rosto e voltando.

— Como assim? Não estou entendendo.

— Não faça isso. Não traga Livvy dos mortos.

— Mas eu preciso — disse Ty. Sua voz parecia desgastada, como um fio esticado. — Não consigo viver sem ela.

— Sim, você consegue — sussurrou Kit. — Você consegue. Você acha que isso vai fortalecer sua família, mas vai *destruí-la* se você ressuscitá-la. Você acha que não consegue sobreviver sem Livvy, mas consegue, sim. Vamos superar isso juntos. — O rosto de Kit estava frio; ele percebeu que estava chorando. — Eu te amo, Ty. Eu te amo.

O rosto de Ty empalideceu de surpresa. Kit continuou assim mesmo, mal sabendo o que estava dizendo.

— Ela se foi, Ty. Ela se foi para sempre. Você tem que superar. Sua família vai ajudar. Eu vou ajudar. Mas não se você fizer isso. Não se fizer isso, Ty.

A palidez desapareceu do rosto de Ty. A boca retorceu, como se ele estivesse tentando segurar lágrimas; Kit conhecia a sensação. Detestava vê-la no rosto de Ty. Detestava tudo o que estava acontecendo.

— Preciso dela de volta, Kit — sussurrou Ty. — *Preciso*.

Ele se livrou das garras de Kit, se voltando novamente para o círculo, onde os diversos objetos ainda estavam ardendo. O ar estava carregado de cheiro de queimado.

— Ty! — chamou Kit, mas Ty já estava entoando latim outra vez, as mãos esticadas para o círculo.

— *Igni ferroque, ex silentio, ex animo...*

Kit se jogou em cima de Ty, derrubando-o na areia. Ty cambaleou para trás sem resistência, surpreso demais para se defender; eles rolaram pelo singelo declive em direção à água. Caíram no raso e Ty pareceu voltar à vida; ele empurrou Kit, dando uma cotovelada forte em sua garganta. Kit tossiu e o soltou; aí agarrou Ty novamente, e Ty o chutou. Dava para ver que Ty estava

chorando, mas mesmo chorando, ele lutava melhor do que Kit. Embora Ty parecesse frágil como raios de luar, ele era um Caçador de Sombras de nascença e treinado. Ele se livrou e correu pela areia em direção ao círculo, esticando as mãos para o fogo.

— *Ex silentio, ex animo!* — gritou, arfando. — *Livia Blackthorn! Resurget! Resurget! Resurget!*

A chama no centro do círculo ficou preta. Kit se sentou, sentindo gosto de sangue.

Era o fim. O feitiço estava completo.

As chamas escuras se ergueram em direção aos céus. Ty deu um passo para trás, encarando enquanto elas rugiam para o alto. Kit, que já tinha visto magia sombria antes, se levantou cambaleando. Qualquer coisa poderia ter dado errado, pensou sombriamente. Se tivessem que correr, ele nocautearia Ty com uma pedra e o arrastaria de lá.

A água do lago começou a ondular. Os dois se viraram para olhar, e Kit percebeu que os mortos brilhantes tinham desaparecido. Havia apenas uma figura transparente agora, emergindo da água, seus cabelos longos e irradiando prata. O contorno de seu rosto e os olhos ficaram muito nítidos: o cabelo flutuando, o medalhão no pescoço, o vestido branco bem diferente de algo que Livvy teria escolhido.

— Livvy — sussurrou Kit.

Ty correu para a beira do lago. Ele tropeçou, caiu de joelhos na beira da água enquanto o fantasma de Livvy ia em direção a eles através da água, emitindo faíscas luminosas.

Ela chegou à margem. Seus pés descalços deixaram marcas na água brilhante. Ela olhou para Ty, seu corpo transparente como nuvem, sua expressão incomensuravelmente triste.

— Por que me perturbou? — disse ela com uma voz tão triste quanto o vento de inverno.

— Livvy — disse Ty. Ele esticou a mão, como se pudesse tocá-la. Seus dedos atravessaram a saia do vestido.

— Não é ela de verdade. — Kit limpou sangue do rosto. — É um espectro.

Alívio e tristeza guerreavam em seu peito: ela não era uma morta-viva, mas certamente despertar um fantasma contra a sua vontade também não era uma boa ideia.

— Por que você não está aqui? — disse Ty, levantando a voz. — Eu fiz tudo certo. Eu fiz *tudo* certo.

— O catalisador que você usou estava corrompido. Não tinha força o suficiente para me trazer de volta — disse Livvy. — Pode haver outras

consequências também. Ty...

— Mas você pode ficar comigo, certo? Pode ficar comigo assim? — interrompeu Ty.

Os contornos do corpo de Livvy borravam enquanto ela oscilava em direção ao irmão.

— É isso o que você quer?

— É. É o motivo pelo qual fiz isso tudo — respondeu Ty. — Quero que esteja comigo da maneira que for possível. Você esteve comigo antes de eu nascer, Livvy. Sem você eu simplesmente... não existe *nada* sem a sua existência.

*Não existe nada sem a sua existência.* Pena e desespero correram por Kit. Ele não tinha como odiar Ty por isso. Mas ele mesmo nunca significaria nada para Ty, nem nunca significara: isso estava evidente.

— Eu te amei, Ty. Te amei mesmo morta — disse o fantasma de Livvy. — Mas você perturbou o universo, e vamos todos pagar por isso. Você rasgou um buraco no tecido da vida e da morte. Você não sabe o que fez. — Lágrimas corriam pelo rosto de Livvy e pingavam na água: gotas isoladas e brilhantes como faíscas de fogo. — Você não pode pegar nada emprestado da morte. Só pode pagar por isso.

Ela desapareceu.

— *Livvy!* — O grito de Ty foi como se a palavra tivesse sido arrancada dele; ele se encolheu, abraçando o próprio corpo, como se estivesse desesperado para impedir que seu organismo estilhaçasse.

Kit ouvia Ty chorar, soluços terríveis e sombrios que pareciam arrancados dele; há uma hora, ele teria movido os céus para fazê-lo parar. Mas neste momento ele não conseguia dar um passo, sua própria dor era uma agonia ardente que o mantinha congelado. Ele olhou para o círculo cerimonial; as chamas estavam queimando brancas novamente, e os objetos ali dentro estavam começando a ser consumidos. A bolsa de veludo se transformou em cinzas, o dente estava escurecido, o pó e a mirra, destruídos. Só o colar continuava brilhando inteiro e incólume.

Enquanto Kit observava, a carta de Thule pegou fogo e as palavras na página arderam para queimar num preto brilhante antes de desaparecerem:

*Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.*

Na porta do presídio do Gard, Dru fez uma pausa, com uma picareta na mão. Ela estava arfando por causa da subida na colina. Não tinha seguido as trilhas normais, e sim se arrastado pela vegetação, para ficar longe da vista. Seus pulsos

e calcanhares estavam rasgados pelos arranhões de galhos e espinhos.

Ela mal sentia a dor. Este era o momento de avaliação. Do outro lado de sua atitude não havia volta. Independentemente de sua idade, se Horace e os outros prevalecessem e descobrissem o que ela fizera, ela seria punida.

A voz de Julian ecoou em seus ouvidos.

*Você é parte da Vigilância de Livia. Não se esqueça disso.*

Livvy não teria hesitado, Dru sabia. Ela teria ido em frente, desesperada para corrigir qualquer injustiça que visse. Nada seria capaz de detê-la. Ela nunca teria hesitado.

*Livvy, isso é por você, minha irmã.*

*Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.*

E então Dru se pôs a trabalhar na tranca.

A entrada para a Cidade do Silêncio era exatamente como Emma se lembrava. Uma trilha mal marcada cortava um canto da Floresta Brocelind, cercada por um verde espesso. Era nítido que poucas pessoas já tinham percorrido aquele caminho, e raramente — sua pedra de luz enfeitada revelava uma trilha quase intocada por passos.

Dava para ouvir o pio de pássaros noturnos e o movimento de pequenos animais entre as árvores. Mas faltava alguma coisa em Brocelind. Sempre fora um lugar onde se esperaria ver o brilho de fogo fátuo entre as folhas ou ouvir o estalo de uma fogueira em torno da qual licantropes estariam reunidos. Havia algo de muito presente no silêncio atual, algo que fazia Emma andar com cuidado extra.

As árvores iam ficando mais juntinhas e densas conforme ela se aproximava das colinas para encontrar a porta entre as pedras. Era exatamente como há três anos: com o topo pontudo e um anjo talhado em baixo-relevo. Uma aldrava pesada de bronze pendia da madeira.

Atuando basicamente por instinto, Emma alcançou atrás de si e sacou a Espada Mortal da bainha. Tinha um peso que não se equiparava a nenhuma outra espada, nem mesmo Cortana, e brilhava na noite como se emitisse luz própria.

Ela a pegou da barraca de Julian, onde fora escondida embaixo do colchonete, envolvida em veludo. Emma a substituíra por outra espada. Não passaria numa inspeção cuidadosa, mas ele não tinha motivo para ir à barraca a cada cinco minutos para verificar. Afinal, o acampamento estava protegido.

Ela colocou a mão na porta. A mensagem do Irmão Shadrach dizia que a Cidade do Silêncio estaria vazia hoje, com os Irmãos do Silêncio atuando como guardas junto às muralhas da cidade na véspera da negociação. Mesmo assim, a

porta parecia pulsar contra sua palma, como um coração batendo.

— Sou Emma Carstairs e trago a Espada Mortal — anunciou. — Abra em nome de Maellartach.

Por um momento agonizantemente longo, nada aconteceu. Emma começou a entrar em pânico. Talvez a Espada Mortal de Thule fosse diferente, de algum jeito, com os átomos modificados demais, sua magia estranha.

A porta se abriu de uma vez, silenciosamente, como uma boca se escancarando num bocejo. Emma deslizou para dentro, olhando para trás, para a floresta silenciosa.

A porta se fechou atrás dela com o mesmo silêncio, e Emma se flagrou numa passagem estreita, com paredes lisas, que levava a uma escadaria descendente. Sua pedra de luz enfeitada parecia refletir nas paredes de mármore enquanto ela descia, sentindo como se estivesse passando por lembranças. A Cidade do Silêncio em Thule, vazia e abandonada. Círculos de fogo em salas de ossos enquanto selava seu ritual *parabatai* com Julian. Seu maior erro. O qual terminava com esta jornada.

Ela estremeceu ao entrar na parte principal da Cidade, onde as paredes eram alinhadas com crânios e fêmures e candelabros delicados de ossos pendendo do teto. Ao menos em Thule ela não estivera sozinha.

Finalmente entrou na sala das Estrelas Falantes. Era exatamente como em seu sonho. O chão brilhava como um céu noturno de cabeça para baixo, as estrelas se curvando numa parábola diante da mesa de basalto à qual os Irmãos do Silêncio sentavam quando tinham sessões. A mesa estava vazia, e não havia Espada atrás dela, em seu lugar habitual.

Emma pisou nas estrelas, as botas tilintando suavemente no mármore. No sonho, o chão simplesmente se abria. Mas agora nada acontecia. Ela esfregou seus olhos exaustos com as juntas dos dedos, procurando dentro de si o instinto que a guiara na abertura dos portões da Cidade.

*Eu sou parabatai, pensou. A magia que me liga a Julian é tecida neste lugar, no pano dos Nephilim.* Hesitante, ela tocou a lâmina da Espada Mortal. Passou a ponta de um dedo gentilmente, deixando a lembrança voltar àquele momento em que ficara na fogueira com Julian — *seu povo será meu povo, seu Deus, o meu Deus...*

Uma gota de sangue se formou na ponta de seu dedo e pingou no mármore aos seus pés. Ouviu um estalo e o chão, que não parecia ter juntas, se abriu e retrocedeu, revelando um buraco escuro abaixo.

No buraco havia uma tábua. Ela conseguia enxergá-la mais claramente do que no sonho. Era feita de basalto branco, e nela havia um símbolo *parabatai* pintado com sangue, tão antigo quanto o sangue em si, há muito dissolvido,



deixando apenas uma mancha vermelho-amarronzada no formato da Marca.

A respiração de Emma travou na garganta. Apesar de tudo, estar na presença de algo tão antigo e tão poderoso tocava seu coração. Sentindo como se estivesse engasgando, ela ergueu a Espada, a ponta da lâmina apontada para baixo.

Ela conseguia se enxergar fazendo, abaixando a Espada, quebrando a tábua. Imaginou o barulho. Seria o som de corações se partindo, por todo o mundo, enquanto *parabatai* seriam separados. Ela os imaginou buscando uns aos outros num horror confuso — Jace e Alec, Clary e Simon.

A dor que Julian sentiria.

Começou a chorar silenciosamente. Ela seria uma exilada, uma pária, descartada como Caim. Imaginou Clary e os outros dando as costas para ela com olhares de ódio. Não podia machucar pessoas daquele jeito e ser perdoada.

Mas pensou novamente na Diana de Thule. *As Marcas começam a arder como fogo, como se tivessem fogo em vez de sangue nas veias. As pessoas diziam que as lâminas daqueles que os combatiam estilhaçavam em suas mãos. Linhas escuras se espalhavam por seus corpos e eles se tornavam monstruosos — fisicamente monstruosos. Nunca vi acontecer, só para constar — ouvi tudo por terceiros. Histórias sobre criaturas enormes, brilhantes e implacáveis, destruindo cidades. Sebastian teve que soltar milhares de demônios para abatê-las. Muitos mundanos e Caçadores de Sombras morreram.*

Ela e Julian não podiam se transformar em monstros. Não podiam destruir todos os que conheciam e amavam. Era melhor romper os laços *parabatai* do que ser responsável por morte e destruição. Parecia que havia passado uma eternidade desde que Jem explicara a maldição a ela. Eles tinham tentado de tudo para escapar dela.

*Em algum momento, o poder os enlouqueceria, até que se tornassem monstros. Eles iriam destruir suas famílias, as pessoas que amavam. A morte os cercaria.*

Não havia escapatória que não essa. Suas mãos apertaram o cabo da espada com ainda mais força. Ela ergueu Maellartach.

*Me perdoe, Julian.*

— Pare! — ecoou uma voz pela Cidade dos Ossos. — Emma! O que você está fazendo?

Ela se virou, sem sair das Estrelas Falantes e sem abaixar a Espada. Julian estava à entrada da câmara. Seu rosto estava branco, encarando-a completamente perplexo. Ele claramente estivera correndo: estava sem fôlego, com folhas nos cabelos e lama nos sapatos.

— Não tente me deter, Julian. — A voz dela foi pouco mais que um sussurro.

Ele estendeu as mãos como se quisesse mostrar que não trazia armas, e deu

um passo adiante, em direção a ela. Ela balançou a cabeça e ele parou.

— Sempre achei que seria eu — disse ele. — Nunca pensei que *você* fosse fazer.

— Saia daqui, Julian. Não quero que você esteja aqui para isso. Se me encontrarem aqui, quero que me encontrem sozinha.

— Eu *sei* — disse ele. — Você está se sacrificando. Sabe que eles vão culpar alguém, alguém com acesso à Espada Mortal, e você quer que seja você. Eu te *conheço*, Emma. Sei exatamente o que está fazendo. — Ele deu mais um passo em direção a ela. — Não vou tentar contê-la. Mas você também não pode me obrigar a sair.

— Mas você precisa! — A voz dela se elevou. — Eles vão me exilar, Julian, na melhor das hipóteses, mesmo que Horace seja derrubado; nem Jia deixaria isso passar, ninguém deixaria nem poderia, não vão entender, se formos nós dois, vão achar que fizemos para podermos ficar juntos, você vai perder as crianças. Não vou deixar que isso aconteça, não depois de tudo...

— *Emma!* — Julian estendeu a mão para ela. A pulseira de vidro marinho em seu pulso brilhava, a cor intensa neste lugar de ossos e cinza. — Não vou abandonar você. Não vou abandonar nunca. Mesmo que você destrua este símbolo, eu não vou abandoná-la.

Um soluço rasgou Emma. E depois outro. Ela se ajoelhou, ainda segurando a Espada. O desespero a dilacerava, forte como alívio. Talvez fosse mesmo alívio. Ela não sabia dizer, mas sentiu Julian se aproximar silenciosamente e se ajoelhar diante dela, os joelhos na pedra fria.

— O que houve? — perguntou ele. — E o tempinho que Magnus disse que tínhamos?

— Minha Marca tem ardido, e a sua também, eu sei. E tem isto aqui. — Ela arregaçou a manga do casaco, virando a mão para mostrar a marca no antebraço: uma estampa parecida com uma teia de aranha, pequena, porém crescendo. — Acho que não temos mais tempo.

— Então podemos tirar nossas Marcas — disse Julian. Sua voz era suave, tranquilizante, uma voz que ele reservava para as pessoas que mais amava. — As minhas e as suas. Pensei que...

— Conversei com Jem na reunião — explicou Emma. — Ele me disse que jamais faria, jamais, e Magnus não consegue fazer sozinho... — Ela tomou fôlego. — Em Thule, Diana me contou que quando Sebastian começou a dominar, os *parabatai* daquele mundo se transformaram em monstros. Suas Marcas queimaram e as peles começaram a ficar cobertas por marcas escuras, e então se tornaram monstros. É isso que está acontecendo com a gente, Julian. Sei que é. Toda aquela história da maldição nos transformar em monstros. É como

se essa monstruosidade estivesse escondida no coração do vínculo. Como... como um câncer.

Houve uma longa pausa.

— Por que não me contou sobre isso?

— No início eu não acreditei — sussurrou ela. — Achei que no mínimo fosse algo que só pudesse acontecer em Thule. Mas nossas Marcas queimaram. E as marcas escuras na minha pele... eu *soube*...

— Mas não sabemos — retrucou ele suavemente. — Sei como você se sente. Você tem se sentido trêmula, certo? Com a mente acelerada. Seu coração também acelera.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Como...

— Eu tenho sentido o mesmo — disse ele. — Acho que é a maldição, sim. Jem disse que nos daria poder. E eu realmente me sinto como... como se tivesse sido aceso com eletricidade e não consigo parar de tremer.

— Mas você parece bem — comentou Emma.

— Acho que me recuperar do feitiço, para mim, é como sair de um buraco — falou ele. — Ainda não cheguei no topo, onde você está. Estou um pouco protegido. — Ele abraçou os joelhos. — Sei por que você está assustada. Qualquer pessoa estaria. Mas ainda vou pedir para fazer algo por mim. Vou pedir que tenha fé.

— Fé? — indagou. — Fé em quê?

— Na gente — disse ele. — Mesmo quando você me falou por que era proibido a gente se apaixonar, mesmo quando eu soube que a gente nunca deveria ter se tornado *parabatai*, eu ainda tinha todas as lembranças de como era maravilhoso ser seu parceiro, ter nossa amizade transformada em algo sagrado. Ainda acredito no nosso laço, Emma. Ainda acredito nos vínculos *parabatai*, na importância deles, na beleza do que Alec e Jace têm, ou no que Jem teve no passado.

— Mas e se isso puder se voltar contra nós? — disse Emma. — Nossa maior força se transformar na nossa maior fraqueza?

— Por isso pedi para ter fé — justificou ele. — Acredite na *gente* se não consegue acreditar na ideia em si. Amanhã pode ser que a gente entre em batalha. Nós contra eles. Precisamos de Jace e Alec, Clary e Simon... precisamos de *nós dois*... completos e inteiros no campo de batalha. Precisamos estar o mais forte possível. Mais um dia, Emma. Chegamos até aqui. Podemos aguentar mais um dia.

— Mas eu preciso da Espada Mortal — disse Emma, abraçando a lâmina. — Não consigo sem ela.

— Se vencermos amanhã, poderemos ter a ajuda da Clave — disse Julian. — Se não vencermos, Horace ficará feliz em remover nossas Marcas. Você sabe disso.

— Eu pensei nisso — disse Emma. — Mas não podemos ter certeza, podemos?

— Talvez sim, talvez não. Mas se você fizer isso, se cortar todos os vínculos, então vou ficar ao seu lado e levar a culpa junto. Você não tem como me impedir.

— Mas as crianças — sussurrou ela. Não podia suportar a ideia de Julian ser separado delas, de mais dor e sofrimento recaindo sobre os Blackthorn.

— Elas têm Helen e Aline agora — disse Julian. — Não sou o único que pode manter nossa família unida. Quando estava no meu pior, você esteve no seu melhor por mim. Eu só posso fazer o mesmo por você.

— Tudo bem — aquiesceu ela. — Tudo bem, vou aguardar mais um dia.

Como se tivesse ouvido a voz dela, o chão se fechou aos seus pés, escondendo a tábua *parabatai* por baixo do mármore protetor. Emma queria esticar o braço para Julian, pegar as mãos dele, dizer que era grata. Queria dizer mais, dizer as palavras proibidas, mas não disse... apenas olhou silenciosamente para ele e pensou nelas, imaginando se alguém já teria pensado tais palavras antes na Cidade do Silêncio. Se tinham pensado desse jeito: tanto com esperança quanto com desespero.

*Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.*

# 30

## As Riquezas que se Escondem

Um barulho arranhado à porta da barraca acordou Emma. Ela dormira a noite inteira sem sonhar, acordando apenas quando Cristina entrou sorrateiramente na barraca tarde da noite e se enrolou nos cobertores. Ela agora lutava para acordar, se sentindo grogue; conseguia enxergar através de uma fenda que estava cinza lá fora, o céu pesado com a chuva iminente.

Helen estava diante da barraca delas.

— Alerta dos trinta minutos — avisou ela, e seus passos se afastaram enquanto ela continuava acordando as pessoas.

Cristina resmungou e rolou para fora das cobertas. Ambas tinham dormido de roupa.

— Minha estela — disse ela. — A gente devia... — Ela bocejou. — Se Marcar. Além disso, acho bom que tenha café.

Emma ficou só de camiseta, tremendo de frio enquanto Cristina fazia o mesmo. Elas trocaram símbolos — Velocidade e Certeza para Emma, e símbolos de Bloqueio e Desvio para Cristina, e Precisão de Ataque e Visão de Longo Alcance para ambas. Cristina não perguntou por que Emma não estava recebendo suas Marcas de Julian. Ambas sabiam o motivo.

Elas fecharam zíperes e amarraram cadarços, vestindo seus uniformes e calçando botas, e saíram da barraca, alongando seus músculos endurecidos. O céu estava carregado com nuvens escuras, o chão, molhado com orvalho. Parecia que todos os outros já estavam acordados e correndo pelo acampamento; Simon estava fechando o uniforme de combate, Isabelle polindo uma espada. Magnus, vestido sombriamente com roupas escuras e ajudando um Alec uniformizado a prender a aljava cheia de flechas. Aline estava desenhando um símbolo de Força de Espírito na nuca de Helen. Mark, com o cinto de armas eriçado de adagas,

estava mexendo um mingau no fogo.

Cristina choramingou.

— Não vejo café. Só mingau.

— Eu sempre digo que café é do mal, sua viciada — brincou Emma. — Me dê a mão, eu desenho um símbolo de Energia.

Cristina resmungou, mas estendeu a mão; um bom símbolo de Energia funcionava como cafeína. Emma olhou afetuosamente para Cristina enquanto passava a estela sobre sua pele. Ela desconfiava saber onde Cristina tinha estado na noite passada, embora não fosse hora de perguntar.

— Não consigo acreditar que isso está acontecendo — queixou-se Cristina enquanto Emma largava sua mão.

— Eu sei — falou Emma. Ela deu um leve aperto na mão de Cristina antes de guardar a estela. — Eu te dou cobertura se alguma coisa acontecer. Você sabe disso.

Cristina tocou o medalhão e depois a bochecha de Emma, com os olhos sérios.

— Que o Anjo a abençoe e a deixe em segurança, minha irmã.

Vozes elevadas chamaram a atenção de Emma antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa. Ela se virou para flagrar Julian com Ty e Kit; Ty estava falando alto, claramente bravo, enquanto Kit estava recolhido com as mãos nos bolsos. Ao se aproximar, ela viu a expressão de Kit mais nitidamente. Ficou chocada. Ele parecia extremamente esgotado e desesperado.

— Queremos ir com vocês — dizia Ty. Mark tinha começado a se aproximar, abandonando o mingau. Helen, Aline e Kieran estavam por perto, enquanto os outros educadamente não prestavam atenção. — Queremos lutar com vocês.

— Ty. — Novas Marcas se destacavam escuras e brilhantes nos pulsos e na clavícula de Julian. Emma ficou imaginando quem as teria aplicado. Mark? Helen? Não importava. Deveria ter sido ela. — Isso não é uma luta. É uma negociação. Um encontro pacífico. Não posso levar toda a minha família.

— Não é como se vocês tivessem sido convidados e nós não — falou Ty. Ele estava de uniforme; Kit, também. Uma espada curta pendurada no quadril de Ty. — Nenhum de nós foi convidado.

Emma escondeu um sorriso. Era sempre difícil discutir com Ty quando ele tinha bons argumentos.

— Se todos nós aparecermos, vai ser um caos — explicou Julian. — Preciso de você aqui, Ty. Você sabe qual é a sua função.

Ty falou relutantemente.

— Dar um aviso. Ficar em segurança.

— Isso mesmo — disse Julian. Ele tomou o rosto de Ty nas mãos; Ty ainda

era uma cabeça mais baixo do que ele. — Fique a salvo, Tiberius.

Mark pareceu aliviado. Kit não tinha dito uma palavra. Sobre a cabeça de Ty, Julian assentiu para Magnus, que estava ao lado de Alec, abrigados sob uma árvore próxima. Magnus assentiu de volta. *Interessante*, pensou Emma.

Os outros começavam a se aproximar agora que a discussão tinha acabado: Cristina e Kieran, Diana, Isabelle e Simon, Clary e Jace. Jace foi até Kit e lhe tocou no ombro com toda a gentileza que Emma sabia que ele possuía, mas que raramente demonstrava. Enquanto Emma observava, Jace ofereceu a Kit uma pequena adaga de prata com um desenho de garças voando entalhado no cabo. Kit pegou cuidadosamente, assentindo. Emma não conseguia ouvi-los conversando, mas Kit parecia um pouco menos descontente.

Kieran e Cristina estavam conversando baixinho. Kieran agora se afastava delas, vindo encarar Julian e o restante daqueles que iam para os Campos; Emma e Cristina, Alec e Mark. Os cabelos escuros de Kieran ondulavam úmidos em volta do rosto.

— Também está na minha hora de ir, eu acho.

— Sinto muito que você não vá poder permanecer conosco para essa parte do plano — disse Julian. — Você ajudou muito, Kieran. É como se o seu lugar fosse conosco.

Kieran lançou a Julian um olhar analítico.

— Eu não enxergava você com clareza suficiente no passado, Julian Atticus. Você tem um coração impiedoso. Mas também tem um coração bom.

Julian pareceu vagamente surpreso, e depois ainda mais surpreso quando Kieran tomou a iniciativa de dar um beijo de despedida em Mark para depois se virar na direção de Cristina e beijá-la também. Ambos sorriram para ele enquanto todos encaravam. *Acho que eu estava certa*, pensou Emma, e ergueu uma sobancelha para Cristina, que ruborizou.

Kieran murmurou alguma coisa para os dois, que Emma não conseguiu escutar, e sumiu no bosque, desaparecendo como bruma.

— Aqueles que vão deixar o acampamento devem ir — disse Diana. — A negociação será em breve e levaremos pelo menos uma hora para caminhar até os Campos.

Clary estava conversando com Simon; ela afagou os ombros dele e se virou, preocupada, para Isabelle, que a abraçou. Alec tinha ido falar com Jace. Por todos os lados havia *parabatai* se preparando para a separação, ainda que breve. Emma foi tomada por um senso de irrealidade. Ela esperava que os laços estivessem quebrados a essa altura. Era estranho estar onde estava — ainda sem necessidade de fuga, nem sendo odiada, nem exilada.

Alec apertou a mão de Jace.

— Se cuida.

Jace olhou para ele por um longo instante e o soltou. Clary tinha se afastado de Simon e ido ficar com Jace. Eles ficaram observando enquanto Magnus atravessava a grama molhada até Alec, inclinava a cabeça e o beijava gentilmente.

— Queria que você pudesse ir — disse Alec, os olhos lacrimejantes.

— Você sabe como tem que ser. Ninguém do Submundo assustando Horace — disse Magnus. — Cuidado, meu arqueiro. Volte para mim.

Então foi ficar com Jace e Clary. Helen e Aline se juntaram a eles, bem como Kit e Ty. Eles formavam um grupo pequeno e silencioso, assistindo enquanto os outros davam meia-volta e caminhavam para os bosques de Brocelind.

— Você vai voltar a falar comigo um dia? — perguntou Ty.

Ele e Kit estavam sentados numa clareira verdejante na floresta, perto do acampamento. Um pedregulho cinza coberto por lodo verde e marrom se erguia atrás deles; Ty tinha apoiado as costas nele, os olhos quase fechados de exaustão.

Kit mal se lembrava do retorno do Lago Lyn na noite anterior. Ty mal conseguira andar. Ele se apoiara em Kit durante quase todo o trajeto, e desde aquele momento Kit já se reservara o direito de não dizer uma palavra. Nem mesmo quando começou a chover e eles saíram pisoteando por um lamaceiro desgraçado. Nem quando Ty teve que parar, arfando, perto da lateral da trilha. Nem quando ele se abaixou e engasgou chamando Julian, como se de algum jeito Julian fosse aparecer do nada e consertar tudo.

Era como se as emoções de Kit estivessem presas em algum lugar num frasco hermeticamente fechado. Ty não o queria — nem como amigo, nem como nada. Cada inspiração doía, mas sua mente fugia do motivo: de quem ele realmente culpava pelo que acontecera.

— Temos que ficar quietos. — Foi tudo que ele disse agora.

Ty lançou a ele um olhar duvidoso.

— Não é isso — respondeu. — Você está bravo comigo, acho.

Kit sabia que deveria dizer a Ty o que estava sentindo: era mais do que injusto esperar que o outro fosse adivinhar. O único problema era que ele mesmo não tinha certeza.

Ele se lembrava de ter voltado para o acampamento, se lembrava de ter engatinhado com ele para a barraca, de Ty se encolhendo. Kit propusera chamar Julian, mas Ty apenas balançara a cabeça, enfiando a cara nos cobertores, cantarolando baixinho até os músculos relaxarem e ele cair num sono exausto.



Kit não dormira.

Agora ele enfiava a mão no bolso para pegar alguma coisa.

— Olha... ontem à noite, depois... bem, antes de deixarmos o lago, eu voltei para a fogueira. — Era tudo cinzas e carvão, exceto por um brilho remanescente, reluzindo como um tesouro pirata entre as cinzas.

Kit entregou o objeto e viu os olhos de Ty enrugarem nos cantinhos, do jeito que faziam quando ele ficava muito surpreso.

— Você pegou para mim? — indagou Ty.

Kit continuou estendendo o colar. Balançava entre eles, um pêndulo brilhante. Ty esticou a mão lentamente para pegá-lo. O sangue tinha se esvaído da superfície com o calor do fogo. O medalhão brilhou límpido quando ele o colocou em volta do pescoço.

— Kit — começou ele, hesitante. — Achei que você... achei que seria...

Barulho de folhas secas pisoteadas; um graveto estalando. Kit e Ty caíram instantaneamente em silêncio. Após um instante, com a mão no pingente, Ty agachou e começou a assobiar.

Emma e os outros atravessaram quase em silêncio total a floresta que estava verde, úmida e carregada de folhas e água. Gotas frias de chuva ocasionalmente ultrapassavam a cobertura e deslizavam pelas costas do colarinho de Emma, fazendo-a tremer.

Há algum tempo, eles tinham chegado a uma bifurcação. Diana, Isabelle e Simon foram para a direita. Os outros, para a esquerda. Não houve despedidas, embora Alec tivesse beijado a bochecha da irmã sem dizer nada.

Eles agora caminhavam num grupo de cinco: Julian na frente, depois Mark e Cristina — sem darem as mãos, mas próximos, com os ombros se tocando — e Alec e Emma por último. Alec estava atento, seu arco sempre pronto, seus olhos azuis vasculhando as sombras de ambos os lados da trilha.

— Você já quis uma tapeçaria bem grande de você? — perguntou Emma a ele.

Alec não era do tipo que se espantava fácil.

— Por quê? — perguntou ele. — Você tem uma?

— Tenho, para falar a verdade — disse Emma. — Resgatei da sala do Inquisidor e carreguei pelas ruas de Alicante. Recebi uns olhares bem estranhos.

Alec contorceu a boca.

— Aposto que sim.

— Eu não queria que o Inquisidor jogasse fora — disse Emma. — Ele quer fingir que a Batalha de Burren não teve importância. Mas eu estive em Thule.

Sei o que significaria não ter uma Clary. Ou um Jace. Ou um de você.

Alec baixou levemente o arco.

— E imagine onde estaríamos agora se não houvesse um Julian, ou uma de você, ou uma Cristina ou um Mark. Há momentos, acho, em que cada um de nós é chamado. Quando escolhemos nos elevar ou não. O que fizeram no Reino das Fadas... — Ele fez uma pausa. — Sabe, você deveria dar essa tapeçaria para Magnus. Se tem alguém que gostaria de tê-la, é ele.

De repente a luz penetrou por entre as árvores. Emma levantou os olhos, achando que as nuvens tinham se dissipado, e percebeu que haviam chegado aos limites da floresta. As árvores agora eram parcas, o céu arqueava acima em tons de cinza perolado e azul fumê.

Eles saíram da floresta. Na frente deles, se estendia o campo verde até os muros de Alicante. Ao longe, ela via silhuetas, pequenas como besouros, se aproximando do centro dos Campos Eternos. A Tropa? Os Unseelie? Mesmo com as Marcas de Visão de Longo Alcance, estavam distantes demais para distinguir.

— Emma — chamou Julian. — Está pronta?

Ela olhou para ele. Por um momento, foi como se não houvesse ninguém além dos dois ali, como se estivessem se encarando através da câmara *parabatai* na Cidade do Silêncio, a conexão entre eles brilhando com sua força. O rosto de Julian estava pálido em contraste ao preto do uniforme de combate; seus olhos azul-esverdeados ardiam enquanto ele olhava para ela. Ela sabia em que ele estava pensando. Ele tinha chegado até aqui, até onde não dava mais para voltar. Ele precisava que ela desse o último passo com ele.

Ela empinou o queixo.

— Escolhemos nos elevar — disse ela e, pisando na grama dos Campos, eles começaram a marchar em direção aos muros de Alicante.

*E o céu estava cheio de anjos.*

Dru estava ao lado do canal em frente à casa Graymark, segurando a mão de Tavvy. Por toda a Alicante, Caçadores de Sombras velhos e jovens alinhavam as ruas, olhando para o céu.

Dru tinha que admitir que o feito de Horace fora impressionante. Era como olhar para uma grande tela de cinema, um IMAX ou algo maior. Assim que saíram da casa, com Maryse mandando Rafe e Max ficarem na sua frente, eles pararam para encarar, boquiabertos, o enorme quadrado no céu. Tudo o que viam naquele momento era o verde dos Campos e um pedaço de céu azul cinzento.

Então Horace e Zara surgiram na cena, marchando pela grama, e por causa do

tamanho da Projeção e do ângulo, eles pareciam anjos caminhando pelo céu. Horace estava praticamente como sempre, porém com uma diferença notável: a manga que cobria seu braço esquerdo se pendurava vazia do ombro.

Zara estava com os cabelos soltos, o que não era prático para uma batalha, porém dramático em termos de visual. Ela também tinha Cortana dourada presa na lateral do corpo, o que fez o estômago de Dru revirar.

— Aquela é a espada de Emma — falou Tavvy irritado. Dru não o repreendeu. Ela estava tão incomodada quanto ele.

Horace e Zara eram seguidos por um pequeno grupo de guardas — Vanessa Ashdown e Martin Gladstone entre eles — e um contingente de Centuriões. Dru reconheceu alguns deles da época em que passaram no Instituto, como Mallory Bridgestock, Jessica Beausejours e Timothy Rockford. Manuel não estava com eles, no entanto, o que a surpreendeu. Ele sempre dera a impressão de ser alguém que gostava de estar no centro das coisas.

Ao assumirem seus lugares no campo, Maryse balançou a cabeça e murmurou algo sobre Gladstone. Ela vinha tentando cercar Max e Rafe, sendo que nenhum dos dois estava interessado nas tediosas figuras no céu, mas agora ela olhava para Horace, franzindo o rosto.

— O Ciclo de novo — disse ela. — Valentim era exatamente assim, tão seguro de sua retidão. Tão seguro que aquilo dava a ele o direito de decidir pelos outros em que eles deveriam acreditar.

Um engasgo audível veio dos Caçadores de Sombras espectadores. Não uma reação às palavras de Maryse — estavam todos olhando para cima. Dru tinha esticado o pescoço para trás e observava em choque que o exército da Corte Unseelie agora estava marchando pelos Campos em direção à Tropa.

Pareciam uma ordem vasta e incontável de fadas usando as fardas obscuras do Rei Unseelie. Cavaleiros sobre montarias paramentados com lanças de prata e de bronze brilhando à luz matutina. Goblins atarracados com machados ameaçadores; dríades com bastões robustos de madeira e kelpies exibindo seus dentes afiados. Marchando à frente havia guardas vermelhos com seus uniformes tingidos de sangue, as botas de ferro tilintando na terra. Eles cercavam um homem coroadado montado num cavalo — o novo Rei Unseelie. Não o que Dru conhecia das fotos; este Rei era jovem. A coroa inclinada despreocupadamente para o lado.

Quando ele se aproximou, Dru notou que ele parecia ligeiramente com Kieran. A mesma boca reta, as mesmas feições inumanamente lindas, embora o cabelo do Rei fosse preto como carvão, com mechas roxas. Ele cavalgou até o Inquisidor com o restante da Tropa e o encarou friamente.

Maryse emitiu um arfar de surpresa. Outros Caçadores de Sombras estavam

arquejantes, e alguns na Ponte da Cisterna aplaudiram. Por mais que Dru detestasse Horace, ela admitia que este era um bom teatro: a pequena Tropa encarando um enorme exército do Reino das Fadas.

Ela estava feliz por eles também terem o próprio teatrinho planejado.

— Saudações, milorde Oban — disse Horace, inclinando a cabeça. — Agradecemos por concordar com esta negociação conosco esta manhã.

— Ele está mentindo — comentou Tavvy. — Olha a cara dele.

— Eu sei — disse Dru com a voz baixa. — Mas não diga isso onde as pessoas possam ouvir.

Oban desmontou graciosamente do cavalo. Ele se inclinou para Horace. Houve mais um arfar coletivo que agitou as ruas de Alicante. Fadas não faziam reverência para Caçadores de Sombras.

— O prazer é meu.

Horace abriu um sorriso largo.

— Você entende a gravidade da nossa situação — falou ele. — A morte de dois dos nossos, principalmente de Caçadores de Sombras tão populares quanto Jace Herondale e Clary Fairchild, deixa um buraco no coração de nossa comunidade. Uma ferida dessas não pode ser suportada por uma sociedade civilizada. Exige reparação.

*Ele quer dizer retribuição*, pensou Dru. Ela sabia que eram coisas diferentes, embora duvidasse que pudesse explicar exatamente como.

— Nós das Terras de Unseelie não discordamos — respondeu Oban, pomposo. — Parece comprovado que seres do Submundo e Caçadores de Sombras não podem ocupar o mesmo espaço em segurança. É melhor ficarmos separados e nos respeitarmos à distância.

— Sim — disse Horace. — Nos respeitarmos à distância parece bom.

— Sério — murmurou Maryse. — Ninguém pode estar acreditando nessa bobagem, pode?

Dru olhou de soslaio para ela.

— Você realmente soa como uma nova-iorquina às vezes.

Maryse deu um sorriso torto.

— Vou tomar como um elogio.

Houve um agito súbito. Dru levantou o olhar e viu que Horace, que estava meneando a cabeça em concordância com o Rei Oban, encarava o horizonte com a boca aberta em choque.

Oban se virou e uma careta — a primeira expressão genuína que ele apresentou — se espalhou por seu rosto.

— Que intromissão é essa?

Sem conseguir se conter, Dru aplaudiu. Entrando no foco da Projeção,

marchando pelos campos verdejantes em direção à Tropa, vinham Julian, Emma e o restante do grupo. Contra todas as probabilidades, eles chegaram.

O vento se intensificara e chicoteava pelos Campos Eternos, sem que muros ou árvores fizessem resistência à sua força. A grama tombava na frente de Emma e dos outros, e a túnica de Inquisidor de Horace esvoaçava ao seu redor. Zara tirou o cabelo do rosto e encarou Julian furiosamente antes de direcionar seu olhar de ódio a Emma.

— *Você* — sibilou ela.

Emma sorriu para Zara com todo o ódio desencadeado pela imagem de Cortana pendurada na outra.

— Eu sempre quis que alguém sibilasse “*você*” para mim — disse ela. — Eu me sinto num filme.

Horace fez uma careta.

— O que esses moleques estão fazendo aqui? Como ousam interromper esta negociação? É um assunto sério, não uma brincadeira de criança.

— Ninguém disse que era brincadeira, Dearborn. — Julian parou entre Horace e uma multidão de cavaleiros fada e guardas vermelhos, cercado por Mark e Alec de um lado, Emma e Cristina, do outro. — E nem somos crianças.

— Eu certamente não sou — observou Alec singelamente.

Um homem no centro dos soldados apontou para Mark. Ele tinha um quê de Kieran, com cabelos roxos e pretos desgrehados e um aro dourado ligeiramente torto caído sobre a testa.

— Eu conheço você.

Mark o encarou.

— Infelizmente, é verdade. — Ele se virou para os outros. — Este é o Príncipe Oban.

— *Rei* Oban. — Oban se irritou. — Horace... Inquisidor, certifique-se de que me demonstrem respeito.

— Eles sequer deveriam estar aqui — disse Horace. — Peço desculpas por essa intromissão. — Ele acenou, petulante, na direção deles. — Ashdown, Gladstone, livrem-se destes lixos.

— Vocês ouviram. — Vanessa deu um passo à frente, a mão na lâmina em sua cintura.

— É muito difícil imaginar o que Cameron fez para merecer parentes como você — falou Emma para ela, e teve a satisfação de ver a outra corar.

Alec ergueu seu arco. Mark fez o mesmo.

— Se não renderem suas armas — disse Horace —, seremos forçados a...

— É isso mesmo que você quer que todo mundo veja? — interrompeu Julian.  
— Depois de tudo o que você disse sobre as mortes de jovens Caçadores de Sombras, você quer mesmo ser o causador de mais algumas? — Ele deu as costas para Horace, voltando-se para os muros de Alicante, e falou com uma voz clara e dura: — Esta negociação é falsa. É um verdadeiro teatro. Não só o Inquisidor está aliado à Corte Unseelie, como colocou Oban no trono para ser seu fantoche.

Zara engasgou de forma audível.

Se antes a expressão de Horace era de presunção, agora era de choque.

— Mentiras. São mentiras desgraçadas! — rugiu ele.

— Suponho que agora você também vá dizer que ele matou Jace e Clary — falou Zara.

Julian não perdeu tempo olhando para ela. Continuou olhando em direção a Alicante. Emma imaginou os Caçadores de Sombras na cidade. Será que podiam vê-lo, ouvi-lo? Será que tinham entendido?

— Eu não ia dizer isso — falou Julian. — Porque eles não estão mortos.

*Eles não estão mortos.*

Um rugido cercou Dru. Havia caos nas ruas: ela ouvia as pessoas gritando de felicidade e outras de surpresa ou raiva; ouvia os nomes de Jace e Clary repetidos à exaustão. Tavvy levantou os punhos para o céu, onde a imagem de Julian se erguia sobre eles, cercado por Emma e seus amigos.

*Esse é meu irmão, pensou Dru, orgulhosa. Meu irmão Julian.*

— É de muito mau gosto fazer piadas assim — rebateu Gladstone. — O mundo dos Nephilim ainda está de luto por Jace e Clary...

— E nós encontramos as roupas sujas de sangue deles — disse Zara. — Sabemos que estão mortos.

— Às vezes as pessoas perdem seus casacos — disse Alec. — Jace é meu *parabatai*. Se ele estivesse morto, eu saberia.

— Ah, *sentimentos* — falou Horace maldosamente. — Então isso se resume aos seus sentimentos, certo, Lightwood? Nós da Tropa lidamos com fatos! *Nossos fatos!*

— Ninguém é dono dos fatos — disse Cristina sem se afetar. — Eles são imutáveis.

Horace lançou um olhar de nojo a ela e se voltou para Oban.

— Jace Herondale e Clary Fairchild estão mortos, não estão?

A expressão de Oban era uma mistura de raiva e desconforto.

— Um de meus guardas vermelhos me disse que sim, e conforme vocês já sabem, meu povo não tem a capacidade de mentir.

— Pronto — disse Horace. — Estou sem paciência para você, Blackthorn! Guardas, levem todos para o Gard. A punição será decidida mais tarde.

— Deixe que nós os levaremos. — Zara deu um passo à frente, com Timothy Rockford ao seu lado. Ela tirou Cortana da bainha e a ergueu para apontá-la para os intrusos. — Emma Carstairs, você está presa em nome de...

Emma esticou a mão. Do mesmo jeitinho que fizera por todos os anos desde que Julian colocara Cortana em seus braços no início da Guerra Maligna. Do mesmo jeitinho que fizera na cerca-viva de espinhos no Reino das Fadas, como se estivesse vasculhando o passado para tocar as mãos de todas as mulheres Carstairs que empunharam Cortana ao longo dos anos.

A mão de Zara tremeu. O cabo de Cortana escapou de seus dedos e a lâmina navegou pelo espaço entre elas.

O cabo bateu na mão de Emma. Reflexivamente, ela o empunhou e ergueu a espada no alto. Cortana era dela outra vez.

Eles estavam sentados num dos troncos da fogueira, conversando, embora Helen estivesse tensa demais para se concentrar na conversa. Ela não conseguia tirar da cabeça os perigos que Jules, Mark e os outros estavam enfrentando agora.

— Eles vão ficar bem — falou Magnus depois que fez uma pergunta para ela duas vezes e não obteve resposta. Ela estava olhando fixamente para a profusão de árvores, o corpo inteirinho tenso. — Horace não os machucaria na frente de tanta gente. Ele é um político.

— Todo mundo tem um limite — disse Helen. — Já vimos pessoas fazerem algumas coisas bem estranhas.

Os olhos felinos de Magnus brilharam.

— Suponho que sim.

— É um prazer vê-lo outra vez — falou Aline para ele. — Não passamos muito tempo juntos desde Roma.

Ela sorriu para Helen; Roma era o lugar onde ambas se conheceram, anos atrás.

— Fico repetindo para mim que vou evitar guerras e batalhas — disse Magnus. — De algum jeito elas continuam vindo até mim. Deve ser alguma coisa na minha cara.

O som do apito fez Helen se levantar, juntamente a Aline. Não foi muito bem um alerta. As árvores em volta deles tremeram; Helen tinha acabado de sacar sua espada quando um grupo de cinquenta ou sessenta membros fortemente armados

da Tropa explodiu de trás delas, liderado por Manuel Villalobos, e avançando diretamente para o acampamento.

Magnus não perdeu tempo se levantando do tronco.

— Ah, céus — disse ele com a voz entediada. — Um ataque aterrorizante e inesperado.

Aline deu um tapinha no ombro dele. Os membros da Tropa subiram a pequena colina marchando e chegaram ao acampamento, cercando Magnus, Helen e Aline. Manuel estava com seu uniforme completo de Centurião; sua capa vermelha e cinza girou impressionantemente quando ele capturou Aline e a posicionou de costas para o seu peito, a adaga rendendo-a.

— Qual é a barraca de Jace e Clary? — exigiu saber. Ele gesticulou com a adaga. — Vocês dois! Milo, Amelia! Peguem as mãos do feiticeiro. Ele não pode fazer mágica sem elas. — Ele lançou a Magnus um olhar de ódio. — Você deveria estar morto.

— Ah, de fato, mas a questão é: eu sou *imortal* — respondeu Magnus alegremente enquanto um Caçador de Sombras corpulento, Milo, aparentemente, puxava suas mãos para trás de si. — Alguém deveria ter contado a você.

Helen não estava tendo a mesma facilidade para manter o senso de humor. Aline lançou um olhar reconfortante para ela, mas ver sua mulher nas garras de Manuel ainda era mais do que ela podia suportar.

— *Solte-a!* — ordenou.

— Assim que você me disser onde estão Jace e Clary — falou Manuel. — Aliás, deixe-me explicar de um jeito que você consiga entender. Diga-me onde eles estão ou corto a garganta da sua mulher.

Helen e Aline trocaram um olhar.

— É aquela azul ali — disse Helen, e apontou, torcendo para parecer relutante em seu gesto.

Manuel empurrou Aline. Helen a apartou e elas se abraçaram firme.

— *Odiei* aquilo — murmurou Helen no pescoço de Aline enquanto membros da Tropa passavam por elas, suas lâminas sacadas brilhando.

— Eu também não amei — respondeu Aline. — Ele fede a colônia. Como uma pinha. Vamos.

Elas olharam para Magnus, que assobiava alegremente e ignorava os guardas, todos suados e preocupados. Magnus assentiu para elas, que correram atrás de Manuel e dos outros, os quais estavam se aproximando da barraca azul.

— Peguem-nos — disse Manuel, indicando as estacas da barraca. — Arranquem do chão.

A barraca foi tomada, levantada do chão e jogada de lado, desabando numa pilha de tecido.



Embaixo, Jace e Clary foram revelados, sentados de pernas cruzadas na terra, um de frente para o outro. Estavam jogando o jogo da velha no chão com gravetos. Clary estava com os cabelos presos num rabo e parecia ter cerca de quinze anos de idade.

Manuel emitiu um ruído crepitante.

— Matem-nos — disse ele, voltando-se para seus companheiros. — Andem. Matem-nos.

A Tropa pareceu desorientada. Amelia deu um passo adiante, erguendo sua lâmina — em seguida ficou visivelmente espantada.

As árvores em torno do acampamento estavam farfalhando ruidosamente. Os membros da Tropa que tinham permanecido junto às árvores, com as armas em riste, estavam olhando em volta, confusos e com medo.

Jace desenhou a terceira linha de X no chão e descartou o graveto.

— Xeque-mate — disse ele.

— Xeque-mate é no *xadrez* — observou Clary, ignorando totalmente a Tropa que os cercava.

Jace sorriu. Um sorriso brilhante, lindo, o tipo de sorriso que fazia Helen entender por que, fazia tantos anos, Aline o beijara só para ver como era.

— Eu não estava falando do nosso jogo — disse ele.

— Eu disse *matem-nos*! — gritou Manuel.

— Mas, Manu — falou Amelia, apontando um dedo trêmulo. — As árvores... as árvores estão se mexendo...

Aline agarrou a mão de Helen enquanto a floresta explodia.

Houve um momento de quietude. Um espanto genuíno surgiu em quase todos os rostos, até no de Oban. Como uma fada, ele talvez entendesse o significado da escolha de Cortana, gostasse ele ou não.

O olhar de Emma encontrou o de Julian. Ele sorriu com os olhos para ela. Julian entendia o quanto aquilo era importante para ela. Ele sempre soube.

Zara soltou um grito.

— *Devolva!* — Ela foi para cima de Emma, que ergueu Cortana em triunfo. Seu sangue cantarolava em suas veias, uma canção de ouro e luta. — Seus *trapaceiros! Ladrões!* Vindo aqui, tentando estragar tudo, tentando arruinar o que estamos construindo!

— Cortana não quer você, Zara — disse Julian contidamente. — Uma espada de Wayland, o Ferreiro pode escolher seu dono, e Cortana não escolhe mentirosos.

— Nós não somos mentirosos...

— Sério? Onde está Manuel? — quis saber Mark. — Ele estava no Reino das Fadas quando eu estive lá. Eu o vi confabulando com Oban. Ele falou sobre uma aliança com a Tropa.

— Então ele falou sobre essa negociação! — rugiu Horace. — Isto é uma aliança... não é nenhum segredo...

— Isso foi muito antes de você falar para a Clave que Jace e Clary tinham morrido — falou Cristina. — Manuel virou vidente agora?

Horace chegou a bater o pé.

— Vanessa! Martin! *Livrem-se desses intrusos!*

— Meus guardas vermelhos podem cuidar deles — disse Oban. — Sangue de Caçador de Sombras rende uma boa tinta.

A Tropa congelou. Julian sorriu, um sorriso sutil e frio.

— Sério, Príncipe? — disse Mark. — Como você sabe?

Oban se virou para ele.

— Você vai se referir a mim como seu Rei! Eu governo as Terras de Unseelie! Tomei o título de meu pai...

— Mas você não o matou — disse Cristina. — Kieran fez isso. Kieran Filho do Rei.

O exército Unseelie começou a murmurar. Os soldados se mantiveram imóveis.

— Acabe com essa farsa, Dearborn — disse Julian. — Mande o exército Unseelie para casa. Venha e encare os seus no Salão do Conselho.

— Encará-los? — disse Horace, a boca se contorcendo com desdém. — E como você sugere que eu faça isso quando ainda não providenciei a justiça? Você simplesmente esqueceria esses dois Caçadores de Sombras corajosos, os que alega serem seus amigos, que morreram pelas mãos de seres do Submundo? Eu não vou abandoná-los! Falarei por eles...

— Ou você pode deixar que eles falem por si — disse Alec calmamente. — Considerando que, sabe, aqui estão eles.

— Ah, veja, lá está Manuel — apontou Emma. — Ficamos muito chateados por não termos visto sinal dele até então, mas percebo que ele estava...

— Não diga — alertou Julian.

— ... preso. — Emma sorriu. — Desculpa. Não resisto a um trocadilho.

E estava preso mesmo: Manuel, junto a um grupo de cinquenta ou mais membros da Tropa, estava sendo firmemente conduzido pelos Campos a partir da Floresta Brocelind. Tinha as mãos amarradas às costas. Todos estavam sendo conduzidos por um grupo de Caçadores de Sombras — Aline e Helen, Isabelle e Diana, e Simon.

Caminhando ao lado deles, com a casualidade de quem dava um passeio

matutino, estavam Jace e Clary. Acima deles, esvoaçava um estandarte da Vigilância de Livia, com Clary segurando o mastro. Os olhos de Emma arderam: o medalhão e o sabre de Livvy voando sobre os Campos Eternos.

E atrás deles... atrás deles vinha uma onda de todos os seres do Submundo que passaram a noite inteira esperando na floresta: feiticeiros, licantropes e fadas de todos os tipos, saltitando, marchando e saindo de trás das árvores. A Floresta Brocelind mais uma vez estava cheia de membros do Submundo.

Horace congelara. Zara se encolhera, olhando através de seus cabelos emaranhados.

— O que está *acontecendo*? — perguntou Zara com uma voz entorpecida. Emma quase sentiu pena dela.

Julian esticou a mão e soltou o fecho que prendia sua capa. Ela deslizou dos ombros, revelando o cabo da Espada Mortal, prata com polimento escuro e asas de anjos abertas.

Horace o encarou, bufando levemente. Emma não sabia dizer se ele já havia reconhecido a Espada Mortal; ele parecia além disso.

— O que você fez, seu tolo? — sibilou. — Você não faz ideia... o planejamento cuidadoso... tudo o que fizemos em nome dos Nephilim...

— Ora, olá, Dearborn. — Horace recuou, como se a visão de Jace e Clary tão próximos lhe causasse queimaduras. Jace estava segurando Manuel na frente deles, agarrando-o pelo uniforme, a expressão do Centurião carrancuda e irritada. — Parece que o boato das nossas mortes foi um grande exagero. Inventado por você.

Clary cravou o mastro do estandarte na terra, de modo que a bandeira agora flutuava na vertical.

— Você sempre quis dizer isso, não é mesmo? — perguntou ela a Jace.

Alec olhou para os dois e balançou a cabeça. O restante dos Caçadores de Sombras e membros do Submundo tinham se espalhado pelo campo, entre a área da negociação e os muros de Alicante. Rostos familiares estavam misturados na multidão: Simon e Isabelle estavam por ali, e perto deles Emma reconheceu Catarina, Diana, Maia e Bat; ela procurou por Magnus e finalmente o encontrou perto dos limites da Floresta Brocelind. O que ele estava fazendo tão longe?

— Dearborn — disse Alec. — Essa é sua última chance. Cancele esta reunião e volte conosco para o Salão do Conselho.

— Não — desafiou Horace. Parte da cor tinha voltado ao seu rosto.

— Mas todos estão vendo que você mentiu — falou Emma. — Você mentiu para todos os Caçadores de Sombras, tentou nos amedrontar para que obedecêssemos...

— Estes não são Jace e Clary. — Horace apontou para eles com dedos

trêmulos. — Eles são... impostores... alguma feitiçaria feita para enganar e mentir...

— As Irmãs de Ferro previram que você diria isso — falou Julian. — Por isso elas me deram isto aqui. — Ele alcançou as costas e sacou a Espada Mortal da bainha. O metal pareceu cantar quando a lâmina fez um arco no céu, espalhando faíscas. Um engasgo audível foi entoado da Tropa às fadas Unseelie; a Emma só restava imaginar a comoção na cidade. — A Espada Mortal, reforjada.

Silenciosamente, Julian agradeceu à Irmã Emilia e sua disposição para enganar a Tropa.

Horace pôs-se a falar:

— Falsa... uma imitação...

— Então você não vai se importar de Manuel segurá-la — falou Julian. — Ordene que ele a pegue.

Horace congelou. Seus olhos foram da Espada para Manuel e voltaram; foi, surpreendentemente, Oban quem quebrou o silêncio.

— Bem, se é uma imitação, deixe o menino pegá-la — falou. — Acabe logo com o sofrimento desta farsa. — Seus olhos prateados desviaram para Manuel. — Pegue a Espada, Centurião.

Com a boca fechada, Manuel esticou as mãos, e Julian colocou a Espada Mortal nelas, com a lâmina em suas palmas. Emma viu Manuel se encolher como se sentisse dor, e sentiu um alívio frio. Então o poder da Espada estava funcionando. Doía ser obrigado a falar a verdade. O poder da Espada doía, e não só para aqueles que mentiam, mas para qualquer um que desejasse proteger seus segredos.

Julian cruzou os braços e olhou para Manuel. Foi um olhar duro e frio, um olhar que remetia a gerações de Blackthorn, até aqueles que foram Inquisidores.

— Você e a Tropa tentaram matar Clary e Jace agora há pouco?

O rosto de Manuel estava manchado de branco e vermelho, e seus cabelos, cuidadosos, desalinados.

— Sim — sibilou ele. — Sim. Tentei. — Ele lançou a Horace um olhar venenoso. — Foi por ordem do Inquisidor. Quando ele descobriu que ainda estavam vivos e que estariam na Floresta Brocelind ontem à noite, ele ordenou que os matássemos ao amanhecer.

— Mas isso não aconteceu — falou Julian.

— Não. Eles devem ter sido alertados. Estavam esperando por nós, e os bosques estavam cheios de seres do Submundo. Eles atacaram. Não tivemos chance.

— Então você estava disposto a matar companheiros Nephilim e botar a culpa em seres do Submundo — disse Julian. — Por quê? Por que fomentar a

guerra?

— Fiz o que Horace mandou.

— E no Reino das Fadas — continuou Julian. — Quando ajudou Oban a se tornar Rei. Quando firmou uma aliança entre a Tropa e a Corte Unseelie. Foi por ordem de Horace?

Manuel estava mordendo o lábio com tanta força que o sangue escorria pelo seu queixo. Mas a Espada era mais forte do que sua vontade.

— Foi *minha* ideia — arfou. — Mas Horace apoiou, ele adorou a ideia de conseguir uma armação bem embaixo do nariz da Clave. Colocamos Oban no trono porque ele é um tolo que faria o que quiséssemos, ele encenaria esta negociação conosco, e nós fingiríamos um acordo, um acordo em que ambas as partes alcançariam seus ensejos. A Corte Unseelie teria os Caçadores de Sombras ao seu lado contra os Seelie e outros membros do Submundo, e a Tropa poderia dizer que forçaram a Corte Unseelie a chegar a um acordo de paz, e que eles tinham concordado com jamais entrar em Idris outra vez. Ambos os lados pareceriam fortes perante os seus...

— Basta! — gritou Oban. Ele esticou a mão para tirar a Espada Mortal de Manuel, mas Mark o bloqueou. — Calem esse moleque!

— Tudo bem — disse Julian inesperadamente, e tirou a Espada das mãos de Manuel. — Terminamos com os seguidores. Dearborn, pegue a Espada.

Ele caminhou até Horace, segurando a Espada. Os membros da Tropa ao redor de Horace iam esmorecendo, as expressões se alternando entre choque e fúria. Não era muito difícil ver quem estava surpreso com as revelações de Manuel e quem não estava.

— É hora de falar aos seus, Dearborn — incitou Julian. — Eles podem vê-lo. Podem ouvi-lo. Você deve a eles uma explicação. — Ele estendeu a Espada para ele, aplanada e pronta. — Permita-se ser testado.

— Seremos testados na batalha! — gritou Horace. — Vou me provar! Sou o líder deles! O Cônsul legítimo!

— Cônsules não mentem para os integrantes do seu Conselho — disse Julian. Ele abaixou a Espada Mortal de modo que a parte lisa da lâmina ficasse sobre sua palma esquerda, fazendo uma careta quando a compulsão de falar a verdade o dominou. — Você culpou as fadas pela morte de Dane Larkspear. *Eu matei Dane Larkspear.*

Emma sentiu seus olhos arregalarem. Não esperava que Julian fosse dizer *aquilo*.

— Talvez uma honestidade um pouco radical demais — murmurou Simon.

— Eu o matei porque você o mandou para o Reino das Fadas para que matasse a mim e à minha *parabatai* — disse Julian. — Estou segurando a

Espada Mortal. Não estou mentindo. Pode ver isso. — Ele falava como se estivesse se dirigindo apenas a Horace, mas Emma sabia que ele estava falando com todos os Caçadores de Sombras e membros do Submundo que pudessem ouvi-lo. — Samantha Larkspear se machucou quando tentou torturar Kieran Filho do Rei na Scholomance. Possivelmente por ordens suas, também. — Ele engasgou de leve; a Espada claramente o machucava. — Você botou Caçadores de Sombras contra Caçadores de Sombras e contra seres inocentes do Submundo, tudo a serviço de enganar o Conselho para que adotassem suas reformas preconceituosas... tudo a serviço do medo....

— *Sim, eu fiz!* — gritou Horace. Zara voou para o lado do pai e puxou sua manga vazia; ele mal pareceu notá-la. — Porque os Nephilim são *tolos*! Por causa de pessoas como você, dizendo a eles que membros do Submundo são nossos amigos, que podemos viver em paz ao lado deles! Você ofereceria nossos pescoços voluntariamente para a execução! Você nos deixaria morrer deitados, e não lutando! — Ele lançou o braço direito em direção a Oban. — Eu não precisaria ter aceitado uma aliança com este bêbado tolo se a Chave não tivesse sido tão tola e teimosa! Eu precisava mostrar a eles... mostrar a eles como nos proteger de maneira honrosa contra o Submundo...

— Honrosa? — ecoou Julian, erguendo a Espada Mortal para que ela não mais tocasse sua palma. Agora era uma arma outra vez, não um teste de honestidade. — Você expulsou os seres do Submundo de Brocelind. Você sabia que a Corte Unseelie era a responsável por espalhar a Praga que estava matando feiticeiros e não fez nada. Como isso pode ser honroso?

— Como se tudo o que ele fez não fosse nada — disparou Mark. — Ele encorajou o Rei a espalhar sua terra envenenada aqui, a matar os Filhos de Lilith...

— Acho que já deu. — falou Alec com frieza, com uma voz ressonante. — É hora de a Corte Unseelie ir, Horace. Sua lealdade está sendo questionada e você não pode mais negociar em nome de membros do Submundo, ou dos Nephilim.

— Você não tem poder para nos mandar embora, menino! — Oban se irritou. — Você não é o Cônsul, e nosso acordo é apenas com Horace Dearborn.

— Não sei o que Horace prometeu — disse Jace, com uma satisfação fria na voz. — Mas ele não tem como ajudar você, Príncipe.

— Eu sou o *Rei*. — Oban ergueu seu arco.

Do amontoado de seres do Submundo, uma fada deu um passo à frente. Era Nene, a tia de Mark e Helen. Ela encarou Oban com orgulho.

— Você não é *nosso* Rei — disse.

— Porque você é Seelie — desdenhou Oban.

— Alguns de nós são Seelie, alguns, Unseelie, e alguns são selvagens —

disse Nene. — Não o reconhecemos como Rei das Terras Unseelie. Reconhecemos Kieran Filho do Rei, que matou Arawn, o Rei Ancião, com as próprias mãos. Ele tem direito ao trono por sangue nas veias e por sangue derramado.

Ela se afastou para o lado e Kieran emergiu do círculo de fadas. Tinha se vestido com roupas do Reino das Fadas: túnica de linho clara, calças de camurça macia e botas. Estava com a coluna ereta e o olhar firme.

— Saudações, irmão Oban — cumprimentou.

O rosto de Oban se contorceu numa careta.

— Na última vez que o vi, *irmão* Kieran, você estava sendo arrastado acorrentado atrás dos meus cavalos.

— É verdade — disse Kieran. — Mas isso depõe mais contra você do que contra mim. — Ele olhou para as massas de guerreiros Unseelie enfileirados em silêncio. — Vim desafiar meu irmão pelo trono Unseelie — falou. — O método comum é um duelo até a morte. O sobrevivente fica com o trono.

Oban riu, incrédulo.

— O quê? Um duelo *agora*?

— E por que não agora? — disse Nene. Mark e Cristina estavam se entreolhando horrorizados; estava evidente que nenhum dos dois sabia dessa parte do plano. Emma duvidava de que alguém além do próprio Kieran e algumas poucas fadas soubesse. — Ou está com medo, milorde Oban?

Em um movimento fluido e súbito, Oban ergueu o arco e atirou em Kieran. A flecha voou livre; Kieran desviou e a flecha passou perto do seu braço. Voou pelo campo e acertou Julie Beauvale; ela caiu como uma árvore atingida, seu chicote voando da mão.

Emma engasgou. Beatriz Mendoza gritou e caiu de joelhos ao lado de Julie; Alec girou e atirou uma enxurrada de flechas em Oban, mas os guardas vermelhos já tinham cercado o Rei. Vários caíram com as flechas de Alec enquanto ele atirava uma atrás da outra em direção aos guerreiros Unseelie.

— Atrás dele! Acompanhem Alec! — gritou Maia. Licantropes caíram de quatro no chão, brotando pelos e presas. Com um grito, a Tropa que cercava Horace pegou suas armas e se pôs a atacar; Julian desviou um golpe de Timothy com a Espada Mortal enquanto Jessica Beausejours se lançou para Emma, girando a espada em volta da cabeça.

Nene avançou para armar Kieran com uma espada de prata; ela brilhou como um flash quando ele contra-atacou. As fadas Unseelie de Oban, leais a seu Rei, surgiram para proteger o monarca, uma verdadeira maré de lanças e espadas. Mark e Cristina foram em direção a Kieran, Cristina armada com uma espada de dois gumes, e flechas de elfo voavam do arco de Mark. Guerreiros da guarda

vermelha foram desmoronando. Simon, Jace e Clary já tinham sacado suas espadas e entrado em cena.

Timothy gritou quando sua espada se partiu contra a lâmina de Maellartach. Com um ganido ele desapareceu atrás de Horace, que gritava loucamente para que todos parassem, para que a batalha cessasse, mas ninguém lhe dava ouvidos. A barulheira da batalha era incrível: espadas colidindo contra espadas, lobisomens uivando, gritos de agonia. O cheiro de sangue e metal. Emma desarmou Jessica e lhe deu uma rasteira; Jessica caiu com um grito de dor e Emma girou para se deparar com a aproximação de dois goblins guerreiros com seus dentes pontiagudos feito vidro quebrado e seus rostos semelhantes a couro. Ela ergueu Cortana quando um deles veio para cima dela. O outro caiu de repente, suas pernas se prendendo num fio de electrum.

Emma se livrou do primeiro goblin com uma lâmina no coração e se virou para flagrar Isabelle com seu chicote dourado em volta das pernas do segundo.

O goblin preso começou a gritar e Simon cuidou dele com um golpe de espada, a expressão austera. Julian gritou e Emma se virou para flagrar um cavaleiro fada surgindo atrás dela; antes mesmo que ela sequer pudesse erguer Cortana, ele cambaleou para trás com uma das facas de arremesso de Julian enterradas na garganta.

Emma girou; Julian estava atrás dela, a Espada Mortal brilhante em sua mão. Estava sujo de sangue e tinha um hematoma na bochecha, mas com Maellartach na mão ele parecia um anjo vingador.

O coração de Emma bateu forte; era tão bom ter Cortana nas mãos outra vez, tão bom lutar com Julian ao seu lado. Ela conseguia *sentir* a magia guerreira *parabatai* entre eles, enxergava o vínculo como um laço brilhante que os unia, se movimentando em sincronismo com eles, conectando-os, porém sem aprisioná-los.

Ele gesticulou para que ela o seguisse, e, juntos, foram para o coração da batalha.

A Projeção no céu explodiu como fogos de artifício, as imagens caindo em direção à cidade em cacos brilhantes. Mas Dru já tinha visto o suficiente. Todos eles tinham.

Ela se virou para ver Maryse atrás de si, encarando o céu como se estivesse cega por um eclipse.

— Pobre Julie... você viu...?

Dru olhou para Max e Rafe, que estavam abraçados, claramente apavorados.

— Você precisa levar as crianças para casa. Por favor. Leve Tavvy.



— Não! — Tavvy choramingou quando Dru o empurrou em direção a Maryse e à fachada vermelha da casa Graymark. — Não, 'Silla, eu quero ir com você! *não!* — gritou ele, a palavra rasgando o coração dela quando o soltou e recuou.

Maryse estava olhando para ela, ainda chocada.

— Drusilla... fique na casa...

Atrás de Maryse, as ruas estavam cheias de gente. As pessoas tinham pegado armas e vestido uniformes. Uma batalha eclodia e Alicante não iria esperar.

— Desculpe — sussurrou Dru. — Eu não posso.

Ela saiu correndo, ouvindo Tavvy gritar, e provavelmente tendo continuado aos berros muito depois de ela já ter saído do alcance de sua voz. Ela saiu costurando pelas multidões de Caçadores de Sombras uniformizados, arcos e espadas pendurados em seus ombros, as peles brilhando com Marcas frescas. Era a Guerra Maligna outra vez, quando corriam descontrolados pelas ruas de paralelepípedos, o caos ao redor. Ela recuperou o fôlego ao cortar pela Praça da Cisterna, correndo por um beco estreito e saindo na Praça Hausos, em frente ao Portão Oeste.

Os grandes portões estavam fechados. Dru já esperava por isso. Fileiras de guerreiros da Tropa bloqueavam as multidões de Caçadores de Sombras — muitos dos quais Dru reconhecia da reunião do conselho de guerra — e impediam o acesso. A praça estava se enchendo rapidamente com Nephilim, suas vozes furiosas elevadas.

— Não podem nos segurar aqui! — gritou Kadir Safar, do Conclave de Nova York.

Lazlo Balogh fez uma carranca para ele.

— O Inquisidor ordenou que nenhum Caçador de Sombras deixasse a cidade! — gritou de volta. — Para sua própria segurança!

Alguém agarrou a manga de Dru. Ela deu um pulo de susto e quase gritou; era Tavvy, imundo e descabelado.

— Os Irmãos do Silêncio, por que eles não fazem alguma coisa? — quis saber, com seu rostinho estampando preocupação.

Os Irmãos do Silêncio ainda estavam nos pontos de vigilância que lhes foram atribuídos, imóveis como estátuas. Dru tinha passado por muitos deles na noite anterior, embora nenhum tivesse tentado contê-la ou questionado o que ela pretendia. Mas ela não podia pensar nos Irmãos do Silêncio agora. Pegou Tavvy pelos ombros e quase o sacolejou.

— O que você está fazendo aqui? É perigoso, Tavvy!

Ele endureceu a mandíbula.

— Quero ficar com você! Não vou mais ficar para trás!

A multidão explodiu numa nova onda de gritos. A Tropa na guarda dos portões estava começando a parecer alarmada, mas ninguém se mexia.

Não havia tempo para mandar Tavvy de volta. A situação poderia se transformar num banho de sangue a qualquer momento, e mais do que isso, a família e os amigos de Dru estavam nos Campos Eternos. Eles precisavam de ajuda.

Ela agarrou a mão de Tavvy.

— Então me acompanhe — disse, irritada, e eles começaram a correr, empurrando e abrindo caminho pela multidão até o outro lado da praça. Eles correram pelo Canal Princewater e pela ponte, chegando à Flintlock Street em minutos. Estava deserta — algumas casas tinham sido abandonadas tão desesperadamente que suas portas ainda estavam abertas.

A meio caminho da rua ficava a loja com a plaquinha *FLECHA DE DIANA*. Dru voou para a porta e bateu forte nela — três batidas rápidas, depois três lentas. *Abra*, rezava ela. *Abra, abra, abra...*

A porta foi escancarada. Jaime Rocio Rosales estava do outro lado, com o uniforme preto de batalha. Carregava um arco brilhante de prata, apontado diretamente para ela.

— Sou *eu* — disse Dru, indignada. — Sabe, a pessoa que tirou você da cadeia?

— Todo cuidado é pouco, princesa — disse ele com uma piscadela, e abaixou o arco, chamando Diego e os outros. Eles começaram a se espalhar pela rua, todos de uniforme, equipados com armas novinhas: espadas e floretes, arcos e bastões, machados e boleadeiras. — Quem te ensinou a abrir trancas daquele jeito? Não consegui perguntar ontem.

*Kit Herondale*, pensou Dru. Pensar em Kit a fez se lembrar de outra coisa. Tavvy estava com os olhos arregalados para todas as armas brilhantes: Diego trazia um machado, Divya, uma espada *Claymore*, e Rayan uma boleadeira espanhola. Até Jia estava com sua espada favorita, uma *dao* curva.

— Tudo bem, pessoal — disse Dru. — Estas armas são de Diana e, depois de hoje, terão que ser devolvidas à loja.

— Sem problemas — disse Jaime. — Eu fiz um recibo.

— Ele não fez um recibo — disse Diego.

— Cogitei fazer — respondeu Jaime.

— Nem sempre o que vale é a intenção, irmãozinho — falou Diego, e houve um calor profundo em sua voz que Dru nunca tinha ouvido. Ela sentiu empatia; sabia como era perder um irmão e recuperá-lo.

— Temos que ir — disse Tavvy. — Todo mundo está gritando nos portões e a Tropa não deixa ninguém sair.

Jia se adiantou.

— Eles não podem nos manter presos na cidade — falou. — Sigam-me.

Jia parecia ter um mapa mental da cidade. Ela atravessou várias ruas maiores, becos menores, e passou atrás de casas. No que pareceram minutos, eles saíram na Praça Hausos.

— Alguém soltou os prisioneiros! — gritou uma voz, e depois várias outras se juntaram, com muitas gritando o nome de Jia.

— Saiam da frente! — berrou Rayan. Ele tinha se colocado de um dos lados de Jia, ao lado de Diego. Divya e Jaime estavam do outro. Dru se apressava atrás, ainda segurando a mão de Tavvy, juntamente aos outros que tinham escapado do Gard. — Abram caminho para a Consulesa!

Isso interrompeu os gritos. A multidão se calou enquanto Jia abria caminho entre as pessoas como um navio de guerra cortando uma tempestade. Ela caminhava com altivez, o sol fraco brilhando em seu cabelo preto e grisalho. Ela chegou ao centro do portão trancado, onde Lazlo Balogh estava, ostentando uma lança ao seu lado.

— Abra o portão, Lazlo — ordenou ela com uma voz tranquila que ressoou mesmo assim. — Estas pessoas têm o direito de se juntarem aos seus amigos e familiares na batalha.

Lazlo sorriu ironicamente.

— Você não é a líder da Clave — disse. — Está sendo investigada. Estou cumprindo ordens de Horace Dearborn, o Inquisidor e Cônsul interino.

— A investigação foi concluída — falou Jia calmamente. — Horace Dearborn não subiu ao poder de forma legítima. Ele mentiu e nos traiu. Todos aqui ouviram as palavras ditas por ele próprio. Ele me prendeu injustamente, assim como agora tenta nos aprisionar em nossa cidade enquanto vidas correm risco nos Campos. Abra os portões.

— Abra os portões! — gritou um menino de cabelos escuros; Dru viu Divya sorrir. Era Anush, seu primo.

— Abra os portões! — gritou Divya, golpeando o ar com a espada. — Abra os portões em nome de Raziel!

Jaime assobiou, seu sorriso contagiante.

— *Abre las puertas!*

O grito subiu pelo ar. Mais e mais Nephilim se juntaram — Kadir Safar e Vivianne Penhallow, o grito de “Abra os portões!” formando um coro. Tavvy e Dru se juntaram a eles, Dru se perdendo por um momento nos gritos, sentindo como era fazer parte de algo maior do que ela. Ela subiu num banco, puxando Tavvy consigo, para que pudesse ver a cena toda: a Tropa claramente desconfortável, os Nephilim gritando, os poucos Caçadores de Sombras quietos

e inseguros.

— Não vamos desobedecer ao verdadeiro Cônsul! — gritou Lazlo, seu rosto ficando sombrio. — Morreremos aqui antes de nos forçarem a trair a Lei!

Os gritos vacilaram; ninguém esperava por algo assim. Tavvy arregalou os olhos.

— O que ele quer dizer?

A multidão congelou. Nenhum Nephilim queria ser forçado a ferir outro Nephilim, principalmente depois do pesadelo da Guerra Maligna. Jia pareceu hesitar.

Um Irmão do Silêncio deu um passo à frente. Depois outro, e mais um, suas túnicas farfalhando como folhas ao vento. A multidão recuou para abrir caminho para eles. Dru não pôde deixar de encarar. A última vez que olhara para um grupo de Irmãos do Silêncio fora no dia do enterro de sua irmã.

Uma voz silenciosa ecoou pela praça. Dru via pelas expressões dos presentes que todos estavam ouvindo, ecoando em suas mentes.

*Eu sou o Irmão Shadrach. Conversamos entre nós quanto ao que a Lei nos orienta a fazer. Concluímos que a verdadeira Consulesa é Jia Penhallow. O Irmão Shadrach pausou. Ele e os outros se reuniram silenciosamente e falaram aos membros da Tropa. Abram os portões.*

Fez-se um silêncio. Balogh contorceu o rosto.

— Não! — Foi Paige Ashdown. Havia um tom alto e raivoso em sua voz; o mesmo tom contundente e maldoso que ela sempre usava quando xingava Ty, quando desdenhava das roupas e do peso de Dru. — Não podem nos dizer o que fazer...

O Irmão Shadrach ergueu a mão direita. Os outros Irmãos imitaram o gesto. Fez-se um som, como algo enorme se partindo ao meio, e os portões se abriram, caindo nos membros da Tropa como se eles tivessem sido esmagados por uma mão gigantesca. O ar foi preenchido pelo som de seus gritos enquanto eram nocauteados; os portões se arreganharam e, para além deles, Dru via os Campos Eternos, verdes sob um céu cinzento e dominado pelo combate.

— Nephilim! — Jia tinha sacado sua *dao*; ela a apontou diretamente para a batalha. — Nephilim, *avancem!*

Rugindo com o desejo de lutar, Caçadores de Sombras começaram a jorrar pelos portões abertos da cidade. A maioria saiu pisoteando a Tropa abatida que rolava pelo chão, resmungando de dor. Só Cameron Ashdown, visível graças a seus cabelos ruivos, parou para ajudar sua irmã Paige a se levantar.

Diego e os outros começaram a avançar em direção aos portões. Dru viu Jaime esticar o braço e cutucar o ombro do irmão; Diego assentiu e Jaime se afastou do grupo e correu para Dru. Ela ficou congelada de surpresa no banco

enquanto ele voava pela multidão para chegar a ela. Ele tinha a graça de uma faca de arremesso, seu sorriso era luminoso como a lâmina.

Ele a alcançou; com ela no banco, eles tinham a mesma altura.

— Não poderíamos ter feito nada disso sem você — disse ele. — Foi você que nos libertou. — Ele a beijou na testa, seus lábios leves e rápidos. — No campo de batalha, vou pensar em você.

E então ele desapareceu, correndo para seu irmão assim como Dru desejava correr para o dela.

Ela havia sonhado que poderia lutar junto aos outros. Mas não ia abandonar Tavvy. Permaneceu sentadinha no banco e o colocou no colo, aninhando-o enquanto ambos observavam Diego, Jaime, Rayan, Divya e até Cameron Ashdown desaparecendo pela multidão que atravessava os portões rumo aos Campos.

# 31

## Brilham com mais Rubor

— Não acredito que Magnus fez isso com a gente — disse Ty.

Ele e Kit estavam sentados na toca abaixo do carvalho, perto do acampamento quase destruído. Kit estava com frio por ter passado tanto tempo sentado no chão, mas não era como se pudesse ir a algum lugar. Antes de ir para o campo de batalha com os outros, Magnus havia amarrado Ty e Kit às raízes do carvalho com correntes de luz bruxuleante.

— Desculpem, rapazes — disse ele com faíscas azuis dançando de seus dedos. — Mas prometi a Julian que vocês ficariam a salvo, e a melhor maneira de ter certeza de que isto aconteceria foi garantindo que permaneçam aqui.

— Se ele não tivesse feito isso, você estaria seguindo Julian e os outros até os Campos Eternos — disse Kit. — Dá para entender a lógica dele. — Ele chutou a corrente em volta de seu calcanhar. Era feita de brilho, não havia nenhuma substância real, apenas círculos cintilantes de luz, mas o mantinha no lugar como se fossem feitas de *adamas*. Quando ele tocou a luz em si, levou um leve choque, como o da eletricidade estática.

— Pare de lutar — disse Ty. — Nós ainda não conseguimos escapar; não vai ser agora que vamos conseguir. Temos que achar outra solução.

— Ou poderíamos simplesmente aceitar que temos que esperar até eles voltarem — disse Kit, se apoiando nas raízes. De repente se sentia muito cansado; não fisicamente, mas lá no fundo.

— Não aceito isso — disse Ty, cutucando com um graveto a corrente brilhante em seu tornozelo.

— Talvez você devesse aprender a aceitar coisas que não podem mudar.

Ty levantou o olhar, seus olhos cinzentos brilhando em seu rosto magro.

— Eu sei no que você está realmente pensando — disse. — Você *está*

chateado comigo.

— Sim — respondeu Kit. — Estou chateado com você.

Ty jogou o graveto de lado; Kit deu um pulo.

— Você sabia que eu ia trazer Livvy de volta — falou ele. — Você sempre soube e me disse que estava tudo bem. Você concordou até o último minuto e aí me falou para não fazer. Achei que você se importasse, mas você mentiu para mim. Igual a todo mundo.

Kit engasgou ante a injustiça da situação. *Achei que você se importasse*. Ele falara para Ty o quanto se importava e Ty tratara como se não fosse nada. A humilhação da noite anterior o inundava como uma onda quente, despertando uma raiva amarga.

— Você só se importa com o que é melhor para você — falou entre dentes. — Você despertou Livvy por você, não por ela nem por ninguém. Você sabia do mal que isso poderia causar. Só pensou em você. Eu queria... eu queria nunca ter te conhecido...

Os olhos de Ty se encheram com lágrimas súbitas. Chocado, Kit se calou. Ty era Ty; ele não chorava com facilidade, mas estava limpando as lágrimas com mãos trêmulas. A fúria de Kit desapareceu; ele queria engatinhar pela toca em direção a Ty, que estava balançando a cabeça, falando alguma coisa baixinho...

— Estou aqui.

A expressão de Ty mudou completamente. Ainda havia lágrimas em suas bochechas, mas seus lábios se entreabriram em assombro. Espanto.

Ela estava ajoelhada na beira da parte oca, semitransparente. O vento não levantava as pontas de seus cabelos castanhos, nem ela estremecia com seu vestido branco. O vestido no qual ele tinha pensado na noite anterior, concluindo que ela jamais teria escolhido aquele modelo.

Só agora Kit percebia que ela não tinha escolhido mesmo; o vestido era o que ela estivera usando ao ser cremada, um vestido funéreo de Caçadores de Sombras.

— Livvy — disse Ty. Ele tentou se levantar, mas a corrente de luz em volta de seu tornozelo o puxou de volta para baixo. Ele caiu no lodo.

O fantasma de Livvy Blackthorn sorriu. Ela foi para a toca, sem escalar ou cair, apenas flutuando, como uma pena ao vento.

— O que você está fazendo? — perguntou Ty enquanto ela ajoelhava ao seu lado.

— Eu não devia ter ficado tão brava com você ontem à noite — disse Livvy. — Você teve boas intenções.

— Você veio *se desculpar*? — perguntou Kit.

Livvy virou para olhar para ele. O medalhão de ouro brilhava no pescoço

dela. Era estranho ver dois deles — o que Ty usava, de verdade e brilhante, e o que piscava no pescoço de Livvy. Um sussurro de suas lembranças? O jeito como a morte projetava uma imagem do que as pessoas esperavam que Livvy fosse?

— Eu me esqueci — disse Livvy. — Você vê fantasmas, Herondale.

Ela soava bastante como Livvy. Mas não como *a* Livvy. Havia uma distância fria em seu tom, e a verdadeira Livvy o teria chamado de *Kit*.

Mesmo assim, ela se abaixou para tocar gentilmente o tornozelo de Ty, e, ao toque dela, a corrente de luz de Magnus piscou e desapareceu. Ty lutou para se ajoelhar.

— Por que você fez isso? Porque está arrependida?

— Não — disse Livvy. — Fantasmas não fazem coisas porque estão arrependidos. — Ela tocou a bochecha dele, ou ao menos tentou; seus dedos atravessaram a massa. Ty estremeceu, mas manteve o olhar nela. — Julian, Mark, Helen e Emma estão nos Campos Eternos — disse Livvy, com os olhos desfocados, como se ela estivesse enxergando algo que estava acontecendo em outro lugar. — Você tem que ir para lá e ajudar. Tem que lutar na batalha. Eles precisam de você.

Como se fosse um adendo, ela se virou e tocou a corrente de Kit. Ela desapareceu — e Livvy também. Ela abaixou a cabeça e se foi, nem mesmo um resquício de bruma para registrar que sequer havia estado ali.

A devastação passou pelo rosto de Ty e Kit sentiu uma punhalada de pena. Como seria para ele, mesmo que Livvy aparecesse e prosseguisse como um fantasma? Ela nunca ficaria muito tempo, e não teria como ter certeza de que ela voltaria depois de ir. Seria como perdê-la diversas vezes.

Ty se levantou. Kit sabia que ele não ia falar nada sobre Livvy.

— Você não precisa ir para a batalha — falou. — Pode ficar aqui.

Ele começou a sair da toca. Sem dizer nada, Kit o acompanhou.

Cristina conhecia a História dos Caçadores de Sombras melhor do que ninguém. Ao correr pelo gramado verde, pensou no passado: aqui nos Campos Eternos fora onde Jonathan Caçador de Sombras combatera uma legião de demônios. Enquanto corria, atacando com sua espada, ela seguia os passos dele.

Mark estava ao seu lado. Estava armado com um arco, mais leve e menor do que o de Alec, mas capaz de atirar com velocidade e precisão. O exército Unseelie veio para cima deles enquanto eles abriam caminho em direção a Kieran, e a mão de Mark não saiu do arco, derrubando trolls e ogros com flechadas na garganta e no peito. Cristina atacou os guardas menores e mais



velozes, cortando e rasgando, notando com um horror distante que o sangue dos ferimentos ficava invisível em seus uniformes já tão manchados de sangue.

Um rugido subiu atrás deles.

— O que é isso? — questionou Mark, limpando sangue e suor dos olhos.

— Reforços chegando para Horace e os outros — respondeu Cristina sombriamente. — Estavam montando guarda em volta da cidade.

Mark praguejou baixinho.

— Temos que chegar a Kieran.

Cristina imaginou Mark sentindo o mesmo pânico que ela — Kieran era um só, e havia um bom grupo de guardas vermelhos, soldados de infantaria Unseelie, de kelpies a goblins que haviam jurado lealdade a Oban. Em qualquer direção que olhasse, ela via membros da Corte Unseelie em combate contra seres do Submundo e Caçadores de Sombras: Simon e Isabelle estavam contendo duendes com uma espada e um chicote, Alec derrubando um ogro após outro com seu arco, Maia e Bat atacando trolls com garras e dentes. Ao longe, ela viu Emma e Julian lutando, um de costas para o outro, e Jace, engajado num combate contra Timothy Rockford — mas por que Jace estava usando a parte plana da lâmina...?

— Ali está ele — disse Mark. Eles haviam chegado ao topo de uma colina; no sopé estava Kieran. Ele empunhava a espada que Nene lhe dera e no momento enfrentava um dos guardas vermelhos de ombros largos e com enormes botas de ferro. Mark praguejou. — Ele é chamado de General Winter porque consegue destruir uma vila inteira mais depressa do que uma nevasca mortal.

— Eu me lembro dele. — Cristina estremeceu; ela se lembrou da batalha dos soldados na sala do trono da Corte Unseelie. — Mas... ele vai matar Kieran. Eu li sobre a guarda vermelha. Mark, isso é grave.

Mark não discordou. Ele estava encarando Kieran com olhos preocupados.

— Vamos.

Eles desceram pela colina, passando por diversos soldados Unseelie que estavam se dirigindo para o centro da batalha. Oban continuava cercado por um círculo de goblins, que o protegiam: alguns guardas vermelhos formaram um grupo inconsistente em torno de Winter e Kieran. Eles pareciam ter se reunido para simplesmente apreciar a luta.

Os guardas vibraram quando Winter atacou com sua espada-bastão, acertando um golpe no ombro de Kieran. A camisa branca de Kieran já estava manchada de sangue. Os cabelos estavam brancos, cor de neve ou cinzas, as maçãs do rosto brilhando, muito coradas. Ele bloqueou o ataque seguinte e mirou o torso de Winter; o general mal desviou a tempo de evitar o impacto.

Winter riu.

— Que pena! Você luta como um Rei — disse. — Em cem anos você talvez pudesse ser bom o suficiente para me encarar.

— *Desgraçado* — sibilou Mark. — Cristina...

Ela já estava balançando a cabeça.

— Se formos para cima de Winter agora, os outros guardas vão cair em cima da gente — alertou ela. — Rápido, sinalize para Gwyn. Ele vai atacar Oban. Pode nos dar uma chance.

Os olhos de Mark lampejaram com compreensão. Ele colocou a mão na boca e assobiou, aquele assobio baixinho da Caçada Selvagem que pareceu vibrar nos ossos de Cristina.

Uma sombra passou pelo céu. Fez a curva e voltou: Gwyn montado em Orion. Ele voou baixo sobre o campo; Cristina viu Diana se virar e esticar os braços. Um instante depois, Gwyn a puxava para as costas de Orion. Eles voaram novamente para o ar, Diana e o líder da Caçada Selvagem.

Juntos eles voaram baixo sobre os goblins que cercavam Oban. Diana, com seus cabelos escuros ao vento, se abaixou nas costas do cavalo, atacando com sua espada, cortando o peito de um guarda goblin. Os outros gritaram e começaram a se espalhar enquanto Diana os atacava do céu, com Gwyn sorrindo sob o capacete.

Mas Kieran ainda estava muito encrencado. Ele mal conseguia conter Winter, cuja espada golpeava sem parar contra sua lâmina. Enquanto Cristina assistia à cena, horrorizada, um dos ataques de Winter derrubou Kieran; ele rolou de lado e se levantou, escapando por pouco de um segundo golpe mortal.

Mark e Cristina saíram correndo em direção a ele, mas um guarda vermelho que estava assistindo à luta agiu rápido para bloquear a passagem de ambos. A tal proximidade, o arco de Mark era menos eficiente; ele sacou uma espada curta do cinto e partiu para cima do guarda, atacando vigorosamente ao mesmo tempo que tentava alcançar Kieran. Outro guarda surgiu na frente de Cristina; ela o despachou com um golpe cortante, rolando sob a rota de mais uma lança. Uma bota de metal a acertou na lateral e ela gritou, sentindo suas costelas quebrarem. Uma dor agonizante ardeu pelo seu corpo enquanto ela desabava.

Enquanto isso, a guarda de goblins de Oban já estava farta. Largando as armas na pressa de escapar, eles se afastaram de Oban e seguiram para o coração da batalha, com Diana e Gwyn em seu encalço. Oban, subitamente sozinho no campo, olhou em volta num pânico furioso antes de pegar a espada do goblin.

— Voltem, seus malditos! — gritou. — Voltem aqui! É uma ordem!

Engasgando de agonia, Cristina tentou se levantar. A dor dos ossos quebrados a fazia se encolher no chão; ela viu dois guardas junto a si e pensou: *é o fim*.

Então eles tombaram, um de cada lado, ambos mortos. Um Mark coberto de sangue se inclinou para ela, com o rosto pálido.

— Cristina! *Cristina!*

Cristina agarrou Mark, engasgando de dor.

— *Iratze.*

Mark catou a estela enquanto Winter berrava:

— Rei Oban!

Cristina virou a cabeça para o lado. Winter logo estava em cima de Kieran, que se encolhia no chão, com a espada estilhaçada ao seu lado. Cristina ficou condoída por ele, mesmo enquanto Mark desenhava um rápido *iratze* em sua pele.

Ela mal notou a dor sumir. *Ah, Kieran.*

— General Winter! — gritou Oban, acenando para o guarda que estava em cima de Kieran como se estivesse matando uma mosca. Rendas manchadas jorravam de suas mangas e as calças de veludo estavam arruinadas além de qualquer reparo. — Ordeno que mate o traidor!

Winter balançou a cabeça lentamente. Ele era uma figura enorme, seus ombros quase rasgavam a costura do uniforme manchado de sangue.

— Você tem que fazer isso, senhor — disse ele. — É a única maneira de tornar genuíno seu direito ao trono.

Com uma carranca petulante, Oban, com a espada junto à lateral, avançou, atravessando o gramado entre ele e Kieran. Mark olhou para Cristina. Ela assentiu, *sim*, e ele estendeu a mão para ela, levantando-a do chão.

Eles se olharam uma vez. Em seguida, Mark correu para a direita, avançando em direção a Winter e Kieran.

Cristina foi para a esquerda e se colocou diretamente na frente de Oban.

— Você não vai encostar em Kieran — disse ela. — Não vai dar mais nenhum passo.

Ela ouviu Winter gritar, surpreso. Mark tinha se jogado nas costas do general. Winter o desvencilhou para longe, mas não antes de Kieran se levantar, cambaleando.

Oban olhou exasperadamente para Cristina.

— Você sabe quem eu sou, Caçadora de Sombras? — questionou. — Ousa atravessar o caminho do Rei Unseelie? Você não é ninguém e nem nada importante.

Cristina ergueu a espada entre ela e Oban.

— Eu sou Cristina Mendoza Rosales, e se você machucar ou matar Kieran, terá que lidar comigo. — Ela viu o brilho nos olhos prateados de Oban e ficou se perguntando por que tinha visto qualquer semelhança com Kieran. Eles não eram

nada parecidos. — Você não tem a fibra de um Rei — disse ela com a voz baixa. — Corra, agora. Esqueça isto e viverá.

Oban olhou para Winter, que estava combatendo Mark e Kieran; eles estavam conseguindo fazê-lo recuar. Guardas mortos se espalhavam pelo chão; a grama estava escorregadia de sangue. Ao longe, Gwyn e Diana circulavam em Orion.

Nos olhos de Oban, Cristina viu o próprio pavor, não pela morte que o cercava, mas pela imagem de tudo o que estava escapulindo — realeza, riquezas, poder.

— Não! — gritou e avançou com a espada para cima dela.

Cristina reagiu ao golpe de Oban, manejando a espada num arco selvagem. A surpresa brilhou nos olhos dele quando as lâminas tilintaram num choque. Ele caiu para trás, surpreso, mas se recuperou rapidamente. Era um bêbado e um vagabundo, mas ainda um Príncipe do Reino das Fadas. Quando atacou novamente, com os dentes expostos, sua espada atingiu a dela com força suficiente para que os ossos de Cristina reverberassem. Ela tropeçou, se recompôs e o atacou de novo — e de novo. Ele reagia aos golpes dela, a própria espada veloz e furiosa. Com a ponta, ele cortou o ombro dela, e ela sentiu o sangue começar a correr.

Cristina começou a rezar.

*Abençoado seja o Anjo, minha força, que orienta minhas mãos para a guerra e meus dedos para a luta.*

Por toda a vida, ela quis fazer alguma coisa para aliviar a dor da Paz Fria. Eis sua chance. Raziel havia trazido a oportunidade a ela. Ela faria isso por Emma, pelos Blackthorn, por Diego e Jaime, por Mark e Kieran, por todos os Rosales. Por todos que sofreram com a paz que era na verdade uma guerra.

Uma tranquilidade preencheu seu coração. Ela ergueu sua lâmina como se fosse a Gloriosa, como se fosse uma lâmina brilhante do paraíso. Então viu medo nos olhos de Oban, mesmo enquanto ele fazia menção de atacá-la novamente, abaixando a espada num arco lateral. Ela girou num círculo, evitando o golpe, e durante o giro cravou a lâmina entre as costelas dele.

Um suspiro pareceu passar pelo mundo. Ela sentiu o metal da espada raspar o osso, sentiu o sangue quente esguichar em seu punho. Puxou a espada; Oban cambaleou, olhando, incrédulo, para o sangue que se espalhava por sua roupa.

— Você — arfou ele, ainda incrédulo. — Quem é você?

*Ninguém importante.*

Mas não adiantava falar. Oban tinha caído no chão, as mãos caindo soltas nas laterais, os olhos perdendo o foco. Ele estava morto.

Mark e Kieran batalhavam desesperadamente. Cristina sabia que eles não estavam lutando pelas próprias vidas, mas sim lutando pela vida do outro.

— O Príncipe Oban está morto! — gritou ela. — Oban está *morto*!

Ela deu um passo para a frente na grama molhada de sangue, gritando para Winter, para Mark e Kieran, para todos que pudessem ouvir.

Foi o General Winter que a ouviu gritar. Ele parou, alto e proibitivo como um muro entre Cristina e os meninos que ela tanto amava. Sua cabeça vermelha se virou. Seus olhos vermelhos assimilaram Cristina, e depois o que havia atrás dela, um montinho de sangue e veludo.

Suas juntas ficaram brancas onde segurava a espada. Por um momento, Cristina o imaginou vingando seu Rei em Kieran e Mark. Ela sentiu o fôlego preso na garganta.

Pesado e assustador como uma avalanche, Winter caiu de joelhos lentamente. Inclinou sua cabeça escurecida de sangue. Sua voz explodiu como um trovão ao dizer:

— Milorde soberano, Rei Kieran.

Kieran e Mark estavam lado a lado, suas lâminas ainda erguidas, ofegando de forma uníssona. Cristina caminhou sobre a terra ensopada de sangue para que ela e Mark ficassem um de cada lado de Kieran.

O rosto de Kieran estava incrivelmente pálido. Havia algo de perdido e desamparado nele, mas seus olhos investigavam o rosto de Cristina, como se ele pudesse se encontrar ali. Ela agarrou a mão dele. Os olhos de Kieran foram de Cristina para Mark, e ele empinou o queixo. Estava com a coluna ereta como uma lâmina. Cristina o notou ajeitando os ombros, como se estivesse se preparando para sustentar um fardo pesado.

Ela fez um juramento silencioso para si: ela e Mark o ajudariam a carregar tal fardo.

— O Príncipe Oban está morto — disse Mark. Sua voz subiu para o céu, para Diana e Gwyn que cavalgavam acima de suas cabeças. — Kieran Filho do Rei é o novo Rei de Unseelie! Vida longa ao Rei!

Eles chegaram aos limites da floresta, praticamente correndo durante todo o trajeto, tropeçando em raízes na pressa de chegarem aos Campos Eternos. Não havia fronteira definida entre os Campos e a floresta: as árvores simplesmente foram rareando e Ty parou, sem fôlego. Kit parou ao lado dele, olhando fixamente.

Parecia um filme. Ele não conseguiu conter o pensamento, embora se sentisse levemente envergonhado dele — como um filme com efeitos especiais incríveis e atenção a todos os detalhes. Sempre pensara nas batalhas como uma coisa organizada, duas filas de soldados avançando uma contra a outra. Em vez disso,

viu um caos — menos parecido com um tabuleiro de xadrez, e mais com uma torre de Jenga derrubada. Soldados lutavam em moitas, rolavam em valas, se espalhavam pelos Campos. O ar cheirava a sangue e estava carregado de barulho — o clangor de metal em metal, soldados gritando, o uivo de lobos, os berros dos feridos.

O barulho. Kit se virou para Ty, que estava pálido.

— Eu não consigo... não trouxe meus fones — disse Ty.

Kit também não se lembrou deles, mas e daí, ele sequer estivera esperando lutar. Sequer imaginara que *haveria* uma luta nessa extensão. Era imensa. Os portões da cidade de Alicante estavam abertos, e mais Caçadores de Sombras entravam, aumentando o barulho e o caos.

Ty não daria conta. Ele não sobreviveria ao fato de estar no centro daquilo sem nada para proteger os ouvidos e os olhos.

— Está vendo Julian? — perguntou Kit. Talvez se Julian estivesse por perto, se eles pudessem alcançá-lo...

A expressão de Ty desanuviou um pouco.

— Calma aí. — Ele verificou o interior do casaco, onde havia guardado diversas facas e um estilingue. Também tinha um bolso cheio de pedras; Kit vira mais cedo.

Ty correu para a árvore mais próxima — um carvalho grande e com galhos espalhados — e começou a subir rapidamente.

— Espere! — Kit correu até a base do tronco e olhou para cima. Ty já estava desaparecendo entre as folhas. — O que você está *fazendo*?

— Pode ser que eu consiga ver os outros de um ponto mais alto — gritou Ty. Um galho balançou. — Lá estão eles... estou vendo Alec. E Jace; ele está lutando contra alguns membros da Tropa. Mark e Cristina estão perto dos guardas. Lá está Helen... um troll está chegando perto dela por trás... — Ouviu-se um assobio e um farfalhar de folhas. — Não mais — acrescentou Ty com uma voz satisfeita, e Kit se deu conta de que ele provavelmente usara seu estilingue. — Kit, suba aqui... dá para ver tudo.

Não houve resposta.

Ty se inclinou nos galhos, procurando o chão da floresta abaixo do carvalho. Kit tinha sumido.

Alec tinha encontrado uma rocha, uma das poucas nos Campos. Isso era uma coisa boa, porque ele era o melhor possível quando se encontrava numa pequena elevação — enquanto Jace corria em direção a ele, costurando pelos soldados Unseelie e por amigos do Submundo, assistiu com uma admiração fraterna

enquanto Alec atirava uma flecha atrás da outra com uma velocidade mortal e uma precisão mais mortal ainda.

— Alec. — Jace alcançou Alec. Um troll corria para eles, as presas sujas de sangue, seu machado erguido. Seus olhos brilhavam com ódio. Jace sacou uma faca do cinto e arremessou, e o troll caiu, gorgolejando, com a lâmina na garganta.

— O que foi? — Alec não olhou para ele. Levantou o arco outra vez, preparou e acertou um goblin com dentes de vidro que estava avançando para Simon. Simon fez uma saudação improvisada para ele e voltou à luta contra uma coisa musgosa que Jace desconfiava ser uma dríade que dera errado.

— Os portões da cidade estão abertos...

— Eu percebi. — Alec atirou na dríade. A criatura correu para as árvores.

— Mais membros da Tropa estão entrando no campo.

— E mais dos nossos aliados também. Jia está aqui — disse Alec.

— É verdade. — Um ogro veio para cima de Jace pela esquerda. Ele o cortou com rápida eficiência. — Cadê o Magnus?

Alec olhou para Simon com olhos semicerrados; ele tinha se juntado a Clary, que estava fatiando um guarda vermelho. Eles eram os guardas fada mais mortais no campo de batalha, mas Jace ficou feliz em ver Clary dar conta do dela com tranquilidade. Ela o atacou no joelho, e quando ele caiu, Simon cortou sua cabeça. Um belo trabalho *parabatai*.

— Por que você quer saber onde está Magnus? — perguntou Alec.

— Porque todos esses membros da Tropa são *Caçadores de Sombras* — respondeu Jace com franqueza. — Estou tentando não os matar. Estou usando a parte lisa da minha lâmina, batendo na cabeça deles quando caem, ou deixando Clary usar as Marcas de nocaute dela, mas é muito mais difícil não matar pessoas do que matar. — Ele suspirou e atirou uma faca num pixie em pleno ataque. — A ajuda de Magnus seria útil.

— Sabe — disse Alec —, vampiros são muito bons em derrubar pessoas sem matá-las. É só pegar uma pessoa, beber sangue suficiente para que elas desmaiem, e *voilà*.

— Não está ajudando — queixou-se Jace. Outro troll correu para eles. Jace e Alec alcançaram suas armas ao mesmo tempo. O troll olhou para eles, deu meia-volta e fugiu.

Alec gargalhou.

— Está com sorte, *parabatai* — disse ele, e apontou para os limites da Floresta Brocelind.

Jace seguiu o gesto dele. Aquela região estava muito sombreada, mas Clary tinha aplicado símbolos de Visão de Longo Alcance nele mais cedo. Deu para

ver uma pequena figura empoleirada no meio de um carvalho, usando um estilingue para derrubar soldados Unseelie. Interessante. Também viu Magnus, que tinha acabado de surgir das sombras, sob as árvores.

Ele ainda estava com trajes de feiticeiro — uma capa preta costurada com estrelas prateadas, correntes de prata no pescoço e nos pulsos, cabelos totalmente arrepiados. Fogo azul se espalhava de suas mãos. Fluía pelos ares, e as nuvens já espessas começaram a se aproximar.

Clary correu até eles, abrindo caminho entre os trolls e ogros mortos. Ela estava sorrindo.

— Achei que ele estivesse preocupado que não fosse conseguir! — exclamou ela. — Ele está tão maneiro com essa roupa.

— Observe — disse Alec, dando uma piscadela para ela. — E ele está mesmo maneiro. — Ele atirou num troll que se aproximava, só para o caso de alguém se preocupar com a hipótese de ele estar afrouxando no combate.

Jace não se preocupara. O campo estava começando a turvar em caos, lobisomens e feiticeiros, fadas e Caçadores de Sombras, todos se virando para olhar para Magnus enquanto magia azul e sombria emanava de suas mãos, se espalhando para o céu.

O céu em si começou a escurecer. Era como se tivessem aberto um lençol acima: entrava uma iluminação filtrada, mas não meramente luz — uma luz fraca azulada como a luminosidade das estrelas ou do luar. Gwyn e Diana circulavam no céu que escurecia.

Magnus começou a balançar. Jace sentiu Alec ficando tenso. Era uma magia imensa — do tipo que esgotava o poder de um feiticeiro.

Outra figura surgiu do bosque. Um homem de pele verde e chifres curvados, com cabelos tão brancos quanto os de Catarina. Estava usando jeans e camiseta preta com dizeres em branco.

Ele colocou a mão no ombro de Magnus.

— Aquele é Ragnor Fell com uma camisa que diz “Ragnor Vive”? — perguntou Clary impressionada. Ragnor era um dos amigos mais antigos de Magnus e tinha passado muitos anos fingindo estar morto, e depois outros vários fingindo ser um feiticeiro chamado Shade. Jace e Clary tinham bons motivos para o conhecerem bem.

— Eu não iria para uma batalha com uma camisa dizendo “Simon Vive” — disse Simon, que estava no alcance auditivo deles. — Parece um pedido para atrair encrenca.

Alec riu.

— Acho que ele vai ficar bem — falou enquanto Ragnor segurava firme em Magnus e Magnus erguia as mãos, liberando mais luz azul e preta. — Ele só está



dando um pouco de força para Magnus.

O céu tinha ficado tão escuro quanto no pôr do sol, porém sem o brilho do sol poente. Magnus abaixou as mãos quando, da floresta atrás dele, protegidos pela recente escuridão, vieram os vampiros — Lily na frente, correndo pelo campo para se juntar à batalha.

— Eu sei o que você falou — disse Jace, vendo os vampiros fecharem o intervalo entre eles e a Tropa —, mas os vampiros receberam o memorando sobre não matar Caçadores de Sombras?

Alec sorriu.

— Pelo Anjo! — praguejou Aline, boquiaberta.

Helen girou, erguendo a espada. Lutar ao lado de pessoas amadas era sempre aterrorizante. Você não lutava só para se proteger; lutava por eles também. Ela lutaria contra um Demônio Maior de mãos vazias se fosse para salvar Aline.

Aline pegou o braço da espada de Helen.

— Minha mãe! — Ela soava quase incoerente. — Eles estão vindo da cidade, e minha mãe está com eles!

Os portões de Alicante estavam escancarados e Caçadores de Sombras jorravam por eles. Na dianteira da cavalgada, ela viu Jia, com uniforme de combate e uma enorme *dao* curva na mão, além de Centuriões — Diego, Rayan, Divya e outros — em cada um de seus flancos. *A sogra mais assustadora de todos os tempos*, pensou Helen.

Helen e Aline correram para os recém-chegados. Ao se aproximarem, Aline se libertou e correu para abraçar a mãe. Jia abaixou a espada e envolveu a filha com o braço livre, as cabeças abaixadas juntas.

— Cadê o papai? — perguntou Aline, recuando para examinar o rosto da mãe.

— Ainda na cidade. Está coordenando com Carmen Mendoza e os Irmãos do Silêncio para garantir que as pessoas que estão lá fiquem em segurança.

— Mas como vocês saíram do Gard? — perguntou Aline.

Jia quase sorriu.

— Drusilla nos soltou ontem à noite. Ela é uma menina muito empreendedora! Por falar nos Blackthorn, Helen, venha cá.

Um pouco hesitante, Helen se aproximou de Jia. Ela sempre achara sua sogra impressionante, mas nunca tão intimidante quanto agora.

Jia passou o braço em torno dela e a aninhou com tanta força que Helen se lembrou da própria mãe, Eleanor, e da intensidade de seu abraço.

— Minha querida, você fez um belo trabalho no Instituto — disse Jia. —

Estou muito orgulhosa.

Divya fungou.

— Que *fofa*.

Jia encerrou o abraço, toda séria outra vez.

— Muito bem, pessoal, chega de espanto. Estamos entrando numa batalha, uma na qual lutaremos contra outros Caçadores de Sombras. Pessoas que preferíamos não matar. Precisamos formar uma Configuração Malaquias.

Helen se lembrava vagamente do que era uma Configuração Malaquias — uma prisão mágica temporária criada por *adamas* e símbolos. Às vezes eram utilizadas pelo Inquisidor ou pelos Irmãos do Silêncio quando não havia outra forma de segurar um prisioneiro.

Diego foi o primeiro a responder.

— Pode deixar! — Ele pegou uma lâmina serafim e atravessou para a beira dos Campos antes de se ajoelhar para espetá-la na terra. — Eu fico com o norte; Divya, você vai para o sul; Rayan, para o leste. Precisamos marcar os quatro pontos cardeais.

— Mandão, mandão — disse Divya, mas estava sorrindo. Aline também se pôs a ajudar, indo para o ponto oeste. O restante dos recém-chegados estava sacando armas. Jaime preparava o arco, nitidamente ansioso para correr para a batalha.

Jia disse:

— Lembrem-se do que Drusilla disse sobre o plano da Vigilância. Tentem não matar membros da Tropa se tiverem escolha. Tragam todos para cá, em direção à Configuração. Eles ainda são Caçadores de Sombras, ainda que estejam desorientados.

Com urras e gritos, os Caçadores de Sombras correram para o campo e se engajaram na batalha exatamente quando um doce chiado soou e a Configuração Malaquias acendeu.

Uma luz se espalhou pelas quatro lâminas angelicais, formando uma jaula cujas paredes eram feitas de luz inconstante. Pareciam tão delicadas quanto asas de borboletas, prismáticas como vidro. Helen olhou para a Configuração e torceu para que o plano de poupar vidas da Tropa não fosse em vão. As paredes da prisão pareciam frágeis demais para aguentarem tanto ódio.

— Me solta! — gritava Kit. Ele sabia que não adiantaria muito. Emma o segurava com firmeza pelas costas da camisa e o conduzia pelos limites da floresta, se mantendo nas sombras. Ela parecia absolutamente furiosa.

— O que você está fazendo aqui? — quis saber ela. Estava com sua espada

dourada na mão livre, os olhos mirando tudo com uma mistura de raiva e vigilância. — Quando te vi, quase tive um infarto! Você deveria estar no acampamento!

— E Ty? — disse Kit, se contorcendo na garra de ferro de Emma. — Ele está lá atrás. Ele está *numa árvore*. Não podemos deixá-lo sozinho.

Alguma coisa assobiou sobre as cabeças, e um ogro que se aproximava caiu com um círculo definido no meio da testa.

— Ele me parece bem — falou Emma secamente. — Além disso, eu prometi a Tessa que não deixaria que você chegasse perto da batalha *ou* de fadas, e esta é uma batalha cheia de fadas. Ela vai me *matar*.

Kit ficou chateado.

— Por que não posso chegar perto de batalhas ou de fadas? Não luto tão mal assim!

Emma girou e ficou de frente para ele, felizmente soltando sua camisa ao fazê-lo.

— Não é isso! — respondeu ela, irritada. Seu uniforme estava sujo e manchado de sangue, o rosto, arranhado e cortado. Kit ficou se perguntando onde Julian estaria; *parabatai* normalmente lutavam juntos em batalha, não?

— Não sei o que há de tão importante em mim — disse Kit.

— Você é mais importante do que pensa — falou Emma. De repente, seus olhos arregalaram. — Ah *não*.

— O quê? — Kit olhou em volta, desgovernado. A princípio não viu nada de diferente, pelo menos não no contexto da grande briga entre fadas e Caçadores de Sombras.

Então uma sombra recaiu sobre eles e ele se deu conta.

A última vez que vira os Cavaleiros de Mannan fora em Londres. Havia seis deles agora, brilhando em bronze e ouro; os cavalos tinham ferraduras douradas e prateadas, os olhos pretos. Os Cavaleiros usavam armaduras sem juntas ou rebites para se sustentarem — um bronze liso e de aspecto líquido que os cobria do pescoço aos pés como carapaças brilhantes de insetos.

— Para trás de mim, Kit. — Emma tinha ficado branca. Ela se colocou na frente de Kit, erguendo Cortana. — Fique abaixado. Eles provavelmente estão atrás de mim, e não de você.

Os Cavaleiros avançaram para eles, como um banho de estrelas cadentes. Eram lindos e horríveis. Kit só tinha levado a adaga Herondale que Jace lhe dera. E agora se dava conta do quanto estava despreparado. Que tolo.

Um dos Cavaleiros parou e gritou, agarrando o próprio braço num gesto de dor. O estilingue de Ty, percebeu Kit, e sentiu uma onda relutante de calor e uma pontada súbita de medo — e se ele nunca mais visse Ty?

O Cavaleiro atingido praguejou; eles estavam quase acima de suas cabeças e Kit conseguia ver seus rostos direitinho — os cabelos bronze, as feições frias e angulosas.

— Seis contra um? — gritou Emma, com o vento soprando seus cabelos. — São tão desonrosos assim? Desçam um por um e lutem contra mim! É um desafio!

— Parece que você não sabe contar, Caçadora de Sombras assassina — disse Ethna, a única mulher dentre os Cavaleiros. — Vocês são dois.

— Kit é uma criança — retrucou Emma, o que irritou Kit, mesmo sabendo que ela provavelmente estava certa em dizer aquilo. A voz de Kieran estava em sua cabeça: *os filhos de Mannan nunca foram derrotados*.

Do outro lado do campo, Julian corria para eles. Helen corria ao seu lado, e Aline. Mas eles jamais alcançariam Emma e Kit a tempo.

— Kit é *a* criança — disse Etarlam com um sorriso zombeteiro. — O descendente da Primeira Herdeira.

— Entregue-o para nós — disse Karn. — Entregue-o e talvez a poupemos.

A garganta de Kit secou.

— Não é verdade — disse ele. — Não tenho sangue de fada. Sou um Caçador de Sombras.

— É possível ser as duas coisas — disse Ethna. — Concluímos quando o vimos naquela cidade suja.

Ela estava falando de Londres, pensou Kit, tonto. Ele se lembrou de Eochaid olhando para ele, dizendo: *eu conheço você. Conheço seu rosto*.

— Você é a cara dela — disse Eochaid, agora com um sorriso. — A cara de Auraline. E a cara de sua mãe.

— Nós a matamos — disse Ethna. — E agora vamos matar você também, e limpar qualquer rastro de sua linhagem suja deste mundo e do nosso.

— O quê? — Kit se esqueceu do medo, se esqueceu da ordem de Emma para que ficasse atrás dela. Esqueceu-se de que alguém estava vindo em seu auxílio. Esqueceu-se de tudo, menos das palavras de Ethna. — Você matou minha mãe? *Minha mãe?*

— O que achou que tinha acontecido a ela, criança? — provocou Ethna. — Sim, derramamos o sangue dela por ordens do Rei. Ela morreu gritando por você, embora nunca tenha dito seu nome ou revelado sua localização, mesmo enquanto a torturávamos. Talvez isso lhe traga algum conforto nesses momentos finais! — Ela gargalhou, e num instante todos os Cavaleiros estavam gargalhando também, a silhueta de seus cavalos empinando contra o céu.

Um fogo frio se espalhou pelas veias de Kit; ele foi até os Cavaleiros, como se pudesse se esticar e puxá-los do céu.

Sentiu o símbolo de Talento que Ty havia aplicado em seu braço começar a queimar.

Emma praguejou, tentando agarrar Kit e puxá-lo de novo para trás de si.

— Você não pode — dizia ela. — Não pode, eles são invencíveis, *Kit...*

Os Cavaleiros sacaram suas espadas. O metal brilhou no céu. Eles bloquearam o sol ao descer em direção a Emma e Kit. Emma levantou a espada quando Ethna, com olhos ardentes montada em seu garanhão, a atacou, lâmina contra lâmina. Emma perdeu o equilíbrio e foi jogada para trás. Caiu com um impacto que Kit escutou. Ela se levantou enquanto Ethna conduzia o cavalo ao seu redor, rindo, e aí começou a correr para Kit, mas os outros Cavaleiros também estavam vindo — guiando suas montarias em direção a Kit com tanta veemência que a grama abaixo deles ficou lisa — ele levantou as mãos como se pudesse contê-los com um gesto, e ouviu Eochaid rir...

Alguma coisa nele se rompeu, inundando seu corpo com poder. Fluiu por ele, elétrico, explodindo das palmas das mãos, e então cercou os Cavaleiros como se fosse uma rede. Kit ouviu os gritos de horror e surpresa deles; em seguida eles incitaram os cavalos a subirem, para os céus...

Kit cerrou as mãos e os cavalos desapareceram. Sumiram do mundo entre uma respirada e outra. Os Cavaleiros, que já tinham subido alto para fugir, despencaram pelo ar, gritando; caíram no meio da batalha e desapareceram de vista.

Kit caiu de costas sobre a grama. Estava arfando. *Morrendo*, pensou ele. *Estou morrendo. Não posso ser quem eles disseram. É impossível.*

— Kit! — Emma estava agachada junto a ele, puxando o colarinho da camisa para o lado para aplicar um *iratze*. — Kit, pelo Anjo, o que você fez?

— Eu não... sei. — Ele sentia como se não tivesse ar no corpo. Seus dedos se movimentavam debilmente sobre a terra. *Me ajude, Emma. Me ajude.*

*Diga a Ty...*

— Está tudo bem. — Havia mais alguém ali com ele, alguém com um rosto familiar e uma voz reconfortante. — Christopher. Christopher, respire.

Era Jem. Fechando os olhos, Kit deixou que os braços gentis de Jem o levantassem do chão, e a escuridão caiu como a cortina ao final de um espetáculo teatral.

— *Emma!*

Aturdida, Emma tropeçou um pouco enquanto se aprumava. Ela estava curvada em cima de Kit, depois Jem veio — e então Kit sumiu. Ainda se sentia tonta devido ao choque do ataque dos Cavaleiros e a estranheza do que veio a

seguir.

Kit fez os cavalos dos Cavaleiros desaparecerem e eles caíram no meio da batalha, causando estragos. E agora Julian estava aqui, olhando para ela com preocupação.

— Emma — disse Julian novamente, colocando as mãos nos ombros dela e virando-a para fitá-lo outra vez. — Você está bem?

— Aline e Helen — falou ela sem fôlego. — Elas estavam com você...

— Elas foram ajudar os outros — explicou ele. — Os Cavaleiros estão causando caos no campo...

— Lamento muito — disse Emma —, eu não sabia que Kit...

— Eu não lamento — falou Julian, e havia algo de selvagem em seu tom que a fez levantar o olhar, a mente desanuviando. O rosto de Julian estava manchado de sangue e terra. O uniforme rasgado no ombro, as botas pesadas com lama e sangue. Ele era lindo. — O que quer que tenha acontecido, o que quer que Kit tenha feito, ele salvou sua vida. Os Cavaleiros teriam te matado.

Ela estava sem ar de tanto medo, porém não por si, mas por Julian. Os Cavaleiros odiavam eles dois. Gwyn e Diana estavam circulando sobre os Campos, anunciando que Oban estava morto, que Kieran era o Rei. Talvez Kieran pudesse dar ordens aos Cavaleiros — talvez não. No momento, ainda não tinham jurado lealdade a ele. Estavam sem mestre, presentes apenas por sangue e vingança, e eram muito perigosos.

— Você precisa de um *iratze*? — Julian continuava segurando os ombros dela. Emma queria abraçá-lo, queria tocar seu rosto e se certificar de que ele estava inteiro e bem. Sabia que não podia.

— Não — falou Emma. O uso de Marcas entre eles era muito perigoso. — Estou bem.

Lentamente, ele abaixou a cabeça e tocou a testa na dela. Ficaram parados por um instante. Emma podia sentir a energia *parabatai* nos dois, vibrando sob a pele como uma corrente elétrica. Não havia ninguém em volta; eles estavam bem na periferia do combate, quase na floresta.

Ela se sentiu sorrindo discretamente.

— Ty está numa árvore com um estilingue — falou ela quase num sussurro.

Julian recuou, com um olhar entretido passando pelo seu rosto.

— Eu sei. É o lugar mais seguro para ele, acho, mas quando eu descobrir como escaparam do feitiço de Magnus, não sei qual dos dois eu vou matar primeiro. — Houve uma comoção súbita; Emma olhou para o campo e viu lampejos em bronze. Os Cavaleiros tinham se reagrupado; estavam atacando com suas lâminas, abrindo um caminho através de vários Caçadores de Sombras. Diversos corpos estavam encolhidos no chão: com uma pontada, ela reconheceu

os cabelos louros de Vivianne Penhallow, agora manchados de sangue.

Emma agarrou Cortana.

— Julian... onde está a Espada Mortal?

— Dei para Jace — disse ele enquanto ambos corriam pela grama esmagada.

— Detestei carregar aquela coisa velha. Ele vai gostar.

— Provavelmente — admitiu Emma. Ela olhou em volta: o céu girava em azul e preto. Corpos de membros do Submundo e Caçadores de Sombras estavam espalhados pelo chão; ao avançarem, Emma quase pisou num cadáver uniformizado de Centurião, os olhos revirados para o céu. Era Timothy Rockford. Ela conteve uma onda de náusea e virou as costas. Um guarda vermelho surgiu atrás dela.

Ela ergueu Cortana, a lâmina fatiando o céu.

— Emma! — Julian a segurou pelo ombro. — Tudo bem — disse ele enquanto o guarda vermelho dava meia-volta e desaparecia na multidão. — Os soldados Unseelie não sabem o que fazer. Alguns ainda estão seguindo Oban. Outros estão recuando por ordens de Kieran. Está um caos.

— Então pode estar acabando? — perguntou ela, sem fôlego. — Podemos estar ganhando?

Ele passou a mão no rosto, espalhando ainda mais sujeira nas bochechas. Seus olhos brilhavam azul-esverdeados à luz estranha das nuvens; o olhar de Julian a percorreu, e ela o reconheceu como o abraço que ele não podia dar, as palavras que não podia dizer.

— A Tropa não vai desistir — disse ele no fim das contas. — Ainda estão lutando. Estamos tentando não feri-los, mas eles não estão facilitando as coisas.

— Onde está Horace? — perguntou Emma, esticando a cabeça para ver o que estava se passando no campo.

— Ele se manteve cercado por seus seguidores — disse Julian, saltando sobre o corpo de um troll abatido. — Jace e os outros estão tentando alcançá-lo, mas a Tropa está disposta a morrer por ele e não queremos matá-los. Como eu disse, eles não estão facilitando.

— É melhor voltarmos para ajudar. — Ela começou a atravessar o campo, com Julian ao seu lado. Membros do Submundo passaram por eles, se lançando contra fadas Unseelie e Nephilim da Tropa. Jessica Beausejours estava lutando para afastar uma vampira de cabelos pretos com uma lâmina serafim, enquanto um licantrope rolava pelo chão com um troll, dois pares de presas atacando.

Emma ouviu alguém gritar. Era Mark — ela também conseguia ver Cristina, não muito longe, numa luta de espadas contra Vanessa Ashdown. Cristina estava atacando cuidadosamente, tentando não machucar Vanessa; já Vanessa não estava demonstrando o mesmo cuidado — tinha uma espada-bastão na mão e

estava obrigando Cristina a recuar com golpes violentos.

Mark, no entanto... Mark estava encarando Eochaid. Um Cavaleiro o encontrara.

Emma e Julian correram imediatamente, acelerando para Mark. Ele estava recuando, com o arco na mão, mirando cuidadosamente, mas cada flecha que acertava Eochaid parecia apenas desacelerá-lo, e não o deter.

*Ninguém nunca matou um dos Cavaleiros de Mannan em toda a história que conheço.*

Emma tinha matado um dos Cavaleiros. Mas Emma tinha Cortana. Mark tinha só um arco comum, e Cristina e Kieran estavam presos na multidão. Eles jamais chegariam a tempo para ajudar Mark.

Emma ouviu Julian sussurrar o nome do irmão. *Mark*. Eles estavam correndo pelo solo acidentado — Emma sentia a energia *parabatai* que os conduzia —, quando algo surgiu e a atingiu. Ela voou, caiu no chão e se levantou.

Na sua frente estava Zara.

Zara estava cortada e imunda, seus cabelos longos embolados em montes de sangue e terra. Seu uniforme colorido de Centurião tinha sido retalhado. Havia linhas de sujeira em seu rosto, mas suas mãos, que agarravam uma espada, estavam firmes. Assim como seu olhar, fixo em Cortana.

— Devolva minha espada, sua *vaca* — rosnou ela.

Paralisado pela queda de Emma, Julian girou e viu sua *parabatai* encarando Zara Dearborn. Zara estava manejando a espada para a frente e para trás enquanto Emma a observava com um olhar confuso: Zara não era uma boa combatente, mas também não era *tão* ruim assim.

Emma encontrou o olhar de Julian enquanto erguia Cortana: *vá, vá até Mark*, dizia sua expressão. Julian hesitou por um instante — mas Emma dava mais do que conta de Zara. Ele girou e correu para o irmão.

Mark ainda estava lutando, porém estava pálido, sangrando de um corte no peito. Eochaid parecia brincar com ele, como um gato brinca com um rato, empunhando a espada e depois virando-a de lado para criar pequenos talhos em vez de cravar. Significaria uma morte lenta de cortes e sangria. Julian sentiu o amargor da raiva no fundo da garganta. Então flagrou Cristina batendo o cabo da espada na cabeça de Vanessa; a prima de Cameron caiu violentamente e Cristina se virou, correndo para Mark.

Outro Cavaleiro a interrompeu. O coração de Julian despencou; ele estava quase lá, mas reconheceu Ethna, com sua longa trança bronze e seu olhar maligno. Ela trazia uma espada e um bastão, e atacou Cristina, derrubando-a.



— *Parem!*

A palavra foi um berro solene. Cristina e Mark estavam no chão; seus oponentes se viraram, olhando fixamente. Kieran estava diante deles, seu ombro coberto por ataduras brancas. Foi Winter quem falara: o guarda estava de pé com a espada-bastão na mão. Ele mirou a ponta afiada para Eochaid.

— *Parem* — repetiu. — O Rei ordena que recuem.

Eochaid e Ethna trocaram um olhar. Seus olhos metálicos ardiam em fúria. Eles não se esqueceriam tão cedo de que foram derrubados do céu e humilhados.

— Não vamos parar — disse Eochaid. — Nosso Rei era Arawn, o Ancião. Ele nos deu ordens para acabarmos com os Blackthorn e seus aliados. Cumpriremos a ordem e nenhuma palavra sua mudará isso.

— Não juramos aliança a você — disse Ethna. — Você não é nosso Rei.

Julian ficou imaginando se Kieran iria hesitar. Ele não o fez.

— Eu sou seu Rei — falou. — Deixem todos em paz e voltem para Unseelie, ou serão considerados traidores.

— Então seremos traidores — disse Ethna, e golpeou com sua espada.

Não atingiu seu alvo. O ar pareceu ondular, e de repente Lança do Vento estava mergulhando em direção a Ethna, empinando: ele a atingiu em cheio no peito com seus cascos dianteiros. Houve um ressoar de metal quando ela foi lançada para trás. Um instante mais tarde, Cristina estava de pé, seu pulso sangrando, mas a mão firme na espada.

— Vá até Mark! — gritou ela, e Kieran pulou nas costas de Lança do Vento e avançou para Eochaid; o Cavaleiro agora era como uma cachoeira de faíscas, gracioso e inevitável. Ele voou, manobrando a espada, a lâmina colidindo contra a de Kieran.

Mark saltou — um pulo gracioso e giratório — e agarrou Eochaid, envolvendo a garganta do Cavaleiro por trás. Eles caíram juntos; Eochaid se levantou. Julian correu para Mark, que estava entre o irmão e o Cavaleiro, erguendo a espada para aparar um golpe cortante.

Eochaid riu. Julian mal teve tempo de ajudar Mark a se levantar quando alguma coisa o atingiu por trás — era Karn, o outro Cavaleiro, uma torre de bronze rugindo. Julian virou e devolveu o golpe com força. Karn cambaleou para trás, parecendo surpreso.

— Belo golpe — disse Mark.

*É por causa de Emma. Consigo sentir o laço parabatai ardendo em mim.*

— Obrigado — disse ele, erguendo a lâmina para rebater outro golpe de Karn. Kieran e Cristina estavam atacando Eochaid; Ethna estava lutando contra Winter. Nem a força *parabatai* era suficiente, Julian sabia. Os Cavaleiros eram fortes demais. Era uma questão de tempo.

Mais um lampejo em bronze. Mark murmurou um xingamento: era Delan, o Cavaleiro maneta, atraído para seus irmãos. Agora eram quatro: só Etarlam e Airmed continuavam desaparecidos, em algum lugar da batalha.

Delan usava meia-máscara de bronze e empunhava um malho de espetos; estava correndo em direção a Kieran, o malho balançando...

Um machado o atingiu por trás, derrubando-o. Foi a vez de Eochaid xingar. Ethna gritou, mesmo enquanto Delan cambaleava e girava para encarar seu agressor.

Diego Rosales. Ele deu uma piscadela para Kieran exatamente quando o malho girou em direção a sua cabeça; ele o rebateu com a parte cega do machado. Kieran, que ficou tão surpreso quanto feliz pelo surgimento de Diego, saltou das costas de Lança do Vento e correu em direção a Delan. Winter foi atrás dele enquanto Cristina atacava Ethna...

Fez-se um barulho estilhaçado quando a espada de Cristina quebrou. Ela engasgou, deu um salto para trás — Mark e Kieran viraram, acometidos. — Ethna ergueu sua lâmina...

E foi derrubada. Linhas de energia dourada se espalharam pelo campo, lançando cada um dos Cavaleiros para o ar e derrubando-os pela grama como brinquedos espalhados. Julian se virou com espanto para flagrar Hypatia Vex com as mãos levantadas, luzes jorrando de seus dedos.

— Magnus me mandou para cá — disse ela enquanto o combatente Nephilim a encarava. Até Winter a estava encarando, com cara de apaixonado. Julian desconfiava que ele não teria muita chance com Hypatia. — Isso vai nos fazer ganhar tempo, mas eles vão voltar. Os Cavaleiros de Mannan... — Ela soltou um suspiro dramático. — Caçadores de Sombras. Por que sempre acabo metida nos seus assuntos?

Zara estava lutando desgovernadamente. Emma se lembrava de Zara como uma guerreira medíocre, e ela era mesmo, mas a partir do momento em que as lâminas se tocaram, Zara fora eletrificada. Ela empunhava a espada como se quisesse cortar uma árvore; atirou-se para Emma diversas vezes, deixando suas defesas completamente abertas. Como se não se importasse se viveria ou morreria.

E perversamente, isso estava fazendo com que Emma se segurasse. Ela sabia que tinha todo o direito e todos os motivos para atacar Zara. Mas a outra parecia tão desnordeada sob o que Emma só podia supor ser um luto intenso — ela *havia* perdido amigos, Emma sabia, mortos no campo como Timothy. Mas Emma desconfiava de que sua tristeza fosse mais pela amargura da derrota e pela dor da

vergonha. O que quer que acontecesse, a Tropa jamais recuperaria sua glória. As mentiras contadas jamais seriam esquecidas.

Julian tinha garantido isso.

— Você não podia simplesmente ficar *na sua* — sibilou Zara, partindo para cima de Emma com o pulso rijo. Emma desviou do ataque com facilidade sem precisar da espada. — Você tinha que ser a personificação da moralidade. Tinha que meter o nariz em *tudo*.

— Zara, vocês tomaram o governo — observou Emma, se esgueirando para o lado quando Zara atacou novamente. Nesse ritmo, Zara ia se exaurir. — Seu pai tentou nos matar.

— Porque vocês queriam nos machucar — sibilou Zara. — Porque existe um nós e um eles, Emma, sempre existiu. Existem os que querem te proteger e os que querem te machucar.

— Isso não é verdade...

— Sério? — Zara jogou seu cabelo imundo para trás. — Você teria sido minha amiga? Se eu pedisse?

Emma pensou nas coisas que Zara disse sobre os seres do Submundo. Sobre Mark. Sobre *mestiços* e *pervertidos*, e registros e crueldades grandes e pequenas.

— Foi o que pensei — desdenhou Zara. — E você se acha tão melhor do que eu, Emma Carstairs. Eu *ri* quando Livvy morreu, todos nós rimos, só de pensar nas suas caras presunçosas e estúpidas...

A fúria invadiu Emma, fervente. Ela atacou com Cortana, virando a lâmina no último segundo para que a parte lisa acertasse Zara, nocauteando-a. Ela caiu de costas no chão, tossindo sangue, e cuspiu em cima de Emma quando esta se assomou à sua frente, colocando a ponta de Cortana em sua garganta.

— Vá em frente — sibilou Zara. — Vá em frente, sua vaca, faça, *faça*...

Zara era o motivo pelo qual todos estavam aqui, pensou Emma, o motivo pelo qual todos corriam perigo: a Tropa era a razão pela qual precisavam guerrear e lutar por suas vidas, fora a razão pela qual Livvy morreria no palanque do Salão do Conselho. O desejo de vingança ardia em suas veias, queimando sua pele, implorando para que ela enfiasse a lâmina e cortasse a garganta de Zara.

Mas mesmo assim Emma hesitou. Uma voz estranha surgiu em sua mente — uma lembrança de Arthur Blackthorn, logo ele dentre todas as pessoas. *Cortana. Feita por Wayland, o Ferreiro, o lendário fabricante de Excalibur e Durendal. Dizem que escolhe o dono. Quando Ogier a ergueu para matar o filho de Carlos Magno no campo, um anjo veio, quebrou a espada e disse a ele: “Piedade é melhor do que vingança.”*

Ela havia removido as fotos do quarto exatamente porque não queria mais saber de vingança. Cristina tinha razão. Ela precisava parar com isso. Naquele

instante, ela soube que jamais removeria o símbolo *parabatai*, independentemente do que acontecesse agora. Tinha visto muitos *parabatai* no campo de batalha hoje. Talvez ser *parabatai* fosse uma fraqueza capaz de encurralar a pessoa. Mas qualquer tipo de amor era assim, e se o amor era uma fraqueza, era também uma força.

Ela tirou a espada do pescoço de Zara.

— Não vou matar você.

Lágrimas jorraram dos olhos de Zara e mancharam seu rosto sujo quando Emma se afastou dela. Um segundo depois, Emma ouviu Julian chamar seu nome; lá estava ele, levantando Zara pelo braço, dizendo alguma coisa sobre levá-la para onde estavam os prisioneiros. Zara estava olhando para ele e para Emma, sem resistir; estava passiva nas mãos de Julian, mas seus olhos... ela estava olhando para além de Julian, e Emma não estava gostando nada daquela expressão.

Zara emitiu um ruído engasgado, quase uma risada.

— Talvez não seja comigo que devam se preocupar — disse ela, e apontou com sua mão livre.

Julian ficou branco como giz.

Numa clareira no campo, sob o céu azul e preto, estava Annabel Blackthorn.

Foi como se a visão dela se transformasse num punho que socou o estômago de Emma. Ela engasgou. Annabel estava com um vestido azul que não combinava em nada com o campo de batalha. Um frasco de fluido vermelho brilhava em seu pescoço. Seus cabelos castanho-escuros esvoaçavam. Seus lábios se curvaram num sorriso.

Alguma coisa estava errada, pensou Emma. Alguma coisa estava muito, muito errada, e não era só o fato de que Annabel não poderia estar aqui. O fato de Annabel estar morta.

Algo estava mais errado do que isso.

— Você não achou realmente que poderia me matar, achou? — provocou Annabel, e Emma viu que os pés da outra estavam descalços, pálidos como pedras brancas no chão sangrento. — Você sabe que sou feita de outras coisas. Coisas melhores do que sua irmã. Você não pode acabar com a *minha* vida, fugir com meu sangue enquanto imploro por clemência...

Julian soltou Zara e correu para ela. Cruzou o terreno num átimo e pulou para cima de Annabel, exatamente quando Emma gritou seu nome, gritou para ele que alguma coisa estava errada, gritou para que ele parasse. Ela tentou ir atrás dele, e um golpe a atingiu forte nas costas.

A dor veio um segundo depois, quente e rubra. Emma se virou surpresa e viu Zara segurando uma pequena faca. Provavelmente pegara do seu cinto.

O cabo estava vermelho e pingando. Ela apunhalara Emma pelas costas.

Emma tentou erguer Cortana, mas seu braço parecia não funcionar. Sua mente também estava acelerada, tentando alcançar o ferimento. Ao tentar chamar Julian, engasgando com o sangue, Emma sentiu Zara enfiando a faca em seu peito.

As pernas bambearam. Emma tombou.

## 32

### Do Santo Céu

Estava acontecendo tudo outra vez.

Annabel estava na frente de Julian, olhando para ele com um desprezo desdenhoso. Em seus olhos ele via o reflexo de si no palanque no Salão do Conselho, ensopado com o sangue de Livvy. Ele a viu em Thule, gritando por Ash. Ele se lembrou do golpe de sua espada, do sangue dela se espalhando ao redor do corpo.

Nada disso tinha importância. Ela mataria Emma se pudesse. Mataria Mark e Helen; cortaria a garganta de Ty, de Dru e de Tavvy. Ela era o fantasma de todos os medos que ele já havia sentido em relação a perder a família. Ela era o pesadelo que ele despertara e não fora capaz de destruir.

Ele a alcançou sem desacelerar e cravou a espada nela. Entrou como se não houvesse resistência — nenhum osso, nenhum músculo. Como uma faca cortando ar ou papel. Enterrou até o cabo e ele se viu encarando os olhos vermelhos dela, a menos de um centímetro de distância.

Os lábios de Annabel se entreabriram num sibilo. *Mas os olhos dela não são vermelhos. São azuis Blackthorn.*

Ele recuou, arrastando a espada consigo. O cabo estava escuro com icor preto. O fedor de demônio se espalhava por todos os lados. Em algum lugar no fundo da mente, ele conseguia ouvir Emma chamando seu nome, gritando que alguma coisa estava errada.

— Você não é Annabel — disse ele. *Você é um demônio.*

Annabel começou a se transformar. Suas feições pareceram derreter, pingar como cera de vela. Sob sua pele pálida e cabelos escuros, Julian viu os contornos de um demônio Eidolon ainda em formação — gorduroso e branco, como uma barra suja de sabão, cheio de crateras cinzas. O frasco brilhante de vidro ainda

estava pendurado em seu pescoço.

— *Você conheceu meu irmão* — sibilou o demônio. — *Sabnock. De Thule.*

Julian se lembrou do sangue. Uma igreja na Cornualha. Emma.

Ele alcançou uma lâmina serafim no cinto e a nomeou rapidamente:

— *Sariel.*

O demônio estava sorrindo. Ele atacou Julian, que enfiou a lâmina serafim nele.

Nada aconteceu.

*Não pode ser.* Lâminas serafim detonavam os demônios. Sempre, sempre funcionavam. O demônio arrancou a lâmina de sua lateral enquanto Julian encarava, incrédulo. A criatura o atacou, com Sariel na mão. Despreparado, Julian levantou o braço para conter o golpe...

Uma forma escura deslizou entre eles. Um kelpie, todo afiado, com cascos nos pés e dentes pontudos e vítreos. O cavalo fada empinou no ar entre Julian e Eidolon, e Julian reconheceu o kelpie: foi o mesmo que ele salvara de Dane Larkspear.

Ele bateu o casco no peito de Eidolon e o demônio voou para trás, a lâmina serafim caindo de sua mão. O kelpie olhou para Julian e deu uma piscadela, em seguida partiu quando Eidolon se levantou e começou a correr.

Julian começou a segui-los. Tinha dado apenas alguns passos quando uma dor o atravessou, súbita e ardente.

Ele se curvou. A dor estava por todos os lados. Nas costas, no peito. Não havia motivo para tal, exceto...

*Emma.*

Ele virou.

*Estava acontecendo tudo outra vez.*

Emma estava no chão, de algum jeito, a frente do uniforme manchada de sangue. Zara estava ajoelhada em cima dela — parecia que estavam lutando pouco antes. Julian já estava correndo, superando a dor, cada passo era um quilômetro, cada respirada, uma hora. Tudo o que importava era alcançar Emma.

Ao se aproximar, viu que Zara estava ajoelhada ao lado de Emma, tentando arrancar Cortana de sua mão sangrenta, mas Emma era forte demais. Sua garganta e seu cabelo estavam molhados de sangue, mas os dedos no cabo de Cortana não cediam.

Zara levantou o olhar e flagrou Julian. Ele devia estar parecendo a personificação da morte, porque ela se levantou e correu, desaparecendo na multidão.

Mais ninguém parecia ter percebido o ocorrido. Um uivo se formava no peito de Julian. Ele se ajoelhou ao lado de Emma e a levantou nos braços.

Ela estava flácida no colo dele, pesada como Livvy ficara. Do jeito que as pessoas pesavam quando aceitavam se entregar. Ele curvou Emma para si e a cabeça dela caiu em seu peito.

A grama em volta deles estava molhada. Havia tanto sangue.

Estava acontecendo tudo outra vez.

— *Livvy, Livvy, minha Livvy* — murmurou ele, aninhando-a, afastando febrilmente os cabelos manchados de vermelho do rosto da menina. *Havia tanto sangue. Ele ficou coberto em segundos; o sangue encharcara as roupas de Livvy e ensopara até os sapatos.* — Livia. — *Suas mãos tremiam; ele pegou uma estela e a pôs no braço da irmã.*

Sua espada tinha caído. A estela estava na mão; o *iratze* era uma lembrança muscular, seu corpo agia sem que sua mente compreendesse o que estava acontecendo.

Os olhos de Emma se abriram. O coração de Julian pulou. Estava dando certo? Talvez estivesse dando certo. Livvy não olhara para ele em momento nenhum. Ela já estava morta quando ele a levantou do palanque.

O olhar de Emma se fixou no dele. Seus olhos castanhos sustentaram seu olhar como um carinho.

— Tudo bem — sussurrou ela.

Ele esticou a mão para desenhar outro *iratze*. O primeiro desapareceu sem deixar vestígios.

— Me ajuda — pediu ele, rouco. — Emma, temos que usar. O laço *parabatai*. Podemos curar você...

— Não — disse ela. Esticou o braço para tocar a bochecha dele. Julian sentiu o sangue de Emma em sua pele. Ela ainda estava quente, ainda estava respirando em seus braços. — Prefiro morrer assim a ter que ser separada de você para sempre.

— Por favor, não me deixe, Emma — disse Julian. A voz dele falhou. — Por favor, não me deixe neste mundo sem você.

Ela conseguiu sorrir para ele.

— Você foi a melhor parte da minha vida.

A mão dela caiu flácida no colo, os olhos foram se fechando.

Agora, pela multidão, Julian via pessoas correndo para eles. Pareciam se deslocar lentamente, como num sonho. Helen, chamando seu nome; Mark, correndo desesperadamente; Cristina ao lado dele, gritando por Emma — mas nenhum deles chegaria a tempo, e, além disso, não havia nada que pudessem fazer.

Ele pegou a mão de Emma e a segurou com firmeza, tão forte que sentiu os ossinhos pressionando a palma. *Emma, Emma, volta. Emma, a gente consegue.*



*Nós derretemos pedra. Você salvou minha vida. A gente consegue tudo.*

Ele começou a vasculhar suas lembranças: Emma na praia, olhando para ele, rindo. Emma agarrando a barra de ferro da roda-gigante no Pacific Park. Emma lhe entregando um monte de flores murchas colhidas no dia do enterro de sua mãe. Seus braços na cintura de Emma quando eles andaram de moto em Thule. Emma com seu vestido claro no Teatro da Meia-Noite. Emma deitada na frente da lareira no chalé de Malcolm.

*Emma.*

Ela abriu os olhos. Estavam cheios de fogo dourado, bronze e cobre. Ela articulou algumas palavras:

— Eu me lembro.

Sua voz soava distante, quase inumana, como o ressoar de um sino. Alguma coisa profunda em Julian esfriou com medo e exultação.

— Quer que eu pare? — perguntou ele.

— Não. — Emma começou a sorrir. Seus olhos eram totalmente fogo agora. — Vamos queimar.

Ele a abraçou com força, o vínculo *parabatai* ardendo entre eles, brilhando em dourado e branco. As pontas dos cabelos de Emma tinham começado a queimar, e as pontas dos dedos. Não havia calor nem dor. Apenas fogo. O qual se elevou para consumi-los numa cascata ardente.

Diego jogou Zara na Configuração Malaquias. Havia diversos outros membros da Tropa ali quando ela cambaleou, quase tropeçando com o esforço de evitar um encontrão nos outros. A maioria deles olhava para ela com profundo desgosto. Diego não imaginava que a filha de Horace estivesse em alta agora.

Ela virou para encará-lo. Não havia motivo para ele bater a porta da prisão — a Configuração segurava quem estivesse ali dentro, com ou sem porta —, mas ele gostaria de poder fazê-lo assim mesmo.

— Eu entenderia isso como um anúncio de que nosso noivado acabou — disse ele.

O rosto dela se contorceu de raiva. Antes que pudesse responder, um pilar de fogo branco se elevou a leste, subindo. Gritos ecoaram pelo campo de batalha.

Diego deu meia-volta para sair correndo. Um guarda vermelho surgiu na sua frente, sua lança com ponta de aço formando um arco brilhante no céu. Uma dor agonizante explodiu em sua cabeça antes de ele desabar na escuridão.

Mark pegou o pulso de Cristina e a puxou exatamente quando uma chama branca explodiu como uma torre do local onde Julian e Emma estiveram há

poucos instantes.

Ela soube que gritou o nome de Emma. Mark a puxava; ela o sentia arfando. *Julian*, pensou ela. *Meu Deus, não, Julian não...*

E em seguida: *deve ser a maldição. Queimá-los vivos... é muito cruel.*

Mark arfou.

— Veja.

Figuras brilhantes surgiam do fogo. Nem Julian nem Emma, ou, pelo menos, não o Julian e a Emma como costumavam ser.

As chamas subiram uma altura de uns dez metros, e as figuras que emergiram delas tinham pelo menos esta mesma altura. Era como se Julian e Emma tivessem sido talhados de luz cintilante... os detalhes deles estavam lá, as feições e expressões, até Cortana ao lado de Emma, uma lâmina de fogo celestial do tamanho de uma árvore.

— Eles são gigantes. — Cristina ouviu alguém falar. — Nephilim. — *Havia gigantes na Terra naqueles dias, e também depois, quando anjos vieram para as filhas dos homens e elas tiveram seus filhos.* Ela respirou, trêmula. — Eles foram... os primeiros.

Mais pessoas estavam se agrupando lá na frente, de ambos os lados da batalha. Conforme as chamas foram regredindo em torno de Emma e Julian, o céu começou a se revirar e a estalar — era como se o fogo celestial tivesse queimado a escuridão trazida por Magnus. As nuvens sombreadas começavam a dissipar e a se desintegrar.

Apavorados, os vampiros começaram a fugir do campo, correndo para a floresta. Eles passaram correndo por Magnus, que estava de joelhos, com Ragnor ao seu lado, faíscas azuis envolvendo suas mãos como se fossem fios elétricos cortados. Cristina viu Alec correndo pelo campo; ele alcançou Magnus exatamente quando o feiticeiro caiu para trás, exausto, em seus braços.

Emma — ou o que Emma havia se tornado, uma criatura enorme e brilhante — deu um passo hesitante para a frente. Cristina mal conseguia respirar. Nunca tinha visto um anjo, mas imaginava que estar perto de um devia ser assim. Dizia-se que eram lindos, extraordinários e terríveis como o paraíso era terrível: uma luz brilhante demais para olhos mortais.

Ninguém poderia sobreviver a isso, pensou ela. Nem mesmo Emma.

Julian estava ao lado de Emma; eles pareciam ganhar confiança a cada movimento que faziam. Não pisoteavam como se era esperado de criaturas gigantes: na verdade eles pareciam flutuar, seus gestos deixando rastros de luz.

Cristina ouviu a Tropa gritando quando Julian se abaixou e pegou Horace, assim como um gigante ergue uma boneca. Horace, que tinha escapado da batalha se escondendo atrás de seus seguidores, estava esperneando e se

debatendo, sua voz um ganido agudo. Cristina só teve um segundo para quase sentir pena dele antes de Julian pegar Horace com as duas mãos e quebrar sua coluna ao meio.

Julian o jogou de lado como um brinquedo quebrado. O silêncio que tinha dominado o campo foi interrompido quando as pessoas começaram a gritar.

O corpo de Horace Dearborn atingiu o chão com uma batida horrível, a poucos metros de Manuel.

*Isso não está acontecendo. Isso não pode estar acontecendo.* Manuel, já no chão, começou a recuar destrambelhadamente. Os membros da Tropa que estavam presos na Configuração Malaquias gritavam. Ele queria que eles calassem a boca. Precisava desesperadamente pensar.

O treinamento religioso de sua infância, implacavelmente suprimido até então, agora se agitava dentro dele. O que brilhava acima dele era o poder de anjos — não anjos fofos com asas brancas, mas anjos sombrios e sangrentos que cederam seus poderes para dar origem aos Caçadores de Sombras.

*E ocorreu que certa noite o anjo de Deus saiu e matou cento e oitenta e cinco mil em um campo de assírios; e quando as pessoas acordaram na manhã seguinte, lá estavam os corpos — todos mortos.*

Mas não fazia o menor *sentido*. O que estava acontecendo era impossível. As pessoas não se transformavam em gigantes e marchavam por campos de batalha eliminando seus inimigos. Isso não poderia ter sido um plano dos Blackthorn e seus aliados. Nenhum humano mortal tinha acesso a poderes assim.

A coisa enorme e brilhante que fora Emma Carstairs abaixou uma das mãos. Manuel se encolheu no chão, mas ela não estava procurando por ele. Ela pegou o demônio Eidolon, que estava abaixado, e que fora o grande truque de Horace, e o segurou.

O demônio Eidolon gritou, um uivo que parecia vir do abismo entre os mundos. O toque da mão brilhante de Emma atuou como ácido. Sua pele começou a queimar e derreter; ele berrou, se dissolveu e escorreu entre os dedos dela como uma sopa rala.

*E quando as pessoas acordaram na manhã seguinte, lá estavam os corpos — todos mortos.*

Aterrorizado, Manuel engatinhou em direção ao corpo de Horace, ainda pingando sangue, e o arrastou sobre si. Horace não protegeu ninguém enquanto estava vivo. Talvez as coisas fossem diferentes agora que ele estava morto.

*Mas como eles podem sobreviver a isso?*

Mark ainda estava segurando Cristina; nenhum dos dois parecia capaz de se mexer. Aline e Helen estavam nos arredores; muitos outros Caçadores de Sombras ainda estavam no campo. Mark não conseguia desviar o olhar de Julian e Emma.

Ele estava morrendo de medo. Não deles. Estava morrendo de medo por eles. Eles eram enormes, brilhantes e magníficos, e tinham olhos vazios como os de estátuas. Emma se esticou após destruir o Eidolon, e Mark notou uma grande fissura no braço dela, onde outrora ficava a cicatriz de Cortana. Chamas saltavam dentro da cicatriz, como se estivesse preenchida por fogo.

Emma levantou a cabeça. Seus cabelos voaram ao seu redor como raios dourados.

— CAVALEIROS DE MANNAN! — chamou, e sua voz não era uma voz humana. Era como o som de trombetas, de trovoadas ecoando por vales vazios. — CAVALEIROS DE MANNAN! VENHAM E NOS ENFRENTEM!

— Eles falam — sussurrou Cristina.

*Ótimo. De repente podem ouvir a voz da razão.*

*De repente.*

— Emma! — chamou Mark. — Julian! Estamos aqui. Ouçam-nos, nós estamos aqui!

Emma não pareceu escutá-lo. Julian olhou para baixo, sem qualquer reconhecimento. Como um mundano olhando para um formigueiro. Embora não houvesse nada de mundano neles.

Mark ficou imaginando se tinha sido assim para Clary, para Simon, quando despertaram um anjo.

Houve um agito na multidão. Os Cavaleiros, marchando pelos campos. Seu brilho de bronze cintilava em volta deles, e Mark se lembrou de Kieran sussurrando histórias sobre os Cavaleiros que dormiam embaixo de uma colina até o Rei Unseelie despertá-los para caçar.

A multidão abriu espaço para permitir passagem. A batalha tinha terminado, sob qualquer ótica real: o campo agora estava cheio de espectadores, encarando em silêncio enquanto os Cavaleiros paravam para olhar Emma e Julian.

Ethna esticou a cabeça para trás, seus cabelos cor de bronze entornando em seus ombros.

— Somos os Cavaleiros de Mannan! — gritou ela. — Matamos o Firbolg! Não temos medo de gigantes!

Ela se lançou para o ar e Delan foi atrás. Eles navegaram como pássaros de bronze pelo céu, suas espadas em riste.

Emma esticou o braço quase preguiçosamente e capturou Ethna do ar. Ela a destruiu como se fosse um pedaço de papel, rasgando sua armadura de bronze,

quebrando sua espada. Julian pegou Delan e o arremessou de volta para o chão com uma força que abriu um sulco na terra: Delan quicou pelo chão e caiu imóvel.

Os outros Cavaleiros não fugiram. Fugir não era da natureza deles, Mark sabia. Eles não recuaram. Não tinham capacidade para tal. Cada um deles tentou lutar e cada um foi capturado e esmagado ou rasgado, e jogado de volta para o chão em pedaços. A terra ficou escorregadia com o sangue.

Julian foi o primeiro a virar as costas para eles. Então esticou sua mão brilhante em direção à Configuração Malaquias e gesticulou sem direção certa, fazendo as barras de luz voarem.

Os gritos da Tropa perfuraram o ar. Cristina se afastou de Mark e correu para Emma e Julian.

— Não! — gritou. — Emma! Jules! Eles são prisioneiros! Não podem nos machucar!

Helen também avançou, com as mãos esticadas.

— A batalha acabou! — berrou. — Nós vencemos... vocês podem parar agora! Vocês mataram os Cavaleiros! Podem parar!

Nem Julian nem Emma pareceram escutar. Com a mão graciosa, Emma ergueu um membro da Tropa do grupo escandaloso e o jogou de lado. Ele gritou ao voar pelo ar, seus uivos interrompidos subitamente quando ele atingiu o chão com um baque.

Mark parou de se preocupar apenas com a hipótese de Emma e Julian não sobreviverem à coisa toda. Agora ele começava a temer a possibilidade de que ninguém mais sobrevivesse.

Dru estava à entrada dos portões e ficou encarando os Campos Eternos.

Ela nunca tinha visto uma batalha assim. Havia ficado na Sala dos Acordos durante a Guerra Maligna e já vira morte e sangue, mas a escala desta luta — o caos que era difícil de acompanhar, a velocidade absurda do combate — era quase impossível de se assistir. Não ajudava em nada o fato de que ela estava longe demais para identificar os detalhes: viu os Cavaleiros de bronze e sentiu pavor; ela os viu caindo no meio da luta, mas não o que aconteceu a eles depois. Vez ou outra via a figura borrada de um homem ou uma mulher desabando no campo e ficava se perguntando: foi Mark? Foi Emma? O horror do medo se instaurou em seu estômago e não queria ceder por nada.

Ao longo da última hora os feridos atravessaram os portões, às vezes andando, às vezes carregados. Irmãos do Silêncio se movimentavam numa espiral de túnicas cor de osso para carregarem membros da Tropa e Caçadores

de Sombras comuns para serem curados no Basílias. Em determinado momento, Jem Carstairs atravessou os portões, carregando o corpo inconsciente de Kit.

Dru havia começado a correr para eles, mas pausara ao ver Tessa Gray cruzando pelo grupo de Irmãos do Silêncio, e Catarina Loss com ela. Ambas já estavam com as roupas sujas de sangue e nitidamente vinham tratando os feridos.

Ela queria ir até Kit. Ele era seu amigo, e muito importante para Ty. Mas ficou para trás, temendo que adultos como Jem e Tessa fossem insistir que ela voltasse para a casa de Amatis, desse modo afastando-a dos portões, a única janela para sua família. Ela ficou recolhida à sombra enquanto Tessa ajudou Catarina a colocar Kit na maca.

Jem e Catarina pegaram as pontas da maca. Antes de começarem a subir a colina em direção ao Basílias, Tessa abaixou e beijou gentilmente a testa de Kit. Aquele gesto afrouxou o nó no peito de Dru — embora Kit tivesse se ferido, ele estava sendo cuidado por pessoas que se importavam com ele.

Mais feridos vieram depois, as lesões piorando à medida que a batalha se desenrolava. Beatriz Mendoza foi carregada pelos portões, soluçando. Não estava visivelmente ferida, mas Dru sabia que sua *parabatai*, Julie, tinha sido a primeira Caçadora de Sombras morta no conflito. Dru não queria que Tavvy presenciasse tudo aquilo. Caçadores de Sombras não costumavam esconder de suas crianças os resultados de uma batalha, mas ela não conseguia evitar pensar nos pesadelos dele, nos anos ouvindo-o gritar na escuridão.

— Tavs — falou ela afinal. — Não olhe.

Ele pegou a mão dela, mas não virou a cara. Na verdade, estava olhando fixamente para o campo de batalha, sua expressão atenta, mas não temerosa.

Ele foi o primeiro a ver os gigantes, e apontou.

O primeiro instinto de Dru foi se perguntar se aquilo seria um plano de Julian. Ela viu fogo branco ardendo, e em seguida grandes figuras cintilantes marchando pelo campo. Elas a preencheram com uma sensação de assombro, um espanto com sua beleza, do jeito que ela se sentia quando criança ao olhar as ilustrações de Raziel.

Dru voltou a examinar o campo ansiosamente — a luz branca do fogo perfurava o céu. As nuvens estavam se espalhando e se estilhaçando. Dava para ouvir gritos, e as figuras dos vampiros começaram a fugir para as sombras de Brocelind.

A maioria foi bem-sucedida. Mas quando as nuvens se recolheram e o sol cinzento veio perfurante feito faca, Dru viu um vampiro, mais lento que o restante, bem na fronteira do bosque, cair numa fresta de luz. Houve um grito e uma conflagração.

Ela desviou o olhar das chamas. *Isto não pode ser o plano de Julian.*

Tavvy puxou a mão dela.

— Temos que ir — propôs. — Temos que ir até Emma e Jules.

Ela o segurou firme.

— É uma batalha... não podemos entrar.

— Precisamos. — Havia urgência em sua voz. — São Jules e Emma. Eles *precisam* da gente.

— Dru! — um grito a fez olhar para cima. Duas pessoas estavam atravessando os portões. Uma delas era Jaime. A visão dele fez o coração de Dru saltar: ele ainda estava vivo. Sujo e arranhado, com o uniforme imundo, porém vivo e com olhos atentos, além de ruborizado pelo esforço. Ele estava praticamente carregando Cameron Ashdown, que estava com o braço apoiado em seu ombro. Cameron parecia estar sangrando de um ferimento na lateral.

— Cameron! — Dru correu para eles, puxando Tavvy. — Você está bem?

Cameron deu um aceno incompleto para Dru.

— Vanessa me golpeou. Tinha alguma coisa demoníaca na lâmina. — Ele fez uma careta.

— Sua *prima* o atacou? — indagou Dru. Ela sabia que os Ashdown divergiam politicamente, mas, para ela, família era família.

— Os jantares em família vão ser muito constrangedores a partir de agora — disse Jaime. Ele deu um tapinha nas costas de Cameron enquanto o Irmão do Silêncio o pegava para levá-lo ao Basílias.

Jaime passou a mão suja na testa.

— Vocês dois deveriam se afastar mais da batalha — falou. — Ninguém avisou para não ficarem nos portões?

— Se não ficarmos nos portões, não vamos ver nada — observou Dru. — Aqueles... no campo... realmente são Jules e Emma?

Jaime fez que sim com a cabeça. O coração de Dru afundou. Parte dela ainda estava torcendo para que aquilo fosse apenas uma ilusão terrível.

— Não entendo o que está acontecendo? — A voz dela se elevou. — Isso é um plano de Julian? Você sabe alguma coisa a respeito?

— Não acho que seja um plano — disse Jaime. — Eles parecem totalmente descontrolados.

— Eles podem ser *contidos*?

Jaime falou relutantemente:

— Eles mataram os Cavaleiros de Mannan. Agora soldados estão tentando formar uma parede de corpos para proteger a cidade contra eles. Todas as crianças estão aqui. — Ele apontou para Alicante. Dru pensou em Max e Rafe com Maryse. Seu coração falhou uma batida. — Não sei o que vai acontecer. —

Jaime olhou de Dru para Tavvy. — Venham comigo — chamou de súbito. — Consigo levar vocês dois para a floresta.

Dru hesitou.

— Não é para a gente ir para o lado oposto. Temos que ir até Jules e Emma — respondeu Tavvy com firmeza.

— É perigoso... — começou Jaime.

— Tavvy está certo. Temos que ir. — Dru olhou para a Marca incompleta que se espalhava por seu antebraço. Ela se lembrou de Julian aplicando-a no dia anterior; parecia que fazia uma eternidade. — Você não precisa ajudar.

Jaime suspirou e pegou o arco pendurado às suas costas.

— Eu dou cobertura.

Dru estava prestes a seguir Jaime pelos portões quando Tavvy a cutucou na lateral. Ela se virou para ver que ele estava estendendo uma estela.

— Não se esqueça — falou.

Ela exalou — quase tinha se esquecido. Então posicionou a ponta da estela no braço e começou a completar a Marca de Família.

Kieran estava cercado pelo exército Unseelie, com trinta fadas à sua frente. Isso já era ruim o suficiente, pois não conseguia ver Mark nem Cristina acima da multidão de fadas, mas mal conseguia controlar Lança do Vento, que estava empinando e relinchando sob ele. Lança do Vento não gostava nem de multidões nem de gigantes, e no momento ambos estavam perto demais.

Winter estava ao lado de Kieran. Tinha ficado em sua cola durante toda a batalha, o que Kieran achava ao mesmo tempo admirável e espantoso. Não estava acostumado a esse grau de lealdade.

— O povo veio até você, milorde soberano — disse Winter. — Quais são suas ordens para eles?

*Ordens para eles?*, pensou Kieran freneticamente. Ele não tinha ideia do que deveriam fazer. Por isso queria que Adaon fosse Rei, mas Adaon era um prisioneiro da Corte Seelie. O que Adaon diria sobre um exército de fadas preso num campo com gigantes parte-anjo furiosos?

— Por que não estão todos fugindo para a floresta? — perguntou Kieran. A floresta era o lugar onde o Povo das Fadas se sentia em casa, cheia de coisas naturais, água e árvores. Brocelind era considerada o lar das fadas fazia tempos.

— Infelizmente a floresta está cheia de vampiros — respondeu Winter sombriamente.

— Os vampiros são nossos aliados! — gritou Kieran, agarrando a crina de Lança do Vento enquanto o cavalo empinava.



— Ninguém acredita realmente nisso — disse Winter.

*Por todos os Deuses de Trevas e Luz.* Kieran queria gritar e quebrar alguma coisa. Lança do Vento empinou de novo, e desta vez Kieran viu uma figura familiar. Mark. Ele o reconheceria em qualquer lugar — e Cristina ao seu lado. Ele agradeceu em silêncio. *O que eles me diriam para fazer?* Pensou na generosidade de Mark, na bondade de Cristina. Eles pensariam primeiro nos soldados Unseelie.

— Temos que retirar nosso povo deste campo — falou Kieran. — Eles não podem combater anjos. Ninguém pode. Como vocês todos chegaram aqui?

— Oban abriu uma porta — respondeu Winter. — Você pode fazer o mesmo, soberano. Abrir uma porta para o Reino das Fadas. Como Rei, você pode. Chame sua Terra e ela irá reponde-lo.

*Se o bêbado do Oban fez, eu também consigo,* pensou Kieran. Mas tal pensamento não foi de grande ajuda. Ele tinha que chamar sua Terra, um lugar de onde se ressentira por tanto tempo, e torcer para que ela o respondesse.

Ele desceu das costas de Lança do Vento quando o cavalo se acalmou. Então se lembrou de Mark dizendo: *não vou me esquecer da beleza do Reino das Fadas, nem você. Mas não chegará a isso.*

E pensou no que ele mesmo tinha dito, tinha lembrado, quando achou que o Reino das Fadas estava ameaçado.

*A forma como a água cai azul como gelo nas Cataratas de Branwen. O gosto da música e o som do vinho. O cabelo cor de mel das sereias nos rios, os vagalumes brilhando nas sombras das florestas profundas.*

Kieran respirou fundo. *Deixe-me passar,* pensou. *Deixe-me passar, minha Terra, pois pertenço a você: vou me doar a você como os Reis do Reino das Fadas há muito fazem, e você florescerá quando eu florescer. Não trarei praga às suas costas, nem sangue para suas flores nos campos, apenas paz e uma estrada gentil que sobe pelas colinas verdes.*

— Soberano — disse Winter.

Kieran abriu os olhos e viu que o pequeno outeiro à sua frente tinha começado a se dividir. Através da abertura dava para ver a grande torre Unseelie se elevando ao longe e os campos pacíficos diante dela.

Diversas das fadas mais próximas vibraram. Começaram a correr pela passagem mesmo enquanto ela ainda se abria. Kieran os via emergindo do outro lado, alguns até caindo de joelhos com gratidão e alívio.

— Winter — falou ele sem firmeza na voz. — Winter, faça todos atravessarem a porta. Leve todos em segurança.

— Todas as fadas? — disse Winter.

— Todo mundo — respondeu Kieran, olhando severamente para seu primeiro

homem em comando. — Caçadores de Sombras. Feiticeiros. Todo mundo que buscar santuário.

— E você, soberano? — perguntou Winter.

— Tenho que ir até Mark e Cristina.

Pela primeira vez Winter pareceu amotinado.

— Tem que deixar seus amigos mortais, lorde.

Winter era um membro da guarda vermelha, com um juramento de sangue de proteger o Rei e a linhagem real. Kieran não podia se irritar com ele, mas precisava estimulá-lo a compreender.

— Você é meu guarda leal, Winter. Mas assim como me protege, também deve proteger o que mais amo, e Mark Blackthorn e Cristina Rosales são o que mais amo neste e em todos os mundos.

— Mas sua *vida* — disse Winter.

— Winter — repetiu Kieran secamente. — Sei que não podem ser meus consortes. Mas eu morro sem eles.

Mais e mais fadas estavam atravessando a porta para as Terras Imortais. Havia outros com eles agora — alguns feiticeiros e até uma matilha de licantropes.

Winter cerrou a mandíbula.

— Então lhe darei cobertura.

Helen sentia como se tivesse caído no meio de um rio que seguia duas direções ao mesmo tempo.

Fadas corriam para um lado, em direção a um outeiro na extremidade leste do campo. Caçadores de Sombras corriam para o outro lado, para a cidade de Alicante, provavelmente para se esconderem atrás dos muros. Aline tinha corrido para investigar, prometendo voltar logo.

Alguns ainda estavam no meio do campo — a Tropa parecia berrar e correr em círculos, não querendo se juntar nem ao êxodo das fadas nem aos companheiros Caçadores de Sombras. Helen tinha ficado perto de onde os seus outros conhecidos tinham se reunido — Kadir e Jia estavam ajudando feridos no campo, Simon e Isabelle estavam conversando com Hypatia Vex e Kwasi Bediako, e Jace e Clary tinham se juntado a um outro grupo, que incluía Rayan e Divya, para se colocarem entre Emma e Julian e os prisioneiros da Tropa.

— Helen! — Aline estava correndo para ela pelo gramado. — Eles não estão fugindo.

— Como assim? — perguntou Helen.

— Os Caçadores de Sombras. Eles estão indo proteger a cidade, caso os

gigantes... caso Emma e Julian avancem para lá. Está cheia de crianças e idosos. Além disso — acrescentou —, Caçadores de Sombras protegem Alicante. É nossa função.

Falou como a filha da Consulesa.

— Mas Emma e Julian jamais... eles não fariam... — protestou Helen.

— Não sabemos o que eles fariam — respondeu Aline gentilmente, exatamente quando Hypatia Vex e Kwasi Bediako passaram por elas. Eles corriam para a grama destruída onde Emma e Julian estavam, e Kwasi esticou as mãos quando Hypatia colocou as palmas nos ombros dele. Uma rede dourada brilhante explodiu no ar sobre Emma e Jules: aterrissou neles como uma teia de aranha fina, mas Helen teve a impressão de que era feita de um material mais resistente.

Emma levantou a mão enorme e brilhante para tirar a rede. Estava firme. Kwasi estava arfando, mas Hypatia lhe dava firmeza.

Martin Gladstone gritou:

— Agora! Reúnam os Blackthorn! Mostre a estes monstros o que acontecerá à família deles se não pararem!

A Tropa vibrou. Helen ouviu Zara gritando que deveriam fazer isso, que tinham o direito de se protegerem.

Aline se colocou na frente de Helen.

— Essa *desgraçada* — esbravejou.

Julian tocou a rede brilhante com um dedo e a destruiu, e então ele se abaixou para pegar Gladstone.

Com um gesto de dedos, ele quebrou o pescoço de Gladstone.

Julian e Emma foram em direção aos outros membros da Tropa, que começaram a se espalhar. Emma alcançou Zara...

E Jace se colocou entre eles, entre a mão brilhante de Emma e a figura fugitiva de Zara. A Espada Mortal estava embainhada às suas costas; ele estava desarmado. Ele inclinou sua cabeça dourada para trás e gritou:

— Parem! Emma e Julian! A batalha acabou! *Parem!*

Sem expressão, como a estátua de um anjo vingador, Emma abaixou a mão e empurrou Jace do caminho. Ele foi arremessado por alguns metros e caiu no chão com um baque feio. Clary gritou e correu pelo gramado, ávida para ajudar Jace, com seus cabelos ruivos esvoaçando como um rastro de fogo.

*Levante-se, levante-se*, pensou Helen. *Levante-se, Jace.*

Mas ele não se levantou.

Dru nunca tinha usado a Marca de Família antes, e a experiência era estranha.

Ela se sentia atraída para os irmãos de um jeito que não conseguia definir. Parecia que alguma coisa estava amarrada no interior de sua espinha — o que era nojento, porém interessante — e a puxava para o seu destino. Ela já tinha ouvido falar sobre como Marcas de Rastreamento funcionavam, e supunha que esta não fosse diferente.

Permitiu que os puxões a conduzissem, acompanhando-os, e a mão firme no pulso de Tavvy. Eles ficaram na periferia da batalha, com Jaime ao lado com seu arco preparado para qualquer um que se aproximasse.

Deixaram o abrigo das muralhas da cidade e correram para a beira da floresta, ainda seguindo a condução da Marca. Dru tentava não olhar para o campo de batalha, para Emma e Julian. Era como olhar para pilares de fogo num instante e para monstros terríveis no outro.

Houve um chiado acima e Ty saltou de um carvalho. Dru engasgou de surpresa, e depois mais ainda quando Ty foi direto para ela e a abraçou forte.

Ele a soltou e franziu o rosto.

— Por que você está no campo? Deveria estar na cidade. Tavvy também. — Ele se voltou para Jaime. — É perigoso.

— Sim — disse Jaime. — Estou ciente.

— Você está aqui — observou Dru.

— Eu estava numa árvore — disse Ty, como se isso de algum jeito melhorasse as coisas. Antes que Dru pudesse embarcar numa deliciosa discussão fraternal, Helen veio correndo, seus cachos louro-claros esvoaçando. Aline vinha logo atrás.

— Dru! Tavvy! — Helen correu com os olhos cheios de lágrimas para os dois, esticando os braços para pegar Tavvy; Dru notou que ele estendeu automaticamente os braços para ela, algo que antes ele só fazia para Julian. Helen o pegou e o abraçou forte. — O que vocês dois estão *fazendo* aqui? Dru, você usou a Marca de Família de propósito?

— É óbvio que usei! — disse Dru. — Temos que ir para o campo de batalha. Temos que impedir Emma e Jules. Temos que trazê-los de volta... de volta a si.

— Estamos tentando — disse Helen enquanto colocava Tavvy no chão. — Não acha que estamos tentando?

Dru queria cerrar os dentes. Por que Helen não *lhe dava ouvidos*? Tinha achado que as coisas estivessem melhores, mas ela precisava tão desesperadamente que a irmã a escutasse que sentia até um nó na garganta.

Sabia o que tinham que fazer. Parecia tão óbvio. Como poderia fazer o restante deles enxergar?

Ela sentiu um puxão no braço, onde estava a Marca, e em seguida Mark apareceu, correndo com Cristina ao seu lado.

— Dru! Você nos chamou... — Ele viu Ty e sorriu alegre. — Eu vi você com o estilingue — falou. — Sua mira é das boas, irmãozinho.

— Não estimule, Mark — disse Helen. — Ele tinha que ter ficado no acampamento.

— Olha — começou Dru. — Sei que não faz muito sentido. Mas se nós formos até Emma e Jules juntos, se formos diretamente para eles e *falarmos* com eles, poderemos fazer com que nos ouçam. Temos que tentar. Se não conseguirmos, ninguém conseguirá, e aí todos estarão em perigo.

Helen balançou a cabeça.

— Mas por que isso está acontecendo?

Cristina e Mark trocaram um olhar que Dru não conseguiu decifrar.

— Acho que é por causa do laço *parabatai* — disse Cristina.

— Porque Emma quase morreu? — perguntou Aline, espantada.

— Não sei — respondeu Cristina. — Só posso supor. Mas tem fogo celestial ardendo dentro deles. E nenhum mortal consegue sobreviver a isso por muito tempo.

— É muito perigoso nos aproximarmos deles — falou Mark. — Temos que confiar em Emma e Julian. Confiar que eles podem encerrar isso por conta própria.

Fez-se uma longa pausa. Jaime ficou assistindo impassível enquanto os Blackthorn e seus agregados permaneciam inertes e num intenso silêncio.

— Não — falou Helen finalmente e o coração de Dru despencou. Helen levantou os olhos, um azul Blackthorn fervoroso em seu rosto manchado de fuligem. — Dru está certa. Temos que ir. — Ela olhou para Dru. — Você tem razão, meu amor.

— Vou com você até o campo — falou Jaime para Dru.

Ela ficou feliz com a companhia dele enquanto todos partiam, os Blackthorn juntos. Mas não era em Jaime que Dru estava pensando quando eles se viraram para caminhar rumo ao coração da batalha. Era na irmã. *Helen acreditou em mim. Helen entendeu.*

No meio das trevas da batalha, seu coração pareceu um pouquinho mais leve.

Jaime de repente se aprumou.

— Diego — chamou, e em seguida uma torrente de espanhol. Dru e Helen giraram, e Dru respirou fundo.

Não muito longe, um guarda vermelho arrastava o corpo flácido de Diego pelo campo. Pelo menos Dru supunha que fosse Diego. Suas roupas eram familiares, assim como os cabelos escuros. Mas seu rosto estava inteiramente sujo de sangue.

Helen tocou o ombro de Jaime.

— Vá ver o seu irmão — disse ela. — Rápido. Nós ficaremos bem. Jaime saiu correndo.

Jace estava acordado. Estava piscando e começando a sentar quando Clary o alcançou, e ela estava dividida entre se jogar nos braços dele e agredi-lo por tê-la assustado tanto.

Ela estava desenhando um *iratze* no braço dele. Parecia estar funcionando bem — o longo arranhão sangrento na lateral do rosto já tinha se curado. Ele estava meio sentado e meio apoiado nela para recuperar o fôlego, quando Alec apareceu correndo e se ajoelhou ao lado deles.

— Você está bem, *parabatai*? — perguntou Alec, olhando ansiosamente para o rosto de Jace.

— Por favor, prometa que nunca mais fará isso — disse Clary.

— Prometo que nunca mais vou me colocar entre Zara Dearborn e um gigante violento outra vez — disse Jace. — Alec, o que está acontecendo? Você estava no campo...

— Julian e Emma jogaram Vanessa Ashdown a seis metros de altura — disse Alec. — Acho que eles ficaram com raiva por ela ter esfaqueado Cameron, mas por que eu não sei dizer.

Clary olhou para Emma e Julian. Eles estavam muito parados, olhando para a Tropa, como se estivessem decidindo o que fazer com eles. De vez em quando um membro da Tropa se libertava e corria, e Emma ou Julian o capturavam de volta.

Era quase como um jogo, mas anjos não jogavam. Clary não podia deixar de se lembrar da visão de Raziél, emergindo do Lago Lyn. Poucas pessoas já tinham olhado para um anjo. Poucas pessoas já tinham encarado os olhos frios do paraíso, com sua indiferença em relação a mesquinharias mortais. Será que Emma e Julian sentiam uma fração dessa indiferença, dessa despreocupação que não era crueldade, mas algo mais estranho e maior — algo nada humano?

Emma de repente balançou e caiu sobre um joelho. Clary a encarou, chocada, enquanto a Tropa gritava e fugia, mas Emma não fez nenhum movimento para recapturá-los. Julian, ao seu lado, esticou a mão brilhante para ajudá-la a se levantar.

— Eles estão morrendo — falou Jace baixinho.

Alec pareceu confuso.

— Quê?

— Eles são Nephilim; verdadeiros Nephilim — disse Jace. — Os monstros antigos que outrora caminharam sobre a Terra. Eles têm fogo celestial dentro

deles, que alimenta tudo o que fazem. Mas é demais. Os corpos mortais vão queimar. Provavelmente estão em agonia.

Ele se levantou.

— Temos que contê-los. Se ficarem enlouquecidos de dor, quem sabe o que farão?

Emma começou a seguir em direção à cidade. Clary viu Isabelle e Simon correndo para o bloqueio de Caçadores de Sombras entre Emma e Julian e a cidade de Alicante.

— Como vamos detê-los? — perguntou Alec.

Austeramente, Jace sacou a Espada Mortal. Antes que pudesse agir, Clary colocou a mão no ombro dele.

— Espera — disse ela. — Olha.

Não muito longe, um pequeno grupo caminhava em direção às figuras brilhantes e monstruosas de Emma e Julian. Helen Blackthorn com todos os irmãos ao seu lado — Mark e Tiberius, Drusilla e Octavian. Eles caminhavam juntos numa fila firme e forte.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Alec.

— A única coisa que podem fazer — respondeu Clary.

Lentamente, Jace abaixou a Espada Mortal.

— Pelo Anjo — disse, respirando fundo. — Essas crianças...

— Diego. Acorde, meu irmão. Por favor, acorde.

Houve apenas escuridão, intercalada com faíscas brilhantes de dor. Agora tinha a voz de Jaime. Diego queria ficar no escuro e no silêncio. Descansar onde a dor não o tocava, aqui neste mundo silencioso.

Mas a voz de seu irmão era insistente, e desde a infância Diego fora treinado a atendê-la. A levantar da cama quando seu irmão chorava, a correr para ajudá-lo a se levantar quando ele caía.

Ele abriu os olhos. Estavam grudentos. Seu rosto queimava. Acima dele havia um céu escuro turbulento e Jaime, sua expressão muito perturbada. Ele estava ajoelhado, com seu arco do lado; não muito longe, havia um guarda morto com uma flecha no peito.

Jaime estava agarrando a estela. Ele afastou os cabelos de Diego do rosto; quando tirou a mão, estava vermelha de sangue.

— Fique parado — ordenou. — Eu já apliquei diversos *iratzes*.

— Preciso levantar — sussurrou Diego. — Tenho que lutar.

Os olhos escuros de Jaime brilharam.

— Seu rosto está rasgado, Diego. Você perdeu sangue. Não pode se levantar.

Não vou permitir.

— Jaime...

— No passado você sempre me curou — disse Jaime. — Me deixe ser quem vai curá-lo agora.

Diego tossiu. Sua boca e sua garganta estavam cheias de sangue.

— Quão ruins... quão ruins vão ficar as cicatrizes?

Jaime pegou a mão dele, e foi aí que Diego soube que estava de fato muito ruim. Implorou silenciosamente para que Jaime não mentisse nem tivesse pena dele.

O sorriso de Jaime foi lento e torto.

— Acho que o bonitão da família agora serei eu — falou. — Mas pelo menos você ainda é muito musculoso.

Diego engasgou com uma risada, com o gosto do sangue, com a estranheza daquilo tudo. Enroscou os dedos aos do irmão e segurou firme.

A caminhada pelo campo foi surreal.

Enquanto os irmãos se aproximavam de Emma e Julian, outros Caçadores de Sombras se aproximavam dos Blackthorn, às vezes parecendo confusos, outras, quase envergonhados. Dru sabia que na concepção deles o grupo estava caminhando para a morte certa. Alguém gritou que eles deveriam deixar Tavvy para trás, mas o pequenino só fez grudar ainda mais nos irmãos, balançando a cabeça.

Emma e Julian claramente estavam indo para a cidade. Eles se movimentavam como sombras brilhantes, fechando o caminho entre eles e a barricada de Caçadores de Sombras que se postava entre eles e Alicante.

— Temos que chegar até eles — murmurou ela, mas a multidão diante deles estava formando outra espécie de barricada. Ela viu Caçadores de Sombras conhecidos ali no meio; Anush e Divya Joshi, Luana Carvalho, Kadir Safar, e até alguns seres do Submundo, dentre os quais Bat Velasquez e Kwasi Bediako, que gritavam para que eles não se aproximassem de Julian e Emma, que não era seguro.

Ela olhou em pânico para os outros.

— O que faremos?

— Não posso atirar flechas de elfos neles — disse Mark. — Eles têm boas intenções.

— Lógico que não! — Helen parecia apavorada. — Por favor! — gritou. — Nos deixem passar!

Mas sua voz se perdeu no rugido da multidão, que os incitava a recuar, para



longe da cidade, para longe de Emma e Jules. Dru tinha começado a entrar em pânico quando ouviram o trovão dos cascos.

Caçadores de Sombras recuaram relutantes enquanto Lança do Vento, com Kieran em suas costas, abriu caminho na multidão. Suas laterais estavam suadas; ele claramente tinha corrido pelo campo. Os olhos apavorados de Kieran percorreram a multidão até encontrarem Mark, e depois Cristina.

Os três trocaram um olhar rápido e cheio de significado. Mark levantou a mão, como se estivesse tentando alcançar o novo Rei Unseelie.

— Kieran! — gritou. — Ajude-nos! Temos que chegar a Emma e Julian!

Dru esperou Kieran dizer que era perigoso. Impossível. Em vez disso, ele se abaixou sobre o pescoço de Lança do Vento; parecia estar sussurrando para o cavalo.

Um instante mais tarde o céu escureceu com silhuetas voadoras. A Caçada Selvagem tinha chegado. Caçadores de Sombras e seres do Submundo se espalharam quando a Caçada voou baixo. De repente os Blackthorn conseguiam avançar outra vez, o mais rápido possível em direção a Emma e Julian, que já tinham quase chegado à fileira de Caçadores de Sombras que protegia a cidade.

Ao passarem, Dru esticou o braço para acenar para Diana e Gwyn, que tinham se afastado da Caçada Selvagem e se preparavam para aterrissar ao lado dos Blackthorn. Diana sorriu para ela e colocou a mão no coração.

Dru manteve os olhos fixados no objetivo à frente. Estavam quase lá. Kieran tinha se juntado a eles. A coroa Unseelie brilhava em sua testa, mas sua atenção estava voltada para a proteção dos Blackthorn. Com Lança do Vento empinando, ele estava contendo a multidão num dos lados enquanto Gwyn e Diana faziam o mesmo do outro.

O campo de batalha nivelou. Estavam perto agora, o bastante para que Emma e Julian fossem borrões brilhantes. Era como olhar para árvores numa floresta sem conseguir enxergar o topo delas.

Dru respirou fundo.

— Tudo bem — disse. — Só a gente agora. Só os Blackthorn.

Todo mundo ficou parado.

Mark colou a testa na de Cristina, seus olhos fechados, antes de ajudá-la a montar Lança do Vento, ao lado de Kieran. Kieran apertou a mão de Mark com força e abraçou Cristina como se quisesse dizer para Mark que a manteria em segurança. Aline beijou Helen suavemente e foi para perto da mãe no meio da multidão. Eles assistiram, um grupo pequeno e preocupado, enquanto os Blackthorn partiam para encerrar a distância entre eles e Emma e Jules.

Eles pararam a alguns metros das figuras gigantes de Julian e Emma. Por um instante, a certeza que sustentara Dru até este momento titubeou. Ela só havia

pensado em chegar até aqui. Não no que faria ou diria quando chegassem.

Foi Tavvy quem avançou primeiro.

— Jules! — gritou. — Emma! Estamos aqui!

E finalmente Emma e Julian reagiram.

Eles se viraram, dando as costas para a cidade, e olharam os Blackthorn. Dru esticou a cabeça para trás. Dava para ver as expressões deles. Estavam completamente vazias. Não havia qualquer reconhecimento em seus olhos brilhantes.

— Não podemos simplesmente mandá-los parar — falou Mark. — Todo mundo já tentou isso.

Tavvy avançou um pouco mais. Os olhos dos gigantes os acompanhavam como enormes lâmpadas, brilhantes e artificiais.

Dru queria esticar o braço e puxar Tavvy de volta.

— Jules? — disse ele, e sua voz soou pequena, e baixa, e partiu o coração de Drusilla. Ela respirou fundo. Se Tavvy podia se aproximar deles, ela também podia. Ela se postou atrás do irmão caçula e inclinou os ombros até estar olhando diretamente para Emma e Julian. Era como encarar o sol; seus olhos ardiam, mas ela os manteve bem abertos.

— Emma! — chamou ela. — Julian! É a Dru... Drusilla. Olha, estão todos pedindo para vocês pararem porque a luta já foi vencida, mas não estou aqui para isso. Estou aqui para pedir que parem porque amamos vocês. Precisamos de vocês. Voltem para nós.

Nem Emma nem Julian se mexeram ou mudaram de expressão. Dru continuou, suas bochechas ardendo.

— Não nos deixem — prosseguiu. — Quem vai assistir a filmes de terror ruins comigo, Julian, se você se for? Quem vai me treinar, Emma, e me mostrar tudo o que estou fazendo de errado, e me explicar como fazer melhor?

Alguma coisa se mexeu atrás de Dru. Helen tinha se aproximado. Ela esticou as mãos como se pudesse tocar as figuras brilhantes em frente a ela.

— Julian — começou. — Você criou nossos irmãos quando eu não pude. Você sacrificou sua infância para manter nossa família unida. E Emma. Você cuidou desta família quando eu não pude. Se vocês dois me deixarem agora, como terei a chance de compensá-los?

Julian e Emma continuavam sem expressão, mas Emma inclinou levemente a cabeça, quase como se estivesse ouvindo.

Mark também avançou, colocando sua mão esguia no ombro de Dru. Ele esticou a cabeça para trás.

— Julian — falou ele. — Você me ensinou a voltar a ser parte de uma família. Emma, você me ensinou como ser amigo quando eu tinha me esquecido

sobre amizade. Vocês me deram esperança quando eu estava perdido. — Ele estava ereto como uma flecha de elfo, olhando para o céu. — Voltem para nós.

Julian se mexeu. Foi um movimento mínimo, mas Dru sentiu seu coração saltar. Talvez... talvez...

Ty deu mais um passo, seu uniforme sujo e rasgado onde o tronco o talhara. Seus cabelos caíam em mechas escuras sobre o rosto. Ele afastou os fios e disse:

— Nós perdemos Livvy. Nós... nós perdemos.

Lágrimas arderam no fundo dos olhos de Dru. Havia algo no tom de voz de Ty que fazia parecer que esta era a primeira vez que ele percebia o caráter definitivo e irrevogável da morte de Livvy.

Os cílios de Ty brilhavam com lágrimas enquanto ele erguia o olhar.

— Não podemos perder vocês também. Vamos acabar... vamos acabar perdidos também. Julian, você me ensinou o que significava cada palavra que eu não entendia... e Emma, você espantou todo mundo que já me tratou mal. Quem vai me ensinar e me proteger se vocês não voltarem a ser vocês?

Houve um impacto enorme e barulhento. Julian tinha caído de joelhos. Dru conteve um engasgo — ele parecia menor do que antes, embora ainda enorme. Ela notava fissuras escuras em sua pele brilhante, onde faíscas vermelhas de fogo vazavam como sangue.

*Tem fogo celestial ardendo dentro deles. E nenhum mortal consegue sobreviver a isso por muito tempo.*

— Emma — sussurrou Dru. — Julian.

Eles não estavam mais sem expressão. Dru já tinha visto estátuas de anjos em luto, de anjos espetados por espadas de fogo, chorando lágrimas de agonia. Não era fácil empunhar uma espada para Deus.

Agora ela enxergava tais estátuas novamente nos olhares gigantescos à frente.

— Emma! — O grito explodiu de Cristina; ela havia se afastado dos outros e agora vinha correndo em direção aos Blackthorn. — Emma! Quem vai ser minha melhor amiga se não for você, Emma? — Ela estava chorando, lágrimas se misturando ao sangue e à sujeira em seu rosto. — Quem vai cuidar da minha melhor amiga quando eu não puder, Julian, se você não estiver aqui?

Emma caiu de joelhos ao lado de Julian. Ambos estavam chorando — lágrimas de fogo, vermelhas e douradas. Dru torcia desesperadamente para que isso significasse que estavam sentindo alguma coisa, e não que estavam morrendo, se desfazendo em chamas idênticas.

— Quem vai me enlouquecer com perguntas na aula se não vocês? — gritou Diana. Ela também estava se aproximando, assim como Kieran e Aline, deixando Gwyn segurando a rédea de Lança do Vento, seu rosto refletindo espanto e admiração.

Aline pigarreou.

— Emma e Julian — falou. — Não os conheço tão bem assim, e essa coisa dos gigantes é de fato uma enorme surpresa. Não foi um trocadilho. Eu estava sendo literal. — Ela olhou de soslaio para Helen. — Mas estar com vocês faz minha mulher muito feliz, e isso acontece porque ela os ama. — Pausou. — Eu também gosto de vocês e vamos ser uma família, caramba, então desçam aqui e *fiquem* com a família!

Helen afagou o ombro de Aline.

— Foi ótimo, querida.

— Julian — disse Kieran. — Eu poderia falar sobre como Mark o ama, e Emma, eu poderia falar sobre a amizade que Cristina tem por você. Mas a verdade é que tenho que ser o Rei da Corte Unseelie, e sem seu brilho, Julian, e sua coragem, Emma, temo que meu reinado seja curto.

Ao longe, Dru viu Isabelle e Simon se aproximando. Alec estava com eles, com o braço em volta de Magnus, e Clary e Jace vinham ao lado, de mãos dadas.

Tavvy ergueu os braços.

— Jules — chamou, sua voz pequena clara e ressonante. — Me pega no colo. Estou cansado. Quero ir para casa.

Lentamente — tão lentamente quanto a eternidade — Julian esticou suas mãos brilhantes, fissuradas com a escuridão da qual o fogo celestial entornava como sangue. Ele se esticou para Tavvy.

Houve uma explosão de luz que queimou os olhos de Dru. Quando ela piscou, viu que Julian e Emma não estavam mais lá — não, estavam caídos no chão; eram silhuetas numa aura de luz, diminuindo, cercados por uma piscina de luminosidade da cor de um ouro sangrento.

Por um momento apavorado, Dru teve a certeza de que eles estavam morrendo. Quando a luz horrorosa desbotou, ela viu Emma e Julian — de tamanho humano novamente — encolhidos juntos no chão. Estavam de mãos dadas, os olhos fechados, como anjos que caíram do céu e agora dormiam em paz na terra outra vez.

# 33

## Homenagem

— Acorde, Emma. É hora de acordar.

Havia a mão gentil de alguém em sua testa, uma voz suave na escuridão, chamando por ela.

Por um tempo houve apenas sombras. Sombras e frio após um longo período queimando. O mundo tinha se inclinado ao longe. Ela vira um lugar brilhante demais para se lembrar e figuras que brilhavam como lâminas ao sol. Ouvira vozes chamando seu nome. *Emma. Emma.*

*Emma significa universo*, Julian lhe dissera.

Mas ela não acordou. Em vez disso ouviu a voz de Julian outra vez, agora misturada à de Jem.

— Foi um toque inteligente — disse Jem —, fazer duas reuniões, e não uma. Você sabia que qualquer um dos Caçadores de Sombras poderia ser leal à Tropa, então os chamou só para a primeira. Assim, quando revelaram seus planos a Horace, ele só estava preparado para sua interrupção à negociação. E não para o ataque dos membros do Submundo.

— Jace e Clary concordaram em ser nossas iscas — disse Julian. Ele soava cansado, mesmo no sonho de Emma.

— Sabíamos que Horace ia fazer qualquer coisa para colocar as mãos neles. Assim poderíamos fazê-los aparecer na frente de todo mundo e provar que Horace não só estava enganado quanto à morte deles, mas também que estava tentando matá-los.

Fez-se uma longa pausa. Emma flutuou em mais escuridão, embora agora conseguisse enxergar silhuetas nela, formas e sombras.

— Eu sabia que haveria espões na reunião — disse Julian. — Admito que eles me surpreenderam mandando um demônio. Nem tinha entendido, até ver

Eidolon no campo de batalha. Como vocês acham que ele entrou no Santuário? Só se fazer passar por Oskar não deveria tê-lo protegido.

— Sabe-se que demônios já utilizaram sangue de Caçadores de Sombras para entrarem em Institutos. Oskar Lindquist foi encontrado morto ontem. É possível que seu sangue tenha sido utilizado.

— Mas isso daria ao demônio o poder de ser invulnerável a lâminas serafim? — perguntou Julian.

Mais uma longa pausa.

— Não conheço nenhuma magia forte o suficiente para isso. — Jem pareceu preocupado. — Os Irmãos do Silêncio vão querer saber...

Emma abriu os olhos devagar, relutante em abandonar a suavidade da escuridão.

— Jem? — sussurrou. Sua garganta e boca estavam incrivelmente secas.

— Emma! — Ela foi puxada para um abraço. Os braços de Jem eram fortes. Ela apoiou a cabeça no ombro dele. Era como ser abraçada pelo seu pai: uma lembrança que ela sempre guardara no fundinho da mente, preciosa e inesquecível.

Ela engoliu em seco para superar a secura na garganta.

— Julian? — chamou.

Jem recuou. Agora conseguia ver onde estava — num quartinho com duas camas brancas, com uma janela na parede permitindo que o sol entrasse. Julian estava sentado na cama em frente à dela, vestindo uma camiseta limpa e calças folgadas como roupas de treino. Alguém a tinha vestido com as mesmas roupas; seus cabelos estavam emaranhados, e o corpo inteiro doía como um hematoma gigante.

Julian parecia ileso. Seus olhares se encontraram e a expressão dele suavizou; ele estava com as costas eretas e tensas, e os ombros duros.

Ela queria abraçá-lo. Pelo menos segurar sua mão. Mas se obrigou a não se mexer. Sentia-se frágil por dentro, seu coração palpitando com amor e medo. Ela não confiava em si para controlar suas emoções.

— Você está no Basílias — informou Jem. — Eu acordei você, Emma, depois que Julian acordou. Achei que quisessem se ver.

Emma olhou em volta. Através de uma janela na parede, notou um quarto maior com camas cobertas por lençóis brancos, cerca de metade das quais estava tomada por pacientes. Irmãos do Silêncio circulavam entre as fileiras e o ar cheirava a cura — ervas e flores, os remédios da Cidade do Silêncio.

O quarto deles tinha um teto baixo e abobadado, pintado com símbolos de cura em dourado, vermelho e preto. Mais janelas davam vista para os prédios de Alicante: as casas com telhados vermelhos, as agulhas finas das torres

demoníacas.

— As crianças, elas estão bem? — perguntou Emma. — Helen...?

— Eu já perguntei — disse Julian. Era difícil para Emma não olhar para ele, e era também doloroso olhar; ele parecia diferente, de algum jeito. Transformado. Ela desviou o olhar e encarou Jem, que tinha ido para perto da janela. — Estão todos bem, Emma.

— Até Kit? Ele salvou minha vida...

— Ele estava muito esgotado e doente — disse Jem. — Mas se recuperou bem. Ele está na Cidade do Silêncio. Perdemos bons guerreiros no campo de batalha, mas seus amigos estão a salvo. Vocês passaram três dias inconscientes, então perderam os funerais. Mas vocês já foram a muitos enterros recentemente.

Emma franziu o rosto.

— Mas por que Kit está na Cidade do Silêncio? Basilias...

— Emma — falou Jem. — Não vim até aqui para conversar sobre Kit. Vim falar com você e Julian. — Ele afastou os cabelos do rosto; parecia cansado, a mecha branca em seu cabelo mais acentuada. — Você me perguntou há muito tempo sobre a maldição *parabatai*. O que acontece quando dois *parabatai* se apaixonam. Eu contei o que sabia, mas nem sonhava que sua dúvida tivesse cunho pessoal.

Emma se sentiu endurecer. Olhou para Julian, que fez que sim com a cabeça.

— Ele sabe — informou Julian com uma voz seca. Emma ficou imaginando o que ele estava sentindo. Ela não conseguia decifrá-lo como de costume, mas provavelmente ambos estavam em choque. — Agora todo mundo sabe.

Emma abraçou o próprio corpo.

— Mas como...

— Gostaria de ter sabido — disse Jem —, embora compreenda por que não me contou. Conversei com Magnus. Sei de tudo o que vocês fizeram para tentar combater a maldição. Ninguém poderia ter lutado mais. Mas essa não é uma maldição que pode ser desfeita, exceto pela destruição de todos os laços *parabatai* do mundo. — Ele olhou para Emma com olhos contundentes, e ela sentiu o peso súbito da idade avançada de Jem e do quanto ele sabia sobre as pessoas. — Ou, pelo menos, era nisso que se acreditava, e todas as tentativas de investigação sobre a maldição terminavam sem resultados do que poderia acontecer caso a maldição se cumprisse. Só conhecíamos os sintomas: poder elevado sobre as Marcas, capacidade de fazer coisas que outros Nephilim não podem. O fato de você ter quebrado a Espada Mortal, Emma, tenho certeza de que parte foi pela força de Cortana e parte pelo poder da maldição. Mas esses foram apenas palpites ao longo de muitos anos. Então a batalha de três dias atrás se consumou. Do que vocês se lembram?

— Emma estava morrendo nos meus braços — disse Julian. Sua voz tremeu. Mas foi estranho, normalmente Emma teria sentido uma pontada nas costelas, uma faísca da dor dele. Agora não sentia nada. — Vi uma luz branca e nós éramos gigantes, olhando para baixo. Eu não *sinto* o que sentimos, mas me lembro das pessoas parecendo formiguinhas correndo aos nossos pés. E da sensação de estarmos numa missão, como se estivéssemos sendo guiados. Não sei explicar. Como se estivéssemos recebendo instruções sobre o que fazer e não tivéssemos escolha, a não ser obedecer.

— Como se alguma coisa estivesse trabalhando através de você — disse Jem.  
— Uma vontade maior do que a sua?

Emma colocou as mãos no peito.

— Agora eu me lembro... Zara me esfaqueou... eu estava sangrando... — Ela mais uma vez se lembrou da sensação de queimar, e do mundo girando e caindo.  
— Viramos *gigantes*?

— Preciso contar um pouco mais da história Nephilim para vocês — disse Jem, embora Emma preferisse que ele ficasse mais ligado ao assunto dos gigantes: Emma e Julian tinham se transformado neles? — Há muito, muito tempo, no princípio da história dos Caçadores de Sombras, havia enormes demônios que ameaçavam a Terra. Muito maiores do que quaisquer demônios que temos agora, exceto pelo que Demônios Maiores às vezes podem se tornar. Naquele tempo, era possível que Caçadores de Sombras se transformassem em verdadeiros Nephilim. Gigantes na Terra. Temos velhas xilogravuras e desenhos deles, e os escritos daqueles que os viram combatendo demônios. — Ele tirou um pedaço de papel do bolso e leu em voz alta: — *A terra pela qual passamos como espiões é uma terra que devora seus habitantes; e todas as pessoas que nela vimos têm tamanhos grandes. Lá vimos os Nephilim; e, para nós, parecíamos grilos, assim como para eles.*

— Mas isso é história — disse Julian. — As pessoas não se transformam em gigantes *agora*.

*Uma terra que devora seus habitantes.* Emma não pôde deixar de pensar em Thule e nas histórias de gigantes lá.

— A maioria não sobreviveu às transformações — disse Jem. — Era o sacrifício final, arder em fogo celestial e morrer destruindo demônios. Mas notou-se que muitos dos que sobreviveram eram *parabatai*. Caçadores de Sombras tinham mais probabilidade de sobreviver à transformação se tivessem um *parabatai* que não se transformava, ancorando-os à terra.

— Mas nós dois nos transformamos — disse Emma.

— Entendam — disse Jem —, durante anos tentamos entender a maldição *parabatai* e o que ela poderia ser, mas certamente nunca a atribuímos à época



dos Nephilim. O fim dos tempos dos Nephilim veio quando os demônios gigantesco deixaram de vir à Terra. Não sabemos por que desapareceram; simplesmente sumiram. Talvez tenham sido mortos. Talvez tenham perdido interesse neste mundo. Talvez temessem os Nephilim. Isso foi há oitocentos anos, e muitos registros foram perdidos.

— Então quando nos transformamos em gigantes — disse Julian, como se as palavras o deixassem enjoado —, você percebeu que a maldição *parabatai* era de alguma forma ligada aos Nephilim?

— Depois da batalha, corremos para desenterrar qualquer registro dos verdadeiros Nephilim. Ao fazer isso, eu descobri o relato de um terrível evento. Um Caçador de Sombras se tornou um verdadeiro Nephilim para combater um demônio. Seu *parabatai* tinha que ficar para trás como uma âncora, mas em vez disso, ele também se transformou, incontrolavelmente. Ambos se descontrolaram. Destruíram o demônio e depois assassinaram suas famílias e todos aqueles que tentaram contê-los, até terminarem queimados vivos com fogo celestial. — Ele pausou. — Era um casal. Naqueles tempos não havia Lei contra amar seu *parabatai*. Alguns meses depois, aconteceu de novo, dessa vez com outro par de amantes.

— E as pessoas não sabiam sobre isso? — disse Emma.

— Foi feito muito para encobrir. A prática dos *parabatai* é uma das ferramentas mais poderosas que os Caçadores de Sombras possuem. Ninguém queria perdê-la. E como os grandes demônios tinham desaparecido, não se achava que seria necessário ter que empregar os verdadeiros Nephilim novamente. De fato, ninguém nunca mais fez, e o método através do qual os verdadeiros Nephilim eram feitos foi perdido. Poderia ter acabado aí, e de fato não há registros do que aconteceu na Cidade do Silêncio, mas Tessa conseguiu encontrar um arquivo no Labirinto Espiral. Foi o conto dos dois Caçadores de Sombras que viraram uma espécie de feiticeiros, magos poderosos cujas Marcas eram diferentes das de todos os outros. Eles destruíram uma cidade pacífica antes de serem queimados até a morte. Mas desconfio de que não foram queimados pelos habitantes da cidade. Desconfio de que tenham morrido pelo fogo celestial. — Ele pausou. — Não muito depois da data deste conto, foi aprovada a Lei que diz que *parabatai* não poderiam se apaixonar.

— Isso é estranho — murmurou Emma.

— Então o que você está dizendo — falou Julian — é que os Caçadores de Sombras destruíram os próprios registros que explicavam as motivações da Lei que proíbe o amor dos *parabatai*? Eles temiam que as pessoas fossem se aproveitar do poder, mas valorizavam demais os benefícios dos *parabatai* para abrirem mão do ritual?

— É do que desconfio — falou Jem —, mas não acho que vamos conseguir provar.

— Isso não pode estar acontecendo — disse Emma. — Temos que contar a verdade para todos.

— A verdade não vai impedir que aconteça — disse Julian. Ele a olhou com firmeza. — Eu teria me apaixonado por você mesmo se soubesse exatamente qual era o perigo.

O coração de Emma pareceu tropeçar em si mesmo. Ela tentou manter a voz firme.

— Mas se as terríveis punições forem retiradas — continuou ela —, se as pessoas não acharem que vão perder suas famílias, elas vão se impor. Misericórdia é melhor do que vingança, não é?

— Os Irmãos do Silêncio já discutiram e concordam com você — disse Jem. — Vão fazer uma recomendação para a Consulesa e para o novo Inquisidor ou Inquisidora quando ele ou ela for nomeado.

— Mas Jia... Jia ainda é a Consulesa? — perguntou Emma.

— Sim, mas ela está muito doente. Há algum tempo. Espero que ela agora tenha tempo e espaço para descansar e melhorar.

— Ah. — Emma ficou surpresa: Jia parecia invulnerável para ela.

— Os membros da Tropa que sobreviveram estão sendo mantidos na prisão do Gard. Vocês venceram a batalha por nós, afinal. Mas eu não recomendaria que tentassem essa tática outra vez.

— O que vai acontecer conosco? — disse Julian. — Seremos punidos?

— Pelo que aconteceu no campo? Acho que não — falou Jem. — Foi uma guerra. Vocês acabaram com os Cavaleiros de Mannan, o que deixou todos agradecidos, e também mataram diversos membros da Tropa, o que poderiam ter feito de qualquer jeito. E acho que agora vão despertar interesse; verdadeiros Nephilim não existem há séculos. Além disso, vocês podem ter que fazer serviço comunitário.

— Sério? — disse Emma.

— Não — disse Jem, e piscou para ela.

— Estou falando sobre a questão *parabatai* — disse Julian. — Ainda estamos transgredindo a Lei ao sentir o que sentimos um pelo outro. Mesmo que suavizem as Leis, ainda teremos que ser separados, ou até exilados, para que isso nunca mais aconteça.

— Ah — falou Jem, e se inclinou contra a parede, com os braços cruzados. — Quando suas roupas foram cortadas para que pudessem ser curados, aqui no Basílias, foi notado que suas Marcas *parabatai* tinham desaparecido.

Emma e Julian o encararam.

— Bem, uma Marca *parabatai* pode ser cortada da pele sem que o vínculo se perca — explicou Jem. — A Marca simboliza, mas não é o laço em si. Mas é curioso, porque não há marcas ou cicatrizes onde suas Marcas ficavam; é como se nunca tivessem existido; é como se nunca tivessem sido feitas. Os Irmãos do Silêncio vasculharam suas mentes e viram que o laço tinha sido rompido. — Ele pausou. — Na maioria dos casos, eu acharia que estaria transmitindo uma péssima notícia, mas neste caso, talvez não. Vocês não são mais *parabatai*.

Nenhum dos dois se mexeu, ou sequer respirou. No peito de Emma, seu coração parecia reverberar como um sino num espaço vasto, o eco profundo de uma caverna cujo teto era tão alto que todo o som desaparecia em meio a silêncio e sonhos. O rosto de Julian estava tão branco quanto as torres demoníacas.

— Não somos *parabatai*? — perguntou ele finalmente, sua voz parecia a de um desconhecido.

— Vou dar um momento para que possam digerir a notícia — falou Jem, dando um sorrisinho. — Eu vou conversar com a família de vocês. Estão todos preocupados. — Ele se retirou, e embora estivesse usando jeans e um casaco, a sombra das túnicas parecia se mover ao seu redor enquanto se deslocava.

A porta se fechou atrás de Jem, e Emma continuava incapaz de se mexer. O pavor de se permitir acreditar que o terror tinha chegado ao fim, que ficaria tudo bem, a manteve congelada. Por tanto tempo, ela convivera com um peso nos ombros. Por tanto tempo, aquela era sempre a primeira coisa na qual pensava ao acordar, e a última antes de dormir; o alimento de seus pesadelos e do fim de todo medo secreto: *vou perder Julian. Vou perder minha família. Vou me perder.*

Mesmo nos melhores momentos, Emma achava que perderia uma dessas coisas. Nunca sonhou que pudesse manter todas.

— Emma — começou Julian. Ele tinha se levantado, mancando um pouco, e o coração de Emma partiu: ela sabia que isso não poderia ser mais fácil para ele do que para ela. Ela se levantou, as pernas trêmulas. Eles se encararam através do espaço entre as duas camas.

Ela não soube dizer quem cedeu e tomou a iniciativa. Pode ter sido ela, ou ele; pode ser que tenha sido uníssono, como fizeram por tanto tempo, ainda conectados embora o laço *parabatai* não existisse mais. Eles se colidiram no meio do quarto; ela lançou os braços em volta de Julian, seus dedos com curativos se enterrando nas costas da camisa.

Ele estava aqui, realmente aqui, sólido em seus braços. Ele beijou o rosto dela de forma febril, ele correu as mãos pelos cabelos dela. Ela sabia que as lágrimas estavam correndo pelo seu rosto; ela o abraçou com o máximo de força possível,

sentindo-o estremecer em seus braços.

— Emma — dizia ele repetidas vezes, sua voz falhando, cortando a palavra.  
— Emma, Emma, minha Emma.

Ela não conseguia falar. Em vez disso, traçou os dedos desajeitadamente pelas costas dele, escrevendo o que não conseguia dizer em voz alta, como por tanto tempo fizeram. *f-i-n-a-l-m-e-n-t-e*, escreveu. *f-i-n-a-l-m-e-n-t-e*.

A porta se abriu. E pela primeira vez eles não saltaram um para longe do outro: continuaram de mãos dadas, mesmo enquanto seus amigos e familiares entravam no quarto, lacrimosos e reluzindo de felicidade e alívio.

— Eles estão com bastante medo de você no Reino das Fadas agora, Cristina — disse Kieran. — Você é chamada de assassina de reis e príncipes. Uma Caçadora de Sombras aterrorizante.

Eles três — Mark, Cristina e Kieran — estavam sentados perto de um chafariz seco na Praça do Anjo, diante do Basílias. Cristina estava sentada entre as pernas de Mark, que tinha os braços em volta dela. Kieran estava apoiado na lateral do corpo dele.

— Eu não sou aterrorizante — protestou Cristina.

— Você *me* aterrorizou — disse Mark, e Cristina se virou e mostrou a língua para ele. Kieran sorriu, mas não riu: parecia haver muita tensão nele. Talvez por ser difícil estar em Alicante. A cidade tinha sido muito protegida contra fadas durante a Guerra Maligna, ferro, sal e sorva estrategicamente espalhados por quase todas as ruas. Basílias era coberto por pregos de ferro, então Mark e Cristina estavam esperando por notícias de Jules e Emma na praça com Kieran, deixando que o sol brilhante os aquecesse enquanto descansavam.

Após a Guerra Maligna, Mark sabia, esta praça ficara cheia de corpos. Cadáveres espalhados em fileiras, os olhos cobertos com seda branca, prontos para cremação e enterro. Agora estava pacificamente quieta. Houve mortes na batalha de três dias antes, e no dia seguinte um grande velório nos Campos. Jia discursara: sobre a tristeza suportada, sobre a necessidade de reconstrução e sobre a importância de não se vingar dos membros da Tropa, cinquenta dos quais agora estavam no presídio do Gard.

— Minha mãe é que é aterrorizante — disse Cristina, balançando a cabeça. Ela estava cálida nos braços de Mark, e Kieran era um peso confortável ao seu lado. Não fosse pela preocupação com Emma e Jules, ele estaria perfeitamente feliz. — Eu contei a ela sobre a gente ontem.

— Contou? — Mark ficou ansioso. A mãe de Cristina *era* aterrorizante, ele ouvira dizer que depois que os portões da Cidade foram abertos pelos Irmãos do

Silêncio, ela escalara um dos muros e atirara várias lanças em fadas Unseelie com uma precisão mortal que incitara vários guardas a fugir da cidade. Tinha também o boato de que ela havia socado Lazlo Balogh no nariz, mas ele resolveu não confirmar.

— O que ela disse? — Os olhos preto e prata de Kieran estavam preocupados.

— Ela disse que talvez não fosse a escolha que ela faria para mim — disse Cristina —, mas que o importante é a minha felicidade. Ela também disse que não se surpreendia com o fato de eu precisar de dois homens para preencher o lugar de Diego. — Sorriu.

— Como Diego salvou a minha vida, eu vou absorver essa descortesia sem responder — falou Kieran.

— E eu vou amarrar os cadarços dele juntos na próxima vez que encontrá-lo — disse Mark. — Vocês acreditam que Manuel foi achado debaixo do corpo de Horace?

— Só me surpreende ele não ter cortado o corpo de Horace para se esconder dentro — disse Kieran severamente.

Mark deu um soquinho de leve no ombro dele.

— Ei, por que você me bateu? — protestou Kieran. — Já aconteceu no Reino das Fadas. Um guerreiro covarde passou uma semana escondido dentro de um kelpie.

Algo branco desceu do céu. Uma mariposa, que depositou uma bolota no colo de Kieran e voou para longe.

— Um recado? — perguntou Mark.

Kieran abriu o topo da bolota. Ele parecia muito sério, provavelmente porque agora trajava as roupas de um Rei Unseelie. Mark ainda se espantava ao vê-lo, todo de preto — botas pretas, calças pretas e um colete preto com ondas douradas e verdes bordadas, simbolizando a ascendência nixie de Kieran.

— É de Winter — falou Kieran. — Todos os Caçadores de Sombras e seres do Submundo que estavam nas Terras Unseelie voltaram para suas casas.

Kieran concedera a hospitalidade da Corte Unseelie àqueles que fugiram da batalha nos Campos. Alec disse que o gesto contaria muito na hora de revogar as leis da Paz Fria. Uma reunião para discutir como a Clave iria proceder estava marcada para o dia seguinte, e Mark estava ansioso por ela.

Kieran não tinha passado muito tempo na Corte Unseelie. Ele voltara para Mark e Cristina no dia seguinte à batalha, e eles ficaram felizes em tê-lo de volta.

— Vejam! — gritou Cristina. Sentou-se ereta, apontando: uma das janelas do Basílias tinha sido aberta e Dru estava acenando para que entrassem. — Emma e

Julian estão acordados! — falou. — Vamos!

Cristina se levantou e os outros foram atrás. *Julian e Emma*. E Dru estava sorrindo. Agora, pensou Mark, *agora* ele estava perfeitamente feliz.

Ele foi em direção ao Basílias, com Cristina ao seu lado. Estavam quase lá quando perceberam que Kieran não tinha ido junto.

Mark se virou.

— Kieran... — Franziu o rosto. — O ferro é muito difícil?

— Não é isso — pensou Kieran. — Eu tenho que voltar para o Reino das Fadas.

— Agora? — perguntou Cristina.

— Agora e para sempre — respondeu Kieran. — Não posso sair de lá.

— *Quê?* — Mark marchou de volta para Kieran. A carta branca de Winter esvoaçava na mão de Kieran como a asa de um pássaro. — Fale coisas com sentido, Kieran.

— Estou falando — respondeu Kieran suavemente. — Agora que sabemos que Emma e Julian vão sobreviver, tenho que voltar para o Reino das Fadas. Foi o acordo que fiz com Winter. — Ele olhou para a carta. — Meu general me convocou. Sem um Rei, a Terra corre risco de sucumbir ao caos.

— Eles têm um Rei! — Cristina correu para o lado de Kieran. Ela estava usando um xale azul claro; ela se enroscou mais nele em agitação, balançando a cabeça. — Você é o Rei, estando lá ou aqui.

— Não. — Kieran fechou os olhos. — O Rei é ligado à Terra. Durante todo o tempo em que o Rei está no mundo mortal, a Terra enfraquece. Não posso ficar aqui. Eu não queria ser Rei, não pedi para ser Rei, mas eu *sou* Rei e não posso ser um mau Rei. Não seria correto.

— Nós podemos ir com você, então — falou Mark. — Poderíamos não ficar no Reino das Fadas o tempo todo, mas poderíamos visitar...

— Também pensei nisso. Mas mesmo após pouco tempo como Rei da Corte, eu já sei que não dá — falou Kieran. Seus cabelos tinham ficado inteiramente pretos sob o aro fino de ouro que envolvia sua cabeça. — O Rei não pode ter um consorte mortal...

— Nós sabemos disso — interveio Cristina, lembrando de suas palavras em Brocelind. Mesmo naquele momento, ela acreditava que Kieran poderia não se tornar Rei. Que alguma outra solução seria encontrada. — Mas seu pai teve consortes mortais, não teve? Tem alguma forma de contornar as regras?

— Não. Ele teve *amantes* mortais. — A palavra soava feia. — Um consorte tem posição oficial. Acompanhantes mortais são brinquedos para serem usados e descartados. Ele não ligava para o tratamento que recebiam, mas eu ligo. Se eu os levasse para a Corte como amantes, vocês seriam tratados com desprezo e

crueldade, e eu não suportaria isso.

— Você é o Rei — disse Cristina. — São o seu povo. Não pode ordenar que não sejam cruéis?

— Eles tiveram anos de um reino cruel — disse Kieran. — Não posso ensiná-los da noite para o dia. Eu mesmo não sabia como fazê-lo. Tive que aprender a bondade com vocês dois. — Seus olhos brilharam. — Meu coração está partido e não vejo saída. Vocês são tudo o que eu quero, mas tenho que fazer o que é melhor para o meu povo. Não posso enfraquecer minha terra vindo aqui, e não posso machucar vocês levando-os para lá. Jamais teríamos paz em nenhum dos dois lugares.

— Por favor, Kieran — implorou Mark. Ele pegou o pulso de Kieran: *estou segurando o braço do Rei Unseelie*, pensou. Talvez fosse a primeira vez que pensava em Kieran como o Rei, e não apenas como o seu Kieran. — Podemos encontrar uma solução.

Kieran puxou Mark e o beijou, forte e subitamente, apertando os dedos ao redor do pulso de Mark. Quando o soltou, estava pálido, as bochechas ardendo em cor.

— Não dormi por três dias. Por isso eu queria que Adaon fosse o Rei. Outros querem o trono. Eu não quero. Só quero vocês.

— E será um grande Rei por isso — disse Cristina, seus olhos brilhando com lágrimas contidas. — E se fossem só você e Mark? Mark é metade fada, certamente isso deve significar alguma coisa...

— Para eles, ele é um Caçador de Sombras — explicou Kieran, soltando a mão de Mark para marchar até Cristina. Seus olhos estavam borrados de exaustão. — E eu amo vocês dois, minha corajosa Cristina. Nada pode mudar isso. Nada vai mudar isso.

As lágrimas que ela estava segurando entornaram por suas bochechas quando Kieran tomou seu rosto gentilmente entre as mãos.

— Você realmente vai embora? Tem que ter outro jeito!

— Não tem. — Kieran a beijou breve e intensamente, como fizera com Mark; Cristina fechou os olhos. — Saibam que sempre vou amá-los, onde quer que eu esteja.

Ele a soltou. Mark queria protestar, mas, mais do que Cristina, ele entendia as cruéis realidades do Reino das Fadas. Os espinhos entre as rosas. O que significaria ser um brinquedo do Rei numa Corte das Fadas; ele mesmo conseguia suportar a dor, mas não por Cristina.

Kieran pulou nas costas de Lança do Vento.

— Sejam felizes um com o outro — recomendou, seus olhos desviando como se não conseguisse encará-los. — É o meu desejo de Rei.

— Kieran... — começou Mark.

Mas Kieran já estava se afastando a grande velocidade. As pedras do chão tremeram com os cascos de Lança do Vento; em segundos, Kieran desapareceu de vista.

Kit detestava a Cidade do Silêncio, embora seu quarto fosse relativamente confortável, pelo menos quando comparado ao restante da cidade, que era toda moldada em objetos pontudos feitos de ossos humanos. Depois de pegar três ou quatro crânios e murmurar “Ai de mim, pobre Yorick” para eles, a novidade passou.

Ele desconfiava de que seu quarto fosse parte dos aposentos de um dos Irmãos do Silêncio. Havia muitos livros numa prateleira de madeira, todos eles sobre história e batalhas gloriosas. Tinha uma cama confortável e um banheiro no corredor. Não que ele quisesse pensar nas condições de banheiro da Cidade do Silêncio. Ele queria esquecer o quanto antes.

Não tinha muito o que fazer senão se curar e pensar no que tinha acontecido no campo de batalha. Não parava de se lembrar da onda de poder que o dominara ao atacar os Cavaleiros, fazendo seus cavalos desaparecerem. Tinha sido magia sombria? Por isso ele estava preso? E como era possível que ele tivesse sangue de fada? Ele conseguia tocar em ferro e sorva. Passara a vida toda cercado por tecnologia. E não se parecia em nada como uma fada, e no Mercado das Sombras ninguém nunca acenara tal possibilidade.

Era mais do que suficiente para ocupar sua mente e impedir que ele pensasse em Ty. Pelo menos, deveria ter sido.

Agora estava deitado na cama olhando para o teto de pedra, quando de repente ouviu passos se aproximando no corredor. A primeira coisa que pensou foi em comida — um Irmão do Silêncio trazia uma bandeja de comida nutritivamente sem graça três vezes ao dia.

Mas os passos *estalavam* na pedra. Saltos. Ele franziu o rosto. A Consulesa? Ou mesmo Diana? Ele ficaria tranquilo e explicaria que não tinha feito nada de errado. Ele se sentou, passando os dedos nos cabelos, se perguntando como os Irmãos do Silêncio se viravam sem espelhos. Como sabiam que suas roupas não estavam pelo avesso?

A porta se abriu e Tessa Gray entrou. Usava um vestido verde e uma fita de cabelo como Alice no País das Maravilhas. E sorriu afetuosamente para ele.

— Por favor, me ajude a fugir daqui — disse Kit. — Não quero ficar preso para sempre. Eu não fiz nada de errado, principalmente necromancia.

O sorriso de Tessa desbotou. Ela foi sentar ao pé da cama, seus olhos



cinzentos preocupados. *Arrasou na tranquilidade*, pensou Kit.

— Christopher — começou ela. — Sinto muito por tê-lo deixado aqui por tanto tempo.

— Tudo bem — disse ele, embora não soubesse ao certo se estava mesmo tudo bem. — Mas não me chame de Christopher. Ninguém chama.

— Kit — corrigiu. — Sinto muito por termos deixado você aqui. Estávamos cuidando de Julian e Emma, então não podíamos deixar a cidade. Foi delicado em alguns momentos, mas eles acabaram de acordar. — Ela sorriu. — Achei que você gostaria de saber.

Kit ficou feliz em saber. Mas...

— E os outros, eles estão bem? E Ty?

— Ty e os outros estão bem. E Emma está bem, em parte graças a você. Você salvou a vida dela.

Kit se apoiou na cabeceira de metal da cama, sentindo muito alívio.

— Então não estou encrencado pelo que fiz no campo de batalha?

— Não — disse Tessa lentamente. — Mas você precisa saber o que significa. Tem uma história. Cercada de mistério e desorientação. Uma história que pouca gente viva conhece.

— Algo sobre sangue de fada — falou Kit. — O Cavaleiro... ele disse “Kit é a criança. O descendente da Primeira Herdeira”. Mas não vejo como isso possa ser possível.

Tessa alisou a saia sobre as pernas.

— Há muito tempo, o Rei de Unseelie e a Rainha Seelie formaram uma aliança para unir as Cortes das Fadas. Trouxeram mágicos de todo o Reino das Fadas para lançarem feitiços, garantindo assim que gerariam um herdeiro perfeito. Nem toda mágica foi boa. Houve uso de magia sombria. O Rei sonhava com um filho que fosse unir os reinos, inspirar lealdade perfeita e amor perfeito, que seria mais corajoso do que qualquer cavaleiro fada que já tivesse existido.

— De fato se parece comigo — murmurou Kit.

Tessa lançou um sorriso solidário para ele.

— Mas quando a criança nasceu, era uma menina, Auraline.

— Reviravolta na trama — falou Kit.

— O Rei esperava um herdeiro homem e ficou... irritado. Aos seus olhos, a criança era defeituosa, e em algum momento ele incumbiu um cavaleiro fada de matá-la, embora tivesse espalhado que ela havia sido sequestrada, e é nessa história que a maioria das pessoas acreditava.

— O Rei planejou matar a própria filha?

— Sim, e matou todas as filhas que teve desde então, pela amargura que sentia em relação a Auraline. Pois ela o desafiou; ainda era a Herdeira. Ela

convocou a lealdade do cavaleiro a ela e ele a soltou. E era isso que o Rei tentava esconder. Ele fingia que a morte de Auraline era culpa de terceiros, mesmo com ela tendo fugido para o mundo mortal. Lá ela conheceu um mágico que se tornou seu marido, um mágico que descendia de uma linhagem de Caçadores de Sombras que abandonara a Clave.

— Os Herondale perdidos — supôs Kit.

— Correto. Eles eram seus ancestrais; a linhagem deles conduzia até sua mãe. Ao longo das últimas décadas, o Rei Unseelie ficou caçando todos aqueles que ele supunha descenderem de sua filha, então os Herondale se esconderam, protegidos por nomes falsos e magia poderosa.

— Por que o Rei faria isso? — perguntou Kit.

— Auraline herdou muita magia. Os feitiços praticados nela antes e depois de seu nascimento eram poderosos. Ela é chamada Primeira Herdeira por ser a primeira fada herdeira das duas Cortes, Seelie e Unseelie. Assim como os descendentes dela. Seu sangue lhe dá o direito de reivindicar a Alta Realeza do Reino das Fadas.

— *Quê?* — falou Kit. — Mas... eu não quero. Não quero ser Alto Rei do Reino das Fadas!

— Não importa o que você quer, não para eles — respondeu Tessa com tristeza. — Mesmo que você jamais se aproxime do trono do Reino das Fadas, existem facções de guerreiros que adorariam colocar as mãos em você e utilizá-lo como um peão. Um exército encabeçado por você poderia destruir o Rei, a Rainha, ou ambos.

Os braços de Kit ficaram arrepiados.

— Mas agora todo mundo não sabe quem eu sou? Por causa do que aconteceu com os Cavaleiros? Estou sendo caçado?

Tessa colocou a mão no pulso dele. Foi um toque gentil e maternal. Kit não se lembrava de um toque desses na vida. Tinha apenas a lembrança de cabelos louro-claros e de uma voz açucarada cantando para ele. *A história de como te amo não tem fim.*

— Parte do motivo pelo qual mantivemos você aqui nos últimos dias foi para investigar o Submundo para sabermos se alguém estava falando sobre você — disse Tessa. — Temos muitos contatos e muitas maneiras de acompanharmos a fofoca nos Mercados. Mas com o caos da batalha, só se fala na morte dos Cavaleiros, no que aconteceu a Emma e Julian, e na ascensão de Kieran. Mencionaram um feiticeiro que fez os grandes cavalos dos Cavaleiros desaparecerem, mas espalhamos que foi Ragnor Fell. — Ela revirou os olhos.

— Pensei que ele se chamasse Ragnor Shade?

— É Ragnor Fell — disse ela, e sorriu de um jeito que a fez parecer ter 19

anos. — Ele é um patife, e passou alguns anos escondido. Ressurgiu em grande estilo durante a batalha, e agora todos sabem que Ragnor Fell voltou, e que ele deixou os Cavaleiros a pé. — Ela riu. — Ele vai ficar insuportável.

— Ele não fez isso de verdade — disse Kit.

— Isso não fará diferença para Ragnor — respondeu Tessa solenemente.

— Então... estou a salvo? — perguntou Kit. — Posso voltar para o Instituto de Los Angeles?

— Não sei — uma ruga de preocupação surgiu na testa de Tessa. — Já ficamos nervosos o suficiente deixando você por conta antes, mesmo com você no Instituto e Ragnor por perto para protegê-lo. Ele até o seguiu quando você foi ao Mercado das Sombras.

— Ele falou por que fomos ao Mercado das Sombras? — perguntou Kit, se esquecendo, em seu súbito temor por Ty, de não demonstrar comportamento suspeito.

— Não — falou Tessa. — Ele não estava lá para fofocar sobre você, apenas para protegê-lo. — Ela o afagou no ombro enquanto Kit pensava na estranha lealdade de gente que mal conhecia. — A questão é... antes, não percebemos que você manifestaria qualquer um dos poderes da Herdeira. Poucos de seus ancestrais o fizeram, exceto Auraline. Achamos que se o mantivéssemos afastado de coisas que pudessem despertar seus poderes...

— Nada de fadas — lembrou-se Kit. — Nada de batalhas.

— Exatamente. Se acontecer de novo, a notícia pode espalhar. Além disso, fadas têm memória longa, e queremos que você fique o mais seguro possível.

— Isso significa me deixar na Cidade do Silêncio? Porque eu não gosto daqui — disse Kit. — Eu não sou bom em Silêncio. E isso sem falar a situação do banheiro.

— Não — disse Tessa. Ela respirou fundo, e Kit percebeu que ela estava tensa de verdade. — O que estou dizendo é que você deveria ir morar comigo, com Jem, e com o filho que vamos ter. Depois de tantas andanças, resolvemos fixar raízes e construir um lar. Queremos que você... que você o construa conosco. Seja parte da nossa família.

Kit estava quase assustado demais para falar, e não menos pela revelação de que Tessa estava grávida.

— Mas... por quê?

Tessa o olhou com franqueza.

— Porque há muito tempo os Herondale deram um lar para mim e para Jem, e queremos fazer o mesmo por você.

— Mas eu sou mesmo um Herondale? — perguntou ele. — Eu pensei que meu pai fosse um Herondale, e minha mãe, uma mundana, mas parece que

ambos eram Caçadores de Sombras. Então não sei nem qual deveria ser o meu nome.

— O verdadeiro sobrenome do seu pai não é conhecido — disse Tessa. — Ele tinha uma pequena quantidade de sangue Caçador de Sombras. Permitia que ele tivesse a Visão.

— Pensei que o sangue Caçador de Sombras fosse dominante?

— E é, mas ao longo de muitas gerações ele pode ser diluído. Mesmo assim, seu pai poderia ter treinado e Ascendido se quisesse. Ele nunca quis. Era sua mãe que tinha Marcas. Foi ela que fez de você o Herondale Perdido por quem procuramos por tanto tempo. A escolha é sua, obviamente. Você pode ter o nome que quiser. Ainda o receberíamos em nossa família, se chamando Kit Herondale ou não.

Kit pensou em Jace e na mãe que nunca conhecera, de quem agora apenas se lembrava em canções que ela outrora cantara para ele. A mãe que abriu mão da própria vida pela dele.

— Serei um Herondale — disse ele. — Eu gosto do anel da família. É elegante.

Tessa sorriu para ele.

— Enfim — disse Kit. — Onde vocês pretendem morar?

— Jem tem uma casa em Devon. Muito velha. Vamos para lá. Sabemos que você gosta dos Blackthorn, então entenderemos se quiser ficar com eles — acrescentou rapidamente. — Ficaríamos tristes, mas faríamos o que fosse preciso para proteger você. Ragnor ajudaria, e Catarina... obviamente teríamos que revelar aos Blackthorn por que você precisa de proteção...

Ela ainda estava falando, mas Kit conseguiu parar de ouvi-la. As palavras jorravam dele numa onda desprovida de significado enquanto todas as lembranças que ele tentava conter o atacavam como pássaros dando bicadas afiadas. O Instituto, a praia, os Blackthorn sempre gentis com ele; Emma salvando sua vida, Julian o levando até o Mercado e ouvindo enquanto ele falava de Ty — mesmo naquela época ele queria conversar sobre Ty.

Toda sua energia tinha se voltado para Ty, toda sua devoção e esperança de futuro. Ele *gostava* dos outros Blackthorn, mas não os conhecia bem. Provavelmente Dru era a que ele conhecia melhor, e ele gostava dela como amiga, mas era pouco em comparação à dor ardente e humilhação que sentia quando pensava em Ty.

Ele não culpava Ty pelo que tinha acontecido. Ele se culpava: tinha ficado concentrado demais em não perder Ty para dizer a ele o que ele precisava ouvir. Todo mundo precisava ser impedido de fazer escolhas erradas em algum momento, mas ele não impedira Ty. E tivera o que merecera, na verdade. Agora

que ele sabia que não significava nada para Ty, como poderia voltar a viver no Instituto? Como poderia vê-lo todos os dias? Como poderia se sentir um idiota constantemente, aguentar a dó da família dele, ouvi-los falando que ele deveria tentar fazer novos amigos, sobreviver na mesma casa com Ty enquanto Ty o evitava? Não tinha nem o que pensar. *Não dou conta de voltar e morar com eles. Eis minha chance de recomeçar e aprender o que significa ser quem eu sou.*

— Eu vou com vocês. Gostaria de morar com vocês — disse Kit.

— Ah. — Tessa piscou. — Ah! — Ela pegou a mão dele e a apertou, sorrindo com todo o seu rosto gentil. — Isso é ótimo, Kit, é maravilhoso. Jem também vai ficar tão feliz. E será ótimo para o bebê ter companhia. Quer dizer, espero que você também goste do bebê. — Ela ruborizou. Kit achava que de fato ia ser legal ter uma espécie de irmão caçula, mas não disse nada. — Estou tagarelando — disse Tessa. — É que estou muito animada. Vamos hoje à noite. Temos que deixar você em segurança e instalado o mais rápido possível. Vamos providenciar um tutor para você... e que todos os feitiços de proteção necessários sejam colocados pelos Irmãos do Silêncio...

— Parece ótimo — disse Kit, já um pouco exausto só de pensar em tudo o que tinha que ser feito. — Eu só tenho esta mala aqui, nada mais. — Era verdade, e não tinha nada com que se importasse na mala, além da adaga Herondale e da pedra de luz enfeitiçada que Ty lhe dera.

— Imagino que queira se despedir dos Blackthorn antes de irmos...

— Não — falou Kit. — Não quero vê-los.

Tessa piscou.

— É melhor que eles não saibam de toda essa história de Primeira Herdeira — falou Kit. — É mais seguro para eles. Jem pode falar que eu decidi que Los Angeles não era para mim. Eles estão todos muito mais avançados do que eu em treinamento, e eu tenho que aprender desde o básico se quiser ser um Caçador de Sombras.

Tessa assentiu. Kit sabia que ela não estava acreditando totalmente naquela desculpa, mas e daí, ela também era esperta o suficiente para não se intrometer. Isso era muito reconfortante.

— Eu tenho uma pergunta antes de irmos — recomeçou Kit, e Tessa o fitou com curiosidade. — Eu vou ficar com orelhas pontudas? Talvez um rabo? Já vi algumas fadas estranhas no Mercado das Sombras.

Tessa sorriu.

— Acho que descobriremos.

Todo mundo queria ir até a casa do canal cumprimentar Emma e Julian agora

que eles tinham deixado Basílias. Pessoas que Dru conhecia e outras que nunca vira invadiram o andar térreo, trazendo flores e pequenos presentes: luvas novas para Emma, um casaco de uniforme para Julian.

Alguns estavam um tanto efusivos e cumprimentaram Emma e Julian como se nada de estranho tivesse acontecido a eles. Outros os cumprimentaram como se toda a coisa de “ficar enorme e quase morrer” fosse parte de um plano pré-determinado que dera muito certo. E alguns outros estavam desconfortáveis — aqueles que eram um pouco próximos demais da Tropa, desconfiava Dru —, como se estivessem se perguntando se Emma e Julian poderiam ficar enormes de novo a qualquer momento e esmagá-los na cozinha. Uma senhora gentil cumprimentou Julian por ser alto e um terrível silêncio recaiu sobre o recinto. Tavvy perguntou:

— O que está acontecendo?

Dru teve que arrastá-lo para a sala.

Outros pareciam ter tido grandes experiências de vida.

— Me ocorreu no campo que eu deveria ficar mais com a minha família — disse Trini Castel. — Momentos de paz são preciosos. Nunca os recuperaremos.

— Uma grande verdade — disse Julian.

Ele parecia estar tentando não rir. Todos os outros assentiram pensativamente. Era muito estranho — durante dias Dru temera que Emma e Julian fossem ser punidos de alguma forma quando acordassem: ou oficialmente, pela Clave, ou pelo julgamento ignorante de outros Caçadores de Sombras. Mas não parecia estar acontecendo nada assim.

Ela se aproximou de Magnus, que estava sentado perto da lareira comendo os chocolates que alguém trouxera para Emma. Ele tinha vindo com Maryse, Max e Rafe, para que eles pudessem brincar com Tavvy. Alec, Jace e Clary viriam mais tarde, aparentemente com algum tipo de surpresa. Isabelle e Simon já tinham voltado para o Instituto de Nova York para ficarem de olho nas coisas.

— Por que as pessoas não estão bravas? — sussurrou ela. — Com Emma e Julian?

Magnus arqueou as sobrancelhas para ela. Magnus tinha sobrancelhas muito expressivas; Dru sempre o considerara uma pessoa divertida em geral, com sua altura enorme e sua recusa de levar qualquer coisa a sério.

— Bem — disse Magnus —, sem o conselho de guerra de Julian e a estratégia para lidar com os Dearborn, provavelmente a Tropa teria prevalecido. O caminho que a Tropa estava trilhando nos levava a uma guerra civil e ao derramamento de sangue. Todo mundo está feliz por isso ter sido evitado.

— É verdade — disse Drusilla —, mas isso *foi* antes de eles se tornarem monstros angelicais gigantes.

— Anjos são mensageiros. — Magnus espanou cacau em pó das mãos, parecendo pensativo. — Eles têm meios estranhos de se comunicar, mesmo com vocês, os filhos. Horace e a Tropa falavam como se estivessem fazendo a vontade dos anjos, e por causa disso as pessoas os temiam. No campo de batalha, ardendo em fogo celestial, Julian e Emma provaram que não era o caso. Os anjos falaram através *deles*.

— Então basicamente todo mundo que não gostava de Horace queria que um grande anjo esmagasse a Tropa? — perguntou Dru.

Magnus sorriu.

— Eles não querem admitir, mas pode acreditar, foi muito satisfatório para eles.

Naquele instante, Jace e Clary chegaram com Alec e um bolo enorme confeitado pelos próprios. A maioria dos desconhecidos já tinha ido embora, e Ty os ajudou a colocar o bolo no aparador, onde a caixa foi aberta para revelar que a cobertura dizia: PARABÉNS POR NÃO SEREM GIGANTES MAIS!

Todo mundo riu e se reuniu em volta para cortar pedaços do bolo de limão e chocolate. Julian e Emma se apoiavam um no outro, seus ombros se tocando. Desde que tinham voltado do Basílias, parecia que um peso enorme tinha abandonado os ombros de Julian. Ele parecia mais leve e mais feliz do que estivera desde antes da Guerra Maligna. Dru sabia que ele e Emma não eram mais *parabatai*: a magia angelical de algum jeito queimou isso deles. E não era preciso ser nenhum gênio para perceber que eles provavelmente estavam bem satisfeitos com isso, considerando o quanto sorriam e se tocavam.

Mark e Cristina, por outro lado, pareciam tristes. Estavam quietos em meio à sala alegre e falante. Em determinado momento, Dru viu Emma levar Cristina até a cozinha e abraçá-la, como se alguma coisa ruim tivesse acontecido.

Dru não sabia o que seria, mas também notou a ausência de Kieran.

Ty também estava quieto. Sempre que passava por Julian, Jules o puxava para um abraço e um afago nos cabelos, do jeito que ele gostava quando era pequeno. Ty sorria, mas parecia estranhamente apático, desinteressado até em ouvir as conversas alheias e em realizar anotações para seus manuais de detetive como normalmente fazia.

Em algum momento ele acabou indo até Magnus, que estava sentado numa poltrona azul perto da lareira, segurando seu filho azul no colo e fazendo cócegas nele. Dru foi para perto do fogo, se perguntando o que Ty queria falar para o feiticeiro.

— Onde está Kit, de verdade? — perguntou Ty, e Dru pensou: *eu já devia ter imaginado*. Jem tinha dito que Kit ia morar com ele e com Tessa em Devon, mas não explicara o motivo, nem por que tiveram que viajar com tanta pressa. Julian

e os outros pareciam achar que Kit os visitaria em breve, mas Dru não tinha tanta certeza assim. — Eu pergunto para todo mundo, mas ninguém me conta.

Magnus levantou o olhar, seus olhos felinos encobertos.

— Kit está bem. Ele está com Tessa e Jem. Vai morar com eles.

— Eu sei — falou Ty. Sua voz falhou. — Eu sei, mas... posso me despedir dele? Se eu pudesse ao menos falar com ele uma vez...

— Ele já foi — disse Magnus. — Ele não quis se despedir de você. De ninguém, na verdade, mas desconfio que principalmente de você.

Dru teve que conter um engasgo. Por que Magnus diria algo tão descortês?

— Eu não entendo — queixou-se Ty, sua mão esquerda tremendo junto à lateral do corpo. Ele agarrou o pulso com a mão direita, como se pudesse contê-lo.

Julian sempre dizia que as mãos de Ty eram suas borboletas e comentava que elas eram lindas, graciosas e úteis — por que não os deixar voar? Mas Dru se preocupava. Ela achava que elas batiam como corações, um sinal de que Ty estava desconfortável.

A expressão de Magnus estava séria.

— Venha comigo.

Magnus entregou o filho a Maryse, que o levou para a sala, e subiu, com Ty em seu encalço. Dru não hesitou. Se Magnus estava irritado com Ty, ela ia descobrir o motivo, e defender Ty se fosse preciso. Mesmo que Magnus a transformasse num sapo. Ela foi atrás.

Havia um quarto vazio no topo da escadaria. Magnus e Ty entraram nele, Magnus apoiando seu corpo esguio na parede nua. Ty se sentou na beira da cama enquanto Dru se ajeitava junto à porta entreaberta.

— Eu não entendo — disse Ty novamente. Dru sabia que ele provavelmente ficara matutando o problema durante toda a subida: o que Magnus queria dizer? Por que Kit não quisera se despedir dele?

— Ty — começou Magnus. — Eu sei o que você fez. Ragnor me contou. Queria que ele tivesse me contado antes, mas eu estava morrendo, então entendo por que ele não o fez. Além disso, ele achava que tinha demovido você da ideia. Mas não, certo? Você conseguiu uma fonte de energia no Mercado e fez o feitiço assim mesmo.

*O feitiço? Para invocar o fantasma de Livvy?*

Ty o encarou.

— Como você sabe?

— Eu tenho fontes nos Mercados — disse Magnus. — E também sou um feiticeiro, e filho de um Demônio Maior. Sinto magia sombria em você, Ty. É como uma nuvem que enxergo ao seu redor. — Ele se sentou no rebordo da



janela. — Sei que tentou despertar sua irmã dos mortos.

*Ele fez o quê?* A compreensão explodiu na mente de Dru, assim como o choque: você não apenas tentou despertar os mortos. Veja o que aconteceu com Malcolm. Tentar se comunicar com um espírito é uma coisa, necromancia é outra.

Ty não protestou, no entanto. Ele se sentou na cama, entrelaçando e soltando os dedos.

— Você tem tanta, tanta sorte que o feitiço não deu certo — alertou Magnus.  
— O que você fez foi ruim, mas o que *poderia* ter feito teria sido muito pior.

*Como pôde, Ty? Como pôde, Kit?*

— Clary trouxe Jace de volta dos mortos — falou Ty.

— Clary pediu para *Raziel* trazer Jace dos mortos. Pense bem, Raziel em pessoa. Você está mexendo com uma magia reservada aos deuses, Ty. Existem razões pelas quais a necromancia é algo detestado pelas pessoas. Se você traz uma vida de volta, deve pagar com algo que pese tanto quanto. E se tivesse sido outra vida? Você ia querer matar alguém para manter Livvy com você?

Ty levantou a cabeça.

— E se fosse Horace? E se fosse alguém ruim? Matamos pessoas em batalhas. Não vejo a diferença.

Magnus encarou Ty por um longo instante; Dru temeu que ele pudesse dizer algo duro para ele, mas as rugas do rosto de Magnus suavizaram.

— Tiberius — falou ele, afinal. — Quando sua irmã morreu, ela não mereceu. A vida e a morte não são determinadas por um juiz que decide o que é justo, e se assim fosse, você ia querer ser esse juiz? Todas as vidas em suas mãos, e também todas as mortes?

Ty fechou os olhos, bem apertados.

— Não — sussurrou. — Eu só quero minha irmã de volta. Sinto saudade dela o tempo todo. Parece que tem um buraco em mim que nunca vai ser preenchido.

Ah, pensou Dru. Que estranho que Ty fosse a pessoa capaz de oferecer a descrição mais precisa do que era perder Livvy. Ela cerrou um punho junto ao corpo. *Um buraco onde minha irmã deveria estar.*

— Eu sei — falou Magnus suavemente. — E eu sei que você passou boa parte da sua vida sabendo que você é diferente, e isso é verdade. Você é. Eu também sou.

Ty olhou para ele.

— Então você acha que esse sentimento que você experimenta, de sentir falta de metade de você, tem que ser corrigido. Que não é igual ao que todos sentem quando perdem alguém. Mas é. A dor pode ser tão ruim que o impede de respirar, mas é isso que significa ser humano. Nós perdemos, nós sofremos, mas

temos que continuar respirando.

— Você vai contar para todo mundo? — perguntou Ty, quase com um sussurro.

— Não — respondeu Magnus. — Desde que você prometa nunca mais fazer algo assim outra vez.

Ty pareceu nauseado.

— Eu jamais faria.

— Eu acredito. Mas, Ty, tem mais uma coisa que preciso que você faça. Não posso obrigar. Só posso sugerir.

Ty pegou uma almofada; ele estava passando a mão pela parte mais áspera do tecido, sem parar, sua palma lendo as mensagens no pano.

— Sei que você sempre quis ir para Scholomance — disse Magnus.

Ty começou a protestar. Magnus levantou uma das mãos.

— Deixe-me concluir, e depois você pode falar o que quiser — censurou Magnus. — No Instituto de Los Angeles, Helen e Aline podem mantê-lo em segurança e lhe dar todo amor, e eu sei que você pode não querer deixar sua família. Mas o que você *precisa* é de mistérios para resolver e para manter sua mente ocupada e sua alma preenchida. Já conheci pessoas como você; elas não descansam enquanto suas mentes não estiverem livres e resolvendo problemas. Eu conheci Conca Doyle. Ele adorava viajar. Passou o terceiro ano de medicina num barco baleeiro.

Ty o encarou.

Magnus percebeu que tinha fugido do assunto.

— Só estou dizendo que você tem uma mente curiosa — disse ele. — Você quer resolver mistérios, ser um detetive da vida, e é por isso que sempre quis ir para Scholomance. Mas não achava que pudesse. Porque sua irmã gêmea queria ser *parabatai*, e você não podia fazer as duas coisas.

— Eu teria desistido da Scholomance por ela — confessou Ty. — Além disso, todo mundo que conheci que estudou lá, Zara e os outros, era péssimo.

— A Scholomance vai ser bem diferente agora — disse Magnus. — A Tropa a envenenou, mas eles vão acabar. Acho que seria um ótimo lugar para você. — A voz dele suavizou. — O luto é doloroso. Mas a mudança pode ser sua maior ajuda.

— Obrigado — disse Ty. — Posso pensar?

— Certamente. — Magnus parecia cansado e um pouco lamentoso. Como se desejasse que as coisas pudessem ser diferentes; como se desejasse que pudesse haver outra coisa que pudesse falar, diferente de tudo o que dissera. Ele se virou para a porta, Dru se encolheu, e ele pausou.

— Você entende que a partir de agora está ligado ao fantasma da sua irmã —

disse Magnus.

*Ligado ao fantasma da sua irmã?*

*O fantasma de Livvy?*

— Entendo — respondeu Ty.

Magnus encarou a porta do quarto como se estivesse olhando para o passado.

— Você acha que entende — falou ele. — Mas você não enxerga *de fato*. Sei que ela o libertou na floresta. Agora isso parece melhor do que nada, melhor do que ficar sem ela. Você ainda não entende o preço. E eu espero que nunca tenha que pagá-lo.

Ele tocou gentilmente o ombro de Ty, mas sem olhar para ele, aí saiu. Dru entrou no quarto ao lado até os passos de Magnus desaparecerem pela escadaria.

Em seguida, ela respirou fundo e foi conversar com Ty.

Ele não tinha se mexido ali na ponta da cama do quarto vazio. Estava olhando para as sombras, seu rosto pálido ao vislumbrar a irmã chegando.

— Dru? — disse ele, hesitante.

— Você deveria ter me contado — cobrou Dru.

Ele franziu suas sobrancelhas arqueadas.

— Você estava ouvindo?

Ela assentiu.

— Eu sei — disse ele. — Eu não queria que você me impedisse. E não sou bom em mentir. É mais fácil para mim simplesmente não contar.

— Kit mentiu para mim — falou ela. Ela estava furiosa com Kit, embora tentasse não demonstrar. Talvez fosse melhor ele não voltar mesmo para eles. Mesmo que a tivesse ensinado a abrir trancas. — O fantasma de Livvy... ela realmente está por perto?

— Eu a vi hoje. Ela estava no Basílios quando Emma e Julian acordaram. Estava sentada em uma das mesas. Nunca sei quando ela vai estar ou não. Magnus disse que ela está ligada a mim, então...

— Talvez você possa me ensinar a vê-la. — Dru se ajoelhou e passou os braços em volta de Ty. Ela conseguia sentir as leves vibrações pelo corpo dele; ele estava tremendo. — Talvez possamos vê-la juntos.

— Não podemos contar para ninguém — alertou Ty, mas retribuiu o gesto de Dru; agora ele a abraçava, seus cabelos na bochecha dela, macios e finos como os de Tavvy. — Ninguém pode saber.

— Não vou falar nada. — Ela se agarrou no irmão, firme, como se pudesse mantê-lo preso a este mundo. — Nunca vou contar a ninguém.

Emma estava deitada por cima das cobertas, a única luz do quarto era o brilho

refletido das torres demoníacas que cintilavam através da janela.

Ela supunha não ser tão surpreendente assim o fato de não estar conseguindo dormir. Tinha passado três dias dormindo e acordara para descobrir uma série de surpresas: se dar conta do que tinha acontecido, ouvir a explicação de Jem, encontrar a casa cheia. A estranha sensação que a perseguia constantemente, de que tinha se esquecido de alguma coisa, de que tinha colocado algo em outro lugar e precisava se lembrar de buscar.

Era o laço *parabatai*, ela sabia. Seu corpo e seu cérebro ainda não tinham absorvido o fato de que ele não existia mais. Era a mesma sensação experimentada pelas pessoas que perdiam membros e às vezes ainda conseguiam senti-los no corpo.

Ela estava sentindo falta de Julian. Eles tinham passado o dia inteiro juntos, mas sempre cercados por outras pessoas. Quando a casa finalmente se esvaziou de estranhos, Julian levou Tavvy para a cama e deu um boa-noite desconfortável para ela na frente dos outros.

Ela mesma foi deitar não muito depois, e agora estava ali, preocupada há horas. Será que tudo ficaria estranho agora que eles não eram mais *parabatai*? Agora que flutuavam por um novo lugar estranho, entre serem amigos e amantes? Eles nunca haviam se declarado até então, pois palavras como “namorado” e “namorada” pareciam banais à face de maldições e monstros gigantes. E se todo o ocorrido tivesse sido tão devastador que eles jamais voltariam a um lugar de normalidade?

Ela não conseguiria suportar. Rolou da cama, se levantou, e ajeitou a camisola. Abriu a porta do quarto, pronta para marchar pelo corredor para o quarto de Julian e obrigá-lo a falar com ela, independentemente do quão desconfortável pudesse ser.

Mas logo ali à porta estava Julian, a mão esticada, parecendo tão surpreso em vê-la quanto ela a ele.

Ele abaixou lentamente a mão, o luar distante refletindo de sua pulseira de vidro marinho. O corredor estava escuro e quieto, o rosto de Julian sob as sombras.

— Não sabia se você ia gostar que eu entrasse — disse ele.

O alívio fez Emma se apoiar na entrada.

— Eu quero que entre.

Ela voltou para o quarto enquanto ele fechava a porta atrás de si. Ambos estavam na penumbra agora, apenas a luz das torres de vidro oferecendo iluminação. Julian, todo de preto, era uma sombra entre sombras enquanto olhava para ela; seus cabelos também pareciam muito pretos, contrastando com a pele pálida.

— Eu não sabia se você ia querer que eu te beijasse.

Emma não se mexeu. Mais do que tudo, ela queria que ele viesse até ela e a tocasse. Queria senti-lo quando o espaço entre eles não era mais um espaço de coisas amaldiçoadas e proibidas.

— Eu quero que me beije — sussurrou ela.

Ele cobriu a distância entre os dois com um passo. As mãos foram à nuca de Emma, a boca correndo sobre a dela, quente e doce como chá com mel. Ela roçou levemente os dentes no lábio inferior dele, e Julian emitiu um ruído gutural que arrepiou os pelinhos dos braços de Emma.

Os lábios mornos dele se deslocaram para a bochecha, a mandíbula dela.

— Eu não sabia se você queria que eu te tocasse — murmurou ele contra a pele dela.

Era um prazer simplesmente poder olhar lentamente para ele. Saber que nada disso precisava ser apressado. Ela tirou a camisola pela cabeça e viu o rosto dele enrijecer de desejo, seus olhos escuros como o fundo do mar.

— Eu quero que me toque — disse ela. — Não existe nada que você possa fazer comigo que eu não vá gostar, porque é você.

Ele a tomou nos braços e por um momento foi estranho, a pele nua de Emma contra suas roupas, algodão, jeans e rebites de metal enquanto ele a erguia e a levava para a cama. Eles caíram juntos, Julian lutando para tirar a camisa, a calça jeans; Emma se colocou em cima dele, se inclinando para beijá-lo no pescoço, lambe e sugar no ponto em que a veia pulsava e ela sentia os batimentos do coração dele.

— Eu quero fazer devagar — sussurrou ela. — Quero sentir tudo.

Ele a agarrou pelo quadril e a virou, rolando para se colocar por cima dela. Aí deu um sorriso perverso.

— Devagar, então — disse ele.

Julian começou pelos dedos dela, beijando um a um; beijou as palmas de suas mãos e os pulsos, seus ombros e a clavícula. Foi deixando um rastro de beijos na barriga, até que ela estivesse se contorcendo, engasgando, e ameaçando-o, coisa que só serviu para fazê-lo rir levemente e voltar a atenção para locais ainda mais sensíveis.

Quando o mundo embranqueceu por trás dos olhos de Emma várias vezes, Julian subiu e afastou o cabelo úmido dela do rosto.

— Agora — sussurrou ele, e colou os lábios aos dela enquanto unia os corpos.

Foi lento como ele dissera que seria, como jamais havia sido; não havia desespero por trás do desejo. Eles ficaram deitados na transversal na cama, espalhados e famintos, desejando e tocando. Ela acariciou gentilmente o rosto

dele, de forma reverencial: a curva da boca, os cílios batendo nas maçãs do rosto, e a cada toque e cada instante a respiração dele se tornava mais ofegante, o agarrar nos lençóis mais firme. A coluna dela se arqueou para ele, sua cabeça cheia de faíscas: eles se levantaram e se misturaram até tudo ser fogo. E quando acenderam finalmente, incapazes de esperar um minuto sequer, eles eram um só. Incandescentes como anjos.

Do quarto de Mark dava para ver a lua, e aquilo o perturbava.

Foram tantas noites montado a cavalo, a lua cavalgando junto como se também caçasse o céu. Dava para ouvir o riso de Kieran em seus ouvidos, mesmo agora, uma risada clara e intocada por qualquer tristeza.

Torcia para que Kieran voltasse a rir assim novamente algum dia.

Só conseguia imaginá-lo sentado no escuro, na sala escurecida do Rei Unseelie, um lugar triste e solitário. Um Rei de corações partidos e almas quebradas, solitário em seu trono de granito, envelhecendo lentamente ao longo das eras do mundo.

Era mais do que ele podia suportar. Ele ficou mais do que grato quando Cristina entrou em seu quarto e se deitou na cama com ele. Ela estava de pijama branco, os cabelos soltos e escuros. Ela se encolheu ao lado dele, pressionando o rosto em seu pescoço. Suas bochechas estavam molhadas de lágrimas.

— É realmente assim que acaba? Nós três arrasados? — disse ele.

Ela colocou a mão no coração dele.

— Eu te amo, Mark — falou ela com a voz gentil. — Detesto pensar que seu coração está destroçado como o meu.

— Fico mais feliz quando você está aqui — disse ele, pegando a mão dela. — Mas...

— Mas — repetiu ela. — Eu tenho uma ideia, Mark. Talvez seja uma ideia louca. Mas pode funcionar. Pode significar que possamos vê-lo outra vez. — Seus olhos escuros estavam focados. — Eu precisaria da sua ajuda.

Ele aprumou o corpo e a beijou; ela amoleceu de encontro a ele, seu corpo se aninhando ao dele. Ela era densa e doce como mel, suave como um canteiro de flores. Ela era a única mulher que ele amaria na vida.

Ele limpou as lágrimas dela com o polegar e sussurrou:

— Minha mão, meu coração e minha lâmina são seus. Diga o que tenho que fazer.

Emma apoiou a cabeça no peito de Julian, sentindo a pulsação dele voltar ao normal lentamente. De algum jeito a maioria das cobertas tinha caído e estava no

chão; eles estavam meio embrulhados em lençóis, a mão livre de Julian brincando despreocupadamente com os cabelos de Emma.

— Então acho que você está bem à vontade — disse ela.

Ele piscou para ela, sonolento.

— Por quê?

Ela riu, sua respiração soprando os cachos macios dos cabelos dele.

— Se você não sabe, eu não vou contar.

Ele sorriu.

— Como você se sente?

Ela dobrou os braços no peito dele, fitando-o.

— Feliz. Tão feliz, mas também como se eu não merecesse ser.

A mão dele parou nos cabelos dela.

— Por que não? Você merece ser feliz, mais do que qualquer pessoa que eu conheça.

— Se não fosse por você, eu teria feito uma coisa horrível — disse Emma. — Eu teria rompido todos os laços *parabatai*. Teria causado tanta devastação.

— Você estava enlouquecendo por causa da maldição — disse Julian. — Não estava pensando com clareza.

— Mesmo assim. Eu me deixei ser manipulada pela Rainha. Mesmo sabendo que ela só se importa consigo. Eu sabia, e permiti que ela entrasse na minha cabeça. Eu devia ter tido fé.

— Mas você teve — insistiu ele. — Fé não é nunca ter dúvida; é ter o que é preciso para superá-las. — Ele a acariciou levemente na bochecha. — Todos temos coisas das quais nos arrependemos. Eu me arrependo de ter pedido a Magnus para fazer aquele feitiço. Me arrependo de não termos conseguido ajudar Ash. Ele era só uma criança.

— Eu sei — disse ela. — Detesto o fato de que o deixamos para trás. Mas se ele estivesse aqui... alguém sempre estaria atrás dele. Bastaria alguns feitiços do *Volume Preto* para que ele ficasse tão poderoso que todos iam querer usá-lo.

— Ainda bem que não sobrou mais nenhum *Volume Preto* — disse Julian. — Durante um tempo foi como um jogo de caça. Acho que eu contribuí para isso. — Ele deu um sorriso torto. — Ah, e me arrependo de ter matado Dane Larkspear.

— Ele ia nos matar — lembrou Emma. — Você fez o que tinha que fazer.

— Ah, eis a assassina que eu conheço e amo — disse Julian. — Não sei como algum dia vou compensar por Dane. Mas tenho fé de que você vai me ajudar a dar um jeito.

— Eu acredito que você merece ser feliz — falou Emma. — Você é a pessoa mais corajosa e adorável que eu conheço.

— E eu acredito que você merece ser feliz — disse Julian. — Então que tal eu acreditar por você, e você acreditar por mim? Podemos acreditar um pelo outro.

Emma olhou para a janela. Dava para ver os primeiros traços de luz do sol no céu. A manhã estava chegando.

Ela olhou para Julian. O amanhecer tocava as bordas de seus cabelos e cílios com ouro.

— Você tem que voltar para o quarto? — sussurrou ela.

Ele sorriu para ela.

— Não — disse ele. — Não temos que mentir nem fingir agora. Nunca mais teremos que mentir ou fingir.

Era a primeira vez que Emma ia ao Salão do Conselho desde a morte de Livvy.

Não era o único motivo pelo qual ela estava desesperada para que a reunião acabasse, mas certamente era parte dele. O sangue podia ter sido esfregado do palanque, mas ela sempre o enxergaria lá. Ela sabia que era o mesmo para Julian; ele se retesou ao lado dela quando eles passaram pelas portas junto ao restante dos Blackthorn. A família inteira estava quieta, até Tavvy.

O Salão estava lotado. Emma nunca o vira tão cheio: Caçadores de Sombras estavam espremidos em fileiras de assentos, e os corredores, cheios de gente em pé; alguns fazendo Projeção de outros Institutos, suas formas semitranslúcidas brilhando na parede do fundo. Emma reconheceu Isabelle e Simon entre eles e acenou.

Por sorte, Jaime e Diego tinham guardado lugares para os Blackthorn. Jaime segurou uma fila inteira se deitando nela; então se levantou quando se aproximaram e deixou que sentassem, dando piscadelas para diversos Caçadores de Sombras que estavam com esperança de encontrar um assento.

As pessoas encararam os Blackthorn, mas principalmente Emma e Julian, enquanto eles se sentavam. Foi como na casa, na véspera: estranhos encarando, com olhos arregalados. Emma se lembrou do que pensara sobre Clary e Jace na reunião do conselho de guerra: *Então ser herói é assim. Ter sangue de anjo, ser quem literalmente salvou o mundo. As pessoas olham para você como se... quase como se você não fosse real.*

No fim das contas, fazia com que você mesmo questionasse o próprio nível de realidade.

Emma acabou sentando entre Cristina e Julian, seus dedos tocando discretamente os de Julian no assento entre eles. Agora que ela e Julian não eram mais *parabatai*, tudo o que ela queria era voltar para casa e começar sua nova



vida. Eles iam discutir o ano de viagem e o plano para todos os lugares que visitariam. Visitariam Cristina no México, e Jace e Clary em Nova York, e a Tia Avó Marjorie na Inglaterra. Iriam para Paris ficar de mãos dadas em frente à Torre Eiffel, e não haveria nada de errado ou proibido nisso.

De repente esta reunião seria curta? Ela olhou em volta, notando as expressões sérias de todo mundo. Grupos de simpatizantes da Tropa, mas que não tinham lutado ao lado deles no campo, se amontoavam nos bancos, cochichando. Simpatizantes dos Dearborn, como Lazlo Balogh, que tinham ficado na cidade durante a batalha, não foram presos — só os que levantaram armas contra outros Nephilim seriam julgados.

— As pessoas parecem tristes — murmurou ela para Julian.

— Ninguém quer condenar a Tropa — disse ele. — Muitos deles são jovens. Parece brutal, eu acho.

— Zara merece condenação — murmurou Emma. — Ela me esfaqueou e chateou Cristina com aquele noivado falso.

Julian olhou para Cristina, que estava com a cabeça no ombro de Mark.

— Acho que Cristina já superou — comentou. — E Diego também.

Emma olhou para Diego — sua bochecha com curativo —, que estava conversando com uma alegre Divya, que se mostrara muito feliz por Anush ter lutado ao lado deles no campo. *Interessante*.

Houve um movimento e um floreio quando os guardas fecharam as portas laterais e Jia entrou pelos fundos do Salão. O recinto se aquietou quando ela foi para o palanque, suas túnicas varrendo os degraus. Atrás dela, com as vestes cor de chama dos prisioneiros, estavam os membros capturados da Tropa. Havia talvez cinquenta ou sessenta deles, muitos jovens, exatamente como Julian comentara. Muitos tinham sido recrutados pela Scholomance e seus grupos de extensão. Vanessa Ashdown, Manuel Villalobos, Amelia Overbeck e a própria Zara, com uma expressão desafiadora.

Eles preencheram o palanque atrás de Jia, os guardas guiando-os em fileiras. Alguns ainda tinham ataduras da batalha. Todos exibiam *iratzes*. As túnicas estavam pintadas com símbolos que os mantinham presos na cidade. Eles não conseguiam atravessar os portões de Alicante.

*Chama para lavar nossos pecados*, pensou Emma. Era estranho ver prisioneiros com as mãos livres, mas mesmo que cada um deles estivesse livre e armado com duas espadas, não fariam frente às centenas de Caçadores de Sombras no Salão do Conselho.

Ela viu Diego se inclinar para sussurrar alguma coisa para Jaime, que balançou a cabeça, seu rosto perturbado.

— Nos reunimos num momento de dor e cura — anunciou Jia, com sua voz

ecoando das paredes. — Graças à coragem de tantos Caçadores de Sombras, lutamos nobremente, encontramos novos aliados, preservamos nossas relações com os seres do Submundo, e abrimos um novo caminho para seguirmos.

Zara fez uma cara horrível para a frase “preservamos nossas relações”. Emma torcia para que ela fosse condenada a limpar banheiros até o fim dos tempos.

— Contudo — disse Jia. — Eu não sou a líder que pode nos conduzir por esse caminho.

Murmúrios correram pelo recinto; Jia realmente estava falando o que eles achavam que ela estava falando? Emma se esticou na cadeira e olhou para Aline, mas ela parecia tão chocada quanto o restante dos presentes. Patrick Penhallow, no entanto, na primeira fila, estava impassível.

— Vou presidir a sentença da Tropa — continuou Jia, inabalada. — Será meu último ato como Consulesa. Depois disso haverá uma eleição aberta para um novo Cônsul e um novo Inquisidor.

Helen sussurrou para Aline, que pegou sua mão. Emma sentiu um calafrio. Isso era uma surpresa, e a última coisa que ela queria era uma surpresa. Ela sabia que era egoísta — lembrou-se de Jem dizendo que Jia estava doente —, mas mesmo assim Jia era conhecida. O desconhecido se agigantava.

— E quando digo uma eleição aberta — prosseguiu Jia —, quero dizer *uma eleição aberta*. Todo mundo neste Salão vai votar. Independentemente da idade; independentemente de estarem realizando Projeção de seus Institutos. Independentemente — acrescentou — de serem membros da Tropa.

Um rugido atravessou o salão.

— Mas eles são criminosos! — gritou Joaquin Acosta Romero, líder do Instituto de Buenos Aires. — Criminosos não podem votar!

Jia aguardou pacientemente até que o rugido se aquietasse. Até os integrantes da Tropa a encaravam em confusão.

— Vejam como este Salão do Conselho está cheio — disse ela. As pessoas se viraram em seus assentos para conferir as fileiras lotadas, as centenas de Projeções no fundo. — Vocês estão todos aqui porque ao longo da última semana, e principalmente desde a batalha, perceberam a gravidade da situação. A Clave quase foi tomada por extremistas que teriam nos levado ao isolamento e à autodestruição. E todos que ficaram quietos e permitiram que isso acontecesse... fosse por falta de atenção, apatia e excesso de confiança... — Sua voz tremeu. — Bem. Somos todos culpados. Portanto todos votaremos, como um lembrete de que todas as vozes são importantes, e quando você opta por não usar a sua, está se permitindo ser silenciado.

— Mas ainda não entendo por que criminosos devem votar! — gritou Jaime, que aparentemente tinha levado bem a sério a parte do “independentemente da

idade”.

— Porque se não votarem — disse Diana, se levantando e falando com todo o Salão —, sempre vão poder dizer que quem quer que seja o novo Cônsul, foi eleito porque a maioria não teve voz. A Tropa sempre floresceu através da mentira de que ela fala por todos os Caçadores de Sombras, de que ela diz o que todos os Caçadores de Sombras diriam se pudessem. Agora vamos testar essa mentira. Todos os Caçadores de Sombras vão falar. Inclusive eles.

Jia assentiu severamente.

— A senhorita Wrayburn está certa.

— Então o que será feito com os prisioneiros? — perguntou Kadir. — Andarão entre nós, livres?

— A Tropa tem que ser punida! *Precisa ser!* — A voz foi um grito cru. Emma virou e se encolheu; sentiu a mão de Julian apertar a dela. Era Elena Larkspear. Estava sozinha; seu marido não tinha vindo para a reunião. Ela parecia ter envelhecido cinquenta anos na última semana. — Eles *usaram* nossos filhos, como se fossem lixo, para fazer coisas sujas ou perigosas demais para que eles mesmos fizessem! Assassinararam minha filha e meu filho! Exijo reparações!

Ela se jogou no assento com um soluço seco, cobrindo o rosto com as mãos. Emma encarou a Tropa, com a garganta doendo: até Zara estava com dificuldade de afastar o horror do rosto.

— Não ficarão livres de punição — disse Jia gentilmente. — Foram testados pela Espada Mortal e confessaram seus crimes. Enviaram Dane Larkspear para assassinar outros Caçadores de Sombras, e, portanto, foram diretamente responsáveis por sua morte. — Ela inclinou a cabeça para Elena. — Assassinararam Oskar Lindquist para que um demônio pudesse tomar seu lugar numa reunião no Instituto de Los Angeles. Liderados por Horace Dearborn, este grupo se utilizou de mentiras e intimidação para tentar levar a Clave a uma falsa aliança com o Reino das Fadas...

— E agora vocês estão tentando levar a Clave a uma aliança com o novo Rei... qual é a diferença? — gritou Zara, se revoltando.

Emma virou a cabeça para examinar a sala. Muitos Caçadores de Sombras pareciam furiosos ou irritados, mas havia aqueles que claramente não discordavam de Zara. *Aff*.

Uma voz soou clara, dura e fria. A de Alec Lightwood.

— Porque um acordo político aberto é muito diferente de repudiar qualquer relação com membros do Submundo em público enquanto se conspira para cometer assassinatos com eles pelas costas das pessoas por quem se deveria governar.

— A Tropa aprisionou Nephilim leais e enviou outros para morrerem —

disse Jia, após um olhar para Zara. — Fomos levados à beira de uma guerra civil. — Ela olhou para a Clave. — Vocês podem achar que quero puni-los severamente, extirpar suas Marcas e mandá-los para a vida mundana que tanto desprezam. Mas temos que considerar a *misericórdia*. Muitos da Tropa são jovens, e foram influenciados pela falta de informações e pelas mentiras deslavadas. Aqui podemos oferecer uma chance de voltarem à Clave e se redimirem. A desviarem do caminho do ódio e das mentiras e voltarem a andar pela luz de Raziel.

Mais murmúrios. Os membros da Tropa se entreolharam confusos. Alguns pareceram aliviados, outros, mais furiosos do que nunca.

— Depois desta reunião — prosseguiu Jia —, a Tropa vai ser dividida e enviada para diferentes Institutos. Muitos Institutos que compareceram ao conselho de guerra de Julian Blackthorn se ofereceram para acolher antigos membros da Tropa e ensinar a eles um caminho melhor. Terão uma chance de se provar antes de voltarem para casa.

Agora houve uma erupção de conversa. Alguns gritaram que a punição era leve. Outros, que era cruel “exilá-los de Alicante”. Jia conteve a gritaria com um gesto.

— Quem não for a favor da punição proposta, por favor levante a mão ou a voz. Manuel Villalobos, você não pode votar nesta questão.

Zara segurou Manuel, cuja mão estava erguida, fazendo uma careta.

Mais algumas mãos estavam levantadas. Emma quase quis levantar a dela para dizer que mereciam coisa pior. Mas havia poupado a vida de Zara no campo, e o gesto levava a tudo isto: levava ao fim da batalha e à liberdade dela e de Julian.

Talvez Arthur estivesse certo. Talvez a misericórdia fosse melhor do que a vingança.

Ela manteve a mão abaixada, assim como os outros Blackthorn. Ninguém que ela conhecia levantou a mão, nem mesmo Diego ou Jaime, que tinham bons motivos para odiar Zara e seus amigos.

Jia pareceu aliviada.

— E agora — prosseguiu ela —, vamos à eleição do novo Cônsul.

Jace já estava de pé antes que ela tivesse terminado de falar.

— Eu nomeio Alec Lightwood.

Os Blackthorn aplaudiram fervorosamente. Alec pareceu chocado e emocionado. Clary vibrou, e a vibração se espalhou — muitos dos presentes acenaram em apoio, e o coração de Emma inflou. Jace poderia ter solicitado o cargo de Cônsul se quisesse; ele e Clary eram amados; qualquer um dos dois teria vencido com facilidade. Mas ele indicou Alec, porque era o que Alec queria

— e porque Jace sabia que ele era a escolha certa.

Delaney Scarsbury se levantou, com o rosto rubro.

— Protesto. Alec Lightwood é jovem demais. Ele não tem experiência e notoriamente se relaciona com membros do Submundo.

— Você está se referindo à liderança da Aliança entre o Submundo e os Caçadores de Sombras, em que a *função* dele é se relacionar com membros do Submundo? — perguntou Julian.

— Ele também o faz em seu tempo livre, Blackthorn — disse Scarsbury com um sorriso nefasto. Emma queria que Magnus estivesse aqui para transformá-lo num sapo, mas não havia ninguém do Submundo na reunião. Eles se recusaram a ficar na mesma sala que membros da Tropa, e Emma não podia culpá-los.

— Você sabe o que querem dizer — falou Zara. — Ele é um pervertido imundo. Jace deveria se candidatar ao cargo de Cônsul em vez de Alec.

— Eu *também* sou um pervertido imundo — disse Jace —, ou pelo menos aspiro ser. Você não faz ideia do que faço no meu tempo livre. Semana passada mesmo eu pedi para Clary me comprar um...

Clary o puxou e o repreendeu com seus punhos. Ele sorriu.

— E Patrick Penhallow? — gritou alguém. — Ele sabe o que está fazendo!

Patrick, na fileira da frente, se levantou com uma expressão severa.

— Eu não serei Cônsul — disse. — Minha mulher já fez o suficiente. Minha filha já fez o suficiente. É hora de a minha família ter um pouco de paz e descanso.

Ele se sentou em silêncio.

Delaney Scarsbury disse:

— Eu nomeio Lazlo Balogh.

Pela primeira vez no dia Emma sentiu medo de verdade. Ela e Julian se olharam, ambos se lembrando da mesma coisa — Lazlo se levantando no Salão dos Acordos para dizer as palavras que mandaram Helen para o exílio e Mark para a Caçada. *Tanto Mark quanto Helen Blackthorn têm sangue de fadas nas veias. Sabemos que o menino já se uniu à Caçada Selvagem, então ele está fora de nosso alcance, mas a menina não deveria estar entre Caçadores de Sombras. É indecente.*

Os que não vibraram com a indicação de Alec pareceram satisfeitos, assim como a Tropa.

— Ele seria um péssimo Cônsul — disse Emma para Julian. — Ele retrocederia tudo.

— Não temos um sistema melhor — argumentou Julian. — Só nos resta perguntar o que as pessoas querem.

— E torcer para que façam a escolha certa — disse Cristina.

— Alec ficaria muito melhor cercado de grana — disse Mark.

— Não cercamos o Cônsul de grana — disse Julian. — E também não imprimimos dinheiro.

— Poderíamos começar a fazer as duas coisas — Mark falou.

— Alec Lightwood nunca nem morou em Idris — disse Lazlo, se levantando.

— O que ele sabe sobre governar nossa terra?

Alec se levantou.

— Meus pais foram exilados — argumentou. — E a maioria dos Caçadores de Sombras não mora em Idris; como irá governá-los se acha que os únicos Caçadores de Sombras que importam moram em Alicante?

— Seus pais foram exilados porque integraram o Ciclo! — irritou-se Balogh.

— E ele aprendeu com os erros dos pais! — disparou Maryse. — Meu filho sabe melhor do que ninguém os horrores que o racismo e o preconceito podem trazer.

Alec assentiu para ela e falou calmamente.

— Você votou no meu pai para Inquisidor, Balogh, então antes disso não o incomodava — retrucou. — Meu pai deu a vida pela Clave nesta sala. O que você fez além de exilar jovens Caçadores de Sombras porque temia o sangue de fadas deles?

— Caramba — falou alguém no fundo. — Ele é bom.

— Lightwood acabaria com o Registro dos membros do Submundo — disse Lazlo. — E com a Paz Fria.

— Tem razão, eu acabaria — disse Alec. — Não podemos viver com medo dos seres do Submundo. Eles nos deram Portais. Eles nos deram uma vitória sobre Valentim. Eles acabaram de nos dar uma vitória nos Campos. Não podemos continuar fingindo que não precisamos deles, assim como eles não podem fingir que não precisam de nós. Nosso futuro depende de nossa missão: somos caçadores de demônios, e não caçadores dos nossos aliados. Se o preconceito nos atrapalhar, podemos todos morrer.

A expressão de Lazlo obscureceu. Houve uma salva de palmas pelo salão, embora nem todos estivessem aplaudindo. Muitos Caçadores de Sombras estavam sentados com as mãos quietas nos respectivos colos.

— Acho que chegou a hora de votarmos — anunciou Jia. Ela pegou um frasco de vidro de uma bancada no palanque e o entregou a Patrick na primeira fila. Ele abaixou a cabeça e sussurrou no frasco.

Emma assistiu com interesse — já tinha ouvido falar no processo de votação do Cônsul, mas nunca tinha presenciado. O frasco foi seguindo de mão em mão, cada Caçador de Sombras sussurrando como se confessasse um segredo. Aqueles que estavam fazendo a Projeção acessavam o frasco por mãos

voluntárias, já que Projeções conseguiam falar, mas não tocar objetos.

Quando o frasco chegou a ela, Emma o levou à boca e disse “Alexander Lightwood” com a voz firme e alta. Ela ouviu Julian rir enquanto ela passava o frasco para Cristina.

Finalmente o frasco tinha sido compartilhado com todos os Caçadores de Sombras, exceto pela Tropa. Foi entregue a Jia, que o passou para Zara.

— Vote com sabedoria — pediu. — A liberdade de escolher seu próprio Cônsul é uma grande responsabilidade.

Por um momento, Zara pareceu prestes a cuspir no frasco. Ela o arrancou da mão de Jia, falou nele e o entregou a Manuel, à sua direita. Ele sorriu ao sussurrar no frasco, e os ombros de Emma endureceram, sabendo que cada voto da Tropa era um voto contra Alec.

Finalmente a votação acabou e o frasco foi devolvido a Jia, que pegou a estela e desenhou um símbolo na lateral. O frasco sacolejava em sua mão enquanto fumaça clara vazava da abertura, o sopro expelido de centenas de Nephilim. Palavras se formaram no ar.

ALEXANDER GIDEON LIGHTWOOD

Clary e Jace se jogaram em cima de Alec, rindo, o ambiente explodindo em comemoração. Aline e Helen fizeram sinais de joinha para Alec. As Projeções de Simon e Isabelle acenaram do fundo da sala. Os Blackthorn vibraram e aplaudiram; Emma assobiou. Maryse Lightwood limpou as lágrimas de felicidade enquanto Kadir a afagava gentilmente no ombro.

— Alec Lightwood — gritou Jia. — Por favor, levante-se. Você é o novo Cônsul da Clave.

Emma esperava uma explosão de Lazlo, ou ao menos um olhar de fúria sombria. Em vez disso, ele apenas sorriu friamente enquanto Alec se levantava entre urras e aplausos.

— Esta votação não conta! Não deveria contar! — gritou Zara. — Se aqueles que morreram no campo pudessem ter votado, Alec Lightwood nunca teria vencido!

— Trabalharei pela sua reabilitação, Zara — disse Alec calmamente.

Um brilho prateado cintilou. Zara tinha sacado uma adaga longa do cinto de armas de um guarda ao seu lado. Houve arfares enquanto o restante dos guardas jogou armas para outros membros da Tropa, aço brilhando à luz das grandes janelas.

— Nós nos recusamos a reconhecer Alec Lightwood como Cônsul! — gritou Manuel. — Defendemos nossas antigas tradições, a forma como as coisas sempre foram e sempre deveriam ser!

— Guardas! — gritou Jia, mas os cerca de vinte guardas não estavam fazendo

nenhum esforço para conter a Tropa; inclusive se juntaram a eles num turbilhão de adagas em riste. Emma olhou para Lazlo Balogh, que estava assistindo com braços cruzados, nada surpreso. De algum jeito, percebeu Emma, os aliados da Tropa conseguiram infiltrar guardas simpatizantes com sua causa. Mas o que estariam planejando? Ainda eram uma fração comparados ao número expressivo de Caçadores de Sombras que votaram em Alec.

Jia saltou do palanque, sacando sua *dao*. Por todo o Salão, Caçadores de Sombras estavam se levantando e sacando armas. Alec pegou seu arco, Jace, sua espada. Dru pegou Tavvy, seu rostinho pálido, enquanto o restante da família preparava suas armas.

Em seguida Zara ergueu a adaga e a colocou na própria garganta.

O movimento no recinto parou. Emma ainda estava segurando Cortana, encarando enquanto Manuel seguia o gesto de Zara, colocando a lâmina da própria adaga na garganta. Amelia Overbeck fez o mesmo — Vanessa Ashdown seguiu, com Milo Coldridge —, até que todos os membros da Tropa estivessem com as respectivas lâminas nas gargantas.

— Podem abaixar as armas — disse Zara, segurando a faca na garganta com tanta firmeza que o sangue pingava em sua mão. — Não estamos aqui para ferir nossos companheiros Caçadores de Sombras. Vocês já se feriram o suficiente com seu voto limitado. Estamos atuando para salvar Alicante da corrupção e as torres de vidro das ruínas. — Seus olhos brilhavam descontroladamente. — Você falou antes sobre o valor das terras fora de Alicante, como se Alicante não fosse o coração do nosso povo. Muito bem então, abrace seu universo mundano, longe da luz do Anjo.

— Está exigindo que deixemos Alicante? — disse Diana, incrédula. — Nós que somos tão Nephilim quanto você?

— Nenhum consorte de fada é tão Nephilim quanto eu — cuspiu Zara. — Sim. Pedimos... exigimos... que se retirem. Clary Fairchild sabe criar Portais; deixem que ela faça um agora. Atravessem e vão para onde quiserem. Qualquer lugar que não seja Alicante.

— Vocês são apenas algumas pessoas — disse Emma. — Não podem expulsar o restante de nós de Alicante. Não é sua casa da árvore.

— Sinto muito que tenha chegado a esse ponto — falou Lazlo —, mas não somos apenas algumas pessoas. Somos muitos mais. Vocês podem ter intimidado as pessoas a votarem em Lightwood, mas seus corações estão conosco.

— Você propõe uma guerra civil? Aqui no Salão do Conselho? — provocou Diana.

— Não uma guerra civil — falou Zara. — Sabemos que não podemos vencê-



los na batalha. Vocês têm muitos truques sujos. Têm feiticeiros ao seu lado. — Ela olhou para Alec. — Mas estamos dispostos a morrer por nossas crenças e por Alicante. Não iremos embora. Derramaremos sangue de Caçadores de Sombras? Sim. Nosso próprio sangue. Cortaremos nossas gargantas e morreremos aqui aos seus pés. Ou vocês vão, ou lavaremos esta sala com nosso sangue.

Jaime se levantou.

— Vamos pagar para ver — disse. — Não podem nos fazer de reféns...

Zara assentiu para Amelia, que enfiou a adaga no estômago e girou a lâmina cruelmente. Ela caiu de joelhos, derramando sangue enquanto o salão explodia com engasgos de horror.

— Vocês dão conta de construir uma nova Clave com o sangue de crianças mortas? — gritou Zara para Alec. — Vocês disseram que governariam baseados na misericórdia. Se nos deixarem morrer, sempre que entrarem neste salão de agora em diante, estarão andando sobre nossos corpos.

Todos olharam para Jia, mas Jia estava olhando para Alec. Alec, o novo Cônsul.

Ele estava estudando não o rosto de Zara, mas os dos outros — aqueles que olhavam para Zara como se ela fosse a promessa de liberdade. Não havia misericórdia na Tropa. Nenhum deles foi até Amelia enquanto seu sangue corria pelo chão.

— Muito bem — disse Alec com uma calma mortal. — Nós vamos embora.

Zara arregalou os olhos. Emma desconfiava de que ela não esperava que seu plano fosse funcionar, e sim esperava morrer como mártir, destruindo Alec e o restante deles no processo.

— Você entende — disse Lazlo — que, uma vez que vocês forem embora, Lightwood, não poderão voltar. Vamos proteger as barreiras de Idris, arrancar o Portal dos muros do Gard, selar as entradas da Cidade do Silêncio. Nunca mais poderão voltar.

— Fechar as entradas para a Cidade do Silêncio? — falou Diego. — Vocês cortariam seu próprio acesso aos Irmãos do Silêncio? Ao Cálice e à Espada?

— Quem tem Idris tem o Espelho Mortal — disse Lazlo. — Quanto aos Irmãos do Silêncio, eles foram corrompidos, assim como as Irmãs de Ferro. Vamos afastá-los de Alicante até que enxerguem os próprios erros. Até enxergarem quem são os verdadeiros Caçadores de Sombras.

— O mundo é maior do que Idris — disse Jace, altivo e orgulhoso ao lado de Alec. — Vocês acham que estão tomando nossa terra natal, mas estão transformando-a em seu presídio. Assim como jamais poderemos voltar, vocês jamais poderão sair.

— Fora das barreiras de Idris, continuaremos na luta para protegermos o mundo — disse Alec. — Aqui vocês irão apodrecer enquanto brincam de soldadinhos, com nada para combater além de uns aos outros.

Alec deu as costas para Balogh, virando-se para encarar a Clave.

— Vamos abrir o Portal agora — disse. — Aqueles que não moram em Alicante, vão para casa. Aqueles que vivem aqui, terão uma escolha. Reúnam suas famílias e venham conosco, ou permaneçam aqui, presos para sempre, sendo governados pela Tropa. É a escolha de cada um ser livre ou aprisionado.

Clary se levantou e foi até as portas no fundo do salão, tirando a estela do bolso. A Clave ficou assistindo em silêncio enquanto sua estela brilhava e um redemoinho cinza prateado começava a crescer nas portas, abrindo de dentro para fora, brilhando pelas paredes até se transformar num enorme Portal.

Ela se virou para olhar para o salão.

— Mantereí aberto pelo tempo que for preciso para quem quiser deixar Idris — disse, com a voz firme e clara. — Serei a última a atravessar. Quem quer ser o primeiro?

Emma se levantou e Julian foi com ela, agindo juntos como sempre fizeram.

— Seguiremos nosso Cônsul — disse Emma.

— Os Blackthorn serão os primeiros — anunciou Julian. — Fique com sua prisão, Zara. Seremos livres sem você.

O restante da família se levantou com eles. Aline foi até Jia e deu o braço para a mãe. Emma pensou que o salão fosse ficar tomado de gritos e caos, de discussões e brigas. Mas parecia que uma capa de aceitação chocada tinha sido posta sobre os Caçadores de Sombras, tanto os que estavam saindo quanto os que estavam ficando. A Tropa e seus aliados assistiram em silêncio enquanto a maioria dos Caçadores de Sombras ia para o Portal ou seguia para arrumar suas coisas em seus lares de Alicante.

Alicante seria uma cidade fantasma, uma cidade fantasma numa terra fantasma, pensou Emma. Ela olhou para Diana, e a encontrou perto da multidão.

— A loja do seu pai — disse ela. — Seu apartamento...

Diana apenas sorriu.

— Não me importo — falou. — Eu sempre voltava para vocês em Los Angeles, meu amor. Sou professora. Não uma comerciante em Idris. E por que eu ia querer morar aonde Gwyn não pode ir?

Cristina abraçou Diego e Jaime enquanto se levantavam, prontos para voltar à Cidade do México. Divya e Rayan estavam se preparando também. Assim como Cameron e Paige Ashdown, embora Vanessa ainda estivesse no palanque, mirando-os com olhos cerrados. O corpo de Amelia estava aos seus pés. Emma sentiu uma pontada de pena. Sacrificar tanto por uma causa que não se

importava com ela, e depois morrer sem luto. Parecia cruel demais.

Cameron deu as costas para Vanessa, indo para a escada, juntando-se aos Blackthorn e seus amigos enquanto Clary direcionava o Portal para voltarem a Los Angeles. Ele não olhou para a prima. Emma torceu para que ele a tivesse visto sorrindo encorajadoramente para ele.

Os Ashdown não eram a única família que seria separada por isso. Mas a cada passo que dava em direção ao Portal, Emma sabia que estavam fazendo a coisa certa. Nenhum mundo novo em folha poderia ser construído sobre sangue e ossos.

O Portal se ergueu diante de Emma, transparente e brilhante. Através dele, dava para ver o oceano e a costa, os contornos do Instituto. Finalmente os Blackthorn estavam indo para casa. Eles tinham enfrentado sangue, desastre, e agora exílio, mas finalmente estavam indo para casa.

Ela deu a mão para Julian e eles atravessaram.

## 34

### A Cidade no Mar

Kieran já estava esperando no pasto havia algum tempo. Ninguém nunca avisava, pensou ele, que quando você se tornava Rei de uma Corte do Reino das Fadas, precisava usar seda e um veludo que pinicava muito quase todo o tempo. As botas eram bonitas — o Rei tinha o próprio sapateiro, que moldava o couro aos seus pés —, mas num dia de sol ele passaria bem sem o cinto de joias, os anéis pesados e a camisa com dois quilos de bordados.

Um movimento na grama anunciou a chegada do General Winter, que fez uma grande reverência. Kieran já tinha dito a ele muitas vezes para não fazer isso, mas Winter insistia.

— Adaon Filho do Rei, seu irmão — anunciou ele, e chegou para o lado, permitindo que Adaon passasse por ele e se aproximasse de Kieran.

Os dois irmãos se olharam. Adaon usava o verde vivaz da Corte Seelie. Ficava bem nele. E parecia descansado e calmo, seus olhos escuros pensativos enquanto olhava para Kieran.

— Você pediu um encontro particular comigo, soberano? — perguntou.

— Winter, vire-se de costas — pediu Kieran. Na verdade, ele não ligava para o que Winter ouvisse: não tinha segredos com o chefe de sua guarda. Na sua opinião, era melhor que um Rei não tivesse segredos se pudesse evitá-los. Simplesmente oferecia material para chantagem entre seus inimigos.

Winter se afastou um pouco e ficou de costas. Houve um farfalhar quando alguns dos guardas que tinham vindo com ele fizeram o mesmo. Adaon ergueu uma sobrancelha, mas certamente não poderia estar surpreso: os guardas eram muito bons em se fazerem invisíveis, mas os Reis não ficavam sozinhos e desprotegidos em pastos.

— Você veio até as portas de uma Corte inimiga para me ver — disse Adaon.

— Acho que estou lisonjeado.

— Você é o único irmão em quem já confiei — disse Kieran. — E eu vim perguntar se você deseja... se você consideraria ser Rei no meu lugar.

As sobrancelhas de Adaon se ergueram como asas de pássaros.

— Não gosta de ser Rei?

— Não é para gostar ou não gostar. Não importa. Deixei Mark e Cristina, que eu amo, para ser Rei, mas não suporto isso. Não consigo viver assim. — Kieran brincava com seus anéis pesados. — Não consigo viver sem eles.

— E eles não sobreviveriam à Corte. — Adaon tocou pensativamente o queixo. — Kieran, eu não serei Rei por dois motivos. Um, é que com você no trono do Rei e comigo ao lado da Rainha, podemos trabalhar pela paz entre Seelie e Unseelie. A Rainha detestava Arawn, mas ela não odeia você.

— Adaon... — A voz de Kieran era bruta.

— Não — disse Adaon com firmeza. — Eu já fiz a Rainha enxergar a sabedoria da paz entre as Terras, mas se eu deixá-la para me tornar Rei de Unseelie, ela vai me detestar e voltaremos a ser inimigos.

Kieran respirou fundo. O pasto tinha cheiro de flores do campo, mas ele estava nauseado, enjoado, com calor e desesperado. Como poderia viver sem nunca mais ouvir a voz de Cristina? Sem ver o rosto de Mark?

— Qual é o segundo motivo?

— Você tem sido um bom Rei — disse Adaon. — Embora só esteja no trono há algumas semanas, Kieran, você já fez muitas coisas boas: libertou prisioneiros, fez uma redistribuição justa das terras, mudou as leis para melhor. Nosso povo é leal a você.

— Então se eu fosse um Rei incompetente como Oban, eu poderia levar a vida que desejo? — falou Kieran amargamente. — Uma estranha recompensa por um trabalho bem-feito.

— Sinto muito, Kieran — disse Adaon, e Kieran soube que ele devia estar sendo sincero. — Mas não há outro para o cargo.

Inicialmente, Kieran não conseguiu falar. Ficou vislumbrando os longos dias desprovidos de amor ou confiança. Pensou em Mark rindo, guiando Lança do Vento, seu corpo forte e seus cabelos dourados. Ele pensou em Cristina dançando, fumaça e chama na noite, sua delicadeza e sua generosidade de espírito. Ele não encontraria nada disso de novo; não encontraria corações como esses.

— Eu entendo — disse Kieran remotamente. Era o fim então. Ele teria uma vida de servidão obediente, uma vida muito longa, e somente o prazer de fazer o bem, o que não era nada, para sustentá-lo. Se ao menos a Caçada Selvagem soubesse que esse seria o destino do seu mais selvagem Caçador. Eles teriam

rindo. — Tenho que cumprir o meu dever. Estou arrependido de ter perguntado.

O rosto de Adaon suavizou.

— Eu não coloco o serviço acima do amor, Kieran. Tenho que lhe contar: tive notícias de Cristina.

Kieran levantou a cabeça subitamente.

— Quê?

— Ela sugeriu que eu lhe desse meu chalé. Ele fica num local nas Terras Fronteiriças que não é nem o Reino das Fadas nem o mundo mortal. Isso não enfraqueceria você como o mundo mortal, nem ameaçaria Mark e Cristina, como a Corte o faria. — Adaon colocou a mão no ombro de seda e veludo do irmão. — Você poderia ficar com eles lá.

A emoção crua que sentiu quase fez Kieran desabar.

— Você faria isso, Adaon? Você me daria o seu chalé?

Adaon sorriu.

— Certamente. Para que servem os irmãos?

Emma estava sentada na mala com a esperança de tentar fechá-la. Ela pensou lamentosamente em todas as coisas que já tinha enfiado na bolsa de Julian. Ele fazia malas organizadas e minimalistas, e já tinha uma mala pronta no corredor fazia uma semana. Só que estava começando a parecer um pouco inflada com as coisas extras que ela havia começado a enfiar ali quando ele não estava olhando — uma escova, uma bolsinha de elásticos de cabelo e chinelos, e alguns óculos escuros extras. E uma almofada de pescoço. Nunca se sabe quando se vai precisar de uma almofada de pescoço, principalmente quando a ideia é passar um ano inteiro viajando pelo mundo.

— Está pronta para a festa? — perguntou Cristina, com um vestido azul leve e uma margarida nos cabelos escuros. Ela franziu o nariz. — O que está fazendo?

— Pulando na mala. — Emma se levantou e tirou os sapatos. — Renda-se — disse ela para a mala, e subiu nela. — Muito bem. Vou pular.

Cristina pareceu horrorizada.

— Já ouviu falar em cubos de mala?

— O que é um cubo de mala? É alguma espécie de espaço extradimensional?

— Ela começou a pular na mala como se esta fosse um trampolim.

Cristina se apoiou na porta.

— É bom te ver tão feliz.

A mala fez um barulho horrível. Emma parou de pular.

— Rápido! Feche o zíper!

Rindo, Cristina se ajoelhou e fechou o zíper. Emma pulou para o chão e as duas ficaram olhando a mala lotada, Cristina com apreensão e Emma com orgulho.

— O que você vai fazer da próxima vez que precisar fechar? — perguntou Cristina.

— Não estou pensando nisso. — Emma ficou se perguntando se deveria ter se vestido melhor; a festa era para ser casual, só para um grupo pequeno comemorando a ascensão de Aline e Helen como diretoras do Instituto de Los Angeles.

Ou, pelo menos, era essa a história oficial.

Ela havia encontrado um vestido de seda dos anos sessenta com as costas bordadas, e o achou divertido e retrô, mas Cristina estava tão elegante e serena que Emma ficou se perguntando se deveria ter escolhido algo mais formal. Resolveu encontrar seu prendedor de cabelo dourado e fazer um penteado. Só torcia para que não estivesse na mala, pois ali definitivamente não poderia mexer.

— Eu realmente pareço feliz?

Cristina colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Emma.

— Mais feliz do que jamais a vi — disse ela, e por ser Cristina, cada palavra brilhou com sinceridade. — Estou tão, tão feliz por você.

Emma se jogou na cama. Alguma coisa a cutucou nas costas. Era o prendedor de cabelo. Ela o pegou, aliviada.

— Mas e você, Tina? Fico preocupada que você não esteja feliz.

Cristina deu de ombros.

— Estou bem. Estou sobrevivendo.

— Cristina, eu te amo, você é minha melhor amiga — disse Emma. E agora era fácil falar “melhor amiga” porque embora Julian ainda fosse seu melhor amigo, ele também era mais do que isso, e todos finalmente sabiam. — Sobrevivendo não é o suficiente. E quanto a ser feliz?

Cristina suspirou e sentou ao lado de Emma.

— Chegaremos lá, eu e Mark. *Estamos* felizes, mas também sabemos que poderíamos ter uma felicidade maior. E nos preocupamos com Kieran todos os dias.

— Você falou com Adaon? — perguntou Emma.

— Falei, mas não obtive resposta. Talvez Kieran não queira.

Emma franziu o rosto. Ela achava toda a história confusa, mas de uma coisa tinha certeza: não havia nada que Kieran quisesse mais do que estar com Mark e Cristina.

— Cristina! — Uma voz ecoou fracamente na frente do Instituto; Emma

subiu na cama e abriu a janela. Um segundo depois, Cristina estava ao seu lado. As duas esticaram as cabeças para fora para flagrarem Diego e Jaime no gramado, acenando os braços de forma enérgica. — Cristina! Desça!

Cristina começou a rir, e por um instante, sob sua tristeza silenciosa, Emma viu a menina que ela devia ser na Cidade do México quando criança, brincado com os irmãos Rosales e se metendo em encrencas.

Diante da cena, não conseguiu evitar sorrir. *Queria ter te conhecido já naquela época, Tina. Espero que sejamos amigas por toda a vida.*

Mas Cristina estava sorrindo e Emma não queria estragar seu frágil bom humor com melancolia.

— Vamos — chamou ela, pegando um par de chinelos. — Vamos para a praia.

Com a ajuda de Ragnor e Catarina, o pedacinho de areia da costa abaixo do Instituto tinha sido bloqueado para uso particular, a área cercada por marcas enfeitiçadas alegando que a praia estava interditada por uma infestação terrível de caranguejos.

Magnus também tinha feito alguns feitiços de abafamento de som que aquietavam os ruídos do trânsito da via expressa. Emma sabia que ele não se metera com as condições meteorológicas, mas quase parecia que sim: um dia perfeito, o céu azul e intenso, as ondas como cetim azul bordadas com ouro.

Caçadores de Sombras e seres do Submundo enchiam a praia, até a curva da areia dourada cercada de pedras. Alec, alto e bonito com um casaco marfim e calças pretas, estava ajudando Catarina e Ragnor a arrumar as mesas de comida. Emma notou que sua mão tremia levemente enquanto postava os pratos e os hashis. Magnus tinha invocado bolinhos do mundo inteiro — *jiaozi* da China, *gyoza* do Japão, pierogi de queijo da Polônia, *pelmeni* amanteigado da Rússia, *mandu* da Coreia. Ragnor tinha trazido garrafas de vinhos caríssimos de sua vinícola argentina favorita, assim como água com gás da França e suco de maçã para as crianças. Catarina tinha criado uma fonte de chocolate suíço que já tinha chamado a atenção de Max e Rafe.

— Dedos de areia *longe* do chocolate — estava dizendo Magnus para eles. — Ou transformo os dois em esponjas-do-mar.

Cristina foi até a praia com os Rosales para encontrar Mark, cujos olhos estavam fixos no horizonte. Emma se abaixou para amarrar a sandália. Quando se levantou, Julian apareceu, seus jeans dobrados até os joelhos e os pés cheios de areia de brincar com Tavvy e Helen perto da água. Ele parecia tranquilo de um jeito inédito para ela: seus olhos azul-esverdeados brilhavam como o vidro



marinho em seu pulso, e seu sorriso foi lento e tranquilo ao se aproximar e colocar o braço em volta da cintura dela.

— Você está linda.

— Você também — disse ela com sinceridade, e ele riu e lhe deu um beijo. Ela ficou maravilhada: Julian, que sempre fora tão cuidadoso, era quem estava sendo relaxado a respeito de quem poderia saber da relação dos dois. Ela sabia que a família entendia tudo, que Jem tinha explicado para eles em Alicante. Mas sempre se preocupava; será que os outros ficariam se perguntando há quanto tempo eles estariam apaixonados, o quanto coincidira com o período em que foram *parabatai*?

Mas ninguém parecia se importar, muito menos Julian. Ele sorria toda vez que a via, a pegava e a beijava, segurava sua mão com orgulho. Ele até parecia gostar das lamúrias bem-intencionadas dos irmãos quando flagravam os dois se beijando nos corredores.

Era incrível não ter que guardar segredo, não ter que esconder. Emma ainda não estava acostumada, mas retribuiu o beijo de Julian assim mesmo, sem se importar com quem estivesse vendo.

Ele estava com gosto de sal e mar. Gosto de casa. Ele roçou o nariz carinhosamente na testa dela.

— Que bom que todo mundo veio — disse ela.

Era um grupo e tanto. Na ponta da praia, Maia, Simon e Bat jogavam vôlei com Anush. Os vampiros ainda não tinham aparecido, pois ainda fazia sol, mas Lily ficara mandando mensagens para Alec para garantir que eles ofereceriam sangue O negativo com gelo mais tarde. Isabelle estava decorando o bolo em camadas que Aline havia feito, e Marisol e Beatriz estavam construindo um castelo de areia. Ambas vestiam branco de luto, e pareciam compartilhar uma tristeza silenciosa e contemplativa. Emma torcia para que fossem boas uma para a outra: ambas tinham perdido alguém que amavam.

Jace e Clary tinham se aventurado no mar e estavam jogando água um no outro enquanto Ragnor passava numa enorme boia, tomando limonada. Jocelyn Fairchild e Luke Garroway estavam sentados com Jia, Patrick e Maryse a alguma distância da praia, e Diana e Gwyn estavam abraçados numa canga perto da costa.

— Temos muitos aliados — comentou Julian.

O olhar de Emma desviou para Magnus e Alec na praia.

— Vai ser uma noite importante — disse ela. — E está sendo compartilhada conosco. Não é uma questão de ter aliados. É uma questão de ter amigos. Temos muitos *amigos*.

Ela achou que ele fosse fazer algum comentário provocador; em vez disso,

seu rosto suavizou.

— Tem razão — respondeu. — Acho que temos mesmo.

Ficar de olho nas crianças tinha se tornado um hábito. Mesmo enquanto brincavam perto da água, catando tatuís e deixando que subissem pelas mãos, Dru estava de olho em Tavvy, Max e Rafe. Ela sabia que estavam todos bem cuidados por diversos feiticeiros e Caçadores de Sombras ansiosos, mas não conseguia evitar.

— Drusilla?

Jaime estava vindo pela praia, exatamente do jeito que fizera para atender aos apelos de Cristina. Ele parecia mais saudável agora do que antes — menos magro, com as bochechas mais coradas. Os mesmos cabelos pretos desgrenhados, os mesmos olhos castanhos reluzentes. Ele sorriu para ela, e ela ficou se perguntando se deveria ter vestido algo mais alegre e bonito como as outras meninas. Vinha usando vestido preto para tudo fazia tanto tempo que mal pensava no assunto, mas talvez ele achasse esquisito?

— Então... o que a espera depois disso? — perguntou Jaime. — Você vai para a nova Academia?

A Aliança entre o Submundo e os Caçadores de Sombras tinha se reunido para construir uma nova escola para Caçadores de Sombras num lugar já seguro e protegido — a fazenda de Luke Garroway, no estado de Nova York. Segundo relatórios, já estava quase pronta — e segundo Simon, mil vezes melhor do que a antiga Academia onde ele chegara a encontrar ratos em sua gaveta de meias.

— Ainda não — disse Dru, e ela viu a breve percepção nos olhos dele: ela era jovem demais para frequentar a nova Academia, que admitia alunos a partir dos 15 anos. — Talvez daqui a alguns anos. — Ela chutou uma concha. — Vou poder ver você outra vez?

Ele ostentava uma expressão que ela nunca tinha visto. Uma espécie de seriedade dolorida.

— Não acho muito provável. Cristina vai embora, então não tenho mais motivo para vir. — O coração de Dru se partiu. — Tenho que ir para casa acertar as coisas com meu pai e o restante da família. Sabe como é. Família é o que há de mais importante.

Ela conteve as palavras que queria dizer.

— Mas talvez a gente se veja na Academia um dia — acrescentou ele. — Você ainda tem aquela faca que eu te dei?

— Tenho — respondeu Dru, um pouco preocupada. Ele tinha dito que era um presente, certamente não ia pedir de volta, não é?

— Boa menina — disse Jaime. Ele afagou os cabelos dela e se afastou. Ela queria correr atrás dele e puxar a sua manga. Pedir para que voltasse a ser seu amigo. Mas não se ele fosse tratá-la como criança, ela lembrou a si. Ela gostava dele porque ele agia como se ela tivesse um cérebro. Se não achava mais...

— Dru! — Era Ty, descalço e sujo de areia, com um tatuí que queria mostrar a ela. O bichinho tinha uma concha delicadamente marcada de bolinhas. Ela abaixou a cabeça sobre as mãos dele, grata pela distração.

Então permitiu que a voz dele fluísse ao seu redor enquanto ele virava o tatuí nas mãos cuidadosas e delicadas. As coisas estavam diferentes entre ela e Ty agora. Ela era a única, além de Kit e Magnus, que sabia o que tinha acontecido durante a tentativa de trazer Livvy de volta.

Estava evidente que Ty tinha uma nova confiança nela. Que eles guardavam os segredos um do outro. Ela era a única pessoa que sabia que às vezes, quando ele desviava o olhar e sorria, é porque estava sorrindo para o fantasma de Livvy, e ele era a única pessoa que sabia que ela conseguia violar uma tranca em menos de trinta segundos.

— Tem bioluminescência na outra ponta da praia — disse Ty, colocando o tatuí de volta na areia. Ele correu para o buraco. — Quer ver?

Ela ainda estava vendo Jaime, que tinha ido para perto de Maia e Diego e conversava animadamente. Imaginava que pudesse ir até eles para tentar entrar na conversa, tentar parecer mais adulta e digna de papo. *Mas eu tenho 13 anos*, pensou ela. *Tenho 13 anos e sou digna de papo sem fingir que sou algo que não sou. E não vou perder tempo com quem não é capaz de enxergar isso.*

Pegou sua saia preta longa e correu atrás de Ty na praia, suas pegadas espalhando luz.

— Muito bem, aqui — indicou Helen, sentando na linha da maré. Ela esticou o braço para puxar Aline. — Podemos observar a maré descer.

Aline sentou e depois fez uma careta.

— Agora minha bunda está molhada — reclamou. — Ninguém me avisou.

Helen pensou em várias respostas atrevidas, mas se segurou. Aline estava particularmente linda neste momento, pensou, com uma saia e uma blusa florida, seus ombros morrons expostos ao sol. Ela estava com brincos de ouro pequenos, no formato das Marcas de Amor e Compromisso.

— Você nunca sentou na praia na Ilha Wrangel? — perguntou ela.

— De jeito nenhum. Era congelante. — Aline enfiou os dedos dos pés na areia. — Aqui é muito melhor.

— É muito melhor, não é? — Helen sorriu para a esposa, e Aline ruborizou,

porque mesmo após tanto tempo juntas, a atenção de Helen ainda fazia Aline corar e mexer no cabelo. — Vamos comandar o Instituto.

— Nem me lembre. Tanta burocracia — resmungou Aline.

— Achei que você *quisesse* governar o Instituto! — Helen riu.

— Acho que emprego fixo é uma boa ideia — disse Aline. — Além disso, precisamos ficar de olho nas crianças para elas não se tornarem hooligans.

— Tarde demais, acho. — Helen olhou carinhosamente para seus irmãos.

— E acho que deveríamos ter um filho.

— *Sério?* — Helen abriu a boca. Fechou de novo. Abriu. — Mas... meu amor... como? Sem a medicina mundana...

— Não sei, mas deveríamos perguntar para Magnus e Alec, porque me parece que bebês simplesmente caem do céu em volta deles. Como uma chuva de crianças.

— Aline — disse Helen com sua voz de *fala sério*.

Aline puxou a saia dela.

— Você... quer um bebê?

Helen chegou mais perto de Aline, puxando as mãos frias da mulher para seu colo.

— Meu amor — disse ela. — Eu quero! Com certeza! É só... ainda penso na gente no exílio, um pouco. Como se estivéssemos esperando nossa vida começar de verdade. Sei que não faz sentido...

Aline levantou as mãos dadas das duas e beijou os dedos de Helen.

— Cada minuto que passei com você foi minha vida de verdade — declarou. — E mesmo na Ilha Wrangel, era uma vida melhor do que aquela que tive sem você.

Helen se sentiu lacrimejando.

— Um bebê seria como um novo irmão ou irmã para Ty, Dru e Tavvy — falou. — Seria maravilhoso.

— Se for menina, podemos chamar de Eunice — disse Aline. — Era o nome da minha tia.

— Não podemos, *não*.

Aline abriu um sorriso impiedoso.

— Veremos...

Quando Alec chegou para falar com Mark, este estava fazendo animais de balões para Tavvy, Rafe e Max. Max parecia alegre, mas Rafe e Tavvy pareciam cansados do repertório de Mark.

— É uma manticora — disse Mark, estendendo um balão amarelo.

— É uma cobra — reclamou Tavvy. — São todas cobras.

— Bobagem — disse Mark, mostrando um balão verde. — Este é um dragão sem asas e sem cabeça. E este é um crocodilo sentado nos pés.

Rafe pareceu triste.

— Por que o dragão não tem cabeça?

— Com licença — disse Alec, cutucando o ombro de Mark. — Posso falar com você um minuto?

— Ah, graças ao Anjo — disse Mark, derrubando os balões e se levantando. Ele seguiu Alec para as falésias enquanto Magnus vinha entreter os meninos. Mark o ouviu falando para Rafe que o dragão tinha perdido a cabeça numa partida de pôquer.

Mark e Alec pararam à sombra de uma falésia, não muito longe da maré. Alec vestia um casaco leve com um buraco na manga e parecia calmamente agradável — surpreendente para um Cônsul que vinha tentando consertar um governo destruído.

— Espero que não seja sobre os balões — disse Mark. — Eu não tenho muita experiência.

— Não é sobre os balões — respondeu Alec. Ele esticou o braço para esfregar a nuca. — Sei que não tivemos muita chance de conversar, mas ouvi muito sobre você de Helen e Aline. E me lembrei de você por muito tempo depois que nos conhecemos no Reino das Fadas. Quando você entrou para a Caçada.

— Você me disse que se eu fosse para Edom com você, eu morreria — recordou Mark.

Alec pareceu ligeiramente envergonhado.

— Eu estava tentando proteger você. Mas pensei muito em você depois disso. Em como era valente. E em quanto foi errada a forma como você foi tratado pela Clave, só porque era diferente. Sempre quis que você estivesse por perto para entrar para a Aliança entre o Submundo e os Caçadores de Sombras. Trabalhar com eles é algo do qual realmente vou sentir falta.

Mark ficou espantado.

— Você não vai mais trabalhar com a Aliança?

— Não posso — respondeu Alec. — Não posso fazer isso e ser Cônsul: é demais, para qualquer um. Não sei quanto você soube, mas o governo vai ser instaurado em Nova York. Em parte por minha causa; não posso ficar tão longe de Magnus e das crianças. E tem que ser em algum lugar.

— Não precisa se desculpar por isso — disse Mark, se perguntando aonde isso ia parar.

— Temos tanta coisa para fazer — disse Alec. — Temos conexões por todo o

mundo, com todas as organizações religiosas, com sociedades secretas que sabem sobre os demônios. Todos eles terão que decidir com quem desejam se aliar, conosco, ou com o governo de Alicante. Temos que encarar o fato de que vamos perder pelo menos alguns de nossos aliados. Que teremos que lutar... por verbas, por credibilidade. Por muita coisa.

Mark sabia que os Caçadores de Sombras viviam do dinheiro que recebiam de organizações — religiosas, espirituais, místicas — que sabiam sobre demônios e valorizavam a proteção ao mundo. Ele nunca havia pensado no que aconteceria sem essa verba. Não invejava Alec.

— Gostaria de saber se você gostaria de entrar para a Aliança — convidou Alec. — Não apenas entrar, mas nos ajudar a liderar. Você poderia ser o embaixador do Reino das Fadas agora que a Paz Fria está sendo dissolvida. Não vai ser um processo de curto prazo. Temos muito o que fazer para nos reconectarmos com as fadas, e precisamos ajudá-las a entender que o governo de Idris não representa mais a maioria dos Caçadores de Sombras. — Ele hesitou. — Sei que está tudo uma loucura para você e sua família, mas você seria muito valioso.

— Onde eu teria que morar? — perguntou Mark. — Não quero ficar muito longe da minha família ou de Cristina.

— Vamos convidar Cristina também — informou Alec. — O conhecimento dela sobre fadas será importante, assim como a relação de sua família com elas. Vocês dois podem ficar no Instituto de Nova York e podem tomar o Portal para visitarem seus familiares quando quiserem.

Mark tentou abraçar a ideia. Nova York parecia longe, mas ele não tinha parado para pensar no que poderia querer fazer agora que a crise parecia ter chegado ao fim. E não tinha nenhum interesse na Scholomance. Ele poderia permanecer em Los Angeles, obviamente, mas se o fizesse, ficaria longe de Cristina. Ele já sentia uma saudade imensa de Kieran, assim como ela; não aguentaria a saudade dela também. Mas qual seria seu propósito, se ele fosse com ela para o México? O que Mark Blackthorn queria fazer da vida?

— Preciso pensar — respondeu Mark, surpreendendo a si mesmo.

— Tudo bem — falou Alec. — Pode levar o tempo que precisar. — Ele olhou para o relógio. — Tenho algo importante para fazer.

Cristina estava sentada sobre as pernas, admirando o mar. Ela sabia que podia se juntar ao restante da festa — sua mãe sempre a repreendera por ficar no quarto durante ocasiões sociais —, mas alguma coisa no mar era reconfortante. Ela sentiria falta disso quando voltasse para casa: a batida firme da maré, a

superfície mutante das ondas. Sempre a mesma coisa, mas sempre diferente.

Se ela virasse um pouco a cabeça, veria Emma com Julian, Mark conversando com Alec. Isso bastava, por enquanto.

Uma sombra recaiu sobre ela.

— Olá, amiga.

Era Diego. Ele se sentou ao seu lado, na pedra grande e lisa que ela encontrara. Ele parecia mais informal do que em muito tempo, com uma camiseta e calças cargo com barras arregaçadas. A cicatriz brutal e horrível em seu rosto estava se curando rapidamente, como acontecia com as cicatrizes dos Caçadores de Sombras, mas ela jamais desapareceria. Ele nunca mais seria exatamente o Diego Perfeito por fora. Mas ele tinha mudado muito por dentro, e para melhor, ela achava. E era isso o que realmente importava.

— *En qué piensas?* — Era a mesma pergunta que ele sempre fazia para ela, tão corriqueira que já era uma piada entre eles. *No que está pensando?*

— O mundo parece tão estranho para mim agora — disse ela, olhando para os dedos dos pés no chinelo. — Não estou conseguindo assimilar que perdemos Alicante. Que a casa dos Caçadores de Sombras não existe mais. — Ela hesitou. — Eu e Mark estamos felizes juntos, mas também tristes; a ausência de Kieran parece um pedaço arrancado da nossa relação. É como cortar Idris do mundo dos Caçadores de Sombras. Um pedaço que falta. Ainda podemos ser felizes, mas não seremos completos.

Era a primeira vez que falava com Diego sobre a estranha natureza de sua relação. Ficou imaginando como ele reagiria. Ele simplesmente assentiu.

— Não existe mundo perfeito — falou. — O que temos agora é uma ferida, mas ainda é melhor do que a Paz Fria, e melhor do que a Tropa. Poucas pessoas têm a oportunidade de corrigir e mudar as injustiças que veem no mundo, mas você fez isso, Cristina. Você sempre quis acabar com a Paz Fria, e agora acabou.

Estranhamente tocada, ela sorriu para ele.

— Você acha que nunca mais receberemos notícias de Idris?

— Nunca é muito tempo. — Ele cruzou os braços sobre os joelhos. Não tinham recebido qualquer comunicação até o momento. Alec, o Cônsul, tinha enviado uma mensagem de fogo para Idris no dia em que a Paz Fria fora oficialmente dissolvida, mas não obtivera resposta. Eles sequer tinham certeza de que a mensagem havia sido recebida; as barreiras em torno de Idris agora eram mais espessas e fortes do que quaisquer barreiras antes vistas. O lar dos Caçadores de Sombras tinha se tornado uma prisão e uma fortaleza. — Zara é muito teimosa. Pode demorar bastante. — Diego pausou. — Alec me ofereceu o cargo de Inquisidor. Certamente tem que haver uma votação, mas...

Cristina jogou os braços em torno dos ombros largos dele.

— Parabéns! Isso é maravilhoso!

Mas Diego não parecia totalmente feliz.

— Não me sinto como se merecesse ser o Inquisidor — disse. — Eu sabia que os guardas do Conselho, os que trabalham no Gard, estavam sob controle da Tropa. Falei isso para o Jaime quando eles entraram acompanhando Zara e os outros prisioneiros. Mas não discuti. Não achei que fosse possível que só eu enxergasse o problema em potencial.

— Ninguém podia ter previsto o que aconteceu — disse Cristina. — Ninguém poderia ter imaginado o sacrifício do suicídio, e nem que eles tinham o apoio dos guardas. Além disso, ser Inquisidor não é nenhum favor ou recompensa. É um serviço prestado. É uma forma de pagar ao mundo.

Ele começou a sorrir.

— Suponho que sim.

Ela deu uma piscadela.

— Além disso, fico feliz em saber que, se eu precisar de alguém para dobrar a Lei a meu favor, terei um amigo poderoso.

— Vejo que aprendeu coisas demais com os Blackthorn — disse Diego sombriamente.

Uma sombra passou por eles — mais escura do que uma nuvem, e grande demais para ser uma gaivota. Afastando-se de Diego, Cristina inclinou a cabeça para trás. Uma figura voadora cruzou o céu, brilhando branca contra o azul escuro. Circulou e começou a descer, se preparando para pousar na areia.

Cristina se levantou e seus pés começaram a se movimentar aceleradamente em direção à praia.

O sol tinha mergulhado para tocar a beira do horizonte. Neste momento, ele era uma enorme bola brilhando em laranja e vermelho, iluminando o oceano com anéis de ouro metálico.

Julian estava na marca da água agora, uma listra mais escura e definida nas areias. Emma estava ao seu lado, seus cabelos louros escapulindo do prendedor; secretamente, ele estava satisfeito. Ele adorava os cabelos dela. Adorava poder ficar perto dela assim, pegar na sua mão sem que tivesse qualquer reação. Inclusive, quase todo mundo que conheciam parecia tão confortável com isso que ele se perguntava se muitos deles já não desconfiavam antes.

Talvez sim. Ele não se importava.

Tinha voltado a pintar — Emma, quando conseguia que ela posasse e servisse de modelo. Ele havia pintado Emma tantas vezes em segredo, as pinturas a única válvula de escape para seus sentimentos, que pintá-la se movendo, rindo e



sorrindo, um borrão em dourados, azuis e âmbar, era quase mais do que seu coração conseguia suportar.

Ele pintou Ty, perto da água, e Dru parecendo pensativa ou fazendo uma careta, e Helen e Aline juntas, e Mark com os olhos para o céu, como se estivesse sempre procurando estrelas.

E pintou Livvy. Pintou a Livvy que sempre conheceu e amou, e às vezes a Livvy de Thule que ajudou a curar seu coração da ferida pela perda de sua irmã.

Nunca seria totalmente curada. Sempre machucaria, assim como a morte de sua mãe e de seu pai. Como a morte de Arthur. Ele seria como todo mundo, principalmente os Caçadores de Sombras: retalhos de amor e dor, de ganhos e perdas. O amor ajudava a aceitar a dor. Era preciso sentir tudo.

Ele sabia disso agora.

— Posso falar com você, Jules?

Julian se virou, ainda segurando a mão de Emma; era Mark. A luz dourada do sol fazia seu olho dourado brilhar ainda mais; Julian sabia que ele ainda estava sofrendo a perda de Kieran, mas pelo menos agora, na praia com a família, ele estava sorrindo.

— Sem problema — disse Emma com um sorriso. Ela beijou a bochecha de Julian e saiu caminhando pela praia para falar com Clary, que estava com Jace.

Mark enfiou as mãos nos bolsos das calças.

— Jules — recomeçou ele. — Alec me ofereceu um emprego... ajudando a comandar a Aliança... e eu não sei se devo aceitar ou não. Acho que eu deveria ficar aqui e ajudar Helen e Aline enquanto você tira o seu ano sabático, para que você não se preocupe. Você cuidou de tudo por tanto tempo. Eu deveria cuidar das coisas agora.

Julian sentiu uma onda de amor pelo irmão — se algum dia houve ciúme, não existia mais. Ele só estava feliz por ter Mark de volta.

Ele colocou as mãos nos ombros do irmão.

— Aceite o emprego — falou.

Mark pareceu surpreso.

— Aceitar?

— Não precisa se preocupar. As coisas não são mais como antes — disse Julian, e pela primeira vez, ao falar isso em voz alta para o irmão, ele realmente acreditou. — No passado, eu tive que tomar conta de tudo porque não tinha mais ninguém que pudesse fazer isso. Mas agora Helen e Aline estão em casa. Elas querem cuidar do Instituto, das crianças; é tudo o que querem há anos. — Ele diminuiu a voz. — Você sempre foi parte de dois mundos. Fada e Nephilim. Esse me parece um jeito de você transformar os dois numa força. Então faça isso. Quero que você seja feliz.

Mark o abraçou forte. Julian retribuiu, as ondas batendo em seus pés, e o abraçou tão firme quanto se imaginava fazendo durante todos os anos em que estivera longe.

— Mark! *Mark!*

Os irmãos se afastaram; Julian virou, surpreso, para ver Cristina correndo em direção a eles pela praia, ziguezagueando entre os convidados espantados da festa. Suas bochechas estavam vermelhas de alegria.

Ela os alcançou e pegou a mão de Mark.

— Mark, *mira* — disse ela, elevando a voz de empolgação. — Olha!

Julian esticou o pescoço — todos estavam, a festa inteira, hipnotizados pela visão de um cavalo fada que sobrevoava a região. Um cavalo branco com olhos vermelhos, dois cascos dourados e dois prateados. Era Lança do Vento, com Kieran montado em suas costas.

O sol se punha numa chama final enquanto Lança do Vento aterrissava na praia, com areia levantando em volta de seus cascos. Max gritou em deleite ao ver o cavalo e Magnus o pegou apressadamente enquanto Kieran saltava do animal. Ele estava todo de azul-escuro, o tipo de traje elaborado que Julian mal conseguia começar a entender — definitivamente havia muito veludo e muita seda envolvida, e uma espécie de couro azul-escuro, anéis em todos os dedos, e seu cabelo também estava azul-escuro. Ele parecia etéreo e um pouco alienígena.

Parecia um Rei do Reino das Fadas.

Seus olhos percorreram incansavelmente os presentes e pousaram em Mark e Cristina. Lentamente, Kieran começou a sorrir.

— *Lembre-se* — disse Mark, segurando a mão de Cristina, sussurrando com uma voz tão baixa que Julian ficou imaginando se seria para ele escutar ou não. — *Lembre-se de que tudo isso é verdade.*

Ele e Cristina começaram a correr. Lança do Vento decolou, voando alegremente em círculos acima. Julian viu Emma, perto da fonte de chocolate, aplaudir em deleite quando Mark, Kieran e Cristina se jogaram uns nos braços dos outros.

— Então — disse Alec. Ele e Magnus tinham encontrado abrigo sob uma pedra grande cuja superfície tinha uma textura granulada por anos de sal e vento. Magnus, apoiado nela, parecia jovem de um jeito que partia o coração de Alec, com uma mistura de amor e nostalgia. — Como agora eu sou o Cônsul, acho que eu faço as regras.

Magnus ergueu uma sobrancelha. Ao longe, Alec ouvia os barulhos da festa: gente rindo, música, Isabelle chamando Max e Rafe. Ela havia ficado

encarregada de cuidar deles enquanto Alec e Magnus tinham um momento a sós. Alec sabia que quando voltasse, as crianças estariam cobertas de delineadores purpurinados, mas alguns sacrifícios valiam todo o demaquilante.

— Isso foi um flerte? — falou Magnus. — Porque acho que estou mais interessado do que eu imaginei que estaria.

— Sim — respondeu Alec. Fez uma pausa. — Não. Um pouco. — Botou a mão no coração de Magnus, que o encarou com olhos verde-dourados, como se sentisse que Alec estava falando sério. — Quero dizer que faço todas as regras. Estou no comando agora.

— Eu disse que topava — falou Magnus.

Alec tocou a mandíbula do namorado, que estava com a barba por fazer, coisa que Alec sempre adorou. Fazia com que pensasse em Magnus acordando, antes que o restante do mundo pudesse vê-lo, antes de ele vestir suas roupas como armaduras, era quando ele era só de Alec.

— Poderíamos nos casar — sugeriu. — Com azul de feiticeiro e dourado de Caçador de Sombras. Como sempre quisemos.

Um sorriso incrédulo se espalhou pelo rosto de Magnus.

— Você realmente está me pedindo...?

Alec respirou fundo e se ajoelhou na areia. Olhou para Magnus, observando seu rosto passar de entretido a algo diferente. Algo suave, sério e tremulamente vulnerável.

— Eu quase te perdi — disse Alec. — Me acostumei tanto a pensar em você como imortal. Mas nenhum de nós é. — Ele tentava impedir que as mãos tremessem; estava mais nervoso do que havia imaginado. — Nenhum de nós é para sempre. Mas pelo menos posso fazer o que puder para que você saiba o quanto te amo a cada dia que temos. — Ele respirou fundo. — Queria poder prometer uma vida muito tranquila e pacífica ao meu lado. Mas tenho a impressão de que estaremos sempre cercados por aventura e caos.

— E eu não ia querer nada diferente — respondeu Magnus.

— Quando te encontrei, eu não sabia o que estava encontrando — continuou Alec. — Palavras sobre coisas lindas e preciosas para mim não vêm fácil. Você sabe disso. Me conhece melhor do que ninguém. — Ele lambeu os lábios secos. — E quando um dia as pessoas olharem para trás e pensarem no que significou minha vida, não quero que digam “Alec Lightwood lutou na Guerra Maligna”, nem mesmo “Alec Lightwood foi Cônsul”. Quero que pensem “Alec Lightwood amou tanto um homem que mudou o mundo por ele”.

Os olhos de Magnus brilhavam como estrelas. Ele encarou Alec com olhos cheios de alegria, com um sentimento tão profundo que Alec se sentiu humilde por participar daquilo.

— Você sabe que já mudou o mundo por mim.

— Casa comigo? — sussurrou Alec. Seu coração batia como as asas agitadas de um pássaro. — Agora? Esta noite?

Magnus fez que sim com a cabeça sem falar nada e puxou Alec para que ficasse de pé. Eles se abraçaram, e Alec inclinou um pouquinho a cabeça, já que Magnus era um pouco mais alto, coisa que ele sempre adorou.

E eles se beijaram longamente.

A praia era uma colmeia de atividade. O sol tinha se posto, mas o céu ainda brilhava com um azul opalina. Simon e Jace estavam montando uma plataforma de madeira na areia, onde a vista da costa era a melhor. Julian e Emma estavam acendendo velas em torno da plataforma, Clary, que tinha trocado de roupa por um vestido azul, estava espalhando flores, Ragnor e Catarina discutiam enquanto pratos de comidas com aspecto delicioso eram invocados para pesarem as mesas que já estavam frágeis. Isabelle estava vestindo Max e Rafe com roupas adoráveis bordadas em dourado e azul enquanto Max choramingava e Rafe parecia resignado.

Helen e Aline estavam ajudando os Blackthorn mais jovens a aplicarem suas Marcas douradas de compromisso e amor, fé e graça. Cristina, com os pulsos e a garganta Marcados, tinha se oferecido para ajudar a alinhar a praia com tochas. Ela cantarolava enquanto trabalhava, cercada por Caçadores de Sombras e seres do Submundo que riam juntos. Ela sabia que tempos difíceis viriam, que a Clave exilada não simplificaria as coisas. Alec teria que tomar decisões complicadas; todos eles teriam. Mas este momento, estes preparativos, parecia um momento de felicidade numa bolha, protegido contra toda a dureza da realidade.

— Toma. — Com um sorriso, Kieran colocou uma tocha na mão dela; ele tinha ido trabalhar junto com todos, como se não fosse o Rei da Corte Unseelie. No crepúsculo, seu cabelo parecia tão preto quanto suas roupas.

— E eu tenho mais. — Mark, descalço e com cabelos brilhantes como estrelas, colocou mais tochas na areia em frente às de Cristina. Ao se ajeitarem, começaram a arder com uma luz fraca que logo se fortaleceria: estavam tecendo um caminho de fogo pela praia, até o mar.

— Kieran — falou Cristina, e ele olhou para ela através das tochas, com a expressão curiosa. Ela não sabia ao certo se deveria perguntar a ele, mas não conseguiu evitar: — Mandeí nossa mensagem para Adaon há séculos, e não tivemos resposta. Você demorou muito para decidir o que fazer?

— Não — respondeu com firmeza. — Adaon não me contou imediatamente que tinha recebido uma mensagem. Eu não sabia que você havia entrado em

contato com ele. Eu estava tentando esquecer vocês dois... estava tentando ser um bom Rei e aprendendo a dar sentido à vida sem vocês. — Uma mecha de cabelo ficou azul-prateado. — Foi horrível. Detestei cada minuto. Finalmente, quando não aguentei mais, fui até Adaon e perguntei se ele estava disposto a ficar no meu lugar. Ele se recusou, mas então me ofereceu o chalé.

Cristina estava indignada.

— Não acredito que ele fez isso! Ele deveria ter entrado em contato com você imediatamente!

Kieran sorriu para ela. Ela ficou impressionada por um dia já tê-lo considerado duro ou distante. Os três se aproximaram um do outro, um trio sereno entre o fogo e as risadas, suas cabeças inclinadas juntas.

— Vai funcionar de verdade? — Mark parecia perturbado. Ele esticou o braço para espanar a areia da manga de veludo de Kieran. — Realmente existe um lugar onde podemos ficar juntos?

Kieran pegou uma chave num colar que estava usando — parecia antiga, escurecida pelo tempo, uma prata acobreada.

— O chalé agora é nosso. Nos dará um lugar onde não existem reis, rainhas, mortais ou fadas. Só nós três juntos. Não será o tempo todo, mas será suficiente.

— Por enquanto eu aceito qualquer período que puder passar com vocês dois — falou Cristina, e Kieran se inclinou para beijá-la suavemente. Quando ele recuou, Mark estava sorrindo para os dois.

— Eu e Cristina estaremos muito ocupados, acho — disse ele. — Entre nossas famílias em diferentes Institutos e nosso trabalho com a Aliança. E você também estará ocupado com seu novo reino. O tempo que passarmos juntos será de fato precioso.

Cristina afagou o bolso.

— Diego e Jaime me disseram que ficariam gratos se eu pudesse cuidar de *Eternidad*. Então basta nos enviar uma mensagem, Kieran, e iremos até você.

Kieran pareceu pensativo.

— Podem levar um daqueles calendários de gatos que eu gostei? Eu queria decorar o chalé.

— Na verdade, existem outros tipos de calendários. Com coelhos e filhotes de cachorro — falou Mark, sorrindo.

Parecendo beatífico, Kieran inclinou a cabeça para ver as estrelas.

— Esta realmente é uma terra de maravilhas.

Cristina olhou para os dois, o coração tão cheio de amor que doía.

— Realmente é.

Quando Alec e Magnus voltaram para a praia, ela havia sido transformada.

— Você *planejou* isto? — disse Magnus, olhando em volta, maravilhado. Não fazia a menor ideia, nenhuma, mas não teve erro. Magnus e Alec já haviam passado tantas noites acordados no apartamento no Brooklyn, enquanto o ventilador de teto girava lentamente, sussurrando seus pensamentos e planos para o dia longínquo em que fariam suas promessas em dourado e azul. Os dois sabiam muito bem o que queriam.

Os amigos trabalharam rápido. Os Caçadores de Sombras tinham desenhado Marcas de casamento, declarando seu testemunho a uma cerimônia de amor e compromisso. Os membros do Submundo tinham amarrado tiras de seda azul cobalto nos pulsos esquerdos, como convidados de casamentos de feiticeiros faziam cerimoniosamente. Fazia tanto tempo, pensou Magnus, desde a última vez que havia comparecido a um casamento dos seus. Nunca achou que fosse acontecer para ele.

Tochas luminosas, suas chamas intocadas pelo vento, descreviam trilhas na praia, conduzindo a uma plataforma de madeira posicionada para proporcionar uma vista do mar. Magnus tinha crescido vendo o mar e uma vez — uma vez — ele mencionara para Alec que gostaria de se casar com o barulho das ondas. Seu coração parecia estar sendo esmagado em mil pedaços agora, porque Alec tinha se lembrado.

— Só estou feliz por você ter aceitado — disse Alec. — Detestaria ter que explicar para todo mundo que teriam de tirar as decorações. E eu já havia falado para as crianças que tinha uma surpresa para você.

Magnus não se conteve; deu um beijo na bochecha de Alec.

— Você ainda me surpreende todos os dias, Alexander — disse. — Você e essa sua cara de paisagem.

Alec riu. Enquanto seus amigos acenavam ansiosamente, Magnus ouviu seus cumprimentos e vibrações carregados pelo vento. Marcas brilhavam douradas sob a luz das tochas, e uma seda azul escura farfalhava ao vento.

Jace deu um passo à frente, com um casaco de uniforme com símbolos dourados impressos, e estendeu a mão para Alec.

— Eu me apresento como *suggenes* para Alexander Lightwood — falou com orgulho.

Magnus sentia por Jace o mesmo que sentira por muitos Caçadores de Sombras ao longo dos anos, Fairchild, Herondale, Carstairs e outros: carinho e uma leve exasperação. Mas em momentos como este, quando o amor de Jace por Alec brilhava verdadeiro e livre, ele só sentia gratidão e afeto.

Alec pegou a mão de Jace e eles começaram a caminhar pelo pátio de luz. Magnus fez como se fosse segui-los, pois feiticeiros não tinham tradição de

*suggenes* — uma companhia para o altar —, mas Catarina se apresentou, sorrindo, e pegou o braço dele.

— Lutei contra nosso amigo verde em comum pelo privilégio de acompanhá-lo — disse ela, meneando a cabeça para um Ragnor irritado. — Ora, não achou que eu fosse deixá-lo ir até o altar sozinho, não é? E se você entrasse em pânico e fugisse?

Magnus riu ao passarem por rostos familiares: Maia e Bat, Lily com uma coroa torta de flores, Helen e Aline assobiando e aplaudindo. Helen usava uma pulseira azul, assim como símbolos dourados nas roupas; Mark também.

— Nunca tive tanta coragem — falou Magnus. — Estou muito tranquilo.

Ela sorriu para ele.

— Nenhuma dúvida?

Eles chegaram ao final da trilha iluminada. Alec estava esperando, com Jace ao seu lado na plataforma. Atrás deles estava o mar, estendendo-se num azul prateado como a magia de Magnus, até o horizonte. Seus amigos mais próximos cercavam a plataforma — Clary com uma braçada de flores azuis e amarelas, Isabelle segurando Max e contendo as lágrimas, Simon alegre e sorridente, Maryse com Rafe ao seu lado: ele estava solene, como se soubesse da importância da ocasião. Jia Penhallow estava onde um padre estaria numa cerimônia mundana, com o *Códex* na mão. Todos estavam usando xales ou casacos leves de seda com símbolos dourados; bandeiras de seda pendiam suspensas no céu, impressas com símbolos de amor e fé, compromisso e família.

Magnus olhou para Catarina.

— Nenhuma dúvida — respondeu finalmente.

Ela apertou a mão dele e foi parar ao lado de Jia. Havia um segundo círculo em torno da plataforma: os Blackthorn e seus amigos estavam todos lá, aglomerados. Julian sorriu seu sorriso lento e sereno para Magnus; Emma estava radiante de alegria quando Magnus atravessou a plataforma de madeira e assumiu seu lugar diante de Alec.

Alec estendeu as mãos, e Magnus as pegou. Ele encarou os olhos azuis de Alec, exatamente da cor de sua magia, e sentiu muita calma, uma paz maior do que qualquer paz que já havia conhecido.

*Nenhuma dúvida.* Magnus nem precisava investigar a própria alma. Já tinha vasculhado milhares de vezes, dezenas de milhares desde que conhecera Alec. Não por duvidar, mas porque era chocante para ele não duvidar nem um tiquinho. Em toda a sua vida ele nunca se deparara com tanta certeza. Tinha vivido feliz e sem arrependimentos, tinha feito poesia de ponderações e andanças, vivera solto e glorioso em liberdade.

E então conhecera Alec. Sentira uma atração inexplicável e imprevisível por

ele: queria ver Alec sorrir, vê-lo feliz. Vira Alec passar de menino tímido e cheio de segredos a homem orgulhoso que encarava o mundo sem medo. Alec dera a ele o dom da fé, uma fé de que ele era forte o suficiente para fazer não apenas Alec feliz, mas a uma família inteira. E em sua felicidade, Magnus se sentia não apenas livre, mas cercado por uma glória inimaginável.

Alguns podiam chamar de presença de Deus.

Magnus encarava apenas como Alexander Lightwood.

— Começemos — anunciou Jia.

Emma tinha ficado na pontinha dos pés de tanta animação. Todos sabiam que haveria um casamento surpresa na praia — uma surpresa para Magnus, pelo menos. Se Alec estava nervoso, então vinha disfarçando muito bem. Ninguém achava que Magnus pudesse dizer não, mas Emma se lembrou do leve tremor nas mãos de Alec mais cedo e seu coração borbulhou de felicidade por ter dado tudo certo.

Jace deu um passo para ajudar Alec a vestir um paletó azul-escuro com símbolos dourados, enquanto Catarina punha um paletó de seda cobalto e dourado nos ombros de Magnus.

Ambos se posicionaram no altar e um silêncio recaiu sobre a multidão enquanto Jia falava.

— Através dos séculos — declamou ela —, poucas uniões entre Caçadores de Sombras e membros do Submundo foram reconhecidas. Mas um novo tempo chegou, e com ele uma nova era de tradições. Esta noite, enquanto Magnus Bane e Alec Lightwood unem suas vidas e seus corações, estamos prontos para reconhecer tal união. Para testemunhar um laço verdadeiro entre duas almas. — Ela pigarreou. Parecia um pouco esgotada, como no Salão do Conselho, mas bem menos cansada. Havia deleite e orgulho em seu rosto ao olhar para o grupo reunido. — Alexander Gideon Lightwood. Encontre aquele que tua alma ama?

Era uma pergunta feita em todo casamento: parte da cerimônia dos Caçadores de Sombras há mil anos. A multidão estava calada, o silêncio do sagrado, do ritual bento observado e compartilhado. Emma não conseguiu evitar e pegou a mão de Julian; ele a puxou para si. Havia alguma coisa na maneira como Magnus e Alec se olhavam. Emma esperava sorrisos, mas ambos estavam sérios: eles se olhavam como se o outro fosse luminoso como a lua cheia e pudesse bloquear todas as estrelas.

— Encontrei — disse Alec. — E não vou perdê-lo.

— Magnus Bane — disse Jia, e Emma ficou se perguntando se esta seria



apenas a segunda vez na história em que tal pergunta era feita a um feiticeiro. — Estiveste entre os vigilantes e as cidades do mundo? Encontraste aquele que tua alma ama?

— Encontrei — respondeu Magnus, olhando para Alec. — E não vou perdê-lo.

Jia inclinou a cabeça.

— Agora é a hora de trocar as Marcas.

Esse era o momento em que, numa cerimônia tradicional, os Caçadores de Sombras se Marcavam com símbolos de casamento e diziam seus votos. Mas Magnus não podia receber Marcas. Elas queimariam sua pele. Confusa, Emma viu Jia colocar algo dourado na mão de Alec.

Alec se aproximou mais ainda de Magnus e Emma e viu que se tratava de um broche no formato do símbolo de União Matrimonial. Enquanto Alec se aproximava de Magnus, declamava os votos Nephilim: *o amor brilha como fogo, a chama mais luminosa. Muitas águas não podem saciar a sede, nem as enchentes podem afogá-las.* — Ele colocou o broche sobre o coração de Magnus, os olhos azuis mirando o rosto do outro o tempo todo. — *Agora me coloque como um selo sobre vosso coração, como um selo sobre vosso braço, pois o amor é forte como a morte. E assim estamos ligados: mais fortes do que o fogo, mais fortes do que a água, mais fortes do que a própria morte.*

Magnus, com o olhar fixo no de Alec, colocou a mão sobre o broche. Era a vez dele agora: Alec arregaçou a manga, expondo o braço. Aí colocou uma estela na mão de Magnus e envolveu seus dedos. De mãos entrelaçadas ao marido, Alec desenhou a forma da Marca da União Matrimonial no próprio braço. Emma presumiu que o segundo símbolo, o do coração, fosse ser aplicado mais tarde, em particular, como de costume.

Quando terminaram, a Marca se destacou forte e escura na pele de Alec. Jamais desbotaria. Jamais o deixaria, um sinal de seu amor eterno por Magnus. Emma sentiu uma dor no fundo da alma, onde viviam esperanças e sonhos implícitos. Possuir o que Magnus e Alec tinham — qualquer um seria muito sortudo por isso.

Lentamente, Magnus abaixou a mão, ainda segurando a de Alec. Ele encarou a Marca no braço do outro com uma espécie de torpor, e Alec o encarou de volta, como se nenhum dos dois conseguisse desviar o olhar.

— Agora as alianças — disse Jia, e Alec pareceu despertar de um sonho. Jace deu um passo e colocou uma aliança na mão de Alec, e outra na de Magnus, e disse algo baixinho para os dois que os fez rir. Simon estava esfregando as costas de Isabelle enquanto ela fungava ainda mais alto, e Clary sorria em suas flores.

Emma estava grata por sua Marca de Visão Noturna. Com ela dava para ver que as alianças eram anéis da família Lightwood, marcados com os desenhos tradicionais de chamas do lado de fora, e com dizeres gravados na parte interna.

— *Aku cinta kamu* — leu Magnus em voz alta, na parte interna do anel, e sorriu para Alec, um sorriso brilhante e expansivo. — Meu amor pelo seu, meu coração pelo seu, minha alma pela sua, Alexander. Agora e para sempre.

Catarina sorriu com as palavras que deviam ser familiares. Magnus e Alec trocaram as alianças e Jia fechou o livro.

— Alexander Lightwood-Bane. Magnus Lightwood-Bane. Declaro-os casados. Celebremos.

Os dois se abraçaram, e uma grande vibração irrompeu: todos estavam gritando e se abraçando, dançando, e o céu acima explodiu em luz dourada quando Ragnor, finalmente recuperado da birra, começou a preencher o ar com fogos de artifício que formavam símbolos de casamento. No meio de tudo, Magnus e Alec firmemente abraçados, com as alianças brilhando nos dedos como raios de um novo sol se erguendo no horizonte.

A cerimônia de casamento se transformou numa festa, com convidados efervescentes lotando a praia. Ragnor tinha conjurado um piano de algum lugar e Jace estava tocando, seu casaco jogado no ombro como um músico de blues dos velhos tempos. Clary estava sobre a cauda do piano, jogando flores no ar. Dançarinos rodopiavam descalços na areia, Caçadores de Sombras e seres do Submundo perdidos na música. Magnus e Alec dançavam juntos, com seus filhos entre eles, uma família feliz.

Diana e Gwyn estavam ligeiramente distantes. Gwyn tinha esticado seu paletó para que Diana se sentasse. Ela ficou tocada pelo gesto: a capa do líder da Caçada Selvagem era um item poderoso, mas ele não pareceu pensar duas vezes ao utilizá-la como canga.

Diana se sentia exuberante, leve de felicidade. Tocou o pulso de Gwyn e ele sorriu para ela.

— É bom ver tanta gente feliz. Eles merecem — comentou ele. — Não só Magnus e Alec, mas Mark, Kieran e Cristina também.

— E Emma e Julian. Sempre me perguntei... — Diana se calou brevemente. Pensando bem, o amor deles sempre parecera muito óbvio.

— Eu imaginava — disse Gwyn. — Eles se olham como eu olho para você. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Fico feliz por eles estarem felizes agora. Todos os corações puros merecem.

— E o líder da Caçada? E a felicidade dele? — perguntou Diana.

Ele se aproximou dela. O vento marinho estava frio e ele puxou o xale dela sobre o pescoço para mantê-la aquecida.

— Sua felicidade é a minha — falou. — Você parece pensativa. Pode me contar o que tem em mente?

Ela enterrou os dedos na areia.

— Passei tanto tempo tão preocupada — começou. — Mantive tudo em segredo; o fato de eu ser transgênero, de ter feito uso da medicina mundana; porque eu tinha medo. Mas agora contei para todo mundo. Todo mundo sabe e nada de terrível aconteceu. — Ela sorriu, um sorriso agridoce. — Nosso mundo inteiro virou de cabeça para baixo, e meu segredo agora parece algo tão pequeno.

Dois dias após voltarem de Idris, Diana reunira os moradores do Instituto de Los Angeles e contara sua história a todos os que lhe eram importantes. Deixou evidente que o Cônsul sabia. Ela já tinha conversado com Alec, que prontamente admitira saber menos do que deveria sobre Caçadores de Sombras (ou mundanos, para falar a verdade) transgêneros, mas que desejava muito aprender.

Ela fizera tudo certo, dissera Alec; fora discreta diante dos médicos mundanos, não trouxera qualquer risco aos Caçadores de Sombras. Ele apenas lamentava que ela tivesse precisado viver com medo, assim como acontecera com ele um dia.

— Mas não mais — dissera ele, com uma convicção audível. — A Clave sempre se preocupou com a força dos Caçadores de Sombras, mas nunca com sua felicidade. Se pudermos mudar isso...

Ela então prometeu que trabalharia junto a ele para isso.

Os Blackthorn também reagiram à sua história com amor e solidariedade, e quanto ao restante... eles poderiam descobrir ou não. Ela não devia nada a ninguém.

— Você está sorrindo — observou Gwyn.

— Eu tinha dois segredos. Agora não tenho nenhum. Sou livre como o vento — falou Diana.

Ele tomou o rosto dela entre as mãos grandalhonas.

— Minha dama, meu amor — disse. — Vamos cavalgar juntos pelo vento.

A música do piano ganhou a companhia da música da flauta, tocada — surpreendentemente bem — por Kieran. Ele não era nada mau, pensou Julian enquanto Simon se juntava a eles com seu violão. Talvez eles três pudessem montar a banda mais estranha do mundo.

Emma e Cristina estavam dançando juntas, rindo tanto que chegavam a se

dobrar. Julian não quis interrompê-las: sabia que o tempo delas era precioso antes de Emma e ele partirem. Antes de passar pelos dançarinos, se dirigindo até a areia molhada onde a maré batia, ele se permitiu ficar observando Emma por um instante — linda sob as luzes prateadas das tochas, seus cabelos e sua pele brilhando dourados como Marcas de casamento.

Ty e Dru estavam reunidos ali junto à maré, Ty se inclinando para explicar para sua irmã mais nova o que fazia as ondas brilharem e cintilarem.

— Bioluminescência — dizia. — Pequenos animais no oceano. Eles brilham, como vaga-lumes submarinos.

Dru olhou duvidosa para a água.

— Não vejo nenhum animal.

— Eles são microscópios — explicou Ty. Aí pegou um punhado de água do mar na mão em concha; sua pele brilhava, como se ele estivesse segurando uma cachoeira de diamantes luminosos. — Não dá para ver. Só dá para enxergar a luz que emitem.

— Queria falar com você, Ty — disse Julian.

Ty levantou o olhar, seus olhos fixos num ponto à esquerda do rosto de Julian. O medalhão de Livvy brilhava em seu pescoço. Ele estava começando a parecer mais velho, pensou Julian com uma pontada. Os resquícios do aspecto infantil tinham abandonado seu rosto, suas mãos.

Dru os saudou.

— Vocês podem conversar. Vou ver se Lily me ensina a dançar o Charleston.

— Ela saiu saltitando pela praia, espalhando faíscas luminosas.

— Tem certeza de que está bem em relação à minha viagem? — perguntou Julian. — Eu e Emma não precisamos ir.

Ty sabia, obviamente, que Julian ia partir em seu ano sabático. Não era segredo. Mas Ty era quem mais tinha aversão a mudanças na família, e Julian não tinha como não se preocupar.

Ty olhou para Magnus e Alec, que estavam embalando Max enquanto ele gargalhava.

— Eu quero ir para Scholomance — falou Ty subitamente.

Julian se espantou. Tudo bem que iam reabrir a Scholomance com novos professores e novas disciplinas. Não ia ser como antes. Mas mesmo assim.

— Scholomance? Mas a Academia não seria melhor? Você só tem quinze anos.

— Eu sempre quis ser capaz de resolver mistérios — disse Ty. — Mas pessoas que resolvem mistérios, elas sabem muitas coisas. A Academia não vai me ensinar o que quero saber, e a Scholomance vai me deixar escolher o que aprendo. É o melhor lugar para mim. Se não posso ser *parabatai* de Livvy, é lá

que quero estar.

Julian pensava no que dizer. Ty não era mais a criança que Julian queria proteger tão desesperadamente. Tinha sobrevivido à morte da irmã, tinha sobrevivido a uma batalha enorme. Tinha lutado contra os Cavaleiros de Mannan. Durante toda a vida de Ty, Julian tentara ajudá-lo a desenvolver todas as habilidades necessárias para uma vida feliz. Ele sabia que em algum momento teria de deixá-lo viver.

Só não tinha se dado conta de que esse momento chegaria tão rápido.

Julian colocou a mão no peito de Ty.

— Do fundo do coração, é isso o que você quer?

— Sim. É o que eu quero. Ragnor Fell vai lecionar lá, e Catarina Loss. E eu virei para casa sempre. Você me fez ser forte o suficiente para poder fazer isso, Julian. — Ele pegou a mão do irmão. — Depois de tudo o que aconteceu, é o que eu mereço.

— Desde que saiba que nossa casa sempre estará te esperando de braços abertos — disse Julian.

Os olhos de Ty estavam cinzentos como o oceano.

— Eu sei.

O céu estava cheio de faíscas — douradas, azuis e roxas, brilhando como vagalumes ardentes conforme os fogos de artifício iam desbotando. Elas flutuavam pela praia para chegarem às falésias onde Kit estava ladeado por Jem e Tessa.

Era uma cena ao mesmo tempo familiar e estranha. Ele tinha implorado por isso: uma rápida visita por Portal para ver Los Angeles e o Instituto pela última vez. Tinha imaginado como seria; ficou surpreso ao perceber que havia espaço para entrar facilmente no casamento e assumir seu lugar com Julian, Emma, Cristina e os outros. Dru o teria recebido bem. Todos teriam.

Mas seu lugar não era ali. Não depois do que acontecera. Pensar em ver Ty doía demais.

Não que não pudesse vê-lo. Ele podia ver todos: Dru com seu vestidinho preto dançando com Simon, e Mark e Cristina conversando com Jaime, e Kieran ensinando algum estranho passo de fada para Diego, e Emma com seus cabelos que pareciam uma cachoeira de luz âmbar, e Julian começando a atravessar a praia até ela. Eles estavam sempre buscando um ao outro, aqueles dois, como irmãos. Kit ficara sabendo por intermédio de Jem que eles estavam namorando agora, e como ele nunca tinha entendido aquela coisa estranha de “*parabatai* não podem namorar”, desejava que fossem felizes. Também via Aline e Helen, Aline segurando uma garrafa de champanhe e rindo. Helen abraçando Tavvy e

rodopiando com ele. Via Diana e Gwyn, o líder da Caçada Selvagem com um braço protetor em torno de sua dama. Via Alec na areia ao lado de Jace, absorto na conversa, Clary falando com Isabelle, e Magnus dançando com os dois filhos ao luar.

Estava vendo todos, e com certeza estava vendo Ty.

Ty estava perto da água. Obviamente estaria evitando o barulho, as luzes e os gritos, e Kit detestava o fato de que mesmo agora desejava ir até a praia e levar Ty para longe daquele agito, para protegê-lo de tudo que pudesse chateá-lo. Só que ele não parecia chateado. Estava admirando as ondas brilhantes. Qualquer pessoa imaginaria que ele estivesse brincando sozinho com a bioluminescência, mas Kit via que ele não estava sozinho.

Uma menina com um longo vestido branco, com cabelos castanhos Blackthorn, flutuava descalça sobre a água. Ela estava dançando, invisível para todos, menos para Ty — e para Kit, que via até o que não queria ver.

Ty jogou alguma coisa no mar — seu celular, pensou Kit. Estava se livrando do *Volume Preto* e de suas imagens para sempre. Pelo menos era alguma coisa. Kit continuou assistindo enquanto Ty recuava um pouco, inclinando a cabeça para trás, sorrindo para a Livvy que só ele podia ver.

*Lembre-se dele assim*, pensou Kit, *feliz e sorrindo*. Tocou a cicatriz branca desbotada em seu braço onde Ty havia aplicado aquela Marca de Talento ao que parecia muito tempo atrás.

De repente Jem colocou a mão no ombro de Kit. Tessa estava olhando para ele com profunda solidariedade, como se entendesse mais do que ele imaginava.

— É melhor irmos — falou Jem, sua voz suave como sempre. — Não faz bem a ninguém mirar muito no passado e se esquecer do futuro.

Kit virou para segui-los para sua nova vida.

O alvorecer estava chegando. Embora muitos convidados tivessem ficado para dormir no Instituto (ou tivessem terminado carregados, sob muitos protestos, pelos pais e irmãos mais velhos), alguns permaneceram, enrolados em cobertores, vendo o sol nascer atrás das montanhas.

Emma não conseguia se lembrar de uma celebração melhor. Ela estava enrolada num cobertor com Julian, abrigados sob as pedras. A areia abaixo deles era fria, iluminada pela luz do amanhecer, e a água começava a dançar com faíscas douradas. Ela se apoiou no peito de Julian, que a envolvia nos braços.

A mão dele percorria gentilmente o braço dela, os dedos dançando em sua pele. *e-m-q-u-e-e-s-t-á-p-e-n-s-a-n-d-o?*

— Só que estou feliz por Magnus e Alec — respondeu. — Eles estão tão

felizes, e eu sinto que um dia... nós poderíamos ser felizes assim também.

Ele beijou a cabeça dela.

— Com certeza seremos.

A total confiança de Julian espalhou calor por todo o corpo de Emma, como um cobertor confortável. Ela olhou para ele.

— Você se lembra de quando estava enfeitiçado? — quis saber ela. — E eu perguntei a você por que eu tinha tirado todas aquelas coisas do meu armário, sobre os meus pais. E você disse que era porque agora eu sabia quem tinha matado os dois, e o assassino estava morto. Porque eu tive a minha vingança.

— E eu estava errado — falou ele.

Ela pegou uma das mãos dele. Era uma mão tão familiar quanto a dela própria — ela conhecia cada cicatriz, cada calo; se alegrava com cada esguicho de tinta.

— Agora você sabe?

— Você fez em homenagem aos seus pais — falou ele. — Para mostrar a eles que tinha se libertado de tudo, que não ia deixar que a vingança controlasse sua vida. Porque é isso que eles iam querer para você.

Ela beijou os dedos dele. Julian estremeceu e a puxou para perto.

— Isso mesmo. — Ela olhou para ele. A luz do amanhecer transformava seus cabelos emaranhados numa auréola. — Eu continuo me preocupando. Talvez eu não devesse ter deixado Zara escapar. Talvez Jia e o Conselho devessem ter prendido todos os simpatizantes da Tropa, como Balogh, e não só os que lutaram. Pessoas como ele são o motivo pelo qual as coisas acabaram daquele jeito.

Julian estava olhando para o mar enquanto o dia clareava lentamente.

— Só podemos prender as pessoas pelo que elas fazem, e não pelo que pensam — ponderou. — Qualquer outro jeito de administrar as coisas nos faz como os Dearborn. E estamos melhor com o que temos agora do que com o que teríamos se nos tornássemos como eles. Além disso — acrescentou —, toda escolha tem consequências eternas. Ninguém tem como saber o resultado de nenhuma decisão. Tudo o que se pode fazer é a melhor escolha no momento.

Ela deixou a cabeça cair sobre os ombros dele.

— Você se lembra de quando vínhamos aqui quando crianças? E fazíamos castelos de areia?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Quando você se foi, no início do verão, eu vinha aqui o tempo todo — revelou ela. — Eu pensava em você, e na saudade que eu sentia.

— Tinha pensamentos sensuais? — Julian sorriu para ela, e ela deu um tapinha no braço dele. — Deixa para lá, eu sei que tinha.

— Por que eu conto as coisas para você? — reclamou ela, mas os dois estavam sorrindo de um jeito brincalhão que, Emma tinha certeza, irritaria qualquer um que passasse ali agora.

— Porque você me ama — provocou ele.

— É verdade — concordou ela. — Agora mais do que antes.

Os braços dele a apertaram. Emma olhou para ele; o rosto de Julian estava contraído, como se sentisse dor.

— O que foi? — perguntou ela, confusa; não era sua intenção dizer nada que pudesse magoá-lo.

— Só a ideia — começou ele, com a voz baixa e rouca — de poder falar sobre isso, com você. É uma liberdade que nunca imaginei que pudéssemos ter, que *eu* pudesse ter. Sempre achei que meu desejo era impossível. O melhor que eu poderia esperar era uma vida de desespero silencioso como seu amigo, ao menos poder estar por perto enquanto você vivia sua vida e eu iria me tornando cada vez menos importante nela...

— Julian. — Havia dor nos olhos dele, e mesmo que fosse uma dor da lembrança, ela detestava ver aquilo. — Isso jamais teria acontecido. Eu sempre te amei. Mesmo quando não sabia, eu te amava. Mesmo quando você não sentia nada, mesmo quando você não era você, eu me lembrava de você de verdade e te amava. — Ela conseguiu se virar e colocar o braço em volta do pescoço dele. — E eu te amo ainda mais agora.

Emma se inclinou para beijá-lo, e as mãos de Julian deslizaram pelos seus cabelos: ela sabia que ele amava tocar seus cabelos, assim como sempre amara pintá-los. Ele a puxou para seu colo, acariciando suas costas. Emma sentiu a pulseira de vidro marinho fria contra sua pele quando suas bocas se tocaram lentamente; a de Julian era macia e tinha gosto de sal e sol. Ela se perdeu no beijo, no prazer atemporal dele, de saber que não era o último, mas um dos primeiros, selando a promessa de um amor que duraria anos de suas vidas.

Eles desfizeram o abraço relutantemente, como mergulhadores relutantes em abandonar a beleza do mundo marinho. O círculo dos braços um do outro, a cidade particular deles no mar.

— Por que você disse isso? — sussurrou ele resfolegando, tocando carinhosamente os cabelos em sua têmpora. — Que me ama mais agora?

— Você sempre sentiu tudo tão intensamente — disse ela após um instante de pausa. — E isso era uma coisa que eu adorava em você. O quanto você amava sua família, como faria qualquer coisa por eles. Mas você mantinha seu coração fechado. Não confiava em ninguém, e eu não o culpo, porque você aguentou o fardo todo sozinho, e guardou tantos segredos, porque achava que era o certo a fazer. Mas quando abriu o Instituto para o conselho de guerra, você se obrigou a



confiar nos outros para ajudar na execução de um plano. Você não se escondeu; você se abriu para ser machucado ou traído em sua liderança. E quando veio até mim na Cidade do Silêncio e me impediu de quebrar a Marca... — A voz dela vacilou. — Você me disse para confiar não só em você, mas na bondade do mundo. Aquele foi meu pior momento, meu momento mais sombrio, e você estava lá, apesar de tudo, com o coração aberto. Estava lá para me trazer para casa.

Ele colocou os dedos sobre a pele nua do braço dela, onde a Marca *parabatai* de Emma um dia estivera.

— Você também me trouxe de volta — disse ele com uma espécie de encanto. — Eu te amei durante toda a minha vida, Emma. E quando não senti nada, percebi que... sem esse amor, eu não *era* nada. Você é o motivo pelo qual eu quis sair da jaula. Você me fez entender que o amor traz muito mais alegria do que as dores que ele causa. — Ele inclinou a cabeça para olhar para ela, seus olhos azul-esverdeados brilhando. — Eu amo minha família desde que nasci e sempre os amarei. Mas você é o amor que eu escolhi, Emma. Dentre todas as pessoas do mundo, dentre todos que já conheci, eu te escolhi. Sempre tive fé nessa escolha. No precipício de tudo, amor e fé sempre me trouxeram de volta, e de volta para você.

*No precipício de tudo, amor e fé sempre me trouxeram de volta.* Emma não precisou perguntar; sabia em que ele estava pensando: nos amigos e na família nos Campos Eternos, no amor que os resgatara de uma maldição tão forte que todo o universo Caçador de Sombras temia.

Ela pôs a mão no coração dele, e por um momento eles ficaram sentados em silêncio, se lembrando de onde as Marcas *parabatai* um dia estiveram. Estavam se despedindo, pensou Emma, do que foram um dia. A partir de agora tudo seria novo.

Eles jamais se esqueceriam de tudo o que acontecera antes. O estandarte da Vigilância de Livia tremulava neste instante no telhado do Instituto. Eles se lembrariam de seus pais, de Arthur, de Livvy, e de todos que perderam, mas entrariam no mundo que a nova Clave estava construindo com esperança e lembranças misturadas, porque embora a Rainha Seelie fosse uma mentirosa, todo mentiroso era sincero em algum momento. Ela havia acertado numa coisa: *sem tristeza não pode haver alegria.*

Eles abaixaram as mãos, seus olhares se encontraram. O sol estava nascendo sobre as montanhas, pintando o céu como uma das telas de Julian em roxo e dourado rubro. Amanhecia em mais de um sentido: eles entrariam no mundo sem medo a partir de hoje. Esse seria o verdadeiro início de uma nova vida que encarariam lado a lado, com todas as suas fragilidades e imperfeições humanas.

E se algum deles temesse o mal em si, como todas as pessoas faziam de vez em quando, eles teriam um ao outro para lembrá-los do bem.

## Epílogo

A Rainha estava sentada no trono enquanto as fadas operárias entravam e saíam do recinto.

Tudo tinha mudado. A cor do triunfo era dourada, e o Rei Unseelie estava morto. Seu filho favorito havia se tornado o conselheiro mais próximo da Rainha e seu amigo leal. Depois de muito tempo no luto gélido pela perda de Ash, a Rainha tinha voltado a se sentir viva outra vez.

As operárias poliam o piso de mármore, removendo os sinais de incêndio. Pedras preciosas haviam sido cravejadas nas paredes para tapar os buracos: elas agora brilhavam como olhos piscantes, vermelhas, azuis e verdes. Borboletas com asas luminosas circulavam pelo teto, projetando estampas mutantes e prismáticas sobre o trono coberto de seda e sobre os sofás baixos trazidos para que seus cortesãos se deitassem.

Em breve o novo Rei Unseelie, Kieran, faria uma visita, e ele acharia a sala do trono simplesmente impressionante. Ela estava curiosa quanto ao menino Rei. Ela já o conhecia, um dos filhos ferozes do Rei Unseelie, ferido e apoiado em Caçadores de Sombras. O fato de ele ter ascendido tanto a surpreendia. Talvez tivesse qualidades ocultas.

A nova proximidade entre Caçadores de Sombras e a Corte Unseelie era perturbadora, no mínimo. Ela havia perdido bons cortesãos para os Caçadores de Sombras, dentre os quais, Nene. Talvez devesse ter se empenhado mais para fazer com que o menino Blackthorn e a menina Carstairs destruíssem a Marca *parabatai* e enfraquecessem seu exército. Mas só se podia semear a discórdia; não dava para se garantir que as sementes fossem brotar. O jogo era longo e a impaciência não fazia bem a ninguém.

Ela também se perturbara intensamente com a perda de seu filho. Vinha procurando por ele desde então, mas com poucas esperanças. Outros mundos não eram magia bem compreendida pelas fadas.

A cortina dourada de veludo na entrada da sala do trono farfalhou e Fergus entrou. Vinha exibindo uma expressão de constante amargor ultimamente, desde que havia perdido a posição de favorito para Adaon. Mas neste momento parecia ainda mais amargo. Havia mais do que um bocadinho de alarme ali.

— Milady — falou ele. — Você tem visitantes.

Ela se levantou para mostrar seu vestido branco de seda, justo e fino, para lhe servir como uma espécie de vantagem.

— É o Rei Unseelie?

— Não. Um Caçador de Sombras. Jace Herondale.

Ela cerrou os olhos para Fergus.

— Jace Herondale está proibido de entrar na minha sala do trono. — Na última vez que entrara, ele quase a esfaqueara. Era muita irresponsabilidade de Fergus se esquecer disso. — Você está se sentindo bem, Fergus? Por que não o mandou embora?

— Porque acho que vai querer vê-lo, Milady. Ele entregou as armas voluntariamente e... não está sozinho.

— É bom que isso seja digno do meu tempo, Fergus, ou custará seu segundo quarto. — Ela acenou, furiosa, para ele. — Deixe-o entrar, mas retorne para cá para ficar de guarda.

Fergus se retirou. A Rainha cogitara mandar pixies picarem Jace, mas tinha a impressão de que seria um problema e irritaria desnecessariamente o novo governo dos Caçadores de Sombras. Dizia-se que tinham colocado Alec Lightwood no comando — infelizmente, porque ela desgostava dele desde que ele matara Meliorn, seu último campeão — e ele provavelmente não perdoaria confusões com seu melhor amigo.

Talvez fosse por isso que Jace estivesse aqui? Para fazer uma aliança? Tal pensamento acabara de lhe ocorrer quando a cortina farfalhou novamente e Fergus entrou, acompanhando duas pessoas, uma delas de túnica e capuz.

A outra era Jace Herondale, mas não o Jace Herondale que ela conhecia. O Jace que conhecia era lindo como os anjos: este Jace era mais velho, abatido. Ainda belo, mas como uma falésia de granito queimada por um raio. Não havia bondade em seus olhos, e ele era musculoso como um adulto, sem mais nada de infantil em si. Havia uma luz sombria nele — como se carregasse um miasma de magia doentia aonde quer que fosse.

— Estou com as espadas dele — disse Fergus. — Talvez queira vê-las.

Ele as colocou aos pés da Rainha. Uma espada maior com estrelas marcadas em sua lâmina escura de prata, o cabo e as guardas banhados em ouro. Uma espada menor de ouro negro e *adamas*, com estampa de estrelas no centro.

— Heosphoros e Phaosphoros — disse a Rainha. — Mas elas foram

destruídas.

— Não no meu mundo — disse Jace. — Em Thule, muito do que está morto aqui vive lá, e muito do que está morto lá vive em seu mundo, Rainha.

— Você fala em enigmas — disse a Rainha, mas seu velho coração começou a bater com rara velocidade. *A terra de Thule é morte e vai começar a chover morte aqui.* — Você é do mundo que o Rei Unseelie chamava de Thule?

Ele fez uma reverência desdenhosa. Suas roupas estavam imundas de sujeira, e não se pareciam com nenhum uniforme de Caçador de Sombras que ela já tivesse visto.

— Não sou o Jace Herondale que conhece. Sou seu espelho sombrio. De fato, vim daquele mundo. Mas meu amigo nasceu aqui, em suas Cortes.

— Seu amigo? — arquejou a Rainha.

Jace fez que sim com a cabeça.

— Ash, tire o capuz.

Seu companheiro levantou as mãos e tirou o capuz, embora a Rainha já soubesse o que ia ver.

Cachos brancos platinados caíram sobre seu rosto. Ele era alguns anos mais velho do que quando atravessara o Portal na sala do trono do Rei Unseelie. Parecia um adolescente mortal, seu rosto já começava a demonstrar sinais da mesma beleza que a dela. Seus olhos eram verdes como grama, como os olhos originais de seu pai tinham sido. Ele a olhou com calma e firmeza.

— Ash — arfou a Rainha, se levantando. Queria abraçar o filho, mas se conteve. Ninguém oferecia nada de graça nas Cortes. — Você me trouxe meu filho. E por isso agradeço. Mas o que quer em troca?

— Um lugar seguro para Ash viver. E permanecer com ele enquanto ele cresce.

— Esses dois desejos podem ser facilmente concedidos — disse a Rainha. — Nada mais?

— Mais uma coisa — disse o Jace que não era Jace, com seus olhos dourados firmes. — Quero que me traga Clary Fairchild.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub  
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

# RAINHA DO AR E DA ESCURIDÃO

*Twitter do autor:*

<https://twitter.com/cassieclare>

CASSANDRA CLARE



OS INSTRUMENTOS  
MORTAIS





# Box Instrumentos mortais

Clare, Cassandra

9786559811113

2660 páginas

[Compre agora e leia](#)

**Acompanhe a história completa do sucesso mundial *Os instrumentos mortais* com conteúdo extra da série.**

Neste box, a série completa de fantasia urbana *Os Instrumentos Mortais* ganha novo conteúdo. São cenas deletadas, cenas estendidas, mapas, cartas e até um HQ, tudo para o universo dos Caçadores de Sombras ficar ainda mais interessante. Oportunidade perfeita para quem ainda não conhece os livros.

## **Cidade dos ossos (Vol. 1)**

Clary Fray acaba testemunhando um enigmático assassinato em uma boate. Há, porém, dois grandes problemas: ninguém acha o corpo e apenas ela vê os tais assassinos. Sua vida muda completamente quando sua mãe é raptada por demônios e Clary descobre a existência dos Caçadores das Sombras, guerreiros cuja missão é proteger o mundo que conhecemos de bestas e outras criaturas. Clary acaba se envolvendo mais do que gostaria no submundo de Nova York e nunca mais será a mesma.

## **Cidade das cinzas (Vol. 2)**

Clary agora precisa investigar o coma magicamente induzido de sua mãe, a matança de jovens do Submundo e o roubo da Espada da Alma. Enquanto isso, o belo e irritante Jace é suspeito de ajudar o pai num plano que vai colocar em risco não só Idris ou o Submundo, mas toda a cidade de Nova York. No mundo dos Caçadores de Sombras, ninguém está seguro.

## **Cidade de vidro (Vol. 3)**

Clary está à procura de uma noção para salvar a vida de sua mãe. Para isso, ela

Clary está a procura de uma poção para salvar a vida de sua mãe. Para isso, ela deve viajar até o lar ancestral dos Caçadores de Sombras, entretanto, entrar em Alicante sem permissão é contra a lei e pode significar a morte. Mas nenhuma regra irá afastar Clary de seu objetivo: encontrar Ragnor Fell, o feiticeiro que pode ajudá-la. À medida que se aproxima de respostas, ela conhece mais sobre seu passado.

### **Cidade dos anjos caídos (Vol. 4)**

A guerra acabou e Caçadores de Sombras e integrantes do submundo parecem estar em paz. Clary está de volta à Nova York, treinando para usar seus poderes. Tudo parece bem, mas alguém está assassinando Caçadores e reacendendo as tensões entre os dois grupos, o que pode gerar uma segunda guerra sangrenta. Quando Jace se afasta sem nenhuma explicação, Clary começa a desvendar um mistério que se tornará seu pior pesadelo.

### **Cidade das almas perdidas (Vol. 5)**

Quando Jace e Clary voltam a se encontrar, Clary fica horrorizada ao descobrir que a magia de Lilith, um demônio muito poderoso, ligou Jace ao perverso Sebastian, transformando o Caçador de Sombras em um servo do mal. A Clave decide eliminar Sebastian, mas não há nenhuma maneira de matá-lo sem destruir Jace. Clary está disposta a fazer qualquer coisa para salvá-lo e decide arriscar tudo, mas se falhar, pode perder a própria vida. E algo que julga ainda mais precioso: a alma de Jace e o futuro dos Caçadores de Sombras.

### **Cidade do fogo celestial (Vol. 6)**

Clary, Jace, Simon e toda a companhia se unem no meio do caos para enfrentar Sebastian, cujos poderes colocam tudo em risco. E agora, terão que viajar para outra dimensão para conseguir ter uma chance de impedi-lo. Vidas serão perdidas e sangue será derramado nesse último volume da série, onde o próprio destino do mundo pode ser mudado.

[Compre agora e leia](#)



# Luzes do Norte

Domingues, Giu

9786559811311

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

*Luzes do Norte* é o livro de estreia de Giulianna Domingues, uma aventura intensa e cheia de reviravoltas, com uma protagonista que se recusa a jogar pelas regras dos outros. Entre ursos assustadores, florestas nevadas, mistérios e intrigas, Dimitria tem uma única missão: proteger Aurora van Vintermer. Custe o que custar.

Dimitria Coromandel é uma caçadora excepcional, a melhor da região, e, após a morte dos seus pais, se tornou a base para o sustento de sua pequena família. Para ela, o peso da responsabilidade e a necessidade de conseguir dinheiro são os impulsos de sua movimentada rotina, e, no inclemente inverno de Nurensalem, ela precisa caçar durante o dia se quiser trazer comida para a casa à noite. No entanto, quando fisga a atenção de Bóris van Vintermer, patriarca da família mais rica do local, sua realidade começa aos poucos a se transformar.

Requisitada para desempenhar funções de chefe da guarda de Aurora, primogênita da abastada família Van Vintermer, Dimitria tem seu dia a dia significativamente alterado: agora, ela precisa acompanhar Aurora em suas obrigações e, acima de tudo, protegê-la de todo e qualquer contratempo. Seria perfeito: atribuições simples em troca de um farto pagamento.

A novidade cai como uma luva também para Gui, seu irmão e apaixonado em segredo por Aurora desde a mais tenra infância. Para ele, o estreito contato entre elas pode representar uma chance de ser notado pela herdeira e, talvez, uma oportunidade de conquistar seu coração.

Mas à medida que o tempo passa, a proximidade entre Dimitria e Aurora dá origem a algo maior, mais profundo... e arrebatador. Dividida entre preservar seu novo e bem-remunerado emprego, permitir que uma possível e arriscada relação

se desenvolva, agir como cupido para o irmão e ir em busca de um monstro assassino de crianças à espreita nas redondezas sombrias de Nurensalem, Dimitria precisará fazer uma escolha.

Ainda que, para isso, coloque em risco a vida de quem ela mais ama.

[Compre agora e leia](#)

COLLEEN HOOVER

# UMA SEGUNDA CHANCE

(REMINPERS OF HIM)



# Uma segunda chance

Hoover, Colleen

9786559811656

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Será que todos merecem uma segunda chance? É o que mais deseja Kenna Rowan, na luta para recuperar os pedaços estilhaçados de sua antiga vida após um trágico acidente ter colocado tudo a perder. *Uma segunda chance* é o tão esperado novo romance de Colleen Hoover, CoHo para os íntimos, autora fenômeno de vendas, que já ultrapassou a marca de 1 milhão de exemplares vendidos no Brasil.

Depois de passar cinco anos na prisão após um trágico acidente, Kenna Rowan retorna à cidade onde tudo deu errado, esperando poder viver ao lado da filha pequena. Mas agora os abismos criados por Kenna parecem intransponíveis. Todos ao redor da sua filha estão determinados a rejeitar Kenna, não importa o quanto ela tente provar que mudou.

A única pessoa que não a ignora é Ledger Ward, dono de um bar e um dos poucos elos que ainda lhe resta com a criança. Porém, se os moradores da cidade desconfiarem de que Ledger vem se tornando importante na vida de Kenna, ambos correrão o risco de perder tudo o que mais importa para eles.

Com pontos de vista alternados entre os dois personagens, *Uma segunda chance* explora o quanto julgamentos apressados baseados em informações que podem não ser verdadeiras tem o potencial de acabar com a vida das pessoas.

"Como sempre, a autora criou personagens fascinantes que são magnéticos e atraem o leitor. Além da questão do luto, a história também explora com inteligência assuntos como culpa, redenção e perdão." - *Kirkus Reviews*

"Uma obra-prima tocante sobre perda e esperança, luto e redenção, e da cura

através do poder do amor." - *Pop Sugar*

"Hoover vai fundo na questão do luto e da culpa para criar uma história multifacetada de redenção com personagens que brigam tão intensamente quanto amam." - *Publishers Weekly*

[Compre agora e leia](#)



É  
ASSIM  
QUE  
ACABA

COLLEEN HOOVER

"Toda pessoa com coração  
deve ler este livro."  
KAMI GARCIA,  
autora de *Dezesseis luas*



Galera



# É assim que acaba

Hoover, Colleen

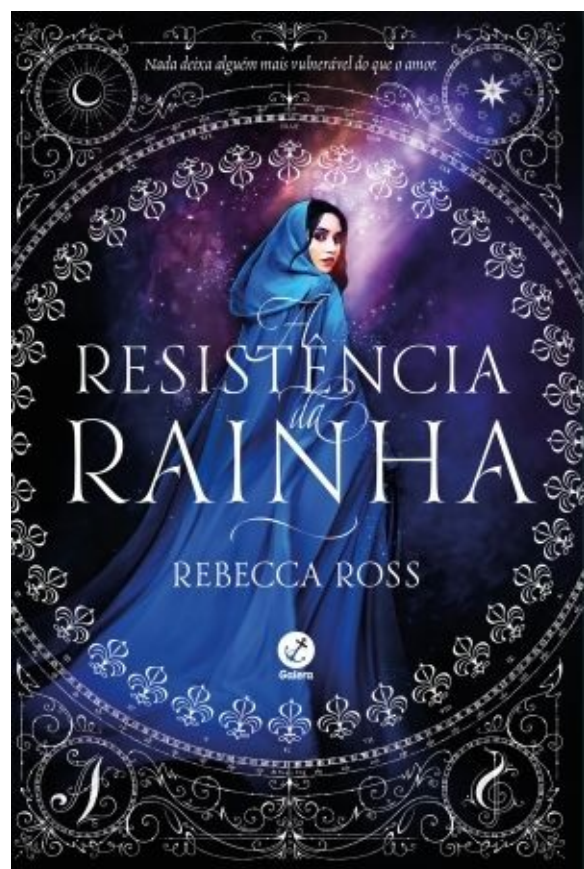
9788501113498

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Da autora das séries Slammed e Hopeless. Um romance sobre as escolhas corretas nas situações mais difíceis. As coisas não foram sempre fáceis para Lily, mas isso nunca a impediu de conquistar a vida tão sonhada. Ela percorreu um longo caminho desde a infância, em uma cidadezinha no Maine: se formou em marketing, mudou para Boston e abriu a própria loja. Então, quando se sente atraída por um lindo neurocirurgião chamado Ryle Kincaid, tudo parece perfeito demais para ser verdade. Ryle é confiante, teimoso, talvez até um pouco arrogante e se sente atraído por Lily. Porém, sua grande aversão a relacionamentos é perturbadora. Além de estar sobrecarregada com as questões sobre seu novo relacionamento, Lily não consegue tirar Atlas Corrigan da cabeça — seu primeiro amor e a ligação com o passado que ela deixou para trás. Ele era seu protetor, alguém com quem tinha grande afinidade. Quando Atlas reaparece de repente, tudo que Lily construiu com Ryle fica em risco. Com um livro ousado e extremamente pessoal, Colleen Hoover conta uma história arrasadora, mas também inovadora, que não tem medo de discutir temas como abuso e violência doméstica. Uma narrativa inesquecível sobre um amor que custa caro demais.

[Compre agora e leia](#)



# A resistência da rainha (Vol. 2 A ascensão da rainha)

Ross, Rebecca

9786559811489

420 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nada torna alguém mais vulnerável do que o amor. Em *A resistência da rainha*, a esperada sequência de *A ascensão da rainha*, Rebecca Ross presenteia o leitor com um desfecho eletrizante para a história de Brienna MacQuinn. Um épico de fantasia passado na era da Renascença, imperdível para fãs de Sarah J. Maas e Leigh Bardugo.

A pré-venda, com brindes limitados, acompanha marcador de *A ascensão da rainha* (Vol. 1) e *A resistência da rainha* (Vol. 2 *A ascensão da rainha*).

Brienna enfim se tornou mestre de conhecimento e está se estabelecendo em seu papel como filha adotiva de Davin MacQuinn, um lorde que caiu em desgraça mas que retornou a Maevana para restaurar a honra de sua Casa. Apesar de ter acabado de sobreviver à guerra que finalmente devolver uma rainha ao trono, Brienna encontra novos desafios: precisa se prova digna dos MacQuinn; encontrar um equilíbrio entre os deveres com a Casa do pai e os de seu país como confidente da rainha Isolde Kavanagh; e tem também Cartier, o fator mais irresistível de sua nova vida.

Já Cartier Évariste, ou melhor, Aodhan Morgane, está se adaptando ao extremo contraste de sua vida pré-guerra como mestre de conhecimento em Valenia e sua atual como lorde de uma Casa derrotada. Durante a restauração de seu castelo, ele conhece Tomas, um menino de dez anos cujo passado e cuja família são um completo mistério. Então, quando sua ex-pupila se apegue ao menino tanto quanto ele, Cartier se permite divagar: e se não precisasse cuidar de Tomas e de seu castelo sozinho?

Conforme os acontecimentos se desenrolam rapidamente, Brienna e Cartier devem colocar seus sentimentos de lado e se concentrar em forjar alianças, executar justiça e garantir que ninguém interfira na coroação da rainha. Mas uma resistência está se formando entre os aliados do antigo regime, que estão desesperados para encontrar uma fraqueza nas forças rebeldes.

[Compre agora e leia](#)